

3 1761 07136016 8

AMERDIF M480-ES

Livreiro Antiquário

Pr. da V. da R. da C. da L. da

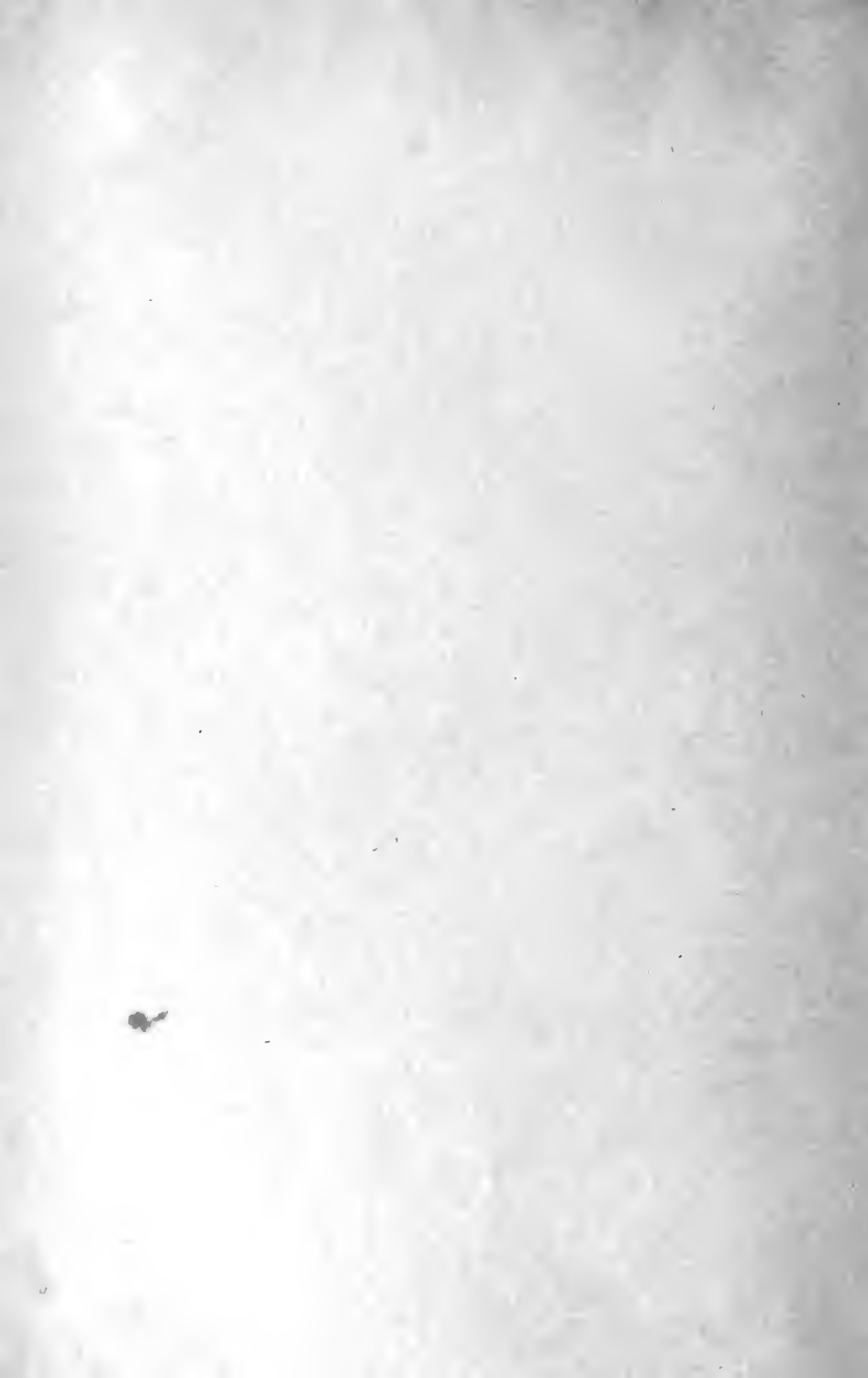
Telef. 34977 Lisboa

N.º 2000

29







OBRAS COMPLETAS

DE

ALMEIDA GARRETT

Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto





ALMEIDA GARRETT

OBRAS COMPLETAS

DE

# ALMEIDA GARRETT

GRANDE EDIÇÃO POPULAR, ILLUSTRADA

---

PREFACIADA, REVISTA, COORDENADA E DIRIGIDA

POR

THEOPHILO BRAGA

---

VOLUME I

POESIA — THEATRO (PROSA E VERSO)



H. ANTUNES

LIVRARIA EDITORA

145, Rua Buenos Ayres, 145 || 9, Travessa da Espera, 11

RIO DE JANEIRO

LISBOA



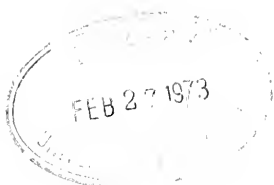
PQ

9261

A575

19046

V.I



CONSAGRANDO

O

QUINQUAGENARIO DA MORTE

DE

GARRETT

9 DE DEZEMBRO

M DCCC LIV



# GARRETT E A SUA OBRA

No estudo de uma alta individualidade, que subsiste além da vida por uma acção social e historica, ha a considerar o elemento psychologico revelando-lhe a personalidade, e os impulsos latentes da sua época, cujas aspirações são tambem uma psychologia collectiva, que elabora as grandes creações humanas a que os genios individuaes dão fôrma. A relação intima entre estas duas psychologias, como entreviram o philosopho Herbart e o ethnologo Lazarus, torna inseparaveis a Biographia do individuo e a Historia social, politica, economica e artistica. E esta dependencia é tambem a prova do relêvo de uma individualidade preponderante, por mais que os seus contemporaneos ou correntes antagonicas a amesquinhem. Todas as manifestações do grandioso vulto de Garrett são illuminadas pelas crises historicas do seu meio social; cada creação esthetica do seu genio está ligada ás phases da implantação do regimen constitucional parlamentar, que elle serviu, unificando pelo ideal da patria os espiritos dissociados pelos odios partidarios. Póde-se dizer, que a Obra de Garrett, a par da sua belleza artistica, é um aspecto da Historia moderna de Portugal; ao contrario da obra morta do erudito, ella vivifica, porque o seu auctor exerceu conscientemente uma missão constructiva.

Uma das renovações mais profundas do criterio da Historia, determinada pelo grande philosopho Herbart, é a que subordinando a origem e desenvolvimento das instituições sociaes ao conhecimento da mentalidade humana, quer reagindo ao meio ou modificando-o, quer elaborando os costumes que se systematisam no consenso das idéas moraes, descobre as caracteristicas de cada povo e civilisação. N'este processo, o apparecimento das *individualidades* é uma resultante da elevação do *meio social*, que se eleva á consciencia, e que por essa mais alta manifestação psychologica se define. Her-

bart considerava este conhecimento da mentalidade collectiva ou a *Volkerpsychologie* como a base da Sciencia da Historia, e o estudo da Psychologia como a fôrma explicativa de todas as capacidades individuaes.

E', pois, pelos dados da Psychologia que se póde recompôr a vida dos homens de genio revelada nas expressões da sua idealisação; é tambem pelos dados da Ethnogenia ou Psychologia das multidões, que se reconstituem os caracteres da raça que se manifestam indeleveis na vida historica das Nacionalidades.

Applicando este criterio ao estudo de Garrett e a sua Obra pela biographia, nas suas particularidades pessoaes e domesticas, vê-se claramente como elle foi levado a sentir o caracter nacional, não só pelas tradições que lhe deram a emoção sympathica da Patria, como pela comprehensão da corrente da civilisação europêa depois da violenta crise revolucionaria. Esta relação determinou todas as revelações do seu genio e superior iniciativa na fundação das novas instituições politicas do liberalismo constitucional, e na renovação da Litteratura portugueza sob o influxo do Romantismo. O presente estudo é o desdobramento d'esta fórmula psychohistorica. Garrett apparece como um espirito constructivo no meio da derrocada de uma sociedade atrazada que luta na decomposição geral do antigo regimen. Emquanto as novas idéas e a agitação politica cavam odios implacaveis nas classes que decæem e nas que se elevam, Garrett dá fôrma esthetica aos elementos da Tradição portugueza, vivifica o passado nacional, e acorda uma emoção de sympathia approximando quantos os partidos separam pela convergencia do — sentimento da Patria. Elevando-se acima d'esses mesquinhos interesses de momento, odiado por uns, calumniado por outros, expoliado pelos habeis, mas sempre generoso, elle deu expressão ás

vagas aspirações, ás tendencias que se impunham, e foi, segundo a phrase de Lazarus, — um guia da sua época, que pela sua obra ainda exerce uma acção necessaria.

Em um dos periodos mais angustiados da sua existencia, em 1843, em que viu quasi destruidos os trabalhos da renovação do theatro portuguez, e affrontado o principio da Soberania nacional pelo facinoroso Carismo, Garrett escreveu uma Autobiographia definindo com clareza qual a sua acção litteraria e politica. O que ahi apparece de louvor proprio, não é mais do que uma legitima reacção contra a depressão systematica da sua valia mental e moral, exercida por todos os meios desde a camarilha palaciana até aos jornalistas assalariados da imprensa cartista. Esse documento é um excellente fio conductor para a comprehensão da trama complexa da sua existencia.

Em 1852, quando Garrett estava em uma evidencia politica como ministro da transição regeneradora em que os dois partidos extremos se fusionaram, foi-lhe pedida da Allemanha a sua biographia, por via da casa editora Bertrand. Garrett encarregou de colligir essas notas biographicas um litterato que se acolhêra á sua protecção, Gomes de Amorim, dando-lhe um elenco precioso das épocas da sua vida, para seguir essa successão e coherencia dos factos. Go-

mes de Amorim sem conhecimentos da historia litteraria e politica, primeira condição para o julgamento de Garrett, e privado do sexto sentido para comprehender aquelle genio emotivo cheio de intuições sorprendentes, aproveitou-se da intimidade que lhe era generosamente concedida para colligir apontamentos dos seus papeis particulares, e submetteu-o a um interrogatorio incommodativo, que forçou Garrett a dizer-lhe com fina ironia: — «Você, com essas perguntinhas, faz uma coisa que ninguém lê.» E assim foi; Garrett morreu sem ter visto encetado o trabalho do seu biographo, e os tres volumes das *Memorias biographicas*, só pôdem ser lidos por quem carecer de estudar documentos ahi transcriptos só a elle confiados. O verdadeiro caminho a seguir para o biographo é cumprir a indicação de Garrett, fundamentando com factos todos esses contornos esboçados no elenco das Epocas da sua vida. Por felicidade, esse elenco da propria letra de Garrett foi publicado em uma folha fac-simile, que o torna authentic; isto permite que as seis épocas em que elle divide o decurso da sua vida, attendendo mais á situação historica e social se resumam em quatro épocas completas em si, e perfeitamente caracterisadas. Seguindo esses contornos, iremos transcrevendo as proprias summulas do elenco biographico.

## I. A EPOCA

Nascimento no Porto. — Angra, (Nos Açores). — Educação. — Universidade. — Secretaria de Estado. — Queda da Constituição: Emigração em 1833.

Ao terminar o seculo xviii, embora continuado nas luctas que perturbaram o novo seculo, nasceu Garrett na cidade do Porto em 4 de fevereiro de 1799; seus paes Antonio Bernardo da Silva, e D. Anna Augusta d'Almeida Leitão, pertenciam á burguezia activa, honrada e saudavel, forte pela fecundidade, condição para occupar todas as hierarchias sociaes no conflicto da vida. Na sua numerosa familia das linhas paterna e materna, fez-se sentir a dissidencia entre as duas correntes da epoca que se extinguiu e da que se inaugurava; e emquanto a quasi totalidade dos seus membros eram affectos ao antigo regimen, apoiando-se no exagerado sentimento religioso e n'um prurido infundado de fidalguia, Garrett manifestou-se desde muito criança entusiasta das transformações modernas, e toda a sua existencia seguiu o pendor para que tendia o novo seculo.

O seu nascimento foi em uma casa na rua do Calvario, ás Virtudes, assignalada por

uma lapide municipal, e com os n.ºs 37, 39 e 41. Não é indifferente para o critico o aspecto d'essa casa, e por isso transcrevemos aqui a sua descripção feita com perfeição pelo joven escriptor João Grave: «A casa onde nasceu o illustre auctor do *Frei Luiz de Sousa* fica na rua do Calvario, um trecho caracteristico do Porto antigo, orlada dos dois lados de predios assymetricos, e subindo penosamente das Taipas para a Cordoaria. Do ponto em que se encontra, domina um horizonte extenso, respirando para as amplidões do mar, que ao longe se estende como um ermo sem fim, envolvido nas tenues vaporisações da neblina, que o sol de verão doira. Em baixo, nos primeiros planos, desenrolam-se panoramas vastos, scenographias de construcções velhas e arruinadas, viellas sombrias e negras, que se despeñham nas encostas do Douro aggressivamente; mais adeante os caes sempre movimentados onde moireja uma população curiosissima de carga e descarga dos navios,

o porto coalhado de embarcações, toldado de fumeiros densos, agitado e ruidoso; depois espraíam-se as colinas de Gaya, elevam-se os terrenos montanhosos do Candal, e alargam-se campos, terras de cultivo, pomares, quintas, devezas, pinheirais e arvoredos. E toda esta platonica verdura, que pelos estios é um dos mais bellos espectáculos que no norte a natureza offerece aos olhos dos contempladores, apparece manchada de quando em quando, do vermelho de um muro, da brancura de uma habitação escondida entre parques e vergeis. A paisagem é encantadora, especialmente nos dias quentes,—bem arejada, desafogada, varrida de ventos, inundada de luz, tem as variedades das sombras, as gratas frescura da agua arvoredos, flôres, planicies, relvas, e dá a impressão idyllica da cidade e do campo.» Descrevendo a situação actual, João Grave reconhece ainda o influxo que essa perspectiva exerceria na imaginação do futuro cantor de *Camões*: «Os que amam a memoria do lyrico admiravel, viriam em romaria a este logar enlevar a imaginação e evocar aquelles versos de ouro, dos melhores que ha na nossa lingua:

Longe, por esse azul dos vastos mares,  
Na solidão melancholica das aguas,  
Ouvi gemer a lamentosa alcyone,  
E com ella gemeu minha saudade.»

A familia crescêra aberçoadamente; em 1797 veio o primogenito Alexandre, em 1799 *João Baptista*, e a pequenos intervallos Joaquim Antonio, Antonio Joaquim, D. Maria Amalia; nasceu ainda um outro filho na Quinta do Castello, na margem sul do Douro, onde em 1804 o pae do poeta fixára a sua residencia. Foi ahi que o poeta passou a infancia descuidada, até ao exodo da familia em 1811 para a ilha Terceira, no archipelago dos Açores. Em uma nota do *Frei Luiz de Sousa* descreve Garrett estes doze annos, que foram a iniciação do sentimento poetico, communicado pela sympathia das tradições populares com que era embalado; e no poema de *D. Branca*, pinta o enlévo que lhe causavam as recitações da velha criada Brigida. Proximo á quinta do Castello sua avó D. Maria do Nascimento de Almeida, habitava na opulenta residencia da Quinta do Sardão, a meia legua do Porto, e ahi encontrava tambem um thesouro das tradições poeticas do povo na velha mulata Rosa de Lima, que no seu espontaneo fetichismo lhe estimulava a imaginação com maravilhosas lendas e contos.

Emquanto este perfume da tradição poetica fecundava para sempre a sua alma para a idealisação esthetica, desencadeava-se no

mundo a tempestade napoleonica, confundindo os impulsos generosos da Revolução com os desvarios egoistas da orgia militar do côrso. Aquelle joven espirito achava-se seduzido entre estas duas correntes, que tinham uma intima relação denunciada pelos factos: quando os Poemas homericos appareceram em 1794 como uma criação do genio popular da Grecia antiga, essa mesma entidade collectiva o Povo revelava-se pela demolição das instituições catholico-feudaes, esboçando a reorganisação social sobre a consciencia individual proclamando os *direitos do homem*. Quando a liberdade politica irrompeu através da reacção napoleonica e da colligação conservantista da Santa Alliança dos Reis contra os Povos, n'esse regimen da transição ingleza sob a fórma das Cartas outorgadas, simultaneamente as modernas Literaturas reflectindo as grandes crises sociais se remodelavam approximando-se das tradições nacionaes, pela corrente geral do Romantismo. Mas a orientação saudavel da sublimae creança, ia ser abruptamente sustada pelo pedantismo erudito da cultura latino-ecclesiastica. Apesar do seu retiro na Quinta do Castello, o pae do poeta, deante das invasões dos exercitos de Napoleão em Portugal, resolveu refugiar-se com a familia na ilha Terceira, onde tinha a maior parte dos seus bens, e os irmãos dignitarios da sé de Angra. De 1 de Dezembro de 1807 a 15 de Setembro de 1808 deu-se a occupação e expulsão dos francezes em Lisboa; em 1809, foi a invasão do Porto pelo marechal Soult, e essa terrivel mortandade dos que fugiam pela ponte de barcas sobre o rio Douro; a presença de Massena em 1810 avançando sobre Lisboa, e indo esbarrar nas Linhas de Torres Vedras, e fazendo a devastação em volta de si, accentuava um quadro de horror, que determinou o exodo, a que alludimos, para a ilha Terceira.

Antonio Bernardo da Silva era o septimo filho da numerosa familia de José Ferreira da Silva, que em 1736 casára na ilha do Fayal com D. Antonia Margarida *Guarrett*, nascida em Madrid, e filha de D. Bernardo *Guarrett* e de D. Angela Maria Vesinaro. Importa fixar esta minucia, porque este appellido (*Guarrett*, *Guarret*, *Guarretta* e *Goreta*), assim escripto nos varios registos e certidões) serviu para architectar uma genealogia fidalga, sendo adoptado depois da morte do Bispo D. Frei Alexandre em 1818. Dizia-se que essa familia dos Garrett emigrára da Irlanda para a Hespanha por motivos de perseguição religiosa, e vindo para Portugal no tempo do casamento de Dom José. Contra esta origem *irlandeza* do avô de Garrett, oppõe Sant'Anna Nery a origem *italiana*, sugge-

rido pelo encontro d'este appellido de *Garretto* e *Garrett* em varias familias aristocraticas piemontezas. Tambem seria indifferente esta pesquisa genealogica, se ella nos não revelasse correntes de impulso atavico. A paixão de Garrett pela tradição portugueza, acordada na serenidade domestica, e apagada pelo meio pedantesco em que se achou envolvido depois dos doze annos, não revivesce na sua alma pela simples emoção de artista ou conclusão critica; era uma revivescencia da sua fibra ethnica, que o tornava como que inconscientemente o revelador do *lusismo*, do sentimento da raça. Estes dois ramos genealogicos, longe de se contradictarem, conciliam-se. Nas memorias de familia, seu bisavô Bernardo Garrett era de proveniencia irlandeza, e como se sabe pelos modernos estudos anthropologicos a esta raça pertence pelo tronco ligurico o ramo *lusitano*. Sant'Anna Nery, encontrou em uma memoria genealogica referencias a uma dama illustre Margherette Valenza *Garrette*, nascida em 1605, cujo appellido *Garretti* é ainda usado pelos condes de Ferrere e de Trana; d'este facto concluiu: «Foi provavelmente no fim do seculo xviii que um filho segundo dos seis ramos dos Garrett italianos, emigrou para Portugal e ahi deixou descendencia. Almeida Garrett seria portanto de origem italiana: um *piemontez* de Asti.» Conciliando: a Alta Italia, é de origem *ligurica*, differença definida nas tradições poeticas da Italia do sul. Quer pela genealogia *irlandeza* quer pela italiana ou *piemonteza*, de Garrett, estes dois povos caracterisam-se anthropologicamente como ramos da raça dos Ligures, representada na peninsula hispanica pelos Lusitanos ou Lusonios, inconfundiveis e inconciliaveis (*eterna divorcia*) com os Iberos. E' por isso que o esforço de Garrett para revivificar as Tradições da Nacionalidade portugueza e sentimento historico do seu passado nacional, mesmo a sua idolatria feminista, o fundo da religiosidade e coragem resistente nas suas desoladoras emigrações politicas, e no conflicto das calumnias partidarias, destacam-o como um typo completo do *lusismo*. Elle descreveu ethnicamente a raça, quando na Carta de Mucio Scevola a sentiu na sua resistencia inquebrantavel a todas as calamidades e decepções.

Ao fixar a residencia em Angra, alli se foi tambem reunir o irmão de seu pae, D. Alexandre da Sacra Familia, bispo resignatario de Angola, sendo em 1812 eleito bispo de Angra. Era D. Frei Alexandre um humanista e poeta arcadico, sectario do pseudo-classicismo francez; muito cedo descobriu o talento do sobrinho e o dirigiu nas primeiras leituras de classicos gregos e ro-

manos, de tragedias francezas e poemas didacticos. No prologo da sua tragedia *Merope* descreve Garrett essa educação classica junto do tio, em cujo palacio episcopal habitava, usando vestes talares e já com ordens menores. O bispo sonhava alli um presbytero e porventura um futuro coadjutor. Na numerosa familia de seu pae havia mais ecclesiasticos, taes como o tio P.<sup>e</sup> Manuel Ignacio da Silva, Arcediago da Sé de Angra desde 1783, o P.<sup>e</sup> Joaquim Antonio da Silva, e o P.<sup>e</sup> Ignacio da Silva que foi conego de meia prebenda. Não admira que n'este meio a criança se entregasse ao estudo do latim, e cultivasse a rhetorica parenetica, enchendo de grandes esperanças o austero bispo. A pressão domestica completava esta illaqueação d'aquelle espirito luminoso, agora tolhido por um humanismo opaco e pedantesco. Só uma circumstancia inesperada poderia lançar lhe na intelligencia a insurreição emancipadora. Para a ilha Terceira tinham sido deportados todos os presos da *Septembrisada* de 1810 por professarem idéas francezas ou jacobinismo; por este motivo se acharam alguns annos em Angra homens de alto valor intellectual como Ferreira Gordo, Pimentel Maldonado, Mascarenhas Netto, Jacome Raton, Domingos Vandelli, e outros, que criariam um ambiente de livres opiniões politicas e scientificas. Mais directamente actuou o despertar da puberdade. Enquanto o bispo D. Alexandre foi ao Rio de Janeiro pedir a D. João VI a graça de poder ser transferido o lugar de selador da Alfandega do Porto de seu irmão Antonio Bernardo para o filho primogenito d'este, a disciplina domestica foi afrouxada e Garrett sentiu o primeiro amor por uma criança ingleza Isabel Hewson, que pouco tempo depois seguia com seu pae para a ilha de S. Miguel. Foram estes amores que lhe inspiraram as suas primeiras *Odes anacreonticas*, cujo manuscripto se conservou na ilha da Graciosa, quando elle alli foi em visita em 1813. Assistindo na matriz de Santa Cruz á festa da missa nova do P.<sup>e</sup> Manuel Corrêa da Silva, na ilha Graciosa, alli por acto impulsivo subiu ao pulpito, pregando um sermão improvisado sobre essa festividade. O facto, apesar da agradável surpresa, foi censurado pelo Dr. João Carlos Leitão, irmão de sua mãe, que era então Juiz de Fôra no Fayal, que o communicou ao Bispo, já de regresso do Rio de Janeiro. A circumstancia de ter alcançado a substituição do lugar de selador da Alfandega no sobrinho Alexandre, que teve de partir para o Porto, actuou sobre a situação do joven poeta, que oppoz uma resistencia inflexivel a acceitar a vida ecclesiastica, e



por interferencia de seu tio, o Juiz de Fôra, obteve que lhe concedessem ir para Coimbra para seguir uma formatura em sciencias naturaes ou juridicas. Nos seus artigos facetos do *Chaveco liberal* dá bem a entender que foi o amor de uma mulher que o salvou de ser padre.

A Universidade de Coimbra na epoca em que alli entrou estava sob a fécula severissima do Bispo Conde Reitor Reformador, e em uma apathia mental como na epoca anti-pombalina. Abandonado o curso de mathematica, matriculou-se em 1816 em direito tornando-se o porta-estandarte das idéas liberaes e tomando parte nas récitas escolares de tragedias philosophicas da escola de Voltaire, á sombra das quaes se declamavam grandes tiradas rhetoricas de protestos politicos e moraes. Foi n'estes divertimentos, que o Bispo Conde veio a prohibir, que Garrett se revelou como poeta, e fez as suas primeiras tentativas litterarias, como *Lucrecia*, *Merope*, *Sophonisba*, *Oedipo*, que na maior parte ficaram abandonadas. Isto bastou para intrigarem-no com o tio Bispo, que nunca mais fez caso d'elle, não o nomeando sequer no testamento com que faleceu em 1818. O poeta sentiu-se d'esta intriga originada na sua propria familia, em que preponderava o espirito conservador com que foi sempre hostilizado até chegar a ter uma acção publica importante.

Nas férias escolares ia Garrett visitar as tias maternas do Porto, e alli se apaixonou por uma prima que elle designa como *Thomasia*, e poeticamente como *Amalia* (D. Thomasia Maria Amalia do Amaral); estes amores inspiraram-lhe muitos dos versos da *Lyrice de João Minimo*. Foi em um d'estes galanteios amorosos, que em 1819 deu o poeta uma terrivel queda de um cavallo fogaço na rua da Boa Vista, de que esteve quasi á morte; voltando a Coimbra debilmente convalescente ahi recebeu varios epigrammas de invejosos que o personificaram no annagramma de *Tibasta* (Baptista). N'esta morosa convalescença, surprehendeu-o em cheio o successo da Revolução de 24 de Agosto de 1820, que elle em uma Ode ao Porto pouco antes tinha vaticinado.

A Revolução de 1820 era um symptoma assombroso em que a nacionalidade portugueza se affirmava repellindo a occupação ingleza sob o governo dictatorial de Beresford; que sacudindo esse protectorado cedido por um rei covarde que abandonára o seu povo á invasão napoleonica, avocava a si a propria soberania para estabelecer a em uma Constituição reformadora das suas anarchicas instituições. A Revolução de 1820 derivava de um movimento commum ás na-

cionalidades meridionaes, que depois da queda de Napoleão em 1814, e do estabelecimento da Santa Alliança, reivindicavam a liberdade politica abafada pelas duas reacções militar e absolutista; esse movimento de 1820 manifestava-se em Hespanha, Portugal, Napoles e Grecia moderna. E' este caracter solidario que revela a sua innegavel importancia.

Garrett descreve a impressão que produziu entre os estudantes aquelle despertar da nacionalidade. Em um artigo publicado no *Portuguez constitucional renegerado*, explicando o seu poemeto *O Retrato de Vênus*, allude a esse extraordinario successo, que decidiu de toda a sua vida: «Chegou o dia 24 de Agosto, tão amargurado para tanta gente, tão festejado por mim, e por todos os homens de bem. Todos os corações bem formados sentiram uma revolução de ventura, e todos os espiritos são um desenvolvimento de faculdades. Entre as muitas esperanças que todos os bons portuguezes tiveram, entrou a de vermos restabelecida a nossa Litteratura, enxotada do templo da arte e sciencias os zangãos do seu mel, affugentadas as trévas da nossa ignorancia, accesa a luz da verdadeira sabedoria e gosto.» O primeiro texto impresso de Garrett foi um Hymno á Constituição de Vinte, adaptada provisoriamente da revolução hespanhola; em Coimbra elle foi um agitador para a concessão do suffragio eleitoral ao Corpo academico, e um dos membros mais influentes do Club dos Jardineiros, na defeza contra as tentativas da reacção que se preparava, que se manifestou na crise de 13 de Novembro a 17, em que a Junta do Governo esteve periclitante. Ainda bastante doente Garrett tomou parte no celebre Outeiro da Sala dos Capellos em 22 de Novembro de 1820 pelo regosijo do dia 17, recitando a Ode que começa: «Ergo tardia voz, mas ergo a livre...» Provado o seu curso em fins de Abril de 1821, Garrett obteve licença para voltar á ilha Terceira a visitar a familia, aonde se demorou até agosto d'esse anno. Muitas das suas impressões foram assumptos de bellas poesias da *Lyrice de João Minimo*. Em Angra assistiu á reacção tentada por Garção Stockler, que elle começou a ridicularisar em um poemeto que intitulava *O X ou a Incognita*, por que o personagem Garcklesto era um consummado mathematico. No regresso a Lisboa, Garrett foi esperado por antigos companheiros da Universidade, entre elles Paulo Midosi, que o convidaram para a representação de tragedias revolucionarias no celebre Theatro do Bairro Alto; o poeta prestou-se a compôr uma Tragedia em harmonia com

as aspirações dominantes, e escreveu no espaço de vinte dias o *Catóo*, que se ensaiava à medida que o compunha, e que se representou em 22 de Setembro de 1821, desempenhado por Joaquim Larcher, Morato Roma, Carneiro Leão, Pereira Marecos e pelo próprio auctor. Foi na segunda recita memorável que viu Garrett em um camarote da família Midosi a gentilíssima filha de José Midosi, D. Luiza Candida, que entrava nos seus quatorze annos. Garrett foi empolgado por esta psychose que decidiu do seu futuro, e desde que obteve o despacho de official da secretaria do Ministerio do Reino em 12 de Agosto de 1822, tratou de effectuar o seu casamento, que se realizou em 11 de Novembro, treze mezes depois da celebre recita do *Catóo*. O retrato de D. Luiza Candida é de uma suavidade impressionante; como descreve seu primo segundo o Dr. Paulo Midosi, quando a conheceu em Londres: «Os cabellos eram fios de ouro, os olhos de um azul limpo como céu sem nuvens; etc.»

Durante esta crise de exaltado amor Garrett teve de ir a Coimbra para fazer acto de formatura em direito em 19 de Novembro de 1821. Ahi tinha sido impresso e publicado na Imprensa da Universidade o seu poemeto didactico *O Retrato de Venus*, que é uma simples glorificação da Pintura e caracterisação das suas varias escholae. O innocente poema foi denunciado ao Corregedor da Comarca de Coimbra, por ter versos tocados de *philosophism*, e abuso de liberdade de imprensa, sendo por isso apprehendido e o poeta processado. Garrett residindo em Lisboa, para aqui avocou o processo, e com grande altura e dignidade se defendeu perante o jury, sendo absolvido por sentença de 4 de outubro de 1822. Defendendo o seu poema no *Portuguez constitucional*, Garrett consigna o facto: «Calumnias, odios, criticas (não digo invejas, que bem louco fôra quem de tão pouca cousa as tivera) tudo caíu sobre mim. Porque? Não sei. Para que? — Mui bem o conheço e claramente o digo... Para destruir todo o genero de letras, aniquilar todo o genero de instrucção, extinguir todo o lume de estudo. Conhecera-me moço, viram-me algum talento, descobriram-me vislumbres de applicação: e assentaram de obstar a que eu me desenvolvesse e fizesse um dia alguma cousa util. Urdiram nas trévas as suas machinações, preparam no escuro as suas calumnias e pretendaram denegrir-me na opinião publica, e enredar-me na malha dos seus embustes.» Estava a formar-se a corrente da hostilidade que havia perseguido em 1823. O P.<sup>o</sup> José Agostinho de Macedo considerava *O Retrato de Venus* o poema mais impudico que até

então sahira dos prelos; o Patriarcha de Lisboa incluia-o em um Edital entre obras condemnadas. Eram os sentimentos liberaes e opiniões politicas do que fizera a glorificação do dia 24 de Agosto e o panegyrico de Fernandes Thomaz, que suscitavam essas temerosas hostilidades.

No 1.<sup>o</sup> de outubro de 1822 a Constituição decretada pelas Côrtes é jurada por Dom João VI, mas logo em março de 1823 começam os levantamentos de Traz-os-Montes para o restabelecimento do Absolutismo; em 27 de maio sae para Santarem o coronel Sampaio (Santa Martha) com o seu regimento, indo-se-lhe reunir o infante D. Miguel que proclamou a abolição das Côrtes. Em 31 de maio D. João VI, perjurando a Constituição de 1822, promette outorgar uma Constituição liberal, saindo para Villa Franca, regressando a Lisboa em 5 de junho, puchado pelos militares e fidalgos, que disputaram entre si os logares dos cavallos. Estava destruida a Constituição de uma nação livre, que pela reacção dos *Apostolicos* cooperando com a Santa Alliança, retrocedera ao absolutismo. Todos temiam os excessos sanguinarios, que já se tinham manifestado em Hespanha; Garrett era visado pelo seu liberalismo, e abandonando o seu emprego partiu para Inglaterra em 9 de junho de 1823, porventura com missão para os outros emigrados como Ferreira Borges, Silva Carvalho e outros. Partiu no paquete *Duque de Kent II*; nos apontamentos de viagem escreveu: «Com que olhos nos verá a Europa, nós, que perdemos tão vilmente no espaço de tres dias toda a gloria portugueza... Tudo ahi fica n'essa patria de escravos e de miseria!» Em breve regressou Garrett a Lisboa, em 22 de agosto de 1823, porque a perseguição que se esperava, no animo de D. João VI transformou-se em uma amnistia. Mas Garrett foi excepcionalmente preso por ordem da Intendencia Geral da Policia, por ter vindo de Inglaterra e de estar alli com individuos summamente suspeitos. Encarcerado no Limoeiro á ordem da Intendencia, devendo sahir immediatamente para fóra do reino, foi-lhe intimada a ordem em 25 de agosto, e entregue ao commandante do paquete *Duque de Kent* pelo official do bairro do Limoeiro em 26 d'esse mez. Casado de poucos mezes com uma mulher bella de dezesete annos, e privado do auxilio da casa paterna, este exilio, sobre a sua primeira emigração, era para quebrar o temperamento mais tenaz. Foram angustiosas as privações em Inglaterra, vendo-se forçado a procurar em França recursos de trabalho. Estas calamidades não o quebraram; accentuaram o ideal que lhe deu ener-

gia para a realisação de um destino. No relatório do projecto da fundação do theatro portuguez revelava elle, em uma nova época de soffrimentos, a fonte d'esta energia intima: «suaves pensamentos das Bellas Artes, que

em verdade em nenhuma desgraça nos abandonam, que até de mim posso dizer, que nos cárceres e degredos em que tantos annos andei por ser fiel — á causa da civilisação e liberdade do meu paiz, me desampararam nunca...»

## 2.<sup>a</sup> EPOCA

Estudos mais serios. Poemas *Camões*, *D. Branca*, etc. — \* Volta a Portugal. Politica. Imprensa. — Segunda emigração. *Portugal na Balança da Europa. Da Educação. Porto.*

No verso da invocação do poema *Camões* — Deixa o caminho da infeliz Pyrenne — synthetizou Garrett a violencia da reacção dos *Apostolicos* em Hespanha, pela intervenção armada do exercito francez, ordenada por Chateaubriand, e pela indecorosa victoria do Trocadero, «thema de todas as vaidades da Restauração.» Em Portugal a indignidade do militarismo e da aristocracia não deu occasião a D. João VI de se aproveitar da reacção sanguinaria a que o impelliam sua mulher D. Carlota Joaquina e o Infante D. Miguel. Desterrado pela Intendencia da Policia, Garrett chegou a Londres em principio do verão de 1823; em 13 de Setembro saudava «a terra estrangeira, que lhe foi azylo e segurança.» Em 16 d'este mez era recebido com sua esposa pela familia do abastado negociante Thomaz Hadley no condado de Warwick, em cuja casa encontrou o mais affectuoso agasalho. Quando no anno de 1824 elaborava o poema *Camões*, n'essa terrivel crise da sua vida, ao saudar a Inglaterra, no verso: — Eu te saúdo, oh terra hospitaleira, — poz-lhe esta nota pessoal: «Eu quiz designar aqui o couro e guarida que os perseguidos acharam sempre n'aquella ilha feliz; por mim pessoalmente não encontrei só isso, mas casas e corações abertos, que me agasalharam, e em que me esqueci muita vez de que era estrangeiro e proscripto.» E mais particularmente allude á familia Hadley, quando glorifica Warwick por ter sido patria de Shakespeare, dizendo que alli «passei a volta de seis mezes, não os mais satisfeitos, mas os mais socegados, e por ventura os mais felizes da minha vida. Seja-me permitido assellar aqui os leaes sentimentos da minha estima e saudade a uma familia verdadeiramente respeitavel e ingleza, em cujo seio achei o que nem no meu sangue encontrei, verdadeira e desinteressada amizade. Se algum dia chegarem estas insignificantes folhas á abençoada e tranquilla pousada de Egbaton, conheçam os meus amigos Hadleys que

não lia um só pensamento no meu espirito em que se não misture a memoria da sua amizade, mais sagrada para mim do que nenhuma outra.» A convivencia na familia ingleza revelou-lhe um novo aspecto da vida, a harmonia intima, a elegancia das commodidades, o conforto, e as relações intellectuaes conjunctas com as affectivas. Em digressões com os rapazes da familia Hadley visitou as principaes fabricas, castellos feudaes, egrejas gothicas, collecções artisticas e perspectivas de paizagens, que lhe orientaram o espirito n'essa corrente poetica que de Inglaterra suscitara na Allemanha a iniciativa do Romantismo. N'essa convivencia domestica leu Garrett pela primeira vez Shakespeare, e isso bastava-lhe para a revelação de que a poesia era a linguagem que melhor exprimia os phenomenos do mundo moral. O conhecimento dos Cantos populares da Inglaterra e da Escocia acordava-lhe na alma a reminiscencia das tradições com que fôra embalado na infancia venturosa da quinta do Castello, e essa forma do sentimento da patria levava-o a achar os recursos para dar expressão ás suas saudades. A tradição nacional apparecia-lhe pura diante dos abalos politicos de uma reacção que se firmava sob o apagamento do espirito da nacionalidade. E foi assim, em todas as crises da sua vida: sempre que os retrocessos politicos atacassem a liberdade e a sociedade portugueza, no estudo da Tradição é que Garrett se refugia, procurando consolação e estimulo para a sua organização de artista. *Estudos mais serios*, indica elle como caracterisando esta época de desterro; foram seis mezes de tranquillidade em que esboçou todo o plano da sua existencia, preparando-se para essa constructiva actividade. Tinha junto de si a esposa, criança e encantadora, á qual na Ode *O Exilio* diz: — A minha patria agora é nos teus braços. —

Era porém urgente sair d'aquella situação de uma generosa hospitalidade; o absolutismo em Portugal estava firmado, e convinha resolver o problema economico da vida. Garrett deixou Warwick indo procurar em Londres trabalho; o negociante portuguez

\* Garrett faz das alineas — Volta a Portugal. Segunda emigração — duas épocas distinctas; entendemos reunil-as aqui pela sua continuidade historica.

Antonio Joaquim Freire Marreco procurou-lhe collocação. Commentando o verso do poema *Camões*,—certo amigo na angustia—aludia ao generoso patricio «a quem eu e tantos emigrados portuguezes somos devedores de impagaveis obrigações, não só pelos muitos socorros com que generosamente acudia até aos desconhecidos, mas sobretudo pelo modo cavalheiro e nobre com que o fazia.» A dedicatória da primeira edição do *Camões* a Freire Marreco vale um reconhecimento homérico. A angustia de meios era terrivel em Londres, e como não fosse possível achar-lhe emprego n'essa capital, Marreco obteve collocar Garrett na casa bancaria Lafite, em Paris, como traductor da correspondencia commercial com o Brasil. Foi esse o motivo por que fixou a residencia em França nos principios de 1824, indo habitar Ingouville, ao pé do Havre-de-Grace, na margem direita do Sena. No passageiro descanso do labor quotidiano, para alcançar o amargo pão do exilio, Garrett refugiava-se na sua idealisação artistica, dando relêvo esthetico ao sentimento patriótico que o alentava na sua desolação moral. Camões appareceu-lhe ao espirito como um symbolo da nacionalidade portugueza; quando Portugal estava sob o governo militar de Beresford, a estúpida Regencia dos Governadores nominaes impediu que se levantasse um monumento a Camões, com receio que se acordasse qualquer impulso de revivescencia nacional; para esses homens que preparavam o movimento dos espiritos, que se effectuou na revolução de 1820, Camões era a expressão nitida de um ideal, como se vê n'essas manifestações da Edição monumental dos *Lusiadas*, feita pelo Morgado de Matheus, na *Missa de Requiem* de Bomtempo, e no quadro da Morte do Poeta por Sequeira. Esta mesma aspiração levou Garrett para idealizar a vida de Camões n'essa tremenda crise em que a nacionalidade se affundava. O exilado estava em condições para comprehender a relação da vida do cantor dos *Lusiadas*, que se extinguia simultaneamente com a nação portugueza; Garrett presentia que na pujança do seu talento, que se ia revelar na iniciação do Romantismo, lhe competia acompanhar a nacionalidade decahida tentando o seu renascimento. No retiro de Ingouville meditava e soffria: «Passei alli cerca de dois annos da minha primeira emigração (*desterro*, propriamente) tão só, e tão consumido, que a mesma distracção de escrever, o mesmo triste gosto que achava em recordar as desgraças do nosso grande Genio, me quebrava a saude e des-temperava mais os nervos. Fui obrigado a interromper o trabalho...» O poema Ca-

*mões*, escripto em verso solto era na fôrma uma renovação poetica derivada do estudo de Filinto Elysio, que dêra á construcção do verso endecasyllabo as mais variadas e imprevistas combinações syllabicas. Garrett tomou-lhe todas as bellezas afogadas no clasicismo filinista, tal como Mozart e Beethoven fizeram elaborando sobre as Fugas de Bach. Nas suas leituras dos quinhentistas portuguezes, em que Garrett se confortava no desterro, uma referencia achada na Chronica de D. Affonso III por Duarte Nunes de Leão, ácerca de um filho que a infanta D. Branca tivera, quando abbadessa das Olgas, de um fidalgo hespanhol, levou-o a idealisar esta aventura, dando-lhe como fundo o facto historico da conquista do Algarve. Fez o poema da *D. Branca*, n'esse estylo digressivo e faceto com que Wieland tratára a lenda de *Oberon* sobre o esboço da Gesta dos *Huon de Bordeaux*.

Revela-nos o poeta, — alludindo á sua doença nostalgica: «Essa foi a origem de *D. Branca*, que fez seguidamente e sem interrupção, desde julho a outubro d'esse anno de 24, completando-a antes do *Camões*, que primeiro começára, e que fui acabar a Paris no inverno de 24 a 25. E quasi que tenho hoje (1839) saudades — tal nos tem andado a sorte! — das engelhadas noites de janeiro e fevereiro, que n'uma agua-furtada da rua Coq-Saint-Honoré passavamos com os pés cozidos no fogo, eu e meu velho amigo o sr. J. V. Barreto Feio, elle trabalhando no seu *Sallustio*, e eu lidando no meu *Camões*, ambos proscriptos, ambos felizes, mas ambos resignados ao presente, sem remorso do passado,—e com esperanças largas no futuro...» N'esses dois poemas *Camões* e *D. Branca*, o desolado proscripto fundava uma era nova da Litteratura portugueza, acordando na nacionalidade o alento da sua tradição, e relacionando o seu espirito com a nova corrente de idealisação esthetica do Romantismo. Mais do que obras d'arte, esses dois poemas são um monumento da historia litteraria. Garrett conheceu em Paris esse conflicto doutrinario da nova geração litteraria que iniciava a renovação do *Romantismo*; sem adoptar logo este nome, seguia o processo organico remontando ás fontes tradicionais. Verdadeiramente o Romantismo só poderia ser bem comprehendido quando, depois da renovação esthetica, se entrasse na organização da historia litteraria.

Desde o seculo XVI que as nações da Europa, pelo predominio do humanismo da Renascença, se tinham esquecido das suas origens medievaeas; a esta decadencia do seu elemento organico, o estabelecimento do

absolutismo monarchico correspondeu tambem á decadencia politica. Classicismo e Cesarismo foram solidarios na sua auctoridade. A França, que iniciára todas as formas da Litteratura medieval, esqueceu-se das suas Canções épicas ou Gestas, do Lyrismo dos Trovadores provençaes, e dos esboços dramaticos realisados nos seus Mystérios, Farcas a Soties, ligando sómente importancia aos escriptores rhetoricos, que abrilhantaram o seculo de Luiz xiv. A Allemanha e a Italia seguiam o mesmo espirito servil na imitação do pseudo-classicismo francez. Pelas relações politicas da Hespanha com a França, no reinado de Philippe V, esta nação rica de tradições nacionaes, de um grande individualismo ethnico, abnega da sua espontaneidade, legislando Luzan para o Parnaso hespanhol segundo o gosto francez. Quando nações fortemente constituidas pelos seus costumes e tradições, perderam durante o seculo xviii as legitimas feições do seu individualismo litterario, quanto profunda não seria a decadencia da Litteratura portugueza sob a pressão do crasso despotismo bragantino, entre a intolerancia da Inquisição, a cultura jesuitica e os rigores preventivos da Intendencia geral da Policia? A iniciação do Romantismo em Portugal só poderia ser tentada pela geração que se achasse forçada á remodelação das instituições politicas; foi esta terrivel logica dos acontecimentos que deu a Garrett esta primazia.

O rompimento com a cansada imitação da Litteratura franceza só poderia começar em uma forte nação, vigorosa pela raça e pela riqueza das suas tradições; assim poderia revocar-se ás suas origens conscientemente, e inspirando-se n'ellas os seus poetas elevarem-se á criação de obras primas. Por occasião da Guerra dos Sete annos, a Allemanha abandona a imitação da Litteratura franceza, e o conhecimento directo dos poetas de Inglaterra revela-lhe que ha formas bellas cheias de realidade e vida, fóra d'essa apagada rhetorica da còrte de Luiz XIV. A Inglaterra tambem soffrera o jugo do pseudo-classicismo, como se vê em Pope, Dryden e Addison, mas os seus costumes da sociedade feudal conservando os aspectos sympathicos da Edade média, mantiveram-na Litteratura ingleza essa impressão de realidade e de nacionalismo, que a destacaram entre as outras litteraturas medievas. Reflectindo na Allemanha essa importancia organica, Lessing, na *Dramaturgia*, funda a nova prosa allemã e dissolve pela critica as banaes theorias dos tragicos francezes. A còrte de Weimar, engrandecida pela paz da regencia de Anna Amelia, e pela altura de espirito com que allia essa pleiada de genios, de

que Goethe foi o chefe, tornou-se o fóco d'esta renovação que veio reflectir-se nas litteraturas occidentaes. A erudição scientifica co-opera com os cultores da arte; os dois Grimm estudam historicamente a lingua, os mythos, o direito consuetudinario, as velhas Epopéas e os Contos populares da Allemanha; e sobre este fundo estavel, a Litteratura allemã logo nos seus primordios tornou-se uma das mais opulentas do seculo xix. Produziu esta maravilha de criação esthetica a fecundação que aos grandes genios deu o conhecimento subito das obliteradas tradições germanicas. O espirito revolucionario apparecia na Allemanha sob o impulso litterario. Em França a renovação litteraria era especialmente determinada pela lucta da politica liberal. A Revolução franceza recommençara a lucta das Classes servas da Edade média, dominadas pela criação dos exercitos permanentes no seculo xvi e pelo estabelecimento da Monarchia absoluta; a aspiração revolucionaria perturbada pela orgia militar napoleonica, e pela Santa Alliança do dechido absolutismo, obtivera essa liberdade politica de favor chamada a *outorga* das Cartas Constitucionaes concedidas pela monarchia absoluta. N'esta corrente da Restauração, o partido Apostolico annullou a Constituição de 1822, que Portugal tinha estabelecido pelos Vintistas, reservando-se D. João VI *outorgar* uma de sua vontade, o que só veio a realizar-se por D. Pedro IV em 1826. Este regimen das Cartas era tomado da fórmula politica da Inglaterra peculiar ao genio sa-xão, que conservara uma aristocracia feudal a par de uma burguezia industrial. A's nações occidentaes foi lhe imposta a conciliação politica ou propriamente a *transição ingleza*. A litteratura franceza serviu de levantar os espiritos contra a Santa Alliança que dominava sob a fórmula de governo de Restauração, que se mantinha no mais absurdo conservantismo. Rémusat evidenciara como a Restauração «constantemente desconhecia e punha o seu orgulho em desconhecer a realidade e a profundidade da revolução nas ideias. Queria attribuir tudo ás paixões individuaes, ás illusões de um momento, e representar como um mal passageiro uma renovação social.» Apesar de todas as representações materiaes, as doutrinas sociaes, politicas e economicas irrompiam por todos os meios, manifestando-se em órgãos litterarios que davam convergencia ás iniciativas da mocidade das escolhas, notavelmente talentosa. De 1824 a 1830 apparece em Paris o jornal *O Globo*, sob a direcção e impulso de Dubois, redigido por novos escriptores como Jouffroy, Damiron, Patin, Agostinho Thierry, Lerminier, Charles de Rémusat, Saite Beau-

ve, Vitet, Mérimé, J. Jacques Ampère, Thiers, Pierre Leroux e Armand Carrel, auxiliados pelas comunicações académicas de Guizot, Villemain e Victor Cousin. A liberdade da imprensa ingleza e o espirito scientifico allemão appareciam conciliados no *Globo*, que proclamava a superioridade da França moderna sobre a do Antigo regimen, e iniciava-se a critica litteraria ao mesmo tempo com os estudos archeologicos da Idade media. A distincção entre *Classicos* e *Romanticos* estabelecia-se no espirito conjuntamente com as doutrinas politicas, aquellos sustentando a auctoridade do passado e a sua imitação subserviente, estes proclamando a independencia mental e artistica da consciencia moderna. Os odios politicos aggravaram as dissidencias litterarias, chegando o *classico* Baour-Lormiant a reclamar o desterro para todos os *romanticos* como medida de segurança publica. A mesma confusão da reacção politica com a emancipação litteraria, servia na Italia para perseguir os escriptores que aspiravam á queda do despotismo austriaco, e os que redigiam o *Conciliatore* eram accusados de incitarem á independencia politica por meio da independencia litteraria, como refere Salfi. Em Hespanha a *Academia del Mirto* converte-se na sociedade secreta dos Numantinos, e entre os presos accusados de independencia politica encontram-se o grande lyrico D. José de Espronceda e o poeta Escussura. Na Grecia moderna Rhigas, na Hungria Poetofi, na Russia Puchkine, na Polonia Mickievicz e Zaleski inspiram-se no espirito da revivescencia das suas nacionalidades universalisadas pelas Litteraturas. N'esta aspiração da liberdade, tambem a Irlanda e a Escocia revelaram os seus sonhos de independencia pela expressão nova da litteratura; Thomaz Moore canta as tradições da verde Erin, e Walter Scott collige os Cantos populares das fronteiras da Escocia, e recompõe a vida da *Clans* nos romances historicos, que se lêram na Europa com o maximo interesse, como modelos da nova forma litteraria. Pelo seu lado, o genio dominante de Byron em dissidencia com a aristocracia ingleza, na impetuosidade das suas paixões, torna a achar a individualidade saxonia, revelada em Shakespeare e Marlow, e elevando-se á idealisação universalista, vota a sua existencia ao sacrificio servindo a revolução que fez reviver a Grecia moderna.

Sem estes preliminares historicos fôra impossivel comprehender e bem apreciar a accção de Garrett na transformação fundamental da Litteratura portugueza, e a sua cooperação directa no estabelecimento das novas instituições do liberalismo constitucional parlamentar. Por isso Herculano, que

via de perto estes abalos sociaes e referindo-se ao Romantismo, de que tambem foi um iniciador, comprehendeu como esta revolução litteraria «appareceu simultanea com as revoluções sociaes e explica-se pelo mesmo pensamento d'ellas.»

Portugal tambem soffreu, como os outros estados europeus, a invasão napoleonica, sendo aqui o ponto de apoio da resistencia da Inglaterra, que nos submetteu ao seu deprimente protectorado com uma occupação militar. Pela vinda de Garrett para a Universidade de Coimbra (1816-1821) entrou o seu espirito n'uma corrente de jacobinismo tradicional da época de 93, que preponderava na classe academica em conflicto com o conservantismo doutoral. N'esse meio agitado comprehendeu a degradação da nacionalidade portugueza, avergada ao commando supremo de Beresford, e diante do nefando attentado da execução de Gomes Freire e dos sete patriotas tambem enforcados e queimados no Campo de Sant'Anna em 1817, Garrett souteu esse protesto da consciencia: «Geme sem protector a liberdade.» A repressão canibal de Beresford cobardemente acobertada com o cumprimento de ordens dos estupidos Governadores do Reino, levantou o espirito nacional, que na revolução de 24 de Agosto de 1820 revindicou a sua soberania, repellido o jugo estrangeiro. O anno de 1820 representa na vida de Garrett o acordar da intelligencia, do sentimento, da acção, de todas as suas energias diante de um ideal que elle vae servir em todos os momentos da sua existencia, orientado pela tradição.

O poeta que abraçara esse movimento glorioso, e que se inspirava n'elle para improvisar e representar a sua tragedia *Catóo*, estava condemnado em todos os concluios para o retrocesso politico. Portugal, que affirmára a sua *Soberania nacional* na Revolução de Vinte, soffreu tambem o attentado da Santa Alliança em 1823, que lhe impoz a restauração do Absolutismo bragantino. Deram-se em consequencia d'este retrocesso as emigrações de individuos que se evidenciaram mais pela aspiração democratica ou pelo liberalismo constitucional. Entre os directamente perseguidos destaca-se Garrett, que refugiado em Inglaterra, passou para França em busca de trabalho; deveu a esta circumstancia o tomar conhecimento da nova corrente litteraria do Romantismo, que elle a principio procurava separar da revolução politica. Na obra d'este iniciador a concepção ideal é sempre vivificada pela relação social; e a sua vida achou-se sempre ligada intimamente com os movimentos politicos para a fundação do regimen parlamen-

tar em Portugal, acceitando a transição ingleza, mas sem renegar a tradição vintista.

Os dois poemas *Camões* e *Dona Branca* acham-se explicados nas cartas ao seu amigo Duarte Lessa, também emigrado, sob o novo aspecto litterario. Assim em 27 de julho de 1824 lhe escrevia: «Desde que residio no Havre, tenho-me constantemente occupado de uma obrasita cuja materia nacional e popular espero lhe dêem sahida.—A obra é um poema em dez cantos, cujo titulo e assumpto é—*Camões*.—Suas aventuras, e suas composições fôrmao o fundo historico; mas os *Lusiadas* principalmente occupam a scena. A acção é a composição dos *Lusiadas*—e portanto, grande parte do meu poema uma analyse poetica d'elle. Já vê que me não faltam episodios com que guarnecer e enfeitar o quadro. Dei-lhe um tom e ár de Romance, para interessar os menos curiosos de letras, e geralmente falando o estilo vae moldado ao do Byron e Scott (ainda não usado nem conhecido em Portugal,) mas não servilmente e com macacaria, porque sobretudo, quiz fazer uma obra nacional.» Na carta dirigida do Havre a Marreco em data de 4 de Agosto de 1824, vem este trecho, que incorporou no prologo da primeira edição do *Camões*: «Não sou classico nem romantico, não tenho seita nem partido em poesia, assim como em cousa nenhuma, e por isso me deixei ir por onde me levam minhas ideias boas ou más, e nem procuro converter as dos outros, nem inverter as minhas nas d'elles.» Escusando-se das responsabilidades ou antipathias que envolviam a designação de *Romantico*, Garrett applica esse ideal interessando-se pelas tradições nacionaes e populares, a que o exilio deu um relêvo pittoresco e sentimental. E em carta de 19 de novembro de 1824, a Duarte Lessa, revela-lhe: «Acabo n'este momento de escrever as linhas de um novo poema (dou-lhe este por não acertar com outro nome).

«Lembra-se das nossas conversas de Londres sobre antigualhas portuguezas e o muito que d'ellas podia aproveitar quem de umas legendas e velhas historias e tradições fizesse o que tam bem fazem inglezes e allemães, que é vestil-as dos adornos poeticos. e sacudir-lhes a poeira dos seculos com assida escolha e apropriado modo? Pois desde então (e já de mais tempo me fervia isto na cabeça), não fiz eu se não pensar no geito com que me haveria para armar assim uma coisa, que se parecesse, mas que de longe, com tanta coisa boa que por cá ha por estas terras de Christo, e que pelas nossas, de tão ricos que somos, se desperdiçam e andam a monte, por desacerto de letrados e

barbarismo de ignorantes.» E refere como encontrou na Chronica de Nunes de Leão a lenda dos amores da Infante *D. Branca*, filha de D. Affonso III:—*Com esta infante teve amores um cavalleiro... do qual pariu um filho...*—Deu-me no gôto esta edificante historia, e como lhe não vi impossibilidade poetica, assentei de a ligar com a da conquista do Algarve, e fazer d'ahi poema, romance, ou o que mais queiram chamar-lhe.» Nesta preciosa carta define com clareza o *maravilhoso* popular, mais vivo que os velhos recursos da mythologia classica; e em postscriptum de 1.º de janeiro de 1805, diz que como o poema *Camões a D. Branca* «é affinada no mesmo tom *romantico*, supposto, exactamente falando, não segue eschola nenhum...»

A luta da vida vinha perturbal-o n'estas idealisações; em principios de janeiro vira-se despedido da casa Laffite: «Já saberá... que se desarranjou o meu tal quejando estabelecimento, dei parte d'isso a Marreco, pedindo-lhe conselho—não me responde. Aconselhe-me: que devo fazer, que posso? Ir para Portugal—e se me succede outra? Se ao menos eu me pudesse entretêr aqui publicando alguma cousita até mais tarde; mas ir já!»—Nesta angustia de recursos é que sua mulher parte para Portugal, e Garrett lança-se ao trabalho por conta do livreiro Aillaud, para o qual organisou o *Parناسo lusitano*, selecção das composições mais bellas dos nossos poetas, precedida de uma introduccão historica sobre a litteratura portugueza, base lucidamente entrevista para a transformação da nova phase da do Romantismo. Freire Marreco pela consideração que gosava na casa Laffite conseguiu que Garrett fosse readmittido. Em carta 7 de Março de 1825, escrevia a Duarte Lessa: «Pude miraculosamente arranjar o meu negocio, e por ora não tenho mais que temer dos terriveis receios que me agitaram: apresso-me em communicar-lh'o, porque sei que se interessa por mim.» N'esta carta falla com amargura do egoismo francez, como em outra época Mozart: «Nada pude fazer em Paris, nada: terra de egoistas nacionaes e estrangeiros. Assim, apenas imprima o *Camões* parto para o Havre, onde minha mulher tinha ficado; e emfim, veremos...» N'estas fundas amarguras é que se interessava pelas tradições populares; e referindo-se aos seus papeis que deixara em Londres, escreve a Duarte Lessa: «desses me faltam uns *Romances populares*, que me tinha mandado uma senhora de Lisboa, sobre cuja falta escrevi a Machado—ainda sem resposta—veja se m'a pôde obtêr, porque muito preço dou áquelles papellinhos.»



Entre os autographos de Garrett appareceu um traslado de 1824, contendo cincoenta xácaras e romances com o título de *Cancioneiro de Romances, Xácaras e Solãos, e outros vestígios da antiga Poesia nacional, colligidos, a maior parte, da tradição oral do povo...* Embora as peças que contém estejam publicadas no *Romanceiro*, tem a collecção a importancia de nos authenticar a epoca em que Garrett tanto se interessava pelos cantos populares portuguezes, tendo já chegado á differençação dos trez generos da Canção popular, que elle mais tarde lucidamente definiu nas fórmãs de *Romance, Xácara e Solão*. Em todas as crises desoladas da sua vida vêl o hemos voltar sempre ao estudo da tradição popular para vivificar-se n'essa energia organica. Em principios de 1820 vê-se outra vez com a sua vida economica desarranjada; é quando D. Luiza Candida, de regresso a Portugal, requer ao ministro da justiça para seu marido poder voltar á patria, por isso que desde 1823 não se lhe fez processo algum, e sem ter acto praticado nada o inhibe de aproveitar a amnistia dada em 1824. Apesar d'isto, o requerimento foi mandado a informar ao Intendente da policia em data de 9 de Maio de 1826, o qual respondeu exigindo cautellas contra o poeta, por que «arrebatoado pelas ideias do tempo, pela verdura dos annos e pelos excessos de uma imaginação ardente, foi, como outros muitos hoje restituídos aos patrios lares, um sectario fogoso dos principios democraticos, que vogaram durante o fatal periodo da revolução, e que infelizmente hallucinaram as cabeças dos incautos e inexperientes, etc.» Por Aviso de 3 de Junho de 1826, permittia o ministro da justiça que voltasse Garrett para Portugal, com a affrontosa condição — *ficando debaixo da vigilante inspecção da policia*. ... Garrett não desceu á indignidade de aceitar esse favor da regia beneficencia. Os acontecimentos precipitaram-se, determinando uma nova ordem; Dom João VI morre quasi subitamente em 6 de Março de 1826; em um decreto posthumo confiava a Regencia á Infanta D. Isabel Maria. Noticias chegadas a Brest, trazidas no *Diario Fluminense*, espalharam-se com o decreto em que Dom Pedro *outorgava* uma Carta de alforria a Portugal, com data de 29 de Abril. Em 8 de Julho lord Stuart chega do Brasil com a Carta constitucional, e apresenta-a a D. Isabel Maria, pretendendo sustar a sua proclamação; porém, Saldanha fal-a proclamar no Porto, e em 30 de Julho é jurada pela nação. Garrett regressa immediatamente á patria, sendo reintegrado no seu logar da secretaria do ministerio do reino em 26 de Agosto de

1826. As suas ideias politicas e economicas tinham-se desenvolvido ao contacto da civilisação da Inglaterra e da França, que lhe revelavam o poder social dos publicistas e sobretudo da imprensa jornalística. Logo em 9 de Setembro de 1826 publica a *Carta de guia de Eleitores*, cheia de indicações para reformas fundamentaes; mas essas eleições e os manifestos que provocaram tornaram bem patentes que o governo da Regencia de Isabel Maria era exercido sob a vigilancia do governo inglez através do Marquez de Palmella, e ainda dos *Apostolicos*, todos elles temerosos do espirito vintista, contra o qual debateram e empregaram violencias. O P.<sup>e</sup> José Agostinho de Macedo, que desde 1824 exercia a censura litteraria por ordem do Patriarchado, estava assalariado pelos frades de Alcobaga e outros elementos para desacreditar a Carta constitucional, a que elle chamava a *Besta esfolada*. Garrett fundou uma empresa para a publicação de um jornal moderno, para dirigir a opinião publica desvairada, adoptando a serenidade doutrinaria empregada na imprensa ingleza e franceza. O seu jornal *O Portuguez* appareceu em 30 de Outubro de 1826, em grande formato a trez columnas, tendo por colaboradores e socios Paulo Midosi, Morato Roma, Antonio Maria Couceiro, Luiz Francisco Midosi (irmão de Paulo) e Joaquim Larcher. Em Março de 1827 fundou o jornal *O Chronista*, semanario politico e litterario de sua exclusiva responsabilidade pessoal. O P.<sup>e</sup> José Agostinho de Macedo, no seu facciosismo brutal, detestava Garrett desde 1821, e tratou de o comprometter pela sua sympathia vintista, fazendo acreditar que *O Portuguez* fomentava a guerra civil. No n.<sup>o</sup> 244 do *Portuguez*, de 17 de Agosto, publicou Garrett um extenso artigo—*O Portuguez e o Padre José Agostinho*—reagindo contra a petulancia do ex-frade: «Foi longa, foi constante, foi exemplar a soffrida paciencia com que temos visto o padre José Agostinho de Macedo vomitar contra nós sarcasmos, injurias, improprios, calumnias atrocissimas. Para tudo ha termo, e para nossa paciencia tambem o houve. Communicamos hoje aos nossos leitores o requerimento que dirigimos a S. A. a Seren. S.<sup>a</sup> Infanta Regente sobre os agravos que á nossa reputação tem feito gratuitamente um ecclesiastico, a quem seu ministerio, sua religião, sua idade deveriam inspirar menor crueza, mais humanidade, mais modestia e pelo menos um furor não de enervamento.

«Argumentar com quem mente sabendo que mente, calunnia sabendo que calunnia, é perder tempo. Não responde, e continúa com novos insultos e aleives. Não ha outro

meio. senão obrigal-o a provar os primeiros, para o fazer mais comedido para os segundos.» E inseria um articulado de doze imputações do P.<sup>e</sup> José Agostinho, pedindo para que, «não as provando, seja declarado caluniador infame segundo as leis do reino.» Garrett ainda tinha a ingenuidade de confiar na corrupta Regente, a quem em Fevereiro d'esse anno fôra entregar um exemplar encadernado do *Parnaso lusitano*. Viu-lhe logo o effeito. Por portaria do ministerio do reino de 17 de Agosto de 1827, *O Portuguez* foi suspenso e juntamente *O Chronista*, e os seus redactores arrojados á prisão discrecionaria como criminosos de lesa-majestade. O governo da Regencia sentia-se do hysterismo de D. Isabel Maria e da variedade das opiniões dos seus amantes; e a accusação era perigosa, porque a intolerancia politica não hesitava em impôr-se por um espectáculo de sangue. As esposas e mães dos redactores requereram á Infanta D. Isabel Maria, a qual se collocou por detraz das Consultas da Mesa do Desembargo do Paço. Foi n'este perigo, entre a hypocrisia e a estupidez, que os presos representaram ao Parlamento.

Em 24 de janeiro de 1828 os redactores do jornal o *Portuguez*, representaram ao parlamento contra a iniqua prisão a que se viram arrojados; transcreveremos alguns trechos elucidativos do facto: «Eram elles collaboradores de um jornal—*O Portuguez*,—que algum nome adquiriu entre extranhos e domesticos, e por moderado de ideias, decente de expressões algum credito grangeou de assisado e prudente, e por firme e inabalavel na defensão da causa legitima... não desmereceu do nome, já tão respeitado e illustre de *Portuguez*, que do coração lhe haviam dado seus redactores, do coração procuraram serapre desempenhar, e, seja-lhes permitido dizer, que se muitos bem mereceram da Patria e do rei n'estes ultimos tempos com a espada, com a voz, e talvez *alguem com a penna*, se impõem com mais empenho, com mais lealdade, com mais boa fé e zelo, de certo ninguem com tanto risco e sacrificio procurou servir o Estado, e prestar á Causa publica. — *O Portuguez* era, como tudo quanto em Portugal se publica ha cinco annos, impresso com censura prévia. Estabelecida esta por lei, declarados por lei os Censores, verdadeiros magistrados e verdadeiras sentenças nas qualificações e censuras, quando a moderação do estylo, a legalidade dos seus principios não abonassem este jornal, tudo quanto elle publicasse era conforme á lei e sem imputação para os publicadores.

«Meditada porém ha muito a destruição

d'esta folha, serviu de pretexto, para se levar a effeito o movimento popular dos fins de julho, que, por illegal e inconstitucional que a todas as luzes o era, *O Portuguez* desaprovou e censurou e criminou, invocando a Carta, citando o artigo respectivo e expondo a doutrina d'elle. Não obstante isso, quiz-se aproveitar a occasião, e pelo Ministerio dos negocios do Reino se expediu a Portaria de 2 de Agosto, em cujos fundamentos os srs. Deputados da Nação portugueza julgarão na Carta constitucional, seus principios organicos e vitaes, essa letra expressa foi attendida e guardada.

«Sem mais corpo de delicto, sem mais fôrma ou ordem de processo foram por esta Portaria sómente denunciados e incurialmente pronunciados em 12 de Setembro, presos com apparato de força armada, cercadas suas casas por ella, e conduzidos pelas ruas publicas d'esta capital como saltedadores, um espectáculo odioso para muitos, escandaloso para todos, vergonhoso para a Nação, injurioso para o soberano, horroroso e barbaro diante das leis.

«No mesmo dia que foram presos, requereram ao Magistrado a cuja ordem estavam, o Corregedor do Bairro do Rocio, Amaral Semblano, que, na conformidade do art.<sup>o</sup> 145.<sup>o</sup>, § 7.<sup>o</sup> da Carta constitucional, lhes dêsse por escripto o motivo da sua prisão; e não houveram despacho... Ao terceiro dia de prisão (19 de Setembro) na Cadêa da Córte foram de repente de manhã entrados nos quartos por officiaes de justiça, acompanhados do carcereiro, e lhes foi dada busca a todas as suas cousas, camas, papeis, roupas, etc., sem que até aqui se pudesse saber, nem dos autos consta, o fim, o motivo ou pretexto de tal acto. Immediatamente depois foram os recorrentes separados dois a dois, e distribuidos pelas tres prisões da capital, Córte, Cidade e Castello. Joaquim Larcher e Paulo Midosi mandados para a Cadêa da Cidade, ahi foram lançados n'uma quasi enxovia, misturados com os faccinorosos e réos dos maiores crimes, em perigo de suas vidas e desabono de seu credito — pela gente com que os emporcalharam, em perda visivel de sua saude pela insalubridade do logar. Em vão requereram para lhes ser dado algum dos muitos quartos que n'aquella prisão havia poucos e vagos; tudo se lhes denegou com os mais frivolos e ridiculos pretextos.

«Ainda dada a impossivel hypothese de que elles pudessem ter imputação pelo facto de não ser, qual a publicação de um papel censurado, ainda assim lhes competia gosar do beneficio da Carta, o alvará de fianca concedido pelo § 8 do artigo 145 d'ella. Requerere-

ram n'essa conformidade ao Governo, e não se attendeu a nada.

«O agravo da injusta pronuncia era o meio que parecia mais natural para reparar tão vergonhosas injustiças; mas elles recusavam lançar mão d'elle para não reconhecer por este modo a autoridade e competencia de um juiz que outro direito não havia para o ser em tal caso senão a Comissão do Ministerio pela portaria de 4 de Agosto, reprovada, bem como todas as commissões, e annullada pela Carta, art.º 118. Persuadidos, pois, que aquella injusta e illegal Portaria havia sido obrepticamente passada, ou ignorando-a S. Alteza Serenissima... não quizeram progredir judicialmente em sua causa sem ir... supplicar reverentemente a Sua Alteza Serenissima, se dignasse mandar explicar aquella Portaria, e fazer cessar com uma explicação authentica d'ella o processo informe e horroroso que aquelle acto arbitrario e inconstitucional do Ministerio tinha occasionado.

«O modo do jogo e zombaria com o que o Ministerio dos negocios do Reino lançou de si este negocio com o ridiculo e nem sequer apparente pretexto de que o negocio era da competencia do Ministerio da Justiça, sendo pelo do reino que a Portaria de 2 de Agosto se passou, ao do Reino que pertence e sempre pertenceu a inspecção da imprensa, por onde ao Desembargo do Paço se expedem ordens, por onde se nomeiam Censores... Não melhoraram de sorte os abaixo assignados na remessa do seu requerimento ao Ministerio da Justiça; alli foi indeferida a pretensão com outro frivolo pretexto, assim como se excusaram todos quantos recursos intentaram, posto que fundados em leis, em razão e em patente justiça.

«Das copias juntas da pronuncia, auto do summario, do requerimento do agravo de injusta pronuncia, resposta do Juiz, accordam da Relação sobre elle, embargo do dito accordam e sentença, agravo da lei não guardada, e assento, allegação e sentença final, verão os Senhores Deputados da Nação portugueza o incomprehensivel e jámais visto escandalo d'este processo, d'esta causa nova no mundo, que não será comprehendida de nenhum povo da terra, de nenhum magistrado, de nenhum tribunal, e de cuja escandalosa invenção estava o vergonhoso merito guardado para os nossos tempos calamitosos, e para o nosso desgraçado Portugal.

«Não falarão elles, Senhores, das perseguições menos patentes e directas, que foram em quantidade e qualidade incriveis; não mencionarão, porque lhe faltam os documentos, a vergonhosa covardia de quem

assalariava peçonhentos e despresiveis scribblers para estar invectivando contra homens presos, que não podiam defender-se, que, se o tentassem, lhe fariam d'isso um novo crime, cujo processo pendia, e era com estes libellos prejudicado.—O magistrado que em virtude de uma Portaria (contra expressa letra da Ordenação do Liv. 2.º, Tit. 41 e Alvará de 13 de Dezembro de 1604) procedeu tão atroz e arbitrariamente urdindo este vil processo, segundo lhe encommendaram talvez, foi reconduzido ao mesmo logar, sem embargo da Ordenação em contrario, Liv. 1.º, Tit. 5 § 4.º e da Carta de Lei de 23 de Novembro de 1770!

«Mais afflictos das calamidades publicas que durante nove mezes nos inundaram, do que sentidos da sua pessoal injuria e perda, elles se appresentam na respeitavel presença da Camara, não como accusadores, mas como queixosos.» Vem o documento assignado: «*Joaquim Larcher — Carlos Morato Roma — Paulo Midosi — João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett — Luiz Francisco Midosi — Antonio Maria Couceiro.*»<sup>1</sup>

Ficou sem effeito esta representação pela dissolução das côrtes.

Os jornalistas só conseguiram a liberdade pela intervenção pessoal do ex-ministro José Antonio Guerreiro, e do desembargador Pálha.

Durante estes tres longos mezes de prisão no Limoeiro, cheio de incertezas e de desolação pelo estado politico do paiz. Garrett procurou allivio moral no estudo dos cantos populares de Portugal, que tanto o alentaram no prolongado e iustificadissimo desaterrro. Diz elle no prologo do *Romanceiro*: «Lançado n'uma prisão pela maior e mais patente injustiça que jámais se ouviu, voltei-me para occupar minha solidão e amarguras de espirito, aos meus *Romances populares*, que sempre commigo têm andado... Assim passei muitas horas de minha longa e amofinada prisão, suavizando maguas e distrahirando pensamentos.» E' surpreendente este effeito fortificante no meio das perturbações moraes e sociaes; em outras crises se verificará o poder d'este influxo da tradição em quem tanto se inspirou d'ella como artista e politico. Foi nas desalentadas horas de carcere que elaborou e poemeto tradicional da *Adosida*, que irá dar ao prelo em uma nova e ainda mais desalentada emigração. Até Garrett nunca os *Romances populares* tiveram importancia para serem

<sup>1</sup> Publicado em 1832 em Londres, incluso no opusculo *O Inominado para escapar aos Chocalheiros*, pag. 14 a 18.

colligidos; e até se suppunha que em Portugal não existiam esses cantos seculares. Garrett conta como foi embalado na sua meninice pelas trovas do *Conde Alarcos*, e esse impulso primitivo coadjuvou a libertar-lhe o gosto litterario das imitações das Odes arcadicas e das Tragedias francezas. A emigração e desterro em Inglaterra e França fel-o assistir a este estudo sempre crescente dos origens tradicionaes das Litteraturas: «Antes, que excitado pelo que via e lia em Inglaterra e Allemanha, eu começasse a emprehender n'este sentido a reabilitação do romance nacional, já Grimm, Rolld, Depping, Muller e outros varlos tinham publicado importantes trabalhos sobre as preciosas quam mal estimadas antigas collecções castelhanas.» Longe de Portugal, sentia mais a poesia da tradição avivada pela saudade: «Recorri á tradição; estava então fóra de Portugal; estimulava-me a leitura de muitos ensaios estrangeiros que n'esse genero iam apparecendo todos os dias em Inglaterra e França, mas principalmente na Allemanha.»

Garrett teve de interromper outra vez as suas investigações e a vida normal para se escapar ás cruas catastrophes que lhe preparavam os acontecimentos. A Infanta D. Izabel Maria arranhou a situação politica para entregar o governo a D. Miguel, que regressára de Vienna d'Austria, o fóco da reacção europêa. Em 3 de maio de 1827 D. Miguel perjurando a Constituição, proclamase absoluto, e convoca as Côrtes pela formula feudal dos Tres Estados. Toda essa simulação das Ordens foi de um cynico descaro; Garrett em principios de Junho de 1828 presentindo os enforcamentos e o cacete miguelino emigrar para Inglaterra, e quando d'alli ia ser enviado para o Porto, onde em 16 de Maio rompêra a revolta contra a traição de D. Miguel, soube que ella tinha sido abafada por imposição do exercito inglez que occupava Lisboa, e que em 6 de julho o exercito liberal se retirára para Hespanha sob o commando de Quevedo Pisarro, porque os chefes superiores tinham abandonado a cidade fugindo a bordo do *Belfast*. Deu-se o nome de *Belfastada* a esta ignominiosa covardia, que só pode ser attenuada pelo facto pouco conhecido da imposição do exercito inglez, que immediatamente, a pretexto de garantir a ordem, se pôz ao serviço de D. Miguel. As tres ordens aclamaram-o em 11 de Julho de 1828; e já em 12 de Outubro era exigido tambem aos emigrados portuguezes um juramento de fidelidade á menina D. Maria da Gloria.

Em 1828 Paulo Midosi publicou em Londres a traducção da obra anonyma *Quem é o legitimo rei de Portugal?* José Agostinho,

que era o libellista do miguelismo, imaginou que fosse trabalho de Garrett, e falla d'elle na *Besta esfelada*, n.º 5, «do bandido e facinoroso Garrett; este mais que todos os outros escouceou, e sem figura, este é o mais atroz, o mais escandaloso, mais infame, mais ultrajante da Soberania de Nosso Augusto Monarcha e Senhor Natural e Legitimo.» A linguagem de José Agostinho de Macedo contra Garrett, açulado pelo partido *apostolico*, não fica abaixo das oburgatorias dos partidarios da Carta outorgada, quando o poeta, continuando a tradição vintista, sustentava a doutrina da soberania nacional.

As perseguições miguelistas só se conhecem bem pelos protestos que soaram no parlamento inglez; e a emigração foi extraordinaria, não encontrando refugio certo na Inglaterra, França, Belgica e Hollanda, emquanto as potencias da Santa Alliança actuavam na politica europêa. A vida dos emigrados, sem recurso de subsistencia, e sempre em risco de expulsão, foi tremenda; quem lê os folhetos impressos d'essa época, sobretudo os que descrevem o barracão de Plymouth, pasma da situação medonha, contra a qual Garrett nobremente se insurgiu na celebre *Carta de Mucio Scevola*. O poeta tornou outra vez a procurar allivio nos queridos estudos litterarios. publicando em 1829 o seu poema da *Adoçinda*, e uma primeira escolha dos seus versos arcadicos com o titulo de *Lyrica de João Minimo*. O *Catão* ahi foi representado pelos emigrados, como recordação d'aquelles dias de liberdade, por occasião da vinda de D. Maria da Gloria para Inglaterra; e elle já ao serviço da embaixada, começou a escrever o seu *Tratado de Educação*, dirigido em Cartas a Dona Leonor da Camara (depois Marquessa de Ponta Delgada), a cujo cargo estava a educação da joven rainha.

Estas publicações, dispendiosas na imprensa ingleza, eram feitas por subscrição entre os portuguezes emigrados, soffrendo o poeta por vezes difficuldades para solver os seus debitos. Os seus recursos eram limitadissimos, tendo apenas o subsidio de emigrado a titulo de ordenado na secretaria da Embaixada. Foram bem amargos os dias soffridos na quasi indigencia, com a doença da esposa, recorrendo ao emprestimo sobre as cinco libras mensaes que recebia. Alguma parte da sua vida n'esta crise apparece em cartas particulares a contemporaneos e amigos.

Em carta de 13 de abril de 1830, escrevia Garrett a José Gomes Monteiro pedindo-lhe que «mandasse copiar uma liste com nomes (com seus endereços, *addresses* ou direcções, como queira) de negociantes e pessoas

portuguezas estabelecidas aqui, para o fim de diligenciar eu alguma assignatura a mais para o meu *tratado de Educação*, pois quero entrar com a impressão do segundo volume, e desejava aliviar-me do pezo das muitas despesas que ás costas ainda tenho. Fica porém isto entre nós. Espero que o meu amigo me faça este favor e o mais breve que possa.» (*Mem.*, I, 496.) Garrett passava mal; na carta datada de 8 de Maio escrevia-lhe: «tenho estado bastante doente...» E na escasez de recursos, enviava-lhe em junho seis exemplares do *João Mínimo* para vêr se lh'os vendia: «O portador... leva 6 *minimos* para ficarem á sua disposição e fazer o que puder e quizer d'elles. Lembrei-me que pode apparecer acaso uma alma caritativa que tire um ou outro das chammas do purgatorio. Não se esqueça de recommendar para o Porto a *Educação*. A proposito; por que não hade assignar ahi 2 ou 3 copias o ricasso Stritt? Faça este milagre, meu santo Monteiro, que pôde.» José Gomes Monteiro estava então praticando em uma casa commercial, e tinha relações na classe para vender alguns dos livros de Garrett. Era n'este sentido que o occupava: «Tenho muito empenho em mandar para a ilha de S. Miguel uma carta que vá debaixo de sobrescripto de pessoa capaz que a entregue logo. A carta é para um padre: o objecto é negocio pecuniario: não compromette. Aqui ha muito quem negocie para S. Miguel. Arranje-me esta coisa?»

E depois d'este P. S.: «Pode mandar-me 5 libras? Se puder, faça este favor ao seu amigo, que ha de pagar; e sobre tudo agradecer muito.»

A situação dos emigrados era desesperada deante da protecção que os governos da Santa Alliança davam a D. Miguel. Apenas na Ilha Terceira, pelo espirito liberal da população, se abriu alli um foco de refugio e resistencia para todos os perseguidos politicos. O governo inglez, que em 1828 apoiára o bloqueio contra os liberaes no Porto, perseguia a tiros de artilharia os que se dirigiam para desembarcar na Ilha Terceira. Os emigrados eram a cada instante ameaçados de serem dispersados por diferentes povoações inglezas ou transportados para o Brasil como escravos; e os seus proprios chefes, como o Candido José Xavier, tratavam-os com rigorismo militar, obrigando-os a juramentos á D. Maria II e á Regencia da Terceira, roubando-os no subsidio dado do dinheiro de um emprestimo nacional do tempo de D. João VI, e attribuindo ainda esse parco recurso a generosa esmola de D. Maria da Gloria! Não admira que o poeta empunhasse o látigo contra esses mirmídeos e

sycophantas, que se dividiam embaraçando toda a acção, uns querendo que D. Pedro se declarasse rei de Portugal depois de ter sido forçado a abdicar no Brasil, outros que fosse simplesmente regente por ter abdicado na filha, e fazendo os esponsaes d'ella com seu tio D. Miguel. Ninguém se entendia no meio d'este cahos complicado pela politica da Santa Alliança, que dominava nos governos da Austria, Inglaterra e França, que se reflectia nas luctas internas de Hespanha e de Portugal.

No meio d'esta terrivel crise imprimiu Garrett o seu importante livro *Portugal na balança da Europa*, historiando todos os acontecimentos de Portugal, desde a proclamação do principio da Soberania nacional pela Revolução de 1820 até a angustia de 1830, em que elle apresenta na sua crueza o problema de qual será a sorte de Portugal: ficar uma feitoria ingleza? ser annexado a Hespanha com uma provincia? E n'esta altura, a sua intelligencia clara, e a pureza de sentimentos patrios fizeram-lhe entrevêr a unica solução natural, racional e digna, —a Federação dos Estados peninsulares, em que Portugal seria uma nação livre no pacto commum das outras nacionalidades livres. Foi uma terrivel crise, e vergonhosa, como a *intervenção armada* pedida por D. Maria II em 1847, que fez comprehender o principio da Federação a Henriques Nogueira. Como sahir pois da apathia e marasmo moral em que tinham cahido os chefes da emigração?

O governo de D. Miguel, dominado por uma insanía de ferocidade, chegou a provocar conflictos com os governos francez e inglez, e a ser duramente atacado pelo seu estúpido barbarismo no parlamento de Inglaterra. Mas a colligação da Santa Alliança dava-lhe apoio. D. Pedro, ex-imperador do Brasil, estava desacreditado tambem pelo seu facinorismo, e a causa da filha D. Maria da Gloria achava-se debilitada pelos planos d'uma *unificação ibérica*, imperialista sob a iniciativa de D. Pedro, audaz e ambicioso, continuando assim a ambição de D. João VI, que tambem planeára a entrega de Portugal a sua filha primogenita D. Maria Thereza, casada com o infante de Hespanha, D. Pedro Carlos. Sómente um importante acontecimento na Europa, e que viesse enfraquecer a reacção da Santa Alliança, poderia libertar Portugal d'estes liames de uma tortuosa politica.

A revolução de Julho de 1830, que precipitou Carlos x do throno de França e proclamou Luiz Philippe rei dos francezes, deu á politica constitucional um alento de esperanza; a Inglaterra, reconhecendo o governo

da nova monarchia burgueza, deu um golpe decisivo na Santa Alliança, que ficou apenas sustentada pelas potencias do norte, a Austria, a Prussia e a Russia. A' França, do regimen constitucional, convinha-lhe apoiar a causa dos liberaes portuguezes e hespanhes; e a Inglaterra, para conservar o prestigio entre os povos meridionaes, começou então a manifestar-se a favor da revolução liberal. A queda da Restauração foi o impulso decisivo; Garrett comprehendeu-o, e, na celebre *Carta de Mucio Scerola* increpa os dirigentes da emigração da apathia com que observam os acontecimentos: «E o tempo urge. A liberdade triumphante no Sena já escala os Pyreneos, e talvez singra para o Tejo... E os parasitas, os venaes escravos da aristocracia, começam a ensaiar suas artes para nos enganar, e desunir e desvairar.» Isto escrevia em 4 de Outubro de 1830. Em carta de 8 de Agosto de 1831, já cansado da apathia dos chefes, escreveu para um amigo em Hamburgo: «Dom Pedro vac em pessoa a Portugal á testa da expedição; e eu estou deliberado a não ser dos que ficam no quartel da saude. Nunca tive, certo, a balda de valentão, mas agora, sem a minima fanfarronada, prefiro muito e muito antes morrer de uma bala do que estar mais tempo emigrado.» E em carta de 6 de Outubro de 1831, revela-lhe o perigo em que esteve de se mallograr toda a tentativa de resistencia, confessando: «o abatimento de espirito e de coração em que me trouxe a *fatal intermittença* de nossos negocios, que n'este instante pareceram mais que estacionar, quasi os vi desandar. Felizmente passou esse triste estado de calma pôdre — temos com certeza navios e dinheiro. Accrescentarei só que D. Pedro vac, sem duvida, á testa da expedição, e que por estes dias estamos a partir para a Terceira, d'onde apenas chegando elle deve sahir.» Para coadjuvar este acto decisivo, fundou o pequeno jornal *O Precursor*, dizendo no seu 1.º numero de 27 d'Outubro de 1831, que para a unidade da acção e de vontade só faltava um chefe. Porém a demora na organização da tentativa expedicionaria continuava, e Garrett sentia-se doente e falho mesmo do auxilio dos emprestimos de amigos; D. Pedro chegára a 12 de junho a Cherburgo, mas via-se sempre illaqueado pelas intrigas do governo inglez. Garrett, privado de todo o subsidio, deixou a Inglaterra, e em dezembro de 1831 apresentou-se em Paris, para ir incorporar-se na expedição á Ilha Terceira. D. Pedro, em 25 de Janeiro de 1832, dirige-se para Belle-Isle, d'onde afinal partiu a expedição para os Açores, em 10 de fevereiro. Garrett assentou praça em um ba-

talhão de caçadores, em que se achava tambem Alexandre Herculano, embarcando na corveta *Amelia*. No prologo do *Romanceiro* escrevia elle este traço autobiographico: «Nos fins de 1831 abandonei tudo o que eram cuidados de sciencia ou recreações litterarias, para me alistar no exercito da Rainha e embarcar para os Açores. Em janeiro de 1832 sahi de Paris com praça de simples soldado, e consegui por este modo tomar minha humilde parte n'aquella expedição, cujos avisados e cautelosos directores com tanto empenho afastavam toda a gente conhecida de verdadeira liberal, por todos os modos, modos que hão de parecer incriveis...» Durou dezeseite dias a tormentosa viagem, chegando á Terceira em fins de Março de 1832. Ahi dissolvido o batalhão em que se alistára, passou para o *Batalhão academico*. Durante dois mezes permaneceu Garrett em Angra; tendo-se transferido a séde da Regencia para a ilha de San Miguel, foi Garrett chamado para collaborar com os ministros nos decretos das reformas dictatoriaes que transformaram as instituições portuguezas, judiciaes, administrativas economicas e politicas; recebeu ordem de marcha em 7 de Maio de 1832. Foi um consiente collaborador do ministro Mousinho da Silveira, que exercia um grande ascendente no animo de D. Pedro iv. Sendo verdadeiramente um poder espiritual, com Mousinho da Silveira elle funda, pela lei dictatorial de 16 de Maio de 1832, o codigo de Administração civil portugueza, baseado sobre o espirito das doutrinas de Bonin, tendendo em excesso para o centralismo francez, pela necessidade de sua implantação na nova ordem de cousas. Collaborou tambem na redacção da Lei dos Foraes, e por portaria de 18 de Agosto de 1832 é nomeado membro da Comissão encarregada de redigir os Códigos Criminal e Commercial. Garrett tinha a consciencia da legislação que elaborava, quando dizia dos citados decretos de 16 de Maio, 30 de Julho e 13 de Agosto: «são o termo onde verdadeiramente acaba o velho Portugal e de d'onde começa o novo». Apesar de toda esta tão excepcional actividade scientifica, Garrett retomou o seu lugar de soldado, com arma e muchila ás costas no embarque da Expedição que se dirigiu a Portugal, — chegando ao fim de dez dias, em 7 de Julho de 1832 a avistar terra, e a fazer-se o desembarque no Mindello em 8, entrando no Porto o exercito libertador ao alvorecer do dia 9. Momentos de grandes emoções, que tempéram o espirito para a energia moral. No Porto occupava-se Garrett no seu mister de soldado, quando foi chamado para reorganisar a secretaria do mi-

nisterio do reino, cuja pasta estava confiada a Palmella, e o ex-imperador encarregou-o de formular o decreto reorganizando a ordem da Torre e Espada. No Porto, no meio das primeiras decepções do cerco, não deixou Garrett de alentar-se nas suas idealizações litterarias, lançando os primeiros contornos do romance *O Arco de Sant'Anna*, que em um dos seus manuscriptos apresenta a data do —Porto—Agosto de 1832.—Na dedicatória ao seu commandante Soares Luna, diz que o escrevêra por elle o ter dispensado, por vezes, do serviço da peça e do fusil. Dentro do cerco do Porto havia a lutar não só contra o exercito miguelista, mas contra as intrigas dos pedristas e dos que seguiam a causa da rainha, que se enfraqueciam. D. Pedro cuidou vêr a sua campanha perdida, chegando a embarçar materialmente que os seus generaes fizessem uma segunda *Belfastada*, como em 1828, expondo assim o Porto a uma tremenda carnificina abandonado ao inimigo. Foi esta ideia que deu firmeza á resolução de D. Pedro lutar até ao desespero; não fiando nos seus meios de resistencia, determinou pedir uma intervenção das potencias constitucionaes, e para isso, em Novembro de 1832 mandou Palmella em missão extraordinaria ás côrtes de Londres, Paris e Madrid para obter esse soccorro. Garrett foi escolhido para secretario d'essa missão, na qual Mousinho d'Albuquerque ia como adjunto e José Balbino tambem como secretario. O pedido da intervenção não chegou a fazer-se, porque a resistencia do Porto apresentou-se com um

aspecto surprehendente de heroismo; Palmella foi dispensado da missão, que se lhe deu por terminada, e Garrett viu-se repentinamente sem recursos em Londres, esquecido do governo, tendo de se dirigir para Paris na esperança de *viver com os parcos subsidios* que o governo francez concedia aos emigrados. Esta situação desesperada era-lhe preparada por Cândido José Xavier, resentido das queixas contra a sua direcção dos barracões de Plymouth. Vivendo com sua mulher, que trouxera de casa de uma tia Cromefort, na angustia de recursos em uma mansarda na Chaussée d'Antin, ahi se interessava ainda pelas letras portuguezas, perguntando para Altona noticias do achado das obras de Gil Vicente, e elaborando ainda o *Arco de Sant'Anna*, agora incitado pela leitura da *Notre Dame de Paris*, de Victor Hugo.

A causa liberal tendia para o triumpho, depois da expedição do Algarve, em 24 de Junho de 1833, e entrada do Duque da Terceira, em 24 de Julho, em Lisboa. Garrett resolveu vir apresentar-se ao serviço, pedindo uma miseravel quantia ao seu consul para a viagem. Ao chegar a Lisboa, em Outubro de 1833, foi-lhe communicada a baixa militar por ser nomeado para uma commissão civil. Nesta luta surda das mediocridades contra Garrett, elle presente que, com a implantação do regimen liberal, começa tambem para a sua vida uma epoca nova, epoca de luctas ainda maiores e mais angustiosas, mas em que o genio brilha em todos os seus aspectos como espirito constructivo.

### 3.ª EPOCA

Entrada na carreira diplomatica. Volta a Lisboa. Deputado ás Cortes constituintes. Litteratura. Opiniões. Impressão das Obras. Theatro—Conservatorio.—\* Entra na opposição de 1841. Mais outras varias... de 1847. Porque? *Comerage* litteraria.

As dissidencias que se manifestaram durante a emigração entre os publicistas doutrinarios, ao iniciarem-se as novas instituições mais se accentuaram na appareição de dois partidos inconciliaveis que se denominaram os *amigos de D. Pedro* e os *Exaltados*, a que correspondiam na gíria facciosas os *Pasteleiros* e os *Demagogos*, os *Devoristas* e os *Discolos*.

Estas duas designações significavam realidades inilludiveis, que tinham de ser conciliadas para que o novo regimen fundasse a prosperidade da nação depois da odiosa lucta fratricida; longe d'esse espirito concilia-

dor, actuou a violencia, a perfidia, o egoismo dynastico, e essas paixões dos dois bandos systematisaram-se em dois partidos politicos, em que Portugal se dividiu—os *Cartistas* e os *Septembristas*, que através de revoltas, conspirações, intervenções estrangeiras; fusões transitorias, ministerios de resistencia, ainda hoje subsistem sob o nome de *Regeneradores* e de *Progressistas*. Qual o pensamento que separava os dois partidos? De um lado os *amigos de D. Pedro*, queriam que as cousas se conservassem taes como em 1826, quando se effectuou a outorga da Carta, mantendo D. Pedro IV a regencia na menoridade da filha e na forma de dictadura militar, chamando ao poder sómente os homens da sua confiança pessoal, reservando

\* Garrett separa estes factos para uma Epoca isolada sendo aliás consequencia da anterior.



para elles os altos cargos publicos, e concedendo favores especiaes aos miguelistas para lhes minar a força moral. O epitheto sarcástico de *Pasteleiros* exprimia esta politica conservadora, em que figuram todos os palacianos e militares ávidos com burguezes e bachareis que exploram a situação. Do lado dos *Exaltados* estão alguns espiritos lucidos que reclamam que termine a odiosa dictadura militar, que a nação seja consultada em uma Constituinte, e que o Código politico derive da afirmação da *Soberania nacional*. Chamaram a isto doutrinarismo politico; mas a força d'esta corrente proveu da accumulção de arbitrariedades dos chamados amigos de D. Pedro.

A questão das indemnisações foi uma das mais violentas no parlamento, onde appareceu o extraordinario tribuno Manuel da Silva Passos, que se tornou o paladino do principio da *Soberania nacional*. E' entre estas duas correntes que se encontra Garrett em 1834; é na escolha do partido politico que está a revelação do seu character, e a razão de toda a sua vida activa e mental. Sem este aspecto, tão complexa individualidade é incomprehendida.

Garrett fôra nomeado em 2 de novembro de 1833, depois do regresso a Portugal, para trabalhar como secretario da reforma de Instrução publica. Ninguem como elle estava então habilitado para este problema pedagogico, como se vê pelo seu tratado de *Educação*. Conhecia os vicios da organização da Universidade de Coimbra, e a necessidade de implantar as instituições pedagogicas fundadas pela Convenção. Fez um plano de reforma integral, um traçado que não foi levado á pratica pelo fatal pretexto de não haver dinheiro, mas do qual foram a pouco e pouco tirados todos os elementos para ultteriores fundações em que o seu nome nunca mais fosse lembrado.

Ainda Garrett não tinha entregado á secretaria do reino os papeis da commissão pedagogica, e já o ministro Agostinho José Freire o obrigava a partir para o logar de Consul geral e encarregado dos negocios de Portugal na Belgica, para que fôra nomeado em 14 de fevereiro de 1834. Vê-se que da parte do governo dos *amigos de D. Pedro* havia vontade de afastal-o de Portugal, sabendo-se que elle não renegára a tradição vinlista e que a sua intelligencia daria força á corrente dos exaltados. Garrett partiu em junho d'esse anno, e o modo como elle se viu abandonado sem recursos na Belgica, para proceder ás installações indispensaveis do Consulado geral, revelam que o trataram como inimigo e com o intuito de o desgostarem da vida publica e de o exautorarem.

Garrett tudo soffreu, como se vê nos importantes officios dirigidos ao ministro dos estrangeiros, sem que fosse attendido; n'esses officios vê-se como elle informava sobre as instituições municipaes e administrativas da Belgica, um pequeno estado que bem podia servir de modelo para Portugal nas suas novas instituições parlamentares. Descobre os vestigios das antigas Feitorias portuguezas de Flandres, e observa no seu elevado criterio politico, que a Belgica em harmonia com a Inglaterra e França, pelas relações das tres familias reaes, e ambas essas potencias desligadas da Santa Alliança mantida só pelas potencias do norte, tornam aquelle centro uma verdadeira eschola diplomatica para os embaixadores portuguezes. A falta de importancia e desprezo a que o governo dos *pasteleiros* votou Garrett na côrte de Bruxellas, foi supprida pelas distincções pessoaes que lhe prestava Leopoldo e o seu primeiro ministro Muelenar, que reconheciam o seu fulgurante talento e saber, que o destacavam no corpo diplomatico. Garrett viu-se em apuros para pagar as despesas feitas com a passagem do principe Augusto Leuchtenberg por Bruxellas, quando veio para Portugal casar com D. Maria II; e apoz o falecimento quasi repentino do real esposo; maior apuro soffreu Garrett logo que se tratou do casamento de Fernando de Coburgo, que passou tambem pela côrte de seu tio o rei Leopoldo, sem que o encarregado de negocios de Portugal fosse informado d'estas combinações! Mas não param aqui estas affrontas; quando menos cuidava, apresenta-se-lhe um individuo para substituil-o sem credenciaes nem carta de *rappel*. Garrett fora prevenido por um seu amigo no ministerio, Jervis de Athouguia: que pelo casamento de D. Fernando de Coburgo, a embaixada de Bruxellas ia ser elevada na categoria e rendimentos.

Para estes benesses foi nomeado D. Luiz da Camara, sobrinho de D. Leonor da Camara, que dirigira a educação de D. Maria II; como é que Palmella, amigo pessoal de Garrett, e Rodrigo da Fonseca, seu intimo, permittiam este atropello á dignidade e direito do homem cujo talento admiravam! Attribuia-se o caso aos destempêros da politica; mas na *Vida do Duque de Palmella*, vem um bilhete de D. Maria II, mandando-lhe que seja despachado para a Belgica o D. Luiz da Camara, e que o Garrett vá... para outra parte. A rainha tinha então dezesseis annos, e fez o que quiz quem estava junto d'ella e a suggestionava. Assim D. Leonor da Camara pagava a homenagem que lhe prestára Garrett dedicando-lhe todas as Cartas do *Tratado de Educação*. Garrett só

poude sair de Bruxellas depois de lhe fornecerem os meios de pagar as dividas do Consulado geral, soffrendo ainda o vexame de uma penhora e execução judicial.

Para o compensarem da expoliação do cargo que creára, despacharam-no ministro plenipotenciario de Portugal na Dinamarca, de que não chegou a tomar posse, não tendo sido ouvido, e sendo demittido por necessidade de fazer economias em 9 de janeiro de 1836. Para adoçar este travo ultrajante, acenaram-lhe com a offerta do cargo de chefe da legação no Rio de Janeiro, mas Garrett excusou-se com o pretexto de que resolvêra retirar-se á vida privada, e entregar-se aos estudos litterarios regressando á patria, o que effectuou em junho de 1836. Eis o quadro da sua vida diplomatica; e esse espirito, que se não lamenta nem descorça, sente em si um poder que fará vergar deante da sua intelligencia os ministros e a propria rainha no desvaireamento das revoluções em que elle exercerá um poder organisador e constructivo.

Volta a Lisboa, deputado ás Côrtes constituintes, diz a alinea do elenco das épocas da sua vida. E' aqui que começa verdadeiramente um época fecunda em que exerce uma acção social decisiva, e em que o seu genio esthetico realisa as mais deslumbrantes creações. Nos dias tormentosos de Bruxellas, entregára-se á leitura das obras da Litteratura allemã, como elle confessa na autobiographia. Ahi reconheceu como os germenes tradicionaes se elaboram em creações individuaes exprimindo o sentimento da nacionalidade; mas d'entre esses escriptores, foi especialmente Goethe que lhe revelou, que acima do nacionalismo está o *universalismo*, em que a concepção philosophica dá ao escriptor e artista o conhecimento da generalidade do sentimento humano, que torna a obra de arte contemporanea de todas as épocas e civilisações. O iniciador do Romantismo nos poemas de *Camões* e *Dona Branca*, tinha agora vistas mais amplas que o levavam para a fundação do theatro portuguez.

A entrada na corrente politica serviu-lhe para dar realisacão aos seus planos de reforma litteraria. Regressando a Portugal em junho de 1836, logo em 2 de julho apparecia o primeiro numero do jornal *O Portuguez Constitucional*, em que elle fez a analyse do governo dos amigos de D. Pedro, e dos factos odiosos que motivaram os epithetos de *Devoristas*, *Chamorros* e *Pasteleiros*, porque eram conhecidos. Responderam lhe com calumnias, acoiando-o de vendido, de ter passado contrabando quando veio da Belgica, de se apresentar em Bruxellas como ti-

tular e ainda por cima de ter explorado a belleza da mulher. E' preciso ser mais do que heroe para resistir a esta luta, contra as armas da infamia. Calar-se é faltar á consciencia, escrevia elle, e continuou na brecha até ao momento em que rebentou a Revolução de 9 de Setembro de 1836, que estava nos espiritos como consequencia das torpezas do governo, mas que a influencia do jornal de Garrett foi como o rastilho explosivo. Se elle visasse á vingança, podia ter um legitimo regosijo. Garrett achou-se cooperando com os homens da Revolução de Setembro, de que era o chefe prestigioso Manuel da Silva Passos, que n'elle tinha uma confiança absoluta; pelo seu lado Garrett servindo-o desinteressadamente, elaborando-lhe os decretos de reformas fundamentaes, imprimia á Revolução a continuidade da tradição *vinhista* apenas interrompida pela reacção de 1823 pelo perjurio de D. João VI, e pela traição de D. Miguel em 1828 proclamando-se rei absoluto. A Revolução de Setembro reivindicava o principio da *Soberania nacional*, base de toda a politica séria e fundamento de todas as liberdades; os partidarios da *outorga* da Carta pozeram-se do lado do paço em favor do sophisma liberal, que acobertava com a apparencia da Carta o absolutismo da dynastia dos Braganças. Esta reacção do paço apoiava-se na intervenção diplomatica dos gabinetes de Inglaterra e da Belgica, que por influencia dos Coburgos, que estavam n'esses dois thronos, entendiam coadjuvar o sobrinho e primo Coburgo de Portugal, o joven D. Fernando, que tramava contra a nação com os agentes Goblet, Van der Weyer e lord Howard. Chegaram a fazer-se desembarques de força armada, a rainha D. Maria II chegou a escrever por sua mão um pedido de intervenção armada ás potencias, e os generaes ao serviço do paço, como o duque da Terceira e Saldanha, fizeram revoltas militares para restabelecerem a Carta, simples pretexto de mantêr o poder pessoal na monarchia. Contra todos estes crimes e indignidades que se chamaram a *Belemsada* e a *Revolta dos Marechaes*, manteve-se o ministerio septembrista com a comprehensão do seu dever, e foi o apoio da Guarda Nacional, que, embaraçando as traições palacianas, garantiu ao ministerio a acção para proceder a reformas fundamentaes. Antes de se reunirem as Côrtes Constituintes em 18 de janeiro de 1837, Garrett achou-se sempre junto de Passos Manuel e de Sá da Bandeira, redigindo-lhes as proclamações de que elles careciam, preparando-lhes os decretos com as reformas publicas, e sustentando na imprensa as doutrinas da soberania nacional. E ao passo que era encarregado do projecto

da reforma do Corpo diplomatico, e de uma Junta de Contabilidade, é por portaria de 28 de Setembro encarregado de formar um plano para a fundação e organização do Theatro nacional. No meio das terribes surpresas da *Belemsada*, Garrett elabora esse plano sobre a criação do Conservatorio da Arte dramatica, Inspecção geral dos Theatros, e construção de um Theatro normal em Lisboa, que entregou ao ministro em 12 de novembro de 1836, sendo referendado em 15 do mesmo mez. Foi esta a base de todo esse impulso dado á litteratura romantica, e em que Garrett actuou directamente pelas bellas composições, como *Um Auto de Gil Vicente*, o *Alfageme de Santarem*, o *Frei Luiz de Sousa*, a *Sobrinha do Marquez*, que elle compoz nas luctas violentas da Constituinte em 1838, nas repugnantes reacções cabralinas em 1841 a 44 e de 1846 e 47. A revolução de Setembro subsiste ainda hoje pelas reformas profundas que fez tambem na Instrução publica, e n'essa parte é patente que em grande parte o plano pedagogico de Garrett de 1834 foi realisado por outros iniciadores. O espirito revolucionario provinha do regimen pedagogico iniciado pela Convenção; Garrett o comprehendêra, e outros o seguiram depois pela força das circumstancias.

E' digno de consideração este phenomeno da relação entre as instituições politicas e as disciplinas pedagogicas; quando no seculo xiii as classes servas tornando-se proletariado, concorriam á participação civil, é quando se organizam as Universidades como forma de instrução secular; no seculo xvi alargam-se as disciplinas scientificas fóra do quadro das Universidades, correspondendo esse facto á liberdade de consciencia na Reforma, apparecendo através da reacção dos Jesuitas que se apoderam do ensino publico, o primeiro typo de uma instrução média ou secundaria; tambem a grande elaboração scientifica e dos progressos mathematicos, aperfeçoam os processos da methodologia, vindo a determinar, no anno III da Republica, uma nova reforma de Instrução publica decretada pela Convenção em 1794. Da *Eschola central de Trabalhos publicos*, que Monge, Bertholet e Fourcroy organisaram, proveu a *Eschola Polytechnica*, um novo typo pedagogico, em que se incluíram asscienças até então constituidas, e que hoje ainda prevalece em toda a Europa. Passos Manuel por decreto de 11 de Janeiro de 1837 funda em Lisboa a *Eschola Polytechnica*, com dez cadeiras para cinco cursos de quatro annos, no edificio do Collegio dos Nobres; e no Porto é tambem transformada em uma *Academia Polytechnica* a antiga Academia real de Marinha.

O espirito de especialidade prevalecia na organização pedagogica da Convenção, por falta de uma synthese objectiva que lhe imprimisse a hierarchia theorica; esta mesma corrente é a que em 1837 (e ainda hoje) prevalece em escholas especiaes como a *Eschola do Exercito*, a *Eschola Medico cirurgica*, a *Academia de Bellas Artes*, o *Conservatorio da Arte dramatica*, a *Eschola de Declamação*. O estudo das sciencias naturaes alargado pela Convenção determina essa reforma polytechnica na Universidade de Coimbra em 1837, extinguindo a faculdade de Canones, como o projectára Garrett, e creando as duas faculdades de Mathematica e Philosophia. Dos antigos Collegios que circumdavam a Universidade partiu-se para a fundação do ensino médio ou elemental creando os Lyceus nacionaes. Assim tinham procedido Laplace e Garat, substituindo os antigos Collegios em França pelas Escholas centraes, unindo o ensino das Lettras com o das Sciencias. O Collegio das Artes, de Coimbra, que fóra o reducto dos Jesuitas, por decreto de 5 de Dezembro de 1837 é convertido em Lyceu nacional, e este typo escholar é decretado para os principaes centros de Portugal, capitaes de districtos administrativos, por decreto de 17 de Novembro d'esse mesmo anno. Ainda o mesmo espirito da Convenção tambem se reflectia na Academia real das Sciencias de Lisboa, que se dividia como o Instituto Nacional de França, em tres classes: Sciencias Physicas e mathematicas — Moraes e Politicas — Litteratura e Bellas Artes. Collaborando activamente com a dictadura septembrista, Garrett creou o *Pantheon nacional*, decretado por Passos Manuel, que não pôde effectuar-se immediatamente, mas que as ideias e os costumes realisaram no monumento dos Jeronymos, para onde Garrett ao fim de cincoenta annos da sua morte foi levado em apothese. Pôde-se dizer que a Revolução de Setembro se deve essa revivescencia da Litteratura portugueza, em que a criação do Theatro como uma fórmula da opinião publica, se tornou nos esforços de Garrett uma missão nacional. E' no meio das fadigas parlamentares de 1837 e 38, em que elle é o *leader* da Constituinte, que organisa a Inspecção geral dos Theatros, e o Conservatorio, e compõe o primeiro drama que vae acordar a nossa tradição artistica apagada desde Gil Vicente. Herculano insurgia-se então contra o triumpho da revolução de Setembro, e escrevia o seu protesto, imitado das *Palavras de um Crente*, no seu opusculo da *Voç do Propheta*, verdadeiro libello contra estas afirmações da soberania nacional; por isso depressa foi Herculano empolgado

pelo Coburgo, que o fez seu bibliothecario. Deante da historia moderna de Portugal pôde-se concluir, que todo o desenvolvimento material e intellectual que se realisou depois da queda do Absolutismo, foi iniciado pela revolução de Setembro, desnaturando-se sempre a sua origem; e se algumas liberdades ainda existem, são os restos d'essa affirmação da soberania nacional. Garrett seguiu esse partido através de todas as reacções palacianas, e foi perseguido, calumniado, demittido dos seus empregos, hostilizado com lendas affrontosas ou ridiculas; mas seguiu impavido sustentando esse alto ideal, por forma que apparece como a verdadeira gloria de uma época, que se se reduzisse aos que brilharam nas cadeiras do poder, ou nos altos cargos do estado, seria uma gehe-na de odios, traições e egoismos em tripudio sobre uma patria desconhecida e explorada.

No seu interesse de acompanhar a Constituinte de 1837, Garrett regeita o lugar de Enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em Madrid, para que fôra nomeado em 9 de janeiro d'esse anno. Em todos os actos capitais da camara, como mensagens ao paiz ou á rainha, provocadas pelos acontecimentos, era sempre escolhido para lles dar forma escripta, sendo tambem o encarregado de redigir o projecto na nova Constituição votada em 1838, e igualmente nomeado por decreto de 3 de Agosto de 1838 para a reorganisação doCodigo Administrativo que elle redigira em 1832, e para a nova organização a dar á Guarda Nacional. Os seus numerosos discursos na Constituinte todos fôram importantes pela doutrina, sobretudo o que versava sobre o estabelecimento das duas camaras.

E' em 1838 que escreve e faz representar no theatro da rua dos Condes o drama historico *Um Auto de Gil Vicente*, a que primeiramente dera o titulo *A Côte de D. Manuel*. O pensamento d'esse drama estava ligado a situações da sua vida, quando pela primeira vez a noticia da descoberta da rarissima edição dos Autos de Gil Vicente fôra encontrada em Goettingue. Para fundar o Theatro nacional remontou-se á origem historica, e no vulto do seu creador encontrou bellos elementos para acordar o enthusiasmo pela sua restauração. Tomou como base historica o facto do casamento da Infanta D. Beatriz com o Duque de Saboya, e a intriga dos amores do poeta Bernardim Ribeiro, segundo as tradições que corriam; prendeu-se o desenvolvimento e desfecho do drama á situação de uma figura que no fim da peça de Gil Vicente vem metter no dedo da Infanta um anel de ventura. Bernardim Ribeiro aproveita-se da circumstan-

cia d'essa figura fallar com mascara, e em vez de dizer os versos de bom augurio exalta-se em uma improvisação apaixonada, que ia perturbando o festival. Garrett teve de ensaiar os actores e de supportar todas as contrariedades; o exito excedeu toda a expectativa, era uma revelação do passado que acordava a mais vehemente sympathia. Segundo o manuscrito autographo *Um Auto de Gil Vicente* foi começado em 11 de junho de 1838 e acabado em 11 de julho; durante esta elaboração intensa tratou de importantissimas questões na Constituinte. Nos seus prologos ha sempre uma parte autobiographica preciosa, e no que precede *Um Auto de Gil Vicente* descreve esse estado de espirito com que iniciou a phrase romantica do Theatro: «O que eu tinha no coração e na cabeça— a restauração do nosso Theatro, seu fundador Gil Vicente, seu primeiro protector el-rei Dom Manuel, aquella grande epoca, aquella grande gloria, de tudo isto se fez o drama.» Garrett conseguiu o que aspirava; *Um Auto de Gil Vicente* enthusiasmo o publico, que era um elemento restaurador como a obra do poeta, que sem esse enthusiasmo ficaria esteril. Cabe tambem a Garrett a gloria de ter introduzido na scena portugueza a eximia actriz Emilia das Neves, cuja estreia se fez n'esse primeiro drama romantico.

Contra a Constituição de 1838 já se conspirava descaradamente, e Garrett foi excluido da eleição de deputado, o que o levou com desgosto a demittir-se da commissão de reforma doCodigo Administrativo. Intrigaram-o com os burguezes do Porto, por onde elle tanto aspirava a ser eleito; de Angra do Heroismo lhe veio o mandato legislativo, por isso em pleno parlamento em 1839 proclamou a filha Terceira como a patria aonde desabrocharam os seus sentimentos. Foi na sessão de maio de 1839 que apresentou o seu projecto de Lei sobre propriedade litteraria, que Alexandre Herculano então approvou, para combatel-o em libello quando foi sancionado como lei em 1851, pois era essa lei contraria aos intuitos do Imperador do Brasil que o lisongeava. N'esta legislatura, em um discurso em resposta ao discurso da Corôa, fez o acerbo balanço dos actos da politica partidaria, cheio de pungentes ironias, que o tornaram celebre sob o titulo de *Discurso do Porto Pyreu*, proferido em 8 de fevereiro de 1839; logo a 25 de fevereiro foi o parlamento dissolvido. O odio da facção carlista era o reconhecimento de um poder. Garrett bem conhecia quem lhe suscitava as hostilidades; D. Fernando Coburgo, detestando o septembrismo, mantinha uma antipathica reserva contra o poeta, e a rainha pretextava a sua má vontade alludindo aos cos-

tumes de Garrett, sem critica para conhecer as calumnias da camarilha que a dirigia. Garrett foi generoso, como grande. Na festa organizada no Conservatorio para um anniversario na familia real, fez ensaiar por discipulos da Eschola de Declamação o drama *Amor e Patria*, que elaborou depois com o titulo de *D. Philippa de Vilhena*, sobre uma bella tradição que cerca de poesia o movimento revolucionario de 1640, quando Portugal recuperou a sua autonomia. N'esse bello quadro em que a orgulhosa fidalga D. Philippa de Vilhena arma cavalleiros seus filhos para irem lutar pela independencia da patria, toda essa emoção crescente que converge para o ultimo acto, finalisa pelo grito: *Viva a casa de Bragança*. Garrett bem podia dizer como Camões: «A's musas agradeça... o muito amor da Patria que as obriga... a dar-lhe nome e fama.» Garrett tinha sob a Revolução de 1640 o drama francez *Pinto*, de Lemercier, no gosto do seculo xviii; mas só lhe servia para achar o verdadeiro processo de tirar o movimento dramatico da tradição nacional, evitando o escholho da imitação. N'esta luctas parlamentares de 1839, Garrett organisou o plano para a publicação das suas Obras completas. No elenco d'essas obras, em que entra já *Um Auto de Gil Vicente*, faltam todas aquellas que depois de 1840 foram creadas em um periodo de fecundidade genial simultaneo das tremendas crises porque passou a nacionalidade na reacção violenta do Cartismo, que tomou o nome de *Cabralismo* pelos processos odiosos empregados por Costa Cabral feito ministro-instrumento da Rainha.

Em 9 de Junho de 1841 o ministerio reforcado com elementos cartistas, Costa Cabral que provocára a carnificina da Guarda nacional no Rocio em 1838, é o que vae ao Porto proclamar a restauração da Carta. Garrett no meio d'estas traições escrevia o *Alfageme de Santarem* ou a *Espada do Condestavel*, em 1841, em que representava a revolução popular que pela sua soberania collocára no throno o Mestre de Aviz. Parece entrevêr-se que o poeta por vezes visava Sá da Bandeira, um dos chefes do septembrismo, no typo do Condestavel Nun'Alvares; a força popular, contra a invasão estrangeira, que agora era a intervenção dos Coburgos de Inglaterra e da Belgica, acha-se alli como que vaticinando esses movimentos provinciales que se chamaram em 1846 da *Maria da Fonte*. Tambem n'este drama fundou Garrett a acção sobre a lenda maravilhosa da Espada temperada pelo armeiro de Santarem, referida na *Chronica do Condestavel*. O drama depois de ensaiado, e de pintadas as pittorescas vistas de Santarem, foi

embaraçado para não poder apparecer em scena, e quando já nenhum obice se lhe podia oppôr, prepararam os façanhudos cartistas uma cabala violenta para abafar o *Alfageme* sob uma estrondosa pateada. Garrett quizera conservar o anonymo, como se deprehende do Autographo que tem na primeira pagina: «Entregue ao Sr. Conde do Farrobo para o Theatro da Rua dos Condes pelo author, que por ora não deseja dar o seu nome a publico.» O drama foi representado com assombro, e o publico e cabala cartista foram todos empolgados pela emoção patriotica que lhes incitára essa evocação sublime, em que os versos em lingua portugueza, os proprios cantos populares, eram tratados com musica tambem nacional. Era assim que a nacionalidade revivescia. Os jornaes do tempo fallam das suspeitas de allusões politicas, que levaram os Cartistas no poder a prohibirem o *Alfageme de Santarem*, o que forçou Garrett a imprimil o immediatamente em livro. No elenco das épocas da sua vida, Garrett abre uma pela phrase: «Entra na opposição de 1841». São da legislatura d'este anno os discursos contra os augmentos de impostos, e contra o Salvaterio, ou as propostas de fazenda de um alcance mesquinho apresentadas por Antonio José de Avila. Para ferirem Garrett machinaram extinguir o Conservatorio da Arte dramatica, que o poeta defendeu com assombrosa altura no seu discurso contra a lei da Decima, em que Avila foi caricaturado com os traços com que em toda a sua vida ficou conhecido: o *parão*. Garrett tirára dos mediocres que o assaltavam estas vinganças immortaes, como fez tambem com o conselheiro Agostinho Albano da Silveira Pinto, que fizera no parlamento um banal discurso contra o Conservatorio, e que ficou encarnado no typo do orador Gileannes do *Arco de Sant'Anna*. O ministro vingou se, assignando Joaquim Antonio de Aguiar o decreto de 10 de Julho de 1841, demittindo Garrett de director do Conservatorio. Faz mais nojo do que assombro. As demissões continuaram, com outros decretos que o exoneram dos logares gratuitos de Inspector geral dos Theatros, da Direcção das Escholas de Declamação, e de Chronista-mór do Reino. Espanta a inconsciencia como estes homens ligam o seu nome a actos que serão de eterna vergonha, e dão prova da sua opacidade mental deante de um genio creator. O partido da Carta ou *devorista* servia o egoismo do paço; Costa Cabral, ministro da justiça, a pretexto de uma visita á familia, vae ao Porto, e, em 9 de Janeiro de 1842, por uma insurreição militar, faz a restauração da Carta outorgada,

dizendo em Lisboa que fôra forçado pela tropa; trabalhava de accôrdo com o Coburgo; a rainha fingiu-se coacta por ter feito juramento solemne da Constituição de 20 de Março de 1839, e fez o ministerio do entruído, para em 10 de Fevereiro adherir por decreto ao estabelecimento da Carta, com a condição capciosa ou arteira de ser reformada por uma camara eleita com poderes constituintes. O ministerio de 9 de fevereiro, em que entraram homens sinceros, vendo que em 24 d'esse mez Costa Cabral entrava como membro do gabinete, confirmaram a promessa da reforma da Carta no decreto de 5 de Março de 1842, mas havia um espirito de reacção que não deixava cumpri-lo. Em volta da reclamação do cumprimento do decreto de 10 de Fevereiro de 1842, é que se foram creando as fortes resistências, que explosiram pela revolta de Almeida em 1844 começada em Torres Novas, pela revolução do Minho de 1846, chamada da *Maria da Fonte*, e revolução da *Patulêa* contra a Emboscada de 6 de Outubro de 1847, esmagada pela intervenção armada de Inglaterra, Hespanha e França a pedido da propria rainha.

São estes os factos que explicam as palavras do elenco biographico de Garrett: «Entra na opposição de 1841. Mais outras varias... de 1847. Porquê?» pergunta elle proprio. Porque o homem que na litteratura trabalhava pela ressurreição e sentimento de nacionalidade, nos debates politicos sustentava com dignidade civica e consciencia philosophica o principio da Soberania nacional, como base de todos os poderes. E' isto o que se chama ser homem; e era a este homem que os vendidos ao egoismo dynastico arrojavam todas as calumnias para desprestigiá-lo e moralmente enfraquecel-o. N'este elenco biographico vem uma phrase que poucos terão comprehendido: «*Comerage litteraria.*» Que pequenas intrigas seriam estas que chegaram ao conhecimento de Garrett? D. Fernando Coburgo, como inimigo fidalgo do Septembrismo, e protector de Herculano, que desde a *Voç do Propheta* se confessára cartista e entrára para bibliothecario da Ajuda, tratava de offuscar Garrett, pondo em evidencia um émulo admirado nas Academias estrangeiras. Como allemão, o Coburgo procurou fazer a Herculano socio da Academia de Berlin, empregando para isso a sua influencia. Não o conseguiu; e mudou de rumo, empenhando-se com o Instituto de França; ahí foi facil, e de Portugal foram enviados os dados biographicos de Herculano em folhas lithographadas para serem distribuidas aos socios do Instituto; o auctor dos *Falsos D. Sebas-*

*tião* é que foi o encarregado d'essa distribuição. Tambem com a vinda do conde de Rackzynski a Portugal, D. Fernando felo admirar Herculano como um espirito de primeira ordem, e Rackzynski só conheceu Garrett por essas mesquinhas notas da Historia da Pintura, que acompanham o *Retrato de Venus*, obra da sua mocidade.

Intimos desgostos o torturaram n'este periodo das luctas da reacção cartista, como o falecimento de Adelaide Deville, que se lhe sacrificára, e que lhe deixára uma filha, a quem legalmente não podia reconhecer. E' n'esta angustia de espirito, que se aturde nas discussões parlamentares em 1843, pondo em relêvo a burla do systema da Carta baseado sobre sophismas liberaes, cobrindo um affrontoso poder pessoal; combatendo o *bill* para os actos dictatoriaes do governo, e protestando contra os esbanjamentos, respondeu-lhe por uma fôrma imprevista, envolvendo-o em um duello com um militar façanhudo, o major Joaquim Bento, que foi Barão do Rio Zezere, conhecido quando commandante da guarda municipal-pretoriana pelo *Barão do chicote*. Garrett saviu-se com nobreza d'esse encontro. Pela reclusão forçada de um mez a que o obrigou uma canellada, Garrett escreveu n'esse periodo o extraordinario drama *Frei Luiz de Sousa*.

Effectuou a primeira leitura a Alexandre Herculano em uma visita que este lhe fizera; leu o depois ao Conservatorio da Arte dramatica, em 6 de Maio, sendo representado por curiosos no Theatro particular da Quinta do Pinheiro em 4 de Julho de 1843. E' preciso notar o facto: que esta maravilha do Theatro moderno da Europa foi prohibida de se representar em publico pela Censura dramatica, que considerava o final do acto como o incendio do palacio de Manoel de Sousa como uma offensa para a Hespanha, e o painel da Senhora da Piedade que apparece em scena como um melindre para o Nuncio. Chegaram se a fazer estes côrtes, e, quando já o Theatro normal chamado de D. Maria II. estava prompto e a funcionar com representações de pifios dramas traduzidos, o drama *Frei Luiz de Sousa* continuava excluido d'aquella scena que fundára a energia de Garrett, e só em 1850 é que alli appareceu. Lê-se isto nos jornaes do tempo; a Censura estava confiada officialmente ao Marquez de Fronteira, que a entregou a um seu empregado Andrade. Com o drama *Frei Luiz de Sousa* deu-se uma circumstancia que origina as grandes obras de arte: assim como Goëthe se inspirou para a creação do *Fausto* no drama popular dos bonifrates (*Puppenspiel*), Garrett tambem recebeu a impressão generativa do *Frei*

*Luiz de Sousa*, em uma comedia do cordel de um theatro ambulante, em 1818, na Po-voa de Varzim.

Esse germen que ficou actuando no seu espirito, ampliou-se com maior importancia pela Memoria historica sobre Frei Luiz de Sousa pelo bispo de Viseu D. Francisco Alexandre Lobo, e pelas narrativas de Fr. Antonio da Encarnação. A tradição do regresso do Cavalheiro, que era já considerado morto e chegara de terra santa, é frequente nas lendas da Edad media; conta um caso analogo o Cavalheiro de Oliveira nas suas Cartas, e Balzac fez o romance do *Coronel Chabert*, tradição de um militar que ao fim de muitos annos é que regressou da campanha da Russia. O incendio que Manuel do Sousa Coutinho ateia no seu palacio de Almada quando sabe que os Governadores do Reino vão alli refugiar-se da peste que grassa em Lisboa, acha-se tambem em uma tradição hespanhola, em que o Conde de Benavente incendeia o seu palacio quando Carlos v o manda sair d'elle para ser entregue ao Duque de Bourbon. Já depois de Garrett ter escripto o *Frei Luiz de Sousa* é que o duque de Rivas, um dos iniciadores do Romantismo em Hespanha, escreveu o romance um *Castelhano leal*. São estas fortes raizes tradicionaes que vivificam a poesia das supremas obras de arte. Esse espirito de *esperança invencível*, que caracteriza a nossa raça, Garrett deu-lhe fôrma artistica na tradição *sebastianista*, representada em Telmo Paes; as situações reaes levam-o á sublimidade shakespeareana, e a uma verdade e naturalidade incontestaveis.

Garrett estava na floração plena do seu genio. Faltava-lhe em roda o apoio, que não podia encontrar em uma sociedade perturbada pelos conflictos dynasticos; combatendo o governo cabralista, que pedia ao parlamento auctorisação ou concessão de poderes extraordinarios, Garrett viu se ameaçado com o carcere (as *presangas* de 1844) e teve de refugiar-se em casa do embaixador brasileiro, onde esteve algumas semanas escondido até terminar esse terror cabralista. Neste anno de 1844 Edgar Quinet passava por Portugal e observava este medonho contraste de uma Nação que resurgia, e que procurava reanimar-se com as suas tradições, com uma viçosa litteratura, e por outro lado uma monarchia peizando com o seu egoismo dynastico para comprimir e extinguir todas as manifestações da liberdade. N'esse opusculo *A Santa Alliança em Portugal*, representa Garrett como um dos extraordinarios espiritos que trabalham para este renascimento de uma nacionalidade, e a rainha D. Maria II, como uma entidade

posthuma em um throno que só pretende imperar sobre uma nação morta tambem. E depois d'esta condemnação por Edgar Quinet, ainda se desceu mais baixo, quando essa rainha em 1847 pediu ás armas estrangeiras que lhe sustentassem o throno, e que assim o fizeram pela violencia degradante.

Costa Cabral pôde restaurar a Carta outorgada nas provincias, apoiando se no elemento militar; em Lisboa, extinta a Guarda nacional, contava com o paço, que faria um ministerio da facção. E como a Constituição de 1838 se conservasse ainda em Lisboa pelo ministerio formado de puros cartistas, foi rapidamente substituido por outros chefes cartistas, que, pondo em vigor a Constituição de 1826, pelo decreto de 10 de Fevereiro de 1842, n'elle introduziram a clausula da convocação de uma camara com poderes constituintes para procederem á *reforma da Carta*. Foi um raio que feriu a facção palaciana, de que Costa Cabral era o agente. Reconhecer a necessidade da *reforma da Carta* era transigir em parte com os Setembristas; era uma ponte para a conciliação dos elementos liberaes, que depois do decreto de 10 de Fevereiro de 1842 se manifestou em 1845 na Coalhição de vultos cartistas importantes com os principaes chefes setembristas, e por fim n'esse pacto de 1851 da Regeneração.

Garrett apparece em todos estes movimentos de luta e de protesto, por que elle confiava nos bons resultados do decreto de 10 de Fevereiro, nunca levado á pratica. Os seus sentimentos ácerca da restauração da Carta communicou-os em carta de 5 de Março de 1842 a Silva Abreu: «Mais uma palavra de politica e acabou-se. Folgo com a Carta; creio que me crê: não folgo no modo como se restituiu, nem com o uso que d'ella se faz. Sou portanto da opposição, mas ao ministerio.» E em carta de 12 de Abril de 1842, ao mesmo Silva Abreu: «Desagrada-me o estado das cousas e a tendencia dos homens. Sou *pasteleiro* pelo coração e pela cabeça; sentimento, reflexão me fazem de-sejar e crêr que não seja nacional nem fixo todo o governo exclusivo e intolerante. E então n'este Portugalsinho tão pequeno, do qual todo junto ainda custa a espremer gente para uma só governança: que fará para tantas andanças exclusivas quantas exige o exclusivo e brutal ciúme dos partidos? Eu queria e quero a Carta para que ella fosse, ou seja reagente contra estas immoraes amalgamações de *cotteries*. Mas parece que vamos ainda peor. Portugal não é dos Setembristas nem dos Cartistas, é dos portuguezes; e eu não posso adherir a nenhum partido que se queira fazer Carta privilegia-

da e declarar caipóras ou párias aos outros: é contra a minha religião política; seria desmentir os meus princípios, tantas vezes e tão sollemnemente professados; renegar da minha fé, cuspir na minha honra. Tive-me á barba com os heroes de Setembro, luctei com elles por este principio — dizem que não sem gloria — como hei-de eu querer quinhoar a responsabilidade moral com est'ou-tros? — De todos sou amigo, de nenhum tenho queixas: quizeram obsequiar-me; e peza-me por alguns d'elles, e mais que tudo pela bandeira que alçaram, não poder estar n'aquellas fileiras. Não posso. — Sustente-se a Carta; mas seja bandeira de paz e de união e de nacionalidade — não vexilo de discordias, balsão de despiques, — banderola de vingancinhas de bairro e bairristas. » Era por estes sentimentos justos, que uns o consideraram versátil, enquanto a facção cabralista e palaciana o perseguiram embaraçando-lhe a entrada no parlamento, e tentando mesmo prendê-lo. Eleito deputado pela Extremadura em 1842, ao tomar assento na camara, em 22 de Agosto combate a interferencia do governo nas eleições; em proseguimento da legislatura em 1843 sustentou uma poderosa opposição contra as burlas introduzidas no systema constitucional. E' n'este periodo agitado por conspirações, revoltas e formação de Juntas revolucionarias, que cria as suas mais bellas obras, como o *Frei Luiz de Sousa*, de 1843, o *Arco de Sant'Anna*, e as *Viagens na minha Terra*, de 1845, e a *Sobrinha do Marquez*, representada em 1848. Como nas violentas crises da emigração, Garrett volta-se outra vez para a poesia popular, e imprime em 1843 o primeiro volume do *Cancioneiro e Romanceiro portuguez*; era um refugio de espirito, por que essa tradição lhe fortificava o sentimento da nacionalidade abalada pela derrocada da politica e dos caracteres. Nos themas narrativos dos romances presentia uma unidade da tradição occidental, que não podia demonstrar, como o confessa; affirmar, sem conhecer as ideias de Jacob Grimm, a verdade da tradição do povo; entrevê as relações dos romances portuguezes com os da Andaluzia; determina um elemento social no *Malado* (da época gothico arabe) em que se formou a classe popular, e chega á clara comprehensão das formas generativas da Canção do povo, narrativa, cantada e dansada, definidas nas designações de *Romance*, *Salao* e *Xacára*. Seguiu o processo defeituoso dos colleccionadores inglezes, que retocavam as tradições populares, como em França Villemarqué em 1839 fez aos Cantos populares da Bretanha. Penitencio-me por tel o accusado da falta de criterio historico e philoso-

phico para saber respeitar na sua integridade estas venerandas reliquias da tradição de um povo.

Tudo n'esses documentos inconscientes encerra um testemunho sincero do passado; os Romances portuguezes estão cheios de symbolos germanicos, que se encontram executados nos actos da vida real expressos no direito consuetudinario das *Cartas de Foral*; isso leva á conclusão, que a mesma classe social que formulou essas garantias juridicas do estatuto territorial, reflecte nos seus cantares os costumes de independencia em que se fundaria a sociedade moderna. Essa classe em que predomina o elemento germanico, como lucidamente analysou Muñoz y Romero — é o *Mosarabe*, isto é, aquella parte dos invasores germanicos que seguiam a condição de Colonato, e como homens-livres não pertenciam á banda guerreira, os quaes deante da invasão dos Arabes accetaram o novo dominio, que, pela sua tolerancia politica e religiosa, lhes permitia o culto, o trabalho, a propriedade, emfim todas as suas tradições.

Garrett consultava sobre o sentido social do *Malado* a Herculano, que trabalhando então na sua *Historia de Portugal* ahi estudava a constituição da classe mosarabe. Pela vivacidade da tradição poetica em certas provincias de Portugal, notou Garrett pertencerem a um fundo ethnico mais intenso, como o confessava ácerca da Beira Baixa, d'onde lhe vinham as lições mais completas e originaes do seu *Romanceiro*. Garrett foi auxiliado n'esta colleccionação dos Cantos populares por amigos que contribuíram com as riquezas das suas provincias, como o Dr. Emygdio Costa em relação ao Alemtejo, Dr. Nunes de Carvalho á Extremadura, Silva Abreu e Gomes Monteiro ao Minho, Castilho, Pichon, e uma dama lisbonense em relação a Lisboa. Este trabalho longe de Portugal exerceu logo uma influencia directa, começando Amador de los Rios a colligir os Cantos populares das Asturias, e enetando os criticos os estudos comparativos dos cantos europeus com os portuguezes. Foi ainda em um abalo violento da politica portugueza que conduziu á fusão forçada de Cartistas e Septentrionistas em 1851, na Regeneração, que Garrett volve outra vez á tradição popular e realisa o plano do *Romanceiro*, então publicado em tres volumes. Parece que essa decadencia nacional que predomina nos caracteres da pedantocracia liberal, se resentiu no sentimento da tradição; depois de Garrett, só em 1863 é que se reconheceram esses abandonados estudos, e se tornou a acordar o interesse pela poesia popular portugueza am-



pliada depois nas investigações de Folk-Lore.

A Camara eleita em 1842, na sua opposição contra o governo cabralista, sentiu-se reforçada pelos cartistas mais considerados como o Duque de Palmella e José da Silva Carvalho, e outros; é por isso que ella na sua minoria insistiu para que se determinasse o anno em que terminaram as suas funcções legislativas. D'essa fixação dependia o saber-se quando haveria novas eleições, na esperança dos amplos poderes para a *reforma da Carta*, promettida no decreto de 10 de Fevereiro de 1842. A maioria cabralista votou, que a sessão de 1845 seria a ultima da legislatura. Tudo se preparou para essa violenta pugna; os Septembristas colligados com os Cartistas puros prepararam-se para a lucta eleitoral, que foi memoravel, como a mais disputada em todo o decurso da historia do regimen parlamentar em Portugal.

Depois da mallograda revolta de Torres Novas em 1844, que terminou refugiando-se as tropas insurrectas na praça de Almeida, diversas guerrilhas capitaneadas por um esquadrao de lanceiros são dispersadas, emigrando os officiaes para Hespanha. Foi n'este momento, que se manifestaram alguns homens de estado reconhecidos cartistas, representando contra o governo cabralista em 18 de Março de 1844. N'esta corrente de protesto organisou-se em Lisboa um baile por subscrição em favor dos officiaes emigrados; convidou-se a insigne cantora Rossi Caccia, do theatro de S. Carlos, para ir cantar, e Garrett compoz a bella Ode *Os Exilados*, que lhe foi dedicada, e se distribuiu em folha avulsa. Era tambem uma manifestação contra o facciosismo politico dominante. Este facto teve consequencias decisivas sobre a vida de Garrett; a necessidade da sua presença n'este baile publico forçou-o a interromper o lucto de alma em que ficára depois da morte de Adelaide Deville. N'esse baile encontrou a mulher deslumbrante, que primava pela sua belleza sedutora na alta sociedade lisbonense; falaram das relações dos Clubs revolucionarios hespanhoes com a opposição portugueza, e como em Madrid eram tratados com sympathia os emigrados a favor de quem se dava o baile. Entenderam-se no mesmo interesse politico, comprehendiram-se, e Garrett, que exercia um enorme poder de atracção pelo seu genio, pela palavra dominante, elle é que foi o seduzido, o deslumbrado por essa luz. Nasceu a paixão que inspirou esse lyrismo ardente e inimitavel das *Folhas caídas*, verdadeiras pela realidade da emoção, e pelo titulo, porque publicadas em 1853, pouco tempo depois passava-se o facto do seu falecimento.

Em Lisboa, uma reunião preparatoria eleitoral constituiu a Commissão suprema, de que ficaram presidentes Sá da Bandeira e Manuel Passos, os dois prestigiosos chefes septembristas; com elles, Mousinho da Albuquerque, que referendara o Decreto de 10 de Fevereiro de 1842, assignou com esses dois o Manifesto de 15 de Março de 1845, que em harmonia com o discurso de Passos Manuel em 18 de Outubro de 1844, era o programma do futuro parlamento e governo. Procurava-se agremiar o elemento contribuinte como corpo eleitoral; era um processo verdadeiramente democratico. A' assembléa geral da commissão eleitoral do reino, em que se encontravam os ministros cartistas Mousinho de Albuquerque, Joaquim Antonio de Magalhães e Joaquim Antonio de Aguiar, pertenceu tambem João Baptista Leitão de Almeida Garrett. Pelo seu lado, Costa Cabral tratava de enfraquecer a Coallissão excluindo do voto aquelles de que mais se temia; assim foram eliminados varios pares do reino do recenseamento, como o marquez de Niza, o visconde de Fonte Arcada, e magistrados como Felgueiras, juiz do Supremo Tribunal de Justiça, e Garrett, juiz do Tribunal commercial de segunda instancia. Todas as tricas hoje normalmente usadas pelos governos nas eleições, foram extraordinariamente exploradas por Costa Cabral. Depois das estupendas violencias de 1845, vinha a revolução popular, prevista por Manuel Passos; começou no Minho, propagou-se a Traz-os-Montes, e estendeu-se á Beira. No Manifesto da Junta de Santarem, assignado por Manuel Passos, lê-se: «A' bella provincia do Minho, á princeza das nossas provincias, coube a honra immortal de ser a primeira que arvorou o estandarte da patria com incrivel constancia; mas a nós, habitantes do districto de Santarem, caberá a gloria de sermos os primeiros a entrar na capital do reino, ajudando a liberta-a dos seus cruentos oppressores.»

As *Viagens na minha terra*, são de 1845, descrevem uma excursão de Garrett a Santarem; é bello esse estylo animado e digressivo, quasi conversado, em que reproduz Garrett as paizagens ribatejanas e o sentimento do viver portuguez, revivescendo o seu passado. Mas no fundo de todo aquelle quadro, o que é o seu espirito intimo e implicito sentido é a romagem ao patriarcha do septembrismo, a Passos Manoel, que dirigia de Alpiarça, onde residia, os planos da Coallissão.

Já em 1846, quando Palmella estava no poder, depois da queda de Costa Cabral, era Garret enviado a conferencias particula-

res a Santarem. Nas iniciaes das *Viagens na minha terra* designam-se nomes de varios septembristas que entraram na Coallisação.

Diante do movimento crescente da Revolução de 1846, ou *Maria da Fonte*, o duque da Terceira declarou á rainha que se achava sem força sufficiente para debellar a revolta, deixando o poder; foi assim que um chefe carlista resignou o poder determinando a queda de Costa Cabral. Deputados e pares entregaram uma mensagem a D. Maria II; lêem-se estas palavras, que alludem ás promessas do decreto de 10 de fevereiro de 1842: «hoje esperançados nas *promessas feitas do alto do throno*, elles sinceramente desejam vêr restituida a ordem regular e normal do estado. Mas a tyrannia, Senhora, foi tão longa, tão cruel, tão systematica; foram tão illudidas todas as promessas, tão sophismados todos os principios, tão escarnecidas todas as leis, que o povo não pôde ser criminado se ainda cheio de anciedade e de duvidas reclama efficazes e seguras garantias do que em justiça lhe é devido. . . » Assim esta mensagem o marquez de Loulé, Joaquim Antonio de Aguiar, e entre os demais carlistas o septembrista João Baptista de Almeida Garrett, com certeza o redactor da mensagem.

No novo ministerio, sob a presidencia de Palmella, e em que entraram Mousinho de Albuquerque, Sá da Bandeira, Joaquim Antonio de Aguiar e outros individuos que representavam a sinceridade da Coallisação, decretou-se a lei eleitoral de 27 de julho de 1846, elaborada pela commissão de que Garrett era membro. Quando as cousas se encaminhavam para o estabelecimento de uma politica normal, D. Maria II era envolvida nas intrigas de Coburgo seu marido e de Dietz o preceptor d'elle, e inesperadamente deu um golpe de estado chamado — *emboscada de 6 de Outubro*, demittindo Palmella (dizia-se que de combinação tacita) e lançou-se de novo na aventura do Cabralismo, entrando Saldanha, esse Dom João VII, como lhe chamavam no paço, para presidente de conselho. A noticia foi transmitida de Villa Franca para o Porto, e o valente tribuno José Passos, que fôra arrastado e espancado na restauração da Carta em 1842, insurreccionou a guarnição da guarda municipal, e obteve a adhesão de artilheria 3 e infantaria 6. O duque da Terceira enviado ao Porto para abafar o movimento, é preso pelos revolucionarios, e estabelece-se o governo da Junta, presidida pelo conde das Antas.

Numerosas Juntas se estabeleceram por todo o paiz, e já em outubro de 1846 intentava Saldanha pedir a intervenção armada

da Quadrupla Alliança. As forças da Junta, commandadas pelo conde das Antas, fôram batidas em Torres Vedras, e alli na acção de 22 de dezembro morreu contuso por uma bala fria Mousinho de Albuquerque. Este successo influíu para que o governo inglez satisfizesse os continuados pedidos de D. Maria II para a *intervenção estrangeira*. Diante d'esta traição, verberada no parlamento inglez, observou-se que por menos tinha sido posto fóra do throno Carlos X, e por menos foram depostos Luiz Filippe e Izabel II, productos d'essa simulação liberal, que D. Maria II nem mesmo comprehendia. Nos documentos diplomaticos do Livro Azul e nos discursos dos dois parlamentos inglezes, é que se vê esse assombroso sudario de misérias, em que o governo inglez, associando á infamia da *intervenção armada* a Hespanha e a acquiescencia da França, matou a liberdade em Portugal, entregando a nação calçada e humilhada aos desvarios de D. Maria II.

E' certo que por ordem do governo inglez foi mandado sahir de Portugal o conselheiro de D. Fernando, Dietz; mas era recebido intimamente pelo Coburgo de Londres, como não tendo acabado ainda a sua missão. N'este anno calamitoso de 1847 não teve Garrett a fecundidade para idealisações artisticas; a comedia *A Sobrinha do Marquez* baseava-se sobre o fim de uma epoca, succedendo-lhe um retrocesso, em que ao governo de Pombal succedia a ignobil *viradeira*. N'essa bella comedia encontra-se um prologo ironico em que descreve o fidalgo de fresca data, como que alludindo a Costa Cabral feito conde pelos seus serviços ao egoismo dynastico. Representada a *Sobrinha do Marquez* em 1848, no theatro de D. Maria II, a facção cabralista que trabalhava para a reconducção do seu idolo, fez que a representação cahisse ante uma glacial indifferença, glorificando com estrondosos e delirantes applausos a *Afilhada do Barão*, comedia de Mendes Leal, jornalista e empregado administrativo do cabralismo.

A data de 1847 — da odiosa *intervenção armada*, deixou Garrett em um certo desalento moral; a paixão amorosa que lhe illuminara a imaginação absorveu lhe o sentimento e envolveu-o n'essas tempestades intimas. Tinha ella vinte e oito annos e o poeta quarenta e seis quando começaram a amar-se violentamente; em 1849 já tudo estava acabado, indo Garrett refugiar-se algumas semanas no eremiterio da Ajuda, em casa de Alexandre Herculano. Procurou no trabalho a anesthesia do soffrimento moral, e ahi n'esse remanso da casa do historiador, escreveu o segundo volume do *Arco de*

*Sant'Anna*. Mas as cousas politicas de novo se embrulharam, e a esse retiro ia Saldanha a conferenciar sobre a situação. Saldanha na sua proverbial inconsistencia moral teve a singular iniciativa de indicar a D. Maria II, que chamasse ao poder o Conde de Thomar, o que se realisou immediatamente. Custa a crer a obcecção da mulher, e a hallucinação do egoismo, que abria em 1849 uma nova campanha de resistencia depois da turbulenta Convenção de Gramido que forçou 14:000 homens a deporem as armas deante de uma força hespanhola, que para isso o governo

inglez fez avançar sobre Portugal. Garrett continúa na sua lucta, publicando em 1850 o Protesto contra a chamada *Lei das rolhas*, publica o segundo volume do *Arco de Sant'Anna* e refugia-se no estudo e publicação do *Romanceiro* em 1851. O pensamento de conciliação dos partidos deante do crime de lesa-patria tornou-se uma realidade, e elle assiste a essa genese de Regeneração. É uma época nova, não que signifique um inicio, mas a phase final de um regimen de transição que só se mantém á custa da degradação dos caracteres.

## 4.<sup>a</sup> EPOCA

Regeneração. — Chamado aos negocios publicos

Quando Garrett confortando-se no estudo da poesia tradicional publicava em 1843 o seu primeiro tomo do *Romanceiro*, no momento da reacção cabralista ser exclusiva no governo, escrevia em 12 de agosto d'esse anno: «Pelos tempos em que vivemos, tam baralhado anda tudo, que até a *historia litteraria e poetica se confundem com a dos successos e relações politicas*. O que nos conflictos da Carta outorgada lhe parecia uma confusão, é hoje a luz para conhecermos os impulsos que suscitaram as suas creações litterarias. Trabalhando pelo renascimento da nacionalidade, pela fundação de instituições livres, e acordando o sentimento de patria, pela idealisação das suas tradições, Garrett só pode ser comprehendido na sua vida e na obra dentro do quadro d'essas luctas entre o absolutismo mascarado pela hypocrisia liberal da dynastia e o principio da Soterania da nação.

A época ultima da sua vida é caracterisada pelo facto politico da Regeneração. Esta palavra veiu da tradiçã vintista, mas foram-lhe apagando o seu sentido historico, para vir a designar o partido do paço. Desde a imposição do regimen cabralista de 1842 a 1846, muitos cartistas sinceros foram forçados a opporem-se a essa corrente de desvario da rainha, representando respeitosamente uns, outros aproximando-se dos septembristas, pelo amor á sua patria. Em quanto surgiam as revoluções pela provincia contra o ministro favorito, a rainha, vendo-se forçada a demittir-o em 1846, em 1847, provocando pela emboscada as resistencias que lhe abalaram o throno, recorreu á intervenção das potencias da Quadrupla Alliança, faltando ainda mais outra vez ao seu com-

promisso; porque dando a Costa Cabral o titulo de Conde de Thomar, fazia-o em 1849 seu primeiro ministro. Para este acto tão provocador foi ella aconselhada pelo Marechal Saldanha, a quem confiara o governo depois da emboscada de 6 de outubro, e cooperara no plano da intervenção armada estrangeira. Este regresso ao cabralismo tinha de ser supportado pela nação manietada pela Quadrupla Alliança; no emtanto os sinceros cartistas consideraram, que o regimen da Carta outorgada servia, para acobertar o despotismo da facção palaciana, e reconheceram a necessidade de se unificarem todos os liberaes deante do interesse e dignidade da patria commum. Garrett trabalhara sempre n'este pensamento, e os historiadores radicaes accusam-o por isso, de versatil. Mas para que essa unificação se effectuasse era necessario contar com o exercito, que o Conde de Thomar trazia sempre bem pago e em dia. Um despeito trouxe o ensejo favoravel.

Saldanha, que aconselhara D. Maria II a chamar o conde de Thomar ao poder em 1849, insurge-se contra elle em 1851, uns dizem, por D. Maria II não lhe admitir que atacasse o seu governo na camara dos pares, porque não admittia tal atrevimento aos seus creados; outros, porque as medidas financeiras e fiscaes do conde de Thomar desagradavam á Inglaterra. É certo que sendo Saldanha Mordomo mór foi pela rainha demittido d'esse logar.

Esta circumstancia motivou a sua sahida de Cintra, indo fazer a sublevação dos batalhões 1 e 5 de Caçadores; mas os demais corpos do exercito ficaram hesitantes, e Saldanha achando-se sem o apoio com que

contava pelo seu excepcional prestigio refugiou-se em Hespanha.

N'esta situação de homem perdido, é que os liberaes, sob a pressão cabralina, viram n'elle um excellento elemento de resistencia, e José Estevam, o eloquente septembrista, escreveu-lhe a chamal-o para o movimento revolucionario. O modo entusiastico com que Saldanha entrou no Porto, bastava para se inferir que a nação via n'elle agora um salvador; a entrada em Coimbra e o delirio da Academia deram ainda mais força a esta corrente já agora invencivel. Saldanha já como dictador officiou do Porto em 29 de abril de 1851 a todos os governadores civis, explicando em circular este movimento que chamava de *Regeneração*, pretextando «consolidar o throno da rainha, e as liberdades consignadas na Carta constitucional, com as reformas que a experiencia tem mostrado necessarias.» E tudo isto era *«a fim de que as mesmas liberdades não possam ser sophismadas como até agora á sombra da mesma Carta.»*

Eis a liquidação do systema constitucional authenticada pelo homem que mais actuara no seu exercicio. Homens como Herculano, que era sincero artista, trabalharam para a *Regeneração*, em que figuravam Garrett e José Estevam. Herculano, despeitado por não ser ministro d'esta nova era liberal, abandonou a politica; Garrett foi chamado ao poder, em 4 de março de 1852, como ministro dos negocios estrangeiros. Garrett era um trabalhador desinteressado; em março de 1851 fôra encarregado por parte do governo de Portugal para tratar da convenção litteraria com a França, e os seus conhecimentos especiaes o levaram á pasta dos negocios estrangeiros, para se fazer o tratado de propriedade litteraria com a França. Herculano, que acceitára o projecto primitivo de Garrett, agora no seu despeito, combateu-o acremente, a ponto de melindrar o seu admirado amigo. Garrett foi tambem encarregado de redigir a reforma da Carta, que recebeu o nome de Acto adicional, porque um documento authenticico não se altera, additam-se-lhe os esclarecimentos ou ampliações de que carece. O Acto adicional realisava em grande parte a promessa do decreto de 10 de fevereiro de 1842, sempre illudido nos conflictos cartistas.

N'esse mesmo anno de 1851, foi ainda Garrett encarregado de collaborar na reforma da Academia Real das Sciencias, fazendo os seus novos Estatutos; e a Garrett se deve o ter regressado Castilho á Academia, d'onde tinha sido expulso, bem como Herculano, que se retirára com despeito desgosto. O Conselho Ultramarino, de que elle

era vogal, foi creado por indicação sua; e servindo o seu intuito de conciliação liberal fundou o jornal a *Regeneração*, que redigiu até julho de 1852. Um homem d'estes era necessario n'um parlamento; foi nomeado par do reino em 13 de janeiro de 1852, tendo no mez anterior feito na camara dos deputados o projecto de resposta ao discurso da corôa. Logo no começo da *Regeneração* recebeu Garrett o titulo de Visconde, por decreto de 25 de junho de 1851; Garrett, que tanto apodára os titulares no *Arco de Sant'Anna* e nas *Viagens da minha terra*, em 1845, porque acceitaria essa distincção que o amesquinhava?

Tinha um pensamento, que tornava esse acto um sacrificio altruista; tinha uma filha, sem nome, e a quem queria salvaguardar o futuro, imprimindo-lhe distincção com esse titulo. Mais tarde a filha, resentida do seu nascimento, não quiz o titulo nobiliarchico, e viveu confinada em uma voluntaria obscuridade domestica. Servindo com fervor a *Regeneração*, fôra em 11 de junho de 1851 encarregado de conferenciar com o Internuncio apostolico sobre negociações com a Santa Sé, e em 28 do mesmo mez nomeado membro da Commissão encarregada de *propôr as reformas* necessarias na reorganisação dos differentes ramos de serviço publico; e em 22 de setembro nomeado vogal do Conselho Ultramarino, onde advogou a causa da libertação dos escravos nas possessões de Africa. A sua chamada ao ministerio em 4 de março de 1852, não era para satisfazer um prurido de vaidade, como se vê n'esses litteratos que escalaram o poder, na evulção da pedantocracia liberal. Garrett assignalou a sua passagem na governação, creando o correio diario entre Portugal e Hespanha, a convenção sanitaria com a França, a convenção postal com a Belgica, e a solução do conflicto Armstrong com os Estados Unidos, e na administração interna a criação da Mala-posta.

Foi rapida a sua passagem no poder, pedindo a demissão em 17 de agosto de 1852. O motivo foi uma deslealdade dos collegas; auctorizado por elles a negociar o tratado de propriedade litteraria com o ministro da republica franceza e a assignal-o, entenderam os collegas que não foram consultados para a assignatura definitiva do tratado! E o que revela a perfidia, é que Jervis de Athougua, ao referendar o tratado, não alterou uma virgula do que negociára Garrett. Elle não se deu por despeitado da politica; no anno de 1853 refugiou-se nas suas predilecções litterarias, publicando a refundição da *Lyrical de João Minimo*, e esse ardente livro das *Folhas cahidas*, que produziu uma sur-

preza e extraordinário encanto, e trabalhava no seu romance *Helena*, que deixou incompleto. Fallou na camara dos pares em 21 de janeiro de 1854 sobre a reforma administrativa, em 10 de fevereiro, combatendo os erros da administração, e em 4 de março atacava o governo, porque a *Regeneração* tendia á preponderancia do elemento cartista sobre o setembrista. A larga agitação da sua vida, contrariedades dos mediocres, calumnias, decepções, causaram-lhe perturbações que já desde a Belgica em 1835 se foram aggravando: uma lesão hepatica o fez soffrer todo o anno de 1854, expirando em 9 de dezembro. A sua morte causou uma impressão geral. Latino Coelho, escrevendo sobre este acontecimento, achou uma phrase de um alcance profundo: «A morte de Garrett é o fim de uma época.» De facto, a época que terminava com elle era o regimen constitucional na sua ultima tentativa de sinceridade politica. Desde então o *Derorismo*

acobertou-se com a fórmula de melhoramentos materiaes, e a Nação foi successivamente expoliada dos seus direitos.

A decadencia a que se chegou começou pelos caracteres, exercendo-se em toda a ordem de actividade politica ou economica, artistica e litteraria um processo de *desnacionalisação*, que nos tirou todas as energias, todas as resistencias e iniciativas. E' então que a Obra de Garrett brilha como um foco intenso de sentimento nacional. Póde-se dizer com verdade; assim como Camões manteve com os *Lusiadas* o fogo sagrado da independencia de Portugal sob a dominação castelhana, a obra de Garrett é uma energia que impede a decomposição da nacionalidade portugueza sob o regimen politico que a degrada. Uma mesma missão irmana os dois genios, como representantes e palladios de um povo.

THEOPHILO BRAGA.



# AUTO-BIOGRAPHIA

(Publicada no tomo III do *Universo Pittoresco* em 1843)

O sr. João Baptista (da Silva Leitão) de Almeida Garrett, deputado da nação portugueza, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, ex-chronistamór do reino, bacharel formado em leis pela Universidade de Coimbra, cavalleiro da antiga e muito nobre Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Merito, commendador da Ordem de Christo, e official da de Leopoldo na Belgica, juiz do Tribunal Superior de Commercio, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade, ex-Inspector geral dos theatros, socio de varias Academias nacionaes e estrangeiras, nasceu na cidade do Porto a 4 de fevereiro de 1802. Seu pae, Antonio Bernardo da Silva Garrett, fidalgo cavalleiro da casa real, sellador-mór da alfandega d'aquella cidade, era natural dos Açores, e descendente de uma nobre familia irlandeza, que emigrára por motivos de religião para Hespanha, e d'alli viera a Portugal no séquito da rainha D. Marianna, mulher d'el-rei D. José; foi casado no Porto com D. Anna Augusta de Almeida Leitão, filha de José Bento Leitão, deputado da Junta da Companhia da agricultura e commercio dos vinhos do Alto Douro, e um d'aquelles poderosos negociantes que a politica do marquez de Pombal obrigou a vir do Brasil estabelecer-se na sua patria.

Ricos de todas as virtudes religiosas e civis, e moderadamente abastados dos bens da fortuna, deram estes a seus filhos, que foram cinco, uma educação liberal e completa. Comuado, o talento precoce de seu filho João fez com que fossem mais desvelados os cuidados que de sua cultura se tomaram.

Já lhe era familiar a lingua franceza, que sua mãe falava perfeitamente, e a castelhana, que seu pae cultivou quasi como propria; e começava a traduzir com facilidade os primeiros auctores latinos, quando a tomada do

Porto pelos francezes em 1809 obrigou o seu pae a retirar-se para Lisboa, e d'alli para a ilha Terceira, onde tinha a melhor parte de sua casa. Não tardou a ir juntar-se áquella familia exemplar, e geralmente estimada, o respeitavel bispo resignatario de Malaca, D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia, irmão mais velho de seu pae, homem já então adeantado em annos, mas ainda verde de forças e com entendimento vigoroso, que se esclarecia de immensa e variada instrucção. Tomou logo o veneravel prelado grande predilecção por este sobrinho, e começou de dirigir a sua educação, iniciando-o em todos os mysterios da litteratura e das sciencias.<sup>1</sup> Perfeito no latim, forte nos elementos da arithmetica e da geometria, principiou a estudar ao mesmo tempo (aos doze annos de idade) a lingua grega, a rhetorica e a poetica. Aos treze para os quatorze estava versado em quasi todos os auctores classicos da antiguidade, em os nossos melhores escriptores e em muitos dos francezes, italianos e castelhanos. Do inglez foi senhor mais tarde; e do allemão só bastantes annos depois foi sabedor; mas já n'esta idade tinha lido nas traduções francezas as obras de Locke e de Newton, e ousava arrojarse ás difficuldades de Leibnitz, e de Kant, ao mesmo passo que Homero e Camões, Horacio e Racine, faziam as delicias das suas horas de recreio.

Vagando por este tempo o bispado de Angra, foi n'elle provido D. Fr. Alexandre, que levava tanto em gosto que o sobrinho abraçasse o estado ecclesiastico, que lhe alcançou um dos beneficios da Ordem de Christo, em que devia professar, e para o que tomou ordens menores. Entrando, porém, no anno de 1816, e aos 14 para 15 de idade, para a Universidade de Coimbra, renunciou *in to-*

<sup>1</sup> Vide introdução da *Merope*.

tum ao beneficio, e começou n'esse mesmo anno o curso juridico com grande reputação de estudo e talento.

Julgando-se offendido por lhe não darem o premio n'aquelle anno, <sup>1</sup> no seguinte foi, por despique, matricular-se no 1.º anno do curso mathematico e philosophico. Porém, ordens positivas de seu pae o fizeram voltar ao 2.º anno juridico, apesar da repugnancia com que foi obrigado a quebrar seus protestos de abandonar a faculdade por quem se julgava aggravado.

Havia bons quatro ou cinco annos que o nosso estudante fazia versos e prosas; mas, ou por zelo de seus novos estudos, ou por acanhamento, guardava com muito segredo esses fructos de seu talento, até que, no 3.º ou 4.º anno da Universidade, alguns amigos mais particulares, e depois toda a academia, vieram emfim a descobrir o arcano. Um epicedio ou Elegia á morte do dr. Fortuna, lente muito popular entre os estudantes, foi a primeira composição sua, que geralmente foi conhecida e lhe grangeou o titulo de poeta: nome tam ambicionado ainda n'aquelles tempos e edades! Depois, em 1818, appareceu a tragedia *Xerxes*, de que o proprio auctor nos dá noticia no já citado prologo da sua *Merope*, e da qual apenas sabemos que foi representada com applauso em um theatro particular de estudantes na Universidade. No seguinte anno, e pelo mesmo modo, appareceu a *Lucrecia*, outra tragedia de que vimos alguns fragmentos, com versos muito sonoros e cheios de energia, mas que nos pareceram mais heroicos que dramaticos.

N'esse mesmo anno começou o nosso joven auctor a *Merope*, que ultimamente appareceu impressa no 3.º vol. das suas Obras completas, e que, segundo as suas proprias expressões, é um mero reflexo de Maffei e de Alfieri.

Veiu o anno de 1820, e com elle a memoravel Revolução de 24 de agosto. A palavra *liberdade* retiniu no coração do moço escriptor; e a sua primeira composição, em que se mostram já traços de um estylo proprio, assente e original, cheio de força, naturalidade e convicção (que são os caracteres distinctivos do estylo do sr. Garrett), foi uma especie de Ode, ou discurso em verso, recitado na sala dos capellos da Universidade, nos fins do anno de 1820, por occasião de alli se celebrarem os acontecimentos politicos da época.

Desde esse momento o poeta entrou na questão politica; o cultor apaixonado das letras e das artes lançou-se na carreira publica, tomando parte activa nas coisas do

Estado, que nunca mais largou. Fiel á causa da liberdade, tem na seguido em todas as suas fortunas, escrevendo por ella no gabinete, orando na tribuna, padecendo nos carceres, gemendo em voluntario exilio, pelejando, mas cantando-a sempre em seus versos.

Já por aquella epoca estava composto o celebre poemeto o *Retrato de Venus*, que tanta bulha fez depois; mas sómente foi impresso no seguinte anno de 1821. Alguns versos mais livres e algumas phrases tocadas do philosophismo, que n'esse tempo era tam moda, trouxeram sobre o primeiro opusculo do joven escriptor uma perseguição quasi ridicula, se se attender á venialidade da offensa e, ainda mais, á curta idade do offensor. Instituiu-se, porém, um processo regular: foi accusado em Coimbra perante o jury; e julgada materia a processo, o indiciado réo, que já então concluiu a sua formatura e se achava em Lisboa, para aqui avocou a causa, que defendeu pessoalmente perante o tribunal. Foi o primeiro e mais solemne acto do jury para a liberdade da imprensa na capital. Juntou-se uma concorrencia immensa: e o poeta artista, que tanto se elevára para cantar a sublimidade dos pinceis de Raphael e do cinzel de Miguel Angelo, soube remontar-se como orador da mais alta esphera, talvez: o seu estylo, a sua voz, o seu gesto, a facilidade e poder da sua joven eloquencia, deixaram nos animos de todo o auditorio uma impressão profundissima.

Houve n'esta sessão uma anecdota digna da historia. O immortal Correia da Serra, o amigo de Lafayette, de Gregoire, e de quantos havia de illustrações liberaes e litterarias no mundo; o bom velho Correia da Serra, dizemos, então de volta ao seu paiz, onde veio morrer, estava sentado no banco dos jurados: a gravidade da sua situação não o podia conter de applaudir o poeta orador, de sorte que, apenas este tinha acabado de falar, rompe o veneravel ancão toda a solemnidade do acto, desce da bancada, e vem aos abraços ao que ainda era réo e a quem alli, em pleno tribunal, beijou e abençoou como esperanza da honra e gloria da tribuna portugueza. Vivem ainda muitas testemunhas d'este facto.

Foi absolvido completamente o poeta e o poema.

Não podemos analisar aqui uma composição, posto que verde, animada, contudo, de um grande talento, e abraçando em seu objecto quanto as artes têm de mais sublime e a poesia de mais elevado.

Notaremos, porém, que desde seus primeiros annos e ensaios o joven poeta mos-

<sup>1</sup> Vide prologo da *Merope*.



trava a tendencia para reunir o profundo espiritalismo do pensamento com a expressão das formas plasticas; união que o famoso Goethe (a quem o nosso auctor seguramente não conhecia então) proclamava como a perfeição da poesia, e que hoje é o cunho mais especial e brilhante das composições do auctor de *Camões*, de *D. Branca*, de *Gil Vicente*, de *Alfageme* e de *Fr. Luiz de Sousa*.

Havendo se formado em leis em 1822, e não podendo seguir, como desejava, a carreira da magistratura judiciaria, por não ter a idade (25 annos) que a lei das côrtes exigia, entrou para a secretaria de Estado, emquanto não era empregado na diplomacia, como lhe prometteram alguns dos ministros, seus amigos pessoas. Estabeleceu-se em Lisboa; mas nem as suas novas obrigações, nem as distracções da capital poderam impedir-o de se occupar de litteratura. Emprehendendo alguns amigos seus representar em um theatro de sociedade, encarregou-se o sr. Garrett de fazer uma tragedia. Começou um a compôr e os outros a ensaiar acto por acto; <sup>1</sup> e sahio o *Catóo*, já quatro vezes impresso, duas em Lisboa, uma em Londres e outra no Rio de Janeiro: tam popular se fez logo, e assim tem permanecido, esta composição, que foi, como depois verémos, a precursora da regeneração do nosso theatro.

Entrado no serviço publico, como acima dissémos, foi nomeado official ordinario da secretaria d'Estado dos negocios do reino, e chefe da repartição de Instrucção publica, que pela primeira vez teve em Portugal um centro de direcção e inspecção especial. Na pratica dos negocios, e no trabalho assiduo de tam importante repartição, foi amadurecendo com a experiencia um talento naturalmente elevado, e que, aliás, correria o perigo de se desmandar pelas bellezas chimericas do ideal, que fascina, e muitas vezes torna para sempre inuteis os mais subidos engenhos. Estas circumstancias, juntas a suas maneiras polidas e a um verdadeiro enthusiasmo pela causa da liberdade, grangearam-lhe a estima e consideração dos mais distinctos caracteres da época.

No fim do anno de 1822 faleceu Fernandes Thomaz, perda que todos os liberaes lamentaram como uma verdadeira calamidade publica; e certamente o era. A Sociedade Patriótica, em que então se achava alistado tudo quanto havia de notavel e distincto no partido constitucional, resolveu fazer uma sessão solemne em honra do falecido: e o Elogio funebre foi encarregado ao sr. Gar-

rett. O talento natural de orador, que já tinha mostrado na celebre sessão do jury, aqui se desenvolveu por outro modo e em mui diverso genero de eloquencia. Um immenso e escolhido auditorio applaudiu com lagrimas: foi um triumpho verdadeiramente popular.

Entretanto avisinhou-se o termo do curto periodo constitucional: muitos dos partidarios d'este systema, não querendo transigir com a nova ordem de coisas, foram procurar a paizes estrangeiros a liberdade para suas opiniões, que em Portugal fôra banida. D'este numero foi o nosso joven litterato, que, no proprio dia em que el-rei D. João vi sahio para Villa Franca, abandonou o seu emprego e pouco depois a patria, partindo para Inglaterra.

Chegou a Londres pelo meio do verão do anno de 1823: e o desejo de profundar o estudo da lingua, das leis e da litteratura ingleza, o levaram a viver no campo. No bello condado de Warwick residio até quasi ao fim do inverno seguinte, estudando e escrevendo. <sup>1</sup> Sabemos, pelo ouvir da propria bocca do auctor, que n'este pacifico retiro começou a delinear e a colligir os materiaes de duas notaveis obras, que talvez seriam, se chegasse a acabalas, os seus mais distinctos titulos litterarios. Uma d'ellas já em parte é conhecida pela publicação do 1.º tomo (que veio a imprimir-se em Londres em 1829) do *Tratado da Educação*. A outra era um poema de um genero caprichoso entre o *Orlando* de Ariosto e o *D. João* de lord Byron; e o seu titulo e accção principal era o *Magrigo e os doze de Inglaterra*; mas, excentrico e indeterminado na sua esphera, abraçava todas as coisas antigas e modernas, e ora philosophava austeramente sobre os desvarios d'este mundo, ora se ria com elles; umas vezes se remontava ás mais sublimas regiões da poesia do coração ou do espirito; outras descia a seus mais humildes valles a colher uma flor singela, a apanhar talvez ás bordas do ribeiro a pedrinha, que só era curiosa ou extravagante. Este poema, de que por intervallos sabemos que o auctor se andou occupando até ao anno de 1832 (nove annos da sua vida), em que tinha consignado as impressões de suas variadas viagens, e que era, finalmente, uma rica e immensa collecção de variadissimos estylos poeticos, veio a perecer, com muitos outros trabalhos litterarios e scientificos do auctor, na entrada da barra do Porto, com a perda de um navio, que no fim d'esse anno (1832) vinha das Açores, e ahi metteram a pique as baterias inimigas. Grandes fragmentos

<sup>1</sup> Vide prologo do *Catóo*.

<sup>1</sup> Vide prologo do *Camões*, edição de 1839.

d'aquelle poema foram vistos por muitas pessoas, de quem houvemos estas informações. E' uma verdadeira perda para a litteratura portugueza, que dos vinte e tantos cantos, que já estavam compostos e que levavam o heroe até ás portas da estacada de Smithfield em Londres (onde se pretende que fôra o combate dos Doze), é pena, dizemos, que não possa salvar alguns a reminiscencia do auctor. Mas temos-lhe ouvido protestar, que nunca mais poderia achar-se nas diversas disposições de animo em que estivera ao compôr aquelles variados Cantos. Lamentamos que assim seja.

Chegada, porém, a primavera do anno de 1824, extinctos os tenues recursos com que até alli fôra vivendo, e não lhe soffrendo o animo estar a depender da generosidade de amigos, posto que muitos achou, e mui valiosos, n'aquella terra hospitaleira, diligenciou procurar trabalho que, ainda que mais repugnante aos seus habitos e inclinações, lhe segurasse, comtudo, honesto meio de viver independente. Um bom e verdadeiro amigo, o sr. Freire Marreco de Londres, lhe alcançou emprego em França, na celebre casa de Laffitte, para onde partiu logo a occupar-se da vasta correspondencia portugueza e brasileira d'aquella casa.

Estabeleceu-se no Havre em uma pequena casa fóra da cidade, e alli passou, dando os dias ao seu trabalho de escriptorio e as noites ás suas recreações litterarias, até quasi ao fim do anno seguinte, sem que a presumpção de cavalheiro ou a vaidade de homem de letras o fizessem descontente com tamanha mudança de fortuna.

Foi aqui, junto ás margens do Sena e n'este humilde retiro, que compôz o poema *D. Branca* e a maior parte do *Camões*, ambos os quaes se imprimiram pouco depois em Paris; e aqui principiou tambem a bellissima tragedia *O Infante Santo*, que veio a completar-se no anno de 1827 em Lisboa, mas não chegou a imprimir-se e foi perecer, como o *Magriço*, nas aguas do Douro.

Do *Camões* não precisamos dizer coisa alguma: todo o Portugal o conhece. A primeira edição de Paris extinguiu-se n'esse mesmo anno. No Brasil fizeram-se edições subrepticias d'elle. A novissima edição de Lisboa de 1839, tambem logo desapareceu.<sup>1</sup>

Varios jornaes litterarios, assim portuguezes como estrangeiros, têm examinado esta obra; e nós para elles remettemos os leitores. Mr. Kinsey no *Portugal Illustrado*, Southey e varios outros inglezes, francezes,

allemaes e castelhanos lhe têm feito os maiores elogios.

Este poema, e mais ainda talvez o de *D. Branca*, proclamaram e começaram a nossa regeneração litteraria; nacionalisaram e popularisaram a poesia, que antes d'elles era, quasi se pôde dizer, sómente grega, romana, franceza, ou italiana, tudo menos portugueza; e encaminharam os nossos auctores a

Vestigia graeca desiderare...  
Et celebrare domestica facta:

(Horat.)

Da sua publicação data e procede tudo quanto hoje se está fazendo para illustrar a nossa historia, os nossos usos, as coisas da nossa terra. Não nos julgamos habilitados nem competentes para qualificar o merito litterario d'estas duas composições; mas, não receiamos dizer com affeição que ellas prestaram aquelle grande serviço.

*D. Branca* foi publicada com este titulo — *Romance — obra posthuma de F. E.* Muitos leitores superficiaes a tiveram por obra de Filinto Elysio, nome poetico do P.<sup>o</sup> Francisco Manuel do Nascimento, a que aquellas iniciaes correspondiam. E', comtudo, visivel que foi um innocente disfarce do auctor, talvez para lançar poeira nos olhos aos dignos representantes de *Fr. Soeiro* e de *Mestre Gilraiz*, para que lhe não perseguissem a *D. Branca*, como já lhe tinham perseguido o *Retrato de Vénus*.

Veiu o anno de 1826, notavel pelo falecimento de dois principes, que nas duas extremidades da Europa abalararam o mundo, quando cahiram no jazigo de seus antepassados: ambos imperadores, um, que havia exercido o maior e mais forte poder na terra, era o imperador Alexandre: o outro, a quem deram esse titulo quasi por escarneio nos ultimos e impotentes dias da sua vida, era D. João vi. A importante crise europeia, que estes dois successos visivelmente traziam, deu thema ao sr. Garrett para o seu primeiro escripto politico de verdadeira transcendencia, em que apparecem claramente a cabeça do homem de estado e a penna do publicista. Imprimiu-se com o titulo de *Europa e America* em um jornal, que então se publicava em Londres, denominado o *Popular*. Depois refundiu-a o auctor nos primeiros capitulos da sua obra — *Portugal na balança da Europa*, impressa em Londres em 1830.

Emprehendendo Mr. Aillaud, livreiro em Paris, publicar uma chrestomachia dos nossos melhores poetas, foi o sr. Garrett en-

<sup>1</sup> Os srs. Bertrand estão fazendo outra edição actualmente na Imprensa Nacional de Lisboa.

carregado de a dirigir, e para ella escreveu aquella breve, concisa, mas profundamente pensada memoria, que vem no 1.º volume da referida collecção, a que deram o titulo de *Parnaso lusitano*. A memoria é um bosquejo da historia da nossa litteratura, e principalmente da nossa poesia; rapido, desenhado a grandes traços, mas verdadeiros e naturaes, e animados pelo colorido de um estylo fluido e elegante. Talvez seja deficiente na parte que respeita ás origens primitivas da lingua e da poesia popular: porém, o auctor não tinha, nem podia ter n'aquella idade, em paiz estrangeiro, sem livros nem auxilios alguns, os meios necessarios para preencher as faltas que alli se acham: comtudo, desde o seculo xvi o quadro é completo e perfeito, apesar de suas estreitas dimensões.

No prologo da *Adoinda*, impressa em Londres em 1828, protestou o sr. Garrett contra os defeitos d'aquella collecção, em cujos cinco volumes declarou que não vinha a ter mais parte que essa bella memoria de que falámos, porque outras mãos lhe alteraram e destruíram tudo o que elle tinha feito. E é certo que ainda não estava impresso o 1.º tomo do *Parnaso lusitano*, quando chegou á Europa a Carta constitucional do sr. D. Pedro iv, que libertou o partido liberal e restituiu á patria os foragidos. N'este numero, e dos primeiros, voltou, já amadurecido pela experiencia, pelo estudo e pela infelicidade, que é grande mestra, o nosso joven poeta, que agora se ia dar todo aos mais sérios e menos agradaveis cuidados das coisas publicas.

Empreheendeu, apenas chegado a Portugal, a publicação de um jornal, que, se não foi o melhor, foi seguramente o mais popular que se tem escripto entre nós: o *Portuguez* obteve logo duas mil e tantas assignaturas, e era citado como a mais importante auctoridade constitucional no paiz.

O *Chronista*, semanario de litteratura e politica, que pouco depois appareceu á luz, tambem foi principalmente redigido pela infatigavel penna do nosso auctor.

A *Carta de guia para Eleitores*, opusculo publicado por occasião das eleições, cheio de moderação, gravidade e prudencia politica, foi outro escripto que lhe grangeou muita reputação n'aquella epoca.

Não era de esperar que tão poderoso antagonista do absolutismo deixasse de ser alvo do odio d'esse partido, que exerceu sua vingança, já por meio de violentas diatribes, dirigidas pelos principaes escriptores realistas, já por meio de rigorosas perseguições. Depois de jazer tres mezes em um carcere, foi restituído á liberdade, para o que concorre

ram não pouco os srs. ex-ministro Guerreiro e desembargador Palha, segundo temos ouvido da propria bocca do sr. Garrett.

Após estes successos vieram outros de maior transcendencia: os sabidos acontecimentos de fevereiro de 1828, transtornando a ordem de coisas estabelecidas, constrangeram a uma nova expatriação muitos dos parciaes da liberdade portugueza. O sr. Garrett foi dos primeiros que sahiram a foz do Tejo em demanda de Londres, onde chegou ao tempo que o sr. duque de Palmella acabava de partir para a cidade do Porto na mallograda expedição do Belfast. Dispunha-se logo para ir em auxilio de seus correligionarios politicos, mas a rapidez dos successos, fazendo abafar promptamente o grito de liberdade levantado no Porto, dispensou esta viagem.

É geralmente sabido como logo se formaram na emigração diversos partidos, que encarnadamente se gladiaram e que tristemente fizeram gemer as impressas da Inglaterra, da França e da Belgica. O sr. Garrett soube conservar-se alheio a esses odios, que dividiam seus compatriotas. Chamado pelo sr. duque de Palmella a trabalhar na embaixada de Londres, onde serviu muito tempo, voltava nas horas de seu descanso á cultura das letras e aos trabalhos de arte e de sciencia.

Nos fins d'esse anno de 1828 appareceu a *Adoinda*, romance poetico de summa novidade e originalidade, e que é talvez a coisa mais extremadamente portugueza, isto é, toda e em tudo nossa, que desde os *Luziadas* até agora se tem composto. Pela primeira vez um litterato nosso fez caso e deu importancia aos romances e xácaras populares, chamando a attenção de nacionaes e estrangeiros para este interessante objecto. Parte d'esse volume foi logo traduzido em inglez, e festejado como uma descoberta.<sup>1</sup>

No anno de 1829 imprimiu, em Londres tambem, a engraçada collecção de poemetos avulsos, que tem por titulo — *Lyrice de João Mínimo*, designação phantastica, que tomou, para prender essa publicação a uma especie de introduccão aventureira e romanesca, que faz lembrar as de — Jededias Cheishbotam — em sir Walter Scott.

Mil.º Pauline Flauguergues traduziu em francez algumas peças d'esta collecção, que publicou no seu elegante livrinho intitulado — *Au bord du Tage*, Paris 1841.

N'esse mesmo anno de 1829 appareceu o 1.º volume do *Tratado de Educação*. Esta obra, filha de longos estudos e profundas

<sup>1</sup> Vide *Romanceiro e Cancioneiro Geral*, Lisboa 1843; *Foreign Quarterly Review*, 1832.

meditações, escripta em um estylo que todos admiram, devia constar de tres volumes. Sabemos que estavam escriptos os outros dois, e que egualmente se afundaram no Douro na occasião do cerco. Sabemos tambem que o auctor tem reproduzido o seu trabalho perdido, refundindo-o por novo methodo e forma, e que virá a ficar obra muito mais perfeita do que nos promette esse mesmo primeiro volume, apesar de suas conhecidas excellencias.

A primeira victoria dos constitucionaes depois dos successos de 1828, a acção da Villa da Praia, foi celebrada por uma canção que o sr. Garrett publicou tambem n'esse mesmo anno em Londres, e que no parecer de alguns é a sua melhor composição poetica. Tem por titulo — *A Lealdade em triumpho, ou a Victoria da Terceira*.

O anno seguinte foi talvez mais produtivo ainda para a litteratura nacional. O *Cató*, essa juvenil composição do nosso auctor, merecia ser reconsiderada em annos mais maduros, e quando já as inspirações do poeta estivessem esclarecidas pela experiencia do homem e do cidadão. Felizmente assim o entendeu o sr. Garrett, recompondo e corrigindo de novo por tal modo a sua obra, que, na edição que d'ella deu n'este anno de 1830 em Londres, publicou o mais completo e mais perfeito poema dramatico da lingua portugueza. A severidade do assumpto, a solemnidade do estylo, a grandeza das paixões e dos affectos não têm, talvez, modelo em outra lingua senão fôr em Alfieri; todavia, é mui differente nos modos e caracter geral de poesia.

Chegava ao seu meio este memoravel anno de 1830, quando a crise do mez de julho veio abalar povos e individuos. Não houve animo liberal que se não exaltasse com o prospecto de esperanças que lhe abria a revolução de França n'aquelle mez. A moderação, contumdo, a prudencia, a generosidade, eram a ordem do dia do partido popular, que por toda a parte parecia triumphante. N'este espirito está escripto um notavel livro, que então publicou o nosso auctor, e a que já alludimos, no qual a politica e a historia reciprocamente se illustram e se complementam: o *Portugal na balança da Europa*, impresso em Londres por este tempo, é uma obra que, se fôra escripta em outra lingua mais vulgar e conhecida no mundo, teria dado brado n'elle, e bastaria para fazer a reputação de um escriptor.

Os acontecimentos, que trouxeram á Europa o immortal duque de Bragança, mudaram inteiramente a sorte dos emigrados portuguezes. Este principe resolveu ir pôr-se á frente dos defensores da Terceira e dar

comêço á restauração da liberdade em Portugal. Em fevereiro de 1832 partiu de Belle-Isle a expedição destinada a tão alta empreza. O sr. Garrett embarcou na corveta *Juno*, com praça em um batalhão de caçadores, e, depois de uma longa e tormentosa passagem, desembarcou com o seu batalhão na Terceira em fins de março d'aquelle anno.

Dissolvido o batalhão em que se alistára, passou para o Corpo academico, em que permaneceu até ao fim da campanha. Enquanto o Regente se conservou na Terceira, trabalhou elle constantemente no gabinete do sr. José Xavier Mousinho da Silveira, então ministro de estado.

Voltando por meio de tão extraordinarias circumstancias ao seio de sua familia, de que estava separado havia dez annos, mal pôde gozar o socego e doçura da casa paterna. No fim de dois mezes, achando-se o governo na ilha de S. Miguel, foi alli chamado o sr. Garrett para trabalhar na confecção de algumas medidas legislativas; e alli compillou e redigiu o Decreto de 16 de maio, que, apesar de suas grandes imperfeições, é talvez a lei organica administrativa menos incompleta que temos.

Concluidos aquelles trabalhos voltou ao seu Corpo academico, com o qual, e como simples soldado, embarcou para Portugal, sendo constrangido a deixar em S. Miguel os seus papeis, fructo de estudos e vigílias de muitos annos, pois que lhe não permittiram levar mais que o bernal e mochila de soldado. Em ultimo resultado todo esse seu querido peculio foi, como já dissémos, para o fundo do mar, no inverno seguinte, junto da foz do Douro.

As praias do Mindello viram desembarcar, de espingarda ao hombro e de mochila ás costas, o auctor de tantas obras já conhecidas no mundo litterario; viram-no participar da pequena ração de bacalhau e bolacha, que se distribuiu pela tarde aos soldados: e seus companheiros de armas o viram alegre, e cheio de esperanças, a marchar a pé toda a noite, e até ás 3 horas do dia seguinte, em que entrou no Porto a guarda da rectaguarda do exercito, que fôra confiada ao Corpo academico.

Poucos dias depois da sua chegada áquella cidade, foi encarregado de organizar a secretaria d'estado do reino, que dirigiu muito tempo. Estava esta repartição, e a dos negocios estrangeiros, em que tambem muitas vezes trabalhôu, collocada na propria casa em que residia o Imperador, a quem por essa occasião tratou de perto, recebendo d'elle muitas provas de consideração e estima. Pessoalmente lhe encarregou aquelle

príncipe a reorganisação da Ordem da Torre Espada; trabalho que muito agradou ao Imperador, principalmente o preambulo do alvará, que realmente é obra de primor.

Nos fins de setembro d'esse anno quiz o governo enviar ás ilhas o sr. Garrett com uma commissão; porém, não chegou a partir, pois que pediu e obteve a sua exoneração. Porém, passados dois mezes, quando os apuros da situação obrigaram o Regente a mandar a Londres, em missão extraordinaria, os srs. duque de Palmella e Mousinho d'Albuquerque, foi nomeado o sr. Garrett secretario d'ella, e n'esta qualidade chegou á capital da Gran-Bretanha.

De Londres passou a Paris, onde então se achava o sr. duque de Palmella, e em companhia do qual contava tornar para o Porto, o que não teve effeito, ou pela repentina partida d'este illustre diplomata, ou por alguma outra razão de conveniencia publica.

No entanto, a fortuna, que com tamanho rigor tinha experimentado os heroicos sitios do Porto, cedeu a um ultimo e desesperado esforço, que elles se resolveram a fazer na expedição ao Algarve. Um mez depois da partida da sua pequena armada, Lisboa entoaava entusiasmados vivas á liberdade.

Com esta subita e grande nova foi possivel ao sr. Garrett alcançar os meios necessarios de satisfazer aos seus empenhos, e voltar a Portugal. Assim o fez immediatamente, e, entrando em Lisboa durante o cerco, foi apresentar-se ao seu Corpo, onde, comtudo, não chegou a fazer serviço militar, porque pelo ministerio do reino lhe foi dado o grande encargo da reforma geral dos Estudos, sendo nomeado vogal e secretario de uma commissão que para esse importantissimo negocio se creou.

Como quem se tinha dado longamente áquellas materias, não foi difficil apresentar logo á commissão um projecto de lei completo em todas as suas partes, que ella discutiu com o maior escrupulo, e afinal adoptou depois de alguns mezes. Porém, a doença do Imperador, os outros cuidados do governo, os diversos interesses, que as reformas ferem sempre, e que fortemente se agitaram, não permittiram que o novo plano de Instrução e educação publica fosse sancionado. Ficou o projecto na secretaria d'estado, e, ao que parece, ahi tem servido para d'elle se copiarem, aos pedaços e sem a unidade do systema com que fôra concebido, todos esses planos de reforma que successivamente se têm adoptado.

Nos ultimos dias de junho de 1834 partiu o sr. Garrett para Bruxellas, na qualidade de encarregado de negocios de S. M. F. junto d'el-rei Leopoldo. Nos principios de julho

estava na capital do novo reino da Belgica, aonde, pelo pouco trabalho official que tinha a satisfazer, facilmente pôde dar-se a adquirir, o que ha muito desejava, o conhecimento da lingua e da litteratura allemã, que até então não podéra cultivar.

O ardor com que se deu a este estudo fez que em breve podesse ousar accommetter as maiores difficuldades d'elle, lendo, a par de Herder e de Schiller, as mais difficeis composições de Goëthe. E o gosto, que tomou, principalmente por este ultimo escriptor, influuiu de tal sorte nas suas opiniões litterarias, no seu estylo, em tudo o que se pôde chamar —o genero e modo de escrever de um auctor— que as suas composições posteriores têm todas um cunho differente, ao menos em nossa opinião, um caracter de maior transcendencia e profundidade, pensameuto mais vigoroso, estylo mais proprio e feito, mais verdadeiramente original.

Não chegou a estar dois annos encarregado de negocios em Bruxellas, sendo transferido, na qualidade de ministro residente, para Dinamarca. Receoso do clima, não accitou o augmento de cathedra e ordenado que lhe dava aquella transcendencia; e, tendo recebido d'el-rei Leopoldo a condecoração de official da sua ordem, voltou para Portugal, e se reduziu á vida privada, recusando tambem a nomeação, que o governo lhe offerencia, sendo ministro o sr. marquez de Loulé, de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario para o Rio de Janeiro, e depois, no seguinte ministerio, a do cargo de governador civil para um dos principaes districtos do reino.

Não é este o logar proprio de examinar se foi justa ou injusta a ideia que então formou o sr. Garrett dos homens e das coisas que predominavam no paiz; narrando somente os factos, diremos que, entre os dois partidos liberaes, que veio achar litigando na arena constitucional, elle optou pelo da opposição. Solicitado pouco depois pelos seus amigos politicos, condescendeu em dirigir o novo jornal que a opposição tratava de publicar e que tomou por titulo — *O Portugal Constitucional*. O primeiro numero appareceu no principio de julho de 1836: passado pouco mais de dois mezes succedeu a Revolução de 9 de Setembro, acontecimento que o fez resolver a renunciar absolutamente á direcção d'aquelle periodico. Posteriormente foi-lhe offercida uma pasta em um ministerio composto de amigos seus particulares, a qual recusou, bem como na reorganisação da ordem judiciaria recusou o logar de conselheiro no Supremo Tribunal de Justiça, e o de presidente do Tribunal Superior de Commercio, que successivamente

lhe foram offerecidos. Aceitou, porém, o de vogal d'este.

Não se aproveitando da influencia e amizade que tinha com os ministros para se engrandecer, soube, comtudo, servir-se d'ellas em um negocio que lhe faz honra e que foi de honra para a nação. A rogos seus concedeu Sua Magestade ao cavalheiro João Adamson, o auctor das *Memorias de Camões*, e a Roberto Southey, o auctor da historia do Brasil, a condecoração da Torre Espada; e a de Christo ao barão de Reifemberg, illustre sabio allemão, que defendêra a causa da rainha e da liberdade portugueza no tempo da emigração, e a Mr. Quetlet, membro do Instituto de França, director do Observatorio de Bruxellas, e celebre na Europa pelos seus escritos moraes e scientificos. Nos diplomas enviados a estes quatro principaes da republica litteraria ia exarado o proprio facto, de que a concessão se fizera por solicitação e pedido do seu amigo o Sr. Garrett.

Convocando-se as Côrtes constituintes, foi eleito deputado pelo Minho, provincia da sua naturalidade, e pelos Açores, sua segunda e adoptiva patria. E aqui começa uma nova e brilhante éra na vida publica do Sr. Garrett. O illustre poeta mostrou em breve, na tribuna de S. Bento, que o divino dom da eloquencia, com que a natureza o dotára, tinha sido cultivado e enriquecido por vastos e profundos estudos. Os seus discursos sobre o projecto da Constituição, sobre a organização da Segunda Camara, sobre o ultra-mar, e muitos outros, que fôra longo referir, o acreditaram como orador consumado. Na força do estylo; na viveza das imagens; na facilidade com que habilmente passa do grave ao sublime, da argumentação logica e pausada á ironia sarcastica, e ás mais animadas prosopéias; na riqueza da linguagem; na propriedade verdadeiramente admiravel dos termos; e sobre tudo, na difficil qualidade de ser sempre claro sem descer á vulgaridade; sempre elevado sem affectação; o Sr. Garrett não tem rival entre os nossos oradores.

Concluida e jurada a Constituição, dissolvidas as côrtes, e organizado o ministerio, a que presidiu o Sr. Visconde de Sá, foi o Sr. Garrett incumbido logo de duas das mais espinhosas e difficeis tarefas, que aquelle gabinete tinha a tratar: a da reforma administrativa, e a dos negocios de Roma, que pela primeira vez se ia encetar.

Todavia, no meio d'estas tão graves occupações de homem d'estado, e de juriconsulto, o illustre poeta soube tirar alguns momentos para os dar com summo proveito á gloria da litteratura nacional. Foi entre estes

cuidados e trabalhos tão serios, que nasceu o *Gil Vicente*, primeiro e verdadeiro restaurador do nosso theatro, que todo Portugal saudou como tal, e que fez as delicias e enthusiasmo do publico durante muitos mezes, que continuamente esteve na scena.

Esta bella e delicada composição do *Gil Vicente*, que é um primor da lingua portugueza, e que mostrou á Europa, que nós tambem podiamos disputar com as outras nações no genero dramatico; esta obra, dizemos, tão exclusiva e puramente litteraria, teve sua origem politica. Escolhido pelo governo em 1836 o auctor do *Catão* para reformar e restaurar o Theatro nacional, encarregou-se, não sem hesitar, d'esta ardua missão: e o seu relatorio dirigido a S. Magestade sobre este assumpto, em data de 26 de Novembro, é um d'aquelles raros documentos officiaes que tambem pertencem, como verdadeiras obras litterarias, á litteratura. Nomeado inspector geral dos theatros, occupou-se logo dos tres pontos essenciaes, que em Portugal não existem ha muitos seculos, se é que alguma vez existiram: uma caza para theatro nacional em Lisboa; uma escola para crear artistas; e a formação de um repertorio portuguez.

Quanto á primeira indicação, á força das diligencias e trabalhos, a que deu o primeiro impulso, tem hoje o Sr. Garrett a satisfação, e o povo de Lisboa terá em breve o proveito, de a ver preenchida no bello monumento, que tam perto está de concluir-se na praça de D. Pedro. A segunda tem encontrado estorvos e difficuldades, que levariam longas paginas a referir, e que, talvez, só depois de concluido e aberto o novo theatro, se possam vencer. A terceira, a mais importante, a mais difficil, arcou de face a face com ella o nosso illustre poeta; e com o exemplo, com as lições, e com uma abnegação admiravel de amor proprio, conseguiu fazer apparecer um numero consideravel de jovens auctores, que tanto promettem, e bastante têm já feito para a formação do repertorio nacional.

Tal foi o pensamento do Sr. Garrett na organização do Conservatorio: ligar estas tres coisas, e fomental-as simultaneamente: a edificação do theatro; a criação dos artistas: a cultura da litteratura dramatica. Para isso, ao pé das Escolas, que já existiam na Casa Pia, e que fez transportar para o centro de Lisboa, creou uma especie de academia de genero novo, composta dos professores e artistas, de homens de letras, de homens influentes, de tudo o que lhe pareceu, que mais ou menos podia concorrer para o fim proposto. Ligou esta instituição com a Inspecção dos theatros; entregou-lhe a censura

dramatica, que até então andava por mãos leigas, e quando menos illitteratas, instituiu premios e concursos; e, renunciando a toda a gloria e vaidade, pôz-se elle proprio a trabalhar na reputação alheia, revendo, dirigindo, e encaminhando os esforços de todos os que procuravam o seu auxilio.

Para dar a estes o primeiro exemplo, é que o Sr. Garrett, na primavera de 1838, compoz e fez representar o seu *Auto de Gil Vicente*. O exemplo foi poderoso e fertil: nem todas as plantas, que floresceram, poderam talvez sazonar os seus fructos; mas basta que alguns cheguem á maturidade para já termos ganho muito.

Com este mesmo intuito, e possuido de sentimentos generosos, o illustre poeta solicitou e obteve da regia benevolencia, que fossem concedidos testemunhos de distincção e apreço a alguns dos nossos mais distinctos caracteres litterarios. O Sr. Alexandre Herculano, e o Sr. Antonio Feliciano de Castilho receberam a insignia da Torre e Espada; os Srs. Migone, Jordani, Epiphanio, e outros artistas de esperanças, a Ordem de Christo. D'est'arte se viu pela primeira vez em Portugal premiado d'este modo o merito litterario, e elevada a consideração dos artistas. E foi um poeta, um homem de letras, que deu o exemplo, e que desmentiu o proverbial ciume da classe! Honra seja ao Sr. Garrett! E' das mais nobres e mais bellas obras de que tem a honrar-se. Fez um grande serviço á arte, á gloria da rainha, á reputação do paiz; mas a sua propria ganhou ainda mais.

A redacção dos decretos porque as insignias são concedidas, extremamente lisonjeira para os agraciados, menciona positivamente, que a mercê fôra feita a rogo do Sr. Garrett.

Procedeu-se no fim do anno de 1838 a eleições geraes: e o Sr. Garrett teve assento na camara dos deputados pela sua provincia dos Açores.

N'esta sessão de 1839 principalmente se occupou do seu bello e profundo trabalho sobre a Propriedade litteraria, apresentando e sustentando na discussão um projecto de lei, que é seguramente muito superior a todas as leis, que hoje regulam este genero de propriedade em toda a parte. O relatorio ou preambulo d'esta lei é obra de muito primor, quer por seu estylo, quer por seus pensamentos. Mandado imprimir pela camara, bem depressa correu pela Europa, e em toda a parte, mas principalmente na pensadora Alemanha, recebeu os maiores elogios. Infelizmente, depois de largas interrupções na discussão, o projecto só foi approvedo pela camara dos deputados no anno seguinte de

1840; e demorado na dos senadores por imperdoavel descuido, agora, em consequência das alterações politicas, carece de voltar aos deputados para ser novamente approvedo, e poder entam passar á camara dos pares.

Fechada a camara, concluiu a edição do 1.º volume das suas Obras completas, que, debaixo de seus auspicios e direcção, emprehendera a bem conhecida e respeitavel casa de mercadores de livros dos Srs. Viuva Bertrand & Filhos. Contém aquelle 1.º volume o poema *Camões*, muito augmentado, correcto, e illustrado de notas de grande merecimento litterario.

O principio do seguinte anno viu apparecer o 2.º volume da mesma collecção, contendo a terceira edição portugueza do *Catão*, tambem muito mais correcto e additada por muitas notas historicas e moraes.

Abriu se em 1840 a camara com outro novo gabinete, o de 26 de Novembro, contra o qual toda a esquerda estava em grande excitação. O programma do ministerio captou porém os votos do centro. Além d'isto, a pessoal amizade de um dos ministros, o Sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, ligava tambem o illustre orador do centro: não era ainda ministerial, mas as suas inclinações e sympathias visivelmente pendiam todas para o banco dos ministros. Algumas provocações da esquerda acabaram de o aballar. Na discussão da resposta ao discurso da corôa, e redarguindo ao mais vellemente orador da opposição, pronunciou o seu famoso discurso, que obteve a designação do *Porto-Pyreu* pela felicidade com que voltou para os seus contrarios a sabida anedocta do doido athe-niense. E' este, sem questão o mais vigoroso e elequente discurso, que até hoje tem sido pronunciado na tribuna portugueza: tem periodos, que não envergonhariam a Demosthenes ou a Cicero; imagens, estylo, e conceitos, que os primeiros oradores da França e da Inglaterra folgariam de tomar por seus. A muitas pessoas de diversos partidos, que assistiram aquella memoravel sessão, temos ouvido asseverar, que no espaço de duas horas, que durou o discurso, a camara toda estava como arrebatada, e sentia dominada a sua attenção por um poder sobrenatural.

D'ahi a pouco fôram dissolvidas as côrtes, e se mandou proceder a nova eleição. N'este intervalo o Chronista-mór do Reino, não querendo possuir um titulo vão e inutil, abriu o seu Curso de leituras sobre Historia portugueza. A solemnidade da abertura, coisa inteiramente nova em Portugal, foi um verdadeiro triumpho publico: a côrte, o corpo diplomatico, o ministerio, as academias, ambas as camaras do parlamento, os tribunaes, todos alli concorreram em grande maioria,

que mal cabia na immensa sala da Eschola do Carmo; muitas senhoras a ornavam. A espectação era grande, mas foi satisfeita. Em um discurso de quasi duas horas, e que a assembléa escutou com attenção e interesse sempre crescente, o Sr. Garrett, depois de manifestar o motivo e fins do curso, que ia abrir, desenvolveu o plano d'elle, e já com reflexões profundas, já com brilhantes pensamentos, excitou sempre a attenção, e muitas vezes o enthusiasmo d'aquelle escolhido auditorio. Apenas concluiu, uma explosão de applauso e admiração retumbou na sala, e, n'aquelle momento, ao menos, a inveja ou a dissidencia dos partidos não achou voz no meio da approvação geral.

N'essa mesma noite se apurára na municipalidade de Lisboa a votação do districto pelo qual foi eleito o Sr. Garrett para a nova camara dos deputados com grande maioria. A mesma escolha fizeram os districtos de Vianna do Minho, e dos Açores. Mas em quanto se não abria a camara, o Chronistamór continuava o seu Curso de leituras, frequentadas sempre por um grande e escolhido auditorio.

No meio d'estes trabalhos, e apesar d'elles, occupava-se o incansavel litterato de tarefas mais ligeiras, mas não menos honrosas para o paiz, nem menos proveitosas para a litteratura. Para os exercicios publicos dos alumnos da Eschola da declamação do Conservatorio compoz um pequeno drama, que elles representaram na presença de Suas Magestades, em um festejo que se dignaram aceitar como anniversario do nome de S. M. El-Rei. *D. Filippa de Vilhena*, armando seus filhos para a gloriosa revolução de 1640, é um dos mais bellos episodios da historia portugueza; mas não parecia poder dar assumpto para um drama. O auctor soube porém construir sobre esse facto tam simples uma acção dramatica simples tambem, mas de mui vivo interesse. A qualidade dos actores, e o circumscripito do tempo, que devia levar o spectaculo (porque na mesma noite tinham de dar tambem as suas provas as Escholas de Musica e de Dança do mesmo Conservatorio) impediu certamente, que este pequeno drama em tres actos tivesse todo o desenvolvimento, que podia dar-lhe.

Aberta a nova camara no verão de 1840, continuou o sr. Garrett a tomar assidua parte na discussão das reformas administrativas, que principalmente occuparam aquella sessão, e nas quaes, como relator da commissão de administração publica desenvolveu seus profundos conhecimentos n'aquelle ramo de jurisprudencia.

Por este tempo lhe foi encarregada uma difficil e laboriosa commissão, cujo objecto

desde 1822 tinha sido encetado muitas vezes por diversas pessoas, mas nunca pudéra concluir-se. O governo dos Estados-Unidos de-sejava e solicitava ha muito concluir connosco um tratado de navegação e commercio. Instado nas camaras pelos membros mais influentes de ambos os lados, o governo resolveu entabolar as negociações, e o Sr. Garrett foi nomeado plenipotenciario de S. M. para este fim.

Pouco partidista dos tratados de privilegios e favores, que, na sua opinião, têm sido a morte do paiz, e a ruína da industria, sem nenhuma grande vantagem solida para a agricultura e commercio, entendeu comtudo, que um tratado sobre bases geraes de sincera reciprocidade feito com aquella potencia, que difficilmente poderá nunca influir em a nossa politica, nem exercer sobre nós nenhuma preponderancia oppressiva, podia servir de alguma coisa, e principalmente concorrer muito para fixar os principios de direito commercial internacional, que tam transtornados têm sido sempre em as nossas relações com os paizes estrangeiros. Com este intuito accitou pois a honrosa missão, e a desempenhou com approvação completa do governo, e das côrtes, que sancionaram o seu trabalho.

A sessão parlamentar de 1841 abriu-se com a celebre questão denominada *das injustas exigencias d'Hespanha*. As demoras e difficuldades em se terminar o regulamento para a navegação do Douro entre as duas nações, deu causa, ou pretexto, áquellas injustas exigencias do gabinete de Madrid, cujo tom ameaçador obrigou o nosso a fazer preparativos de resistencia armada. Por esta occasião o sr. Garrett, tendo para si que o ministerio não podia satisfazer a sua missão, deixou de lhe prestar o seu apoio, e quando no meado d'esse anno se recompoz o gabinete, passou para os bancos da opposição, onde tem permanecido desde então. Não somos nós seus juizes, nem queremos dar opinião alguma politica politica sobre o procedimento d'este ou de qualquer outro dos nossos abalisados caracteres publicos, que pertencem á nação como homens que a illustram, mas cujas ligações de partidos talvez interessem pouco a mesma nação. Como litterato, como homem da arte, como professor da lingua, e como cidadão zeloso da gloria do paiz, é que nós consideramos aqui o sr. Garrett, não podendo, comtudo, deixar de referir aquellos factos politicos, que necessaria e intimamente estão ligados com a vida e escriptos de um auctor, que, a par de homem de letras, tem sido tambem sempre homem publico.

Em julho d'este anno de 1841, teve logar



a discussão sobre a lei da decima, e por occasião d'ella, em desaggravo de algumas expressões menos consideradas do então ministro da fazenda, prorrompeu o offendido orador n'aquelle discurso de memoravel vehemencia, em que, decerto, elle excedeu os termos da moderação, e que politicamente não é talvez um modelo, mas considerado como obra litteraria é sem duvida a oração moderna, que mais faz lembrar as declamações classicas da velha Athenas, e que em muitos dos seus periodos recorda os turbilhões de Demosthenes contra Eschines.

No dia seguinte foi demettido da presidencia do Conservatorio, da Inspecção geral dos theatros, e do officio honorifico de Chronistamôr do Reino. Parece não fez grande impressão este acto do governo no animo do nosso auctor, porque n'esse mesmo tempo se occupava elle tranquilla e agradavelmente nos seus cuidados litterarios. A sua obra litteraria mais fortemente concebida, de mais poderoso e rico estylo, a que parece feita com o animo mais repouso e tranquillo, o *Alfageme de Santarem*, foi composto n'esta epocha, e ao mesmo tempo que dirigia a impressão do 3.<sup>o</sup> volume das suas obras, volume precioso, que contém o *Auto de Gil Vicente*, *Merope*, e dois originalissimos prefacios, que servem de introdução áquellas duas peças dramaticas, e que estão escriptos com uma graça e uma vivacidade de estylo inteiramente novas em a nossa lingua.

O *Alfageme de Santarem ou a Espada do Condestavel*, drama em cinco actos, é um grande quadro historico, que o proprio auctor nos descreve como *pintando a face da sociedade em um dos grandes cataclysmos politicos porque ella tem passado em Portugal*. Em torno da celebre anecdota da espada de Nun'Alvares Pereira, e da prophécia do Alfageme (barbeiro ou cutileiro) de Santarem, o poeta reuniu toda a historia da guerra civil e reacção popular, que poz no throno o Mestre d'Aviz. Não fazemos a analyse d'esta peça, que seria superior ás nossas forças, mas diremos o que é um sentimento nosso: que tres figuras como a do tribuno popular, o Alfageme, a do cura d'aldeia, Froilão Dias, e a da bella e joven Alda, não as vimos eguaes em quadro algum, ou pelo menos não fizeram em nós a impressão inexplicavel, que este delicado grupo nos causou. Representou-se no theatro da rua dos Condes, em março do anno seguinte com grande apuro e perfeição nos *costumes* e muito apparato; mas a doença do actor, que fazia o principal papel, a imprópria e mal executada musica dos côros diminuíram muito a grandeza do effeito dramatico. Felizmente o drama foi elegantemente impresso logo, e cor-

reu por todo o reino. E' um dos mais puros monumentos da lingua.

Estavam já adiantados os ensaios do *Alfageme*, quando rebentou no Porto a revolução de 27 de janeiro de 1842. Procedendo-se pouco depois a novas eleições, foi o sr. Garrett eleito deputado por Lisboa, e tomou assento na camara com os poucos deputados, que alli foram representar a opposição.

A morte do seu collega e amigo intimo, o conselheiro Vieira de Castro, que profundamente o affligiu, porque desde a Universidade se conheciam e estimavam com sincera e cordeal amizade, deu motivo a uma nova e bella composição de sua infatigavel penna no Elogio historico d'aquelle cavalheiro, a qual n'este mesmo anno se imprimiu. Pondo de parte o que são considerações politicas, e que a differente posição dos partidos forçosamente ha de avaliar de um modo diverso, este Elogio é um rico modelo de estylo, e linguagem, de sentimento e de gravidade.

A sessão parlamentar d'este anno não tinha chegado ainda ao ponto de interesse, que depois tomou, quando um golpe dado accidentalmente em uma perna reteve o illustre deputado desde os principios de março até ao fim de abril em forçada reclusão. A litteratura ganhou com este ocio involuntario. *Frei Luiz de Souza*, o mais perfeito e mais original drama, que hoje conta o nosso theatro, foi composto n'este intervallo. Antes de ser conhecido pela imprensa, um grande numero de pessoas tiveram a satisfação de o admirar na leitura, que o auctor d'elle fez em sessão plena do Conservatorio, e na representação, que depois teve no theatro particular da quinta do Pinheiro.

Quando apresentou o seu drama ao Conservatorio real, leu uma Memoria sobre os principios e theorias litterarias, que adoptara n'aquelle composição. E' um verdadeiro prologo de Victor Hugo, uma nova obra gerada ao pé da outra.

No fim d'aquelle memoria nos annuncia, que, terminando ou suspendendo os seus trabalhos de litteratura propriamente dita, vae dar-se todo a uma tarefa longa, e de ha muito preparada, que elle declara ser hoje o objecto e principal cuidado da sua vida. Esta grande empreza é a historia da revolução de Portugal desde 1820 até ao presente; obra em que sabemos, que por vezes tem trabalhado largos espaços, para a qual tem ajuntado immensos materiaes, e cujo acabamento e publicação agora considera quasi como um ponto de honra, a que tem de satisfazer, e para a qual tem applicadas toda a energia e todas as forças do seu espirito.

Fazemos votos, e todos os portuguezes os devem fazer, para que a vida e a saude do

illustre litterato, lhe deixem rematar este grande monumento da sua e da nossa gloria.

Nos fins do anno passado (1843) imprimiu-se o 4.<sup>o</sup> volume das suas Obras, que é uma especie de introdução á preciosa collecção de Xacaras e trovas populares, que tem ajuntado e corregido com admiravel paciencia e trabalho, e que já formam um volumoso Romanceiro. Cada uma das peças d'esta rica collecção é acompanhada de observações litterarias e historicas, formando um todo, que será de grande illustração para a historia, não só da litteratura peninsular, mas da de todas as nações modernas. E' esta outra obra do nosso auctor, que muito desejaremos vêr já na posse do publico pela imprensa.

Pouco ha publicou-se o 5.<sup>o</sup> volume das suas obras, que contém *Fr. Luiz de Souza*, esse formoso drama de que acima fallámos,

enriquecido de notas do auctor, e do juizo critico sobre esta producção pelo sr. L. A. Rebello da Silva.

Temos dado um esboço rapido da biographia de uma das maiores notabilidades d'esta época, extrahida principalmente das suas mesmas obras, dos seus discursos impressos, das actas dos corpos legislativos ou scientificos, a que tem pertencido, de documentos authenticos, que nos foram communicados, de geraes e inquestionaveis testemunhos de notoriedade publica, outros havidos de amisade intima, mas imparciaes. Para um contemporaneo não julgamos ser permitido passar além. Só a posteridade é que pôde instituir verdadeiramente o processo, e julgar definitiva e imparcialmente os homems, que se apresentam na summidade de uma nação.

BIBLIOGRAPHIA

DAS

OBRAS DE GARRETT



# BIBLIOGRAPHIA

DAS

## OBRAS DE GARRETT

1820

*Hymno patriótico.* Porto, 1820. Na typ. Alvares Ribeiro e Filhos. Folh. 4 pag.

1821

*Collecção de Poesias* recitadas na Sala dos Actos grandes da Universidade de Coimbra, nas noites de 21 e 22 de novembro. Coimbra, Imp. da Universidade, 1821. In-8.º (A ultima poesia é de Garrett; vem incorporada na *Lyrica*, p. 147.)

*O Retrato de Venus.* Poema. Coimbra, Imprensa da Universidade. (Anno 1.) 1 vol. in-8.º

*O Dia 24 de agosto.* Pelo cidadão J. B. L. A. Garrett. (Anno 1) Lisboa, Typ. Rollandiana, 1821. In-8.º folh. (Discurso em prosa.)

1822

*Catão.* THEATRO de J. B. S. L. A. Garrett. Tomo I. Anno II. Na Imprensa Liberal. In-8.º 1 vol. (Contem a farça *O Corcunda por amor*, collaboração de Paulo Midosi.)

*O Toucador.* Periodico sem politica. Lisboa, na Imprensa liberal. (7 numeros, de collaboração com L. Francisco Midosi.) In-8.º grande.

1823

*Discursos e Poesias fúnebres* recitadas a 27 de novembro de 1822, na morte de Fernandes Thomaz. Lisboa, Typ. Martins, 1823. In-8.º (Collaborado por Garrett.)

*Heraclyto e Democrito.* Jornal. Começou em 19 de março de 1823.

1825

*Camões.* Poema. Paris. Imprimerie de J. Mac Carthy, 1825. 1 vol. in-12.

1826

*D. Branca.* Obra posthuma de F. E. Paris. Imprensa de H. Fournier. 1826, in-42. (Tinha então 7 cantos.)

*Carta de Guia para Eleitores.* Lisboa, Typ. de Desiderio Marques Leão. 1826. In-8.º folh.

*O Portugal.* Jornal in-fol. a 3 columnas, collaborado por Paulo Midosi e outros. Lisboa, 1826-27.

*Parnaso Lusitano,* ou Poesias selectas. Paris. J. P. Aillaud, 1826-27. In-8.º 5 vol. (O tomo vi é de 1834.)

1827

*O Chronista.* Semanario. 1.º numero em 4 de março de 1827.

1828

*Adozinda.* Romance. Londres. Booscy, & Son. 1828. In-8.º oblongo, 1 vol.

1829

*Lyrica de João Minimo.* Londres, Sustenance e Stretch. 1820. In-8.º peq. (Na 2.ª edição incluiu mais treze poesias.)

*Da Educação.* por J. B. da S. L. de Almeida Garrett. Livro primeiro. Londres. Sustenance e Stretch. 1829. In-8.º grande. 1 vol.

*Indicação e Discurso...* de Mackintosh sobre Negocios de Portugal. Londres. Greenlaw. 1829. In-8.º grande. (Versão de Garrett)

*Chaveco liberal.* Jornal collaborado com Ferreira Borges e P. Midosi. Londres, 8 de setembro de 1829. Saíram 17 numeros.

*A Lealdade em triumpho,* ou a victoria da Terceira. Canção. Londres, 1829. Greenlaw. (Reimpressão do

texto do n.º III do *Chaveco*. Incorporada em 1845 nas *Flores sem fructo*.

1830

*Elogio funebre de Carlos Infante de Lacerda*. Londres. Greenlaw 1830. Folh.

*Portugal na balança da Europa*. Londres. Sustenance. 1830. 1 vol. in-8.º (Anonymo.)

*Carta de Mucio Scevola*. Londres. 1830. In 8.º Folheto anonymo. (Suppõe-se uma edição de Rennes em 1832.)

*Catão*. Tragedia. Londres. Sustenance. 1830. In-8.º 1 vol.

1831

*O Precursor*. Jornal. 4 numeros. Londres, 1831. Bingham. In-8.º pequeno.

1832

Relatorios aos Decretos n.ºs 22, 23 e 24: Organização e Administração da Fazenda publica: Organização administrativa e judiciaria. (Na Collecção de Legislação) Imprensa nacional.

1834

*O Parnaso lusitano*. Paris. J. P. Aillaud. 1834 Tom. VI. Satyricos; *Hyssope*, *Reino da Estupidez*, e *Os Burros*, que foram substituidos por *Satiras* de Tolentino.

1836

*O Portuguez Constitucional*. Lisboa. 1836 Sahiu o 1.º numero em julho.

1837

*Da formação da Segunda Camara das Côrtes*. Imp. nacional. 1837. Folh. in-8.º p.

*Manifesto das Côrtes Constituintes á Nação*. In-fol. de 4 pag. (Da tiragem do Diario do Governo de 23 de Agosto de 1837.)

*O Entre-Acto*. Jornal de Theatro. O 1.º num. de 17 de Maio de 1837.

1838

*Camões*. Poema. Rio de Janeiro. Imprensa Americana. 1838. In-8.º 1 vol.

1839

*Camões*. Poema. Bahia, na Typ. de Serra. 1839. In-8.º (Notavel por um individuo na dedicatória a uma D. Ignacia dar-se por auctor do poema de Garrett.)

*Dona Branca*. Bahia. Typ. Constitucional. 1 vol

*Camões*. Poema. Lisboa, Typ. Morando. 1839. In-12.

*Programma para a publicação das Obras completas*. Lisboa, 1839. In 8.º de 4 pag. (Constava o plano de 12 volumes.)

*Circular para a abertura do Curso de Historia*. Lisboa. Imp. Nac. 1839. Folha solta.

1840

Programma do Festejo que pelo faustissimo anniversario de—D. Maria II—faz o Conservatorio dramatico de Lisboa, em 1840. Imprensa Nac. In-4.º

*Discurso do sr. Deputado pela Terceira em 2 de Fe-*

vereiro de 1840. Imprensa Nacional. Folh. (É o celebre Discurso chamado do Porto Pyren.)

*Catão*. Lisboa. Typ. Morando. 1840. (I do THEATRO.) In-12. 1 vol. (E a 3.ª ed.)

1841

*Discurso do sr. Deputado por Lisboa*, na discussão da Lei da Decima. Typ. Gouvêa. 1841. Folh. In-4.º

1842

*Mélope*. Rio de Janeiro. 1842. Fol. peq. a 2 columnas.

*Um Auto de Gil Vicente*. Rio de Janeiro. Typ. Villeneuve. 1842. Fol. pequeno a 2 columnas.

*O Alfageme de Santarem ou a Espada do Condestavel*. Rio de Janeiro. 1852. Fol. peq. (Vem no Archivio Theatral.)

*O Alfageme de Santarem ou a Espada do Condestavel*. Lisboa. Impr. Nacional 1842 In-8.º 1 vol.

1843

*Jornal de Bellas Artes*. (A introdução é de Garrett.)

*Memoria historica do Conselleiro Vicira de Castro*. Lisboa. Typ. Morando. In-8.º Folh.

*Romanceiro e Cancioneiro geral*. Tomo I. Lisboa. Typ. da Soc. propag. de Conhecimentos uteis. 1843. In-8.º peq.

*Catão* (Contrafacção brasileira, em formato grande.)

1844

*Frei Luiz de Sousa*. Edição do Theatro de Pinheiro. Lisboa. Imp. Nacional MCCCXLIV. In-4.º com retrato de Garrett.

*Frei Luiz de Sousa*. Ed. in-4.º viii. 236 pag. (Com a Memoria lida ao Conservatorio.)

*Frei Luiz de Sousa* (III do Theatro.) Lisboa. Imp. nac. 1844 In 8.º peq.

*Fr. Luiz de Sousa*. Rio de Janeiro. Typ. Villeneuve & Comp. 1844. (No Archivio Theatral). Sem frontespicio. In-4.º

1845

*Miragaia*. Lisboa, 1845. Edição em separado do texto do Jornal de Bellas Artes In-4.º de 19 pag., tres grav.

*Os Ezilados*. Folha solta. Lisboa, 29 de Março de 1845

*Catão*. Lisboa, Imp. Nac. 1845. In-8.º

*O Arco de Sant'Anna*. Chronica portuense. Lisboa. Imprensa Nac. 1845. 1.º vol. Anonymo. (O 2.º vol. appareceu em 1850.)

*Flores sem fructo*. Lisboa. Na Imprensa Nacional. 1845. In-8.º 1 vol.

1846

*Viagens na minha Terra*. Lisboa, Typ. da Gazeta dos Tribunaes, 1846. In-8.º 2 vol.

*D. Philippa de Vilhena*. Lisboa. Imp. Nac. 1846. In-8.º peq. (Representado pela primeira vez sob o titulo *Amor e Patria*.)

## 1847

*O Chapim d'El-Rei ou Parras Verdes.* Lisboa. Typ. Borges. 1847. In-8.º (Divertissement extrahido da Xacara de Garrett)

*Luiz de Sousa* (versão alemã). Frankfort. In-8.º gr. vii — 116 pag. (Com o retrato de Garrett.) Trad. de Lukner.

## 1848

*A Sobrinha do Marquez.* Lisboa. Imp. Nac. 1848. In-8.º de xiii, 15 a 176 pag.

Reproduções, tendo no anti-rostro t. x, e v do THEATRO.

*Memoria historica da Ex.<sup>ma</sup> Duquesa de Palmella.* Lisboa. Imp. Nac. 1848. In-4.º de 40 pag.

## 1849

*Memoria historica de J. X. Mousinho da Silveira.* Lisboa. Imp. da Epoca. 1849. (Tiragem do artigo do n.º 52 da Epoca.)

## 1850

*Dona Branca.* Lisboa. Na Imprensa Nacional. 1850. In-8.º

*Protesto contra a Proposta sobre a Liberdade de Imprensa.* Lisboa. Typ. da rua da Bica de Duarte Belo, 1850. In 8.º

*O Arco de Sant'Anna.* Lisboa. Imp. nacional. 1850. O 2.º vol. In-8.º

## 1851

*Romanceiro: Romances cavalleirescos antigos.* Lisboa. Imp. nacional, 1851. In-8.º (O tomo II e III da collecção.)

*Relatorio á Lei das Misericordias* de 26 de Novembro de 1851. (Incluido no livro do Dr. J. A. Maia, *A Misericordia de Torres Vedras*.)

*Catão.* Lisboa. Imp. Nac. 1851. In 8.º

## 1852

*Estatutos da Academia real das Sciencias de Lisboa.* Typ. da Academia. 1852.

*Cópia de uma Carta* dirigida ao Encarregado de Negocios de França. 19 de Agosto de 1852 (Lithographada.)

*Fra Luigi de Sousa.* Drama. Trad. Vegezzi Ruscalla. Torino. 1852. 1 vol.

*La Nièce du Marquis.* Trad. por Ortaire Fournier. Lisboa, na *Revue Lusitanienne*, t. 1, de 1852.

*O Camões do Rocío.* Comedia em 3 actos. (Collaboração com Feijó.) Lisboa, Typ. do Panorama. s. d.

*Rosalinda.* Trad. por Edouard Fournier, na obra *Un Prétendant portugais*. Paris, 1852.

## 1853

*Folhas cahidas.* Imprensa Nacional. Viuva Bertraud. 1853. In-8.º

*Fabulas e Folhas cahidas.* Lisboa. Imp. Nacional. 1853. In 8.º (Formam o Livro II dos Ultimos Versos.)

*Folhas cahidas.* Rio de Janeiro. Typ. de Vianns Junior. 1853. In-8.º

*Folhas cahidas.* Rio de Janeiro. Typ. Imperial e Constitucional. 1853. In-8.º grande

*Versos.* Lyrica. Lisboa. Imprensa Nacional. 1853. (Primeiros Versos: *Lyrica de João Minimo*.) In-8.º

## 1854

*Camões.* Poema. Lisboa. Em casa da Viuva Bertrand e Filhos. Imp. Nac. 1854. In-8.º

*Carta a Licínio de Carvalho.* No Drama O Rajah de Bonsulô. Porto, 1854.

## 1856

*Merope.* — *Um Auto de Gil Vicente.* Lisboa. Imp. Nacional. 1856, (II do THEATRO) 1 vol. in-8.º

*O Alfageme de Santarem ou a Espada do Condestavel.* Lisboa. Imp. Nacional. 1856. 1 vol. in-8.º (Incorporado nas Obras, t. xviii.)

*Frei Luiz de Sousa.* Lisboa. Imprensa Nacional. 1853. In-8.º (THEATRO do Visconde de Almeida Garrett.)

## 1857

*Um Noivado no Difundo.* Proverbio em um acto. Lisboa Typ. Sousa Neves. (No Theatro Moderno, n.º 4, 1.ª série. Incorporado no t. x.)

## 1858

*Falar verdade a mentir.* Comedia em 1 acto. Rio de Janeiro. Folheto in 8.º grande de 40 pag.

*Flores sem fructo.* Lisboa. Na Imprensa Nacional 1858. In-8.º

## 1859

*Dona Branca.* Porto Alegre. A expensas de Streccius, 1859. In-8.º

*O Arco de Sant'Anna.* Lisboa. Imp. Nacional, 1859. In 8.º 2 vol.

*Catão.* Lisboa. Imp. Nacional. 1859. In-8.º peq.

*Philippa de Vilhena.* — *Tio Simplicio.* — *Falar verdade a mentir.* Lisboa. Impr. Nac. 1859. In-8.º

*A Sobrinha do Marquez.* Lisboa. Imprensa Nacional 1859. In-8.º

*Frei Luiz de Sousa.* Trad. hespanhola de Emilio Olloqui. Madrid. 1859. (No tomo iii das Poesias do Traductor.)

*Frei Luis de Sousa.* Trad. Olloqui. Lisboa Imprenta Nacional. 1859. In-8.º

## 1860

*Fra Luigi di Sousa.* Milano. 1860. (Pertence á collecção Fiori di Tatia.)

*Frei Luiz de Sousa.* Lisboa. Na Imprensa Nacional. 1860. In-8.º (Ha exemplares em papel de linho numerados.)

*Dona Branca.* N. York. 1860. R. Marrey, editor.

## 1861

*O Retrato de Venus*. Rio de Janeiro. Editores Soares & Irmão. 1861. In 8.º

*Dona Branca*. Lisboa. Imp. Nacional. 1861. In 8.º

## 1863

*Romanceiro*. Lisboa. Imprensa Nacional. 1863. Viuva, Bertrand. 3 vol. in 8.º

*Camões*. Lisboa. Imprensa Nacional. 1863. Viuva Bertrand. 1 vol. in 8.º

## 1867

*Da Educação*. Porto. Viuva Moré. 1867. Typ. Commercial. 1 vol. in-8.º

*O Retrato de Venus*. Porto. Viuva Moré. 1867. 1 volume in-8.º (E o t. XXI das Obras.)

## 1869

*Retrato de Venus*. Rio de Janeiro. 1869. In-8.º peq.

*Frei Luiz de Sousa*. Lisboa. Imp. Nacional. 1869. 1 vol. In-8.º

*Versos*. Lyrica. Lisboa. Imprensa Nac. 1869. In-8.º (I das Lyricas.)

*Fabulas e Folhas caídas*. Lisboa. Imprensa Nacional. 1869. In-8.º

## 1870

*Viagens na minha terra*. Quinta edição. Lisboa. Na Imprensa Nacional. 1870. In-8.º 2 vol.

*Flores sem fructo*. Terceira edição. Lisboa. Imp. Nacional. 1870. In-8.º 1 vol.

## 1871

*Discursos parlamentares e Memorias biographicas*. Lisboa. Na Imp. nacional. 1871 In-8.º p. 1 vol.

*Helena*. Fragmento de um romance inedito. Precedido do Catalogo dos Autographos... Lisboa, Imp. Nacional. 1871. In-8.º 1 vol.

*O Arco de Sant'Anna*. Chronica portuense. Lisboa, Imprensa Nacional. 1871. In-8.º 2 vol.

## 1872

*O Alfageme de Santarem*. Lisboa. Imp. Nacional. 1872. 1 vol. in-8.º

*Aus Portugal und Brasilien*. Munster. 1872. (Traz poesias de Garrett traduzidas pelo Dr. Wilhelm Storck.)

## 1873

*Viagens na minha terra*. Tradução de Senbert. Leipzig. 1873. 1 vol.

## 1874

*Dona Branca*. Lisboa. Imp. Nac. 1874. In 8.º 1 vol.

*Flores sem fructo*. Terceira edição. Lisboa. Imp. Nac. 1874. In-8.º 1 vol.

## 1875

*Romanceiro*: Romances de renascença. Lisboa. Imp. Nacional. 1875. In-8.º (O t. I da Collecção) 3 vol.

## 1876

*Dona Philippa de Vilhena*. Lisboa. Imprensa Nacional. 1876. In 8.º 1 vol.

## 1877

*Escriptos diversos...* Colligidos por C. Guimarães. Lisboa. Na Imp. Nacional. 1877. In 8.º 1 vol.

*A Sobrinha do Marquez.—As Prophecias do Bandarra.—Um noivado no Dífundo*. Lisboa Imp. Nacional. 1877. In-8.º (V do THEATRO.)

*Calão*. Sexta edição. Lisboa. Imp. Nacional, 1877. In-8.º 1 vol.

## 1880

*Camões*. Prefaciado por Camillo Castello Branco. Porto. Livr. Chardron. In-8.º com o retrato de Garrett. Dedicado ao Centenario de 1880. 1 vol.

*Camões*. Contrafacção brasileira da edição anterior, com a designação: Lisboa, Typographia Nacional. (Sem data.) In 8.º de LXXX-285 pag.

*Camões*. Poema. Traduit du portugais par H. Faure. Paris, 188 In-18. (Retrato a agua forte)

*Camões*. Trad. pelo Conde Schack. Stuttgart 1880 (?).

*Merope—Gil Vicente*. Lisboa. Na Imp. Nac. 1880. In-8.º 1 vol (Appareceu incorporado nas edições da Empresa da Historia de Portugal.)

*Fr. Luiz de Sousa*. Imp. Nac. 1880 4 vol. in 8.º

*Fr. Luiz de Sousa*. Trad. Vegezzi Rusca. (2.ª ed.) Milano, 1880. 1 vol. in-8.º

*Igneç de Castro*. Scenas de uma tragedia (Vem no Tricentenario de Camões de A. Fernandes Thomaz.) Lisboa. Typ. Castro Irmão, 1880. In-8.º grande.

## 1881

*Romancero*. Choix de Vieux Chants portugais, trad. C.º Puymaigre. Paris, 1881. In-8.º (Traz romances da collecção de Garrett.)

## 1882

*Adozinda*. Trechos vertidos em inglez em 1832, reproduzidos no volume *The Poets and Poetry of Europe*. Boston, 1882.

*Versos* (Lyrica de João Minimo.) Porto. Edit. Chardron. Typ. Teixeira. 1882. In 8.º

*Discursos parlamentares e Memorias biographicas*. Lisboa, Imp. Nac. 1882. 1 vol.

## 1883

*Discursos e Poesias funebres*, recitadas em 27 de novembro de 1822—na morte de Fernandez Thomaz. Lisboa. Na Typ. G. M. Martins. 1883. Folh. in 8.º

*Viagens na minha terra*. Lisboa. Imp. Nacional. 1883. 2 vol. in-8.º

*Frei Luiz de Sousa*. Lisboa. Imp. Nacional. 1883. In-8.º

## 1884

*Portugal na balança da Europa*. Porto. Chardron, Editor. Typ. Teixeira. 1884. 1 vol



*O Retrato de Venus.* Porto. E. Chardron, Editor. 1884. In-8.º 1 vol.

*Falar verdade a mentir.* Comedie trad. du portugais. (Na *Revue du Monde Latin*, t. II) Paris.

*Fray Luis de Sousa.* Tradução castelhana de D. Emilio Olloqui. (No tomo III das suas Obras Poeticas. Tipolitographia Penasson.) 1883.

1886

*Camões.* Lisboa. Imp. Nacional. 1886 1 vol.

1887

*Não Catherineta.* Livorno. (No opusculo: Nozze Sarafini—Boelhouver.) In-8.º de 14 pag.

*La Nave di Catarinetta.* Romanza portoghese. Trad. da Ettore Toci. Livorno. 1887. In-8.º

1890

*Camões.* Gedicht—trad. Graf von Schack. Stuttgart. 1890. In 8.º (Na Coll. *Orient und Occident*)

1893

*Memoria historica do Conde de Avilez.* Aveiro. Typ. Aveirense. 1893. In-8.º (Apareceu primeiro no *Campeão das Províncias*.)

1896-7

*La Jeune-fille au rossignol.* (Trad. das *Viagens na minha terra*, publicada na *Revue Britannique*)

1897

*Ignez de Castro.* Projecto de drama. Livorno. Tip. R. Giusti. 1897. In-8.º de 15 pag.

1898

*Morte di Camoens* (De Garrett) da Domenico Perrero. Parma. L. Bottei. 1898. Folh.

*O Imprompu de Cintra.* (Nas Flores Garretianas, pag. 5 a 13) Folh.

1899

*Da Educação.* Lisboa. Empreza da Historia de Portugal. 1899. In-8.º 1 vol.

*Escriptos dispersos.* Colligidos por C. Guimarães Lisboa. Empreza da Historia de Portugal. 1899. 1 vol. in-8.º

*Fr. Luiz de Sousa.* Lisboa. 1899. (Designada quinta edição) In-8.º 1 vol.

*Folhas cahidas.* Trad. italiana, de Tomazzo Cannizzaro. Messina, 1899.

*O Imprompu de Cintra* (Publicado no *Jornal Saloio*, n.º 59, de 4 de fevereiro de 1899.)

Idem. Livraria Guimarães & Libanio. Lisboa, 1899. In-8.º (N.º 1 do Culto Garretiano.)

*Camões.* Canto V. Fragmento da versão. Padova. Frat. Gallina. Folheto.

*Versi di Almeida Garrett.* Versão de Diogo Garoglio. Venezia. Folheto de 16 pag.

*Petits Chefs d'Oeuvre de Garrett*, par Marc Legrand. Mulins. 1899. In-8.º 16 pag.

*Flores Garretianas*, colhidas por Joaquim de Araujo. Napoli. Tip. Auria. 1899. In-8.º de 15 pag.

*Da Obra de Garrett.* Trechos escolhidos por D. Anna de Castro Osorio e Paulino de Oliveira. Lisboa, 1899. In 8.º gr.

*Morte di Camoens*, por Prospero Peragallo. Padova. Tip. Frat. Gallina. 1900. Folh.

1900

*Elogio de Carlos Infante de Lacerda, barão de Sabroso.* Lisboa. Typ. da Empreza de Historia de Portugal, folh. 1900.

*Memoria historica do Conde de Avilez.* Lisboa. (Reprodução do texto da Revolução de Setembro, n.º 1210, de 1845.) Typ. da Empreza da Historia de Portugal, folh. 1900.

*Flores sem fructo.* Lisboa. Empreza da Historia de Portugal. 1900. In-8.º 1 vol.

*Lyrica: Primeiros versos — Lyrica de João Minimo.* Lisboa. Emp. da Hist. de Portugal. (Rosto nas folhas da edic. da Imp. Nacional.) 1900. In-8.º peq.

*Romanceiro.* Lisboa. Empreza da Hist. de Portugal. 1900-1901. In-8.º 3 vol.

*O Comões*, pelo Visconde de Almeida Garrett, Prefaciado por S. Monteiro. Lisboa. Imprensa Nacional. 1900. In-4.º grande. (Edição luxuosissima de que se imprimiram apenas 40 exemplares, como specimen typographico para a Exposição de Paris.)

*Catão.* Lisboa. Emp. da Hist. de Portugal. 1900. In-8.º 1 vol.

*D. Philippa de Vilhena — Tio Simplicio. — Falar verdade a mentir.* Lisboa. Empreza da Hist. de Portugal. 1900. 1 vol in-8.º

*A Sobrinha do Marquez. — As Prophecias do Bandarra. — Um noivado no Dáfundo.* Lisboa. Emp. da Hist. de Portugal. 1900. 1 vol. in-8.º

*Méropé. — Um Auto de Gil Vicente.* Lisboa. Emp. da Hist. de Portugal. 1900. In-8.º 1 vol.

*Brother Luiz de Sousa.* A. Stuy, with translate Extrats, by. Edgar Prestage. Altruichan, 1900. Folh

*O Alfamega de Santarem.* Lisboa. Empr. da Hist. de Portugal. 1900. 1 vol. in-8.º

1901

*Discursos parlamentares e Memórias biographicas.* Lisboa. Empreza da Historia de Portugal. 1901. 1 vol., in-8.º

*Dona Branca.* Lisboa. Empreza da Hist. de Portugal. 1901. 1 vol. in-8.º

*Fabulas — Folhas cahidas.* Lisboa Empr. da Historia de Portugal. 1901. In-8.º 1 vol.

1902

*Frei Luiz de Sousa.* Lisboa. Empreza da Hist. de Portugal. 1902. In 8.º 1 vol.

*Os primeiros versos de Garrett.* Porto, Livraria Universal. (Publicado por Moniz Bettencourt.) Folheto.

1903

*Odes anacronicas.* Evora, Mineira Commercial. 1903. Folheto. (Edição melhorada sobre Ms. de José do Canto, por A. F. Barata.)

*Camões.* Lisboa, Empresa da Hist. de Portugal. 1903. In-8.º 1 vol.

1904

*Frère Luiz de Souza.* Drama em 3 actos, trad. Maxime Formont. Livourne. Imp. Giusti. 1904. 1 vol. (Impresso a expensas de D. Antonio de Portugal Faria.) — Ha outra traducção em folhetins do jornal *L'Epoque*.

*Camões.* Lisboa, Empresa da Historia de Portugal. — Sociedade Editora. 1904. 1 vol. (Designado 9 edição.) 1 vol. in-8.º

*Obras completas de Almeida Garrett.* Grande edição popular illustrada — Prefaciada, revista coordenada e dirigida por Theophilo Braga. (Profusa e brilhantemente illustrada pelos notaveis artistas portugueses Manuel de Macedo e Roque Gameiro.) Lisboa, Typ da Empresa da Historia de Portugal, R. Ivens, 45 e 47. 1904 — 2 grossos volumes in 4.º maximo, tendo o 1.º 1.x-836 pags., e o 2.º v.n-840 pags. 1

*Obras completas de Almeida Garrett.* Lisboa, Empresa da Historia de Portugal, 1904. Em 28 volumes, in 8.º pequeno :

- 1.º *Retrato de Venus* — Historia da Pintura — Fragmentos de Poemas ineditos.
- 2.º *Lyrica* — Vol. 1.º *Lyrica de João Minimo* — Fabelas e Contos — Sonetos — Odes anacronicas.
- 3.º *Lyrica* — Vol. 2.º *Flores sem fructos* — *Folhas cubidas*.
- 4.º *Camões*, poema em dez cantos.

<sup>1</sup> Entendemos terem aqui cabimento as seguintes palavras com que Herculanio noticia o apparecimento em 1839, do prospecto para a publicação, pela primeira vez, das *Obras completas de Almeida Garrett*, palavras que egualmente reproduzimos no prospecto que distribuimos, em vespasas do apparecimento da nossa grande edição, a que esta nota se refere.

« Nas obras do sr. Garrett, como poeta, ha além do merito extraordinario, que as distingue, uma circumstancia que lhes dá o primeiro logar na litteratura portugueza do seculo 19.º, e vem a ser — que ellas comecam o periodo da transição entre a velha litteratura da Eschola chamada *classica*, e a da Eschola que denominam *romantica* e a que nós chamamos ideal, nacional e verdadeira. Antes de D. Branca, a nossa poesia, moldada pelo typo da poesia franceza e italiana do seculo passado, não era senão um reflexo pallido da luz serena da arte grega, reverberado frouxamente no poetas dos romanos, e ainda mais descorado no da epoca de Luiz XIV. A influencia da nossa Arcadia, se destruiu os desvarios gongoristicos do seculo 17.º, matou tambem a nacionalidade e a vida intima da poesia; a arte converteu-se em sciencia e crudição: os poetas *fizeram-se*, não *nasceram*, e por cada poeta *inspirado* houve vinte educados pela fúrela das poeticas e rhetoricas. Protegidas por metrificação severa, por peloticas de lingua, oor tropos collocados em bateria, por estylo pomposo e estudado, por harmonias vãs e sem pensamento, quantas sensaborias e triviali-

5.º *D. Branca*, poema em dez cantos.

6.º *Adozinda* — Romances reconstruidos.

7.º *Romanceiro* — Vol. 1.º Romances da tradição oral.

8.º *Romanceiro* — Vol. 2.º Romances da tradição oral — Romances com fórma litteraria.

9.º *Theatro* — Vol. 1.º *Catóia*.

10.º *Theatro* — Vol. 2.º *Merope* — Improptu de Cintra — Corcunda por amor.

11.º *Theatro* — Vol. 3.º *Auto de Gil Vicente* — *D. Philippa de Vilhena*.

12.º *Theatro* — Vol. 4.º *Alfagene de Santarem* — *Tio Simplicio*.

13.º *Theatro* — Vol. 5.º *Falar veridade a mentir* — *As Prophecias do Bavalarra* — *Um uivado no Dê funido* — *O Camões do Rocio*.

14.º *Theatro* — Vol. 6.º *Frei Luiz de Sousa* — *A Sobrinha do Marquez*.

15.º *O Arco de Sant'Anna* — Chronica portuense. — Manuscrito achado no Convento dos Grillos, no Porto, por um soldado do Corpo academico — Vol. 1

16.º *O Arco de Sant'Anna* — Vol. 2.º

17.º *Helena* (Fragmento de um romance).

18.º *Viagens na minha terra* — Vol. 1.º

19.º *Viagens na minha terra* — Vol. 2.º

20.º *Da Educação* — Cartas dirigidas a uma senhora illustre, encarregada da instituição de uma joven princeza

21.º *Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua portugueza* — *Outros escriptos* — *Impressões e viagens*.

22.º *Memorias biographicas.*

23.º *Portugal na balança da Europa* — Do que tem sido e do que ora lhe convem ser na nova ordem de coisas do mundo civilisado.

24.º *Politica* — Reflexões e Opusculos — Correspondencia diplomatica — Vol. 1.º

25.º *Politica* — Reflexões e Opusculos — Correspondencia diplomatica — Vol. 2.º

26.º *Discursos parlamentares.*

27.º *Cartas intimas.*

28.º *Garrett e a sua obra*, por Theophilo Braga. (Contém a Auto-biographia de Garrett.)

dades estão aninhadas por esses muitos volumes de versos de meio seculo!... O padre Macedo, tão accusado e malquistado por invectivar contra Camões, e escrever o *Oriente* para contrastar os *Lusiadas*, não fez mais que resumir e exprimir claramente por theoria e pratica o espirito da Arcadia, que a propria Arcadia ou nunca em si entendera, ou nunca ousara declarar. A forma da arte era o fim da Arcadia; era com as formas que Macedo guerreava Camões; era para as formas que construia a montanha de gelo a que poz nome — *Oriente*. Foi elle quem definiu a chamada restauração da poesia feita pelos poetas do Marquez de Pombal; e os discipulos e admiradores dos Arcades, que tão assanhadamente pelejavam com Macedo, nem o entendiam nem se entendiam; e por isso na lucta ficaram sempre e sem excepção vencidos.

Quando essas luctas cessaram, e Macedo atirou á balança politica a sua penna violenta e mordaz, o cyclo pseudo-poetico da eschola de Diniz estava completo: devia morrer e morreu, porque a sua missão acabára. A influencia da philosophia litteraria allemã tinha se espalhado na Europa, e uma poesia livre e robusta fazia curvar diante do pensamento a forma, diante do ideal o material, diante do nacional o extranheio, diante do poeta a poetica. Foi nesta epoca que o sr. Garrett atirado pelas revoluções para as praias do desterro, no vigor da mocidade e do talento, viu de longe passar o saimento das Eglogas, dos Sonetos, dos Dithyrambos; das Elegias e das Odes pindaricas, daquellas bemaaventuradas Odes, sobre cuja tumba *chora-*

# SÉRIE DAS EDIÇÕES

DAS

## PRINCIPAES OBRAS DE GARRETT

*Retrato de Venus*: 1821; 1861; 1867; 1868; 1884; 1901 bis.  
*Catão*: 1822; 1830; 1840; 1845; 1859; 1877; 1900; 1904 bis.  
*Camões*: 1825; 1838; 1839 bis; 1844; 1854; 1863; 1880 bis; 1886; 1900; 1904; 1904 bis.  
*Dona Branca*: 1826; 1839; 1850; 1859; 1860; 1861; 1874; 1901; 1904 bis.  
*Adozinda*: 1828; 1843 (incorporada no *Romanceiro*: 1851...)  
*Lírica de João Mínimo*: 1829; 1853; 1869; 1882; 1900; 1904 bis.  
*Da Educação*: 1829; 1867; 1898; 1903; 1904 bis.  
*Portugal na Balança da Europa*: 1830; 1867; 1884; 1900; 1903; 1904 bis.  
*Merope — Um Auto de Gil Vicente*: 1841; 1842; 1856; 1880; 1900; 1904 bis.  
*O Alfageme de Santarem*: 1842; 1856; 1863; 1872; 1900; 1904 bis.  
*Romanceiro e Cancioneiro geral*: I, 1843. II, III, 1851.— 1865; 1875; 1900; 1904 bis.

*Frei Luiz de Sousa*: 1844; MCCCLIV; 1856; 1860; 1869; 1880; 1883; 1899; 1902; 1901 bis.  
*Viagens na minha terra*: 1845-6; 1856-7; 1870; 1883; 1899; 1903; 1904 bis.  
*O Arco de Sant'Anna*: I, 1845; II, 1850. — 1851; 1859; 1903; 1904 bis.  
*Flores sem fructo*: 1845; 1858; 1870; 1874; 1900; 1901 bis.  
*D. Philippa de Vilhena*: 1846; 1859; 1876; 1900; 1904 bis.  
*A Sobrinha do Marquez*: 1848 bis; 1852; 1859; 1877; 1900; 1904 bis.  
*Folhas cahidas*: 1853 bis; 1853 (tres contrafacções brasileiras); 1853, junto ás *Fabulas*; 1869 1901; 1901 bis.  
*Noitardo no Dáfundo*: 1857; 1877, incorporada; 1900; 1904 bis.  
*Helena*: 1871; 1903; 1904 bis.  
*Discursos parlamentares*: 1871; 1882; 1901; 1903; 1904 bis.  
*Escriptos diversos*: 1877; 1899; 1903; 1904 bis.  
*Obras completas*: I e II, 1904.  
*Obras completas*: vol. I a 28, 1901.

com as líras com as bujarronas esvoaçando soltas por mares de louvores, seguidas por um clarão sonoro de buscapés, meio dezaçado, voando com os pés pelo chão, costta arriba do Pindo. Cousa mui piedosa de ouvir e vêr, e que fazia chorar as pedras. Via isto de longe o sr. Garrett (que certas cousas só de longe se vêem bem, como com tanta pilheria o disse um poeta da escola arcadiana :

*Se de perto o não vês, pôe-te de longe,)*

e conheceu que a elle, que nascera poeta, que estava fóra da influencia escolastica, e que via surgir de roda de si a poesia da consciencia e da inspiração, cumpria tomar na litteratura patria o lugar que Scott, Byron e Crabbe, Goethe, Schiller e Burger, Lamartine e Soumet tinham nas litteraturas ingleza, allemã e franceza. D. Branca, e o Camões foram por certo o resultado d'esta convicção. D. Branca, é o ideal da Edade media portugueza convertido em typo poetico; Camões o ideal do poeta christão, valente e generoso, revelado no quadro da longa agonia dos ultimos annos do rei dos poetas modernos. Estes dois poemas, lançados sem discussão preliminar na arena litteraria de Portugal, fizeram estremecer de horror os homens das regras, os homens das poeticas e rhetoricas. E. com effeito, esta appareição não podia ser comprehendida: porque a transição era repentina, e porque ninguém percebera que as tradições da Arcadia deviam perecer logo que fossem diuinadas, que ellas o tinham sido, e

que as suas rigorosas consequencias se haviam completamente deduzir. Os criticos agarraram-se á linguagem, ao estylo, á metrificacão, enfim, áquillo que sabiam, ás fórmãs; mas o espirito e o resultado d'estes dois poemas ficou sem ser percebido, nem calculado e hoje é que elles se começam verdadeiramente a sentir.

Como todos os escriptos do sr. Garrett tragam o selo da sua missão regeneradora; como a influencia d'elles na litteratura actual se tenha desenvolvido, não o podemos examinar aqui, que a estreiteza d'este jornal nolo o veda, e um tal exame equivalera á historia litteraria dos ultimos quinze annos. Tambem de defeitos não podemos fallar, nem quizeramos; que até n'isso foi completa a revolução litteraria; os antigos criticos alimentavam-se da podridão, e por isso o seu maior empenho buscar erros e vicios nas produções do engenho; hoje, a critica mais generosa, indaga formosuras e meritos para os revelar ao mundo, onde a arte só deve servir para consolar o homem de tantas amarguras que sobre elle entornou a mão mysteriosa da providencia.

Entendemos que a edição das Obras do Sr. Garrett é um bom serviço que os editores fazem ás letras portuguezas, e que todos os que as amam os devem ajudar em tão honrado proposito. Repetil-o hemos: além do seu merit' absoluto, ellas têm o mais valioso ainda — de priçipiar em uma epoca de verdadeira regeneração litteraria.



## SECÇÃO I — POESIA

---

### PARTE I — PERIODO ARCADICO

RETRATO DE VENUS

(POEMA)

— HISTORIA DA PINTURA — FRAGMENTOS  
DE POEMAS INEDITOS

LYRICA: PRIMEIROS VERSOS: LYRICA DE JOÃO MINIMO

— FABULAS E CONTOS — ODES  
ANACREONTICAS



# O RETRATO DE VENUS

.... while it pursues  
Things unattempted yet in prose, or rhyme.

MART. PARAD. lost: book 1, v. 15.

## CANTO PRIMEIRO

Doce mãe do universo, ó Natureza,  
Alma origem do sêr, germe da vida,  
Tu, que matizas de verdor mimoso  
Na estação do prazer o monte, o prado,  
E á voz fagueira de celeste gôso  
De multimodos entes reproduzes  
A variada existencia, e lh'a prolongas;  
Que, no fluido immenso legislando,  
Libras sem conto ponderosos mundos,  
Que na ellipse invariavel rotam fixos,  
O' alma do universo, ó Natureza,  
Teus sacros penetraes em vôo ardido  
Busco, rasgo-lhe o véo, prescrito, e vejo  
Insondaveis mysterios: puro, e simples  
Nunca ouvidas canções na lyra entoo.  
Nua d'enfeites vãos a face amena  
Tu volve ao mundo, que te ignora errado.  
Qual és, qual foste, qual te apura os mimos  
A arte engenhosa, tu lhe amostra e ensina.

Como é dado aos mortaes bellezas tuas  
C'o divino pincel, co'as magas tintas  
Estremar com primor, colher-lhe o beijo,  
Sem donosas ficções meu canto ensine.

Ficções!... E aureas ficções desdenha o sabio?  
A douta, a mestra antiguidade o diga.  
Não; fabula gentil, volve a meus versos;  
Orna-me a lyra c'os festões de rosas,  
Que ás margens colhes da Castalia pura:  
Flores, que outr'ora de Epicuro ao vate  
C'o austero assumpto lhe entrançaste amenas,  
Essas no canto me desparze agora.

Venus, Venus gentil! Mais doce, e meigo  
Soa este nome, ó Natureza augusta.  
Amores, graças, revoa-lhe o entorno,  
Cingi-lhe a zona, que enfeiteia os olhos;  
Que inflamma os corações, que as almas rende.  
Vem, ó Cypria formosa, oh! vem do Olympo,  
Vem c'um mago sorrir, c'um terno beijo.  
Fazer me vate, endear-me a lyra.

E quanto pódes c'um sorriso, ó Venus!  
Jove, que empunhe o temeroso raio:  
Neptuno as ondas tempestuosas agite;  
Torvo Sumano desenfreie as furias...  
Se dos olhos gentis, dos labios meigos  
Desprender um sorriso a Idalia deusa,  
Rendido é Jove, o mar, o Averno, o Olympo.

Mas quanto é bello, é grato o vencimento,  
Se á dôr suave do pungir fagueiro,  
Da ferida se encontra amigo balsamo,  
E nos olhos da linda vencedora  
Do ardimento o perdão brando se acolhe!  
Tu, Marte, o dize, o Cyprio moço, o Teucro;  
E vós, que ousais na terra imitar nunes,  
Que do summo prazer rompendo arcanos,  
N'um momento gosais da eternidade.

Emquanto nas lidadas officinas,  
Forjando o raio vingador dos nunes,  
Vive o coxo marido sem receios,  
Já deslembado da traidora rede;  
Do Cynireo mancebo entre os abraços.  
Jaz a esposa gentil ennamorada.  
Nas languidas pupillas lhe transluz  
O prazer divinal, que a opprime, e aneia;  
Nos inflammados beijos, nas caricias,  
No palpitante do seio voluptuoso,  
No lascivo apertar dos braços niveos,  
Nos olhos, em que a luz quasi se extingue,  
Na interrompida voz, que balbucia.  
Nos derradeiros ais, que desfalecem...  
Quem do prazer não reconhece a deusa  
No excesso do prazer quasi expirando?  
Surri-lhe ao lado o filho de travesso,  
E d'entre o myrtho as candidas pombinhas  
C'o estremecido arrullo a dona imitam.

Ah! se o gôsto supremo a um deus não peja,  
Porquê mesquinhas leis nos vedam barbaras  
Tam suave pecar, doce delicto,  
Antes virtude, que natura ensina!  
Dest'arte as breves horas decorriam  
Aos alheados, férvidos amantes;  
E vezes tres rotára o disco argenteo  
Trívia gentil, sem que no Olympo, ou I emnos  
A esposa de Vulcano apparecesse.  
Já na etherea mansão vagos juizes  
Maliciosos forma a inveja, a intriga;  
E sorriso maligno ás deusas todas,  
Do marido infeliz excita o fado.

Em zelosa vingança affana e freme  
O despeitoso Marte; corre, voa,  
E em busca da intiel vagueia o mundo.  
Coxeando o segue o malfadado espôso,  
Dos antigos erros esquecido:  
Tal é, paixão zelosa, o teu imperio!

Fis do somno d'amor espavoridos,  
Os dous amantes c'o ruído acordam.  
De pavor esmorece o joven tímido;  
Por elle aneia a carinhosa amante;  
Descuidosa de si, geme, soluça,  
E do amado na dor, sua dor recresce.  
Que fará?... vacillante... Adonis... Marte...  
O esposo... Ideias, que alma lhe confundem!  
Com o amante ficar, morrer com elle?  
Defender com seu peito o peito amante?  
E salvar-o é possível d'esta sorte?  
Deixal-o?... Fera ideia!... ir as suspeitas  
Dos nunes dissipar com sua presença!  
Que! deixal-o! o seu bem! Venus a Adonis!  
Tanto não pôde a mesma dividade.

Mas este só lhe resta unico meio:  
E forçoso: comsigo ao carro o sobe:  
Voa a Paphos, e ás Graças lisongeiras  
O precioso panhor saudosa entrega,  
Que n'um basto rosal mimoso o guardem,  
Velem sempre por elle, té que aos deuses  
Se esvaeça o furor. Subito ao Olympo,  
Composto o vulto, serenando os olhos,  
Num momento chegou: mago atractivo  
Que lhe spira dos labios, das pupillas,  
Do todo encantador, odios, suspeitas  
Desfaz, esquece em animos divinos;  
Tam pouco, ó bellas, persuadir nos custa!

Arde voltar ao suspirado asylo;  
Mas teme a vejam desconfiados olhos;  
E em tanto Adonis geme, e o seu tormento  
Mais que o proprio penar lhe punge n'alma  
Desenhos volve... Alfim um lhe suscita  
Novo a mente engenhosa: ei-lo abraçado

Jaz muito alem do tormentorio cabo,  
(Sempiterno brasão da Lusa gloria)  
Em não sabido mar, jamais sulcado,  
Ilha aprazivel, deliciosa, e breve:  
A mão dos homens destruidora, e barbara,  
Mimos da creação não lhe estragára.  
A seu gráo crescia o bosque, a selva;  
Vecejava sem leis o prado ameno;  
D'alvas pedrinhas pelo leite amigo  
Se espreguiçava o crystalino arroyo,  
Sem temer que impia dextra ouse perversa,  
No brando curso interromper-lhe as aguas.  
Prêsas não gemem fugitivas Nayas,  
Nem Dryades gentis feridas choram:  
Sem arte a natureza era ainda a mesma.  
No mais escuro do copado bosque  
Ternas suspiram maviosas rôlas;  
E em mais alegres sons, prazer mais ledo,  
A meiga ave d'amor no arrullo exprime.  
Outro vivente algum a aura fagueira  
Não ousa respirar. Silencio eterno  
Impera na solidão, dobra-lhe encantos.

Tam suave mansão nem mesmo os nunes  
No ceo conhecem. Da ternura a deusa,  
Só Venus sabe do recanto ameno.  
Tu, do universo creador principio,  
Venus! oh mãe d'amor, oh mãe de tudo!  
Que amor é tudo, que so tu com elle,  
Ambos creastes e regeis o mundo,  
Que a natureza sois, ou ella é vossa:  
Cypris, Cypris gentil, pôdes acaso  
Ignorar uma so das obras tuas?

«Mãe, (lhe diz, entre alegre e malicioso,  
Mas compassivo, o filho), «nessa ignota  
«Ilha do Indico mar...»—Um doce beijo  
O conselho pagou.— Subito parte,  
Lá chega; e nova se difunde a vida

Na solitaria estancia; em novos germes  
O deleite, o prazer renasce, pulam.

Quam doces d'antemão gosou delicias  
A mui fagueira deusa! O sitio ameno  
Extasiada contempla. «Oh! quam ditosos  
(Glamou) «seremos! Ignorado, occulto,  
(«O' doce amante, viverás sem medo.  
«Aqui, no seio da ventura e goso,  
«Nos meus braços...» Parou suspensa, e geme:  
Cruel lembrança lhe assomou na mente;  
Agros deveres, perfidas suspeitas,  
Quantas vezes do amante hão de apartal-a!  
Suspirar: as rosas do prazer se esvaem  
Das lindas faces niveas. Pensativa,  
Melancolica, e triste... (eis fausto agouro!)  
Estremecido arrullo alvas pombinhas  
Deram á sestra mão. Ah! sim: é elle:  
Amor, apoz a mãe, veiu ajudal-a.

«Filho (co'a voz lhe diz, que impera em Jove,  
Que tam suave rege a natureza),  
«Tu me feriste; não accuso o golpe:  
«Amo, adoro esse ferro, que me punge,  
«Que na chaga, que abriu, doçura entorna;  
«Só quero, só te peço (que não peja  
«De implorar-te soccorro a mãe ferida)  
«Derradeira mercê: oh! deixa um pouco  
«D'humanos corações facil conquista:  
«Cesse qualquer an or quando «ma Venus.  
«A culta Europa rapido discorre,  
«E a progenie d'Apollo, almos, divinos;  
«Os pintores me trazem aqui n'um ponto.

Pasmou c'o rôgo inesperado o numen:  
A causa inquire. «Ah! não: (lhe torna a deusa)  
«Não cumpre ainda revelar-t'a, ó filho;  
«Cubra o véo do mysterio o doce intento.»

Mal disse: e o raio mais veloz não rue  
Da rubra dextra do Tonante irado,  
Do que a tuba dos candidos amores  
A voz da deusa fende os ares liquidos.  
Quaes voam de Minerva ao sabio clima,  
Hoje torpe, e servil c'o bruto imperio;  
Quaes á augusta senhora do universo;  
Senhora, emquanto Roma era inda «oma:  
Quaes ao paiz do mysterioso Etrusco:  
A' formosa Bolonha, á gran Veneza;  
Grande emquanto reinou sobre o Oceano:  
Quaes á soberba Gallia, á Iberia, á Lysia;  
Que de Lysia tambem, tam cara ás musas,  
Da poesia a rival, a irmam tem filhos.

De toda a parte a obedecer contentes  
Correm ao mando de Cypris bella,  
Da natura em despeito, homens creadores.  
Prometheus, que á materia informe e bruta  
C'o divino pincel dão forma, e vida;  
Erguem da campa gerações extinctas;  
Plantam copados, que enfloream, bosques;  
Co'a viva historia os homens eternizam;  
E, fitando no ceo audazes vistas,  
Aos pasmados sentidos apresentam  
Visivel, sem reboço a divindade.

Da fertil em prodigios, d'alta Grecia  
O pae d'arte divina, Apelles marcha,  
Thimante, Zeuvís, e Parrhasio, e quantos  
A culta Grecia, a deliciosa Roma  
Famosos produziu em sec'ões d'ouro.  
Cimalha famoso apoz caminha,  
Que as esfriadas cinzas animando  
Do engenho, do talento o facho vivo  
Fez na Europa brilhar, e abriu de novo  
O caminho gentil da natureza



Do barbaro furor fechado, ha muito.

Aos golpes crebros, incessantes, duros  
Da ferrea mão do avaro despotismo.  
Sem forças, sem vigor jazia, ha muito,  
A misera Bysancio. Em surda guerra  
Fallaz superstição d'infames bonzos,  
Fanatismo cruel, bífrente, e iniquo.  
Hypocrisia vil, perfida e puro,  
Ruína infausta lhe apressava, e morte.  
Avidos sorvos de Koman cubiça,  
Da Latina ambição, riquezas, pompa  
Roubado haviam insaciáveis, leros  
De Constantino á corte Espessa nuvem  
De negros vícios, de perversos crimes  
Pousou medonha sobre os tristes netos  
Degenerados, vis d'um povo illustre.  
Crestadas, sêccas pelo sópro ardente  
Da tyrannia atroz definham morrem  
Apeinhadas as virtudes candidas;  
Ao cúmulo chegou desdita, opprobrio  
Dos fados teus, ó Grecia. Eis ante as portas  
Da famosa cidade, audiz, soberbo

Musulmano feroz, Mahomet se ostenta.  
Monstros que o sangue do mesquinho povo  
Impios bebestes, ah! tremci, que é elle:  
Austero acote das celestes iras  
Sobre vós descarrega a mão divina.  
Bonzos, no centro aos claustrous profanados  
Embalde a frente d'horridas maldades  
Carregada escondéis: lá vae, lá chega:  
Sobre as aras d'um deus, a quem ousastes  
Incensando-o, offender, a vos immola

Artes, sciencias, a guarida extrema,  
Perdeste<sup>1</sup> a em fim; voltae, fugi; que Hesperia  
Os carinhosos braços vos estende.  
Ei-las: oh! folga, venturosa Europa.  
Lá cai a pouco e pouco em terra o throno  
Da barbara ignorancia: as trevas do êrro  
Vai accossando da verdade o faxo.

Arte divina, magica pintura,  
Foragida também, thesouros, mimos  
Vens espalhar n'almi ditosa Italia.  
Italia! oh! folga: Raphaeis já pulam.

## CANTO SEGUNDO

Mas eis, distinctos esquadões formando,  
As escolhas assomam: reina entre ellas  
Vivaz emulação, que gera os sábios:  
Vão lhe na frente os affamados chefes.  
Que a patria honraram c'o pincel divino.

No bello antigo modelando as graças,  
Que em mais sabio pincel, mais bellas surgem.  
A frente airosa sobre erguendo ás outras,  
Vem tribu excelsa dos Romãos pintores.  
Deram-lhe o grau supremo ardua sciencia  
Das attitudes, d'expressão, verdade,  
De audaz composição, nobre elegancia,  
O correcto desenho, e puro, e grave,  
E quanto inspira Apollo ás almas grandes.  
Em extasi sublime altas ideias.  
É filho seu (que mais sobeja gloria!)  
Kaphael, o divino, o mestre, o numen  
Da moderna pintura, eterno bellho.  
Que os Apelles offusca, e Roma e Grecia:  
Que, as barreiras transpondo á natureza,  
Olhou de face a face a divindade,  
E as glorias do Thabór fez ver ao Tyre.  
E aos d'arte amantes desejar com Pedro  
Junto ao prodigio habitação ditosa<sup>1</sup>

Julio o mestre imitou, foi digno d'elle:  
Forte, ardida expressão lhe anima os traços,  
Que ás proficuas lições dão gloria e lustre.

Em cêrca aos muros da gentil Parthenope,  
Onde aprimora a natureza os mimos,  
E a voz do creador soou mais bella,  
Onde, entre montes de sulphureas cinzas,  
Umas sobre outras, as cidades jazem,  
E a rôdo os d'atro fogo horridos rios  
A poeticas ficções dão ser terrivel:  
Alli, silencio eterno ergueu severo  
Religiosa mansão: firmou-lhe as bases  
Austera, descarnada penitencia  
Sobre as azas do ingenho, a voz d'um numen,  
Vigoroso, expressivo Spanholetto  
Lá foste, e a assomos do pincel terrivel  
Em longas vestes surgem, pulam, vivem

Fatidicos anciãos: ás portas velam  
Da estancia outr'ora silenciosa, e sancta.  
E quando atroz, hypocrita veneno,  
Lavrando a furto sob o sacco, e cinza,  
Os muros profanou, que ergueu virtude,  
Inda no mesto panno afflicto suam;  
E a gloria do pinor fulge entre o crime.<sup>2</sup>

Fostes, como elle, heroes da arte divina,  
Polidoro gentil, vivaz F. ttore,  
Saliente Caravaggio, que exprimiste,  
Senão bella, fiel a natureza.

Nobre, altivo Cortona, quanto vivem  
Scenas famosas da nascente Roma!  
Nas mães trementes, pallidas filhinas,  
Vê como a mesma dor redobra encantos!  
E o fero aspecto dos Quirinos Martes,  
Onde a furto da gloria amor scintilla!  
Ah! proximo o prazer vae dar ao mundo  
Prodigios de valor, extremos d'honra,  
Prole Romana... Eis o universo em terros.<sup>2</sup>

Amavel, terno Sacchi, a ti sorriram  
Do magno cinto de Erycina as graças;  
Meigos, suaves dons te esparzem n'alma,  
Que nos quadros gentis reflectem doces.  
Belligero Cerquozzi avulta aos olhos  
E randir no panno, lampear mil terros,  
E aos roucos sons da sanguinosa guerra,  
Entre as phalanges baralhadas, rotas,  
Entre abysmos d'horror alçar-se a morte.<sup>3</sup>

Quam magos fulgem divinaes, sublimes,  
Maratti encantado, facil Giordano,  
Mimoso Dolce, e vós, que á nova Roma  
Engenhos tantos, insondáveis, grandes,  
Por guerreiros tropheos, soberbos rôstros,  
Triumphos cem do ovante Capitolto,  
Dais, se menos viril, menos heroico,  
Ornamento gentil, belleza, encantos.

<sup>1</sup> Quadros dos prophetas por Spanholetto, na Cartuela de Na-  
vies.

<sup>2</sup> O roubo das Sabinas por Cortona

<sup>3</sup> Pintor de batalhas.

Já de acurvados reis não brilha o fasto  
Da escravidão contentes; não se antolha  
Em cada senador um nune, um Jove.  
Já nas praças, nos templos não campeiam  
Os despojos do mundo; o Circo, o Fóro,  
Prodígios d'arte, da opulência, e luxo,  
Da barbara ignorância às mãs s'cederam.  
Cheio de Livio o viajante absorto  
Não vê do Capitolio a frente erguida  
Torreada avultar com ferros cento,  
Não vê povo d'heroes girar-lhe entôrno;  
Da inesp'rada mudança pasma, e geme,  
E no centro de Roma a Roma busca.  
Porém, se amiga mão lhe guia os passos,  
Se o Vaticano e mil prodígios nota,  
Que do antigo esplendor moderam fama;  
Então Roma conhece, então venera

Nobres resquícios de gloriosos évos.  
Taes da moderna Roma os filhos iam  
Por travesso menino conduzidos;  
E d'aliva belleza ornada a frente,  
A magestosa, Florentina eschola  
De perto os segue: no atrevido ensejo  
Parece disputar-lhe o grau supremo.  
Co'a sublime expressão, desenho ardidio,  
Gigantesca maneira, audaz, mas bella,  
Se antolha enobrecer a natureza.  
Brandas graças d'amor, ternura, encantos  
Feroz desdenha; só lhe avulta á mente  
O nobre, a pompa da ideal grandeza.

Não foi sobre o Synai mais formidavel,  
Que d'Angelo entre as mãos, Moysés terrivel;  
Nem lá no extremo, derradeiro dia  
Julgamento final será mais horrido.  
C'o deus, que o peito vos perturba, anceia,  
Mais pavorosas não rugis, Sibylas.  
Da mão nervosa cada traço é raio,  
Que espanta os olhos, que deslumbra a mente;  
Que enxofrado clarão, medonhas larvas  
Em todo o horror do Averno ostenta horrido;  
Que, se um deus pinta, é do castigo o nune,  
Que em longa geração pune um só crime.  
O deus, que no deserto, entre os relampagos,  
Entre o rouco estampido das trombetas,  
Pela voz do trovão legisla ao mundo.

Eis. desdobrando hydraulicos segredos,  
E as mechanicas leis com sabia dextra  
Movendo a seu sabor, á gloria sua,  
Vinci tam caro aos reis, de o ser tam digno,  
Seu correcto, purissimo desenho.  
Engenhoso compor o eleva aos astros,  
Aos astros, onde fóra em vôo ardidio  
Os pinceis escolher, buscar as tintas,  
Com que d'ultima ceia debuxára  
Amor, transportes, mysteriosas scenas.  
Ah! gire o teu prodigio o mundo inteiro;  
E de grado a razão cede ao mysterio

Cores roubando á natureza, e mimos,  
Bello como ella, o inimitavel Porta  
Ao gelado silencio de ermo claustro  
Chamou das nove irmans o choro arguto.  
Urbino o conheceu; e o sceptro augusto  
Curvou ante elle; e, confundindo os raios,  
Os dous d'alma pintura astros brilhantes,  
Sem negro eclipse, scintillaram juntos.  
Vens, ó Sarto, apoz elle, ameno, e brando:  
Vens, e cruzzi gentil, fertil Pantorma,  
Que ao nobre assômo do pincel nervoso,  
C'o doce encanto das mimosas tintas  
Fizeste a Raphael, a Buonarrotti  
D'arte a coroa estremecer na frente,  
Sec os famosos d'Alexandre, e Augusto

Na Italia renovou macio Allori;  
E as meigas cores do pincel Lombardo  
Quasi Cioffi usurpára ao grão Corregio.

Ah! veda a musa e pequenez do engenho  
Seguir-vos todos, divinas pintores:  
Segura a fama vossa alteia a frente,  
E o vate ao longe vos contempla os vôos.

Gentil Bolonha, que na Europa barbara  
O facho das sciencias accendeste,  
Que o Gothico stupor tiraste ás artes,  
E as cinzas da virtude apesinhadas  
Por sanctos crimes de sagrados monstros  
C'um Benedicto consolaste em Roma,  
Eis vem dignos de ti, teus sabios filhos,  
Numerosa familia, antiga e nobre,  
Que o mel das graças delibando fêrvida  
Em quantas flores produziu Apollo,  
Nobre desenho modelou no antigo,  
A' natura usurpou vivaz belleza,  
E o mago, o puro dos gentis contornos,  
A verdade, a expressão, o rico d'ordem,  
E o colorido inimitavel, bello,  
Que emparelha com a arte a natureza

Assim brilhou divino o gran Corregio,  
Assim Francia gentil, assim Mantegna,  
E Bolognese vigoroso, e forte;  
E tu, que o terno amor, e seus encantos,  
Simplices graças da natura virgem,  
Da innocencia infantil o mimo, os jogos,  
A singelas beldades exprimiste  
No mavioso pincel, mavioso Albano.  
Nem deslembre de Guido a fertil mente,  
Talento universal, vago, mas bello...

C'a expressão de Zampieri ordem, nobreza,  
Vê d'Agnese gentil a ardua constancia  
Como os p'rigos desdenha, e vê risonha  
Já do ferro do algóz pender-lhe a morte.  
Férino aspecto dos ministros barbares,  
Da augusta religião viril triumpho  
Aos engolfados olhos se apresenta,  
E arrebatando o esp'rito a deus, ao vate,  
Um prodigio a prodígios amontoa.  
Vê Guerchino tambem, que ora nervoso,  
Ora sombrio, e fero, e terno outr'ora,  
Mas sempre encantador, em cada rasgo  
C'um portento de mais a arte enriquece.  
Qual vira a Palestina o pae dos crentes?  
De fé, de submissão dar nobre exemplo;  
Tal vive no pincel, tal inda avulta  
Co'as veneráveis cans, e honrado aspecto.  
Misero velho! desgraçado infante!  
Que! tu mesmo, infeliz! c'o a mão paterna  
Hasde cortar-lhe o fio á tenra vida,  
Unica esp'rança de canções annos,  
De mui doces promessas? Como... ai triste!  
Oh! como voltará sem elle á tenda?  
Com que olhos fitará maternos olhos?  
Com que voz lhe dirá? .. Mas parte; e a dextra  
Já, já quasi... Suspende: um deus o ordena;  
Um deus é pae tambem: suspende o crime:  
São leis da natureza as leis divinas;  
Em premio da tua fé recebe o filho.

Ah! se ao nome Lombardo é pouco tanto;  
Eis triplice ornamento á patria ao mundo,  
Doutos Caracis, que o divino engenho,  
Ou c'o a dextra gentil ornando a Italia;  
Ou dando á juventude almos preceitos  
Da arte formosa, perpetuando-a aos évos,  
Nova, extremada lhe augmentáram gloria.

1 O *Sacrificio de Isaac*, quadro famoso de Guerchino.

## CANTO TERCEIRO

Musa, deixemos a mansão terrestre,  
Sobre o infido elemento estende os vãos.  
Eis sobre as ondas c'ò pincel divino  
Maga pintura, legislando ás vagas,  
Enfrieira as iras de Neptuno indomito.  
Vê d'Adria o golfo tempestuoso, e fero  
A' voz da liberdade agrihoado.  
Surge do seio das domadas aguas  
A cidade gentil: pasmou de vê-la,  
E còrou de vergonha a natureza.  
E a mão do creador, ao ver confusos,  
Baralhados antigos elementos,  
Se ao homem, que os trocou, não dera a vida,  
Quasi, quasi um rival temêra n'elle.  
Alli, fugindo aos clamorosos brados,  
Ao jugo, á servidão da tyrannia,  
Homens, poucos, mas homens, começaram  
Com ancia a defender sacros direitos.  
Emporio foi depois do rico Oriente,  
E do alado leão tremeu gran tempo  
O atrevido colosso Mussulmano.  
Hoje (ideias de dor, lembrança amarga!)  
Da popa olhando o navegante ao longe:  
«Veneza aquella foi» — exclama, e geme;  
E segue a esteira das cortadas ond'is.

Veneza foi: compridas, longas eras  
Foi a patria d'heroes, foi mãe de sabios;  
E as dadivosas musas lhe outorgaram  
Egregios filhos, que o talento, as vidas  
A' formosa sciencia consagraram;  
Que imitando fieis a natureza,  
Olhos seduzem, e deleitam alma,  
Que nos toques graciosos, na belleza  
Da gentil invenção, doce magia  
Do claro-escuro, rico invento d'arte,  
Aos mais sabios pinceis não cedem nada

Deusa, acode á avidez, que o vate encia.  
Fere nas cordas da estremada lyra  
Dos famosos varões o nome e os dotes:  
Dize a Ticiano, dize quaes natura  
Lhe entornou dadivosa encantos simples,  
Que, ou arte ignoram, ou subtile a escondem:  
Já d'humanas feições transsumpto exacto,  
Já co'as nativas côres exprimindo  
No engenheiro pincel tudo o que existe.

Adriades gentis, oh! vinde, as frentes  
Coroadas de dôr, na campa avara  
Humido pranto derramar saudoso!  
Ai do triste mancebo! o fado iniquo,  
Só por choral o, o concedêra ao mundo!  
Oh! com quanta expressão, nobre altiveza  
Castel-franco brilha, fulgiu mais que homem!  
E tam breve lhe deu a sorte a vida!  
E no fuso cruel a Parca dura  
Um fio tam gentil fiou tam curto!

Oh! suspendei as lagrimas formosas:  
Longa carreira os céos marcaram providos  
Aos dois Bellinis, venerandos chefes  
Da nomeada escola: á gloria vossa  
Vivem padrões eternos; Piombo illustre,  
Que a fama ousou balancear d'Urbino;  
Pordenone inventor, de quem Ticiano  
Temêu roubadas as divinas côres;  
Completo Palma, a quem mostrou natura  
Sempre formoso o variado aspeito;  
Animado Bassano verdadeiro;  
Fertil, e vivo Tintorero rapido;

E tu, Paulo gentil, delicias, mimo  
Dos voluptuosos olhos da donzella:  
(Mui grato enlevo do inodrido amante)  
Qual Verona folgou com seu Catullo,  
Tal contigo: mil graças, mil encantos  
Sem mysterio, sem vêo te deu, lhe dera  
Nua de pompas vãs, a natureza:  
Seu renome inda vive; e o teu com elle,  
Em que lhe pèze á inveja, e seus furôres,  
Illa de eterno brilhar. Assim raivosas,  
Frustradas gralhas invejosas grasmam  
A' ave olympia de Jove; e entanto os vãos  
Ella ao sol remontando, as mota, e burla.

Porém mais longe d'í risonha Hesperia  
Voltemos a attenção: vê como em Flandres,  
Scena outr'ora intelliz da gloria Franca,  
Da Cypria deusa demandando a estancia  
Vae turba immensa dos rivaes d'Italia.

As graças naturaes, singellas, puras  
A' portia a acompanham: não se'enfeita  
Por suas mãos a simples natureza:  
Em loução desalinho bella, e nua  
Mimos lhe outorga, que ella só conhece,  
Que a vós é dado só, magos pintores,  
Com arte ignôta do universo ao resto  
No pincel exprimir fiel, divino.  
I'rodigios falem de Van-Eick famoso,  
Do correcto, vivaz, firme, e urêro:  
Dize-o por todos: se inda alguém no mundo  
Ignora tanto, que te ignore os dotes;  
Fertil, brilhante, verdadeiro-Rubens.  
Rubens! Oh nome! O' filhas de Memoria,  
Vós, que no Pindo entre o verdor mimoso  
Lhe batejastes divina espirito,  
Quando, librado sobre as azas d'ouro  
Lhe sublime, elevada allegoria,  
Viui, pintou. Ah! fez mais: creou, deu vida  
A chymicos vãos, mas bellos,  
Que o vivo imaginar lhe debuxara.  
Quam doce, e meiga a enternecida Venus  
Com suspiros, com ais, com ternos beijos  
Tenta a furia applicar, reter nos braços  
Gradivo impaciente! Olha do monstro  
O torvo gesto, o facho sanguinoso...  
Filla! a guerra cruel! a horrivel frente  
Co'a máscara da gloria esconde ao nimen,  
E o veneno lethal lhe infunde n'alma  
Lá baqueia de Jano o templo augusto:  
As artes, as sciencias calca o monstro;  
E a d'auradas espigas, rub os pomos  
Gentil coroa á agricultura arranca.  
Ternura, horror, assolação, belleza  
Com portentosas mão juntaste, ó Rubens.

Quam bello é na expressão Vaen correcto!  
Holbein sublime, vigoroso, nobre!  
Van-Rin saliente, harmonioso, e doce!  
Quam firme é Wanderwérl singello, e puro!  
E tu, mimoso Van Dérnér, que em Gnido  
Bebeste as graças possuiste os risos.

Ah! já cançada se me aílrouxa a lyra:  
Rouca, e sem voz mal associa ás cordas,  
Difficéis nomes de estremados mestres,  
Um por tantos direi; e o nome illustre  
Te baste, ó Flandria, a coroar-te a gloria:

Quadro allegorico da guerra por R.

O bello, o simples, verdadeiro, e grande,  
Do mestre a obra maior, Vandick insigne.

Mas, qual ruído, que tumulto, ó musas,  
Do Pindo a sacra paz impio disturba?  
Quanto vivem!... Que heróes da pátria raios!  
Armas! guerra! o turor! o sangue! a morte!  
Destroço! horror! assolacões! ruínas!  
Eis dos Alpes franqueado o gelo eterno:  
Nada resiste; c'o rugido extremo  
Baqueia exangue de Pyrene a ferra.  
Co'a Europeia ruína a frica nua,  
Asia treme; e nas praias de Colombo  
A fugitiva liberdade apporta.  
A longes terras se acolheu Minerva,  
Sem rumo as artes desgrenhadas fogem.  
A Roma de Catão, d'Augusto a Roma  
Não é de Pio a effeminada corte;  
E em vez d'um Fabio tardador, d'um Quincio,  
D'um Bruto, um Manlio; prostituta prole  
No deshonrado Capitolio avulta.

Quem, bellezas d'Italia, hade amparar-vos?  
Quem!... Animos cobrai; volvei sem medo  
Artes, sciencias; já no Sena ovante  
O proprio vencedor no seio amigo  
Vos acolhe, e accarinha, e no alto alcaçar  
Augusto solio perenal vos ergue.  
No Sena ovante (oh do porvir assombro!)  
Em quanto os filhos seus, terror do mundo,  
Raios desferem, que o universo aterram;  
Renasce mais gentil, vive mais fúlgido  
O se'clo de Luiz; succede á velha,  
A' pedante Sorbona, almo Instituto.  
Eis novos Raphaelis, arte divina!

Não lamenteis Poussin, Gallia ditosa,  
De Mignard, e Blanchard divinas côres,  
De Lebrun a expressão, feis costumes,  
Paizagens de Lorrain, maga ternura  
Do voluptuoso, encantador Santerre,  
Grandioso stylo do vivaz Subleyras:  
Teus modernos heróes excedem tudo;  
E ao seio da opulencia amamentados,  
A' voz da glória redobrando esforços,  
Talvez irão com denodado arrojô  
Do solio d'arte derribar a Italia.

Se, entre barbaras mãos gemendo outr'ora,  
Devêste a Belisario a vida, ó Roma;  
Se das fúrias cruéis d'horrida guerra  
O juramento te isentou d'Horacios;  
Se quanto foste em gloriosas quadras  
A um necessario roubo, á paz, que o segue,  
Ao ferro audaz de Romulo devêste;  
Treme d'elles agora, treme, ó Roma;  
Que no heroico pincel David illustre  
As cinzas lhe animou; marcham por elle  
Tua fama a conquistar, roubar teus ouros:  
De Urbino, e Buonarrotti o throno prostram:  
Eis campeia David! — Não longe d'elle  
O terno Girodet, suave e brando,  
Que, do Meschacebeu vingando as margens,  
C'o vate insigne emparelhou nos vãos,

Quadros celebres de David.

E na pasmada Europa ergueu d'Americo  
As pomposas florestas, e a nobreza,  
Ornamento feroz d'um mundo virgem:  
Que os encantos d'amor, e os seus furores,  
O poder da virtude, e os seus esforços  
Dignos d'elle exprimiu, e tez de novo  
Olh's sensíveis afogar em pranto.

Eis á voz de Gérard das campas rompem  
Extinctas gerações: Saturno as azas  
Indignado encolheu, e a presa antiga  
Viu roubar-l'ha o pincel, quebrar-l'he os élos  
Da impreterivel, perennal cadeia

Ruge fremente o mar, bramindo, e ronca  
Nas oucas rocas, nas quebradas fragas  
Do tormentorio mar... Lá se ergue ingente,  
E immenso troa o colossal gigante.  
Treme d'entorno o mar, e a terra, e o mundo;  
E a voz, que os polos com fragor desloca,  
Pela primeira vez á gente Lusa  
Pallida imprime a sensação do medo.  
So impavido, um só, Vasco lhe arrosta:  
Pasma a ousadia d'um mortal a um nume.

Oh lagrimas d'Ignez, sangue innocente,  
Correi, correi do milagroso panno  
E em lagrimas de sangue o applauso eterno  
Aos vates recebei, aos vates ambos  
Oh - érard! oh Camões! qual mão divina  
Vos uniu, vos juntou? Oh! folga, ó patria!  
E tu, Sousa immortal, grata homenagem  
Recebe eterna da mui grata Elysia.

Vê nas mãos de Guérin qual geme e aneia  
Pincel, que hervou na dor, que embebe em pranto  
Que incestos, crimes (de Trezena horrores)  
C'o Euripides Franceza disputa ainda  
Quem de pavor, de compaixão não gela  
Ao ver nas murchas, esmyrradas faces  
Da bella ainda, miseranda Phedra  
Surgir do panno, que as conter mal pôde.  
D'um criminoso amor, violencia e fogo?

Guerreira a mente de Vernet fulmina  
Os raios de Mayorte, o horror das armas;  
E sobre os quadros de Le-Gros famoso  
Os manes folgam de Rollin, Voltaire.

Mas tanta glória inda não basta, ó Francos.  
Para o completo, universal triumpho:  
Que no lbero pincel inda refulge  
O nome de Ribera, o de Murillo,  
E duvida d'Albion mosqueada fera,  
Vaidosa d'West, conceder-te a palma;  
Inda lhes guardam justicosas musas  
No bífido Parnaso um grau distincto.

Assim quando no ceu, callada a noute,  
Candida brilha superior Diana,  
Se com menos fulgor, astros com tudo,  
Gentis avultam nitidas estrellas

<sup>1</sup> Celebres pinturas de Gérard na edição dos *Lusiadas*, pelo sr. José Maria de Sousa

<sup>2</sup> Pinturas de Guérin tiradas de Racine.



RETRATO DE VENUS, PAG. 4

Amor apoz a mãe veiu ajudal-a.



## CANTO QUARTO

Eia! colhamos as cançadas vélas,  
Musa: o filhinho da amorosa Venus  
Já pelos ares líquidos se enlancha,  
e, lido corre co'as donosas tribus  
Dos illustres rivaes da natureza.  
Da Europa toda já voaram fervidos  
Da voz ennamorada ao som fagueiro,  
-ó Lysia falta... A minha Lysia, ó Venu!  
A patria dos heroes, a mãe dos vates,  
A patria de Camões, do teu Filinto!  
Onde a voz de Bocage, a voz de Gomes  
Sempre em teu nome resou na lyra!  
Onde a teu culto, mais que em Rôma, ou Grecia,  
Em cada coração se eleva um tempo!  
Lysia, de Venus esqueceram filhos!  
Ah! volve os olhos immortaes, divinos,  
- os seculos remotos; vê no Tejo  
Como entre as sombras da ignorancia Gothica  
Brilham nas trevas Lusitanas tintas;  
Vê do gran Manoel na epocha d'ouro  
Sobre as bellas irmans como se eleva  
A divinal pintura; vê mais perto,  
Em quanto geme c'o ferrenho juço  
A flor, a augusta das nações princeza,  
Erguer das ruinas sobranceira a frente;  
E alfin nas quadras que marcara o fado  
Ao brio Lusitano extremo exiôrco:  
Calcando a juba de Leões gryfanhos,  
Parando ás Aguias remontados voos,  
Como á porfia sobre o Tejo e Douro  
Apelles mil e mil revivem, fulgem;  
Brilha o Luso pincel. Ah! se aura amiga  
Continúa a soprar. Não; ferrea pesa  
A mão do despotismo, opprime, esmaga,  
Destroe renovaos das mimosas artes.

Mas qual ouço confuso borborinho!  
E sois vós! Ah! perdoa, alma Erycina:  
O teu povo fiel tu bem conheces;  
Nem chamal-o cumpria: é-lhe sagrada,  
Inviolavel lei um teu desejo.  
Eil-o corre: que luz, que ethereo brilho  
De louro e rosas lhe engrinalda as frentes!

Olha entre a nevoa de alongados évos.  
De atroz barbaridade embrutecidos,  
Como Alvaro rebrilha, um Nuno, um Annes,  
E do energico Vasco a fertil mente;  
E Duarte, e Gomes tam famosos ambos,  
Tam caros ao gran rei, Manoel ditoso  
Vê do illustre Rezende a mão facunda,  
Trocando a penna, que mandara aos évos  
Os feitos dignos de perenne historia,  
Pelo arguto pincel: o sabio Carlos,  
Que ao divino Correggio usurpa as côres;  
Dias, que á patria transportára ovante  
O mel, e as graças dos famosos mestres;  
Harmonioso Christovão, claro Sanches,  
Que os monarchas d'Europa inteira vira  
D'honras, de bens accumulal o ansioso.

Eis sobre as azas de elevado arrojo  
Vinga altivo Campello o cume erguido  
Dos montes de Judá. Lá surge, e avulta  
No mysterioso panno um deus, um homem.  
Pasmou a natureza ao ver confusos  
No seio maternal o pae e o filho.  
Mago pintor lhe renovou prodigios;  
E aos tormentos d'um deus tremeu de novo  
A longa serie dos criados mundos.<sup>1</sup>

Sensiveis corações, vinde espelhar-vos  
Nos ternos quadros, que sagrou virtude;  
Vinde á sombra do vate, ao seio augusto  
Da sancta religião, da mãe caravel  
De humanas afflicções verter o pranto:  
Vinde; e entre a dor vos surgirão prazeres,  
Prazeres do Christão, doçuras d'alma.  
Quanta gloria Fernando ao sabio mestre,  
Quantos louros grangeou! Lopes sublime  
Juntou d'urbino aos expressivos rasgos  
A ardidez gentil d'Angelo altivo.  
Vasques douto, e regrado os traços mede  
No exacto petipé da natureza.  
E tu, Leonor, d'entre a nobreza e fasto,  
Origens sempre de brutal inercia,  
Soubestes ás artes levantar o espirito.

Qual do Luso pincel nos fastos vive.  
Hollanda creador! Deusas do Pindo,  
Eis novo esmêro vosso, invento novo!  
Vastos arcanos da pintura se abrem,  
Accumulam-se a rodo almos thesouros;  
Graças lhe admira o árbitro da Europa,  
E na bocca dos reis louvores fulgem.  
Hollanda venturoso! Ah! de tuas ditas  
Taes as menores são: mais dêste ás musas,  
Mais a ti, ao teu nome, á patria, ao mundo  
No filho, o grande filho, a glória nossa,  
Mimo ao patrio pincel do numen louro.

Cedendo á voz d'um deus, que o chama a nome,  
O Cicero Africo erros abjura;  
Sancto prelado o omnipotente invoca,  
E d'agua exulta candido Agustinho.  
Perito d'expressão, viva faísca  
Do lume eterno, que lhe ardeu na mente.  
Vate!... Ah! não vate; um anjo, um deus te guia,  
Move o arguto pincel na sabia dextra.  
Do Olympo eis surge a magestade, a pompa;  
Olha d'Ambrosio o venerando aspecto,  
C's olhos, onde em goso alma trahorda,  
D'Agustinho a humidade, e o gesto vivo,  
Onde a força transluz d'activa mente,  
Da eloquencia viril, saber profundo.<sup>2</sup>

Pereira natural, severo e forte  
O terrível pincel por entre ruínas,  
Entre chamas e horror meneia arido.  
De novo a cinzas reduzida Troia  
Por elle foi; por elle Pyrrro ingente  
C'o tacho assolador vagou por Ilion.  
Antolha ouvir-se em pavidos lamentos  
O confuso ulular da mãe, que espira,  
E no extremo bocejo aperta os filhos,  
Do pae tremente, que a rugosa face  
Entre o seio da filha esconde, e geme,  
E quizera morrer no doce amplexo.  
O crepitar das estridentes chamas,  
O baquear dos templos, dos palacios,  
E quantas vozes de terror, d'espanto,  
Quantas scenas d'horror cantaram vates  
Nas Gregas cordas, Mantuana lyra.<sup>2</sup>

Elementos, cedei-lhe ao mago encanto  
Das vozes do pincel! Stridentes rompem  
Com ruído estampado as cataratas;  
Confunde a natureza a essencia, os termos,  
Na face do universo impera a morte,  
Mysterioso baixel ao longe avulta;

<sup>1</sup> Quadros da Paixão de Ch. por Campello.<sup>2</sup> Quadro do Baptismo de S. Agustinho.<sup>3</sup> Quadro da Destruição de Troia.

E de novo o castigo formidável  
Os olhos da razão cega de espanto. <sup>1</sup>

Olha como apoz elle vem seguindo  
Valle expressivo, delicado e grande,  
Nobre Gonçalves, entendido e ornado,  
Rebello audaz, o Buonarroti Luso,  
E as do patrio pincel divinas Saphos,  
Ayalla, e Guadalupe, e Ritte, e Browne,  
E Luiza gentil, que os sabios tempos  
Ao porto renovou da Grega Aspasia.

Fastoso monumento d'alta Iberia.  
Voragem, golphão, que absorveste os rios  
De precioso metal, que a ti correram  
Do Chily, e Potozi, das Indias duas.  
Soberbo Escorial, onde se aninham,  
Sob apparente sacco o vicio, o crime,  
Tu de Claudio por mim celebra o nome,  
Do Camões da pintura, a quem deveste  
De teus ornatos o maior, mais bello.

Nem sorva o Letes de confuso olvido  
Victorino engraçado. André mimoso,  
Verdadeiro Apparicio, simples Barros,  
Vivaz Alexandrino, destro zenna,  
Barreto original, brando Oliveira,  
E tu, Rocha correcto, ameno e vivo,  
Que obscuras scenas da marinha Pathmos,  
E o confuso vedor nos exprimiste.  
Olhos em alvo, mysteriosos seguem  
Prophetico furor, que o volve e agita.  
Na dextra a penna mal segura fôrma  
Nunca entendidas, enredadas notas. <sup>2</sup>

Terra fertil d'heroes, solo fecundo,  
Salve! Eis novo clarão, eis novos louros  
Sobre a frente gentil pululam, vivem!  
Eis do patrio esplendor eterna gloria,  
Raios de Lysia, que a remotas praias,  
Do magico pincel nas azas d'Iris  
Levaram em triumpho o Tejo e Douro,  
Dous Vieiras! Não ousa a minha lyra  
Dotes brilhantes numerar nas cordas:  
Assaz por meu silencio o dizem, cantam  
Lysia, Hesperia, Britannia, Europa, o mundo.

Dest'arte á voz da meiga Cytheréa,  
D'amor guiados, sobre as azas do éstro,  
Rápidos voam n'um momento, e chegam:  
Pasmam de vêr a face á natureza,  
Tam bella e simples qual na infancia ao mundo;  
Os bosques entram: no matiz do prado  
Vão com delicia apascentando os olhos.

Eis outeiro gentil se eleva á dextra;  
Sobre elle... Assombro quem já viu, que iguale  
Dos illustres varões subito assombro?  
Amor, o mesmo amor parou de espanto,  
De maravilha subita cortado.  
Sobre altas se ergue Doricas columnas  
De fino jaspe cupula soberba.  
Brilha c'o azul do céu linda saphira  
Nos capiteis, nas bases. Das cornijas  
Scintilla em fogo do carbunculo a chamma.  
Mimos, riquezas de pomposo fausto,  
Quantas com larga mão semeou profusas  
Nas entranhas da terra a natureza,  
Na vastidão dos mares: tudo aos olhos  
Extasiados se ostenta. Riu do encanto,  
E a causa do prodigio amor conhece:  
Entra; e apoz elle os estremados chefes.

Languidamente o braço repousado  
Nos hombros niveos do formoso Adonis,  
Eil a ao encontro a deusa da ternura  
Lhes sae, e assim lhes fala: «Esta, que vêdes,  
«Consagrada ao prazer, mansão ditosa,  
«Ergueu á minha voz a natureza.  
«De per si se puliu, lavrou-se o marmor,  
«E se entalharam gemmas. N'um instante  
«Meu doce intento completado houvera.  
«Se o que vós só podeis, dar-lhe eu pudera.  
«Frio, e sem vida não me fala ao peito,  
«Não fala ao coração to lo esse esmero.  
«Oh! cortae-lhe a mudez, dae-lhe existencia,  
«E c'o mago pincel torna-e a vida.»

Disse: e a divina voz do ouvido aos peitos  
Chammas d'estro, e de ingenho accende aos vates;  
E em breve espaço divinas assomos  
D'aqui, d'alli se apinham. Clio alteia  
Com portentosa mão contados feitos:  
Alem da natureza o vôo erguido  
Alça a maga, gentil Allegoria;  
Desalinhada, rustica bellade,  
Singella, e pura a Paizagem doce  
Sem mysterio, sem véo candida ostenta.

Já vida é tudo; satisfeita a deusa  
Vai alfin completar os seus intentos;  
E c'um meigo sorrir, c'um doce agrado,  
Que vale tanto, que enamora tudo,  
Assim lhes fala a carinhosa Venus:  
«Vinde, ó filhos; que um nome tam suave  
«Vossos dotes merecem; vinde: e a empresa,  
«Que na mente revolvo, effeituai-me.  
«Não mando, peço... (Ah! d'uma bella o rogo  
«Quanto mais vale, que uma lei d'um nume!)  
«Retraai-me, ó pintores.» Nisto a deusa  
O mimoso sendal, já pouco avaro  
Do thesouro, despiu. Quantas bellezas,  
Que divinos encantos não descobrem,  
Nao pesquisam, não vêm avidos olhos!  
Sonhos da phantasia, ah! não sois nada!  
Guindado imaginar, ideal belleza,  
E' frouxo o vôo, limitado o arrôjo;  
Não tenteis franquear mysterios tantos.

Cai das mãos o pincel, sem que o percebam,  
Aos pintores na vista enbevecidos;  
No Olympo os deuses, ignorando a causa,  
De insolito prazer sentem banhar-se.  
A natureza inteira revolveu-se;  
Sonhada Pythagorica harmonia  
Nas esphasas souu mais branda e doce.  
Aos entes todos pelas veias lavra  
O incentivo do gosto: gemem ternas,  
Que ha pouco uivaram, pelo bosque as feras;  
Arrulharam d'amor meigas pombinhas;  
Correu á esposa o nadador salgado;  
E nos olhos da amante leu ditoso  
O constante amador perdão á culpa;  
A' doce culpa tam querida e bella!

Ah! muitas vezes não descobras, Venus,  
Magos encantos; ou verás que em breve  
A força de prazer se extingue o mundo.

Já do extasi accordada um pouco a turba  
Dos vates se prepara ao doce emprego.  
Tintas fornece amor, pinceis as graças;  
E eis no panno avultando a pouco e pouco  
Assomos divinaes!... E' ella... é Venus!  
Eis a fôrma gentil do corpo airoso  
Salta, deslisa o fundo apavonado;  
Roseos descurvam, se arredondam braços,  
Ondeiam n'alva frente as tranças d'ebano;  
Doce brilham d'amor os olhos meigos,

<sup>1</sup> Quadro do Diluvio.

<sup>2</sup> Quadro de S. João, escrevendo o Apocalypse.



Os meigos olhos, que prazer scintillam,  
 Que o facho accendem dos desejos soffregos,  
 E contra o debil resistir do pejo  
 Do atrevido mancebo a audacia imploram,  
 Nas lindas faces purpureia a rosa,  
 Que insensível esvai na côr de neve;  
 Surri nos labios o delirio, o encanto,  
 Que importuna razão tam doce afasta,  
 Que ávidos beijos, deliciosos ternos,  
 Annuncios de prazer, mutuam fervidos.  
 Despontam no alvo, crystalino collo  
 Os arcanos d'amor, que anceiam d'elle,  
 Que a furto ousaste, mui ditoso Anchises,  
 Nas trevas do prazer palpar ardido:  
 Formosos pomos, que ao pastor Idalio  
 Pelo tam cubicado outr'ora déste.  
 Déste; que bem o sei: (não te envergonhes)  
 Era pobre o pastor, e os seus thesouros  
 Juno lhe franqueou, seus mimos Pallas:  
 Sem troca tam gentil tu não vencêras.

Mas quanto voa nas mui sabias dextas  
 O divino pincel! Que eburneas fórmas  
 Voluptuosas surgir das tintas vejo!  
 Que exactas, lindas proporções esbeltas!  
 Que norma tam gentil as regra, as mede!

Já, por milagre de Cyprina, é prompta  
 Num momento a grande obra. Ei-los de novo  
 A vista do retrato absortos, raptos,  
 E, novos Pygmalhões, por elle anceiam.

De transportada a deusa ao doce amante  
 Nas mãos a entrega; e: «Esta (lhe diz) conserva  
 «Copia fiel da tua amada Venus.

«Com ella ausente, ó caro, te consola  
 «Quando longe de ti me retiverem  
 «Cruéis deveres, perdidás suspeitas.»  
 Admira o joven a belleza, as graças  
 Do mimoso traslado; beija e rega  
 Com lagrimas d'amor qual um, qual outra.

Co'elle, em quanto viveu, sempre abraçado  
 As poucas horas, que ficava ausente,  
 Mitigava a saudade: e quando a morte  
 O mancebo infeliz roubou sem pejo.  
 No templo a deusa o collocou de Paphos,  
 E longas eras recebeu d'amantes  
 Ternas off'rendas, amórosos votos

Alli, quando natura se empenhára  
 Em dar-te ao mundo, carinhosa Annalia,  
 Um e um copiou meigos encantos,  
 Que, ó minha Venus, te compõe, te adornam.  
 Alli, olhos no quadro, os teus formosos  
 Estremada rasgou: alli as faces  
 De neve, e rosas coloriu divinas:  
 Alli risonha bocca, onde continuo  
 Foi aninhar-se amor, te abriu mimosa:  
 Alli o collo d'alabastro puro:  
 Os lacteos pomos, que devoram beijos  
 Do faminto amador: lisas columnas  
 Que sustentam avaras mil segredos,  
 Segredos, que. . . Perdoa: eis-me calado

Volve a meus versos, compassiva amante,  
 Benignos olhos: para ti voando,  
 Da critica mordaz censuras fogem:  
 Se acolheres o rude ofertamento,  
 Serão meus versos, como tu, divinos.

## NOTAS AO CANTO PRIMEIRO

«Alma origem do sêr, germe da vida.»

..... Et te quoniam genus omne animantum  
Concipitur, visitque exortum lumina solis;  
..... tibi suaves de lala tellus  
Summittit flores.

LUCRET. *De rer. nat.* Lib. I.

«Que na ellipse invariavel rotam fixos»

Todos sabem, que tal é a orbita, que todos  
os planetas descrevem.

«Qual és, qual foste, qual te appura os mimos  
«A arte engenhosa.»

Artes repertæ sunt, docente natura.

CIC. *De Leg.* Lib. I, 8.

«Como é dado aos mortaes bellezas tuas.»

Platão, falando da musica, diz: (*De republ.*)  
que se não deve conceituar pelo prazer, nem  
preferir a que não tem outro objecto, senão  
o prazer; mas a que em si contiver a simi-  
lhança da *bella natureza*. Esta sentença é  
perfeitamente applicavel á pintura. E tal é  
d'ha muito a opinião de todos os rhetoricos  
e philologos. (Vid. Aristot., Le Batteux, La-  
harpe, Lemerrier, etc.) Não nos enganemos  
porém com esta — *natureza bella*. — Nem só  
aquillo que tem *bellas* e lindas fórmãs, é *bel-  
lo*; e nem tudo aquillo, que as tem, o é.  
Boileau o declara manifestamente, e o prova:

Il n'est point de serpent, ni de monstre odieux,  
Qui, par l'art imité, ne puisse plaire aux yeux.  
D'un pinceau délicat l'artifice agréable  
Du plus affreux objet fait un objet aimable.

BOILEAU: *Art. Poet.* Chant I.

«A mestra, a sabia antiguidade o diga.»

Quid virtus, et quid sapientia possint  
Utile proposuit nobis exemplar.

HORAT. *Ep.* II, L. I.

..... Fabularum cur sit inventum genus,  
Brevi docebo. Servitus obnoxia ..... etc.

PHOEDR. Lib. III, prolog.

«Não: fabula gentil, volve a meus versos.»

..... Et, s'il est vrai, que la fable autrefois  
Sut à tes fiers accents mêler sa douce voix;  
Si sa main délicate orna ta tête altiére;  
Si son ombre embellit les traits de ta lumière,  
Avec moi sur tes pas permets-lui de marcher.  
Pour orner tes attraites, et non pour les cacher.

VOLTAIRE: *Henr.* Chant I.

Cosia egro fanciul porgiamo aspersi  
Di soave licor gl'orli del vaso, etc.

TASSO: *Gerusalem*, Canto I, stanz. 3.

«..... O Cyprio moço, o Teucro.»

Adonis, filho de Cyniras, rei de Chypre (*Cy-  
prum*) Anchises. Troiano, etc.

Anchises conjugio Veneris dignate superbo.

VIRG. *Æn.* Lib. 2.

«Em quanto nas lidadas officinas.»

Retumbam nas *lidadas officinas*  
Echos gostosos das nascentes almas,  
Que novos corpos a habitar caminham.

FILINT. *ELYS.* *Ode a Venus* (Tom. 5).

«C'o estremecido arrulho a dona imitam.»

Presentem já no *estremecido arrulho*  
Os propinquos prazeres.

FILINT. *ELYS.* *ibid.*

«Porque mesquinhas leis nos vedam bar-  
bas»

«Tam suave peccar .....»

Si il peccar è sì dolce,  
E' non peccar sì necessario; o troppo  
Imperfetta natura,  
Chè repugni ala legge!  
O troppo dura legge,  
Che la natura offendi!

GUARINI: *past. fid.*

Se este crime é tam doce,  
Se tanto lúgido d'elle é necessario;  
Imperfeita parece a natureza,  
Que fraca á lei repugna,  
Ou lei muito severa,  
Que a natureza offende.

Traduç. de THOM. JOAQU. GONZAGA.

«*E do amado a dor, sua dor recresce.*»

Che l'esempio del dolore  
È un stimolo maggiore,  
Che richiama a sospirar.

METASTAZI: *Artist* atto I.

«*Dos antigos errores esquecido.*»

Erroses é usado por Camões no sentido de —longas, e desvaireadas viagens—, Ferreira porém, e outros classicos de igual nota o tomaram na mesma accepção, em que aqui se toma.

«*Com o amante fugir, morrer com elle?*»

Uma deusa não pôde morrer: me diz já algum critico, muito contente do quinau. Assim é, Sr. critico; mas no delirio das paixões quem se lembra da sua natureza?—Uma deusa com paixões!—Os deuses da mythologia, os nunes dos Gregos, e Romanos não são o mesmo que o deus do philosopho (digno de tal nome) que, satisfeito de reconhecer a existencia d'um ente supremo, pára, onde se lhe acabam as forças, nem prosegue em investigações, onde se lhe apaga a luz da fraca razão; nem empresta a desconhecida causa das causas os habitos, as paixões, a fórma, e toda a natureza da fragil e apoucada humanidade. O orgulho de se occultar a si proprio a sua fraqueza, e de abaixar até a sua mesquinhez a idea de deus, por não poder subir até a altura d'ella, nasce da nossa vaidade, da nossa ignorancia e da nossa miseria. Por isso os theologos desboccadamente nos pintam, e nos querem fazer crer em um deus vingativo, irado, e capaz em fim de todos os crimes e vícios, que elles em sua alma alimentam e nos querem vender por virtudes.

«..... *Comsigo ao carro o sobe.*»

Subir é um verbo neutro; mas é este um idiotismo bem notavel da nossa lingua, usar de taes verbos com força activa, como o fazem os nossos classicos a cada passo.

«*Que lhe spira dos labios, das pupillas.*»

Aquelle não sei que,  
Que *spira* não sei como,  
Que invisivel sahindo, a vista o vê.

CAMÕES: *Ode* 6.

*Spirem* suaves cheiros  
De que se encha este ar todo.

FERREIRA: *Castr.* act.

«*Arde voltar ao suspirado asylo.*»

..... Jamdudum errumpere nubem  
*Ardebat.*

VIRGIL: *Eneid* 1. l. v. 580.

«*Disenhos volve.....*»

Esta palavra mui portugueza e antiga (embora de origem estrangeira) não é gallicismo; exprime bem o *dessein* — francez, e tem por si a auctoridade d'um escriptor bem notavel e bem antigo, qual é Damião de Goes. (v. *Chron. de D. Man.*, part. I. cap. 4, e *passim*).

«*Que tam suave rege a natureza.*»

..... Omnis natura animantium  
Te sequitur cupide.

LUCRET. Lib. I. v. 15.

«*Mal disse; e o raio mais veloz não rue.*»

Este verbo muito adoptado por Filinto Elysio, e pelo erudito traductor da lyrica de Horacio, Antonio Ribeiro dos Santos; e cujos compostos, e derivados já tinhamos (*correr, decorrer*, etc.) tem todas as qualidades necessarias para a sua naturalisação.

«*Da rubra dextra do Tonante irado.*»

..... Et rubente  
Dextra sacras jaculatus arces  
Terruit urbem.

HORAT. *Od.* 2, Lib. I.

«*A voz da deusa fende os ares liquidos.*»

..... Per liquidum aethera:

VIRG. *En.* Lib. I.

«*Quaes ao paiç do mysterioso Etrusco.*»

Florença na Toscana, ou antiga Etruria, dita *mysteriosa* em razão dos seus aúgures.

«*A formosa Bolonha.....*»

De Bolonha conta Ganganelli (ou antes Caraccioli) nas suas cartas, que um Portuguez, encantado de sua belleza, exclamara: «Não se devia mostrar senão ao domingo.»

«*E fitando no céu andaçes vistas.*»

Caelum ipsum petimus stultitia

HORAT. Lib. II, *Od.*

«*Aos golpes crebros, incessantes, duros.*»

O imperio Grego acabou em 1448 pela mor-

te do ultimo Constantino, e entrada de Mahomet II em Constantinopla, a cujos muros se limitava, ha muito, o vasto imperio Grego e Romano. Os horrores d'esta tomada de Cp., a immensidade de familias que fugiram para a Italia, e principalmente para

Veneza, Genova e Florença, o adeantamento, que este successo causou ás sciencias e artes do occidente; são cousas sabidas de todo o mundo. (Vid. Anquetil: *Précis de l'hist. univers.* tom. 4, pag. 249, etc., e Chateaubriand: *Génie du Christ.* part. 3, liv. 1).

## NOTAS AO CANTO SEGUNDO

(«*Vão-lhe na frente os affamados chefes*»).

Aquelles sam sós homens que se affamam.

FERREIR. *Cart.* 6, Liv. I.

«*No bello antigo modelando as graças*».

O verbo *modelar* está geralmente adoptado mas que não seja antigo. Assim como de *molde* se fez, e deduziu *moldar*; de *modelo* se pôde derivar *modelar*.

«*Vem tribu excelsa de Romãos pintores*».

Gregos, Romãos. e toda a outra gente.

FERREIR. *Cart.* 3, Liv. I.

«*E quanto inspira Apollo* : . . . . . »

O fito que n'este poema levei, foi simplesmente celebrar os louvores da pintura, e de seus principaes mestres. Sou apaixonado admirador d'esta sublime poesia: contento-me de admirar; mas nunca dei a menor lapizada. A leitura, a observação curiosa, e exacta do pouco, que tenho visto, me deram os limitados conhecimentos, que em tam comprida materia possuo. Ideias vastas, ainda mesmo na historia só da pintura, apenas poderão ser o fructo de longos estudos, que a minha pouca idade, e mais sérias, mas que ennojosas occupações prohibem. Declaro pois, que se erro encontrarem os professores, mui grata e grande mercê me farão de me avisar; e conhecerão pela minha docilidade na emenda a pouca presumpção do auctor.

«*E aos d'arte amantes desejar com Pedro  
«Junto ao prodigio* : . . . . . »

Faciamus hic tria tabernacula.

MATTH *Evang.*

«*Em cêrca aos muros da gentil Parthénope*».

Napoles, assim dita antigamente de Parthé-

nope, uma das sereias, que se enchêram de desesperação por não poder vencer Ulysses com o seu canto. Junto ao tumulto d'esta semideusa ou nymphá se edificou uma cidade, que d'ella tomou nome. Destruída ésta, se tornou em seu mesmo logar a edificar outra nova, dita Napoles (*Neapolis* — *Νεαπόλις* — cidade nova) nome que ainda hoje conserva.

«*Umas sobre outras as cidades jazem*».

Pelos fins do seculo passado se descobriram nas visinhanças do Vesuvio as antigas cidades de Herculano e Pompeia. A cidade de Portici está quasi situada sobre a antiga Pompeia, que, assim como o Herculano, fôra submergida em uma explosão do Vesuvio.

«*E a rôdo os d'atro fogo horridos rios*».

Nas grandes irrupções do Vesuvio corre do alto da montanha um, como rio de fogo, que dá uma imagem das fingidas torrentes do sonhado Averno. — Virgilio, que de certo dos volcões de Napoles houve a idea do seu *Phlegetonte*, situou por aquelles logares os seus — *Plutonia regna*. — (Vid. Stael na *Corin*.)

«*Inda no mesto panno afflictos sítam*».

. . . . . Sudant in marmore mœsto.

SILI. *lat.* Lib. I.

«*Saliente Caravaggio, que exprimiste*».

*Saliente*; porque as figuras de seus quadros têm um ar de relevo, que engana. E' necessaria metonymia, de que uso muitas vezes para caracterizar os pintores, segundo suas mais distinctas qualidades.

«*Já de accurvados reis não brilha o fasto*».

O simples nome de Roma basta para fazer nascer uma infinidade de ideias grandes e de magestade. Todos os pensamentos sublimes, que a imaginação pôde crear, todas as



RETRATO DE VENUS

Cai das mãos o pincel, sem que o percebam,

PAG. 12



sérias reflexões, que pôde suscitar a razão, todas as memórias augustas, que a virtude e a humanidade podem fazer nascer, occorrem e borbulham associadamente na alma do homem pensador com a simples ideia de Roma. O exôrço dos Horacios, a castidade das Lucrecias, a integridade dos Brutos e Catões, o patriotismo dos Fabios e Scevolas, a magnanimidade e valor dos Scipiões, a eloquencia dos Ciceros, o saber dos Plinios, a liberalidade dos Augustos, a grandeza dos Trajanos, a humanidade dos Títos, tudo se recorda com a memoria illustre da cidade por excellencia.

Imagine-se um homem cheio de toda a magnificencia d'estas ideias, possuido de respeito e veneração, ao entrar em Roma. — Ruínas, sepulcros, templos derrocados, estradas solitarias, ruas desertas... são os miseraveis objectos, que lhe ferem os olhos, mui de longe preparados para admirar a senhora do universo. De espaço a espaço descobre (é verdade) um templo magnifico, um grande palácio; mas breve se desvanece este vislumbre de grandeza, e subito se esvai a nascente esperança de encontrar a Roma de Augusto. Estes palacios, estes templos, que se elevam do meio das choupanas (habitação da indigencia e da fome) carregados d'ornatos, de sobejo embellezados, serão acaso aquelles esmeros de architectura grande e magestosa, suberba e varonil dos edificios Latinos? Poderá algum d'elles similhar-se ao *Fôro*, ao *Palacio*, ao *Amphitheatro*? Descubrir-se-ha n'alguma d'estas modernas praças o menor vestigio dos *Rostros*? O Capitolio, o terrivel, o venerando Capitolio, onde se julgava dos destinos das nações, onde os reis curvavam os sceptros, e depunham os diademas; d'onde sahiam os irrevogaveis e tremendos decretos, que dispunham da sorte dos povos, e legislavam ao universo, que é feito d'elle? — O solícito viajante ainda o descobre; o seu *cicerone* (guia) ainda lhe mostra o logar d'elle. — E será este? — Diferente estrada conduz ao cimo do monte; o palacio do *senador*, alguns restos de quebradas estatuas, de desfigurados relevos são todas as riquezas, todos os tropheos, todos os despojos, que ornão o antigo alcaçar do mundo.

Confuso, humilhado, o viajante não se atreve já a encantar nenhum edificio. — «Os habitantes ao menos (diz elle) talvez conservem alguma cousa ainda de Romanos. Tantas virtudes, tanta grandeza não podiam extinguir-se de todo.» — Um bando de misera-

veis, uma plebe indigente, vil e sem costumes, são os successores do povo rei; uma côrte effeminada, e entregue aos deleites do ocio occupa o logar dos Brutos e Catões; declamadores sem gôsto, com affectadas e guindadas phrases (que ou não entendem ou não crem) fazem retenir aquelle mesmo ar, que ouviu os eloquentes e numerosos sons de Cicero e Marco Antonio; assucarados trovadores infectam com os seus *concelli* — a degradada lyra de Virgilio e Horacio; os Scipiões, os Emílios, os grandes generaes, as invenciveis tropas da triumphante republica são substituidos por um bando de assoldados Suiços, cujas grandes proesas e valor, cujos guerreiros exôrços são o fazer a guarda do papa. Em vez do augusto e venerando senado, um ajuntamento d'homens ambiciosos, insaciaveis d'ouro, regem despoticamente, não os direitos das nações, e deveres dos reis e povos pelas invariaveis leis da justiça, como os antigos *conscriptos*, mas o corpo invalido da egreja por elles arruinada e depravada, levando simplesmente o fito em pescar para a barca do humilde S. Pedro as riquezas das nações com o sagrado anzol das indulgencias, reliquias e breves. — «Roma! oh Roma! (exclamará o contristado viajante) tu já não existes; a tua liberdade expirou em Catão, e tu com ella! A liberdade te conservava as virtudes, que, mais que tuas façanhas, te constituíram no imperio do orbe. Perdeste-a; e desde então caminhaste sempre com gigantescos passos ao abysmo de miseria e vileza, em que jazes sepultada para eterno exemplo do universo.

E com effeito, tal é a sorte de quasi todas as nações! Florecem, reinam emquanto a liberdade, ou a larva d'ella subsiste; apenas se eleva a tyrannia, cai de rôjo com a liberdade o amor das virtudes; a servidão embrutece o homem; a sociedade se muda em um rebanho de escravos; e a miseria succede á opulencia. Assim cahiu Roma, assim Sparta, assim Hollanda, assim tantas outras. Que exemplos para os tyrannos, e que terrivel escarmento para os povos! Miseraveis despotas, em breve estendereis o sceptro de ferro sobre montões de ruínas. Os Vandalos, os Godos, os Arabes não se acabaram ainda; e vós os chamaes com tanta ancia! \*

\* E' facil de vêr que esta nota foi escripta antes do dia 24 d'Agosto. Felizmente já se podem tratar estes assumptos com menos atrabilis.

## NOTAS AO CANTO TERCEIRO

«*Enfrea as iras de Neptuno indomito.*»

Imperio premit, et vinclis, et carcere frœnat.

VIRG. *Æn.* Lib. I, v. 54.

«*Vê d'Adria o golpho tempestuoso e fero.*»

E' o golpho de Veneza, antigamente chamado de Adria, ou Adriatico, d'uma cidade d'este nome.

«*Alli, fugindo aos clamorosos brados.*»

No meio do seculo v, foram destruidas por Attila, rei dos Hunos, as cidades de Aquileia, Altino, Concordia, Opitergo e Padua, todas vizinhas ao golpho. então chamado Adriatico. Os habitantes d'estas cidades, fugindo ao furor irresistivel, e cruel ferocidade dos barbaros, se foram refugiar nas pequenas e desertas ilhotas do mar Adriatico, e fundaram assim o começo de Veneza. (Vid. *Anquetil, Millot, e la Istoria de Vinegia per\*\*\**)

«*Emporio foi depois do rico oriente.*»

Antes que ha India fosse descuberta pelos Portuguezes, ha mayor parte da especiaria, droga, e pedraria se viajava pelo mar roxo, donde ya ter á cidade Dalexandria, e d'alli ha compravão hos Venezianos, que a espalhavão pela Europa.

CASTANHEDA: Lib. I, cap. I.

«*E do alado Leão tremeu gran tempo.*»

Um leão com azas era o timbre, ou armas da republica, ou senhoria de Veneza.

«*E segue a esteira das cortadas ondas.*»

*Esteira*, ou *esteiro*, que assim, e indifferentemente escrevem e usam os nossos classicos, é aquelle sulco, que os navios vão fazendo e deixando depoz si nas aguas, e que bom espaço se conserva depois. Maior é talvez o numero das pessoas que sabem a simplicissima razão physica d'este natural phenomeno, do que o das que o nome portuguez lhe conhecem.

«*Foi a patria d'herocs, foi mãe de sabios.*»

... All' Adria in seno  
Un popolo d'eroi s'aduna.....

METAST. *Ezio*: atto I.

«*Adriades gentis, oh! vinde as frentes.*»

Assim como de *Tagus* Latino fez Camões *Tagides*; e outros do Douro — *Durius* — *Duriades*, etc.; quem me impede a mim, que de *Adria*, faça *Adriades*?

«*Qual Verona folgou com seu Catullo.*»

..... Gaudet Verona Catullo,  
Pelignae dicar gloria gentis ego.

OVID. *Trist.*

«..... Mil graças, mil encantos  
«*Sem mysterio, sem véo te deu, lhe dera.*»

Assim como Catullo. Paulo Veronese é notado de pouco honesto. Todos sabem a lascivia e voluptuosidade dos versos do primeiro: os quadros do segundo têm uma poesia d'este genero bem mais expressiva.

«*Em que lhe peze á inveja, e seus furores.*»

Eu, que apesar da inveja, e seus furores  
Aos astros levo o nome Lusitano.

ELPIR. NONACR. Od. a Vasc. da Gam.

*Em que lhe peze*, e *em que lhe peç* são phrases dos melhores classicos; mil exemplos, por um, pudera apresentar; mas citarei o que tenho aqui mais á mão, que é o P. Vi-eira (*Voçes saudosas: voz histor.*)

«*Scena outr'ora infeliz da gloria Franca.*»

As provincias Flamengas foram um dos principaes theatros das ambiciosas guerras de Luiz xiv com a Hollanda. (Vid. VOLTAIRE *Siécl. de Louis XIV*).

«*Lhe bafejastes divinal espirito.*»

Quasi divino quodam spiritu inflari.

CICERO. *Pro Arch.* § 8.

«*E o veneno lethal lhe infunde n'alma*»

Sic effata, facem juveni conjecit, et atro  
Lumine fumantis fixit sub pectore tædas.

VIRG. *Æn.* Liv. VIII, v. 56, e seg.

«*Quam bello é na expressão Vaén coi recto.*»

Porventura não serão os verdadeiros accentos da pronúncia nacional, os que ponho aqui n'este e nos outros nomes dos pintores fla-



mengos: puz-lhe os necessarios para o rythmo, que é a minha obrigação; dos outros não sei, pois que ignoro a tal lingua; no que, segundo creio, não perderei nada.

«*Diffíceis nomes d'estremados mestres.*»

E bem diffíceis, com effeito, para accomodar ao verso com os seus —*kk*—*rr*—etc.: não são d'aquelles, de que Horacio diz:

Verba loquor socianda chordis.

HORAT. Lib. II, Od.

«*Do mestre a obra maior, Wandik insigne.*»

Voltaire diz algures, falando de Tasso, que, se é verdade o que vulgarmente se diz, que os Lusíadas, e seu auctor formaram a Jerusalem do primeiro, fôra esta a melhor obra de Camões. Não estou *absolutamente* por este *espiritoso* dito de Voltaire; mas com justiça o appliquei a Rubens, e Wandick.

«*E em vez d'um Fabio tardador....*»

Assim traduziu Filinto Elys. o *Fabius cunctator* dos Latinos. (Vid. FILINT. *Ode á Liberdade*).

«..... Já no Sena orante.»

Sobre a margem feliz do rio *ovante*,  
 Onde arrancando omnipotencia aos fados  
 Impoz tropel d'heroes silencio ao globo.

BOCAG. *Od. a Filint.*

«*Que do Meschacebeu vingando as margens.*»

Este é o verdadeiro nome do célebre rio da Luisiana, na America Septentrional, chamado vulgarmente *Mississipi*. (Vid. CHATEAUBRIAND: *Génie du Christ*. Part. III, Liv. 5).

«*C'o Euripides Francez disputa ainda.*»

Racine bem se pôde assim chamar, não somente por suas absolutas e eminentes qualidades, mas pela relativa, e mui particular da similhaça dos engenhos, e feliz imitação de Racine. (Vid. LAHARPE: *Cours de Littér.*; LEMERCIER: *ibid.*; e o P. BRUMOUY no *Theatr. dos Gregos*).

«*Ao ver nas murchas, esmyrradas faces.*»

J'ai langui, j'ai séché dans les feux, dans les larmes.

RACIN. *Phœdr.* Act. II.

Desfalleci, murchei no ardor, no pranto.

Trad. ms. do Sr. H. E.

«*D'um criminoso amor violencia e fogo.*»

Quand je suis toute en feu, vous n'êtes que de glace.

PHŒDR. Act. II.

«*Os manes folgam de Rollin, Voltaire.*»

Le-Gros é pintor historico; e Rollin e Voltaire foram historiographos francezes.

## NOTAS AO CANTO QUARTO

«*Onde a voz de Bocage, a voz de Gomes.*»

Outros quaesquer poetas, e de mais nomeada porventura, pudéra eu citar; mas quiz, quanto em mim era, e o permitia o assumpto e a obra, prestar homenagem a dous engenheiros, que honraram a patria e a lingua; e dos quaes o primeiro depois d'uma fama gigantesca, e maior que seu merecimento, passou a ser enxovalhado por quanto Mevio e Bivio sabe dizer — *Traduziu, traduziu, traduziu tudo* — como se um traductor como Bocage não fosse um poeta de muito merecimento, e de muito maior, que tantos originalistas de nome (de nome sim; que realmente deus sabe o que é); como se Pope, Dryden, Annibal Caro, João Franco Barreto, e tantos outros illustres traductores

não figurassem mais na republica litteraria que tantos *epicos modernos*. . . Eu não sou dos apaixonados do privilegio exclusivo, que ha certo tempo obtiveram entre nós as traducções. Uma nação que assim obra por espirito de priguica, ou menos-preço de si propria, em vez de enriquecer sua litteratura, empobrece-a e perde-a. De J. B. Gomes e da sua *Castro* tanto mal como bem se tem dito. Não a dou por uma tragedia perfeitamente regular, não a comparo ás grandes peças de Racine e Alfieri; mas sei que tem muitas bellezas, e que n'um theatro tam pobre, como o nosso, é digna de muita e muita estimação. Para criticar a *Castro* de Gomes é preciso enchugar muitas vezes as lagrimas, que ella excita continuamente.

«*Calcando a juba dos Leões gryphanhos,  
Parando ás Águias etc.*»

Revoluções de 1740 e 1808.

«..... Ah! se aura amiga  
Continúa a soprar.....»

Em Roma, assim como na Grecia, se formariam Zeuxis e Apelles, se os Romanos dessem a Fabio as honras, que seus talentos mereciam. Diz Cicero algures nas *Questões Tusculanas*.

«*Inviolavel lei um teu desejo.*»

Nação nenhuma (diz Florian no *avant propos* de *Sancho*) possui a arte d'amar, como a portuguezia.

«*Os feitos dignos de perenne historia.*»

..... as cousas .....  
Que merecerem ter eterna historia.

CAMÕES. *Lus.* (ant. 7.

«*Sensíveis corações, vinde espelhar-vos*» etc.

Vidi scapius inscriptionis imaginem, et sine lacrymis transire non potui.

S. GREGOR. II. *Concil. Nicen.* act. 40.

«*Prazeres do christão, doçuras d'Alma.*»

Le nouveau testament change le génie de la peinture. Sans lui rien ôter de sa sublimité, il lui a donné plus de tendresse.

CHATEAUBRIAND. *Gen. du Chr.* part. III, Liv. I, cap. 4.

«*Portento d'expressão, viva faísca  
Do lume eterno.....*»

Les peintres... famille sublime que le souille de l'esprit ravit au dessus de l'homme.

CHATEAUBRIAND, *ibid.*

«*Fastoso monumento d'alta Iberia.*»

Resta ainda resolver o grande problema: Se a descoberta da America foi util ou prejudicial á Europa; o qual, emquanto a mim, depende d'outro mais generico: Se as conquistas, principalmente longinquoas, podem ser uteis a uma nação. Não me atrevo a resolver nem um nem outro. As theorias fatham quasi sempre em politica, bem como em moral: Só noto imparcialmente, que a Hespanha foi poderosissima nação antes do xvi seculo; que Portugal, só nos tempos de D. Manuel e João III floreceu, e deu brado na Europa e no mundo; depois não fez

mais que lutar contra innumeraveis desgraças: que não tivemos mais um João II; e que as conquistas d'Asia e Egypto deram por terra com o imperio Romano. — Provêm isto das descubertas em si? — Provêm do uso que d'ellas se fez? — Continúa a minha ignorancia. — Os monarchas hespanhoes fundiram no Escorial, e n'outras cousas d'esta ordem, as immensas riquezas das Indias occidentaes, ganhas á custa de tantos crimes, barbaridades, irrelição, fanatismo e sacrilegios de Cortez e de mil outros. Diminuiu no continente hespanhol a população; não se fez o menor caso da agricultura; o commercio não foi senão passivo; e, depois d'um breve esplendor, a suberba Hespanha cahiu na miseria d'uma nação pobre e falta de tudo, a pesar de toda a sua prata. E que diremos de nós? — O mesmo, com alguma differença para peor. Todo o homem, que pensa, sabe o que eu poderia dizer n'este artigo; como para estes só escrevo, elles me entendem; e eu, com o meu silencio, me poupo ás criticas da ignorancia e da sordida adulação. (*E bem fácil de ver que esta nota foi igualmente escripta antes do dia 24 d'Agosto.*)

«*Terra fertil d'heroes, solo fecundo,  
Salve!.....*»

Salve magna parens frugum... tellus,  
Magna virum.

VIRG. *Georg.*

«*O mimoso sendal, já pouco avaro.*»

O véo dos roxos lírios pouco avaro.

CAMÕES *Lus.* Cant. 9.

Diripui tunicam, nec multum rara nocebat.

OVID. *Eleg.* Lib. I, Eleg. 5.

«*Que divinos encantos não descobrem*» etc.

E tuto ciò, che più la vista allettì.

TASSO *Gerusal.* Canto XV, st. 59.

«*Sonhada, pythagorica harmonia.*»

A harmonia das sphaeras é um dos sonhos de Pythagoras. Pôde-se ver a satyra galantissima d'estas e outras philosophicas extravagancias no celebre poema allemão — *Musarion* — de Wielland: Canto II.

«*Arrulharam d'amor meigas pombinhas.*»

Presentem já no estremecido arrullo  
Os propinquos prazeres.

FILINT. *ELYS.* *Ode a Venus* (Tom. 5).

«*Roseos descurvam, se arredondam braços.*»

Νῦν δ' ἐπ' ἔρποντα φάλλον ποδὶ οὐδ' ἀκρόναις ἴσμεν.

HOMER, *Odyssea* B (Lib. II.)

«*Já por milagre de Cyprina é prompta.*»

Manca il parlar; di vivo altro non chiedi.  
Ne manca questo ancor, se agli occhi credi.

TASS. *Gerus. Cant. XVI.*

«*E novos Pygmalhões por elle anceiam.*»

Pigmalion, quanto lo dar ti dei  
Bell' imagine tua, se mille volte  
N'avesti quel, ch'io sol' una vorrei

PETRARCA, *Rim. Part.*, sonett. 5<sup>a</sup>

«*Admira o joren a belleça . . . . .*»

Faria, pouco mais ou menos, as mesmas extravagancias com o retrato, que o amante de Julia com o da sua bella.

(Vid. *Nouvel. Héloï* Part II, Lett. 22.)

«*Us lacteos pomos. . . . .*»

Le *pome* accerbe, e crude. . .

TASS. *Gerus. Cant. XVI.*

«*Serão meus versos, como tu, divinos.*»

Me juvat in gremio doctæ legisse puellæ,  
Auribus et puris dicta probasse mea:  
Hæc si contingant. . .

. . . . . Domina judice, tutus ero.

PROPERT. *Eleg.*

«*Ondeiam n'alva frente as tranças d'ouro.*»

Assim, eu, e o leitor ficamos ambos satisfeitos. De mais, até lhe posso ensinar um texto, com que provar o seu gosto. E' a auctoridade de Petrarca, que não é peca n'este ponto:

Lauro, e i topazj al sol sopra la neve  
Vincon le bionde chiome presso agli occhi.

PETRARCA, *Rim. Part. I. cans. 9.*

«*Dêste; que bem o sei . . . . .*»

Assim é de crer piamente; e, comquanto o não digam os DD., eu o penso. O leitor póde ficar pelo que quizer — *salva fide* -- pois estas materias são de mythologia, e não de theologia.



## ENSAIO SOBRE A HISTORIA DA PINTURA

O objecto principal d'este ensaio é a historia da pintura. A maior parte do meu poema será inintelligivel sem elle a todo o leitor, que não tiver feito um comprido estudo n'esta materia. Menos porém bastaria talvez para a intelligencia do opusculo: fui mais longo e extenso, principalmente na historia da pintura portugueza, porque julguei util dar á minha nação uma coisa que ella não tinha, a biographia critica dos seus pintores. Sobre o enfadonho trabalho me deu: oxalá que aproveite! Bem pago fico, se, entre todos os leitores, deparar com dous, em quem faça impressão o amor de boas-artes, e da patria, que toda a obra respira.

### CAPITULO I

#### Dos pintores Gregos e Romanos

O numero dos pintores Gregos e ainda Romanos, cujos nomes chegaram até nós, é grande, mas o d'aquelles, cujas obras ou maneiras conhecemos, é bem diminuto. O respeito da antiguidade com tudo nol-os faz admirar, por ventura mais, do que o seu merecimento exige. Os quadros modernamente descobertos nas cinzas de Herculano e Pompeia, alguns *frescos* conservados nas ruínas de Roma e outras cidades de Italia tem sobejamente mostrado aos entendedores imparciaes, que a pintura dos antigos, ainda mesmo no seu maior auge, não pôde soffrer comparação com o menor quadro dos *Rafaelos*, dos *Corregios*, dos *Caraccis*, nem mesmo d'outros pintores de segunda ordem das modernas escholae. Duas coisas principalmente faltavam aos antigos pintores. Uma, as tintas, cujas bellas composições, descobertas em mui posteriores seculos, absolutamente ignoravam; não conhecendo, senão as terras de côr, e os metaes calcinados; faltando-lhes aquellas côres, que dão o tom medio, entre a luz e a sombra, que

formam o matizado e assombrado, e exprimem a natureza tal qual ella é, e com toda a sua formosura: outra, o conhecimento das leis da perspectiva, como bem mostram todas as suas obras, que nos restam: defeito este, que salta aos olhos, e de impossivel disfarce. Só aquelle cego fanatismo, que faz cançar os pedantes no estudo do Hebraico e Syriaco e d'outras inuteis antigualhas, pôde achar nos quadros Gregos e Romanos bellezas, não digo superiores, mas eguaes ás das magnificas pinturas do bom tempo das modernas escholae, e ainda mesmo das de hoje; com quanto a pintura, á excepção da franceza, bastante se aproxima da decadencia pelo espirito servil, mania das copias e mal entendida imitação.

### CAPITULO II

#### Restauração da pintura na Italia

Cimabúe, nascido em 1230,<sup>1</sup> e morto em 1300, é conhecido em toda a Europa pelo honroso titulo de restaurador da pintura. Ouviu os principios de sua arte d'alguns pintores Gregos vindos a Florença, que ainda conservavam restos do bom stylo da nação: aperfeiçoou-se depois com o estudo, e imitação dos poucos modelos antigos, que então appareciam na Italia. Preciosas descobertas, que se fôram pelo andar dos tempos fazendo, pouco a pouco desterraram a barbaridade, que, entre as outras boas-artes, tinha tambem sepultado a pintura. As estatuas, os quadros, os relevos arrancados das cinzas e ruínas dos famosos monumentos romanos, quantos mestres, quantos primores d'arte, d'architectura, esculptura e pintura não deram á Europa! Miguel Angelo confessava dever toda a sua sciencia ao assiduo estudo,

<sup>1</sup> Prunetti o faz nascido em 1210 — 10 annos depois.

que por toda a vida fizera no tronco<sup>1</sup> de Hercules, no grupo<sup>2</sup> de Laocoon, no Apollo<sup>3</sup> do Belveder, e n'outros modelos da bella antiguidade.

Com quanto porém a pintura e mais boas artes não possam propriamente dizer-se restauradas antes do seculo de Leão X, que foi o de Raphael, de Miguel Angelo, de Leonardo da Vinci, etc., Cimabúe comtudo foi o pae da pintura moderna; suas obras espalhadas pela Italia renovaram o bom gosto, e abriram os alicerces, sobre que se havia depois formar o grande edificio das escolas Florentina, Romana, etc.

Todavia, em abono da verdade devemos confessar, que, posto que Cimabúe possua com razão o titulo de restaurador da pintura, outros antes d'elle houve, que se o não excedêram, lhe não fôram ao menos inferiores. De Guido de Senna, pintor do xiii seculo existe em uma egreja de sua patria um quadro da Virgem, tão bom como os meliores de Cimabúe: o seu desenho é de bom stylo, e ainda fresco de côres, apesar de ser feito no principio do mesmo seculo, como indica a inscripção, que se lê por baixo.

Me Guido de Sennis  
Diebus depinxit amenis:  
Quem Christus lenis  
Nullis nolit agere penis.  
A. D. MCCXXI.

Ora, a data d'este quadro<sup>4</sup> é anterior ao nascimento de Cimabúe, affirmado por uns em 1230, e por outros (como Pruneti) em 1240; e por isso os Sennenses querem disputar a Cimabúe o titulo, que a elle e sua patria, Florença, tanto ennobrece. Mas de balde; porque de Guido não se conhece outra obra; e de Cimabúe existem ainda muitas, cuja nomeada o faz hoje mesmo celebre e conhecido, e que n'aquelle tempo serviam de modelo aos seus discipulos.

Do principio tambem d'este seculo xiii se conservava em Luca um antiquissimo quadro de certo pintor d'aquella cidade: representava S. Francisco d'Assis. Seu desenho é correcto, posto que um pouco rude; o ar-de cabeça tem muita expressão, e as mãos são bem tratadas.<sup>4</sup>

D'este, e d'outros alguns monumentos d'esta epocha, devemos concluir: que Cima-

búe não foi o primeiro que na Italia começou a pintar com menos defeitos: mas nunca se poderá asseverar, que elle, e sua escola (a Florentina) não fôram os restauradores e pães da moderna pintura.

O que Pruneti diz a este respeito não destroe os meus principios.

Jamais as sciencias e artes foram de repente a perfeição. Antes de Socrates e Platon existiu Pythagoras e outros philosophos, que lhe abriram o caminho; antes de Hippocrates, Avicenna e Averroes<sup>1</sup> houve Esculapio, e outros mezinheiros; antes de Homero, Hesiodo e Virgilio, havia Orpheus e Linos; Eschylo, Sóphocles, Euripides e Aristophanes foram precedidos por Thespiis; os erros de Descartes allumiam Newton; Mairet, Rotrou e Corneille formaram Racine e Voltaire; e entre nós finalmente, antes de Camões, Ferreira e Bernardim houve Gil Vicente, Bernardim e outros muitos, que lhes franquearam a carreira poetica. Agora quasi em nossos dias, na brilhante restauração das letras, os Elpinos, os Filintos, os Gomes e os Bocages não appareceram de repente.

Assim gradualmente foram crescendo os pintores na Italia, e adeantando se a perfeição de suas obras. Nos ultimos paroxismos do imperio Grego uma infinidade de professores vinham procurar entre os Italianos um asylo mais seguro, e uma patria menos despotica; e quando finalmente em 1448, tomada Constantinopla por Mahomet II, se extinguiu de todo aquelle phantasma colossal, maior numero ainda se espalhou por todo o meio-dia da Europa, e concorreu para a perfeição da pintura moderna; assim como a alluviação de theologos Gregos concorreu, e muito, para a perpetuação das barbaridades scholasticas, e atrazo das sciencias. São d'este tempo — Giotto, cujas obras se acham ainda em Florença, Piza e Roma, nascido em 1276, e morto em 1336: foi discipulo de Cimabúe, e contribuiu muito para a perfeição da arte pelo bem ordenado da sua pintura, e boa disposição de figuras.

Masaccio, nasceu em 1417, e morreu em 1521; seria o verdadeiro e completo restaurador da pintura, se vivesse mais tempo: o pouco que d'elle resta, acha-se em Florença.

Luca Signorelli di Cortona, nasceu em 1449, e morreu em 1521; foi celebre pela precisão de desenho e belleza de composição, todavia fraco no colorido. Notam-se bem estas propriedades nos seus quadros,

<sup>1</sup> Famosos restos da estatua de Apollonio Atheniense.

<sup>2</sup> Obra de tres escultores, Rhodios Athenedoro, Agesandro e Polidoro.

<sup>3</sup> Estatua bem conhecida.

<sup>4</sup> Advertir, e fique advertido por todo o decurso d'este ensaio, que quando digo, que este, ou aquelle quadro, ou estatua se acham em Roma, Florença, ou outra qualquer cidade, deve sempre entender-se antes das ultimas revoluções da Europa.

<sup>1</sup> Não confundo Avicenna, e Averroes com Hippocrates; bem sei a distancia de tempos e merecimentos. Faço porém esta advertencia, porque não leia isto algum Esculapio entusiasta que grite: *au scandale!*

que ainda se encontram no Loreto e Roma. E este é o ultimo pintor de fama anterior a Leonardo da Vinci, que depois, com Miguel Angelo, foi julgado fundador da escola Florentina.

### CAPITULO III

#### Da Eschola Romana

Apezar de que a eschola Florentina com razão se possa chamar a mais antiga, pois que, seus alumnos se comecam a contar desde Cimabúe; com tudo a Romana foi, e sempre será como a primeira olhada, não só em favor e respeito de seu illustre chefe Raphael Sanzio de Urbino: mas pela belleza de desenho, elegancia de composição, verdade de expressão, e sobretudo intelligencia de attitudens, que a caracterisam e sobrelevam a todas as outras.

As descobertas dos grandes monumentos de pintura e escultura, que os zelosos cuidados de alguns papas, e outras principaes pessoas de Italia desenterravam todos os dias das ruínas da antiga Roma, formam o gôsto dos mestres d'esta eschola, moldando-o no antigo. E tal é a característica das suas produções. Os rasgos mestres d'aquelles preciosos *antigos* lhes inspiraram uma magestosa solemnidade de expressão nas grandes ideias que concebiam; e esta mira, que levaram sempre os pintores Romanos, lhes fez desprezar alguma cousa o colorido: defeito que bem se esquece por outras, e tam brillantes qualidades.

Para tecer o elogio da eschola Romana basta nomear Raphael. Que nome nos fassas das boas artes! Se Virgilio e Homero não são mais celebres, que Zeuxis e Apelles; a gloria de Raphael quanto é superior á de Tasso e Ariosto! Não me agrada aquella sentença dos antigos:

—*Ut pictura poesis—*

*A poesia será como a pintura*

BocAGE.

A poesia (atrevi-me a pensal-o assim, e se a novidade não agradar nem por isso me desdigo), é uma só: aos poetas pintores, seus primeiros fillos é da-o trat-a viva: os poetas-versejadores só com o véo do mystério coberta a podem vêr e seguir. A poesia animada da pintura exprime a natureza toda: a dos versos porém, menos viva e exacta, falha em muita parte na expressão de suas bellezas. Que poeta nos poderia dar uma ideia de Romulo como David no seu quadre das Sabinas? Que versos nos poderiam fazer imaginar a Divindade como a transfiguração de Raphael: Que poema nos faria con-

ceber a magestade d'um *Deus Creador* dando fôrma ao cahos, e ser ao universo, como a pintura de Miguel Angelo?

Estas reflexões sobre o parallelo das duas especies de poesia são minhas; por taes as dou, e me encargo do mal, ou bem, que d'ellas se pensar. Por ventura não foi este o conceito dos antigos; mas a arte mui atrasada entre elles não estava em proporção da nossa; os gregos não tinham, como nós, Homeros em pintura. Immensas vantagens, como já notamos, lhes levam os modernos pintores; a que de mais accresce o nobre invento da gravura, que (bem como a imprensa nos facilita o trato dos mais antigos poetas do mundo) transmite á posteridade e nações remotas os esmeros da pintura, e ainda da escultura. Os nossos Apelles não podem temer o ser conhecidos pelos vindouros só de nome e fama, como o é por nós o dos antigos; a estampa lhes assegura o conhecimento de *facto* no mais remoto porvir e mais longes climas.

Mui fertil foi a eschola Romana; grande é o numero dos seus pintores: daremos de cada um d'elles uma brevissima, porém exacta noticia: d'esta maneira terá a mocidade applicada, como em synopse, e sem o trabalho enfadonho de revolver muitos e antigos cartapacios, a historia completa d'esta e das outras escholas, em que seguiremos o mesmo methodo.

#### SEculo XVI

Raphaelo Sanzio d'Urbino, nascido em 1483, morto em 1520, facilmente julgado o principe dos pintores; nenhum (se não fôr o moderno francez, Mr. David) poderá rivalizal-o. O brilhante colorido de Ticiano, a belleza das tintas de Corregio, a gigantesca, altivez de Miguel Angelo não fazem a menor sombra á gloria do grande Romano. Raphael levou a sua arte ao grau de perfeição, de que é capaz a humanidade. Pretender dar uma ideia d'elle é tentar o impossivel: o estudo das suas produções é o unico meio de o conhecer. Elle ainda vive repartido por seus quadros, um dos mais bellos e ricos ornamentos das cidades que os possuem. Digam-o os templos de Roma, as casas dos principes, o Vaticano (onde existe a sua famosa *Biblia*), e sobretudo a igreja de S. Pietro *in monte* situada no Janiculo; onde se conserva o primeiro quadro do universo, a unica producção da arte, que excede a natureza, a maior honra do ingenho humano, a melhor obra de Raphael, a sua *Transfiguração*. Tal foi um dos primeiros homens do mundo; de quem (e com mais razão por ventura, do que Horacio dizia de si) podêmos asseverar, que não morreu todo: *Non omnis*

*moriar*; ou como já se disse em portuguez: *O sabio não rai todo á sepultura*. A belleza principal das suas obras é o desenho e attitudes.

Julio Romano (Giulio Pippi), n. 1492, m. 1540; foi discípulo de Raphael. Em suas obras, que principalmente se acham em Roma, se vê que o caracter d'este pintor era a força e ardimento: o seu colorido é obscuro, mas o desenho admiravel.

João Francisco Penni (il Fattore), n. em 1488, m. em 1528; trabalhou quasi sempre debaixo das vistas, e pelos desenhos de Raphael, seu mestre. Suas obras principaes são as galerias do Vaticano.

Polidoro de Caravaggio, n. 1495, m. 1543; foi bom colorista. correcto no desenho, nobre e fero nos ares de cabeça.

José Ribera, hespanhol, e por isso dito *il Spagnoletto*, nasc. em Valença em 1589, e m. em 1655; o seu caracter é o vigor e expressão: todas as figuras austeras e carregadas, prophetas, philosophos, tudo quanto exige um pincel forte e vigoroso, sahia de suas mãos, como das da natureza. Suas obras principaes existiam na Cartuxa de Nápoles; e entre ellas, a mais conhecida é a collecção dos prophetas.

Perrino del Vague Buonacorsi, n. em 1500, m. em 1547; foi tam feliz imitador do stylo de Raphael, seu mestre, que muitos dos seus quadros passam por d'elle.

Innocencio d'Imola, n. . . . .; desenhou segundo a maneira de Raphael, mas coloriu muito b.m. Seus quadros são preciosos e raros.

Giulio Clovio, n. 1498, m. 1578; trabalhou sempre em miniatura, e aprendeu o desenho com seu mestre, Julio Romano.

Frederico Barrocci, n. 1528, m. 1612; suas excellentes obras, que se acham em Milão, Bolonha, Pesaro, Loreto e Roma, se distinguem pela belleza do colorido (pouco vulgar na sua escola) e que assemelha ao de Correggio, grande exactidão de desenho, muita sciencia de luz, e graciosos ares de cabeça.

Thadeo e Frederico Zucaro, irmãos, morto o primeiro em 1566, o segundo em 1609; Thadeo tinha grande engenho e bom colorido; Frederico, menos habil, acabou quasi todas as obras, que seu irmão começára. Acham-se em Veneza, Tivoli e Roma.

Antonio Tempesta, n. 1555, m. 1630; foi eminente em batalhas, caçadas, mercados, animaes, etc. —Roma.—

José Cesar d'Arpin (Il cavalier Giuseppino), n. 1560, m. 1640; seus quadros grandes, que se vêem no Capitolio, são historicos e bons; e notaveis, sobre tudo, pela belleza dos cavallos.

Michel Angelo Ameriggi de Caravaggio,

n. 1569, m. 1109; suas obras são mui façeis de conhecer pelo ar de relêvo, que dava a todas as figuras por via do assombração. Esta originalidade imita bem a natureza. O seu desenho é preciso e fero.—Roma e Nápoles.—

Domenico Feti, n. 1589, m. 1624; imitou o *antigo*, e Julio Romano; d'onde houve um caracter de desenho fero e vigoroso, com quanto incorrecto. Seus quadros, mui procurados se distinguem por uma graça particular, e picante.—Roma.—

Giovanni Lanfranco, n. 1581, m. 1647; foi eminente nas grandes obras, como plafundados, cupulas, etc.—Nápoles.—

#### SEculo XVII

Pietro Beritini di Cortona, n. 1596, m. 1669; todas as suas engenhosas produções tem um ar de nobreza, que encanta. Mas a obra prima d'este grande mestre é o *Roubo das Sabinas*, que Lebrun servilmente copiou —Roma e Florença.—

Mario Nuzzi di Fiore, n. 1599, m. 1673; alcançou um grande nome pela maneira excellent de pintar flores.

Miguel Angelo Cerquozzi, dito o *das batallas e bambuchas*, nasc. 1602, m. 1666; teve um colorido vigoroso e um pincel ligeiro. Era tam habil no seu genero, que, pela simples narração d'uma peleja, traçava logo a ordem do quadro no mesmo panno, em que havia de pintar.—Roma.—

Claudio Gele (Lorrain), n. 1600, m. 1682; todos conhecem este nome; todos sabem que foi o principe dos paisagistas. Ninguém conheceu como Lorrain a perspectiva aerea, e o effeito dos pontos de vista.—França.—

Andrea Sacchi, n. 1599, m. 1661; suas pinturas ternas e graciosas são admiraveis pelo desenho, colorido e verdade de expressão.

Domenico Passignani pelos annos de 1630, pintou com gosto e nobreza, muita expressão, porém mau colorido. —Florença.—

Pietro Testa, n. 1611, m. 1648; moldou o seu stylo nos antigos de Roma, d'onde houve um bom e correcto desenho, com quanto rude.—Roma.—

Salvator Rosa, n. 1614, m. 1673; trabalhou muito; e suas obras se acham por toda a Italia: todas ellas tem um ar de originalidade, que as distingue, muita verdade e bom colorido; porém o desenho não é perfeito.

Carlin Dolce, n. 1616, m. . . .; célebre pela graça da composição e frescura do colorido. Roma.—

Hiacinto Brandi, n. 1623, m. 1719 (outros querem que em 1691); seus quadros são muito vulgares: apesar das incorrecções do



desenho, e fraqueza de côres, teve com tudo uma belleza d'ornato, e fecundidade de imaginação, que admira.

Carlo Maratti, n. 1624, m. 1713; foi eminente nos ares de cabeça: seu desenho é mui assisado, e seu colorido brilhante. Todas as composições d'este mestre encantam, e são bem acabadas.

Luca Giordano, n. 1632, m. 1701; seu merecimento principal é a facilidade e presteza, com que trabalhava: muitas obras d'elle são d'uma bella expressão.

João Baptista Bacici, n. 1639, m. 1709; retratava bem; e os seus quadros mostram muito talento, e bello colorido.

Mattia Preti (II Calabrese) teve o engenho mais feliz na invenção: bella e rica ordem, e muita originalidade. Nasc. em 1643, m. em 1699.

José Passari, n. 1654, m. 1714; discipulo e imitador absoluto de Carlo Maratti.

#### SEculo XVIII

Francesco Solimèni, n. 1655, m. 1747; bella imaginação, muito talento, um desenho fero e correcto o constituem n'um dos primeiros logares da pintura; com quanto o seu colorido seja sombrio e pouco doce. A grande qualidade porém d'este mestre, e em que elle sobre-excedeu a todos, é o ar de vida, animação e movimento das suas figuras. — Napoles. —

Sebastião Concha, morto pelos annos de 1740. Imitou Solimèni; mas o seu genio frio o não ajudava. Comtudo no hospital de Sienna ha d'elle uma boa pintura a fresco.

Paolo Panini, vivo em Roma ainda no anno de 1767. Tem bom colorido, e muito espirito.

Paolo Monaldi do mesmo tempo foi pintor de *bambochatas* muito estimadas.

Pompeio Battoni, retratista e pintor historico: o seu colorido é bem imitado de Coreggio.

Muitos outros pintores, posto que não de grande fama, tem produzido mais modernamente a escola Romana; mas não temos d'elles sufficiente conhecimento para poder formar um exacto conceito.

#### CAPITULO IV

##### Da Escola Florentina

A escola Florentina é, por sua antiguidade, a mais respeitavel: seu primeiro mestre foi Cimabúe; com quanto, falando em rigor, só Leonardo da Vinci e Miguel Angelo mereçam (como já notámos) o nome de fundadores. As obras dos seus alumnos occupam

um logar mui distincto nas collecções mais ricas; e a Italia, e toda a Europa se julga com elles ennobrecida. Seu gosto de desenho é fero e decidido; sua expressão sublime, algumas vezes atrevida, e gigantesca, e mesmo contra-natural, mas sempre magnifica: o colorido nos seus principios era rude; aperfeçoou-se depois, sem perder nada da sua viveza, magnificencia e outras brilhantes qualidades. Esta escola é menos numerosa, mas não a menos celebre.

#### SEculo XVI

Leonardo da Vinci, n. 1445, m. 1520; um dos grandes engenhos do seu seculo; foi escultor, architecto e pintor. Seu desenho é correcto e puro, e suas obras todas d'uma composição engenhosissima; das quaes a melhor é sem questão o grande quadro da ceia em Milão. Foi muito estimado de Francisco I de França, em cujos braços morreu. O canal de Milão foi dirigido por elle.

Pietro Perugino, n. em 1446, m. em 1524; coloriu graciosamente; mas, apezar de ser discipulo de Cimabue, todos sabem quanto é rude o seu engenho.

Fra Bartholomeu della Porta, n. 1405, m. 1517; formou o seu delicado gosto no de Vinci, d'onde houve muita correcção e pureza. Seu colorido é bello e natural. Rafaelo não se dignou de aprender d'elle a arte de colorir, ensinando-lhe em troco as necessarias regras da *perspectiva*. — Roma e Florença. —

Miguel Angelo Buonarroti, n. 1475, m. 1504; escultor incomparavel, magnifico architecto, pintor sublime; não pôde decidir-se a qual das boas-artes pertenceu mais: suas estatuas, seus edificios, seus quadros, tudo mostra o maior homem do seu seculo. Teve uma maneira de pincel altiva e fero, e em geral semelhante á da sua escola; vastissima concepção, ideias sublimes e arrojadas, e muita expressão e vigor. Seus quadros principaes se acham na capella Sixtina do Vaticano. A antiguidade toda e talvez os seculos posteriores não tem nada que oppor a tão grande engenho: seus quadros são inferiores aos de Raphael, e por ventura aos de alguns outros ainda; porem Miguel Angelo é mui superior a todos elles.

Andrea del Sarto, n. 1478, m. 1580; foi o maior colorista da escola de Florença; suas obras, em que se distingue uma maneira larga, e um pincel fresco e brando, conservam ainda hoje um brilho singular.

Baltazar Peruzzi, n. 1481, m. 1536; além dos grandes mestres, estudou sobre tudo a natureza; foi grande na perspectiva, porém fraco no colorido. Ninguem antes de Pe-

ruzzi executou com gosto uma decoração de theatro.

Giaco mo Pontorma, n. 1494, m. 1559; desenhou como Leonardo da Vinci, e coloriu como Sarto. Seu pincel vigoroso, seu colorido brilhante, sua imaginação bella e fecunda o fizeram olhar por Mig. Ang., e Raphael como seu mais temido rival; e se a louca mania de imitar as maneiras allemãs o não fizesse mudar de estylo, por ventura os dois grandes mestres não gosariam sós da gloria do primado.

Macherino de Sienna (chamado Domenico Beccafumi), n. 1484, m. 1549; desenhou com gosto e correção, mas coloriu mal.

Mestre Rosso, ou Roux (como lhe chamam os francezes), n. 1496, m. 1541; pintou com muita expressão e viveza, porém ás vezes um pouco rude. Trabalhou quasi sempre em França, onde teve muitos discipulos, e de cuja escola é julgado fundador. — Fontainebleau —

Alexandre Allori, n. 1535, m. 1607; foi gracioso e macio, e desenhou com toda a pureza do *antigo*.

Francisco Rossi (il Salviati), n. 1510, m. 1563; é muito estimado pela grande intelligencia de luz; desenhou e coloriu bem; seus quadros se distinguem pelas singulares attitudes das figuras. — Florença e Bolonha. —

Jorge Vasari, n. 1511, m. 1574; muito celebre pelas vidas dos pintores, que escreveu: seu desenho é bom, mas sem energia, e seu colorido fraco. — Roma. —

Jacoppino del Ponte, n. 1511, m. 1570; as suas maneiras são as de Andrea del Sarto, seu mestre. Foi o melhor retratista da sua escola.

#### SEculo XVI

Daniel Bacciarelli de Volterra, n. 1570, m. 1625; desenhou bem, e o que lhe deu grande nomeada, sobre tudo, foi a sua *ascida aa cruz* na egreja *della Trinita del monte* em Roma.

Ludovico Cioagli, n. 1559, m. 1611; pintou d'uma maneira firme e vigorosa; mas coloriu principalmente com o pincel de Corregio.

Francisco Vanni n. 1563, m. 1615; coloriu muito bem, e desenhou soavelmente.

João Manozzi (Giovanni di S. Giovanni), n. 1490, m. 1636; foi um dos melhores pintores de sua escola; seus quadros, que mostram muita intelligencia de perspectiva e architectura, se acham em Roma, principalmente no palacio Pitti.

#### CAPITULO V

##### Da Escola de Bolonha

A escola de Bolonha, ou Lombarda juntou em si quanto pode produzir a perfeição

da arte. Talvez (geralmente falando) nenhuma das outras o conseguiu tanto. O *antigo* foi o seu modelo; mas sem uma servil e exclusiva imitação; não tratou de formar systema ou, se o formou, foi extrahindo de todos o que achou melhor. As bellezas vivas e sensiveis da natureza, a verdade de expressão, a riqueza da ordem, a pureza dos contornos, a facilidade admiravel de pincel, e sobre tudo o colorido da mesma natureza, verdadeiro e encantador; tudo emfim, quanto offerece a pintura, bello e eterno, tudo reuniram os con-alumnos de Corregio.

Auctores ha hi (como Pruneti) que dividem estas duas escolas de Bolonha e Lombardia; porém a geral opinião é a que sigo. Sobre o chefe, ou fundador d'esta escola, diversos são tambem os conceitos, querendo uns que seja Francia, outros Mantegna; a questão é de pouca utilidade.

#### SEculo XVI

Francisco Francia, n. 1450, m. 1518; suas obras são d'um desenho muito asisado, e mui boa côr para o seu tempo. Raphael lhe enviou o seu quadro *Santa Cecilia* para que o corrigisse. Diz-se que a inveja e dor de ver tam perfeita obra em um mancebo de tam pouca edade, lhe causara a morte.

Andrea Mantegna, n. 1451, m. 1517; seus quadros rarissimos conservam ainda muito brilho, e são de melhor desenho que os de Francia.

Francesco Primaticcio Bolognese, n. 1490, m. 1570; coloriu graciosamente, e desenhou no estylo de Julio Romano. Alguns, como Pruneti, o querem fazer chefe da escola de França, onde quasi sempre viveu e pintou.

Antonio Allegri (Corregio), n. 1494, m. 1554; tinha chegado á perfeição da arte, e ignorava o seu merecimento. O *antigo*, Raphael, Vinci, etc., tudo lhe era desconhecido; não sabia senão a natureza. Ouviu gabar muito um quadro de Raphael, observou-o, e conheceu o seu proprio merecimento; soube o que valia, e nem por isso foi mais vaidoso; antes continuou a dar por mui rasteiro preço seus inestimaveis quadros, cujo colorido e frescura de pincel ainda não pôde ser imitado.

Francesco Massuoli (o Parmezão, ou Parmegianino), n. 1504, m. 1540; maneiras graciosas, colorido fresco e natural, muita facilidade e correção no desenho o constituiram um dos primeiros pintores da sua rica e fecunda escola. Os quadros d'este mestre são raros e carissimos.

Lucas Cangiagi, ou Cambiagi, n. 1527, m. 1585 ou 86; pintou com muita facilidade, e o que e de admirar, com ambas as mãos

ao mesmo tempo. Teve muita verdade e viveza, e tal expressão nas figuras, que parece que falam:

*Manca il parlar : di vivo altro non chiedi ;  
Ne manca questo ancor, se agli occlia credi.*

TASSO, GERUS

Os Caraches, Carachas, ou Caraccis, (segundo a nacional e verdadeira orthographia) mais celebres e conhecidos são tres. Luiz Caracci, n. 1555, m. 1618; estudou muito os grandes mestres e adquiriu uma maneira nobre e verdadeira, expressão e belleza de colorido. Instituiu uma academia ajudado de Agostinho e Annibal Caracci, seus primos, na qual se formaram Albano, Guido, Guercino e outros illustres artistas. Agostinho Caracci desenhou perfeitamente e coloriu bem: dos tres é o menos celebre n. 1558, m. 1603.—Annibal Caracci, n. 1560, m. 1609; foi superior a seu irmão e primo; teve um estylo nobre e sublime, desenho preciso e fero, e colorido muitas vezes admiravel. A galeria *Farnesi* é de todas as suas obras a mais famosa.

Bernardo Castelli, n. 1559, m. 1629; grande amigo de Tasso, a quem retratou, bem como a quasi todos os bons poetas do seu tempo. Foi insigne n'este genero: desenhou bem e coloriu melhor.

Guido Renni (o Guido), n. 1555, m. 1624; costumam distinguir-se tres maneiras diferentes n'este pintor famoso: a 1.<sup>a</sup> forte e assombrada; a 2.<sup>a</sup> natural e bella; a 3.<sup>a</sup> terna e doce, porém mais fraca. Pintava com a maior facilidade.

## SEculo XVII

Francesco Albani (o Albano), n. 1573, m. 1660; deu-se absolutamente aos assumptos galantes e graciosos: seu genio doce e terno o determinou na escolha. O nosso Vieira Portuense o estudou muito e imitou bem.

Domenico Zampierri (Domenichino), n. 1581, m. 1641; observou sempre uma ordem magnifica nos seus quadros, muita nobreza, correcto desenho e verdade de expressão.

Francesco Barbieri da Cento (o Guercino), n. 1590, m. 1666; trabalhou com uma facilidade incrível; e os seus quadros se encontram por toda a parte: teve um desenho fero e expressão nobre; mas o colorido não é igual. Sua 1.<sup>a</sup> maneira é escura e fraca; a 2.<sup>a</sup> é mais dura e fortemente assombrada; a 3.<sup>a</sup> é bella e encantadora, e participa do gosto de Ticiano e Corregio. Nos fins de sua vida, porém, obrigado da miseria, trabalhou mal e sem gosto.

Luciano Borzoni, n. 1590, m. 1645; verdade e intelligencia de expressão, e delicioso colorido o fizeram um excellente pintor. Teve dois filhos, que o imitaram, e se distinguiram sobre tudo Francisco Borzoni nas paisagens e marinhas.

João Francisco Frimaldi, n. 1606, m. 1688; coloriu suavemente e com harmonia; suas paisagens são excellentes.

Benvenuto da Ferrara (o Garofalo), n. 1605, m. 1695; foi muito bom colorista e desenhou bem. As suas cópias de Raphael são muito estimadas.

Benedicto Castiglioni; sua pureza de desenho, frescura de colorido, delicadeza de toque e grande intelligencia de *claro-escuro* fizeram os seus admiraveis quadros preciosissimos e caros. Nasceu 1616, m. 1670.

Carlo Cignani, n. 1629, m. 1737; teve muito boa composição e desenho; mas pouca expressão por causa do *muito acabado* dos seus quadros.—Bolonha.—

## SEculo XVIII

Thiariini, chamado o *expressivo*, morto pelos annos de 1750; teve muita expressão e um colorido vigoroso: exprimiu bem as paixões.

Izabel Cirani, do mesmo tempo. Estudou com proveito os grandes mestres: adquiriu um gracioso colorido; e, com quanto preferia os assumptos terriveis, executou muito melhor os doces e ternos.

Marcantonio Franceschini (o Francesquino), morto em 1729; seu colorido é muito engraçado, seu desenho preciso, e sua maneira tem uma bella simplicidade. Os quadros de Francesquino tem muita estimação e valor.—Bolonha.—

Marcos Benefiale, n. 1684, m. 1764; foi um dos bons mestres de sua eschola por seu correctissimo desenho, grande energia e expressão, e fecundidade de pincel.—Roma.—

## CAPITULO VI

### Da Eschola Veneziana

A eschola Veneziana, que reconhece por fundadores os Bellinis, Giorgione e Ticiano, produziu excellentes pintores, que imitaram a natureza com uma fidelidade, que seduz os olhos. Seu colorido é sabio e encantador, seu *claro-escuro* de muita intelligencia, a imaginação bella, a ordem rica, e os mais galantes e espirituosos toques; em fim sua maneira é originalmente encantadora, sobre tudo nas formosas e sabias composições de Ticiano e Paulo Veronese. Os grandes mestres d'esta eschola desprezaram todavia a

guma cousa o desenho, tam essencial á boa pintura. Ticiano e Giorgione elevaram o modo Veneziano a um ponto, que será difficil egualal-os. Nota-se em geral a esta eschola pouco conhecimento do *antigo*, e attitudes.

#### SEculo XV

Gentil e João Bellini mortos, o primeiro em 1501, o segundo em 1512, e mui velhos; seus quadros rarissimos mostram ainda um desenho verdadeiro, mas sem ordem; seu maior merecimento é terem sido mestres de Giorgione e Ticiano.

Giorgione de Castel-franco n. 1477. m. 1511; sciencia de claro escuro, ordem, colorido e desenho o elevaram em brevissimo tempo (pois viveu só 34 annos) á perfeição.

#### SEculo XVI

Ticiano Vecelli da Cadore, n. 1477, m. 1576; suas obras espalhadas por toda a Europa fizeram conhecer este mestre, que correu uma longa e feliz carreira, vivendo 99 annos; um quasi inteiro e glorioso seculo empregado na mais nobre das artes. Ignorou o *antigo*, e fallou no desenhio; mas o colorido de Ticiano, e sua expressão, assim como não tiveram modelo, não terão imitadores.

Gio. Antonio Regillo (il Podernone), n. 1484, m. 1540; a belleza de seu colorido, facilidade de desenho e apurado gosto de invenção o fizeram temer muito de Ticiano. Nada mais é necessario para seu elogio.

Sebastião Piombo, n. 1485, m. 1547; o quadro da *resurreição de Lazaro* feito para oppôr ao da *transfiguração* de Raphael lhe adquiriu muita fama; e Miguel Angelo, cujo é o desenho do dito quadro, quiz por via d'elle disputar a Raphael o primeiro logar; mas a expressão, e colorido de Piombo não poderam triumphar do incontrastavel merecimento de seu illustre rival.

Giacomo Ponte Bassano, n. 1510, m. 1592; amou os assumptos communs, em que foi grande: seu stylo é verdadeiro, e as suas côres excellentes.

André Sciaivone, n. 1522, m. 1562; desenhou incorrectamente; porém coloriu tam bem, teve um modo tam facil e engraçado, tam bom gosto nas roupagens, e tam bellas attitudes, que se lhe não pôde negar o titulo de grande pintor.

Giacomo Robusti (il Tintoretto), n. 1524, m. 1594; uma imaginação vivissima, uma rapidez incomprehensivel e um finissimo gosto o elevaram á primeira ordem dos mestres. É prodigioso o numero de suas obras.

Paolo Calliari Veronese (Paolo Veronese), n. 1532, m. 1588, seus quadros farão sempre as delicias dos amadores da arte pela riqueza d'ordem, belleza de caracteres, bom gosto de roupagens, frescura de colorido e nobre elegancia de figuras.

Giacomo Palma (Palma il Vecchio), n. 1540, m. 1588; imitou a natureza sempre bella, e com um *bem acabado* sem affectação.

#### SEculo XVII

Tiago Palma (Giacomo Palma il Giovane), n. 1544, m. 1628; foi discipulo de Tintoretto, que imitou optimamente.

Carlos Veneziano, n. 1585, m. 1625; seu colorido imita bem Correggio, e suas physionomias engraçadas as de Guido.

Alessandro Veronese, dito o *Turchi* ou *Orberto*, n. 1600, m. 1670; desenhou bem, e coloriu como um Veneziano.

#### SEculo XVIII

Giam Battista Piazzeta, morto no fim do XVIII seculo; seu colorido é mau, mas o desenho imita muitas vezes, e com verdade, a nobre altivez de Miguel Angelo.

Rosa Alba Carriera, n. . . , m. 1761; seus retratos e pasteis são conhecidos em toda a Europa; seu principal merecimento é o novo gosto, e maneira singular, com que trabalhava em miniatura.

### CAPITULO VII

#### Da Eschola Flamenga

A escola Flamenga é a de Rubens e Wandick; tanto basta para o seu elogio.—Van-Eick, tam conhecido pelo invento da pintura a oleo, foi o seu chefe. Quem amar a nobreza do pincel Romano, a bella arrogancia do Florentino, as graças do *antigo*, as gentilezas Gregas, não será decerto muito apaixonado das produções Flamengas. Os gelos do paiz, o temperamento frio dos habitantes são as causas necessarias e naturaes do pouco fogo que se lhes nota. Mas, em troco d'esta falta, que bellezas lhes não achará o amator imparcial e singelo! Ninguem, senão os pintores Flamengos, apresenta em seus quadros um *bem-acabado*, um *completo*, que parece superior á paciencia humana; uma fidelidade original na imitação da natureza, que encanta e admira. O seu defeito todavia é o menospreço d'aquella generica e fundamental regra das boas-artes: *Imitar a bella natureza isto é, saber extrahir n'ella o bello do mediocre*. Nisto falharam de certo, exprimindo-a muitas vezes com a cega pontualidade, e o

*verbo ad verbum* d'um *fi. nus* *interpres*; mas este mesmo defeito (permitta-se-me julgar o assim, com quanto vou contra o *commun* parecer) dá muitas vezes ás pinturas *Flamengas* encantos simples e singelos, que em nenhuma outras se encontram.

N'esta numerosa escola se classificam todos os pintores das nações do norte; e se os caracteres, mais que as patrias, devem ser n'este ponto os verdadeiros dados, não duvidarei tambem enumerar n'ella os poucos bons inglezes. Nunca pude gostar da pintura *Britannica*: um contra-natural, um monotonho, um forçado no colorido, um sempiterno géllo na expressão, que sempre lhe notei, me fizeram olhal-a com desprezo, e a não ser o moderno *West*, (de quem adeante falarei) decerto os Inglezes avultariam bem pouco n'este ramo das boas-artes.

#### SEculo xv

João Van Eick, n. 1370, m. 1441; fundou a sua escola, e inventou a pintura a óleo. Nada mais se sabe.

Alberto Dureró, nasceu em 1471, e morreu em 1528; seu desenho é correcto, sua imaginação viva, sua maneira firme: mas falhou muito nos costumes.

#### SEculo xvi

João Holbein, nasceu em 1488, e morreu em 1554; sua imaginação é sublime, o colorido vigoroso, e suas figuras tem um ar de relêvo, que engana. Em geral o pintar d'este mestre parece mais Lombardo, que Flamengo.

Otam Vaen ou Vaenio, nasceu em 1556, morreu em 1634; formou-se no gosto Romano, que lhe deu muita correcção de desenho, e belleza de expressão: qualidades, a que juntou grande intelligencia de claro-escuro.

Bloemart, nasceu em 1567, e morreu em 1647; um toque expedito e livre, bellas roupagens, muita sciencia de claro-escuro são os caracteres d'este pintor.

Pedro Paulo Rubens, nasceu em 1567, e morreu em 1640; nada será bastante para fazer descer este grande homem do grau ilustre de primeiro pintor historico. Não que ro, nem devo occupar-me de seus defeitos: releva-me só dizer: que o seu colorido é verdadeiro e brilhante, sua imaginação fertil, seu claro escuro sabio, todo elle é encantador. —A galeria do Luxembourg é a sua melhor obra: mas um quadro allegorico da guerra (no palacio ducal de Florença) no meu parecer, e no de muitos, não é inferior. Fogo brilhante, nobreza poetica, côr excel-

lente;<sup>1</sup> caracteres interessantes, composição precisa, intelligente distribuição de luz; tudo se juntou n'este quadro: e n'um grau de formosura, a que só a allegoria pôde remontar. A simples ideia d'este painel vale bem uma *Iliada*, e todos os Klopstocks juntos talvez a não produzissem: «E a *transfiguração* de Rubens» dizia um philologo meu conhecido, alludindo ao celebre quadro de Raphael. «A vida dos homens sabios é o catalogo de suas obras» diz um grande litterato<sup>2</sup>. Esta sentença desculpa a minha diffusão

#### SEculo xvii

Antonio Wandick, nasceu em 1599, e morreu em 1641; foi discipulo de Rubens, e a maior honra do mestre, verdadeiro e simples na imitação da natureza. O seu genero foi o retrato, em que ninguém o excedeu.

Rembrant-Van-Ryn, n. 1606, m. em 1674; foi grande no *claro-escuro*, na harmonia das côres: na imitação do relêvo. Seus quadros são conhecidos pelo fundo negro.

Vander Kabel, nasceu em 1631, e morreu em 1695; distinguu-se absolutamente da sua escola pela imitação dos Caraccis e Salvatore Rosa.

Eglone-Vandernér, ou Vandernêér, nasceu em 1643, e morreu em 1697; um colorido vivo, um pincel mimoso lhe fizeram naturalmente procurar os assumptos amorosos, em que foi excellentes.

Wandewerff, nasceu em 1659 e morreu em 1722: seus toques são firmissimos, e seu desenho correcto.

#### SEculo xviii

Antonio Raphael Mengs, nasceu em 1728 e morreu em 1779; tem uma verdade de colorido, e uma facilidade de pincel, que distingue as suas obras de quaesquer outras.

Gerardow n. . . , bem conhecido pelo seu *Hydropico*, que existia no palacio real em Turin, e que Mr. Cochin na sua viagem de Italia não duvida chamar o melhor quadro Flamengo, e assegura ter sido um dos mais estimados do príncipe Eugenio<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> A muito me atloito, conceituando da belleza de côr de um quadro, que nunca vi, senão em estampa, e má estampa; mas fio-me na auctoridade de eruditos viajantes. Haverá dois annos que me communicou esta estampa em Lisboa o sabio philologo J. B. S. Dos apontamentos, que então fiz, extrahi esta e outras descrições, que por ahí vão.

<sup>2</sup> Voltaire: *Siècle de Louis XIV.*

<sup>3</sup> Muito ha que li estas viagens, assim como as memorias de Mr. l'Abbé Richard; de maneira que agora não poderei asseverar em qual dos dois encontrarei Gerardow, e o seu *Hydropico*. A leitura d'ambos remetto os curiosos.

## CAPITULO VIII

## Da Eschola Franceza

A eschola Franceza, filha da Romana (se gundo Pruneti) honra muito a sua progenitora. Desde o seculo xvii as Italianas (seu modelo) declinavam muito; já se não viam Raphaels. Corregios, nem Ticianos: parece que a natureza, exgotada por tam grandes talentos, queria descansar. E n'esta mesma epocha (principios do seculo xviii, e fins do seculo xvii) brilhavam em França Le Brun, Lesueur, Subleiras, etc. Veiu o seculo xix tam memorando pelas extraordinarias mudanças, que viu a Europa; e emquanto a revolução Franceza, e suas consequencias aniquilavam em toda a parte<sup>1</sup> as boas-artes; a França apresentava ao mundo o mais brilhante espectáculo. Por entre o ruido das armas o e strepito dos combates, as margens do Sena,

*D'onde, arrancando omnipotencia aos fados,  
Impoz tropel d'heróes silencio ao globo*

BOCAGE

se ornavam com todo o esplendor das sciencias e artes. A mesma Theologia tam sêcca, e efadonha nas mãos de Santo Thomaz, tam immorral nas de Molina, e Sanches, muda de fórma, toma nova essencia, e na milagrosa Jemma de Chateaubriand surge com uma belleza e magestade, que jámais puderam dar-lhe o douto Agostinho, o elo quente Origenes. Com bem justiça, em quanto a mim, se podem a si proprios applicar os Francezes, a respeito das outras nações, aquella sentença de Seneca: *Multum egerunt qui ante nos fuerunt, sed non peraverunt*.<sup>2</sup> N'esta epocha brilhante e memoranda nos fastos da humanidade, das sciencias e das artes, a pintura renova em Paris os seculos de Augusto, de Leão X e de Luiz XIV. Os generaes victoriosos traziam de toda a parte os monumentos mais preciosos das boas-artes. O Vaticano, o Belvedere, o Capitolio, Roma, toda a Italia foi exaurida, e suas riquezas de escultura e pintura transportadas á nova capital do mundo. Então appareceram em França David, Girodet, e muitos outros, que vão parrelhas com os mais famosos Italianos, se em parte os não excederam. Lavater no seu engenhoso livro das physionomias não se atreveu a caracterisar os Francezes. Seus ge-

nios e maneiras tam incertos e incapazes da classificação, como sua variada physionomia, impedem affixar-lhes com exactidão a caracteristica; e philologos por isso houve, que não quizeram considerar na Franceza uma eschola; porém esta asserção é sem critica, e pouco seguida. Pruneti no seu *Ensaio Pictorico* accusa a eschola Franceza de mau colorido, e ignorancia do antigo. Eu, sem me atrever a contrastar este parecer, julgo que tal imputação não pôde ter logar na moderna eschola franceza; mas sómente se deve referir á antiga. Pruneti todavia não conheceu a eschola de David; mas devia conhecê-la seu traductor Taborda: devêra estudar-a para emendar o seu original, e exceder assim a mediocridade d'um traductor servil, accrescentando-lhe novas ideias. O grande genero francez é geralmente o historico. O chefe d'esta eschola, querem uns que seja Roux, ou Rosso, outros que Leonardo da Vinci: Pruneti assevera que fôra Primaticio Bolognese e o faz alumno da escola Romana. Eu o classifiquei na Lombardia; mas confesso que me enganei; porque o seu pintar, verdadeira norma, é mais Romano, que Lombardo.

## SEculo XVI

Vovet, n. 1590, m. 1649; teve um desenho activo, e um pincel vigoroso, mas imitou depois todas as boas e más qualidades de Mig. Ang. de Caravaggio.

Nicolas Poussin: Pruneti o faz nascido em 1594; mas Voltaire (*Siècle de Louis XIV*) assevera esta data em 1590. A boa critica decide por este, como nacional, e tam instruido nos successos d'um tempo, cuja historia nos deu. O mesmo Voltaire diz que Poussin era chamado o pintor das pessoas de espirito, e accrescenta que tambem das de gosto se podia dizer. Soube bem o antigo e o desenho; mas o gôsto Romano lhe deu um colorido sombrio. Sua philosophia (diz o grande escriptor) o fez superior ás intrigas de Le Brun, e morreu pobre mas contente em 1665.

Pedro Valentin de Colonier, n. 1600, m. 1632; imitou Poussin; teve um colorido harmonioso, boa ordem nas figuras, mas pouca correcção no desenho.

Jacques Blanchard foi imitador feliz das bellezas de Ticiano. Nasc. 1600, m. 1638.

Lesueur, n. 1617, m. 1655; seu engenho é sublime e elevado, seu gosto de roupagens magnifico. E' um dos primeiros pintores da antiga eschola Franceza.

Pedro Mignard, n. 1610, m. 1638; o estudo, e imitação de Raphael e Ticiano o fizeram algum tempo rival de Le Brun; mas a posteridade imparcial o extremou bem.

<sup>1</sup> A excepção da Inglaterra e Russia, e tambem de Portugal, que então colhia os fructos de todas as fadigas de Pombal e Manique.

<sup>2</sup> Seneca *Epist.* v.5.

Carlos Le Brun. n. 1619, m. 1690; sua composição, dignidade de exprimir, e fidelidade de costumes se conhece principalmente pelas batalhas de Alexandre, que Voltaire julga superiores ás de Paulo Veronese; mas apezar do meu respeito a um tal historiador, e philologo, creio que n'isto se engana, bem como no elogio do seu colorido, que todos taxam de menos correcto

#### SEculo XVIII

José Vivien, nasceu em 1651 e morreu em 1735; retratou bem a pastel, teve muita belleza e fecundidade de ideias, e executou bem.

Pedro Subleiras, nasceu em 1699, e morreu em 1749; fertilidade de engenho, grandeza de estylo, viveza de colorido, magnifica perspectiva, boas roupagens são os seus caracteres, e os d'um grande pintor.

João Baptista Santerre, n. . . . m. . . .; seu merecimento principal é um colorido verdadeiro e terno. O quadro de *Santa Thereza* na capella de Versailles é um dos esmeros d'arte mais preciosos e bellos; com quanto um pouco voluptuoso de mais, de que ao assumpto e logar cumpria.

#### SEculo XIX

David<sup>1</sup> é não só o primeiro pintor da moderna escola Franceza, mas por ventura o primeiro do mundo, depois de Raphael. Que vastidão e sublimidade de ideias! Que força e verdade no colorido! Finalmente as suas composições reúnem todas as boas qualidades, que apenas se acham dispersas pelos quadros mais famosos das antigas escolas, e que só a elle foi dado juntar. Falem os prodigiosos quadros de Belisario, do juramento dos Horacios, da morte de Socrates, e sobre tudo o incomparavel quadro das Sabinas. o *non plus ultra* da concepção e execução. e a eterna inveja de todos os pintores existentes e futuros.

Girodet igualmente se tem distinguido muito pela elegancia de suas composições, e suavidade do seu colorido, que nos seus quadros, quer de perto, quer de longe, presenta quasi o mesmo effeito. Não tem as graças viris de David; mas um acabado, uma doçura, uma maneira de exprimir, que o caracterisa, e tornam por extremo encantado-

ras suas bellas produções. Vejam se os quadros do *enterro d'Atala*, e da Virgem.

Gérard por seus excellentes retratos, chamado o Wandick de França, é tambem pintor historico e famoso pelo bom arranjo e ordem de seus grupos, pannejado ou trapejado de suas figuras, e bella correção de desenho. Seus grandes quadros são o Belisario, a Batalha d'Austerlitz, e ultimamente a entrada de Henrique IV em Paris, que lhe grangeou o logar de primeiro pintor da Camara de Luiz XVIII: não porque Girodet seja superior a David, nem mesmo igual, mas porque soube lisongear a tempo.

Régnauld é muito conhecido pela correção do desenho: porém o seu colorido, em demasia brilhante, é mais contrafeito, que natural: todavia deu muitos e bons discipulos, e entre elles o mais famoso é:

Guérin tam celebre pelos seus quadros de Phedra, e Hyppolito, de M. Sexto e da narração de Eneas a Dido. Seus caracteres são fogo pictoresco e muita sciencia de *claro es ouro*.

Le Gros bem conhecido pintor de historia segue a David. E' mui celebre o seu quadro de Francisco I, e Carlos V em S. Diniz.

Vernet, filho do paizagista do mesmo nome, e que no genero de batalhas é sem par. Só elle conseguiu exprimir com todo o fogo, e energia os brutos, que puxam o carro de Neptuno.

#### CAPITULO IX

##### Dos Pintores Inglezes e principalmente de West

West é o unico inglez, cujas obras mereçam collocar se a par das boas das outras nações. Os Inglezes não tem o genio da pintura. A natureza do paiz não é bella, o ser é frio e desleixado; as proporções do corpo e a geral irregulares, mal feitas; o caracter da nação duro e rispido; os costumes ferozes; tudo enfim concorre a impossibilitar a Gran-Bretanha de produzir bons pintores. Um inglez bem conhecido, o barão de Chesterfield o confessava, quando n'uma de suas cartas a certa dama franceza diz: *Every country has talents peculiar to it, as well as fruits, or other natural productions. We here think deeply, and fathom to the very bottom. Italian thoughts are sublime to a degree beyond all comprehension. You keep the middle path, and consequently are seen followed, and beloved* (CHESTERFIELD Letters: Lett. 444). Comtudo West soube distinguir-se de seus compatriotas por um genio vasto, e desenho correcto; mas seu caracter de pintura não é sublime; e o seu colorido (como o geral da nação) contrateito e improprio.

<sup>1</sup> Tinha me feito a mim proprio uma lei de não nomear nenhum pintor vivo; mas o reconhecido merecimento d'estes, o serem estrangeiros, a necessidade de falar da moderna escola Franceza, e não poder fazê-lo de outra maneira, me obrigou a infracção da lei, e quebra do protesto.

## CAPITULO X

## Dos Pintores Portuguezes

Tem-se escripto muito, e muito controvertido sobre a Pintura portugueza, e sua historia; mas tanto nacionaes, como estrangeiros (affoitamente o digo) sem critica. O exame de seus escriptos, das obras dos nossos artistas me suscitou a ideia de entrar com o facho da philosophia n'este cahos informe e desembaraçar, quanto em mim fosse, com o fio da critica este inextricavel labyrinth. Não pretendo adeantar ideias novas: pois d'onde as haveria? Menos ainda refutar as poucas historicas que temos: pois que documentos poderia allegar? Mas simplesmente examinar o que ha, e dar lhe ordem e methodo. Eis aqui o que é meu, o resto é dos escriptores, de quem o houve. Com estes dados considere em Portugal quatro epochas de pintura, umas mais, outras menos brilhantes: por via d'estas divisões será por ventura mais facil o formar um systema historico d'esta boa arte entre nós.

## EPOCH A I

(Seculos XI ate XIV)

O erudito arcebispo Cenaculo, Barbosa e outros modernos, na investigação das antiguidades da pintura portugueza, conjecturaram muito e com muita fadiga, mas pouco fructo. O desleixamento d'aquelles séculos meio barbaros em se lembrar da posteridade com a historia de seu tempo, não deixa aos animos estudiosos, e amigos da gloria patria, senão o desejo e infructuoso trabalho de vagar sem rumo por um pelago de conjecturas, a qual mais vaga. Que Italia e Portugal eram, n'estas epochas remotas dos seculos XI, XII e XIII, as provincias menos barbaras da Europa; seus monumentos publicos, templos, estatuas e ainda livros o mostram. Alcobaca e Santa Cruz de Coimbra são, alem d'outras, incontestaveis provas da minha asserção. Vivia entre nós a pintura; e vivia o melhor, que do gosto do tempo se podia esperar. Quem exigir mais diffusão, pôde ver os citados Barbosa e Cenaculo, e todos os allegados pelo moderno Taborda. O resultado philosophico de quanto disseram é em poucas phrases: — Que esta arte antiquissima entre nós remonta ao principio da monarchia. — Que barbara e gothica ao principio, se foi pouco e pouco melhorando, já pelas viagens dos nossos mestres á Italia, já pelas obras e pintores que de lá vinham chamados pelo bom acolhimento, que lhes nossos monarchas faziam. — Que existem ainda d'este tempo algumas pinturas, cujo auctor se

ignora. — Que nos reinados d'Affonso V, e João II já tinhamos pintores de nome, como Gonçalo Nuno, João Annes, e Alvaro de Pedro. — Que o estylo da nossa pintura d'este tempo, era um mesclado de gothico e grego-moderno, similhante ao de Cimabúe, Guido de Sienna, e Pedro Perugino. — O gôsto do antigo, que então começava a prevalecer na Italia, e que de lá se communicou a Portugal pela protecção, com que o amator das boas-artes, D. Manuel, especializou a pintura, assignala a segunda epocha, que se deve contar do xv seculo.

## EPOCH A II

(Seculos XV e XVI)

«Emquanto a França se occupa em justas e torneios, em discordias e guerras civis, Portugal descobria novos mundos, fazia o commercio da Europa, e produzia um sem numero de Camões, antes que em Paris houvesse um só Malherbe» diz Mr. Voltaire (*Siecle de Louis XIV*) e de vêra accrescentar que, antes que nascessem Le Brun e Poussin, já Portugal contava, na longa serie de seus pintores, Gran Vasco, Francisco de Hollanda, Claudio Coelho, e mil outros. D. Manuel chamado o feliz, foi o pae das sciencias e artes: e se João III contou no seu tempo mais sabios, que seu illustre antecessor, fructos foram, que em seu tempo amaduraram: mas devidos ás fadigas do sementeiro e cultor o grande Manuel. Gran Vasco, Gonsalo Gomes, Fr. Carlos todos são d'este tempo. O commercio e conquistas da India tinham elevado o reino a um gráo de opulencia, desconhecido então das outras nações. D. Manuel quiz eternizar-se com a fabrica do mosteiro de Belem; conhecendo:

*Que d'ações immortaes se murcha a gloria,  
Se a não regam as filhas da memoria.*

DINIZ, Od.

Os mancebos de mais esperanças foram mandados á Italia a aperfeiçoar-se na pintura. Affonso Sanches, Fernão Gomes, Manuel Campello, Christovam Lopes e outros, voltaram aproveitados, e enriqueceram não só Belem e Lisboa, mas o reino e toda a Europa com suas primorosas obras. Veiu depois Francisco de Hollanda, Diogo Pereira e Claudio Coelho, que não deixaram ao seculo de Manuel e João III<sup>1</sup> que invejar ao de Luiz XIV. O estylo pomposo de Mi-

<sup>1</sup> Nun:a pude afeiçoar-me a D. João III apesar da sua piedade e bondade, apesar do seu amor das sciencias, protecção que lhes deu, etc., etc. Donde virá isto? Será do seu ainda maior amor, e do generoso acolhimento, que fez á Sancta Inquisição?



guel Angelo, que tanto agradava ao genio altivo d'uma nação conquistadora, prevalecia muito entre os pintores portuguezes, que nem por isso menos presaram o desenho de Raphael, e o colorido de Ticiano, que ainda hoje se admira, em suas bellas composições.

## EPOCH A III

(Seculo XVII)

Expiraram com D. Sebastião nas arcas de Africa o valor e espirito portuguez; caíram as sciencias, esmoreceram as artes; e, com quanto os intrusos Philippes favoreciam alguma cousa o talento; a abundancia e riquezas, em cujo seio se crearam sempre os grandes engenhos tinham desamparado o reino, e sepultado a nação no lethargo politico, na miseria e na ignorancia. As cinzas das sciencias fumegavam com tudo; e os ultimos vislumbres d'um clarão moribundo, mas ainda grande, allumiarão ainda a Amaro do Valle, Estevam Gonsalves, José d'Avellar e Bento Coelho. — Surgiu finalmente a independencia portugueza depois de 60 annos de escravidão; mas o genio da nação estava muito abatido; era necessario ainda o decurso de muitos seculos para o levantar. Vêem-se com tudo d'esta quadra muitas pinturas, supposto não mereçam comparar-se com as do bom tempo de Campello e Claudio. Bem como nos animos, reinava na pintura por estes desgraçados tempos a servidão e mau gosto, que se limitava a copiar e imitar com baixaza; e por ventura pela mesma razão, que nos fez desprezar a materna lingua, para escrevermos na hespanhola: lisonja vil e indigna do nome portuguez, eterno opprobrio e mancha de escriptores, aliás benemeritos, como Faria e Souza, que enxovalhou sua fama com tal baixaza e vituperio<sup>1</sup>, e a marcou indelevelmente com o ferrête da sordida adulação; pernicioso mania, que tanto estragou o idioma de Camões e Barros, e a tal ponto, que os esforços e fadigas de tantos sábios e philologos tem sido pouco para a restaurar.

## EPOCH A IV

(Seculos XVIII e XIX)

A longa paz do reinado de D. João V. o commercio das colonias Americanas, as ri-

quezas e abundancia consecutivas fizeram reviver as artes e sobretudo a pintura e architectura. Começou-se Maфра pela mesma razão, que se começara Belem: a Italia recebeu de novo muitos alumnos portuguezes; e como Luiz XIV fizera em Roma, fez João V, instituindo n'aquella cidade uma academia de pintura. Francisco Vieira Lusitano, Ignacio d'Oliveira, e muitos outros foram o digno fructo dos cuidados do monarcha, mercedor por seus bons desejos d'um seculo mais philosopho, e d'uma cõrte menos hypocrita. N'este estado de cousas começou a reinar D. José, e com elle o marquez de Pombal: tudo mudou de face; cahiu o colosso jesuitico, o reino d'Aristoteles e a barbaridade Thomistica<sup>1</sup>; brillhou a pintura como a poesia, e as outras artes e sciencias. O governo doce e moderado de Maria I acabou de aperfeiçoar o que principiara e adeantara D. José, e o marquez de Pombal, que na universidade de Coimbra,<sup>2</sup> em Maфра, no collegio dos nobres, e outras partes tinham instituido aulas de desenho e pintura. D. Maria fundou a academia do *nu*; em seu tempo<sup>3</sup> se instituiu a de desenho do Porto. A nenhum bom portuguez devem esquecer os vigilantes cuidados do intendente Manique, a quem a pintura, a esculptura e mais artes devem tanto em Portugal. Esta fertil epocha produziu um Pedro Alexandrino, Vieira Lusitano, Teixeira Barreto, Vieira Portuense, Sequeira, e muitos outros, cujos nomes calo, mas bem conhecidos pelas suas bellas produções. A verdade, a expressão, o bello natural são os caracteres dominantes n'estes tempos.

## PINTORES PORTUGUEZES DA I EPOCH A

(Seculo XI até XIV)

Alvaro de Pedro viveu e pintou na Italia pelos annos de 1450. Nada mais se sabe; mercês á incuria de nossos avoengos. Oxalá que este miseravel e vergonhoso exemplo sirva de estímulo a netos, que possam melhor que eu, transmitir á posteridade a memoria illustre de nossos coevos. Noto de passagem que o traductor da oração de Belori assevera, com uma intrepidez que me espanta, serem de Gonsalo Nuno, ou Nuno Gonsalves as

<sup>1</sup> Todos sabem que a philosophia Aristotetico-Thomistico-escholastica, tam querida de nossos avós, era o opposto diametral d'aquella definição de Seneca: *Non est philosophia popularis artificium, nec ostentatione paratum. Non in verbis, sed in rebus est* SENECA. Epist. XVII ad Lucil.

<sup>2</sup> Em Coimbra não teve effeito: dizem as más linguas, que por ser cousa d'utilidade e especie ommissa nos *ff* e *Inst*.

<sup>3</sup> Na regencia da actual reinante, e demencia da rainha.

<sup>1</sup> E com effeito qual sera o bom portuguez, que possa perdoar a Faria e Sousa o ter escripto as suas historias em castelhano? Os seus taes e quaes commentarios a Canções, ao melhor dos escriptores portuguezes, ao mais célebre da sua nação, na lingua dos oppressores da patria, dos tyrannos de Portugal?

pinturas da capella de S. Vicente na sé de Lisboa. O mesmo dizem Francisco de Hollanda e Bermudes.

João Annes. Deixadas conjecturas, nada mais sabemos d'este pintor. senão que vivia pelos annos de 1429 por uma carta de privilegio dada por D. Afonso V. (*Vide* Taborda, Cenaculo, etc.)

Vasco dito o grande (Gran Vasco). Sabemos por documentos d'aquelle tempo, que vivia ainda nos fins do xv seculo. Seu estylo do antigo modo Florentino faz julgar aos sabedores, que estudára com Pedro Perugino. Desenho, ainda que rude, exacto, attitudes energicas, grande conhecimento de architectura, bellas paizagens são os caracteres d'este insigne mestre, que, fertil, e assiduo no trabalho enriqueceu todo o reino com seus primores. Muitos templos de Lisboa, o da Ordem de Christo em Thomar, e outros o attestam. Foi pintor de D. Afonso V, e seguindo o traductor portuguez de Belori, tambem de D. Manuel. Um periodico de Lisboa (que infelizmente se intitula *Nemosine Lusitana*) quer que o melhor quadro de Vasco seja o da paixão de Christo no horto (em Thomar); pintura (diz elle) porque um Inglez philologo, dava o: o cruzados, e uma boa copia. Desejava de todo o meu coração, que o redactor, ou redactores tivessem, ao menos n'isto, razão: em quanto a mim o amor da patria m'o faz crer facilmente.

#### PINTORES PORTUGUEZES DA II EPOCHA

(Seculos XV e XVI)

Gonsalo Gomes, de quem nada mais se sabe senão que vivia nos fins do seculo XV, foi pintor de D. Manuel: e a estimação, que este sabio rei d'elle fez, é o unico, mas relevante testemunho do seu merecimento.

Na chronica de D. Manuel é chamado Duarte Darmas *grande pintor*, e como tal enviado por el-rei a debuxar as entradas de Azamor, Salé, etc. (*Vide* Damião de Goes, *Chron. de D. Man.* part. II, cap. 27, pag. 208, edic. de 1819).

Firmado no proprio testemunho do auctor assevera (e não sei se com razão) Vicente Carducho, e com elle Taborda, que o nosso historiador Resende fôra tambem grande pintor. Não sei se a singeleza d'aquelles tempos é bastante para crermos um homem no artigo dos seus louvores.

Fr. Carlos, monge de S. Jeronymo vivia no principio do seculo xvi. Pintou no estylo de Bolonha, e sobre tudo no de Corregio. Ainda que flamengo de origem, suas obras tem mais nobreza, que o commum d'aquella nação, sem deixar de ter sua bella simplicidade.

Gaspar Dias viveu pelos principios do xvi seculo. Mandado a Italia por D. Manuel a estudar os grandes modelos, e formar o stylo, sua alma elevada não se contentou d'outros mestres, que não fossem Raphael e Miguel Angelo. Estudou os, e mereceu imital-os com dignidade.

Christovam d'Utrecht nasceu em 1478, e morreu em 1557; ainda que nascido em Hollanda, nossos escriptores o fazem portuguez. Soube perfeitamente a perspectiva, e juntou ao gosto de Perugino, e João Bellini a maior delicadeza e harmonia de pincel.

Afonso Sanches Coelho, nasceu em 1515, e morreu em 1590; dotado pela natureza de quanto constitue um grande pintor concebeu fortes desejos de passar á Italia, onde ouviu as lições de Raphael; honra, que bem mereceu por seu aproveitamento. Chamado por Philippe II á Hespanha ennobrecceu Madrid; e sobre tudo o Escorial com suas pinturas. Um dos poucos exemplos do merecimento premiado foi este illustre portuguez. João III de Portugal, Philippe II, Gregorio XIII, o grão duque de Toscana, o da Saboia, o cardeal Alexandre Farnese o estimaram, enriqueceram e honraram á porfia. Sua alma bem formada escutou sempre a voz da natureza; e o philologo não excedeu n'elle o homem. (*Vide* Palomino, Bermudes, etc.)

Fernão, ou Fernando Gomes, mandado á Italia por D. Manuel, e em consequencia vivendo no principio do seculo xvi, foi aproveitado discipulo de Miguel Angelo; e suas obras o provam bem.

Manuel Campello tambem enviado á Italia, e tambem do mesmo tempo. Ainda hoje se admira em Belem nos seus quadros, aquella correcção de desenho da eschola Romana, aquella grandeza de estylo, que faz a gloria de Miguel Angelo, seu mestre, e que a não faz menos do illustre discipulo. Estas brilhantes qualidades lhe grangearam os elogios de todos os sabios nacionaes e estrangeiros. (*Vide* D. Francisco Manuel de Mello: *Hospital das lettras*; Guarenti, etc.)

Vasques... viveu pelos annos de 1562; poucos pintores souberam, como elle, anatomia tam necessaria para o bom desenho, e proporções, em que se avantajou, e que lhe dêram um mui distincto logar na historia da arte, apezar de seu estylo um pouco rude.

Christovam Lopes, nasceu em 1516 e morreu...; o estylo pomposo de Miguel Angelo, que tanto agradava ao genio sublime e elevado dos Portuguezes, foi o seu modelo; e juntando a tam brilhante qualidade a expressao de Raphael, enriqueceu a Patria com as magnificas produções, que ainda hoje são admiradas depois de tantos seculos pelos sabedores, e amantes das boas-artes.

D. Leonor de Noronha da casa de Linhares, nasceu em 1550 e morreu em 1636; de Duarte Nunes de Leão na *Descrição de Portugal*, e de Barbosa na *Biblioth. Lus.* sabemos só que pintou *excellentemente a oleo e illuminação*.

Antonio de Hollanda, inventor da illuminação a pontos brancos e pretos em Portugal; e com tanto mais merecimento, que absolutamente ignorava a mesma descoberta que então se começava na Italia. D'elle disse o Imperador Carlos V. que *mejor le habia saccado al natural Antonio de Hollanda en Toledo de illuminacion, que Ticiano en Boloña*. Bem pouco vale este elogio, porque homens d'esta classe nada entendem de ordinario de tudo o que pôde ter algum valor ou merecimento, tendo de mais a mais a presumpção do voto decisivo. Não consta porém, que Deus creasse mais que um Salomão, e como este *um* morreu ha muito tempo, e estes senhores se não dão o incommodo de fazer aquillo, que fazem os que não são Salomões, ou não tem a tal *infusa*, é bem claro o valor de semelhantes elogios. Carlos V porém ( façamos justiça) posto que o mais odioso monarcha por seu cruel despotismo, não era comtudo o mais tolo, e algumas luzes lhe tinham ficado de senso commum, que se costumam apagar com a...

Francisco de Hollanda floresceu pelo meio do seculo xvi. — Pintor, architecto, poeta e philosopho. — Na Italia Paulo III, e todos os grandes e sabios; toda a Hespanha; em Portugal João III, e toda a corte o estimaram como meracia. (Pois n'aquelle tempo tambem em Portugal se dava preço ao merecimento!) O muito que se tem escripto sobre este memoravel portuguez, me desobriga de mais extensa apologia. De sobejo lh'a fazem seus preciosos escriptos, suas pinturas, e toda a Europa. — De suas produções é sem questão a obra prima, o baptismo de S. Agostinho (que ainda se conserva em cabeça de morgado na casa dos Castros) em que se admiram reunidos a sabia composição de Raphael, o desenho nobre e altivo de Mig. Angel., e o bello colorido de Ticiano. — Julga-se que morreu em 1574.

#### PINTORES PORTUGUEZES DA III EPOCHA

(Seculo XVII)

Diogo Pereira nasceu em 1570 e morreu em 1640; trabalhou muito; e o desvalimento, em que sempre viveu, não lhe affrouxou as graças naturaes e puras, que fazem a belleza de suas composições. Mas sobre tudo as scenas de horror foram o mimo do seu pincel. Tive o prazer de admirar-o muitas

vezes em suas obras, que por decisiva prova de merecimento, são procuradas por altissimos preços para Italia, França e Inglaterra.

Estevam Gonsalves Neto, n...., morreu em 1627; é d'elle o missal do convento de Jesus tam gabado pelas excellentes miniaturas que o ornamento. Soube bem o ornato e perspectiva.

Amaro do Valle, n...., morreu em 1610; seu gosto é delicado; seu estylo grande e expressivo; o desenho correcto, e assizada a perspectiva. Foi pintor de Philippe II.

José de Avellar Rebello viveu no tempo de D. João IV, que o condecorou com o habito de Aviz; caracterizar suas obras (das quaes a melhor é o *S. Jeronymo* da livreria de Belem) um estylo da grandeza de Mig. Angel. e um colorido de summa verdade.

D. Joseph de Ayla, n...., e morreu em 1684; um engenho fertil, muita verdade, expressão vivissima são a caracteristica de seus quadros, pela maior parte, de flores e fructos; mas o seu grande genero foi o retrato.

Claudio Coelho, n...., e morreu em 1693; este homem tam grande e tam conhecido tem sido abocanhado por muitos, e exagerado por alguns; mas a opinião geral o constitue n'um dos mais superiores graus entre os mais illustres pintores. Desenhou correctamente; coloriu como Ticiano; e conheceu, como poucos, o effeito da perspectiva. Tudo isto se observa principalmente no seu primoroso quadro da sacristia do Escorial bem divulgado pela moderna estampa de Bartholomeu. (*Vid.* Palomin. *Mus. Hist.* pag. 440 até 444; o abbadé Ponz. *Viag. d'Esp.* Tom. V. pag. 65 até 126; Bermudez *Diccion Histor.* Tom. I. pag. 337 até 347; Bourgeoin *Tableau de l'Espagne moderne*. Tom. I. pag. 227).

Bento Coelho viveu no xvii sec. Grande facilidade, bom colorido. como o de Rubens, que imitou; pouca correção no desenho. Conservam-se ainda muitas de suas obras.

#### PINTORES PORTUGUEZES DA IV EPOCHA

(Seculo XVIII)

Victorino Manuel da Serra, n. 1692. m. 1747: foi o primeiro, que em Portugal introduziu o gosto e ornato francez.

André Gonsalves, n...., m....; foi correcto no desenho, e bom no colorido; mas seu merecimento principal é o de copista.

Ignacio d'Oliveira, n...., m. 1781: distinguio-se sobre tudo pelos encantos do colorido: estudou em Roma, e trabalhou muito em Mafra.

Francisco Vieira Lusitano, n. . . , m. 1783, estudou muito em Roma, aonde, por concurso, levou o premio da Academia de S. Lucas. Foi grande na allegoria; desenhou bem, coloriu divinamente, e teve muita expressão. Apesar de tudo o que a inveja tem suscitado contra este grande mestre, elle será sempre um d'aquelles, com quem a pintura nacional mais se honra e ennobrece. Vieira Lusitano é muito conhecido, para me obrigar a maior elogio.

Joaquim Manuel da Rocha, n. 1730, m. 1786; distinguu-se pela correcção do desenho, e muita expressão. Foi director da academia do *mu*, e professor na aula do desenho de Lisboa.

Francisco Apparicio n. . . , m. 1787; distinguu-se muito no retrato e sobre tudo, por uma grande verdade de colorido. Estudou em França.

Luiz Gonsalves de Senna, n. 1713, m. 1790; foi mui destro no pintar; e em Lisboa se vêem muitas obras suas de grande merecimento.

Jeronymo de Barros Teixeira, n. em 1750, m. em 1803; o stylo simples e natural, com colorido, muita sciencia de claro-escuro, e de architectura, grande talento para o retrato o constituem em mui distincto logar na ordem dos bons artistas.

Pedro Alexandrino de Carvalho, n. 1730, m. 1810; teve um pincel livre, viveza de côres, e maneiras engraçadas, e foi um dos directores da academia do *mu*.

José Teixeira Barreto, n. no Porto 1763, m. 1810; estudou muito em Roma, e com grandes mestres. Seu stylo é caprichoso, mas bello. Foi lente de desenho na Academia do Porto.

Francisco Vieira Portuense, n. 1705, m. 1805; foi primeiro pintor da camera e côrte, director do instituto de desenho do Porto, e estimado e honrado de toda a nação, e das estrangeiras, principalmente da Ingleza. Foi premiado pela Academia de Londres. Pintou no stylo do Guido e Albano; e, no seu genero, não deixou aos portuguezes nada que invejar ás outras nações.

## ADVERTENCIA.

Fui sempre muito pouco amigo de dar satisfações. Porém esta minha repugnancia não é filha de presunção, nem de orgulho. De todo o meu coração o digo, e todos os que me conhecem, o sabem. Nascem da persuasão, em que estou, de que a justificação d'uma coisa está na maneira por que essa cousa se faz. E applicando esta generalidade ás composições litterarias, cada vez me convenço mais que os prologos, prefacios, avisos a leitores, etc. nada fazem. nem fizeram, nem farão nunca ao conceito que da obra se fórmã.

E principio foi este, por que na fachada do meu poema não puz tal cerimonia. Revendo o porem agora, examinando este *Ensaio*, e conhecendo-lhe infindos defeitos, que me tinham escapado; sendo me impossivel emendal-os; resolvo-me a dar satisfação; não para pretender justificar-os, e salvar me da critica com subtilzas, e argucias; mas para fazer confissão pública d'elles.

Se me é lícito porém dizer duas palavras

em meu abono, direi que tanto o poema, como as notas, e ensaio são da minha infancia poetica; são compostos na idade de dezasete annos. Isto não é impostura: sobejas pessoas ha ahí, que m'o viram começar, e acabar então. É certo que desde esse tempo até agora, em que conto quasi vinte e dois, por tres vezes o tenho corrigido; e até submettido á censura de pessoas doudas, e de conhecida philosophia, como o foi o Excelentissimo Senhor S. Luiz, que me honrou a mim, e a este opusculo com suas correções. Mas todos estes cuidados não puderam (emquanto a mim) tirar-lhe o vicio do nascimento.

Eis aqui a minha confissão geral. Os que me absolverem ficar-lhes-hei muito obrigado; os que não quizerem, paciencia; não me mato por isso. Comecei esta obrinha por desenfado: acabei-a por divertimento; publico-a por amor das artes; se me criticarem, rio-me, e não fico mal com ninguém.

# FRAGMENTOS DE POEMAS INEDITOS

## AFFONSAIDA OU FUNDAÇÃO DO IMPERIO LUSITANO

(FRAGMENTO)

As armas, e o barão canto de Lizia,  
Que sabio, que guerreiro, ao mesmo tempo,  
Fundou o excelso Imperio Lusitano.  
Embalde se lhe oppoz Leão sanhudo.  
O hispanico Leão co'as feras garras.  
O Allange de Mahomet falsou seus golpes;  
Lusitano revez lhe embota os fios.  
Ajudado do céu, do céu mandado,  
Deu nova Roma ao mundo, fundou Lizia.  
Musa de Smyrna, mantuana Musa,  
Que largos annos habitaste o Tejo,  
Tu, que inda acordas com prazer o tempo  
Em que afinaste ao grão Camões a Lyra,  
Que meiga te sorriste ao sabio Castro,  
A Quevedo, a Menezes, e a mil outros,  
(Que tantos a Aganipe envia o Tejo):  
Volta outra vez ás saudosas praias,  
Entorna impeto novo em minhas veias,

Um raio a Apollo rouba, em mim o infunde,  
Que não menos careço em tal empreza  
A que os hombros furtou t'eu' o Helicon.  
Lá no campo d'Ourique, que inda roxo  
Se vê c'o t'rpe sangue do Ismaelita,  
Envolto em mil tropheus estava Afonso,  
Afonso, o grande heroe, de Henrique filho.  
Nas tendas marçães, de heroes cercado,  
Revolvendo na mente belicosa  
Mil disenhos guerreiros, mil batalhas.  
Frente a frente lhe estava Ismael sanhudo  
Que do pingue Alemeitejo os campos rege.  
Socios lhe eram na Seita e nos intentos  
Os tyranos de Silves, e Merida.  
Sevilha, Badajoz, e de Aljezira.  
E o teu, bella Lisboa, que em tal quadra  
Jazias sob o jugo sarraçeno.

## O ROUBO DAS SABINAS

(FRAGMENTO DO CANTO I)

QUEIRO cantar de amor delicias, gozo.  
Que as lasso cordas já não soffrem prantos,  
Que a lyra enrouquecida, e frouxa, e debil  
De Melpomene aos ais os sons recusa.  
Roma, de teus heroes guarda os prodizios,  
Não quero o teu valor, quero os teus fados  
Quando em teu seio divinas bellezas  
(Ditoso furto!) de prazer torrentes  
De inefavel prazer doce entornaram.  
Prazer filho d'amor de ti só canto,  
Só a ti, só a amor consagro a lyra.  
Em curto espaço de acanhados muros  
Da gloria no crepusculo jazia  
A futura senhora do universo.  
Occupava o logar do Circo e Fóro,  
Do erguido Capitolio, do palacio  
Infructifero bosque emaranhado.  
Onde em seculos d'ouro o luxo, a pompa  
Obeliscos ergueu, alçou colossos,  
Mal se divisam rusticas choupanas.  
Mancebo audaz, progeie de Mavorte,  
Um punhado de heroes, vaidosos d'elle  
Só ricos de valor, pobres do resto;  
Eis a infancia viril da altiva Roma.  
Mais deuses que o da guerra não conhecem:  
Só lhe avultam na mente belicosa  
Armas, guerra, furor, conquistas, mortes;  
Das paixões a mais bella, a mais fagueira  
Desconhecem ferozes, menoscavam.

Raivoso os viste, amor, quebrar teus fóros,  
E quem te offende em vão? juraste irado  
Pelos olhos da mãe, que te sorria  
A futura vingança pre-entendo,  
Juraste de punir o sacrilegio  
Com toda a furia do rancor de um nume.  
A vos sabinas venturosas cumpre  
Ao feroz vencedor roubar os louros,  
Cumpre vingar amor, correi ao Circo.  
Não temas do inimigo o rude assalto,  
Victoriosas sereis quando vencidas.  
Heroica musa, que do heroe de Homero  
Cantaste a ira tão funesta aos gregos;  
Que as armas pias do piedoso Enéas  
Nas lacias cordas resoar fizeste;  
Que a altiva tuba de um Camões, de um Tasso  
Nos muros de Selem, nas margens do Indo,  
Magentosa empunhando alçaste aos deuses,  
Não, teus eccos de horror não quero, oh Musa:  
Volve-me os sons melitulos, deliciosos,  
Os meigos sons da namorada lyra  
Que os ternos beijos, que as lascivas guerras,  
Os divinos combates deluxára  
De Armida nos jardins, na ilha de Venus.  
Nem deslumbres de Angelica formosa  
O mago sonno, que intumou sem pejo  
Do frouxo velho encanecidos membros.

## O X OU A INCOGNITA

(POEMA SATÍRICO)

## CANTO I

CANTO o X, e o varão, que andou traz elle,  
Sem achar-lhe o valor, tão longo espaço,  
Té que, borrado o calculo famoso,  
De quebrado em quebrado foi caindo,  
Té na mais simples expressão mirrar-se.  
Embalde o valor todo do algarismo,  
Quanto vae desde o zero ao infinito,  
Sabidamente empenhou; travessos numes  
Nos penetraes geometricos lhe deixam  
Eternamente a incognit escondida.

O maera musa que não és das nove,  
Nem do futil Permesso á margem vives,  
Mas coroada de eternas triangulos  
No sete-estrello taciturna imperas:  
Vem por um pouco á arabica linguagem  
Ensinar-me a rincar, vem resolver-me  
O não sabido, magico problema  
Do meu geba immortal, a quem agora  
De Boileau e Diniz consagro a lyra.

Da verdade fugindo á luz que o cega,  
Da liberdade ao grito espavorido,  
La cortando os mares de Neptuno  
O magro fanfarrão, o heroe Garckiesto.<sup>1</sup>

Levando aos seccos, acurvados hombros,  
Novo hypocrita Enéas, as reliquias  
Da Troya concundal já feita em cacos.  
N'alma perversa revolvendo enganos,  
Astucias, trampolinas, quixotadas  
Com que algebricamente os tristes povos  
Ha de atur. ir dos miserios Açores.  
Farto de cifras. de algarismos, senos,  
Decassenos, de cubicas raizes,  
Mas sem vintem na bolsa encarquilhada,  
Vae calculando o modo de engordál-a;  
E rest urando o imperio dos concundas  
Entre os pobres ilhéos, simplice geíte,  
Pimpár de grão senhor, fazer de lord,  
E o X achar enfim que tanto busca.  
Qual tricaudal bachá de alto bigode  
La da estupidiissima Bysancio  
(Aonde as caras se não vêem ás moças,  
Nem do Padre Lyeu viceja o ramo  
Na galhofeira tasca pendurado)  
Para o boçal paiz dos geroglificos  
No arabe infeliz fazer lachina,  
Emquanto não approuve aos mamelucos  
De mandar á tabúa o pué dos Crentes,  
Tal ia o nosso heroe. ....

## MAGRIÇO E OS DOZE DE INGLATERRA

(FRAGMENTO)

## CANTO I

E  
Eu no entrar da singela juventude,  
Sem conhecer os homens, fui sincero.  
Ardente coração, paixões fogosas,  
Alma franca, de impulso me levaram  
Aos paizes do cego entusiasmo.  
Por lá cantei de amor pureza e mimos,  
Doçuras de amizade, enlevos de alma.  
Heroismo, gloria, liberdade e amores,  
A porfia na lyra me soaram;  
E na alteza do espirito sublime  
So vi nos homens a verdade e a honra.  
Experiencia fatal; tu me roubaste  
A tão doce illusão, em que eu vivia!  
Bordado véo de lisongeiro engano

Rasgou-m'o d'ante os olhos embaídos  
C'o a descarnada mão sêca verdade.  
Tal como elle é vi o homem! Aos meus olhos  
De vergonha e de dó vieram lagrimas.  
Chorei; — tam louco fui! Só gargalhadas  
As loucuras do mundo nos merecem.

E assim foi que, attentando mais de perto,  
Vi tanta asneira, vi tanta sandice,  
Que desatei a rir, por fim, de tudo.  
De Heraclito chorão deixei a escola,  
E alegre sigo o pachorrão Democrito.  
Quero rir com Diogenes, com elle  
No cynico tonel entrincheirar-me  
Contra as sandices d'este parvo mundo.

<sup>1</sup> Francisco de Borja Garção Stokler.

# LYRICA

I

## PRIMEIROS E ULTIMOS VERSOS

Com o titulo de PRIMEIROS E ULTIMOS VERSOS, se publicam estes dois volumes, que são o complemento das FLORES SEM FRUCTO, e contêm varias collecções de poemas menores, ou poesias fugitivas, como dizem. A primeira e mais antiga das collecções é a LYRICA DE JOÃO MINIMO, cuja primeira edição havia muitos annos que já em 1841 estava extin-

cta, e n'esse anno foi revista e preparada pelo auctor para tornar a imprimir se. Não se fez então por estarem de permeio outros volumes de suas novas composições. Agora vae formando o primeiro tomo da presente publicação. O segundo contém FABELAS e outras coisas ineditas antigas, e tambem as FOLHAS CAHIDAS, e outras coisas novissimas.

## PRIMEIROS VERSOS

### LYRICA DE JOÃO MINIMO

#### NOTICIA DO AUCTOR D'ESTA OBRA

Debaixo de ruim capa se esconde um bom bebedor.

RIF. POPUL.

Do rifão que tomei para epigraphe d'esta memoria, verá o leitor que mui bem senti os inconvenientes do nome exquisito e desconhecido que vae á frente da obra. Peior será se, parecendo *ruim a capa*, não parecer melhor o *bebedor*.

Quem é este novo e esdruxulo poeta, este Sr. João Minimo? — O mais que posso responder é contar tudo'o que d'elle sei, que não é muito.

Eu estava a respeito do Sr. João Minimo na mesma ignorancia perfeita em que está o publico: era poeta de que não tinha a minima ideia. Ora todos sabem que para se adquirir este nome em Portugal é necessario

anl maltrapido, viver vida cynica pelos cafés e bilhares do Chiado ou do Quebra-costas, onde, com o charuto na bocca e o ponche ou a philippina na mão, se discute de sonetos, decimas, odes pindaricas e dithyrambos, que são os unicos generos hoje admittidos pela legitima, pura e orthodoxa poesia lusitana, fulminado terrivel anathema contra toda e qualquer heretica nequicia discrepante <sup>1</sup>.

Além dos mencionados cafés e bilhares, os outeiros de freiras, e nas occasiões publicas — como juramentos, perjuramentos, aclamações, desacclamações, usurpações, etc., etc. — os theatros são os meios de publicidade para os verdadeiros e legitimos filhos do iustitano Apollo que desprezam a ridicula gloria de *auctores impressos*.

Em nenhum d'estes sitios tinha eu visto ou ouvido falar do Sr. João Minimo. Tam

<sup>1</sup> Escrevia-se isto em 1825.

pouco não era elle *poeta impresso*; pois graças a Deus, tenho corrido todos os folhetos e folhetaços de poesias—em todo o sentido fugitivas—que ha vinte annos se têm impresso; e bem assim os volumes poeticos de papel pardo que regularmente constam, como é sabido, de algumas grozas de sonetos de annos, abbadessados, etc.; logo, segundo a liturgia commun, as odes pindaricas e os dithyrambos; acabando tudo com a miscellanea das glosas, colchêas, anacreonticas, e alguma ecloga—se as ha.

Portanto era me perfeitamente extranho o nome d'este novo poeta. E agora contarei como viemos a fazer conhecimento e amizade, e como, por uma extraordinaria circumstancia, vim a ficar universal herdeiro de todas as suas obras; das quaes na presente collecção dou ao publico pequena amostra.

No verão de 1821... succedeu, uma tarde de Junho, que me encontrei no conhecido café do Marrare com uma sucia de rapazes, leaes filhos de Apollo; e, como é natural, a nossa animada conversação entrou logo pelos districtos poeticos. Veiu-se a falar em *Outeiros*—alegre e engenhoso passo: tempo de nossos paes, quasi perdido hoje na barafunda das malditas politicas, desprezado e mal avaliado por uma mocidade estragada e libertina que tem o descôco de preferir as cartas da Nova-Heloisa e do excommungado St. Preux ás eclogas do pastor Albano e da pastora Damiana, — que ousam antepôr os descompostos versos de Francisco-Manuel e suas odes hyroglyphicas aos retumbantes, altisonantes e nunca assás louvados sonetos da escola elmanica! Isto é, quando estes senhores se dignam de olhar para versos; porque hoje a moda é prosa e mais prosa, economias politicas, estatisticas, chemicas, physicas, e outras inuteis frandulagens que nunca entraram nas topetadas e apovilhadas cabeças de nossos paes, n'aquelles felizes tempos de Portugal em que a procissão de Corpo de Deus vinha pelos arruamentos abaixo, — e na vespera á noite oh! que brilhantes outeiros por aquella rua do Oiro!— quando todas as *blue stockings*, *bel-esprits* e *précieuses* de Lisboa se requebravam pelas adamascadas janellas em motes alambicados e sublimes, fructo de muita semana d'estudo nos preciosos volumes de *João Xavier*, da *Marília*. — e tambem, para honra e gloria do meu patrio rio, do *Belmiro pastor do Douro*!

Tempos, ditosos tempos que nunca mais heis de voltar! A's vezes ponho-me a pensar commigo, se os manes do *pastor Albano*, ou a alma *parda* do cantor Caldas,<sup>1</sup> ou o

energumeno espirito do vate Elmano<sup>1</sup> apparecessem de repente entre as cigarri-ponchiondulantes nuvens de um café do Rocio, — theatro de suas façanhas, templo de suas glorias!—e ouvissem e vissem a profanação e substituição actual de taes logares!... *Gazetas, jornaes, periodicos!*... O *Portuguez*?<sup>2</sup> a matar a gente com a *publicidade dos processos* e com a traição do ministerio; a *Gazeta* ás unhas ao *Portuguez*; o padre José Agostinho—até este, o proprio *Elmiro Tagideu! Tu quoque, Brute!*... o padre José Agostinho ás chalaças arrieiras com elles! Com menos escandalo, é verdade, este digno filho de Apollo se abaixa á *vil prosa*, porque e n nenhuma materia de sciencia ou arte, ou litteraria (diga-se para honra do seu *poetismo*) o vemos entrar solidamente e como quem a sabe ou a professa: apenas uma tinctura de florilegio para embasacar os pataus, e fazer encaixe a descomposturas, insultos e pachochadas. Mas emfim é vil prosa, indigna do sesquipedal imitador de Stacio, que, com tanto crédito de seu delicado gosto, o antepõe ao semsaborão de Virgilio... ai! isso é o menos: que diremos do rival—do rival vencedor do *torto Camões*!

Oh! o que diriam aquelles illustres manes! Com que maldições e esconjuros não fugiriam elles outra vez para a habitação das sombras, fulminando sobre a degenerada raça bastos sonetos de anathema, e pindaricas odes de confusão eterna!

Qu'é dos poetas portuguezes de hoje? Que se não pôde chamar poetas a esses fazedores de poemas e romances<sup>3</sup> — enfronhados em romanticos,—ou a esses frios imitadores de Horacio no genero lyrico, que fazem odes com *senso commun*, — ou a esses proselytos da escola de Gesner, em que tudo é natureza e verdadeira imitação d'ella, — ou a ess'outros feitores de tragedias, salvo um ou dois cujos versos tragicos são dignos do soneto e da ode pindarica. Nada! isso não é gente a quem se chamem poetas. Oh! qu'é d'aquelles famosos athletas que no circo poetico luctavam infatigaveis com Furias, Gorgonas, Tisiphones e Megeras, e bramiam e pulavam e troavam e retumbavam, e faziam versos que nem elles enten-

<sup>1</sup> O vate *Elmano* é mui diferente coisa do poeta Bocage. O excentrico, inintelligivel, escatapafurdo Elmano dos cafés e dos outeiros não pôde ser o mesmo que o nobre poeta Bocage, o traductor de Ovidio, o auctor de *Leandro* e *Hero*, de *Tritão* e de tanta coisa boa e bella.

<sup>2</sup> Jornal dirigido pelo A. em 1826-27.

<sup>3</sup> Parece alludir a certas publicações modernas de exquisto feito e anomala descripção que apparecem ha tres para quatro annos a esta parte, como o poema *Camões*, uma tal *D. Branca*, e outras modernices.

<sup>1</sup> Não se fala do grande poeta o padre Caldas, mas do mulato improvisador Caldas.



diam, de tam sublimes, de tam guindados! — Tudo isso banido, tudo isso fôra de moda por estes ridiculos bonecos de hoje, para quem tudo é natureza e natural, que chamam á noite *noite*, ao sol *sol*, e a todas as coisas pelo seu nome! Quaes poetas, que se lhes entende tudo quanto dizem sem ir ao dictionario da fabula! Poetas que começam ou ode, ou seja o que fôr, sem invocar musas nem Apollo — até creio que nem Apollo nem musas reconhecem os excommungados.

E a isto chamam *romantico*; e diz que é importação de Madame de Staël e do asceítico Chateaubriand, que nos estragaram nossa poesia do Sul com estas semsaborias do Norte. Pois a antiga eschola *Marino-gongorístico-italo-castelhana*, que resistiu aos esforços de Garção e Diniz, que reviveu mais brilhante e triumphante em toda a seita *Elmanica*, luctou com *Filinto* e *Filintistas*, marimbou para antiquarios-innovadores de toda a especie, e por uma sublime *ruse de guerre*, com differente nome e fingida apparencia, capitaneia as phalanges dos *Elmiros*, e de não sei quantos mais *miros* e *iros*, contra os pretendidos restauradores das simplicidades *camõesinas* e *sámirandinas* — esta escola, que tamanhos genios, embora esquecidos hoje, tem produzido, ha de acabar ás mãos de quatro peralvilhos sem nome e sem gloria?

O peor é que não é possível concentrar a attenção publica em ponto tam importante: as endiabradas politicas tudo absorvem. E elles, os romancistas, os nacionalistas, os racionalistas, os inimigos da brilhante antithese, do campanudo conceito, da fina e intrincada e inintelligivel phrase sublime... elles ganham terreno; e talvez, talvez não tarde a epocha em que se veja um dia de annos sem soneto, um anniversario real ou nacional sem ode pindarica; em que as eclogas de João Xavier, e de muitos outros, causem somno, os sonetos elmanisticos fastio e as epopéas *agustinhas* nãojo.

Ah! d'onde vem tudo isto, d'onde procede todo este damno? — Do esquecimento e abandono dos antigos, respeitaveis e orthodoxos usos nacionaes. Durassem ainda os *Outeiros*, houvesse d'aquellas justas, d'aquelles torneios poeticos em que cada um fazia *prova singular* e publica de seu talento e finura, e em que nenhum insulso fazedor de versos soltos e frigidissimas odes ousava intitular-se poeta... houvesse elle *Outeiros*, e não veríamos o que vemos.

Tal era o thema e variações da nossa conversação, quando outro alumno da antiga eschola, outro filho do *outeiral* Apollo, nos veio interromper agradavelmente. — Rapazes! correu elle para nós, muito estimo en-

contral-os aqui. Sucia! Vamos a Odivellas ao outeiro de S. João, que é hoje, esta noite.

— Quê! ainda elle ha d'isso? Olha a nossa conversa... Pois devéras um outeiro?

— Outeiro, sim senhor, vamos; é brilhante coisa: ha mais de dez annos que se não faz. Mas hoje temos tudo arranjado, todo prompto. Vae N.. N. e N., que hão de aterrar tudo com sonetos e colchêas, e já levam provisão de quartetos e consoantes—d'isto que chamam de *nariç de cêra*, que servem para todo o mote; mas não importa: o caso é fazer bulha e estallar como um foguete de lagrimas nos ouvidos d'estes pedaços d'asnos. Havemos de meter tudo n'um chinello. Nem Bocage nem Malhão viram nunca no seu tempo um outeiro como este ha-de ser. Vamos, rapazes, que só faltam vocês. Toca, marcha!

E nós tocámos e marchámos capitaneados pelo nosso director: e eis-nos saltando e folgando, todos umas paschoas: e elle que dá comnosco na *redolente* e viçosa praça da Figueira, onde encontrámos arreitados e vistosos ginetes e haqueenas mordendo de impaciencia — os *doirados freios* não — mas um resto de albarda velha. Eram burros. Porém os mais pimpões e men's asinarios animaeburros que trotam nas visinhanças da inclyta Ulyssea.

E os rapazes burriqueiros comnosco, e: — Este, meu amo, isto é que é jumento! — Este, o meu Junot! — Leve o meu Bonaparte. Isto é que é fera. — Leve o meu Lord inglez, que nunca tropeçou na sua vida. Para Cintra, fidalgo, para Cintra? Está lá em duas horas, o muito; é ir no meu Douctor.

E com estas gritarias e desordem e encomios dos ruços travou bulha suja entre os donos e conductores da *asinaria*; durante a qual, o *tertius gaudet* de uma boa velha, que creio que vende toucinho e queijos do Alemtejo, aproveitou a occasião e nos veio offerrecer as suas cavalgadas — aliás burricaduras — que estavam ajazeadas e promptas atraz do *logar*.<sup>1</sup> Estipulou-se prompto o preço. montámos sem mais detença e partimos em garrido trote entre os gritos e assobios da rapaziada burricall, que vendo-se *desapontados* pela nossa repentina deliberação, largaram a bulha para nos rogar em côro um sem-numero de suas chulas pragas, a nós e á *mãe dos burros*, a boa velha que nos accomodára tam bem, e que não teve o menor quinhão nas jacularias da rapazia.

<sup>1</sup> *Logar*, para intelligencia do leitor provinciano é a barraca de madeira em que estão anichados os vendilhões da praça da Figueira e de outras praças e ruas de Lisboa.

E já passámos as sujas e enlameadas ruas, e já em campo aberto a gosar a mais bella e deliciosa tarde de Junho que ainda sorriu nos abençoados climas do nosso Meio-dia.

O ar doce e temperado apenas se agitava de uma ligeira viração, tam branda como a que pôde causar a trémula vibração de ventarolla asiatica em mãos de formosa escrava, nos regalados jardins de algum nababo delicioso...

Apre! que esta foi poetica de mais — romantica de mais.

Sejamos classicos:

Qual a suave ondulação mimosa  
Que emtorno á mãe dos languidos amores,  
Em tarde estiva na estação calmosa,  
Meneando os leques de cheirosas flores,  
Fazem as Graças nos jardins de Gnido  
Para emballar e acalantar Cupido.

Que tal? — o diacho é o maldito leque.  
Parece-me prosaico e vulgar como o

Escreve a seu irmão que lhe mandasse  
A fazenda com que se resgatasse.

Paciencia. — Abano. abanico... nada! Ventarolla já está dito: leque... leque... Leque sempre é o melhor. E mais não é bom. Mas não diz lá o grande poeta da *Phenix*<sup>1</sup>, falando do ferreiro Polyphemo:

E porque só no vento se affiança,  
Lhe servia de *folle* uma esperança?

Pois *folle* não é mais poetico do que *leque*: e em sublime, guindado, elevado e culto, se algum sabia, era aquella gente da *Phenix renascida*.

As digressões matam-me: é a minha terrivel e imperdível manha — Onde iamós nós? — No caminho de Odivellas: é verdade.

E iamós nós andando, andando, isto é, os nossos burros trotando, trotando, e o ar delicioso, e os campos lindos, e as vinhas e os pomares e os bosques exhalando fragrancia; e tudo alegre e risonho, respirando saúde e vida e contentamento; e nós discutindo consoantes, questionando sobre rimas, ventilando metros e outras que taes coisas de sublime importancia.

— E quem conheces tu lá para te dar mote? disse um da sucia para outro.

— E para dar doce?... que é um pouco mais interessante.

— Em que tu falas! Vergonha...

— Falo no que penso, que já tenho fome: e que será lá para noite velha, quando os consoantes começarem a faltar, as ideas a fugir, a um pobre homem com o *fecho* do soneto atravessado na garganta, que nem para traz nem para diante! Ahi é que os eu quero vêr: o estomago vazio, e o parto de um soneto atravessado? Ninguém resiste a isso: eu por mim...

— Fuma-se.

— Bom é: mas fumar não enche.

— Querem vocês ouvir um soneto que eu fiz em Coimbra, de *consoantes forçados*, a um maldito que estava a jogar a ronda commigo, ganhando-me o dinheiro, e não me quiz dar um *pontifice* em que eu tinha o olho, que me damnava por elle?

— Venha! disseram todos.

— Pois ahi vae continuou o auctor do soneto:

Dá cá d'esse cigarro uma fumaça  
Antes que a lata a cachações te meça:  
Dá o por ben, antes que a mal t'o peça;  
Passa cá o pontifice, louraça.

Isso agora é de mais, isso é pirraça,  
Dou o cavaco, azão com tal peça;  
Se não m'o dás, já já com toda a pressa,  
Desconfio, inquilillo co'a chalaça.

Deixa estar que inda um dia quando eu possa,  
Se algum diabo, meu ratão, te atiaça  
A pedir-me um cigarro, é logo coça.

Es hereje, infiel, não vaes á missa.  
Uma ponta negar não te faz móça  
Porque a alma tens de estopa ou de cortiça.

Bravos geraes e unanimes e sinceros. Tenho observado que entre auctores — e poetas, que é a peor raça de auctores — as coisas jocosas, de galanteria, são geralmente apreciadas sem inveja, e applaudidas sem aquellas frias restricções do amor proprio que impedem os filhos de Apollo de acharem gosto e prazer no que é bello ou grande nas obras de seus confrades. Não é affectação, não é maledicencia; é que *gostar é gosar*, e quem não *gosa* não gosta. E como ha de um poeta gosar no merécimento e na gloria de outro poeta? — coitados! As obras de mera brincadeira não têm pretensões, não disputam logar a ninguem; todos lhe acham graça por pouco que ellas valham. E assim foi esta.

Mas sempre houve quem viesse com a reflexão: — Ah! sonetos d'este genero, o Bocache: aquelle

<sup>1</sup> A *Phenix renascida*, preciosa collecção do principio do seculo passado, em que ha mais versos e poesia gongoristica e elmanica do que em todas as collecções poeticas imaginaveis.

Cara de rão com fumos de juiz,  
Figura de prezepe ou de entremez...

— Não, senhor, eu prefiro o outro :

Da minha ingrata Florida gentil  
Os verdes olhos esmeraldas são . .

Isso não são consoantes forçados.

— São, sim, senhor. — Não são, não, senhor. — Essa é boa! não sei eu o que são consoantes forçados? — Não sabes; que essas nunca o fôram.

São, não são; trava questão renhida,

Cada qual seus amigos favorecem.

E rédeas que se descuidam, e o quadrupede de um dos principaes questionadores de joelhos a terra, e o cavalleiro atrás d'elle — mas de narizes em vez de joelhos. — e o burro immediato que tropeça no cavalleiro — aliás burriqueiro — e no burro; e zaz, a terra tambem — como um regimento de cartas de jogar. E risota; e *ai meu braço! ai meu nariz!* — E um dos burros que se levanta e fuge, e o cavalleiro coxeando atrás d'elle, e nós todos a cercar, e o liberto animal ao galope e relinchando e pinoteando e escaramuçando em todo o sentido e por todos os órgãos que estes *generosos* animaes costumam. . . E nós fazendo um alarido de todos os diabos. E se não é um pobre saíloio que vinha do mercado e agarrou o burro, algum dos outros animaes tinha de ser commum-de-dois para o resto da jornada.

Felizmente o resto era bagatella; e sem mais questões nem incidentes, chegámos ao cruzeiro gothico que fica na pequena eminencia, d'onde tivemos ampla vista do antiquissimo e celebrado convento de Odivellas, em cuja egreja jaz o grande rei D. Diniz, e em cujo dormitorio tantas vezes jazeu outro rei — que não sei se foi grande ou pequeno — D. João V, de freiratica memoria.

Entrámos solemnemente pelo portão de ferro que fecha a grande praça do convento, como uma banda de cavalleiros em estacada de torneio. Pelos modestos e pacificos ginees bem se deixava vêr — quando por *al* não fôsse — que mais eram trovadores do que justadores os que assim chegavam aos venerandos muros do antigo castello monastico.

O mosteiro com effeito, ainda que situado em uma baixa pouco pittoresca, seus ares tinha de castello nos edificios primitivos; mas um sem-numero de irregulares accrescentos de diversas datas destroem a illusão romanesca.

E nós ás cortezias ás madres que ajontavam a espreitar pelas janellas, — e alguns a visitar o padre confessor,

Gordo-cachaci-pansudo Bernardo,<sup>1</sup>

que, segundo *uso usado*, havia uma commoda e confortavel vivenda defronte do convento. — E eu que me escapei da sucia, e por meu natural curioso e amigo de antiquallas, fui-me sumindo pelo antigo e lageado corredor, ou claustro externo, formado pela balaustrada para o lado da porta da egreja. Estava aberta a porta, e eu entrei com a imaginação exaltada no solemne e magestoso espectaculo do interior de um templo gothico: tal o pronectia o exterior d'elle. — Em geral a architectura gothica é para mim um quadro de solemne tristeza que me absorve os sentidos todos n'um goso indefinivel, n'um estado que não sei explicar, porque se não parece com nenhuma das sensações que os monumentos de outro genero, que as outras bellezas das artes me excitam.

Mas esta especie de architectura — e a mais simples mais se embelezza — e a interior de um templo solitario, com uma luz escassa, como elles geralmente a têm, enche-me a alma de um certo não-sei-quê entre goso, respeito, devoção, melancolia e suavidade, que posso alli estar horas esquecidas sem me lembrar nem me importar mais nada. Muitas vezes me succedeu entrar na antiga e veneranda cathedral de Coimbra, deserta e desamparada. — rico monumento gothico, um dos mais antigos da Europa, talvez anterior á conquista dos arabes, e que está no desprezo e abandono porque nós somos uma nação desmazelada: — não eramos, mas assim nos fez a monochracia que apodreceu a nação até o amago. O retabulo da capella-mór da sé, chamada a *Sé velha* de Coimbra, é o mais fino e perfeito e delicado lavor gothico em talha de que tenho noticia, e talvez, que exista. Haverá oito annos estava ainda perfeitamente conservado.

E então, os ricos monumentos sepulchraes dentro e fóra da egreja! — que em Inglaterra ou n'outro paiz *christão* seriam conservados com respeito e veneração de reliquias! — alli, estragados, as inscrições illegiveis, alguns cobertos de implastos modernos. . . Que vergonha, que deshonra nacional!

E mais ainda bem que o bispo de Coi-

<sup>1</sup> Este verso não é meu, e não me lembro de quem é.

bra e o seu cabido commetteram<sup>1</sup> a vergonhosa acção de abandonar a antiquissima e veneranda Sé da que foi por seculos capital do reino, em que floreceram prelados illustres por sciencia e virtudes, varões de tanto nome e merito — a que não hão-de chegar de certo os modernos desertores do venerando e augusto templo! Ainda bem, digo eu, que elles o abandonaram: senão já estaria a esta hora aquelle interessante monumento da antiguidade estragado e desfigurado com as modernisações *graeco-gallas*<sup>2</sup> que emplastam e mascaram em Portugal as mais bellas reliquias da antiguidade gothica — e sueva — e romana — e grega, que de tudo isso havia por nossos templos e palacios e edificios publicos. Se eu tivesse autoridade publica, mandava *un beau matin* desemplastar tudo isso, descaiar as pyramides, columnas e monumentos que abundam pelos montes do Minho e charnecas da Beira, pelos baldios do Alemtejo, por toda a parte, e que por toda a parte o mau gosto tem caído e emplastado, quando não destruido pelos fundamentos: não sei porquê. Só se porque a estupidez e deshonra dos netos se envergonha da memoria dos avoengos — tam diferentes! — Talvez.

Mas nada d'isto me lembrou ao entrar a porta da antiquissima igreja de Odivellas; e com a imaginação toda cheia das pacificas glorias do grande Diniz, entrei possuido de respeito no sanctuario em que repoisam suas cinzas.

Desapontamento — desapontamento inglez — que não ha outra palavra em lingua nenhuma que expresse o que eu senti — desapontamento tam triste e tam agudo, nunca o provei. O interior da igreja é exactamente o tal mixto hermaphrodito de architectura amphibia e ridicula, de doirados e marmores fingidos, de columnas anômalas que a nenhuma *ordem* pertencem — ou mais exactamente. formam a nova ordem *asnatika*, adoptada para a construcção de quasi todos os novos edificios de Portugal. e para a *emplastação* e degradação de todos os antigos.

E o sepulchro, o tumulo de D. Diniz, quê d'elle? — Não é nenhuma d'estas se-

pulturas razas, espero eu ao menos. Não. — No altar-mór? Não. Absolutamente não apparece. Emfim deparei com um pobre homem, assim como de sachristão, muito velho e muito bruto, que me valeu de *cicerone*: — Ha de ser n'aquella capellinha velha á esquerda. — Como! n'esta aqui, abandonada, cheia de teias d'aranha, indecente!... E era n'essa; n'essa estava o tumulo de D. Diniz; uma especie de sarcophago meio moderno *afrançado*, meio antigo *agregado* ou *egyptianado*, feito de estuque, pintado a *morte-côr*, fingindo pedra lioz; as armas de Portugal, tambem pintadas na frente, mas pintadas como hoje as pinta e grava e esculpe a geral e descuidada ignorancia, — escudo redondo que nunca foi escudo real, corôa da Senhora da Conceição, que nunca foi corôa portugueza: semsaboria e ridicularia vulgar nos sellos publicos, na moeda, nos edificios do Estado, em tudo: — que até n'estas coisas pequenas está Portugal degenerado, mudado e parodiado.

Pois nem o singelo monumento do grande rei D. Diniz escapou á emplastagem universal! Nem o respeito á sua memoria, nem a veneração a tam honradas cinzas, nada valeu! — Coitadas, as pobres freiras, e o tocinhuado confessor (o convento é Bernardo e governado por Bernardos) cuidaram talvez fazer uma obra meritória, uma honraria á memoria do fundador. caçando-lhe, encalçando-lhe, borrando-lhe e sarapintando-lhe o monumento.

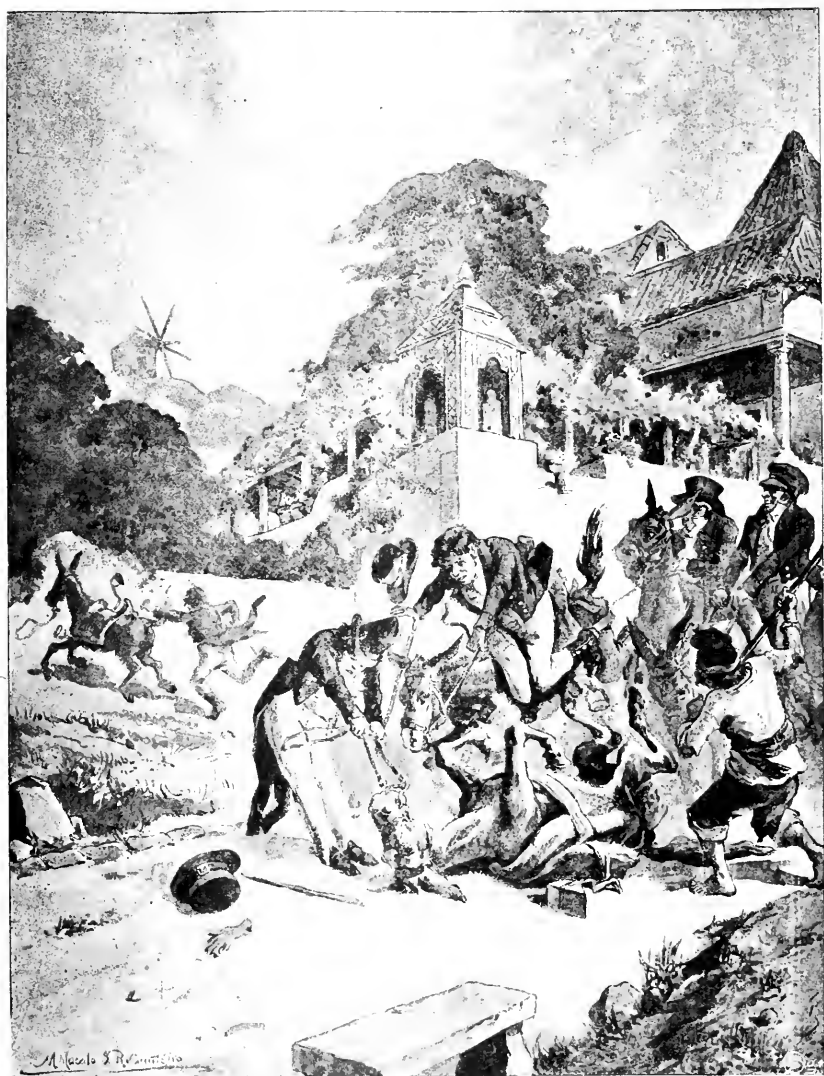
O meu cicerone teve a bondade de se ir embora, e de me deixar só á minha vontade fazer de meu vagar estas reflexões, em que não levei pouco tempo.

Quando eu mais embebido estava n'ellas, e com os olhos machinalmente firos no monumento, senti de repente ao pé de mim signal de folego vivo. Acordei do meu quasi lethargo, e ao voltar-me encarei com um homem môço ainda, mas desbotado de toda a flor da idade, mal trajado, mas de uma figura não vulgar, d'estas que ficam, olhos vivos e penetrantes, e com certo não-sei quê extraordinario em todo elle que me tocou. Tinha-se approximado de mim sem o eu sentir, e com os braços cruzados sobre o peito, como que me media com uns olhos tam vivos que pareciam entrar me até o mais recondito do coração. Observámo-nos algum tempo em silencio. Rompeu-o elle: — E' a primeira vez que vem a esta nossa Igreja?... se não sou confiado em perguntar...

— Faz-me muito favor. — A physionomia do homem, o som da voz, certo quer que fôsse particular me prevenia em favor d'elle. — E' certamente a primeira; e com grande mágoa e desconsôlo meu, a primeira que

<sup>1</sup> Na extincção dos Jesuitas em Portugal, o bispo e cabido de Coimbra abandonaram a sua antiquissima cathedral e foram occupar a igreja dos Jesuitas.

<sup>2</sup> *Graeco-gallas* faz cacophonia em portuguez, mas não importa. Chamo *graeco-gallo* uma especie ou estylo de architectura do tempo de Luiz XIV, que nem é grega, nem romana, nem oriental, nem gothica, mas uma mistura muito florida e recortada de diversos generos, muito carregada de ornatos e muito mesquinha e inelegante. E estylo ainda hoje predominante em Portugal em retabulos de capellas e que taes.



LYRICA DE JOAO MEINHO

... e o ... que ...

PAG. 47



vim vêr este monumento do nosso grande rei, que o vim achar...

— Desfigurado, mascarado pela ignorancia e perverso gôsto d'estes monges das *edades barbaras*; que taes ou piores são estes aqui. Estes vandalas fizeram a essa veneranda reliquia nacional o mesmo que faziam seus confrades da *meia idade* aos manuscritos dos auctores gregos e romanos, que os raspavam, ou lhes comiam a tinta com suas esconjuradas drogas, para aproveitarem o pergaminho e escreverem n'elle suas fradarias mysticas e glosas theologicas.<sup>1</sup>

A comparação engenhosa trazida sem pedantismo, e que mostrava ao mesmo tempo instrucção e gôsto, causou-me viva admiração: involuntariamente — tal é o poder dos maus habitos e preconceitos! — voltei a contemplar a mal-roupida figura do homem, o ár humilde de suu corpo e trajo, que tam notavelmente contrastava com a expressão nobre do rosto, a pureza e correcção da pronúncia, o escolhido da phrase, e mais, agora esta mostra de illustração tam pouco equivoca. O desconhecido penetrou-me o animo:

— Bem sei em que pensa, e não me admira o seu espanto. Parece-lhe impossivel que uma fraca figura como eu tale n'estas coisas com algum senso commun. Tem muita razão, e eu muito pouco juizo em ceder assim ao primeiro impulso voluntario com que me desmandei de meu silencio e estupidez habitual. Seduziu-me o extasi em que o achei contemplando este monumento, e a *communhão* mental de nossas idéas. Quantas vezes tenho eu feito essas mesmas dolorosas reflexões em que o achei embebido, sobre nossa actual miseria e degradação!

Eu pasmava de olhar e ouvir o homem.

— Dá-me licença, lhe disse, que pergunte com quem tenho a honra de falar?

Sorriu-se com uma especie de affectação philosophica; mas bem se via que era o amargor misanthropo quem lhe franziu os labios n'aquelle sorriso... *amarello*.

— Sou um pobre homem, senhor: para que quer saber minha humilde condição? Para perder algum pequeno conceito que lhe eu tenha merecido? Mas eu não sou homem que occulte a baixeza da minha esphera. Nisto sou bem pouco portuguez. Pois, senhor, saberá que sou *sacristão-menor* d'esta egreja, e o mais é, que muito *contente e satisfeito* da minha sorte. É escusado notar que as palavras sublinhadas foram ditas com

certo tom emphatico mui particular e expressivo.

Arregalei uns olhos mui pasmados: o homem tornou a sorrir, mas agora mais naturalmente, isto é, menos philosophicamente: e continuou:

Sim, senhor; mas eu não faço nunca meias confidencias: a minha historia é curta, e quando a conto é toda. Este velho que lhe mostrou o tumulto de D. Diniz, é meu tio; elle é que é o sacristão principal do convento. Meu pae era lavrador abastado da vizinhança, quiz me conego ou juiz de-fóra, fez-me estudar, mandou me para a Universidade, onde pouco aprendi; — sahi do reino, viajei por paizes estrangeiros, onde aprendi muito. Assentei de não ser ministro nem da egreja nem do estado — por muitas razões, que são longas e fóra d'aqui. Emfim voltei a minha patria, mendigo, sem protecção (meu pae tinha morrido no emtanto coberto de dividas), e para maior tormento e desgraça, com cabedal de lettras, que é a mais ruim fazenda que n'este paiz se pôde ter... contrabando, moeda falsa, peior. Vi-me sem mais achego nem amparo que este meu tio sacristão, velho rustico e ignorante, mas excellente alma. Foi a unica mão que se estendeu para me levantar da miseria. Beijei-a com lagrimas, e heide servil-o e ajudal-o até o ultimo dia da sua vida, que, inda mal! me não parece longe. Lá se empenhou com os frades e com a abbadesa, de modo que me fizeram seu ajudante, uma especie de sub-sacristão ou coisa que o valha. Tomei resolução, conforme-me com a minha sorte, mais, assentei de tirar partido d'ella. Todos aqui me têm por mais rudo, mais ignorante ainda que meu proprio tio: varro capellas, accendo velas, ajudo missas, — nos intervallos dou meu passeio por estes formosos arredores, vejeito de dia; e ás noites... á noite é que eu *vivo*. Sósinho, fechado no meu quarto leio, escrevinho, medito, rabisco, goso, *vivo* emfim. E ninguem me amofina, ninguem me intriga, me rala, me mata — porque ninguem me conhece. Vivo feliz, Diogenes n'um tonel de nova especie, e um Diogenes que não dá nos olhos — verdadeira felicidade. Acredite-me, meu rico senhor: ninguem se esconjurava de sua sorte se soubesse *amivelar-se* com ella. Eu defino desgraça e pobreza — a *desproporção entre o desejo e os meios de a satisfazer*. Quem não pôde ensanchar os meios, não lhe resta senão cercar o desejo. Mas a quantos lhe chega força de animo para isso?

Não sei pintar a admiração e a especie de pasmo e absorpção de todos os sentidos em que eu estava. O meu philosopho de genero novo continuou:

<sup>1</sup> Entre outras obras classicas da antiguidade que se tem recobrado fazendo reviver nos *palimpsestos* os a antiga escriptura e apugando a dos monges, é o interessante tratado de Cicero *De Republica*, que ha pouco se imprimiu.

—Meu rico senhor N... (o meu nome! quem lh'o diria?) eu conheço-o de Coimbra; era muito creança quando entrou para a Universidade, mal se pôde lembrar de mim: eu formei-me no seu segundo anno; mas fui companheiro de um amigo seu, e conheço-o. Estou certo que me não hade trahir: seria perder-me para toda a minha vida...

—Descance: dou-lhe minha palavra de honra mais sagrada. Porém não seja esta a ultima vez.

—Bem: mas isto é tarde, os seus companheiros hão de vir por ahi em sua procura; e eu com elles não quero nada. Deixe-lhe mostrar o que é ainda visível do tumulto de D. Diniz!

Passámos com difficuldade por entre um dos lados do monumento e a parede da capelinha, e descubri a face opposta do sarcophago, a qual não estava emplastada e se conservava em sua primitiva rude elegancia: — um lavor gothico simples, com sua orla semelha dos escudos de Portugal ao uso antigo, de muitos castellos (i. é, mais de sete no escudo algarvio exterior) e várias inscripções latinas em letra *monachal*. A luz do crepusculo escasseava já; não pude decifrar nenhuma das inscripções: e era impossivel, creio eu, porque os comêços e complementos estavam nos outros tres lados do tumulo interrados no maldito estuque *iconoclastico*.

Eu que teimava ainda a vêr se podia interpretar alguma das inscripções, quando sentimos entrar gentes na egreja e ouvimos muitas vozes. Eram os meus companheiros que me procuravam. O philosopho sacristão summiu-se como um espectro; e eu, depois de muitos motejos pela minha devoção que me tinha ha mais de hora e meia na egreja, voltei com elles para o adro ou largo do convento, onde já as fogueiras annunciavam a folgança e alegrias da abençoada noite de S. João, e chamavam o povo da vizinhança, que acudia aos magotes com violas e festas, e tangeres e cantares, segundo os permite e requer a orthodoxa solemnização de tão bemaventurada noite. Começaram logo a illuminar-se as janellas das freiras, e a luzir pelas rótulas, pelas grades, as airosas toucas e os feticieiros véos — certamente *pouco avaros* — que de vez em quando o lampejo de um lindo rosto, de matadores olhos inflammavam a imaginação dos nossos jovens poetas e lhes faziam dizer milhares de coisas bonitas. Era electricidade que se estava espedriçando.

—Vamos a isto, a isto, rapazes! foi a voz unanime. E brados de *mote, mote!* aos quaes, depois de breve silencio, respondeu uma voz flautada e sonora, que parecia mesmo

de um cherubim,—de quem não está costumeado a coisas d'este mundo:

Amor seu facho n'esta noite apaga.

Debandou toda a phalange poetica; passeiou-se, esfregou-se a testa, roêram-se unhas até o sabugo, e a final — palmas, *lá vai!* E sahiu o soneto seguinte, que transcrevo para divertimento, instrucção e edificação do leitor — que veja como nós estávamos devotos e bons rapazes.

Amor seu facho n'esta noite apaga.

#### GLOSA

Parabens, parabens, devotas bellas;  
Cupido converteu-se, e mui conrito  
Vem, abjurando do paganismo o rito,  
Festejar esta noite em Odievellas.

O arco e settas — atirou com ellas,  
Quebrou tudo. Como elle vem bonito!  
Tira-lhe o carro um alvo cordeiro,  
E na aljava só traz tlóreas capellas.

Franqueae-lhe, não temaes, vossa clausura,  
Que elle hoje não faz mal a quem o affaga.  
É pombinha sem fel, todo é doçura:

Tudo o contenta, qualquer coisa o paga;  
Extinguindo ac desejo a chamma impura,  
Amor seu facho n'esta noite apaga.

Seguiram-se colchêas, e mais sonetos, e muitas versalhadas outeiras de toda a especie e calibre, com muito e mui guloso doce que as madres nos deitavam, e que — ao menos para mim — não foi a menos agradável circumstancia da noite. Já bem adeantada ia ella, quando ainda eu brigava muito embaraçado com uma maldita decima que nem pela fortuna se queria encaixar no mote. Era o sobredito o seguinte:

E' doce allivio chorar;  
Feliz quem pôde fazel-o!

Eu que tinha minhas certas razões para brincar com este mote, porque sabia *d'onde elle vinha*, estava martellando *rime et raison* para o fazer com algum geito. Mas nunca em minha vida fui tam infeliz; nem para traz nem para deante. Passeiava só e assim engasgado no meio do largo, a turba multa dos vates e espectadores accumulada ao pé do angulo que formam as duas alas do convento, quando senti alguem atraz de mim, e que me tocavam no braço... Adeus! lá se foi o consoante! Valha-o a breca.

—Pois não está farto d'essas semsaborias! Se quer continuar, perdêo, eu me retiro. Mas cuidei...



— E cuidou bem; que é grande loucura com effeito estar-me eu aqui a moer, e a taes horas da noite. Basta de outeiro. Mas elles estão encarniçados, e primeiro que acabem...

— Se quizesse vir honrar a minha pobre casa e entretêr até que acabem. (eu moro aqui ao pé) conversavamos... Eu tambem gosto de versos, e por desgraça até os faço... os fiz.

— Bravo! estou com a minha gente: vamos.

Escuso dizer que um dos interlocutores d'este dialogo era o meu sacristão philosopho, o outro eu. que immediatamente accitei o convite, com dobrada vontade depois que soube que o homem era poeta. Voltámos costas ao outeiro e entrámos logo em uma casita pequena e humilde a sahida do largo. Fômos para o quarto do meu novo amigo, que era mui confortavel e aciado em sua pequenez e modesto arranjo. Deu-me guapa ceia de saboroso peixe frito e salada, com delicioso vinho do sitio, puro e sem aguardente — coisa que abomino, perversa moda portugueza de conservar o vinho, que equivale a perdel-o. Conversámos largamente e vagamente sobre diversos objectos. e viemos a descahir naturalmente no capitulo dos versos.—Que lhe parece, disse eu, o que se tem feito ahi no outeiro? Os rapazes resuscitaram hoje com todo o brilho a antiga usança nacional.

—Sim; algumas faiscas de engenho têm vislumbreado por entre uma corja de semsaborias e disparates, que é o de que sempre se compõe um outeiro.

—Oh! que blasphemias! se os meus companheiros o ouvissem... Já vejo que é da tal eschola estrangeira: dos *horacianos* ou dos *romanticos*?

— Não sou nada d'isso: não gosto de escholas e detesto estrangeirices. Em tudo sou *portuguez velho*, e assim hei de morrer. Mas a nossa differença toda vae no fixar a epocha dos verdadeiros modelos. Os primeiros portuguezes affonsinhos eram gente semi-barbara, e em litteratura, em costumes, em lingua; em, têm pouco que se imite: os degenerados portuguezes que soffreram o jugo castelhano sessenta annos a fio e desprezavam já a sua lingua bella, sonora e natural, para escrever na empollada e presumpçosa lingua dos tyrannos, quer os ha de imitar? Tampouco o merecem os que depois se seguiram e que não sabiam senão alambicar conceitos e guindar phrases descommunes e desnaturaes. Outro tanto direito dos ultra-filintistas, dos ultra-elmanistas e dos ultas de toda a especie que hoje infestam e infectam a litteratura portugueza. O que fica,

tiradas estas epochas, são os bons tempos da monarchia, são os reinados da raça Joannina antes do captiveiro castelhano, e depois d'elle, o curto mas glorioso periodo que se comprehende na ultima parte do reinado de D. José e na primeira do de D. Maria. Costumes nacionaes, linguagem (a dos bons auctores) tudo é portuguez legitimo. com as variações que o seculo, as luzes, a differente civilização produziram. E restringindo á especie em que estamos, de versos, nos poetas d'essas duas epochas é que apparecem os nossos unicos mestres e modelos. Estudal-os cuidadosamente é indispensavel a quem quizer fazer versos portuguezes; imital-os cegamente, não; já porque elles têm muitos defeitos que convem evitar, já porque ha muitas bellezas que elles desaproveitaram e que nós não devemos. Este é o meu *credo poetico* nacional.

Quanto a estrangeiros, convem estudal-os, convem imital-os no que é imitavel, nacionalizando-o: mas o que faz gala de imitar ás tentas os estrangeiros e desprezar os seus, não é só tolo, é ignorante e estúpido.

Eu fiz muito verso, muito verso mau, alguns soffríveis. Tenho queimado milhares, ainda ahi tenho muitos. Mas fiz sempre por fugir do vicio das *escholas*: nem sempre o consegui; geralmente é coisa que detesto. Que quer dizer horacianos, filintistas, elmanistas, e agora ultimamente classicos, romanticos? Quer dizer tolice e asneira systematica debaixo de diversos nomes. Pois quando quero fazer uma ode *genial* — ou elegante de qualquer genero simples e natural, não é o *stylo*, a maneira de Horacio o melhor modelo? Se faço um soneto ou um epigramma porque não heide tomar Bocage por meu exemplar? Se se trata de sublimes raptos lyricos, quem chegará tam alto como Francisco-Manuel? Se o meu assumpto é classico, se o talho e adorno no genero grego da arte antiga, se invoco sua elegante mythologia, porque não heide ser eu classico, porque não hei de afinar a minha lyra pela dos sublimes cantores que tam estremados a tocaram? Mas se escolho assumpto moderno, nacional, que precisa um *maravilhoso* nacional, moderno, se em vez da lyra dos vates, tômo o alahude do menestrel ou a harpa do bardo, como posso então deixar de ser romantico! Que ridiculos não serão os moldes e adornos classicos do Parthenon ou do Pantheon embrechados n'este edificio gothico?... Não acha que tenho razão?

—Tanta, que me converteu. E não me vou d'aqui sem ver, sem estudar os seus versos. Por força...

—Por vontade será, e muito boa vontade; que—deixe-os falar—não ha poeta nem au-

ctor de casta nenhuma que não folgue de mostrar as suas locubrações, por mesquinhas que sejam.

O meu philosopho abriu uma arca affon-sinha, em que havia immensa papelada de todos os tamanhos e descripções.

-- Prosas, versos, um tutilimundi de escrevinhaduras, disse elle, está aqui n'esta arca de Noé. Este é o primeiro bicho que sae da arca, e Deus queira que lhe não succeda como ao corvo da sagrada historia.

Dizendo isto, tirou um grosso e pesado cartapacio informemente cozido a modo de livro, e deu m'o. Abri no principio, e dizia:

VERSOS DE JOÃO MINIMO--Pois este é o seu nome?

--É o nome porque todos me conhecem. Quando eu andava no mundo chamava me N.; JOÃO MINIMO foi o que adoptei quando me fiz sacristão, e com que provavelmente me hei de enterrar debaixo de uma d'aquellas lages, se Deus quizer, ou meu tio não morrer antes, que então...

Comecei a lêr; e interessou-me sobre maneira a leitura. Pedi para trazer o livro, e obtive com certas condições, que tenho cumprido à risca. Despedimo-nos com promessas de nos tornarmos a vêr cedo; e não tardei a ir reunir-me aos meus companheiros, que, já fartos de versos, de doce e de freirrear, montavam os quadrupedantes ruços. Voltamos a Lisboa sem mais aventura nem coisa digna de se contar.

Li de meu vagar os versos do Sr. João Minimo, em que realmente achei, segundo elle dissera, muita coisa má, muita coisa boa, e muita coisa nem má nem boa.

Tinham passado alguns mezes, e andava eu fazendo tenção de ir uma tarde a Odivellas ver o meu Diogenes sacrista, quando inesperadamente me entrou pela casa dentro um saloio carregado com uma arca enorme, o qual me apresentou a seguinte carta, que vae fielmente trasladada para informação do leitor:

—Muito meu Sr. — Bordo do navio N. — de Janeiro 182... Quando esta lhe chegar, terei dito um eterno adeus á minha patria. A morte de meu tio cortou os unicos laços que me prendiam a este malfadado paiz. Não sei ainda aonde irei dar commigo: mas sei que ha de ser para longe de portuguezes. D'elles e de tudo quanto é portuguez me despeço. N'este número entram os meus rabiscoos, de que o instituo legatario universal com auctoridade absoluta para d'elles dispôr como entender—com a condição unica de que, se algum se publicar, nunca será senão com o nome de — JOÃO MINIMO.

Em virtude d'esta auctorização me resolvi a publicar o presente volume, que é a escolha do que me pareceu melhor d'entre a immensa farragem de versalhada conteüda na vasta colleccção dos versos de J. M. que eu tinha trazido de Odivellas.

Das outras obras, que são muitas e de mui variado genero, prosas, versos, novellas, historia, moral, direito, etc., etc., darei pelo tempo adeante ao público o que as minhas circumstancias—e as do público—permitirem.

Birmingham, em Warwickshire, Inglaterra,  
Dezembro 15—1828.

# LYRICA

## LIVRO PRIMEIRO

### I

#### A PRIMAVERA

Come, gentle Spring, ethereal mildness, to  
THOMPSON

Que estancia tam feliz, de Flora alvergue,  
Mimo da natureza!  
Que saudavel batêjo d'aura estiva  
Me renova a existencia!  
Doce a mansão das Dryades florentes  
O olfato lisongea;  
Ledo c'os filhos o cantor plumoso  
Gorgeando esvoaça  
De raminho em raminho, e vae na relva  
Colhêr o tenro gômo  
Da hervinha que desponta, e vem trazê-la  
Ao fabricado ninho,  
Onde a molle pennue apenas cobre  
Os caros pequeninos  
Tudo é vida, que pula, que germina  
Na alegre natureza.  
Quasi se antolha, ao reviver dos troncos  
Ao nascer de mil plantas,  
Ouvir a voz que ao cahos tumultuario  
A face deu primeira,  
Toar de novo, re-crear os entes  
Das sementes do nada.  
Ah! vós, que respiraes ar empestado  
Entre o murice e o oiro,  
Que ignorais os prazeres da existencia,  
Vinde, vinde connigo  
No seio da risonha natureza  
Conhecêl os, gosál-os.  
Ella, que é simples como a flor dos campos,  
Não creou para o homem  
Doirada habitação, mentida estancia  
De prazer depravado.  
Aquelle a quem razão limpou dos olhos  
Do preconceito as névoas,  
Préza seus dons, desliza a turba inchada  
De estupidos pavões;  
Em quanto elles o vacuo insaciavel  
Do ingenito appetite  
Errados buscam saciar a toa,  
Ri de sua lida o sabio  
Furtando-se ao claro de Phebo irado,  
Entre louções verdiores,  
No mysterio da vida, nos prodigio  
Da criação se embêbe.  
Olha o matiz da flor, olha esse luxo  
De purpuras e d'oiro!

Nem S. Iouão em toda a sua p'nta  
Trajou gala tam ricas  
Este campo, esta vista apura n'alma  
Os sentimentos nobres,  
Virtuosos, singelos; restitue  
O homem a essencia d'homem.  
Assim, latino Orpheu, cantor das Graças,  
Nas modicas cabinas,  
Co'a philosopha musa ao lado, ao peito,  
Passava aureos dias.

Ilha Terceira - Abril 12, 1845

### II

#### DESPEDIDAS DO CAMPO

É torçoso deix'ir-te, ameno asylo,  
Oidilio deliciosa;  
Mas fica-te, em penhor, minha saudade,  
Minha lembrança eterna.  
As doces horas que passei c'ontigo,  
Innocentes prazeres,  
Que em teu seio de paz gozei tranquillo,  
Jamais hão de esquecer-me  
A sombra de tuas arvores vigas  
Veiu a divini Euterpe  
Dar-me a provar os melles venusmo  
E na tuas soledade  
A musa austera que ao terror preside,  
Na lyra envolta em luto,  
O moço me ensinou que á Grecia culta,  
Lagrimas arrancaym  
Em remoto porfir, teu chão pisando  
Genio votado ás musas  
O egeos ouvira de meus primeiros  
Meus innocentes cantos,  
E adorando piedoso o teu recinto,  
Dirá: "selva felice,  
Em que habitou do Pindo o santo coro,  
Salve - eu te adoro humilde!"  
Assim dirá: e tua soberbia fama,  
Deixando longos os terminos  
Do pequeno terra q'ue o mar rodeia,  
Se esparrará no mundo;  
A ti virá de longe o peregrino,  
Como a Sabina e Tibur,  
Pendurar pelos ramos d'essas laias  
As votas capellas.

Ilha Terceira - Setembro 26, 1845

## III

## A SOLEDADE

Hæc incoedita volus  
Montibus et silvis studio jactabit inani.  
VIRG.

Oh como dilatar-se  
Sinto no peito o espirito opprimido!  
Como nova existência  
D'este ár da solidão vou recobrando!  
Não sinto das cidades  
O ár pestilente carregar-me os olhos,  
Nem oiço o borborinho  
Rugir-me em torno, do insolente povo,  
E a turba petulante  
De ociosos vadios circundar-me.  
Aqui n'este recanto,  
Que mal o errado vulgo olhar se digna.  
Disfructando prazeres  
Só concedidos a gosar do sabio,  
Da vida atladigada  
Repoiso brandamente, no regaço  
De cara Soledade  
Oh! porque já, na aurora de meus annos,  
No despontar primeiro  
Do crepusculo tenue da existência,  
Te quero eu tanto e busco,  
Ó solidão, amparo de infelizes,  
Confidente de mágoas?  
De paixões virgem, socegado ainda  
Não tem meu coração  
Que vir contar aos ecos de teus valles,  
As brenhas de teus montes:  
E já te busco, e já tam docemente  
Me embebo nas delicias  
Da suave tristeza melancholica  
Que de teu seio spira!  
Mau signal é, mau agouro (me dizem)  
Este fugir da vida  
As portas d'ella.—Embora: hóspede antigo,  
Ó cara Soledade,  
Me acoirarás então quando, fugindo  
A pezares e angústias.  
Te for pedir consolação e allivio  
Dos porvindouros males.

Ilha Terceira.—Outubro 30, 1815

## IV

## A SESTA

Veniam meridiatum  
CATULL.

De um sereno ribeiro ás frescas margens  
Bordadas de boninas,  
Na mão ne'ada repouso a face,  
Lilia, a mais bella das gentis pastoras  
Socegada dormia.  
Ella dormia; e zephyro ligeiro  
Timido e respeitoso  
Nem se atrevia a sussurrar-lhe emtórno.  
Mais placida corria a debil onda  
E o plumoso cantor nem murmurava.  
O sol, que no zenith  
Vibrava raios da mais alta esphera,  
Parecia afastar-lhe ao longe a calma.  
Espesso freixo, que rodeiam myrtos,  
Longe estendia a cupula frondosa,  
E, vaidoso do abrigo que prestava,  
De namorado requetava os ramos.  
Aos pés da nympha a medo se beijavam,

Quasi affogando o gôso, •  
Sem lascivo arrulhar, meigas pombinhas.  
Mal lhe cobria os membros cêlicos  
Pouco avaro sendal candido e fino:  
Via-se a perna, resvalando a furto,  
De pulido marfim, que d'alvo cega;  
Via-se a fôrma do elegante corpo,  
E o delicado seio  
Suave palpitando  
Em doce, voluptuoso movimento.  
Dos labios entre-abertos lhe spirava  
Mais divino perfume que a ambrosia;  
Pouco restava ao soffregio desejo  
Debil imaginar de almos thesouros.  
Julguei da equorea Chypre nas florestas  
Ver a meiga Erycina de cansada  
Por Adonis chamar, que adormecêra.  
Manso e manso approximo, em cada passo  
Confuso, arrebatado,  
Cuidando commetter um sacrilegio.  
Afasto a medo os ramos invejosos  
Ah!... Lilia reconheço, Lilia, a ingrata  
Que ha muito me fugia: corro a ella,  
Comêço a lhe beijar as roseas faces,  
Beijo-lhe as niveas mãos e os garços olhos:  
Nas veias me pullula ardor celeste...

Osculo ardente  
Do brando seio  
Já sem receio  
Lhe ousou roubar:

Prazer celeste  
Lhe entr'abre os lumes,  
E mil queixumes  
Já a formar:

Vou a applacá-la,  
Balbuciamos...  
e ambos ficamos  
Sem respirar...

Ilha Terceira.—Maio 5, 1815.

## V

## O ANNIVERSARIO DE FILINTO

## A UM AMIGO

Cuncta festinat manus: huc et illuc  
Corrant mixtae pueris puellae:  
Sordidum flammæ trepidant rotantes  
Vertice tumulum.  
HORAT.

TREMOS do bom Porto os copos tintos,  
Tambem virá Madeirã,  
O saudavel, ameno Carcavellos,  
E o topazio brilhante  
Dos campos de Tubál, cheiroso e bello,  
C'o recedente Pico;  
Não em doiradas exquisitas taças,  
Mas em puros crystaes.  
Corre, amigo, que o lombo acostellado,  
Coroadado de batatas,  
Já lá vejo do espeto retorcido  
Fazendo-me negações.  
A meiga Armia, a minha doce amiga.  
Doirará nossos gostos:  
Vem, não tardes, que os copos já retinem,  
Vem, que por mór festejos,  
A' memoria do nosso gran' Filinto  
Já levantar mandei  
Sumptuoso mausoleo de alto relêvo:  
Acude e corre, amigo,  
Antes que nol-o pesquem lambareiros:  
Vem, que é de trouxas d'ovos.  
Porto — 1817.



LYRICA DE JOAO MINIMO

Encarei com um homem, moço and

PAG. 48



## VI

## A UM JOVEN POETA

Não librado em dedaleas, cereas azas,  
Ousaste o Pindo commetter de um voço,  
E do olympo cantor.  
Sem medo ao vitreo pégo,  
Altissimo emulaste o arrojado aurore.

Teus versos lendo numerosos, fortes,  
Do vivo imaginar senti o impulso,  
Do extasi brilhante  
Que ardido, que enlevado  
Os homens levantou a par dos deuses.

De acções heroicas, discorrendo a tea  
Antigos vates, alheida a mente,  
Na confusão sublime  
Do impeto divino,  
Aos céus ergueram á impetosa lyra,

De Elide ás palmas, ao suor honroso  
Corre turba de heroes: na méta férvida  
Eis o vate após elles...  
Lidou no pó brioso,  
E colhe os loiros com que lhe orna as frentes.

Vingando o espaço de alongados mares,  
Do Tejo ao Indo, o denodado Gama  
Vae tremular as Quinas  
Victoriosas sempre  
No occulto berço da remota aurore.

Já de Albuquerque aos temerosos golpes  
Goa succumbe e Ormuz; fúsla a espada,  
E troveja a victoria;  
Por entre a grita horrenda  
Pávida ulula pelo campo a morte.

Se na campina Elea voou Pindaro;  
Soltando o panno á magestosa lyra,  
Immenso rue Elpino  
Pelos mares do oriente  
E tropheus ergue que não vence o tempo.

Tal Filinto depois, igual com elles;  
Após as Quinas lusitanas corre.  
E tu, que os segues, vòo  
Por esse esteiro lucido:  
Não temas, vae, que hasde encontrar co'a gloria.

Coimbra — Janeiro 12, 1818.

## VII

## A NOIVA

Já no primeiro oriente desfolhando  
Suas rosas vem a aurore;  
Já pouco a pouco o manto desdobrando  
Da névoa que evapora,  
Vem o sol pelas alturas  
Dos elevados montes  
Acordando hervas, flores esmaltadas,  
E alvejando nas fontes.  
Mais galas não trajou nem mais belleza  
Nas vodas de Pelleu  
Á voz de Jove toda a natureza,  
Quando tredo escondeu  
No pómo tam formoso e cubicado  
O malfazejo nune  
Faíscas d'esse fogo que, ateado  
Em chammadas de atro lume,

Da miseranda Troya, que abrazava,  
Para a Grecia lavrou,  
E os dilatados campos lhe assolava,  
As cidades lhe errou...  
Oh! não vem esta aurora assim pejada  
De tão negro porvir:  
Que o pómo da belleza disputada  
Quem n'ó hade aqui renhir?  
Co'a a linda noiva que hoje amor corôa?  
Contenda, bem n'a houvera  
Entre os que invejam Páris e... e aguilhões  
O ciúme que lacerá:  
Mas Hymeneu e Amor — rara alliança!  
Lhes fêcharam as portas da esperança.

Coimbra — Maio 15, 1818.

## VIII

## O MONUMENTO

AO DOUTOR J. F. A. FORTUNA

Absint inani funere nania,  
Luctusque turpes, et querimonie  
Compescce clamorem, ac sepulchris  
Mitte supervacuos honores.

HORAT.

ESMEROS de ambição pomposa, inchada,  
Monumentos de glória imaginaria,  
Fastosos mausoleus, onde forçadas  
A ceder á vaidade, as bellas artes  
Entalharam no marmore sombrio  
Prodigios do cinzel, da architectura,  
Quaes vira Memphis, admirára a Grecia  
E Roma triumphante erguera aos Cesares!  
Ao som de minha voz lugubre e rouca,  
Que a singela verdade descarnada  
Hoje em accentos rigidos me inspira,  
Patenteae um momento á minha vista  
O pavoroso, cinerario seio.

Eu vos vejo... Ah! mentidos epitaphios!  
Hadriano aqui jaz, alli Augusto?  
Não; só contemplo de asquerosas cinzas  
Mesquinhos restos, miseros sobejos  
De esfomeados, odiosos vermes.  
Thebais, Roma, Carthago, Athenas, Sparta,  
Onde são teus heroes? — Ao nada horrivel  
Do esquecido sepulchro baquearam.  
Juntos se densam no funereo acervo  
Os evos desiguaes; vão de mistura,  
Entre o squalido pó, jazer c'a morte  
Lanças de heroes, cajados de pastores.  
Come a terra os andrajados do mendigo  
Co'a purpura dos reis. Imperios, thronos,  
Portentosas facções, riquezas, glória,  
Tudo a campa invejosa opprime a um tempo.  
— Só tu, sabedoria, tu, virtude,  
Sobre a pyra da morte acrysolada  
Mais nitida refulge, só te isentas  
Da lei universal da natureza.  
Inda existe Catão, se Augusto é morto,  
E, se Crasso morreu, Cicero vive.  
A fama lhes prolonga eternamente  
Nas gerações futuras a existencia.  
Volvem no longo curso inteiros seculos,  
E na roda incansavel das edades,  
Ao tempo sobranceiros vivem, fulgem.

— Oh! lusa Athenas, deixa o pranto funebre,  
Lança da frente o lugubre cypreste:  
Louros te cumpre — redivivas palmas  
Ao teu sabio incansavel, ao teu mestre,  
Ao teu Fortuna. Venerando nome!

Nome que de meu peito excitas grato  
Lágrimas doces de lembrado affecto,  
De saudade eterna! Quantas lidas  
Para nos illustrar, quantas fadigas  
Constante não soffreu! Quantas barreiras  
Ousado franqueou c'o facho vivo  
Da san philosophia! Ah! vós o vistes:  
Methodo obscuro, na região das trévas  
Por subtillezas vans, vanmente urdido,  
Despe á sua voz a fôrma enredadora.  
Já ousa o joven, que estudioso anela,  
No academico seio entrar o arcano,  
Da moral natureza, as leis e a essencia,  
C'o fio luminoso, que teceram  
As sábias mãos do esclarecido mestre,  
Seguir audaz na enrevezada senda  
Metaphysico, antigo labyrintho.  
O colosso cahiu de arduas chymeras,  
A tocha da razão vive, e dissipa  
A inextricavel noite da ignorancia.  
O homem vê mais distinctos seus direitos,  
E a ser homem aprende c'os mais homens.  
Quanto lhe deve a academia, a patria!  
Quanto lhe deve a humanidade inteira!

Ah! que em vão clamas, ruidosa inveja,  
Silvando embalde c'oa viperæa lingua  
Fentas ennodar com teu veneno  
Os lucidos tropheus que ergueu Minerva.  
Oh! grita embora; ninguém te ouve os brados,  
Settas que vibras no pavor embatem  
Que a fama illustre perennal resguarda  
Sobranceiro a teu odio, a teus imbustes,  
I ella estrada da gloria foi ao Olympo.

Oh! vê lá da stellifera morada,  
Onde, altaneiro á rotaçãõ dos astros,  
Vês girar a teus pés milhões de mundos,  
Olha como entre nós ainda vives,  
Olha a multiplicar tua existencia  
Por milagre de amor unida á nossa

Fia! corramos: toda a natureza  
À voz da gratidão ha de seguir-nos.  
Ja do centro da terra o marmor duro  
Em medidas porções se talha e ajusta;  
Altas columnas de per si se alisam,  
Se lavram capiteis, cornijas pullem;  
Pouco a pouco se espalma, e bruno o jaspe;  
Estatuas se erguem, descencurvam, pousam,  
D'emtôrno á campã magestosa e bella.  
Alli se vê a candida amizade  
Com a sciencia nobre; alli avulta  
Em franco aspecto a san philosophia;  
Alli... Novo prodigio observo, e pasmô:  
Mão invisivel em lustrosa tarja  
Em aureas lettras a gravar começa.  
O nome de FORTUNA... Oh! não, suspende:  
Injúria á gratidão fôra gravál-o,  
Impresso em nossos peitos vive ha muito;  
Que em cada coração lhe ergue a saudade  
Um busto, um mausoleu, talvez um templo

Coulbra—Matço, 1814

## IX

### A MORTE

A. D. M. J. VANZELLER

How deep implanted in the mind of man  
Is the terror of death. I sing it's sov'reign cure  
Young.

A mortel... Sim a morte; ouvi-lhe o brado,  
Senti ranger-lhe a formidavel foice  
Com que as mirradas mãos lhe armou o Eterno.

Porque, SENHOR, do cahos tumultuario  
Tam bella e esperançosa ergueste a vida,  
Se aop da vida collocaste a morte!

Surge do abysmo a face do universo,  
Rotam no espaço rutilantes astros;  
E, sobre o eixo revolviendo, a esphera  
Em compassado e fixo movimento  
Das leis se rege de immutavel ordem;  
Viceja a terra e se inflorea e brota  
O util dos fructos c'o prazer das flores;  
natureza inteira vive e cresce;  
Bilha a mão do Creador nas obras suas;  
E tudo... com um golpe extingue a Morte!  
Basta-lhe um sópro, e o sópro da existencia—  
Que do Eterno emanou, se esvae ao nada!...

Musa das trévas, do pavor, do espanto,  
Que os sons, que os ais ia gemedora lyra  
No silencio da noite, á luz tremente  
De froixa lua, em soledade esparzes;  
Que os funebres lamentos inspiraste  
Ao herdeiro christão de antigos bardos,  
Ao propheta, ao philosopho da noite,<sup>1</sup>  
Que ensinaste as enudeas do sepulchro  
Ao sublime cantor da eternidade,<sup>2</sup>  
E do gêlo da campã á mente erguida  
Lhe dardejavas scintillante fogo;  
Agora as lauces do medonho abysmo  
Me rompe, o deusa, ao barathro insondavel  
Desce da Morte, vem: sigo-te affeito.

Eil-a sentada no horroroso solio  
De amontoados, resequidos ossos!  
Aos escarnados pés se apinham, jazem  
Infandas gerações em cinza e vermes.  
A um lado o tempo, com veloz compasso,  
Lhe bate as breves, fugitivas horas;  
E a cada golpe, que um instate marca,  
Desce um golpe da foice carcomida,  
Que milhares de victimas lhe prostra.  
Cae c'o trémulo ancião tenra donzella,  
C'o o pastor desvalido o rei potente...  
Em voraz sorvedouro, aos pés do throno,  
Se precipita e some em van torrente  
Riqueza, formosura, esforço, glória...  
Sabedoria, e tu tambem accurras  
A lei universal da natureza.  
Mas porque de repente no seu throno  
Vacilou e tremou a omnipotente.  
Implacavel rainha no universo?  
O longo braço descarnado e secco,  
Mas certo no golpe, ensaia e move;  
Trez vezes tenta, e trez recua e silva;  
De raiva os ossos com stridor lhe rangem.  
As tuas leis, ó Morte, alguém se atreve  
A resistir?... Já vibra o golpe e fere...  
Não, não chega a ferir... — Subito horribeis  
Tremedores trovões nos ares trôam,  
Rue rapido o raio, as nuvens fende,  
E do SENHOR a voz soou na altura.

De um baque o throno, o monstro, o horror e as trevas  
Cahiram, dissiparam-se: em bonança  
Raia sereno, luminoso dia.  
Azul saphira os horizontes vestem,  
E com o sol no céu se junta a aurora;  
De flores e verdura se recama.  
E o prado, os montes matizando cobre;  
Amenas fontes, plácidos riberios  
Cahem das penhas cobrindo correm  
E entre fulvas areias se deslizam;  
Pelas selvas o zephíro sussura,

<sup>1</sup> Young.  
<sup>2</sup> Foscolo.



E plumoso cantor ledo gorgéia,  
De sobre o verde ramo que baloia,  
Angelica, suave melodia.

Tal do Eden nos jardins, do orbe na infancia,  
Do homem sem culpa habitação ditosa,  
Sorria de innocencia a natureza.

Que amena estancia!... Se outra vez se arriaram  
Aos degredados as vedadas portas  
Que o primeiro peccado lhes cerrára,  
Já leio em caracteres rutilantes  
Fulgurando no ar—Mansão dos justos:  
Vejo em candidas vestes reluzentes,  
Pelo prado em coréas divididos,  
Entes quasi divinos... Quem são estes  
Oh, se vós sois os justos, ensinae-me  
A essa estancia feliz qual senda guia

Com voz como de mãe que o filho amega,  
Me respon te um de angelico semblante:

—Só conduz para aqui uma vereda  
Espaçosa e suave, amena e grata,  
A da virtude; estreita, enrevezada  
Do mundo os sabios vão a imaginaram  
Desvairada moral o finge á mente;  
Sombra enganosa da razão soberba  
Que á virtude chamou difficil, ardua,  
Por fazer glória van do que é ventura!  
Não, filho, só no crime ha dor e angustia,  
Só delicia e prazer ha na virtude.  
Um preceito de amor suas leis são todas:  
D'este principio os outros se derivam.  
N'elle, no só amor se encerram todos.  
Ama os homens, e a Deus amarás n'elles,  
Ama-os, soccorre-os; e a virtude n'alma,  
E os céus no coração terás com ella!

Disse, e do gesto divinal acceso  
Lhe transluzia a férvida virtude  
Que do instincto do amor fez lei suave.

Absorto, embevecido, os olhos fitos,  
Extasiado contemplo, e a pouco e pouco  
Distinguir me parece... Oh, sim que d'ella!  
—Anjo con'olador, alma ce'este,  
És tu, clamei, e ao mundo, nos desgraçados  
Te roubaram os céus! Ai do orpham triste,  
Ai da mesquinha, misera viuva,  
Ai da afflicta donzella desvalida,  
Que assim ficam sem mãe e ao desamparo!  
O patria minha, Porto vnturoso,  
Oh, desgraçado agora!...

la eu por deante

Mas subito rubor lhe cobre as faces;  
De humildade corou, e os olhos baixos  
Vae-se afastando e n'vagoroso passo.

A celeste visão desaparece.  
Esvae-se a amena, deliciosa estancia;  
Só n'um deserto árido me vejo  
Abrolhos, sarças, rubidos espinhos  
Em sôla areia apenas se dividam;  
Montes a pino, de escaldada rocha,  
Mettem ao longe horror á natureza.  
Pinheiro esguio, a espaço e espaço erguido  
C'ó's oirçadas, verde negras cómas  
Vae topetar nas carregadas nuvens  
Aqui o sol que os raios bemfizejos  
Presta á vegetação, dá vida aos zomos  
Excita o germen das nascentes plantas,  
Aqui, só quando arden to em rubro fogo  
Ne não rabido as fúrias dobra e punge,  
Raio consummador dos céus dardeja.

Tal na arenosa solidão de Zahra  
Está morta e queimada a natureza.

Mal começava a revolver na mente  
O que vejo, o que sinto — eis braço occulto  
Me segura; alta voz das nuvens rompe:  
—Morta é a amagem vés do mundo inteiro.  
Quando o egoismo pelo mundo impera,  
Foje dos crimes o mais negro e horrivel,  
E a primeira das candidas virtudes  
Segue em tuas acções, canta em teus hymnos

Di-se, e a invisivel mão na minha lyra  
Senti batendo resoar nas cordas:  
A medo as pulso, melodioso accento  
Soni mais que humano me sabiu da lyra.  
Nem douras de amor, nem aís, nem prantos,  
Glórias, feitos de heroes, já tudo esquece:  
Só da virtude amor e amor dos homens,  
Só de philanthropia heroes entoa.

E a ti, boa Isabel, a ti primeira  
Tecerai com meus hymnos a grinalda  
De immorredoras, sempre vivas flores  
Das praias d'Albion, da patria ingente  
Da gloria, da razão, da liberdade,  
Te mandaram os céus em dom piedoso  
A estas nossas praias que adopta-te,  
Que orphans te choram, desherdadas hoje.  
Aqui, planta de benções e virtude,  
Cresces, e amparas com a sombra amena  
O adoptivo terreno; aqui teus braços  
Delicados e tenros se encostaram  
A antigo tronco já copado, e fundo  
De lon.as, salutíferas raizes,  
Que em nossos doces climas esquecido  
De sua batavia origem, nos adorna  
As magestosas ribas d'este Douro.

Tal e o vergel mimoso acobertado,  
Fructo de assidua vigilante industria,  
A estorços d'arte e esmero de cultura.  
Que os climas, estações, que o tempo muda,  
De longes plagas, de apartadas terras  
Se encontram juntas estrangeiras plantas,  
Por mutua inclinação se estreitam, se unem,  
E com seus castos, candidos amores  
Nova se criam deliciosa patria

D'este: ar virtuoso—o Porto o sabe,  
Sabem-nos os infelizes — que virtudes  
A união bemfadada coroaram!

Oh! corram, patria minha, de teus olhos,  
Eternas corram saudosas lagrimas  
Se ella mais venturosa existe agora,  
Se nos seios da glória coroada  
O premio colhe da fadigas suas;  
Se em copia digna d'ella—aos seus amigos  
Os infelizes deixa vinculado  
O thesouro de amor e de piedade  
Que no materno coração guardava.  
Oh! nem assim a dor se nos amega,  
Não pôde diminuir nossa saudade,  
O anjo e consolador vóou da terra;  
A mãe do pobre, a mãe do de-valido  
Foi, voltou para o céu que no'la dera.  
Mas n'este valle, aonde t'ntas lagrimas  
Enchugou sua ardente caridade,  
O nome ficará perpetuamente,  
O doce nome de Isabel gravado  
Nos corações da gente portugueza.  
E de seculo em seculo contadas  
Suas memorias, que morrer não podem,  
Serão modelo ás gerações futuras,  
De virtude, de amor da humanidade.

Coimbra—Dezembro 31, 1849.

## X

## A INFANCIA

A UM MENINO

Tel dans un secret vallon  
Croît à l'abri de l'aquilon,  
Un jeune lys, l'amour de la nature.  
RACINE.

AURORA da existência, infancia amavel,  
Edade abençoada  
Da mão que rege, que aviventa os dias,  
Mimo da natureza,  
Da candida innocência bafejado,  
Breve, mas linda flor  
Sobre o gómo da vida despontada.  
Infancia!—oh meiga idade!  
Tu no facil prazer de simples gósto,  
De mui sinceros brincos.  
Estreitando mentidas esperanças  
Ao prazo de um momento.  
E aos desregrados voos do desejo.  
A mesquinhez do enjão  
Ignorancia feliz sem força oppondo.  
Vês no porvir remoto  
Sem asco, sem desdem, porque mui longe,  
O pavoroso aspecto  
Da aborrecida, misera velhice,  
Que os mal seguros passos  
Vae na louce da morte abordoando,  
E os membros engoiados  
Ao gélido do sepulchro estende, e treme  
C'o frio horror do nada  
Infancia! oh quadra mais gentil da vida,  
Risonha primavera.  
Quanto mais doce que o fervente estio,  
Que o tormentoso outunno!  
Avara natureza! ella é tam breve.  
A manhá da existência!  
Quam tenue, pouco e pouco, a flor desbota,  
Esvae, marchando, e sécca!  
Eis o calmoso estio:—brilha em fogo  
Clarão sulphureo e rubido.  
Sol de ardentes paixões, astro sem orbita.  
Tumultuaria planeta.  
Que ao bem negando as criminosas luzes,  
Presta fulgor terrivel  
A solapados, incóbertos males,  
A falsarios prazeres.  
Paixões! barbaro dom da natureza!  
Carniceiros verdugos  
De humanos corações, que em vossos gritos  
Espedações cruentas,  
Ah! longe o bafo pestilente e sordido,  
O halito da morte!  
Longe do imperio vosso existe e tolga  
A mui fagueira idade.  
Infancia! doce, carinhoso enlevo,  
Objecto suspirado  
Da minha saudade, dos meus prantos.  
Dos prantos crus, amargos  
De acerba dor, no venenoso calix  
Do tormento vertidos!  
Prantos que um deus cruel, o deus das miçoas,  
O refalsado nimen  
Dos seccos, roxos, macerados olhos  
Vandoso arranca ainda;  
Que sobre a campá, que escavou 20'as settas  
E sorrindo me aponta,  
Folgando atroadoado, zomba e mofa  
De meu gerner e angustias:  
Um despota, um cruel Amor—Socega,  
Não chores, tenro infante  
Ah! já tremes de ouvir-lhe o nome horrivel?  
Sentes o som stridente

Da pejada pharetra?—Oh! longe és d'elle;  
Teus olhos innocentes  
Não podem ver-lhe a face desabrida.  
Amor (descança) é monstro:  
Mas, se um deus bemfazejo, um deus amigo  
Lhe embebe a furto as settas  
No suave licor d'alma virtude,  
De innocente desejo:  
Então, em vez de horror, dos tiros brotam  
Ineffaveis delicias:  
Então, falsado o intento ao sevo nimen,  
(Mas quam raro prodigio!)  
Nectario favo de ventura e góso  
Doce do peito estila;  
Foge o bando cruel de infidos zelos;  
Pura, suave chamma  
Em virtuoso altar recende e brilha;  
Aurea, gentil cadeia  
Sinceros corações enlaça e prende.  
Taes o céu bondadoso,  
Tenro menino em prosperados dias,  
Prazeres te future.  
Tal conheças amor, qual puro e candido,  
Innocente rebrilha  
No seio á Divindade Oh! fixa os olhos  
Des criminosos, simples  
No mui ditoso par de teus ingenuos,  
De teus amantes paes:  
Vê como em santa união mutuum férvidos  
Suavissimos deleites;  
Como ternos suspiram, como existem  
Nos braços da ventura.  
Lê nos olhos gentis da bella espósa  
Seu fado lisongeiro  
O satisfeito espóso: eil-os se espelham  
Na cópia suspirada,  
Dom tam pedido aos ceus, dom grato e meigo  
De mui caraveis nimes.  
Nymphas do Lima, dae, trazei alegres  
Recendentes boninas;  
A mãos cheias vertei, corae-lhe as frentes,  
Matizae-lhe as pisadas:  
E, se o vosso poder se estende ao olvido,  
Se da tenaz memoria  
C'o mago encanto das formosas aguas  
Cortaes lembranças vivas,  
Não corraes por aqui, deixae piedosas,  
Para memoria grata  
Das virtudes dos paes, na cópia amada,  
No mimoso transumpto  
Do filhinho gentil, vivo tra-lado  
De exemplo á humanidade.

Coimbra—Dezembro, 1899.

## XI

## SONHO PROPHETICO

Dabit Deus tandem.  
VIRGIL. AEL.

SOMBRAS espessas da calada noite  
O matutino albor vinha rasgando.  
E da lucida estancia, onde apontava  
Languide e froixo ainda o sol nascente,  
De incerta, fraca luz vestígios candidos  
Desparzia no polo; o dubio aspecto  
Córava a pouco e pouco a natureza.  
Do renascente dia a mensageira  
Lá nos balcóes surgia do oriente  
D'entre os amplexos do marido annoso;  
Soltas ao vento as crespas, aureas cómas,  
E envolta em roxo, resplendente manto  
Que interlaçadas perolas bordavam.

O pezado vapor do grave somno,  
Que em olvido tranqullo a alma sepulta,  
Que a dissolver-se lento começava;  
Meio aberto e fechado estava ainda  
O usado trato entre a alma e entre os sentidos;  
As suspensas ideas resurgiam.  
Mas sobre azas ligeiras vaguando,  
Sóltas do imperio da razão que as guia,  
Em cáhos novo e estindio amalgamadas,  
Mudavam, cada instante, aspecto e forma  
Por este doce tempo a eburnea porta  
Se abre no Elysio, e a turba grata e leve.  
Dos lisongeiros, dos volateis sonhos  
Azas cõr d'Iris para o mun lo estende.

N'este dubio, confuso e brando estado  
De esquecimento o espirito suspenso,  
Voar cuidei a solitario, inculto,  
Ermo, sonbrio valle: alta e frugosa  
Escalvada montanha o fecha a um lado,  
E á negra bocca de horrida caverna  
Desfallecida e languida pousava  
Veneranda matrona: armas, bandeiras,  
Luas, Aguias, Leões, trophæus guerreiros.  
A seus pés se apinhavam. Olho attento:  
Pesavam em seus pés grilhões de ferro,  
Ferreas das mãos algemas lhe pendiam.  
Como de forcejar cançada ha muito  
Jazia em languidez, e as alvas roupas  
Tinha o sangue dos pulsos salpicado.  
Despertou-se algum tanto, e em ais sentida  
Do intimo peito rompe. Absorto e mudo,  
Ouvi que em froixa voz assim falava:  
— Prantos! prantos! Já nada mais sobejá!  
Eu a flor das nações, eu que, outro tempo,  
Contava pelos dias meus triumphos!  
Que em cada um de meus filhos tinha um nome,  
Eu agora... ai de mim!... só gemo e choro!  
Só ais, só prantos, só gemidos restam!  
A quem do mundo governou o imperio!  
Estas mãos victoriosas, que, outro tempo,  
Empunharam o sceptro do Oceano,  
D'on le o fado pendeu d'Africa e d'Asia,  
Agora em vez do sceptro, em vez das palmas,  
Grilhões!... ferreos grilhões!... e os pulsos roxo.  
E as vis algemas com meu sangue e lagrimas  
De continuo lavadas!... miseranda!  
A mesma inda serei? Tenho inda filhos?  
Filhos! Oh nome que me rasga o peito!  
Oh lembrança de dor, ideia amarga!  
Passadas glórias de que serve á mente  
N'angústias recordar? Essas bandeiras,  
Esses despojos, triumphaes reliquias  
De esquecidas venturas... fa to horrivel.  
Para o pézo augmentar de meus tormentos,  
Só m'os deixa o cruel, só m'os conserva.  
Aguias soberbas, remontadas Luas,  
Aquilados Leões, por quantas vezes  
Ante mim já pro-trados, confundidos,  
E submissos no pó, trementes, pavidos  
Não me adorastes curvos! quantas vezes,  
Ao só brandir a minha dextra um ferro,  
Alfanges mil e mil se espedaçaram,  
Lanças cahiram! bastiões de rujo,  
Soberbas grimpas, elevadas torres,  
Altas muralhas subito baquearam!  
Tal fui; taes foram filhos meus outr'ora!  
Ah! senhores então, escravos hoje...  
Escravos! oh que nome abominavel!  
E ha céus que mandem tal, deuses que o ordenem  
Sem leis, sem patria, na oppressão, nos ferros  
Não vêdes, filhos meus, não tendes peito,  
Olhos não tendes para ver o abysmo  
Que vos abre ante os pés a tyrannia?  
A tyrannia, esse execrando monstro  
Que, ladeado de furias, de maldades,

De sobre o throno, que lhe ergueu a intriga,  
Que o fanatismo vil, que a cobardia,  
Que a barbara ignorancia lhe sustentam:  
Punhaes, venenos; carcereis reparte!  
Esse monstro!... e das garras sanguinarias  
Não lhe roubaes a miseranda patria?  
São tendes labios já, não tendes braços  
Para bradar vingança e executa-la!...

Aqui gemeu de novo, e amargo pranto  
Pela face já pallida deshi.  
Nas contorsões da dor, na ancia do peito  
Moveu-se um poico, e vi... Brasão fulgente.  
Tinha no seio venerando... As Quinas!  
As Quinas, sim; e a lysia era a matrona.

Senti o coração todo estalar me  
Co'a dolorosa vista... Eis repentino,  
Como das nuvens, subito cahido  
Desmesurado, esqualido gigante  
Em molle immensa e colossal se amostra:  
Ferreá lhe cobre os membros a armadura,  
Ferreá na dextra lhe fulmina a espada,  
E terreo todo no semblante e gesto.  
Ao vê-lo correr á triste victima  
C'o ferro em punho, conheci quem era,  
E tremi do execrando Despotismo!  
Falou-lhe o monstro assim com fero cenho:

— Bradar vingança! executa-la! E ousas  
Proferir-l'o sem pejo e sem remorsos!  
Quem eu sou, quem tu és já te esqueceste!  
Queres forçar a espada da justiça?  
— Justiça! E em nome tal és tu quem talas!  
Justiça adonde impera o Despotismo!  
Onde as leis...

— Meu prazer, minha vontade:  
As leis são estas. Ao vassallo cumpre  
Executá-las só, não conhecê-las:  
Os direitos do sceptro a vos não cumpre,  
Mesquinha plebe, examinar audazes.  
Cegos obedecer, tremer ante elle,  
Curvar-se e respeitar

«E esse direito,  
E a nossa obrigação d'onde é provida?  
— Da força.

«E a força é lei?  
— Dos céus á terra  
O supremo poder aos reis proveiu.  
Seus direitos...

«E Deus, se lh'os outorga,  
Nenhuma obrigação lh'impoz com elles?  
Aos desgraçados, miserandos povos,  
Que aos ferros condemnou e a desventura,  
Co'a eterna obrigação do soffrimento  
Nenhum direito deu?

— Altos decretos  
Do Eterno examinar vos e vedado.  
«L'boa por essencia a Divindade.  
— E' justa.

«Sim  
E vingativa. «Opprobrio  
Que só vós lhe tazeis, blasphemia horrivel!

Mal soaram pelo ar os sons extremos,  
Eis repentinis, rapidos fuzilam  
Raios, coriscos; troa o céu tremendo,  
E em fumo e fogo se me esconde o valle.

Vae-se acclarando a cerração; e em breve  
Vejo em mais pura luz que a tocha d'alva  
A matrona gentil brilhar já livre.  
Morto a seus pés o monstro lhe jazia,  
Que em negro sangue se escoava ainda.

Exulte de prazer... acôrdo... e vejo  
Que era sonho a visão, phantasma o gôso.  
Maldisse os ferros que me pezam inda,  
E aos tyrannos jurei odio implacavel.

Coimbra—Dezembro, 1819.

## XII

### PEDIDO A UM POETA

O MEU AMIGO J. J. DE OLIVEIRA-LEITÃO

Tu, na difficil mas segura estrada  
Que o nosso bom Ferreira nos trilhára,  
Corres, fitando a meta luminosa,  
Do mestre de Venusa.  
Sinceros e de lei teus versos puros  
O brilhante oripel não têm da moda;  
Despreza a tua bella e casta musa  
Meretricios enfeites.  
Quaes egrejinhas de infantil folgado  
Se armam no ar, de papelão e talco,  
Essas trovas talves por ahí têm  
Nos ouvidos dos nescios;  
Outras inda mais oucas, asproadas  
De tola affectação de van sciencia  
Pilhada, aqui, alli, nos dictionarios,  
Pedantes Mevios louvem.  
Eu quero de teus versos regalar-me,  
E descansar o ouvido fatigado  
De tanto descompasso e destempêro,  
Em sua doce harmonia.  
Sei que um novo penhor das aureas musas  
Houveste (gora)—deixa-me admirar-o;  
Com o profano vulgo não me afastes  
Dos mysterios divinos.

Coimbra—1819.

## XIII

### A ANNALIA

SALVE dia de amor sempre jocundo!  
Annalia encantadora,  
N'esta risonha aurora  
Para me aventurar vieste ao mundo.  
Quando assomar no apavonado oriente  
Amor te viu fagueiro,  
As frechas prazenteiro  
Aguçou, e sorriu todo contente:  
Fugiu da mãe aos amorosos braços,  
E em teu rosto divino  
Depor foi, de continuo,  
Encantos, phyltros e amorosos laços.  
Assim me enfeitaste!—assim rendida  
Trago alma e coração,  
Que, sem esta prisão,  
Nem eu já sei viver nem quero a vida.  
Annalia, amado bem, tam fausto dia  
Celebraremos contentes;  
E as flores innocentes  
Colhamos d'esta vida fugidia:  
O tempo vóa, as horas despedidas  
Tam ligeiras decorrem,  
Murcham tam breve e morrem  
Rosas que do prazer não são colhidas!..

Porto—1819.

## XIV

### FILINTO

A patria sagrou tudo,  
Tudo sagrou a ingratos.  
THE. ELYS.

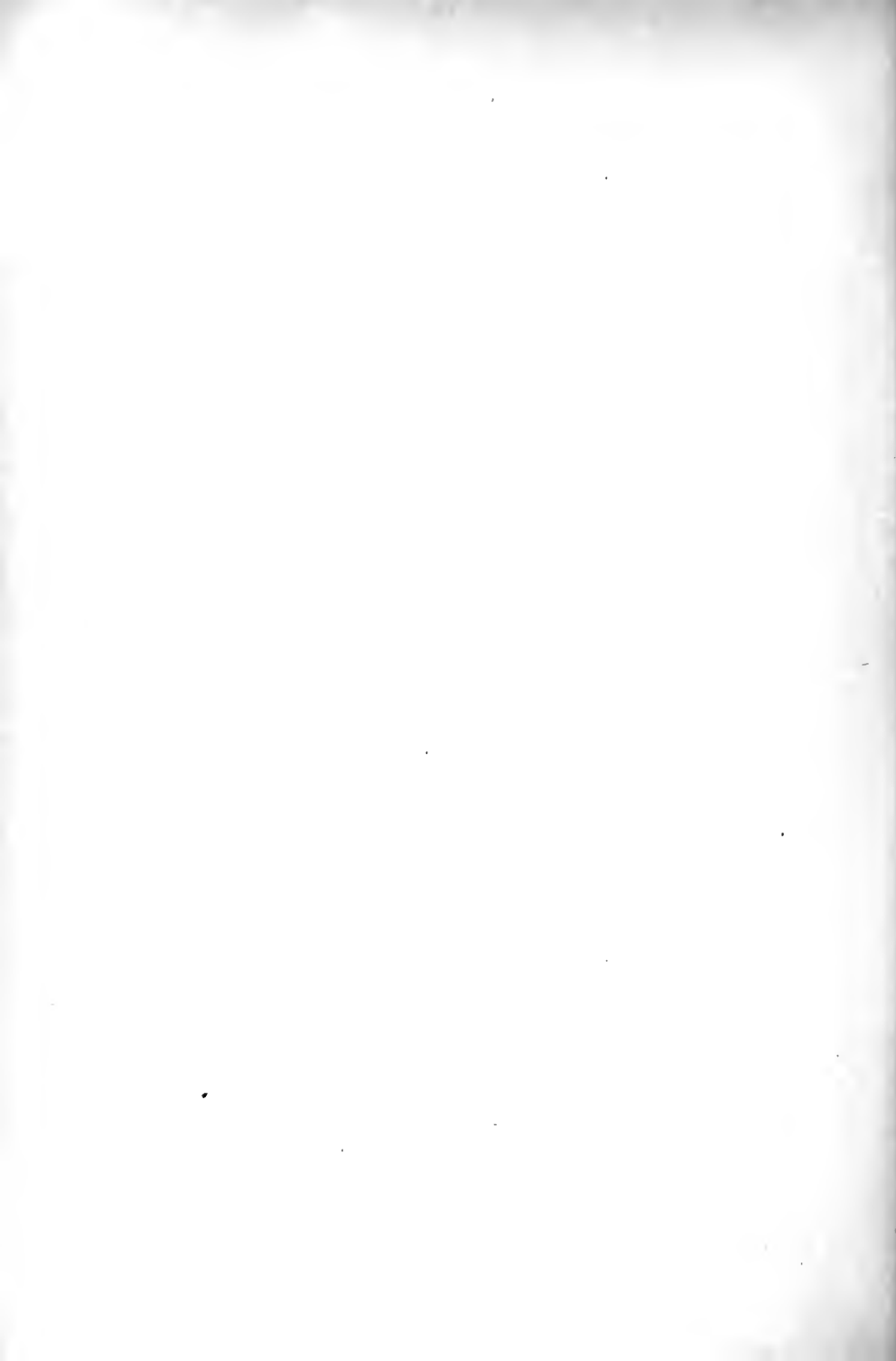
PORTUGUEZES, morreu!... D'aquelles labios,  
D'onde manavam de Hypocrene os melles,  
D'onde angelicos sons coavam n'alma,  
Sahiu o último alento.  
Aos mui carpidos, dolorosos brados  
Em que o Sena rompeu, um pouco ainda  
Lavrou no coração mágua sentida  
Ao Tejo envergonhado  
Filinto é morto. As derradeiras vozes  
Do vate, ja co'a morte á lucta extrema,  
Foram, entre ais de amor, de saudade,  
O adeus á patria ingrata.  
Desamorada mãe, o filho egregio...  
Um filho tal!... Não, musa, o véu do olvido  
(Se é possível correl-o) á acção nefanda  
Com dor sobrepunhamos.  
Patria é dos sábios o universo inteiro:  
No eterno alcáçar de estremada glória,  
Sobranceiro aos vaevens de homens, de fados,  
Seguro existe o vate.  
Ah! lagrimas, só lagrimas nos restam:  
Atrouxo os olhos se debulhem n'ellas,  
Inunde a campá que lhe guarda as cinzas  
O pranto do remorso  
Oh! nem vos peje, ó Lusas, derrama-as:  
Vêde o côro gentil que impera aos évos,  
Das fatidicas virgens corado  
Em feral rama as frentes.  
Alquebradas de dor, eil-as em turma,  
E o deus que tanto o amou, mudo, a desleixo,  
Descoroado da luz que inflamma os peitos,  
Que a mente lhe avexára,  
Tardio os passos, demudado e triste,  
Após ellas caminha... Aonde, ó musas!  
Fugidias?... Ah! sim, longe da terra:  
Sim, que Filinto é morto.  
—É morto, em som funereo, em voz de lucto  
Brada o côro d'nel, viuvo, afflicto.  
Morta é com elle a sonora lyra  
Que dera aos Lusas vida.  
Desentoadas as divinas cordas  
Esbameadas, frouxas, nem dão visos  
Das que ao Lethes, á morte, ao tempo, ao fado  
Tantos heroes roubaram.  
A lyra onde, entonando o collo erguido  
Aos gritos da razão e da virtude,  
Alçou tropheus a liberdade augusta,  
Tremulou estendardes:  
E de Penn a moral, e o esforço ardido  
D'Washington, de Franklin soou com glória,  
E a mui lúdica, pertinaz constancia  
Do povo Philadelphico:  
Onde em sublimes, arrojados extasis  
O vate embevecido alteia os vãos,  
E audaz a par e par c'os Novos Gamas  
Topêta o firmamento.  
Clama no enlêvo do aquecido engenho.  
Que é roubo aos penetraes da natureza,  
Mas que, sem medo ao pégo, Idéas artes  
As leis hão de inverter-lhe.  
Ja sons mais do que a primeira a deusa  
Que entorna a vida aos gomos do universo;  
E em nectar voluptuoso detrethidos  
Dos labios lhe deslizam.  
Languidez do prazer lhe embebe a mente,  
E em devaneo doce transviado,  
Com mão incerta tanteando as cordas  
Fita gososo a diva.



LYRICA

Atasto a mimos os ramos invejosos

PAG. 56



Como no raptio os olhos mais que humanos  
Mysterios divinas prescrutam, fitam!  
Eil-o rival do vate de Epiuro

A natureza abraça.

Mas oh! que a mãe dos candidos Amores,  
De agradecida aos dons, aos ais maviosos.  
Lhe doa a que o pastor vencêra do Ida,  
Enfeitada zona.

A rôdo as nuas Graças prazenteiras  
Risos, jocos brincões lhe vão sparziando  
Quando elle entôa namorados metros,  
Desleixadas cantigas:

E a que tam doce ri, bella *Delmira*,  
E a *Sapho-Alcipe*, e *Daphne*, e a quantas coube  
Ternas beldades a ventura illustre,  
Vivem nos sons divinos.

Mas já firmado em solida exp'riencia.  
Nos vaeuens da fortuna acrysolado,  
Da virtude, da san philosophia

Nos dictames se embebe;  
Aos amigos louvor, louvor a Horacio,  
A virtude, a razão, á liberdade,  
No mestre de Venusa os olhos sempre,

Hymnos entôa sacros.

De longe incita os animos briosos  
De tam amados seus, tam caros Lusos;  
Do acovardado, misero lethargo

Os chama á gloria e punge.

Em geniaes, agradecidos canticos  
A bemfazeja mão celebra e louva  
Que ás mãos grifanhas de açulados tigres,  
O roubou denodada.

Ou galhoheiro, por despir angústias,  
Dar lareas ao espirito opprimido.  
Ao fausto Bromio entôa c'os amigos

Festivaes Evoês.

Ah! que limites desconhece o ingenho  
Do vate a quem fadou no berço a musa!  
Francos lhe abriu do Pindo almos thesouros,  
Quantos encerra, Apollo.

Centelha em fogo do cantor d'Olympia,  
Arde, ferve, trasborda e rompe e rue;  
Dá-lhe rebate ao sangue o extasi d'alma,  
Transpõe a natureza.

Qual deliriosa em contorsões fatidicas.  
C'ô deus que a preme a Phéade relucta,  
E anciada, os olhos envesgando ulula  
Mal entendido orac'lo.

Já d'Albuquerque a temerosa dextra  
Rompe allanges de Ormuz, xaras de Goa,  
E ao som tremente do terrivel bronze  
Malaca esbroa os muros.

D'emtórno ao ferro lhe esvoaça a morte  
As fervidas phalanges ladeando;  
A um bote portuguez se apinham cento

De escalavrados Indios;

Derrocam torreões, alçarar's ruem;  
Curvam despotas mil joelho altivo,  
E sobre as ruinas triumphaes tremola  
Mão vencedora as Quinas.

Castro, o Fabricio luso, o Quincio, o Fabio,  
Pacheco, o Scipião na gloria e esforço,  
Scipião nas virtudes, na desdita

Do ingrato ostracismo;

Vós, honrados de Lysia e honra d'ella,  
Tambem da lyra as cordas lhe afinastes;  
Tambem, lidando em canto ardente e novo,  
Vós engrinalda a fama.

E qual ha hi nos Fastos portuguezes  
Que digno fosse de extremado nome,  
Que não lhe deva incenso, altares, templo  
No bipartido monte?

Ou na trompa marcial victorias trôe,  
Ou patrios cysnes descantando á lyra,  
Nos harmonicos sons arrebatado.

Imitando os admire.

Ora clamando aos hospedeiros Gallos,  
Ora aos pesados Bátavos sombrios:  
«Meonias tubas, Mantuanas cordas

«Tambem possuem Lusos;

«Primeiro que entre vós já nos luziram  
«A aurora, o sol das artes, do bom go  
«Godofredo e Salem não vira o orbe.

«Nem donaires de Armida,

«Nem vizinho aos confins do Eden vedado  
«Chorára o pae da triste humanidade,

«Nem Davidicos sons a harpa germanica

«Pulsára ao Deus já homem;

«E nos á mestra, á douta antiguidade,  
«Nós ao porvir mostravamos soberbos

«O Gama abrindo as emperradas portas

«Da não-sabida Aurora,

«Galgando cabos, arrostando em face,

«C'os revezes lutando arca por arca,

«Fitando ardido, desdenhando ameaços

«De Adamastor irado.

«Inda nas margens do afamado Sena

«Hervadas settas em delirio, em crimes,

«A esposa de Theseu do peito anciado

«Não arrancaram prantos;

«Nem sons carpidos da infeliz Zaira,

«Esvaecida de amor, firme á virtude,

«Deram ao vate, em lagrimas, suspiros,

«O applauso do universo;

«E já nas brandas veigas do Mondego,

«Na soldão formosa extasiado

«Um luso empunha o sceptro de Melpômene

«E a Euripides se eleva.

«Beldade afflicta em pranto se definha,

«Chama em vão pelo espôso que a não ouv:

«E os olhos turvos devolvendo ainda

«Aos tam caros filhinhos,

«Inda estendendo amorticados braços,

«Inda afflagando imagens do seu Pedro.

«Entre os amplexos maternas expira

«Balbuciando o espôso.»

Tal inflammado em zelo o vate exclama,

Tal brada á Europa: ferve lhe nas veias;

Brioso n'alma lhe pullula e vive

O amor da patria cara.

Por ella empunha assacalada foice

E affouto corta os vicios infezados

Que d'arrebique extranho alleiam sordidos

A tam formosa lingua;

A lingua de Camões, que usaram barbaros

Com mescla vil manchar, turpar lhe as galas;

Tal que se a vira a deusa que a amou tanto

A descrêra latina

Por ella alteando mais o plectro á lyra,

Aos Lusos mostra os seculos famosos,

Evos de glória, de estremados feitos,

De afamados prodigios;

Do ocio covarde os animos argue,

E pela voz do despota dos mares

Agras convicios desatando iroso.

Lhe excita os peitos frouxos.

Mostra-l'has ricas plagas do Oriente,

Tam regadas do sangue lusitano,

E o sceptro augusto dos cerúleos mares

Nas mãos do Dace e Bátavo.

Oh vate, oh numen, oh brazão perenne

Do portuguez renome! em seio ás musas

Bebes-lhe n'alma altitiquos mysterios

De remontados extasis!

Eil-o rival do voluptuoso Ariosto

Caivalga affouto hypognifios alados,

E aureas, priscas fizeos de heroicos tempos

Renova em doce metro.

C'ô auxilio amigo do fiel menino,

Huol co'a espada de encantado gume

Talha gigantes, despedaça a esmo

Ruins, descritos moiros;

Grizalhas barbas ao Soldão arranca.  
Rouba-lhe em tróco a donairoza Amanda;  
E os magos sons do portentoso corno  
(Especial condão!)

Com affanosa, derrengada dança  
Austeros cenobitas poleando,  
O pranto, admiração, piedade e riso  
No vário canto juncta.

Ingenuas graças de nativo piceo,  
Attico sal do brando Lafontaine,  
Mimoso encanto de gentil simpleza,  
De loução desalinho.

Com arte mais que humana aos Francos rouba;  
De oppostas linguas os thesouros abre,  
Depar-empar tranqueira-lhe os segredos,  
Pasma co'a Lysia a Gallia.

Musas, o canto é longo, a voz frequa...  
E agora quando intento erguer-lhe os vãos,  
Beber no seio a i hebo almos segredos,  
Patentear-lhe o sacratio;

Agora... oh dae socorro ao vate anciado,  
Subi-me á esphera que domina os orbes;  
De Apollo um raio fulmine ao canto...  
Não: dae-m'o de Filinto.

É d'elle... já nas veias se me embebe,  
Corre, pullula, ferve, espuma, agita-me...  
E d'elle... A mente alheia acode ao peito  
A vida... o fogo... os extasis...

Quaes tiro novos cus? que estrelas topo!  
Que mundos estes são!... Fugiram d'homem  
Ideias, sensações... o Pindo, o Olympo...  
Elysios... não são estes.

Cóam divinos sons do ouvido n'alma...  
Eternasalleluias! Face a face  
Quasi que o vejo... o Ser que impe-ta aos sêres  
O Deus, o numen unico!

O brilho, a luz da gloria me deslumbra;  
Curva coro d'ancios a frente ao Agno;  
Abre-se em par septi-cillado livro...

Quaes decretos escuto!  
—Joven ditoso, os crimes se apagaram:  
Eis a coroa, a palma... É ganho o mundo;  
Triumpho a luz, e as trévas acossadas  
Já de rondão no Baruthro.

Oh que formosa, candida donzella!  
Que meneio gentil no ad-man tam simplet!  
Alva dos hombros lhe devolve a veste,  
Cinge-lhe a frente o louro.

Homerea virgem, ai quanto mais linda  
Sob os trajos de Inez! quanto mais ternas  
Dos meigos labios voz se deslizam,  
Avitos soam canticos!

Como as choreas festivas guiando,  
Garbo donoso e sobre sea a todas!  
Con o, transviada na tortuosa senda  
Do monte que descia.

Clama em vão pelas Nayas que a não ouvem.  
Amesquinha-se em vão, chora... Eis depara  
A luz dos raios tremulos de Phébe  
C'o adormecido joven.

—Não és Endamio? — Não és um anjo?  
Dizem. — Já d'ambos puro amor nos peitos  
Settas varára que embebera em doce,  
Celestial arrobe.

Com que suaves praticas negamam  
As fadigas da estrada! Como esplende  
Na bocca pura do Arcade mancebo,  
Luz de verdade eterna!

Que ameno quadro aos olhos se affigura,  
C'oão coração doçura e gozo,  
Quando em contraste com ficções idólatras  
O do christão viver!

Oh! na singela narração que encantos!  
Soam-me n'alma ainda os eceos oucos  
Dobadadas catecumbos lobregas  
Quando o silencio funebre

Contracta devoção lhes corta em hymnos.  
Como é terso e viril e grande o stylo  
Quando nos pinta o capitolio erguido  
C'os despojos vergando!

Quando romanas denodadas hostes  
Com as cabidas l'ancas baralhadas,  
Quando a simpleza dos costumes rudes  
Vigoroso descreve!

Inda de horror as carnes se arripiam,  
Inda c'os roucos sons retreme o ouvido!  
Depar-empar do interno em bronzes gonzo  
Rugindo as portas rompem...

Oh que espantosa confusão de abysmos!  
Tormentos uns sobre outros se amontoam,  
E empé sobre elles, requintando angustias,  
Se alonga a Eternidade!...

Ouçõ aldravadas nos portões da morte;  
Vejo um ramal de lagrimas gelado  
Pender de olhos já secos, já queimados  
Do ardor acre do pranto!

Vejo... Não, cerra, o Musa, a negra estância  
Tapa-lhe o boqueirão c'o atro penedo  
Qua a separa do cahos. Leva o rumo,  
Guia a visões mais brandas

Os meigos sons de amor volte-me á lyra  
Volve-me o doce metro des'eixado,  
Ais deliriosos, lagrimas sentidas,  
E a dor que afflge e punge.

Mostra-me á tua pela seiva escura  
A inculta virgem, destraldando ao vento  
Os não cuidados já, sacros adornos,  
Que a punção desalinhia!

Quando entre annos, descarnados troncos  
Co'a simpleza de amor que ignora enfeites,  
Mostra sem arte o coração que anela,  
Ao tam esquivo amante:

Diz-lhe (e entre as ramas escondido a furto  
Sorriu maldoso o deus que lho ensinára)  
Diz-lhe que é ella que murmura n'aura,  
Que suspira na fonte.

Como ao sentir o coração do ingrato,  
Sob a tremente mão pulsar tam lento,  
Lhe esfia a esperança, lhe regela n'alma,  
Corta-lhe a voz nos labios!

Ja devaneia trémula, e suspira,  
Ja sobre o pico do rochedo alpestre  
Nova Sapho a arrolar-se ao mar que freme,  
Que em fragas oucas quebra.

Quasi... quasi... Ah! suspende. Ingrato Eudoro!  
Tanto amor!... tanta fé!... veda-lhe um crime.  
E não é crime o teu? Mais deshumano.  
Mais impio tu não foste!

As doçuras de amor vivos prazeres  
Com negro fel de esqualidos remorsos  
Misturastes, infeliz! viste (e no peito  
A ferrea mão da angustia)

Sentiste o coração ir-te affogando).  
Viste o ancão deshonrado, o pae tremente  
Vibrar o dardo imbelite, e moribundo,  
Horrendo amaldiçoar-te.

E ella... Ao collo gentil eis volte a foice;  
O sangue, que a bolhões des-ta o golpe,  
Lhe murcha as rosas, lhe ennoitece o lume  
Dos olhos já tam bellos.

Qual flor mimosa ao sol do estio ardente  
Pallida inclina a hastea delicada.  
Morre, e inda bella no deliquio extremo  
Suspira Eudoro!... Eudoro!...

Deusas do Pindo, oh! já não ousa o vate  
Nem rastejar-vos! De cançada, a lyra  
Incertos sons confusos, desviados  
Mal entoar já pode

E pude tanto! e ousei cantar Filinto!  
e ainda ousei seguir-lhe o voço altivo.  
Já nas do Nilo catadupas bravas,  
Já nas soidões do Egypto.



Onde em furor prophético extasiado  
O solitario ancão futuros rompe;  
Ou pelos sacros de Salem vestígios  
Prodigiosos, divinos!

Direi memorias da guerreira Sparta,  
Ou do austero Lycurgo, — ou de Leonidas  
Que o ferro, outr'ora defensor da patria,  
Ao novo amante esposou

Presta á defeza da virtude amada;  
Direi as falas concertadas, nobres,  
Com que ante a curia que ladeiam impios,  
Orador denodado

Ousou a pro da causa da verdade  
Expor-se ás iras sanguinarias, cruas  
Do fanatico vil, do atheu soberbo,  
Do atraído hypocrita:

Direi, na arena entre agulados tiarés,  
O adeus, o extremo adeus do amor mais puro:  
E a morte já não feita, não terrível  
Entre as lucidas palmas?

Não musas, não: baldado o arrojo ardido,  
Em despenhada, vergonhosa queda  
Fôra dar nome a não sabidos mares  
Co'as atrevias pennas.

Creae, creae na minha patria, o deusas.  
Novo engenho que honrará co' a alta empreza  
Dae-lhe, inda mais que a quantos bafejastes,  
Os paternos thesouroz

Dae-lhe attilouco e doce e puro stylo,  
As côres, os pinceis da natureza;  
Seja um deus... ou se tanto inda possesdes! —  
Seja um novo Filinto.

Coimbra — Abril, 1849.

## XXV

### AS FÉRIAS

#### A UM AMIGO

Veio, mas longe, vir surgindo um dia,  
Que hade por entre mim, entre estes Oceanos  
Terra em mimto

LIBERTÉ.

E em que pensas, amigo, que se occupa  
Neste grande aldeão que chamam o Porto.  
O teu Garrett amigo? — Come e ronca

Come, e torna a dormir  
Dormir! que bella vida! E nos pequenos,  
Lucidos intervallos, por debique,  
Duas Odes de Filinto, uma d'Horacio.

Tres scenas de Racine.  
Que vida! A longe e longe, um rober l'whist,  
Mais longe ainda, breve *pas égrégiate*  
Ao monte das irmans, castas donzellas.

Castas, sim, que não obsta  
A auctoridade de Camões brejeiro:  
Porque, se Orpheu *pariu a linda Lina*,  
Como d'antes ficou donzella e casta,  
Virgem depois do parto.

— E o namoro? (dirás) Abunda o Porto  
Em Delmíras, em Marcias, grato emprêgo  
A um rapaz amador do bello sexo,  
Enthusiasta e callido —

Foi bom ter po esse tempo do namoro:  
Muitas já me roubou horas e dias,  
E da amiga pachorra á gorda pança  
Me cerceou bom naco.

Acabou-se: n'um *cercle* o mais luzido  
Passeio agora os olhos indifferentes;  
Qual arrotando, espriguind'o os braços,  
Bocejando amide.

Inda sabendo a bôcca a ferros velhos,  
No outro dia de longa comezana,

Mui disputado *toast*, em lauta mesa  
Fastiento attentára.

E a suci galhoteira dos rapazes? —  
Rapazes! Não conheces esta terra,  
Que perguntas por tal. Aqui o germen,

Aqui os elementos  
Escondidos estão, que a vida nova  
Hão de chamar a abastardeza especie  
Da corrompida gente lusitana.

D'aqui, d'onde houve nome  
O velho Portugal, seu nome ainda  
Honrado surgirá. Presago vejo  
Na geração crescente ir despartando

As feições renovadas  
Com que a antiga familia portueza  
Se distinguia outr'ora: o brio, a honra,  
Os seus costumes, puro amor de patria.

A singela franqueza,  
A nobre independencia de outras eras  
Resurgirão d'aqui. — E então o aspecto  
D'esta formosa terra, hoje encuberto

De nevociros britannos,  
Replenderá co'a natural belleza  
Que villos fidalgosinhos de mã medra  
Cockneys, coixeiros, frades ignorantes,

Agora lhe deturpam.  
Oh! quando te vier de eu ver, patria querida  
Limpá de inglezes, sola de conventos,  
E varridas tuas ruas do immundicie

De baldiquesco...  
Irá com elle a sordida ignorancia,  
E o seu terrroso *brasil* nasal restolço  
Que arreio mau da atturde e zanga;

Irá co'esses collegos  
Coaxar no lodo vil d'onde a motina  
Nos trouxe o vestro bracharo maldito  
Que o rotundo fôra da nossa origem

Tam feio corrompeu.  
Rusticas *Mises*, *Ladies* sem sabores,  
Entra a effectação de maliz bronquite  
Entronhada a força, a força gebas,

Desalofas b'occas!  
Atrojete-me no touro co'esses trajos,  
Fortuenses donzellis — Quem poderá  
Pleitear convosco em formosura e graças

Se quaes sois vos mostrastes?  
Formas que Venus para si tomára,  
Dessa mortalha de invenção tradesca  
Quem as libertar? Biozo negro,

De d'onde mal vislumbra  
Raro lampejo de celeste face,  
Oh quem o rasgará? Purpureos labios  
Em que o Desejo co' a Innocencia riem,

D'onde Amor seus thesouroz,  
Alvo dos beijos de sequioso amante  
Co'o não divina d'adiviso esparze:  
Labios que entr'abrem folguezas e alegres

As nuas Graças lindas,  
Quem lhe ha de restituir o som canoro  
Que torpes fradálhoes desalfinaram  
Co ensino ignorante — e o presumpçoso

Mozado lá de schma

Acostumou as inflexões galuchas:

Oh! sera teu poder celeste numen  
A quem porora, como a Deus ignoto  
Tacito adora o Luso

Em mysterioso altar erguido a occultas  
De galaros patricios, de impios flamines,  
E oh! mais que tudo, do estrangeiro odioso  
Que no insolitrado jugo

Nos rebitou os cravos que abalavam,  
E mercador ch'um, de nosso sangue,  
De nossa honra fez trufico e ganancia  
Cos bacans do tyranno.

Sim, amigo: esta côrja odiosa e barbara,

Oppressora da Lusa liberdade,

Esta canalha d'Al-b-on suberbo

Aqui fixou seu throno  
De botelhas coroado, e de olhos, bocca,  
Das orelhas, nariz e de outras partes  
Esguichando cerveja, n'uma glória

De espesso nevoeiro.

Pousou seu genio bruto em possos muros;  
O nacional *God-damn*, e o frasco a pino,  
Nos bebe o vinho, nos esbulha as bolsas,

Uá nos em troco os sestros.

Dá-nos as manhas, os costumes feros,  
As ridiculas modas, emfim tudo  
Quanto não é o amor de certa coisa  
Que a bonzos, nayres fede.

Porto—Junho 15, 1819.

## XVI

### A RECAHIDA

Agnosco veteris vestigia flammæ  
VIRG.

VENUS! Venus! ainda no meu peito,  
Inda acha que atear teu filho ingrato?  
Do fogo que, ai de mim!—julgava extincto,  
Do fogo, que ardeu n'elle,  
As solapadas cinzas  
Desprezada faísca inda encubriam!  
Tenho inda coração? não m'o arrancaram?  
Feito pedaços pelas mãos dos zelos  
Não acabou de todo?

Inda ousa o desgraçado,  
Inda se atreve a suspirar d'amores?  
E ella! a perjura! Não a vi sem pejo  
A prometida fé quebrar tranquilla?  
E os tam ditos laços

Que a mão perfida atára,  
Impia co'a mesma mão despedaçal?  
Não vi aquelles labios, d'onde outr'ora  
Tantas vezes pendeu minha ventura,  
Que amor, por tantas vezes,

Constancia me juraram,  
Não os vi pronunciar minha desgraça?  
Dos olhos, d'onde amor me cravou n'alma  
Hervadas setas em delirio, em goso,

Dos negros, liados olhos,  
Em que só me espelhava,  
Que a mim só viam, só de amor falavam,  
Não vi, fugindo, a lealdade candida  
As niveas azas desprender ao longe?

Os languidos suspiros,  
Que em doce devaneo,  
Mandava outr'ora o coração aos labios,  
Ante mim sem piedade não fugiram,  
Inconstantes não foram n'outro peito

Buscar traidor abrigo?  
A nivea mão formosa,  
Do acre beijo de amor já devorada,  
Não a vi? .. Não; que os olhos desvaírados  
Tinham a luz perdida.—Amor perverso,  
E ousas mostrar-m'a ainda!

Mostra embora, não temo:  
Não temo o teu poder, desprezo o d'ella  
Philtros apura, nos farpões embebe  
Quantos enganos lhe pozeste n'alma.

O alvo das frechas tuas,  
O coração que buscas...  
Ella m'o despedaçou. Atira embora.

Porto—Julho 18, 1819.

## XVII

### O VENTRILOQUO

AO MEU AMIGO N. DA ARROCHELLA

Dar-lhe-hão os escriptores  
Doze milhões de louvore.  
CANGES

QUAL entre velhas, impeçadas rumas  
De negociaes papeis,  
Entre gordos, pesados calhamaços  
Do *Deve—e—Hade haver*,  
Afflicto sua, sem achar-lhe o rumo  
De arranjar os credores,  
Commerciante infeliz, que já fallido,  
Vendeu cavallos, seges;  
Tal me vi eu pejado de bilhetes,  
Que obsequioso amigo  
Me enviou das margens do sombrio Douro.

Oh! mal haja mil vezes  
O que primeiro ousou roncar na pansa!  
Mal haja o chulo Momo  
Qual tal ideia lhe verteu no bojo!  
E tu, Rich'rand facundo,  
Podeste letras dar a tal sandice!  
E o douto, guapo livro  
Com tam nojenta coisa emporcalhal-o!  
Oh! nunca os doces pratos  
Dos succosos, opiparos manjares  
A taes barrigas cheguem!  
Bromio, se entrar a logrativa guella  
Que nos agacha os cobres,

Fuja irritado os sons ventri-strepentes  
Das grazinantes tripas.  
E queira deus (se ha deus que reja os fados  
Das humanas barrigas)

Ao loquaz charlatão com mão piedosa  
Forcer-lhe o rumo aos ventos:  
Volte-lhe acima o som que vae por baixo,  
E almiscare os narizes

Na curiosa, pedantesca turba,  
Que ousar dar-lhe um só x.

Desgraçado de mim! victima triste  
Eu fui da tal sciencia;

Vi-me coalhado de louçãos boccados  
De papelão brunido:

Lidei, suei, dei voltas ao miollo,  
Por espalhar — amigo  
Do bem commum, das boas, bellas artes,  
Os bonitos impressos.

Oh tempos! oh costumes d'outro tempo!

*—Não ha quem faça bem,  
Nem sequer um: diz a sagrada pagina,*

*Que, é de fé, nunca mente.*  
Nem sequer um! — Um houve: e este meu canto

Lhe erga padrão eterno,  
Padrão que arrosse os ventri-loquios todos  
Que houver por esse mundo.

Pregõem-te nos oucos das barrigas  
Quantos panci-falantes

Deitar Deus nos qu: dris d'este universo.  
Irás, ó Nicoláo,

De bilhetes impressos coroado  
Dar vaías ao porvir.

Coimbra — Janeiro, 1820.

## XVIII

## A JULIA

(SAPHICA)

VOLVEM, ó Julia, seculos e seculos;  
 Em longos epos amontoando os annos;  
 Correm as horas açodadas, breves,  
 Que em tenue espaço  
 Uma sobre outra gerações apinham;  
 A extinto imperio succedendo novos,  
 D'entre as ruínas de finados reinos  
 Subito avultam...  
 Foge á memoria limitada e fra a  
 A longa teia de enredados fastos,  
 Enturvam sombras de confuso olvido  
 Tam longa historia.  
 Mas pôde a arte resistir ao tempo;  
 Cortou-lhe as pennas que a lembrança apagam,  
 E epochas, certas, memoraveis, grandes  
 Lhe atou nas azas.  
 Assim do mundo subjugado outr'ora  
 Duros senhores, despotas romanos,  
 Dos fundamentos dos romuleos muros  
 Seus annos contam;  
 D'est'arte a Iberia, agradecida a Cesar,  
 Deduz suas éras das victorias d'elle;  
 E na Asia credula as contadas luas  
 Volvem da Hegyra.  
 Porque té'gora, nos annaes confusos  
 D'esse deus cego que domina o mundo,  
 Não fixa as éras de tão longa historia  
 Epocha certa?  
 Porque os triumphos são continuos sempre,  
 Faceis victórias succedendo a outras,  
 Já os não conta seus vulgares feitos  
 O avido numen.  
 Oh! se em teus labios desprendendo um riso,  
 Nos meigos olhos despontára, o Julia,  
 Faísca tenue do que me abraza  
 Vivido fogo!...  
 D'esse momento venturoso e bello  
 Amor contára nova glória eterna:  
 Em nescio olvido sepultáras, Julia,  
 A sua historia.  
 Mas eu, ai triste! de esperanças louco  
 Conto delicias de sonhadas glórias...  
 O sonho acaba, leva-me a ventura,  
 Só ficam mágoas  
 Sapho extremosa, na divina lyra  
 Pranteando injúrias de Phaon ingrato,  
 Assim, carpindo, tresvaria as cordas,  
 Misera, e geme.

Coimbra — 1820.

## XIX

## A CÔR DA ROSA

ALVEJAVA de neve outr'ora a rosa,  
 Nem como agora, doce recendia;  
 Baixo voava Amor sem tento um dia,  
 E na rama espinhosa  
 De sua flor virginea se feria.  
 Do sangue divinal gotta amorosa  
 Da ligeira ferida lhe corria,  
 E as flores da roseira onde cahia  
 Tomavam do encarnado a côr lustrosa.  
 Agora formosa  
 A rubida flor  
 Recorda de Amor  
 A chaga diosa.

Para os braços da mãe voou chorando:  
 Um beijo lhe accalmou penas e ardores;  
 E tam doce o remedio achou das dores,  
 Que Amor só desejou de quando em quando  
 Que assim pensando,  
 Com seus clamores  
 Novos favores  
 Fosse alcançando.

Subito vòu, pelos ares fende;  
 As rosas viu de sua dor trajadas,  
 E que só de suas glorias namoradas  
 Nada dissessem com razão se offende:  
 A mão lhe estende,  
 E delicioso  
 Cheiro amoroso  
 Nellas recende.

Vós, que as rosas gentis buscaes, amantes,  
 Nos jardins do prazer,  
 E, em vez da flor, espinhos penetrantes  
 Só chegaeis a colher,  
 Resignados soffrei, sêde constantes,  
 Que a desventura  
 Que a mágoa e dor,  
 Sempre em doçura  
 Converte Amor.

Coimbra — Fevereiro, 1820

# LYRICA

## LIVRO SEGUNDO

### I

#### A LIBERDADE

EM VINTE E QUATRO D'AGOSTO

Que sera também  
Nos respicit.  
VIRGIL.

Os ferros... os grilhões?... E as mãos já livres?  
E os descarna los pulsos  
Desalgemados, soltos!... Nós escravos  
Já miseros não somos?  
A patria é patria já, nos somos homens!  
Homem! tal nome é dado  
Proferir sem vergonha!—Os santos fôros,  
O eterno jus sagrado  
Que, da origem do ser, nos soprou n'alma  
A natureza augusta,  
Já não são crimes! Já não sorve o abysmo  
De esqualidas masmorras  
Ao que intrepido ousou clamar por elles,  
E com livres accentos  
Aos homens disse:—Erguei-vos, que sois homens!  
Oh proçugio, oh ventura!  
Oh nobre arrojo de estorçados peitos!  
Tu, doce liberdade,  
Sôta dos torpes laços da ignorancia,  
Tu desprendeste o voço,  
E em nossos corações, na voz, nos labios,  
Oh suspirada ha tanto!  
Vieste enfim pousar, vives e animas  
C'o almo bafejo os Lusos.  
Tu do nosso horizonte as densas trevas,  
O enviusado manto  
Da hypocrisia vil, do fanatismo,  
Da tyrania acoosas;  
Tu nos franqueias da existencia o góso:  
E as ferrolhadas portas,  
Que o sacrario das leis da natureza  
Arduas téqui fechavam,  
Tu nos abres em par—homens já somos!

Porto—Agosto, 1820

### II

#### À PATRIA

Des lois et non du sang.  
J. CHENIER

Aos pés do marimor de Pompeu, exangue  
Cesar triumphador cahiu de roço;

Ergueu-se Roma, e a sombra despeitosa  
Nos Elvsius exulta.

Ao gol e audaz do intrepido mancebo  
Liberdade: folgou, gemeu natura...  
Trajando galas, arrastando luctos  
L'arricida virtude.

E os ferros?—outra vez aos pulsos roxos,  
Eil os, novo oppressor os volve á patria...  
Foi breve sonho a liberdade, a gloria:

Crimes só gera o crime.  
Vês lá nas praças d'Albion suberba,  
E nas tuas, ó douta, ó culta Gallia,  
D'entre as mãos vis do algoz jorra, insanguenta  
Regio cruor a terra:

Calca-se aos pés o sceptro já pedaços,  
Lebenta o dique á popular licença,  
Veste a anarchia as cores da egualdade...

Eis Cromwel, Robespierre.  
Horror do cahos, confusão da noite,  
Em que elementos reluctantes pugnam  
Antes que a voz do Creador de tudo

Lhes dê n'um sópro a ordem,  
Imagem, froixa imagem sois do abysmo  
Que sob os pés cavou de tantos povos  
Que extasi, o phrenesi de liberdade

Que não regrou prudencia.  
Razão, virtude, sacrosantos numes,  
Quantas vezes a veste pura e candida,  
Vistes nódoas do crime enxovalhal-a  
Por mãos da irman querida?

Da irman!... da augusta liberdade! É sonho:  
Sois illudidas, ó nações do mundo;  
Rasgae a venda que vos cobre os olhos,

Que atou perversa dextra:  
Vereis, vereis, sob os altares d'ella,  
Solapada a ambição, a intriga, a inveja;  
Queimando incensos (que levára ao throno,

Se o throno inda existisse)  
Sordido adulator, o baixo int'resse.  
Liberdade!—Ah, que a máscara só vistes,  
Que horrivel furia sobre a face perfiada,  
Vos illudiu, compondo.

Lysia, Lysia, não tremas, não receies,  
Que um novo fado a liberdade accende:  
Pelos alheios erros ensinados  
Saberemos fugil-os.

Porto—Agosto 30, 1820

## III

## SAN MARTINHO

Siccis nam omnia deus proposuit.  
HORAT.

RAPAZ, que bulha é essa de chocalhos  
Que me rasca no ouvido?  
Que matinada, que barulho é este?  
Vae ver, anda. Tu ris-te,  
E ficas tel! Não ouves? — Mudo e quêdo  
O magano a surrir-se.  
Sabes o que é? Pois fala. — «O repertorio  
(Diz o moço) «ah! stá.»  
O repertorio! — Sim, e o *Borda-d'agua*:  
Vejamos de quem reza.  
San... San Martinho!.. Hoje! isso é impossível!  
O... an Martinho! E cópos,  
E garrafas, barris não ha na casa?  
E eu, rapaz maldito,  
Eu co'a barriga impanzinada d'agua!  
Com estas sópas magras!  
Eu de dieta! — Sim, dieta. Oh! louco,  
Oh! parvo que estou hoje.  
Pela brecha do caco o pouco resto  
Se evaporou da bolla:  
Nem me lenbrava já o tal saltinho-  
De andante folestria.  
Que mal haja mil vezes o primeiro  
Que ousou com mão damnana  
Sobre o espinhaço cavallar cingil-o,  
P' atraçoado couro!  
Mal haja esse patau de Dom Quichote,  
Ou quem quer que antes d'elle  
A moda introduziu das Dulcineas  
E de andar atrás d'ellas!  
Mal haja a p'rvosa secia de ir buscal-as  
A' Foz, ou ao inferno!  
E que tinha eu que vêr co'as taes meninas  
Ou c'o seu fazer d'annos?  
E, se o tinha, não era mais bisarro,  
Em felpudo jumento  
De guapa albarda, aperaltado Sancho,  
E sem medo aos manteios  
De encantada estalagem, tezo e crespo  
Pela rua *Direita*  
Mui direito fazer a minha entrada,  
Mais falada e brilhante  
Que a do Marialva na imperial Vienna,  
De régias vodas nuncio?  
Disse brilhante? — Sim, brilhante, e guapa;  
Que a grazinante sucia  
Da assoviadora, basta rapazia  
Em garotal triumpho  
Mui ancho havia acompanhar-me á porta  
Da senhora dos annos.  
E os assovios e a risota? — Oh! fôssem  
Escarros e chapadas,  
E não me visse agora assim tam murcho  
Almejando garrafas,  
Sonhando cópos, delirando frascos,  
E aíl tudo, tudo em falso!  
Condoei-vos de mi n'festiva malta,  
Galhofeira caterva  
Do vinifero, placido Mondego,  
E com piedosas fauces  
Á saúde bebei (antes por allemo)  
Do pobre irmão carissimo  
Que chucha cá de longe pelos dedos,  
E, encarquilhando os beijos,  
Co'alma nos cópos que brindaes alegres.  
De vossos gostos gosa;  
E aposentado, invalido chupista  
Só folga na taberna.

Porto — novembro, 1826

POESIA

## IV

AO CORPO ACADEMICO<sup>1</sup>

ERGO tardia voz, mas ergo-a livre  
Antes vós, ante os céus, ante o universo,  
Se os céus, se o mundo minha voz ouvirem.

Inda a braços co'a esqualida doença,  
Mal posso o brado alçar debil e froixo.  
— Já lá estão sobre os cumes da alta gloria  
Coroados os herces que, ao forte impulso

De seus invictos, denodados braços,  
O barbaro colosso derrocaram  
Do despotismo atroz, da tyrannia,  
Que á hypocrisia a máscara traidora  
E a cega venda ao louco fanatismo  
Com destra mão impavidos rasgaram.  
— Tam nobres feitos, tam sublime arrojô  
Assás dos vates resôou na lyra;  
De sobejo entre nós do Pindo os cysnes  
Com louro eterno ao porvir mandaram;  
Em nossos peitos, de sobejo ha muito  
Em caracteres os gravou de fogo  
A eterna gratidão de um povo livre.

Não posso eu tanto, não me atrevo, ó socios;  
Mas tenho um coração que é lusitano,  
Mas tenho um coração que é livre e é d'homem.  
Livres, como elle, minha voz, meu brado  
O que alma sente vos espalhe n'alma,  
E o grito da razão treveje ao mundo.

Livres... ah! livre um Portuguez foi sempre,  
Que a morte, que os grilhões nunca o renderam.  
— Sim, que essa infame, sordida caterva,  
Esse rebanho vil de vis escravos  
Que ao sceptro da ignorancia acurvam tímidos,  
Do nome portuguez vergonha e opprobrio,  
Portuguezes não são, já mais o foram.  
Sel-o-hão esses que, envoltos nos farrapos  
Da avita glória que trajar não sabem,  
Jugam virtude o merito da sorte,  
E em si pretendem concentrar direitos  
Que ao povo inteiro, que á nação pertencem?  
Reus do crime maior que a terra ha visto,  
Reus do crime maior que os céus puniram,  
Reus do crime maior que urdiu o inferno,  
Esses... Luzos serão ou serão homens?  
— E o nome portuguez, o nome augusto  
Ante o qual se prostrou rendida a terra,  
O nome portuguez cabe a tal gente?  
Cabe n'ess'outros que, afluando o throno  
C'o torpe incenso de venal lisonja,  
Olhos no int'resse, ao paternal sob'rano  
Lhe impedem vêr as publicas desgraças,  
Gemer nos males de seu povo afflicto?

O rei, ó pae, ó suspirado ha tanto,  
Ah, rompe de uma vez da intriga as malhas,  
Denso negrume que te envolve o solio  
C'o sceptro vingador dissipa, e vinga  
As injúrias do povo que te invoca.

O flor da patria, ó mimo de seus filhos,  
Ó lusitana illustre juventude,  
Jugo de ferro, que pesava outr'ora  
Nos insoffridos collos, já desfeito  
Em pedaços quebrou; e a mão soberba  
Da ignorancia fanatica e oppressora,  
Que os insoffridos labios nos tapava,  
Ao golpe audaz cahiu da Liberdade.

<sup>1</sup> Recitada na Sala dos Actos grandes em Coimbra.

Annos de escravidão vingue um só dia,  
Seculos ganhem fugitivas horas;  
Em livres brados á virtude, á gloria  
O froixo peito aos cidadãos movamos.  
Póde mais do que a espada a voz e a penna;  
Mas, se a espada cumprir, cinja-se a espada,  
E veja o mundo com terror e espanto  
Em cada filho de Minerva um Marte.

Tremam á nossa voz, caiam por terra  
Aos nossos golpes, quantos se atreverem  
A usurpar os direitos d'este povo  
Que em nós, sua escolhida juventude,  
A melhor esperança tem da patria.

Oh! não lhe mallogremos esta esperança.  
Sejamos como sempre Portuguezes,  
Vivamos livres... ou morramos homens.

Coimbra—Novembro, 1820.

Eis a redacção genuina da Ode, tal como a recitou Garrett na noite de 22 de Novembro de 1821:

### AO CORPO ACADEMICO

N'este limpo terreno  
Virá sentar seu throno  
A san philosophia mal acceita;  
E leis mais brandas regeirão o mundo,  
Quando homens mais humanos  
C'o rai da Verdade á luz espalharem.  
FILINT. ELYS., Ode á Liberdade.

**E**rgo tardia voz, mas ergo-a livre,  
Ante vós, ante os céos, ante o universo,  
Se os céos, se o mundo minha voz ouvirem.

Inda a braços co'a esqualida doença.  
Mal posso o brado alçar debil e frouxo,  
Subir aos cumes da estremada gloria,  
Heroes cantar, que a impulsos formidaveis  
De pujante valor, de ardente esforço  
Ao chão baquearam barbaros collossos  
Do despotismo atroz, da tyrannia,  
Que a mascara perversa, enganadora,  
Da hypocrisia vil do fanatismo  
Com destra mão impavidos rasgaram.  
Tão rudes feitos, tão sublime arrojio  
Assás dos vates resdoou na lyra;  
De sobejo entre vós, cysnes do Pindo,  
Com louro eterno no porvir c'oaram;  
Nos peitos vossos de sobejo, ha muito  
Em caracteres se gravou de fogo.

Não posso tanto, não me atrevo, oh socios;  
Mas tenho um coração que é lusitano;  
Mas tenho um coração que é livre, é de homem.  
Livres como elle, minha voz, meu brado.  
O que a alma sente vos espalhe n'alma,  
E o grito da razão troveje ao mundo.  
Livres!... Ah! livre um Portuguez foi sempre.  
Sim; que essa infame, sordida caterva,  
Esse rebanho vil de vis escravos,  
Que ao sceptro da ignorancia incensam curvos,  
Esses... esses... oh Lusa academia,  
Do nome Portuguez vergonha, opprobrio,  
Portuguezes não são, jámais o foram.  
Esses perdidos monstros, que enfatuados  
Das sociaes distincções usurpam gloria,  
Julgam virtude o merito da sorte,  
Do feudalismo atroz crueis sectarios,  
Aristocratas barbaros, insanos,  
Que em si pretendem concentrar direitos,  
Que ao povo inteiro, que á nação pertencem,

Réus do crime maior que a terra ha visto,  
Réus do crime maior que o céo previra,  
Réus do crime maior que urdiu o inferno;  
Estes, Lusos serão, ou serão homens?  
E o nome Portuguez, o nome augusto,  
Ante quem se prostrou de roxo o mundo,  
O nome Portuguez cabe em taes monstros?  
Cabe nos monstros, que affumando o throno  
O torpe incenso da venal lisonja,  
Abjectos, vis, aduladores, perfidos,  
Olhos no int'resse, ao paternal sob'rano  
Lhe impedem vêr as publicas desgraças,  
Gemer nos males do seu povo afflicto?

Oh rei! oh pae! oh suspirado! oh caro!  
Ah! rompe d'uma vez da intriga as malhas;  
Denso negrume, que te ofusca o sceptro,  
Co'o sceptro punidor dissipa e vinga.  
João!... Quanto este nome é caro aos Lusos!  
João!... Deslembra alguém teu sacro nome?  
E cumpre á prepotencia a nós lembra-lo?  
E cumpre ao orgulho suscit-o aos peitos!  
A nós, a Portuguezes, quaes nós somos,  
A filhos de Minerva!... A offensa é crua,  
Barbara a affronta, perfido o conselho,  
Indignos... Ah! perdoemos, socios caros;  
Generoso perdão se outorgue á infamia;  
Das dadas do céo disponham Lusos.  
Oh flor da Patria! oh mimo de seus filhos!  
Oh lusitana illustre juventude!  
Jugo de ferro, que pezava outr'ora  
Sobre vossas cabeças, já desfeito  
A pedaços cahiu; e a mão soberba  
Que os insoffridos labios nos tapava,  
Ao golpe audaz jazeu da liberdade.  
Annos de escravidão vingue um só dia;  
Seculos ganhem fugitivas horas;  
Em livres brados á virtude, á gloria,  
O frouxo peito aos cidadãos movamos.

Pode, mais do que a espada, a voz e a penna;  
E, se a espada cumprir, cinja-se a espada;  
E veja o mundo com terror e espanto  
Em cada filho de Minerva um Marte.  
Tremam, caiam perversos aristocratas.  
Sejamos sempre heroes, e sempre livres;  
Sejamos, como sempre, Portuguezes;  
Vivamos livres, ou morramos homens.

JOÃO BAPTISTA DA SILVA LEITÃO D'ALMEIDA GARRETT.

(Na Collecção das Poesias recitadas na Sala dos Actos grandes da Universidade de Coimbra, nas noites dos dias 21 e 22 de Novembro, em publicação da "monstração de regosio pelo fim resultado do dia 17." — 1820. — Coimbra. Na real Imprensa da Universidade. 1821. — A pag. 55 a 59.)

### V

### OS MEUS DESEJOS

Id arbitror  
Adprime in vita esse utile, ne quid nimis.  
TERENT.

**S**E entre os diversos dons da natureza  
Me fôra dada escolha,  
Não me attrahira o fasto das riquezas,  
Nem a pompa da gloria.  
Brilhante engenho, divinaes talentos,  
Quanto folgára tel-os!  
Mas ai! tantos no mundo os possuiram,  
E foram desgraçados!  
De Achilles o cantor de terra em terra  
Foragido esmolava;  
O primeiro braso da nossa gloria,  
Vate de Ignez divino,  
Entre as garras da esqualida penuria  
Desamparado expira;

Ao sublime cantor da maga Armida,  
D'Erminia, de Clorinda  
Sôbre o cume do erguido Capitolio  
Já o esperava o lourô,  
Do cysne de Vaucusa a sombra arguta  
Já revolvava em tórno,  
Quer ser-lhe guia, dirigir-lhe os passos  
Na difficil vereda...  
Eis após longa teia de infortúnios  
A morte... e a morte é tudo!  
E a ti, britanno bardo, não bastavam  
As trevas e a cegueira:  
Tu que da miseranda humanidade  
Na harpa de Sion choraste  
Primeira perda, tudo emfim perdeste:  
Tudo!... Restou-te a filha,  
Sobejou-te a razão; que importa ao sabio  
O resto do universo?  
Empunhando a cicuta é grande ainda  
O modelo dos sabios,  
Consolando os amigos que o pranteiam  
É venturoso ainda.  
Guardae os vossos dons, gloria e fortuna,  
Vossas mercês leve-as;  
Deixae-me um coração puro e sensível.  
Um peito generoso.  
Dae-me a ventura n'um fiel amigo,  
Na razão dae-me um guia.

Coimbra — Dezembro, 1820.

## VI

## A SAUDADE

Desiderio... nitenti  
Nescio quid clamum.  
CATULL.

Saudade! Oh saudade amarga e crua,  
Numen dos ais, do pranto!  
Deusa que os corações sem dó, sem mágoa  
Tam cruel dilaceras!  
Sinto, sinto o teu ferro abrir-n e o peito  
E na chaga que abriste  
Roçar-me as tranças desgrenhadas, humidas,  
Que da pallida frente,  
Sobre os torvados, macilentos olhos,  
Sôbre a face te descem.  
Continuamente os barbaros ministros  
De teu furor tyranno,  
(Duras lembranças de passados gostos,  
De fugidia gloria)  
Batendo as negras, as funereas azas,  
Dentro me esvoaçam n'alma.  
Piedade! um só momento oh! por piedade  
As angústias suspende;  
Da já convulsa vista um só momento  
Oh! tira esse retrato.  
Tira esse gesto que adores, que adoro.  
Que amor por meu tormento,  
Que a natureza prodiga formaram.  
Da branda voz tam meiga  
Porque imitar-me o som, coar-m'o ao peito  
Dos cortados ouvidos?  
Porque lembrar-me os ditos engraçados?  
Porque na face pallida  
Renovar-me a impressão, que foi tam meiga,  
Dos osculos lascivos?  
Porque aos labios, que em tel azedo escumam,  
De teu sópro crestandos,  
Mandar assômos dos tornados beijos.  
Do saboreado nectar!  
Risca... Mas ahi perdôa, ó sacra deusa,  
As sacrilegas vozes

De blasphemo delirio! Volve ao peito  
O pungir de tuas dores:  
Teus ais, teu pranto são delicias, mimo  
Dos corações sensíveis,  
Os gemidos que arrancas dentro d'alma  
São desafogo ás mágoas.  
Ternas memorias, deliciosas, meigas,  
Sem ti que fóra d'ellas?  
Sem ti que fóra do prazer gosado?  
Sorveria um momento  
Seculos tantos que ajuntou de gosto,  
Que accumulou sobre eile,  
Que, novo Prometheu, roubou do Olympo  
Amor co'a mão piedosa.

Coimbra — Dezembro, 1820.

## VII

AO CORPO ACADEMICO<sup>1</sup>

Banha-se o coração em santo júbilo  
De vos vêr, socios meus, n'este momento.  
Transluz em vossos peitos  
A alma, virtude divina, sublime  
Que eleva, exalta, que emparelha e une  
Aos céus a terra, a humanidade aos nunes.  
Lá da etherea mansão, o Sêr dos sêres  
Vos viu dar este exemplo que envergonha  
O egoismo dos grandes:  
Viu-se adorado nas imagens suas,  
Viu-se imitado, reflectido n'ellas,  
E a dextra omnipotente a nós estende.

Da Divindade o culto é a virtude,  
São leis da natureza as leis divinas:  
Disse-o a Palavra d'Elle,  
Diz-nol-o a voz do coração que é sua.  
O incenso que se queima nos altares  
Não vae tam alto, que o receba o Eterno!

Mas o perfume de suave cheiro  
Que das boas acções, que da virtude,  
Incruento holocausto!  
Spira, e se eleva acima das esphaseras,  
Esse é fumo de grato sacrificio  
Que acceito apraz ao Arbitro dos mundos.

Oh! de tal religião, oh! de tal rito  
Sejamos se npre apostolos; prégüemos  
Na terra esta doutrina.  
Allumie-se a terra, e a terra é livre;  
Abram-se os olhos do embahido povo,  
E o povo pugnará por seus direitos.

A vós, ó socios, bem nascida esp'rança  
Em, que já se revê da patria a gloria,  
Sua antiga liberdade,  
A vós incumbe a empreza. Ésia em que entrámos  
Guerra é da luz co'as trevas:— cia! á guerra!  
A' guerra, que a victoria ha de ser nossa.

Coimbra — Dezembro, 1820.

Improvisos de Garrett, impressos  
nos jornaes do tempo.

BORGES! oh nome que sagrou virtude?  
Oh! Borges! oh Catão dos Lusitanos!  
Copia, esmero, rival dos Quincios, Brutos,  
Dos Lycurgos, Solons, dos Tullios, Numas!

<sup>1</sup> Na festividade publica em que se celebrou a Revolução de 1820 com distribuição de esmolas e com outros actos de caridade.

Lysia, Lysia, não tremas, não suspires:  
Um novo facho a liberdade accende;  
Sem ferros, sem punhaes, ahí tens um Bruto;  
Borges é quem te salva.

Borges! Teu genio á liberdade é sopro,  
Que as solapadas cinzas lhe afugenta,  
E as quasi extinctas lhe avivou faiscas.

(Alludindo aos deputados:)

Vêde os olhos cravar de emtorno o mundo  
Em Portugal, e em vós: vêde-o que escuta,  
E o brado imparcial diffunde em breve.  
Tremei do juramento que prestastes,

Tremei; que um Deus ouviu, que ouviu a patria,  
Que os seculos vindouros vos aguardam;  
E no recto provir, ou gloria, ou mancha,  
Com sello eterno vos espera a fama.

### VIII

#### O BRASIL LIBERTO

Na quarta parte nova os campos era,  
E, se mais mundo houvera, lá chegara.

CAMÕES.

Houve Grecia, houve Italia, e Sparta e Roma;  
Houve, e morreram, jazem.  
Sec'los de ferro de enrugadas fronte  
As sorveram no abysmo.  
Crespas de abrolhos, hirtas de ruinas  
As terras venerandas,  
Que os pés calcaram de Lycurgos, Brutos,  
Envolveu-as no opprobrio,  
No olvido as sepultou, sumiu-lhe a gloria,  
Fugindo, a liberdade.  
Cruéis ministros de abhorrido inferno,  
Reinae, reinae sem medo;  
Sobre montões de cinzas, de cadaveres  
Estendei ferreo sceptro;  
Hervae no azeito fel das taças negras  
Os punhaes sanguinarios.  
Eis em auxilio vosso armado, eis corre  
Pejado de flagícios,  
Affiando os grifos de empolgar sedentos  
O traidor fanatismo.  
O inferno, que os uniu, tremeu de vêl-os,  
E viu no mundo o inferno.  
Lá fervem bonzos, remurmuram, fremem. . .  
Lá c'o facho da morte  
Estala crepitando a flamma horrissona  
Da hypocrita fogueira . .  
Ai do infeliz que viu a natureza,  
Que a viu, que ousou seguil-a  
Eil-o, aos pulsos grilhões, aos pés algemas,  
Arremessado ás chammas  
Lá torce em convulsões torrados membros:  
Redobra a morte horrores.  
'Oh virtude! oh razão! oh liberdade!  
Deuses! de todo extinctas  
Sobre a terra as deixaes? Não resta ao mundo  
Senão gemer, carpir-se?  
Ah! primeiro, co'a dextra omnipotente  
Que outorgou, sêr ao nada,

Primeiro ao nada lhe volvei a essencia:  
Acabae-lhe co'a vida,  
Que a vida em crimes, não é vida, é morte.  
Morra . . . Mas quê? de novo  
A novos mundos dilataes o globo!  
Quereis mais crimes, vícios?  
Ousadas quilhas de Cabral, Colombo.  
Aonde, aonde o rumo?  
Prenhes de ferros, de punhaes, de fachos,  
Aonde as dexttras cruas?  
Que quereis d'essas terras innocentes?  
—Oiro!—Responde a sordida  
Cubiça do homem.—Oiro!—Ah! fome indigna  
Não *sagrada*, inhumana,  
De quanto ha hi sagrado, quanto ha santo  
Profanadora impia!  
Montezuma, Ataliba, os vossos gritos  
Me retumbam no ouvido.  
Que horror, oh natureza!—Em novos campos  
Não arroteados inda  
Da hervada charrua da maldade,  
Degenerada especie  
Da terra já caduca, vae faminta  
De sangue e atrocidades,  
Co'as esmirradas mãos semear, colhel-a,  
Ampla ceila de crimes!  
Corre-te, humanidade; o velho mundo  
A larga se duplica  
Fara teu mór opprobrio.—Não; lá surge  
N'esse mesmo terreno  
Quem vingará a oppressa natureza,  
E a mão lhe dá que se erga.  
Lá campêa Franklin, Washington fulge,  
Lá Penn, o esmêro, a honra,  
O lustre, a admiração do nome de homem.  
O brado—ingente brado!—  
Vem retumbar na encanecida Europa:  
C'os sons retreme a terra,  
Cae a pedaços á ignorancia o throno,  
A hypocrisia a máscara.  
O i'lyrio ajudador, que foi a auxilio  
Da nascente republica.  
Volta reflorecido, e já veceja  
C'o prolifico *polen*  
De outra mais pura flor, de outra mais candida,  
Que é flor de liberdade.  
Facho, que accendes, inexperta Gallia,  
Em tuas mãos se queima:  
Esse clarão que dá, tambem é chamma  
Que abraza o que allumia.  
Mas em teus erros a acerta aprendem  
Os povos que só querem  
Alva tocha de luz, não tição negro  
De labareda e fumo.  
A patria de Viriatho assim conquista  
A avita liberdade.  
Espadas . . . para que?—Guerra. . . qual guerra,  
Se paz queremos todos?  
Oh! virgens plagas de Cabral famoso,  
Se barbaros outr'ora  
Vos levámos grilhões, levámos ferros,  
(Que tambem arrastavámos)  
Hoje convosco alegres repartimos,  
Immanente vos damos  
Parte igual d'esse dom que os céus nos deram,  
Que a tanto custo houvemos.  
Lá vae, lá surge em terra, avulta e cresce  
A lusa liberdade.  
Folgae, folguemos: Portuguezes todos,  
Em laços equal unidos,  
Sobre o seio da patria reclinados,  
Como irmãos viveremos.  
Oh! seja eterna tam feliz concordia:  
Mas, se em má hora um dia  
(Longe vá negro agoiro!) d'essa escura  
Caverna onde o prendêmos,



Resurgir ferreo o despotismo ao throno,  
Então hasteae ousados  
Os pendões da sincera independencia.  
Sim, da paterna casa  
Salvae vós as reliquias, os thesoiros,  
Antes que os roube o monstro.

Coimbra—Janeiro, 1821.

## IX

## CONSOLAÇÕES A UM NAMORADO

Ne doleas plus nimio, memor  
Immitis Glyceræ, heu miserabilis  
Decantes elegos cur tibi iunior  
Lassa perniteat inde.  
HORAT.

CONSOLA-TE commigo, meu Sarmento,  
Consola-te commigo.  
Tambem eu fui patau, tambem as Marcias,  
As Annalias, Armias,  
Me deram que fazer, me atarantaram  
Nos meus tempos de amante.  
Tambem de uns olhos já pendeu meu fado;  
Tambem já n'um sorriso  
Se estreitou de meus sôlregos desejos  
O circulo acanhado.  
N'um desdem, n'um suspiro, ou morte ou vida  
Me deram meus delirios:  
Entre dois labios alvejou-me a esperanza:  
Tambem entre dois labios  
Me negrejou terrivel desespero  
C'roado de ciumes.  
Como tu me esqueci de que era um homem;  
Esqueci-me, e chorei.  
Não me envergonho; derramaram lagrimas  
Meus olhos enturvados:  
Mas foi meu pranto o pranto que desliza  
Quando arrasados n'elle  
Os cegos lumes no porvir se colhem  
Desventuras e morte.  
Sim, fui; mas já não sou. Correu, desfez-se  
Mago véu da illusão:  
Olhei pasmado, e conheci de novo  
Difrente a natureza.  
Vi encantos de amor e os philtros d'elle,  
Vi seu imperio, e ri-me.  
Vi de mil bellas adornar-se o mundo.  
Qual vêjo pelo prado  
Matizar-se o verdor com lindas flores  
Para enlevo dos olhos.  
Votei-lhes desde então, Sarmento amigo,  
Quanto me deu sentidos  
A mão do Creador, ás bellas todas:  
Mas reservei prudente  
Dentro do peito, coração e affectos  
Para melhor emprêgo.  
Ficou-me o coração, ficou ferido  
Da porfiada luta;  
Mas pouco e pouco, o balsemo do tempo  
Nas ulceras do peito  
Foi acalmando a dor, foi-a ameigando.  
E alfin cicatrizou-as.  
Fomos, fomos eguaes nos desvarios,  
Egual nos seja a emenda.  
Deixa tu Marcias como eu deixo Annalias,  
Ri-te como eu me rio.  
E, se inda assômos de prazer, ventura,  
De encantador delirio  
Vierem surrateiros assaltar-te,  
Lembrem-te os meus conselhos,  
Faze-lhe cruces, deita-lhe agua benta:  
São tentações do diabo.

Coimbra—Fevereiro, 1821.

## X

## MADRUGADA

NO JARDIM BOTANICO DE COIMBRA

Como é grato o passeio entre boninas  
Aljofradas das lagrimas da aurora  
FILINT.

N'ESTE sagrado a Flora, almo recinto,  
Throno e delicias d'ella,  
Aqui onde o perfume saudavel  
Respiro de mil flores,  
Como sinto embeber-se-me a existencia  
Em cada trago d'estes  
Que os sequiosos pulmões, téqui só fartos  
Le ár pestilente e mau,  
D'este suave e puro ávidos sorvem,  
E com elle o remedio  
Ao trabalhado, enfraquecido peito,  
Ao mui pausado sangue!  
Quanto é doce á fagueira, amena sombra  
Dos variados arbustos,  
Co'a fresquidão das plantas rociadas  
Das lagrimas da aurora,  
Nos prazeres cevar da Soledade  
O descansado espirito!  
Como então pela mente se revolvem  
Já passadas ideas,  
E vêm umas tras outras, acudindo  
A' lembrada memoria!  
Como depois no espaço desmedido  
Se espraia'm do futuro!  
A cada objecto. . . Aqui esta palmeira:  
Da eternidade o symbolo  
Lhe chamou a sabida Antiquidade.  
Vêde-a; a cabeça airoza  
Sôbr'ergue altiva ao circumstante povo  
Das varie,adas plantas.  
Qual jazem nas soidões do Egypto ou Grecia  
Desparzidas, confusas  
Aqui, alli ruinas venerandas,  
Já sem nome esquecidas;  
Passa o viajante e indifferente as olha:  
Mas se entre ellas depar-se  
Corynthio marmor vê, columna doria,  
Que em pé sem medo ao tempo  
Parece desafiar a eternidade  
E desdenhar dos seculos,  
Então pára, respeita a mão dos homens,  
Folga de ser um d'elles.  
Tal entre o li, menso vegetal cortejo  
Que me rodeia agora,  
Involuntaria a vista só contempla  
A nobre, alta rainha  
Do vecejante imperio. Alma se expande,  
Se engrandece como ella.  
Sinto crescer-me, avigorar-se o espirito;  
E o coração no peito  
Pulsa com mais vigor, bate mais forte.  
Homem! a natureza  
Quam grande te creou! quanto poderas  
Se não fugisses d'ella!  
Quanto és grande se a voz caroavel sua  
Prestas ouvidos sempre!  
Aqui junta à frieza d'esta serra  
A palmeira do oriente!  
Como poderam dar-lhe vida e patria  
Em tam distante clima?  
Longe, longe talvez dos seus amores  
A triste se amesquinha;  
Talvez, surdos queixumes espalhando  
Aos solitarios ventos,  
Lamente e fertil pô n'elles perdido,  
Que levaria a vida,

O germen da existencia a novos filhos.  
 Homem, sê mais piedoso,  
 Concede um companheiro aos seus amores.  
 Quam terno, quam sensível  
 Foste, Linneu divino! tu que ás filhas  
 Da amena Primavera,  
 A flor lhes dêste que a existencia doira,  
 O favo dos prazeres.  
 Córã ao desabrochar, tingi-se a rosa  
 De virginal pudor  
 Já presentindo os osculos lascivos  
 Do voluptuoso amante;  
 Sorri no calix a assucena, o lírio  
 Ao sentir o bafejo  
 Da aura lasciva que lhe traz nas azas  
 O penhor suspirado  
 De seus ternos castissimos amores  
 Fugi, fugi, ruidosos,  
 Crus ministros de horrendas tempestades:  
 Lá na deserta Lybia,  
 Queimadores Suões, bramantes Euros,  
 Lá na torrada Arabia  
 Rolae sem medo os movejidos pégos  
 Da infructuosa areia:  
 Gire em nossos vergeis suave e puro  
 Zephyro amigo e doce,  
 Que ao consorcio gentil das lindas flores  
 Ajude prazenteiro.  
 Não tenham que chorar a patria amda  
 As hóspedes fragrantes  
 Que de Asia os montes, de Colombo os plainos  
 Deixaram saudosas  
 Por vir embalsamar c'o activo aroma  
 Nossos jardins ornaes-  
 E a dar-nos vida, restaurar saudes,  
 C'o próprio específico.  
 Linneu! e a patria, o mundo agradecido  
 De rojo aos pés não viste?  
 E aqui teu busto, o de Brotero e Serra  
 Não vejo collocados!  
 Ah gente indigna, ah povo desalmado!  
 Patria... Não, patria é d'elles  
 A Europa e o mundo que os conhece e admira.  
 Ide c'o sacro louro,  
 Que ao merito, á sciencia, que á virtude  
 Com mão roubastes impia,  
 Coroar os simulacros odiosos  
 Ao despotismo, á inercia,  
 Á cruel ambição, á hypocricia,  
 A sordida ignorancia.  
 Ide; queimae-lhe o incenso da vileza:  
 Ide... sois digno d'elles.

Coimbra — Março, 1821

## XI

## A LIBERDADE DA IMPRENSA

Do seio do alto Deus, d'onde descendes,  
 Raras as terras visitas.  
 FILINT.

**V**ERDADE! Oh! vem da escuridão que ha tanto  
 De emtorno aos raios teus se embastecia,  
 Negro, inivusado véo rasgar do engano  
 E da calumnia perfida.  
 Vem: mostra emfim ao mundo a face austera;  
 Traze ao lado a Razão, traze a Justiça;  
 São filhas tuas, foragidas ambas,  
 Comtigo desterradas.  
 Do facho, ardente luminar que empunhas,  
 Desparze em raios o clarão a Elysia;  
 Mostra-lhe a natureza, que vendada  
 Sem teu lume não viam.

Homens que o forem — folgarão comtigo;  
 E os que o não são... que tremam, que se arrojem  
 Ao cahos da ignorancia e dos phantasmas  
 Onde o crime despenhas.  
 Raios que vibras tulminantes, rapidos,  
 Fófos em cinza os codices disperse  
 Que a ignorancia lavrou, sagrou cubiça  
 E endeusou maldade.  
 Mas, ahi primeiro veja-os o universo:  
 Sopra-lhe o pó dos amontoados seculos,  
 Leiam-lhe os povos n'essas notas barbaras  
 O aviltamento antigo:  
 Córem, pejem-se emfim de seu ludibrio,  
 Ao jugo accurvador o pêso tomem,  
 E co'a vara de Lei, desafogados  
 Meçam o seu e o alheio.  
 Mas não vês essa turba murmurante  
 De homens que aos homens declararam guerra,  
 Não vês como orgulhosos se encastellam  
 Nos profanados templos?  
 Não os vês com que horrendo sacrilegio  
 Estão detrás do véo do santuario  
 Um negro monte de maldade e horrores  
 Perfidos a escondel-o?  
 Ah! co'a mão descarnada á face horrível  
 Rasga a máscara vil do embuste hypocrita;  
 Deixa lêr-lhe no gesto horrendo os crimes,  
 As trações, o perjurio.  
 Oh! não consintas, não, que as sacrosantas,  
 Candidas vestes Religião lhe empreste,  
 Lhe empreste!...ousem roubar-lh'as os perversos,  
 Salpicar-lh'as de infamia.  
 Sim, vem, o nimen, vem, deede benigna  
 Aos sons carpidos da liberta Elysia.  
 Um povo inteiro, um povo amesquinhado  
 Por ti clama e suspira,  
 A ti clama, a ti brada, em ti só espera:  
 Tu só, filha do Eterno, em tanta nevoa  
 Que nos embarga os passos mal seguros,  
 Podes abrir caminho.

Coimbra — Março, 1821.

## XII

## LONGA VIAGEM DE MAR

Nequicquam deus al scididit  
 Prudens oceano dissociabili  
 Terras, si tamen impie  
 Non tangenda rates transiliunt vada.  
 HORAT.

**E**sse doudo Jason, taful de espôsas,  
 Como, certo no alcinhar, lhe chama  
 O nosso bom Filinto,  
 Que perversa mania  
 Se lhe encaixou no âmagdo do casco?  
 Como na tresloucada phantasia  
 O fado avesso e mau  
 Dos miseros humanos  
 Lhe foi pintar as recurvadas quilhas,  
 A aguda prôa, os mastros, as antenas,  
 As concavas cavernas  
 E os voadores linhos!  
 E tu, padre Neptuno, nem ao menos  
 Lhe soubeste c'o madião tridente  
 Preguar uma fisdaste?  
 Tam a salvo o deixaste  
 Levár ao cabo a desvirrada empresa,  
 Que, a pouco e pouco, de teu vasto imperio  
 Ousada os mais escuros  
 Foi pesquisar recantos?  
 O teu velho Protheu nos seus cantares  
 Não te soube avisar que um dia um Vasco,  
 Um Colombo haveria,  
 Um Magalhães, um Cook?

Que, as magas ciphras combinando, um Nunes  
Ao universo admirado mostraria  
O pasmoso instrumento?  
Mui desleixado andaste,  
E mui pouco zeloso de teu reino,  
Neptuno, rei das encrespadas ondas.

Ah! se mais justicoso  
Houveras castigado  
O quebrador primeiro de teus fóros;  
Se as marulhosas vagas sacudindo,  
E o vendaval ruidoso  
Soprando das procellas,  
Tiveras sua audácia sepultado  
No insondável abysmo d'essas aguas,  
Não viera eu mesquinho,  
Não vieramos tantos

Pagar por elle agora, e sem remedio  
Sofrer balanços, amargar enjoos,  
Sêdes curtir ardentes,  
Rapar canninas fomes;  
Vêr só intermeiar comsigo e a morte  
Fragil tabuinha, que o bater das ondas  
Pôde n'um só momento  
Fazer em mil pedaços!

Ai de mim! Trinta vezes no horizonte  
O pae das luzes desponuto radioso,  
E co'a tocha brilhante  
A meus cansados olhos

Nada mais amostrou que o quadro immenso  
De soledade infinda — os céus e os mares!  
Já trinta para os braços  
Correu da alva Amphitrite,  
E os froixos raios, que na irman reflecte,  
Nada allumiaram mais que os céus e as aguas.

Vós, nitidas estrelas,  
Em meu cortado peito  
Que mais vistes senão saudade e mágoa?  
No coração ralado de amarguras  
Que mais podestes lêr-me  
Senão tristes lembranças

Dos amigos fieis, do trato ameno,  
Das horas doces que passei ditoso  
No ameigador regaço  
De amor e da amizade?

Delicias, que eu gosei, tinha eu de vêl-as  
Tam algozmente lacerar-me o peito!  
Memorias tam fagueiras  
N'alma cravar-me a morte!

Oh! se um dia, feliz, a amada terra  
Beijando religioso, e descansado  
Nos braços dos amigos

A salvo tôrno a vêr-me,  
E... Mas que é isto? — Lá me foge a penna...  
Lá me vòo o papel. — Baloíço ingrato  
Té este me cerceia  
Extremo desaffogo.

No mar, em Abril, 1821.

### XIII

#### A LIDIA

Ingratam Veneri pone superbiam,  
Non te Penelopem difficilium precis  
Tyrenus gemit pater.  
HORAT.

BASTA de crueldades, Lydia bella,  
Que das castas Penelopes a moda  
Ha muito que se foi;  
Nem tanta ha já de *procos* abundancia  
Nos dias de escacez em que vivemos:  
Que esses que out'ora em Ithaca  
Aos pares, nas vacancias pretendiam  
De opposição levar o beneficio  
Do falador Ulysses,

Não têm cá entre nós quem os imite:  
Que assim se abastardea o velho mundo,  
E os usos bons se perdem!  
Já beneficios taes são todos simples,  
E os leva de *barrete* a todo o instante  
Qualquer padre de *requiem*.

Angra — Maio, 1821.

### XIV

#### O ANANAZ

Tal vive o sabio, estrangeira planta,  
Em terreno ignorante.  
FILINT.

COROADO rei dos filhos de Pomóna,  
Quam galhardo e formoso  
Entonas essa frente de monarcha,  
E a purpura doirada  
Vestes na linda còr com que te envolve  
A rica natureza!  
Oh! como pôde as leis assim cortar-lhe  
Arte engenhosa de homens,  
E, desvairados climas confundindo;  
No acobertado encêrro  
A patria dar te, e fecundar-te os germes  
No mui feliz exilio!  
D'est'arte o sabio, que rodeiam gelos  
De rispida ignorancia,  
O halito foge dos ruins que o cercam;  
Cria-se nova patria  
Na solidão, c'os livros, co'a virtude,  
E no olvido dos nescios.  
Tal nos pantanos d'Haya o bom Filinto  
C'o seu Horacio e Musas,  
Aureos fructos da lyra sazonal  
No solitario alvergue.

Angra — Junho, 1821.

### XV

#### O BELJO

Mélons ces baisers, ô ma vie!  
De leur nombre je veux douter,  
Et si souvent les répéter  
Que l'œil courroucé de l'envie  
Désespère de les compter.

MOLÉVANT: —CATULLE.

QUANDO, entre o alegre, festival cortêjo  
Das ondas namoradas,  
Sahiu a aventurar os céus e o mundo  
A meiga Venus linda;  
As lisas Graças candidas, despidas  
Logo emtôrno a cercaram.  
Singelo e puro ainda, Amor fagueiro,  
Formoso innocentinho  
Que n'um suspiro lhe nasceu do peito,  
Entre os maternos braços  
Com as ternas mãosinhas affagando  
Lhe vinha a face bella.  
Sorria para o filho docemente  
A languida Cyprina;  
E os derretidos olhos voluptuosos  
No filho se reviam.  
Nos labios de ambos sussurrava a medo  
O enxame dos prazeres,  
E doce por entre elles lhe emanava  
Todo o mel das delicias  
Por divinal instincto se approximava  
A face á face do outro,  
Brandamente seus labios se tocaram,  
E do prazer celeste

Que no mago contacto saboreiam,  
 Eis que subito nasceis,  
 Filho ardente de Amor, de Venus filho,  
 Suavissimo Beijo,  
 Logo das tres irmans a mais formosa,  
 A prazenteira Aglâe  
 No lindo seio te escondeu de neve;  
 E na mansão fagueira  
 De amorosos desejos rodeado  
 Viveste espaço longo.  
 Té que, do furto sabedora a deusa,  
 Te emplumou niveas azas,  
 Com que voaste para a mãe lasciva,  
 E andas de seio em seio,  
 Entre as bellas, que Amor fere co'as settas,  
 Furtivo demorando.  
 E ora atrevidos, inflammados labios  
 Cubicosos te roubam;  
 Ora és o premio de ferventes supplicas  
 I'ê respeitoso amante.  
 — Premio tardio e raro e mal seguro,  
 Quanto és ditoso roubo! —  
 E quantas vezes no virgineo seio,  
 Que alveja de innocencia,  
 De entrar não ousas, que a modestia o guarda,  
 Que t'ó veda o recato?  
 Corrido foges um momento, e triste,  
 Porém subito voltas,  
 E ven's pousar-lhe languido nos labios  
 Meio infantis e abertos.  
 Não tarda que o desejo lhe scintille  
 Nos olhos descuidados;

E então virá não tímido mancebo  
 Os arcanos franquear-lhe.

Angra — Junho, 1821.

## XVI

### A DÉLIA

LEMBRAS-TE, dize, ó Délia, do momento  
 Que aos teus formosos labios  
 Vôou dos meus o filho de Cyprina?  
 Acaso não sentistes  
 Abrir-se um céu de amor para nós ambos?  
 Não te bateu no peito  
 Anciado o coração de goso arfando?  
 Tenro menino elle era,  
 Tímido ainda, envergonhado infante;  
 Quanto depois, ó Délia,  
 Cresceu de ousado, e se atreveu a quanto!  
 Quaes penetrou sacraríos!  
 De virgineo pudor que veos teimosos  
 Não ergueu confiado!  
 Os prazeres o sabem, e a ventura  
 Que nos teve no collo . .  
 Elles que o digam — dêmos-lhe licença,  
 Que o ensinem áquelles  
 Que tanto como nós inda se amarem,  
 Se é que os houver no mundo.

Angra—Junho, 1821.



LYRICA

Morto a seus pés o monstro lhe jazia,

PAG. 63

FOESIA

71



# LYRICA

## LIVRO TERCEIRO

### I

#### A MEU TIO

##### D. ALEXANDRE DA SAGRADA FAMILIA

Lousa da morte! as lagrimas não podem  
Amolgar-te a dureza:  
Nem mais sobeja do que tristes lagrimas;  
Que o mais, tu o roubaste.  
A enferrujada chave do sepulchro,  
Mal deu a fatal volta,  
Some-se, e affunda ao pégo das edades.  
Nem ha tornar a vê-la.  
A mui pesada mão da eternidade  
Carrega o sêllo eterno  
Nos angulos da campa; e sobre a lagem  
Mui breve se condensam  
Geladas aguas de lodoso olvido  
Acaso alguns momentos  
Morredoura saudade emtôrno a adeja,  
Que mal de escasso pranto  
Amor ou gratidão lhe rociaram  
As curtas, debeis pennas:  
Até que, pouco e pouco, ao longe a afasta  
A viração do tempo,  
Ou do ingrato assettear de cru desprêzo  
Acinte mal-ferida,  
Cae d'aza morta ás ribas descuidadas  
Do paludoso Lethes.  
Ah! que os olhos ainda se me arrasam,  
Ainda agradecidas  
Em fio e fio as lagrimas deslisam!  
Tu, varão extremado,  
Tu não morreste ainda no meu peito:  
Tu que em minha alma tenra  
As primeiras sementes desparziste  
Das lettras, da virtude,  
Que á sombra augusta de teu nobre exemplo  
Tenras desabrochando,  
Cresceram quanto são. Infante ainda,  
O ânimo singelo  
Me avigoraste da constancia tua,  
Da nobre fortaleza  
Com que, dignos de Roma, a Lysia deste  
De alto valor exemplos.  
Oh! que o meu coração sobre essa lagem  
De angústia se espedaçou!  
Eu não te verei mais, rugosa face  
Do venerando velho,

Que da existencia na vereda ingreme  
As primeiras pisadas  
Me, endireitou no trilho da justiça.  
Orpham de tal amigo  
Terei de ir so ávante, onde e mais árdua,  
Mais difficil a estrada!  
Sagrados manes, allumiae-me a vida  
Cum facho lá do Elysio:  
Sêde-me guia na escabrosa senda  
Que temeroso enceto,  
Porque vossas pegadas retrilhando  
Qual fostes seja, um homem.

Angra — Junho, 1821.

### II

#### O AMOR MATERNAL

Of nature's gifts thou may'st with lilies boast,  
And with the half blown rose.  
SHAKESPEARE.

QUE doce que é ser mãe! — Que meigo quadro  
E ver a esposa ao lado do consorte  
Nos braços lindos embalando o filho,  
Seu unico desvelo,  
Que largou de cansado o nêveo seio  
E foi suavemente adormecendo  
No amplexo maternal. — Inda invejoso  
Não encobriu de todo  
O casto veio segredos pudibundos  
Só do espôso sabidos: enlevada  
Nas doçuras de mãe, toda prazeres,  
Só para o filho attenta.  
Vêde-a sorrindo ao tenro innocentinho,  
Como se espelha nas mimosas faces,  
E colhe nas feições, uma por uma,  
O transumpto do espôso.  
Com que graça lh'ô diz! como suspira  
Magoada e triste se o consorte amado  
Toda, toda não vê a similhaça  
Que a ponto ella distingue!  
Oh! se pallida ousou tocal-o a febre,  
Aqui são os desvelos, os extremos,  
As não do midas noites, os cansados,  
Affadigados dias.  
Eil-a que se definha junto ao herço,  
Como as lagrimas retém, que os ais sufloca  
Se condoído Morpheu nos tenros olhos  
Pousou do filho caro.

Que promessas, que votos tam do peito  
Se um deus compadecido... E os deuses ouvem  
Mais que rôgo nenhum maternas preces.

Já visos de melhora  
No semblante infantil vão despondando,  
Ai que alegrias! — recortadas inda  
De enternecidos sustos, que os prazeres  
Aguados emmurhecem.

E salvo emfim; já cresce e ao lado folga  
Da carinhosa mãe; já co'as mãosinhas  
Lhe trava da orla ao candido vestido,  
Ou travêssos li'ô rasga.

Os annos correm, graças vão medrando  
No corpinho gentil, n'alma embebida  
Em suaves lições de san virtude  
C'o exemplo avigorada.

Tal, esmêro de Flora e mimo d'ella,  
Cresce alvo lilio em valle deleitoso;  
Brando zephyro o ameiga, a aurora o reg;  
E as bellas o cubiçam.

Angra — Julho, 1821.

### III

#### O AMOR PATERNAL

A love that makes the breath poor and speech unable.  
SHAKSPEARE.

NATUREZA, que dêste ao sexo belio  
As feticieiras graças,

O mimo attrahidor, e as mui fagueiras,  
Carinhosos meiguices;

Que lhe orvalhaste os labios com sorrisos  
De mellica doçura

Que entram no coração, que esparzem n'alma  
Delicias e prazeres;

Que nos olhos da mãe pozeste o aflago,  
E no materno peito

Acrysolaste esmeros e desvelos,

As âncias que suspiram  
D'extremecido amor e de ternura

Timida e receiosa,  
Toda meigas caricias, toda extremos

De apaixonado affecto;

Tu, mais viril porção doaste ao homem  
De constante firmeza,

E em menos terno coração pozeste  
A solidéz. e affinco

No levar certo o rumo compassado  
Dos negocios da vida.

Tu, nos olhos do pae, tu em seus labios  
Providente juntaste

Os severos dictames da virtude

E da verdade rigida,  
C'os amorosos ralhos, c'os amigos

E prudentes conselhos.

Tu lhe adornaste a face veneranda  
Da magestade augusta

Que ao filho respeitoso espelha a imagem  
Dos soberanos deuses.

Olha como na voz lhe trôam asperas  
Reprehensões austeras,

Emquanto os seios d'alma se lhe rasgam,  
O coração lhe chora.

Amor que não deixou cingir-se a venda,  
Terno mas justicoso;

Que o facho accende á tocha da virtude,  
Facho que não deslumbra,

Faisca d'esse amor que a pró dos homens  
Arde de um Deus no seio.

Angra — Julho, 1821.

### IV

#### ANNIVERSARIO DA REVOLUÇÃO DE 24 DE AGOSTO

Jure solemnis mihi, sanctiorque  
Natali proprio.  
HORAT.

Como vens, linda aurora,  
Formosa desdobrando  
Por esse azul dos céus o roseo manto!  
Co'as lagrimas de gôsto que desparzes  
Abres cortejo ao dia  
Que inda viram maior os Lusitanos.

Dize me, ó bella espôsa  
Do remoçado velho:  
Na patria minha, na ditosa Elysia  
Quaes fitos viste em ti olhos, semblantes,  
Que jubilosos vivas  
D'esse berço d'heroes aos céus erguer-se.

Dá-me esse unico allívio  
A mim, que malfadado  
Nem me outorgaram invejosos numes  
Vêr-te assomar nos patrios horisontes,  
E d'esse povo illustre  
O meu tenue clamor juntar aos brados.

Ó paginas da Historia,  
Depar-empar abrir-vos,  
Que a mão lá vae gravar da eternidade  
Em caracteres rutilos de fogo  
O dia augusto e grande  
Que a Lysia trouxe liberdade e gloria.

O patrio Douro altivo,  
Espedaçando os terros,  
Nega o tributo ao madido Oceano;  
Só guerra quer levar: guerra, que Lysia,  
Do tridente senhora,  
De novo o sceptro recobrou dos mares.

«Ondas, tremei!» lhes brada:  
Treme o tyranno vosso;  
Que as Quinas outra vez se erguem, se hasteiam  
E vão das vagas legislar ao mundo,  
Vão do orbe ás partes quatro  
O jugo antigo renovar co'a espada.»

O duro som terrível  
Tôa de polo a polo,  
Os eixos do universo estremeceram,  
E sobre a face da convulsa terra  
Pallido o susto frio  
Horrendo estende as azas côr da morte.

Socegae, nações do orbe,  
Recobrae-vos do medo,  
Que Lysia os ferros seus, que espedaçara,  
Não leva em dom cruel aos outros povos.  
Da ambiciosa Roma  
A criminosa glória não procura.

Romanos, oh! não foram  
Os Cesares e Augustos;  
Romano foi Catão, romano Scévola;  
E quaes esses então são hoje os Lusos:  
Nem cabem n'um só peito  
Avaréza e ambição co'a liberdade,

Oh patria, oh patria minha,  
Que dia de ventura!  
Que sincero, que puro regosijo



Em praças, em theatros não rebenta,  
Em sinceros prazeres,  
Festas condignas de um liberto povo!

E eu misero e mesquinho,  
De mágoas retalhado,  
Só vejo a vasta solidão dos mares,  
Só a mudez dos céus no azul monotono,  
E um sol que as luzes balda  
Nessa immensa soidão que me circumda

Lembranças, que me affogam  
De angústia e de martyrio,  
Vêm recordar-me a patria, amigos, tudo,  
E deixar-me depois — se é que me deixam.  
Em vão pelo horizonte  
Rastrear de olhos longos a esperança.

Assim o vago Ulysses  
Longe da cara esposa,  
Do filhinho, do pae, todo saudades,  
Só pede aos deuses crus por graça extrema  
Ver dos paternos lares  
Erguer-se o fummo, e morrerá de gosto.

No mar — Agosto 24, 1821.

## V

### AO REI

#### JURANDO A CONSTITUIÇÃO

Ordinem  
Rectum, et vaganti frena licentie  
Injeit, amovite culpas.

HORAT.

Celeste emanção do Sêr-primeiro,  
Verdade, oh luz eterna! affim poderam  
Ante olhos regios fulgurar teus raios;  
Póde tua voz severa

Dos enganados reis soar nos paços:  
E o grito da calçada natureza,  
Do amesquinhado, miserando povo,

Ao coração bater-lhes.  
Nos labios o sorrir, no seio a morte,  
De traidoras perfidas coroadas  
A vil Adulação, o negro Embuste,

A cavilosa Intriga  
Já d'ante o solio espavoridas fogem,  
Tremendo aos brados teus lá vão no abysmo  
Do averno sepultar crimes e horrores

Com que o throno infestavam.  
De vesgos olhos macilenta inveja  
Co' a pallid' Ambição debalde intentam  
Valer-lhe ainda, sustentar-lhe o imperio  
De tam compridos sec'los

Embalde a manto enganador lhe estende  
Falaz Superstição, que as vestes santas  
A augusta Religião, ouso sem pejo  
De trajal-as, roubadas:

Que as trevas que ante o solio com lensavam.  
Teu brilho as dissipou, e entrou risonho  
O dia da razão nos paços regios  
Co'a aurora da virtude.

Fulgiu do amado Rei na frente augusta  
O calçado téqui, sacro diadema;  
E a que mancharam veneranda purpura  
Da tyrannia as nodoas,

Eil-a de novo nitida se arreia  
De oiro puro de lei, da san justia,  
Téqui do vicio escravas fugidas,  
Corridas, insultadas.

Já livre do grilhão, sôlto dos ferros  
Póde o monarcha segurar na dextra

O sceptro que mil perfidos amigos  
A seu sabor moviam.

Sem venda os olhos, pela vez primeira  
Olhou de emtorno a si, e viu. . . Oh! quantos  
De horror, de execração, de atrozes crimes  
Milhares descobriste!

Quantos não viste, ó Rei, juncto a teu solio  
Monstros de sangue as garras empolgando  
Nas miserias entranhas de teu povo.

Palpitantes ainda?  
E não viste esse povo miserando  
As lagrimas beber, conter no peito  
Cortado de amarguras os suspiros

Que algozes lhe arrancavam?  
Deixando-se esvair no sangue a vida  
Só porque em nome teu lí a arrebatavam  
Só porque em nome teu lhe agrihoaram

Braços, razão e vozes!  
Sim, tu os viste; e o coração paterno  
Sentiste retalhar-t'io a piedade:

Tu gemeste nos males do teu povo,  
Gemeste, e a mão benigna  
Dadivosa outorgou remedio aos males  
Que em ferreo acervo sobre nós pesavam.

Recresceu nosso amor, dobrou tua glória!  
Serás eterno e grande.  
Maior imperio que os avós ganhaste:  
Seus Subditos fiéis, leaes e amigos  
Já te não chaman rei, só pae te chamam,  
Que em corações só reinas.

No mar—Agosto 26, 1821.

## VI

### A ROSA

#### A DÉLIA

Ρόδον το παρρησιον ανθος  
Ρόδον εσπος μελαχμα.

ANAKP.

Venus! ás lindas flores que rainha  
Tam bella lhes não déste!  
Nasceu-te no alvo seio, inda mais alva,  
A Rosa namorada;

E a reinar pelos prados a mandaste  
Da primavera ás filhas.  
Tam pura como a virgem das florestas,  
A neve da innocencia

No botão meio aberto branquejava:  
E a candidez singela,  
Timida ainda, lhe embuçava as folhas.  
Pelo matiz dos campos

Zephyro de lascivo sussurrava,  
E ao vél-a tam formosa  
Avido corre, vae furtar-lhe um beijo:  
A innocente rainha

Córou de pejo, e a côr envergonhada  
Na alvura se lhe embebe.  
Triste, ao vêr-se no proximo regato,  
Da perda se lamenta.

Acaso passa Amor, que á mãe fugindo  
Vagava nas campinas;  
Dos sentidos lamentos condoído:  
«Não pranteies» lhe disse,

«Não chores, linda flor; males que eu faço  
«Sempre em delicia os pago.»  
Docemente a bateja, e doce aroma  
Eis subito recende

Do seio á maga filha de Erycina.  
Desde aquelle momento  
A innocencia, o prazer e a formosura  
De rosas se coroaram.

Premio da singelez que orna belleza,  
 Desde então consagrada  
 Ao sexo amavel que nos doira os dias  
 Foi e hade ser a Rosa.  
 És, minha Délia, mais gentil do que ella,  
 Mais singela, mais pura;  
 Para ti esta flor nasceu no prado,  
 Eil-a, recebe-a, é tua.  
 Ternura, candidez, belleza e mimo  
 Para ti a colheram.  
 Amor lhe despeçou co'a mão divina  
 Os espinhos traidores;  
 Ia a dar-t'a . . . olha . . . e vê . . . rapido foge,  
 Que a mãe te viu, nos olhos.  
 Oh que dor tam gentil, oh que ais tam meigos,  
 Então soltava Délia!  
 De emtórno aos labios que o lamento entr'abre,  
 Os risos feiticéiros  
 Revoando-lhe estão, e as Graças nuas  
 No seio que palpita  
 Lhe andam, por c'nsolal-a, desparzindo  
 Os jasmims c'or de leite.  
 Desejos mil e mil co'as vestes lindas  
 Da simplice pastora  
 (Com as vestes, que a mais se não atrevem)  
 Lhe folgam como a me'lo.  
 Vê que suave, melica harmonia  
 S'oa na meiga bocca!  
 Que prazer voluptuoso lhe humedece  
 Os olhos derretidos!  
 Que sons do coração lhe vêm tam brandos  
 A conquistar os nossos!  
 Que accões, que gestos, que expressão do peito  
 No rosto se lhe pintam!  
 Amor, não te enganaste, é ella, é Venus!  
 Mas não receies, volta;  
 Ou, se temes voltar, dá-me essa rosa,  
 Deixa-me venturoso  
 Entre a neve do seio ir esconder-lhe  
 A flor tam cubiçada.

Lisboa — Setembro, 1821.

## VII

## FAZ HOJE UM ANNO

A DÉLIA

UM anno já correu, foi hoje mesmo,  
 Por estas horas, Délia, n'este instante  
 Que nasceu nosso amor — hoje tam doce,  
 É tam amargo já, que tantas dores  
 Tantas lagrymas, Délia, tem custado;  
 Esse amor que hoje é favo delicioso  
 Do mel suave de prazer fagueiro,  
 Mas que já foi torrente escura e negra  
 Do azedo, amargo fel de agros tormentos.

Parece-me que o vejo . . . oh foi agora:  
 O coração me diz que este momento  
 Foi o proprio, o feliz, aquelle instante  
 Em que te vi primeiro. Estão no ouvido  
 Inda a temir-me os sons melidiosos  
 Que banhavam aquella estancia amena  
 N'essa hora fadada. — Inda era livre  
 O coração no peito, inda os meus olhos  
 Giravam soltos . . . o fatal momento  
 Sóo — e em teus olhos se cravaram;  
 Tua linda imagem reflectiram n'elle,  
 E para nunca mais sahír do peito.  
 Parou-me então o coração — não minto,  
 Parou-me o coração do sobressalto:

Minha sorte, o meu fado, a minha esp'rança,  
 Todo o meu sêr, a minha vida toda,  
 N'esse momento para ti voaram.

Pois dize: não sentiste no teu seio  
 Ir o meu coração ao teu juntar-se?  
 Oh! nunca mais voltou. — Correram tempos,  
 E o benigno primeiro acolhimento  
 Que ao principio lhe davas, quantas vezes  
 Repetidas mudanças alteraram!  
 Elle só não mudou, foi sempre o mesmo . . .  
 Mas deixemos lembranças importunas:  
 Volve os teus olhos para os meus, querida,  
 Co'a doce languidez, co'a graça ingenua  
 Com que a primeira vez me olhaste, ó Délia.  
 Oh quanto amor não brilha n'esses olhos!  
 É de meu todo esse amor? Toda, querida,  
 É toda para mim essa ternura?  
 Que excesso de prazer! . . . trasborda-me a alma  
 Não tenho coração onde elle caiba.

Não tenho coração. . . Que é d'elle, ó Délia,  
 Que é do meu coração, que lhe fizeste?  
 — Dôze vezes no céu o astro do dia  
 Girou inteiro o círculo dos mezes,  
 E eu sem ter coração como hei vivido?  
 Como? — Só de esperanças. Mas o termo,  
 O termo d'ellas é chegado, amiga:  
 Esses olhos que amor dardejам n'alma  
 Já de amor e desejos resplandecem;  
 Esse de neve delicado seio  
 De languida ternura voluptuosa  
 Já o sinto bater; esses teus labios  
 Já sinceros me dizem que me adoras,  
 Já me asseguram que serei ditoso.  
 Esse teu coração por mim só bate,  
 Esses braços gentis já vejo abertos  
 Que me esperam, amada, no teu seio . . .  
 Oh no teu seio . . . Mais feliz no mundo  
 Se alguém ha do que eu sou? — Não é possível:  
 Não tem mais que uma Délia o mundo inteiro,  
 E Délia um coração — e esse é meu todo.

Dia, dia feliz, quando voltares  
 Tragam-te as Graças amimado ao collo;  
 Traga-te Amor no seio da ventura  
 E os prazeres de emtórno te esvoacem.  
 Nunca vejas mudado o meu destino  
 Nem para mais feliz. . . — Nos céus não ficam,  
 Não ha mais glorias que man'ar á terra.

Coimbra — 18 . . .

## VIII

## SAPHO

## NO SALTO DE LEUCATES

A JULIA

En chantant tu baisses les yeux  
 Qu'ont couverts des voiles funébres  
 Ducs

AMOR que doce que ! Oh! quam ditoso  
 Quem sabe e pôde amar! Prazeres meigos,  
 Graças louçães e risos brincadores  
 De emtórno lhe esvoaçam;  
 A existencia lhe doiram:

Toda lhe ri de gôsto a natureza,  
 E smalta-se-lhe o prado de boninas,  
 O bosque se lhe copa de verdura,  
 Crystaes lhe jorra a fronte,  
 Pérlas lhe verte a aurora.

De noite o céu de estrellas se lhe tolda,  
Que aureos topázios lucidas rebrilham,  
De dia em chamma de clário formoso  
Vibra-lhe o sol nos raios  
Doce calor de vida.

Qual lago que innocente pequenino,  
Alvas pedrinhas atirando, fere,  
Em que uns dos outros circulos innumer-  
Dobram-se augmentam, crescem  
E em gradação se alongam:

Tal em prazeres se lhe esprija a vida  
Ao amante feliz; tal o universo  
Mar immenso de gosto se lhe estende,  
E de um prazer lhe nascem  
Infinitos os prazeres.

Ameno quadro, delicioso, ó Julia!  
Folga de vêr-te n'elle, olha, revê-te:  
Mas Ah! jamais o voltas. Negro, escuro  
Mais feio do que a morte  
E o reverso d'elle.

Dores armadas de aguçadas pontas,  
Remorsos negros como a luz do inferno,  
E a Angústia roxa que no collo aperta  
O laço corredo  
Com que acinte se afoga.

Da côr do ferreo-azul das chammãs do Ethna  
Lá está sobre elles de ouriçada coma,  
De verdeneiras serpes ennastrada,  
Rasgando-se as entranhas,  
Co'as farpeadas unhas,

O monstro horrendo... Qual?—Treme; o Gume!  
Vês-lhe o peito?—olha: um cancro ascoso rói-lho,  
Chega-lhe ao coração, heiva-lhe o sangue.  
Empeçonha-lhe a vida,  
Nega-lhe o bem da morte.

Eis o avêssio do quadro. E amor é este?  
Esse filho dos languidos prazeres,  
Esse amor, todo mimos da ventura!  
Por que milagre horrivel,  
Por que potencia infausta?...

Queres saber-o? A perfida Inconstancia,  
Eil-a, essa furia o transmutou do que era,  
Lhe ensopeou de veneno a flor dos gostos.  
E em fructo amargo e podre  
Lhe converteu o germen.

Não temas, Julia; para nós os fados  
O reverso do quadro já pintaram.  
Mal-venturosos pelo mundo os houve  
Que n'elle se espelharam.  
E quantos! Desgraçados!

Não ha belleza que lhe esquivo os golpes,  
Prenhas não ha que a sanha lhe embrandeiam,  
Feitiços que lhe empecam, oiro a rôdo  
Que uma hora de tormentos,  
Nem a peso, lhe compre.

Sapho... Tu bem conheces este nome;  
Os Graças e os Amores o repetem.  
Sabem-n'o as Musas, Venus em seu templo  
Co a linda mão divina  
O gravou por memoria.

Sapho, a meiga cantora dos prazeres,  
Sapho, a extremosa, a delicada amante,  
Victima d'ella foi; nas áras negras  
Da Inconstancia traidora  
Sapho expirou de angústia,

Ninguém mais que ella amou, ninguém como ella  
Soube amar sobre a terra. Amor tam fino,  
Se o ha no mundo, só tu, Julia o gosas,  
Só tu do teu amante  
O hasde encontrar no peito.

Phaon, mais bello do que amor nascente,  
Como as Graças gentis gentil e airoso,  
Tal foi o objecto dos amores d'ella.  
Mais felizes gran tempo  
Ho que os dois não os houve.

Mas no peito a Phaon entrou de manso  
E lavrou surda a chamma da inconstancia,  
Lampejou-lhe o clário... Que horror! A triste,  
A malfadada o sente,  
Estremeceu e pasma.

Dôr a que os sons da lyra se recusam,  
Mágoa que as vozes exprimir não sabem,  
Angústia que a mortes dizer não cabe,  
Mais negra que o sepulchro,  
Mais horrivel que a morte...

Como é que heide descrever-t'a, ó Julia?  
Falemo-te os ais da misera expirante,  
Digam-t'o os eccos da sua voz maviosa:  
Nas rochas de Leucates  
Amor inda os repete,

Inda Phaon as grutas vão soando,  
Já sobre a rocha vendo o mar bater-lhe  
Na base carcomida, já medindo  
C'os olhos enturvados  
A desmedida altura,

Inda ousa modular canções de morte,  
Inda co'as frias mãos apalpa as cordas  
D'essa lyra que amor corou de rosas,  
Rosas que emmurcheceram,  
Que em folhas sêccas cáhem.

Qual cygne ao fenecer gorgeia os hymnos  
Que eterna vida aos deuses mereceram,  
Se ao canto os deuses não fadassem morte,  
Tal moribunda em transe  
Sapho cantou assim:

«Deixae um pouco o throno dos prazeres,  
Ternas irmãs de amor, Graças ingenuas!  
De Phaon inconstante assiduas socias,  
Meus ultimas suspiros,  
Ao ingrato, levae-lhos.

«Celestes Musas, Sapho desgraçada  
De vossos cantos a doçura egual!  
E tu, lyra infeliz, triste instrumento,  
Ecco de meus gemidos,  
Apura os sons tocantes.

«Quando o céu tempestuoso ameaça o prado,  
E os despregados ventos se enfurecem,  
Choupo erguido no cume das montanhas  
Menos se agita ainda  
Que o meu anciado peito.

«Formosos dias, de minha alma encanto,  
Em que sujeito ás minhas leis o via,  
Dias em que eu gosei de o vêr ao menos,  
Dias de glória e jubilo!  
Crueis! onde fugistes!

«E eu que amava, a rival aborrecida!  
Ingrata! o coração fingia abrir-me,  
E entanto ao meu com sua mão traidora  
As feridas rasgava  
Que hade fechar só morte!

«Embora: sê feliz, co'a tua amada;  
(Póde haver coração que teu não seja!)  
No delírio de amor na paz do goso  
Venturas que eu não provo.  
Saboreia-as embora.

«O meu fado infeliz foi só de amar-te,  
Foram destinos teus ser sempre amavel  
Já desde quando em tua maga infancia  
A praias encantadas  
O teu baixel guiavas.

«Nos trajes de mortal Cyprina bella  
Para as aguas vadear te implora auxilio;  
Tu a passaste, e as ondas satisfeitas,  
Com ella conduziam  
Risos, graças e amores.

«Voaram aos teus olhos os amores,  
Nos labios teus os risos se esconderam.  
E a ti de emtorno as Graças namoradas  
Travaram lindas danças  
Em que amor te expressavam.

«Venus te disse:—Venturoso infante.  
Sê d'entre os mortaes o mais amavel,  
«E dos altares meus seguro esteio:  
«Meus philtros poderosos  
«Eu t'os confio todos.—

«Suspirava de inveja Amor ao lado:  
Eis que eu passava; despicar-se intenta,  
E n'um tiro de setta assim me fada:  
«—Sapho será mais terna  
«Do que Phaon amavel. —

«Mas tu na minha dor, cruel! me foges!...  
Irei, por te abrandar, correr os mares,  
Subir aos montes, vaguear desertos,  
Voar desatinada  
Aos limites do mundo?

«Fala: nada receia um desditoso.  
Irei de gosto arremessar-me aos p'rigos.  
Feliz em te seguir e obedecer te,  
Irei roubar-te o cinto  
Das Graças, com que prendes.

«Por doces beijos nossos labios juntos...  
Unido ao teu, meu coração batendo...  
Já de prazer anejo... já nas veias  
Seu ardor devorante  
Me corre atropelado...

«Oh desgraçada! acorda d'esse engano.  
Tudo perdeste... Fique-te o repouso:  
Aqui o tens, as rochas de Leucates...  
Ellas... e nada mais!  
Terminarão teus males.»

Disse: e a lyra cahiu-lhe sobre a rocha:  
Deu rouco som de morte, as cordas todas  
Estallaram, e foi de chofre ás aguas  
Do mar que remugia.  
Viui-a cahir a triste,

Ainda a viu, a sua maga lyra  
Pelo ár na queda... Subito, após ella:  
«Venus» clamou «que outr'ora m'a doaste,  
Filha do mar, recebe-a!»  
Disse, e arrojou-se ás ondas.

## IX

## O ROUXINOL

O nome que no peito escripto tinha  
CÂNGES.

PARABENS, minha tristeza,  
Foi-se a luz aborrecida;  
N'esta sombra appetecida  
Posso ao menos respirar.  
Aqui meus ais, meus gemidos,  
Aqui prantos amargosos  
Não vêm olhos curiosos  
Nos meus olhos espreitar.

Sentado sobre esta penha  
Entre espessos arvoredos,  
Só ha de ouvir meus segredos  
O canoro rouxinol.

Vem, mago cantor da noite,  
Vem fazer-me companhia;  
Não receies, foi-se o dia,  
Não terás, é longe o sol.

Eil-o vem, eil-o se appressa  
O sensível passarinho;  
Lá poisou no seu raminho,  
Lá principia a cantar.

Silencio, florestas, bosques!  
Silencio tambem, meu pranto!  
Co'a doçura d'este canto  
Minha dor quero ameigar.

Que doce melancholia  
N'aquelle som tam carpidio!  
Quanto é suave o gemido  
Em que exhala a sua dor!

Como é seu canto expressivo!  
Oh! se a ingrata aqui o ouviisse!  
Parece que «Uélia» disse,  
Parece que disse «amor.»

Quem te ensinou esses nomes,  
Singela, incauta avesinha:  
Não os digas, pobresinha,  
Se o teu socôgo te apraz.  
São doces! — Assim dizia  
A minha cega ternura;  
Mas custou-me essa doçura,  
Que perdi a minha paz.

Como tu nos teus gorgeios,  
Eu cantava a minha amada;  
Mas a lyra desmontada  
Nem tristes ais sabe dar.

Nos olhos seccou-se o pranto,  
Emmudeceu meu gemido,  
De cansado, de abatido,  
Nem me atrevo a suspirar.

Adeus, fiel companheiro,  
Sê feliz nos teus amores;  
A provar meus dissabores,  
Oh! jamais te dêem os céus!  
Foste alivio ás minhas penas,  
Escutaste o meu lamento...  
Mas — já me causas tormento  
Fiel companheiro — adeus!



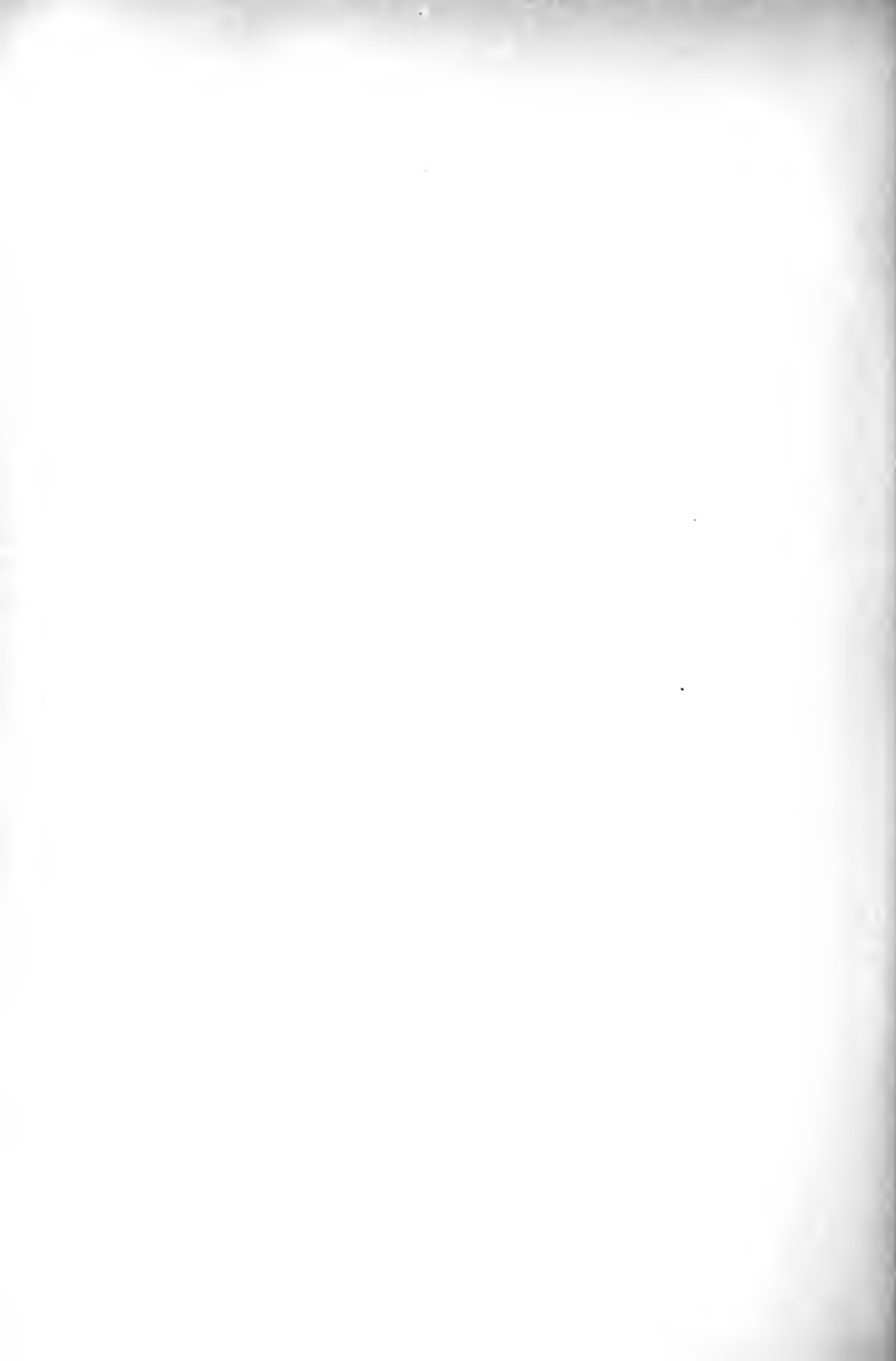
LYRICA

Que il lago e il lago quadro

PAG. 83

POESIA

12



~~4~~

## A GUERRA CIVIL

Andiet cives iousse ferrum.

## 1

Voz de morte sôou, — e o ecco lunheiro  
Do Manzanarés retinu no Tejo.  
Brado que ouvimos, que nos fere n'alma.  
Que vens trazer-nos! — *Liberdade em trago.*  
Oh! que essa é voz de gloria! É gloria, e vida!  
Nem outra vida a coração que é d'homem  
A natureza deu: nem outra morte  
Mais que o viver nos ferros. — N'esses vive,  
Não só, vegeta miserando escravo.  
E do escravo a existencia é vida d'homem?  
Oh não! é sangue torpe e froixo e fraco,  
Que nem lhe leva ao coração heivado.  
Nem vem trazer-lhe ao corpo mal fornido  
Princípio novo de vital alento.

## II

Como ousa pois, como se atreve a morte  
A hastear a foice nos torreões da Iberia?

## 121

Co' as azas côr dos tabidos sepulchros  
Tapára o lume ao sol noite fe engano :  
Por entre as sombras do ennuablado escuro  
A Traição vaga de bifronte aspecto;  
Na dextra, que lhe treme de covarde,  
Trás o punhal de Sylla; pende á esquerda  
De Catilina audaz a adaga trefa:  
Frente que em rugas lhe encrespára a astuci,  
Cinge-l'ha entórnio, salpicado em sangue,  
Doirado ao vê-se, e ferreo na estrutura  
O diadema de Nero. — O grito ardido,  
O brado de honra que a pejoza avoca,  
Não o dá essa infame: a medo, a furto  
Vae com trémulo accento despertando  
Almas como ella tímidas, covardes,  
Tam facéis no esgrimir punhaes no escuro.  
Como em fugir da espada que lampeja  
No campo aberto da franqueza honrada.  
Lá vão que a seguem, avidos se apinhem  
De entórnio á Cruz por elles profanada  
A tribu de Levi, sequeira de ouro,  
A tribu que abjurou riqueza e honras,  
Por mais pompas, mais honras, mais riquezas,  
Ir furtiva usurpando ao povo illusô.

## IV

Onde, ó monstros, aonde ó gente indigna?  
Que bandeiras são essas de mentira  
Que arvoares entre irmãs? — A estola candida  
Da Religião quereis tirar em sangue,  
Sangue civil, fraterno! . . .

—Eis d'outro lado

Crescem, redobram c'o frequente povo  
Os que defendem a árvore sagrada  
Que inda inlante crescia, e que esses monstros  
Queriam dar-lhe ao vento a raiz tenra.  
Eil-os, emtórno, os peitos generosos  
Ao bronze off'recem que lhes trás a morte;

Eil-os o braço ao braço, a espada á espada  
 Meu amigo! que foi já, do pae que o nega,  
 E do irmão que o não é, oppõe brámidio.  
 Só patria é tudo em corações só livres,  
 Laços da natureza estão quebrados.  
 E quem os quebra?—Vós, escravos tredos,  
 Vós co'a mão gotteando sangue amigo,  
 Vós lhe desdais os nós, e c'ò impio ferro  
 De um golpe lhe cortais prisiones sagradas.

## v

Juncada a terra de golpeados membros  
 Sofrega bebe o denegrido sangue;  
 E o sangue impuro que' espadana a jorro  
 Lá vai regar essa árvore sagrada,  
 Essa árvore de rama e flor e fructo  
 Escassa e pobre se a não banha o sangue  
 Do que á nascença lhe pragueja a planta,  
 Da que so lhe agoirou, só lhe deseja  
 Granizo queimador, tuíão de morte.

## VI

De glória e louros coroada exulta  
A Liberdade — Ah! bem o vejo, os louros  
C'o verde-negro do cypreste entrançam.  
O grito'da victoria entre ai se perde  
Que a dor arranca dos sentidos peitos.  
Chorámos sobre irmãos: foi caro o preço,  
E é hem duro morrer por mãos de escravos.  
Mas pela patria, mas no campo da honra,  
Martyres d'ella!... Oh gloria e gloria excelsa!  
Esses lutos, rasgae-m'os; essas e roas  
De cypreste feral longe da camp'a!  
Por endeixas de morte hymnos de via,  
Por tristes nenas, canticos festivos!  
Esse atahude que lhes leva as cinzas  
É cofre de ouro que heroismo encerra,  
É thesoiro de gloria e liberdade,  
É monumento de nobreza eterna,  
É memoria ao porvir, é brado ingente  
Que irá no longo curso das edades,  
De geração em geração bradando:  
'I remei no solto, ó despotas da terra.'

Lisboa—Julho, 1822.

## XI

## MELANCHOLIA

They sat reclined  
On the soft downy bank damasked with flowers.

QUE ameno sitio, ó Dêlia!—Estende os olhos  
Por toda essa planície deliciosa.

Coberta de verdores,  
E esparze amor e vida n'esses prados  
Dos olhos creadores;

Anima, co' esses ratos de ternura,  
A languidez das flores.

Susurre de prazer toda a espessura

O influxo teu sentido;

E, ao vêr teu gesto lindo,  
 Tua divina, mágica beleza,  
 Sorria de prazer a natureza

Vê como é bella a solidão, querida,  
Como entra pelo peito

Não sei que gosto cheio de brand.  
Isto não é viver, é mais que vida.

Como n'esta docura

O coração vae placido alargando,  
E o ânimo satisfeito  
Dentro d'elle sereno dilatando!

Como insensivelmente descahindo  
Se vae n'aquelle estao  
De languidez suave e melancolica  
Em que, já não sentindo  
O trabalho pesado

Da existencia penosa— docemente  
Pelas vãs a vida circulando  
Vae mansa e brandamente  
No silencio do nada repoisando!

E toda só no instante,  
Toda só no momento que decorre  
N'alma o passado c'o futuro morre.

Oh! bebam outros na doirada taça  
De mentidos prazeres  
O envenenado goso que, mal passa  
Dos labios, todo é fezes,  
Que a insaciavel sede não apaga  
Do coração queimado...  
Nós puro e soçado  
Este prazer gosemos da innocencia,  
Vivamos para nós: deixar o mundo  
Volver-se na inquieta turbulencia  
Do pelago sem fundo  
Dos seus desejos vãos, sua loucura.  
Na serena doçura  
Da maga solidão—n'esta belleza  
Vivamos para nós, co'a natureza.

Contra—Agosto, 1822.

## XII

### O CARCERE

Brightest in dungeons, liberty, thou art,  
For there thy tabernacle is the heart.  
BYRON.

FECHEU-SE a ferrea porta: o som tremendo  
Que os remorsos desperta ao delinquente,  
Detraz de mim deu ecco temeroso  
Pela funebre estancia.  
Eis-me aqui pois do crime na morada,  
Eis-me entre bandos vis de malfeteiros  
Que me olham com sorrisos satisfeitos,  
E parecem dizer-me  
«Bem vindo companheiro!»—Eu socio d'elles,  
Eu criminoso, eu preso, enveilecido  
Co'estes grilhões de infamia!—Oh! que asquerosos,  
Que medonhos aspectos,  
Que esqualidas figuras, que olhar torvo!  
Não, tal horror nunca senti minha alma  
Desde que viu a triste luz do dia  
A vergonha, que ha tanto  
Sentia de *ser homem*, redobrada  
Me cresce c'o spectaculo abhorrido  
D'esses que ahi vejo.—Homens, vós sois, espectros  
De feia cadadura?  
Sim, homens são, E eu?—Outro como elles  
Atomo que volteio sobre a terra  
Ao sabor das paixões, minhas e alheias.  
E á tôa vogo os máres  
Na viagem da vida —Mas impresso  
E o ferrete do crime n'essas fronte  
Que franze a angustia c'o punhir de dentro  
Do espinho do remorso;  
E eu no peito nem bater mais vivo  
ação... Oh! criminoso

Não sou eu. Insolente me contunda  
A proscricção injusta,  
N'esta mansão do crime e da vergonha  
C'os malfeteiros vis: dentro do peito  
A consciencia me diz que sou virtuoso,  
Que, fiel ao rei e á patria,  
São inimigos seus quem me persegue,  
Que me honra o seu odio, me engrandece,  
Tecendo-me a corôa do martyrio  
Nas immercidas penas.

Lisboa, no Limoeiro —Agosto, 1833.

## XIII

### O EXILIO

Ha! banishment? he merciful, say—death:  
For exile has more terror in his look  
Much more than death.  
SHAKESPEARE.

VEM, minha Délia, vem, querida amiga,  
Sentar-te junto a mim.—Vês essas névoas  
Como escondem o azul e os céus, que engrossam  
Co'a cerração pesada e melancolica  
D'este paiz de exilio, d'esta patria  
Dos taciturnos, gélidos britannos?  
Oh! como é triste a terra do desterro!  
Tam só como as areias do deserto,  
Triste como o cahir das folhas pallidas  
No desbotado outomno. — Solitario  
No meio das cidades, das campinas  
Vae após de esperanza mal segura  
O que deixou amigos, paes e patria  
Para fugir ao açote da injustia.  
Oh! se uma voz ao menos lhe falára  
Lhe coasse no ouvido os sons tam gratos  
Do patrio idioma que ninguem lhe entende?...  
Não, que tudo lhe é surdo; e só responde  
O coração, que bate, aos ais do triste.

Ai, infeliz de mim!... eu já d'essa arte  
Vi horas longas deslizar se o Thamesis  
Por entre esses palacios, essas tôres  
Coroadas dos despojos do universo,  
Salpicadas do sangue de reis improbos...  
Ou malfadados — me monumentos grandes,  
Tôres, palacios que memorias guardam  
D'artes, de heroicos feitos, de virtudes  
E de crimes tambem. — Oh! quantas vezes  
Solitario vaguei por esses porticos,  
Por entre essas columnas apinhadas  
De rebollo e povo! ... e em meio d'elles  
Eu solitario e só! — Porquê? Porque alma,  
Por que o meu coração voava ao longe.  
Entre essa multidão nem um amigo!  
E se um fora, onde a amante, onde os carinhos  
Que amolgam penas e acalcentam dores?

Suave Délia, agora o teu amigo  
Já não vive no exilio: a minha patria,  
A minha patria agora é nos teus braços.  
Deixal-os, os tyrannos que se apazem  
Co'as lagrimas da oppressa humanidade,  
Proscrever me da terra! Que me arrojem  
Para os gelos da inhospita Siberia,  
Onde o tam puro sol da nossa Elysia  
A polar cerração nega os seus raios,  
Ahi, de um teu sorriso allumiado,  
Entre essas solidões darei co'a patria,  
Acharei os amigos, paes, e tudo,  
Que tudo me darás nos teus afagos.

Warwickshire, em Inglaterra — Novembro, 1823.



## XIV

## A LYRA DO PROSCRIPTO

A MADAME CATALANI

Clere viros, martemque accendere cantu.

VIRG.

E tu do meu pátrio Tejo desditoso  
Deixei nas praias desmontada a lyra:  
Suas aguas, já tam puras, hoje envoltas  
Em lagrimas e sangue,  
As ondas a trouxeram do oceano:  
Lá naufragou As nymphas compassivas  
Que á foz do Tejo, com vergonha e mágoa  
Contemplam de Ulyssea

A lamentavel última ruína,  
Inda lhe ouviram no soçobro extremo  
Uns sons de glória, uns eccos dos amores  
De quando amor e glória

Cantou sonora nos jardins d'Elysia.  
Silencio do sepulchro, a um proscripto  
Tu só competes: quando a patria é morta.  
Morren com ella as musas.

E silencioso e mudo eu caminhava  
Pela terra do exílio — que prodigio,  
Que electrico poder veio acordar-me  
D'este morto lethargo?

Serão as cordas da perdida lyra  
Estas que sob os dedos me palpitam?  
Não, oh, não: esse genio alvo-trajado  
Da névoa das montanhas

Que me tocou co'a vara mysteriosa,  
Me trouxe a harpa dos britannos bardos,  
E as desaffeitas mãos me agita e regem  
Pela harmonia estranha.

Foi teu poder, foi tua voz divina  
Que os eccos acordou d'estas florestas  
E os reflecte em meu peito, o Catalani.  
Desprende-me dos labios

Um cantico de novas melodias  
Quaes eu nunca aprendi.—Salve, o salve,  
Glória eterna do Tibre, que levaste  
Das Musas o triumpho

Ao Neva frio, ao Rheno, ao culto Sena,  
Ao Thamesis, ao Tejo... — O Tejo outr'ora  
Já por suaz grutas resoa ouvia  
Teus primeiros accentos.

Ai! que differente então, do que hoje, elle era!  
Seu leito de ouro em ferro se ha tornado,  
E o brio de seus filhos tam tímido  
Hoje é vergonha e opprobrio.

Oh Catalani! co'essa voz que impera  
Irresistivel n'alma, tu lhes brada,  
Chama-os á gloria, punge-os á virtude  
Co'aquelle accento energico  
Que faz tremer o coração no peito,  
Quando em teus labios vibra como a espada  
De Harmódio, que os eternos myrtos c'roam!

Mais audaz, mais segura  
Britannia se ergue a dominar os mares  
Quando a tua voz aos filhos seus bradando  
"Rule, Britannia!" eterna lhe promete  
A avita liberdade.

Eia! a Lysia infeliz tu dize:—Surge!  
Vel-a-has alçar a frente laureada,  
Cahir por terra os barbaros tyrannos.  
Triumphar liberdade.

## XV

## A MORTE DE RIEGO

Nascetur aliquis tandem sex nostris ossibus ultor.  
VIRG.

QUEM será essa dama inconsolavel  
Que ahí geme n'esses átrios solitarios!  
A seus pés vae o Thamesis tranquillo  
Por entre margens de tropheos correndo:  
Myriadas de povo satisfeito  
Giram emtórno d'ella. — E ella só, geme!  
Em languido silencio, quasi morte,  
Só vida, porque sente — E vêem-se as lagrimas  
A fio e fio a lhe cahir dos olhos  
Tam roxos, tam inchados... já sem lume.  
Que lhe apagou a dor, a luz e o brilho.  
Olha as mãos esfriadas que lhe caem,  
Desfallecidas! — Misera! que mágoa  
Não está destazendo aquelle peito!  
Ai do seu coração! como o tem ella!  
R: lado, consumido de amarguras,  
Traspassado de espinhos, embebido  
De fel e de veneno! — Mas nas faces  
Desbotadas, no corpo amorticido  
Como ha visos ainda de belleza?  
A flor dos annos entre angústia e penas  
Murchou-l'h'a o padecer! Cuidaes porcerto  
Vêr a estatua de Niobe no marmore  
Que geme só e tacito, cercado  
De grupos, de relêvos, de medalhas,  
De pinturas, de estatuas, em profusa  
Galeria regal. — Mas esse gesto,  
Essas feições não têm d'Albion as filhas:  
Um sol mais vivo n'essa tez pulida  
Amorenou os lírios, e deu visos  
D'arabe ou grega face. As alvas nymphas  
Do Thamisia têm outra formosura:  
Mas essa neve e profusão de rosas  
Será mais bella, — não me tala tanto  
Ao coração cá dentro.

— Eis outro aspecto  
Melancholico, afflicto, descahido.  
Respeitavel presença! Algum amigo  
D'essa infeliz que vem por consolal-a.  
Triste! como no gesto comprimido  
Se lhe vê que das lagrimas retidas  
Bebe o amargor, porque ellas lh'as não veja  
E redobre a sua dor co'a dor do amigo.

— «Filha» diz elle á misera que ancia:  
«Filha, socoga da esperanza ainda  
Não se foi todo o albor. Confia, aguarde:  
Deus ha-de ouvir teu pranto... e o meu.» E rompe-lhe,  
Ao dizer isto, a força dos soluços  
Que o sufocam de dentro. A quem é dado  
Vencer a natureza? Homens de ferro,  
Se os ha, fêl-os o crime. — Mente o orgulho  
Que se envolveu no pallio dos estoicos  
Para clamar: «Não sinto paixões de homem;  
Dor ou prazer são nomes, são fraquezas  
Indignas do meu ser.» — Fatal vaidade.  
Em que misérias, em que desvarios  
Não despenhas os miseros humanos!  
— Infelizes, chorae, dae redea larga  
Ao coração, que estalará no peito  
Se o comprimis: deixae-o que se expanda,  
Que desabafe, e mande para os olhos  
Quantas mágoas nas valvulas lhe pesam.

Ai! que interêsse eu tomo em vossas dores!  
Um não-sei-quê me diz que tenho parte  
N'esta afflicção. Oh dae-me um quinhão d'ella,

Reparti d'essas lagrimas commigo;  
Tambem sou infeliz, tambem votada  
Tenho a çahça aos fados impiedosos...

Mas que é isto... correndo apressurado  
Um mensageiro ahi vem. Que tristes novas  
Trará com tantos luctos que o trajaram?  
Prepara a vossa alma... eis uma carta.  
— Uma carta! — bradou a afflicta dama;  
Volve d'entorno os olhos desviados,  
Lá dá c'o mensageiro. Um grito agudo  
Céus e terra feriu: — « i, disse, e fecha  
Os olhos, cae de golpe em terra, e jaz.  
Toma-a de um braço o triste companheiro,  
Aperta-a sobre o seio — e co'a mão livre  
Abre a carta fatal — « Adeus, esp'ranças!  
Morreu... »

— « Nobre estrangeiro, quem foi esse? »  
— « Riego! Riego! » clamou com voz tremenda:  
Riego expirou, malvados! Deus eterno,  
Que é da tua justiça? Porque dormes,  
Porque dormes, Senhor? Elles profanam  
O teu nome, a tua lei, os teus altares,  
E tu deixaste triumphar seu crime!  
A virtude cahiu aos golpes d'elles,  
E os céus abandonaram a innocencia!  
Oh Deus, oh Deus, perdão ao meu delirio.  
O sangue de um heroe sobre o patibulo  
Jorrando ás mãos do algoz na terra ingrata,  
Que não se fende em boqueirões que sôrvam  
Os ministros do crime!... O caro sangue  
De um irmão tam amado, a minha glória...  
Traidores! e esse Nero que vos calca  
Com pés de ferro, e vos acolta as costas  
Infames c'o azorragem do desprezo,  
Esse é o idolo a quem sac'ificastes  
O campeão da patria, o heroe pacifico  
Que vossos fóros conquistou perdidos,  
Vencedor sem cubica, triumphante  
Sem ambição? Ah monstros! ah covardes  
Indignos de renome castelhano!  
Indignos. Oh miserrima viuva,  
Triste orphansinha, joven malhada,  
Tu me arrancas do peito estes suspiros;  
Ou só, que a indignação e atro desprezo  
Não me davam logar nem a lamentos.  
Vem, filha, vem commigo; n'estas praias  
De liberdade ergamos-lhe em memoria  
Singelo monumento. A noite e o dia  
Sobre elle nos verá pedir vingança,  
Pedir justiça aos céus. A ingrata patria  
Seus ossos possuirá; mas aos seus manes  
Nós daremos o culto — E aqui pausando,  
Do venerando rosto enchuga o pranto.  
Os nobres filhos d'Ibion se apinham  
De emtorno dos illustres desgraçados  
Por dar-lh'allivio, consolar-lh'as magoas  
Generosa nação, digna do sceptro  
Que aos angulos estendes do universo,  
Oh! recebe em depósito sagrado  
Essas reliquias de mui nobre sangue,  
Dae-lhes, no seio bemfeitor e amigo,  
Outra patria mais digna, mais honrada.  
Um dia inda virá. Jurou-o o Eterno,  
E a justiça o gravou com diamante  
Nas taboas do destino — Um dia egregio  
Que hade raiar co'a aurora da vingança  
Nos horizontes da infeliz Hespanha.  
Então aportara nas vossas praias  
Um baxel triumphante que os conduza  
Entre vivas de glória ao patrio Ebro.

Que sacrificio então será bastante  
A aplacar esses manes irritados  
Do Cid da liberdade? Sobre as aras  
Da mansidão, da placida indulgencia,

Virtudes do heroe, timbre em sua glória,  
Victima seja o tigre famulento  
Que lhe bebeu o sangue, e c'um sorriso  
Do impio holocausto recebeu a offrenda.

Prófugo e só na terra do destêrro  
Estes versos cantei: viera d'alma  
A triste lyra resoar nas cordas  
Humidas do meu pranto. Ide, lamentos  
Da minha voz, coae por essas neves,  
Ide levar ao Tejo os meus suspiros;  
Este canto é morte, repeti-lh'o  
De ecco em ecco nos concavos rochedos:  
E se entre esse tropel de miseraveis,  
Portuguezes outr'ora, que hoje arrastam  
Os vis grilhões do opprobrio e da vergonha,  
Virdes algum que ao menos a memoria  
Conserve da perdida liberdade,  
Bradae-lhe ao peito: « Escravo, escravo infame,  
Pesa mais um punhal que uma cadeia! »

Londres—Dezembro, 1833.

## XXI

### O NATAL EM LONDRES

Anathema sit  
CONC. TF-ID

Que Natal este! — Sempre sois herejes,  
Meus amigos inglezes  
Bem haja o santo padre e a sua bulla  
De fulminante anathema,  
Que excommungou estes ilheos descidos!  
Oh! nunca a mão lhe cõa.  
Vêr na minha catholica Lisboa  
As festas de tal noite!  
Sinos a repicar, moças aos bandos  
Co'a bem-trajada capa,  
E o alvo-tezo lenço em côca airosa,  
D'onde um par de olhos negros  
Dão as boas festas ao vivaz desejo  
Do tafu'o devoto  
Que embuçado accudiu no seu capote  
A' pactuada egreja!  
Natal da minha terra, que lembranças  
Saudosas e devotas  
Tenho de tuas festas tam gulosas,  
E de teus dias santos  
Tam folgados e alegres! Como vinhas  
Nos frios de Dezembro  
De regalados fartes coroados  
Aquecer corpo e alma  
C'o vinho quente, c'os mechidos-ovos,  
E farta comezana!  
E estes excommungados protestantes,  
(Oh!em que bruta gente)  
Sempre casmurros, sempre enregelados,  
Bebendo no seu ale,  
E tasquinhando na carnal montanha  
Do beef cru e insipido!  
Pois os Christmas-pyes, gabado esmêro  
De sarmatas minjares!  
Oh!em estas pequenas... são bonitas,  
Mas que importa que o sejam  
Se das Graças donosas praguejadas,  
Rusticas e selvagens,  
Nem dança airosa, nem alegre jôgo  
De divertidas prendas  
Arranjar sabem, e passar o tempo  
Em honesto folgado!  
Jogar um whist morno e taciturno  
Sentar-se em mona roda

Junto ao fogão, fazer um detestavel  
 Chá preto e fedorento,  
 Sem ar, sem graça. — Oh madre natureza,  
 Quanto mal empregaste  
 A formosura, o mimo, as lindas côres  
 Que a taes estátuas dêste!

Londres — Dezembro, 1825

## XVII

### O ANNO NOVO

(MDCCCLXIV)

Mutat terra vires,  
 1860-31

Bem vindo sejas, novo anno, e traga  
 Melhora to teus dias mais propicios  
 A' minha pobre, malfadada patria  
 E a meus fieis amigos

Esse mal-agoirado que nos pégos  
 Afundou hontem do Oceano, Apollo,  
 Não deu senão colheita de infortunios,  
 Nem grannou outras messes  
 Mais que o joio semeado por mãos tredas  
 Entre os sulcos do trigo. Não mondado  
 A tempo, foi crescendo, e em flor ainda  
 Affogou a esperanza  
 Do triste povo que a tam mauz caseiros  
 Tam inexpertos deu suas lavouras,  
 Que assim desmazellados lh'as perderam,  
 E quem sabe até quando?  
 Quem sabe quanto tempo ha de durar-lhe  
 O gelo d'este inverno em nossos campos,  
 Te que o derreta o sol, ora ennevoado,  
 Da antiga liberdade?  
 Dorme a vegetação n'essas sementes  
 Que a terra se lançaram. Mas eternas  
 As estações não são: teu dia, ó patria,  
 Teu dia ha de chegar

Londres — Janeiro, 1826

## NOTAS AO LIVRO PRIMEIRO

### Nota A

Este Sr. João Minimo..... pag. 43

A perseguição absurda—e tam vergonhosa para quem a exerceu—que soffri pela minha primeira publicação poetica o *RETRATO DE VENUS*, foi o principal motivo de eu publicar anonymas quasi todas as outras, o *CAMÕES*, a *DONA BRANCA*, a *ADOZINDA*, e esta propria collecção que pela primeira vez se imprimiu em Londres, em 1820, com o titulo, que lhe conservei, de *LYRICA DE JOÃO MINIMO*.

### Nota B

A ti vira de longe o peregrino  
Como a Sabina e Tybur..... pag. 55

Nem se vê que só um poeta criança podia escrever similhantes vaidades, que hoje o fazem rir até a elle. Pensei que devia eliminar estes versos; mas reflecti depois que ha humildades muito mais presumpçosas e muito mais tolas ainda, que o tempo d'agora é todo d'essas hypocrisias, e não quiz sacrificar a ellas porque as detesto.

### Nota C

Vem, que é de troixas de ovos..... pag. 56

É bem sabida a predilecção de Francisco Manuel por esta gulosice que elle tanto celebrou em seus versos comparando-a á ambrosia dos deuses. O meu entusiasmo n'este tempo não via no mundo poetico senão Horacio e Filinto-Elyseo.

### Nota D

Esmeros de ambição pomposa, inchada..... pag. 57

Este epicedio, elegia, ou como queiram chamar-lhe, foi a primeira denuncia que de mim dei ao publico. a primeira e desgraçada confissão de poeta que fiz. Era no meu terceiro anno de Coimbra. O dr. Fortuna, por extremo popular entre os estudantes porque professava as luctas liberaes, era por isso mesmo detestado dos lentes seus collegas. O seu funeral foi para a mocidade academica um acto de solemne protestação por seus principis queridos; e eu com toda a doudice dos meus dezeseis annos fui com a rapaziada, como era de razão, fiz estes meus versos, que não têm stylo, nem compostura, nem nada que preste. Mas fizeram um *furor* incrível. E d'ahi nunca mais me pude libertar da maldita poesia que jámais me deu senão desgostos em seu culto publico. No particular, oh sim! muito lhe devo.

Na edição de Londres expungi da collecção esta peça porque me envergonhei d'ella: tam falso lhe achei o stylo, tam vulgar e commun o pensamento. Restituo-a agora porque entendo que similhantes collectaneas só valem a pena de ser percorridas como series de documentos em que se observe o progresso ou decadencia do espirito e do ingenho do homem, ou do seu seculo.

### Nota E

E a ti, boa Isabel, a ti primeira..... pag. 61

A Sr.<sup>a</sup> D. Maria Isabel Van-Zeller era uma senhora ingleza de extremosa caridade, cuja morte foi chorada por todos os habitantes do Porto, e a quem a sua familia adoptiva deveu em grande parte a popularidade de que n'aquella cidade gosava.

Estes versos, que são ainda bem falsos, já têm comtudo alguma coisa melhor que os do epicedio anterior. Pelos mesmos motivos que dei na nota anterior, os tinha excluido da edição de Londres e os ajunto na presente.

### Nota F

Nymphas do Lyma, dae, trazei alegres..... pag. 62

Para intelligencia d'esta passagem e de toda a peça, convem dizer que foi feita para o natalicio de um menino cuja familia habitava as margens do rio Lyma—que pretendem seja o Lethes ou rio do Olvido dos antigos.

### Nota G

Sinceros e de lei tens versos puros..... pag. 64

O padre José Fernandes Alvares Leitão, professor de latindade na universidade de Coimbra, era um philologo di-tincto, honradissimo homem, e poeta horaciano legitimo. Creio que foi o ultimo classico de inquestionavel merito. Os romanticos seus adversarios não o conheceram; e os classicos seus confrades desprezavam-n'o: elle valia mais que uns e outros. Conservam-se por mãos de alguns amigos —poucos—as copias, muitas d'ellas já viciadas, de suas excellentes Odes. Quanto melhor não fariam os nossos jornaes litterarios se as salvassem pela imprensa em vez de se constituirem o asylo da infancia desvalida para todo o que soletira no abecedario poetico: grasnido rudimental bem poucas vezes agradavel de ouvir!

### Nota H

Portuguezes, murrent! d'aquelles labios..... pag. 64

Esta peça, composta por occasião da morte de Francisco Manuel do Nascimento, é pouco mais do que um recôrdo de suas principaes obras; e não poderá ser entendida pelos que não estejam versados n'ellas.

### Nota I

N'este grande aldeão que chamam Porto..... pag. 69

Isto são versos de um senhor estudante zangado de se não divertir nas férias quanto desejava, e que se desforra, com assás de mau gosto, em chufas sem-sabores á mais bella, á mais benemerita e á mais nobre das cidades portuguezas. Não duvido, por isso mesmo, que tanto me honro de ser portuense, conservar n'esta collecção o insulso gracejo, tal qual elle appareceu na primeira edição de Londres. «Estamos mais alto que nenhum portuguez» dizia a nota respectiva n'esta edição, e não podemos desconfiar com



LYRICA

Filha do mar, recebe-a!

PAG. 88



similhanças bagatellas. Se na nossa cidade ha muito quem troque o *b* por *v*, ha muito pouco quem troque a honra pela infamia, e a liberdade pela servidão.»

Sempre hei de consignar aqui todavia, como verdadeira curiosidade litteraria, digna da collecção de D'Israeli — e não menos interessante curiosidade politica — o ter eu perdido uma vez a minha eleição no Porto porque um zeloso e integerrimo patriota bozinou com estes pobres versitos ás orelhas dos eleito-res — que deviam de ser bo's e grandes orelhas — para lhes fazer crer que eu era um mau e renegado cidadão da cidade invicta.

#### Nota J

Que o rotundo fallar da nossa origem ..... pag. 69

Do Porto contam os nossos bemaventurados anti-quarios que foi colonia grega; e dos gregos cantou Horacio que falavam *ore rotundo*.

#### Nota K

Tal me vi eu pejado de bilhetes ..... pag. 70

Para que entenda este gracejo, saiba o leitor bene-volo que, vindo-me recommendado do Porto para fazer seu beneficio em Coimbra, onde eu estava, um certo charlatão cuja principal habilidade era ser *ven-trilquo*, eu me vi sobrecarregado de um grande nú-mero de bilhetes que tive de lhe tomar. Acudiu-me, ficando com boa conta d'elles, o meu já então par-ticular amigo Nicolau da Arrochella, a quem retri-bui com esta ode laudatoria segundo convencio-nários.

Com que saudade recórdo, entre alegre e triste, estas primeiras memorias da vida! E que satisfação em pensar que, tirados os que a morte levou, ainda não perdi nenhum dos bons amigos de infancia que n'ellas têm parte!

## NOTAS AO LIVRO SEGUNDO

#### Nota A

Aos pés do marmore de Pompeu ..... pag. 72

Esta ode que na primeira edição se numerava XXXIX, tem ahi por titulo A LIBERDADE LEGITIMA, e se diz com-posta em 1826 por occasião da outorga da Carta. Não é verdade. Confesso que, publicando-se a *LYRIC*a em Londres em 1819, epocha de temores e diffi-culdades politicas, receei agravar as desconfianças dos tímidos declarando-me o Alceu da Revolução de Vinte, e attribui a data posterior o que tôra feito muito antes. Os princípios moderados, o amor da li-berdade legal, creio sinceramente que nasceram com-migo; é-me instinctivo o horror da anarchia, da exa-geração, innata a crença — mais de sentimento ainda que de razão — no poder da forma monarchica para cohibir os excessos dos outros elementos e forças sociaes.

Vivem ainda bastantes amigos que em Coimbra me viram fazer estes versos na data que hoje lhes restituo.

#### Nota B

Ergo tardia voz, mas ergo-a livre ..... pag. 73

Além das mesmas razões que sinceramente ex-puz na nota antecedente, outra, e propriamente lit-

teraria, me fez radiar da collecção de Londres esta peça.

Achei-a turgida, bombastica, e sem nenhum merito poetico. Não obstant, ella corre impressa com o meu nome nas collecções de Coimbra, foi alli popular no momento, e sei de muitos contemporaneos da Uni-versidade que d'ella se recordam com excessivo e bem pouco mecido enthusiasmo. Não a quero por renegar, e aqui vae.

#### Nota C

Verdade, oh! vem da escuridão que ha tanto ..... pag. 78

O titulo que esta peça agora leva é o com que realmente a compuz. Veja as notas antecedentes.

#### Nota D

Nem tanta haia de procos abundancia ..... pag. 70

Os traductores verteram sempre o grego de Ho-mero n'este vocabulo latino. A quantidade d'aquel-les *procos* — *proci* — *πρῶσι* — ou mais *lusitanicè* pre-tendentes de Penelope, foi extraordinaria: basta vêr as immensas *varas* de bons porcos gordos e cevados que os maganões devoravam em casa d'el-rei Ulys-ses, em quanto sua augusta esposa tecia e destecia, como é sabido.

## NOTAS AO LIVRO TERCEIRO

#### Nota A

Tu que em minha alma tens  
As primeiras sementes despaziste ..... pag. 83

Meu tio D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia per-tenceu aquella brilhante constellação de sábios e ho-mens de letras que illuminou o reinado da Sr.<sup>a</sup> D. Maria I. Seus intimos amigos, Fr. José do Coração de Jesus, o Arcebispo Cenaculo, o Abbadé Correa, Antonio Ribeiro dos Santos, o padre Theodoro, e

todos os outros bem conhecidos, o tinham pelo pri-meiro orador e primeiro prosador do seu tempo. E com effeito o era. Depois de ser bispo de Malaca, de Angola, de ter viajado muita parte da Europa e da America, veio a fallecer bispo de Angra no archie-pado dos corcos, sua patria.

De seus muitos e variados trabalhos litterarios só pude obter alguns sermões, preciosos de dou-trina e de linguagem: tudo o mais se perdeu por indesculpavel descuido dos que assistiram á sua morte.

**Nota B**

Celeste emanação do Sôr primeiro..... pag. 85

Na collecção de Londres tambem se attribue exactamente esta ode — que ahí é XL — á epocha da Carta. Veja nota A ao Livro II, pag. 99 da presente edição.

**Nota C**

Celestes Musas, Sapho desgraçada..... pag. 87

D'este verso até o quinquagesimo de pag. 88 é versão de uns fragmentos de Sapho que o traductor, ou antes imitador, francez ajuntou em uma só peça.

**Nota D**

Os nobres filhos de Albion se apinham  
De emtórno dos illustres desgraçados..... pag. 94

Para intelligencia d'esta rhapsodia cumpre dizer

que a infeliz espôsa de Riego estava refugiada em Londres em companhia de seu cunhado, ancião e sacerdote, quanto aquelle foi immolado em Madrid. A municipalidade de Londres tentou levantar um monumento á memória do illustre martyr da liberdade constitucional nas Hespanhas.

**Nota E**

E estes excommungados protestantes..... pag. 94

Em tudo e em toda a parte ha um lado ridiculo que não é difficil achar: nem criminoso descobrir se não forem excedidos os limites do folgado, que não degenera em satira amarga. A intenção do auctor por certo não foi chegar lá; porque nunca o fez — nem a seus mais crueis inimigos — e bem pôde dizer com Crebillon:

Aucun fiel n'a jamais empoisonné ma plume.



# LYRICA

## II

### A QUEM LER

No anno de 1828, em Londres, se publicou o primeiro volume dos versos ou *poestas fugitivas* do sr. Garrett. Extinguiu-se em pouco tempo a edição; mas o auctor, occupado de outros trabalhos e preoccupado de mais serios cuidados, não tratou nunca de preparar a reimpressão que, entre nacionaes e estrangeiros, pediam todos os collectores de suas obras.

Até ao anno de 1841, não lhe foi possível nem lançar os olhos áquelle modesto volume que, sob o nome de *LYRICA DE JOÃO MINIMO*, tão popular o tinha feito, e algumas de cujas peças já tinham merecido ser trasladadas nas linguas mais cultas da Europa.

N'esse anno, retirado a descansar no campo de grandes fadigas de corpo e de espirito, deu emfim algumas horas de mais lazer a repassar as composições de sua infancia litteraria, e a escolher as principaes das que, em mais feita idade, lhe tinha arrancado a condescendencia com amigos, ou a irresistivel inspiração de algum objecto ou circumstancia da vida que mais o impressionára.

Resmas e resmas de papel lhe vimos destruir e queimar ao fazer d'esta escolha. E apezar do desapiedado apuramento, ainda ficou uma collecção copiosa que, entre o já impresso e o ainda manuscrito, dava materia para bons quatro volumes.

Enfileirou tudo por generos e datas, — algumas das quaes só estavam na pouco exacta reminiscencia do auctor. Mas depois de tentados e desprezados varios methodos, assentou porfim — que dos quatro volumes, ficaria sendo o primeiro essa mesma *LYRICA DE JOÃO MINIMO*, apenas alterada da primitiva edição de Londres em leves differenças de collocação, e acaso additada com alguma composição juvenil que o auctor desprezára,

mas que reclamavam os seus apaixonados; — que o segundo, sob o titulo de *FLORES SEM FRUCTO*, conteria o resto das composições lyricas da sua primeira e segunda epocha; — que o terceiro seria destinado as *F BULAS E CONTOS*, e por appendice aos poucos Sonetos que não entregara ás chamma; — o quarto volume finalmente, com o titulo de *FOLHAS CAHIDAS*, foi dedicado ás producções de idade mais madura e que elle considerava como os seus ultimos versos.

D'estes quatro volumes assim detalhados, não se tratou todavia por emquanto de dar ao prelo senão o segundo, as *FLORES SEM FRUCTO*, que ainda assim só vieram a imprimir-se em 1845.

E nem a popularidade que obteve o livro, nem o remanso de maiores lidas, que por então gosou o auctor, o poderam mover a pôr a ultima mão a nenhum dos outros.

Sómente em principios de 1851 entrou na imprensa o primeiro volume, isto é, a segunda edição da *LYRICA DE JOÃO MINIMO*, e o quarto, isto é, as *FOLHAS CAHIDAS*.

Motivos bem notorios de serviço publico vieram reclamar toda a efficacia e attenção do nosso auctor; e os dois volumes lá ficaram abandonados na imprensa, meio compostas e meio revistas as folhas. Assim estiveram dois annos até principios do actual, 1853, em que felizmente desembaraçado e liberto, pôde outra vez dar-se aos seus queridos cuidados litterarios.

Publicou-se então a *LYRICA* e as *FOLHAS CAHIDAS*; aquella muito correctea e avantajada á primeira edição; estas cercadas e mondados pelo auctor, que apenas ficou uma pequena brochura do que tinha sido um volume regular.

Em poucos dias porém desapareceram

as FOLHAS; —levadas de bons e de maus ventos... voaram.

E sendo reclamada pela opinião e pelas necessidades do commercio uma segunda edição, resolveu-se o auctor a fazer da reimpressão d'esse voluminho, e do inedito que era destinado ás Fábulas, Sonetos, etc., um só tomo, com o titulo de *Segundo volume dos PRIMEIROS E ULTIMOS VERSOS*.

Para resumir d'este modo, era necessario porém queimar ainda mais Sonetos e mais Apologos. Assim se fez, sendo genero de occupação em que muito parece comprazer-se o auctor.

Mas por tal modo, com estes dois volumes e com o das FLORES SEM FRUCTO, está completa, em tres tomos regulares, a collecção das poesias menores do sr. Garrett; nome pelo qual sempre será mais conhecido o *Visconde de Almeida Garrett*, a quem as dignidades politicas não elevam nunca acima do que a si proprio se eleva por seu engenho e estudo.

Detractores e inimigos gratuitos — porque não invejosos tambem? — podem clamar que essas dignidades rebaixam o nome que não podem exaltar.

E' um sophisma de calumnia, porventura admissivel como epigramma se, republicano e demagogo, o auctor de *COMOES*, de GIL VICENTE e de FR. LUIZ DE SAUS, houvesse alguma hora professado as hypocritas doutrinas do nivelamento social, que tam poucos acclamam com sinceridade, e menos ainda com perseverança. Mas a tribuna, a imprensa e o Conselho o viram sustentar sempre com denodo e dedicação a causa da monarchia, sustental-a como inseparavel da causa da liberdade do povo, da qual é não menos zeloso e strenuo defensor.

A verdade é que as distincções monarchicas tanto dão lustre ao merito e o recebem d'elle, quanto se envilecem e prostituem lançadas á ignavia ou ao demerito que não conseguem ennobrecer.

O dia em que os reis comprehendem bem este axioma, será o ultimo das aspirações demagogicas.

Voltemos porém á historia da nossa collecção. Não ficou ella nem rigorosamente chronologica nem perfectamente systematica. Participa de uma e de outra coisa, enneaçada de um certo mysterio que muito por acaso envolve, sem nenhuma prevenção ou pretensão da parte do auctor.

Na LYRICA DE JOÃO MINIMO, tal como no principio d'este anno se publicou, está a infancia poetica, toda a vida juvenil do homem de lettras, do artista, do patriota sincero e innocente, do entusiasta da Liberdade que ainda não conhece, que ama com exaltação,

que serve com fervor, e pela qual sacrifica de bom grado a patria, o socêgo domestico, a fortuna, a saude e quanto os homens mais prezam. Ha n'essa lyra uma corda que já sôa de amor, do amor apaixonado, ardente, cioso que um dia abafará talvez as outras todas. Mas os gemidos soltos que por agora lança, os vagos suspiros que balbucia mostram bem claro que no coração do poeta dormem ainda as tempestades que porventura lhe hão de agitar depois a vida. Para tudo o que não é a Patria e a Liberdade, é tibio e froixo o seu canto, desgarrado e mal sentido. Hade entrar muito fundo n'esse coração a pena ou o prazer, antes que chegue a fazer vibrar a corda intima que está silenciosa, distendida — e apenas geme a espaços como harpa eólia pendente do ramo, que, agitada por incerta brisa, suspira vaga e saudosa, sem a percutir ninguem, por ninguem, por coisa nenhuma, e só movida de um indeterminado presentimento do que hade ser, do que pôde ser, do que talvez não seja nunca.

Fala de amor o poeta... Sim, fala; e ha Délías e ha Lílias, e ha flores e ha estrelas, e ha beijos e ha suspiros, e ha todo esse estado maior e menor de um exército de paixões que sae a conquistar o mundo no principio da vida de um rapaz cheio de alma, de fogo, de exuberante energia e vehemencia de sangue. Mas esse exercito é todo de parada, forma bem na revista — em travando peleja séria, hade fugir, porque é boçal e não o anima nenhum sentimento verdadeiro e tenaz. Vê-se o poeta através do amante: falso amor e falsa poesia! Quando um e outro são verdade, não apparece senão o amante, não se vê senão a paixão, a arte some-se, annulla-se deante d'ella: então vem a poesia do coração.

Não ha ainda d'essa poesia na LYRICA DE JOÃO MINIMO. A da alma sim. Nos tres livros em que se divide a LYRICA estão as tres primeiras epochas da existencia do mancebo. As impressões e aspirações da infancia que desponha á puberdade, os instinctos da glória, do amor e do patriotismo suspiram no primeiro livro, que se sente escripto no socêgo da casa paterna á repousada sombra das faias e das larangeiras da sua ilha no meio do Atlantico,<sup>1</sup> e logo depois ás margens classicas do Mondego, nas horas vagas dos estudos superiores. O segundo livro é nova era para o poeta e para o patriota. Alceu imberbe, tribuno de dezeseis annos, levanta-se com a revolução, destitue todos os idolos velhos, e não canta senão hymnos á liberdade. O profundo sentimento monarchi-

<sup>1</sup> Em Angra, na ilha Terceira, capital dos Açores.

co lá resumbrava todavia sempre dos mais exaltados cantos com que se insurge a sua musa revolucionaria. Vê-se que, apesar de todo o impeto que leva essa carreira, já-mais hade precipital-o na anarchia. O irreconciliavel inimigo dos despotas e dos hypocritas, não hade ser nunca o amigo dos demagogos, nem blasphemará jámais contra Deus e contra a religião em nome da liberdade que adora como emanação do seu divino.

No terceiro livro ahi está elle repousando no lar paterno das primeiras lidas publicas; ahi canta em suaves endeixas os mais puros affectos da familia, a saudade dos que já não vivem, o carinho dos que ainda o abraçam. Mas a patria, essa patria que hade renegal-o e proscrevel-o d'ahi a pouco, a liberdade que hade fugir bem depressa, vem tiral-o do seu momentaneo descanso. Os cinco annos da vida de Coimbra passaram, o socôgo da casa materna a que regressou canção-o. Elle que sae outra vez da sua ilha tranquilla para as tempestades da capital. A causa do povo é trahida, abandonada. . . elle não a abandona; prefere e exilio, e em terra estrangeira o ouvimos cantar as suas imprecações, as suas saudades e a constancia indomita do auctor do CATÃO.

Tal é a historia da LYRICA DE JOÃO MIMMO, que termina em 1824.

Começa no anno seguinte a das FLORES SEM FRUCTO, collecção já muito menos volumosa, porque a superabundancia de seus espiritos poeticos tem já outras derivações. O CAMÕES, a DONA BRANCA, a ADOZINHA, absorvem muito d'elle. Fôrma-se com a experiencia e a observação na terra estrangeira o talento do publicista, aperfeiçôa-se na patria com a prática; começam as luctas politicas de 1826, em que o redactor do PORTUGUEZ e do CHRONISTA mostra que, se a natureza o fez poeta, o estudo e o amor do seu paiz o fizeram orador eloquente e escritor politico abalisado.

Nova emigração, novos trabalhos litterarios e politicos, e novos cantos lyricos tambem, em que ora geme, ora triumphava a liberdade—Mas no segundo dos dois livros das FLORES começam as paixões do coração a tomar posse mais ampla e mais tenaz do poeta. Seria que as desillusões da politica, os desapontamentos da vida pública, as defecções da amizade o levassem a refugiar se nas chimeras d'esse outro paiz de sonhos, em que o despertar não é todavia nem menos desanimado nem menos triste?

Não sei: a vida de um poeta hade sempre ter capitulos mysteriosos, transições inexplicaveis e inesperadas; a filiação de suas ideas e de seus sentimentos é quasi sempre

cryptogamica. O certo é que, nas primeiras composições dramaticas do restaurador do nosso theatro, o amor não existe. No CATÃO e na MEROPE só ha as paixões d'alma, o amor da patria ou da familia; no GIL-VICENTE porém já o coração toma o primeiro logar,—disputado ainda pela gloria, pela paixão das lettras, da arte—mas o primeiro.

N'esta segunda collecção lyrica do nosso auctor, basta a peça que tem por titulo *As minhas azas* para se ver que o homem publico, o philosopho, o poeta da gloria e da liberdade pagou emfim o tardio e pesado feudo de sua independencia vencida e subjugada. Até então as homenagens ao suzerano eram meias de escarneo, eram um tributo de condescendencia—de uma como elegante ironia! O estado de coisas é outro agora.

As FOLHAS CAHIDAS continuam esse estado. Os seus dois livros (que na primeira edição foram um só) visivelmente o mostram.

As FOLHAS CAHIDAS são o principal n'este segundo volume dos VERSOS, que vem a ser o terceiro, porque entre elle e o primeiro estão as FLORES SEM FRUCTO. As FABULAS e os SONETOS não são senão appendices ou accessorios; e por suas datas e por seu genero pertencem mais a primeira collecção de que acima falamos, do que a esta terceira de que vamos occupar nos.

Aqui os sentimentos patrioticos, o amor da gloria, o enthusiasmo da liberdade têm ainda saudosos eccos na lyra do poeta. Mas a energia, a vehemencia de suas cordas não vibra já senão com outra paixão mais ciosa e mais exclusiva. As Julias, as Délias, não se contentam já de inspirar, dominam absolutamente o coração de poeta. os hymnos, as canções, as imprecações mesmas da sua lyra.

Que é de o Alceu que bramia liberdade, o Anacreonte que zombava com o prazer, o Tyrtæu que precedia as phalanges da Terceira ao pé do pendão azul e branco da joven Rainha dos exilados? Que é das elegias suaves e melancholicas do auctor do CAMÕES? Que é feito dos desgarrs semi-rabelaios do poeta de DONA BRANCA, dos sarcasmos byronicos e incredulos, dos sorrisos mephistophelicos espalhados por essas VIAGENS NA MINHA TERRA, pelo ARCO DE SANT'ANNA, por tanto volume de prosas e de versos?

Tudo isso acabou, porque acabaram provavelmente todas as decepções do seu animo, e não ficou, em logar d'ellas, senão outra decepção maior que engana mais cega, e vinda mais apertada.

Taes são as FOLHAS CAHIDAS, última palavra até agora, mas que não será a derr-

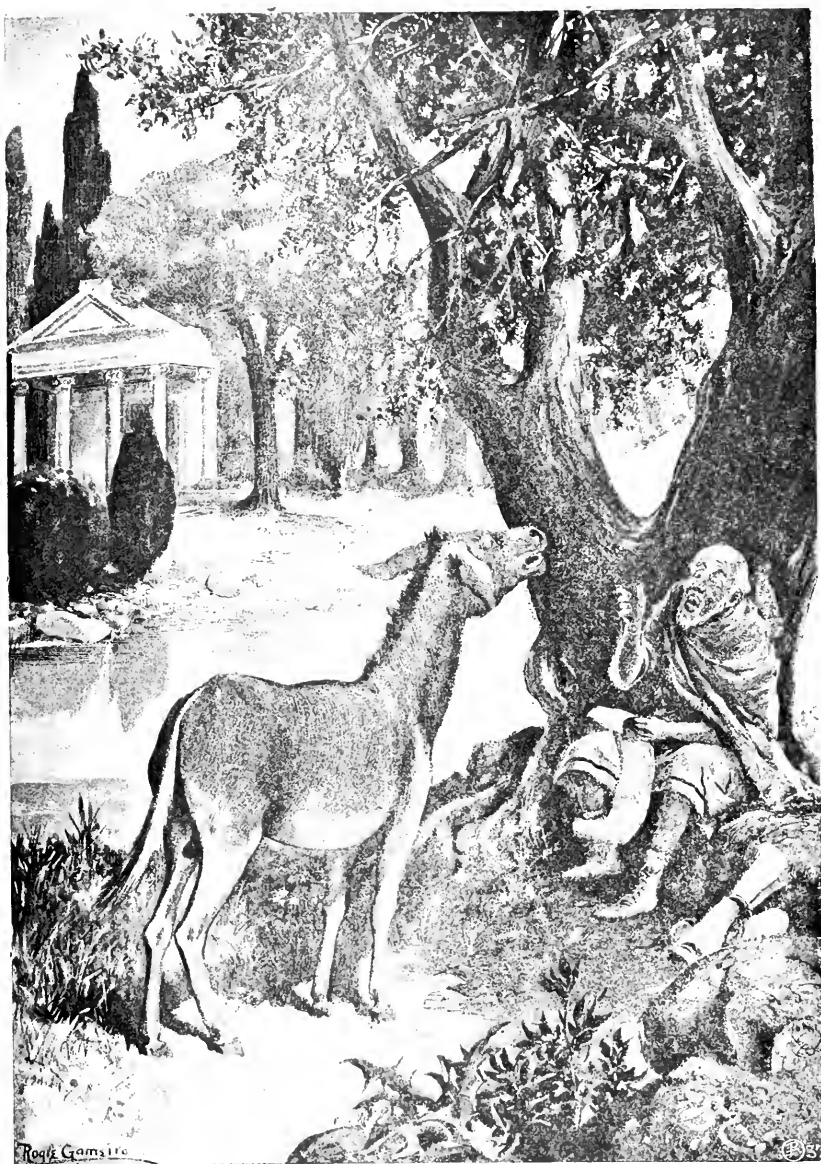
*deira* do nosso poeta: affoitamente o confiã-mos. Confiãmol-o de seu engenho grande, de sua alma elevada e nobre, traduzimol-o da sua admiravel introducção ao pequeno volume que hoje reproduzimos.

As Folhas caídas não são o fim, são a transição.

O que virá depois sabe-o Deus, sabe-o o

destino mysterioso de uma existencia á parte, que não tem lei nas regras, mas nas excepções da humanidade.

O tempo o mostrará, porque uma vida, que tam longa parece por tam cheia que tem sido, é ainda curta e môça bastante para nos deixar aguardar socegradamente pelo futuro que esperãmos d'ella... e muito!



FABULAS

O homem do Esopo olha para a figura  
*Esopo e o burro*

PAG. 115

POESIA

14



## PRIMEIROS VERSOS

### FABULAS E CONTOS.—SONETOS

Senti sempre que a lingua portugueza era para todo o genero de composições. E o re-bellar-se ella em algumas pareceu-me que era mais inhabilidade de quem a conduzia do que defeito proprio seu. Por honra d'ella, mais que por vaidade minha, tentei compôr em tam desvairados assumptos e generos como tenho feito. Hoje estou crente e firme convencido de que a tudo serve, a todo stylo se presta. Nem me persuadi mais d'isso por alguma coisa em que sabi bem de meus ensaios, do que pelas muitas em que falhei.

A singeleza de seu dizer, uma certa malicia popular e mordente de sua innocencia saloia faz o dialecto portuguez eminentemente proprio para o Apologo e para o Conto.

Está pouco trabalhado o genero entre nós em verso. Mas as Fábulas dos animaes, contadas em prosa pelas gentes do campo, têm tanta graça de stylo como as de Eso-po e de Pilpay; e as narrativas do Decameron popular em que sempre figura o frade, a mulher do çapateiro, o marido logrado, o amante umas vezes bem succedido em seus artificios, outras colhido n'elles proprios e punido de sua audacia, não têm que invejar a Lafontaine ou ao licencioso italiano que fez as delicias de nossos gaiatos avós da Renascença.

Quando, em bem creança, quiz tambem ensaiar a minha penna n'este genero, não adverti tanto no que agora escrevo e penso.

Fique pois o meu mau exemplo, fique a minha quéda por farol de aviso aos que navegarem n'este rumo, para que saibam que as imitações dos estrangeiros são perigosas sempre, e quasi sempre infelizes quando se

não põem bem deante dos olhos os unicos typos verdadeiros, que são a natureza, a indole da lingua, e os modos de dizer do povo em cujo idioma se escreve.

Tambem comprehende a segunda parte d'estes meus «primeiros versos» alguns Sonetos, poucos. De centos que fiz, e que me fizeram fazer, apenas deixei estes. Não são bons, e eu não gôsto do genero, que por indole propria é pretencioso e facticio. Mas confesso que hoje tenho remorso da reacção que promovi contra o Soneto. Tinha ao menos restricções e difficuldades que não tem a sôlta liberdade das Canções descabelladas e plusquam romanticas, pelas quaes foi substituido; na qual soltura cresceu descompasadamente a turma dos janisaros do Parnaso, que levaram a anarchia poetica além de todas as raias do senso commum.

Se nós invocaremos ainda o Soneto e a Arcadia e a Academia, como os povos, cançados e enfastiados das orgias da liberdade desenfreada, invocam a tyrannia, último e fatal remedio dos males presentes, que lhes fazem esquecer os passados? Oxalá que não, porque a coisa era muito semsabor e muito pedante. Mas esta é tam piegas!

Da litteratura piegas nos livre Deus, sobre todas as coisas.

Emfim, a historia do mundo não é senão uma serie de reacções e contra reacções. A da Litteratura é o mesmo. O que unicamente fica immutavel são os eternos principios da verdade, do gôsto, e da razão em tudo.





# FABULAS E CONTOS

## LIVRO UNICO

### I

#### INTRODUÇÃO

**CAHIRAM** com a folha os meus prazeres;  
E as musas, caro Gomes,<sup>1</sup> que, outro tempo  
Torrentes d'estro me esparziam n'alma,  
Até as mesmas musas  
Sem dó, sem compaixão desampararam  
O froixo amante inválido.  
Embalde as chamo, e as desmontadas cordas  
Da saudosa lyra  
Lhes peço ao menos que sequer me atinam  
São bellas, como bellas, caprichosas  
Não me admirou que fujam.

Porém, amigo, no celeste côro,  
Como por cá na terra,  
De milagre inda ás vezes se depara  
Com alma bemfazeja.  
Das nove irmãs gentis a mais gaiata,  
Garrida e brincalhona,  
A galhofeira, magica Thalia,  
Rindo-se ás gargalhadas  
Da lamuria que fiz por vêr fugil-as:  
—Deixa, me disse, és louco;  
Deixa, que ellas virão sem que as tu chames  
É costume do sexo,  
Assim fazemos todas.  
E que lhes queres tu? que encantos achas  
Na macilenta, pallida Melpómene,  
Que, desde que houve em Grecia um tal Escylo  
Até o dia d'hoje,  
Sempre lagrimejando  
Nos sécca, nos enoja  
E nos quebra os ouvidos com gemidos?  
Sempre se anda a matar e nunca morre!  
As outras—na verdade,  
Aqui muito em segredo  
Estas minhas irmãs... Não é má lingua;  
Não é geito da saia... mas decerto  
Não sei esses poetas  
Porque tanto as incensam, tanto as buscam.  
Olha: o velho Philinto,  
Que tu, e os teus patricios—boa gente!—  
Tanto gabaram, applaudiram tanto,  
Sem lhe matar a fome,  
Postoque a todas nós galanteava,  
Comtudo a do seu peito  
Foi a mana Polymnia.

Nunca vi um namôro mais rançoso;  
Fizeram duzias de Odes... duzias!—centos.  
Tanas e tantas foram,  
Que em fim o mano Apollo  
Já de Odes enfastiado,  
Assim que o pobre velho deu á casca,  
Protestou, e protesta  
Não dar a mais ninguém o officio vago  
De Lyrico da casa.

Caliope, essa tola empavezada,  
Que Homero, e o teu Camões, Virgilio e Tasso  
Tam mal acostumaram,  
Sempre de bico doce,  
Torce o nariz a tudo,  
E diz que a ninguém mais quer dar cavaco;  
E até, se não soubesse  
Que um tal poeta lá da tua terra  
Que faz *Orientes* e baptiza *Gamas*,  
E a quem nós todas temos mortal osga,  
Fôra frade tambem... que ia ser freira.  
As mais é tudo o mesmo,  
São todas desdenhosas:  
Além d'isso têm lá os seus namoros,  
E não querem largal-os.

Eu cá não sou assim... Porém não penses,  
Por me ver rir com todos,  
Que a todos quero, que namôro a todos.  
Engana-se commigo muita gente,  
Tenho enganado a muitos  
Que julgam conseguir os meus favores:  
Cáem como uns patinhos  
Nas peças que lhes armo.  
Cuidou que me pilhava aqui ha tempos  
Um tal cantor de *Burros*,  
Macaco encyclopedico  
Que em tudo quer metter-se.  
Preguei-lhe um lôgo... oh este foi machucho:  
Vesti a minha môca da cozinha,  
Que vocês lá no mundo  
Appellidam Chalaça,  
Que sempre anda mettida entre estudantes  
Marujos e arreeiros.  
Vesti-a c'uma roupa do meu uso  
Já rota e desbotada,  
E mandei-lh'a em meu nome ao tal poeta,  
Que a pillula engoliu,  
E muito satisfeito da conquista,  
Por tal a deu aos parvos  
Que as sujas trovas, que os immundos versos  
Extasiados applaudem.

<sup>1</sup> O Dr. Francisco Gomes da Silva, meu companheiro e amigo da Universidade.

Quando eu tinha os meus dōze, e era donzella...

(Que hoje, crê-me a verdade,  
Vae cá no Olympto o que lá vae na terra!)

Namorei-me de um Grego: oh! bello amante!

Chama-se Aristophanes:  
Dei-lhe, entreguei-lhe tudo  
—Como o teu Camões disse—

O que deu para dar-se a natureza.

Um phrygio corcovado,  
Mas que tinha mil graças

Que a corcova das costas lhe encubriram,

Soube também vencer-me.

Com estes dois gosei prazer tam doce,

I am delectosas horas,  
Que os monumentos d'ellas

Inda lá pela terra os mimos fazem  
De quantos sentem de meus dons o preço.

Quando no Sena ovante,  
Quando no Tejo e Tibre

Se ergueram nossos templos

Que a barbara ignorancia derrubára,

Ao cantor do *Lutrin*, ao da *Pucelle*,

Ao mago auctor do santarrão *Tartufo*,

Ao teu do bento *Hyssope*,

E a esse galhofeiro Italiano

Que aos animaes deu fala,

Dei-lhe os favores, franqueei-lhe os mimos

Que a Ariosto, a Gil-Vicente,

Que aos outro todos concedera out'ora.

Se o que elles foram sabes,

Quanto eu valho aprecia.

Eu não sou como as manas,

Rio de tudo, tudo rindo ensino;

E nas coisas mais sérias

Acho, descubro o lado

Em que o sal do epigramma encaixa a geito.

Por mim da atroz affronta,

Por mim da escravidão, por mim da inveja

O engenho se despica,

E n'um só *trait d'esprit*, de eterno opprobrio,

C'o sello do ridiculo,

Marca indelevel na ignorancia imprime,

Na presumpção, no orgulho.

Toma (e, dizendo, me entregou a lyra.)

Toma, e conhece quanto podem risos

Da magica Thalia.

Fere-a, e, se os sons mal destro,

Desafinados, rudes te sahirem,

Começa n'isso mesmo

A gosar minhas dadivas;

Ri-te d'elles, de ti, ri-te da lyra,

E de mim se quizeres.—

Tal me falou a minha bella deusa

Que tantas gargalhadas,

Nos dias folgasões de nosso tempo,

Nos fez dar tantas vezes

Quando na voz roufenha

Do nosso mathematico Alvarenga,<sup>1</sup>

A s mãos cheias vertia

Pilherias do *Kai-Pira* e *Sgnarelli*,<sup>2</sup>

Do empulhado *Avarento*.

Satisfeito da offerta, e mais que d'ella,

Do longo e bom cavaco,

—Cavaco que jejuo ha tanto tempo!

Cavaco suspirado

Com que me acenam já vespéras santas

De tardio feriado!—

Toquei, ou antes arrinhei a toa

Os versos que te mando.

Ri-te se forem bons e se gostares,

Ri-te se forem maus e te enjoarem.

Ri-te, ri-te, que o mundo

Não se pôde levar de outra maneira:

Assim o ensina a deusa.

Coimbra—1820.

## II

### PELO ZURRO O BURRO

CONTO ACADEMICO

Naturam expellas  
Furca, tamen usque recurrat.  
HORAT.

Fra uma vez: diz mestre Lafontaine,  
Que lh'o dissera Pheuro seu amigo,  
Que lh'o dissera um grego corcovado...  
Pois tudo n'este mundo vae por ditos,  
Tudo se diz porque outros o disseram...  
E talvez que não fosse Lafontaine,  
Mas foi outro que tal, que vale o mesmo:  
Um dia... mas o fio á minha historia  
Não o tórno a quebrar por coisa alguma;  
Poema que tem muitos episodios  
Nunca pôde ser bom, nem bons ser elles:  
Diz padre Horacio ou outro tal como elle  
D'estes que intentam acanhar o genio  
Com leis servis por elles arranjadas,  
Que, segundo a moderna guapa eschola,  
As não pôde soffrer de taes birbantes.  
Um dia pois o pae de homens e nunes,  
Como eu ia contando aos meus leitores...  
—Se é que a sorte, que os nega a bons poetas,  
M'os deparar a mim, chulo trovista—  
A rogos, mas de quem já me não lembra,  
Asno felpudo de orelhões cahidos  
Quiz transformar em tervido ginete;  
E ao bom Mercurio, seu fiel ministro,  
Manda que o longo pello lhe tosqie  
E um bom naco cerceie das orelhas.

Era grande o burrico, nedio e gordo,  
E por milagre do supremo Jove,  
Que sempre faz como este bons milagres,  
Eil-o desempennado e mui lampeiro,  
Qual andaluz corcel ou egua arabia,  
Apar de outros corceis se vae trotando.  
O povo cavallar na fórm nova  
Não reconhece a burrial maranha.  
Como elles folgazão retouca e pula,  
Ladeia, faz corcovos, trava o passo,  
Emfim parece—tanto podem nunes  
E tal é o poder de um bom milagre!—  
Cavallo mestre e feito em picaria  
—Qual rustico peão de bronca aldeia,  
De tamancos nos pés, no sacco a bróa,  
Que vem para embarcar lá da provincia,  
E para um tio, que é senhor de engenho,  
Ricaço em pretos, em arroz, mellaço,  
Engoiado aprendiz vae ser caixeiro:  
Morre-lhe o tio, eis o rapaz n'um sino,  
Vende pretos e pretas e mellaço,  
E vem, Cresso de côcos e patacas,  
Metter toda Lisboa n'um chinello;  
Lá por boas, luzentes amarellas  
Serodeo compra fidalguesco tóro...  
D'antes—que hoje a visita da saude,  
Em cheirando a cattura, a bordo o prende,  
E é já barão quando pôe pé em terra.

<sup>1</sup> Outro amigo da Universidade.

<sup>2</sup> Farças que representavamos no nosso theatro

Eil-o que alteia os hombros encolhidos,  
Entufa em vento as bochechas as bellas,  
Empina a pansa, engrossa a voz pausada,  
E no tropel dos nobres envolvido,  
Se o não conheces, crêral o provindo  
Dos que nos velhos pergaminhos vivem.  
Tal já desorelhado e utino o burro  
Entre altivos ginetes campeava.  
Mas, oh fado infeliz, mesquinha sorte!  
Quando entre os novos ledos companheiros  
Se vai trotando com pimpão meneio,  
Eil-o, depara com vilão jumento  
De hirsuta felpa e de costado esguio,  
Que os fios corta d'alma a quem a viu,  
Como bem diz latino luso vate  
De mui gaiata e festival memoria.  
Subito esquece o recém-nobre estado,  
Lembram-lhe antigos, burricas requebros  
E o tom galanteador de asnal mamoro:  
Estira amante o bejador focinho,  
E em notas de invejar por um Lablache,  
Psalmeia airoso, compassado orneio,  
Deixa os amigos e a azzurrar se fica!

Ora pois, como fez o senhor Jove,  
Fez certo gran'senhor de lettras gordas  
E protector das magras. — Foi milagre  
Que pela intercessão foi operado  
De uma a que chamam deusa da Sandice  
De outra Impostora e de outra Pedantice.

Começa o caso c'o outro parecido.

Havia em certa terra muito longe,  
... a nas pontas dos pés d'este hemispherio,  
Que dizem fôra outr'ora povoada  
Por certo beberão feitor de Baccho,  
Havia uma familia de animalculos,  
Aos quaes Linneu, que achou nomes a tudo,  
Nunca deu nome, nem especie ou genero,  
Nem eu lh'o sei tambem, só sei que irrotam  
Textos, medalhas, chemicas rançosas,  
Que trazem n'algiheira um compassinho,  
Muito acanhado, curto e pequenino,  
Talhado ao molde dos miolos d'elles,  
Com que querem medir todo este mundo.  
D'estes pois — e aqui vae o gran'milagre —  
Burros na fôrma, na sciencia burros,  
Mas burros mais que tudo na cacholla,  
Quiz o tal gran'senhor, citado acima,  
Fazer — ó musa o quê? — Dize, não temas,  
Não fujas, dize e vae-te. — «Uma Académia»  
Disse a musa e safou-se ás gargalhadas.  
Mas que Académia! — Oh! venham as brilhantes  
De Londres, de Paris, de Petersburgo  
Beber aqui sciencia não sábia  
De assopradas, pomposas ninharias.  
Que produções, que produções! Oh quanto  
Quanto seria mais se um deus maligno,  
Inimigo dos guapos academicos,  
Das tres que Deus nos deu potencias d'alma  
Lhes não saccasse duas á surrella,  
Deixando só memorias e memorias ..  
Quanto seria mais, quanto fulgira  
Em gordos, grossos, gr'ndes calhamaços  
A portugueza, magestosa lingua,  
Se os novos sabios, no começo á empreza,  
A antigas manhas não perdendo o affinco,  
Não encontrassem por desgraça nossa  
C'um perfido *azzurrar* — zurrar maldito!  
Ficaram no *Azzurrar* sempre zurrando.

## III

## AMOR E VAIDADE

## FABULA

Já mais veloz corria o espaço usado  
Que as horas marca ao dia  
O deus que atrás de Daphne  
— Infructuoso trabalha! — dera as g'mbias;  
E aos braços d'Amphitrite ia mais cedo  
Dos trabalhos da luz gosar nas trévas  
Desejado descanço.  
Iam seccando pelo prado as hervas,  
E o verde-escuro dos frondosos montes  
Amarello cahia;  
Sentado ao pé da magustal<sup>1</sup> fogueira,  
Vermelho e rubicundo,  
O hemdito e louvado San Martinho,  
— Que a cega antiguidade,  
Por não tomar a bulla da cruzada,  
Nem jejuar aos dias de jejum,  
Baccho chamava em sua escandalosa  
E miser! ignorancia —  
Bastas fazia navegar, nos mares  
Da barriga santissima.  
As puchantes castanhas;  
Banhos e quintas ao socego antigo  
Despovoados tornavam:  
Voava a folha, sibilava o vento,  
E emfim, sem metaphoricas periphrases,  
Era já meio outomno.  
Amor, Cupido, ou Ero, ou qual mais gostem,  
Dar-lhe baptismo ou chrisma,  
Contanto que não chegue  
A tanto o desaturo  
Que ousem — como eu ouvi, por meus peccados,  
Co'estes que a terra um dia  
Ou mar tem de comer —  
Por louca alfetação de anglo-maria,  
(O que não farão modas!)  
Chamar-lhe em portuguez — chamar-lhe *Love*!  
Amor pois ou Cupido,  
— Que assim nossos avos sempre disseram  
Em tempos venturosos  
Que tudo se chamava por seu nome,  
Que ás bellas se dizia  
Em portuguez sincero e sem malicia  
O que hoje é fôrça rebuçar no manto  
De allegoria equivoca —  
Amor, do rebulicio da cidade,  
Do barulho enfatiado,  
Farto já de frexar c'os aureos tiros  
Os corações tam gastos,  
Usados, velhos, estropiados, frouxos  
Va gente que a povoa,  
Para o campo fugiu d'onde ella fogue  
Lá nos singelos hosques,  
Nas simples cabanas  
Singelos corações, simples almas  
S'era achar anda  
Em Dapunis e Amaryllis.

Por um ameno solitario valle,  
Em seus projectos imbeido o numen,  
Caminhava .. Eis da encosta de um outeiro  
Vê descendo gentill, esbelta dama  
Que hem, no airoso enteite,  
No perluxo das modas,  
Conheceu que não era habitadora  
De rustica espessura.

<sup>1</sup> Magustal, no dialecto da minha provincia, é a fogueira em que se assam as castanhas nos dias marcados pelo ritual minhoto.

Fugil-a quer; mas sentimento occulto,  
Que entre nós cá na terra  
Se diz curiosidade,  
—Não sei como no céu lhe chamam nubes!—  
Sentimento imperioso  
No sexo lindo que nos doira a vida...  
—Que a doira, se gozar sabemos d'elle,  
Que aos parvos a envenena—  
Este o reteve, suspendeu-lhe os passos,  
Quem será? Quer sabêl o.  
Eil-os juntos; o Amor que á bella dama  
Cortezmente sauda:  
«No campo ainda e só, quando á cidade  
Apressurada corre toda a gente!  
Tam delicada, tam formosa dama  
Da quadra desabrida  
Os insultos não teme?»  
Foge acaso o prazer da sociedade,  
E n'estas mudas selvas  
Vem porventura, desgraçada amante,  
Chorar na soledade:»

Não gostou do cortejo e cumprimento  
A nymphá bella, desdenhosa e dengue;  
Offendida que o nome lhe ignorassem,  
Orgulhosa responde:  
«Conhece-me o universo; em toda a parte  
Templos, altares tenho;  
Domino os corações, governo as almas,  
Sou uma deusa, e chamo-me Vaidade.  
Por mim co'a morte, c'os reveses luta  
O guerreiro no campo;  
E ante o espelho traidor consome a vida  
A belleza que aos annos se não rendi.  
Por mim o litterato sobre os livros  
Curva a fronte abrazeada;  
Por mim nos gestos, no falar se estuda  
O adamado peralta;  
Por mim vivem contentes, satisfeitos  
Os que menos razão têm de viverem;  
E o mago meu poder se estende a tanto,  
Que entro no seio mesmo ao que me offendem,  
Desprezam e injuriam.  
Por meu influxo, n'esse proprio escripto  
Em que me insulta o sabio,  
Corrige e apura o sabio o stylo, a penna,  
Aos louvores armando.  
Eu as soberbas, elevadas cupulas  
Ergo de vãos palacios;  
E até na estancia gellida da morte,  
Nas mentirosas lapidas  
Lavro pomposas letras  
Que a enganado porvir levam memorias  
De parvos, de maus reis, santões Tartufos,  
De tonsuradas bestas.  
Eu em certa famosa Academia  
As charamellas tanjo,  
As Conclusões defendo,  
Em vandalo latim peroro ás turbas,  
Tufo a brilhante borla  
Com que as caveiras jumentae adorno.  
Emfim até de amor perturbo o imperio:  
Por mim, por meus auspícios,  
A parvoa chusma dos galans mais parvos,  
Dos fôfos petimetres  
Já do sexo gentil não quer favores:  
Indifferentes ao gôso e á ventura,  
Basta que o mundo os tenha por felizes...  
Por mim a dama desdenhosa e bella  
Já não procura amores,  
Nem de Venus suavissimos deleites,  
Mas o gaudio maior, mais lisonjeiro  
De que os outros a creiam  
Cercada de servís adoradores,  
De humildosos escravos...»

Ia por diante; mas o deus zangado,  
Furioso a interrompe:  
—Basta; o numen d'amor sou eu: não entra  
Tam facil em meu reino  
Teu sacrilego pé: sobejas vezes  
De muitos corações tenho extirpado  
Teu petulante vicio.  
Em vão esse Hymeneu, que deus se chama  
E igual a mim se inculca,  
Ousa pleitear commigo:  
Os nós lhe quebro que appellida santos,  
E em seu tempo introduzo  
(Embora a testa doa  
Aos miseros maridos)  
Quem me apraz, quem me segue, e a quem eu quero.  
Por mim se equalam desvairadas sortes,  
Que as baixas condições uno ás mais altas.  
Lidia, a orgulhosa Lidia,  
Que a ladainha dos avós empurra  
A todo o instante e a todos,  
Lidia que nunca ri... c'um tiro as pompas  
E as sombras dos avós lhe desfiz n'alma:  
Puni-a, fil-a escrava,  
Fil-a escrava... e de quem?... do seu lacaio.  
Togas, aureos bastões, borlas, espadas,  
Mitras, corôas, toucas e capuzes  
Ao meu imperio tudo está sujeito.»

Desdenhosa e sorrindo ouviu a deusa,  
E em submissa ironia lhe responde:  
—«Pois bem: assim será; não valho nada  
No coração das bellas.  
Mas expliquem sem mim seu vário peito;  
Isso que o mundo appellidou capricho,  
Que em sua alma domina,  
Dize-me o que é? será sem causa o effeito?  
Suas obras tam variaveis, tam confusas,  
Com que os amantes pasmam,  
Não as decifro eu só, de mim não partem?»

Esquentou-se a questão; de novo os deuses  
Pro e contra razões allegam. mostram.  
E cabeçudo Amor, ella teimosa...  
Não acabavam nunca,  
Ficariam na mesma.  
Se o meio de findar contendas tantas  
Não acordasse á deusa:  
—«Prescindamos (clamou) de vans palavras,  
Argumentos deixemos;  
Vamos a factos, e de nossas armas  
Façamos experiencia.»

Sahia a ponto do vizinho bosque  
Pastorella innocente:  
Alma inda nova, coração ingenuo,  
No simples do vestido,  
No mal composto dos cabellos louros,  
De sobejo mostrava:  
Era toda ao pintar para experiencia.  
Consentem ambos em provar, na bella  
E timida pastora,  
O poder de suas armas.  
Jurou Amor de dar-se por vencido  
Se de seus magos tiros  
Podêsse defendel-a a Vaidade.

Com lisonjeiro, placido semblante  
E com doces palavras,  
Tomando-a pela mão, a affaga a deusa;  
Pungente frexa Amor no arco imbebe,  
E mostrando-lhe a um tempo  
Joven pastor que dera inveja a París,



## FABULAS

1, se n'mais Deus te sölve ou mäs embora,  
*(A Saúde e a Medicina)*

PAG. 116



O tiro lhe dispara.  
 Voa a setta fatal... mas no momento  
 Em que lhe toca o peito,  
 Subito a deusa aos olhos lhe apresenta  
 No mesmo instante crystallino espelho.  
 Pasma, extasiada e fixa  
 A simplicidade donzella,  
 O semblante gentil contempla immovel;  
 Nem um só volver de olhos para o bello  
 Mancebo lhe escapou.

So riu-se a deusa; Amor de envergonhado,  
 De corrido fugiu.

Coimbra — 1818

#### IV

#### ESOPO E O BURRO

FABULA

A TH. DA SILVA QUINTANILHA

Foi grande tempo, amigo,  
 Aquelle tempo antigo:  
 Eram maiores pèras e melhões...  
 Pois uma melancia?  
 Por essa casa dentro não cabia.  
 Bem o mostram as sábias conclusões  
 Do famoso Gil Braz de Santilhana:  
 Guardadas proporções,  
 Se a conta não engana,  
 Certamente seria  
 A maçan com que Adão Eva enganou.  
 Maior do que uma abobora-menina:  
 E então já bem se atina  
 Como ella lhe encalhou  
 No gargallo do pae da humanidade;  
 Cujá enorme hombridade,  
 Segundo o mesmo cálculo constante,  
 Devia ser maior que a de um gigante.

N'esse tempo feliz da Carochinha,  
 Em que pato e peru, porco e gallinha,  
 Burros e burras — e o rhinoceros —  
 Cabreavam, ahi por esse monte,  
 Com toda a mais canalha  
 Que era da sua equalha  
 Toda essa corja dizem que falava,  
 Como nós, na sua lingua mistiforio.  
 Não sei se Deus fez bem no seu decreto  
 Que a mercê lhe tirou do falatorio;  
 Pois, segundo mui douto me ensinava  
 Meu mestre José Vaz, homem discreto  
 E de saber profundo,  
 Em toda a sociedade d'este mundo  
 Por força ha de reger  
 O famoso *direito de accrescer*.  
 Accresceu para nós, tristes, humanos.  
 Toda a loquacidade  
 De quantos bicharrões, bichos, bichanos  
 D'este universo á grande sociedade  
 Veiu a perdas e damnos:  
 E assim vemos falar moços e môças;  
 Velhos e velhas, sabios e tarellos,  
 Com vozes finas e com vozes grossas,  
 O gentio, o christão, mouro e Judeu,  
 Por quantos cotovellos  
 Deus e o *direito de accrescer* lhes deu.

N'esse tempo feliz então havia  
 Em Grecia um corcovado  
 Que de todo o animal, ave ou pescado  
 Entendia e falava a algaravia.

Muitas já tinha em grego traduzido  
 Das famosas comedias.  
 Altisonas tragedias,  
 Entremezes chistosos e engraçados,  
 A que tinha assistido,  
 Dos bichassos auctores mais falados.  
 Um dia passeando  
 Por junto de um ribeiro,  
 Talvez algum dialogo pilhando  
 De bichitos de couve ou formigueiro —  
 Eis-ahi senão quando  
 Direito a elle em frente  
 Orelhudo jumento vem trotando;  
 E depois de o saudar mui cortezmente  
 Com uma cavatina  
 Em notas que nem já Lablache afina,  
 Findado o ritornello,  
 Assim o nosso burro,  
 Em sua lingua asinina  
 De mui pulido zurro,  
 Ao corcunda falou,  
 Quero dizer — orneou:  
 —«Tenho um favor que te pedir, Esoipo:  
 No apologo primeiro  
 Que em lingua traduzires da tua gente,  
 Não me faças tam zôpo  
 Como, useiro e veseiro,  
 Fazes constantemente.  
 Em meus discursos mette alguma graça  
 E pilherias com sal e com finura,  
 Que eu, a zurrar, sou forte na chalaça.»

O bom do Esoipo olhou para a figura  
 Do elegante orelhudo,  
 E com tam destampada,  
 Tremenda gargalhada  
 Lhe respondeu ao animal felpudo,  
 Que elle, de orelha murcha e mui trombudo,  
 Se foi sem dizer nada.

Do sincero de Esoipo quam diffrentes  
 Andam certos auctores  
 Que altisonantes falas farfalhadas  
 Emprestam a patetas gran'senhores,  
 Excelsos presidentes  
 De pedantes reaes Academias,  
 Illustres senadores  
 Que as cachollas vazias  
 Inchados ornam de compradas flores!  
 Quantos ha ahi garraios descarados  
 Que vão pimpar, sem pejo, pelos pulpitos  
 Com os sermões escurios  
 Que aos padres mestres da ordem são furtados!  
 Quantos vates -ervis, lamosos gansos,  
 Que, em vis dedicatorias campanudas,  
 De podres versos ranços,  
 Na linguagem da *Phenix renascida*,  
 Vão dar ethica vida  
 A Zenobias barbudas,  
 E a Mecenas palhaças  
 De sabichões da Grecia dão fumaças!

Mas Esoipo ficou qual d'antes era,  
 E o burro, burro estreme;  
 Mas aos nossos Mecenas sêcca e trême  
 Na frente o loiro, a hera  
 Com que venaes poetas  
 Lhes coroaram as testas de patetas,  
 Em trovas semsabôres;  
 Mas os nossos modernos escriptores  
 Ficam asnos sem sizo  
 Para os homens de bem e de juizo.

Coimbra — 1821.

## V

## O MENINO E A COBRA

UMA cobra doméstica folgava  
Criança innocentinha,  
E «Meu bicho» dizia a criancinha;  
«Contigo tão seguro eu não brincava  
Se primeiro, o veneno refalsado  
Não te houvessem tirado.  
Que vós sois muito más, muito ingratonas,  
Minhas serpentesonas.  
Oh! nunca a tal história me esqueceu  
D'aquelle homem que a cobra achou na rua,  
—Talvez fosse avô tua—  
E tanto se doeu  
De a vêr toda de frio retransida,  
Que no seio a metteu  
E comsigo a aqueceu.  
Que fez a bicha mal agradecida?  
Apenas se recobra  
A traidora da cobra,  
Vae, e zaz!—e mordeu  
O pobre homem, que logo da ferida  
Venenosa morreu.»

— Bem parciais, responde-lhe a serpente  
São as vossas historias.  
O teu homem, que tens por caridoso,  
Creu realmente a cobra já finada,  
E foi por cubicosos  
Da pelle, que era linda e mosqueada,  
Que o teu santinho d'home a quiz salvar:  
Era para a esfolar.—

«Vae-te» responde em cholera o menino,  
«Vae-te, bicho mofino:  
Todo o ingrato é ladino  
Para se desculpar,  
E ao seu bemfeitor calunniar.»

O pae da criancinha, mui contente  
Toda esta conversa ouvindo esteve;  
E—«Pois, meu filho» disse «honradam... e  
Julgaste como deve  
Todo homem de bem:  
Mas é preciso em tudo ser prudente,  
E injusto com ninguém.  
Ha casos de tam feia ingratidão,  
Que a razão  
Não se atreve  
A crê-los, sem exame, assim de leve  
Raras vezes a ingratos obrigaram  
Os que são verdadeiros bemfeitores;  
Mas o mundo, meu filho, por desgraça,  
Harto está cheio de ruins Mecenas,  
De falsos protectores,  
Que a detestavel raça  
Dos ingratos no mundo propagaram,  
Arrastados favores,  
Inda menos baratos  
Que interesseiras baratas onzenas,  
O que hão de produzir, senão ingratos?»

Coimbra—1821.

## VI

## A SAUDE E A MEDICINA

Já tenho, meu Eloy, tudo emmallado;  
Fica até no bahu o estro fechado.

1. O Dr. João Eloy Nunes Cardoso, de Monte-mór—Novo, outro amigo velho, e verdadeiro, da Universidade.

Mas ante: de partir,  
Quero contar-te um conto, que hasde rir  
Hontem o encontrei  
N'aquelle teu Pignotti tam magano;  
E, se em meu portuguez não desbotei  
As côres do italiano,  
Hasde lhe achar a graça que eu lhe achei.  
Vou abrir o bahu, e venha o estro!  
Sobre o canhão da bota,  
Como dizer se usa,  
Farei regrinhas curtas e compridas.  
Botas... e esporas tenho já cingidas,  
Montarei o Pegáso, que nem trota  
Commigo, de esfalfado.  
Eu muito descansado  
Ahi me vou choitando,  
O meu conto contando.  
O conto é da Saude e Medicina.  
E trata de te rir,  
Que, se não ris, serviu-te a carapuça.  
E um reles doutor de mula ruca,  
Doutor que se amoffina  
E não quer consentir  
Que a pobre, atormentada humanidade  
Se desforre uma vez co'a faculdade.

Jove, esse Jove em Grecia tam temido,  
Que imperava nos céus, nos elementos,  
Nos raios e nos ventos,  
De moda emfim cahido,  
O credito perdeu e está falido.  
Mas quando elle reinava  
Viam-se casos n'este baixo mundo  
Que o vulgo parvo assegurar ousava  
Desdizerem de seu saber profundo:  
E n'este ponto a grega theologia  
Por desculpa dizia  
Que, ao dar ordem a coisa tam soez  
Como é d'esta vida o entremez,  
Lhe cáem muita vez  
Os oculos do nariz;  
E que n'estes momentos  
Tudo o que faz e diz  
É asneira—sandice por um triz.  
Em um d'estes accessos mazelentos,  
Em que de facto, do nariz divino,  
E sem elle dar tino,  
Tinham cahido os seus oculos bentos,  
A' terra nos mandou,  
Só para nosso bem, como julgou,  
Duas boas divindades companheiras,  
Ambas ricas herdeiras  
De sua graça divina:  
A saber, a Saude e a Medicina.  
Na força juvenil tinha uma d'ellas  
Ageis e vigorosos  
Fortes os membros, cheios, musculosos,  
Tintas de côr rosada,  
Florida e engraçada  
As frescas faces bellas;  
E nos olhos tranquilllos e gozosos  
Tinha a indolencia com a paz pintada.  
A outra, de gesto magro e macilento,  
Cabello pouco, e o pouco de alvo argento,  
Com as faces rugosas descachidas,  
As carnes resequidas,  
E em circulos de chumbo encaixilhados  
Os olhos encovados  
Remelosos, vidrados.  
Entrançada de malva e de chicoria  
Ampla corôa a frente lhe cingia,  
Como um splendor de glória;  
E a negra sotana que vestia  
Rota, e cossado o pêllo, lhe luzia  
Com erudita e sábia porcaria.  
Aos hombros alquebrados,



Que a muita idade impêna,  
Em fôrma de capuz, junto ao toitiço  
Assim como uns calções esfarapados  
De antigo, velho rico,  
E da côr de bandeira em quarentena.  
N'um frangalho de tal coisa amarella  
Lhe pendia á feição de bambinella,  
Não Tosão de ferro ou a Polar estrêlla,  
Vermelho Christo ou roxo an Thiago.  
Mas o instrumento aziago  
Certo tubo que todos conhecemos,  
Que no lúbrico pão escorregando,  
Emquanto vae e vem assim brincando,  
Ao nobre officio serve que sabemos...  
Cingida era de e tórno  
A venera pendente  
De um magnifico adórno  
De pilulas, lancetas em pingente,  
Siyapismos, ventosas,  
Com que, a modo de pedras preciosas,  
A nova Ordem militar fulgia,  
De Esculapio em memoria e honraria.

A este sabio Mentor Jove entregára  
Em guarda a bella deusa das rotundas  
Bochechas rubicundas,  
E mui severamente  
Que em tudo a governasse, lhe mandára.

Eil-as, breve, a caminho:  
E a deusa obediente  
Submissa e reverente,  
A sua mestra seguia  
Como ao guardião furia  
Um tímido noviço, capuchinho.  
Mas alguns passos dados,  
A magra Medicina  
Prega na outra os olhos encovados,  
De admiração malina  
Franze o sobrolho esguio,  
E tomando-lhe o pulso, em ár sombrio,  
Com palavras que ignora,  
Profano vulgo, graves e sonoras,  
Disse—que a robustez já muito athletica  
Que lhe achava, a fazia mui plethorica,  
E daria em pleuritica ou phrenetica,  
Provou-lhe mais com medica rhetorica  
Que um excesso mui rude  
Soffria de saude;  
E para que o morboso estado mude...  
E ella possa viver seguramente,  
De todo era forçoso  
Que tivesse o seu tanto de doente...  
Disse, empunha a lanceta,  
Fere um vaso venoso,  
E á pobre da pateta  
Tres libras de sadio e generoso,  
Vermelho sangue puro lhe sacou:  
Muito menos a muito já matou!

Mas era a paciente  
Tam pouco natural a estar doente,  
Que á sua directora vigilante  
De melhorar não deu signal bastante.  
Pelo que foi gramando ás ordens d'ella,  
Nojenta beberagem amarella,  
Fedorenta, asquerosa,  
Em dóze prodigiosa!...  
Tanto, tanto bebeu,  
Que a rebelde natura enfim cedeu.  
O appetite, o vigor  
Jam diminuindo;  
E a brilhante côr,  
A frescura das faces vae fugindo.  
—«Bravo,» gritava a outra em ledão aspeito  
«Bravo, que a arte vae fazendo effeito!»

E temendo funesta recachida  
Em quanto de uma vez  
Não tinha debelada e hem vencida  
No morbo a robustez,  
Manda avançar as horridas catervas  
Dos xaropes, conservas,  
Seguros laxativos,  
Fortes aperitivos...  
Com tal fôrça e podêr, que a desgraçada  
Em sua consciencia  
De todo em todo se sentiu curada.  
Mas com tanta sciencia  
Tam eruditamente era tratada,  
Por via de tam graves aphorismos,  
E agudos syllogismos,  
Lardeados de Grego e de Latim,  
Que até, morrer assim,  
Morrer n'esta doçura,  
Morrer tam sabiamente era ventura.  
Da nossa boa alumna, por má sorte,  
Era estúpida um tanto a natureza,  
E romba de agudeza:  
Graça a mais superflua  
Que nos pôde fazer a mão divina!  
De tam ditosa morte  
Não pôde comprehender toda a belleza.  
Cobrou medo a moína  
Da sciencia divina.  
E, sem mais Deus-te-salve ou mais embora,  
Desanda-me a fugir, dando á-canella  
Por esse mundo fóra.  
Larga a outra atrás d'ella  
A correr... e correu, e correrá...  
Mas nunca a apanhará.  
E d'então para cá  
Ninguém mais se gabou  
De que juntas ou perto se encontrou.  
Tal medo uma da outra concebeu,  
Que aonde a Medicina appareceu  
E logo — n'um momento  
Foge a Saude mais veloz que o vento.

Coimbra — 1821

## VII

## O GALLEGO E O DIABO

E  
Eu, por mim, gôsto de contos,  
Diga o mundo o que quizer;  
E para matar o tempo  
Um conto quero escrever.

Matar o tempo é preciso  
Aos ignorantes — dirão;  
Ao sabio sempre elle corre  
Voando, que lento não.

Porêr, amigo censor,  
E quem me fez sabio a mim?  
Sou eu lente ou academico,  
Prégador ou coisa assim?

Verdade e, no Quebra-costas  
Minha vez escorreguei,  
Fui prêso por Verdeaes,  
E á porta Ferrea m...ei.

Mas que doutor fiquei eu,  
Se nunca o Martini li,  
E, o que sube da *Instituta*  
E do *Digesto*, esqueci?

Sabenças para que servem?  
Bruxaria, eu t'arrenego!  
Vou-me contar o meu conto;  
E o meu conto é de um Gallego.

Era uma vez um Gallego  
 1 oçal, felpudo e lanzudo,  
 Um Gallego em corpo e alma,  
 Em chancas, juizo e tudo

Nunca lá das Gallileas 1  
 Saiu cabeça tam romba  
 A alistar-se nas companhias  
 Dos bravos heroes da bomba.

Melena loira e comprida,  
 Azeitada e corredia,  
 Olho azul, pasmado e parvo,  
 Bócca aberta, a barba esguia.

Calção de abanante orelha,  
 Por onde fura o quadril,  
 Nos pés a fragrante chanc'a,  
 As costas sacco e barril;

Eis-aqui a vera effigie  
 De Thiago Manuel Juan,  
 O mais hel dos gallegos  
 Que jamais *comieron pan*

Em devoção não falemo;  
 Que n'isso era exemplar;  
 Deixára um prato de tripas  
 Para a missa não faltar.

A miudo ia a confissão;  
 E nunca o sonno'o pilhou  
 Senão a rezar o terço,  
 Que —nunca mais acabou.

Em duas ou tres egrejas  
 Era freguez de *basar*;  
 O seu barril tinha a honra  
 De a agua benta ás pias dar

Tam devoto, tam modesto  
 Nunca houve outro Thiago,  
 Não ha memorias de ouvir-lhe  
 Nem uma só vez um—*ajo*.

Um dia, á volta das onze,  
 Cançado de apregoar,  
 —Era em Julho, que escaida  
 Um calor mesmo de assar!

N'uma igreja de Capuchos  
 O bom do Thiago entrava,  
 E a igreja tam fresquinha,  
 Que a oração convidava.

Por tenlencia natural,  
 Instincto de chafariz,  
 Ajoelhou aopé da pia,  
 Herdeira de seus barris.

Mal se tinha *santiguado*, 2  
 Isto é, se persignou,  
 Um berreiro destampado  
 Detrás de si escutou:

Era um membrudo Capucho,  
 Destemido Ferrabraz,  
 Que a duros botes de estolla  
 Brigava com Satanaz.

Tinha-se o demo encaixado  
 No bojo de uma beata,  
 E d'alli se defendia  
 Como de uma casa-matta.

Arripiaram se as melenas  
 A Thiago no toitiço,  
 Póz-se-lhe em pé no cachaço,  
 Até o proprio choiriço 1.

Mas o ôlho arregalado  
 Em ponto de admiração,  
 Não se atrevia a tirar-o  
 D'aquella horriovel visão.

Travava a descompostura  
 Do dize-tu, direi-eu...  
 Falava o frade latim  
 Que nem o demo entendeu.

Satanaz é bom latino,  
 Ninguém lh'o póde negar:  
 As syllabadas do frade  
 Faziam n'ô blasphemar.

Grita o frade:—*Abrenunci-ô!*  
 E o cachorro do Asmodeu:  
 «Assim não me deitas fora»  
 Dize *abrenun-cio*, sandeu.»

—Latim sabe elle, o maldito.  
 Disse o frade aos seus cordões;  
 Que os frades, como os não usam,  
 Não falam com os seus botões:

—No Latim me venceu elle,  
 E não fez grande façanha;  
 Elle é o Diabo; e eu sou Capucho!  
 Veremos se o faz na manha.—

Ria o demo ás gargalhadas  
 Por ter o frade encovado;  
 E o Capucho, de velhaco,  
 Dava-se já por cansado.

Mas co'a mão á caldeirinha,  
 Sem que o pesque Satanaz,  
 Vae mansinho... e de repente  
 Prega-lhe a hyssopada—zaz!

Deu tal estoíro a beata,  
 Que parecia uma bomba.  
 Não era ella, era o demo:  
 Cheira a enxofre que tomba.

—Eu te esconjuro, maldito,  
 Brada o frade em portuguez;  
 (Que não quiz comprometter  
 O seu Latim d'esta vez)

—Eu te esconjuro, maldito,  
 Que d'este corpo te vás,  
 E não tornes a entrar n'elle,  
 Negregado Satanaz.—

«Vou-me, disse o porco-sujo,  
 Vou-me embora, Frei Sandeu,  
 Que me escaida essa agua benta.  
 Mas para onde hei de ir eu?»

—«Para onde?... E deitando os olhos  
 A um lado de improvisio,  
 Deu o frade com Thiago  
 Que, rebentava de riso.

Thiago, de um grande medo  
 Passára a grande alegria;  
 E, esfregando as mãos no sacco,  
 Como um perdido se ria.

1 Terra de Gallegos, em dialecto escholastico

2 Feito o signal da cruz

1 O non-descriptivo de trapo e corda, ens que o gallego põe  
 no cachaço quando carrega a pao e corda.

Leitor, não te scandalizes;  
Que o vêr logrado o demonio.  
Até fez perder de riso,  
N'um sermão a Santo Antonio.

—Para onde?... repete o trade,  
Que me importa a mim, pespêgo  
Vae-te meter, se quizeres,  
No c... d'aquelle Gallego—

Conhecem-se os grandes homens:  
Nas grandes occasiões:  
Thiago, sem mais demora,  
Deitou abaixo os calções

E, em menos tempo ainda  
Do que o demo esfrega um ôlho,  
Já na pia da agua benta  
Tinha elle o seu de molho.

Bate-me quatro palmadas  
No rechunchado de traz,  
E diz-lhe: —Agora, só diabo,  
Venha pr'a cá, se é capaz.—

Havre de Graça—1824.

## VIII

### O CASQUILHO

(XOXOFA)

FÁBULA

QUEM de Ovidio os contos lê,  
Certo inda tem na memoria  
A mais curiosa historia  
Que elle em seus contos meteu:  
—De como Jove indignado  
C'uma nação de velhacos,  
Para os não fazer em cacos  
Os converteu em macacos.  
Vendo se assim humilhado,  
Veiu o povo castigado,  
De contricto coração  
A pedir perdão

Ao deus que fulmina o raio e o trovão.

Fazendo caretas, ganiño e guinchando  
Lhe vinham bradando  
Em mona e bugia:

—Restaura-nos, ó padre soberano,  
O antigo vulto humano  
Co'a perdida razão.—

O Tonnante, a quem passado  
Era o primeiro furor,  
Dos bugios ao clamor  
Prestou, ouvido apiedado:

Mas do macaco requeri nento  
Não despachou senão amateado,  
E o resto a deida le

Mandou dispersar nas azas do vento

Mal o aceno omnipotente  
Trôou na celeste abobeda,  
A monaria contente  
Se ergueu altiva, impavida:  
Toda se empavesou  
E repimpou:  
E como gente

A andar por esse mundo se deitou,

O pêlo esfarrapado,  
Que as cabeças t'elli lhes ouriçava,

Em lindos caracões se debruçava  
Agora pelo rosto transmudado.  
Não mudou por dentro o caco,  
Que ficou sempre macaco;  
E a cara por fóra  
Tambem não mudou muito do que fóra  
Os mesmos focinhos,  
As mesmas caretas,  
E os parvos risinhos  
E as fôfas e as tretas.

Assim meio mudados, meio não,  
Lhes fez o padre Jove um bom sermão.  
E lhes mandou tomar  
Ao pé da raça humana o seu togar  
O homem com desprezo o bicho olhou,  
Nem sequer nome para dar-lhe achou:  
Mas a mulher gostou  
Da tal farofia de apparente brilho,  
E a coisa pôz o nome de—CASQUILHO

Londres—1829.

## IX

### OS AMANTES GENEROSOS

CONTO

A. J. LARCHER

POIS os mimosos sons da branda musa  
Do tam Gentil Bernard, na patria lyra  
Queres ouvir suave modulados.  
E em luso traço disputar-se um beijo  
De Tempe os generosos amadores,  
As cordas ferirei por comprazer-te,  
Cortar-lhe-hei galas dos pastores nossos;  
Na lingua de Camões, se posso tanto,  
Virão aqui a suspirar de amores;  
E os eccos d'estes valles mais sinceros  
Te dirão suas falas namoradas.  
Tu, que és meio francez, meio germano,  
Que á meiga L'eschouliers canções tam finas,  
Que a Gesner mais singelo ouviste o canto  
Na propria avena de seus tons cantado,  
Se os teus pastores nas ribeiras nossas,  
Nestas suaves margens do Mondego  
Vires diferentes, demudada a graça,  
E alternando sem arte a canfilena  
Que em seu patrio idioma foi tam bella,  
A ti só, que o quizeste, imputa o erro,  
Nem acoimes a lingua tam formosa  
O desprimor e as faltas do poeta.

Junto aos valles de Tempe, amena estancia,  
Mansão querida de Pomona e Flora,  
O joven Hylas, Egle inda mais joven,  
Ambos loucos de amor, o amor se occultam.  
A um terno olhar suas falas se limitam.  
Sua chamma constringida não se exhala:  
O innocente pastor falar não ousa,  
Nem, que falasse, a simples o entenderia.  
Mas tarde ou cedo, se o desejo a inflamma,  
Amestram a innocencia amor e a idade.  
Tirou-os d'este nada em que jaziam  
O acaso um dia A' sombra da espessura,  
Tam bella, ou mais que amor, Egle dormia,  
Hylas a encontra, e os olhos enamorados  
Para admiral-a não lhe bastam ambos.

Venus, exclama: eu tibio em teu serviço  
Ouso impiorar-te: dá-me que estes labios,  
Em quanto aqui na relva Egle descança,  
Possam nos seus colher suave beijo.  
E eu te juro, ó divina Cytherea,  
Que em troço lhe darei dois mansos pombos  
Muito mais lindos que os que tens em Chypre.

O voto fez-se; o beijo foi colhido:  
Fingido somno aproveitou á bella,  
E, á noite o'preço recebeu do voto.

Veiu outro dia, e Egle a dormir sempre...  
Mas não dorme o pastor: — «Deus dos amores,  
Vês alli quanto adoro n'este mundo.  
Ah, de tanta belleza, tantas graças  
Consente que uma só eu gose ao menos.  
Se eu podesse — sem que Egle o presentisse,  
Sob o lenço invejoso ir co'a mão trémula  
Tocar n'aquelles candidos thesouros,  
Dar-lhe-hia pelo roubo — tam secreto!  
O cordeirinho que entre os meus mais quero.  
Oh! adormece, amor, Egle formosa!»

O mais profundo somno Hylas encontra.  
Viu, tocou, apalpou, beijou cem vezes  
O seio d'Egle, que retem manhosa  
Até o respirar, e a somno sôto  
Mais dormia... quanto elle mais velava.

Custou-lhe no outro dia a vir ao bosque,  
Tímida ainda e vergonhosa á bella;  
Mas veiu emfim... Foi só curiosidade,  
Tinha curiosidade — era o que tinha —  
De saber que presente aquelle dia  
Lhe faria o pastor; veiu. Após ella  
Hylas veiu também: — «Eternos deuses,  
Aqui a encontro! Oh! concedei-me agora  
Um último favor, que nos seus braços  
Eu gose emfim dos seus encantos todos.  
Ah! vós bem o sabeis: eu nada tenho,  
Mais nada do que o meu cão — e dou-lh'o.»

Oh que pesado somno Egle dormia!  
E é bem de crêr que o instante em que o mancebo  
— o extasi do prazer fechára os olhos,  
Os lindos olhos d'Egle não se abriram.  
Mas o sonho acabou... e despertaram.  
O pastor embrenhou-se na espessura  
E o cãozinho fiel ficou co'a bella.

Encontraram-se á tarde, envergonhados...  
A pastora còrou, elle suspira...  
Sós se achavam, sem medo, sem receios...  
Ao amante acordada Egle se entrega,  
Acha mais doce não dormir agora,  
E toda a embriaguez do amor conhece:  
Quantos dons do pastor Egle recebe,  
Com dulcíssima usura os restitue.

Mas as antigas dadas pesavam  
A' pastora gentil: — «Sei que te devo  
Duas pombinhas que uma vez me deste.  
E se me ellas fugirem! vivo sempre  
N'este receio! Toma-as lá, e o preço  
Que por ellas te dei também m'o torna. —  
Surriu-se o joven, e pagou as... ambas.

Um memento depois o cordeirinho  
A pastora lembrou: — «Tanto te quero,  
E heide-te privar do que mais amas?  
'I am bonito! era a tua companhia,  
Comia-te nas mãos! Nada, não quero,  
Recebe-o, que t'o dou. — E o cordeirinho  
Foi restituído. — O cão só lhe restava:  
Novas razões, e emfim ordem por força  
De acceitar outra vez o seu raieiro:  
— Não tens mais que um, é o guarda do rebanho,  
Recebe-o, doce amante, e ainda em cima,  
De fóra parte te heide dar um beijo.  
Eu não quero mais dadas, quereide;  
Com o teu coração estou contente. —

Oh! taes dons para dar custaram pouco,  
Mas o preço da entrega era dobrado...  
O pastor afloixou, negocio serio  
Veiu porfim a ser o tal brinquedo.  
Ao pé de Egle acordada Hylas dormia...  
E ella, que mais pretextos já não tinha,  
A suspirar dizia tristemente:  
— Não me dar elle todo o seu rebanho! —

Coimbra — 1822.

## SONETOS

### I

#### PORFIA DE AMOR

DEMENTORNO á arvoresinha que murchára  
Se affadiga o cultor esperançoso;  
Envisca as varas, caçador teimoso,  
Armando ao passarinho que escapára;

Porfiado rompe com a dextra avara  
As entranhas da terra o cubiçoso;  
Sua co'a bomba o nauta pressuroso  
Por estancar a náó que lhe arrombára.

Mas larga cada qual desesperado,  
Quebra furioso o inútil instrumento  
Se o continuo trabalho vê baldado.

Só eu, com desenganos cento e cento,  
Só eu, por Délia sempre desprezado,  
Teimo cada vez mais no meu tormento

Agra — 1814.

### II

#### CAMÕES NAÚFRAGO

CEDENDO á furia de Neptuno irado  
Sossobra a náó que o grã thesouro encerra;  
Lucta co'a morte na espumosa serra  
O divino cantor do Gama ousado.

Ai do Canto mimoso a Iysia dado!...  
Camões, grande Camões, embalde a terra  
Teu braço forte, nadador afferra,  
Se o Canto lá ficou no mar salgado.

Chorae, Lusos, chorae! Tu, morie, ó Gama,  
Foi-se a tua glória... Não; lá vae rompendo  
Co'a dextra o mar, na sestra a lusa fama.

Eterno, eterno ficará vivendo:  
E a torpe inveja, que inda agora brama,  
No abysmo cahirá do Averno horrendo.

Agra — 1815.



FABULAS

LA FANTASIA DEL POETA  
 Y LA FANTASIA DEL POETA

PAG. 111



## III

## A UMA FEIA COM LINDA VOZ

QUANDO Orpheu pela espôsa suspirada  
Desceu co'a maga lyra ao reino escuro,  
Encantado Plutão ferrenho e duro  
De júbilo exultou na atroz morada

—Fúrias, clamou, e turba condemnada,  
Quero tudo a cantar; do mais não curo.  
Ralhe Jove ou não ralhe, eu voto e juro  
Que não heide ouvir mais esta assuada.—

Eis empunhando o açoite crepitante,  
Rege Megera o condemnado côro,  
Cantando em doce voz pura e tocante.

Ah! quando te oiço, ó N. y. o som canoro,  
E arrebatado attento em teu semblante,  
Um milagre de Orpheu no Averno adoro.

Lisboa—1816.

## IV

*Suffoque as iras, cale e sinta e gema*

Se de uns olhos gentis, de um gesto brando,  
D'um sorrir desdenhoso ennamorado,  
Emprega o triste amante o seu cuidado  
Em quem das leis de amor se vae zombando;

De tormento em tormento variando,  
Té o proprio queixume lhe é vedado:  
Ri-se a bella do mal que lhe ha causado,  
Dos ferros mofa que lhe vae forjando.

Pene emtanto o infeliz, suspire ao vento,  
Té de que o saiba a perdid' se tema,  
Não lhe assome no labio um só lamento.

E ao som da ferrea, da cruel algema,  
Martyr de seu inutil sofrimento  
*Suffoque as iras, cale e sinta e gema.*

Porto—1817.

## V

*É dos olhos gentis da minha amada.*

UM prodigio de encantos, de belleza  
És, ó mãe dos ternissimos Amores,  
Que em teus labios, seus aureos passadores  
Hervam, seguros de acertar a preza.

Fulge em teus olhos divinaes accessa  
A tocha dos desejos seductores;  
Em ti de seus esmeros, seus primores,  
O thesoiro esgotou a natureza.

Mas oh, por mais que a arte divina estude,  
Não te dá da innocencia a flor nevada  
Que se não finge, nem fingida illude!

Esse dom, virginal que tanto agrada  
É só mimo da candida virtude,  
*É dos olhos gentis da minha amada.*

Porto—1817.

## VI

*Nas froixas, debeis aças da saudade.*

Esses muros que amor, razão despreza,  
Que ergueu do fanatismo a voz trovosa,  
Deixa, ó Nise gentil, deixa-os, vaidosa  
De escutares a voz da natureza.

Crê no teu coração; não é fraqueza  
Fugir aos males para ser ditosa:  
Já nos meus braços a ventura anciosa  
Espera, com amor, tua belleza.

Vem, não oiças conselhos fementidos,  
Ouve amor, a razão, a liberdade,  
E a virtude e o prazer verás unidos.

Farás minha cabal felicidade,  
Nem teus votos verás sempre perdidos  
*Nas froixas, debeis aças da saudade.*

Porto—1817.

## VII

## O CAMPO DE SANT' ANNA

LONGE, hypocritas vis, longe, impostores,  
O mentido apparato religioso!  
Que um Deus de amor, o nosso Deus piedoso  
Abomina, detesta esses horrores.

De atrozes Leis cruentos guardadores,  
Vós curvae ante o Despota orgulhoso,  
E o sangue da patria precioso  
Torpemente vendeis por seus favores.

Geme sem protector a humanidade:  
E vós, juizes, vós, tigres humanos,  
A immolaes sem remorso e sem piedade.

Ah! tremei, sanguinarios deshumanos;  
Que ella hade vir, tremei, a Liberdade  
Punir despotas, bonzos e tyrannos.

Coimbra—1817.

## VIII

*Virtude sem prazer não é virtude.*

DEIXA, eu t'o rogo, deixa, Annalia minha,  
Duros preceitos de moral sombria;  
Fingiu-os a traidora hypocrisia  
Que detrás d'elles, a zombar, se aninha.

Leis de tartufos, invenção damninha  
Que protege a impostura e o vicio cria,  
O egoismo as dictou, funesta harpia  
Que as horas de gosar nos amesquinha.

A mão da natureza, a mão sublime  
O gran'sêllo torjou na eterna incude  
Com que o signal de falsas lhes imprime.

O coração m'o diz, que não illude:  
Crime sem dor, Annalia, não é crime,  
*Virtude sem prazer não é virtude.*

Coimbra—1818.

## IX

## A FLOR SECCA

V<sub>AE</sub>, flor gentil, vae prenda suspirada,  
Doce mimo de amor terno e fagueiro,  
Vae, que elle mesmo grato e prazenteiro  
Elle te hade levar á minha amada.

Cumpra a que ella te impoz, que é lei sagrada:  
Se mudada te achar, sem côr, sem cheiro,  
Se o viço, a gala do verdor primeiro  
Em tuas pallidas folhas vir crestada,

Diz'-lhe que mais que a ti, mais me queimara  
O intenso ardor d'aquella saudade  
Que a ambos n este estado nos deixara.

Oh! se um benigno influxo de piedade  
De seus formosos olhos te o valhára...  
Qual de nós ambos reviver não hade?

Porto—1819.

## X

## A CERTA TRAGEDIA

M<sub>IL</sub> parabens á Musa portugueza  
Que do padre José fulgiu na penna!  
Cae a velha Melpômene da scena,  
Foi-se a Tragedia grega e a franceza.

Sóphocles poz-se a dar voltas d'Andreza,  
Euripedes está de quarentena,  
Corneille endoudeceu de inveja e pena.  
Crebillon foi queimar o Atreu e a mesa;

Racine professou nos Mariannos,  
Voltaire está a leites de jumenta,  
Alfieri vae fazer sonetos de annos.

Victorioso o padre a *Branca* ostenta;  
Só por vencer lhe restam dois maganos...  
Mas temiveis rivaes—Paiva e Pimenta.

Coimbra—1819.

## XI

## MARIA E CAROLINA

Q<sub>UE</sub> hade brindar á amavel Carolina  
Pelos seus annos a gentil Maria?  
Tam franca de seus dons, ao dar'-lhe o dia,  
Não deixou que outorgar'-lhe a mão divina.

Qual de ambas pôde haver offerta dina  
De quantos liberal natura cria?  
Que gera o loiro sol ou que allumia  
Que encha os desejos d'alma peregrina?

A amigas taes, ao par que me enn: mora  
Já não tem que lhes dar a humanidade,  
Por mais que seus thesoiros aprimora.

Amor, divino amor, doce amizade;  
Nunes do coração, valei-me agora:  
Dae-lhes, pois deuses sois, a eternidade.

Porto—1819.

## XII

## SAUDADE

S<sub>ECULOS</sub> são, na vida que enfastia.  
Estes dias de exílio amargurados;  
Um por um, mágoa a mágoa, vão contados  
Em lenta e cruelissima agonía.

Oh! roubemos-lhe ao menos este dia,  
Ao padecer que todos trás roubados;  
Sejam pela amizade consagrados  
Ao casto amor instantes de alegria.

Tem prazeres também a desventura:  
A propria carrancuda adversidade  
Sorri co'a esp'rança que lhe luz futura.

Vem, amigo, no seio da amizade  
Festeja a espôsa, sonha co'a ventura  
Que um dia hade matar tanta saudade.

Londres — 1828.



## NOTAS ÀS FABULAS E CONTOS

### Nota A

Um tal poeta lá da tua terra  
Que faz *Orientes* e baptiza *G. mas...* pag. 100

Este verso, e um Soneto, que é o X na collecção do presente vol., são as duas únicas debilidades em que cahí mostrando má vontade satírica ao bem conhecido Padre José Agostinho de Macedo, homem de estudo e talento, mas o mais atrabiliário escriptor que ainda creio que tivesse a lingua portugueza. O rancor que toda a vida professou a quantos professaram as letras no seu tempo, uma inveja impropria de talento tam verdadeiramente superior, o arrastou a desvarios que deslustraram o seu nome e mancharam a sua fama. Nem o furioso e sanguinario que foi em seu partido, nem a perseguição politica de que a mim proprio me fez victima, poderam mover-me a desacatar n'elle o homem de letras que todavia honro ainda. Sei que no A. do RETRATO DE VENUS, no redactor principal do PORTUGUEZ, elle perseguia principalmente o ainda mais odioso A. do poema CAMÕES. Todas as suas offensas porém foram so politicas; litterariamente não me aggravou jámais. Perdoe-lhe Deus como lhe eu perdoei sempre. A posteridade não lhe perdoará decerto a sua stulta rivalidade com o auctor dos LUSIADAS: foi a essa que os versos anottados alludiram. Queimava-os se fóra a outra coisa. Meter as letras nas nossas questões politicas e nas mesquinhas e soezes paixões individuaes que d'ellas nascem, é para a baixa villania dos *insultadores publicos*, desprezíveis rans do charco stagnado da intriga que nem sequer para si coaxam, mas para quem os faz coaxar por sua conta.

### Nota B

Conto academico..... pag. 110

Este conto é uma verdadeira gaiatice de estudante de Coimbra, que despede chufas á direita e á esquerda como pancadas de cego. Se o Dicionario da nossa Academia ficou no *Azurrar*, a collecção de suas

preciosas Memórias cantou bem alto e sonoro: muito receio que fôsse cantar de cysne!

### Nota C

O famoso direito de accrescer..... pag. 115

O direito de *acrescer* é o que em qualquer sociedade resulta ao todo dos socios da renúncia tacita ou expressa que de seu quinhão faz um d'elles. No meu primeiro anno da Universidade era a explicação d'este romanismo um dos pontos mais graves do curso de Direito.

### Nota D

O menino e a cobra..... pag. 116

E' imitação esta fábula de uma composição allemã do seculo passado, não me lembra de que auctor.

### Nota E

A Saude e a Medicina..... pag. 116

Imitação, e quasi traducção em muita parte, da fábula de Pignotti do mesmo nome.

### Nota F

Fui preso por Verdeaes..... pag. 117

Até a côr das fardas dos archeiros da Universidade mudaram os fomentadores de 1834-5. Dizem que os pintaram de azul! Não tenho ânimo de ir a Coimbra, nem olhos com que tal veja. Os verdeaes azues! Que reforma!

### Nota G

O Casquilho..... pag. 119

Imitação de um apologo inglez, cujo auctor me não lembra tambem.

### SONETOS — Nota A

A certa tragedia..... pag. 124

Veja a nota A das Fábulas



# ODES ANACREONTICAS

COMPOSTAS E OFFERECIDAS AO SR. FRANCISCO JOSÉ HOMEM RIBFIRO

Por J. B. S. L.

SEU MENOR CREADO

## GRACIOSA (ILHA)

### DEDICATORIA

Amei, senhor, é verdade,  
Fui amado, podes crel-o;  
Mas Venus, ferina Deusa,  
Me tirou todo meu bem.  
Auzencia, cruel auzencia  
Minha Lília me roubaste:  
De Venus a companheira,  
Por esta Deusa mandada,  
Meu amor desunir veio,  
Roubou-me Lília formosa!  
Mas, senhor, eu te importuno  
Eu volto já ao sentido  
Estes versos desgraçados,  
Partos da minha paixão,  
Em tempos de mais ventura,  
Vão buscar o teu amparo,  
Em ti nome vão buscar.  
Senhor, lê-os com piedade,  
Consente magua e ternos  
Suspiros de um terno amante  
Ah, senhor, que importa grita  
No peito razão torçosa:  
Ao vêr-se um rosto galante  
Que importa gema a razão?

### ODE 1.<sup>1</sup>

Um dia, sonhando,  
Vi o Deus vendado,  
Que assim me fallava,  
Com o rosto irado:

— Escolhe, mortal,  
De dois um tormento  
Morrer ou soffrer  
Ciume um momento

Se a morte é cruel  
Para um peito amante,  
Mais tero é o ciume,  
Cruel, penetrante.

«Oh! antes mil mortes,  
Disse eu ao Vendado,<sup>1</sup>  
Que em tristes ciumes  
Viver traspassado.»

Eis, subito acordo,  
E, não te avistando,  
O<sup>2</sup> vida d'esta alma,<sup>3</sup>  
Fiquei suspirando.

Então conheci  
Que a morte do amante,  
E' quando da vista  
Seu bem é distante

### ODE 2.<sup>a</sup>

A loura Venus,  
Paphos deixando,  
Assim clamava,  
De quando em quando:

— Filho, aonde estás?  
Quem viu Cupido?  
Filho, aonde estás?  
Perco o sentido.

<sup>1</sup> Antes mil mortes  
<sup>2</sup> Disse ao Vendado  
<sup>3</sup> Vida d'esta alma

1 Ciume n'um canto.

Quem m'o trazer  
Co'as mãos atado,<sup>1</sup>  
Eu lhe prometto  
Premio avultado.

Um doce beijo,  
Terá qualquer  
Da branca Venus,  
Se m'o trazer.—

Louro Josino,<sup>2</sup>  
Que isto escutou,  
«Inclita Deusa,  
Assim falou:

«O premio venha;  
Que o teu Cupido,  
Lília nos olhos  
O tem 'scondido.

— Lília! diz Venus,  
Lília! Josino!  
Quando a nomeio  
Té perco o tino

Inda é mais bella  
Do que eu, que queres?  
E Lília tua<sup>3</sup>  
Se m'o trouxeres

Beijos? Tua, Venus  
Ella t'os dê,  
Pois que lhe cede  
Todo o que a vê

### ODE 3.<sup>a</sup>

Cara Lília, quem duvida  
Seres tu d'esta alma a vida?

Sim, meu amor,  
N'este meu peito  
Vives, de Jove  
Inda a despeito

O nosso tão puro amor  
No mundo não é vulgar,  
Não. Todos amam;<sup>1</sup>  
Ai! mas ninguém<sup>2</sup>  
Sabe os preceitos  
Do querer bem.

De nós fuja amor impuro:  
Quando um amor não é puro  
Passa a torpeza,  
Perde o esplendor,  
E logo deixa  
De ser amor

Insensatos só profanam  
Terno amor: quanto se enganam!  
As graças fogem,  
Fogem-lhe os risos,  
A fama perdem  
De amantes lisos.

Amemo-nos, Lília cara,  
Apesar da mais amara  
Contradição  
Do Deus cruel,  
Té contra o vento  
Corre o baixel.

Olha como desce Hym'neu  
Do sacro côro do céu,  
E os corações  
Nos vem ligar,  
E os ternos peitos  
Incendiar.

Lília gentil, meu bem,  
Se amor unidos nos tem,  
Esta ventura  
Não a percamos,  
Em quanto em cinzas  
Nos não tornamos.

### ODE 4.<sup>a</sup>

Lília, é, por certo  
Grande loucura  
Querer amar  
A formosura.<sup>1</sup>

Só por lhe vêr  
Faces formosas,  
Rosto galante,  
As mãos mimosas.

Amor brutal  
Só na apparencia;  
Pois, de paixão  
Passa a demencia.

Lília, és formosa,  
Bem o conhece  
O teu Josino;  
Mas não merece

Dote do corpo  
Minha paixão;  
Amo-te, sim,  
Não em razão

De formosura;  
Mas por te vêr  
Alma capaz  
De bem querer.

<sup>1</sup> Com as mãos atado

<sup>2</sup> O Louro Josino

<sup>3</sup> Será Lília tua

<sup>1</sup> Todos amam

<sup>2</sup> Mas ninguém

<sup>1</sup> A uma formosura

ODE 5.<sup>a</sup>

Cupido, cruel Cupido !  
Assim ouvia aos pastores,  
Sem me atinar o sentido,  
O que era amores.

Ouvia de amor falar  
Com susto, temor e espanto;  
Mas nunca pensei obrar  
Seu poder tanto.

Quando um dia em que cansado  
Da caça, me recostei,  
Me off'rece o fronteiro prado!..  
Céus! que avistei !?

Sinto abraçar-se me o peito,  
Estalar-me o coração,  
E sem razão nem conceito,  
Clamei então:

— Eis o fatal, triste dia,  
Em que conheço Cupido;  
Lília, Lília, assim dizia,  
Perco o sentido.

N'isto Lília me apparece,  
E com o rosto choroso,  
Como quem se compadece:  
— Oh ! horroroso

Que te é o nome de amor !  
Eu te prometto, Josino,  
Nunca esfriar meu ardor:  
Recobra o tino !

— Surjo do lethargo então,  
E conheci que Cupido  
Faz a sua (maganão !)  
Sem ser sentido.

ODE 6.<sup>a</sup>

Aquella Deusa,  
Que na esphera luminosa,  
Qual astro fulge,  
Resplandecendo airoso.  
Mãe dos Amores,  
E do oceano filha,  
Que, na azul concha,  
Entre as Nereidas brilha.  
Apenas viu,  
Sorrir Lília formosa,  
Que desatando  
O cinto, leda, mimosa,  
L'h'o pôe no collo,  
— Não te é, não te é, diz, preciso  
Para attrahir,  
Basta-te só um sorriso,<sup>1</sup>  
Um gesto basta;

<sup>1</sup> Basta-te um sorriso

Mas toca-te, ó Nympha pura,  
Como tropheo,  
D'essa tua formosura;  
Pois que 'té Venus  
Já te cede de gostosa,  
Leda, dizendo  
Que inda és mais formosa.

ODE 7.<sup>a</sup>

Vinde, prazeres,  
Que andaes brincando  
Por entre as flores,  
Despidas graças;  
Vós, que, dansando,  
Trinaes alegres  
Doces canções;  
Deusa dos gostos  
Do - mor, ó diva,  
Dos teus filhinhos  
C' bando ajunta,  
E vem nas azas  
De almo favonio  
Dar luz, dar força  
A meus louvores.  
Da meiga Lília  
Cantar pretendo  
Natal ditoso;  
Tu, por clemencia,  
Deidade, inspira  
Teu fiel cultor,  
Faze mereça  
Minha aurea lyra  
Ternos sorrisos  
Candido amor.

ODE 8.<sup>a</sup>

Lília, teus olhos  
Gentis, tentadores,<sup>1</sup>  
Uni'o repouso  
São dos meus amores;

São esses teus labios<sup>2</sup>  
Labios formosos  
Onde se saciam  
Desejos sequiosos.

A mi' vistas cegam<sup>3</sup>  
Teus subits cabellos.  
E rendidos ficam<sup>4</sup>  
Todos só de vel-os.<sup>5</sup>

Melindrosos dedos,<sup>\*</sup>  
Alvos, se não rendem  
Aos de Minerva;  
Mil vontades prendem:

<sup>2</sup> De tua formosura

<sup>1</sup> Gentis, bulgiosos

<sup>2</sup> São os teus labios

<sup>3</sup> Mi' vistas cegam

<sup>4</sup> Rendidos ficam

<sup>5</sup> Todos de vel-os

Teus bellos costumes  
Fomenta a candura,  
A razão c'os brandos  
Risos se mistura.

Formoso composto,  
Que obrou a brilhante  
Virtude e bella,  
Alma rutilante.

ODE <sup>1</sup><sub>1</sub><sup>a</sup>

Tu podes acaso,  
Franzino, contar.  
Esses grãos de alicia  
Que cercam o mar

Contar poderás  
As flores galantes,  
Douradas espigas,  
Estrellas brilhantes

Pois se isso não podes,  
Não podes também  
Contar as bellas  
De Lília meu bem.

PARTE II --- PERÍODO ROMÂNTICO

---

FLORES SEM FRUCTO --- FOLHAS CAHIDAS

POEMAS: CAMÕES --- D. BRANCA

— ADOZINDA

ROMANCES RECONSTRUÍDOS (BALLADAS)





# LYRICA

## III

### ADVERTENCIA

Das poesias lyricas do auctor de *Camões* e de *Dona Branca*, o público pouco mais possui do que a collecção impressa anonymamente em Londres em 1829 com o titulo de *Lyrice de João Mínimo*. Ou não a conhecia, ou não lhe conhecia o auctor, a *Revista Estrangeira* de Londres quando, em 1832, lamentava não ter visto os ensaios poeticos do nosso insigne escriptor, a quem principalmente avaliou como a critico e historiador litterario.<sup>1</sup>

Achando-se extincta, ha muito, aquella edição, tratámos de a reproduzir conforme o promettido no programma d'estas obras: e tendo recorrido ao auctor, que a reviu e augmentou, e coordenou mais regularmente pela ordem dos tempos, houve-mos d'elle juntamente a presente collecção, que é o

complemento e continuação d'aquell'outra; pois que a *Lyrice de João Mínimo* é a escolha das composições lyricas do Sr. Garrett desde seus mais tenros annos, começa em 1815, termina em 1823, isto é, dos dōze aos vinte, vinte e um annos do nosso auctor; e o presente livrinho comprehende tudo o que elle julgou dever deixar publicar do que tem escripto no mesmo genero d'aquelle anno em diante.

Feita esta preciosa aquisição, pareceu-nos que os desejos do público seriam melhor satisfeitos começando por ella a imprimir desde logo, e deixando a collecção antiga, já mais conhecida, para o depois.

Resta-nos dizer que, pela nova e melhor ordem que agora levam as collecções, duas ou tres peças que andavam, por incorrecção de datas, na *Lyrice de João Mínimo*, tiveram de passar para a presente collecção, assim como n'aquell'outra se foram collocar muitas que lá faltavam.

Lisboa, 10 de Junho

1844

<sup>1</sup> *The Foreign Quarterly Review*, october 1837, pag. 467.—Ahi é censurado o collector Fonseca por não ter inserto no PARNASO LUSITANO algumas das primeiras composições do Sr. Garrett, cujo *Resumo da Historia litteraria de Portugal* vem á frente d'aquella collecção, Paris 1826.



## FLORES SEM FRUCTO

Em quanto fui poeta affrontei-me que m'o chamassem: hoje tenho pena e saudade de o não poder já ser. Era uma viciosa vergonha a que eu tinha, porque não ha melhores-nem mais nobres almas que as dos poetas: agora o conheço bem, desde que o não sou, e que sinto as picadas das más paixões e dos acres sentimentos da baixaza humana avisarem-me que está commigo a idade da prosa; — como ao que teve folgazan e solta mocidade o avisam os primeiros latejos da gotta de que lhe esta a velhice a entrar em casa.

Dieta, regularidade e moderação prolongam a juventude do corpo; mas quando a alma chegou a enrugar-se, não ha hygiene que a desfranza. A minha está velha; e a todos os achaques da velhice, junta essa fatal e matadora saudade do passado. Quanto dera eu por ver e sentir como via e sentia quando pensava pouco e sentia muito! Quem me dera ser o louco, o doido, o poeta que eu tinha vergonha de ser! E de que me serve a reflexão, a experiencia, a razão como lhe chamam, senão é para ver de outro modo as illusões da vida, para as ver do lado feio, torpe, baixo e vulgar, quando eu as via d'antes esmaltadas de todas as côres do Iris, bellas de toda a poesia que estava na minha alma, grandes de todas as virtudes que eram no meu coração!

Ora pois! não sou já poeta: podem-me fazer «almotacé do meu bairro», quando quizerem. Forte semsaborão ganhou a patria! E custou: que levaram muito tempo e muito trabalho para me despoetizarem; foram precisos annos de rudes luctas, centos de desenganos, milhares de desapontamentos para me fazerem conhecer o mundo tal como elle é, os homens, como elles são. Cheguei enfim a isso, e deixei portanto de ser poeta. O meu horto de flores tam queridas e mimosas, que não davam fructo, mas alimentavam a vida com seus aromas de benefica e nutriente exalação, que eram como aquelloutras flores de que disse Camões:

Contam certos auctores  
Que, junto da clara fonte  
Do Nilo os moradores  
Vivem do cheiro das flores  
Que nascem n'aquelle monte.

o meu horto vou plantal-o de luzerna e betarrabas. E arranquemos estas *flores sem fructo*, não as veja algum utilitario que me condemne de relapso, a ir, de carocha e sambenito poetico, arder n'algun auto-da-fé que por ahi celebrem em honra de Adam-Smith ou de João Baptista Say, ou dos outros grandes homens cuja sciencia é como a do Horatio de Shakespeare que não vê «mais coisa nenhuma entre o céu e a terra do que as que sonha a sua philosophia.»

Não as colhi pois, arranquei-as, estas pobres flores que aqui enfeixo n'uma triste e última capella para deixar dependurada na minha cruz; e ahi murche e seque ao suão ardente do deserto em que fica, até que me venham enterrar ao pé d'ella, aqui onde eu quero jazer junto das ultimas recordações poeticas da minha vida, dos ultimos sonhos que sonhei acordado, e que valem mais do que todas as realidades que depois tenho visto.

E não cuides, amigo leitor, que eu quero dizer n'isto que não fiz senão versos atégora, que não farei senão prosas d'aqui em diante. Por meus peccados, fiz mais prosas que versos, e ajudei a gastar com ellas a mocidade da minha alma e a frescura do meu coração; baixeí de sobejo ao mundo das realidades, quando tinha azas para me remontar ao ideal, e pairar-me pelas regiões onde viçam as eternas flores do genio. Fiz, quando não devia, fiz prosa em annos de versos. Quem sabe se a stulta vaidade que m'o fez fazer então, me não levará tambem para o diante a fazer versos em annos de prosa?

Não é minha tenção, mas não o juro; que isto de ser poeta é como ser embarcadico; um dia aperta a vontade, comem os desejos por tal modo que se vac um homem por esses mares fóra, e só no meio do temporal se lembra de que já não é para semelhantes folias.

Isto porém que nasce espontaneo d'alma, que vem, como ejaculação involuntaria de dentro, quando trasborda o coração de jubilo ou de pena ou de admiração; isto que é o falar do homem para Deus n'aquellas phrasses incoherentes, inanalysaveis pelas grammaticas humanas, porque são reminiscencias da lingua dos anjos que elle soube

antes de nascer; isto que se então e se canta no coração, antes e muito mais bello do que o repita a lingua, d'esses versos não tornei eu a fazer, porque não posso, porque era mister que Deus fizesse o milagre de me remeçar a alma: e não o fará.

São pois estas quasi absolutamente as últimas coisas lyricas que, por vontade e auctorisação minha, se publicarão d'entre tantissimas que fiz e que, pela maior parte, tenho destruido. Não faltará quem diga talvez que melhor fôra que o fizesse a todas. Mas não é essa a opinião nem a vontade das maiorias que consultei. E já se vê que, segundo a moda dos tempos, eu consultei as minhas maiorias, e não fiz caso das outras: ás quaes todavia — e não á moda do tempo — deixo o direito salvo para ralar livremente e como quizerem.

Já se vê bem assim o porque ponho este titulo de FLORES SEM FRUCTO á pequena collecção de poesias que aqui vae. Nem todas são de primavera estas flores; ha de várias estações: fructo é que nenhuma deu. Deixariam de ser flores poeticas se o dessem.

O nosso Miguel Leitão chamou á sua *Miscelanea*, *Ensalada de váriaservas* — e esse principe allemão que é tanto moda, e que escreve com tam desgarrada elegancia, pôs a uma das suas collecções de rhapsodias criticas o titulo italiano de *Tutti-frutti*, que significa o mesmo quasi. E não cuidem que este principe que cito com ser principe prussiano tambem, é o aventureiro que aqui andou ha dous annos a rabiscar semsaborias a respeito da nossa terra, mettendo para o sacco toda quanta calumnia e mentira lhe deram os estrangeiros e estrangeirados que nos devoram e detestam, para as espalhar

depois pela Europa, afim de que o mundo diga: «Muito favor lhe fazem os oppressores d'aquelle bruto e estúpido Portugal, em o governarem a pontapé e lhe tirarem o último cruzado novo de que elle não sabe usar!»

Bemdita seja a nobre e generosa princeza que tratou o bandoleiro como elle merecia, e que não tolerou deante de si o calumniador de sua familia e da nação que a adoptara! Assim fizessem os outros!

Não senhor; *Semi-lasso*, auctor de *Tutti-frutti*, é outra casta de principe: talvez o tratassem mal aqui se elle cá viesse. E não me peja de seguir o seu exemplo de longe, escolhendo o titulo que escolhi para esta miscelanea de reminiscencias poeticas.

Mas nem sómente são de várias estações, são tambem de várias e mui desvairadas especies estas flores. Aopédo acantho da lyra antiga, vae o trevo e o goivo que enramavam o alahude romantico; o nardo, a mangerona e a mesma rosa da Palestina ousaram crescer entre o loto e os myrtos da Attica: e não em jardim symetrico, riscado a regua e compasso como os do seculo passado, mas de paizagem livre em que se aproveitaram os descuidos e accidentes da natureza e do terreno.

Algumas poucas peças politicas leva esta collecção; e d'ellas ha que nem eu já entendo bem; tanto mudaram em tam poucos annos, circumstancias e pessoas que a inspira<sup>ram</sup>. Mas não as podia tirar de um livro em que vae consignada a maior ou melhor parte das minhas sensações poeticas em toda uma epoca, e essa a mais aventureira, a mais cheia e mais importante da minha vida.

Novembro 3 — 1843.

# FLORES SEM FRUCTO

## LIVRO PRIMEIRO

### I

#### HYMNO À POESIA

*Præsidium et dulce decus inquit.*  
HORAT.

Oh meu amparo, oh doce gloria minha,  
Tu com quem me dehei sempre,  
Na desgraça, na mágia e nos pezares  
Para me consolar;  
Que me dás voz, suspiros, desatfogo  
Quando a ventura é tanta  
Que pésa n'alma—e o coração é cheio  
A estalar se não fala!  
Como te invocarei, que santo nome,  
Filha do céu divina,  
Te heide eu dar, ó Poesia, encanto, affago  
Da minha juventude?  
Nunca te chamo, que benigna, amavel  
Não desças do céu puro  
A mãos-cheias trazendo as magas flores  
Que te viçam eternas  
N'esses jardins de gloria e formosura  
Vens—mas tam vária sempre!  
E ora te vejo, no extasi sublime,  
Nympha ligeira e bella,  
Como as despidas graças, nua, ingenua,  
De azues, rasgados olhos  
Que ou já scintillam, vivos do desejo  
As ardentes faíscas,  
Ou serenos co'a posse, em goso languido  
Meigos, tranquilllos brilhanti  
Ora, cahidas pelos hombros niveos  
As longas, longas tranças  
Te vão fluctuando sôltas. Nas choréas  
Que em dansa alegre travas  
Com os alados hymnos que te cercam,  
E ao som da arguta lyra,  
Formas, sem arte, desvaireados passos,  
Ou já rasteiros, lentos,  
Ou tam altos que zephyro te espalha  
As raras, leves roupas.  
Já, accordando em modo altivo e nobre  
A cythara canora,  
Dos deuses, dos heroes ergues louvores  
Aos sublimados astros;  
Já maviosa, em canto mais singello,  
Os dons da natureza,  
Os tranquilllos prazeres da virtude,  
Os mimos da innocencia  
E os serenos gosos da amizade  
Suavemente entoas.  
Já, no extasi d'amor, no rapto ardido  
De amante entusiasmo,

Sopras a chamma que a belleza atêa,  
E avivas as delicias  
Que o deus dos corações infundiu n'alma  
De um par que elle juntára...  
Como tímida então pedes, supplicas  
E com languido accento  
Tenue favor imploras suspirando!  
Mas logo ousada... roubas  
D'entre o virgineo, recatado seio  
Acre beijo que ha pouco  
Mal inda ousavas supplicar modesta  
Para o colhêr dos labios!  
Toda és júbilo então. —Mas quantas vezes  
Os olhos enturvados,  
Pallida a frente, desgrehnada, em pranto,  
Anciando de amargura,  
Ais de angústia e de morte soluçando,  
Gemes co'a lyra e choras!  
Negras suspeitas, aridos ciumes,  
Desleaes inconstancias  
Te andam d'emtorno esvoaçando em vivos.  
E não és menos bella,  
Menos gentil então! Das faces pallidas  
As lagrimas, a fio,  
A fio deslisando, cáem, batem  
A espaços compassados  
Na cava lyra—e uns ais sumidos, mortos,  
De harmonia divina,  
Vêm traspassar o coração de mágoa...  
Mágoa!... prazer dos céus.

1823.

### II

#### A JULIA

*Seele raubt in Seele*  
SCHILLER.

### I

Oh, que suave foi este momento  
Que dormir tam feliz, tam descuidado!  
Andou me o pensamento  
Voando nas delicias do passado,  
Requintando o mais puro  
Dos gosos que me deste,  
Para formar esp'ranças de um futuro  
Mais divino e celeste.

### II

E tu, Julia querida, não dormiste?  
Insensível coíste  
N'essa tristeza de doçuras cheia,  
Que as almas como a tua  
Tam brandamente enleia  
Em acordados sonhos de ventura.

## III

Ambos fomos ditosos.  
 E' só dado aos amantes venturosos  
 Dormir somnos tam doces:  
 Vêm depois os prazeres despertál-os;  
 Co'a alegre travessura  
 Amor vem acordal-os.  
 Elle te chama, suspirada amante,  
 Pela voz da ternura,  
 Deixa a melancolia:  
 São tranquillos demais seus tenues gosos.  
 No seio da alegria,  
 Nos braços da ventura,  
 Vem commigo folgar por estes bosques.  
 Por entre esta espessura.

## IV

Dêmos de mão a serios pensamentos.  
 Em quanto o sol dar-te-ja  
 Para longe de nós raios de fogo,  
 Aqui, onde veceja,  
 As escondidas d'elle, a primavera  
 Com tam frescos verdores,  
 Gozemos nossos placidos amores.

## V

As dryades sensíveis,  
 Que dentro d'esses troncos nos escutam,  
 Oíçam nossas conversas aprazíveis,  
 As expressões amantes  
 De dois peitos constantes  
 Em suas verdes cortiças escrevendo.  
 Como ellas vão crescendo,  
 Cresçam nossos amores:  
 E quando, pelas cópas remoçadas,  
 Brotarem novas flores  
 Nas árvores lembradas  
 De tam doces momentos,  
 Serão mais lindas as suas lindas cores,  
 Serão mais engraçadas

## VI

Talvez que a mão de algum amante as colha  
 Para adornar o seio  
 Do seu querido enleio;  
 E esse amante dirá:—Julia a formosa,  
 Julia, tam adorada,  
 Aqui foi venturosa:  
 Seja feliz como ella a minha amada!—

## VII

Assim dirá; e as dryades lembradas  
 Rirão do voto ufano:  
 Que ellas bem sabem como o deus tyranno  
 Jurando promettêra  
 Que tanto, tanto amor como ao meu deus  
 Não o poria mais em peito humano.

182...

## III

## O MAR

He seized his harp which he at times could string...  
 While new the vessel on her snowy wing.  
 CHILD HAROLD.

## I

Doce esperança, numen bemfazejo,  
 Vem enxugar-me as lagrimas saudosas  
 Que em fio d'estes olhos me deslizam:  
 Co'a ponta do alvo manto a meiga face

Que o acre ardor do pranto me ha crestado,  
 Vem consolar-me, vem; alenta o peito  
 Cum' fagueiro sorrir d'esses teus labios,  
 Manda-me um raio teu de luz serena  
 Que o resfriado coração me aqueça.  
 Oh! dos amigos, do meu bem não quero  
 Que me apagues suavissima lembrança:  
 Dize-me só que tornarei a vê-lo,  
 Que dos pr'igos que en torno me circumdam  
 Heide inda a salvo descansar com elles,  
 E já sem medo recitar fadigas  
 De procellas, de calmas acintosas,  
 Duras rajadas, furacões tremendos  
 E quantos hora me rodeam males  
 Que clhos fitos em ti, vou supportando.

## II

Vem, ó deusa, da vista ennevoada  
 Sopra-me a cerração d'atra saudade:  
 Deixa-me olhar pela extensão dos mares  
 E ver no immenso das ceruleas ondas  
 Affigurar-se a imagem do infinito  
 Oh! como é grande a mão da natureza!  
 Que vastos plainos d'ante mim se estendem,  
 E vão em de redor nos horizontes  
 Topar co'as bases da celeste abobada!

## III

Vae-se acclarando agora o firmamento,  
 E azulando-se o mar, co'a luz nascente  
 Do primeiro, tenuissimo crepusculo  
 E il-a que assoma, despontando apenas  
 C'os roseos dedos, a formosa aurora  
 Vem brandamente a desparzir no polo  
 As roxas, lindas flores, rociadas  
 Do matutino, bemfazejo orvalho,  
 Talvez por mãos dos zephyros colhidas  
 Nos jardins ulysseos, nas brandas veigas  
 Ao remanso do placido Mondego  
 Talvez hontem ainda a minha amada  
 Lhe respirasse o lisongeiro aroma.  
 Oh! recolhei-as, amorosas filhas  
 Do placido Nereu, ide nos collos  
 Dos Tritões namorados, ide ao Tejo  
 E ao manso rio que engrossaram prantos  
 Da malfadada Ignez, ide, levei-l'has  
 Aos do meu coração, o amigo, a amante:  
 Dizei-lhes que eu, eu sou que vos envio,  
 Que depoz vós o coração me fogue,  
 E que só vivo nas memorias d'elles.  
 Ide ligeiras, sim, correi, ó nymphas...  
 Mas oh! do patrio meu Douro sombrio  
 Ai! não, não vades demandar as praias...  
 Amargosa e cruel me veda a sorte  
 Recordal-o sem dor... Ferreas angústias  
 Lá misero soffri... lá n'este peito  
 Verteu perversa mão do deus dos males  
 Quanto fel espremeu do peito ás fúrias,  
 Quanto veneno lhe escumou dos labios,  
 A ingrata... Ah! nunca mais me lemhre o Douro;  
 Suas riquezas para si que as guarde,  
 Suas aguas turvas impetuoso as role  
 Por entre as calvas penedias brutas  
 Que a lobreja torrente lhe comprime:  
 Vá, que a mim saudades não m'as deixa:  
 Só tormentos me deu não posso amal-o...

## IV

Esqueçamos memorias que afadigam,  
 E o espectáculo augusto contemplemos  
 D'esse nascente dia. Com que pompa  
 Se ergue das ondas o astro luminoso,  
 Como nos raios se avizenta o lume!

Vae crescendo o fulgor á luz nascente,  
Douram-se em de redor os horisontes,  
O mar se espelha e reverbera o brilho...

## V

Salve, imagem do Eterno! ôlho do mundo  
Que a doce vida no universo espazies!  
Ao teu assômo as delicadas flores  
Vão na hastea humilde endireitando as frentes.  
Já pela copa ás árvores frondosas  
Os fechados botões se desabroçam,  
Pulla na terra germinando e cresce  
A encerrada semente, esp'rança e fito  
Do lavrador cançado. O' terra, e quantos  
Quantos encobres ávida mysterios  
Que nos teus penetras obram seus raios!  
E mais - por muito tempo a nós vedal os  
Não o imagines, não: vê essa deusa,  
Pallido o rosto, os olhos encovados,  
C'os ferros curvos que em teu seio embebe  
Rasga, franqueia! — E' a sordida cubiça  
Que por tuas entranhas laceradas,  
As ricas veias dos metaes sangrando,  
Lá vae cavar os crimes e flagícios  
Que hão-de infezar a triste humanidade...

## VI

Oh! sol! quanto é sublime n'essa esphera  
A magestade tua! com que imperio  
Dardejas fogo nos aquozos plaios!  
Tua vista só no coração cortado  
Do triste viajante alenta a esp'rança.  
E eu, pela espalda de viçoso outeiro  
Não te vejo surgir, nem brandamente  
Ir-se co' os raios teus dourando as messes,  
Prateando o arriolo, os campos esmaltando.  
Não oiço pelos floridos raminhos  
Modular philomena as doces queixas,  
Nem pastora gentil vejo no prado  
Ir conduzindo os alvos cordeirinhos.  
Nada, nada descobres a meus olhos...  
Só tu e o vasto mar... e a saudade.  
Mas ha n'esta solidão também prazeres:  
Para quem?... para o sabio? — O sabio préza  
O fasto apparatoso das sciencias:  
Não vêm soar-lhe aqui da fama os brados,  
Nem tanger-lhe os clarins que os évos ganham.  
O ambicioso? o avaro? — A todos esses  
Esteril é de gôso a soledade.  
Quem te ama pois, ó solidão dos mares?  
O coração singelo, e nunca heivado  
Do veneno do crime, nem pungido  
Do assacalado espinho dos remorsos.  
Por essa immensidão de céus e de aguas  
Sua alma se dilata e desaffoga;  
Doce dos olhos lhe devolve o pranto  
Co'a lembrança dos candidos amigos,  
Prazeres que gosou recorda, e folga,  
Novos medita, e em medital-os gosa;  
No seio se reclina á natureza,  
E deixa ás vagas disputar-se o espaço.

## VII

Insondavel mysterio! eu curvo a frente  
Humilhosa ante o Sêr que te governa,  
O' mar, alto pregão da voz do Eterno.  
Teus rugidores sons na tempestade  
Acclamam seu poder; e o teu silencio  
Na mudez magestosa testimunha  
Sua grandeza immensa. O homem se perde  
No arcano de tuas leis: e os se'los passam,  
Correm os annos, dias se appressuram,  
Fogem as horas, os instantes, vãoam,

E em de redor do circulo dos tempos  
Suam, no curto espaço da exist'ncia,  
Um depóz outro, humanos sabedores  
Sem o menor colhiêr de teu segredos.

## VIII

Qual te imagina o pae d'este universo  
Que, agglomerando multiôrmes masas,  
Lhe deras sêr primeiro; qual... — Mas onde,  
Fraqueza de homens, não levaste o homem  
Quando, luctando a mesquinhez do engenho  
Co'a immensidão dos séres, o desvaíra!  
E's elo da cadeia da exist'ncia,  
Pensador animal! a altiva frente  
Sôbre o pó do teu nada abate e humilha;  
Vive essa vida, saborêa o favo  
Que na vida te deu a natureza:  
No instincto do teu bem segue a virtude,  
Dentro do coração lá tens um livro;  
N'esse cumpre estudar, esse apprendel-o...

## IX

Que manso vae, co'as vellas infunadas  
Do amigo sópro do galerno vento,  
O ligeiro, baixel, varrendo as ondas!  
Não cobre o manto azul do céu sereno  
Nem o pardo menor de nuvem fusca;  
E mal encrespa a superficie ás aguas  
De amena viração doce bafejo.  
Folgam d'emtôrno os mudos nadadores,  
Em quanto sequioso o marinheiro  
Ou no traidor anzol lhe esconde a morte,  
Ou no farpão certoiro lh'a dardeja  
E elle que mal vos fez? a natureza  
Não lhe deu como a vós também a vida!  
Oíço que me responde o despeitoso  
Brado fatal do rispido britanno: \*  
— E teu estado, ó natureza, a guerra... —  
Cumpre a destruição ás leis da vida;  
E na longa cadeia da exist'ncia  
Convêm... Que intentas desvaírada musa?  
Os que a divina mão sellou mysterios  
Queres sondal-os? Apoucado e breve  
Se estende além de nós o vasto mundo;  
E mui perto os limites escaceam  
Dos humanos curtissimos sentidos...

## X

Como está leite o mar! Não, mais serenas  
As namoradas vagas não folgavam.  
Quando a meiga, bellissima Erycina  
Do espumeo germen resurgiu formosa.  
Mar, do teu seio a deusa dos amores  
Veiu adoçar os fados do universo,  
Dar a vida ao prazer, prazer á vida,  
E o dulcissimo fado do deleite  
Espremeo, derramal-o na exist'ncia.

## XI

Que, mal a frente airosa ergueu das ondas  
E as descuidadas tranças mal enxutas  
Pelos hombros de neve debruçadas  
Arredou co'alva mão dos olhos negros,  
Do seio lindo voluptuosas chammias  
Subito os mares rapidas lavraram:  
Corre o fogo divino e delicioso,  
E o reino inteiro de Neptuno abraza.  
Es bonanças, acalmodadas ondas,  
Beijando as curvas praias, vem na terra  
O incentivo depór de ethereos gosos.

Voa a flamma subtil ao céu e aos astros;  
 Não sabido prazer no Olympo os nunes  
 Sentem no coração banhar-lh'o em gosto

## XII

Nasceu Venus gentil, folgae: com ella  
 Vêm os amores e as despidas graças,  
 As rosas do deleite desparzindo  
 Na alvorçada sphaera, Em bando alegre  
 Jocos, risos bríncos d'entorno a cercam.  
 Avidos beijos, lúbricos revdam,  
 Correm alados soffregos desejos;  
 E as verdes roupas desprendendo ao vento,  
 D'alva amendocira coroada a frente,  
 Ante elles toda a Esperança os guia.  
 Ferve o granizo das douradas settas  
 Que aligeros frecheiros vão tirando.  
 Nuvem de corações corre a entregar-se,  
 E nos laços gentis prender contente  
 A muí pesada, inútil liberdade.

## XIII

Oh! que banhar de gosto delicioso!  
 Que alfogar de prazer homens e nunes!  
 Como derrete o gelo da indifferença  
 Ante a divina abraçadora chamma!  
 Como se espraia pela vida o gosto!  
 Como á existencia os vinculos se estreitam!  
 Como nos élos da cadeia eterna  
 O sér se allonga, reproduz e aviva!  
 Mar! que venturas te uão deve o mundo.

## XIV

Filha das ondas, Cytheréa bella,  
 Maga deusa de amor, oh! não consintas,  
 Oh! não consintas que o teu vate anceie,  
 Soffra em teu reino despregados Euros  
 Torcer-lhe o rumo, desvairar-lhe a proa,  
 E cravar-lhe d'entorno as grossas vagas.  
 E' teu imperio o máddido oceano.  
 E no mundo que ha que tu não seja?  
 Tu c'um sorriso as furias lhe assocegas,  
 Cum só fagueiro olhar as iras cruas  
 Lhe quebras docemente e lh'as abrandas:  
 Que esse que outr'ora pelo virgem pégo  
 Ousou primeiro confiar-se aos ventos  
 Teu amparo o salvou, teu meigo auxilio  
 Lhe abonançou as céruas campinas...

182...

## IV

## BELLEZA E BONDADE

(DE SAPHO)

QUANDO ávida contemplo a formosura,  
 Tam breve é meu prazer que foge co'ella;  
 Mas bondade e lisura,  
 Mas a innocencia, oh! essa é sempre bella

182...

## V

## O SACRIFICIO

(DE SAPHO)

VEM, Athis, coroar de infantes rosas  
 Essa frente engraçada, -- e as tranças moveis  
 De teus aureos cabellos, deixa-as soltas  
 Pelo collo de neve

Oh! que amavel pudor te anima e cõra!  
 Vem, colhe com teus dedos melindrosos  
 Frescas boninas, doces violetas

De suavissimo aroma;  
 Que a victima de flores coroada  
 Sempre é mais grata aos deuses. Vem: teremos  
 E'stas selvas sisudas por altures,

Onde a minha ventura  
 Me hade elevar aos nunes soberanos.  
 Enlaça emtórno a mim essas grinaldas,  
 Reclina-te em meu seio, os olhos bellos

Para os meus olhos volte...  
 Que linda cõra! que formosos labios!  
 Essa pulida tez não cede ás flores;  
 Não, que a viveza de sua cõr brilhante  
 O esplendor não te ofusca.

182...

## VI

## A LYRA

(DE ANACREONTE)

DE gosto cantára Atcidas,  
 E a Cadmo erguêra louvor;  
 Porém as cordas da lyra  
 Só sabem dizer amor.

Ha pouco, mudando-a toda,  
 Novas cordas lhe assentava,  
 E de Alcides os trabalhos  
 A cantar principiava;

Mas, contra as minhas tenções,  
 Em vez de marciaes furores,  
 De teimosa e como a acinte,  
 Sempre vae soando amores.

Adeus, heroes! adeus, glória!  
 Adeus guerreiro furor!  
 As cordas da minha lyra.  
 Só sabem dizer amor.

182...

## VII

## GOSO DA VIDA

(DE ANACREONTE)

DE loto e de murtas  
 N'um leito virente,  
 Bebendo contente,  
 Me vou recostar:

E os côpos alegres  
 Me venha Cupido,  
 De gala vest' do,  
 Aqui ministrar.

Qual roda de coche  
 No giro apressada,  
 A edade açodada  
 Nos vóa a fugir.

Desfeitos os ossos  
 Em van cinza leve,  
 Iremos em breve  
 Na campa jazer.

Porque hãode os sepulchros  
 Em vão ser ungidos,  
 E esses dons perdidos  
 A terra sorver?



Dá-me antes em vida  
As c'roas de rosas,  
E essencias cheirosas  
Para eu me tocar.

Ou traz-me uma beida  
Que com seus amores,  
— Em quanto aos horrores  
Do Orco não vou—

Me venha estes gostos  
Dobrar melhorados,  
E os negros cuidados  
Fodos dissipar.

182...

## VIII

## A FORÇA DA MULHER

(DE ANACREONTE)

Ao touro deu corneas pontas  
A prósida natureza,  
Deu á lebre a ligeireza,  
E a dura pata ao corcel.

A voar ensina ás aves,  
A nadar ao peixe mudo,  
E deu ao leão sanhuído  
O dente destruidor;

Aos homens deu a prudencia;  
A mulher não pôde dal-a...  
Acaso quiz desherdal-a,  
Ou então com que a dotou?

Por armas e por defeza  
Deu-lhe as fórmas engraçadas  
Que o ferro, o fogo, as espadas,  
Que tudo podem vencer.

1823.

## IX

## A ROSA

(DE ANACREONTE)

A rosa a amor consagrada  
A Lyeu associemos;  
Co'as folhas da linda rosa  
Nossas frentes coroemos,  
Entre os copos a brincar.

A rosa é a honra das flores,  
E' o amor da primavera,  
E' dos nubes o deleite;  
E o menino de Cythera,  
Quando aos côros vai das Graças,  
Leva sempre as tranças bellas  
Com delicadas capellas  
De lindas rosas toucadas.

Eia pois! tu me corôa  
Se me queres, ó Lyeu,  
Cantando no templo teu  
Doces hymnos a entoar.  
Irei, de rosas coroado.  
Com gentil donzella ao lado,  
Eu mesmo as tuas corôas  
C'o sacro thyrsos guiar

1823.

## X

## A POMBINHA

(DE ANACREONTE)

De onde vieste,  
Amavel pombinha,  
Gentil avezinha,  
Aonde é que vás?

De d'onde trouxeste  
Arôma tam raro  
Que esparzes, voando,  
Por todo esse ar?

— Foi Anacreonte  
Que ao seu bem amado  
Com meigo recado,  
Aqui me mandou:

Seu bem, que reparte  
Dos lumes divinos  
Ao mundo os destinos  
N'um languido olhar

Da maga Cythera  
O cego menino,  
A trôco de um hymno.  
Ao vate me deu:

Sou de Anacreonte  
Agora o paquete,  
E' d'elle o bilhete  
Que vou entregar

Prometteu-me cedo  
De dar-me alforria,  
Que eu antes quera  
Sempre escrava ser...

Que gosto é no mato  
Andar pelas fragas,  
Viver só de bagas,  
Nos ramos dormir?

Da mão de meu dono  
Como alvo pássinho,  
E só bebo vinho  
Do que elle me dá.

As vezes alegre  
Saltando, esvoaço,  
E sombra lhe faço  
Co'as azas a dar;

Ou quando me sinto  
De somno pesada,  
Na lyra doirada  
Me deito a dormir.

Adeus! que me fazes  
Ser mais palradeira  
Que a gralha grasneira  
Com o teu perguntar.

1823.

## XI

## O GENIO DE PINDARO

(DE HORACIO)

QUEM atrevido quer lutar com Pindaro,  
Fia-se em azas que pegou com cêra  
A arte dedálea—e hade ir dar seu nome  
Ao vitreo pégo.

Como esse rio que engrossou co'a cheia  
 E vem do monte, as ribas alagando,  
 Tal ferve e corre da profunda bocca  
 Pindaro immenso.  
 Sempre dos louros apollíneos digno :  
 Ou dithyrambos cante em novos termos,  
 E livre então numerosos versos  
 De regra soltos;  
 Ou cante os nubes, ou reis sangue d'elles  
 Que justa morte deram a Centauros,  
 E horridas chammas apagar poderam  
 De atra Chymera;  
 Ou vá coroando com os dons das musas  
 Os que, vencendo na corrida ou lucta,  
 Ricos das palmas d'Elide que cingem  
 Aos céus se elevam;  
 Ou sobre a esposa abandonada chore  
 A quem roubaram o marido joven,  
 E aureos costumes e a virtude exalte,  
 Pragueje o inferno.  
 É forte a aura que, em subindo ás nuvens  
 O dirceu cysne, lhe propelle os vãos.  
 Eu, meu Antonio, como a abelha humilde  
 Que afadigada  
 Por bosque e prados, ás ribeiras humidas  
 Colhe do Tibur os tomilhos gratos,  
 Assim a custo meus lidados versos  
 Componho tímido. .

1823.

## XII

## GLYCERA

(DE HORACIO)

MANDA a mãe dos amores,  
 Da thebana Semele ordena o filho,  
 E a lasciva licença,  
 Que a já findos amores volta o ânimo  
 De Glycera que brilha  
 Mais pura do que o marmore de Paros  
 A nitidez me inflamma;  
 Grato me inflamma o garbo desenvolto.  
 E aquelle gesto lindo,  
 Tam tentador, tão lubrico de vêr-se.  
 Chypre desamparando,  
 Vem toda Venus sobre mim de golpe :  
 Nem já cantar de Scythas  
 Nem do Partho esforçado e cavalleiro,  
 Que no corcel voltado,  
 Fugindo é plejando, se retira...  
 Nada que seu não seja,  
 Nada já me consente. —Aqui, mancebos,  
 Trazei-me aqui verbenas,  
 E ponde-me em altar de toijas vivas  
 I aças de vinho, incensos;  
 Que a victima será depois mais branda.

1823.

## XIII

## O HYNVERNO

(DE ALCEU)

JUPITER chove, pelo céu se enturva  
 Fremente o ar;  
 Turgidas crescem as torrentes grossas  
 Da agua a jorrar.  
 Frigido inverno! morra nas fogueiras  
 Do roxo lar  
 Corra-nos vinho, franco, de mão larga.  
 Vamos, virar!  
 Beba-se, e já; porque a luz havemos  
 Ainda esperar?

Rapido é o dia, lentos são pezares,  
 Maus de acabar:  
 Deu-nol-o, o vinho, de Semele o filho  
 Para os matar.  
 Válidos copos, um a um, cá dentro  
 Se vão juntar;  
 E aspera lucta travam na cabeça,  
 Que hão-de quebrar.  
 Aguar. . . mostrar-lha: duas vezes vinho  
 A tresdobrar!

1823

## XIV

## A ESPADA DO POETA

(DE ALCEU)

E u coroarei de myrto a minha espada,  
 Como a de Harmódio, honrada,  
 E como a de Aristógiton, o forte,  
 Quando ao sevo tyranno deram morte,  
 E Athenas libertada  
 Foi á egualdade antiga restaurada.

Tu não morreste, Harmódio, oh não! tu gosas  
 N'essas ilhas ditosas  
 Serena vida c'os heroes que ahi moram,  
 E onde, cremos, demoram  
 Diomedes, o valente,  
 E Achilles, o veloz, eternamente.

De myrto a minha espada  
 Trarei como Aristógiton c'roada,  
 E como Harmódio o forte  
 Que á vingança a reserva,  
 Quando, nos sacrificios de Minerva,  
 Ao tyranno Hypparcho deram morte.

Em prezada memoria  
 Viverá para sempre eternamente,  
 Harmódio, a tua glória,  
 E a tua, Aristógiton valente,  
 Que o tyranno matastes,  
 E á liberta cidade  
 O usurpado direito restaurastes  
 Da primeira egualdade

1823.

## XV

## OSCAR

(IMITAÇÃO DE OSSIAN)

I

Ainda emtórno a mim a natureza  
 Só descavaladas penedias brancas,  
 Só crespo, alvo regêlo me descobre:  
 Dorme a vegetação nos troncos seccos,  
 Morre no leito congelado o rio. . .  
 Toda repousa em lugubre silencio  
 A vida do universo,—em frio espasmo  
 Da existencia parou cansada a máquina.  
 Desabrida estação! quanto a minha alma  
 Se embebe na mudez de teus horrores!  
 Todo o vigor se me accolheu, do corpo,  
 Ao coração no peito;—a alma compressa  
 Resalta e pula ás regiões ethereas

II

Veloz imaginar, nas azas tuas  
 Eis-me librado! pelos áres vago  
 E espaços vingo de alongados mares,

Desço na terra e poiso... Oh! qual me céreu  
Ennevezada cerração confusa!  
É mundo isto que vejo, é terra ainda  
Esta que piso? ... Não descobrem olhos  
Mais que nuvens e horror, trevas e cahos...  
Lá se adelgaça um pouco a nevoa grossa:  
Vejo ouriçar-se pontegadas penhas  
Hirtas de abrolhos a alvejar d'oa neve...  
Lá cae de choíre em catadupa, e soa  
Horrendamente, com fragor tremendo  
Torrente immensa na soidão do valle;  
Eil-a sombria se devolve e espraia  
Pela extensão de um lago...

## III

... D'além vejo

Vir pelos topos dos fronteiros montes  
Grave e pausado silencio velho  
Em vagaroso passo caminhando.  
Longa dos hombros ao talar lhe desce  
Alva, comprida tunica: na dextra  
traz uma hâstea de lança farpeada,  
E pendente da esquerda uma harpa antiga  
Onde o vento resoa em oucos eccos

## IV

Gemeu de os escutar o ancião dos tempos,  
E de profunda mágoa lhe soluça  
O peito descarnado. Eil-o que a toma  
Nas mãos trementes, e lhe apalpa as cordas  
Esbameadas do vento, e desmontadas  
Do longo correr de annos. Já se affina,  
Já troa altivos sons em modo lugubre  
Mas desusado e novo. Oh, que de Thura  
É este o vate, Ossian este é por certo

## V

Não me enganei; era de Ossian a sombra,  
E assim cantou: —Oscar, Dermid são mortos:  
No florecer de esperançosos annos,  
Ceifou amor cruel tam caras vidas  
Caruth é pae de Oscar, Caruth os chora,  
E a morte dos mancebos infelizes  
Conta ao filho de Alpin.—Porque, diz elle,  
Porque abrir-me de novo a fonte ao pranto,  
Porque outra vez o peito me laceras?  
Filho de Alpin, porque a pedir-me volves  
A triste narração d'aquella morte?  
Oscar, Oscar, meu filho! ... Ai, d'estes olhos  
Já se affogou a luz no mar de lagrimas:  
Só a memoria das desgraças minhas  
Dentro no coração inda não morre!  
Como heide eu outra vez voltar minha alma  
Aquella historia funebre... a essa morte  
Do maior dos heroes! —Chête dos bravos,  
Nunca mais te verei, Oscar, meu filho!

## VI

Ah, desapareceu de sôbre a terra,  
Qual no meio de horrenda tempestade  
O astro da noite, como o sol brilhante  
Quando pejada cerração de nuvens,  
Que das aguas se elevam, se condensa,

E as crespas, fuscas rochas d'Ardanider  
Co'o negro manto pallida rebuça.  
E eu triste, eu só no solitario alvergue  
Deinho, a pouco e pouco, em mágoa e secco,  
Qual orme antigo da escabrosa Mórven  
Que arido vento despojou dos ramos,  
E que, ao mais leve sussurro do norte,  
Quasi vacilla e cae.—Chête dos bravos,  
Nunca mais te verei, Oscar meu, filho!

## VII

Não cae, filho d'Alpin no campo o bravo  
Como a herva do campo; a sua espada  
Fuma primeiro, do inimigo sangue;  
Antes de succumbir, tremendo rompe  
Co'a morte ao lado, os batalhões cerrados  
Das hostes orgulhosas. Mas, ó filho,  
Mas tu, meu caro Oscar, mas tu morreste  
Sem que inimigo algum fosse, a teus golpes,  
Na região da morte annunciar-te  
Tinta no sangue a tua lança, oh triste!  
Do teu amigo foi...

Um só nos peitos  
Oscar, Dermid um coração so tinham:  
Juntos iam ceifar da guerra aos campos  
E sua estreita amizade era mais forte  
Que o aço da armadura que os vestia  
Entre ambos sempre unidos nas batalhas,  
Marchava a morte sempre; juntos ambos  
Cahiam de rondão sôbre o inimigo,  
Quaes dois rochedos que dos topos d'Arven  
Se despegam e caem na terra e jazem.  
Suas espadas fumegavam sempre  
Do sangue dos mais fortes gotejando;  
E só de ouvir seus nomes, enfiavam  
De pallido terror bravos guerreiros.  
E quem, senão Dermid, a Oscar semelha,  
E quem, senão Oscar, Dermid egual?

## VIII

Dargo, o valente Dargo, a quem na guerra,  
Ninguém nunca jámais não viu as costas,  
Dargo a seus golpes succumbiu tren endos.  
Como o dia a nascer, mais bella ainda.  
Era do morto heroe a bella filha,  
Doce como o brilhar da branca lua.  
Tinham seus olhos o luzir de estrellas  
Que através de chuvaso nuvem fulgem;  
Na primavera o suspirar da brisa  
Mais suave não é que o seu batejo;  
Recem-geada nas manhas a neve,  
Que se ondea alvejando nas estevas,  
De seu candido seio é froixa imagem.  
Viram-n'a os dois heroes, e ambos a amaram:  
Adorava-a cada um como a sua gloria,  
Possuil-a ou morrer ambos queriam  
Porém da bella o coração rendido  
A Oscar ficou, a Oscar toda se entrega:  
Lá cega beija a mão que o pae matara  
E não vê n'essa mão de Dargo o sangue.

## IX

E Dermid disse a Oscar: — Ouve-me; eu amo,  
O filho de Caruth, amo essa bella  
Sei que o seu coração por ti só bate,  
Mas a minha paixão nem isso a apaga:  
Oscar, rasga esse peito, ó meu amigo,

Seja a tua espada que me livre d'ella.  
 «Quê! tingir no teu sangue a minha espada!  
 —E quem se Oscar não for ha-de atrever-se,  
 E quem é digno de tirar-me a vida?  
 Morrendo por tua mão, morro com glória,  
 E eu quero a morte, amigo, mas honrada.  
 «Pois bem, cruel Dermid, empunha o ferro,  
 E ás mão de seu amigo Oscar expire.

## X

De Branno junto ás margens combateram,  
 Tingiu lhe o sangue as ondas fugitivas,  
 E sangue a relva que lh'as borda emtorno.  
 Dermid cahiu... n'um último sorriso  
 De morte o doce amigo saudando.  
 «Filho de Diaran — Oscar bradava:  
 Fui eu que te matei, Dermid, eu, impio!  
 Tu que no mais ferido das pejejas  
 Não succumbiste nunca, agora, amigo,  
 Heide-te eu vêr assim morrer sem glória!

## XI

Disse, e a mágoa quebrou-lhe a voz no peito;  
 Vagaroso se affasta, e ao triste objecto  
 Vae do seu triste amor; ella no resto  
 Lhe leu a intensa dor que o atormenta,  
 E disse: —«Oscar, que nuvem tam pesada  
 Escurece a tua alma?»

«A minha fama  
 Perdi-a hoje, apagou-se a minha glória.  
 Sabes, filha de Dargo, a nomeada  
 Que eu tinha entre os archeiros: ouve agora  
 De erguido tronco suspendido o escudo  
 Estava de Gondur, Gondur o bravo  
 Que n'um combate minha mão prostrára.  
 Tentei de o traspassar com minhas frechas.  
 E em vão esforços se me foi o dia  
 —«Pois bem! tental o-hei eu?» lhe voltou ella  
 Sabem as minhas mãos tambem vibrar-o  
 Esse arco destruidor da tua glória.  
 Muitas vezes meu pae folgou de vêr-me  
 Sempre certas cravar as frechas no alvo.

## XII

Partem. Traz do broquel Oscar se occulta.  
 Rapida a setta sibilando vóa  
 Das mãos da bella para o seio amante.  
 —«Arco ditoso!» moribundo exclama  
 Já todo em sangue o campeão dos montes:  
 «Oh adorada mão! eu te agradeço.  
 Quem fóra digno de enviar-me ás sombras,  
 Ao filho de Caruth quem se atrevêra  
 Senão a filha do valente Dargo?  
 Ah! seja inteiro este favor, querida!  
 Leva-me ao pé do meu amigo e deixa-me,  
 Que morrerei em paz.» —«Oscar, responde  
 A donzelal: e eu não sou filha de Dargo?  
 Eu sei tambem morrer como tu. — Disse,  
 E o bello seio atravessou n'um ferro:  
 Corre o sangue... ella treme e caiu morta.

## XIII

Juntos descancam do ribeiro á margem:  
 Cobre-lhe a campá a movediça copa  
 De um alemo frondoso. Ao micio dia  
 Desce o gamo luzoz do alto monte  
 E ahi vem pascer á sonhbra, em quanto as chammias  
 Ardem no firmamento, e todo envolto

Nas alvas, longas roupas o Silencio  
 Em derredor dos proximos outeiros  
 Reiná em toda a mudez da natureza.

## XIV

Assim cantava o caledonio;vate:  
 E de seu canto as derradeiras notas  
 Ainda em meu ouvido resoavam  
 Quando um raio do sol de luz creadora  
 No aposento me entrou—e a nevoa toda  
 De Escocia dissipou,—libertou-me alma  
 De não sei que oppressão, e me devolve  
 Aos doces climas da risonha Elysia

152 ..

## XVI

## A DOMINGOS SEQUEIRA

## SAHINDO DE PORTUGAL

Fuge litus avarum  
 Virg.

FILHAS da natureza, Artes divinas,  
 Que douraes a existencia,  
 Que o mimo sois da vida, o doce affago  
 Que abrandas nossas penas,  
 Nem vós, candidas virgens, nem vós mesmas  
 Dos grilhões escapastes  
 Com que amarrou, aos argolões do averno,  
 A tyrannia, a terra.  
 O sópro crestador do Despotismo  
 Vós murchou graça e flores;  
 Da escravidão o bafo pestilente  
 Da face pura e ingenua  
 Vós destingiu a candidez e o pejo;  
 A cáfara lisonja,  
 Co'a torpe mão, no rosto macerado  
 Vós pôs fingida máscara.  
 Transmutadas assim vós viu o mundo  
 Erguer com servil dextra  
 Padrões inglorios ao coroado vício,  
 Monumentos á infamia.  
 Tal o cinzel que lavra insigne estátua  
 A Catões e a Títos,  
 Corta o busto de Nero e de Calígula;  
 Tais as divinas tintas  
 Que as augustas feições eternizaram  
 De Socrates, de Phócion,  
 No adulador pincel perdendo a glória,  
 De torpes Heliogábalos  
 Rosto enverganhador da humanidade  
 Criminosas conservam...  
 Bem vindo sejas, ó Sequeira illustre,  
 D'essa terra maldita  
 Onde crucificou a Liberdade  
 Povo de ingratos servos.  
 Tu que os louros de Vasco e de Campello  
 Reverdecer fazias  
 Por aquelle maninho preguiçoso  
 Que foi terra de Lysia,  
 Filho de Raphael, bem vindo sejas  
 A este asylo sancto.  
 Com o nobre pincel, não polluido  
 No louvor dos tyrannos,  
 Aqui celebrará antigas glórias  
 Da que foi nossa patria,  
 Ou gravará em lamina prophetica  
 O supplicio tremendo  
 Que a seus cruéis algozes tem guardado  
 O Deus da Liberdade.

1524

## XVII

## A CAVERNA DE VIRIATHO

Let come there the morrow  
That shines not at last, on the longest dark night  
I. Moon.

## I

Sobre os eternos gelos  
Que os picos annuados  
Do alto Herminio corôam,  
Penteava a Aurora os fulgidos cabelos,  
E dos anneis ondados  
As auras matutinas  
Sopravam brandamente  
Viollas e boninas,  
Que para lhe tocar a rósea frente  
Colhêra a Noute nos jardins do Oriente.

## II

Da precursora estrella  
Alva amorcea a luz languidamente,  
Qual nos olhos expira  
Da rendida donzella,  
Quando em braços do amante amor ib'os cerra,  
O espirito da serra,  
Cujo é o sceptro das horridas montanhas,  
D'essa luz indignado  
Que seu throno de nuvens lhe dispersa,  
O véo despregado  
Co'as azas fuscas b. te.

## III

Sobre as aguas pairou do morto pégo  
Onde vivente fol'go não demora,  
E c'um sorriso negro,  
Semilhante ao que ri na fatal hora  
O anjo do mal á cabeceira do impio,  
Contempla na voragem  
As antênas quebradas, rotas quilhas,  
Tributo de homenagem  
Que o genio lhe enviou da tempestade,  
Por vias não sabidas de olho humano,  
Dos sottopostos reinos do Oceano

## IV

Qual a seta desferida do arco d'ebano  
Do archanjo da morte,  
Desce de golpe o espirito da serra,  
E mergulhou nas aguas. Treme a terra.  
Os subjacentes mares  
De abobada em abobada gemendo,  
Do boqueirão tremendo  
Mandam horrido som que estruge os ares.

## V

Mas já co'a doce luz do sol infante  
As nuvens accossadas  
A frente da alta serra destocavam  
Sobre a relva, no calice das flores,  
Qual indico diamante,  
Gottas acrysolidas,  
Do puro orvalho brilham multicores;  
E as plantas acordadas levantavam  
Para saudar a luz a hâstea pendida  
Do esfriado relento.  
A toda a natureza  
Vem do astro creador amigo alento,  
Que remoca, que alegra e expande a vida.

## VI

Glória dos altos montes,  
Magnifico Herminio, a quem saúda  
A portuguez loquella

## XVII

## L'ANTRE DE VIRIATHE

TRADUCTION DE M.<sup>ME</sup> DE FLAUGERGUES

## I

Sur les éternelles glaces qui couronnent les cimes neigeuses du haut *Herminio*, l'aurore avait déroulé ses cheveux éclatans, et dans ces ondoyans anneaux les brises matinales se jouaient, caressant de leur souffle amoureux les violettes et les amaryllis que, pour orner ce front vermeil, la nuit avait cueillies dans les célestes jardins de l'Orient.

## II

De l'étoile son avant-courrière, l'aube amortissait la leur qui s'éteignait languissamment. Ainsi s'éteint le jour aux yeux de la jeune beauté attendrie dont l'amour ferme la mourante paupière dans les bras frémissans d'un époux. Le génie de la *Serra*,<sup>1</sup> le génie à qui fut donné le sceptre de ces monts agrestes, furieux de voir cette lumière qui déchire et disperse le trône de vapeurs où menaçant il siègeait, le génie de la *Serra* déploie son vol, et, de ses noires ailes, il bat les airs dans son courroux.

## III

Il plane sur les eaux du mort Océan, d'où jamais soufflé vivant ne s'exhale. Il contemple l'horrible angoisse et rit d'un rire semblable à celui qui, à l'heure fatale, agite les lèvres de l'ange du mal au chevet de l'impie. Le génie du mont contemple l'abîme avec joie; il voit flotter brisés et confondus les nefs, les quilles, les mâts, les vergues. C'est un tribut que le génie des tempêtes lui offre et lui envoie des empires sous-marins par des routes aux humains inconnues.

## IV

Rapide comme le trait lancé par l'arc d'ébène de l'archange de la mort, le génie des montagnes descend et se précipite dans les flots. La terre frémit. Les mers inférieures gemissent, et du fond du gouffre ébranlé envoient de voûte en voûte<sup>2</sup> des sons horribles qui troublent les airs.

## V

Mais déjà à la douce lumière du soleil naissant, les nuées se dispersent et découvrent le front de l'altière *Serra*. Sur la verdure, dans le calice des fleurs, les gouttes limpides de la rosée brillent et multiplient leurs lumineux reflets comme le diamant indien. Les plantes éveillées redressent, pour saluer le jour, leurs tiges penchées sous les vapeurs humides de la nuit.

## VI

Gloire des monts altiers! superbe *Herminio*! toi que

<sup>1</sup> Chaîne de montagnes. Le mot espagnol est *Sierra*.

<sup>2</sup> Abobada.

Co o gentil nome da formosa Estrella  
Com que tua fronte a topetar se atreve;  
Nunca manhan mais bella  
Por teus broncos penedos,  
Tuas humidas grutas,  
Teus altivos, giganticos rochedos,  
Catadupas sonoras,  
Torrentes gemedoras,  
Viçoso, ameno prado  
Jamais raiou no Oriente apavonado.

## VII

Salve, berço do nome lusitano!  
Nesta manhan solemne,  
Que, em voiver de anno e anno,  
Jamais acabará que a apague o tempo  
Da saudosa memoria:  
Nesta manhan de glória  
A ti venho, a ti venho, asylo santo  
Da lusitana antiga liberdade.  
Tuas lobregas cavernas  
Me serão templo augusto e sacrosanto,  
Aonde da Razão e da Verdade  
Celebrarei a festa.  
Ouça-me o val, outeiro,  
Escute-me a floresta  
Aonde do seguro azambujeiro  
Seus cajados cortavam  
Os pastores de Luso,  
Que a defender a patria e a liberdade  
Nesses tempos bastavam  
De honra e lealdade.

## VIII

Hoje!... — Meu sacro rito  
Aqui celebrarei n'esta caverna.  
Teu santuario é toda a natureza,  
Potestade superna,  
Deus do homem de bem, Deus de verdade,  
Immensa magestade  
Que do nada tiraste a redondeza.

## IX

Ouve-me, ó Deus, recebe  
Meu puro sacrificio.  
No torpe maleficio  
Da traição não nanchei  
Minhas mãos innocentes,  
Nem sacrilego ousei,  
Teu altar profanar lo,  
Queimar o incenso vil da hypocrisia  
Com a dextra parricida gotejando  
Sangue da patria, lagrimas fraternas,  
Suor da viuva e do orphão.  
Escuta, ó Deus, nas regiões eternas  
Minhas acções de graças n'este dia,  
Dia que a resgatar-nos  
Do captiveiro odioso  
Estendeste o teu braço poderoso;  
E a razão, liberdade,  
Dons teus, do homem perdidos,  
Restituiste á oppressa humanidade.

## X

Mas que sinto! — Desvairam-me os sentidos?  
Estas cavernas tremem...  
Entórno os ares fremem...  
D'ecco em ecco medonhos estampidos  
Reflectem pavorosos!  
Do extremo fundo lá d'esse antro surde  
(Visão estranha é esta)  
Espectro, sombra...  
— Manes gloriosos  
Sois vós de algum heroe? — A lança, o escudo

le langage portugais salue du nom de brillante  
Étoile que ton front ose toucher, superbe *Herminio*,  
jamais tes cimes brisées, tes humides cavernes, tes  
sourcilieux et gigantesques rochers, tes cascades so-  
nores, tes mugissans torrens, tes charmantes prairies,  
ne vident une matinée plus belle colorer le radieux  
orient.

## VII

Salut, berceau du nom lusitain, salut! l'aime à te  
saluer en ce jour solennel, dont jamais la suite des  
années n'effacera la mémoire regrettée

Dans ce jour mémorable, je viens, je viens vers  
toi, asile saint de l'antique liberté portugaise! Tes  
cavernes profondes seront le temple auguste et sa-  
cré où je célébrerai la fête de la raison et de la vé-  
rité. Que les monts et les vallées m'entendent!  
Qu'ils écoutent ma voix, les bois où jadis les pas-  
teurs de la Lusitanie coupant leurs rustiques houlet-  
tes, en ces temps où, pour défendre la liberté et la  
patrie, il suffisait de l'honneur et du courage!

## VIII

Aujourd'hui!... Eh! bien! je célébrerai mes ri-  
tes sacrés en cette caverne. Ton sanctuaire n'est il  
pas toute la nature, ô puissance suprême! ô Dieu  
des hommes vertueux! Dieu de vérité, majesté éter-  
nelle qui tiras du néant l'universalité des choses!

## IX

Entends-moi, Dieu très-haut, et reçois mon pur  
sacrifice! La vile et infame trahison ne souilla ja-  
mais mes mains innocentes. On ne m'a point vu, sa-  
crilège et impie, profaner les autels en y brûlant l'o-  
dieux encens de l'hypocrisie. Ce n'est point moi  
qu'on a vu lever vers toi des mains dégouttantes du  
sang de la patrie, des larmes de la veuve et de l'or-  
phelin, de la sœur d'agonie de mes frères... Oh!  
ce n'est pas moi!

Ecoute-moi donc, ô Dieu des régions éternelles,  
écoute et reçois mes actions de grâces! Qu'elles  
montent vers toi en ce jour où, pour nous délivrer  
d'une servitude odieuse, tu étendis ton bras puis-  
sant! en ce jour où tu daignas rendre à l'humanité  
si long-temps opprimée la liberté et la raison, ces  
dons sacrés que tu fis à l'homme et que l'homme  
avait perclus!

## X

Mais qu'entends-je!... Mes sens se troublent...  
Ces antres sombres mugissent... L'air autour de  
moi, l'air frémit. D'écho en écho se répètent des sons  
mystérieux. Du fond de la caverne obscure, quelle  
vision se lève? quelle ombre?... Manes glorieux,  
êtes vous ceux d'un de nos héros? Mais la lance est  
dans sa main terrible, son bras soutient un bouclier,  
ses pieds triomphants foulent les aigles redoutables  
de Rome... C'est toi, ô Viriathos! ô guerrier magna-  
nime! c'est toi!...

Embraça, empunha: aos pés Aguias romanas  
Prostradas!... oh! Viriatho  
És tu, sombria magnánima...

## XI

Tua caverna é esta:  
De tua glória e teu nome é cheio ainda  
O val, monte e floresta,  
Libertador da antiga Lusitania,  
Das regiões da morte  
Vieste vêr raiar a doce aurora  
Da nova liberdade  
Sobre teus patrios montes:  
Esconde, esconde a face, o varão forte,  
Volve ao tumulto: a raça trahidora  
Não acabou no vil que a preço indigno  
Te vendeu aos tyrannos do universo:  
O sangue d'esse monstro  
Em quantos corações bate hoje a larga!  
São mil por um perverso;  
Covardes todos. — Ferros que empunharam  
Os Lusos teus para salvar a patria,  
Adagas de sicarios se tornaram  
Em mãos de Portuguezes.

## XII

Patria!... não temos patria.  
Oh! não ha para nós tam doce nome.  
Grilhões, escravos, carceres e algozes,  
De quanto outr'ora fomos,  
Isto só nos restou, só isto somos.

## XIII

## A SOMBRA DE VIRIATHO

«Não! sois mais que isso. O dia da justiça  
Do Eterno chegará. Sua hora tarda,  
Mas infalível, soará n'altura;  
E os eccos da planície hão-de annunciar-a.  
Os impios buscarão onde esconder-se,  
E a terra negará conto a seus crimes.  
Mares de sangue cobrirão a terra,  
E a morte folgará sobre as ruínas.

## XIV

«Mas quem, quem desprende as cataractas  
Do sangue, do castigo?  
O impio que blasphemou  
E de dizer ousou  
No tredo coração:  
— Não ha Deus; abusemos  
Affeitos de seu nome  
Para avexar os povos; escudemos  
Co'esse phantasma vão nossos embustes.—

## XV

«Cegos! nadae no pelago dos males,  
Luctae com a ancía da morte: não ha tábua  
Para vós, não, de salvação, de esperança.  
— Uma arca só por esses mares voga,  
Arca de alliança nova,  
Santa, e sagrada é esta!...  
Pacto de Deus co's povos. Liberdade  
Só restora do universal diluvio.  
Da raça dos tyrannos,  
Da fratricida guerra,  
Que ateára a oppressão entre os humanos.  
Nem a memoria ficará na terra.»

## XI

Cette caverne est la tienne, ton sauvage palais.  
Le mont, la plaine, les vallons, sont encore remplis  
de ton nom et de ta gloire. Libérateur de l'antique  
*Elysia*, des regions de la mort tu reviens pour voir  
brûler sur tes monts paternels la douce aurore de  
la liberté nouvelle... Détourne, détourne ton front  
auguste, ô noble guerrier! Recouche-toi dans ton  
sépulcre! Elle n'est point anéantie la race perdue de  
ceux qui, pour un honteux salaire, te livrèrent, te  
verdirent aux tyrans de l'univers. Le sang de ces  
monstres, ce sang infâme, hélas! dans combien de  
lâches cœurs ne circule-t-il pas aujourd'hui? Pour  
un pervers, on en compte mille. Lâches, ils le sont  
tout. O' Portugais! les glaives que vous saisissez pour  
sauver la patrie, se sont changés dans vos mains en  
poignards tels qu'en aiguissent de lâches sicaires de  
la tyrannie.

## XII

La patrie!... ah! nous n'avons plus de patrie;  
pour nous n'existe plus un nom si doux. Des fers,  
des esclaves, des cachots, des géoliers, de tout ce  
que nous fûmes jadis, voilà ce que nous sommes.

## XIII

## L'OMBRE DE VIRIATHO

«Non! vous êtes, vous serez quelque chose de  
moins indigne, Portugais! il arrive le jour de la jus-  
tice de l'Éternel. L'heure tardive mais infallible va  
sonner sur les hauts lieux. Les échos de la plaine  
proclameront l'heure terrible. Alors les impies vou-  
dront cacher leur visage et leurs œuvres, mais la  
terre refusera de les soustraire aux regards et de  
couvrir leurs crimes. Une mer de sang couvrira au  
loin le sol tremblant. La mort planera sur des mon-  
tagnes de ruines.

## XIV

«Qui attira ces torrens de vengeance, dites, qui  
eut mugir ces cataractes de sang? Le tyran impie  
qui blasphéma, le monstre qui osa dire dans son  
cœur pervers: Il n'y a point de Dieu; c'est un vain  
nom dont nous nous servons pour asservir les nations.  
C'est un fantôme que nous offrons aux peuples abu-  
sés pour leur dérober les fûges que nous dressons  
sous leurs pas.

## XV

«Aveugles vous-mêmes! niez Dieu maintenant!  
surnagez, si vous pouvez, sur cet océan de maux  
que vos crimes ont enlé! Lutez contre la mort!...  
vous lutez en vain. Pour vous, désormais, point de  
planche de salut, point de secours, point d'espérance!  
«Une nef solitaire vogue sur les grandes eaux;  
c'est une arche sainte et sacrée, l'arche d'une allian-  
ce nouvelle.  
«C'est le gage du pacte immortel de Dieu avec les  
peuples. Liberté, céleste Liberté, seule tu survivras  
à ce naufrage universel. Et de la guerre fratricide  
que le despotisme alluma, et de la race des tyrans,  
aucun souvenir bientôt ne restera plus sur la terre.»

## XVIII

## O ANNO VELHO

Amara lenu  
Temperat risu.  
HORAT.

V<sub>AE-TE</sub>, anno velho, vae-te, e nunca volvas  
Dos seculos no giro;  
Sumido sejas tu nas profundezas  
Da immensidão do nada,  
Anno parvo e poitrão, chôcho e sem prestimo,  
Inutil como um conego.  
Quem fez caso de ti? Nem praguejado,  
Nem bemdito morreste,  
Sem deixares legado ou testamento  
A' desherdada historia.  
Foram teus dias, dias de rotina.  
Como as lições sôbidas  
Da encebada, suja caderneta  
De um lente de Coimbra;  
Tuas horas, as horas *marianas*  
Da velha abbadessa  
Que ha quarenta annos tem no mesmo sitio  
O babado registro  
Do santo favorito.—Vae-te, some-te,  
Carunchoso anno velho:  
Trague-te o olvido inteiro; mais memoria  
De ti não fica á terra  
Do que deixa um abade de Bernardos,  
Da Academia um socio

1824

## XIX

## A TEMPESTADE

Cucio capitur igni.  
VIRGIL.

I

S<sub>OBRE</sub> um rochedo  
Que o mar batia,  
Triste gemia  
Um desgraçado,  
Terno amador.  
Já nem lhe cáem  
Dos olhos lagrimas;  
Suspiros fêrvidos  
Apenas contam  
Seu triste amor.

II

Ondas, clamava o misero,  
Ondas que assim bramaes,  
Ouvi meus tristes ais!  
Horriavel tempestade,  
Medonho furacão,  
Não é mais agitado  
Do que o meu coração,  
O vosso desprezado,  
Horrisono bramar!  
Ancia que atropella  
Meu languido peito,  
É mais violenta  
Que o tempo desfeito,  
Que a onda encapella,  
Que agita a tormenta  
No seio do mar.

## III

Mas, ah! se o negrume  
O sol dissipára  
Calmára,  
Seu nume  
O horror do tufão.  
Assim á minha alma  
A calma  
Daria  
De Armia  
Um sorriso:  
Um raio de esp'rança  
Do paraizo  
Traria  
A bonança  
Ao meu coração.

1828,

## XX

## TRONCO DESPIDO

Sine nomine corpus.  
VIRG.

Q<sub>UAL</sub> tronco despido  
De folha e de flores,  
Dos ventos batido  
No inverno gelado,  
De ardentes queimores  
No estio abrazado,  
De nada sentido,  
Que nada elle sente...  
Assim ao prazer,  
A' dor indiff'rente,  
Vão-me horas da vida  
Comprida  
Correndo,  
Vivendo,  
Se é vida  
Tão triste viver.

1828

## XXI

## SOLIDÃO

Alonguei-me fugindo e vivi  
na sociedade.  
ARRAÉS—DO PSALM.

I

S<sub>SOLIDÃO</sub>, eu te saúdo! silencio dos bosques,  
salve!  
A ti venho, ó natureza; abre-me o teu seio.  
Venho depôr n'elle o péso abhorrecido da exi-  
stencia; venho despir as fadigas da vida.  
Quero pensar só commigo; quero falar a sós com  
o meu coração.  
Os homens não me deixam; ampara-me vós, so-  
lidões amenas, abrigae-me, ó solidões deleitosas.  
Franqueia-me, ó soledade, o thesouro das tua  
selvas; abre-me o sanctuario das tuas grutas.  
Eu perguntarei aos troncos pelas edades que vi-  
ram correr; e os troncos me responderão, meneando  
as suas ramas: — Ellas passaram.—  
Eu contarei aos prados os meus amores; e as bo-  
ninas abrirão o calix para me dizer: —Tambem nós  
amámos.—  
Interrogarei os penhascos pelos eccos das vozes  
dos homens; e os penhascos mudos não ousarão  
repetir-me os sons falazes d'essa voz.



Eu direi ás ruínas:—Que é das mãos que vos construíram, que é das raças que vos habitaram?—

E as ruínas se calarão; mas a pedra de um sepulchro falará por ellas.

A pedra do sepulchro dirá:—A morte passou, e as suas pegadas ficaram impressas no caminho dos seculos.—

Solidão, eu te saúdo! silencio dos bosques, salve!

## II

Que doce não é fugir dos homens para viver com as plantas!

Que prazer não é deixar essas habitações alinhadas pelo prumo de sua pequenez; e vir no desalinhado dos campos folgar em liberdade com a natureza!

Nascentes que rompeis do seio das rochas! vós não sois comprimidas nos estreitos canaes que fabricou a arte:

Livres surgis da terra, livres jorraes das penhas; e livres correis dos montes a cobrear nos prados por entre o matiz das flores.

Arvores frondosas, vegetae sem medo; a foice do jardineiro não vos despojará da rama para o monotono prazer do luxo contrafeito.

E vós, rochedos magestosos, repousae tranquillos nas elevações da terra: que não virá o cinzel do estatuário roubar-vos as fórmas da natureza:

Para transmittir ao neto degenerado as feições do avô ambicioso.

Solidão, eu te saúdo! silencio dos bosques, salve.

## III

Solidão, eu venho a ti; já me não quero senão no teu seio.

Trago o coração opprimido; uma mão de ferro m'o aperta

O espinho da dor está cravado no meio d'elle: a angustia o torce sem piedade.

O affogo lhe travou das arterias: todo o pêso da desgraça está em cima d'elle.

O meu sangue já não tem vida; e circula de mau grado pelas veias froixas.

Arde-me não sei que fogo no intimo do peito; queria chorar e não tenho lagrimas.

Travam-me na bôcca os azedumes do passado; a aridez do futuro secou os meus olhos.

O que foi e o que hade ser anda-me esvoaçando pela phantasia; são pensamentos de azas negras como o corvo agoureiro.

O momento que é desaparecer no meio d'elles; porque não é nada

O homem não tem senão o passado e o futuro; o passado para chorar, o futuro para temer

O presente não é nada; e é só o que elle sabe.

Já se esqueceu do passado, e o futuro não lh'o disse Deus.

Eu vivo no futuro por uma esperança mais tenue que o fio da aranha; existo no passado porque ainda se me não foi o amargor dos tragos que bebi.

O presente está no meio, como o ponto no centro do circulo; mas a sua existencia é chymera.

Os raios que partem para a circumferencia são raios: tal é a minha vida.

D'aquelle ponto imaginario tiro linhas verdadeiras para o que fui e para o que heide ser; todas vão parar na desgraça.

Eu tive coração, amei; ainda o tenho, e amo.

Mas o meu amor fadou-o a desventura; baifejou-o o sópro do mal.

Fui planta que só lagrimas a regaram; o sol da felicidade não se riu para ella.

Deu flores outoniças que não desabrocharam: o granizo as crestou, e a geada lhes queimou os germes.

Não houve esperança de fruto; só o prazer, mas tam louco! — de as colher sem ella.

Por isso está triste a minha alma; triste até á morte.

E os homens cuidam que eu sou feliz; e eu régo de noite o meu leito com as lagrimas dos olhos.

Porque a noite fez-se para chorar, quem tem que chorar: de dia o avisado mente e ri.

Por isso eu não quero viver mais com os homens; porque quero chorar de noite e de dia.

A cidade é para mim o deserto: a solidão é a minha patria.

Solidão, eu te saúdo! silencio dos bosques, salve!

## LIVRO SEGUNDO

### I

#### A VICTORIA NA PRAIA

Βλ. δαδων παρα δινὰ πολυρριανθεύου δαλιναν;  
Πολλὰ δ' ἐκαὶ σπιντεῖ αὖτις ἤραθ'...

Do mar ruidoso as praias mudo estava  
E em taes imprecações desabafava  
ELIAS, A.

### I

PELAS vagas azues do largo oceano,  
Co'as pandas azas ao galerno vento,  
Vae nobre armada: — desdobrando ufano  
O verde pavilhão nas altas pópas  
Treme ao sopro da brisa, e a cento e cento,  
O ecco repetido,  
Reflete pelas aguas o estampio  
De cem canhões que troam.  
— E morre pouco e pouco o som nas vagas,  
E a praia é só. A praia — onde inda eccoam  
A celeuma dos nautas e o zumbido  
De multidão confusa — só, calada,  
Erma ficou; e nas alpestres fragas  
Apenas se ouve a bulha compassada  
Da ressaca, gemendo e murmurando,  
Com que a maré das praias se despede,  
Foge e volta queixosa recuando;  
Qual amante em custosa despedida,  
Que adeus já disse e adeus — e retrocede,  
Nem partir sabe, que é partir co'a vida.

### II

E a praia é só. — Não só: n'esse penedo  
Que emtorno tapeçou alga ramosa,  
Um vulto vejo ainda; mudo, quêdo,  
C'os olhos longos na planície aquosa;  
Disseras que o feriu c'o mago dedo  
Dell'arpocrates a sombra mysteriosa,  
Que n'uma estátua sua o transformára,  
E só a vida nos olhos lhe deixára.

Como que lhe caiu desfalecida  
A esquerda sobre uma harpa desmontada.  
E, com a dextra longa e estendida  
Para o extremo horizonte, aponta á armada  
Que a velas cheias singra, e desferida  
De amigo vento, corre empavezada:  
Debuxa o rosto mago do peito,  
De extranho menestrel é o trajó e aspeito.

### III

Mas lá se move, e em pé sobre a alta roca,  
Como inspirado subito  
De espirito fatidico,  
Com a trémula mão nas cordas toca  
Da harpa, que em sons responde inda mais trémulos.  
Que, alto e alto crescendo, agudos vibram,  
E entre pena e saudade e glória e mágoas,  
Assim coavam nas frementes aguas:

### I

«Alva pomba de esperança,  
Voga na arca mysteriosa;  
Que no dia da bonança,  
Quando a enchente procellosa  
A' voz do Eterno parar,  
Penhor da nova aliança,  
Tu a nós hasde voltar.

Sobre a lodosa voragem  
Que inda cobre meio mundo,  
Deixa o corvo negro immundo  
Sua sêde de carnagem  
Em cadaveres fartar.

Para a pombinha mimosa  
Hade chegar o seu dia;  
E quando a flor da alegria  
Na oliveira despontar,  
C'o raminho de esperança  
Penhor da nova aliança,  
Tu a nós hasde voltar.

### II

«Mas que altivo baixel vae singrando  
Pelo esteiro da armada leal.  
Nem as Quinas do Luso arvorando,  
Nem a Cruz do paiz de Cabral?  
Que annuncia esse infausto pendão,  
Estandarte de morte aziago?  
Foge, fuge, ó Maria, á traição;  
São as cores da nova Carthago.  
Não o vês de cruor salpicado  
Tremular co'essas nódoas fataes?  
E o sangue á traição derramado,  
E o sangue dos teus mais leaes.  
— Não se lavam do Nilo na glória  
Essas manchas de opprobrio e de horror;  
E emmudece o clarim da victoria  
Da Terceira ao gemido clamor.

## III

«Carthago desleal, embalde atroam  
Teus Hannons, teus Amilcares traidores  
O incredulo fóro que povoaam  
Turba de vis, venaes declamadores,  
E á tua plebe estúpida os pregôam  
Da republica os fortes defensores:  
Essa nóda jamais hade laval-a,  
E o universo em seu dia hade vingal-a.

«Seu dia hade chegar: já desvendados  
Se espantam do tam longo soffimento  
Os povos opprimidos e ultrajados;  
Já seguem com o ancioso pensamento  
Ao Scipião do oriente, alvoraçados  
O invocam contra Hannibal fraudulento,  
E folga o mundo ao contemplar presago  
Nas ruínas de Byzancio as de Carthago.»

## IV

Assim cantava o peregrino vate  
Nos rochedos do exílio; e as ermas praias  
Da inhospita Carthago resoavam  
C'os respeitosos sons que n'harpa trôa  
Fremente indignação. Melodia emtanto  
Em derredor a cerração crescia,  
E as grossas gótas raras que despedem  
As tumescentes nuvens, os lampejos  
Que a mais e mais, de perto e perto ameadam,  
Annunciavam tremenda tempestade  
Que a instantes vae desabar no pégo.

## V

Eis subito, onde as nuvens m'as opacas,  
Mais peçadas do fluido se mostram  
Que so a Fráncin subjugar foi dado,  
Rompe e em golpes de luz no céu fulgura  
Raio, que segue horrisono estampido  
De trovão, d'ecco em ecco reboando  
Por céus e mares, longo e longo... Os seios  
Das nuvens se rasgaram; e entre o vivido,  
Fluctuante clarão de mil relampagos,  
Do attonito vate avulta aos olhos  
Assombrosa visão. N'um corcel branco  
Da cór da lactea via lhe apparece  
Um cavalleiro ancião; lucidas armas  
De espelhado brilhante ferro o vestem;  
Descem-lhe as alvas, venerandas barbas  
Té ao peito, onde a cruz de ouro, pendente  
Do equestre collar, sobre o aço fulge;  
Na esquerda o Real pendão de Ourique ostenta,  
E ponderosas chaves traz na dextra,  
Que aperta, e cuidadoso olha e segura.  
Tal ás margens do Tejo iria outr'ora  
A Toledo em briosa romaria  
Da lusitana lealdade o symbolo;  
Tal Martim-de-Freitas nos figura  
O vivo imaginar, aspecto e forma.

## VI

«Suspende as notas do despeito iroso,  
Brada o celeste cavalleiro ao vate:  
«Cessa o funebre canto doleroso,  
E n'harpa lusitan os sons antigos  
Acorda da victoria;  
Hymnos então de triumpho e gloria.  
Inda ha sangue do meu por essas veias

Da gente portugueza; extinto ainda  
Não foi o santo amor da liberdade  
Que os lusitanos peitos incendia,  
Nem o timbre da honra e lealdade  
Que entre os povos da terra os distinguia.

«No meio d'esse pégo (e co'a bandeira  
Apontou para o ultimo occidente)  
N'uma isolada rocha, que a fogueira  
Das subterraneas furnas sempre arde  
De continuo rescalda, a derradeira  
Leal phalange intrépida e valente  
Com sangue imigo e seu tinge o oceano,  
E a nodoa lava ao nome lusitano.

## VII

«Olha, e verão teus olhos o alto feito.  
A alta gloria dos teus » — Disse, e brandindo  
Na dextra a lança, para Oeste accena:  
No concavo do escudo as ferreas chaves  
Deram tremendo som. O ecco dos mares  
O repetiu, e a negra tempestade  
Emmudeceu ante elle; as nuvens fogem,  
Os brados do trovão sumidos morrem,  
E a derradeiro lampear dos raios.  
Como elles, desapparece o cavalleiro,  
Um sulco d'alva luz té o horizonte  
Descrevendo nos céus: — e qual nas scenas  
Subito corre a tela, e ostenta aos olhos,  
Por feiteira maravilha de arte,  
As terras longes e apartados povos  
Que além mares, que além desertos jazem  
Tal aos olhos do vate deslumbrados  
O magnifico aspecto se descobre  
De uma Ilha vicejante e pampinosa,  
Que ante elle, qual Delos, se offerece,  
Ou qual ao domador das iras cruas  
Do fero Adamastor a dos Ancores

## VIII

Alcantis bravos derredor a cercam:  
E nos erguidos cum's pictorescos  
De seus montes vegeta em morna cinza,  
De mal extinctas crateras emtorno,  
Todo o luxo de Flora e de Pomona,  
Que ao lourejar de Ceres dá realce  
E c'os thyrsos de Baccho se mistura.  
O tempestuoso Atlantico lhe quebra  
Nas ouriçadas pontas dos rochedos  
Que em orla a cingem, onde em amplo seio  
Mais á larga lhe é dado entrar na praia,  
Sobre a pallida areia em rolos bate  
E em alva franja se desfaz de espuma.

## IX

A espaços, e uns sobre outros torrendo,  
Baluarte avultam, e alto ondeia  
A matutina brisa, n'hastea erguido  
Das nobres Quinas o estandarte antigo.  
Rara nebrina cobre em parte o resto:  
E á sombra d'ella, empavezada frôa  
Vae na enseada penetrando a turba...  
— Quinas também arvora; mas infame  
Quebra de bastardia a meio parte  
O glorioso escudo; e o sangue fresco  
Na alvura da bandeira lhe resumbra...  
— Que sudario de mortos a disseras  
N'uma armada de sombra defaldado  
O aziago vento nos pégoes da Styge.

## X

Deu sinal a atalaia n'alta torre,  
E as negras bocças dos canhões romperam  
O crebro fuzilar; os ares cortam,  
Cruzam-se as pellas que de morte silvam;  
E os eccos das pacificas montanhas  
Pasmam dos sons de guerra que repetem.  
Nas náos desaba o rapido granizo  
Do saltante peloiro; e o crebro estalo  
Da palpitante, trépida, granada  
Ferve de terra e mar.

## XI

Mas já baixando das erguidas pópas  
Das alterosas náos, leves esquifes  
Armadas lanchas n'água vão poisando,  
E a enseada povôam: lentas descem  
As phalanges dos bravos, que mal soltrem  
Ir ao feito traidor co'as mesmas armas  
Que leaes nos campos de Courche e Prado  
Tanta gloria ganharam... Instam cabos,  
Blasphemos centuriões, a infame brados  
De ameaças, os pungem... Cede á força  
O soldado fiel, mas n'alma lede  
A tenção fixa de lavar a injúria  
No sangue vil do chefe que o deshonra.  
Movem-se os remos; e, entre o fogo e a morte  
Audazes penetrando, á praia abicam;  
E braço a braço, peito a peito, encontram  
O cidadão c'o escravo; — trava a lucta  
Da perjura traição co'a lealdade,  
E investe a escravidão co'a liberdade.

## XII

E quem são esses nobres defensores,  
Que, em poder tam pequeno, fixos, quedos  
Aguardam seus terriveis aggressores,  
E immoveis sobre as pontas dos rochedos  
Parecem desafiar seus vãos furores?  
Ri-lhe a victoria ja nos olhos ledos,  
Não bate o coração, tranquilla é a alma;  
E a sorte esperam que lhes trag a palma.

A desmedida força do inimigo  
Não parecem contar; ou, se a contaram,  
Suppõe-se cada qual n'este perigo  
Que o ânimo ou os braços lhe dobraram;  
A injúrias taes e t'ntas dar castigo  
Os piedosos destinos lh'outorgar im  
E só contam, só vêem co'a longa esperança  
As delicias da proxima vingança

## XIII

Quaes injúrias, que affrontas? Inda cecôa  
Do disperso senado nas abobada  
Calumniosa voz que ativa soa,  
E de insultos cobriu a escolha impavida  
Da lusa mocidade,  
Que armas em vão pediu, e ás armas corre  
Que lhe vedam traidores,  
Combate, vence, onde não vence, morre,  
E ensina a seus covardes detractores  
Que é mais fiel o cidadão que o escravo,  
E que no peito do liberto bravo  
A antiga lealdade  
Renôça e cresce mais co'a liberdade

## XIV

Tu o dize, ó magnanimo guerreiro.  
Gloria da patria, em cuja nobre espada  
Da afflicta Lysia o amparo derradeiro,  
A derradeira esperança está firmada:  
Dize-o tu, Villalor, quando primeiro  
Assomaste na altura alcantilada,  
Que assombros de valor, de patriotismo,  
Que milagres não viste de heroismo!

## XV

Quai, através de insolito perigo,  
Vae de soccorro a Diu o Castro forte,  
Tal, entre a densa esquadra do inimigo,  
O árido Villalor, sem medo á morte,  
Villalor, dos rebeldes o castigo,  
E a quem domada não resiste a sorte,  
Nas praías de Angra impavido surgira,  
E com elle a victoria que o seguira.

E que pensaveis, desleaes traidores?  
Encontrar só valor? — Têm chefe agora  
Da patria liberdade os defensores:  
Na tenda imbelles por Briseis não chora  
O Achilles portuguez, e seus furores  
Muito sangue eal inulto implora;  
Não ha comvosco Heitor que vos defenda,  
E Páris foge da marcial contenda.

## XVI

Eil-os! eil-os, que estóldos correndo,  
Cegos se appressam a encontrar seu d'ado:  
— Matae, não deis quartel! com gesto horrendo  
O chefe canibal brada ao soldado.  
«Perdoae, perdoae; crime tremendo  
«E o d'elles; (do herôe tal era o brado)  
Mas não sigaes o exemplo do tyranno,  
Poupae, poupae o sangue lusitano»

Trava a peleja: quaes leões feridos  
Os renegados chefes accommettem,  
E blasphemando em horridos bramidos,  
Instam c'os seus, despojos lhes promettem;  
De affrontosos supplicios, que aos vencidos  
O vencedor prepara, lhes repetem  
Fábulas mil com que o soldado excitam,  
E a combater, máo grado seu, o incitam.

## XVII

Mas não descança a espada que tempêra  
Fogo que ardeu no altar da liberdade;  
Nos gumes lhe poisou a morte fera,  
E nas mãos da briosa mocidade  
É rio que fulmina e reverbera,  
Raio de honra, valor, de heroicidade,  
Que nos rebeldes campões desfeixa  
E em negras cinzas sobre a prata os deixa.

## XVIII

Um por um cáem na contenda ingloria,  
Deshonrados cadaveres,  
Trophéo ignobil que desdenha a gloria,  
Que á corda do patibulo  
Roubou com pejo a espada da victoria

Soprae do oceano tumido,  
Soprae, ó ventos, derramae nos ares  
Cinzas que a mão do algoz devia aos mares

E vós, illusas victimas  
Da tyrannia perfida,  
Viude, accolhei-vos ao amparo amigo  
Da band'ira real  
Soldados! já não ha mais inimigo,  
Bradae:—Real, Real!  
Por Mari', bradae, de Portugal!  
«Viva Maria e viva a liberdade!»  
Com lagrimas responde e a brados clama  
O soldado corrido e envergonhado.  
Nas fileiras da antiga lealdade  
A' voz se uniram do heroe que os chama,  
E bemdizendo a mão que os ha salvado,  
Lavar promettem a manchada fama  
No sangue d'esse monstro de maldade  
Que a patria c'o roubado sceptro opprime  
E involuntarios os forçou ao crime.

## XIX

Vencidos, vencedores, abraçados,  
Todos triumpham na ginhada gloria;  
Da mesma causa todos são soldados,  
E unidos cantam a commun victoria:  
Os seculos por-vir lerão pasmados  
Prodigio tal na lusitana historia...  
O ecco dos mares que repete o canto  
Nas vagas se ouve murmurar de espanto.

## XX

Sonoros rufam trêmulos tambores;  
Os bravos batalhões, de Ourique entoam,  
Em côro marcial, leaes clamôres;  
E as alternadas coplas, que resôa »  
Como em respostas, se unem aos clangores  
Das trompas.—dos clarins que agudo soam;  
Brande-se a espada inda sanguenta e nua,  
E a bandeira real no ar fluctua.

CÔRO DOS SOLDADOS  
Real! real! real!  
Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ  
Repita a Terceira as vozes de Ourique,  
Que ao throno elevaram o filho de Henrique,  
E a filha de Pedro ao throno alçarão.

CÔRO  
Maria protege a Constituição.

ALGUMAS VOZES  
E viva Maria, viva a liberdade!  
Miguel é tyranno,  
Feroz, deshumano,  
Que reinar não hade.

CÔRO  
Real! real! real!  
Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ  
Victoria cantemos, victoria, victoria!  
Maria triumpho:—seu nome é de gloria,  
Seu nome, que adora a luz da nação.

CÔRO  
Defende, protege a Constituição.

ALGUMAS VOZES  
E viva Maria, viva a liberdade!  
Miguel é tyranno,  
Feroz, deshumano,  
Que reinar não hade.

CÔRO  
Real! real! real!  
Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ  
Sua mão delicada bordou a bandeira  
Que altiva tremula na heroica Terceira:  
Cantemos, alcemos o invicto pendão.

CÔRO  
Maria protege a Constituição.

ALGUMAS VOZES  
E viva Maria, viva a liberdade!  
Miguel é tyranno  
Feroz, deshumano,  
Que reinar não hade.

CÔRO  
Real! real! real!  
Real por Maria de Portugal!

LOND. 1829.

## II

## O JURAMENTO

## CANTO PATRIOTICO

Posuisti nos opprobrium vicinis nostris...  
Exurge, quare obdormis, Domine?  
PSALM. XLIII

## I

DEUS, que ouviste o juramento  
Do teu Povo lusitano,  
Oh rei dos reis soberano,  
Ouve-o, que a ti vem bradar!  
Nós jurámos: santa jura  
Que ninguem fará quebrar.

## II

Nossas armas humilhadas  
Que abandonou a victoria,  
Estes pendões já sem gloria  
Depômos no teu altar.  
Mas juramento que démos  
Ninguem nos fará quebrar.

## III

Já tua mão omnipotente  
Sobre nós luz co'a esperanza,  
Já vem o Iris da bonança  
No horisonte a raiar.  
Juramento que lhe démos  
Ninguem nos fará quebrar.

## IV

Do nosso Libertador,  
De dous mundos maravilha,  
Eis do grande Pedro a filha  
Que sobre nós vem reinar.  
Juramento que lhe démos  
Ninguem nos fará quebrar.

## V

Nas tenras, ungidas mãos  
A paterna magestade  
Pôs a nossa liberdade  
C'o proprio sceptro a guardai.  
Juramento que lhe demos  
Ninguém nos f'rá quebrar.

## VI

Nós, invocando o seu nome,  
E o teu nome, ó Deus de Ourique,  
Do filho do grande Henrique  
O pendão vamos hastear:  
Jurámos— e o juramento  
Ninguém nos fará quebrar.

## VII

São também teus inimigos  
Os crus inimigos seus,  
Que renegaram de Deus  
Antes de a patria negar  
Nós, a jura que fazemos,  
Ninguém nos fará quebrar.

## VIII

Vamos, a esses traidores  
Que a tua lei desprezaram,  
Que a lei do povo calcaram,  
Vamos, senhor, castigar.  
Este santo juramento  
Não nol-o deixes quebrar.

## IX

Confunda-os, Senhor, tua ira,  
Desarme-os teu braço eterno;  
Manda a confusão do inferno  
Suas hostes baralhar:  
Que nós jurámos—e a jura  
Ninguém nos fará quebrar.

## X

Jurámos livrar a patria,  
A patria libertaremos;  
E, no throno que lhe erguemos,  
A rainha hade reinar.  
Jurámos, sim; e ésta jura  
Ninguém nos fará quebrar.

1829.

## III

## NO ALBUM DE UM AMIGO

Nos valles do destêrro são colhidas  
Estas singelas, desmaiadas flores  
Que por mãos da saudade vão tecidas  
C'os acerbos espinhos de suas dores:  
Mas doce esperança as leva offercidas  
Ao casto altar dos conjugaes amores:  
E ahí, morta a Saudade na ventura,  
C'os espinhos cahirão—Amor o jura

Lond. 1831.

## IV

## NÃO CREIO N'ESSE RIGOR

Não creio n'esse rigor  
Que nos olhos se desmente:  
E' traidor  
O deus d'amor,  
Mas em teus olhos não mente.

Deixa pois tanto rigor,  
E na verdade consente:  
Que é traidor  
O deus d'amor  
E nos olhos te desmente.

Lond. 1831.

## V

## O RAMO DE CYPRESTE

A EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. ANNA LEITE DE GÓVEA

A esta frente desbotada  
De angústias e dissabores  
Não cabe o louro da glória  
Nem as rosas dos amores:  
A triste fado votada,  
Sem renome, sem memoria,  
Nem terá piedosas flores  
Sobre a camp'a abandonada.  
Sei que do negro cypreste  
Só me toca a palma obscura.  
Mas nem essa rama escura  
Que por tuas mãos colheste,  
Nem essa quiz a ventura  
Que me viesse coroar...  
Tão cruel é minha estrella  
Tão funesto é meu desas.

A' mão innocente e bella  
Que o triste ramo colheu,  
Por mui alto para meu,  
Volta pois o dom fatal;  
Mas fica, esse sim, o agoiro  
Que prophetiza o meu mal.  
—Oh! quando famin'a espalhou  
Ou sibilante peloiro.  
Houver emfim terminada  
A amarga, penosa vida...  
Ao menos — se, assim pedida,  
Mercê tal é de outorgar —  
D'esses teus olhos divinos  
Uma lagrima sentida  
Venha piedosa os destinos  
Do proscripto vate honrar.

S. Mig. 1832.

## VI

## FLOR SINGELA

## NO ALBUM

De S. A. A. S. S. I. D. A. J. M.

LINDA flor que nos jardins  
Fôrça de arte cultivou,  
Fem dobrada a folha, o cheiro  
Mas de fructo se privou.  
Passa abelha diligente,  
E admirou tanto primor;  
Mas para os favos o nectar,  
Vae buscá-lo a outra flor.

Singelinha de tres folhas  
Co'a musqueta deparou,  
E em seu calix meio-aberto  
Oh que thesouro encontrou!

Como a abelha diligente  
Que busca a singela flor,  
Um singelo coração  
Tambem só procura amor

Paris, 1833

## VII

### RAMO SECCO

NO ALBUM DE UMA SENHORA BRASILEIRA

#### I

No paiz doce de Cabral nascida  
Afeita áquella eterna primavera  
Que perpetua a vida  
Na folhagem vivaz que não se altera,  
Nem conhece as fadigas e a pobreza  
De nossa lenta e velha natureza,  
Porque, filha mimosa  
Da Atlantida formosa,  
Porque tam tarde vens, nos tristes dias  
De nosso feio inverno,  
Visitar estas praias tam sombrias,  
Estas vezes horridas e frias.  
Só povoadas pelo gélido eterno?

#### II

Bem te quero brindar, que és boa e bella,  
Mas confuso e corrido  
Venho co'as mãos vazias,  
Que por esse vallado desabrido  
Nem bonina singela,  
Que ofertar-te, desponta  
A queimada vergonha  
Da combatida esteva  
Açoita o furacão; o alvor que neva  
Pende entre os ramos sêcos do arvoredo  
E escurece com perfido arremêdo  
Os seus mortos amores  
Que tarde—ai, tarde!— volverão co'as flores.

#### III

E que culpa tenho eu que, espedaçada  
Em dons comtigo e com teu doce clima,  
Tam pouco me deixasse a natureza,  
Tam pouco e minguaço?  
—Vês: o pobre poeta estropeado,  
Velho no coração, velho na rima,  
Não tem, na sua pobreza,  
Com que te pôr aqui outra memoria  
De sua boa amizade,  
Mais do que um sêco ramo de saudade,  
Sem flor, sem folhas... todo o viço e gloria  
Se lhe foi com o inverno d'esta idade,  
Velhice d'alma... Oh! tam desconsolada,  
Tam peor que a do corpo!—descontento  
Perenne, tam pesado e sem conforto,  
E em que, por mór tormento,  
Sente a alma ainda—e o coração é morto.

Bruxellas, 1836.

## VIII

### NUNCA MAIS

E o meu contentamento  
Que eu cuidava que era meu,  
Deu-me depois tal tormento  
Qual nunca me deu.

C. P. ISAL.

#### I

Não, não creio nos teus olhos:  
—Se eu já sei o que elles mentem!  
Se conheço á minha custa  
Que o que dizem não sentem!  
Oh! quem me dera ignorál-o  
Para ser feliz ainda...  
Era feliz com mentira;  
Mas se a mentira é tam linda!

#### II

Uma vez — ha quanto tempo!  
Seis lentos giros no céu  
A lua inteiros volveu,  
E aquelle instante divino  
Na memoria de contino,  
Inda me não esqueceu!  
— Uma vez, teu braço trémulo  
No meu braço repousava,  
De tua bocca celeste,  
Anjo do céu que então eras!  
— quella voz desprendeste,  
Que sumida e vacillante  
Aceitou meu voto amante...  
— Mal o labio a proferiu,  
Mal o ouvido a sentiu;  
Mas ouvi-a o coração...  
— Não que a ventura não mata,  
Por isso ali não morri:  
Mas foi peor do que a morte,  
Mais fatal... — endoueci

#### III

Lembra-te? Foi longa a noite...  
Longa aos outros pareceu:  
A mim vóou-me entre glórias,  
Como os instantes do céu.  
Lembra-te? — O resto da noite,  
D'esses olhos eloquentes  
Que expressões tam vehementes  
Sahiram de amor, de té!  
Vivi um século inteiro  
N'essa noite de ventura,  
Vivi na illusão, no engano;  
Mas êro tam lisongeiro  
Oh, porque inda não dura!

#### IV

Da cor da aurora que nasce,  
Entre roxo e cor de rosa,  
Vestida essa fôrma airoza  
Inda a vejo, que balança  
Nos vagos giros da dança  
Que ante mim se confundia!

E eu desvairado, eu sem tino,  
Eu que a ti — a ti só via...  
Hoje ainda, ainda agora  
Vejo em teu rosto divino  
Aquelle brilhar de aurora  
Que tanto me prometia...  
Oh! mas a aurora mentiu;  
Que veio importuno dia  
E de nuvens se cobriu.  
.....

## V

Sei que as apparencias culpadas  
Estiveram contra mim...  
Mas julgar, punir assim  
E sem ouvir. ....

Oh! como eu então vivi!  
Como de ancia e de amargura  
Nesses dias não morri!  
Foram seculos pesados,  
Lentos, — e contados  
Hora a hora de tortura

## VI

Via-te, e nem vêr-te ousava:  
Um tremor, n'um paroxismo,  
De tua vista recuava  
Como se fosse do abysmo.  
Fugia de ti: — mesquinho!  
Com te não vêr me matava...  
Triste de mim! e era morte  
Mais cruel se te encontrava.  
Teus olhos, aquelles olhos  
Onde bebi tanto amor,  
Teus olhos, fugia d'elles,  
Cobrei-lhes medo e terror.

E se os traidores, um dia,  
Por cruel divertimento,  
Renovando o engano antigo,  
Me dessem novo tormento?...  
Co'a só ideia do p'igo  
Tudo eu estremecia,  
E do horrivel pensamento  
Como um covarde tremia.  
Jurei, protestei mil juras...  
— Para insensato as quebrar!  
Bastou-te querel-o um dia,  
E eu proprio—fui-me entregar.

## VII

Essa treva fazia  
N'aquelle solemne estancia,  
E em pausada consonancia  
A voz da oração se ouvia.  
Interno sentimento  
O coração me batia...  
Mas era o tal momento,  
— Fatal, funesto, fadado...  
E ninguém toge ao seu fado  
Não fugi, fiquei,—perdi-me.  
E sem combater rendi-me...  
Com um só de teus sorrisos  
— D'aquelles que das a mil! —  
Em meu peito árido, morto

Mais esperanças nasceram  
Do que flores tem abril:  
Tristes flores, que vieram  
Em abrigo nem conforto,  
E açotadas dos granizos,  
Dos varios ventos, morreram!

## VIII

Que novos sonhos sonhei  
De amor, de felicidade!  
Com que feia crueldade  
Teus lindos olhos fingiam,  
Tam expressivos diziam,  
Cruéis!... o que não sentiam!

## IX

Ah! quebrou-se emfim o encanto,  
Já me não torno a illudir;  
Foi sonho de que acordei  
E que não volto a dormir:  
Que d'esta vez entrou n'alma  
Socegado desengano,  
E, um por um, co' dedo experto  
Os golpes do coração  
Andou sondando sem dó:  
Hade curar-se, elle diz,  
Fica leso — e porque não?  
De que me serve elle agora?  
Para amar-te o tinha eu só,  
Só para t'o dar o quiz...

## X

Vae... de quanto coração  
Em peito de homem batia  
O mais valente quebraste,  
Pois com tanto amor podia,  
Todo o amor que lhe inspiraste.  
Vae... como este coração  
Não fez outro a natureza,  
Formou-o co'a mesma mão  
Com que fez tua belleza:  
Unicos ambos! — Já agora  
Brilharás entre os mortaes,  
Reinarás, serás senhora,  
Serás admirada. — Embora!  
Mas amada... nunca mais.

1837,

## IX

## A MINHA ROSA

QUEM, se uma vez pôz os olhos  
N'aquelle face tam bella,  
Não viu n'ella — a sua estrélla,  
Rainha dos seus amores?  
Em seus labios um sorriso  
E' a luz do paraizo;  
E o corar da face linda  
E' desabrochar de rosa  
Que a manhan, com a sua vinda,  
Debruçou n'hástea mimosa  
Para inveja das mais flores.  
— Assim fora ella — singela  
A minha rosa tam bella,  
Nem mudasse assim amores  
Com as outras folhas e côres!

183...



## X

## SUSPIRO D'ALMA

SUSPIRO que nasce d'alma,  
Que á flor dos lábios morreu...  
Coração que o não entende  
Não n'ó quero para meu.

Fallou te a voz da minha alma,  
A tua não n'a entendeu:  
Coração não tens no peito,  
Ou é diff'rente do meu.

Queres que em lingua da terra  
Se digam coisas do céu?  
Coração que tal deseja,  
Não n'ó quero para meu

183...

## XI

## O EMPRAZADO

They seem'd... unto the last  
To... forget the present in the past.  
To share between themselves some separate fate  
Whose darkness none beside should penetrate

Byron, Lara.

## I

No chão a hâstea da lança está cravada;

E a luzente armadura  
Em tropheu se encastella  
De emtórno da hâstea dura.  
Rilha, na cinzelada,  
Ponderosa rodella,

O antigo emblema heráldico sabido,  
Que o nome conhecido

O senhor d'essas armas apregôa.  
O elmo emplumado, que brilhante c'ia

O soberbo tropheu,  
Ao vento baloiçando, ouco rebôa.  
Vae socegada resvalando a lua

No puro azul do céu,  
E nas fulgentes laminas  
Cáem seus raios tremulos,  
Como o vago lampejo

De luz que surge de encantado brejo,  
O pendão enrolado,

Mas mysteriosas, variadas côres  
Traz segredo de amores  
A ninguém revelado:

Oh, se algum o entendeu, não n'ó dissera,  
Que n'essa hora morrerá.

## II

É a justa ámanhan, cavalleiros.

É a justa; acudi a brigar.

Quem ficar na tranqueira estendido,

É signal que era fraco no amar.

Pois venha já brigar, pois venha já morrer,  
Quem diz que tem amor, quem n'ó quer merecer!

Tropheu que ahí se ergue arrogante,  
Um nobre, senhor o arvorou;  
Quer ser elle o mais fino amante;  
Sua bella, a mais bella a jurou.

Quem se atreve a dizer-lhe que não?  
Quem se atreve a tocar-lhe no escudo  
Com a ponta da lança ou contão?  
Quem se atreve? Ninguém. Ficou mudo  
O tropel dos guerreiros então.

## III

Arreda, arredar, fasta, affasta!  
Que ahí vem, brida sôlta, correndo  
Guerreiro de aspecto tremendo  
Montado n'um negro corcel.

No escudo não tem mais quartel,  
Tenção nem letreiro que diga  
A empreza de guerra que siga,  
A dama que sirva de amor.

Da guerra d'el-rei Almuçor  
Virá co'essas armas sangrando,  
Ou foi que na estrada algum bando,  
O quiz, por má traça, matar!

Não sabe ninguém decifrar  
Mysterio de tanto segredo...  
Chegou elle,—investe sem medo  
O altivo tropheu do senhor:

Feriu-o no ponto d'honôr,  
Do conto da lança lhe dava,  
O escudo insolente voltava  
Ao nobre, soberbo campeão.

## IV

F'm sua tenda de damasco  
Bordado de oiro á porfia,  
Alli junto ás suas armas,  
O nobre dono dormia.

Ouviu o golpe atrevido  
Que no escudo lhe batia;  
Chamou pagens, escudeiros,  
Muito á pressa se vestia.

No escudo das suas armas,  
O coração lhe dizia  
Que um homem só neste mundo  
A tocar se atreveria.

Não quer lança nem cavallo,  
Seus homens não requeria;  
Co'a espada nua na mão,  
Só, pela tenda sahia:

— «Aqui estou, diz, que me queres?»

E a forte voz lhe tremia..

— A tua vida, emprazado,

Que já passou anno e dia.

## V

Não houve mais falas; o nobre emprazado  
Montou na garupa do negro corcel.  
Partiram por monte e vallado,  
O estrondo fazendo d'um grande tropel...

D'alli a tres dias, tres noites contadas,  
Sahiu saimento com grande primor

De além do castello de Penamacôr:  
Duas tumbas levava pregadas, fechadas...  
Juntava-se o povo de todo o arredor  
A ver saimento de tanto primor.  
Mas cruz nem caldeira, ninguém n'a levou:  
Sem rezas nem frades, o enterro passou..

## VI

N'aquelle castello dois irmãos viviam  
Nunca mais os viam.  
E a bella condessa  
De Penamacôr  
D'alli a um anno é freira professa  
Em San Salvador.

1841.

## XIII

## L'ALCYON AU CAP

DE M.<sup>LLE</sup> DE FLAUGERGUES

This is so be alone, this is solitude

CHANTE et rase les flots d'une aile paresseuse!  
Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,  
Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,  
Vogue mollement balancé!

Moi, je sens que je touche au terme du voyage,  
Quelques douleurs encore: puis la paix du cercueil!  
Ne me plains pas! long-temps sur moi gronda l'orage;  
Mieux vaut dormir au port, que trembler sur l'écueil.

Mais, toi! rase les flots d'une aile paresseuse!  
Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,  
Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,  
Vogue mollement balancé!

Heureux! tu n'as point fui ta famille chérie,  
Tu n'es point triste et seul par la vague emporté,  
Ton doux nid t'accompagne, et toute une patrie  
Te suit et vogué à ton côté.

Loin, bien loin, de ma vue est le toit que j'implore;  
Loin, bien loin de mon cœur tout ce qu'il a chéri.  
Me sera-t-il donné de voir, d'entendre encore  
Un regard, un accent ami?

Noble fille du ciel, amitié, pure flamme!  
Partout où tu n'es point, est le froid du tombeau..  
Eh! quoi vivre et mourir sans révéler mon âme!  
De ma pensée ardente éteindre le flambeau!

## XII

## A ESTRELLA

HA uma estrella no céu  
Que ninguém vê senão eu:  
Inda bem! — que a não vê mais ninguém

Como as outras não reluz;  
Mas dá tam serena luz,  
Que, inda bem! — não a vê mais ninguém.

No cantinho azul do céu  
Onde ella está, não digo eu  
A ninguém! — sei o eu só: inda bem;

184...

## XIII

## O ALCYON NO CABO

TRADUÇÃO

Isto sim que é estar só.

CANT , e co'a ponta d'aza priguçosa  
Varre a onda serena!  
Como o innocente que no berço embalam  
Com branda cantilena,  
Canta, suave Alcyon, e mollemente  
Voga ao som d'agua amena!

Por mim, já da viagem chego ao termo.  
Mais uma dôr talvez.  
E o tûmulo depois: ninguém me cuite!  
Descançarei de vez.  
Antes quero dormir no porto agora,  
Que ir dar n'outro revés.

Tu canta, e varre co'a aza priguçosa  
Essa onda serena!  
Como o innocente que no berço embalam  
Com branda cantilena,  
Canta, suave Alcyon, e mollemente  
Voga ao som d'agua amena.

Feliz és tu, que nem os teus deixaste,  
Nem vaes triste e sosinho  
Das ondas tempestuosas arrojado  
A ignorado caminho:  
Comtigo a patria, aonde vaes, a levas  
Boiando no teu ninho.

Longe, ai! tam longe, eu tenho o lar que choro;  
Quanto a vida me liga  
Tam longe me ficou. . . Oh! ser-me-ha dado  
Que eu ainda consiga  
O vêr um doce olhar, o ouvir ainda  
Um som de voz amiga?

Nobre filha do céu, doce amizade,  
Tua chamma não consente,  
Tua chamma só, que ao gêlo do sepulchro  
A vida se arreente...  
E eu heide assim viver, morrer, sumir-me  
Com este facho ardente  
A queimar-me alma—e eu a apagal-o á força,  
Não me revele a mente!

Quoi! rien qu'un roc muet, rien, rien qu'un sable aride!  
Une atmosphère lourde, un ciel tempétueux!  
Plus triste que la nuit, rien que ce jour livide  
Qui blesse mes débiles yeux!

S'il était seulement sur ce morne rivage,  
Un écho solitaire à ma voix s'éveillant,  
Une fleur sans éclat, un arbre sans feuillage,  
Si je voyais au ciel un astre vacillant.

Oh! j'aimerais l'écho plaintif, la fleur mourante,  
L'étoile qui pâlit et l'arbre foudroyé!  
Je leur dirais: — Rendez à mon âme souffrante  
Sympathie et pitié! —

Oui, pitié: car je souffre et respire avec peine,  
D'un fardeau meurtrissant mon cœur este oppressé,  
Oui, pitié: car je meurs, et la mouvante arcène  
Va, comme un blanc linceul, couvrir mon front glacé!

Je disais: tu passas sur l'onde frémissante,  
De ton aile d'azur à peine l'effleurant.  
Ton doux chant répondit à ma voix gémissante,  
Comme les sons d'un luth entre mes doigts vibrant.

Reviens, réponds encore au cri de ma souffrance!  
Tu plais à ma douleur, oiseau mélodieux!  
Ton chant d'amour me semble un hymne d'espérance,  
Et ta couleur brillante est la couleur des cieux!

Chante et rase les flots d'une aile paresseuse!  
Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,  
Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,  
Vogue mollement balancé!

Que! só, n'este areal deserto e mudo,  
Só, essa penedia!  
Ar que se não respira, um céu pezado,  
E esta má luz de dia.  
Uma luz alvacenta que me cega  
Mais que a noite sombria!

Oh! se encontrasse ao menos n'essa praia  
Um ecco a minha voz!...  
Se uma flor murcha, uma árvore sem folhas  
Eu vira ahí tam sos!...  
E trémula no céu, vira uma estrella  
Entre o negrume atroz!...

A esse ecco gemedor á flor morticia,  
Oh, como lhe eu quizera!  
Á estrella que desmaia, ao tronco sêcco  
Oh, como eu dissera:  
«Piedade, sympathia para uma alma  
Que a mágoa dilacera!»

Piedade sim, porque eu padeço muito:  
Um pezo que o matou,  
Me opprime o coração: e já presinto  
Na agonia em que estou,  
Sudario alvo de arcia ir-me cobrindo  
A frente que gelou.

Eu dizia, e tu vinhas rente d'agua.  
Ao som dos ais sentidos.  
Roçando-a com as pennas azuladas.  
Aos tristes sons carpidos  
Teu canto respondeu, como o alahude  
Que vibra estes gemidos.

Volta, responde ainda aos meus lamentos,  
Que em vêr-te a alma descança!  
O teu canto de amor nos meus ouvidos  
É um hymno de esperança,  
E a tua côr brilhante a côr do céu  
Quando ri na bonança.

Canta, e co'a ponta d'aza priguçosa  
Varre a onde serena!  
Como o innocente que no berço embalam  
Com branda cantilena,  
Canta, suave Alcyon, e mollemente  
Voga ao som d'agua amena!

184...

## XIV

## O PHAROL E O BAIXEI.

Como está segura a torre  
No meio d'agua! não vês?  
No cimo a luz da esperança,  
O escolho da morte aos pés...  
Assim luz amor na vida,  
Que é pharol de salvação,  
Assim tem aos pés traidores  
O escolho da perdição.  
E! bonança, e junto á torre  
Uorme tranquillo o baixel!  
Mas quem pôs firmeza em ventos  
Quem teve o mar por liel?

Na torre ardia o pharol,  
A onda morta se espelhava  
E o baixel já fatigado  
Pela brisa suspirava

O baixel é novo e lindo,  
Velha a torre e desdentada;  
Ouvirás o que ella diz  
Com a voz cava e rachada:

--Baixelzinho tam ligeiro,  
Que essa calma impaciente,  
Ai! não chames tanto a brisa,  
Que pôde vir a tormenta

«Tu és uma torre velha,  
Alí presa n'esse escolho:  
Cega todo o dia, apenas  
Te accendem de noite um olho.

Que sabes tu do que vae  
No immenso campo do mar?  
Eu tenho mais fé na vida,  
Quero vêr, viver e andar.»

—Sólta pois no mar da vida,  
Lindo baixel, sólta as vellás;  
Ventura te assopre os ventos,  
Guie-te amor das estrellas!

Mas se ao voltar (na viagem  
Da vida, o prigo é voltar)  
Te vires perdido ... Oh! vem,  
Vem a mim, que me has de achar

1842...

## XV

## SENTENÇA D'AMOR

NO ALBUM DE UMA JOVEN SENHORA

Tirou das azas a penna  
E lavrou aqui Amor,  
N'este livro de primor,  
Sentença que já condemna,  
Por sacrilego e traidor,  
A todo o que a mão impura  
N'estas paginas pozer,  
Tomando, com falsa jura,  
O seu santo nome em vão,  
Para n'ellas escrever  
O que impresso não tiver,  
Bem fundo no coração.

184...

## XVI

## GRINALDA

Data lilia.  
Virg.

ANDEI pelo prado vagando, vagando  
Em busca da flor  
Que aqui heide pôr.  
Grinalda tam bella, que se vae trançando  
Com tanto primor.  
Que flor lhe heide eu pôr?

Vou-me á borboleta, que n'esses vergeis  
Anda a na norar,  
Vou-lh'o perguntar...  
Não: heide ir á abelha que mais sábias leis  
Tem no seu gostar;  
Ir-lh'o hei perguntar.

Mas a borboleta é doida, coitada,  
Não sabe das flores  
Senão viço e cores;  
E a pobre da abelha sempre carregada,  
Não vê no vergel  
Senão o seu mel.

E eu n'esta flor quero da rosa a belleza,  
Do lino a candura,  
Do nardo a doçura...  
Diz-me o coração que nem natureza  
Fez tal formosura,  
Nem arte ou cultura.

Mas tambem me diz — e eu creio — oh! que sim:  
Que o jardim d'amor  
Produz a tal flor.

Mancebos, correi, correi lá por mim:  
O que achar a flor.  
Que a venha aqui pôr.

184...

## XVII

## JÁ NAO SOU POETA

Eu queria apanhar uma rosa  
De um rosal que já tive no céu,  
Quando eu era poeta — e mimosa  
D'essas flores que a tantos já deu,  
Minha mão punha a c'roa ao valor,  
E prendia em grinaldas amor.

Eu queria apanhar uma rosa  
Do rosal que já tive no céu  
Rosa pura, singela e nímosa,  
Para a dar a quem tanto a mer'cei,  
A quem junta ao precioso valor  
D'alma bella, as mais graças d'amor.

Mas não sou já poeta; cahiu-me  
Da cabeça a corôa, o poder:  
A innocencia do Eden fugiu-me,  
Fructo amargo provei do saber...  
Sei, perdi-me... e na triste memoria  
Nem saudades já tenho da gloria.

Bem o vês, o alahude cahiu-me  
D'estas mãos que não têm já poder;  
E o som derradeiro fugiu-me  
Do hymno eterno que ergui ao nascer.  
Ai por ti, por ti só, á memoria  
Vêm saudades do tempo da gloria!

184...

## XVIII

## LIVRO DA VIDA

NO ALBUM DO SR. J. M. DO AMARAL

VAE o talento e a amizade  
Nas folhas brancas pintando  
D'este livro os seus primores.  
Memorias de saudade  
Aqui ficam retratando  
As várias, dispersas flores

Que, no caminho da vida  
Se vão colhendo e estolhando...  
E esta é a historia sabida  
De toda a vida — e da flor  
Que é, que foi, ou que fór.

Eu deixo aqui só memoria  
De uma sincera vontade,  
De aflicção, de lealdade:  
Deve ter logar na historia  
De que este livro é padrão,  
Que é historia do coração.

1843.

## XIX

## AS MINHAS AZAS

Eu tinha umas azas brancas,  
Azas que um anjo me deu,  
Que, em me eu cansando da terra,  
Batia-as, voava ao céu.

—Eram brancas, brancas, brancas,  
Como as do anjo que m'as deu:  
Eu innocente como ellas,  
Por isso voava ao céu.

Veiu a cubiça da terra,  
Vinha para me tentar;  
Por seus montes de thesouros  
Minhas azas não quiz dar.  
—Veiu a ambição, co'as grandezas,  
Vinhão para m'as cortar,  
Davam-me poder e gloria;  
Por nenhum preço as quiz dar.

Porque as minhas azas brancas,  
Azas que um anjo me deu,  
Em me eu cansando da terra,  
Bati-as, voava ao céu.

Mas uma noite sem lua  
Que eu contemplava as estrellas,  
E já suspenso da terra,  
la voar para ellas,  
—Deixei descahir os olhos  
Do céu alto e das estrellas...  
Vi entre a névoa da terra,  
Outra luz mais bella que ellas.

E as inilhas azas brancas,  
Azas que um anjo me deu,  
Para a terra me pesavam,  
Já não se erguiam as céu.

Cegou-me essa luz funesta  
De infetiçados amores...  
Fatal amor. negra hora  
Foi aquella hora de dores!  
—Fudo perdi n'essa hora  
Que provei nos seus amores  
O doce fel do deleite,  
O acre prazer das dores.

E as minhas azas brancas,  
Azas que um anjo me deu,  
Penna a penna me cahiram...  
Nunca mais voei ao céu.

184...

## XX KYRIELEISÃO

A senom Christeleijou  
EGAS MOSIZ?

ESTE é o hymno derradeiro  
Que, no fim do seu caminho,  
Cantava o triste romeiro:

No cansaço e desalinho  
Do longo peregrinar  
Não sabia já cantar;  
Nem as cordas do alahude  
Lhe podiam affinar...

Teimou, e pôz-se a cantar  
Este cantar tosco e rude:

«A' porta santa de Roma  
Eu bati c'o meu bordão;  
O padre santo me abria  
Dizendo: Kyrieleisão!

«Kyrieleisão! — por minha alma,  
Que morro sem confissão,  
Se não digo áquelles olhos  
Que me dêem a absolvição»

—Absolvição! — aqui tendes;  
Tomae-a com devoção;  
E uma bulla cruzada  
Que manda ter compaixão

«Compaixão! — minha senhora,  
Tende-a de mim, que é razão  
O que manda o santo padre,  
Fazê-lo fiel christão.

Christão! — é este meu peito;  
O vosso, infiel pagão!  
As indulgencias que trago  
Não sei se cá valerão...

Valer! — só Deus á minha alma,  
Que morro sem confissão!  
Senhora, vós, que a matastes,  
Dizei-lhe: Kirielleisão!»

182...

## XXI OLHOS NEGROS

POR teus olhos negros, negros,  
Trago eu negro o coração,  
De tanto pedir lhe amores...  
E elles a dizer que não.

E mais não quero outros olhos,  
Negros, negros como são;  
Que os azues dão muita esperança,  
Mas fiar-me eu n'elles, não.

Só negros, negros os quero;  
Que, em lhes chegando a paixão,  
Se um dia disserem sim...  
Nunca mais dizem que não.

184...

## XXII A UMA VIAJANTE

QUE heide eu dizer á amavel estrangeira  
Que lhe fique em memoria  
D'esta terra onde viça a larangeira  
Co'a doce flor d'amor  
Junto ao louro da gloria?  
Eu cantei como canta no verdor  
Do bosque o rouxinol,  
Sem saber o que faz—lêdo co'a aurora,  
E triste ao pôr do sol...  
Deixei de ser poeta como o fôra,  
Não sei porquê,—sei que o não sou j'agora.

184...

## XXIII ELLA

Où, mon âme se plait à secouer ses chaînes:  
Déposant le fardeau des misères humaines,  
Laisant errer mes sens dans ce monde des corps.  
Au monde des esprits je monte sans efforts.  
De LAMARTINE, Méd.

1

EU caminhava só e sem destino  
No deserto da vida,  
N'alma apagada a luz, e o desatino  
Na vista esmorecida:  
E affastava de mim, que me empeciam  
No caminhar adiante.  
Os prazeres dos homens que sorriam,  
E a turba delirante  
De seus empenhos vãos. — Aos que gemiam  
Sorria eu de inveja...

Quem poderá gemer!... mas arredava  
 Esses também: não seja  
 Traição a sua dor? — Eu caminhava  
 Só, triste, só, sem luz e sem destino,  
 A vista esmorecida,  
 A alma gasta, apagada, e ao desatino  
 No deserto da vida

## II

Olhava para o céu, não via estrella,  
 Nem eu buscava norte:  
 Que importava o guiar da luz mais bella,  
 Se das trevas da morte  
 Se enevoavam meus olhos, que a não via?...  
 Morte d'alma que morre  
 De enfado e dissabor... e seca e fria  
 Pezando jaz no coração! — ahi corre  
 O sangue com a vida  
 A vida que é da terra, a bruta, a grossa,  
 Que, da outra desprendida,  
 Cabiu n'essa existência absurda, insossa,  
 Que é durar só, andar, cansar com ella  
 E eu ta d'esta sorte,  
 Olhava para o céu, não via estrella,  
 Nem eu buscava norte.

## III

A aurora para mim não tinha flores,  
 Nem o sol resplendores;  
 E a morte-luz da lua, que é tão bella,  
 — Lembra-meinda de vèl-a! —  
 Franquejava-me só como um sudário  
 Que ondeia ao vento vário,  
 Pendão de spectros que por noite fria  
 Vão a alguma aziaga romaria.  
 Os campos arreliados,  
 Que de longe me riam, matizados  
 De viçosas boninas;  
 Em chegando, eram áridas campinas,  
 Gandras salgadas e ermas,  
 De uma areia alvacent e nua — enfiemas  
 E feias de avistar  
 Como terras malditas... — Oh! nem flores  
 Não tinha que esfolhar  
 A aurora para mim, nem resplendores  
 O sol que derramar.

## IV

E sentei-me cansado n'um rochedo  
 Triste como eu e só,  
 No meio d'este valle de degrêdo,  
 De lagrimas e dó.  
 Caiu-me a frente sobre as mãos pesada,  
 E meditei commigo:  
 «Não é melhor pôr fim a esta jornada  
 E poisar no jazigo?»  
 Vagar, peregrinar sem fim, sem termo,  
 Sem causa, sem esperança,  
 So nas cidades, abatendo no êrmo,  
 Faminto na abastança,  
 Morto na vida, e só, só só! » — Quem dera,  
 Quem me dera uma dor  
 Das que eu sentia d'antes quando era,  
 Quando impio e sem temor  
 Bradava ao céu: «Fatal presente d'alma  
 Que tanto, tanto sente!»  
 Puniu-me Deus: coallhou-se em podre calma  
 O oceano fervente  
 Das paixões tempestuosas de meu peito;  
 As velas lassas batem,

Baloça o baixel torpe e desconfeito,  
 E, nas cordas que latem  
 De impaciente priguica, balanceia.  
 A vida que me aneia,  
 Oh! quem já naufragará n'um rochedo  
 Êrmo como eu, e só  
 No meio d'estes mares de degrêdo  
 De lagrimas e dó!

## V

Que é do anjo que, ao gerar da minha vida,  
 Recbeu a palavra proferida  
 Da bocca do Senhor,  
 O verbo creador  
 Que me deu alma e sêr? o guarda, o guia  
 Que, desde esse momento,  
 Em fiel companhia  
 Habitar veiu o coração que enchia,  
 De minha mãe banhal-o de contento,  
 De amor e de ternura?  
 O que depois, na timida candura  
 De minha tam ingenua puberdade,  
 Quando os olhos se puios de ventura  
 Se ergueram a pedir felicidade  
 A primeira mulher que viram bella,  
 M'os guiou com piedade  
 Para os olhos d'aquella  
 Que amei quasi co'a simplicie innocencia  
 Com que amei minha mãe?... Pobres amores!  
 Sem fogo, sem vehemencia,  
 Mas suaves e brandos como as flores...  
 Como ellas, desbotaram a luz viva  
 Com que, na quadra estiva,  
 Dardeja o sol — e a terra ha sêde, sêde  
 Que orvalhos não apagam;  
 Quer torrentes onde a agua se não mede,  
 E que, a aflogar, saciam quando alagam...  
 .....  
 Ai! esse anjo onde está que a minha vida  
 Da bocca do Senhor  
 Recbeu na palavra proferida,  
 No verbo creador?

## VI

Com um longo suspiro derradeiro,  
 Um longo, último olhar de piedade  
 Elle me abandonou,  
 Quando ao festim grosseiro  
 Me viu sentar nas salas da impiedade,  
 Quando, ai Deus! blasphemou  
 Minha bocca em palavras consagradas,  
 E jurou lê e prometteu verdade  
 A essas imagens vans, falsas, pintadas  
 Que a torpe necessidade  
 Do mundo idolos fez d'amor... — Que amores!  
 .....  
 Ellas, como a salaio vende as flores  
 Que achou na horta ou no prado,  
 E as traz, em molhos feitos, ao mercado,  
 Murchas no viço, pallidas nas côres,  
 Do atai, do repartir...  
 Assim vendem, nos bailes e nas festas,  
 A preço de vaidades e mentir  
 De ambiciosas requestas,  
 O que só tem valor  
 Quando se dá — e que o dá amor...  
 .....  
 Co' esse longo suspiro derradeiro,  
 N'um longo, último olhar de piedade  
 O anjo me abandonou

Quando ao festim grosseiro  
Me viu sentar nas salas da impiedade.

## VII

E u corri-me, chorei, quebrei a fronte  
Na lage dura que soava em ouco,  
Quando acordei de meu sonhar tam louco,  
E vi enlodada e seca a fonte  
D'esse impio templo—o do prazer... Corri-me,  
Bradei, chorei, carpi-me,  
E tornei a vogar só, sem destino,  
No deserto da vida,  
N'alma apagada a luz, e o desatino  
Na vista amortecida

## VIII

E fui a erguer os olhos com despeito  
Para o céu, ás estréllas scintillantes  
Queria perguntar se esta era a vida  
Que me fadavam d'antes  
Quando me entrou no peito  
Esta áncia, este desejo, esta incendida  
Sêde fatal de amar...  
Olhei... e vi o azul do firmamento  
Só, sem nenhum brilhar  
De estréllas ou de lua...  
Mas logo se inundava n'um momento  
De uma luz alva, doce e resplendente,  
Que me entrou toda a alma! A névoa caiu  
Da terra, mais e mais, se encrenecia  
E cerrava—que a vista já não via.  
Mas tam suavemente  
Elevada d'aquella doce luz  
A alma subia, placida subia...  
.....  
Deve subir assim  
Abraçada na Cruz,  
A alma do justo no bemdito dia  
Que ao martyrio da vida lhe pôe fim.

Já não erguia os olhos com despeito  
Para o céu, ás estréllas scintillantes  
Não perguntava já se esta era a vida  
Que me fadavam d'antes.

## IX

Eu subia, subia... O brilho, a alvura  
Da luz mais requintava,  
E como que o meu sêr compenetrava.  
Então na immensa altura  
Vi, claramente vista, a face pura  
Da primitiva, etherea Formosura  
De que a terra só vae reflexo baço,  
Vislumbre froixo, escasso  
Que um momento, revela  
Na face virginal—e a faz tam bella!—  
Esse mysterio da eternal Grandeza  
Que desde a eternidade,  
Antes de todo o sêr, fez a belleza.

Disse a minha alma: «Esta é a Formosura,  
E o que eu sinto, Amor...»  
E eram Que fiz eu pois têqui? A impura,  
Falsa imagem de um idolo traidor  
Trouxe a alma rendida,  
E sem remorso prostitui a vida...

## X

O meu amor primeiro,  
Unico, derradeiro,  
Achei-o pois: é ELLA.—Ella, um mysterio,

Um sonho—um véo cahido  
Sobre um symbolo! um mytho...  
Mas é ELLA... Oh! é ella! E terno imperio  
Lhe foi, desde o principio, concedido  
Em meu sêr immortal Sou, fui... escripto  
Está que sou: que fui, que era já d'ella,  
Desde que ha sêr em mim.  
Não tem começo, nunca terá fim  
Este amor, que é do céu:  
Vida não n'ó accendeu, morte o não gela.  
Que não pôde morrer—se não nasceu!  
No sempiterno seio  
Coexistiu c'o meu sêr:  
N'este da vida turbulento enleio  
Passará a gemer  
Como eu gemo. Mas toda a eternidade  
Será nossa, depois, co'a Divindade.

181..

## XXIV

## NOVA HELOIZA

## I

JUNTO á ribeira do Tejo  
Ha um val escuso e quieto,  
Que escolheu nova He-loiza  
Para novo Paraceto.  
Alli um doce hatojo  
De perfumes tem a brisa;  
E n'um longo, longo beijo  
Flora e Zephyro esquecidos  
Alli se ficam detidos  
Em dobrada primavera;  
Alli não murcham as flores...  
Se hão-de então murchar amores!

## II

Onde a relva é m'is mimosa  
E a verdura mais viçosa,  
De alto cume despenhado  
Cae um lençol de agua pura  
Nas brancas orlas franjado  
De mais reluzente alvura.  
Emtorno da penedia  
Cresce o jasmim, vive a rosa;  
E a hera crespa e luzedia,  
A madre silva cheirosa  
Não deixam chegar do dia  
Aquelle estancia sombria,  
Senão já meio perdidos,  
Os raios amortecidos...  
Luz querida dos amores  
Que alli vivem sós co's flores!

## III

O nome d'aquelle valle  
É mysterio... não o sei  
Mandado me foi que o calle...  
O seu nome callarei.  
Tambem querem que o esqueça...  
Esquecei-o é que eu não sei  
Quiz a sorte — e se era avessa,  
Se propicia, não direi —  
Que um dia alli descuidado  
Por acaso eu fosse ter.  
E' um labyrintho encantado:  
Quem lá for, se hade perder...  
Que andam alli os amores  
Escondidos entre as flores.

## IV

Entre as flores — tantas eram  
 Vi uma, duas... vi mais...  
 Que não sei nem qual nem quaes  
 O coração me prenderam.  
 Sei bem certo que o levava  
 Aqui no peito, ao entrar:  
 Aos baques que me elle dava  
 Milagre foi não quebrar!  
 Antes quebrasse... perdi-o:  
 E a me anda como um vadio,  
 Doido, doido, entre essas flores,  
 O louco! a sonhar d'amores...

## V

Lindo valle escuso e quieto  
 Que banhas os pés no Tejo,  
 E floresces ao bafejo  
 Da suave aura d'amor,  
 Tu serás o Paracleto  
 Adonde se accoite a dor  
 Da nova, terna Helloiza  
 Tuas aguas a correr,  
 A suspirar a tua brisa,  
 Os teus bosques a gemer,  
 Vós todos lhe heisde dizer  
 Que alli no seio das flores  
 Não é que esquecem amores.

## VI

Se com lagrimas salgadas  
 Ella as tuas flores regar,  
 Tu bem sabes, valle umbroso,  
 Que t'as não pôde queimar.  
 Tristes rosas desbotadas  
 Bem poderá desfolhar...  
 E a tez ao jasmim cheiroso  
 Com os suspiros crestar...  
 Mas, por cada flor d'amor  
 Que assim matar sem piedade,  
 Verá crescer-lhe ao redor  
 Mais dobrada a — saudade.  
 Que a mate... não mata, não;  
 Que a queime... torna a florir.  
 Vegeta em toda a estação,  
 Sol e chuva a faz abrir.  
 Oh, mal vae viver co'as flores  
 Quem se quer deixar d'amores!

## VII

Mas vá a bella Helloiza,  
 Vá para o seu Paracleto,  
 E que tome por devise  
 Triunphar de um doce affecto.  
 Vá com esse crêdo vão  
 Que a condemna á solidão...  
 Vá com sua fortaleza  
 Desaliar a natureza  
 A duello singular  
 Vá... que pôde batalhar,  
 Pôde, vá... mas vencer, não:  
 Que o melhor da peleja,  
 Quando o contrario fraqueja  
 É que cede o coração...  
 Verá então entre as flores  
 Como riem os amores!

184...

## XXV

## O NATAL DE CHRISTO

Verbe incréé, source féconde  
 De justice et de liberte!  
 Parole que gueris le monde,  
 Rayon vivant de verité!  
 LAMARTINE, *Ha-m*

## I

O Cesar disse do alto do seu throno:  
 «Pereça a liberdade!  
 Quero contar os homens que ha na terra,  
 Que é minha a humanidade.»  
 E, cabeça a cabeça, como rézes,  
 As gentes são contadas.  
 Proconsules e reis fazem resenha  
 Das escravas manadas,  
 Para mandar a seu senhor de todos  
 Que, um pé na Aguiar romana,  
 Com o outro opprime o mundo. A isto chegára  
 A vil progeie humana.

## II

E era noite em Bethlem, cidade illustre  
 La vencida Judéa,  
 Que a domada cabeça já não cinge  
 Com a palma idumea:  
 Dois afflictos e pobres peregrinos  
 Cansados vêm chegando  
 Aos tristes muros, a cumprir do Cesar  
 O imperioso bando...  
 Tarde chegaram; já não ha poiadas.  
 Que importa que elles venham  
 Da stirpe de Jessé, e o sangue regio  
 Em suas veias tenham?  
 Na geral servidão só uma avulta  
 Distinção — a riqueza;  
 Na corrupção geral só uma avulta  
 Degradação — pobreza.  
 Os filhos de David foram coitar-se  
 No presepe entre o gado,  
 E dos animais brutos receberam  
 Amparo e gasalhado.

## III

E alli nasceu Jesus... alli a eterna,  
 Immensa Magestade  
 Appareceu no mundo — alli começa  
 A nova liberdade  
 Cantam-na os anjos que no céu pregôam  
 Gloria a Deus nas alturas,  
 E paz na terra aos homens! — Paz e gloria,  
 Promessas tam seguras  
 Do céu á terra n'esta noite santa,  
 O que é feito de vós?  
 Jesus, filho de Deus, que alli vieste  
 Humanar-te por nós,  
 Tu que mandaste os côros dos teus anjos  
 Aos humilhes pastores  
 Que dormiam na serra — ao pobre, ao povo,  
 Primeiro que aos senhores,  
 Que aos sabios e que aos reis, te revelaste —  
 Oh! que é d'ellas, senhor,  
 Que é das tuas promessas? Resgatados,  
 Divino salvador,  
 Do antigo captivo não seriam  
 Os homens que fizeste  
 Livres c'o sôpro teu, quando os criaste,  
 Livres, quando nasceste,



Livres pelo Evangelho de verdade  
 Que em tua lei lhes deste,  
 Livres em fim pelo teu sangue puro  
 Que por elles verteste  
 Do alto da Cruz, no Gólgatha de infâmia  
 Em que por nós morreste ?

## IV

Vê, ó filho de Deus! quasi passados  
 Dois millenios já são  
 Que, esta noite em Bethlem principiava  
 Tua longa paixão;  
 E o edicto do Cesar inda impera  
 No mundo avassallado.  
 Os Cesares, seu throno—e quantos thronos!  
 Têm cahido prostrados..  
 Embalde!—as leis iniquas, que destróem  
 A Santa liberdade  
 Que n'esta pia noite annunciaste  
 A' oppressa human dade,  
 Essas estão em pé. Será que o pacto,  
 Será que o testamento  
 Celebrado na Cruz tu quebrarias,  
 Senhor no ethereo assento?..

## V

Não meu, Deus, não: eterna é a Palavra,  
 Eterno é o Verbo teu  
 Que, antes do sêr dos seculos, nos deste  
 Que o mundo recebeu  
 N'esta noite solemne e sacrosanta.  
 Nós, nós é que o quebrámos,  
 Nós, sim, o novo pacto e juramento  
 Sacrilègos violámos;  
 Esaús do Evangelho, nós vendemos,  
 Com torpe necedade,  
 Por appetites sordidos, a herança  
 Da gloria e liberdade.  
 Por isso os reis da terra inda nos cantam  
 Escravos, ás manadas;  
 Por isso, em vão, do jugo sacudimos  
 As cervizes chagadas.  
 Porque não temos fé, não temos crença  
 E a Cruz abandonámos.

D'onde sómente está, só vem, só fulge  
 A luz que procurámos.  
 E os vãos sabedores, esses magos  
 Que a vaidade cegou,  
 Não olham para o céu, não vêem a estrella  
 Que hoje em Bethlem raioi.

184...

## XXVI

## O REDEMPTOR

## SEQUENCIA

Ave apes unica.  
 HYMN

Tu morreste por nós na cruz da affronta.  
 E o sangue derradeiro  
 Derramaste do alto do madeiro,  
 Jesus, filho de Deus, Deus verdadeiro !

Aos crimes do homem não lançaste a conta  
 Innocente cordeiro,  
 Quando foste no alto do madeiro  
 Lavar, com sangue, o último e o primeiro

E n'aquella hora o mundo foi mudado:  
 A antiga, trouxe luz  
 Se apagou no Calvario ao pé da Cruz;  
 E agora é novo sol o que reluz.

Por deseguaes direitos, affrontosos  
 Para o pobre que lida,  
 Que trabalha, que sua pela vida  
 Andava a terra pelos reis regida.

Vãos sabedores, ricos poderosos  
 A tinham submettida  
 Ao erro torpe que embrutece a vida  
 E que apaga a razão n'alma perdida.

Acabaram se as leis dos reis da terra;  
 E esta só lei ficou;  
 «O rei que está na Cruz nos libertou,  
 E com seu sangue a todos igualou.»

184...

## A VULSA

DA VERSÃO DE CATULLO

## ODE A FÁBULLO

Cedo commigo se lhe apraz aos numes  
 Mui lautamente ceará's ó Fábullo  
 Se farta boa ceia, e generoso  
 Vinho, e mais galhofeiras bagatellas,  
 (Sem que alva moça apetitosa esqueça)  
 As trouxeres contigo: sim, meu caro,  
 Se as trouxeres, terás mui lauta ceia:

Que o teu pobre, o teu misero Catúlio  
 Tem ás aranhas alugada a bolsa;  
 Em troca te darei pelos amores,  
 Ou se mais guapa, mais suave que elles,  
 Alguma coisa houver dar-t'a-hei contente:  
 Perfumes te darei, que á minha bella  
 Deram Graças, e Amor, Cupidos deram:  
 Taes, que ao provar-lhe o cheiro delicioso  
 Aos deuses pedirás, Fábullo, amigo,  
 Que em nariz todo inteiro te convertam.

## NOTAS AO LIVRO PRIMEIRO

### Nota A

Cuja sciencia... não vê mais coisa nenhuma entre o céu e a terra do que as que sonha a sua philosophia pag. 135

Shakespeare faz dizer esta sentença a um dos profundos pensadores que elle põe a falar n'aquelles seus dramas immortaes;

There are more things in heaven and earth, Horatio,  
Than are dreamt of in your philosophy.

São justamente essas coisas de cuja existencia não sonha a philosophia humana, as com que não contou, em seus calculos, esta moderna sciencia da Economia politica; sciencia que hade estargar a civilisação e o mundo porque nos lançou no individualismo absoluto e exclusivo, consequência inevitavel das doutrinas dos utilitarios.

Já se vae percebendo no coração da Europa, não tardará a sentir se em toda ella amargamente, a fatal verdade d'esta observação, que não é para aqui estender, mas que era forçoso apontar para se entender o texto citado.

### Nota B

Esse principe allemão que e tanto moda... não cuidem que... o aventureiro que aqui andou ha dois annos. .... pag. 136

O principe Muskaw, engraçado auctor de «Tutti-frutti» das Viagens de Semi lasso e de outras rhapsodiegantes e desgarradas, é um escriptor bem conhecido e geralmente estimado. Recebou-se porém que algum litterato de botequim o não confundisse com esse outro apenas conhecido pela sua publicação sobre Hespanha, em que tam insultada é a memoria de D. Pedro IV (de Portugal). Da brochura que elle ultimamente deu á luz sobre a nossa terra crê-se que o bom do principe não é senão o «editor responsavel.»

### Nota C

Recontar fadigas  
De procelas, de calmas acintosas. .... pag. 138

Este fragmento foi escripto no mar em uma longa e penosa viagem de Lisboa á ilha Terceira. Em par-

te já tinha sido publicado no numero IV do jornal litterario *O Chronista*, que saia em Lisboa em 1827.

### Nota D

Belleza e bondade (de Sapho)..... pag. 140

Na elegante collecçãozinha publicada nos fins do seculo passado em Paris com o titulo *Oeuvres de Sapho*, vem-lhe attribuida esta especie de epigramma, ou antes, apothegma poetico. D'ahi o traduzi como tal; mas procurei depois, em vão, o texto grego, tanto nos *Poetae graeci veteres*, como na rara collecção de Lyricos gregos de Henrique Stephano impressa em Paris em 1626.

O mesmo me succedeu com a peça seguinte a esta (V do Liv. I) que tem por titulo *O Sacrificio*.

### Nota E

Foi Anacreonte  
Que ao seu bem amado..... pag. 141

Eliminou-se, na traducção d'esta linda Ode, o nome de Bactylo, a quem no original é consagrada por Anacreonte, do mesmo modo que Virgilio dedicou a *Alexis* a sua segunda Egloga.

Salva esta in fidelidade, que a decencia dos nossos costumes exige, em tudo o mais os presentes estudos sobre Anacreonte são traducções tam severamente litteraes quanto o génio das duas linguas o permitte. O mesmo digo das de Alceu, Horacio, etc.

### Nota F

Não me enganar; era de Ossian a sombra,  
E assim cantou..... pag. 143

A especie de introdução que chega até estes versos não é de Macpherson, ou de quem quer que foi o auctor das «Poesias de Ossian»; fil-a eu para me exercitar n'um genero que, nos meus primeiros annos, me parecia o sublime dos sublimes—como elle já pareceu a Napoleão e a Cesarotti. O epilogo, que se contém nos ultimos oito versos do poemeto, tambem é da mesma lavra.

## Nota G

Caverna de Viriatho..... pag. 145

Na que pôde considerar-se como «a primeira parte» do que chamei minhas «Poésias menores» a qual se publicou em Londres 1829, sob o título de *Lyrice de João Minimo*, vem já incluída esta ode ou canção a pag. 161. A melhor chronologia com que agora se ordenou, tanto aquella primeira parte como esta segunda, obrigou a collocar aqui a *Caverna de Viriatho*.

Mademoiselle de Flaugerques, no seu lindo livri-

nho *Au bord du Tage*, Paris, 1841, publicou a tradução franceza que aqui se dá aopé do texto, que foi o mais lisongeiro cumprimento que o auctor podia receber. Veja a nota I ao Liv. II da presente collecção.

## Nota H

O anno velho..... pag. 145

Foram já impressos, por engano de data, estes versos na *Lyrice de João Minimo*. A veja nota antecedente (II ao Liv. I), e o que se diz no prologo da presente collecção.

## NOTAS AO LIVRO SEGUNDO

## Nota A

Desdobrando ufano  
O verde pavilhão nas altas pópas  
Treme ao sópro da brisa..... pag. 150

A joven Rainha de Portugal então de onze annos, e a joven Imperatriz do Brasil com poucos mais, partiram de Inglaterra em 1829 n'uma fragata brasileira, acompanhada por mais dois navios de Guerra da mesma nação. Horas antes da sua partida chegava a Inglaterra a noticia da victoria da Praia, nos Açores. Esta notavel coincidência inspirou o presente poemeto, que primeiro se publicou em Londres no jornal portuguez intitulado *O Chaveco*, num. III de 23 de setembro d'aquelle anno, com o titulo: *A Lealdade, ou a Victoria da Terceira, canção*. Vahi a pouco, no mesmo anno ainda, com estoutro titulo: *A Lealdade em triumpho, ou a victoria da Terceira—Canção—ao general conde de Villalvor e ao valoroso batalhão da Senhora D. Maria II.—Londres—etc. etc. M DCCC XXXIX*

## Nota B

Estandarte de morte aziago...  
São as côres da nova Carthago..... pag. 150

Allude-se á fragata ingleza que seguia os navios brasileiros, e que, á vista do procedimento que o governo britannico tinha tido com a Rainha e com os portuguezes emigrados, com razão entendiamos todos que ia mais para a vigiar, do que para lhe fazer honra.

O mesmo sentimento, bem natural, inspirou muitos outros versos analogos n'esta peça. Até para a Russia, que então se achava com o seu exercito sobre Constantinopla, appellavamos nós, para ver por alli começar a destruição do obnoxio poder inglez que tanto nos avexava.

Commentar todo este poemeto seria quasi escrever a historia d'aquelle anno tam cheio—1829.

## Nota C

Uma ilha vecejante e pampinosa..... pag. 151

A ilha Terceira, onde, poucos dias antes, as reliquias do partido liberal tinham ganho a célebre batalha da Praia, em 11 d'Agosto d'esse mesmo anno de 1829.

## Nota D

E quem são esses nobres defensores..... pag. 152

O batalhão de Voluntarios da Rainha, que não eram soldados de profissão, foi o que ganhou a victoria da Praia.

## Nota E

Quaes injurias, que affrontas..... pag. 152

Na camara dos Pares em 1829-27 tinham-se dito e feito as maiores injurias aos voluntarios, que, por amor da liberdade e do sobetano, se armavam e pelejavam pela causa commun Pouco menos lhes tinha feito o governo. Elles desaffrontaram-se como o soldado de Vieira, que, em sua inimitavel linguagem, — *Morre... e vinga-se*.

## Nota F

Cinzas que a mão do algez devia aos mares..... pag. 153

Este verso cuja barbara allusão é bem óbvia, sente-se da exaltação em que a guerra civil trazia os animos depois da contenda, que ninguém accusaria nunca o auctor de que, em verso ou em prosa, em publico ou em particular, soltasse taes expressões, e menos ainda tivesse taes pensamentos. Nem o reclama como grande merito: é vulgar virtude a generosidade entre portuguezes. Se não fosse meia duzia de más almas que ahi ha por desgraça, talvez se podesse escrever sem sangue toda ésta historia das desavenças politicas.

## Nota G

A mão innocente e bella  
Que o triste ramo colleu..... pag. 154

Na ante-vespera da nossa partida de San'Miguel com a expedição para o Porto, uma joven senhora —que hoje deve ser anjo no céu—colheu um ramo de cypreste e o deu ao auctor —no dia seguinte exigiu que elle lho restituísse; e o ramo voltou acompanhado d'estes versos. E quanto basta para se elles entenderem; com o mais não tem nada o leitor.

## Nota H

O emprazado..... pag. 157

Talvez não devesse collocar-se aqui esta composição, que pertenceria melhor ao Romanceiro —Romance é ella, mas não no estylo casto e singelo dos nossos romances antigos, como o auctor se lisongeia que são as suas outras composições da mesma natureza. N'este quiz-se mais imitar a escola de Schiller, e provar forças por todos os quasi todos os metros que a nossa lingua comporta: por isto é que o não quiz incluir no Romanceiro a par d'essou tros.

Penamacor só deixou de ser um titulo vago e um nome vão depois de in pressa este livro; aliás, ter-se-hia mudado: agora é impossivel fazê-lo.

## Nota I

O alcyon no cabo ..... pag. 158

O texto de Mademoiselle de Flaugergues, que aqui se dá ao pé da tradução, appareceu, a primeira vez em um jornal francez *L'Abeille*, que se começou a publicar em Lisboa em 1836. Residia então aqui a auctora d'estes lindos versos. Traduzi-os logo e sahiram impresos, n'esse mesmo anno, no *Portuguez Constitucional*. Nem a tradução foi esmerada nem a publicação correcta. Apesar d'isso, M.<sup>lle</sup> de Flaugergues teve a bondade de a incluir na sua collecção, já por vezes citada, *Au bord du Tage*. Masahi appareceu muito peor ainda, graças aos compositores francezes que decerto não entendiam o que compunham.

Agora não vae só restituída, vae refeita a tradução, porque realmente o merecia a belleza do original e a obsequiosa civilidade da auctora. (\*)

(\*) Para illustração do que se diz n'esta nota I, transcrevemos n'este logar outra nota, que é a que M.<sup>lle</sup> de Flaugergues poz a tradução portugueza do Sr. Garrett quando a publicou em Paris:

«Le poëte qui nous a fait l'honneur de traduire cette petite pièce est un des hommes plus marquans qu'il y ait aujour d'hui en Portugal, soit dans les lettres, soit dans la politique: le nombre de ses écrits en divers genres est très considerable, et la tribune législative lui doit le plus grand éclat dont elle ait brillé en ce pays. Au

## Nota K

Não olham para o céu, não vêem a estrella  
Que hoje em Bethlem raia..... pag. 159

Ponho uma só nota a este verso, a toda a ode, e serve tambem para a seguinte: -- é em duas linhas mas vale um livro:

Onde a liberdade se não abraçar com a cruz, onde o povo não derivar os seus direitos immediatamente de Deus e do Evangelho —ahi, liberdade verdadeira, não a hade nunca haver. As theorias philosophicas valem para o espirito; e o espirito é o menos para os povos. O coração é tudo e ao coração só a religião pode chegar.

Appareceu a primeira vez impressa esta ode na *Revista universal Lisbonense* de dezembro 1844.

nombre de ses œuvres poetiques est un recueil de *rimas* qu'il a publié sous le pseudonyme singulier de *João Mínimo* (l'etit Jean). Nous avons pris dans cet ouvrage la belle ode intitulée: *L'Anre de Viriate* dont nous nous hasardons à donner une traduction, en prose pour plus de fidélité. Si cet essai passe sous les yeux du poëte et qu'il obtienne son approbation, nous oserons donner la version complète du recueil.

(Nota dos Edit.)

# LYRICA

## IV

### ULTIMOS VERSOS

## FOLHAS CAHIDAS

### DOS EDITORES

Cumpre-se a promessa feita no primeiro volume d'esta collecção recuando aqui, em segunda edição muito augmentada e correcta, as FOLHAS CAHIDAS.

Apezar de estarem no prelo desde 1851, o auctor tinha descuidado na primeira edição o seu habitual escripto de revêr e corrigir; e não teve paciência para as augmentar com muitas peças que agora vão, e que então não estavam postas a limpo. Trabalhos mais serios o distrahiram durante os dois annos que levaram a imprimir tam poucas paginas.

Julgou-se agora melhor dividir em dois livros o que, assim augmentado, ficaria demasiado para um só.

Maio—1853.

### ADVERTENCIA <sup>1</sup>

Antes que venha o inverno e disperse ao vento essas folhas de poesia que por ahí cahiram, vamos escolher uma ou outra que valha a pena conservar, ainda que não seja senão para memoria.

A outros versos chamei eu já as ultimas recordações de minha vida poetica. Enganei o publico, mas de boa fé, porque me enganei primeiro a mim. Protestos de poetas que sempre estão a dizer adeus ao mundo, e morrem abraçados com o louro — ás vezes imaginario, porque ninguem os corôa.

Eu pouco mais tinha de vinte annos quan-

do publiquei certo poema, e jurei que eram os ultimos versos que fazia. Que juramentos!

Se dos meus se rirem. têm razão: mas saibam que eu tambem primeiro me ri d'elles. Poeta na primavera, no estio e no outomno da vida, heide sel-o no inverno se lá chegar, e heide sel-o em tudo. Mas d'antes cuidava que não, e n'isso ia o erro.

Os cantos que formam esta pequena collecção pe tencem todos a uma epocha de vida intima e recolhida que nada tem com as minhas outras collecções.

Essas mais ou menos mostram o poeta que canta Jeante do publico. Das FOLHAS CAHIDAS ninguem tal dirá, ou bem pouco entende de stylos e modos de cantar.

Não sei se são bons ou maus estes versos; sei que gosto mais d'elles do que de nenhuns outros que fizesse. Porque? E' impossivel dizel-o, mas é verdade. E como nada são por elle nem para elle, é provavel que o publico sinta bem diversamente do auctor. Que importa?

Apezar de sempre se dizer e escrever ha cem mil annos o contrario, parece-me que o melhor e mais recto juiz que pôde ter um escriptor, é elle proprio, quando o não cega o amor proprio. Eu sei que tenho os olhos abertos, ao menos agora.

Custa-lhe a uma pessoa, como custava ao Tasso, e ainda sem ser Tasso, a queimar os seus versos, que são seus filhos; mas o sentimento paterno não impede de vêr os defeitos das crianças.

Emfim, eu não queimo estes. Consagrei-os *Ignoto deo*. E o deus que os inspirou que os

<sup>1</sup> Do auctor na primeira edição.

anniquille se quizer: não me julgo com direito de o fazer eu.

Ainda assim, no *Ignoto deo* não imaginem alguma divindade meia-velada com cendal transparente, que o devoto está morrendo que lhe caia para que todos a vejam bem clara. O meu deus desconhecido é realmente aquelle mysterioso, occulto e não definido sentimento d'alma que a leva ás aspirações de uma felicidade ideal, o sonho de oiro do poeta.

Imaginação que porventura se não realisa nunca. E d'ahi quem sabe? A culpa é talvez da palavra, que é abstracta de mais. Saude, riqueza, miseria, pobreza, e ainda coisas mais materiaes, como o frio e o calor, não são se não estados comparativos. approximativos. Ao infinito não se chega, porque deixava de o ser em se chegando a elle.

Logo o poeta é louco, porque aspira sempre ao impossivel. Não sei. Essa é uma disputação mais longa.

Mas sei que as presentes FOI HAS CAHIDAS representam o estado d'alma do poeta nas

variadas, incertas e vacillantes oscillações do espirito que, tendendo ao seu fim unico, a posse do IDEAL, ora pensa tel o alcançado, ora estar a ponto de chegar a elle — ora ri amargamente porque reconhece o seu engano — ora se desespera de raiva impotente por sua credulidade van.

Deixae o passar, gente do mundo, devotos do poder, da riqueza, do mando, ou da gloria. Elle não entende bem d'isso, e vós não entendeis nada d'elle.

Deixae-o passar, porque elle vae onde vós não ides; vae, ainda que zombeis d'elle, que o calumnieis, que o assassineis. Vae, porque é espirito, e vós sois materia.

E vós morrereis, elle não. Ou só morrerá d'elle aquillo em que se pareceu e se uniu comvosco. E essa falta que é a mesma de Adão, tambem será punida com a morte.

Mas não triumphais, porque a morte não passa do corpo, que é tudo em vós, e nada ou quasi nada no poeta.

Janeiro—1853.

# FOLHAS CAHIDAS

## LIVRO PRIMEIRO

### I IGNOTO DEO

D. D. D.

**C**REIO em ti, Deus: a fé viva  
De minha alma a ti se cleava.  
Es: — o que és não sei. Deriva  
Meu ser do teu: luz... e treva,  
Em que — indistinctas! — se envolve  
Este espirito agitado,  
De ti vem, a ti devolve.  
O Nada, a que foi roubado  
Pelo sópro creador  
Tudo o mais, o ha-de tragar.  
Só vive de eterno ardor  
O que está sempre a aspirar  
Ao infinito d'onde veio  
Belleza és tu, luz és tu,  
Verdade és tu só. Não creio  
Senão em ti; o olho nu  
Do homem não vê na terra  
Mais que a dúvida, a incerteza,  
A forma que engana e erra.  
Essencia! a real belleza,  
O puro amor — o prazer  
Que não fatiga e não gasta...  
Só por ti os póde vêr  
O que inspirado se affasta,  
Ignoto Deus, das ronceiras,  
Vulgares turbas: despidos  
Das coisas vans e grossas iras  
Sua alma, razão, sentidos,  
A ti se dão, em ti vida,  
E por ti vida têm. Eu, consagrado  
A teu altar, me prostro e a combatida  
Existencia aqui ponho, aqui votado  
Fica este livro — confissão sincera  
Da alma que a ti vóou e em ti só spera.

### II ADEUS!

**A**DEUS! para sempre adeus!  
Vae-te, oh! vai te, que n'esta hora  
Sinto a justiça dos céus  
Esmagar-me a alma que chora.  
Choro porque não te amei,  
Choro o amor que me tiveste;  
O que eu perco, bem n'ó sei.  
Mas tu... tu nada perdeste;

Que este mau coração meu  
Nos secretos escaninhos  
Tem venenos tam damnhos  
Que o seu podêr só sei eu.

Oh! vae... para sempre adeus!  
Vae, que ha justiça nos céus  
Sinto gerar na feçonha  
Do ulcerado coração  
Essa vibora medonha  
Que por seu fatal condão  
Hade rascal-o ao nascer:  
Hade sim, serás vingada,  
E o meu castigo hade ser  
Ciuma de vêr-te amada,  
Remorso de te perder

Vae-te, oh! vae-te, longe embora,  
Que sou eu capaz agora  
De te amar—Ai! se eu te amasse!  
Vê-se no árido pragal  
D'este peito se ateass:  
De amor o incendio fatal!  
Mais negro e feio no inferno  
Não chammeja o fogo eterno.

Que sim? Que antes isso? — Ai, triste!  
Não sabes o que nediste.  
Não te bastou supportar  
O ceo-rei; impaciente  
T'ou ousas a deus tentar  
Pedindo-lhe o rei-serpente!

E cuidas amar-me ainda?  
Enganas-te: é morta, é finda,  
Dissipada é a illusão.  
Do meigo azul de teus olhos  
Tanta lagrima verteste,  
Tanto esse orvalho celeste  
Derramado o viste em vão  
N'esta seara de abrolhos,  
Que a fonte seccou. Agora  
Amarás... sim, hasde amar,  
Amar deves... Muito embora...  
Oh! mas n'outro hasde sonhar  
Os sonhos de oiro encantados  
Que o mundo chamou amores.

E eu réprobo... eu se o verei?  
Se em meus olhos encovados  
Der a luz de teus ardores...  
Se com ella cegarei?  
Se o nada d'essas mentiras  
Me entrar pelo vão da vida...

Se, ao vêr que feliz deliras,  
Também eu sonhar... Perdida,  
Perdida serás — perdida.

Oh! vae-te, vae, longe, embora!  
Que te lenbre sempre e agora  
Que não te amei nunca... ai! não;  
E que pude a sangue frio,  
Covarde, infame, villão,  
Gosar-te — mentir sem brio,  
Sem alma, sem dó, sem pejo,  
Commettendo em cada beijo  
Um crime... Ai! triste, não chores,  
Não chores, anjo do ceu,  
Que o deshonrado sou eu.

Perdoar-me tu? ... Não mereço.  
A immundo cerdo voraz  
Essas perolas de preço  
Não as deites; e capaz  
De as desprezar na torpeza  
De sua bruta natureza  
Irada, te hade admirar,  
Despeitosa, respeitar,  
Mas indulgente... Oh! o perdão  
É perdido no villão,  
Que de ti hade zombar.

Vae, vae... para sempre adeus!  
Para sempre aos olhos meus  
Sumido seja o clarão  
De tua divina estrella,  
Faltam-me olhos e razão  
Para a vêr, para entendê-la.  
Alta está no firmamento  
Demais, e demais é bella  
Para o baixo pensamento  
Com que em má hora a fitei;  
Falso e vil o encantamento  
Com que a luz lhe fascinei.  
Que volte a sua belleza  
Do azul do ceu á pureza,  
E que a mim n e deixe aqui  
Nas trevas em que nasci,  
Trevas negr-s, densas, leias,  
Como é negro este aleijão  
D'onde me vem sangue ás veias  
Este que foi coração,  
Este que amar-te não sabe  
Porque é só terra — e não cabe  
N'elle uma idea dos ceus  
Oh! vae, vae; deixa-me, adeus!

### III

#### QUANDO EU SONHAVA

QUANDO eu sonhava, era assim  
Que nos meus sonhos a via;  
E era assim que me fugia,  
Apenas eu despertava,  
Essa imagem fugidia  
Que nunca pude alcançar,  
Agora que estou desperto,  
Agora a vejo fixar...  
Para quê? — Quando era vaga.  
Uma idéa, um pensamento,  
Um raio de estrella incerto  
No immenso firmamento,  
Uma chymera, um vão sonho,  
Eu sonhava — mas vivia:  
Prazer não sabia o que era,  
Mas dor, não n'a conhecia...

### IV

#### AQUELLA NOITE

ERA a noite da loucura,  
Da seducção, do prazer,  
Que em sua mantilha escura  
Costuma tanta ventura,  
Tantas glórias esconder.  
Os felizes... e ai! são tantos!  
— Eu por tantos os contava!  
Eu que o signal de meus prantos  
Do afflicto rosto lavava —  
Os felizes presumptuosos  
Iam nos coches ruidosos  
Correndo aos salões doirados  
De mil fogos alumiaados,  
D'onde em torrentes sahia  
A clamorosa harmonia  
Que á festa, ao prazer tangia.

Eu sentia esse ruído  
Como o confuso bramar  
De um mar ao longe movido  
Que á praia vem rebentar:  
E disse commigo: — «Vamos,  
Os luctos d'alma dispamos,  
A festa heide ir também eu!»

E fui: e a noite era bella,  
Mas não vi a minha estrella  
Que eu sempre via no ceu:  
Cubriu-a de espesso véo  
Alguma nuvem a ella,  
Ou era que já vendado  
Me levava o negro fado  
Onde a vida me perdeu?

Fui; meu rosto macerado,  
A funda melancholia  
Que todo o meu ser revia,  
Qual o atahude levado  
A egyptio lestim, dizia:  
— Como vós fui eu também;  
Folgae, que a morte ahi vem! —  
Izizia-o, sim, meu semblante,  
Que, onde eu chegava, o prazer  
Cessava no mesmo instante;  
E o labio que ia a dizer  
Doçuras de amor, gelava;  
E o riso que ia a nascer  
Na face linda, expirava.  
Era eu — e a morte em mim,  
Que só ella espanta assim!

Quantas mulheres tam bellas  
Ebrias de amor e desejos.  
Quantas vi saltar-lhe os os beijos  
Da bócca ardente e lasciva!  
E eu, que ia chegar-me a ellas...  
Para logo a fronte esquivava  
De recatos se envolvia  
E, toda pudor, tremia.

Quantas o seio anhelante,  
Nu, ardente e palpitante  
Andavam como entregando  
A cubiça mal desperta,  
Gasta já e desdenhosa;  
Das que as estavam mirando  
Com vaga luneta incerta  
Que diz: — «Aquelle é formosa,  
Não se me dava de a ter.  
E ésta? É só baroneza,  
Vale menos que a duqueza:  
Não sei a qual attender.»



E a isto chamam prazer!  
A grande ventura é ésta?  
Vale a pena vir a festa  
E vale a pena viver.  
Como então quiz á tristura  
Do meu viver isolado!  
Pique-se embora a ventura,  
Que eu quero ser desgraçado.

Levantei alto a cabeça,  
Senti me crescer — e a trente  
Desanuviar-se contente  
Do feio negrume espesso  
Que assustava aquella gente.  
Logo os sorrisos cahiam  
Para o meu lado tambem;  
Já como um dos seus me viam  
Que em mim não viam ninguém.  
Eu, de olhos desencantados,  
A ellas, como as eu via  
Meus enthusiasmos passados,  
Oh! como eu d'elles me ria!

Frio o sarcasmo sahia  
De meus labios descórados,  
E sem dó e sem pudor  
A todas falei de amor...  
De amor bruto, degradante  
Que no seio palpitante,  
Na espada nua se accende...  
Amor lascivo que offende,  
Que faz córar Ellas riam  
E oh que não, não se offendiam!

Mas a orchestra bradou alta:  
—Festa, festa! e salta, salta!—  
Os seus guizos delirantes  
Sacode a louca Folia...  
Adeus, requebros de amantes!  
Suspiros, quem n'os ouvia?  
As palavras meias ditas,  
Meias nos olhos escritas,  
Voavam todas perdidas,  
Dispersas, rotas no ar;  
Que se foram almas, vidas  
Tudo se foi a walsar.

Quem é esta que mais volta  
Gira, gira sem cessar?  
Como as roupas leves, sôltas,  
Aéreas leva a ondular  
Emtórno á fôrma graciosa,  
Tam flexivel, tam airosa,  
Tam fina! — Agora parou.  
E tranquilla se assentou.  
Que rosto! Em linhas severas  
Se lhe desenha o perfil;  
E a cabeça, tam gentil,  
Como se fôra de véras  
A rainha d'essa gente,  
Como a levanta insolente!  
Vive Deus! que é ella... aquella,  
A que eu vi na tal janella,  
E que triste me sorria  
Quando passando me via  
Tam pasmado a olhar para ella  
A mesma meiancholia  
Nos olhos tristes — de luz  
Obliqua, viva mas fria;  
A mesma alta intelligencia  
Que da face lhe transluz;  
A mesma altiva impaciencia  
Que de tudo, tudo cansa,  
De tudo o que foi, que é,  
E na erma vida só vê  
O raio da vaga esperança.

«Pois isto sim, que é mulher»  
Disse eu — e aqui ha que vêr.»

Já vinha a pallida aurora  
Annunciando a manhan fria,  
E eu falava e eu ouvia  
O que até áquelle hora  
Nunca disse, nunca ouvi...  
Toda a memoria perdi  
Das palavras proferidas...  
Não eram d'estas sabidas,  
Nem quaes eram não n'ô sei...  
Sei que a vida era outra em mim,  
Que era outro sêr o meu sêr,  
Que um alma nova me achei  
Que eu bem sabia não ter.

E d'ahi? — D'ahi, a historia  
Não deixou outra memoria  
D'essa noite de loucura,  
De seducção, de prazer...  
Que os segredos da ventura  
Não são para se dizer.

## V

## O ANJO CAHIDO

ERA um anjo de Deus  
Que se perdêra dos céus  
E terra a terra voava.  
A setta que lhe acertava  
Partira de arco traidor,  
Porque as pennas que levava  
Não eram pennas de amor.

O anjo cahiu ferido,  
E se viu aos pés rendido  
Do tyranno caçador.  
E aza morta e sem splendor  
O triste, peregrinando  
Por estes valles de dôr,  
Andou gemendo e chorando.

Vi-o eu, o Anjo dos céus,  
O abandonado de Deus,  
Vi-o, n'essa tropelia  
Que o mundo chama alegria,  
Vi-o a taça do prazer  
Pôr ao labio que tremia...  
E só lagrimas beber.

Ninguém mais na terra o via,  
Era eu só que o conhecia...  
Eu que já não posso amar!  
Quem n'ô havia de salvar?  
Eu, que n'uma sepultura  
Me fôra vivo enterrar?  
Loucura! ai, cega loucura!

Mas entre os anjos dos céus  
Faltava um anjo ao seu Deus;  
E remil-o e resgatal-o  
D'aquelle infamia salvai-o  
Só força de amor podia.  
(Quem d'esse amor hade amal-o,  
Se ninguém o conhecia?)

Eu so.—E eu morto, eu descerido,  
Eu tive o arrojo atrevido  
De amar um anjo sem luz  
Cravei-a eu n'essa cruz  
Minha alma que renascia,  
Que toda em sua alma puz  
E o meu sêr se dividia.

Porque ella outra alma não tinha,  
Outra alma senão a minha...  
Tarde, ai! tarde o conheci,  
Porque eu o meu sêr perdi,  
E elle á vida não volveu...  
Mas da morte que eu morri  
Tambem o inteliz morreu

## VI

## O ALBUM

MINHA Julia, um conselho de amigo:  
Deixa em branco este livro gentil:  
Uma só das memorias da vida  
Vale a pena guardar, entre mil.

E essa n'alma em silencio gravada  
Pelas mãos do mysterio hade ser;  
Que não tem lingua humana palavras,  
Não tem letra que a possa escrever.

Por mais bello e variado que seja  
De uma vida o tecido matiz,  
Um só fio da tela bordada,  
Um só fio hade ser o feliz

Tudo o mais é illusão, é mentira,  
Brilho falso que um tempo seduz,  
Que se apaga, que morre, que é nada,  
Quando o sol verdadeiro reluz.

De que serve guardar monumentos  
Dos enganos que a esperança forjou?  
Vãos reflexos de um sol que tardava  
Ou vans sombras de um sol que passou!

Orê-me, Julia: mil vezes na vida  
Eu co'a minha ventura sonhei;  
E uma só, d'entre tantas, o juro,  
Uma só com verdade a encontrei.

Essa entrou-me pela alma tam fi,  
Tam segura por dentro a fechou,  
Que o passado fugiu da memoria,  
Do porvir nem desejo ficou.

Toma pois, Julia bella, o conselho  
Deixa em branco este livro gentil,  
Que as memorias da vida são nada,  
E uma só se conserva entre mil.

## VII

## SAUDADES

LEVA este ramo, P'epita,  
De saudades portuguezas;  
É flor nossa, e tam bonita  
Não n'a ha n'outras devezas

Seu perfume não seduz,  
Não tem variado matiz,  
Vive á sombra, loge á luz,  
As glorias de amor não diz.

Mas na modesta belleza  
De sua melanch'ia  
É tam suave a tristeza,  
Inspira tal sympathia!...

E tem um dote esta flor  
Que de outra igual se não diz:  
Não perde o viço ou frescor  
Quando a tiram da raiz.

Antes mais e mais floresce  
Com tudo o que as outras mata;  
Até ás vezes mais cresce  
Na terra que é mais ingrata.

Só tem um cruel senão.  
Que te não devo esconder:  
Planta-a no coração,  
Toda outra flor faz morrer.

E, se o quebra e despedaça  
Com as raizes molinas,  
Mais ella tem brilho e graça,  
É como a flor das ruinas.

Não, Pepita, não t'a dou...  
Fiz mal em dar-te essa flor,  
Que eu sei o que me custou  
Tratal-a com tanto amor.

## VIII

## ESTE INFERNO DE AMAR

ESTE inferno de amar — como eu amo!  
Quem m'o pôz aqui n'alma? — quem foi?  
E' sta chamma que alenta e consome,  
Que é a vida — e que a vida destrõe —  
Como é que se veiu a atear,  
Quando — ai quando se ha de ella apagar?

Eu não sei, não me lembra: o passado,  
A outra vida que d'artes vivi  
Era um sonho talvez... — foi um sonho —  
Em que paz tam serena a dormil  
Oh! que doce era aquelle sonhar...  
Quem me veiu, ai de mim! despertar?

Só me lembra que um dia formoso  
Eu passei... dava o sol tant' luz!  
E os meus olhos, que vagos giravam  
Em seus olhos ardentes os puz.  
Que fez ella? eu que fiz? — Não n'o sei,  
Mas n'essa hora a viver comecei...

## IX

## DESTINO

QUEM disse á estrella o caminho  
Que ella hade seguir no céu?  
A fabricar o seu ninho  
Como é que a ave aprendeu:  
Quem diz á planta — Florece!  
E ao mudo verme que tece  
Sua mortalha de seda  
Os fios quem lh'os enreda?  
Ensinou alguém á abelha  
Que no prado anda a zumbir  
Se á flor branca ou á vermelha  
O seu mel hade ir pedir?  
Que eras tu meu sêr, querida,  
Teus olhos a minha vida,  
Teu amor todo o meu bem...  
Ai! não m'o disse ninguém.

Como a abelha corre ao prado,  
Com no céu gira a estrella,  
Como a todo o ente o seu fado  
Por instincto se revela:  
Eu no teu seio divino  
Vim cumprir o meu destino...  
Vim, que em ti so sei viver,  
Só por ti posso morrer.

## X

## GOSO E DOR

Se estou contente, querida,  
Com esta immensa ternura  
De que me enche o teu amor?  
— Não. Ai! não; falta-me a vida;  
Succumb-me a alma á ventura:  
O excesso do goso é dor.

Doe-me alma, sim; e a tristeza  
Vaga, inerte e sem motivo.  
No coração me poisou.  
Absorto em tua belleza,  
Não sei se morro ou se vivo,  
Porque a vida me parou

É que não ha sêr bastante  
Para este gosar sem fim  
Que me inunda o coração  
Tremo d'elle, e delirante  
Sinto que se exhaure em mim  
Ou a vida — ou a razão.

## XI

## PERFUME DA ROSA

QUEM bebe, rosa, o perfume  
Que de teu seio respira?  
Um anjo, um sylpho? Ou que num  
Com esse aroma delira?

Qual é o deus que, namorado,  
De seu throno te ajoelha,  
E esse nectar encantado  
Bebe occulto, humilde abelha?

Ninguém? — Mentiste: essa frente  
Em languidez inclinada,  
Quem t'a pôz assim pendente?  
Dize, rosa namorada.

E a côr de purpura viva  
Como assim te desmaiou?  
E essa pallidez lasciva  
Nas folhas quem t'a pintou?

Os espinhos que tam duros  
Tinhas na rama lustrosa,  
Com que magos conjuros  
T'os desarmaram, ó rosa?

E porquê, na háslea sentida  
Tremes tanto ao pôr do sol?  
Porque escutas tam rendida  
O canto do rouxinol?

Que'eu não ouvi um suspiro  
Sussurrar-te na folhagem?  
Nas aguas d'este retiro  
Não espreitei a tua imagem.

Não a vi afflicta, anciada...  
— Era de prazer ou dor? —  
Mentiste, rosa, és amada,  
E tambem tu amas, flor.

Mas ai! se não for um nume  
O que, em teu seio delira,  
Hade matar o o perfume  
Que n'esse aroma respira.

## XII

## ROSA SEM ESPINHOS

PARA todos tens carinhos,  
A ninguém mostras rigor!  
Que rosa és tu sem espinhos?  
Ai, que não te entendo, flor

Se a borboleta vaidosa  
A desdem te vae beijar,  
O mais que lhe fazes, rosa,  
E sorrir é e corar.

E quando a sôsa da abelha,  
Tam modesta em seu zumbir,  
Te diz: — O' rosa vermelha,  
Bem me podes acudir:

Deixa do calix divino  
Uma gotta só libar.  
Deixa, é nectar peregrino,  
Mel que eu não sei fabricar...

Tu, de lástima rendida,  
De maldita compaixão,  
Tu á supplica atrevida  
Sabes tu dizer que não?

Tanta lástima e carinhos,  
Tanto dó, nenhum rigor!  
Es rosa e não tens espinhos!  
Ai! que não te entendo flor.

## XIII

## ROSA PALLIDA

Rosa pallida, em meu seio  
Vem, querida, sem receio  
Esconder a afflita côr.  
Ai! a minha pobre rosa!  
Cuida que é menos formosa  
Porque desbotou de amor.

Pois sim... quando livre, ao vento,  
Sôta de alma e pensamento.  
Forte de tua isempção,  
Tinhas na folha incendida  
O sangue, o calor e a vida  
Que ora tens no coração.

Mas não eras, não, mais bella  
Coitada, coitada d'ella,  
A minha rosa gentil!  
Coravam-n'a então desejos,  
Desmaiam-n'a agora os beijos...  
Vales mais mil vezes, mil.

Inveja das outras flores!  
Inveja de quê, amores?  
Tu, que viste dos céus,  
Comparar tua belleza  
As filhas da natureza!  
Rosa, não tentes a Deus.

E vergonha!... de quê, vida?  
Vergonha de ser querida,  
Vergonha de ser feliz!  
Porquê?... porquê em teu semblante  
A pallida côr da amante  
A minha ventura diz?

Pois quando eras tam vermelha  
 Não vinha zangão e abelha  
 Em torno de ti zumbir?  
 Não ouvias entre as flores  
 Histórias dos mil amores  
 Que não tinhas, repetir:

Que hão de elles dizer agora?  
 Que pendente e de quem chora  
 É o teu languido olhar?  
 Que a tez fina e delicada  
 Foi, de ser muito beijada,  
 Que te veio a desbotar?

Deixa-os: pallida ou corada,  
 Ou isempta ou namorada,  
 Que brilhe no prado flor.  
 Que fulja no céu estrella,  
 Ainda é ditosa e bella  
 Se lhe dão so um amor.

Ai! deixa-os, e no meu seio  
 Vem, querida, sem receio  
 Vem a trente recinar.  
 Que pallida estás, que linda!  
 Oh! quanto mais te amo ainda  
 Des que te fiz desbotar.

## XIV

## FLOR DE VENTURA

A flor de ventura  
 Que amor me entregou,  
 Tam bella e tam pura  
 Jámais a creou:

Não brota na selva  
 De inculto vigor,  
 Não cresce entre a relva  
 De virgem frescor;

Jardins de cultura  
 Não pode habitar  
 A flor de ventura  
 Que amor me quiz dar.

Semente é divina  
 Que veio dos céus;  
 Só n'alma germina  
 Ao sopro de Deus.

Tam alva e mimosa  
 Não ha outra flor:  
 Uns longes de rosa  
 Lhe avivam a cor;

E o aroma... Ai! delirio  
 Suave e sem fim!  
 E' a rosa, é o lírio,  
 E' a nardo, o jasmim;

E' um philtro que apura,  
 Que exalta o viver;  
 E em doce tortura  
 Faz de áncias morrer.

Ai! morrer... que sorte  
 Bem dita de amor!  
 Que me leve a morte  
 Beijando-te, flor.

## XV

## BELLA D'AMOR

Pois essa luz scintillante  
 Que brilha no teu semblante  
 D'onze lhe vem o splendor?  
 Não sentes no peito a chamma  
 Que aos meus suspiros se inflama  
 E toda reluz de amor?  
 Pois a celeste fragrancia  
 Que te sentes exhalar,  
 Pois, dize, a ingenua elegancia  
 Com que te vês ondular,  
 Como se baloica a flor  
 Na primavera em verdor,  
 Dize, dize: a natureza  
 Póde dar tal gentileza?  
 Quem t'a deu senão amor?

Vê te a esse espelho, querida,  
 Ai! vê-te por tua vida,  
 E diz se ha no céu estrella,  
 Diz-me se ha no prado flor  
 Que Deus fizesse tam bella  
 Como te faz, meu amor.

## XVI

## OS CINCO SENTIDOS

São bellas — bem o sei, essas estrellas,  
 Mil côres — divinaes têm essas flores;  
 Mas eu não tenho, amor, olhos para ellas:  
 Em toda a natureza  
 Não vejo outra belleza  
 Senão a ti — a ti!

Divina — ai! sim, será a voz que affina  
 Saudosa — na ramagem densa, umbrosa.  
 Será; mas eu do rouxinol que trina  
 Não oiço a melodia,  
 Nem sinto outra harmonia  
 Senão a ti — a ti!

Respira — n'aura que entre as flores gira,  
 Celeste — incenso de perfume agreste.  
 Sei... não sinto: minha alma não aspira,  
 Não percebe, não toma  
 Senão o doce aroma  
 Que vem de ti — de ti!

Formosos — são os pòmos saborosos,  
 E' um mimo — de nectar o racimo:  
 E eu tenho fome e sede... sequiosos,  
 Famintos meus desejos  
 Estão... mas é de beijos,  
 E' só de ti — de ti!

Macia — deve a relva luzidia  
 Do leito — ser por certo em que me deito;  
 Mas quem, ao pé de ti, quem poderia  
 Sentir outras caricias,  
 Tocar n'outras delicias  
 Senão em ti — em ti!

A ti ai, a ti só os meus sentidos  
 Todos n'um confundidos,  
 Sentem, ouvem, respiram;  
 Em ti, por ti deliram.  
 Em ti a minha sorte,  
 A minha vida em ti;  
 E quando venha a morte,  
 Será morrer por ti.

## XVII

## ROSA E LÍRIO

A rosa  
E' formosa;  
Bem sei.  
Porque lhe chamam a flor  
D'amor,  
Não sei

A flor,  
Bem de amor  
É o lírio;  
Tem mel no aroma, — dor  
Na cor  
O lírio.

Se o cheiro  
É fagueiro  
Na rosa;  
Se é de belleza—mor  
Primor  
A rosa :

No lírio  
O martyrio  
Que é meu  
Pintado vejo: — cor  
É ardor  
É o meu.

A rosa  
É formosa,  
Bem sei...  
E será de outros flor  
D'amor.  
Não sei.

## XVIII

## COQUETTE DOS PRADOS

Coquette dos prados,  
A rosa é uma flor  
Que inspira e não sente  
O encanto d'amor.

De purpura a vestem  
Os raios do sol:  
Suspiram por ella  
Ais do rouxinol:

E as galas que traja  
Não as agradece,  
E o amor que accende  
Não o reconhece.

Coquette dos prados  
Rosa, linda flor,  
Porquê, se não sentes,  
Inspiras amor?

## XIX

## CASCAES

A CABAVA alli a terra  
Nos derradeiros rochedos;  
A deserta arida serra  
Por entre os negros penedos  
Só deixa viver mesquinho  
Triste pinheiro maninho.

E os ventos despregados  
O rav. m rijos na rama,  
E os céus turvos, annueados,  
O mar que incessante brama...  
Tudo alli era braveza  
De selvagem natureza.

Ahi, ãa quebra do monte,  
Entre uns juncos mil-medrados,  
Sêcco o rio, sêcca a fonte,  
Ervas e matos queimados,  
Ahi n'essa bruta serra,  
Ahi foi um céu na terra.

Alli sós no mundo, sos,  
Santo Deus ! como vivemos !  
Como eramos tudo nós  
E de nada mais soubemos !  
Como nos folgava a vida  
De tudo o mais esquecida.

Que longos beijos sem fim,  
Que falar dos olhos mudo !  
Como ella vivia em mim,  
Como eu tinha n'ella tudo,  
Minha alma em sua razão,  
Meu sangue em seu coração !

Os anjos aquelles dias  
Contaram na eternidade :  
Que essas horas fugidias,  
Séculos na intensidade,  
Por millenios marca Deus  
Quando as dá aos que são seus.

Ai! sim, foi a tragos largos,  
Longos, fundos, que a bebi  
Do prazer a taça: — amargos  
Depois... depois os senti  
Os travos que ella deixou...  
Mas como eu ninguém gosou.

Ninguém: que é preciso amar  
Como eu amei—ser amado  
Como en fui; dir, e tomar  
Do outro sêr a quem se ha dado  
Toda a razão, toda a vida  
Que em nós se annulla perdida.

Ai, ai ! que pesados annos  
Tardios depois vieram!  
Oh! que fataes desenganos,  
Ramo a ramo a desfizeram  
A minha choça na serra,  
Lá onde se acaba a terra!

Se o visse... não quero vê-lo  
Aquelle sitio encantado;  
Certo est. u não conhecel-o,  
Tam outro estará mudado,  
Mudado como eu, como ella,  
Que a vejo sem conhecel-a!

Inda alli acaba a terra,  
Mas já o céu não começa;  
Que aquella visão da serra  
Sumiu-se na treva espessa,  
E deixou nua a bruteza  
D'essa agreste natureza.

## XX

## ESTES SITIOS !

O LHA bem estes sitios queridos,  
Vê-os bem n'este olhar derradeiro...  
Ai! o negro dos montes erguidos,  
Ai! o verde do triste pinheiro!  
Que saudades que d'elles teremos...  
Que saudade! ai, amor, que saudade!  
Pois não sentes. n'este ár que bebêmos,  
No acre cheiro da agreste ramagem,  
Estar-se alma a tragar liberdade  
E a crescer de innocencia e vigor!  
Oh! aqui, aqui só se engrinalda  
Da pureza da rosa selvagem,  
E contente aqui só vive Amor.  
O ár queimado d's salas lhe escalda  
De suas azas o niveo candor,  
E na frente arrugada lhe cresta  
A innocencia infantil do pudor.  
E oh! deixar taes delicias como esta!  
E trocar este céu de ventura  
Pelo inferno da escrava cidade!  
Vender alma e razão á impostura,  
Ir saudar a mentira em sua côrte,  
Ajoelhar em seu throno á vaidade,  
Ter de rir nas angústias da morte,  
Chamar vida ao terror da verdade...  
Ai! não, não... nossa vida acabou,  
Nos-a vida aqui toda ficou.  
Diz lhe adeus n'este olhar derradeiro,  
Dize á sombra dos montes erguidos,  
Dize-o ao verde do triste pinheiro,  
Dize-o a todos os sitios queridos  
D'esta ruda, feroz soledade,  
Paraizo onde livres vivemos,  
Oh! saudades que d'elle teremos,  
Que saudade! ai, amor, que saudade!

## XXI

## NÃO TE AMO

Não te amo, quero-te: o amar vem d'alma.  
E eu n'alma — tenho a calma,  
A calma — do jazigo.  
Ai! não te amo, não.

Não te amo, quero te: o amor é vida.  
E a vida — nem sentida  
A trago eu já commigo.  
Ai, não te amo, não!

Ai! não te amo, não; e só te quero  
De um querer bruto e fero  
Que o sangue me devora,  
Não chega ao coração.

Não te amo. És bella; e eu não te amo, ó bella.  
Quem ama a aziaga estrella  
Que lhe luz na má hora  
Da sua perdição?

E quero-te, e não te amo, que é forçado,  
De mau feitiço azado  
Este indigno furor.  
Mas oh! não te amo, não.

E infame sou, porque te quero; e tanto  
Que de mim tenho espanto,  
De ti medo e terror...  
Mas amar!... não te amo, não.

## XXII

## NÃO ÉS TU

ERA assim, tinha esse olhar,  
A mesma graça, o mesmo ár,  
Córava da mesma côr,  
Aquella visão que eu vi  
Quando eu sonhava de amor,  
Quando em sonhos me perdi

Toda assim; o porte altivo,  
O semblante pensativo,  
E uma suave tristeza  
Que por toda ella descia  
Como um véo que lhe envolvia,  
Que lhe adoçava a belleza.

Era assim; o seu falar,  
Ingenuo e quasi vulgar,  
Tinha o poder da razão  
Que penetra, não seduz;  
Não era fogo, era luz  
Que mandava ao coração.

Nos olhos t'nha esse lume,  
No seio o mesmo perfume,  
Um cheiro a rosas celestes,  
Rosas brancas, puras, finas,  
Viciosas como boninas,  
Singelas sem ser agrestes.

Mas não és tu. . . ai! não és:  
Toda a illusão se desfez,  
Não és aquella que eu vi,  
Não és a mesma visão,  
Que essa tinha coração,  
Tinha, que eu bem lh'o senti.

## XXIII

## BELLEZA

VEM do amor a Belleza,  
Como a luz vem da chamma.  
É lei da natureza:  
Queres ser bella? — ama.

Fórmás de encantar,  
Na tela o pincel  
As póde pintar;  
No bronze o buril  
As sabe gravar;  
E estatua gentil  
Fazer o cinzel

Da pedra mais dura...  
Mas Belleza é isso? — Não; só formosura.

Sorrindo entre dores  
Ao filho que adora  
Inda antes de o vêr,  
Qual sorri a aurora  
Chorando nas flores  
Que estão por nascer —

A mãe é a mais bella das obras de Deus.  
Se ella ama!—O mais puro do fogo dos céus  
Lhe ateia essa chamma de luz crystalina:

E a luz divina  
Que nunca mudou,  
E' a luz... é a Belleza  
Em toda a pureza  
Que Deus a creou

## XXIV

## ANJO ÉS

ANJO és tu, que esse poder  
Jámais o teve mulher,  
Jámais o hade ter em mim.  
Anjo és, que me domina  
Teu sêr o meu sêr sem fim;  
Minha razão insolente  
Ao teu capricho se inclina,  
E minha alma forte, ardente,  
Que nenhum jugo respeita,  
Covardemente sujeita  
Anda humilde a teu poder.  
Anjo és tu, não és mulher.

Anjo és Mas que anjo és tu?  
Em tua frente annuendada,  
Não vejo a c'roa nevada  
Das alvas rosas do céu.  
Em teu seio ardente e nu  
Não vejo ondear o véo  
Com que o sóffrego pudor  
Vela os mysterios de amor.

Teus olhos têm negra a côr,  
Côr de noite sem estrella;  
A chamma é vivaz e é bella,  
Mas luz não tem.—Que anjo és tu?  
Em nome de quem vieste?  
Paz ou guerra me trouxeste  
De Jehovah ou Belzebú?

Não respondes—e em teus braços  
Com freneticos abraços  
Me tens apertado, estreito!...  
Isto que me cae no peito  
Que foi?... — Lagrima? — Escaldou-me...  
Queima, abraza, ulcéra... Dou-me,  
Dou-me a ti, anjo nialdito,  
Que este ardor que me devora  
É já fogo de precito,  
Fogo eterno, que em má hora  
Trouxeste de lá... De d'onde?  
Em que mysterios se esconde  
Teu fatal, estranho sêr!  
Anjo és tu ou és mulher?

## XXV

## VIBORA

COMO a vibora gerado,  
No coração se formou  
Este amor amaldiçoado  
Que á nascença o espedaçou.

Para elle nascer morri;  
E em meu cadaver nutrido,  
Foi a vida que eu perdi  
A vida que tem vivido.

## LIVRO SEGUNDO

### I

#### BARCA BELLA

Pescador da barca bella,  
Onde vás pescar com ella,  
Que é tam bella,  
Oh pescador?

Não vês que a última estrella  
No céu nublado se vela?  
Colhe a veia,  
Oh pescador!

Deixa o lanço com cautella,  
Que a sereia canta bella ..  
Mas cautella,  
Oh pescador!

Não se enrede a rêde n'ella,  
Que perdido é remo e vela  
Só de vê-la,  
Oh pescador.

Pescador da barca bella,  
Inda é tempo, fuge d'ella,  
Fuge d'ella  
Oh pescador!

### II

#### A CORÔA

Bem sei que é toda de flores  
Essa corôa de amores  
Que n' frente vaes cingir.  
Mas é corôa — é reinado;  
E a pósto mais arriscado  
Não se pôde hoje subir.

N'esses reinos populosos  
Os vassallos revoltosos  
Tarde ou cedo dão a lei.  
Quem hade conter, domal-os,  
Se são tantos os vassallos  
E um só o pobre do rei?

Não vejo, rainha bella,  
Para fugir essa estrella  
Que os reis persegue sem dó,  
Mais que um meio — falo serio:  
E' pôr limites ao imperio  
E ter um vassallo só.

### III

#### SINA

Por todas quantas estrellas  
Tem o céu que possam mais,  
Pelas flores virginaes  
De que se c'roam donzellas,  
Pelas lagrimas singelas  
Que o primeiro amor derrama,  
Por aquella etherea chamma  
Que a mão de Deus accendeu  
E que na terra allumia  
Quanto ha na terra do céu!  
Por tudo quanto eu queria  
Quando eu sabia querer,  
E por tudo quanto eu cria  
Quando me era dado crêr!  
Bem fadada seja a vida  
Que por estas folhas brancas  
Sua historia hade escrever!  
Que as dores lhe venham mancas  
E com azas o prazer!

E'sta sina que lhe dou,  
Bruxa não n'a adivinhou,  
Nem duende m'a ensinou:  
Li-a eu por meu condão  
Em seus olhos innocentes,  
Transparentes — transparentes  
Até dentro ao coração.

### IV

#### AI HELENA!

Ai, Helena! de amante e de espôso  
Já o nome te faz suspirar,  
Já tua alma singela presente  
Esse fogo de amor delicioso  
Que primeiro nos faz palpar!..  
Oh! não vás, donzellinha innocente,  
Não te vás a esse engano entregar!  
É amor que te illude e te mente,  
É amor que te hade matar!  
Quando o sol n'estes montes desertos  
Deixa a luz derradeira apagar,  
Com as trévas da noite que espanta  
Vêm os anjos do inferno encobertos  
A sua victima incauta aflagar.  
Doce é a voz que adormece e quebranta,  
Mas a mão do traidor. . . faz gelar,  
Treme, fuge do amor que te encanta,  
É amor que te hade matar.

1 As folhas do album em que se escreveram estes versos.



## V

THE ROSE—A SIGH<sup>1</sup>

If this delicious, grateful flower,  
Which blows but for a little hour,  
Should to the sight so lovely be,  
As from it's fragrance seems to me,  
A sigh must then it's colour show,  
For that is the softest joy I know.  
And sure the rose is like a sigh,  
Born just to soothe and then—to die.

## VI

## RETRATO

(N'UM ALBUM)

V! despreza o meu retrato  
Que lhe eu queria aqui pôr!  
Tem medo que lhe desfeie  
O seu livro de primor?  
Pois saiba que por despique  
Eu sei também ser pintor:  
Co'esta penna por pincel,  
E a tinta do meu tinteiro,  
Vou fazer o seu retrato  
Aqui já de corpo inteiro.

Vamos a isto —Sentada  
Na cadeira *moyen-âge*,  
O cabelo *en chate-aines*,  
As mangas soltas.—E' o traje.

Em longas prégas negras  
Caia o velludo e arraste;  
De si com desdem regio  
Com o pésinho o afaste...

N'essa attitude! Está bem:  
Agora mais um geitinho;  
A airosa cabeça a um lado  
E o lindo pé no banquinho.

Aqui estão os contornos, são estes,  
Nem Daguerre lh'os tira melhor.  
Este é o ár, esta a *rose*, eu lh'o juro,  
E o trajar que lhe fica melhor.

Vamos agora ao difficil:  
Tirar feição por feição;  
Entendel-as, que é o ponto.  
E dar-lhe a justa expressão

Os olhos são côr da noite,  
Da noite em seu começar,  
Quando inda é joven, incerta,  
E o dia vem de acabar:

Têem uma luz que vae longe,  
Que faz gosto de queimar;  
E uma especie de lume  
Que serve só de abraçar.

## V

A ROSA—UM SUSPIRO<sup>1</sup>

Se esta flor tam bella e pura,  
Que apenas uma hora dura,  
Tem pintado no matiz  
O que o seu perfume diz,  
Por certo na linda côr  
Mostra um suspiro de anor:  
D'os que eu chego a conhecer  
É este o maior prazer.  
E a rosa como um suspiro  
Hade ser; bem se discorre:  
Tem na vida o mesmo giro,  
E um gôsto que nasce e — morre.

Na hocca ha um sorriso amavel.  
Amavel é... mas queria  
Saber se é todo bondade  
Ou se meio é zombaria.

Ninguém m'o diz? O retrato  
Incompleto ficará,  
Que n'estas duas feições  
Todo o sêr, toda a alma está.

Pois fiel como um espelho  
E tudo o que n'elle fiz;  
E o que lhe falta—que' é muito,  
Lambem o espelho o não diz.

## VII

## LUCINDA

ERGUE a frente, lirio,  
Ergue a branca frente!  
O astro do delirio  
Já surgiu no oriente.

Vês o sol ardente,  
Lá cahiu no mar;  
A frente pendente  
Ergue a respirar!

Alvo é o luar,  
Teu alvor não cresta;  
A hora de gosar,  
De viver é esta.

Longa foi a sésta,  
Longo o teu dormir;  
Ergue a branca testa,  
Tempo é de surgir!

Já se abre a sorrir  
Tua bocca linda...  
Despertar, sentir  
Ou sonhar é ainda?

Sonho que não finda  
Será o teu sonhar,  
Se a dormir, Lucinda,  
Te sentes amar.

<sup>1</sup> By a young lady born blind.<sup>1</sup> Por uma menina cega de nascença

## VIII

## AS DUAS ROSAS

Sobre se era mais formosa  
A vermelha ou branca rosa,  
Ardeu seculos a guerra  
Em Inglaterra.

Paz entre as duas, jámais!  
Reinar ambas as rivaes,  
Tambem não; e uma ceder  
Como hade ser?

Faltei eu lá na Inglaterra  
Para acabar com a guerra.  
Eil-as aqui bem eguaes,  
Mas não rivaes.

Atei-as 'em laço estreito:  
Que artista fui, com que geito!  
E oh! que lindas são, que amores  
As minhas flores!

Dirão que é cópia;—bem sei:  
Que todo inteiro o roubei  
Meu pensamento brilhante  
Do teu semblante...

Será. Mas se é tam bello  
Que lhe dêem esse modello,  
Do meu quadro, na verdade,  
Tenho vaidade.

## IX

## VOZ E AROMA

A brisa voga no prado,  
Perfume nem voz não tem;  
Quem canta é o ramo agitado,  
O aroma é da flor que vem.

A mim tornem-me essas flores  
Que uma a uma eu vi murchar,  
Restituam-me os verdores  
Aos ramos que eu vi seccar...

E em torrentes de harmonia  
Minha alma se exalará,  
Esta alma que muda e fria  
Nem sabe se existe já.

## X

## SEUS OLHOS

Seus olhos—se eu sei pintar  
O que os meus olhos cegou—  
Não tinham luz de brilhar,  
Era chamma de queimar;  
E o fogo que a ateou  
Vivaz, eterno, divino,  
Como o facho do Destino.

Divino, eterno!—e suave  
Ao mesmo tempo: mas grave  
E de tam fatal poder,  
Que, um só momento que a vi,  
Queimar toda alma senti...  
Nem ficou mais de meu sêr,  
Senão a cinza em que ardi.

## XI

## A DÉLIA

Cuidas tu que a rosa chora,  
Que é tamanha a sua dor,  
Quando, já passada a aurora,  
O sol ardente de amor,  
Com seus beijos a devora?  
—Feche virgineo pudor  
O que ainda é botão agora  
E amanhã hade ser flor;  
Mas ella é rosa n'esta hora,  
Rosa no aroma e na cor

—Para amanhã o prazer  
Deixe o que amanhã viver.  
Hoje, Délia, é n'ssa a vida;  
A'manhã . . o que hade ser?  
A hora de amor perdida  
Quem sabe se hade volver?  
Não desperdices, querida,  
A duvidar e a soffrer  
O que é mal gasto da vida  
Quando o não gasta o prazer.

## XII

## A JOVEN AMERICANA

Donde é que te eu vi, donzella,  
E o que eras tu n'esta vida  
Quando não tinhas vestida  
A fórma de virgem bella  
Que ora te vejo trajar?

Estrella foste no céu,  
Serias no prado flor?  
Ou, no diaphano splendor  
De que Iris faz o seu véo,  
Estavas, Silpha, a bordar?

Não houve poeta ainda  
Que te não visse e cantasse,  
Mulher que não te invejasse,  
Nem pintor que a face linda  
Te não fôsse copiar.

Seculos tens. — E ah! . . já sei  
Quem és, quem foste e hasde ser:  
Bem te eu estava a conhecer  
Quando primeiro te olhei  
Sem te poder estranhar.

Com Deus e co'a Liberdade  
De nossas terras fugiste  
Quando perdidos nos viste,  
E te foste á soledade  
Do novo mundo accoitar.

Pois que ora piedosa tens  
E nos sentes resurgir,  
Oh! não tornes a fugir,  
Que melhor patria não tens  
Nem que mais te saiba amar.

Teu natal celebraremos  
Hoje e sempre: teus amigos  
Somos na lealdade antigos,  
E no ardor novos seremos,  
No desvêllo em te adorar:

Porque tu és o Ideal  
Da só belleza — do Bem;  
Não és «stranha a ninguém»,  
E de ti só foge o mal  
Que te não pôde encerrar.

## XIII

## ADEUS MÃE

Adeus, mãe!, adeus, querida,  
Que eu já não posso co'a vida  
E os anjos chamam por mim.  
Adeus, mãe, adeus!... Assim,  
Junta os teus lábios aos meus,  
E recebe o último adeus  
N'este suspiro. . . Não chores,  
Não chores: aquellas dores  
Já sinto acalmar em mim.  
Adeus, mãe, adeus!... Assim,  
Junta os teus lábios aos meus...  
Um beijo—um ultimo . Adeus!

E o corpo desanimado  
No collo da mãe cahia;  
E ella o corpo... só pesado,  
Só mais pesado o sentia!  
Não se lamenta, não chora,  
E quasi a sorrir, dizia:  
—Que tem este filho agora,  
Que tanto pês? Não posso... —  
E uma a uma, osso por osso,  
Com a mão trémula tenta  
As mãosinhas descarnadas,  
As faces cavas, myrradas,  
A testa inda morna e lenta.  
—Que febre, que febre! — diz;  
E em tudo pensa a infeliz,  
Tudo que lá mau lhe ocorreu,  
Tudo—menos que morreu.

Como nos gelos do norte  
O somno traidor da morte  
Engana o desfalecido  
Que imagina adormecer,  
Assim cansado, esvahido  
De tam longo padecer,  
Já não ha no coração  
Da mãe força de sentir;  
Não tem já lume a razão  
Senão só para a illudir.

Acorda, ó mãe desgraçada,  
Que é tempo de despertar!  
Anda vêr a eça armada,  
As luzes que ardem no altar.  
Ouves? É a rouca toada  
Dos padres a psalmear!...  
Vamos, que a hora é chegada,  
E tempo de o amortilhar.

E os anjos cantavam:  
—All-huia!  
E os santos clamavam:  
—Hossanna!

Ao triste cantar da terra  
Responde o cantar do céu:  
Todos lhe bradam:—Morreu!  
E a todos o ouvido cerra.

E os sinos a tocar,  
E os padres a rezar,  
E ella ainda a acalantar  
Nos braços o filho morto,

Que já não tem mais conforto,  
Mais socego n'este mundo  
Que o jazigo humido e fundo  
Onde hade ir a sepultar.

Levae, ó anjos de Deus,  
Levae essa dor aos céus.  
Com a alma do innocente  
Aos pés do Juiz Clemente  
Ahi fique a santa dor  
Rogando á Eterna Bondade  
Que estenda a immensa piedade  
A quantos peccam de amor.

## XIV

## AVE, MARIA!

MARIA, doce mãe dos desvalidos,  
A ti clamo, a ti brado!  
A ti sobem, senhora, os meus gemidos,  
A ti o hymno sagrado  
Do coração de um pae vóo. Ó Maria,  
Pela filha innocente.  
Com sua debil voz que balbucia,  
Piedosa mãe clem' ente,  
Ella já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,  
Pedir ao Pae dos céus  
O pão de cada dia. As preces minhas  
Como irão ao meu Deus,  
Ao meu Deus que é teu filho e tens nos braços.  
Se tu, mãe de piedade,  
Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços  
Da velha humanidade;  
Despe de mim todo outro pensamento  
E van tenção da terra;  
Outra glória, outro amor, outro contento  
De minha alma desterra.  
Mãe, oh! mãe, salva o filho que te im' lora  
Pela filha querida.  
De mais tenho vivido, e só agora  
Sei o preço da vida,  
D'esta vida, tam mal gasta e prezada  
Porque minha só era...  
Salva-a, que a um santo amor está votada,  
N'elle se regenera.

## XV

## OS EXILADOS

## A SENHORA ROSSI-CACCIA 1

ELLES tristes, das praias do desterro,  
Os olhos longos e arrazados de agua  
Estendem para aqui. . . Cravado o ferro  
Da saudade têm n'alma; e é negra mágua  
A que lhes rala os corações afflictos.  
E a maior da vida — são proscritos.

Dôr como outra não ha, é a dor que os mata!  
Dizer eu: «Essa terra é minha. . . minha.  
Que nasci n'ella, que a servi, a ingrata!  
Que lhe dei. . . dei por ella quanto tinha,  
Sangue, vida, saude, os bens da sorte. . .  
E ella, por galardão, me entrega á morte!»

Morte lenta e cruel — a de Ugolino! 2  
Bem lhes quizeram dar. . .

1 Cantando em um baile de subscrição que se deu em Lisboa em 29 de Março de 1845 a favor dos que n'esse anno estavam emigrados por fugir ás perseguições do Governo.

2 Foi morto a fome com os filhos.

Mas não será assim: sôpro divino  
De bondade e nobreza  
Não o pôde apagar  
Nos corações da gente portugueza  
Esse rancor de fêra  
Que em almas negras, negro e vii impera.

Tu, genio da Harmonia,  
Tu soita a voz em que triumphas a glória,  
Com que suspira amor!  
Bella de enthusiasmo e de fervor,  
Ergue-te, ó Rossi, tua voz nos guia:  
A tua voz divina  
Hoje um ecco immortal deixa na historia.  
Inda no mar d'Egina  
Sôa o hymno de Alceu;  
E atravessaram seculos  
Os cantos de Tyrtêu,  
Mais poderosa e válida  
tua voz será;  
A tua voz etherea,  
Tua voz não morrerá.

Nós no templo da patria pendurámos  
Esta c'roa singela  
Que de myrtho e de rosas entrançámos  
Para essa fronte bella:  
Aqui, de voto, ficará pendente,  
E um culto de saudade  
Aqui, perennemente,  
Lhe daremos no altar da Liberdade.

## XVI

## PREITO

É lei do tempo, Senhora,  
Que ninguém domine agora  
E todos queiram reinar.  
Quanto vale n'esta hora  
Um vassallo bem sujeito,  
Leal de homenagem e preito  
E facil de governar?

Pois o tal sou eu, Senhora:  
E aqui juro e firmo agora  
Que a um despotico reinar  
Me rendo todo n'esta hora,  
Que a liberdade sujeito...  
Não a reis!—outro é meu preito:  
Anjos me hão de governar.

## XVII

## NO LUMIAR

Era um dia de Abril; a primavera  
Mostrava apenas seu virgineo seio  
Entre a folhagem tenra; não vencêra,  
De todo, o sol o mysterioso enleio  
Da nevoa rara e fina que estendera  
A manhã sobre as flores; o gorgeio  
Das aves inda tímido e infantil...

Era um dia de Abril,  
E nos iamos lentos passeando  
De vergel em vergel, no descuidado  
Socêgo d'alma que se está lembrando  
Das luctas do passado,  
Das vagas incertezas do porvir.  
E eu não cansava de admirar, de ouvir,  
Porque era grande, um grande homem de veras  
Aquelle Duque—alli maior ainda,  
Alli ao seu Lumiar, entre as sinceras  
Bellezas d'esse parque, entre essas flores,

A qual mais bella e de mais longe vinda  
Esmaltar de mil côres  
Bosque, jardim, e as relvas tam mimosas,  
Tam suaves ao pé—muito ha cansado  
De pisar alcantifas ambiciosas,  
De trepear no perigoso estrado  
Das vaidades da terra  
E o velho Duque, o velho homem d'Estado,  
Ao falar d'essa guerra  
Distante—e das paixões da humanidade,  
Sorria malicioso  
D'aquelle sorrir fino sem maldade,  
Que tam seu era, que, entre desdenhoso  
E benevolo, a quanto lhe sahia  
Dos labios dava um cunho de nobreza,  
De razão superior.  
E então como elle a amava e lhe queria  
A esta pobre terra portugueza!  
Velha tinha a razão, velha a experiencia,  
Joven só esse amor.

Tam joven, que inda cria, inda esperava,  
Inda tinha a fé viva da innocencia!...

Eu, na força da vida,  
Tristemente de mim me envergonhava.  
—Passeavamos assim, e em reflectida  
Meditação tranquilla descuidados  
Iamos sós, já sem falar, descendo  
Por entre os velhos olmos tam copados,  
Quando sentimos para nós crescendo  
Rumor de vozes finas que zumbia  
Como enxame de abelhas entre as flores,  
E vimos, qual Diana entre os menores  
Astros do céu, a fôrma que se erguia,  
Sôbre todas gentil, d'essa estrangeira  
Que se esperava alli. Perfeita, inteira  
No velho amavel renasceu a vida  
E a graça facil. Cuidei vêr o antigo  
O nobre Portugal que resurgia  
No venerado amigo;  
E na formosa dama que sorria,  
O genio da subida,  
Rara e fina elegancia que a nobreza,  
O gôsto, o amor do Bello, o instincto da Arte  
Reunem e faz irmãos em toda a parte:  
Que affere a grandeza  
Pela medida só dos pensamentos,  
Do stylo de viver, dos sentimentos,  
Tudo o mais como futil desprezando.

Pensei que a saudar o velho illustre  
Em seus ultimos dias  
E a despedir-se, até Deus sabe quando,  
De nossas praias tristes e sombrias,  
Vinha esse genio . . . Tristes e sombrias,  
Que o sol lhe fôge, lhe esmorece o lustre,  
E onde tudo o que é alto vae baixando...

O triste, o que não tem já sol que o aqueça  
Sou eu talvez—que, á mingua de fé, sinto  
O cerebro gelar-me na cabeça,  
Porque no coração o fogo é extincto.

Elle não era assim.  
Ou, sabia fingir melhor do que eu!

—Como o nobre corcel que envelheceu  
Nas guerras, ao sentir o aureo telim  
E as armas sôbre o dorso descarnado,  
Remoço o garbo, em juvenil meneio  
F'ranja de espuma o freio,  
E honra os braços da casa em que foi nado.

Nunca me hade esquecer aquelle dial  
Nem os olhos, as talas, e a sincera  
Admiração da bella dama ingleza  
Por tudo quanto via;

O fructo, a flor, o arôma, o sol que os gera,  
E esta vivaz, vehemente natureza,  
Tôda de fogo e luz,  
Que ama iacessante, que de amar não cansa,  
E continua produz  
Nos fructos o prazer, na flor a esperança.

Alli as nações todas se juntaram,  
Alli as várias linguas se falaram:  
A Europa convidada  
Veiu ao festim—não ao festim, ao preito.  
Vassallagem rendida foi prestada  
Ao talento, á belleza,  
A quanto n'alma infunde amor, respeito,  
Porque é devéras grande:—que a grandeza  
Os homens não a dão;  
Põe-na por sua mão  
N'aquelles que são seus,  
Nos que escolheu—so Deus.

Oh! minha pobre terra, que saudades  
D'aquelle dia! Como se me aperta  
O coração no peito co'as vaidades,  
Co'as misérias que ahí vejo andar alertas,  
A' sôlta, appregoando-se! Na intriga  
Na traição, na calúmnia é forte a liga,  
E fraca em tudo o mais.

Tu, socegado  
Descansa no sepulchro; e cerra, cerra  
Tem os olhos, como venerado,  
Não vejas o que vae por nossa terra  
Eu fecho os meus, para trazer mais viva  
Na memoria a tua imagem  
E a d'essa bella Inglez, que se esquivia  
De nós entre a folhagem  
Dos bosques de Parthenope. Cansado,  
Fito n'esta miragem

## XIX

## OS LUSIADAS

## EPILOGO DE PAGGI

## I

Co'a doce voz o Cysne lusitano  
Assim as proprias fêras abrandava;  
Mas nem o Tejo, de seu canto ufano,  
Nem as ingratas Tagides tocava:  
De seu impio destino deshumano  
Nunca as iras fataes, nunca domava;  
Nem achou entre os seus humanidade  
Quem moveria as pedras á piedade.

## II

Ingrata patria, o engenho sublimado  
Digno de um capitolio em Roma antiga,  
Tu não o ergueste d'esse baixo estado  
Em que só por tua glória se afadiga!  
O engenho que te inveja mallogrado  
Toda a nação de meritos amiga,  
Tu na vida em misérias o deixaste,  
E em leito vil á fome o assassinaste!

## III

Vae! Sua glória é mais hoje a maravilha  
Das gentes, porque mais o perseguiste;  
Morre o teu nome quando o seu mais brilha,  
Despojado d'elle a tua lingua triste;

Os olhos d'alma, em quanto que arrastado  
Vae o tardio pé  
Por este que inda é,  
Que cedo não será, bem cedo—em mal!  
O velho Portugal. <sup>1</sup>

## XVIII

## A UM AMIGO

Fiel ao costume antigo,  
Trago ao meu joven amigo  
Versos proprios d'este dia.  
E que de os vêr tam singelos,  
Tam simples como eu, não ria.  
Qualquer os fará mais bellos,  
Ninguém tam d'alma os faria.

Que sobre a flor de seus annos  
Soprem tarde os desenganos:  
Que emtôrno os bafeje amor,  
Amor da esposa querida,  
Prolongando a doce vida  
Fructo que succeda á flor.

Recebe este voto, amigo,  
Que eu fiel ao uso antigo  
Quiz trazer-te n'este dia  
Em poucos versos singelos:  
Qualquer os fará mais bellos,  
Ninguém tam d'alma os faria.

<sup>1</sup> Estes versos foram inspirados pela visita da celebrada Mrs. Norton a quinta do Lumiar, onde o fallecido duque de Palmella reunia, para a festejar, alguns poucos amigos escolhidos. Foi nos ultimos tempos de sua vida. Mrs. Norton reside actualmente em Napoles, a Parthenope de que fala o texto.

## XIX

## LA LUSIADA

## EPILOGO DI PAGGI

## I

COTAL cantava il lusitano cigno  
Molcendo con sue voce anco le fere,  
Non che l'amato patrio Tago e'l Migno,  
Fle del cinto suo Tagide altere:  
Che pur del suo destino empio e maligno  
Non puote unqua addolcir l'ire severe;  
Non trovando fra suoi humanitate  
Quei ch'i scelsi avria mossi anco a pietade.

## II

Potesti, ingrata patria, un spirto degno  
D'un campidoglio in una Roma antica,  
Non solleva da basso stato, indegno  
Di cui fiè per te gloria ogni fatica?  
Un spirto che t'invidia al maggior segno  
Ogni altra nazione di meriti amica,  
Veder soffrirti vivo egro e scontento  
Ed in vil letto di disagio spento!

## III

Ma vanne pur che, quanto iniqua, austera  
Fusti con lui, tanto fra l'altre genti  
Sorgera la sua gloria ove tua pera,  
Fino a cacciarne i tuoi nativi accenti.

Iberia o adoptou, França o perfilha,  
Britannia o quer; e agora eterno existe,  
Que n'um e n'outro italico idioma  
Entre os seus vates o colloca Roma.

## IV

Tu fica-te c'os ossos deshónrados  
Que te accusam de ingrata ao céu e á terra;  
Seu espirito, esse vae onde prezados  
São virtude e talento, e onde impia guerra  
Stulto o poder não faz aos mais honrados:  
Mais de outros já que teu, já não se encerra  
N'um canto do orbe sua altiva fama,  
Que Augusto a ampara e um Alexandre a acclama.

## V

Lá onde surge de alto monte, e brilha  
Sobre a escolhida grey de Deus a estrella,  
E igual áquella antiga maravilha  
Que os reis guiou a Deus, sobre os reis véla,  
Lá onde ao merito o poder se humilha,  
Beijia a paz da justiça a face bella,  
E de illustre carvalho á sombra amena  
Descansa Roma no velar de Siena.<sup>2</sup>

## VI

Lá vae, minha obra, e d'esta luz roubada  
Tu leva á patria musa esses primores;  
Em fala ignota estava sepultada,  
Raios de extranho sol são seus fulgores.  
Vae, viverás: tambem com luz furtada  
Deu vida Prometheu. Se mais não fores,  
Serás reflexo de belleza, lustre,  
E de eterno splendor émula illustre.<sup>3</sup>

1 Paggi esteve muitos annos em Lisboa, e aqui publicou duas edições da sua tradução dos *LUSIADAS*, que, se não tem o valor poético da de Nervi, nem a fidelidade da de Briccolani, é todavia muito apreciável. Este *epilogo* foi tirado da seg. edic. de 1659, que é a mais correcta, conservando-se-lhe a propria orthographia.

2 Cidade do grand-ducado de Toscana, patria do papa Alexandre VII, a quem a versão dos *LUSIADAS* foi dedicada.

3 Publicando-se a primeira vez esta tradução dos versos de Paggi no 2.º num. do vol. II do jornal a *SEMANA*, appareceu com uma introdução, da qual julgamos dever extractar alguns paraghos:

«Um nome illustre e portuguez, germanado pela inspiração pelas tradições patrias com a gloria de Camões, associa-se hoje á nobre desaffronta que um estrangeiro soube, ha seculo e meio, escrever no fim dos *LUSIADAS* em honra das esquecidas cinzas de Camões. O estrangeiro foi Carlos Antonio Paggi, que na sua tradução italiana dos *LUSIADAS* accrescentou, como *Epilogo*, seis formosas strophes em honra do poeta que a patria, ou antes a corte do seu tempo, votára a humilhação e á indigencia. O nome glorioso na historia contemporanea das nossas lettras é o de Almeida Garrett, que em bellissimos versos portuguezes trasladou a elegia melancolica com que o italiano Paggi apostrophou a indifferença, ou o des-

Adotteranio la nazione iberia,  
La franca, usi: adottar spirti eminenti,  
L'anglia; ed ambe le italiche favelle  
Vorrán che viva fra suoi poeti anch'elie.

## IV

Tienti pur l'ossa inonorate ancora  
Che t'accusan d'ingrata anco sepulte;  
Che lo spírito di lui, già di te fuora  
Non errarà, né fien sue pene inulte;  
Vedrailo accolto ove virtù s'onora:  
Già più d'altri che tuo, fra le più culte  
Genti del orbe, e maturar sua speme  
Sotto un Augusto e un Alessandro insieme

## V

La ve ad illuminar da eccelso monte  
Astro di Dio, l'eletta gregia, sorge,  
Che al par di quel che ad inchinar la fronte  
Condussi i regi a Dio, i regi s'orgo,  
La dove il merto abbatte sforzi ed onte,  
La giustizia á la pace il labro porge,  
E di quercia Feretria á l'ombre amena  
Riposa Roma al vigilar di Siena.

## VI

Or la vanne, opra, ed á le patrie muse,  
Quasi terzo cristal le luci rendi  
Che sotto ignoto dir sepolte e chiuse  
Da sol che altrove splende or furi e prendi.  
Vanne, e qual già Prometteo anima infuse  
Con le luci non sue, tu vita attendi:  
Specchio del altrui bello, emulo industrie  
E d'eterno splendor riflesso illustre.

preso que foram em vida de Camões a tença mais avultada que os poderosos lhe destinaram no seu livro de mercês.

«Quem gravou mais estes versos na lista de Camões, quem lhe refrescou as cinzas com mais esta saudade, foi o poeta, que resume no seu nome, como n'um traço conciso, toda uma regeneração litteraria, o poeta que marca no stadio das lettras um repoi; so ameno depois do servilismo, ou da inanição da poesia nacional, o mesmo que celebrou Camões em versos unguídos de sentimento e de saudade intima; aquelle que interrogou os portuguezes sobre o logar onde jaziam os ossos do maior genio da nossa terra; foi o proprio que em Portugal, onde só a opulencia tem monumentos, e a nullidade estatuas, levantou o mais clamoroso brado a favor d'aquella pobre ossada, perdida, profanada, pisada talvez sacrilegamente pelos fillos degenerados d'uma patria civilisada; foi aquelle mesmo que rematou tambem um dos seus mais graciosos e sentidos poemas, com esta apostrophe, temerosa e solemne, já tantas vezes citada por nacionaes e estrangeiros:

Onde jaz, portuguezes, o moimento  
Que do immortal cantor as cinzas guarda?  
Homenagem tardia lhe pagastes  
No sepulchro siquer? Raça de ingratos!»

## XX

## O TEJO

AO SENHOR VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

PELO CONDE DE CAMBURZANO

Nessas margens risonhas do Tejo  
 Não ha som que não cante de amor;  
 Em suas ondas azues o lampeio  
 Das estrellas, no albor, se espelhou.

Essa terra produz a violeta  
 Ao primeiro sorrir da manhã,  
 Vago Zephyro a flor indiscreta,  
 Sussurrando, lascivo beijou.

É loquaz este bosque sombrio,  
 Cheio ainda do canto dos bardos;  
 Aqui é Tempe, aqui o Ménalo frio,  
 E o Meandro que os cysnes produz.

Oico uns ecos de magica lyra  
 Pela noite ir ao longo da praia...  
 Quem é esse tam fero que ahi gira  
 E do dia desdenha da luz?

É Catão, <sup>1</sup> — só a este não doma  
 Quem a terra fez muda a seu mando;  
 É Catão — a infamia de Roma  
 Na sua frente jámais não pesou.

Como geme alva pomba ferida,  
 Assim Mérope <sup>2</sup> gen e lamenta;  
 São as trompas guerreira alarida,  
 E a alegria ao seu peito voltou.

Nas cumiadas de Herminio <sup>3</sup> nevosas,  
 Que dos horridos gelos se c'róam,  
 Vê a aurora coberta de rosas  
 De belleza em que pompa surgiu!

Na hastera debil as tenras florinhas  
 Vão o puro rocio bebendo,  
 Cada gota do céu, nas hervinhas,  
 Rica perola ardente luziu.

Mas o cenio do monte, que horrendo  
 Entre as sombras impera da noite,  
 Bate as azas, já foge e fremendo  
 No profundo do mar mergulhou.

Repentino lá surge um guerreiro,  
 Torvo o cenho, a armadura de ferro...  
 É Viriatho... a seus pés—o primeiro!  
 Cai as Aguias que o mundo adorou.

Da caverna que os ossos lhe encerra  
 Surde a voz... Inclinae as cabeças  
 Ante o livre que impavido a terra  
 —Ou morrer — ou salva-a jurou...

Ermudece a harpa. — O nome adorado  
 Da sua Julia <sup>4</sup> as bridas cantem!  
 Sobre a fronte ao poeta sagrado  
 Phebo proprio os seus loiros poisou

## XX

## IL TAGO

AL SIGNOR VISCONTE DE ALMEIDA-GARRETT

DAL CONTE DI CAMBURZANO

Sulle sponde ridenti del Tago  
 Dice ogni eco canzone d'amore,  
 In que' flutti d'azzurro si vago  
 Ogni stella al mattin si sp'chiò.

Quella terra produce la viola  
 Al primiero dell' alba sorriso,  
 Zefiretto che leno trasvola  
 Sussurrando quel fiore baciò.

Son loquaci le brune foreste,  
 Piene ancora del canto de' bardi,  
 Quivi è Tempe, qui Menalo agreste,  
 E'l Meandro che i cigni nutrí.

Odo un suono di magica lira  
 Lungo il lido sull' umida sera...  
 Chi è colui che si fiero s'aggira  
 E disdegna la luce del dì?

Egli è Cato, <sup>1</sup> lui solo non doma  
 Chi la terra fé muta á suoi cenni;  
 Egli è Cato, l'infamia di Roma  
 Sul suo capo giammai non pesò.

Come gemon le bianche colombe,  
 Così Mérope <sup>2</sup> piange e lamenta;  
 Ma improvviso squillare di trombe  
 Alta gioja id suo cuore versò.

Su le cime d'Erminio <sup>3</sup> nevose,  
 Lui fan gl'orridi ghiacci corona,  
 Vè l'aurora cosparsa di rose  
 Qual fa pompa di rara beltà!

I fioretti sul gracile stelo  
 Van bevendo la pura rugiada,  
 Ogni stilla caduta dal cielo  
 Fra l'erbette una perla si fa.

Ma lo Spirto del monte, che orrendo  
 Tiene impero fra l'ombre di notte,  
 Bate l'ali, già fugge fremendo  
 Nel profondo dei mari piombò.

Um guerriero repente si desta,  
 Torvo il ciglio, rachiuto nell'arme,  
 È Viriato... un vessillo calpesta  
 Che tremante la terra mirò.

Dallo speco che l'ossa ne serra  
 Una voce si parte — t'inchina  
 A colui che la libera terra  
 O far salva o perire giurò...

Tace l'arpa... Di Giulia <sup>4</sup> ripeta  
 Ogni Briade il nome soave!...  
 Su la fronte del sacro poeta  
 Febo istesso l'alloro posò.

<sup>1</sup> Allude á tragedia CATÃO do Sr. Garrett.

<sup>2</sup> Allude á tragedia MÉROPE do Sr. Garrett.

<sup>3</sup> Do mesmo modo allude á CAVERNA DE VIRIATHO, publicada ultimamente nas FLORES SEM FRUCTO, com a tradução franceza por Mlle de Flaugergues

<sup>4</sup> Allude igualmente á ode em canção II do livro primeiro — FLORES SEM FRUCTO.

1 Idem.

2 Idem.

3 Idem.

4 Idem.

## XXI

## CANÇÃO DA DONZELLA FINLANDEZA

O! se o meu Bem me volver,  
 Se quem d'antes via, eu vejo,  
 E a loba em sangue, lh'a beijo;  
 E a mão vou-lh'a apertar,  
 Cobras lh'a andem a enroscar.  
 Ah! se o vento alma tivera,  
 Língua o ar da primavera,  
 Fôra a sua voz bastante:  
 Novas levára e trouxera  
 Entre um e outro amante.  
 Desprezo finos guizados,  
 Deixo ao cura os seus assados;  
 Só quero amar, ser constante  
 A quem o verão me deu  
 E o inverno aftezja ser meu.<sup>1</sup>

## XXI

## CARMEN FENICAE PUELL E

ILLE si meus veniret,  
 visus ante si veniret;  
 Illitum lupi cruore  
 Os libenter osculari;  
 Si ter implicaret anguis,  
 At manum manu tenerem.  
 Si qua mens, adesset austro,  
 Si qua lingua veris aurae;  
 Ferret aura, ferret auster,  
 Et referret usque verba,  
 Nuntians, amanti amantis.  
 Nil moror dapes opimas,  
 Presbiter nihil quod assat,  
 Dum mihi meum reservem,  
 Quem mihi subegit aestas,  
 Bruma quem dedit domandum.

A. HEDNER.  
 Praepositus Yrjöensis.

<sup>1</sup> O original é phenicio ou hebreu.

Esta pequena Fênica, canção em muito tunico, é considerada do Norte como um desses raros exemplares da literatura primitiva dos povos que a caracterizam (como tal tem sido traduzida em muitas línguas com o auxílio das versões litteraes, que para isso se publicaram em Stokolmo).

## XXI

## EYTON RUNO SUOMALAISEN

Jos mun tuttuni tulisi,  
 Ennen nähtyni näkyisi,  
 Silleen suuta suikkajaisin;  
 Jos olis suu suden veressä;  
 Sillen kättä kappajaisin  
 Jospa käärme kämmen-päässi  
 Olisko tuuli mielellisnä,  
 Ahawainen kielellisnä,  
 Sanan toisi, sanan weisi,  
 Sanan liian liikuttaisi,  
 Kahden kaunihin välillä.  
 Ennen heitän herkkuruuat,  
 Paistit pappilan uohdan,  
 Ennenkun heitän herrittaseni,  
 Kesän kestyeltäni,  
 Talven taituuteltani.

## XXI

## ΠΑΡΑΘΩΝ ΦΥΝΙΚΟΝ

Ὡς ἴατο ὁ προσκύων μοι,  
 Τὸν πότμι χροὶν ἴδοιμι,  
 Ἐνδὲ καὶ λυκὸν ποδῶν ἐν  
 Αἰματοςταγῇ τὰ χεῖρα.  
 Ἐν χερσὶν αὐτοῦ δὲ πῶσο  
 Ὅπως οὐ ταχέως ὀλῆμους.  
 Εἰ γένοιτο ἔρρωτον μὲν ἄνθρωπος,  
 Εἰ πνεῦμα δ' ἐνπνοῦδος ἄνθρωπος.  
 Σὺν τάχει προσὸν ὄντων τε,  
 Τότις ἐν ἀλλήλων ἐρίωντων  
 Πιστεὶς λόγους κοινῶς.  
 Πῶς ἡγεμενὸς οὐ μενέων,  
 Ὅτι καὶ κρῖν ἢ κρῖνος ἔργον  
 Μάλλιν, ἢ τὸν δὲ καὶ ἰσχυρότερον.  
 Τούτοις ἐν ἑσπέρῃ θνήσκοντες,  
 Εὐ κρῖν κατεκτείνοντες.

J. SPONBERG.  
 Professor Linguae Graecae.

For este modo se fez a portugueza; e creio ser a primeira que apparece nas linguas do sul, lous com ella as versões todas, poéticas e litteraes, que me chegaram a mão. Muito aproveitaria ao estudo das linguas e litteraturas da Europa se os nossos litteratos se dessem com o mesmo empenho ao estudo das runas e sagas do Norte com que alli se dão ao das nossas xacaras e solas.



## TRADUÇÕES LITTERAES

I  
ALLEMAN

Oh! wenn mein Geliebter<sup>1</sup> kommen würde,  
Der früher gesehene, wenn er erschiene (erscheinen würde):  
Sogleich würde ich einen Kuss auf seinen Mund drücken.<sup>2</sup>  
Auch wenn er (der Mund) mit Wolfsblut besudelt<sup>3</sup> wäre:  
Seine Hand würde ich zugleich auch warm (berührt) fassen.<sup>4</sup>  
Wenn auch eine Schlange sich um seine Finger schlängelt!  
Ach! wenn der Wind Verstand hätte.<sup>5</sup>  
Der frische Lenzeshauch, wenn er einer Sprache mächtig wäre:<sup>6</sup>  
Ein Wort würde er hinbringen,<sup>7</sup> ein Wort würde er zurückbringen:  
Mit Nachrichten würde er schnell eilen.<sup>8</sup>  
Zwischen zwei Liebenden —  
Lieber verschmähe ich die kostbarsten Speisen,<sup>9</sup>  
Vergesse lieber den Braten auf des Priesters Tische,<sup>10</sup>  
Als dass ich meines H<sup>er</sup>zens Geliebten verlasse.  
Den, welchen ich im Sommer mir ergeben machte.<sup>11</sup>  
Den, welchen ich im Winter (an mich) befestigte.<sup>12</sup>

<sup>1</sup> Eigenti: mein Bekannter.<sup>2</sup> Ganz wörtlich: ihm den Mund ich sogleich hinhalten würde, d. h. ihn küssen.<sup>3</sup> Ganz wörtlich: wäre auch sein Mund in Wolfsblut, d. h. wäre er mit Wolfsblut befleckt.<sup>4</sup> Wörtlicher: ich würde ihm einen leichten Handschlag geben.<sup>5</sup> Ganz wörtlich: wäre der Wind als Verstand-besitzend.<sup>6</sup> Oder: wäre als sprachmächtig.<sup>7</sup> Eigenti: holen.<sup>8</sup> Ganz wörtlich: ein Wort zur Genüge, würde er (der Wind, der Hauch) in Bewegung bringen (ergehen machen), d. h. würde er wechselweise bringen zwischen, etc. (Dieser Vers ist, wie man sieht, na Geist und Sinn, nur ein Parallelismus zu dem nächst vorangehenden. Solche findet man nicht selten in der binnischen Reuen-Dichtung.)<sup>9</sup> Uebersetzt: Herrenessen.<sup>10</sup> Ganz wörtlich: des Pfaffenhauses Braten (Plur.) ich lieber vergesse.<sup>11</sup> Oder: mit antöckte, d. h. machte dass er sich an mich schloss.<sup>12</sup> Oder: bündigte, d. h. nach meinem Sinne lenkte.III  
LATINA

O, si ille familiaris meus veniret,  
Antea visus mihi appareret!  
Statim ei os porrigerem,<sup>1</sup>  
Etiam esset (os) lupi cruore maculatum.<sup>2</sup>  
Manum ejus calide<sup>3</sup> premerem,  
Etiam anguis digitos cingeret.<sup>4</sup>  
O! si ventus esset ment praeditus,<sup>5</sup>  
Si flamen<sup>6</sup> veris alacris<sup>7</sup> lingue esset potens:  
Verbum huc ferret, verbum referret,<sup>8</sup>  
Nuntium vicissim motu ageret.<sup>9</sup>  
Iuter duos amantes. —  
Rejiciam potius lautissimas cupedias.  
Quin carnis assae de mensa presbyteri!<sup>10</sup> obliviscar.  
Quom meum ex corde amatum deseram;  
Quem aestate mihi deditum reddidi,<sup>11</sup>  
Quem hieme satis mansuefeci.<sup>12</sup>

<sup>1</sup> Eum mox osculari.<sup>2</sup> Proprie: etiam si in lupi cruore os esset, i. e. etiam si lupi cruori in ore ejus esset.<sup>3</sup> Proprie: facile.<sup>4</sup> Proprie: etiam anguis in extrema manu (esset).<sup>5</sup> Sive: O, si ventus esset intellectus!<sup>6</sup> Sive: aura.<sup>7</sup> Recreans.<sup>8</sup> Sive: verbum adduceret, verbum reportaret.<sup>9</sup> Proprie: verbum plus quam sufficiens in motum ageret (move-  
veret).<sup>10</sup> Proprie: de villa presbyteri, i. e. quae in villa presbyteri so-  
let esse. Carnis assae frustra presbyteri mensae appositae.<sup>11</sup> Sive: quem aestate ita tractavi, ut se mihi dederet.<sup>12</sup> Sive: quem hieme ita tractavi, ut mihi obediret.II  
INGLEZA

Oh! if my beloved<sup>1</sup> would come,  
The before seen, if he would appear;  
Instantly I should press a kiss on his mouth.<sup>2</sup>  
Even though it (the mouth) were stained with the blood of a wolf.  
His hand I should at the same time warmly cordially<sup>3</sup> seize,<sup>4</sup>  
Even though a snake wound round his finger!  
Oh! if the wind had understanding.<sup>5</sup>  
The fresh zephyrs of the spring, if they were capable of speech:  
A word (they) would bring hither,<sup>6</sup> a word they would return.  
With intelligence they would quickly hasten.<sup>7</sup>  
Between two lovers —  
I should sooner give up the next dishes,<sup>8</sup>  
I forget rather the roast-meat on the priest's table  
Than I forsake my dear beloved.  
Him, whom in the summer I made attached to me.<sup>9</sup>  
Him, whom in the winter I captivated.<sup>10</sup>

<sup>1</sup> Or: intimate; properly: well-known.<sup>2</sup> Literally: to him I should instantly offer my mouth, that is to say: kiss him.<sup>3</sup> Quite literally: even though his mouth were in the blood of a wolf; that is to say: it it were besmeared with the blood of a wolf.<sup>4</sup> More literally: I should give him a tight squeezing of the hand.<sup>5</sup> Quite literally: if the wind were as if possessing understand-  
ing.<sup>6</sup> Properly: fetch.<sup>7</sup> Literally: a word which were sufficient, they (the winds, the zephyrs) would set a-going, that is to say: they would alternatively bring between, etc. (This verse forms, as it appears, in sense and thought, a parallelism with the preceding verse. Such are not seldom met with in the Finlänian runic poetry.)<sup>8</sup> Very near: the gentlemen's (the lord's) meat.<sup>9</sup> Quite literally: forget rather the roast-meats of the priest's house.<sup>10</sup> Or: attracted to me, that is to say: caused him to become attached to me.<sup>11</sup> Or: tamed, that is to say: made him submit to my mind or will.IV  
FRANCEZA

Ah! si mon bien-aimé<sup>1</sup> voulait venir,  
Celui que je voyais jadis, voulut-il réparer!  
A l'instant je presserais un baiser sur sa bouche,<sup>2</sup>  
Si même elle était tachée de sang de loup.<sup>3</sup>  
Je saisirais ardemment sa main<sup>4</sup>  
Quand même un serpent fût roulé autour de ses doigts.  
Oh! si le vent avait de la raison,<sup>5</sup>  
La fraîche haleine du printemps, si elle savait une langue:  
Elle irait chercher un mot, un mot elle rapporterait;  
Vite elle se hâterait avec des nouvelles.<sup>6</sup>  
Entre deux amants. —  
Plutôt je me passerais des mets les plus délicats,<sup>7</sup>  
J'oublierais plutôt le rôti sur la table du pasteur,<sup>8</sup>  
Que je n'abandonne le chéri de mon cœur.  
Celui qu'en été je m'attachai,  
Celui que j'enchaînai pendant l'hiver.<sup>9</sup>

<sup>1</sup> Proprement dit: mon bien-connu.<sup>2</sup> Littéralement: je lui t'embrasserais à l'instant la bouche, c'est-à-dire: je le baiserais.<sup>3</sup> Tout-à-fait littér.: fut même sa bouche dans le sang d'un loup, c'est-à-dire: fût-elle souillée de sang de loup.<sup>4</sup> Plus littér.: je lui donnerais un léger serrement de main.<sup>5</sup> Tout-à-fait littér.: si le vent était possédant de la raison.<sup>6</sup> Plus littér.: un mot, qui suffirait déjà, elle le mettrait en mouvement, c'est-à-dire: elle le porterait alternativement entre, etc. (Ce vers ne forme, comme il le paraît, qu'un parallélisme d'esprit et de pensée avec le vers précédent; on en trouve souvent dans la poésie finnoise.)<sup>7</sup> A peu près: nourriture des Messieurs.<sup>8</sup> Tout-à-fait littér.: j'oublierais plutôt les rôti du presbytère.<sup>9</sup> Or: attirai vers moi, c'est-à-dire: je qu'il s'attache à moi.<sup>10</sup> Or: apprivoisai, c'est-à-dire: qu'il se fût attaché à moi.

## NOTAS

### Nota A

Coquette dos prados..... pag. 177

A palavra *coquette* não é portugueza. Mas não ha remedio senão acceital-a e dar-lhe a carta de naturalisação desde que a coisa se afforou tanto entre nós.

### Nota B

Voz e aroma..... pag. 182

Parece-me, e quero confessal-o, que estes versos são uma reminiscencia de Lamartine.

### Nota C

No Lumiar..... pag. 184

Tinha promettido estes versos sobre a visita de Mrs. Northon ao Lumiar. ha tres para quattros annos, ao nosso commum amigo S. de L. Perdõe-me elle se tam tarde cumpro a minha promessa. — Dezembro, 1871.

### Nota D

O fejo..... pag. 187

O Sr. Conde de Camburzano, secretario da Loga-ção de Sardenha em Lisboa, foi aqui mui pouco conhecido da nossa sociedade, nem o seria com vantagem, porque dansar e jogar, jogar e dansar, de verão e de inverno, nossa occupação exclusiva e unica, não podia ser a de um homem de forte pensar e de vehemente sentir.

Manda-lhe aqui estas saudades um dos poucos portuguezes que tiveram a fortuna de o conhecer.

### Nota E

Deixo ao cura os seus assados..... pag. 188

Este pequeno poema foi-me enviado de Stockolmo pelo illustre litterato o Sr. Zetterquist, com as traduções poeticas e litteraes que publico juntamente com o texto, e que me serviram para fazer a tradução portugueza que com tanta instancia me pediram. Vem tudo acompanhado da seguinte explicação em francez, que aqui ponho textualmente também para melhor esclarecimento do assumpto:

REMARKES DIVERSES SUR CETTE RUNA FINOISE

Ce petit poëme, que l'on peut appeler une réminiscence de l'état d'innocence primitive des peuples et des langues, fut composé il y a peut-être quelques siècles, par une jeune paysanne finnoise. Comme le chant l'indique, elle paraît avoir eu un amant auquel elle avait donné son cœur et son premier amour, mais qui, plus tard, pour une cause quelconque, l'abandonna, malgré les promesses de mariage qu'il avait jurées à sa fiancée. Une circonstance pareille n'a ja-

uma Runa est un mot finois qui signifie Chanson. Les plus anciens caractères des peuples germaniques et scandinaves, qu'ils emploient surtout dans le style lapidaire, portent, comme l'on sait, le nom de Runes d'où le terme Runographie pour désigner ce genre d'écriture.

mais etc et ne sera jamais rien d'extraordinaire; c'est, nonobstant, le thème de ce chant si simple. Simple, il est vrai; mais il ne manque pas pour cela d'originalité, ni même de poésie, pareil en cela, du reste, à tous les vieux et sublimes chants nationaux du Nord. Je pourrais même à cet égard soutenir sans exagération que celui qui nous occupe est l'un des plus beaux produits de la poésie populaire. Où trouver, par exemple, une pensée plus sublime que celle de la seconde stance, où cette Sapho, quoique n'étant pourtant pas de Lesbos, donne sous l'inspiration du moment, l'essor aux brûlants sentiments de son cœur: «*Où si le vent était doué de raison, et la fraîche haleine du printemps, si elle savait une langue: ils porteraient alors un mot d'amour et le rapporteraient entre deux amants.*» Mais que l'on n'oublie pas non plus que c'est l'amour, chez cette poëte toute d'inspiration naturelle, née et grandie dans un pays de forêts couvertes de neiges et de glaces, qui lui a mis sur les lèvres ces paroles d'une si douce poésie. Quant à la 3<sup>ème</sup> ou dernière stance, il me semble aussi nécessaire d'y fixer l'attention plus spéciale du lecteur. On pourrait, par aventure, regarder comme une espèce d'étrangeté les expressions suivantes: «*Plutôt je me passerais des mets les plus délicats, j'oublierais plutôt le rôti sur la table du pasteur, que je n'abandonne le chéri de mon cœur.*» Pour celui qui ne connaît pas les particularités caractéristiques des pays insulaires, et leur appréciation des choses une image ou un objet concret pareil au rôti sur la table du pasteur, pourrait paraître quelque chose d'étonnant en poésie; mais cette pensée ou cette image ne présente par contre rien d'étonnant, lorsque l'on est initié à la vie nationale de la Finlande, et surtout, si l'on sait quelle profonde vénération les paysans finois avaient jadis pour leur prêtre, pour leur instituteur religieux: mais outre cette sainte vénération, que touchait presque à une adoration mystique, ils donnaient à ses biens matériels une valeur et leur montraient un respect non moins grands. La jeune fille, inspirée par le dieu de l'amour, n'aurait donc voulu pour les friandises les plus recherchées au monde, pas même pour les mets les plus délicats que la table du pasteur pût offrir, se départir de l'objet aimé. Cette strophe renferme aussi, en conséquence, une pensée tout aussi raisonnable que belle. — Et quoique ce petit morceau lyrique soit un modèle de style simple et naturel, il ne se fait, on vient de le voir, pas moins remarquer par un sentiment ardent, par sa force et surtout par de ces images hardies comme des poètes plus exercés et plus instruits on chercherait en vain.

Juste dans tous les cas espérer qu'on ne n'imputera raisonnablement pas à blâme, d'avoir, comme base de mon entreprise, choisi de préférence ce simple chant antique, au lieu de prendre un morceau moderne d'une autre tendance. Un original de caractère religieux, n'aurait, par exemple, indubitablement pas convenu; d'autant plus que comme il s'agit ici d'obtenir le plus grand nombre possible de traductions, non seulement en langues écrites mais encore en idiomes provinciaux, le morceau que j'ai choisi

me paraît plus que tout autre propre à conduire à ce résultat.

Si j'en viens maintenant au but même de mon travail, je crois pouvoir déclarer à ce sujet, qu'à tous égards, une collection polyglotte semblable doit indubitablement être fort intéressante : pour les personnes possédant des connaissances philologiques plus ou moins grandes, et surtout pour celles qui s'occupent de linguistique comparée. Un résultat pareil dépend naturellement de la fidélité, de l'exactitude qui sera apportée à chaque traduction. L'on ne doit, en conséquence, pas considérer cette entreprise comme une affaire de curiosité, ni comme un simple amusement, mais comme un travail utile, autant que possible, pour l'histoire générale des langues.

Sous le point de vue de la réunion d'un si grand nombre de traductions, tant en dialectes qu'en langues écrites mortes et vivantes, elles seront rangées en ordre systématique basé sur leurs origines et leurs affinités. Le nombre d'idiomes dont cette *carte philologique* se composera, dépendra naturellement de la quantité de traductions que j'obtiendrai. Cependant, me fondant sur la bienveillance dont j'ai déjà été l'objet pendant le cours de quelques années, j'ose espérer que la collection se composera d'environ 200 ou 300 idiomes, dont je possède déjà un nombre assez considérable. Cet ouvrage sera encore augmenté de quelques appendices de musique, et d'une introduction philologico-historique. Ensuite, les traductions seront autant que possible imprimées avec les caractères particuliers à chaque langue.

Enfin, que l'on me permette d'ajouter au sujet de cette Runa finnoise, qu'avant moi déjà, diverses personnes l'ont remarquée avec intérêt; je dois nommer entr'autres le Conseiller d'Etat suédois S. E. Mr. A. F. de Skjöldebrand, lequel publia en 1810 à Stockholm une magnifique collection de gravures sur la Suède, la Finlande et la Laponie, suivie d'une description en langue française, et portant le titre de *Voyage pittoresque au Cap Nord*. La Runa que j'ai choisie se trouve dans cet ouvrage, tant en original, qu'en traduction française en prose. L'auteur y annonce qu'elle lui fut communiquée par Fr. Mich. Fränzen (alors professeur à l'Académie d'Abo) comme un des

meilleurs échantillons de la poésie runique finnoise, et l'un des plus propres à montrer à quel riche degré la nation finnoise possède l'inspiration poétique. Mais la langue finnoise est aussi sous le point de vue grammatical singulièrement flexible, elle est surtout fort mélodieuse, ce qui lui donne une certaine ressemblance avec le Grec antique.

A peu près vers le même temps que l'ouvrage de Mr. de Skjöldebrand, apparut en anglais, d'un certain Joseph Arcebi, une description de Voyage en Suède, en Finlande et en Laponie, dans laquelle se trouve aussi la même Runa, en traduction anglaise, faite toutefois assez librement. Cette description de Voyage, fort intéressante a été traduite en français et en allemand. Mais ces deux auteurs ne sont pas les seuls: le célèbre poète allemand Goethe a fait aussi de ce chant une traduction imprimée dans ses : *Poetische und Prosaische Werke*.

#### QUELQUES INDICATIONS PARTICULIÈRES POUR LES TRADUCTEURS DE CE CHANT

1.<sup>o</sup> MM. les traducteurs voudront bien suivre, aussi fidèlement que possible, l'une des trois traductions verbales ci-dessous. 2.<sup>o</sup> Quant aux idiomes dans lesquels il serait difficile et peut-être même impossible de faire des traductions en vers, l'on devra, dans un tel cas, se contenter de les faire en prose, plutôt que de n'en point faire du tout. Je désire toutefois que ces traductions soient en vers blancs (non-rimés), comme les trois traductions verbales. 3.<sup>o</sup> Si le traducteur voulait communiquer quelques explications grammaticales sous forme de notes, elles seraient reçues avec la plus grande reconnaissance. 4.<sup>o</sup> De même, si quelqu'un voulait se charger, en cas que ce fût possible, de procurer de la musique à l'une des traductions, ce serait aussi une chose que je désirerais volontiers. 5.<sup>o</sup> MM. les traducteurs sont priés d'écrire leurs traductions, aussi distinctement que possible, pour éviter les fautes typographiques qui pourraient s'y glisser. 6.<sup>o</sup> L'on ne doit pas oublier de traduire le titre: *Chant d'une jeune paysanne finnoise*. 7.<sup>o</sup> Chaque traducteur voudra bien signer sa traduction.

G. G. ZETTERQUIST.



# CAMÕES

## NA QUARTA EDIÇÃO

Concluimos enfim esta quarta edição authentica do poema *Camões* que ha tanto era desejada. Foi revista e augmentada pelo auctor ainda com mais escrupulo e esmero do que as antecedentes, que nenhuma d'ellas, e esta menos que nenhuma, se pôde dizer reimpressão da antecedente: todas têm sido additadas assim no texto do poema como nas notas.

A nitidez e elegancia typographica da presente edição tambem é facil de vêr quanto excede as outras: homenagem de reconhecimento não menos devida pelos editores que pelo auctor á excessiva indulgencia e favor público com que esta obra tem sido universalmente accollhida.

Lisboa, 21 de Março de 1854.

## NA TERCEIRA EDIÇÃO

Dêmos a segunda edição authentica do presente poema em mais de meado de 1839; e em menos de um anno estava extincta, quasi no só consummo da Europa, pois que as contrafeições brasileiras impedem o da America. Vem tam demorada esta terceira edição porque o auctor a não queria consentir sem revêr escrupulosamente a obra, sem a corrigir e augmentar de novo, como é seu costume. Faltava-lhe vagar; mas resolveu se enfim a satisfazer ao empenho do público: e hoje sae outra vez o poema *Camões* mais perfeito e mais digno de sua popularidade, pela muita correcção, additamentos e melhorias que leva.

Entre as muitas homenagens que este bello poema tem recebido de nacionaes e estrangeiros, escolhemos, para lhe dar logar aqui e para mais illustrar esta nossa terceira edição, a elegantissima Ode de M.<sup>lle</sup> Pauline de Flaugergues, publicada na sua bem conhecida collecção que tem por titulo *Au bord du Tage* (Paris 1841). Ao pé d'ella achará o leitor, no logar competente, a linda tradução que dedicou ao nosso illustre poeta um de seus mais distinctos admiradores, o Sr. J.

M. do Amaral, actualmente ministro do Brazil na Russia.

Lisboa, 8 de Julho de 1854.

## NA SEGUNDA EDIÇÃO

A primeira edição d'este poema, que se concluiu em Paris em 22 de Fevereiro de 1825, extinguiu-se logo em dous annos pelo ingenuo favor do publico, que se não faziam então ainda em Portugal as reputações dos homens e dos escriptos a tanto por linha nas columnas de um jornal. Era, de mais a mais, obra de um proscripto: apenas se annunciava entre os amigos, ao ouvido. Só um anno depois de publicada e mais de meia extrahida a edição, é que d'ella se pôde fazer aviso nas folhas públicas de Portugal, quando restaurada a liberdade pela *outorga* da Carta. No fim de 1827 já se reclamava segunda edição do poema *Camões*. Mas primeiro as vicissitudes politicas do reino e occupações graves do auctor, depois o desejo de se mostrar grato ao favor publico, aperfeçoando e corrigindo em idade de mais reflexão o que elle sinceramente entendia que só lhe fôra desculpado por verdura juvenil, foram addiando indefinidamente a execução d'este que era commum desejo do auctor e do publico.

No entretanto contrafeições brasileiras produziram as primeiras edições d'esta assim como de outras obras do auctor; estimulo que principal e finalmente o resolveu a tirar ás horas do descanso de suas occupações para corrigir a obra e a entregar de novo ao prélo.

Muitas publicações litterarias nacionaes e estrangeiras tinham, no intervallo, examinado, censurado e louvado o poema *Camões*. Entre outros jornaes, o *Portuguez em Londres*, o *Patre Amaro*, o *Popular*, os *Ocios de los Españoles emigrados*, Mr. Kinsey no seu *Portugal Illustrated*, o *Foreign Quarterly Review*, e ultimamente, a *Revista do Porto*. Cada um a seu modo e gosto notou o que lhe pareceu belleza ou defeito; todos porém o fizeram com urbanidade e indul-

gencia tal, que não só penhorou o auctor, mas produziu em seu ânimo o que infallivelmente produz sempre a censura bem criada — o contrario das invectivas grosseiras que hoje são moda — desejo e empenho verdadeiro de emendar os defeitos notados, e os muitos mais e maiores que por si proprio descobrira e de que se accusava.

N'este intuito releu o seu juvenil ensaio, e algum tempo hesitou se o renovaria dos fundamentos e trataria inteiramente em novo plano. Resolveu porém não o fazer, porque embora ficasse a obra melhor — quem sabe se ficaria? — era outra, não já a mesma: e entendeu ser quasi um crime de falso para com o público dar-lhe, com o mesmo nome e titulo, uma composição differente da que já merecera, ainda que por insigne indulgencia, a sua incontestada approvação.

Sem alterar portanto a contextura original do poema, todo se deu a corrigir o estylo, a supprir algumas não poucas deficiencias no desenho de varios quadros, a aperfeiçoar as côres de todos, enriquecendo-o e augmentando o tanto, que, sendo indisputavelmente a mesma, é todavia uma nova obra a que n'esta edição se publica.

Algumas das notas exuberantes e em que se via o desejo de criança que queria brilhar de erudita, foram cortadas, muitas outras necessarias á intelligencia do texto, ou uteis para illustrar alguns pontos de archeologia e historia litteraria foram augmentadas. Repetimos que é inteiramente uma nova obra, e a mesma todavia.

Por parte dos editores heuve todo o esmero e cuidado: algumas pequenas incoherencias orthographicas são devidas á incerteza da medida legitima entre nós, que o auctor tanto tem forçado por fixar afferindo a pelo seu unico typo verdadeiro, e possivel, a etymologia modificada pela pronuncia.

Lisboa, 30 de Setembro de 1839

### NA PRIMEIRA EDIÇÃO

A indole d'este poema é absolutamente nova: e assim não tive exemplar a que me arrimasse, nem norte que seguisse

Por máres nunca d'antes navegados.

Conheço que elle está fóra das regras; e que se pelos principios classicos o quizerem julgar, não encontrarão ahi senão irregularidades e defeitos. Porém declaro desde já que não olhei a regras nem a principios, que não consultei Horacio nem Aristoteles, mas fui insensivelmente depós o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos calculos da arte e operações combinadas do espirito. Tambem o não fiz por imitar o estylo de Byron, que tam ridiculamente aqui *macaquiam* hoje os Francezes a tórto e a direito, sem se lembrarem que para tomar as liberdades de Byron, e commetter impunemente seus atrevimentos, é mister haver um tal engenho e talento que, com um só lampejo de sua luz, offusca todos os descuidos e impede a vista deslumbrada de notar qualquer imperfeição. Não sou classico nem romantico; de mim digo que não tenho seita nem partido em poesia (assim como em coisa nenhuma); e por isso me deixo ir por onde me levam minhas idéas boas ou más, e nem procuro converter as dos outros, nem inverter as minhas nas d'elles: isso é para litteratos de outra polpa, amigos de disputas e questões que eu aborreço.

A acção do poema é a composição e publicação dos *Lusiadas*; os outros successos que occorrem são de facto episodicos, mas fiz por os ligar com a principal acção. Tam sabida é a fabula ou enredo dos *Lusiadas* e a vida de seu auctor, que nem tenho mais explicações que fazer a este respeito, nem será difficil ao leitor o distinguir no meu opusculo o historico do imaginado: mas não se parará decerto muita coisa, porque das mesmas ficções que introduzi, têm sua base verdadeira as mais d'ellas.

Sobre orthographia (que é força cada um fazer a sua entre nós, porque a não temos) direi só que segui sempre a etymologia *em razão composta* com a pronuncia; que accentos, só os puz onde sem elles a palavra se confundiria com outra; e que de boamente seguirei qualquer methodo mais acertado, apenas haja algum geral e racionavel em portuguez: o que tam facil e simples seria se a nossa Academia e govêrno em tam importante coisa se empenhassem.

Paris, 22 de Fevereiro de 1825.

Ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

## JOÃO BAPTISTA DE ALMEIDA GARRETT

Son nem suffit à sa gloire.  
J. J. ROUSSEAU.

Publicou-se ultimamente em Paris um opusculo que contém algumas poesias de M.<sup>lle</sup> de Flaugergues. Entre essas poesias deparei com uma ao auctor do poema *Camões*. Tentei traduzil-a, e eis-aqui a minha tradução tal qual a pude fazer. Ella não aspira senão a ser recebida como uma pobre mas sincera homenagem ao chefe da moderna Litteratura portugueza, e a ser por elle corrigida.

O coração nunca offerece senão bagatellas; as dadivas sumptuosas são do amor proprio.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1842.

JOSÉ MARIA DO AMARAL.

## A M. DE ALMEIDA-GARRETT

## SUR SON POÈME «CAMÕES»

Du chantre de Gama, chantre mélodieux,  
Que ta voix a d'éclat! que ton luth est sublime!  
Sans doute à tes accents tressaille et se ranime,  
Consolé, radieux.  
Le barde méconnu, d'un siècle ingrat victime,  
Le grand homme venge par tes chants glorieux.

Dis, quand la nuit endort les vains bruits de la terre,  
Dans le temple désert as-tu porté des vœux?  
Du tombeau délaissé la lourde et froide pierre  
S'ouvrit-elle à tes yeux?  
Un chant sublime et doux, grave et mystérieux  
Soudain a-t-il vibré, dans la nef solitaire?

Un scuffle a-t-il passé comme un éclair brûlant  
Sur ton front pâissant d'une terreur divine?  
As-tu senti, dis-moi, haïer ta poitrine?  
Fuir ton genou tremblant?  
As-tu, comme celui qu'un songe ardent fascine,  
Vu des feux se croiser dans l'air étincelant?

Est-il venu vers toi sur la nuée ombreuse!  
Sur le char embrasé qui porte le soleil?  
Ou dans la sainte horreur de la nuit ténébreuse,  
Quand, fuyant le sommeil,  
Tu chantaï, attendant l'aurore au front vermeil.  
Ou suivant dans son cours l'étoile lumineuse?

Planez d'un vol égal aux séjours éthérés,  
Aigles! ailez de front sur vos ailes géantes!  
Dites vos fiers aïeux au noir Cap des Tourmentes;  
Bardes, vos chants sacrés  
S'envoleront plus loin que leurs nefs triomphantes;  
Ces nefs qu'un Dieu porta sur les flots azurés.

Astres d'un même ciel, vos harpes immortelles  
Éclairent ces beaux lieux comme un phare éclatant:  
Des fabuleux gémeaux tels les astres fidèles  
Brillent au firmament.  
Vos fronts sont couronnés de palmes fraternelles,  
Même encens vous est dû, même autel vous attend.

P. DE FLAUGERGUES.

## AO SR. ALMEIDA-GARRETT

## SOBRE O SEU POEMA «CAMÕES»

CANTOR mavioso do Cantor do Gama.  
Estro sublime em lyra alti-sonante!  
Ao teu cantar se move e resuscita,  
Ovante e já sem máguas,  
D'ingrato seculo o bardo mal-prezado,  
Heroe que os versos teus gloriosos vingam.

Vate! quem t'inspirou? — Fizeste votos  
No silencio da noite, em ermo templo?  
E em teu orar que viste? — Erguer-se a campã  
Do desprezado tumulo?  
Ouviste eccoar pela calada nave  
Em graves sons cantar mysterioso?

Crestou-te a fronte, de pavor gelada,  
Sopro ligeiro, qual corisco ardente?  
N'esse pavor faltaram-te, arquejante,  
Os tremulos joelhos?  
Viste, com esse que em delirios arde,  
No ar coruscante scintillarem fogos?

Ergueu-se a ti Camões em nuvem densa?  
Vinha do sol no carro flammejante?  
Ou nas da noite pavorosas sombras,  
Quando esquivado ao somno  
Contavas aguardando a rosea aurora,  
Ou seguindo co'a mente a estrella d'alva?

Correi, correi de par, aguias gigantes,  
Subi aos astros nas possantes azas!  
Cantae vossos avós, os feros nautas  
Lo Cabo das Tormentas:  
Longe l'eus lhe guiou as náos ovantes.  
Bardos, vos'o cantar irá mais longe.

Astros de um mesmo céu, são vossas harpas  
Farpões eternos que dão um brilho á patria;  
Taes fulguram no Olympo essas, dos gémeos,  
Fabuladas estrellas  
Co'as mesmas palmas enramaes as fronteas,  
Reinaes no mesmo altar, co'o mesmo culto.

J. M. DO AMARAL.





# CAMÕES

## CANTO PRIMEIRO

Esta he a ditosa Patria minha amada,  
A qual se o ceu me dá que eu sem perigo  
Torne com esta empreza ja acabada,  
Acabe-se esta luz alli commigo.

LUSIAD.

### I

SAUDADE! gôsto amargo de infelizes,  
Delicioso punhiu de acerbo espinho,  
Que me estás repassando o intimo peito  
Com dor que os seios d'alma dilacera!  
— Mas dor que tem prazeres — Saudade!  
Mysterioso numen, que avientas  
Corações que estalaram, e gottejam  
Não já sangue de vida, mas delgado  
Sôro de estanques lagrimas — Saudade!  
Mavioso nome que tão meigo sôas  
Nos lusitanos labios, não sabido  
Das orgulhosas bôccas dos Sycambros  
D'estas alheias terras, — Oh Saudade!  
Magico numen que transportas a alma  
Do amigo ausente ao solitario amigo,  
Do vago amante á amada inconsolavel,  
E até ao triste ao infeliz proscripto  
— Des entes o miserrimo na terra --  
Ao regaço da patria em sonho levas,  
— Sonhos que são mais doces do que amargo,  
Cruel é o despertar! — Celeste numen,  
Se já teus dons cantei e os teus rigores  
Em sentidas endeixas, se piedoso  
Em teus altares humidos de pranto  
Depuz o coração que inda arquejava  
Quando arranquei do peito malsoffrido  
A foz do Tejo — ao Tejo, ó deusa, ao Tejo  
Me leva o pensamento que esvoaça  
Timido e acovardado entre os olmedos  
Que as pobres aguas d'este Sena regam,  
Do outrora ovante Sena. Vem, no carro  
Que pardas rolas gemedoras tiram,  
A alma buscar-me que por ti suspira.

### II

Vem; não receies a acintosa mofa  
D'esta voluvel, leviana gente:  
Não te conhechem elles. — Eia, vamos!  
Deixa o caminho da infeliz Pyrene:  
Taes maguas, como ahi vão, poupa a meus olhos;  
Assás tenho das minhas. — Largo! aos mares:  
Livres corramos sobre as ondas livres  
Do Oceano indomado por tyrannos,  
Livre como sahii das mãos do Eterno,  
Sua feitura unica no globo  
Que impias mãos d'homens não poderam inda  
Avassallar, destruir. Ahi dentre as vagas  
Surge a princeza ativa das armadas,  
Patria da lei, senhora da justiça,  
Couto da foragida liberdade.

### III

Certo amigo na angustia, que aos tormentos  
Mirradores que a vida me entravavam,  
Adoçaste o amargor, e com benigna  
Dextra cravaste á roda do infortunio  
Cravo que o giro barbaro lhe impeça;  
A ti, a quem a vida, que se me ia  
Em desalento, em desconforto, devo,  
A ti minhas endeixas mal cantadas  
Nas solidões do exilio, onde as repetem  
Os ermos eccos de estrangeiras grutas,  
A ti meus versos consagrei na lyra:  
Quebrada sobre o escôlho da desgraça  
Inda languidos sons desfere a medo,  
Que a teu fiel ouvido vão memorias  
Lembrar da patria e recordar do amigo.

### IV

Ouves? Rija celeuma aos áres sobe  
E fere os ventos que nas ondas folgam.  
— Terra, terra! bradou gageiro áleria.  
— Terra eccoa confusa vozearia  
Da maritima turba: — Oh! voz querida,  
Doce aurora de gôso e de esperança  
Ao coração do nauta enfraquecido,  
Do alquebrado sequioso passageiro,  
Que a esposa, os filhos, ou talvez a amante,  
N'essa voz doce e grata lhe alvejaram.

### V

Terra, e terra da patria! Debuxada  
Se vê pulando a magica alegria  
Nos semblantes de todos. Já contentes,  
Um se affigura surprehender o amigo,  
Outro á esposa fiel cahir nos braços;  
Este da velha mãe, que ha tanto ó chora,  
Ir enxugar as lagrimas afflictas;

Aquelle entre alvorôcos e receios,  
 Não ousa de pensar se ao pae enfermo  
 Na descarnada mão rugosa e secca  
 Osculo filial lhe é dado ainda  
 Respeitoso imprimir, — ou se a ternura,  
 Se o amor do filho sobre a lage avara  
 Se irá quebrar de gelido sepulchro  
 Que em sua ausencia — tam longa — lh'o roubasse  
 Qual da amada, que sempre foi constante,  
 — Ou sempre, ao menos, lh'a pintou de longe  
 A namorada idéa — perto agora  
 Começa de temer que tal distancia,  
 Separação tamanha e tam comprida,  
 Novo amante mais perto... — Mas quem sabe?  
 Talvez... — E esse talvez é de esper: nça  
 Sempre querida, sempre lisonjeira.

## VI

Um só no meio de alegrias tantas  
 Quasi insensível jaz: callado e quêdo,  
 Encostado á amurada, os olhos fitos  
 Tem n' este ponto que negreja ao longe  
 Lá pela prôa, e cresce a pouco e pouco.  
 Era esse o extremo promontório  
 Que dos montes de Cynthis<sup>1</sup> se projecta  
 Sobre o fremente Oceano, que na base  
 Tremendo quebra as enroladas vagas.  
 No gesto senhoril, mas annueado  
 De sombras melancolicas, impresso  
 Tem o caracter da cordura ousada  
 Que os filhos ennobrece da victoria:  
 Gesto onde o som da bellicosa tuba  
 Jámais a côr mudou, nem feito indigno  
 Tinguu de pejo vil Na tez crestada  
 Honrada cicatriz que envergonhára  
 Adamados de côrte, dá realce  
 • As feições nobres do gentil guerreiro.  
 D'esses olhos que a luz ateou do engenho,  
 Quem um dos lumes apagou? — A guerra  
 No campo das batalhas. Um que resta  
 Vivaz centelha, e ávido se alorça  
 A recol' rada patria. — «Patria» disse  
 Em voz tam baixa, que a tomáras antes  
 Pelos eccos do eterno pensamento  
 Falando ao coração sem vir aos labios,  
 «Patria, alfim torno a vêr-te.» — E laceran o  
 Entre os labios mordidos o ai sentido  
 Que as piedosas palavras lhe seguiu,  
 Recalou na tristeza taciturna  
 De que a idéa da patria o despertára.

## VII

Galerno e fresco o vento sussurrava  
 Pelas inchadas velas. Já na terra,  
 Que a olho se avizinha, as mal distinctas,  
 Diversas côres surdem; — logo o escuro  
 Dos pardos sulcos discrimina a vista  
 Dos arrelvados campos; depois vêem-se  
 As casas alvejando entre a verdura:  
 Eis claro o porto amigo. Tal observas,  
 Sob os pinceis de arteifice divino.  
 Primeiro a incerta côr de varia tintas  
 Que aos toques mestres, n'esses cahos d'arte,  
 — e desenvolvem claras, se aviventam;  
 Azula o céu, altêa-se a montanha,  
 Copo-se o bosque, escarpam-se rochedos,  
 De am-nas illores se recamam prados  
 Que pisam nymphas bellas... Pasma absorta,  
 Admirando-se n'arte a natureza.

## VIII

O sol descia rapido, já perto  
 De seu diurno termo, começava  
 A distinguir no verde-mar das aguas  
 A açafroada côr de que se adorna  
 No occaso derradeiro. Leves giram,  
 Do seguido baixel cruzando emtórno,  
 Como um bando de loucas mariposas  
 Em derredor da chamma, — as destemidas  
 De férrea prôa rapidas muletas,  
 Grosseiros parabens em brado rudo  
 Dos leves barcos sôam: modulada  
 Ao rouco som das vagas nos cachôpos,  
 A voz do pescador brama como ellas.  
 — «Piloto! gritam; e a um signal de bordo  
 Do alteroso galeão, de um salto pulla,  
 — Qual delphim namorado nas campinas  
 Do azul escuro-mar — o palinuro  
 Nos segredos do Tejo iniciado.  
 Rege a manobra fallador apito:  
 — «Ala... amaina!» Eis passada a estreita bôcca  
 Por onde seus tributos de agua e d'ouro  
 Leva ao Oceano o rio de Ulyssea.  
 Junto da torre antiga e veneranda,  
 — Hoje! tam profanado monumento.  
 Das glórias de Manoel — âncora desce;  
 E aos ingratos, inhospitos baloiços  
 Do longo velejar, succede o brando  
 Muneio da suavissima corrente,  
 Que no remanso de seguro pôrto  
 Tam doce é de sentir ao nauta exausto  
 Dos repellôes irados de Neptuno.

## IX

A monotona grita compassada  
 Da festiva companhia se ala o esquife  
 Ao bôrdio erguido, d'onde desce ás aguas.  
 Alegres, — como a noiva que franqueia  
 O limiar da paternal morada  
 No risinho cortêjo que em triumpho  
 A leva ás casas do anciado espôso, —  
 Ao pintado escaler velozes saltam  
 Los passageiros a ávida caterva.  
 Desce último o guerreiro pensativo.

## X

— Rema! Da poppa, onde modera o leme,  
 Brada o mestre: obedece á voz o remo;  
 E ao golpe certo resvalou d'um pulo  
 Pela corrente lisa o leve esquife.  
 Um sentido clamor, como suspiro  
 De amargurado tom, vem da amurada  
 Do alteroso galeão. Volvem-se os olhos  
 Machinalmente ao sitio d'onde veiu.  
 Quem viram n' elle? — m pallido semblante,  
 Onde á malicia côr requinta o cobre  
 Viva expressão de angústia. Os olhos negros,  
 N'essas faces tostadas do sol d'Asia  
 Brilham por entre as nevas de uma lagrima,  
 E parecem dizer na muda supplica:  
 — Oh! não abandoneis o pobre escravo!

## XI

Do homem, que é mau do berço á sepultura,  
 Uma só coisa á natureza deixam

<sup>1</sup> Os montes ou Serra da Lua, i. é. a de Cintra.

<sup>1</sup> Em 1821. A Torre de Belem foi restaurada em 1843. Veja nota no fim.

Os habitos ruins que não pervertam:  
Do coração é o primeiro impulso.  
O gesto afflictivo do Índio supplicante  
Dos remeiros contra as mãos callosas,  
É involuntária a compaixão se pinta  
No parecer de todos. — Mas não tarda  
A soffocar a debil voz do instincto  
O que chamaram *reflexão* no mundo:  
Melhor dirias *reação* dos habitos  
Que um instante vergou a natureza.  
—Avante! —clama o torvo mestre. Avante!  
Como que envergonhado do momento  
Que involuntário ao coração cedêra  
«A' fé que não», gritou c'o accento austero  
Que tam bem fica aos labios da virtude,  
Quando ante a prepotencia ousam de abrir-se,  
«A' fé que não» bradou, e em pé se erguia  
O nobre, melancolico soldado,  
Sem desfilar do humilde escravo a vista,  
«Encontrae a tomal-o.»

—O quê emigo?

Por vida minha, o que quereis ao Índio?  
N'este meu escalor d'essa fazenda  
Não levo a terra.

«Tal fazenda é ella,  
Que d'esse estófo a não vereis a miude.»  
—Gran valor é o do escravo!»

«E' meu amigo.  
—Amigo! amigos taes trazeis ao reino!  
Rico vindes da India.

«Rico!.. certo:  
De feridas ao menos...»

Suspendeu-se,  
Corrido das palavras que soltára  
Deante de tal gente: a côr do rosto  
Claro lhe indica o pejo que envergonha  
O homem honrado se indiscretos labios  
No calor da disputa lhe cahiram  
Em reprehensivel gabo de si proprio.

## XII

No gesto do guerreiro se fixaram  
Os olhos circumstantes; e o respeito  
Que uma acção generosa inspira ao vulgo,  
Por aquelles semblantes se pintava.  
Mas o grosseiro mestre não se corre  
Do feito descortez: e os signaes tantos  
Da desapprovação geral o irritam.  
Rudas imprecações, que rudas sóam  
Como os calabres que reger costumam,  
De novo os remos a vogar excitam.  
«Alta amurada do galeão suspira  
O desprezado escravo. — Um movimento  
De involuntaria colera e despeito  
Leva a mão do guerreiro malsoffrido  
Da espada ao punho. Olhou-o, e c'um sorriso  
Que parece dizer: «Quem sobre as ondas  
«Vida de p'rigos vive, não infia  
«Aos lampejos da espada» — só responde  
O carrancudo mestre. — N'esses tempos,  
Que heroicos chama o entusiasta ardente,  
Barbaros o philosopho, e que ao certo  
Foram pasmosa mescla de virtudes  
E atrocidades, — de honra e de cruieza,  
Era o sangue juiz de taes pendencias,  
E ao defeito da lei suppria a espada.  
Barbara usança! .. porém nobre ao menos.  
Hoje que hemos soffrido de covades,  
Sem pejo, que nos roube a prepotencia  
Dos tribunaes as leis, das mãos a espada...  
Degenerados netos, ousaremos  
Nossos lvres avós taxar de barbaros?

## XIII

Vira o Tejo suas aguas crystallinas  
Roxas alli de sangue; e o breve espaço  
Do curvo esquite não tivera as iras  
De mal-avença aos dois, se um poder alto,  
Tam forte quanto é meigo, não viera  
Intervir na disputa malferida.  
N'um canto do escalor, humilde e absorto  
Em pensamentos que não são da tarra,  
Um velho, em que até'lli não attentaram  
Indifferentes olhos, se assentára.  
Alvejavam-lhe as cans das longas barbas  
No burel negro que lhe cobre o peito.  
O tempo, que tam longe tem passado  
Pela acurvada frente, lhe ceifára  
Messes em que talvez a mocidade  
Viçosa lourejou: hoje o que resta,  
—Raro respigo ao segador cahido—  
Tira á côr baça do ligado argento.  
Como que a humanas cousas retirados,  
Se encovaram nas faces descachidas  
Os olhos, onde a luz quasi assemelha  
A lampada que ardeu no tabernaculo  
Inteira a noite, e ao arraiar do dia  
Falece á mingua de oleo. A mão tremente  
Em viageiro bordão arrima; e calçam  
Nus os pés as sandalias costumadas  
A sacudir o pó da terra do impio.  
Kico de affrontamentos e trabalhos,  
Vinha do longe Oriente á occidua praia,  
Não ao repouso placido á velhice,  
Mas a solicitar novas fadigas  
Em recompensa de outras. D'estes eram,  
—Antes de se enredar em vans disputas  
De orgulho e presumpção mais que mundana—  
Os que n'Asia opulenta, Africa adusta  
Levavam depós si nações inteiras  
Ao culto de um só Deus, da lei mais santa,  
Que—tirae-lhe o que os homens lhe hão mesclado—  
Jamais na terra apregoaram homens.

## XIV

Foi este o anjo de paz que em tal fermento  
De azedas iras veitueu mel suave  
Da branda persuasão que as amacia.  
—Cavalleiro, essa mão na cruz da espada,  
Disse grave e solemne o missionario:  
Quer dizer inimigo, á frente, na aze!  
Da batalha, em pendencia generosa  
Pelo rei, pela patria... Aqui amigos,  
Christãos, mercê de Deus, sômos nós todos  
Quantos sômos aqui. E ao céu não praza  
Que um cavalleiro portuguez arranque  
Contra seu natural armas de sangue.  
Perdoae as lhanezas de um soldado  
Que cêrcos tambem viu, e jogou lanças  
Co' os mouros e gentios:—n'este velho  
Corpo nem sempre andou burel de monge;  
Malha tambem vestiu... —mas uma espada  
Ou na batalha em mãos de cavalleiros,  
Ou fóra d'ella a ruínas só cabe.»  
«Tam covarde não sou que a tal contrário...  
Balbuciou, serenando o cavalleiro:  
Mas—e de novo a voz se lhe animava—  
Mo meu João fiel, o meu amigo,  
Unico amigo!

—Honra-vos dizel-o,  
Honra-vos, cavalleiro, torna o velho,  
Que andrajos e pobreza vos não pejam,  
E ousaes chamar amigo ao desgraçado.

Mas; filho... mas senhor, não ha bom feito  
Que justifique um mau.

Ao duro nauta

Voltando-se lhe diz:

—Amigo, é justo

O que pede este nobre cavalleiro  
Duros de coração Deus não ajuda.  
Que pésa o pobre escravo? Ir-me-hei a bordo,  
E o meu logar lhe cederei com gosto.  
Que tem? Filho de Deus como nós somos.  
Mal enroupado? Corações bem nobres  
Encobre a miude o saio remendado.  
Se o cavalleiro te offendeu, seguro  
Que não é elle de negar o justo  
A quem devido for.

«Não sou por certo:»

O guerreiro accudiu; e mal pesada  
Tirou pequena bolsa:

«Ahi tendes, mestre;

Poucos pardaus contém... (menos me ficam,  
Talvez nenhuns... em tom mais baixo e trémulo,  
Quasi de não se ouvir; bem certo o ouviram.)  
Porem d'aqui á praia não vae muito,  
E a passagem do Jão.

—Guarda a tua bôlsa,

Ruda intrepôz a rouca voz do nauta,  
—Cavalleiro orgulhoso; tanto quero  
Os teus pardaus, como a tua espada temo.  
Mas este padre fala como um anjo;  
E o que elle disse, é dito. Atraca a bôrdo;  
E abaixo o amigo Jão.—Rema!

De um salto

O Indio na lancha; e a lancha em môres pulos  
De oito nervosos braços compellida  
Sobe do Tejo a limpida corrente

## XV

Após o disputar veiu o silencio,  
Que em finda altercação, mal repoisado  
O animo pede,—e aos na contenda estranhos  
Por sympathy natural se estende.  
Era então noite: rapidos se esvêm  
Em nossos doces climas os momentos,  
Que entre as trevas e a luz vacillam curtos.  
A natureza, prodiga em beldades  
Por tão risonhas terras, lhe ha negado  
A magica illusão que os véos estende  
N'essa hora de saudosos pensamentos  
Sobre os campos boreaes:—hora tam triste,  
Ma: de tal suavidade melancholica!  
—Não te hão formado o coração no peito  
As maternas entranhas, se não ouves,  
N'essa hora mysteriosa do crepusculo,  
Uma voz que te diz: *estes momentos*  
*Consagrou natureza a doces magoas.*  
O amigo ausente, a solitaria amante,  
O pae longe, o filhinho em terra extranha,  
Imagens são que do vapor das terras  
Amigas tedas no crepusculo formam,  
E ante os olhos volteiam d'alma absorta  
N'hora sagrada ao genio da saudade.  
Oh! serei eu nos sonhos do sepulchro,  
Entre o nada das cinzas,—quando a noute,  
Qualquer que seja o angulo do mundo  
Em que meus pés se poísem, me não traga  
Lembranças dos momentos deliciosos  
Que, n'esse intercalar de dia e noite,  
Da nebulosa Albion gosei nos campos,  
Quando no berço teu, bardo<sup>1</sup> sublime,  
Inimitavel, unico, espraivava  
Por infinitas planicies de alto gêlo  
Os desleixados olhos, e topava,

<sup>1</sup> Shakespeare,—Veja as notas no fim.

Ao cabo lá da vastidão, co'as cimas  
Das elevadas grimpas que se aguçam  
Sobre as arcadas simplices do templo,  
Entre as choupanas da vizinha aldeia,  
E se me affigurava á mente alheada  
Ouvir o canto funebre das harpas  
Que da sensível Julieta ao tumulto  
As nenias acompanham.

## XVI

Mas quam longe

Me tornou a volver do Tejo ao Thâmesis,  
Cortado de memorias que o confundem,  
O pensamento vago!—Escura a noute  
Suas roupas de dô tinha estendido  
Pelas torres da inclita Ulyssea.  
N'aquelle puro céu nem leve sombra:  
Ausente era Diana e seu modesto,  
Serenio brilho: mas, sem luz que as vexa  
Com mais vivo fulgor, se esparze doce  
O alvo lume das candidas estrellas,  
Que em trémulos reflexos pelas aguas  
Do crystallino rio se espelhavam;  
D'onde consoladora se exhalava,  
Como um sussurro de viçosas folhas,  
A alma brisa da noite, refrescando  
Os corpos então aridos das chammas  
Com que o touro celeste em furia ardia.  
Raras começam a brilhar nas trevas,  
Pelas estreitas gothicas janellas,  
As veladoras luzes: acallamava-se  
O vivaz borborinho da cidade  
E no socego placido da noite,  
Pouco a pouco, insensivel se perdia.

## XVII

Esta se abria magestosa scena  
D'ante os olhos dos nautas que surcavam  
Aureos caudales do Tejo. Silenciosos  
Se derramavam de olhos satisfeitos  
Por quadro tam magnifico, e buscava  
Cada qual, pelas trevas mal cortadas  
De froixo lume aqui, alli acceso,  
Descobrir o p'erno, amigo tecto,  
E o leve fummo que do ar se eleva,  
Onde a ceia frugal, que o não espera,  
Aprompta a cara espôsa, mal cuidosa  
Que hade aquinhoal-a o pae c'os tenros filhos.

## XVIII

Tam vivas se pintavam nos semblantes  
Estas ideas aos cala los nautas,  
Que l'has leu n'elles quem taes pensamentos  
Triste não participa.—Quem é esse?  
O filho melancholico da guerra.  
Leu-l'has; e um sentimento quasi inveja  
Não é tam baixo—é amarga, oh! mais do que ella!  
Lhe trouxe do mais intimo do peito  
Um suspiro que morre á flor dos labios,  
E suffocado ao coração reflecte.  
Aguda foi a dor, acerbo o espinho  
Que esse ai lhe pungiu d'alma.—Quem soubera  
Os mysterios d'esse ai! Quem revelára  
Os segredos do incognito guerreiro!  
Consome o acaso a heiva da doença?  
De mal vingada affronta a injúria? Rala?  
Injustiças dos honens o persegue?  
Ou são penas de amor? —Silencio! deixa  
Ao coração do triste o seu segredo,  
Espreitar indifferente os pensamentos



CAMÕES — CANTO I

— O que fazeis, Senhor ! Sou eu mais bárbaro

PAG. 203



Que os lábios do infeliz fecham no peito.  
Curiosidade é van, mal generosa  
E de ânimo insensível: não exijas,  
Se o podes consolar, preço tam duro  
Por teus confortos. Pouco vale a dextra  
Que não enxuga as lagrimas do afflicto,  
Sem lhe rasgar primeiro os seios d'alma  
Para lhe esquadriñar do pranto a causa.

## XIX

O escalor abicou na praia amiga;  
E a suspirada terra emfim pisaram  
Os desaffeitos pés. Quantas penurias,  
Quantos perigos, desalentos, sustos  
Em viagens fadigas se hão penado.  
Este momento só, esta alegria,  
Oh quam sobejo as pagal! O sentimento  
Quasi devoto com que beija o n-uta  
As areias da patria, é porventura,  
Na peregrinação da nossa vida,  
—Se exceptuas a morte — o mais solemne

## XX

Separam-se; e foi caminho usado  
Cada um de seu lar. Le los se foram .  
Todos? — Não: tres diviso sobre a areia,  
A quem parecem vacillar na mente  
As ideas penosas que accommettem  
O viajante isolado em terra alheia.  
São estrangeiros? — Dois que patria, longe  
Do paiz lusitano, os trouxe ao dia?  
—Entre as pa-meiras do cheiroso Oriente  
Um na infancia folgou: deu-lhe impia guerra,  
Em trôco pela patria e liberdade,  
Feros de escravidão: — mas ha nos ferros  
Vinculo ás vezes que té prende o ânimo.  
Raro o caso verás; porém não chora  
O Jáu pelos palmares do seu ninho:  
Prende-o a amizade, não grilhões de escravo  
A seu senhor, amigo e companheiro.  
— E ess'outro? — Deu-lhe o sêr matrona do Ebro,  
E os pendões de Isabel hasteou nos muros  
Da vencida Granada: mas a frente,  
Hoje de raras cans mal povoada,  
Nem só das murtas se corôou da Alhambra;  
Capellas de magnolia em mundos novos  
Lhe deram sangue e crimes . Crimes forani,  
Que o socio de Cortez cobriu do sacco,  
E humilhou nas cinzas a cabeça  
Dos louros da victoria descingida.  
Pardo burel lhe roça a penitencia  
Nos membros que luziram de aço e de oiro.  
Voto solemne e zêlo d'outra gloria,  
O levou d'além Cabo das Tormentas  
Da aurora aos roxos seios. — Estes eram  
Os que junto ao guerreiro silencioso  
Mudos como elle e quêdos o fitavam.

## XXI

Longo o calar não foi: com passo trémulo  
Do joven se appproxima o ancião guerreiro:

—N'esta grande cidade ambos extranhos  
Somos, ao que parece.

«Extranho eu? . Quasi.

Sou e não sou extranho.

—Não me é de uso

O metter mão curiosa nos segredos

De quem os tem.

«Segredos não n'os tenho:

Sou portuguez, e de ser tal me... prezo.

—Mas de Lisboa não?

«É minha patria.

Desejaes saber mais?

—Minhas perguntas,

Cavalleiro, não são de curioso.

Outra vez o repito: um pobre monge

Tem uma nobre cella e magra ceia,

Mas ambas offerece de alma e gosto.

É tarde; e se outro hospicio á mão não tendes,

Sereis bem vindo a um gasalhado humilde

De quem melhor a tê-lo, o offerecêra.

Má noite passareis; mas um soldado

Não teme estrados maus nem leitos duros.

Soldado fui tambem: ser-me-á ventura

Em meus quartéis de inverno receber-vos

«A cortezia é de ânimo sincero ;

Nem sou homem, senhor, que a desvalhe.

Mas um desconhecido, e porventura

D'ella não mercedor, deve acceitall?

—E porque não, se lhe é mister e a preza?

«Conheço .

—A noite passa. Horas são estas

Improprias de ir buscar outra pousada.

Se vos não peja de acceitar a minha,

Vinde. E pejo de quê? Mesquinha e pobre

E', já vos disse: mas senhores grandes

Em mais pobres mosteiros alvergaram.

«Ancião venerando, sou convosco:

Honra-me, não me peja a offerta amiga.

Uma só cousa... Nada. Eu já vos sigo »

## XXII

A' parte chama o escravo, e da pequena  
Bolsa tirou porção pouco avultada  
De seu modico haver: «Busca poisada  
Para esta noite; e amanhan bem cedo...  
—O que fazeis, senhor! —acode ansioso  
O velho que os intentos lhe percebe,  
—O que fazeis, senhor! Sou eu mais barbaro  
Que o mestre do galeão? Pude com elle  
Que de um servo fiel não separasse  
O senhor generoso, e havia agora  
De fazer eu peor! envergonhaes-me...  
Offendeis-me talvez Amigo, vinde,  
Segui vosso bom amo: para todos  
Em nossa humilde casa ha tecto e abrigo.

## XXIII

Ao Jáu fiel cahiu de puro gosto  
Uma furtiva lagrima que havia  
Rebentado de tímido receio,  
Mogua de se vêr so, deixar seu amo,  
E ir procurando por tamanhas ruas  
A quem? . Ninguém conhece o pobre escravo

## CANTO SEGUNDO

Assim como a bonina, que cortada  
Antes do tempo foi candida e bella,  
Sendo das mãos lascivas maltratada  
Da menina que a trouxe na capella,  
O cheiro traz perdido, a côr murchada,  
Tal está morta a pallida donzella,  
Seccas do rosto as rosas, e perdida  
A branca e viva côr co'a doce vida.

LUSIAD.

### I

QUE sons descompassados trôa o bronze  
Nas torres do mosteiro? Que ais carpidos,  
Que agudos uivos desgrehadas gritam,  
Essas mulheres pallidas? Que funebres  
Alas são essas de homens todos lucto,  
De escuro vaso e longo dô vestidos?  
Que hymnos de morte roucos murmurando  
Vão esses cabisbaivos sacerdotes?  
Que pompa é essa? Um atahude a fecha.  
Orgulho do homem, dás o arranco extremo  
N' vaidade da campa. Que grandezas,  
Que distincções queres pleitear ain lá  
Na egualdade terrível do sepulchro?  
Desengano da morte, és tu acaso  
Outro sonho dos miseros viventes?  
Quem desenganas tu? Viram de longe,  
Caminho do mosteiro, os viajantes  
Enfiar a porta maxima do templo  
Ordem longa de tochas, baço lume,  
Clarão triste de mortos. Sons perdidos  
Do psalmejar monotono lhes trouxe  
A gemedora viração da noute;  
E o ar pelos ouvidos lh'estremece  
Com o dobrar das campas desentoadas.

### II

Ruim agouro! Um sahimento funebre  
Ao regressar á patria! Não se pôde  
Conter do involuntario pensamento  
O portuguez viajante. Mal conhece  
A intrepidez dos bravos esse lucto  
Terror do vulgo que estremece á vista  
De um gelido cadáver: costumados  
A vêr a face pallida da morte,  
As agonias roxas, e o tranzido  
Suôr do passament, não se movem  
Seus musculos tam facil. Mas ressumbra  
Não sei que tam solemne e grave e augusto  
De um funeral entrando a passo lento  
As portas do jazigo, que essa pompa  
Triumphal da morte, do mais duro peito,  
Ao gesto mais tranquillo traz de força  
Contração impossivel de encobrir se.  
Não lhe chamo terror, nome lhe assignem  
Qual queiram mais; que o sentimento d'alma  
A impressão natural é sempre a mesma.

### III

D'esta commum traqueza—se tal era—  
Não toi isento o luzo;—e porventura

Um preságio de incognita desgraça,  
Presentimento vago e mal distincto  
De não sabido mal, se uniu áquella:  
O Jau supersticioso, conio é de Indios,  
Fez claro um gesto de terror, a face  
Volveu á esquerda, e co'a mão fria trava  
Da curta capa ao amo:

—Á esquerda, á esquerda,

Meu senhor, não encares um finado  
Em sua ultima viagem: ha mal em vê-lo  
Face por face.

«Deixa-me, ignorante,

Com teus medos ridiculos.

—Embora,

Embora: mas na India...

«Não prosigas.

—E que ha, disse, apontando para o feretro  
Que entrava a igreja então, o missionario;  
Que ha tam medonho e mau n'esses despójios  
Da passageira vida? Um tronco sêcco;  
Pelos ventos do outomno despojado  
Do viço e folhas, tenda abandonada  
Pelo viandante que voltou á patria.  
Oh! seja-lhe piedoso o juiz eterno.

### IV

Chegavam aos cancellos do convento,  
E o missionario disse:—Cavalleiro,  
Da casa do Senhor aberta a porta,  
Não passarei sem ir ante os altares  
Meu tributo de graças offrecer-lhe.  
Cuido me seguireis: o humilde cantico  
De nossa gratidão irá junter-se  
Com as preces dos mortos. Mas que importa?  
Ouvirá Deus a todos. Se lh'o impedem  
Superstições e medo, fique embora  
E nos guarde o escravo. «Não! responde  
O guerreiro, mas segue o ancião piedoso.

### V

Fôsse terror, ou sentimento fôsse  
De mais occulta origem, pelas naves  
Do templo entrou com passos mal seguros,  
Elle, que tantas vezes ha rompido  
As cerradas fileiras,—que á guardada  
Brecha se apresentou com rosto frio,  
E a entrou sem vacillar!—Oh! que ente és, homem,  
Incomprehensivel tu!—Do templo em meio,  
Alto e funereo estrado se levanta,  
Negro da côr dos tumulos. Encima  
Poisava um atahude. Alva capella  
De quasi murchas desbotadas rosas



Indicava que a victima da morte  
De hymeneu illibada succumbira.  
Pesados lutos e a rastrados fumos  
Cubriam, perto, amigos e parentes  
Funebre silenciosos. Arde emtórno  
Renque de brandões pallidos; e affumam  
Do embalado thuribulo os vapores  
Da resina sabêa. Ecco o templo  
Co'as tremedoras notas d'esses hymnos  
Que, na solemne entrada do sepulchro,  
Terrível canta a Egreja,—quasi um ecco  
Da profundez do abysmo, que reflecte  
Pavoroso na terra. A ponto entravam  
Os viajantes no templo, quando o côro:  
—Tedio da vida concebeu minha alma;  
E é força que desate a propria lingua  
Contra mim mesmo, e desabafe o peito,  
A amargura falando de minha alma.  
Direi a Deus: não me condemnes, ouve-me.  
Porque assim me julgaste? Acaso é digno  
De ti calumniar-me, avexar-me,  
A mim que sou das tuas mãos feitura?

—São teus olhos de carne como os do homem:  
Como elles vêes e julgas? Porque ao dia,  
Do carcere materno, me has trazido?  
Oxalá que eu não visto pereçera  
De ôlho nenhum vivente, e houvera sido  
Como se nunca fosse, trasladado  
Do ventre á sepultura!

—O escasso numero

Dos dias meus não será findo em breve?  
Deixa-me pois chorar a minha mágua,  
Gemer co'a minha dor antes que desça,  
Para mais não voltar, á tenebrosa  
Terra que a escuridão cobre da morte:  
Terra de mingua e trévas, habitada  
Pelas sombras da morte, onde mais ordem  
Que o sempiterno horror ha hi nenhuma. —

## VI

As vibrações da musica, as palavras  
Não menos fortes, o logar, a hora,  
A grinalda de rosas sobre o tumulo,  
Porventura ignoradas circumstancias  
Que ás sombras d'este quadro dão relêvo  
Com mais tortidão n'alma, tudo a um tempo  
No predisposto cerebro, de embate,  
Violento abalo deu ao lusitano.  
Os cabellos na frente se ouriçaram,  
Como selva de lanças se ergue subito  
Ao grito alarma em dia de batalha  
O coração parou-lhe, e o corpo turgido  
Pesou sobre os joelhos, que vergaram  
De golpe a terra. Do que sente ignaro,  
E de sua fraqueza envergonhado,  
Baixa o rosto, e se encosta á balustrada  
Do côro que por caso tem deante.

## VII

Ou não sentiu, ou de sentir não mostra  
A turbacão que o espirito aliena  
Ao companheiro seu, o missionario:  
Junto d'elle ajoelhou, e em voz submissa  
Ao Deus dos vivos e dos mortos ora.

## VIII

Findava o canto lugubre das preces:  
Quatro enlutados cavalleiros sohem  
Os degrãos do moimento: da eça tomam,  
Lev-m nos braços o atahude, e descem.  
Todo o cortejo, murmurando os psalms  
Das rogações extremas, se encaminha  
Em passo lento a lateral capella  
Que ornam vasados, gothicos pilares  
De marmore tam negro como as vestes  
Dos enlutados vultos que os rodeiam.  
Da procissão ao cabo, os anojados  
Levam de uma das mãos o triste peso,  
Co'a outra sobre os olhos segurando  
O usado emblema de dorido choro.

## IX

Junto ao guerreiro ajoelhado, passa  
O insensivel objecto d'essa pompa,  
Fôsse caso ou tenção, n'este momento  
Alevantando a face descahida,  
Co'a vista no visinho cavalleiro  
Deu . . . estremece . . . ao atahude os volve:  
Já longe o levam; — mas viu inda escudo  
De conhecido emblema no arremate.  
Céus! que viu! . . . A corôa d'alvas rosas,  
N'esse instante um balaço descontrado  
Dos cavalleiros, a desprende, — rôla  
Por terra, e junto d'elle pára . . .

Avante

Foram: nin, uem n'essa grinalda attenta  
Que desprendeu do feretro o acaso.  
Acaso foi? — Mystérios ha na campa  
Que em tradições de seculos fundados  
Me travam da razão: crêl-os eu não ousou,  
Mas desprezal-os. . . também não: — pensava  
O atribulado, incognito guerreiro. . .

## X

O cortejo passou. . . e a c'roa funebre  
Ergueu convulsa mão, trémula a apertar:  
E olhos, que desviados a contemplam,  
Parecem perguntar-lhe: «Flor de morte,  
Em que pallida frente has tu poitado?»  
Quem lhe hade responder? Em breve a loisa  
Se fechará, como os ferrados cofres  
Do avaro, onde nem lagrimas de afflictos,  
Nem suspiros de tristes lhes avertam  
Luz da esperança minima. Segui-o,  
Antes que o cerre a camp', esse atahude  
Em que talvez . . . Oh barbara incerteza,  
Terrível, cruelissima! E terrível  
A verdade será. . . Mas antes ella.  
Corre ao sitio onde viu encaminhar-se  
O funeral; o som das vozes segue,  
Entra a capella escura. — Escuro é tudo;  
Nem uma luz, nem um vivente. O baço,  
Triste clarão da lampada que ardia  
Longe no môr altar, só lá reflecte  
Tanto da claridade quanto as trevas  
D'esse recinto funebre amostrasse.

## XI

Foi sonho quanto viu! visão phantastica  
Toda a funerea pon pa, o canto, o feretro  
E essa fatal grinalda! . . . Eil-a, na dextra

Segura ainda a tem. — Escuta: uns eccos  
Soterraneos, como hymnos de finados  
Por noite aziaga em cemiterios, se ouvem.  
Inclina attento a orelha; um passo ávante...  
Tropça. Em quê? N'uma revolta loisa.  
Aberta está a porta do sepulchro.  
Um tenu bruxulear de luz descobre  
Na profundez do abyssmo; os degrãos ultimos  
De humida escada võe: descera? Desce.  
Na estancia entrou das gerações extintas.

## XII

Terra esquecida ahí jaz, ahí moram cinzas  
Porque em vão falam epitaphios, lettra  
Sobre a face da terra que deixaste?  
Que feitos de virtude ou de heroismo  
Tua passagem n'ella assignalaram?  
Nenhum? Inteiro ao tumulo desceste,  
Traga-te o olvido todo. Ergue obeliscos,  
Amontôa pyramides;—embalde!  
Livra o marmore só do esquecimento:  
É a memoria do prestante feito  
Que as edades lembradas vão guardando  
De geração em geração na terra

## XIII

Eil-o vae, entre as tacitas phalanges  
De enfileirados ossos caminhando  
O atonito guerreiro;—ao cabo extremo  
D'esse arraial de mortos, dá c'os olhos  
No cortejo de dó que hospede novo  
Traz á morada eterna. A ponto o fêretro  
la baixar ao perennal encêrro  
D'onde o não moverá senão a tuba  
Terrível, quando o sol se erguer do oriente  
A dar a extrema luz ao dia extremo.  
Dobra o passo; inda é tempo. Argentea chave  
Lança em fumo negro, um cavalleiro  
Tinha na mão: o mais illustre esse era  
Ou o mais anojado: uso sabido,

E venerada prática dos nossos.  
Pela vez derradeira olhos de vivos  
Verão a face livida do morto  
Que ao final poiso desce. Despedida  
Solemne! E que expressão ha ni na terra  
Em lingua d'homens, que traslade ao vivo  
Todo esse accumular de sentimentos  
Que em si de tal instante o adeus encerra!

## XIV

Já vacillante mão abre o atahude...  
Amortalhavam candidos vestidos  
O corpo ainda airoso de uma dama  
Não morta no botão de annos viçosos,  
Mas na desabrochada flor da vida,  
Tam delicada não, porém mais bella.  
Velada a face tinha; mas conhece-a...  
Quem? o guerreiro... Quem? o seu amante.

## XV

Céus! elle mesmo, ell! — D'ecipita-se  
Sobre o cadaver. ergue o véo... «Natercia!»  
Natercia! d'ecco em ecco repetiram  
Os eccos dos moimentos, acordados  
Do somno sepulchral. Estremeceram  
Os do cortejo, e atonitos contemplam  
O incognito — E elle! uma voz disse,  
—E elle! emtórno remurmuram todos

## XVI

O sangue ao coração atropelado  
Recuou, estagna-se, e parou da vida  
As funções todas ao guerreiro;—em terra  
De mortos semimorto fica. Emtanto  
Deu a volta fatal e derradeira  
A chave do atahude; cõe a lagem  
Sobre a bôcca do tumulo. A existencia  
Se esvaeceu... começa a eternidade

## CANTO TERCEIRO

Por meio d'estes horridos perigos  
D'estes trabalhos graves, e temores  
Alcançamos que são da fama amigos  
As honras immortaes e graos maiores.  
LUSTAD.

### I

Ah! meu senhor... ben! o disse eu: mal trazem  
Vistas de mortos

—Socegae, amigo;  
Deixae o repouso: sommo propicio  
Já lhe acallmou o sangue; e mais tranquillo  
D'ânimo acordará. — Submissas vozes  
Murmuravam assim em baixo accento  
Junto do leito em que prostrado e placido  
Por benigno Morpheu jaz o guerreiro  
De roxas violetas se toucava  
No horizonte primeiro o alvor do dia,  
E a claridade tenue ga arraiada,  
De estreita fresta os vidros penetrando  
A' morredoura luz de exhausta lampada:  
Vinha juntar sua luz na humilde cella  
Onde este curto dialogo passava.

### II

Pranchas de escuro til, rudo lavradas,  
Do aposento as paredes guarneciam  
Sobre uma banca de egual custo e obra  
Poisava antiga cruz d'onde pendia  
Agonizante o Christo: lavor fino  
Que no indico ciente a mão devota  
De um neop'yto d'Asia executára,  
E fóra dom do grato cathecumeno  
Ao que nas aguas mysticas do Ganges  
Por novo rito e lei, lhe consagrara  
Antigas abluções. Único um livro  
De pesado volume ao pé do lenho.  
O livro dos christãos: dois ferreos broches  
As grossas pastas fecham. Pende, a um lado  
Da parede, enfumado, antigo quadro  
Que os rudes traços do pincel recorda  
De Perugino ou Vasco, á infancia da arte:  
Em cujo parecer traslado brando  
Deram tintas fieis d'essa virtude  
Que o philosopho disse humanidade,  
Caridade o christão. — Dispute em nomes  
Quem de palavras cura: o homem sincero  
Sem vaidades de lingua, obra e não fala  
Pintado estava alli um nobre velho  
Que a angelica belleza de sua alma  
Toda tinha no rosto retratada  
Alvo-negro saía o ancão vestia;  
Junto d'elle, de pennas variegadas  
Cingido a frente e rins, imberbe um homem  
De bronzea tez, jazia malfendo.  
Convulsos a dor em contrações se exprime  
No requemado gesto; mas nos olhos,  
Se é lagrima essa nuve imperceptivel  
Que rara o cobre, — não lhe choram dores.  
Mas de sensivel gratidão desliza.  
Letra o painel não tem: mas claro mostra  
Novo Tobias! no hemisphero novo.

### III

Do habitador da cella amigo e mestre  
Las-Casas fóra, quando guerra injusta

Seu braço de impio ferro outrora armado,  
Levou cruel aos povos mal defesos  
Que, ajoelhavam pavidos, devotos  
Ante homens nunes, dos trovões senhores.<sup>1</sup>  
De tal amigo o commoveu o exemplo.  
Pensada reflexão, não voto incauto,  
Extorquido á fraqueza ou cega infancia,  
Lhe trocou no burel o azero e malha.

### IV

Mas já no leito o adormecido acorda.  
Seus mal abertos olhos se descerram  
Ao primeiro luzir do sol, que é nado  
N'este momento, agora: frouxamente,  
Mas não turbados, derredor os volve  
Pelo aposento. Como quem se afirma,  
Um e outro dos dois que accompanham  
Fita admirado, e a modo que procura  
Reconhecer leições que ha visto algures:  
Com vagarosa mão correndo a frente  
Uma vez e outra vez, dá parências  
De querer ajudar o envolto cerebro  
A desligar idéas mal distinctas

### V

Assim ao que tomou gelado pasmio  
Toda a apparente vida, os membros rijos,  
Sem cor os labios, preso o sangue... é morto:  
Ergue-se o carpir de orphans, da viuva...  
Já no sudario envolto, já nas anlas  
Os doridos amigos o conduzem  
A' morada dos finidos... Repentino,  
Do coração começa o calor vivo  
A devolver-se, manso e manso, ás veias;  
Longes de esvaecida cor lhe tingem  
Os beiços... pestaneja firoxa a palpa: bra...  
Abre os olhos... que atonitos duvidam  
Se inda é mundo o que vêem. — Al contemplava  
Com pasmado semblante os que o rodeiam  
Do castelhano cenobita o hóspede.

### VI

Risonho e com socêgo appropriado  
A socêgo inspirar, lhe disse o monge:  
— Bons dias, e valleiro! em pobre cama  
Ricos sonhos se dormem — diz o adagio,  
E hoje o provastes bem. O sol já nado  
Convida a erguer-vos; e este sino, que oio.  
A's preces matinaes me chama ao coro  
De refeição tereis mister; sadiá,  
Se não mui exquisita, vou buscar-vos.  
No entanto levantae-vos; pouco tempo  
Do vosso Jau fiel na companhia  
Vos deixarei; não tardo.

«E aonde... estamos?»

Não me recordo...

— Estaes em casa amiga

A nossa cella é esta; socegae-vos.  
Atribulado ha sido vosso espirito:  
Inseparavel condição da vida

Padecimentos são: todos pênamos.  
Mas a constancia é a virtude do homem,  
E a paciência a do christão. Mais largo  
Conversaremos logo: a dor do peito  
Quer-se desabafada em peito amigo.  
Per ora conservae tranquillo o animo:  
Breve aqui sou.

## VII

E cobre o manto, e parte.  
O silencio o seguiu: e o tardo piso  
Apenas se escutava das sandalias  
No longo dormitório resando.

## VIII

«Devo, dizia o incognito guerreiro,  
Quando, á volta do côro, com seu hóspede  
Leve repusto da manhã tomavam:  
«Devo a tam bondadoso e terno amigo,  
A's sollicitas penas e cuidados  
Que vos hei dado, confissão sincera...  
Quero explicar-vos o successo estranho  
Que hontem presenciastes; e do escandalo,  
Se a meu pezar o dei, perdoai vos peço.  
— Demasiado avaliaes fracos serviços.  
O segredo é a rica joia d'alma,  
Que não se mostra assim a olhos de todos.  
O coração é cofre precioso  
De que, raro, confia homem prudente  
A chave a seu mais intimo. Guardae-vos  
De baratear assim o ouro cendrado  
Da amizade fiel (confiança entendo)  
A qualquer que sorrindo vos estende  
Talvez curiosa mão, que não de amigo.  
Em barda os achareis... — oh! perdoae-me,  
Sou velho, e prompta sempre a dar conselhos  
É minha idade, se prestar-vos pode  
Este nada que valho, se ajudardes  
De obra ou de aviso imaginaes que posso,  
Ouvir-vos hei de gosto e de vontade.  
Sou vosso amigo, sou: provas nenhuma  
De mim tendes: mas Deus, que une as vontades,  
E a quem prouve no peito giavar do homem  
Esse invisível *qué*, essa lei mystica  
Que attrae o coração de um ente ao outro,  
Deus sabe se, de quando em Moçambique  
Vos conversei primeiro, senti n'alma  
Não sei que voz dizer-me: — Segue esse homem,  
Deves amal-o, é infeliz e honrado.—

## IX

Do lusitano ao descorado gesto  
Esvaeido rubor assoma, — e fuge,  
Qual fuge aos olhos o lampejo rapido  
Da trovoadá linguagua — Um tanto a face  
Descalhiu sobre o peito amargurado,  
E com voz, firme não, porém serena,  
Disse: «Luiz de Camões tinha um amigo  
Unico só na terra. Não te escondas,  
Meu fiel companheiro: um feito honrado,  
Generoso, te peja: O pobre Antonio  
Foi atéqui, senhor, o unico vivo,  
Unico sêr na face do universo  
Em quem meu coração achou abrigo.»

## X

Pelas faces do escravo, baga a baga,  
Enternecidas lagrimas cahiam,  
E o peito suffocado comprimia  
A custo gr. nde o soluçar que o arfava,  
Não pôde mais: aos pés se deita do amo,  
E sem conter o choro:

— Oh! não me digas,

Não me ligas, senhor, que sou amigo.  
«Não o diga! Porque?

— Porque isso

O coração do escravo. *Amigo é falso.*  
Os de Ilacáu, de Goa e Moçambique,  
Todos faltaram; e eu fui sempre...

Corta-lhe

Um mar de pranto a voz.

«Tu foste sempre

O meu fiel Antonio.

Humedeceram-se

Os olhos do guerreiro; e como a effeitos  
De sympathico influxo, ao velho austero  
Pelas rugas das faces deslizaram  
Gotas de suave, enternecido pranto.

## XI

Serena a reflexão commoções d'alma.  
O lusitano continúa: «Certo  
Que has dito bem, tam profanado e abjecto  
De amigo o santo nome hão pôsto os homens,  
Que mal sei eu se injúria ou honra é elle.»  
Parou aqui, como assombrado n'alma  
Da amarga observação. Depois,volvendo-se  
Menos afflicto ao missionario, disse:  
«Embora! pois que emfim tenho encontrado  
Consolação tam doce a minhas mágoas.  
O meu nome—inda mal! bem conhecido  
Por esse novo imperio do Oriente—  
É Luiz de Camões. Em tenros annos  
Ancia ardente de gloria e de renome,  
Porventura outra causa mais violenta,  
Mais nobre... e mais funesta—me levaram  
A's africanas praias, dura eschola  
Da portugueza mocidade. Alegre,  
Que me sorria então verde esperança  
No enganoso porvir,—entrei os muros  
Da veneranda Ceuta, insigne preço  
De sangue regio e d'um martyrio illustre.  
Paternas mãos as armas me cingiram.  
On! pae tinha eu ainda... Honrado velho,  
Na vereda da honra me puzeste,  
Fui, como tu, caminho da desgraça.

## XII

«Ah! se um filho que ha visto na batalha  
O paterno valor, que ouve entre a grita  
Aquelle voz que o acariciou na infancia,  
Bradar-lhe: — Avante! — aquelle braço amigo  
Que o embalou nos dias da innocencia,  
A apontar para a estrada da victoria;  
Oh! se a tal homem covardia pôde  
Entrar no peito vil... Não é possivel.  
Eu aprendi a combater com elle.  
Lembra-me o dia, porventura o maximo  
De minha vida, se hontem, se outro ainda  
Nos de minha existencia não contára,  
Quando no Estreito<sup>1</sup> a barbaressa frota  
Nossas náos victoriosas derrotaram...  
Era a minha primeira lição de armas.  
Foi a primeira vez que o mauro aliange  
Por d'ante os olhos me cruzou co'a morte...  
Junto a meu pae—á frente o viram sempre...  
Sobre o imigo baixel a panno cheio  
Cahia a não de seu commando...<sup>2</sup> Um silvo  
De pe'oiro soou.—Mirado a elle  
Certeiro Mouro tinha.—Estendo o escudo...  
Movimento feliz! salvei-lhe a vida.  
A bala resvalou,—e já sem força,  
Leve aqui me feriu na sestra face,  
E fria aos pés me cêe.»

1 De Gibraltar.

2 Historico.



CAMÕES — CANTO II

obre o cadaver... ergue o veio... «Natercia.»

FA-7, 206



— Leve ferida  
Que um dos olhos!...  
«Oh! dous nos ha dado  
Liberal natureza.—Que vale isso!  
Salvei meu pae.

## XIII

Voltei por fim á patria  
Outra vez de esperanças illudido  
Alguns serviços, por benignos chefes  
Exagerados sim, mas não mentidos,  
Nada obtiveram,—nem o esquecimento  
D'um inimigo cru, jurado, injusto,  
Que jámais o offendi, jámais—Se é offensa  
Ter olhos para vêr a formosura,  
Coração para amar, alma de fogo  
Para mandar aos labios anhelantes  
Faiscas d'esse amor; se o dom da lyra  
(Dil-o-hei funesto ou chamar-lhe hei ditoso.)  
Que me outorgára o ceo, votei ás áras  
D'esse amor que foi unica ventura  
De minha vida,—única innocente  
Causa de meus acerbos infortúnios,  
E agora . . .

Sobre o peito a dextra apertta  
Como em chaga dorida a mão do enêrmo  
Para acalmar a dor; pendeu-lhe a frente  
Para o seio agitado. Instantes breves  
As mostras da afflicção se patenteiam.

## XIV

«Se é crime, continuou, ter alma e vista,  
Foi essa a unica offensa que lhe hei feito  
Ao vingativo conde. <sup>1</sup> Por má sorte,  
Laços fataes de sangue lhe prendiam  
De meus suspiros o adorado objecto.  
O nascimento igual a equal fortuna,  
Tudo por mim, tudo por nós tallava.  
Cubiça empederniu seu duro peito:  
E o soldado só de honra herdeiro rico  
Que podia esperar? Seu vão orgulho  
Se enriveceu, de baixo, a perseguir-me.

## XV

«Nada na côrte obtive contrastado  
Por tam forte inimigo, eu sem fortuna,  
Sem arrimo, sem pae. Como eu, perdido  
Entre o obscuro tropel dos desvalidos  
Que o sangue pela patria não barateado  
Para perder á mingua o resto d'elle  
Meu pae, de pura mágoa e de despeito,  
Feneceu em meus braços. — Só no mundo,  
Que me restava? Perceer como elle,  
Ou por um nobre feito despirar-me,  
Vingar a affronta de uma patria ingrata.

## XVI

«De taes ideas combatido o ânimo,  
Um dia ás margens do formoso Tejo,  
Curtindo acerbas dores, passejava,  
E os olhos desvaírados estendia  
Por essa majestade de suas aguas  
Coalhadas de bixéis, que as ricas párcas,  
Que os tributos do Oriente vêm trazer-lhe  
Andando, meu espirito agitado  
Se enlevava nas glórias, nos prodigios  
Que a tam pequeno canto do universo  
Ametade da terra avassalaram  
Transportava-me o ardente pensamento  
Aos palmares do Ganges envergados  
De trophéos portuguezes; via o nauta

<sup>1</sup> O Conde da Castanheira: veja-se nota no fim.

Que ousou galgar o tormentorio Cabo,  
E nos balcões da descoberta aurora  
Hasteou as Quinas santas Retiniam-me  
Nos trémulos ouvidos os trabucos,  
Que a golpes crebros, as muralhas prostra  
Do rico <sup>1</sup> cruz, da prospera Malaca,  
E da soberba Goa, empório novo  
Do novo Imperio immenso. <sup>2</sup> Joelhados  
Via os reis de Siam e de Narsinga  
Aos pes do vencedor depór os sceptros,  
E render, supplicantes, vassalagem  
Ao ferro lusitano. Os nobres muros  
Vi de liu estalar, saltar aos áres  
Por infernal ardid; e entre as ruínas  
Dos inflamados bastiões, — dispersos  
Os palpitantes membros d'esse filho  
Por quem não correm lagrimas paternas;  
Não, que martyr da patria é morto o filho.

## XVII

«D'esse pae venerando — esse Fabricio  
Da lusitana historia, renovando  
Srb o arcos triumphaes da inclyta Goa  
Altas pompas de Roma, e altas virtudes  
Que só geraram Lusitania e Roma! —  
De Vasco, de Pacheco, de . . . lbuquerque  
Inflamavam n'um extasi de rapto  
Meu peito portuguez memorias grandes.  
Quem taes milagres d'heroismo e de honra,  
Quem tanta gloria a tam pequeno berço  
Foi tam longe ganhar? Quem a um punhado  
De homens, á mais pequena nação do orbe  
Deu mães a transport, veredas novas  
A descobrir na face do universo:  
Povos a subjugar, reis a humilhal-os,  
Ignotos mundos a juntar ao velho,  
E, a dilatar-lhe a superficie, a terra?  
Elles — E a patria, por quem tanto não feito,  
Que digno premio lhes ha dado? — A fome  
Num hospital galardeou Pacheco;  
A Albuquerque a deshonra ao pé da campá;  
Castro á pobreza, que os socorros ultimos  
Sobre o leito da morte mendigava.

## XVIII

«Ingrata . . . ingrata patria! — Fatigado  
Como de tanta glória e tal vergonha,  
Parei junto me achava então do templo <sup>1</sup>  
Que a piedade e fortunas apregóa  
De Manuel o feliz; padrão sagrado  
De gloria e religião, esmêro d'artes  
Protegidas de um rei que soube o preço  
— Alguma vez ao menos — ao talen o,  
A' lealdade, ao valor, ao patriotismo.  
— Nem sempre; mas tam pouco de virtude  
Basta n'um rei para esquecer-lhe os crimes!

## XIX

«Aberta em par do templo estava a porta;  
Entrei Naquellas pedras animadas  
Por cinzel primoroso se pasciam  
Meus olhos admirados: as erguidas  
Columnas, as abobadas altivas,  
As palmas, as cordagens enlaçadas,  
E o signal santo que as remata e une  
E que por toda a parte está marcando  
As victorias do lenho triumphante,  
O vexilo da gloria portugueza,  
Nunca, nunca tam alto me clamaram  
Que sós sem Deus, sós pelo esforço humano  
Não fariam jámais os portuguezes

<sup>1</sup> Igreja do convento de Belem

O que hão feito no mundo... Dei c'o tumulo  
De custoso lavor que ahi resguarda  
As cinzas do monarcha afortunado  
Afortunado em vida; a morte, fecha-lhe  
Sello do Eterno os labios descarnados:  
São segredos de Deus os do sepulchro.  
Mais cansado que pio, ajoelhei-me  
Sobre os degrãos do tumulo: insensível,  
No recostado braco a frente inclino,  
E descahi n'um languido deliquio,  
Que nem morte, nem sono, mas olvido  
Suavissimo e da vida. Sono embora  
Lhe chamaria, se as visões tam claras,  
Mais raptó d'alma em extasi sublime  
Que imagem van de sonhos, as não visse.  
Talvez seria natural effeito  
De agitados sentidos, porventura  
Mui crédulo serei: mais alta causa  
Do phenomeno estranho então a tive.

## XX

«Oh! sonho não foi esse. — Affligou-se-me  
Vér do moimento erguer-se um vapor leve,  
Raro, como de nuvem transparente  
Que mal embaça o lume das estrellas  
No puro azul dos céos: — foi pouco a pouco  
Condensando-se espesso, e longes dava  
De humana fôrma irregular — qual sóem  
Ao pôr do sol phantasticas figuras  
S'nuvens debuxar pelo horizonte.  
Logo mais certas, mais distinctas fôrmas,  
Qual mole cera em mãos d'habíl artefice,  
Tomando foi. Já claro ante mim era.  
Roups trajava alvissimas e longas;  
Seus braços de extensão desmesurada,  
Um sobre o peito c'o indice apontava  
Ao coração, que as vestes resplendentes  
Transparecer deixavam: Viva chamma,  
Como luz de carbunclo, brilhava  
Na viscera patente; e em radiosas  
Lettras lhe solettei: *Amor da Patria.*»

## XXI

«Da maravilha como por encanto,  
Sem receio ou terror a contemplava.  
Quasi por tal prodigio enfeitado;  
Quando estes sons, entre aspero e suave,  
Mas solemnes ouvi: — «Joven ousado,  
«Grande empresa te coube, — acerba glória,  
«De que não gozarás! Desgraças cruas  
«Fadam teus dias. Mas a fama ao cabo.  
«A patria, que foi minha, que amei sempre,  
«Que amo inda agora, grã'servico aguarda  
«De ti. Um monumento mais duravel  
«Do que as moles do Egypto, erguer-lhe deves.  
«Pyramide será por onde os seculos  
«Hão de passar de longe e respeitosos.  
«Galardão, não o esperes. — Fui ingrato  
«Eu, fui! Ingrato rei, ingrato amigo.  
«E a quem! — Maiores de meu sangue ainda  
«Ingratos nascerão. Tu serve a Patria:  
«E teu destino celebrar seu nome  
«Os homens não são dignos nem de cuí-las,  
«As queixas do infeliz Segue ao Oriente,  
«Salva do esquecimento essas ruínas  
«Que já meus netos de amontoar começam  
«Nos campos, nos alcaçeres de glória,  
«Preço de tanto sangue generoso.  
«Um dia. — Em vão perante o excelso throno  
«Do Eterno me hei prostrado; irrevogave!  
«A sentença fatal tem de cumprir-se —  
«Um dia inda virá que, envidado,

«Esquecido na terra, envergonhado  
«O nome portuguez... — ppribrio, mágoa,  
«Dura pena de crimes! tabua unica  
«Lhe darás tu para salvar-lhe a fama  
«Do naufragio. Tu só dirás aos seculos,  
«Aos povos, ás nações: *Alli foi Lysia.*  
«Como o encerrado rolo sobre as aguas  
«Unico leva á praia o nome e a fama  
«Do perdido baixel. — Parte, salval-o!  
«Salvâ-lo, em quanto é tempo! — Extincto... Infamia!  
«Extincto Portugal. Oh dor!... — Rompeu-lhe  
O derradeiro accento d'estas vozes  
Em som de pena tal e tam tremendo,  
De tam profunda mágoa, que inda agora  
Nos cortados ouvidos me ribomba,  
Estremeci, olhei; já nada vejo:  
Ou acordei, ou a visão se fôra.

## XXII

«Dir-vos-hei que serena a mente e placida,  
Que as ideas distinctas conservava,  
Não como é de uso ao despertar d'um sonho?  
Fé me não prestareis: mas em minha alma  
Tam claramente li como um reflexo  
De inspiração maior que humana coisa,  
Que, sem hesitar mais, sen. um momento  
De incerto duvidar, assentei firme  
No presupposto de seguir meu lado,  
E ás descubertas plagas do Oriente  
Ir demandar essa escondida sorte.  
Esse feito, essa gloria prometida  
De engrandecer o ninho meu paterno.  
Uma só coisa, — confessa! — é força,  
Mas que dizê-lo peje — acobardava  
A tenção resoluta. Ir mar em fôra  
A terras lá tam longes, e deixal-a,  
Deixal-a... e sem esparanças, nem ao menos  
De inda a tornar a vêr! — Sabeis quem digo;  
L'oupaç-me a dor de preferir seu nome.  
Dura e ferida n'alma se travavam  
L'atalha, amor e patria. A nor vencia  
Quasi... não triumphou...»

## XXIII

Aqui chegava  
O contar de sua historia, quando á porta  
Da cella redobrados golpes batem.  
O missionario abriu; um pagem moço  
E de custoso d'o ataviado  
Uma carta fechada a fio negro  
De seda traz.

— «Um cavalleiro busco  
Hontem da India vindo.

«Hontem chegaram  
Os galeões da frota: cavalleiros  
Muitos viriam.

— «Anta-Fé se chama  
O galeão; e o cavalleiro... Lêde.—  
Do pagem se approxima o luzitano  
Da inesperada mensagem: curioso.  
No sobrescripto leu que assim dizia:  
*A Luiz de Camões—logo Escudri;*  
Mais abaixo — *Em mão propria*

«Entregae, pagem:»

Sou esse. De quem vem?  
— «De quem não manda  
Mais palavra que as lettras vos não digam —  
Corteja e parte logo.— Que será?



## CANTO QUARTO

Da a vista pouco e pouco se desterra;  
D'aquelles patios e fontes, que ficavam;  
Ficava-nos tambem na amada terra  
O coração, que as magoas la deixavam;  
E já, depois que toda se esconden  
Não vimos mais emfim que mar e céu  
LUSIAD.

### I

— QUEM não teme ir de encontro a seu destino,  
E provar-se homem ... nas desertas rocas  
Do Castello mourisco, sobre a Serra  
Da Lua, achará premio, o maior premio!  
E castigo tambem de sua audacia  
A'manha no expirar da luz ... A corte  
Mais não dizia. — Qu'il estranho enigma!  
Premio, castigo a mim! ... A mim! Duvidam  
Se tenho coração ... Exigem provas!  
Quem? Para quê? ... Irei? Porque não?... Vamos.  
Espera-me talvez a hora querida  
Da vingança ... A'manha! ... A'manha! ... hoje.

### II

«Irei, sim, rompo o vato, continuando.  
Alto, o discurso que atéli na mente  
Comsigo meditando revolvera;  
Irei sim Não achaes que devo amigo?  
— Deveis o que?»

«Ir.

— Onde?

«Onde é meu lado.

— Quereis dizer á côrte? Ouvi que a Cintra  
Se fôra el-rei com o conselho e cahos  
Principaes do exercito. E' voz pública  
Que hão-de ahi resolver graves projectos  
D'alta valia: mas ...

«... que me importa

A mim côrte e conselho? Outros motivos  
Tenho, outras razões. ...

— Tenhaes embora.

Mas, já que estaes na côrte ou perto d'ella,  
Avisado seria aproveitar-vos  
Da occasião. Por bôcca anda de todos  
Que do joven monarcha se prepara  
Nova jornada ás Costas africanas.  
Em bem a fadé o céu!

«Dizem-no! É certo?

Um mancebo inexperto, unica esperança  
Do reino, que, inda mal! já tanto inclina  
Da primeira grandeza! — Ah! confiança  
Tenho que inda haverá n'esse conselho  
Um portuguez que portuguez lhe fale,  
E com a respeitosa liberdade  
Que é nossa natural e um bom rei preza.  
Preze ou não, deve ouvi-la: mau conselho  
Dará sempre o que, ao dal-o, se arreceia  
Da verdade que diz. — E, tarde, é tarde;  
Fomos, não somos já. Continuarão  
Em praticas eguaes os dois amigos;  
Mas o luso, a quem n'alma se alegram  
Ideas que as da patria suspenderam,  
D'est'arte diz: «Amigo, um dever triste

Me chama, a quê não sei: cobre-o mysterio  
Com véo impenetravel. Minha vida  
Toda ha sido de estranhas aventuras  
Quem sabe? — acabará por esta agora  
E de fracos temer. mas de prudentes  
Acautelar-se é lei. Meu haver unico,  
Todos os meus thesouros são um livro  
Pouco valor, — nenhum tem porventura:  
Mas de longas fadigas, do trabalho  
Da vida inteira é fructo. Escripito em partes  
Com lagrimas ha sido, e bem podera  
Com sangue em muitas. Sobre os calvos serros  
Das montanhas, nos valles deleitosos,  
No campo em tendas, na guarita em praças,  
No mar entre o arruido das procellas,  
Ao dos grilhões nos carceres, — continuo,  
Incessante, indefesso hei trabalhado  
Para levar ao cabo a empresa ardua  
D'este livro que tanto me ha custado.  
Já naufrago nas aguas d'esse rio  
Onde tudo perdi, de um braço a villa.  
Nadando, ás ondas confiei revoltas,  
Para no outro o salvar. Este depósito  
Em vossa-mãos confio. Se mais novas  
Não houverdes de mim, — quem sabe? acaso  
Lil podera ser á minha patria  
Ella, e o seu amor, todo o inspiraram,  
A' sua gloria inteiro é consagrado»  
— Tam longa viagem, tam perigosa é essa?  
«Longa não; perigosa. ... Eu sei? Não, certo  
— Quando entendeis partir?

«Eu? esta noite.

— Assim que, em nada mais servir-vos posso.  
Nem já de vossa historia interessante  
Ataremos o fio?

Será elle.» «Oh! sim; nem longo

Suspensão alguns momentos,  
Como buscando, entre outras, um-a idea  
No tumulto confusa, assim prosegue:

### III

«Falei-vos, se a turbada phantasia  
Me não engana, da tenção tomada  
P'or quasi inspiração — vão sonho acaso.  
Com pensamentos taes sahi do templo:  
Escondia-se o sol d'além dos montes  
Da outra margem do Tejo: alve e sem lume  
Parecia no azul dos céus tranquilllos  
Infante a lua, como o arco eburneo  
Que ao nimen que n'esse astro alliguraram,  
Deram antigos vates. Mais sereno,  
Mais bello pôr do sol jámais o hei visto  
Nos desvaireados climas decorridos  
Em minha incerta vida. Ao longo vinha

Da solitaria praia respirando  
A fresca viração que mal das águas  
Leve encrespava a superfície apenas;  
Uma voz me chamou, voz que em meu peito  
Ouve inda o coração, voz doce e meiga,  
Que nunca mais... oh! nunca mais na terra  
Escutarei dos vivos... volve o rosto:  
De baixa gelosia me acenava  
Com um candido véo, mais nivea e candida,  
Formosa e breve mão. Fluctuando ao vento  
O véo cahiu, e a dextra desaparece.

## IV

«Ergui-o palpitando; um nó o atava.  
Trémulo o lesabrocho — era oiro puro,  
Oiro d'aquellas tranças tam queridas,  
Rica joia de amor. Co'a doce prenda  
Vinha um bilhete: abri-o, li: — «Roubado  
Foi este instante a barbaros tutores.  
«Insensatos! vigia mais do que elles  
«Amor, que pôde tudo. A minha glória,  
«Pul-a em teu coração; minha ventura,  
«Minha vida, o meu sêr em ti confio.  
«Parte — é força partir... Ausencia dura.  
«Separação cruel só pôde unir-nos.  
«ae a frota ámanhan; vae alistar-te  
«Campo no Oriente a grandes feitos se abre.  
«Volta com nome tal que tudo vença.  
«Eu viverei de lagrimas... — Embora.  
«Matar-me-hão saudades... — Não, não hão-de.  
«Vêr-me-has ainda; um anjo hontem m'o disse  
«N'um sonho tam feliz! — Era eu vestida  
«De riquissimas galas... e alva c'roa  
«De rosas me toucava... tu a um lado,  
«Triste — não sei por quê, outros de luto:  
«Não me admirou, que nosso amor não querem.  
«E o anjo assim me disse. E mais, que um dia  
«Tamanho se fará teu nome e glória,  
«Que encha o universo. Vae; adeus!... Terrível,  
«Amargo adeus é este... Não importa.  
«Parte e já: is te esqueças... —

## V

«Uma lagrima»

Delira o mus das letras; — quente ainda  
A senti no papel... Mudo e sem vida  
Horas longas fiquei parado, extático,  
No coração a carta, os olhos fitos  
Na avara gelosia. Alta ia a noute;  
Agua acima passava uma fálua:  
Bradei, accodem, a Lisboa volto,  
E ao outro dia, na maré da tarde,  
Da pópa de um galeão via fugindo  
O Tejo, as suas ribas deliciosas,  
Depois a terra; — Alfin o céu e as aguas  
Sós com minhas tristezas me ficaram.

## VI

«Próspero o vento toi. Por esses mares<sup>1</sup>  
Que humana geração jánuas abria,  
Seguindo fomos o atrevido esteiro  
Do grande Vasco. A sestra nos ficavam  
As mauritanas varzeas tam regadas  
De sangue luso. Vimos a frondosa,  
Vecejante Madeira, a primogenita  
De nossas Descubertas e a mais bella  
De quantas pelo atlantico dispersas  
O generoso Henrique adivinhára.  
Massyllia esteril, e os queimados serros

<sup>1</sup> Lus., canto v, desde a est. 3 ate 10.

D'onde o Sanagá negro se despenha,  
Passámos, o Arsinarío cabo vendo,  
Que Verde em seu extremo appellidámos.  
Vimos tambem as Fortunadas<sup>1</sup> ilhas,  
E entrando as que d'Hisperio o nome tomam?  
As orientaes costas africanas  
Rodeámos de Jalofo e de Mandinga,  
D'onde o curvo Gambea ao Tejo manda  
As ricas páreas do caudal luzente.  
As Dorcadas<sup>3</sup> passámos, que dos silvos<sup>4</sup>  
Das viboras na areia inda retinem:  
Crespas tranças outr'ora que inflammavam  
O cêrulo Neptuno. Ao austro a prôa,  
No immenso golpho entrámos, transcendendo  
A Leão serra asperíssima, e o cabo  
Que dissemos das Palmas, e a frondente  
Ilha que do incredulo discipulo  
O appellido tomou.<sup>5</sup> Alli a feitiç,  
Vastissima região que lava o Zaire<sup>6</sup>,  
Ganha por nós a fé, e conquistada  
Por armas só de paz. Assim transtopo  
O que divide o mundo, ardente término,  
A' dextra nos ficava a plaga immensa  
Não sonhada de antigos sabedores,  
Por onde o velho Mundo dilataram  
Os nossos e os que após dos nossos fôram:  
Que ousar e perfazer tammanho feito  
Fôra a humanos esforços impossivel  
Se o braço portuguez não ajudasse.

## VII

O astro novo, não visto de outra gente  
Antes que o luso nauta lh'o amostrasse,  
Já no hemispherio opposto nos brilhava.  
Viamos-lhe essa parte menos bella  
Onde raras estrellas pae e a polo:  
Alli, pezar de Juno e de seus zelos<sup>7</sup>,  
Vimos banhar nas aguas de Neptuno  
As inflammadas Ursas. Pelos topes  
Dos mastros, e no horror da tempestade,  
Claro avistámos a azulada chamma  
Do santo, vivo lume. Oh! recontar-vos  
As maravilhas tantas, os prodigios  
Que hei visto, longo fôra; e conhecidas  
Serão ellas de vós que os largos mares,  
Que as vastissimas plagas descubertas  
Pela nobre aridez lusitana  
Corrido haveis tambem. D'estas paragens  
Velas dêmos ao noto que soprava  
Rijo, em vão, contra a força descontrada  
Da impetuosa corrente. Já uma noite  
Na cortadora prôa vigiando,  
Quando atra cerração medonha e feia<sup>8</sup>  
Nos fecha o claro céu; amaina o vento,  
E em tanta escuridão batendo as velas  
Em podre calma, a pavorosa scena  
Dobram tremendo horror. — O mar ao longe  
Dá longos, oucos brados que rebrammam,  
Como se dêsse em vão n'alguem rochedo.

## VIII

«Eramos cêrca do famoso Cabo  
A que mudou Boa esperança o nome  
Que primeiro lhe dêmos, das Tormentas  
Ao pensar em tam asperas fôrmas,

<sup>1</sup> Camarias<sup>2</sup> As de Caboverde.<sup>3</sup> Ilhas do príncipe, etc.<sup>4</sup> Lus., canto v, desde a est. 11 ate 14.<sup>5</sup> Ilha de S. Thomé<sup>6</sup> Reino de Angola e Congo,<sup>7</sup> Lus., canto v, desde a est. 15, até 25.<sup>8</sup> Lus., canto v, desde a est. 37, até 38.

Tanto sangue perdido, tanta morte,  
Tanto naufragio cru, desgraças tantas  
Que a dobrar esse Cabo nos custaram  
Para ir edificar sublime imperio,  
Novo reino entre gentes tam remotas,  
Se me alargava o coração no peito,  
Vendo-me portuguez E é pois tal feito  
Feito de homens? — O vento repentino  
Soprou, rasgaram-se as fechadas nuvens,  
E retremeu nos mares o estampido  
De um trovão temeroso. Alheada a mente  
Na majestade da procella horrisona,  
E em tammanhas idéas confundida.  
No ar se me affigurou troar de irada  
A potestade immensa d'algum genio  
Que os cancelos do Oriente alli guardasse,  
Cuidei vêr a grandissima estatura  
De disforme gigante a quem as chaves  
Confiára de Asia o árbitro do mundo,  
E que de tanta audacia portugueza  
Irritado, ao primeiro que franquear lhe  
Assim ousou seu passo tam defeso.  
Da bocca negra, e pallido de cholera,  
Fatidico disse: — «O' gente ousada,  
«Mais que quantas no mundo hão commettido  
«Empresas grandes, não te basta o mundo  
«D'homens sabido para tantas guerras,  
«Iaes e tam cruas, com que, tam pequenos,  
«Fatigaes o universo? De tam longe  
«Vindes quebrar meus terminos vedados.  
«A demandar em regiões ignotas  
«Onde cevar essa ambição de glória,  
«Essa implacavel sêde de conquistas  
«Que no inquieto peito vos reterve?  
«Acabareis porfim co'a empresa ardida;  
«Im, venceréis; mas a victoria cara  
«Tem de custar-vos. Inimigo eterno.  
«Aqui em meu tremendo promontorio  
«Vos espero; aqui áspera vingança  
«De quem me descobriu tomarei. — Morte,  
«Morte é o menor dos males que vos guardo  
«Nem da beldade as lagrimas formosas,  
«Nem suspiros de amor, nem ais carpidos  
«De maternal ternura hão de anegar-me  
«E não se acabará só n'isto o dano;  
«Antes por vossas mãos o mor castigo  
«Recebereis: do imperio cimentado  
«Com tanto sangue e com virtude tantas,  
«(Breve as heide perder) medonhos e imes  
«Devassa tyrannia, infandos vícios,  
«Superstição cruel minará de lo  
«Os nobres fundamentos. Aluido  
«Baqueará por terra o solio altivo  
«Que sobre as ruínas ergueréis dos povos.  
«Vis descereis pelos degrãos do vicio  
«Do throno a que a virtude vos alçara.» —

## IX

«Assim na extasiada phantasia  
Um ecco mysterioso me soava:  
Dil-o-hei preságio triste em já gran'parte  
De seu fadar cumprido!...  
...Emfim dobrado?  
O immenso, procelloso promontorio,  
Vogámos, longo, os mares interpostos,  
Que do indico lago áquem separam  
As requemadas costas africanas.  
Saudámos a dura Moçambique,  
Porta do Oriente, que a Asia lusitana  
Parece unir aos africanos dominios,  
Por onde desde a Europa, ás partes quatro  
Se dilatou o portuguez imperio.

1 Lus, canto v. est. 41, até 48.

2 Lus, canto v. desde est. 62 até ao fim

## X

«Do longo navegar altim ao termo  
Desejado chegámos; da soberba  
Cidade de Albuquerque os muros entro.  
De sobresalto o coração batia-me  
Ao pisar essas praias que o triumpho  
Viram do forte Castro. — Aqui da guerra,  
No duro trato, ora ao Gentio rudo,  
Ora ao perfido Mouro combatendo,  
Longo continuei; porém do Marite  
Portuguez quam diversa e hoje a sorte.  
Não glória já, mas trivolas contendas,  
Injustas oppressões nos arrancavam  
A priguçosa espada da bainha.

## XI

«Cheia a imaginação do mysterioso  
Sonho ou visao que, no moimento sacro  
De M. nuel, me incendiára a phantasia,  
Embalde aos prigos, ao furor das ondas,  
Ao mais cru das batalhas me arrojava.  
Se era meu fado a glória, mais potente  
Foi que o meu fado a inveja de inimigos,  
Odios, persiguições. — Já malferido  
De eiva de morte arqueira o imperio d'Asia  
Os devassos costumes, a impiedosa  
Sêde de mando, a sordida cnbica  
Dos ministros da lei, e até — sincero,  
Franco é meu discurrer, e em mal bem certo  
Dos que indignos, do altar, o altar profanam  
Com sacrificios barbaros de sangue.  
A um Deus so de paz e de bondade,  
Em vez de puro incenso de virtudes,  
Negro vapor de pallidos cadaveres,  
Suspiros da viuva, ais do orphão triste,  
Lagrimas, sangue e morte offerecendo  
Tudo, a golpes continuos, redobrados,  
Vae prostrando o glorioso monumento  
Dos Pachecos, dos Castros e Albuquerque:  
Qu'ê d'esse espirito que animava os fortes?  
Qu'ê d'esse vivo ardor de fama honrada  
Que fuscava em lusitanos peitos,  
E arriscadas acções a empresas grandes.  
A mais que humanos feitos os levava,  
Extinguiu-se, acabou. Já fomos Lusos;  
Fomos: — de nossa gloria o brado ingente  
Breve será clamor que geme longe,  
Como voz de sepulchros esquecidos  
Balda soando no porvir que a ignora

## XII

«Que me restava a mim, que me era dado  
Em tal descachimento, em tal baixaza,  
Commetter, perpetrar? — Inuteis prigos  
Em guerras mais inuteis, cicatrizes  
Mal prezadas de quem valia ignora  
Do sangue despurzido em prol da patria,  
Que podiam valer-me? De indignado  
Ergui a voz, clamei contra a vergonha  
Que o nome portuguez assim manchava,  
Esconjurei as sombras indignadas  
Dos heroes fundadores de um imperio  
Que tam bastar.los netos destruíam.  
Em vão clamei; minhas verdades duras  
Molle ouvido os tyrannos cindenderam:  
Puniu desterro injusto a minha audacia.<sup>1</sup>

1 Historico.

## XIII

«Annos sete vaguei de terra em terra,  
Ora vendo essas ilhas escalvadas  
Do eterno fogo que as consumme e amma,  
Ora os deliciosos habitantes  
Da malaia península — Um repouso,  
Plácido quanto o gosam desgraçados,  
Encontrei na escalvada penedia,  
Onde na roca esteril se alevanta  
Macau, fértil agora das riquezas  
Que o manancial do trístico lhe verte.  
Alli, só com meus tristes pensamentos,  
Livres ao menos dos homens, só comigo.  
Co'as lembranças da pátria, co'as saudades  
Que lá me tinham coração e vida,  
Se não vivi feliz, sequer tranquiillo

## XIV

«Nas penhas d'essa ilha abriu natura  
Cava na rocha, solitaria gruta,<sup>2</sup>  
Onde as nayades frias vão coitar-se  
Do ardor da sesta: á entrada lhe vecejam  
Recentes arbustos, heras crespas;  
E no vivo rochedo lhe entalharam  
Mysteriosas mãos ignotas letras  
Talvez em longes éras meditasse  
Solitario discipulo de Confúcio  
Nessa caverna as eternas verdades  
Do grande *Tien*, do deus da Natureza,  
Que ao Socrates da China se amostrara  
Mais temporão, se lhes não mentem chronicas,  
Que ao amante de *Phedon*.<sup>3</sup> — Vem quebrar-se  
Perto o mar, que se espraia longo e longe,  
Té se perder no extremo do horizonte.  
Alli de soledade amarga e doce  
Esquecidas passei horas ditosas:  
Ditosas — se jámais fio de areia  
Na voadora ampulheta me ha corrido  
Horas que taes se chamem. — N'esse poiso  
De suave tristeza me accudiam  
A' memoria as lembranças do passado,  
Magoadas co'as ideas do presente,  
De envolta com receios do futuro:  
E acaso de esperança verdejava  
Leve folha dos ventos assoprada.

## XV

«Patria, oh patria! — dizia — é pois um sonho  
Essa visão, que por celeste a tive?  
Teu nome eternizar dar brado á fama,  
Que de ti digno, digno de Nathercia  
As gerações passadas me acclamassem!..  
Assim vos dissipaes, visões de glória,  
Como fumo que se ergue da choupana

Para subir aos céus, — que Euros dispersam,  
Quasi punindo-o de tenções tam altas!  
Que pôde em pró da patria um desgraçado,  
Perseguido, no exilio imerecido?...

## XVI

«Uma voz cá do intimo do peito  
Cuidei ouvir que assim me respondia:  
— Póde mais do que a espada, a voz e a penna:  
Feitos de glória immortaliza o Canto,  
Salvam do olvido as musas. Vive a fama  
Que em versos divulgaram numerosos  
Vates de Grecia e Roma. E menos digno  
De eterno carne o Peito lusitano,<sup>1</sup>  
A quem Neptuno e Marte obedeceram?  
Um Nuno fero, um Egas, um dom Fuas  
Não excedem os sonhos mal fingidos  
De Orlandos falsos e de vãos Rogeiros?  
Do incerto Enéas para si não te ma  
Fama e renome aquelle Gama illustre  
Que ousado em p'rigos, firme e duro d'alma  
Mais do que permitia esforço humano,  
Commetteu e perfez acção tamanha?

## XVII

«Na mente, como um impeto invencivel,  
Me dava abalo o altivo pensamento.  
Grande é o arrojô, desmedida a altura  
Onde me affoita de subir a ideia.  
Embora, embora! seguirei meu fado.  
As nymphas invoquei do Iêjo ameno,  
Que em mim creassem novo engenho ardente  
Que a tam subida emprêsa se elevasse.  
Commetti, perseverei no ousado intento;  
Trabalho de annos foi: e emfim completo,  
Com ell: á doce patria me voltava  
No benigno favor esperançado  
De meus concidadãos, no de um monarcha  
Prezador das virtudes, do heroismo  
Que em meus versos cantei. — Mais doce ainda,  
De mais subido premio outra esperança  
Me alentava... Ai de mim! um longo sonho  
Minha existencia ha sido — E pois que nada,  
Nada já'gora me ficou na terra...  
Eil-o, senhor, o livro: apresental-o  
Cuidei outr'ora á esperançosa prole  
Do grande Manuel; cuidei depól-o  
Aos pés d'outro monarcha mais potente.  
Que melhor galardão podera dar-me  
Por quanto hei merecido... — Hoje... »

## XVIII

N'esta voz, som confuso e mal formado  
Que vinha depós ella, se desperde  
Em longo e cortadissimo suspiro.

Suspense

<sup>1</sup> Philippinas.<sup>2</sup> Chamada ainda hoje a Gruta de Camões<sup>3</sup> Socrates. Veja nota no fim.



CAMÕES — CANTO III

— «Um cavalleiro busco

PA 212



## CANTO QUINTO

Reposou lá no ceo eternamente.  
E viva eu cá na terra sempre triste.  
CAM., SONEI.

### I

CORREI sobre estas flores desbotadas,  
Lagrimas tristes minhas, orvalhae as,  
Que a aridez do sepulchro as tem queimado.  
Rosa de amor, rosa purpurea e bella,  
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

### II

«O viço de meus annos se ha murchado  
Nas fadigas, no ardor sévo de Marte;  
Extranhas praias, ignoradas gentes,  
Barbaros cultos vi; gemi na angústia,  
Penei ao desamparo, e n' soledade;  
Vaguei sósinho á mingua e sem conforto  
Pelos palmares onde rugo o tigre:  
Tudo soffri no alento d'uma esperança  
Que, no instante de vê-la me ha fugido...  
Rosa de amor, rosa purpurea e bella,  
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

### III

«Longe, por esse azul dos vastos mares,  
Na soidão melancholica das aguas  
Ouvi gemer a lamentosa Alcivone,  
E com ella gemeu minha saudade.  
Alta a noite, escutei o carpir tenebre  
Do nauta que suspira por um tumulo  
Na terra de seus paes; e aos longos pios  
Da ave triste ajuntei meus ais mais triste:  
Rosa de amor, rosa purpurea e bella,  
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

### IV

«Os ventos pelas gáveas sibillaram;  
Duras rajadas de esgarceo tremendo  
As descosidas pranchas semeavam  
Pelas cavadas ondas... Feia a morte  
Nos acenou co'as róxas agonias  
Malditas da esperança... — E eu só a via,  
Eu só, na cerração da temp stade,  
Via brilhar a luz da meiga estrela,  
Unico norte meu. Por mar em fóra  
Os duros membros negros estendia  
Esse Gigante cujo aspecto horrendo  
Primeiro eu vi, primeiro a seus amores  
Corri o véo dos interpostos seculos:  
Quiz-me punir do ousado sacrilegio  
Com que os segredos seus vulgarei na lyra  
As iras lhe arrotei, ouvi sem medo

Os amarelllos dentes a ranger-lhe  
Por entre os furacões de atra procella.  
Vi-o a esqualida barba, de despcito,  
Arrepellar-se. e a cõr terrena e pallida  
Ao clarão dos relampagos luzir lhe  
Da sanguinosa colera inflamada  
Não me aterrou, que do almejado pórtio  
Me allumiava o farol da luz amiga,  
Lume consolador, fanal de esperança,  
Quando na praia já, sem luz me deixas!  
Engano lisongeiro da existência,  
Que verdade cruel te ha dissipado?  
Que impia mão te ceifou no ardor da sesta,  
Rosa de amor, rosa purpurea e bella?

### V

«Os eccos das soidões que lava o G nges  
As veigas onde cresce a palma do Indo,  
Apprenderam teu nome. E o meigo accento  
De minha branda lyra repetindo,  
No sussuro das folhas recedentes  
A filha de Cyniras murmurava;  
Seus perfumados troncos, entalhados  
Por minhas mãos, embalsamado pranto  
Ao receber teu nome derramavam:  
A criminosa Myrrha parecia  
De tam virtuoso amor envergonhar-se.  
Rosa de amor, rosa purpurea e bella,  
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

### VI

«Oh gruta de Macão, soidão querida,  
Onde tam doces horas de tristeza,  
De saudade passei! Gruta benigna  
Que escutaste meus languidos suspiros.  
Que ouviste minhas queixas namoradas.  
Oh fresquidão amena, oh grato asylo  
Onde me ia acceitar de acerbas mágoas,  
Onde amor, onde a patria me inspiraram  
Os maviosos sons e os sons terríveis  
Que hão-de affrontar os tempos e a injustiça!  
Tu guardarás no seio os meus queixumes,  
Tu contarás das porvindouras éras  
Os segredos de amor, que me escutaste,  
E tu dirás a ingrato Portuguezes  
Se portuguez eu fui, se amei a patria,  
Se, além d'ella e de amor por outro objecto  
Meu coração bateu, luctou meu braço,  
Ou modulou meu verso eternos carmes  
Patria, patria, rival tu foste d'Elia!  
Tu me ficaste só, não desampares  
Quem por Elia e por ti soffreu constante,  
Quem por ti só agora o fio extremo  
Tenhe conserva da existência afflicta...  
Rosa de amor, rosa purpurea e bella,  
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

## VII

«Desamparou-me! — Triste e sem conforto  
 Fiquei só, n'este valle de amargura.  
 Linda, mimosa flor, á sombra tua,  
 Rasteira grama vegetava apenas  
 Minha timi la esp'rança. Amarelleço.  
 Desabrigada planta, ao sópro ardente  
 Do norte queimador. — Quem te ha cortado,  
 Quem rainha das flóridas campinas,  
 Te decepou sem dó — que faz que espera,  
 Que não leva também, que não arranca  
 A humilde ervinha que sem ti falece?  
 Rosa de amor, rosa púrpurea e bella,  
 Oh! leva-me contigo á campia fria.»

## VIII

Canção, canção de morte era esta sua,  
 Que em som carpido os montes repetiam  
 Da umbrosa Cintra. Sobre um calvo sêrro  
 Na pedregosa encosta da montanha  
 Que os mouriscos torções inda corôam,  
 Assim cantava aos socegados ventos,  
 Qual moribundo cysne gorgendo  
 Pelas ribas do Eurotas Parecia  
 Que manso pelas auras suspirava  
 A eternecida Ignez, vendo o seu vate,  
 Seu immortal cantor gemer como ella.  
 Elle uma sêcca, emmurchecida c'roa  
 De desfolhadas rosas apertava  
 No anciado peito: a fio e fio as lagrimas  
 —Embalde! — sôbre as flores resequidas  
 Corriam da grinalda; o acre do pranto  
 Mais lhe queimava a tez: não torna ao viço  
 Flor que peisou na loisa do sepulchro.

## IX

Nascia o sol: a névoa quem reбуça  
 De humido manto os cumes das montanhas  
 No alvorecer do dia, em vóo ligeiro  
 Rara se adelgaçava; respiciam  
 No socegado mar os doces raios  
 Da recem-nada luz. A amena veiga,  
 Delicioso valle a quem de Tempe  
 Cede beldade e fama, se estendia  
 Pelas faldas da serra. As perfumadas  
 Árvores d'aureos pómos reluzentes  
 Que á veloz Athalanta o pé ligeira  
 Na apostada carreira retiveram,  
 E o tam ligado cinto desataram;  
 As verde-escuras, espinhosas plantas  
 D'onde virgineas tétas imitavam.  
 Pendê o cereo limão, — pendor não grato  
 No lindo pómo a que o semelha o vate —  
 Sobre a relva, inda fresco-rociada  
 Das lagrimas da aurora, se avistavam  
 Pela immensa campina recolhendo  
 A aura creadora nas lustrosas folhas  
 D'onde a vida nos troncos se derrama.  
 Toda se alvoreçava a natureza  
 A' vinda alegre d'essa luz benéfica,  
 Remoçadora eterna da existencia,  
 Cujas são alma e vida do universo.

## X

Em toda a pompa e luxo de suas galas  
 Cintra, a formosa Cintra se amostrava

, Collares.

Ao monarcha das luzes, — qual princeza  
 Do Oriente ao regio noivo se apresenta,  
 Voluptuosos perfumes exhalando  
 Das longas sedas com que brinca o zephyro.

## XI

Oh! Cintra! oh saudosissimo retiro,  
 Onde se esquecem magoas, onde folga  
 De se olvidar no seio á natureza  
 Pensamentos que embala adormecido  
 O sussuro das filhas, c'o murmurio  
 Das despenhadas lymphas misturado!  
 Quem, descansado á fresca sombra tua,  
 Sonhou senão venturas? Quem, sentado  
 No musgo de tuas rocas escarpadas,  
 Espaiecendo os olhos satisfeitos  
 Por céus, por mares, por montanhas, prados,  
 Por quanto ha hi mais bello no universo,  
 Não senti arrobar-se-lhe a existencia,  
 Poisar-lhe o coração suavemente  
 Sobre esquecidas penas, amarguras,  
 Ancias, lavor da vida? — Oh grutas frias,  
 Oh gemedoras fontes, oh suspiros  
 De namoradas selvas, brandas veigas,  
 Verdes outeiros, gigantescas serras!  
 Não vos verei eu mais, delicias d'alma?  
 Troncos onde eu cortei queridos nomes  
 De amizade e de amor, não heide um dia  
 Perguntar-vos por elle? Soletando  
 Não irei pelas arvores crescidas  
 Os caracteres que, em tenrinhas plantas,  
 Pelas verdes cortiças lhe entalhára?  
 Oh! se inda eu vos verei! Se os robres duros,  
 Se me guardam fieis os seixos vivos  
 O humilde nome do esquecido vate  
 Que em dias de prazer—tam breves foram!  
 Dias de glória, ternas mãos gravaram!

## XII

Ha corações ainda que o conservam  
 Esse ignorado, — mal sabido nome.  
 Oh! sim, que os ha! Salvae, salvae, ó musas,  
 De meus escuros versos estas linhas,  
 Não para a gloria — sonho vão de nescios!  
 Mas em memoria, doce le guardar-se  
 Nalgum sensível peito. — Onde não gira  
 Meu sangue. . . — E o sangue quam diverso corre  
 Por veias que esquecidas não palpitam,  
 Desleaes! c'o a memoria, mas que rara,  
 Do infeliz, cujo seio enfraquecido  
 Sangue, como esse, alenta. . . Onde não gira  
 Meu sangue — e o sangue quam diverso corre!  
 Peitos achei sacriarios de amizade,  
 Corações de homem. . .

## XIII

Cintra, amena estancia,  
 Throno da vecejante primavera,  
 Quem te não ama? Quem, se em teu regaço  
 Uma hora da vida lhe ha corrido,  
 Essa hora esquecerá? Teu nome sóa  
 Eterno já nos hymnos enramados  
 De immorredouras flores. — Impotente  
 Ahí quebra a furia do fremente oceano  
 A' raiz de teu firme promontorio. . .  
 Mas que infrenes um dia as altas aguas  
 Soltas da voz que disse ao mar: *Suspende-te,*  
*Teu limite é ahí* — galgal-o ousassem,  
 E levar os delphins enamorados  
 Folgar nos sitios em que geme a rôla,



E philomela modulou queixumes,  
 Suavissimo encanto da espessura;  
 Mas que prodigio tal novos trouxessem  
 Os seculos de Pyrria, —inda o teu nome  
 Não o esquecerá transmudado o mundo.  
 Leva-t'o além das passadouras éras  
 Do bardo mysterioso! o eterno canto,  
 A harpa sublime agora pendurada  
 Nos louros do Pamyso, —onde um suspiro  
 De morte lhe quebrou a extrema corda  
 Que Eleutheria divina lhe afinára —  
 Do cantor que no alento derradeiro  
 Ouviram as cidades contendoras  
 Pelo berço de Homero, em canção última  
 De moribundo cygne, o brado ingente  
 Alçar da gloria aos filhos acordados  
 De Leonidas que dorme... Não, não dorme;  
 Véla, c'o escudo e lança emtórno roda  
 Da arvoresinha tenra que plantaram  
 Lanças dos bravos. Lanças mil'a ameaçam:  
 Resistirá? — ou do consorcio adúltero,  
 Impia liga da Cruz e do Crescente,  
 Nascerá monstro que a devore, a trague,  
 E a queimada raiz lhe exponha ao vento  
 Da atra ambição dos reis? — Morrei ao menos,  
 Filhos d'Hellenos, perecei com ella.

## XIV

A vós já volto, ó solidões de Cintra,  
 E ao vate que suspira melancolico  
 Entre esses que parecem dispersados  
 Tumulos de gigantes — ou ruínas  
 De algum primeiro templo cujos mythos  
 Esquecidos ahí jazem, desprezados  
 N'esses brutos lascões. — Últimas notas  
 De sua triste canção inda zumbiam  
 Pelas azas dos placidos favonios,

1 Byron's *Child Harold's Pilgrim*

Quando uma voz:—Não é de ânimo grande  
 Succumbir aos revezes: gema embora  
 O coração ferido; mas um prazo  
 Deu a razão ás lagrimas. Segui-me.  
 «Onde? a quem?... Ah! sois vós? — Sou eu, amigo.  
 Cavalleiro, sou eu. Vinde; á justiça  
 Porta abrimos emfim: vêr-vos deseja  
 E ouvir-vos o monarcha.

«A mim! — Poderam

Chegar ao throno as vozes da verdade.  
 Sahe quem sois el-rei; louvou com emphase  
 O amor da patria gloria que a alta empreza  
 De perpetuar seu nome ha commettido.  
 Dando aos heroes de Lygia eterna fama.  
 Vinde, que á hora nona vos aguarda  
 Impaciente.

«Mas o livro..

—A' côrte  
 Vim por elle e por vós: commigo o trouxe.  
 Ha muito o conhecia: amigos vossos  
 D'elle com grande preço me falaram  
 Em Goa e Moçambique.

«E como ao ouvido  
 Chegou d'elrei meu ignorado nome?  
 — Sabereis tudo: dae-vos pressa; é tempo  
 De preparar-vos á solemne audiencia  
 Que haveis do monarcha

## XV

Ambos desciam

A ingreme serra; abordoado o velho  
 Em seu cajado tosco, lhe dobrava  
 Tremulos passos caridoso empenho  
 Do officioso coração. Renasce  
 O ardor sopito no inflammado peito  
 Do guerreiro acordado do lethargo  
 De que o desperta esperançosa a gloria.

## CANTO SEXTO

Não tinha em tanto os feitos gloriosos  
De Achilles, Alexandre na peleja,  
Quanto de quem o canta e os numerosos  
Versos; isso só louva, isso deseja.  
CAM. LUS.

### I

O sceptro de Manuel, nas mãos já debeis  
I'e Joanne ' começado a desdourar-se  
Do esmalte das victorias e trium hoa  
Com que tanta virtude o adereçára,  
O sceptro que, nas mãos de outro Joanne  
Que ensinou a ser reis os reis do mundo,  
Fôra vara de lei e de justiça,  
Fiel de liberdade bem pesada  
Na balança da pública ventura;  
Ora na dextra de inexperto joven  
Vergado a mãos conselhos, vacillante  
Por meneio indiscreto, mal dirige  
A máchina do estado, que parece  
Mover-se ainda pelo antigo impulso  
De melhor regedor. O astro de Lysia  
Do zenith de sua glória descrevia  
Curva affrontosa a miserando occaso,  
Que de Al ácer nas torridas areias  
Erros, crimes, traições lhe estão cavando

### II

Reinava Sebastião. — Se ánimio nobre,  
Se valentia, amor de fama e de honra  
Bastára a fazer reis, fôra um rei esse;  
Mas... — Sebastião reinava. Mal dormido  
Sobre os avitos louros, lá corrêra  
A segar palmas na africana terra,  
Que de nossas conquistas e victorias  
Berço fatal ha sido e sepultura.  
Do primeiro triumpho embriagado  
Cuidou já da fortuna a vária roda  
Ter fixada co'a espada de mancebo.  
Armas, pelepas e victorias sonha  
E emtanto sôbre as ondas mal seguras  
Voga, á lei d'ellas, o baixel do estado.  
Avidas mãos, do abandonado léme  
Validos travam, não a endereçal-o  
Para o rumo perdido; mas cubica  
Treda, que os move, a syrtes, a naufragios  
Desarvorada a não presto arremessa.  
Em suas iras de flagello aos povos  
Um rei conquistador lhes manda o Eterno.

### III

Do Escurial a onça refalsada  
Os negros fios da ambição urui.  
Que, por mãos de vendidos conselheiros,  
Em labyrintho escuro enrezejavam  
Os descuidados passos do monarcha.  
Murmurava em silencio mal soffrido  
Da nobreza leal o escasso resto  
Que do antigo despejo lusitano  
Os francos sentimentos conservava  
Impera o fanatismo, a hypocrisia:  
No profanado altar, fo: ueiras, victimas,  
Do oriente ao occidente lhes afumam  
O incenso da cubica, e o vapor negro  
De sangue e morte que regala os monstros  
Em taças de ouro, com prazer de tigres,  
De lagrimas de viuvas se embriagam;  
E os suspiros dos orphãos desvalidos,  
Como delecte de suave musica,  
Os damnados ouvidos lhes affagam

1 D. João III  
2 D. João II

### IV

Ecco antigo do nome lusitano,  
Memorias de Pachecos e Albuquerque  
Sós continham ainda os inimigos  
Do vacillante imperio Hallucinado,  
Ignorante dos males que lhe encobrem,  
Crê reinar sobre um povo affortunado,  
Do Tejo ao Zaire, e do Amazona ao Ganges,  
O mancebo infeliz: tam vastos reinos,  
Que não governa, dilatar procura.  
Cego! que triste fado, em mal, o aguarda!  
Que triumphos, que glórias, que esperanças,  
Que seculos de victoria, que virtudes  
Não vão, n'um dia, perecer com elle!  
Sorvei, arcias de Africa, essas cinzas,  
Bebei todo esse sangue. — As azas mortas  
Exânime enrolou, cahiu por terra  
O temeroso Drago que amparára  
As Quinas tanto secullo: então primeiro  
O leão de Pyrene o olhou sem medo.

### V

Um só de honrada fama, inda virtuoso  
E portuguez ainda, conservava  
No animo real leve influencia.  
Aio d'era o avô ao joven principe  
Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres,  
E em virtudes e letras illustrados  
Cavalheiros da côrte. Não se atrevi  
Comquanto o desejára, o rei mancebo  
A afastar de seu lado este severo  
Amigo, que as verdades lhe não doira,  
Nem de lisonja vil empanna o lustre  
Que em suas rectas palavras pôz justiça.  
Erros fates, iniquos procederes,  
Feios labêos de purpura—oh! e quantos  
Tem prevenido o velho! Quantas vezes  
Deante d'essa honrada singeleza  
Tem recuado a intriga,—e despeitosa  
Curvado a prepotencia a cerviz dura!  
Os validos, que o temem, que o detestam,  
Arteiramente vão minando surdos  
O favor do monarcha mal experto:  
Mas não poderam inda Pura, ingenua,  
Como a do homem de bem, era de Aleixo  
A religião sincera; detestava  
A hypocrisia, o orgulho dos ministros  
De um Deus todo amor, todo humidade,  
Que, sem commentadores, lhe mostravam  
O Evangelho e a razão.<sup>1</sup> Poucos amigos,  
Como é de vêr, contava o honrado velho,  
Mas dignos d'elle todos. D'esse número  
Era—e não muitos mais de seu estado,  
O castelhano ancião a quem o acaso  
Hospede e confidente ao vate dera.

### VI

Santo fervor que á lusitana côrte  
Trouxera o venerando missionario,  
Do Aio real, na protecção confia  
Para obter o que importa a seus misteres  
Nas remotas regiões onde deixára  
C'os neophyts seus alma e cuidados.  
Versado nos antigos exemplares

1 Veja nota a este verso no fim

De Grecia e Roma, aos canticos sublimes  
De Job e de Isaías se aprazia  
De comparar, em horas mal foigadas,  
Canções de Smyrna e Mantua: a miúdo o viram  
Sobre os prantos de Dido verter lagrimas,  
Talvez sem o remorso escrupuloso  
Do eloquente Augustinho. «Cebando  
Em depósito um Poema de que ouvia  
Falar já tanto, e de homem tam fairoso  
Por seu grande saber, talento e arte,  
Avido o livro abriu, leu. Admirado  
De vêr trajar alfaías lusitanas  
As homéreas bellezas, aos apuros  
Das virgilianas graças,—mais ainda  
De originaes, de novis formosuras  
Por antigos cantores não sabidas,  
—Cantores que jámais cuidou possivel  
Egualar, exceder por arte humana—  
Seu generoso natural ardente  
Se lhe inflammou de nobre enthusiasmo:  
—E obra tal, (exclamou) tamanho engenho,  
Tam nobre amor de patria, tam sublime  
Ardua empreza, trabalho tam difficil  
Não terá galardão? Quem ha mer'cido  
Tanto da patria por espada e penna,  
Ingrata a patria o deixara sem premio?  
Irá mendigo, e supplice implorando  
A chatim mercador de ganho avaro,  
O humildoso favor de que lhe accete  
Tal obra e tanta, por mesquinho preço  
Que, porventura, nem lhe mate a fome  
Nem lhe cubra a nudez?—Oh!.' Resoluto  
Toma o bordão. caminho vae de Cintra,  
A Aleixo fala, expõe-lhe o triste caso,  
Maravilhas que leu conta, e as virtudes  
E assignalados feitos do homem grande  
Que em vão apouca a sorte. Almas firmadas  
Para a virtude e nobres pensamentos,  
Facil se entendem, facil communicam  
De seu ardor sagrado o intimo fogo.

## VII

Menezes disse ao rei:—Senhor, um velho  
E fiel servidor de tantos annos  
Que jámais vos pediu mercê nenhuma,  
Hoje um simples favor pequeno e unico  
Da bondade real—talvez justiça!—  
Poderá esperar?

«Tudo: explicae-vos,  
Tudo: que pretendeis?

—Pouco vos peço:  
Que ouçais um infeliz.

«Onde está elle?  
Venha, mas seja breve; o tempo é curto:  
E meus projectos...

—Praza a Deus que sejam  
Aos portuguezes e ao seu rei proficuos!  
«Certo o serão: a gloria nos aguarda  
Nas africanas praias impacientes.  
A mim me tarda já de n. enconral-a,  
E... Porém dom Aleixo não approva  
As tenções do seu rei.

—Quando em conselho,  
Franco ouvireis o meu; mas fôra d'elle,  
Real senhor, respeito e obediencia  
São os deveres unicos de um subdito.  
«O homem que sois, Menezes, bem conheço:  
Ami-vos desde a infancia, e inda vos amo.  
Sois meu amigo, sei o, e tam sincero,  
Tam leal o não tenho.

—O céu permitta  
Que o cuideis sempre, e que infieis não sejam...  
Senhor, o desgraçado por quem rôgo,  
Nada vos pede; é portuguez e ativo,  
Como o são portuguezes: mas tal feito,

Tam gloriosa empresa em prol da patria  
Commetteu e perfez, que já desaire  
Real seria de a deixar sem premio.  
«Quem é esse homem? Que fez elle? O Gama,  
O Albuquerque igualou?

—Fez mais do que elles:

Que os tornou immortaes. Podem um dia  
Erros nossos, baloiços da fortuna  
Dar cabo d'essas glórias do Oriente,  
D'essas conquistas de Albuquerque e Vasco:  
Mas a fama das letras não perece,  
Nem a domina o fado. Tanta gloria  
Do Portugal padrão eterno exige  
Que lhe assegure dos vaevens da sorte  
O porvir sempre incerto. Que soubemos  
Das façanhas de Achilles, da piedade  
Do lundador primeiro d'essa gente  
Romana, cujo nome inda enche a terra.  
Se de Virgilio e Homero não ficassem  
Mais duraveis, seguros monumentos,  
Que as vencidas nações, que os altos muros  
Das erguidas cidades? Confess'-lo  
Nos é força a nós outros cavalleiros:  
Renome e glória, bem o ganha a espada:  
Mas conserval-o, só o pode a penna.  
«Assim m'o heis ensinado e o tenho certo  
—Dos mais famosos principes o exe npl  
Vol o dirá melhor. Vêde Alexandre  
Chorar de inveja, não pelos triumphos  
Do filho de Peleu, mas pelos cantos  
Que immortal o fizeram: vêde Augusto  
L'remios, favores, honras dispensando  
A quem de Roma as glorias celebrava.  
Valem mais do que os feitos portuguezes  
Os de Gregos, Romanos? Mais victorias,  
Mais trophéus, mais virtudes nos reconta  
Sua falada historia?

«Não, amigo,  
Não; e eu farei que inda maior se exalte  
O nome portuguez pelo universo.  
—Assim apraza aos céus!

«Praz, sim. Ou morte  
Honrada ou gloria igual a meus passados  
Ganharei eu.

—A glória de um monarcha,  
Nem sempre armas a dão Diniz pacifico  
Joanne! o justo...

«Assás m'o tendes dito  
Falemos, dom Aleixo, d'esse livro.

## VIII

E Aleixo quanto ouvia ao missionario  
Breve lhe expõe: o merito da obra  
O glorioso renome que lhe fica  
De protector de letras: enfim tudo  
Quanto para inflamar o animo ardente  
Do nancebo real melhor convinha.  
«Ouvil-o quero, disse o rei, chamae-o  
Da minha parte: premio terá digno  
D'elle e de mim, se o que dizeis é certo.

## IX

O virtuoso Aleixo corre alegre  
Com a resposta ao emp nhado amigo,  
Que de taes esperanças enlevado  
Por devesas e grutas, por montanhas,  
Da fresca Cintra em redor discorre,  
Té que o seu protegido alfim encontra.  
Juntos desceraem a escabrosa serra,  
E de gratos futuros embalsados  
A hora aprazada para a audiencia aguardam.

## CANTO SETIMO

.... Vereis um novo exemplo  
De amor aos patrios feitos valorosos,  
Em versos divulgados numerosos...  
E julgareis qual e mais excelente  
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

LUSIAD.

### I

E vi sobre as cumiadas das montanhas  
De Albion soberba as torres elevadas  
Inda feudaes memorias recordando  
Dos Britões semi-barbaros. Errante  
Pela terra estrangeira, peregrino  
Nas solidões do exilio, fui sentar-me  
Na barbacan ruinosa dos castellos,  
A conversar co'as pedras solitarias,  
E a perguntar ás obras da mão do homem  
Pelo homem que as ergueu. A alma enlevada  
Nos romanticos sonhos, procurava  
Aureas ficções realizar dos bardos:  
Murmurei os tremendos esconjuros  
Do Scaldo sabedor; — falei aos eccos  
Das ruinas a lingua consagrada  
Dos menestreis; — perfiz solememente  
Todo o rito: invoquei firme e sem medo  
Os genios mysteriosos, as aéreas  
Vagas fôrmas da virgem d'alvis roupas.  
Que, as tranças de ouro penteando ao vento,  
Canta as canções dos tempos que passaram  
Ao som da harpa invisivel que lhe tangem  
Os domados espiritos que a servem,  
Como o subtil Ariel,<sup>1</sup> por invencivel,  
Encantado feitiço.

### II

— Ou mal ouvido

Foi o invocar do menestrel extranho,  
Ou triste realidade dissipava  
Phantasias de vates. Nem setteiras  
Me bruxuleavam namoradas côres  
De bordado talim, sérica banda  
Por mão furtiva de gentil donzella  
Deitada em hora escusa ao cavalleiro  
Que aventuras correr se vae ao Oriente  
E a ganhar do infel a Terra santa.  
Nem, d'além vallos, nos corceis armados  
Vi descidas viseiras, peitos de aço  
Onde se espelha vacillante a lua,  
Em quanto aguardam que da ameia sõe  
Corno de anão que abata a erguida ponte  
Não vi quadrigas de vistosas justas  
Nas praças d'armas á lançada viva  
Disputar-se o collar de ouro macisso,  
Premio do vencedor, por mãos bem lindas  
Ao peito inda sauguento pendurado.

### III

Nada!... Só pelos fossos entupidos  
Do desfolhar do outomno, e bronco entulho  
Dos muros derrocados, — soltas pedras  
E immunda terra á vista anfiguravam

<sup>1</sup> Scott's poet. romance

<sup>2</sup> Shakspeare.

Insepultos cadaveres, golpeados  
Membros, inda cobertos de aço e ferro,  
Dos que em contenda injusta pereceram  
Pelo vaidoso orgulho ou vão capricho  
Do castellão soberbo. Nas ameias  
Se me antolhavam horridas cabeças  
Hirta a grenha, co'as carnes laceradas  
Do corvo — certo amigo dos tyrannos,  
Que regalado o trazem. Tristes victimas!  
Mais crime não teriam que a vontade  
Do imperioso senhor, que a seus vassallos  
Villões de sua terra — seus como ella —  
Quiz do poder que tem mostrar a alçada!

### IV

Ao pé d'essas janellas recortadas,  
Em que inda o tempo conservou resquícios  
Dos já pintados vidros, frêsta escassa  
Dá luz medonha á escuridão sombria  
De fétidas masmorras inda inteiras,  
Mais duradoiras que os salões dourados:  
Como se a edade, que destruiu palacios,  
Memorias de prazeres, luxos, pompas,  
Catasse mais respeito a taes vestigios  
De atrocidade e crimes, — e escrevesse,  
Ao passar, com a fouce enferrujada,  
No limiar d'essas portas: *Escarnento*  
*As gerações porvir.* — Doia-me alma  
Na solidão das ruinas; e a lembranças  
Mais gratas me fugia o pensamento,  
Para os vergeis da patria esvoaçando.

### V

Oh! nobres paços da risonha Cintra,  
Não sobre a roca erguidos, mas poitados  
Na planicie tranquillã, — que memorias  
Não estas recordando saudosas  
Dos bons tempos de Lysia! Nem setteiras  
Nem torresões nem barbacans nem fóssoes.  
E que havia mister d'esse apparato  
Dado a tyrannos, que inimigos vivem  
De inimigos cercados? Que soldados,  
Que mercenarias hostes de Janizaros  
Precisava um monarcha lusitano,  
Que precedido vae por debeis cannas,  
Symbolo da brandura e singeleza  
De bom pastor de povos? — Santas éras!  
Se podesseis voltar, dias ditosos!

### VI

Alto o dia, horas oito: já nos átrios  
Girava do palacio a vária turba  
Que a audiencia do rei, ou do valido,  
— Quantos do mais escuro sevandija  
Que taes mansões infesta! — alli aguardam





Acovardados uns, esperançosos  
Outros se mostram: Pretendente humilde  
Timido se conchega a pobre capa,  
Porque não toque as rugedoras sedas  
Do corteão soberbo. Altivo o grande  
Com gesto protector alli corteja  
O artifice coitado, que nem ousa  
Recordar-se das dividas antigas  
De tamanho senhor, tam dado e lhano,  
Que tal honra lhe faz. O nedeo abbade,  
Que engordou nas fadigas evangelicas,  
Sem olhar, vae passando o triste cura  
A quem a escassa congrua tanto abaixa  
Na hierarchia pôs. Que requer este?  
Do real padroeiro esmola tenue  
Para uma caridosa albergaria  
Que em seu pobre passal instituirá.  
E o que pretende aquelle? — O episcopado,  
A que tanto direito lhe conferem  
Os trabalhos d'um pingue beneficio  
Disfructado na côrte.

## VII

— Nesta scena

Tam variada em actores e interesses,  
Dois novos, que no gesto e ad'man bem mostram  
Quanto esteiras do paço os desconhecem,<sup>1</sup>  
Entravam; curioso alvo das vistas  
Da turba pretendente: um velho monge,  
Um guerreiro de aspecto altivo e nobre,  
Mas de vaidade alheio — Vem da India  
A requerer: — não trazem d'outra gente  
Estas frótas de Goa. — Abriu se a porta:  
Volvem-se os olhos todos. Qual em Delphos  
Devotos peregrinos, quando os quicicos  
Do mysterioso limiar se movem,  
E o oraculo — terrivel ou propicio? —  
Vae por obscuros carmes explicar-se.

## VIII

E dom Aleixo: no tropel confuso.  
Que se apinha d'entorno, alguém procura  
Quem será o invejado aventureiro?  
O aio real aos dois desconhecidos  
Corujal saúde; e conversando juntos  
Poucos momentos, — eis dão os porteiros  
O devido signal, menestreis tangem;  
Elrei chega, no throno toma assento.  
Breve a audiencia foi; não sobra o tempo  
Para as santas funções de magistrado  
A militares reis: as armas cede  
A toga mal prezada. — Audiencia é finda.

## IX

E el-rei, como inquieto, ao aio antigo:  
— Dom Aleixo, entre tantos pretendentes  
O vosso protegido não n'ó vejo.  
«Eil-o, senhor, o nobre cavalleiro  
Que desejaes ouvir.  
— Sim, quero ouvil o,  
Quero e desejo: não ignoro o preço  
Das boas letras; nem de um raro engenho  
A estima desvalio: em prol da patria  
Uns obramos co'a espada; cumpre a outros  
Co'a penna honral-a.

«Se honra a minha penna,  
Rea' senhor, a minha amada patria,  
Dil-o-hao sabedores e letrados.

Para servil-a . . . espada e braço tenho  
Que por si falarão

— Digna resposta  
De portuguez! Honrado sois, amigo  
Por tal vos tenho e quero; e abonos vejo  
Em vosso rost' que voltar não usa  
Na face do inimigo. — E' este (disse),  
Falando aos cortezaos) de quantos d'Asia  
Aqui vêm, o primeiro que não fala  
Em suas cicatrizes.

«Bastas eram,  
Senhor, as de Pacheco, e . . . — Eu não ignoro  
Asperamente el-rei o interrompia  
Os feitos de Pacheco.»

## X

Olhos pasmados

Os cortezaos cravaram no soldado  
Que tam crua verdade se affoitava  
A proferir alli: algum já cuida  
Que de escuro castello a torre o aguarda,  
Ou que ao menos . . . Compondo um tanto o vulto,  
Tornou el-rei:

— Iremos, para ouvir-vos,  
Da Penha-Verde á fresquidão sentar-nos.  
Calmoso vae o tempo; e ademais, prazem  
Dobrade entre a verdura os dons das musas.

## XI

Seguem todos o rei; a encosta sobem  
Do monte; e pelos bosques onde o louro  
Inda as glorias de Castro está c'roando,  
In a vezeja co'as memorias d'elle,<sup>1</sup>  
A real companhia vae entrando.

## XII

Estavam d'altas arvores á sombra,  
De avelludada relva em fresco assento.  
Attento o joven rei fitava ansioso  
O guerreiro cantor que o nobre aspecto  
Tinha como de gloria resplendente,  
E na divina inspiração acceso.  
Qual devéras o imita, qual fingindo:  
Mas todos se compõe do rei a exemplo.  
O vate começou: pausado accento,  
Respeitoso não tímido, lhe alonga  
Solemnemente o cadencear medido  
Do metro numeroso. O heroico assumpto<sup>2</sup>  
Primeiro expõe do Canto: armas e gloria  
Dos barões lusitanos que fundaram  
Do Oriente o Imperio novo; os grandes feitos  
Dos reis, dos cidadãos de eterna fama  
Que se hão da lei da morte libertado.  
Logo as Tágides musas invocando  
Porque a to som lhe dêm e sublimado,  
Um estylo grandiloquo e corrente:  
— «Dae-me — com voz mais elevada clama —  
Dae-me uma furia sonora e grande.  
E não de agreste avêna ou ruda frauta,  
Mas da tuba canora — bellicosa  
Que o peito accende, e a cor ao gesto muda,  
Um canto igual a meu erguido assumpto,  
Se tam sublime preço cabe em verso.»

<sup>1</sup> Expressão do elegantissimo D. Fran. Man. de Meilo *Guia de casados*.

<sup>2</sup> Célebre quinta de D. João de Castro  
2 Lus., canto I.

## XIII

Depois ao joven rei, segura esp'rança  
Da lusitana, antiga liberdade,  
Em versos de amor patrio scintillantes,  
A ouvir cantar dos feitos portuguezes  
Convida; pinta-lhe em vivazes cores  
A grandeza do povo a que preside,  
A lealdade, o valor; e recordando  
De seus avós fa-nosos as virtudes,  
Digno exemplar de emulação lhe aponta.

## XIV

Já da tuba a Calliope travando,  
Em terso stylo, e não de inchada pompa,  
Mas — qual fluente e magestoso rio  
Por suas ribas magnifico se espalha —  
Tal por seu grande assumpto o vate immenso.

## XV

No largo oceano, em próspera bonança  
As atrevidas náos vão navegando.  
Dos céus o alto Poder sublime e dino  
A conselho as menores potestades  
Sobre tamanha empresa convocava.  
Cuidas vêr, lá n'um throno de diamante,  
Sentado o pae dos nunes; por seus labios  
Fulge o louvor da lusitana gente,  
Pasma e terror do mundo. E seu proposito  
De mor glori! lhe dar no ignoto Oriente.  
De Nysa o vencedor cioso impugna  
A sentença do nimen. Quem sustenta  
A heroica Lysia? É Venus, Venus bella,  
Atleioada a um povo, das romanas  
Qualidades herdeiro, e cuja lingua  
Com pouca corrupção crê que é latina;  
Um povo tam zeloso de seu culto,  
Tam devoto amator de seus alhares!  
O fado o decretou, Jove o confirma;  
Abram-se as portas do Oriente aos Lusos.

## XVI

Já surgindo na treda? Moçambique,  
Ao fementido mouro pune o Gama  
Da perfida malicia. Eis lá Mombaça,<sup>1</sup>  
Onde falsos Sinons a engano o levam,  
Crú evício lhe estava preparando,  
Por artes do que sempre a mocidade  
Tem no rosto perpetua, e foi nascido  
De duas mães. Tu, Erycina linda,  
Que a assignalada gente andas guardando,  
Tu do velho Nereu, co'as alvas filhas,  
Pondo ao duro madeiro o brando peito,  
Da cilada os salvaste — Aqui do vate  
O stylo se embrandece, spira o canto  
Suaçissimo, perfumes de Amathunta,  
Rosas de Paphos e jasmins de Gnido  
A namorada lyra lhe coram,  
Quando a bella Dione á sexta esphera  
Segue enlevado — Está pelos semblantes  
Dos que o escutam debuxido o gosto  
Que o deleitoso quadro accende n'alma.  
O mimo dos pinceis tam delicados,  
Não lh'o deu natureza, que o não tinha.  
Deu-lh'o amor de seus cofres escondidos,  
Que nem a Ticiano tam querido,  
Tam gran' privado seu jámais abriga.

<sup>1</sup> Lus., canto I.

## XVII

Marmores de Praxiteles, esmeros  
De Phidias, de Canova. Oh! que beldades  
Retrataes imperfeitas! — mas que os fados  
Vos outorgassem a invejada sorte  
Do venturoso Pygmalion obtida,  
Quando o apuro do cinzel mais dextro  
Taes mimos equalar? Aquelle gesto  
Que as estrellas, o céu e o ar namora,  
Aquelle affrontamento do caminho  
Que a belleza lhe aviva? Como as graças,  
Os espiritos vivos que inspiravam  
Dos olhos onde faz seu filho o ninho?  
Vel a diante do padre omnipotente  
Como n' selva do Ida se amostrára  
Ao mui feliz troyano! ... que, se a vira  
Tal o que já por vista menos bella  
Vulto humano perdeu, nunca seus galgos,  
Barbara leil — o houveram devorado,  
Que primeiro desejos o acabaram.

## XVIII

Os crêspas fios de ouro desparzidos  
Pelo collo que a neve escurecia;  
Lactes tetas que andando lhe tremiam,  
Com quem amor brincava e não se via;  
As flammæ que lhe saem d'alva petrina;  
Desejos que como heras enrolados  
Pelas lisas columnas lhe trepavam ...  
Quem tal expressará, quem taes bellezas,  
Na silice ou painel ou brandos versos,  
Pintar já soube? — Não a viu tam bella  
Graças pleitar pelo invejado pomo  
O real pastor de Priamo. — Escondidos  
Por uelgado sendal outros encantos ...  
Escondidos só quanto mais o accenda  
E redobre o desejo que penetra  
O véo dos roxos liros pouco avaro.

## XIX

O omnipotente padre não resiste  
Aos feitiços do angelico semblante,  
Aquella doce nuvem de tristeza  
Com riso misturada: — Qual a dama  
Em amorosos brinços maltratada  
Do incauto amante — que se ri, se aqueixa  
E se mostra entre alegre maguada.  
Jove não resistiu — quem tal poderá?  
Beijo accendido á súplica responde.

## XX

Propicio o fado aos fortes navegantes  
De sorrir-lhes começa. Já Melinde  
Amigos braços lh'abre: já do Gama  
Os lusitanos feitos recontados,  
Terra e costumes são. Pasma o rei barbaro  
De ouvir dos povos da soberba Europa  
As remotas regiões, ignotos nomes.  
Pinta-lhe, quasi cume da cabeça,<sup>1</sup>  
Da Europa toda, o portuguez imperio,  
Patria do esforço outr'ora e liberdade.  
Liz o pastor que do fierrado conto  
De seu cajuão abate aguias romanas;  
Henrique<sup>2</sup> o mauro jugo espedaçando,  
E abrindo com sua espada triumphante

<sup>1</sup> Lus., canto III.

<sup>2</sup> Conde D. Henrique,







De Lysia o fundamento. Ao filho illustre<sup>1</sup>  
 Cabe gloria maior: de c'róas cinco  
 No Ourique derrubadas, nova c'róa<sup>2</sup>  
 A victoria lhe tece; e as sanctas Quinas,  
 Por eterno brasaõ, dos céus recebe.  
 De Egas Moniz a lealdade e a honra  
 Aqui tambem refere. Olha, os filhinhos  
 Tenros, e a doce esposa vão descalços  
 A offerecer as innocentes vidas  
 Pela dada palavra — Mais se estende  
 Sob o primeiro Sancho o novo reino  
 Pelos vencidos, torridos Algarves.<sup>3</sup>  
 Vem outro Affonso,<sup>4</sup> o vencedor d'Alcácer,  
 Do mouro pertinaz exicio extremo.  
 Mas do segundo Sancho a molle inercia,  
 De privados regida não tolera  
 Nação altiva que outro rei não soffre  
 Que não fôr mais que todos excellentes.<sup>4</sup>  
 Das impotentes mãos as rédeas toma  
 O Conde bolonhez:<sup>5</sup> á glória volvem  
 As armas portuguezas. Melhor sorte  
 Coube a Diniz, pacifico monarcha:  
 A's conquistas da espada deu cultura,  
 D'artes á ornou e ennobreceu co's letras,  
 E ás formosas campinas do Mondego  
 Fez do Hélicon descer as aureas musas.  
 Claros lumes da terra, são's costumes,  
 Constituições e leis co'elle florecem,

## XXI

Mal obediente o valoroso filho,  
 Domador das sobe bas castelhanas.  
 Do venerando pae empunha o sceptro:  
 Affonso,<sup>6</sup> que nos campos do Salado  
 As hostes granadis prostrou tremendas  
 Com pequeno poder. — Viçosos louros  
 De tamanha e tam próspera victoria  
 Caso triste murchou, crueza barbara  
 Que á bellissima Ignez deu morte injusta.  
 O proprio amor, cuja ferina sêde  
 Nem com lagrimas tristes se mitiga,  
 Inda ás saudosas margens do Mondego,  
 Junto á fonte que lagrimas formaram,  
 Verte sobre elle desusado pranto.  
 As nações do universo, que escutaram  
 As endeixas do vate, as vão cantando.  
 E do barbaro Neva ao culto Sena,  
 Desde o Thamesis frio ao Pado ardente,  
 Os lamentos de Ignez repete a lyra.

## XXII

Brandas nymphas do placido Mondego,  
 Vós que o doce gemer, que os namorados

<sup>1</sup> D. Affonso Henriques.

<sup>2</sup> Veja nota a este verso, no fim.

<sup>3</sup> D. Affonso II.

<sup>4</sup> Lus., cant. III, est. 63.

<sup>5</sup> D. Affonso III.

<sup>6</sup> D. Affonso IV.

Ais do prazer ouvistes pela selva  
 Que encobriu tanto amor, tanta ventura  
 Em tempos de mais dita; que escutastes  
 Os maguados suspiros da saudade,  
 Quando ausente d'aquelle por quem vive  
 Só, gemedora rôla vae carpindo  
 A ausencia do seu bem, do seu amado,  
 E aos montes, ás hervinhas ensinando  
 O nome que no peito escripto tinha;  
 Que depois, memorando a morte escura,  
 Longo tempo das urnas crystallinas  
 Só lagrimas formosas derramastes,  
 E, por memoria, em fonte convertidas,  
 O nome lhe puzestes, que inda dura,  
 Dos amores de Ignez que alli passaram;  
 Vós ao vate os segredos recontastes,  
 Os mysterios de amor, e o pranto, as queixas  
 Da malfadada Castro. — A lyra ancia-l' e,  
 A voz carpe-se, os tons gemem tam meigos,  
 Mas tam cortados de uma dor tam viva,  
 Que é um partir-se o coração de ouvil-os.

## XXIII

Ausente é o 'sposo: solitaria vaga  
 Pela varzea de flores recamada,  
 No pensamento alheado revolvendo  
 Ledos enganos d'alma, suavissimas  
 Lembranças do passado, e a mais suave,  
 Lisongeira esperança do futuro.  
 Oh! quando ella outra vez n'aquelles braços  
 O tornar a apertar, quando. . . Armas sãoam  
 De c'valleiros, e corseis nitrindo  
 Nos átrios do palacio. . . escuta. É elle,  
 O seu Pedro, oh ventura! — 'Esposo, espóso!  
 Mas pelo ausente espóso o pae responde.  
 O amante não vem: juiz severo  
 Pelos beijos de amor, lhe traz castigo  
 Que não merece amor, nem quando é crime.

## XXIV

C'os filhinhos, em vão banhada em pranto,  
 Supplice implora os barbaros O ferro  
 Imbebem crus no peito crystallino;  
 E as vivas rosas, que das faces fogem,  
 Pela ferida a borbotões se esvaem.  
 C'os innocentes filhos abraçada,  
 Não geme, não suspira; a beijos colhe,  
 Uma a uma, as feições que tanto ao vivo  
 As do querido amante lhe retratam.  
 Já pelos labios derradeira foge  
 A ultima vida, o ultimo sôpro em osculos  
 Todos amor, todos ternura. Os olhos  
 Já da formosa luz se extinguem. . . Trémula,  
 Inda co'a incerta mão procura os filhos,  
 Inda affagando imagens do seu Pedro,  
 Entre os amplexos maternas. — «Espóso,  
 Espóso. . . Espóso! balbuciando, expira.

## CANTO OITAVO

Em perigos, e guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana,  
Entre gente remota edificaram  
Novo reino, que tanto sublimaram  
LUSIAD.

### I

Aqui chegava o canto: houve crestadas,  
Guerreiras faces que enrugou Mavorte,  
E onde afflicção, nem dor, nem transe d'alma  
Jámais colheram lagrima, houve d'ellas  
Mal enchutas do pranto involuntario  
Que ais de amor, que enthusiasmo de virtude,  
Patriotismo ou gloria distillar im  
De olhos torvos por centos de batalhas.  
Mas d'alma ao rosto vae canal aberto  
Que só entupem vícios, ou fingido  
Órgulho do homem vão. Porque te escondes  
Na toga consular o vulto austero,  
Libertador de Roma? Já suspensas  
As segures estão... Tam firme peito  
Que faz, que não sustenta o rosto ao golpe?  
Roma é salva... Mas elles são seus filhos;  
E Bruto, o cidadão, também é homem.

### II

Louvor ao vate insigne!—Pouco dizer,  
Que sentem mais O joven rei applaude  
Com franco enthusiasmo, e entra si pensa:  
—Um dia offuscarei toda essa gloria,  
E a mais altas canções darei assumpto.

### III

Trazem no emtanto moços de pellote,  
Em ricas salvas de ouro alto-lavradas,  
—Páreas de avassallados reis do Oriente—  
A casquinha gulosa e delicada,  
Da selvosa Madeira arte e renome,  
Luxo de lautas mezas; amplas jarras  
De louçan, transparente porcelana,  
Raro producto do Chinez longinquo,  
—Raro na Europa ainda, e então condigno  
Ornato de reaes copas.—Ali se enchem  
Ao limpido jorrar de fresca fonte  
Da fria agua de Cintra, e saborosa  
Mais que o licor do Rheno, ou que as sulphureas  
Lagrimas de Parténopel. Tomaram  
Refeição leve a nobre companhia,  
E o vate proseguir.

### IV

Está contando  
O Gama ao rei amigo os mais famosos  
Feitos dos nossos —Diz-lhe de Fernando?  
Os amores adulteros, e o tibio,  
Frouxo governo que indefeso o reino  
Deixa ao furor imigo castelhano,  
E de total destruição em p'riço:  
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

### V

Mas do lethargo vil em que o prostraram,<sup>1</sup>  
A' voz de Nuno<sup>2</sup> o portuguez acorda  
Com palavras mais duras que elegantes  
Glória bradou e liberdade e patria  
Nomes que outr'ora em peitos lusitanos  
Eram de chamma electrica scintillas  
Que os corações briosos lh'inflamavam.  
Embalde o poder todo de Castella,  
Por sustentar Beatriz, feroz se ajunta.  
Joanne<sup>3</sup> por seu rei levanta o povo;  
E o eleito do povo é digno d'elle.  
Não curva a jugo extranho o collo aitivo  
A nação, indomavel quando livre.

### VI

Campos de Aljubarrota, inda em vós sôa  
O ecco da trombeta castelhana  
Horrendo, fero, ingente e temeroso.  
Guadiana, tuas aguas, de assustadas,  
vejo-as at'ás volver.—Que anjo de morte  
E' esse que discorre de ala em ala  
Co'a fulminante espada? Jerro o sangue,  
Treme a terra debaixo dos pés duros  
Dos ardentes cavallos, sôa o valle,  
Lanças escallam, os broqueis sonoros  
Estalando retinem.—«San Thiago!»  
—«San Jorge e ávante! cada qual rebrama  
—«Victoria! A quem?—Ao lusitano, a Nuno.

### VII

Já não cabe na Europa o ânimo grande  
Dos Portuguezes: treme Africa adusta,  
F'a triumphada Ceuta abre suas portas  
Aos infantes magnanimos.—Mas cara  
Custa a victoria: vês, o novo Régulo  
So pelo amor da patria está passando  
A vida, de senhora, feita escrava:  
Fernando expira em tenebrosos carceres;  
Vive porém seu nome e claro brilha  
Para gloria da patria, e eterno opprobrio  
De principes covardes que não descido  
A ignorado sepulchro em leitos de ouro.

### VIII

Glorioso João, foi teu reinado  
Alto começo á lusitana gloria  
Que, do extremo occidente, a longes terras,  
A mundos novos, máres não sabidos  
Triun phante correu.—Jámais no mundo  
Se viu throno real assim rodear-se

<sup>1</sup> Lachrimachristi  
<sup>2</sup> Lus., cant. III

<sup>1</sup> Lus., cant. IV  
<sup>2</sup> Nun'alvares Pereira  
<sup>3</sup> D. João I.



CAMÕES — CANTO VI

Quem é esse homem! Que fez elle?

PA 223



De generosa prole. Não se accoitam  
Mollemente na purpura paterna  
Os filhos de João, nem se crêem grandes  
Em torpe ociosidade vegetando  
A sombra do diadema que em suas frentes  
Descuidadas não pésa:—Henrique o grande,  
O sábio Henrique, o protector philosopho  
Das sciencias que honrou; Fernando, o santo  
Martyr da patria; Pedro, o virtuoso,  
Legislador e justo, João o austero,  
Alma romina em coração de Lus;  
E Duarte, o pacifico, o piedoso  
Que tam breve reinou.

## IX

Tenro innocente

Vestiu manto real o quinto Affonso;  
Nas virtudes de Pedro achou tutela  
Sua idade inexperta. Ingrato e feio  
Caso, digno das torres de Byzancio,  
Viram de Alfarrrobeira infames plaios  
Roxos de sangue das civis discordias.  
Toda a tua gloria, victorioso Affonso,  
Esse appellido insigne que has tomado  
Ao destruidor da desleal Carthago,  
Nódoa tam negra á fama te não lavam.  
Teu nome e o de teus perdidos validos,  
Todo o bom portuez te detesta. —Esconde,  
Esconde, Affonso, a purpura sanguenta  
Tras a gloria immortal que resplandece  
D'emtorno ao filho teu. Se ha hi rei justo,  
Rei cidadão, monarcha magistrado<sup>1</sup>,  
Rei que obedeça á lei, que a guarde ao povo,  
Que o sceptro, vara augusta de justiça,  
Equilibre entre grandes e pequenos,  
Puna oppressores, opprimidos erga,  
Abata o orgulho vão, premeie o merito,  
Busque a virtude em sôas de humidade  
Para a exaltar sobre arrasados paços  
Do crime audaz e da suberba inutil;  
Rei que o officio<sup>2</sup> de rei preencha e saiba;  
João segundo o foi. Celebrem-te outros  
Pelo valor que Toro inda pregôa.  
Por domadas regiões, arados mares,  
Por descubertos cabos,—esperanças  
De futuras riquezas e conquistas:  
Eu só coroarei teu sacro busto  
Com a civica folha inmarcescivel  
Do carvalho, mais nobre e mais glorioso  
Que o louro dos heroes. Sanguineas gôtas  
Mancham sempre a grinalda das victorias;  
E o clamor da viuva, o grito do orphão  
Quebra a harmonia dos clarins da fama:  
Mas as bênçãos de um povo agradecido  
São melodia de suaves notas  
Que por éras e éras se prolonga  
A's gerações por vir. Um rei como este,  
Dae-lhes um rei como João segundo:  
E esquecido o tenaz republicano  
De Brutos e Catões, ajoelha ao sceptro.  
—Este fez explorar da aurora os berços  
Com baldados trabalhos,—que essa dita  
Ao feliz Manuel o céu guardava.

## X

Então reconta o sonho mysterioso  
Do venerando Ganges, do rei Indo  
Que ao ditoso monarcha, ao romper d'alva,  
Em visão bemfadada appareceram.  
Diz a intentada, perigosa empreza<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Rei cidadão, rei homem, pae e amigo. —*Ferreira*.  
<sup>2</sup> Mon métier de roi; dizia Frederico o grande.  
<sup>3</sup> Lus., canto vi.

Que ousou de commetter, trabalhos, riscos  
Na longa e lassa via supportados:  
Moambique, a traiçôa, castigada  
Para escarmento e pena; e o temeroso,  
Namorado Gigante em dura terra  
Por seus atrevimentos convertido,  
E, por dobradas mágoas, rodeado  
De Thetys formosissima que amava;  
Thetys que já cuidou de ter nos braços  
Louco de amores, unica, despida,  
Quando se achou c'um árido rochedo  
De horrido mato e de espessura brava.

## XI

Emfim chegado com ditoso auspicio  
A's melindanas praias, aqui finda  
O illustre Gama a narração pedida.  
Já pazes firma e alliança amiga<sup>1</sup>  
Com o africano rei; e affim nos mares  
Indicos vaga, demandando a terra  
Que desejava já de tantos fóra.<sup>2</sup>

## XII

Consummou-se a alta empreza; aberto é o Ganges  
Aos galeões do Tejo. Em vão comprimem  
Na trega Calecut traidores ferros  
Ao Gama invicto os denodados pulsos:<sup>3</sup>  
Tudo vence a constancia e nobre audacia  
Do forte capitão. Co'a alegre nova  
Do descoberto Oriente, á meta austrina,  
Outra vez commettendo os duros medos  
Do mar incerto, põe a aguda proa.

## XIII

Agora os sons do canto embrandecidos<sup>4</sup>  
Co'as delicias de Paphos e Amathunta,  
Por namorados bosques, aguas limpidas,  
Fresquidões deleitosas vão soando.  
— Eis vês a filha das ceruleas ondas,  
A bella Venus, que repouso amigo  
Delicioso lhes traz; ilha divina,  
Onde quanto espalhou a natureza  
Por mares, ceus e terra em formosura,  
Tudo ajuntou alli: copados bosques,  
Coutos da amena sombra; vecejantes  
Relvas em que o primor de seus matizes  
Esmerou Flora, e lh'as bordou mais lindas  
Que o proprio leite onde com doces beijos  
Zephyro lhe mitiga o ardor da sesta;  
Murmurantes arroyos, mansamente  
Em seu correr, de amores conversando  
Co'as dryades do bosque; os rubicundos  
E dourados thesouros de Pomona.  
Oh! que scena de languidos prazeres  
Que paraizo de delerte, ó Venus!  
Pelo travesso filho asseeteadas  
As esquivas nereidas suspirando,  
Seguem a bella deusa, que promette  
A suspirar tam doce um doce premio.

## XIV

Mas em mar leite navegando alegre  
Os esforçados nautas já descobrem  
Entre a alva espuma das ambientes aguas

<sup>1</sup> Lus., canto vi.  
<sup>2</sup> Lus., canto vii.  
<sup>3</sup> Lus., canto viii.  
<sup>4</sup> Lus., canto ix.

Viçar a Ilha formosa : — qual no seio  
Lacteo-tremente da modesta noiva  
Puro verdeja o sponsalício ramo.  
Já prôa e rumo para alli apontam;  
Eis chegam, eis do encanto e maravilha  
Abortos pasmam... pela sombra amena  
Se embrenham, caça agreste procurando.  
Mas ferida lh'a tinham, Erycina,  
Menos aspera já, mais doce e linda.  
Correndo vão apoz as nymphas bellas,  
Que fogem, que se escondem, mas fugindo,  
Nem tudo escondem : fogem, mas tam leve  
Não corre o lindo pé que não tropece...  
E caem... Certa amor canta a victoria,  
Se lhe cae sobre a relva o fugitivo.  
Oh! que famintos beijos na floresta!  
E que mimoso choro que soava!  
Que affagos tam macios!... Breve e rapido  
No seio do prazer se esvae o dia.

## XV

Harpa sublime que n'altura soas  
Das cumiadas da glória, harpa que os hymnos  
Fatidicos nos eccos alongados  
Do porvir ennuclado, obscuro tanges,  
D'onde só vagos sons confusos coam  
Na terra espediçados por vulgares  
Orelhas d'homens, — harpa mysteriosa!  
Clara te ouvia o vate sublimado  
Quando as notas propheticas repete  
Na remontada lyra. — Ethera nympha!  
Os porvindouros feitos e virtudes  
Dos heroes Lusos no domado Oriente  
Ao céu com doce voz está subindo.

## XVI

Ja voadores lenhos povoando  
O vasto oceano que lhe abraça o Gama,  
O senhoria dos frementes mares  
Victoriosos occupam. Reis que ousados  
A orgulhosa cerviz não dão ao jugo,  
Do brço provarão que, forte e duro,  
Os faz render-se a elle ou logo á morte.  
O gran'Pacheco, o lusitano Achilles,  
No passo Cambalão soberbos nayres  
Do Çamorim potente desbarata:  
Por vezes sette em aspera batalha  
Triumpham em terra e mar. Eia, as corôas,  
Rei dos Lusos, os carros lhe prepara,  
Que á patria volve com despojos cento  
A humilhar a teus pés. Que vejo! é essa  
A purpura que o cinge! é esse o templo  
Onde em triumpho o conduzis, ingratos!  
N'um hospital, de andrôjos vis cuberto  
Morre Pacheco do seu rei na côrte...

## XVII

Almeida vem depois c'o nobre filho,  
Que do indico oceano as aguas tinge  
De sangue inimigo e seu. Atroz vingança  
Corre c'o iroso pae: Dabul, Cambaia,  
Enseadas de Diu, eil-o no ferro

Destruidor vos traz exicio e morte.  
Inveja vil de perfidos validos,  
Não é tua esta victimas; seus ossos,  
Não lh'os possuirás, ingrata patria.  
Seu fado negro foi, mas antes elle;  
Antes perder a vida ás mãos selvagens  
Do rudo cafre na desertá areia,  
Que á fome... á fome, e no seu patrio ninho!

## XVIII

Mas oh! que luz tamanha que abrir sintol  
Luz é do fogo e das luzentes armas  
Com que Albuquerque vence o altivo Persa.  
Rende-te Ormuz, Gerum, Mascate e Goa.  
Tu, Malaca opulenta, em vão te assentas  
Lá no gremio da Aurora onde nasceste;  
Em vão embebes venenosas settas  
No arco certo, e os crizes refalsas  
Com peçonhas mortíferas tempéras:  
Malaioz namorados, Jáus valentes,  
Todos ao luso vencedor succumbem.

## XIX

Medina abominavel, Meca tremem  
C'o nome de Soares; as extremas  
Praias de Abassia tremem. Cede a nobre  
Ilha de Taprobana; hasteado impera  
Luso pendão nas torres de Columbo.

## XX

Sequeira, os dois Menezes, e tu, forte  
Mascarenhas, depois vireis de gloria  
Colmar, a mais e mais, o patrio nome.  
Pelo famoso Heitor, Sampaio vence  
Frotas arabias. Baçaim se entrega  
Ao Cunha illustre. Ergue os altos muros  
Souza da insigne Diu; Castro o forte,  
O honrado, o vencedor, o triumphante,  
Castro os defende. Maior nome em gloria,  
Em virtude inteireza e amor de patria  
Jámais pronunciarão homens na terra.

## XXI

Tágides bellas, que em meu verso humilde  
Os eccos reflecti da voz celeste,  
Das immortaes canções que lhe inspirastes,  
Não mais, não mais, que me falece o alento.  
Na extenuada lyra os sons se quebram,  
Como suspiros de opprimido peito.  
Diga l'rania bella aos seus validos  
Que segredos lhe disse das espheras  
Da vastidão dos orbes, do mysterio  
Da creação inteira: eu vate humilde,  
Que só de longe respeitoso sigo  
O divino cantor, não ousa a tanto.

## XXII

Da ilha namorada o Gama invicto  
Singrando vem para o seu patrio Tejo;  
E o Tejo recebeu do Indo e Ganges  
Preito rendido e tributario feudo.



## CANTO NONO

Mas quem pode livrar-se porventura  
Dos laços, que amor arma brandamente  
LUSIAD.

### I

Não sabia em que modo lhe mostrasse  
Ao vate sublimado o rei mancebo,  
O entusiasmo, o vivo prazer d'alma  
Que lhe inspiravam as canções divinas.  
Louva a escolha do assumpto, a arte engenhosa  
Que n'um só quadro magestoso e grande  
Todos uniu da portugueza historia  
Os memorandos feitos, varões dignos  
De eternidade e fama: louva o stylo  
Nobre e terso, de pompa ou singeleza,  
Qual o pede a materia; o sacro fogo  
Do patrio amor, de gloria de heroismo  
Que, de um por um, nos versos lhe scintilla,  
De corteãos, applaudem c'o monarcha  
Alguns; outros sinceros congratulam  
O trovador moderno que descanta  
Na doce lyra o que perfaz co'a espada  
Transborda em júbilo a alma generosa  
Do honrado Menezes. Mas não faltam  
Ao pé do solio nuncia—inda mal! nunca—  
Feitos vis, corações á gloria alheios.  
Por esses lavrou logo a inveja, o odio  
Ao cantor dos *Lusiadas*; não soffrê  
Vicio e ignorancia que virtude e merito  
Apreciados sejam, conhecidos.  
Fingem no emtanto, que fingir é a arte  
Maxima de palacios...

### II

—«Folguei muito»

Dizia o rei, e o gesto abrazeado  
A verdade do dito affiançava:  
«Folguei de ouvir-vos; nunca tal virtude  
Em versos cri para exaltar o animo  
Ao sublime entusiasmo da virtude,  
Aos feitos grandes. Sinto que me bate  
Com mais vigor o coração no peito.  
Alma terá pequena e bem mesquinha  
O portuguez que não mover tal canto»  
Assim dizia o rei: caminho vinam  
Dos paços, despediu-se o heroico vate;  
E o mancebo real: —«Voltae a vêr-me,  
E vos farei mercê, como é devido.»  
Entrou a corte pelos atrios regios.

### III

Rapido ia o sol no céu descendo:  
O guerreiro cantor volta a embrenhar-se  
Pela espessura e bosques. Não espранças  
De melhor sorte, não lisonjas doces  
De amor proprio, mais doces quando ouvidas  
De labios de monarchas: não promessas  
De merecido premio,—nada agita  
O sangue do esforçado navegante.  
Se ideas taes despontam, breve as sorve  
Remoinho de encontrados pensamentos

Que do anciado espirito lhe travam.  
A mensagem, a carta mysteriosa  
Resolve, e as circumstancias; as palavras,  
Interpretal-as quer.—Em vão; não podem  
As conjecturas mais: força é do dia  
Aguardar impaciente o lento occaso.

### IV

No mais erguido cume da alta serra  
Que disseram da Lua éras antigas,  
De fabrica mourisca se alevanta  
Castello hoje em ruínas derrocado.  
Escassa ameia vês em pé suster-se  
No escalavrado muro. Já trabucos,  
Dos seculos depois vaevem mais duro  
Felas ingremes rocas dispersaram  
As pedras que talhou a mão dos homens  
Outr'ora d'essas rocas para alçar-as  
Em torréões de morte:—impia fadiga,  
Trabalho improbo e duro! A aza do tempo  
Voando passa, e varre a obra do homem  
De sobre a face da esquecida terra.

### V

E disseras que de homens como os de hoje  
Não poderam ser obra esses vestigios  
Do immenso Babel que vês por strado.  
A braços de gigante sobreposto  
Monte a monte parece; archatada  
Por anjos infernaes a roca antiga  
Que ao prumo a descahiram—e fixada  
No encantado equilibrio, desafia  
Forças da natureza e arte dos homens.  
Mouro é o mais do que vês, e a doble cêrca  
Do castello, e a cisterna que ás devotas  
Abluções, alli perto da mesquita,  
Suas aguas philtradas ministrava  
E essa que, de tam longe a Meca olhando,  
Ouviu as derradeiras coxas preces  
Que ao surdo Allah mandava afflicto crente  
Quando já sobre as azas da victoria  
Cruz inimiga remontava á altura,  
As humilhadas Luas arrojando  
De precipicio em precipicio ao abysmo;  
Essa inda em pé no meio das ruínas  
Desmantelladas, seu fiel cimento,  
Tenaz na antiga fé, guardando ainda,  
No azul que em sua gloria lhe vestiram,  
As estrellas do Yeman e os enlaçados  
Caracteres do Hedjaz...

### VI

Arabe é todo  
O aspecto que estás vendo. Mas attenta  
Ahi n'essas quebradas menos duras

Como a pique se tem negro, inteiriço  
Celtico dolmen recordando o culto  
Do sanguento Endovelico, o terrível  
Irminsul dos ferozes Lusitanos.

## VII

Talvez permite AQUELLE que de tudo  
É norma eterna e lei, assim durarem  
Quaesquer memorias que o respeito, a crença,  
Errada embora, dos mortaes levante  
Em seu non e... Das fabricas dos homens  
Morredouras como elle — estas resistem  
Mais que nenhuma ao minar do tempo.

## VIII

Alli, no mais solemne das ruinas  
E no mais alto, alli n'um canto ainda  
Solido da muralha fabricara  
Solitario habitante d'esses ermos  
Mansão tranquilla e só. Musgosas plantas  
Crescem nas físcas do cimento antigo.  
Tapeçaria de heras verdejantes  
Fôra a cortina da parede bronca,  
E em cahidos festões se balancea  
Sobre a entrada do lobrego retiro.

## IX

Tradição é que nomeado vate,  
De alta beldade mysterioso amante  
Entre as fragas erguera a mansão triste,  
Onde cevou de tristes pensamentos  
O coração cortado de saudades.  
*Saudade* pelas pedras entalhada  
Se lia em caracteres bem distinctos;  
E o nome de *Beatriz*, também gravado  
Na silice do monte, lhe responde,  
Como ecco das endeixas namoradas  
Do cantor da soldão — entado viram  
O genio da montanha, alvas trajando  
Roupas de nuvem, dar ouvido attento  
As canções maguadas e suavissimas  
De Bernardim saudoso e namorado.<sup>1</sup>  
Bernardim, que das musas lusitanas  
Primeiro obteve a c'roa d'alvas rosas,  
Com que — em seu mal — romantico alaúde  
Engrinaldou para cantar amores  
Doces d'alta p'inceza, — inda mais doces  
Favores, que indiscretos revelaram  
Extasis d'alma em d'erritados cantos.  
Fragueiros inda<sup>2</sup> vivem que de v'el-o  
Se acordam pela noite andar vagando  
Por os picos da serra no mais alto,  
Ora ternas caricias dando ao vento,  
Ora imprecando com furor as rocas,  
E a miudo suavissimas cantigas  
De apaixonado assumpto modulando.

## X

Subito um dia, de bordão na dextra,  
Na opa de peregrino disfarçado<sup>3</sup>  
Desce os montes da Lua, e mais ergui las  
Serras demanda; em romaria aos Alpes  
Parte, a levar o coração votado

A quem talvez, na purpura, suspira  
Pelos andrajos do mendigo amante.  
Vêl-o-ha, o objecto de suspiros tantos,  
De saudade tam longa, da romage  
Devota; mas só v'el-o, — e adeus eterno,  
E para sempre adeus!... Cruéis lhe vedam  
Mais que esse adeus. Voltou á patria, e morre.

## XI

Este foi da poisada solitaria  
O fundador, e unico vivente  
Que desde então as frias cunhadas  
E ruínas habitou da antiga torre.  
E este era o sitio que aprazava a carta  
De incognita mensagem ao guerreiro.

## XII

Alfim no oceano se mergulha a lampada  
Do firmamento maxima. Descia,  
Como um véo, a nebrina sobre a serra;  
Já lhe toucava a frente, e ia ligeira  
Pela espalda, in-sensível devolvendo,  
Té lhe poisar as orlas na planície  
No meditar profundo embevecido,  
O guerreiro, que aguarda ha muito a hora  
Lenta da noite, não deu fé da névoa  
Que humida todo em derredor o fecha.  
Despertou-o a frieza inesperada  
Que no alto das montanhas vem co'a noite.  
Como no seio envolto de uma nuvem  
Mysteriosa se cuida — olha d'emtórno.  
Nada vê, tudo encobre a nevoa espessa.  
Nada vê, mas distincta uma voz ouve:  
— Cumprido é o sonho, mas quebrado o encanto:  
Ainda a viste, — unica vez na terra!  
Nunca mais a verás O véo, que é d'elle?  
E a trança que, ao sepulchro sonogada,  
Prenda foi de ternura?

—Eil-a commigo,  
Sempre commigo. Restitui-a á campaa,  
Quando á campaa descer, a mim só cabe.  
Mas quem de meus segredos sabe tanto?  
Quem de amor os mysterios e os da morte  
Penetra assim? Do número dos vivos  
Es tu, ou do moimento ha suscitado  
Podêr fatal as cinzas dos finados  
Para me interrogar?

—Vivo eu, sou vivo:  
Conhece-me, sou eu, teu inimigo.  
Teu inimigo heis sido; e eterna a vida,  
Se cruz, para tormento, os céus m'a dessem,  
Toda a odiar-te, inteira a aborrecer-te  
Pouca seria Tu só me roubaste  
Aquelle coração: tu sim, tu foste.  
Tu m'o roubaste, que, sem ti, meu fôra.  
Em vida te adorou; na morte... A morte.  
Quem, se não tu, á ingrata lh'a ha causado?  
Saudades a privaram da existencia  
Consola-me que ao menos não gostaste  
Tanto amor, tanta fé, tanta belleza,  
Que não me'cias, não. — e digno d'ella  
Houve mortal, a mim, que não a um.

«Conde?»

Bradou convulso, e a mão ao ferro leva  
O insoffrido guerreiro. Mas tranquillo  
O rival lhe tornou: — Sois offendido?  
Desaffrontae-vos: ferro e braço tendes.  
Nem vos fujo eu: porém a minha espada  
Jámais demandará um peito que ella...  
Sim, que ella amou. Transviou-me a paixão d'alma;  
Bebera o sangue que essas veias gira,  
Que n'esse coração bate c'o a vida:

<sup>1</sup> Bernardim Ribeiro. Veja a nota a este verso, no fim.

<sup>2</sup> No tempo da visita de Camões á serra

<sup>3</sup> Veja nota no fim.

Mas veda-o juramento sacrosancto;  
Guardal o-hei.—Maior é o sacrificio  
Que prometti, maior.

## XIII

Tira um retrato

Do seio: olhos sanguíneos, arrasados  
De despeitosas lagrimas, cravava  
Na pintura;—com impeto os affasta  
Logo, e diz: —Cumprirei o que hei jurado.  
Houve-o de suas mãos este depósito  
Nas derradeiras horas: confiada  
A um rival generoso foi a extrema  
Vontade sua; força é dar-lhe inteira  
Execução, qual á minha honra cumpre.  
Eil-o aqui, o legado precioso;  
Pela mão do inimigo amor t'o entrega.

## XIV

Commovido do intimo do peito,  
Magoada vista punha no retrato  
O guerreiro, em cuja alma combatiam  
Paixões tam desvaídas, tam confusos  
Sentimentos e affectos, que expressal-as  
Não saberia o coração que os sente  
«Prenha cruel d'amor, dadiva infauista...  
Antes querida . . . Aqui parou cortado,  
Co'as ideas, o fio das palavras  
Mas continuou depois:

«Forçaes-me, conde,  
Mais que admirar-vos: o odio que me tendes,  
Generoso rival, não me é possível  
Abrir-lhe o peito, não. Odiae me embora,  
Que vos amarei eu, magrado vosso.  
O retrato . . . Oh! jámais não será dito,  
Que em pontos de honra e generoso brio  
Fique Luiz de Camões de outrem vencido.  
Guardae-o vós, senhor, guardae-o; é vosso:  
A um inimigo tal amor o cede.»

## XV

Suspensos, mudos ambos se entr'olhavam  
Os dois rivaes briosos, que alta prova  
Assim do nobre peito heroica davam  
Em magnanimo duello de virtude.  
No rosto ao conde as rugas se alisavam  
Que ciosos rancores lhe frangêram;  
E bem se via que os jurados odios  
Ao generoso feito se rendiam.  
Luctaram todavia; mas victoria  
Em peito bem nascido ha sempre o brio.  
—Venceste, cavalleiro; as armas ponho.

Façaanha heis feito de homem, que imitada  
De muitos não será. Meu repto é nullo,  
Por vencido me dou em leal batalha;  
De mim dispõe.

Avaliar o preço

De taes momentos, corações só podem  
Grandes como esses dois tinham no seio.  
O guerreiro estendeu os braços.—Cae-lhe  
Nos braços o brioso antagonista.  
Palavras não disseram; o que ha lingua  
Com proprios termos para instantes d'esses?

## XVI

Como inimigos foram, são amigos.  
Juntos choraram; juntos, esse objecto  
Que em vida os desuniu, na morte carpem.  
Separam-se alfim — Não deis ouvidos,  
Disse o conde ao guerreiro, á despedida:  
A louvainhas tredas de palcos, á  
E a promessas de corte. Hoje estivestes  
Com el-rei; gran-le fama heis alcançado  
E favor do monarcha: mas dobradas  
Serão as malquerenças de inimigos,  
Os odios da ignorancia, e vis colluios  
Da inveja negra e má Por dom Aleixo  
Entraste a el-rei; mal acertada porta.  
Contaes c'o desfavor dos precatados  
Validos que governam. f'or honrado  
Vos terão e virtuoso: abonos tendes  
Em qualidades taes para seu odio.

## XVII

Proximo o dia não tardou no oriente;  
Volve ao paço o guerreiro. Era partida  
Para Lisboa a corte. Na poisada,  
Cuidoso da delonga, o missionario  
Com ancia o aguardava: ambos caminho  
Da lusitana capital se foram.

## XVIII

Corrêra a fama do louvor, do preço  
Que dera o rei ao sublimado Canto.  
Prompto se offerece quem germanas artes  
Em dar-lhe vida e propagal-o empregue.  
Doutos e indoutos com geral applauso  
Viram do novo Homero o Canto insigne  
Que á patria gloria monumento augusto  
Sublime erguia. Sôa o brado ingente  
Já pela Europa; e o nome lusitano  
Ao nome de Camões eterno se une.

## CANTO DECIMO

Que exemplos a futuros escriptores!  
LUSIAD.

### I

O Tejo ouviu no algo de suas grutas,  
E em despeitoso brado lhe responde.  
Gemem as nymphas que o lidiado Canto  
Inspirado lhe haviam, e em suas telas  
Com tristes, negras cores debuxaram  
A injuria, o crime, a ingratidão tam feia  
Que indelevel nos fastos portuguezes  
E mancha horrenda e vil...

### II

Arqueja exangue,

Definha á mingua, só, desamparado  
Dos amigos, do rei, da patria indigna,  
O cantor dos *Lusiadas* — Ah! como!  
Que é das gratas promessas do monarcha?  
Que é de tanta esperança lisongeira?  
Perfidia baixa e crua, onde has pousado?  
No coração da inveja e da ignorancia,  
Do fanatismo barbaro. Soaram  
Tremendos, nos ouvidos criminosos  
Dos cortezaes hypocritas e astutos  
Os livres sons do nobre patriotismo  
Com que a trefa impostura de impios bonzos,<sup>1</sup>  
E a tyrannia infame de validos  
O guerreiro cantor asseteára  
Nas cavernas do peito refalsado  
Odio cego lh'entrou; os beiços roxos,  
Aridos com a sede da vingança,  
Mordem convulsos. Nunca tam terrivel,  
Nua a verdade lhes mostrou seus crimes,  
Como na bocca d'esse vate ousado.

### III

Vingar-se é força; mas vingança negra,  
Feia e covarde a querem. — Sem amigos,  
Sem protectores, pobre, sem arrimo,  
A' indigencia, á miseria ahi succumba,  
E de sua ousadia o crime expie. —  
Assim no coração lhes fala o odio;  
E o cumpriram assim. Todo no apreste  
Da jornada fatal andava o animo  
Do malfadado moço que em sua colera  
Rei dera o céu ao povo lusitano.  
Só armas cura, só victorias sonha:  
Geme emtanto a nação, quasi presaga  
Do desastre que a aguarda. Em Cintra fôra  
Resolvida afinal prompta partida,  
Que o monarcha impaciente apressurava.

### IV

De tal resolução ignaro o vate  
A Lisboa chegára; o paço busca,  
Ninguém o attende; o virtuoso Aleixo  
Procura... No palacio já não vive:  
Tam livre sustentou, tam nobre e firme  
Seu parecer contra a jornada infausta,  
Que irado Sebastião de si o aparta;  
E triumphando da virtude a intriga,  
Por traidor e revel, ao cego joven  
Seus inimigos infames o affiguram.

Triste deixou as casas venerandas  
De seus reis, onde quasi um seculo o viram,  
Não coitar-se na purpura, mas dar-lhe  
Mais brilho e honra com leaes virtudes.

### V

Ao guerreiro cantor foi esta nova  
Triste preságio, corte de esperanças.  
Corre audiencias em vão; — vasio é o throno.  
Frio ministro em nome do monarcha  
Ouve indifferente as supplicas do povo.  
Entre a ignorada turba é confundido  
De tristes, desprezados pretendentes  
O divino Camões...

### VI

Emtanto as velas

Já pelo Tejo undivago branqueiam;  
As phalanges de intrepidos guerreiros  
Cobrem suas longas praias. Lamentando  
Estão de emtorno as mães, estão espôsas  
Os filhinhos nos braços amostrando  
Aos paes, que o gesto angustiado voltam  
Para os não vêr, que se lhes parte alma.

### VII

Mas quem são esses dous, que ahi na praia  
Tam estreitos se abraçam? Correm lagrimas  
Por olhos que a vertel-as não costumam;  
Em peitos se reprime o adeus sentido,  
Peitos que o não contém.

— Adeus! . . A vida

É mais difficil, filho, do que a morte:  
Supportae-a; mostrae-lhes que sois homem,  
Que sois christão; perdoae . .

«Perdoar eu! . . nunca.

Malvados que me roubam tal amigo!  
Unico amparo só que me restava;  
Que d'envolta co'a patria, co'as esp'ranças  
De um povo inteiro, a vil sepulchro o levam!  
Oh! perdoar-lhes, nunca: o derradeiro  
Accento de meus labios moribundos  
Será de maldição sobre essas frentes  
Carregadas de crimes.

— Perdoae-lhes,

Perdoae: a affronta propria é juiz suspeito.  
«A minha affronta, oh! essa, eu lh'a perdoo.  
Mas a da patria...

— Adeus, adeus!

Chegava

El-rei então; signal de partir sôa:  
E o vate e o missionario assim findaram  
Sua triste despedida; — que mandado  
Acompanhar a armada; o monge fôra  
Repentino, essa noite. O treído fio  
Descubrija o cantor da vil intriga;  
Mas o paciente filho do Evangelho  
Resignado se inclina á Providencia,  
E seus decretos humilhado adora.

### VIII

Fôra em effeito o odio dos validos  
Que ao infeliz Camões arrebatára

<sup>1</sup> Veja *Lusiad.*, canto ix, est. 27 a 29, e canto x, est. 150.



CAMÕES — CANTO VII

Estavam d'altas arvores á sombra

FAG 227



Protectores e amigos. Desterrado  
Por elles o virtuoso e nobre Aleixo;  
Por elles enviado á certa ruína  
Que ao malfadado rei, á flor do exercito,  
A' patria, nas areias escavaram  
De Africa adusta, o missionario fóra.

## IX

Já se movem as náos; e as altas pontes  
Se ouçam de belligeras phalanges,  
Redobra o pranto:—âncora sobe, antenas  
Se expandem... Lá te vás e para sempre!  
Nas pandas azas dos traidores ventos,  
Independencia, liberdade e glória.

## X

«Que me resta j'agora?» os olhos longos  
Para a frota que se perde no horizonte,  
Comsigo o vate diz: «O que me resta  
Sobre a terra dos vivos: Um amigo.  
Um amigo, n'este arido deserto  
Da vida, me falece. Um bordão unico  
A que me arrime na escabrosa senda,  
Me não ficou. O número está cheio  
De meus dias, contados por desgraças,  
Marcados, um por um, na pedra negra  
De fado negro e mau. Posso eu acuso  
Nos corações contar dos homens todos  
Uma só pulsação que por mim seja?  
Posso dizer...» Gemido, que houve perto,  
O interrompeu: era o seu João, que afflicto  
O escutava: do humilde e pobre escravo  
O coração fiel se retalhava  
De ouvil-o assim queixar:—Ah! se eu não fóra  
—Com os olhos e as lagrimas dizia:  
Com os olhos, que os labios não ousavam:  
—Ah! se eu não fóra um desgraçado escravo,  
Que coração que eu tinha para dar-lhe!

## XI

Tu, generoso amo, lhe entendeste  
Seu fallar mudo, seu dizer de lagrimas.  
«Tens razão; injustica é grande a minha:  
Inda tenho um amigo.»

Pausa longa

Seguiu estas palavras; e no peito  
Ao generoso Antonio desaffoga  
O coração que lhe apertava a mágoa;  
Nos olhos, rasos do chorar ainda,  
A alegria lhe ri por entre o pranto  
E o amo, a quem signaes de tanto affecto  
Movem do intimo d'alma, sente um golpe  
De balsamo cahir-lhe sobre as chagas  
Do coração lanhado: a dextra languida  
Pois no hombro fiel, o peito encosta  
Sobre o peito leal do amigo... «Amigo  
Direi, amigo sim: peja-te o nome,  
Orgulho do homem vão, por dado ao escravo  
E que és tu mais?» Era de vêr, e digno  
Espectaculo adone se cravavam  
Os olhos todos d'essa raça abjecta  
Que se diz de homens, a figura nobre  
Do guerreiro, em que toda se debuxa  
A altivez, a grandeza, a força de animo,  
Com o andrajoso, humilde e pobre escravo  
Em attitude tal Rira-se o mundo:  
O homem de bem, de coração, chorára.

## XII

«Oh meu amigo, oh meu Antonio! disse,  
No remendado sei o a face altiva  
Escondendo, o guerreiro: Oh! esta noite

Aonde, em que poisada a passaremos?  
«Meu bom senhor, um gasalhado tenho!  
Ach-do já: que bem vi eu não ieis  
Nunca mais ao mosteiro. Digno, certo,  
De vós não é; mas sabeis...

«Sei, amigo,

Que só tu, n'este misero universo,  
E o sepulchro também, alfim me restam.

## XIII

Juntos á margem vão do Tejo andando  
A lento passo. A noite era formosa,  
Clara e brilhante a lua. Oh! que memorias  
N'alma do vate, esse astro, a hora, o sitio  
Não suscitam amargas? Perto passa  
D'aquella gelosia, aquella mesma?  
D'onde os doces penhores, d'onde a carta  
Recebera fatal. Quam demudada,  
Quam differente está do que a já vira,  
Essa praia tam placida e saudosa!  
Um platano frondoso que ahi crescia,  
Em cujo liso tronco tantas vezes  
Se encostou, aguardando a hora tardia,  
—Prazo dado d'amor, que é tardo sempre!  
Cujá sombra, em luar pouco propicio  
A amantes, o occultou de agudas vistas  
De curiosos-profanos e inimigos...  
Ai! sêcca jaz em terra, e despojada  
De viço e folhas a árvore querida.  
Tudo, tudo acabou, menos a mágoa,  
Menos a saudade que o consumme.

## XIV

Sua pobre habitação os dous entraram;  
E tristes horas, dias, mezes passam  
Arrastados e longos,—qual o tempo  
Para infelizes anda—sem que a sorte  
Mais ditosos os visse, ou a amizade  
Menos unidos. Mas a mão tremente,  
Encarquilhada e sêcca já sobre elles  
La estendendo a pallida indigencia;  
E a fome... a fome alfim. Clamor pequeno  
Que de minhas endeixas tenu' soa,  
Se junte aos brados das canções eternas.  
Com que o teu nome, generoso Antonio,  
Já pelo mundo engrandecido eccoa.  
Vêde-o, vae pelas sombras caridosas  
Da noite, de vergonhas coitadora,  
De porta em porta tímido esmolando  
Os chorados ceitis com que o mesquinho,  
Escasso pão comprar. *Dae, Portuguezes,  
Dae esmola a Camões. Eterna* fiquem  
Estas do extranho<sup>1</sup> bar lo memorandos,  
Injuriosas palavras, para sempre  
Em castigo e escarmento conservadas  
Nos fastos das vergonhas portuguezas.

## XV

Não pôde mais o coração co'a vida;  
E lenta a morte c'o entezado sangue  
Caminho vem do peito. O espaço mede  
Que lhe resta na arena da existencia;  
Perto a barreira viu... Ah! jaz o tumulto  
Chegado é pois o dia do descanso...  
Bem vinda sejas, hora do repouso!  
Com a trémula mão tiente as cordas  
D'aquella lyra onde trôou a glória,  
Onde gemeu amor, carpiu saudade,  
E a patria... —oh! e que patria os céus lhe deram!  
Oh! rendas recebeu de hymnos celestes:

<sup>1</sup> Veja nota no fim.

<sup>2</sup> Veja canto iv, no principio.

<sup>3</sup> M. Raynouard, na sua Ode a Camões.

Pela última vez as cordas fere,  
E este adeus derradeiro á patria disse,  
Cortando-lhe o alento enfiado  
Agora os sons, agora a voz quebrada:

## XVI

«Terra da minha patria abre-me o seio  
Na morte ao menos. Breve espaço occupa  
O cadaver de um filho. E eu fui teu filho...  
Em que te hei desmerecido, ó patria minha?  
Não foi meu braço ao campo das batalhas  
Segar-te louros? Meus sonoros hymnos  
Não voaram por ti á eternidade?  
E tu, mãe descaroavel, me engeitaste!  
Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata;  
Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,  
Terra da minha patria, abre-me o seio.

## XVII

«Vivi: que me ficou da vida, agora  
Que baixo á sepultura? Não remorsos,  
Vergonhas não. Para a corrida senda  
Sem pejo os olhos de volver me é dado,  
E tranquillo direi: *Vivi* — tranquillo  
Direi: *morro*. Não dormem no jazigo  
Os ossos do malvado? Não: continuo,  
N' inquieta camp'a estão rangendo.  
Ao som das maldições, deixa de crimes,  
Legado impio dos maus. Eu socegado  
Na terra de meus paes heide encostar-me.

## XVIII

«Já me sinto ao limiar da eternidade:  
Vêo que ennubla, na vida, os olhos do homem,  
Se adelgaça; rasendo, os seios me abre  
Do escondido porvir... Oh! qual te has feito,  
Misero Portugal! oh! qual te vejo,  
Infeliz patria! Serva, tu, princeza,  
Tu, senhora dos mares!... Que tyrannos  
As aguas passam do Guadiana? <sup>1</sup> A morte,  
A escravidão lhes traz furores e sangue...  
Para quem? Para ti, mesquinha Lysia.

## XIX

«Que náos são essas que ufanosas surcam  
Pelo esteiro do Gama? Pendões barbaros:  
Varrem o Oceano, que pasmado busca,  
Em vão! as pópas descobrir as Quinas.  
Em vão; da haste da lança escalvada  
Roto o estandarte cãe dos portuguezes.

## XX

«Cinza, esfriada cinza é todo o alcázar  
Da gloria lusitana... uma fãlsea,  
Esquecida a tyrannos, lá scintila: <sup>2</sup>  
Mas quam debil que vens, sópro de vida!  
Um só momento com vigor no peito  
O coração te pulsa. Exangue, enferma  
Só te ergues d'esse leito de miséria  
Para cahir, desfallecer de novo.

## XXI

«Onde levas tuas aguas, Tejo aurífero?  
Onde, a que mares? já teu nome ignora  
Neptuno, que de ouviu-o estremeia.  
Soborbo lejo, nem padirão ao menos  
Ficará de tua gloria? Nem herdeiro

<sup>1</sup> O captivo castelhano dos 60 annos

<sup>2</sup> Hollandezes, etc.

<sup>3</sup> Veja nota no fim.

De teu renome? ... Sim: recebe-o, guarda-o,  
Generoso Amazonas, o legado  
De honra, de fama e brio: não se acabe  
A lingua, o nome portuguez na terra.  
Prole de Lusos, peja-vos o nome  
De Lusitanos? Que fazeis? Se extinto  
O paterno casal cair de todo,  
Ingratos filhos, a memoria antiga  
Não guardareis do patrio, honrado nome?  
Oh patria! oh minha patria!...

## XXII

A voz, que affroixa,  
Interromperam sons desconhecidos  
De voz de extranho que na estancia humilde  
Entra do vate: — «Perdoae se ousado  
Entre, senhor, mas...»

«Quem sois vós? Ha inda  
Homem no mundo que a poisaada obscura  
De um moribundo saiba?»

— «Cavalleiro,  
Desde o alvor da manhã que vos procuro:  
De Africa hoje cheguei

«Ah! perdoae-me.  
Sois vós, conde? Voltastes? E que novas  
Me trazeis?»

— «Tristes novas, cavalleiro.  
Ai! tristes. D'esta carta, que vos trago,  
Sabereis tudo.» — Ao vate a carta entrega:  
Do missionario era, que dos carceres  
De fez a escreve. Saudoso e triste,  
Mas resignado e placido, lhe manda  
Consolações, palavras de brandura,  
De allivio e de esperanza. — Extincto é tudo  
N'esta mansão de lagrimas e dores  
— As lettras dizem, — tudo; mas a patria  
Da eternidade, só a perde o impio.  
Deus e a virtude restam: consolaes-vos... —

## XXIII

«Oh! consolar-me» exclama, e das mãos trémulas  
A pistola fatal lhe cae: Perdido  
É tudo pois!... No peito a voz lhe fica;  
E de tamanho golpe amortecido  
Inclina a frente... como se passára,  
Fecha languidamente os olhos tristes.  
Anciado o nobre conde se aproxima  
Do leito... Ai! tarde vens, auxilio do homem.  
Os olhos turvos para o céu levanta;  
E já no arranco extremo: «*Patria, ao menos  
Juntos morremos...*» — E expirou co'a patria.

Onde jaz, Portuguezes, o moimento  
Que do immortal cantor as cinzas guarda?  
Homenagem tardia lhe pagaste  
No sepulchro sequer... Ruça de ingratos!  
Nem isso! nem um tumulo, uma pedra,  
Uma lettra singela! — A vos meu canto,  
Canto de indignação, último accento <sup>1</sup>  
Que jámais sahirá da minha lyra,  
A vós, ó povos do universo, o envio.  
Ergo-me a delatar tamanho crime,  
E eterna a voz me gelará nos labios.  
Lyra da minha patria, onde hei cantado  
O lusitano — envilecido! — nome,  
Antes que n'esse escolho, em praia extranha,  
Quebrada te abandone, este só brado  
Alevanta final e derradeiro:  
*Nem o humilde logar onde repoisam  
As cinzas de Camões. conhece o Luso.*

<sup>1</sup> Veja nota no fim.



## NOTAS AO CANTO PRIMEIRO

### Nota A

Saudade:

Mavioso nome que tam meigo sóas  
Nos lusitanos labios..... pag. 197

A palavra *saudade* é porventura o mais doce, expressivo e delicado termo da nossa lingua. A idéa, o sentimento por elle representado, certo que em todos os paizes o sentem; mas que haja vocabulo especial para o designar, não o sei de outra nenhuma linguagem senão da portugueza. A isto allude o verso mais abaixo, quando lhe chama ignorado

Das orgulhosas boccas dos Sycambros:

o que particularmente se deve entender dos francezes tam presumidos de sua lingua tam apoucada. De que a denominação de Sycambros cabe justa a estes povos, bom testemunho é Boileau que, em um de seus opusculos latinos, de si proprio disse:

Me natum de patre sycambro.

A causa natural da falsa idéa que têm os francezes da sua idioma, é a universalidade que elle por toda a Europa obteve: por aqui tambem se explica o mui pouco ou quasi nenhum estudo que fazem dos alheios. Mais inexplicavel é, em verdade, o tom magistral e *tranchant* com que dos auctores e litteraturas estrangeiras ajuizam e decidem, ignorando, as mais das vezes, a menor syllaba dos originaes

Deixando outros de menor monta e nota, Voltaire, que todavia sabia o seu pouco de inglez e em Inglaterra havia demorado, diz blasphemias quasi increiveis quando se mette a traduzir as sublimidades de Milton ou as originaes e energicas altivezas de Shakespeare. Eguaes barbaridades commetteu pretendendo revelar os mysterios de Dante. E que injustiças não fez elle ao nosso Camões, de cujo poema tanto disse, sem de portuguez saber nem uma lettra! Conhecia sómente dos *Lusiadas* o poucachinho que era possivel vêr pelo infiel e baço reflexo da pessima traducção de Fanshaw em inglez, lingua que elle Voltaire pouco mais sabia.

Levou-me penna mais longe do que eu queria a falar da vaidosa injustiça de M. de Voltaire. De *saudade* quizera eu dizer ainda alguma coisa — *saudade*, palavra, cuida que vem, por derivação obliqua, do latino *solitudo*. Obliqua digo, porque *directamente* derivaram os nossos de *solido*, solidão, sódão, e depois soledade, soledade, finalmente *saudade*. De modo que, por esta synthese (ou pela analyse que é obvia) se vem a entender claramente que o verdadeiro sentido de *saudade* é — os sentimentos ou pensamentos da soledade ou solidão ou sódão; o desejo melancolico do que se acha na solidão, ausente, isolado de objectos porque suspira, amigos, amante, paes, filhos, etc. — E tanto por *saudade* se deve entender este *desejo de ausente e solitario*, que os latinos, á mingua de mais proprio termo, o expressavam pelo seu *desiderium*:

Quis desiderio sit pudor aut modus  
Tam chari capitis? —

Já d'aqui mesmo se vê a insufficiencia do termo *desiderium* para vivamente pintar a idéa do poeta; mas para melhor se vê a falta absoluta que de tal vocabulo padecem as outras linguas, basta comparar as versões que d'esta sublime ode de Horacio fizeram os diversos traductores.

Nenhum livro aqui! tenho de meu, nem onde refrescar memorias do que li, nem para adquirir o que não sei: por isso, e porque não tenho a feliz reminiscencia de Bocage nem o memorião do Padre Macedo, não posso citar o que n'outro tempo observei nos logares parallelos de Francis e Daru, os dois mais nomeados traductores do lyrico romano. Tambem me não lembra se o nosso Filinto — que porventura entre todos os poetas conhecidos melhor entendeu e profundou Horacio, como aquelle que melhor o imitou — verteu esta o le, e como a verteu. Parece-me que A. R. dos Santos usou do termo *saudade* na sua — força é dizel-o — insipida versão. Mas o certo é que das linguas que sei, em nenhuma conheço palavra com que a idéa e a expressão (embora insufficiente á idéa) de Horacio se possa trasladar, se não fór a *saudade* portugueza que lhe é superior. O *regret* dos francezes, além de diferente coisa, mais para a angustia do remorso ou para o pesadume da amargura, que para a suavissima pena, termo e mavioso sentimento da *saudade*, se inclina. E ainda quê, segundo a observação de Girard, *regretter*, para a distincção de *plaindre*, se diga das coisas ausentes; todavia nos mesmos Synonymos de Girard se verá quanto acerto em arredar-lhe a significação para longe da nossa *saudade*.

Quizera eu tambem vêr como se traduzirá, a não ser em portuguez, aquelle tam bello e delicadamente voluptuoso pensamento de Catullo, ao pardalzinho da sua Lesbia:

Quum desiderio meo nitenti  
Carum nescio quid lubet jocari,  
Et solitulum sui doloris  
.....  
Quando saudades minhas a angustiam  
É acha não sei que goso no folgueiro,  
Pequeno allivio para a dor que a punge.

(Nota da primeira edição.)

Amador Arraes traduzindo a bella e melancolica poesia do Psalmo 54:

Elongavi fugiens et mansi in solitudine,  
verteu assim:

Alonguei-me fugindo e morei na soedade.

No que fez ainda outra variante de orthographia e pronuncia; mas descobre bem clara e positiva a origem da palavra, e não só n'esta traducção, mas no uso amiado que da palavra faz em outros muitos logares; como: — "Seguro forte é a *soedade* para almas dedicadas a Deus; — e n'outra parte: — "Bom foi a Lot fugir para a *soedade*."

É fóreo da lingua portugueza conservar todas estas variedades de escriptura e de sentido. Em estas pro-

1 No cabo de Normandia, em França, onde se escreveu esta nota.

rém, eu diria sempre, n'estes casos *soledade*, e não *saudeade*, *soidade* ou *socdade*, para designar a *situação do que está só*, assim como direi *solidão* em prosa, e *solidão* ou *soidão* em verso, para designar o *sítio solitário em que esse está*. Salvas todavia as liberdades poeticas: as quaes liberdades não são, inda assim, a anarchia das doudices romanticas exaggeradas. (Nota da segunda edição)

#### Nota B

Entre os olmeados

Que as pobres aguas d'este Sena regam..... pag. 107

Quasi todo este poema foi escripto no verão de 1824 em Ingouville aopé do Havre-de-Grace, na margem direita do Sena. Passei alli cerca de dois annos da minha primeira emigração, tam so e tam consumido, que a mesma distração de escrever, o mesmo triste gosto que achava em recordar as desgraças do nosso grande enio, me quebrava a saude e destemperava mais os nervos. Fui obrigado a interromper o trabalho: e dei-me, como indicação hygienica, a composição menos grave. Essa foi a origem de D. BRANCA. que fiz, segui lamentemente e sem interrupção, desde Julho até Outubro d'esse anno de 24, completando-a antes do Camões que primeiro começára, e que só fui acabar a Paris no inverno de 25. E quasi que tenho hoje saudeadas — tal nos tem andado a sorte! — das engelhadas noites de Janeiro e Fevereiro que n'uma agua furtada da rua do *Cog-St.-Honoré* passavamos com os pés cozidos no fogo, eu e o meu amigo velho o Sr. J.V. Barreto-Feio, elle trabalhando no seu *Sallustia*, eu lidando no meu *Camões*, ambos proscriptos, ambos pobres, mas ambos resignados ao presente, sem remorso do passado — e com esperanças largas no futuro — Graças a Deus, de mim sei e d'elle creio, que estamos na mesma quanto ao passado e presente: mas o futuro!... — (Nota da segunda edição)

#### Nota C

Vem, no carro

Que pardas rollas gemedoras tiram..... pag. 197

Vali-me do exemplo de muito boa gente para personalizar e deificar assim affectos d'alma. Antiquissimo deus é o amor, a amizade, ainda a ira, a tristeza, a alegria: porque o não será tambem a Saudade! Beattifico-a eu, que n'este caso me tenho por tam bom como os meus predecessores, e principalmente gregos,

Que aviavam divindades  
Qual nós paternidades.

Montaram de pavões o carro da soberba Juno, de borboletas o do inconstante Cupido, de pombas o da amorosa Venus: quem puxará o da terna Saudade se não forem as meigas, constantes e gemedoras rollas? (Nota da primeira edição.)

#### Nota D

Deixa o caminho da infeliz Perene..... pag. 197

Quando se escreviam estes versos, todos os horrores da reacção absolutista de 1824 assolavam Hespanha: e em França era thema de todas as vaidades da Restauração o imelle triumpho do Trocadero. D'ahi a seis annos estava vingada a injuria da liberdade peninsular, vingada não, castigada: que ha um Deus e uma Providencia para os povos tambem. (Nota da segunda edição)

#### Nota E

Minha terra hospedeira, eu te saúdo!..... pag. 107

Na primeira edição le-se:

Eu te saúdo, o terra hospiteira.

E foi-me notado por pessoa em quem muito creio, que *hospiteiro* n'este sentidio podia ser taxado de gallicismo. Aconselharam-me *gasalhoso*, por superiores abonos classicos. Mas *gasalho*, e seus derivados, parece-me significar um amparo amigo, intimo, como de quem anima e conforta: é mais que *hospedar*, é o latino *fovere*. — A quem só é *hospedado*, dá-se-lhe um quarto, uma cama em qualquer parte de casa: o hospede *agasalhado* levam-no para o melhor e mais interior d'ella, como a filho querido e bem vindo.

Eu quiz designar aqui o couito e guarida que os perseguidos achámos sempre n'aquella ilha feliz: por mim pessoalmente não encontrei só isso, mas casas e corações abertos que me *gasalharam*, e em que me esqueci muita vez de que era estrangeiro e proscripto. (Nota da segunda edição)

#### Nota F

Certo amigo na angustia..... pag. 197

O Sr. Antonio Joaquim Freire Marreco, a quem eu e tantos emigrados portuguezes somos devesores de impagaveis obrigações, não só pelos muitos soccorros com que generosamente acudia até a desconhecidos, mas sobretudo pelo modo cavalheiro e nobre com que o fazia. Devi-lhe os meios de publicar a primeira edição d'este opusculo, e n'esta segunda folgo de ter occasião de estampar por inteiro o seu nome que, receio de o comprometter alli encolhera na só inicial de seu ultimo appellido. (Nota da segunda edição)

#### Nota G

O extremo promontorio

Que dos montes de Cynthia se projecta..... pag. 198

A Roca ou Cabo-da-Roca, ponta extrema da serra de Cintra a que os antigos chamaram serra da Lua. (Nota da primeira edição.)

#### Nota H

Gesto onde o som da bellicosia tuba

Jamais a cõr mudou..... pag. 198

Inverti n'aquelles versos a ideia de Camões:

Mas a tuba sonora e bellicosa.

Que o peito accende, e a cõr ao gesto muda:

não no contrario sentido, mas em outro differente. Camões fala do tremendo som do clarim, no principio da batalha, que muda a cõr do rosto aos combatentes; eu quiz expressar a serenidade do gesto de um guerreiro veterano a quem já nem esse tremendo som pôde fazer enfiar. (Nota da primeira edição.)

#### Nota I

A's feições nobres do gentio guerreiro..... pag. 198

Não era Camões um homem formoso, mas gentil e nobre de feições, a não mentirem as descrições dos biographos e o retrato de Severim de Faria. Além d'isso, a palavra gentil nem sempre se refere ás qualidades do corpo e semblante. Os inglezes a n-da hoje a usam para expressar attributos moares; e entre nós, só de modernos tempos tem ella outra significação. Gentil homem não quer dizer homem bello; *gentileza de uma acção*, *gentileza de proceder*, claro não são phrases que tenham nada com o corpo ou suas perfeições. (Nota da primeira edição.)

#### Nota J

Já na terra,

Que a olho se avisinha, as mal distinctas

Diversas côres, etc..... pag. 198

Estes versos não podem ser intelligiveis para quem nunca embarcasse; nem, se n'elles ha alguma verda-

de de pintura, lh'a poderá achar quem ignore o prazer inexplicavel que sentem olhos cansados da monotonia dos céus e das aguas quando, ao cabo de longa viagem, se repoisam pela primeira vez no delicioso espectáculo da terra que pouco a pouco se avisinha. (Nota da primeira edição.)

## Nota K

"Piloto!" gritam; e a um signal de bordo..... pag. 198

E' de vêr no riquíssimo poema de Byron, o *Child-Harold*, a descripção da entrada de Lisboa, etc. O leitor portuguez encontrará ali cousa que não é muito para lisongear o amor proprio nacional; mas tenha paciência, que assim não é muito grande a injustiça do nobre lord. (Nota da primeira edição.)

## Nota L

Torre antiga e veneranda,  
Hoje tam profanado monumento  
Das glorias de Manuel..... pag. 198

É o primeiro edital que está logo á entrada de Lisboa para dizer ao estrangeiro que chega — «Aqui moram barbaros!»

O bello monumento da Torre de Belem está com effeito litteralmente *desfigurado* pelas *superfetes* a *ções* de moderna e vulgar architectura, do mesmo modo que estão viciadas e inintelligíveis todas ou quasi todas as antigas e venerandas reliquias da antiguidade em Portugal.

Da pequena península em que hoje se acha a torre, lavrou o mal para o continente. a egreja e convento de Belem foram invadijos por estes iconoclastas de nova especie, barbaros estupidos e destruidores como aquellos monges da Meia Edade que raspavam dos pergaminhos romanos os textos de Cicero e Tito-Livio para escrever por cima as inúteis cenzeiras de seus commentarios e summulas.

No templo magnifico de Belem, n'aquelle precioso exemplar de *gothico florido*, ou antes de um genero tam unico e especial que se deveria designar talvez *manuelino*,<sup>1</sup> as duas principais capellas do cruzeiro estão cobertas, uma por um *presepe com bonecos de barro!* outra com cortinas de tamarco e paineis d'estes de s.<sup>o</sup> dizer ao auctor: — *Põe por baixo o teu nome e estou vingado!* A frontaria da parte do convento que deita sobre a praia é toda tam recobrida de remendos caidos no meio d'aquella pedra pulida e amarellada dos seculos, com tanta janellinha de agua furtada por entre aquelles venerav.<sup>es</sup> arcos da sua primitiva structura que alli só, está o verdadeiro emblema do triste Portugal de hoje: ruínas da grandeza antiga emplastadas do mesquinhez moderna, o triumpho do mau gosto e da ignorancia sobre a sciencia desprezada e proscripta. (Nota da segunda edição.)

A Torre de Belem foi desmoplastada e restaurada em 1813 pelo bom gosto do meu nobre amigo o Sr. Duque da Terceira, seu illustre governador. A egreja de Belem limpou-se emtanto, e se pizeram vidros de cor em duas janellas, graças ao amavel e illustrado zelo de Sr. M. Elzei D. Fernando, a quem já tanto devem as artes e os monumentos de Portugal. Só ao convento é que não chegou limpeza nem restauração, e cadavez estão mais absurdo e mais clamorosa barbaridade os seus vergonhosos remendos.

Continuemos a bradar contra estes vandalos remenções. Os brados dos poetas não são como os do animal orelhudo, que não chegam ao céu. É certo que não atroam, como este, os ouvidos dos necios que nos governam e que só a zурros attendem: mas chegam á alma dos, que a têm, e pouco a pouco

vão callando na opinião, até que algum bem arrancam a esses mesmos papellões impotentes que erigiram a ignorancia furtalhuda e a impotencia presumptuosa em qualidades de homem de Estado. (Nota da quarta edição.)

## Nota M

Do homem, que é nato do berço a sepultura..... pag. 198

Não quiz, certo, enunciar a doutrina dos Hobesanos, que não sou tam misanthropo como isso, nem creio que os homens sejam maus por natureza. Mas ruins, e por maus os tenho, mas fructo de habitos sãos, e depravação que os degenerou: não que das mãos do Creador sahissen as hístas ferozes, traidoras, refalsadas e vis que cobrem a superficie da terra. (Nota da primeira edição.)

## Nota N

A fé que não, gritou c'o acento asterno..... pag. 199

Bo'fé e Ate são interjeições portuguezissimas ambas, que valem: *por certo*, *por vida minha*; e são abreviatura de: *a fé de quem sou*; *por minha fe*; *por minha boa fe*. Bo'fé pode acaso ser taxado de archaismo, e não o usarei eu em escriptura seria; mas a fé, não. (Nota da primeira edição.)

## Nota O

Por vida minha, o que queiris ao Indio..... pag. 199

Na minha primeira edição lê-se — «Por vida vossa» o que agora, nova e ente reflectindo, me parece melhor e mais certo. (Nota da segunda edição.)

## Nota P

Intervir na disputa malferida..... pag. 199

O adverbio *mal*, quando anteposto a *ferido*, em legitimo portuguez, augmenta, que não diminue a força do particípio. Um homem *mal-ferido* é um homem gravemente ferido. Mas *ferido* nem sempre vem na significação natural; amudo se toma em sentido transitivo; pois dizem nossoos bons escriptores: «batalha mal ferida» por «batalha mui travada e renhida» etc. (Nota da primeira edição.)

## Nota Q

Rico de afrontamentos e trabalhos..... pag. 199

O affrontamento é o effeito do nimio trabalho; e o trabalho a causa do affrontamento ou cansaço: nisto se distinguem. Advirta-se porém que o uso vulgar de *afronta* e derivados, *por injuria*, insulto, ou pena e afflicção que d'ellas resulta, é o sentido figurado e traslato, que não o proprio da palavra. Um homem *afrontado* é um homem excessivamente cansado de qu'quer fadiga, e tambem allicto de qualquer aggravamento. Mas *afrontamento* sempre se toma na aceção natural: *afrontoso*, ao contrario, nunca vem no discurso senão no sentido de grandemente injurioso, deshonrador e infamante. Morte *afrontosa*, castigo *afrontoso*, disseram os nossos auctores. (Nota da primeira edição.)

## Nota R

Poucos pardaos contém — menos me ficam..... pag. 200

Moeda da India que o commercio e conquista fez corrente em Portugal: este e os outros *minnos indianos*.

Vieram fazer-lhe os damnos,  
Que Capua fez a Annibal.

O homem de Miranda, que já d'isto se queixava n'aquelles versos, em outra parte dá testemunho da

<sup>1</sup> Obteve porfim o indicado nome, hoje europeu, depois das ultimas publicações do Sr. Conde de Rackziuski.

muita abundancia com que a moeda circulava no reino até pelas mais sertejanças comarcas:

Fu ja si correr pardaus  
Por Cabecceiras-de-Bastos.

(Nota da primeira edição.)

#### Nota S

Quando no berço teu, bardo sublime..... pag. 200

Em Warwickschire, patria de Shakespear, que na cidade de Warwick nasceu, passei á volta de seis mezes, não os mais satisfeitos, mas os mais socegados, e por ventura os mais felizes de minha vida. Seja-me permitido assellar aqui os leaes sentimentos da minha estima e saudade a uma familia verdadeiramente respeitavel e *ingleza*, em cujo seio achei o

que nem no meu sangue encontrei, verdadeira e desinteressada amizade. Se algum dia chegarem estas insignificantes folhas á abençoada e tranquilla pousada de Edgbaston, conheçam os meus amigos Haddleys que não ha um só pensamento no meu espirito em que se não misture a memoria da sua amizade, mais sagrada para mim do que nenhuma outra. (Nota da primeira edição.)

#### Nota T

E ess'outro? — Deu-lhe o sêr matrona do Ebro. pag. 203

A idéa d'este missionario castelhano não é inteiramente de invenção, antes tem fundamento real e mui plausivel. Veja o que a este respeito diz D. J. M. de Sousa na sua edição dos *Lus*, quando fala de um Fray Josepe Indio, proprietario que foi do famoso exemplar de lord Holland. (Nota da primeira edição.)

## NOTAS AO CANTO SEGUNDO

#### Nota A

Que agudos uivos desgrenhadas gritam..... pag. 204

As carpeideiras, mulheres cujo officio era preceder os cadaveres nos sahimentos, levantando sentidos prantos, arrepellando-se e fazendo outros varios tregeitos que n'aquelle tempo eram de uso. Este costume antiquissimo veio-nos dos romanos ou mais de longe talvez. Provincias ha ainda na Europa onde subsiste todavia (Nota da primeira edição.)

#### Nota B

De escuro vaso e longo dô vestidos..... pag. 204

Que estôfos estes fossem de vaso e dô, ou lucto e vaso, que é o mesmo, não é facil dizer hoje ao certo. Conjecturo que *vaso* seria porventura o que agora chamamos fumo, raro e *vasado* tecido, emblema de tristeza e lucto que se traz no chapêo e espada, e que tambem no chapêo antigamente se trazia, mas tam comprido e arrastado que descia aos talares, como ainda agora se observa nos funeraes dos nossos reis. Não sei em que se possa fundar o auctor do *Elucidario* para dizer que *vaso* era um chapêo. (Nota da primeira edição.)

#### Nota C

A gemedora viração da noute..... pag. 204

Escrevo desvairadamente noute e noite, ouro e oiro, roxo, rouxo e roixo e simlhantes, não só por conservar esses ricos foros da lingua, mas porque n'esta variedade a poesia, e até a mesma prosa, ganham muita euphonia e belleza. (Nota da primeira edição.)

#### Nota D

Clarão triste de mortos..... pag. 204

É phrase mui commum entre nós, mas que não deixa por isso de ser poetica e nobre, como são grande parte dos modos de dizer familiares. Convem muito distinguir o que é *familiar* n'uma lingua, do que só é *vulgar*: aquelle é quasi sempre figurado e sublime, este rasteiro e muitas vezes vicioso. As figuras da dicção tocam mui de perto com os defeitos; e é mistér bom criterio e uso dos mestres para não confundir uns com outros, e extremar os tropos aos solecismos. — «Luz de mortos» dizemos de uma luz baça — que tristemente acclara, como a tocha fúnebre á roda da eça, ou n' a procissão do enterramento. (Nota da primeira edição.)

#### Nota E

Ruim agouro! Um sahimento funebre..... pag. 204

Funeral, enterro, sahimento, enterramento, são palavras synonymas, i. e., são termos cuja significação e uso no discurso, em mais ou menos se approxima, não que seja identicamente a mesma. Vocabulos ha que em sua raiz, derivação (e essencia, para assim dizer) têm acaso o mesmo valor, mas que pelas regras e ainda pelos caprichos do uso — distingamos o uso classico e o uso popular, do abuso de tarellos e ignorantes — se classificaram em gradações e modificações distinctas. Força é tambem dizer que os nossos Quinhentistas nem sempre são infalivel norma n'este ponto, e de seguir-se ás cegas. Esta deficiência dos classicos, a notou já o Sr. bispo titular de Coimbra, S. Luiz, nos seus Synonymos. A philosophia dos nossos tempos, que tem acclorado as mais remotas provincias da litteratura e das sciencias, a ella só é possivel o dar fio a este labyrintho, e mondar com regra e ordem as incultas devezas das linguas que sem ella se formaram, cresceram, e, com todas as qualidades para a obterem, carecem comtudo de perfeição. Não é minha opinião que vamos nós, que falamos uma linguagem solemne, rica e sonora, decalpa, recortalla, cercar-lhe o viço e primor de suas flores, para a pôr nu e descarnado esqueleto como a franceza: já não digo ingerir-lhe tanto vocabulo peregrino como a ingleza, que fique ella recozida manta de retalhos, bellos de per si, mas de estropeada e feia symetria quando vistos juntos. Não penso tal, por minha vida; mas direi sempre que sem um bom Dictionario de Synonymos, e outro de origens ou etymologico, nunca chegaremos a falar uma lingua perfeita e de nação civilizada. Quem se occupará d'isso? A Academia, que ficou no *Azurra* em o primeiro e ponderoso volume do seu vocabulario?

As palavras notadas parece-me que se podem distinguir assim synonymicamente: *Sahimento* é a procissão que conduz o cadaver (o que em Francez se diz *convói*): mas o restante e o antecedente da cerimonia do funeral já se não podem chamar sahimento. *Enterro* é mais lato, e comprehende, ainda além da procissão, as outras partes do funeral. *Enterramento* é a propria e privativa acção de *dar á terra* o cadaver. *Funeral* é o termo generico em que todos estes, e ainda mais, como especies, se comprehendem. Digo, ainda mais, porque *Erequis*, por ex., só funeral tambem e nada têm com o enterro, sahimento, etc. Assim aquellas quatro palavras parecidas no sen-



CAMÕES — CANTO X

« 'Atiria... ao menos  
Juntos morremos... »

[AG. 211]



tido e escriptura, e todas da mesma familia, têm comtudo entre si certas differenças que sendo matiz imperceptivel para o illitterato, são notaveis distincções para o que fala e escreve com exicção a sua lingua. (*Nota da primeira edição.*)

## Nota F

Entravam

Os viajantes no tempo..... pag. 205

Diz-se por ahí em portuguez, *viageiro* ou *vijayor*, ou *viante* ou *viandante*, indistinctamente: mas é mister distinguirem-se estes vocabullos, porque ha entre elles marcadas linhas de separação. *Viajor*, que é abonado por Arraes, tamosente se se pôde dizer da pessoa do que viaja; pois é da indole da nossa lingua que os nomes em *or*, formados dos verbos, sejam personalissimos: d'esta sorte *amador*, só se pôde dizer da pessoa q' e ama, quando *amante* não é tam restricto. Dizemos um homem *amador*, assim como um homem *amante*; mas, podendo dizer coração *amante*, pensamento, expressão, ideia *amante*, nunca dizemos coração *amador*, ideia *amadora*, etc. Assim *vijayor* é stricta e unicamente a pessoa que viaja; *vijante* não só a pessoa, mas tambem qualidades, cir-

cumstancias do que viaja. *Viageiro*, pelo contrario, é impessoal e só se refere a coisas, attributos. Trabalhos, enconmodos *viageiros*, nunca *vijantes* ou *vijayores*, se dizem. Agora *viandante*, que á letra quer dizer andador de caminho, tambem é pessoal; mas distingue se de todos aquelles, em que sómente se pôde dizer do que viaja por terra. O marinheiro, o navegante são *vijantes* mas nunca *viandantes*. O *vijante* corre terras e mares; o *viandante* não passa da terra, nem troca as fadigas da estrada pelos perigos das ondas. (*Nota da primeira edição.*)

## Nota G

'Natercia' d'ecco em ecco repetiram..... pag. 206

Camões nomeou sempre nos seus versos com este anagramma a D. Catharina de Athaide. — Maria, por exemplo, é muito mais bonito e poetico do que Marcia ou Marilia com que nos secavam os poetas e soneteros da escola que ultimamente morreu. *Arundhalid* e *envenhada* pelos Antonyms da aguda p'ra e longas melenas. Até aqui, e muito mais além, vou eu com a *revolução*. Mas n'este logar conservei o anagramma em respeito ao meu heroe e mestre. (*Nota da segunda edição.*)

## NOTAS AO CANTO TERCEIRO

## Nota A

Pranchas de escuro til, rudo lavradas..... pag. 207

O til é madeira escura e de pouco polimento que n'aquelle tempo se usava muito. Vêm-se ainda restos em casas antigas. (*Nota da primeira edição.*)

Na ilha da Madeira, cujo nome lhe vem da natural floresta que era, vegeta ainda, como indigena que é, esta bella árvore. (*Nota da quarta edição.*)

## Nota B

De Perugino ou Vasco, a infancia da arte.... pag. 207

Perugino floresceu na Italia á volta do seculo xv, infancia da pintura; Vasco, dito Gran'Vasco, pelo mesmo tempo em Portugal (*Nota da primeira edição.*)

Muitos escriptores nacionaes e estrangeiros tinham começado a duvidar da existencia de Gran'Vasco, a suspectar que este nome querido dos Portuguezes não fôsse mais que um mytho. As viagens e escriptos do Conde de Rackzinski comprovam porfim a existencia de Gran'Vasco, a sua naturalidade que é Vizeu, e a excellencia de suas qualidades de artista. (*Nota da quarta edição.*)

## Nota C

Virtude  
Que o philosopho disse humanidade,  
Caridade o christão..... pag. 207

Já dos versos citados no principio d'esta nota, e muito mais dos que se seguem, parece deprehender-se uma ideia e pensamento falso, inteiramente falso, que é necessário rectificar.

A philanthropia, ou o que assim se chama, é um como sentimento de egoismo. senão nos effeitos: no principio ao menos: deriva da regra social «faze aos outros o que queres que te façam.» Espera retribuição, vem do desejo e da precisão d'ella. A caridade nasce da sublime elevação d'alma a Deus, por Elle e para Elle obra, e nem espera nem precisa re-

tribuição na terra, porque em Deus só reconhece o avaliador e premiador das suas acções.

A Caridade pois não é o mesmo que a Philanthropia: ou, mais exactamente, a caridade é uma philanthropia mais pura. Aquella é virtude de homens, esta de anjos. Ambas estão definidas nas sublimes palavras de Jesus Christo: «Amar os que vos amam é de todas as leis; eu mando-vos que ameis os proprios inimigos.»

Graças a Deus que ha quatorze annos, quando escrevia estes versos, pensava e sentia como hoje sinto e pen-o. Mas n'aquelle idade nem o espirito reflecte tam fundo, nem o coração communha tam intimo em nossas ideias e sentimentos. D'ahi parece talvez agorentado pelo sarcasmo philosophico o pensamento ardente d'alma que se envergonhou de apparecer todo e como é. Reputo quasi uma fraude ao publico alterar em segunda edição as leições da primeira, por isso corrijo sómente a nota o que não quiz emendar no texto. (*Nota da segunda edição.*)

## Nota D

Do castelhano cenobita o hospede..... pag. 207

Nem uma só vez se achava em nossos escriptores a palavra «hespanhol» designando exclusivamente o habitante da Peninsula não portuguez. Em quanto Castella esteve separada de Aragón, e já muito depois de unida a Leão, etc., nos e as outras nações das Hespanhas, Aragonizes, Granadiz, Castelhãos, Portuguezes e todos, eramos por extranhos e domesticos communmente chamados *hespanhoes*; assim como ainda hoje chamamos allemo indistinctamente ao russo, Saxonio, Ilanoveriano, Austriaco; assim como o Napolitano e o Milanez, o Veneziano e o Piemontez indistinctamente recebem o nome de italianos. A fatal perda da nossa independencia politica depois da batalha de Alcaer-kebir, deu o titulo de reis das Hespanhas a os de Castella e Aragón, que o conservaram ainda depois da gloriosa restauração de 1808. Mas Hespanhoes somos, e de Hespanhoes nos devemos prezar todos os que habitamos esta peninsula. (*Nota da primeira edição.*)

## Nota E

Veneranda Ceuta, insigne preço  
De sangue regio e d'um martyrio illustre..... pag. 208.

Todos sabem que o infante D. Fernando, irmão de elrei D. Duarte, tendo ficado de arrefens por Ceuta, em poder dos Mouros, morreu no cativeiro por se lhes ella não entregar. Camões immortalizou— aliás celebrou esta immortal constancia do *Infante santo*, que, diz elle:

Só por amor da patria está passando  
A vida de senhora feita escrava.

Mas devendo-se a Camões a popularidade de tam insigne feito, deve-se-lhe tambem o vulgarizar-se um erro commum—pois geralmente se creê pelos que não têm profundado a nossa historia (e quantos o fazem?) que por sua vontade unica o infante quizera antes passar a vida de senhora feita escrava, por se não dar aos Mouros a forte Ceuta; o que assim não é. Nem foi o infante nem seu irmão elrei D. Duarte, mas sim as Côrtes que resolveram se não dêsse Ceuta pelo resgate do infante. O que elrei muito sentiu, mas não ousou contrastar. (*Nota da primeira edição.*)

## Nota F

Ao vingativo conde..... pag. 211.

O primeiro conde da Castanheira, D. Antonio de Athaide, grande valido d'elrei D. João III. Veja o que a este respeito diz D. J. M. de Sousa na sua magnifica edição dos *Lus.*, Vida de Camões. Veja tambem *Memoria* do Sr. bispo de Vizeu, no tomo 7 das da Academia R. das Scienc. de Lisboa de 1821. (*Nota da primeira edição.*)

## Nota G

O triumpho  
Que a piedade e fortunas apregoa  
De Manuel o feliz..... pag. 211.

O templo de Belem, em que me não canso nunca de falar, é o nosso Westminster; e o seu convento, desde que deixou de o ser, só devia applicar-se a um asylo de marinheiros invalidos. A sua historia, a sua fundação, o feito de que é monumento, a sua mesma posição, tudo o caracteriza para esse destino. Collegio de rapazes, obrigado por tanto a alterar-se na forma, na perspectiva toda, que mais parece hoje um casareo velho, remendado sem gosto, do que o bello monumento antigo que é, isso é que elle nunca devia de ser.

Um nobre e precioso relicario de tudo quanto fosse gloria do nome portuguez devera ser aquella bella igreja. Alli o verdadeiro Pantheon. Alli jazigo de reis—quanto melhor que n'um esconso recanto de S. Vicente! Alli todos esses tumulos e inscripções que desaparecem e se obliteram todos os dias por essas igrejas devastadas de Lisboa e de todo o reino. Quem sabe se Pedr' Alvares Cabral não será mandado sahir, um dia d'estes da igreja da Graça em Santarem pelo regedor de parochia? Os ossos dos Velascos ahi andaram nas ruinas de Lisboa á vista de nós todos—em cima do monturo, roídos dos gozos da rua. João das Regras lá está á porta de S.

1 O Sr. Varnhagen copiou, o anno passado, 1838, do jazigo de Pedr' Alvares Cabral que e da Graça de Santarem, o singelo o curioso epitaphio do illustre descobridor do Brazil; diz assim:

Aquy jaz Pedralvares Cabral doe n. Isabel de Castro sua molher, cuja he esta capella he de todos seus endoyros aquy. Il depois da morte de seu marydo foy camareyra mor da Infanta dona maria filha del rey dō João noso senõr hu ter ceyro dest' nome.

Domingos de Bemfica, como quem vae para sahir: começaram os frades—acabará outro possuidor tam bom como elles. D. Diniz expulso pelas freiras de Odivellas para uma capellinha obscura, em ella cahindo—e que templo antigo e venerado ficará empé em Portugal com mais dez annos como estes ultimos cinco!—irá o monumento do nosso Numa fazer companhia ao do poeta que por elle nos pintou o reino esclarecido e florescendo,

Em constituições, leis e costumes  
Da terra ja tranquilla claros lumes!

Alli, digo eu, em Belem o nosso *Poets-corner*, para desagrarar os munes de Camões, para dar poiso honrado ás cinzas de antigos e modernos que, pobres e desprezados toda a vida, deviam ao menos ser acatados na morte. Mas em Portugal nem posthuma vem a justiça a ninguém.

No Diario do Governo n.º 103 d'este anno barbaresco, ahi vem o *Paez-de-Sousa* a vender—por quanto? Um ministro portuguez que se atreve a mandar pôr em almoed uma reliquia d'aquellas, não sei com que o compare. Com o prodigo sem vergonha que manda á Feira da Ladra os retratos de seus avós. Que tira d'ahi o miseravel? Com que comprar uma sardinha, talvez. Viveu um dia mais, e deshonrou-se para sempre.

Mais outro capitulo de accusação contra o nosso beduino Thesouro. A igreja do Carmo de Lisboa que não só é preciosa pelo fundador que teve, por ser memoria do que é, mas tambem por ser um dos mais bellos typos do gothico puro (ou assim dito)—aluga-se todos os annos por não sei quanto: e aquellas reliquias que deviam ter sentinellas á vista para se lhes não tocar, arrendam-se, digo, por uma somma que decerto hade cumular o deficit do nosso orçamento em muito poucos annos:—creio que são doze mil reis!—Que brilhante operação de finanças! Só excedida pela do serrador de madeira que alli habita e trabalha, e que a ferro e fogo de tal modo degradou já o interior da igreja, que está quasi na altura das ideas moderns. (*Nota da segunda edição.*)

Finalmente o Thesouro teve vergonha e já não aluga a igreja de Nun' Alvares. Mas quem toma cuidado d'estes e d'outros que taes monumentos? Acho que ninguém: não vale a pena. Vejam o que diz de nós o barão Taylor de quando os andou vendo em 1837. (*Nota da terceira edição.*)

No memoravel anno de 1812 decretou o fomento que a igreja de Nun' Alvares fosse convertida em sala de Exposição de Industria. Sempre é progresso; mas bem mal pensado e peor sentido. Não pôde ser senão templo o que é templo e de tal historia. Pasma como até os bons pensamentos sempre aqui andem pelo avesso.

Um porém veiu emfim a direito; que foi a nomeação do meu illustre e nobre amigo, o Sr. Marquez de Loulé para provedor da Casa-Pia. Do illustrado zelo e apurado gosto d'aquelle fidalgo se espera não só ver elevar o piedoso instituto ao grau de perfeição que elle merece e deve ter, mas tambem que restaurado o monumento, se desagrade a arte e a

Esta infanta D. Maria é a que nasceu em Coimbra a 13 de Outubro de 1527. Casou em Salamanca com b. Philippe, principe de Castella, a 15 de Novembro de 1515. Morreu de parto a 12 de Julho de 1545 em Valbadolid.—Jaz no Escorial.

1 Onde se deduz que Pedr' Alvares Cabral se finou entre o anno de 1527, e o de 1528. (*Nota da segunda edição.*)

O mais que n'este lugar se diz na nota H ao terceiro canto, pag. 244 da seg. ed. de Lisboa 1839, e agora suprimio é erro que provio da pressa com que se extrahiu a inscripção e a noticia do um jornal litterato de Lisboa em que primeiro apparecera. (*Nota da terceira edição.*)



historia que n'elle estão vilipendiadas com tanto desacato. (*Nota da quarta edição.*)

#### Nota H

Como o encerrado rôllo sobre as águas  
Único leva a patria o nome a e fama  
Do perdido baixel. .... pag. 212

Sucedeu mais de uma vez que, sossobrando galeões que vinham da India, lançava o capitão ao mar um rôllo encerrado e bem fechado de folha-de flandres em que incluía o nome do navio dia e anno em que se perdêra, para que, levado acaso a alguma praia, se soubesse o ultimo fim d'aquelle galeão. Veja *Hist. trag. mar.* (*Nota da primeira edição.*)

#### Nota I

Um reflexo  
De inspiração maior que humana coisa. .... pag. 212

O pensamento verdadeiro e dominante d'este poema é ligar a vida e feitos todos de Camões como a um fado, a uma sina com que nasceu — a de immortalizar o nome portuguez com o seu poema. Seus amores, suas desgraças, suas viagens, seus estudos, suas meditações, tudo tem um fim predestinado — a composição dos *LUSIADAS*. (*Nota da segunda edição.*)

## NOTAS AO CANTO QUARTO

#### Nota A

Por onde o velho mundo ditaram  
Os nossos e os que após dos nossos foram. .... pag. 214.

Julgava Christovam Colomb ou Colon que a Asia se prolongava para o oriente; e supunha, com a maior parte dos sábios do seu tempo, que a circumferencia da terra era menor do que ella é na realidade. A este duplo engano, ás informações e papeis que, pela parentella de sua mulher, houve dos navegadores portuguezes, devêmos principalmente a descoberta da America. — Casára na Madeira Colomb com uma senhora Perestrelo. Veja *Vida de Colomb* por seu filho Fernando Colomb, cap. v, Washington Irving, liv. 1 cap. 2.

Os celebres mappas da Cartucha d'Evora, (que não sei onde foram parar na geral confusão de 1834-35) dizem-me provar que em Portugal, antes de Colomb, havia já noções da America.

Colomb residiu algum tempo em Islandia, cujos navegadores, está hoje fóra de toda a duvida, conheciam o norte da America muito antes d'elle.

E os famosos sibyllinos versos de Seneca:

Non erit terris ultima Thule!

quem o explicará?

Pedr'Alvares Cabral, por outro acaso — o de Colomb não fóra mais — completou a descoberta do Italiano. Mas este decerto se não guiou por nenhuma esteira de Colomb. Americo Vesputio, que nada descobriu, perpetuou o seu nome talvez para toda a duração do mundo. Assim é a gloria!

Que não haja um portuguez que reivindique as usurpações que todos os dias nos fazem extanhos, e releve mais claramente o que já apontou o nosso Barros a este respeito! (*Nota da segunda edição.*)

Temos no Sr. Visconde de Santarem quem nos desforce de todas estas usurpações. (*Nota da quarta edição.*)

#### Nota J

Uma carta fechada a fio negro  
De seda. .... pag. 212

Era o modo usual de fechar cartas. Muito tempo depois se usou ainda; e algumas côrtes o conservaram nas cartas de *faire part* que se escrevem entre reis e príncipes nas grandes occasiões. (*Nota da primeira edição.*)

#### Nota K

— «Santa-Fé se chama  
O galeão. .... pag. 212

Na primeira edição sacrificou-se a verdade historica ao que pareceu mais poetico, lendo-se:

— O galeão Dom-Vasco  
Se diz.

Assentei de restituir o nome exacto do galeão, que era Santa-Fé. N'elle embarcou em Sofala o nosso poeta com Diego do Couto e os outros amigos que o libertaram das garras de Pedro Barreto. V. Couto, *Dec.*, D. J. M. de Sousa, Faria-e-Sousa, etc. (*Nota da segunda edição.*)

#### Nota L

Corteja e parte logo. — Quem sera? .... pag. 212

E verso agudo, acciemente agudo para marcar mais a suspensão, e quebra de ideas que a acompanha. (*Nota da primeira edição.*)

#### Nota B

O astro novo, não visto d'outra gente  
Antes que o luso nauta lh'o amostresse. .... pag. 214.

Os Portuguezes só passaram o Equador em 1472. Então lhes appareceram novo céu e novas constellações; então viram os primeiros olhos europeus o polo austral e as quatro estrellas ultimas que lhe ficam ao pé. Mais de um seculo antes d'isso, Dante tinha adivinhado estas quatro estrellas!

Io mi volsi a man destra; e posi mente  
Al'altro polo; e vidi quattro stelle,  
Non viste mai, furor che a la prima gente.

DANTE PARGAT., CANT. I.

Quem inspirou ao Dante estes pasmosos versos? — Certamente o mesmo *Ignotus Deus* que inspirou a Seneca o

Non erit terris ultima Thule

Valerá pois mais o pensamento exaltado do poeta do que a sciencia do erudito, o cálculo do sabio?

Em boa e singela prosa, o que me parece provavel é que alguma tradição scythica, ignorada ou talvez desprezada dos sabedores d'esse tempo, chegasse a Seneca, e por superior talento avaliasse elle o que outros escarneceram talvez. Alguma Saga dinamarqueza ou islandica achou acaso no Dante o mesmo genio transcendente que valia e preza o que a vulgaridade tracta muita vez de absurdo e ridiculo. (*Nota da segunda edição.*)

#### Nota C

No ar se me affigun treoar d'irada  
A polstada immensa d'algum genio  
Que os cancellos do oriente alli guardasse. .... pag. 215.

Parece-me muito provavel que realmente a vista d'aquelle immenso e terrivel promontorio suscitasse



nação. No entanto meteram-lhe os Castelhanos guarnição e lá ficou d'elles.

O que são as coisas! Se e vissemos hoje as nossas praças de Africa, não seríamos poderosos e queris os aliados dos Francezes? Com sua boa visinhança em Argel, não estava segura a nossa dominação da outra banda do Algarve? A's portas do estreito, um pé n'Africa outro na Europa, seria Portugal o reininho das noventa leguas de quem todos escarnecem? Já não é só de hoje em Portugal este desprezar de quanto é velho, e correr para deante sem saber aonde. Sophisma que esqueceu a Jeremias Bentham. (*Nota da segunda edição.*)

#### Nota B

Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres, ... pag. 222

D. Aleixo de Menezes, aio d'el-rei D. Sebastião. (*Nota da primeira edição.*)

#### Nota C

De um Deus todo amor, todo humidade.  
Que, sem commentadores, lhe mostravam  
O Evangelho e a razão. .... pag. 222

Estes versos censuram a fastosa e pharisaica phissão dos hypocritas; mas não houve a minima tenção de inculcar os gabos do puritanismo protestante e de sua falsa humidade — aliás orgulho ridiculo e mal distarçado.

Já havia Christianismo antes de se escreverem e serem li'os os Evangelhos. Era pois a tradição e o consenso da Igreja o que só regia a Igreja. — Este argumento de um Anglo-americano ha pouco volta-do ao seio da Religião Catholica, é a morte do Protestantismo. (*Nota da segunda edição.*)

#### Nota D

Talvez sem o remorso escrupuloso  
Do eloquente Augustinho. .... pag. 223

Veja as *Conf. de S. Aug.* (*Nota da primeira edição.*)

## NOTAS AO CANTO SETIMO

#### Nota A

Oh! nobres paços da risonha Cintra,  
Não sobre a roca erguidos, mas poissados  
Na planície tranquilla. .... pag. 224

A grande questão de juriscultos e historiadores sobre se houve ou não nas Hespanhas o systema feudal propriamente constituido, talvez em grande parte possa resolver-se pelo estudo e exame dos monumentos de architectura. Quem, descendo o Rhim e vendo aquelles tam ricos e pitorescos montes coroados de castellos senhoriaes ainda ouriçados d'ameias e bastiões — quem não dirá: «aqui dominou o Feudalismo em toda a sua plenitude?» — Mas o que visitar as aridas serranias, as florentes veigas de Portugal e Hespanha, e vir coroadas as suas alturas de esmornadas fortificações moirescas, e o paço do nobre, o mosteiro do religioso, o casal do lavrador, a choupana do pegureiro todos egualmente espalhados pela aba da serra, ao longo do valle, e sem mais distincção, apenas diferentes nas proporções ou no gosto do edificio — esse dirá necessariamente: «Aqui um povo de irmãos se uniu para expulsar o domito africano; de um para outro não havia servidão nem senhorio, nem mistér de castellos e pontes levadiças; destruíram o inimigo commun e ficaram vivendo em paz, com muito o que muito tinha ou aquiriu, com pouco o que tinha pouco; mas não houve raça privilegiada e exclusiva de possuidores do seu — raça exclusiva de trabalhadores no alheio.»

O estudo das artes é de mais auxilio á sciencia, do que talvez ella cuida em seu orgulho. (*Nota da segunda edição.*)

#### Nota B

Que precedido vae por debéis cannas, ... pag. 224

Os porteiros da canna, que ainda se conservam no acompanhamento real, eram antigamente os batedores dos nossos reis. Sá-Miranda na sua Carta a el-rei D. João III faz a este respeito uma comparação dos monarchas portuguezes com os das outras nações, sem exceptuar o papa, que é digna de que todos os soberanos do mundo a lêssem. (*Nota da primeira edição.*)

#### Nota C

Menestres tangerem. .... pag. 227

Nome que tinham no paço os musicos que ultimamente eram designados, creio eu, com o ignobil ti-

tulo de musicos das cavalherices. Dava-se-lhe ainda aquell'outro no tempo de D. João IV. (*Nota da segunda edição.*)

#### Nota D

E do barbaro Nave ao culto Sena,  
Desde o Thamesis frio ao Pado ardente,  
Os lamentos de Ignez repeti a lyra. .... pag. 231

As traduções dos *Lusíadas* começaram logo a espalhar-se por todas as linguas da Europa; e, segundo a reflexão do meu erudito amigo João Adamson, *Memoirs of Camoens*, este geral interesse e universal enthusiasmo quasi desde o momento que appareceu o poema, o adoptem-n'o logo por seu tantos paizes e linguas diferentes, é a mais clara prova de merecimento e valor real. Mas que infeliz tem quasi sempre sido o pobre Camões. observa o illustre litterato, com os seus traductores! A respeito de Mickle e Lord Strangford, diz o *Annual Review* para 1803: «It is one of the curiosities of literature that two englishmen of considerable genius should have employed themselves at different times in translating a portuguese poet.» — E notavel curiosidade «litteraria que dois ingezes de consideravel talento se empregassem, em diferentes tempos, em interpretar um poeta portuguez.»

Mas Inglaterra e a sua litteratura, se alguma offensa ou injúria fez ao nosso poeta, todas as reparou com a elegante, erudita e zelosa publicação do meu prezado e particular amigo o Sr. João Adamson, cujas *Memorias* são, com a edição do morgado de Mithheus, e a *Memoria* do Sr. bispo de Vizeu Francisco Alexandre Lobo, os mais dignos monumentos que ao nosso poeta se têm levantado.

Sabem todos os que me conhecem quam pouco tenho procurado, e quam rara vez me tenho servido das relações de amizade estreita, de favor ou deferencia que, desde 1820, quasi sempre tenho tido com os ministros que nos têm governado sob o regimen constitucional. N'estas raras excepções entrou a mercê que enpenhadamente solicitei do favor real para se dar, em nome da Nação e da Soberania, um testemunho de gratidão ao auctor das *Memorias de Camões*. O *Diario do Governo*, que tanta cousa nos publica que melhor fora não dizer, nunca se dignou communicar á Nação, este honroso acto, feito, não menos em seu nome e para sua gloria, do que para gloria da Rainha. Julguei de serviço publico deixal-o trasladado aqui:

«Attendendo ao que me representou João Baptista d'Almeida Garrett, do Meu Conselho, e Meu Enviado Extraordinario, Ministro Plenipotenciario junto a Sua Magestade Catholica, e Querendo Dar ao Cavalheiro João Adamson um publico testimonho do apreço em que Tenho o distincto serviço que fez a litteratura portugueza na publicação das suas *Memorias de Camões*, que assim deram novo brilho á gloria toda Nacional do nosso primeiro Poeta: Hei por bem Fazer Mercê ao mencionado João Adamson do o Nomear Cavalleiro da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada do Valôr, Lealdade e Merito. O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço das Necessidades, em 17 d'Abril de 1838 — RAINHA — Antonio Fernandes Coelho»

O episodio de Ignez de Castro é talvez a parte dos *Lusiadas* que tem sido mais popular na Europa, e mais vezes traduzida em todas as linguas cultas. Mas em todas ou quasi todas o foi já o poema inteiro.

O leitor folgará, creio eu, de achar aqui uma nota das traduções de que pude achar memoria, ou examinei eu proprio.

#### Traduções dos Lusiadas desde a primeira edição portugueza de 1572

I — 1580. — Tradução castelhana por Benito Caldera, com este titulo: — «*Los Lusitadas de Luiz de Camões* Traduzidos en octava rima Castellana por Benito Caldera residente en Corte. Dirigidos al illustriss Señor Hernando de Vega de Fonseca, l' residente del Consejo de la Hacienda de su M. y de la Santa y general Inquisicion. — Con privilegio — Impresso en Alcalá de Henares, per Juá Gracian. Año de M D LXXX.»

1. vol. em 4.<sup>to</sup> pequeno com uma gravura em madeira no principio, representando um soldado no acto de montar a cavallo, sem numeração de paginas ou de folios. — Antes do poema vem uma Epistola ao leitor por Pedro Laynes—sonetos ao A. pelo licenciado Garay—por um amigo—por Luiz de Montalvo—pelo mestre Vergara—por um amigo—e pelo mesmo Pedro Laynes.

Cada canto é precedido por um argumento: o volume termina assim:—En Alcalá;—En Casa de Juan Gracian — 1580.

Conserva-se um exemplar d'esta rara traducção na bibliotheca d'elrei d'Inglaterra em Buckingham-house

Veja Nic. Antonio, *Bibl. Hisp. Nova*; — Barbosa, *Bibl. Lus.*, tom. 1, pag. 500; — De Bure 354; — Brunet, *Man.*, pag. 207, tom. 1; — Duclos, *Dict.* tom. 1, pag. 231 — Osmont, *Dict. Typ.* tom. 1, pag. 163. — Fournier, *Nouv. Dict. port. de Bibl.* — Bibl. Croftiana, n.º 4.673. — Bibl. Pielliana, n.º 689 — Adamson's *Memoirs*, tom. 11.

II. — 1580. — Tradução castelhana por Luiz Gomes de Tapia, com este titulo: *La Lusitade de el Famoso poeta Luis de Camões*. Traduzida en verso Castellano de Portugues, por el Maestro Luys Gomes de Tapia, Vezino de Sevilla. Dirigida al illustrissimo Señor Ascanio Colona, Abbad de Sancta Sophia. — Con privilegio. — En Salamanca. — En casa de Juan Perier, Impresor de Libros, año de M D. LXXX.

1. vol. 4.<sup>to</sup> pequeno em 307 fol. Tem argumentos em prosa no principio, e annotações no fim de cada canto

Antes do poema contém dedicatória — versos latinos de Francisco Sanchez — um soneto em castelhano pelo auctor — versos latinos de Francisco Sanchez — versos latinos de Alvaro Rodrigo Zambano — um soneto em italiano por Diogo Vanegas — uma canção por D. Luiz Gongora e Pedro de Vega — sonetos em castelhano por D. Luiz de Valençuela e D. Antonio Peralta — *Catalogo dos Reis de Portugal*.

Um exemplar d'esta obra existe na bibliotheca d'el-

rei d'Inglaterra em Buckingham-house; outro em poder do morgado de Matheus D. José Maria; outro no de M. Smith: *Bibl. Smithiana*, Venet. 1755, pag. 87. — Veja Adamson's *Mem.*, tom. 11.

III. — 1591. — Tradução castelhana por Henrique Garces, com este titulo: *Los Lusitadas de Luiz de Camões*. Trad. zidos de Portuguez en Castellano por Henrique Garces. Dirigidos a Philippo Monarcha primeiro de las Españas, y de las Indias En Madrid Impresso con licencia en casa de Guillermo Drouy, impressor de libros. Año 1591. 1. vol. 4.<sup>to</sup>

H. Garces, natural do Porto, viveu e escreveu no Peru, e enviando foi conego no Mexico, Vej. Nicolau Antonio *Bibl. Hisp. Nov.* 1 — Barb. *Bibl. Lus.*, tom. 11. — Reis *Enth. poet.* pag. 150 — O titulo, privilegio, censura e quatro sonetos occupam oito pag. sem numeração; o poema 185 fol. — Um exemplar d'esta rarissima edição existe na bibliotheca do meu amigo o Sr. James Gooden em Londres.

IV. — 1612. — (A' volta de) — Tradução franceza anonyma. Não foi possível aos mais diligentes bibliographos modernos descobrir um exemplar d'esta traducção, de cuja existencia nos consta indubitavelmente todavia pelo testimonho de Nicolau Ant. *Bibl. Hisp.*; Fernandes ed. dos *Lus.* de 1609; Baillet; Mickle; Garcez-Ferreira que a attribue a um M. Scharon; Adamson's *Memoirs*, tom. 11; e outros.

V. — 1613. — Tradução italiana anonyma: provavelmente Ms. pelo testimonho de Nervi. Vej. Manuel Correa que lhe assigna esta data de 1613; Adamson's *Memoirs*, tom. 11.

VI. — 1622. — Tradução latina por D. Fr. Thomé de Faria bispo de Targa; com este titulo: *Lusitadum Libri X. Authore Domino Fratre Thoma de Faria, Episcopo Targensi, Ulissipone ex-officina Gerard de Vineae* 1622. 1. vol. 8.<sup>vo</sup>

Reimprimiu-se no *Corpus Illustrum Poetarum Lusitanorum* etc. Lisboa. 1745.

Tive na minha pequena collecção um exemplar da edição original, adquirido na ilha Terceira; deve existir em poder do Sr. José da Silva Carvalho a quem o dei em 1822.

Um exemplar d'esta 1.<sup>a</sup> edição foi vendido na venda de Grevena por 2 fl. 14 st Catal. Crev. tom. 11 pag. 289.

Veja Nic. Ant. *Bibl. Hisp.* vol. 11; Barbosa *Bibl. Lus.* tom. 11; Faria y Sousa; Severim de Faria; Adamson tom. 11; e outros.

VII. — 163... — Tradução latina por André Bayão com este titulo: *Lusitadum Indicae orientalis Argonautae*. Ms. actualmente existente na Bibliotheca Romana. André Bayão, natural de Goa, viveu principalmente em Roma, onde morreu 1630.

Veja *Bibl. Hisp. Nov.* tom. 1; *Bibl. Lus.* tom. 1; Montfaucon *Bibl. Mss.* vol. 1, pag. 179; Reis *Enth. poet.*: Adamson's *Mem.* tom. 11.

VIII. — 16... — Tradução latina de Antonio Mendes com este titulo: *Lusitaden Canonii Hispanorum vatim antesignani Poema latinis versibus redditum*. 4.<sup>to</sup> Ms.

Veja Barb. *Bibl. Lus.*, tom. 1, pag. 327.

IX. — 16... — Tradução latina por Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo, com este titulo: *Lusitade de Luiz de Camões traduzida em lingua latina*. Ms. Macedo o encyclopedico nasceu em Coimbra, 1506, morreu em Padua 1581.

Esta traducção chegou a estar em poder do padre Reis para se imprimir no *Corpus Poetarum*, cujo sexto volume é todo occupado pelas obras do mesmo Macedo, e não veio porfim a publicar-se por não ter recebido a ultima correcção do seu auctor, diz uma nota do editor no referido 6.<sup>o</sup> vol.

Deve existir hoje este Ms. na R. Bibliotheca das Necessidades onde foi preparada e dirigida a edição do *Corpus Poetarum*, creio eu.

V. Barbosa *Bibl. Lus.* tom. 11; Adamson's tom. 11.

X. — 1665. — Tradução ingleza por Sir. Richard Fanshaw, com o seguinte titulo: «*The Lusidae, or Portugal's Historical poem: written in the Portingall language by Luis de Camoens, and now newly put into English by Richard Fanshaw Esq.*» — Dignum laude virum Musa vetat mori: — Carmen amat quisquis carmine digna facit. — HORAT. — «London: printed for Humphrey Moseley, at the Prince's Arms; in St. Paul's church yard. M. DC. LV. fol.»

Foi ministro, e lozo embaixador, de Inglaterra em Lisboa, e n'este caracter residia quando se concluiu o casamento d'el-rei Carlos II com a infanta D. Catharina. Foi depois embaixador em Madrid, onde morreu em 1666.

É dedicada a tradução ao conde de Stafford. Antes do poema vem um extracto do «*Satyricon*» de Petronio com uma tradução do mesmo Fanshaw, e o Soneto de Tasso «*Camões*» traduzido em verso inglez. Retratos de corpo inteiro do infante D. Henrique, de Vasco da Gama, de Camões.

A palavra «*newly*» no frontispicio d'esta edição parece inculcar que houvesse antes outra ou mais antiga tradução por auctor diverso. Mickle, «*Dissert. on the Lus*» em uma nota, resolve, cuído eu, toda a duvida, quando diz, citando o editor das «*cartas de Fanshaw*»: «*During the unsettled times of our anarchy some of his (Fanshaw's) Mss. falling by misfortune into unskilful hands, were printed and published without his consent or knowledge, and before he could give them his last finishing strokes: such was his translation of the Lusids.*»

Mickle, loc. cit.; Adamson's *Mem.* tom. II.

XI. — 1658. — Tradução italiana por Carlos Antonio Paggi, com o titulo: «*Lusida Italiana*» di Carlo Antonio Paggi, nobile Genovese, Poema Eroico del Grande Luigi de Camões Portoghese, Prencipe de' Poeti delle Spagne. Alla Santità di Nostro Signore Papa Alessandro Settimo. Lisbona. Con tutte le licenze. Per Henrico Valente de Oliveira 1658. 1 vol. 12.<sup>mo</sup>

Contém uma allegoria precedendo o frontispicio, gravada; duas dedicatorias a Monsig. Giacomo Franzoni e al Ill. Sign. Gio. Georgio Giustiniano, em que relata a vida de Camões; — sonetos, elogios e licenças.

Vej. Nicol. Ant. *Bibl. Hisp. Nov.*, tom. II: Adamson's *Mem.* tom. II.

A segunda edição, muy alterada da primeira pelo A., foi reimpressa na mesma typographia logo no seguinte anno 1658. — H. exemplares no Mus. Britan., na collecção de M. Adamson, na minha, e não são raros em Portugal.

XII. — 1735. — Tradução franceza por Duperron de Castera, com este titulo: «*La Lusade de Camoens*, poëme héroïque, sur la *Découverte des Indes Orientales*. Traduit du Portugais, par M. Duperron de Castera.» 3 vol. 12.<sup>mo</sup> Paris, 1735.

Com uma serie de estampas, e uma allegoria no frontispicio. É dedicada a S. A. S. o principe de Conty. Contém, além da dedicatoria e o verso francez, e da inscripção em verso latino da allegoria, um prefacio, a vida de Camões, licença do rei, notas no fim de cada canto, e indice de materias no fim de cada volume.

De Bure; Brunet, *Man. du Lib.* tom. I, pag. 207; Duclos, *Dict. Bibl.* tom. I; Osmont, *Dict. Typogr.* tom. I, pag. 163.

Ha uma ed. de Paris 12.<sup>mo</sup>, outra de Amsterdam em 8.<sup>vo</sup>, ambas em tres vol. e no mesmo anno de 1835. — Outra ed. de 1768.

XIII. — 1762. — Tradução allemã dos episodios de Ignez de Castro e de Adamastor por Meinhard na obra «*Den Gul. Beytr. zu den Braunschw. Antreigen.*» 1762. St. 2.<sup>a</sup> pag. 193; St. 2.<sup>a</sup> pag. 210.

XIV. — 1772. — Tradução em oitava rima italiana

anonyma; com este titulo: «*La Lusade o sia La Scoperta delle Indie Orientali fatta da Portoghesi di Luigi Camoens*: Chiamato per la sua excellenza Il Virgilio di Portogallo. Scrita da esso celebre autore nella sua lingua naturale in ottava rima, ed ora nello stesso metro tradotta in Italiano da N. N. Piemontese, insieme con un ristretto della vita del medesimo autore, e con gli argomenti al Poeme da Gianfrancesco Barreto Torino 1772. Presso di fratelli Reyccendi 1 libraj in Principio di contrada nuova. — Multosque per annos — Errabant acti fati maria omnia circum — ENRID. LIB.

1 vol. 12.<sup>mo</sup> de 301 pag. dedicada «al Nobilissimo ed ornatisimo cavaliere Il Marchese D. Salvador Pez di Villamarina.» Argumentos em verso no principio de cada canto, e notas marginaes no decurso da obra. Ha um prefacio depois da dedicatoria. — Attribue-se geralmente ao conde Laureanni, algum tempo residente em Lisboa.

Um exemplar na Bibl. Real de Inglaterra em Buckingham-house; outro em poder de M. Adamson.

XV. — 1772. — Tradução em verso francez por S. Gaubier de Barraut; com este titulo: «*La Mort d'Ignés de Castro; et Adamastor*; morceaux tirés et traduits de la *Lusade* de Camoens: pour servir d'Essai à une Traduction Française en vers et complete de ce fameux Poëme Portugais. Ouvrage dédié et présenté au Roi le VI de Juin M. DCC. LXXII. jour anniversaire de la naissance de Sa Majesté, par Sulpice Gaubier de Barraut. A Lisbonne De l'Imprimerie Royale Avec approbation.» 1 folheto de 32 pag em 4.<sup>to</sup> com o texto ao lado.

São unicamente os episodios de Adamastor e de Ignez de Castro, traduzidos verso por verso, dedicatoria em prosa franceza a el-rei D. José

Aquino, ed. de Cam. 1782; Adamson tom. II.

XVI. — 1770. — Tradução em verso rhymado inglez por Julio Mickle; com este titulo: «*The Lusaid; or the Discovery of India*. An Epic Poem Translated from the original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle.» — «*Ec verbum verbo, curabis redere fidus* — Interpretes — HOR. ART. P. IV.

«London — Oxford. — M. DCC. LXXVI.» vol. 4.<sup>to</sup> Muitas vezes reimpresso: o geral das edições contém, antes dos *Lusids*, uma introdução; a historia da descoberta da India; a historia do crescimento e queda do imperio portuguez no Oriente; vida de Luiz de Camões; dissertação sobre os *Lusidas*; observações sobre a poesia epica.

Aquino ed. de Cam. 1782 tom. I; Adamson's *Mem.* tom. II.

XVII — 1776. — Tradução, em resumo, em prosa franceza por D'Hermilly, revista por La Harpe; com este titulo: «*La Lusade de Louis de Camoens*: Poëme Héroïque, en dix chants, nouvellement traduit du Portugais, avec des notes & la vie de l'Auteur. Enrichi de figures à chaque chant.» 2 vol. 8.<sup>vo</sup> Paris. 1776.

Precedem o poema uma advertencia do editor, uma vida de Camões: no principio de cada canto um argumento em prosa. Excellentes gravuras com explicações em prosa tambem.

Aquino, ed. de Cam. 1782 tom. I; Mickle, *Diss.*; *Bibliothèque d'un Homme de goût*, tom. I, pag. 230 (ed. de 1803); Brunet, *Man. du lib.* tom. I; Fournier *Nouv. Dict. port. de Bibliog.*

XVIII. — 1771. — Tradução em verso francez por Florian, com este titulo: «*Episode d'Ignez de Castro traduit de la Lusade de Camoens — chant III.*»

Em todas as edições das obras de Florian.

XIX. — 1788. — Tradução anonyma em prosa franceza do episodio da Ilha dos Amores, na collecção intitulada: «*Voyages Imaginaires, Romanesques, merveilleux, allegoriques* de Amsterdam, 1788 8.<sup>vo</sup>, com o titulo seguinte: «*L'Isle enchantée.*» Episode de la *Lusade*, traduit du Camoens.» Tem uma bella gravura de Venus falando a Cupido.

XX.—1807.—Tradução em oitava rima allemã por Frederico Kuhn e Carlos Theodor Winkler; com o título: *Die Lusid de Camoens. Aus dem Portugiesischen in Deutsche übertragen und übersetzt*. Leipzig in der Weidmannischen Buchhandlung 1807. 8.º

É dedicada ao conde Carlos Roze secretario d'estado d'elrei de Saxonia; pretende-se na dedicatória que é a primeira tradução dos *Lusid* em allemão.

XXI.—1808.—Tradução allemã do primeiro canto dos *Lusid*as, com o texto portuguez ao lado; com este título: *Proben neuer Uebersetzung der Lusid von Camoens*. Hamburg bey Friedrich Perthes.

XXII.—811.—Tradução em verso francez dos episodios de Ignez de Castro e da Ilha dos Amores, por Parseval Grandmison, no poema rhapsodico intitulado *Les amours épiques*. 1 vol. 8.º

A edição que cito é a segunda; não se pôde descobrir a data da primeira.

XXIII.—814.—Tradução em oitava rima italiana, por Antonio Nervi; tem por título: *Lusida ai Camoens*. Transportata in versi Italiani da Antonio Nervi. Genova. Stamperia della Marina e della Gazzetta, anno 1814. 8.º

Um breve aviso ao leitor acompanha o poema sem mais notas ou illustrações.

XXIV.—1818. Tradução castelhana de Dom Lambert Gil; com o título seguinte: *Los Lusid*as, Poema epico de Luis de Camoens, que traduzio al castellano Dom Lambert Gil, Penitenciario en el real oratorio del Caballero de Gracia de esta Corte. Madrid. 1818. Imprenta de D. Miguel de Burgos. 3 vol. 8.º

O primeiro volume tem o titulo acima, e contém prologo—vida de Camões—juizo critico—relação da viagem de Gama—e os primeiros cinco cantos dos *Lusid*as.—O segundo volume contém o resto dos *Lusid*as; no terceiro ha prologo—e poesias varias que vem a sêr uma escolha dos poemas menores, notas, etc.

XXV.—18...—Tradução ingleza de parte do iv.º canto dos *Lusid*as, e d'algumas seleções das Rhyms por Lord Strangford; com o titulo *Poems from the Portuguese of Luis de Camoens*, London 18... um pequeno vol. em 12.º

XXVI.—1825.—Tradução em prosa franceza por Millié, com este titulo: *Les Lusid*es, ou *Les Portugais*. Poème de Camoens, en dix chants—Traduction nouvelle, avec des notes. Par J. Bte. Jh. Millié.—«La découverte de Moambique, de Melinde et de Calicut a été chantée par le Camoens dont le poème fait sentir quelque chose des charmes de l'Odyssée et de la magnificence de l'Enéide.» MONTESQUIEU.

«Paris, Firmin Didot Père et Fils, Libraires, rue Jacob n.º 24. De l'imprimerie de Firmin Didot, M. DCCC. XXV.» 2 vol. 8.º

É dedicada a D. José Maria de Sousa Botelho (morgado de Matheus). Antes do poema um prefacio—vida de Camões—o soneto de Tasso e uma imitação franceza d'elle. No fim de ambos os volumes, notas—argumentos—conceitos dos litteratos sobre os *Lusid*as—noticia sobre Camões e suas obras, por D. José Maria de Sousa Botelho, traduzida em francez por M. Millié.

XXVII.—18...—Tradução em oitava rima allemã pelo Dr. C. C. Heise, com o titulo: *Die Luside Heldengedicht von Camoens, aus dem Portugiesischen übersezt*, von Dr. C. C. Heise.—Hamburg und Altona bei Gottfried Volmer. 2 vol. 12.º—No frontispicio tem este dystichio allemão:

Halb Römer, stammt er dennoch von Germanen.

Contém, antes do poema, uma especie de endereço a Camões—argumentos nos principios—e notas nos fins de cada canto. Sem data de impressão. Conhece-se que é d'este seculo.

XXVIII.—1826.—Tradução em oitava rima italiana por Briccolani; tem o titulo: *I Lusid del Camoens recati in ottava rima da A. Briccolani*. Parigi 1826, co'tipi di Firmin Didot, via Giacobbe, n.º 24, 1 vol. 32.º

É dedicada a S. M. a Rainha D. Maria II, então de sete para oito annos. Tem no principio a mesma gravura da edição portugueza em 32.º feita em Paris pela de Didot e na sua officina mesma, por J. P. Aillaud.

XXIX.—1826.—Tradução em verso solto inglez por Musgrave; com o titulo: *The Lusid, An Epic Poem*, by Luis de Camoens.—Translated from the Portuguese by Thomas Moore Musgrave. Primum ego me illorum dederim quibus esse poetis—Exce't pam numero. Neque enim concludere versum—Dixeris esse satis: neque, si quis scribat, uti nos.—Sermoni propriae putes hunc esse poetam.—Ingenium cui sit, cui mens divini, atque os—Magna sonitum, des nominis unius honorem.—HORAT. Sat. I, 1, 4.

«London: John Murray, Albemarle Street. M. DCCC. XXVI.» 1 vol. 8.º

Precede o poema, dedicatória ao conde de Chichester—prefacio—seguem-se no fim notas.

XXX.—1828.—Tradução dinamarqueza por Lundbye; com o titulo: *Luis de Camoens's Luside oversat af et Portugisisk ved H. V. Lundbye*. Kopenhagen. 1828. 2 vol. 8.º

O era secretario da legação dinamarqueza em Tões.

XXXI.—1833.—Tradução em verso allemão por Donner, com o titulo: *Die Lusiden des Luis de Camoens* verdeutsch von J. J. C. Donner. Stultgard. 1833. 1 vol. 8.º

É uma bella edição em caracteres romanos. Auctor contemporaneo bem conhecido.

XXXII.—A tradução hebraica, referida por Mickel, e feita com muito engenho e elegancia por Luzzetto, um erudito judeu, auctor de varios outros poemas que morrêra na Palestina—trinta annos antes do tempo em que Mickel escrevia,—1775.

XXXIII.—A tradução em prosa latina por Philippe José da Gama, tam louvada na ed. de 1779 das Obras de Camões, em Lisboa.

XXXIV.—A tradução em verso latino por Manuel de Oliveira Ferreira com o titulo: *Lusidum Libri VII*. Ms.

XXXV.—A tradução em verso francez pelo Sr. Duque de Palmella, que os particulares amigos do illustre auctor sabem estar muito mais adeantada, posto que d'ella só apparecessem amostras no *Investigador portuguez em Londres* de 18...—Posso dar testemunho o muito que admirei, algumas das mais bellas e mais difficêis passagens dos *Lusid*as, quando o nobre poeta (espero que se não offenda do nome) me fez a honra de m'as lêr, ha onze para doze annos em Londres.

XXXVI.—As duas traduções suecas que nos manifestou o Sr. Melin, illustre viajante d'aquelle paiz, que aqui vimos em Lisboa este anno de 1839

XXXVII.—Os commentarios e tradução russa em 2 vol. 8.º, que sabemos terem sido vistos por pessoa de confiança e intelligencia

XXXVIII. Carrión-Nisas, Boucharlat, H. Lefebvre tambem traduziram em Francez partes dos *Lusid*as. (Nota da segunda edição)

XXXIX.—1839.—Tradução sueca por Lovén, com este titulo: *Lusiderne. Hjelteckit af Luis de Camões Oversatt från Portugisiskan. J. originalens versform*, Af Vils Lovén. Stockholm, tryckt hos L. J. Hjerta, 1839. 1 vol. 12.º grande, de 224 pag., prefacio de iv pag., notas no fim, em xvi pag.

XL.—1841.—Tradução em verso francez por Aubert, com o titulo: *Traduction de Lusides de Camoens*, por Ch. Aubert. Paris, 1841. 1 vol. 12.º

XLI.—1841.—Tradução em prosa franceza por Ortaire Fournier et Desales; com o titulo: *Les*

*Lusiades de Can ens.* Traduction nouvelle, par M. M. Ortaire Fournier et Desailles, revue, annotée et suivie de la traduction d'un Choix de Poésies diverses, avec une notice biographique et critique sur Camoens, par Ferdinand Denis. Paris 1841. 1 vol. 12.<sup>mo</sup> (Nota da terceira edição.)

XLII. — 1852. — Tradução em verso inglez dos primeiros cinco cantos, com o titulo: «*The Lusiade of Camoens*, Books I. to V. Translated by Edward Quillinan. With notes by John Dimson, K. F. S. and K. C. of Portugal &c. &c. London 1853. 1 vol. 8.<sup>vo</sup> (Nota da quarta edição.)

## NOTAS AO CANTO OITAVO

## Nota unica

Louçan, transparente porcelana.  
Raro producto do Chinez longquo.  
-- Fato na Europa ainda, e então condigno  
Ornato de reaes copas..... pag. 232

Rarissima era ainda a porcelana na Europa: é de ver a admiração que em Roma causou o regalo de

louça da India que fez o nosso santo arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres ao Papa, quando lhe aconselhava que deixasse as baixelas de ouro e prata como impróprias de um successor de S. Pedro, e usasse d'aquella que nem era tão cara nem tão fastosa. Veja Fr. Luiz de Sousa, *Vid. do Arc.* (Nota da primeira edição.)

## NOTAS AO CANTO NONO

## Nota A

O trovador moderno que descanta..... pag. 237

O nome do trovador não foi privativo dos provençaes, porque portuguezes e castelhanos os houve. Toma-se aqui no sentido genuino da palavra, poeta guerreiro com o seu tanto de cavalleiro andante, e não no vulgar e vicioso de hoje, improvisador, ver-sejador: digo vicioso, porque para isso temos nós *trovista*. (Nota da primeira edição.)

## Nota B

Arrebatada  
Por anjos infernaes a roca antiga  
Que a prumo a descãliram — e fixada  
No incantado equilibrio, desafia  
Fôrças da natureza e arte dos homens..... pag. 237

Vistos de certo ponto e distancia, os rochedos primitivos e descarnados d'aquella serra parecem com effeito collocados alli por meios sobrenaturaes.

Não haverá n'elles algum que realmente seja o que ao poeta se afigurou n'est'outros versos:

Celtico dolmin recordando o culto  
Do sangento Endovelico, o terrivel  
Iminsulf dos ferozes Lusitanos..... pag. 238

Dolmin, ou dolmen, é o singelo monumento celtico de uma pedra solitaria e a pique.

Celtas somos nós sem duvida, além do genio, por sangue. Endovelico era deus celta, porventura tradução de Iminsulf, assim arredondada pelo *oreo-undo* lusitano

Aqui estão altas e profundas questões, cujo interesse o poeta só indica: trate-as a sciencia, que o valem. (Nota da segunda edição.)

## Nota C

Guardando ainda,  
No azul que em sua gloria lhe vestiram,  
As estrellas do Yaman e os inflagados  
Caracteres do Hydraz..... pag. 237

Ainda agora — A. D. 1839 — se conserva em parte do tecto e de uma parede interior da mesquita quasi todo o estuque, e bocados d'elle com o azul vivo e animado, as estrellas, meias-luas e letras arabicas

bem distinctas, e luzindo ainda o dourado com que as debuxaram.

Veja, sobre a admiravel conservação d'estes frescos, as observações de Paw, «*Recherch. Philos.* Paris, an. 3 de la republ.»

Se algum fizesse ao menos copiar e estampar estes curiosos e notaveis vestigios antes que de todo se obliterem! (Nota da segunda edição.)

## Nota D

Estas resistem  
Mais que nenhuma ao minar do tempo..... pag. 238

É facto que pôde cada um explicar a seu sabor, mas indisputavel para todos. — Na cidade habitada ainda por gerações que succederam a centenaes de gerações — na que jaz abandonada e deserta já — os monumentos, os edificios publicos e particulares, ou renovados ou cahidos, ou sem deixar vestigio sequer, todos testemunham a fragilidade e instabilidade das coisas humanas

Porque será que as casas de oração, os templos parecem privilegiados entre as obras dos homens? A Philosophia respondera com um sorriso, a Piedade com um levantar d'olhos ao céu. Nenhuma te convence: talvez. Mas se heide crer sem entender, porque heide ser antes no que ri e zomba, do que n'esse que vive tam certo em sua fé! (Nota da segunda edição.)

## Nota E

De Bernardim saudoso e namorado..... pag. 238

Bernardim Ribeiro, cujo romance da *Menina e Moça* é allegoria de seus altos amores do paço. Corre por verdadeiro o que aqui se diz a este respeito. A sua morada na serra de Cintra, a sua vida de peregrino aos Alpes, i. e. a Turim onde se achava a infanta D. Beatriz casada com o duque de Saboia, são factos; o resto quem o pôde affiançar? (Nota da primeira edição.)

No volume d'esta collecção em que se publica o *Auto-de-Gi-Vicente*, vem illustrado mais amplamente o ponto

Imprimiu-se, na primeira edição do poema, Izabel em vez de Beatriz, por engano desculpavel em quem escreveu e imprimiu em terra extranha, quasi sem um só livro portuguez (Nota da segunda edição.)

## Nota F

Na opa de peregrino disfarçado  
Desce os montes da Lua, e mais erguidas  
Serras demanda..... pag. 238.

Os derradeiros dias da vida romanesca e aventureira do apaixonado Bernardim Ribeiro são a parte menos decifrada e decifrável do enigma de sua vida. Aqui seguiu-se a tradição mais vulgar. Houve quem me accusasse de ter seguido outra diversa no *Auto-de-Gil Vicente*. Não era erro quando tal tivesse feito, porque se ao poeta é permitido violar a história, que liberdades não terá elle com a vaga e desvariada tradição de uma aventura romanesca?

Mas não foi assim, digo: Bernardim Ribeiro lança se ao mar, no *Auto-de-Gil Vicente*; mas nenhum *nuncius*, nenhum *venet* veio fóra, como na comedia ou tragedia antiga, dizer ao publico:—Bernardim Ribeiro affogou-se com effeito: *nunc plaudite*. (Nota da segunda edição.)

## Nota G

Façanha heis feito de homem, que imitada  
De muitos não sera..... pag. 239.

Duarte Nunes do Lião define *façanha*, acção notavel em cavallaria, que se pôde citar como aresto e caso-julgado do qual se argumenta para outro parecido. D. N. Chron. (Nota da primeira edição.)

## Nota H

Prompto se offerece quem germanas artes  
Em dar-lhe vida e propagal-o empregue..... pag. 239.

Camões chegou a Lisboa em 1569, e publicou os *Lusiadas* em 1572 na officina de Antonio Gonçalves. Fez logo segunda edição no mesmo anno, segundo demonstrou o Morgado de Matheus, e já Faria-e-Sousa tinha descoberto. Desde então, pôde-se dizer que a imprensa ainda não descansou de multiplicar exemplares d'esta assim como das outras obras de Luiz de Camões. (Nota da segunda edição.)

## Nota I

Soa o brado ingente  
Ja pela Europa; e o nome lusitano  
Ao nome de Camões eterno se une..... pag. 239.

Mais de uma vez se tem feito allusão, a'este poema, á immortalidade que o nome de Camões affiança á nossa lingua e ao nosso nome. Poucos ha tam populares e europeus como o d'elle. N'estes derradeiros tempos quasi que não ha lingua em que a poesia e o romance não tenham celebrado o ingenho e carpado as desgraças do Homero portuguez.

Lord Strangford com as suas *paraphrases*, de pouco merito aliás, concorreu muito para fazer da moda em Inglaterra o nome de Camões. O Morgado de Matheus e o meu amigo o Sr. Adamson generalizaram as sympathias despertadas talvez pelo litterario dandy.

O poemeto em prosa de M. Denis publicado na obra *Scenes de la Nature sous les tropiques*, appareceu pouco depois em França, 1825. Na primeira edição do meu *Camões*, que e d'esse anno, fiz a sem savoria de me pôr a dar explicações em como não tinha nada a minha composição com a do Sr. Denis. Consta-me que, entendendo provavelmente mal as minhas palavras, aquelle escriptor, que também tem merecido da nossa litteratura, se offendêra d'ellas. Peço-lhe aqui solemne desculpa, e declaro a minha convicção intima de que, assim como eu não sabia da sua obra nem a vira antes de publicar a minha, o mesmo estou certo que lhe acontecesse.

Mi mais em francez, publicado em 1831-32 um pequeno drama em prosa, cujo assumpto é a volta de Camões a Lisboa. Não me pôde lembrar o nome do auctor.

Em allusão appareceu *Tal des Dichters*, romance por Ludwig Tieck, Berlim 1834. E' seguimento de uma publicação á maneira dos annuaes inglezes, intitulada *Novell nkrant*. 1 vol. 12.<sup>mo</sup> de 347 pag.—Sahiram no vol. de 1835 as gravuras pertencentes a este. Tieck é hoje um dos primeiros litteratos d'Allemanha.

Numa collecção de Poesias dinamarquesas que tem por titulo *Nye Digte, Af Schack Staffeldt*—Kiel 1808. 8.<sup>vo</sup> a pag. 175 vem um poemeto intitulado *Camøens*, em versos de diferentes medidas e a modo dramatico, sendo interlocutores Camões, um frade, o João de Camões, e vozes de anjos. Contém 24 pag. (Nota da segunda edição.)

Li o anno passado dois dramas allemães cujo protagonista é também o nosso Camões; são impressos 183... (Nota da terceira edição.)

Acabo de receber de Paris, hoje 12 de Março 1854, um elegante e precioso estudo litterario sobre o mais interessante ponto da vida de Camões, pelo sr. Adolpho de Circourt. Publicou-se primeiramente como artigo na *Bibliothèque universelle de Geneve*, e tem por titulo: *Catherine d'Avray*. Genève, imprimerie Ferd. Ramboz et Cie. 1854. Sinto que a já demaziada extensão d'estas notas me não permita inserir por extenso todo este opusculo, bem digno do seu objecto. (Nota da quarta edição.)

## NOTAS AO CANTO DECIMO

## Nota A

A' indigencia, a miseria ali succumbam..... pag. 240

Seguindo a opinião do Morgado de Matheus, na primeira edição do meu poema fiz carregar nomeadamente aos dous irmãos Camaras—Luiz Gonsalves e Martim Gonsalves—em toda a fealdade d'este crime que, realmente e sem paixão, se deve imputar a todos os que rodeavam el-rei, e que segundo diz Faria-e-Sousa, *eram em mços del poeta*. Com esta mais arrazoada opinião se conforma o Sr. Bispo de Vizeu, Lobo, quando ajudado da auctoridade e argumentos do mesmo Faria-e-Sousa, confunde a villania de Mariz que tam indignamente quiz desculpar a ingratitude da corte á custa da reputação de Camões.

Mas já que vae de fazer justiça a todos, façamol-a tambem ao governo d'aquelle tempo, absolvendo-o da accusação, tam repetida ha quasi tres seculos, de que a pensão de quinze mil réis que lhe davam era, inda em cima, tam mal paga «que o poeta dizia: que

«havia de pedir a elrei que trocasse os quinze mil réis «por outros tantos açóites nos ministros por quem «corria o pagamento.»

A pensão foi mesquinha, indigna de quem a dava e de quem a recebia, mas pagou-se. Dou por integra, em razão da novidade e interesse do seu conteúdo, os seguintes documentos, cujas authenticas me foram officialmente communicadas da Torre-do-Tombo. E fôgo de dar aqui publico agradecimento á obsequiosa amizade do Sr. Guarda-mor e á diligencia de seus empregados, que tam zelosamente se prestaram a satisfazer ao meu pedido.

«11.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.—Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.<sup>a</sup> (de ordem do meu Guarda-mor) as tres cópias junctas do Alvará e Appostillas de 15600 réis de tença concedida a Luiz de Camões, podendo assegurar a V. Ex.<sup>a</sup> não existir n'este Archivo outro algum documento (e muito menos autographo) que pertença ao dito Camões.—Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup>—Real Archivo da Torre do Tombo 27 de Julho de



1839. — III.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Sr. Chronista-Mór do Reino — *José Manoel Severo Aureliano Basto*, Official Maior.

«Eu elrei faço saber aos que este alvara virem que avendo respeito ao serviço que Luiz de Camões cavalheiro fidalgo de minha casa me tem feyto nas partes da India por muitos annos e aos que espero que ao diante me fará e a Informação que tenho de seu engenho e habellidade e a sufficiencia que mostrou no livro que fez das cousas da India e por hem e me praz de lhe fazer merce de quynze mil reis de tença em cada hum anno por tempo de tres annos somente que começarão de doze dias do mes de março d'este anno presente de mil quinhentos setenta e dous em diante que lhe fiz esta merce e lhe serão pagos no meu thesoureiro mor ou em quem seu cargo servir cada hum dos ditos tres annos com certidão de francisco de siqueira escrivão da matricola dos moradores de minha casa de como elle Luiz de camões reside em minha corte. E portanto mando a dom martininho piraire do meu conselho vedor de minha fazenda que lhe faça assentir no livro della estes quinze mil reis no titullo do thesoureiro mor para nelle lhe serem pagos cada hum dos ditos tres annos com a certidão acima declarada e este alvara quero que valha como se fosse carta feita em meu nome sem embargo da ordenação do segundo livro que dispõe o contrario symão borralho a fez em Lisboa a vinte e oito de Julho de mil quinhentos setenta e dois e eu Duarte dias o fez escrever. — Está conforme ao livro 33 da Chancellaria do Senhor Rei Dom Sebastião fl. 85 v.º — Real Archivo 23 de Julho de 1839. — *José Manoel Severo Aureliano Basto*»

«Trellado de huma apostilla que se pos ao pee de hum alvara de luis de camões que foi Registrado no Livro de antonio daguiar a folhas oitenta e seis e pagou pela chancellaria a seis de Setembro de setenta e dois. — Ey por bem fazer merce a luis de camões dos quinze mil reis cada anno conteudos neste alvara por tempo de tres annos mais que começarão do tempo em que se acabarão os outros tres annos pagos no meu Thezoureiro mor assy e da maneyra que se lhe ategora paguaraõ com certidão do escrivão da matricolla de como Resyde em minha corte e com essa declaração se assentarão no livro de mynha fazenda e se levarão no caderno do assentamento E esta apostilla se cumprirá posto que o effeyto della aja de durar mais de um anno symão borralho a fez em almadã a dois dagosto de mil quinhentos setenta e cinco E eu duarte dias a fiz escrever. — Está conforme ao Livro 33 da Chancellaria do Senhor Rei Dom Sebastião fl. 223. Real Archivo 23 de Julho de 1839 — *José Manoel Severo Aureliano Basto*»

«Trelado de huma postilla que se pos nas costas de hum alvara de Luis de Camões. — Ey por bem de fazer merce a luis de camões contuido no meu alvara escrito na outra meia folha atras que elle tenha e aja cada anno por tempo de tres annos mais os quinze mil reis que tem pela postilla que esta no dito alvara os quais tres annos começarão de dous dias do mes dagosto deste anno prezente de quinhentos setenta e oito em diante. E os ditos quinze mil reis lhe serão pagos no meu thesoureiro mor assy e da maneira que ategora lhe pagaráõ com certidão dayres de siqueira escrivão da matricola dos moradores de minha casa de como Reside em minha corte e com essa declaração se assentarão no Livro de minha fazenda E se levarão no caderno do assentamento E esta apostilla me praz que valha e tenha força e vigor posto que o effeyto della aja de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação em contrario gastar de seixas a fez em lisboa a dois de Junho de mil quinhentos setenta e oito E posto que acima diga que o dito luis de camões comece a vencer os ditos quinze mil reis de d us dias do mes dagosto deste anno presente não os vencerá senão de doze dias de março passado do dito anno em diante que he o

tempo em que se acabarão os tres annos que lhe foram dados pela dita apostilla = Jorge da costa a fez escrever. — Está conforme ao Livro 44 da Chancellaria de Senhor Rei Dom Sebastião fl. 119 v.º — Real Archivo 23 de Julho de 1839. — *José Manoel Severo Aureliano Basto*. » (Nota da segunda edição.)

Os conscienciosos e infatigaveis desvellos do meu amigo o Sr. Visconde de Jeromênia sahirão breve a publico para esta e outras questões biographicas relativas a Camões. (Nota da quarta edição)

#### Nota B

— Men bom senhor, um gasalhado tenho  
Achado já..... pag. 243

Não sigo a opinião dos que fazem morrer o nosso Camões no hospital. O Sr. bispo de Vizeu, na memoria tantas vezes citada, claramente provou que «o fallecimento do poeta no hospital publico de Lisboa, se não é de todo falso, é pelo menos muito «duvidoso»

Veja. Mem. da Ac. R. das Sc. de Lisboa, tom 7, pag. 230. (Nota da segunda edição.)

#### Nota C

Uma faísca,  
Esquecida a tyrannos, la scintilla. .... pag. 241

Esta é uma prophesia de poeta, cujo cumprimento pôde ser explicado pelos successos de 1640, de 800 ou de 1820, ou segundo prouver aos crentes, como acontece com a maior parte de taes prophcias

#### Nota D

Junctos morremos... E expirou co'a patria..... pag. 244

É notavel coincidência, e que muito lisongeia o meu pequenino amor proprio, que em quanto eu, humilde e desconhecido poeta, rabiscava estes versinhos para descrever os ultimos momentos de Camões, o Sr. Sequeira immortalizava em Paris o seu nome e o da sua nação com o quadro magnifico que este anno passado de 1824 expoz no Louvre, em o qual pintou a mesma scena. Valha-nos ao menos, descahidos e esquecidos como estamos, que haja ainda portuguezes como o sr. Sequeira que resuscitem, de quando em quando, o adormecido ecco da nossa antiga fama. (Nota da primeira edição.)

#### Nota E

Unde jaz Portuguezes, o moimento  
Que do immortal cantor as cinzas guarda?..... pag. 241

Camões foi enterrado em sepultura humilde e razeza ao lado esquerdo da porta principal da igreja do convento de Sanct'Anna, que então servia de parochia. Dezaseis annos depois, D. Gonçalo Coutinho, o mesmo que tam affeicoad he fora n'outro tempo, mas que parecia tello desamparado nos ultimos dias da sua atribulada vida e de todo olvidado depcis de morto, D. Gonçalo Coutinho, agora com diligencia e cuidado procurou o logar quasi esquecido — em dezaseis annos! — da sepultura do poeta; achou-o, com não pequenas difficuldades, «por não haver indício» diz o Sr. bispo de Vizeu, Lobo, «que o fizesse logo advertir» mandou trasladar as cinzas para uma jaziz particular no meio da igreja, e assentou sobre ella uma pedra em que fez gravar aquelle tam conhecido epitaphio de simplicidade eloquentissima:

Aqui jaz Luiz de Camões  
Príncipe  
Dos poetas do seu tempo:  
Viveu pobre e miseravelmente:  
E assi morreu  
Anno M. D. LXXXIX.

Martim-Gonsalves da Camara, o famoso escrivão da puridade d'elrei D. Sebastião, ou que realmente não tivesse sido inimigo do poeta, ou lhe chegasse o arrependimento, tambem agora, com licença de Gonçalo Coutinho, lhe mandou gravar na mesma lapide

aquell'outro epitaphio em disticos latinos, composição do padre Matheus Cardozo jesuita, toda hyperbolica, engenhosa e de conceitos, que ou me engano muito ou, per si mesmos, esses versos latinos se denunciam hypocritas e fingidos, quanto a singela prosa portugueza da outra inscripção mostrava sinceridade d'alma, pena e saudade bem sentida do coração.

O chronista franciscano attesta ter visto e existirem ainda no seu tempo, A. D. 1700, uns azulejos que ornavam a parede da igreja no sitio onde fora a primitiva sepultura do poeta, e alli foram postos em seu obsequio com emblemas e trophéos militares.

No terremoto de 1755 o tecto da igreja, que era de abobada, cahiu com todo o peso sobre o centro d'ella e completamente arruinou toda a linha média do pavimento: as paredes ficaram em pé, e o resto do pavimento de ambos os lados da igreja tambem não foi arruinado, segundo ainda hoje testimunha a existencia de muitas lapidas, inscripções tumularias, brazões, etc., com suas datas anteriores ao fatal dia primeiro de Novembro de 1755.

A igreja concitou-se; as freiras, que até alli não tinham tido senão côro de cima, fizeram côro de baixo tambem, tapando a porta principal da igreja que era fronteira ao altar-mór, e deixando uma lateral para o povo. Por onde, o jazigo de Camões,—em que esteve ou está a sua cinza, veio a ficar exactamente no sitio em que a grade do côro de baixo agora parte a igreja quasi a meio.

Mas, depois d'estas obras, a ninguém le nbrou perguntar se se puzera ou não signal n'aquella sepultura; todos se contentaram desmazeladamente com dizer: —«Perdeu-se com o terremoto.» E passou em julgado. Invergonhava-se a gente quando os estrangeiros nos perguntavam pelo tumulo de Camões; dizia-se que era um opprobrio, uma affronta nacional mas não se tratou nunca de vêr se era possível reparal-a.

Só n'este seculo, um homem não suspeito de enthusiasmo por Camões certamente, antes bem pouco respeitador seu, o padre José Agostinho de Macedo, por vezes foi ouvido dizer, a varias pessoas inda vivas, que a sepultura não estava perdida, e que o terremoto só destruiu a loiza, não o jazigo.

Provavelmente não havia empenho no presumido rival de Camões em que se verificasse a sua crença, ou esta incuria geral portugueza se ficou priguia de que nada parecia poder já despertar nos.

Em 1825 quando imprimia em Paris a primeira edição do meu poema, eu ignorava absolutamente estas circumstancias locais, e não tinha nem o menor vislumbre de que fosse possível virem a descobrir-se as cinzas de Camões. A objurgação com que terminei o poema, a modo de *envoy* de provençal, ou com mais exacção de acre *sergente* que fustiga um crime publico — em todo o caso era merecida; porque é certo que Nação, Rei e Governo, todos peccaram de culposa incuria em não ter feito a minima diligencia para descobrir o monumento de sua maior gloria. Volumes de *providencias* do marquez de Pombal, milhões de despesas em desentulhos, concertos e edificações novas; mas nem uma ordem dada, nem um cruzado gasto para se descobrir o jazigo de Luiz de Camões.

Estava reservado a um poeta, a um pobre poeta, cego e sem valimentos, o emprender a desaffronta da nação e o desaggravo do seu grande genio.

Na sociedade que se formára em Lisboa em 8-5 com o titulo de *Sociedade dos Amigos das Lettras*, o Sr. Castilho propoz que se não desse toda a esperanza por perdida, que elle tinha fé que ainda talvez se podesse achar a sepultura do nosso Camões, que ao menos se fizessem diligencias com zelo e empenho.

Nomeou-se uma commissão; o Governo e o Sr. Patriarcha da Silva deram as licenças devidas, foi cuidadosamente e com todas as solemnidades explorada a igreja; achou-se o que acima referi do seu

estado actual; e no proprio sitio em que, a existirem, devem ainda fazer os restos mortaes do immortal cantor dos Portuguezes, apparece com effeito uma lage comparativamente nova, sem letra nem divis, cubrindo um vão argamado e ladrilhado, com dous ou tres degraus que a elle descem; vão não mesquinho para uma sepultura singular, mas insufficiente para um carneiro ou jazigo de familia, como outros que ha na mesma igreja. Dentro d'este vão uma ossada com alguma terra pouca.

Para mim, para todos os que, á mingua de *authenticas* formas, podem crêr em reliquias authenticas com probabilidades tam vizinhas da certeza, para mim é moralmente certo, é provado, quanto humanamente se pôde provar em casos taes, que alli estão as cinzas de Camões. O logar é o da historia: de todos os signaes que ella nos dá para reconhecermos aquelle sepulchro venerado, só nos falta a loiza que o terremoto esmigalhou. Apparece uma nova, como é nova toda a linha média do pavimento da igreja. Não apparece, apezar das mais escrupulosas diligencias, memoria de jazigo, carneiro ou sepultura particular de nenhuma pessoa ou familia que depois do terremoto alli viesse enterrar-se. Estamos como no tempo em que B. Gonsalo Coutinho procurava a já esquecida primeira sepultura do poeta; acham-se *difficultades* que fazem hesitar, mas que são muito venciveis: nenhuma razão se offerece contra a probabilidade, e todas a reforçam.

Pelas sabidas occorrencias de Setembro de 1836, tempo em que a commissão trabalhava, e quando, depois de alguns dias, chegava a este resultado, foram suspensos os seus trabalhos. Um relatório circumstanciado e documentado de todo o processo da exploração va apparecer brevemente ao publico. <sup>1</sup>

O meu amigo o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, a cujo favor devo as preciosas informações que aqui resumi, está actualmente dispondo aquelle relatório, de cuja publicação resultará certamente o generalisar-se a convicção de tam grande descoberta, e vir emfim a nação portugueza a recuperar o seu Palladio litterario. Dar-lhe-ha ella depois sanctuario mais digno, mais duravel, e tal que o não possam vir a esquecer seus ingratos filhos? Esperemol-o ao menos. (*Nota da segunda edição*)

#### Nota F

Canto de indignação, ultimo accento  
Que jámais sahirá da minha lyra..... pág. 241

O leitor dirá provavelmente que foram promessas de poeta, o *promitto tibi pater*. Engana-se. Realmente desde esta epoca não tornei a emprender uma obra poetica, não tornei propriamente a fazer versos. A Canção á victoria da Terceira, assumpto que faria poeta a burra de Balaam do mais prosaico jornalista — com dous ou tres peccadilhos mais, se tanto, são os unicos de que me accuso. Coisas velhas e anteriores, emendi e conclui muitas.

Não é capricho nem vulgaridade baixa da que muitos têm,—que me julgue personagem grave de mais para fazer versos — ou aos versos coisa menos grave para qualquer grande pessoa — que eu não sou. Não é isso: é que já não *creio*; e para ser poeta é mister *crer*. Já não creio senão em Deus: e agora, só se fazer versos ao divino. Quem sabe?

Tomára eu poder commigo que os fizesse — meus ricos versos! Que me não façam *amotacé do bairro*, se fizer como dizia o Tolentino — regedor de parochia — ou não sei que outra coisa que é agora.

Quando me chamam poeta com *intenção*, lembra-me sempre o caro M. Jourdain. Eu farei versos sem me sentir; elles, coitados, saberão elles que fazem prosa? (*Nota da segunda edição.*)

<sup>1</sup> Escrevia-se esta nota em 1839. Não me consta que nada apparecesse até hoje. Março de 1854.

# DONA BRANCA

## PROLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Publicando esta nova edição de DONA BRANCA, a primeira que se faz em Portugal depois de umas quantas francezas e brasileiras, pareceu-me dever pôr aqui alguma memória, tanto da primeira composição do poema, como da presente fôrma com que hoje se re-produz.

E consintam-me, antes de tudo, o desabafo de dizer que nenhum homem ainda fugiu tanto ao seu destino como eu; nenhum porém foi tam perseguido do «inevitabile fatum» que me não deixou. De criança me tentaram e namoraram as musas, e de criança lhes resisti sempre, com mais severo pudor do que o casto José, deixando-lhes por vezes nas mãos lascivas a capa virginal de minha pudicicia, e fugindo com merito e virtude verdadeira, porque fugia a deleites suspirados, ardentemente desejados de minha alma.

Imberbe ainda, na Universidade, macerei os desejos rebeldes com jejuns e cilícios; estudando muito direito romano, teimando no Euclides e no Bezout, fazendo impossiveis, e conseguindo, durante cinco annos quasi, affastar de mim a tentação. A maldita mania das Comedias particulares que alli appareceu de repente entre os estudantes, o entusiasmo da Revolução de Vinte que me apanhou em flagrante, rodeado de Encyclopedistas, de Roussseaus e de Voltaires, deitaram a perder tudo... atirei com o gôrrro por cima da ponte e fiz versos.

Durou-me pouco a embriaguez d'esta primeira paixão; porque entrando cedo no mundo e nas agitações politicas, o ocio das recreações litterarias me enfadou logo.

Por mais de dois annos as não vi as taes musas. Mas emigrei; e a solidão, a tristeza, as saudades do exilio me submeteram de novo a seu imperio. Foi então que fiz a DONA BRANCA; e de então data a lucta constante de minha vida em que, ora triumpho eu e a minha razão, occupando-me de coisas graves e uteis quanto posso e me deixam — ora

vem o ocio e a descrença politica e me adormecem nos braços das traidoras Dhalilas que me tosquiam razo como Sansão, e recaio a fazer litteratura... aos Philisteus.

Assim me tentei a fazer a DONA BRANCA ha mais de vinte annos, quando emigrado e criança em paiz estrangeiro: assim me tento agora quando emigrado em minha casa — e homem maduro, que já devia ter mais juizo — a revel-a e aperfeiçoal-a. Mas é fado: repito.

Direi de passagem que as criticas, de que foi objecto este poema, lhe foram uteis as mais d'ellas; porque, se nem todas acertaram com os defeitos, todas me fizeram reflectir, e achar talvez o que sem ellas não acharia.

Não fallo de certas accusações calumniosas e brutaes com que a mesquinhez de um ou outro sabichão de meia-tigella quiz aspergir de immoralidade o meu innocentissimo romance; tam recatado, o pobre, que até da infanta D. Branca — uma das mais despejadas «leões» do seu tempo — fez a donzella tímida e sem malicia que ahi pinte. mentindo bem descaradamente á historia. E os tartufos invocaram a historia para accusar o poeta de não respeitar a fama da senhora infanta!

Tinha vontade de dizer que até um meu particular amigo, cardeal da Santa Igreja Romana, entrou n'estas villanias... Mas Deus lhe perdoe, como lhe eu perdoei. Fraquezas do pobre homem! Eu sempre fui amigo d'elle, comtudo.»<sup>1</sup>

Vamos á presente edição.

Aproveitei este verão que passei no campo, e puz-me a reler a DONA BRANCA, marcando as incorrecções de stylo e as crinices de conceito que lhe fui achando; e vi

<sup>1</sup> Supponho que este § quer alludir a certo artigo que appareceu no *Panorama* sobre a D. Branca (N. dos EE.)

que para consentir com os editores das minhas Obras, que ha muito queriam completal-as com esta que faltava no mercado, era preciso revolvê-la de alto a baixo. Fazê-lo sem fazer nova obra, era o ponto; e o mais difficil para mim. Resolvi me porém a começar; e uma vez começado, acabei o trabalho. E' o que hoje se publica.

Dos sete cantos, em que andava mal dividido o poema, fiz dez. Tem poucos centos de versos mais do que tinha; mas o enredo e argumento da acção ficou mais claro, e os seus episodios mais ligados. Do stylo tirei muitas voltas de archaismo forçado que sabiam á reacção philintista em que estava a lingua quando primeiro o compuz. E muitos deixo ainda, em memoria de como algum tempo

conseguiu passar por obra posthuma do Padre Francisco Manuel, este poemeto, que na primeira edição de 1826 trazia no rosto as iniciaes de F. E.: monogramma com que o auctor puerilmente se encobriu por medo das criticas — e do que era um pouco mais serio, a censura armada do paternal governo absoluto, que, se já não tinha a Inquisição, tinha ainda as suas Academias e litteratos a bradar que o Limoeiro e o Caes do tójo eram a verdadeira lei de repressão dos abusos da imprensa.

Não se póde negar que era coherente ao menos aquelle paternal governo, e que não enganava ninguém.

Cruz quebrada, agosto 1848.

# DONA BRANCA

## CANTO PRIMEIRO

### I

AUREOS numes d'Ascreu, ficções risonhas  
Da culta Grecia amavel, crença linda  
De Venus bella, Venus mãe d'Amores  
Brincões, travessos;—do magano Jove,  
Que do septimo céu atrás das môças  
Vem andar a correr por este mundo,  
Já niveo touro, já dourada chuva,  
Já quanto mais lhe apraz;—de Bacccho alegre,  
Do louro Apollo, e das formosas nove  
Castas irmãs que nos vergeis do Pindo  
Tecem aos sons da lyra eternos carmes;  
Gentil religião, teu culto abjuro,  
Tuas áras profanas renuncio:  
Professei outra fé, sigo outro rito,  
E para novo altar meus hymnos canto.

### II

Não rias, bom philosopho Duarte,  
Da minha conversão, sincera é ella: !  
Disse adeus ás ficções do paganismo,  
E christão vate christãos versos faço.  
—Irão meus versos ao retiro mystico,  
Adonde te escondeste procurar-te;  
E ao levantar da nevoa matutina  
Te hão de acordar para contar-te a historia  
Dos bons tempos que foram. —Ouve, escuta  
O alahude romantico, ouve as coplas  
Do amigo trovador: á nossa terra  
Vamos, amigo, vamos co'estes sonhos  
Embarcar as saudades, e dar folga  
A's âncias d'alma co'as ficções do engenho.

### III

«Em hora boa saia a nova espôsa  
«Por caminho de flores! Saia a bella  
«A casta filha de Sion sagrada  
«Para os paços magnificos do espôso!  
«Choremos nós, que ella se vae, choremos,  
«Que nos deixa e se vae: outro rebanho  
«A apascentar caminha em prados novos.  
«De outras ovelhas cuidará sollicita,  
«Que não de nós: sua corôa mystica  
«Outras mãos tecerão da rosa agreste,  
«Do lirio das campinas para a frente  
«Da pastora sagrada: o bago santo  
«D'outro redil defenderá a entrada.  
«Em hora boa saia a nova espôsa  
«Por caminho de flores! Saia a bella.  
«A casta filha de Sion sagrada  
«Para os paços magnificos do espôso »

1 Veja nota a este verso, no fim.

### IV

Aberta estava a porta do mosteiro,  
E as virgens do Senhor este cantavam  
Hymno de saudosa despedida  
A' sua joven prelada que ora as deixa.  
Formosa e em viço de flores annos  
A real Branca, de Lorrão senhora,  
Alli despiu do seculo as grandezas  
Na solidão do claustro: o nobre Afonso  
Viu com lagrimas pias—não de máguá,  
Trocar a linda filha a régia purpura  
Pela estamemha austera. Mõça e bella  
O baculo empunhou, e o regeu digna  
De seu santo mister A mais subido,  
Mais alto grão na hyerarchia a chama  
Agora seu avô, ess'outro Afonso,  
O sabio, o imperador, o rei poeta  
Que as musas pôs no solio co'a virtude  
E com ellas reinou, rei cavalleiro,  
Poeta portuguez, que em nossa lingua,  
Mais estreme da arabiga aspereza,  
Mais goda e mais romana, preferia  
Suas regias canções cantar do solio.  
Como a sangue que é seu, e amada filha  
De Beatriz muito amada, lhe queria  
O bom do imperador á joven Branca:  
Abbadeça a fez d'Holgas; a buscal-a  
Vieram seus vassallos; e ora parte  
Em pomposo cortejo a tomar posse  
De seus grandes, riquissimos dominios.

### V

Cavalleiros cinquenta armados d'aço  
Lucidas cotas, duras malhas vestem:  
Alva cruz nos broqueis; e alvo pennacho  
No elmo brilhante fluctuando ondeia.  
«Ita a viseira está, mas baixos olhos  
O respeito lhes põe; não fita ousada  
A vista do guerreiro as virgens santas  
Que o véo do templo separou do mundo.  
Vassallos estes são que as ferteis varzeas  
De Burgos têm, e d'Holgas ao mosteiro  
Preito e homenagem dão: custou-lh'armados  
A entrar assim por terras portuguezas;  
Com muito campeão romperam lanças,  
E em pontes e castellos de senhores  
Houveram que brigar; nem lhes valeram  
Salvos conductos do valente Afonso,  
Que o portuguez cioso não tolera  
O rival castelhano em terra sua.  
Mas passaram allim, e a sua bella,  
Real senhora levam. Já fluctua  
O pendão branco ao vento matutino,  
Dá signal o clarim, viseiras descem,  
Lança em punho.— Alva mula, ajaezada

Com ricos pannos de oiro e finas telas,  
Monta a formosa infanta acompanhada  
De suas damas. Socio e Lopo a seguem:  
Socio e Lopo, venerandos padres,  
Digno exemplar em letras e virtudes  
Los filhos de Bernardo; a consciencia  
Têem a seu cargo da gentil princeza;  
E bulla especial do santo padre  
Para acudir ao caso mais difficil.  
D'estes de exame, d'estes que faziam  
Ao proprio Camizão suar a testa,  
Que nem o agudo Busembau sonhára  
Nem o Lurraça lhe metter o dente.  
Mestre Gilvaz, que em Padua fez prodigios  
E a Gileno e verroes deu sota e basto,  
Em gorda, russa mula, — e não de physico,  
De nédea que é — pesado de aphorismos,  
Grave caminha junto aos reverendos.  
Nuno, valente e guapo borda-d'agua,  
Tafal de escaramucas e cildas  
Contra arraianos, do Leonez e Mouró  
Temido como duende que os persegue,  
Nuno, mancebo experto, e cavalleiro  
Le nobres partes, por el-rei mandado  
A' infante fóra a acompanhál-a a Holgas,  
Como escudeiro seu. — «Tam bello pagem  
A senhora tão môça não cumpria,»  
Rosnava lá consigo frei Socio;  
Mas o mal que lhe quer, pelo respeito  
De quem o manda, declarar não ousa.  
Seguem mórdomos, escudeiros, moços,  
Que, uns duzentos ao todo, cavalgando  
Vão em marcha vistosa ás margens lindas  
Do suavissimo e placido Mondego.

## VI

Raro é o véo, alva a touca, e transparecem,  
Pelo véo raro e pela touca alvissima,  
As tranças loiras como o sol que nasce  
Detrás do outeiro, como os raios d'elle  
Luzem quando ligeira os cobre nuvem  
Diaphana no céu. Quem ha-de os olhos  
Debuxar! Como o azul do firmamento  
Em noite pura! — Não, que são mais lindos.  
Como a saphyra em relicario santo  
A' luz das tochas adorada em tórno  
Em devota luncção? — Ah! que outro brilho,  
Outra luz têm; e a devoção que inspiram,  
— Bentas reliquias, perdoae-me o verso —  
E mais fervente. Oh! sahem d'esses olhos  
Languido-azues umas suaves chammas,  
Um quasi efflúvio d'alma, que transpira,  
Que vem do coração, que doce mana,  
E o ar, e o peito que o respira, e mbebe.  
Seio... imagine o amor e o olho atrevido  
Do perspicaz desejo. Amor... que disse!  
Amor! virgem do altar não sabe amores.  
Longe, atrevido cubicar profano;  
É vedado esse pómo: aí do que o toca!  
Vela o espóso do céu, ao céu pertence,  
Admire-o a terra; mas além é crime  
Passar da admiração. Branca, a formosa,  
A linda Branca, sangue real de Affonso,  
Tam bella, tam gentil, fez de suas graças,  
De seus encantos sacrificio ás aras.

## VII

Leda caminha a nobre comitiva;  
Mas o sol, que declina, lhe poz termo  
Ao viajar: fadiga sente a joven  
Princeza a tanto andar não costumada.  
É mister de buscar poitada commoda

Para a noite — Onde? a luz já vae mingando;  
Nem tarda o manto a se cobrir das trevas  
Orpham do dia o céu. Dobrar o passo,  
Que a poucas leguas jaz convento rico  
De monges negros.

«Monges negros!» disse

Frei Socio com gesto de desprezo:  
«Pernoitar sua alteza em tal mosteiro!  
Senhora, grande santo foi san'Bento,  
(Meu padre san'Bernardo me perdoe!)  
Mas para tam fidalga companhia,  
Para vós, real senhora, sobretudo,  
Dos monges brancos honra, flor e nata,  
Tal poisada buscar!... De nossa regra  
O mais santo preceito e veneravel,  
Querer is infringil-o? Antes mil vezes  
Os votos todos tres. E vossa alteza  
Me desculpe, porém uma só noite  
Sem o cumprir!... Não chega a tanto a bulla  
Do santissimo padre: eu por mim digo,  
E frei Lopo, que ahí stá que me desn'inta;  
Mas absolver não posso esse peccado!»

## VIII

— Que é, padre mestre? disse a infanta: eu tremo  
De vos ouvir. Antes aqui na terra  
Dura dormir, e ao relento frio,  
Que tamanho peccado commettermos.  
Porém qual é, dizei-me, esse peccado,  
E que regra da Ordem nos prohibe  
De ir poisar ao mosteiro de san'Bento?  
Têem esses padres fama de virtude;  
E não sei que lhes falta...

«O que lhes falta?»

Bradou com voz austera e tam medonho  
Frei Socio, que a princeza de aterrada  
Estremeceu na sella. . . e se não fóra  
O pagem que lhe accode a segurál-a,  
Da excommunhão, que viu sobre a cabeça,  
Fulminada cahira...

— «O que lhes falta?»

Repetiu, sem curar do mal que a afflige,  
O abstinent bernardo enfurecido:  
«O que lhes falta? o que?... falta a Tremenda.»

## IX

Riramos hoje nós, degenerados,  
Tíbios fíeis, da emphatica resposta  
Do rigido Socio; e tal magano  
Haveria de espirito philosopho,  
Que impio mofasse do zeloso padre,  
E lhe ousasse dizer: «Fôra Bernardo!»  
Porém n'aquelles tempos de fé viva,  
Em que ao mais leve incredulo respiro  
Tremenda excommunhão tapava a bocca,  
E em caso de mais pólpá, um bom milagre...  
— Tempo santo, que nós não mais veremos;  
Maldicta seja a rum philosophia! —  
N'aquelles tempos de saudosa historia,  
Que responder a um venerando padre  
Confessor, — confessor de sua alteza?

## X

Indecisa parou a comitiva;  
E, os olhos fitos nos dois santos filhos  
De san'Bernardo, moços, escudeiros,  
Cavalleiros, a propria infanta, aguardam

A decisão do caso de consciencia,  
Que porventura a todos os condemna  
A dormir ao relento, e mais sem ceia

## XI

Sem ceiar! — Este negro pensamento  
D'azas pesadas esvoaça n'alma  
Ao theologo austero, anda, desanda,  
Com todas as ideas se lhe entrava;  
E a qualquer solução, que lhe desponha  
No difficil problema, este se aggrega  
Corolario fatal: Sem ceia! — A parte  
Os dois graves juizes se retiram  
A conferenciar, e a voz primeira  
Que unisonos soltaram foi: «Sem ceia!»  
— «Sem ceia, padre mestre!

«E sem Tremenda

Caríssimo!»

— «Assim é; porém mais vale

Pouco que nada.

«E a regra?»

— «A regra... O caso

Intrincado é.

«E tam arduo, que o não viram

Egal ainda os casuistas todos.

— «Caso é este, meu padre, que um capitulo

Não viera a cabo em decidil-o ao justo.

«Capitulo dizeis!... A ser eu papa,

A concilio chamára a christandade:

E nem assim.

— «Mas padre, se mandassemos

Alguem adeante a vêr se concertava

O caso co'esses negros monges? Negros

Sejam elles!

«Que raio de luz esse!

Inspirou-vos o céu, ou san'Bernardo.

Sim, padre, sim, vá vossa claridade,

E convenha com elles sobre o modo

De se cumprir a nossa santa regra.

Nós iremos emtanto a passo lento

Té que resposta da missão nos venha.»

## XII

Assim se decidiu o grave caso  
De consciencia; e assim a Deus prouvera  
Se decidissem todos.—Deu d'esperas  
A' nedeia mula o sabio conselheiro;  
E informada a princeza e seu cortejo  
De accordam tam prudente, a passo tomam  
O caminho do proximo convento.

## XIII

Levam tempo disputas, e as fradesas  
Mais que nenhuma. Escossa a luz incarta  
Do crepusculo tenue, dubias cores  
Ao vecejar dos campos dava ainda,  
Ao lou ejo das messes, e ao verde alvo  
Dos ferteis oliveas que a estrada bordam.  
Por entre elles ao longo, ao longo enfiados,  
Ia a abbacial cohorte caminhando;  
E na vasta planicie, onde começam  
A pesar raras as nocturnas sombras,  
Os olhos com delicia se estendiam.  
Fecha a maga, saudosa perspectiva  
Ao cabo lá, cerrada cordilheira  
De outeiro, cujo verde tachonado  
Co'a pallidez das urzes que desmaiam  
No ardor do Sirio, anda o véo das trevas  
Permitte distinguir. Um só mais calvo,  
Negro e todo de solido granito

N'esse animado quadro parecia  
Em scena tam vivaz quasi esqueleto  
De monte, e contraposta imagem fúnebre  
Da morte, a tanto luxo e flor de vida.  
Como atahude e apicio que entre os orindes  
E prazer dos festins vem travar gostos  
Co'a lembrança — terrivel! — do futuro.

## XIV

Escarpado de duras penedias,  
Isolado, só, árido, e de pontas  
De vivo seixo agudas erigido  
Estava o cêrro: como em mar de areias,  
Insolúvel theorema a sabios, se ergue  
A obra dos Pharaós — tam vagando  
Pelo variado aspecto d'este quadro  
Os olhos dos viandantes. . . quando subito  
No alto do escuro monte uma luz clara  
Surgiu. desaparece, outra vez brilha.  
E some-se . . . a luzir volta tranquilla:  
Como um phanal que em costa mal segura  
Ao prudente baixel do perigo avisa.

## XV

Maravillhou a todos o espectáculo  
Inesperado: a timorata infante  
Cuida já vêr de mouras encantadas,  
De feiticéiras más, de lobishomes  
Toda a caterva em péso a vir sobre ella;  
E não ousava rezar baixo o credo.  
Nem *Vade retro Satana!* que dizem  
Nem sempre coisas más se vão com rezas,  
E ás vezes é peor, porque se assanham.

## XVI

«Que será?» disse emfim um rumor surdo  
De vozes dos que tremulos pararam,  
E observam com terror a luz estranha,  
—Deus nos acuda! — baixo diz a infante,  
«E o padre San Bernardo antes de tudo:»  
Frei Soeiro emendou

— «Certo me espanta,

Volve D. Nuno, o pagem da princeza:  
Certo me espanta este signal estranho,  
Que por velas<sup>1</sup> de mouros o tomára  
N'outra paragem. Bem travado co'elles  
Anda o mestre dom Paio, que os deixasse  
Passar do Algarve aqui. Até vos digo  
Que este é o proprio signal que usa em seu campo  
Aben-Afan.»

— «Aben-Afan!» repetem

Em côro a committiva espavorida  
Com frigidó terror. O mais tremendo  
E mais temido, acerrimo inimigo  
Que tinha Portugal, era esse mouro  
Pelos tempos de então. Valente, ousado  
Era elle, e senhor de grandes terras:  
Todo o Algarve d'aquem o reconhece  
Como a principe e rei temido e alto.  
Suas gales innumeris infestam  
Entre as columnas d'Hercules os mares.  
E m vão com seus ardidos cavalleiros  
Dom Paio, o mestre de sanctiago o aperta:  
Que do queimado Algarve nos castellos,  
Firmes inda nas lanças musulmanas,  
Prolanas luas brilham — Como as sette  
Aureas torres no escudo lusitano  
D'entorno ás santas Quinas se juntaram!

<sup>1</sup> Veja nota a este verso, no fim.

Como a nobre Tavira abriu suas portas  
Ao portuguez? Como ao singelo titulo  
De rei de Portugal o augmento veiu  
*Daquem e d'alem mar*, que outros tam nobres  
Trouxe depois? Já nobres, tristes hoje  
Que só memorias tristes nos recordam  
Do tam caro ganhado, e tam barato  
Perdido...

## XVII

— Moiros são, dizeis, Dom Nuno?

Ao seu pagem a infanta pergunta;

— «Real senhora, talvez não... É certo

Que este signal... Mas...

— E que monte é aquelle

Tam negro onde elle está? — «É o Monteagudo,

Senhora, nomeado n'estes sitios  
Pelo seu ermitão que alli vivia  
Inda ha pouco, e não sei se é morto ou vivo;  
Mas ha bem tempo que o seu branco alforge  
Não tem vindo a pedir pelas aldeias  
Como vinha antes sempre; e eram disputas  
A quem mais lh'o encheria entre as cachópas  
E lavradeiras todas d'estas terras.  
Têm-lhe uma devoção...

— Não me recordo

De o vêr: e aqui tam perto do mosteiro  
Lá iria alguma vez. Como se chama?  
— «Hugo. . . Frei Hugo é: e contam d'elle  
Historias de pasmar; de que foi moiro  
Ou como moiros vivêr largos annos  
No Algarve; e era parente ou grande amigo  
De um Garcia Rodrigues que lá anda,  
Mercador muito rico e nomeado,  
Homem de prol por certo e christão velho.  
Mas Frei Hugo não sei...

— Pois quê?...

— É fama

Que a rainha do Algarve, esta que é morta,  
A mãe de Ben-Afan, a convertêra  
Frei Hugo á fé de Christo, e que a princeza  
Oriana á nascença baptizava  
Fôra logo... mas dizem... É uma historia...»  
— Que eu quero saber, que me interessa.  
Dizem o quê?

— «Que a tal rainha moira

Tinha uns feitiços e uns taes olhos negros,  
Que o irade; com ser frade...

— Basta, basta:

Parece-me que já sei toda a historia.  
— «Pois sim. E que d'ahi, arrependido  
Quando lhe ella morreu, veiu a estes sitios  
Em vez de ir ao convento, e em Monteagudo  
Fez essa ermidã, e em cruas penitencias  
De cilício e jejuns consumme a vida.  
— Coitado! Deus se doia de sua alma!  
E agora estou pensando que me lembra  
De ter visto em L'orvão, na nossa egreja  
Um ermitão rezando tam contricto,  
Tam devoto. Quem sabe se era elle?  
Mas se é morto, dizeis...

— Talvez não seja.

— «Ou seria sua alma que anda em penas...  
Frei Lopo, dir-me-heis tres missas negras  
Por uma alma que está no purgatorio  
E eu quero despenar...»

## XVIII

Mal proferira

As piedosas palavras a princeza,  
Surde, como visão de espectro ou sombra,  
De armas negras armado um cavalleiro

E em corcel tambem negro — quaes os rege  
A noue em carro d'ebano. Passando,  
Atravessou impavido as fileiras  
Dos castelhanos, que tomados subito,  
Como de espasmo frio, nem osuraram  
A fazer-lhe a pergunta costumada  
De «*Por quem, cavalleiro?*» — Ia já longe,  
Quando acordados a bradar começaram  
«*Por quem, por quem?*» — Mas elle, sem volver-se  
Nem apressar o passo majestoso,  
Em portuguez tornou: «Real, real  
Por branca rosa, flor de Portugal!»  
Deu d'esperas e a rapido galope  
Despareceu. Tranquillos foram todos  
Co'a resposta, e contentes — que d'amigo,  
Certo era: só dom Nuno lá dizia  
Entre dentes baixinho: — «Amigo!... Embora.  
Porém, a fé, cavallo e cavalleiro,  
Tam christãos elles são, como eu sou mouro.»

## XIX

Andando vão caminho do mosteiro,  
E andando a noite mais e mais desdobra  
Seu véo negro de estrellas recamado.  
Que, ausente, a lua sós no céu deixava  
Alvas brilhar. — Qual o festivo bando  
De donzellas louçans no prado á solta  
Em horas de recreio, e longe de olhos  
Sempre álerta, ligeiras dansas formam,  
Travam jogos bríncões; sorri-lhe esmalte  
Do campo, e as flores tam gentis como ellas.

## XX

Mas já cuidadoso o rigido Soeiro  
Co'a delonga do enviado reverendo,  
Começa de assombrar-se-lhe a consciencia  
Na ideia de quebrar o mandamento  
Cardeal dos preceitos bernardescos.  
Já entre a comitiva mal disposta  
A acceder aos escrúpulos do frade  
Murmuravam alguns; e só continha  
O respeito da infante, que assanhada  
Não rompesse a questão entre os dous maximos  
Podêres que este mundo entre si regem...

## XXI

Eia! cobrae alento, animos fortes,  
Que, vêdes, Lopo traz a medicina  
Para escrúpulos, fomes, e temores  
De mal passadas noites, magras ceias  
E o mais que agora em vossas almas pesa.  
— «*Tremenda*, padre: e viva san'Bernardo!»  
Gritava já de longe, esbaforido  
Do galope em que vem. «Viva a *tremenda*!»  
Soeiro volve; e vivas lhe respondem  
Da companhia alegre co'a mensagem.  
Cobra-se o passo; cada qual se apressa,  
Com olhos e alma no tinello! bento.  
Branca, a formosa Branca de annos trenos  
A' tutoria monachal affeita,  
E sem vontade sua onde é senhora,  
Vae onde a levam, e rezando sempre,  
Começa uma novena e tres rosarios  
Que nos p'rigos da estrada promettêra,  
A não sei quantos santos milagrosos,  
Se á poisada esta noite a salvo chega.



## XXII

Correi, correi, ó nobres cavalleiros,  
 Correi, correi, san'Bento vos espera  
 Com farta ceia e regaladas camas.  
 Porém, como os escrúpulos cessaram  
 Do rigido Soeiro? como poudes  
 O destro enviado congraçar diff'renças  
 De monges brancos e de negros monges?  
 — «Facil não foi; travada houve disputa;  
 E a não ser o abbade, homem prudente,  
 Que o bago regedor metteu em meio  
 Da renhida contenda, hoje ao sereno  
 Ficáras linda branca delicada;  
 E de tuas faces as purpureas rosas  
 A'manhan desbotadas não dariam  
 Inveja e zelos aos rubis da aurora.  
 Esses olhos tam puros, d'onde mana  
 Doce arroio de luz celeste e meiga,  
 Olhos, por quem amor dera o seu throno,  
 Dera um céu de prazer e de ventura,  
 Se outro céu, se outro amor já não tomára  
 Para si todo, todo esse thesouro;

Esses olhos pesados do relento,  
 Morna a luz, sem fulgor, do novo dia  
 Não brilharham matutinos raios;  
 Qual sóe brilhar no céu a estrella d'alva,  
 Percursora do sol—tam radiante,  
 Tam majestosa não, porém mais bella.

## XXIII

Eis os repiques nas sonoras grimpas;  
 Eis as tochas, e os canticos: «Bem vinda  
 «A filha de Sion, bem vinda seja  
 «A progenie dos reis, a casta esposa  
 «Eleita do Senhor. São os seus olhos  
 «Como os da pomba quando em terno arrullo  
 «Anceia... » Os padres bentos o cantavam,  
 Não sou eu que o inventei: — e outras mais cousas,  
 Excitantes imagens das delicias  
 Conjugaes d'alma: hymno exemplar e santo,  
 Extrahido do Cantico dos Canticos.<sup>1</sup>

1 Veja a nota a este verso, no fim.

## CANTO SEGUNDO

### I

Oh! formosura! oh doce encanto d'olhos,  
Enlevo d'alma, para que no mundo  
Te debuxou a mão da natureza?  
Que viste fazer do céu a terra  
Ornato de anjos, divinal réverbero  
Da face do Creador? — A luz da estrella  
No firmamento azul, o alvor da lua  
Frouxo-brilhante, e bello como a face  
Da virgem que suspira por amores  
Vagos, que em peito infante lhe despontam;  
O sorrir meigo da rosada aurora  
Que vem o dia anunciar com flores  
Roxas, colhidas nos jardins do oriente:  
E o sol, orbe de luz no céu, radiante,  
Olho imagem de Deus, clara e vida,  
Sêr, existencia propagando eterno  
Por innumeror orbes suspensidos  
No espaço . . . oh! formosuras são condignas  
Do edificio magnifico do mundo.  
De taes encantos adornou sua obra  
A mão que tudo fez. — A magestosa  
Architectura do orbe foi traçada  
Assim, n'um grande rasgo de belleza  
Simples, sublime e grave como a idéia  
Que o concebeu no seio á eternidade.

### II

Mas, homem, tu miserrimo dos entes  
Que se arrastam no espaço circumscripito  
De um dos minimos globos do universo,  
Insecto de um só dia, que nasceste,  
Para continuar o elo da vida  
Na cadeia dos sêres! . . . que . . . pontaste  
N'um angulo da scena resplendente  
Para vel a, e . . . morrer; homem, quem pôde  
Comprehender teu fado mysterioso  
Nos destinos do mundo! E como aprovou  
A natureza — liberal e avara  
Contigo já mesquinha, generosa,  
Já rica em dons, já pobre em faculdades,  
Que te deu, te negou, e assim te ha feito  
O mais raro phenomeno da terra,  
Incomprehensivel, unico — homem, como  
D'esta sorte lhe aprovou a natureza  
De ajuntar em teu rosto a formosura  
Toda pelo universo repartida!  
Como tu, vidro obscuro e quebradiço,  
Em ti so concentriste o prisma inteiro  
Das bellezas no mundo repartidas!  
Ou zombas d'elle, ou alto é teu segredo  
Acêrca do homem, creadora Essencia.

### III

E então da especie na porção mais debil,  
Mais fragil foi cabir todo esse raio  
De formosura! Então para compendio  
De bellezas e encantos, escolhiu  
Foi a mulher! — De quem o cofre rico

De mimos e de graças, confiaram!  
Nossos prazeres todos, nossos gostos,  
Consolações, allivio em máguia, amparo  
Na infancia, encanto em juventude, e arrimo  
Na velhice, de ti, mulher, nos partem:  
Concedel-os tu só, ou nol-os negas.  
Negas, e quantas vezes! — Mas tyrannos  
Não somos nós, injustos, oppressores?  
De quantas privações, de quaes tormentos  
Lhe não travamos duros a existencia!  
Que sordidos harens, que vis eunuchos  
Tem o Oriente, sepulchros tristes de oiro,  
Onde geme a virtude, e amor corrido  
Cede a brutal desejo o facho e a venda!  
— Culpas, Europa, o mulsumano barbaro?  
E os teus carcereiros negros e traidores,  
Onde á innocencia candida, á piedade  
Arma perfido bonzo o laço astuto,  
Laço, que, eterno, a vida, os gosos d'ella,  
A ventura, o prazer d'um não separa?  
Corta sem dó — crueis! — e até cerceia  
O derradeiro bem d'um desgraçado,  
A esperanza? — Esperança! nem um viso,  
Nem um só raio seu penetra os ferros  
Da escravidão que só tem fim co'a vida;  
Nem um só raio seu v.e bemfazejo  
Aqueantar corações gelados, mortos!  
Mortos, mas palpitando no sepulchro,  
A que baixaram vivos — Homem barbaro,  
Ingrato e desleal, qual é seu crime?

### IV

Escrupulos, adrede fomentados  
Por ignorancia interesseira e b.aixa,  
Quanta victima cega hão conduzido  
Ao altar profanado de holocaustos  
Tam sanguinarios, crús! A patria, amigos,  
Casa paterna, matern'as caricias,  
Doces futuros de um esposo amavel,  
De meigos filhos, santos gózos d'alma,  
Dados de Deus — e tudo abandonado  
'ela impia ciencia de que a Deus não prazem,  
Que impureza os deturpa, o vicio os mancha,  
E só do claustro para o céu ha estrada.  
Dogma fatal, perverso, injurioso  
A' divindade! — Oh! victima innocente,  
Formosa Branca, de t. l. erro foste.  
Devota, pia, timorata e fraca,  
Temeste o mundo, escóbio de virtude,  
E, sem o conhecer, fugiste o mundo.  
P'rigos, cachopos tem o mar da vida,  
Tredos baixos, procellas tempestuosas:  
Mas o nauta que tímido largasse  
O l'aixel que o conduz á patria cara,  
E dos riscos das ondas aterrado  
Fosse em algo, ingreme cachópo,  
Só, no meio dos mares accolher-se,  
Onde nem doce esperanza d'almo porto,  
Nem conforto da vida, nem uns longes  
De melhor sorte, mas só êrmo triste,

Mas só a vasta solidão do oceano...  
Prudente o chamarias?—Aí virtude,  
Que homens, que leis dos homens te conhecem?

V

Trazei, filhos de Bento, as succulentas,  
Largas postas do nítido cevado;  
Correi devotamente ao dormitório.  
E em grosso pingue do toucinho gordo  
Me affogae os escrúpulos bernardos  
— Foi lauta a ceia e vasta, perus trinta,  
Por cabeça os leitões, adens sem conto.  
Não manjares opiparos, não brandas  
Delicadezas de exquisito gosto,  
Mas fartura, abundancia ilimitada  
A' portugueza velha.—Comen pouco,  
De extenuada, a mui formosa infante;  
Mas por ella e por si, por um convento  
Comeram os dois, adres confessor's.  
Nem tu, mestre Gilvaz, em tal apêrto  
De tentações, pôdeste recorde te  
Do fatal *Omnia indig' sio mala*:  
Texto que em teu systema te confunde,  
Único em toda a vasta Medicina.  
Que interpretá-o bem não conseguiram  
Tuas doudas vigílias — Já repletos  
Com tam frugal repasto ao leito foram,  
E no primeiro somno em paz descançam.

VI

E ora de cruz alçada, e cerufrários,  
Em procissão coristas se encaminham  
Com ingente marmitta ao dormitório  
Onde jazem os hospedes bernardos  
Supinos jazem, e jazendo roncam,  
Mas ao devoto cheiro da *tremenda*,  
E ao conhecido canto acordam presto  
E assim a procissão adando entoava:

CÓRO

Sus, erguei-vos, irmãos, que esta é a hora,  
Esta é a hora tremenda e sagrada:  
Vinde, vinde fazer penitencia,  
Levantae-vos, que a hora é chegada.

UMA VOZ

Macerae essa carne rebelde  
Co'este gordo, tremendo bocado.  
Sonhos maus, tentações do demonio,  
Fique tudo em toucinho afogado.

CÓRO

Sus, erguei-vos, irmãos, que esta é a hora.  
Esta é a hora tremenda e sagrada:  
Vinde, vinde fazer penitencia,  
Levantae-vos, que a hora é chegada.

OUTRA VOZ

Louvor seja ao glorioso Bernardo,  
Que tam santo instituto vos deu:  
Sem *tremenda* quem pôde salvar-se?  
Com *tremenda* ninguém se perdeu.

CÓRO

Sus, erguei-vos, irmãos, que esta é a hora,  
Esta é a hora tremenda e sagrada:  
Vinde, vinde fazer penitencia,  
Levantae-vos, que a hora é chegada.

VII

C'o este hymno monachal annunciavam  
Os irmãos bentos aos irmãos bernardos  
A respeitavel hora da *tremenda*:  
Uso antigo, sagrado, inalteravel  
De monges brancos, e hoje por não vista  
Exemplar tolerancia permittido  
Nos claustros pretos, não sem muito escandalo  
Dos padres-graves ruidos da ordem.  
Que altamente em capitulo altercaram,  
Assignaram seu voto em separado,  
E protestaram n'acta. Mas o abba de,  
Mais tolerante ou mais corteção que elles,  
Relaxou, em respeito da princeza,  
A monastica, austera antipathia,  
E a liberdade franqueou de culto,  
Por esta noite só, em seus dominios.  
— «E que nos faz a nós que os bons bernardos  
Comam toucinho, ou não?» argumentava  
O philosopho abba de: «Ha hi peccado,  
Ou offensa de Deus?» — «quê, padre abba de!»  
Torna enlammado em zelo um reverendo:  
«O que? Indiff'rentismo em taes materias  
É dos peccados todos o mais grave.  
O que nos faz a nós que comam porco!  
E os Judeus, o que importa que o não comam?  
Mas para esses ha boas fogueiras;  
E então estes...» — «Basta, padre: á ordem!»  
Por santa obediencia vol-o mando.»  
E decidiu-se que a *tremenda* fosse  
Pontualmente repartida aos hóspedes  
Com todo o ritual prescripto e usado  
Entre os gordos bernardi-brancos monges.

VIII

A procissão fôra direita á porta  
Da abbadessa gentil; mas tam cansada  
Se achava da viagem, que impossivel  
Lhe era cumprir co'este preceito santo  
Da regra. Meiga voz disse de dentro:  
— Dispensae-me hoje, que... não posso.

«Como?

Não posso!» brada em cuecas acudindo  
Gorda, cachaci-pansuda figura  
Que da fronteira cella a correr veio:  
«Não posso! o quê? Não chega a tanto a bulla  
Dispensar! Com dispensas vae perdida  
A igreja, e as ordens. Dispensar no caso  
Mais grave, no preceito mais restricto.  
De nossa regra! Não, senhora minha:  
Heide tomal-a, ou não sou eu frei Socio?»  
E atacava, dizendo, as descozidas  
Bragas, que infiou á pressa arrebatado  
De zelo e rigidez.

— Esta só noite,  
Esta só por mercê e por piedade.  
Volve a sonora voz dentro da cella:  
Todo me doe o corpo fatigado,  
Meu sancto patriarcha San'Bernardo,  
Bem sabes tu se eu posso!

«Embora, embora

Mais acceita será a penitencia,  
Quanto mais custe. Vamos: vossa alteza,  
Como prelada que é, deve ao exemplo  
Sacrificar seu commodo e vontades.  
Só assim se mantem a disciplina  
Da ordem.»

— Mas...

«Ver-me-hei pois obrigado

A fulminar da excommunhão os raios.  
— Excommunhão!... não, não: eu abro, eu abro.  
Misericordia! não, reverendissimo,

Oh! não me excommungeis: um pórcio vivo  
Comerei antes... antes.»

Uma edosa,  
Bem apessoadada dona abriu a porta;  
E o rígido Soeiro, inda em cuecas  
Ponderoso facão na dextra empunha,  
E em manta enorme atassalhando um naco  
Tal, que a só vista d'elle affugentára  
Synagogas inteiras, triumphante  
Do alto poder de sua auctoridade,  
Com voz solemne e grave pronuncia:  
«*Approximae-vos, abbadesa d'Holgas*»  
E a tímida innocente a passo lento,  
Ao bruto sacrificio se encaminha.  
C'os lindos olhos mede o desmedido.  
Bronco pedaço que o brutal bernado  
Para bocca tam breve ousou talhar-lhe;  
E c'um gesto de máguia tam afflicta,  
Mas tam formosa, tam encantadora,  
Que abrija compaixão em bronzeos peitos,  
Peitos de tigres—que não fossem frades,  
A' repugnante, iníjosa penitencia,  
Resignada e humilde se oferece.

## IX

Scena era digna do pincel flamengo,  
Da natural simpleza ingenuo filho,  
Esta que n'alma agora me debuxa  
O accessio imaginar... Pinta-me o escuro  
Fundo do quadro com um longo e funebre  
Escasso-allumiado dormitório.  
Põe-me ahi, do painel na luz primeira  
Tímida e joven, candida beldade  
Com alvas, longas roupas, e o véo alvo  
Erguido, que descobre a face angelica,  
Onde a amargura—não de paixões vivas  
Que o rosto convulsivas desfiguram,  
Mas a que o gesto juvenil risonho  
Contrae á vista do pedante mestre  
Brandindo austero a fêrula temida.  
Essa, essa angustia de innocencia, altera  
A suavidade das feições divinas.  
Deante d'ella, a comica figura  
Do fradilhão bojuado, encarniado,  
Co's grossas, curvas e cevadas formas  
Transparecendo das ligeiras cuecas;  
Na mão, tremenda pósta de toucinho  
Que rindo mostra com prazer maligno  
A' timorata virgem. — Grupos negros,  
Branços de monges, de diversas cores,  
Cavalleiros armados de armas brancas,  
Branças sobrepelizes de co'istas,  
Em arredor com arte collocados...  
Não fóra, se tal quadro executasse  
Não fóra, entre os milhares de prodigios  
D'essa eschola immortal, o menos bello.

## X

Novo actor no meu quadro—nova, digo,  
Figura, pois que falo a lingua d'arte:  
Ou então novo actor, porém na scenas:  
Mestre Gilvaz, que acode ao arruido,  
Despertando de um sonho affadigado,  
Em que se viu, qual Tantaló *inter dapes*,  
De pasteis, de perus, de trouxas d'ovos  
Cercado emtórno... e a cada mão que estende,  
A cada ávida bocca que escancara,  
Um livido aphorismo em feia fôrma  
De alado espectro, co' aza do morcego  
L'h'o arreda acinte, e o cansa, o atormenta.  
Tal o doutor de Sancho, no banquete  
Da Insula bemditada, sem piedade,

Um depós de outro, os almejados pratos  
Ao faminto escudeiro denegava.  
—Acordou do terrível pesadello,  
A' bulha da *tremenda*, e mal lembrado  
Da verdadeira causa do alvoroço,  
Que a taes deshoras o socógo quebra  
Da habitação monastica, aturdido  
Ao sitio corre onde o arruido escuta.

## XI

Estavas, linda Branca, n'esse instante  
Resignada á enjoativa penitencia  
Que a teu cebedo confessor, tam doce,  
Tam deliciosa e branda parecia.  
Eis bom messer Gilvaz entra esfregando  
As enviscadas palpebras, e rouco,  
Bocejando em hiatos tremendissimos,  
De rebulicio tanto inquire a causa.  
Viú-o a infanta, e cobrando em se i desmaio  
Um alento de esp'rança, os meigos olhos  
Com supplice expressão volve ao galeno:  
E—Mestre Gil, oh! mestre Gil! exclama:  
Valei-me por quem sois Ai! não, não posso,  
Mestre Gil, vós sabeis que fraco eu tenho  
O estomago, desde a ultima doença,  
Que aquellas dez garrafas, trinta pilulas,  
Lisanas, infusões, purgantes, tonicos,  
E não sei que outros mais doutos remedios  
Vosso muito saber me receitára;  
Ai! acudi-me, senão d'esta morro »

## XII

Os olhos magistraes de novo esfrega  
Indi tonto de somno e mal desperto,  
Chega á princeza, e quasi por instincto  
Da doutoral natura, a mão estende,  
E ao niveo pulso gravemente a applica.  
—«Febre» disse: «fêbricula; está duro,  
Intermittente, vivo, e... em seu tanto  
De... Vejamos a lingua. E de appetite  
Como vamos? Função: segregaticias  
Em regra? Bom: o caso é de importancia,  
Mas não de prigo: a *historia morbi* é simples,  
E a capitulação *ty-onum minuo*  
*Perquam facilis* Pôsto que nos diga  
O grande mestre, o sabedor dos sabios:  
*Ars longa, vita brevis*; invertido,  
Com o favor de Deus, já muitas vezes.  
Tenho o douto aphorismo: vida longa  
Com arte breve. E assim heide emendál-o  
Na primeira edição *correctio auctor*:  
*Ubi ars brevior, erit longior vita*  
E que saiam a campo esses doutores  
Da mula ruça, a pé firme os espero  
C'um syllogismo *em barbara*, outro *ad hominem*,  
E tres cornudos, bifidos dilemmas  
Que lh' hão de extopetar as cabelleiras,  
E fazer comer terra a faculdade.  
Ignorantões! heide encová-os » — Vêde

Que é urgente... — «Se é urgente!... Ah biltres,  
Sevandijas de borla, vis insectos!  
Pretender ensina-me, a mim, ao mestre  
Gilvaz, doutor pela alma academia  
De Padua, que tres dias successivos  
Sustentei a pé firme as minhas theses,  
E esgremi c'os primeiros disputantes  
De Bolonha e Paris! A mim, birbantes,  
A mim!... » E no ardor da dialectica,  
Com pés e mãos falava, e combatia  
Imaginarios zoilos, atrevidos,



D. BRANCA — CANTO

«O que lhes falta ? o que ?... falta a *Tremenda*.»

PAG. 266



Petulantes, ignaros aristarchos  
Que, ás lançadas de vivos argumentos,  
Desmontava do arçãõ; prostrava em terra  
Na escholastica arena estatelados.  
Embalde o implora, o chama a gentil Branca,  
E a circumstante turba ás gargalhadas  
Lhe responde aos sonnambulos discursos  
Que não entende: mais e mais irado  
Lhes torna: «Ignorantões! a mim, birbantes!»  
Não esquecendo assim, nem quando em sonhos,  
Da faculdade a natural modestia.

## XIII

Frei Soeiro, emtanto, co'a tremenda em punho,  
Insta; Branca suspira, e encára o dóctor;  
A fradalhada ri; Gilvaz redobra  
De enthusiasmo; o confessor declama;  
E em gritaria tal ninguém se entende.  
Quando um leigo a correr esbatorido  
Vem a gritar: «Misericórdia! acudam...  
Misericórdia! Moiros no convento»  
— Moiros! — repete unisona a caterva;  
E os berros de Soeiro, os argumentos  
De Gilvaz, as risadas dos coristas,  
Tudo parou n'um gelido silencio.  
Como n'harpa festiva os sons alegres  
Do trovador que feriu setta imiga,  
Quando animava co'as canções divinas  
As danças dos zagaes no floreo prado:  
Mas o cruel archeiro d'alta torre  
O mirou certo ao coração, e fria  
Pára a mão, que as vibrou, sonoras cordas.

## XIV

Moiros!... Com olhos fixos e pasmados,  
De susto e medo atonitos se encaram  
Uns aos outros, e como que perguntam  
Em seu mudo falar: «O que faremos?»  
Dos cavalleiros a mór parte dorme;  
E os que velavam co'a função nocturna  
Da orgia monachal, tomados subito  
De terror imprevisito, acovardados,  
Sem ânimo, sem força, irresolutos,  
Em pavor frio como os outos gelam.  
«Que faremos?» — As armas! gritou Nuno!  
Ânimo? ás armas, e segui-me todos,  
Que eu — Não bem proferira estas palavras  
Tremendo *Alla* sóu pelas abobedas  
Agudas do comprido dormitório,  
E os alfanques nas trévas scintillaram  
Mal acclaraadas das nocturnas lampadas.  
Luziram finas pedras nos doirados  
Broches de alvos turbantes. — *Alla* sóa...  
E os frades, o doutor e os cavalleiros  
Se viram n'um instante sobre os peitos  
Apontadas as duras cimitarras,  
Cru terror de christãos. — Nem um suspiro,  
Nem um ai: mãos atraz, e um nó valente  
De riço esparto. — Nuno só, que em tanta  
Desordem conservou cordura e alma,  
Das mãos do frade toma a cruz, que guiava  
A procissão burlesca, e a golpes vivos  
Co'a bandeira da fé á infieis combate.  
Sobre elle alfanques cento a golpes chovem,  
Se descarregam ponderosas hachas;  
Mas o intrepido Nuno a um lado e outro  
Fere, estrue, defende-se, e derruba  
Inerte e só ao ismaelita armado.  
Não lhe comporta o generoso peito  
Perder, sem disputar, a liberdade,  
E antes a vida, que a honra, barateia.  
Caminho se abre entre as cerradas turmas

Das moiriscas espadas... Espantado  
De tanto esforço, e como que vencido  
De um poder superior, recua o moiro;  
E o intrepido mancebo, defendendo-se,  
Retirando-se, emfim a escada alcança.  
C'um desesperado golpe e furibundo  
Aterra os que mais proximos o seguem;  
A pulos desce, atravessou a crasta,<sup>1</sup>  
— Como suico de luz na tempestade,  
Que as nuvens rasga, e some-se — na cêrca  
Entre arvôres e o escuro desaparece.  
— Deixai-o: disse entre os infieis um d'elles  
Que o nobre ad'man, o rico dos vestidos,  
É o respeito que os outros lhe catavam,  
Seu chefe mostra ser: «quem tam valente  
Assim defende a liberdade e a vida,  
É digno de as gosar: ninguém o siga.»

## XV

Quem é este inimigo generoso,  
Que alma tam nobre em peito infiel encerra?  
Quem é este guerreiro mussulmão,  
Que tam gentil, tam magestoso brilha  
Nas picturescas arabes alfaias  
Que o talhe heroico, o altivo pórtre, a graça  
Esbelta, de marcial belleza arream?  
Branca emtórno da fronte em tresdobradas  
Voltas o cinge estofa resplendente  
Como a neve nos picos annuviados  
Da serra das Estrellas. Puras virgens  
A deduziram em lidados fusos,  
De Alvor nos verdes plainos, e a teceram  
Ao som das namoradas cantilenas  
Dos romances do Oriente, que as memorias  
Contam de avós nas terras apartadas,  
D'onde vieram ao reclamo trede  
Do vingativo pae pela offendida  
Honra da loira virgem — Encurvadas  
Em demi-lunar circulo rebrilham  
A esmeralda da cõr dos verdes campos  
E a saphyra que o azul do céu reflecte,  
E as amethystas róxas como a humilde  
Violeta modesta, que se esconde  
Do sol creador na flôria primavera.  
Olhos negros — tam negros como as tranças  
Que, ao destoucar-se, a noite esparze longas  
Pelas eburneas costas — vivo lume,  
E o fogo da progenie do deserto  
Do rosto baço, como tochas, lançam  
Acces no aguçado minarete  
A' hora das preces, na mesquita. Baço,  
Baço é o rosto — que o sol crestou as faces,  
Ha longas gerações, da raça altiva  
Dos filhos do êrmo, porém bello, e cheio  
De animada expressão; e o vivo realçam  
Carmim das faces crêpsos fios d'evano,  
Que em anneis romanescos lhe dividem  
O bem fendido, nitido bigode,  
Fôrta-lhe o peito cõta de aço fino  
Enthalhada em lavor custoso de oiro.  
Longo, pesado e curvo o alfanque pende-lhe  
Fiel á esquerda: a morte se ha postado  
Nos gumes d'esse allange, e d'ahi colhe  
Ampla ceifa de vidas. Quantas lagrimas  
De viúvas, de orphãos n'esses feros gumes  
Corrido teem, sem lhe embotar os fios,  
Sem lhe embaciar a lamina brilhante!

## XVI

E este era o chefe da infiel cohorte,  
Que o santo asylo a profanar se atreve

<sup>1</sup> Claustro.

Da monachal virtude. Preso o abade  
 C'o resto de seus monges que dormiam,  
 Com os mais castelhanos cavalleiros,  
 A quem grilhões pesados despertaram  
 Do brando somno, todos manicados,  
 Excepto Nuno, quantos habitavam  
 O mosteiro essa noite malfadada,  
 Ao vencedor seus campeões os trazem

## XVII

E de ti, linda Branca, de ti, bella,  
 Mimosa dama tenra e delicada.  
 Ai! de ti com horror meu canto foge.  
 Cortada a voz nas cordas do alahude  
 Teu destino cruel dizer não ousa  
 Virgem botão, que ao sol desabrochavas  
 Em jardim de virtudes, ai! colheu-te  
 Grosseira mão do saltador dos bosques,  
 Quem te defenderá? Tua virtude?  
 Ceus! a candida rosa da innocencia  
 Faltam-lhe espinhos que do vicio a guardem.  
 Irás, filha de reis, sangue de Afonso,  
 Ramo augusto d'essa arvore frondosa  
 Que germinou nos campos da victoria,  
 E co'as raizes no sanguento Ourique  
 Topeta os astros da estellada esphera.  
 Irás pois tu, que os thalamos doirados  
 Dos principes da terra desprezaste,  
 E repousavas gemedora pomba  
 Nivea no seio do celeste amado,  
 Irás de immundo harem victima abjecta,  
 A prazeres infames, e ao capricho  
 De barbaro senhor jazer escrava?

## XVIII

Correi, lagrimas tristes, deslaçae-vos  
 Do coração onde pezaes tenazes,  
 Dolorosos soluços; áncias cruas,  
 Sahi, terriveis aperturas d'alma,  
 Vinde em máres de pranto aos olhos turvos,  
 Espalhae-vos em nuvens de suspiros,  
 Desaffogae-lhe o peito comprimido:  
 Para um só coração é muita máguia.  
 — Chora, linda princesa, o teu destino,  
 Sobre teus dias malfadados chora;  
 Essa flor de belleza, essa virginea  
 Candura de innocencia... Oh!...  
 Mas na face  
 Da real donzella que expressão eu vejo?  
 E' afflicção, é dor? Não. — Quê! sem medo,  
 Sem horror encarar o gesto impuro  
 Do inimigo da fé! — Que olhar tam doce,  
 Que lhe ella lança! Crêras que um encanto  
 Cintoso de occulto malandrino  
 Lhe desvairou o coração e os olhos,

Que aos do moiro gentil rendidos tendem,  
 Qual tende, por incognito feitiço,  
 Do norte ao pólo a namorada agulha.  
 Não ha sorriso nos vermelhos labios  
 Não ha meiguice nos brilhantes olhos,  
 Mas ha não sei que pensamento languido  
 A ressumbrar de toda essa figura  
 Angelica, divina, que o desprezo  
 Junto, que as santas iras não souberam  
 Onde, em tanta belleza, debuxar-se,  
 Elle o joven traidor, elle o conhece:  
 E o que não adivinham cubicosas  
 Vistas de gentil moço? o que não sabem  
 Lêr nos de virgem olhos de mancebo?

## XIX

Quem se ajoelhou ante a real infante?  
 O bello moiro foi. Quem lhe protesta  
 Respeito e vassalagem? Tu, formoso  
 Neto de Agar. — Como o escutaste, ó bella  
 Filha de Afonso? — Murmurando as cordas  
 Da minha cetra... não, christian vergonha  
 Não a ousam dizer. As niveas azas  
 O anjo guardador desprende, e fuge  
 Para o ceu d'onde veiu; a triste nova  
 Leva ao pastor de uma perdida ovelha.  
 Perdida! Sim: á torpe voz do moiro,  
 A's impuras palavras... Branca, a filha  
 Dos reis da terra, e do celeste espôsa,  
 Branca surriú, côrrou... e a surriú volve.  
 O atrevido imprimiu ósculo ardente  
 Na mão de neve, que se entrega ao beijo,  
 E — vergonha fatal de ceus e terra! —  
 Parece no contacto envenenado  
 Estremecer-lhe co'a impressão lasciva.  
 E no deleite infando entorpecer-lhe  
 Alma, sentidos, coração, e a... honra!  
 Tal em cheiroso banho áspide amigo  
 Voloptuoso suicida applica ás veias;  
 Tal perde a vida em languido lethargo,  
 Que, não transe de morte, mas tranquillo  
 Adormecer de vida, e socegado  
 Antes dirás repouso da existencia.

## XX

Um brado o moiro deu: os seus o entendem,  
 Partem. — Voae, voae, correi ligeiros  
 Co'a rica joia que levaes roubada;  
 Correi, que atrás de vós vingança corre.  
 De exterminio e de morte vejo armadas  
 Lusas phalanges, denodadas hostes...  
 — Oh! defende-os, amor; pune-os, virtude.  
 E que merecem elles? — O castigo.  
 Mas castigar amor! O ceu tem raios,  
 E a crime tal nunca os mandou á terra.



## CANTO TERCEIRO

### I

QUE monta a razão frígida, e o pesado  
Cálculo de medidos pensamentos  
Pela bitola compassada, estreita  
D'essa philosophia austera e sêcca,  
Seva tyranna d'alma que em tam brando  
Sonho nos acordou de illusões doces?  
Phantasias embora... mas tam lindas,  
Tam deleitosas! mas reaes prazeres,  
Bens, verdadeiros bens, que os nós gosavamos.  
E satisfeitos de sonhar dormiamos.  
Despertos que encontrámos? Nossos olhos,  
Cerrados á luz, que vêem, que acharam?

### II

Triste realidade da existencia,  
Esqueleto da vida descarnado,  
Que és tu sem as ficções que a embelezavam?  
Ficaste como a varzea requeimada  
D'o ardor do muito sol, sem flôr, sem relva,  
Arida, feia. Mas o sol é vida,  
É a luz creadora do universo...  
Sim; mas nem tanta luz que cegue os olhos,  
Nem tanto sol que nos desaque o prado.  
Rasão, que és d'alma o sol, gira em nossa alma,  
Dá-nos dia e clarão ao pensamento;  
Mas de teu carro a ardidões Phacntones  
Nas inexpertas, mãos não ponhas rédeas:  
Tocha que foi de luz, será de incendio  
Facho terrível — e o calor de vida  
Labareda volcanica de morte.

### III

Oh! magas illusões, oh! contos lindos,  
Que ás longas noites de comprido inverno  
Nossos avós felizes entreteinhéis  
Ao pé do amigo lar, ao crebro estalo  
Da assaltante castanha, e appetitoso  
Cheiro do grosso lombo, que volvendo  
Pinga e rechia sobre a brazza viva!...  
Pimponices de andantes cavalleiros  
Capazes de brigar c'o mundo em péso,  
Malandrinices de Merlim barbudo,  
Travessuras de lépidos duendes,  
E vós, formosas moiras encantadas,  
Na noite de san'João ao pé da fonte  
Aureas tranças com pentes d'ouro fino  
Descuidadas penteando — enquanto o orvalho  
Nas esparsas madeixas arrocía  
E os lucidos anneis de perlas touca...  
Oh! magas illusões, porque não posso  
Crêr-vos eu co'a fé viva de outra idade,  
Em que de bocca aberta e sem respiro,  
Sem pestanejo um só, de olhos e orelhas  
No *Castello* escutava a boa Brigida!  
Suas longas historias recontando  
De almas brancas trepadas por figueiras,  
De expertas bruxas de unto besuntadas

Já pelas chaminés fazendo vísperas,  
Já indo, ás duzias, em casquinha d'ovo  
A' India de passeio n'uma noite...  
E aí! se o gallo cantou, que á fatal hora  
Encantos quebram, e o poder lh'acaba.

### IV

Não gosto de Irminsulf, nem de Theutates,  
Nem das outras theogonicas prosápias  
De runica ascendencia. As alvas barbas  
Do padre Ossian (Macpherson foi seu nome)  
Tam prezadas do douto Cesarotti,  
Tam favorita do Alexandre córso,  
Não me encantam a mim, não me embelecem,  
Como aos outros cantores alameda  
Que a nossos doces climas transplantaram  
Esses gelos do norte, esses brilhantes  
Caramellos dos topos das montanhas...  
Do sol do meio dia aos raios vivos,  
Parvos! se lhes derretem; a brancura  
Perdem co'a nitidez, e se convertem  
De lucidos crystaes, em agua chilra.

### V

Em beldades varia a natureza  
Pelos paizes do orbe; vária a siga  
Em suas formas gentis a arte que a imita  
Vês essa dama de doiradas tranças  
Nas sempre verdes, arrelvadas margens  
Do frígido Tamissa passeiando?  
Vês? da mimosa face alva de neve  
Transparecem-lhe as rosas, um suspiro  
Concentrado no intimo do peito  
Lhe aneia o coração; talvez a morte  
Lhe cerceou dos gosos da existencia  
A amizade, ou amor n'um caro objecto.  
Maguada, mas sem lagrimas, — afflicta,  
Mas sem as convulsões que a dor expressam  
No desespero, no delirio d'alma.  
Que só tuas praías vêem, teus bosques ouvem,  
Vecejante Pamyso, Tejo aurifero,  
Manso Guadalquivir e flavo Tibre.  
Vê-a? seus olhos cõr do céu resplendem.  
Mas como o céu resplende annuviado  
De vapor leve e raro. — Essa belleza,  
Essa dor, esses campos, todo o quadro,  
Harmonizam co'a propria natureza,  
Mas dá que inhabil mão teu painel pinte,  
Que os olhos negros, vivos, scintillantes  
Da formosura austral lhe dêsse ignaro;  
Que n'esses labios, onde trema a furto  
Sufocado soluço, debuxasse  
Desafogada a dor em pranto acerbo,  
Em suspiros, gemidos agudissimos  
Que vão ferir o céu com agras queixas:  
Que essas tranças tão lindas, que são de ouro,  
Sem arte não, mas com singelo alinhio  
N'alva frente enastradas, lh'as tingi-se  
Da cõr que pôs a noite nos ondados  
Expressasse, com arte monstruosa,  
Cabellos das donzellas portuguezas,  
E em feições que revelam pouco d'alma,  
(Que a alma n'esses paizes regelados  
Toda no coração, não vem ás faces)

1 Pequena quinta que foi da minha casa, na qual passei os primeiros annos da infancia, e c'uyas as historias da boa Brigida, velha criada que tinha todo o geito e traça de bruxa, e era cronista mór de feitiços e milagres.

As paixões, cujo incendio em nossos climas  
 E' labareda que scintilla, estala,  
 E em chamma abrazadora aos céus se eleva,  
 Mas nas regiões do norte é fogo lento,  
 Que amortecido á vista arde e consomme,  
 Não chammeja, não brilha, mas intenso,  
 Occulto lava, e no intimo devora...  
 A este meu quadro, *credite Pisones*,  
 Semelha a parte maxima dos quadros  
 Que assoalham por hi trovistas mórés  
 N'essa feira da ladra de consoantes,  
 Que não encaixam cavallar pescoco  
 Em humana cabeça, mas caveira  
 Burrical oreilhuda em corpo de homem.

## VI

E eu em críticas, eu poeta humilde,  
 Cujó ignorado nome á sombra dorme  
 Do nada protector a que me abrigo,  
 Que não tenho, não quero, não procuro  
 Nem Mecenas a quem de dedicar odes,  
 Nem Augustos de quem *pechinchar* tenças,  
 A dar preceitos eu!... Perdão vos peço,  
 Aureados habitantes d'esse monte,  
 Onde c'o vosso Pégaso, irmão de armas,  
 (Armas terríveis que jogaes tam mestres!)  
 Pela divina relva andaes pastando,  
 E á sacra fonte ides beber com elle:  
 Perdoae-me, que eu volto ao meu assumpto,  
 E a cavallos e a vós, e á mais companhia  
 Quadrupedante deixo em paz no Pindo;  
 Em paz -- e ás moscas -- que assim vae o mundo.

## VII

Vivam as fadas, seus encantos vivam!  
 Nossas lindas ficções, nossa engenhosa  
 Mythologia nacional e propria  
 Tome emfim o logar que lhe usurparam  
 Na lusitana antiga poesia  
 De suas vivas feições, de sua ingenua  
 Natural formosura despojada  
 Por gregos deuses, por espectros druidicos,  
 E com postilhas, emprestadas g'ilas  
 Arreada sem primor, rica sem arte.

## VIII

Qual a innocente virgem das florestas,  
 Que as lindas tranças de grinalda simples  
 Da musqueta selvagem adornava,  
 Bella, tam bella como a luz que nasce  
 Alva no rajar de um puro dia  
 Do flóreo Abril; se habitador ocioso,  
 De corrupta cidade em tal brancura  
 De singeleza pôs nódoa de vício,  
 E maculou c'o halito pestifero  
 Esse lirio que foi gloria do prado,  
 Então brocados, então pannos de oiro,  
 Bordadas telas, corteções donaires,  
 Pelo perdido ornato da innocencia,  
 Se esforcam -- peço vil, -- de lh'os dar novos.  
 Mas ahi sob essa pompa os não affeitos  
 Membros definham, e nas faces pallidas  
 Arrebique impostor não supprime a rosa,  
 Nem os diamantes, que na fronte brilham,  
 Empréstam luz aos olhos mortecidos.

## IX

Mas se ha paiz, se ha clima onde pareçam  
 As illusões de nossa prisca idade  
 Reaes nascer da propria natureza,  
 E co'a verdade unir-se tam estreitas,  
 Que as não distinguirás, -- teus verdes bosques,

Teus palmares, teus áridos desertos,  
 Tuas rocas ermas, mas sós areias,  
 A' quem, alem de vargeas que vecejam,  
 De christallinas aguas marchetadas,  
 Ardente Algarve, são: tu não cantando  
 Téqui de nossos vates, em meus versos  
 Não insensíveis ás bellezas tuas,  
 Verás por ti um brado erguer-se á fama,

## X

No mar que Europa de Africa divide,  
 Entra, como a explorar o seio ás ondas,  
 O saxeo promontório que de Sagres  
 Tem hoje nome. Na moderna historia  
 Dos povos do universo, porventura  
 Não ha ahi ponto do orbe que assim lembre  
 Tanto feito de glória e de heroismo;  
 Nem ha padrão erguido por mãos de homens,  
 De alto custo e labor, que outra recorde  
 Época tal aos seculos e edades.  
 D'alli Henrique aos astros perguntava  
 Da eternidade a estrada: e novos mundos,  
 Novos climas e ceus lhe appareciam.  
 D'alli os curvos lenhos desprenderam  
 Primeiro o voo audaz a ignotos mares.  
 Alli o berço foi da lusa glória.  
 Crêral-o hoje sepulchral moimento  
 D'essa glória defuncta. Ruínas tristes,  
 Esbroados pardieiros -- oh vergonha!  
 São as torres de Henrique. Affasta os olhos,  
 Viandante, não vejas esse opprobrio  
 Da nação que a primeira foi no mundo  
 Em nobrezas -- outr'ora... hoje -- em miseria.

## XI

D'ahi se estende, ao longo pela costa,  
 Fertil porém inculto, agreste plano.  
 Jámais pesado boi guiou arado,  
 Ou conduziu charrua egua lig. ira.  
 Por tam bravia terra; inteira crêras  
 Guarda da creação a virgindade.  
 Mas seu aspecto não árido e bruto,  
 Não selvagem parece. Alli não moram  
 Lanosos carões, sarças espinhosas;  
 Nem coroados de abrolhos eriçados,  
 Como em dominio seu sobre a calçada,  
 Amarelenta relva se divisa  
 Sêcca esterilidade passeiam lo.  
 De viço e fresquidão verdeja o prado,  
 E aqui, alli, tuíados ramilhetes  
 Do recendente amargo rosmarinho  
 Do alecrim flóreo azul seu doce arôma  
 Com a brisa do mar na terra exhalam  
 Formosos pâes cobertos de verdura,  
 Outeiros de palmeiras coroados,  
 Montes ao longe, alvos areeas a um lado,  
 Onde o próvio insecto, auxiliando  
 Trabalhos de arte e forças da natura,  
 A saccarina flor no botão pica,  
 E ás carregadas arvores augmenta  
 O dulcissimo pêso. -- Lá n'um alto,  
 Entre arvores espessas e copadas,  
 Entre gigantes palmas, -- dobradiças  
 Olaias que os floridos ramos curvam  
 Descachidos, qual dama delicada  
 Os lindos braços n'um desmaio languido  
 De mimosa descae -- roxos sycómoros,  
 E a larangeira que matiza os pómos  
 De oiro co'a argentea flor -- entre este luxo  
 De vecejo e fragancia, -- meio vista,  
 Meio encuberta de ramagem spessa,  
 Maravilhosa fábrica se erguia  
 De palacio, onde quanto o rico Oriente  
 Tem de brilho e de gemmas resplandece.

## XII

Ligeira e leve é a fôrma: quasi aéreo  
 Paço o crêras de fada enamorada,  
 Que o erguem com palavras mysteriosas  
 Numa escondida nuvem, para estancia  
 De gentil cavalleiro que ha roubado  
 A amores de princezas.—Com sorriso  
 Desdenhoso observára a architectura  
 D'esse estranho edificio, o alumno rigido  
 Da antiguidade classica: nem jonio,  
 Nem dorio, nem italico, nem mixto,  
 De nenhuma ordem é; menos lhe viras  
 Os gothicos florêes, os recortados,  
 Ou o grave da saxonica rudeza.  
 Não lhe descobriria o proprio Volney  
 Chaldeu vestigio ou núbico rastejo:  
 Nem tu, famoso Jones, conseguiras  
 De lhe dar scientifico interesse  
 Por indico, indostan, mogol, ou pérsico.  
 Nada d'isso é, e todavia é bello,  
 Em que lhe pez a sabios, mestres d'arte,  
 Doutores, antiquarios, dilettanti,  
 Virtuosi, amateurs e professores.  
 —Disputa sine fine travariam  
 Sobre elle as duas bellicas phalanges  
 Que ora na arena litteraria pugnam,  
 E aos grasnantes jornaes dão thema eterno  
 Para encher as politicas lacunas.  
 Já se vê que de *classicos, romanticos*,  
 Guelphos das lettras, gibelinos da arte,  
 Falar entendo: paz seja com elles,  
 Assim como c'os outros disputantes  
 D'este disputativo por essencia,  
 Inquieto mundo, aonde todos ralham  
 E ninguem tem razão. Eu por mim deixo  
 Jogar as cristas a essa gente toda.  
 Para mim só desejo a paz d'espírito,  
 A consciencia limpa, e as frugaes sópas  
 Ganhas com suor h'nnado. Esta ventura  
 Góso eu, mercê de Deus, pezar de ingratos.

## XIII

E a minha historia, e o meu lindo palacio:  
 Malditas reflexões! Torno ao meu conto;  
 E quem quizer achar a margarita,  
 Como o pinto da fábula esgravate.  
 Era pois o tal paço o mais formoso  
 Que se viu nunca; em pedras preciosas  
 Todo encravado, todo reluzente  
 De oiro e diamantes. Unica uma grade,  
 Também de oiro macisso, as portas fecha  
 Do paço e dos jardins: velam á entrada  
 Dois enormes leões, que noite e dia  
 Solicitos a guardam, nem se afloita  
 Mortal nenhum ao limiar terrivel  
 Certo é porém que ás vezes fatigados  
 Os leões adormecem: mas quem sabe  
 Quando elles dormem? — Muitos, outro tempo,  
 Vendo-os d'olhos fechados, se atreveram  
 A entrar a porta, e foram devorados  
 Pelas terriveis fêras que dormidas  
 N'esse instante suppunham. Encantado  
 É este paço; e os leões de encanto  
 Os olhos, quando dormem, arregalam.

## XIV

Quem o soubera! — Um só n'aquelles tempos  
 Sabia este segredo encantadico;  
 Do Algarve d'aquem mar era o rei joven,  
 O bello Aben-Afan. Rumor havia  
 Entre o povo que um dia andando á caça,  
 Co'esses formosos paços deparára,

E ou fosse acaso, ou certo conhecesse  
 Quando os leões dormiam, penetrára  
 Sem p'rgio algum pelos jardins defezos;  
 E de condição que é ousado, e amigo  
 De aventuras correr, entrára ardidio  
 No palacio e nas salas marchetadas,  
 Que dizem todos ser, de pedras finas  
 Com brilhantes rcamos de oiro e seda.  
 Do que elle lá passou ninguem o sabe;  
 Mas sabe-se porém que sete dias  
 E sete noites demorou nos paços,  
 E ao septimo voltou triste e pensoso,  
 Pallido, melancholico, fallando  
 Amiude só. Por vezes, quando em sonhos,  
 Ou quando solitario passeiando  
 Do alcaçar nos eirados, alta noite,  
 Ou no alvor da manhan, ignotos nomes  
 Murmura estremecendo; e ora em batalhas,  
 Ora em reinos, victorias e conquistas  
 Discorre, e com o alfançe denudado  
 Meio mundo ameaça... ora afinando  
 O moirisco alahude, em saudecos  
 Requebros, namoradas queixas solta,  
 Com que parece dar allivio a máguas  
 Que em segredo no intimo o devoram.

## XV

Desde então o terrivel inimigo  
 Dos portuguezes, hoje em guerra viva  
 A fogo, ferro e sangue os segue e accossa,  
 Entra por suas terras, leva a morte,  
 O pranto e a confusão por toda a parte;  
 E, sem causa ámanhan subitamente  
 Ao vencido inimigo a paz implora,  
 E em ocio vergonhosos inteiras luas  
 Passa, como embebedado nas acérias,  
 Vagas ideas que lhe agitam alma.

## XVI

Quasi vae a fechar segunda Egrira  
 O circulo lunar, desde que o mestre  
 De Sanctiago, ousado cavalleiro,  
 E o mais valente portuguez que a espada  
 Jamais cruzou c'o mahometano alfançe,  
 Pelas terras do Algarve se affoitára  
 Em correrias com seus nobres freires:  
 Já em Cacella, preço offerecido  
 Por Estombar e Alvor antes ganhadas,  
 Os pendões da conquista tremulavam:  
 E Aben-Afan com pouca resistencia  
 Indifferente os vê tallar seus campos,  
 Tomar suas villas, e arvorar a roxa  
 Cruz da Espada nas tôrres e castellos,  
 Que de seu preito são. Ferve-lhe o sangue  
 Co'a affronta aos indignados adalides...  
 D'elle não curam já, sua lei defendem,  
 Por suas terras acodem. Trava a guerra  
 A mais e mais, com furia entre os de Christo  
 E o mussulmano; mais o rei mancebo  
 Da antiga Silves no doirado alcaçar  
 Só, pensativo tristes dias passa.

## XVII

Lá despertou agora... e silencioso  
 Eil-o á pressa, á pressa as armas veste...  
 É noite, é noite escura, e o ceu tam negro.  
 Que nem estrêlla tem. Abre-te, porta,  
 Porta de zoia, ao teu senhor. — eguido  
 Eil-o vae de seus fortes cavalleiros,  
 Os mais fiéis e os mais intimos d'elle,  
 Costumados, da infancia, a acompanhál-o  
 Em suas aventuras. Onde, aonde,  
 Rei do Algarve, onde vás assim montado

No teu corcel querido, cujas pretas  
 Clinas se enrançam com listões de púrpura?  
 Onde assim vás de teus feixes cercado,  
 E a taes deshoras? Surprender o inimigo  
 Em cilada ardilosa? A dar soccórro  
 A sitiado castello mal defeso,  
 Ou de violento golpe entrar nas tendas  
 Dos christãos, e acabar co'a raça impia  
 Dos jurados inimigos do Crescente?  
 — Quem sabe acende! Vêo impenetravel  
 Do mysterioso principe os desgnios  
 Encobre a todos. Contra os portuguezes  
 Não foi elle, que as luas mahometanas,  
 Deante a roxa espada vacillando  
 De Sanctiago, seu fulgor perderam;  
 E o mestre, da victoria precedido,  
 Já de Tavira ás portas se apresenta.

## XVIII

Já mais do que metade discorrêra  
 A lua de seu giro, e ninguém sabe  
 De Aben-Afan. Por onde o traz seu fado?  
 Oh! negra sina entrou n'essa familia  
 C'os feitiços da mãe! Ella, descrida  
 Nazarena morreu. A filha, a bella,  
 A discreta riana, desde o berço  
 Nas impias aguas dos christãos banhada  
 Por esse hugo traidor que a mãe herdêra,  
 Nunca o rosto volveu á santa Kaaba,  
 Nem jurou n'um só Deus e em seu propheta:  
 E fugiu d'entre os seus, e amaldiçoada  
 Lá se foi a adorar extranhos deuses  
 Em terras de infieis. Se a última esp'rança  
 Do Algarve, esse rei moço, tam querido,  
 Tam leal, tam gentil, tam cavalleiro,  
 Tambem assim, tambem por maus feitiços  
 Renegará da fé do Koran santo?  
 E a antiga corôa d'estes reinos,  
 Já tam vastos, aos pés ambiciosos  
 Arrojará d'esses monarchas de hontem?  
 Esses reis portuguezes em má hora  
 Vindos á Hespanha, confusão, ruína,  
 Perdição de Ismael!... Oh! impossivel:  
 Grande é Deus, e Mahomet é seu propheta,  
 E Aben-Afan seu servo. Animo e ávante!  
 Que elle a nós voltará. Sua espada é nossa.  
 Seu coração por nós, e Allá por todos.

## XIX

Assim os adalides, deplorando  
 A falta de seu rei, se consolavam,  
 Co'estas esp'ranças fingem alentar-se:  
 Fingem, que o pobre reino dos Algarves  
 Aos pés dos cavalleiros de Sanctiago  
 Passo a passo fundia. Ganhar tempo  
 Demorar, esperar só lhes cumpria,  
 Já de puros cansados, a Dom Paio  
 Tréguas propõem; elle por breves dias  
 O pedido favor lhes concedia.

## XX

Mas que phalange é essa de guerreiros  
 Que vão, longe do mar, nos corceis férvidos  
 Correndo á brida solta! Um que se eleva  
 Sobre os outros — qual se ergue no deserto  
 A palmeira coroadá sobre a grama  
 Que á raíz se lhe accoita — e que montado  
 N'um formoso andaluz da côr da noite  
 A comitiva bellica precede,

Quem é elle? Será o rei do Algarve?  
 Aben-Afan será? E essa beldade  
 Que d'arção leva e que sustem nos braços?  
 Onde a conduz, e d'onde a traz roubada?  
 Roubada a traz!... Mas no formoso gesto  
 Da bella não se pinta o desespero,  
 Cruel da dôr; sua nivea frente ingenua  
 Poisa no seio do gentil guerreiro,  
 E seus olhos do puro azul da esphera  
 Volve, de quando em quando, aos olhos negros  
 Do que a leva nos braços. Não afflicto,  
 Não é convulso o olhar, mas triste e languido:  
 Porém, se amor ou máguia lh'o embrandece,  
 Quem poderá saber?... Suas longas vestes  
 Alvas de neve, sua touca airosa  
 Como de christan virgem dedicada  
 Aos altares, parecem.—Mas na frente  
 Dos que a levam resplende a maura lua  
 No enroscado turbantel... Já do outeiro,  
 Onde o esplendido paço se divisa,  
 A costa sobem, á doirada grade  
 Se approximam... abriu-se per si mesma,  
 Como encantada que é, e os leões fulvos  
 A juba sacudindo, franca entrada  
 Ao guerreiro gentil e á bella deixam.  
 Mas quando os outros ao limiar vedado  
 Ousam de se affoitar, as portas fecham-se  
 Com terrivel fragor, os leões rugem,  
 E os corceis espantados, ericando  
 De horror as crinas, voltam, e sem freio,  
 Sem governo, com furia partem, vôam,  
 E em pulverosa nuvem desaparecem.

## XXI

Agora occulta mão tomou as rédeas  
 Do formoso ginete, e o leva ás fartas  
 Cavalharies, que reluzem de ouro,  
 E são mais ricas do que salas régias  
 Em paços de monarchas opulentos.  
 Agora, dando a mão á bella dama,  
 O cavalleiro sobe os degraus lucidos,  
 Escadas de diamantes que juncavam  
 Mais lindas flores do que a linda rosa,  
 Mais fragrantas que o oleo precioso  
 Dos vergeis do Thibet. Agora, entrando  
 Por galeria longa, taes prodigios,  
 Taes maravilhas que seus olhos viram,  
 Não ousarão meus versos descrevel-as.  
 Mas ao cabo, de solido carbunclo  
 Fechada porta jaz; lê-se em arabigo  
 No limiar da porta este letreiro:

AO REI SEM REINO  
 Á ESPÓSA SEM MARIDO  
 ABEN-AFAN! AQUI JAZ O TEU FADO:  
 PENSA! PENSA OUTRA VEZ ANTES DE ENTRARES.

Ferem os olhos do guerreiro as letras  
 Fatidicas; e a mão, que ora apertava  
 A delicada mão da linda dama,  
 Largou-a e frouxa cae: mudo e co'rosto  
 No chão, parece meditar profundo  
 Em penosas ideas concentrado.

## XXII

«Sim, resolvi,» clamou, e a mão da bella  
 De novo toma, ao coração a leva,  
 E «Resolvi!» clamou: «perca-se tudo...  
 Oh! tudo, tudo... e seja Branca minha!»  
 Abre-se a porta, e o joven par é dentro.



D. BRANCA — CANTO II «Frei Soeiro, emtanto, c'ô a tremenda em punho, Insta...

PAG. 275



## CANTO QUARTO

### I

FORRAVAM ricas sedas o aposento:  
No avelludado, persico tapete  
Brando desliza o pé; cassoulas de oiro  
Exhalam os arabicos perfumes,  
Em vasos transparentes de alabastro  
Vecejam raras, matizadas flores.  
Tibia luz, temperada para amantes,  
Frouxa allumia, e dá realce ao encanto  
De tam mago deleite que hi respira.  
Como um throno de amor jazia ao lado  
Fôfo sophá, que a placido repouso  
(Se não a doce agitação) convida.  
Entrava n'esta estancia o cavalleiro  
Com a formosa da na elle inflamado  
De quanto amor, quanto desejo accende  
O deus dos corações em jovens peitos;  
Ella... como levada de um feitiço  
A que não pôde resistir, não sabe.

### II

Convidava o sophá, insta a fadiga,  
E a bella reclinou-se — não deitada,  
Não assentada, mas n'essa indizível  
E dubia posição que toda é graças,  
Desalinho, requêbro, enlêvo d'olhos  
E talisman de lubricos suspiros.  
Oh! suspirar, suspira o cavalleiro,  
Que a seus pés jaz, que as niveas mãos lhe aperta,  
E que lh'as beija com ardentes labios,  
Por onde alma em delirio se evapora.  
Ella tambem... ella tambem suspira,  
E ros olhos azues alveja a lagrima  
Precursora do languido deliquio,  
Em que adormece a virginda le — e expira,  
Como expira innocent passarinho  
N'aza escondendo a languida cabeça.  
Dos olhos do mancebo luzilava  
O raio do prazer; vivas faiscas  
Saltavam a ateiar a chamma ardente  
No altar que ao sacrificio se prepara.

### III

Os vestidos da bella são grosseira  
Estamenna, e o tocado um só véo liso:  
Mas que diamantes, mas que telas de oiro  
Tranças tam lindas, corpo tam formoso  
Encobriram jámais! — Uma cruz pendia-lhe  
Entre o seio que trémulo palpita.  
Uma cruz!... oh sacrilega beldade,  
Não vejo eu reluzir moirisca lua  
No turbante que envolve a baça frente  
De teu cego amador?... Mas, ai fraqueza  
Fatal de nossos miseros sentidos,  
Que não vê mais que amor quem amor sente!

### IV

Não falavam os dois, não; as palavras  
Das linguagens dos homens são mesquinhas,

São pobres de expressões, quando alma inteira  
Rompe do coração e accode aos labios.  
Não falavam, mas diz tudo o silencio,  
Diz mais que as falas; mudos se percebem,  
Mudos se entendem, mudos se respondem,  
Nem tem mór eloquencia a natureza,  
Que a mudez, que o silencio dos amantes

### V

Porém rompeu-se alfin: uma voz doce,  
Langida como a frente da papoula  
Que pendia o ardor do sol, meiga e suave  
Como o sussurro da agra matutina  
Entre as flores de orvalho rociadas,  
Uma voz disse: «Oh! tem de mim piedade,  
Oh! de minha fraqueza não abuses  
Sei que te amo, conheço que impossivel  
Me é não te amar; mas meu amor é crime,  
Mas esta cruz...» E a cruz chegou aos labios,  
E os labios a beijal-a não ousaram.  
«Oh! se ao menos sequer tu a adoráras,  
Se convertido á fé, commigo eterna  
Penitencia fizesses d'este crime  
Que ambos, ai de mim! ambos commettemos...  
Ai! não poderá ser crime tamanho  
O que ganhasse uma alma como a tua  
Para a fé verdadeira.»

Um ai profundo

Do mais intimo peito lhe responde,  
E estas vozes o seguem:

—«Que disseste,

Oh! filha dos christãos, que me has proposto!  
Eu que tudo perdi para alcançar-te,  
Que abandonei por ti quanto homens prezam,  
Quanto por valioso tem o mundo!  
Inda exiges de mim mais sacrificios!  
Desertar do meu culto e meus altares,  
Renegar do meu Deus!

«Teu Deus é falso.»

—«Falso o meu Deus! E o teu é verdadeiro!  
Quantos deuses ha pois na natureza?  
Eu adoro o que fez este universo,  
O que nos ares suspendeu magnifico  
Esses orbes de luz que nos aclaram,  
Que provê, nas areias do deserto,  
De orvalho ao sequioso viandante,  
Que tanto accende o sol, derrama a chuva  
Para os cedros que se erguem sobre o Libano,  
Como para a rasteira, humilde grama  
Que vejeta nos planos arenosos;  
O Deus que me creou, que no teu rosto  
Pôs o traslado da belleza etherea...  
Este, este é o meu Deus: e falso é elle?»

### VI

Os theologos sabem mil respostas,  
Para sophismas taes; porém aos olhos  
Do ignorante são verdades puras  
Que sua pobre fé debil não ousa,  
Nem sabe combater: calou-se a bella,

Mas suspirou, e com profunda máguia,  
 Lhe pende o rosto sobre o nêveo seio,  
 E nas formosas mãos formoso o esconde.  
 As lagrimas que os olhos lhe arrasavam,  
 Por entre os roseos dedos deslisando,  
 A gotta e gotta cáem no regaço;  
 E debulhada em pranto assim parece  
 Alvo lirio do prado em cujo calix  
 Chorou a aurora ao despontar do dia.

## VII

—«Oh! como te amei eu? Como ha nascido  
 Este amor no meu seio? Separados  
 Por um abysmo, que entre nós cavaram  
 Todas do céu e terra as potestades,  
 Quem nos uniu assim, que força?...» — A minha.

Disse uma voz solemne e retumbante,  
 Que estremeceu nos tímidos ouvidos  
 Da donzella christan, como estremece  
 O som do bronze conductor da morte  
 Na orelha do pastor que o seu rebanho  
 Pasce longe do campo das batalhas,  
 E acorda ao estampido inesperado  
 Que os ecos das montanhas lhe repetem.  
 —Uniu-vos meu poder— a voz dizia:  
 A quem submissos os destinos cedem,  
 E obedece a propria natureza.

## VIII

Mais vivo aroma os vasos recenderam,  
 Animou-se nas flores côr mais bella,  
 E uma longinqua musica suave  
 Se ouviu com harmonias tam aéreas,  
 Tam doces e arrobadas de deleite,  
 Que aos dois amantes alma se estendia  
 A larga pelo peito de escutal-a  
 Approximou-se pouco e pouco a magica  
 Melodia uavissima: uma nuvem  
 Se condensou opaca no aposento;  
 A musica cessou, tudo é silencio,  
 Mas, breve estes sonoros hymnos se ouviram  
 Ao saudoso som de accordes harpas:

## I

I esabrocha, alva flor, linda murta,  
 Desabrocha que amor te bafeja:  
 Já tua folha lustrosa veceja,  
 Já vermelhos botões vêm a abrir.  
 Mas no loiro, onde o sangue negreja,  
 Salpicado dos golpes da espada,  
 Seque a folha, definhe esmirrada:  
 Foi a gloria vencida de amor.

## II

Filha, filha do sangue real,  
 Real é teu amante; não chores.  
 Rosa Branca, flor de Portugal,  
 Brilha, brilha do Algarve entre as flores.  
 Appressae-vos que o tempo não poisa,  
 Foge a vida nas azas do vento,  
 Chega a morte, descae fria loisa...  
 Tudo acaba no triste moimento

## III

Bem fadada, mal fadada,  
 O mancebo e a donzella!  
 Em que peze a Sanctiagio,  
 Sanctiagio de Compostella!

Fugir do dia aziago,  
 E do frade do condão,  
 E mais fugir dos orvalhos  
 Da noite de San João!  
 Que se quebra o encantamento  
 Ao pino da meia noite;  
 Ao cantar do gallo preto  
 Se acaba o contentamento.  
 Bem fadada, mal fadada,  
 O mancebo e a donzella,  
 Em que peze a Sanctiagio,  
 Sanctiagio de Compostella!

## IX

A's derradeiras notas d'este canto  
 Se adelgacava pouco e pouco a nuvem,  
 Té que rara de todo se dissolve,  
 E um resplendor de luz na estancia brilha,  
 Que mais que humana coisa se amostrava.  
 Alados genios e ligeiras fadas  
 Abrem cortejo em dansa compassada  
 A uma que parece alta rainha  
 De todo o imperio do ar. Tunica longa  
 De transparente azul-celeste envolve  
 Mal recatadas fôrmas, que revela  
 Em parte; e quanto ha bello no universo  
 É menos bello que essas magas fôrmas  
 Alvo de neve um cinto dá realce  
 Ao torneio do corpo e á côr da veste  
 Sua estatura mais que humana se ergue  
 Em gentil proporção; fôrma excessiva  
 Em beldades da terra, mas augmenta  
 O sobrenatural d'essa beldade  
 Que de mais altas regiões descende.  
 Flexivel, curta vara tem na dextra,  
 E um simples diadema d'aivas perlas  
 Lhe c'roa a frente. O rosto... oh! quem lh'o ha visto?  
 Nenhum olho mortal: um véo espesso,  
 Um véo que não ergueu mão de homem vivo,  
 Nem erguerá jámais, lhe cobre o rosto.

## X

Era Alina, a formosa fada Alina,  
 A rainha dos genios, e a senhora  
 D'esses paços magníficos.—N'um extasi  
 De pasmo e admiração era a donzella.  
 E a fada assim falou: —

—Tudo perdeste,  
 Filho de Agar... na terra tudo, tudo:  
 Mas se te basta amor, um céu te fica,  
 Desde o dia em que puz na tua escolha  
 As venturas de amor e as da fortuna,  
 Tua livre eleição tenho aguardado;  
 E fiel á promessa que te hei feito,  
 A cumprirei á risca. —*Rei do Algarve*,  
 —Te disse eu, quando a este meu palacio  
 Te conduziu o fado,—tu procura  
 A ventura na terra: eu t'a prometto;  
 Mas tem limite o meu poder na sorte;  
 E forçoso escolher. No orbe que habitas,  
 Felicidade inteira os fados negam.  
 Toma estes dois ramos encantados  
 Com magicas palavras, guarda-os sempre;  
 N'elles de teu futuro puz a sorte,  
 E ora t'os dou, e em tuas mãos a ponho.  
 De loiro é um, colhido á luz escassa  
 Do crepusculo pallido da noite  
 Co'a mão direita, e salpicado n'arvore  
 De sangue d'homem morto na batalha.  
 De murt'a é outro, ao pino da meia noite.  
 Em dia de San João ao luar colhido,  
 Roçado de orvalhos, de formosas



*Lgrimas de donzellas borrifado  
Tres vezes tres, com tres suspiros d'alma  
E cada uma das tres. Abotoados  
Ambos estão e em viço; mas as flores  
Só as veras desabrochar n'um d'elles,  
Quando no outro esmirrado e resequido  
Folha e botão cahir. Volve a estes paços  
Então, que o teu destino está cumprido,  
E o encanto quebrado. — « Assim t'o eu disse,  
Filho de Agar. Voltaste pois: os ramos  
Do teu fado onde estão? qual d'elles secco,  
Qual florido me trazes? »*

De seu peito  
Tira dois ramos o gentil mancebo,  
E c'um gesto de alegre sobresalto:  
— « Florece a murta, diz, e Branca é minha. »

## XI

A fada lhe tornou: « Florece a murta,  
Florece a murta, sim, e Branca é tua;  
Mas secca o loiro, e a tua gloria é extincta,  
O teu throno cahiu, cessou teu reino,  
A tua raça é proscripta, os teus altares  
Fulmina o raio. Vence um deus estranho,  
Vence o Deus dos christãos, e Allá succumbe. »  
Emmudeceu a fada; o rosto bello  
Do principe disti ge esmorecido  
Descorçoamento... após, vergonha o cora;  
E em variada sezão sua alma aneia.

## XII

Já na formosa e candida donzella,  
Que extatica esta scena contemplava,  
Os olhos crava, e todo o amor do peito  
Nessa vista se expande, se dilata,  
E a agitação do espirito lhe accalma.  
— « E pois que escolhi clamou, e toma  
A mão d'a virgem: « o meu fado é este,  
Esta a minha ventura, a minha glória.  
Oh! n'este coração reine eu sómente,  
E o throno dos Kalifas não invejo,  
Nem o sceptro d'Omar. N'aquelle peito  
Impere eu só, e o imperio do universo  
Disputem entre si os reis da terra. »

## XIII

« Reinas » solemne a fada lhe responde:  
« Reinas, imperas: Branca é tua, adora-te. »  
Eu no seu coração pus tua imagem,  
E a teus olhos rendi seu virgem peito  
No momento em que a viste. Branca é tua;  
E só a perderás, se hallucinado,  
Teu florecido ramo abandonares,  
E o deixares seccar. Então não pôde  
Guardar-t'a o meu poder. O encanto é este;  
E o encanto que eu fiz quebrar não posso. »

## XIV

E inclinando a princeza a mysteriosa  
Vara de seu poder, em tom suave  
De celeste doçura: « Filha » disse:  
« Filha do rei christão, este é teu paço:  
Eu vol-o cedo, a nantes venturosos.  
Nenhum olho mortal pôde este alcáçar  
D'ora ávante avistar, nem homem pôde  
Vivo na terra penetrar seus muros.  
De nada recees, gosae tranquillos  
As delicias de amor. O vosso minimo  
Desejo, no momento em que o formardes,  
Vereis cumprido: dae rédeas folgadas  
A' imaginação; riquezas, festas,  
Adornos e manjares—quanto encobrem

As entranhas da terra, quanto as aguas  
Têm no fundo dos mares sepultado,  
Tudo ante vós será no proprio instante  
Que o desejardes. Porém ai! se o ramo  
Da murta definhar... ail se o desejo  
Te pede vêr florido o secco loiro!  
Oh! ai de ti, filho de Agar: não pôde  
Valer-te o meu condão! » N'estas palavras  
Fez leve aceno co'a varinha, e subito  
A formosa visão desaparece.

## XV

Ficaram sós os Jois amantes. Cheia  
De espanto ainda e admiração, olhava  
Para o seu roubador a linda Branca  
Com os olhos onde toda se lhe pinta  
A confusão do espirito. — « Oh! explica-me  
Lhe disse alfin: « explica-me este enigma,  
Esta visão, e os mysteriosos ditos  
Da fada, e as prophcias que te ha feito  
De teu perdido reino. Por que modo  
Me conheceste, como—e este mysterio  
Por mais occulto o tenho—como pôde  
Assim meu coração ao teu render-se?  
Como entre nossas almas, que nascidas  
Foram para odiar-se e aborrecer-se,  
Tam doce amor travou tam fortes laços? »

## XVI

Ao dizer isto, os olhos derretia  
Da namorada virgem o deliquio  
De apaixonado amor: a mão de neve  
Sobre a querida mão posou do amado,  
Languidamente á face lhe pendia  
Para o seio agitado, e um suspiro  
Sussurrou desmaiado á flor dos labios:  
Como quando nas aguas crystallinas  
A viração da tarde brando encrespa  
A lisa superficie.—Não cabia  
No peito a Aben-Atan tam grossa enchente  
De delicia, de goso: accumulado  
No coração tanto prazer dobrava-lhe  
As pulsações incertas e appressadas.  
Da formosa christan tomou nas suas  
As delicadas mãos, e convulsivo  
Lh'as aperta; acres beijos as devoram,  
Vôam das n'ões ás faces... e das faces  
Descem—ao seio não, que a virgem bella  
Do lubrico desmaio acorda o peito,  
E ao atrevido moiro não consente  
O véo tenaz erguer d'esse fechado  
Sacratio do pudor e formosura.

## XVII

Cedeu o amante aos rogos da modestia:  
E é tam grato ceder quando a certeza  
Da victoria de perto nos acena!  
Cedeu! poucos momentos, que retardam  
O goso do prazer, mais vivo o tornam.

## XVIII

Contou-lhe então como perdido, um dia,  
Na caça, deparára co'estes paços  
Da fada Alina, e entrára, sem que ousassem  
Oppor-se-lhe os leões, que á porta os guardam.  
Que os jardins encantados admirrera,  
Vira o brilhante alcáçar, e admirando,  
Uma por uma, tantas maravilhas  
Longo tempo estivera, até que a fada  
Lhe appareçera tal como hoje a vira.  
E os dois mysticos ramos lhe entregára,  
Cnde encerrado estava o seu destino.

## XIX

— «Assim foi» continuou dizendo o moiro:  
«Assim fadada foi a minha sorte;  
E eu descuidado entrei, cheio de esp'ranças  
Pela vida que alegre se me abria  
Deante de mim, como horizonte puro  
Sem nuvens, sem negrume. Em breve ao throno  
Subi de meus passados; e o diadema  
Tam pesadol na frente descuidosa  
Não me avexava, que minha alma, livre  
De paixões, se espraiava toda ao largo  
Peló mar da existencia não picado  
Das tempestades que no peito humano  
Alevantam desejos, pensamentos,  
Cubiças, ambições — solturas d'alma  
Em que se não cravou fixa uma idéa.

## XX

— «E essa tinha eu constante: os meus fadados  
Ramos todos os dias contemplava,  
E verdes sempre, mas sem flor, os via.  
Começou a enfiar-me esta incerteza,  
Este vago tardar de meu destino,  
E solitario, só no meu retiro  
Dias, noites passei, luas inteiras,  
Suspirando sem causa de tristeza,  
Melancholico, e quasi aborrecido  
Da vida, que tão cheia de prazeres  
Se me antolhava, e que ora tam insípida  
Me appareceu. Travaram n'isto as guerras  
Entre os christãos e os meus: nossas fronteiras  
Pacíficas télli, entrou o Mestre  
De Sanctiago; e horrido theatro  
Se fizeram de guerra sanguinaria,  
Que não desafiámos. Sois vós outros,  
Portuguezes, imigos do descanso  
E delicias da paz, viveis no fogo  
Ardente das batalhas, como vive  
No fogo a salamandra. Acudi presto  
Ao reclamo da guerra; e o meu alfange,  
Sabem-n'os os teus se corta por arnezes  
De christãos cavalleiros. Duvidosa  
Vacillou a fortuna entre o estandarte  
Da roxa Cruz, e entre as doiradas l'uas.  
Dom Paio, que assolára nossos campos,  
Entrára nossas villas precedido  
Da victoria, parou sua marcha rapida,  
E tropeçou na estrada da conquista,  
Que tam facil e plana se lhe abria.

## XXI

— «C'ò exemplo de seu rei cobraram ânimo  
Os povos; e a antiga independencia  
O Algarve sustentou. De nossas terras  
Rechassado o inimigo, me occupava  
Em guarnecer as praças arruinadas,  
Outras edificar, e preparar-me  
Contra nova invasão, que eu certa a tinha  
De tam inquietos, buliçosos ânimos.

## XXII

— «Por estes tempos, minha mãe, que ha muito  
Separára de mim a crença extranha  
Que abraçou, e em que fôra já nascida  
Minha unica irman ...» «Christans são amba!»  
Branca alegre exclamou: «Tua mãe? que esp'rança!  
E uma irman tens? Oh! como será bella!

E como'a heide amar eu!»

Os olhos tristes  
Poz no chão o mancebo, e suspirando  
Funda tristeza do intimo do peito:  
— «Christan foi minha mãe ... Já não existe.  
E Oriana, minha irman, que eu amei tanto,  
Ai! tambem para mim é morta.»

«Morta!»

— «Sim, morreu para mim. . . morta é de todo.»

## XXIII

Pensativo ficou por longo tempo . . .  
E continuou depois—«Fatal me ha sido  
Sempre a tua lei. Desgostos, malquerenças,  
Disseções entre os meus semeou funestas,  
E abalou as ruínas já pendentes  
D'este resto de imperio que em má hora  
Herdei de meus passados. Convertida  
A' fé de Christo minha mãe que eu tanto  
Adorava. . . oh! deixou-me aqui n'esta alma  
Dúvidas . . . Ail que duviar é o grande  
Atormentar da vida. Presentidos  
Meus vassallos da fé que vacillava  
Em meu animo, froixo esmorecia  
O amor n'elles. Pelejar constante  
É a nossa existencia n'esta terra  
De Hespanha, desque a teuda aqui plantámos  
Os filhos do deserto. Espada e lança,  
Se as poisármos um lia, é a nossa morte.  
E os meus, remissos na perpétua lida  
Cançavam já. Desceu á sepultura  
Minha mãe; e riana, que em segredo  
Sua lei guardava, um dia de má estreia,  
Vil servo a denunciou á plebe irada.  
Amotinaram-se, e a meu proprio alcáçar  
Vieram insultar-me, a mim e a ella . . .  
E chegaram, de ousados, os infames  
A cuspir na memoria venerada  
De minha mãe!—A afronta foi lavada  
Com os rios de sangue que correram...

## XXIV

«Mas o sangue era meu, e costumado  
A verter-se por mim na ardua defeza  
Do mal seguro reino. . . Eu combatido  
De remorsos, tristeza e desalento,  
Me encerrei dias, mezes, só, entregue  
A um vago, melancholico desejo  
De pôr termo a esta vida amargurada.  
Oriana por vezes fez rogar-me  
Que a ouvisse, que a attendesse. Não quiz vê-la,  
Nem ella nem ninguem. E a desgraçada,  
Vendo-se a causa de pezar tamanho,  
Resolveu de fugir. Poucas palavras  
Escriptas me deixou . . . muitas as lagrimas  
Que sobre ellas chorou. Era já tarde.  
Quando o sube, corri por toda a parte,  
Alvorotei castellos e cidades,  
Devassei as fronteiras portuguezas,  
Montes, valles andei. . . foi tudo embalde.  
A algum mosteiro vosso, em terras longes,  
Pôde chegar porcerto. Eu despeitado  
Jurei então a Deus e ao seu propheta,  
Jurei . . . Como cumpri meu juramento!  
Guerra eterna, odio eterno aos do Evangelho  
Que tudo me roubavam. Minhas armas  
Jurei não despir mais, nem tirar freio  
A meus cavallos, nem dormir a abrigo  
De telha em povoado. —E longo tempo  
Este foi meu viver: vida de cholera,  
De agitado despeito! . . . que em meu sangue,  
Que no meu coração outra não tinha.»

## CANTO QUINTO

### I

D'ONDE virá que, em nós prendendo a vida  
A outra vida, sentimos dentro d'alma  
A precisão forçosa de contarmos  
O que foi atelli nossa existência?  
De lhe dizer quam mal perdida e gasta  
Longe d'ella .. sem ella a consumimos?  
Não lo sei: mas que o digam quantos amam,  
Digam se não é assim quantos amaram.

### II

E Branca devorava essas palavras  
Em que o moiro sua vida lhe contava;  
Devorava-as com ancia deliciosa:  
Que é divino prazer — se não vêm zelos  
Cravar seu ferro na querida historia,  
E celeste prazer ouvir con'al-a.  
Gosa tu, bella infante, ouve e não temas;  
Esse homem nunca amou, e toda inteira  
A virgindade de sua alma é tua.

### III

Aben-Afan, tomando nas mãos ambas  
As da princeza, assim continuava  
Sua apaixonada historia. — «Quem, oh Branca,  
Quem me diria então, quando o meu peito  
Todo em sanha e furor de guerra ardia,  
Que tam breve mudado o meu destino,  
E eu tam outro ia ser, todo eu? escuta,  
Uma noite quebrado de fadiga  
Adormeci: era ventosa a noite  
De outomno; e as folhas séccas que cahiam  
Sobre a tenda em que estava, o silvo agudo  
Dos despregados ventos me embalavam  
N'um somno mal tranquillo; mas pesado  
De quebramento e lassidão. Dormia,  
Dormia eu, mas escutava o ruído  
Dos furacões e o som da tempestade:  
De meus sentidos todos só deserto  
O ouvido, que velava, os reflectia  
N'alma como rugir de brutas feras,  
Sibilos de dragões, uivos de tigres,  
Canticos de demonios malfazejos,  
De genios maus, — descompassadas vozes  
De mortos resurgidos n'hora aziaga,  
E em banquete de horror sobre um sepulchro  
Embragando-se em sangue de parentes,  
De amigos... talvez filhos, que no berço  
Deixaram quando a morte os tomou subito !

### IV

—O coração no peito comprimido  
Me anceava afflicto, e o sangue accumulado  
Sobre elle, me pesava como a barra

Do ferro sobre o peito ao criminoso.  
Não era sonho este, era um estado  
Indefinivel; mas não durou muito,  
Nem, a durar, lhe resistira a vida.  
Senti coar-me um balsemo suave  
Pelas veias, e o sangue dilatar-se  
Brandamente por ellas: solto e livre  
O coração bateu: e a phantasia  
Se descobriu da cerração medonha  
Que a ennegrecia — Leves, leves fórmas  
Diaphanas, ligeiras como os ares,  
Me giravam n'um quadro transparente  
De incerta côr, mas bello, mas tam mago.  
Tam delicioso como fresca aurora  
Ror estiva manhan. Vagas e frouxas  
As fórmas eram, logo mais sensiveis  
Se revelaram, pouco e pouco augmentam,  
E um paraizo, um céu d'ante mim era.

### V

—«Oh! como descrever-t'o! Um céu de glória,  
Um transparente azul, de estrellas bellas  
Marchetado — mil anjos de azas brancas  
De stella em stella alegres revoavam,  
Lirios de alvura cançida espalhando  
Pelo ar embalsemado de fr-grancia.  
Uma virgem, trajando roupas simples  
Que em pureza e candura resplendiam,  
Uma virgem no meio d'este encanto  
Apparecer a vi como a rainha  
D'esse paraizo, como a divindade  
A quem os anjos todos se humilhavam,  
E sobre quem seus lirios e boninas  
Com amor jubilosos desparziam.

### VI

—«Sentia-me arrobar-se-me a existencia,  
E o coração voar me, como os anjos,  
Para a celeste virgem. De seu peito  
Uma Cruz resplendente lhe pendia,  
E essa Cruz — essa Cruz, como inimigo  
Talisman, afastava da donzella  
Meu coração que embalde forcejava  
De approximar-se a tanta formosura.  
Ella, a virgem, uns olhos compassivos  
Punha em mim, e um sorriso parecia  
De seus divinos labios consolar-me,  
E ao coração, que já desanimava,  
Alentá-lo d'esperanças — Mas a força  
Do talisman vencia, a Cruz terrivel  
Dardejava faiscas rutilantes,  
Como a espada de fogo que fulmina  
Nas mãos do guardador do Eden defeso.

### VII

—«Eu suspirava, a angustia me opprimia,  
E co'esta agitação se dissiparam  
A celeste visão, o sonho. Acôrdo,

1 Allusão aos vampiros. Veja-se nota a este verso, no fim

Acórdo, mas metade da existência  
 Não acordou em mim; ficou no sonho  
 A maxima porção da minha vida;  
 Ficou-me o coração após da virgem  
 Correndo embalde. *Embalde*, exclamo, *embalde*...  
*E não mais a verei, nunca mais... nunca!*

## VIII

—«Apenas a arraiada tenue vinha  
 Alvorecendo então no roxo Oriente;  
 Secreta inspiração — não sei quê d'alma  
 Que sente sem a ajuda dos sentidos,  
 E parece no intimo do homem  
 Ser coisa alheia ou mais que a humanidade,  
 Me fez pensar nos encantados ramos.  
 Brilhou-me d'ante os olhos a esperança,  
 Como um clarão de vida: corro a elles,  
 Observo-os... oh! no loiro resequidas  
 Se esmurravam as folhas, — mas na murta  
 Os botões, como perolas do Oriente  
 Em tranças de screias alvejavam;  
 E já n'alguns leve signal de abrirem  
 Se divisava: — como em curvas praias  
 Ao subir da maré pintadas conchas  
 A medo o rico esmalte descobrindo.

## IX

—«De alegria, de jubilo insensato,  
 O arraial despertei; tendas se levam,  
 Ordens á pressa dou, a Silves torno.  
 Quebro, esqueço o tremendo juramento  
 Que inda há pouco fizera tam solemne,  
 É só no meu alcaçar longo tempo  
 Medito, e mil projectos desvaireados,  
 A qual mais vago, a qual mais louco, formo  
 Sobre o meu sonho, os ramos e o destino,  
 Que Alina me fadára tam ditoso.

## X

—«De lidar em lidar, enfim um dia,  
 Levado assim de impulso repentino,  
 Deixo a cidade só, e confiando  
 Á minha estrella o dirigir-me os passos,  
 Redaas sóto ao cavallo, e sigo a estrada  
 Que elle de si tomou. Certo caminho  
 Foi das fronteiras, correu noite e dia  
 As margens do Guadiana, e pelas terras  
 Da Andaluzia entrou; a Estremadura  
 Castellhana atravessa, e porfim chega  
 A um valle formosissimo, assombrado  
 De enzinhas altas; era já na Beira,  
 No coração da Beira portugueza;  
 Ah! parou. O sol no extremo occaso  
 Como n'um mar de luzes se affogava,  
 Mas no resto do céu já raras trevas  
 A estender-se começari: voz e esporas  
 Emprego... não se move o corcél, fixo  
 No solo qual se fóra bronzea estátua  
 Em pedestal de marmore cravada.  
 Longo tempo insisti: cerrada a noite  
 Era já, desmontei; e n'um rochedo  
 Vizinho me assentei. Ah! na mente  
 A extranhez da aventura e do meu fado  
 Entre mil pensamentos resolvia.

## XI

—«Aquelle sitio... O sitio inda hoje o viste;  
 É aquelle escuro monte, agudo e negro

D'onde um phanal nas trevas reluzia...»  
 «Oh! bem m'o disse o coração presago!  
 Branca lhe torna: «A luz que alli brilhava  
 Era tua? era a luz que estes meus olhos  
 Havia de cegar!... E o corcél negro  
 E o cavalleiro que por nós passava  
 Em mysterio e terror?»

—«Eu era, Branca.  
 «E tu por mim brasdaste: Real, Real?»  
 —«Por quem senão por ti? Pressagio disse  
 Teu coração, e ainda m'o perguntas?»

## XII

Aqui a narração se interrompia  
 Com esse interromper de namorados,  
 Que são beijos e beijos, longos, longos,  
 Prolixos, quaes os dá, a quem bem conta  
 Suas historias, fascinada ouvinte.  
 —«Se eu soubesse contar como o meu moiro!  
 Quê!... Voltemos a elle e á sua historia,  
 Como elle ia contando.

«Acaba» disse  
 Branca enfim: «estavas assentado...»  
 —«Estava, sim. Aben-Afan prosegue:  
 «No rochedo, pensando em meu destino,  
 Quanto uma luz bruxuleando escassa  
 Por entre os ramos de viçoso olmedo  
 Não longe descobri. Certo que humana  
 Habitação será... Approximei-me  
 Na intenção de pedir por essa noite  
 Gasalando, aguardar o desencanto  
 Do meu corcél, ou em diversos trajes,  
 Que a péso d'ouro e joias hi comprasse,  
 Apé seguir a incerta romaria  
 De meu peregrinar mysterioso.

## XIII

—«Chego; pequena ermida solitaria  
 Estava entre o arvoredado: a luz sahia  
 Pelas fígas da porta mal fechada.  
 Entrei; um santo horror de meus sentidos  
 Se apoderou: — forravam toda a estancia  
 Ossos de homem, caveiras — brancas umas  
 Do tempo, outras ainda mal cubertas  
 A pedaços de pelle resequida,  
 De eriçados cabellos. Uma tumba  
 Negra jazia ao lado, e uma cruz tosca  
 No chão cravada: d'essa cruz pendia  
 Lampada que a luz funebre desparze  
 N'estes objectos funebres.

## XIV

—«Absorto  
 Contemplava terrível monumento  
 Dos triumphos da morte, quando um fraco  
 Som quasi extincto ouvi de voz cerrada  
 Vi. er: — *Filho das trevas, tu procura-te  
 A claridade; achal-a-has; mas guarda-te:  
 Abraça a luz a miúdo.*

—«Quem me fala?  
 Tornei eu, quem aqui n'esta gelada  
 Habitação de mortos me conhece?  
 — Um que é já no limiar da eternidade,  
 Um moribundo. Segue o teu destino,  
 Aben-Afan: outr'ora obedeciam-me  
 Os espiritos do ár, e poderia  
 Mostrar-t'o... mas é tarde; sinto a hora  
 Derradeira soar-me... expiro... fecha-me  
 Os olhos... veste o meu burel... e segue



D. BRANCA — CANTO III

«E essa beldade...  
Que d'arção levi e, que su tem nos braços?»

PAG. 280



*Avante... em Portugal... é perto... A morte*  
O colheu; roucos sons balbuciou inda,  
E n'um arranco lhe fugiu a vida.

## XV

—«Combatido de varios pensamentos  
Passei a noite junto do cadaver  
Mas alfim decidido e resoluto  
A correr todo o meu destino ás cegas:  
*Accete se o legado*, disse eu, *vista-se*  
*O burel do sanhão*, *e avante á sortel*  
C'o primeiro crepusculo da aurora  
Já, em vez de turbante, me cubria  
Capuz agudo a frente. Um nome escripto  
Entre as prégas do saio achei... Que espanto!  
Hugo, o nome fatal do nazareno  
Que em nossas terras disfarçado entrára,  
Que o respeitado alcaçar devassando  
De meus antepassados, a discórdia  
Semeára entre os meus! Se era elle o morto?...  
Se estava em meu destino que em seus trajos  
Disfarçado eu agora, penetrasse  
Pelo mais recatado, o mais zelado  
Dos christãos?... Sortel — A sorte e á ventura!

## XVI

—«Sahi da ermida e a caminhar me deito.  
De noite o meu corcel desaparecêra:  
E eu, sem saber de estrada, sem vereda  
Seguia mais que a do acaso, fui andando,  
Andando, até que junto de um mosteiro  
Grandioso e de fabrica soberba  
Me achei. Que sons divinos que sahiam  
De seus muros! Era um cantar celeste,  
Vozes tam doces, como vozes de anjos  
No alto das montanhas celebrando  
As grandezas de Alláh. — Todo enlevado  
No mago encantamento d'essas vozes,  
Do templo estive á porta: franqueál-a  
Não ousava... e a vontade m'o pedia,  
Mas retinham-me escrúpulos. Ao cabo  
Disse eu: Que importam nomes? Deus é o mesmo:  
Christo <sup>2</sup> e Mahomet foram prophetas,  
Mas Deus é o mesmo Deus. — Entrei na egreja.

## XVII

—«Era um còro de candidas donzellas,  
Que alternadas o cantico solemne  
Entoavam. Sentia-me eu tomado  
Da religiosa e santa majestade  
Que enchia o templo. Os olhos repousava  
Com prazer innocente n'essas virgens  
Que por Deus renunciaram a prazeres,  
A delicias da terra, quando subito  
Lá no fundo do templo a porta se abre  
E uma virgem entrou: seu ár, seu gesto  
A mostrava entre as outras a primeira,  
E entre ellas parecia tão brilhante,  
Como em capella de jasmims a rosa,  
Ou como o lírio n'hástea debruçada  
Sobre o campo arrelvado de violetas.

1 Veja nota a este verso, no fim.

2 E disse rreer de um mahometan.

## XVIII

«Deu-me rebate o coração no peito:  
Era essa imagem a que eu vira em sonhos,  
Essa, essa propria; a mesma Cruz brilhava  
Em seu peito... Perdi razão, sentidos,  
N'um extasi de gôso indefinível  
Cahi como em deliquio — Longo espaço  
Devia de durar, que só no tempo  
Acordando me achei: findara toda  
A cerimonia, e as virgens retiraram-se.  
Sahi então, e soube que o convento  
Era Lorrvão, e... »

«Tu» interrompendo-o,  
Branca lhe diz: «tu eras o eremita  
Que em nossa egreja uma manhan entrava  
E que tam enlevado parecia  
Na oração?»

—«Era eu mesmo.

«Oh Deus! e eu propria  
Com quanta devoção te contemplava!  
Tam joven, eu dizia, e tam deixado  
Do mundo já?... Mas tu o ermitão eras?»

## XIX

—«Eu sim, que extasiado em teu semblante  
Ahi perdi o coração e a vida;  
Ahi n'esse momento se cumpriram  
Os meus destinos todos. O fadado  
Kamo consulto: florescia o myrto.  
Céus! clamei, é quebrado o meu encanto!  
Mas que fazer! A noite veio: a um proximo  
Olival me levára incerto passo,  
E na solidão, minha alma se entranhava  
Em pensamentos vagos, em projectos  
Mais vagos... Um corcel vejo pascendo  
Embridado, e moirisca sella tinha;  
Era o meu fiel Adir; chamei-o, corre  
A mim alegre, estende-se abeixando  
O alto costado, como convidando-me  
A montá-lo. — Hesitei... mas dirigido  
Por occulto poder não é meu fado?  
Montei, partimos; trouxe-me a estes paços.  
Não vi Alina, mas teu nome o sitio  
Onde te encontraria em teu caminho  
Para Castella, como libertar-te  
De teus brutaes dervizes deveria,  
Tudo li n'uma tarja transparente  
De jasper em letras de ouro. Outra vez parto  
C'os mais fieis dos meus, fui emboscar-me  
Detraz d'esse escarpado, negro monte  
Onde o morto ermitão tinha encontrado,  
Onde viste o phanal, que era a atalaia  
Para os meus que dispersos rodeavam  
Os caminhos de emtorno. Alli me viste:  
E d'alli, passo a passo, te seguimos  
Sem dar alarme aos teus — Subes o resto;  
I: já teu coração me ha perdoado,  
Branca... Pois quê? não perdoaste? Dize.»

## XX

Os braços da donzella se enlaçaram,  
Como um festão de candidas boninas,  
Emtorno ao collo do gentil mancebo.  
— O propheta, se a vira n'esse instante,  
Emendára o Koran, e não vedára  
A um anjo tal do paraizo a entrada.

## CANTO SEXTO

### I

Toca o sino a completas, era noite  
Em Cacella: seu branco sobrevestem  
Manto co'a roxa Cruz sobre a armadura  
Reluzente, e ao côro se encaminham  
De Sanctiagô os nobres cavalleiros.  
As espadas, terror do mauro Algarve,  
Depoem junto do altar, e vão devotos  
Ante o Deus dos exercitos prostrar-se  
Em humilde oração. Ha poucas horas  
Guerreiros na batalha, agora simplices,  
Silenciosos, austeros cenobitas  
Rezam em côro—âmanhan, quem sabe?  
Correrão aventuras namoradas,  
E nos braços da languida beldade  
Cumprirão o terceiro mandamento  
Da muito nobre e respeitavel ordem  
Da andante, singular cavallaria.

### II

Oh! quem vê hoje na ponteada casa  
De aperaltada, esguia casaquinha  
Brilhar a mesma Cruz, symbolo d'honra,  
De patriotismo e gloria, que pendêra  
O aureo collar em peitos de aço duro,  
Peitos que sem pavor por entre selvas  
De lanças, de azagaias se arrojavam;  
Quem as vê hoje, a Cruz santa de Christo,  
Pendão de gloria que guiou no Oriente  
Castro, Albuquerque e Vasco— a roxa Espada  
De Sanctiagô que arvorou as Quinas  
Nos castellos do Algarve—penduradas  
Pelas librés da infamia e de injusticia...  
Quem de sua nobre origem cogitando,  
Ousará de dizer: «São cavalleiros,  
São portugueses cavalleiros esses?»

### III

Tremulava a bandeira de Sanctiagô  
Nos muros de Cacella, que vencida  
Aos fortes cavalleiros se rendêra.  
Mas Tavira resistiu: fatigados  
Os de Christo e Mahomet formaram tréguas,  
E da guerra continua repousavam.  
Já gran'parte do Algarve succumbira  
A's armas de dom Paio e dos seus freires,  
Depois que Aben-Afian de seus alcaçar,  
—Sem se saber adonde—se ausentára.

### IV

Tavira a forte, Silves a maritima,  
Firmes porém sustentam porfiosas  
Ao moiro rei a vacillante c'roa.  
As principaes então, e as mais famosas  
Em valor e riquezas essas eram  
Por todo o áquem dos áridos Algarves.

### V

Findára o côro: a hora do repasto  
Num fresco eirado, á lua, passeando,  
Os cenobitas campeões aguardam.  
De batalhas e cêrcos falam velhos,  
Das justas e torneios do bom tempo  
Que foi; moços de amor e caçadas,  
De aventuras, e coisas que mais prazem  
A' idade em que veceja a flor da vida,  
E fôlga o coração no peito á larga.

### VI

Era assumpto entre os jovens mais querido  
Esse prazer de reis, essa arte nobre  
Que Altanaria chamam. guerra propria  
De ave com ave: não este covarde  
Jogar da bêsta, do arcabuz, do arco  
Para indefeso surpreender no ramo,  
No descuidado vôo o passarinho.

### VII

—Sabeis» disse dom Alvaro «senhores,  
Que os meus falcões, por certo os mais manhosos  
D'el-rei de l eão não têm que vêr com elles.  
Pena é que em terras nossas não ha caça  
Com que enterter o tempo d'estas tréguas,  
Senão vereis.

—«Gran'desejo tenho  
De o vêr» Nem do valle respondia:  
Que as minhas aves atégora as creiu,  
Em que pêze a dom Alvaro; as melhores  
Que hei visto em vida minha. Mas, senhores,  
Coisa vos direi eu que vos agrade,  
Pois cavalleiros sois: p'rigoso é o caso,  
Mas de gôsto será. Sabei que em Antas  
E' a caça melhor de todo o Algarve:  
Mister é de passarmos por Tavira;  
Mas em paz, como estamos, de impedir-nos  
Não ousarão os moiros: e se ousassem...  
—lanto melhor, que sua perda fôra»  
Volvem á uma os jovens cavalleiros:  
—«Vamos, e âmanhan já.»

Foram-se ao mestre,  
E do que hão concertado lhe dão parte.

### VIII

Com prudencia dom Paio e bom aviso  
Lhes ponderou da emprêsa os contratempos:  
Quanto ciosos eram de suas terras,  
E mulheres os moiros. —«Nem por isso»  
Accrescentou sorrindo o grave Paio:  
«Lhes quero eu mal, que ha hi formosas damas,  
E a vêr taes cavalleiros costumadas  
Não estão ellas.» Rindo agradeceram  
O cumprimento ao Mestre; e pois lhe dava  
Cuidado a sua idea, prometiam



Irem de paz e guerra bem armados  
Para quanto cumprisse... que era excesso  
De prudencia, diziam. Atraver-se  
Com seis de Sanctiago, os pobres moiros  
Do Algarve!... quem havia de pensá-ol

## IX

Mas grave e pensativo lhes tornava  
Dom Paio: — «Não é bom folgar, mancebos,  
Co'as agonias ultimas de um povo.  
No derradeiro apêrito, muitas vezes,  
Affoga o que zombou de o vêr prostrado,  
Tréguas temos c'os moiros: mas o povo,  
Descontente de vêr seu rei sumido  
No alcaçar de Silves, descuidando  
Reino, vassallos e a familia propria,  
Que a irman se fez christan... e é fama entre elle  
Que lh'a roubámos nós — o povo em bandos  
Anda á solta, sem lei por essas terras.  
Tomae tento; que a plebe enfurecida  
De guerra leal estylos não conhece  
Nem os cata a ninguém.»

Tudo prometterem  
Os jovens a seu Mestre: e pressurosos  
Assim no alvor do dia se partiram  
Com suas aves e armas, cavalgando  
Em andaluzes, relinchoes ginetes.

## X

Seis eram os mancebos; e tam guapos,  
Tam gentis cavalleiros não vestiram  
Nunca em terras de Hespanha arnez de guerra.  
C'o denodo e despejo d'essa idade,  
Em que os perigos são delicia e brinco,  
Caminho vão direitos de Tavira;  
A ponte passam a veloz galope,  
E ás frescas margens da ribeira placida,  
Onde Antas jaz, alegres começavam  
Suas aves a soltar, seguir-lhe os vóos,  
E a enterter-se em folguedos innocentes,  
Disputas joviaes, e outros singelos  
Passatempos de alegre confiança.

## XI

Mas o diabo, que jámais não dorme  
Quando vê gente moca em bom caminho,  
É que não pára sem fazer das suas,  
E os metter em camizas de onze varas,  
O diabo se deu aos diabos todos  
De vêr seis rapazes tão bem postos,  
Tam galhardos e bellos, de sua regra  
Cumpridores fieis, e mais honestos  
Que o mais honesto monge da Thebaida,

## XII

Ora, sabido é que o tal amigo  
Lucifer, Belzebut, Satanaz, diabo,  
Demonio, ou como quer que é sua graça,  
Na minha terra as beatas o designam  
C'o extravrgante nome de *Baetas*;  
Nome a que nunca pude achar o furo  
Da ethymologia; e desafio  
O carmelita auctor do Dictionario  
Que traduziu — triztriz — pratos quebrados,  
Dêsse taniinhas voltas ao miolo  
Como as que eu dei para encontrar com elle.  
— O diabo pois, que emfim este é seu nome,  
Tanto fez, que até santos de Thebaida

Com suas tentações voltou do avêço,  
E se metteu sem medo á queima-roupa  
Com cilícios, jejuns e agua benta.  
Como lhe havemos de escapar nós outros,  
Pobres e miseraveis peccadores!

## XIII

E como pôde entrar este inimigo  
Jurado da adamitica progenie  
Os austeros limites da l'hebaida?  
— Com môças: môças são coisa do diabo,  
Se é que o diabo não são ellas mesmas.  
Que em quanto para mim, Deus me perdõe,  
Por taes as tenho, ás tentações malignas,  
Que sinto cá por dentro quando as vejo,  
E me dão taes vontades... Abrenuncio!  
O diabo ellas são, ou ellas d'elle.

## XIV

Pois o pae da malicia, que bem sabe  
O poder de taes armas perigosas,  
Assentou de apanhar n'uma das suas  
Os jovens caçadores: vae, e enfia-se  
— Que é mestre n'isso, e não lhe custa nada  
Estender-se, agachar-se, encarquilhar-se,  
Acaçapar-se curto e pequenino  
Como um mosquito, ao alto alevantar-se  
Como a Torre dos Clerigos — enfia-se  
No papo de um falcão dos da caçada,  
E o falcão que ficou, como lá dizem,  
C'o diabo no corpo, larga o paio,  
E desanda a voar por esses ares.  
Vôou, vôou até que estacou quem longe.  
E se pôs a pairar como mui mira  
A caça, e a fita bem para empolgal-a.

## XV

Acertou que o falcão dos dois gabados  
De dom Alvaro era. — «Estranho vôo»  
Mem do Valle lhe disse: «é o da vossa ave:  
Nunca vi um falcão voar d'essa arte.  
— Crêde, senhor» dom Alvaro lhe torna:  
Que, é fina caça a que elle para agora,  
E até não ha ahi ave em toda Hespanha  
Que tal a avente, e tanta.  
— «Ir-lhe-hei no encalce,  
Volve o outro. — Ide embora, porém crêde-me,  
Que a mim sómente e não a outra, a entrega.»

## XVI

Mem do Valle picou, e por um trilho  
Agreste e rudo, entre árvores e mato  
Mette o corcel fragueiro, e costumado  
A mais agros caminhos — Já chegava  
A um valle estreito, que em redor fechavam  
Ingremes, escarpadas serranias  
Tam aridas, tam sêccas e escalvadas,  
Quanto era amena, vecejante e bella  
A varzea que á abrigada lhes ficava.

## XVII

Um arroio sinuoso corta o valle  
Depenhado do cume alto da serra  
Com ruido, em cataracta picturesca,

Onde em brilhantes prismas concentrando  
 O matutino sol seus raios puros,  
 Ah! nas côres d'Iris se extremava.  
 A relva de boninas esmaltada  
 Amorosos perfumes recendia;  
 E áquem, além festões de verdes balsas  
 Prendiam com seus ramos enlaçados,  
 A's viçosas figueiras. Ramilhetes  
 De murta em flor brotavam pelo prado,  
 E na doirada areia da ribeira  
 Viçava o tenro, dobradiço arbusto  
 Que em nossas praias semeiou de perlas  
 Para enlêvo da infancia a natureza.  
 Oh! idade feliz em que as eu via,  
 As alvas camarinhas resplendendo  
 No límpido ceirão, e as cubicava  
 Essas perlas mais finas a meus olhos  
 Do que as da bella egypcia mal pudica!

## XVIII

Sôbre este ameno, delicioso valle  
 Paira a prumo o falcão: mas extasiado  
 Co'as bellezas do sitio, o cavalleiro.  
 Na maravilha que lhe encanta os olhos  
 Pensava só, nem ao falcão já attende.  
 Quando subito a ave—qual se vira  
 Saltar lebre fugaz de espessa moita—  
 Desce veloz, e atrás de arvores densas  
 A' vista se escondeu, desaparecc.  
 Vel-á baixar, e correr prompto ao poiso  
 Que lh'a occultava—foi um só momento,

## XIX

Facil era a entrada da espessura  
 Por um lado onde as arvores falecem.  
 Entra, e a caça que viu... Tenteio embalde  
 As cordas do romantico alahude  
 Que os genios das montanhas me afinaram  
 Para os singelos sons desalinados  
 De meu simples cantar; falham-me as notas,  
 Desafina a canção. Que verso pôde  
 Descrever os segredos da floresta  
 Do Almargem! onde encantos estupendos,  
 Nocturnas festas celebrar se não visto  
 A's fadas e aos espiritos da noite!...

## XX

Alli... alli jámais pé de homem vivo  
 Depois do pôr de sol entrar não ousa;  
 E só do alto da serra o pegureiro  
 Viu luzinhas—signal certo de bruxas—  
 A surdir e a esconder-se a um lado e outro,  
 Saltando como estrellas namoradas  
 Que via o grego antojador de favas  
 Ao brando som de harmonicas esferas  
 Bailar no azul do céu as tripecinhas...  
 Ou perdido viandante arripiado  
 De medo. ouviu confusas gargalhadas,  
 Estranhos cantos e gemidos funebres!

## CANTO SETIMO

### I

Aqui do engenho, aqui da arte sublime  
Do teu cantor, Angelica formosa!  
Aqui d'aquelles versos descuidados,  
D'aquelle donairoso seu capricho  
Que damas bellas, monges impotentes,  
Andantes cavalleiros e duendes,  
Fadas e malandrins encantadores,  
Tudo enreda na vaga, solta dansa  
De seus divinos feiticeiros cantos.  
Oh! quem podéra, quem soubera agora  
Tecer, com elle, o enrevezado fio  
D'essas lindas mentiras que enleivavam  
A curteza bestial de um nobre duque!  
Pérolas ... e que pérolas! deitaste,  
Meu pobre Ariosto, ao coroado cerdo,

### II

Mas não. Livre de mais, lascivo é o canto  
Que as venturas nos conta do Medoro  
E os furores de Orlando. Eu, pudibundo,  
Austero vate, psalmejar só quero  
Em côro de donzellas innocentes,  
E accender minha lampada na lampada  
Das virgens sábias que poupar souberam  
Para a vinda do espôso o santo azeite.  
Simples é meu canto, meu canto singelo,  
Dar-me-hão as mamans a lér ás filhas.<sup>1</sup>

### III

Jaz sobre a relva, á deleitosa sombra  
Do espesso arvoredado adormecida  
Joven beldade.—Se anjos, divagando  
Acaso pela terra, adormeceram  
Algum ora em recinto delicioso  
Que lhes fez recordar do Eden os bosques,  
Seu formoso dormir como este fóra.

### IV

Alva, ligeira tunica apertava  
Pelo meio do corpo delicado  
Cinta de verde côr; doiradas tranças,  
Sem mais ornato que o gracioso ondado  
De seus proprios anneis, se debruçavam  
Por hombros, em que a força do alvo quebra  
Ligeira côr de desbotada rosa.  
Seus olhos! ... com as palpebras escuras  
Fechado tem o somno esse thesouro  
De brilho e de innocencia. Mas nos labios  
A innocencia sorri. A um lado jaz-lhe  
Pequeno livro. O atonito guerreiro  
No rapto dos sentidos alheados  
Longo tempo ficou absorto, mudo,  
Como a quem maravilha tem cortado  
Com a razão metade da existencia.

<sup>1</sup> La mère en premettra la lecture à sa fille.

### V

Que livro será este? Abre, e redobra  
Seu pasmo: de orações e rezas santas  
Era um livro christão, inluminado  
Das vivas côres, do oiro reluzente  
Com que a arte byzantina debuxava  
No bento pergaminho essas imagens  
Sem vida, sem acção, e que resplendem  
De um brilho, de um matiz que é o desespero  
Do moderno pintar.—Mas esse livro  
Aqui, mas essa dama tão formosa  
Que o lia na soidão d'esse deserto...  
Mas tudo isto. . . é mysterio incomprehensivel.

### VI

E o agnusdei que pende ao lindo collo  
Da bella, e c'o sereno movimento  
Do seio brandamente se agita?  
Não ha que duvidar: é christan virgem  
E em terras de moiros!—Oh! roubada  
Foi de certo; e a seus barbaros deleites,  
Seus infames prazeres a reservam  
N'algum castello proximo.—Sem duvida.

### VII

Mas como n'este sitio adormecida?  
Baldam ahi de todo as conjecturas.  
Fugiu talvez... acaso communica  
Os bosques ahi com parte mais escusa  
Do parque, ou cêrca de moiricos paços,  
Onde escrava a retém... Christan é ella.  
E eu christão cavalleiro, que hei jurado  
De defender a fé e a formosura,  
Devo... o quê?—Libertal-a d'esses grifos,  
Dos monstros que a innocencia se preparam  
A devorar-lhe crus... devo, oh! si'n devo.

### VIII

D'est'arte reflectia o cavalleiro,  
E levado de zelo—ardente zelo  
Da fé... Travesso duende me susurra  
No ouvido menos puro sentimento.  
Vae-te, espirito mau, não te acredito;  
Era boa a intenção: que faz ao ponto  
Se profanête! acaso, algum desejo  
Na tenção se ingeriu? Vasos de barro  
E omo nós, quebradiços e achacados;  
E raro, a obra melhor do homem mais justo,  
O oiro mais puro da virtude humana  
De liga vil seu tanto não encerra.  
—Levado pois da fé: «Salval-a» clama  
«Salval-a é força, e já» —Mas, se a desperta,  
Se receosa a tímida virtude  
D'essa dama, fugir assim não ousa  
Sósinha com um joven cavalleiro?

<sup>1</sup> Diminutivo necessario.

Saberá convencer-a. — E se no entanto  
Perdido o tempo?... Oh Deus! urge o perigo,  
Cumpra deliberar... Toma nos braços,  
Salta na sella, e parte, corre, voa.

## IX

No papo do falcão raivava o diabo,  
Vendo tão mal sahir lhe o estratagemas,  
E que o laço, onde creu ter apanhado  
A virtude de santo cavalleiro,  
Nova c'roa de gloria lhe viçava  
Na honesta frente. — Em tam escura sombra,  
Tal formosura... occasião tam bella!...  
Capacitar-se o diabo não podia  
Que tanta força houvesse n'um mancebo,  
Que resistisse a tal. — Mas onde a leva  
Elle agora? — Sabido é que o diabo,  
Que tudo sabe, só futuro ignora.  
Deu a voar, e segue pelos ares  
O joven par no rapido galope.

## X

Nos braços apertando o doce peso,  
Corria o cavalleiro, e lhe batia  
O coração. — Surriu de ouvir-lhe'o o diabo  
Tam apressado, e disse-lhe consigo:  
— Tu que bates assim, má tenção levas!  
No entanto a donzella, mal desperta  
Do somno ainda, que pensar não sabe  
Do estranho successo que accordára:  
Se vela ou sonha, se anjos a conduzam  
A's regiões do céu, ou se o maligno  
Espírito a arrebatá ás profundezas  
Do abysmo, duvidosa, nem se atreve  
A abrir os lindos olhos: e tremendo,  
Encolhendo-se toda, mui baixinho  
Ao bento anjo rezava da sua guarda.

## XI

Porém alfim curiosidade vence  
Afinal sempre em feminino peito.  
Quem a leva roubada? anjo, ou demonio?  
Vêr-lhe a cara deseja. E se elle é negro?...  
Credo! — Mas pouco a pouco vae abrindo  
O cantinho do olho. Alta a viseira  
O mancebo levava; e o bello rosto  
— Que bello era e gentil — se descobria  
Entre as luzentes armas de aço fino,  
E sob o elmo emplumado — qual nos pintam  
O triumphante archanjo aos pés calcando  
Revel esp'rito que venceu nos plainos  
Do céu em regular, campal batalha.

## XII

Ao encarar com tam formoso gesto  
O medo todo lhe fugiu do seio;  
E a grata persuasão que em corpo e alma  
A leva ao céu um anjo tão bonito,  
Certeza foi que de prazer celeste  
Lhe inunda o coração. — Mas será sonho?  
Nunca elle acabe, sonho que é tam bello.  
Com medo de acordar, seus lindos olhos  
Fogem da luz do dia e só se entr'abrem  
Para gosar da angelica presença  
Do roubador gentil — Emtanto o joven  
Sente o doce calor do brando corpo  
Os membros repassar-lhe e dar rebate  
Ao sangue, que agitado já circula,

E em seu tropel e espirito envolvendo,  
Sensações menos puras, logo ideas  
Peccaminosas... feios pensamentos,  
E ao cabo tentações. Já não surria,  
Mas dava pulo o diabo de contente.

## XIII

Eis ao subir de pedregosa encosta  
Agra e difficil, de alto da montanha  
Vozes mil a gritar: — «Eil-os vão, eil-os!  
O roubador infiel eil-o e a princeza.  
Acudi, acudi, vingae no infame  
Nossas injúrias todas.» — E redobra  
O alarido das vozes (tumultuárias;  
E gritando corriam, e descendo  
Dos lados todos, breve tem cercado  
O cavalleiro multidão de moiros  
Que em furia cresce, e emtórno se amontôa

## XIV

É povo mal armado e descomposto,  
Gente soez, e sem valor nem brio,  
Mas forte pelo numero, e terrivel  
Na fanatica sanha que os excita.  
Embalde do cavalleiro o corcel volta,  
Embalde tenta de cecer de novo,  
E salvar-se na fuga a turba immensa  
De toda a parte acode Atropelados  
Do fogoso cavallo, a muitos prostra;  
Mas outros, e outros vêm: ceder é força.

## XV

Ceder! um portuguez, e um cavalleiro!  
Oh! que pesado então lhe foi o leve,  
O doce peso que a seu peito appetta!  
Que fará? Lança e escudo lhe falecem.  
Mas ceder! isso não: co'a esquerda abraça,  
Defende a linda dama que estremece;  
A dextra brande a espada formidavel,  
A cujos golpes o infiel desmaia;  
E caem como espigas em calmosa  
Sésta d'estio aos golpes do ceiteiro.

## XVI

E a bella! — Oh! despertada alfim do sonho  
Suas magas illusões se desvanecem.  
Cruel realidade! Quem é elle?  
Como a roubou, e aonde, onde é que a leva?  
Porque assim a perseguem esses moiros?  
Oh! isso entende, isso conhece a triste.  
Claros os gritos são. Mau fado a espera  
Se em suas mãos cahir. Oh Deus que susto!  
Com o seu roubador, seu cavalleiro,  
Seu defensor... Ou como hade chamar-lhe?...  
Se abraça, e esconde o rosto delicado  
No seio aspero e ferreo da armadura.  
Mas é já tarde, já reconhecida  
Foi da turba infiel. — Oriana! bradam:  
«Oriana!» sóa emtórna. Co'este nome  
Cresce a raiva, o furor nos combatentes,  
A quem resiste impavido um só homem.

## XVII

«Oriana» repetindo, embravecidos  
Investem; mas o nome que os incita,  
Como se fôra magica palavra,





Respeito lhes inspira: os golpes vibram,  
E no meio do golpe a mão descae-lhes,  
E o peito deixa aos botes desarmado  
Da espada do christão. — Já da matação,  
Já de tanto ferir lhe afroixa o braço;  
E as forças pouco a pouco a falecer-lhe...

## XVIII

Tem pois de succumbir. Pereça embora;  
Embora... Mas á fúria d'esses barbaros  
Abandonar a victima innocente  
Que elle insensato ao sacrificio trouxe!  
Uma virgem christã! Céus! e tam bella!  
Jámais. — Resta-lhe a esperança derradeira  
De chamar pelos socios que lhe acudam:  
Se o ouvirem, poderão valer-lhe  
E ajudal-o a salvar a desgraçada.  
O corno toca; os sons repete ao longe  
O ecco das montanhas. Já o ouviram,  
E o usado som de Mem reconheceram  
Os socios que, não longe, começavam  
A sentir o alarido da peleja.  
O passo dobram: eil-os... oh ventura!  
São a milhares a moirisca turba;  
Mas seis de Santiago! — A'vante! e rompem.  
Santiago e ávante! — Em roda estão do amigo.  
Vidas como estas caro são vendidas;  
E tarde, se a perderem, a victoria  
Só coroará os lividos cadáveres  
Do vencedor, a quem se deu mau grado.

## XIX

O inimigo recua. Seccos troncos  
De figueiras, que ahí jazem, encastellam  
Uns; em quanto outros á lançada viva  
Seu trabalho defendem. Já completa  
É a tranqueira, e a tempo, que os cavallos  
De cansaço e feridas se abatiam.  
A suas frageis muralhas se acolheram,  
E da turba que os cerca se defendem,  
Como leões á bocca de seu antro  
Pelos filhos e esposa combatendo.

## XX

Ai da formosa, incognita donzellal  
Que ao deslaçar os braços delicados  
Do corpo do mancebo, os lindos olhos  
Cheios de amor e lagrimas levanta  
Para o céu, para elle, e: «Adeus» lhe disse:  
«Adeus! Que breve foi, e que amargurado  
O prazer d'este abraço!» — Ai cruas vozes,  
Tam meigas, tam crueis! abriu-se-lhe alma  
Ao joven; e a paixão, que lhe escondiam  
Suas chiméras vans, toda lhe avulta:  
Co'esse golpe de morte lhe rebenta  
O amor té'li no coração occulto.  
Oh transe! amor travando o braço á morte!  
A eternidade em meio da ventura!

## XXI

Os olhos do mancebo se enturvaram,  
O sangue que vertiam mil feridas,  
Parou. Já n'esse instante a ultima vida  
Do coração fugia... Suspendeu-lh'a  
Co'a força do prazer, da dor o excesso.  
Qual sóem suspender oppostos ventos  
Ao lume de agua, em cabo procelloso  
A soçobrada nau. — Anjo da morte

Porque retiras a aza côr da noite,  
Que lhe estendias sobre a frente livida?  
Doce é morrer assim; mas todo o calix  
Do passamento, té ás fezes negras,  
Bebel-o! — cruel és, anjo terrivel.

## XXII

De novo jorra o sangue das feridas,  
E exanime clamou: — «Oh Deus!» seus labios  
Descorados na face da donzella  
Osculo imprimem, o primeiro — e o ultimo!  
A virgem não côrou: solemne, e augusto  
É o extremo da vida; não ha pejos  
Na despedida ás portas do sepulchro.

## XXIII

— «E quem és tu, incognita beldade?»  
«Eu?» volve a virgem: «eu: Sangue inimigo  
Teu e da Cruz nas minhas veias gira;  
Sangue de reis... sangue fatal! Raiou me  
A fé por entre as trevas de seus erros:  
Minha mãe foi christan, e a agua sem mancha  
Do baptismo banhou meu corpo infante.  
Este é o crime que a plebe amotinada  
Persegue em mim. A seu rancor fugida  
Tinha vindo accoitar-me n'estes bosques  
Onde um velho ermitão, por caridade,  
Em sua rustica choça dava abrigo  
A' irman de Aben-Afan»

— «Tu irman d'elle!  
E eu fui que te perdi... Ai! fui eu, triste»  
Toma a espada, e com impeto que mostra  
Forças maiores já do que as da terra,  
E sem mais proferir, dá sobre os moiros  
Com fúria tal, que innumerados lhe cáhem  
Aos pés de um bote só. Porém foi esse  
De Sansão moribundo extremo esforço:  
Sobre o montão das victimas que immola,  
O sacrificador exangue accurva,  
Sem vida cae. Não o vingueis, amigos:  
Não cabiu bravo em campo de batalha  
Mais gloriosa quêda; não deis lagrimas  
A quem só derramou em vida e morte  
Sangue inimigo e seu. Mem não existe:  
Folgae, filhos de Agar, sobre o seu tumulo.

## XXIV

Olhos formosos que lhe a morte déstes,  
Chorae vós, sim chorae! .. Mas tanta perda  
Ignora ainda a bella causa d'ella.  
Não o viste cahir, gentil Oriana,  
Que no meio dos fortes cavalleiros,  
No chão prostrada, supplice invocavas  
Ao céu perdão, do céu misericordia,  
E gemes, como a rôla solitaria  
Sobre o lascarado ramo do pinheiro,  
Quando os ventos do outomno tempestuoso  
Da emigração a quadra lhe annunciam;  
Ai! caçador cruel lhe ha morto o espôso,  
E seu terno arrulhar o chama ainda.

## XXV

Com a morte de Mem coragem ganham  
Os infieis, e afroixa nos de Christo,  
O animo não, mas esse mais que humano  
Esforço gigantesco, enthusiasmo,  
Que não só p'rigos sem pavor arrosta,  
Mas a infalibil perda, a morte certa,

Sem lhe attentar no horror, com gôsto encara.  
Lassos de combater, de sangue exhaustos,  
Que a jorros corre dos golpeados membros,  
Os que fortes exercitos venceram,  
E são terror de bellicosas hostes,  
Ante uma vil, desordenada turba  
De alvoratada plebe já succumbem.

## XXVI

Eis a correr do alto da montanha  
De redea larga vem um cavalleiro  
Ancião, de longas barbas venerandas,  
Nem armado, nem seu trajar indica  
Linhagem nobre; mas nobreza d'alma  
Brilha em suas feições. Ao chegar perto  
Dos combatentes, moderára o passo,  
E grave se approxima do tumulto  
Com semblante sereno. Erguendo a dextra:  
—Suspendei! disse: «suspendei as armas;  
Escutae-me um instante.»

A inesperada

Falla do velho á sanha da peleja  
O furor suspendeu: pára o combate;  
E curiosos da causa que o alli trouxe,  
Attentos moiros e christãos o attendem.

## XXVII

—Illustres cavalleiros, escutae-me,  
Filhos de Agar, ouvi-me: injusta guerra  
Fazeis todos: o sangue desparzido  
N'este dia fatal ao ceu bradando  
Está vingança, e todo ha recachilo  
Sobre minha cabeça. Eu a princeza  
Orina dos reaes paços de Tavira  
Na fuga auxiliei, ao respeitado  
Bosque d'Almargem a levei, e em guarda  
A um eremita santo a dei eu mesmo.  
Mas essa que buscaes ha tanto tempo,  
Mas essa, por quem hoje heis combatido,  
Não é já vossa, não: Oriana, a bella,  
A real Oriana aos erros e mentiras  
De vossa fellsa Lei jámais deu culto.  
Christan é, christan foi desde a primeira  
Hora da vida.

«Ella christan!» exclamam  
A maura turba com horror e espanto.

## XXVIII

—Sim, christan sou, lhes diz, levantando-se  
A princeza gentil; e no ar, no gesto  
Lhe brilhava um splendor de majestade,  
Que, entre essa multidão de homens armados,  
Sanguentos, golpeados, parecia  
Anjo de paz que vem de ordem do Eterno  
O cru flagello suspender da guerra.

—Sim, christan sou, e o Deus só verdadeiro,  
Que á sua santa luz abriu os olhos  
De minha mãe, que em sua glória é hoje,  
Constancia me dará para o martyrio.  
Para alcançar a immarcescível palma  
Que me espera no céu. Vinde; essas armas  
Para meu peito dirigi; tormentos  
Inventae novos; tudo com delicia  
Receberei de vós, com prazer d'alma;  
Tudo. . . Piedoso Deus! que hei visto! — Pára-lhe  
A voz e a vida; cae: no gesto livido  
Vêo de morte se estende. A malfadada  
No cadaver de Mem, que jaz por terra,  
Fixára acaso os olhos d'sscuidados,  
E do golpe fatal, que inda ignorava,  
Repentino ferida, á dor succumbe.

## XXIX

Alvaro e os mais christãos, que a viram subito  
Desmaiar e cair — não suspeitosos  
Da causa de seu mal, hallucinados  
Em tanta confusão — de tredo golpe  
Por mahometano archeiro a creem ferida.  
De horror e indignação furiosos bramam;  
E Alvaro lhes cla nou: —«Amigos, eia!  
Este resto de sangue que inda gira  
Em nossas vëas, pouco é, porém corra  
Portuguez té á gotta derradeira.  
Que nos sobra de vida? Escassas horas:  
Seculos fossem ellas, á vingança  
De crime tanto e tal votados sejam.  
Sanctiago, e ávante! nossa é a victoria,  
E triumphantes nos receba a morte.»

## XXX

As fogosas palavras do mancebo  
Nos corações que apenas palpitavam  
Exangues, semimortos, vida é fogo  
De entusiasmo infundem. Quaes rompentos  
Leões, investem contra o moiro, em fúria.  
A jorros corre o sangue; a vozeria  
Dos combatentes, gritos dos feridos,  
E o arrancar dos moribundos forma  
Consonancia medonha. Acostumado  
Não era á guerra o venerando velho  
Que, esperando salvar os cavalleiros  
A' custa da sua vida, alli viera.  
Conhece todo o Algarve o nome e a fama  
De Garcia Rodrigues, o mais rico  
E honrado mercador d'aquellas éras,  
Que em seu tráfico honesto, recovando  
Entre os moiros do Algarve e as portuguezas  
Terras visinhas, grande accumulára  
Haver de oiro e riquezas. Protegido  
Da defuncta rainha, e intimo sempre  
De frei Hugo, quando este disfarçado  
Nos habitos e modos de moirisma  
No palacio de Silves demorava,  
Tam prudente e avisado andára sempre  
Que nunca aos musulmanos fôra odioso.  
Depois, morta a rainha, e Hugo partido  
A fazer-se ermitão em Monteagudo,  
Continuara em seu trato, a ir ao paço  
Vender suas mercancias costumadas.  
Co'a princeza Oriana alli fallava,  
E em grande segredo lhe trazia  
Livros, rezas christans, bentas reliquias  
E outras consolações que a confortavam  
No desamparo e susto em que vivia.

## XXXI

No proprio dia a Silves era vindo  
Que em torrentes de sangue se affogára  
O tumulto da plebe amotinada  
Contra Oriana; e vendo-a resolvida  
A fugir para sempre as impias terras  
Dos inimigos da sua fé — deixára  
A mercantil, habitual prudencia;  
Com grande risco de fazenda e vida  
Elle proprio, uma noite bem fadada,  
A levou nas recovas escondida,  
Que o não sonhou ninguém. Passou as portas  
Da alcaçova, e passou as da cidade.  
Escapando a perigos infinitos,  
Que só pensal-os faz tremer. Andando  
A bom andar, chegou áquelle bosque  
Do Almargem, e o seu furto precioso



Deu a guardar a um santo velho monge  
 Que allí vivia em solitario hospicio  
 Dos lá da Serra d'Ossa dependente.  
 Alli a vinha vêr o bom Garcia  
 Sempre quando pensava em seu continuo  
 Usual peregrinar. Caminho agora  
 Ia de Alvor, quando escutou o ruido  
 E a causa soube do fatal combate,  
 Que a apaziguar correu. em vão. •Salvál-os  
 É impossivel!... Pois» disse elle «morra-se  
 Como homem tambem.»— Impunha a espada,  
 E sobre os moiros deu como homem que era.

## XXXII

Novas emtanto da fatal peleja  
 A Cacella chegaram. Parte á pressa  
 C'os seus o Mestre, esperançado ainda  
 De soccorrer os nobres combatentes.  
 Tavira passa; os moiros aterrados  
 Do furor com que vem, passal-o deixam.  
 Chega... ail... tarde. Já lividos cadaveres  
 Sobre montões dos que immolou seu ferro  
 Jazem os sete heroes. Tropheus d'entôrno  
 Seus imigos lhes são, que os precederam,  
 E ás regiões baixaram do sepulchro  
 A annunciar do vencedor a vida.

## XXXIII

Mas os moiros do campo da batalha,  
 Em vendo o Mestre vir, se retiraram  
 Açodados c'o medo da vingança.  
 E elle, a quem no peito áncia rebrama  
 De punir tam cruel aleivosia,  
 Os preciosos despojos recolhendo  
 Dos nobres cavalleiros e do honrado  
 Mercador, no alcance vae dos moiros,  
 Que em vão fogem. Cruento sacrificio  
 As sombras dos heroes allí recebem:  
 Milhares cáem. De Tavira as portas  
 Accossados os leva; e as portas, que abre  
 Para accolher os seus o musulmano,  
 Ao mestre foram triumphal entrada  
 Na capital do subjugado reino.

## XXXIV

Do Algarve a capital cede a dom Paio.  
 Mas em Silves o rei no forte alcáçar  
 Créem todos; e acabar c'o infame jugo  
 Dos infieis em terras portuguezas  
 Jurára o Mestre. Bem guardada e forte  
 Deixa Tavira, e sobre a antiga Silves  
 Vae com a flor dos seus, ebrios de gloria

## CANTO OITAVO

### I

Ai de ti, Silves, de tuas nobres torres,  
Teu alcaçar tam forte! Quem resiste  
A's espadas terríveis de Sanctiago?  
Já de redor dos muros, que de lanças,  
De frexas, de bésteiros se corôam,  
Suas tendas assentou, suas azes posta  
O invencível Mestre. Já trabucos  
Assestam, catapultas vêm de rôjo,  
Machinas, ligneas torres; e se dobram  
Acobertados couros, protectores  
De escaladas e assaltos. Mas de dentro  
Dos muros os cercados se apercebem  
Para a defeza: ardentes alcanzias,  
Duros cantos, ferradas longas varas  
Que os incendiarios fachos arremessam  
As inimigas fabricas. Redobra  
Coragem em uns e outros o perigo,  
Prégam no campo frades indulgencias,  
Na cidade os imans novas promessas  
Fazem de huris e paraizos: folga  
Emtanto a morte, e para a ceila crua  
C'o um perfido sorriso a fouce affia.

### II

Dom Paio suas tendas, rodeado  
Dos cavalleiros principaes, com elles  
Nos desenhos do assédio praticava,  
E no mais que a seu cargo e posto cumpre.  
Um homem d'armas entra, e ao conselho  
Annuncia que ao campo um messageiro  
Do rei de Portugal n'essa hora cl.ega.

### III

—Que novas traz?

«Sabê-lo-heis mui breve

Que não tarda convosco; e sua mensagem,  
Diz só a vós dará.

—Embora venha:

E praza ao céu que do valente Affonso  
Nos traga alim o tam pedido auxilio.  
Gran mister hemos d'elle. Cavalleiro  
E generoso é Affonso; a nenhum outro  
De toda a Hespanha com mais gosto déra  
Preito do que hei ganhado: mas importa  
Que a levarmos ao cabo ésta conquista  
Nos ajude elle; senão... reis não faltam;  
Deus proverá, e a nossa espada o resto.

### IV

O arauto, com solemne e grave passo,  
A dom Paio caminha, e volteando  
Tres vezes no ar o seu bastão doirado.  
Em som lento e pausado assim lhe fala:  
—Da parte do mui alto e poderoso  
E temido senhor rei dom Affonso  
De Portugal e Algarves, a dom Paio,  
Mestre de Sanctiago, cavalleiro  
Muito nobre e esforçado, vem dom Nuno;  
Sua embaixada traz.

—Entrae.» Entraram.

### V

De suas ricas armas cinzeladas  
Vinha armado dom Nuno: por de cima  
Da malha sobreveste d'oiro e seda  
Orlada com franjões de fina prata,  
Passamanes do mesmo, e sobre o peito  
Bordada a Cruz azul, insignia antiga  
Do reino, e embaixador que o representa,  
Segundo usança é.

Este, inclinando-se

Ao Mestre, disse então:

—«Senhor dom Paio,

El-rei, e meu senhor, que a vós me manda,  
Vos envia saudar, como a quem preza,  
E muito estima vossas nobres partes,  
E a respeitavel Ordem de Sanctiago,  
Cujo sois digno Mestre. Sabei como  
Prouve ao mui alto rei de Leão, Castella,  
De Toledo, de Cordova e Sevilha,  
Murcia e Jaen, imperador augusto,  
Sempre feliz, a meu senhor e amo,  
El-rei de Portugal, n'este seu reino  
Investil-o do Algarve; e vos ordena  
Que lhe entregueis castello e fortalezas  
E logares e villas que heis tomado;  
E preito lhe façaes e homenagem,  
Como a senhor e rei. E mais vos trago  
Que em marcha com sua gente a estes sitios  
Vem El rei meu senhor, com tenção firme  
De ajudar-vos na santa empreza vossa  
De libertar suas terras do pezado  
Jugo de moiros: no que muito conta  
Convosco e vossos nobres cavalleiros,  
A quem honra e mercês fará condignas.»

### VI

—Venhaes embora, o Mestre respondia:

Sejaes bem vindo vós, e a vossa alegre  
Mensagem que trazeis, senhor dom Nuno.  
Portuguez sou, e portuguez me prézo  
De ser do coração; e muito folgo  
De entregar nossas praças e castellos  
A rei tal e senhor. Em hora boa  
Venha elle a tomar nossa homenagem,  
E a conquistar o mais que no seu reino  
Ainda infieis lh'o têm. Com mões á obra  
Nos achaeis, cavalleiro; d'esta Silves,  
Onde o moirisco rei temos cercado,  
O resto da conquista está pendente;  
E... Mas vêjo-vos rir! .. Não sei que o caso...»

### VII

Nuno sorria, e em gestos se expressava  
De quem do Mestre aos ditos fé não dera  
—«Não tomeis, senhor meu para má parte  
Este surrir:» contendo-se dom Nuno  
Lhe tornava: De Aben-Afan dizeis  
Que o tinheis ahi cercado... E sei eu certo  
Que algures elle está, que não em Silves  
—Sabeis?

—«Sim, sei.

—Muito sabeis! Contai-me»

## VIII

Nuno então conta ao Mestre, que pasmava  
 Como, da Infanta em companhia, a Holgas  
 Indo, o rei moiro subito os tomára.  
 E elle só, por estranho caso, a vida  
 Salvára e liberdade;—que escondido  
 Na cêrca do convento, deparando  
 Com um moiro, o matára, e em seus vestidos  
 A' pressa disfarçado, Aben seguira  
 Té a uns formosos paços, onde a Infante  
 Só com Aben-Afan entrar poderam,  
 E que subito os paços se sumiram,  
 Que certo havia alli encantamento  
 Ficou elle; porém logar e sitio  
 Bem o conhece, e taes signaes tem posto,  
 Que hade com elle dar. D'ahi partido  
 A el-rei se fôra a lhe contar do roubo  
 E desacato da real Infante.  
 Que de vingar sua honra e a de sua filha  
 Jurára Affonso; e a Beatriz, sua esposa,  
 Mandára ao pae a lhe pedir do Algarve  
 Terras e senhorio, resolutos  
 A acabar d'esta feita co'a vil raça  
 De Mahomet. Em tudo consentira  
 O bom do imperador: e el-rei á pressa  
 Vem caminho do Algarve, a invicta espada  
 Jurando não depôr sem que no sangue  
 Do derradeiro moiro a injuria lave.»

## IX

—Mas se encantada a Infante, diz dom Paio,  
 C'o moiro está, que vale guerra e sangue  
 Para a cobrar? —A tudo se ha provido»  
 Nuno volveu: «com el-rei vem quem sabe,  
 E tudo pôde em coisas taes de encantos,  
 Certo, que nomear tereis ouvido  
 Frei Gil de Santarem...»

«Frei Gill... Oh! valha-nos

Sanctiago!» á uma os cavalleiros dizem:  
 «Traz consigo esse frade dom Affonso?»

## X

—«E porque não?» dom Nuno respondia?  
 Sim traz; mas não sabeis quanto mudado  
 Está Frei Gil. Do diabo, a quem vendêra  
 A alma pelo poder da bruxaria,  
 O escripto cobrou que lhe fizera  
 De obrigação, lavrado com seu sangue.  
 E agora o diabo, a quem servira escravo,  
 Como a senhor o serve; e é maravilha  
 Ouvir casos e coisas que se hão feito  
 Por sua intervenção. Peça mais fina  
 Nunca santo a pregou a fino diabo,  
 Do que o padre Frei Gil; fal-o ir ao côro  
 Rezar c'os frades, ouvir missa inteira,  
 E confessar-se até.»

—Mas quem vê isso?»

—«Ninguém senão Frei Gil: boa era essa!  
 Se o vira alguém, forte milagre fôra.»<sup>1</sup>

## XI

Riram os cavalleiros do bom lôgro  
 Que pregára ao demonio o santo frade.  
 E o Mestre, encarregando da ordenança  
 Do cêrco e mais governo que cumpria,

Ao commendador-môr, se foi, com parte  
 Do conselho da Ordem, ao caminho  
 De Selir, a esperar el-rei Affonso,  
 Que para ahi direito em marcha vinha.

## XII

Já longo o cerco a parecer começa  
 Aos sitiantes; rapida a victoria  
 Tê'li os precedeu: emfim o auxilio  
 Do monarcha porá termo ás delongas,  
 E acabará c'o o imperio mussulmano  
 Nos libertos Algarves. — Se podessem  
 Todavia vencer sem esse auxilio!  
 Veda lh'o a ausencia do esforçado Mestre.  
 Sem elle aventurar-se a dar assalto  
 Não ousarão, nem devem. Surdas minas  
 Lavrando vão calladamente emtanto  
 Com direcção do alcaçar, que o mais forte  
 Lanço é da praça toda, e decisivo.

## XIII

Segue de perto aos que trabalham, prompta  
 A escolha dos mais bravos e atrevidos  
 Na subterranea estrada, que já longa  
 Cresceu: prestes estão de peito e d'armas  
 A qualquer caso, ou contramina os cruze,  
 Ou, repentino, a bem guardada estancia  
 De inimigos os leve seu trabalho.

## XIV

O ardido Nuno entre os primeiros sempre  
 É na gloria e perigos. Voluntario  
 Se off'rece a ir na subterranea empresa.  
 Por capitão de todos o pozeram  
 E a direcção da mina lhe entregaram.  
 Trabalhavam um dia, eis: «Vozes sinto»  
 Disse parando na obra um dos soldados  
 — «Escutemos: silencio!» Nuno accode.  
 E áletra ouvidos, e callado é tudo,  
 Vozes se ouviam, mal distinctos eccos,  
 Sons abafados, como uns ais perdidos  
 De infeliz a quem vivo sepultassem  
 Nas entranhas da terra, e que em lamentos  
 — Vãos! — conjurassem o horror de seu destino.

## XV

—«Manso continuave vosso trabalho»  
 Diz Nuno: «Descubramos d'onde nascem  
 Estes estranhos sons.» Vão pouco e pouco  
 Leve e leve, minando a terra dura.  
 Já clara a voz se ouvia: femenino  
 Era o accentto gemedor e afflicto,  
 E como supplicante: crebros golpes  
 Se ouviam c'os lamentos misturados,  
 E um rouco murmurar de voz sinistra.  
 —Supplicio, algoz, e victima parecem.  
 Tam proximos estão, que se distinguem  
 As falas já.

«Piedade! diz voz trémula:  
 «Piedade, eu desfaleço, eu morro...»

—«Amigos!

Bradou Nuno: «á uma os ferros, eia!  
 Salvemos essa victima innocente  
 Da mahometana barbara maldade.  
 Rompei de um golpe só o estreito espaço.»

<sup>1</sup> Veja a nota a este verso, no fim.

## XVI

Mal dissera, aos alviões nas mãos robustas  
 Cede a terra, e cabindo pateanteia  
 A' vista dos atonitos guerreiros  
 O lobrego recinto de medonho  
 Subterraneo, horrivel calabouço.  
 Uma lampada funebre, que ardia  
 Suspensa em meio, triste luz reflecte,  
 Clara porém, na profundez do antro.  
 Em pé spadaudo moiro como estátua,  
 De medo e pismo está; seus olhos fixos,  
 Seu gesto horrendamente contrahido  
 O pavor, a crueza, o susto, o crime  
 Alternados debuxa. Tem na dextra  
 O instrumento de barbaro supplicio,  
 Azurrague sanguento. Junto d'elle  
 No chão prostrada uma mulher... Vergonha  
 Me abafa os sons nas cordas que estremecem:  
 A indecorosa posição... pintal-a  
 Meus versos ousarão?... Em terra os joelhos  
 Poisava, e em terra a face; co'as mãos ambas  
 Cobre-a, de pejo,—o seio encobre as vestes;  
 Mas o restante... oh! não as tem mais bellas  
 Nem mais patentes Callipygia Venus,  
 As fôrmas immortaes que nome e fama  
 Dão ao cinzel e marmore divino.  
 Matizam crus signaes o alvo dos lirios,  
 Como sôe no vergel tulipa roxa  
 Entre as cecens brotar.—Mais se divisa  
 Outra flor... Caia o véo sobre o meu quadro.

## XVII

Véo de pudor cobriu os olhos castos  
 Dos guerreiros christãos. Seu manto arroja  
 Nuno á infeliz, e co'a outra mão travando  
 Da barba hirsuta do algoz: — «Malvado!  
 Lhe brada: «mas que vejo! tu! É sonho,  
 Ou és tu mesmo? Como n'estes habitos  
 Co' esse turbante, infame renegado?  
 Eterno Deus!... Vil monstro de maldade,  
 Fala: quem é esta innocente victima  
 De teu furor cruel? porque a ferias  
 Tam despedrado? Fala, ou n'este instante  
 A merecida morte...»

## XVIII

Um suor frio  
 Cobria o moiro, os dentes lhe batiam.  
 E os membros contrahidos lhe estremecem.  
 Qual ceifeiro robusto, a quem na messe  
 Tomou quartan violenta, co'a mão trémula  
 Aperta a foice, e em vão chamar os socios,  
 Bradar procura em vão; no aberto sulco,  
 Sobre os feixes de espigas que ha colhido,  
 Cae opprimido de ancia e quebramento.

## XIX

—«Malvado! exclama Nuno: «segurae-o,  
 Mas não toqueis, por Deus, n'essa cabeça  
 Ao cutello votada da justiça.  
 E vós, senhora, cobrae força e animo,  
 Que não estaes com barbaros: respeito  
 E piedade achareis. Auxilio e amparo  
 Por cavalleiros e christãos devemos  
 A's damas; nem nos veda a differença  
 De culto e religião...»

C'um gesto a dama,  
 Em que, apezar do pejo e abatimento,  
 Sobresáe dignidade e formosura  
 De nobreza e virtude, alevantando-se  
 Gravemente, o interrompe co' estas vozes:  
 «Meu culto e religião, senhor, é o vosso;  
 Christan sou, por christan hei padecido,  
 E de meu padecer um só queixa  
 Tenho elevado ao céu—que lento e brando  
 Não me haja dado a suspirada morte »

## XX

—«Nobre dama, comnosco ao regio Affonso  
 Vinde; e recebereis honra e justiça,  
 Qual se vos deve. Nome e sangue ignoro  
 De tam bella senhora, mas porcerto  
 D'alta progenie o tenho.

«Em mal! bem alta.»

—«E portuguez?...»

«Senhor, moiro é meu sangue,  
 Mussulmanos os meus, christã eu unica.  
 Não me pergunteis mais; eu vol o rôgo  
 Por vossa cruz: leve-me presto ao campo  
 Onde os soccorros que ha mister minha alma,  
 Encontrar possa.»

Prompto, Nuno ordena  
 As guardas e vigias o que devem  
 Em sua ausencia fazer, e co'a formosa  
 Dama e c'o velho moiro ao campo volve.

## XXI

Soavam atabales e trombetas,  
 Que tangem menestreis: todo um triumpho  
 O arraial parecia.—«Eil-o que chega,  
 Eil-o! Real, real por dom Affonso  
 Do Algarve e Portugal!» mil vozes clamam  
 E do Mestre e dos seus acompanhado  
 O magnanimo Affonso, n'um formoso  
 E suberbo andaluz montado, vinha  
 O campo entrando. Os vivas de alegria,  
 As saudações do povo e dos soldados  
 Benigno acolhe: mas profunda mágua  
 No rosto impressa traz; ri-lhe nos labios  
 Doce affabilidade, que os monarchas  
 Portuguezes outr'ora distinguia,  
 Mas a frente pesada de cuidados  
 Em vão se aliza, as rugas da tristeza  
 Sob o diadema de oiro se lhe encrepam.



D. BRANCA — CANTO VII

A dextra brande a espada formidavel

PAG. 296



## CANTO NONO

### I

O estandarte das Quinas tremulava  
No pavilhão real; e essa alegria,  
Que em derredor festiva se agitava  
Na tenda do monarcha não penetra:  
Pezado é tudo ahi. Seus ricos homens  
Se compõem no silencio e na tristeza  
Que da frente do principe reflecte  
A mão no rosto pallido, e c'os olhos  
Fitos no vago, Affonso meditava.  
O que vae por essa alma, ó rei?... Memorias  
De Bolonha serão? Lagrima a lagrima,  
Estás sentindo as da infeliz Mathilde  
No coração traidor cahir-te agora?  
Se do vendido thalamo... vendido!  
Porque o vendeste, rei; não foi cegueira  
Perdoavel de amor, senão cubica,  
Fria crueza de ambição a tua...  
Se do vendido thalamo as saudades  
Vingadouras talvez vêm perseguir-te?  
Ou se—que é rico de remorsos e amplo  
O teu quinhão de rei—se outro remorso  
Te estará sollevando a lagem negra  
Que em Toledo a outro rei... teu irmão era!  
Deu extranha piedade por esmola:  
Ai Affonso! E perdeste a filha, e choras  
E accusas os céus! Os teus são crimes  
Que a Divina justiça não espera  
Para osingar depois na eterna vida.

### II

Foi este derradeiro pensamento  
Que por certo o feriu. Turbado, afflicto  
Fez signal que o deixassem. Nobres, pagens,  
Tudo se retirou.—«E que me chamem.»  
Disse «Frei Gil» E a Frei Gil chamaram;  
E só entrou a el-rei; e a sós são ambos.

### III

—Padre, torvo d'aspecto Affonso clama:  
Padre, que heis descoberto? Que esperanças,  
Que novas me trazeis?

«Tem confiança  
Em meu poder, ó rei dos portuguezes,  
Tua filha verás, vê-la-has. Mui cedo  
E' para se cumprir a grande obra  
Em que empenhadas tenho minhas artes,  
Minha sciencia toda.

—Muito ha, padre,  
Que o prometteis assim, e... Desculpae-me:  
Sou pae; e nenhum pae nunca amou filha,  
Como eu a minha Branca; nem mais digna  
De amor e de ternura houve outra filha.  
A meu pezar, confesso, que aos altares,  
Inda mal! a cedi. Triste presagio  
Me agourava seu fado.

«Rei, és homem  
E como homem és fraco e miseravel.  
Pêza-te o quê da filha que has votado

A um Deus que reino a reino te accrescenta?»  
— Oh! mas a minha filha, a minha Branca?...  
«Tua filha verás: sou eu, Affonso,  
Que t'o asseguro. Do immundo espirito,  
Que hei forçado a servir-me e obedecer-me,  
A resposta alcançei: não está longe  
A Abbadessa d'Holgas d'estes sitios.»

### IV

—Aonde, aonde está? bradou Affonso  
Levando a mão á espada: Quero eu proprio,  
Eu só por minha mão...

«Tua mão, tua espada,  
A tua c'roa, o teu sceptro que empenhás,  
Não são nada sem mim. Que sois vós outros,  
Reis da terra, que fóra o vosso throno,  
Sem o amparo do altar? Vae perguntá-lo  
A' campá de Toledo e aos deshonrados  
Ossos de teu irmão...»

### V

Acovardado  
Tremia o Conde de Bolonha; o forte,  
O ousado Affonso treme, e respeitoso,  
Deante do humilde frade mais humilde,  
Com submissão se inclina.

Relaxando  
Na asperidão da voz, frei Gil prosegue  
Com mais suavidade: «Ouve, liberta  
Será Branca por mim; nem longe é o dia.  
Quando o ramo de peste em talha de ouro  
For escondido, quando o bento orvalho  
Estender seu influxo a terras de impios,  
Quando em noite mais clara do que o dia  
Escurecer o céu sombra de mortos,  
E o gallo preto annunciar a hora  
Fatal a encantamentos e á possança  
Dos espiritos do ár, liberta é Branca.  
N'isto confia, ó rei: mas grande e forte  
E' o poder que a guarda, grande imperio  
E' o do genio que a retém captiva.  
De confiar-t'o duvidei t'gora;  
Porém força é que o saibas: protegido  
Da rainha das fadas é o joven  
Koubador de tua filha. Nem violenta  
Em seus torpes abraços está ella:  
Fatal encanto a cega, poderoso  
Feitiço a enamorou...»

—Oh Deus! que horrores!  
Meu sangue, a minha filha? Que vergonha  
Me annuncias!... Oh! venha a desgraçada:  
Seu juiz, seu algoz serei eu mesmo!

### VI

«Não o permita o céu!» Gil o interronpe:  
«Não o permita o céu: altos decretos  
São do destino eterno; adorar deves,  
E conformar tua vontade humilde

Com a vontade summa Penitencia  
De seu erro fará; e hade apacar-lhe  
A penitencia sua as iras justas  
Do esposo e do céu. Mas a salvá-la,  
A quebrar seu encanto é necessaria  
Uma difficil coisa.

—O quê?

Sem ferro havidas, e do sangue proprio  
Do roubador. —De Aben-Afan? Burlaes-vos,  
Padre, zombaes de mim? Não me haveis dito  
Que com ella no mesmo encantamento  
Esse perdidó moiro está?

«Sim disse.»

—E então!...

Fechando os olhos, e a mirrada  
Não alcanço, murmura com voz trémula  
Frei Gil: «Perto de nós está seu sangue.»

## VII

Mal estas vozes pronunciára o frade,  
Da tenda o reposteiro alevantava  
Um cavalleiro: é Nuno, acompanhado  
D'aquella afflicta dama; a el-rei se chega  
Ainda transtornado do despeito  
E indignação: — «Perdoae minha ousadia,  
Rei e senhor, lhe diz: «justiça venho  
E piedade implorar. Horrendo crime,  
Barbara affronta a Deus e á humanidade,  
Clama por vós, senhor, a grandes brados.  
A queixosa, a offendida é a bella dama  
Que aqui vêdes; o réu... Interrogae-a,  
E d'ella o sabereis.

—Formosa dama,  
Justiça vos farei; tende bom animo.  
E se de vossa affronta é tal o caso,  
Que só a desaggrave espada ou lança  
Em raso campo; cavalleiros tenho  
Que por tam bella dama se apresentem  
A defendel-a em cerco ou estacada  
Contra o proprio Amadis. Mas vossos trajos  
A' usança moirisca me parecem;  
E vós, senhora, sois?...

—«Moir» hei nascido;  
E christã sou. Mas de meu triste caso  
Vos dirá esse honrado cavalleiro.  
Desculpae-me, senhor; longos discursos  
Meu padecer e máguas não toleram.»

## VIII

Nuno então conta da lavrada mina,  
Do subterraneo carcere, e do encontro  
Que ali teve; refere o mais que ouvira  
Dos cavalleiros que ao fatal combate  
De Antas em tardo auxilio haviam ido,  
E esta dama em poder da maura turba,  
Quando fugia, a viram: e sabido  
Tinha dos prisioneiros como a causa  
Do combate ella fora, e como filha  
Era de regio sangue; e convertida  
Sua mãe á fé de Christo, a baptizára;  
Como por tal dos moiros perseguida,  
O mercador Rodrigues lhe valéra  
E a levára ao «Imargem, onde occultá  
Estivera em poder do santo monge  
Que demorava alli. Ao depois narra  
De Antas a crua historia, e como havendo  
Succumbido os christãos na fatal luta,  
Os infieis a Silves a levaram,  
E n'um medonho, subterraneo carcere,  
Por começo de tratos a arrojaram.

## IX

—«Como foi minha dita liberal-a,  
Já vos disse, senhor; Nuno accrescenta;  
«Mas os tormentos crus, mas a impiedosa  
injuria atroce que um perverso monstro  
Lhe ha feito... oh! não me atrevo a referil-a.  
Concedei-me, senhor, que ante vós traga  
O réu, e pasmareis de conhecel-o.  
—Ide.

—«Perto elle está. Trazei, soldados,  
A' presença d'el-rei esse malvado.»

## X

Os soldados c'o velho moiro entravam;  
El-rei com attenção fixo o contempla...  
—Approximae-o, disse: Um moiro é esse?  
(o moiro, dizeis vós?... É frei Soeiro  
—Um christão! volve a dama: «e um religioso!»  
—Frei Soeiro! o confessor de minha filha?...  
Miseravel! defende-te se podes;  
Treme! infiel das penas que te aguardam  
Porque enormes peccados has negado  
A esse estado de infamia e de miseria?  
Renegar do teu Deus, teus santos votos!  
Como, infeliz, como chegaste a tanto?»

## XI

Atônitos emtórno estavam todos,  
E com horror ao renegado frade  
Observa cada qual, attento ouvido  
Para escutal-o dando. Mas callado,  
Mudo, quêdo, c'os olhos esgaziados,  
Como se não ouvira, immovel fica.

## XII

—Cuidas salvar-te assim? el-rei prosegue:  
Pensas de me illudir com teu silencio?  
Soldados, co'as espadas nas bainhas  
Porque as não manche o vil, as duras costas  
Lhe macerae com rija mão Veremos  
Se lhe passa a mudez.» Executada  
Foi a sentença... em vão: nem signal leve  
Da menor dor amostra; mudo, quêdo.  
Immovel, impassivel como d'antes.

## XIII

Pasma Affonso, e os que vêem todos se espantam,  
Se benzem já. Então de um canto escuro,  
D'onde, attéli callado, esta observava  
Scena de maravilha, se approxima  
Frei Gil, e com um brado tremebundo,  
Erguendo a esquerda mão: —«Fala, eu t'o ordeno.»  
O criminoso treme, e revolvendo  
Com furia os olhos, n'um arranco horrirel.  
«O que queres de mim?» lhe disse: «mestre?  
—«Es tu frei Soeiro?

«Não.»

—Não és frei Soeiro!

Quem és tu pois? clamava el-rei pasmado,  
Frei Gil tornou: —«Responde. «Sou o diabo.»

—«Zombas de mim, traidor?» «Não zombe, Affonso:  
Ouve. Escutae-me. todos, em silencio,  
E não me interrompaeis, por vossa vida.»



## XIV

Da manga o frade tira gravemente  
Curta varinha dobradica e negra,  
Que trez vezes no ar com pausa agita.  
No chão depois um circulo descreve,  
Emtórno ignotos caracteres forma.  
Palavras cabalísticas murmura,  
E em silencio, os braços descahidos,  
Eriçada na frente a rara grenha,  
Com os olhos fechados, como spectro  
Que se ergue sobre a campa em hora aziaga,  
Extatico, terribil permanece.

## XV

Subito exclama com accento horrido:  
— «Espírito infernal, anjo das trevas,  
Que ao meu poder, rebelde, hei sujeitado!  
Pelas sublimes artes, e execrâdas  
Palavras não sabidas de homem vivo,  
Nem pronunciadas por humanos labios  
Deante da luz do sol, eu te esconjuro,  
Immunda creatura, que declares  
O que pretendes d'esse immundo corpo  
De frei Soeiro? como, e por que causa  
A renegar da fé e de Deus santo,  
Teu e seu creador, o compelliste?  
E para quê, por suas mãos impuras,  
Deste á bella Oriana crus tormentos?  
Falla, e verdade, em que te pez, não mintas,  
Ou as fataes palavras do castigo  
Sobre ti, vil creatura, pronuncio.»

## XVI

Fez-se mais negro o moiro, e assim responde:  
«Essa Oriana é filha do peccado  
E de nascença minha escrava e d'elle.  
Mas um tal frade bruxo, meio frade  
E mais que meio bruxo, que na manga  
Trazia os sortilegios co'as reliquias  
Proprio fradinho o tal da mão furada,  
O teu vivo retrato emfim. . .»

— «Adeante!»

Disse Frei Gil, doendo-se da graça.  
Sorriu-se el-rei. E o demo proseguia:

## XVII

«O tal frade. . . frei Hugo era o seu nome:  
Tanto me andou c'a mãe. . . que fina moira  
Era a mãe! . . . embruxou, desembruxou-a,  
E deu co'ella christian Já era velha  
A esse tempo: e eu perder, não perdi nada.  
Mas est'outra, da infancia m'a tiraram;  
E picou-me no vivo. Fez-se linda,  
E tam linda, que á força de lisonjas,  
De enfeites, galanteios e requebros,  
— Bruxaria mais forte que nenhuma—  
Estive certo de a apanhar á unha,  
E a tornar a fazer mais minha que antes.  
Roubou-m'a um tal tratante de Garcia.  
Mercador que ahi jaz em Antas morto. . .  
E foi se a tempo, que por nada o pilho  
N'uma onzena em que quasi, quasi o empalmo.

## XVIII

Custava-me a perder essa donzella;  
E ao velho ermitão que a tinha em casa

Tentei, tentei debalde um anno inteiro:  
Debalde, que o mofino, velho e trôpego,  
Não tinha que tentar.— Quando vi juntos  
Em Antas seis tão jovens cavalleiros,  
Assentei de encaixar me no mais moço  
E mais gentil dos seis. Perto dormia  
Essa Oriana; cuidei que a tinha feita;  
Mas, por mau fado, os cavalleiros todos  
Não se esqueceram de levar ao peito  
Aquelle coisa que adoraes vós todos  
E que nós. . .»

— «Vae por deante, e não blasphemem.»

## XIX

«Fiquei *desapontado*, — como dizem  
Os inglezes; — não ha na vossa lingua  
Com que o dizer; e venha ou não do diabo,  
Tomem-n'a, que não mister d'essa palavra.  
Num talcão me enganchei, voei de sorte,  
Que o joven me seguiu té junto d'ella.  
Dormia, e em tam formosa, tam lasciva  
Postura estava, que eu á fé vos juro  
De diabo que sou. . . arrendi-me  
De por tam fino mel em bocca d'asno.  
E, não tóra eu falcão n'esse momento,  
Meu incubo poder. . .»

Corou a bella  
Oriana; e indignado o interrompia  
Frei Gil: — «Spirito immundo, não abuses  
Da liberdade que te dei. Prosegue.»

## XX

«Quem tal diria? o parvo do mancebo  
Babado a olhar para ella uma hora inteira. . .  
E porfim. . . e porfim. . . toma a nos braços,  
E desanda a correr como um damnado,  
Para a levar a terra de baptismo,  
E fugir — dizia elle lá consigo —  
Da tentação. Sahiram-lhe ao caminho. . .  
E o resto sabeis vós. Vi-os eu todos  
Os seis e o mercador mil dretinhos  
Ir com sendos palmitos e capellas  
Para o céu. Eu tambem me fui direito,  
Mas raiando e sem palmas nem palmitos,  
A Silves onde a moça me levavam  
Fui dar com tres dos meus alli cativos  
Desde a historia da noite da Tremenda.  
Em que tanto me ri e ganhei tanto. . .  
Aquelle sim, que é môça de outra casta,  
Desenganada, não d'estas piègas  
Que não sabem se querem, se não querem,  
Que estão morrendo por se dar ao diabo,  
E rezando abrenunciós. . .»

— «Conta a historia,

Maldito: as reflexões nós as faremos.  
«Melhor do que eu: bem sei. Os taes amigos  
Eram Gilvaz, frei Lopo e este Soeiro.

## XXI

O medico, judeu no fundo d'alma,  
Está visto, custou-me pouca lida  
A dar co'ella outra vez na synagoga.  
O Lopo, namorei-o de uma velha  
Beata de Mafamede, que o traz gordo,  
Cevado de pilau e de badana:  
Moio se fez por chôcho namorado.  
E a bella voz que tem! é o sino grande  
Da mesquita maior, e chama o povo  
Com tal graça a rezar, que nunca a teve  
Tal a roncar no côro de Alcobça.

O Soeiro, esse é velhaco mas ladino;  
 Custou-me a haver com elle: quer ser bispo  
 Ou geral, quando menos da sua ordem.  
 E tinha toda a manha e hypocrisia  
 De um fradre ambicioso. Foi preciso  
 Que o comprasse um villão fona e sovina,  
 Que o mettia á atafona, que o moia  
 Dia e noite de sóvas e trabalho,  
 E nem toucinho, seu manjar querido,  
 Nem nada mais, bastante a encher-lhe a pança,  
 Lhe dava. Renegou por fome o fradre;  
 Não fui eu que o obriguei: já negra e moira  
 A alma tinha, quando eu lhe entrei no corpo,  
 Renegou; mas ninguém fez caso d'elle:  
 Moiro ou christão, ficou sempre *bernardo*.  
 Metti-me n'elle, e fez taes diabruras,  
 Taes tratos deu a outros christãos escravos  
 Que alguns fez renegar, deu cabo de outros:  
 E por zêlo da lei tomando-o os moiros,  
 Lhe encarregaram da princeza a guarda.  
 O mais que fiz, foi tudo bagatella:  
 Nada alcancei: ella ahí'stá convosco,  
 E eu vou-me embora d'este sujo fradre,  
 Que nunca entrei em corpo tão immundo,  
 Nem temos lá no inferno lagartixa  
 De mais nôjo e fedor que este maldito.

## XXII

—«Ainda não; espera: onde escondeste  
 A infanta Dona Branca?»

«E' outro caso  
 Esse de dona Branca; não sei d'ella.

Cheguei a tel-a escripta em meu canhenho.  
 Mas tenho certas dúvidas agora.  
 Anda ahí mór poder que o meu.

—«Alina,

A rainha das fadas?

«Sim.

—«E quando

Se lhe acaba o encanto?

«A' meia noite,

Em dia de san'João.»

—«Com sangue?

«Sangue.

Sólta-me, ou nada mais torno a dizer-te.

Maldito frade! affoga-me de gordo.»

## XXIII

—«Vac-te, inimigo, sume-te!»

Um estoiro

Medonho retumbou por todo o campo;

E em negro boqueirão se abriu a terra.

Estremeceram todos, e aterrados

Se benzem.—Enxotrado fumo e cheiro

Exhala o boqueirão.—Com agua benta

Purificam o ar; e a terra fecha-se.

## XXIV

Frei Soeiro despossesso — como um parvo

Olhava para tudo, e bocejando,

Se é hora de jantar pergunta a Nuno.

## CANTO DECIMO

### I

**C**ARO és, prazer, quando remorsos custa!  
Quanto mel de seu fãvo amor espreme  
Na taça das delicias, se o tocaram  
Labios impuros, negro fel se torna,  
Que embriaguez de morte, e não suave  
Devaneio de languido repouso,  
N'alma agitada convulsivo excita.  
—Gôso da vida, amor, tam breve passas!  
Males que deixas são tam duradoiros!

### II

Branca cedeu a amor. C'os olhos turvos  
De ternura e deleite, o deus extremo  
Deu suspirando a virgindade; e morta  
De prazer e de amor . . . cahiu nos braços  
Do roubador gentil. As horas correm,  
Os dias fogem—vôa o tempo a amantes:  
E n'um seio de gloria adormecidos  
Aben-Afian e Branca o mundo esquecem

### III

Eram fins d'esse mez festivo e bello,  
Consagrado a João, santo o mais guapo,  
Mais garrido e brincão do calendario;  
Santo do proprio moiro festejado,  
Cujos orvalhos bentos dão saúde,  
Ao corpo e alma, cuja noite, amiga  
De amor e dos prazeres, tanto encobre  
Gôsto furtivo, beijo namorado,  
E o mais que vae por arraiaes, por feiras,  
Pelas formosas margens de teus rios,  
Muito devota Elysia, quando as moças,  
Quando jovens tafues, pimpões da aldeia,  
Na abençoada noite vão devotos  
Ao milagroso banho! —Santo amavel,  
Advogado das limpidas correntes,  
Amigo protector das frescas fontes,  
Para quem tece de gentis boninas  
Recendente grinalda a mão mimosa  
Da donzella innocente! Oh! lindo santo,  
Qual ha ahi renegado iconoclasta,  
Metaphysico, abstruso protestante,  
Que ao vêr-te assim gentil c'o surraõesinho  
Pastoril d'alvas pelles, e affagando  
O cordeirinho que a teus pés nem bala,  
Quem será que tal vista não converta?

### IV

E então as agoureiras alcachofras.  
Oráculos de amor, e as crepitantes  
Fogueiras! —e a torneada, fina perna,  
Que se mostra ao saltar, como a descuido . .  
«Ai maman, que me viram quasi! . . Nada!  
Não salto mais. . . Um só, um só.» E o medo  
De crestar a orla crespia e bem franjada  
Do tafulo vestido, o ergue mais alto;  
E viu-se quasi . . quasi tudo agora.  
Bemdito san'João, tudo desculpas,  
Tam bom que és, e santificas tudo!

### V

Era pois a estação formosa do anno,  
Em que todo o seu lasto em luxo e galas  
Por nossos meigos climas pavoneia,  
De rica espedaçada, a natureza.  
O sol, que tam benefico despende  
Para tanto aderêce os raios de ouro,  
Em seu zenith ás vezes dobra o fogo,  
E a calma intensa aos ledos habitantes  
De seu paiz dilecto a miudo offende.  
Mas então vos, ó sombras deleitosas  
Do annoso freixo, do álamo copado,  
Que ao pé da porta respeitado cresce,  
E ha gerações que é venerando abrigo  
De pae e filhos no queimoso estio!  
Mas a floresta espessa, que dá coito  
No ardor da sesta ao ceifador cançado,  
Ao caçador sequioso; e a gruta fresca  
Ao pé do rio que salgueiros bordam;  
E os regalados pômos saborosos,  
Corados—como a face da donzella  
Quando ao primeiro amor diz *não* modesta  
C'os labios . . . porque o *sim* lá ficou n'alma;  
*Ficou*, se o não revelam olhos languidos,  
Que o tem, só para cegos, escondido?

### VI

Oh! Cressos de Britannia! oh! que vos vale,  
Ricassos lords, tanto formoso parque,  
Tanta gruta, de *libras* sumidouro,  
Tam lindas relvas, tam gentis ribeiros?  
Onde a calma que dê valor á sombra?  
Que é do sol que dê preço a tanto esmêro  
D'arte que em vão luctou co'a natureza?  
Em vão:—humida nevoa, fumo negro  
Pesam n'esse ar; e as urnas incessantes  
Os pluviosos gemeos não descançam,  
Quasi fixos no immobile zodiaco,  
De as embarcar na terra apaulada.  
Meu doce clima, sol da minha terra,  
Quando te verei eu! quando á tua branda  
Réstea me aqueitarei, e ao suspirado  
Limiar da minha porta as vestes humidas  
D'estes gelos do exilio heide seccal-as!

### VII

Abençoado protector de amantes,  
Glorioso san'João que tudo alegras,  
Que até descidos moiros te festejam  
E canibae pedreiros te veneram,  
Teu santo dia, tua benta noite  
Suspirada de amor, bem vinda a todos.  
Tuas brandas orvalhadas, quem as foge?  
Teu sereno saudavel, quem o evita?  
Quem teme a vinda de tam lausto dia?  
—Dois amantes.—João santo, advogado  
Não és tu d'elles? teu amparo amigo  
Negaste-lh'o? porquê?—Fadas o vedam;  
E no tempo em que fadas e feitiços  
(Antes que a Inquisição queimasse as bruxas)  
Imperavam na terra, santo ou santa,  
O mais pintado e milagroso—embalde  
Se opporia ao poder de um bom feitiço.

## VIII

A embriaguez de amor e dos prazeres  
 Ai! perpétua não é: o bello moiro  
 Da formosa abbadesa aos lindos braços  
 Já tam sedento de prazer não corre  
 Saciade fatal! .. Em vão te esforças,  
 Delicado amador, por encubril-a.  
 Que amante ha hi, que os resfriados osculo,  
 Que o afloixar do aperto nos abraços,  
 O entibiar das caricias não descubra  
 Naquelle a cujo amor a vida, a honra,  
 Tudo sacrificou, toda se ha dado?  
 Branca o percebe; misera! a seus olhos  
 Crédito não quer dar: suspiros nascem  
 No triste peito, que no peito affoga;  
 Lagrimas vêm aos olhos, e olhos bebem  
 Lagrimas .. que as não veja a causa d'ellas

## IX

Oh sexo generoso! e ha tal ingrato  
 Que traia tanto amor?—Traidor não era  
 Aben-Afan: mas vós que haveis amado,  
 Dizei-o vós, quando a explosão primeira  
 Do faxo se exhalou, que amor o accende?  
 Culpa é do amante se em quieto fogo,  
 Mais tranquilla a paixão no peito lhe arde?

## X

Do Algarve ao rei, de longe em longe, a gloria,  
 Esquecida télli, lhe dá lampejos  
 Na phantasia: acodem, pouco e pouco,  
 A' memoria que surge do lethargo  
 Em que o deleite a houve—ora de sceptro  
 O brilho, o resplendor do diadema ..  
 Ora a patria em perigo, ora a victoria  
 Cingindo-lhe na frente outro diadema  
 Mais refulgente c'os ganhabos loiros...  
*Loiros!*—«Ramo fatal do meu destino»  
 Exclamou o joven rei: «emmurcheeste,  
 Seccaste para sempre! Não ha gloria  
 Mais para mim! a inutil existencia  
 Arrastarei aqui n'estes doirados  
 Salões em ocio vil e affeminado!  
 Ramo fatal! se á custa de meu sangue  
 Reverdecer podesses! .. Desgraçado,  
 Que proferi! E amor, e Branca?... oh sorte!»

## XI

Mal os extremos sons dos labios rompem,  
 O sol se obscureceu; medonha noite  
 Cai sobre o céu, como um funereo manto  
 Sobre a urna cinerea; estala um raio,  
 Com vivo lampejo fende as nuvens,  
 E horrisono trovão nos ares brama.  
 —«Voto fatal!» estremeceu disse  
 O mancebo: seus ramos encantados  
 Observa: secco o myrtho, verde o loiro..  
 Oh vista!—esmoreceu. Sem voz, sem animo,  
 Entre a morte e a existencia suspendido  
 Desfalece, cahiu.—«Sophá ditoso,  
 Que outros desmaia ha tam pouco viste.  
 Thalamo de prazer, da dor és hoje.

## XII

Branca era longe; triste e solitaria  
 Pelos vergeis sosinha passeiava,  
 E pelo mais umbroso da espessura  
 Suas máguas entre as flores escondia.  
 Do escurecer do sol, do trovão subito  
 Assustada, a fugir aos paços vinha,

Vinha acolher-se onde alma lhe ficára,  
 E aninhar seu terror no seio amado.  
 O coração batia-lhe no peito,  
 O respirar violento e apressado  
 A suffocava. Uma lembrança acode:  
 —«Noite de san'João é ésta noite»  
 Noite de san'João! ... E a prophécia  
 Da fada lhe sóou no intimo d'alma,  
 Como o funebre som descompassado  
 De sino, ao longe, que por mortos dobra

## XIII

Noite de san'João! ... Já mais, de meio  
 Seu giro o sol correu Prazo terrivel,  
 Quam perto estás! Afloixa o passo, teme  
 De o vêr, de lhe falar, de recordar-lhe  
 Os perigos d'essa noite que avizinha.  
 Mas que perigos são? Não disse a fada  
 Que emquanto o ramo florece da murta,  
 Seguro é seu amor, sua ventura?  
 Animo cobra, novo alento, e voa  
 Nas azas da esperanza ao doce amado

## XIV

Triste! mal sabes que fatal desejo  
 No coração entron d'esse que adoras!  
 Mal sabes, infeliz, que agouros negros  
 Esse ramo de esperanza te hão murchado.  
 Suas penas c'os sentidos recobrára  
 O mancebo real, chegar a sente,  
 E á pressa os ramos escondeu no peito;  
 O semblante compõe, serena os olhos,  
 E da illudida virgem ao encontro  
 Vem com tranquillo, socegado gesto.

## XV

Estreitou-os amor em doce abraço,  
 Doce direi?... As lagrimas soffria  
 A linda infante... elle os tormentos todos  
 Do inferno padecia.

«O' doce amado,

E'sta noite!...

—Esta noite!...

«Tu receias!

O quê? Oh, não! não m'o encubras; falla.  
 Communiquemos nossas mutuas penas,  
 Nossos temores.

—Pois tu temes, Branca?

«Ai! d'esta fatal noite não recordas  
 O que nos disse a fada?

—Mas promessas

Tam seguras nos fez!

«Se os teus desejos

O secco ramo...

—Branca!... não profiras

A sentença fatal.

«De quê?

--Perguntas?

Queres sabêl-o?... Misera!... não queiras.

«Que não queira? Porquê?... Só se... Mas, dize:

Se... Mas tu, doce amor, não desejaste?...

—Eu desejei... desejei só a morte.»

## XVI

No chão os olhos de ambos se cravaram;  
 E, de todos os males do universo,  
 Incerteza, o mais cru, c'os azas fuscas  
 L'h'esvoaça dentro dos afflictos peitos.  
 Quanto o extremo prazer ou dor extrema  
 E' maior que a expressão! Silêncio, a funebre  
 Eloquencia de mágua... com teu sêllo  
 Os descorados labios lhe cerraste.





—tmtanto o dia se perdeu nas trevas,  
E a receada noite, dobra a dobra,  
Estende sôbre a terra o véo de lucto

## XVII

Tristes! seus dias de oiro estão fiados;  
E na roca fatal já não ha fevra  
Que ripar... Hora acerba, hora terrível  
Que nenhum antevê, que a todos chega,  
E sóa como a tuba derradeira  
Despertando os mortaes do último somno.  
Ai! e para isto tantas âncias... tanto  
Padecer e esperar! E acabar n'isto!  
Cortar-se assim este fio eterno,  
Que prendia no céu, das mãos dos anjos,  
E promettia de ir além da vida!  
Oh!... Deixál-os, deixál-os... e voltemos  
A outras illusões, menos formosas  
Não menos vans, as da ambição, da glória.

## XVIII

Dizei-me, ó fadas que inspiraes meu canto,  
Espiritos das lobregas cavernas,  
Que á meia noite volteaes d'entorno  
Dos tumulos co'as azas membranas,  
Dizei-m'o vós; com que fataes palavras,  
Por que terríveis ritos se prepara  
No arraial portuguez o formidavel  
Encanto em que empenhou suas artes todas  
O sabio Gil, de alta sciencia mestre.

## XIX

São horas dez; a clara e doce a lua  
Vae pelo azul do céu, como de gôsto,  
Desafiando as cantigas e as fogueiras,  
Com que tua noite festejar é de uso,  
Milagroso João, aos teus devotos.  
Mas a rôgo de Gil, de ordem de Affonso,  
Arautos prohibiram pelo campo  
Folias e cantares, qualquer mostra  
De regosijo, quando, em tanto empenho  
Da christandade contra infieis, só preces  
E rogações deviam de fazer-se.  
Isto o arauto pregôou: e ao rego mando,  
Mas que não satisfeito, ob'dece o campo.

## XX

Manso, frei Gil, na tenda real entrava,  
E a Affonso diz: —«A hora se approxima,  
Vão consummar-se os horridos mysterios  
Que hão de volver-te a filha, e entregar-te  
Nes mãos seu roubador, teu inimigo.  
N'esta redôma já sem ferro havidas  
Tres gottas levo de seu proprio sangue.  
Com bebida encantada adormecida  
Oriana foi por mim; do esquerdo braço  
Com um vitrio cutello enfeitado  
L'h'as extrahi por magicas palavras.  
Vela em que o assalto, no momento proprio  
Em que a lua no céu subitamente  
Por esconjuros meus ha de esconder-se,  
N'esse instante se dê: não arreceies.  
Vae certo da victoria; a mesma hora  
Que vir Silves em mãos de portuguezes,

Verá Branca liberta, e Aben punido.»  
Sahiu; e Affonso, que a «eus cabos todos  
Ordens já deu e dividiu batalhas,  
E prestes fez para o assalto as tropas,  
Armado e prompto o prazo dado aguarda.

## XXI

Cêrca dos muros da torreada S lves.  
E á falda de um outeiro, curto valle  
Se estende: *Val de-morte* lhe chamaram  
Em tempo antigo; ahi por essas éras  
Os seus mortos os moiros sepultavam  
Porém o aspecto plaído e sereno  
Qual convém aos que somno eterno dormem,  
Nem medonho, nem lugubre parece,  
Triste sim, melancolico; mas doce  
É a melancolia que hi respira.  
No fim do valle brancas penedias,  
Como acaso das mãos da natureza  
Esquecidas alli, unias sobre outras  
Em massa irregular se encastellavam.  
Ha uma fenda estreita entre os penedos  
Por onde uns degraus toscos, porém d'arte  
Feitos, á profundeza descem da terra  
Longa caverna ahi jaz, dos reis do Algarve  
Antiga, respeitada sepultura.

## XXII

Negro manto cubrindo, e aborreado  
Em nodoso cajado, atravessava  
Frei Gil o Val-de-morte; á bôcca chega  
Da lobrega caverna, o manto poisa,  
Tira da manga mão de infante, morto  
Antes que em fontes baptismaes lavasse  
A mancha original —ao dia septimo  
Desenterrado á lua, e então cortada  
Essa mão, que é a esquerda. Ignotas vozes  
Murmurou baixo o trade, e a resequida  
Mão se accendeu de si, luz baça e opaca,  
Propria a feitiços dando. Co'ella desce  
A acursa estancia —Longo, mas estreito,  
O subterraneo vasto se estendia:  
A um lado e outro pela rocha viva  
Os tumulos cavados se enfileiram.

## XXIII

Co'a enfeitada luz dia sombrio  
N'essa estancia de morte se diffunde.  
Ao cabo do carneiro, sobre a lousa  
De um sepulchro poitando a tocha aziaga  
Estas palavras diz —«Morto que dormes!  
Lousa que o cobres! cinza que repousas!  
Ossos que vós mirraes! com esta gota  
De sangue que desparzo, recobrae-vos,  
E á minha voz se desencerre a campa.»  
Da redôma que traz, um golpe verte,  
E com rouco estridor os ossos rangem  
Dentro da campa. Já segundo entorna,  
E a lousa se ergue. A terceira esparze,  
E de dentro da campa um secco braço  
Surde como buscando, sobre a borda  
Do atahude, apoio para alçar-se.  
A carcomida mão firmando a custo,  
Se eleva em pé esqueleto descarnado,  
Mal coberto de andrajós lacerados  
Do sudario que, ha seculos, por ultimo  
Vestido, trouxe á estancia dos finados





Vem... ou n'este momento has pronunciado  
Sobre tua cabeça criniosa  
Condennação eterna.

—Mis'ricórdia,  
Senhor meu Deus! Maior castigo ainda  
A meu peccado tens?... maior do que este,  
Deus de piedade?... separar-me... —Cega!

Emmudece, blasphema."

## XXXI

—Da mão trava  
A' donzella infeliz mão ruda e aspera.  
Semimorta da dor n'um quasi espasmo  
Que a vida lhe parou, languida a frente  
Lhe descae, como ao lirio delicado  
Que ardor do sol pendeu. Leva-a nos braços  
Frei Gil—d'elle era a voz que lhe falava:  
E por seus incantados poderios  
Veloz caminha, e mais veloz que o vento,  
Por atalhos já d'outrem não sabidos,  
Por devezas, por bosques, por silvados  
Illeso passa; e quando mór se atia  
O furor do combate e assalto, chega  
Ante os muros de Silves.—Despontava  
A arraiada no e tremo do oriente!  
E a luz que nasce de mostrar começa  
Os estragos da noite. Mór se augmenta  
Co'a vista horrivel, da peleja a furia.  
Emtanto Gil co'a infanta á régia tenda  
Invisível entrava. — E sobre os muros  
Da forte Silves o pendão das Quinas  
O intrepido Nuno o pendão arvora.

## XXXII

Aqui, aqui, ó nobres cavalleiros!  
Aqui de Portugal! vêde: o estandarte  
Lusitano caiu; precipitado  
Das altas torres sobre os corpos róla  
Exangues dos que ardidos o hasteram.  
Aqui de Portugal, aqui! salvae-a,  
A lusitana gloria que vacilla.  
O moiro exulta e freme co'a esperança  
Recem-nada de sangue e de victoria.  
Quem lh'a inspirou? que subita barreira  
Ao valor dos christãos se poz d'avante?  
Fogem, vozes de cabos não escutam:  
A fugir portuguezes!... Fogem, tremem.  
Quem é esse inimigo formidavel  
Que tanto póde? Um só campeão. Armado  
De enferrujadas armas, que parecem  
Sobre a campa em tropheu haver jazido  
De morto cavalleiro!... E elle; o escudo  
Sua divisa tem: de myrto e loiro  
Dos ramos são; é Aben-Afan, que á porta  
D'Azoia investe, e qual ferido tigre,  
As batalhas dos lusos rompe, accossa,  
Affugenta, dispersa. Morre o ousado  
Que as costas não voltou: «Fugir, que é elle!»  
Se ouve grito geral: «Fugir, que é elle!»

## XXXIII

Do alto dos muros o infiel responde  
Com brados de victoria aos sons covardes,  
E a seu rei, que lh'a traz, ledos saúdava.  
Porta de Azoia, que sahir o viste  
Quando levou comsigo esperança e gloria  
Do vacillante imperio, abre-te agora,

Abre te a recebel-o.—É tarde, é tarde;  
Os seus dias e os teus estão contados,  
Senhorio de Agar, em nossas terras.  
A porta abriu-se, mas em vão; já deante  
De Aben, o Mestre de Sanctiago em riste  
A lança tem.—«Defende-te, lhe brada:  
«Rei do Algarve, defende-te; a vergonha  
Do nome portuguez lavo em teu sangue.»

## XXXIV

Justaram lanças; lanças se quebraram.  
Espadas nuas—e as espadas cruzam.  
Golpe é mortal cada um; broqueis aparam  
Os duros botes c'os espontões duros.  
Nunca taes campeões juntou a guerra  
Em prova singular de brio e força.  
Cessa o assalto: na muralha os moiros,  
Na esplanada os christãos as armas poisam;  
E nos dois cavalleiros se concentra  
O combate geral. Mas já das cottas  
Roxeia o sangue, já desmantelados  
Braceletes desprendem, já partido  
O Mestre o escudo c'um tremendo golpe  
Do joven rei, caiu. Brioso arroja  
O moiro o seu; lealdade lhe não soffre  
Com armas desiguaes peleja ignobil.  
Sem defensão á espada fica o peito,  
Fica a frente: os cavallos mal supportam  
A fadiga, as feridas; pé em terra  
Põem: de novo as espadas fogo e sangue  
Ferem, redobram... Mas o alfanço quebra  
Ao mussulmano rei— não quebra o animo;  
Ao seu competidor de artoeiro salto  
Corre, nos braços o travou membrudos;  
E enlaçados os dois, de corpo a corpo,  
De peito a peito, infatigaveis lutam.

## XXXV

Fôras, sorte, imparcial—nenhum vencêra;  
Neutros permaneceu, fados da terra,  
Nenhum succumbirá. Mas os destinos  
Nas balanças fatidicas pesaram  
A sorte das nações: e o mahometano  
Imperio pende.—Aben-Afan succumbe,  
Cae: embalde o inimigo generoso:  
—«Cavalleiro, lhe diz, tua vida é minha:  
Não queira o céu que a tal campeão a tire!  
Em vão! nos olhos trémulos vacilla  
A derradeira luz, nas faces pallidas  
Ja mais sangue não ha que o das feridas.  
Só morto cede; vivo se não rende  
Quem jamais de estacada ou raso campo  
Sem victoria sahio.—«E' morto, é morto»  
Clamam christãos, e ás portas se arrojaram.  
De subito pavor cortado o moiro,  
Sem resistir, ao jugo off'rece o collo.  
De novo as Quinas nos torreões tremulam,  
E no Algarve d'aquem Affonso impera.

## XXXVI

Nas ameias da torre pendurada  
Foi a cabeça do traidor Soeiro.  
Em vão por elle supplicou Oriana;  
Elrei não cede: atroz, horrendo é o crime,  
Pune-o de morte a lei; e á lei não ousa  
Para tal delinquente o rei magnanimo  
Justo rigor embrandecer piedoso.

## XXXVII

A's torturas da dôr resiste a vida  
Da linda Branca, mas a razão lhe foge.  
Por Aben clama, por Aben suspira,  
De remorsos e amor já ri, já chora,  
E c'os olhos no céu, a alma na terra,  
Ora implora perdões, blasphema outr'ora  
—A Holgas a levam. Oriana a segue:  
Oriana que deixar um triste mundo,  
Onde tudo perdeu, ao céu votara.  
Única a vista d'ella a dôr accalma  
A afflicta Branca: seu formoso gesto

Muda, quêda contempla horas inteiras,  
E, uma por uma, nas feições lhe colhe  
O parecer d'aquelle que ainda adora.  
Mas ah! consolo misero e mesquinho!  
Pouco e pouco se esvae o doce engano,  
E a verdade fatal volve mais crua.

## XXXVIII

Flor da existencia desfolhou-se n'hastea;  
ramos que amarellecem vão caindo;  
Vejeta o tronco ainda:—mas é vida  
Esse viver que se alimenta em lagrimas?

## NOTAS AO CANTO PRIMEIRO

### Nota A

Aureos nunes d'Ascreu..... pag. 265

Hesiodo de Ascrea, a cuja *Theogonia* (geração dos deuses) aqui se allude. (Prim. ed.)

### Nota B

Não rias, bom philosopho Duarte..... pag. 265.

Sera pouco intelligivel toda esta 11 estancia ou secção de versos a quem não souber que a *Dona Branca* foi escripta em França quando o auctor entrava apenas nos vinte annos, e, todo namorado das melancholias do romantismo, dirigia ao seu amigo Duarte Lessa, então em Londres, as saudosas aspirações da sua alma. O *Camões*, publicado um anno antes, 1825, foi todavia escripto depois. N'esse porém a natureza do assumpto obrigou o poeta a transigir de novo com a mythologia pagan que tinha abjurado. E a pesar d'isso, foram estes dois poemas que a baniram e destronaram entre nós.

### Nota C

Da minha conversão, sincera e ella..... pag. 265.

Deve entender-se este verso e os dois subsequentes no verdadeiro sentido: a tenção do auctor foi impugnar as ficções gentilicas, além de absurdas, insossas para nós. E todavia não é propriamente *maravilhoso christão* o de que se serviu n'este poema: julga elle a religião muito sublime coisa para se fazer entrar em poemas cujo assumpto não seja ella mesma, ou um de seus dogmas, como no *Paraíso* de Milton, e no poema didactico de Racine. N'esta composição seguiu-se visivelmente o exemplo de Wielan no *Oberon*; todo o seu maravilhoso é tirado das fabulas populares, crenças e preconceitos nacionaes.

(Prim. ed.)

### Nota D

... seu avô, esse outro Afonso..... pag. 265

D. Afonso de Castella e Leão, imperador eleito que veio a ser d'Allemanha, cuja filha era D. Beatriz, mulher de D. Afonso de Portugal o III, e mãe d'el-rei D. Diniz, de D. Branca e outros infantas. D'essa filha D. Beatriz foi elle tam amante, que por seu respeito cedeu ao genro os direitos que reputava ter ao reino do Algarve: direitos que por de boa lei tinha, já em razão da dominação antiga, já porque de novamente o ia conquistando a Ordem de Sanctiago, cujo mestre, ainda que portuguez (e portuguezes quasi todos os cavalleiros que andaram na conquista) eram todavia elle e sua Ordem vassallos de Castella. Por amor d'esta mesma filha quitou depois D. Afonso ao de Portugal a obrigação das cincoenta lanças que com a investidura do Algarve lhe impozera.

(Prim. ed.)

D. Afonso foi um dos maiores philosophos e philologos do seu tempo, e occupa um dos primeiros lugares entre os trovadores da nossa peninsula. Estase actualmente (1850) fazendo em Madrid uma bella e custosa edição do seu cancionero. Escreveu n'aquelle mais antigo, menos arabe e mais romano godo de todos os dialectos hespanhoes que depois se estremou do nosso portuguez por um lado, e no inospito gallego por outro.

### Nota E

Vassallos estes são que as ferteis varzeas  
De Burgos tem, e de Hoigas ao mosteiro  
T'reito e homenagem dão..... pag. 265.

Quasi toda a varzea de Burgos era feudataria d'este célebre mosteiro.

O meu amigo sr. Varnhagem, actualmente secretario da legação do Brazil em Madrid, visitou Burgos em 1846, e observou em estado de perfeita conservação o tumulo da Infanta-abbadessa.

### Nota F

Ao proprio Camisão soar a festa,  
Que nem o agudo Busembau sonhara  
Nem o Larraga..... pag. 265.

O Camisão foi celebre canonista e professor da Universidade de Coimbra, cuja proverbial estupidez não esquecerá tam cedo. Na casuistica era de uma agudeza comica todavia, e rival dos Larragas e Busembaus com quem o A. o emparelhou. Busembau diz o vulgo, e affectou dizer o poeta, por mais carregar.

### Nota G

Mestre Gilvaz, que em Padua fez prodigios..... pag. 266

Aos physicos e doutores medicos chamavam d'antes em Portugal *mestres*, ou *messes* á italiana. E não só aos doutores em medicina, porém aos outros tambem, como é de vêr, nos espiritos do tempo ou que d'elle nos contam. Em Padua era a mais famosa Universidade para physicos, assim como em Bologna para juristas e theologos. A de Coimbra não veio a fundar-se senão no reinado seguinte.

(Prim. ed.)

### Nota H

De monges negros..... pag. 266

Segundo as côres de sua cogula os monges bernardos ou de Cister eram os brancos, os beneditinos os negros. São vulgares, não só as rivalidades d'estas Ordens entre si, mas as chufas, dicerios e apodos com que se motejavam uns aos outros sobrenegros e brancos, por equívocos e joguetes que d'estas palavras formavam. Em Inglaterra ha ainda hoje sitios, especialmente em Londres, denominados de *black*, e *white friars*: nem era só popular este appellido, que assim lhe chamam estatutos e canones antigos.

E não sei por que fado, sendo em toda a parte os monges negros dados á sciencias, respeitados e dignos de o ser, os pobres bernardos vieram em Portugal a ser o objecto da moia geral, que seguramente se não dirige a seu sagrado instituto, mas á crassa ignorancia que por abuso d'este instituto entre elles reina.

(Prim. ed.)

### Nota I

O que lhes falta? o quê? — Falta a *tremenda*..... pag. 266

Este verso não carecia de nota, quanto a mim, porque não suppunha que houvesse em Portugal quem ignorasse o uso venerando (por antigo) dos monges de san'Bernardo: uso conhecido pelo nome de *tremenda*. Advertiram-me porém que assim não era, porque em Lisboa, por exemplo, muita gente e não sabia, como o sabemos nós provincianos, que

mais de perto lidámos com aquelles padres, e lhes sabemos das... virtudes.

A certa hora da noite, depois de ceados, rezados, deitados, adormecidos, e roncados os reverendos padres iam pelos dormitórios, leigos, donatos, coristas ou moços, que tanto não sei eu, com uma enorme marmitta, ou outra que tal vazilha, cheia de gordas, grossas e pingues postas de cevado toucinho, cozidas e adubadas com seu molho de vinagre, e não sei que mais ingredientes; e batendo ás portas das cellas, acordavam aquelles penitentes varões para tão frugal repasto, que suas reverendíssimas mui devotamente, e por santa obediência devoravam. A isto se chama *tremenda*; porquê e com que etymologia não pude ainda descobrir; mas o facto asseveram ser tam real como a existencia dos cachafos dos reverendos padres. Talvez d'aqui venha aquelle sabio anexam, que ás pessoas de juizo *bernardo* se applica:

Tens muito toucinho nos cascos,  
(Prim. ed.)

#### Nota J

E em caso de mais polpa, um bom milagre..... pag. 266

Não interprete algum mal-intencionado que o autor quizesse de maneira nenhuma atacar a pia crença da Igreja. Mas certo, que ha milagres de milagres, que tem havido impostores que abusaram da boa fé publica. Com esses é a ironia d'este e dos versos subsequentes.  
(Prim. ed.)

#### Nota K

Como attalude egypcio que entre os brindes..... pag. 207

Não commento este verso para explicar a allusão historica tam sabida de toda a gente, mas para dizer que a comparação não é minha: li-a, porém aonde não me posso lembrar.  
(Prim. ed.)

#### Nota L

Que por velas de moiros o tomara..... pag. 207

Velas na linguagem d'aquelle tempo, quer dizer vigias, sentinellas. Vejam-se os classicos *passim*, e especialmente D. Nunes na *Chronica d'el-rei D. Affonso Henriques*, pag. 108, edic. de Lisboa de 1774; ahi:

«E quando veo ao quarto da alva, tempo em que entenderão que as *velas* estavam mais somnolentas.»

*Rolda*, ou *sobrerolda*, que alguns têm pelo mesmo, é todavia differente. *Rolda* é a ronda, ou vela que vigia sobre outras velas; como hoje ha official do dia que visita de noite as guardas e postos para ver se tudo va em ordem. Outro logar do mesmo D. Nunes, e logo na pag. seguinte, 100, authentica esta distincção: «Nisto a *rola*, que andava pelo muro requerendo as *velas*, chegou perhi, e lhes falou.»  
(Prim. ed.)

#### Nota M

Bem travado co'elles

Anda o Mestre dom Paio..... pag. 10.

D. Paio Corrêa, portuez de nascimento, e Mestre de Sanctiago em Castella, que com seus commendadores e cavalleiros tomou aos moiros os mais dos logares do Algarve e depois se fez vassallo d'elrei de Portugal, a quem entregou todo o ganhando por motivo da cessão de D. Affonso de Castella Foi homem de singular valor e nomeada prudencia.  
(Prim. ed.)

#### Nota N

Como as sete

Aureas tôrres no escudo lusitano...

Como ao singelo titulo..... pag. 16.

As sete tôrres do escudo portuez são pelos Algarves, e *aureas* porque são amarellas, que em brazão é o mesmo que aureas ou de ouro. As quaes tôrres são em campo *vermelho*; e a razão d'isto referem os chronistas, foi *por os logares que erão tomados aos moiros, e por os que sperava tomar com spargimento do sangue d'elles*. Quanto ao número de sete, é elle mais moderno: vêm-se em lavores antigos, dôze e mais castellos nos escudos portuezes.

Os primeiros nossos reis intitulavam-se sómente com a singela sudação de Ourique, em I amego confirmada (?) de reis de Portugal, ou dos portuezes. Depois da tomada do Algarve, accrescentaram — e do *Algarve* — no singular. O plural — *dos Algarves*, — com — *d'aquem e d'alem mar em Africa* — só o tomaram depois de haver estendido a conquista á outra parte do mar na Barbaria. Com effeito antigamente houvera este reino dos Algarves d'aquem e d'alem maa em Africa unidos em um só imperio, e era mui grande estado, que da parte da Europa começava na cidade de Aimeria, reino de Granada, e da parte de Africa, desde a bôcca do estreito corria até Tremecem, em que entra o reino de Fez, e as cidades de Ceuta e Tangere, ao que antigamente chamavam reino de Benamarim.

«Algarve *Algarb*, é a parte occidental ou poente. Assim chamam os moiros á antiga Turdetania. Não pude descobrir onde Duarte Nunes de Leão, Bluteau e outros auctores acharam a etymologia que dão a este nome, dizendo que Algarve na lingua arabica significa *terra plana, e cham fertil*, quando todos os auctores arabes, até o mesmo vulgo, o toma pela parte occidental.

*Algarb que nós corruptamente chamamos Algarve*. Barros, Dec. 1. p. 1.<sup>a</sup> — *Vestigios da ling. arab. em Portugal*, por Fr. João de Sousa. Lisboa, 1789.  
(Prim. ed.)

#### Nota O

A pergunta costumada

De — *por quem cavalleiro?*..... pag. 20.

Era o — *Qui vive?* — d'então. Ao passar por pontes, logares fortes, etc., ás entradas de terras e castellos, se fazia esta pergunta, que as continuas guerras e disputas feudaes faziam necessaria. Cavalleiros, ou gentes d'armas quando em qualquer parte se encontravam, mutuamente a faziam; e muitas vezes as respostas eram á viva lançada e amido acabou o interrogatorio com morte do perguntador, ou do outro, ou de ambos.  
(Prim. ed.)

#### Nota P

Hymno exemplar e santo

Extrahido do Canticos dos canticos..... pag. 24.

Voltaire, que foi tamanho impio como todos sabem, tentou mostrar que o *Cantico dos Canticos* era um poema lascivo oriental, e não inspirada canção do rei sabio: paraphraseou-o a seu modo para este fim, e com tal arte diabolica o fez, que parece que tem razão, a quem só em Voltaire o ler. O *Cantico dos Canticos* é um sublime trecho de inspirada poesia mas que não é para de todos ser lido e entendido.  
(Prim. ed.)



D. BRANCA — CANTO X

C'os olhos longos para o grypho alado

PAG. 316



## NOTAS AO CANTO SEGUNDO

## Nota A

A ventura, o prazer d'um nó reparo..... pag. 270

Tudo quanto aqui se diz a respeito dos votos reli-  
giosos não é sóla generalidade, nem invectiva con-  
tra os santos asylos que para o infortunio, para a  
virtude, para a fraqueza humana abre o claustro, e  
principalmente a um sexo que por si é destituido da  
força, da energia que as difficuldades da vida preci-  
sam. Mas ninguém pôde negar que terríveis e funes-  
tos abusos têm solapado estas instituições. É geral-  
mente demasiado tenra e inexperta a idade da pro-  
fissão: e muitos varões de grande doutrina e religião  
contra esse erro fatal têm clamado: erro que priva  
a sociedade de tanta boa mãe, de tanta esposa excel-  
lente, e atulha o claustro de tanta má religiosa.

A estes abusos, e só a elles se refere o que no poe-  
ma é ditto. (Prim. ed.)

## Nota B

Largas postas do nitido cevado..... pag. 271

Assim chamam na minha provincia ao porco engor-  
dado em casa, e na *corinha* ou *eido*, como diz a nossa  
gente Pingue é substantivo em dialecto minhoto, e  
significa manteiga de porco.

## Nota C

E em manta enorme atassalhando um naco..... pag. 272

Manta, é de toucinho; e atassalhar, de qualquer  
carne. São vulgares expressões; mas para exprimir  
deias vulgares, como se hade fazer sem ellas, ou

sem cahir em gongorisimos e elmanismos? — Não  
disse Virgilio: *Pars in frusta secant?*  
(Prim. ed.)

## Nota D

Tremendo *Alla* sóou pelas abobadas..... pag. 275

Voz ou grito de accommetter e de guerra dos ma-  
hometanos. Em arabe é — *Alla acbar* — Deus é todo  
poderoso. (Prim. ed.)

## Nota E

D'onde vieram ao reclamo tredo  
llo vingativo pae pela offendida  
Honra da loira virgem..... pag. 275.

Allusão á entrada dos moiros nas Hespanhas, por  
ajuda e chamamento do Conde Julião, que para ving-  
gar a honra de sua filha, infamada por el rei D. Ro-  
drigo, foi traidor á patria. Sir Walter Scott nas no-  
tas á *Visão de D. Rodrigo* parece dar algum pezo ás  
dúvidas de Voltaire (hist. gen.) sobre a authenticidade  
d'este facto, e talvez porque Gibbon lhes dera  
tambem valia. Certo é porém que uma tradição tam  
geral e constante não é para ser destruida com sim-  
ples dúvidas, mas que sejam de grandes auctores.  
(Prim. ed.)

## Nota F

Tal em cheiroso banho aspide amigo  
Voluptuoso suicida..... pag. 276.

O que se conta de Cleopatra, a este respeito, era  
frequente uso dos orientaes, até na morte voluptuo-  
sos — ou *diviciosos*, que é expressão do nosso Lucena.  
(Prim. ed.)

## NOTAS AO CANTO TERCEIRO

## Nota A

E vós, formosas moiras incantadas  
Na noite de san'João ao pé da fonte  
Aureas franças..... pag. 277

É crença popular entre nós que na noite de San'  
João todos os encantamentos se quebram: as moiras  
encantadas, que ordinariamente andam em figura de  
cobras, tomam n'essa noite sua bella e natural pre-  
sença, e vão pôr-se ao pé das fontes, ou á borda dos  
regatos a pentear os seus *cabellos de ouro*. Os the-  
soursos sumidos no fundo dos poços võem á tona  
d'agua, e mil outras maravilhas succedem em tam  
milagrosa noite. (Prim. ed.)

## Nota B

Já indo, ás duzias, em casquinha d'ovo..... pag. 277

Ainda hoje é superstição commun nas aldeias o  
quebrarem as cascas dos ovos depois de comidos,  
por temor, dizem e crêem, que d'elles se não sirvam  
as bruxas para ir á India, ou a outras partes longes,  
onde costumam de ir embarcadas em taes navios  
chupar sangue de meninos por baptisam, ou fazer al-  
guma outra maldade do seu officio. Todavia é mis-  
ter que se recolham cedo, e antes do cantar do  
gallo preto — que são os mais certos co'a meia  
noite — porque a essa hora acaba-se-lhe o incanto e  
poder: assim muitas têm morrido afogadas por es-

ses mares de Christo. A isso allude o verso mais  
abaixo:

E aíl se o gallo cantou que á meia noite  
Incantos quebram, e o poder lh'acaba.  
(Prim. ed.)

## Nota C

Não gosto de Irmisulfa nem de Theutates..... pag. 277

São os deuses dos Druidas. Os poemas de Macpher-  
son, que tantos annos correram mundo com o no-  
me do Ossian, foram de tanta moda aqui ha tempos,  
que os phantasmas scandinavios, caledonios e todas  
as outras invenções e mythologia runica andavam  
na baila por versos e versinhos de toda a gente. Ce-  
sarotti, o erudito e profundo Cesarotti, quasi que da  
preferencia ao imaginario bardo escocoz sobre o pro-  
prio Homero; e elle, que ambos os traduziu, certo  
que se tinha estudado. Bonaparte, cuja imaginação  
gigantesca se apprazia em tudo o que era d'este ge-  
nero, foi grande prezador de Ossian, e o preferia a  
todos os poetas: n'esse tempo em França a torrente  
dos trovadores ia com o vento imperial. O elegante  
Lebrun, em uma gallante odesinha graciosamente  
combate e mette a ridiculo esta preferencia.

Quanto a mim, tenho que as artes filhas da natu-  
reza devem andar a par d'ella e com ella. Essas  
phantasmagorias druidicas são bellas, são magnificas  
nas montanhas dos despenhadeiros da alta Escocia,  
nos gelos e neves das terras polares; mas nos nosso,

dulcissimos e risonhos climas, não podem ter mais valor do que a impressão extraordinaria do primeiro momento; e repito que essas bellezas glaciaes

Do sol do meio dia aos raios vividos  
Parvo! — se elles derretem a brancura  
Perdém co'a nítidez, e se convertem  
De incidos christaes, em agua chilla.

(Prim. ed.)

#### Nota D

O saxeo promontorio que de Sagres  
Tem hoje nome..... pag. 278

Para explicação de tudo o que vae dito até o fim da estancia ix, copiei aqui um tracto de uma muy breve, porém muy bem escripta descripção d'esta parte do Algarve, cujo auctor supponho ser um doutor Silva Lopes, medico e homem de muito saber e gosto, de quem possuo alguns preciosos manuscritos:

«Entrando na praça de Sagres, dois contrarios effeitos se observam; por uma parte admira-se um quasi isthmo composto de um enorme rochedo, onde tudo são bancos de *saxum*, ora horizontes, ora obliquos, ora verticaes, cuja revolução assás mostra a existencia de vulcões, testemunhada com os dois grandes hiatos que lá se encontram, por outra, vê-se com espanto o que fóra theatro das observações astronomicas do nosso famosissimo infante D. Henrique reduzido a ruinas, que, á excepção das baterias, mais inculcam uma praça abandonada que guarnecida: quanto mais se reflecte que d'este porto sahiram as expedições que abriram o primeiro caminho á descoberta das nossas colonias, cuja epoca faz figurar tam gloriosamente a nação portugueza no mundo, e que este mesmo porto é demandado como asylo de todos os navios que atravessam os nossos mares, tanto mais se mogoa todo o bom portuguez: porque se não accredita a origem de tanta honra que d'alli resultou á nossa patria, envergonhando-se de que o estrangeiro, esperando achar um padrão distincto de tam heroicos feitos, não encontre se não uma face cadaverica de fortaleza, sem viveres, sem cultura nas terras adjacentes, d'onde possa fornecer ás suas embarcações os generos de que necessitam, tanta é a penuria e depopulação d'aquellas pobres terras!...

«Na distancia de mil passos adantes do nordeste da praça, fica uma pequena lagoa... As plantas que crescem dentro d'aquelle recinto são a mór parte de *fragaria*, alguns ranunculos aquaticos, alguns juncos e poucos almeirões, azedas e grama... alecrim, rosmaminho, tojos e carqueja...»

(Prim. ed.)

#### Nota E

Estrobdos pardeiros — oh vergonha!  
São as torres d'Henrique..... pag. 278

O Sr. Visconde de Sá-da-Bandeira, no tempo da guerra civil em 1833, que governava o Algarve, occorreu-lhe á vista da península de Sagres o desejo de reparar essa affronta á memoria do infante D. Henrique, levantando alli uma columna rostral que recordasse aos que passam por aquelle promontorio, o nome do illustre principe e as glorias navaes dos portuguezes. Mas estando depois no ministerio da marinha, não pôde mais, apesar de seus vivos desejos, do que fazer lavrar uma lapide que ao menos se collocasse alli. Levou-se a effeito esta determinação, porque estando feita a lapide em 1839, apesar de sahir o Visconde do ministerio, a obra progrediu — aoavez de nossas costumeiras — e se concluiu.

A lapide é de marmore, com um corpo de dez palmos e meio de altura, cinco palmos e meio de largura, dividido em dois planos. No superior, em meio relêvo, o escudo das armas do infante; ao lado direito do escudo uma esphera armillar, á esquerda um navio á vela. No plano inferior duas almofadas no alto, n'uma d'ellas a inscripção latina, na outra a traducção portugueza, d'este modo:

#### INSCRIPÇÃO LATINA

Aetern. Sacrum.  
Hoc. Loco.  
Magnus. Henricus. Jo. I. Portug. Reg. Filius  
Ut. Transmarinis. Occidental. Africæ. Regiones.  
Antea. Hominihus. Impervias. Patetfucet.  
Indeque. Ad. Remotissimas. Orientis. Plagas.  
Africa. Circumnavigata.  
Tandem. Pervenit. Possidet.  
Regim. Snae. Habitaciones. Domum.  
Cosmographiae. Scholam. Celebratissimam.  
Astronomicam. Speculam. Amplissimamque. Navalia.  
Propriis. Sumptibus. Construit. Fecit.  
Maximoque. Reipublicae. Litterarum. Religionis.  
Foliusque. Humanæ. Generis. Bono.  
Ad. Extremum. Vitæ. Spiritum.  
Incredibili. Plane. Virtute. Et. Constantia.  
Conservavit. Fovit. Et. Auxit  
Obiit. Maximus. Princeps.  
Postquam. Suis. Navigatombus. Ab. Acquinoctial. Ad. VIII.  
Versus. Septentriorem. Gradum.  
Pervenit.  
Quampluresque. Atlantici. Maris. Insulas. Detexit.  
Et. Colonus. Ab. Lusitania. Deductis.  
Frequentavit.  
XIII. Die. Novemb. An. Dom. MCDLX.  
Maria. II. Portug. Et. Algarb. Regina.  
Ejus. Consanguinea.  
Post. CCCXXIX. Annos.  
H. M. P.  
Curante. Rei. Navalis. Administro.  
Vice. Comite. De. Sá. Da. Bandeira.  
MDCCCXXXIX.

#### TRADUÇÃO

monum. consagrado. á. eternidade. o. grande.  
infante. d. henrique. filho. de. el. rei. de. portugal.  
d. joão. i. tendo. comprehendido. descobrir. as. regiões.  
até. então. desconhecidas. de. africa. occidental.  
e. abrir. assim. caminho. para. chegar. por. meio.  
da. circumnavegação. africana. até. as. partes. mais.  
remotas. do. oriente. fundou. n'estes. logares. á. sua.  
custa. no. palacio. da. sua. habitação. a. famosa.  
escola. de. cosmographia. o. observatorio.  
a. tronomico. e. as. officinas. da. construção.  
naval. conservando. promovendo. e. augmentando.  
tudo. isto. até. o. termo. da. sua. vida. com.  
admiravel. esforço. e. constancia. e. com.  
grandissima. utilidade. do. reino. das. letras.  
até. de. todo. o. genero. humano. falleceu.  
este. grande. principe. depois. de. ter. chegado.  
com. suas. navegações. até. o. 8.º gr. de. latitude.  
septentr. e. de. ter. descoberto. e. povoado. de.  
gente. portugueza. muitas. ilhas. do. atlantico.  
aos. xiii. dias. de. novembro. de. 1460. d. maria. ii.  
rainha. de. portugal. e. dos. algarves. mandou.  
levantar. este. monumento. a. memoria. do.  
illustre. principe. seu. consanguineo. aos. 379.  
annos. depois. do. seu. fallecimento. seado.  
ministro. dos. negocios. da. marinha. e.  
ultramar. o. visconde. de. sa. da. bandeira.  
1839

A inscripção foi composta pelo Cardeal-patriarcha San'Luiz. Em 24 de Julho de 1840 a lapide foi collocada na parede de uma torre que ainda alli existia, e que pareceu ser o mais antigo edificio da praça.

A estreiteza de uma nota não permite alargar-me, segundo quizeira, n'este assumpto.

Seja muito louvado o Sr. Visconde de Sá, e ao seu successor o Sr. Conde de Bonfim.

#### Nota F

A sacarina flor no botão pica..... pag. 278

O insecto que se gera, ou desenvolve no figo de certa especie de figueiras, e que tomando corpo fura o figo em que nasceu e vae picar o das outras. E o que se chama caprifigação. Plantam esta casta de figueiras entre as mais, porque o figo assim picado incha, augmenta de volume e melhora de sabor. Digo *sacarina flor*, porque é sabida decisão de botanicos não ser o figo fructo, senão flor, ou antes involucro de flores.  
(Prim. ed.)

#### Nota G

Não lhe descobrirei o proprio Volney.  
Nem tu, famoso Jones..... pag. 279

Volney nas *Viagens do Egypto*, e Sir W. Jones *Essays on eastern Poetry and on the imitative arts*



(Lond. 1777), os mais intelligentes antiquarios, que de coisas orientaes escreveram. Não sei se me engano, mas tenho por mais profundo o inglez.

(Prim. ed.)

#### Nota H

As duas bellicas phalanges  
Que ora na arena litteraria pugnam..... pag. 279.

Pelo tempo em que se compunha este romance, de 1824 a 25, era a grande luta dos classicos e romanticos no continente, e principalmente em França. Pesava a censura prévia sobre os jornaes, e a quasi-tão era o que lhes valia para supprir os vazios que deixava a politica em suas columnas.

#### Nota I

Já em Caccella, preço offerecido  
Por Estombar e Alvor..... pag. 279.

D. Paio, Mestre de Sanctiago, e os seus commendadores e freires tinham tomado aos moiros do Algarve os logares de Alvor e Estombar; e estes lhes

offereceram por elles a praça de Caccella, que apezar de mais consideravel, ficava proxima a Tavira, praça tambem forte e mui defensavel, dos moiros. D. Paio acceitou, e d'alli com mais força continuou e acabou a conquista.

#### Nota J

Abre-te, porta,  
Porta d'Azoia..... pag. 279.

Célebre porta de Silves, da qual fez menção o citado Duarte Nunes no mesmo logar.

(Prim. ed.)

#### Nota K

Nunca o rosto voltou á santa kaaba..... pag. 280

A kaaba é um pequeno edificio quadrado que sempre se conserva coberto de seda preta, e que é uma especie de sancta-sanctorum do templo de Mecca, dentro do qual está collocado. O odo o bom mahometano, em qualquer parte em que esteja, deve volver o rosto á santa kaaba, quando reza as suas orações.

## NOTAS AO CANTO QUARTO

#### Nota A

Falso o meu Deus!... E o teu é verdadeiro!... pag. 283.

Note-se que falla um infiel, dirigido pela falsa luz das suppostas verdades naturaes, e sem guia da revelação. Assim na estancia seguinte, a vi, se diz:

Os theologos sabem mil respostas...  
(Prim. ed.)

#### Nota B

Flexivel, curta vara tem na dextra..... pag. 284.

A celebre varinha do condão, ou divinatoria, in-

signia e instrumentos de fadas, encantadores, etc. etc.  
(Prim. ed.)

#### Nota C

Sois vos outros,  
Portuguezes inimigos do descaço,  
E delicias da paz..... pag. 286.

São expressões de um rei, ou régulo da India, em carta ou falla a um de nossos capitães por aquellas partes, nos bons tempos da gloria da nossa gente.  
(Prim. ed.)

## NOTAS AO CANTO QUINTO

#### Nota A

Embragando-se em sangue de parentes,  
De amigos..... pag. 287.

Superstição muito geral no Oriente, que veio a prevalecer depois para o septemtrião da Europa. O nome de *Vampiro* é hoje célebre pela historia de Lord Byron, ou de qualquer que é seu auctor.  
(Prim. ed.)

#### Nota B

Como a espada de fogo que fulminna  
Nas mãos do guardador do Eden defeso..... pag. 287.

Os mahometanos citam, e dão credito a grande parte dos livros do Testamento-Velho, e fallam de Moysés, Abrahão, etc., com a mesma veneração que judeus e christãos.  
(Prim. ed.)

#### Nota C

O burel do santão..... pag. 291.

Nome que dão os mussulmanos a certos loucos ou fanaticos que por devoção se dilaceram. Catam-lhes

grande respeito; e não é de admirar que um mahometano como Aben-Aflan confundisse os seus miserraveis *santões* com os nossos santos eremitães.  
(Prim. ed.)

#### Nota D

Christo e Mahomet foram prophetas,  
Mas Deus é o mesmo Deus..... pag. 291.

Tal é a impia fé e misero credo dos mahometanos Dizem elles em sua cegueira que, não sendo completa a missão de J. Ch. porque o mundo, que Deus lhe mandou reformar, ficára peor do que estava, mandára Deus a Mahomet, que emfim acabára a obra começada por J. Ch.  
(Prim. ed.)

#### Nota E

O propheta, se a vira n'esse instante,  
Emendara o Koran..... pag. 291

Todos sabem que Maíoma no seu *Koran*, ou Al-koran, negou a errada do paraizo ás mulheres, e apenas concede por especial mercê ás mais virtuosas, obedientes e amantes dos maridos, que de longe estejam vendo a glória de seus antigos esposos  
(Prim. ed.)

## NOTAS AO CANTO SEXTO

#### Nota A

Como estrellas namoradas..... pag. 294.

Allusão ás harmonias das espheras Pythagoras, cuja antipathia ás favas é bem conhecida.

(Prim. ed.)

## NOTAS AO CANTO OITAVO

## Nota A

Se o vira alzuem, forte milagre fôra..... pag. 303

A Igreja reconhece os milagres, e a crença dos fiéis se deve conformar com esta, mas não se segue d'ahi que não haja n'esse ponto muita superstição entre o vulgo, e sobre tudo n'aquelles seculos igno-

rantes. Além de que, a bem entendida piedade nos deve fazer aguardar a decisão da Igreja antes de prestarmos fé; pois em verdade muitos falsos milagres têm havido, que para serem taes foi mister que ninguém os visse: com o que se dá gosto e triumpho a hereges e inimigos de nossa religião.

(Prim. ed.)

## NOTAS AO CANTO NONO

## Nota A

Lagrima a lagrima.

Estás sentindo as da infeliz Mathilde..... pag. 307

A condessa Mathilde de Bolonha, primeira mulher de Afonso III, que elle tam ingrata e cruelmente repudiára depois que se viu rei

## Nota B

Que em Toledo a outro rei..... pag. 307

D. Sancho II que ahi morreu, e ahi foi sepultado a expensas e por caridade d'elrei de Castella.

## Nota C

Quando o ramo de peste em talha de ouro..... pag. 307

Allusões a varias crenças populares sobre a noite e madrugada de San João.

## Nota D

Meu incubo poder..... pag. 309

Veja a respeito de *incubos e succubos*, S. Clemente Alexandrino, Tertuliano e I. actancio, padres da Igreja que todos acreditaram n'este poder dos demonios. Veja tambem as notas do P. Pereira ao VI cap. do *Genesis*, e a I Epistola, XI, 10, *Cor.* de S. Paulo: dois logares da Biblia, que deram origem, por mal entendidos, áquella imaginação pouco decente

(Prim. ed.)

## Nota E

Cevado de pilau e de badana..... pag. 309

O pilau, especie de papas de arroz cozido, com carneiro quasi sempre, é a usual e favorita comida dos turcos e orientaes quasi todos. Badana é a mais vil carne de açougue que ha: ovelha velha, que, por inutil para mais nada, se mandou ao matadouro.

## NOTAS AO CANTO DECIMO

## Nota A

Ahi por essas éras

Os seus mortos os moiros sepultavam..... pag. 315

Os mahometanos fazem sempre os seus cemiterios fôra das cidades, e escolhem para elles apraziveis e amenos, senão alegres sitios. Veja-se Volney, *Viag. ao Egypt.*—Chateaubriand, *Itinerario*, etc.

(Prim. ed.)

## Nota B

Tira da manga mão de infante, morto..... pag. 315

Toda esta estancia é compilada das crenças vulgares e supersticiosas do nosso povo. Todavia é isto commum em toda a parte, e não é só a nossa gente a que cre em bruxas. Veja-se *Dictionnaire infern.* etc.

(Prim. ed.)

## NOTAS À PREFACÇÃO

## Nota unica

Conseguia passar por obra posthuma..... pag. 264.

A primeira edição de *Dona Branca* trazia no rosto: —Obra posthuma de F. E. Com estas iniciaes mysteriosas, com protestaço—que aqui transcrevo, como curiosidade litteraria que é—com certa imitação de stylo, ou mais exactamente de linguagem, muitos a tomaram por coisa de Filinto-Elysio: e é a maior lisonja que podiam fazer ao A. Eis-aqui a tal protestaço:

«Protesto que todas as expressões de que fui obrigado a servir-me, fadas, encantamentos, etc., são puramente poeticas. Outro si que ainda quando ataquei algum d'aquelles abusos a que tão propensa é a natureza humana, nunca tive a peccaminosa intenção de desacatar a veneranda crença de nossos paes. Antes foi meu principal fim n'esta obra mostrar o castigo do vicio, o curto e amargo dos prazeres mundanos, e o triumpho porfim da virtude e da religião.

Se a calúnnia quizer lançar fel, ou a impiedade veneno em minhas ingenuas trovas, desde já as desminto, e d'ahi lavo minhas mãos. Esta obra deixo em depósito ao quasi unico amigo que toda a vida tive: só depois da minha morte verá luz publica. Mas comquanto a essa hora já estarei a salvo, no sepulchro, de todas as malevolencias dos homens, de sejo comtudo que a memoria (se alguma restar) do obscuro auctor d'estes versos seja bemdita dos bons Portuguezes, dos homens de verdadeira religião e temor de Deus. Nasci, vivi, e não tardarei a morrer no seio da Igreja catholica, apostolica romana; e ella sujeito meu humilde escripto; e se na minima coisa involuntariamente encontrei seus preceitos, do coração me desdigo e retracto.»

F. E.

«N. B. Esta declaração estava autographa em um papel avulso entre a primeira e segunda folha do manuscrito nesse em letra que desconheço, o qual recebi de F. E. poucos dias antes de sua morte.—O EDITOR.»

# ADOZINDA

## NA TERCEIRA EDIÇÃO

Publicamos emfim esta nova edição da primeira parte do ROMANCEIRO, que vae muito superior ás antecedentes, tanto pela correcção como pelos addicionamentos importantes que leva.

A de Londres de 1828 continha apenas a *Adozinda* e o *Bernal-francez*; a de Lisboa de 1843 já lhe accrescentou mais quatro romances; na presente ha oito, além das novas traduções em varias linguas que n'este intervallo se têm publicado pela Europa. Não são todas, porém, e já muitas das mais notaveis versões appareceram colligidas no appendice do terceiro volume da presente obra publicado em 1851; outras o tinham sido no segundo juntamente com os originaes portuguezes primitivos que o nosso auctor reconstruira.

A sua predilecção por estas reliquias da antiga poesia peninsular tem feito com que, desde a infancia até hoje, tenham ellas sempre sido a occupação das suas 'Horas de lazer' — *Hours of idleness*, segundo a frizante expressão de Lord Byron; um quasi mialheiro poetico em que por intervallos, mas sempre, se vão deitando pequenas quantias até que chegam a formar um thesouro. Este é já um verdadeiro thesouro para os que sabem avaliar a riqueza de uma lingua e de uma litteratura.

No meio dos trabalhos mais graves, das contrariedades mais apertadas da vida publica, o auctor não se tem esjuecido do seu mialheiro, que, tornamos a dizê-lo, para nós é thesouro riquissimo. Se ainda assim o não julga Portugal, saiba ao menos que essa é a opinião da Europa.

## NA SEGUNDA EDIÇÃO

Depois que publiquei em Londres, em 1828, o meu romancinho a *Adozinda* que aqui vae na frente d'este volume, cheguei a ter uma bastante collecção d'essas trovas e romances populares, xácaras e solãos — designações que, sinceramente confesso, não sei ainda quadrar bem nas diversas especies e variedades em que se divide o genero.

Eram uns vinte e tantos havidos pela *tradição oral* do povo, quasi todos colligidos nas circumvisinhanças de Lisboa pela industria de amigos zelosos, e principalmente pelo obsequioso cuidado de uma joven senhora minha amiga muito do coração.

Por voltas do anno seguinte, 1829, os tinha eu pela maior parte correctos, annotados — e collacionadas as principaes das infinitas variantes que todos trazem, porque cada rhapsodista d'estes que sabe a sua xácara, a repete a seu modo, e sempre differente em alguma coisa do que outro a diz.

Cresceram logo mais os meus haveres pela contribuição de outro amigo tambem muito particular e muito prezado, o sr. Duarte Lessa, homem de raras e prestantes qualidades que amenizava a constante applicação a mais graves estudos, cultivando a litteratura e as artes, cujas obras apreciava com tacto finissimo e zelava com fervor patriotico, porque entendia — e bem o entendia! — que ellas são o espirito, a alma, o *in ipso vivimus et sumus* de uma nação. Tinha elle adquirido em Londres varios livros e manuscritos que haviam sido do celebre portuguez o Cavalheiro de Oliveira, aquelle que renunciou ao importante cargo de nosso ministro na Haya para abraçar a communhão protestante, na qual viveu em Inglaterra os ultimos annos da sua vida, quasi unicamente da caridade de seus novos correligionarios.

Havia entre esses livros um exemplar da *Bibliotheca* de Barboza, encadernados os tomos com folhas brancas de permeio, e escriptas estas, assim como as amplas margens do folio impresso, de letra muito miuda, mas muito clara e legivel, com annotações, commentarios, emendas e addições aos escriptos do nosso douto e laborioso mas incorrecto abbade.

Via-se por muitas partes que o longo trabalho do Oliveira fôra feito depois da publicação das suas *Memorias*, porque a miudo se referia a ellas, confirmando e ampliando, corrigindo ou retractando o que lá dissera.

Nos artigos *D. Diniç, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Fr. Bernardo de Brilo, Rodrigues Lobo, D. Francisco Manuel*, e em varios outros que vinha a proposito, as notas manuscriptas citavam, e transcreviam como illustração, muitas coplas, romances e trovas antigas — e até prophcias, como as do Bandarra — fielmente copiadas, asseverava elle, de Mss. antigos que tivera em seu poder na Hollanda e em Portugal, franqueados uns por judeus portuguezes das familias emigradas, outros havidos das preciosas collecções que d'antes se conservavam com tão louvavel cuidado nas livrarias e cartorios dos nossos fidalgos.

Foi-me logo confiada a inestimavel descoberta; percorri com avidéz aquellas notas, examinei-as com escrupulosa attenção, e, extractando uma por uma quantas coplas, cantigas e xácaras achei, completas e incompletas, accrescentei assim os meus haveres com umas cincoenta e tantas peças, d'ellas anonymas e verdadeiramente tradicionaes, d'ellas de auctor conhecido e que nas edições de suas obras se encontram, — taes como Bernardim Ribeiro, Gil-Vicente e Rodrigues Lobo — mas que differiam das impressas, consideravelmente ás vezes, muitas até na linguagem da composição, pois que algumas alli achei em portuguez, e manifestamente antigo e da respectiva epoca, as quaes só andam impressas em castelhano.

Com este auxilio corriji de novo muitos dos exemplares que já tinha, e completei alguns fragmentos que já desesperára de poder vir nunc a restaurar. E tomando para modelo as estimadas collecções de Elis e do bispo Percy, e a das fronteiras de Escocia por Sir Walter Scott, comeei a dar novo methodo e mais amplos limites á minha compilação que ao principio intitulára *Romanceiro portuguez*.

O longo e mais serio trabalho que por esse tempo comprehendí no meu tratado geral *Da Educação*, cujo primeiro volume se publicou em Londres em 1829, me fez relatar n'aquell'outro: depois os cuidados poli-

ticos e alguns officiaes, o complemento e impressão de outra obra de mais grave assumpto, o *Portugal na Balança da Europa*, que foi impresso no anno seguinte, 1830, — talvez alguma inconstancia de auctor, bem desculpavel n'aquella tarefa, tão tediosa ás vezes, de collacionar, estudar e explicar textos já viciados da ignorancia do vulgo por cujas boccas e memorias andaram, já de outra ignorancia mais confiada e mais corruptora ainda, a de copistas presumptuosos de lettrados e de castigadores do que elles suppoem vicio.

Comtudo, e apezar d'aquellas e de outras occupações e distracções, eu sempre voltava de vez em quando ao meu *Romanceiro*, e o tinha bastante adeantado, quando nos fins de 1831 abandonei tudo o que eram cuidados de sciencia ou recreações litterarias para me alistar no exercito da Rainha, e embarcar para os Açores. Em janeiro de 1832 sahi de Paris com praça de simples soldado, segui por este modo tomar minha humilde parte n'aquella expedição, cujos avisados e cautelosos directores com tanto empenho afastavam toda a gente conhecida de verdadeira liberal, por todos os modos, por modos que hão de parecer incriveis, e que elles hoje negariam a pés juntos, se fosse possível negar o de que ha tantas testemunhas e tantas victimas ainda vivas, tantos documentos que hão de durar mais que ellas.

A minha curta estada nas ilhas foi empregada quasi toda nos trabalhos de legislação e organização administrativa a que alli se procedeu, e de que me encarregou a amizade e confiança de um amigo particular, então em grande valimento, ao qual e á dura necessidade de me achar eu unico alli que tivesse estudado aquellas materias, teve de ceder forçosamente a ciosa malevolencia dos accaparadores que já na esperanza estavam devorando as ruinas de Portugal a que almejavam chegar — pelos esforços e risco alheio — não por certo para meditar sobre ellas como outros Marios — oh que Marios! — mas para as revolver e basculhar como Alaricos...

Faziam-me a honra de me querer mal esses senhores: lisongeio-me de lh'o merecer: davam-se ao encommodo de me intrigar; e era desperdicio de tempo e de arte, porque não ha mister intrigas para tirar favor de principes a quem, como eu, os aprecia muito e se honra muito d'elles, mas não é capaz de fazer o mais leve sacrificio para os conservar; jámais soube, em tantas oportunidades, convertê-los em nenhuma *consequencia legitima*; nunca, nem o mais indirectamente que é possível, tratou de os consolidar em nenhuma realidade utilitaria e de proveito pessoal.

Peço perdão da digressão: não a fiz eu mas as cousas,—que pelos tempos em que vivemos tam baralhado anda tudo, que até a historia litteraria e poetica se confunde com a dos successos e relações politicas.

D'esse tam pouco e tam occupado tempo permittiu comtudo o acaso que alguns instantes se podessem aproveitar em beneficio do pobre *Romanceiro*, que alli ia tambem, o coitado, na expedição, encolhido e amarrado na mochilla de um triste soldado raso, sem se lembrar de aspirar á inaudita honra de seu illustre predecessor, o *Cancioneiro* de Resende, que serviu de Evangelho para jurar aquelle rei gentio.—Havia pouco por alli quem lhe importasse com Evangelhos e juramentos.

Foi o caso que umas criadas velhas de minha mãe e uma mulata brasileira de minha irman appareceram sabendo varios romances que eu não tinha, e muitas variadas lições de outros que eu sim tinha, porém mais incompletas. Assim se additou copiosamente o meu *Romanceiro*.

Mas este achado fez mais do que enriquecer, salvou-o: porque, ao partir para San-Miguel, o deixei em Angra com minha mãe que Deus tem em gloria, que desejava distrahir com essas curiosidades que ella entendia e avaliava com o tacto perfeito e a sensibilidade elegantissima de que era dotada, alguma hora das tantas em que já lhe pesavam duramente as molestias do ultimo quartel da vida... Molestias aggravadas de muita afflicção e cuidado—nenhum que seus filhos voluntariamente lhe dessem—todos a adorámos e honrámos sempre—mas que lhe davamos, comtudo, pelas circumstancias fataes da epoca e das confusões politicas em que andavamos mettidos.

Os meus outros papeis, trabalhos de historia consideraveis, fructo de longas visitas ao Museu-real de Londres e á riquissima livraria portugueza do meu amigo o Sr. Goodeen; uma tragedia, que tinha sido julgada valer alguma coisa pelos que a viram—era o assumpto o Infante-Santo em Fez;—um largo poema com pretensões, antes desejos, de ser Orlando, já em trinta e tantos cantos—e promettia crescer!—cujo assumpto era o *Magriço* e os seus *Doge*;—o segundo volume do tratado *Da Educação* prompto a entrar no prelo:—quatro livros ou cantos de um romance ou poema—cabia-lhe uma e outra designação—a que dava thema a interessante e romanesca legenda da fundação da Casa de Menezes—pedido de minha boa irman que decerto não tinha vaidade, porque sempre lhe sobrou o juizo, mas gosto sim, de que seus filhos se honrassem com o nome illustre de seu pae:—uma quan-

tidade immensa de estudos e trabalhos sobre administração pública;—tudo isso veio commigo para S. Miguel e ahi o deixei ao embarcar, porque era defeso ao pobre soldado levar as suas malas, e o logar era pouco para as bagagens dos que só eram bagagem. D'ahi me vinha, com outros valores mais substanciaes, e se perdeu tudo em um navio que affundaram as balas inimigas á entrada do Porto nos derradeiros dias d'esse mesmo anno de 1832.

Descansem em paz no amigo lodo do meu patrio rio! N'outros lodaças peiores teriam de cahir talvez se escapassem: o da indifferença pública que porventura mereciam, o de muitos odiosinhos e invejasinhas tolas que não mereciam decerto, porque eram filhos de bom e innocenté animo, como sempre têm sido os meus.

Assim fossem todos!

Desde 1834, que me voltou a Lisboa o milagrosamente escapado *Romanceiro*, ainda não passei verão que lhe não desse algumas das horas descuidadas que n'aquella quadra ou se hão de dar a estas occupações mais leves ou a nenhumas. E n'estes oito annos tem-se locupletado consideravelmente com as contribuições de muitos amigos e benevolentes, a alguns dos quaes nem posso ter o gosto de agradecer aqui o favor recebido, porque incitados pela leitura da *Adoinda*, me remetteram anonymamente pelo correio o fructo de suas colleitas. A principal parte de um bello romance, um dos mais bellos que jámais vi em collecção alguma nacional ou estrangeira e que hoje enriquece o meu *Romanceiro*, assim me foi mandada, creio que do Minho. Outro fragmento que vinha nos respigos ajuntados n'esta ceara pelo nosso insigne poeta o Sr. A. F. de Castilho, e que elle teve a bondade de me confiar, veio dar-lhe o complemento que faltava e restituir á perfeição em que hoje está. E' um romance de origem visivelmente franceza, se provençal ou normanda não me atrevo a decidir, em que se conta—um tanto diversa das chronicas antigas e do elegante poema de *Milleroix*, a historia do secretario Eginard e da muito bondosa filha de seu senhor e amo o poderoso imperador Carlos Magno. Os nossos Scaldos vulgares lêem hoje... não lêem tal, mas repetem *Gerinaldo*, corrupção do que ao principio foi Eginaldo, adoptados em *ll* os *rr* francezes, como se fez em Giraldo, Reginaldo, antigamente em Bernal e Bernaldo, e em outros muitos nomes que de lá vieram tam duros ou mais.

Mencionei este exemplo entre muitos por cahir em coisa notavel, e para se aujar dos outros.

Mr. Pichon, bem conhecido em Lisboa,

que foi ultimamente consul francez no Porto e agora creio que em Barcelona, tinha começado a formar em 1832-33 uma pequena collecção de xácaras portuguezas de que tambem me aproveitei. Mas o incançavel collector a quem mais obrigações devi em Portugal foi o meu condiscipulo o sr. dr. Emygdio Costa, advogado n'esta côrte e ha pouco falecido, que generosamente me confiou a sua larga collecção principalmente feita nas duas Beiras, n'aquelle verdadeiro coração e âmago do Portugal primitivo que occupa a região d'entre Lamego e Serra da Estrella.

O sr. Rivara, bibliothecario em Evora, o meu velho amigo o sr. M. Rodrigues de Abreu, bibliothecario em Braga, o meu antigo e fiel companheiro o dr. J. Eloy Nunes Cardoso, de Montemor o-Novo, com assentamento dobrado, como diria um *bel esprit*, um *dos* cultos de Seiscentos, na Casa Real d'Apollo, por doutor e trovador tambem, — todos estes cavalheiros me têm ajudado com indicações, livros, folhetos antigos e copias laboriosamente escriptas sob o dictar dos rusticos depositarios das nossas tradições populares.

Os trabalhos e recopilações de D. Agustín Duran sobre os Cancioneiros e Romancieiros castelhanos, obra publicada em Madrid em 1832, mas que só por aqui chegou cinco ou seis annos depois, veio illustrar-me em muita duvida e ajudar-me a classificar muita coisa difficil. A nova e augmentada edição do sr. Ochoa, impressa em Paris em 1838, e que mais depressa nos trouxe a mais habitual conversação e commercio litterario que temos com a França, algum tanto me auxiliou tambem. A traducção elegante de Mr. Lockart que n'aquelle tam linda e fastosa edição de Londres de 1841 deu á lingua e á nação ingleza a mais poetica e romantica idéa que jámais será possivel dar a um povo extranho e em idioma extranho das immensas riquezas do *Nibelungen* peninsular, mais que nenhuma coisa me inspirou e animou no meu trabalho, porque é um documento, um monumento grandioso da extraordinaria importancia e valia que este genero de coisas está merecendo á Europa culta.

O sr. Herculano, bibliothecario da Real bibliotheca da Ajuda, com cuja provada amizade me honro tanto quanto a nação deve gloriarse de seus escriptos, tambem me tem ajudado não pouco com os preciosos achados que, no seu incessante lavrar das minas archeologicas, tem encontrado e repartido conmigo. Por seu favor tornei a examinar, no Ms. original, o famoso *Cancioneiro* dito do *Collegio dos Nobres*, hoje na bibliotheca

real; e com estas e com as collecções alle-mãs e francezas, e creio que com quasi todas as dos povos do Norte, tenho collacionado as nossas rhapsodias populares, muitas das quaes, por este modo vim a conhecer visivelmente, que tinham a mesma commun origem. Os eruditos trabalhos de Mr. Raynouard sobre a lingua romance ou provençal me allumiaram muita vez n'esta obscura e enredada tarefa.

A interessante e conscienciosa memoria do dr. Bellermann impressa em Berlim em 1840, e o conhecimento de que a sociedade allemã para reimpressão dos livros raros estava publicando em portuguez o nosso *Cancioneiro* de Resende; o interesse geral que hoje se tem desenvolvido no mundo pela litteratura popular das nações modernas e especialmente das nossas peninsulares — interesse que, porfim e enfim, ha de vir a reflectir em nós tambem, e despertar-nos para abrir os olhos ás riquezas proprias, ainda que não seja senão pelas vêr tam prezadas de extranhos — os conselhos e rogos do meu particular amigo e quasi compatriota nosso, o sr. João Adamson, tudo isto me fez alargar mais o plano da minha obra e collecção.

Resolvi, sob nova denominação de *Romanceiro* e *Cancioneiro geral*,<sup>1</sup> reunir todos os documentos que eu pudesse para a historia da nossa poesia popular, desde onde memorias ou conjecturas ha, até á epoca actual, acompanhando-os de explicações e glossas, que vão servindo de nexo, que sejam como a liça, o nastro que ate estes pergaminhos.

Quem não tem olhar senão á superficie da nossa litteratura, quem cego do brilho classico das nossas tantas epopéas, seduzido pela flauta magica dos nossos bucolicos, entusiasmado pelo estro tam rico e variado dos innumeraveis poetas que, nos quartetos e tercetos sicilianos da elegia, da epistola e do soneto, rivalisam, e tantas vezes lutam de vantagem, com o proprio Petrarcha: quem, sobretudo — porque n'esse genero é a musa portugueza superior á de todas as linguas vivas — adora em Sá de Miranda, Ferreira, Diniz, Garção e Filinto o genio redivivo de Horacio e de Pindaro — não crê, não suspeita, ha de ficar maravilhado de ouvir dizer, como eu quero dizer e provar no presente trabalho, que ao pé, por baixo d'essa aristocracia de poetas, que nem a viam talvez, andava, cantava, e nem com o desprezo morria, outra litteratura que era a verdadeira nacional, a popular, a vencida, a

<sup>1</sup> Alterou-se este plano; só se trata por agora do *Romanceiro*.

tyranisada por esses invasores gregos e romanos, e que a todos os esforços d'elles para lhe obliterarem e confundirem o caracter primitivo, resistia na servidão com aquella força de inercia com que uma raça vencida, com que a população aborigene de um paiz resiste a equal empenho de seus conquistadores que lhe usurpam a dominação, e que seculos e seculos depois, quando esses já não são, ou não cuidam ser, se não uma casta privilegiada e patriciana, reagem fortes aquell'outros com o que seus proprios senhores lhes ensinaram, regenerados por seu longo martyrio, e extirpam muitas vezes, mas geralmente se contentam de avassallar, os seus antigos oppressores.

E' a historia de todos os povos, e por consequencia de todas as litteraturas.

E' a historia litteraria de Portugal no segundo quartel d'este seculo; é o que foi esta reacção vulgarmente chamada *romantica*, mas que não fez mais do que trazer a *renascença* da poesia nacional e popular. Nenhuma cousa pôde ser nacional se não é popular.

Aqui está o porquê, o como e o paraquê, fiz a collecção de que este volume é a primeira parte, ou mais exactamente a introdução, e que apenas contém o que eu, á mingua de melhor nome, designarei com o titulo de *Romances da renascença*: são os que resuscitei e como que traduzi das quasi apagadas e mutiladas inscripções que desenterrei da memoria dos povos.

Os textos originaes d'estes, restituídos quanto é possivel, os de muitos outros que appareceram menos imperfeitos na mesma excavação, muitissimos que se têm achado em livros e papeis desprezados hoje e em collecções Mss., estão promptos, classificados, annotados, e sahirão em seguimento d'este volume, apenas o permittam as diffiuldades, sempre recrescentes em Portugal, de se publicar qualquer coisa.

Eu tenho posto termo, ou pelo menos suspensão indefinida a toda a occupação litteraria propriamente dita, para absolutamente me dedicar, enquanto posso e valho, á conclusão de um trabalho antigo, mas interrompido muitas vezes, que agora jurei acabar; são *Vinte annos da Historia de Portugal*, periodo que começa em 1820 e chega aos dias de hoje, mas que não sei se já anda mais enredado e confuso do que o dos mais antigos e obscuros seculos da monarchia.

Espero começar a publicá-lo no fim d'este anno;<sup>1</sup> e nenhum tempo ou logar me sobrá

portanto para mais nada. O *Romanceiro*, porém, e *Fr. Luiz de Sousa*, estão promptos a entrar no prelo e, quanto é por minha parte, não farão esperar o publico.

Lisboa, 12 de agosto de 1843.

## AO SR. DUARTE LESSA<sup>1</sup>

Eis-ahi vae, meu amigo, o romance em que lhe falei n'uma das minhas ultimas cartas de Portugal. Estava quasi todo copiado; e aqui nem paciencia nem tempo me chegavam para as muitas correcções e alterações que elle precisava; por limar lhe vae, e por limar irá para a imprensa: tanto melhor para quem gostar de dizer mal, que não lhe faltará de quê.

Creio que é esta a primeira tentativa que ha dous seculos se faz em portuguez de escrever poema ou romance, ou coisa assim de maior extensão n'este genero de versos pequenos *octosyllabos*, ou de redondilha como lhe chamavam d'antes os nossos. No meu resumo da historia da lingua e da poesia portugueza, que vem no primeiro volume do *Parnaso Lusitano* impresso ultimamente em Paris, — a só coisa minha que ha n'aquella collecção, porque assim na escolha das peças, como na ordem e systema da obra me transtornaram e me enxovalharam tudo com notas pueris, ridiculas, e até mal creadas algumas, n'esse resumo toquei de leve, e em tudo o mais, sobre a belleza d'estes nossos versos *octosyllabos*, que nos são proprios a nós hespanhoes, tanto portuguezes como castelhanos, e, para certos assumptos e certos generos de poesia, mais adequados do que nenhuma outra especie de rythmo. Boscan gaba-se de haver introduzido na Peninsula os metros toscanos: hoje está averiguado com certeza que não foi com effeito elle o primeiro que nas duas linguas cultas das Hespanhas compoz dos taes versos endecasyllabos; mas é certo e além de toda a duvida que do tempo de Boscan e de Garcilasso em Castella, e logo de Sá de Miranda e Ferreira em Portugal, começaram aquelles nossos metros primitivos a cahir em mais desuzo, a não se empregarem senão em certo genero de poesia ligeira ou, segundo lhe os Francezes chamam, *fugitiva*. Francisco Rodrigues Lobo e muito depois D. Francisco Manuel de Mello ainda n'elles fizeram romances historicos; Violante do Céu muitas das suas lindas e agora tam mal aprecia-

<sup>1</sup> Dez annos são passados e a promessa nem começou a cumprir-se (1853). Supponho o A receioso de arrastar com a aucliosa responsabilidade de historiador contemporaneo.

<sup>1</sup> Serviu de prefacio á primeira ed. de Londres no anno de 1828.

das poesias; ainda se fizeram posteriormente eglogas, e o que os poetas da *Phenix-renascida* e os campanudos vates das mil e uma Academias do seculo xvii e xviii chamavam *romances* — que certamente não era o que hoje estritamente se entende por este nome. Em tempos mui posteriores, felicissimamente os reviveu o nosso grande e incomparavel Tolentino na *Satyra*, e no tão faceto e delicadissimo seu proprio e privativo genero da poesia *de sociedade*.

A nossa poesia primitiva e eminentemente nacional, a que do principio, e, para assim dizer, do primeiro balbuciar da nossa lingua, nos foi commum com todos os outros povos que mais ou menos tiveram communhão com a lingua provençal, primeira culta da Europa, depois da invasão septentrional, foi seguramente o romance historico e cavalheresco, ingenua e ruda expressão do enthusiasmo de um povo guerreiro. Logo vieram esses trovadores de Provença e nos ensinaram modos mais cultos porém menos originaes e menos cunhados do sêllo popular: era coisa mais de corte. E como tal não pode absorver, senão modificar, o que brota espontaneamente do natural da terra. Mas as duas feições ficaram ambas, e deram assim a poesia portugueza um character talvez unico no mundo, — nas Hespanhas de-

Em geral a poesia da Meia-Edade, singela, romanesca, apaixonada, de uma especie lyrica-romantica que não tem typo nos poetas antigos, comquanto deixou seu cunho impresso no character das linguas e poesias modernas de todo o sul e occidente da Europa, não teve comtudo imitadores nem se cultivou e aperfeiçoou nunca mais, quasi desde o completo triumpho dos classicos, senão agora recentemente depois que as balladas de Bürger, os romances poeticos de sir W. Scott e alguns outros ensaios inglezes e allemães, mas principalmente os do famoso escocoz, introduziram este gosto e o fizeram da *moda*. Fatigados do grego e romano em architecturas e pinturas, começamos a olhar para as bellezas Westminster e da Batalha; e o appetite embotado da regular formosuraa dos Pantheons e Acropolis, começou, por variar, a inclinar-se para as menos classicas porém não menos lindas nem menos elegantes formas da architectura e da esculptura gothica.

Succedeu exactamente o mesmo com a poesia; enfatiados dos Olympos e Gnidios, saciados das Venus e Apollos de nossos paes e avós, lembrámo nos de vêr com que maravilhoso enfeitavam suas fições e seus quadros poeticos nossos bis e tres-avós; achámos fadas e genios, encantos e duendes,

— um estylo differente, outra face de coisas, outro modo de vêr, de sentir, de pintar, mais livre, mais excentrico, mais de phantasia, mais irregular, porém em muitas coisas mais natural. O antiquado agradou por novo, o obsoleto entrou em moda: arte mais fina, gosto mais delicado e de engenhos mais cultos o soube empregar habilmente, «declarar n'outra civilisação.» A poesia romantica, a poesia primitiva, a nossa propria que não herdámos de Gregos nem Romanos, nem imitámos de nenhum, mas que nós modernos creamos, a abandonada poesia nacional das nações vivas resuscitou bella e remoçada, com suas antigas galas porém melhor tallhadas, com suas feições primeiras porém mais compostas. E' a mesma selvatica, ingenua, caprichosa e aëria virgem das montanhas que se appraz nas solidões incultas, que vae pelos campos allumiados do pallido reflexo da lua, envolta em véos de transparente alvura, folga no vago e na incerteza das côres indistinctas que nem occulta nem patenteia o astro da noite; — a mesma beladade mysteriosa que frequenta as ruinas do castello abandonado, da torre deserta, do claustro coberto de hera e musgo, e folga de cantar suas endeichas desgarradas á bocca de cavernas fadadas — por noite morta e horas aziagas. E' a mesma sem duvida: porém o gosto mais puro e fino de seus adoradores, sem alterar a liturgia, modificou os ritos e os accommodou para espiritos e ouvidos costumados aos hymnos, menos variados porém mais cadentes, da antiguidade classica. Não ficou menos natural nem menos nacional, porém muito mais amavel e encantadora a nossa poesia primitiva assim resuscitada agora.

Muito antes do nomeado escocoz já tinha havido tentativas para nacionalizar a poesia moderna e a libertar do jugo da theogonia de Hesiodo: — mas a propria e verdadeira restauração da poesia dos trovadores e menestreis, sem questão nem disputa só W. Scott a fez popular e geral na Europa. — Com ella se restauraram tambem os metros simples e curtos que mais naturaes são ao estylo cantavel, essencial ás composições d'aquelle genero.

Depois de muitas tentativas, de exame longo e reflectido, eu por mim convenci-me de que o metro proprio e natural de nossa lingua para este genero de poesia, e para todos os generos populares, não era o endecasyllabo, o que dizemos vulgarmente heroico. Os portuguezes são uma nação poetica, a sua lingua naturalmente se presta e espontanea se offerrece ás formas e cadencias metricas; e os nossos mais rudos camponezes improvisam em seus serões e festas com



uma facilidade que deve de espantar os estrangeiros: mas observa-se que o metro d'estes improvisos é sempre sem excepção alguma, o de redondilha de oito syllabas, rara vez o da endecha; acaso farão os versos compostos visivelmente de dois metros, isto é, os alexandrinos ou ditos de arte maior. A causa é óbvia; aquella é a medição mais natural que lhe offerece a musica da lingua.

Entre as canções antiquissimas conservadas nos dois *Cancioneiros* o do *Collegio dos Nobres* (impresso por sir Charles Stuart em Paris) e o de Resende, ha muita variedade de metros; mas outras poesias mais antigas, os romances populares ou *xácaras*, que por tradição immemorial se conservam entre o povo, principalmente nas aldeias, todos são no metro octosyllabo ou em endechas. Logo direi aqui alguma coisa mais de vagar sobre estas curiosissimas, e tam desprezadas mas tam interessantes, reliquias da nossa archeologia.

O genero romantico não é coisa nova para nós. Não falo em relação aos primeiros seculos da monarchia: restam-nos ainda *specimens* das Canções que não serão talvez de Gonçalo Hermigues, de Egas Moniz, d'el-rei D. Pedro Cru, mas são antiquissimos documentos de certo. As trovas dos *Figueiredos*, apezar do tam suspeito testemunho de Fr. Bernardo de Brito, creio, por convicção intima, que são das mais antigas composições poeticas da lingua que chegaram até nós. Não alludo porém a epocas tão remotas e incultas. Depois de introduzido o gosto classico por Sá Miranda, e Ferreira principalmente, depois de esquecidas as graças singelas de Bernardim Ribeiro pelos mais ataviados primores de Camões e Bernardes, ainda então houve quem de vez em quando deixasse a lyra de Horacio e a frauta de Theocrito para tocar o alahude romantico dos menestres. O proprio auctor dos *Lusiadas* nas canções, que, depois d'aquella, são sua melhor composição, para meu gosto, n'essas canções tam bellas e tam profundamente sentidas, tão repassadas de melancholia suavissima, em alguns episodios dos mesmos *Lusiadas*, foi todo romantico, e felicissimamente o foi. Francisco Rodrigues Lobo, segundo já observei, em muitas das pequenas peças que se encontram dispersas pelo *Pastor peregrino*, pela *Primavera* e nos seus romances mouriscos e historicos, é eminentemente romantico. Tal é Jeronymo Cortereal no *Naufragio de Sepulveda*, quando o deixam com a natureza e lhe permitem ter *senso commun* as loucuras mythologicas com que perdeu tam bem escolhido assumpto, tam bellas scenas.

Deixando outros muitos, dos quaes o menor exame facilmente mostrará o mesmo, citarei aquelle romancesinho de *Gaia* e do *Rei Ramiro*, que V. descobriu em Londres com o precioso achado dos papeis e livros do nosso infeliz Oliveira.

Depois que, na extinção dos Jesuitas, e pelos esforços da benemerita Arcadia se restauraram as bellas letras e a lingua, e o verdadeiro gosto poetico affugentou os *Acrostichos* e os *Labyrinthos* seiscentistas, o genero classico resuscitou mais puro e tam bello nas odes do elegante e puro Garção, do altisonante Diniz, do sublime Filinto, do numeroso Boccage, do classico Ribeiro dos Santos, do ingenuo Maximiano Torres, do galantissimo Tolentino, do philosopho Caldas, mas o genero romantico injustamente envolvido na proscripção do seiscentismo, esse desprezado e perseguido, ninguem curou d'elle, julgaram-n'o sem o entender, condemnaram-n'o sem o ouvir.

No meu poemasiinho do *Camões* aventurei alguns toques, alguns longes de estilo e pensamentos, annunciei, para assim dizer a possibilidade da restauração d'este genero que tanto tem disputado na Europa litteraria com aquell'outro, e que hoje coroados dos louros de Scott, de Byron e de Lamartine vae de par com elle, e não direi vencedor, mas tambem não vencido.

*Dona Branca*, essa mais decididamente entrou na lice, e com o alahude do trovador desafiou a lyra dos vates; outros dirão, não eu, se com feliz ou infeliz successo.

Não é portanto, em nenhum sentido, novo hoje para a litteratura portugueza o genero romantico, nem me appresento agora com este meu romancesinho ao publico portuguez a pedir privilegio de invenção ou patente de introdução. Se reclamo aqui prioridade é sómente em ter instaurado as antigas e primitivas fórmias metricas da lingua em uma especie de poesia que tambem foi a primitiva sua, e ao menos a mais antiga de que tradição nos chegou.

De pequeno me lembra que tinha um prazer extremo de ouvir uma criada nossa em torno da qual nos reuniamos nós os pequenos todos da casa, nas longas noites de inverno, recitar-nos meio cantadas, meio rezadas, estas *xácaras* e romances populares de maravilhas e encantamentos, de lindas princezas, de galantes e esforçados cavalleiros. A monotonia do canto, a singleza da phrase, um não sei que de sentimental e terno e mavioso, tudo me fazia tam profunda impressão e me enlevava os sentidos em tal estado de suavidade melancholica, que ainda hoje me lembram como presentes aquellas horas de goso innocente, com uma sau-

dade que me dá pena e prazer ao mesmo tempo.<sup>1</sup>

Veiu outra idade, outros pensamentos, occupações, estudos, livros, prazeres, desgostos, aflições — tudo o que compõe a variedade da vida, — e da minha tão trabalhosa e trabalhada vida! — tudo isso passou; e no meio de tudo isso, lá vinha de vez em quando uma hora de solidão e de repouso — e as noites de minha infancia e os romances incultos e populares da minha terra a lembrarem-me, a lembrarem-me sempre.

Lendo depois os poemas de Walter Scott ou, mais exactamente, suas novellas poeticas, as *Ballads* allemãs de Bürger, as inglezas de Burns, comecei a pensar que aquellas rudes e antiquissimas rapsodias nossas continham um fundo de excellente e lindissima poesia nacional, e que podiam e deviam ser aproveitadas.

Em Paris fui ver o *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* na defeituosa edição de sir Charles Stuart; depois voltando a Portugal tornei a percorrer o de Resende: no primeiro nada, no segundo pouco achei do romance historico ou narrativo. D'esta ultima especie não ha impresso mais que esses duvidosos fragmentos conservados por Fr. Bernardo de Brito e por Miguel Leitão.

Recorri á tradição: estava então eu fóra de Portugal: estimulava-me a leitura dos muitos ensaios estrangeiros que n'esse genero iam apparecendo todos os dias em Inglaterra e França, mas principalmente em Allemanha. Uma estimavel e joven senhora de minha particular amizade — a quem por agradecida retribuição é dirigida a introdução do presente romance — foi quem se incumbiu de me procurar em Portugal algumas cópias das xácaras e lendas populares.

Depois de muitos trabalhos e indagações, de conferir e estudar muita cópia barbara, que a grande custo se arrancou á ignorancia e acanhamento de *amas séccas* e lavadeiras e saloias velhas, hoje príncipaes depositarias d'esta archeologia nacional, — galantes cofres, em que para descobrir pouco que seja é necessário esgravatar como o *pallus gallinaceus* de Phedro, — alguma coisa se pôde obter, informe e mutilada pela rudeza das mãos e memorias por onde passou; mas enfim era alguma coisa, e forçoso foi contentar-me com o pouco que me davam e que tanto custou.

Assim consegui umas quinze rhapsodias,

ou, mais propriamente, fragmentos de romances e xácaras que em geral são visivelmente do mesmo estylo, mas de conhecida differença em antiguidade, todavia remotissima em todos. Comecei a arranjar e a vestir alguns com que engracei mais: e para lhe dar amostra do modo por que o fiz, adeante copio um dos mais curiosos,<sup>1</sup> ainda que não dos menos estropeados, e com elle o restaurado ou recomposto por mim, o melhor que pude e soube sem alterar o fundo da historia e conservando, quanto era possivel, o tom e estylo de melancholia e sensibilidade que faz o principal e peculiar caracter d'estas peças.

A minha primeira idéa foi fazer uma collecção dos romances assim reconstruidos e ornados com os enfeites singelos porém mais symetricos de moderna poesia romantica, e publicá-la com o titulo de *Romanceiro portuguez*, ou outro que tal, para conservar um monumento de antiguidade litteraria tão interessante, e de que talvez só a lingua portugueza, entre as cultas da Europa, careça ainda; porque de quasi todas sei, e de todas creio, que se não pôde dizer tal.<sup>2</sup>

Mas sobreveiu tanta interrupção, tanta distração de tão variado genero, mortificações, cuidados, trabalhos mais serios: enfim desisti da empresa.

Já tinha decorrido muito tempo, e voltado eu a Portugal, lebrando-me sempre de vez em quando este empenho tão antigo e tão fixo; e a occasião a fugir-me. Uma circumstancia fatal e terrivel me fez voltar ás minhas queridas antiquaíhas. Lançado n'uma prisão pela maior e mais patente injustiça que jámais se ouviu,<sup>3</sup> voltei-me, para occupar minha solidão e distrahir as amarguras do espirito, aos meus romances populares, que sempre commigo têm andado, como uma preciosidade, que bem sei não avalia ninguem mais, de que muita gente rirá, mas que eu aprecio, e me ponho ás vezes a contemplar, e a estudar como um antiquario fanatico a quem se vão as horas e os dias deante d'um tronco de estatua, d'um capitel de columna, d'um pedaço de vaso etrusco, d'um bronze já carcomido e informe, descellerado das ruínas de Pompeia ou de Herculano. Mas quantos Davids e Canovas não faz, quantos Raphaelis e Miguel Angelos não

<sup>1</sup> E' o do *Bernal Fr.ancez*, n'este vol.

<sup>2</sup> E' o pensamento que agora se realiza.

<sup>3</sup> O auctor esteve por espaço de tres mezes preso sem mais pretexto que o de ter tido parte em uma publicação censurada e impressa com todas as licenças necessarias. Não foi preso o censor, nem prohibida a publicação, nem no fim de tres mezes se achou materia de culpa! *Ed. de 1818.* — O jornal era o *Portuguez*, cuja moderação em doutrina, e urbanidade em estylo ainda não foram imitadas. *Ed. de 1843.*

<sup>1</sup> Sr. Duque de Rihás, bem conhecido na Euro, a hoje, tomou para epigraphe do seu *Moro esposto* este paragrapho da presente carta: não me desvaneco por mim; mas dá me gosto que precedessemos os nossos vizinhos na restauração da poesia popular das Hespanhas. *Ed. de 1813.*

fez o estudo d'esses fragmentos que despreza porque mais não entende o vulgo ignorante!

Assim passei muitas horas de minha longa e amofinada prisão, suavizando maguas e distraindo pensamentos. — Tinha eu começado a ageitar outro romance que originalmente se intitula *A Sylvana*, cujo assumpto notavel e horroroso exigia summa delicadeza para se tornar capaz de ser lido sem repugnancia ou indecencia. Era nada menos que uma nova Myrrha, ou antes o inverso da tragica, interessante, mas abominosa historia da mythologia grega; é um pae namorado de sua propria filha! — A filha joven, bella, virtuosa, santa emfim. — A difficuldade do assumpto irritou o desejo de luctar com ella e vencê-la se possivel fosse. Dava larga o tempo, pedia extensão a natureza dos obstaculos; o que fôra começado para uma xá-cara, para uma cantiga, ou, como lhe chamam Allemaes e Inglezes para uma *ballada*, sahiu um poemeto de quatro cantos, pequenos sim, porém muito maiores do que eu pensei que fossem, e do que geralmente são taes coisas. Mudei-lhe o titulo e chamei-lhe *Adozinda*, que sôa melhor e é portuguez mais antigo. O fundo da historia, as circumstancias do desfecho d'ella são conservadas do original; o ornato, o mechanismo do maravilhoso é outro mas accommodado, creio eu, ao genero e á indole do assumpto.

Mando-lhe aqui tambem uma cópia do romance original para vêr e combinar. E' dos

mais mutilados e desfigurados, mas certamente dos que têm mais visiveis signaes de vetustade quasi immemorial.<sup>1</sup>

Ora eis aqui, meu amigo, a historia e origem da minha *Adozinda*, gerada no exilio, nascida entre sustos, criada na miseria e padecimentos de uma prisão. Entre tudo o que tenho rabiscado de prosas e versos este romancesinho é a composição minha a que tenho mais amor pelas memorias que me lembra, pelas affecções que me desperta. — Que de coisas passaram por mim durante o tempo que o compuz, os intervallos tão longos em que o deixei! — até o nascimento, e a morte de uma filha unica, tão querida e para sempre chorada!...

Adeus, meu amigo: não sei o que ahi vac escripto, nem como. São idéas sem nexo, pensamentos desatados, coisas á tôa como o espirito de quem as escreve. Leia as assim, e assim se imprimam se porventura estão em termos d'isso, — do que muito duvido, porque eu por mim, nem que me dessem os louros de Camões, ou me fizessem apotheeses como a Homero, me punha a corrigir, nem sequer a revêr o que ahi vac escripto, quer prosa quer versos.<sup>2</sup>

Londres, 14 d'agosto de 1828.

<sup>1</sup> E' a *Sylvaninha*, n'este volume.

<sup>2</sup> Corrigiu-se comtudo agora esta carta para a presente reimpressão, porque escripta muito á pressa em Londres logo ao chegar de Portugal, não tinha agora essa desculpa, que então podia valer. *Ed. de 1843.*

# A ELYSA

Campolide, 11 d'Agosto de 1827.

Thus, while I ape the measure wild,  
Of tales that charmed me yet a child,  
Rude though they be, still with the chime  
Return the thoughts of early time;  
And feelings, roused in life's first day  
Glow in the line, and prompt the lay.  
WALTER SCOTT.

CAMPO da lide é este; aqui lidaram,  
Elysa, os nossos quando os nossos eram  
Lidadores por gloria,—aqui prostraram  
Soberbas castelhanas, e—venceram;  
Que pelo rei e patria combatendo  
Nunca foram vencidos Pertuguezes.  
—Este terreno é santo: inda estás vendo  
Alli aquelles restos mal poupados<sup>1</sup>

Do tempo esquecedor,  
Dos homens deslembados;  
Nobres reliquias são d'altas muralhas  
Forradas já de lucidos arnezes,  
E tresdobradas malhas.  
Talvez fluctuava alli n'aquelle canto,  
Soberbo e vencedor  
Das Quinas o pendão victorioso;  
E juntos ao redor  
D'esse paladio augusto e sacrosancto,  
Invencível trincheira lhe faziam  
Toda a flor dos mais nobres e esforçados;  
Que á voz da patria (voz que nunca ouviám  
Sem sentir redobrados  
Do nobre coração os movimentos)  
Heroes são todos, fácil a victoria,  
Faceis as palmas que lh'enfeixa a gloria.

Ah!—paremos aqui:—vê quaes na frente  
As arterias violentas me rebatem:  
Febri!l, descompassado corre e ardente  
E me angustia o sangue...—Ah! sim paremos  
Aqui... Não, aqui não; esse outeirinho  
Depressa o descereamos.

Faz-me bem esta vista:—essas arcadas<sup>2</sup>  
Soberbas, elevadas,  
Que uniram monte a monte e serra a serra,  
Acaso não serão  
Tam illustres talvez,—não lembram guerra,  
Gloria não lembram; nem com sangue lívido  
A morte da victoria companheira

Para o erguido padrão  
O cimento amassou.  
Um rei que amou as artes, rei pacifico,  
A quem amor fadou  
Que se eu fosse e das musas,—que fugidas  
Da patria ha tanto, á patria as volveria;  
Do povo á utilidade  
Este sublime monumento erguia.  
Para a posteridade  
Isto só lhe apurou o nome e a gloria.  
E lhe ganhou as paginas da historia

Inda é muita oppressão; inda me acanha  
Tanta arte humana o coração no peito.  
Tam grandes massas, fabrica tamanha,  
Absorto deixarão—mas satisfeito  
O ânimo, os sentidos? .. Não, Elysa,  
Não satisfaz ao homem a arte humana:  
Por mais que ella se uffana,  
Que aos abyssos o centro opprime e pisá  
C'os fundamentos de eternas pyramides,  
Ou c'os erguidos vertices  
A's nuvens rasga o seio tempestuoso.  
Nem assim:—á tristeza ou á alegria,  
E áquelle estado de ineffavel goso  
Que entre a dor e o prazer a alma suspende  
Brandamente e se diz *melancholia*,  
Oh! nada d'isso o excita.  
Oh! nada d'isso o coração entende!  
Oh! nada d'isso o espirito nos move  
Se a natureza, a pura natureza  
Por sua ingenua attracção nos não commove.  
Posso admirar o homem e a grandza  
De suas nobres feiturás,  
Mas sómente admirar;  
Mas não pôde excitar  
Mesquinha criação de creaturas.

Vamos por essa encosta  
Subindo —Eu gosto do alto das montanhas,  
Dos picos das erguidas serranias,  
O avaro á terra mãe abra as entranhas,  
Cave oiro e crimes, com que encurte os dias  
Seus e dos seus, e a sombra da virtude  
Acabe de varrer da face d'ella.  
Mas o que, em paz commigo e co'a existencia,  
Inda ama a innocencia,  
Inda se apraz co'a natureza bella,  
A seus quadros sorri, com seus dons gosa,  
Oh! esse venha ao cume do alto monte,  
Venha estender a vista saudosa  
Pelo valle que á faldá lhe verdeja,  
A messe que loureja,  
E a despenhada fonte  
Que vae garrula e trepada saltando  
Té que se junta em cava pederneira.  
D'onde sae, o arco d'Iris imitando  
Na espadana da fêrvida cachoeira.  
Venha na solidão — e o só dos montes  
E mais só que nenhum, — o silencioso  
Mais augusto, solemne e magestoso!  
Venha na solidão  
Comsigo conversar, fallar um'hora  
Com o seu coração.  
— Quantos ha que annos longos hão vivido  
C'os outros sempre, sempre c'os de fóra

<sup>1</sup> Ruínas de fortificações antigas em Campolide. V. nota no fim.

<sup>2</sup> Aqueeducto das Águas livres. V. notas no fim.

Sem viverem consigo nem um dia,  
 Nem um momento só!  
 Temos d'elles dó;  
 Viver não... têm apenas existido.  
 Tua meiga companhia  
 É doce, Elysa; e sempre na minha alma  
 Foi teu brando fallar — e quantas vezes! —  
 Celeste orvalho que abrandou a calma  
 De paixões, que adoçou o agro a revezes:  
 Porém a minha solidão querida,  
 De vez em quando, lá quando alma o pede,  
 Oh! não m'a tirem que é tirar me a vida  
 Agora conversemos: eu ignoro  
 A arte das vans palavras que bem sôam;  
 Oigo-as, e não demoro  
 No ouvido os sons que de per si se escôam.  
 O sol declina; — temos largamente  
 Hoje philosophado.  
 Na viva flor da idade e da saude  
 Nem de todos seria accreditado  
 Que tam suavemente  
 Em austeras conversas de virtude  
 Nos fôsse o tempo. — Crê-me, Elysa amavel,  
 Tem muito mais prazeres a amizade  
 E mais doces que amor:  
 Para todos os sexos, toda a idade,  
 Em todo o tempo a mesma, sempre affavel,  
 Sem o cancro roedor  
 Do ciume voraz que no mais puro  
 D'amor, no mais seguro  
 Suas raizes venenosas lança,  
 E co'a mais branda flor  
 Seus mordentes espinhos lhe entrança.

Detestemos, Elysa, essa funesta  
 Paixão brutal que a tudo e em tudo damna,  
 Da virtude a tyranna:  
 Não nos illuda a tam commum cegueira;  
 Detesta o crime quem amor detesta;  
 Crimes! — vê a amizade prazenteira,  
 Que nenhuns tem; — e amor, ai! quantos, quantos?  
 Honras perdidas, thalamos violados,  
 Os vinculos mais santos  
 Dos homens e de Deus, da natureza,  
 Da propria natureza — espedaçados  
 Por esse amor, que sua tocha accessa  
 Do vivo fogo traz do averno immundo  
 Para de crimes abraçar o mundo.

Honesto, justo, santo, consagrado,  
 Nada respeita: — o sangue, o altar em meio  
 De seus desejos não é termo ou freio,  
 Não ha pomo vedado  
 No Eden da virtude  
 Que a mão perversa e rude  
 Tocar não ouse, — árvore da vida  
 Que dos gryphos mordida,  
 Em peçonha de morte não converta,

E a seiva salutar já corrompida  
 Em lethal beneficio não perversa.  
 Lembra-te aquella historia  
 Que ingenuo o povo em seus trabalhos canta,  
 E de longa memoria  
 Entre elles perpetuada,  
 É singella legenda de uma santa,  
 Que por brutal amor sacrificada,  
 Desvalida virtude,  
 Só do crime escapou no seio á morte?  
 Eu a canção magoada  
 Em verso menos rude,  
 Mais moldado verti, dei novo corte  
 Ao vestido antiquissimo, á simplicidade  
 Que ha seculos lhe deu  
 De nossos bons maiores a rudeza.  
 — Sereno está o céu,  
 Tranquillo o vento, a calma descahida;  
 E, pois que não te enfada  
 A singella toada  
 Do bardo alahude que sem arte sôa  
 E a rima desgarrada  
 Da popular canção rustico entoa, —  
 Aqui t'a cantarei; ouve: e se ao pranto  
 Te commover a saudosa endecha,  
 Na selvagem bonina,  
 Na campainha agreste d'esse mato  
 Arrociál-o deixa;  
 São lagrimas sinceras, propria fonte  
 Para regar as innocentes flores  
 Que arte não sabem nem conhecem arte;  
 Flores como os meus versos não variados  
 De refinadas côres,  
 Em que alma só e coração tem parte,  
 Não por classica musica modulados  
 Ao graduado som de grega lyra,  
 De cithara romana.  
 A minha é melodia que só mana  
 Dos intimos accordes só do peito:  
 Nem ha corda que fira  
 Em meu alahude rustico  
 Tom menos natural, mais contrafeito.

Em soberbos canaes, alto empedrados  
 Por engenhoso hyraulico  
 Vão d'arte subjugados  
 Os caudales da torrente conduzindo  
 Riquezas de preciosa mercancia:  
 E o arroio, que serpeia entre pedrinhas  
 Pela relva macia,  
 Bordado em torno sinuosamente,  
 Que pôde elle levar  
 Em sua doce e trépida corrente?  
 — Alguma folha de silvestre rosa  
 Que, ingenua divagando  
 Pastorinha formosa  
 Lhe foi acaso á margem desfolhando.

# ADOZINDA

## CANTIGA PRIMEIRA

### I

ONDE vás tam alva e linda,  
Mas tam triste e pensativa  
Pura, celeste Adozinda,  
Da côr da singela rosa  
Que nasceu ao-pé do rio?  
Tam ingenua, tam formosa  
Como a flor, das flores brio  
Que em serena madrugada  
Abre o seio descuidada  
A doce manhan d'Abrill  
—Roupas de seda que leva  
Alvas de neve, que cega  
Como os picos do Gerez  
Quando em Janeiro lhe neva.  
Cinto côr de violeta  
Que á sombra desabrochou;  
Cintura mais delicada  
Nunca outro cinto apertou.  
Anéis louros do cabelo  
Como o sol resplendentes  
Folgam soltos; dá-lh'o vento,  
Dá no véo ligeiro e bello,  
Véo por suas mãos bordado,  
De um santo ermitão fadado  
Que vinha da l'Alestina;  
Passou pelo povoado,  
Foi-se direito ao castello  
Pediú pousada, e lh'a deram  
Porque intercede a menina:  
Que o pae soberbo e descrido,  
—Nessa gente peregrina,  
Disse, quem sabe o que vem?—  
Mas pede Adozinda bella,  
Tam virtude e formosura,  
Quem lh'o hade negar a ella?  
Não póde o pae nem ninguem.

### II

Mas o outro dia, á luz nada  
Houve quem visse Adozinda  
Debruçada em seu balcão  
Haver pratica alongada  
Co'aquelle velho ermitão  
Quem sabe o que lhe elle disse?  
Ninguem no castello ouviu:

No, I'll not weep:  
I have fuit cause of weeping: but this heart  
Shall break into an hundred thousand flaws  
Or ere I'll weep.

SHAKESPEARE

Mas d'aquella occasião,  
A alegria lhe fugiu  
Dos olhos e do semblante:  
Ficou triste, sempre triste;  
Mas em seu rosto divino  
Fez-se formosa a tristeza.  
Como olhos d'amor quebrados  
Disseras os olhos d'ella;  
Mas não tem d'amor cuidados,  
Que a ninguém conhece a bella.

### III

Qual semente arrebatada  
Da flor de vergel mimoso  
Pelos furacões do outomno,  
Vae no encôsto pedregoso  
Cahir de serra escalvada;  
Vem Abril, e a seu bafejo  
Brota e nasce a linda flor,  
De ninguém vista ou sabida,  
Nem de damas cubicada  
Nem de pastores colhida,  
E o vento da solidão  
Lhe bebe o perfume em vão.

### IV

Quinze annos tem Adozinda;  
E desd'a vez que oromeiro  
Do saio pardo e grosseiro  
Lhe fallou ao seu balcão,  
Faz trez para o San-João.

### V

E Adozinda sempre triste  
Vae sósinha pelo eirado,  
Pelo jardim, pelo prado;  
Nem já a divertem flores  
Em que punha o seu cuidado  
Pelos sombrios verdores  
De sua espessa coutada  
Vaga á tóa e derramada,  
Como a novilha perdida,  
Como a ovelha desgarrada

A quem o tenro filhinho  
Lobo do mato levou:  
— Desfaz-se a mãe em balidos,  
Que de ninguém são ouvidos,  
E o filhinho não tornou!

## VI

Que tem Adozinda bella  
Que em tal desconsolo a traz?  
Serão saudades do pae  
Que anda co'os Mouros á guerra  
Por defender sua terra  
Mais a santa lei de Deus?  
Tres annos ha que se foi;  
E dois filhos que levou,  
A cada qual sua espada  
Com juramento entregou  
De l'ha tornarem lavada  
No sangue mouro descrido:  
E assim cada um jurou.  
Fizeram gente em suas villas,  
(Que preto muitas lhe dão)  
E guiaram seu pendão  
Para terras de Moirama.  
Já vejo chorar donzellas,  
Vejo carpir muita dama,  
Que onde chega Dom Sisnando,  
Com sua espada e ortugueza,  
Não ha lanças nem rodellas  
Que sirvam para defesa.

## VII

Mas não são do pae saudades,  
Que sempre a lidar com armas  
Como ellas duro se fez;  
Mais lhe importam do que a filha  
Seus ginetes, seu arnez.  
E até—quem diria tal!—  
Quando a mãe, por divertil-a,  
Lhe fala do pae ausente  
E lhe diz que hade voltar,  
Parece que se lhe sente  
O coração apertar  
Suspira em silencio Auzenda,  
Auzenda tam bella ainda  
Que ao-pé da bella Adozinda  
Mais irman que mãe parece  
De filha tam môça e linda.  
Suspira em silencio a triste,  
Porque suspira não diz:  
—Filha amante de seu pae  
Conceder-me o céu n' o quiz!  
Ail que sem razão se chora!  
Ail Auzenda malfadada,  
Tem de vir miã uada hora  
Que á filhinha desgraçada  
Darás mais razão que agora.

## VIII

Que tropel que vae nos paços  
De Landim ao-pé dos rios!  
Sons de festa e sons de guerra  
Em seus muros e alta torre?  
Geme a ponte, treme a terra  
C'o peso de homens armados.  
Cavallos a obertados  
Trotam ligeiros;—e corre  
O alfores que tremulando  
Vae guião de roxa cruz...  
Já chegado e Dom Sisnando.

Entre os cavalleiros todos  
Sua armadura reluz:  
E o pennacho fluctuante  
Das plumas alvas de neve  
Sobre o elmo rutilante  
De longe a vista percebe.

## IX

—«Portas do castello, abri-vos,  
Correi, pagens e donzellas,  
Que é chegado meu s'nhor,  
Meu esposo e meu amor!»  
Auzenda bradava e corre.  
Portas se abrem, sôam vivas,  
E o ecco da antiga torre  
Com o som festivo acordou.  
«Viva, viva Dom Sisnando!»  
E o tropel que dobra e cresce,  
E ás portas que chega o bando  
Dos guerreiros triumphantes.  
Do corcel soberbo desce  
E aos braços anhelantes  
Da cara esposa vôou.  
Doce amor que os apertou  
Não lhes deixou mais sentidos  
Que para se vêr unidos,  
Ajuntar-se peito a peito,  
E em laço tam brando e estreito  
Longa saudade afogar.  
A Auzenda goteja o pranto,  
Pranto que é todo alegria;  
E o rosto que nunca enfia  
Do esforçado lidador.  
Tambem sentiu—mais que a dor  
Póde o gôso!—descuidada  
Uma lagrima sensível  
De seus olhos escapada.

## X

Mas as lagrimas de gôsto,  
Como as de magoa, têm fim,  
Dom Sisnando enchuga o rosto,  
E tomando a mão á esposa:  
—D'onde vem, lhe diz, senhora,  
Que a joia mais preciosa  
Não vejo d'estes meus paços,  
D'onde vem que aos meus braços  
Minha filha?...—A filha bella,  
Pasmada, trémula, a um lado,  
O rosto ao chão inclinado,  
Parecia humilde estrella  
Que ao primeiro raio vivo  
Do sol que no alvor reluz  
Não fica, não, menos bella,  
Porém pallida e sem luz.

## XI

Tres annos já são passados  
Que Dom Sisnando a não via,  
Nessa joven, linda dama  
Sua filha não conhecia.  
—«Eil-a aqui, senhor,» dizia  
A mãe, que d'um braço a trava,  
«Eil-a aqui!»—Os olhos crava  
O pae na formosa filha,  
E de assombro e maravilha  
Mudo, extatico ficou  
Cora Adozinda, suspira,  
E «Pae!» disse em voz tremante  
Submissa...; languidamente

Ajoelha, osculo frio  
 Na paterna mão imprime:  
 Pronto que até'li reprime,  
 Corre agora em sólto rio.  
 —«Que tens tu, filha querida,  
 Que assim choras tam carpida?  
 E teu pae, que hade querer-te,  
 Que hade amar-te como eu te amo.»  
 E tomou a nos seus braços,  
 E a levanta Auzenda bella.  
 Pasma o pae, suspira ella;

E a custo os doces abraços  
 De pae, de filha se deram.

## XII

Pouco alegre a companhia  
 Entrou nos paços brilhantes;  
 E os atabales soantes  
 Pregoaram festa e alegria  
 No castello de Landim.

## CANTIGA SEGUNDA

But yet thou art my flesh, my blood, my daughter.  
 SHAKESPEARE.

### I

Oh! que alegrias que vão  
 Pelos paços de Landim!  
 Que magníficos banquetes  
 Que sumptuosos festim!  
 Junto ao valente campeão,  
 A' cabeceira da mesa  
 Ficou a bella Adozinda.  
 A tam celeste belleza  
 Estão todos admirando;  
 E o embevecido Sisnando  
 Não se farta de abraçal-a,  
 De beijar filha tam linda.  
 Auzenda de gosto chora,  
 E abençoa a feliz hora  
 Em que tanto amor nasceu.  
 —«Inda bem» diz «que a rudeza  
 De tanto lidar com armas  
 A' innocencia, á belleza  
 Da amada filha cedeu!»  
 Ella ás caricias paternas  
 Já não ousa de esquivar-se.  
 Córã, mas deixa abraçar-se;  
 Vê-se que tantos aflagos  
 A repugnancia venceram  
 Da timidez natural,  
 Ou, se outra causa fatal,  
 Mais encuberta ella tinha...  
 Ao menos lh'a adormeceram.

### II

Já de exquisitos manjares  
 Os convivas saciados,  
 De folias e cantares  
 Pagens, donzellas cansados,  
 E dos brindes amiguados  
 Finda a primeira alegria,  
 Doce repouso pedia  
 Quanto esta noite em Landim  
 Velou em baile e festim.  
 A seus nobres aposentos  
 Adozinda retirada,  
 Com permissão outorgada  
 A custo — do pae, se foi.  
 Auzenda, em grave cortêjo  
 De suas damas rodeada,  
 Deixou ha muito o festêjo,  
 E em seu camarim deitada  
 Espera o momento ansiosa  
 Em que a sos a amante e a espôsa  
 Nos braços de Dom Sisnando  
 Se hão de em breve confundir.

### III

Como um tapete mimoso,  
 Junto ao paço de Landim  
 Se estende jardim formoso,  
 De honinas arrelvado  
 Da verde gramma e de flores:  
 Remata em bosque frondoso  
 Cujos opacos verdores  
 Eternas sombras accoitam  
 De pesados sentimentos  
 Oppresso o peito fremente,  
 A respirar livremente  
 O ar puro da noite fria  
 Entrou insensivelmente  
 Dom Sisnando em seu vergel  
 Jámais tam rico docel  
 De azul bordado de estrelas  
 Se estendeu por sobre a terra  
 Do estio nas noites bellas

### IV

Alta a lua vac no céu,  
 E as sombras leves e raras  
 Não impedem ás florinhar,  
 Não tolhem ás aguas claras  
 De brilhar co'a luz nocturna,  
 Menos resplendente e fúlgida,  
 Porém mais suave e placida,  
 Mais amavel que a diurna.  
 Manso o vento, que murmura  
 Entre as folhas brandamente,  
 Convida suavemente  
 A respirar, a bebê-la,  
 Essa fresca viração,  
 Das flores exalação,  
 Tam doce como o bafejo  
 De dois amantes queridos  
 Quando por amor unidos  
 Se dão mútuo e doce beijo.

### V

Na feiticeira belleza  
 Da noite, do céu, das flores  
 Varias de aroma e de cores,  
 Sisnando todo embebido,  
 No seio da natureza  
 Do resto do orbe esquecido,  
 Pouco a pouco a agitação  
 D'alma lhe foi abrandando,  
 E o pesado coração



Do affôgo desapertando:  
Já pôde gemer,—suspira,  
E como que se lhe tira  
Um pêso de sobre o peito,  
Que a suspirar foi' desfeito.

## VI

Porque geme, porque aneia  
Dom Sisnando, o' l'lidador?  
Sisnando, o triumphador,  
Cujo alto pendão campeia  
Victorioso e senhor  
Por tanta soberba ameia  
De nunca entrado castello,  
De jámais vencida torre!  
—Dor que lhe nasce no peito  
É dor que no peito morre;  
Ancia que lhe rala a vida  
Não é para ser sabida.  
—E desde quando? ha t'm pouco  
Feliz e ditoso ainda,  
Com tanta alegria e júbilo  
Festejada sua vinda!...  
Vassallos, espôsa, filha...  
Filha!... A filha é tam formosa!  
Oh! essa Adozinda bella  
Nos olhos encantadores  
Tem com que matar de amores  
A metade dos humanos!  
Não, não é peito sensível  
Peito que lhe resistir:  
Mas o paet! não é possível.

## VII

Não é, não é.—Mas Sisnando,  
Sem saber onde caminha,  
Melancholico e pesado,  
Insensível foi entrando  
Pelo bosque emaranhado  
Que ao jardim avisinha:  
É o silencio, que o seguia,  
Que no espêssô coito habita,  
Nem um verde ramo agita,  
Nem uma folha balia.  
A' toa por entre as árvores  
Sem seguir carreiro ou trilho,  
Nem guiado de um só brilho  
De froixa estrelli que entrasse  
Por tam medonha espessura,  
Ora lento e vagaroso,  
Ora os passos apressura,  
Já por caminho frágoso,  
Já por vereda macia,  
Té que n'um claro onde os troncos  
Escaceiam de repente,  
E onde pallido e tremente  
Seu reflexo a lua enfia,  
Sem o saber, foi parar.

## VIII

Agreste, não feio é o sitio,  
Medonho, horrivel de vêr;  
Porém tem a natureza  
Horrores que são belleza,  
Tristezas que dão prazer,  
Mão d'arte alli não chegou;  
A virginal aspereza  
Ficou em toda a rudeza  
Que a creação lhe deixou.  
De um lado, choupas anciãos

Seus ramos lubregos pendem,  
E o vivo seixo fendem  
Crêspas raizes nodosas  
Das sovereiças annosas  
Que as cortiças remendadas  
Têm dos estios lascadas  
A pedaços a cahir.  
Do outro, altivos rochedos,  
Como do céu pendurados,  
Ditiundem pallidos medos  
Que em funda gruta accoitados  
De espectros a povoaram.  
—Dil o toda a vizinhança,  
Que, ou são sombras de finados,  
Ou de negras bruxas más  
Alli ha nocturna dansa.  
Redobra do sitio o pavor  
Um jorro alto que despenha  
Saltando de penha em penha,  
E os eccos em dederor  
Vae temeroso acordando.  
Este unico som de horror  
A' callada solidão  
Da mudez quebra o condão.  
Sisnando, o ardido Sisnando,  
O do forte coração,  
Sentiu sossobrar-lhe o animo:  
Uma voz dentro do peito  
Lhe diz que não passe ávante;  
Mas outra voz mais possante,  
Outra voz que é voz do fado,  
Voz que ao mortal desgraçado  
Não deixa força ou razão,  
Lhe brada: *Persiste, segue...*  
—Ai do que a ella se entregue,  
Que se entrega á perdição!

## IX

No seixo cavada gruta  
Tem escassa entrada aberta,  
Quasi de todo coberta  
De festões d'hera lustrosa  
Que cingindo a rocha bruta  
Pende em ginalda ramosa  
Entre as folhas, que meneia  
Ligeiro sôpro de vento,  
Viú Sisnando—e alma lhe aneia—  
Um lampear vago, incerto  
De luz fraca,—ouve um accento  
De voz doce mas gemente,  
Voz que se ouve é que está perto,  
Que entoa suavemente  
Uma angelica harmonia,  
Tam triste que faz chorar!  
E esta voz assim dizia  
Em seu languido cantar:

«Anjos do céu, acudi-me,  
Valei-me, Santos do céu,  
Que me rouba mais que a vida  
Quem só a vida me deu.

«Santo ermitão, que me deste  
Aquella esperança ainda  
Que a desgraçada Adozinda  
Viria a ser venturosa  
Apôz de longo penar...  
Sorte que veste  
Sobre mim deitar,  
Sorte desastrosa  
Vem vêr começar.

«Anjos do céu, acudi-me,  
Valei-me, santos do céu,  
Que me rouba mais que a vida  
Quem só a vida me deu.

Mas ah! tão negro crime,  
Tam horrida paixão  
De um pae no coração...  
De um pae... — Como é possível!  
Não, não, não hade entrar.»

## X

—«Pois treme, infeliz, e sabe  
Que essa horrorosa paixão  
Aqui n'este coração. »  
Sisnando, a quem já não cabe  
No peito a angústia o tormento  
De tão criminoso amor,  
N'estas vozes de terror  
Rompendo, a caverna entrou.»

## XI

Oh que pavoroso instante!  
Os anjos todos cubriram  
Seus rostos co'a aza brilhante;  
Sem vento os trópicos de emtórno  
A ramagem sacudiram;  
A lua no céu mais pallida  
Como de susto enfiou  
E para traz da montanha  
Foi correndo, e se eclipsou

## XII

Quem hade a filha chorar  
Que está nos braços paternos!  
Oh! quem se hade horrorizar  
Dos beijos doces e ternos  
Que o amor... — Que amor é esse?  
De ouvir tam medonho horror  
O proprio inferno estremece,  
E só lá... ha tal amor!

## XIII

Oh! como heide eu cantar  
Se no peito a voz me treme!  
Historia que é de chorar,  
Quem a diz não canta, geme  
—Só não gemia Adozinda,  
Que toda morta, gelada,  
Santo Deus! — mais bella ainda.  
Na viva rocha, estirada  
Como um cadaver ficou.

## XIV

E o pae ousou levantál-a,  
E apertar junto a seu peito  
Aquella morta belleza!  
—Repagnou a natureza

E, da paixão a despeito,  
De si a affasta, vacilla...  
O anjo da sua guarda  
Inda um momento o resguarda.  
Mas ha na terra ou no céu  
Fôrça maior que a paixão,  
Que subjuge um coração  
Que de amor endoudeceu?  
Se a ha, não lhe acudiu Deus,  
Venceram peccados seus  
Lembrou-lhe fugir... ficou:  
Sim, lembrou-lhe a salvação...  
E á sua condemnação  
O infeliz se votou.

## XV

Geme, chora; altos soluços  
Do peito lhe vêm bradando;  
Porém fugir de Adozinda  
Não pôde o triste sisnando.  
Ella acorda, e em voz sumida:  
«Piedade, senhor, piedade!...  
Só pôde dizer: perdida  
Nos eccos da soledade  
Vae suando e murmurando  
A voz triste e condoida.  
Ouve-a elle; e o coração  
No peito lhe estremeceu;  
Na execranda pretensão  
Recua, — mas não cedeu.

## XVI

Palavras que lh'elle disse  
Respostas que lh'ella deu,  
Oh, não as contarei eu,  
Não as contará ninguém...  
Quiz que lh'ella promettesse  
(E a terra alli não se abriu!)  
Quando tal a um pae ouviu!)  
Que para a noite seguinte,  
Quando tudo em paz jazesse  
Em seu leito o recebesse ..

## XVII

Chora a infeliz, chora, geme,  
De horror e de pismo treme:  
Lusta o perigo imminente,  
A esperança na demora...  
Com voz cortada e gemente:  
«Senhor, não insteis agora,  
Deixae-me cobrar alento,  
E amanhã responderei»  
— «Pois, solemne juramento  
Farás de que...» — «Sim, farei...»  
— «Que amanhã, antes que o dia  
Do horizonte desapareça,  
Darás resposta final  
E ai de ti, ai do mortal  
A quem ousasses!... — Pereça  
O infeliz n'esse momento:  
Só a morte, só o inferno  
De meu cru resen imento  
O poderiam salvar.»

## CANTIGA TERCEIRA

*I must a tale unfold whose lightest word  
Will harrow up thy soul; freeze thy blood;  
Make thy two eyes, like stars, start from their spheres.*  
SHAKESPEARE.

## I

Que mau fado, que hora má,  
Oh! qual agorada estrella  
Levou Adozinda bella  
A' fadada gruta escura?  
Que foi ella fazer lá?  
No mais denso da espessura,  
A tão aziagas horas,  
Só, alta noite, a deshoras,  
Sem donzella ou escudeiro,  
Como o pedia a decencia,  
Sem levar mais companheiro  
Que sua debil innocencia,  
Que seu joven coração!

## II

Quem o sabe?—No castello  
Nem a propria mãe, que a adora,  
Que pela filha querida  
Dera tudo, dera a vida...  
Nem a propria mãe sabel-o!  
E como é que Auzenda ignora,  
Por que encanto ou maravilha,  
Que ao pino da meia noite  
Todos os dias a filha  
O escuro parque atravessa,  
E tenteando a treva espessa  
Vae sosinha áquella gruta  
Que no mais claro do dia  
Ninguém a entrar ousaria?  
—Mas vae; não o sabe Auzenda:  
N'este segredo fatal  
Coisa sobrenatural,  
Coisa medonha, tremenda  
Ha por certo... oh! que inda mal!

## III

Desde aquella madrugada  
Que Adozinda em seu balcão  
Falou c'o velho ermitão,  
De noite á gruta fadada  
Sempre vae. Sibile o vento  
No bosque medonho e feio,  
A's nuvens o pardo seio  
Rasgue horrisono trovão,  
Nada teme; a passo lento,  
Só, para alli se encaminha  
E em rezas, em penitencia  
Horas longas jaz sosinha.  
Talvez d'aquelleromeiro,  
Por salutar providencia,  
Seu fado lhe foi predito;  
Talvez lhe fosse prescripto.  
Por tam santo conselheiro  
Que passasse em oração  
N'aquellas medonhas fragas  
Certas horas aziagas  
Em que a fatal conjunção  
De um astro seu inimigo  
Maior fizesse o perigo  
Da terrivel maldição  
Que a persegue,—ella innocente!—

Que tam injusta cahiu  
N'aquella votada frente...  
Mas diz que não ha condão  
Peior que o da maldição!  
E quantas não attrahiu  
Sobre a familia inculpada  
A soberba despiadada  
D'esse orgulhoso Sisanando?  
Quantas vezes o infeliz,  
C'os filhinhos expirando,  
A' porta do seu castello  
Se viu gemendo e chorando,  
E o desalmado senhor  
Essa gentilha atrevida  
Escorraçar a mandoul  
Taes peccados não guardou  
Para os punir na outra vida  
O supremo Arbitrador.

## IV

Mas já despontava o dia,  
Que tam alegre hoje vem,  
Tam risinho parecia,  
Que não dissera ninguém  
Senão que traz alegria:  
—E tantas, tam negras mágoas,  
Nunca as trouxe o sol nascente  
Desde que assoma no Oriente  
E se sepulta nas aguas.  
Toda a noite longa, immensa,  
Auzenda velou chorando,  
De suas lagrimas regado  
O leito viuvo e só;  
A ninguém sua dor intensa  
A desgraçada confia:  
Ninguém da triste ouve dó,  
Que do espôso em companhia  
Todo o castello a julgou.  
Porém a noite passou,  
E porfim, do novo dia  
Já o alvor vinha raiaando,  
Sem apparecer Sisanando.

## V

E' manhan; — tenue ainda a luz,  
Mas vê-se que é madrugada  
Auzenda ainda acordada  
Sente abrirem-lhe com tento  
A porta do aposento,  
E entrar... —«Será elle?... Oh vem!  
E's tu, suspirado espôso?!  
Disse ella em timida voz:  
Não lhe responde ninguém.  
Um suspiro doloroso  
Lhe dissipou a illusão.  
Oh quem se hade enganar  
Com aquelle suspirar!  
E' Adozinda, — voaram  
Do maternal coração  
Toda a mágoa e dissabores;  
E os sentidos que ficaram  
Foi para amargar as dores  
Que n'aquelle ai a assaltaram.

## VI

—«Filha, filha... a esta hora!  
Que succedeu?... que tens tu?»  
Calada Adozinha chora  
«Ai, não me chameis filha!»  
Rompe em fim, a soluçar,  
Nadando n'um mar de pranto,  
Pasma, terror, maravilha.  
Susto, medo, horror, espanto  
No peito da triste Auzenda  
Em confusão estupenda  
De tropel foram quebrar.  
—Que será? — E esse tyranno  
De todo o socêgo humano,  
*David*?, o monstro fatal,  
Que até nos deixa a esperança  
Para que do incerto mal  
Seja maior a pujança,  
Venha mais fino o punhal  
Quando n'alma se nos crava,  
Esse do peito lhe trava,  
E ao cruel padecimento  
Dobra angústias e tormento.

## VII

Adozinda, ajoelhada  
Junto ao leito onde convulsa  
Jaz a mãe atribulada,  
Do coração, que lhe pulsa  
Como se fôra quebrar,  
Traz de amargo pranto um rio,  
Que dos olhos vem a fio  
As maternas mãos banhar;  
As mãos que ella aperta e beja,  
E que o pranto que goteja  
Já não sentem derramar.

## VIII

Volve a ti, mãe desgraçada,  
Volve, que o morrer agora  
Tamanha ventura fôra  
Que da sorte despedada  
Concedido não será  
Vem ouvir tua sentença  
De morte... peor que morte,  
Vergonha horrorosa, offensa...  
E de quem!... de teu consorte,  
Do pae monstro, monstro espôso...  
Ail para o tormento odioso,  
Para tamanha aflição  
Não tem força o coração.

## IX

Tudo lhe conta Adozinda,  
Tudo... tudo — interrompendo  
A horrorosa narração  
Ora as lagrimas fervendo,  
Ora os soluços rompendo  
Do rasgado coração,  
Ora os labios descórados  
De pejo e terror gelados,  
Sem poder nem balbuciar  
O que é força revelar.

## X

—«Irá» disse Auzenda emfim,  
E a voz, que treme, assegura:  
«Irá, a teu...» — *pae* não disse,  
E um som rouco lhe murmura  
Nos labios onde a meiguice,

Onde a maternal ternura  
Procuram em vão sorrir:  
«Irá, filha, a Dom Sisnando  
E lhe dirás que...»  
«Senhora!»

Interrompe ella chorando  
—«Que» torna a mãe «quando a hora  
Da meia-noite soar,  
Em teu quarto o hasde esperar.  
Não temas, filha, não tremas,  
Não chores, minha Adozinda,  
Querida filha, não gemas,  
Que hasde ser feliz ainda.  
No angustiado seio  
Guardemos inda a esperança:  
Do céu mandada me veiu  
Uma ditosa lembrança  
Que nos poderá salvar.  
No teu leito de ouro fino  
Sou eu que me hei de ir deitar;  
Tua camisa de hollandia  
A meu corpo hei de lançar:  
E quando elle nos seus braços  
Ter Adozinda julgar...  
Ahl que o céu hade abençoar  
Este engano virtuoso,  
E a ser pae, a ser espôso  
Dom Sisnando hade voltar.»

## XI

O dia em rezas passaram  
Em devotas orações;  
Mas quando as trevas poisaram  
Sobre as muralhas da torre,  
Voltaram as aflições:  
E o tempo—que leve corre  
Para todos os viventes—  
Só áquellas innocentes  
Acintoso parecia  
Que da ampulheta fadada  
Bago por bago espremia  
Cada hora minguada.

## XII

Emfim meia noite sôa:  
Dom Sisnando, aguilhoado  
Do torpe amor—do peccado,  
Impaciente ao prazo vôa  
Que elle de amor julga dado.  
Como louco, arrebatado  
Corre ao leito de Adozinda,  
Cego heija a face linda,  
Que de certo não é d'ella,  
Mas que não é menos bella;  
Ao convulso peito aperta  
Aquelle peito formoso...  
—Desgraçado, é tempo ainda,  
Do cruel sonho desperta,  
Que ao precipício horroroso  
Já te vae a despenhar!...

## XIII

Dom Sisnando é criminoso  
Quanto o podia ficar;  
Do intento abominoso  
Nada resta consummar.  
Já tristemente acordou  
De seu delirio fatal  
E sorrindo amargamente,  
A' infeliz assim falou:  
—E era por isto... innocente!  
Que tanto se recatava  
Tua virtude fingida?



ADOZINDA — CANTIGA 1

Pediu pousada, e lh'a deram  
Porque intercede'a menina:

PAG. 338



Ah! essa alma corrompida  
Mais do que teu corpo estava.  
E tu... »

Não pôde ouvir mais  
A triste mãe; não lhe soffrem  
As entranhas maternaes  
Ouvir a filha adorada  
De tal modo calumniada,  
E, por quem, e em que momento!  
C'um suffocado lamento.  
Que do peito rebentando  
Trouxe aos labios alma e vida,  
Quebra o silencio: — « Ah, Sisnando!  
Ah, senhor, matae-me' embora;  
A de-graçada sou eu »  
E a terra n'aquella hora  
Rasgada não soverteu  
O infeliz, que meio morto,  
No abysmo do crime absorto,  
D'este golpe inesperado  
Á violencia cedeu!

### XIV

Silencio largo, mortal  
Foi a unica expressao  
Que por longa duracao  
N'aquelle estado fatal  
Entre esses dois foi ouvida.  
Porém no perdido peito  
De Sisnando atribulado  
Foi a vergonha vencida  
Pelo irritado despeito:  
Dos remorsos avexado,  
Porém mais pungido ainda  
De seu crime mallogrado,  
Brada em colera? abraçado:  
— Pereça a filha descreida  
Que deshonrou seu... »

— Pae não,

Pae não ousa proferir.  
A palavra, suspendida  
Por fria, pesada mão  
De remorso insubjugado,  
I he voltou ao coração  
A lacerar lh'o a vingança  
Da mal-soffrida oppressão.

### XV

— « Ouvi-me, senhor: culpada  
Sou eu só... » a triste esposa  
Lhe diz; mas não ouve nada  
Aquelle alma furiosa,  
Já n'este mundo ralada  
De quanta pena horrorosa  
No inferno está guardada  
Para crimes como o seu.

### XVI

Parte; corre; — o brado horrivel  
Por todo o castello soa  
Tam medonho como trôa  
Medonho trovão de outomno.  
Despertos do brando somno  
Todos são: — ordens que deu  
São taes, que de horror tremeu  
A gente absorta pasmada.  
Tristemente obedecendo,  
Co'a face ao chão inclinada  
Se vão a medo, e mal crendo  
Que não seja sonho vão  
O que ouvindo e vendo estão.

### XVII

Do castello para um lado  
Uma antiga torre havia  
Cercada de largos fossos,  
Que é memoria haver fundado  
Um rei mouro que vivia  
Ha muito, de quando os nossos  
Mourisca gente regia.  
Alli uma esposa sua,  
Que elle achou ser-lhe infiel,  
Sete annos e mais um dia  
Fechada a teve o cruel,  
Sósinha, a grillhões e nua;  
E só pão secco lhe dava,  
Mas agua não consentia  
Que nunca ninguem lh'a desse  
Para que á sede morresse.  
Valeu-lhe quem tudo pôde,  
Que ao infeliz sempre acode:  
Vinha-lhe orvalho do ceu,  
De que os sete annos bebeu.  
E emfim o septimo anno  
De tal milagre vencido  
Foi o proprio rei tyranno,  
Que a liberdade lhe deu,  
E do crime committido,  
Se o havia, se esqueceu.

### XVIII

Para esta torre deserta,  
No verão ao sol exposta,  
Que abrasada a queima e tosta,  
No rigor do inverno aberta  
A chuvas, á ventania,  
Sisnando — quem tal diria!  
Mandou a filha linda,  
Que alli fechada gemesse,  
A virtuosa Adozinda!..  
E ai de quem agua lhe desse,  
Lhe desse vestido ou cama,  
Que da sede á morte crua  
— Qual o mouro a sua dama —  
Alli quer que morra nua,  
Lhe todos desamparada,  
De seu pae amaldiçoada,  
Só da triste mãe chorada!

### XIX

Sem dar sómente um gemido,  
Sem se carpir, nem queixar,  
Como a ovelhinha tremente  
Que sem dar nem um balido  
Se deixa á morte levar,  
Vae Adozinda innocente  
Para aquella feia torre.  
Pranto que furtivo corre  
De quantos olhos a viam,  
A acompanha tristemente,  
E o pae!... Ancias que o remorem  
Ninguém as sabe nem vê.  
N'um aposento encerrado,  
Onde nem ao mais privado  
Concedido é metter pé,  
Só ficou, só permaneceu:  
Só! — antes acompanhado  
De quem os seus não esquece  
Do remorso, — do peccado

## CANTIGA QUARTA

## I

SETE annos e um dia  
Foi a sentença cruel  
Que Adozinda cumprira  
N'aquella torre fechada.  
E o tyranno bem sabia  
Que nem tres dias sóment  
Viver podia a innocente  
Com a sêde, a denudez.  
Uma semana é passada  
Passado é um mez e outro mez,  
Anno e annos decorreram;  
E os sete annos feneceram  
Sem que Adozinda formosa  
Em tal mingua percesse,  
Sem que ao menos desmercesse  
Em seu rosto uma só rosa.

## II

Veiu um dia—n'esse dia  
O cativoiro acabava—  
No mais alto o sol ardia  
E a terra toda abrasava,  
Na torre uma voz se ouvia,  
(E é esta a primeira vez)  
Era uma voz que pedia,  
Que supplicava piedade:  
«Uma sêde, uma só d'agua,  
Uma só por compaixão,  
Que me abraço n'esta fragua,  
Que me estalla o coração.»

## III

A voz de Adozinda bella  
Todos clara conheceram;  
C'os olhos na alta janella  
De toda a parte correram:  
— Vive, inda vive! bradavam,  
A innocente! vinde vê-la  
E uns aos outros recontavam  
Das virtudes, da paciencia  
D'aquelle anjo de innocencia  
Que, ha muito, morta julgavam  
Outra vez se torna a ouvir  
O mesmo clamor sahir  
Da torreada prisão:  
— Uma sêde, uma só d'agua,  
Uma só por compaixão,  
Que me abraço n'esta fragua,  
Que me estalla o coração.»

## IV

A todos se commoveu  
O mais intimo do peito,  
Mas não ousam a affrontar  
Do pae o sevo despeito.  
«Tem paciencia, anjo do céu!»  
Com lagrimas responderam.  
«Que já não pode tardar

You do me wrong, to 'ake me out o'the grave:--  
Thou art a soul of bliss; but I am bound  
Upon a wheel of fire, that mine own tears  
Do scald like molten lead.

SHAKESPEARE.

O pae que te vem soltar,  
Os sete annos decorreram,  
O dia está a acabar;  
Soffre mais este momento,  
Que hoje acaba o teu tormento »

## V

— Oh! como heide eu supportar,  
Amigos meus da minha alma,  
Se a vida sinto acabar,  
Sinto abraçar-me da calma!  
Sete annos me acudiu Deus,  
Que por milagre vivi,  
Dava-me orvalho dos céus,  
De que sete annos bebi.  
Do estio ardentes quimores  
No meu corpo os não senti,  
Do inverno os frios rigores  
Tambem esses não tremi.  
Mas ha tres dias que a mão  
Do Senhor me abêndonou.  
Tudo, tudo me faltou...  
Oh! tende de mim piedade!  
Uma sêde, uma só d'agua,  
Uma só por compaixão,  
Que me abraço n'esta fragua,  
Que me estalla o coração!»  
De novo alto choro ergueram,  
Lastimado pranto gemem;  
Mas de seu tyranno tremem,  
Só a chorar se atreveram.

## VI

Sôa a nova no castello,  
Vae correndo em derredor,  
De que por fim fôra ouvido  
Aquelle anjo soffredor  
Soltar queixoso gemido,  
Piedade enfim supplicar.  
Só a Auzenda, que expirando  
No leito da morte jaz,  
Para que morresse em paz  
Vão a noticia occultando.  
Mas soube tudo Sisanando,  
E no duro coração  
Já vacilla a crueldade,  
Já vislumbra a compaixão:  
Dos seccos olhos covados,  
Que inspiravam medo e espanto,  
Como que da mão tocados  
De algum anjo punidor,  
Salta repentino o pranto.  
Qual onda que estalla em flor  
Sobre o penedo ouriçado,  
Todo em lagrimas sanguineas  
O infeliz debulhado,  
Para aquella infausta tôrre  
Com incerto passo corre  
Em altos gritos bradando:  
— «Agua! trazei agua, vinde,  
Acudi á desgraçada,  
A uma filha malfadada  
Que por mãos de seu pae morre!»



## VII

Assim correndo e gritando  
Chegava á horrivel prisão  
Em que gemia Adozinda:  
— Filha, filha, é tempo ainda;  
Perdão, ó filha, perdão  
Para este algoz — Cortou-lhe  
O excesso da paixão  
Lingua e força; a voz quebrou-lhe,  
E por morto cae no chão.

## VIII

Oh! que povo se ajuntava  
No Castello de Landim!  
E com que horror que elle olhava  
Para aquelle triste fim  
De tamanho cavalleiro  
Tam rico e grande senhor,  
Tam esforçado guerreiro!  
A Auzenda chega o rumor  
Do successo inesperado,  
Dá-lhe força e vida amor;  
O fio meio cortado  
Da existencia lhe atou.  
Eil-a se ergue, e em mal firmado  
Passo corre — e lá chego.

## IX

E já por ordem de Auzenda  
Co'a porta negra e tremenda  
Investem da torre erguida:  
Range o ferro, os gonços gemem,  
Parece que já rendida  
Vae de todo; — á roda tremem,  
Do fundamento aluida  
A torre, os solidos muros.  
Mas era vão de centenaes  
Dos mais rijos braços duros  
Se movem os Instrumentos  
Que em muralhas mais valentes  
De castellos regulares,  
De mais solidos cimentos  
Têm a miudo triumphado.

## X

Parece encanto: — será?  
O povo maravilhado  
Já por tal, tremende, o dá.  
Cessam todos, encantado  
É o negro portão ferrado...  
E o povo desanimado  
Da empreza desiste já.

## XI

Arreda, arreda, infanções,  
Cavalleros, dae logar,  
Com licença, nobre dama,  
Que ahi vem um santo ermitão:  
Com as suas orações  
Este encanto hade quebrar,  
Ou, se do demonio é trama,  
Com o seu bento condão  
Elle o hade desmanchar.  
— Eil-o chega: — este semblante  
Não é aqui desconhecido...  
Esta barba, este vestido...

E' elle o mesmo ermitão  
Que a noite de San'João  
(Não ha dez annos ainda)  
No castello pernoitou,  
Que Sisnando o maltratou.  
Mas, por a bella .dozinda  
Pedir muito, lá ficou.

## XII

Com a cabeça cuberta  
Do seu agudo capuz,  
Os olhos de côr incerta.  
Pasmados, fixos. e a luz  
Que d'elles sae é tam viva  
Que a espaços da vista priva  
Quem de perto os quer fitar!  
As mãos cruzadas no peito,  
Vagaroso seu andar,  
Tam pesado e de tal geito  
Que faz um ecco tremendo  
Quando os passos vae movendo,  
E como que a terra e o ar,  
Com o pezo vão gemendo...  
Foi seu caminho direito  
Da torre á porta ferrada;  
Sem attender a mais nada,  
Sem olhar nem para Auzenda,  
Que em lagrimas debulhada  
Supplices mãos lhe estendia.  
Chega á porta, e em voz horrenda  
— «Abre-te!» — disse. Estalou  
O ferro medonhamente,  
E a porta se escancarou;  
Mas elle subitamente,  
Voltando-se para a turba,  
Que alto alarido levantava  
E em derredor se perturba,  
Com gesto que aos mais ousados  
Todo o animo quebranta:  
— «Emudecei!» lhes bradou.  
Ficaram todos calados;  
E — *emudeci*! — revibrou  
De eccos em eccos dobrados  
Pelo castello e jardim,  
Pelos souts ao redor,  
Pelos campos dilatados  
Que a Dom Sisnando obedecem  
E por senhor reconhecem  
Ao rico-homem de Landim  
Depois estendendo a mão  
Ao logar onde jazia  
Por morto no frio chão  
O desgraçado Sisnando,  
Estas palavras dizia  
Que em ouco som vão soando:

— «Eu te esconjuro,  
Alma perdida,  
Volta-te á vida!

«Que o teu peccado,  
Abominado  
Do proprio inferno,  
Só tem perdão  
Com longa vida  
De penitencia,  
De contricção,  
Que a alma perdida  
Salve do inferno,  
Da maldição.

«Eu te esconjuro,  
Alma perdida,  
Volta-te á vida!

«O anjo celeste  
Na hora última  
Te perdoou,  
E ao Pai Eterno  
A tua vítima  
Por ti rogou.

«Lázaro immundo,  
N'esta grande hora  
Volve-te á vida,  
Vem, surge fóra!»

## XIII

Em pé está Dom Sísando:  
Vivo está, morto parece,  
Tam negro véo lhe ennoitece  
O verde-pallido rosto,  
Onde o seu sello já posto  
Tinha o archanjo da morte.

## XIV

De joelhos o ermitão,  
Com a cabeça coberta,  
A porta da torre aberta  
Faz breve e baixa oração  
Eis violento repellão  
A terra, tremendo, deu,  
E d'alto abaixo a muralha  
Largamente se fendeu.  
Viram todos claramente  
O interior patente  
Em que jazia Adozinda,  
D'onde ha poucas horas inda  
Sua voz se ouviu clamar,  
E por uma sêde de agua  
Ao seu algoz supplicar.

## XV

N'um leito de frescos rosas,  
Que aromas do céu recendem.  
Morta Adozinda jazia:  
Suas feições mais formosas,  
Mais angelicas resplendem.  
Uma suave harmonia  
Tam brandamente soava,  
Que ao coração parecia  
Que por piedade o affagava  
A quem saudoso gemia.  
—A alva frente, não tocada  
Pela mão da morte livida,  
De lírios do céu coroada  
Brilhava com luz tam vivida  
Que parecia toucada  
De puros raios do sol.  
As mãos postas sobre o peito  
Para o céu se alevantavam,  
E como que d'alma justa  
Para a morada apontavam.

## XVI

Oh! que vista, oh! que momento  
Para a triste mãe! — Faltava  
Só este último tormento.  
A malfadada cuidava  
Que nenhum padecimento  
Para gemer lhe sobrava!  
Era este. — E a dor ignora,  
Não sabe o que é padecer  
Quem o filhinho que adora  
Não viu ainda morrer...

## XVII

Levantou-se o Ermitão  
E bradou: — «Ajoelhemos,  
E a mão de Deus adoremos.»  
Submissa resignação  
Póde a voz toher á dor,  
Não tira do coração  
Seu espinho pungidor,  
Que em silencio é mais cruel,  
Kasga mais, e na ferida  
Mais acre derrama o fel.  
A paciencia soffrida  
Da triste Auzenda cedeu;  
Não exclamou, não gemeu,  
E em tributo de respeito  
Sua mágoa fechou no peito.

## XVIII

E Sísando? — O desgraçado  
No pó da terra humilhado,  
Só se lhe conhece a vida  
Na agitação comprimida  
Do convulso soluçar.

## XIX

Para a ermida do castello  
Emfim o corpo levaram  
E n'um cofre de ouro fino  
Como reliquia o guardaram  
— Muíto a não carpiu Auzenda,  
Que a morte compadecida  
Cedo a libertou da vida.  
Porém a longa existencia  
De remorso e penitencia  
Sísando foi condemnado:  
Cuberto de horror e opprobrio  
Cumpriu seu mesquinho fado;  
Onde? — Ninguém mais o soube.  
Do castello aquella noite  
Com o Ermitão se sumiu:  
Nunca mais d'elle se ouviu.  
Mas á meia noite em ponto  
Na capella de Landim  
Se ficou sempre escutando  
Gemer uma voz medonha,  
Que pede perdão bradando:  
E essa voz diziam todos  
Que era a voz de Dom Sísando.

# NOTAS

## Nota A

O romance em que lhe falei n'uma das minhas ultimas cartas de Portugal..... pag. 331

A *Adoinda* foi começada em Campolide, ao pé de Lisboa, no verão de 1827, concluida na cadeia do f.imoeiro no fim d'esse mesmo anno, e publicada em Londres no outomno de 1828, em um vol. 2º, sem nome do auctor, e com a seguinte breve Advertencia precedendo a carta ao sr. Duarte Lessa, que era o verdadeiro prefacio:

«ADVERTENCIA—O auctor d'este romance, animado pelo lisongeiro favor que outras publicações suas têm merecido ao publico portuguez e a distinctos litteratos estrangeiros, emprehende esta nova publicação, cujo assumpto é tirado da antiquissima tradição popular e se refere aos mais remotos tempos e costumes de nossas epochas heroicas e maravilhosas. Espera elle que não desagradará aos amantes de um genero que fez a colossal reputação de sir Walter Scott, e restituiu á antiga Escocia—na republica das letras—o nome e independencia que ha tanto perdura na ordem politica.

«Ainda que em pouco habeis mãos, a lingua portugueza sahirá mais uma vez á prova singular de bisarria com as mais cultas e gabadas linguas da Europa: e será culpa do cavalleiro, não sua, se o premio da belleza e valentia lhe não fôr adjudicado por todo o juiz imparcial. (Nota da segunda edição.)

## Nota B

Resumo da historia da lingua e da poesia portugueza que vem no 1 vol. do PARNASO-LUSITANO..... pag. 331

Foi o meu primeiro ensaio de critica litteraria, e muito ha que devo ao publico reimprimil-o, emendando-o e additando-o, como tanto precisa. E' trabalho que demanda porém o vagar de outros cuidados e uma serenidade de espirito que não tenho tido. Hei de fazel-o e breve. (Nota: da terceira edição.)

## Nota C

Boscan gaba-se de haver introduzido na Peninsula os metros toscanos..... pag. 331

A expressão é inexacta: os Toscanos houveram os metros endecasyllabos dos mesmos de quem nós os houvemos, dos trovadores. Vej. o *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*. (Nota da segunda edição.)

## Nota D

A lingua provençal, primeira culta da Europa,.... pag. 332

Generalizaram esta opinião no mundo os eruditos trabalhos de Mr Raynouard: eu duvido hoje muito d'ella, isto é, formulada d'este modo Estou inclinado a crêr que houve uma lingua romance, que teve por base o Romano-rustico falado, e que geralmente predominou nos paizes de dominação wisigothica desde a extrema Aquitania até o que hoje é Algarve; e que esta lingua quasi latina é o commum tronco do Provençal que morreu á nascença, do Aragonéz que não passou da infancia, do Portuguez e do Castelhanó que chegaram a perfeita maturidade, e de outros

mais obscuros dialectos cujo desenvolvimento as circumstancias politicas e topographicas annullaram. Nem julgo difficil demonstral-o; mas não é aqui o lugar, nem caberia no curto espaço de uma nota. (Nota da segunda edição.)

## Nota E

Logo vieram esses trovadores de Provença..... pag. 332

A simples leitura dos nossos Cancioneiros mostra que aquella não era a poesia popular: os seus requebros, todos cortezãos e palacianos, desdizem da ruda singeleza e energica originalidade do trovar do povo. E comparados aquelles cantares de saraos com os fragmentos das xácaras e solãos que a tradição oral tem conservado, ainda que pervertidos e viciados como elles andam, vê se que estes é que são a primitiva e legitima poesia nacional. (Nota da segunda edição.)

## Nota F

As balladas de Bürger, os romances de Sir W. Scott..... pag. 332

Vej. na collecção intitulada *Minstrelsy of the Scottish bords* (Cancioneiro das fronteiras da Scotia) a historia da renascença do genero popular na Grol Bretanha contada pelo mesmo W. Scott. (Nota da segunda edição.)

## Nota G

Cancioneiro do Collegio dos Nobres..... pag. 331

Ha tempos que se designa com este nome o Cancioneiro do tempo de el-rei D. Diniz que se guarda na livraria do que hoje é Escola Polytechnica, e era então Collegio dos Nobres. Copiou-o quando esteve ministro em Lisboa Sir Charles (Jepois Lord) Stuart, e em Paris o imprimiu, 25 exemplares, creio eu, quando alli foi embaixador.

Descubriram-se, ha poucos annos, na bibliotheca de Evora algumas folhas que faltavam no manuscripto de Lisboa, e com este additamento se reimprimiu em Madrid ultimamente pelo zeloso cuidado do Sr. Varnhagen, ministro do Brasil n'aquella n'aquella corte. (Nota da terceira edição.)

## Nota H

Canções que não serão talvez de Gonçalo Hermignies, etc..... pag. 333

Estas e todas as reliquias duvidosas do nosso romance irão todavia no lugar e livro competente da actual collecção. (Nota da terceira edição.)

## Nota I

Aquelle romancesinho de Gaia e do rei Ramiro. pag. 333

É um curioso e rarissimo exemplar, do documento notavel da litteratura portugueza do seculo dezeseite. Intitula-se *Gaia*, e é impresso no fôrto em um folheto de 4.º, com 15 ou 20 paginas. Tenho hoje grande pena de não ter tirado copia inteira d'elle antes de o restituir ao meu amigo o Sr. Lessa, em cujo es-

pólio deverá estar: mas não pude obter mais notícias d'elle; e outro exemplo não o vi nem sei de quem o visse. Começa com estas duas oitavas que agora encontro, incompletas, entre os meus apontamentos. Todo o poema é na mesma rima:

I  
Cantemos de Ramiro rei d'Hispanha  
E de el-rei Almançor de Berberia,  
Quando por desventura tam estranha,  
No mais de Hispanha então niouros havia,  
Com animo cruel, com cruol sanha  
Cada qual o outro pretendia  
Privar de sua fama, honra e estado,  
Com todas suas forças e cuidado.

II  
D'esse Ramiro, digo, o esforçado,  
Que d'este nome tres com elle hão sido,  
D'aquelle que com traya foi casado,  
Por quem tantos trabalhos ha soffrido...

(Nota da segunda edição.)

Possuo hoje um exemplar completo que devo ao obsequioso cuidado do Sr. N. M. de Sousa Moura, distincto e letrado official do nosso exercito, que, talvez por isso, não occupa n'elle o logar que lhe pertence. (Terceira edição.)

Nota K  
Adeante copio um dos mais curiosos (o do Bernal-francez)..... pag. 334

O romance d'este nome na primeira edição da *Adoinda* em Londres ia inserto na presente carta: por melhor classificação vae agora separado. E o texto original, segundo o conservou a tradição dos povos, irá no logar competente do *Romanceiro*, mas muito mais correcto e melhorado agora pela collação das diversas versões que tenho obtido. (Nota da segunda edição.)

Nota L  
Este terreno é santo: inda está vendio  
Alli aquelles restos mal poupados..... pag. 336

Em Campolide e nas alturas que avizinham o celebre aqueducto das *Aguaes livres* se encontram muitos restos de fortificações antigas e que parecem de diversas datas. O proprio nome de Campolide, abreviação de campo da lide, ficou a este sitio da batalha que alli se deu nas guerras da aclamação de D. João I. Vei. *Provas genealogic.* Duarte Nun. e quasi todos os nossos historiadores. (Nota da primeira edição.)

Nota M  
Suberbas, elevadas..... pag. 336

O aqueducto das *Aguaes livres* é o mais nobre e util monumento de Lisboa: edificou-o D. João V, que nem sempre empregou tão bem os immensos cabedais dos thesouros do estado, que então regorgitavam com o ouro das minas do Brasil e de outras possessões portuguezas. D. João V todavia amou, ao menos protegiu, as artes e as letras; foi culpa não sua mas do seculo, se de tão maior gosto eram as letras que protegiu. O crepusculo da nossa reabilitação litteraria luziu em seu reinado. A isso alludem os versos:

Um rei que amou as artes, rei pacifico  
A quem amor fadou  
Que seu fôsse e das musas, etc.

Assim como alludem tambem a seus bem sabidos amores e espirito galanteador. D. João V tinha a ambição de querer imitar Luiz XIV, seu contemporaneo—até nas fraquezas. (Nota da primeira edição.)

Nota N  
Lembra-te, aquella historia  
Que ingenho o povo nos seus trabalhos canta... pag. 337

É a xácaro ou lenda da *Silvaninha*, cuo texto original vae no logar competente do *Romanceiro*. (Nota da segunda edição.)

## Nota O

É singela legenda de uma santa,  
Que por brutal amor sacrificada,  
Desvalida virtude,  
Só de crime escapou no seio á morte..... pag. 337

A tradição popular attribue esta nefanda aventura a um rei que se namorou da sua propria filha, como a antiga Myrrha se namorara de seu pae—Provavelmente ambas as duas anedotas têm seu fundamento historico na chronica escandalosa das familias de alguns regulos ou senhores das diversas epocas. O observador curioso notará o differente caracter de duas historias tam semelhantes, e colherá o essencial ponto em que o nosso *maravilhoso* moderno differe da antiga mythologia, não tanto nos nomes dos deuses e deusas e outros agentes sobrenaturaes, mas principalmente no tom, na moral na sensibilidade, e n'um certo não sei quê de ternura e melancolia que nos mais rudes e imperfeitos ensaios da poesia nacional se acha sempre como principal e dominante côr do quadro. A differença não está em chamar ao sol Apollo, ao amor Cupido, á guerra Marte; sim na maneira de conceber, de pensar, de pintar, de moralisar as mesmas idéas, as mesmas coisas por differente modo. (Nota da primeira edição.)

## Nota P

Cantiga primeira..... pag. 338

Na primeira edição chamavam-se cantos as quatro partes d'este romance. Era dar-lhe uma pretensão de epopêia que o pobre não tinha. Demais, cantiga é o nome popular verdadeiro, e por isso lh'o mudei para elle. Os antigos menestres inglezes chamavam *fitts* — como quem diria *acessos* — os francezes *lais* — como quem diz *ramos* — ás diversas secções em que partiam os seus romances mais longos. A partição fazia-se por causa do canto: e *cantiga* ao que se pôde cantar de uma vez, parece portanto o mais proprio nome. O Cancioneiro do Collegio-dos-bres diz *cantares*. (Nota da segunda edição.)

## Nota Q

Como o picos do Gerez  
Quando em janeiro lhe nevava..... pag. 338

O Gerez é serra altissima na provincia do Minho, de alpestres alcantis, coberta de plantas alpinas de curiosissima flora; as summidades conservam quasi todo o anno resplandecentes massas de gelo. Ha nas faldas da serra as famosas aguas mineaes conhecidas pelo nome de Caidas do Gerez. (Nota da primeira edição.)

## Nota R

Mas pede Adozindo bella  
Tal virtude e formosura,  
Quem lh'o hade negar a ella?  
Não pode o pae nem ninguém..... pag. 338

É uma occorrença muito commum nos romances populares, e de sincera belleza homérica, esta de negar o senhor do castello a poisaada ao peregrino, mas ceder depois ás intercessões da filha compadecida, donzella innocente e malfadada, que quasi sempre vem a ser victima de sua propria bondade. Assim na lenda tam sabida e tam nacional de Santa Iria:

Pedia poisaada,  
Men pue lh'a negava;  
Mas em tanto fiz  
Que por fim entrava.

(Nota da segunda edição.)

## Nota S

E guaiaram seu pendão  
Para terras de Moirama..... pag. 339

Moirama, na phrase do povo, quer dizer terra de moiros. Noutro genero de poesia é certo que não ficaria bem o vocabulo, mas n'este quadra. (Nota da primeira edição.)



ADOZINDA — CANTIGA I

«Eil-a aqui» — Os olhos crava  
O pae na formosa filha.

PAG. 339



## Nota T

Que tropel que vae nos Paços  
De Landim sopé dos rios..... pag. 339

Em minha imaginação puz a scena d'este romance em um dos sitios mais pittorescos da mais formosa provincia de Portugal, o Alinho Landim (haverá mais terras do mesmo nome; esta é a que eu conheço) é uma povoação pequena em que houve, outro tempo, uma famosa casa e pingue possessão de Jesuítas: fica perto dos rios Ave e Vizella, que não longe d'ahi se juntam para correr unidos a desembocar em Villa-do-Conde e perder-se no mar. (*Nota da primeira edição*)

## Nota U

Que ou são sombras de finados,  
Ou de negras bruxas más  
Ahi ha nocturna dansa..... pag. 341

Estas boccas de cavernas, e outros recêssos — assim de bosques, montanhas e que taes, são em todos os paizes, pela imaginação do vulgo, povoados de entes mysteriosos e ás vezes malfazejos. Sombras de finados cantando seus hymnos terriveis, bruxas celebrando os torpes mysterios do seu sabbado, são cosmopolitas. A nossa mythologia popular tem mais outra especie de entes sobrenaturaes, que é privativa nossa. — São as *Moiras encantadas*, que nem são bruxas, duendes nem fadas, mas lindas e amaveis creaturas que se divertem a encantar, a excitar os desejos dos pobres mortaes — e ás vezes, tam boas são! a satisfazêl-os.

Não é d'este logar o exame, que seria bem curioso, da mythologia nacional portugueza Basta dizer, como o A. de *Dona Branca*, que devemos explorar esta mina tam rica, e tam pouco lavrada, de bellezas poeticas originaes e novas que, sem emprestimo nem favor alheio, podêmos haver do nosso e de casa. (*Nota da primeira edição.*)

## Nota V

Se a ha, não lhe acudiu Deus,  
Venceram peccados seus..... pag. 342

O povo é geralmente fatalista; e o nosso portuguez o mais fatalista que eu conheço. *Tinha de succeder, era coisa que o pers-guia*, e outras que taes razoes. são a explicação de todo o phenomeno estranho que o surprehende.

Aqui a cegueira da ignorancia leva pelo mesmo caminho que os desvarios da sciencia. A coisa é a mesma ao cabo: vaidade e presumpção humana (*Nota da primeira edição.*)

## Nota X

Mas diz que não ha condão  
Peior que o da maldição..... pag. 343

A maldição do pae desacatado, ou do pobre maltratado, passam entre o povo por ser as mais terribes e inevitaveis. Atéqui a moral de accordo com a crença vulgar. Mas a maldição, hereditaria em seus effeitos, é outra parte d'este dogma popular que em verdade repugna.—É certo porém que se é acaso, o acaso tem servido muito bem os factores d'aquella crença (*Nota da primeira edição*)

## Nota Y

Ah! essa alma corrompida  
Mais do que teu corpo estava..... pag. 347

O leitor verá n'esta passagem, no conselho de Auzenda á filha, em muitos logares d'esta e da cantiga IV principalmente, quanto fiz por me conservar perto do romance primitivo, assim no pensamento como até na phrase e stylo, tanto quanto o permitia a decencia, e outras vezes a correcção da phrase, e já tambem a indole do meu romance. (*Nota da primeira edição.*)

## Nota Z

Sete annos e um dia  
Foi a sentença cruel  
Que Adozinda cumpriria..... pag. 348

Sete annos e um dia é o periodo mysterioso de quasi todos os nossos Contos de fadas, encantamentos e coisas semelhantes.

No mui galante romance do *Caçador*, que é um dos mais queridos do povo, se diz:

Sete fadas me fadaram  
Nos braços de mi' madrinha,  
Que estivesse aqui sete annos,  
Sete annos e mais um dia.

O numero sete é mysterioso em todos os povos, mas esta expressão algebrico-neigromantica de 7 + 1 crejo que é só portugueza. (*Nota da primeira edição.*)  
É de toda a península. Vej. os romanceiros castelhanos. (*Nota da segunda edição.*)

## Nota AA

Arreda, arreda, infanções,  
Cavalleiros, dae logar..... pag. 349

Veja o glossario de Santa Rosa para ampla explicação do que eram *infanções* entre nós. Para intelligencia d'esta passagem basta saber-se que era uma especie de vassallos mais distinctos. (*Nota da primeira edição.*)

## Nota BB

E por senhor reconhecem  
Ao rico-homem de Landim..... pag. 349

Sobre o *rico-homem*, veja o mesmo glossario. A dignidade le *rico-homem*, perfeitamente obsoleta em Portugal, ainda a mencionam os fidalgos castelhanos em seus titulos

Rico-homem, naturalmente, quer dizer magnata, da primeira aristocracia, *procer*, grande senhor. (*Nota da primeira edição.*)

## Nota CC

E essa voz diziam todos  
Que era a voz de Dom Sisnando..... pag. 350

Esta especie de *vindicta-publica*. com que o povo stygmatisa a memoria dos malvados e grandes criminosos, é muito provavelmente a origem das almas do outro mundo, dos *revenants*, vampiros, etc., etc.

Se se procurar bem a fonte primitiva de todas as fábulas, vêr-se-ha que não ha credulidade mythologica que não tenha por base o instincto da moral e da justiça, commum a todos os povos. (*Nota da primeira edição.*)

# ROMANCES RECONSTRUIDOS

(BALLADAS)

I

## BERNAL-FRANCEZ

Este romance é tirado de uma das mais conhecidas e provavelmente mais antigas xácaras que o povo canta. Sua contextura simples mas forte, a scena tão dramatica com que abre, o fecho sublime com que termina dão-lhe todos os caracteres de poesia primitiva e grande de um povo heroico, de uma gente que tomava as coisas da vida ao serio, como a nossa era. Estou que é originariamente portuguez: não apparece em nenhum dos Romanceiros castelhanos, nem na vasta collecção de Ochoa.—O texto, como o conservou a tradição oral dos povos, dál-o-hei no lugar competente, segundo li'o talhei no prefacio d'este volume,<sup>1</sup> e demandava o systema da minha compilação: e ahi se vejam as conjecturas que tenho feito sobre esta preciosa reliquia da nossa poesia popular.

Mr. Southey, o famoso poeta e historiadór inglez, tendo lido a *Adoinda* e o *Bernal*, quando os publiquei a primeira vez em Londres em 1828, escrevia ao meu amigo mr. Adamson, o biographo de Camões: «que estes eram dois monumentos de mais remota antiguidade talvez do que nenhuma das aquellas canções irlandezas que elle até alli tivera na conta de serem os vestigios mais antigos de toda a poesia popular das nações do ocêste da Europa.»

Communicando-me esta reflexão, tão li-songeira para um collector entusiasta de

antigualhas, mandou-me o sr. Adamson a tradução ingleza, que pela primeira vez agora sãe impressa, e o leitor achará logo adiante do texto portuguez.<sup>1</sup>

No verão de 1840, quando apromptei para a presente edição esta parte do volume, dediquei o *Bernal Francez* a uma joven senhora, que juntava a outras admiraveis qualidades a de possuir, no mais eminente grão que ainda encontrei, o sentimento do bello, do grande, do verdadeiro nas artes. Este romancinho era o seu valido d'entre todas as minhas escreveduras poeticas: consagrei-lh'o... Hoje é um monumento! bem pobre e mesquinho para memoria de tanta saudade!

Todavia o seu desejo e eu penho era que eu fizesse uma verdadeira epopêa, e me deixasse d'estas coisas que nunca podiam passar de *bontinhas*. A perda de D. Sebastião em Africa era o assumpto que me dava: dizia — e dizia bem — que devia ser o reverso da medalha dos *Lusiadas*, e que podia ser o mais popular e nacional de todos os poemas portuguezes depois d'aquelle. Ponho isto aqui para commentario dos versos que se seguem, e que aliás não seriam entendidos.

15 de outubro de 1842.

<sup>1</sup> Vid. adiante. Parte III. Traduções populares portuguezas—Romances cavalleirescos.

<sup>1</sup> Vid. loc. cit. a nova tradução por M. Adamson, *LUSITANIA ILLUSTRAT*, part. II. Newcastle 1840. Esta segunda versão ingleza vem adeante na parte III—Traduções populares—Romances cavalleirescos, bem como a tradução castelhana do sr. Isidoro Gil, já tão conhecida e apreciada entre nós



A ADELIA<sup>1</sup>

Tu queres, amiga, que eu deixe  
Minha harpa no chôpo do monte,  
Que nem sempre me chore e queixe,  
Que seja poeta... a cantar!  
Que da brava inculta deveza  
Me não fique pasmado á fonte  
A admirar só a natureza,  
Sem um brado de glória alçar!  
Na escarpada selvática brenha  
Não se colhem senão rudes flores,  
Bem o sei—crescem lhe hirtas na grenha,  
São singelas  
De fôlha e de côres,  
Não se toucam as bellas  
Com ellas:  
Não se enfeitam jardins de formosas  
Com mûsquetas bravias e rosas!

1 D. Adelaide Pastor. (Da REVISÃO.)

—Vê o nobre, magnifico traço!  
Do regrado edificio de Homéro,  
Do mavioso Virgilio, do Tasso!  
(Dizes tu, maga musa de amor)  
«E ora terno e mavioso, ora fero,  
Ja sublime, ja doce - o cantor  
De Ignez bella, feio Adamastor.  
Como erguendo, campêa, a alta frente  
Sôbre todos os vates do Pindo!»  
—Vejo, oh! vejo, que esta alma ardente  
Já nos vãos andou seguindo  
Essas aguias mais remontadas...  
Hoje é abelha, ahí anda zumbindo  
Por entre agras, singelas flores,  
Desalinhas:  
Mas são flores que nascem na serra  
Onde todo o seu mundo se encerra,  
Porque ahí tem—o seu bem—seus amores.

Bemfica, 12 de maio de 1840.

1 Vid. a introdução ante, pag. 256

## BERNAL-FRANCEZ

I  
Ao mar se foi D. Ramiro.  
Galé formosa levava;  
Seu pendão terror dos Mouros  
N'alta pópa tremolava.  
  
Oh que adeus na despedida!  
De saudades vae ralado;  
Com tantos annos de amores,  
Não tem um de desposado.  
  
Nem ha dama em toda a Hespanha  
Tam bella como é Violante;  
Não a houvera igual no mundo  
Se ella fôra mais constante.  
  
Bate o mar na barbacan  
Do castello alevantado,  
Só a vela<sup>1</sup> na alta tórre  
Não cede ao somno pesado.  
  
Tudo o mais repousa e dorme,  
Tudo é silencio ao redor;  
Dobra o recato nas portas  
Com a ausencia do senhor.  
  
Mas a certa hora da noite  
Se vê luz n'uma seteira,  
E logo cruzar por perto  
Leve barca aventureira.  
  
Muitas noites que passaram,  
Manso esteja ou bravo o mar,  
A mesma luz, á mesma hora,  
A mesma barca a passar.

1 Vigia

E isto ignora o bom Rodrigo,  
Que tam fiel prometteu  
De guardar a seu senhor  
Juramento que lhe deu?  
  
Saberá, não saberá:  
Mas a cravella ligeira,  
Que ao pé da torre varada  
Jazia alli na ribeira.  
  
Uma noite escura e feia  
Na praia menos se achou...  
Quem n'ella foi não se sabe,  
Mas onde foi não tornou.  
  
E o farol que no alto luz  
A' mesma hora a brilhar...  
Só a barca aventureira  
Não foi vista hoje passar.  
  
E d'um lado ao pé da rocha  
Havia um falso postigo:  
Só o sabem D. Ramiro,  
Violante e o fiel Rodrigo.  
  
Mas alta noite, horas mortas,  
Gente que o postigo entrava,  
E á porta de Violante  
Manso bater se escutava.  
  
«Quem bate á minha porta,  
Quem bate oh! quem 'stá ahí?  
—Sou Bernal-francez, senhora,  
Vossa porta a amor abri.»  
  
Ao descer do leito d'oiro  
A fina hollandia rasgou,  
Ao abrir mansinho a porta  
A luz que se lhe apagou:

Pela mão tremente o toma,  
Ao seu aposento o guia:  
«Como treme, amor querido,  
Esta mão, como está fria!»

E com osculos ardentes  
E no seio palpitante,  
Que lhe aquece as frias mãos  
A namorada Violante.

«De longe vens? — De mui longe.»  
«Bravo estava o mar? — Tremendo.  
«Armado vens!» Não responde.  
Vae-lhe as armas desprendendo.

Em pura essencia de rosas  
O amado corpo banhou,  
E em seu leito regalado  
A par de si o deitou.

«Meia noite já é dada  
Sem para mim te voltares,  
Que tens tu, querido amante,  
Que me encobres teus pezares?

Se temes de meus irmãos,  
Elles não virão aqui;  
Se de meu cunhado temes,  
Não é homem para ti.

Meus criados e vassallos  
Por essa torre a dormir,  
Nem de nosso amor suspeitam,  
Nem o podem descobrir.

Se de meu marido temes,  
A longes terras andou:  
Por lá o detenham Mouros,  
Saudades cá não deixou.»

—Eu não temo os teus criados,  
Meus criados também são:  
Irmãos nem cunhado temo,  
São meus cunhados e irmão.

De teu marido não temo  
Nem te ho de que temer.  
Aqui está aopé de ti,  
Tu é que deves tremer.»

## II

E o sol já no oriente erguido  
Da torre ameias dourava;  
Violante mais bella que elle  
Para a morte caminhava:

Alva tella aspera e dura  
Veste o corpo delicado,  
Por cintura riço esparto  
Em grosseiro laço atado.

Choram pagens e donzellas,  
Que a piedade o crime esquece;  
O proprio offendido esposo  
Com tal vista se enternece.

Dá signal a campá triste,  
O algoz o cutello affia...  
«Meu senhor mereço a morte»  
Amalfadada dizia.

«De joelhos, D. Ramiro,  
Humilde perdão vos peço;  
Perdoae-me por piedade...  
A morte não, que a mereço:

«Da affronta que vos hei feito  
Por minha triste cegueira,  
Dae-me quitação co'a morte  
N'esta hoia derradeira:

«Mas só eu sou criminoso  
Do agravo que vos fiz,  
Não tireis, senhor, vingança  
D'esse misero, infeliz...»

Talvez ia perdoar-lhe  
O espôso compadecido...  
Renovou-se-lhe o odio todo,  
D'aquelle rogo offendido:

O semblante roxo de ira  
Para não vê-la torceu;  
E co'a esquerda mão alçada  
O fatal acêno deu.

Sobre o colo crystalino,  
Desmaiado, e inda tam bello,  
De golpe tremendo e subito  
Cae o terrivel cutello.

## III

Oh! que procissão que sae  
Da antiga porta da torre!  
Que gente que acode a vê-la,  
Que povo que triste corre!

Tochas de palida cêra  
Nas trevas da noite escura  
Vão dando luz baça e triste,  
Luz que guia á sepultura:

Cobertos com seus capuzes  
Rezam frades ao-redor,  
A dobrar desentoados  
Os sinos causam terror...

Duas noites são passadas,  
Já não ha luz na seteira,  
Mas passando e repassando  
Anda a barca aventureira.

Linda barca tam ligeira  
Que nenhum mar sossobrou,  
O farol que te guiava,  
Já não luz, já se apagou.

A tua linda Violante,  
O teu encanto tam bello,  
Teve por ti feia morte,  
Crua morte de cutello.

Na egreja de San'Gil  
Ouve a campá a dobrar?  
Vês essas tochas ao longe?  
Ella que vae a enterrar.

Já se fez o enterramento,  
Já cahiu a louza fria,  
Só na egreja solitaria  
Um cavalleiro se via;

Vestido de dó tão negro,  
E mais negro o coração,  
Sobre a fresca sepultura  
De rôjo se atira ao chão:

—Abre-te, ó campá sagrada,  
Abre-te a um infeliz...  
Seremos na morte unidos,  
Já que em vida o céu não quiz.

Abre-te, ó camp'a sagrada,  
Que escondes tal formosura,  
Esconde também meu crime  
Com a sua desventura.

Vida que eu viver não quero,  
Vida que eu só tinha n'ella,  
Recebe a, ó camp'a sagrada,  
Que não posso já soffrer-a.—

E o pranto de correr,  
E os soluços de estalar,  
E a mão que leva á espada  
Para alli se traspassar.

Mas a mão gelou no punho  
Voz que da camp'a se erguia,  
Voz que ainda é suave e doce,  
Mas tam medonha e tam fria,

Do sepulchro tam cortada,  
Que as carnes lhe arripia  
E a vida deixou parada:

«Vive, vive, cavalleir,  
Vive tu, que eu já vivi;  
Morte que me deu meu crime,  
Fui eu só que a mereci

Ai, n'este gêlo da camp'a,  
Onde tudo é frio horror,  
Só da existencia conservo  
Meu remorso e meu amor!

Braços com que te abraçava  
Já não tem vigor em si;  
Cobre a terra humida e dura  
Os olhos com que te vi;

Bôcca com que te beijava  
Já não tem sabor em si;  
Coração com que te amava...  
Ai! só n'esse não morri!

«Vive, vive, cavalleiro,  
Viv , vive e sê ditoso;  
E apprende em meu triste fado  
A ser pae e a ser espôso.

Donzella com quem casares  
Chama lhe também Violante;  
Não amará mais do que eu...  
Mas que seja mais constante!

Filhas que d'ella tiveres  
Ensina-as melhor que a mim.  
Que se não percam por homens  
Como eu me perdi por ti.»

## VERSÃO INGLEZA

## I

SEE, Don Ramiro's galley speeds  
Across the heavy seas,  
His pennant which the moor so dreads  
Now flutters in the breeze.

Oh! when he went, his heart was moved  
With grief that would not hide...  
To part with her he long had loved  
Though lately called his bride!

Spain's loveliest maids or royal queen  
In charms could not compare  
With Violante, had she been  
True as her form was fair.

Against the castle's flanking tower  
Wild beats the surging deep,  
And there a watch at midnight hour  
Would not submit to sleep:

All else lulled by the breaker's jar  
In slumber calm reposed,  
And as it's lord was distant far  
His castle gates were closed.

But lo! a bark at dead of night  
Alone doth swiftly glide  
Beneath the tower from whence a light  
Shines glimmering on the tide.

And many a darksome night the bark,  
As falls that hour, returns;  
Through wind and wave it's path to mark  
The signal torch-light burns.

Roderigo, rouse thee up from sleep;  
The oath which thou didst swear  
To thy good lord, how canst thou keep  
When strangers come so near!

For knowest thou not, where softest swell<sup>1</sup>  
The waves around thy strand,  
Which sail unstrucked, a caravel  
Remains upon the sand?

Ah! in a stormy night and dark  
It reckless left the shore;  
Who was it's pilot none could mark  
But it came back no more.

Yet at the hour, the guiding light  
On high began to burn,  
«I was vain—no eye observed, this night,  
The little bark return.

Far down the rugged rock that spread  
Its masses round the tower,  
Was placed a secret gate which led  
To Violante's bower.

Within this postern, steps were heard  
At night approaching near,  
And on her door so firmly barred  
A knock aroused her ear;

—«Oh! who can thus, unknown advance  
And knock so bold y there?» —  
—«Tis Bernal, lady, thine of France:  
He seeks thy smile to share»

From couch of gold she reached the floor  
And rent her vestment gay,  
And as she gently opened the door  
It quenched her taper's ray.

His clay cold hand she seized him by  
And led him to her bower!  
—«Love, tremble not: within our sky  
No clouds of sorrow lower.»

<sup>1</sup> Vide nota no fim.

Then on her fair and glowings breast  
 Th. t, heaving, throbb'd the more  
 She pressed his hands: and fondly kissed  
 His cold lips o'er and o'er.

—«Far have you come!» — «Yes very far.

— «Rough was the raging sea?

— «It was.» — «Why comest thou armed for war?  
 N'yt tell thy thoughts to me.»

She doff'd his armour, and the dew  
 Of roses, scenting wide,  
 In liquid drops she o'er him threw  
 And laid him by her side.

— «Twelve hours hath rung the castle bell;

To her, who loves thee, turn

Thy face, as thou wert wont, and tell  
 What gives thee cause to mourn.

Oh! if my brothers thou dost fear,  
 They will not come to me;  
 My husband's brother, were he here»  
 Can never cope with thee.

«My serfs and vassals, t'rough the halls,  
 Will sleep till morning light;

«Nor can they deem that, in my walls,  
 I welcome such knight.

«My husband, fond of martial fray  
 To distant lands is gone,  
 And may the Moors prolong his stay  
 Regret here left he none.»

— «They are my own, I need not fear  
 Those kneeling slaves of thine,  
 Nor brothers, for the badge they wear  
 Above their helms is mine.

«Nor do I dread thy husband's wrath;  
 Know... he reposes here,  
 Even by his lady, void of faith,  
 «'Tis she who well may fear.»

## II

The sun dispell'd morn's shadows dim,  
 And on the castle shone,  
 When Violante, more fair than him,  
 To meet her doom hath gone:

Her lovely form, a garment long  
 And coarse was wrapp'd around,  
 A knotted rope, like cable strong,  
 Her graceful person bound

And gushing tear drops blind the eye  
 'T' page and maiden fair;  
 Nor are Ramiro's lashes dry  
 Fresh moisture glistens there.

Pealed from the tower the signal bell,  
 The axe was lifted high  
 O'er Violante... Ere it fell  
 She saw her husband nigh

— «My lord» she cried «al merit death,  
 Yet on my bended knee,  
 Ere from my bosom parts my breath,  
 I pardon crave from thee.

«'Tis not through blighted years to live  
 Lamenting o'er the past,  
 But my offense to thee, forgive,  
 This hour is now my last.

«On me, for I have wronged thy bed,  
 Alone let vengeance light,  
 Nor wreck thy rage upon the head  
 Of Bernal, hapless knight.»

To grant her wish, Ramiro's breast  
 With rising pity burned,  
 But when she urg'd her last request,  
 His former hate returned.

Dark lowered his brow, fierce flash'd his eye,  
 As when his faulchion brave  
 Repell'd the foe, — his left hand high  
 The fatal signal gave

Then on that neck of grace and love,  
 Whose blue veins shining tell  
 The pureness of the skin above,  
 The headsman's weapon fell.

## III

Forth from the castle's ancient gate,  
 A dread procession slaw  
 Advanced, who mourn'd the hapless fate  
 That laid such beauty low.

Above hem many a waxen torch,  
 In darkness of the night,  
 Shed to the chapel's gothic porch  
 A dim and mournful light.

And hooded closely many a friar  
 Sung prayers the bier around,  
 The massy bells within the spire  
 Rung forth an awful sound.

Two nights had passed, no torch's ray  
 Illum'd the restless tide,  
 But fleetly o'er the castle bay  
 Again the skiff did glide.

Swift bark, thy pilot braved the wrath  
 Of ocean's wildest war,  
 But knows not how the damp of death  
 Has quenched his leanding star.

Alas the fair whose beauty lured  
 His path across the wave,  
 The headsman's stroke for him endured  
 To fill a bloody grave.

Within the chapel of saint Gil  
 Intomb'd she slumbers low;  
 See, distant torches burning still... »  
 Hark, bells are pealing slow!

All now is past — lies o'er the dead  
 The cold sepulchral stone;  
 And, see: a knight doth ceaseless tread  
 The echoing aisles alone.

His robes are black, but woe doth shroud  
 His form upon her tomb.  
 And lo he stretches, sobbing loud,  
 His form upon her tomb.

— «Oh! open, grave, my heart is riven,  
 I taste delight no more,  
 Let death unite us now, whom heaven  
 In life asunder tore.

«And her who calmly sleeps beneath  
 Again to me reveal,  
 That by her side, I may, in death,  
 My crime with her conceal.



ADOZINDA — CANTIGA IV

«Emudecei!» lhes bradou  
Ficaram todos calados;

FAG. 349



«It is not, torn with inward strife,  
My wish to linger on,  
And I live, when shet, the very life  
Of all my hopes, is gone.»

Then fell his tears; his hands were clasped  
And moanings of despair  
Burst from his heart, his blade he grasped  
To still the conflict there.

But why inactive did he stand?  
A voice unearthly rose  
Out of the tomb, and stayed his hand  
Till on the hilt it froze.

Like hollow gusts in winter drear,  
That sound, appalling, came  
So deep and sudden o'er his ear,  
It deathlike thrilled his frame.

—«Live, cavalier, though I no more  
Survive, let life be thine,  
Since for my crime the stroke I bore  
The fault alone was mine.

Cold horror dwells beneath this stone,  
And all I knew above

Of glowing life from me is gone,  
Except remorse and love.

«The arms shall clasp thy neck no more  
Whose shape thou oft hast praised.  
The eyes with earth are covered o'er  
That kindly on thee gazed.

«The mouth whose lips did revel free  
O thine, is senseless now:  
But that fond heart wick beat for thee  
Death cannot chill its glow.

«Live, live, Sir Knight; a soul lik thine  
To honour should as ire;  
Oh! learn to be, from fate like mine,  
A husband and a sire.

«And name the maiden after me  
Whose heart shall thee adore:  
Than I, more faultless she may be,  
But cannot love thee more.

«And oh! instruct her daughters young  
That love may never sway  
Their hearts to ill — think how I flung  
For thee my life away »

## NOITE DE SAN'JOÃO

Este romance é e não é da minha simples composição. Estavam-me na saudosa memória as vagas reminiscências d'aquelles cantares tam graciosos com que, na minha infancia, ouvia o povo do Minho festejar a abençoada noite de San'João; estavam-me as fogueiras e as alcachofas de Lisboa a arder tambem na imaginação: e eu era muito longe de Portugal, e muito esperançado de me vêr n'elle cedo: aqui está como e quando fiz esta cantiga.

Foi em San'Miguel, as antenas dos nossos navios já levantadas para sahir a expedição; — soltámol-as ao vento d'ahi a horas... Isto escrevia-se na quinta do meu velho amigo, o sr. José Leite, cavalheiro dos mais distinctos, e velho o mais amavel que produziu o archipelago dos Açores.

Tambem alli estavam, para inspirar o poeta, uns olhos pretos de quinze annos, que promettiam arder ainda tanta noite de San'

João, fazer 'queimar tanta alcachofa por sua conta!... Já os cobriu a terra.

Faz hoje dez annos que aquillo foi; e ainda não envelheci bastante para o esquecer.

O romance é tam feito dos ditos e cantares do povo, que nem uma idéa nem talvez um verso inteiro tenha que seja bem e todo meu. Por este motivo, principalmente, lhe dei logar aqui.

Lisboa, 23 de junho de 1842.

Na collecção já citada, a LUSITANIA ILLUSTRATA, part. II, pelo sr. J. Adamson, appareceu a tradução ingleza d'este romance, que vae transcripta no appendice ao LIVRO II do presente ROMANCEIRO.

Sabe-se tambem de uma versão em italiano, e de outra em allemão, que não chegámos a vêr ainda.

Abril, 16 — 1853.

OS EDITORES.

## NOITE DE SAN'JOÃO

### I

MEIA noite já é dada,  
San'João, meu San'João,  
N'esta noite abençoada  
Ouvi a minha oração!

Ouvi-me, santo bemdito,  
Ouvi a minha oração,  
Com ser eu moira nascida  
E vós um santo christão:

Que eu já deixei a Mafôma  
E a sua lei do Alcorão,  
E só quero a vós, meu santo,  
Santo do meu Dom João.

### II

•Como eu queimo esta alcachofa  
Em vossa fogueira benta,  
Amor queime a saudade  
Que no peito me rebenta.

Como arde esta alcachofa  
Na vossa fogueira benta,  
Assim arda a negra barba  
Do moiro que me atormenta.

Como esta fogueira abrasa  
A minha alcachofa benta,  
Ao meu cavalleiro abraça  
A chamma de amor violenta.

### III

«Sacudi do alto do céu  
Vossa capella de flores,  
Que n'este ramo queimado  
Renasçam por meus amores.

Orvalhadas milagrosas  
Que sáram de tantas dores,  
N'este coração, meu santo,  
Accalmem os meus ardores.

San'João, meu San'João,  
Santo de tantos primores,  
N'esta noite abençoada,  
Oh! trazei-me os meus amores!»

### IV

Já se apagava a fogueira,  
Já se acabava a oração,  
Ainda está de joelhos  
A moira no seu balcão.

Os olhos tinha alongados,  
Batia-lhe o coração:  
Muita fé tem aquella alma,  
Grande é sua devoção!

Ouviu-a o santo bemdito:  
Que, por sua intercessão,  
D'aquelle extasi acordava  
Nos braços de Dom João.

Te os meiros da Moirama  
Festejam a San'João:  
San'João, San'João, San'João  
Da-me péras do vosso balcão.  
CANTIG. POPUL.



## O ANJO E A PRINCEZA

O celebre erro commettido pelos Setenta na tradução do v. 2 do cap. vi do *Genesis*, deu um poema inteiro a Thomaz Moore, *Os Amores dos Anjos* (*The Loves of the Angels*). E d'este partiu o palido reflexo da *Chute d'un Ange* que apenas animam as bellas pinturas de paizagem feitas do vivo e natural, e como de mão que as copiou nos proprios sitios: em tudo o mais o poema de Lamar-tine é inferior ao do Anacreonte d'Irlanda.

Hoje lêmos na *Vulgata*:—«*Videntes filii Dei filias hominum quod essent pulchrae, acceperunt sibi uxores ex omnibus quas elegerant.*»

O padre Antonio Pereira verteu:—«Vendo os filhos de Deus, que as filhas dos homens eram formosas, tomaram por suas mulheres as que d'entr'ellas lhes agradaram mais.»

O padre João Ferreira d'Almeida assim:—«Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram.»

Mas os Setenta não tinham entendido assim o texto hebraico, e em vez de—*filhos de Deus*, traduziram—*anjos de Deus* (*ai Anjoi ou Otoi*); erro, que ajudado pelos commentos poeticos de Philon, e pelas ficções do apocrypho *Livro de Enoch*, accendeu as imaginações meio pagans de Tertuliano, de Lactancio, e até de San'Clemente-Alexandrino. Seja dito com o devido respeito a estes padres da Igreja: nem Hesiodo nem Ovidio estenderam fábula alguma do polytheismo por maiores desvarios do que elles poetizaram acerca d'esta ficção. Regeitou-a todavia a maior parte dos Santos Padres. Deplorou-a como absurdo San'João Chrysostomo, estigmatizou-a de loucura San'Cyrillo. Segundo elles as palavras—*filhos de Deus*—querem dizer:—*os descendentes de Seth por Enos*, porque foram os primeiros que invocaram o nome do Senhor. Assim por est'outras palavras—*as filhas dos homens*—devemos entender:—*as filhas da corrupta raça de Cain*. E' opinião seguida sem disputa, na Igreja catholica e em quasi todas as outras, desde Santo Thomaz até hoje.

O *Targum de Onkelos*, que é a mais antiga das paraphrases chaldaicas, e a versão de Symacho traduziram—*os filhos dos nobres ou grandes*; a versão samaritana diz—*os filhos dos juizes*.

E parece que a palavra hebraica, *Elohim*,

admitte todas estas tam desvairadas interpretações.

Seja como fôr, d'aquelle desvio de texto e de imaginação nasceu muita poesia para os escriptores mysticos dos judeus e dos christãos primitivos e dos gnosticos e de todas essas seitas do Oriente, e porfim, em nossos dias, para os poemas de dois vates, ambos christianissimos hoje, ambos eminentemente catholicos—o francez talvez agora um tanto menos,—o inglez muito mais, principalmente depois d'essa ultima sua obra philologo-orthodoxa.

Eu porém não quiz fazer mais do que uma «lenda-romance» como a comporia um menestrel da Edade-média em cujas coplas os donairosos sonhos da mythologia, assim como os severos mysterios da crença, tomavam sempre os habitos sociaes do seu tempo. Jupiter era Dom Jupiter, rei de corda na cabeça e barbas até á cinta, rodeado de condes e de pagens, servido por nobres donzelas de espartilho e toucas altas; San'Miguel e o proprio Lucifer dois cavalleiros de lança em punho e escudo embracado, justando em mui leal batalha n'essas nuvens, com Legiões e Potestades por mantenedores do campo;—o Olympo era um castello feudal, e o Céu uma roca-forte. Em summa, sem princezas e cavalleiros não havia poesia para elles, nem a podia haver, porque essa era a vida que elles conheciam, o bello e sublime da vida que concebiam.

Por isto o tom biblico d'esta lenda ou legenda necessariamente é modificado e predominado do ar cavalheiresco ou romantico, proprio de um cultor da Gaya-Sciencia. Veja-se no *Cancioneiro* de Resende como, ainda no seculo xv, o nosso João Rodrigues de Sá e Menezes traduzia—não tanto do latim para portuguez, quanto do romano para romance, a epistola de Laodamia. Veja-se como o proprio Sá de Miranda na Egloga iv reconta as classicas aventuras de Cupido e Psychis,—verdadeira fonte tambem da muito romantica e trovada historia da Carochinha, *A Bella e a Fera*, que toda a gente sabe—ou soube quando era pequeno.

O fio da minha legenda é muito singelo. Era uma vez a filha de um rei, moça, linda, e unica herdeira do throno. Fugia das diversões e grandezas da côrte para se entre-

gar á meditação na soledade. Adoece mortalmente enquanto el-rei seu pae anda á guerra. Volta elle triumphante e vem n'a achar na derradeira agonía. O seu mal não o entendem os physicos. Lembra-lhes se será alguma secreta paixão de amor. El-rei está prompto a tomar para genro seja quem fôr, comtanto que lhe viva a filha. Nem assim. Morre a pobre da princeza, e morre de mal de amores. Mas como não havia de ser, se a sua fatal paixão é por um espirito — um gnomio, um sylpho, um anjo — quem sabe o quê! — talvez outro Bertrand que se apoderou d'esta Rosalia. — Ao menos, escapámos de segundo Roberto do Diabo, porque a boa da infanta era de consciencia, e morreu antes d'isso.

E d'ahi, quem sabe? seria anjo bom o que ella amava. Segundo San'Basilio. *De vera virginitate*, não pôde ser; segundo Tertuliano e San'Clemente Alexandrino já se viu que podia ser.

Campolide, 5 de outubro de 1842.

## A' Illustrissima e Excellentissima Senhora Marqueza de Fronteira

Esta lenda-romance foi escripta no seu Album, Minha Senhora, para cumprir uma promessa feita ha tanto tempo, e por cujo desempenho tam retardado V. Ex.<sup>a</sup> teve a bondade de nunca ralhar commigo. Dedico-lh'a agora que sae impressa; e é a primeira vez na vida que offereço versos ou prosas minhas a pessoa que pudesse imaginar de-vêl o á sua qualidade e grandeza. Será provavelmente a ultima, enquanto não fizer mais proselytos e imitadores o espirito verdadeiramente nobre e as manceiras verdadeiramente fidalgas que me obrigam a quebrar n'esta occasião o meu proposito tam firme e tam necessario n'esta terra.

De V. Ex.<sup>a</sup>

Criado e fiel captivo

ALMEIDA-GARRETT.

Campolide, 20 de outubro de 1842.

## O ANJO E A PRINCEZA

...Walt, me hence to thy owu sphere,  
Thy heaven or—ay, even *that* wit thee.  
MOORE, *LOVES OF THE ANGELS*.

O\_H que choros vão no paço  
Oh que lutos, que tristezal  
Morre, morre a cada instante  
A nossa linda princeza.

Os physicos não se entendem,  
Vão-se uns e outros vêm;  
Mas o mal que ella padece  
Não lh'o descobre ninguém.

Nos olhos que se lhe enturvam,  
Já trema a luz derradeira.  
Resa o officio da agonía  
Negro monge á cabeceira.

Se inda chegará a tempo  
D'essas guerras d'além-mar  
O bom do rei que, inda p'essa  
A sua filha abraçar!

A filha que elle ama tanto,  
Única filha querida,  
A menina dos seus olhos,  
Bordão da cansada vida!

Pois chegou. Tanto captivo,  
Tanto despojo que traz!...  
Com victorias o enganava  
Fortuna, que acinte o faz

Pelas portas de palacio  
O real cortejo entrava.  
Olha o rei a um lado e outro.  
Nem uma voz o acclamava...

Pela filha, que não via,  
Não se atreve a perguntar,  
Mas ao quarto da princeza  
Foi direito sem parar:

—Minha filha, minha filha!  
Que tens tu, filha querida? —  
E ella abria os olhos turvos  
Que já não têm quasi vida...

—Ametade do meu reino,  
Da minha c'roa real,  
A quem salvar a princeza,  
Quem acertar c'o este mal.—

A estas palavras do pae  
Mencia a palida frente,  
Como quem diz: «Não o entendem,  
Nem cura o meu mal consente.»

—«São pezares...! não se sabe...»  
Responde o physico mór.  
Outro mal lhe não descobro...  
Só se for o mal d'amor.»

Um rubor desfalecido  
Assomou na face lenta  
Que já do suor da morte  
Se cobria macilenta.

Os olhos que no pae tinha  
Cravados desde que o viu,  
Com mostras de p'êjo e medo  
Para a terra os descabiu.

—Não, tenhas, filha, receio,  
Levanta os olhos, querida;  
Seja quem for, será teu:  
Jurei-o 'por tua vida,

Seja elle ou 'rico' ou pobre,  
Seja fidalgo ou peão,  
Desde já por genro o tomo,  
E aqui lhe dou tua mão, —

Como quem o último 'esforço  
De doce má-za 'fazia,  
Com ineffável brandura  
Os oll'os ao pae erguia;

Suave longo suspiro  
D'entre os lábios lhe fugiu...  
Era a vida que passava,  
Que sem dor se despediu

Foram para a amortalhar,  
No peito um signal lhe achavam  
De letras que ninguém leu,  
Que estranhas 'órmas tomavam.

Sete sabios são chamados  
Para haver de as decifrar:  
Cada-um sete línguas sabe,  
Mas não as podem soletrar.

Só o mais velho 'dos sete,  
Que andára na Palestina,  
Disse:—«Outras letras como estas  
Eu já vi n'uma ruína,

Junto dos 'cedros do Libano,  
Já meio entre a terra e os céus,  
Do tempo que ás filhas do homem  
Falavam anjos de Deus.

Mas lê-las não sei nem posso:  
Nem que soubesse, o fizera:  
Segredos são de outro mundo  
Que, n'este, Deus não tolera.»

No alto d'aquelle monte  
Um alto cedro nasceu;  
Ou anjos o semearam,  
Ou foram aves do céu.

Que alli cresceu de repente,  
De uma noite para um dia;  
E outro igual em todo o reino  
Como aquelle não havia:

Foi a noite que a princeza  
Alli veiu a sepultar:  
Era um sitio seu querido  
D'onde sohia de estar,

Aonde horas esquecidas,  
Sósinha, de quando em quando,  
Com as estrellas do céu  
Parecia estar fallando;

E onde, uma noite sem lua  
Que as estrellas mais brilhavam,  
Houve quem visse nos ares  
Umhas roupas que alvejavam,

E descer a pouco, e pouco,  
E ao pé da infanta parar  
Um vulto . . . visião . . . ou sombra . . .  
Mas sombra de luz sem par:

E foi desd'aquella noite  
Que a não viu mais rir ninguém.  
Anjo era o que lhe falava . . .  
Mas se de Deus . . . ou de quem?..

## O CHAPIM D'EL-REI OU PARRAS VERDES

Foi verdadeiramente reconstruída esta xácará dos fragmentos soltos da composição popular antiga, como hoje se reconstruía das pedras cahidas de uma torre velha, — não exactamente o mesmo edificio, porque o cimento, e algum inchume novo aqui ou alli, seria mister empregar — mas quasi a mesma coisa; na fórma e nos materiaes a mesmíssima.

Vieram-me de Evora os fragmentos por intervenção do sr. Rivara, o habil e zeloso bibliothecario d'aquella cidade: são parte em prosa, parte em verso, estado em que alguns d'estes fósseis se desenterram ás vezes. Verifiquei depois que pelas visinhanças de Lisboa se encontravam na mesma fórma e quasi os mesmos.

Deixei-lhe com mais seguridade o titulo de xácará que trazem muitos outros de nossos romances populares, porque effectivamente creio que quadra mais aos d'esta especie de narrativa que é feita dramaticamente pelos dizeres de um e outro dos seus personagens, enquanto o poeta pouco ou nada diz epicamente elle mesmo.

Nós temos, se me não engano, no genero narrativo popular, as tres especies, *romance*, *xácará*, *soláo*: no *romance* predomina a fórma epica, conta e canta principalmente o poeta; na *xácará* prevalece a fórma dramatica, diz o poeta pouco, ás vezes nada — fallam os seus personagens muito: o *soláo* é mais plangente e mais lyrico, lamenta mais

do que reconta o facto, tem menos dialogo e mais carpir; ás vezes, como no *Soláo* da Ama em Bernardim Ribeiro, não ha senão o lamento de uma só pessoa que vae alludindo a certos successos, mas que os não conta.

Apesar do que levo dito no principio d'estas linhas, como não posso negar que ha bastante do meu cimento no ligar e assentar das pedras velhas, e ellas eram tam poucas e tam soltas, escrupulisei de pôr esta peça no II livro do ROMANCEIRO para que me não accusassem de macaquear as imposturas de Macpherson ou de fr. Bernardo de Brito.

A anecdota, que eu deixei religiosamente como a refere o povo, parece dever ter sido algum facto que realmente acontecesse: — como, quando e aonde? Não pude encontrar vestigio. E' o que diz o pobre do conde, scismando:

O chapim aqui o tenho,  
O chapim bem n'o topei:

mas cujo é, e a que pé serve, só se voltar do outro mundo o dito rei para nol-o dizer.

Lisboa, 27 de março de 1843.

No appendice ao II livro do ROMANCEIRO achará o leitor a versão ingleza d'esta xácará, publicada pelo sr. Adamson na sua LUSITANIA ILLUSTRADA, part. II.

Abril, 17 — 1853.

OS EDITORES.

## O CHAPIM D'EL-REI OU PARRAS VERDES

## I

VERDES parras tem a vinha,  
Ricas uvas n'ella achei,  
Tam maduras, tam coradas...  
Estão dizendo «comei!»

«Quero saber quem n'as guarda;  
Ide, mordomo, e sabei:»  
Disse o rei ao seu mordomo.  
Mas porque o dizia o rei?

Porque viu n'aquelle monte  
— como elle o viu não sei—  
Essa donna emparedada,  
Não se sabe por que lei;

Que por seu mal é condessa,  
Condessa de Valderey:  
Antes ser pobre e villan,  
Antes pela minha fei!

Verdes parras tem a vinha:  
Uvas que lhe vira el-rei  
Tam maduras, tam coradas,  
Estão dizendo «comei!»

## II

Veiu o mordomo do monte:  
—Boas novas, senhor rei!  
A vinha anda bem guardada,  
Mas eu sempre lá entrei.



O CHAPIM DE EL-REI

Era uma tal formosura...  
Ora que mais vos direi?

PAG. 371



O dono foi-se a outras terras,  
Quando volverá não sei;  
A porta é velha, e a porteira  
Com chave de ouro a tentei.

Serve a chave á maravilha,  
Tudo por fim ajustei:  
Esta noite á meia-noite  
Comvosco á vindima irei.

«Valeis um reino, mordomo,  
Grandes mercês vos farei:  
Esta noite á meia noite  
Ricas uvas comerei.»

A vinha tem parras verdes,  
Madura a uva lhe achei;  
E tam madura, tam bella,  
Que está dizendo «comeil»

## III

Ao pino da meia-noite  
Foi mordomo e foi o rei:  
Doblas que deram á velha,  
Um conto que nem eu sei.

«Mordomo ficae á porta,  
A porta que eu entrarei;  
Não me saltem cães na vinha  
Em quanto eu vindimarei.»

A porteira o que lhe importa  
E o dá-me que te darei...  
No camarim da condessa  
Veis agora entrar o rei.

Levava um candil acceso;  
Era de prata, sabei:  
Não ha senão prata e oiro  
Na casa de Valderrey.

Da vinha as parras são verdes,  
As uvas maduras sei,  
São tão coradas, tão bellas...  
D'ellas — quando comerei!

## IV

No camarim da condessa  
Tudo andava á mesma lei,  
Era o ceu d'aquelle anjo:  
Que mais vos diga não sei.

Ricas sedas de Milão,  
Toalhas de Courteney...  
Tremia o rei — se era susto,  
Se era de gosto não sei.

Cortinas de seda verde  
Vae ergo não erguerrei...  
Tal clarão lhe deu na vista,  
Como não cahiu não sei.

Era uma tal formosura...  
Ora que mais vos direi?  
Outro primor como aquelle  
Não vistes nem eu verei.

Verdes parras tem a vinha,  
Ricas uvas lhe avistei,  
Tam formosas, tam maduras,  
Estão dizendo «comeil»

## V

Dormia tam descansada  
Como eu no céu dormirei  
Quando for tam innocente...  
Jesus! se eu lá chegarei!

De joelhos toda a noite  
Alli fica o bom do rei,  
Pasmado a olhar para ella  
Sem bulir nem mão nem pei. <sup>1</sup>

E dizia: — «Senhor Deus!  
Perdoae-me o que já pequei,  
Mas este anjo de innocencia  
Não sou eu que offenderei.

Tem verdes parras a vinha;  
Lindas uvas que eu lhe achei,  
Tenho medo que me travem...  
D'ellas, ai! não comerei.

## VI

Já vinha arraiaando o dia,  
E elle, como vos contei,  
Ouve apitar o mordono...  
«Jesus, senhor, me valeil!»

Era o signal ajustado  
— Vindo o conde, apitarei —  
Deixou cahir as cortinas  
Dizendo: «Não vendimeil»

Lindas parras tem a vinha,  
Bellas uvas n'ella achei;  
Mas doeu-me a consciencia,  
Das uvas não comerei.

## VII

Deita a correr com tal pressa  
Que voava o bom do rei:  
«Ai que perdi um chapim...»  
— «T omae, que um meu vos darei:

«Mas nem um instante mais,  
Que o conde já avistei  
Descendo d'aquella altura;  
Se nos colherá não sei...»

Era o medo do mordomo:  
Outro era o medo do rei.  
Qual d'elles tinha razão  
Agora vol-o direi.

Parras verdes viu na vinha,  
Uvas maduras de lei;  
Foi travo da consciencia,  
Diz: «D'ellas não comerei.»

## VIII

Chega o conde á sua torre,  
O conde de Valderrey,  
Topou n'um chapim bordado...  
Como ficou não direi.

<sup>1</sup> Pé, pee, pei. Vid. nota no fim.

Vae-se ao quarto da condessa

—«Morrerá, matal-a-hei.»

Viu-a dormir tam serena:

—«Jesus! não sei que farei!»

Corre a casa ao derredor:

—«Deus me tenha em sua lei,

Que ou esta mulher é bruxa

Ou eu c'o chapim sonhei!

«O chapim aqui o tenho,

O chapim bem n'ó topei...

Mas que durma assim tão manso

Quem tal fez, não n'ó crerei.»

Entrou a scismar n'aquillo:

—«Valha me Deus! que farei?

Por menos fica homem doudo:

E eu como o não ficarei?»

Minha vinha tão guardada!

Uvas que n'ella deixei

Não é fructa que se conte...

Da que me falta não sei.»

## IX

Foi-se fechar no mais alto

Da torre de Valderey:

—«Não quero comer do pão,

Nem do vinho beberei;

«Minhas barbas e cabellos

Tambem mais os não farei,

Que ésta verdade não saiba

D'aqui me não tirarei.»

Verdes parras d'essa vinha,

Uvas que eu não comerei,

Licæ vos sêcas embora,

Que eu já'gora—morrerei.

## X

Por tres dias e tres noites

Que se guarda aquella lei;

Clama a triste da condessa:

—«Ao seu mal que lhe farei!»

De quem foi ella valer-se?

Agora vol-o direi.

Foi lastimar-se a innocente...

Onde iria?—ao proprio rei.

«Ide, condessa, ide embora,

Que eu remedio lhe darei;

O segredo do seu mal

Sei-o eu... Se o saberei?

«Palavra de cavalleiro

Em lealdade vos darei,

Que ou elle hade ser quem era,

Ou eu, quem sou, não serei.»

As verdes parras da vinha,

As uvas que eu cubicei,

Ellas a travar-me n'alma...

E mais d'ellas não provei!

## XI

Fôra d'alli a condessa,

Não tardou em ir o rei:

—«Quero ouvir o que elles dizem,

A esta porta escutarei.»

Ouviu uma voz celeste

Como tal nunca ouvirei,

Cantando em doce toada

Este triste vireley:

—Já fui vinha bem cuidada,

Bem queida, bem tratada:

Como eu medrei!

Ora não sou nem serei:

O porquê não sei

Nem n'ó saberei!»

Com as lagrimas nos olhos

Foi d'alli o bom do rei:

«Oicamos agora o outro,

E o que sabe, saberei!»

—«Minha vinha tam guardada!

Quando n'ella entrei

Rastos do ladrão achei:

Se me elle roubou não sei:

Como o saberei?»

Era o conde a lastimar-se.

Surrindo dizia o rei:

(Se era de si ou do conde

Que elle se ria não sei):

«Eu fui que na vinha entrei,

Rastos de ladrão deixei;

Parras verdes levantei,

Uvas bellas

N'ellas—vi:

E assim Deus me salve a mim

Como d'ellas

Não comi!»

## XII

A porta tinha uma fresta

Tirou o chapim do pei,<sup>1</sup>

Atirou-lh'o para dentro,

Disse-lhe: «Vêde e sabei.»

Do mais que alli succedeu

Para que vos contarei?

O conde soube a verdade,

E o rei soube—ser rei.

Verdes parras tem a vinha,

Ricas uvas lá deixei:

Quem m'a guardou foi o medo...

De Deus e da sua lei.

<sup>1</sup> Vid. nota no fim.



## ROSALINDA

E' verdadeiramente sublime, tem toda a frescura viçosa das imagens da poesia primitiva, a com que termina este romance. Tudo o que ha de asqueroso n'uma sepultura desaparece do tumulo em que amor desfolhou os seus goivos: alli não ha corrupção nem vermes: uma bella arvore, um rosal florido reproduzem em «novas e mudadas fôrmas» os corpos de dois amantes. A vida não acabou, mudou só; e nem mudou tanto, que a vegetal seiva d'esses ramos não ferva ainda do mesmo ardor que já animou aquelle sangue. Tendem umas para as outras as apaixonadas vergonteas; cortam-n'as e ellas recrescem, e vão-se abraçar como duas palmeiras namoradas.

Sente-se aqui o BELLO, sente o qualquer porque é bello devêras. Assim se popularizou esta imagem e fez a volta da Europa, que a achâmos nos romances e solâos de quantos povos entraram na grande communhão romano-celtica, romano-teutonica, ou celto-teutonica: — talvez seja o modo mais exacto de dizer, este último.

O romance *Prince Robert*, publicado por sir Walter Scott, da tradição oral das raías d'Escocia,<sup>1</sup> remata com estas coplas:

The tane was buried in Marie's kirk  
The tother in Marie's quair;  
And out o' the tane there spring a brier,  
And out o' the tother a brier.

And thae twa met, and thae twa plat,  
The birk but and the brier;  
And by that ye may very weel ken  
They were twa lovers dear.

Cito estas coplas escocezas por serem as que mais se parec-m com as do nosso romance: ha muitos outros parallelismos, mais ou menos approximados, nos romances e cançoneiros de quasi todas as linguas. Não é possivel descobrir hoje onde nasceu a idea original; no portuguez é onde ella está mais lindamente expressada e com mais

«sentimento.» Na famosa historia de *Dom Tristam*, apontada a este proposito por Sir W. Scott, occorre a mesma imagem.

«*Ores veitil que de la tumbre se Tristam yssait une belle ronce verte et feuillense. qui aleoit par ta chapelle, et descendoit le bout de la ronce sur la tumbre d'Isseult, et entroit dedans.*» Tres vezes cortaram a milagrosa planta, mas, continúa o bom do historiador, Rusticien de Pise, «*le lendemain estoit aussi belle comme elle avoit cydevant été, et ce miracle estoit sur Tristam et sur Ysseult a tout jamais advenir.*»

E' um ponto luminoso para as indagações philologicas na historia das linguas modernas — ou da sua poesia. que é a mesma coisa. E' para mais ainda; porque a historia do homem, por aqui a hade começar a estudar quem verdadeiramente a quizer saber.

Eu fiz este romance de tres fragmentos diversos, tam fragmentos que nenhum d'elles por si se entendia bem. O primeiro appareceu-me inserido no de *Eginaldo*, *Reginaldo* — ou *Girinaldo*, como diz em muitas partes o povo. O segundo e terceiros envolvidos com o de *Claralinda* ou (lara lindes, que os castelhanos chamam *Clara niña*, e ao romance o do *Conde Claros*.

No logar competente do Cancioneiro darei esses romances que hoje tenho restituídos pela collação de outros fragmentos e de melhores copias que depois me vieram.<sup>1</sup>

Campolide, 8 de Setembro 1843.

Tambem na LUSITANIA <sup>1</sup>ILLUSTRATA vem a tradução ingleza d'este romance que vae copiada no appendice a II parte do LIVRO II do NOSSO ROMANCEIRO.

Aqui damos agora o bello estudo e versão franceza de M. Edouard Fournier sobre a *Rosalinda*, que se publicou em Paris em 1852.

Abril, 16-1853.

OS EPITORES.

<sup>1</sup> Minstrelsy of the Scottish border etc. by Sir Walter Scott, mihi, ed. de Paris-1838 — 2 vol. pag. 125.

<sup>1</sup> Vej. no livro II, part. I, o romance xiii, *Claralinda*; e na parte. II, o romance xviii, *Conde Nilo*; ibid. o romance xx a *Peregrina*

## ROSALINDA

ERA por manhã de maio,  
Quando as aves a piar,  
As arvôres e as flores,  
Tudo se anda a namorar;

Era por manhã de maio,  
A' fresca riba de mar,  
Quando a infanta Rosalinda  
Alli se estava a tocar.

Trazem das flores vermelhas,  
Das brancas para a enfeitar;  
Tam lindas flores como ella  
Não n'as poderam achar:

Que é Rosalinda mais linda  
Que a rosa, que o nenuphar,  
Mais pura que a açucena  
Que a manhã abre a chorar.

Passava o Conde almirante  
Na sua galé do mar;  
Tantos remos tem por banda  
Que se não podem contar;

Captivos que a vão remando  
A Moirama os foi tomar;  
D'elles são grandes senhores,  
D'elles de sangue real:

Que não ha moiro seguro  
Entre Ceuta e Gibraltar,  
Mal sae o Conde almirante  
Na sua galé do mar.

Oh que tam linda galera,  
Que tam certo é seu remar!  
Mais lindo capitão leva,  
Mais certo no marear.

«Dizei-me, oh Conde almirante  
Da vossa galé do mar,  
Se os captivos que tomaes  
Todos los fazeis remar?»

—Dizei-me, a bella Infanta,  
Linda rosa sem igual,  
Se os escravos que lá tendes  
Todos vos sabem tocar?

«Cortez sois, Dom Almirante;  
Sem responder, perguntar!»  
—Responder, responderei,  
Mas não vos heide enfadar:

Captivos tenho de todos,  
Mais bastos que um aduar;  
Uns que mareiam as velas,  
Outros no banco a remar:

As captivas que são lindas  
Na pôpa vão a dansar,  
Tecendo alfombras de flores  
Para o senhor se deitar.

«Respondeis, respondo eu,  
Que é boa lei de pagar:  
Tenho esca os para tudo,  
Que fazem o meu mandar;

D'elles para me vestir,  
D'elles para me tocar

Para um só tenho outro emprego,  
Mas está por captivar...

—Captivo está, tam captivo  
Que se não quer resgatar.  
Rema, a terra a terra, moiros,  
Voga certo, e a varar!»

Já se foi a Rosalinda  
Com o Almirante a folgar:  
Fazem sombra as laranjeiras,  
Goivos lhe dão cabeçal.

Mas fortuna, que não deixa  
A nenhum bem sem dezar,  
Faz que um Monteiro d'elrei  
Por alli venha a passar.

—Oh Monteiro, do'que viste,  
Monteiro, não vás contar:  
Dou-te tantas bolsas de oiro  
Quantas tu possas levar.—

Tudo o'que viu o Monteiro  
A'el-rei o foi contar,  
A casa da Estudaria  
Onde elrei stava a estudar.

—«e á puridade o disseras,  
Tença te havia de dar:  
Quem taes novas dá tam alto,  
Alto hade ir... a enforcar.

—«Arma, arma, meus archeiros  
Sem cheramellas tocar!  
Cavalleiros e piões,  
Tudo á tapada a cercar.»

Inda não é meio dia,  
Começa a campá a dobrar;  
Inda não é meia noite,  
Vão ambos a degolar.

Ao tópe de ave-marias  
Foram ambos a enterrar:  
A Infanta no altar-mór,  
Elle á porta principal.

Na cova da Rosalinda  
Nasce uma arvôre real,  
E na cova do Almirante  
Nasceu um lindo rosal.

El-rei, assim que tal soube,  
Mandou-os logo cortar,  
E que os fizessem em lenha  
Para no lume queimar.

Cortados e recortados,  
Tornavam a rebentar:  
E o vento que os encostava,  
E elles iam-se abraçar,

El-rei, quando tal ouviu,  
Nunca mais pôde falar;  
A Rainha, que tal soube,  
Cahia logo mortal.

—«Não me chamem mais rainha,  
Rainha de Portugal...  
Apartei dois innocentes  
Que Deus queria juntar!»—

## ÉTUDES SUR LA ROSALINDA

Les rapports entre la littérature française et la littérature portugaise, au Moyen-âge, furent plus grands et plus directs que l'éloignement des deux pays ne le donnerait à penser. M. Raynourd a été des premiers à le remarquer; il ne s'est même pas borné à une simple constatation du fait, il l'a appuyé de toutes sortes de preuves. Afin même de montrer complètement combien la langue portugaise se rapprochait de la langue romane il a été jusqu'à traduire dans la langue des troubadours une petite pièce du Camoëns. <sup>1</sup> Épreuve triomphante! car à quelques syllabes près, les deux pièces, l'original et la traduction, se sont trouvées les mêmes. Il n'y a pas plus complète identité contre les *Noei* en patois bourguignon et la très facile traduction française que tout le monde peut en faire. Qu'on en juge par la seconde des deux strophes:

PO- TUGAIS	LANGUE DES TROUBADOURS
Melhor deve ser	Melhor deu esser
N'ete aventurear	En est aventurear
Ver e não guardar	Vezer e no guardar
Que guardar e ver.	Que guardar e vezer.
Ver e defender	Vezer e defender
Muito bom seria,	Molt bon seria,
Mas quem poderia?	Mas qui poiria?

Dans tout cela, je le répète, il n'y a pas une syllabe qui ne soit sœur de celle qui la traduit.

Les mots qui servaient à désigner les diverses sortes de pièces de poésie étaient les mêmes pour les poètes portugais et pour les poètes de la langue romane. Ceux-ci, par exemple, avaient le *lai* qui correspondait directement au *lied* allemand et au *lai* des Irlandais; ceux-là, Portugais et Espagnols, avaient le *loa*. La même chose sous le même mot. Une autre espèce de poème s'appellait *dict* chez les trouveres, et les Portugais le connaissaient aussi sous un nom presque pareil dans la *Crônica da Lusitania* <sup>2</sup> se lit cette phrase par laquelle se trouvent indiqués ces *dicts* en langue portugaise: « *Cantigas serranas, e decires Portugueses e Gallegas* » Pour exprimer la rime dans toute sa primitivité native, mais mélodieuse, nous avions le mot *assonance* qui est resté, et le verbe *assonar* qui n'a malheureusement pas eu le même sort. Les Espagnols et les Portugais avaient de même le verbe *asonar* qu'ils étendaient jusqu'au sens de l'expression *ometre en musique*. <sup>3</sup> Enfin, il n'est pas jusqu'au mot *trobador* qui ne se retrouve à peine modifié dans la langue portugaise. Tantôt c'est *tr. bar.* tantôt c'est *tr. bador*. Le premier de ces mots se trouve dans ce vers des *Fragmentos de hum Cancioneiro medito*: <sup>4</sup>

Et por que m'ora quítey de trobar,

et le second, aux fol. 91 et 101 du même recueil.

Ces similitudes ne se retrouvent pas seulement dans les idiomes, mais encore dans le génie des deux nations. On voit par les œuvres qu'ont laissées leurs poètes que, toutes deux puisent aux mêmes sources et se renvoient mutuellement l'inspiration. Mais elle vient surtout des troubadours, il faut bien le dire; et quand nous avons appris que le roi de Portugal Diniz prit pour maître en l'art des vers le troubadour de Cahors, Aymeric d'Ebrard, qui lui apprit à faire même des vers provençaux, et qui reçut en récompense l'archevêché de Lisbonne où il fonda la

fameuse Université transportée en 1308 à Coimbra; nous n'avons pas été surpris. À cette époque déjà, tous les bons maîtres viennent de France.

Pour preuve de la communauté d'inspiration des poètes portugais et des troubadours, nous citerons deux exemples. Une chanson portugaise que nous lisons au fol. 75 du recueil rarissime cité tout à l'heure sera le premier. On la trouve ainsi traduite dans les *Prélogomènes de l'Histoire de la Poésie Scandinave*, par M. Edelestand Du Méril <sup>1</sup>.

« Par Dieu! ô dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

« Vous me semblez si belle, ô dame, que jamais je n'en vis d'aussi belle et je vous dis une grande vérité, telle que je n'en sais pas de plus vraie. Par Dieu, ô dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

« Et Dieu, qui vous tient en sa puissance, vous combla si généreusement de ses dons, qu'il n'est rien au monde qui puisse ajouter à votre mérite. Par Dieu, ô dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

« En vous créant, Madame, sa puissance montra tout ce qu'il était capable de réunir en une dame de mérite, de beauté et d'esprit. Par Dieu, ô dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

« Comme brille le bon rubis au milieu des perles, vous brillez entre toutes celles que j'ai jamais vues, et c'est pour moi qui suis épris de tant d'amour que Dieu, vous a créée. Par Dieu, dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous. »

Notre second exemple sera ce chant charmant de la *Rosalinda*. M. de Almeida-Garrett, avec ce tact exquis et cet haut goût archéologique qui le placent à la tête des poètes les mieux inspirés et en même temps les plus érudits du Portugal, a retrouvé dans les vieilles traditions du peuple lusitan, et reconstitué d'après trois différents fragments, les meilleures variantes de ce chant depuis si longtemps populaire. Le poète se trouve à chaque vers de cette chanson telle qu'il l'a rétablie, et l'érouit à chaque ligne de l'introduction historique dont il l'a fait précéder. J'ai, mais en n'a mieux prouvé que dans cette préface savante, les rapports poétiques qui existèrent au moyen âge entre les races du midi et celles du nord. Où M. Garrett trouve-t-il, en effet, le premier germe de la poétique image qui couronne la ballade portugaise? Dans les chants écossais, dans la romance du *Prince Robert*, telle que la tradition orale l'avait transmise à Walter-Scott pour son *Minstrelsy of the scottish border* etc.; ou bien encore dans cette fameuse histoire de Tristram et de la belle Iseult, par Rusticien de Puisse, dont il cite, d'après Walter-Scott, de trop courts fragments.

Ces détails miraculeux de l'histoire d'Iseult se retrouvent dans les dernières strophes de la *Rosalinda*. <sup>2</sup> On le verra, du reste, par la traduction complète que nous en avons tentée. Elle est en vers souvent inélegants et mal rimés, mais exacts, je crois, et serrant du plus près qu'il est possible la strophe portugaise, bien que dans un rythme différent. Pour nous excuser des rimes insuffisantes et des mots vieilliss, nous dirons que s'ils sont de mise quelque part, c'est dans un chant populaire, et nous alléguerons, à qui ne nous le pardonnerait pas, l'enthousiasme du morose Alceste pour cette, vieille chanson du *Roi Henri*, qui cependant est pleine de ces mêmes défauts. Ce qu'il dit pour les excuser devra nous justifier nous-même, et c'est l'un des vers que Molière lui prête, que nous servira d'épigraphie.

<sup>1</sup> Poésie des Troubadours, tom. vi, pag. 385.

<sup>2</sup> Ap. Sanchez, tom I, pag. LVIII.

<sup>3</sup> Le manuscrit du *Cancioneiro* date du VIII<sup>e</sup> siècle et les pièces qu'il contient semblent plus anciennes. Il a été publié à Paris en 1823 par Sir Ch. Stuart de Rothsay et tiré seulement à 25 exemplaires, dont aucun n'a été mis dans le commerce. Vid. a nova ed. do Sr. Varnhagen, Madrid 1851.

<sup>1</sup> Pag. 339, note 1.

<sup>2</sup> Vid. Tome II du MINSTRELSY etc. de Sir. W. Scott;

## ROSALINDA

## BALLADE PORTUGAISE

La rime n'este pas riche et le style en est vieux  
MOLIERE, *Misanthrope*.

C'ÉTAIT UN matin de mai  
Quand l'oiseau dans la nuée,  
L'arbre au bois, la fleur au pré,  
Chantent l'amour réveillé.

C'était un matin de mai,  
Quand Rosalinda l'infante  
Sur le rivage embaumé  
Peignait sa tête charmante.

Blanches fleurs on lui portait,  
Rouges fleurs avec leur branche;  
Mais en grâce elle passait  
Et la fleur rouge et la blanche.

Mieux que celle des épis,  
Mieux que la rose nouvelle,  
Le nénuphar et le lis  
La belle infante était belle.

Le comte amiral passait  
Avec sa galère sombre  
Mainte rame s'y pressait  
Tant, qu'on n'en sait pas le nombre.

Les captifs ses noirs rameurs  
Il les prit au pays More.  
Tous, ils sont de grands seigneurs,  
Du sang royal encore.

Depuis Ceuta, pas un port  
Qui ne redoute la guerre  
Quand le comte amiral sort  
Avec sa noire galère.

Voyez, comme elle fend l'eau  
Comme on y rame en mesure!  
Que son capitaine est beau.  
Que sa main est forte et sûre!

— «Dites moi, comte amiral.  
Pour ces captifs, votre prise,  
Le labeur, est-il égal?  
Rament-ils tous, sous la brise?»

— «Vous que je vois se mirer,  
Belle infante, fleur d'élite,  
Savent ils, tous vous parer  
Ces esclaves, votre suite?»

— «L'amiral est peu galant,  
Pour réponse une demande!  
Qu'il parle, il se peut pourtant  
Que sa réponse on lui rende.»

— «Ainsi qu'un chef d'Adouar,  
J'ai bien des captifs, madame,  
Du travail tous ont leur part,  
L'un manœuvre et l'autre rame.

«Les captives au beau front  
Dansent, effleurant la rose,  
Et de fleurs jonchent le pont,  
Pour que leur maître y repose.»

— «Vous répondez, je vous dois,  
Comte, égale politesse:  
J'ai, dociles à ma voix,  
Esclaves de toute espèce.

«L'un est là pour m'attourner  
Et cet autre me fait brave (belle.)

Un emploi reste à donner,  
Qu'il manque encor un esclave... »

— «Cet esclave il est trouvé,  
Il défend qu'on le libère;  
Il ne veut qu'être arrivé,  
Ramez vite, allons à terre!

Et Rosalinda partit:  
Et le comte est avec elle,  
Les fleurs leur prêtent un lit,  
L'oranger sa verte ombelle.

Mais le sort, — c'est là sa loi —  
Ne veut qu'un bien sans mal vienne  
Là, passe un veneur du roi...  
C'est le destin qui l'amène.

— «De tout ce qui tu vis là  
Ne conte rien à personne,  
Veneur, on te donnera  
De l'or à payer un trône.»

Mais ce que le veneur sait,  
Près du roi vite il s'en vante,  
Qui dans son palais était,  
Et qui pensait à l'infante.

— «En honneur dis chaque mot  
Tu recevras récompense  
Mais qui dit haut, ira haut,  
C'est-à-dire à la potence.»

«Vite, archers, vite clairsans,  
Sonnez, comme pour combattre  
Nobles, cavaliers, piétons  
Vite, allons la forêt battre.

Midi n'était pas frappé  
Que sonne un glas mortuaire,  
Minuit n'avait pas tinté  
Que leur tête était par terre.

Quand l'Angelus vint après  
Dans leur fosse on les emporte,  
Elle au maître-autel, lui près  
Des marches de la grande porte.

Voilà qu'au premier tombeau  
Nait un noble et puissant arbre,  
Quand un rosier grand et beau  
Pousse auprès du second marbre.

— «Ça qu'on les lie en fagot  
Pour en faire de la cendre,»  
Cria le vieux roi, sitôt  
Que la chose il put apprendre.

Mais on eut beau les raser,  
Chacun à l'envi repousse;  
Même, ils semblent se baiser  
Sous la bise qui les pousse.

Au roi l'on a révélé  
Cete aventure inouïe.  
Depuis, il n'a plus parlé;  
La reine est évanouie.

D'elle on a pu retenir  
Ces mots: «Je ne suis plus reine!  
Dieu voulait les réunir.  
Nous avons rompu leur chaîne!»

## MIRAGAIA

E' a terceira vez que se imprime o romance MIRAGAIA; só agora porém vae restituído ao seu devido logar n'este primeiro livro do ROMANCEIRO. Publicou-se primeiramente no *Jornal das Bellas Artes*,<sup>1</sup> foi logo vertido em inglez não sei por quem, e não me lembra em que publicação appareceu, nem o acio.

Traduziu-o em francez um curioso;<sup>2</sup> e não me metto a apreciar a que elle modestamente chama «imitação» do meu romance; dou a em appendice.

Tambem sei que existe uma versão castelhana pelo sr. Isidoro Gil, o mesmo que n'este idioma traduzira o *Bernal Francez*. Creio que se publicou em um jornal de Madrid, mas não a vi nunca.

Eu, quando dei esta bagatella aos Srs. editores do *Jornal das Bellas-Artes* para encherem algum vão que lhes sobrasse n'aquella sua linda e elegante publicação, escrevi, a um canto do proprio rascunho original que não tive paciencia de copiar, as seguintes palavras:

«Este romance é a verdadeira reconstrução de um monumento antigo. Algumas coplas são textualmente conservadas da tradição popular, e se cantam no meio da historia 'rezada' ainda hoje repetida por velhas e barbeiros do logar. O conde D. Pedro e os chronistas velhos tambem fabulam cada um a seu modo sobre a legenda. O auctor, ou, mais exactamente, o recopilador, seguiu muito pontualmente a narrativa oral do povo, e sobretudo quiz ser fiel ao stylo, modos e tom de contar e cantar d'elle; sem o que, é sua intima persuasão que se não pôde restituir a perda nacionalidade á nossa litteratura.»

O Postscriptum, servindo de nota ao commento, sahiu impresso no referido jornal, e foi ampliado com algumas observações por extremo lisongeiras dos Srs. editores, a quem muito desejei auxiliar como elles mereciam por sua gentil empresa que era a mais bella

e das mais uteis que se têm commetido em Portugal.

Devo ao seu favor, não só o terem adornado a minha MIRAGAIA com as lindas gravuras em madeira que todos admiraram, mas o permittirem que se fizesse com ellas a pequena edição em separado com que quiz brindar alguns amigos, apaixonados, como eu, de nossas antigualhas populares.

Era uma folha avulsa do meu ROMANCEIRO, e n'elle vae reposta agora que se offerece tempo e logar conveniente.

Foi das primeiras coisas d'este genero em que trabalhei: e é a mais antiga reminiscencia de poesia popular que me ficou da infancia, porque eu abri os olhos á primeira luz da razão nos proprios sitios em que se passam as principaes scenas d'este romance. Dos cinco aos dez annos de idade vivi com meus paes n'uma pequena quinta, chamada «O Castello» que tinhamos áquem Doiro, e que se diz tirar esse nome das ruinas que alli jazem do castello mourisco.

Na ermida da quinta se venerava uma imagem antiquissima de Nossa-Senhora com a mesma invocação «do Castello» e com a sua legenda popular tambem, segundo o costume.

Com os olhos tapados eu iria ainda hoje achar todos esses sitios marcados pela tradição. Muita vez brinquei na fonte do rei Ramiro, cuja agua é deliciosa com effeito; e tenho idéa de me ter custado caro, outra vez, o imitar, com uma gaita da feira de San'Miguel, os toques da bozina de S. M. Leoneza, empoleirando-me, como elle, n'um resto de muralha velha do castello d'el-rei Alboazar: o que meu pae desaprovou com tam significante energia, que ainda hoje me lembra tambem.

Assim ôlo para esta pobre *Miragaia* como para um brinco meu de criança que me apparecesse agora; e quero-lhe — que mal ha n'isso? — quero-lhe como a tal. Não a julguem tambem por mais, que o não vale.

<sup>1</sup> Jornal das Bellas-artes, Lisboa 1845, vol. 1.

<sup>2</sup> Mr. Zanoletti, que foi depois, em 1848-1849, addido á legação franceza na China.

## MIRAGAIA

## CANTIGA PRIMEIRA

Noite escura tam formosa,  
Linda noite sem luar,  
As tuas estrellas de oiro  
Quem n'as poderá contar!

Quantas folhas ha no bosque,  
Areias quantas no mar...  
Em tantas letras se escreve  
O que Deus mandou guardar

Mas guai do homem que se fia  
N'essas letras decifrar!  
Que a lêr no livro de Deus  
Nem arjo pode atinar.

Bem ledo está Dom Ramiro  
Com sua dama a folgar;  
Um perro bruxo judio  
Foi causa de elle a roubar.

Disse-lhe que pelos astros  
Bem lhe podia afirmar  
Que Zahara, a flor da belleza,  
Lhe devia de tocar.

E o rei veiu de cilada  
Além do Doiro passar,  
E furtou a linda moira,  
A irman d'Alboazar.

A Milhor, que é terra sua  
E esta na beira do mar,  
Se acolheu com sua dama...  
Do mais não sabe cuidar.

Chora a triste da rainha,  
Não se pode consolar;  
Deixá-la por essa moira,  
Deixá-a com tal dezar!

E a noite é escura cerrada,  
Noite negra sem luar...  
Ella sósinha ao balcão  
Assim se estava a queixar:

—«Rei Ramiro, rei Ramiro,  
Rei de muito mau pezar,  
Em que te errei d'alma ou corpo,  
Que fiz para tal penar?

«Diz que é formosa essa moira,  
Que te soube enfeitar...  
Mas tu dizias-me d'antes  
Que eu era bella sem par.

«Que é moça, na flor da vida...  
Eu, se ainda bem sei contar,  
Ha tres que tinha vinte annos,  
Fil-os depois de casar.

«Diz que tem os olhos pretos,  
D'estes que sabem mandar...  
Os meus são azues, coitados!  
Não sabem senão chorar.

«Zahara, que é flor, lhe chamam,  
A mim, Gaia... Que acertar!  
Eu fiquei sem alegria,  
Ella a flor não torna a achar.

«Oh! quem podéra ser homem,  
Vestir armas, cavalgar,  
Que eu me fôra já direita  
A esse moiro Alboazar...

Palavras não eram ditas,  
Os olhos fô'a abaixar,  
Muitos vultos acercados  
Ao palacio v.a estar;

—«Peronella, Peronella,  
Criada do meu mandar,  
Que vultos serão aquelles  
Que por alli vejo andar?»

Peronella não responde;  
Que havia de ella falar?  
Ficas peitas de oiro e joias  
A tinham feito calar.

A rainha que se erguia  
Por sua gente a bradar,  
Sete moiros cavalleiros  
A foram logo cercar;

Soltam prégas de um turbante,  
A bocca lhe vão tappar;  
Tres a tomaram nos braços...  
Nem mais um ai pôde dar.

Criados da sua casa  
Nenhum veiu a seu'chamar;  
Ou peitados ou captivos  
Não n'a podem resgatar.

São sete os moiros que entraram  
Sete os est o a aguardar;  
Não falam nem uns nem outros  
E prestes a cavalgar!

Só um, que de arção a toma,  
Parece aos'outros mandar...  
Juntos juntos, certos certos,  
Galopa a bom galopar!

Toda a noite, toda a noite  
Vão correndo sem cessar,  
Pelos montes trote largo,  
Por valles a desfilar.

Nos ribeiros — peito n'agua,  
Chape, chape, a vadear!  
Nas defesas dos vallados  
Up! salto — e a galgar!

Vae o dia alvorecendo,  
Estão á beira do mar,  
Que rio é este tão fundo  
Que n'elle vem desaguar?

A bôcca já tinha livre,  
Mas não acerta a falar  
A pasmada da rainha...  
Cuida ainda de sonhar!

—«Rio Doiro, rio Doiro,  
Rio de máo navegar,  
Dize-me, essas tuas águas  
Adonde as foste buscar;

«Dir-te-hei a perola fina  
Aonde eu a fui roubar.

Ribeiras correm ao rio.  
O rio corre a la mar.

«Quem me roubou minha joia,  
Sua joia lhe fui roubar...»  
O moiro que assim cantava,  
Gaia que o estava a mirar...

Quanto o mais mirares, Gaia,  
Mais formoso o has de achar.  
«Que de barcos que alli vêem!»  
—Barcos que nos vêm buscar.»  
«Que lindo castello aquelle!»  
—E o do moiro Alboazar.

## CANTIGA SEGUNDA

Rei Ramiro, rei Ramiro,  
Rei de muito máo pezar,  
Ruins fadas te fadaram,  
Má sina te foram dar.

Do que tens não fazer conta,  
O que não tens cubiçar!...  
Zahara, a flor dos teus cuidados,  
Já te não dá que pensar.

A rainha que era tua,  
Que não soubeste guardar,  
Agora morto de zelos  
Do moiro a queres cobrar.

Oh! que barcos são aquelles  
Douro acima a navegar?  
A noite escura cerrada,  
E elles mansinho a remar!

Cozeram-se com a terra,  
Lá se foram encostar;  
Entre os ramos dos salgueiros,  
Mal se podem divisar.

Um homem saltou na praia:  
Onde irá n'aquelle andar?  
Leva bordão e esclavina,  
Nas contas vae a rezar.

Inda a névoa tolda o rio,  
O sol já vem a rasgar,  
Pela encosta do castello  
Vae um romeiro a cantar:

—«Sanctiago de Galliza,  
Longe fica o vos-o altar:  
Peregrino que lá chegou  
Não sabe se ha de voltar.»

Na encosta do castello  
Uma fonte está a manar;  
Donzella que está na fonte  
Pôz-se o romeiro a escutar.

A donzella está na fonte,  
A jarra cheia a deitar:  
«Bemdito sejaes, romeiro  
E o vosso doce cantar!

«Por estas terras de moiros  
É maravilha de azar,  
Ouvir cantigas tam santas,  
Cantigas do meu criar.

«Sete padres as cantavam  
A roda de um bento altar,  
Outros sete respondiam  
No côro do salmear,

«Entre véspera e completas,  
E os sinos a repicar.  
Ai triste da minha vida  
Que os não oiço já tocar!

«E as rezas d'estes moiros  
Ao dêmo as quizera eu dar.»  
Ouvireis ora o romeiro  
Resposta que lhe foi dar:

—Deus vos mantenha, donzella,  
E o vosso cortez falar:  
Por estas terras de moiros  
Quem tal soubera de a cantar!

Por vossa tenção, donzella,  
Uma reza heide a rezar  
Aqui aopé d'esta fonte,  
Que não posso mais andar.

Oh! que fresca está a fonte,  
Oh! que sêde de matar!  
Que Deus vos salve, donzella,  
Se aqui me deixaes sentar.»

«Sente-se o bom do romeiro,  
Assente-se a descansar.  
Fresca é a fonte, doce a agua,  
Tem virtude singular:

D'outra não bebe a rainha  
Que aqui m'a manda buscar.  
Por manhanzinha bem cedo  
Antes de o sol aquecer.»

—Doce agua deve de ser,  
E a virtude singular:  
Dae-me vos uma vez d'ella,  
Que me quero consolar

«Beba o peregrino, beba  
Por esta fonte real,  
Cântara de prata virgem,  
Tem mais valor que oiro tal.

—Dona Gaia que diria,  
Que faria Alboazar  
Se visse o pobre romeiro  
Beber da fonte real?..

«Inda era noite fechada  
Meu senhor foi a caçar:  
Mãos javardos o deten am,  
Que é bem ruim de aturar!

Minha senhora, coitada,  
Essa não tem que falar:  
Quem já teve fontes de oiro  
Prata não sabe zelar.

—Pois um recado, donzella.  
Agora lhe heis de levar:  
Que o romeiro christão  
Lhe deseja de falar.

Da parte de um que é já morto,  
Que morreu por seu pezar,  
Que a hora de sua morte  
Este anel lhe quiz mandar.»

Tirou o anel do dedo  
E na jarra o foi deitar:  
—Quando ella beber da agua  
No anel ha de attentar.

Foi-se d'alli a donzella.  
la morta por falar...  
—«Anda cá ó Peronella,  
Criada de meu mandar.

Tua ama morrendo á sêde  
E tu na fonte a folgar?  
•Folgar não folguei, senhora,  
Mas deixei me adormentar,

Que a moira vida que eu levo  
Já não n'a posso aturar.  
Ai terra da minha terra,  
Ai Milhor da beira-mar!

Aquella sim que era vida,  
Aquillo que era folgar!  
E em santo temor de Deus:  
Não aqui n'este peccar!»

— «Cal'-te, cal'-te, Peronella,  
Não me queiras attentar;  
Que eu a viver entre moiros  
Me não vim, por meu gostar.

Mas já tenho perdoado  
A quem lá me foi roubar;  
Que antes escrava contente,  
Do que rainha a chorar.

Forte christandade aquella,  
Bom era aquelle reinar  
Viver só, desamparada,  
Ver a moira em meu logar!...»

Lembrava-lhe a sua offensa,  
Está-lhe o sangue a queimar:  
Na agua fria da fonte  
A sêde quiz apagar.

A fonte de prata virgem  
A' bocca foi a levar,  
As ricas pedras do anel  
No fundo viu a brilhar.

— «Jesus seja co'a minha alma!  
Feitiços me querem dar...  
O fogo a arder dentro n'agua,  
E ella fria de nevar!»

«Senhora, co' esses feitiços  
Me tomára eu embruxar!  
Foi um bemdito romeiro  
Que á fonte fui encontrar,

Que ahi deitou esse anel  
Para prova singular  
De um reccado que vos trouxe,  
Com que muito heisde folgar.

— «Venha já esse romeiro  
Que lhe quero já falar:  
•Embaixador deve ser  
Quem traz presente real.»

## CANTIGA TERCEIRA

Por Deus vos digo, romeiro,  
Que vos queiraes levantar;  
Minhas mãos não são reliquias,  
Basta de tanto beijar!

O romeiro não se erguia,  
As mãos não lhe quer largar:  
Os beijos uns sobre os outros,  
Que era um nunca acabar.

la a enfadar-se a rainha,  
Viu que entrava a soluçar,  
E as lagrimas, quatro e quatro,  
Nas mãos sentia rolar:

— «Que tem o bom do romeiro,  
Que lhe dá tanto pezar?  
Diga-me las suas penas  
Se lh'as posso alliviar.

—Minhas penas não são minhas,  
Que aos mortos morre o penar;  
Mas a vida que eu perdi  
Em vós podia encontrar.

Minhas penas não são minhas,  
Senão vossas, mal pzar!  
Que uma rainha christan  
Feita moira vim achar...

— «Romeiro, não tomeis cuita  
Por quem se não quer cuitar:  
Do que foi já me não lembro,  
O que sou não me é dezar.

Deus terá dó da minha alma,  
Que meu não foi o peccar;  
E a esse traidor Ramiro  
As contas lhe hade tomar.

—Pois não espereis, senhora,  
Por Deus, que pôde tardar:  
Dom Ramiro aqui o tendes,  
Mandae-o já castigar.

Em pé está Dom Ramiro,  
Já não ha que disfarçar:  
Aquellas barbas tam brancas  
Cahiram de um empuxar.



O bordão e a esclavina  
A terra foram parar;  
Não ha vêr mais gentilezas  
De meneio e de trajar.

Quem viu olhos como aquelles  
Com que o ella está a mirar!  
Quem passou já transe de alma  
Como ella está a passar?

Um tremor que não é medo,  
Um sorriso de enfiar,  
Vergonha que não é pejo,  
Faces que ardem sem corar...

Tudo isso tem no semblante,  
Tudo lhe está a assomar  
Como ondas que vão e vêm  
Na travessia do mar.

A vingança é o prazer do homem,  
Da mulher é o seu manjar:  
Assim perdôa elle e vive,  
Ella não—que era acabar.

Vingar-se foi o primeiro  
E o derradeiro pensar  
Que entre tantos pensamentos,  
Em Gaia estão a pular:

Logo depois a vaidade,  
O gosto de triumphar  
N'um coração que foi seu,  
Que seu lhe torna a voltar.

E o rei moiro estava longe  
C'os seus no monte a caçar,  
Ella só n'aquelle tórre.  
Prudencia e dissimular!

Abre a bocca a um sorriso  
Doce e triste—de matar!  
Tempéra a chamma dos olhos,  
Abafa-a por mais queimar.

Poz na voz aquelle encanto  
Que, ou minta ou não, é fatal;  
E com o inferno no seio,  
Fala o céu no seu falar.

Já os amargos queixumes  
Se embrandecem no chorar,  
E em sua propria justiça  
Com arte finge affrouxar.

Protesta a bocca a verdade:  
—«Que não hade perdoar...»  
Mas a verdade dos labios  
Os olhos querem negar.

De joelhos Dom Ramiro  
Alli se estava a humilhar,  
Supplica, roga, promete...  
Ella parece hesitar.

Senão quando, uma bozina,  
Se ouviu ao longe tocar.  
A rainha mal podia  
O seu prazer disfarçar:

—«Escondei-vos, Dom Ramiro,  
Que é chegada Alboazar,  
Depressa n'este aposento...  
Ou já me vereis matar.»

Mal a chave deu tres voltas,  
Na manga a foi resguardar;  
Mal tirou a mão da cotta,  
Que o rei moiro vinha a entrar:

= «Tristes novas, minha Gaia,  
Novas de muito pezar!  
Primeira vez em tres annos  
Que me succede este azar!...

Toquei a minha bozina  
A's portas, antes de entrar,  
E não correste ás ameias  
Para me vêr e saudar!

Muito mal fizeste, amiga,  
Em tam mal me costumar;  
Não sei agora o que fazes  
Em me querer emendar... »

No coração da rainha  
Batalhas se estão a dar  
Os mais estranhos affectos  
Que nunca se hão de encontrar:

O que foi, o que é agora...  
E a ambição de reinar...  
O amor que tem ao moiro,  
E o gosto de se vingar...

Venceu amor e vingança:  
Deviam de triumphar,  
Que era em peito de mulher  
Que a batalha se foi dar.

«Novas tenho e grandes novas,  
Amigo para vos dar:  
Tomae esta chave e abride,  
Vereis se são de pezar.»

Com que ância elle abriu a porta  
Vista que foi encontrar!...  
Palavras que alli disseram,  
Não n'as saberei contar;

Que foi um bramar de ventos,  
Um bater de aguas no mar,  
Um confundir céu e terra,  
Querer-se o mundo acabar

Vereis porfim o rei moiro  
Que sentença veio a dar:  
= «Perdeste a honra, christão;  
Vida, quero-t'a deixar.

De uma vez, que me roubaste,  
Muito bem: me fiz pagar:  
D'esta basta-me a vergonha  
Para de ti me vingar.=

Sentia-se el-rei Ramiro  
Do despeito devorar;  
Com ár contracto e affligido  
Assim lhe foi a falar:

— Grandes foram meus peccados,  
Poderoso Alboazar;  
E taes que a mercê da vida  
De ti não posso acceitar:

Eu não vim a teu castello  
Senão só por me entregar,  
Para receber a morte  
Que tu me quizeres dar;

Que assim me foi ordenado  
Para minha alma salvar  
Por um santo confessor  
A quem me fui confessar.

E mais me disse e mandou,  
E assim t'ô quero rogar,  
Que, pois foi publica a offensa,  
Público seja o penar:

Que ahi n'essa praça d'armas  
Tua gente faças juntar;  
Ahi deante de todos  
A vida quero acabar

Tangendo n'esta bozina,  
Tangendo até rebentar;  
Digam todos que isto virem,  
E lhes fique de alebrar:

«Grande foi o seu peccado,  
No mundo andou a soar;

Mas a sua penitencia  
Mais alto som veiu a dar.»

Quizera-lhe o bom do moiro  
Por força alli perdoar;  
Mas se a pèrra da rainha  
Jurou de á morte o levar!...

Veis na praça do castello,  
Toda a moirama a ajuntar;  
Em pé no meio da turba  
Ramiro se foi alçar.

Tange que lhe tangerás,  
Toca rijo a bom tocar;  
Por muitas leguas á roda  
Reboava o bozinar.

Se o ouvirão nas galés  
Que deixou á beira-mar?  
Decerto ouviram, que um grito  
Tremendo se ouve soar!...

## CANTIGA QUARTA

SANCTIAGO!... Cerra, cerra!  
Sanctiago, e a matar!  
Abertas estão as portas  
Da tórre de par em par.

Nem atalaias nos muros,  
Nem roldas para as velar...  
Os moiros despercebidos  
Sentem-se logo apertar

De um tropel de leonezes  
Já portas a dentro a entrar.  
Deixa a bozina Ramiro,  
Mão á espada foi lançar.

E de um só golpe fendente,  
Sem mais pôr nem mais tirar,  
Parte a cabeça até aos peitos  
Ao rei moiro Alboazar...

Já tudo é morto ou captivo,  
Já o castello está a queimar;  
A's galés com seu despójo  
Se foram logo a embarcar.

—Voga, rema! d'além Doiro  
A' pressa, á pressa a passar,  
Que já oiço alli na praia  
Cavillos a relinchar.

Bandeiras são de Leão  
Que lá vejo tremular  
Voga, voga, que além Doiro  
E' terra nossa!... A remar!

D'aqui é moirama cerrada  
Até Coimbra e Thomar.  
Voga, rema, e d'além Doiro!  
D'aquem não ha que fiar.»

A' poppa vae Dom Ramiro  
De sua galé real  
Leva a rainha á direita,  
Como quem a quer honrar:

Ella, muda, os olhos baixos  
Leva n'agua... sem olhar,  
E como quem de outras vistas  
Se quer só desaffrontar.

Ou Dom Ramiro fingia  
Ou não vem n'isso a attentar;  
Já vão a meia corrente,  
Sem um para o outro falar.

Ainda arde, inda fumega  
O alcaçar de Alboazar;  
Gaia alevantou os olhos,  
Triste se poz a mirar;

As lagrimas, uma e uma  
Lhe estavam a desfiar,  
Ao longo, longo das faces  
Correm... sem ella as chorar.

Olhou el rei para Gaia,  
Não se pôde mais callar;  
Cuidava o bom do marido  
Que era remorso e pezar

Do máo termo atraçoado  
Que com elle fóra usar  
Quando o entregou ao moiro  
Tam só para se vingar.

Com voz enternecida  
Assim lhe foi a falar  
—«Que tens Gaia... minha Gaia?  
Ora pois! não mais chorar,

Que o feito é feito...» — «E bem feito!»  
Tornou-lhe ella a soluçar,  
Rompendo agora n'uns prantos  
Que parecia estalar;

«E' bem feito, rei Ramiro!  
Valente acção de psmar!  
A' lei de hom cavalleiro,  
Para de um rei se contar!

A falsa fé o mataste...

Quem a vida te quiz dar!

A' traição... que de outro modo,  
Não és homem para tal.

Mataste o mais bello moiro

Mais gentil, mais para amar

Que entre moiros e christãos  
Nunca mais não terá par.

Perguntas me porque choro!..

Traidor rei, que hei de eu chorar?

Que o não tenho nos meus braços,  
Que a teu poder vim parar.

Perguntas-me o que miro?

Traidor rei, que heide eu mirar?

As torres d'aquelle alcáçar,  
Que ainda estão a fumegar.

Se eu fui alli tam ditosa,

Se alli soube o que era amar,

Se alli me fica alma e vida...

Traidor rei, que heide eu mirar!

— «Pois mira, Gaia!» E, dizendo,

Da espada foi arrancar:

Mira, Gaia, que esses olhos  
Não terão mais que mirar.»

Foi-lhe a cabeça de um talho;

E com o pé, sem olhar,

Borda fóra empuxa o corpo...  
O Doiro que os leve ao mar.

Do extranho caso inda agora

Memoria está a durar;

Gaia é o nome do castello  
Que alli Gaia fez queimar:

E d'além Doiro, essa praia

Onde o barco ia a aproar

Quando bradou—«Mira, Gaia?»

O rei que a vae degolar,

Ainda hoje está dizendo

Na tradição popular,

Que o nome tem—MIRAGAIA

D'aquelle fatal mirar.

## VERSÃO FRANCEZA

### I

Nuit sombre, mais si belle encor!  
Belle nuit, à travers ton ombre,  
Oh! qui de tes étoiles d'or  
Pourra jamais compter le nombre?

Compte-t'on les feuilles du bois?  
Ou de la mer les grains des sables?  
De l'Eternel telle est la voix  
Écrite en lettres innombrables.

Hélas! dans ce livre divin  
Nul ne peut espérer de lire!  
Un ange l'essaierait en vain;  
Son savoir n'y pourrait suffire.

Don Ramire, dans son palais  
Vivait heureux avec la reine,  
Un juif maudit troubla leur paix  
Et brisa leur tant douce chaîne.

Il prédit au roi, trop flatté  
Du beau destin qu'on lui devoile,  
Que Zahara, fleur de beauté  
Serait à lui!... c'est son étoile!

Le roi, que l'amour tient au cœur,  
Va, plein du feu qui le dévore,  
D'Alboazar ravir la sœur  
Et fuit avec la belle Maure.

A' Milhor, lieu rempli d'attraits,  
Dont la mer baigne les rivages,  
Tous deux sans soucis, sans regrets  
Passaient leurs jours exempts d'orages.

La reine de ce coup affreux  
Gémit et pleure et pleure encore:  
Trahir ainsi ses chastes feux!  
La délaisser pour une Maure!

Triste et rêveuse, à son balcon,  
Seule, durant la nuit obscure,  
Victime d'un lâche abandon  
Elle succombe à sa blessure:

— «Roi Ramire! perdisse roi,  
Pourquoi me causer cette peine?  
Mon cœur a-t'il trahi sa foi?  
Je t'aimais tant!... pourquoi ta haine?»

«On dit qu'elle a quelques attraits  
Cette Maure, cette infidèle;  
Tu m'as pourtant, quand tu m'aimais,  
Dit cent fois que j'étais plus belle.

«On dit qu'elle a mille agréments,  
Qu'elle est jeune, à la fleur de l'âge.  
Moi, j'ai compté vingt printemps  
Après mon triste mariage.

«Ses yeux sont noirs! ce sont des yeux  
Si beaux, si fiers, si pleins de charmes!  
Hélas! les miens ne sont que bleus...  
Et puis toujours remplis de larmes!

«On nomme Zahara la *Fleur*...  
Gaia c'est le nom qu'on me donne!  
Gaia j'étais dans mon bonheur;  
Plus ne le suis — l'on m'abandonne!

«Oh! que ne suis-je un homme, hélas!  
Dans le transport qui me dévore,  
J'irais moi-même de ce pas  
Trouver Alboazar le more.»

Elle achevait ces mots: soudain  
Tournant ses regards vers la terre  
Elle aperçoit dans le lointain  
Des chevaux, des hommes de guerre.

— «Peronelle, vois-tu là-bas  
Ces armes qui brillent dans l'ombre?  
Regarde... ce sont des soldats;  
D'où viennent-ils? quel est leur nombre?

La suivante, d'un air surpris  
Paraît écouter ce langage;  
Des joyaux, des bijoux de prix  
De son silence étaient le gage.

Où sont ses autres serveiteurs?  
En vain la reine les appelle  
Sept cavaliers, malgré ses pleurs,  
Bientôt se sont emparés d'elle.

De leurs turbans les plis soyeux  
Bandent ses yeux, ferment sa bouche;  
Et trois dans leurs bras vigoureux  
La soulèvent d'un air farouche.

Ils sont entrés sept au palais;  
Sept autres en sentinelle.  
Pas un mot... tous semblent muets...  
Et vite en selle!... ils sont en selle!

Un seul parait les commander:  
Sur son coursier il tient la reine...  
—«Allons!» dit-il «il faut marcher!»  
Tous au galop fendent la plaine.

Point de répit, point de repos,  
Chacun stimule sa monture.  
Ils courent par monts et par vaux,  
Ils courent tant que la nuit dure.

Dans les torrents, poitrail dans l'eau  
—A gué, marchons! que l'on avance!  
Ailleurs, sur les flancs d'un coteau:  
—Houp! en avant! que l'on s'élance!

Le jour se lève radieux,  
Ils sont près de la mer profonde.  
Quel est ce fleuve sinueux?  
Qui vient s'engouffrer dans son onde?

La reine ouvre ses yeux enfin,  
Sa bouche est libre, elle respire:  
Lasse! elle songe à son destin  
Et tout bas tristement soupire.

—«Douro, fleuve, aux perfides eaux,  
Qui de dangers sème ta course,  
Ne veux-tu donc pas de tes flots,  
Me révéler qu'elle est la source?

«Je te dirai par quel moyen  
Cette perle est en ma puissance:  
A qui m'a dérobé mon bien  
J'ai dérobé son espérance.

«C'est le sort qui le veut ainsi;  
Tout suit cette pente secrète.  
Par les eaux du torrent grossi.  
Le fleuve dans la mer se jette.

Ainsi chantait le ravisseur,  
Et Gaia l'écoutait sans haine.  
Bientôt de ton heureux vainqueur,  
Gaia, tu porteras la chaîne.

«Mais que font ces barques sur l'eau?»  
—Elles viennent chercher la reine.  
«Quel est ce superbe château?»  
—D'Alboazar c'est le domaine.

## II

Roi Ramire, roi malheureux,  
A ta naissance un noir génie  
T'a jetté quelque sort fâcheux  
Qui devait tourmenter ta vie.

Peu satisfait de ce qu'il-a,  
A d'autres biens ton cœur aspire.  
Ta fleur de beauté, Zahara,  
Sur toi n'exerce plus d'empire,

La reine qu'on t'a vu chérir  
Et qui par toi fut délassée...  
Tu veux au more la ravir;  
C'est là maintenant ta pensée.

Quelle est cette barque qui fuit,  
Et du Douro va fendant l'onde?  
Le bruit des rames, de la nuit  
Trouble à peine la paix profonde.

Elle glisse sur les roseaux,  
Elle est déjà près du rivage;  
Les saules penchés sur les eaux  
La cachent sous leur vert feuillage.

Un homme s'élance soudain;  
D'un bond il a touché la terre,  
Il tient un bourdon d'une main,  
Et de l'autre porte un rosaire.

Bientôt le soleil du matin  
Répand sa clarté sur la rive.  
Près du castel un pèlerin  
Fait entendre sa voix plaintive.

—«Saint de Galice, qu'à genoux  
Le pauvre pèlerin implore,  
Pour arriver au rendez-vous.  
Que ton autel est loin encore!

Au pied de la tour du palais  
Coule une source claire et vive:  
Une jeune fille est auprès,  
Elle est là, debout et pensive.

Elle écoutait d'un air rêveur  
L'eau tombant de sa coupe pleine;  
—«Oh! votre voix, bon voyageur,  
M'a causé la plus douce peine.

«Sur cette terre de maudits  
C'est pour moi bien grande merveille  
D'entendre ces chants du pays,  
Qui jadis frappaient mon oreille.

«Sept prêtres, autour de l'autel,  
Chantaient alors cette prière,  
Sept autres au chant solennel  
Répondaient d'une voix austère.

«Le chœur entier psalmodiait,  
Tous priaient d'une âme fervente;  
Et la cloche retentissait  
Portant au ciel sa voix bruyante.

«Ce son qui vibrait dans les airs,  
Que ne puis-je l'entendre encore?  
Que ne puis-je au fond des enfers  
Étouffer tous les chants du more!

—«Que le bon Dieu veille sur vous!  
Qu'il vous bénisse, jouvencelle!  
Une telle langue semble doux  
Où règne en maître l'infidèle,

«Je veux prier pour vous, hélas!  
Je souffrir et me soutiens à peine,  
Il faut que s'arrêtent mes pas  
Près de cette claire fontaine.

«Ah! qu'on est bien! quelle fraîcheur!  
Comme cette eau me semble belle!  
Laissez asseoir le voyageur;  
Dieu vous le rendra, jouvencelle.»

—«Asseyez-vous, bon pèlerin,  
Asseyez-vous sur cette pierre;  
L'eau qui coule dans ce bassin  
Est douce et fraîche, et désaltère.

La reine en boit à son réveil;  
J'en viens chercher avant l'aurore;  
Je viens, avant que le soleil  
Ne l'ait pu réchauffer encore.»

—Cette eau si pure doit avoir  
Une vertu particulière.  
Ah! pour juger de son pouvoir,  
Donnez-m'en, je vous prie, un verre.»

—«Buvez, buvez, bon pèlerin,  
A' la fontaine du roi more.  
Tenez; ce vase d'argent fin  
Vaut de l'or... il vaut mieux encore.»

—Mais que dirait votre seigneur?  
Que dirait Gaia, votre reine,  
S'ils voyaient l'humble voyageur  
Boire à la royale fontaine?

—«Alboazar, avant le jour,  
A quitté ce lieu solitaire.  
Il est dans les bois d'alentour,  
Aux sangliers faisant la guerre.

Ma maîtresse de ce trésor  
Ne peut se montrer soucieuse:  
Pour qui posséda vases d'or,  
Cette coupe est peu précieuse.»

—De grace! Encore une faveur!  
Dites-lui, bonne jouvencelle,  
Qu'un pauvre chrétien voyageur  
Désire être conduit près d'elle.

Dites lui bien qu'un malheureux,  
Mort de chagrin et de misère,  
L'a de cet anneau précieux  
Fait pour elle, dépositaire.»

Il tire de son doigt l'anneau,  
Dans le fond du vase il le jette:  
—Quand elle boira de cette eau  
Sa surprise sera complète!»

Mais la jeune file a bientôt,  
En courant, quitté la fontaine.  
«Pourquoi ne pas venir plus tôt?»  
Dit, d'un ton sévère, la reine,

«Joyeusement tu folâtrais,  
Quand de soif mourrait ta maîtresse?  
—«Oh! non, tristement je songeais.  
Car je songeais à ma jeunesse.

Que mon destin me semble amer!  
Ici, pour moi quelle existence!  
O' Milhor que baigne la mer,  
Milhor, pays de mon enfance!

Là, chaque jour est un plaisir,  
Gaiement se passe le bel âge;  
C'est là qu'à Dieu l'on peut offrir  
D'un saint amour le pur hommage!

«Tais-toi, Peronelle, tais-toi,  
Ne réveille pas ma souffrance:  
Tu sais bien que ce n'est pas moi  
Qui désirais cette existence.

Mais à mon ravisseur enfin  
J'ai pardonné, rendu les armes.  
Esclave, je vis sans chagrin;  
Reine, je vivais dans les larmes.

Ce vain titre était peu pour moi,  
Trop peu pour tromper ma disgrâce.  
Voir, auprès d'un époux sans foi,  
Une more occuper ma place!»

A ce souvenir, de rongeure  
Soudain son beau front se colore  
Puisse cette eau, par sa fraîcheur,  
Calmer la soif qui la dévore!

Elle prend le vase d'argent,  
Le porte à ses lèvres brûlantes.  
Et voit luire au même moment  
De l'anneau les pierres brillantes.

«C'est un sort, Jésus, mon sauveur!  
Que l'on veut jeter sur mon âme:  
Cette eau glace par sa fraîcheur,  
Et dans le fond c'est de la flamme.»

—«Voilà ce charme merveilleux  
Qui me tenait loin de la reine.  
C'est au pèlerin malheureux  
Que j'ai vu près de la fontaine;

C'est lui qui dans le fond de l'eau  
A voulu déposer ce gage:  
De ses souhaits ce riche anneau  
Devait servir de témoignage.

«Oh qu'il vienne ce voyageur,  
Qu'il vienne ici! que je l'entende!  
Car je veux voir l'ambassadeur  
Qui m'apporte une telle offrande.»

### III

«Ne baisez point ainsi ma main:  
De grâce, je vous en conjure:  
Cessez, cessez, bon pèlerin,  
Et quittez cette humble posture.»

Mais le pèlerin à ses vœux  
Résiste... il devient téméraire,  
Et ses baisers vont, deux à deux,  
Tomber sur cette main qu'il serre.

La reine a pâli cette fois,  
Dans son cœur le courroux fermente.  
Soudain, elle sent sur ces doigts  
Couler une larme brûlante...

«Qui peut causer, bon pèlerin,  
La douleur que je vois paraître?  
Là, contez moi votre chagrin;  
Je puis vous soulager peut-être.»

—«Oh! non, ce n'est pas mon chagrin;  
La mort fait cesser la souffrance:  
Mais en vous j'espérais enfin  
Retrouver ma douce existence.

Oh! non; ce n'est pas mon destin,  
C'est la vôtre que je déplore:  
La compagne d'un roi chrétien  
Devenir celle d'un roi more!»

«Ah! ne me parlez pas ainsi!  
La pitié peut être indiscrete.  
Du présent je n'ai nul souci,  
Et du passé rien ne regrette.

Dieu m'accordera son pardon;  
Ce n'est pas moi qui fus coupable.  
De cette lâche trahison  
Ramire doit être comptable.

—«Le ciel, jusqu'ici trop clément,  
L'oït en effet punir ce traître.  
Ordonnez donc son châtement,  
Ramire à vos yeux va paraître.»

Ramire se lève soudain,  
Et laissant là toute imposture,  
De sa barbe de pèlerin  
Il a depouillé sa figure.

Le bourdon qu'il tient dans sa main  
Près de là va r'uler à terre;  
Et d'un geste plein de dédain,  
Il jette à ses pieds son rosaire.

Qui pourrait dire de quels yeux  
Le regardait la noble dame,  
Quels sentiments impétueux  
Troublaient en ce moment son âme?

Elle tremble, mais non de peur;  
Sans gaité, sa bouche est riante:  
Elle est honteuse, sans pitié;  
Elle pâlit... elle est brûlante.

On voit ces sentiments divers  
Se succéder sur son visage,  
Comme les flots, au sein des mers,  
Se heurter dans un jour d'orage.

A l'homme la vengeance plaît;  
Pour la femme c'est un délice;  
L'un pardonne, il est satisfait;  
L'autre veut qu'elle s'accomplisse.

Sous le poids de ce souvenir,  
Dont la reine a l'âme oppressée,  
Ce fut là son premier désir,  
Ce fut sa dernière pensée.

Et puis, pour elle quel honneur!  
Combien elle doit être vaine,  
De pouvoir triompher d'un cœur  
Qui revient reprendre sa chaîne!

Mais dans les forêts d'alentour  
Chasse en ce moment le roi more,  
Elle est seule dans cette tour...  
Il faut se taire et feindre encore.

Elle sourit, mais tristement,  
De ce sourire qui fend l'âme.  
Et voile son regard charmant  
Pour mieux en tempérer la flamme.

De sa voix le son enchanteur  
Séduit par son pouvoir funeste;  
Et si l'enfer est dans son cœur,  
Sa parole est tout céleste.

Elle paraît près de fléchir,  
Ses pleurs ont calmé sa colère;  
Son âme feint de s'attendrir  
Et sa douleur est moins amère.

Elle répète, en sanglotant:  
—«Pour pardonner, je suis trop fière.»  
Mais ses yeux, dans le même instant,  
Semblent dire tout le contraire.

Don Ramire est à ses genoux;  
D'une voix émue, il l'implore;  
Il veut désarmer son courroux;  
Il supplie... elle hésite encore.

Soudain, on entend retentir  
Le bruit du cor, là dans la plaine;  
La reine se sent tressaillir  
Bien plus de plaisir que de peine.

«C'est Alboazar, c'est le roi!»  
Dit-elle: «cachez-vous, Ramire:  
S'il vous voit, c'en est fait de moi;  
Fuyez, ou, sous vos yeux, j'expire.»

A peine elle a, d'un air troublé,  
Fermé la porte et par prudence,  
Dans son sein déposé la clé,  
Que vers elle le roi s'avance.

—«Tristes nouvelles, je le vois.  
Nouvelles de mauvais augure!  
C'est du moins, la première fois  
Que m'arrive cette aventure.

Avant d'entrer dans cette cour,  
J'ai sonné du cor dans la plaine.  
Et sur les créneaux de la tour  
Je n'ais pas vu venir la reine.

C'est mal à vous, ma chère enfant,  
D'avoir manqué d'exactitude.  
Me faudra-t-il donc maintenant  
Renoncer à cette habitude?»

Une horrible perplexité  
A troublé l'esprit de la reine;  
Son triste cœur flotte agité  
Entre l'indulgence et la haine.

Le souvenir de ses beaux jours,  
De l'ambition l'influence,  
Ici, de nouvelles amours.  
Là, le désir de la vengeance...

Bientôt la vengeance et l'amour  
L'auront emporté dans son âme,  
Ne devaient-ils pas, sans retour,  
Triompher dans un cœur de femme?

«J'ai des nouvelles, en effet,  
Et d'étranges à vous apprendre.  
Entrez là, dans ce cabinet;  
Vous verrez de quoi vous surprendre.»

Alboazar ouvre en tremblant,  
Et recule, en voyant Ramire.  
Ce qui se dit dans cet instant,  
Point ne saurais vous le redire.

Ce fut comme un vent orageux,  
Comme une tempête sur l'onde,  
Comme si la terre et les cieux  
Luttaient pour abîmer le monde

A la raison enfin rendu,  
Le roi prononce la sentence:  
—«Chrétien, ton honneur est perdu;  
Je veux te laisser l'existence.

J'ai pu me payer largement  
Du mal dont m'as fait victime;  
Ta honte suffit maintenant  
Pour expier ton nouveau crime.»

Don Ramire sentait son cœur  
Gonflé de dépit et de rage;  
D'un air contrit, plein de candeur,  
Il fait entendre ce langage:

— Bien grand, hélas! fut mon forfait!  
Envers toi je fus trop coupable;  
Je ne veux pas d'un tel bienfait;  
La mort me semble préférable.

C'est pour me mettre à ta merci,  
Pour me livrer à ta vengeance  
Que je suis venu seul ici;  
Non pour implorer ta clémence.

C'est pour racheter mon erreur,  
Sauver mon âme de l'abîme:  
C'est d'ordre d'un saint confesseur  
A' qui j'ai confessé mon crime.

Il faut, m'a-t-il dit justement,  
Et c'est mon vœu, je te le jure,  
Que public soit le châtiement,  
Puisque public fut l'injure.

Ordonne ici de tes soldats  
Que la troupe se réunisse,  
Et que sous leurs yeux, mon trépas  
Satisfasse enfin ta justice.

Vitel! qu'ils entendent au loin  
Le son du cor qui les appelle;  
Que chacun, de ma mort témoin,  
En garde un souvenir fidèle.

Qu'on dise, en me voyant mourir:  
« Quelque bruit qu'ait fait, son offense,  
« Un bruit plus fort va retentir,  
« Et c'est celui de la vengeance! »

Le roi touché de son remords,  
Lui veut conserver l'existence;  
Mais la reine a juré sa mort;  
Elle s'oppose à la clémence.

On voit les soldats accourir;  
Le château prend un air de fête;  
Ramire debout, sans pâlir,  
Regarde la mort qui s'apprête.

— « Sonnez, trompettes et clairons,  
Et qu'au loin ce bruit retentisse! »  
Et l'écho, répétant ces sons,  
Annonçait l'heure du supplice:

On entendit près de la mer  
Ce bruit, d'un sinistre présage;  
Et soudain s'éleva dans l'air  
Un long cri, parti du rivage.

#### IV

— « De par tous les saints, en avant  
En avant, allons, du courage! »  
Et bientôt la porte, en tombant,  
Aux assaillants ouvre passage.

Sur les créneaux point de soldats,  
Près des murs point de sentinelles;  
Rien ne peut arrêter leurs pas,  
Ils son maîtres des infidèles.

Sur eux s'élancent soudain,  
Comme des lions, pleins de rage.  
Ramire prend un glaive en main,  
Et par ses cris, les encourage.

D'un seul coup, d'un coup sur et prompt,  
Que rend terrible sa colère,  
Du More il coupe eu deux le front,  
Et le jette sur la poussière

Déjà tous sont morts ou captifs;  
Du feu terrible est le ravage;  
Et les vainqueurs sur les esquifs  
Ont abandonné le rivage.

— « Alerte! il faut quitter ces bords!  
Allons, rameurs, plus de courage!  
Alerte! et redoublez d'efforts;  
J'entends des chevaux sur la plage.

Ce drapeau, qui flotte là-bas,  
De Léon c'est bien la bannière,  
Allons rameurs, force de bras;  
Voguons, voguons vers notre terre!

Ce pays au More est soumis;  
Jusqu'à Coimbra il règne en maître.  
Loin du Douro voguons, amis;  
Je dois craindre ici quelque traître »

On voit Ramire s'avancer  
Vers la poupe où se tient la reine,  
A' sa droite il la fait placer,  
Comme marque d'honneur certaine.

Sans même détourner les yeux  
D'un air pensif elle se tève,  
Son front est resté soucieux,  
Elle semble sortir d'un rêve

Ramire parut n'en rien voir:  
C'était peut-être par prudence  
A' ses côtés il va s'asseoir,  
Et tous deux gardent le silence.

Du malheureux Alboazar  
Le château brûle et fume encore.  
Gaia jette un dernier regard  
Et voit le feu qui le dévore.

A' ce spectacle douloureux  
Son cœur est brisé de souffrance.  
Des larmes coulent de ses yeux;  
Elle pleure, mais en silence.

Ramire, d'un air attendri,  
La contemple et ne peut se taire;  
Il croyait, le pauvre mari,  
Que son remords était sincère.

Que c'était le seul souvenir  
De sa hontense perfidie,  
Qu'elle pleurait de repentir  
D'avoir au roi livré sa vie.

D'une voix pleine de douceur,  
Où se peint sa vive tendresse,  
Il dit: — « Gaia, pourquoi ton cœur  
Garde-t-il encor sa tristesse? »

Calme, ma Gaia, ta douleur:  
Notre vengeance est satisfaite.  
Mais elle, redoublant ses pleurs:  
« Oh! oui la vengeance est parfaite.

De ce grand coup applaudis-toi:  
Il mérite bien qu'on l'admire.  
Il est vraiment digne d'un roi,  
D'un cavalier tel que Ramire.

Tu viens de frapper un rival,  
Qui t'avait offert l'existence:  
N'est-ce pas un trait bien loyal,  
Une noble et belle vengeance?

Ta main a frappé, sans regret,  
Le More le mieux fait pour plaire,  
Des cavaliers le plus parfait  
Que jamais ait porté la terre.

Tu demandes, perfide roi.  
D'où me vient ma vive souffrance?  
Oh! que n'est il auprès de moi  
Pour me soustraire à ta puissance!

Tu veux savoir où mes regards  
Cherchent à s'arrêter encore?  
Contemple d'ici ces remparts,  
Vois la flamme qui les dévore.

Là tout entière à mon bonheur,  
De l'amour j'ai connu l'être pire;  
C'est là que j'ai laissé mon cœur...  
Comprends-tu bien ce que je *mire*?

—«Contente donc alors tes yeux;  
*Mire*, Gaia, *mire*, infidèle.»  
Et soudain d'un bras furieux,  
Il lève son glaive sur elle.

Cédant à d'horribles transports,  
D'un seul coup, il tranche sa tête,  
Et du pied repousse le corps...  
Dans la mer le Douro le jette.

De cet événement cruel  
Le souvenir se garde encore:  
Gaia, c'est le nom du castel  
Qui fut l'asile du roi more.

A' ce cri que jette bien haut  
Le batier sur cette plage,  
*Mira Gaia!* tout aussitôt  
Se dresse une sanglante image.

Le peuple, dit-on, conserva  
De ce fait la trace fidèle;  
Et la place où Gaia *mira*  
MIRA-GAIA depuis s'appelle

Lisbonne, 10 janvier 1847.



## POR BEM

## AS PEGAS DE CINTRA

Dou aqui logar a esta composição que, moderna, como é, e minha, toda é feita de coisas populares e antigas. A anedota de vê-la ter sido celebrada pelos menestres do tempo: não o foi, e eu procurei supprir o seu descuido. Não apparece pois em meu nome, senão no d'elles, embora de longe os rastreie.

Quando a primeira vez sahiu de minha carteira a presente ballada foi para se imprimir na *Illustração*,<sup>1</sup> jornal que se publicava em Lisboa em 1845-46. Reimprimirei com ella aqui tambem a carta que então escrevi ao redactor d'aquelle jornal, porque devêras contém a historia de sua composição.

Eis aqui a carta:

«Quería escrever-lhe um artigo, meu caro redactor, para a sua *Illustração*, que realmente faz milagres no meio d'esta escacez de tudo, e d'estes impedimentos para tudo que caracterizam a nossa boa terra. É promessa velha e que eu devia ter cumprido ha muito. Mas como, mas quando? E que ha de um homem escrever que se leia — que se leia por damas bellas e elegantes cavalheiros — quando lhe anda entallado nos bicos da penna o fatal fio da politica, que a fez espirrar e esgravatear em tudo o mais?

«Com as leis das eleições, e as questões da fazenda, e as organizações ministeriaes, e não sei que mais coisas taes, foi-se me de todo a derradeira reminiscencia litteraria que ainda por cá havia. Tenho saudade d'ella, mas foi-se, «morreu pela patria!»

«Não sei se morreu bem ou mal, se fez bem ou mal em morrer; mas é certo que morreu.

«Eu porém nunca prometti, que faltasse, a homem nenhum — nem a mulher, que mais é! O ponto está que me acceitem em pagamento aquillo que eu posso dar. Que, ás vezes, o máo pagador não é máo senão

pelas absurdas e excessivas exigencias do crédor. Axioma de eterna verdade, especialmente quando applicado a tudo o que passa entre os representantes de nosso pae Adão e as representantas de nossa mãe Eva...

«Passemos adeante. Quer, senhor redactor, acceitar-me, em pagamento da lettra de minha promessa, este papel que achei embrulhado entre mil rabiscos de projectos de lei, tenções de autos, notas ao orçamento e outras coisas galantes do mesmo genero?

«Se quer aqui o tem, e disponha d'elle.

«Deixe-me só dizer-lhe o que é, e como foi feito.

«Estava eu em Cintra, foi em... Que importa lá quando foi? Basta saber que não era n'essa estação *fashionavel* em que a elegancia de Lisboa se vae enfastiar classicamente para o mais romantico sitio da terra. Era na primavera; passeavamos dois sós, ou quasi sós, n'aquelle Eden delicioso. Fomos vêr o palacio; chegamos á sala das pegas. Pegas são chocalheiras e linguarudas; eu detesto o bicho... e n'este tempo, estava-lhe com zanga de morte...

«Abominavel bicho! Isto já lá vae ha muito tempo, meu caro redactor, e ainda me faz ferver o sangue...

«Passemos adeante!

«Perguntaram-me a explicação d'aquellas pegas da sala. Conteí a historia popular que é tam sabida. Acharam-lhe graça, pediram-me que a pozesse em verso: fiz isto.

«E isto que é? Não sei. É romance ou é apologo? É fabula ou é cantiga? Nunca fui grande classificador d'essas coisas; que fará agora!

«O que lhe sei dizer é que no seculo xvi a xvii, segundo consta do *Fidalgo aprendiz* do nosso Francisco Manuel de Mello, se cantava em Portugal uma cantiga que começava assim como esta:

Gavião, gavião branco,  
Vae ferido e vae voando.

<sup>1</sup> *Illustração*, vol. II, n.º 5, 1 de Agosto 1846.

«Nunca pude encontrar o resto, nem procurei muito por elle: mas engracei com este principio, e servi-me d'elle aqui. Acha mal feito? Eu não.

«Se soubesse, meu caro senhor, todas as circumstancias d'esta composição! Se soubesse de certa pèga ou pègas que me perseguiram com seu maldito palrear, e me que-riam, ainda em cima, assacar, a mim gavião,

ellas pègas, as manhas que só ellas têm!

«Mas ficou lograda a pèga e...

«Adeus, meu amigo, outra vez, adeante! O gavião, e sobretudo o gavião branco — note — é animal nobre, de especie, genero e até de familia differente da pèga.

«Passe muito bem. Aqui estão os versos; eu vou salvar a patria.»

Julho, 22 — 1846.

## POR BEM

### AS PÊGAS DE CINTRA

GAVIÃO, gavião branco  
Vae ferido e vae voando;  
Mas não diz quem n'ó feriu,  
Gavião, gavião branco!

O gavião é calado.  
Vae ferido e vae voando;  
Assim fôra a negra pèga  
Que hade sempre andar palrando.

A pèga é negra e palreira,  
O que sabe vae contando...  
Muito palra, palra a pèga  
Que sempre hade estar palrando.

Mas quer Deus que os chocalheiros  
Guardem ás vezes, falando,  
O segredo dos sisudos  
Que elles não guardam calando.

Era uma pèga no paço  
Que el-rei tomára caçando;  
Trazem n'a as damas mimosa  
Com a estar sempre affagando.

Nos paços era de Cintra  
Onde estava el-rei poisando:  
A rainha e as suas damas  
No jardim andam folgando,

Entre assucenas e rosas,  
Entre os goivos trebeihando;  
Umas regavam as flores,  
Outras as vão apanhando;

E a minha pèga com ellas  
Sempre, sempre palreando.  
Vinha el-rel atrás de todos  
Com Dona Mécia falando.

Era a mais formosa dama  
Que andava n'aquelle bando;  
No hombro de Dona Mécia,  
A pèga vinha poisando.

E zelosa parecia  
Que os andava espreitando...  
Colhêra el-rei uma rosa,  
A Dona Mécia a ia dando,

Com um requiebro nos olhos  
Tam namorado e tam brando.

Inda bem, minha rainha,  
Que adiante te vaes andando!

Pegou na rosa a donzella,  
Disfarçada a está cheirando lo...  
Senão quando a negra pèga  
Que lh'a tira e vae voando.

Deu um grito Dona Mécia...  
E a rainha, voltando,  
Deu com os olhos em ambos...  
Ambos se estão delatando.

—Foi por bem! — lhe disse o rei,  
Seu accordio recobrando:  
«Foi por bem!» — «Por bem» repete  
A pèga em torno voando.

«Por bem, por bem!» grasma a tonta,  
De má malicia cuidando  
Co'a chocalheira da lingua  
Andar o caso enredando.

Mas quer Deus que os chocalheiros  
Guardem ás vezes falando  
O segredo dos sisudos  
Que elles não guardam calando.

Riu-se a rainha da pèga,  
E ficou acreditando  
Que a innocencia do caso  
N'ella se estava provando

Da pèga mexeriqueira,  
Do bem que fez, mal pensando,  
Nos reaes paços de Cintra  
A memoria está durando.

E eis aqui, senhora, a historia  
Da pèga que ahí vês palrando,  
Da rosa que tem no bico,  
Da lettra que a está cercando.

A pèga é negra e palreira,  
O que sabe vae contando:  
Mas quei Deus que os chocalheiros  
Guardem segredo falando.

O gavião, esse é outro;  
Vae ferido e vae voando:  
Mas não diz quem n'ó feriu...  
Gavião, gavião branco!

# NOTAS

## AO BERNAL-FRANCEZ

### Nota A

«Quem bate a minha porta,  
Quem bate, oh! quem 'stá ahí?»..... pag. 357

Por estes versos começa o romance original, tradicionalmente conservado na memória do povo, e sómente impresso a primeira vez em Londres na primeira edição da *Adoinda*, em 1824. Já n'outra parte se deram as razões por que irá agora este texto no lugar competente do *Romanceiro*, no segundo livro

e segundo volume d'elle. (*Nota da segunda edição.*)

### Nota B

For knowest thou not, where softest ewell..... pag. 359

A versão ingleza, quasi sempre litteral, afasta-se aqui do texto sensivelmente, mas sem alterar as proprias idéas, sómente a fórma d'ellas. (*Nota da segunda edição.*)

## A' NOITE DE SAN JOÃO

### Nota A

Te os moiros da Moirama  
Festejam a San'João ..... pag. 364

E' uma cantiga popular do Minho ainda hoje cantada por toda essa noite de San'João, que n'aquellas terras ninguém dorme, como é sabido. A superstição da alcaxofa é toda do Sul, toda lisboeta, talvez coirmã d'aquellas do dia de Maio, que o catholico senado municipal votou e prometeu a Nossa Senhora da Escada de acabar para sempre. Mas San'João fez-se um santo de exemplar tolerancia desde que lhe tiraram a cabeça por elle não poder vêr, sem ralhar, as desenvoltas pernas da bailadeira Herodias.

Não quero folgar com o que é serio: mas é notavel que a devoção quasi universal dos christãos tomasse para patrono e orago de seus mais livres folgares e festanças, e lhe consagrasse a mais risonha e lasciva estação do anno, ao austero precursor do Christo, o jejuador penitente do deserto. o s-vero censor da soltura cortezan, o protomartyr da moralidade evangelica.

Seria que a timida singelleza de nossos passados fosse de proposito buscar aquelle austero e invisivel inspector de seus ainda então innocents brincos? (*Nota da segunda edição*)

Como natural appendice e illustração aos dois precedentes livros, transcreverei aqui a traducção ingleza de alguns romances do primeiro, que o meu amigo Sir John Adamson publicou no segundo volume da sua *Lusitania Illustrata*.<sup>1</sup>

E aproveito esta occasião para agradecer publicamente ao illustre biographo de Camões a distincta honra que me fez associando o meu humilde nome ao do mais célebre homem d'estado de Portugal, o lamentado Duque de Palmella, quando nos dedicou os dois primeiros volumes d'aquella sua estimada collecção.

A versão ingleza tem o raro merecimento de ser em extremo fiel e quasi litteral, sacrificando muitas

vezes a propria elegancia da linguagem á exacção do pensamento e até da propria phrase.

### THE NIGHT OF ST. JOHN

Night reigns o'er Earth and Air—  
O St. John, my St. John,  
Ere fated hour speed on,  
Hear thou my prayer!

Hear me thou, blessed Saint!  
Christian Saint, hear my prayer,  
Tho' my faith Moslem were,  
Thine without taint.

Far from Mohammed gone,  
Alkoran nought to me,  
I bow my heart to thee,  
Saint of Dom John!

As I consume this plant  
In the fire made to thee,  
Love glows anew in me—  
Hear my heart pant!

As burns this plant on floor  
In the fire lit for thee,  
So let the black beard be  
Of threatening Moor!

As burns the kindling light  
This thy devoted flow'r,  
So may I ove's genial pow'r  
Kindle my knight!

From height of heav'n amain  
Scatter the garlands gay  
That in this Love spell may  
Spring forth again.—

Marvellous falling dews  
That cure I ove's burning grief,  
My Saint! their cool relief  
Do not refuse!

<sup>1</sup> *Lusitania Illustrata*, Part the second Newcastle-upon-Tyne, 1846.

Saint! whom soft pitie's move,  
O St. John, my St. John,  
«Ere glide this blest night on  
Bring me my love!»

No more the fire you see —  
Hush'd is the gushing pray'r  
Yet still the maiden there  
Bends on the knee.

Upraised her anxious eye  
While throbs the glowing breast  
Where Faith and Meekness rest  
With Purity.

Kindly the Saint look'd on  
And by his faving aid  
Bloms now that happy maid  
Bride of Dom John!

## AO CHAPIM D'EL-REI

### Nota A

Nós temos, se me não ingano, no genero narrativo popular as tres especies, romance, xacara soláo..... pag. 368

Esta classificação é em parte conjectural, ou para falar com mais propriedade, sim esta é a regra, mas com tantas excepções que chegam a fazer duvidar d'ella. Os que escreviam e compunham n'aquelles tempos primitivos curavam pouco de cingir-se a regras ou classificações. D'ahi veio uma certa anarchia, constituida e fundada no exemplo, ou na falta d'elle, que se prolongou por muitos seculos depois.

A respeito de soláos, por exemplo, temos para abonar a definição que d'elles se dá no logar annotado, a auctoridade immensa de bernardim Ribeiro na *Menina e Moça*: ahi cap. 21:

Pondo-se a ama a pença, a menina sua criada como sobia, como pessoa agastada de alguma nova dor, se quiz tornar ás cantigas, e começou ella entam contra a menina que estava peçoando, a cantar-lhe um cantar á maneira de soláo, que era o que nas coisas tristes se costumava n'estas partes: e dizia assi: etc.

Mas por outra parte, temos o não menos grave pêsso de Sá-de-Miranda na Egloga 4:

Que se os velhos soláos fallam verdade,  
Bem sabe ella por prova como Amor  
Magôa, e a vera de mi piedade.

### Nota A

Era por manhan de maio  
Quando as aves á piar..... pag. 374

O mez de maio foi sempre o valido dos poetas populares de todas as nações: um sem numero de cantigas dos trovadores provençaes; dos menestres normandos e saxonios, dos *minnesingers* allemães começam com estas alegrias do mez de maio. Citarei dos *minnesingers* de que encontro apontamentos, por serem os menos conhecidos entre nós. Uma bella canção do tyrolez steinmar começa:

Ich will groen mit der sat  
Du so wunnelichen stat;  
Ich will mit dien biuomen bluen,  
Und mit den vohelin singen:  
Ich wil louben so der walt,  
Sam du heide sin gestalt: etc.

Outra do margrave Othon de Brandeburgo:

Uns kumt aber ein liebter meid  
Der machet manig herze fruat, etc.

Estoutra do duque de Breslau é uma especie de drama lyrico entre o poeta, Maio, as flores, o bosque e o prado.

Ich elage dir, meid, ich elage dir, sumer wunnel etc.

Dá primeira citação parece concluir-se que o soláo é, como deixa dito, um cantor todo lyrico, de tristeza e lamentos: na segunda considera-se como narrativo e usurpando propriamente a provincia do romance. (*Nota da segunda edição.*)

Vej. o que a este respeito se escreve no liv. II do ROMANCEIRO. (*Not. da terceira edição.*)

### Nota B

Antes ser pobre e villan,  
Antes, pela minha fei..... pag. 368

Nas provincias transtaganas e em muitas das ilhas adjacentes pronunciam-se as palavras, *fé, pé* e semelhantes—*fei, pei*, etc. Talvez seja devido á antiga orthographia que nas vogaes longas, *a, e*, dobrava as letras em vez de as carregar com acento grave ou agudo. O povo, que sempre foge dos hiatos, preferiu mudar a última lettra, fazendo o som mais suave. (*Nota da segunda edição.*)

### Nota C

Sem bulir nem máo nem pei..... pag. 371

Vej. a nota antecedente. (*Idem.*)

## A' ROSALINDA

Herzog Heinrich von Pressela, IV do nome, reinou de 1260 a 1299, e foi o objecto dos elogios de todos os poetas do seu tempo. A cantiga citada é uma das mais bellas e extraordinarias composições d'aquelles seculos. (*Nota da segunda edição.*)

### ROSALINDA

It was the early morn of May Day,  
When the song birds wake the grove,  
And teeming trees and opening flowers,  
Own the glow of kindling love;

It was the early morn of May Day  
On the fresh bank of the wave  
Sat the Infanta Rosalinda  
Bent her flowing locks to lave.

Flowers they bring her red and rosy,  
Flowers they bring her virgin white—  
But on a blossom soft as she is  
Questing eye may never light.

Softer far is Rosalinda  
Than the rose that decks the thorn—  
Purer than the purest lily  
That opes to weep at dewy morn.



FOR BEM

Colhêra el-rei uma rosa,  
A Dona Mécia, a ia dando,

PAG. 390



The Count High-Admiral passed by her

In his galley of the sea—

On each side so many rowers

Told aught they may not be.

Of the captive bands who row'd it —

All from Afric's bosom torn —

Some were proud and mighty nobles

Some of kingly blood were born.

Betwixt Ceuta and Gibraltar

If one Moor in safety be,

Ill at ease the Lord Count saileth

In his galley of the sea.

O! how gentle glides the galley

Answering well the guiding oar—

More gentle still he who commands it,

Skill'd to leave or gain the shore.

—«Count Lord Admiral tell me truly

From your galley of the sea,

If the captives that you conquer

All to row compelled be?

—«Fair Infanta! tell me truly

Without equal, Rose so fair!

The many slaves that gladly tend thee

Tire they all thy flowing hair?»

—«Art thou courteous, Count! so lordly

Asking thus—not answering me?»

—«Answer thou, and I will answer,

To me thou must not silent be.

Of the slaves who round me muster,

Each the allotted task doth know;

Some aloft the sails to manage,

Some upon the bench to row.

The lady, captives soft and gentle

Twine on deck the mazy dance—

Deftly wearing flowery carpets,

Couch for Lord in dremy trance.»

—«Thou'st answer'd, and I answer thee—

For good the law that bids re-pay.

I have slaves for every purpose—

Slaves who all my will obey.

Some to fit my varied vestments

Some to tire my flowing hair—

For one I keep another office,

But him my toils must yet ensnare!»

—«He's ta'en-be's thine! So fully captur'd

That ne'er would he be ransom'd more!

Pull to the land—the land, ye vassals,

And drive the galley high ashore!»

Then sweet with fairest Rosalinda

And nobles Count the moments sped—

While orange groves her form o'er shadew'd

And flowrets garlanded her head.

But crabbed fate, that will not suffer

Any good without alloy,

Led the steps of the king's huntsman,

As he roam'd to walk that way.

—«What thine eyes have seen, O huntsman!

Huntsman! prithee do not tell.

Purses fill'd with gold I give thee,

As much as thou can carry well.»

All the royal huntsman witness'd

Did he to the King make known,

On study bent in private closet

Thoughtful sitting and alone.

—Whisper low the news you bring me,

And we give thee guerdon rare;

Raise on high thy voice to sound it,

And we hang thee high in air.

To arms—to arms, my faithful Archers,

Without the rousing war pipes sound,

My Cavaliers, and trusty foot-men,

Haste the grove to circle round!»

It is not yet the glow of mid day,

Loud and long the bell doth boom!

It is not yet gloom of midnight,

Walk they both to meet their doom!

To the sound of Ave-Marias,

Both are tomb'd in solemn state;

She before the altar holy,

He beneath the western gate.

Soon the grave of Rosalinda,

Did a Royal tree disclose,

Soon the grave of Count so noble

Show'd a bed of softest rose.

When the Monarch heard the marvels

Quick he bade them both destroy,

Giving to the ruthless flame each

Record of departed joy.

The trees they cut, and roses scatter,

Still the emblems thrive again;

E'en as the air which them embracing

Feeleth neither wound nor pain.

The King when he was told the story

Ceased he to speak for aye,

And when the Queen the wonder heard

Moan'd she thus her dying lay:

—«Call me not Queen!—a Queen no longer,

She who such dread deed hath done!

Two spotted souls I've rent asunder,

Whom heav'n would fain have joined in one!»

## GREEN VINE LEAVES; OR, THE KING'S SLIPPER

Fresh green vine leaves hath the vineyard,  
 I here found I grapes both fine and sweet;  
 So ripe are they—so highly colour'd—  
 They are saying «come and eat.»

—«I wish to know who 'tis that guards them:  
 Hast, Mordomo! hast and know»  
 Says the King to his Mordomo,  
 But why did the king say so?

Because the king saw in that mountain,  
 How saw he her I do not know—  
 That incomparable Dona.  
 My reading does not tell me how.

Who to her sorrow is a Countess,  
 Countess she of Valdeyey;  
 Rather would she, by my halidom,  
 Rather—a poor peasant be.

Fresh green vine leaves hath the vineyard,  
 Grapes which the king will go to greet:  
 So ripe are they, so highly colour'd,  
 They are saying «come and eat.»

Comes the Mordomo from the mountain:  
 —«Best of news to you I bring;  
 Though the vineyard is well guarded,  
 Yet have I enter'd, Senhor King!

«The owner is in other countries,  
 When come he back, I cannot say;  
 The gate is old—the yielding portress  
 To key of gold gave ready way:

To a wonder that key serv'd me;  
 All was soon adjusted so,  
 That this eve at hour of midnight.  
 With you I'll to the vintage go.»

—«Your'e worth a kingdom—my Mordomo!  
 Grand reward I'll make to thee.  
 This eve then, at the hour of midnight  
 Rich grapes shall be eat by me »

Fresh green vine leaves hath the vineyard,  
 More grapes than I before did meet:  
 So beautiful and so ripe are they,  
 They are saying «come and eat.»

In the dead of the midnight hour  
 Went the Mordomo—went the king—  
 Of doblas to the portress giv'n,  
 'Tis not for me the account to sing.

—«Mordomo! stay you at the portal,  
 The portal where I enter in,  
 Let not guard—dogs with me grapple,  
 Whil'st the grapes I'm gathering.»

The portress now to meet his wish,  
 'Exchange for what he gave doth bring;  
 At the chamber of the Countess  
 Behold there entereth the king.

She bore a lamp both rich and massy,  
 It was of silver, I could see.

Nought but of silver or of gold  
 Is in the house of Valdeyey.

The fresh green leaves are in the vineyard,  
 The grapes in it are ripe and sweet:  
 So beautiful—so warmly colour'd—  
 Ah me, of them when shall I eat?

All in the chamber of the Countess  
 Gold was with silver suited well,  
 It was the Heav'n of that Angel,  
 No more hath my poor tongue to tell.

Rich silks were there of Millan,  
 The towels were of Courtenay;  
 The King he trembled—if from terror  
 Or from good faith, I cannot say

Green silk curtains hung before him,  
 Still he ne'er essay'd to raise;  
 The vision bright I may not sing,  
 That daunted thus his baffled gaze.

It was a thing so passing lovely...  
 What more to say I do not ween.  
 Dainties other such as this,  
 You may not see, nor have I seen.

Fresh green vine leaves hath the vineyard,  
 Saw I there grapes ripe and sweet:  
 So beautiful and so ripe are they—  
 They are saying «come and eat.»

Siept she there so undisturb'd  
 As I in heav'n above shall sleep—  
 Jesus! when I find thee there,  
 If innocent thy law I keep.

On his knees then all the night  
 Good did the King ill thought withstand;  
 Gazing, wond'ring thus to see her,  
 Without moving foot or hand.

And thus he said—«Oh God, my sire!  
 Pardon what I ask'd before:  
 This angel here so pure and bright  
 It is not I will injure her »

The vineyard hath fresh green leaves in it,  
 Grapes found I in it ripe and sweet;  
 But I fear to tamper with them...  
 Ah! of them I will not eat.

Now came on the shining morrow,  
 Then it was, as goes the tale,  
 The Mordomo a whistle heard:  
 —«Jesus Lord, now me avail!»

This was the appointed signal  
 The mode the Count was us'd to take—  
 The king did not the curtains draw  
 Saying: «I will not vintage make.»

Beautiful green leaves hath the vineyard,  
 In it I found grapes lovely sweet;  
 But my conscience inward grieves me,  
 Grapes like these I will not eat.



Mordomo ran with rapid vigour

In order that the king may flee.

—«Alas a slipper I have lost.»

—«Take one of mine I give to thee.»

They fled, but in another instant

Since the whistle they did hear,

Descends the Count from off the mountain.

—«If he shall catch us, woe and fear!»

One fear harass'd the Mordomo,

Other fear assail'd the King:

Which of them had reason greater,

Soon unto you will I sing.

Green leaves saw in the vineyard,

Grapes quite ripe and richly sweet;

But, by his tender conscience guarded,

Quoth the King:—«I will not eat.»

Seeketh now the Count his tower,

The valiant Count of Valderey;

He lit upon the broider'd supper...

How it chanc'd I cannot say.

To the chamber of the Countess

Goes he. Will he strike the blow?

Serenely sleeping doth he see her:

—«Jesus! I know not what to do.»

In disorder is the household...

—«God have me in his holy keep!

Either witch must be this woman,

Or this same slipper mock'd my sleep.»

«The slipper which I have before me,

The slipper it bespeaks no good:

Who could think that she could slumber

In so pure and gentle mood.»

Wild the doubts that rise within him:

—«Help me Heaven! with guiding light,

Baffling madness luring round

Forbids me see my path aright.

Oh! my vineyard so well guarded!

The precious grapes which there I left...

Were is the fruit on which I counted?

Tell me of which I am bereft?»

Straight the Count himself imprison'd

In highest tower of Valderey:

—«Ne'er shall bread assuage my hunger,

Ne'er shall wine my thirst allay.

Beard and hair grown rough and ragged,

Care from me shall ne'er receive;

Till the truth be plain before me,

Ne'er will I this refuge leave.

Oh! ye green leaves of the vineyard

Grapes that I no more may taste!

Quickly may ye pine and wither,

Quickly pine like me and waste»

Thrice the sun hath sunk and ris'n,

Still groaning thus he lonely sate,

While faithful Countess grieving utter'd:

«How shall I soothe his mournful state?»

Whither may she flee for succour?

Who shall aid and solace bring?

Innocence may challenge pity.

Where shall she wend? Unto the King!

—«I hat I some remedy may find thee,

Faithful Countess, quickly go:

The secret of his sad affliction

Be't mine or here or there to know.

On leal word of Cavalleiro

Troth and faith I plight to thee,

Pure you shall be found and spotless,

Or I myself shall recreant be.»

Oh! the green leaves of the Vine tree!

Grapes I sought with eager haste!

To the soul their beauty touch'd me,

Bloom so pure I dar'd not taste.

Quickly thence the Countess hurried:

The king, he did not tarry more.

What they say I wish to hear,

So will I listen at the door.

Hist!—A voice of heavenly sweetness

Steals upon his ravished ears—

While this sad plaint the mourner sang

Mocking music of the spheres.

—«Once I was a Vine well guarded,

Taught by tending Love to grow:

Now I lack that fost'ring nurture...

Why—I scarce dare ask to know.»

Then shone out the Royal goodness...

Tears of pity dimm'd his eye:

—«Quick of the other side inform me,

That the truth I may descry.»

—«My fresh vineyard so well guarded,

When I enter'd it again,

Trace of plundering thief I noted...

What he stole I ask in vain»

Ceased the Count o'erwhelm'd with sorrow,

But then laughing said the King:

(Whether at self or at the mourner

Aim'd that laugh, I cannot sing.)

—«Twas I who did the vineyard enter,

Of plundering thief I left the trace;

Grapes I saw—but Heav'n so save me—

Not a grape did I displace.»

A fracture was there in the portal

The slipper from his foot he tore:

—«Need'st thou proof? behold it here»

Its fellow from within he bore.

Of the joy that followed after

Little need I more impart,

Glad the Count the truth admitted,

And the King play'd the kingly part.

Fresh green leaves bath the vineyard,

Richest grapes were those I saw;

It was fear that kept them safely,

Fear of God and of his law.



PARTE III — TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUEZAS

---

ROMANCES CAVALHEIRESCOS

(VERSOES ORAES)

ROMANCES COM FÓRMA LITTERARIA



# ROMANCEIRO

## INTRODUCCÃO

Pretendo supprir uma grande falta na nossa litteratura com o trabalho que intentei n'esta collecção. Não quero compôr uma obra erudita para me collocar entre os philologos e antiquarios, e pôr mais um volume na estante de seus gabinetes. Desejo fazer uma coisa util, um livro popular; e para que o seja, tornal-o agradável quanto eu saiba e possa. As academias que elaborem dissertações chronologicas e criticas para uso dos sabios. O meu officio é outro: é popularisar o estudo da nossa litteratura primitiva, dos seus documentos mais antigos e mais originaes, para dirigir a revolução litteraria que se declarou no paiz, mostrando aos novos engenhos que estão em suas fileiras os typos verdadeiros da nacionalidade que procuram, e que em nós mesmos, não entre os modelos estrangeiros, se devem encontrar.

E' obrigação de consciencia para quem levanta o grito de liberdade n'um povo, achar as regras, indicar os fins, apparellhar os meios d'essa liberdade, para que ella se não precipite na anarchia. Não basta concitar os animos contra a usurpação e o despotismo; destruido elle, é preciso pôr a lei no seu lugar. E a lei não ha-de vir de fóra; das crenças, das recordações e das necessidades do paiz deve sahir para ser a sua lei natural, e não substituir uma usurpação a outra.

Eu, que ousei levantar o pendão da reforma litteraria n'esta terra, soltar o primeiro grito de liberdade contra o dominio oppressivo e antinacional da falsa litteratura, dô-me a consciencia de vêr a anarchia em que andamos depois que elle foi aniquilado; pêza-me vêr o bom instincto dos jovens talentos, desviado em suas melhores tendencias, procurar na imitação estrangeira o que só pôde, o que só deve achar em casa.

A revolução não está completa nem consolidada. E' preciso indicar-lhe o caminho

natural e legal, pô-la em marcha para os pontos a que lhe convém chegar; e ella se aperfeiçoará a si mesma no progresso regular que assim hade seguir para um norte fixo.

Fiz para isto esta collecção de exemplares, de documentos, de estudos e observações. Não respondo nem por sua exacta classificação, nem por uma certeza em todos elles acima dos escrupulos austeros da critica, e das desapiedadas negações da chronologia. Respondo pelo espirito, pela tendencia, pela verdade moral do trabalho. Sente-se muitas vezes, vê se clara a verdade e exacção moral de uma coisa cuja exacção material não pôde provar-se por falta de documentos de indisputavel authenticidade.

Eu reuni, juntei, puz em alguma ordem muitos elementos preciosos. Trabalhadores mais felizes, e sobretudo mais repousados que eu de outras fadigas, virão depois, e emendarão e aperfeiçoarão as minhas tentativas. Tomára-os eu já vêr n'esse empenho. Então entenderiei devéras que fiz um grande serviço á minha terra e á minha gente. Sem vagar de tempo nem de cuidados para coisas tanto de meu gosto e tão fóra de minha possibilidade, vou lançando no papel as observações que me lembram, as reflexões que me occorrem, sem curar ás vezes nem do fio que levam, nem do lugar em que as ponho. Quizera poder fazer á lingua e á litteratura portugueza serviço igual ao que fez M. Raynouard á dos seus provençaes. Mas nem posso eu, nem o resultado seria tam prompto como elle hoje se precisa.

Tomára que estas paginas se fizessem lêr de toda a classe de leitores; não me importa que os sabios façam pouco cabedal d'ellas, contanto que agradem á mocidade, que as mulheres se não enfadem absolutamente de as lêr, e os rapazes lhes não tomem me-

do e tédio como a um livro profissional. Eis aqui o que eu desejo, o em que puz fôto, e o porque intersachei a prosa com o verso, a fábula com a historia, os raciocínios da critica com as inspirações da imaginação.

Tenho alguma esperança no methodo.

A primeira parte e volume do presente ROMANCEIRO deve ser considerada como a introdução d'esta segunda e das que se lhe seguirem.

Alli dei a tradução em lingua e estylo moderno de alguns dos nossos romances populares; aqui vão os proprios textos d'esses e de muitos outros romances.

Horácio, cuja arte poetica hade sempre ser para a poesia de todas as edades, de todas as escolas e de todas as nações, o que são para a moral os *Versos de ouro* de Pythagoras, um código eterno de regras inalteráveis — Horácio louva, sobre todos, aos poetas romanos que ousaram desviar-se do trilho batido dos gregos, e celebrar enfim as acções da sua propria gente, deixando em paz as Medeas e Jasons, a interminavel guerra de Troia e essa perpetua familia dos Attridas.

Os nossos primeiros trovadores e poetas, que mal sabiam talvez se tanto, o latim mosárabe dos bons monges de Lorrvão ou de Cucujães, e que decerto nunca tinham lido Horácio — nem o entenderiam — seguiram contudo melhor, por mero instinto do coração, as doutrinas do grande mestre que não conheciam, do que depois o fizeram os poetas doutos e sabidos que no século xvi nos transmutaram e corromperam todas as feições de nossa poesia.

Longe de mim a ingrata e presumçosa vaidade de desacatar as venerandas barbas dos nossos dois Boileaus de Quinhentos, Ferreira e Sá de Miranda! E quem ousará pôr os olhos fôto no sol de Camões para lhe rastrear alguma leve mancha, se a tem? Todavia esses tres grandes poetas, grandes homens, grandes cidadãos e grandes philólogos, são os que, cheios de Virgilio, de Ariosto e de Petrarca, com os olhos cravados no antigo Lacio e na moderna Italia, de todo esqueceram e fizeram esquecer os seus e os modos da genuina poesia da nossa terra.

Os nossos visinhos de Castella nunca chegaram, no século xvi, á perfeição classica da litteratura portugueza; mas por isso ficaram mais nacionaes, mais originaes; e por consequencia, maior e mais perduravel e mais geral nome obtiveram e conservaram no mundo.

Toda a Europa lê hoje os *LUSIADAS*: é verdade. E porquê? Será pelas formas virgilianas do poema, pelos deuses homericos do seu maravilhoso, pela belleza dos modos que

só nós sentimos bem? Não, é pelo que alli ha de poesia original, propria, primitiva: porquanto, era o Camões poeta tam portuguez n'alma, que as mesmas harmonias homericas e virgilianas, os mesmos sons classicos se lhe repassavam debaixo dos dedos n'aquella sincera e maviosa melodia popular que respira das nossas crenças nacionaes, da nossa fé religiosa, do nosso fanatismo — e inda bem que fanatismo! — patriotismo, da nossa historia, meio historia, meio fábula dos tempos heroicos. Dominou-o, mas não pôde pervertê-lo a escola do seu tempo.

A poesia e a litteratura portugueza precisavam retemperadas nos principios do século passado; que estavam uma coisa informe e laxa: eram cordas castelhanas em segunda mão, cordas italianas de má fabrica, as unicas da lyra portugueza. Veiu o Garção, o Diniz, Francisco Manuel, depois o Boccage, com todos os satellites d'estes quatro grandes planetas, e restauraram a lingua e a poesia — a prosa não — mas nos antigos modos classicos, agora deduzidos pela reflexão franceza, bem como no século xvi o tinham sido pela reflexão italiana.

Falou portuguez e falou bem, cantou alto e sublime a nossa poesia; mas ainda não era portugueza.

Estava corrido o primeiro quarto d'este século, quando a reacção do que se chamou Romantismo, por falta de melhor palavra, chegou a Portugal.

Vamos a ser nós mesmos, vamos a vêr por nós, a tirar de nós, a copiar de nossa natureza, e deixemos em paz

«Gregos, romãos e toda a outra gente.»

Que se hade fazer para isto? Substituir Goethe a Horacio, Schiller a Petrarca, Shakspeare a Racine, Byron a Virgilio, Walter-Scott a Delille?

Não sei que se ganhe n'isso, senão dizer mais sensaborias com menos regra.

O que é preciso é estudar as nossas primitivas fontes poeticas, os romances em verso e as legendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas: lê-las no máo latim mosárabe meio suavo ou meio godo dos documentos obsoletos, no máo portuguez dos foraes, das leis antigas e no castelhano do mesmo tempo — que até bem tarde a litteratura das Hespanhas foi quasi toda uma. O tom e o espirito verdadeiro portuguez esse é forçoso estudal o no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições, e as suas virtudes e os seus vicios, e as suas crenças e os seus erros. E por tudo isso é que a poesia nacional hade resuscitar verdadeira e legitima, despido, no

contacto classico, o sudario da barbaridade, em que foi amortalhada quando morreu, e com que se vestia quando era viva.

Reunir e restaurar, com este intuito, as canções populares, xácaras, romances ou rimances, solãos, ou como lhe queiram chamar, é um dos primeiros trabalhos, que precisavamos. E' o que eu fiz — é o que eu quiz fazer ao menos.

Para entrar com alguma ordem, e com algum nexo, ainda que seja apenas hypothetico, no ajuntar e examinar dos documentos, vejamos e resumamos em poucas palavras como, da litteratura da civilização velha se fez, na chamada Meia idade, a transição para a nova e imperfeita, mas muito mais original, muito mais creadora litteratura da sociedade christã, d'esta civilização que é tam outra e tam distincta d'aquella, e, por forçosa necessidade, tam diversamente tem de formular-se em sua mais natural expressão, a poesia.

Roma e Grecia tinham cahido na segunda meninice, os barbaros do norte entravam em vigorosa juventude de entendimento. Chamou-se a este periodo, tam notavel e interessante na historia do espirito humano, a Edade-média. Mas não foi elle, como ha tres seculos se escrevia, e se cria sem mais exame, não foi uma epoca de trevas em que toda a arte e sciencia pereceram, foi uma crise de transformação e regeneração em que os elementos da sociedade, purificados no fogo de um grande incendio, começaram a tender para ordem nova, para uma organização que era extranha a todas as idéas e concepções antigas.

Observa um elegante escriptor contemporaneo que naturalmente são objecto da nossa curiosidade e nos excitam vivo interesse os costumes, os sentimentos, a litteratura de aquella epoca singular em que, passo a passo, vëmos o progresso do entendimento humano caminhando para a civilização christã, essa que depois havia de confundir-se com as reminiscencias da antiga, desvairar-se em seu caminho, retrogradar, perder-se tantas vezes na senda, chegar a ser desconhecida e desconhecer-se ella a si mesma.

Abstractamente consideradas as maneiras e as instituições d'aquella edade, pouco ha n'ellas de louvar, muito que reprovar: e todavia as que mais pareciam deformidades na infancia dos povos, vieram a produzir resultados tam beneficos, a amadurecer em fructos de tanta benção, que hoje nos deleita e interessa contemplar e examinar essas mesmas aberrações.

Saudavel e reanimadora foi a influencia das tribus gothicas na politica e na litteratura da Europa. A antiga luz da civilização

velha ardia ainda na caliginosa atmosphera de Constantinopla; e a ascendencia que, de tempos a tempos, readquiria na Europa o crapuloso imperio do Oriente, por vezes fez sumir a luz nova e verdadeira que, sob o reinado de Theodorico, se tinha accendido na Italia, que, depois, resurgindo de novo nas remotas regiões do norte, d'esses claustros da Islandia onde jazera latente, veio propagando-se até nós. Um soberano theutonico, Carlos Magno, suscitou o genio nacional que deu existencia, forma e cultura á lingua vernacula no centro da Europa para substituir a corrupta algaravia das fezes latinas, em que mal se pôde dizer que já falava, senão que gaguejava a nossa decrepitude. Um rei saxonio, Alfredo, formulou, com os primeiros elementos da lingua, a primeira civilização ingleza. Os nossos reis godos, visigodos e asturianos crearam nas Hespanhas estas linguas e estas litteraturas, — hoje resumidas em duas irmãs gémeas — tam caracterisadas e originaes ainda, apesar dos longos e teimosos esforços de uma reacção de cinco seculos que por todos os modos as quiz desnaturalisar e fazer renegar sua nobre e legitima ascendencia, para sómente as reconhecer bastardas e a adulterinas de corrupção romana, quando ellas são legitimas filhas, havidas em um matrimonio, sim forçado pela conquista mas util e vantajoso aos contrahentes e á progenie que d'elles veiu.

Durante todo o undecimo, duodecimo e decimo terceiro seculo os elementos de civilização da Europa estiveram fermentando, separando-se e moldando-se para receber nova forma: os principios eram ainda crus e indigestos, mas os sentimentos fortes e vivazes. O fervor do zêlo religioso transviava a miudo o espirito e inflammava as paixões; mas essa religião era tambem o symbolo, e era o meio, o instrumento mesmo da civilização; era o anjo Custodio que velava nos sanctuarios da sciencia, que os protegia contra o poder ignorante e desenfreado.

Offendem o senso commun aquellos sonhos da cavallaria andante; mas onde não havia mais lei que a força, n'ella só podiam os desvalidos achar protecção, só ella podia contêr os que outra lei não conheciam. D'essa instituição phantastica derivou todavia, modificado pelo tempo, este principio de cortezia, de honra e de civilidade, que é a base e o fundamento da sociedade moderna.

Aquelles rendimentos de adoração para com o bello sexo, a solemnidade com que se lhe prostrava todo o entendimento e vontade faz-nos hoje sorrir desdenhosamente; mas d'ahi nasceu a importante revolução social que veiu a fixar, nas firmes bases de uma

religiosa justa, os destinos de metade da raça humana.

Hoje, certo, nos parece ridículo vêr de repente transformar a mulher, de escrava abjecta, em divindade sublime, poderosa para salvar, omnipotente para destruir... E ainda assim as cadeias voluntárias, com que d'este modo se prendiam reis, imperadores e guerreiros, não os traziam em desagradavel captiveiro. Sentiram-se amansar e humanisar aquelles meio-selvagens; e sem saberem porquê nem como, aprenderam a respeitar-se uns aos outros; gradualmente vieram a acabar por se respeitar a si proprios.

Então começou a ter valor e importancia a opinião publica; até as «Côrtes d'Amor» concorreram para este grande fim, ajudando a curvar a prepotencia dos grandes e a submeter a anarchia dos poderosos aos regulamentos da disciplina social. Quando a poesia tinha tamanha influencia, que poderoso instrumento de civilização não devia de ser o energico escriptor de *Sirventes* que honesta e despejadamente seguia sem medo as lições e o exemplo do famoso trovador Pons Barba!

Sirventes no es leials,  
S'om no i ausa dir l'os mals  
Dels menors e dels communal,  
E maioment dels maioral.

A Sirvente não é leal  
Se não ousa home expor o mal  
Dos menores do communal  
E mormente do maioral.

Vê-se quanto era o poder de tal influencia pelo modo com que a animavam os politicos imperadores da Allemanha, oppondo-a de barreira á superstição dos ignorantes e ás pretensões da curia romana. A força com que ella operava poude avaliar-se pela resistencia de opinião publica que tantas vezes excitou.

Todos os elementos da sociedade, unidos assim por sympathias communs, tendiam simultaneamente a aperfeicoar-se, temperando-se uns aos outros pela propria acção e reacção de suas forças. Principes, senhores e povo rivalisavam no campo das contendidas poeticas; as desigualdades de condição eram mitigadas pela valia que se dava ao talento onde quer que elle apparecia. Então o Oriente patenteou as suas maravilhas. o mundo foi encantado e a historia se fez romance. Foi a primavera do espirito, a estação da florescencia d'alma. O coração do homem era mais alçado, o seu braço mais firme do que nos dias da prosaica realidade. O espirito da aventureira cavallaria abrandou-se em heroica gentileza e amoroso galanteio. A belleza da mulher foi estimada como the-

soiro, exaltada como triumpho, adorada como divindade. Chegou a hora propria de despontar a flôr mais bella de toda a grinalda, a rosa que as corôa e domina a todas, aquelle espirito de poesia que desenferrou e puliu o barbarismo accumulado das edades, que suscitou o espirito da emulação, que o preparou para as melhores cousas. Está aberto emfim o manancial dos sentimentos generosos e elevados, d'onde hade correr a civilização pelo mundo.

A cavallaria e a poesia d'esses tempos foram pois inseparavelmente ligadas, são fructos de uma grande revolução moral, nasceram juntas, mutuamente se explicam e definem, os mesmos senões as maream, qualidades eguaes as illustram.

Mas, tendo-se disscorrido tanto sobre uma, não se estudou ainda bastante a outra: e todavia n'essa poesia da Edade-média está a melhor explicação do estado da sociedade que a creou, d'essa pasmosa mistura dos sentimentos fortes, das associações religiosas, e do galanteio metaphysico que revestia de uma fôrma angelica o objecto da adoração do poeta, e em seus olhos punha as estrellas em que o homem lia o seu destino, que abria o céu aos amantes felizes, e fazia os bosques e os prados testemunhas e participantes de sua alegria. Com que expressão de terno contentamento começa aquella gentil canção do trovador Arnaldo de Merveil:

Oh que doce abril respira  
Quando maio vê chegar!  
Pelas noites socegadas  
Se escuta o doce cantar;  
E nas frescas manhãs puras  
Brandas aves gorgeiar  
Tudo em torno alegre folga,  
Tudo ri, tudo suspira:  
Como heide eu contêr no peito  
Affectos que amor me inspira!

Que festivas alegrias não folgam n'essa outra canção do velho minnesinger, o conde Conrado de Kirckberg quando, ao voltar de maio, chama pelas festivas corêas que saíam ao campo:

Seus thesoiros de alegria  
Todos maio derramou,  
Pelas seves que florece,  
Pelas sombras que copou;  
Onde rouxinol amante,  
Em cada ramo que pende,  
Em cada flor que recende,  
Sua doce melodia  
Faz soar pela espessura  
Vinde, maio é o mez d'amor,  
Da belleza e da ternura;  
Cantemos, vinde, cantae-o:  
Deus te salve, lindo maio!

A coincidência de tom entre a sociedade e a poesia do tempo observa-se também nas



phantasticas instituições a que deu nascença a paixão reinante da galanteria. Aprazia-se, diz outro escriptor moderno, a sociedade, nova ainda, em formalidades ceremoniosas que então eram signal de civilisação e que hoje matariam de enfado: é o mesmo caracter que se acha na lingua provençal, na difficuldade e no enrevezado das suas rimas, nas suas palavras femininas e masculinas para expressar o mesmo objecto, até no infinito numero de seus poetas. Tudo o que era formalidade e alinhamento, coisa hoje tam insipida, tinha então toda a frescura e sabor da novidade.

Veja e examine com paciencia os exemplares que nos restam d'essa escola entre nós, o *Cancioneiro* dito do *Collegio dos Nobres*, o de Dom Diniz, o de Rezende, e conhecerá quanto é exacta a observação.

N'este periodo se observa tambem o fundamento de uma das mais caracteristicas distincções que separam a poesia moderna da antiga, a que vulgarmente se diz romantica, da que tambem vulgarmente se chama classica. Essa, a poesia grega e latina tinha um caracter essencialmente masculino, a todos os respeito: em seus mais ternos desafogos a mulher sómente apparece como sub-serviente aos caprichos e aos prazeres do «sexo mais nobre». A nossa poesia, ao contrario, deve os mais de seus encantos ao suave caracter que lhe infundi a differente posição da mulher na sociedade. Nos primeiros tempos este novo sentimento trasbordava extravagante e inculco; mas depois abrandando-se e cultivando se, veio a aquietar-se n'essas tranquillias pinturas de affeição social, de felicidade domestica, de gozo ora sereno ora apaixonado, de que pouco ou nada apparece na litteratura chamada classica.

A poesia dos trovadores ainda não foi imparcialmente avaliada nem sequer por aquellos (e poucos são) que a foram examinar nos proprios originaes. Os mesmos que se extasiavam com as rimas de Petrarcha e de seus imitadores, esses mesmos a tractaram de resto. Os minnesingers da Allemanha, contemporaneos dos trovadores, apenas, se tanto, serão conhecidos de nome entre nós. De nossos vizinhos castelhanos, aragonezes e gallegos ha muito que se apagou a memoria já tam familiar á gente portugueza. Aos nossos proprios cantores e juglares só ficou fiel a saudosa recordação do vulgo, da plebe que, de geração em geração, foi transmittindo, mas corrompendo tambem suas composições, delicias outr'ora de damas bellas e de cortezaos cavalheiros, hoje entretenimento de alguma pobre velha d'aldeia que as canta ao serão aos esfarrapados netos.

O maior senão de todas estas poesias primitivas é a sua uniformidade e monotomia. Responde a esta accusação, por parte dos seus minnesingers, o erudito e elegante F. Schlegel: a defeza serve para todos.

A accusação de uniformidade, diz elle, parece-me singular: é o mesmo que desdenhar da primavera pela multidão de suas flores. Certo é que em muita especie de ornatos, elles agradam mais separados do que amontoados em massas. A propria Laura não era capaz de lêr, sem fadiga e fastio, todos os seus louvores se lhe apresentassem de uma vez quantos versos inspirou a Petrarcha no decurso de sua vida. — A impressão de uniformidade nasce de vêrmos estes poemas reunidos em volumosas collecções que talvez não pensaram nem desejaram fazer seus auctores. Mas em verdade não é só canções d'amor, todo o poema lyrico, se elle realmente fôr fiel a natureza e não pretender mais do que expressar sentimentos individuaes, hade circumscrever-se a muito estreitos limites tanto de sentir como de pensar. A prova e exemplo está nos mais altos generos da poesia lyrica de todos os povos. O sentimento hade occupar o primeiro logar para poder expressar-se com poesia e força: e onde o sentimento predomina, variedade e riquezas de pensamento são de importancia muito secundaria. Grandes variedades em poesia lyrica não se acham senão nas epochas de imitação em que se capricha de tratar toda a casta de assumptos em toda a sorte de fórmulas.

Os trovadores do sul da França foram de certo os primeiros inventores da nova arte e nova lingua poetica que em breve se diffundiu por toda a Europa e se popularizou de tal modo que o seu alahude fez calar as harpas dos bardos theutonicos e quebrar a última desafinada corda da lyra romana. Da brutal idolatria do norte, do profligado paganismo do meio dia, a sociedade europêa fugia para o espiritualismo christão. Exagerados e falsos muitas vezes, os trovadores eram comtudo os poetas d'este culto, os formuladores d'essa ideia; d'aqui sua popularidade e supremacia.

De nenhum ponto na historia litteraria do mundo se falou e escreveu mais do que d'este. E todavia os documentos necessarios para julgar do verdadeiro merito e caracter da poesia dos trovadores eram, até ha pouco, tam mesquinhos que justamente observou Schlegel: «todo o mundo falava dos trovadores e ninguem os conhecia.» Os criticos francezes, e Millot especialmente, occultaram com empenho os poucos originaes que tinham consultado, manifestamente para que ninguem podesse ajuizar da fidelidade de suas

traduções e da justiça de seus conceitos.

Guinguéné contentou-se com o trabalho que achou feito por Millot; rara vez se aventurou a traduzir por si, e algum fragmento original que por acaso apresenta, não o escolheu com o fim de mostrar o talento, o estylo ou o gosto da escola poetica que examinava; foram tomados á sorte e offerecidos como simples exemplo de linguagem e de fórma metrica; certa nente não conheceu, não avaliou nem a força nem a belleza d'aquella lingua. que, se a não julgarmos, como entendeu M. Raynouard, continuada e revivente na lingua portugueza, se pôde considerar uma lingua hoje morta.

Seria absurdo e injusto assentar juizo sobre os trabalhos de um auctor que pouco ou nada leu das obras que se metteu a julgar, e que confessa, como este confessou, e Sismondi tambem, que nos manuscritos em que se achavam as poesias dos trovadores não estava para as ir lér, e se fiava descansadamente nos extractos e traduções de Millot.

Sismondi comtudo já na segunda edição da sua obra é mais extenso, e mudou de tom a respeito dos trovadores, porque tinha apparecido o primeiro volume dos trabalhos de M. Raynouard, que porfim veio esclarecer esta tam obscurada parte da historia litteraria.

Com effeito Raynouard<sup>1</sup> fixou o vago d'estes exames, reformou os antigos erros, supriu as deficiencias de seus predecessores, formou a grammatica da lingua, imprimiu correctamente os originaes e reuniu os principaes monumentos da lingua e da poesia provençal<sup>2</sup> com diligencia, gosto e critica.

Pôde se dizer que só depois de apparecer o seu livro é que verdadeiramente começámos a conhecer a litteratura dos trovadores d'onde a nossa descende. ou com a qual se ligou estreitamente quasi desde o principio da monarchia e pouco menos que o começo da lingua.

E viesse ella por Catalunha e Aragão, e, atravessando d'ahi a Castella, a *Gaia-scincia* nos chegasse por Galliza, ou directamente nol-a trouxesse o conde D. Henrique, o certo é que nos primeiros reinados da monarchia nós trovavamos já á provençal; e ahi esta a Carta do marquez de Santilhana para fazer fé. que primeiro e melhor que ninguem o

fizemos em todas as Hespanhas, e que na mesma côrte de Castella o portuguez era a lingua da poesia culta.

Mas não acharia essa poesia provençal quando cá chegou: se acclimatizou tam depressa como em chão seu proprio, não acharia nenhuns restos da poesia indigena que já os romanos aqui acharam, que sempre foi vivendo com elles e adoptou a sua lingua. que não consta que morresse, assim como não morreu a nova lingua com o senhorio godo, nem era para acabar sob os arabes, - que antes esses lhe dariam da sua côr oriental e phantastica, segundo em tudo o mais nos fizeram?

Estou convencido que sim; e que os vestigios d'essa poesia indigena ainda duram, desfigurados e alterados pelo contacto de tantas invasões sociaes e litterarias, nos singelos peemas narrativos que o nosso povo conserva, que ama com tanto affino, e que não são nem mais queridos nem mais vulgares em nenhuma outra parte das Hespanhas.

Como porém no seculo XIII começa a apparecer a lingua portugueza propriamente dita, e n'esse tempo já o estylo provençal tem o predomnio, as duas litteraturas da côrte e do povo vistas hoje d'esta distancia se confundem aos olhos inexpertos; mas o observador illustrado bem depressa as extrema logo.

A's apalpadellas quanto aos periodos mais remotos, eu parece-me achar que a poesia original portugueza — comprehendendo n'esta designação a aborigene, a provençal e a mixta — tem passado por oito phases differentes, cujas transições e duração constituem sete epochas naturaes.

Na primeira collocarei tudo o que, mais ou menos authenticico, tem parecido ser anterior á predominação da escola provençal, quasi absoluta no reinado de Affonso III e D. Diniz; e comprehende portanto as poucas e incertas reliquias que se dizem existir dos seculos XI e XII. Na segunda epocha já pisámos terreno historico, e sômos alumia-dos por um grande e inquestionavel documento. o *Cancioneiro* dito do *Collegio dos Nobres*, e o chamado de *D. Diniz* que ultimamente se imprimiu em Paris pelo manuscripto do Vaticano. Dura esta epocha até D. Pedro I. E alguma cousa portanto poderemos tambem já haver do *Cancioneiro* de Rezende. Mas certo e fixo tudo é lyricio, são canções ou cantares. O pouco de épico ou de romance narrativo que se attribue a esta epocha é a puro adivinhar, porque tudo é havido da tradição oral, nada escripto.

Começa a terceira epocha em D. Fernando com a introdução do gosto inglez, isto

<sup>1</sup> *Recueil des Poésies des Troubadours*, por M. Raynouard.

<sup>2</sup> O primeiro conhecido d'estes poetas é Guilherme, nono conde de Poitiers, nascido em 1070 e morto em 1126. O elaborado de seu estylo e a symetria metrica de suas canções mostram claramente que muito antes se devia ter formado e cultivado a lingua para chegar a tal estado.

é, normando; e por consequência com uma certa reacção a favor do genero narrativo.

Aqui triumpha a moda dos romances da *Tavola-redonda*; el-rei Arthur é o typo de toda a cavallaria e de toda a poesia; o Condestavel, o Mecenas d'esta escola, e D. João I o seu Augusto. Já na tradição oral apparecem muitos romances que, sem grande risco de errar, se podem attribuir a este periodo. Da rainha D. Filipa, de seu filho D. Duarte temos versos escriptos e authenticos; de seu neto, o outro famoso Condestavel, um *Cancioneiro* inteiro.

Nos reinados de D. Affonso V e D. João II predomina o genero germanico. No *Cancioneiro* de Rezende e em outras collecções temos exemplares bastantes no genero lyrico, algum raro porém do narrativo.

Reputo fechada a epoca com a terminação da Edade-média, que todos collocam por esta data, pouco mais ou menos, e que nós portuguezes positivamente devemos pôr no fim do reinado de D. João II.

A quarta epoca é aberta por Bernardim Ribeiro e Gil Vicente. Agora o *Palmeirim* e a litteratura normando-byzantina triumpham. Pouco depois já é menor o sabor normando nos nossos romances, e já começam a ganhar influencia os romancistas italianos. Parte do *Cancioneiro* de Rezende pertence tambem a esta epoca: é todo d'ella o mesmo Garcia.

Logo após vem a renascença da litteratura classica. A poesia culta e da côrte perpetuamente se separa da popular, toma as fórmulas italianas e triumpham com Antonio Ferreira. Sá de Miranda fica no meio das duas escolas; Camões popularisa o genero classico repassando-o, quanto era possivel, do gosto nacional. Temos muitos romances, lendas e canções d'esta epoca, tanto escriptos como conservados pela tradição oral. Mas no reinado de D. João III a affectação bucolica invade o proprio romance, que despe a malha e depõe a lança para vestir o surrão e empunhar o cajado de pastor. O gosto popular, mal satisfeito com a escola classica, dominante, lança-se no romance castelhano, cuja sinceridade e rudeza epica lhe agrada mais. Muitos romances castelhanos se nacionalisam entre nós.

O genio cavalheiresco de D. Sebastião, a calamidade nacional da sua perda dão outra vez tom e vida ao romance historico e aventureiro. Conclue-se a quarta epoca com o fim do seculo xvi e da independencia nacional.

O dominio castelhano e a mais forte influencia da sua litteratura formam a quinta epoca. O genero moirisco tinha tomado posse da poesia popular de Castella, e agora

invade a de Portugal. Apparecem ainda hoje na tradição oral imitações e traduções dos romances granadinos. Francisco Rodrigues Lobo e depois D. Francisco Manuel de Mello estão á frente d'esta escola. A Arcadia é costume mais forte do que Granada, os moiros são expulsos do romance e da canção popular, e o genero pastoril triumpham. O povo fica espectador desinteressado nestas luctas; nem chorou pelos vencidos, nem sancionou a victoria dos triumphadores. Nem uns nem outros fallavam ao seu coração, ás suas paixões, nem o consolavam em suas desgraças, nem lhe animavam as esperanças. Mas como nenhum povo vive sem poesia. o nosso povo foi achá-la onde nem os grandes nem os sabedores do tempo de certo imaginavam que ella estivesse, mas estava, a verdadeira, a unica nacional d'então, a das trovas e prophcias que lhe falavam de um libertador, de um vingador, de um salvador que a Providencia tinha reservado á nação portugueza, e no qual se haviam de cumprir as imaginadas e suspiradas promessas do Campo de Ourique.

São d'este tempo as *Prophecias do Bandarra* e outras que em si resumem quasi toda a poesia popular da epoca, se exceptuarmos as lendas de milagres e as canções ao divino de que agora apparecem mais exemplares do que nunca.

O romance porém não estava morto, só desconsiderado e sem popularidade. Na insipidez da vida pastoril, o povo desprezou-o, a côrte mostrou-lhe, ao principio, agrado e protecção, mas infastiu-se d'elle e abandonou-o. O infeliz recorreu ao expediente commum dos baixos *parvenus* e dos nobres degenerados: fez-se truão e bobo; os gracejos, os equivocos, as facécias burlescas foram as suas armas, e á força de ridiculo conseguiu reconquistar alguma attenção do publico. Tal o achamos no fim d'esta epoca, tal apparece nas volumosas collecções do tempo, de que na *Phenix renascida* ha alguns exemplares curiosos.

Sem melhorar ou talvez empeiorando de stylo, mas muito alterado o tom, torna o romance a rehabilitar-se na opinião nacional, volta a ser quasi popular, porque se inspira do genio redivivo da nação para cantar os seus triumphos e a sua gloria na expulsão dos castelhanos e nas continuas victorias que sobre elles alcança. O seu entusiasmo porém é sem dignidade, sem nobreza; não é o povo que conta as suas victorias, são os poetas que querem cortejar o povo no dia da sua gloria e que o não sabem fazer senão com grosseiros motejos aos inimigos vencidos.

As prophcias e as legendas continuam a

ser a verdadeira poesia nacional. Tudo o mais é corrompido pelo má gosto dos *cultos*, que, arregimentados em uma infinidade de Academias dos nomes mais extravagantes e incriveis, conseguem tirar toda a côr á litteratura portugueza de todos os generos e fazer da lingua uma algaravia affectada e ridicula, vã de toda a expressão, assoprada em phrases tam descommunaes, em conceitos tam oucos, que nenhum sentido se lhe acha, se algum tiveram os que tam absurdas coisas escreviam.

E todavia ainda resurge, ainda brota, aqui alli, por entre estes matagaes, o antigo genio do romance peninsular inspirando alguma rara composição menos desnatural. Mas o gongorismo, a affectação, os conceitos presumidos incham, assopram, desfiguram tudo. Porfim até a metrificacão natural e privativa é abandonada, o romance faz se a gralha da fabula para vestir as pennas do pavão da forma endecassyllaba; e com este esforço de vaidade se torna absurdo, desprezível, é apupado por todos os partidos litterarios, e morre esquecido e miseravel.

O triumpho classico foi completo: reina a Arcadia; o seu dominio academico obtem o consento e o concurso geral: tamanho era o cansaço e fastio que os desvarios d'aquella anarchia sem sabor tinham causado. Popularizam-se de novo as fórmulas latinas e italianas, o *style* e o pensamento francez por tal modo, que ninguem se lembrava já siquer de que tivesse havi-lo ou pudesse haver outra coisa.

Só o povo-povo, o povo dos campos, as classes menos illustradas da sociedade protestaram em silencio contra este injusto abuso de uma justa victoria, guardando na lembrança, e repetindo entre si, como os hymnos de uma religião proscripita, aquelles primitivos cantares das antigas éras que os doutos desprezavam e perseguiam, confundindo-os no anathema geral que só tinham merecido seus degenerados imitadores e corruptores.

No resto de Hespanha succedia o mesmo. Madrid e Lisboa rivalizavam a qual havia de proscrever e escarnecer mais a sua verdadeira poesia nacional. A falsa e ridicula imitação da antiguidade classica, amaneirada pelas regras francezas, dominava tudo. Os escriptores do grande rei e os seus alumnos reinavam absolutos. E não só á península iberica se estendia a sua auctoridade: a Italia, a Alemanha, a propria tam ciosa Gran Bretanha se deixaram avassallar d'estes novos Roldans e Oliveiros que, em singular mas pouco leal batalha, pareciam ter vencido a todos os paladins trovadores do mun-

do, juglares, menestreis, bardos, minnesingers e *tutti quanti*. A propria religião de Camões esfriava em Portugal; um máo Luthe-ro —frade e graciano como o outro— chegou a ter a ousadia de proclamar o protestantismo contra a sua catholica auctoridade! Calderon era quasi esquecido, quasi desprezado ás margens do Mançanares; ao Dante não o entendiam já nem juravam por elle os seus; o proprio Shakspeare esteve a ponto de succumbir ás traições de Dryden, e de vêr Covent Garden e Drurylane occupados exclusivamente pelas traducções e imitações dos classicos de Luiz XIV; Goëthe nem Schiller não tinham erguido ainda bem desfraldado o estandarte da reacção; toda a litteratura da Europa era franceza, amaneirada, monotona, servil, e reduzida a uma esteril unidade rotineira que nada creava, nada sentia, e nada ousava dizer senão por aquellas fórmulas pautadas que lhe impunha o fatal regimen da centralização absoluta.

Senão quando, a revolução se levantou no Norte; a Allemanha foi a primeira a sacudir o jugo; quasi ao mesmo tempo a Inglaterra; por fim a Italia; e até na propria França se levantou um grande partido contra esse despotismo que a não avassalava menos a ella do que ás nações estrangeiras.

Nós lutavamos então contra a usurpação franceza e a tutella ingleza que, ensinando-nos a combater mais regularmente e com mais certa fortuna, ao mesmo tempo comprimia o impulso popular em seus bons e máos effeitos; apagou o incendio que não queimasse, mas tambem o impediu de purificar e allumiar. A Arcadia já não existia, mas a sua sombra e o seu nome ainda reinavam. Bocage teria sido o poeta mais popular de Portugal, o verdadeiro restaurador da nossa poesia se elle e os seus discipulos, que poetica e litterariamente reinaram na segunda metade d'esta epoca, não fossem dominados d'aquelle temor, d'aquelle respeito, d'aquelle deferencia com que se inclinavam deante dos preceitos e exemplos da Arcadia em que reconheciam a infallibilidade eucumenica.

Quasi se podia dizer destruida toda a nacionalidade, apagados os ultimos vestigios originaes da poesia, quando no fim do primeiro quartel d'este seculo essa influencia da renascença allemã e ingleza se começou a fazer sentir.

Não quero, por muitos motivos, e alguns d'elles personalissimos, não quero entrar aqui em disputas de preferencia, e prioridade com os nossos vizinhos e parentes mais proximos: direi sómente que em Hespanha portuguezes e castelhanos despertaram quasi ao mesmo tempo, e começaram a abrir os

olhos sobre a triste figura que estavam fazendo na Europa em renegar da fidalga origem de suas bellas linguas e litteraturas, prostituindo as em tam humilhante servidão franceza que por fins tinham chegado a nem já quasi ousar imitar os seus modelos: traduziam palavra a palavra; e da propria phrase, do genio de seu idioma se envergo-havam.

Despertámos porém; e commun nos foi o pensamento, quasi simultaneo o esforço, a castelhanos e a portuguezes; foi uma verdadeira reacção iberica; as duas linguas cultas da peninsula appareceram unidas por um tacito pacto de familia, animadas do espirito redivivo de seus avós communs na causa da restauração commun.

Pede todavia a verdade historica, a justiça manda que se faça uma grande e notavel distincção no appreciar do respectivo contingente de esforços com que cada uma d'ellas contribuiu para esta guerra de independencia.

Assim como na resistencia ao dominio da espada franceza, os portuguezes foram mais ajudados pelos seus antigos alliados os inglezes, e o resto de Hespanha luctou mais de proprio marte e por singular esforço seu; tam bem no sacudir o jugo academico estrangeiro e em proclamar a independencia da litteratura patria, os castelhanos foram poderosamente auxiliados pelos inglezes e allemães, especialmente e largamente pelos ultimos; a nós ninguem nos ajudou, ninguem combateu a nosso lado, ninguem nos ministrou armas, munições, soccôrro o mais minimo.

Seja-me permittido tomar aqui, n'este ponto de historia litteraria já contemporanea, a mesma liberdade de que para si usou, na historia politica, o illustre conde de Toreno. Historiador coevo, elle teve de falar de si e de seus feitos como soldado e como homem público n'essas honrosas lides da guerra peninsular: ou forçosamente tenho de falar de meus pobres trabalhos de escriptor, trabalhos quasi infantis, é verdade, mas com os quaes e por cuja voz timida e balbuciante, rompeu todavia a primeira aclamação da nossa independencia litteraria.

Desde 1825-26, que foi publicada a *Dona Branca* e o *Camões*, datam as primeiras tentativas da revolução; em 1828 com a *Ado-zinda* e o *Bernal-Françes*; se firmou o estendarte da restauração. Separado logo depois e por mais de dez annos, pelos cuidados e lidas politicas, de quasi todo o trabalho litterario, tive contudo a satisfação de applaudir aos muitos e illustres combatentes que foram entrando na lice; vi lavrar milagrosamente o fogo santo, e juntei o meu retirado clamor aos hymnos da victoria que derrotou

para sempre os pretendidos classicos, os zangãos academicos, os estrangeiros de todas as côres e feitos.

Antes que, excitado pelo que via e lia em Inglaterra e Allemanha, eu começasse a emprehender n'este sentido a rehabilitação do romance nacional, já Grimm, Rodd, Depping, Muller e outros varios tinham publicado importantes trabalhos sobre as tam preciosas quanto mal estimadas antigas collecções castelhanas: já M.<sup>mo</sup> de Staël e Sismondi tinham exaltado sua grande importancia litteraria. E todavia só muito depois d'isto publicou em França o sr. Duque de Rivas o seu *Moro exposito*, que foi o primeiro signal da reacção castelhana, e emfim em 1832 o sr. Duran o seu ROMANCEIRO, que a completou.

D'aqui por deante é geral e unanime em toda a peninsula o movimento litterario. Buscam-se os codigos antigos, comparam-se, estudam-se, reimprimem-se.

O nosso Cancioneiro passou sempre por ser o mais rico; e é decerto o mais antigo, porque as citadas collecções de Rezende, do *Collegio dos Nobres*, e de D. Diniz vão até o seculo xiii e xiv. Romanceiro, torno a dizer não o colligimos nunca; mas na tradição oral do povo, e dispersos pelos livros de varios auctores e por alguns raros manuscritos anda uma grande riqueza que ainda se não tratou de ajuntar e apurar como ella merece e como tanto precisamos.

Sobre isto trabalho ha muitos annos, conforme já o disse no primeiro livro d'esta collecção. o qual todavia, repito, só deve considerar-se como introduccão a este que agora chamo segundo, mas que em realidade vem a ser o primeiro do ROMANCEIRO.

Não pude seguir a ordem chronologica, como era tanto para desejar, na collocação d'estas antigas e preciosas reliquias; porque havidas, na maior parte, da tradição oral dos povos, tudo quanto de suas datas se possa dizer é meramente conjectural. Tam pouco não julguei dever adoptar inteiramente a classificação por assumptos do sr. Duran, que á força de systematica lhe dá em falso muita vez, e o obriga a subdivisões tam minuciosas que, por muitas demais, confundem em lugar de elucidarem.

Depois de muitas e variadas combinações que successivamente tentei e abandonei, resolvi por fim limitar-me a uma divisão menos severa que a do sr. Duran, mas que me parece mais natural porque é mais simples.

Posta de parte por agora toda a idéa de Cancioneiro, não contemplei senão o que é estrictamente materia de romanceiro, e assim distribui por fim a minha collecção em cinco livros; a saber:

- Livro I. *Romances da renascença*, imitações, reconstrucções e estudos meus sobre o antigo;
- Livro II. *Romances cavalleirescos antigos de aventuras*, e que ou não têm referencia á historia, ou não a têm conhecida;
- Livro III. *Lendas e Prophecias*;
- Livro IV. *Romances historicos* compostos sobre factos ou mythos da historia portugueza e de outras;
- Livro V. *Romances varios*, comprehendendo todos os que não são epicos ou narrativos.

Por de leve esbocei as delineações d'estas epocas. Nem os perfeitos limites d'ellas,

nem a exacta classificação de todos os documentos e exemplares que ajuntei, pretendo defender com certeza, porque é impossivel tê-la em taes materias quem está de boa fé.

Tal é o methodo que segui. E taes são os principios, taes foram os sentimentos que me fizeram emprehender esta difficil tarefa, perseverar n'ella tantos annos apesar de tantas difficuldades, aborrecimentos e contrariedades sem numero.

Tenho, outra vez o digo, tenho a consciencia de fazer um grande serviço ao meu paiz, e de contribuir com um contingente não desprezivel para a illustração da historia das linguas e das litteraturas da Europa.

# ROMANCEIRO

## PARTE PRIMEIRA — DA TRADIÇÃO ORAL

### I

## BELLA INFANTA

Esta é sem questão a mais geralmente sabida e cantada de nossas xácaras populares, a *Bella Infanta*.

Os criticos e collectores da nação visinha e parente collocam alguns romances, que são visiveis fragmentos d'este, entre os seus mais antigos e mais populares, d'aquelles cuja vestustade se perde talvez nas trévas do decimo-terceiro seculo. E' sabido que os romances mais antigos e queridos do povo davam thema aos poetas para trovarem sobre elles, ou os applicarem aos factos do seu tempo. E' o que se vê nos referidos fragmentos<sup>1</sup> que se encontram entre os primeiros das vastas collecções de Duran e de Ochoa.

Digo que esta é uma verdadeira xácara, porque, feita a introduccção, o poeta retira-se e deixa aos seus interlocutores contar a historia toda.

No quinto acto do *Alfugeme* introduzi, com algumas alterações indispensaveis, esta xácara, fazendo-a cantar por um côro de mulheres do povo, á hora do trabalho; e observei o sensível prazer que tinha o publico em vêr recordar as suas antiguidades populares, que nem ainda agora deixaram de lhe ser caras. Mas por mais que fizesse, não consegui que as cantassem a uma toada propria e imitante, quanto hoje pôde ser, da melopêa antiga, com que ha seculos andam casadas essas trovas. Ainda em cima, os cantores desafinavam e iam fóra de tempo na musica italiana e complicada que lhes puzeram. Apesar de tudo, os espectadores avaliaram a intenção e a applaudiram.

Não sei de outra alguma d'estas composições populares que tenha por assumpto um

successo ligado com a guerra das Cruzadas: até por isso é interessante.

No corrigir do texto segui, como faço quasi sempre, a lição da Beira Baixa, que é a mais segura. As poucas lições varias dignas de se notar vão apontadas.

Uma variante completa, que me enviou ha pouco uma senhora do Minho, merece contudo ser transcripta por extenso; aqui a ponho juntamente com os fragmentos castelhanos, no appendice que vae no fim.

Na estimada collecção de antigas trovas e romances inglezes, pelo bispo Percy, vem uma ballada, que elle considera dos principios do seculo decimo sexto, em que ha visível imitação d'esta. Sabe-se muito bem quanto a poesia ingleza, desde Chaucer até Shakspeare, andou correndo aventuras pela romantica e encantada terra das Hespanhas. A ballada ingleza é um dialogo entre um viajante e um romeiro; começa assim:

—As ye came from the holy land  
Of blessed Walsingham,  
O' met you not my true love  
As by the way ye came?  
«Hew should I know your true love  
That have met many a one?...»<sup>1</sup>

D'esta preciosa collecção, disse um grande entendedor<sup>2</sup>: «O gosto com que foram escolhidos os materiaes, a extrema felicidade com que foram illustrados a riqueza de conhecimentos archeologicos, e de lição classica em que abunda a collecção, torna difficil imitar, impossivel exceder, uma obra que para sempre hade ser tida como a primeira da sua classe em merecimento.»

<sup>1</sup> *Tesoro de Romanceros*, ed. de Ochoa, Paris, 1838, pag. 2 e 9.

<sup>1</sup> Percy's *Reliques of ancient english Poetry*, Londres 1823, sect. II, book I, pag. 261.

<sup>2</sup> W. Scott, *Minstrelsy of the Scottish borders*

## BELLA INFANTA

ESTAVA a bella Infanta  
No seu jardim assentada,  
Com o pente d'ouro fino  
Seus cabellos penteava.  
Deitou os olhos ao mar  
Viu vir uma nobre armada;  
Capitão que n'ella vinha,  
Muito bem que a governava.<sup>1</sup>  
—Dize-me, ó capitão:<sup>2</sup>  
D'essa tua nobre armada,  
Se encontraste meu marido  
Na terra que Deus pisava?  
«Anda tanto cavalleiro  
N'aquella terra sagrada.  
Dize-me tu, ó senhora,  
As senhas que elle levava.  
— Levava cavallo branco,  
Sellim de prata doirado;  
Na ponta da sua lança<sup>3</sup>  
A cruz de Christo levava.  
«Pelos signaes que me deste<sup>4</sup>  
Lá o vi n'uma estacada  
Morrer morte de valente:  
Eu sua morte vingava.»  
—Ai triste de mim viuva,  
Ai triste de mim coitada!  
De tres filhinhas que tenho,  
Sem nenhuma ser casada!...  
«Que darias tu, senhora,  
A quem n'ó trouxera aqui?  
—Lhe-a-lhe oiro e prata fina.  
Quanta riqueza ha por hi.  
«Não quero oiro nem prata,  
Não n'os quero para mi:  
Que darias mais, senhora,  
A quem n'ó trouxera aqui?  
—De tr's moinhos que tenho,  
Todos tres t'os dera a ti;  
Um móe o cravo e a canella,<sup>5</sup>  
Outro móe do gerzeli:<sup>6</sup>  
Rica farinha que fazem!

Tomára-os el-rei p'ra si.  
«Os teus moinhos não quero  
Não n'os quero para mi:  
Que darias mais, senhora,  
A quem t'ó trouxera aqui?  
—As telhas do meu telhado  
Que são oiro e marfim.  
«As telhas do teu telhado  
Não n'as quero para mi:  
Que darias mais, senhora,  
A quem n'ó trouxera aqui?  
—De tres filhas que eu tenho,<sup>7</sup>  
Todas tres te dera a ti:  
Uma para te calçar,  
Outra para te vestir,  
A mais formosa de todas  
Para contigo dormir.  
«As tuas filhas, infanta,  
Não são damas para mi.  
Dá-me outra coisa, senhora,  
Se queres que o traga aqui.  
—Não tenho mais que te dar,  
Nem tu mais que me pedir.<sup>8</sup>  
«Tudo, não, senhora minha,  
Que inda te não deste a ti.  
— Cavalleiro que tal pede,  
Que tão villão é de si.<sup>9</sup>  
Por meus villões arrastado  
O larei andar ahi  
Ao rabo do meu cavallo.<sup>10</sup>  
A' volta do meu jardim.  
Vassallos, os meus vassallos,  
Acudi-me agora aqui!  
«Este anel de sete pedras  
Que eu contigo reparti...  
Que é d'ella a outra metade?  
Pois a minha, vê-a ahi!  
—Tantos annos que chorei,<sup>11</sup>  
Tantos sustos que tremi!...  
Deus te perdõe, marido,  
Que me las matando aqui.

## VARIANTE PORTUGUEZA

QUE PARECE UMA VERSÃO MAIS MODERNA DO ORIGINAL ANTIGO

DONA Clara, Dona Infante<sup>12</sup>  
Estava no seu jardim,  
Penteando tranças de oiro  
Com seu pente de marfim,  
Sentada n'uma almofada  
De veludo carmezim.  
Botou os olhos ao mar  
E avistou formosa armada:

Capitão que a governava  
Que bem a traz preparada!  
Saltou em terra elle só  
Com a vizeira calada,  
Vem saudar a dona Infante  
Que assim triste lhe falou:  
—Viste tu o meu marido  
Que ha tempo que me deixou?

1 Que a guiava.—*Lisboa*.2 Dize-me o cavalleiro,  
Os signaes...—*Ribatejo*.3 Nos punhos da sua espada.—*Extremadura*.4 Pelos signaes que me deste,  
La o vi morto as lançadas,  
Que a mais pequena que tinha  
Era a cabeça passada.—*Varas*.5 Pelos signaes que me deste,  
La morreu as cutilladas,  
Que a mais pequena que tinha  
Era a cabeça cortada.—*Varas*.

6 Estas variantes são ambas muito geraes, e talvez sejam melhores do que o texto que adoptei.

7 Este verso pelas suas allusões se vê que é moderno comparativamente; foi introduzido de certo por alguém muito posterior ao romance; e que se encontra a miúdo.

8 Gerzelim, em arabico *Jolqin*, semente redonda e oleosa ou

uma planta de que se faz doce, e d'ella moída também oleo que serve para o cozinhar.

9 De tres filhas que eu tenho

Todas tres te hei de dar;

Uma para te vestir,

Outra para te calçar;

A mais formosa de todas

Para contigo casar.—*Extremadura*.Esta variante assaz vulgaris da e contumida nma *pruderie* moderna de linguagem que se introduziu visivelmente quando a hyprocrisia pediu a decencia na fala que faltava nos costumes.8 Quanto tinha offereci.—*Ribatejo*.9 Que pede e torna a pedir.—*Extremadura*.10 Ao rabo do meu cavallo.—*Ribatejo*.

11 Os ultimos quatro versos faltam na maior parte das cópias, e talvez sejam postíços; precisos não são.

12 Infante no feminino é um latinismo dos seculos xv e xvi, que nunca foi popular, me persuado.



«Teu marido não conheço,  
Diz-me que signaes levou.  
—Levou seu cavallo branco  
Com sua sella dourada,  
Na ponta de sua lança  
Uma fita encarnada;  
Um cordão do meu cabelo  
Que lhe prendia a espada.  
Se porém tu não viste,  
Cavalleiro da cruzada,  
O triste de mim vivua,  
O triste de mim coitada!  
De tres filhas que eu tenho  
E nenhuma ser casada.  
«Sou soldado, an' lo na guerra,  
Nunca teu marido vi:  
Mas quanto deras, senhora,  
A quem o trouxera aqui?  
—Dera-te tanto dinheiro  
Que não tem conto nem fim;  
E as telhas do meu telhado  
Que são de oiro e marfim.  
«Não quero oiro ou dinheiro,  
Que me não pertence a mi:  
Sou soldado, ando na guerra,  
Nunca teu marido vi.  
Quanto deras mais, senhora,  
A quem o trouxera aqui?  
—Dera-te as minhas joias  
Que não têm pézo e medida;  
Dera-te o meu tear de oiro,  
Roca de prata pulida.  
—Não quero oiro nem prata:  
Com ferro minha mão lida.  
Sou soldado, ando na guerra,  
Nunca teu marido vi:  
Mas quanto deras, senhora,  
A quem n'o trouxera aqui?  
—De tres filhas que eu tenho,

Eu t'as dera a escolher,  
São formosas como a lua,  
Como o sol a amanhecer.  
«Eu não quero tuas filhas,  
Não me podem pertencer.  
Sou soldado, ando na guerra.  
Nunca teu marido vi:  
Mas quanto deras, senhora,  
A quem n'o trouxera aqui?  
—Não tenho mais que te dar  
Nem tu mais que me pedir.  
«Inda tens mais que me dar,  
Não estejas a mentir;  
Tens teu leito de oiro fino  
Onde eu quizera dormir.  
—Cavalleiro que tal diz  
Merece ser arrastado  
Em roda do meu jardim,  
Aos pés de um cavallo atado.  
Vinde cá, criados meus,  
Castigae este soldado.  
«Não chame: os teus criados  
Que criados são de mi.  
—Se tu és o meu marido  
Porque me falas assim?  
«Por vêr se me eras leal  
É que disfarçado vim.  
Lembras te, ó dona infante,  
Quando eu d'aqui sahi,  
O anel de sete pedras  
Que contigo reparti?  
Se as tuas não perdeste,  
As minhas eil-as aqui.  
—Vinde cá, ó minhas filhas,  
Vosso pae é já chegado.  
Abri-vos, portão de jaspe  
Ha tanto tempo fechado!  
Folgae, folgae, meus vassallos,  
Que é Dom Infante a meu lado.

## FRAGMENTOS DE LIÇÃO CASTELHANA

## I

ESTABA la linda Infanta  
A la sombra de una oliva,  
Peine d'oro en las sus manos,  
Los sus cabellos bien cria.  
Alzó sus ojos al cielo  
En contra do el sol salia,  
Vió venir un fuste armado  
Por Guadalquivir arriba:  
Dentro venia Alfonso Ramos,  
Almirante de Castilla.  
—Bien vengais, Alfonso Ramos,  
Buena sea tu venida,  
Y qué nuevas me traedes  
De mi flota bien guarnida?  
«Nuevas te traigo, señora,  
Si me aseguras la vida.  
—Decildas, Alfonso Ramos,  
Que segura te seria.  
«Allá á Castilla la llevan  
Los moros de Berberia.  
—Si no me fuese porque,  
La cabeza te cortaria.

—Si la mía me cortases,  
La tuy te costaria.<sup>1</sup>

## II

«Caballero de lejas tierras,  
Llegaos a cá, y pareis  
Hinquedes la lanza en tierra,  
Vuestro caballo arrendeis,  
Preguntaros he por nuevas  
Si mi esposo conoceis.  
—Vuestro marido, señora.  
Decid ¿de que señas es?  
«Mi marido es mozo y blance  
Gentil hombre y bien cortés,  
Muy gran jugador de tablas,  
Y tambien del ajedrez,  
En el pomo de su espada  
Armas trae de un marqués.<sup>2</sup>

1 *Romanceiro*, Ochoa, pag. 3.

2 *Romanceiro*, Ochoa, pag. 9.

## O CAÇADOR

Os criticos de Allemanha e de Hespanha contam entre os mais antigos romances da Peninsula este que os nossos visinhos chamam da *Infantina* e nós do *Caçador*. Também me parece o mesmo. Lockhart, o elegante traductor inglez, <sup>1</sup> extasia-se na admiravel belleza de sua poesia tam original e tam simples. Mais pasmára se o visse no texto portuguez como nol-o conservou a memoria do povo, muito mais bello e muito mais original do que anda nas collecções castelhanas d'onde elle Lockhart o traduziu.

E todavia essas são dos meados do seculo dezeséis. Tres seculos depois, ainda a tradição portugueza o tem n'esta perfeição. Forçosamente ou foi escripto no nosso dialecto que, segun lo o tantas vezes citado e não suspeito testemunho do Marquez de Santilana, <sup>2</sup> era o preferido para se trovar na mesma côrte de Castella, e fôra o primeiro em que se fizeram versos; —ou, o que me parece mais provavel, foi composto na linguagem ainda commum e pouco discriminada que prevalecia, ao principio da reconquista, na povoação christã das Hespanhas.

Accresce que o romance castelhano, propriamente dito, nunca se lançou no maravilhoso das fadas e encantamentos que a es-

cola celtica de França e Inglaterra, e mais ainda a neo-grega de Italia fizeram depois tam familiar na Europa. Os severos descendentes de Pelaio não tinham mythologia nos seus poemas, cantados ao som da lança no escudo e a compasso das cutilladas. O sobrenatural d'esta historia parece-se mais com as crenças, e superstições, ainda hoje existentes no nosso povo, das moiras encantadas, das aparições da manhã de S. João e de outros mythos nacionaes, tam bellos, tam queridos da gente portugueza, e tam desprezados — ainda mal! — até agora pelos nossos poetas.

Seja porém como fôr, o romance do *Caçador* pertence á poesia popular portugueza, é de immemorial antiguidade; e como a tal lhe dou aqui logar entre as reliquias mais originaes da nossa primitiva litteratura.

Ponho, além das variantes, a versão ou lição dos romanceiros castelhanos, e a tradução ingleza, que é mais paraphrase ou imitação que tradução.

A moralidade da fábula — se permittem a palavra os escrupulosos — é a mesma que a da *maré do carroeiro*; occasião perdida, occasião que não volta. A historia do *Capote novo* e outras muitas do «Decameron popular», que é pena serem tam soltas e verdes que se não podem escrever, illustram a mesma sentença e rifão. Bocacio e Lafontaine achariam nos contos tradicionaes do nosso povo com que enriquecer muito as *Cem no velhas novas* de suas gaiatas collecções.

## O CAÇADOR

O caçador foi á caça,  
A caça, como sohia<sup>1</sup>  
Os cães já leva caçados,  
O falcão perdido havia.  
Andando se lhe fez noite<sup>2</sup>  
Por uma matta sombria,  
Arrimou-se a uma azinheira,  
A mais alta que alli via.  
Foi a levantar os olhos,  
Viu coisa de maravilha:  
No mais alto da ramada<sup>3</sup>  
Uma donzella tam linda!  
Dos cabellos da cabeça

A mesma arvore vestia,  
Da luz dos olhos tam viva  
Todo o bosque se allumia.

Alli falou a donzella,  
Já vereis o que dizia:  
—N. o te assustes, cavalleiro,  
Não tenhas tamanha frima.  
Sou filha de um rei c'roado,  
De uma bemditá rainha.  
Sette fadas me fadaram  
Nos braços de mi' madrinha,

<sup>1</sup> Á caça de montaria—*Mentejo*

<sup>2</sup> A caça de altanaria—*Tras os Montes*

<sup>3</sup> Fez-se noite no caminho—*Beiralla*.

<sup>3</sup> Ramada pelo ajuntamento de ramos naturais na mesma arvore, fazendo sombra e abrigo, e a significação classica e natural. No Minho chamam ramada aos parreirais e latadas de vinha feitos com ramos, varas, cannas, etc.

Que estivesse aqui sete annos,  
Sete annos e mais um dia;  
Hoje se acabam n'os annos,  
A'manhan se conta o dia;  
Leva-me, por Deus t'ó peço  
Leva em tua companhia.  
«Espera-me aqui, donzella,  
Té ámanhan, que é o dia;  
Que eu vou a tomar conselho,  
Conselho com minha tia,  
Responde agora a donzella,  
Que bem que lhe respondia!  
—Oh, mal haja o cavalleiro,  
Que não teve cortezia:  
Deixa a menina no soute<sup>4</sup>  
Sem lhe fazer companhia!  
Ella ficou no seu ramo,  
Elle foi-se a ter co'a tia...  
Já voltava o cavalleiro

Apenas que rompe o dia,  
Corre por toda essa mata,  
A enzina não descobria.  
Vac correndo e vac chamando  
Donzella não respondia;  
Deitou os olhos ao longe,  
Viú tanta cavallaria,  
De senhores e fidalgos  
Muito grande tropelia.<sup>5</sup>  
Levavam n'a linda infantia,  
Que era já contado o dia.  
O triste do cavalleiro  
Por morto no chão cahia;  
Mas já tornava aos sentidos  
E a mão á espada metia:  
«Oh, quem perdeu o que eu perco  
Grande penar merecia!  
Justiça faço em mim mesmo  
E aqui me acabo co'a vida.

### LIÇÃO CASTELHANA

A cazar va el caballero,  
A cazar como solia;  
Los perros lleva cansados,  
El falcon perdido habia,  
Arrimára-se á un roble,  
Altos es á maravilla.  
En una rama mas alta,  
Viera estar una Infantina,  
Cabellos de su cabeza  
Todo aquel roble cubrian.  
—No te espantes caballero,  
Ni tengas tamaña grima,  
Hija soy yo del buen rey  
Y la reina de Castilla:  
Siete fadas me fadaron  
En brazos de un ama mia,  
Que andase los siete años  
Sola en esta montiña.  
Hoy se cumplan los siete años.  
O mañana en aquel dia:  
Per Dios te ruego, caballero,  
Lléveme en tu compañía.  
Si quisieres por muger,  
Si no, sea por amiga.  
«Esperáisme vos, señora,

Hasta mañana aquel dia,  
Iré yo a tomar consejo  
De una madre que tenia.»  
La niña le responderia  
Y estas palabras decia:  
—«O mal hay el caballero  
Que sola deja la niña!»  
El se va á tomar consejo  
Y ella queda en la montiña.  
Aconsejole su madre  
Que la tome por amiga.  
Quando volvió el caballero  
No hallára la Infantina,  
Vidola que la llevaban  
Con muy gran cabelleria.  
El caballero que la vido  
En el suelo se caía:  
Desque en si hubo tornado  
Estas palabras decia:  
«Caballero que la pierdes,  
Muy gran pena merecía:  
Yo mismo seré el alcalde,  
Yo me seré la justicia:  
Que me corten pies y manos  
Y me arrastren por la villa<sup>1</sup>

### TRADUÇÃO INGLEZA

The knight had hunted long, and twilight closed the day,  
His hounds were weak and weary, his hawk had flown away;  
He stopped beneath an oak, an old and mighty tree,  
Then out the maiden spoke, and a comely maid was she.

The knight had lift his eye the shady boughs between;  
She had her seat on high, among the oak-leaves green:  
Her golden curls lay clustering above her breasts of snow,  
But when the breeze was westerling, upon it they did flow.

—«Oh, fear not, gentle knight! there is no cause for fear;  
I am a good king's daughter, long years enchanted here;  
Seven cruel fairies found me — they charmed a sleeping child;  
Seven years their charm hath bound me, a damsel undefiled.

«Seven weary years are gone since o'er me charms they threw;  
I have dwelt here alone, — I have seen none but you.  
My seven sad years are spent: — for Christ that died on rood,  
Thou noble knight consent, and lead me from the wood!

«Oh, bring me forth again from out this darksome place!  
I dare not sleep for terror of the unholy race.

Oh, take me, gentle sir! I'll be a wife to thee.» —  
I'll be thy lowly leman, if wife I may not be!»

—«Till dawns the morning, wait, thou lovely lady, there;  
I'll ask mother stat, hi, for her reproof I fear.»  
—«Oh, ill becoms thee knight!» said she, that maid forlorn  
«The blood of kings to slight, a lady's tears to scorn!»

He came when morning broke, to fetch the maid away.  
But could not find the oak wherein she made her stay:  
All through the wild-wood he sought in bower and tree; —  
Fair lordlings, well ye guess what weary heart had he!

There came a sound of voices from up the forest glen.  
The king had come to find her with all his gentlemen.  
They rode in mickle glee — a joyous cavalcade —  
Fair in the midst rode she, but never word she said.

Though on the green he knelt, no look on him she cast —  
His hand was on the train were past:  
—«Oh, shame to knightly blood! Oh, scorn to chivalry  
I'll die within the wood: no eye my death shall see!»

4 Deixa a menina no monte — *Beirabaixa*.

Souto parece mais minhoto; mas assim vem n'uma cópia da Extremadura.

5 Tropelia, em portuguez casto e classico, é o tumulto que se faz em tropel; e tambem a injuria que se faz a alguém, a alguia

coisa, atropelando direitos, posses, pessoas, razões ou conveniências. Aqui está o derivado pelo original ou primitivo; e para mim o povo é tambem um classico.

1 Ochoa *Tesoro de Romances*.

1 Lockhart, *Am. sean. Ballads*.

## A INFEITIÇADA

É claramente de origem franceza, e vir-nos-hia porventura com os cavalleiros e os troveiros do Conde D. Henrique, o lindo romance da *Donzella infeitiçada*. Foi talvez um *fabliau* na sua terra? Quem sabe?

Aqui é elle muito antigo; castelhanos e portuguezes o disputam por seu, e acaso nem uns nem outros terão razão. Em algumas das nossas provincias anda confundido, na versão oral, com o romance precedente do *Cacador* e custa a desvencilhá-los.

Collacionando-o com a copia castelhana que adeante vae, notar-se-ha quanto é mais gracioso e mais chistoso o texto portuguez; conhece-se muito mais n'elle o tom e o saínete sempre picante do genio francez, que do principio foi o que é e ha-de ser, leve, facil e engraçado com donaire e agudeza.

Chamam-lhe em Castella *Romance de la Infanta de Francia*.

A anecdota não está nos nossos costumes nem nos de nossos visinhos, nem sequer nos costumes das éras cavalleirescas. Tambem não é ainda do cyclo da *Tavola-redonda*, de quando os nossos mesmos romancistas punham todas as suas scenas no paiz dos *Arthures* e *Amadições*. Essa escola prevaleceu aqui mais tarde, e começou talvez a preponderar em tempos d'el-rei D. Fernando, em cuja côrte dominavam já muito as modas e gosto inglez, que depois triumpharam absolutamente no reinado de seu irmão e successor.

O ar d'esta pequena peça é muito mais antigo; e por tal a têm os criticos e colletores castelhanos.

## A INFEITIÇADA

VAE correndo o cavalleiro,  
A Paris levava a guia,  
Viu estar uma donzella  
Sentada na penha fria:  
—Que fazeis aqui donzella?  
Que fazeis ó donzellinha?  
«Vou-me á côrte de Paris»<sup>1</sup>  
D'onde padre e madre tinha;  
Perdi-me no meu caminho,  
Puz-me a esperar companhia;  
Cançada estou de esperar  
Sentada na penha fria,  
Se te praz, ó cavalleiro,<sup>2</sup>  
Leva-me em tua companhia.»  
Respondeu-lhe o cavalleiro:  
«Pois que me praz, vida minha.»  
Lá no meio do caminho  
De amores a requeria;  
A donzella muito enchuta<sup>3</sup>  
Lhe disse com ousadia:  
—Tem-te, tem-te, cavalleiro,  
Não faças tal villania;  
Que, antes que me baptisassem  
Me deram feitiçaria:  
Sete bruxas me embrucharam  
Antes que eu fosse á pia;

O homem que a mim se chegasse,  
Malato<sup>4</sup> se tornaria.»  
Não responde o cavalleiro,<sup>5</sup>  
Todo na sella tremia.  
Lá para o fim do caminho<sup>6</sup>  
A donzella que sorria.  
«De que vos rides, donzella,  
De que rides, donzellinha?»  
—Não me rio do cavallo  
Nem da sua fitaria,  
Riu-me do cavalleiro,  
Mais da sua covardia;  
Com a donzella á gaupa  
E catou-lhe cortezia;  
Soube guardar-se das moças  
E bruchas velhas temia.  
«Atraz, atraz, ó donzella,  
Atraz, atraz, donzellinha,  
Que na fonte onde bebêmos  
Deixo uma espora perdida.  
—Cavalleiro, adeante, adeante,  
Que eu atraz não tornaria.  
Se a sua espora é de prata,  
Meu pae de ouro lh'a daria;  
Que as portas de meu pae<sup>7</sup>  
Se mede ouro cada dia.

<sup>1</sup> Vou-me á côrte de França—*Extremadura*.

<sup>2</sup> Quereis vos, ó cavalleiro.

Que eu va em vossa companhia?»

Respondeu-lhe o cavalleiro:

—«Pois não quero minha vida!»—*Ribatejo*.

<sup>3</sup> A donzella muy sisuda,

sem ter medo, lhe dizia—*Beiralla*.

<sup>4</sup> Malato era o homem livre que descia á condição quasi de servo e villão. No sentido figurado — que parece ser o que domina — homem perdido, tolhido, envalado?

<sup>5</sup> O cavalleiro com medo

Tremendo-lhe respondia — *Mentoso*.

<sup>6</sup> Passado largo caminho — *Beiralla*.

<sup>7</sup> Que as portas do meu palacio — *Extremadura*.

—Dizei-me vós ó donzella,  
Dizei-me de quem sois filha.  
«Sou filha d'el-rei de França  
E da rainha Constantina.

—Arrenego eu de mulheres  
Mais de quem n'ellas se fial  
Cuidei de levar amante,  
Levo uma irman minha. »

## VERSÃO CASTELHANA

DE Francia partió la niña,  
De Francia la bien guarnida;  
Ibase para Paris,  
Do padre y madre tenia:  
Errado lleva el camino,  
Errada lleva la via:  
Arrimarase a un roble  
Por esperar compañía.  
Vió venir un caballero,  
Que á Paris lleva la guía.  
La niña desde que lo vido  
Desta suerte le decía:  
«Si te place, caballero  
Lléveme en tu compañía.  
—Pláceme, dijo, señora,  
Pláceme, dijo, mi vida.»  
Apeóse del caballo  
Por hacerle cortesía;  
Puso la niña en las ancas  
Y subióse en la silla:  
En el medio del camino  
De amores la requeria.  
La niña desde que lo oyera  
Dijole con osadía:  
«Tate, tate, caballero,  
No hajas tal villanía:  
Hija soy yo de un malato  
Y de una malatia.  
El hombre que á mi llegase

Malato se tornaria »  
Con temor el caballero  
Palabra no respondia.  
Yá a la entrada de Paris  
La niña se sonreia  
—De que os reis, mi señora,  
De que os reis, vida mia?  
«Riome del caballero  
Y de su gran cobardia.  
Tener la niña en el campo  
E catarle cortesía!»  
Con verguenza el caballero  
Estas palabras decia:  
—Vuelta, vuelta, mi señora,  
Que una cosa se me olvida.»  
La niña, como discreta.  
Dijo: «Yo no volveria,  
Ni persona, aunque volviese,  
En mi cuerpo tocara:  
Hija soy del rey de Francia  
Y la reina Constantina,  
El hombre que á mi llegase  
Muy caro le costaria?»

1 Depois d'estes versos a lição do Minho acrescenta, em forma de moralidade que faz o trovador, o que aqui está na bôcca do cavalheiro:

Arrenego eu de mulheres,  
Mais de quem n'ellas se fia!

2 Duran, tomo IV, parte, I. Ochoa, *Tesoro de Romanceros*.

## CONDE YANNO

Sir Walter Scott diz, em alguma parte do *Cancioneiro das fronteiras da Scocia*, que os romances populares foram quasi todos em sua origem poemas mais longos e mais completos, que os menestrels depois encurtavam e truncavam para os poderem cantar em dous ou tres *lays* quando muito, como quem diz, em duas ou tres cantigas: o que na integra era impossivel. Que d'ahi ficaram assim pela memoria do povo, e assim vieram até nós.

Se tal é — e eu não defendo nem impugno agora a theoria — digo que este bello romance do *Conde Yanno* algum menestrel portuguez o accommodou ao gôsto popular, contrahindo-o do poemeto castelhano que alli se chama do *Conde Alarcos* e da *Infanta Solisa*.

Em algumas provincias nossas tambem lhe chamam *Conde Alarcos*, n'outras *Conde Anardos*; e até n'outras, por muito visivel rebaptisação heretica, *Dom Duarte*, e *Conde Alberto*. Tamsómente nos districtos mais sertanejos do reino e menos proximos do contacto castelhano apparece *Conde Yanno*.

Yanno é a mais antiga degeneração do grego e latino *Ἰωάννης*, *Joannes*, — dos quaes tanto mais proximo está do que os modernos *Juan*, *João* dos dous dialectos cultos das Hespanhas.

Assim o nome como o modo de dizer *Conde Yanno* (Conde João) em vez de *Conde de tal* indicam já grande antiguidade. E tanta, que eu mais me inclino a que o trovador castelhano alargasse a obra do menestrel portuguez do que vice-versa. E ou ésta é uma excepção das muitas que tem a regra de Sir Walter, ou ella não é regra, absoluta pelo menos.

A verdade hade estar no meio, que é o costume.

Junto a composição castelhana, e a linda versão ingleza de Lockhart: ambas illustram o texto e a questão. Comparando-as com o

romance portuguez, facilmente se dará a palma a este, assim no stylo como na invenção. Tem mais drama e mais peripecias, respira mais suave melancholia e mais casto, e porfim termina com um inesperado successo que dá prazer.

Lembra-me, em pequeno, a immensa alegria que eu tinha quando a minha Brigida <sup>1</sup> velha, criada que nos contava e cantava estas historias, chegando ao passo em que a condessa ia morrer ás mãos do seu ambicioso e indigno marido, mudava de repente de tom na sua sentida melopêa, e exclamava:

«Tocam-n'os sinos na sé...  
Ai Jesus, quem morreria?...»

Morria a má infanta que descasava os bem casados, e a pobre condessa escapava. Que fortuna! Tirava-se um péso do coração á gente, e a historia acabava como devia de ser.

As despedidas da condessa moribunda «a tudo que mais queria», ás suas flores, ao seu filhinho, são admiraveis aqui tambem e ommissas na lição castelhana.

Emfim, nascesse elle dentro das nossas fronteiras, ou viesse além d'ellas, cá se fez mais lindo o romance, muito mais.

Sismondi e Madame de Staël exaltam esta composição acima de todas as do romancero castelhano. Que faria se conhecessem a lição portugueza?

É geralmente sabido, por todo o reino, muito popular, e as variantes numerosas.

Quasi todas as que valiam a pena as incorporei no texto, porque algumas eram complementares de outras, e muitas acclavam o sentido e atavam o fio da narrativa. Das poucas que ficaram, se aponta á margem alguma que o merece.

<sup>1</sup> Esta criada Brigida já foi cantada na *Dona Branca*.

## CONDE YANNO

CHORAVA a infanta, chorava,<sup>1</sup>  
 Chorava e razão havia,  
 Vivendo tam descontente;  
 Seu pae por casar a tinha  
 Acordou el-rei da casa?  
 Com o pranto que fazia:  
 — Que tens tu, querida Infante.  
 Que tens tu, ó filha minha?  
 «Senhor pae, o que heide eu ter  
 Senão que me pesa a vida?  
 De tres irmãos que nós eramos,  
 Solteira eu só ficaria.  
 — Que queres tu que te eu faça?  
 Mas a culpa não é minha.  
 Cá vieram embaixadas  
 De Guitaina e Normandia;<sup>2</sup>  
 Nem ouvil-as não quizeste,  
 Nem fazer-lhes cortezia...  
 Na minha corte não vejo  
 Marido que te daria...  
 Só se fosse o conde Yanno,<sup>3</sup>  
 E esse já mulher havia.»<sup>4</sup>  
 «Ail rico pae da minha alma,  
 Pois esse é que eu queria  
 Se elle tem mulher e filhos,  
 A mim muito mais devia.  
 Que me não soube guardar  
 A fé que me promettia»

Manda el-rei chamar o conde,  
 — em saber o que faria:  
 Que lhe viesse falar...  
 — em saber que lhe diria.  
 «Inda agora vim do paço,  
 Já el-rei lá me queria!  
 Ai! será para meu bem?  
 Ai! para meu mal seria?»

Conde Yanno que chegava,  
 El-rei que a buscar o vinha:  
 — «Beijo a mão a vossa alteza;  
 Que quer vossa senhoria?»  
 Responde-lhe agora o rei  
 Com grande merencoria:  
 — Beijae, que mercê vos faço;  
 Casareis com minha filha.  
 Cuidou de cahir por morto  
 O conde que tal ouvia:  
 — «Senhor rei, que sou casado  
 Já passa mais de anno e dia!  
 — Matareis vossa mulher,  
 Casareis com minha filha.  
 — «Senhor, como hei-de mattal a  
 Se a morte me não mer'cia?  
 — Callae-vos conde, callae-vos.  
 Não vos quero demazia;  
 Filhas de reis não se enganam  
 Como uma mulher captiva.  
 — «Senhor, que é muita razão,  
 Mais razão que ser devia,  
 Para me matar a mim  
 Que tanto vos offendiã;

Mas matar uma innocente  
 Com tamanha aleivozia!  
 Nesta vida nem na outra  
 Deus m'o não perdoaria  
 — A condessa hade morrer  
 Pelo mal que cá fazia;  
 Quero vêr sua cabeça  
 Nessa doirada hacia»

Foi-se embora o conde Yanno,  
 Muito triste que elle ia,  
 Adeante um pagem d'elrei  
 Levava a negra hacia  
 O pagem ia de luto,  
 De luto o conde vestia:  
 Mais dó levava no peito  
 C'os apertos da agonia.  
 A condessa que o esperava,  
 De muito longe que o via,  
 Com o filhinho nos braços  
 Para abraçá-lo corria.  
 «— Bem vindo sejaes, meu conde,  
 Bem vinda minha alegria!  
 Elle sem dizer palavra  
 Pelas escadas subia.  
 Mandou fechar seu palacio,  
 Coisa que nunca fazia;<sup>5</sup>  
 Mondou logo pôr a ceia  
 Como quem lhe appetecia.»

Sentaram-se ambos á mesa,  
 Nem um nem outro comia;  
 As lagrimas era um rio<sup>6</sup>  
 Que pela mesa corria.  
 Foi a beijar o filhinho  
 Que a mãe aos peitos trazia.  
 Largou o seio o innocente,  
 Como um anjo lhe sorria.

Quando tal viu a condessa,  
 O coração lhe partia;  
 Desata em tamanho choro  
 Que em toda a casa se ouvia:  
 «— Que tens tu, ó querido conde,  
 Que tens tu, ó vida minha?  
 Tira me já d'estas âncias  
 El-rei o que te queria?»  
 Elle affogava em soluços,  
 Responder-lhe não podia;  
 Ella, apertando o nos braços,  
 Com muito amor lhe dizia:  
 «— Abre-me o teu coração,  
 Desafloga essa agonia,  
 Dá-me da tua tristeza,  
 Dar-te-hei da minha alegria»  
 Levantou-se o conde Yanno.  
 A condessa que o seguia  
 Deitaram-se ambos no leito;  
 Nem um nem outro dormia.  
 Ouvireis a desgraçada;  
 Ouviu ora o que dizia:  
 «— Pego-te por l'us do céu  
 E pela Virgem Maria,  
 Antes me mattes, meu conde,  
 Que eu vêr-te n'essa agonia.»

1 Chorava a infanta So isa,  
 Razão de chorar havia. — *Alentejo*.  
 Chorava Ileana Sylvana. — *Extremadura*.  
 2 Despertou el-rei seu pae — *Beirãta*.  
 3 De Leão e de Castilha. — *Traz-os-Montes*.  
 4 Guitaina é Aquitania, bem claramente  
 So se fosse o conde Albano. — *Minhã*.  
 5 Só se fosse o conde Alarcos. — *Berrabaxia*.  
 6 E esse tem mulher e filhas — *Beirãta, Lisboa*.

6 O que d'antes não fazia. — *Minho*.  
 7 Como quem comer queria. — *Lisboa*.  
 8 As lagrimas eram tantas.  
 Que pela mesa corriam — *Variaz*.  
 Todas as versões têm assim: so a de Lisboa como vai no texto.

— «Morto seja quem tal manda,  
Mais a sua tyrannia!  
«—Ai! não te entendo; meu conde,  
Dize-me, por tua vida,  
Que negra ventura é esta.  
Que entre nós está mettida?  
—«Ventura da sem ventura.  
Grande foi tua moína!<sup>9</sup>  
Manda-me el-rei que te mate,  
Que case com sua filha.»

Palavras não eram ditas,  
Inda mal lh'as ouvia,  
A desgraçada condessa  
Por morta no chão cahia.  
Não quiz Deus que alli morresse...  
Triste que alli não morria!  
Maior dor que a da morte  
A torna a chamar á vida.  
«—Calla, calla, conde Yanno,  
Que inda remedio haveria;  
Ai! não me mates, meu conde,  
E um alvitre te daria:<sup>10</sup>  
A meu pae me mandarás,  
Pae que tanto me queria!  
Ter-me-hão por filha donzella  
E eu a fé te guardaria.  
Criarei este innocente  
Que a outra não criaria;  
Manter-te-hei castidade  
Como sempre t'a mantia.  
—«Ai como pôde isso ser,  
Condessa minha querida,  
Se el-rei quer tua cabeça  
N'esta doirada bacía?  
«—Calla, calla, conde Yanno,  
Que inda remedio teria.  
Metter-me-has n'um convento  
Da ordem da freiraria;  
Dar-me-hão o pão por onça  
E a agua por medida:  
Eu lá morrerei de pena,  
E a infanta o não saberia.  
—«Ai! como pôde isso ser,  
Condessa minha querida,  
Se quer ver tua cabeça  
N'esta maldita bacía?»  
«—Fecháras-me n'uma torre,  
Nem sol, nem lua veria,  
As horas da minha vida  
Por meus ais a contaria.

—«Ai! como pôde isso ser,  
Condessa minha querida,  
Se el-rei quer tua cabeça  
N'esta doirada bacía?»

Palavras não eram ditas,  
El-rei que á porta batia:  
—Se a condessa não é morta,  
Que então elle a mataria.  
—«A condessa não é morta  
Mas está na agonia.  
«—Deixa-me dizer, meu conde,  
Uma oração que eu sabia.  
—«Dizei depressa, condessa,  
Antes que amanheça o dia.  
«—Ai! quem poderá rezar.<sup>11</sup>  
Ó virgem Santa Maria!  
Que eu não me peza da morte,  
Peza-me da alevozia:  
Mais me peza de ti, Conde,  
E da tua covardia.  
Matas-me por tuas mãos,  
Só porque el-rei o queria!  
Ai! Deus te perdõe, Conde,  
Lá na hora da contia.<sup>12</sup>  
Deixar-me dizer adeus  
A tudo o que eu mais queria;  
A's flores d'este jardim,  
A's aguas da fonte fria.  
Adeus cravos, adeus rosas,  
Adeus flor da Alexandrial  
Guardae-me vos meus amores  
Que outrem me não guardaria.  
Dêem-me cá esse menino,  
Entranhas de minha vida;  
D'este sangue de meu peito  
Mamará por despedida.  
Mama, meu filhinho, mama  
D'esse leite da agonia;  
Que atégora tinhas mãe,  
Mãe que tanto te queria,  
Amanhan terás madраста  
De mais alta senhoria...»

Tocam n'os sinos na séria...  
Ai Jesus! quem morreria?  
Responde o filhinho ao peito,<sup>13</sup>  
Respondeu — que maravilha!  
«Morreu, foi a nossa Infanta  
Pelos males que fazia;  
Descasas os bem casados:  
Coisa que Deus não queria.

## LIÇÃO CASTELHANA

RETRAÍDA está la Infanta,  
Bien así como solia,  
Viviendo muy descontenta  
De la vida que tenia,  
Viendo que ya se pasaba  
Toda la flor de su vida,  
Y que el rey no la casaba,  
Ni tal cuidado tenia,  
Entre si estaba pensando

A quien se descobriria,  
Y acordó llamar al rey  
Como otras veces solia,  
Por decirle su secreto  
Y la intencion que tenia,  
Vino el rey siendo llamado,  
Que no tardó su venida:  
Vidola estar apartada,  
Sola está sin compañía,

<sup>9</sup> *Moína*, substantivo, talvez por *moína sorte*, é usado dos classicos alguma vez, e commun hoje ao povo das provincias quasi todas.

<sup>10</sup> Um conselho te daria. — *Beirabaixa*.

<sup>11</sup> No poemeto castelhano a condessa reza — e não é effa a sua *prehiera*: mais bonito e mais peitico é o pensamento do autor portuguez, que lhe não da nem animo para rezar.

<sup>12</sup> Na hora em que contar contigo, em que te tomar contas. É a phrase expressiva dos inglezes: *In the hour of reckoning*.

<sup>13</sup> Quasi todas as lições provinciales omittem os dois versos ultimos d'esta copla, e o pensamento que elles encerram. Só uma lição da borda d'agua os traz, e julguei que mereciam ser encorporados no texto. Este prodigio de lalarem os innocentes ao peito das mães, nas grandes circumstancias publicas ou nas grandes crises domesticas, era mui favorito dos nossos. Na aclamação de D. João I bem sabido é que uma criança tirou todas as duvidas bradando do collo da mãe: «Real Real, pelo mestre d'Aviz rei de Portugal.» N'outro romance d'esta collecção, o de «Dom Beltrão», veremos falar o cavallo de um morto cavalleiro.



Su lindo gesto mostraba  
 Ser mais triste que solia.  
 Conociera luego el rey  
 El enojo que tenia.  
 —¿Qué es aquesto, la Infanta?  
 ¿Qué es aquesto, hija mia?  
 Contadme vuestros enojos,  
 No tomeis malenconia,  
 Que sabiendo la verdad  
 Todo se remediaría.  
 —Menester será, buen rey,  
 Remediar la vida mia,  
 Que á vós quedé encomendada  
 De la madre que tenia.  
 Con verguenza os lo demando,  
 No con gana que tenia,  
 Que aquestos cuidados tales  
 A vos, rey, pertenecian.»  
 Escuchada su demanda,  
 El buen rey la respondia:  
 —Esa culpa, la Infanta,  
 Vuestra era, que no mia,  
 Que ya fuerades casada  
 Con el Príncipe de Hungria;  
 No quisistes escuchar  
 La embajada que venia,  
 Pues acá en la nuestra corte,  
 Hija, mal recaudo habia,  
 Sino era el Conde Alarcos  
 Que hijos y muger tenia.  
 «Convidaldo vos, el rey,  
 Al Conde Alarcos un dia,  
 Y despues que hagais comido  
 Decilde de parte mia,  
 Decilde que si se acuerde  
 De la fé que del tenia,  
 La qual él me prometió,  
 Que yo no se la pedia,  
 De ser siempre mi marido  
 Y yo que su muger sería.  
 Yo fui dello muy contenta  
 Y que no me arrepentia.  
 Si casó con la Condesa,  
 Que mirára lo que hacia,  
 Que por él no me casé  
 Con el Príncipe de Hungria:  
 Si casó con la Condesa  
 Dél es culpa, que no mia.»  
 Perdiera el rey en la oír  
 El sentido que tenia,  
 Mas despues en si tornado  
 Con enojo respondia:  
 —No son estos los consejos  
 Que vuestra madre os decia:  
 Muy mal mirastes, infanta,  
 Do estaba la honra mia.  
 Si verdad es todo eso,  
 Vuestra honra ya es perdida:  
 No podeis vos ser casada  
 Mientras la condesa viva.  
 Si se hace el casamiento  
 Por razon ó por justicia,  
 En el decir de las gentes  
 Por mala sereis tenida.  
 Dadme vos, hija, consejo,  
 Que el mio no bastaria;  
 Que ya es muerta vuestra madre  
 A quien consejo pedia.  
 «Pues yo os lo daré, buen rei,  
 D'este poco que tenia:  
 Mate el conde á la condesa,  
 Que nadie no lo sabria;  
 Y eche fama que ella es muerta  
 De um cierto mal que tenia,  
 Y tratarse ha el casamiento  
 Como cosa no sabida.

Désta manera, buen rey,  
 Mi honra se guardaria.»  
 De alli se salia el rey,  
 No con placer que tenia;  
 Lleno va de pensamientos  
 Con la nueva que sabia;  
 Vido estar al conde Alarcos  
 Entre muchos que decia:  
 —¿Que aprovecha, caballeros,  
 Amar y servir amiga,  
 Siendo servicios perdidos  
 D'onde firmeza no habia?  
 No pueden por mi decir  
 Aquesto que yo decia  
 Que en el tiempo que servi  
 Una que tanto queria,  
 Si bien la quise entonces,  
 Agora mas la queria;  
 Mas por mi pueden decir:  
 Quien bien ama tarde olvida.»  
 Estas palabras diciendo,  
 Vido al buen rey que venia,  
 Y hablando con el rey,  
 De entre todos se salia:  
 Dijole el buen rey al conde  
 Hablando con cortesía:  
 —Convidaros quiero, Conde,  
 Por mañana en aquel dia,  
 Que querais comer conmigo  
 Por tenerme compañía.  
 —«Que se haga de buen grado  
 Lo que su alteza decia:  
 Beso sus manos reales  
 Por la buena cortesía:  
 Detenerme he aqui mañana,  
 Aunque estaba de partida.  
 Que la condesa me espera  
 Segun carta que me envia.»  
 Otro dia de mañana  
 El rey de misa salia,  
 Luego se asentó á comer,  
 No por gana que tenia,  
 Sino por hablar al conde  
 Lo que hablarle queria.  
 Alli fueron bien servidos  
 Como á rey pertencia:  
 Despues que hubieron comido,  
 Toda la gente salida,  
 Quedóse el rey con el Conde  
 En la tabla do comia.  
 Empezó el rey á hablar  
 La embajada que traia:  
 —Unas nuevas traigo, Conde,  
 Que d'ellas no me placia,  
 Por las cuales yo me quejó  
 De vuestra descortesía:  
 Prometistes á la Infanta  
 Lo que ella no os pedia,  
 De siempre ser su marido,  
 Y á ella que le placia.  
 Si á otras cosas pasaste  
 No entro en esa profía.  
 Otra cosa os digo, Conde,  
 De que mas os pesaria:  
 Que mateis á la Condesa,  
 Que así cumple á la honra mia  
 Echeis fama de que es muerta  
 De cierto mal que tenia,  
 Y tratarse ha el casamiento  
 Como cosa no sabida,  
 Porque no sea deshonrada  
 Hija que tanto queria.»  
 Oidas estas razones,  
 El buen Conde respondia:  
 —«No puedo negar, el rey,  
 Lo que la Infanta decia,

Sino que es muy gran verdad  
 Todo cuanto me pedia.  
 Por miedo de vós el rey,  
 No casé con quien debía.  
 Ni pensé que vuestra alteza  
 En ello consentiria,  
 De casar con la Infanta  
 Yo, señor, bien casaria;  
 Mas matar á la condesa,  
 Señor rey, no lo haria.  
 Porque no debe morir  
 La que mal no merecia.  
 —De morir tiene, buen Conde,  
 Por salvar la honra mia,  
 Pues no miráste primero  
 Lo que mirar se debía:  
 Si no muere la condesa,  
 A vos costará la vida.  
 Por la honra de los reyes  
 Muchos sin culpa morian,  
 Que muera por la condesa  
 No es mucha maravilla.  
 —«Yo la mataré, buen rey;  
 Mas no sea la culpa mia,  
 Vós os avendreis con Dios  
 En el fin de vuestra vida,  
 Y prometo á vuestra alteza,  
 A fé de caballeria,  
 Que me tengan por traidor  
 Si lo dicho no cumplia,  
 De matar á la condesa  
 Aunque mal no merecia  
 Buen rey, si me daes licencia  
 Luego yo me partiria.  
 —Vayais con Dios, el buen Conde,  
 Ordenad vuestra partida.»  
 Llorando se parté el conde,  
 Llorando sin alegria;  
 Lloraba tambien el Conde  
 Por tres hijos que tenia,  
 El uno era de teta,  
 Que la condesa lo cria,  
 Que no queria mamar  
 De tres amas que tenia,  
 Si no era de su madre  
 Porque bien la conocia;  
 Los otros eran pequeños,  
 Poco sentido tenian.  
 Antes que el conde llegase,  
 Estas razones decia:  
 —«¿Quién podrá mirar, condesa,  
 Vuestra cara de alegria  
 Que saldreis á recibirme  
 A la fin de vuestra vida?  
 Yo soy el triste culpado,  
 Esta culpa toda es mia.»  
 En diciendo estas palabras  
 Ya la condesa salia,  
 Que un page le havia dicho  
 Como el conde ya venia.  
 Vido la condesa al conde  
 La tristeza que tenia,  
 Vióle los ojos llorosos  
 Que hinchados los tenia,  
 De llorar por el camino  
 Mirando el bien que perdia.  
 Dijo la condesa al conde:  
 «—Bien vengais, bien de mi vida!  
 ¿Que habeis, el conde Alarcos?  
 ¿Porque llorais, vida mia?  
 Que venis tan denuadado  
 Que cierto no os conocia,  
 No parece vuestra cara  
 Ni el gesto que ser solia;  
 Dadme parte del enojo  
 Como dais de la alegria.

Decídmelo luego, conde,  
 No mateis la vida mia.  
 —«Yo lo diré bien, condesa,  
 Cuando la hora seria.»  
 «—Si no me lo decís, conde,  
 Cierito yo reventaria.  
 —No me fatiguis, señora,  
 Que no es la hora venida.  
 Cenemos luego, condesa,  
 D'aqueso que en casa habia.  
 «—Aparejado está, conde,  
 Como otras veces solia.»  
 Sentóse el conde á la mesa,  
 No cenaba ni podia,  
 Con sus hijos al costado,  
 Que muy mucho los queria  
 Echóse sobre los hombros,  
 Hizo como que dormia.  
 De lágrymas de sus ojos  
 Toda la mesa cubria:  
 Mirándole la condesa  
 Que la causa no sabia,  
 No le preguntaba nada,  
 Que no osaba ni podia.  
 Levantóse luego el conde,  
 Dijo que dormir queria,  
 Dijo tambien la condesa  
 Que ella tambien dormiria,  
 Mas entre ellos no habia sueno,  
 Si la verdad se decia.  
 Vanse el conde y la condesa,  
 A dormir donde solian;  
 Dejan los niños de tuera,  
 Que el conde no los queria:  
 Leváronse el mas chiquito,  
 El que la condesa cria:  
 El conde cierra la puerta,  
 Lo que hacer solia.  
 Empezó de hablar el Conde  
 Con dolor y con manilla:  
 —«¡O desdichada condesa,  
 Grande fue la tu desdicha!  
 «—No soy desdicha, conde,  
 Por dichosa me tenia  
 Solo en ser vuestra muger:  
 Esta fué gran dicha mia.  
 —«Si bien lo mirais, Condesa,  
 Esa fué vuestra desdicha.  
 Sabed que en tiempo pasado  
 Yo amé á quien servia,  
 La cual era la infanta.  
 Por desdicha vuestra y mia.  
 Prometi casar con ella,  
 Y á ella que le placia.  
 Demándame por marido  
 Por la fé que me tenia.  
 Puédelo muy bien hacer  
 Por razon y por justicia:  
 Dijomelo el rey su padre  
 Porque della lo sabia.  
 Otra cosa manda el rey  
 Que toca en el alma mia:  
 Manda que muerais, condesa,  
 A la fin de vuestra vida,  
 Que no puede tener honra  
 Siendo vós, condesa, viva.»  
 De qu'esto oyo la condesa,  
 Cayó en tierra mortecida;  
 Mas despues en si tornada  
 Estas palabras decia:  
 «—Pagados son mis servicios,  
 Conde, con que yo os servia!  
 Si no me mateis, el conde,  
 Yo bien os aconsejaria:  
 Enviédsme á mis tierras,  
 Que mi padre me ternia;

Yo criaré vuestros hijos  
 Mejor que la que vernia,  
 Y os mantendré castidad  
 Como siempre os mantenía.»  
 —«De morir habeis, condesa,  
 Antes que amanezca el día.»  
 —«Bien parece, conde Alarcos,  
 Yo ser sola en esta vida,  
 Porque tengo el padre viejo,  
 Mi madre ya es falecida,  
 Y mataron a mi hermano  
 El buen conde Don García,  
 Que el rey lo mandó matar  
 Por miedo que del tenia.  
 No me pesa de mi muerte,  
 Porque yo de morir tenia,  
 Mas pésame de mis hijos  
 Que pierden mi compañía:  
 Hacémoslos venir, conde,  
 Y verán mi despedida.  
 —«No los vereis, mais, condesa,  
 En días de vuestra vida  
 Abrazad ese chiquito  
 Que aqueste es el que os perdía.  
 Pésame de vos, condesa,  
 Cuanto pésame me podía.  
 No os puedo valer, señora,  
 Que mas me va que la vida;  
 Encomendao a Dios  
 Qu'esto de hacerse tenia  
 »—«Déjisme decir, buen conde,  
 Una oracion que sabia  
 —«Decidla presto, condesa,  
 Antes que amanezca el día.  
 «—Presto la habré dicho, conde,  
 No estaré un Ave Maria.»  
 Afinojóse en la tierra  
 Y esta oracion decia:  
 «En las tus manos, Señor,  
 «Encomiendo el alma mia:  
 «No me juzges mis pecados  
 «Segun que yo mercia,  
 «Mas segun tu gran piedad  
 «Y la tu gracia infinita.»  
 Acabada es ya, buen conde,  
 La oracion que yo sabia;  
 Encomendaoos esos hijos  
 Que entre vos y mi habia;  
 Y rogad a Dios por mi  
 Mientras tuiéredes vida;

Que a ello sois obligado,  
 Pues que sin culpa moria.  
 Dédesme acá ese hijo,  
 Mamará por despedida. ~~66~~  
 —«No lo despertéis, condesa,  
 Dejaldo estar que dormia,  
 Sino que os pido perdon  
 Porque ya llegaba el dia.  
 —«A vos yo perdono, conde,  
 Por amor que vos tenia;  
 Mas yo no perdono al rey,  
 Ni á la infanta su hija,  
 Sino que queden citados  
 Delante la alta justicia,  
 Que allá vayan á juicio  
 Dentro de los treinta dias.»  
 Estas palabras deciendo,  
 El conde se apercebía:  
 Echóle por la garganta  
 Una toca que tenia,  
 Apretó con las dos manos  
 Con la fuerze que podia,  
 No le aflojo la garganta  
 Mientras que vida tenia.  
 Cuando ya la vido el conde  
 Trespasada y falecida,  
 Desnudóle los vestidos  
 Y las ropas que tenia,  
 Echola encima la cama,  
 Cabrióla como solia;  
 Desnudose a su costado  
 Obra de un Ave Maria;  
 Levantóse dando voces  
 A la gente que tenia:  
 —«Socorro, mis escuderos,  
 Que la condesa se fina »  
 Hallan la condesa muerta.  
 Los que á socorrer venian.  
 Asi murió la condesa,  
 Sin razon y sin justicia;  
 Mas tambien todos murieron  
 Dentro de los treinta dias.  
 Los doce dias pasados  
 La infanta ya se moria,  
 El rey á los veinte y cinco,  
 El conde al treinteno dia.  
 Allí fueron á dar cuenta  
 A la justicia divina:  
 Acá nos dé Dios su gracia,  
 Y allá la gloria cumplida. 1

## TRADUÇÃO INGLEZA

ALONE, as was her wont, she sat, — within her tower alone  
 Alone and very desolate Solina made her moan,  
 Lamenting for the flower of life, that it should pass away,  
 And she be never wooed to wife, nor see a bridal day.

Thus said the sad Infanta:—I will not hide my grief,  
 I'll tell my father of my wrong, and he will yield relief:  
 The king, when he beheld her near:—«Alas! my child» said he,  
 «What means this melancholy cheer? Reveal thy grief to me.»

—«Good king,» she said, «my mother was buried long ago,  
 She left me to thy keeping, now else my grief should know;  
 I fain would have a husband, 't is time that I should wed;  
 Forgive the words I utter, with wide shame they are said.»

It was thus the king had answer:—«This fault is none of mine,  
 You to the prince of Hungary your ear would not incline,  
 Yet round us here where lives your peer? Nay, name him if you can,  
 Except the count Alarcos, and he is a married man.»

—«Ask count Alarcos if of yore his word he did not plight  
 To be my husband evermore, and love me day and night;  
 If he has bound him in new vows, old oaths he cannot forsake.  
 Alas! I've lost a loyal spouse for a false lover's sake.»

The good king este confounded to silence for some space,  
 At length he made his answer, with very troubled face:  
 —«It was not thus your mother gave counsel you should do;  
 You've done much wrong, my daughter; we're shamed, both I and you»

«If it be true that you have said, our honour's lost and gone;  
 And while the countess is in life, reuenced for us is none;  
 Though justice were upon our side, ill-talkers would not spare.  
 Speak, daughter, for your mother's dead, whose counsel eased my care»

—«How can I give you counsel?—but little wilt have I;  
 But certes count Alarcos may make his countess die;  
 Let it be noted that sickness cut short her tender life,  
 And then let count Alarcos come and ask me for his wife.  
 What passed between us long ago, of that benching said;  
 Thus none should our dishonour know, in honour shall I wed.»

The count was standing with his friends—thus in the midst he spake!  
 —«What fools be men!—what hosts our pain for comely woman's sake»

I loved a fair one long ago;—though I am a married man,  
 Sad memory I can ne'er forego, low life and love he gave.»

While yet the count was speaking, the good king came full there;  
 He made his salutation with very courteous cheer.  
 —«Come hither, count Alarcos, and dine with me this day;  
 For I have something secret, I in your ear must say.»

The king came from the chapel, when he had heard the mass;  
With him the count Alarcos did to his chamber pass;  
Full boldly were they served there, by pages many a one;  
When all were gone, and they alone, 't was thus the king begun.

—«What news he there, Alarcos, that you your word did plight,  
To be a husband to my child, and love her day and night?  
If more between you there did pass, yourself may know the truth.  
But shamed is my grey head—alas!—and scorned Solles's youth.

«I have a heavy word to speak,—a lady fair do the lie  
Within my daughter's rightful place, and certe! she must die.  
Let it be noted that sickness cut short her tender life;  
Then come an I woo my daughter, and she that be your wife,  
What passed between you long ago, of that be nothing said,  
Thus come—hail my dishonour know—in honour you shall wed.»

Thus spake the count Alarcos. —«The truth I'll not deny,  
I to the Infanta gave my word, and broke it shamefully;  
I feared my klag would never consent to give me his fair daughter;  
But oh! spare her that's innocent—avoid! that sinful slaughter.»

—«She dies: she dies! the king replies:—«from thine own six  
If guiltless blood must wash the blot which stains the blood of kings,  
Ere morning dawn, her life must end, and thine must be the deed.  
Else thou on shameful block must bend: thereof is no reueed.

—«Good king, my hand thou may'st command, else treason blots my  
name!  
I'll take the life of my dear wife—(God! mine be not the blame).  
Alas! that young and suileless heart for other's sin should bleed!  
Good king in sorrow I depart:—«May God your errand speed!

In sorrow he departed, dejectedly he rode  
The weary journey from palace unto his own abode:  
He grieved for his fair countess, dear as his life was she;  
Sore grieved he for that lady, and for his children three.

The one was yet an infant upon his mother's breast,  
For though it had three nurses, it liked her milk the best:  
The others were young children, that had but little wit,  
Haunting about their mother's knee while nursing she did sit.

—«Alas!» he said, when he had come within a little space.  
«How shall I brook the cheerful look of my kind lady's face?  
To see her coming forth in glee to meet me in my hall,  
When she so soon a corpse must be, and I the cause of all!»

Just then he saw her at the door with all her babes appear,  
The little page had run before to tell his lord was near:  
—«Now welcome home, my lord, my life!—Alas! you droop your  
head:

Tell, Count Alarcos, tell your wife, what makes your eyes so red?

—«I'll tell you all, I'll tell you all: it is not yet the hour;  
We'll sup together in the hall... I'll tell it you in your bower.  
The lady brought for what she had, and down beside him sat:  
He sat beside her pale and sad, but neither drank nor ate.

The children to his side were led (he loved to have them so),  
Then on the board he laid his head, and out his tears did flow:  
—«I fain would sleep... I fain would sleep.» the Count Alarcos said.  
Alas! he sure, that sleep was none that night within their bed.

They came together to the hower where they were used to rest.  
None with them but the little babe that was upon the breast:  
The count had barred the chamber doors—They ne'er were barred  
till then:

—«Unhappy lady, he began, «and I most lost of men!»

—«Now, speak not so, my noble lord, my husband and my life!

Unhappy never can she be that is Alarcos's wife.»

—«Alas, unhappy lady, 't is but little that you know,  
For in that very word you've said, is gathered all your woe.

«Long since I loved a lady,—long since I oaths did plight,  
To be that lady's husband, to love her day and night:  
Her father is our lord the king, to him the thing is known,  
And now, that I the news should bring! she claims me for her own.

«Alas! my love!... alas! my life!... the right is on their side;  
Ere I had seen your face, sweet wife, she was betrothed my bride;  
But, oh! that I should speak the word since in her place you lie,  
It is the bidding of our lord, that you this ought must die.

—«Are these the wages of my love, so lowly and so lean?  
Oh, kill me not, thou noble Count, when at thy foot I kneel!  
But send me to my father's house, where once I dwelt in glee.  
There thou I live alone chaste life, and rear my children three!»

—«It may not be: mine oath is strong; ere dawn of day you die!  
—«Oh well! 't is seen how all alone upon the earth am I;  
My father is an old frail man, my mother's in her grave,  
And dead is stout Don Garcil... Alas! my brother brave!

«'Twas at this coward king's command they slew my brother dear,  
And now I'm helpless in the land. It is not death I fear,  
But loath am I to depart, and leave my children so.  
Now let me lay them to my heart, and kiss them ere I go.»

—«Kiss him that lies upon thy breast; the rest thou mayst not see.»  
—«I fain would say an Ave.»—«Then say it speedily.»  
She knelt her down upon her knees—«Oh, Lord! behold my case;  
Judge not my deeds, but look on me in pity and great grace.»

When she had made her orison, up from her knees she rose;  
—«Be kind, Alarcos, to our babes, and pray for my repose;  
And now give me my boy once more upon my breast to hold,  
That the way drink one farewell drink, before my breast be cold.»

—«Why would you wake the poor child? you see he is asleep.  
Prepare, dear wife; there is no time, the dawn begins to peep.»  
—«Now hear me, count Alarcos! I give thee pardon free;  
I pardon thee for the love's sake wherewith I've loved thee.

«But they have not my pardon, the king and his proud daughter!  
The curse of God be on them for this unchristian slaughter!  
I charge them with my dying breath, ere thirty days I go,  
To meet me in the realm of death, and at God's awful throne!

He drew a kerchief round her neck, he drew it tight and strong  
Until she lay quite stiff and cold her chamber floor along;  
He laid her then within the sheets, and, kneeling by her side,  
To God and Mary Mother in misery he cried.

Then called he for his esquire:—«Oh! deep was their dismay,  
When they into the chamber came, and saw her how she lay.  
Thus died she in her innocence, a lady void of wrong...  
But God took heed of her offence. His vengeance stayed not long.

Within twelve days, in pain and dole, the Infanta passed away  
The cruel king gave up his soul upon the twentieth day;  
Alarcos followed ere the moon had made her round complete;  
Thence guilty spirit stood right soon before God's judgment-seat. I

## O CONDE D'ALLEMANHA

O romance-xácara do *Conde d'Allemanha* tem um pensamento bello e moral, e o *style* d'aquella simplicidade sublime e verdadeiramente antiga, que é o sello das composições originaes e primitivas, de quando a arte, espelho ainda rudo porém ainda ingenuo, não faz mais do que reflectir a natureza mas reflecte-a com toda a verdade.

Uma filha — uma infanta, pois quasi todos estes contos de «era uma vez ha muito» são de infantas e princezas — uma filha tem a desgraça de vir a descobrir a «criminal conversação» de sua mãe com um cavalleiro mancebo e estrangeiro, um certo «conde d'Allemanha» — *Allamanha*, ou tambem *Aramenha*, como em algumas partes diz a lição do povo. El rei anda á caça segundo é de uso usado n'estes reinos antigos — ao menos occupavam-se n'isso! — e a filha protesta dizer lhe tudo em elle chegando, apesar dos rogos e peitas com que a mãe a procura fazer callar. Chega o pae, a infanta vae resoluta a elle... Horrroso espectáculo! A tremenda accusação d'adulterio proferida pela filha contra a mãe! O terror chega ao seu auge, a peripécia é grande e sublime... A filha accusa o seductor, mas salva a mãe; accusa-o de um grande attentado que lhe deve custar a vida, mas outro, mas differente: o de lhe lançar mãos violentas, o de attentar contra a honra d'ella infanta!

A falsa querella leva o conde ao cadafalso; mas o crime verdadeiro fica punido e a honra do pae desagravada sem se revelar a infamia da mãe.

E' visível que este romance foi composto para celebrar um facto real e historico, alguma d'essas negras e sanguinolentas tragedias, que tam frequentes se representavam nas escuras camaras de nossos antigos paços e solares. Nenhuma justiça ousava entender n'esses crimes dos grandes, nenhuma voz os denunciava; e apenas o trovador ou jogral em sua ronda de terra em terra, de

tôrre em tôrre, ia repetir, longe n'uma, o que muito longe d'alli tinha ouvido n'outra: — eccos vagos e confusos da historia verdadeira que nem elle saberia nem ousaria contar toda, e que mais desfigurados e confusos ficavam no monotono trovar de suas cantadas coplas, cantadas ao som uniforme d'aquella triste melopéa que ainda hoje dura na memoria dos povos, d'onde toda se obliterou, se alguma houve nunca, a lembrança dos factos e nomes verdadeiros d'esta e de eguaes tradições.

Facto conhecido na historia de Portugal ou de outra parte de Hespanha, não sei que o memore este romance; mas inclino-me a crê-lo de origem portugueza, isto é, que originalmente fôsse composto no dialecto portuguez, ou legio-lusitano, porque ainda agora ha mais simplicidade e mais natural na *edição* (tambem mais completa) que d'elle nos dá a tradição oral do nosso povo, do que na lição escripta e impressa em que o conservaram os collectores castelhanos desde 1511 que se publicou o seu primeiro romanceiro geral.

Ainda no anno em que isto se escreve, 1841, é esta uma das xácaras mais validas, mais cantadas, e mais sabidas da gente dos campos. Assim de todas as provincias, até das de além mar, obtive cópias d'ella; algumas visivelmente adulteradas com grosseiros *rifacimentos* modernos, addições e «melhoramentos» de algum presumido cantor de aldeia que pretendeu corrigir estas antigualhas como os nossos architectos de Lisboa corrigiram o convento de Belem, e aperfeiçoaram o frontispicio da Conceição velha.

Collecionando umas cóplas com outras e com a lição castelhana segundo Depping e Agostim Duran, apurei o que me parece o texto mais legitimo e verosimil.

Juntei no fim alguma variante mais notavel e que apparecia mais repetida, e tambem a versão castelhana.

## O CONDE D'ALLEMANHA

Já lá vem o sol na serra,<sup>1</sup>  
 Já lá vem o claro dia,  
 E inda o conde d'Allemanha  
 Com a rainha dormia.  
 Não o sabe homem nascido  
 De quantos na corte havia;  
 Só o sabia a infanta,<sup>2</sup>  
 A infanta sua filha.  
 —Não n'as chegue eu a romper<sup>3</sup>  
 Mangas da minha camisa,  
 Se em vindo meu pae da caça  
 Eu logo lh'o não diria.  
 «Call'-te, call'-te, lá infanta,  
 Não digas tal, minha filha,  
 Que o conde d'Allemanha  
 De oiro te vestiria.  
 —Não quero vestidos d'oiro;<sup>4</sup>  
 Mão fogo em quem n'os vestira!  
 Padrasto com meu pae vivo,  
 Nunca eu o consentiria.

Palavras não eram ditas,  
 El-rei que á porta batia  
 —Deus venha c'o senhor pae  
 E o traga na sua guia!  
 Tenho para lhe contar  
 Um conto de maravilha.  
 Estando eu no meu tear<sup>5</sup>  
 Seda amarella tecia,  
 Veiu o conde d'Allemanha  
 Tres fios d'ellafme tira...

—«Call'-te d'ahi, minha filha,  
 Ninguém te oiça dizer tal:  
 Que o conde d'Allemanha  
 E' menino, quer brincar.»  
 —Arrengo dos seus brinco<sup>6</sup>  
 Mais do seu negro folgar!  
 Que me tomou nos seus braços,  
 A' cama me quiz levar.  
 —«Calla-te já minha filha,  
 Ninguém te oiça mais falar;  
 Que em antes que o sol se ponha  
 Vae o conde a degollar.»

Veis-lo conde d'Allemanha,  
 Veis-lo vae a degollar;  
 Ao rabo do seu cavallo  
 Lá o levam a arrastar.

—Venha cá, senhora mãe,<sup>7</sup>  
 Venha ao mirante folgar,  
 Veja um conde tão formoso  
 Que ahi vae a degollar.  
 «Mal haja, filha, o meu leite,  
 Mais quem t'o deu de mamar,  
 Que a um conde tam bonito  
 A morte foste causar.»

—Cal'-se d'ahi, minha mãe,  
 Ninguém lhe oiça dizer tal,  
 Que a morte que o Conde leva  
 Não lh'a faça eu levar.<sup>8</sup>

## LIÇÃO CASTELHANA

A tan alta va la luna  
 Como el sol á medio dia,  
 Cuando el buen Conde Alleman  
 Con esa yacia.  
 ~ o lo sabe hombre nacido  
 De cuantos en corte habia,  
 Sino solo la Condesa,  
 Esa Condesa su hija  
 Asi la dueña la hablára,  
 De esta manera decia:  
 —Cuanto viéredes, Condesa,  
 Cuando viéredes encobrido,  
 Daros ha el Conde Alleman  
 Un manto de oro fino.  
 «Mal fuego le queme, madre,  
 El manto de oro fino,  
 Cuando en vida de mi padre  
 ¡viérese padrasto vivo.»

De alli se fuera llorando.  
 Al Conde su padre ha visto.  
 —«Porque llorais, la Condesa?  
 Decid ¿quien llorar os hizo?  
 «Yo me estaba aqui comiendo,  
 Comienlo sopas en vino,  
 Entró el Conde Alleman  
 Y echólas por el vestido.  
 —«Calleis, mi hija, calleis,  
 No tomeis deso pesar,  
 Que el Conde es niño y muchacho,  
 Hacerlo ha por burlar.  
 «Cuando me tomó en sus brazos,  
 No me quizo respetar.  
 —«Si el os tomó en sus brazos  
 Y con vos quizo holgar  
 En antes que el sol saliese  
 Yo lo mandaré matar.<sup>1</sup>

1 Já e sol dá na vidraça—*Ribatejo*.

2 Sabia o Dona Silvana—*Alfama*.

3 Satia-o Dona Bernarda—*Beiralta*.

4 Mangas da minha camisa,

Não n'as chegue eu a romper,

Se em vindo meu pae da missa

Logo lho não téir dizer—*Minho*.

4 Não quero vestidos de oiro,

Pois os tenho de damasco:

Inda tenho meu pae vivo,

Já me querem dar padrasto—*Ribatejo, Traços-Montee, Beiralta*.

5 Estando eu no meu tear

Tecendo seda amarella,

Veiu o conde d'Allemanha

Tres fios me firou d'ella—*Porto, e outras*.

6 Arrengo de tal conde—*Beirabixa*.

7 Aqui as variantes são infinitas: é a passagem que todos os

engenhos d'aldeia se comprazem mais a parafrazear e a fazer

thema de seus floreados e variações, modernizando-a sem obedecer

á rima certa do romance e quando menos ao seu toante ou assoante

obrigado, cujas severas leis não permitem que se mude senão em

espaços regulares, e nunca mais de duas ou tres vezes em todo o

decurso do mais extenso d'elles.

Ponho aqui uma amostra d'estas que não são variantes, mas variações modernas.

Venha cá, senhora mãe.

Para a janella do mein,

Vêr o conde d'Allemanha

Enfeitado de vermelho.

Venha cá, senhora mãe,

A' janella do quintal.

Vêr o conde d'Allemanha

Como vae a degollar.

Venha cá, ó minha mãe,

Venha á janella do canto,

Venha vêr o senhor conde

Como lhe parece o branco.

Venha vêr, ó minha mãe,

A' janella do poço.

Venha vêr o senhor conde

Com uma corda ao pescoço.

8 Algumas cópias, especialmente as da Beiralta e Ribatejo, trazem no fim uma especie de conclusão ou rabo-leva: o que G de Rezende chamaria *cabo ou fym* (vej. *Canc. de Rez.*: remate que todavia se encontra quasi pelas mesmas palavras em muitas outras sacaras e romances).

N'uma campá raza e triste

Já o deixam enterrado;

Pozeram-lhe á cabeceira

Um leitreiro bem lavrado.

Para quem passar que diga:

—Aqui jaz o malfadado.

Que morreu de mal d'amores,

Que é mal desesperado.—

1 *Romancero* de D. Aug. Duran, tom. IV, pag. 1. Ochoa, *Teoro*, pag. 9.

## DOM ALEIXO

Tem este romance um viço, um frescor de originalidade que recende. Todo elle respira a graça desaffeitada da poesia primitiva. E todavia é fino, elegante, cheira a um salão de castello da meia idade, aos perfumes do *boudoir* de uma nobre donzella do tempo da *Madre-silva* ou da *Ala-dos-Namorados*. Se o cantaria o condestabre á sua dama? Ou o Magriço áquellas misses de olhos azues que foi defender a Inglaterra? Ou se o traria de Normandia o conde de Abranches?

Sabemos que estas coisas eram já mais moda do que as irrevezadas trovas trovadas d'el-rei Dom Diniz e de seus donzeis e discípulos, pois temos nos chronistas a auctoridade de Nun'Alvares Pereira, que era o grande modelo de seu tempo, e preferia os romances d'el-rei Arthur e de sua Távola, a todas as pieguices alambicadas da eschola provençal.

Não quero dizer que seja *Dom Aleixo* tam antigo como *Amadis* em sua linguagem e composição. Digo que a historia e o modo de a contar sabem a esses primitivos tempos. Vasco de Lobeira pôde ser mais velho um seculo ou dous; mas o menestrel que disse este cantar, não o fez mais moderno, talvez menos. Na mesma montanha e na mesma estação do anno varia a temperatura, o clima e a vegetação por tal modo, que o viajante pôde imaginar-se estar no mesmo dia, na primavera e no inverno, no estio e no outomno, segundo sóbe para a cumiada ou desce para a falda da serra. Ainda no mesmo ponto e no mesmo jardim floresce em janeiro a planta que está no abrigo, exposta ao sol, livre da geada; enquanto sua egual e sua irman gela sem flor nem folha ao desabrido sôpro do nordeste. Será mais dobrada e mais brilhante a flor d'aquella; mas quando est'outra rebentar aos bafejos da primavera natural, o seu viço e perfume hão-de ser mais vivos e de mais força.

Assim é com a poesia: na mesma geração o poeta lido e letrado produzirá odes e sonetos que pareçam dous seculos mais modernos do que as inculcadas coplas do seu contemporaneo. N'aquelles a moda, a imitação dos modelos estimados do tempo, lhe es-

tampará com todas as letras o anno de sua composição: a originalidade d'estes não traz data, nem a tem, porque a natureza não varia com os seculos.

Não vêmos nós tambem a gente dos campos em muitas provincias da Europa trajar ainda hoje ás modas de ha seis ou sete centos annos, e de mais? As populações do Oriente, os povos pastores com especialidade, não vestem ainda hoje como nos mais remotos tempos de que saibamos?

Faço e escrevo estas considerações, porque ellas são precisas para avaliar conjecturalmente o que não tem livros nem monumentos nem documento outro algum por onde se estude ou se affira.

*Dom Aleixo* é dos nossos romances populares o que me chegou mais corrupto, interpolado, e de que menos lições provinciaes pude obter; só uns fragmentos da Beir Alta e outros de Lisboa. Se não fôra a copia do cavalheiro de Oliveira — de que me não valho senão em extremos, porque lhe dou menos fé que ás tradições oraes do povo — tinha-me sido impossivel restituil-o. Ainda assim algumas raras palavras foram por mim conjecturalmente substituidas. Taes são na copia que diz:

Ou se és alma que anda em penas,  
Te farei encommendar.

A tradição oral de Lisboa diz:

Eu'por ti menos daria,

o que não faz sentido algum; e devia de ser:

Eu te encommendaria,

sendo alli a rima em *ia*, não em *ar* como na nossa.

O argumento do romance é gracioso e lindo, pôstoque remate bem tragicamente. De tres irmans que viviam juntas, a mais pequena era tam amiga de saltar e folgar, que uma noite se vestiu de pagem, e passeiando, rua abaixo rua acima ao pé de sua casa, fingia querer cortejar alguma das tres irmans que alli moravam, e que tam parecidas eram,

tam de *egualhar*, que ella dizia, em des-  
prendido *stylo leonino*—e esse sim que é o  
mesmo em todos os tempos:

Das tres irmãs que aqui moram  
A qual hei de eu namorar?

Dom Aleixo, seu apaixonado d'ella, sen-  
tado no poial ao pé da porta, e disfarçado  
em ermitão, viu com despeito as fanfarroni-  
ces d'aquelle atrevido pagem que não reco-  
nheceu, e lhe quiz metter medo com uma

supposta espera que lhe estavam fazendo.  
Mas a dama pagem tinha animos de caval-  
leiro, alfrontou o perigo em vez de fugir. E  
quando Dom Aleixo reconhece a sua amada  
e lhe vae a deitar os braços, ella o fere mor-  
talmente com um punhal. E' singela a histo-  
ria, mas verosimil e interessante, como são  
todas estas que os nossos menestreis canta-  
vam.

Não apparece vestigio algum d'este ro-  
mance nas collecções castelhanas.

## DOM ALEIXO

Nós eramos tres irmans,<sup>1</sup>  
Todas tres de um egualhar;  
Uma ensinava á outra  
A cozer e a bordar.  
A mais pequena de todas  
Se foi, por noite, a tolgar<sup>2</sup>  
Com duas tochas acesas  
A porta do laranjal<sup>3</sup>  
Vestiu vestido de pagem  
Que lhe ficava a matar,  
Seu punhal de oiro na cinta,  
Seu borzeguim de alamar.  
Foi-e pela rua abaixo,  
Tornou acima a voltar:  
—Das tres irmans que aqui moram,  
A qual hei de eu namorar? —  
Nós de dentro do balcão,  
A rirmos de seu brincar.<sup>4</sup>  
As tochas tinha apagado,  
Vinha sahindo o luar,  
Passando junto da porta,  
Que os olhos foi a baixar,  
Viu estar um ermitão  
Assentado no poial.  
—Que fazeis aqui, meu padre,  
Que fazeis n'este lugar?  
O ermitão, sem responder,  
Começou-se a levantar.  
Tam alto im demazia,  
Alto, alto de pasmaz<sup>5</sup>  
—Se tu és a coisa má,  
Eu te quero esconjurar,  
Ou se és alma que an la em penas,  
Te farei encomendar.<sup>6</sup>  
«Eu não sou a coisa má  
Que tenhas de esconjurar;  
Tambem não sou alma em penas

Para tu me encomendar:  
Sou a alma de Dom Aleixo,  
Que aviso te venho dar:<sup>7</sup>  
Sete te estão esperando  
Na esquina, áquelle portal,  
E juram por Deus sagrado  
Que a vida te hão de tirar.

—Pois eu por esse lhe juro,<sup>8</sup>  
E pela Virgem Maria,  
Que outros sete que elles foram,  
Eu atraz não tornaria.  
Oh lá, oh lá, cavalleiros,  
Não levem de covardia.  
Puchem por suas espadas,  
Que eu pucharei pela minha.  
O que não trouxer espada,  
Eu esta lhe emprestaria,  
Que eu cá com meu punhal de oiro  
Defenderei minha vida.

Palavras não eram ditas,  
O ermitão se descobria;  
Foi a tomá-la nos braços  
Com sobeja demazia.  
Ella com seu punhal de oiro,  
Que na cintura trazia,  
Tal golpe lhe deu nos peitos,  
Que alli por morto cahia.  
—Quem te matou, Dom Aleixo.  
Quem te matou, minha vida?  
«Mataste-me tu, senhora,  
Que outro ninguem não podia.»  
Ergue-te, Dona Maria,  
Bem calçada e mal vestida,  
Agora, por mais que chores  
Tua alma fica perdida.<sup>9</sup>

1 É visível o erro e corrupção das lições que, faltando á rima obrigada, têm n'esta:

Nós eramos tres irmans,  
Todas tres de um paterer,  
Uma ensinava á outra

A bordar e a cozer.—*Beiralla*.

2 Andava pelo pomar.—*Lisboa*.

3 Ao redor do laranjal.—*Beiralla*.

4 Folgar.—*Beiralla*.

5 Que era coisa de pasmaz.—*Lisboa*.

6 Farei encomendar a tua alma, rezar por ti, dizermissas, etc.

7 Que te venho avisar.—*Lisboa*.

8 Pois pelo mesmo te juro.—*Beiralla*.

9 Esta ultima copia, que em todas as lições apparece, pertencerá com effeito ao romance? ou será fragmento de outro que se lhe cozeu pela ignorancia do vulgo? As minhas conjecturas inclinam-se á segunda d'estas opiniões; mas conservei a copia no texto por não encontrar uma só lição em que ella não venha. Certo é porém que as lições aqui são todas fragmentos



## SYLVANINHA

A rudeza da linguagem, a descompostura do stylo, e a nudez, pôstoque innocente, de algumas expressões e imagens caracterizam o romance popular da *Sylvaninha* por uma das mais antigas composições que a tradição dos povos tem conservado, de tempo immemorial na nossa península. Não dei com elle em nenhum romanceiro ou cancionero castelhano; mas não ha provincia de Portugal onde, mais ou menos completo, se não cante.

A cópia de que me servi quando pela primeira vez o publiquei em 1828, como fundamento e illustração da *Adoçinda*,<sup>1</sup> tinha sido obtida em Lisboa pelo paciente zelo de uma menina da minha amizade, que ia escrevendo no papel o que ora lhe cantava ora lhe rezava uma criada velha da provincia do Minho, ha muito anno aqui residente. Vae agora melhor restituído o texto com o auxilio de outras cópias que me mandaram da Beira do Ribatejo.

O assumpto d'este romance é feio e desnatural; mas são os que mais interessam o vulgo em toda a parte, e que preferiram sempre os poetas nas primitivas edades das nações. O coração aspero e cru, os sentimentos duros dos povos semibarbaros precisam d'esses violentos estímulos para vibrar — diz Sir Walter Scott<sup>2</sup> — o espirito ainda não está purificado bastante para fugir, como em tempos mais civilizados, de tam asquerosos meios de excitar interesse.

A vaidade de poeta moço fez-me escolher esta xácara para provar n'ella a mão quando me ensaiava a *traduzir* para a lingua e poesia de hoje, alguns dos antigos vestígios dos nossos obscuros Enios da meia idade, porque me irritavam essas mesmas difficuldades e me lisongeava de as vencer. Da *Sylvana* nasceu pois a *Adoçinda*, e em tem boa hora que d'ahi data o gosto da poesia popular entre nós: por onde não fui tam infeliz apezar dos escrúpulos com que fiquei, assim da perigosa trama que escolhi, como da tímida urdidura com que a cubri.

Hoje seria affectação ridicula omitir aqui aquelle texto em toda a sua crua nudez. Boa é a maxima dos romanos: *Facinora ostendi dum puntantur, flagitia autem abscondi debent*. Mas não será da publicação pela imprensa de uma xácara velha, que anda na memoria dos povos, que ha de vir a polluição do espirito, e menos ainda o derrancar do coração, que é a verdadeira doença-mãe de todas as doenças moraes.

Quanto se pôde julgar de uma coisa tam desbotada do tempo e das mãos por que tem passado, inclino-me a crêr que esta singela rhapsodia popular é anterior ou, se contemporanea, extranha á polida e estudada litteratura provençal do seculo XIII.

Que ja no tempo de D. Francisco Manuel de Mello ella era havida por coisa muito antiga, e de nenhum modo castelhana, temos bom documento no seu *Fidalgo aprendiz*, jornada segunda: <sup>1</sup>

Brites

Entoay, por meu prazer.  
Qualquer coisa.

Gil

Sem guitarra?

Brites

Eylla; tomay.

Gil

«Passeava-se Sylvana  
Por um corredor um dia...

Brites

Ay senhor! eu não queria  
Senão lettra castelhana.

Gil

Cantarey algaravia,  
Se mandays: pois que quereis?

Brites

Uma lettra nova quero...

O pensamento, o fundo das idéas, o primeiro desenho e, quando muito, o tom do colorido geral, é o que se deve examinar e considerar n'estes esbocetos antigos, tantas vezes pintados e repintados por pinceis de cada vez mais grosseiros e ignorantes, e sobre tudo empenhados sempre em moder-

<sup>1</sup> Vela prefacio e notas do 1.º vol. do *Romanceiro*, segunda edição (da *Adoçinda*), Lisboa 1843

<sup>2</sup> *Minstrelsy of the scottish borders*.

<sup>1</sup> Ed. de Leão de França, 1665, pag. 247.

nizar, pôr á moda e *façer bonito* o que lhes parecia tosco e grosseiro, só porque era simples e original.

O *stylo*, as palavras, a fôrma toda exterior de um d'estes romances parecerá muitas vezes, á primeira vista, de um seculo, e d'esse é como verdade, por que n'elle foi refeito já na sexta ou septima tradução oral; quando originalmente elle foi composto outros tantos seculos antes.

Não ponho senão as variantes mais notaveis; tem muitas outras, e infinitas quasi, este romance, por ser dos mais populares e espalhados em todas as provincias. N'um curioso exemplar da Beiralta, em vez de começar como aqui começa e geralmente se diz, o principio é est'outro, accrescentado decerto por mão ignorante e sem tacto:

O Conde de Villa-Flor,  
Com ser o Conde maior,  
Com ter já tres filhos homens,  
Lindos como o mesmo sol,  
A sua filha Sylvana  
De amores accommettia:  
— Bem poderás tu, Sylvana,  
Commigo falar um dia.

No resto differe pouco da lição geral. A *Adoçinda* feita sobre a *Sylvana* e em geral a poesia popular portugueza deram motivo a um interessante artigo que se publicou no num. xx do *Foreign Quarterly Review* de Londres, outubro de 1832. Copia-se aqui a parte respectiva, não só pelas curiosas observações do escriptor inglez, mas pelos extractos da tradução ingleza mais curiosos ainda.

We have already intimated that the long slighted *xacara* has at length found a cultivated admirer; and this admirer is the senhor Almeida Garrett, whose attention seems to have been recalled to what formed the delight of his infancy, by the universal modern rage for old national legends and songs. He has collected the fragments of many mutilated *xacaras*, and in the introduction to *Adoçinda* speaks of publishing them, with versions so far modernizing them as to render the language and stories intelligible. We are great lovers of such lore; and the Portuguese nature is so essentially poetical, that we are satisfied Lusitanian hispings in numbers must be amongst the sweetest of early remains.

*Adoçinda* is not exactly a specimen of what this work would be; in it the *xacara* fragments having grown into a poetical romance in four short cantos, and being altered, as well as dilated and completed. They could not else have appeared in these days of refinement; for the tale is founded on a passion revolting to human nature, and requires the utmost delicacy of management to render it endurable. Our author has done much to soften its offensiveness; indeed, as much as in most parts of the continent will, we conceive, be thought sufficient. English readers are,<sup>1</sup> however, more fastidious; and there are

parts of this poem which we could neither translate nor even insinuate comfortably. We must therefore tell the story briefly in our own way; first giving the description of Don Sisnando's return home from the moorish wars, and concluding with extracts from the catastrophe. As usual we imitate the metre of the original, to which belongs the intermixture of unrhymed lines.

Lo! what crowls seck Landim palace  
Were it towers above the river!  
Sounds of war and sounds of mirth  
Through its lofty walls are ringing!  
Shakes the drawbridge, groans the earth  
Under troops in armour bright;  
Steeds, caparisoned for fight,  
Onward tramp: — o'erhead high flinging  
Banners, where the red cross glows,  
Standard-bearers hurry near,  
Don Sisnando's self is here!  
From his breastplane flashes light;  
Plumes that seem of mountain snow  
O'er his dazzling helmet wave;  
'Tis Sisnando, great and brave!

«Open, open, castle portals!  
Pages, damsels, swiftly move!  
Lo! from Paynim lands returning  
Gomes my husband, lord, and lover!  
Thus the fond Auzenda cries  
Tow'ards the portal as she flies.  
Gates are opened, shouts ring round;  
An the ancient castle's echo  
Wakens to the festive sound;  
Welcome! welcome, Don Sisnando!»

\* Weeps her joy Auzenda meek,  
Streams of rapture sweetly flow;  
Down the never-changing cheek  
Of the warrior stout and stern,  
Steals a tear-drop all unheeded —  
Stronger far is joy than woe!

Recovering from his conjugal transports, Don Sisnando asks for his daughter:

At his side his daughter fair  
Trembling stands with downcast air.  
Like some modest star she seems,  
In the hot and vivid beams  
Of the sun, uprising bright,  
Seen as beautiful as ever  
But pale, dim, bereft of light.

Three long years had Don Sisnando  
Fought against the Moorish crew;  
And unknown in this fair dame  
Now his daughter met his view —  
«See her here!» the mother cries,  
Round her waist and arm entwining;  
«See her here, my Lord!» — What flame  
Blazes in the father's eyes  
Fixed upon his lovely daughter;  
Wonder with delight combining,  
Long he stands in rapture mute.  
A dozen sighs and blushes,  
Whispers 'Father!' tremblingly,  
Bends in languid guise her knee,  
And, on the paternal hand  
Breathes with icy lips a kiss.  
Whilst of tears a torrent gushes,  
Tears she may no more command.

Our hint as to the revolting character of the story may, perhaps, have prepared the reader to perceive that the father has fallen in love with his own dau-

1 Esta vaidade da pruderie ingleza pavoneia-se aqui muito fóra de proposito. Nas collecções de Percy e de W. Scott ha coisas tam pouco confortaveis como esta, ou m'nos talvez Myrrha e Caninae, não a leem elles em Ovidio, sem fazer estes tregeitos de hypocritões que são, os nossos alliados?

gher. Adozinda had been forewarned of the horrors awaiting her by a hermit, to whom she as a child, had persuaded her ungentle father to grant hospitality, and she has ever since habitually passed her nights in solitary prayer in a haunted grotto. Here her father surprises her, and she only escapes the impetuosity of his loathsome passion by promising to admit him to her chamber the following night. Her still beautiful mother takes her place; and the father, enraged at discovering the holy fraud, shuts up Adozinda, without clothes or drink, for seven years and a day, in a roofless tower, where a Moorish king had so imprisoned a faithless wife. He then retires to his chamber where none may intrude:—

And the father is alone.  
He alone? With him remain  
They that ne'er desert their own:—  
Sin, remorse and gnawing pain

\* \* \* \* \*  
Dawns at length th' appointed day;  
Adozinda's years of doom,  
Years and day, at eve expire.  
Scorched i' th' sun's meridian ray  
Seems the solid earth on fire.  
From you prison's sullen womb  
Hark! what accents force their way?  
Accents seven long years unheard.  
'Tis a voice that asks compassion;—  
Hearken to each piteous word—  
«Give, Oh give a draught of water!  
One sole draught for mercy's sake;  
Here unsheltered I am burning  
And my very heart will break.»

That was Adozinda fair,  
All her accents recognize;  
To her prison throngs repair,  
On the loop-hole fix their eyes,  
And «she lives! she lives!» they shout,  
«Lives the innocent oppressed!»  
Then amidst the wond'ring rout  
Stories of her patience spread;  
All the virtues are confessed,  
Of the Angel mourned as dead.—  
Hark! again those sounds are heard!  
Hark! again each piteous word  
Seems the prison walls to shake.  
«Give, Oh give a draught of water!  
One sole draught for mercy's sake;  
Here unsheltered I am burning  
And my very heart will break.»

Every breast was moved to grief,  
But her father who might brave?  
Weeping they this answer gave—  
«Angel, yet a while endure,

Swift deliverance is sure,  
He, thy Sire, must bring relief.  
Now the seven long years are gone,  
And the day is well nigh done;  
Yet an hour! 'gainst death content,  
Then thy sufferings must end.»

Adozinda answers that she cannot hold out another hour. She tells how she has been supported against thirst, heat and cold, through the seven years by a continued miracle, but that the hand of God has been withdrawn from her for the last three days, and she can endure no more. She concludes by again repeating her stanza of supplication. The tidings reach Don Sisnando:—

And within his stony breast  
Cruelty has died away,  
Dawns of pity a faint ray;  
From his parched, sepulchral eyes,  
Terror, that on all impressed,  
By the hand that will chastise  
I touched, burst tears of human anguish.

\* \* \* \* \*  
To the tow'r he rushes, shouting  
«Water, quick, bring water here!  
Hasten, hasten all to aid  
Th' innocent ill fared maid,  
Murdered by her father's hands!»  
Shouting thus he hurries near;  
And beneath the prison stands,  
Where sad Adozinda moans,  
«Daughter! yet 'tis time— Oh live!  
Daughter, daughter, Oh! forgive  
This vile murder!»— Passion's force  
Choaks his accents, choaks his groans;  
Voice, strength, breath, have sudden failed him—  
On the earth he lies a corpse.

These events raise Auzenda from what was thought her deathbed. She totters to the foot of the tower, and orders her daughter to be released. But no exertions can burst the prison doors, till the Hermit who had forewarned Adozinda arrives. At his word the tower opens.—Adozinda is dead—and dead he leaves her. But Don Sisnando he recalls to life, that the sinner may, by long and painful penitence, atone his crime. The guilty father departs with the hermit, and is seen no more; but even to the present day,

Still at midnight's solemn hour  
Underneath that ruin'd tow'r,  
Through th' adjoining chapel, sound  
Voices mingling words and groans—  
«Pardon! pardon! echoes round.—  
Those are Don Sisnando's tones.

## SYLVANINHA

PASSEIAVA-SE a Sylvana  
Pelo corredor acima;<sup>1</sup>  
Viola de oiro levava,  
Oh! que tam bem a tangia!  
Melhor romance fazia.  
A cada passo que dava,  
Seu padre a commettia:  
—Atreves-te tu, Sylvana,  
Uma noite a seres minha?  
«Fôra uma, fôra duas,  
Fôra, meu pae, cada dia;

Ma' las penas do inferno  
Quem por mim las penaria?  
—Penal-as hei eu, Sylvana,  
Que las peno cada dia

Foi-se d'alli a Sylvana,  
Mui agastada que ia;  
Foi-se encontrar com sua madre  
Lá no adro da ermida:<sup>2</sup>  
—«Que tens tu, minha Sylvana,  
Que tens tu, ó filha minha?

1 Por seu corredor acima.—*Minho*.

2 Entre a sala e a cozinha.—*Minho, Extremadura*.

«Oh! quem tal pae não tivera,  
Quem não fôra sua filha!  
Que me accommette de amores,  
O' minha mãe, cada dia.  
—«Vae, filha, vae para casa,  
Veste uma alva camisa,  
Que o cabeção seja de oiro,<sup>3</sup>  
As mangas de prata fina:  
Deitar-te has no meu leito,  
Eu no teu me deitaria...  
E hade valer-nos a Virgem,  
A Virgem Santa-Maria.

Lá junto da meia-noite  
Seu padre que a accommettia...  
—Se eu soubera, Sylvana,  
Que estavas tam corrompida,  
Oh! las penas do inferno  
Por ti las não penaria...  
—«Esta não é a Sylvana,  
E' a mãe que a paria;  
Tambem pariu Dom Alardos,  
Senhor de cavalleria,  
Tambem pariu a Dom Pedro,  
Principe da infantaria,<sup>4</sup>  
Tambem pariu a Sylvana  
Que seu pae accommettia.<sup>5</sup>  
—Oh! mal haja que haja a filha  
Que seu padre descobria!  
—«Oh! mal haja que haja o padre  
Que sua filha commettia!»  
Manda a metter n'uma torre  
Que nem sol nem lua via:  
Dão-lhe a comida por onça  
E a agua por medida;  
Ao cabo de sete annos  
Veis a torre que se abria...

Assomou-se a Sylvana  
A uma ventana mui alta,  
Foi-se encontrar com su madre  
Lavrando n'uma almofada:<sup>6</sup>  
«Estejaes, embora, madre,  
O' madre já da minha alma:  
Peço-vos por Deus do céu  
Que me deis um jarro d'agua;  
Que se me aparta a vida,  
Que se me arranque a alma.  
—«Dêra-t'a eu, filha minha,

Se a tivera salgada,  
Que ha sete para oito annos  
Que por ti sou mal casada.  
Se teu padre tem jurado  
Pela cruz de sua espada,  
Quem primeiro te dêse agua  
Tinha a cabeça cortada.»  
Assomou-se a Sylvana  
A outra ventana mais alta,  
Foi-se encontrar c'os irmãos  
Que estavam jogando as cannas:  
«Estejaes, embora, irmãos,  
Meus irmãos já da minha alma:  
Peço-vos por Deus do céu  
Que me deis um jarro d'agua,  
Que se me aparta a vida,  
Que se me arranque a alma!  
—«Dêra-t'a eu, irmã minha,  
Se a tivera empeçonhada:<sup>7</sup>  
Que nosso pae tem jurado  
Pel' cruz da sua espada.<sup>8</sup>  
Quem primeiro te dêse agua  
Tinha a cabeça cortada.»  
Assomou-se a Sylvana  
A outra ventana mais alta,  
Foi-se encontrar com seu padre  
A jogar a embocada:  
«Estejaes, embora, padre,  
Padre meu já da minha alma:  
Peço-vos por Deus do céu  
Que me deis um jarro d'agua,  
Que se me aparta a vida,  
Que se me arranque a alma...  
E de hoje por deante  
Serei vossa namorada.  
—Alevantem-se, meus pagens,<sup>9</sup>  
Criados da minha casa,  
Uns venham com jarros de oiro,  
Outros com jarros de prata;  
O primelro que chegar  
Tem a commenda ganhada  
O segundo que chegar  
Tem a cabeça corada.»  
Os criados que chegavam,  
Sylvaninha que finava  
Nos braços da Virgem Santa,  
Los anjos amortalhada!<sup>10</sup>  
—Vae-te embora, Sylvaninha.  
Sylvaninha da minha alma:  
Tua alma vae para o céu.  
A minha fica culpada.

3 As camisas bordadas de oiro e prata eram uma das absurdas elegancias do luxo da F.dade-média em que nada se ia a aos commodos e tudo á ostentação.

4 Principe na significação do chefe á commum na linguagem dos seculos XI, XII e XIII.

5 Que de ti foi commetida.—Beirabaixa

6 Cosendo n'uma almofada.—Extremadura.

7 Se a tivera salgada.—Lisboa

8 Pelos cunhos da espada.—Alentejo.

9 Alevantem-se, meus moços.—Minho.

10 Dos anjos acompanhada.—Ribatejo.

## BERNAL-FRANCEZ

Desde que em 1828 publiquei em Londres pela primeira vez a interessante rhapsodia de poesia popular que leva este titulo, ella tem feito a volta da Europa, sendo traduzida em diversas linguas, já no proprio fragmento, já na reconstrucção ou imitação d'elle que ao mesmo tempo dei á luz.

Ultimamente recebi de Inglaterra, do meu amigo o cavalheiro João Adamson,<sup>1</sup> uma nova traducção ingleza, differente e mais acabada do que essa outra que dei no primeiro volume do ROMANCEIRO;<sup>2</sup> de Hespanha chegou tambem ha pouco uma bella e elegante versão em castelhano.

Juntarei aqui uma e outra para satisfação do publico portuguez, e em demonstracção tambem d'um grande e importante theorema que ainda me parece não ser tam geralmente demonstrado quanto precisa sê-lo entre nós; vem a ser: Que quanto mais nacional, mais estrême e puramente nacional é uma obra, mais agrada aos proprios estrangeiros, mais segura está de se generalizar e ser conhecida no mundo litterario. O que não tem côr nacional, o que pôde ser para todos, é o de que todos fazem menos caso.

Mas não só como obra litteraria, ou como coisa de imaginação e objecto de curiosidade são interessantes estas reliquias. Eu creio n'ellas como coisa historica. E tenho mais fé n'esses documentos que nos conserva o povo com toda a sua ignorancia, do que n'ess'outros que deixou escriptos a sapiencia dos letrados. O povo altera, traduz, corrompe, mas não inventa.

Vou pôr aqui, restituído e apurado por longo trabalho de meditação e comparacção de muitos exemplares, o texto original do *Bernal Francez*, segundo o conservou essa tradicção.

E' este um dos mais bellos e seguramente mais antigos romances da nossa peninsula. Não apparece, como já n'outra parte disse,<sup>3</sup> em nenhum dos romances castelhanos nem na vasta collecção de Ochoa; e denota

tudo elle mais antiguidade que os mais antigos que n'aquelles codices se acham. Os neologismos da dicção devem se ás causas já referidas tantas vezes, que todas estão no variavel e pouco seguro cofre da memoria popular em que têm andado guardadas estas reliquias, sem mais authentica do que essa mesma recordação immemorial, bastante em direito para outras posses; porque o não será para esta?

Além de não andar nas collecções da nação vizinha e irman, nenhum vestigio de idiotismo seu, nenhum resaibo castelhano se nota n'esta composicção toda portugueza. As agudezas e artificio dos trovadores da côrte de Dom Diniz e de Afonso III tambem aqui são extranhas; é mais antiga e menos polida a civilização que a produziu.

Quando sobre esta simples tela bordei o pequeno poema que se publicou em 1828 com a *Adoçinda*, o original de que me servi era muito mais imperfeito e cheio de lacunas, e unicamente fôra copiado da lição vulgar da Extremadura. A que dou agora, além de revista pelos manuscritos do Cavalheiro de Oliveira, foi aperfeiçoada ainda pela collacção com as diversas copias das provincias do Norte, especialmente da Beirabaixa, que são, em meu entender, as mais seguras, segundo já observei tambem.<sup>1</sup>

Chamei-lhe então xácara: duvido agora se a classificacção foi bem feita; duvido até da mesma theoria da classificacção que tenho procurado estabelecer ás apalpadellas. Acham-se, é verdade, estas variadas designações: *romance* ou *rimance*, *xácara*, *solão*, que parecem indicar especiaes; e ainda as que parecem ser mais genericas, de *trova*, *cantiga*, *cantar*, *canção*: mas o que ellas sempre designem ou quizeram designar não é facil determinar-o com seguranca. Mais modernas cuido que são as denominações de *loa*, *barca*, *lenção*, *chacota*; e tambem estas não estão bem apuradas em suas distincções characteristics. Umas eram talvez determinadas pela forma exterior metrica, outras pelo stylo ou tom, outras pelo objecto e assumpto, outras finalmente pelo uso, pela solem-

<sup>1</sup> Na *Lusitania Illustrada*, Part. II, Newcastle upon tine 1846, se publicou esta nova traducção.

<sup>2</sup> *Romanceiro geral*, I. Lisboa, 1843.

<sup>3</sup> Tom. I do *Romanceiro*, pag. 91.

<sup>1</sup> Veja o vol. cit. I do *Romanceiro*.

nidade a que eram consagradas, pela occasião para que eram compostas.

Já disse que o romance me parecia ser em sua origem um canto epico, isto é, todo narrativo, pouco ornado, pouco lyrico. Os romances pastoris, os satiricos, os facetos, os eroticos, os mesmos mouriscos do seculo xvii, são já aberrações visiveis, ou, pelo menos, novas especies produzidas pela cultura artificial da planta primitiva.

A *xácara* é toda dramatica; o poeta fala pouco ou nada, não narra elle, senão os seus interlocutores que apenas indica, e nem sempre claramente.

Mas estas duas especies, se o são, juntaram-se muitas vezes e produziram, ora o *romance-xácara*, em que predomina a narrativa epica sem exclusão do drama; ora a *xácara-romance*, em que o dialogo é auxiliado de breves, brevissimas indicações, quasi rubricas ou direcções de scena, que faz o poeta a raros intervallos. O povo, em muitas das coisas que recita d'este genero, diz as falas em verso e cantando, e as indicações narrativas em prosa, sem restricção a texto positivo, e mais ou menos diffusamente, segundo o talento ou a verbosidade do recitador.

O *romance* e a *xácara* têm em geral a mesma lei metrica, do consoante ou assoante fixo e do numero octosyllabo <sup>1</sup> dos versos. O chamado romance hendecasyllabo dos fins do seculo xvii é degeneração completa; e assim foi que precedeu logo a morte d'elle.

O *soláo* será sempre cantar triste, como indica Bernardim Ribeiro? Narrativo é elle também pelo que tam claro nos diz Sá de Miranda. Mas uma coisa não exclue a outra. Eu inclino-me a crêr que o *soláo* é um canto epico ornado, em que as effusões lyricas acompanham a narrativa de tristes successos, mais para gemer e chorar sobre elles, do que para os contar ponto por ponto.

*Cantiga* deve de ser a expressão lyrica e improvisada de um sentimento.

*Cantar* é talvez o genero de todas estas especies.

A *trova* mais artificial, mais elaborada, *achou-a* o poeta com estudo, cingindo-se a regras mais severas de metro ou de stylo: trovar (*trouver*, *trovare*) é *achar*; e para achar, procura-se, trabalha-se.

*Canção* também é termo genero, mas inclua mais artificio do que a *cantiga* e o *cantar*: entre nós designa mais strictamente a ode romantica da Meia-idade com certas

fórmulas de metro e divisões regulares de strophes.

*Loa* virá do latim *laus*? Póde ser; é um canto de louvor, mas por certo modo e regra. A *loa deita-se* ainda hoje nos cirios das provincias do Sul, recita-se nos presepos do Natal das provincias do Norte do reino. É um cantar de anjos, de genios, de espiritos; mas dramatico, dialogado: é um côro hieratico que se entoa, que se *deita* do céu para a terra, que entes superiores cantam para ouvirem homens e deuses. Os Thespis do nosso theatro começaram talvez por aqui, antes que Gil Vicente e João da Encina subissem ao seu tablado de novos Eschylos. Na descripção das festas do casamento do principe D. Affonso, *Chronica de D. João II*, acho que algum tanto nol-o indicam as expressões de Garcia de Rezende; e mais claramente ainda o romance de Ayres Telles de Menezes — que n'esta collecção achará o seu logar respectivo. Ahi diz, descrevendo aquellas mesmas festas:

Depois ledos tangedores,  
Aa vinda da princeza,  
Fizeram fortes rumores,  
Espanto da natureza;  
*Barcas e loas* fizeram,  
E outras *representações*  
Que a todos gran' prazer deram,  
Conforme suas tenções.

A *barca* (alguma coisa de barcarola veneziana?) era, creio eu, cantiga alternada também, e outra vez a vozes e côro, que o mar mandava á terra para tomar parte em seus regosijos. Navegantes, tritões, sercias, os habitantes reaes e os imaginarios do outro elemento, vinham a este, cantar e deitar suas loas, que appropriadamente tomavam n'este caso o nome de barcas. Também se acham vestigios de barcas *ao divino*, compostas sobre assumptos religiosos. Ao deante junta rei, em seu devido logar, um documento positivo e muito curioso exemplar d'esta galante variedade, tam natural de nascer em um povo navegante e marinheiro como o nosso foi sempre.

*Tenção* é a *tençon* dos provençaes, distico breve, em metaphora ou dito engenhoso, já acompanhando e explicando o symbolo heraldico de uma *empresa*, no escudo, na bandeira — já expressando, em mais pacifico ensejo, os sentimentos intimos e recatados do poeta que quer que o adivinhem sem elle se explicar de todo. A *tenção* é originariamente cortezan, e só tarde e degenerada se relaxou ao braço popular.

Da *chacota*, do que ella era pelo menos no seculo xv e xvi, nos dá muitos exemplos e claro conhecimento o theatro de Gil Vicente, precioso thesoiro de coisas populares, o mais

<sup>1</sup> Aparecem, por excepção, alguns romances que os nossos chamam em *endexas*, compostos, segundo uns, em versos alexandrinos de doze syllabas, segundo outros, em versos de seis syllabas, tomando o hemistichio por unidade

rico e variado que temos e, em minha opinião, mais ainda que os proprios Cancioneiros, cujos collectores, homens só de côrte, desprezaram tudo o que não era alambicado pelas modas e folida affectação dos trovadores cortezãos; enquanto Gil Vicente, homem do povo no meio do palácio, divertia seus amos com os dizeres, os gracejos, os modos originaes, as superstições antigas, as tradições immemoriaes, os cantares rusticos mas cheios d'alma, tintos na côr fechada e forte que só o povo sabe dar e que não desbota.

A *chacota* era uma cantiga de rir e brincar, mas que mordida nos vícios, e nos ridiculos dos homens e dos tempos; uma especie de *sirvente* menos aspera e severa, nunca séria e grave como ella, e mais popular: cantava-se a vozes; muita vez era o remate, o côrro final dos entremezes e das farças.

A mesma palavra *sirvente* ou *servente*, e a designação de versos *sirventesios*, não foi extranha aos nossos antigos, que houveram

a palavra, e talvez confundiram a idéa dos provençaes. Sabe-se que a *sirvente* do trovador era amarga, satirica; por vezes foi o grito de guerra, o hymno revolucionario dos Alceus da Meia-idade contra a tyrannia real e sacerdotal: a *sirvente* nossa creio que era toda ascetica e religiosa, senão é que mystica.

Mas repito com sinceridade, que sim tenho consciencia de navegar para a verdadeira latitude, não tenho certeza da longitude: as observações são imperfeitas, e quasi todos estes calculos fundados em hypotheses vagas. Os nossos philologos, que elucidaram tanta coisa insignificante, desprezaram sempre a litteratura popular como indigna de seus classicos estudos. Faria e Sousa, e alguns poucos mais, que tinham o instincto da sua importancia, sacrificaram aos prejuizos do tempo: e, ou por credulidade ou por pouco escrupulo, fizeram-lhe fracos serviços, porque os fizeram sem verdadeira fé e lisura.

## BERNAL-FRANCEZ

QUEM bate á minha porta,  
Quem bate, oh! quem 'stá ahí?  
—Sou Bernal-Francez, senhora;  
Vossa porta, amor, abri.  
«Aí! se é Bernal-Francez,  
A porta lhe vou abrir;  
Mas se é outro cavalleiro,  
Bem se pôde d'ahi ir.»

Ao saltar de minha cama  
Eu rompi o meu frandil,<sup>1</sup>  
Ao descer da minha escada  
Me cahiu o meu chapim,<sup>2</sup>  
Ao abrir a minha porta  
Me apagaram o meu candil...<sup>3</sup>  
Pegára-lhe pela mão  
E o levei ao meu jardim;  
Fiz-lhe uma cama de rosas;  
Travesseiro de jasmims,  
Lavei-o em agua de flores  
E o deitei a par de mim...

«Meia noite já é dada  
Sem te voltares para mim;  
Que tens tu, amor querido,  
Que nunca te vi assim?  
Se téme'-los meus criados,  
Não virão agora ahí;  
Se téme'-los meus irmãos,  
Elles não moram aqui;  
Se de meu marido témes,  
Longes terras foi d'aqui,  
Por má traça o matem moiros,<sup>4</sup>  
E a nova me venha a mim!»

—Não temo de teus irmãos  
Que bem sei que são por mim,<sup>5</sup>  
Não temo dos teus criados  
Que mais me querem que a ti;  
A teu marido não temo,  
E d'elle nunca temi...  
Teme tu, falsa traidora,  
Pois o tens a par de ti!  
«Aí! se tu es meu marido,  
Quero-te mais do que a mim...  
Oh que sonho, tão máo sonho,  
(Que eu tive agora aqui!  
Ergamo nos já, marido,  
Deixa-me vestir d'ahi  
—Calla-te, falsa traidora,  
Que não me enganas assim.  
Deixa tu vir a manhan.  
Que eu é que te heide vestir:  
Dar-te hei saia de grana,<sup>6</sup>  
E gibão de cramezim,  
Gargantilha de cutello,  
Pois tu o quizeste assim.  
—«Deixa-me ir porqui abaixo!<sup>7</sup>  
Co'a minha capa a cahir,  
Vou-me ver a minha dama  
Se ainda se lembra de mim.  
«—Tua amada, meu senhor,  
E' morta, que eu bem a vi:  
Os signaes que ella levava;  
Eu t'os digo agora aqui:

1. *Frandil*, ainda hoje usado em Traz-os-montes, significa fralda ou sentido metonymico antigo, por camiza ou gibão branco de fralda.

2. Sapato, chinela.

3. Candela, vela.

4. Má traça! monchos o mattem.

5. Novas me venham a mim—*Ribatejo*.

6. Más cutiladas o mattem—*Beralta*.

5. Pois cunhados são de mim—*Alentejo*.

6. Dar-te hei saia de grana—*Extremadura, Beiralta* e varias. Se não é corrupção de *gran* ou *grão* estôto, roupa tinta de gran, vermelha, só se tor derivacão do francez antigo *guare* (de duas côres) o *garantay* das nossas antigas leis sumptuarias. Em quasi todas as copias vem *guarane* e não *grana*: d'onde me inclino a crer que talvez a verdadeira lição original seja *guarane*. Eu adoptei *grana* por ficar mais obvio o sentido.

7. Deixa-me ir porqui abaixo  
Com minha capa cahida,  
Quero ver a minha amada.  
Se é morta ou se anda é viva—*Minho, Ribatejo*.

Levava saia de grana<sup>8</sup>  
 E gibão de cramezim,  
 Gargantilha de cutello,  
 Tudo por amor de ti.  
 Os sinos que lhe correram  
 Por minhas mãos os corri;  
 As andas em que a levaram  
 Eu de negro lhas cobri;  
 Caixão em que a amortalharam  
 Era de ouro e marfim;  
 Os frades que a acompanhavam  
 Não tinham conto nem fim;  
 Sahiram-lhe sette condes,<sup>9</sup>  
 Cavalheiros mais de mil;  
 As donzellas a chorar,  
 Os pagens iam a rir  
 Levaram-na a interrar  
 A' igreja de San'Gil.»

—«Palavras não eram ditas,  
 Por morto no chão cahi;  
 Passaram-se horas e horas  
 Quando me tornei a mim.  
 Fui-me áquella sepultura  
 Queria morrer alli:

—«Abre-te, ó camp'a sagrada  
 Esconde-me a par de ti!  
 Do fundo da cova triste  
 Ouvi uma voz sahir!<sup>10</sup>  
 «Vive, vive, cavalleiro,  
 Vive tu que eu já morri:  
 Os olhos com que te olhava  
 De terra já os cobri,  
 Bôcca com que te beijava  
 Já não tem sabor em si,  
 O cabello que entranchavas!<sup>11</sup>  
 Jaz cahido a par de mim,  
 Dos braços que te abraçavam  
 As cannas vê-as aqui!  
 Vive, vive, cavalleiro  
 Vive tu, que eu já vivi:  
 A mulher com quem casares  
 Chamem-lhe Anna como a mim,  
 Quando chamares por ella  
 Hasdete lembrar de mim,  
 Conta-lhe os nossos amores,  
 Que apprenda na minha fim.<sup>12</sup>  
 Filhas que d'ella tiveres  
 Ensina-as melhor que a mim,  
 Que se não percam por homens,  
 Como eu me perdi por ti.»

## TRADUÇÃO INGLEZA

Mais para fazer acceito ao commum dos leitores um estudo e um gosto que infalivelmente hade regenerar a nossa poesia e com ella a nossa lingua e litteratura toda, revertendo-a á simplicidade bella de sua origem natural, de que tam afastadas andam pela imitação pesada e contra-feita dos estrangeiros, mais para esse do que para nenhum outro fim litterario, *traduzi* em linguagem e modos menos rudos o *Bernal-Francez*; pela forma que appareceu na primeira edição em Londres e depois com pouca differença, na de Lisboa.<sup>1</sup>

D'essa que talvez possa chamar-se com propriedade a «tradução litteraria do romance primitivo», ou mais exactamente ainda a «tradução de sala» é que se fez a primeira versão ingleza publicada na segunda edição do *Bernal-Francez* em Lisboa.<sup>2</sup>

Era essa tradução do meu amigo o sr. John Adamson que, não contente assim com ella, me enviou outra mais apurada e perfeita, da qual não devo privar os leitores: eis-a aqui:

### BERNAL-FRANCEZ

Te the sea went Don Ramiro,  
 Galley fair the warrior here,  
 From the poop his conquering pennon  
 Waved defiance to the Moor.  
  
 Sad th' adieu at his departing,  
 Pangs of anguish tack'd his breast;  
 Many a year an anxious lover—  
 Scarce twelve moons a husband biest  
  
 You may not find a Spanish maiden  
 As Violante fair to view—  
 Peerless she among earth's daughters,  
 Had the heart been leal and true!

Loud beats the sea against the basement  
 Of the castle's towering steep,  
 One only eye in that lone turret  
 Keeps the watch that knows not sleep.

All is deep repose and slumber—  
 All is silence—close the ward  
 Of jealous gate and stout portcullis  
 While away the warrior Lord!

Still, at witching hour of midnight,  
 Gleams on high a tiny spark;  
 And ever silent underneath it  
 Floats a swift and vent'rous bark—

And as night to night succeeded,  
 Smooth or rough might be the soa—  
 Still above the light would tremble  
 Still beneath the bark would be,

Knew'st thou this, good Roderigo?  
 Had'st forgot the sacred word?  
 With many a solemn pledge and promise  
 Pledged to thine absent Lord?

Aye! or nay! no man may answer—  
 'Tis the vent'rous caraval  
 Still rocked beneath that guarded tower,  
 Silent still the warder's call!

One nigh at length full dark and drear, it  
 Parted from the wonted shore—  
 Whot it bore no man can tell us—  
 But it came again no more.

As returned the hour of trysting  
 Scit the high began to gleam—  
 But no swift advent'rous pinnace  
 Answer'd to the luring beam!

a toa. *1.ª* m como alvo, objecto, etc. é sempre masculino; come termo, acabamento da vida, ou de outro estado qualquer, sempre feminino, para elles.

<sup>1</sup> ROMANCEIRO, tem. 1. Lisboa, 1843.

<sup>2</sup> *Ibid*,

<sup>8</sup> Veja nota e varian e 6.

<sup>9</sup> Foram ao seu sahimento ou enterro

<sup>10</sup> Uma triste voz ouvi—*Extremadura*

<sup>11</sup> As tranças com que folgavas—*Acôres*.

<sup>12</sup> O povo, a maioria dos nossos antigos escriptores, ainda hoje faz *fim* ora masculino, ora feminino, mas não indifferentemente nem



Where the rock rebuts the billow  
Ope'd a secret postern gate—  
Know alone to Don Ramiro,  
Warder tried and loving male

But, at deadly hour of midnight,  
Thro' that portal one hath gone;  
Whe ere while stands gently knocking  
At the Lady's Bower alone!

—«Who without so rudely knocking  
Slumber from mine eyes would move?  
—«Bernal am I of France, fir Lady!  
Open to your Knight and love!»

From her bed of gold descending,  
Robe of flowing silk she tore—  
And the gust her lamp extinguish'd  
Gently tho' she ope'd the door.

By the trembling hand she led him  
To her bower, this Leman bold:  
—«How trembles all my bosom's treasure!  
And this hand how chill and cold!

Then, with sighs and burning kisses,  
In her palpitating breast  
By the faithless Violante  
Were those chilly hands caress'd.

—«Hast thou come from far?» «Aye marry»  
—«Rought the sea?»—«As rocks above.  
—«Com'st thou arm'd?» Not waiting answer  
Straight to loose each clasp she strove,

In essence pure of Arab roses  
Quick the welcome form she bath'd,  
And on her dainty couch she laid him,  
All in folds of fragrance swathed.

—«Fast the weary night is wasting,  
Whisper none dost thou impart?  
What ails my Love? let Violante  
Share the woes of that lov'd heart!

Is't thou fears't my noble brothers?  
Here their foot shall never fall.  
Or doth Ramiro's kinsman daunt thee?  
Feeble he to match Bernal.—

«Unconscious all my sottish vassals  
Soundly sleep in cell and tower—  
Safe our love, eye of mortal  
Ne'er shall pierce this hidden bower?

«Fear'st Ramiro?—well thou know'st him  
Gone o'er fields of fame to roam;  
Long, O lusty Moor, detain him!  
No regret shall haste him home.»

—«Fear I not thy sleeping vassals—  
Since mine own these vassals be,  
Fear I not or frere or kinsman—  
Frere and kinsman both to me!

«Fear I never Don Ramiro  
Injur'd Lord—behold him here!  
Here beside thee—faithless Leman!  
Thine the heart may quail with fear!

Fair the rosy sun new ris'n  
Tips with gold each rock and tower—  
Fairer still—to meet the Headsman  
Violante leaves her bower.

Coarse and harsh the Sackcloth mantle  
That those gentle limbs have on;  
Rough and rude the rope hat binds her—  
Rope in place of jewel'd zone.

Weep the pages—weep the maidens—  
Pity bids forget the crime—  
Down the beard of injured Husband  
Rain the tears like melting rhyme.

Deep and dull the death-bell tolling  
Signal gives the axe to raise;  
—«Welcome death, the death I merit:»  
(Thus that erring Lady prays)—

«Low before thee, Don Ramiro,  
In the dust a boon I crave—  
Pardon for the sake of pity,  
Pardon—not that life shall save—

«But for the deadly wrong I've done thee!  
Wrong that made thy bosom bleed,  
Assail me as I cower before thee  
In this my hour of bitter need.—

«Faithless—I alone am guilty—  
Never let thy vengeance fall  
On him my baneful charms deluded,  
Spare the wretched Knight Bernal!»

Quick the husband's love was kindling,  
Pardon trembled on his tongue—  
But at name of hated Bernal  
Ruth and pity far he flung—

Flush'd his face with vengeful anger,  
As from her he fain would save,  
He tore his glance—and arm uplifting  
Mad the fatal signal gave—

On that neck so clear and crystal,  
Beauteous yet, though deadly white—  
With a vigour fierce and fatal  
Did the Henchman's axe alight.

Oh what dense and long procession  
From the ancient gate departs!  
Gathering crowds in silence see it—  
Gathering crowds with aching hearts.

Torches and pale waxen tapers  
Thro' the darkness and the gloom  
Cast a dim and mournful glimmer—  
Glimmer guiding to the Tomb

Closed, within their hooded mantles,  
Friars a requiem chaunt around;  
Throb all hearts with awful terror  
At the bell's appalling sound.

Twice the moon her course hath wander'd—  
In that loophole all is dark—  
Yet o'er the channel, swiftly passing,  
Plies the swift advent'rous bark.—

Pretty bark so light and buoyant—  
Bark each billowy sea could brave—  
The beam, that erst was wont to guide thee,  
Ne'er again shall tinge the wave!

Lo, thy gentle Violante,  
Queen of eve y witching charm,  
For thee a dismal death hath snffered,  
Fall'n beneath the Headsman's arm.

From tower of St. Gil resounding  
Hear'st thou not the knelling boom  
See'st thou not the torches glimmer  
Slow they bear her to the Tomb.

And now the funeral rites are over  
Fix'd the cold sepulchral stone—  
In those aisles, so lately crowded,  
A cavalier is seen alone!

All of black is mournful raiment—  
Blacker still his bosom's wound—  
As by the new made grave despairing,  
Flat he cast him on the ground!

—«Open, holy Tomb, thy portals—  
Ope a broken heart to hide—  
Ope and fix in death that union,  
Life to hapless love denied!

«Open, holy Tomb, thy portals!—  
Hiding charms so passing bright—  
My dark crime, with her ill-fortune,  
Bury in eternal night.

«Open, holy Tomb, thy portals!—  
Take a gift that I disown—  
Let me yield for Violante  
Life that lived on her alone!»

Fell his tears—fell fast and freely—  
Groans of anguish heav'd his breast—  
Firm he grasp'd his trusty faulchion.  
So to give his sorrows rest.

But on the hilt his hand was frozen!  
From the dark sepulchral mould  
Arose a voice, still sweet and tender,  
But so fearful and so cold.

Cold as the clay from which it sounded,  
Terror throug each nerve it spoke;  
The pulse of life was all suspended,  
Cramp'd as tho' by palsy stroke!

—«Live, Sir Knight, O live belov'd!  
Live tho' I no longer live—  
Mine, alone' who have deserve'd it.  
Be the death our crime should give.

«Alas, beneath this frozen marble  
Where cold horror laps my corse,  
All that seems to hint existence  
Is my love and my remorse!

«Arms with wich I once embrac'd thee,  
Fix'd and rigid lie compos'd—  
Eyes, wich fondly gaz'd upon thee,  
Clods of callous earth have clos'd:

«The mouth forsworn with wich I kiss'd thee,  
Boast no more its honied dew—  
The treach'rous hearth with which I lov'd thee!  
Oh! would that that were senseless too!

Live, Sir Knight—O live belov'd!  
Live and may't thou blessed be!  
And oh, thy life as husband—father  
Guide by warning thought of me

«The happy maiden whom thou chou chooseth  
Give her Violant's name—  
Be she in love a Violante—  
In love—but nought besides the same.

«The treasur'd children she may bear thee,  
Purer than mine their culture be,  
That ne'er, they lose themselves in passion,  
As I have lost myself for thee.»<sup>1</sup>

## TRADUÇÃO CASTELHANA

A tradução castelhana do Sr. Isidoro Gil, ultimamente addido á legação de Hespanha em Lisboa, pessoa de muita intelligencia e gosto, foi publicada no jornal de Madrid, *El Laborinto*.<sup>2</sup>

### BERNAL-FRANCEZ

Al mar se fué Don Ramiro,  
Rica galera llevaba;  
Su pendon, terror del moro,  
En la alta popa ondeaba.

Tierna fué la despedida;  
Vá en sus recuerdos sumido;  
Com tantos años de amores  
Ni uno cuenta de marido.

Que no hay dama en toda España  
Tan bella cual Violante;  
Ni igual la hubiera en el mundo  
Si ella fuese mas constante.

Bate el mar la barbacana  
Del alto muro almenado,  
Solo en su torre el vijia  
No cede al sueño pesado

Todo calla y duerme en torno,  
Todo es silencio é pavor;  
Redobla el celo en las puertas  
Con la ausencia del señor.

Mas, allá entrada la noche,  
Luz se vé en una tronera,  
Y en la sombra deslizarse  
Leve barca aventurera

Y vuelve á verse otras noches,  
Ya esté en calma ó recio el mar,  
La misma luz á igual hora,  
La misma barca pasar.

¿Ignora esto el buen Rodrigo,  
Que a su señor prometió  
Cumplir fiel el juramento  
Que entre sus manos prestó?

Ignóralo, ó no lo ignora;  
Mas la barquilla ligera  
Que al pié de la torre inmóvil  
Yacia allá en la ribera.

En noche triste y oscura  
Del mar desapareció;  
Que fué de ella no se sabe,  
Mas si se fué, no volvió.

<sup>1</sup> D'este e dos outros romances que formam o primeiro vol. do meu romance o, impresso em Lisboa, 1843, fez o Sr. Adamson o segundo vol. da sua illustração, que me dedicou e foi publicada em Newcastle, 1846. Também deu depois outra edição das

versões inglezas sem o texto portuguez com o titulo BALADS FROM THE PORTUGUEZE, TRANSLATED AND VERIFIED BY J. A. and R. C. G.

<sup>2</sup> Tomo II, n.º 3, março de 1844

Y la luz del torreón  
Vióse á igual hora brillar ...  
Mas la barca aventurera  
No llegó a verse pasar.

De la roca el pie escarpado,  
Recela oculto postigo,  
Solo le sabe Violante,  
Su esposito, y el fiel Rodrigo.

Y un negro bulto en la noche  
El postigo transpasava,  
Y á la puerta de Violante  
Blando llamar se escuchaba:

—«Quien así llama a mi estancia?  
Quien llama? Oh! quién es? decid.»  
—«Soy Bernal-Francés, señora,  
Al amor la puerta abrid.»

Al bajar del lecho de oro  
La fina holanda rasgó,  
Al abrir quedo la puerta,  
La luz el viento apagó.

Con trémula mano asiendole  
A' su aposento lo guía:  
—«¿Al tiembles, amor querido,  
Cuál siento tu mano fría!»

Y con ósculos ardientes,  
En el seno palpitante  
Sus yertas manos calienta  
La enamorada Violante.

—«De lejos vienes?»—«De lejos.  
—«Bravo estava el mar!»—«Tremendo.  
—«Y estas armas!»—No responde.  
Ella las va desciñendo.

En pura esencia de rosas  
Al tierno amante bañó,  
Y en su lecho regalado  
A par de sí le acostó.

—«Media noche es ya pasada  
Sin que hacia mi te tornáres,  
Que tienes, querido amante,  
Que me encubres tus pesares!»

«Si temes de mis hermanos,  
No han de venir hasta aquí;  
Si de mi cuñado temes,  
El no es hombre para ti.

•Mis criados é vasallos  
A hora tal han de dormir,  
Ni de nuestro amor sospechan,  
Ni lo pueden descubrir.

«Si de mi marido temes,  
A' luengas terras marchó,  
Allá lo detengan moros,  
Ningun recuerdo dejó.»

—«Yo no temo a tus criados,  
Juráronme sumisión;  
Cuñado ni hermanos temo,  
Mi hermano y cuñados son.

«De tu marido no temo,  
Ni tengo porqué temer ...  
Junto á ti en el lecho se halla  
Tu la que tiembles has de ser.»

Y alto el sol en el Oriente  
La torre á medias doraba;  
Violante mas que el hermosa,  
A la muerte caminaba.

Alba tela, áspera y dura  
Cubre el cuerpo delicado,  
Recio esparto ciñe el talle,  
En grosero lazo atado.

Lloran pajes y doncellas  
Que el crime piedad merece;  
El mismo ofendido esposo  
Con tal vista se encoñece.

Ya el tenir de la campana  
La sena al verdugo envía ...  
—«Señor, merezco la muerte»  
La sin ventura decía:

«De rodillas, don Ramiro,  
Humilde perdon os pido;  
No pido la vida, no,  
Que la muerte he merecido.

«La afrenta que deslumbra,  
Por mi desdicha os hiciera,  
Pido, señor que olvideis  
En mi hora postrimera.

«Mas solo yo soy culpable  
Del agravio que vos fiz,  
No tomeis, señor, venganza  
De ese misero infeliz»

Talvez iba a perdonarla  
Compadecido el esposo;  
En nuevas iras le enciende  
Aquel recuerdo enojoso.

Rojo el semblante de cólera  
Para no verla apartó,  
Y su izquierda mano alzada  
La fatal sena trazó.

Sobre el desmayado cuello  
De transparente cristal,  
Con golpe tremendo y súbito  
Cayó el terrible puñal.

¡ Ah! que procession que sale  
Por las puertas de la torre!  
Que de gente acude á verla,  
Qué triste que el pueblo corre!

Teas de pálida cera,  
En medio la noche oscura.  
Despiden luz vaga y triste,  
Luz que va á la sepultura.

Cubiertos con sus capuces,  
Rezan monges en redor;  
El doblar de las campanas  
Hiela el alma de terror.

Dos noches son ya pasadas,  
Ya no hay luz en la tronera,  
Mas pasando y repasando  
Va la barca aventurera

Linda barca tan ligera  
Que en ningun mar zozobró,  
El fanal que te guiaba  
No luce, ya se apagó.

¡Ay! tu querida Violante,  
Tu gloria, tu encanto bello,  
Por ti sufrió horrible muerte...  
¡Un sayon segó su cuello!

¿De la iglesia de San Gil  
La campana oyes doblar?  
Ves las hachas á los lejos?  
Allí la van a enterrar —

Ya se concluyó el entierro,  
Ya cayó la rosa fría;  
En la iglesia solitaria  
Un caballero se via.

Vestido de negro luto,  
Y mas negro corazon  
Sobre la tumba de hinojos  
Así esclama en su afliccion:

—«Abrete, tumba sagrada,  
Abrete a este desdichado.  
Ahí nos unirá la muerte,  
Si en vida nos fué vedado.

«Abrete, tumba sagrada  
Que escondes tal hermosura  
Esconde tambien mi crimen  
Al par de su desventura.

«Vivir no quiero esta vida  
Que solo amaba por ella,  
Vida que sufrir no puedo  
Sin mi Violante bella.»

Y allí el llanto de correr,  
Los sollozos de estállar,  
Y ciego empuñar la espada  
Para allí se traspasar.

Heló la mano en el puño  
Voz que de tierra salia;  
Voz aun suave y dulce,

Mas tan medrosa y tan fria.  
Del sepulcro tan abogada  
Que su eco estremecia.  
Dejando la sangre helada:

—«Vive, vive, caballero,  
Vive, que yo ya viví;  
El castigo de mi crimen  
Yo sola le merecí.

«En el fondo, ay! de esta tumba  
Oscura mansion de horror,  
Solo de vivir conservo  
Remordimientos y... amor!

«Brazos con que te abrazaba  
No tienen vigor ya en sí;  
Cubre tierra húmeda y dura  
Los ojos con que te vi.

«Boca con que te besaba  
Perdió su perfume aquí;  
Corazon con que te amaba...  
Ese siempre; ay! vive en mí!

«Vive, vive, caballero,  
Vive, vive y sé dichoso:  
Y aprende en mi triste historia  
A ser padre y ser esposo.

«Si con doncella casáres,  
Lámale tambien Violante:  
Nunca su amor será el mio...  
Mas—que sea mas constante.

«Hijas que en ella tuvierdes  
Crianlas mejor que á mí,  
Que no se pierdan por hombres,  
Cual yo me perdí por ti.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> E' interessante e digno de lêr-se o artigo que serviu de prefacio a esta publicação em Madrid, escripto pelo sr. Cueto, secretario que aqui foi e depois encarregado de negocios da sua corte junto á nossa.

## REGINALDO

Será este *Reginaldo*, ou *Eginaldo*, o galante Eginard francez que os nossos traduziram assim, bem como de Bernard fizeram Bernal e Bernaldo, de Gerard Giraldo? E é este o celebrado secretario do imperador Carlos-Magno, de cujos muito romanticos, porém mui pouco platonicos, amores com a filha de seu augusto amo, estão cheias as historias da Meia-edade? Thema constante de trovadores e poetas até quasi aos nossos dias em que a suave e melancolica musa de Millevoye ultimamente o remoeu no seu mais admirado poema.

Se d'este é que aqui se trata — e eu creio que sim — vemos que o romance popular conta o caso mui differente do que os poetas e escriptores do norte o referem. E' bem sabido que, segundo esses, a namorada princeza, quando o feliz Eginaldo sahia da sua camara, um dia de madrugada de inverno e com a neve alta e recemgeada pelos atrios e jardins do palacio, o tomara ella aos hombros para que não ficassem impressas na neve as deladoras pégadas do amante. O que descobrindo por acaso o imperador, que se levantára antes do sol, por tal modo se enternecera com aquella prova de generosa dedicacão, que logo lhes perdoára a ambos, casando o ditoso secretario com a namorada princeza.

Talvez o que primeiro contou a historia ao nosso povo e lh'a rimou para seus cantares, ommittiu a scena da neve por menos familiar e commum n'estes climas do sul; ou talvez a ignorasse, ou porventura não era ainda tam popular por lá como depois veio a ser. Fosse como fosse, este Reginaldo parece ser o Eginard de Carlos Magno, esta infanta a princeza sua filha, este rei o imperador seu pae. A trôco da bella scena da neve que nos falta, temos a visita da mãe de Reginaldo á prisão, e o lindissimo solão que lhe elle canta. O que tudo parece composto nos mais ternos e desgarrados modos de Bernardim Ribeiro, ou de Crisfal. E temos porfim o rei chamando a filha ao balcão para ouvir cantar o preso: scena verdadeiramente homerica e de uma graça tam sim-

ples e tocante como não ha outra que o seja mais.

Estou que nos veio de França este romance: não se encontra nas collecções castelhanas; e entre nós é dos que andam mais desfigurados e corruptos. Eu tive de reunir varios fragmentos para o restituir. No Alemtejo chamam-lhe *Generaldo*, no Minho *Girinaldo*; *Eginaldo* diz uma cópia da Beira, e outra que me veio do Porto trazia por titulo — *Girinaldo o atrevido*.

As variantes não são muitas, porque não pude considerar como taes as ligaturas absurdas com que partes do romance andavam cozidas a partes igualmente desconjuntadas de outros, dos quaes tive de o estremar para reunir o que felizmente achei que acertava e quadrava n'um todo completo.

São infinitas e mui disparatadas as variantes que desprezei na maior parte ao emendar conjecturalmente o romance. Também não valia a pena de as mencionar em nota. Fiz sómente excepção a favor de algumas que juntei por mais consideraveis.

Na citada collecção do bispo Percy <sup>1</sup> vem uma ballada ingleza que tem por titulo *Little Musgrave and Lady Barnard*, historia bastante differente d'esta, mas ha no principio uns dizeres tão semelhantes aos nossos, que mais me confirmam n'esta crença em que estou de que o verdadeiro romance antigo era de todos os paizes, como a todos pertencia o menestrel, o trovador, o cavalleiro andante, cuja patria era o mundo. Fosse onde fosse, era sua a terra ou o castello onde havia façanhas que fazer ou celebrar — aventuras para correr ou cantar. O romance inglez é dos que reconhecem por mais antigos os collectores d'aquella nação.

Em continuacão do appendice, aqui junto igualmente, para illustração do romance ix d'este livro que leva por titulo REGINALDO, as duas lições castelhanas que d'elle apparecem

<sup>1</sup> *Percy's Reliques*, XI secc. III, book the first.

agora na ultima recente edição do ROMANCEIRO de Duran.

Na introdução áquelle romance disse eu que elle não apparecia nas collecções castelhanas, porque em nenhuma das anteriores

a esta de 1849-51 o tinha podido encontrar.

Essa parte do texto, assim como a nota correspondente, precisam pois d'esta correcção.

## REGINALDO

REGINALDO, Reginaldo,  
Pagem d'elrei tam querido,  
Não sei porquê, Reginaldo <sup>1</sup>  
Te chamam o atrevido.  
—Porque me atrevi, senhora,  
A querer o defendido.  
«Não fôras tu tam covarde  
Que já dormiras commigo.  
—Senhora zombais de mim  
Porque sou vosso captivo.  
«Eu não n'ô digo zombando,  
Que devéras te lo digo.  
—Pois quando quereis, infanta,  
Que vá pelo promettido?  
«Entre las dez e las onze <sup>2</sup>  
Que elrei não seja sentido.»

Inda não era sol pôsto,  
Reginaldo adormecido:  
As dez não eram bem dadas,  
Reginaldo já erguido.  
Calcôu sapato de panno,  
Que d'el-rei não fôsse ouvido,  
Foi-se á camara da infanta,  
Deu-lhe um ai, deu-lhe um gemido.  
«Quem suspira a essa porta,  
Quem será o atrevido?  
—E Reginaldo, senhora,  
Que vem pelo promettido.  
«Levantae-vos minhas aias,  
Que assim Deus vos dê marido!  
E ide abrir mansinho a porta  
Que el-rei não seja sentido.»  
Vela o pagem toda a noite . .  
Por manhan é adormecido;  
Chamava o rei que chamava <sup>3</sup>  
Que lhe desse o seu vestido:  
—«Reginaldo não responde,  
Alguma tem succedido!  
Ou está morto o meu pagem  
Ou grande traição ha sido» <sup>4</sup>  
Responderam os vassallos <sup>5</sup>  
Que tudo tinham sentido:  
«—Morto não é Reginaldo,  
De somno estará perdido.»

Vestiu-se el-rei muito á pressa,  
E leva um punhal commigo <sup>6</sup>

Vae correndo sala e sala,  
Abrindo porta e postigo,  
Chega ao camarim da infanta,  
Dormiam tam socegados  
Como mulher e marido.  
De nada do que se passava  
De nada davam sentido.  
Acudiram os vassallos,  
Que viram a el-rei perdido:  
«—Nunca vossa magestade  
Mate um homem adormecido» <sup>7</sup>  
Tira el-rei seu punhal de ouro,  
Deixa-o entre os dois mettido,  
O cabo para a princeza.  
Para Reginaldo o bico.  
Ia-se a virar o pagem,  
Sentiu cortar-se no fio:  
—Acorda já, bella infanta,  
Triste somno tens dormido!  
Olha o punhal de teu pae  
Que entre nós está mettido.  
«Call'te d'ahi, Reginaldo, <sup>8</sup>  
Não seas tão dolorido;  
Vae já deitar-te a seus nês,  
Que el-rei é bom e soffrido.  
Para o mal que temos feito  
Não ha senão um castigo;  
Mas se el-rei mandar matar-te,  
Eu heide morrer commigo.  
—«D'onde vens, ó Reginaldo? <sup>9</sup>  
—Senhor, de caçar sou vindo.  
—«Que é da caça que caçaste,  
Reginaldo o atrevido?  
—Senhor rei, da caça venho,  
Mas não a trago commigo,  
Que o trazer caça real  
A vassallo é defendido.  
Só vos trago uma cabeça,  
A minha: dae-lhe o castigo.  
—«Tua sentença está dada,  
Morrerás por atrevido.  
Vêdes ora o bom do rei  
Dando voltas ao sentido:  
—«Se mato a bella infanta,  
Fica o meu reino perdido. . .  
Para matar Reginaldo,  
Criei-o de pequenino. . .  
Metê-lo-hei n'uma torre <sup>10</sup>

1 A lição da Extremadura e muitas outras omittem estes seis versos, e completam a primeira copia com est'outros dois:

Bem poderás, Reginaldo,  
Dormir um dia commigo.

A adoptada no texto é do Alentejo.

2 Entre la una e as duas.

Quando el rei esteja dormindo.—Alentejo.

3 La por sobre a madrugada.

Pede el rei o seu vestido.—Alentejo.

4 Ou tração tem commettido.—Extremadura.

Ou tração me ha commettido.—Leiria tu.

5 Accode d'alli um pagem

Que e de Reginaldo amigo:

—«Não é morto Reginaldo.

Nem tração tem commettido.

—Então esta Reginaldo

Com a princeza dormindo.—Beirabax.

6 Leva um tração commigo.—Extremadura

7 Dê n'um home' adormecido.—Minho.

8 Vae-te deitar, Reginaldo,

A seus pés muito rendido;

Que el-rei tem bom coração

E te heide casar commigo.—Beirabax.

9 Estas tres coplas são omittidas em todas as lições, salvo na

do Alentejo, e em uma das do Porto.

10 A lição do Alentejo termina o romance aqui com esta copla

—«Levanta-te, ó Reginaldo,

Reginaldo atrevido;

O castigo que te dou

E que seas seu marido.»

Quereria o perdido menezel pôr um epigramma na bôcca de

sua real magestade?

Outra lição da mesma provincia continua ainda depois:

Responderam os vassallos,

Que tudo tinham sentido:

—«Oh! quem teria a fortuna

Que Reginaldo tem tidol

Atequi pagem d'el-rei,

Agora liho querido!—Alentejo.

Por princípio de castigo.  
Dizei-me vós, meus vassallos,  
Pois tudo tendes ouvido,  
Que mais justiça faremos  
N'este pagem atrevido?  
Respondem os condes to'os,  
E muito bem respondido:  
«—Pagem de rei que tal faz,  
Tem a cabeça perdido»

Já o mettem n'uma tôrre, <sup>11</sup>  
Já o vão encarcerar.  
Mas anno e dia é passado,  
E a sentença por dar.  
Veiu a mãe de Reginaldo  
O seu filho a visitar:  
—Filho, quando te pari  
Com tanta dor e pezar,  
Era um dia como este,  
Teu pae estava a expirar.  
Eu co'as lagrimas nos olhos,  
Filho, te estava a lavar;  
Cabellos d'esta cabeça  
Com elles te fui limpar. <sup>12</sup>  
E teu pae já na agonia,  
Que me estava a encomendar:  
Emquanto fosses pequeno  
De bom ensino te dar,  
E depois que fosses grande  
A bom senhor te entregar.  
Ai de mim, triste viuva,  
Que te não soube criar! <sup>13</sup>  
A el-rei te dei por amo,  
Que melhor não pude achar:  
Tu vaes dormir co'a Infanta,  
De teu senhor natural!  
Perdeste a cabeca, filho,  
Que el-rei t'a manda cortar!...  
Ai! meu filho, antes que morras,

Quero ouvir o teu cantar.  
—Como heide eu cantar, mi madre <sup>14</sup>  
Se me sinto já finir?  
—Canta, meu filhinho, canta,  
Para haver minha benção,  
Que me estou lembrando agora  
De teu pae n'esta prisão.  
Canta-me o que elle cantava  
Na noite de San'João;  
Que tantas vezes m'o ouviste  
Cantar c'o meu coração.

—Um dia antes do dia  
Que é dia de San'João,  
Me encerraram n'estas grades  
Para fazer penação.  
E aqui estou, pobre coitado,  
Metido n'esta prisão,  
Que não sei quando o sol nasce,  
Quando a lua faz serão.» <sup>15</sup>

De suas varandas altas  
El-rei estava a escutar;  
Já se vae onde a Princeza,  
Pela mão a foi buscar:

—«Anda ouvir, ó minha filha,  
Este tão lindo cantar,  
Que ou são os anjos no céu,  
Ou as sereias no mar.  
«Não são os anjos no céu,  
Nem as sereias no mar,  
Mas o triste sem ventura  
A quem mandaes degollar.  
—«Pois já revogo a sentença  
E já o mando soltar;  
Prende-o tu, Infanta, agora,  
Pois contigo had' casar.

## VERSÃO CASTELHANA

### GERINELDO

#### I

LEVANTÓSE Gerineldo  
Que al rey dejara dormido:  
Fuese para la Infanta  
Donde estaba en el castillo.  
—Abraísme, digo, señora,  
Abraísme, cuerpo garrido,  
—¿Quién sois vos, el caballero,  
Que llamais á mi postigo?  
—Gerineldo soy, señora,  
Vuestro tan querido amigo.—  
Tomárala por la mano  
En un lecho la ha mettido,  
Y besando y abrazando  
Gerineldo se ha dormido.  
Recordado habia el rey  
De un sueño desaporido;  
Tres veces lo habia llamado,  
Ninguna le ha respondido.

—Gerineldo, Gerineldo,  
Mi camarero polido,  
Si mi andar en traicion,  
Trátasme como á enemigo.  
O dormias con la Infanta,  
O me has vendido el castillo.—  
Tomó la espada en la mano  
En gran saña va encendido:  
Fuérase para la cama  
Donde á Gerineldo vido.  
El quisieralo matar;  
Mas crióse de chiquito.  
Sacara luego la espada,  
Entre entrambos la ha mettido,  
Porque desque recordase  
Viese como era sentido.  
Recordado habia la Infanta,  
Y la espada ha conocido.  
—Recordados, Gerineldo,  
Que ya érades sentido,  
Que la espada de mi padre  
Yo me la he bien conocido. <sup>1</sup>

<sup>11</sup> Só as versões do Ribatejo trazem este episodio da tôrre.  
<sup>12</sup> Pensamento favorito dos menestres populares, que se encontra repetido em muitos dos nossos romances e xacaras.  
<sup>13</sup> Ensinar—*Ribatejo*.  
<sup>14</sup> Mãe minha—*Ribatejo*.  
<sup>15</sup> Em uma lição ultimamente vinda da Beiralta vem o episodio da prisão com mais u na copla n'este cantar do preso. Aqui ponho a dita copla por sua singularidade, apesar de se conhecer n'ella visível interpolação, e desharmonia de stylo e sentido. Imagino que se-

rá fragmento de outra xacara ou cantiga segundo tantos se encontram em muitas d'ellas:  
Tenho aqui dois passarinhos  
Que me trazem alcanfôres;  
Elles vão e elles vem  
Com novas dos meus amores.  
Alcanfôres? e trazer alcanfôres? quid?  
<sup>1</sup> *Romancero general*, 1849-51, t. I, pag. 173. Esta é a lição mais antiga, foi achada em um *filigio suelto*, folha volante impresso.

## GERINELDO

## II

GERINELDO, Gerineldo,  
 El mi page mas querido,  
 Quisiera habiarte esta noche  
 En este jardín sombrío.  
 — Como soy vuestro criado,  
 Señora, os burlais conmigo.  
 «No me burlo, Gerineldo,  
 Que de verdad te lo digo.  
 — ¿A que hora, mi señora,  
 Comprir heis lo prometido?  
 «Entre las doce y la una,  
 Que el rey estará dormido.—  
 Tres vueltas da á su palacio  
 Y otras tantas al castillo;  
 El calzado se quitó  
 Y del buen rey no es sentido:  
 Y viendo que todos duermen  
 Do posa la Infanta ha ido.  
 La Infanta que oyera pasos  
 Desta manera le dijo:  
 «¿Quién a mi estancia se atreve?  
 Quién á tanto se ha atrevido?  
 — No vos turbéis, mi señora,  
 Yo soy vuestro dulce amigo,  
 Que acudo a vuestro mandado  
 Humilde y favorecido. —  
 Enilda le ase la mano  
 Sin mas celar su cariño;  
 Cuidando que era su esposo  
 En el lecho se han metido,  
 Y se hacen dulces halagos  
 Como mujer y marido.  
 Tantas caricias se hacen,  
 Y con tanto fuego vivo,  
 Que al cansancio se rindieron  
 Y al fin quedaron dormidos.  
 El alba salia apenas  
 A dar luz al campo amigo,  
 Quando el rey quiere vestirse,  
 Mas no encuentra sus vestidos:  
 — «Que llamen á Gerineldo  
 El mi buen page querido.—  
 Unos dicen:—No está en casa.—  
 Otros dicen:—No lo he visto.—  
 Salta el buen rey de su lecho  
 Y vistiéndose de proviso,  
 Receloso de algun mal  
 Que puede haberle venido,  
 Al cuarto de Enilda entrara,  
 Y en su lecho halla dormidos  
 A su hija y á su page  
 En estrecho abrazo unidos.  
 Pasmado quedó y parado  
 El buen rey muy pensativo:  
 Pensando-se qué hará  
 Contra los dos atrevidos.  
 — ¿Mataré yo a Gerineldo,  
 Al que cual hijo he querido?

(Si yo mataré la Infanta  
 Mi reino tengo perdido!—  
 En tal estrecho el buen rey,  
 Para que fuese testigo,  
 Puso la espada por medio  
 Entre los dos atrevidos.  
 Hecho esto, se retira  
 Del jardín á un bosquecillo.  
 Enilda al despertar-se,  
 Notando que estaba el filo  
 De la espada entre los dos,  
 Dijo asustada a su amigo:  
 «Levántate, Gerineldo,  
 Levántate, dueño mio,  
 Que del rey la fiera espada  
 Entre los dos ha dormido.  
 — ¿Adónde iré, mi señora?  
 ¿Adónde me iré, Dios mio?  
 ¿Quién me librará de muerte,  
 De muerte que he merecido?  
 «No te asustes, Gerineldo,  
 Que siempre estaré contigo:  
 Márchate por los jardines  
 Que luego al punto te siga.—  
 Luego obedece á la Infanta,  
 Haciendo cuanto le ha dicho:  
 Pero el rey, que está en acecho  
 Se la hace encontradizo:  
 — «¿Dónde vas, buen Gerineldo?  
 ¿Como estás tan sin sentido?  
 — Paseaba estos jardines  
 Para ver se han florecido,  
 Y vi que una fresca rosa  
 El calor ha deslucido.—  
 — «Mientes, mientes, Gerineldo,  
 Que con Enilda has dormido.—  
 Estando en esto el Sultan,  
 Un gran pliego ha recibido:  
 Abrelo luego, y al punto  
 Todo el color ha perdido  
 — «Que prendan á Gerineldo:  
 Que no salga del castillo.—  
 En esto la hermosa Enilda  
 Cuidosa llega á aquel sitio.  
 De lo que pasa informada,  
 Y conociendo el peligro,  
 Sin esperar á que torne  
 El buen rey enfurecido,  
 Alta las tapias lijera  
 En pos de su amor querido.  
 Huyendo se va á Tartaria  
 Con su amante y fiel amigo,  
 Que en un brioso caballo  
 La atendia en el egido.  
 Allí, antes de casarse,  
 Recibe Enilda el bautismo.  
 Y las joyas que lleva  
 En dos cajas de oro fino  
 Una vida regalada  
 A su amante han prometido <sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Romancero general*, 1849-51, tomo. 1, pag. 176.



## DONA AUSENDA

A tradição visivelmente corrupta dá por título a este bello romance *Dona Ausencia*. Extremenhos e Alemtejanos estão concordes; mas nem assim me conformo com seu dizer, porque *Ausencia* não é nome proprio que jámais se usasse em nenhuma parte de Hespanha. *Ausenda* hade ser que por seculos se encontra em todos os documentos nossos da Meia-idade, e era dos mais geralmente usados e conhecidos.

Com ser tão graciosa esta xácara, é das que menos se vulgarisaram: duas provincias apenas a conservam em Portugal; e no resto da peninsula não consta que haja vestígios

d'ella. Antiga é, e das mais antigas, porque esta *Dona Ausenda* e este Conde Dom Ramiro tem um sabor mozarabe que não engana. Mas a ponte da Alliviada de que aqui se fala é no Minho. Como é que a historia de seu ermitão se não conhece alli, e veiu ter e ficar-se nas duas provincias circatejanas? Caprichos e mysterios da migração das tradições humanas, mais difficeis de explicar que os de suas raças.

Encontram-se aqui varias reminiscencias — por me expressar na lingua musical da moda — de outros romances mais sabidos e populares. Indicaré isto analogia na data?

## DONA AUSENDA

A' porta de Dona Ausenda  
Está uma herva fadada;<sup>1</sup>  
Mulher que ponha a mão n'ella  
Logo se sente pejada.  
Foi pôr-lhe a mão Dona Ausenda  
Em má hora desgraçada:  
Assim que pôs a mão n'ella.  
Logo se sentiu pejada.<sup>2</sup>  
Vinha seu pae para a mesa,  
Veiu ella muito apressada  
Para lhe dar agua ás mãos,  
Como filha bem criada.  
Pôs-lhe elle os olhos direitos,  
Ella fez se mui corada.  
—Que é isso, Dona Ausenda?  
Veto a Deus que estás pejada.  
«Não diga tal, senhor pae,  
E' da saia mal talhada;»  
Que eu nunca tive amores  
Nem homem me deve nada.»

Mandou chamar os dois xastres<sup>3</sup>  
Que tinham mais nomeada:  
—Vejam-me esta saia, mestres;  
Adonde está ella errada?  
Olharam um para o outro:<sup>5</sup>  
—«Esta saia não tem nada;  
O erro que ella tem  
E' a menina estar pejada.  
—Confessa-te, Dona Ausenda,  
Que ámanhan serás queimada.»

«Ai triste da minha vida,  
Ai triste de mim coitada!  
Sem nunca ter tido amores,<sup>6</sup>  
Vou a morrer deshonrada!»

Foram chamar o ermitão<sup>7</sup>  
Da ponte da Alliviada;  
Era um fradinho velho  
Que o encontraram na estrada.  
Mal o frade chega á porta,  
Deitou-se á herva fadada,  
Cortou-a pela raiz,<sup>8</sup>  
Na manga a leva guardada.  
—«Ajoalhae, Dona Ausenda,  
Que a vossa hora é chegada:  
Confessae vosso peccado  
A Deus e á Virgem sagrada.»  
«Padre, eu nunca tive amores,  
Nem homem me deve nada;  
Má's artes são do demonio  
Ver-me eu donzella—e pejada!<sup>9</sup>  
—«Ha quanto tempo, senhora,  
Vos sentis embaraçada?  
«Os nove mezes faz hoje  
Que alli n'aquella ramada  
Na noite de San'João  
Adormeci descuidada;  
Sentia o cheiro das flores  
E da herva rociada,  
Sentia-me eu tam ditosa,  
Tam feliz e regalada,

1 Cresce uma herva fadada—*Alemtejo*.

2 Sentiu-se logo prenada—*Alem ejo*.

3 Reminiscência do romance de *Dom Claros d'Alem-mar*, ou vice-versa. Veja adiante n'este volume.

4 Alfaiates.

5 Veja nota 3.

6 Sem nunca saber de amores—*Extremadura*.

7 Foram buscar confessor.

A ermida da Alliviada—*Extremadura*.

8 Arranca raiz e tudo—*Alemtejo*.

9 E prenada—*Alemtejo*.

Que o despertar me deu pena  
Quando veio a madrugada.  
—«Fomae agora esta herva,  
Que é uma herva fadada:  
Com a benção que lhe eu deito <sup>10</sup>  
Ficará herva sagrada.  
—«Ail este cheiro meu padre,  
E' o que eu senti na ramada.»  
Não disse mais Dona Ausenda,  
Do somno ficou tomada.  
Virtude tinha aquella herva,  
Outra virtude fadada:  
Mulher pejada que a toque <sup>11</sup>  
Logo fica despejada.  
Alli, sem mais dor nem pena,  
Em boa hora abençoada,  
Pare uma linda criança  
Bem nascida e bem medrada.  
Metteu-a o frade na manga,  
Foi-se sem dizer mais nada.  
Já desperta Dona Ausenda,  
Já se sente alliviada;  
De tudo quanto passou  
Apenas está lembrada:  
Um mão sonho lhe parece  
Que a deixou perturbada.  
Chamou por suas donzellas,  
Chamou por sua criada,  
Vestiu suas galas mais ricas,  
Sua saia mais bem talhada,  
Foi-se encontrar com seu pae  
Que estava na alpendorada <sup>12</sup>.  
Vendo armar a fogueira  
Em que a queria queimada:  
«Senhor pae, aqui me tendes

Já disposta e confêssada;  
Agora a vossa vontade  
Seja em mim executada.»

O pae que a mira e remira  
Tam esbelta e bem pregada,  
O seu corpo tam gentil,  
Sua saia tam bem talhada:  
—Que feitiço era este, filha,  
Com que estavas embruxada?  
Como se desfez o encanto,  
Que te vejo tão mudada?  
«Fosse elle poder de encanto,  
Ou condão de herva fadada,  
Quebrou-o aquelle fradinho  
Da ponte da Alliviada.  
—Metade de quanto eu tenho,  
Ametade bem contada,  
A esse bom ermitão  
D'esta hora lhe fica dada.—  
Palavras não eram ditas  
O ermitão que chegava: <sup>13</sup>  
—«Acceito a offerta, bom conde,  
Se a metade é bem contada,  
Se entra n'ella Dona Ausenda,  
E m'a dais por desposada.»  
Riram-se todos do frade;  
Elle sem dizer mais nada,  
Despe o hábito e o capuz,  
Ergue a cabeça curvada;  
Ficou um gentil mancebo,  
Senhor de capa e de espada <sup>14</sup>  
Era o conde Dom Ramiro,  
Que d'alli perto morava.  
Em boa hora Dona Ausenda  
Pôs a mão na herva fadada!

<sup>10</sup> Com as rezas que lhe eu rezo—*Extremadura*.

<sup>11</sup> Mulher que ponha a mão n'ella,  
Se esta prenhe, e despenhada—*Aleentejo*

<sup>12</sup> Alpendre cuberto, á entrada da casa

<sup>13</sup> Assomava—*Aleentejo*.

<sup>14</sup> Vestido de capa e espada—*Extremadura*.

## RAINHA E CATIVA

Nem os romanceiros castelhanos nem escriptor algum faz menção do bello romance da *Rainha e cativa*. Anda, como os precedentes, na tradição oral do povo, e parece não ser dos que mais alterações têm padecido, quer na fórmula, quer no estylo, apezar da renovação de palavras por que deve de ter passado na insensível mudança de lingua, para se encontrar hoje em phrase tam corrente.

E' geralmente sabido, e com poucas variantes se repete desde a Extremadura a Traz-os Montes; sêl-o ha tambem nas provincias transtaganas, mas não me veiu de lá cópia d'elle.

Pelas referencias a Galliza, a senhorio de moiros ainda perto e á «Terra de Sancta Maria», que, como todos sabem, é o districto d'Entre Douro e Vouga que hoje se chama «Terra da Feira», vê-se que a historia e epopeia, ambas são dos primeiros tempos da monarchia. E a circumstancia de «salto» por mar e «correria» por terra lhe dá uma forte côr do seculo XII.

Os poetas populares não compunham em geral as suas rhapsodias senão sobre factos recentes. O que passou da historia escripta

para os versos é já feito pelos poetas letrados de uma civilisação — superior não sei, porém mais adeantada.

O conto conta-se bem no romance, excusa explicado por argumento do compilador. E' dos mais romanescos, cheio de situações interessantes, de lances e de aventuras. Esta volta de cativos e renegados christãos para as suas terras, fugidos com as joias de seus senhores infieis, é uma feição muito sabida, e commum nas lendas populares.

N'esta ha toda a singeleza homérica, todo aquelle tom; até a repetição das mesmas palavras e dos mesmos versos quando occorrem as mesmas idéas: é a Aurora da *Iliada* que sempre abre o céu com os mesmos «dedos de rosa», os reis que são sempre «pastores de povos»; é Meneláo com a mesma «cabelleira loira», Juno com as mesmas «côxas pulchras», os mesmos «olhos de touro» sempre. A poesia primitiva é uma sempre, ás ribeiras do Pamyso ou ás do Douro.

A pintura da mãe baptizando a filha com as lagrimas de seus olhos, tem já por si só mais poesia grande e sublime do que poemas inteiros de grandes poetas.

## RAINHA E CATIVA

A' guerra, á guerra, moirinhos,  
Quero uma christ'an cativa!  
Uns vão pelo mar abaixo,  
Outros pela terra acima:  
Tragam-m'a christ'an cativa,  
Que é para a nossa rainha.  
Uns vão pelo mar abaixo,  
Outros pela terra acima:  
Os que foram mar abaixo  
Não encontraram cativa;  
Os que foram terra acima:  
Tiveram melhor atina,<sup>1</sup>  
Deram com o conde Flores  
Que vinha de romaria:  
Vinha lá de Sanctiago,  
e anctiagio de Galliza;

Mataram o conde Flores,  
A condessa vae cativa.  
Mal que o soube a rainha,  
Ao caminho lhe saia:  
«Venha embora a minha escrava,  
Boa seja a sua vinda!  
Aqui lhe entrego estas chaves  
e a dispensa e da cosinha;  
Que me não fio de moiras  
Não me dem feiticaria.<sup>2</sup>  
— Aceito as chaves, senhora,  
Por grande desdita minha...  
Hontem condessa jurada,<sup>3</sup>  
Hoje môca de cozinha!»  
A rainha está pejada,  
A escrava, tambem o vinha:  
Quiz a boa ou má fortuna  
Que ambas parissem n'um dia.

<sup>1</sup> Melhor fortuna, atinaram melhor. Algumas lições dizem *atina*: palavra que não sei interpretar. É opinião do meu amigo o Sr. Herculanio que poderá ser *acima*, isto é, a velha palavra *cima* — complemento, conclusão, acabamento, resultado — com a expletiva a por causa do metro.

<sup>2</sup> ? Que me não dem bruxaria — *Extremadura*.

<sup>3</sup> Hontem condessa de Flores — *Ribatejo*.

Filho varão teve a escrava,  
E uma filha a rainha;  
Mas as pèrras das comadres,  
Para ganharem alviçaras<sup>4</sup>  
Deram á rainha o filho,  
A' escrava deram a filha.

— Filha minha da minha alma,  
Com que te baptizaria?<sup>5</sup>  
As lagrimas de meus olhos  
Te sirvam de agua bemdita.  
Chamar-te-hei Branca Rosa,  
Branca-flor d'Alexandria,<sup>6</sup>  
Que assim se chamava d'antes  
Uma irman que eu tinha:  
Captivaram-n'a os moiros  
Dia de Paschoa florida,  
Andando apanhando rosas<sup>6</sup>  
N'um rosal que meu pae tinha.»  
Estas lástimas choradas  
Veis-la rainha que ouvia,  
E co'as lagrimas nos olhos  
Muito depressa acudia:  
«Criadas, minhas criadas,  
Regalem-me esta cativa;  
Que se eu não fôra de cama,  
Eu é que a serviria»<sup>7</sup>  
Mal se levanta a rainha  
Vae-se ter com a cativa:  
«Como estás, ó minha escrava,  
Como está a tua filha?  
—A filha boa, senhora,  
Eu como mulher parida.  
«Se estiveras em tua terra,  
Que nome lhe chamarias?  
—Chamára-lhe Branca Rosa,  
Branca-flor de Alexandria;<sup>8</sup>

Que assim se chamava d'antes  
Uma irman que eu tinha:  
Cativaram-n'a os moiros  
Dia de Paschoa florida,  
Andando apanhando rosas<sup>9</sup>  
N'um rosal que meu pae tinha.  
«Se vira la tua irman,  
Se tu a conhecerias?  
—Assim eu a vira nua  
Da cintura para cima;  
Debaixo do peito esquerdo  
Um signal preto ella tinha!<sup>10</sup>  
«Ai triste de mim, coitada,  
Ai triste de mim mofina!<sup>11</sup>  
Mandei buscar uma escrava,  
I razem uma irman minha!»  
Não são passados tres dias,  
Morre a filha da rainha:  
Chorava a condessa Flores  
Como quem por sua a tinha;  
Porém mais chorava a mãe,  
Que o coração lh'o dizia.<sup>12</sup>  
Deram á lingua as criadas,  
Soube-se o que succedia:  
A mãe, c'o filho nos braços,  
Cuidou morrer de alegria.  
Não são passadas tres horas,  
Uma á outra se dizia:  
—«Quem se vira em Portugal,  
Terra que Deus bemdizia!»  
Juntaram muita riqueza  
De oiro e de pedraria;  
Uma noite abençoada  
Fugiram da moiraria.  
Foram ter á sua terra,  
Terra de Santa-Maria;  
Metteram-se n'um mosteiro,  
Ambas professam n'um dia.

<sup>4</sup> Trocaram-n'as á nascida—*Beirabaixa*.

<sup>5</sup> Rosa flor d'Alexandria—*Minho*.

<sup>6</sup> Quando andava a apanhar rosas—*Extremadura*.

<sup>7</sup> Eu é que a regalaria—*Extremadura*.

<sup>8</sup> Rosa flor d'Alexandria—*Minho*.

<sup>9</sup> Quando andava a apanhar rosas—*Extremadura*.

<sup>10</sup> Um lunar preto ella tinha—*Extremadura*.

<sup>11</sup> Triste de minha molina—*Beiralt*.

<sup>12</sup> Que o coração lh'o pedia—*Ribatejo*.

## DOM CLAROS D'ALEM-MAR

*Dom Claros d'Alem-mar*, que em muitas partes o povo corruptamente diz *Dom Carlos*, não sei se nasceu portuguez ou castelhanol propendo para a última origem, apesar de que, impresso nas antigas colleções dos nossos visinhos, o povo de Portugal todavia o canta bastante diverso, mas não peiorado decerto.

Do modo por que assim anda na tradição oral portugueza, faz lembrar no seu principio o romance francez do *Comte Ory*.

Creio que é das mais antigas composições d'este genero que temos em Hespanha; nas provincias portuguezas é muito vulgar e sabido, e portanto abunda em variantes.

Observa-se aqui ser indubitavel que certos versos e coplas de alguns primeiros romances, certos dizeres d'elles cahiram em graça geral, e ficaram sendo como *bordeaux* poeticos em todas as linguas.

D'isto apparecem continuas prôvas e exemplos, não só entre provenções, portuguezes,

catalães e castelhanos, não só entre dinamarquezes, normandos, escossezes, allemães e inglezes, mas ainda de uma d'estas grandes familias para a outra.

Compare, no presente romance, os versos onde diz :

Haverá por ahi um pagem  
Que o meu pão queira comer? .

com est'outros do escossez *Prince Robert*, na colleção de Sir W. Scott já citada :

«O where will I get a little boy,  
That will win hose and shoon,  
To rin sac fast to Darlington  
And bid fair Eleanor came?»  
Then up and spake a little boy,  
That wad win hose and shoon:  
«O I'll away to Darlington,  
And bid fair Eleanor came.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Minstrelsy of the scottish Borders*, etc., tomo II, pag. 124, ed. Paris 1838.

QUERO fazer uma aposta,  
Ou eu não sei apostar:  
Claralinda hade ser minha<sup>1</sup>  
Antes do gallo cantar.  
«Apostar, apostareis,<sup>2</sup>  
Mas não haveis de ganhar;  
Que é discreta a Claralinda,  
Ninguem n'a pôde enganar.»  
Não quiz ali dizer nada,  
Não quiz ali mais falar;  
Vestiu trajos de donzella  
E se poz a caminhar.<sup>3</sup>  
Lá estava a Claralinda  
De seu balcão a mirar:  
— Que donzella tam bonita!<sup>4</sup>  
Quem é, e o que vem buscar?  
— É a tecedeira, senhora,<sup>5</sup>  
Que vem das praias do mar;  
Tem a sua teia urdida,

E a falta<sup>6</sup> vem n'a buscar.  
— Ah! tenho a falta, donzella,  
Mas inda está por dobar.<sup>7</sup>  
«— Senhora, que se faz tarde  
E eu não posso esperar:  
De noite pelos caminhos<sup>8</sup>  
Donzellas não hão de andar.  
— Para honra da donzella,  
Aqui hoje hade poisar.  
«— Tendes criados tam moços,  
Tam atrevidos do olhar...»  
— Para honra da donzella  
No meu quarto hade ficar.

A donzella, de contente,  
A' noite não quiz ceiar;  
Tinha somno, tanto somno,  
Que se quiz logo deitar.  
Lá por essa noite adeante<sup>9</sup>

<sup>1</sup> De dormir com Marianna—*Beiralta*.

<sup>2</sup> — «Tal coisa não faças, filho,  
Que a não hade ganhar:

Marianna é miú sisuda,

E não se deixa enganar.»—*Beiralta*.

— «Não apostes, ó meu filho,

Não te mettas a apostar;

Que Marianna é discreta.

Não a podes enganar.»—*Beiralta*.

<sup>3</sup> Vestiu trajos de donzella,

Ao jardim foi passear—*Beiralta*

<sup>4</sup> — «Quem é aquella donzella

Que além anda a passear?»—*Beiralta*.

— «Quem bate a minha porta,

Quem me vem importunar?»—*Minho*.

<sup>5</sup> — «Tecedeira, sou, senlora,

De las areias do mar:

A lá tenho a urdida

A seda venho a buscar!»—*Tras-os-Montes*.

<sup>6</sup> Falta de tela é o que apparece de menos na tecedura em desproporção com a urdidura.

<sup>7</sup> «Essa falta eu a tenho

Mas não a posso dobar.»

— «Dobe-a já, minha senlora,

Trate de a mandar dobar.»—*Beiralta*

<sup>8</sup> — «Dilate-se, o menina,

Que ainda esta por dobar:

Donzellas pelo caminho

De noite parcem mal.»—*Beiralta*

<sup>9</sup> La por essa noite velha

Marianna de queixar—*Minho*.

Claralinda de gritar . .  
 «—Calla-te, ó Claralinda,  
 Não te queiras diffamar,  
 Que eu sou de nobre gente  
 E contigo hei de casar:  
 Fia-te n'esta palavra  
 De Dom Claros d'Alem-mar » <sup>10</sup>

Passados são tantos dias,  
 Tam compridos de esperar:  
 Não voltou a tecedeira,  
 Mas a teia ia a dobrar  
 Aos sete para oito mezes  
 O pae á mesa a jantar: <sup>11</sup>  
 —Claralinda, Claralinda,  
 Que feio é o teu trajarl  
 —Não diga tal, senhor pae,  
 Ninguém lhe oiça tal falar:  
 Não sou eu, é da vasquinha  
 Que é mal feita e dá máo ár.  
 Mandou chamar alfaiates <sup>12</sup>  
 Para se desenganar:  
 Disseram uns para os outros:  
 —Não tem falta a saia tal.

Não ha ali mais que dizer, <sup>13</sup>  
 Não ha mais que perguntar:  
 —Prepara-te, ó Claralinda,  
 Que amanhan vaes a queimar.  
 —Não se me dá que me matem, <sup>14</sup>  
 Que me levem a queimar,  
 Dá-se-me d'este meu ventre  
 Que é de sangue real!...

Haverá por ahí um pagem <sup>15</sup>  
 Que o meu pão queira ganhar,  
 É que me leve esta carta  
 A Dom Claros d'Alem-mar? —  
 Apparece um pagemisto  
 Discreto no seu falar:  
 —«Aqui está um mensageiro  
 Que o recado quer levar.  
 —Se o meu pão queres comer,

- 10 --Aos sete para oito mezes  
 Se teu pae já reparar,  
 Mandará uma cartinha  
 A Dom Claros d'Alem-mar.» — *Beiraltta.*
- 11 Sen pae que a estava a mirar.  
 —«O que mira, senhor pae,  
 O que é que está a olhar?  
 —Ei miro-te, minha filha,  
 F. olho no teu dezar.»  
 —«Este enchume, senhor pae,  
 F. da saia mal trajar » — *Coimbra.*  
 —«Que é isso, Mariana,  
 Que te faz assim estar?»  
 —«Não é nada, senhor pae.  
 E a vasquinha mal tallhada.» — *Porto*
- 12 Mandou logo vir dois xastres  
 Cada um de sua casa:  
 Disseram um para o outro:  
 —«A vasquinha não tem nada,  
 E a menina está pejada.» — *Porto.*  
 —«Esta saia não tem nada;  
 Ao fim de nove mezes  
 Ella sera abaixada!» — *Coimbra.*  
 13 «Oh lá, oh lá, meus criados,  
 A lenha ao monte apanhar,  
 Que amanhan por estas horas  
 Vae Claralinda a queimar.» — *Betrabauxa.*  
 14 «Confess-te, ó Mariana,  
 Trata de te confessar,  
 Que hoje te ajuntam a lenha,  
 Amanhan te hão de queimar.» — *Beiraltta.*
- 15 «Não se me dá que me quemem,  
 Que me tornem a queimar.» — *Coimbra.*
- 16 «Não ha por ahí um pagem  
 Que se doia do meu mal.» — *Ponte-de-Lima.*  
 Quem me dera aqui um pagem.  
 Que me fôra ao meu mandar,  
 Quem me levava esta carta,  
 A Dom Claros, de pezar.» — *Minho.*  
 17 «Se elle estiver a dormir,  
 Façam-n'o logo acordar,  
 Se elle estiver a comer,  
 Não o deixem acabar.» — *Beirabauxa.*

A toda a pressa hasde andar,  
 E entregarás esta carta  
 A Dom Claros d'Alem-mar. <sup>16</sup>

—Que quereis, ó pagemisto,  
 Que vindes aqui buscar?  
 —«Trago uma carta, senhor,  
 Novas de muito pezar;  
 Novas lhe trago, más novas <sup>17</sup>  
 Da sua amiga leal:  
 Hoje se lhe ajunta a lenha,  
 A'manhan vae a queimar.  
 Elle pôz-se a lér a carta,  
 Não a podia acabar;  
 As lagrimas eram tantas  
 Que o faziam cegar: <sup>18</sup>  
 —Oh lá, oh lá, escudeiros,  
 Os cavallos a ferrar;  
 Jornada de quatro dias  
 Esta noite se hade andar.

Chega a um convento de frades,  
 Estava o sino a dobrar:  
 —Por quem dobra o sino, padre,  
 Por quem está a tocar?  
 «E' a infanta Claralinda  
 Que se está a agonizar:  
 Hontem juntaram-lhe a lenha,  
 Hoje a levam a queimar.»  
 Era quasi manhan clara,  
 Mandou seus pagens deitar,  
 Vestiu-se em trajos de frade, <sup>19</sup>  
 Foi ao caminho esperar:  
 —Parem lá os da Justiça, <sup>20</sup>  
 Justiça de máo pezar,  
 Que a menina que ahí levam  
 Inda vae por confessar.

Deixaram-n'o ao bom do frade  
 Para a infanta confessar.  
 Mal se elle viu só com ella,  
 De amores lhe foi falar:

- «Se o achares a passear,  
 Deixá-o-has assentar;  
 Se o achares a dormir,  
 Deixá-o-has acordar:  
 Se o achares a jantar,  
 Deixá-o-has levantar.» — *Açóres.*  
 —«Se o achares a dormir,  
 Deixá-o-has acordar,  
 Se o achares acordado,  
 A carta lhe hasde entregar.» — *Beiraltta.*
- 17 «Novas lhe trago, senhor,  
 Da sua amiga leal:  
 Dos sete para oito mezes  
 Seu pae a manda queimar.» — *Beiraltta.*  
 —«A sua amada menina  
 Amanhan vae a queimar.» — *Açóres.*  
 —«Menina com quem dormi?»  
 Vae amanhan a queimar.» — *Beira-baixa.*
- 18 Desgraçada Mariana  
 Que te levam a quem. r!  
 Malstreado do teu ventre  
 Que leva sangue real! — *Beiraltta.*  
 Ponco me dá que a quemem  
 Que a tornem a quemar;  
 Dá-se-me, e do seu ventre  
 Que é de sangue real.» — *Alentejo.*
- 19 Vestiu-se em trajos de frade.  
 Ao caminho a foi esperar:  
 Em chegando ao pé d'ella  
 Aos criados foi fallar » — *Beiraltta.*
- 20 Parem lá com a liteira,  
 E façam-n'a já parar,  
 Que a menina que ahí levam  
 Ainda vae por confessar.» — *Beirabauxa.*  
 —«Oh da justiça d'el-rei,  
 Alto lá, façam parar.» — *Coimbra.*  
 A menina que ahí levava  
 Ainda vae por confessar.» — *Beiraltta.*  
 —«Diga-me, minha menina,  
 O porque vae a quemar?»  
 —«Porque dormi uma noite  
 Com Dom Claros d'Alem-mar.» — *Beiraltta*

—Venha cá, minha merinha,<sup>21</sup>  
Que a quero confessar;  
No primeiro mandamento  
Um beijinho me hade dar.  
—«Não permita Deus do céu  
Nem os santos do altar!  
Onde Claros pöz a bôcca<sup>22</sup>  
Não me hade um frade beijar.  
—Venha cá, minha menina,  
Que a quero confessar;  
No segundo mandamento,  
Um abraço me hade dar.  
—«Vae-te na má hora, frade,  
Que a mim não hasde chegar;  
Que a mim nunca chegou homem,  
Se não — inda mal pezar!  
Senão só esse Dom Claros,  
Dom Claros o d'Alem-mar,  
Que, por meus grandes peccados,  
Por elle vou a queimar!»

Dom Claros que tal ouviu,  
Não pôde o riso occultar.  
—«Por esse riso que daes,<sup>23</sup>  
Sois Dom Claros d'Alem-mar...  
—«Calla-te, ó Claralinda,<sup>24</sup>  
Que te venho libertar;  
Já está tecida a teia,  
Vamol-a agora a curar.»

Tomou-a logo nos braços  
Pozeram-se a caminhar;  
Estava perto o convento,  
Viram-n'os os pagens chegar.  
Chegavam, não chegariam...  
A Justiça de bradar.  
—Nas ancas de meu cavallo,  
Menina, haveis de montar.»  
Assim foi livre a infanta  
Por Dom Claros d'Alem-mar.

## LIÇÃO CASTELHANA<sup>1</sup>

A caza va el emperador,  
A san Juan de la montaña,  
Con el iba el conde Claros  
Por le tener compañía.  
Contandole iba contando  
El menester que tenía.  
—No me lo digais, el conde,  
Hasta despues la venida.  
«Mis armas tengo empeñadas  
Por mil marcos de oro y mas.  
Y otros tantos debo en Francia  
sobre mi buena verdad.  
—Lámedme mi camarero  
De mi camara real;  
Dad mil marcos de oro al conde  
Para sus armas quitar;  
Dad mil marcos de oro al conde  
Para mantener verdad;  
Dadle otros tantos al conde  
Para vestir e calzar;  
Dadle otros tantos al conde  
Para las tablas jugar;  
Dadle otros tantos al conde  
Para torneios armar;  
Dadle otros tantos al conde  
Para con damas holgar.  
«Muchas mercedes, señor,  
Por esto y por mucho mas.  
A la infanta Claranilla  
Vós por muger me la dad.  
—Tarde acordaste, el conde,

Mandada la tengo ya.  
«Vós me la dareis, señor,  
A cabo que no querais,  
Porque preñada la tengo  
De los seis meses ó mas.»  
El emperador que esto oyera  
Tomó de ello gran pesar,  
Vuelve riendas al caballo  
Y tornose á la ciudad:  
Mando llamar las parteras  
Para la infanta mirar.  
Allí habló la partera,  
Bien oíreis lo que dirá:  
—«Preñada está la infanta  
De los seis meses ó mas.»  
Mandola prender su padre  
Y meter en escuridad;  
El agua hasta la cintura  
Porque pudriese la carne.  
Caballeros de su casa  
Se la iban á mirar:  
—«Pésanos de vós, señora,  
Quanto nos puede pesar,  
Que de hoy en quinze dias  
El rey os manda quemar.»  
«—No me pesa de mi muerte  
Porque es cosa natural,  
Pésame de la criatura,  
Porque es hijo de buen padre;  
Mas se hay aquí alguno  
Que haya comido mi pan,

21 Diga-me, minha menina,  
Verdade me hade fallar;  
Se teve amores com clérigos,  
Ou com frades, mal pezar!  
—«Não tive amores com clérigos  
Nem frades de mal pezar;  
Tive amores com Dom Claros,  
Por isso vou a queimar.»  
—«Pois Dom Claros sou eu mesmo,  
E contigo heide casar.» — *Cóimbra*.  
Segundo esta lição de Coimbra acaba o romance aqui.

22 Que onde Claros pöz a bôcca  
Não hade pôr nenhum frade. — *Beiralta*.  
Que onde o meu bem pöz a bôcca — *Evora*.  
Não me hade um frade beijar — *Ponte-de-Lima*.  
Venha um frade beijar. — *Porto*.

23 Pelo sorriso que daes — *Beirabaixa*.

24 —«Sim, senhora, sou Dom Claros  
Que vos vein libertar  
Tomou-a logo nos braços  
Pozeram-se a caminhar.

Correm d'alem os criados  
h. pozeram-se a gritar:  
—«Senhor padre, deixe a moça,  
Que a manda seu pae queimar.»  
—«Vós não dizer a seu pae  
Que a venha cá buscar.»  
Que eu co'este faim de prata  
A alma lhe heide atravessar. — *Beiralta*.  
—«Eu Dom Claros, sou menina,  
Sou Dom Claros d'Alem-mar;  
Nas ancas do meu cavallo,  
Menina haveis de montar.  
Senhora das minhas quintas,  
Rainha do meu caudal...  
Agora diz a teu pae  
Que te venha cá buscar. — *Traz-os-Montes*.

N'estas duas lições da Beiralta e de Traz-os-Montes, acaba respectivamente assim o romance.

1 Esta variante tem entre os castelhanos o título de *Don Claros de Montalvan*.

Que me llevase una carta  
 A Don Claros de Montalvan?  
 Allí habló un page suyo,  
 Tal respuesta le fue a dar:  
 —«Escribidla vós, señora,  
 Que yo se la iré a llevar»  
 Ya las cartas son escritas,  
 El page las va a llevar;  
 Jornada de quince días,  
 En ocho la fuera a andar.  
 Llegado habia a los palacios  
 A donde el buen conde está.  
 «Bien vengaís, el pagecico,  
 De Francia la natural.  
 ¿Pues que nuevas me traeís  
 De la infanta? como está?  
 —«Leed las cartas, señor,  
 Que en ellas os lo dirá.»  
 Des que los hube leído  
 Tal respuesta le fue a dar:  
 «Uno me da que la quemen,  
 Otro me da que la maten.»  
 Ya se partia el buen conde,  
 Ya se parte, ya se va,  
 Jornada de quince días  
 En ocho la fuera a andar,  
 Fuera a un monasterio  
 Donde los frailes estan;  
 Quitóse paños de seda,  
 Vistió hábitos de frailes,  
 Fuérase a los palacios  
 De Carlos el emperante.  
 «Mercedes, señor, mercedes,  
 Queráismelas otorgar,  
 Que a mi señora, la infanta  
 Vos me dejeis confesar.»  
 Ya lo llevaban al fraile  
 A la infanta a confesar.

El cuando se vio con ella  
 De amores le fue a hablar.  
 —«Tate, tate,» dijo, «fraile,  
 Que a mi tu no hasde llegar;  
 Que nunca llegó a mi hombre  
 Que fuese vivo en carne,  
 Sino solo aquel don Claros  
 Don Claros de Montalvan,  
 Que por mis grandes pecados  
 Por él me queren quemar.  
 No doy nada por mi muerte,  
 Porque es cosa natural,  
 Pésame de la criatura  
 Porque es hijo de buen padre.»  
 Ya se iba el confesor  
 Al emperador a hablar:  
 «Mercedes, señor, mercedes,  
 Quieráismelas otorgar,  
 Qui mi señora la infanta  
 Sin ningún pecado está.»  
 Allí habló el caballero  
 Que con ella queria casar:  
 —«Mentides, fraile, mentides,  
 Que no decís la verdad.»  
 Desafiáanse los dos,  
 Al campo van a lidiar.  
 Al apretar de las cinchas  
 Conociólo el emperante;  
 Dijo que el fraile es don Claros,  
 Don Claros de Montalvan,  
 Mató el fraile al caballero,  
 La infanta librado ha,  
 En ancas de su caballo  
 Consigo la fue a llevar.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Duzan *Romanceiro* Não vem no *Tesoro de Romanceros* de Ochoa



## CLARALINDA

Ao revés do romance precedente, nós chamamos *Clarinda* a este, que os castelhanos têm muito mais extenso em suas collecções com o titulo de *Conde Claros*.

O tal *Dom Claros* ou *Conde Claros*, devia de ser o Don Juan d'aquelles tempos, á immensidade de aventuras e conquistas amorosas que os romanceiros lhe attribuem. E talvez é um mytho em que os trovadores moralistas resumiram todos os Lovelaces da Meia-idade.

O presente romance mui similhante, na lição portugueza, ao que leva por titulo *Rosalinda* na primeira parte d'esta collecção,<sup>1</sup> differe todavia essencialmente d'elle na cõr local, e, para assim dizer, nas decorações da scena. O desfecho da aventura é inteiramente outro. E além d'isso, aquelle foi construido de tres fragmentos diversos: era este um d'elles.

Depois de publicado este primeiro tomo, obtive uma melhor e mais completa cópia; já lhe não cabe o nome de fragmento: é a que aqui dou com as suas variantes, e com a mais ampla lição castelhana.

Seriam os menestres os que, segundo a theoria de Sir Walter Scott. que já n'outra parte mencionei,<sup>2</sup> contrahiram o romance escripto na xácara para contar? Ou seriam os poetas ou os collectores letrados que da xácara popular fizeram o romance mais longo?

N'este caso especial não sei decidir; mas estou fortemente capacitado de que ora uma ora outra coisa succedia, e que é difficil dizer quando esta ou aquella se fez.

O saio de seda, a cintura de oiro e firmal, indicam a antiguidade na lição portugueza que não desce do decimo quinto seculo.

Em appendice ponho a lição castelhana. Que estudo na comparação dos dois textos! Como resalta o caracter das duas familias e das duas linguas, tam parentes e tam distinctas uma da outra! Como é reservado, como é natural o *finchado* portuguez! Como se exagera e intumece o castelhanos! Mas é innegavel todavia que ha mais pompa e luxo de poesia n'este; assim como ha mais verdade e mais sentimento n'aquelle.

<sup>2</sup> Romance do *Conde Yano*, pag. 418 d'este volume.

<sup>1</sup> *Romanceiro*, tomo I. Lisboa, 1843, pag. 177.

MEIA-NOITE já é çlada,  
Os gallos querem cantar,  
O conde Claros na cama <sup>1</sup>  
Não podia repousar.  
Chamou pagens e escudeiros,  
Que se quer já levantar;  
Que lhe tragam de vestir,  
Que lhe tragam de calçar.  
Deram-lhe uma alva camiza.  
Que el-rei a não tinha tal <sup>2</sup>  
Deram-lhe saia de seda,  
Cintura de oiro e firmal.  
Trazem-lhe esporas douradas.  
Para com ellas montar;  
Cavalgou no seu cavallo,  
Pôs-se logo a caminhar.

—Deus te salve, Claralinda,  
Tam cedo estás a bordar?  
«Salve-te Deus, conde Claros!  
D'onde vaes a caminhar?» <sup>3</sup>

—Aos moiros me vou, senhora,  
Grandes guerras guerrear.  
«Que bello corpo que tendes  
Para com elles brigar!  
—Melhor o tenho, senhora,  
Para comvosco folgar...» <sup>4</sup>  
Palavras não eram ditas  
Um pagem que ia a passar;  
—«As palavras que são ditas,  
A el-rei vou já contar.»  
—Palavras que ditas são,  
A el-rei não vás levar:  
Dar-te-hei de oiro e de prata  
Quanto possas carregar.  
—«Não quero oiro nem prata,  
Se oiro é prata me heisde dar;  
Quero guardar lealdade  
A quem n'a devo guardar:  
As palavras que são ditas,  
A el rei as vou contar.»

Foi d'alli o hom do pagem <sup>5</sup>  
Andando de hom andar ✓

<sup>1</sup> Conde Claros em seu leito — *Alentejo*  
<sup>2</sup> Que elrei a não tinha igual — *Alentejo*.  
<sup>3</sup> Tam cedo a caminhar — *Lisboa*.

<sup>4</sup> Para com damas folgar — *Beirabaixa*.  
<sup>5</sup> Foi d'alli o pagemzito — *Alentejo*.

A' casa da Estudaria,  
Onde el-rei estava a estudar:  
— «Deus vos salve, senhor rei,  
E a vossa c'roa real!  
Lá deixei o conde Claros  
Com a princeza a folgar.  
— Se á puridade o dissesseis,  
Tença te havia de dar;  
Mas pois tam alto fallaste,  
Alto hasde ir a enforçar.»

Castigar os chocallheiros  
Boa justiça real:  
Mas o pobre conde Claros  
Também vae a degollar!  
— «Vinde, vinde, Claralinda...  
Como estaes a descançar!  
Vinde vêr o conde Claros

Que el-rei o manda matar.  
«Accudi, minhas donzellas,  
Vinde-me acompanhar:  
Que se el-rei lhe não perdôa,  
Com elle quero acabar.»<sup>6</sup>

«Deus vos salve, senhor rei,  
E a vossa c'roa real!  
Que vos fez o conde Claros  
Para o mandardes matar?  
— «Se eu tivera outra filha  
Para em meu reino reinar,  
Juro-te, ó Claralinda,  
Que o ias acompanhar.  
Mas toma-o tu por marido,  
Por genro o quero eu tomar;  
E ninguém mais n'esta côrte  
Se atreva a mexericar.»

## LIÇÃO CASTELHANA

MEDIA noche era por hilo.  
Los gallos querian cantar,  
Conde Claros por amores  
No podia reposar:  
Dando muy grandes sospiros  
Que el amor le hacia dar,  
Porque amor de Claraniña  
No le deja sosegar.  
Quando vino la mañana  
Que queria alborçar,  
Santo diera de la cama  
Que parece un gavilan.  
Voces dà por el palacio  
Y empezàra de llorar:  
«Levantaos, mi camarero,  
Dadme vestir y calzar»  
Presto estaba el camarero  
Para habèrsele de dar.  
Dièrale calzas de grana,  
Borceguis de cordobàn.  
Dièrale jubon de seda  
Afforrado en zarzanar.  
Dièrale un manto muy rico  
Que no se puede apreciar.  
Trecientas piedras preciosas  
Al rededor del collar,  
Tràele un rico caballo  
Que en la corte no hay su par.  
Que la silla con el freno  
Bien valia una ciudad,  
Con trecientos cascabeles  
Al rededor del petral;  
Los ciento eran de oro,  
Y los ciento de metal,  
Y los ciento son de plata  
Por'os sonos concordar.  
Ibase para el palacio,  
Para el palacio real,  
Y á la infanta Claraniña  
Allí la fuera a hablar:  
Trecientas damas con ella  
La iban a acompañar;  
Tan linda va Claraniña,  
Que a todos hace penar.

Conde Claros que la vido  
Luego va á descabalar,  
De rodillas en el suelo  
Le comenzó de hablar:  
— Mantenga Dios á tua alteza  
— «Conde Claros bien venias»  
Las palabras que prosigue  
Eran para enamorar:  
— «Conde Claros, conde Claros.  
El señor de Montalvan:  
¿Como habeis hermoso cuerpo.  
Para con moros lidiar!»  
Respondiera el conde Claros,  
Tal respuesta le fue á dar:  
— Mejor le tengo, señora,  
Para con damas holgar.  
Si yo os tuviera esta noche,  
Mi señora, á mi mandar,  
Queria la outra mañana  
Con cient moros pelear,  
Y si á todos no venciese  
Que me mandasen matar.  
— «Callede, conde, callede,  
Y no os querais alabar.  
El que quiere servir damas  
Asi lo suele hablar,  
Y al entrar en las batallas  
Bien se saben escusar.  
— Si no lo creeis, señora,  
Por las obras se verá:  
Siete años son pasados  
Que os empezé de amar,  
Que de noche yo no duermo,  
Ni de dia puedo holgar.  
— «Siempre os preciastes, conde,  
De las damas os burlar:  
Mas déjadme ir a los baños,  
A los baños a bañar;  
Quando yo sea bañada  
Estoy á vuestro mandar.»  
Respondiérale el buen conde,  
Tal respuesta la fue á dar:  
— Bien sabedes vós, señora,  
Que soy cazador real;

<sup>6</sup> Com elle me hão de matar — *Minho*.

<sup>7</sup> A lição da Extremadura accrescenta aqui:

«Ganliste, mexericarinho.

Com o teu mexericar!»

— «Ganhei a morte, senhora:

E a vida me podeis dar.»

«Se ella está na minha mão.

A vida não te heide dar.

Para outra não fazer's

Ja rás a degollar,

E ao rabo do meu cavallo

Te mandarei arrastar.»

Caza que tengo en la mano,  
Nunca la puedo dejar.  
Tomárala por la mano,  
Y para un vergel se van,  
A la sombra de un ciprés  
Y debajo de un rosal

Mas fortuna que es adversa  
A placeres y a pesar,  
Trujo allí un cazador,  
Que no debía pasar,  
Detraz de una podenca  
Que rabia debió matar;  
Vido estar al conde Claros  
Con la infanta á lindo holgar:  
El conde cuando lo vido,  
Empezóle de llamar:

—Ven acá tú, el cazador,  
Y Dios te guarde de mal:  
De todo lo que as visto  
Que nos guardes puridad;  
Daréte mil marcos de oro,  
Y si mas quisieres, mas;  
Casarte he con una doncella  
Que era mi prima carnal;  
Darte he en arras y en dote  
La villa de Montalvan.  
De otra parte la infanta  
Mucho mas te puede dar. —  
El cazador sin ventura  
No les quiso escuchar,  
Vase para los palacios  
Adonde el buen rey está:  
«—Mantégate Dios, el rey,  
Y á tu corona real:  
Una nueva yo te traigo  
Dolorosa y de pesar:  
No te cumple traer corona  
Ni el caballo cabalgar;  
La corona de la cabeza  
Bien te la puedes quitar,  
Si tal deshonra como ésta  
La hubieses de comportar,  
Que he hallado la infanta  
Con Claros de Montalvan,  
Besándola y abrazándola  
En vuestro huerlo real.»

El rey con muy grande enojo  
Mandó al cazador matar,  
Porque habia sido osado  
De tales nuevas llevar.  
Mandó llevar aguaciles  
A priesa, no de vagar;  
Mandó armar quinientos hombres  
Que lo hayan de acompañar  
Para que prendan al conde,  
Y lo hayan de tomar:  
Y mandó cerrar las puertas,  
Las puertas de la ciudad.  
A las puertas de palacio  
Allá le fueran á hallar:  
Preso llevan al buen conde  
Con mucha riguridad,  
Unos grillos á los pies  
Que bien pesan un quintal,  
Las esposas á las manos,  
Que era dolor de mirar,  
Una cadena á su cuello,  
Que de hierro era el collar;  
Cahalgándole en una mula  
Por mas deshonra le dar:  
Metiéronle en una torre  
De muy gran escuridad:  
Las llaves de la prision  
El rey las quiso llevar,

Porque sin licencia suya  
Nadie le pudiese hablar.  
Por él rogaban los grandes  
Cuantos en la corte estan  
Por el rogaba Oliveros,  
Por él rogaba Roldan,  
Y ruegan los Doce Pares  
De Francia la natural.  
Y las monjas de Sant'Ana  
Con las de la Trinidad  
Llevaban un crucifijo  
Para el rey poder rogar:  
Con ellas va el arzobispo  
Y un prelado y cardenal,  
Mas el rey con grande enojo  
A nadie quiso escuchar;  
Antes de muy enojado,  
Sus grandes mandó llamar:  
Cuando ya los tubo juntos  
Empezóles de hablar:  
—«Amigos é hijos míos,  
A lo que os hice llamar,  
Ya sabeis que el conde Claros,  
El señor de Montalvan,  
De niño yo le he criado  
Hasta ponello en edad,  
Y le he guardado su tierra,  
Que su padre le fuera dar.  
El que morir no debiera.  
Reynaldos de Montalvan;  
Y por havello mas grande,  
De lo mio le quise dar.  
Hicele gobernador  
De mi reino natural:  
El por darme galardón  
Mirad en que fué á tocar,  
Que quizo forzar la infanta,  
Hija mia natural.  
Hombre que lo tal comete  
¿Qué sentencia le han de dar?»  
Todos dicen á una voz  
Que lo hayan de degollar;  
Y así la sentencia dada,  
El buen rey la fue á firmar.  
L'Arzobispo qu'esto viera  
Al buen rey fue á hablar,  
Pidiéndole por merced  
Licencia le quiera dar  
Para ir á ver al conde  
Y su muerte denunciar:  
—«Pláceme, dijo el buen rey,  
Pláceme de voluntad;  
Mas con ésta condicion,  
Que solo habeis de andar  
Con aqueste paguecico  
Que le va á acompañar »  
Cuando vido estar al conde  
En su prision y pesar,  
Las palabras que le dice  
Dolor eran de escuchar:  
«—Pésame de vós el conde,  
Cuanto me puede pesar,  
Que los yerros por amores  
Dignos son de perdonar.  
La desastrada caída  
De vuestra suerte y ventura  
Y la nueva á mi venida,  
Sabed que hace mi vida  
Mas triste que la tristura:  
De forma que no sé donde  
Pueda yo placer cobrar.  
Y como á vos no se esconde,  
De vos me pesa, buen conde,  
Porque así os quieren matar.  
Los como vós esforzados,  
Para las adversidades

Han de estar aparejados,  
Tanto á suilrir los cuidados,  
Como las prosperidades:  
Pues el primero no fuistes  
Vencido por buen amar,  
No temais angustias tristes,  
Que los yerros que hecistes  
Dignos son de perdonar.  
Por vós he rogado al rey.  
Nunca me quiso escuchar,  
Antes ha dado sentencia  
Que os hayan de degollar;  
Y os lo dije bien, sobriño,  
Que os dejásedes de amar,  
Que el que las mugeres ama  
A tal galardón le dan,  
Que haya de morir por ellas  
Y en los cárceles penar.»  
Respondió presto el buen conde  
Con estuerzo singular.  
—Calledeis por Dios, mi tío,  
No me queráis enojar,  
Quien no ama las mugeres  
No se puede hombre llamar;  
Mas la vida que yo tengo  
Por ellas quiero gastar.»  
Respondióle el pagueico,  
Tal respuesta le fue á dar:  
—«Conde bien aventurado  
Siempre os deben de llamar,  
Porque muerte tan honrada  
Por vós había de pasar:  
Mas envidia é de vós, conde,  
Que mancilla ni pesar:  
Mas quisiera ser vós, conde,  
Que el rey os manda matar,  
Porque muerte tan honrada  
Por mí hubiese de pasar.  
Llama yerro la fortuna  
Quien no la sabe gozar,  
Que la priesa del cadabalso  
Vós, conde, la debeis dar:  
Si no es dada la sentencia  
Vós la debeis de firmar,  
El conde quando esto oyera  
Tal respuesta le fue á dar:  
—Por Dios te ruego, pague,  
En amor de caridad,  
Que vais á la princesa  
De mi parte á le rogar  
Que suplico á su alteza  
Que ella me salga á mirar,  
Que en la hora de mi muerte  
Yo la pueda contemplar:  
Que si mis ojos la ven  
Mi alma no ha de penar.»  
Ya se parte el pagueico,  
Ya se parte, ya se va,  
Llorando de los sus ojos  
Que queria reventar.  
Topára con la princesa,  
Bien oíreis lo que dirá:  
—Agora es tiempo, señora,  
Que hayais de remediar,  
Qua á vuestro querido el conde  
Lo llevan á degollar.»  
La infanta que esto oyera  
En tierra muerta se cae;  
Damas, dueñas y doncellas  
No la pueden retornar,  
Hasta que llegó su aya  
La que la fue á criar:  
—«¿Que es aquesto, la infanta?»  
Aquesto ¿qué puede estar?»  
«¡Ay de mi triste mezuina,  
Que no sé qué puede estar,

Que se al conde me matan  
Yo abré de desesperar.  
—«Saliésedes vós, mi hija  
Saliésedeslo á quitar.»  
Ya se parte la infanta,  
Ya se parte, ya se va:  
Fuese para el mercado  
Donde lo han de sacar:  
Vido estar el cadahalso  
En que lo han de degollar;  
Damas, dueñas y doncellas  
Que lo salen á mirar.  
Vió venir la gente d'armas  
Que lo traen á matar,  
Los pregoneros delante  
Por su yerro publicar.  
Con el poder de la gente  
Ella no podía pasar.  
«Apartaos, gente d'armas,  
Todos me haced lugar,  
Si no por vida del rey  
A todos mando matar.»  
La gente que la conoce  
Luego le hacen lugar,  
Hasta que llegó al conde  
Y le empezára de hablar:  
«Esforzá, esforza, el buen conde,  
Y no queráis desmayar,  
Que aunque yo pierda la vida,  
La vuestra se ha de salvar  
El alguacil que esto oyera  
Comenzó de caminar;  
Vase para los palacios  
Adonde el buen rey está:  
«—Cabalgue la vuestra alteza  
A priesa. no de vagar,  
Que salida es la infanta  
Para el conde nos quitar:  
Los unos manda que maten,  
Y los otros ahorcar;  
Si vuestra alteza no acoorre.  
Yo no puedo remediar.»  
El buen rey, de que esto oyera,  
Comenzó de caminar,  
Y fuese para el mercado  
Adonde el conde fue á hallar:  
—«¿Qué es aquesto la infanta?  
Aquesto ¿qué puede estar?»  
La sentencia que yo he dado  
Vós la quereis revocar?  
Yo juro por mi corona,  
Por mi corona real,  
Que si heredero tuvieses  
Que me hubieses de heredar,  
Que á vós y al conde Claros  
Vivos os haria quemar.  
«Que vós me mates, mi padre,  
Muy bien me podeis matar;  
Mas suplico á vuestra alteza  
Que se quiera él acordar  
De los servicios pasados:  
De Reynaldos de Montalvan,  
Que morió en la batalla  
Por tu corona ensalzar:  
Por los servicios del padre  
Lo debes galardonar;  
Por mal querer de traidores  
Vós no lo debeis matar,  
Que su muerte será causa  
Que me hayais de disfamar.  
Mas suplico á vuestra alteza  
Que se quiera aconsejar,  
Que los reys con furor,  
No beben de sentenciar;  
Porque el conde es de linage  
Del reino mas principal,

Porque él era de los Doce  
 Que á tu mesa comen pan;  
 Sus amigos y parientes  
 Todos te querían mal:  
 Revolveros han en guerra,  
 Los reynos se perderán.»  
 El buen rey, quando esto oyera,  
 Comenzara a demandar:  
 —«Consejo os pido, los míos,  
 Que me queráis aconsejar.»  
 Luego todos se apartaron  
 Por su consejo tomar:  
 El consejo que le dieron  
 Que lo haya de perdonar,  
 Por quitar males y bregas,  
 Y la princesa afamar.  
 Todos firman el perdon,  
 El buen rey lo fue á firmar;

Tambien lo aconsejaron,  
 Fueronle consejo a dar,  
 Pues la infanta queria al conde,  
 Con él haya de casar.  
 Ya desfierran al buen conde,  
 Ya le mandan desterrar  
 Descaburga de la mula  
 El arzobispo á desposar:  
 El tomólos de las manos,  
 Así los hubo de juntar.  
 Los enojos y pesares  
 Placeres se han de tornar. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Ochoa, *Tesoro de Romanceros*, pag. 24; Dutton, *Romancero general*, 1899-1881, tomo 1, pag. 218. Nesta última esplenida colecção, que só agora me chega de Madrid quando estou corrigindo as provas da presente obra, vem mais correcto o texto por um fragmento tirado do *Cancionero general* de 1511. Este é um dos romances que ficaram immortalizados pelas citações e allusões de Cervantes, *Do Quixote*, cap. 9, part. 2.

## DOM BELTRÃO

Não é das menos interessantes para a história da poesia popular na Península, esta lição portugueza do romance de *Dom Beltrão*, que na castelhana se diz *De la Batalla de Roncesvalles*.

A sua origem parece ter sido provençal ou navarra; nós de certo o houvemos pelos nossos mais proximos vizinhos, os castelhanos. Em Portugal é elle arraiano, e não anda senão pelos extremos da Beira e Traz-os-Montes.

Com ser este um dos mais bellos que tem o romonceiro de Castella, eu acho-o mais bonito em portuguez, mais repassado d'aquella melancholia e sensibilidade que faz o caracter da poesia do nosso dialecto, e que principalmente o distingue dos outros todos de Hespanha.

O cavallo moribundo que se levanta diante do pae do seu senhor, para se justificar de seu procedimento na batalha, de como fez tudo para o salvar — é digno da *Illíada* e não desdiz do mais grandioso de nenhuma poesia primitiva.

Para que melhor se julgue, ponho em appendice a lição castelhana.

Variantes portuguezas não chegaram á minha mão, e este unico texto me veio de Tras-os-Montes.

A novissima edição do *Romanceiro general* do sr. Duran,<sup>1</sup> obra de summo gosto e trabalho, julga pertencer este romance ao ultimo terço do seculo xv.

<sup>1</sup> Em dois vol. grandes. Madrid, 1849-1851.

## DOM BELTRÃO

QUEDOS, quêdos, cavalleiros,  
Que el-rei os manda contar!—  
Contaram e recontaram,  
Só um lhe vinha a faltar:  
Era esse Dom Beltrão,  
Tem forte no batalhar;  
Nunca o acharam de menos  
Senão n'aquelle contar,  
Senão ao passar do rio,  
Nos portos<sup>1</sup> do mal passar.  
Deitam sortes á ventura  
A qual o l'avia de ir buscar:  
Que ao partir fizeram todos  
Preito, homenagem no altar,  
O que na guerra morresse  
Dentro em França se enterrar.  
Sete vezes deitam sortes  
A quem n'ó hade ir buscar;  
Todas sete lhe cahiram  
Ao bom velho de seu pae.  
Volta rédeas ao cavallo,  
Sem mais dizer nem falar...  
Que lh'a sorte não cahira,  
Nunca elle havia ficar.  
Triste e só se foi andando,  
Não cessava de chorar,  
De dia vae pelos montes,  
De noite vae pelo val;  
Aos pastores perguntando

Se viram alli passar  
Cavalleiro de armas brancas,  
Seu cavallo tremedal<sup>2</sup>  
—Cavalleiro de armas brancas,  
Seu cavallo tremedal,  
Por esta ribeira fóra  
Ninguém não n'ó viu passar.»  
Vae andando, vae andando,  
Sem nunca desanimar,  
Chega áquella mortandade  
D'onde fóra Roncesval:  
Os braços já tem cançados  
De tanto morto virar;  
Viu a todos os francezes,  
Dom Beltrão não pôde achar.  
Volta atraz o velho triste,  
Voltou por um areal,  
Viu estar um perro moiro  
Em um adarve a velar:  
«Por Deus te rogo, bom moiro,  
Me digas sem me enganar,  
Cavalleiro de armas brancas  
Se o viste por'qui passar.  
Hontem á noite seria,  
Horas de o gallo cantar.  
Se entre vós está captivo,  
A oiro o hei de pesar.»  
—«Esse cavalleiro, amigo,  
Diz-me tu que signacs traz.»

<sup>1</sup> Portos ou passagens dos Pyreneus, e em geral toda a passagem entre altas cordilheiras.

<sup>2</sup> Cavallo tremedal, o que?

«Branças são as suas armas,  
O cavallo tremedal.  
Na ponta de sua lança  
Levara um branco sendal,  
Que lh'o bordou sua dama  
Bordado a ponto real»  
—«Esse cavalleiro, amigo,  
Morto está n'esse pragal,  
Com as pernas dentro d'agua,  
O corpo no areal.  
Sete feridas no peito  
A qual será mais mortal:  
Por uma lhe entra o sol,  
Por outra lhe entra o luar,  
Pela mais pequena d'ellas  
Um gavião a voar»  
«Não torno culpa a meu filho,

Nem aos moiros de o matar;  
Torno a culpa ao seu cavallo  
De o não saber retirar.»  
Milagre! quem tal diria,  
Quem tal poderá contar!  
O cavallo meio morto  
Alli se pôz a falar:  
«—Não me tornes essa culpa,  
Que m'a não podes tornar:  
Tres vezes o retirei,  
Tres vezes jara o salvar;  
Tres me deu de espora e redea  
Co'a sanha de pelejar,  
Tres vezes me apertou cilhas,  
Me alargou o peitoral...  
A' terceira fui a terra  
D'esta ferida mortal»

## LIÇÃO CASTELHANA

EN los campos de Alventosa  
Mataran á Don Beltran,  
Nunca lo echaron menos  
Hasta los puertos pasar.  
Siete veces echan suertes  
Quien lo volverá á buscar,  
Todas siete le cupieron  
Al buen viejo de su padre,  
Las tres fueron por malicia,  
Y las cuatro con maldad.  
Vuélve riendas al caballo,  
Y vuélveselo á buscar,  
De noche por el camión,  
De día por el jaral.  
Por la matanza va el viejo.  
Por la matanza adelante,  
Los brazos lleva cansados  
De los muertos rodar:  
No hallaba al que buscava,  
Ni menos la su señal.  
Vido todos los franceses  
Y no vido á Don Beltran:  
Maldiciendo iba el vino,  
Maldiciendo iba el pan  
(El que comian los moros,  
Que no el de la cristiandad):  
Maldiciendo iba el árbol  
Que solo en el campo nasce.  
Que todas las aves del cielo  
Alli se vienen á asentar;  
Que de rama ni deshoja  
No lo dejaban gozar:  
Maldiciendo iba el caballero  
Que cabalgaba sin page,  
Si se le cae la lanza  
No tiene quien se la alce,  
Y si se le cae la espuela  
No tiene quien se la calce:  
Maldiciendo iba la muger  
Que tan solo un hijo pare,  
Si enemigos se lo matan  
No tiene quien lo vengar.

A la entrada de un puerto  
Saliendo de un arenal,  
Vido en esto estar un moro  
Que velaba en un adarve;  
Hablóle en algarabia,  
Como aquel que bien la sabe:  
—Por Dios te ruego, el moro  
Me digas una verdad,  
Caballero de armas blancas  
Si lo viste á ca pasar,  
Y si tu lo tienes preso  
A oro lo pesarán;  
Y si tu lo tienes muerto,  
Démelo para enterrar,  
Pues que el cuerpo sin el alma  
Solo un diñero no vale.»  
«Esse caballero, amigo,  
Dime tu qué señas trae.»  
—Blancas armas son las suyas,  
Y el caballo es alazan.  
En el carrillo derecho  
El tenia una señal,  
Que siendo niño pequeño  
Se la hizo un gavián.»  
«Este caballero, amigo,  
Muerto está en aquel pradal,  
Las piernas tiene en el agua  
Y el cuerpo en el arenal,  
Siete lanzadas tenia  
Desde el hombro al calcañal,  
Y otras tantas su caballo  
Desde la cincha al pretal.  
No le des culpa al caballo  
Que no se la puedes dar;  
Siete veces lo sacó  
Sin herida y ain señal,  
Y otras tantas lo volvió  
Com gana de pelear.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Deran, *Romancero general*, 1842b, tomo 1, pag. 265. — Não citarei mais outra collecção castelhana de que possuo esta, a mais completa e ordenada de todas.

## DOM GAIFEIROS

Eis aqui uma verdadeira preciosidade litteraria, a edição ou lição portugueza de um dos mais celebrados romances da nossa península, *Dom Gaifeiros*.

Tinha-o encontrado na collecção manuscrita do Cavalheiro de Oliveira, mas confesso que fiz injúria á sua memoria, suppondo, sem mais exame, que era pia fraude do bom de cavalheiro, e que elle não tinha feito mais do que traduzir dos romances castelhanos o que lá tinha achado em muito boa letra redonda. Não é assim; julguei de leve e julguei falso; o romance é corrente na tradição de Traz-os-Montes. Tenho em minha mão cópias authenticas do cantar do povo feitas por pessoas fidedignas e intelligentes d'aquella provincia. As cópias não differem no essencial; todas são mais curtas do que as lições castelhanas dos romances, mas nenhuma as segue litteralmente; e o mesmo faz a do Cavalheiro de Oliveira, que é todavia a mais completa das portuguezas.

Apure, por todas ellas o texto como aqui o dou, recorrendo, nas frequentes difficuldades e duvidas em que me achei, á lição castelhana tal como a dá Duran, que assevera tê-la copiado, não do *Cancioneiro de Ambers*, nem da *Floresta de varios*, senão de um codice muito antigo que tinha á vista. Esta cópia,<sup>1</sup> diz elle e é certo, é a que mais quadra com a descripção de mestre Pedro no *Dom Quixote*, n'aquelle celebrado capitulo<sup>2</sup> da segunda parte que para sempre deixou immortal este romance.

Thomaz Rodd, o traductor inglez dos romances hespanhoes sobre Carlos-Magno,<sup>3</sup> diz a este respeito que não é capitulo aquelle que se cite, senão que se deve lêr e estudar na sua integra. E com effeito elle é o melhor argumento e o melhor commentario do romance que pôde fazer-se. Transcrevel o-hei todo n'esta parte.

«Miren vuestras mercedes tambien como el emperador vuelve las espaldas, y deja despedido á Don Gaiferos, el cual ya ven como arroja impaciente de la cólera lejos de sí el tablero y las tablas, y pide apriesa las armas, y á Don Roldan su primo pide prestada su espada durindana; y como Don Roldan no se la quiere prestar, ofreciéndole su compania en la difícil empresa en que se pone; pero el valeroso enojado no la quiere aceptar; antes dice que él solo es bastante para sacar á su esposa, si bien estuviere metida en el mas hondo centro de la tierra, y con esto se entra á armar para ponerse luego en camino. Vuelvan vuestras mercedes los ojos á aquella torre que allí parece, que se presupone que es una de las torres del alcázar de Zaragoza, que ahora llaman la Aljafería, y aquella dama que en aquel balcon parece vestida á lo moro es la sin par Melisendra, que desde allí muchas vezes se ponía á mirar el camino de Francia, y puesta la imaginacion en Paris y en su esposo, se consolaba en su cautiverio. Miren tambien un nuevo caso que ahora sucede, quizá no visto jamás. ¿No ven aquelle moro, que cillandico y pasito á paso, puesto el dedo en la boca se llega por las espaldas de Melisendra? Pues miren como la dá un beso en mitad de los labios, y la priesa que ella se da á escupir y á limpiárselos con la blanca manga de su camisa, y como se lamenta, y se arranca de pensar sus hermosos cabellos, como si ellos tuvieran la culpa de maleficio. Miren tambien como aquel grave moro que está en aquellos corredores, es el rey Marsilio de Sansueña, el cual por haber visto la insolencia del moro, puesto que era un pariente y gran privado suyo, le mandó luego prender, y que le den docientos azotes, llevándole por las calles acostumbradas de la ciudad con chilladores delante y envaramiento detrás: y ves aqui donde salen á ejecutar la sentencia, aun bien apenas no habiendo sido puesta en ejecucion la culpa, porque entre moros no hay traslado á la parte, ni á prueba y estése, como entre nosotros.

Niño, niño, dijo con voz alta á esta sazón Don Quijote, seguid vuestra historia línea recta, y no os metais en las curvas o transversales, que para sacar una verdad en limpio, menester son muchas pruebas y reprobaciones. Tambien dijo maese Pedro desde dentro: Muchacho, no te metas en dibujos, sino has lo que ese señor te manda, que será lo mas acertado: sigue tu canto llano, y no te metas en contrapuntos, que se suelen quebrar de sotiles.

Yo lo haré así, respondió el muchacho, y prosiguió diciendo:

Esta figura que aqui parece á caballo, cubierta con una capa gascona, es la misma de Don Gaifeiro, á quien su esposa esperaba, y ya vengada del atrevimiento del enamorado moro, con mejor y mas socogado semblante se ha puesto á los miradores de la torre, y habla con su esposo creyendo que es algun pasajero, con quien pasó todas aquellas razones y coloquios de aquell romance, que dice:

Caballero, si á Francia ides,  
Por Gaiferos preguntad.

<sup>1</sup> Duran, *Romancero general*, 1849-51, tom 1, pag. 218.

<sup>2</sup> *Don Quixote*, parte 2, cap. 26.

<sup>3</sup> *History of Charles the Great and Orlando*, etc... With the most celebrated spanish Ballads, etc... London, 1812, 2 vol



Las cuales no digo yo ahora, porque de la prolijidad se suele enjendrar el fastidio: basta ver como Don Gaiferos se descubre, y que por los ademanes alegres que Melisendra hace, se nos da á entender que ella le ha conocido y mas ahora que vemos se descuelga del balcon para ponerse en las ancas del caballo de su buen esposo. Mas ¡ay sin ventura! que se le ha asido una punta del faldellin, de uno de los hierros del balcon, y está pendiente en el aire sin poder llegar al suelo. Pero vemos como el Piedoso cielo socorre en las mayores necesidades, pues llega Don Gaiferos, y sin mirar si se rasgará ó no el rico faldellin ase de ella, y mal su grado la hace bajar al suelo, y luego de un brinco la pone sobre las ancas de su caballo á horcajadas como hombre y la manda que se tenga fuertemente y le eche los brazos por las espaldas, de modo que los cruce en el pecho, por que no se caiga, á causa que no estaba la señora Melisendra acostumbrada á semejantes caballerías. Veis tambien como los relinchos del caballo dan señales que va contento con la valiente y hermosa carga que lleva en su señor y en su señora. Veis como vuelven las espaldas y salen de la ciudad, y alegres y regocijados toman de Paris la via. Vais en paz, ó par sin par de verdaderos amantes; lleguéis á salvamento á vuesa deseada patria sin que la fortuna ponga estorbo en vuestro feliz viage: los ojos de vuestros amigos y parientes os vean gozar en paz tranquilla los dias (que los de Nestor sean) que os quedan de la vida.

Aquí alzó otra vez la voz maese Pedro; y dijo: llaneza, muchacho, no te encumbres que toja afección es mala. No respondió nada el intérprete, antes prosiguió diciendo: no faltaron algunos ociosos ojos, que le suelen ver todo, que no viesen la bajada y la subida de Melisendra, de quien dieron noticia á el rey Marsilio, el cual mandó luego tocar al arma; y miren con que prisa, que ya la ciudad se hunde con el son de las campanas, que en todas las torres de las mezquitas suenan.

Eso nó, dijo á esta sazón Don Quijote; en esto de las campanas anda muy improprio maese Pedro, por-

que entre moros no se usan campanas, sino atabales, y un jénero de dulzinas que parecen nuestras chirrimias; y esto de sonar campanas en Sansueña, sin duda que es un gran disparate. Lo cual oido por maese Pedro, cesó el tocar, y dijo: no mire vuesa merced en ninarias, señor Don Quijote, ni quiera llevar las cosas tan por el cabo, que no se le halle? No se representan por ahí casi de ordinario mil comedias llenas de mil impropiedades y disparates y con todo eso, corren felicissimamente su carrera y se escuchan no solo con aplauso, sino con admiración y todo? Prosigue, muchacho, y deja decir, que como yo llene mi talego, si quiera represente mas impropiedades que tiene átomos el sol. Así es la verdad, replicó Don Quijote; y el muchacho dijo: —

Miren cuanta y cuán luzida caballería sale de la ciudad en seguimiento de los dos católicos amantes, cuantas trompetas que suenan, cuantas dulzinas que tocan y cuantos atabales y tambores que retumban: témonse que los han alcanzar, y los han de volver atados á la cola de su mismo caballo, que sería un horrendo espectáculo. Viendo y oyendo pues tanta morisma y tanto estruendo Don Quijote, parecióle ser bien dar ayuda á los que huían, y levantándose en pie, en voz alta dijo: No consentiré yo que en mis dias y en mi presencia se le haga superchería á tan famoso caballero y á tan atrevido enamorado como Don Gaiferos; deteneos, mal nacida canalla, no le sigais ni persigais, si no, conmigo sois en la batalla; y diciendo y haciendo, desenvainó la espada, y de un brinco se puso junto al retablo y con acelerada y nunca vista furia comenzó á llover cuchilladas sobre la titerera morisma, derribando á unos, descabezando á otros, estropeando á este, destrozando á quel, y entre otros muchos tiró un altibajo tal, que si maese Pedro no se abaja, se encoje y agazapa, le cercenara la cabeza con mas facilidad que si fuera hecha de masa de mazapan.

A nossa lição portugueza tem todos os caracteres de ser do seculo xvi.

## DOM GAIFEIROS

SENTADO está Dom Gaifeiros  
Lá em palacio real,  
Assentado ao taboleiro  
Para as tabolas jogar.  
Os dados tinha na mão,  
Que já os ia deitar,  
Senão quando vem: seu tio  
Que lhe entra a pelear :  
— Para isso és, Gaifeiros,  
Para os dados arrojár;  
Não para ir tomar damas,  
Com a moirisma jogar.  
Tua esposa la têm moiros,  
Não sabes ir buscar :  
Outrem fôra seu marido,  
Já lá não havia estar. ■  
Palavras não eram ditas,  
Os dados vão pelo ar. ■  
A que não fôra o respeito ?  
Da pessoa e do lugar,  
Tavolas e tableiro  
Tudo fôra espedaçar.  
A seu tio, Dom Roldão,  
Tal resposta lhe foi dar :

«Sete annos a busquei, sete  
Sem a poder encontrar;  
Os quatro por terra firme,  
Os tres sobre aguas do mar. <sup>3</sup>  
Andei por montes e valles,  
Sem dormir, nem descansar;  
O comer, da carne crua,  
No sangue a sêde matar.  
Sangue vertiam meus pés  
Cancados de tanto andar;  
E os sete annos cumpridos  
Sem a poder encontrar.  
Agora a saber sou vindo <sup>1</sup>  
Que a Sansonha foi parar;  
E eu sem armas nem cavallo  
Com que a possa ir buscar:  
Que a meu primo Montezinhos  
Ha pouco os fui emprestar  
Para essa festa de Hungria  
Onde se foi a justar. <sup>2</sup>  
Mercê vos peço, meu tio,  
Se m'a vós quizerais dar,

1 Não és para a ir buscar—*Traç-os-Montes*.

2 Se ali não fôra o respeito—*MS. de Oliveira*.

3 Os tres por cima do mar.—*Traç-os-Montes*.

4 Ella estava em Sansonha,  
La em palacio real—*Traç-os-Montes*.

5 Onde foi a tornear—*MS. de Oliveira*.

Vossas armas e cavallo  
 Qu' m'os queirais emprestar.<sup>6</sup>  
 — Sete annos são cumpridos,  
 Bem n'os deves de contar,  
 Que Melisendra é captiva  
 E a vida leva a chorar.  
 E sempre te vi com armas,  
 Com cavallos a adestrar;  
 Agora que estás sem elles  
 É que a queres ir buscar?  
 Minhas armas não te empresto  
 Que as não posso desarmar;  
 Meu cavallo bem vezeiro,<sup>7</sup>  
 Não o quero mal vezar.  
 «As vossas armas, meu tio,  
 Que m'as não queirais negar  
 A minha esposa captiva  
 Como a heide eu ir buscar?  
 — Em San' João de Ladrão  
 Fiz juramento no altar,  
 De a ninguém não prestar armas  
 Que m'as faça acovardar.»<sup>8</sup>

Dom Gaifeiros, que isto ouviu,  
 A espada foi a tirar;  
 Saltam-lhe os olhos da cara  
 De merencorio a fallar:  
 «Bem parece, Dom Roldão,  
 Bem parece, mal pezar!  
 O muito amor que me tendes  
 Para assim me affrontar.  
 Mandae-me dizer por outrem  
 Que me las possa pagar,  
 Essas palavras, meu tio,  
 Que vos não quero tragar.»  
 Accode alli Dom Guarino,  
 O almirante do mar,  
 Durandarte e Oliveiros  
 Que os vêm a separar;  
 Com outros muitos dos Dóze  
 Que alli succedeu de estar.  
 Dom Roldão muito sereno  
 Assim lhe foi a fallar:  
 — Bem parece, Dom Gaifeiros,  
 Bem se deixa de mostrar,  
 Que a falta de annos, sobrinho,  
 Em tudo vos faz faltar.  
 Aquelle que mais te quer,  
 Esse te hade castigar:  
 Fôras tu máo cavalleiro,  
 Nunca te eu dissera tal,  
 Porque sei que és bom, t'ó disse...<sup>9</sup>  
 E agora, armar e sellar!  
 Meu cavallo e minhas armas  
 Ali estão a teu mandar,  
 E mais, terás o meu corpo<sup>10</sup>  
 Para te ir acompanhar.  
 «Mercês, meu tio, heide ir só,<sup>11</sup>  
 Só, tenho de a ir buscar.  
 Venham armas e cavallo  
 Que já me quero marchar.  
 De covarde a mim! ninguém  
 Nunca me hade appellidar»  
 Dom Roldão a sua espada  
 Alli lhe foi intregar:  
 — «Pois só queres ir, sobrinho,  
 Esta te hade acompanhar.  
 Meu cavallo é generoso,

Não o queiras sopear;  
 Dá-lhe mais rédea que espora,  
 N'elle te podes fiar.»

Andando vae Dom Gaifeiros,  
 Andando de bom andar.  
 Por essas terras de Christo,  
 Té a Moirama chegar.  
 Ia triste e pensativo,  
 Cheio de grande pezar:  
 Melisendra em mãos de moiros,  
 Como lh'a hade saccar?...  
 Para ás portas de Sansonha<sup>12</sup>  
 Sem saber como hade entrar:  
 Estando n'este cuidado  
 As portas se abrem de par.  
 Elrei com seus cavalleiros  
 Sahia ao campo a folgar;  
 Mui galans iam de festa,  
 Mui ledos a cavalgar.<sup>13</sup>  
 Furtou-lhe as voltas Gaifeiros,  
 Pelas portas foi entrar;  
 Deu com um christão cativo  
 Que alli andava a trabalhar:

«Por Deus te peço, cativo,  
 E elle te venha livrar!  
 Assim me digas se ouviste  
 Nesta terra anomear  
 A uma dama christan,  
 Senhora de alto solar,  
 Que anda cativa entre moiros  
 E a vida leva a chorar.  
 — Deus te salve, cavalleiro,  
 Elle te venha ajudar!  
 E assim me dê outra vida,  
 Que esta se vae a chorar.  
 Pelos signaes que me destes,  
 Já bem te posso affirmar  
 Que a dama que andas buscando  
 Em palacio deve estar.  
 Toma essa rua direita  
 Que leva ao paço real.  
 Lá verás pelas janellas<sup>14</sup>  
 Muitas christans a folgar.»  
 Tomou a rua direita  
 Que no paço vae dar,  
 Alçou os olhos ao alto,  
 Melisendra viu estar,  
 Sentada áquella janella  
 Tam entregu a seu pensar,  
 Que as outras em redor d'ella  
 Não n'as sentia folgar.  
 Rua abaixo, rua acima  
 Gaifeiros a passeiar  
 — «Oh que lindo cavalleiro,  
 De tam gentil cavalgar!<sup>15</sup>  
 — Melhor sou jogando ás damas,  
 Com moiros a batalhar!»  
 Melisendra que isto ouviu  
 Começava a chorar:  
 Não já que ella o conhecesse,  
 Nem tal se podia azar,  
 Tam cuberto de armas brancas,  
 Tam diff'rente no trajar,  
 Mas por vêr um cavalleiro  
 Que lhe fazia lembrar  
 Aquelles Dóze de França,  
 Aquella terra sem par,

6 A minha esposa entre moiros,

7 En a quero ir buscar—*Traz-os-Montes*

8 Bem vezado—*MS. de Oliveira.*

9 Por m'as não encovardar—*MS. de Oliveira.*

10 Por tu seres bom t'ó disse—*MS. de Oliveira.*

11 E aqui tendes o meu corpo,

Para vos acompanhar.—*Traz-os-Montes.*

12 So quero ir, meu tio, só,

Para melhor a tirar.—*Traz-os-Montes.*

12 Sansonha diz sempre a lição de Traz-os-Montes.

13 Mui gnapos—*MS. de Oliveira.*

14 Pelos talcoes—*MS. de Oliveira.*

15 — «Onde é o cavalleiro

— «O cavalleiro e christão

Das bandas d'alem do mar—*Traz-os-Montes*

As justas e os torneios  
Que alli soham de armar  
Quando por sua belleza  
Andavam a d'sputar.  
Com voz chorosa e sentida  
Começou de o chamar:  
— «Cavalleiro, se a França ides,<sup>16</sup>  
Recado me heis levar,<sup>17</sup>  
Que digaes a Dom Gaifeiros  
Porque me não vem buscar.  
Se não é medo de moiros,  
De com elles pelejar,  
Já serão outros amores  
Que o fizeram olvidar...  
Emquanto eu presa e cativa  
A vida levo a chorar  
E mais se este meu recado,  
O não quiz aceitar.  
Dal-o heis a Oliveiros,  
A Dom Beltrão o heide dar.  
E a meu pae o Imperador  
Que já me mande buscar.  
Pois me querem fazer moira  
E de Christo renegar.  
Com um rei mouro me casam  
De além das bandas do mar,  
Dos sete reis de Moirama  
Rainha me hão de coroar.  
— «Esse recado, senhora,<sup>18</sup>  
Vós mesmo lh'o haveis de dar;<sup>18</sup>  
Dom Gaifeiros aqui o tendes  
Que vos vem a libertar.»

Palavras não eram ditas,<sup>19</sup>  
Os braços lhe foi a dar,  
Ella do balcão abaxo  
Se deitou sem mais falar.  
Maldito perro de moiro  
Que alli andava a rondar!  
Em altos gritos o moiro  
Começava de bradar:  
«— Acudam á Melisendra,  
Que a vêm os christãos roubar.»<sup>20</sup>  
«Melisendra, minha esposa,  
Como havemos de escapar?  
— «Com Deus e a Virgem Maria  
Que nos hão de acompanhar.  
«Melisendra, Melisendra,  
Agora é o esforçar!»  
Aperta a cilha ao cavallo,  
Afrouxa-lhe o peitoral,  
Saltou-lhe em cima de um pulo  
Sem pé no estribo poisar.  
Tomou-a pela cintura,  
Que o corpo ergueu por lh'a d...;  
Assenta a esposa á garupa  
Para que o possa abraçar,<sup>21</sup>  
Finca esporas ao cavallo,  
Que o sangue lhe fez saltar.  
Aqui vae, acola vò...  
Ninguém n'o pôde alcançar.  
Os moiros pela cidade  
A correr e a gritar;  
Quantas portas ella tinha  
Todas as foram cerrar.

Sete vezes deu a volta  
Da cêrca sem a passar,  
O cavallo ás oito vezes  
De um salto a foi saltar.  
Já os moiros da cidade  
O não podem avistar:  
Acode o rei Almançor  
Que vinha de montar,  
Com todos seus cavalleiros  
E á deitama a desfilar.  
Sentiu logo Dom Gaifeiros  
Como o iam alcançar:  
«Não te assustes, Melisendra,  
Que é força aqui apear  
Entre estas arvores verdes  
Um pouco me hasde aguardar.  
Em quanto eu volto a esses cães<sup>22</sup>  
Que os heide atilugar.  
As boas armas que trago  
Agora as vou a provar.»  
Apeou se Melisendra,  
Alli ficava a rezar.  
O cavallo, sem mais rêdea,  
Aos moiros se foi voltar.  
Cançado ia de fugir  
Que já mal podia andar,  
Cheirou-lhe ao sangue maldito,  
Todo é fogo de abraçar.  
Se bem peleja Gaifeiros,  
Melhor é seu pelejar;  
A qual dos dois anda a lida  
Mais moiros h de matar.  
Já cáem tantos e tantos  
Que não têm conto nem par;  
Com o sangue que corria  
O campo se ia a alagar.  
Rei Almançor que isto via,  
Começava de bradar  
Por Alá e Mafemede  
Que o viessem amparar:  
— «Renego de ti, christão,  
E mais do teu pelejar!  
Não ha outro cavalleiro  
Que se te possa egualar,  
Será este Urgel de Nantes,  
Oliveiros singular,  
Ou o infante Dom Guarim  
Esse almiran e do mar?  
Não ha nenhum d'entre os Doze  
Que bastasse para tal...  
Só se fosse Dom Roldão  
O encantado sem par!<sup>23</sup>

Dom Gaifeiros que o ouvia,  
Tal resposta lhe foi dar:  
«Calla-te d'ahi, rei moiro,  
Calla-te, não digas tal,  
Muito cavalleiro em França  
Tanto como esses val.  
Eu nenhum d'elles não sou,  
E me quero nomear:  
Sou o infante Dom Gaifeiros,  
Roldão meu tio carnal,  
Alcaide-mór de Paris  
Minha terra natural.»  
Não quiz o rei mais ouvir  
E não quiz mais portar,  
Voltou rêdeas ao cavallo,  
Foi-se em Sansonha encerrar.  
Gaifeiros, senhor do campo,  
Não tem com quem pelejar;  
Cheio de grande alegria  
Melisendra foi buscar.

16 — «Se Christão sois, cavalleiro,  
Recado me haveis levar.» — *Traços-Montes*.

17 Esta é a memoravel copia citada por Cervantes no *Don Quixote* e que d'ahi obteve sua celebridade europea.

18 Em mesmo lh'o heide dar;  
Fois Dom Gaifeiros sou eu

Que vis venho a buscar — *Traços-Montes*.

19 A lula não era dita;  
Puseram-se a caminhar;

Tirou-a pelo balcão

Por não haver mais logar. — *Traços-Montes*.

20 Que se vae para além-mar. — *Traços-Montes*.

21 Ella o foi abraçar. — *MS. de Oliveira*.

22 A esses petros. — *Traços-montes*.

23 Sem egual. — *MS. d'Oliveira*.

—«Ai! se vens ferido, esposo :  
E que ferido hasde estar!  
Eram tantos esses moiros,  
E tu só a batalhar.  
Mangas de minha camiza,  
Com ellas te heide pençar;  
Toucas de minha cabeça  
Faxas para te apertar.<sup>24</sup>  
«Calla-te d'ahi, infanta,  
E não queiras dizer tal;  
Por mais que foram n'os moiros,  
Não me haviam fazer mal:  
São de meu tio Roldão  
Estas armas de provar:  
Cavalleiro que as trouxesse,  
Nunca pode perigar.»

Cavalgam, vão caminhando,  
Não cessam de caminhar,  
Por essa Moirama fóra  
Sem mais temor nem pezar;  
Falando de seus amores  
Sem de mais nada pensar.<sup>25</sup>  
Em terras de christandade  
Por fim vieram a entrar.  
A Paris já são chegados,  
Já saém para os encontrar,<sup>26</sup>

Sete leguas da cidade  
A corte os vae esperar.  
Saía o Imperador  
A sua filha a abraçar;  
Palavras que lhe dizia,  
As pedras fazem chorar.  
Saíu toda a fidalguia,  
Clerceia e secular,  
Os Doze Pares de França,  
Damas sem conto nem par.  
Dona Alda com Dom Roldão  
E o almirante do mar,  
O arcebispo Turpim  
E Dom Julião de Além-mar,  
E o bom velho Dom Beltrão,  
E quantos sóem de estar  
Ao redor do Imperador.<sup>27</sup>  
Em sua mesa a jantar.

Grande honra a Dom Gaifeiros!  
Os parabens lhe vão dar;  
Por sua muita bondade.<sup>28</sup>  
Todos o estão a louvar,  
Pois libertou sua esposa  
Com valor tam singular.  
As festas que se fizeram  
Não têm conto nem par.

## LIÇÃO CASTELHANA

Asentado está Gaiferos  
En el palacio reale,  
Asentado está al tablero  
Para las tablas jugare.  
Los dados tiene en la mano  
Que los quiere arrojare,  
Quando entró por la sala  
Don Carlos el emperante:  
De que así jugare lo vido  
Empezóle de mirare;  
Hablandole está, hablando  
Palabras de gran pesare:  
— Si así fuédeses, Gaiferos,  
Para las armas tomare,  
Como sois para los dados  
Y para tablas jugare,  
Vuestra esposa tienen moros,  
Inadesla á buscar.  
Pésame a mí por ello,  
Porque es mi hija carnale.  
De muchos fué demandada  
Y á nadie quiso tomare:  
Pues con vós casó por amores,  
Amores la han de sacare;  
Si con otro fuera casada  
No estuviere en captividade.  
Gaiferos quando esto vido,  
Movido de gran pesare  
Levantóse del tablero  
No queriendo mas jugare,  
Y tomóralo en las manos  
Para haberlo de arrojare,  
Sino por quien en el juega  
Que era hombre de linage:  
Jugaba con el Guarinos,  
Almirante de la mare  
Voces dá por el palacio

Que al cielo quieren llegare,  
Perguntando va, preguntando  
Por su tio Don Roldane.  
Hallárale en el patin,  
Que queria cabalgare.  
Con él era Oliveros  
Y Durandarte el galane,  
Con él muchos caballeros  
De los de los doce Pares.  
Gaiferos desque lo vido  
Empezóle de hablare:  
«Por Dios os ruego, mi tio,  
Por Dios os quiero rogare,  
Vuestras armas y caballo  
Vós me lo querais prestare,  
Que mi tio el emperante  
Tan mal me quiso tratare,  
Diciendo que soy para juego  
Y no para armas tomare.  
Bien lo sabeis vós, mi tio,  
Bien sabeis vós la verdad,  
Que pues busqué á mi esposa  
Culpa no me deben dare.  
Tres años anduve triste  
Por los montes y los valles  
Comiendo la carne cruda,  
Bebiendo la roja sangre,  
Trayendo los piés descalzos,  
Las uñas corriendo sangre.  
Nunca yo hallarla pude  
En cuanto pude buscare,  
Ahora sé que está en Sansueña,  
En Sansueña esa ciudad.  
Sabeis que estoy sin caballo,  
Sin armas otro que tale,  
Que las tiene Montesinos,  
Que es ido á festejare

<sup>24</sup> Serião para te apertar.—MS. d'Olt. epa.

<sup>25</sup> Sem de outro al não pensar.—MS. d'Olyen t.

<sup>26</sup> A Paris á natural.—MS. d'Olyetra.

<sup>27</sup> É sempre a idéa fixa da Mesa Redonda, do círculo formado pelos pares, em torno do imperante.

<sup>28</sup> Bondade é valor, e bom valente em estylo do tempo.

Allá á los reinos de Hungría  
 Para torneos armare,  
 Y yo sin caballo y armas  
 Mal la podré libértare;  
 Por esto os ruego, mi tío,  
 Las vuestras me queráis dare.»  
 Don Roldan de que esto oyó  
 Tal respuesta le fué á dare:  
 —«Calad, sobrino Gaiferos,  
 No querades hablar tale.  
 Siete años vuestra esposa  
 Ha que está en captividade;  
 Siempre os he visto con armas  
 Y caballo otro que tale,  
 Ahora que no las teneis  
 La quereis ir á buscar.  
 Sacramento tengo hecho  
 Allá en San Juan de Latrane,  
 A ninguno prestar armas  
 No me las hagan cobardes:  
 Mi caballo está bien vezado,  
 No lo querría mal vezare.»  
 Gaiferos que esto oyó  
 La espada fuera á sacare;  
 Con una voz muy sañosa  
 Empezára de hablare:  
 —«Bien parece, Don Roldan,  
 Siempre me quisiste male.  
 Si otro me lo dijera  
 Mostrara si soy cobarde,  
 Mas quien á mi ha injuriado  
 No lo vais por mí á vengare:  
 Si vos tío no mi fuésedes,  
 Con vos querría pelear.»  
 Los grandes que allí se hallan  
 Entre los dos puestos se hane;  
 Hablado le ha Don Roldan,  
 Empezóle de hablare:  
 —«Bien parece, Don Gaiferos,  
 Que sois de muy poca edade,  
 Bien oistes un ejemplo,  
 Que conocís ser verdad,  
 Que áquel que bien os quiere  
 Ese os quiere castigare,  
 Si fuerades mal caballero,  
 No os dijera yo esto tale,  
 Mas porque sé que sois bueno,  
 Por eso os quise así hablare,  
 Que mis armas y caballo  
 A vos no se han de negare,  
 Y si quereis compañía,  
 Yo os querría acompañare.  
 —Mercedes, dijo Gaiferos,  
 De la buena voluntad;  
 Solo me quiero ir, solo,  
 Para haberla de sacare:  
 Nunca me dirá ninguno  
 Que me vido ser cobarde.»  
 Luego mandó Don Roldan,  
 Sus armas aparejare;  
 El encubierta el caballo  
 Por mejor lo encobertare.  
 El mismo pone las armas  
 Y le ayudaba á armare,  
 Luego cabalgó Gaiferos  
 Con enojo y con pesare.  
 Pésale á Don Roldan,  
 También á los Doce Pares,  
 Y mas al Emperador  
 De que solo lo vió andare,  
 Y des que ya se salía  
 Del gran palacio reale,  
 Con una voz amorosa  
 Llamáralo Don Roldane:  
 —«Espera un poco, sobrino;  
 Pues solo quereis andare,

Dejédesme vue-a espada,  
 La mia queráis tomare,  
 Y aunque vengan dos mil moros  
 Nunca los volvíis la haze:  
 Al caballo dadle rienda  
 Y haja á su voluntad,  
 Que si él ve la suya  
 Bien os sabrá ayudare,  
 Y si él ve demasia  
 Della os sabrá sacare.»  
 Ya le daba su espada  
 Y toma la de Roldane;  
 Da de espuelas al caballo,  
 Salése de la ciudad.  
 Don Beltran des que ir lo vido  
 Empezóle de hablare:  
 —«¡Ornad acá, hijo Gaiferos,  
 Pues que me teneis por padre,  
 Tan solamente que os vea  
 La condesa vuestra madre,  
 Tomará con vós consuelo,  
 Que tan tristes llantos hace,  
 Y dáraos caballeros  
 Los que hayais necesidad.  
 —Consoladla vós, mi tío.  
 Vós la queráis consolar,  
 Acuerdense que me perdió  
 Chiquito y de poca edade,  
 Haja cuenta que de entonces  
 No me ha visto jamase,  
 Que ya sabeis que en los Doce  
 Corren malas voluntades,  
 Y no diren, vuelvo por ruego,  
 Mas que vuelvo por cobarde,  
 Que yo no volveré en Francia  
 Sin Melisendra tornare.»  
 Don Beltran, de que lo oyera  
 Tan enojado hablare,  
 Vuelve riendas al caballo  
 Y entrose en la ciudad,  
 Gaiferos en tierra de moros  
 Empieza de caminar,  
 Jornada de quince dias  
 En ocho lá fué á andare.  
 Por las sierras de Sansueña  
 Gaiferos mal airado vae,  
 Las voces que iba dando  
 Al cielo quieren llegare,  
 Maldiciendo iba el vino,  
 Maldiciendo iba el pane,  
 (El pan que comían los moros.  
 Mas no de la cristandade),  
 Maldiciendo iba la duena  
 Que tan solo un hijo pare,  
 (Si enemigos se lo matan,  
 No tiene quien lo vengare);  
 Maldiciendo iba al caballero  
 Que cabalga sin un page,  
 (Si se le cae la espuela,  
 No tiene quien se la calce),  
 Maldiciendo iba el árbol  
 Que solo en el campo nasce,  
 Que todas las aves del mundo  
 En él van á quebrantare,  
 Que de rama ni de hoja  
 Al triste dejan gozare.  
 Dando estas voces y otras,  
 A Sansueña fue á llegare:  
 Viernes era, en aquel día  
 Los moros su fiesta hacen:  
 El rey iba a la mezuquita  
 Para la zala rezare,  
 Con todos sus caballeros  
 Cuantos él pudo llevare.  
 Cuando allegó Gaiferos  
 A Sansueña, esa ciudade,

Miraba si veria alguno  
 A quien poder demandare:  
 Vido un cativo cristiano  
 Que andaba por los adarbes;  
 Desque lo vido Gaiferos,  
 Empezóle de hablare:  
 —Dios te salve, el cristiano,  
 Y te torne en libertad:  
 Nuevas que pedirte quiero,  
 No me la quieras negare.  
 Tú que andas con los moros  
 Dime si oistes hablare  
 Si ay aquí alguna cristiana  
 Que sea de alto linage.  
 El cativo que lo oyera  
 Empezá de llorare:  
 «¡Tantos tengo de mis duelos,  
 De otros no puedo curare!  
 Que todo el día caballos  
 Del rey me hacen pensare,  
 Y de roche en honda sima  
 Me hacen aquí aprisionare.  
 Bien sé que hay muchas cativas  
 Cristianas de gran linage,  
 Especialmente hay una  
 Qu'es de Francia natural,  
 El rey Almanzor la trata  
 Como a sua hija carnale;  
 Sé que muchos reyes moros  
 Con ella quieren casare.  
 Por eso ides, caballero,  
 Por esa calle adelante,  
 Vereislas á las ventanas  
 Del gran palacio reale.  
 Derecho se va a la plaza,  
 A la plaza la mas grande.  
 Allí estaban los palacios  
 Donde el rey solia estare:  
 Alzó los ojos en alto  
 Por los palacios mirare,  
 Vido estar á Melisendra  
 En una ventana grande  
 Con otras damas cristianas  
 Qu'estan en captividade.  
 Melisendra que lo vido  
 Empezá de llorare,  
 No porque lo conociese  
 En el jesto ni en el traje,  
 Mas en verlo con armas blancas  
 Acordóse de los Pares,  
 Acordóse de los palacios  
 Del Emperador su padre.  
 De justas, galas, torneos  
 Que por ella solian armare.  
 Con voz triste y muy llorosa  
 Le empezá de llamare:  
 —«Por Dios os ruego, caballero,  
 Queráisos a mi llegare;  
 Si sois cristiano ó moro,  
 No me lo queráis negare  
 Daros he unas encomiendas,  
 Bien pagadas os serane:  
 Caballero, si á Francia ides,  
 Por Gaiferos preguntade,  
 Decidle que la su esposa  
 Se le envia á encomendare,  
 Que ya me parece tiempo  
 Que la debia sacare.  
 Si no me deja por miedo  
 De con los moros peleare,  
 Debe tener otros amores,  
 De mi no lo dejan acordare:  
 ¡ Los ausentes por los presentes  
 Ligeros son de olvidare!  
 Aun le direis, caballero,  
 Por darle mayor señale,

Que sus justas y torneos  
 Bien las supimos acae.  
 Y si estas encomiendas  
 No recibe con solace,  
 Daréislas á Oliveros,  
 Daréislas á Don Roldane,  
 Daréislas á mi señor  
 El Emperador mi padre:  
 Direis como estó en Sansueña,  
 En Sansueña, esa ciudade,  
 Que si presto no me sacan  
 Mora me quieren tornare;  
 Casarme han con el rey moro  
 Que está allende la mare,  
 De siete reyes de moros  
 Reina me hacen coronare;  
 Segun los reyes me acuitan,  
 Mora me harán tornare;  
 Mas amores de Gaiferos  
 No los puedo yo olvidare.»  
 Gaiferos que este oyera  
 Tal respuesta le fué á dare:  
 — No lloreis vós, mi señora,  
 No queráis así llorare,  
 Porque esas encomiendas  
 Vós mesma la podeis dare,  
 Que á mi allá dentro en Francia  
 Gaiferos suelen nombrare.  
 Soy el infante Gaiferos,  
 Señor de Paris la grande,  
 Primo hermano de Oliveros,  
 Sobrriño de Don Roldane:  
 Amores de Melisendra  
 Son los que acá me traen.  
 Melisendra qu'esto vido  
 Conociólo en el hablare,  
 Tiróse de la ventana,  
 La escalera fué á tomare,  
 Salióse para la plaza  
 Donde lo vido estare.  
 Gaiferos: quando la vido  
 Presto la fué á tomare,  
 Abrazala con sus brzaos  
 Para haberla de besare.  
 Allí estaba un perro moro  
 Por los cristianos guardare,  
 Las voces daba tan altas  
 Que al cielo quieren llegare.  
 Al alirido del moro  
 La ciudad mandan cerrare.  
 Siete veces la rodean,  
 No hallan por do escapare.  
 Presto sale el rey Almanzor  
 De la mezuquita rezare:  
 Vereis tocar la trompeta  
 A priesa y no de vagare,  
 Vereis armar caballeros  
 Y en caballos cabalgare:  
 Tantos se arman de los moros  
 Que gran cosa es de mirare.  
 Melisendra que lo vido  
 En una priesa tan grande,  
 Con una voz delicada  
 Le empezá de hablare:  
 —«Esforzade Don Gaiferos,  
 No querades desmayare,  
 Que los buenos caballeros  
 Son para necesidad:  
 ¡Si desta escapais, Gaiferos,  
 Harto teneis que contare!  
 ¡Ya quisiera Dios del cielo  
 Y Santa Maria su madre  
 Fuese tal vuestro caballo  
 Como el de Don Roldane.  
 Muchas veces le oi decir  
 En el palacio imperiale

Que si se hallaba cercado  
De moros en alguno lugare,  
Al caballo aprieta la cincha  
Y aljójale el pretale,  
Hincábale las espuelas  
Sin ninguna piedad!  
El caballo es esforzado,  
De otra parte va a saltare.»  
Gaiferos de qu'esto oyó  
Presto se fuera á apeare,  
Al caballo aprieta la cincha,  
Y aljójale el pretale;  
Sin poner pié en el estribo  
Encima fué á cabalgare,  
Y Melisendra á las ancas,  
Que presto las fué tomare.  
El cuerpo le da y cintura  
Porque lo pueda abrazare:  
Al caballo hinca la espuela  
Sin ninguna piedad.  
Corriendo venian los moros  
A priesa y no de vgarre;  
Las grandes voces que daban  
Al caballo hacen saltare;  
Cuando fueron cerca los moros,  
La rienda le fué á largare;  
El caballo era ligero,  
Púsolo de la otra parte.  
El rey moro qu'esto vido  
Mandó abrir la ciudade;  
Siete batallas de moros  
Todos de zaga le vane.  
Volviéndose iba Gaiferos,  
No cesaba de mirare;  
De que vido que los moros  
Le empezaban de cercare,  
Volvióse á Melisendra,  
Empézo le de hablare;  
—No os enojeis, mi señora,  
Seráos fuerza aqui apeare,  
Y en esta grande espesura  
I'odeis, señora, aguardare,  
Que los moros son tan cerca,  
De fuerza nos han de alcanzare.  
Vos, señora, no traéis armas  
Para haber de peleare,  
Yo pues que las traigo buenas,  
Quiérolas ejercitare.»  
Apeóse Melisendra  
No cesando de rezare,  
Las rodillas puso en tierra,  
Las manos fué á levantar.  
Los ojos puestos al cielo  
No cesando de rezare:  
Sin que Gaiferos volviése,  
El caballo fué á aguijare.  
Cuando huía de los moros  
Parece que no puede andare,  
Y quando iba hacia ellos  
Iba con furor tan grande,  
Que del rigor que llebaba  
La tierra hacia temblare:  
Donde vido la morisma  
Entre ellos fuera á entrare;  
Si bien pelea Gaiferos,  
El caballo mucho mase;  
Tantos mata de los moros  
Que no hay cuento ni pare;  
De la sangre que salía  
El campo cubierto se hae.  
El rey Almanzor qu'esto vido.  
Empezára de hablare:  
«—¡ Oh válasme tu, Alá!  
¿Esto qué podía estare!  
Que tal fuerza de caballero  
En pocos se puede hallare:

Debe ser el encantado  
Ese paladin Roldane,  
O debe ser el esforzado  
Renaldos de Montalvane,  
O es Urgel de la Marcha  
Esforzado y singular:  
No hay ninguno de los Doce  
Que bastante hacer lo tale.»  
Gaiferos qu'esto oyó,  
Tal respuesta le fué á dare:  
— «Calles, calles, el rey moro,  
Calles y no digas tale,  
Muchos otros hay en Francia  
Que tanto como estos valen:  
Yo no soy ninguno de ellos,  
Mas yo me quiero nombrare:  
Soy el infante Gaiferos,  
Señor de Paris la grande,  
Primo hermano de Oliveros,  
Sobrinno de Don Roldane »  
El rey Almanzor que lo oyera  
Con tal esfuerço hablare,  
Con los mas moros que pudo  
Se entrára en la ciudade.  
Solo quedaba Gaiferos  
No halló con quien peleare,  
Volvió riendas al caballo  
Por Melisendra buscare:  
Melisendra que lo vido,  
A recibir se lo sale;  
Vidole las armas blancas,  
Tintas en color de sangre.  
Con voz mui triste y llorosa  
Le empezó de preguntare:  
—«Por Dios os ruego, Gaiferos,  
Por Dios os quiero rogare,  
Si traéis alguna herida  
Queraísmela vos mostrare,  
Que los moros eran tantos  
Quizá os habrán hecho male;  
Con las mangas de mi camisa  
Os la quiero yo apretare,  
Y con la mi rica toca  
Yo os la entiendo sanare »  
— Callede, dijo Gaiferos,  
Infanta no digais tale,  
Por mas que fueron los moros,  
No me podían hacer male,  
Qu'estas armas y caballo  
Son de mi tio Don Roldane:  
Caballero que las trujere  
No podia peligrare  
Cabalgad presto, señora,  
Que no es tempo de aqui estare;  
Antes que los moros tornen,  
Los puertos hemos pasare »  
Ya cabalga Melisendra  
En un caballo alazane,  
Razonando van de amores,  
De amores, que no de al.  
Ni de los moros han miedo,  
Ni dellos nada se dane:  
Con el placer de ambos juntos  
No cesan de camiñar,  
De noche por los camiños  
De dia por los jarales,  
Comiendo las yerbas verdes  
Y agua si pueden hallare,  
Hasta qué entraron en Francia  
Y en tierra de cristandade:  
Si hasta allí alegres fuéron,  
Mucho mas de allí adelante.  
A la entrada de un monte,  
Y á la salida de un valle,  
Caballero de armas blancas  
De lejos vieron asomar:

Gaíferos desde lo vido  
 La sangre vuelto se le hae,  
 Diciendo á su señora:  
 —Esto es mas de receñare,  
 Que aquel caballero que asoma  
 Gran esfuerço es el que trae:  
 Que sea cristiano o moro,  
 Fuerza sera pelear:  
 Apeaos vós, mi señora,  
 Y veni de mí á la pare »  
 De la mano le traia  
 No cesando de llorare.  
 Lleganse los caballeros.  
 Comienzan aparejare  
 Las lanzas y los escudos.  
 En son de bien pelear.  
 Los caballos ya de cerca  
 Comienzan de relinchare;  
 Mas conociole Gaíferos  
 Y empezára de hablare:  
 —Perded cuidado, señora,  
 Y tornad a cabalgare,  
 Que el caballo que allí viene  
 Mío es en la verdad.  
 Yo le di mucha cebada  
 Y mas le entiendo le dar;  
 Las armas, segun que veo,  
 Mías son otro que tal.  
 Y aun aquel es Montesinos  
 Que á mi me vienen á buscar,  
 Que quando yo me parti  
 No estaba en la ciudad.  
 Plugo mucho á Melisendra  
 Que aquello fueso verdad.  
 Ya que se van acercando  
 Cuasi juntos á la par,  
 Con voz alta y crecida  
 Empezanse de interrogar.  
 Conóscense los dos primos  
 Entonces en el hablar,  
 Apeáronse á gran prisa,  
 Muy grandes fiestas se hacen:

De que hubieron hablado  
 Tornaron a cabalgar:  
 Razonando van de amores,  
 De otro no quieren hablar;  
 Andando por sus jornadas  
 En tierra de cristandad,  
 Cuantos caballeros hallan  
 Todos los van compañaer,  
 Y dueñas á Melisendra,  
 I oncellas otro que tal.  
 Al cabo de pocos dias  
 A Paris van á llegar;  
 Siete leguas de la ciudad  
 El Emperador les sale,  
 Con él sale Oliveros,  
 Con él sale l'on Roldan,  
 Con él Infante Guarinos  
 Almirante de la mar,  
 Con él sale Don Bermudez  
 Y el buen viejo Don Beltran  
 Con él muchos de los Doce  
 Que á su mesa comen pan,  
 Y con él iba Doña Alda,  
 La esposa de Roldan.  
 Con él iba Julianesa,  
 La hija del rey Julian;  
 Dueñas, jamas y doncellas  
 Las mas altas de linage  
 El Emperador abraza su hija  
 No cesando de llorar;  
 Palabras que le decia  
 Dolor eran de escuchar  
 Los Doce á Don Gaíferos  
 Gran acata y tanto le hacen,  
 Tienenlo por estorzado  
 Mucho mas de allí adelante,  
 Pues que sacó á su esposa  
 De muy gran captividad:  
 Las fiestas que le hacian  
 No tienen cuento ni pare.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Duran, *Romancero general*. 1848-51, pag. 218, tom. 1.



## JUSTIÇA DE DEUS

A lição que principalmente aqui segui é a da Beiralta, por ser n'ella muito mais completo o romance. A de Traz-os-Montes chama-lhe *O Conde preso*.

Poucas coisas mais bonitas tem o romanceiro popular da nossa península. Onde nasceu não sei; mas as collecções castelhanas não o trazem. A questão, porém, de se uma composição d'estas foi feita n'esse ou n'aquelle reino de Hespanha, além de ser mui difficil de resolver, é de bem pouca importância. O que é verdadeiramente antigo e popular, o que foi obra do trovador ou do menestrel, nasceu talvez em Catalunha ou em Valença, talvez em Portugal ou em França, ou em Leão ou em Castella: quem sabe? Viagrou e peregrinou com a harpa ou com a viola do cantor que o compôz ou que sómente o aprendeu de côr: espalhou-se por essas terras de diferentes dialectos que mais ou menos tiveram de o traduzir para o conservar na tradição de seus povos. E hoje, ha muitos seculos a esta parte, quem pôde dizer onde foi composto o romance que n'esta ou n'aquella provincia se encontra?

E' d'aquella onde foi achado.

Já se vê que não applico esta theoria ao que traz visível e marcado o sello de sua nacionalidade, como são os romances propriamente mouriscos ou granadinos, os que á imitação d'estes se fizeram em tamanha copia nos seculos xvi e xvii, nem tampouco aos historicos strictamente ditos.

Advertirei tambem, ao leitor pouco versado em nossas coisas, que lhe não faça peso, para julgar este romance castelhano por força, o vêr que n'elle se trata de San Thiago e de suas romarias e romeiros. Depois de Galliza, nenhum reino de Hespanha teve jamais tanto que fazer com o apostolo de Compostella, como o nos.o Portugal, especialmente nas duas provincias do extremo Norte. Ainda lá vamos de romaria, e o temos por nosso em tudo... menos se formos a brigar, porque então vem «San Jorge e ávante», San Jorge e o seu dragão, que são dois terríveis mata-castelhanos, apesar de todos os pezares, e das heterodoxas doutrinas de desequilibrio europeu com que nos têm obsequiado ultimamente.

## JUSTIÇA DE DEUS

**P**RESO vae o conde, preso,  
Preso vae a bom recado;  
Não vae preso por ladrão,  
Nem por homem ter matado,<sup>1</sup>  
Mas por violar a donzella  
Que vinha de San'Thiago:  
Não bastou dormir com ella,  
Senão dal-a ao seu criado!  
Accommetteu-a na serra,  
Mui longe do povoado:<sup>2</sup>  
Por morta alli a deixára  
Sem mais dô, sem mais cuidado.  
Chorou tres dias, tres noites,  
E mais teria chorado,  
Senão que Deus sempre acode  
A amparar o desgraçado.  
Passou por alli um velho,  
Um pobre velho soldado,  
Suas barbas brancas de neve,  
Em sua espada aborreado;<sup>3</sup>

Vieiras traz na esclavina,  
O chapéu d'ellas cercado;  
Chegou-se á pobre romeira  
Com muito anor, muito agrado:  
—Não chores mais, filha minha,<sup>4</sup>  
Filha, demais tens chorado;  
Que esse villão cavalleiro<sup>5</sup>  
Preso vae a bom recado.  
Levou consigo a donzella  
O bom velho do soldado:  
Vão á presença d'elrei,  
Onde o conde era levado:  
—Eu te requieiro, bom rei,  
Pelo Apostolo sagrado,  
Que n'esta sua romeira  
O fóro seja guardado.  
Da lei divina é casar-se,  
Da humana ser degollado:  
Que não valem fidalguias<sup>6</sup>  
Onde Deus é o aggravado.

1. Nem por home haver matado—*Traz-os-Montes*.

2. Em lugar despovoado—*Beiralta*.

3. Ao seu bordão encostado—*Beiralta*.

4. Donzella não chores mais—*Beiralta*.

5. Que preso vae esse conde—*Beiralta*.

6. Não ha foro ou privilegio—*Beiralta*.

Disse elrei aos do conselho  
Com sem'blante carregado :  
«Sem mais detença, este feito  
Quero já desimbargado.  
—«Visto está o feito, visto,  
Julgado está, hem julgado:  
Ou hade casar com eila,  
Ou se não... ser degollado »  
«Pois que me praz» disse o rei :  
O algoz que seja chamado:  
Ou já casar co'a romeira  
Ou aqui ser degollado.

—«Venham algoz e cutello.  
Respondeu o accusado:  
Mas antes morrer mil vezes :  
Que viver envergonhado.»

Agora ouvireis o velho,  
O bom velho do soldado:  
—Fazeis, bom rei, má justiça,  
Mão feito tendes julgado:  
Primeiro casar com ella,  
E depois ser degollado  
Lava-se a honra com sangue,  
Mas não se lava o peccado »

Palavras não eram ditas,  
A espada tinha arrojado,  
Despe insignias de romeiro,<sup>8</sup>  
Despe as armas de soldado,  
Nos trajos de um santo bispo

Apparece transformado;  
Sua mitra de pedras finas,  
De oiro puro o seu cajado:  
Tomou a mão da romeira,  
A mão do conde ha tomado,  
Por palavras de presente  
Alli os tem desposado  
Choravam todos que o viam,  
Chorava mais o culpado;  
Chorando, pedia a morte  
Por não ficar deshonrado.<sup>9</sup>  
O santo bispo o absolvía  
Contracto de seu peccado:  
D'alli o levam por morto,  
Que nem o algoz o chamado.  
Justiça de Deus foi n'elle,  
Antes de uma hora é finado :  
Mas acudiu áquella alma  
O Apostolo sagrado,  
Que outro não era o romeiro,  
O bispo nem o soldado.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Antes que ser deshonrado — *Tras os Montes*.

<sup>10</sup> A lição de *Tras os Montes* supprime a intervenção de San, I biago, e tambem o casamento do conde que alli vae simplesmente a degollar, declarando a sua ultima vontade n'estas coplas :

—«Não me enterrem na igreja,  
Nem tampouco em sagrado  
N'aquelle prado me enterrem  
Onde se faz o mercado  
Cabeça me deixem fora,  
O meu cabello entrançado.  
De ca'teieira me ponham  
A sella do meu cavallo.  
Que digam os passageiros:  
—Triste de ti, desgraçado!  
Morreste de mal d'amores,  
Que é um mal desesperado » — *Tras os Montes*

<sup>7</sup> Antes morrerrei mil vezes — *Tras os Montes*

<sup>8</sup> Tira o gavião do romeiro — *Beltrilla*.

## PARTE SEGUNDA

### (ADVERTENCIA DA PRIMEIRA EDIÇÃO)

Por não fazer demaziado volume, dividiu-se o segundo livro d'esta collecção em duas partes, cadá uma das quaes fórma um tomo separado.

N'este segundo vão tambem em appendice as traduções inglezas de Sir John Adamson de alguns dos romances do primeiro livro.

O tomo quarto está destinado a conter o terceiro livro, que é o das *Lendas e Prophecias*. Se porém apparecerem no intervallo alguns romances ainda não descobertos que pertençam á classe do segundo livro, accrescentar se-ha uma terceira parte; e com ella começará, n'esse caso, o seguinte quarto volume.

Lisboa, 9 de Agosto, de 1851.

## XVII

### A ROMEIRA

Aqui vae outra romeira, e não sei se de Santiago tambem; mas creio que não, porque o diria algures o texto do romance: não é orago que deixasse de se nomear.

E' lindo, singelo, perfeito exemplar no seu genero. Não me consta que ande por mais terras nossas do que pelas do Minho e Traz-os-Montes. Só pelas duas versões d'estas provincias o tive de apurar; e sem muito

custo, porque é simples de si, e pouco o alteraram na tradição. Tem todo o sabor e ingenuidade antiga, conserva perfeitamente os costumes crus da idade barbara a que se refere. Tambem não occorre nos romanceiros dos nossos visinhos, e estou seguro que é esta a primeira vez que se vê escripto e impresso. As variantes que valem alguma coisa vão notadas á margem, e não são muitas.

### A ROMEIRA

POR aquelles montes verdes  
Uma romeira descia;  
Tam honesta e formosinha  
Não vae outra á romaria.  
Sua saia leva baixa  
Que nas ervas lhe prendia;  
Seu chapelinho cahido  
Que lindos olhos cubria!  
Cavalleiro vae traz d'ella,  
De má tenção que a seguia!<sup>1</sup>  
Não a alcança por mais que ande,  
Alcançal-a não podia  
Senão junto a essa oliveira<sup>2</sup>  
Que está no adro da ermida.  
A sombra da árvore benta

A romeira se accollhia;  
—Eu te rogo, cavalleiro,  
Por Deus e a Virgem Maria,  
Que me deixes ir honrada  
Para a santa romaria.»  
Cavalleiro, de malvado,  
Nem Deus nem razão ouvia;  
Cego no desejo bruto,  
De amores a accommettia.  
Pegaram de braço a braço:  
Lucta de grande portia!<sup>3</sup>  
A romeira, por mais fraca,  
Emfim rendida cahia...<sup>4</sup>  
No cahir, lhe viu á cinta  
Um punhal que elle trazia;

<sup>1</sup> Alcançal-a não podia—*Traz-os-Montes*.

<sup>2</sup> Alcançou-a descançando  
Debaixo da verde oliva—*Traz-os-Montes*.

<sup>3</sup> Qual debaixo, qual decima—*Traz-os-Montes*.

<sup>4</sup> Logo acbaxo cahia—*Traz-os-Montes*.

Com toda a força lh'o arranca,  
 No coração lh'o mettia  
 O sangue negro saltava  
 O negro sangue corria...  
 «Por Deus te peço, romeira,<sup>5</sup>  
 Por Deus e a Virgem Maria,  
 Que o não digas em tua terra,  
 Nem te vás gabar á minha  
 Da vingança que tomaste,  
 Da affronta que te eu fazia.  
 —Heide dizêl o em tu'terra,  
 Heide me ir gabar á minha,

<sup>5</sup> Eu te peço, romeirinha—*Traç os Montes*

Que matei um vil covarde  
 Co'as armas que elle trazia.»  
 Tocou a campá da ermida,  
 A campá que retinia:  
 —Ermidão, por Deus vos peço<sup>6</sup>  
 Bom ermitão d'esta ermida,  
 Tenhaes dó d'essa má alma  
 Que inda agora se partia:  
 Dae terra benta ao seu corpo,  
 Que Deus lhe perdoaria.

<sup>6</sup> Eu te peço, ermitão,  
 Por Deus e santa Maria  
 Que enterres esse traidor  
 Lá na tua santa ermida—*Traç os Montes*

## CONDE NILLO

Só se encontrou este bello romancinho do *Conde Nillo* na provincia de Traz-os-Montes e nas ilhas dos Açores. Nas collecções castelhanas é ommissio. Não sei porquê, mas sinto que tem o ar francez ou provençal. Ou talvez normando? Da nossa Hespanha é que elle me não parece oriundo. Tudo isto porém é sentir; julgar não, que não tenho por onde.

Nillo não é nome portuguez, nem sei que

fosse castelhano, leonez ou de Aragão. De donde será? Ou é corrupção, como tantas, de outro nome? Mas de que nome? Series e series de dúvidas e perguntas ás quaes confesso a minha completa inhabilidade de responder.

Seja como for, o romance é bonito, elegante e gracioso, tem todo o cunho antigo verdadeiro, e não parece dos que mais pa-deceram na sua transmissão até nós.

## CONDE NILLO

CONDE Nillo, conde Nillo  
Seu cavallo vae banhar;  
Em quanto o cavallo bebe,  
Armou um lindo cantar.  
Com o escuro que fazia  
El rei não o pôde avistar.  
Mal sabe a pobre da infanta  
Se hade rir, se hade chorar.  
—Calla, minha filha, escuta,  
Ouvirás um bel cantar:  
Ou são os anjos no céu,<sup>1</sup>  
Ou a sereia no mar.»  
«Não são os anjos no céu,  
Nem a sereia no mar:  
E' o conde Nillo, meu pae,  
Que commigo quer casar.  
—Quem fala no conde Nillo,  
Quem se atreve a nomear  
Esse vassallo rebelde  
Que eu mandei desterrar?  
«Senhor, a culpa é só minha,<sup>2</sup>  
A mim deveis castigar:  
Não posso viver sem elle...  
Fui eu que o mandei chamar.  
—Calla-te, filha traidora,  
Não te queiras deshonrar.  
Antes que o dia amanheça<sup>3</sup>  
Vel-o-has ir a degollar.  
«Algoz que o matar a elle,

A mim me tem de matar;  
Adonde a cova lhe abrirem,  
A mim me têm de enterrar.»

Por quem dobra aquel'a campá  
Por quem está a dobrar?  
—«Morto é o conde Nillo,  
A infanta já a expirar.<sup>4</sup>  
Abertas estão as covas,  
Agora os vão enterrar:  
Elle no adro da egreja,<sup>5</sup>  
A infanta ao pé do altar,  
De um nascêra um cypreste,  
E do outro um laranjal;  
Um crescia, outro crescia,  
Co'as pontas se iam beijar.  
El rei, apenas tal soube,  
Logo os mandára cortar.  
Um deitava sangue vivo,<sup>6</sup>  
O outro sangue real;  
De um nascêra um pombo,  
De outro um pombo torquaz.  
Senta-se el-rei a comer,  
Na mesa lhe iam poisar:  
—Mal haja tanto querer,  
E mal haja tanto amar!  
Nem na vida nem na morte  
Nunca es pude separar.

<sup>1</sup> Mais outro exemplo do que era frequente nos antigos cantares repetirem, de uns para outros, certos dizeres que cahiam em graça. Veja no *Reginaldo* pag. 143.

<sup>2</sup> Senhor pae, eu tenho a culpa—Açores.

<sup>3</sup> Antes que não rompa o dia—Açores.

<sup>4</sup> A infanta vae a expirar—Açores.

<sup>5</sup> Veja o que a este respeito e sobre a repetição d'esta linda imagem, deixo escrito na *Rosálinda*, pag. 373.

<sup>6</sup> Um, nobre sangue deitava—Traz-os-Montes.

<sup>7</sup> Sentava-se el-rei a mesa.

Não houbro lhe iam poisar—Açores.

## ALBANINHA

Esta pequena xácara, curta, simples e que mais parece alludir a uma anecdota sabida, do que recontal-a, não a encontrei senão na provincia de Traz-os-Montes. Tres differentes, mas pouco differentes, versões d'alli me vieram: e, aproveitando de todas, se restituiu o texto como aqui vae. Tem não sei que resaibo á sarcástica *sirvente* do trovador. E' mordaz, epigrammatica; e até se permite fazer o seu *calimburgo*, quando a

donzella requestada responde ao seductor:

«Pouco tempo são tres horas,  
Mas vem depois o contar.»

Onde a graça do equívoco está em que o verbo *contar* tanto significa fazer *contas* como *referir o que se passou*.

Não ha variantes que mereçam a pena de se conservar, nem lição castelhana que se ache nos romanceiros.

## ALBANINHA

ALBANINHA, Albaninha,  
A filha do conde Alvar!  
Oh! quem te vira Albaninha  
Tres horas a meu mandar!  
—Pouco tempo são tres horas,  
Mas vem depois o contar.  
«Usança de mãos villões  
Nunca a eu soubera usar.  
Com esta espada me cortem,  
Com outra de mais cortar,  
Donzella que em mim se fie  
Se eu d'isso me for gabar.»  
Inda bem manhan não era  
Já na praça a passeiar;  
Aos tres irmãos de Albaninha  
Se foi de braço travar:  
«Esta noite, cavalleiros,  
Sabereis que fui caçar;  
Em minha vida não tive  
Noite de tanto folgar.  
Era uma lebre tão fina  
Que nunca vi tal saltar:  
Com tres horas de corrida  
Não a cheguei a caçar!»  
Disseram uns para os outros:  
—«Bom modo de se gabar!  
Será de r ossas mulheres?»

Das irmans nos quer falar?»  
Responde agora o mais moço  
Discreto no seu pensar:  
—«Não vêdes que é Albaninha,  
Que o traidor quer diffamar?»

Foram os tres para um canto,  
Poseram-se a aconselhar;  
Diziam os dois mais velhos:  
—«Vamo'-lo nós a matar?»  
E o mais moço respondia:  
—«Vamo'-la nós a casar?»  
—«Sim! e o dote que ella tem,  
Nós o temos de pagar.»

Vão ao quarto de Albaninha,  
De voda a foram achar;  
Duas aias a vestiam,  
Duas a estão a tocar.  
—«Albaninha, Albaninha,  
A filha do conde Alvar!  
As barbas de teu pae conde  
Que bem lh'as soubeste honrar!»  
«--As barbas de meu pae conde  
Tratae vós de as honrar,  
Pagando me já meu dote,  
Que agora me vou casar.»

## A PEREGRINA

Não é dos que mais se cantam, nem tem a popularidade de outros muitos, o romance da *Peregrina*, que alguns também chamam *Princeza*. — A lição que principalmente segui veio-me do Porto, e é a mais completa. Das outras provincias só obtive fragmentos muito interpolados. Comtudo aproveitei bastante d'elles para restituir o texto e dar nexos e clareza á narrativa. O que se não utilisou para este fim, vae nas variantes.

O final, sublime e poetica idéa que tanta predilecção mereceu aos antigos menestres, é o mesmo de outros romances. Já notei <sup>1</sup> que francezes e inglezes o usaram em suas composições. Entre nós apparece repetido muitas vezes. Fez-se um «logar commum» romantico assim como tantas coisas bellas

dos poetas gregos e latinos se fizeram, por sua popularidade, logares communs classicos. Que Homero ou que Virgilio da Meia-idade foi o original inventor d'este? Não é possível sabel-o. E sabemos nós se eguaes bellezas da *Iliada* ou da *Eneada* são ou não repetições, reminiscencias de outros poetas mais antigos cujas obras ou cujos nomes não chegaram até nós?

A *Peregrina* tem todos os caracteres de antiga e original. E' bella e simple e verdadeira. Nos romanceiros castelhanos não vem; nem se encontra nada parecido com a singella historia que ingenuamente narra. Mas d'estas historias houve tantas n'aquelles ditos tempos da andante cavallaria! Mal haja o damnhinho talento de Cervantes que as fez acabar n'um *Dom Quixote* e na sua Dulcinea!

<sup>1</sup> *Romanceiro*, 1. pag 141, ed. de 1843.

## A PEREGRINA

**P**EREGRINA, a peregrina <sup>1</sup>  
Andava a peragrinar  
Em cata de um cavalleiro  
Que lhe fugiu, mal pezar!  
A um castello torreado  
Pela tarde foi parar:  
Signaes certos, que trazia  
Do castello, foi : char.  
«Mora aqui o cavalleiro?»  
Aqui deve de morar.»  
Respondêra-lhe uma dona  
Discreta no seu falar:  
—O cavalleiro está fóra,  
Mas não deve de tardar.  
Se tem pressa a peregrina,  
Já lh'o mandarei chamar.»

Palavras não eram ditas,  
O cavalleiro a chegar:  
—«Que fazeis porqui, senhora,<sup>2</sup>  
Quem vos trouxe a este logar?»  
«O amor de um cavalleiro

Por aqui me faz andar.  
Prometteu de voltar cedo,  
Nunca mais o vi tornar,  
Deixei meu pae, minha casa,<sup>3</sup>  
Corri por terra e por mar  
Em busca do cavalleiro,  
Sem nunca o poder achar.»  
—«Negro fadaíro, senhora,  
Que tarde vos fez chegar!  
Eu de vosso pae fugia  
Que me queria matar;  
Corri terras, passei mares,  
A este castello vim dar.  
Antes que fôsse anno e dia  
(Vós me fizeste jurar)  
Com outra dama ou donzella  
Não me havia desposar.  
Anno e dia eram passados  
Sem de vós ouvir fallar,  
Co'a a dona d'esse castello  
Eu hontem me fui casar . . .»  
Palavras não eram ditas,  
A peregrina a expirar.  
—«Ai penas de minha vida  
Ai vida de meu penar!  
Que farei d'esta lindeza  
Que em meus braços vem finir?»

<sup>1</sup> Anda atraz do cavalleiro

A princeza a bom andar — *Minho*.

Esta lição do Minho dá por título ao romance *A Princeza*.

<sup>2</sup> Está em casa o cavalleiro

Que aqui deve de morar? — *Traz-os-montes*

<sup>3</sup> Que fazeis porqui, princeza,

Que andais a procurar? — *Minho*.

<sup>4</sup> Deixei meu pae, minha gente — *Traz-os-montes*.

Do alto de sua torre  
A dama estava a raivar:  
—Leval-a d'ahi, cavalleiro,<sup>5</sup>  
E que a deitem ao mar.  
—«Tal não farei eu, senhora,  
Que ella é de sangue real...  
E amou com tanto extremo  
A quem lhe foi desleal.  
Oh! quem não sabe ser firme,  
Melhor fôra não amar.»  
Palavras não eram ditas  
O cavalleiro a expirar.  
Manda a dona do castello<sup>6</sup>

5 Leva-a d'ahi, cavalleiro,

E vai lançá-la no mar. — *Minho*,

6 De raivosa, a castellana

Os mandou logo cortar. — *Minho*

7 Nasceu em triste pinhal. — *Extremadura*

Noto esta variante para marcar o uso indistincto das palavras *pinhal* e *pinheiral* que a língua consente.

Que os vão logo enterrar  
Em duas covas bem fundas  
Ali junto á beira-mar.  
Na campá do cavalleiro  
Nasce um triste pinheiral;<sup>7</sup>  
E na campá da princeza  
Um saudoso canavial.  
Manda a dona do castello  
Todas as canas cortar;  
Mas as canas das raizes  
Tornavam a rebentar  
E á noite a castellana<sup>8</sup>  
As ouvia suspirar.

8 E, por noite, a castellana — *Traz-os-montes*

E á noite, a castellana — *Minho*,

E, de noite, a castellana — *Traz-os-Montes*,

A lição que segui no texto é a que vem do Porto, que *Minho* é; mas não a acho melhor do que qualquer das outras. Segui-a porque, no todo do romance, é a mais completa.



## DOM JOÃO

O assumpto d'este romance é um casamento á hora da morte, uma d'aquellas tardias mas sollemnes reparações que a religião, a honra, o amor tantas vezes têm arrancado á consciencia do moribundo.

Os preconceitos de nascimento luctam, poderosos ainda n'esse momento extremo, com os deveres da religião, com os sentimentos d'alma, com os mesmos dictames da verdadeira honra. Oiro é a primeira coisa que o fidalgo expirante se lembra de deixar á infeliz donzella, — *infelix virgo!* — em compensação da sua honra perdida. *Mil cruzados* lhe deixa: falta ahi villão que a queira, burguez que a requeste e cubra de seu nome vulgar a doirada fragilidade de uma menina tambem dotada por seu senhor e seductor?

«Mil cruzados não é nada»: lhe objectam. — Pois darei mais duzentos: regateia a suberba agonizante. — A honra não se paga aos cruzados. — «Pois, terras, villas, senhores e castellos a quem casar com ella. Ha tanto escudeiro e cavalleiro pobre! Casar com a manceba de seu senhor, e senhor tam generoso, quem hade recusar-o? E para o que duvidasse .. argumento de rei velho e de republicano novo: Tenha a cabeça cortada!»

Forte é o orgulho que assim lucta, quando já na beira do sepulchro. Tenaz o preconceito que ainda agora fez mentir villanamente o cavalleiro pundonoroso, quando, n'uma derradeira esperanza de vida, falsa mente promettia á enganada donzella «as benções de um arcebispo e a estolla da santa egreja». Vivesse elle, e taes promessas se cumpririam tanto como as primeiras que a seduziram. Porém mais forte é a piedade, a honra verdadeira de quem, até o último, com-

bate esse vão orgulho, esse falso pundonor. Era sua mãe; não a mãe da desgraçada, que o não ousaria se viva era — que por ventura foi morrer de vergonha a um canto. — Não, mas sua propria mãe d'elle, do moribundo. Verdadeira mulher de alma e de coração, tudo o mais lhe esquece e despreza, e não vê na infeliz, que alli está debruçada em lagrimas junto ao leito da agonia, senão uma mulher, uma mulher que é victima de seu amor, que tudo quanto era deu a quem tudo lhe quer pagar com tam pouco.

A mulher triumphou. As ultimas palavras do vencido são bellas:

— «Pois fique esta mão já fria  
Na sua mão adorada,  
De Dom João é viuva,  
Condessa será chamada.»

Estes grandes quadros desenhados em poucos traços, vivos só de verdade e natureza, são — não me canço de o fazer notar — os que dão á poesia do romance este vigor que se não acha n'outras, este character que a distingue em todas as nações, em todas as linguas.

Mais adeantada civilização trará poetas que *inluminem*, que repintem a côres estes simples desenhos a lapis do menestrel. Mas crear não hão de elles nunca, se não fecharem os livros escriptos, para abrirem o do coração, para estudar por elle o homem, a natureza que o cria, e o Deus que o fez.

O presente romance veio-me do Minho; variantes notaveis não me appareceram; nas collecções castellhanas n'io está: e não o creio — isto é, não o presinto mais antigo do que o seculo xv ou principios do xvi.

## DOM JOÃO

Lá das bandas de Castella  
Triste nova era chegada:  
Dom João que vem doente,  
Mal pezar de sua amada!  
São chamados tres doutores  
Dos que têm mais nomeada:  
Que, se algum lhe dêsse vida

Teria paga avultada.  
Chegaram os dois mais novos,  
Dizem que não era nada:  
Porfim que chega o mais velho,  
Diz com voz desenganada:  
— Tendes tres horas de vida,  
E uma está meia passada;

Essa é para o testamento:  
Deixar a alma encommendada!  
A outra é para os sacramentos,  
Que inda é mais bem empregada;  
Na terceira as despedidas  
Da vossa dama adorada »

Estando n'estas conversas,  
Dona Isabel que é chegada.  
Ergueu os olhos para ella  
Com a vista já turvada:  
— Ainda bem que vieste,  
Minha prérda desejada,  
Que tanto queria vêr-te  
N'esta hora minguada!  
— « Tenho fé na Virgem santa,  
N'ella venho confiada,  
Que me hade ouvir e salvar-te,  
Que o teu mal não será nada.

— Oh! que se eu chegar a erguer-me  
Minha rosa namorada.  
No vaso d'este meu peito  
P'ra sempre serás plantada,  
Co'as benções de um arcebispo  
E de agua benta regada,  
Co'a estolla da santa egreja  
Ao meu coração atada »

Estando n'estas conversas,  
Sua mãe que era chegada:  
« — Que tens tu, filho querido  
D'esta alma amargurada?  
— Tenho, mãe, que estou morrendo

Que esta vida está acabada;  
Com só tres horas por minhas,  
E uma já meio passada.  
« — Filho de minhas entranhas,  
N'esta hora minguada  
Lembra-te se algo deves  
A alguma dama honrada.  
— Minha mãe, que devo, devo...  
E Deus me não peça nadal  
Dona Isabel que em má hora  
Por mim ficou dilatada.  
Mas deixo-lhe mil cruzados  
Para que seja casada.  
« — A honra não se paga, filho;  
Mil cruzados não é nada.  
— Já lhe deixo mais duzentos  
E a cruz de minha espada.  
« — A honra não se paga, filho;  
Os cruzados não são nada.  
— Deixo-a a estes tres doutores  
Muito bem encommendada;  
E a vós, minha mãe, vos peço  
Que a tenhaes bem guardada.  
O que com elle casar  
Tem uma villa ganhada;  
O que lhe disser que não  
Tenha a cabeça cortada  
« — A honra não se paga, filho;  
Nem com terras é comprada:  
Se a essa dama lhe queres,  
N'ro a deixes deshonrada.  
— Pois fique esta mão já fria  
Na sua mão adorada:  
De Dom João é viuva,  
Condessa será chamada. »

## HELENA

Se a Dona Izabel da xacara antecedente achou na mãe do seu amante todas as divinas compaixões de um coração feminino, Helena, a boa Helena d'este romance, não encontrou na mãe de seu marido senão a proverbial *sogra* de todos os riffs e ditados de todos os povos. Enredadora, invejosa, má lingua, sogra emfim, sogra estreme, e puro sangue—como em estylo cigano do Jockey-club, manda a moda anglogalla que hoje se diga —a sogra excita com dicterios e mentiras a bruteza estúpida de seu filho: faz com que elle vá arrancar da cama, e trazer de noite para sua detestavel casa, a infeliz mulher que, sentindo-se com dôres de parto, tinha ido para a de sua mãe buscar o aninho e conforto que junto da odiosa sogra não podia achar. Cego de colera e despeito, o bruto

a nada attende. E' a morte que lhe dá; bem o sabe, mas pouco lhe importa. A resignação angelica da victima, as suas despedidas ao filhinho recém-nascido, as deixas de seu testamento quando se sente finar nas desabrigadas alturas «d'aquella serra» por onde a levam n'aquelle cavallo andaluz que «anda mais que o luar» — tudo são bellezas de primeira ordem, poesia de coração e verdade.

Obtive este romance em Maio de 1843 de uma salaioia velha das visinhanças de Lisboa. Outra lição veio depois, da Beiralta, que não differe muito. Sempre noto porém alguma variante, pôsto que ellas valham pouco. Parece-me portuguez de nascença; não ha d'elle vestigio em collecção castelhana de que eu saiba.

## HELENA

Ah! que saudades me apertam  
Pela casa de meu pael  
Tambem me apertam as dores,  
E minha mãe sem chegar!  
—Se as saudades te apertam,  
Em n'as pôdes ir matar;  
As dores não serão muitas,  
Toma o caminho — e andar!  
«E á noite meu marido,  
Quem lhe dará de ceiar?  
—Da caça que elle trouver,  
Eu lh'a farei amannhar.<sup>1</sup>  
Do meu pão e do meu vinho  
O que elle quizer tomar.  
—«Onde está mi' esposa Helena  
Que me não dá de ceiar?  
—I ua esposa Helena, filho,  
Foi-se para não tornar.  
Que ia para sua casa,  
Que nos não pode aturar.  
Chamou-me a mim perra velha,  
A ti filho de mãe tal.  
—«O meu cavallo andaluz<sup>2</sup>  
Já e já m'o vão sellar  
Essa mulher, por Deus juro  
Que ella m'as tem de pagar.»

«—As boas novas, meu genro,<sup>3</sup>  
Que tenho para vos dar!  
Filho barão, e tam lindo,  
Um anjo de pôr no altar!  
—«Novas me dão, boas novas;  
Más as trago eu para dar:  
Que a mãe que o pariu  
Não é que o hade criar.  
Ergue-te d'ahi, Helena,  
Que me tens de acompanhar.  
«—Paridinha de uma hora,  
Onde a quereis levar?  
—«Para perto, e bom caminho:  
Não tem muito que penar,  
Que o meu cavallo andaluz  
Anda mais do que o luar.  
«—Ande elle, que não ande,  
Onde a quereis levar?  
«Call'-se d'ahi, minha mãe,  
Já se havia de callar;  
Que a mulher que é bem casada,  
O marido a hade mandar.  
Que me dêem a minha cinta,  
Para eu me conchegar,  
E esse meu gibão forrado  
Para melhor me abafar.  
E agora dêem-me o meu filho,

<sup>1</sup> Aprestar—*Beiralta*.

<sup>2</sup> Que me sellem meu cavallo,  
Depressa, não devagar—*Extremadura*

<sup>3</sup> Alviçaras, meu irmão,  
Que já m'as devias de dar—*Beiralta*

Que o quero abraçar.  
 Ai! d'estes heijos, meu filho,  
 Se te saberás lembrar?  
 Lembrae-lh'o vós, minha mãe,  
 Quando elle souber falar.  
 «—Que dizes, filha, que dizes?  
 «Minha mãe, isto é folgar;  
 Que é tam perto e bom caminho  
 Para onde temos de andar;  
 E o cavallo andaluz,  
 Anda mais do que o luar.»  
 O cavallo era andaluz  
 Andava mais que o luar;  
 O caminho era de pedras,  
 Elle ia a tropeçar.  
 Vão andando, vão andando  
 Sem um n'om outro falar,  
 Ella já tem as mãos frias,  
 O corpo está-lhe a incher;  
 Chegando ao alto da serra.<sup>1</sup>  
 Deu um ai, quiz desmaiar.  
 «—Que ais são esses, Helena?  
 Porque estás a suspirar?  
 «E que se me acaba a vida,  
 É que me estou a finar:  
 Paridinha de uma hora,  
 Sinto-me em sangue alagar.»

Já se não tem a cavallo,  
 Alli a foi apeaar:  
 Era a agonia da morte  
 Que já lhe estava a apertar.  
 «—A quem deixas o teu oiro,<sup>2</sup>  
 Que t'o hajam de estimar?  
 «Deixo-o a minhas irmãs,  
 Se tu lh'o quizeres dar.  
 «—A quem deixas essa cruz  
 E as pedras do teu collar?  
 «A cruz, deixo-a a minha mãe  
 Que por mim lhe hade rezar.  
 As pedras não as quer ella,  
 E bem n'as podes guardar:  
 Se a cutra as deres, marido,  
 Melhor lh'as deixes lograr.

—«Tua fazenda a quem deixas,  
 Que t'a saibam grangear?  
 «Deixo t'a a ti, marido;  
 Que t'a deixe Deus gosar!  
 «—A quem deixas o teu filho  
 Que t'o hajam de criar?  
 «A tua mãe — que Deus queira  
 Amor lhe venha a ganhar!  
 — «Não o deixes a essa perra,  
 Que é capaz de t'o matar.  
 Ai! deixa-o antes á tua,  
 Que bem n'o hade criar.  
 Com lagrimas de seus olhos  
 Bem n'o ella hade lavar;  
 Toucas de sua cabeça.<sup>3</sup>  
 Tirará para o pençar.»  
 De ouvir aquellas palavras  
 A pobre quiz-se animar;  
 Mas a voz que vem do peito  
 A bocca não pôde acabar.<sup>4</sup>  
 Inda lhe disse c'os olhos  
 Que lhe estava a perdoar.  
 «—Não me perdoes, Helena,  
 Que Deus te hade escutar.  
 Ai! as penas do inferno,  
 Já as eu começo a penar,  
 Que vejo subir ao céu  
 O meu anjo tutelar.»  
 Mal hajam linguas traidoras<sup>5</sup>  
 E ouvidos que lhe eu fui dar!  
 Que por amor das más linguas  
 Meu anjo vim a matar!  
 Sete annos e mais um dia  
 Me irei a peregrinar,  
 A porta santa de Roma  
 Me quero ir ajoelhar.  
 E aqui um santo convento  
 Fundarei n'este logar,  
 Com sete missas por dia  
 Cada uma em seu altar;  
 Que digam todos que o virem:  
 Aqui foi seu mal-peccar,  
 E aqui fez penitencia  
 Para Deus lhe perdoar

1. La no mais alto da serra—*Extremadura*.

2. Oiro em stylo camponez quer dizer—joias, ornatos de oiro de pessoa. O meu oiro é o oiro com que me adorno—como em stylo de cidade a minha prata é a prata de meu serviço de casa.

3. E as toucas da cabeça

Despira para o pençar—*Extremadura*.

4. Não pôde a bocca chegar—*Beiralla*

5. Mal hajam as linguas taes  
 E ouvidos que lhe eu fui dar,  
 Que por amor das más linguas  
 Meu amor vim a matar—*Extremadura*

## A MORENA

Este romance é vulgar na Extremadura e Beira e nas duas provincias d'além do Tejo. Seguiu-se principalmente o exemplar vindo de Castello-branco, que era o mais amplo; mas aproveitou-se de outras lições provinciaes o que foi necessario para lhe dar complemento. Transmittidas de bôcca em bôcca,—não me canso de o repisar—por tantas gerações, estas coplas foram-se alterando com mutilações e interpolações graduas, mas não constantes nem uniformes. O rustico menestrel de uma aldeia tinha ás vezes pretensão de corrigir e enfeitar a singeleza dos primitivos cantares; outras, a avô velha que os recitava á lareira aos pasmados netinhos, cortava o que lhe parecia demais ou o que lhe esquecia; não poucas vezes, algum Macias namorado recorreu, na esterilidade de sua musa, ao bem parado d'este deposito commum, e, com mudanças de nomes e sitios, transformou a historia de uma antiga aventura em monumento moderno de suas glórias ou desgraças—como das mutiladas reliquias de um templo d'Isis se fazia nas eras byzantinas uma basilica de christãos; como de versos de Virgilio se compunham os celebrados *centões*; de pensamentos de Homero, de phrases de todos os poetas antigos, cozidos uns nos outros, se urdiam os poemas latinos de ha dois e tres seculos; como ainda até ha bem pouco tempo se escreviam tambem quasi todos os mesmos poemas vulgares. Dem desconto á simplicidade da obra e á inexperiencia do artista, e hão-de achar a comparação exacta.

Fazia-se isto porém desvairadamente em epochas e logares differentes; e d'aqui a necessidade de collocar as tradições de uma provincia, de um districto, de uma aldeia ás vezes, com as de outra.

No romance da *Morena* não parecem descobrir-se vestigios de mui remota antiguidade: assim a adivinhar, deital-o-hia pelo seculo dezeséis. A elle sabe o mandar os escravos á fonte buscar agua, o manto de cochonilha, e outras expressões que taes. Tem contudo um certo sabor de originalidade no stylo, um tom familiar sem baixeza, um natural tam despido de todo o ornato, que lhe imprimem o cunho verdadeiro e inquestionavel da poesia primitiva de um povo. Quando quer que nascesse esta flor singella, foi na serra inculta, foi entre o mato virgem das florestas, longe das formalidades da arte, das fadas tesoiras e indigestos adubos do jardim.

O assumpto é uma vulgar aventura d'aldeia—d'essas que fez tam communs a devassidão dos mosteiros ruraes: isso mesmo a deixou porventura conservar na memoria dos homens como historia do que tinha sido, do que era e seria. Na última copla ha uma pincelada de mestre, dos mestres que faz a natureza, sublime de verdade e profunda de moral: ao encargar com a victima de sua profana leviandade, estendida n'uma tumba, o seductor *riu-se*, e o marido—diz o sincero trovador—*o marido é que chorava!*

Não se tomaram aqui liberdades de editor que restaura: é o quadro velho limpo, mas não repintado. Algumas camadas de côr pos-tiça, que tinha por cima, cahiram ao lavar, e ficou mais claro o desenho original. Não foi preciso, como n'outros casos muitas vezes é, cozer a tella rasgada ou avivar o desenho summido: o fundo estava são e inteiro.

Nas collecções castelhanas não ha vestigio d'este romance; tenho-o por inteiramente portuguez e absolutamente popular.

## A MORENA

FUI-ME á porta da Morena,<sup>1</sup>  
 Da Morena mal casada:  
 «Abre-me a porta, Morena  
 Abre m'a por tua alma!»  
 —Como te heide abrir a porta,  
 Meu frei João da minha alma,  
 Se tenho a menina ao peito  
 E meu marido á ilhargá?»  
 Estando n'estas razões,  
 O marido que acordava:  
 «—Que é isso, mulher minha,<sup>2</sup>  
 A quem dás as tuas falas?»  
 —Digo á môça do forno,  
 Que veio ver se amassava,  
 Se amassasse pão de leite,  
 Que lhe deitasse pouca agua.»  
 «—Ergue-te, ó mulher minha,  
 Vae cuidar da tua casa;  
 Manda teus moços á lenha,  
 Teus escravos buscar agua.»  
 —Ergue-te d'ahi, marido,  
 Vae ao monte pela caça;  
 Não ha coelho mais certo  
 Do que é o da madrugada.»

O marido que sahia,  
 Morena que se enfeitava;  
 Seu manto de cochoilha<sup>3</sup>  
 De dôze tostões a vara,  
 Meia de seda encarnada  
 Que na perna lhe estalava,  
 Sua bengalia na mão  
 Que mal no chão lhe tocava.  
 Foi-se direita ao convento,

A' portaria chegava  
 O porteiro é frei João<sup>4</sup>  
 Que pela mão a tomava;  
 Levou-a á sua cella,  
 Muito bem a confessava...  
 Penitencia que lhe deu  
 Logo alli mesmo a resava.

A' sahida do convento  
 O marido que a encontrava:  
 «—D'onde vens, ó mulher minha,  
 D'onde vens tão arrajada?»  
 —Venho de ouvir missa nova,  
 Missa nova bem cantada;  
 Disse-a o padre frei João,  
 Que assim venho consolada.»  
 «—Consolar-te heide eu agora  
 Com a ponta d'esta espada...»<sup>5</sup>  
 Deu lhe um golpe pelos peitos,  
 Deixou-a morta deitada.  
 —Não se me dá de morrer,  
 Que o morrer não custa nada  
 Dá-se me da minha filha,  
 Que a não deixo desmamada!»  
 «—Fôras tu melhor mãe que és,  
 Não fôras tam mal casada,  
 Não havias de morrer  
 D'esta morte desastrada.»

Levavam-n'a ao convento,  
 N'uma tumba amortalhada:  
 Surria-se o frei João,  
 E o marido... é quem chorava.

<sup>1</sup> Em algumas lições provinciaes, designadamente nas da Extremadura, começa assim:

Ergueu-se frei Joanico  
 Um dia de madrugada,  
 Vestido de ponto em branco  
 E tangendo sua guitarra.  
 Foi-se a porta de Morena,  
 A morena etc.—*Extremadura*

<sup>2</sup> Que é isso, Morenit!—*Alentejo*.

<sup>3</sup> Com seu mantillo de lustro

Que o vento lh'o levava,

Seu sapatinho picado

Que no pé lhe rebentava—*Extremadura*

<sup>4</sup> Frei João que a viu chegar,

Em vez de correr saltava—*Beiralta*.

<sup>5</sup> Com o ôlho d'esta enchada.—*Beiralta*.

## DONZELLA QUE VAE Á GUERRA

Apezar de que se não encontra nas collecções impressas, sabemos, pelos nossos escriptores portuguezes, que este romance é de inquestionavel origem castelhana. Por fins do seculo xvi ainda se cantava na *sociedade*, por gentis damas e galantes cavalheiros; e, já se vê, em castelhano se cantava. D'esse tempo escrevia Jorge Ferreira na *Aulegraphia*:<sup>1</sup> «Não ha entre nós quem perdõe a hua troua portugueza, que muitas vezes he de vantagem das castelhanas que se tem aforado comnosco e tomado posse do nosso ouvido.» Bem ás vessas do que succedia dois seculos antes, em tempos do Marquez de Santillana, que os castelhanos trovavam em portuguez para serem acceitos seus dizeres e cantares na propria córte dos reis de Castella.<sup>2</sup>

Devia dar-se, ao menos entre nós, a este romance o seu titulo primitivo *O rapaz do Conde Daros*, porque assim lhe chama Jorge Ferreira em outra das muito curiosas scenas da já citada *Aulegraphia*, tam ricas todas de preciosa e rara informação para o estudo dos costumes e usos d'aquelle tempo. E' na primeira do acto III. chistosa e desinfadada conversação entre dois galantes do paço, Dinardo Pereira e Grasiel de Abreu, que se divertem fazendo de *l'esprit* á moda do tempo com agudezas e requintes, em quanto não vem o jantar «que está para dois toques». Tracta-se entre aquelles fashionaveis da era de quinhentos, de fazer alguma coisa elegante: sonetos, por exemplo, trovas, ou quejandas galanices d'então—como hoje seria jogar um *ruber* (róber?), experimentar uma walsa nova no piano etc. Não é o menos gracioso d'este quadro, o áparte dos dois criados Rocha e Cardoso, que á soccapa estão glosando e mettendo a ridiculo os alambicados conceitos dos amos. Dinardo, que é o mais prendado, resolve-se emfim pelo romance e a guitarra.

DINARDO

Ora poyz que assi te tocarey: *O rapaz do Conde Daros*.

ROCHA

De prazer vem vosso amo, algum passarinho novo viu lá.

CARDOSO

Veria muyto má ventura, que sempre anda após estes...

DINARDO, canta

Pregonadas son las guerras  
De Francia contra Aragone...

ROCHA

O que elle tem para seu remedio he gentil voz!...

DINARDO, continuando a cantar

Como las haria triste  
Viejo cano y pecador?...  
(Quebra se-lhe uma corda) Ah pezar de Mafoma!

CARDOSO

Quebrou-lhe a prima, inda bem!

DINARDO

Vedes este desar tem a musica, quando estaes no melhor, deixa-vos em branco uma prima falsa...!

Dei mais largas á curiosa citação por ser, como é, tam indubitavel e interessante documento para a historia do romance em Portugal, e porque tambem são já rarissimos os exemplares d'essa obra de Jorge Ferreira.

Assim andava pois este romance, estrangeiro, e por tal prezado na alta sociedade portugueza; até que, descendo dos salões para o terreiro, a popularidade o naturalizou. Era castelhano no paço, foi-se fazer portuguez na aldeia.

Vae em tres seculos que Jorge Ferreira nos deu as ultimas novas d'elle quando andava por casas de senhores; achamo-lo hoje á la-reira d'algum pobre abegão do Alemtejo,—que para ricos lavradores, com filhas que já contradançam talvez, senão é que walsam e polkam tambem—é o triste de muito má companhia já. Tambem das provincias do Norte vieram noticias e cópias d'elle; dos Açores é a mais completa ou a mais extensa que

<sup>1</sup> *Aulegraphia*, act. II, sc. 9, fol. 66, vers. da ed. de 1619.

<sup>2</sup> Carta do Marquez de Santillana ao condestavel de Portugal: pag. LVII, tom. I da collecção de Sanchez, Madrid 1779.

<sup>1</sup> *Aulegraphia*, act. III, sc. 1, fol. 84.

me chegou. Desvairados nomes traz das diversas provincias: aqui é *Dona Leonor*, além *Dom João*, n'outra parte *Dom Carlos*, etc.

Quando ha dez annos o erudito auctor de *Isabel ou a heroína de Aragão*,<sup>1</sup> o publicou sob o mesmo titulo e como illustração e fundamento do seu poema, era este o quarto romance tradicional que apparecia impresso em portuguez: contando o primeiro no sus-

<sup>1</sup> *Isabel ou a heroína de Aragão* por J. M. da Costa e Silva, Lisboa, 1832.

peitoso «Figueiredo» de Fr. Bernardo de Brito, o segundo e terceiro na *Silvana* e no *Bernal-Francez* que eu publicára em 1828 em Londres.

Deixo-lhe por titulo, o que trouxe das ilhas, da *Donzella que vae á guerra*, porque lhe achio certa graça e simplicidade toda popular, bem propria sempre de taes rhapsodias.

São muitas as variantes, por ser este romance dos mais espalhados pelo reino, e mais favoritos do povo.

## DONZELLA QUE VAE A' GUERRA

Já se apregoam as guerras<sup>1</sup>  
Entre a França e Aragão:  
Ai de mim que ja sou velho,  
Não nas posso brigar, não!<sup>2</sup>  
De sete filhas que tenho  
Sem nenhuma ser barão!...  
Responde a filha mais velha<sup>3</sup>  
Com toda a resolução:  
—Venham armas e cavallo  
Que eu serei filho varão.  
«Tendes los olhos mui vivos.»<sup>4</sup>  
Filha, conhecer-vos-hão.»  
—Quando passar pela armada<sup>5</sup>  
Porei os olhos no chão.»  
«Tendes los hombros mui altos  
Filha, conhecer-vos-hão.»  
—Venham armas bem pesadas,  
Os hombros abaterão.»<sup>6</sup>  
«Tende' los peitos mui altos  
Filha, conhecer-vos-hão.»  
—Venha gibão apertado,<sup>7</sup>  
Os peitos encolherão.  
«Tende' las mãos pequeninas»<sup>8</sup>  
Filha, conhecer-vos-hão.»  
—Venham já guantes de ferro,<sup>9</sup>  
E compridas ficarão.  
«Tende' los pés delicados,  
Filha, conhecer-vos-hão.»  
—Calçarei botas e esporas,  
Nunca d'ellas sahirão.»

1 Pregoadas são as guerras  
Entre França e Aragão.  
Como as faria triste  
Velho cano e peccador!—*Lição antiga em Jorge Ferreira.*  
2 As guerras me acabarão.—*Lisboa.*  
3 Triste de mim que sou velho  
As guerras me acabarão.—*Alemtejo, Extremadura*  
4 Responde Dom Quim.—*Lisboa.*  
5 «Tendes las tranças compridas,  
Filha, conhecer-vos-hão  
—Venham umas tesouras,  
As tranças irão ao chão.—*Minho*  
«Tendes los olhos garridos.—*Açores.*  
6 Pela hoste.—*Beira Alta.*  
7 Pelos homens.—*Minho*  
8 Abaixarão.—*Lisboa*  
Encolherei os meus peitos  
Dentro do meu coração.—*Minho.*  
9 Venha já um alfaiate  
Faça-me um justo gibão.—*Extremadura, Alemtejo, Algarve.*  
10 Delicadas.—*Alemtejo, Beira Alta*  
Muito finas.—*Beira Alta*  
11 Mettel-as-hei n'umas luvas.—*Extremadura.*  
Calçai-as-hei n'umas luvas,  
D'ellas nunca sahirão.—*Alemtejo, Minho*  
Venham manopolas de ferro.—*Tráz-os-montes.*  
Os pés bem grandes serão.—*Minho, Beira Alta.*

«—Senhor pae, senhora mãe,  
Grande dor de coração:  
Que os olhos do conde Daros<sup>10</sup>  
São de mulher, de homem não.»  
—«Convidae-o vos meu filho,  
Para ir convosco ao pomar.»<sup>11</sup>  
Que se elle mulher for,  
A' maça se hade pegar.»<sup>12</sup>  
A donzella por discreta,  
O camoez foi apanhar<sup>13</sup>  
—Oh que bellos camoezes  
Para um homem cheirar!  
Lindas maças para damas  
Quem lh'as poderá levar.  
«—Senhor pae, senhora mãe,  
Grande dor de coração;  
Que os olhos do conde Daros<sup>14</sup>  
São de mulher, de homem não.»  
—«Convidae-o vós, meu filho,  
Para convosco jantar;  
Que, se elle mulher for<sup>15</sup>  
No estrado se hade encruzar.»<sup>16</sup>  
A donzella por discreta,  
Nos altos se foi sentar.<sup>17</sup>  
«—Senhor pae, senhora mãe,  
Grande dor de coração;  
Que os olhos do conde Daros<sup>18</sup>  
São de mulher, de homem não.»  
—«Convidae-o vós, meu filho,  
Para convosco feirar,  
Que, se elle mulher for,  
A's fitas se hade pegar.»  
A donzella por discreta,  
Uma adaga foi comprar.<sup>19</sup>

10 Dom João.—*Açores.*  
D. Martinho.—*Lisboa, Alemtejo*  
D. Marcos.—*Extremadura.*  
Dom Claros.—*Minho*  
11 Jardim.—*Minho, Açores, Lisboa*  
12 Co's rosas se hade tentar.—*Lisboa*  
Com as flores se hade armar.—*Minho*  
13 As rosas o hade buscar.—*Açores*  
14 A lina se foi pegar.  
—«Oh que bella lina esta».—*Lisboa*  
Uma cidra foi mirar.—*Algarve, Minho*  
15 As mesmas variantes respectivas.  
16 Torque ao partir do pão  
Se virá a delatar.  
Que se elle o partir no peito,  
Por mulher se hade mostrar.—*Açores.*  
17 Baixo assento hade ir buscar.—*Minho.*  
18 O mais alto foi buscar.—*Lisboa.*  
No mais alto quiz estar.—*Minho*  
19 As mesmas variantes.  
20 N'uma adaga foi pegar.—*Lisboa.*  
Foi uma espada apreçar.—*Minho*  
Oh que lindas fitas verdes  
Para mōças enganar!—*Açores.*



—Oh que bella adaga esta  
 Para com homens brigar!  
 Lindas fitas para damas:  
 Quem lh'as podera levar!»  
 «—Senhor pae, senhora mãe,  
 Grande dor de coração;  
 Que os olhos do conde Daros  
 São de mulher, de homem não.»  
 —«Convidae o vós, meu filho,  
 Para comvosco nadar;  
 Que se elle mulher for,  
 O convite hade escusar.»<sup>20</sup>  
 A donzella, por discreta,  
 Começou-se a desnudar . .  
 'Traz-lhe o seu page uma carta,  
 Pôz-se a ler, e poz-se a chorar:  
 —Novas me chegam agora,  
 Novas de grande pezar:  
 De que minha mãe é morta,  
 Meu pae se está a finar.

<sup>20</sup> Desculpa vos hade dar.—*Lisboa*.  
 Já se hade acovardar.—*Alentejo*.

Os sinos da minha terra  
 Os estou a ouvir dobrar;  
 E duas irmans que eu tenho,  
 D'aqui as oiço chorar  
 Monta, monta, cavalleiro!  
 Se me quer acompanhar.  
 Chegavam a uns altos paços,<sup>21</sup>  
 Foram-se logo apear.  
 —Senhor pae, trago-lhe um genro,  
 Se o quizer acceitar;  
 Foi meu capitão na guerra,  
 De amores me quiz contar. . .  
 Se ainda me quer agora.  
 Com meu pae hade falar

Sete annos andei na guerra  
 E fiz de filho barão.  
 Ninguém me conheceu nunca  
 Senão o meu capitão;  
 Conheceu-me pelos olhos,  
 Que por outra cousa não.

<sup>21</sup> Chegam juntos do castello.—*Lisboa*.



Dera-te uma caravella.»<sup>5</sup>  
 «Não fôra por um cavallo,  
 Não fôra, senhora bella,  
 Que está longe Mazagão,  
 Ceuta tem voz de Castella.  
 Nem por navio não fôra,  
 Que eu fugir não quizera,  
 Que era roubar a teu pae  
 Dinheiro que por mim dera.»  
 — Toma esta bolsa, christão,  
 Feita de seda amarella;<sup>6</sup>  
 Minha mãe quando morreu  
 Me deixou senhora d'ella.  
 Vae-te, paga o teu resgate;  
 E ás damas de tua terra  
 Dirás o amor da judia  
 Quanto mais vale que o d'ellas

Palavras não eram ditas.  
 O patrão que era chegado.  
 «Venhaes embora, patrão,  
 E vinde com Deus louvado,  
 Que agora tenho recado  
 Que o meu resgate é chegado.»<sup>7</sup>  
 «—Christão, Christão, que disseste!  
 Olha que é muito cruzado.  
 Quem te deu tanto dinheiro  
 Para seres resgatado?»  
 «Duas irmanas m'o ganharam,  
 Outra m'o tinha guardado;»<sup>8</sup>

E um anjo do céu m'o trouxe,  
 Um anjo por Deus mandado.»  
 «—Dize-me, ó christão, dize  
 Se queres ser renegado,  
 Que te heide fazer meu genro,  
 Senhor de todo o meu estado.»  
 «Eu não quero ser judio  
 E nem turco arrenegado,  
 E não quero ser senhor,  
 De todo esse teu estado,<sup>9</sup>  
 Porque trago no meu peito  
 A Jesus crucificado.»<sup>10</sup>

«—Que tens tu, filha Rachel?<sup>11</sup>  
 Dize-me cá, filha amada,  
 Se é pelo christão maldito<sup>12</sup>  
 Que ficaste desgraçada.»  
 — Meu pae deixe o christão, deixe,  
 Que elle não me deve nada;  
 Deve-me a flor de meu corpo,  
 Mas de vontade foi dada.

Mandou fazer-lhe uma tofre  
 De pedraria lavrada;  
 Que não dissessem os moiros:  
 — «A judia é deshonrada.»  
 Violla, minha violla,  
 Fica-te aqui pendurada<sup>13</sup>  
 Que lá vão os meus amores  
 Por essa agua salgada.

5 Dar-te hia uma galera—*Lisboa*.

6 Com mil dobrões dentro d'ella.  
 Co'as mil doblas que estão n'ella—*Ribatejo*.

7 Este é um dos muitos exemplos de se faltar de vez em quando a força da redondilha, augmentando-a com dois versos no mesmo repellido consoante ou toante obrigado.

8 Que por mim estão a soldado—*Ribatejo*.

Esta phrase a soldado para dizer: estão servindo a soldada, a soldo, como criados, etc., foi nova para mim; vê-se porém que é

legítima portugueza. Não aproveitei para o texto esta variante por causa da ambigüidade.

9 De todo esse teu reinado—*Extremadura*.

10 Outro exemplo de acrescentar dois versos á redondilha, mas sem repetir o consoante senão em um d'elles.

11 Anda cá, ó filha Angelica—*Lisboa*.

12 Se é pelo christão que choras.

Que te deixou deshonrada—*Ribatejo*.

13 Aqui te deixo por mão,

Que os amores da judia  
 Pelas ondas do mar vão—*Ribatejo*.

## A NAU CATHRINETA

Não é para admirar que seja tam geralmente sabida e querida esta xácara. O que admira é que não seja mais commum entre nós o romance marítimo. Um paiz de navegantes, um povo que viveu mais do mar que da terra; que as suas grandes glórias as foi buscar ao largo oceano; que por não caber em seus estreitos limites da Europa, devassou todo o imperio das aguas para se estender pelo universo, — não pôde deixar de ter produzido muito Cooper popular e muito Camões de rua e de aldea que, em seus pequenos Lusíadas, cantasse as mil aventuras de tanto galeão e caravella que se lançavam destemidos

Por mares nunca d'antes navegados.

Temos em prosa muita relação popular de naufragios que rivaliza em simplicidade antiga com os Chronicons da meia idade, e cujos escriptores parecem discipulos do arcebispo Turpin, do auctor da *Formosa Magalona* ou da *Donzella Theodora*. Como elles, andaram muitos annos a cavallo em barbanetes no logar do cego estacionario, ou no bernal do cego ambulante; e só em meos do seculo passado começaram a juntar-se em volumes na bem conhecida collecção intitulada *Historia Tragico-Maritima*.<sup>1</sup>

Algumas d'estas narrativas feitas por pessoas que tiveram parte na aventura, são palpitantes de interesse e de verdade, contêm descripções inimitaveis, desenhados do vivo, e taes que fazem empallidecer as mais animadas paginas do *Reddroner* e do *Pirata*.

Não cingriam jámais com os nossos argonautas senão os Homeros das grandes *Odysseas*? Nunca um pobre menestrel do povo que dissesse na harpa ou na viola esses humildes cantares que não cabem na tuba epica, mas tambem não precisam dos caracteres de Gerardo da Vinha ou de Craesbeck, porque se gravam na memoria do povo e se perpetuam no livro vivaz das gerações?

E' impossivel: seus poetas tem, seus chro-

nistas, seus historiadores; havia de ter seus menestreis e seus trovadores, a aventureira vida de nossos mareantes.

Mas essas ingenuas rhapsodias, quem as apagou assim do livro popular? Que estupidos monges fizeram palimpsestes de suas paginas bellas? — que apenas hoje podêmos decyphrar a custo algum fragmento obliterado como este!

Não é facil responder com precisão. Mas são certas as razões geraes e sabidas do orgulho monachal, e falso gôsto de nossos litteratos de universidade e de côrte. Se tirarmos Gil Vicente e Bernardim-Ribeiro, o mesmo ou peor diremos dos poetas, que todos ou quasi todos venderam sua alma aos classicos latinos, aos italianos da renascença, e desprezaram, por vulgares, as primitivas formas de seus cantores naturaes.

A *Nau Cathrineta* foi provavelmente o nome popular de algum navio favorito; diminutivo de afeição pôsto na Ribeira-das naus a algum galeão Sancta Catherina, ou coisa que o valha. Dar-lhe-iam esse appellido *coquet* por sua airosa mastreação, pelo talhe elegante de seu casco, por alguma d'essas qualidades graciosas que tanto apprecia o olho exercitado e fino da gente do mar. Ou talvez é o nome supposto de um navio bem conhecido por outro, que o discreto menestrel quiz occultar por considerações pessoas e respeito humanos. Entre as narrativas em prosa que já citei, ha uma, por titulo — *Naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brazil no anno de 1565* — que não está muito longe de se parecer com a do romance presente. Larga e difficil viagem, temporaes assombrosos, fome extrema, tentativas de devorarem os mortos, resistencia do commandante a esta bruteza, milagroso surgir á barra de Lisboa quando menos o esperavam, e quando menos sabiam em que paragens se achassem — tudo isto ha na prosa da narração; e até o poetico episodio de estarem a ver os monumentos e bosques de Cintra sem os reconhecer — como na xácara se viam, pela falsa miragem do demonio, as tres meninas debaixo do laranjal.

Fosse porém este, ou fosse outro o caso

<sup>1</sup> *Historia Tragico-Maritima*, em que se escrevem, etc. Por Bernardo Gomes de Brito. Lisboa occidental, 1735.

que celebra o romance, houve tantos semelhantes n'aquelles tempos, que de alguns de elles, e no fim do seculo xv ou no xvi, se havia de compor. Mais antigo não é. Além de outras razões, é hoje averiguado que a poesia primitiva da nossa península rarissima vez admite o maravilhoso, o *Deus ex machina* para solução de suas ingenuas peripécias. Composição em que elle appareça,

quasi sem hesitar, se deve attribuir a origem franceza, franco-normanda, ou mais seguramente ainda á dos bardos e escaldos que por essas vias se derivasse até nós. Depois é que a mythologia de todas as crenças se confundiu, e ainda a mais extranha é a que mais figurava entre nós.

Tem muitas variantes a *Nau Cathrineta*; as mais notaveis vão apontadas.

## A NAU CATHRINETA

Lá vem a nau Cathrineta<sup>1</sup>  
Que tem muito que contar!  
Ouve, agora, senhores,  
Uma historia de pasmear.

Passava mais de anno e dia<sup>2</sup>  
Que iam na volta do mar,<sup>3</sup>  
Já não tinham que comer,  
Já não tinham que manjar.  
Deitaram solla de molho  
Para o outro dia jantar;  
Mas a solla era tam rija,<sup>4</sup>  
Que a não poderam tragar.  
Deitaram sortes á ventura  
Qual se havia de matar;  
Logo foi cahir a sorte  
No capitão general.

—Sobe, sobe, marujinho,  
A'quelle masto real,<sup>5</sup>  
Vê se vês terras de Hespanha,  
As praias de Portugal  
«Não vejo» terras de Hespanha,  
Nem praias de Portugal,  
Vejo sete espadas nuas  
Que estão para te matar.»<sup>6</sup>  
—Acima, acima gageiro,  
Acima ao tope real!  
Olha se enxergas Hespanha,<sup>7</sup>  
Areias de Portugal.  
«Alviçaras, capitão,  
Meu capitão general!  
Já vejo terras de Hespanha,  
Areias de Portugal.  
Mais enxergo tres meninas<sup>8</sup>  
Lebaixo de um laranjal:  
Uma sentada a cozer,

Outra na roca a fiar,  
A mais formosa de todas  
Está no meio a chorar.»  
—Todas tres são minhas filhas,  
Oh! quem m'as dera abraçar!  
A mais formosa de todas  
Comtigo a heide casar.  
«A vossa filha não quero.  
Que vos custou a crear.»  
—Dar-te-hei tanto dinheiro  
Que o não possas contar.  
«Não quero o vosso dinheiro,  
Pois vos custou a ganhar.  
—Dou-te o meu cavallo branco,  
Que nunca houve outro igual.<sup>9</sup>  
«Guardae o vosso cavallo,  
Que vos custou a ensinar.»  
—Dar-te-hei a nau Cathrineta,<sup>10</sup>  
Para n'ella navegar.  
«Não quero a nau Cathrineta,  
Que a não sei governar.»  
—Que queres tu, meu gageiro,  
Que alviçaras te heide dar?  
«Capitão, quero a tua alma  
Para commigo a levar.»  
—Renego de ti, demonio,  
Que me estavas a attentar!  
A minha alma é só de Deus;  
O corpo dou eu ao mar.<sup>11</sup>

Tomou-o um anjo nos braços,  
Não n'o deixou afogar.  
Deu um estouro o demonio,  
Acalmaram vento e mar;  
E á noite a nau Cathrineta  
Estava em terra a varar.<sup>12</sup>

1 Ora da nau Cathrineta

D'ella vos quero contar.—*Extremadura*.

2 Sete annos e um dia.—*Minho*.

3 Todas as lições dizem assim, menos a do Algarve que ad-

ptei.

4 Mas a solla era tam dura,  
Que a não podiam rijhar.—*Minho*.

5 A'quelle tope real.—*Lisboa*.

6 Todas para te matar.—*Extremadura*.

7 Vê se vês terras da Hespanha,

Areias de Portugal.—*Minho*

8 Também vejo tres meninas.—*Lisboa*

... tres doncellas.—*Betrabara*.

9 Pata n'elle campeai.—*Ribatejo*.

10 A lição de Lisboa acaba aqui o romance por diferente

modo. Deixando o sobrenatural da tentação do demonio, que toma

a forma de gageiro para tentar o capitão n'aquelle perigo, da por verdadeira

—Que queres tu, meu gageiro.

«Que alviçaras te heide eu dar?

«Eu quero a nau Cathrineta

Para n'ella navegar.»

—A nau Cathrineta, amigo,

E d'el rei de Portugal,

Mas ou eu não sou quem sou,

Ou el-rei t'a hade dar.

Outra lição tambem diz n'esta ultima copia.

Pede-a tu a el rei, gageiro,

Que t'a não pode negar.

11 O corpo da agua do mar.—*Ribatejo*.

12 A bom porto foi parar.—*Ribatejo*.

## O CEGADOR

A edição arraiana d'este romance que me veio de Traz-os-Montes chama-lhe *A filha do Imperador de Roma*. Não a segui no titulo nem em muitas partes de texto, encostei-me antes á lição da Beiralta. E só estas duas me chegaram; não me consta que n'outras provincias do reino seja conhecido.

Que imperador será este? Teremos aqui algum episodio da crapulosa historia byzantina, ou é outro capitulo licencioso da chronica secreta de Carlos-Magno? O trovador, que a encontrou n'essa meia-idade, cujo sello visivelmente lhe pende de todas as coplas, não pôz nomes nem datas, segundo o geral costume: e adivinhe quem quizer se este imperador de Roma era do occidente ou do oriente, do alto ou do baixo imperio, Cesar

verdadeiro ou Kaiser de imitação germanica? Deve de ser d'estes ultimos pela menção do duque de Lombardia que no fim apparece.

A lição da Beira, que segui mais que a transmontana, tem muitas variantes obscenas que forçosamente deviam ser desprezadas. Nem as creio originaes, senão introduzidas pelo depravado gosto de algum *roué* d'aldeia.

Nos romanceiros castelhanos não se encontra, e para o sul de Portugal é inteiramente desconhecido. Todavia, assim restituída pela collação dos dois textos que obtive, esta ficou uma das mais completas reliquias da nossa poesia popular que possam encontrar-se.

## O CEGADOR

O imperador de Roma  
Tem uma filha bastarda  
A quem tanto quer e tanto  
Que a traz mui mal criada.  
Pedem-lh'a condes, senhores,<sup>1</sup>  
Homens de capa e d'espada;  
Ella isenta e desdenhosa  
A todos lhes punha tacha:  
Um é criança, outro é velho,<sup>2</sup>  
Este que não tinha barba,  
Aquelle que não tem pulso  
Para puchar pela espada.  
Dizia-lhe o pae sorrindo:  
—«Inda hasde ser castigada!  
De algum villão de porqueroiro  
Te espero ver namorada.»

Por manhan de San'João,  
Manhan de doce alvorada,  
Ao seu balcão muito cedo<sup>3</sup>  
A infanta se assomava,  
Viu andar tres cegadores  
Fazendo sua cegada;  
O mais pequeno dos tres  
Era o que mais trabalhava.  
Fita que traz no chapéu  
De oiro e seda era bordada;  
Fina prata que luzia

A foice com que ceifava.  
De seu garbo e gentileza  
A infanta se namorava.  
O ceifeiro vae ceifando.  
Bem sabe elle o que ceifava!

Alli estava a aia discreta  
Em quem toda se fiava:  
—Vês, aia, aquelle ceifeiro  
Que anda n'aquella cegada?  
Condes, duques, cavalleiros,  
Nenhum que o ceifeiro valha.  
Vae-m'o chamar em segredo,  
Que ninguem não saiba nada.

«—Bom cegador, vem commigo,  
Que te quer falar minha ama»  
«Tua ama, não n'a conheço  
Nem tam pouco a quem me chama.»<sup>4</sup>  
«—Cegador de boa estrea,  
Trazê-la vista mui baixa:  
Alça os olhos e verás  
A estrella da madrugada»  
«Vejo o sol que vem nascendo,  
Não vejo a estrella d'Alva.»  
«—Estrella ou sol, vens commigo?»  
«Irei, pois quem póde, manda.»

Entraram por um postigo,  
Que a porta inda era cerrada;

<sup>1</sup> Pedem-lh'a duques e condes—*Traz-os-montes*.

<sup>2</sup> A uns que não eram homens,  
Outros que não tinham barbas—*Traz-os-montes*.

<sup>3</sup> Subiram-se a uma ventana  
Uma ventana mui alta—*Traz-os-montes*.

<sup>4</sup> Eu não conheço a senhora  
Nem tam pouco a criada—*Traz-os-montes*.

No camarim da princeza  
O bom do ceifeiro estava.  
«Senhora que me quereis?  
Pois venho á vossa chamada.»  
—Quero saber se te atreves  
A fazer minha cegada?  
«Atrever, me atrevo a tudo;  
Trabalho não me acovarda.  
Dizei vós, senhora minha,  
Onde é a vossa cegada.»  
—Não é no monte ou no valle,  
No baldio ou na coitada;  
Cegador, é nos meus braços,  
Que de ti estou namorada.

Passou todo aquelle dia,<sup>5</sup>  
O mais da noite passava,  
Ceifando vae o ceifeiro...  
Bem sabe elle o que ceifava!  
—Basta, basta, cegador,  
Feita está tua cegada:  
Vae-te, que meu pae não venha,  
Antes de ser madrugada.  
Palavras não eram ditas,

<sup>5</sup> Lá junto da meia noite  
Ao cegador perguntava:  
—«Dizei-me, bom cegador  
De quem eu fico pejada.»  
—«Eu sou filho de um porqueiro  
E meu pae porcos guardava.»  
—«Oh, triste de mim, oh triste,  
Oh, triste de mim coitada!  
Pediram-me condes, duques,  
Homens de capa e d'espada:  
E agora eis-me aqui  
De um porqueiro deshonrada—*7 raz-os-montes*.  
N'esta lição de Traz-os-Montes que dá a Sr.<sup>a</sup> Maria Joaquina  
do logar de Nantes, a xácara acaba com a variação citada.

O pae á cama chegava:  
«—Com quem falas, minha filha,  
Tam cedo de madrugada?»  
—Falo com esta minha aia  
Que me tem desesperada;  
Uma cama tam mal feita  
Que dormir me não deixava.  
«—É forte aia essa tua  
Que a barba tem tam cerrada!  
Vista-se já a donzella,  
Que, antes de ser madrugada,  
Pelo barbeiro do algoz  
A quero vêr barbeada.»  
O cegador muito enchuto  
Sua sentença escutava,  
Com uma mão se vestia,  
Com a outra se calçava.  
Saltou no meio da casa  
Como se não fôra nada:  
—«Venha já esse barbeiro  
Com a navalha affiada:  
Ao Duque de Lombardia  
Veremos quem faz a barba.»

O imperador mui contente  
Depressa alli os casava.  
Não quiz senhores, nem condes  
Homens de capa ou de espada,  
Senão só o cegador  
Que andava em sua cegada.  
Podia ser um porqueiro  
Que a deixasse deshonrada...  
Sahiu-lhe um Duque reinante,  
Senhor de alta nomeada.  
Pois tudo é sorte no mundo,  
A sorte foi bem deitada.

## A NOIVA ARRAIANA

Veiu de Almeida esta xácara; e de nenhuma outra parte do reino me chegou outra lição d'ella, nem vestigio. Bem antiga me parece. O fronteiro que mandou ao mar a armada do cavalleiro ausente, faz pensar que isto seja coisa do tempo das nossas empresas de Africa. O logar da scena é inquestionavelmente na raia—e bem pôsto está ao romance o titulo de *Noiva arraiana*. Mas aqui ha mar, e armadas que vão ao mar: não pôde pois ser outra a raia senão a do Algarve. O estylo da cantiga é ingenuo e purissimo; os costumes que descreve primitivos e patriarchaes; ha um sabor homérico n'este narrar e n'este falar, que ninguem pôde confundir com o dizer estudado de trovadores mais modernos. Poetas de civilisação mais adeantada não sabem ou não podem chegar tanto a rés da natureza.

O facto é simples e mil vezes visto. Outra

edição da *Lucia de Lamermoor*, outro cavalleiro de Ravenswood que apparece de repente no meio da voda de sua debil e mal constante namorada, quando ella, já desposada com outro, menos esperava tornar a ver o primeiro amante—o seu, o que ella unicamente quer. Quem se não lembra de Walter-Scott, e de Donizetti tambem, e do que vibram na alma as palavaras de um, as notas do outro, inspiradas por esta situação altamente dramatica, sublime de angustia e desesperação?

O nosso trovador arraiano tomou as coisas com mais tento e socêgo; não endoudeceu nem matou a sua Lucia; e nem d'ella nem do seu Ravenswood nos diz que matassem a mais ninguem. O cavalleiro portuguez faz justiça por outro modo nos que o tinham atraído. Levou-lhes a noiva, e deixou-lhes ficar a voda e o jantar.

## A NOIVA ARRAIANA

Deus vos salve, minha tia,  
Na vossa roca a fiar!  
«Venha embora o cavalleiro  
I am cortez no seu falar!»  
—Má hora se elle foi, tia,  
Má hora torna a voltar!  
Que já ninguem o conhece  
De mudado que hade estar.  
Por lá o matassem moiros,  
Se assim tinha de tornar!»  
«Ai sobrinho de minha alma,  
Que és tu pelo teu falar!  
Não vês estes olhos, filho,  
Que cegaram de chorar?»  
—E meu pae e minha mãe,  
Tia, que os quero abraçar?  
«I meu pae é morto, sobrinho,  
I tua mãe foi a enterrar»  
—Qu'ê da minha armada, tia,  
Que eu aqui mandei estar?  
«A tua armada, sobrinho,  
Mandou-a o fronteiro ao mar.»  
—Qu'ê do meu cavallo, tia,  
Que eu aqui deixei ficar?  
«O teu cavallo, sobrinho,  
El-rei o mandou tomar»  
—Qu'ê da minha dama, tia,  
Que aqui ficou a chorar?  
«I tua dama faz hoje a voda,  
A'manhã se vae casar»  
—Dizei-me onde é, minha tia,  
Que me quero lá chegar.  
«Sobrinho, não digo, não,  
Que te podem lá matar.»  
—Não me matam, minha tia;

Cortezia eu sei usar:  
E onde faltar cortezia,  
Esta espada hade chegar.

—Salve Deus, ó lá da voda,  
Em bem seja o seu folgar!»  
«—Venha embora o cavalleiro;  
E que se chegue ao jantar!»  
—Eu não pretendo da voda  
Nem tam pouco do jantar;  
Pretendo falar á noiva,  
Que é minha prima carnal.

Vindo ella lá de dentro  
Toda lavada em chorar,  
Mal que viu o cavalleiro,  
Quiz morrer, quiz desmaiar.  
—Se tu choras por me veres,  
Já me quero retirar;  
Se é os teus gastos que choras,  
Aqui estou para os pagar.  
—«Pagar devia co'a vida  
Quem me queria enganar,  
Quando te deram por morto  
N'essas terras d'além-mar.  
Mas que fiquem com a voda  
E bem lhes preste o jantar,  
Que os meus primeiros amores  
Ninguem m'os hade quitar.»

—Venha juiz de Castella,  
Alcaide de Portugal;  
Que, se aqui não ha justiça,  
Co' esta espada a heide tomar.



## GUIMAR

*Dona Guimar*—ou *Dona Agueda de Mexia*, como lhe chama a lição do Alemtejo, é um interessante romancinho que apparece na tradição d'aquella provincia e na de Extremadura. Por ambas se apurou o texto que aqui dou.

Nem por outras provincias nossas, nem pelas collecções castelhanas ha outro vestigio d'elle, que eu saiba.

Não é muito antigo o estylo. Mas o facto celebrado é o de uma morte apparente com a qual parece se julgou dissolvido o matrimonio: e d'isto houve exemplos em tempos remotos em que tinham por certa a morte,

e por verdadeira resurreição o tornar a si o supposto defuncto.

Seja porém qual fôr a data d'esta composição, ha coplas d'ella que vão de par com o mais bello e original da poesia mais primitiva. Notarei especialmente a volta de Dom João á sua terra n'aquella manhan de maio, que os passarinhos cantavam, os sinos tanguam e o rir da natureza se misturava com o chorar dos homens. Tambem não creio que haja nada mais bello que est'outros versos quando a morta vae tornando a si e pondo os olhos no amante:

Volta a vida que se fôra  
Com todo o amor que não se ia

## GUIMAR

ERA a menina mais linda <sup>1</sup>  
Que n'aquella terra havia;  
Tam formosa e tam discreta  
De outra igual se não sabia.  
Muito lhe quer Dom João,  
Muito de mais lhe queria:  
Seus amores, seus requieiros  
Não cessam de noite e dia.  
Fôr fidalgo e gentil moço  
Ninguem tanto a merecia;  
Senão que o pae da donzella <sup>2</sup>  
Outro conselho seguia:  
Casal-a quer muito rica  
Com um mercador que ahi havia,  
Sem fazer caso de amores,  
Sem lhe importar fidalguia.  
Dom João, quando isto soube, <sup>3</sup>  
Por pouco se não morria.  
Foi-se d'alli muito longe  
Sem dizer para onde ia.  
Tres mezes por lá andou,  
Tres mezes n'essa agonia;  
A vida que lhe pesava  
Soffrêl-a já não podia.  
Mandou sellar seu cavallo

Sem cuidar no que fazia;  
Deitou por esses caminhos  
Sem saber adonde ia  
O cavallo é quem mandava  
Cavalleiro obedecia.  
Passou por terras e terras,  
Nenhuma não conhecia.  
A' sua tinha chegado,  
Onde estava não sabia.  
Era por manhan de maio,  
Todo o campo florescia,  
Os passarinhos cantavam,  
O prado verde sorria;  
Lá de dentro da cidade  
Um triste clamor se ouvia  
Eram sinos a dobrar,  
E era toda a clerezia,  
Eram nobres, era povo  
Que da egreja sahia. . .  
Entrou de portas a dentro,  
De rua em rua seguia,  
Chegou á de sua dama, <sup>4</sup>  
Essa sim que a conhecia  
As casas onde morava,  
Janellas aonde a via,  
Tudo é coberto de preto,  
Mais preto que ser podia. <sup>5</sup>  
Mandou chamar uma dama <sup>6</sup>  
Que ella consigo trazia:

<sup>1</sup> Era uma menina bella  
Discreta e bem parecida,  
Dom João a namrava,  
Mil requieiros lhe fazia—*Alemtejo*.  
<sup>2</sup> Mas o pae d'aquella moça  
Por melhor conselho havia  
Casal-a com um mercador  
Que aquellas partes vivia—*Alemtejo*.  
<sup>3</sup> Dom João quando isto ouviu  
Fôr da terra se ia;  
Por lá estivera tres mezes  
Que soffrêl-a não podia—*Extremadura*.

<sup>4</sup> Veiu-se a passear  
A' rua de sua amiga—*Alemtejo*.  
<sup>5</sup> Do mais preto que havia—*Extremadura*.  
<sup>6</sup> Mandou chamar uma dama,  
Por Deus e a corteziã  
—Dize-me tu por quem trazes  
Ausencias tam doloridas.—*Alemtejo*.

—Dizei-me por Deus, senhora,  
 Dizei-me por cortezia,  
 Esse luto tam pesado  
 Por quem trazeis, que seria?  
 —•Trago-o por minha senhora,  
 Dona Guimar de Mexia,<sup>7</sup>  
 Que é com Deus a sua alma,  
 Seu corpo na terra fria.  
 E por vós foi, Dom João,  
 Por vosso amor que morria.»<sup>8</sup>  
 Dom João quando isto ouviu<sup>9</sup>  
 Por morto em terra cahia,  
 Mas a dor era tamanha<sup>10</sup>  
 Que á força d'ella vivia.  
 Os seus olhos não choravam,  
 Sua bocca não se abria.  
 Mirava a gente em redor  
 Para ver o que faria.  
 Vestiu-se todo de preto,  
 Mais preto que ser podia,<sup>11</sup>  
 Foi-se direito á egreja  
 Onde sua dama jazia:<sup>12</sup>  
 «Eu te rogo, sacristão,  
 Por Deus e Santa Maria,  
 Eu te rogo que me ajudes<sup>13</sup>  
 A erguer esta campa fria.»  
 Alli a viu tam formosa  
 Tal como d'antes, a via;

<sup>7</sup> Dona Agueda de Mexia—*Alentejo*.

<sup>8</sup> Por vós foi sua partida—*Extremadura*.

<sup>9</sup> Palavras não eram ditas—*Extremadura*.

<sup>10</sup> Mas a dor era tam forte—*Extremadura*.

<sup>11</sup> Do mais preto que havia—*Extremadura*.

<sup>12</sup> Onde a sua dama tinha—*Alentejo*.

<sup>13</sup> Que me ajudes a erguer  
 A campa de minha amiga—*Alentejo*.

Alli, morta, sepultada,  
 Inda outra egual não havia,  
 Poz os joelhos em terra,  
 Os braços ao céu erguia,  
 Jurou a Deus e á sua alma  
 Que mais a não deixaria.  
 Puchou de seu punhal de oiro,<sup>14</sup>  
 Que na cintura trazia,  
 Para a acompanhar na morte  
 Já que em vida não podia.  
 Mas não quiz a Virgem santa,<sup>15</sup>  
 A Virgem Santa Maria,  
 Que assim se perdesse uma alma  
 Que só de amor se perdia.  
 Por juizo alto de Deus  
 Um milagre se fazia:  
 A defunta a mão direita  
 Ao seu amante extendia,  
 Seus lindos olhos se abriram,  
 A sua bocca sorria;  
 Volta a vida que se fôra,  
 Com todo o amor que não se ia.  
 Seu pae, o foram buscar,  
 Que já estava na agonia;  
 Véem amigos, véem parentes,  
 Todos em grande alegria.  
 Dão graças á Santa Virgem,  
 Cujo milagre seria;  
 E a Dom João dão a esposa,  
 Que tam bem a merecia.

<sup>14</sup> Puchou por um punhal de oiro  
 Por lhe fazer companhia—*Alentejo*.

<sup>15</sup> Permitiu a Virgem santa,  
 A virgem Santa Maria  
 Que se não perdesse uma alma  
 Por um perceto que tinha—*Alentejo*.

## O CORDÃO DE OIRO

Não parece esta uma d'aquellas *verdes* aneddotas que a prosa de Bocaccio e os versos de Lafontaine immortalizaram? O estylo é menos licencioso, porque sincera e nua ás vezes, comtudo é sempre mais casta a poesia primitiva. O seu pudor é o da ingenuidade que se despe porque mal não pensa, não o da hypocrisia que por maliciosa se

cobre. Comtudo os dois ultimos versos são um verdadeiro remate de epigramma que faria honra a um poeta da escola de Voltaire, e podia ser feixo de uma cantiga de vaudeville de Scribe. Entre portuguezes, só D. Francisco Manuel de Mello ou Nicolau Tolentino os faria tam naturaes e tam picantes ao mesmo tempo.

## O CORDÃO DE OIRO

Lá se vae o capitão  
C'os seus soldados á guerra:  
Duzentos eram quintados,  
Eram duzentos de leva.<sup>1</sup>  
Se todos elles vão tristes,  
Um mais que todos o era;  
Baixa trás a sua espada,  
Seus olhos postos em terra.  
Lá no meio do caminho  
O capitão lhe dissera:  
—Porque vaes triste, soldado,  
Essa paixão por quem era?  
«Não é por pae nem por mãe,  
Nem por irman que eu tivera,<sup>2</sup>  
E' pela esposa que deixo  
Lá tam só na minha terra.  
Este cordão de oiro fino,  
Que sete arrateis bem pésa,  
Mais me pésa a mim levál-o,  
Que ao partir lh'o não dera!»  
— Soldado, tens sete dias  
Para que voltes a vél-a.  
Se a encontrares chorando,  
Ficas sete annos com ella:  
Senão, nem mais uma hora  
'l erás de aguardo ou de espera.»  
Quem saltava de contente  
O meu soldadito era.

Deixou estrada direita,  
Por atalhos se mettêra;

Inda não é mei-noite,  
A' sua porta batêra.  
«—Quem bate á minha porta,  
Quem bate com tanta pressa?  
«E' um soldado, senhora,  
Que vos traz novas da guerra.»  
«—Mal haja a nova que trás,  
E mais quem veiu trazêl-al  
Ergue-te tu, minha vida,  
Assoma-te a essa janella;  
L'espede-me esse soldado  
Que a tam má hora aqui chega.»  
—«Amigo, vindes errado  
Co'as vossas novas da guerra:  
Deixae-nos dormir em paz,  
Que bem precisamos d'ella.»

Foi-se d'alli o soldado  
Mais prompto do que viera:  
«Bem haja o meu capitão  
Pelo bem que me fizera!  
Com sete dias de aguardo...  
Nem sete horas carecêra  
Para me quitar saudades,  
Livrar-me de toda a penal  
Tomae lá meu capitão  
Os mimos da minha terra;  
Este cordão de oiro fino,  
Que agora inda mais me pésa.  
Minha mulher não precisa,  
Que os primos podem mantêl-a.  
—Pois tua mulher tem primos,  
E tu vinhas com dó d'ella! ..

1 Duzentos quintados eram.—*Tras-os-montes*.

2 Nem por minha irman mais velha.—*Tras-os-montes*.

## O CEGO

Ha duas balladas escriptas em dalecto escocoz por el-rei James V de Escocia, que ambas se parecem muito com esta. Uma especialmente, *The Gaberlunzie man*, até no metro e nas fôrmas exteriores dá bastantes ares da nossa xácara. Começa assim:

The pauky auld earle come ovir the lee  
wi' mony good-eens and days to mee,  
Saying: Goodwife, for zour courtesie,  
Will ze lodge a silly poor man?<sup>1</sup>

O rei James, que morreu de trinta e tres annos, em 13 de Dezembro de 1542, era um joven rei, tunante e maganão, que se disfarçava em trajos de mendigo, de adello, ou que taes, para andar correndo baixas aventuras pelas aldeias ou pelos bairros escusos das cidades. Cantor de seus proprios feitos, celebrava os depois em galantes trovas, a que não falta a graça nem o chiste do genero. A que se intitula *The Jolly Beggar*, e que por licenciosa e fresca de mais, a não admittiu o bispo Percy na sua collecção, talvez tenha ainda mais merito de arte.

O *Gaberlunzie man* da real ballada é porém todo inteiro o *Cego* da nossa xácara, menos em certos incidentes, que são mais poeticos e mais interessantes na composição portugueza.

Disfarçado em trajos de cego mendigo, um senhor de alta jerarchia falou de amores a uma donzella de muito inferior nascimento que vivia com sua velha mãe. Por accôrdo, mais ou menos expresso entre os dois amantes, se apresenta este por noite á porta da velha com a sua caramunha. A mãe dorme; e Anninhas, que responde ao cego, parece fazê-lo ou com ironia ou em pique de ciúmes, e por nenhum modo lhe quer abrir «porta ou postigo.»

Põe-se o cego a cantar lamentosamente a sua desgraça; e com a chorada cantilena se abranda ou finge abrandar-se o coração da

rapariga. Desperta a mãe para que o venha ouvir; e quando esta conluida lhe manda dar esmola, o cego recusa, não quer senão que o ponham no caminho que perdeu. E' a propria velha, coitada, a que diz á filha que lh'o vá ensin.r. E assim fogem os dois, com a maior tranquillidade com que ainda fugiram amantes.

Note porém a maestria do nosso poeta popular. A fugitiva sustenta sempre aquella tam perdoavel hypocrisia feminina, ultimo protesto do pudor moribundo. Fiando homericamente na sua roca, vae fingindo guiar o cego, vai parecendo acreditar que não sabe aonde nem a que vac. Senão quando, apparece um tropel de cavalleiros: é a comitiva do nosso rei encuberto, principe ou conde pelo menos. Adeus gaivão de cego, e andajoz de mendigo! A cavallo e trotar largo! Já o cego vê, já a donzella sabe onde vae. E com este seu fino e malicioso dito, encclue a trova:

Um cego me leva, e vejo o caminho

Tal é o argumento da cantiga portuguez, e muito mais romanesco do que o das escoczas, pôsto que seja o mesmo o fundo da anecdotas.

Não duvido suppor que talvez de Glasgow ou de Oberdeen trouxessem os nossos mareantes esta historia. e de Vianna ou do Porto se internasse pelo Minho onde ella é mais vulgar. Não lh'o pagariamos só em vinho e frutta aos nossos amigos do norte, porque em mercadorias d'aquelle mesmo genero para lá temos exportado bastante.

A fôrma metrica é a do romance de Sancta Iria. O texto foi restituído com difficuldade, porque esta fôrma se presta ainda mais á corrupção do que a outra, desafiando o prolifico talento dos nossos trovadores de aldeia a bordar seus pretenciosos floripondios sôbre a singela telagarsa do original.

Vão por ementa, apontadas algumas variantes menos absurdas.

<sup>1</sup> Percy's *Reliques of ancient english poetry*, Series II, book I, 10

## O CÉGO

ABRE a porta, Anna, abre de mansinho,<sup>1</sup>  
 Que venho ferido, morto do caminho.  
 «Se vundes ferido, pobre coitadinho!  
 Ireis muito embora por outro caminho.»  
 —Ai! abre-me a porta, abre de mansinho,  
 Que tam cego venho, não vejo o caminho.  
 «Porta nem postigo não abro ao céguinho,  
 Vá-se na má hora pelo mau caminho.»  
 —Ai do pobre cego que anda sósinho  
 Cantando e pedindo por esse caminho!

«Minha mãe acorde, oiça anui baixinho<sup>2</sup>  
 Como canta o cego que perdeu o caminho.»  
 «—Se elle canta e pede, dá-lhe pão e vinho;  
 E o pobre cego que vá o seu caminho.»  
 —O teu pão não quero, não quero o teu vinho,

Quero só que Anninhas<sup>3</sup> me ensine o caminho.  
 «—Toma a roca, Anna, carrega-a de linho,  
 Vae com o pobre cego, põl-o a caminho.»

«Espiou-se a roca, acabou-se o linho,  
 Fique embora o cego, que este é o seu caminho.»  
 —Anda mais, Anninhas, mais um boccadinho,  
 Sou um pobre cego, não vejo o caminho.  
 «Ai! arreda, arreda para este alinho,  
 Que ahí véem cavalleiros por esse caminho.»  
 —Se véem cavalleiros, véem de vagarinho,  
 Que ha muito me tardam por este caminho.  
 A cavallaria passou de mansinho . .  
 Cégo, lo meu cego já via o caminho.<sup>4</sup>  
 Montou-me a cavallo com muito carinho . .  
 Um cego me leva . . e vejo o caminho!

1 Abre a porta, Anna, abre o teu postigo.  
 Dá-me um lenço, amores, que venho ferido.  
 «Se vundes ferido, vinde muito embora,  
 Porque minha porta não se abre agora.»—*Extremadua*.  
 2 «Minha mãe acorde do doce dormir,  
 Vemna ouvir o cego cantar e pedir.»—*Extremadua*.  
 3 Diminutivo minhoto de Anna.

4 Este é um modo de dizer provinciano bastante usado do nosso povo em quasi todo o reino. *Filho, lo me filho; madre, la mi madre* etc., occorre em muitas cantigas populares, romances e semelhantes. São reliquias do antigo asturiano que o nosso dialecto conservou tanto e mais do que o castelhano. O mesmo fizeram os nossos vizinhos de Gallaiza. Tem sido tenaz n'estes bellos archaismos a poesia do povo, porque a salva des hyatos que tanto lhe repugnam.

## LINDA-A-PASTORA

Quem desce Tejo abaixo, por esta margem do Norte onde está Lisboa, e tendo saudado o precioso monumento de Belem, a sua torre não menos bella, entra no fashionavel Pedreiro e d'ahi segue ás praias do Dafundo até á Cruz Quebrada, tem dado o mais bonito passeio que se pôde dar nas vizinhanças da capital, e visitado os sitios que, depois de Cintra, mais frequenta a sociedade elegante da nossa terra. De fins de agosto a principios de novembro é que tudo alli corre, e que os banhos do mar povoam aquelles bellos ermos, nas outras estações desamparados.

Quem tiver porém o bom gosto de resistir ao despotismo tarifeiro da moda, e se abalancar em maio ou junho a este largo passeio, que no estado dos nossos caminhos é antes uma pequena viagem, creia que hade ser pago de sua nobre ousadia. Não ha palavras que digam todas as bellezas d'aquella terra, d'aquelle ceo, d'aquellas aguas. A' esquerda o Tejo, os navios que entram e sahem, as frotas de barcos pescarejos, a areia alva juncto á beira d'agua, e logo pegada á salsugem, a prodigiosa vegetação das plantas que a amam e em que se pasce guloso e largo á vontade o gado. Perto, um saveiro que chegou á terra e cuja companhia pucha ao longo da praia pela rede que arrasta os innumeraveis cardumes de peixes que logo virão saltar na areia. A' direita nas eminencias, as ruinas picturescas de conventos desertos, de moinhos abandonados, de fortes, de atalaias. E tudo isto encastado na verdura viçosa e florida da primavera que ainda não queimou o sol do estio. No fim do verão quando vae todo o mundo, já não ha senão resteva nos campos, talos de hervas seccas nos montes, arvores sem folhas, poeira nos ares, e uma ventaneira despregada que não cessa.

Já me eram familiares de annos aquelles sitios; mas posso dizer que os não conheci bem e como elles são devéras, senão quando, haverá hoje tres annos, alli fui um dia primeiro de maio. Fui, como de maravilha em maravilha, por todos os pontos que tenho nomeado; mas chegando á ribeira de Jamor, parei extasiado no meio de sua pon-

te, porque a varzea que d'ahi se estende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os montes que a abrigam em derredor, estava tudo de uma belleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que rega o Jamor, até os altos onde velejam centenaes de moinhos. Arvores grandes e bellas, como rara vez se encontram n'esta provincia *androclasta*, rodeavam melancolicamente, no mais fundo do valle, a velha mansão do Rodizio. E lá, em perspectiva, no fundo do quadro, uma aldeia de Suissa com suas casinhas brancas, suas ruas em soccalcos, seu presbiterio ornado de um ramalhete de faias; grandes massas de basalto negro pelo meio de tudo isto, parreirae, jardinzitos, quasi pensis, e uma graça, uma simplicidade alpina, um sabor de campo, um cheiro de montanha, como é difficil de encontrar tão perto de uma grande capital.

O logarejo é bem conhecido de nome e fama, chama-se Linda-a-Pastora. Porque? Não sei. Tem me jurado antiquarios de «meia tijella» que o seu nome verdadeiro é *Niña a Pastora*. Mas emquanto não achar algum de «tijella inteira» que me saiba dar a razão por que se havia de chamar assim, meio em portuguez meio em castelhano, um aldeote de ao pé de Lisboa—heide chamar-lhe eu, como os seus habitantes e toda a gente diz: Linda-a-Pastora.

Namorei-me do sitio por modo, que alli passei o verão todo: e d'alli fiz deliciosas excursões pelas vizinhanças, que todas são bonitas. Foi n'este proprio e appropriado sitio que a sr.<sup>a</sup> Francisca, lavadeira bem conhecida do logar, me deu a última e, ao parecer, mais correcta lição que do presente romance tinha obtido. Em outras partes do reino traz elle o titulo de *Pastorinha*; aqui era justo e natural que se lhe dêsse o de Linda-a-Pastora, que assentei conservar lhe.

Na forma é um romance em endexas, mas o fundo é de uma verdadeira pastourella do genero provençal; nem a fariam mais graciosa Giraud Riquier ou Giraud de Borneill.

Tem muitas variantes, porque todo o reino a sabe e canta. Eu noto sómente as principaes.

## LINDA-A-PASTORA

LINDA pastorinha, que fazeis aqui?  
 «Procuro o meu gado que por ahí perdi.»  
 —Tam gentil senhora a guardar o gado!  
 «Senhor, já nascemos para esse fado.»  
 —Por estes montanhas em tam grande p'riga!  
 Diga-me, ó menina, se quer vir commigo.  
 «Um senhor tam guapo dar tam mau conselho!  
 Querer que se perca o gado alheio!»  
 —Não tenha esse medo que o gado se perca?<sup>2</sup>  
 Por aquí passarmos uma hora de sêsta.  
 —Tal razão como essa não na ouvirei.<sup>3</sup>  
 Já dirão meus amos que de mais tardei.»  
 —Diga-lhe, menina, que se demorou  
 Co' esta nuvem d'agua que tudo molhou.»  
 «Fallarei verdade, que mentir não sei:  
 A' volta do gado eu me descudei.»  
 —Pastorinha, escute, que oiço ballar gado..  
 «Serão as ovelhas que me tem faltado.  
 —Eu lh'as vou buscar já muito depressa,  
 Mas que me espedace por essa charneca.»

«Ai como vae grave de meias de seda!  
 Olhe não as rompa por essa resteva.»<sup>4</sup>

1 Não deve ser nobre quem dá tal conselho—*Minho, Beiralta.*

2 Eu não digo is-o, que o gado se perca.  
 Mas que descancemos uma hora de sêsta—*Beiralta. Extrema-  
 dura.*

3 Que dirão meus amos em que me occupei—*Beiralta.*

4 Por essas estevas—*Alentejo.*

—Meias e sapatos,<sup>5</sup> tudo romperei.<sup>6</sup>  
 Só por lhe dar gôsto, minha alma, meu bem.  
 «Eil-o aqui vem; é todo o meu gado.»  
 —Meu destino foi ser vosso criado.  
 «Senhor, vá-se embora, não me dê mais pena,  
 Que hade vir meu amo trazer-me a merenda.»  
 —Se vier seu amo, venha muito embora;  
 Diremos, menina, que cheguei agora.  
 «Senhor, vá-se, vá-se, não me dê tormento:  
 Já não quero vê-lo nem por pensamento.»  
 —Pois adeus, ingrata da Linda-a-Pastora!  
 Fica-te, eu me vou pela serra fóra.<sup>7</sup>  
 «Venha cá, Senhor, torne atrás correndo...  
 Que o amor é cego, já me está rendendo.»  
 Sentaram-se á sombra... tudo estava ardendo..<sup>8</sup>  
 Quando ellas não querem, então'stão querendo.

5 Meias e vestidos—*Ribatejo.*

6 Romperem—*Coimbra.*

7 Vae guardar teu gado pela serra fóra.—*Beiralta.*

8 Senta-te a esta sombra que está o mundo ardendo:  
 —«Eu bem não queria, mas estou querendo.»  
 —«Calla-te, pastora, não digas mais nada,  
 Que a aposta que eu fiz já está ganhada.»  
 —«Senhor, vou sentar-me não por ma tencão.  
 Pois sabe a verdade, que sou teu irmão.—*Beiralta.*  
 —«Sente-se a esta sombra, passemos a sêsta,  
 Já pouco me importa que o gado se perca.»  
 Oh gente da casa, accudi ao gado,  
 Que foge a pastora c'o seu namorado.—*Minho.*

## ROMANCES COM FÓRMA LITTERARIA

### XXXIII

## DOM DUARDOS

O último conhecido dos nossos poetas populares antigos, o verdadeiro fundador do theatro de Hespanha, Gil-Vicente, não era só poeta comico, segundo vulgarmente se crê às cegas, porque poucos abrem os olhos para o ler com attenção, para estudar n' elle, como todos deviam, lingua, costumes, estylo, côr e tom nacional da epocha: nenhum outro escriptor portuguez os teve tam verdadeiros, tam caracterizados e sinceros.

O romance heroico ou epico, isto é, o que celebrava grandes feitos e successos nacionaes, ou interessantes aventuras de guerras e de amores — que d'elle tomaram depois o appellido de *romancescas*, ou porque não *romancescas* — hoje mais inglezadamente *romanticas* — este que tambem rimou muitas vezes devotas legendas de santos e de milagres, os passos da historia sagrada de ambos os Testamentos, e até os proprios mysterios do dogma; o romance epico em toda a sua primitiva simpleza foi tambem cultivado por Gil Vicente.

Com elle e com Bernardim-Ribeiro creio que morreu, litterariamente falando nos fins do seculo xv, principios do xvi, para resuscitar depois, á primeira trombeta do seiscentismo, como todos os generos populares que por essa reacção resurgiram: mas rebecado e contrafeito, secante de metaphoras, pesado de conceitos, escripto emfim com a penna d'aza da *Phenix renascida*.

Quanto elle fôra estimado e cultivado entre nós em tempos de Gil Vicente, vê-se de muitos logares de seus dramas. E ahi se vê tambem que promiscuamente compunham os nossos trovadores já no dialecto de Castella, já no de Portugal, e ainda o mesmo romance ou soláo ora se cantava em uma, ora n'outra linguagem.

Para exemplo e prova, leia-se com attenção o dialogo do feiteiceiro com a ama de Cis-

mena na scena II de Rubena.<sup>1</sup> Ahi vêem citados como portuguezes e em portuguez, apar de outras cantigas castelhanas, muitos romances que alguns passam hoje por legítimos filhos de Castella e em suas collecções se encontram; de outros nem por ellas ha memorias. Tal é o que começa:

«Eu me sam Dona Giralda

de que não achei outro vestigio nem nos romanceiros castelhanos, nem na nossa tradição oral. Tal é est'outro:

«En Paris está Donalda;»

que vem nos citados romanceiros, posto que differentemente escripto.

Tambem no Auto dos *Quatro tempos cantam estes «até chegar ao presepio»*, manda a rubrica,<sup>2</sup> *uma cantiga franceza que diz:*

«Ai de la noble  
Villa de Paris!

E' claro que este é um romance; e romance conhecido, e que não era castelhano nem portuguez, mas francez. E d'aqui se depreheende tambem uma coisa que muitas vezes tenho julgado entrever, e de que tenho quasi uma consciencia intima, sem ousar dál-a por certa, porque não ha ainda todas as provas documentaes que se precisam para uma asserção que hade parecer atrevida: e é — que os romances primitivos quasi que eram communs ás linguas *romanas*, e que nenhuma os vindicava exclusivamente: porque o trovador catalão ou provençal, portuguez,

<sup>1</sup> *Gil-Vicente*, edição de Hamburgo, 1834, tom. II, pag. 27.

<sup>2</sup> *Ibid.* tom. I, pag. 92.



normando ou castelhano pertencia mais á *republica litteraria* e artistica de sua profissão, do que a nenhum reino ou nação, ou divisão politica do paiz. Cantava-se o romance para lá do Ebro? davam-se ás palavras desinencias mais curtas e contrahidas; dizia-se para cá d'elle? produziam-se mais arredondadas. Entre Portugal e Castella menos era preciso ainda, porque as linguas, já tam semelhantes, ainda o eram mais então, e no especial dialecto do romance dobradamente.

Aponto isto aqui sómente como emenda, para mais devagar se reflectir e estudar no que indico. Ha grande verdade na indicação; mas até onde ella chega, não sei dizer por ora, nem saberei talvez nunca, porque me não sobra tempo nem paciencia para dar professadamente a estas coisas. Vou escrevendo o que me occorre como curioso. A sciencia fará o seu officio com o tempo. Eu não pretendo a litterato nem a critico, e n'estas coisas menos que em nenhuma. Occupo as minhas horas vagas com estes divertimentos innocentes; não faço mais nada.

Tornando ao nosso Gil-Vicente, na segunda scena—acto, jornada, ou parte II—da *Rubena*, canta a Cismena em portuguez outro principio de romance mui notavel pelo metro pouco usado na nossa lingua:

«Grandes bandos andam na côrte,  
Traga-me Deus meu bonamore.»

Muitas outras provas achará alli o leitor curioso de que este genero era o mais popular então entre nós. Como tal o cultivou Gil-Vicente; e assim o mostra o romance dos *Padres no Limbo* no Auto da *Historia de Deus*, o da *Barca dos Anjos* no auto do *Purgatorio*, o da *Infanta* no auto das *Côrtes de Jupiter*, e muitos outros dispersos por suas obras dramaticas, além dos dois bem conhecidos que expressamente compoz, um á morte d'el-rei Dom Manuel, outro á acclamação de Dom João III.

Este primeiro que aqui ponho é o de *Dom*

*Duardos* que vem no fim da tragi-comedia (aliás drama cavalheiresco) do mesmo titulo. Em castelhano foi escripta a tragi-comedia, e em castelhano alli vem o romance; na collecção, que por vezes tenho citado, do cavalheiro de Oliveira, apparece em portuguez com declaração de se encontrar assim n'um antigo manuscripto do seculo XVI que visivelmente era contemporaneo do poeta. Eu dou-o em ambas as linguas. E pôsto que os nossos vizinhos o codificassem em seus romanceiros como proprio, fica assim evidente o ser elle de fabrica portugueza e do nosso Gil-Vicente, quer primitivamente o compozesse elle na nossa lingua, quer na d'elles.

Eis aqui o que, no fim da tragi-comedia, diz Artada, antes de cantar o romance:

«Por memoria de tal trince  
Y tam terrible partida  
Venturosa,  
Cantemos nuevo romance  
A la nueva despedida  
Peligrosa.»

Acabado de cantar e findo o auto, diz o patrão, virando se para el rei—não o rei da comedia, mas o rei portuguez Dom João III, em cuja côrte e presença ella se representava:

«lo mismo iremos cantando  
Por esa mar adelante,  
A' las sirenas rogando;  
Y Vuestra alteza mandando:  
Que en la mar siempre se cante.»

Era pois novo o romance, por seu o dava Gil-Vicente, que não precisava nem usava de brilhar com o alheio, e a el-rei seu amo e seu protector, como tal o endereçava. Não posso deixar de o crer e aceitar como seu.

A lição portugueza de Oliveira differe algum tanto da castelhana de Gil-Vicente; e esta não pouco da que vem no ROMANCEIRO GERAL de Duran e no TESORO de Ochoa.

Juntam-se aqui todas tres, para que as confrontem os curiosos, e se illustre assim a questão que, tôrno a dizer, suscito, não resolvo.

## DOM DUARDOS<sup>1</sup>

ERA pelo mez de Abril,  
De Maio antes um dia,  
Quando lyrios e rosas  
Mostram mais sua alegria;  
Era a noite mais serena  
Que fazer no ceo podia,  
Quando a formosa infanta,  
Flérída já se partia;  
E na horta de seu padre

Entre as arvores dizia:  
—Com Deus vos ficade, flores,  
Que ereis a minha alegria!  
Vou me a terras estrangeiras  
Pois lá ventura me guia;  
E se meu pae me buscare,  
Pae que tanto me queria,  
Digam-lhe, que amor me leva,  
Que eu por vontade não ia;  
Mas tanto atimou commigo  
Que me venceu co'a porfia.

1 Lição portugueza, segundo Oliveira.

Triste, não sei onde vou,  
E ninguém não m'o dizia!...  
Alf! fala Dom Duardos:  
«Não choreis, minha alegria,  
Que nos reinos de Inglaterra  
Mais claras aguas havia,  
E mais formosos jardins,  
E flores de mais valia.  
Tereis trezentas donzellas  
De alta genealogia;  
De prata são os palacios  
Para vossa senhoria;  
De esmeradas e jacynthos  
E oiro fino de Turquia,  
Com lettreiros esmaltados,  
Que a minha vida se lia,  
Contando das vivas dores  
Que me destes n'esse dia  
(Quando com Primallão

Fortemente combatia:  
Matastes-me vós, senhora  
Que eu a elle o não temia...»  
Suas lagrymas enchugava  
Flérída que isto ouvia.  
Já se foram ás galeras  
Que Dom Duardos havia.  
Cinquenta eram por conta,  
Todas vão em companhia  
Ao som do doce remar  
A princeza adornecia  
Nos braços de Dom Duardos,  
Que tam bem a merecia

Saibam quantos são nascidos  
Sentença que não varia:  
Contra a morte e contra amor  
Que ninguém não tem valia.

## I

VERSÃO CASTELHANA DE GIL-VICENTE<sup>1</sup>

En el mes era de Abril,  
De Mayo antes un día,  
Quando lirios y rosas  
Muestran mas su alegría.  
En la noche mas serena  
Quel el cielo hacer podía,  
Quando la hermosa infanta  
Flérída ya se partia:  
En la huerta de su padre  
A los árboles decia:  
«Quedaos adios, mis flores,  
Mi gloria que ser solia:  
Voyne á tierras estrangeras  
Y vuesa ventura alla me guía  
Si mi padre me buscare  
Que grande bien me queria  
Digan que amor me lleba  
Que no fué la culpa mia:  
Tal tema tomé conmigo  
Que me venció su porfia.  
Triste nó se adó vó.  
Ni nadie me lo decia.»  
Allí habla Dom Duardos:  
«No lloreis mi alegría,  
Tua en los reinos de Inglaterra  
Mas claras aguas habia,  
Y mas hermosos jardines  
Y vuestos, señora mia.

Terneis trecientas doncellas  
De alta genealogia;  
De plata son los palacios  
Para vuesa señoria,  
De esmeraldas y jacintos,  
De oro fino de Turquia  
Con lettereros esmaltados  
Que cuentan la vida mia,  
Cuentan los vivos dolores  
Que me distes aquel día  
Quando con Primaleon  
Fuertemente combatia:  
Señora vos me matastes,  
Que yo a el no lo temia.  
Sus lagrimas consolaba  
Flérída qu'esto oia;  
Fueron-se a las galeras  
Que Don Duardos tenia.»  
Cinquenta eran por cuenta,  
Todas van en compañía.  
Al son de sus dulces remos  
La princeza se adornia  
En brazos de Don Duardos  
Que bien le pertenecia  
Sepan cuantos son nacidos  
Aquesta sentencia mia:  
Que contra la muerte y amor  
Nadie no tiene valia.

## II

VERSAO CASTELHANA DE DURAN<sup>2</sup>

En el mes era de Abril,  
De Mayo antes un día,  
Quando los lirios y rosas  
Muestran mas su alegría,  
En la noche mas serena,  
Qu'el cielo hacer podría.  
Quando la hermosa infanta  
Flérída ya se partia;

En la huerta de su padre  
A los árboles decia:  
—Jamás en cuanto viviere  
Os verá tan solo un día,  
Ni cantar los ruiseñores  
En los ramos melodía.  
Quédate á Dios, agua clara,  
Quédate á Dios, agua fría,  
Y quedad con Dios, mis flores,  
Mi gloria que ser solia  
Voime á las tierras estrañas,  
Pues ventura allá me guía.

<sup>1</sup> Obras de Gil-Vicente, ed. de Hamburgo 1834. T. II, p. 210.

<sup>2</sup> Romancero general, parte 1.

Si mi padre me buscár,  
Que grande bien me queria,  
Digan que el amor me lleva,  
Que no fué la culpa mia.  
¡al tema tomó conmigo,  
Que me forzó su porfia.  
Triste nó sé Jonde voy  
Ni nadie me lo decia.  
Allí habló Don Duardos:  
—«No lloreis mas, mi alegría,  
Que en los reinos de Inglaterra  
Mas claras aguas habia,  
Y mas hermosos jardines,  
Y vuestros, señora mia.  
Terneis trescientas doncellas  
De alta genealogia:  
De plata son los palacios  
Para vuestra señoría;  
D'esmeraldas y jacintos  
Toda la tapeçaria;  
Las camaras ladrilladas  
D'oro fino de Turquía,

Com letreros esmaltados  
Que cuentan la vida mia,  
Contando vivos dolores  
Que me diésteis un dia  
Quando com Tremaleon  
Fuertemente combatia.  
Señora, vós me matastes,  
Que yo a el no lo temia »  
Sus lagrimas consolaba  
Flérida qu'esto oia,  
Y fueron se á las galeras,  
Que Don Duardos habia:  
Cinquenta eran por todas,  
Todas van en compañía.  
Al son de sus dulces remos  
La infanta se adormecia  
En brazos de Don Duardos,  
Que bien le pertenecia.  
Sepan cuantos son nascidos  
Aquesta sentencia mia:  
Que contra muerte y amor  
Nadie no tiene valia.

## A A M A

Bernardim-Ribeiro foi natural da villa do Torrão no Alemtejo, vivia por fins do xiv, principios do xv seculo; era moço fidalgo d'el rei Dom Manuel e servia no paço, onde a belleza e perfeições da infanta Dona Beatriz lhe inspiraram uma paixão de verdadeiro «Macias namorado». Ainda não estava tam longe o tempo em que princezas e rainhas ouviam sem enfado e acceitavam sem desaire as homenagens dos trovadores. Bernardim era moço, talvez bem parecido, discreto decerto: ha toda a razão de crer que foi ouvido com sympathia e indulgencia. Toda a sua felicidade ficou por aqui, segundo elle diz:

«Que para mais esperar  
Nunca me deram logar.»

E esta deve de ser a verdade; ou elle, de fino amante, no la occultou: em qualquer dos casos devemos crê-lo sôbre sua palavra.

A infanta casou por procuração com o duque Carlos de Saboia, em Lisboa nos paços da Ribeira, a 7 de Abril de 1520;<sup>1</sup> e em Agosto seguinte partiu para Italia. As «Saudades»<sup>2</sup> do seu amante ficaram eternizadas no mysterioso livro que com esse titulo compôs. D'elle se extrahiu este romance, propriamente soláo. Tudo aqui é contado e dito por um modo de enigmas e allegorias inteiramente inexplicaveis para quem ignorasse os mysteriosos amores do trovador e da prin-

ceza. Tam sincero — e amiude grosseiro a podêr de sincero — é o modo de dizer dos antigos menestreis, quanto este é delicado por demais, e á força de o ser, obscuro.

O argumento simplissimo diz-se em poucas palavras. Beatriz está retirada em sua camera. Sua paixão por Bernardim não é segredo para a boa ama que a criou e que tanto lhe quer. Canta-lhe esta um *cantar* a modo de *soláo* em que tristemente conta e lamenta a má ventura que desde a nascença tem perseguido a sua querida menina, e que maiores desgraças lhe faz temer no futuro.

O estylo tem toda a ingenuidade dos antigos cantares, todo aquelle perfume de bo-nina selvagem que só se encontra pelas de-vezas inculdas da poesia primitiva. E todavia, se ainda são as flores singelas do monte, já se conhece arte no formar do ramalhete. Já não são as notas desgarradas, e asperas por vezes, do primeiro trovar asturiano ou leonez que tinham á dureza de ferro dos descendentes de Pelayo. Já por aqui andam *motos* de trovador provençal. A melodia porém ainda é puramente romantica; as harmonias é que presentem fôrmas mais classicas. Vê-se o antigo toante do romance peninsular cedendo á difficil e dura lei das complicadas rhymas provençaes. Ha mais ainda; ha uma perfeição no *numero* dos *rhythms* que adinvinha já as doçuras italianas. E' o trovador do seculo xv dando a mão ao poeta do seculo xvi. O que predomina todavia é o modo provençal; e este é, repito, um legitimo soláo.

<sup>1</sup> Garcia de Rezende, *hida da infanta*, etc.

<sup>2</sup> *Saudades de Bernardim-Ribeiro*, Lisboa 1, 95.

## A A M A

PENÇANDO-VOS <sup>1</sup> estou filha,  
Vossa mãe me está lembrando;  
Enchem-se-me os olhos d'agua,  
Nella vos estou lavando.

Nascestes, filha, entre mágua;  
Pera bem inda vos seja!  
Pois em vosso nascimento  
Fortuna vos houve inveja.

Morto era o contentamento  
Nenhuma alegria ouvistes;  
Vossa mãe era finada,  
Nós outros eramos tristes.

Nada <sup>2</sup> em dor, em dor criada,  
Não sei onde isto hade ir ter;  
Vejo-vos, filha, formosa,  
Com olhos verdes crescer.

<sup>1</sup> No sentido de dir o penço á criança; com a qual significação o verbo se deve escrever com ç e não com s.

<sup>2</sup> Nascida.

Não era esta graça vossa  
Pera nascer em destêrro:  
Mal haja a desventura  
Que poz mais n'isto que o erro!

Tinha aqui sua sepultura  
Vossa mãe, e a mágua a nós!  
Não ereis vós, filha, não,  
Pera morrerem por vós.

Não ouvem fa los razão,  
Nem se consentem rogar;  
De vosso pre hei mor dó,  
Que de si se ha de queixar.

Eu vos ouvi a vós só  
Primeiro que outrem ninguém;  
Não foreis vós se eu não fôra:  
Não sei se fiz mal se bem.

Mas não póde ser, senhora,  
Pera mal nenhum nascerdes,  
Com esse riso gracioso  
Que tendes sob olhos verdes

Confôrto, mas duvidoso,  
Me é este que tomo assi!  
Deus vos dê melhor ventura  
Do que tivestes té aqui

A Dita e a Formosura,  
Dizem patranhas antigas,  
Que pelejaram um dia,  
Sendo d'antes muito amigas.

Muitos hão <sup>3</sup> que é phantezia:  
Eu, que vi tempos e annos,  
Nenhuma coisa duvido,  
Como ella é azo de damnos <sup>4</sup>

Nem nenhum mal não é crido,  
O bem só é esperado:  
E na crença e na esperança,  
Em ambas ha hi cuidado,  
Em ambas ha hi mudança.

<sup>3</sup> Tem para si

<sup>4</sup> De nenhuma coisa duvido, que seja azo de damnos.

## AVALOR

Este, que é verdadeiro romance na fôrma assim como no estylo, parece ter sido feito á partida da infanta para Saboia, ou talvez por occasião da viagem que Bernardim-Ribeiro alli fez para a vêr.

Fôsse como ou quando fôsse, elle é admiravel. Ha menos artifício metrico, não menos belleza de poesia que nos outros, não

menos sentimento. O estylo é mais desleixado, mais vago, mais de romance.

Em todas as vastissimas collecções castelhanas não ha nada tam bello de elegante simplicidade.

Já se vê que não faço a comparação no genero heroico ou historico, digo-o dos romances de amor e aventura.

## AVALOR

PELA ribeira de um rio  
Que leva as aguas ao mar.  
Vae o triste de Avalor,  
Não sabe se hade tornar.  
As aguas levam seu bem,  
Elle leva o seu pesar;  
E só vae, sem companhia,  
Que<sup>1</sup> os seus fora elle leixar;  
Ca quem não leva descanso  
Descança em só caminhar.  
Descontra d'onde ia a barca,  
Se ia o sol a baixar;  
Indo-se abaixando o sol,  
Escorecia-se o ar;  
Tudo se fazia triste  
Quanto havia de ficar.  
Da barca levantam remos,  
E ao som do remar  
Começaram os remeiros  
Da barca este cantar:  
—Que frias eram as aguas!  
Quem as haverá de passar?  
Dos outros barcos respondem:  
«Quem as haverá de passar?»  
Frias são as aguas, frias,  
Ninguem nas pôde passar;  
Senão quem pôz a vontade  
Donde a não pôde tirar.  
Tra-la<sup>2</sup> barca lhe vão olhos  
Quando o dia dá logar:  
Não durou muito, que o bem  
Não pôde muito durar.  
Vendo o sol pôsto contr'elle<sup>3</sup>

Não teve mais que pensar;  
Soltou redeas ao cavallo  
A' beira do rio a andar.  
A noite era callada  
Pera mais o magoar,  
Que ao compasso dos remos  
Era o seu suspirar.  
Querer contar suas mágoas  
Seria areias contar;  
Quanto mais ia alongando,  
Se ia alongando o soar.  
Dos seus ouvidos aos olhos  
A tristeza foi egualar;  
Assi como ia a cavallo  
Foi pela agua dentro entrar.  
E dando um longo suspiro  
Ouvia longe falar:  
Onde mágoas levam olhos,  
Vão tambem corpo levar.  
Mas indo assi por acêrto,  
Foi c um barco n'agua dar  
Que estava amarrado á terra,  
E seu dono era a folgar.  
Saltou assi como ia, dentro,  
E foi a amarra cortar:  
A corrente e a maré  
Acertaram-n'o ajudar.  
Não sabem mais que foi d'elle,  
Nem novas se pôdem achar:  
Suspeitaram que foi morto,  
Mas não é pera affirmar:  
Que o embarcou ventura,  
Pera só isso aguardar.  
Mas mais são as mágoas do mar.  
Do que se podem curar.

<sup>1</sup> Que, pois que

<sup>2</sup> Tra-a, após a.

<sup>3</sup> De frente d'elle.

## CUIDADO E DESEJO

Todo este solão — e creio que propriamente este é também um verdadeiro solão — todo elle é allegorico dos mysteriosos amores do poeta das saudades.

Bernardim-Ribeiro vaga, triste e solitario pelas margens de um rio escuro e coberto de arvoredos. Apparece-lhe o seu *Cuidado* na figura de um velho ençannecido que lhe mostra o seu fatal *Desejo* todo coberto de dô; chorando e pensativo declara-lhe que em ma hora o viu porque nunca mais o hade esquecer. Some-se a visão: e elle caminha rio abaixo, até dar «antre uns medrosos penedos» (se será Cintra?) onde a *Phantasia* lhe apresenta sua triste *Lembrança* na figura de uma bella mulher de «loiros cabellos e olhos verdes», cuberta de um negro manto. E' Beatriz q'ie elle ama, que o adora e que não pôde ser sua! Escura noite lhe esconde a visão bemaventurada; e de um «alto oiteiro» lhe bradam (porque não dos Alpes, do Piemonte onde lh'a tinham levado?) — «Bernardim-Ribeiro, olha onde estás.»

Da demasiada altura onde subiram, seus atrevidos pensamentos lhe fazem recordar quam baixo o tinha pôsto a sorte para se

atrever a tanto. — O namorado trovador cerca os olhos para nunca mais os abrir. Que lhe resta a elle que ver no mundo?

Este romance seria feito ao ordenar se o casamento da infanta com o duque de Saboia? Não vem inserto nas *Saudades*, como o antecedente, da *Ama*, e o subseqüente de *Avalor*: por isso aqui pôz claro o seu nome de Bernardim-Ribeiro, que no mysterioso livro de cavallarias, ora se disfarça em anagrammas de suas proprias lettras, ora sob as de outros se disfigura, para confundir e enredar a todo o que não tivesse a chave do querido segredo. O nome porém da infanta nem aqui, nem em parte nenhuma o expôz a ser decifrado pela mais remota inducção. N'este romance não ha nomes femininos; os que se encontram em tudo quanto escreveu assim podem ser Maria, Antonia, como Joanna, etc. Em nenhum ha lettras ou sons que se pareçam com os de Beatriz.

Nada digo do estylo, é o mesmo da peça precedente. As bellezas são infinitas; nenhum poeta portuguez escreveu tanto com o sangue de seu coração.

## CUIDADO E DESEJO

Ao longo de uma ribeira  
Que vaé pelo pé da serra,  
Aonde me a mi fez a guerra  
Muito tempo o grande amor;  
Me levou a minha dor:  
Já era tarde do dia,  
E a ag'ia d'ella corria  
Por entre um alto arvoredo,  
Onde ás vezes ia quedo  
O rio, e ás vezes não

Entrada era de verão,  
Quando começam as aves  
Com seus cantares suaves  
Fazer tudo gracioso.  
Ao ruído saudoso  
Das agua cantavam ellas;  
Todalas minhas querellas  
Se me puseram deante;  
Alli morrer quizerá ante  
Que ver por onde passei.  
Mas eu que digo — passei!

Antes ainda heide passar,  
Em quanto hi houver pezar,  
Que sempre o hi hade haver.

As aguas, que de correr  
Não cessavam um momento,  
Me trouxera, ao pensamento  
Que assim eram minhas mágoas,  
D'onde sempre correm aguas  
Por estes olhos mesquinhos,  
Que têm aberto caminhos  
Pelo meio do meu rosto.  
E já não tenho outro gosto  
Na grande desdita minha.  
O que eu cuidava que tinha  
Foi-se-me assim não sei como,  
D'onde eu certa crença tômo  
Que, para me leixar, veio.

Mas, tenho-me assi alheio  
De mi o que alli cuidava,  
Da banda d'onde agua estava

Vi um homem todo cam<sup>1</sup>  
Que lhe dava pelo cham  
A barba e o cabelo.  
Ficando eu pasmado d'ello,  
Olhando elle para mi,  
Falou-me e disse-me assi:  
—Tambem vae esta agua ao Tejo

N'isto olhei, vi meu Desejo  
Estar de trás triste e só,  
Todo cuberto de dó,  
Chorando sem dizer nada,  
A cara em sangue lavada,  
Na bocca posta ua mão,  
Como que a grande paixão,  
Sua fala lhe tolhia.

E o velho que tudo via,  
Vendo-me tambem chorar  
Começou assi a falar:  
—«Eu mesmo são<sup>2</sup> teu Cuidado  
Que n'outra terra criado,  
N'esta primeiro nasci.  
E ess'outro que está aqui  
É o teu Desejo triste;  
Que má hora'o tu viste  
Pois nunca te esquecerá!  
A terra e mar passará  
Trespassando a mágoa a ti»

Quando lhe eu'aquisto ouvi,  
Soltei suspiros ao choro;  
Alli clarante o fóro  
Meus olhos tristes pagaram  
De um bem só que elles olharam,  
Que outro nunca mais tiveram  
Nem o tive, nem m'o deram,  
Nem o esperei somente:  
De só ver fui tam contente,  
Que pera mais esperar  
Nunca me deram logar.

E n'aquisto, triste estando  
Com os olhos tristes olhando  
D'aquellas bandas d'além,  
Olhei e não vi ninguém.  
Dei então a caminhar  
Rio abaixo, até chegar  
A cêrca de Montemor.

Com meus males de redor,  
Da banda do meio-dia,  
Alli minha Phantasia,  
D'antre uns medrosos penedos,

Onde aves que fazem medos  
De noite os dias vão ter,  
Me sahi a receber  
Com ua mulher pelo braço,  
Que, ao parecer de cansaço  
Não podia ter-se em si,  
Dizendo:—«Vês triste, aqui  
A triste Len brança tua»  
Minha vista então na sua  
Fus, d'ella todo me enchi:  
A prima coisa que vi  
E a derradeira tambem,  
Que no mundo vão e vem!

Seus olhos verdes rasgados  
De lagrimas carregados,  
Logo em vendo os, pareciam  
Que de lagrimas enchiam  
Contino as sua faces,  
Que eram, gran'tempo, paces<sup>1</sup>  
Antre mi e n'eus cuidados.

Loiros cabellos ondados  
Um negro manto cubria:  
Na tristeza parecia  
Que lhe convinha morrer.  
Os seus olhos de me ver,  
Como furtados, tirou,  
Depois em cheio me olhou,  
Seus alvos peitos rasgando  
Em voz alta se aqueixando,  
Disse assi mui só sentida:  
«Pois que mor dor ha na vida  
Para que houve ahi morrer?  
Callou-se sem mais dizer.  
Eu de mi gemidos dando,  
Fui-me para ella chorando  
Para a haver de consolar...

N'isto pôz-se o sol ao mar,  
E fez-se noite escura,  
E disse mal á ventura  
E á vida, que não morri...  
E muito longe d'alli,  
Ouvi de um alto oiteiro  
Chamar:—«Bernardim Ribeiro!»  
E dizer:—«Olha onde estás!»  
Olhei de ante e de traz  
E vi tudo escuridão,  
Cerrei meus olhos então,  
E nunca mais es abri,  
Que depois que a perdi  
Nunca vi tam grande bem.  
Porém inda mal, porém!

<sup>1</sup> Encanecido, de cabello branco.

<sup>2</sup> Sou.

<sup>1</sup> Pazes.



## O MARQUEZ DE MANTUA

Eil-o que se apeia de seu classico barbante em que tantos annos cavalgou, e despindo o papel pardo em que o embrulhavam os cegos e vendilhões de nossas feiras, vem o nobre *Marquez de Mantua*, tomar o seu logar entre os mais venerandos e antigos romances do cyclo de Carlos-Magno. Sua nobre origem bem sabida é e bem manifesta: franceza ou provençal. Se foi a lingua *d'oeil* ou a lingua *d'oc* a primeira que falou, não sei; quando atravessou os Pyreneus e veio para nós, certo que era já familiar com ambas. Passou muito tempo em Hespanha por ser composição de Jeronymo Treviño; <sup>1</sup>hoje com razão se crê que o Treviño não foi senão o editor que em 1598 o imprimiu: sem duvida o romance é muito mais antigo que isso; só da lição portugueza me parece que posso responder que é dos fins do xiv, principios — quando muito — do xv seculo. E todavia a fôrma em que elle apparece em portuguez não creio que fosse a primitiva que entre nós

teve, e me inclino a que ella seja posterior á que teem os nossos vizinhos castelhanos em suas collecções. <sup>1</sup> Aqui é mais dramatico, já mais épico: nas multiplicadas edições dos cegos chegou a obter o nome de tragedia. Todavia, não deixarei de observar que revestidos d'esta mesma fôrma ha romances muito mais antigos do que os narrativos. As rúbricas de *aqui fala o marquez*, *agora diz o imperador* etc., não são indisputavel prôva de que a composição fôsse para se representar theatralmente.

Sem profundar nenhuma d'estas questões, contento me de sacar do lixo da «feira da ladra», esta bella reliquia da nossa litteratura popular e romanesca, e de restituir ao seu eminente logar o nobre marquez de Mantua, embora me criminem e escarneçam os superciliosos academicos de todas as academias reaes e não reaes d'este mundo.

<sup>1</sup> *Cancioneiro de romances; Silva de varios romances; florista de varios; e ultimamente Duran, Roman cecro general*, ed. de 1849-51, tom. 1, pag. 267.

<sup>1</sup> Pelicer, notas a *Dom Quixote*.

## O MARQUEZ DE MANTUA

Na caça andava perdido  
De Mantua o velho marquez,  
E no peito presentido  
O coração traz de envez;  
Mais, não sabe o succedido!  
Farto já de caminhar  
Por tam fragosa montanha,  
Cançado assim sem companhia,  
Sem ter onde repousar  
N'essa terra tam extranha,  
Vendo o mato tam cerrado,  
Assentou de se apeiar  
E o seu cavallo deixar  
Porque estava de cançado  
Que já não podia andar:

## FALA O MARQUEZ

—Fortunosa caça é esta  
Que a fortuna me ha mostrado,  
Pois que, por ser manifesta  
Minha pena e gran' cuidado,  
Me mostrou esta floresta.  
Nunca vi tam forte brenha  
Desque me accordo de mi,

Fu creio que Margasi  
Fez esta serra Dardenha,  
Estes campos de Methli  
Quero tocar a bosina  
Por ver se algum me ouvirá;  
Mas cuido que não será,  
Perque minha gran' mofina  
Commigo começou já.  
Todavia quero ver  
Se mora algum n'esta serra  
Que me diga d'esta terra  
Cuja é para saber;  
Que quem pergunta não erra.  
Agora vejo-me aqui  
N'esta tam grande espesura,  
Que nem eu me vejo a mi,  
Nem sei de minha ventura,  
Nem menos será coriura.

## DIZ VALDEYINOS

—Oh Virgem minha senhora,  
Madre do rei da verdade,  
Por vossa gran' piedade  
Sêde minha intercessora

Em tanta necessidade.  
Oh summa regina pia,  
Radiante luz pneebea,  
Custodia anima meae,  
Pois está na terra fria  
A alma de pezar chea,  
Pois és amparo dos teus,  
Consola' os desconsolados,  
Rainha dos altos céus,  
E roga a meu senhor Deus  
Que perdôe meus peccados.

## FALA O MARQUEZ

—Não sei quem ouço gemer  
E chorar de quando em quando:  
Alguem deve de aqui estar...  
Segundo se está queixando,  
Deve ter grande pezar.

## FALA VALDEVINOS

—Domine, memento mei,  
Lembrae-vos de minha alma,  
Pois que sois da glória rei,  
Nascido da flor da palma,  
Remedio de nossa lei.

## DIZ O MARQUEZ

—Segundo d'elle se espera,  
Aquelle home anda perdido,  
Ou por ventura ferido  
De alguma besta fera.  
Quero ver este mysterio,  
Que a fala me dá ousadia,  
Porque dois em companhia  
Terão grande refrigerio  
Para qualquer agonia.

## DIZ VALDEVINOS

—Oh minha esposa e senhora,  
Já não teréis em poder  
Vosso esposo que assim chora,  
Pois a morte roubadora  
Vos roubou todo o prazer.  
Oh vida do meu viver,  
Resplandecente narciso,  
Gran' pena levo em saber  
Que nunca vos heide ver  
Até o dia de juizo  
Oh esperança por quem  
Tinha victoria vencida!  
Oh minha glória, meu bem,  
Porque não partis também,  
Pois que sois a minha vida?  
Senão fôr vossa vontade.  
De haver de mim compaixão,  
Mandae-me meu coração,  
Minha fé e liberdade,  
Que está em vossa prisão.  
Madre minha muito amada.  
Qu'ê de o filho que paristes,  
De quem ereis consolada?  
Como se ha tornado nada  
Quanta glória possuistes?  
Já me nio vereis reinar,  
Já me não dareis conselho,  
Nem eu o posso tomar,  
Que quebrado é o espelho  
Em que vos sabeis olhar.  
Já nunca me haveis de ver  
Fazer justas e torneios,  
Nem vestir nobres arreios,  
Nem cavalleiros vencer,  
Nem tomar bandos alheios.  
Já não tomareis prazer  
Quando me virdes armado;  
Já vos não virão dizer

A fama de meu poder,  
Nem louvar-me de esforçado.  
Oh valentes cavalleiros,  
Reinaldos de Montalvão,  
Oh esforçado Roldão,  
Oh Marquez Dom Oliveira,  
Dom Ricardo, Dom Dudão,  
Dom Gaifeiros, Dom Beltrão,  
Oh gran' Duque de Milão,  
Que é da vossa companhia?  
Duque Maimé de Baviera,  
Que é de vosso Valdevinos?  
Oh esforçado Guarinos,  
Quem comsigo vos tivera!  
Meu amigo Montesinhos,  
Já nunca mais vos verei;  
Dom Alonso de Inglaterra,  
Já nunca acompanharei  
O conde Dirlos na guerra.  
Oh esforçado marquez  
De Mantua, teu senhorio,  
Já não me poreis arnez,  
Nem me vereis outra vez  
Gozar vosso senhorio.  
Já não quero o vosso estado,  
Já não quero ser pessoa,  
Nem mandar, nem ter reinado;  
Já não quero ter corôa,  
Nem quero ser venerado.  
Oh Carlos imperador,  
Senhor de mui alta sorte,  
Como sentireis gran' dor  
Sabendo da minha morte,  
E quem d'ella é causador:  
Bem sei, se sois informado  
Do caso como passou,  
Que serei mui bem vingado,  
Ainda que me matou  
Vosso filho mui amado.  
Oh principe D. Carloto,  
Quem, sendo tam desigual,  
Te moveu a fazer mal  
Em um logar tam remoto  
A teu amigo leal?  
Alto Deus omnipotente,  
Juiz direito sem par,  
Sobre esta morte innocente  
Justiça queiraes mostrar,  
Pois morro tam cruelmente.  
Oh Madre de Deus benigno,  
E fonte de piedade,  
Arca da Sancta Trindade,  
De donde o Verbo Divino  
Trouxe sua humanidade,  
Oh Santa Domina mea,  
Oh Virgem gratia plena  
Fm que a alma se recreia,  
Dae remedio á minha pena,  
Pois que morro em terra alheia.

## FALA O MARQUEZ

—Senhor, porque vos queixaes?  
Quem vos tratou de tal sorte,  
E quem é o que tal morte  
Vos deu, como publicaes,  
Que assás é esta má sorte?  
Não me negueis a verdade,  
Contae-me vosso pezar,  
Que vos prometto ajudar  
Com toda a força e vontade.

## DIZ VALDEVINOS

—Muito me agasta, amigo,  
Certamente teu tardar,  
Dize se trazes comtigo  
Quem me haja de confessar?

## DIZ O MARQUEZ

—Eu não sou quem vós cuidaes:  
Nunca comi vosso pão,  
Mas vossos gritos e ais  
Me trouxeram aonde estaes  
Mui movido a compaixão.  
Dizei-me vossa agonia,  
Que, se remedio tiver,  
Eu vos prometto fazer  
Com que tenhaes alegria.

## DIZ VALDEVINOS

—Meu senhor, muitas mercês  
Por vossa boa vontade!  
Bem creio que me fareis  
Muito mais do que dizeis,  
Segundo vossa bondade,  
Mas minha dor é mortal  
Meu remedio só é morte,  
Porque estou parado tal,  
Que nunca homem mortal  
Foi tratado de tal sorte.  
Tenho, senhor, vinte e duas  
Feridas todas mortaes,  
As entranhas rotas, nuas,  
E passo penas tam cruas,  
Que não poderão ser mais.  
Ha-me morto á traição  
O filho do Imperador,  
Carloto, a gran' sem razão,  
Mostrando-me todo o amor,  
Não o tendo no coração.  
Muitas vezes requeria  
Minha esposa com maldade,  
Mas ella não consentia  
Pel' bem que me queria,  
Por sua grande bondade.  
Carloto com gran' pezar,  
Como mais traidor do que forte,  
Ordenou de me matar,  
Cuidando com minha morte  
Com ella haver de casar.  
Matou-me com gran' falsia,  
I razendo cinco conmigo,  
Sem eu trazer mais commigo  
Que um pagem por companhia.  
A mim chamam Valdevinos,  
Sou filho de el-rei de Dacia,  
E primo de el-rei de Grecia,  
E do forte Montesinos,  
Que é herdeiro de Dalmacia.  
Dona Hermelinda formosa  
Minha madre natural,  
Sibylla minha esposa  
De graças especial,  
Mas com primores famosa.  
Esta nova contareis  
A' triste de minha madre  
Que em Mantua achareis,  
E ao honrado marquez  
Meu tio, irmão de meu padre.

## FALA O MARQUEZ

—Oh desestrado viver,  
Oh amargosa ventura,  
Oh ventura sem prazer.  
Prazer cheio de tristura,  
Tristura que não tem ser!  
Oh desventurada sorte,  
Oh sorte sem sofrimento,  
Desemparado tormento,  
Muito peor do que a morte,  
Morte de desabrimento  
Oh meu sobrinho, meu hem,  
Minha esperanza perdida,

Oh gloria que me sustém,  
Porque vos partis de quem  
Sem vós não terá mais vida?  
Oh desventurado velho,  
Captivo sem liberdade!  
Quem me pôde dar conselho,  
Pois perdido é o espelho  
De minha gran' claridade!  
Oh minha luz verdadeira,  
I revas do meu coração.  
Penas de minha paixão,  
Cuidado que me marteira,  
Tristeza de tal traição!  
Porque não quereis falar  
A este marquez coitado,  
Que tio soheis e amar?  
Falae-me, sobrinho amado,  
Não me façaes rebentar.

## DIZ VALDEVINOS

—Meu tormento tam molesto  
Me faz não vos conhecer  
Nem na fala nem no gesto;  
Nem entendo vosso dizer  
Se não for mais manifesto.  
Estou tão posto no fim,  
Que não sei se sou alguém,  
Nem menos conheço a mim;  
Pois quem não conhece a si,  
Mal conhecerá ninguém.

## DIZ O MARQUEZ

—Como não me conheceis,  
Meu sobrinho Valdevinos?  
Eu sou o triste marquez  
Irmão de el-rei Dom Salinos,  
Que era o pae que vos fez.  
Eu sou o marquez sem sorte,  
Que devêra rebentar  
Chorando a vossa morte,  
Por com vida não ficar  
N'este mundo sem de porte,  
Oh triste mundo coitado,  
Ninguém deve em ti fiar.  
Pois és tam desventurado,  
Que o tens mais exaltado,  
Mor quéda lhe fazeis dar!

## FALA VALDEVINOS

--Perdoa-me, senhor tio,  
A minha descortezia,  
Que a minha grande agonia  
Me pôs em tanto desvio,  
Que já vos não conhecia.  
Não me queiraes mais chorar;  
Deveis de considerar  
Que para isso é o mundo.  
Que dobraes meu mal profundo.  
Para bem é mal passar:  
E bem sabeis que nascemos  
Para ir a esta jornada,  
E que, quanto mais vivemos,  
Maior offensa fazemos  
A quem nos creou de nada.  
Assim que, necessidade  
Não tendes de me chorar,  
Pois que Deus me quiz levar  
No melhor de minha idade  
Para mais me aproveitar.  
Mas o que haveis de fazer,  
É por minha alma rogar,  
Porque o muito chorar  
A' alma não dá prazer,  
Mas antes mui gran' pezar.  
Quero-vos encommendar  
Minha esposa e minha madre.

Pois que não tem outro padre  
Que as haja de amparar,  
Senão vós, como é verdade,  
Mas o que me dá paixão  
Em esta triste partida,  
E morrer sem confissão;  
Mas se parto d'esta vida,  
Deus receberá a tenção.

Vem o ermitão e o pagem

#### DIZ O ERMITÃO

—A paz de Deus sempiterno  
Seja convosco, irmão!  
Lembrae-vos de sua paixão  
Que, por nos livrar do inferno,  
Padeceu quanto a varão

#### DIZ VALDEVINOS

—Com coisa mais não folgára  
Do que vê-lo aqui chegado,  
Padre de Deus enviado,  
Que se um pouco mais tardára,  
Não me achára n'este estado.

#### FALA O PAGEM

—Oh que desestrada sorte,  
Meu senhor Dânes Ogeiro!  
Olhae vosso escudo forte,  
Olhae, senhor, vosso herdeiro,  
Em que extremo o pôz a morte!  
Oh desditoso caminho,  
Caça de tanto pezar,  
Que cuidando de caçar  
A morte a vosso sobrinho  
Vieste, senhor, buscar

#### DIZ O ERMITÃO

—A gran' pressa que trazia  
Não me deu, senhor, logar  
De conhecer nem falar  
A' vossa gran' senhoria  
N'este erro se ha culpa,  
P'ço-lhe d'ella perdão,  
Ainda que a discrição  
Sua me dará desculpa.

#### FALA O MARQUEZ

—Rogae a Deus, padre honrado,  
Que me queira dar paciência;  
Que o perdão é escusado,  
Porque vossa diligencia  
Vos não deixa ser culpado.

#### DIZ O ERMITÃO

—O filho de Deus enviado  
Vos mande consolação!  
E pois que aqui sou chegado,  
Quero ouvir de confissão  
Este ferido e angustiado  
Coisa é mui natural  
A morte a toda a pessoa,  
A todo o mundo em geral,  
Pois que a nenhum perdão  
Não a tínhamos por mais,  
Porque o peccado de Adão  
Foi tam fero e de tal sorte,  
Que não só foi perdição:  
Mas Deus, que é salvação,  
Quiz tambem receber morte.  
E por tanto, filho meu,  
Não se deve de espantar  
Da morte que Deus lhe deu.  
Pois em provimento seu  
Lh'a deu para o salvar  
Lembre-lhe sua paixão:

Veja este mundo coitado,  
E não o enzode o malvado,  
Que não dá por galardão  
Senão tristeza e cuidado.  
Em quanto, filho, tem vida,  
Chame a Madre de Deus,  
Aquelle que foi nascida  
Sem peccado concebida,  
E coroada nos céus.  
Esta foi santificada  
E visitada dos anjos,  
E em corpo e alma levada  
A gloria, onde exaltada  
Lá está sobre es archanjos.  
Assim, que ao Redemptor  
E a esta Virgem sem par  
Se hade, filho, encomendar  
Depois que aos santos for  
Sua vontade chamar.  
As mãos levante aos céus,  
Faça confissão geral,  
Confessando-se a Deus  
E á virgem celestial  
E a todos os santos seus.

#### DIZ O MARQUEZ

—Oh bonancia aborrecida,  
Oh desestrada fortuna,  
De prazeres gran' tribuna!  
Porque não desempareae  
A quem sois tam importuna?  
Tristeza, desconfiança,  
Porque não desespereae  
A quem não tem confiança?  
Conta-me, pagem burlor,  
O caso como passou,  
Quem foi aquelle traidor  
Que matou vosso senhor,  
Ou por que causa o matou.

#### FALA O PAGEM

—Seria mui mal contado  
Se a sua gran' senhoria  
Não contasse o que é passado,  
Eu sei certo que faria  
O que não é esperado  
Conta quem me deu estado,  
E ha feito tantas mercês  
Que nunca meu pae me fez:  
Que é meu senhor amado.  
E mais vós senhor marquez.  
Estando pois em Paris  
O filho do Imperador,  
Mandou chamar meu senhor  
Nos passos da Imperatriz:  
Falaram muito a sabor;  
O que falaram não sei,  
Se não que logo n'essa hora,  
E sem fazer mais demora,  
Com quatro detraz de si  
Foram da cidade fóra,  
Armados secretamente,  
Segundo depois ouvi.  
Partimos todos d'ahi,  
E Dom Carloto presente  
Tambem armado outrosi.  
E tanto que aqui chegaram,  
N'este valle de pezar  
Todos juntos se apearam  
E fizeram-me ficar  
C'os cavallos que deixaram.  
E logo todos entraram  
Em este esquivo logar,  
Onde meu senhor mataram,  
E depois de o matar,  
Nos cavallos se tornaram.

Como eu os vi tornar,  
Sentindo muito tal dor,  
Temendo de lhe falar,  
Não ousei de perguntar  
Onde estava meu senhor.  
Vendo-os assim caminhar,  
Porque nenhum me falava,  
Quiz a meu senhor buscar,  
Porque o coração me dava  
Sobresaltos de pezar.  
Nio o podia topar  
Porque a grande espessura  
E a noite medrosa, escura  
Me fazia não o achar:  
De que tinha gran' tristura.  
Buscando-o com gran' paixão,  
Naquelle logar remoto  
O achei d'esta feição.  
Disse-me como á traição  
O matára Dom Carloto  
Perguntei por que razão:  
Triste, cheio de agonias,  
Disse-me com afflicção:  
— «Vae me buscar confissão,  
Já se acabaram meus dias.  
Como taes novas ouvi.  
Com grande tribulação  
E pezar de vê-lo assi.  
Me parti logo d'aqui.  
A buscar este ermitão.  
Isto é, senhor, o que sei  
D'este caso deestrado;  
Quanto me ha perguntado:  
Outra coisa não direi  
Mais do que lh'ei contado.

## DIZ O MARQUEZ

— Quando sua majestade  
Justiça me não fizer  
Com toda a rogaridade.  
A' força do meu podêr  
Cumprirei minha vontade.

## DIZ O ERMITÃO

— Já o senhor se ha confessado,  
E fez actos de christão;  
Morre com tal contricção,  
Que eu estou maravilhado  
De sua gran' descrição.  
Muito não pode tardar,  
Segundo n'êlle senti.  
Acabei de lhe falar  
Porque lhe quero rezar  
Os psalmos d'el-rei David.

## FALA VALDEVINOS

— Não tomeis, tio, pezar,  
Que me parto de vos ver  
Para nunca mais tornar,  
Pois Deus me manda chamar  
E não posso mais fazer.  
Torno-vos a encommendar  
Minha esposa e minha mãe,  
Que as queirae consolar  
E ambas as amparar,  
Poisque não têm mais a quem.

## ORAÇÃO DE VALDEVINOS

— Em as tuas mãos, Senhor,  
Encommendo meu espirito;  
Poisque és Salvador meu,  
Meu Deus e meu Redemptor,  
Não me falte favor teu:  
Pois, Senhor, me redemiste.  
Como Deus, que és de verdade,  
Senhor de toda a piedade,

Lembra-te d'esta alma triste  
Cheia de toda a maldade.  
Salve, Senhora benigna,  
Madre de misericordia,  
Paz de nossa gran' discordia,  
Dos peccadores mezinha,  
Vida doce e concordia,  
Spes nostra, a ti invocamos,  
Salva-nos da escura treva.  
A ti, senhora, chamamos  
Desterrados filhos de Eva,  
A ti virgem, suspiramos,  
A ti gemendo e chorando  
Em aqeste lagrymoso  
Valle sem nenhum repouso,  
Sempre, Virge, a ti chamamos,  
Que és nosso prazer e goso.  
Ora pois, nossa advogada,  
Amparo da christandade,  
Volve os olhos de piedade  
A mim, Virgem consagrada,  
Poisque és nossa liberdade.  
Da-me, Senhora, virtude  
Contra todos meus inimigos,  
Poisque és nossa saúde,  
Eu te rogo que me ajudes  
Nos tenores e perigos:  
Roga tu por mim, Senhora,  
Oh Santa Madre de Deus,  
A quem a minha alma adora,  
Pois és rainha dos ceus  
E dos anjos superiora.

Aqui expira Valdevinos e

## DIZ O MARQUEZ

— Oh triste velho coitado,  
Oh cans cheias de tristural  
Oh doloroso cuidado,  
Oh cuidado sem ventura,  
Sem ventura deestrado!  
Quebrem-se minhas entranhas,  
Rompa-se meu coração  
Com minha tribulação.  
Chorem todas as campinas  
Minha grande perdição,  
Screça-se o sol com do,  
Caíam estrellas do ceu,  
As trevas de Faraó  
Venham já sobre mim só.  
Pois minha luz se perdeu  
Na luz de mui claro dia,  
Claridade sem clareza,  
Minha doce companhia,  
Onde está vossa alegria,  
Que me deixa tal tristeza?  
Oh velhice deestrada,  
Sem glória e sem prazer,  
Para que me deixaes ter,  
Pois que sendo, não sou nada,  
Nem desejo de viver?  
Porque não vens, padecer,  
Porque não vindes, tormentos,  
Para que não soffrimentos  
A quem os não quer já ter,  
Nem busca contentamentos?  
Para que quero razão,  
Para que quero prudencia,  
Nem saber, nem discricião?  
Para que é paciência,  
Pois perdi consolação?

## DIZ O PAGEN

— Oh meu senhor muito amado  
Porque vos tornastes po'  
Porque me deixastes só  
Em este mun to coitado

Com tanta tristeza e dó?  
Levareis-me em companhia,  
Pois sempre vos tive, vivo.  
Oh minha grande alegria,  
Porque me deixaeis captivo.  
Mettido em tanta agonia?  
Meu senhor, minha alegria,  
Dizei porque nos deixaeis  
Com tanta pena notória?  
Lembrae-vos, tende memoria  
De quantos desamparaes.  
Oh sem ventura Burlor!  
De quem serás amparado,  
De quem terás o favor  
Que tinhas de teu senhor,  
Pois que já te ha faltado?

## FALA O ERMITÃO

—Não tomeis, filho, pezar,  
Pois claramente sabeis  
Que pelo muito chorar  
Não cobraes o que peideis.  
Deveis, filho, de cuidar  
Que nossa vida é um vento  
Tam ligeiro de passar,  
Que passa em um momento  
Por nós assim como o ar.  
Quem viu o senhor infante,  
Tam pouco ha fazer guerra,  
E ser n'ella tam possante,  
E agora em um instante  
Ser tornado escura terra,  
Diria com gran' razão  
Que este mundo coitado  
Não dá outro galardão,  
Senão tristeza e paixão,  
Com a vós outros foi dado.  
Olhae a el-rei Salomão  
O galardão que deu;  
A Amon e Absalão,  
E ao valente Sansão,  
E ao forte Macabeu  
Em a Sacra Escripura  
Muitos mais podia achar  
Se os quizesse contar;  
Mas vossa grande cordura  
Supprirá d'onde faltar.  
E pois que não tem já cura  
O mal feito e o passado,  
Cesse a vossa tristura,  
E demos á sepultura  
Este corpo já finado.  
Levemol-o onde convem  
Para que seja enterrado;  
E pôde ser bem guardado  
Naquelle ermida que vêem  
Até ser embalsemado.

Aqui levam a Valdevinos á ermida. E entra o imperador,  
o conde Ganalão, e

## DIZ O IMPERADOR

—Certo, conde Ganalão,  
Muito gran' perda perdemos.  
Pêza-me no coração,  
Porque na côrte não temos  
Reinaldos de Montalvão,  
Nem o conde Dom Roldão,  
Nem o marquez Oliveiros,  
Nem o duque de Milão,  
Nem o infante Gai eiros  
Nem o forte Meredião.

## DIZ GANALÃO

—Muito alto imperador,  
Muito estou maravilhado  
Porque mostraes tal favor

A quem vos ha deshonrado  
Com tanta ira e rigor,  
Que, chamando-se Almansor,  
Com o seu rosto mudado  
Aquelle falso traidor  
Com mui grande deshonor  
Quiz deshonrar vosso estado:  
Porquê, senhor, não sentis  
Que este malvado ladrão  
Vos prendeu de sua mão  
Tomando-vos a Paris  
Com muita grande traição?  
Pondo-vos em Montalvão  
Apezar do vosso imperio,  
Onde com gran' vituperio  
Estivestes em prizão,  
Sem ter nenhum retrigério?

## FALA O IMPERADOR

—Verdade é isso, cunhado:  
Porém deveis de saber  
Que em Reinaldos me prender  
Eu mesmo sou o culpado:  
Isto bem o podeis crer  
Se então me quiz offender  
Não é muita maravilha,  
Pois já me quiz guarnecer  
Matando el-rei Carmeser,  
Que me trouxe a sua filha.

## DIZ GANALÃO

—Vossa real majestade  
Dirá tudo o que quizer,  
Mas eu espero a Beltrão...  
Que se conheça a maldade  
De quem se hade conhecer.

Aqui se vae Ganalão; e vem dois embaixadores mandados  
pelo marquez de Mantua, chamados Dom Beltrão  
e duque Amão: e virão vestidos de dor e

## DIZ BELTRÃO

—Gran' Cesar Octaviano,  
Magno, augusto, forte rei,  
Gran' le imperador romano,  
Amparo da nossa lei,  
Poderosa majestade,  
Senhor de toda a Magança,  
Da Gascunha e da França  
Gran' patrão da christandade,  
Esteio de segurança!  
Pois sois senhor dos senhores,  
Imperador dos christãos,  
Somos vossos servidores,  
Amigos leaes e sãos.

## DIZ O IMPERADOR

—Eu me espanto, Dom Beltrão,  
De vos ver d'aquelle sorte,  
E a vós, forte duque Amão:  
Não é esta disposição  
E trajo da nossa côrte.

## FALA O DUQUE

—Muito mais será espantado  
De nossa triste embaixada,  
E do caso desestrado  
O qual lhe será contado,  
Se seguro nos é dado.

## DIZ O IMPERADOR

—Bem o podeis explicar  
Sem ter medo nem temor.  
Para que é assegurar?  
Pois sabeis que o embaixador  
Tem licença de falar.

## DIZ O DUQUE Á EMBAIXADA

—Quiz, senhor, nossa mofina  
Que o infante aldevinos,  
Primo do forte Guarinos,  
Filho da linda Hermelinda  
E do grande rei Salinos,  
Fosse morto á traição  
Na floresta sem ventura.  
A tam grande desventura  
Ilaverá quem não procure  
De vingar tal perdição?

## FALA O IMPERADOR

—Fé certa tam gran' maldade,  
Que o sobrinho do marquez  
É morto, como dizeis?

## DIZ O DUQUE

—Pela maior falsidade  
Que nunca ninguem tal fez.

## DIZ O IMPERADOR

—Este caso é desestrado:  
Saibamos como passou  
E quem tam mau feito obrou:  
Que o que tal senhor matou,  
Merece bem castigado.

## FALA O DUQUE

—Saiba vossa majestade  
Que dez dias pôde haver  
Que o marquez foi á cidade  
De Mantua com gran' vontade  
A' caça que sobe fazer.  
Andando assim a caçar,  
Da companhia perdido  
Foi por ventura topar  
Com seu sobrinho ferido  
Quasi a ponto de expirar.  
Bem pôde considerar  
O gran' pezar que teria  
De se ver sem companhia,  
E a morrer em tal lugar  
A coisa que mais queria.  
Perguntando a razão,  
Sendo d'ella mui ignoto,  
Disse com grande paixão  
Que o matára á traição  
Vosso filho Dom Carloto.  
A causa que o moveu  
Dar morte tam dolorosa  
A tam grande amigo seu,  
Não foi outra, senhor meu,  
Salvo tomar-lhe a esposa.  
Matou-o á falsa fé,  
Indo muito bem armado,  
Com quatro homens de pé.  
Quem mata tam sem porquê  
Merece bem castigado.  
O marquez Danes Ogeiro,  
Lhe manda pedir, senhor,  
Justiça mui por inteiro:  
Que ainda que perca herdeiro.  
Elle perde successor.

## DIZ DOM BELTRÃO

—Não deve deixar passar  
Tam gran' mal sem o prover,  
Porque deve de cutiar  
Se seu filho nos matar.  
Quem nos deve defender?  
É mais lhe faço saber  
Porquê esteja apparelhado,  
Se justiça não fizer,  
Que o marquez tem jurado.

De por armas a fazer.  
O mui valente e temido  
Reinaldo de Montalvão  
Entre todos escolhido  
Está bem apercebido  
Como geral capitão,  
Dom Chrisão e Aguilante  
Com o forte Dom Guarinos,  
E o valente Montesinos,  
Primo do morto infante,  
Primo de el-rei Dom Salinos,  
E o mui grande rei Jaião,  
De Dom Reinado cunhado,  
E o esforçado Dudão,  
E o gran' duque de Milão,  
E Dom Richarte esforçado;  
O marquez Dom Oliveiros,  
E o famoso Durandarte,  
E o infante Dom Gaiferos,  
E o muito forte Ricardo,  
E outros fortes cavalliros,  
Todos têm boa vontade  
De ajudar ao marquez  
Em essa necessidade;  
Porque foi gran' crueldade  
A que vosso filho fez,  
Evitae, senhor, tal damno,  
Pois que sois juiz sem par;  
Não vos mostreis inhumano,  
Acordae-vos de Trajano  
Em a justiça guardar.  
Assim que, alto, esclarecido,  
Poderoso sem igual,  
O que fez tam grande mal  
Bem merece ser punido  
Por seu mandado imperial.  
E pois, senhor, hei proposto  
A causa porque viemos,  
E sabeis o que queremos,  
Mandae-nos dar a resposta  
Com que ao marquez tornemos.

## DIZ O IMPERADOR

—O poderoso Senhor,  
Que grande é o vosso mysterio!  
Pois para meu vituperio  
Me dèste tal successor  
Que deshonrasse este imperio.  
Se o que dizeis é verdade,  
Como creio que será,  
Nunca rei na christandade  
Fez tam grande crueldade  
Como por mim se verá.  
Por minha coroa juro  
De cumprir e de mandar  
Tudo que digo e procuro.  
Ao marquez podeis dizer  
Que elle pôde vir seguro,  
E todos quantos tiver,  
Venham de guerra ou de paz,  
Assim como elle quizer.  
E pois que justiça quer,  
Com ella muito me praz.

## ENTRA DOM CARLOTO, E DIZ

—Bem sei que com gran' paixão  
Está vossa majestade  
Pela falsa informação  
Que de mim, contra razão,  
Deram com gran' falsidade  
Porque um filho de tal home  
É tão grande geração  
Não deve sujar seu nome  
Em caso tal de traição.  
Por vida de minha madre,  
Que se tam gran' deshonor

Não castigar com rigor,  
Que me será cruel padre,  
Não direito julgador.

DIZ O IMPERADOR

— Não vos queiraes desculpar  
I óis que tendes tanta culpa,  
Que se o mundo vos desculpa,  
Não vos heide eu desculpar.  
E portanto mando logo  
Que estejaes posto a recado  
Até ser determinado,  
Por conselho do meu povo,  
Se sois livre ou condemnado  
Mando que sejaes levado  
A' minha gran' fortaleza,  
E que lá sejaes guardado  
De cem homens do estado,  
Até saber a certeza.

FALA DOM CARLOTO

—E como, senhor, não quer  
Vossa real majestade  
Saber primeiro a verdade,  
Senão mandar-me prender  
Por tam grande falsidade?

DIZ O IMPERADOR

— Não vos quero mais ouvir,  
Levem-n'o logo a' prisão  
Onde eu o mando ir;  
Porque tam grande traição  
Não é para consentir.  
Vós outros podeis tornar,  
E contar lhe o que é passado  
A quem vos cá quiz mandar;  
Que o seguro que lhe hei dado,  
Eu o torno a afirmar.

AQUI VEM A IMPERATRIZ E DIZ

—Eu muito me maravilho  
De vossa grande bondade:  
Que sem razão nem verdade  
Trataes assim vosso filho  
Com tam grande crueldade.  
Olhe vossa majestade  
Que é herdeiro principal,  
E que toda a christandade  
L'h'o hade ter muito a mal.

DIZ O IMPERADOR

— A mim, senhora, convem  
Ser contra toda a traição:  
E se vosso filho a tem  
Castigal o-hei muito bem;  
E essa é minha tencão.  
E mais eu vos certifico  
Que com direito e rigor  
Heide castigar o iniquo,  
Ora seja pobre ou rico,  
Ou servo ou gran'senhor

FALA A IMPERATRIZ

— Como quer vossa majestade  
Infamar o nosso estado  
Sem causa, com tal cruza?

DIZ O IMPERADOR

— Quem me cá mandou recado  
Não foi senão com certeza.

DIZ A IMPERATRIZ

— Por tal recado, senhor,  
Quereis tratar de tal sorte  
Vosso filho e successor,  
Que depois de vossa morte  
Hade ser imperador?

FALA O IMPERADOR

Em cu o mandar prender  
Não cuideis que o maltrato  
Mas se elle o merecer,  
Eu espero de fazer  
A justiça de Troquato;  
Porque pae tam poderoso,  
Sendo de tantos caudilho,  
Senão for tam rigoroso,  
Nem elle será bom filho,  
Nem sera rei justicoso  
Que agora, mal peccado!  
Nenhum rei nem julgador  
Faz justiça do maior;  
Mas antes é desprezado  
O pequeno com rigor.  
Todo o mundo é afeiçao:  
Julgam com rara remissa  
O nobre que, sem razão  
Alguma, tem opinião  
De lhe tocar a justiça...  
Que conta posso eu dar  
Ao Senhor dos altos céos,  
Se a meu filho não julgar  
Como outro qualquer dos meus?  
Assim que escusado é  
Buscar este intercessor;  
Porque Deos de Nazaré  
Não me fez tam gran'senhor  
Para mi' ha alma perder.

DIZ A IMPERATRIZ

Ai triste de mim coitada!  
Para que quero viver.  
Pois que sempre heide ser  
Do meu filho tam penada  
Como uma triste mulher?  
Pois tam triste heide ser  
Por meu filho muito amado,  
Nunca tomarei prazer.  
Senão tristeza e cuidado.

FIZ O IMPERADOR

— Não façaes tantos extremos,  
Pois dizeis que tem desculpa,  
Que antes que sentença demos.  
Primeiro todos veremos  
Se tem culpa ou não tem culpa.  
Mostrae maior sofrimento,  
Que o caso é desestr. do;  
E i-vos a vosso aposento,  
Que elle não será culpado.

Aqui se vae a imperatriz; e vem a mãe e esposa de Valdevinos,

DIZ A MÃE

— Oh coração lastimado,  
Mais triste que a noite e cura!  
Oh dolorosa tristura,  
Cuidado desesperado  
E fortunosa ventura!  
Oh vida da minha vida,  
Alma d'este corpo meu!  
Oh desditosa perdida,  
Oh sem ventura nascida,  
A mais que nunca nasceu!  
Oh filho meu muito amado,  
Minha doce companhia,  
Meu prazer, minha alegria,  
Minha tristeza e cuidado,  
Minha sab'rosa lembrança,  
Que serei eu sem vos ver?  
Filho da minha alegria,  
Oh meu descanso e prazer,  
Porque me deixaes viver  
Vida com tanta agonia?



Adonde vos acharei.  
 Consolo de meu pezar?  
 Onde vos irei buscar,  
 Poisque perdido vos hei  
 Para jámais vos cobrar?  
 Filho d'esta alma mesquinha,  
 Dos meus olhos claridade,  
 Onde estaes, minha mezinha.  
 Filho da minha saudade,  
 Meu prazer e vida minha?

DIZ A ESPOSA POR NOME SYBILA

—Que é de vós, meu coração,  
 Que é da minha liberdade,  
 Espeho da christandade,  
 Quem vos matou sem razão  
 Com tão grande crueldade?  
 Quem vos apartou de mim,  
 Meu querido e meu espôso?  
 Oh meu prazer saudoso.  
 Porque me deixaes assim  
 Com cuidado mui penoso?  
 Oh minha triste saudade,  
 Oh meu espôso e senhor,  
 Minha alegria e vontade,  
 Escudo da christandade,  
 Das tristes consolador!  
 Que farei pobre coitada,  
 Mais que nenhuma nascida?  
 Miserável, angustiada,  
 Para que quero ter vida,  
 Pois minha alma é apartada?  
 Oh fortuna variavel,  
 Triste, cruel, matadora,  
 De prazeres roubadora,  
 Inimiga perduravel,  
 Mata-me se que's agora.

DIZ HERMELINDA AO IMPERADOR

—Se vossa gran'majestade  
 Não der castigo direito  
 A quem tanto mal ha feito  
 Nem sustentar a verdade,  
 Não será juiz perfeito.  
 Não olhe vossa grandeza  
 Sua madre dolorosa,  
 Nem sua tanta tristeza;  
 Mas olhe tam gran'princeza  
 Com esta sua espôsa.

FALA O IMPERADOR

—Faz-me tanto entristecer  
 Este tam gran' vituperio,  
 Que mais quizera perder  
 Juntamente meu imperio,  
 Que tal meu filho fazer.  
 Mas se a verdade assim é,  
 Como já sou informado,  
 Que tal castigo lhe dê  
 Que seja bem castigado.

DIZ SYBILA

—Seja justiça guardada  
 A esta orphã sem marido.  
 Viuva desamparada,  
 Tãmi triste e desconsolada  
 Mais que quantas têm nascido.  
 Olhae, senhor, tam gran' mal  
 Como vosso filho ha feito,  
 E não queiraes ter respeito  
 Ao amor paternal.  
 Poisque não é por direito.

FALA O IMPERADOR

—Senhora, não duvideis,  
 Que eu farei o que hei jurado,

Se é verdade o que dizeis,  
 Porque cumpre a meu estado  
 De fazer o que quereis:  
 Que mais quero ter commigo  
 Fama de regoridade,  
 Que deixar de ter castigo,  
 Quem commetteu tal maldade.  
 Para que é ser caudilho  
 De tanto povo e tam grado,  
 E imperador chamado,  
 Se não julgasse meu filho  
 Como qualquer estragado?  
 Não cuidem duques nem reis  
 Que, por meu herdeiro ser,  
 Que por isso hade viver:  
 Que aquelle que taz as leis  
 É obrigado a as manter.  
 Assim que, por bem querer,  
 Amizade nem respeito,  
 Como agora sohem fazer,  
 Não heide negar direito  
 A quem direito tiver.  
 E bem vos podeis tornar,  
 Fazei certo o que dissestes  
 E não tomeis tal pezar,  
 Porque o bem que já perdestes  
 Não o cobraes com chorar.

DIZ HERMEILINDA

—Senhor, nós outras nos pomos  
 Em mãos de vossa grandeza:  
 Olhae bem, senhor, quem somos,  
 E de que linhagem fomos,  
 Pois Deus nos deu tal nobreza.

DIZ SYBILA

—Olhae os serviços dinos  
 Que tanto tempo vos fez  
 Meu espôso Valdevinos,  
 Também seu tui marquez,  
 E como foram continos.

Aqui se vae Hermelinda e Sybila; e virá Reinaldo com uma carta que tomara a um pagem de Dom Carloto, e

DIZ REINALDO DE MONTALVÃO

—O summo rei dos senhores.  
 Que morreu crucificado  
 Em poder dos pharizeus,  
 Accrescente vosso estado  
 E vos livre de traidores

FALA O IMPERADOR

—Mui valente e esforçado  
 Reinaldo de Montalvão,  
 Vós sejaes tam bem chegado  
 Como a sombra no verão.  
 Muito estou maravilhado.  
 Invencivel e mui forte,  
 Ve ver-vos assim armado,  
 Sabendo que em minha corte  
 Nunca fostes maltratado.

FALA REINALDOS

—Senhor, não seja espantado  
 De ver-me assim d'esta sorte,  
 Porque com todo o cuidado  
 Ganalão, vosso cunhado,  
 Sempre me procura a morte.  
 Bem sabeis que sem razão,  
 Com vontade mui maligna  
 Fez matar com gran' iraição  
 A Tiranes e Erocina,  
 E ao feito Salião,  
 E a mim já quiz matar  
 Muitas vezes com maldade;  
 E para mais me danar,

Fez á sua majestade  
 Mil vezes me desterrar,  
 O grande mal que me quer  
 De todo o mundo é sabido,  
 E por isso quiz trazer  
 Armas para offender.  
 Antes que ser offendido.  
 Mas deixando isto assim  
 Guardado p'ra seu lugar,  
 Onde se hade vingar,  
 Vos quero, senhor, contar.  
 Notorio a todo o christão  
 É o pezar lastimoso  
 Do marquez Danes Ogeiro,  
 Que tem, com justa razão,  
 Pela morte do herdeiro.  
 N'esta nobre cõrte estão  
 Muitos mui nobres senhores  
 Que sabem que Dom Beltrão  
 É o nobre duque Amão  
 Foram seus embaixadores:  
 Tambem este é sabedor  
 Das respostas que lhe destes  
 E mais de como prendestes  
 Vosso filho successor,  
 Do qual está mui contente  
 De tê-lo pôsto em prisão;  
 E tem mui grande razão,  
 Porque na carta presente,  
 A qual fez de sua mão,  
 Confessa toda a traição.  
 E um pagem a levava  
 Para o conde Dom Roldão,  
 Que na cidade de Boava  
 Faz a sua habitação  
 E como não ha falsia  
 Que se possa esconder,  
 Tinha o marquez espia,  
 Porque queria saber  
 O que Dom Roldão faria.  
 Esse page n' embuçado,  
 Sem suspeita e sem revez,  
 Ia mui determinado:  
 'Nde logo foi tomado  
 E levado ao marquez.  
 Lendo a carta Dom Guarinos,  
 N'ella contava a tenção  
 Porque o matára á traição.  
 Isto é, senhor, a verdade,  
 E o que vos manda dizer:  
 Se o que digo é falsidade,  
 (Que por isso a quiz trazer)  
 A letra é bom conhecer,  
 Que é este o seu signal.  
 Pois, quem fez tam grande mal  
 Bem merece padecer  
 Morte justa corporal.

## DIZ O IMPERADOR

Se tal a carta disser,  
 Não se ha mister mais provar,  
 Nem mais certeza fazer,  
 Senão logo executar  
 A pena que merecer.  
 E portanto, sem deter,  
 Lea-se publicamente  
 Ante esta nobre gente;  
 Porque todos possam ver  
 Vossa verdade evidente.

CARTA DE DOM CARLOTO  
A DOM ROLDÃO

Caudillo de gran' poder,  
 Capitão da christandade,  
 Esta vos quiz escrever,

Para vos fazer saber  
 Minha gran' necessidade.  
 Porque o verdadeiro amigo  
 Hade ser no coração,  
 Assim como fiel irmão,  
 E não hade temer p'riço  
 Por salvar quem tem razão  
 Porque sabereis, senhor,  
 Que me sinto mui culpado,  
 Como quem foi matador;  
 E temo ser condemnado  
 De meu padre imperador.  
 Eu confesso que pequei,  
 Pois com vontade damnosá  
 A Valdevinos matei  
 Amor me fez com que errei,  
 E o primor de sua esposa.  
 O imperador, meu padre,  
 Me mandou prêso guardar,  
 E nunca quiz attentar,  
 Os rogos de minha madre.  
 A ninguém quer escutar,  
 E o marquez tem jurado  
 De não vestir nem calçar,  
 Nem entrar em povoado,  
 Até me ver justicar.  
 Tenho por accusadores,  
 Reinaldos de Montalvão,  
 E seu padre o duque Amão  
 E muitos grandes senhores;  
 O gran' duque de Milão  
 Com o forte Montesinos,  
 Que é primo de Valdevinos.  
 Assim que todos me são  
 Accusadores continuos.  
 Pois tantos contra mim são,  
 Eu vos rogo, como amigo,  
 Que vós queiraes ser commigo;  
 Porque, tendo Dom Roldão,  
 Não temo nenhum perigo.

## DIZ O IMPERADOR

Antes que algum mal cresça,  
 Façamos o que devemos.  
 Pois o signal conhecemos,  
 E pois vemos que confessa,  
 De mais prova não curemos,  
 Nem vós façaes mais detença.  
 E, pois já tendes licença,  
 Podeis dizer ao marquez  
 Que venha ouvir a sentença

Ir-se-ha Dom Reinaldos, e vem a Imperatriz vestida de dó,

## DIZ O IMPERADOR

Senhora, já não dirão  
 Que fui eu mal informado,  
 Nem que o prendo sem razão,  
 Pois por sua confissão  
 Vosso filho é condemnado.  
 Vêdes a carta presente,  
 Que foi feita da sua mão  
 Para o conde Dom Roldão:  
 A qual muito largamente  
 Declara toda a traição.

## DIZ A IMPERATRIZ

Eu muito me maravilho  
 Do que, senhor, me ha contado;  
 Mas, pois elle ha confessado,  
 Melhor é morrer o filho  
 Que deshonorar o estado.  
 Mas a dor do coração  
 Sempre me hade ficar...  
 Peço-lhe com afeição  
 Que lhe busque salvação  
 E que o queira escutar.

## DIZ O IMPERADOR

Melhor é que o successor  
 Padeça morte sentida,  
 Que ficar o pae traidor:  
 Que será trocar honor,  
 Pela deshonra nascida.  
 Também eu padeço dor,  
 Também eu sinto paixão.  
 Também eu lhe tenho amor...  
 Mas antes quero razão,  
 Que amizade sem favor.

## DIZ A IMPERATRIZ

Pois que não pôde escapar,  
 Eu não consinto nem quero  
 Que vós o hajaes de julgar,  
 Porque vos podem chamar  
 Muito mais peior que Nero.

## DIZ O IMPERADOR

Não vivaes em tal engano,  
 Que também foram caudilhos  
 O gran' Trocato, o Trajano;  
 E quizeram, com gran' damno,  
 Ambos justicar seus filhos.  
 Pois que menos farei eu,  
 Tendo tam grande estado:  
 Quem é com razão culpado  
 Em maior caso que o seu?  
 E portanto eu vos rogo  
 Que não tomeis tal pezar,  
 Porque com vos enojar  
 Dá-se gran' tristeza ao povo.

## DIZ A IMPERATRIZ

Eu cumprirei seu mandado,  
 Porque vejo que é razão;  
 Mas sempre meu coração  
 Terá tristeza e cuidado  
 E grande tribulação.

Aqui se vae a Imperatriz: e vem o marquez de Mantua  
 vestido de dô, e

## DIZ O MARQUEZ

Bem parece, alto senhor,  
 Que vos fez Deus sem segundo,  
 E de todos superior,  
 Dos maiores o melhor,  
 Rei e monarcha do mundo.  
 Porque vós, senhor, sois tal,  
 Que com razão e verdade  
 Sustentaes a christandade  
 Em justiça universal.  
 A qual para salvação  
 Vos é muito necessaria,  
 Porque convem ao christão  
 Que use mais de razão  
 Que de affeição voluntaria:  
 Como faz vossa grandeza  
 Com seu filho successor.  
 Assim que, digo, senhor,  
 Que estima mais a nobreza  
 Que amizade nem favor.

## FALA O IMPERADOR

Não curemos de falar  
 Em coisa tão conhecida;  
 Porque n'esta breve vida  
 Havemos de procurar  
 Pela eterna e comprida.  
 Para sentir gra' p' pezar  
 Vós tendes razão infunda,  
 E também de vos vingar,  
 Pois foi justa vossa vinda.  
 Bem vimos vossa embaixada,  
 E a causa d'ella proposta  
 Foi de nós mui bem olhada,  
 E não menos foi mandada  
 Mui convencivel resposta.  
 E vimos vossa tenção,  
 E soubemos vosso voto,  
 E vemos tendes razão  
 Pela grande informação  
 Do principe Dom Carloto.  
 E vimos a confissão  
 De Dom Carloto também,  
 E soubemos a traição,  
 Como na carta contém,  
 Que mandava a Dom Roldão.  
 De tudo certificado,  
 Eu condemno a Dom Carloto  
 Em tudo o que hei mandado.

## VEM UM PAGEM DA IMPERATRIZ DIZENDO

A imperatriz, senhor,  
 Está tam amortecida  
 De grande paixão e dor  
 Que não tem pulso nem cor,  
 Nem nenhum signal de vida.  
 Nenhum remedio lhe vem;  
 Está n'esse padecer  
 Sem lhe podermos valer:  
 E, segundo d'ella cremos,  
 Mui pouco hade viver.

## DIZ O IMPERADOR

Eu muito me maravilho  
 De sua gran' discrição;  
 Mais sinto sua paixão,  
 Que a morte de meu filho.  
 Não te quero mais dizer,  
 Quero a ir consolar.  
 Pois tanto lhe faz mister.  
 Não sei porque é enojar  
 Por se justiça fazer!

Aqui se vae o Imperador; e vira Reinaldo com o algoz  
 o qual trará a cabeça de Dom Carloto, e

## DIZ REINALDOS

Jagora, senhor marquez,  
 Vos podeis chamar vingado,  
 Porque assás é castigado  
 O que tanto mal vos fez,  
 Poisque morreu degolado.  
 Fazei por vos alegrar,  
 Dae graças ao Redemptor,  
 Pois assim vos quiz vingar,  
 Sem nenhum de nós p'rigar  
 E com mais vosso valor.

# NOTAS

## Nota A

Infante no feminino e um latinismo dos seculos xv e xvi  
pag. 412

Não é d'esta opinião um amigo meu cujo voto litterario tem muito peso. Diz elle que as terminações *ante*, *ente* e *inte* sempre foram invariaveis para todos os generos; que sempre se disse «amante, enchente, pedinte»; que *infanta* portanto é uma excepção da regra geral, excepção só usada por alguns

## Nota B

Fôra o primeiro em que se fizeram versos ..... pag. 111

Esta é a opinião de Sarmiento: Sanchez, nas notas á citada *Carta do Marquez de Santillana*, a combatê.

## Nota C

Malato se tornaria..... pag. 110

O que, a este respeito, fica apontado na nota marginal é a opinião do Sr. Alexandre Herculano. Santa Rosa no *Elucidario* lhe attribue quasi a mesma significação. No sentido prêm de galo, doente, etc., a usa Berceo muitas vezes no *Poema de Alexandre*. Na nova edição do *Romancero* de Duran<sup>1</sup> ha uma variante d'este romance, que elle attribue a Rodrigo de Reinoso, porque assim se diz em um folheto solto d'onde a transcreve, cuja linguagem parece mais velha, porém que é decerto menos singela que as outras, e sabe mais ao enrevezado das coplas dos provençaes. N'esta indisputavelmente se põe *malato* por galo, leproso, infecto de mal contagioso.

Eis-aqui o logar paralelo:

Está quedo caballero,  
Non fagas tal villanía,  
Figa soy de un malato  
Que tiene la malatia,  
Y quien a mi llega  
Luego se le pegaria

É notavel que n'esta variante se acha o romance da *Infeitada* confundido com o do *Caçador*, do mesmo modo que o eu encontrei confundido na tradição oral de algumas de nossas provincias.

## Nota D

Além de não andar nas collecções da nação vizinha pag. 433

No *Romancero* de Duran, nova edição,<sup>2</sup> ha um fragmento com o titulo *El Palmero*, tirado da collecção de Sepulveda, em que apparecem alguns eguaes os do *Bernal*. Duran o julga semiallegorico, e d'aquelles que na nossa peninsula já começavam a imitar os provençaes no seculo xv. Não sou d'esta opinião.

## Nota E

A xacara é toda dramatica..... pag. 434

Esta qualificação é exclusivamente portugueza: os nossos parentes castelhanos entendem por *jacara* um romance trunco em stylo picaresco e mais proximo do que nos chamamos ou chamavamos chacota.

## Nota F

Loa viuá do latin *laus*? ..... pag. 434

Os castelhanos dizem hoje *loor* e *loar* por *laus* e *laudare*. No *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* fol. 58 v. acha-se *loado* por *louvado*. A diversidade que hoje se encontra, n'estas derivações, entre o portuguez e castelhano, é comparativamente moderna.

## Nota G

Não se encontra nas collecções castelhanas ..... pag. 441

Na nova edição de Duran, tantas vezes e inda agora citada,<sup>1</sup> apparecem dois fragmentos, o primeiro até hoje conservado na tradição oral das Asturias, o segundo correndo impresso nos folhetos dos cegos ambulantes: ambos são inquestionavelmente reliquias dispersas do nosso romance. Ali chamam-lhe *Gerinaldo*. E o mesmo nome lhe dão em Andaluzia, onde o conserva de memoria a gente do campo nos seus *corrios*, *corrillos* ou *carrellilas*; que todas estas appellações tem as cantigas que o povo d'aquella provincia canta ou recita de immemorial tradição.

## Nota H

E minha mãe sem chegar..... pag. 479

O rigor do toante pedia aqui que se escrevesse *chegare* com e no fim, como pronuncia o povo de Lisboa e n'outras partes da Extremadura. Os antigos castelhanos tambem assim regularizavam os seus toantes

E não vá tam pouco sem notar-se que assim fica demonstrado não ser affectação de latinismo o escrever e pronunciar pae em vez de pai, mãe em vez de mãe. Aquella é a verdadeira e popular orthographia d'estas palavras.

## Nota I

Na caça andava perdido..... pag. 509

O principio ou introdução d'este romance é conforme a collecção de Oliveira. No folheto dos cegos começa elle logo com toda a fôrma scenica; e todavia differe bem pouco. Aqui se transcreve.

## DIZ O MARQUEZ

Fingindo anisar perdido na caça

Fortunosa caça é esta  
que a fortuna me ha mostrado,  
pots que, por ser manifestado,  
minha pena e gran' cuidado,  
me mostrou esta floresta.  
Nunca vi tam forte breinha,  
desque me accordô de mi;  
eu creio que Margasi  
fez esta terra d'Ardeilha,  
estes campos de Melhi.

Quem tocar a bosina  
por ver se algum me ouvira;  
mas cuido, que não será,  
porque minha grand' moína  
comigo começou já  
Tadavia quero vêr,  
se mora algium n'esta terra,  
que me diga d'esta terra  
cuiú é, pári saber:  
que quem pergunta não erra.

Por demais é o tanger  
em logar deshabitado,

onde não ha povoado,  
nem quem possa responder  
ao que lhe fôr perguntado.

Gran' mal é o caminhar  
por tam fragosa montanha,  
candado assim sem companhia,  
nem tendo onde repousar,  
n'esta terra tam estraña.

Vejo o matto tam cerrado,  
que fiz b-m de me apea;  
e meu cavallo deixar,  
porque está tam candado  
que ja não podia andar.

Agora vejo-me aqui  
n'esta tam grande espessura,  
que nem eu me vejo a mi,  
nem sei de minha ventura;  
nem menos será cordura,  
repousar n'este logar,  
nem sei onde possa achar  
descanço á minha tristura

<sup>1</sup> Madrid, 1849-51, tomo 1. n.º 285, pag. 152.

<sup>2</sup> Madrid, 1849-51, tomo 1. n.º 202, pag. 158.

<sup>1</sup> Tomo 1, pag. 175, 176, n.º 320 e 321

<sup>2</sup> *Marquez de Mantua*, folheto de cegos, Lisboa, 1789.

## SECÇÃO II — THEATRO

(PROSA E VERSO)

---

### PARTE I — PERIODO ARCADICO

---

CATAO — MEROPE — IMPROMPTU DE CINTRA  
— CORCUNDA POR AMOR



# CATÃO

## PREFACIO DA QUARTA EDIÇÃO

O presente volume, phenomeno raro em Portugal, é uma quarta edição feita em vida do auctor, e, para as nossas proporções, dentro de mui breve tempo. A primeira edição do *Catão*, feita em Lisboa, extinguiu-se em poucos mezes; a segunda, de Londres, em dois annos; e a terceira — que foi a nossa primeira — em menos de tres annos tambem estava exhausta, apesar das contrafeições brasileiras.

Sempre mais correcto e progressivamente melhorado por seu esculpulo e infatigavel auctor, o *Catão* sae, n'esta quarta edição authentica, tam perfeito quanto a uma obra humana é dado sê-lo.

Vê-se d'esta estatistica que o bom gôsto se não perde em Portugal, e que as monstruosidades da chamada escola moderna não fazem esquecer a arte verdadeira. O *Catão* lançou os fundamentos do theatro contemporaneo; *Gil Vicente*, o *Alfageme* e *Fr. Luiz de Souza* o vão edificando por um estylo que nos não deixa cair nas extravagancias e exagerações desse romantismo ephemero que já vae passando na Europa, e que após si traz a inevitavel reacção que tambem já em França se sente. A litteratura portugueza não gastará os seus talentos n'esses dois excessos, graças ao nosso auctor, que, em meio de sérias e trabalhosas occupações da sua vida, tem sabido tirar algumas horas para dar a estes labores que rara vez são tam avalhados dos contemporaneos, mas que a posteridade colloca sempre, depois, acima de todos os outros.

Mais feliz do que muitos, o auctor de *Catão* vê, ainda no verdor da idade, calar-se a inveja dos emulos, bradar alto pelo mundo a fama de suas obras já conhecidas de nacionaes e estrangeiros, e entrar, por seus esforços, a lingua e a litteratura portugueza no caminho do progresso, a par das outras nações que tanto atraz a tinham deixado.

Este ultimo resultado sabemos que o lisongeia, sabemos que é o seu principal fim, e por isso nos comprazemos de o consignar aqui quando lh'o vemos alcançado com tanta glória.

Lisboa, 15 de Julho de 1845.

## PREFACIO DA TERCEIRA EDIÇÃO

Imaginaram algumas pessoas menos reflectidas que as successivas correcções que tenho feito a este drama lhe haviam alterado a contextura e caracter primitivo. Uns o julgam, sim melhorado na phrase e mais perfeito como obra litteraria, mas agorentado no sentimento, affroixado no terso e duro do pensar forte que o caracterizava, outros suppozeram que a primeira concepção do mancobo entusiasta vira a grande questão politica que aqui se agita, com differentes olhos do que a vê hoje o homem maduro, experimentado — fatigado talvez, — desapontado, quem sabe?

Ambas estas observações foram feitas á segunda edição authentica do drama, a qual se concluiu em Londres em 15 de abril de 1830, e que de certo era mui differente da primeira, feita em Lisboa em 1822. E uns o diziam como censura, outros como louvor, segundo o partido, ou matiz do partido de cada um.

Nenhum me offendeu nem lisongeou, mas todos me julgaram mal em um ponto: as minhas opiniões, os meus sentimentos, as minhas sympathias como homem, como cidadão, como philosopho tal qual, como christão verdadeiro e sincero, não variaram desde que me conheço, — espero amortalhar-me n'ellas. Um me entraram no primeiro sangue com o leite que mamei dos peitos de minha virtuosa e extremosa mãe: outras se me esculpiram no cerebro molle com a educação liberal, mas rigida e severa, em que fui duramente moldado desde a infancia,

por meu pae, um dos homens mais honrados e austeros que ainda houve n'esta terra,—por um tio, philologo, sabio e erudito d'aquelles que já não ha e que Deus sabe quando tornará a haver em Portugal.

De quinze annos entrei no mundo; tenho vivido muito em pouco; já creio que não ha circumstancia na vida—publica ou particular—por que não tenha passado; e todavia, quando hoje, nas horas de mais socêgo e paciencia, me applico a receita do Oraculo de Delphos, sinto-me a mesma tempera de espirito que me deram; o que padeceu foi só o corpo. Inda bem!

Releio as minhas primeiras composições,—rio de tanta crâncice, divertem-me as puerilidades de estylo e conceito que já tomei por coisas tam cabaes. . . Mas nos sentimentos e nas crenças d'alma só lhes acho faltas, impropriedades e exaggerações de phrase —ignorancia, não erro. Sinto pois e penso como sempre senti e pensei; e bem,—ou me engana a consciencia. Muita vez escrevi e obrei diversamente, e por consequencia mal: quero emendar-me: faço-o.

Eis aqui a unica mudança que em mim acho, e a differença, portanto, que n'esta e nas outras minhas obras só pôde achar o leitor sincero.

A segunda edição authentica de *Catão*, correcta e elaborada pelo estudo profundo e quasi teimoso dos auctores latinos e gregos que tractaram de coisas romanas, sómente n'isso differe da primeira, conforme se disse em seu prefacio que aqui vae reimpresso. E por satisfazer a amigos que m'o pedem bem como para desengano de algum incredulo, vão também, no fim do volume, as variantes da primeira para a segunda edição.

Esta terceira quasi que não altera da segunda; mas o leitor achará todavia egualmente notadas, no fim, as poucas e pequenas variantes que tem. Posso dizer que trabalhei conscienciosamente e com escrupulo no aperfeçoar d'este drama, procurando sobretudo dar-lhe aquelle sabor antigo romano que até já nos derradeiros escriptores latinos estava perdido, e que tam raro é de achar em imitações modernas. Para esse fim sómente, para me familiarisar e pôr como se fôra de casa com os meus auctores, traduzi de Plutarcho as vidas de Catão (o menor ou uticense) e de Cesar. Péza-me que os limites circumscriptos do volume me não deixem inserir aqui ao menos a primeira. Julgar-se-hia melhor da sinceridade e boa fé com que procurei transfundir, em succo e sangue para a verdade dramatica, a verdade e exacção historica de que aquell'outra vive, isto é, a dos costumes e caracteres.

A dramatica é uma litteratura nova para

nós,—ou perdida, que tanto vale. Mas realmente é nova; pois que os primeiros cultivadores apenas semearam, por uns claros de deveza em terra crua, quatro ou cinco sementes que vegetaram á sombra, mal fornidas de corpo e seiva. Poucos as viram vivas; quando morreram, ninguém n'o soube; ficou a memoria vaga de uma pouca de semente que se perdêra—e nada mais. Mas esta mesma saudade atormentou a nação e os seus poetas; e para a enganar, illudiam se indo buscar estacas de arvores extranhas, criadas n'outras terras, affeitas a outro tracto, e metteram n'as na nossa terra. A terra é boa, dá tudo; a estaca parecia pegar. . . mas não: esta é planta que só nascedia produz bem: vinham quatro flores desbotadas, duas fructas outonicias, e seccava.

E n'esta parabola está a historia do nosso pobre theatro. Não era mingua de talento nos poetas, era o mau methodo, o principio errado com que trabalhavam.

Antes do *Catão* já eu tinha feito muita tragedia, e comedias também; todas semsabores. Excepto a *Al. rope*—que talvez reveja e complete ainda—rasguei as outras: eram das taes inspiradas do reflexo estrangeiro, de portuguezas tinham as palavras; no mais pensadas em Grego, em Latim, em Francz, em Italiano, em Inglez—que sei eu!

No *Catão* senti outra coisa, *fui* a Roma; fui, e fiz-me Romano quanto pude, segundo o dictado manda: mas *voltei* para Portugal, e pensei de Portuguez para Portuguezes: e a isso attribuo a indulgencia e boa vontade do publico que me ouviu e me leu.

Foi uma regeneração para mim: foi cahirem me dos olhos as trevas de Tobias com os fígados do peixe trazido de tam longe. Não está na fabula (ou entrecho), não está nos nomes das pessoas a nacionalidade de um drama. *Ignês de Castro* pôde ser franchezza, — e portuguez *Edipo*; tudo depende do *rito* com que os evocar, do jazigo para sobre o theatro, o sacerdote que faz os esconjuros.

Parece-me que esta convicção se vae generalizando. Um homem sem talento, mas de gran de tino, juizo e erudição, a tinha já tido antes; foi o honrado Manuel de Figueiredo, de cujo volumoso theatro poucos sabem até que existe: lê-o. isso é para exemplares paciencias. Pois ganha muito quem o fizer, que ha alli oiro de Enio com que fazer muitos Virgilios.

Estas *Guerras de Alecrim e Manjerona*, em que andaram classicos e romanticos por esse mundo, e que já socegaram em toda a parte, vão a começar agora por cá. E' como na politica e em tudo, não se aprende nos exemplos, nos erros alheios: triste condição da humanidade, que só de seus proprios desvarios escarmente cada um! Paciencia!



Quanto a isso, só quero aqui reiterar os meus antigos protestos de que não sou classico nem romantico: porque? Porque tractei de saber o que era uma coisa e o que era a outra antes de me apaixonar por nenhuma. Succedeu-me o que me tem succedido em tudo, e o que a todos succederá que o fizemos: achei razão a uns e a outros, segui-os n'ella, e deixei-os brigar no mais,—que não vale a pena da briga. Assim é de tantas brigas d'este mundo! O classico rabugento é um velho teimoso de cabelleira e polvilhos que embirra em ser taful, e cuida que morrerem por elle as meninas. O romantico desvaído é um peralvilho ridiculo que dança o galope pelas ruas, e toma por sorrisos de namorada o supercilioso olhar da senhora honesta que se riu de pasmo de o ver tam doudo e tam presumido — mas tam semsabor.

Lisboa, 19 de Novembro de 1839.

### PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

A extrêma indulgencia com que este drama foi recebido do publico impunha, ha muito, ao auctor a obrigação de o emendar, e tornar mais digno de tam lisongeiro favor, do que elle sahira na primeira edição. São todavia passados mais de quatro annos desde que ella se extinguiu, e só agora, na preguiçosa convalescença de longa enfermidade, appareceu breve remanso de mais serios trabalhos que se lhe podesse dar.

Sobre feissima de erros de imprensa, sahio aquella edição com todas as falhas de «primeiro molde», incorrecta no estylo, falta de natural e verdade na phrase. Além d'estes senões de colorido, accresciam alguns, e muitos, no desenho;—impropriedades na fábula ou enredo do drama, inexactões nos caracteres e similhantes. Todos estes defeitos nasceram dos vinte e tantos dias em que a tragedia foi composta, ensaiada e representada <sup>1</sup>, — e dos vinte um annos que então doudejavam no sangue de quem a escrevia. A todos esses, e ao mais capital d'elles — a tibieza e pequenez do quinto acto, se pôz peito em evitar n'esta edição.

Sem escrava submissão aos facticos preceitos do theatro francez, nem revolucionaria

rio desprezo das verdadeiras regras classicas (que hoje é moda desatender; sem as entender); nem caminhando de olhos fechados pelo estreito e alinhado carreiro de Racine,—nem desvaíando á toa pelas incultas devezas de Shakespeare,—procurou o auctor conciliar (e não é impossivel) a verdadeira e bella natureza com a verdadeira e boa arte.

O desanimador estudo do coração humano, o fatal conhecimento das humanas paixões, e de sua influencia e acção nas revoluções politicas, o habilitaram para entender agora melhor o seu Tito-Livio e o seu Plutarcho. Assim commentados pela experiencia de dez annos de revolução, estes dois grandes phanaes da historia antiga guiaram o auctor da tragedia nas reformas que n'ella fez, no desenho de seus caracteres, e no colorido de muitas scenas que, na primeira edição, visivelmente mostravam a mão inexperta do pintor que as traçava sem ter de onde copiar do vivo.

Estes exemplares o dirigiram e allumiam em toda quanta emenda, correcção e augmento apparecer agora; a elles se reporta de toda a dúvida que na intelligencia de uma ou outra allusão houver, para elles appella de toda a construcção equivocada, a elles se agrava de toda a interpretação malevolente que lhe derem.

Vinha n'aquella primeira edição uma carta do auctor sobre a imitação que n'este drama ha, ou havia, do celebrado *Cató de Addison*. Julgou-se escusado reimprimil-a aqui, por longa e de pouca monta. <sup>1</sup> Baste dizer em summa, que — fabula, interesse, mechanismo dramatico, tudo é differente nas duas tragedias. A de Addison tem seis paixões ou namoros de tarifa, como elle chama Schlegel; <sup>2</sup> e conclue, na catastrophe, com dois matrimonios: n'esta nem ha amantes nem casamentos nem mulheres. Um moderno viajante <sup>3</sup> inglez disse da tragedia portugueza: *Perhaps the happiest idea of our* (the portuguese) *poet is that contrast which he draws between the two characters of Cato and Brutus: both of which are well sustained.* «A mais feliz idea do nosso poeta (o portuguez) é talvez o contraste que elle apresenta entre os dois caracteres de Catão e de Bruto, os quaes ambos são bem sustentados.»

Bastaria este ponto singular para distinguir perpétua a caracteristicamente uma da outra tragedia. Os raios do interesse dramatico, que, na ingleza, divergem para os intrinca-

<sup>1</sup> A sociedade de curiosos que primeiro a levou á scena, e que tanto applauso lhe grangeou do mais escolhido publico que ainda se juntou em theatro portuguez, recebia, pouco e pouco, as porções da tragedia ao passo que se iam compondo: e todos os membros d'essa sociedade (que, excepto um, estão vivos e sãos) presenciaram quantas vezes se compunha na véspera o que no outro dia se tinha de ensaiar. — *N. da seg. ed.*

<sup>1</sup> Vae reimpressa n'esta edição por satisfazer a muitas pessoas que manifestaram desejo de comparar em tudo as duas primeiras edições do *Cató*. — *Not. da terc. ed.*

<sup>2</sup> *Curso de litter. dramatica*: sobre Addison.

<sup>3</sup> Mr. Kinsey's *Portugal illustrated*.

dos amores de Porcio, e Marco, Sempronio, e Juba, e Marcia, e Lucia, — na portugueza convergem todos para o protagonista, em quem, e na patria e na liberdade que d'elle são parte e n'elle coexistem, todo quanto é, o drama se concentra, em acção, em meios, em incidentes, em interesse — desde a primeira linha da exposição até á ultima syllaba da catastrophe.

Os namoros de Addison tecem, movem, enredam e desatam todo o fio de seu drama. Os mais nobres affectos do coração humano, a amizade, o amor paterno e o filial, a devoção civica, o falso e o verdadeiro patriotismo, o enthusiasmo cego, e o illustrado zelo da liberdade, com todas as paixões revolucionarias em seus variados graus e matizes, são o unico movel do Catão portuguez, de todos seus characteres, scenas, — da fábula inteira.

E contudo, apezar de tanta disparidade, tem elle expressões, versos inteiros imitados de Addison. E porque não, se ellas são boas e elles bellos? Contar-se-hão porém raros os logares imitados: e a semilhança decerto mais a produziu a commun leitura de Plutarcho do que nenhuma outra coisa. E não lembra mais de que accusar n'este ponto. Se outras imitações descobrir o leitor, saiba que se lhe não quizeram occultar, e que em se não declararem, só ha culpa de memoria.

Representou-se esta tragedia, a primeira vez, em Lisboa, por uma sociedade de curiosos, em setembro de 1821. Outra sociedade de igual natureza lhe fez a mesma honra no anno seguinte, em Leiria, com permissão do auctor. Intregue, em certo modo pela impressão, ao publico, foi primeiro representada em publico theatro, em Santarem, no anno de 1826. Tambem exilada na geral proscripção de 1828, veiu apparecer em Plymouth, onde, se houvermos de crer os jornaes inglezes d'esse tempo, tam perfeitamente desempenhada foi por varios officiaes e outros distinctos emigrados portuguezes, — que até dos «espectadores britannos» se não poderá o auctor queixar, como o desterrado Sulmonense dos pouco menos duros Getas:

Barbarus hic ego sum quia nec intelligor ulli,  
Et rident stolidi «verba latina» Getae.

Associado a grandes epochas nacionaes, — nacional pela adopção publica, o *Catão* portuguez, sae agora (se não foi vão o cuidadoso esmero e o longo trabalho do auctor) mais digno d'esse antigo fôro, que ainda ha de ser illustre e de honrar, por mui abatido e sevendado que hoje o tenham.

O assumpto é o mais nobre, mais heroico

e mais tragico de toda a historia antiga e moderna. Representando as ultimas agonias da mais solidamente constituída republica da antiguidade, — a *moralidade politica* do drama naturalmente reflecte muita luz sobre a grande questão que ora agita e revolve o mundo: e mostra (talvez mais claro que nenhuns tractados) a superioridade das modernas fórmas representativas, e a excellencia da liberdade constitucional ou monarchica. O leitor, o expectador tirará sem esforço a conclusão do poeta:

Nunquam libertas gratior extat  
Quam sub rege pio.

Onde a realleza legitima faz parte integrante da constituição, não ha medo que os dois elementos naturaes da sociedade, a democracia e a aristocracia, rompam o equilibrio em que as tem o sceptro, fiel, que deve ser, da balança do Estado: não ha temor de que ambicioso demagogo fatigue o povo com disturbios e excessos, para o colher exausto e o acaimar então com a mordada de tyrannia. Deem-lhe o nome que quizerem, chamem-lhe rei ou imperador, cesar ou czar, se as leis não estabelecerem uma realleza moderada e paternal para conter as paixões ambiciosas dos cidadãos, — a realleza illegitima da revolução, a tyrannia, virá sem leis, contra as leis, e as destruirá. D'este perigo só livra (quando livra) a oligarchia aristocratica e a negra bocca do Leão de S. Marcos. E qual dos flagellos será peor? — Nem o rei propheta saberia escolher. Ha um grande, mas solitario, documento contra esta doutrina, no Novo-mundo. Mas dura ha mui pouco tempo; e exemplos em politica precisam de ter cans para convencerem. <sup>1</sup>

Londres, 12 de abril de 1830.

## PREFACIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO <sup>2</sup>

Conheço perfeitamente a difficuldade de uma composição dramatica. Empregando a maior parte de minhas horas vagas — unicas que dou a versos e similhantes passatempos — n'este ramo de poesia que por inclinação amei sempre e por estudo cultivou, versando quasi desde a infancia, com *nocturna* e *diurna* mão, os theatros antigos e modernos,

<sup>1</sup> Em linguagem mais chan: — Os Estados-Unidos da America do norte não são ainda uma nação formada, solida, compacta, com caracter, costumes, genio e indole sua propria; e só quando o forem, poderemos ajuizar dos resultados do, por ora tam novo, experimento.

<sup>2</sup> Lisboa 1822, na Impressão liberal, 1 vol 8.º-132 pag.

tenho de sua leitura constante colhido, quando menos, o conhecimento perfeito da difficuldade do genero.

Lendo Sophocles e Eschylo, Euripides e Aristophanes—ajudando-me no pouco conhecimento da lingua grega, das boas traducções latinas e francezas, e sobretudo da erudita e engenhosa obra do P. Brumoy—adquiri o gôsto do theatro classico e das bellezas grandes e simples de Melpomene d'Athenas, com o do sal acre e travessos risos de sua galhofeira Thalia.

A tragedia grega, singela e vigorosa em Eschylo, majestosa e sublime em Sophocles, só em Euripides decae alguma coisa em certa affectação de *moralizar* que depois em Roma estragou Seneca,<sup>1</sup> e mais posteriormente em Paris *amaneirou* algumas vezes Voltaire.

Na comedia grega, simples *caricatura* ao principio dos caracteres contemporaneos, mais vaga e incerta no seu caminho de aperfeiçoamento, admirei a viveza dos ditos picantes, o engenhoso da imitação *riticula*; porém mais nada. E não tenho outro escriptor senão Aristophanes, até pela fallencia de comparação, foi indeterminado o meu conceito.

Não conhecia eu estas differenças nos meus principios; e o sentimento da admiração era o unico da minha alma quando contemplava taes maravilhas.

A scena romana não me offereceu senão Plauto, Terencio e Seneca, ou, mais exactamente, algumas cópias desfiguradas dos originaes gregos que, tendo largado o *pallio* de Athenas, vestiram a *toga* do Lacio que se lhes desageitava nos hombros desafeitos.

Voltei-me ao theatro das linguas modernas, que não só colheram o beijo ás bellezas e primores gregos, mas souberam creal-as novas. Na tragedia a *Sophonisba* de Trissino e a *Castro* de Ferreira, na comedia João da Enciña, Gil Vicente, Prestes e Ariosto com outros na Italia e Hespanha, apresentam as primicias da moderna scena, que, ora moldada no classico grego, ora no genero romantico, formaram uma terceira especie d'ambas participante e que tantos esmeros e prodigios veiu depois a dar ao theatro das linguas vivas.

Além de longa, fôrta bem superior ás minhas forças a análise das peças dramaticas do riquissimo theatro francez, dos não tam ricos mas quasi tam extensos inglez e hespanhol; e finalmente do novissimo, porém talvez superior a todos, o italiano.<sup>2</sup>

Ninguém ignora que a conservação e apu-

ro do genero classico se deve á França, e principalmente a Racine. Voltaire e Crébillon: mas poucos quererão conceder que Maffei e Alfieri o sublimaram e apuraram ainda mais que todos elles. Todos sabem que o genero romantico, filho de Shakespeare, formou uma classe distincta e separada, que, supposto irregular e informe, tem comtudo bellezas proprias e particulares que só n'elle se acham.

Todas estas observações tenho eu encontrado nos philologos modernos, e em todos ou quasi todos os cursos de litteratura. Mas o que me não lembro de ler é que este genero romantico, combinando-se com o classico, dando-se e recebendo mutuos soccorros, formassem um genero novo, cujos caracteres são bem salientes e cuja belleza incontestavel. Segundo a minha opinião são classificaveis n'elle Corneille e Ducis em quasi todas as suas obras,<sup>1</sup> Schiller em muitas, e os modernos auctores inglezes e hespanhoes creio que em todas.

No que toca á especie comica, não se pode com exactidão dizer o mesmo. Pois de certo em França, desde o *Menteur* de Corneille até quasi ao nosso tempo (em que Diderot, os seus *dramas* e os seus imitadores, fazendo um como schisma theatral, confundiram algum tanto os generos) a comedia tem constantemente sido regular e classica. Não diremos porém o mesmo da Inglaterra e Hespanha, onde os generos tragico e comico, por muito tempo *amalgamados* e confundidos, começam a tomar seus distinctos e separados logares nas scenas das duas nações. Mais classica se conservou a comedia italiana, supposto seu maximo escriptor, Goldoni, muito propenda para o genero romantico.

Em Portugal, se passarmos os antigos, não sei contar senão J. B. Gomes; pois dos outros todos creio que affoutamente se poderá dizer que não valem o trabalho de contál-os. Será isto defeito e falha nôssa? Não teremos nós *la tête dramatique*, como os Francezes *l'épique*?—Não sei responder, mas nem por isso deixo, ou deixei desde que me entendo, de forcejar por encher, quanto em mim fosse, o vazio do nosso theatro. Serão talvez baldados os meus esforços; paciencia:

Eu d'esta gloria só fico contente,  
Que a minha terra ame e a minha gente.

Assim dizia um dos maiores poetas e philosophos portuguezes, e assim digo eu, o mi-

<sup>1</sup> Ou quem quer que é o auctor das tragedias d'este nome.

<sup>2</sup> Phrase dictada pelo enthusiasmo de Alfieri.

<sup>1</sup> O theatro allemão não fez escola sua: quasi todo elle é inglez, pouco n'este genero mixto, e porventura nenhum no classico.

nimo d'elles, mas não inferior em desejos e vontade ao grande e immortal Ferreira.

Começo a publicação dos meus ensaios dramaticos por uma tragedia e uma farsa, <sup>1</sup> ambas feitas e representadas ultimamente. Outras tinha eu de mais antiga data; mas, sobre carecerem de grande emenda, e lh'a não poder eu fazer por agora, accresce demais a analogia d'estas com as presentes ideas, e o meu conceito, talvez errado, de sua melhoria.

A sociedade de curiosos que as levaram á scena, e que tanto applauso lhes grangearam do mais escolhido publico de Portugal, receberam pouco e pouco as porções da peça que se iam fazendo para os ensaios; e todos os membros d'essa sociedade sabem quantas vezes se compunha na vespera o que no outro dia se tinha de ensaiar.

O exito feliz d'uma empresa atrevida conduz sempre a novos atrevimentos. Assim a tragedia como a farsa receberam na scena um acolhimento que eu não esperava nem podia nunca imaginar. Continuas instancias de amigos e conhecidos, e até de desconhecidos, me resolveram a final a publical-as. Porventura irei agora enganar esse mesmo publico e, apresentando-lhe estes fracos ensaios sem o prestigio da scena, e desajudados da poderosa magia de actores excellentes, mostrar-lhes toda a pouca realidade de seu merecimento, e fazê-los envergonhar de seus applausos!

Lisboa, 13 de Março, de 1822.

#### NOTA-BENE

O cru e mal digerido d'estas reflexões precedentes, e das que vão na seguinte carta, denunciam facilmente a idade em que se escreviam. Apenas algum erro de estylo corrigi, os outros não quiz de proposito, pelas mesmas razões que já dei no I vol. d'esta collecção, prefacio do *Camões*.

Os fundamentos de minhas opinões litterarias ver-se-ha que eram os mesmos ha dezoito annos; desenvolveram-se, rectificaram-se, mas não mudaram. Mal, e como de criança, ahi vem comtudo já presentida a idéa de Goethe na ultima parte do *Fausto*, sobre a combinação do classico com o romantico que deve produzir e fixar a poesia moderna.

Foi o ultimatum, a derradeira sentença do grande oraculo da nossa idade: a união da

arte antiga com a arte moderna, da plastica com o espiritualismo,—do bello das fôrmas com o bello ideal, da Helena *homérica* com o *Fausto dantico*, de cujo consorcio tem de nascer o bello Euphormion, o genio, o principio, o symbolo da arte regenerada.

Lisboa, 12 de Dezembro de 1829.

#### CARTA A UM AMIGO <sup>1</sup>

Que conceito fôrmo do meu *Catão*? E' a pergunta mais fóra do commum que se tem feito. — Se imitei muito o de Addison, e que juizo' faço d'este drama? Menos difficil é que a primeira, porém não me custa porventura menos a responder a uma do que a outra. Tinha protestado conservar perfeito silencio sôbre este famoso auctor e sua mais famosa peça, porque não julgasse algum que o severo dos meus reparos provinha de rivalidade ou presumpção. Mas enfim quebro o protesto e vou satisfazer-te. A tragedia já está no prelo, e cedo poderás combinar as minhas reflexões com ella; pois, supposto a viste representar, só com meditado estudo se pôde bem decidir de coisas dramaticas, e a scena illude muito, e preoccupa demais com seus prestigios para nos deixar reflectir com a madureza e socôgos necessarios, que só no silencio do gabinete se pôdem conciliar.

O que me parece do meu *Catão*? — Com toda a franqueza que me conheces, e sem a orgulhosa modestia de certos auctores que se humilham todos para que os louvem mais, com a sinceridade de amigo: *parece-me bem, e mal*. Gosto de algumas coisas, desgosto de outras.

Pelo que são regras principaes de *unidades, exposição, nexo e desfecho*, cuido tel-as desempenhado. Emquanto ao resto não direi com tanta affouteza; e coisas ha de que muito desconho.

Mui difficil me era, não só o desenho dos caracteres, mas a sustentação d'elles. Para apresentar uns poucos d'homens verdadeiramente românos; e fazer no meio d'elles sobressahir o actor principal, era forçoso suar muitas vezes, e desanimar algumas. Bruto, Porcio e Manlio, todos virtuosos, e virtuosos como republicanos verdadeiros, a cada momento se me tornavam Catões, e faziam por consequencia divergir os raios do interesse dramatico, que eu só no unico protagonista

<sup>1</sup> A farsa hade encorporar-se em um dos tomos seguintes da collecção.

(Alludia ao *Carcondia por amor*, que depois regeitou.) *Da eviçào*.

<sup>1</sup> Esta carta nunca esperou sahir a lume, nem sahiria se me não constasse que algumas pessoas, attendo talvez simplesmente na similhaça do titulo, haviam asseverado que a minha tragedia não era mais que uma tradução da de Addison.

Foi inserta na primeira edição de 1822



CATÃO

— Tudo sei — Que Roma é escrava...

PAG. 536

*Acto I — Cena I — Manlio — Marco-Bruto.*



queria e devia concentrar. Distingui os quanto pude, esforcei-me em caracterizal-os por diferentes temperamentos e genios; puz peito em separal-os assim, já que a historia e a verdade m-os tinham unido tanto.

Como heide responder á tua segunda pergunta sobre Addison, na analyse succinta que de sua tragedia te faço, irei conjunctamente respondendo á primeira, segundo me lembrar, sem ordem nem systema, que, sobre improprios da familiaridade de uma carta, me dariam constrangimento e incommodo, que seguramente creio não quererás dar-me.

Desde que me entendo alguma coisa, e comecei a abrir livros de bellas letras, ouvi sempre falar no *Catão* de Addison, como em um prodigio da scena, e porventura a primeira peça do theatro moderno.

Na Encyclopedia, formaes palavras, se diz: *Son Caton est le plus grand personnage, et sa piéce est la plus belle qui soit sur aucun théâtre*. Cesaroti e infindos outros falaram pela mesma bocca. O proprio Voltaire, que lhe nega o fóro de tragedia, não deixa de chamar-lhe um *chef-d'œuvre*.

Ouvia eu e lia todas estas coisas, e de cada vez me dobrava o desejo de ver tam gabada peça, sem jamais a poder haver á mão pela summa raridade dos bons livros entre nós, e infinita escacez principalmente de todos os que não são francezes. Obtive enfim uma tradução franceza. meia verso meia prosa, mas tam má que o meu conceito então ficou cem vezes aquém do que havia imaginado. Li-a depois na versão do nosso Manuel de Figueiredo (bom homem, e de bastantes luzes, mas de nenhum talento poetico, e perfeitamente ignorante até das mais simples leis do metro) e fiquei peor. Consegui finalmente o original; e supposto mudei bastante do primeiro juizo, não foi absolutamente nem o podia ser, porque no contexto e fundo do drama, original e traduções eram a mesma coisa.

Antes de fazer as minhas reflexões, transcreverei as do eruditissimo Schlegel, que pela maior parte com ellas se combinam, e, com grande satisfação minha, até com as que, antes de ler a sua grande obra, eu havia feito.<sup>1</sup>

«Addison, que era mais *bel-esprit* do que poeta, metteu-se a expurgar a tragedia ingleza, e a submettêl á ás pretendidas regras de Aristoteles. Dever se hia esperar que tam erudito homem, como elle era, necessariamente buscaria avizinhar se á tragedia grega: não sei se teve algum'hora essas intenções; mas é certo porém que o fructo dos seus esforços não foi mais do que uma tra-

gedia moldada e enfeitada á franceza. O *Catão* é uma obra fraca e de gêlo, quasi nua de acção, e que nunca toca o animo com a mais pequena força.

«Addison, fazendo uma composição tímida e acanhada, restringiu de tal sorte um grande quadro historico, que para encher o panno, houve mister de lhe introduzir coisas absolutamente estranhas. Recorreu aos amores da *tarifa*; e n'esta peça se contam seis *paixões* (ou namoros); a saber: as dos dois filhos de Catão, a de Marcia, de Lucia, de Juba e de Sempronio. Catão, como bom pae de familias, não pôde ter-se a final que não arranje e conclua dois matrimonios; e entre tantos amantes não ha nenhum (sem exceptuar o mesmo Sempronio que é o *malvado* do drama) que não participe o seu pouco de simplismo. Catão poderia talvez relevar tudo isto: mas quasi nunca obra nem entra em acção, apenas se mostra para se fazer admirar e morrer depois.

«Poder-se-ha pensar que a estoica resolução de um homem se matar, tomada assim sem paixão, e sem internos conflictos, não é favoravel assumpto para uma tragedia: mas não ha assumpto nenhum que por sua natureza seja desfavoravel, e tudo depende da maneira por que se tracta. Um vão escrupulo sobre a unidade de logar forçou Addison a deixar de fóra a Cesar, unico character digno de fazer contraste ao de Catão: e n'esta parte muito melhor que elle, andou Metastasio.

«O estylo de Addison é simples e puro, mas sem fogo poetico. O *jambo* não rhymado<sup>2</sup> de que usa, dá ao dialogo mais liberdade, e uma fôrma *menos de convenção* que se não acha na maior parte das tragedias francezas; mas essas têm ás vezes uma eloquencia firme e concisa, onde jámais não chega o *Catão* de Addison.

«Este celebre auctor, para preparar o feliz acolhimento d'uma obra que tanta fadiga lhe havia custado, pôz em armas toda a milicia do *bom gosto*, todos os criticos grandes e pequenos, e á frente de todos Pope. *Catão* foi por toda a parte aclamado por um *chef d'obra* sem par. E em que fundaram elles taes asserções? Na regularidade da fôrma? Mas os poetas francezes ha mais de um seculo que a ella se haviam sujeitado, e a despeito d'esse grilhão, tinham conseguido effeitos muito mais poderosos e patheticos.— No espirito politico? Um só discurso de Bruto ou Cassio em Shakespeare mostra mais alma romana, mais energia republicana, que toda a tragedia de Addison. Duvido que similhante peça produzisse jámais uma impressão viva e profunda».

<sup>1</sup> Curso de litteratura dramatica.

<sup>2</sup> E' o nosso verso sólto ou branco.

Tal é o conceito de Schlegel sobre esta tam affamada obra. O meu, como levo dito, não differe muito do d'elle, mas alguma coisa differe. Schlegel tem o defeito de todos os escriptores que são escravos de suas proprias idéas, e do systema que elles mesmos fabricaram: o que muitas vezes os força a dizer coisas que n'outro reprovavam e de que não têm, nem dão, outra causa mais que a necessidade imperiosa de serem coherentes.

Lembrar-te-has que muitas vezes lamentámos isto em Madame de Stael e em Chateaubriand; e que pensámos ser muito principal origem do grande merecimento de Cícero e de Rousseau a sua incerteza ingenua — ou muito artificiosa — n'esta parte.

O que Schlegel diz sobre a *regularidade classica* mal entendida que Addison pretendeu e pensou dar ao seu drama, é exactissimamente certo. O genero *romantico*, de que Shakespeare foi o creador entre os seus, e que era o proprio da scena ingleza, tem grandes defeitos, mas grandes formosuras: falta-lhe a belleza da simplicidade e regular elegancia, mas sobeja-lhe a do ornato e enfeites ingenuos, comquanto demaziados. O genero *classico* tem outras qualidades e caracteres, entre os quaes em primeiro logar, a regularidade e simplicidade. O *mixto*, que principalmente se deve a Voltaire e a Ducis,<sup>1</sup> participa das bellezas d'um e d'outro, se n'cahir nos defeitos do *romantico*, aformoseia visivelmente o *classico*. *Zaira*, *Tancredo*, *Alzira*, *Othello* e o *Rei Lear* (de Ducis) provarão, melhor que todas as theorias, esta verdade.

Em qual d'estes tres generos escreveu Addison? Em nenhum. A sua tragedia é um arremêdo infeliz do gosto francez, tem todos os defeitos do afeminado d'aquelle theatro, sem ter nenhuma de suas bellezas. Seis namoros! Racine e Crebillon, que foram os mais excessivos n'este ponto, nunca se atreveram a tanto. Mas Racine pelo menos soube ligal os sempre, e fazel os dependentes da acção principal, quando elles mesmos a não eram. Crebillon as mais das vezes o fez, supposto com muito menos arte, e essa, menos fina e delicada. Mas no Catão de Addison são verdadeiramente — verbos de encher; tanto têm elles com a acção capital, como os nossos antigos *graciosos*, das operas do Judeu com Medea e Jason. Demais a mais, têm a hababilidade de occupar quasi sempre a scena, deixar raras vezes apparecer sobre ella o principal actor e acção. A traição de Sempronio e Syphax é motivada por namo-

ro, as mortes de Sempronio e Marco por na moro, toda a *intriga* ou nexo do drama por namoro. Catão entretém-se tambem com todos estes namoros, e mata-se a final — depois de dormir o seu pouco na scena — sem se saber verdadeiramente porquê, pois não apparece uma causa immediata, a qual deveria ser a chegada de Cesar, mas simplesmente a da ruina geral da liberdade, que desde o primeiro acto existia e que portanto desde o principio devêra ter produzido o seu effeito; e morto Catão, que era a catastrophe, acabar logo a *peça*. Esta suspensão da catastrophe, que é o nexo da acção, uma das origens do interesse, e uma das mais difficeis regras tragicas na sua execução, falha e falta absolutamente na tragedia ingleza.

Eu não exigiria, como Schlegel, que Addison mettesse a Cesar no seu drama, nem farei depender d'essa circumstancia a belleza principal d'elle. Tambem li a *peça* de Metastasio e ahí o vi, mas não me agradou. Porventura, se hoje escrevesse a minha tragedia, o faria eu: mas não me lembrou então o verdadeiro modo de o fazer bem, e por isso o não fiz.

No que em grande parte discordo de Schlegel é no severo conceito que fôrma do estylo de Addison. Convenho que sobejas vezes é frio e desanimado, porém muitas é sublime e elevado como ao genero cumpria. O monologo do quinto acto é uma obra prima de poesia, t'into nas idéas como no estylo: assim elle fosse dramatico e proprio da scena; mas infelizmente cae-lhe ao justo a sentença de Horacio:

*Sed nunc non erat his locus.*

O muito que me afastei de Addison, da simples comparação d'estes reparos com o meu drama, o podes colher. A personagem de Bruto, que é a segunda na minha tragedia, não apparece na d'elle; eu não tenho dramas nem *namoricos*; a exposição, o nexo, a catastrophe da minha *peça* são outras absolutamente. Aproveitei-me porém d'alguns pensamentos felizes e sublimes, que não são poucos em Addison. Mas o numero dos que imitei não é excessivo: digo *dos que imitei*, porque traducção, não a fiz eu de um só verso inglez.

Para formares melhor ideia, transcrever-te hei aqui os logares todos de que falo, com a traducção litteral; e combinando-os com os correspondentes no meu drama, poderás conhecer com exactidão o que digo.

*Acto I, Scena I.* (Addison's Cato)

The dawn is overcast, the morning low'rs,  
And heavily in clouds brings on the day,  
The great, th'important day, big with the fate  
Of Cato and of Rome.

<sup>1</sup> Quando no prefacio d'este livro toquei igual materia, esqueceu nomear este grande tragico na frente dos que no genero mixto escreveram. Foi devido á pressa com que rascunhei aquellas linhas.



*Coberta está a aurora, a manhã desce,  
E pesada, entre nuvens traç o dia,  
Dia grande e importante que pejado  
Vem dos destins de Catão e Roma.*

O logar correspondente na minha peça é na scena V do I acto.

### Acto I. Scena II.

Let us once embrace,  
Once more embrace, white yet we both are free.  
To-morrow should we thus express our friendship  
Each might receive a slave into his arms.  
This sun, perhaps, this morning sun's the last  
That e'er shall rise on Roman liberty.

*Deixa que inda uma vez nos abracemos.  
Mais uma vez, enquanto somos livres,  
Nossa amizade se imanha quiermos  
D'esta sorte expressar, receberemos  
Cada um de nós nos braços um escravo.  
Este sol, porventura, este sol de hoje  
E' já o derradeiro que se ergue  
Sobre a Romana liberdade.*

Corresponde a esta passagem a da scena V do I acto no meu drama.

### Acto I. Scena II.

My father has this morning call'd together.  
To this poor hall, his little Roman senate,  
(The leavings of Pharsalia).

*Meu pae em esta humilde, pobre sala  
Seu pequeno senado de Romanos  
(Reliquias de Pharsalia) hoje convoca.*

D'estes versos são parallelos os da mesma scena V do I acto.

### Acto I. Scena II.

Not all the pomp and majesty of Rome  
Can raise her senate more than Cato's presence.  
His virtues render our assembly awful,  
They strike with something like religious fear,  
And make even Cæsar tremble at the head  
Of armies flush'd with conquest Oh, mi Portius!  
Could I but call that wond'rous man my father!

*Toda a pompa de Roma e majestade  
Não poderia alçar tanto o snado,  
Quanto a presença de Catão o eleva.  
Suas virtudes tornam formidável  
Nossa assemblea, ellas quasi imprimem  
Um medo religioso, e a Cæsar fazem  
Tremar á frente d'essas mesmas tropas  
Sobrerbas de conquistas. Oh meu Porcio!  
Pudesse eu chamar pae a tam grande homem!*

A imitação d'esta passagem é no acto I, scena V do meu drama.

### Acto II. Scena II.

Fathers, we once again are met in council:  
Cæsar's approach has summon'd us together,  
And Rome attends her fate from our resolves.  
How shall we treat this bold aspiring man?  
Success still follows him, and backs his crimes:  
Pharsalia gave him Rome, Egypt has since  
Received his yoke, and the whole Nile is Cæsar's.  
Why should I mention Juba's overthrow,  
And Scipio's death? Numidia's burning sands  
Still smoke with blood. Tis time we should decree  
What course to take. Our foe advances on us,

Ad evies us ev'n Lybia's sultrey desarts.  
Fathers, pronounce your thoughts: are they still fix'd  
To hold it out and fight it to the last?  
Or are your hearts subdu'd at length, and wrough't  
By time and ille success, to a submission?  
Sempronius, speak.

*Inda em conselho, ó padres, nos juntamos:  
De Cesar a chegada nos r-rune  
E Roma o faço seu de nós espera.  
Como devemos nós tratar esse hom-m  
Audaç, emrrhedendo? Ainda o segue  
E protege os seus crimes a fortuna  
Pharsalia lhe deu Roma, o Egypto cede  
Deste em ão ao seu jugo, e o Nilo e d'elle  
Porque mencionarei de Juba a queda,  
A morte de Scipião? De sangue fumam  
As queimadas areias da Numidia.  
E' tempo de assentar qual mais devemos  
Seguir estrada Sobre nós caminha  
Nesso inimigo, e nos invia ainda  
Estes da Lybia torridos desertos.  
Padres, pronunciae os vossos votos.  
Fixos em persistir são elles inda,  
E em pelear até o fim constantes?  
Ou vossos corações já submittidos,  
Cançados pelo tempo e desfortuna,  
Estão á servidão? Sempronio, fala.*

O logar em que imitei alguma coisa esta fala é no acto II, scena I.

### Acto II. Scena II.

My voice is still for war.  
Gods! can a Roman senate long debate  
Which of the two to choose, slav'ry or death!  
No, let us rise at once, gird on our swords,  
And at the head of our remaining troops  
Attack the foe, break through the thick array  
Of his throng'd legions, and charge home upon him.  
..... The corpse of half her senate  
Manure the fields of Thessaly, while we  
Sit here deliberating in cold debates...  
Or wear them out in servitude and chains.  
Rouse up, for shame! our brothers of Pharsalia  
Point at their wounds, and cry a'oud To battle!  
Great Pompey's shade complains that we are slow.

*O meu voto está inda pela guerra.  
Deuses! pôe um senado de Romanos  
Debater longamente sobre a e-colha  
De escravidão ou morte? Não, ergamo'nos,  
D'uma vez, empunhemos as espadas,  
E á frente d'essas tropas que nos restam  
O inimigo ataquemos; pelo meio  
Das espssas fileiras avancemos  
De suas legiões amontoadas,  
De golpe sobre elle carreguemos.*

*Os corpos de metade do senado  
Servem de adubo aos campos da Thessalia,  
Enquanto aqui nós outros assentados  
Em frias discussões deliberamos  
Se á honra nossas vidas vitaremos,  
Ou se havemos de em ferros consumil-as.  
Desperta; que vergonha! Os irmãos nossos  
De Pharsalia os feridos nos aronham.  
E altamente nos bradam—A' batalha!  
A grande sombra de Pompeu lan-enta  
A nossa lentidão; e a a d'entorno  
Queixosa de Scipião, volta á sombra*

Assemelha-se a esta, na minha peça, a fala de Bruto na scena I do II acto.

## Acto II. Scena II.

Let not a torrent of impetuous zeal  
Transport thee thus beyond the bounds of reason,  
True fortitude is seen in great exploits  
That justice warrants, and that wisdom guides:

Are not the lives of those that draw the sword  
In Rome's defence entrusted to our care!  
Shoul we thus lead them to a field of slaughter,  
Might not th'impartial world with reason say  
We lavish'd at our deaths the blood of thousands  
To grace our fall, and make our ruin glorious?

*Não te deixes d'um zelo impetuoso  
Transportar da torrente além dos termos  
Da razão. O esforço verdadeiro  
Nos grandes feitos que a justiça apoia,  
Que a prudencia dirige, e que se mostra.*

*D'aquelles que de Roma na defeza  
D'embainharam as espadas suas,  
Ao nosso cuidado confiadas  
As vidas não estão? Se nós ao campo  
Da mortandade assim os conduzirmos,  
Imparcial não poderá o mundo  
Dizer, e com razão, que nós de tantos  
Co'a nossa morte o sangue desperdiçamos  
Para ornar nossa queda, e mais gloriosa  
Fazer nossa ruina?*

Corresponde a esta passagem a do acto  
II, scena II.

## Acto II. Scena IV.

..... Bid him disband his legions,  
Restore the commonwealth to liberty,  
Submit his actions to the public censure,  
And stand the judgement of a Roman senate.  
Bid him do this, and Cato is his friend.

..... Tho' Cato's voice was ne'er employ'd  
To clear the guilty, and to varnish crimes,

Myself will mount the rostrum in his favour,  
And strive to gain his pardon from the people.

*As suas tropas desfeça, a liberdade  
Restitua a republica. submetta  
Suas acções á publica censura,  
E a decisão auorde do s. nado.  
Obre assim, e Catão é seu amigo.*  
.....  
*Nunca a voz de Catão foi empregada  
Em crimes palliar, ou salvar culpas,  
E contudo heide eu mesmo em favor d'elle  
Subir aos rostos, forcejar, rôr peito  
Para alcançar o seu perdão do povo.*

Na minha tragedia, acto II, scena III, oc-  
correm os versos parallelus.

Estes são, meu amigo, os logares que de  
Addison imitei; digo, que imitei de proposito.  
por que, se em alguns outros me encontrei  
com suas ideas e expressões, effeito foi do  
assumpto e não por determinada intenção.  
Não repares nos maus versos da traducção  
litteral que puz ao pé do original inglez:  
esforcei-me por ser exacto e fiel, e essa  
vontade me não deixou ser bom metrificador.

E aqui tens com toda a sinceridade quanto  
sei e posso responder ás tuas perguntas, re-  
mettendo te, sobre Addison, ao smuitos que  
d'elle e do seu *Catão* escreveram, e sôbre  
a minha peça a esses senhores sabichões do  
Mondego que tudo entendem, tudo sabem,  
de tudo mofam, mas nada fazem — Sou de  
todo o coração muito teu amigo, etc.

Lisboa, 13 de Março de 1822.

A . MUITO . NOBRE . SEMPRE . LEAL . E . INVICTA

## CIDADE DO PORTO

PROPUGNADORA . FORTÍSSIMA . DA . LIBERDADE . CONSTITUCIONAL

ILLUSTRE . PELO . SANGUE . DE . SEUS . MARTYRES

O . D . G .

TESTEMUNHO . DE . AMOR . E . DEVOÇÃO

A' . SUA . PATRIA

J-B . DE . ALMEIDA . GARRETT

MDCCCXX

# CATÃO

Tragedia representada, a primeira vez em Lisboa, no Theatro do Bairro-alto, por uma sociedade de curiosos em vinte de setembro de MDCCCXXI

PESSOAS: Catão. — Marco-Bruto. — Manlio. — Porcio — Sempronio — Decio — Juba  
Povo, senadores, lictores, libertos, soldados romanos e numidas. Logar da scena — Utica

## PROLOGO

Hoje, invocando as musas luzitanas,  
Calçando co'a mão tremula o cothurno,  
Venho tímido expor nas scenas patrias  
Um caso atroz da memoranda Roma.

Da Lybia ardente nos torrados plainos  
Arquejando vereis a Liberdade,  
Vêl-a-heis moribunda soluçando  
Expirar sobre a areia, — einda de longe  
Volver o extremo olhar ao Capitolio.  
Honra, valor, virtude, exôrço e glória,  
Tudo acaba com ella n'esse instante.  
Algozes, ferros, asperas cadeias  
Da miseranda Roma algemam pulsos...  
Mas da patria infeliz o negro opprobrio,  
Catão não o hade ver, — morre primeiro.  
Vêl-o-heis, esse homem, o maior dos homens,  
D'homem, de pae, de cidadão deveres,  
Desempenhar romano, — e morrer homem.  
Vêl-o-heis tranqullo desahar a sorte,  
E ainda nos momentos derradeiros  
Fazer no solio estremecer tyrannos,  
Pasmar a terra e envergonhar os nubes.

Da malfadada Roma última esperança,  
Bruto vereis tambem: n'alma agitada  
Vêl-lhe-heis lutar co'a patria a ratureza.  
Mas a patria vencer. Odio implacavel,  
Desesperado furor que avexa essa alma.  
Lhe vem do coração bramar nos labios.  
Um dia inda virá que o braço árdido  
Quebre de um golpe os ferros do universo  
Heroismo e valor, terror e espanto  
Só vereis n'este quadro sanguinoso.  
Envolta em negro luto a lyra austera  
Só troa sons de morte: as cordas duras  
Estremecidas fremem com o incerto  
Palpitar da vingança; — e mal se escuta  
Abafado suspiro de ternura  
Em que amor filial, em que amizade  
Tímidos, receiosos se carpiram.

Meigos affectos de paixões mais brandas  
Não espereis ouvir: — só fala a patria  
Em corações que a patria só conhecem.  
Romanos estes são, — mas vós sois Lusos:  
E de Romano a Portuguez que dista?  
Foram livres aquelles, — vós sois livres;  
Cidadãos, — vós o sois; homens, — sois homens;  
Pelos campos da glória e liberdade  
Onde o Tibre correu, corre hoje o Tejo.

E Roma é escrava!... E a desgraçada Italia  
Succumbiu, e nem geme! Em qual abysmo  
De magua e de vergonha está sepulta  
A patria de Catões, de Brutos, Cassios!  
Oh nodoa nos annaes da humanidade!  
Oh, quem podesse a historia do universo  
Arrancar essa pagina d'infamia!  
Amargo é recordar memorias cruas  
De do, de pejo: — mas lembrai-as cumpre:  
A tempo sirvam de escarmento — e exemplo  
Para atalhar o mal na orizem d'elle.

E tu, sexo gentil, delicias, mimo,  
Afago da existencia e encanto d'ella,  
Oh, perdôa se a patria te não deixa  
O primeiro logar em nossas scenas.  
Não esqueceste, não, porém ciosos  
São nossos corações de liberdade:  
Onde impera a belleza amor só reina:  
Foge onde reina amor, a liberdade.

E vós, vós todos, assemblea illustre,  
Os erros desculpae do ingenuo vate  
Foi só meu coração que fez meus versos:  
Por elle julgae só. Louvor e applauso  
Nem o quero de vós nem o supplico:  
Vêde expirar Catão; dentro do peito  
Guardae d'esse Romano alma e virtudes.

Se o conseguem meus versos, se me é dado  
Esse premio alcançar de meus trabalhos,  
Audaz, affeito, satisfeito e pago,  
Ao resto irei da Europa — do universo —  
Louvor, censuras desprezar sem medo.

1 Recitado pelo auctor na primeira representação, a quem  
mente assistiram amigos e familias conhecidas.

## ACTO PRIMEIRO

*Praça: — Vestibulo e portico de antiga e ruda architectura romana, a um lado*

## SCENA I

MARCO-BRUTO, MANLIO *saindo do vestibulo*

Marco-Bruto

Sei tudo—e tudo ouvi sobejas vezes;  
Nem posso ouvil-o mais. O ceu, que a Roma  
Nos pôs columna extrêma em seus desastres,  
Não quer prantos de nós. Valor, constancia,  
Virtude são os unico-remedios  
Para os males da patria. Lamentá-la,  
Choral-a em ocio vil é ser covarde,  
E' não ser cidadão,—não ser Romano.

Manlio

Mas ouve...

Marco-Bruto

Tudo sei.—Que Roma é escrava;  
Que o senado traidor, que o povo indigno  
Folgam nos ferros que lhe doira o crime;  
Que Cesar coroado da victoria  
Ao carro triumphal leva—execrando!  
As romanas virtudes manietadas;  
Que essa prole bastarda de Quirino,  
Espurios filhos, intezado sangue  
De Scipioes, de Fabios, Cincinatos,  
Essa turba infiel vendeu contente  
Braços e coração, virtude e glória  
A trôco de ouro vil;—que impera ovante,  
Que exulta Julio sobre a patria em cinzas;  
E que do deshonrado Capitolo  
Ousa dictar os fados do Universo;  
Emfim, do Povo-rei ser rei... Ah, Manlio,  
O termo abominavel, execrando  
Que mal cabe nos babios d'um Romano!  
Sei tudo:—e tudo n'alma tenho impresso  
Em fogo—que incessante m'a devora.  
Mas ao pêso da sorte inda não curvo:  
Tenho no peito coração romano;  
E enquanto a espada do tyrano Cesar  
M'o não souber varar, não cedo a Cesar.

Manlio

Tua nobre constancia admiro e louvo:  
Romana é,—romana d'esses tempos  
Que para sempre... sempre se acabaram.  
Oh, se ella nos salvasse, Marco-Bruto!  
Se d'esse coração faltar podesse  
Scintilla que accendesse a morta cinza  
Em que toda esfriou, de consummada,  
A virtude latina!—Mas tu mesmo,  
Catão proprio o confessa; a nos e a poucos  
A poucos mais, os deuses reduziram  
Da triste liberdade os defensores.  
Nos quasi abertos, derrocados muros  
D'Utica só nos resta amparo debil,  
Por suas brechas sem conto, a cada instante  
Nos entra a escravidão, nos fuge a patria.  
Nossas legiões tam poucas, tam cançadas,  
Fracos sobejos da fatal derrota  
Do inteliz Pompeu.

Marco-Bruto

E d'esse nome.

Diz, não basta a memoria deshonrada  
Para acordar o coração dormente  
D'um senador romano? Oh santos manes,  
Oh veneranda sombra, inulta ainda,  
Nos sanguinosos campos de Pharsalia

Vagas não-propiciada e gemebunda .  
E o vil que ousa Romano appellidar-se  
Será, Manlio, será?... .

Manlio

Será da patria  
O tyrano oppressor.

Marco-Bruto

Elle!—Primeiro  
Hade Catão morrer.

Manlio

Dous golpes juntos  
No seio maternal soffrerá Roma

Marco-Bruto

Que soffra mil, e que não seja escrava.

Manlio

Ah, que aproveita, Marco, o sacrificio!  
Tam quebrados, sem forças de que serve  
Esta lucta de poucos moribundos  
A pelejar por mais uma hora escassa  
De vida incerta!—Engano, engano cêgo!  
A patria agonizante e quasi extincta  
Que podêmos fazer?

Marco-Bruto

Morrer com ella.

Manlio

Se o sacrificio approveitasse!

Marco-Bruto

Chamas  
Sacrificio ao dever!—Este é o voto  
De Catão: bem o sabes. E tu dizes-te  
Amigo d'elle!... Sê digno do amigo.

Manlio

Oh!

Marco-Bruto

Basta, Manlio, basta: esses discursos  
Serão prudentes, mas offendem me a alma,  
E o coração reb.lla-se de ouvil-os... (*pausa consi-deravel*)

Olha, vês tu a aurora?—despontando  
Ella ahí vem no horizonte carregado;  
Triste, pallida, a medo nos arrastra  
O dia—o dia porventura extremo  
De nossa liberdade.—Oh Roma, oh patria!  
Cêus que o raio guardaes, no mundo ha crimes  
Que os de Cesar eguaem? Que justiça  
Fazeis na terra, omnipotentes Deuses! (*pausa breve*)  
Manlio, este dia é o dia destinado  
A decidir a sorte dos Romanos.  
Por ordem de Catão solemnemente  
Se congrega o Senado. Os teus recheios,  
Tua prudencia ahí pôdes expor-lhe.  
Encontrarás talvez quem te oiça e applauda;  
Não eu, Manlio, não eu.

## SCENA II

MANLIO só

Mancebo louco!  
Cego corres apoz d'esses phantasmas  
Que em teu ingenuo coração virtuoso



CATÃO

*Juba* — ... Não ha maior ventura  
Que possam nunes conceder na terra.

PAG. 541

*Acto I — Scena V — Sempronio — Porcio — Juba.*



Só hoje moram Terás cans, — e c'o alvo  
 Das cans te virá negra experiencia:  
 Então, então verás com que sonhaste.  
 Romano! Ideas vans! Já não existe  
 Essa glóri, esse nome tam famoso,  
 Nem a feroz virtude d'este jовem  
 Nem de Catão a rigida constancia  
 Erguem do tumulo a defunta itoma.  
 Nunca! — O punhal das civicas discordias  
 Rasgou lhe o seio, quebrantou-lhe os membros;  
 Roma não vive já — É Cesar, Cesar  
 Quem hoje é Roma, e que é senhor do mundo  
 Tudo lhe cede. — E nos mesquinhos restos  
 Ao furor escapados de Pharsalia,  
 É que havemos de oppor-nos á torrente  
 Que arroja aos pés de Cesar o universo!  
 E por amor de quê? Da liberdade...  
 Liberdade! — Qu'é d'ella, a liberdade?  
 Quanta nos deram Mario, Sylla? — Quanta  
 Nos daria Pompeu se triumphante  
 Com suas legiões volvesse ao Tibre!  
 Roma, Roma, os teus dias são contados;  
 Tu queres um senhor: tel o has. Os Quincios  
 Já não voltam Sem honra, sem virtude,  
 Sem aquella pobreza santa e livre  
 De Fabricio, onde vae a liberdade!  
 Marco-Tulio venceu a Catilina;  
 E hoje — mollemente passeiando  
 Em seus jardins de Tusculo, revendo-se  
 Em marmores de Athenas, manso e quêdo  
 Philosophando vae. — Que resurgissem  
 Os Gracchos; — bradariam liberdade  
 E patria, como os nossos Gracchos de hoje:  
 Mas só bradar: tyrannos ou escravos  
 Seriam como nós. — Cortae nos vicios,  
 No orgulho, e então... — Quem é este? É Sempronio  
 Que ahí vem. Alma perdida e covarde!  
 Ide ouvil-o ás cohortes declamando:  
 Nem o proprio Catão tem mais no peito  
 Aquella devoção, aquelle zelo  
 Da liberdade antiga. — h tempos, tempos!  
 E ainda quer Marco-Bruto de taes homens  
 Fazer Romanos — com Romanos d'estes  
 E que se hade salvar a patria!

## SCENA III

MANLIO, SEMPRONIO

Sempronio

Falaste com Catão? Que te disse elle?  
 Seu nobre esforço, amigo, que medita?  
 Como intenta salvar-nos? Que defesa  
 Havemos de fazer n'estas ruinas  
 Contra esse immenso exercito que aperta  
 Sobre nós de hora a hora? Que esperanças  
 Da moribunda — morta liberdade  
 Conserva ainda?

Manlio

Ha de morrer com ella.  
 Incapaz de torcer, firme, indomavel,  
 Não vê, não ouve, não attende a nada!  
 E emtanto cresce o mal, e a cada instante  
 Foge o remedio.

Sempronio

Um resta.

Manlio

Qual?

Sempronio, *aparte*

Tentemos  
 Este velho. — (*alto*) Seguir os teus conselhos  
 Moderados, prudentes.

Manlio

Meus conselhos!

Nunca t'os dei, nem... — O meu voto é logo  
 Para o senado: ahí o ouvirás franco  
 Sincero, leal.

Sempronio

Mas nós sebem os todos  
 Tua opinião. Eu, longo tempo, incerto  
 Duvidei: mas enfim não resta escolha.  
 O universo é de Cesar: honras, graças,  
 Mercês, riquezas—tudo elle dispensa;  
 E tudo perderemos se temosmos  
 Persistimos na lucta van, ingloria...

Manlio

Ingloria!

Sempronio

Ingloria sim, que a vida a fama  
 Esperdiçámos loucos por chimeras.  
 Glorica foi a causa da republica  
 Quando o favor dos mobiles Quirites  
 Tinha Sédes curies, e tribunatos,  
 Consulados que dar: nobre, distincto  
 Era então ser campeão da liberdade.  
 Hoje que importa cortejar a plebe,  
 Lisongear-lhe a inconstancia caprichosa?  
 Que podem os ciosos cavalleiros,  
 Os suberbos patricios? De que valem  
 Seus suifragios? Voltemo-nos a Cesar.  
 A calva occasião é esta agora.  
 Corramos lhe ao encontro: generoso  
 E magnanim é Julio: hade quebrar-lhe  
 As iras todas submissão tam prompta,  
 Tam resignada:—e nós saivos, bemquistos  
 Do senhor do universo, porventura  
 Quinhoaremos tambem nos seus despojos.

Manlio, *aparte*

Vil, indigno! Estes são os nossos Gracchos. (*alto*)  
 E Catão?

Sempronio

Ah!... Catão — Esperas d'elle  
 Que attenda ao bem commum, que deixe os seus  
 De sua stoica, van philosophia,  
 Que sacrifique o orgulho de um systema?...

Manlio

Orgulho elle!—A tua alma não entende,  
 Não conhece aquella alma. Homem mais simples,  
 Mais singelo, mais chão, menos fastoso,  
 Que ostente menos, menos se conheça  
 E de suas virtudes saiba o preço,  
 Não crearam os ceus, nem o aureo tempo  
 Viu de nossos avós na antiga Roma.

Sempronio

Pois... eu tambem conheço... essas virtudes,  
 E as sei avaliar. Porém que importam,  
 Que nos podem fazer tantas virtudes?  
 Cesar, amigo, Cesar formidavel,  
 Cesar, que precedido da victoria  
 Marcha á frer te de innumeradas cohortes,  
 Que, á excepção d'este pouco da Numidia,  
 —De poucos palmos de torrada areia—  
 Vê curvado a seus pés o mundo inteiro,  
 Cesar não tarda sobre nós; e é tempo  
 De resolver enfim.

Manlio

Toca ao senado  
 Deliberar: Catão para isso o ajunta:  
 E Catão bem conhece o nosso estado  
 E a possança de Cesar. Mas a sua alma  
 Da velha dura ténpera romana

Não vérga assim. Minha opinião (pois queres Sabê-la, e tua franqueza — tão notavel! Me anima) é diferente, opposta á d'elle. E logo no senado heide impugnál-a, Aberta e nuamente. Em vivas côres Heide pintar o estado miseravel Da patria, e o nosso: o abysmo a que a arrastâmos Se, para não quebrar, nossa virtude Não dobra um tanto ao péso da fortuna. Taes são minhas tenções E ha muito sigo Repugnante esta luta tam baldada, Em que a alma de Catão, seu grande nome, Suas virtudes são a unica força D'um partido impotente, e lacerado De facções, de traições, de odios, de invejas, (pausa) De avarezas, cubiças. — Mas, Sempronio, Tu que sempre no fóro, no senado, No campo, em toda a parte declamaste Contra mim, contra a facil indulgencia Dos que julgam prudente, necessario Tratar c'o vencedor, ceder um pouco Para não perder tudo — tu da piebe Idolo, oraculo, orador, — que ante ella Bruto accusas de timido, e suspeitas Soltaste a miudo da virtude austera Do rigido Catão, — por que prodigio, Nesta hora do perigo, em que a romana Virtude, e toda a civil firmeza, Constancia, devoção são necessarias, Como, por que prodigio, tam diffrente Tam outro falas: — Certo, no senado, Teu voto, de fraqueza não suspeito, Muitos convencerá.

#### Sempronio

E pensas, Manlio, Que ante esses homens cegos, illudidos, Que em Catão vêem seu deus, que existem n'elle, Que o falso brilho deslumbrou da glória, Que o vão, que o louco amor d'uma chimera A que chamaram patria e liberdade, Antepoem aos proprios interesses, A's honras, á ventura, á mesma vida — Que ante homens taes minhas tenções exponha, Que lh'alegue razões que elles não ouvem? Fora imprudente e de nenhum fructo o risco. Antes ver-me-has, unindo-me a seu voto, De suas illusões vestindo a mascara, Enthusiasta orador da liberdade, Clamar, bradar vingança, e guerra e sangue, Ostentar marcio ardor, romana audacia; E de mim afastar quaesquer suspeitas. Sinceridade! — Pois tu não receias Os impetos de Bruto?

#### Manlio

Não receio Onde estiver Catão, violencia alguma Contra quem livremente, e como é d'homem, Dá seu voto e tenção.

#### Sempronio

Muito confias: Eu não. — E só a ti, crê-me, a ti, Manlio, A ninguém mais em Utica, me atrevo A revelar meu intimo e secreto, Verdadeiro pensar. Santa amizade, Além do sangue, nos uniu ha muito: Tu não me hasde trahir...

#### Manlio

Eu trahir!

#### Sempronio

Não declares.

Digo,

#### Manlio

Sim, sim; fica-te embora. Não te heide descobrir: segue no engano; Illude, mais essa hora que te resta, As desvaídas turbas. — E que importa Acordar ora ou logo, se o terrivel, O fatal despertar é sempre o mesmo!

### SCENA IV

SEMPRONIO só, (depois de consideravel pausa)

Disse de mais; falei, fui muito claro: E este velho, prudente, moderado... Ama, adora Catão como os mais cegos Que o têm por deus, por immortal. Embora! Manlio é honrado, d'aquella honra antiga D'outros tempos; e não me trae. — Honrado! O miseravel, co'a alma incerta e vaga Flutuando entre o medo e entre a esperanza, Nem sabe o que deseja. — E eu?... Sou covarde, Mais covarde do que elle: não me illudo. Mas pôde mais que a covardia o odio N'este peito ralado da acre sêde Da inveja. Meus projectos têm falhado Com a estúpida plebe: vis! adoram O homem que eu aborreo, que detesto, Esse Catão, esse idolo de nescios! Oh, que raiva lhe eu tenho! Alma rebelde, Tu me opprimes c'o pezo aborrecido D'essas tuas virtudes. Quanto eu deira E te podesse ver um crime n'alma! Affrontoso supplicio! — E elle conhece-me, Conhece-me e despreza-me. — Oh, vingar-me, Vingar-me heide eu. Tua cerviz altiva Hade criar vergão sob o apertado Jugo de Cesar. Não te salva a morte, Que vivo — vivo has de cahir no laço. (Pausa consideravel)

Eil-o aqui vem o príncipe dos Numidas. Louco! A céga vaidade d'este barbaro Hade ser instrumento proveitoso De meus designios. Nem será difficil O enganar-o. — Vem com elle Porcio. Que nausea que me faz este mancebo! Ambos, ambos de dois. — E como affectam Do pae o tom sentencioso e grave, A pomposa virtude, o olhar austero! Mas o Numida é Numida; no sangue Ardente do Africano a febre é facil De inflamar prompta, e desvaír no cerebro Essas lições romanas de prudencia. Cumpre dissimular, fingir com elles.

### SCENA V

SEMPRONIO, PORCIO, JUBA

#### Porcio

Oh meu Sempronio, oh firme, certo amigo Da moribunda Roma, espirito, alma Do vacillante povo, emfim te encontro! Ha muito te buscava.

#### Sempronio

Salve, Porcio. Do maior dos Romanos digno filho, Esperanças da patria! — Meu amigo, Eis-me aqui. N'estas horas de agonía, Grata consolação é ver unidos No funeral da patria os que inda podem Carpil-a sem remorso e sem vergonha.

#### Porcio

Meu Sempronio, abracemo-n'os ainda Por esta vez, que ainda somos livres.



Ail talvez amanha não poderemos  
Fazel-o já — sem nos acharmos ambos  
No vergonhoso amplexo d'um escravo.  
Que disse eu! amanha... ah, porventura  
Este sol que ahi nasce é o derradeiro  
Que luz sobre a romana liberdade.

Sempronio

Confias pouco nos supremos deuses.  
Teu venerando pae, suas virtudes  
Inda nos restam.

Porcio

Ahi meu pae como hade  
Resistir só por si á conjurada  
Fôrça de homens e fados? É só elle  
Na terra, — e a terra toda é já de Cesar.  
Suas nobres tenções hão de ir ao cabo,  
Sua constancia ferrea não vacilla;  
Morrerá, porém, livre. Mas nem todos  
Com a alma de Catão os dotou Jupiter.

Juba

E quem tam vil será?

Porcio

Não sei: mas vagam  
Entre as cohortes dissensões, murmurios...

Juba

Mas não entre os meus Numidas. — Se fosse...

Porcio

Não, príncipe; a villeza em nossos dias  
Toda é romana. Ha traidor occulto  
Que anda excitando esses quebrados restos  
Das legiões de Pompeu á rebeldia.  
Quem elle seja ignora-se...

Sempronio, *aparte*

A seu tempo

O saberás.

Porcio

Que dizes?

Sempronio

Nada: — indigna-me,  
Custa-me a crer que exista um monstro...

Porcio

Existe.  
E encoberto, inda mal! Porém que importa  
Seu machinar, suas traições j'agoral

*(Vão passando alguns senadores, que entram pelo portico)*

Ahi vão concorrendo á humilde curia  
Essas tristes reliquias de Pharsalia  
A que ainda senado appellidâmos...

Juba

Appellidaes... que dizes! — Toda a pompa  
Triumphal de Roma, todo o brilho antigo  
De sua glória, ao senado nunca deram  
Tam solenne realce e majestade  
Quanto a presença de Catão. — Seu nome,  
Seu nome só é como um sello augusto  
Que a despeito dos numes, santifica  
A causa que elle abraça: — é força ingente,  
Antemural onde o impeto se quebra  
De tantos, tam vaidosos inimigos.  
Quem pôde ouvil-o, vel-o só, e n'alma  
Não sente um religioso terror santo,  
Que opprime e eleva, humilha e exalta o ânimo  
Como o aspecto de um nune? É Roma inteira,

É o terrivel deus do Capitolio,  
O Genio de Quirino que está n'elle,  
E deante do qual o proprio Cesar,  
Cesar á frente de hostes invenciveis,  
Suberbas da conquista do universo,  
Cesar triumphador treme e vacilla.  
Ah, se em vez de me dar barbara patria  
N'estes sertões inhospitos da Libya,  
Me outorgaram os ceus nascer Romano;  
Se, como tu, podesse, ó caro Porcio,  
Chamar-lhe pae! — Não ha maior ventura  
Que possam numes conceder na terra

Porcio

Teu coração, amigo, te compensa,  
Nova patria te dá. Nascer Romano  
E' glória só quando estremados feitos,  
Quando virtude austera desempenham.  
Nome — que foi tam nobre... e hoje! — Príncipe,  
Do vicio a nódoa, as máculas do crime,  
Não as podem lavar do Tibre as águas.

Sempronio, *(parte)*

Não posso ouvil-os mais. *(Alto)* Meu Porcio, deixo-te:  
Não tarda que o senado se convoque.  
D'esta sessão solenne e derradeira  
Depende tudo. Adeus! E' necessario  
Incitar uns, sustar a vacillante  
Virtude de outros. — Príncipe, o teu nobre  
Esforço e coração Roma precisa  
N'esta hora de perigo — extrema... a última  
Talvez — porém amigos como Juba  
N'esta hora é que se acham.

Juba

Não duvides  
De mim, Romano. O sangue não vingado  
De meu pae ainda ahi está revendo fresco  
Deante de meus olhos. Na orphanade  
Tua patria me adoptou; tua patria é minha.  
Ao menos para dar por ella a vida,  
Roma é tam minha como tua

## SCENA VI

PORCIO, JUBA

Porcio

Juba,

Que tens, que tam severo respondeste  
Ao senador? Tam triste e pensativo,  
Fitas no chão os olhos carregados;  
Em que meditas?

Juba

Eu? — Na mal-azada,  
Pouca ventura minha, que me trouxe  
A' situação penosa em que me vejo.  
Porcio, tu — tu conheces a minha alma;  
Mas elles não. Suspeitam-me, duvidam  
Da minha fé: extranho sou, um barbaro  
Entre vós.

Porcio

Entre nós, tu, Juba! — Enganas-te:  
Amam-te, querem-te, honram-te. Não ouves  
Meu pae como te fala, quantas vezes  
Te chama filho?

Juba

Teu pae, sim: oh, esse  
E' o maior dos homens, o mais nobre,  
Mais generoso, mais leal. Mas Porcio,  
Quantos Catões ha em Roma? — Este Sempronio  
Desconfia de mim.

Porcio

Elle!

Juba

As palavras

Que me disse ao partir . . Não reparaste  
Como falou de amigos, da arriscada  
Hora do p'riço?

Porcio

Quê! interpretaste

O seu dizer assim?—Não dês, amigo,  
A vans suspeitas atenção funesta.  
Assás, príncipe, assás nos sobram causas  
De dór e de aflicção. Ai! todo o esforço,  
Toda a virtude de Catão não bastam  
Para suster o péso do infortunio.  
E que pôde elle só contra a torrente  
D'um povo inteiro, uma nação d'escravos  
Que humildes correm a accurrir se ao jugo!  
Em Utica encerrado, triste chefe  
D'um exercito frouxo e destróçado.  
O que hade elle esperar,—que nos sobeja  
D'essa van sombra de senado e Roma?

Juba

Sobeja-nos Catão: e é muito ainda.

Porcio

E' muito:—porém quanto hade durar-nos!  
Vamos, amigo, vamos, que a hora chega,

Vel-o entrar para a curia. Approveitemos  
E'sta occasião de contemplar ainda  
Mais uma vez aquella face augusta  
Reverberando toda a majestade  
Da extincta Roma,—e ouvir o som tremendo  
D'aquella voz que, em meio do senado,  
Troa como echo d'essa voz divina  
Com que a nossos avós salvou da infamia  
Jove Stator. —Como o severo aspecto.  
Tam severo e tam placido!—me infunde  
Respeito e amor!—Disseste bem, meu Juba:  
Feltz a quem tal pae os deuses deram!  
Mas... ai de mim! oh, que presagios negros  
Me agoira o coração no sobresalto  
Com que me anceia n'estes baques rijos,  
Desencontrados que me dá no peito  
Co'a só lembrança, a idea de perdê-lo!  
Prouvesse aos deuses immortaes que ao menos  
Adeante eu vá,—nem veja o sacrificio  
Que nas aras da patria. . Indigna, Roma,  
E merécel-o tu?—Eternos deuses,  
Como soffrires que o vicio, o crime, a infamia  
Reinem sós, coroados do perjurio,  
Na avassallada terra!—Amigo, vamos:  
Seja maior que a mágoa o soffrimento;  
De atormentar-nos se envergonhe o fado;  
E se cumpre ceder, cahir co'a a patria,  
Caíamos sim, mas homens, mas Romanos.

## ACTO SEGUNDO

• Interior delapidado do antigo edificio barbaico, preparado para a convocação do senado

### SCENA I

CATÃO, MANLIO, MARCO-BRUTO,  
SEMPRONIO,

LICTORES, SENADORES

Vão entrando os senadores e tomando seus assentos, que estão dispostos em semi-circulo — Depois de breve espaço, Catão precedido de lictores. Os senadores se erguem para o saudar. Permanecem todos em silencio por algum tempo. Catão levanta-se para falar ao senado, e se lhe inclina.

Catão

Padres de Roma, augustos senadores,  
Da patria moribunda unico apoio,  
Quanto inda folgo de vos ver unidos,  
De contemplar em vós esses Consc:ptos  
Que de sobre o tremendo Capitolio  
Repartiram os fados do universo.  
E aos reis vencidos, ás nações prostradas  
Deram co'a espada leis, co'as leis virtudes!  
Permitti que a minha alma se demore  
N'estas ideas de passada glória:  
Ah, quem sabe se é esta a vez extrêma  
Que me é dado ante vós o recordál-as,  
E a derradeira vez goso a ventura  
De olhar-vos juntos e vos ver Romanos!  
Sim, ó Padres, assás glória e renome  
Coube a nossos avós; maior nos cabe,  
(Não duvideis) maior nos cabe ainda.  
N'este humilde logar, entre estes muros,  
Quasi cercados de armas inimigas;  
Sobre nossas cabeças cada instante  
Vendo troar da tyrannia os raios;  
Sem accurrar ao péso do infortunio,  
Unidos inda pela voz da patria. . .  
O senado de Roma é mais augusto.  
—Esta patria, esta Roma o seu destino

De vós espera agora: a vós incumbe  
Decidir de seu fado.—Cesar chega:  
Um exercito. . . (sim, o horror do p'riço  
Dissimular não cumpre a vossos olhos,  
Nem diminuir o péso ao sacrificio)  
Um exercito forte, victorioso,  
Formidavel o segue. Escassas, debeis  
São nossas forças, fracos os reparos,  
Atenuados os muros.—Que nos resta!  
Que nos conveni fazer? Como devemos  
Tratar esse homem temerario, arido,  
Ambicioso, insaciavel?—A fortuna  
Tem coroados seus crimes com victorias.  
—Desculpae-me o avivar chagas que sangram.  
Recordar os horrores de Pharsalia!  
Esse dia fatal lhe entregou Roma,  
E a morte de Pompeu o Egypto e o Nilo.  
Juba, Scipião cahiram por seu ferro . .  
Inda fumma talvez a areia ardente  
Da Numidia, ensopada em sangue fresco;  
E no vasto silencio do deserto  
Inda arquejam talvez cor os romanos.  
Não ha sangue que o farte, não ha crime  
Que o detenha: seu carro de triumpho  
Não impeça nos montes de cadaveres  
Que lhe juncam a estrada. Figue o mundo  
Todo um sepulchro, um só moimento a terra. . .  
Mas reine elle senhor sobre esse tumulo.  
—A cubiça de imperio que o devora,  
Que lhe incha o coração, lhe rala o peito,  
Té os mesquinhos areaes esterreis,  
Estes painos torrados, infructíferos (*pausa*)  
Da Lybia nos inveja.—Agora, ó Padres,  
Dizei: qual é vossa alma, as tenções vossas?  
Inda ousas defender a liberdade?  
Firmes em acabar primeiro que ella,  
Inda ousas preferir a morte honrada  
Ao jugo, á escravidão?—ou já cançados

Fatigados do pêso do infortunio,  
Baixos os corações, curvos á sorte, (*pausa*)  
Dispostos vos sentis a?...—Bruto fale.

#### Marco-Bruto

Eu voto a guerra.—E guerra só nos cumpre.  
Nada nos resta mais, bem sei, que o ferro,  
Amontoadas legiões Cesar commanda;  
Mas a espada que temos é romana,  
Mas as legiões que o seguem são de escravos:  
E pôde um cidadão tremer ante elles?  
Pcuos somos: mas livres, mas ousados.  
No furor d'í peleja, qu'ntas vezes  
Um só braço bastou a decidil-a?  
E quantas foi um golpe venturoso  
Longas victorias desmentir n'um dia?  
Tem uma vida só, como os mais homens,  
(Se homem podeis chamar-lhe) esse tyranno.  
Cesar... Ah! co' este nome em vossos peitos  
Não ferve a indignação, não pulla o odio?  
Não ouvis esses manes insepolitos,  
Cujos honrados, venerandos corpos,  
Pasto deixado nos areaes da Lybia  
Foram aos monstros do aspero deserto?  
Não lhe ouvis os clamores de vingança:  
Mais de metade do senado augusto,  
De que vós só restaes, lá jáz com elles;  
E este mesmo senado inda duvida,  
Pausado agita, frio delibera  
Sobre a causa da patria... Ah, não, ó Padres,  
Não vale em lances d'estes a prudencia,  
Só produz enthusiasmo as acções grandes.  
Eil-os, nossos irmãos, sagradas victimas,  
Eil-os bradando de Pharsalia ainda!  
Que as chagas rôxas do rasgado peito  
Nos apontam, nos mostram, nos excitam!  
Vêde-a, do gran Pompeu a sombra inulta,  
Vêde-a, como nos ficia despeitosa,  
Como a troar da maldição os raios  
Quasi prompta... Ah! mas vós, vós sois Romanos:  
Em vossos corações já vejo a patria,  
Já leio em vossos olhos a victoria.  
Senadores! romanos senadores  
Vós sois:—ávan-te, eia ávan-te, ó Padres!  
Não aguardemos que o inimigo ousado  
Venha em nossas muralhas atacar-nos;  
Vamos nós mesmos, nós, o ferro em punho,  
Por entre essas indomitas phalanges  
Longa abtirmos sanguinosa estada...  
Se não para a victoria que nos foga,  
A' glória ao menos de expirar Romanos.

#### Catão

Bruto, esse furor não é romano.  
Cumpre esforço, valor, constancia rigida,  
E não temeridade. Co' as extremas  
Do vicio intesta a raia da virtude:  
Póz-lhe eterna barreira a natureza;  
Mas não a vê o que vendado corre  
De paixões cegas;—passa, e não conhece  
Os prescriptos limites;—confundindo  
Vícios, virtudes, indifferente os segue  
O espirito agitado; e em seu delirio  
Crimes perpetra por acções de glória.  
Discriminal-os e a face augusta  
Da virtude estremar do vicio occulto,  
Obra é só da razão, só ella o ensina.  
O nobre enthusiasmo, o patriotismo  
Que, audaz mas firme, ardido mas prudente,  
P'rigos não busca—Mas não teme os p'rigos,  
Raios não troa—mas não teme os raios,  
Este valor, ó Marco, esta ousadia  
Foi a dos Scipiones, era a dos Fabios,  
Esta é só da Razão—e só romana.  
—Esses nossos romanos companheiros  
De tanta cicatriz ennobrecidos,

Que a espada tantas vezes empunharam,  
Tanto sangue verteram por seguir-nos,  
Por defender da patria a santa causa,  
De suas vidas acaso a mesma patria  
Não nos confiou a nós cuidado e guarda?  
E iremos nós, mais barbaros que Cesar,  
Arrojar-lhe ás suas hostes famulentas  
Esses poucos fieis—como repasto  
Dado a feras no circo!—Iremos impios  
Dar-lhe a beber á fratricida espada  
O puro sangue civico Romano!  
E Roma que dirá?—com que justiça  
Não clamará que, barbaros e insonos,  
Só nos guiou phrenetico delirio;  
Que prodigos do sangue de seus filhos,  
Vaidosos, sem piedade o derramámos  
P'or fazer nossa quéda mais brilhante?  
Que nossa morte—sacrificio inutil  
De pompa van, de fasto espedricado,  
A de mil cidadãos custou a patria?  
Não, Padres, não vos cegue o falso brilho  
D'esse heroismo vão: sejamos homens,  
Que homens fomos primeiro que Romanos.  
—Manlio, os teus sentimentos livremente  
Expõe agora.

#### Manlio

A grandes desventuras  
Nos reservaram despedidos fados.  
Infeliz quem, no choque tumultuario  
De civis dissensões, o pôz a sorte  
Ao mil difficil leme do govêrno!  
N'esse arriscado, perigoso empenho  
O menor vos desastres é a morte:  
Das marulhosas vagas acoutada  
Sossobra a nau do Estado; e é força em breve,  
Se lhe não accainar contrário vento,  
Nas sorvedoureas syrtis afundir-se.  
Embora empregue sabedoras artes  
O piloto infeliz, que hão-de imputar-lhe,  
Hão-de fazer-lhe das desgraças—crimes.  
Erra de orgulho, cega de vaidade  
Quem presume guiar com mão certa  
O tropel desvaireado e tun-tunatorio  
D'uma revolução. Rebenta subito  
Em turbilhões torrente impetuosa,  
Que arrastara e leva planos e projectos,  
E, co'o homem que os urdiu, os roja ao abysmo.  
Confesso, ó Padres: tímida a minha alma  
Não ficia sem horror tam negras scenas.  
Pela patria morrer sei que é virtude:  
Mas pede Roma a nossa morte?  
Póde-lhe ella atrazar um só momento  
A inevitavel quéda' o nosso sangue.  
No mar da escravidão gotta invisivel,  
Adelgaçar-lhe os terros que a agri'lham  
Derrubando as columnas vacillantes  
Que o edificio ruinoso escoram  
Da patria liberdade,—essas ruinas  
Não desabam mais presto ao precipicio?  
Co'a nossa morte Cesar satisfeito  
Hade a espada embainhar, depor o sceptro?  
Ser-lhe-hão degraus para descer do throno  
Os cadaveres nossos? Não, ó Padres:  
De taes futuros não me illude a esperança.  
Pés a severa mão d'alta justiça  
Sobre o orgulhoso collo dos Romanos:  
Da nossa liberdade o altar cruento  
Na altheia escravidão foi cimentado;  
Livres, fomos lançar grilhões ao mundo,  
E temeruas Aguias desferiam  
O vôo assustador, do Capitolio,  
Ao sópro da ambição São esses terros  
Com que os povos da terra agri'lhoámos  
Que hoje revertem para os nossos pulsos.  
Tarde ou cedo reduz justo castigo

Povo conquistador a povo escravo:  
 E sempre... Mas, o horror de nossos crimes  
 Basta de recordar: cumpre amargar-lhe,  
 E não exacerbar da patria as dores.  
 Cesar vence e triumphar; e ao mundo inteiro  
 Utica resta só. E Utica pôde  
 Salvar o mundo? Não—Algeirar-lhe  
 A certa escravidão? Sim: pode, e deve.  
 No naufragio geral, uma só taboa  
 Que se possa alicerçar, conduz ás vezes  
 (Embora moribundo; á praia o nauta;  
 E o que fiou dos braços vigorosos,  
 Experto nadador, sua esperança,  
 Mais vezes inda, cança, esvae-se e morre.  
 Toca-vos escolher. Voto que a Cesar  
 Se envie legação, paz se proponha:  
 Vejamos se um tractado pôde ainda  
 As reliquias salvar da liberdade,  
 Ou antes—embotar á tyrannia,  
 Pouco que seja, o gume assacalado  
 É morta Roma, sim, morta de todo:  
 Aos filhos orphãos, salve-se-lhe ao menos  
 Um retalho sequer da patria herança.

*Marco-Bruto, (Que tem dado signaes de grande  
 impaciencia durante a fala de Manlio)*

Acabaste?

Manlio

Acabei.

*Marco-Bruto, (Tirando um punhal do seio)*

Vês este ferro!

Romanos como tu equal resposta  
 De mim só levam...

*Catóo, Levanta-se e todo o senado*

Temerario! um ferro

Arrancas no senado! Este é o respeito  
 Que lhe guardas! Assim a majestade  
 Acatas da republica—Lictores,  
 Expulsas o insensato que profana  
 Tam sagrado logar.

Manlio

Eu lhe perdoo...

Catóo

Mas não perdôa Roma. Nas cohortes  
 Como raso soldado seja inscripto:  
 Sob o centurião, em dura 'schola  
 Milite e aprenda—emquanto, mais de espaço,  
 O castigo cabal dar a seu crime  
 A' curia não apraz.

Marco-Bruto

Humilde ob'deço

A's ordens de Catão.

Catóo

A's do senado.

## SCENA II

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, SENADORES, ETC.

Manlio

Impetos juvenil!—a alma de fogo  
 O cerebro lhe escalda.

Catóo

Manlio, agora

Já nos não ouve Bruto...—Tu pretendes  
 A ti proprio illudir-te. Baloçando  
 Do precipicio ás bordas escarpadas,  
 Não lhe vês todo o horror. Já vaes de rôjo

Pelo despenhadeiro, e cuidas inda  
 No meio da cahida segurar-te?  
 Enganas-te: deludem-te vãos sonhos  
 E' uma, é uma só a liberdade,  
 Indivisivel sempre: se um só ponto  
 Roubar-lhe intentas,—ella que te fuge  
 Para mais a não ver. Roma, tu dizes,  
 Não quer a nossa morte. Não, por certo.  
 Porém que idéa formas tu da vida?  
 Vivem acaso em ferros os Romanos?  
 Não morre o homem quando vive o escravo?  
 E quem te diz que o orgulho do tyranno,  
 Que imagina um dom seu deixar viver-te,  
 Não hade n'algum hora de capricho  
 Entastiar-se da dadiva? e a um aceno  
 Do ferro sceptro está contigo a morte.  
 E vida tal, aprecia-a podes?  
 Tam precaria, miserima existencia  
 Vale o momento de morrer com honra?  
 Votas que a Cesar legação se envie:  
 Quero que a accete, quero que inda possas,  
 Co'esse phantasma vão de um vão tratado,  
 Salvar isso que chamas as reliquias  
 Da nossa liberdade. Que cegueira!  
 Libras sobre a palavra d'um tyranno  
 De liberdade esp'ranças? Tu confias  
 Thesouros de valor nas mãos do avaro!  
 Que te pôde guardar quem fés quebranta?  
 Que tractados manter quem leis despreza?  
 Roma não tinha leis quando Tarquinio  
 De cidadãos Romanos fez escravos?  
 Phantasmas esses são de liberdade  
 Que, nem phantasmas, mais do que horas duram:  
 Todo o véu da illusão se rasga em breve;  
 Cae-lhe o postiço manto mal seguro,  
 E em todo o horror da morte se descobre  
 Da escravidão o livido esqueleto.  
 Não, de remedios taes eu não confio;  
 Ou liberdade, ou morte. — Este é o meu voto.

Sempronio

Ou liberdade ou morte! — é voto unanime  
 Do senado. Romanos somos todos:  
 E que Romano a discrepar se atreve  
 De tua sentença, de teu nobre voto,  
 O Catão? tu és a alma da republica,  
 O genio que preside a seu destino.  
 Tu, salvador magnanimo da patria,  
 Confusão de perversos, de traidores,  
 Flagello de tyrannos, tu decide,  
 Dispõe de nós: em tuas mãos se entregam  
 Estes poucos fieis, que irão contentes  
 Por ti, contigo, té o extremo, á morte.  
 Tu fazes, tu governas: em tua dextra  
 Poderosa o senado põe a esp'rança  
 E a auctoridade toda da republica.  
 Senadores, não é este o consenso,  
 O desejo, o voto último e concorde  
 De quantos somos pela patria ainda?

Catóo

Não é o meu.

Manlio

Nem o meu.

Sempronio

E' o de nós todos.

Muitos senadores

Todos!

Catóo

Padres, ouvi-me. Estes momentos,  
 Que temos de conselho, valem seculos,  
 Não são de desperdiçar. De dictadores  
 Temos sobejo por agora em Cesar.  
 Prouvesse aos deuses immortaes que a força



CATÃO

*Bruto (tirando um punhal) — Vês este ferro?*

PAG. 544

*Acto II — Scena I — Catão, Manlio, Marco-Bruto, Sompônio Thictores e senadores.*



Dos que se oppõem á auctoridade illicita,  
Usurpada de Julio, tal crescesse  
E tanta, que mister não fosse ainda  
D'essa magistratura formidável,  
Que a miúdo salvou, que salvar pôde,  
E pôde destruir a liberdade,  
Que a anniquilou emfim! Em nosso triste,  
Desamparado, desesperado estado,  
Crear um dictador fóra... de mofa,  
De escarne — e proprio objecto para o riso  
De nossos inimigos, — do universo,  
Que os olhos tem cravados n'estes muros,  
N'estes rotos pardeiros que muralhas  
Foram d'Utica. — Fala, honrado Manlio:  
Tua sentença não é a minha; oppostos  
São nossos votos; serão sempre unidos  
Nossos principios. — Tu não julgas inda  
Necessario escolher entre os dois termos,  
De morte ou liberdade. Embora! oiaçoms:  
Expõe teu voto: o parecer contrario.  
Não offende a Catão; e é honra, é gloria  
Ser contestado pela voz de Manlio.

Manlio

A minha voz, Catão, tu bem o sabes:  
A minha voz, o meu sincero empenho,  
Todo o meu coração é pela patria,  
É pela liberdade. Ah! este braço,  
Que ora treme de velho, já foi rijo  
E pelejou por ella. — Mario, Sylla,  
Catilina me viram sempre á frente  
De seus mais resolutos inimigos.  
Esta lingua, que mal hoje articula  
Ineloquentes sons, já deu mais forte  
Brado na curia; nem se ouviu meu brado  
N'outra causa senão da liberdade.  
É trémula hoje a voz, trémulo o braço,  
Mas em Pharsalia não tremiam... — Padres,  
Desculpaes, perdoae — um derradeiro  
Lampejar de decrepita vaidade...  
Que fiz eu? o que todos vós fizestes;  
Menos, que menos arrisquei por certo.  
Poucos dias de vida enferma e inutil,  
Que me sobram na terra, é sacrificio  
De preço vil e abjecto. Orpham de prole,  
Só, deixado n'um êrmo ao pé da campa,  
Que hostia sou eu para o altar da patria?  
Serve assim mesmo o sacrificio? Prompto  
Aqui está todo o sangue: pouco, frio  
Sem vida é já, mas de vontade e facil,  
Hade deixar as congeladas veias.  
Cuidaes que por mim falo, que me importa,  
Que me pèza das horas minguaças  
Que hade cercear-me o ferro do tyranno?  
Não, Padres: é por vós, é pela patria  
Que falo, peço, que supplico, imploro:  
Não pereçaes, em sacrificio inutil.  
Vossos dias — e os teus, gloria de Roma,  
Esplendor derradeiro de seu nome,  
Catão, esses teus dias preciosos,  
Oh, não os barateies tam sem fructo!  
Cesar teme, respeita essas virtudes  
Que adornam o mais digno dos Romanos.  
Tu pòdes inda ser o amparo, o abrigo  
Da abandonada patria. A liberdade  
Acabou, mas seus filhos desherdados,  
Foragidos, caçados como feras  
De serra a serra, e do povoado ao monte,  
Hasde desamparál-os, quando pòdes  
Alliviar-lhes as penas, protegêl-os,  
Ser-lhes paí?... Oh! não posso mais... succumhe  
O coração tam velho á mágoa, ao... (Senta-se)

Catão

Nobre

Coração é o teu — e generoso,

Que as nobres qualidades d'elle emprestas  
A quem não sabe, nunca soube a témpera  
De que taes corações são fabricados.  
Cesar não tem mais sentimentos n'alma  
Que um só, — desejo de podêr. De affectos,  
E paixões de homem, uma só lhe absorve  
As outras todas — ambição. Virtudes,  
Crimes, teitos de infamia ou de honra, o cego  
Não distingue; nem crê o impio em deveres,  
Em virtudes em leis de homens ou deuses.  
Finge (e fingir sabe elle) esse respeito,  
Esse amor de acções nobres e de gloria.  
Aonde viste que ao podêr supremo  
Subisse usurpador sem o cortejo  
Da hypocrisia? — Ama-me, diz elle;  
Respeita-me, crês tu! — Quizesse o fado  
Dar-me vivo em suas mãos... (vivo não hade)  
E verias ao carro maniático,  
Jungido como um barbaro captivo,  
Esse Catão cuja amizade o perfido  
Tanto finge buscar. — Virá o dia  
De seu triumpho: vêl-o-ha Roma: e o pejo  
Fará suar no marmore as estatuas  
Do Capitolio. Fabio, Cincinnato,  
E' tu, o gran Censor! — mais que essas brutas  
Pedras em que os Romanos se tornaram,  
Vossas imagens sentirão a affronta,  
Quando a minha — levada em pompa infame  
Deante do vencedor... (Silencio geral)

Padres, viemos

A este conselho por mais alto empenho,  
Para maior objecto. Desviaram  
Prevenções generosas de amizade,  
De mui cega amizade — para um ténue,  
Inconsid'rável, mínimo interêsse.  
Senadores, da patria é que se tracta,  
Da liberdade, e do que nos incumbe  
Fazer por ambas n'este caso extremo.  
Falaes: — Manlio e... Sempronio...

Sempronio

Guerra, guerra,  
E liberdade, emquanto ha sangue a dar-lhe!  
E Catão dictador: meu voto é este,  
Foi e hade ser. Inutil embaraço  
E' um senado aqui, deliberando  
Entre armas e combates...

Manlio

E quem trouxe  
Para aqui o senado? Quem, Sempronio,  
Quem declamava mais entre as cohortes  
Contra esse a quem agora generoso  
A dictadura off'reces? Quem bradava  
Que estes poucos, dispersos senadores  
Se deviam juntar, e por limites  
A' auctoridade de Catão, que a ôlho  
Dizias tu, crescida desmandada  
E ameaçava a republica. Tu foste;  
Tu Sempronio, e teus garrulos clientes  
Convocou-nos esse homem suspeito,  
Esse Catão que...

Catão

Eu te rôgo, amigo;

Manlio, basta.

Manlio

Não temas: serei breve;  
Conter-me-hei. — Viemos, consultámos,  
Deliberámos; e o poder supremo  
Quinhóamos entre nós; commum a todos  
Nos foi a gloria da tenaz contenda,  
D'esta longa, porfiada resistência  
Que eterno hade fazer o nome de Utica.  
Spontaneos, voluntarios, a nós proprios

Nos constituímos em senado e curia;  
 E á nossa auctoridade submettemos  
 Milhares de homens!—Voluntarios, digo,  
 Viemos ao perigo—e, enquanto longe,  
 Governámos senhores, respeitados,  
 Como no Capitolio obedecidos.  
 E havemos agora—oh vil, indigna  
 Proposição, de proferir covarde,  
 Afronçada de ouvir!—e agora havemos  
 Nós mesmos, nós, quando mais perto arrocha  
 O laço do perigo—o pêso grave  
 Que espontaneos tomámos, arrojál-o  
 Ao chão, sem pejo!—ou—que tanto vale,  
 Descahir co'elle todo sobre os hombros  
 Do Atlante a quem vaidosos não quizeamos  
 Confial-o atéqui? Tal fóra a mancha  
 Da acção vil, que nem todo o nosso sangue  
 A delirio no porvir da historia.  
 Não, senadores; não cubraes de infamia  
 Os últimos instantes do senado.  
 Minha opinião sabeis: persisto n'ella:  
 Se for possível transgir com Cesar,  
 Pactuar sem desaire, e poupar sangue;  
 Faça-se. Mas fugir covardemente,  
 Desertar, como transfugas, do pósto  
 Que escolhemos! . . . Perça a idea ignobil,  
 E pereçamos todos: reine Cesar,  
 Reine, — mas seja só por crimes d'elle.

## SCENA III

CATAO, MANLIO, SEMPRONIO, PORCIO,  
 SENADORES, ETC.

Porcio

As portas da cidade se apresenta  
 Um legado de Cesar: pede audiencia.

Sempronio

De Cesar!

Manlio

O' Catão, talvez nos traga  
 Honrosas condições de paz: attende-o.

Catão

Ou traga paz ou guerra, entre e se escute.

## SCENA IV

CATAO, MANLIO, SEMPRONIO, SENADORES

Sempronio

Queres ouvir-o?

Catão

E porque não?

Sempronio

Discorda

Condescendencia tal de teus principios.

Catão

Principios meus! — Os da razão só tenho.  
 E' dever escutar os homens todos.

Sempronio

Um tyranno tambem!

Catão

O fanatismo

Está mais longe ainda da virtude  
 Do que todos os vícios. E se unida  
 A hypocrisia lhe anda. . .

Sempronio

Não mereço

Que tam feia suspeita. . .

Catão

Não mereces,

Tens razão, — não mereces nem suspeitas.

## SCENA V

CATAO, MANLIO, SEMPRONIO, DECIO  
 com cortejo, SENADORES, ETC.

Manlio

E' Decio o embaixador.

Catão

Quem? — Oh vergonha!

Decio, um homem equestre! . . . Vista indigna!

Decio

A Catão, saudar Cesar me envia.

Catão

Catão não vejo aqui, vejo o senado.  
 Eu Cesar não conheço.

Decio

O invicto, o grand:

Triumphador do mundo a ti me envia.  
 Suas hostes em frente d'estes muros  
 O signal só aguardam da peleja. . .  
 Antes o da victoria. Mas tal preço  
 Tem Catão a seus olhos, tanto adora  
 O dictador magnanimo as virtudes  
 De seu grande inimigo, que estremece  
 Pela primeira vez, — e mal se atreve  
 A seguir a fortuna que o precede  
 Deante do teu, seu genio acovardado  
 Vacilla: — teme o vencedor da terra  
 De ficar vencedor! Tal é o zelo,  
 O empenho com que, á custa de seus louros,  
 Quer salvar os teus dias preciosos.  
 No rendido universo tu sómente  
 Lhe resistes: e a grande alma de Julio  
 Com tal competidor se ensuberebece.  
 Virtuosa vaidade, ambição nobre!  
 Triunphar de Catão, Cesar deseja,  
 Mas não co'a espada. Generoso outorga  
 Aos companheiros teus, por teu respeito,  
 Amnistia geral: dadiva tanta  
 Por condições só tem — «Catão amigo.»

Catão

Disseste?

Decio

Disse.

Catão

Julio nada envia  
 A dizer ao senado?

Decio

Nada.

Catão

Parte.

Decio

Catão, ouve um momento. Os teus amigos  
 Queres sacrificar? Queres tu mesmo  
 Desafiar do vencedor as iras?  
 Quando elle generoso vem propor-te  
 O santo bem da paz, nem ouvir queres  
 As condições?

Catão

As condições são estas:  
 Desarme as legiões, deponha a purpura,



Abdique a dictadura; á classe torne  
De simples cidadão, e humilde guarde  
A sentença de Roma. — E não eu proprio,  
Quanto inimigo fui, cordeal amigo,  
Seu defensor serei. Jámais no fóro,  
No senado se ergueu meu brado austero  
Para defender crimes: — e a tal crime  
Como o d'elle, Catão será patrono.  
Sel-o-ha: por elle subirei aos Rostros,  
E heide pedir, rogar, supplice, humilde,  
Empenhar quanto sou e valho em Roma,  
E alcançar-lhe o perdão, volvel-o á patria.

Decio

Mas vê que...

Catão

Nada vejo.

Decio

Acaso ignoras

Quem Cesar nomeou á dictadura?  
Que o senado de Roma?

Catão

Esse senado

E' vil rebanho dos mais vis escravos:  
Nem ás margens do Tibre existe Roma.  
Eu e os que vês, nós somos o senado:  
E em nossos corações é que está Roma.  
Dizei, ó Padres: ao tyranno Cesar,  
Guerra votaes ou paz?

Todos

Guerra.

Catão

Ouviste?

Decio

E vós, que vos dizeis os paes de Roma,  
Os dias de Catão em nada os tendes!  
Tam preciosa vida...

Catão

A minha vida

E' a vida de Roma; e os meus dias  
Vincularam os céus aos dias d'ella.

Decio

E tu, Manlio, tu tam' em! — Tu moderado,  
Prudente, e cedes ao imp' lso louco  
D'esta cegueira!

Manlio

Cego é a honra, Decio?

Que condições de paz trouxeste? Ignobil,  
Indulto vil do vencedor soberbo.  
Quaes crimes nos perdoa? O amor da patria,  
A lealdade a Roma? — Que fianças  
Da vida de Catão nos dá? — Fui sempre  
Eu aqui o advogado da paz; — unico  
Na curia fui, e persisti: mas hoje,  
Agora, a minha voz foi a primeira  
Que Bradou guerra — e bradará constante  
Emquanto houver de optar entre as desgraças  
Da guerra — e a infamia de tal paz.

Decio

Embora!

Minha mensagem dei. Cesar perdoe;  
Mas não a ingratos. Choral-o-heis já tarde.

Sempronio

E com que audacia tu, com que soberba  
Contas assim tam certo co'a victoria?  
Falas com tal despejo, tam seguro  
Como se a todos nós já sobre o campo  
Viras extintos, ou nos ferros torpes  
De teu feroz senhor maniatados.  
Já supplices nos crês aos pés de Cesar?  
Já por escravos teus nos imaginas?  
De nossas forças quem te disse o estado?  
Temos armas, e braços de sobejo  
Que essas temidas legiões rechassem.

Catão

Um Romano, Sempronio, nunca mente.  
Decio, não temos nada: debeis, poucos  
Moribundos soldados nós defendem.  
Fragéis muralhas entre nós e a morte  
Intermeiam apenas. Pouco resta  
Para a espada de Cesar. Mas não julgues,  
Ainda assim, tam facil a victoria.  
Emquanto a dextra segurar um ferro,  
Emquanto a voz não fenecer nos labios,  
Emquanto aqui não resfriar de todo  
No sangue de Catão, de Roma o sangue...  
— Terra e céus a abandonem! — desvalida  
Não ficará de Roma a liberdade.

*Decio retira-se acompanhado de seu cortejo, e de soldados romanos e numidas. — Depois de breve espaço, Catão precedido dos lictores, sai por outro lado: seguem-n'o os senadores todos.*

## ACTO TERCEIRO

*Mesma vista ao acto precedente*

### SCENA I

MARCO-BRUTO, DECIO

Marco-Bruto

Não apories mais: eu não recebo  
Mensagens do tyranno.

Decio

Se souberas

O que encerra esta carta!...

Marco-Bruto

Encerre embora

Os thesouros do mundo. Não a accetto.

Decio

Marco, dá-me attenção — ao teu amigo...

Marco-Bruto

Amigo tu!

Decio

Outr'ora m'o chamavas.

Marco-Bruto

E quanto me enganei!

Decio

E eu que esperanças

Não concebi de tuas virtudes!

Marco-Bruto

Falas

Tu... falas em virtudes!... tu!

Decio

E pensa

De Catão o discípulo orgulhoso  
Que a avara natureza os seus thesouros  
Só os gastou com elle,—e desherdados,  
Para o enriquecer, deixa os mais h' mens?

Marco-Bruto

Homens!... Homens sois vós?

Decio

Mui falsa ideia

Fizeste da virtude: amena e doce,  
Não aspera, selvagem, desabrida,  
A crearam os céus; ao peito humano  
Foi dada e mercê, não foi castigo.  
Tua philosophia arida, abstrusa,  
Não corrompe talvez—p' rém desseca  
O coração, e ao natural impulso  
De ingenuos sentimentos substitue  
Compressão de phantasticos preceitos.  
Artificiaes virtudes são as vossas,  
Não as que o sópro dos eternos deuses  
Influiu n'alma do homem. Marco, Marco,  
A virtude é mais bella, mais formosa  
Do que teus vãos philosophos a pintam.  
Não é esse esqueleto descarnado  
Após o qual subis esteis montes  
Por caminho de fragas, precipícios...  
Chegaes ao cimo—que encontraes?—deserta,  
Desabrigada solidão de rochas,  
Sem unha flor, um verdejar de relva,  
Nem um pallido musgo que dê vida  
A' cumiada esteril! E essa é a meta  
A que tendeis! é esse o Bem supremo  
A que aspiram desejos, esperanças,  
Trabalhos do homem!

Marco-Bruto

Decio, esperdiçaste

Em ruins ouvidos a arte parasita,  
Essa arte insidiosa, enganadora,  
Filha da escravidão e da baixeza,  
Que servos alcinharham de eloquencia.  
Eloquencia!—Não é—os rebicados  
Meretricios enfeites com que se orna  
Seduzem, não convencem: cegam a alma,  
Ao coração não chegam seus poderes.  
—Quando nossos avós, austeros guardas  
Da patria liberdade, se opposeram  
A que artes gregas na severa Roma  
Ousassem metter pé—esses Romanos  
Bem lh'entreviam a peçonha occulta  
Na apparente belleza. Adornos falsos  
A formosura natural impannam  
Da verdade,—da candida verdade,  
Que é por si bella e não carece de arte.  
Verdade era a eloquencia dos antigos  
Oradores latinos. Nunca ouviram  
Outra o senado, os turbidos comícios;  
Jámais enquanto Roma foi... romana.  
A Grecia, d'onde houvemos n'outro tempo  
Leis de ouro—a Grecia escrava e corrompida  
Já não tem Aristogitons, Harmodios  
Para Hipparcos romanos, nem Demosthenes  
Para nossos Philippes: avexada  
De proconsules crus (mercê latina,  
Dom de ferro, por tanto outro presente,  
De sciencias, de leis, que houvemos d'ella!)  
Vinga-se como escrava,—propinando  
A seus senhores o veneno lento

Que impeçonhou o sangue de Leonidas,  
E a cuja virulencia nem resiste  
O de Fabricio e Cincinnato. Enxames  
De garrulos sophistas, de grammaticos  
Vieram corromper a incauta prole  
De Roma: seus theatros e palestras,  
Seus livros, seus poetas e oradores  
Affeminaram o viril aspecto  
Da virtude latina. —Aos homens todos,  
Deu-lhes um livro só a natureza,  
O proprio coração.

Decio

E n'esse livro

Achas ferocidade uma virtude?

Marco-Bruto

N'uma palavra só—questões deixemos:  
Essa carta é de Cesar? Não a aceito.

Decio

Vê o que fazes: libram n'esta carta  
Os futuros destinos dos Romanos.

Marco-Bruto

Como!

Decio

Ouve: de Catão (bem o conheço)

Temes a rigidez? Pois bem: a elle  
Vae tu mesmo levá-la: elle que a leia. (*En'rega-lhe a carta*)

## SCENA II

MARCO-BRUTO, (só)

A Catão... esta carta...—E eu recebi-a!...  
Não me illudes, escravo; eil-a, que a rasgo.  
Que faço!... ella de Roma encerra os fados.  
Que importa! encerre os fados do universo:  
E' do tyrano, rasgo-a...

## SCENA III

MARCO-BRUTO, CATÃO

Catão

Bruto?

Marco-Bruto

Oh deuses!

Catão

Que fazias aqui?

Marco-Bruto

Eu!—esta carta...

Não a quiz—resisti—foi quasi a' força  
Começada a rasgar...

Catão

A estes sitios

Como ousastes voltar—com que licença?

Marco-Bruto

Ordens do centurião.

Catão

Que carta é essa!

Marco-Bruto

Decio...

Catão

Decio!

Marco-Bruto  
De Cesar, ..

Catão  
Que oiço!

Marco-Bruto  
Ah...

Catão  
Dá-m'a (Lê)

*Cesar a Bru'o.—O coração não soffre  
Occultar-te mais tempo o arcano (oh deuses!)  
Dos vinculos... que me unem (ceus!) a Bruto.  
Tu... és meu filho—Saberás o resto  
Nos braços paternaes... Vem, vem, meu filho,  
Ajudar-me a reinar sobre o universo.  
(Silencio longo)*

Marco-Bruto  
Perfido, mente. Eu filho do tyranno!  
Este sangue?...

Catão  
E' de Cesar. (Silencio longo)

Marco-Bruto  
Eu succumbo  
Ao opprobrio, á infamia.—Sangue este é de Cesar?  
(Tira a espada)  
Impossivel! Não é.—Todo aqui jorre  
Na terra; e o coração desafiou  
(Em acção de ferr-se)  
Do sangue vil—romano expire ao menos.

Catão, (desarmando-o)  
Filho! .. Tu és meu filho. (Abraçam-se)

Marco-Bruto  
Pae! .. Não; outro,  
Deuses, deuses cruéis! não podeis dar-m'o.

Catão  
Sim, sim; eu sou teu pae: de tenra infancia  
Como a filho (e que filho!) te amei sempre.  
Eu te formei essa alma de Romano,  
Que lagrimas... oh, lagrimas de gosto  
Me faz verter agora. De teus dias  
Occulte o segredo enquanto pude...

Marco-Bruto  
Quêl filho eu sou?...

Catão  
De Cesar. (Silencio.)

Marco-Bruto  
Dá-me o ferro:  
D'este sangue uma gotta, uma só gotta,  
Não, não deve ficar sobre o universo.

Catão  
Basta; meu filho és, filho de Roma:  
Teus paes são estes.

Marco-Bruto  
Cesar..

Catão  
É um monstro.

Marco-Bruto  
Mas...  
Catão  
O acaso não é crime. Escuta.  
Ninguém ao desponar da juventude  
Annunciou talentos mais brilhantes

Do que Julio mancebo. Na sua alma,  
De romana grandeza, de virtudes  
Desenvolvía o germe esperançoso  
Que tam mal prosperou, que tanto soube  
Illudir-nos, cegar-nos. O perverso  
Só se valeu dos lucidos talentos  
Que em dom fatal lhe dera a natureza,  
Para os fazer servir a seus projectos  
D'avareza, ambição, de tyrannia.  
Emquanto a van grandeza de sua alma  
Nos fascinava os olhos, entretanto  
Que de suas virtudes mentirosas  
Nos deslumbrava a candidez fingida,  
Manhosa serpe no dobrado peito  
A peçonha nutria de seus vicios:  
No refalsado coração lhe ardia  
A negra tocha de execraveis crimes.  
Do popular favor já precedido,  
Caro a patricios, a plebeus aceito,  
O idolo de Roma era então Cesar.  
Todos n'elle agouravam firme esteio  
Da patria, que d'então já começava  
A baixar de valor, cahir de gloria.  
Confesso, eu proprio me ceguei com elle:  
Amei-o — amei o tanto como a filho.  
Qual o meu coração, minha pousada  
Franca sempre lhe foi—E o monstro... o monstro  
Fingia amar-me; parecia ao vél-o  
Nomear-me seu pae tam docemente,  
Que me adorava o perfido.—Servilia...  
Oh lembrança... lembrança de tormento!  
Servilia, minha irman, por essas eras  
Dava mate ás belezas mais faladas  
Da capital do mundo. Pura e simples,  
Sua alma era mais candida do que ella.  
O coração, que o rosto debuxava,  
Era a mesma innocencia. Viu-a, o perfido;  
Viu-a, attractivos tantos o prenderam:  
Sem dó de mim, sem mágoa da innocente,  
Intentou seduzil-a... deshonrá-a...  
Marco. . . ai de mim! . . . A tímida donzella  
Inexperta cahiu no laço indigno .  
D'esse horroroso amor tu foste o fructo;  
E a victima infeliz nas ancias cruas  
D'algoz remorso pereceu em breve

Marco-Bruto

E elle?

Catão

Abandonou-a.

Marco-Bruto  
E tu?

Catão

Eu pude  
Vencer commigo a não morrer de pejo.

Marco-Bruto

E esse monstro é meu pae?

Catão

Cerrou-te.

Marco-Bruto

Oh deuses!

Catão

Deves-lhe o dom mesquinho da existencia,  
Fui eu que te eduquei; tu és meu filho.  
Com os toros de pae vêem mais encargos:  
E quem os não cumpriu, pae não é esse.

Marco-Bruto

Mas... filho d'elle...

Catão  
Filho és só de Roma.

Marco-Bruto

Devo...

Catão  
Ser cidadão.

Marco-Bruto  
E elle...

Catão  
Um tyranno

E' algoz não é pae.

Marco-Bruto, (em acção de partir)  
Oh Roma! oh Roma!

Catão

Aonde vaes?

Marco-Bruto

Aonde vou!... Aonde!  
Vou desafiar de Cesar os furores,  
Vou lançar-me por entre essas phalanges,  
Procurá-lo, buscar-lhe a ponta á espada,  
Guiar-lh'a ao coração: o sangue impuro,  
Que d'elle recebi, elle que o verta;  
E, se o crime o fez pae, o crime apague  
O titulo odioso e o nome horrivel.

Catão

E Roma?

Marco-Bruto

Ah! Roma...

Catão

Manda-te que vivas:  
Ordena-t'o Catão em nome d'ella.  
Adeus.— Aperta o tempo. Nas muralhas  
Vou confortar os raros defensores  
Da agonizante liberdade —Marco!  
Marco!—ruto, meu filho, olha o que deves  
A Roma, a ti, a mim!

#### SCENA IV

MARCO-BRUTO (só)

Ordena-o Roma;  
Viveréi, sim;—manda-o Catão; eu vivo.  
Mas este sangue... oh sangue abominavel!  
Em sacrificio está votado.  
Um de nós, Cesar!...—Gemes, natureza?  
Quando a patria folgar—oh, geme embora.

#### SCENA V

MARCO-BRUTO, SEMPRONIO

Sempronio

Viste Decio?

Marco-Bruto  
Oxalá que nunca o vira!

Sempronio

Porque?

Marco-Bruto  
Não sei.

#### SCENA VI

SEMPRONIO só

Que enigma, que mysterio  
Occulto encerra este dizer de Bruto?  
Falou com Decio... — e «oxalá (diz elle)  
Que nunca o vira!» — Decio prometeu-me  
De não partir sem ajustarmos antes  
Nossas condições todas... — E' tam louco  
Seria elle que de Marco-Bruto  
Fiasse... do mais cego entusiasta  
De Catão — o discipulo dilecto...  
Nossos communs projectos de vingança?  
Não pôde ser: astuto, artoeiro é Decio.  
E quem sabe? — O mancebo é caro a Cesar,  
Que o ama como a filho; — e rumor corre  
De haver entre elles vinculo secreto,  
Tacita intelligencia... Trahir-me-hia  
Decio por amor d'elle? — Se tal fóra!...  
Oh, se de tantas lidas e perigos,  
Sustos, remorsos, (ai! tambem remorsos)  
Que esta conspiração me tem custado,  
Só me resta colher o fructo amargo  
Que a miudo vêm traidores — o desprezo,  
O castigo, e — inda mais acerbo! o escarneio  
Do proprio ingrato que lucrou no crime!  
Embora: mas sacie-se esta sede  
De vingança, o entranhavel odio d'alma.  
Depois — oh, depois venha opprobrio e morte  
Decio não chegar! E o sol cae no horiso: te  
Precipitado já Decerto é ido

(Olhando para um lado da scena)  
De Utica. — Oh, ei-o sae agora as portas.  
Se me trahiui!... E que trahisse: o golpe  
Hade dar-se; jurei-o pela Styge.  
Orgulhoso inimigo, hasde prostrar-te  
A meus pés! Ver-te-hei, com estes olhos,  
Varrendo a Sacra via — não co'a toga  
Negra, que tua stoica vaidade  
Ostentava no fóro, no pretorio;  
Não! mas com a vil tunica d'escravo,  
No triumpho de Cesar — Pouco resta  
De minha ardua tarefa. Juba, o cégo,  
O presumptuoso Numida, está certo.  
Esta noite, esta noite! — Mas, tranquillos  
Serenemos o rosto, e componhâmos  
A mascara: não veio o tempo ainda  
De a rasgar. — Approxima-se a hora, dada  
De prazo a Juba para aqui nos vermos.  
Não tardará. — Ah! vem: — e vem correndo  
Agitado... sem cor. — Oh, sei!...

#### SCENA VII

SEMPRONIO, JUBA

Juba

Sempronio,

Sempronio, é impossivel — impossivel!  
Não esperes de mim... Sabe-se tudo.

Sempronio

Sabe-se tudo! — Barbaro, trahiste-me!...

Juba

Barbaro!... Eu sei, Romano, que sou barbaro;  
Porque... não vim ao dia ao pé do Tibre.  
E tu — nasceste na Cidade-eterna.  
Porém esta alma, não a troco... — Juba  
Nunca trahiui ninguém, Romano.

Sempronio

Ah principe,

Trahir! Traição é crime que se roce



CATÃO

*Bruto (em acção de ferir-se) — ... e o coração desaffrontado  
Do sangue vil — romano expire ao menos,*

PAG. 551

*Acto III, — Scena III — Bruto — Catão.*



Por corações como esse! E tu fizeste  
Tal injustiça ao teu amigo! — Barbaro!  
Imaginaste que te chamei barbaro!  
O barbaro sou eu: e n'ância d'alma  
Barbaro me chamei, traidor, infame,  
Que assim te expuz a perdidas suspeitas:  
Que por meu zelo — indiscreto, cego,  
De masiado talvez — puz em perigo  
A tua gloria, a não-manchada fama  
Do mais illustre principe da terra.  
Oh, que este louco amor da liberdade,  
Esta cegueira por Catão me perdem!

Juba

Perdoa-me, Sempronio: essa virtude  
Não se finge: venceste, convenceste-me.  
Eu duvidava — não de ti, amigo,  
Mas de teus socios. Porcio — tu bem sabes  
Que alma é a de Porcio! — não confia n'elles,  
E em seu zelo não crê de liberdade.

Sempronio

Pois revelaste a Porcio?...

Juba

Já te disse  
Que não sei atraiçoar, Romano. Extremo  
E's em suspeitas!

Sempronio

É mais do que extremo,  
Excessivo é meu tímido receio  
N'esta causa, meu principe. Covarde  
O coração me bate a um rumor leve...  
Se no inquieto leito em breve somno  
Reposo acaso — descompostas larvas  
Me pintam na convulsa phantasia  
Catão no profanado Capitolio  
Rojando ferros ... e os cruéis motejos  
Da soldadesca. ... e o mais cruel sorriso  
De Cesar triumphando na sua victima...  
Ahi...

Juba

Não prosigas, que me rasgas alma.  
Prompto estou para tudo. Avante! Salve-se  
Catão. Perea tudo, e salve se elle.  
— Mas ouve: eu não confiei a Porcio nada  
De teus projectos. Porém elle sabe  
De sedições em que entram, são cabeças  
Muitos de teus mais intimos amigos.  
Falou-me em Decio, e occultas conferencias..

Sempronio

Decio!

Juba

Que entre elle e um senador houvera:  
Mas não disse quem foi.

*Sempronio, fica algum tempo pensativo*

Ahi vês bem certo

Quanto te hei dito. Insidiosa trama  
Em Utica se fôrma. Esses malvaos,  
Do dia ao fenece, querem as portas  
Abrir ao dictador. Da vil perfidia  
Os covardes auctores — bem ao certo  
Não os conheço. Que imprudente fôra,  
Em circumstancias taes, fazer patentes  
Ao senado, a Catão minhas suspeitas  
Principe, bem o vês. Desconfianças,  
Incerteza cruel acabariam  
De desunir de todo os pobres restos  
Da agonizante Roma. Tu conheces  
De Catão a franqueza descuidada:  
Nada teme e de nada se acautella.

Sua politica é aberta, simples  
E tal como a sua alma; os seus projectos  
Patentes sempre são. Ignora, odeia  
Essa que chamam arte de governo.  
Mas ah, quam mal os deuses collocaram  
N'este universo d'hoje homem tamanho!  
Os seculos de crime, em que vivemos,  
Nem d'elle dignos são, nem elle é d'elles,  
Cercada de artificios, de maldades,  
E' força que a virtude lhe succumba,  
Se artificios tambem (que os ha com honra)  
Não souber cautelosa oppor-lhe a tempo.

Juba

Amigo, tens razão: por tua bocca  
Fala a prudencia. Dize-me, aconselha-me  
O que é mister fi-zer; de que maneira  
Cumpre atalhar a desleal perfidia.  
Minha espada, meu braço, os meus soldados,  
Tudo está prompto: fala.

Sempronio

Antes de tudo,  
Inviolavel segredo é necessario.  
Nem Porcio, nem Catão, ninguém o saiba;  
Ou baldámos trabalho.

Juba

Mas...

Sempronio

Depende  
Todo o exito d'aqui. Dá-me a tua dextra:  
Ninguém ..

Juba

Morre commigo o meu segredo.

Sempronio

Pois bem. As portas velam do occidente  
Soldados teus. Romano algum com elles  
Não vigia esta noite. Mal comece  
A engrossar-se o crepusculo da tarde,  
Calladamente com tuas tropas marcha  
A embuscar-te detraz d'aquelles combros  
Que á esquerda vês, não longe da cidade.  
D'alli, quando seguras avançarem  
As legiões de Cesar, repentinamente  
A retaguarda subito lhe cortas;  
Emtanto nós á frente os commettêmos:  
E a que julgam victoria indisputavel,  
Ser-lhe-ha talvez miserima ruína.

Juba

Amigo — oh, meu amigo, que ventura  
Se Roma eu posso libertar, se um Numida,  
Um barbaro resgata a escrava Roma!  
E Catão — e salvar Catão! Oh gloria  
Sem parl! — Cesar, sou eu que heide punir-te.  
Romano senador, atraíçoaste  
A liberdade; e um principe, nascido  
Entre escravos, senhor, hade arrancar-te  
Da frente o diadema ensanguentado...  
Que o calque o Povo-rei aos pés. — Sempronio,  
Admiras-te de ouvir-me? Vê qual força  
Tem o exemplo, os dictames respeitados  
De homens como Catão. Nasci, amigo,  
No throno: mas se o throno hade custar-me  
Uma só violencia, um só gemido  
Dos infelizes que se crêem nascidos  
Só para o sustentar — abjuro o throno.  
Quanto mais preço e quero o fóro augusto  
De cidadão romano, que essa c'roa,  
De tanto sangue e lagrimas banhada  
Na frente de meu pae!... — Meu pae! vingar-te  
E' só minha ambição. Vingar-te juro.

Co'este braço a teus manes venerandos  
O tyranno de Roma heide immolar-te.  
Oh! meu pae, oh, dirige o golpe arido,  
Leva-lh'o ao coração da tua victima,  
Cesar! Cesar! ás lúrias implacaveis  
Da pallida vingança aqui te voto;  
E sobre essa cabeça criminosa  
Seu flagello conjuro. Atrós poderes  
Do Averno, ouvi a imprecação tremenda:  
«Por vingativas mãos pereça o monstro.  
Se ás ruínas o negaes, seja o mais caro  
Amigo seu,—seja seu proprio sangue  
Que aquelle sangue em vosso altar derrame.  
Oh, se um filho elle tem... Justiça eterna  
Dos deuses immortaes, ao parricida  
Da patria—puna emfim o parricidio!»

*Sempronio, á parte*

Estremeço de ouvil-o. (*Alto*) Juba, principe,  
Modera-te: tuas vozes soam alto;  
(*Olhando para dentro da scena*)  
Podem ouvir-nos... —Vês? Porcio caminha  
Para aqui.—Não te mostres n'esse estado  
De tanta agitação. Distarça, occulta;  
Ou estamos perdidos...

**Juba**

Não te assustes.

Ferve-me sangue d'Africa nas veias;  
E' o sangue de meu pae: mas a alma é filha  
De Catão que a formou.—Vês o meu rosto?  
Está sereno agora, e...

**Sempronio**

Porcio chega.

## SCENA VIII

SEMPRONIO, JUBA, PORCIO

**Porcio**

Caro principe!

**Juba**

Amigo!

**Porcio**

Venho, Juba,

Despedir-me de ti. Ha longo tempo  
Que te procuro em vão; e a noite vinha  
Apertando,—e eu sem alma de ir-me embora,  
Para dizer-te adeus.

**Juba**

Que dizes, Porcio.

Onde vás?

**Porcio**

Ao meu posto. Fui ditoso,  
Que o melhor pude obter,—o de mais p'rgo;  
Onde mais derrocadas as muralhas  
Aos primeiros assaltos do inimigo  
Hão de ficar expostas.—Vou-me á morte,  
Certa, meu Juba; vou...

**Sempronio**

E a grande alma

De Porcio desalenta assim no p'rgo?

*Porcio, olha para Sempronio, e sem lhe responder,  
volta-se a Juba*

Não me falta a coragem que o arrosta,  
Mas fallece a esperança de vencê-lo.

Eu não temo,—temer é de covardes;  
Mas desanimo. Roma está perdida;  
E meu pae... e Catão não sobrevive  
A' Republica.—Sou Romano, Juba;  
E vejo, satisfeito, alçar-se o golpe  
Que no altar da patria hade immolar-me.  
Mas sou filho tambem: e a natureza  
É mais forte que Roma. Oh resta ainda  
O sacrificio ultimo!—meus olhos  
Não te hão de ver, dia de mágoa e lucto!  
Succumba-me a alma!... Não, estes meus olhos  
Não o hão de ver no instante derradeiro  
Fictar ainda a moribunda Roma...  
Principe, um não sei-quê me diz no peito  
Que este adeus é talvez o derradeiro  
Que me é dado dizer-te. O meu amigo,  
Cá te deixo inda mais do que a minha alma.  
Um pae, Juba... e que pae! Não o abandones,  
Oh, não o desampares um momento.  
Tu conheces Catão: sua alma nobre  
Não se deixa vergar: seus pulsos livres  
Não soffrerão grilhões: e o braço firme  
Primeiro ao coração... Adeus, amigo,  
Principe, amigo, adeus!

**Juba**

Meu Porcio, escuta;

Não vejas de tam perto essas desgraças.  
Eu tenho esp'rança ainda. E tu, Sempronio,  
Não esperas tambem? (*Com ar de intelligencia*)

**Sempronio, (baixo)**

Principe!

**Juba, (para Porcio)**

Amigo,

Tambem um não-sei-quê me diz no peito  
Que ésta sanha do fado hade acalmar-se...

**Porcio**

Oh, cega esp'rança!

**Juba**

Não é cega, Porcio.

Eu heide—eu posso...

**Sempronio, á parte para Juba**  
Juba!

**Juba**

Vae, meu Porcio,

Vae; cedo nos veremos.

**Porcio**

E bem cedo.

A formidavel hora vem chegando;  
E onde ha perigo, ahí certo está Juba:  
Quem o ignora meu principe? Lá juntos  
Nos veremos ainda—entre os cadaveres  
Dos escravos de Cesar!—Minha esp'rança,  
Minha consolação unica é essa;  
Que heide morrer assim—livre e vingado.  
Meus amigos, adeus! É tarde, e a noite  
Já vae poisando em nossos tristes muros.  
Voo á minha estação. Oh, venha cedo  
Esse temido e desejado instante!  
Venha, que já me tarda; e acabe um' hora,  
Termine de uma vez ésta agonia  
Tam lenta, tam cruel.—Eu corro, amigo,  
O coração me diz que á morte certa...  
Mas, seja ella honrada!... Adeus. (*Abraçam-se*)

**Juba**

Oh Porcio!



## ACTO QUARTO

*Portas da cidade, do lado de dentro. — Noite*

## SCENA I

MANLIO, SOLDADOS

*Manlio, defendendo, só, a suhida da porta contra alguns soldados romanos*

Detende-vos, traidores.—Gente infame!

Heisde passar por cima do meu corpo.

E soldados romanos sois, indignos!

Soldados de Pompeu!—Eia, rebeldes,

*(Os soldados param deante de Manlio)*

Começae n'este velho, que em Pharsalia

Vos guiou contra as hostes do tyranno,

Começae vossos feitos gloriosos.

Aqui estou só, feri: que vos demora!

Oh, faltava-vos mai: esta vergonha,

Esta vergonha derradeira!—Roma,

Ahi tens os teus heroes. Catão, são esses,

Eil-os, da liberdade os defensores!...

*Os soldados mostram irresolução e parecem consultar entre si: mas afinal investem com a porta, e atropellam Manlio. Ao mesmo tempo entra de fóra Marco-Bruto guiando uma cohorte, e os repelle para dentro.*

## SCENA II

MANLIO, MARCO-BRUTO, etc.

Marco-Bruto

Perfidios!... Ah covardes! Tarde vinheis,

Em má hora.—Soldados, desarmae-os,

Ligae-lh'os pulsos... Já! loros d'escravos

N'essas mãos vis ficam melhor que a espada.

*(Os soldados de Marco-Bruto desarmam e ligam os rebeldes)*

Mas quê?... Tu, Manliol—tu tambem com elles!

Nunca me enganei eu.—Erguei-o, amigos,

D'esse lodo em que jaz... enxovalhando

Em sangue e infâmia as cans... as cans traidoras

Do refalsado velho!—O que eu devia

Co'esta espada... Não; vive miseravel,

E arrastra ao sepulchro essa vergonha.

*Manlio, Levantando-se ajudado dos soldados*

Impetuoso mancebo, onde aprendeste

A injuriar um velho que?... Perdão-te

Mais esta vez: perdoar é para velhos.

—Marco-Bruto, a vergonha está contigo

Qu'e insultaste, sem causa, as cans honradas

D'um patricio romano—e d'um amigo.

Bruto, esse nome que te enleva tanto,

Não se illustrou assim. O ouro escondido

No baculo, era a imagem da prudencia:

E com essa é que Roma foi liberta.

Marco-Bruto

O gran'Censor não era mais discreto

Em seus conselhos. Manlio precisava

Defender-se primeiro...

Manlio

Defender-me!

Marco-Bruto

Pois não te vi agora?..

Manlio

Viste um velho

Só, desarmado, em... —Não me justifico:  
E' indigno de mim.

## SCENA III

CATAO, precedido de lictores, e soldados romanos  
*com fachos accesos.*

MANLIO, MARCO-BRUTO, etc.

Catão

Filhos de Roma,

Que é isto? que fazeis? que intento é o vosso?

Rebeldes vós, traidores os Romanos!

Manlio, Bruto, falae: que insania é esta?

O traidor onde está, quem é?—Dizei-m'o.

Marco-Bruto

O traidor?—Esse infame.

Catão

Quem!

Marco-Bruto

E' Manlio

Catão

Manlio!... Manlio eu conheço.—O que?... Observa,

Inexperito mancebo, aquelle rosto.

Vês um traidor alli?—Marco, meu filho,

O crime... o crime tem outro semblante.

Aprende a ler no coração dos homens

Pelas linhas da fronte.—Meu amigo,

Perdoa-lhe: seu zelo é cego ainda.

Manlio

Já lhe tinha perdoado.

Catão

Ouviste, Marco?

Arrepende-te e emenda-te, meu filho. *(Pausa)*

—Mas que mysterio de perfidia é este?

Sempronio... aonde está? Juba? o meu Porcio?

Marco Bruto

Não sei. Eu no tropel embaralhado

De tropas fugitivas, de rebeldes,

De combatentes, mortos, de feridos,

Nada vi, nada sei. Só sei que o ferro

Sobejos immolou á liberdade:

Só vi, para os ferir peitos covardes.

A vingança, o furor, a sanha da ira

Só me deixaram olhos para a espada.

Foi tam cruento e rapido o conflicto!

Mas succedeu-nos bem. Os vis traidores,

E as legiões de Cesar que já vinham

Direito ás portas e a juntar-se co'elles,

Foram desbaratadas. As phalanges

Leaes cahiram, como raios vivos,

Sobre os montões de escravos que ameaçavam,

Esmagar-nos:— tam poucos que nós eramos!

Mas:—«Avante (bradamos) eia! morra,

«Pereça Roma com seus filhos todos!

«Foi menos glorioso o sacrificio

«Dos Fabios. Roma um dia hade virar-nos,

«Como os vingou a elles. Eia, ávante!»

E ávante fomos; e vencêmos. Morre  
Quanto não foge. Dispersou-se tudo.  
Voltámos fartos de matar—caçados  
Ainda não. Mas era força: os muros  
Desguarnecidos, e o temor de nova  
Traição, nos fez volver ás portas de Utica.

Catóo

Manlio, mas tu... tu emmudeces? Fala:  
Mata-me esse silêncio.

Manlio

O meu silêncio...  
Ah, deixa-m'o, Catão:—oh, não desejes  
Vel-o quebrado.

Catóo

Quê! Porcio... meu filho....  
Acaso?...

Marco-Bruto

Porcio vela do outro lado  
Da cidade, no lanço da muralha  
Mais expugnável—onde se precisam  
Defensores como elle.

Catóo

E Juba?

Marco-Bruto

Juba...  
Não me lembra de o ver.

Catóo

Que escuto! Manlio,  
O príncipe?...

Manlio

Não fales n'esse monstro:  
Foi traidor como um barbaro.

Marco-Bruto

Elle!—O sangue  
Não desmente das obras. Um tyranno,  
Quando deixa de o ser, é sempre escravo.

Catóo

Deuses, guardaveis-me inda o trago acerbo  
Para o meu coração!—Fado inimigo,  
Já não consegues abalar-me o peito,  
Vi desertar da causa da republica  
Seus mais strenuos fautores: vacillante  
Pompeu,—e Marco-Tullio arrendido  
De seguir nossas miseras fortunas,  
Tergiversar, fugir porfim... e a purpura  
Consular pela estrada de Tarento  
Arrastando no pó, ir supplicante  
Humilhar-se ao tyranno... Ah!—tudo hei visto,  
Tudo: mas nada me feriu ainda  
I'am vivo n'alma como Juba ingrato...

(*Silêncio geral.—Catão dá algumas voltas, pas-  
seian to, como abstracto;—e logo prosegue:*)

F. Sempronio?

Manlio

Pois quê! ignoras ainda  
Que o auctor da traição foi esse indigno?

Marco-Bruto

Sempronio!—Ha poucas horas a mim mesmo  
Se me gabou que ousára no senado  
Desafiar a Decio, e que...

Catóo

Apprende,  
Marco, d'ahi a conhecer os homens.

O valor verdadeiro não se ufana,  
Não blasona atrevido;—cinge a espada,  
Mas só no campo de que a tem se lembra.

Marco-Bruto

Sempronio!... que—a Tiberio já não digo,  
Mas nem a Caio-Graccho na vehemencia  
Do orar cedia, que á mais leve idea  
De servião bramia mais terrível...

Catóo

Desconfia onde vires tanto zêlo  
Em palavras: discreto, parco d'ellas  
E o verdadeiro amor da liberdade.

Manlio

Ah Catão! dize agora: que esperanças  
De Roma tens ainda?

Catóo

Eu tenho as mesmas.

Manlio

As mesmas!

Catóo

Sim; as de morrer por ella

Manlio

Ai! nem já isso, amigo, nos é dado:  
Nem um extremo esforço de agonia  
Para expirar com glória! A moribunda  
Loba do Capitolio não tem forças  
Nem já para investir, no ultimo arquêjo,  
Com seus brutaes senhores, e cravar-se,  
N'um glorioso e nobre desespero,  
Em suas lanças traidoras. Cahiremos  
Como rézes em torpe sacrificio...  
Imbelle morte, inulta!...

Marco-Bruto

Inulta! Nunca:  
Sem se vingar, sem vos vingar não hade  
Perecer Marco-Bruto.—E o holocausto  
Hade espantar, hade aterrar o mundo!..

Catóo

Vingança! E para quê? Que dás á patria  
N'esse holocausto inutil?

Marco-Bruto

Tu lhe chamas  
Inutil! — O atro sangue d'um tyranno  
Desparzido no altar da liberdade,  
Inutil pôde ser? — A mão ditosa  
Que o ferro embebe no malvado peito,  
Que lhe descose as perfidias entranhas,  
E vae ao coração buscar-lhe a vida  
Para cortar-lhe o fio negregado,  
Não é mão d'um heroe? Ha sacrificio  
Que apraza mais aos deuses justicços?  
Oh, que ha vingança que tambem é numen!  
Da liberdade a arvore não cresce,  
Se a não regar dos despotas o sangue:  
Embora a plantes; não lhe vês o fructo:  
ade-te ir definhando a pouco e pouco,  
E da heivada raiz hão de brotar-lhe  
As parasitas plantas, que mui breve  
Gigantes crescerão, e hão de assombrar-te.  
Vingança! — Eu sempre vi esses Romanos,  
Raos da patria, exemplos de virtude  
Imitados por ti, por ti citados,  
Sempre os vi abrazados de ira santa  
Ferir sem dó, e derramar sem pena  
O sangue dos malvados que attentavam  
A' majestade augusta da republica.

Mais nomes não direi que um só. — antiga  
Honra dos meus, cuja tremenda imagem  
Inda no Capitolo brande a espada,  
Terror dos reis, e salvação de Roma:  
Junio-Bruto...

#### Catão

E que sangue esparziu Bruto!  
Que vingança tomou? — Da voz ingente  
Aos brados formidáveis se ergueu Roma,  
E fugiu pavorosa a tyrannia  
Mas a voz que trouu no Capitolio,  
E que hade eterna resoar no mundo,  
Os braços não armou, não alçou ferro  
Para lavar dos despotas no sangue  
As injúrias da patria. Sua espada  
Só desembainhou para afastal-os  
E não para feril-os. N'esses tempos  
(Eras ditosas que não mais veremos!)  
A romana altivez, o nobre orgulho  
Perdoava generoso, e desdenhava  
De enxovalhar o ferro em sangue immundo.  
— Sangue correu então: mas qual? seu proprio,  
Seu proprio ás mãos do algoz jorrou na terra  
Quando os filhos indignos sacrificia  
A' merecida pena, á morte justa.  
Mas privado juiz não foi nem d'elles;  
O cutello das leis é que os immola.  
— Um tyranno é, sem duvida, na terra  
O malvado maior: mas nem por isso  
Te é licito punil-o. Magistrados  
Que o julguem, leis que o punam — com algozes  
Para as executar — tem a republica.  
Usurpas tambem tu se em juiz privado  
De publicas offensas te institues.

#### Marco-Bruto

Mas uma lei, ó pae, tu me ensinaste  
Que sobre todas respeitar se deve:  
Mais veneranda e antiga m'a dizias  
Que todas essas leis, — que plebiscitos,  
Que senatus-consultos, — em mais clara  
Equidade lundada do que o Album  
Do pretorio, — gravada n'outro bronze  
Mais duravel que as tabuas dos decemviro;  
Lei das leis, immutavel e suprema,  
— A da salvação publica.

#### Catão

##### O difficil

E' conhecer, meu filho, quando a força  
D'essa maxima lei quebra a das outras;  
Quando o feito que é injusto, opposto a ellas,  
A salvação da patria o revalta.  
— Em meus primeiros dias, no ingenuo  
Despertar de innocente puberdade,  
Me levaram, ó Marco, aos sanguinosos  
Paços de Sylla. — De meu pae amigo  
Fôra o monstro! — Inda as carnes se arripiam  
C'o presente spectaculo que tenho  
Deante dos olhos, — do cruor esparso,  
Dos palpitantes membros strangulados,  
Dos tabescentes, lividos cadaveres  
Nas cruzes pelos atrijs; — a viuva  
Gemendo além, carpindo o orpham; — e o torvo  
Aspecto, o feroz riso dos ministros  
Do tyranno, apupando com motejos  
As sanguentas cabeças dos mais nobres,  
Mais illustres varões que Roma tinha,  
E que hasteadas em triumpho hediondo  
De atroz pompa levavam... Vista horrivel!  
E... inda mais de indignar! e mais ainda  
As trementes entranhas me excitava,  
O ver, o ouvir as turbas circumstantes  
Devorando seus tremulos gemidos,  
Disfarçando, — cobrindo a face pallida,

Que lhes não vissem a furtiva lagrima!  
E a mão, que stringir devia o ferro,  
E que talvez segura no mais rijo  
Da batalha o brandira, — mal ousava  
De ir, co'a orla da toga, a medo e trépida,  
Aos olhos que a alma tímida arrazava  
De feminino pranto... — O que é o povo!  
O que são homens! — Hontem expulstastes  
A Coriolano, porque ousou negar-vos  
Os baldios communs: hoje, fúgind ,  
Abandonaes á furia dos patricios  
Graccho que vol'-os dava! — E agora... O intimo  
D'alma joven, ardente me enciava  
C'o spectaculo feio e vil. — «E como  
(Disse o meu pedagogo) como em Roma  
«Não ha quem mate Sylla!» — «Não (me torna  
Branco de medo o velho), não; detestam-n'o:  
«Mas temem n'o inda mais.» — «E porque (cego  
De ira lhe respondi) porque uma espada  
«Me não dás, que o vou eu matar — e livro  
«A patria?» — A grande custo me conteve,  
E me levou d'alli o ancião prudente;  
Nem lá voltámos — Vinha de bom animo  
A tenção: mas que importa! Mario ahi estava  
Para inutilizar o feito ardido,  
Se meu infante braço o executára.  
— Ah! que fructo da patria ao nem resulta  
Com lhe ficar um despota de menos?  
Vanglorioso do golpe que vibraste,  
Cuidas que o monstro fenecesse com elle?  
Enganas-te: as cem fontes d'essa hydra  
De seu proprio veneno reproduzem;  
Por uma que decepas, mil te surgem;  
Mal, que julgavas ter de todo extincto,  
Então se aggrava mais.

#### Marco-Bruto

##### Quê! soçegados

Veremos engolpar no abysmo a patria,  
E tranquillos no meio da procella,  
Vêl-a-hemos assim ir-se afindando  
No mar da escravidão! Anciada embora  
Supplices mãos estenda aos filhos caros;  
Que os virtuosos filhos não se atrevem  
A perpetrar o crime de salval-a...  
E' virtude — confesso — que me admira,  
Que jámais conheci.

#### Catão

##### Na tua idade

Respeitam-se os anciãos, ouve-se e aprende-se.  
Mancebo, escuta: — Libertar a patria,  
E dar pelo resgate a propria vida,  
Não é mais que dever; grande heroismo,  
Acções de gloria, n'isso não as vejo:  
O homem que assim obrou foi homem de honra,  
Cumpriu sua obrigação. Mas outros meios  
Tem de empregar mais certos, mais seguros,  
Quem se abalança a impressão tam difficil,  
Se baldos não quer ver cuidado e riscos.  
Desafogar a patria de um tyranno,  
E' transitorio allivio: empeiora a miudo  
C'o esse remedio o mal; tens cem tyrannos  
Em vez de um: nem talentos nem virtudes  
Occuparão, no Estado, o grau supremo  
Entre vis demagogos repartido  
Por facções, por subornos, peitas, crimes.  
Tinta era em sangue a purpura, — era ferro  
O sceptro do tyranno: mas as togas  
Dos decemviro!... unge-as cruor negro,  
E pallidos venenos as mosqueam  
De nodos que revêem torpeza, infamia,  
Flagícios! — Que lucrámos na mudança  
Perigosa? Os proconsules os mesmos  
Peculadores; servos os tribunos  
E facciosos; avara e perdularia

A questura, roubando o derradeiro  
Sestercio ao povo, a ultima drachma ao Erario;  
Os pretores vendendo em hasta publica  
A justiça; — emfim todo o mesmo vicio,  
A mesma corrupção, — mais desfaçada,  
Mais clara só, mais despejada — E é esta,  
E' esta a liberdade que nós destes!  
E são estas, decemviros, as tabuas  
Da prometida lei, que tanto tempo  
Levaram a gravar! — Veiu Apio-Claudio  
Fazer chorar em Roma por Tarquinio... (pausa)  
— Se queres libertar-nos, corta rijo,  
Corta pela raiz a tyrannia,  
Cerceando por abusos, profundando  
Nas fistulosas úlceras do Estado,  
E levando com o balsamo o cautério  
Ao mais solapado — onde a peçonha  
Do arraigado cancro tem nascença.  
Depois o facho da razão acende  
Com mãos puras e limpas de interesse...  
Puras! — que em dextra sordida essa teia  
E' labareda sem clarão, — que abraza  
Sem dar luz — queima e rapida devora  
Antes que um só vislumbre rompa as trevas,  
Que, em vez de dissipar deixou mais crassas  
— Com elle, co'esse facho luminoso  
A teus concidadiões mostra a vereda  
Que ao alcaçar conduz da liberdade,  
Não coroado de spolios sanguinosos  
Mas puro todo e candido como ella.  
salva-os das convulsões, da crise horrivel  
Que as populares commoções arrastam;  
Moderação e paz reine em teus labios;  
Generoso perdão, austero pune,  
Mas pelo orgam da lei, mas só com ella.  
Os pendões hasterar da Liberdade  
Nas ameias da horrifica discórdia,  
Grito amotinador alçar aos povos  
Para os deixar no cahos da anarchia,  
Mutuamente e á porfia destruir-se,  
E' querer lacerar o seio á patria  
Sem jámais a salvar.

Manlio

Homem como este,  
Ceú, creaste-o jámais, tu viste-o, mundo?  
(*Ouve-se vozeria e tumulto de soldados  
de fóra dos muros.*)

Marco-Bruto (*observa da porta*)

Oh! que tumulto é este? — Numerosa  
Legião ... de peões e cavalleiros...  
E de Cesar não são; — e nem Romanos  
Tam pouco. — Ah! são Numidas... E Juba  
Com elles. O traidor! Quê pensa o barbaro  
Surprehender-nos já e vem?...  
(*Desembaainhando a espada e voltando se  
para os soldados*)

Amigos

A elles! — Não sois vós os veteranos  
De Pompeu? Co'esses barbaros em terra.  
E seja — se ha do ser o derradeiro!  
Um derradeiro feito de justiça,  
— Castigar esses perfidos — o nosso.

Manlio

Quê! sahir lh'eo encontro com tam poucos  
Homens de lança — a unica defesa  
D'estes muros desertos! — E elles tantos  
Os barbaros! — Não fóra mais prudente  
Cerrar as portas e?...

Catão

Detem-te, Marco,  
(*Depois de observar o tropel dos Numidas  
que vem approximando, volta da porta e prosegue:*)

E contêm esses bravos companheiros  
De honrada desventura. — Abri mais amplas  
As portas, retirei-vos a esse lado,  
Deixae-me só c'os Numidas.

Manlio

Tu! nunca,  
A ti é que elles buscam.

Marco-Bruto

Só com elles!...  
Não te obedeco — Amigos, companheiros,  
Defendamos Catão; morramos todos...

Catão (*alçando a voz com severidade*  
Soldados, eu govérno ainda em Utica  
(*Os soldados obedecem*)  
Manlio, Bruto, ide vós... ide e pejae-nos  
Do exemplo que vos deram.

(*Retiram se ambos para ao pé dos soldados;*  
Catão prosegue com brandura:)  
Filho, amigo,  
Socegae: nem as barbaras cabildas  
De Juba, nem as hostes ordenadas  
De Julio teem podêr sobre esta vida.  
Posso morrer aqui — não ás mãos d'elles.  
(*Desembainha a espada; abre as portas de par  
em par, e fica só no meio d'ellas.*)

#### SCENA IV

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO, JUBA,  
SEMPRONIO, SOLDADOS NUMIDAS, ROMANOS, ETC.

*As legiões numidas param fóra das portas.  
Juba entra só com alguns soldados conduzindo  
Sempronio algemado.*

Catão

Que é isto, Juba? — a que voltaste?

Marco-Bruto

Infames!

Catão

Não respondes? — Sempronio em ferros! fala,  
Sempronio, explica-me este enigma. Voltas  
Como um escravo a seu senhor? — escravos  
São para Cesar; n'estes pobres muros  
Não os ha. — Immudeces? — E tu, principe,  
Tu callado tambem? Fala, não temas.  
Teus soldados ahí estão.

Juba

Os meus soldados  
São auxiliares teus e da republica.

Catão (*proseguindo sem o attender*)

Não tens que receiar: não és Romano,  
Nem deveres de patria te obrigavam  
A seguir nossos lados. Tomar parte  
Na sorte do infeliz é pêso grave  
Que a descontento amigos vão levando,  
Levando — até que emfim já se não soffre;  
Arrojá-lo quizeste: não te culpo.  
Os vinculos do alliado te prendiam...  
Mas de taes alianças que proveito  
Havias de tirar? Desgraças, p'rigos,  
Talvez a morte. — Vae segue a ventura:  
O ceu derrame sobre ti mil bençãos.

Juba

Bem a mereço, a exprobração amarga  
D'essa ironia. — Fiz-me abjecto, fiz-me  
Vil a meus proprios olhos. Desprezae-me, (pausa)

Romanos: sou um barbaro.—Ah, não bate  
Em vossos peitos coração mais puro  
Que o do barbaro,—zêlo mais ardente  
De liberdade não vos queima o sangue! (*pausa*)  
Mas qu'il-o o fado assim.—Cuidei ao menos,  
O' Catão, que arguir-me te dignasses!  
Esperava castigo de meu êrro,  
E encontro opprobrio só.—O teu desprezo,  
O teu desprezo... não, não o mereço.  
Juba foi cego, louco, arrebatado,  
Foi desobediente a teus preceitos,  
É criminoso, mas traidor não,—Ouve,  
Ouve-me por piedade, e depois julga.

Catão

Fala, principe: ouvir-te é dever nosso.  
Julgar-tel Quem, aqui?—Ja houve tempo  
Em que Roma julgava os reis da terra.

Juba

Oh! oiça-me Catão, julgue-me;—e absolva-me  
Se poder,—que eu não quero outra sentença.

(*Pausa consideravel*)

Sempronio, tu és senador romano,  
Eu um chefe de Numidas selvagens.  
Teu testemunho invoco, e me contento.  
Só com elle. — Fui eu traidor a Roma!  
Desmereci do titulo prezado  
De amigo de Catão? — Tu não respondes,  
E sorris! Proprio é o riso: mofa e escarneio  
Mereço eu — e de ti... com mais justiça,

(*Apontando para Sempronio*)

Catão, esse... esse perfido enganou-me:  
Meu natural singelo e poucos annos  
Cahiram facil no enredado laço  
Que de vagar e ha muito anda tecendo.  
Persuadiu-me — e algum numen inimigo  
Me fascinava então! que a salvar Roma  
Me fadavam os ceus, e a punir Cesar;  
Que em Utica tramava poderosa  
Conjuração occulta, que esta noite  
Ao dictador as portas abria,  
E vivo em suas mãos ia entregar-te.  
Estremeci de horror, perdi de todo  
A razão; ajudou-o o meu enleio;  
Tudo obteve de mim. Na hora aprazada...  
Na hora que aprazada elle dizia  
Pelos conspiradores, manso deixo  
A porta do occidente, que eu guardava  
Co's meus Numidas. — Saio; e mal, um tiro  
De setta, me afastára das muralhas,  
Conheço, mas já tarde, a vil perfidia.  
Da porta, que eu deixára quasi inerte,  
Seus socios na traição rompem, — e as hostes  
De Cesar, que embuscadolas aguardavam,  
Se juntam co'elles. Desmaiei de cholera,  
De vergonha e despeito. Mas foi prompta  
Minha resolução. Sem lhes dar tempo  
A mais, envisto c'o poder immenso  
Do inimigo. Brado alarma; e alarma  
Me respondem dos muros. Commandadas  
— Não conheci por quem — feis cohortes  
Sahem a sustentar-me. Trava, ás cegas,  
Pela treva o conflicto: ambos á uma  
De oppostos lados, Numida e Romano,  
Demos sobre o traidor e sobre as hostes  
Do tyranno de Roma, — que engodadas  
Das promessas do indigno, mal cuidavam  
Encontrar tam porfiada resistencia,  
Tanto contrario, aonde sem pejeja  
Contavam co'a victoria. Rechassadas  
Foram completamente. Ia d'envolta  
Na fuga o scelerado: — descubri-o,  
Corri sobre elle; — e fomos longo espaço

No arriscado empenho os cavalheiros  
Todos porém valia a pena e o p'riço,  
Valia tudo! — Segurei-o eu proprio  
Co'estas mãos, — fiz lançar-lhe essas algemas,  
E salvei para os golpes dos lictores  
A torpe vida, que anhelavam todos  
Arrancar-lhe á porfia... Ah, nem tu sabes  
Não... nem tu sabes inda quantos crimes  
Tens que lavar no sangue do malvado!  
Porcio...

Catão (*Interrompendo-o*)  
Meu filho?...

Juba

Assassinou-o o infame.

Catão

Respiro, oh ceus! traidor não foi meu filho.  
(*Silencio longo*)

Marco-Bruto

Covarde, e como tanto ousou teu braço  
Fraco? — tam fraco e vil como a tua alma.

Juba

Ousar! — Foi á traição.

Marco-Bruto

Monstro!

Manlio

Oh, eil-o,  
Eil-o ahi, moribundo o veem trazendo.  
Que miseranda vista — oh, que spectaculo  
Para os olhos de um pae!

*Porcio deitado em umas andas formadas de escudos  
e lanças, aos hombros de soldados numidas, e guar-  
dado por consideravel numero de cavall'iros nu-  
midas, vem lentamente approximando-se da porta  
da cidade; passa por entre as legiões de Juba, que  
lhe abrem alas. Ouvem-se gemidos e o lamentar  
discorde dos Romanos, de Numidas e do povo que  
vae acudindo.*

## SCENA V

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO,  
SEM PRONIO, JUBA, PORCIO, etc.

Catão (*Indo ao encontro do filho*)

Vem, vem, meu filho,

Nos braços de teu pae morrer com honra.  
Vê dos olhos paternos, vê correr-me  
Estas lagrimas — doces, não de pena,  
Meu Porcio, não de dor, mas de saudade.

(*Abraçando-se com elle*).

Morres homem, meu filho, e morres livre.  
Oh, não te peze de deixar a vida.  
Que te fica na terra? — que perdeste?  
Um mundo indigno, baldo de virtudes,  
Farto de crimes — solidões juncadas  
De mortos, muribundos — e assassinos.

Porcio

E... o pae... que eu deixo... — Adeus!  
(*Põe os olhos no pae e expira*).

Catão

Morre, meu Porcio,  
Que vives para a gloria! Oh caro filho,  
Sobe, alma venturosa, á eternidade!

(*Inclina-se sobre o cadaver, e fica algum tempo com  
a face escondida, soluçando baixo e como quem se*

*comprime. — Longo silencio. — Levanta-se e prossegue:)*

Meus amigos, chorei: não me envergonho

*(Enchugando o rosto)*

De ser homem. — Está pago o tributo  
A' natureza. — Agora Roma.

*(Da alguns passos e encara outra vez com o cadáver)*

Filhol

Meu filho, tu não hasde vê-la escraval  
Deram-te abençoada morte os deuses. *(Pausa breve)*  
Tu choras, Marco — e tu, Manlio — e vós todos,  
Amigos! — Eu sou pae, e já não choro.  
Animo! vinde, approximaes-vos d'elle;  
Contemos as feridas gloriosas  
D'este cadáver. Nunca tam formoso  
Me pareceste, meu querido Porcio...

*(Beija-o uma e muitas vezes)*

Beijo esta face pallida, esta fronte  
Empastada de sangue, e estas mãos hirtas  
Ah, que!...

*(Fica algum tempo abraçado com o cadáver e em silencio)*

— Levae-o amigos.

Marco-Bruto

Não; detende-vos.

Não hade ir a jazigo deshonrado  
O corpo do heroe. Aqui o sangue  
Do matador queremos. Pede-o Roma,  
Pedimol'-o nós todos, e é devido  
A seus manes. Soldados, companheiros,  
Dizei-o: soffrereis tamanha injúria?

Povo e soldados

Morra, morra o traidor.

Catão *(com severidade aos soldados e povo)*

Basta.

*(Depois de longa pausa, volta se para Sempronio)*

Sempronio,

Eu já fui pae — e sou Romano ainda.  
Vês aquelle cadáver? — é meu filho:  
Tu m'o roubaste... — Com algoz perfidia  
Machinaste o exício da republica;  
E co' as mãos parricidas — impio! — foste  
A' garganta da patria moribunda  
Para afogar-lhe o derradeiro alento.  
— Todos quantos ahi vês pedem tua morte;

Pedem teu sangue as leis e a natureza.  
Mas eu posso perdoar... Roma não deve.  
Malvado, treme: a espada da justiça  
Sobre tua cabeça está pendente.

*(Volta-se para os soldados)*

Dos crimes ao maior, pena a mais crua,  
Nós a devemos, filhos de Quirino:  
Morra... Sim, morra para sempre o perfido:  
Tirae-lhe esses grilhões, abri-lhe as portas.  
Peza-lhe a liberdade? aos ferros corra:  
Para Roma expirou, — com Cesar viva.

Manlio

Oh virtudel

Juba

Oh sentença de Romano!

Sempronio

Triumphaste de mim: esta grandeza  
Inda é maior... maior do que o meu odio!  
*(Saltam-n'o os lictores, e o põem fóra das portas.)*

## SCENA VI

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO,  
SOLDADOS, ETC.

Manlio

Mas duvido que possas impedir-lhe  
Que o furor dos soldados...

Catão

Um Romano

Em sangue tal não enxovalha a espada.  
Lictores, de Sempronio o vil castigo  
Annunciae ás cohortes; e intimaes-lhe  
Que é não ser cidadão, frustrar-lhe a pena.

Marco-Bruto

Oh meu pae! a teus pés deixa prostrar-me;  
Deixa adorar em ti...

Catão

Ergue-te filho;

Eu fiz o meu dever: não te acostumes  
A admirar com espanto uma acção boa,  
Faze habito da honra e da virtude,  
E só te admirarás de ver um crime.  
*(Saem todos acompanhando o cadáver de Porcio.)*

## ACTO QUINTO

*Galeria aberta, com columnas. Os intervallos do peristyllo são tomados com cortinas corrediças. — Vê-se perto o mar e algumas naus romanas. — Do outro lado, parte das muralhas da cidade. — Vem amanhecendo.*

### SCENA I

CATAO, LIBERTOS

Os libertos estão em distancia, no fundo da scena. Catão apparece sentando e lendo. Sobre o abaco em que descansa o livro, alguns rolos de pergaminho e uma espada nua. Depois de ler algum tempo, fecha o livro; pega na espada, examina-lhe o gume e a ponta, e torna a posal-a sobre o abaco.

Catão *(reparando nos libertos)*

Ainda não é tempo. — Oh!... Ide a Manlio,  
E chamae-m'o aqui logo. — Ide vós todos,

### SCENA II

CATAO *(só, torna a pegar no livro)*

Consolaste-me, Socrates: não morre  
Com este corpo o espirito que o anima.  
Já me não prendem dúbidas; fujamos  
Do vil carcere: a morte só é termo  
Da vida, — de existencia não... No intimo  
D'alma o pôz Deus o sentimento vivo  
Da eternidade. Este viver continuo  
D'esperanças, este anear pelo futuro,  
Este horror da anniquilação, e o vago

Desejo da outra vida mais ditosa,  
O que são?—Indistinctas, mas seguras  
Reminiscencias da perdida patria.  
E saudades de voltar a ella (*Levanta-se*)  
Ver te-hei, mansão dos justos!...—O sepulchro  
Não é jazigo é estrada.—Convenceste  
A minha alma, Platão: heide encostar-me  
Tranquillo e repousado no atahude,  
Como viajante reclinado á popa  
Da galé que em bonança vae singrando  
Com brandos ventos para o porto amigo.

(*Senta-se, lê breve espaço e torna a levantar-se.*)

Inda me resta que fazer na terra;  
Deveres sacrattissimos, restrictas  
Obrigações.—Fiel e honrado é Manlio;  
Vou confiar-lhe tudo... Oh, eil-o chega.

## SCENA III

CATÃO, MANLIO

Catão

Manlio ouve-me attento. A tua dextra  
Em penhor do segredo.

Manlio

Eil-a.

Catão

Romanas

São ainda estas mãos: não, meu amigo?

Manlio

E duvida-o Catão?

Catão

Não, não duvida.

Manlio

Pois bem, fala, eu te escuto.

Catão (*depois de breve pausa, chegando-se para ao pé da galeria*)

(*Que formoso*)

Vem arraiando o alvor tenue do dia!  
Vês, Manlio?—Como é bello este universo!  
Quanto mais bella não será a etherea  
Região que de tam longe reverbera  
Toda essa formosura!— Observa, amigo,  
Aquella estrella pallida: é a ultima  
Que ficou no luctar da luz co'as trevas  
Do incerto crepusculo. Chega-lhe a hora  
Emfim,—morre... Mas amanhã c'roada  
A verás de luz nova e mais brilhante  
No firmamento azul. Não heide eu vel-a...  
D'este lado da campá, ao menos...

Manlio

Como!

Não te percebo. Quê! —tu...

Catão

Descançado

Serei já a essa hora no jazigo.

Manlio

Tu!

Catão

Sim.

Manlio

Pois quêl perdeste já de todo  
Aquellas esperanças?

Catão

Não; nem perco.

Vês esta espada? N'ella só as tinha:  
Não me serviu a libertar a patria,  
Serve para morrer.

Manlio

Tu!

Catão

Sim, amigo,

Eu.

Manlio

Nem assim! ai! nem assim... É inutil.  
Foi tempo—já lá vae—em que o cadaver  
D'um cidadão romano, gotejando  
Sangue no fóro, incendiava as turbas,  
E era como um vexillo formidavel  
D'emtorno ao qual suas fêrvidas phalanges  
A publica vindicta arrebanhava.  
Mas hoje!... o callo da cerviz passou-lhes  
Ao coração: nem ha...

Catão

Sobre esses males

Só me resta gemer: assás contra elies  
Luctei de balde.

Manlio

Então...

Catão

Co'a minha morte

Só este coração, só a minha alma  
Quero salvar do crime.

Manlio

O crime é d'elle.

Do tyrano, e não nosso... ou é da sorte.  
Se Deus Optimo Maximo o permitte,  
O homem fraco...

Catão

Não faças tam pequeno

Nem tanto abatas o homem. Pouco vale  
Se escravo das paixões, fraco se deixa  
Ir ao sabor das ondas do destino.  
Mas o homem que é digno de ser homem,  
O varão forte, que o revez encara  
D'avessos fados, que lhe apara os golpes  
No adamantino escudo da virtude,  
Que, arca por arca, lucta c'o infortunio  
E consegue aterrall-o—oh, esse é grande,  
Esse não teme, desafia a sorte.  
Por certo não é crime ser escravo,  
Só desventura grande, mas, podendo  
Espedacar os ferros vergonhosos,  
Não o fazer é vil baixeza torpe.  
E' covardia,—e a covardia é crime.  
A natureza, que nos deu a vida...  
A natureza—Deus Optimo Maximo,  
Deu-nos co'a vida essenciaes direitos,  
Inalienaveis, que são parte d'ella;  
Deveres nos impôz strictos, sagrados,  
Condições da mercê. Quem perde aquelles,  
Posterga est'outros, e só preza e guarda  
O dom da vida—offende a natureza  
E ultraja o Creador.

Manlio

E pôde o homem,

Com sua falha razão, acertar justo  
N'este termo?... E se errar?—Porque não hade  
O mesmo Sópro Eterno que dá vida,  
Distribuir a morte?

## Catão

E eu morro, amigo,  
Quando a minha alma eterna assim liberto  
Dos vínculos do corpo? Se esta essencia  
Que da vida ás funções em nós preside,  
Porção da Divindade, é pura essencia  
De espirito immortal, não obro crime,  
Não renuncio á dádiva celeste  
Se a livro de baldões, e denodado  
Lhe opprobrio indigno a salvo. E se, ao contrario,  
Combinação fortuita do acaso  
Me formou a materia; se a minha alma  
Morredoura e mortal como o meu corpo...

## Manlio

Ainda então... — E essa doutrina abjuro...

## Catão

Abjuro-a eu tambem Abhorrecido  
Seja dos homens, e de Deus maldito  
O impio que a propagar; — morra, e castigo  
Lhe não quero maior! — crendo o que ensina.

## Manlio

Pois bem. Mas ainda então, e se tal fosse  
A triste realidade, outro motivo  
Deveria prender-te.

## Catão

Qual?

## Manlio

A patria.

## Catão

A patria... patria — e agora!

## Manlio

Sim. — Perdôa  
O sincero falar, amigo, a um velho:  
Quanto és, bem sei, por ella te has votado;  
Catão só com sua espada e com seu nome  
Defendeu a republica, e de Roma  
Protegeu a orphandade, quando todos,  
Vill — a desampararam os seus filhos!  
Mas agora no extremo, n'este afflicto,  
Apertado momento da agonia,  
Na hora do passamento é que a abandonas?...

## SCENA IV

CATAO, MANLIO, JUBA

## Juba

Catão, ao porto, ao portol O vento serve,  
Estão prestes as naus. Bruto me manda  
Dizer-te que não tardes. As cohortes  
De Cesar assaltaram de repente,  
E por todos os lados nos investem.  
As muralhas esbroom-se a pedaços  
Sob os golpes do ariete incessante:  
Raros sobre ellas, a um e um, se contam  
Da liberdade os tristes defensores:  
Mas com elles é Bruto; disputadas  
Hão-de ser as ruínas palmo a palmo,  
No entanto, ao porto! Bruto assim t'o roga:  
Nos muros basta elle: — e defender-nos  
Muito tempo, é impossível.

## Catão

Bem: a hora  
Chega enfim. — E os velhos senadores,  
E o povo?

## Juba

Esse tropel de gente inerte  
Andam como alienados pelas ruas  
Bradando, lamentando; — outros furiosos  
Sobem aos muros de impeto e se arrojam,  
A perecer, nas lanças inimigas.  
Recresce a confusão com o alarido  
Das mulheres que vão de templo a templo  
Huivando espavoridas, desgrenhadas.  
Velhos, crianças — miseranda vista!  
As seguem com tristissimos gemidos:  
E c'os nomes dos deuses, de mistura,  
O teu invocam: por ti choram, clamam,  
E ululando «Catão» desatinados  
Vagam áquem, além. — Escuta: ahi correm  
Para este lado. Ouvel-os? — Receio  
Que se atrevam talvez. Ha sediciosos  
Entre elles: é prudente...  
(Tira a espada e chega-se para as colum-  
nas: Manlio faz o mesmo.)

## Catão

Juba, Manlio,

Que pretendeis? Deixae para o tyranno  
O acutillar o povo: o officio é d'elle  
Que lhe tem medo, eu não.

## SCENA V

CATÃO, MANLIO, JUBA, povo

Povo (de fóra)

Catão, acode,

Catão, acode ao povo!

Catão (corre as cortinas do poristyllo; e apparece a  
praia coberta de povo. o qual vem subindo a esca-  
daria quasi até ao nivel da scena; Catão dirige-se  
a elles)

Meus amigos,

Que quereis? Aqui estou. Quereis meu sangue?  
Tomae-o.

Povo

Não, não, não!

Um do povo

Pereça o ingrato

Que de seu sangue té á ultima gotta  
Por ti não der!

Povo

Pereça!

## Catão

Povo de Utica,  
Romanos—que vós sois Romanos ainda,  
Que pretendeis? As legiões de Cesar  
Estão já sobre nós. Esse alvorito,  
Esse acclamar o nome d'um proscripto  
Moverá sua cholera tremenda  
Contra vós. Ide em paz, amigos, ide.  
Meu coração trashedora agradecido  
C'o esse applauso sincero e não suspeito...  
Mas, Uticenses—não deis pasto ás iras  
L'e Cesar: sua causa vencedora  
Achou graça ante os nunes. Ide, oh, ide;  
E guardae d'este impeto primeiro  
Os filhos, as esposas. Não façamos  
Mais victimas. Escape ao sacrificio  
Algum sequer de quantos se atreveram  
A ser amigos de Catão...

(Gemidos e choro geral entre o povo)



Um do povo  
 Quem hade  
 Desamparar o bemfeitor, o amigo,  
 O pae do povo, o protector constante,  
 A nossa ultima espraça?

Povo  
 Ninguem.—Morra  
 Quem o desamparar.

Catão  
 Basta, meus filhos...  
*(para Manlio)*  
 Eu não posso deixar de internecer-me  
 Com tanta devoção, Manlio,—e n'esta hora!  
*(para o povo)*

Basta, que me rasgaes os seios d'alma.  
 Não as ouvis cahir, essas muralhas  
 De vossa forte patria? L'aza em terra  
 C'os araeas será Utica em breve...  
 Olhae! não vêdes como vêm com ellas  
 Alanceados, partidos a pedaços,  
 A suverter-se no montão das ruínas  
 Os poucos, derradeiros defensores  
 Que nos restavam? Oh, tende piedade  
 De vós, de vós!

Um velho  
 A nossa vida é nada:  
 Somos velhos inúteis,

Uma mulher  
 E mulheres,  
 Que não podemos defender a patria,  
 A liberdade.

Um velho  
 Mas queremos todos  
 Morrer por seu magnanimo caudillo.

Povo  
 Queremos!—por Catão!—morrer!

Catão  
 Oh Cesar,  
 Assim não triumphaste nunca!—Amigos,  
 É forçoso; curvêmo-nos ao fado.  
 Fizemos quanto humano esforço dava;  
 Mais não podêmos, que é tentar os deuses.  
 Concidadãos, não tenho mais que dar-vos:  
 Conselhos só;—ouvi-os, attendei-os.  
 Pae me chamastes?—Escutae a extrêna  
 Vontade, o ultimo rôgo e mandamento  
 De um pae... e promettei-m'o aqui n'esta hora  
 Solemne,—n'este instante derradeiro  
 Da despedida—promettei cumpril-a:  
 Jurae-m'o, filhos!

Povo  
 Sim, juramos.

Catão  
 Ide;  
 Obedecei á voz agonizante  
 De Roma que vos fala por meus labios.  
 Salvae-vos! Ah! estão naus aparelhadas  
 Para quantos não osam confiar-se  
 Na clemencia de Cesar... A clemencia  
 De Cesar!—A seus lares socegados  
 Voltem os outros: Ide, fôge o tempo:  
 Adeus!

Um do povo  
 Vem tu connosco, iremos todos  
 Contentes inda além das portas d'Hercules.

Povo  
 Vem, vem connosco, pae!

Um do povo  
 Sós onde iremos?

Sós, sem Catão, não vamos.

Povo  
 Não! não vamos.  
*(Grande rumor entre o povo)*

Catão, *(a brados grandes)*  
 Perjuros! renuncio ao vosso affecto,  
 Desobedientes, vosso amor fingido  
 Lanço de mim; e impreco os santos deuses  
 Que sobre vós...

Povo  
 Catão, não nos maldigas:  
 Obedecêmos já. *(Começa a dispersar-se o povo.)*

Catão  
 Filhos de Roma,  
 Não meus,—filhos de Roma, e dignos d'ella,  
 Proteja-vos o Deus que a desampara  
 Por nossos crimes — e a vós vos salve,  
 Que innocentes sois d'elles.  
*(Vae-se retirando o povo, parte para as naus, parte para o interior da cidade.)*

## SCENA VI

CATAO, MANLIO, JUBA

Catão  
 Vae, meu principe  
 Com a tua presença — que eu não posso,  
 Commoveu-me demais este spectaculo!  
 Pôr ordem n'esse embarque, reservada  
 Das triremes fique uma: é para Manlio,  
 Para ti, — para aquelles que poderem  
 Escapar.

Juba  
 Mas...

Catão  
 Quê?

Juba  
 Oíço a cada instante  
 Redobrar o conflicto... E eu longe d'elle!  
 Que dirá de mim Numida e Romano?  
 — D'aqui... oh, d'aqui vejo Marco-Bruto  
 Só, impavido, e firme como o Atlante,  
 Em pé sobre um acervo de ruínas,  
 De pedras — cimentadas com cadáveres  
 E sangue! — d'aqui l'he oíço a voz ingente  
 A Romanos e a Numidas bradando,  
 Dando ordens; e co'a intrepida firmeza  
 D'aquella alma, só menor que a tua,  
 Sustentando, contendo o mar de adverso...  
 — E a mim de tanto p'rgo e tanta gloria  
 Não me hade caber nada!

Catão  
 Nobre Juba,  
 O louro dos heroes custa mais sangue  
 E lagrimas, do que aguas leva o Tibre,  
 A cujas ribas cresce a fatal rama.  
 É mais bella, mais pura e digna do homem  
 A do carvalho civico. Vae Juba:  
 Salva esses cidadãos. Eu tambem tenho  
 Amor á minha gloria, e aqui estou — Quanto  
 Póde inda Bruto sustentar-se?

Juba  
Breve, escassa . . . (Olha da galeria)  
Nem tanto porventura!  
Oh, Catão, aproveita-a, que...

Catão  
Não tarda  
A minha hora... mas não veio ainda.  
— Vae onde te pedi, vae: não descanço  
Emquanto estas galés não desaferram.

## SCENA VII CATÃO, MANLIO

Catão  
Manlio, em que pensas tão profundo?  
Manlio Penso  
Na desgraça de Roma, — que, de todos  
Abandonada, nem Catão lhe acode.

Catão  
Outra vez t'ó repito: meu amigo,  
Eu — que posso eu j'agora?  
Manlio Pódes muito.  
Teu nome e auctoridade é respeitado  
Do dictador. Podes tentar ao menos  
Um derradeiro esforço a pró de Roma:  
Talvez ainda stipular com Cesar...

Catão  
Com Cesar stipular! Entrar em pactos  
Com o forte não pôde o fraco: estala,  
Antes de dado, o laço da aliança,  
Da convenção, do nome que mais queiras  
A taes convenios dar. — Amigo, é baldio,  
E' louco esperar nada mais de Roma.  
Eu resisti por honra, por estricto  
Cívico pundonor, — não que esperasse  
Fructo da resistencia: fructo, digo,  
Para o colhermos nós; que a resistencia  
Do povo a seus tyrannos e oppressores,  
Nunca é van, não se perde. Mallograda  
A vemos hoje: e o coração fallece  
A quem vê tanto sangue derramado,  
Tanto infeliz, tanta miseria — e tudo  
Em vão... — Mas não foi vão! — Virá um dia...  
Quando, não sei, a Sempterna Essencia  
Em tabuas de diamante o tem marcado:  
Virá um dia... — Mas é longe ainda  
Esse dia de nós. — Ah! quantas vezes  
O temos dito ambos! Inda agora  
M'o repetiste, Manlio: Roma é serva  
No coração, tem alma escrava ha muito,  
Precisa de tyranno. Catilina,  
Sylla. Mario cahiram de pouca arte,  
De pouco expertos no mester difficil  
De dourar os grilhões: foram lançar-lh'os  
Kudos, negros ao collo inda lembrado  
De antigas ufânias Julio é outro:  
Sobeja-lhe arte para ser tyranno  
De sua patria decrepita. — Não mata,  
Algoz que é só cruel, a liberdade:  
O sangue não a afoga; reverdece  
No martyrio. — Senhor, como esse, fôra  
Uma benção de ceu sobre a república  
Emquanto ella tem forças para a cura,  
Que, ja'gera, só pôde dar-lhe o ferro  
D'un tyranno — que rasga, dilacera,  
Estimula, espadaça, — mas, ás vezes,

Como a espada de Achilles fabulada,  
Sara o que fere. — Porém Cesar!... Cesar  
E tyranno mais dobre, mais astuto.  
Esse é traidor algoz; não mata a ferro,  
E só vae propinando lentamente  
Venenos encubertos, disfarçados,  
Que, sem travar nos labios levam morte  
Ao coração, — e o derradeiro affogam  
Desejo, idea, imagem da proscripta  
Liberdade. . . (silencio longo)  
Oh! — Já vão sahindo o porto,  
Já largaram as naus. Respiro: um pêso  
Ferreiro se me tirou de sobre o peito.  
Estão salvos, e eu livrel! — Meu amigo,  
Tu vaes com elles.

Manlio  
Eu?  
Catão Sim tu, meu Manlio,  
E Juba vae contigo. — E Marco-Bruto  
Irá tambem: vou-lhe mandar que cesse  
O combate, e que as portas abra a Cesar.

Manlio  
Bruto não cede assim, nem te abandona.  
E hei-de fazê-lo eu?

Catão  
Sim, hasde. — Marco  
Hade tambem obedecer-me. Ardente,  
Arrebatado é o joven, mas sincero,  
Probo, leal. — Perdoa-lhe, eu te rôgo,  
Perdoa-lhe, ama-o pelo amor antigo  
De Catão, que t'ó pede. — Bruto e Juba,  
Ambos são filhos que adoptou minha alma;  
E ora t'os lego, amigo. — Vae com elles  
E esses poucos fieis que inda restarem,  
Buscar asylo, ou seja na Numida,  
Ou além nas indomitas Hespanhas,  
Ou onde quer que amigos vos acotem  
Das proscriptções de Cesar.

Manlio  
E tu proprio  
Porque não vens connosco? Ó meu amigo,  
O povo com justiza t'ó pedia:  
Vamos co'estas reliquias d'outra Cannas,  
Vamos a demandar novo Cannusio,  
D'onde talvez, contigo, inda possamos  
Volver a conquistar o Capitolio  
E resgatar a patria. — Das Hespanhas,  
Inda não subjugadas, nos convidá  
O filho de Pompeu, que entre esses povos  
Fortes legiões instrue, e co'ellas jura  
Vingar o pae... Sorris! — Talvez de incredulo.  
Mais illustres proscriptos (não é elle  
O primeiro) ahí acharam gazalhado,  
Defensores e patria... — e patria, amigo,  
Menos ingrata do que a nossa Roma.  
E porque não iremos nós entre elles  
Procurar as fortunas de Sertorio  
Lá no extremo Occidente, n'esses montes  
Ferozes de sua ingenua liberdade?  
Depararemos por ventura ainda  
Com algum Viriato que esquecido  
Não tenha o amor da independencia antiga.  
Deante d'esses feros Lusitanos,  
D'esse nobre, indomado povo duro,  
Já muita vez tremeram de assustadas  
Aguias romanas, e... — Tu ris!

Catão  
Sim, rio,  
Manlio, e de ouvir-te. O cego enthusiasmo

De Bruto não se inflamma, não centelha  
Com mais viva eloquencia, nem lhe rompe  
Com tanta convicção do intimo peito.  
Que seductora é a amizade, Manlio!  
Tu, cuja razão clara e experimentada  
Ri das vans esperanças de mancebos,  
Fez-te mais cego que elles a cegueira  
Do amor que me tens Não me quizesse  
Inganar, bem o sei: não: o enganado  
Foi o teu coração.—Meu caro Manlio,  
Desillusões basta já: eu nada espero  
(Nem o esperas tu; bem o conheço)  
Do mancebo Pompeu ou de suas armas.  
Esses barbaros sim—mas será tarde—  
Os barbaros, que tanto desprezamos,  
De quem nós, de quem Gregos, nossos mestres,  
Mofaram tanto—esses hão-de ainda  
Os altares erguer da liberdade,  
Que nós, impios, sacrilegos prostrámos.  
Elles accenderão seu fogo santo  
Para allumiarmos, purificar a terra.  
Diz-m'o no peito um Deus: n'essa esperança  
Morro:—essa esperança me consola.  
No desamparo de morrer sem patria...

*(Fica algum tempo em silencio e meditando;—levanta-se e prosegue:)*

Oh! minha morte não será inutil!  
Um dia inda virá que este meu sangue,  
Hoje aqui derramado em sacrificio  
À liberdade santa—reverdeça  
D'ante os olhos da oppressa humanidade,  
E alce clamor com que tyrannos tremam,  
E acordem povos...

*(Depois de longa pausa, vem a Manlio, apertando-lhe a mão.)*

Manlio, meu amigo,  
Baste este adeus. Não mais: sejamos homens:  
Adeus!—Parte, que é tarde.—Adeus!

Manlio

E é força,

E força... que este seja o derradeiro!  
*(Abraçam-se; Manlio retira-se lentamente.)*  
Obedeço-te.

Catóo

Vae!—Oh, ver-nos-hemos  
N'outra patria mais bella e mais ditosa...

## SCENA VIII

CATÃO (só)

Quebrou mais este laço. Foi violento  
O golpe... E ha ainda onde fira um golpe  
No coração que todo é chaga viva...  
Antes callosa ulcera insensivel?  
Oh, van philosophia! *(Pausa longa)*  
É morta Roma!  
É morta Roma... e eu sou vivo ainda!  
Começa a envergonhar-me esta fraqueza.  
Morrer!—Mas eu receio acaso a morte?  
Não por certo; não vejo na minha alma  
Nem a menor saudade da existencia.  
Sinto no peito o coração tranquillo;  
Pelas veias o sangue vae pausado...

## SCENA IX

CATÃO, MARCO-BRUTO, JUBA

Marco-Bruto

Meu pae, estamos sós alfin... Não resta  
Mais u'n Romano em Utica. Os escravos

Do tyranno innundaram a cidade.  
Apenas esta casa se defende  
Com um resto de Numidas.

Catóo

E o passo

Que occulto leva ao porto e ás naus—seguro  
E livre é ainda?

Juba

Sim, e guarnecido

Com cem frecheiros meus: o passo é estreito,  
Facil de defender; nem o descobrem  
Tam cedo

Catóo

Bem está.—Ide, meus filhos;  
Ide, que Manlio só por vós espera  
Para levantar ancora. Adeus!—Marco  
Respeita o honrado ancião—Juba... estremeces?  
Medo não é.—Tu coras, Marco, e enfias  
Ao mesmo tempo?—Filhos!  
*(Deitam-se ambos aos pés de Catão e o abraçam.)*

Juba

I remo, e é medo

De te deixar, meu pae!

Marco-Bruto

Pae, não te deixo.

Não eu! Maldize embora o filho.

Catóo

Filho!

E's cruel com teu pae.

Marco-Bruto

Impio me chama:

Não parto.--Fugir eu, salvar a vida  
E abandonar Catão! Tal se não hade  
Dizer de Marco-Bruto. Se forçosa,  
Se a Roma necessaria é esta fuga,  
Dá-nos o exemplo tu: vem.

Catóo

Mui diff'rentes

São os nossos deveres: Bruto deve  
Para a patria viver; mancebo é ainda,  
Talvez um dia... poderá servir-a:  
Catão velho, cançado, e a Roma inutil...  
Só lhe resta morrer.

Juba

Morrer!

Catóo

Sim.

Marco-Bruto *(levantando-se)*

Morre:

Mas eu não vivo.

Catóo

Vives, que eu t'o ordeno.

Que o manda Roma.

Marco-Bruto

Roma!—Que o decretem

Os soberanos deuses, Bruto deve,  
Onde expirar Catão, morrer com elle.

Catóo

Meu filho! Ha poucas horas inda eu tinha  
Outro filho... Levou-m'o a patria. Embora!  
Cahi u'n esta hecatombe derradeira...  
Fiquei eu só das victimas marcadas!

— Mas tu, tu és também meu filho . . filho da minha escolha, mais querido ainda, Que orpham te pôz o crime em meu regaço.

Marco-Bruto

E eu heide abandonar-te nas mãos d'elle!

Juba

Abandonál-o! Aqui morrêmos ambos Comtigo: e mais gloriosa morte . .

Catão

Juba,

Tuas obrigações são mais restrictas Que as d'elle ainda. Onde o poderémos de tolera n'um só, — todo lhe incumbre, E' responsavel pelo encargo inteiro Da republica. Deves-te a ella, príncipe; Não és teu já.

Marco-Bruto

Meu pae, os teus preceitos Foram, como os decretos soberanos Dos deuses, para mim sempre. Mas hoje, Não te obedeco. Eu d'aqui não saio.

Juba

Nem eu (*Silencio consideravel; Catão medita a'gum tempo.*)

Catão

Ficae embora: mas jurae-me Que salvareis a vida.

Juba

Juro.

Marco-Bruto

Juro

Se . . . — Jurarei — se . . . Ah! Mas tu . . .

Catão, (*tomando-o pela mão*)

Meu filho,

Marco-Bruto, meu filho . . . Oh, que este nome E' de todos os nomes o mais doce! Pela vez derradeira um pae te fala, E tu não hasde ouvir as vozes d'elle! Minha extrema vontade, hade o meu filho Desprezar de seu pae! O último rogo Já feito sobre a margem do sepulchro, Hasde esquecê-lo tu? Catão supplica, Pede Catão, e Bruto não o attendel Meu filho, vem, recebe no teu peito O longo, o saudoso adeus da campá, Que só vae terminar na eternidade . . . (*abraçando-se*) — Este abraço de morte inda é romano, Estas mãos que te apertam não tem ferros! Meu filho, adeus! Sé virtuoso sempre. Não podes ser Romano, — mas sê homem. Roma acabou-se, — resta-te a virtude. Já não tens patria, — mas tens honra ainda. Vae — apenas o estado mais tranquillo Das coisas o permitta, repuscar-te Nas avitas Sabinas: deixa o mundo A Cesar, e tu vive socegado Cultivando o teu campo. Glorioso E' aquelle torrão que tantas vezes O gran'Censor co'as proprias mãos lavrava. Dou-t'o em dote da filha a quem mais quero, A minha Porcia: pela antiga usança Da boa e velha Roma foi criada: Ama-a, que o vale. Eu t'a colloco e entrego Digna esposa de Bruto. — E adeus, meus filhos, (*abraçam-se todos tres*) Recordae-vos de um pae que vos amava, Para choral-o, não, que morreu livre;

Mas para vos lembrar de seus conselhos,

Para seguil-os sempre. Adeus!

(*vae a tomar a espada de sobre o abaco, e não a acha*)

Traidores!

Que fizestes! Quereis ir entregar-me Escravo, servo com as mãos atadas, Aos algos de Cesar, ou á infamia Peior, maior, de seu perdão? Ingratos, Vós meus filhos não sois; eu vos abjuro, Vos renego.

## SCENA X

CATAO, MARCO-BRUTO, JUBA, MANLIO

Manlio, (*traçando a espada embulhada na toga*)

Fui eu, fui eu: perdôa-me;

Não pude resistir . . . Cuidei . . . — Occulto

(*Apontando para uma porta interior*)

Vigiava d'alli . . . Mas já é tarde.

Meu amigo, estão já n'esse atrio . . . Foge, Foge, ou . . .

Catão

Fugir eu! Dá-me essa espada.

(*Manlio recua: Catão alça a voz tremendamente*) Dá-m'a! (*Manlio entrega a espada*)

Oh Roma, oh Roma! Oh minha patria,

(*Fere-se*)

Já não ha mais que a vida — eil-a: recebe-a:

Vamos, ao menos, juntos ao sepulchro . . . (*Cae: -- tomam-o nos braços.*)

Marco-Bruto

Meu pae!

Juba

Venceste, Cesar, o universo:

Não venceste! Catão Dae-lhe esta gloria, Iniquos deuses!

Manlio

Expiraste, ó Roma!

Catão

Amigos, estes ultimos instantes, Não m'os faças amargos. Por piedade . . .

Essa dor — a meus olhos — occultae . . .

Não me deis — morte . . . morte de . . . covarde . . . (*Desfallece*)

Marco-Bruto

Oh meu pae! (*Procuram estancar-lhe o sangue*)

Manlio

Meu amigo! Que velhice, Que extremos dias me guardava o fado! (*Ouve-se alarido de soldados que se approximam: tiram as espadas*)

Juba

Morrámos defendendo este cadaver.

Catão (*torçando a si*)

Impios! — o juramento . .

## SCENA XI

CATAO, MARCO-BRUTO, MANLIO, DECIO com legionarios de Cesar

Decio

Paz! clemencial

Paz em nome de Cesar! Honra e gloria

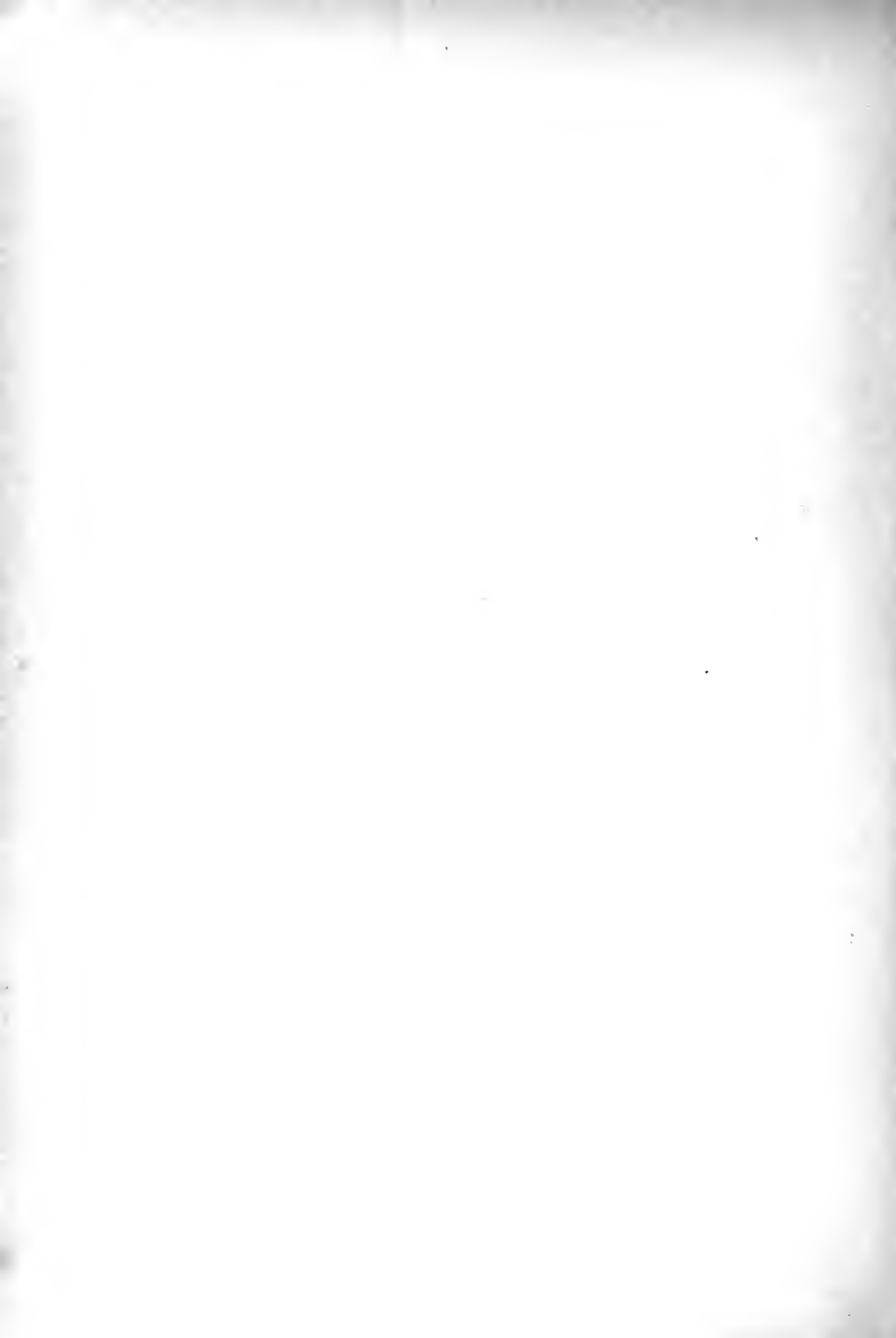


CATÃO

Não respondes? — Sempronio em ferros! fala,

PAG. 560

*Acto IV — Scene IV — Catão — Marco-Bruto, Manlio, Juba, etc.*



Ao seu nobre inimigo, ao homem grande  
Que o dictador magnanimo respeita,  
Ama e... *(dá com os olhos em Catão)*—Oh! que vejo! tu...

**Catão** *(esforçando se para falar)*

Já—na... da  
Tenho... que... receiar... de... suas... iras...  
Nem... de... seus benefícios... —Mas, amigos,  
Vós trahis-me! Porque... vedar-me o sangue?...  
Deixae-me—eu sei morrer. *(Mette as mãos ambas na ferida e, rasgando-a com ultimo esforço, exclama:)*

Oh... Roma! *(Expira)*

**Manlio**

É morto.

Com a patria nos labios,—Ai, que patria  
Lhe fadaram os ceus! *(silencio longo)*

**Marco-Bruto** *(para Decio)*

Contempla indigno,  
Contempla a tua obra. Lê, perverso,  
No horror d'aquella chaga os teus delictos.  
Colhe, escravo, esses louros sanguinosos,  
I eva-os a teu senhor: dá-lhe, que o beba,  
Na taça da ambição aquelle sangue...  
C'um parricido mais orna-lhe a gloria.  
Que mais quer, que lhe falta? Esse malvallo  
Porque não vem gosar do seu triumpho?  
Venha, venha rever-se no seu crime:  
Venha, venha folgar sobre o sepulchro  
De Catão e de Roma... Quer mais sangue?  
Resta lhe o meu... —Pois venha derramál-o:  
Tome-o, dou lh'o:—resgate-me da infamia  
De o trazer n'estas veias... —mate a sêde  
Do coração atroz...

**Decio**

Lembra-te, ó Marco,

Da carta...

**Marco-Bruto**

Que vieste recordar-me! *(Pausa)*

Sabes o que disseste?—Mal conheces  
Que sentença de morte proferiste.  
Eu, elle não... —Porquê? O parricida  
É elle, não sou eu. Se é d'elle o sangue,  
Para que m'o legou com tantos crimes?  
—Abominado sangue!...

*(Depois de breve pausa, vae direito a Decio, tra-  
va-lhe da mão, e apontando para o cadaver)*

Vês aquelle?

Aquelle sangue é que é o meu, escravo,  
Sorvi-o, gotta a gotta, co'estes labios;  
E entrou no coração, todo; aqui todo  
M'o deixou a vingança enthesourado.

*(Ajoelhando deante do cadaver, arranca-lhe o pu-  
nhal, e levanta-se)*

Este ferro, este ferro precioso  
E' legado d'um pae... —Pae... oh! que nome!  
Onde ha maldicção como esta minha?  
Sou filho d'elle, sou:—e heide mostrar-me  
Digno do pae no parricidio... —Oh! tremes,  
Covarde coração! Que horror! Eu filho  
D'elle... d'elle!—Não sou: é falso: mente.  
Sou filho só de Roma.—Pae já tive...

*(Apontando para o cadaver)*

Quem m'o roubou? —O mesmo parricida  
Que matou Roma. E heide eu ter remorsos?  
Remorsos!... —Ensinou-me a desprezál os  
Esse a quem devo... —Devo só vingança.

*Pronuncia as tres ultimas palavras com grande  
brado, e alevantando a espada para o ceu.—Cae  
o panno*

# NOTAS

## AO ACTO PRIMEIRO

### Nota A

Fracos sobejos da fatal derrota  
Do infeliz Pompeu...

Sc. 1., pag. 530

Os defensores de Utica eram principalmente os restos do exercito de Cneu Pompeu que nas planicies de Pharsalia fôra completamente derrotado por Cesar. A este Pompeu, chamaram o grande por seus grandes feitos: era de nobre familia equestre; seus paes Pompeu Strabo e Lucilia. Seguiu, nas facciosas guerras de Sylla e Mario, as partes do primeiro; e não tinha mais de vinte e seis annos quando, já conhecido por sua eloquencia no fóro, foi ganhar pasmosa celebridade como general, conquistando e tirando do poder de Mario a Sicilia, e logo, em quarenta dias, a Africa toda. A victoria era por conta de Sylla; mas Sylla tremeu de seu proprio auxilium, e o mandou voltar a Roma. Veiu elle, mas não contente do titulo de *Grande* com que foi saado por seu patrono, quiz, exigi, e obteve por fim as honras do triumpho que a nenhum simples cavalleiro romano até então se tinham dado. Já não era o cliente mas o rival de Sylla; por sua propria conta logo, foi combater, e venceu o resto da facção de Mario commandada por Lepido; obteve novo triumpho, e foi nomeado consul. No seu consulado restabeleceu a dignidade do poder tribunico, e em quarenta dias veiu a cabo dos piratas do Mediterraneo que perseguia até suas extremas guardas da Cilicia. O partido popular, que serviu sempre, com ser de habitos e inclinações aristocraticas, lhe fez dar o commando do exercito d'Asia na famosa guerra Mithridatica; venceu prompto os dois tremendos inimigos de Roma. Mithridates e Tigranes, e dispoz do Oriente como de coisa sua; deu, tirou corôas, e só de uma vez recebeu a homenagem de dôze reis. Conquistada a Syria, reduzida a Judea a provincia romana, voltou a Italia, e quando os Romanos tremendo curvavam já o collo ao novo senhor que n'elle esperavam, Pompeu desarma as legiões, e entra em Roma como simples cidadão. Valeu-lhe a modestia um novo triumpho e o amor dos verdadeiros republicanos, que já eram menos e mais corruptos, mas ainda poderosos. Entraram no thesouro, com os despojos que entregou, 20.000 talentos; e as rendas do erario cresceram de 20 a 55 milhões de drachmas. Mas Pompeu não amava sinceramente a liberdade, senão o poder; e só affectava humilhar-se e cortejar o povo, para dominar em seu nome. Logo o mostrou, formando com Cesar e Crasso aquelle primeiro triumvirato, que não só foi norma do segundo, mas de todas as ligas tyranticas, que, sob diversos nomes e pretextos, teem avexado as nações e o mundo. A Crasso tocou a Syria, a Pompeu a Africa e as Hespanhas, Cesar ficou com o resto e com o governo da Gallia. — A liga quebrou-se logo com a derrota de Crasso por uma parte, — e por outra com a morte de Julia, filha de Cesar que, dada em casamento a Pompeu, era um dos penhores da união. Pompeu, fomentando a anarchia em Roma, queria tornar necessaria a dicta-

dura que ambicionava. Cesar quiz o consulado, e obtivera-o se não fosse a opposição de Catão. Recusaram-lhe-o, e marchou sobre Roma. Pompeu fugiu, com elle os consules e parte do senado que lhe deram o poder discricionario que desejava: a sua causa era popular pela assistencia de Catão a quem mettiã mais medo as declaradas intenções de Cesar contra a republica, do que os proprios vicios de Pompeu, — que todavia a minavam e destruiam do mesmo modo. Tudo porém cedeu ás disciplinadas legiões de Cesar, que perseguiu Pompeu até a Grecia, onde se deu emfim a celebrada batalha de Pharsalia, perdida a qual, Pompeu foi obrigado a fugir disfarçado e a ir buscar asylo no Egypto junto a ellei Ptolomeu, que infamemente o traiu, mandando-o matar apenas desembarcou. Cesar, a quem o indigno rei mandou a cabeça do seu amigo, fugiu horrorizado da vista atroz, e derramou muitas lagrimas. Foi morto Pompeu no 48 anno A. C. N., com 50 de idade. Catão, com os

Fracos sobejos da fatal derrota  
De Pompeu,

foi juntar-se com Scipião em Africa; e, desbaratado tambem este pelas irresistiveis armas de Cesar, acolheu-se a Utica, na situação em que o presente drama o figura.

Veja Valer. Max. 2, cap. 10; Plut., *Vita Pompei*. Vel. Paterc. 2 e 29; Dio. Cass; Caes., *De Bell. civ.* Cic. Eutrop.; *ad Att. c., orat. 68 etc.*; Flor. 4.

### Nota B

...Qu'è d'ella, a liberdade?

Quanta nos deram Mario, Sylla? — Quanta

Nos daria Pompeu se triumphante

Com suas legiões volvesse ao Tibre! Sc. 11., pag. 539

O que seria Pompeu se triumphasse de Cesar, e de Pharsalia marchasse vencedor sobre Roma, em vez de fugir vencido para Alexandria, bem se pôde inferir de suas inclinações, que o proprio Catão conhecia muito bem, apezar de o patrocinar sempre contra Cesar, por principio de politica, esperando quebrar na opposição estas duas ambições rivaes que ameaçavam a liberdade. Na nota anterior se viu o resultado d'essa combinação, que não podia ser outro senão o triumpho de um dos dois tyrannos. A antiga constituição de Roma estava destruida, já se não podia restabelecer. Muito grande, muito rica, muito corrupta, era-lhe forçoso servir. As facções armadas dispunham sós, ha muito do poder que se dizia havido do povo, em quanto o povo passava da tyrannia de Mario para a de Sylla, da d'este para a d'aquelle, sem ousar tomar parte n'uma questão que só era sua, porque, vencesse qual vencesse, elle povo tinha de pagar o triumpho. Mario era um campezão rustico; das fileiras subiu a general, e seis vezes foi consul. Sylla, nobre e pulido, mas pobre, chegou a ser riquissimo, foi dictator e dominou o mundo. Aquelle á frente da facção popular, este da aristocr-



cratica, ambos disputaram de tyrannia, de atrocidades e de crimes. Qual degolhou mais cabeças, qual derramou mais sangue? Não sabe responder a historia, não o poderiam dizer nem os contemporaneos. Mario prezava-se de ignorante, do desprezo em que tinha as letras, do odio que professava a seus cultores. Sylla foi splendidamente patrono das sciencias e das artes. Mas a um a ignorancia, a outro a instrucção levaram aos mesmos crimes e sepultaram nos mesmos vicios. De Mario sabemos que morreu na embriaguez; de Sylla, comido de pilholas pela corrupção em que sordidas crapulas lhe pozeram o sangue.

Nenhum amava a liberdade, nenhum a serviu: mas ambos a arvoraram em seus vexillos para capa de paixões, de odios, de ambições, de caprichos pessoases. Mario, homem do povo, attirava ao povo com as cabeças dos senadores e cavalleiros romanos; e o povo tonto gritava: Viva a liberdade! — Sylla, nobre e cavalleiro, mandava espetar nas pontas das lanças dos seus as cabeças dos amigos de Mario; e as classes superiores gritavam: Viva a liberdade! — E todos diziam bem em seu sentido; porque, em *lingua faciosa*, LIBERDADE quer dizer a *dominação do meu partido sobre o contrario*.

Qual foi a consequencia? que os Romanos se cansaram por fim, e César reinou absoluto.

Veja Cic. *In Verr. etc.*, C. Nep., *In Attic.*; Tit. Liv. 75 etc.; Paus., 1, c. 20, Val. Max. 12; Flor. 3, c. 5 e 1, 4 c. 7; Polyb. 5; Just. 17 e 38; Plut. in 1<sup>o</sup>; Eutrop. 5, c. 2; Vel. Pat. 2, 17, Luc. 1; Virg. *Aen.* 6, etc.

## Nota C

..... Os Quincios  
já não voltam.....

Sc. II., pag. 539

Lucio Quincio Cincinnato deixou o seu nome e glorioso desinteresse em proverbio aos Romanos, e de perpetua accusação e vituperio aos falsos republicos de todas as nações para quem o enthusiasmo da liberdade não é senão capa de ambição e de inextinguível sede de dominio. Viveu á volta de 460 A. C. N. e<sup>o</sup> bem sabida a sua historia. Andava lavrando e com a mão á rabiça do arado quando lhe chegou mensagem do senado que o elegera dictador. Deixou com pezar o sulco meio-aberto, mas correu ao campo; venceu os Volscos e Equos que cercavam o exercito romano e entrou triumphante em Roma. Dezeses dias depois da eleição, depôs a dictadura e voltou á sua lavoura. Outra vez foi chamado á dictadura quando já octogenario; venceu, e no fim de vinte dias tornou a depor o poder supremo, recusando todas as recompensas que lhe queria dar o senado.

Veja Cic. *de Fin.* 4; Flor. 1; Tit. Liv. 3.

## Nota D

... Aquella Pobreza santa e livre  
De Fabricio....

Sc. II., pag. 539

Caio Fabricio é outro nome que as antigas virtudes romanas fizeram proverbial no mundo. Quatrocentos talentos (320.000.000 réis) entraram no thesouro, dos despojos das victorias que ganhou contra os Samnites e Lucanios em seu primeiro consulado; elle ficou pobre como d'antes. Dois annos depois, indo de embaixador a Pyrrho, recusou com indignação os presentes e offertas do attonito rei, que ainda mais o ficou quando o proprio embaixador lhe viu denunciar a traição do seu medico que se offerecera para o envenenar. Morreu e viveu na maior pobreza: foi enterrado a expensas publicas; e duas filhas que deixou, foi necessario que as dotasse o Povo Romano, como liberalmente fez.

Veja Plut. *in Pyrrho*; Val. Max. 2, 4; Cic. *De Off.*; Virg. *Aen.* 6; Flor.

## Nota E

Marco Tulio venceu a Catilina;  
E hoje—mollemente passeando;  
Em seus jardins de Tusculo, revendo-se  
Em marmores de Atheas, manso e queto  
Philos:phando vae.....

Sc. II., pag. 539

Cicero, depois da derrota de Pharsalia, acolheu-se para Brundisio; e amistiado por Cesar, foi viver retirado no campo, com os seus livros e os seus marmores: gosto e paixão que sempre teve e de que o partido *irrational* lhe fazia crime, segundo costuma. Receioso dos projectos liberticidas de Julio Cesar, que já na questão de Catilina se tinha de sobejo denunciado, Cicero seguira, sem se fiar n'elle, as partes de Pompeu; mas não amando menos a liberdade do que o proprio Catão, julgou todavia inutil o sacrificio de ir com elle para Africa; e dando por perdida, desde Pharsalia, a causa da liberdade, assentou de se abster, como homem de bem, de toda a participação em negocios publicos, e dar-se todo aos seus caros estudos da philosophia e das letras.

Depois da morte de Cesar, voltado ao poder o partido que se honrava de contar a Cicero entre os seus, o illustre orador recusou do mesmo modo os cargos publicos, e toda a sua influencia empregou em dissuadir de vinganças. Pagaram-lhe, como costumam, os que dirigiram a reacção que depois veio: no segundo triumpho, o de Antonio, Lepido e Augusto, Cicero foi sacrificado á sanha de Antonio, e assassinado aos 63 annos, 11 mezes e 5 dias de sua idade, e 43 A. C. N., no caminho de Caieta para onde fugia n'uma liteira. Cortaram-lhe a cabeça que levaram para Roma e a penduraram no fóro. Aquella eloquentissima das linguas romanas foi ahí publicamente traspassada de uma agulha feminil pela propria mão da mulher do triumpho, a vingativa Fulvia.

Cicero era um verdadeiro *doutinario*, no bom e leal sentido da palavra, sincero amigo da liberdade, mas contrario ás vinganças e cruéis odios dos partidos: d'ahi o respeitavam e odiavam os mandões d'elles todos. O povo chorou-o, e a posteridade ainda não admira ninguém mais.

Veja Cic. *Orat.*; Flor., C. Nep. *in Attic.*; Quintil.; Plut. *in vit.*; Dio. Cass.; Apian.; etc.

## Nota F

..... Que resurgissem  
Os Gracchos.....

Sc. II., pag. 539

Tiberio e Caio Graccho eram filhos de T. Sempronio Graccho, duas vezes consul e uma censor, e de sua mulher Sempronia, da familia dos Scipioes, matrona de grande virtude, espirito e piedade, mãe exemplar no desvelo e amor com que os educou. Ambos foram eloquentes oradores, e exagerados propugnadores do principio democratico, ao qual queriam fazer subservientes todos os outros elementos da sociedade. Mas eram sinceros em suas opiniões, leaes e constantes em seu procedimento.

Tiberio quiz restaurar a lei agraria, e conseguiu pela violencia fazer decretar de novo esta antiga origem das maiores desordens e calamidades de Roma. Mas no meio de seu triumpho, rodeado da plebe toda, que ia reelegger tribuno, foi atacado em pleno fóro por P. Nasica, e assassinado vergonhosamente no meio do povo attonito que o abandonou de covarde.

Sociegaram por algum tempo as desordens. Mas Caio, que tambem foi tribuno, e muito mais exaltado que seu irmão, fez em breve recrudescer todos os antigos odios; usurpou de facto a auctoridade suprema, em nome das *massas* (como hoje se diz) opprimiu as outras classes todas, e levou a tal ponto os vexames, que excitou uma reacção tremenda contra si. Tambem este foi abandonado pelo povo, obrigado a fugir, e emfim morto por ordem do consul

Opímio no templo de Diana onde se refugiára, A C. N. 121, á volta de treze annos depois de seu irmão Tiberio.

Lançaram-lhe o cadaver no Tibre, e prohibiram a viuva de tomar luto por elle!

Veja Plut. *in vit.*; Cic. *Cat.* 1; Luc. *Ph.* 6.

#### Nota G

Quando o favor dos moebes Quirites  
Tinha sédes-curues e tribunatos,  
Consultados que dar...

Sc. III., pag. 539

Ficou-se chamando *Quirites* aos Romanos desde que admitiram na sua cidade os Sabinos de *Cures*, d'onde derivaram *Quirites*.

Veja Varr. *de LL. l. 4 lib. 1*; Ovid. *Fast.* 3.

Sédes Curues eram dadas só aos grandes magistrados ou altos funcionarios da republica, o dictador, os consules, os censores, os pretores e edis. Eram cadeiras de marfim em que nos actos publicos tomavam assento. Os senadores que tinham servido aquelles cargos conservavam as honras da cadeira de marfim, e n'ella eram levados ao senado por seus escravos. Tambem o triumphador subia ao Capitolio em séde curul.

O tribunato foi creado no anno U. C. 261, depois da celebrada dissensão do Monte-Sacro. Os tribunos, ao principio dois, subiram logo a cinco, e d'ahi a dez. Tinham o *veto* nos decretos do senado, convocavam as assembleas populares ou comicios, julgavam em muitos casos de crimes publicos. Annulou-os Sylla, cercando-lhes as attribuições; restituiu-lhas Pompeu. E de tal modo tinham usurpado porfim a auctoridade soberana da republica, que Augusto, para instaurar definitivamente a tyrannia, fez-se tribuno perpétuo.

Havia, além d'estes, os tribunos *militum*, chamados *latitavi* ou *augustilavi*, do particular uniforme que traziam os de origem patricia ou equestre; e se diziam *rutuli* os nomeados pelo consul, *cumtati* os nomeados pelos comicios.

Depois houve tambem os tribunos dos pretorianos: os tribunos de *erarii*, especie de pagadores das tropas; e os *tribuni voluptatum* encarregados dos espectaculos publicos. Romulo tinha nomeado os capitães da sua guarda *tribuni celerum*.

O officio dos dois consules annuaes substituiu o dos reis expulsos em 244 A. U. C.—Eram ambos patricios até 388 A. U. C., em que se decretou que um fosse do povo, outro da classe patricia. A lei requeria, nos candidatos a este primeiro cargo, 43 annos de idade, e o ter servido os empregos de questor, edil e pretor. Mas pouco caso se fez d'esta, assim como de muitas outras leis constitucionaes, quando as lacções democratica ou aristocratica desequilibra-

vam o estado, até que veio—forçosamente! a tyrannia. Depois, duraram de nome até o anno de 1294 A. U. C. ou 541. A. D., em que Justiniano aboliu totalmente o simulacro d'esta auctoridade que só existia nominalmente desde Augusto.

Durante a republica eram eleitos pelo povo.

#### Nota H

Que podem os ciosos cavalleiros,  
Os soberbos patricios?

Sc. III., pag. 539

A ordem equestre era a intermediação entre os patricios e a plebe; foi talvez a que deu maiores honras á republica. Chama o texto *ciosos* aos cavalleiros, porque effectivamente o eram, e eternamente o serão todas as classes médias, collocadas, por sua posição, entre a preponderancia moral das dignidades e riqueza da aristocracia, e a força material do numero das classes inferiores. O *ciume* será tanto maior quanto menos equilibrada for a constituição, por excesso democratico, ou aristocratico — ou monarchico

#### Nota I

Eit-o aqui vem o principe dos Numidas Sc. IV., pag. 540

O principe dos Numidas aqui introduzido é um character verdadeiramente historico. Seu pae Juba I, amigo de Pompeu, resistira a Julio Cesar até ser derrotado em Thapsos, pelo que perdeu o reino e se deu a morte. O moço Juba tinha seguido o partido dos amigos de seu pae; nenhum estrangeiro foi nunca tam popular entre os Romanos nem se *romanizou* tanto. Captivo e levado por Cesar em triumpho depois da guerra, por tal modo ganhou a benevolencia de todos, grandes e pequenos, em Roma, que Augusto lhe viu a restituir o reino entre os applausos geraes. Escreveu em Grego e Latim de diversos assumptos; historia, zoologia, grammatica; etc.

Veja Orosio, Strab., Suet. e Dion. Hal.

#### Nota K

O genio de Quirino que está n'elle, Sc. V., pag. 541.

Nome que os Romanos davam a Marte, seu principal padroeiro, e a Romulo, tambem que imaginaram filho d'aquelle.

Veja Ovid. *fast.* 2.

#### Nota L

Troa como echo d'essa vez divina  
Com que a nossos avós salvou da infamia  
Jove Stator...

Sc. VI., pag. 542

Jupiter (ou Jove) *Stator* era adorado em Roma no templo que lhe levantára Romulo sob esta invocação, em memoria do milagre que alcançara, fazendo (*stare*) parar, sustar, os Romanos que fugiam dos Sabinos. Veja Tit. Liv.; Flor. etc.

## AO ACTO SEGUNDO

#### Nota A

... Lictores,  
Expulsaes o insensato...

Sc. I, pag. 544

Os lictores eram officaes que acompanhavam sempre os consules, ou as auctoridades que estavam *po testati consulari*, como Catão aqui em Utica.

#### Nota B

Roma não tinha leis quando Tarquinio  
De cidadãos romanos fez escravos?

Sc. II., pag. 544

A constituição de Roma foi livre desde Romulo e Numa: os ultimos Tarquinios fizeram-se tyrannos, e por taes cahiram e trouxeram a republica. E' a ine-

vitavel e perpetua reacção da sociedade: os excessos monarchicos trazem a democracia, os desvarios demagogicos a tyrannia.

#### Nota C

Vossas imagens sentirão a afronta,  
Quando a minha—levada em pompa infame  
Deante do vencedor...

Sc. II., pag. 547

No Capitolio estavam as imagens dos homens grandes da republica. Cesar com effeito levou, no seu triumpho, a imagem de Catão deante de si, já que o não pôde levar em pessoa. E o povo não se fartou de dar vivas ao triumphador!—Catão prophetiza aqui o que realmente veio a succeder. Levaram as imagens

dos mortos em triumpho, é como hoje diríamos enforçar em estatura.

Veja Plut. *Cat. min.*

**Nota D**

Decio, um homem equestre..... Sc. v., pag. 548

*Homo equestris*—por cavalleiro, da ordem dos cavalleiros ou equestre.

**Nota E**

Deante do teu, seu genio acovardado  
Vacilla:..... Sc. v., pag. 548

É como se hoje dissesse um piedoso christão: «O meu anjo da guarda treme deante do teu.» Tinham os Romanos—e os Gregos, e creio que todos os povos—que a cada homem era dado por Deus um genio, *δαίμων*, que d'elle tomava conta á nascença e só na morte o largava. A este, que os Romanos principalmente chamavam *Genius*, referiam o homem moral todo, o poder intellectual e dirigente do individuo.

Vencia Scipião: uma batalha, era o genio de Scipião que a ganhava; predominava Augusto sobre Antonio, era o genio de Antonio que succumbia ao de Augusto.

Assim Racine, tam propriamente e com tanto sabor romano, fez dizer a Nero, falando de Agrippina:

Mon génie étonné tremble devant le sien.

Britann. act. II., Sc. 2.

Veja Cicer, *Tusc. 1.*; Plut. de *gen. Socr.*

**Nota F**

.....por elle subirei aos Rostros, Sc. v., pag. 549

Logar alto no fóro, ornado com as proas, ou esponentes das proas das galés tomadas aos inimigos, e que d'ahi tirava o nome de *Rostri* os *Esponentes* ou pontas ferradas dos navios antigos. A este logar subiam os oradores, como a tribuna, para falar ás turbas.

## AO ACTO TERCEIRO

**Nota A**

.....aos avós, austeros guardas  
Da patria liberdade, se oppuseram  
A que artes gregas na severa Roma  
Ousassem metter pe..... Sc. 1., pag. 550

Os austeros Romanos de tẽmpera velha tinham medo á civilização, e ás artes que da Grecia lh'a traziam. Catão censor, dito o velho ou *Cato major*, foi um d'esses.

A aristocracia republicana, que é sempre a mais dura de todas por necessidade de posição, era a que mais temia os progressos das luzes entre o povo. Por vezes expulsaram da cidade os philosophos e os grammaticos e *rhetores* que, diziam elles, corrompiam a mocidade. Avaliaram-se por aqui os desvarios que a este respeito disse o democratico Rousseau, e fizeram os seus discipulos

M. Bruto, criado nas antigas austeridades, e fanatico sincero na santa causa da liberdade, imagina portanto que os Gregos, então já vassallos de Roma, se vingavam de seus senhores, mandando-lhes estes factes presentes para a corromper.

Proconules se chamavam ordinariamente o que iam governar as provincias sujeitas da republica. O que administrava a Grecia dizia-se proconsul da Acchaia. Harmodio e Aristogiton foram dois celebrados athenienses que libertaram a patria do jugo dos Pisistratos, A. C. N. 510.

Vejam Plut. *Cat. maj.*; Paus. 1.; Herodot 5, c. 55.

**Nota B**

Servilia minha irman, por essas eras  
Dara mate ás bellezas mais faladas  
Da capital do mundo.... Sc. III., pag. 551

São historicos e authenticos os illicitos amores de Julio Cesar com Servilia, irman de Catão; e foi commun, quasi geral, a crença publica de que Marco Junio Bruto era filho d'elle e não do marido de sua mãe, distincto juriconsulto que tambem se chamava M. Junio Bruto.

Na narrativa do texto só ha alguns ornatos de ficção; o fundo é real. Mas foi menos tragico; porque nem Servilia foi seduzida, e era já casada e esperta, nem parece que mulher de se deixar morrer porque a deixasse um amante.

Catão certamente levava a mal estas immoralidades, mas não com o sentimentalismo que aqui lhe dá o poema. Parece até, pelo que se deprehende dos historiadores, que Servilia é quem fizera a corte a

elegante Cesar, que foi grande *dandy* nos seus tempos.

Um dia lhe escreveu ella uma carta apaixonada e cheia de requebros com que lhe pintava o seu amor: mandou-lh'a ao senado onde estavam em sessão. Era no calor dos debates sobre a conspiração de Catilina. Catão que viu entregar uma carta a Cesar, protestou que era dos conspiradores e exigiu que se fizesse leitura d'ella. Cesar não respondeu, e entregou a carta a Catão. Mal a correu com os olhos o austero senador, e indignado lhe atirou com ella, exclamando: *Toma, bebado.*

N'aquelle tempo diziam-se as coisas pelo seu nome.

Veja Corn. Nep. *Att.*; Plut. in *Cic.*

**Nota C**

...Ver-te-hei, com estes olhos  
Varrendo a Sacra via—não com a toga  
Negra, que tua stoica vaidade  
Ostentava no fóro,... Sc. VI., pag. 552

Catão trajava sempre de escuro: o que os seus inimigos attribuiam a affectação philosophica.

Veja Plut. in *Cat. min.*

**Nota D**

... Eu sei, Romano, que sou barbaro Sc. VII., pag. 552

Gregos e Romanos chamavam barbaros a todos os outros povos. Só talvez a favor do Egypto faziam excepção, por d'ahi lhe terem vindo essas mesmas luzes com que tanto se desvaneciam, e por que se reputavam, e eram superiores aos outros povos da terra

**Nota E**

Quanto mais preso e quero o fóro augusto  
De cidadão romano, que essa c'roa,  
De tanto sangue e lagrimas banhada  
Na frente de meu pael... Sc. VII., pag. 555

No auge de grandeza e dominação da republica os reis solicitavam o fóro de cidadão romano, e se prezavam d'elle mais que de nenhum outro titulo. Quanto aos reis Juba, pae e filho, veja para intelligencia d'este ponto, a nota I ao Acto I, Sc. IV.

**Nota F**

...ao parricidio  
Da patria... Sc. VII., pag. 556

Dizia-se parricidio, no sentido generico, todo o homicidio de proximo parente: ao matricidio, até ao que mais propriamente diríamos *filicidio*, se deu este nome. Parricidio e parricida da patria, é expressão exacta.

## AO ACTO QUARTO

## Nota A

Bruto, esse nome que te enleva tanto,  
Não se illustrou assim. O outro escondido  
No baculo,...

Sc. II, pag. 557

Fala-se aqui de Lucio Junio Bruto, ascendente d'este Marco Junio Bruto. Lucio era filho d'outro Marco e de Tarquinia, filha de Tarquinio Prisco, que ambos, com seu filho mais velho, mandou matar Tarquinio soberbo. Chamaram-lhe, por alcunha, *Bruto*, porque bruto e estúpido se fingiu para escapar ás proscricções de Tarquinio soberbo. É muito sabida, e passou em proverbio, a allegoria do baculo ou bordão toco de sabugo, que trazia na mão como simples que se fazia, com o ouro escondido no amago como fino que era. Por morte de Lucrecia, 509 A. C. N., Bruto mostrou deveras quem era.

A alcunha porém tornou-se em appellido, e os da familia Julia todos se honraram, d'ahi em diante, do verdadeiro fidalgo nome de Brutos.

Veja Tit. Liv. I, e 56, II. c. 1 etc.; Dion. Hal. 4 e 5; Virg. *Æn.* 6; Plut. in vit. Brut. et Caes.

## Nota B

...Foi menos glorioso o sacrificio  
...Dos Fabios...

Sc. III, pag. 557

Trezentos e seis valentes cidadãos compunham a poderosa e nobilissima familia dos Fabios quando se arrojaram a tomar sobre si, sem mais auxilio publico ou particular, a guerra de Veios. Fizeram prodigios, mas succumbiram na batalha campal de Cremera, ao desmesurado numero dos inimigos. Toda a familia alli pereceu com as armas na mão, excepto um que, por criança, ficára em Roma e do qual procedeu depois a illustre descendencia dos Fabios.

Vinham originariamente de honrados lavradores, cuja principal lavoura eram favas, *faba* em Latim, e d'ahi *Fabii*, faveiros.

Veja Tit. Liv. II: Dion. Hal. 9; Virg. *Æn.* 6; Ovid. *Trist.*

## Nota C

...Marco-Tullio arrependido  
De seguir nossas miseras fortunas.  
Tergiversar, fugir por fim... e a purpura  
Consular pela estrada de Tarento  
Arrastando no pó, ir supplicante  
Humilhar-se ao tyranno...

Sc. III, pag. 558

Veja nota E ao acto I. e Plut. in vit.

## Nota D

...a Tiberio já não digo,  
Mas nem a Caio-Graccho na vehemencia  
De orar cedia,...

Sc. III, pag. 558

Veja a nota F ao acto I.

## Nota E

...A moribunda  
Loba do Capitolio...

Sc. III, pag. 558

A loba, que aqui se diz moribunda em allusão ao estado das coisas romanas, era com effeito venerada no Capitolio em memoria da fabulosa ama de Romulo e Remo.

Veja Plut. in Romul.; Ovid. *Fast.*

## Nota F

Honra dos meus, cuja tremenda imagem  
Inda no Capitolio brande a espada,  
Terror dos reis, e salvação de Roma:  
Junio-Bruto

Sc. III, pag. 559

Veja nota A a este acto.

## Nota G

...os filhos indignos sacrificia  
A merecida pena, a morte justa.

Sc. III, pag. 559

É a sabida historia dos filhos de L. Junio Bruto sentenciados á morte por seu proprio pae.  
Veja Plut. in Vit.; Tit. Liv. etc.

## Nota H

Que todas essas leis,—que plebiscitos,  
Que senatus-consultos,...

Sc. III, pag. 559

Chamava-se plebiscito a lei que passava nos comicios, senatus-consulta quando a decretava o senado.

## Nota I

... em mais clara  
Equidade fundada do que o Album  
Do pretorio,...

Sc. III, pag. 559

O *Album* do pretor era uma especie de edital, proclamação ou manifesto em que, no principio da sua magistratura, annunciava o novo eleito o modo por que havia de proceder ao julgamento das causas de sua competencia. Creou-se este cargo no anno de Roma 388. — Primeiro era um só, chegaram a 64, depois fluctuaram entre 12, 16 e 18.

Veja Macrob. *Saturn.* I, 16; Sigon. de *Jud.* I, 7; De off. Pretoris; Heinec.

## Nota J

... aos sanguinosos  
Pagos de Sylla...

Sc. III, pag. 559

Veja nota B ao acto I.

## Nota K

... Hontem expulsastes  
A Coriolano, porque ousou negar-vos  
Os baldios communs: hoje, lugundo,  
Abandonaes á furia dos patricios  
Gracchio que vol' os dava!

Sc. III, pag. 559

Não é exacta a expressão — *baldios communs* de que se usou, com ser menos propria, só porque melhor entendido seria o pensamento.

O que é exactissimo é que a questão da lei agraria tam funesta foi a Coriolano que a impugnou, por occasião do trigo que mandava el-rei Gelo de Sicília de presente aos Romanos, como veio a ser a seus defensores os Gracchos por occasião do testamento d'el-rei Attalo que aos Romanos deixára as suas riquezas.

C. Marcio, appellidado Coriolano por haver tomado aos Volscos a cidade de Corioli, banido, por aquelle motivo, por sentença do povo, refugiou-se entre os Volscos e não tardou a vir com elles sobre Roma. Todos sabem que a rogos da mãe e da mulher, cedeu da vingança que já tinha na mão, e não entrou Roma já quasi rendida por suas armas.

Veja Plut. in vit.; Flor. 2; e a nota F ao I acto.

## Nota L

... Mario ahí estava  
Para inutilisar o feito ardido,

Sc. III, pag. 559

Veja nota B ao acto I.

## Nota M

... servos os tribunos  
E fúcciosos; avara e perdularia  
A questura; roubando o derradeiro  
Sestercio ao povo, a ultima drachma ao Erario;  
Os pretores vendendo em hasta publica  
A justiça,...

Sc. III, pag. 559-560

Veja, quanto aos tribunos, a nota G ao acto I, e quanto aos pretores, a nota I a este acto.

Os questores, cujo cargo foi creado A. U. C. 269, eram dois ao principio; depois em 332 se crearam mais dois: aquelles, ditos *urbanos*, eram os collecto-



CATÃO

Manlio — Expiraste, o Roma !

PAG. 568

Acto V — Scena 7.ª — Catão — Marco Bruto — Juba — Manlio.



res, recebedores geraes e ministros do thesouro em Roma; eses ditos *peregrinos* eram como pagadores geraes das tropas, commissarios em chefe, e acompanhavam o consul quando commandava, exercendo junto a elle estas e outras funcções fiscaes e politicas. Dilatados os limites da republica, e os do imperio ainda mais, cresceu o numero dos questores na proporção do das provincias que tinha cada uma o seu, e a estes chamavam por isso *provinciales*.

Eram senadores natos os questores; e quando os dictadores, depois os imperadores, queriam fazer esta mesma operação que hoje fazem os ministerios dos governos representativos monarchicos nomeando pares novos para segurar o voto da segunda camara,—nomeavam uma fornada de questores, e assim tinham a votação dos Padres-Conscriptos. Sylla creou vinte de uma vez, J. Cesar, de outra, quarenta.

Foram estes cargos originariamente da nomeação do senado, até que a usurparam, com todas as mais, os imperadores.

O *questor principis* ou *augusti*, (que tambem ás vezes se dizia *candidatus principis*) e o *questor palatii* eram o que hoje diriamos officiaes mores da casa imperial—ou talvez do imperio.

O sestercio era moeda antiquissima romana. Em 547, vinte sestercis eram eguaes a um scropulo de ouro.

O drachma era moeda grega do valor, pouco mais ou menos, de 1300 réis portuguezes.

## Nota N

... Veiu Apio-Claudio  
Fazer chorar em Roma por Tarquinio... Sc. III, pag. 560

Apio-Claudio foi um dos decemvros que, a titulo de estarem fazendo as leis das doze tabuas—a constituição, para assim dizer, da republica—cumularam tres annos os poderes supremos do Estado com insupportavel tyrannia: é o Longo-parlamento de Roma, e a historia de quasi todas as assembleas constituintes. Sentiram-se tam vexados os Romanos por este congresso de tyrannos, que chegaram a suspirar pelo despotismo dos Tarquinhos.

Começaram em 363 A. U. C., e acabaram com a odiosa e bem conhecida historia de Virginia que Ap. Claudio tentou violar, e que seu proprio pae matou para lhe salvar a honra.

Veja Tit. Liv. 3., c. 33.

## Nota O

... Morre, meu Porcio,  
Que vives para a gloria!... Sc. v., pag. 561

Não é expressão lançada ao acaso. A generosa e sublime ficção do direito romano suppunha vivos para os effeitos civis, os cidadãos mortos na defeza da patria.

## Nota P

... filhos de Quirino: Sc. v., pag. 562

Quirino chamavam os Romanos a Marte, e a Romulo como filho de Marte.

## AO ACTO QUINTO

## Nota A

Consolaste-me, Socrates!...  
... Convenceste  
A minha alma, Platão... Sc. II, pag. 562-563

Todos sabem que Platão, discipulo de Socrates, todas as suas obras as deu como reflexo das lições do mestre. A isto allude o primeiro verso citado.

Catóo antes de se apunhalar, leu o dialogo de Platão sobre a immortalidade d'alma, para se confortar com a doutrina consoladora do philosopho pagão que mais se approximou do Christianismo, e certo, um dos que mais preparou os animos para as sublimes verdades do Evangelho.

Veja Plut. *in vita*; Luc. 1; Val. Max.

## Nota B

A natureza—Deus Optimo Maximo, Sc. III., pag. 563

Com este titulo distinguim os Romanos o Deus unico e verdadeiro, que o mesmo Pantheismo reconhecia superior a todas as outras influencias que poeticamente divinizára.

## Nota C

Sob os golpes do ariete incessante Sc. IV., pag. 564

Ariete era machina de guerra, vaivem com forte cabeça de bronze affieçada á de um carneiro, e que servia para bater em brecha.

## Nota D

... Esse tropel de gente inerte  
Andam como alienatos... Sc. IV., pag. 564

Todas estas circumstancias aqui descriptas são absolutamente historicas.

Veja Plut. *Cat. min.*

## Nota E

... inda além das portas d'Hercules Sc. v., pag. 565

Por columnas d'Hercules, a entrada ou portas do estreito de Gibraltar—o *non plus ultra* dos navegadores antigos. De Hercules se diziam porque suppu-

nham as tradições que quando alli chegára em suas viagens, puzera aquellas balizas que ninguem mais ousaria passar.

## Nota F

... Reservada  
Das triremes fique uma!... Sc. VI., pag. 565

A galé de tres pontes, ou tres ordens e bancos de remeiros chamavam os Romanos *trireme*.

## Nota G

Como a espada de Achilles fabulada,  
Sara o que fere... Sc. VII., pag. 566

Elegante ficção de Homero, provavelmente colhida das legendas populares que recopilou, a qual depois deu thema aos poetas para tanto dito engenhosos.

Veja Ovid. *Remed. Amor.*

## Nota H

Vamos co' estas reliquias d'outra Cannas,  
Vamos a demandar novo Canusio, Sc. VII, pag. 665

Os Romanos desbaratados por Annibal, junto a Cannas, logarejo da Apulia, na famosa batalha do dia 21 de Maio, 216 annos A. C. N., acolheram-se a Canusio, pequena cidade da mesma Apulia, em que pouco e pouco se foram recobrando da perda e do medo, até que tornaram a entrar em campanha.

Veja Tit. Liv. 22; Plutão *in Annib.*; Flor. 2.

## Nota I

... das Hespantias,  
Inda não subjugadas, nos convida  
O filho de Pompeu, .....  
.....  
E porque não iremos nos entre elles  
Procurar as fortunas de Sertorio  
.....  
Deparemos porventura ainda  
Com algum Viriato .... Sc. VII., pag. 566

As Hespantias, e a nossa Lusitania especialmente, deram com effeito muitas lições de patriotismo, de amor de liberdade, de firmeza e de lealdade de caracter, aos proprios Romanos.

Nas Hespanhas foi que os filhos de Pompeu recrutaram principalmente o formidável exercito que, morto Cneu na derrota de Munda, ainda sustentou a Sexto na Sicilia até á morte de Julio Cesar, e depois o habilitou a tractar com o triumvirato como de equal para eguaes.

Veja Paterc. 2; Plut. in. Vit. Anton.; Flor. 4.

Sertorio (Quinto) proscripto por Sylla refugiou-se na Lusitania, onde estabeleceu um governo livre com um senado a que presidia como consul. Pompeu e Metello, os invencíveis generaes romanos, foram assim como os outros, vencidos pelos Lusitanos que defendiam a Sertorio. Succumbiu á traição de Perpenna, official seu, que em um banquete o fez assassinar.

Veja Plut. in. vit.; Apian. de civ.; Val. Max. 1.

Viriato de simples pastor chegou a ser o general e defensor, não só da Lusitania, mas das Hespanhas livres todas: venceu muitos generaes romanos, entre os quaes o mesmo Pompeu. Cæpio não poudo livrar-se d'elle senão comprando a traição dos seus domesticos, que o assassinaram.

Veja Flor. 2; Val. Max. 6.

#### Nota K

Cahiú n'esta hecatombe....

Sc. ix., pag. 568

O grego *εκατόβοια*, de que os Latinos contrahiram *hecatombe*, significa á letra *cem toiros*; e dava-se este nome ao sacrificio d'esse numero e casta de victimas que os de Argos e Egina offereciam a Juno. Figuradamente diz-se de todo o sacrificio grande e numero.

#### Nota L

.... avitas Sabinas:....

.... Glorioso

E aquelle torráo que tantas vezes

O grãu Censor co' as proprias mãos lavrava.

A minha Porcia:.....

.... Eu t'a colloco e entrego

Digna esposa de Bruto....

Sc. ix., pag. 568

Catão o Censor ou maior, ascendente d'este e fa-

moso por sua austera frugalidade, lavrava no seu campo com as proprias mãos.

Porcia, filha de Catão Uticense, foi com effeito mulher d'este Marco Junio Bruto, e digna esposa d'elle pelas virtudes publicas e domesticas de que era modelo. Teve o animo de se dar um lanho terrível n'uma perna, só para experimentar sua força no soffrer a dor; e ao marido, que lhe perguntava a razão de tal estranheza, respondeu que quizera vêr se a mulher de Bruto, assim como era digna do seu leito, o era tambem de tomar parte em todas as suas coisas e segredos por mais perigosos que fossem. D'ahi por deante Porcia foi sabedora e tomava quinhão em quanto mais arriscado empreheudeu Bruto. Não lhe quiz sobreviver quando este morreu; e como propria filha de Catão, á mingua de outras armas, que todas lhe tiraram seus amigos, conseguiu matar-se engulindo carvões em brasa—4 volta de 12 annos A. C. N.

Veja Plut. in Brut., e Valer. Max. que um tanto varia em alguma circumstancia d'esta historia.

Porcia era já viuva de Bibulo quando esposou M. Bruto.

#### Nota M

Deixae-me — eu sei morrer.

Sc. xi., pag. 571

É historico o sentido d'este e dos proximos versos, e exactissimamente o que indica a rubrica.

Veja Plut. in vita.

#### Nota N

.... Mal coahcees

Que sentença de morte proferiste,

Sc. xi., pag. 571

Allude a ser elle, Marco-Bruto, filho de Julio Cesar, um dos que depois, em pleno senado, o apunhalaram. São bem sabidas as ultimas palavras do moribundo pae; quando viu M. Bruto entre os assassinos, cobriu o rosto com a toga, exclamando: *Tu quoque, Brute!*

Veja Suet. in vit.; Plut. id.; Dio; Apian. etc.



## VARIANTES

Versos da primeira edição inteiramente suprimidos ou completamente alterados na segunda

### PROLOGO

*Depois do verso 26.*

Desesperado horror na voz, nos lábios  
Lhe vem do coração troar vingança.

*Depois do verso 33.*

Se troa sons de morte e de vingança:  
Em vez dos ais de amor pullulam, fervem  
Os ais, filhos do horror, nas duras cordas.  
Ternura, encantos de delícia e mimo,  
Oh! não os espereis: só fala a patria...

*Depois do verso 48.*

Oh! que ideas de mágoa e de vergonha  
Não excita este nome! Italia em ferros!

*Depois do verso 54.*

Mas não; não recordemos taes memorias:  
Ou, se as lembrarmos, lembre-nos o exemplo...

*Depois do verso 57.*

O ferro de Catão... (não o de Bruto...)  
Tambem sabem meneal-o os Portuguezes.

*Depois do verso 68.*

Oh! não; não attenteis do vate aos erros:  
Arte engenhosa, lucidos talentos  
No limitado espirito fallecem.

*Depois do verso 74.*

Não me levou a empreza tam difficil  
O louco amor de passageira glória.

### ACTO I—SCENA I

(*Manlio.*) E commigo o universo; mas tu mesmo  
Bruto, o confessas; só a nós e a poucos...

(*M. Bruto.*) O esquecido valor a excitar n'alma?  
Inultos manes, veneranda sombra,  
Victima infausta da traição mais barbara!

(*Manlio.*) Ah! Bruto! e de que serve o nosso esforço?  
Nós poucos, já sem forças que nos resta?

(*M. Bruto.*) Basta: aurora a despontar começa...

..... Ah malvados  
Cujos horror se emparelha ao d'um tyranno?  
Sim, Manlio, o dia chega; e junto em breve  
O senado será: d'elle dependem,  
Elle decidirá nossos destinos.  
Teus receios ante elle, os teus temores...

Eu, simples cidadão, tenho um só voto:  
Amigo, aconselhei-te a ser Romano;  
Romano não te posso ouvir mais tempo.

### SCENA II

(*Manlio.*) Tua ferroz virtude em balde intenta  
Erguer das cinzas a defuncta Roma:  
Punhal terrivel de civis discordias...  
Potencia infausta lhe sustenta o throno;  
Indomavel poder o escuda, o ampara...  
Insensatos ousamos... (Ah! debalde)  
Pelo phantasma vão da liberdade  
Sacrificar as preciosas vidas!...  
Porém Sempronio chega. Alma insidiosa!  
E inda fia Catão d'homens como este  
Fazer Romanos, e salvar a patria?

### SCENA III

(*Sempronio.*) Como pretende ás victoriosas tropas  
De Pharsalia, do Egypto e do universo  
Na impetuosa torrente oppôr barreiras?

(*Sempronio.*) ..... A Cesar  
Ir ao encontro; suspender-lhe o ferro;  
Salvar-lhe a propria vida, e junto ao throno  
Seguir os fados do universo inteiro.

(*Manlio.*) ..... É necessario  
Expor com energia ante o senado  
A crise perigosa em que hoje estamos...  
Em breve aqui se ajunta; em vivas côres  
Convém pintar-lhe o estado miseravel...

(*Sempronio.*) Nem mesmo aqui, nem mesmo a qualquer outro  
Que tu não fosses, Manlio, a quem d'ha muito,  
Além do sangue, uniu santa amizade,  
Minhas ideas impudente ousára  
Patentear descuidoso. Em ti confio  
No segredo que exigem.

(*Manlio.*) ..... Nem duvides;  
Minha prudencia ha muito te é notoria.

### SCENA IV

(*Sempronio.*) ..... Ah! não: taes homens  
Nem de grandes acções, nem grandes crimes  
Capazes fez a avara natureza.  
Meus designos porém... Cesar... ahl cumpre  
D'um homem que aborreço e que detesto  
Vingar-me emfim. O plano está formado:  
Executal-o resta.

### SCENA V

(*Porcio.*) Entre os soldados, entre os chefes mesmos  
Murmuros, dissensões Por esta causa  
N'este humilde logar meu pae ajunta  
Essas tristes reliquias de Pharsalia  
A que ainda senado appellidamos  
(*Juba.*) ..... Sua virtude,  
Sua virtude só torna sagrado,  
Legitima, redobra em preço, em número  
Esse pouco que resta dos Romanos.

Sua virtude só no peito, n'alma,  
Dentro nos corações imprime e grava  
Respeito, adoração; nutre, avigora  
A constancia, o valor, a audacia nobre.  
Ella só nos da patria moribunda  
Inimigos crueis terror diffunde.  
A seu rigido aspecto Cesar mesmo...  
.....  
D'essas tremendas aguerridas hostes...  
(*Sempronio*.) Antes que unidos venham nossos fados  
Decidir de uma vez, que inflammas-os,  
E, um por um, excitar suas nobres almas.

## SCENA VI

(*Porcio*.) Por seus labios o céu lhes fale ao peito.  
Mas tu, Juba, calado, e pensativo...  
(*Juba*.) ..... Ah! Porcio, declarar-te  
De minhas reflexões receio a causa.  
Um segredo, cruel presentimento  
Me faz desconfiar d'este Romano.  
Iludo-me talvez...  
(*Porcio*.) ..... Grande virtude  
É prudencia, amigo; mas não dêmos...  
..... Em vão tentamos  
Dissimular o horror de tantos males;  
Em balde os olhos ao clarão fechamos  
Do raio que fulmina, e que já troa  
Sobre as nossas cabeças...  
Quasi incapaz de merecer tal nome:  
(*Juba*.) De teu Augusto pae recorda, ó Porcio,  
A maxima sublime. E' nos vedado  
Dos decretos do céu sondar o arcano.  
Talvez... quem sabe!...  
(*Porcio*.) ..... Não, querido amigo;  
O mais tenue vislumbre de esperança  
N'alma não me entra já. Cada momento  
Vejo esse monstro, que em sua ira os deuses  
Nas entranhas de Roma produziram  
Para rasgar-l'has parricida filho,  
Para no sangue maternal cevar-se;  
Esse monstro, esse barbaro tyranno  
Nossos muros entrar, e entrar com elle  
Ferros, escravidão, ludibrio e morte.  
Morte! Ah! não penses, Juba, que a receio.  
Um filho de Catão, Porcio, um Romano  
Olha contente alevantar-se ao golpe  
Que á patria o sacrifica, o faz eterno.  
Mas, eu sou filho, Juba; e a natureza  
E' mais forte que Roma. Ah! resta ainda  
A coroar o horror de tantos crimes  
A morte de Catão. Tam negra idea  
Não, não me é dado sem terror fitá-la.  
Como podeis juntar, supremos deuses,  
Tantas virtudes com desgraças tantas?  
Como sollreis que a barbara fortuna  
Ouse... Mas, se o soffreres, se ao crime os raios  
Retendes frouxos na tardia dextra,  
Maior que ella e que vós seja a nossa alma...

## ACTO II — SCENA I

(*Catão*.) De crimes té'qui protege a infancia  
Desculpae-me se avivo as vossas chagas,  
Se os horrores vos lembro de Pharsalia.  
(*M. Bruto*.) Ah! corramos, amigos. Que mais resta?  
Que temos a esperar? A gloria, ó padres!  
(*Catão*.) ..... Entre as virtudes  
E o vicio occulto que lhes veste a mascara...  
Se a venda das paixões nos cega os olhos  
Seus termos, seus limites confundindo...  
E ousaremos assim por vão capricho  
A nossa gloria van sacrificar  
E entre as cohortes do feroz inimigo

Ir nós mesmo, mais barbaros do que elle,  
Tingir-lhe as lanças de romano sangue?...  
Que mais de nossa gloria cubicosos,  
Dão que fideis á d'ella, a nossa morte...  
(*Manlio*.) Quem atropella as leis da natureza  
Não deve os fóros seus gosar tranquillo.  
(*M. Bruto*.) O senado?... Pois sim; que me castigue.  
Tudo pôde tirar-me, a mesma vida,  
Menos do coração alma romana.

## SCENA II

(*Catão*.) ..... As razões tuas...  
Eu também sou Romano... mas sou homem;  
Responderei sem ferro...  
..... é forçoso ás fauces d'elle,  
Ou de salto atrevido além transpor-se,  
Ou sem recurso baquear-lhe ao centro.

## SCENA III

(*Manlio*.) Eil-o a paz que vem pedir-nos.

## SCENA IV

(*Catão*.) Enthusiasta não sou; e da virtude  
Anda sempre mui longe o fanatismo.

## SCENA V

(*Decio*.) ..... Mas prezando  
De Catão as virtudes, Cesar treme  
De ficar vencedor a vez primeira.  
No accurado universo és tu sóme; te  
Quem ao poder resistes do seu braço.  
Por tal competidor de orgulho ufano  
Teme acabar sua gloria n'um triumpho.  
(*Catão*.) ..... por elle em Roma  
Minha voz, prompta sempre aos infelizes,  
Heide erguer, supplicar; e de seus crimes  
O perdão alcançar, volvê-lo á patria.  
(*Catão*.) Enquanto os labios a bradar vingança  
Me deixarem os céus... só, desvalida...

## ACTO III — SCENA I

(*Decio*.) Nem é de fera o coração do homem.  
(*M. Bruto*.) E eu porque homem sou, não quero ouvir-te...  
Que eloquencia chamaes, ignora-a, odeio-a;  
Não a sei praticar, não quero ouvir-lhe.  
Poetas, oradores destruíram...

## SCENA VI

(*Juba*.) ..... Que enigma encerra  
Este dito de Bruto? Ah! talvez...  
(*Sempronio*.) ..... Tudo  
Te faz desconfiar! Principe, deixa,  
Deixa uma vez o genio suspetoso.  
Não; não vacilles mais: quanto te hei dito  
E' certo, bem o vês...  
..... E no tumulto  
Catão assassinar...  
(*Juba*.) Perdoa-me Romano: ah! de tua alma  
Out'ora eu duvidei. Tuas virtudes,  
Injusto, appreal-as não as soube.  
(*Juba*.) Se os dias de Catão salvo ditoso;  
Se esse monstro, esse horror da natureza,  
Esse tyranno Cesar posso eu mesmo  
Co'este braço immolar aos patrios manes!  
Oh! meu pael dirige o golpe ardidio,  
Leva-l'ho ao coração d'esse malvado!  
Holocausto de asperrima vingança,  
O' Cesar, eu te voto ás sombras negras

Do Averno... que os tormentos já prepara,  
Das fúrias, que os açoutes já sacodem...  
Vamos; amigo, vamos...  
(*Sempronio*). . . . . Mais prudência,  
Mais sangue frio é necessário, ó príncipe;  
Porcio para aqui vem: disfarça, occulta;  
Ou perdido verás...

## SCENA VII

(*Porcio*). . . . . Emfim os deuses  
Decretaram de Roma; e o fado iníquo  
Aos dias de Catão... idea horrível!  
Oh! não, não te verei, dia de magoa.  
Não tenho coração que soffra tanto.  
Antes que ouse attentar aos dias d'elle,  
Primeiro n'este peito a morte crua  
Hade ensaiar o golpe. Sim, primeiro...  
Sim venerando pae; ao reino escuro  
Eu te irei esperar: meus tristes olhos...  
(*Porcio*). Inútil esperança!  
(*Juba*). . . . . Os ceus são justos.  
(*Porcio*). São justos! Ah! são justos; e a virtude  
Abandonam assim; assim do crime  
Escrava a deixam soluçar nos ferros!  
Eu deuses, se quereis que vos adorem,  
Se incensos de mortaes, se humildes rogos,  
Se victimas quereis, se altares, templos,  
Fazei-vos conhecer, mostrae-vos nomes:  
Amparae a virtude, e aos vossos raios  
O impio descobre só, trema o malvado.

## ACTO IV—SCENA I

(*Manlio*). Oh cumulo de horror! oh gente indigna!  
Restava ainda esta nodoa, esta vergonha  
Para enxovalho nosso! Roma! oh Roma!

## SCENA II

(*M. Bruto*). Perdidos!... Ah covardes!... Mas tu, Manlio!  
Tu com elles tambem!... Não me enganava.  
Não me illudia eu. Indigno, agora,  
Agora nós veremos se essa espada  
Como a lingua tu sabes...  
(*Manlio*). . . . . Bruto, ainda  
Esse louco furor não moderaste?  
Impetuoso mancebo, enfreia as iras;  
Sê homem uma vez.

## SCENA III

(*Manlio*). Manlio eu conheço: basta; não insultes  
Com vil suspeita um senador romano.  
Mas, Sempronio onde está? Juba? meu filho?  
(*M. Bruto*). Jaz socegado emfim: os vis traidores,  
E de Cesar as tropas, que os seguiam,  
Ou salvaram co'a fuga as torpes vidas,  
Ou prezos fazem, ou no campo mortos.  
(*M. Bruto*). . . . . Porcio! Combateu commigo;  
E combateu Romano. A sua espada  
Ao meu lado mil golpes desferia  
Que invejára Scipião.  
(*M. Bruto*). Mas primeiro immolar ao negro Averno  
Em holocausto, peridos, tyrannos.  
(*M. Bruto*). O cutello da lei brandindo ao crime...  
(*Catóo*). Que os vis Targuinios expulsou de Roma.  
Te é livre de julgal-o e de punil-o.  
Tens magistrados, leis, e tens algozes.  
Se d'aquelles usurpas os direitos,  
Criminoso és tambem. E o negro officio  
Do último assumir, julgal-o acaso  
Acção condigna a um cidadão Romano?

## SCENA IV

(*Catóo*). . . . . Oh! ceus que vejo!  
Sempronio em ferros! Juba...  
(*Catóo*). . . . . Bruto!  
Explicae-me este enigma: devo acaso  
Ver um traidor n'um senador Romano?  
Esses grilhões teus pulsoz que indicam?  
Tu emmudeces? — príncipe, que é isto?  
(*Catóo*). Oh lá, soldados, de Numidia ao príncipe  
As portas da cidade abertas ficam.  
(*Juba*). . . . . Sim; deixei-me  
Seduzir d'esse monstro. Mas nem mesmo  
Te dignas arguir-me, nem te abaixas  
A castigar-me? Oh ceus! esta vergonha  
Não, eu nunca a esperei. Pena tão rude  
Merecer a Catão não pensei nunca.  
Sou criminoso sim; porém, meu crime  
E' filho só do erro. Esse perverso  
Sob a côr da virtude, do heroismo  
Perfido m'o encobriu, soube enganar-me.  
Da patria minha na rudez selvagem,  
São ignoradas da perfidia as artes.  
A minha singeleza, e poucos annos  
Facil foi de vencer a quem tam dextro  
Em artificios taes, lhe sabe o enredo.  
Para salvar teus dias ameaçados,  
Para evitar que ao dictador abrisse  
Conjuração occulta as portas d'Utica,  
Me incitou que sahisse c'os meus Numidas  
Do lado oriental para encontral-o.  
Cahi no engano; e em tanto que eu deixava  
Quasi inerte a cidade, elle e os seus socios  
As portas do occidente a Cesar abrem.  
Conheci, porém tarde, a vil perfidia;  
Cahi sobre o traidor e sobre as hostes  
Do tyranno de Roma; em tanto o alarma  
Soa na praça, os muros se coroaem  
De intrepidos Romanos. Rechassada  
Por elles, e por mim foi essa turba,  
Pude na fuga descobrir o monstro...  
(*M. Bruto*). Infame! e ousaste ao meu amigo...

## SCENA V

(*Catóo*). Este meu pranto... Não taxeis, amigos,  
De fraqueza a minha alma: eu não me pejo  
De mostrar que sou homem. Filho! oh filho!  
Teu pae em breve. . . Adeus!... levae-o, amigos.  
(*M. Bruto*). Não; esse corpo do heroe não deve  
Sahir de nossa vista, antes que o sangue  
Corra do matador. Manlio, soldados,  
Dizei, dizei-o vós.  
(*Catóo*). . . . . Seduziste o príncipe,  
Traidor quizeste com algoz perfidia  
Impio acabar co'a patria moribunda. .  
O pae perdoa, o cidadão não deve.

## ACTO V—SCENA I

(*Catóo*). . . . . Oh lá! depressa  
Manlio se chame aqui: alguns momentos  
A sós me cumpre conversar com elle.  
Ide.

## SCENA II

(*Catóo*). Convém dizer-lhe os meus intentos,  
Confiar-lhe as tenções minhas e projectos.  
Tímido sim, porém honrado, é Manlio,  
Prudente e cauteloso. Sem receios  
Descançarei tranquillo. Eil-o que chega.

## SCENA III

(*Catóo*). . . . . Ouviste agora  
A voz da sentinella?

(*Manlio*). . . . . Ouvi; que importa?  
 (*Catóo*). Quando uma hora mais tiver corrido,  
 Ouvil-a-has outra vez; mas esse brado  
 Eu não o hei de ouvir.  
 (*Manlio*). . . . . Não te percebo.  
 Porquê?  
 (*Catóo*). Porque terei morrido.  
 (*Manlio*). . . . . E tu pretendes  
 Commetter esse crime! . . . Tul  
 (*Manlio*). . . . . Por ventura  
 São os de Cesar, são os dos Romanos  
 Que a Cesar vendem: liberdade e patria?  
 Morrendo, impedirás que se perpetrem?  
 Bem o sabes que não.  
 (*Manlio*). . . . . A ti! Mas como?  
 Queres livre morrer como um Romano,  
 Foges a escravidão . . .  
 Mas homem, como tu, deixar cegar-se  
 De fanatismos taes! . . .  
 . . . . . do miseravel,  
 Que entre gemidos soluçando os roja?  
 Ou do fado serão? Crimes do fado,  
 Então nós é que havemos de levar-los?  
 Sem criminosos ser, punir-nos hemos?  
 Se os ceus o querem, se o consentem deuses.  
 (*Catóo*). Nem o pôde mandar a natureza,  
 Nem do contrario os nubes a agravar-se.  
 (*Manlio*). Mas dadia do ceu nos foi a vida,  
 E o ceu há de aprovar? . . .  
 (*Catóo*). Só para o mundo vive e só no mundo  
 Então mais livre ainda em dispor d'ella...

## SCENA IV

(*Juba*). Catão, accode, vem... subitamente  
 As cohortes de Cesar assaltaram,  
 Furiosas investem nossos muros.  
 Já tudo é confusão, tudo desordem.  
 Nossos poucos soldados cada instante  
 Aos golpes diminuem do inimigo.  
 Raros sobre as muralhas já se avistam.  
 Do dictador as hostes bem conhecem  
 Nosso misero estado; audazes correm  
 Seguras da victoria. Ah! vem ao menos  
 Com a tua presença (se é possível)  
 Animal-os ainda; vem, ou cedo  
 Em Utica verás...  
 (*Catóo*). . . . . Não verei nada.  
 (*Juba*). Como?  
 (*Catóo*). . . . . Principe, vae; vê se apprestadas  
 Estão no porto as naus, se a levar ferro  
 Promptas como eu mandei. Faze que embarquem  
 Todos nossos amigos; vae, só resta

Este unico remedio; preciosos  
 Estes momentos são; parte.  
 (*Juba*). . . . . Obedeço.  
 Mas...  
 (*Catóo*). Vae, principe: adeus, adeus,

## SCENA V

(*Catóo*). . . . . Não posso  
 Deixar de enternecer-me... a vez extrema  
 Que vejo os meus amigos sobre a terra.  
 Manlio, tu sabes quanto te amei sempre...  
 Has de sobreviver-me; has de inda, amigo,  
 Ver Roma escrava... ver a nossa patria,  
 Essa patria que tanto me ha custado!  
 Vei-a-has em ferros, gemerás sobre ella.  
 Oh! quando desparzires essas lagrimas  
 No sepulchro de Roma... então recorda-te,  
 Lembra-te de Catão... (*Silencio*). E morta Roma  
 Porção da divindade, assaz viveste  
 No carcere d'este corpo; vae unir-te  
 A immensidão do ser na eternidade.  
 Catão... a tua hora derradeira,  
 Eil-a, soou... amigo, adeus. (*Quer ferir-se.*)

## SCENA VI

(*M. Bruto*). Oh meu pa! oh desgraça! oh fado! oh nubes!  
 Dentro d'Utica já... foi-se a esperança.  
 Morreu quanto inda havia de Romanos:  
 Ficámos nós... nós só. Tropel de escravos  
 Do tyranno a montões affluem, correm,  
 Inundam a cidade... oh pae! oh! dize  
 O que resta fazer.  
 (*Catóo*). Tu roubaste-me a espada: não vencesse:  
 Inda tenho este ferro. (*Fere-se.*) oh Roma! oh patria!  
 (*Catóo*). Deixae-me ao menos... expirar... com honra...

## SCENA VII

(*Decio*). Salve-se Catão, se é tempo ainda.  
 Do imperador as ordens se executem;  
 Do amigo vencedor nos braços venha  
 Esquecer... Mas, que vejo... tu...  
 (*M. Bruto*). Eis desarmado o peito... a sede apague;  
 Eul... Elle!... Não!... Porquê!... Sim, monstro, barbarol  
 Sangue! Oh sangue de horror! Mas, vês aquelle?  
 Gotta a gotta cahiu sobre este peito;  
 Aqui no coração, eil-o aqui todo.  
 Meu pae... aquelle foi... matou m'o elle.  
 Mas vive o filho... e o filho ha de vingá-lo.  
 Filho... do crime... já não temo crimes...  
 Roma!... patria!... Catão!... meus paes são estes.

Versos da segunda edição inteiramente supprimidos ou muito alterados na terceira

## ACTO I — SCENA II

(*Manlio*). A potestade infausta, abominosa,  
 Que lhe alçou esse throno de cadaveres,  
 Não larga mão do escudo com que o ampara.

## SCENA III

(*Manlio*). E co'a patria exhalar o estremo alento.  
 (*Sempronio*). De apparatusa, van philosophia.

## SCENA IV

(*Porcio*). Que ao jugo correm submeter-se humildes!

## ACTO II — SCENA I

(*M. Bruto*). Que duvidar na escolha—inda um momento!  
 De morte ou servidão, glória ou ludibrio,  
 Homens, Romanos, senadores!—Nada...  
 (*Catóo*). O insensato expulsae: não mais profane...

## SCENA IV

(*Sempronio*). A Catão a suspeita...

## SCENA V

(*Decio*). Mas...  
 (*Catóo*). Já t'o disse: eu Cesar não conheço.

## ACTO III—SCENA III

(*Catóo.*) Para os foros de pae ha mais deveres. . .  
 (*M. Bruto*) Guiar-lh'a ao coração, mostrar-lhe o peito  
 Onde deve ferir ..

## SCENA VIII

(*Porcio.*) Nem já por entre os labios descorados  
 Murmurando fugir da patria o nome!  
 . . . . . Caros amigos,  
 Oh! se podeis, retende-lhe esse golpe!  
 Oh! lembrae-vos de Porcio n'esse instante;  
 Recordae-vos da Patria. .  
 (*Juba.*) Commigo não a tens?..

Que hão-de nossos destinos melhorar-se;  
 E que ainda de todo os santos deuses  
 De sobre nós a dextra omnipotente,  
 Despidados, crueis não retiraram.

## ACTO IV—SCENA V

(*Sempromio.*) Inda é maior que o odio que te eu tenho

## ACTO V—SCENA III

(*Manlio.*) Mas quaes são esses crimes que pretendes  
 Evitar com tua morte? Hade ella, amigo,  
 Póde ella impedir que se perpetrem?

Versos da terceira edição inteiramente supprimidos ou muito alterados na quarta

## ACTO I — SCENA II

(*Manlio.*) Roma, Roma os teus dias são passados.

## ACTO V — SCENA III

(*Manlio.*) . . . . . Tul com tal crime  
 Hasde manchar tua glória!  
 (*Catóo.*) . . . . . E julgas, Manlio,  
 Julgas tu crime o subtrahir-se a crimes?  
 (*Manlio.*) E quaes crimes evitas com tua morte?  
 (*Manlio.*) . . . . . Heroismo e glória  
 Em animo vulgar seria o leito.

Mas em Catão!—Não é maior virtude  
 Padecer resignado, soffrer quêdo,  
 Contente—a teus Estoicos appello  
 Estas arduas provanças da virtude  
 A que Deos nos votou. São crimes os ferros.  
 Dizes tu; mas de quem? Serão do escravo? . .  
 (*Catóo.*) C'o pavez da innocencia acobertado.  
 Firme no pedestal da fortaleza,  
 Caia o ceu, trema terra, immovel fica;  
 O universo vacilla, e elle não treme;  
 Desaba o mundo,—e impavido o contempla  
 Sem medo á quéda, reverter se ao cahos. . .  
 (*Manlio.*) Bem sei que taes principios abominas.

Versos que se podem supprimir n'esta tragedia para a encurtar na representação

## TODO O PROLOGO

## ACTO I

Versos 70—a 73.  
 " 77—a 84.  
 " 174—a 179.  
 " 188—e 189.  
 Da ultima parte do vers. 211—até ao fim da 1.ª parte  
 do vers. 216.  
 Versos 241—a 246.  
 Da ultima parte do vers. 291—até ao fim da 1.ª parte  
 do vers. 294.  
 Versos 304—a 311.  
 " 320—a 322.  
 " 325—a 328.  
 " 346—e 347.  
 " 361—a 369.  
 " 431—a 435.  
 " 453—a 457.  
 Da ultima parte do vers. 460—até ao fim da 1.ª parte  
 do vers. 464.

## ACTO II

Versos 107—a 112.  
 " 139—e 140.  
 " 164—a 173.  
 Da ultima parte do vers. 239—até ao fim da 1.ª parte  
 do vers. 249, *inclusivè* a palavra *ja*.  
 Versos 251.  
 " 258.  
 " 290—e 291.  
 " 358.  
 " 421—e 422.

Versos 471—a 480.  
 " 495—a 499.  
 " 562—a 565.  
 " 568.

## ACTO III

Versos 44—a 56.  
 " 63—a 68.  
 " 215.  
 Da ultima parte do vers. 303—até ao fim da 1.ª parte  
 do vers. 312.  
 Versos 316—a 319.  
 " 330—e 331.  
 Da ultima parte do vers. 436—até ao fim da 1.ª parte  
 do vers. 439.  
 Versos 450—a 452.  
 " 455—e 456.

## ACTO IV

Versos 58—a 60.  
 Da ultima parte do vers. 130—até ao fim da 1.ª parte  
 do vers. 135.  
 Versos. 182.

" 191—a 196.  
 " 201—a 206.  
 " 203.

## ACTO V

Versos 268—a 72.  
 " 81 e 82.  
 " 85—e 89.  
 " 119—a 124.  
 Da ultima parte do vers. 307—até vers. 335.  
 Da ultima parte do vers. 412—até vers. 418.



## MEROPE

Tinha dezoito annos quando fiz esta tragedia; foi nos meus ultimos tempos de Coimbra, tempos de memoria saudosa porque eram todos de innocencia e de esperanza. Não sei se é por isso que ainda tenho amor a tam imperfeito ensaio, e me não atrevo a queimal-o, como fiz a tantos versos e a tantas prosas da minha criançie. Mas parece-me que não, e que só o conservo pela sincera vontade de mostrar como comecei a engatinhar na carreira dramatica com as andeiras classicas e aristotelicas que a ninguem se tiravam ainda então em Portugal.

Romantismo, cá o houve sempre; essa molestia se tal é, esse andaço de bexigas, como já lhe ouvi chamar, nunca sahiu da nossa peninsula. Mas a vaccina, como a prepararam Goëthe e Scott, essa é que não havia; e creio que fui eu que a introduzi.

Deus me perdõe se fiz mal. Já começo a desconfiar que sim. Vejo tanta bexiga negra e maligna, vejo morrer d'ellas tanto rapaz de esperanças.

Ora! — ninguem morre senão quem tem de morrer. — Morriam a fazer odes pindaricas e sonetos de annos, que é a molestia mais nojenta, e a morte mais semsabor que ha. Ao menos este delirio da febre romantica faz dizer, com muito desvario, muita coisa d'espírito, sublimidades às vezes.

Sempre foi bom vaccinal-os; nunca hão de morrer todos. E a molestia já nos andava no sangue. Eu sentia-a em mim; e agora que passei pelos olhos esta *Merope*, acho-lhe bem visiveis os symptoms.

De proposito a corrijo pouco, já que a dou ao publico, não como obra litteraria, senão como documento de historia litteraria.

Leiam n'a com indulgencia.

Digo que tinha dezoito annos quando escrevi a *Merope*. Mas tinha doze quando comecei a pensar n'ella. Estava eu na ilha Terceira, e cheio de presumpções de hellenista, porque um santo velho que alli havia, o sr. Joaquim Alves — excellente homem que

usava do mais exquisito barrete e da melhor marmelada que ainda se fez — me tinha feito entender quatro versos de Homero. Tive a confiança de querer ler Euripides no original; e com o auxilio do Padre Brumoy, cheguei a conhecer soffrivelmente algumas das suas tragedias. Não cabia em mim de contentamento e de enthusiasmo. Euripide era o maior tragico do mundo: — já se vê por quê.

— E mais falta o seu melhor drama que se perdeu — me dizia o bom do velho — a *Merope* isso é que era tragedia!

Que pena perder-se a *Merope*! scismava eu noite e dia.

Havia alli tambem n'aquella minha saudosa ilha Terceira outro velho que me ajudou a criar, e a quem devo quasi tudo que sei: era meu tio D. Alexandre que não gostava de Euripides, — barbaro! — nem acreditava na minha sciencia hellenica, — incredulo! — e que, de mais a mais, um dia me fez perder as minhas tam caras e doces illuções, dizendo-me que no theatro inglez e no castelhano havia melhores coisas que nos classicos de Athenas.

— «Mas não ha uma *Merope* co no aquella de Euripides que se perdeu». — «Não; mas ha em Italiano a de Malfei, que tem toda a simplicidade, elegancia e regularidade antiga, sem aquellas declamações tam seccantes do teu Euripides». — «Em Italiano! tomára eu lel-a». — «Pois tambem já tu sabes Italiano?» — «Sei, sim, senhor, li um volume inteiro de Goldoni e alguns tres de Metastasio».

Era verdade: não me lembra como achei, mas recordo-me que devorei logo uns tomos truncados d'aquelles theatros, e fiquei-me tendo por tam bom toscano como um academico da Crusca.

Andava já dos oitenta por deante o honrado velho de meu tio; outras vaidades do mundo não lh'as conheci, era religioso verdadeiro, e digno successor dos apostolos;

mas em se falando em litteratura, valha-me Deus!

— «Pois em Italiano não o tenho, me disse elle, nem r'ô dava se o tivesse, que o não entendias. Mas em Portuguez aqui tens: está traduzido fielmente».

E tirou, de uma estantesinha baixa que tinha ao pé de si, um pequeno volume manuscrito que eu me fui logo ler com toda aancia.

A traducção era d'elle; não gostei, mas não lh'o disse. Nem gostei muito da tragedia: despida d'aquelle interesse que a difficuldade de as entender e o prestigio da antiguidade me fazia achar nas peças gregas, a admiravel e primorosa composição de Maffei não era para a avaliar e entender um fedelho como eu; não me fez impressão alguma: jurei que era um assumpto estragado. Mas o assumpto achei-o bello, e tive o atrevimento de imaginar que havia de aproveitar-o eu.

Outras empresas e projectos de não menos ridicula ousadia livraram por então a pobre *Merope* das minhas mãos. — Vim para a universidade: os primeiros dois annos não fiz versos nem li poetas; tive a coragem de pôr o meu espirito em dieta de direito romano, coisa utilissima; depois tomei uma indigestão de Filangieri e de todos os publicistas que então eram moda em Coimbra, coisa não só inutil, mas perniciosissima! — E o que mais é, a ninguem disse, ninguem soube que eu tinha a desgraçada manha de poeta.

Deus perdôe aos meus respeitaveis mestres, o sr. José Vaz que no primeiro anno. e o sr. Trigozo que no segundo, me não deram o premio que eu decerto mereci. — Tinham feito um veneravel palheiro jurista de mais, e um jan-ninguem de um poeta de menos.

Tambem teve sua culpa o sr. Honorato quando, em meu despeito com as faculdades juridicas, me fui fazer mathematico. A algebra é bom contraveneno para os empeçonhados da poesia; mas ha-de ser dado com geito e tento. Quiz-me fazer engulir dózes muito grandes, não me poudo o estomago com ellas. Zanguiei-me, fiz-lhe um soneto, mostrei-o, acharam-lhe graça, — fiquei perdido.

*Jacta est alea*; fui declarado poeta «em plenos Geraes», e destampeei a fazer versos como um desalmado de dezeseis annos que eu era.

Mas pensam lá que o fedelho ia ao modesto soneto, ou se ficava na ode pindarica? Agora: calço o cothurno sem mais cerimonia e poz-se a fazer tragedias que era uma lastima.

Os *Persas* d'Eschylo já eu tinha, havia

mais de quatro annos embrulhado e desconjunctado em uma coisa de cinco actos que alcinhára de tragedia com o nome de *Xerxes*. Fui me a ella, inchei-lhe mais os versos, assoprei-lh'os á *bocageana*, e fiz um portento que alguns rapazes meus amigos representaram logo entre os applausos de toda a academia.

Perdeu-se essa obra prima em uma das muitas mãos por onde andou a copiar. (Todos queriam uma copia d'aquelle prodigio!) E é pena, que muito me havia de divertir agora!

Fiz uma *Lucrecia* — e representou se! oh que *Lucrecia*! — Fiz um *meto Affonso de Albuquerque*, um *quarto de Sophonisba*, uma *Atala* quasi toda, e não sei quantas coisas mais; mas foram muitas, as que eu *comecei* pelo menos.

N'isto li o Alfieri e Ducis.

O classico e severo italiano tinha sido mordido do romantismo em Inglaterra, que, sem elle o confessar nem o admitir, lhe transuda nas proprias austeras feições da sua Melpomene toda romana.

O bom velho Ducis aspirava a ser romantico; poeta republicano queria abjurar o servilismo de Racine e philosophar mais que Voltaire; levantou-se com Shakespeare para revolucionar o theatro da França, e «tomar a Bastilha» de Aristoteles. Mas o throno de Luiz XIV era mais forte em litteratura que em politica; Ducis o mais que pôde fazer foi «rodeal-o de instituições republicanas». — A Convenção para as letras só veio ha poucos dias com os poetas *jeune-france*.

Mas aquellas dois tragicos transtornaram as minhas idéas dramaticas. Perdi toda a fé nas crenças velhas, e não entendia as novas nem acertava com ellas.

N'este estado compuz a *Merope*. Reminiscencias de Maffei e dos classicos antigos, aspirações de um outro modo de ver e de falar que eu presentia mas não distinguia ainda bem, saudades da escola de que fugia, esperanças n'aquella para que me chamavam, duvidas e receios, verdadeiras incertezas de uma transição, tudo isso trabalhou na *Merope*. As fórmãs são classicas: eu não concebia outras; — ainda hoje me parece que são as melhores: — o resto não sei o que é, é uma coisa de criança em todo o sentido, e como tal deve ser avaliada.

Já disse que a corrigi pouco agora: esse pouco foi no estylo e na linguagem, no pensamento nada.

Não chegou a representar-se nunca: estavam ensaiados os primeiros tres actos quando veio a revolução de *vinho*; poeta e actores e espectadores e o nos so theatrinho, tudo absorveu a excommungada politica.



D'ahi a pouco intentei e comecei o *Catóo*. Dedico esta obra de creança a minha mãe. A pobre entrevadinha no seu leito de dôres está agora rezando por mim de certo. Muita lagrima e muita oração lhe tem custado este filho tam estremecido e tam mal aproveitado! Chegará ella a saber que sanctifiquei com o seu nome estas ociosidades? Minha mãe ainda foi d'aquellas senhoras portuguezas velhas que já não ha. Lia, sabia, prezava as coisas de arte; mas não falava em livros senão comnosco; não brilhou nunca no mundo: *domun mansit, lauan fecit*. Governava a sua casa, cozia os filhos, ensina-

va-os de palavra e de exemplo: austera consigo, indulgente com os outros, a sua virtude não dava nos olhos, mas entrava pelo coração.

Não sei porque desgraça, hoje n'este pegão de vícios em que andamos sumidos, alaguraa rara luz de virtude que apparece, asopram-n'a tanto que fere os olhos á gente e ainda nos cega mais. — Digo o principalmente do bello sexo que é tanto mais bello com a virtude, — mas não hade fazer tregeitos...

Lisboa, 12 de Agosto de 1847.

A MINHA MAE

D. ANNA AUGUSTA DE ALMEIDA LEITÃO

DEDICO

ESTA TRAGEDIA, QUE FOI O MEU PRIMEIRO  
PENSAMENTO DRAMATICO

# MEROPE

## TRAGEDIA

MDCCCXX

PESSOAS: Merope. — Egistho. — Polyphonte. — Polydoro. — O Summo Sacerdote. — Povo  
Sacerdotes, sacrificadores, soldados, sequito do rei. Logar da scena — Messenia

### ACTO PRIMEIRO

*No fundo um peristyllo de templo cujas portas devem ser espaçosas de modo que, abertas, se veja claramente o interior do templo;  
à direita um mausoleu; à esquerda o palacio real. — E' a mesma vista em todos os actos*

#### SCENA I

##### O SACERDOTE

*(Abrem-se as portas do templo: por ellas sae e desce gravemente as escadas do peristyllo ate meio da scena, antes de falar.)*

Emfim aprouve ao ceu colmar de todo  
Nossas desditas já. — Prostrou-se o throno,  
Succumbiram as leis, o altar vacilla,  
E o crime triumphou. . . — Os deuses justos  
O quizeram assim! Oh, não me atrevo  
A prescrutar seus eternas decretos. . .  
É culpado o mortal se o ceu castiga;  
Sim, mas não veda ao triste o lastimar-se;  
As lagrimas do afflicto não são crime,  
Nem sacrilegio do infeliz os rogos.  
Tu os ouves, suprema divindade,  
E permittes que ao throno omnipotente  
As coxas preces do infeliz que chora  
Cheguem a apiedar tua justiça.  
Ah! do teu sacerdote ouve hoje o rôgo,  
Deus da terra e dos ceus, Deus meu, attende,  
Por mim d'um povo inteiro ouve o gemido.  
De Messenia infeliz escuta o brado,  
Sobre ella estende a dextra poderosa,  
Volve os olhos de pae a seus flagellos.  
De sobejo correu o sangue a jorros,  
A milhares as victim's cahiram  
De tuas iras. — Misero Cresphonte!  
Elle era nosso rei; mais que monarcha,  
Foi tambem nosso pae terno e piedoso.  
Nada o salvou das sanguinosas garras  
De ingrata rebellião. Viu moribundo,  
Por entre as sombras da vizinha morte,  
Punhaes traidores a rasgar-lhe os seios  
Dos filhinhos sem culpa. . . Viu — e a morte  
Esperou com o golpe derradeiro  
Que a vista horrivel lhe ferisse os olhos! —  
Viú á frente dos subditos rebeldes  
Polyphonte, o traidor, o ingrato, o monstro  
A quem fizera grande entre o seu povo,  
A quem de honras e dadivas colmára,  
Lançar aos nobres pulsos da consorte  
Affrontosos grilhões em vez do sceptro.

Oh rainha infeliz, misera esposa,  
Mais desgraçada mãe, Merope. . . — Ai triste,  
Eil-a ahi a mesquinha em seu fadario  
De gemer e chorar — sobre esse tumulo  
Do esposo, que, não sei por que milagre  
Do ceu, ou por que engano de piedade  
No tyranno, inda ahi lh'o deixam, inda  
Essa ultima memoria das virtudes  
Passadas, esse extremo monumento  
Da realza proscripta — o não sovertem  
Na voragem que tudo o que era santo,  
Illustre, nobre ahi tem devorado  
N'esta votada terra de Messenia.  
Ella chega. ■■eixemol-a á vontade  
D'safogar suas maguas.

*(Retra-se para dentro do templo e cerra meia porta.)*

#### SCENA II

##### MEROPE

*(Entra cautelosamente, e não vendo ninguem, vae direita ao sepulchro.)*

Ai! ainda  
Me ficou este ultimo refugio!  
Posso inda a furto vir aqui sósinha  
Minhas maguas carpir, d'sabafá-las  
Com estas frias lages, menos duras  
Que o duro coração do meu tyranno!  
Sulcadas estão já por minhas lagrimas,  
Que, tres continuos lustros, fio a fio,  
Me tem corrido o pranto d'estes olhos. . .  
Sombra adorada do infeliz consorte,  
Não te applaquei ainda. . . As tuas cinzas  
Bem as sinto volverem-se no tumulo. . .  
Ah sim, mais do que pranto exige o esposo.  
Sangue? — Sangue terás — não de vingança:  
Vedam-me esse prazer os ceus mesquinhos;  
Mas o meu, o meu sangue n'este marmore,  
Em sacrificio extremo derramado,  
Hade ir em breve saciar-te os manes,  
E unir aos teus meu fado eternamente.  
Ha muito. . . mas sou mãe. Oh! tu, que foste  
Tam estremo como pae, tu be'n me entendes.

Sou mãe, e esta lembrança me conserva  
O debil fio que me prende á vida.  
Meu filho! minha esperança derradeira,

*(Assutada e abafando a voz)*

Meu filho!... Oh! se me ouvisses alguém agora...  
Se Polyphonte... oh ceus! Eu rodeada  
De espias, delatores ando sempre.  
Se me ouviriam?... vejo alli um vulto...  
Um homem... É um homem. Santos deuses,  
Agora sim, que a minha hora extrema  
De desgraça chegou!

*(Cade de braços sobre o tumulo.)*

### SCENA III

MEROPE, O SACERDOTE *(caminhando para ella)*

Sacerdote

Não, ó rainha,  
Socega, não te ouviram os espias  
Do tyranno. Viuva de Cresphonte,  
Tuas lagrimas cahiram no meu peito;  
E n'este coração jazida eterna  
Teus segredos terão, em quanto os deuses  
Me não derem que possa quebrantal-os,  
Que possa a este povo de Messenia  
Liberdade bradar, mostrar-te elles,  
Mostrar-lhes o seu rei, teu filho...

Merope

Filho meu! — Ah! ouviste-me, e conheces  
O meu segredo.

Sacerdote

Sei-o ha muito, Merope.

Merope

Oh! mas tu és ministro dos altares,  
Não hasde... Bem o sei, sei que não hasde  
Atraçoar-me: oh! sei. — Tenho inda um filho,  
É verdade, é verdade; existo ainda  
N'esse último resto do meu sangue.  
Oh, quizera encobrir este mysterio  
De mim propria — de mim, que tenho medo,  
Medo de meu amor não me atração,  
Não me revele n'um suspiro o filho.  
Temo que os olhos do tyranno astuto  
No pranto maternal m'o não descubram.  
Oh! quantas vezes suffoquei no peito,  
Nos olhos m'o enchugou a mesma causa  
Que o fizera nascer! É o meu filho,  
O ultimo, vês tu? — E o esposo, e os outros  
Filhos, e tudo o que perdi... ai n'este,  
Tudo torno a perder se o perco agora.

Sacerdote

Tem bom animo, ó Merope, confia  
Na clemencia dos deuses; sua cholera  
Hade abrandar-se emfim; espera n'elles.

Merope

Ah, que posso esperar dos ceus ainda?  
Persegue-me a sua ira injusta, ha tanto,  
Sempre, sempre! Tiraram-me o esposo.  
Os filhos!...

Sacerdote

Inda um filho te deixaram,  
Ainda t'o conservam.

Merope

E é clemencia;  
Da piedade do ceu são beneficos  
Os males que não fez?

Sacerdote

Rainha, escuta.

Ouve a amizade candida e sincera  
Que te fala sem vans hypocrias.  
Eu nunca fiz troar por minha bocca  
Os deuses, a quem sirvo na humildade  
D'este meu coração onde não tenho  
Menos o amor dos homens que o dos nunes.  
Mas no ceu, ó rainha, não se medem  
Pela nossa medida os bens e os males.  
Da eterna justiça não sabemos  
Avallar nós as razões. Sofre, geme,  
Resigna-te, supplica, e tem bom animo:  
Talvez não tarde seu favor celeste;  
Porventura...

Merope

Oh! conservem-me o meu filho,  
Não lhes peço mais nada.

Sacerdote

E já te ouviram:  
Salvaram-t'o das garras do tyranno.  
Foi um prodigio seu. Nem eu concebo  
Como, no denso horror d'aquella noite,  
Por entre os ferros da impia soldadesca,  
Como pudeste subtrahil-o á morte.

Merope

Ah! que ainda o coração me estalla e sangra  
Co'a lembrança de horror! Tenho presentes,  
Volvem-me n'alma as pavorosas scenas  
Inda tinctas no sangue d'essa noite.  
Vejo-o... E já trez lustros são passados,  
Vejo em meus braços semimorto o espôso...  
Do peito inda a bulhões lhe salta o sangue...  
Vejo das roxas, horridas feridas  
A pouco e pouco a vida esvaecer-lhe,  
Oíço-o balbuciar no ultimo arranco:  
«Espôsa, os filhos...» E ao dizer que os salve,  
Cortou-lhe a morte a voz. — Sobre o cadaver  
Que me esfia nos braços, e entre os tristes  
Os lastimados beijos com que o cubro,  
Queria alli morrer. Mas dentro n'alma  
Me brada que sou mãe a natureza.  
Corro aos filhos... Ai triste! sinto ainda  
O que não podem nem dizer palavras  
Nem conceber o espirito. — Impic's ferros  
Os membros infantis lh'atassalharam.  
Abraço-os um e um... Já não respiram.  
Uma tinha ainda o punhal cravado  
No seio. Arranco-lh'o... E já curvo o braço  
Para morrer alli... Mas inda quero  
Cear os olhos outra vez, faltar-me,  
No espectáculo horrivel. Fictos-os, vejo...  
Grandes deuses, que vi! Um de meus filhos  
C'um gemido de dor me estende os braços.  
Como aquelle gemido me entrou n'alma!  
Como outra dor, tamanha mas diversa,  
Me revirou o coração no peito...  
Não sei; mas um apêgo tal á vida,  
Um medo de morrer tamanho, nunca  
O sentira jamais. Accudo ao filho;  
Inda respira, fôra leve o golpe:  
Penso-lhe a chaga pouco funda e tenue,  
Co'elle em meus braços á ventura corro  
Pelas desertas salas do palacio.  
Guia-me um deus: encontro Polydoro,  
Do meu Cresphonte o mais fiel amigo:  
O tempo fuge... eu debilhada em pranto  
O precioso penhor nas mãos lhe entrego:  
E: «Foge, fuge (só lhe disse) longe  
«De Messenia, vae, leva-o, corre, parte,  
Guarda-o á triste mãe...» — la por deante,  
Mas o amigo fiel já me não ouve;

Voava: protegeu-o o ceu propício,  
Os passos lhe escudou, salvou-me o filho,  
E em Élide ambos vivem. — Eu...

Sacerdote

Silencio,

Que ahi vem o tyranno. Vejo os guardas  
E o numeroso sequito que sempre  
O rodea.

Merope

Não posso já fugir-lhe.

### SCENA IV

MEROPE, O SACERDOTE, POLYPHONTE,  
SEQUITO, GUARDAS

Polyphonte

Lá está junto ao sepulchro. E eu que inda soffro  
Essa fatal memoria do meu crime  
Ahi a recordal-o, e a suscitár-me  
Os remorsos que affogo em vão no peito!  
Eu tolero estes prantos de continuo,  
Este carpir de viuva inconsolavel  
Que me affronta e me péza! — Acabou hoje  
Minha longa paciencia

(*Approxima-se de Merope*)

Merope, ouve

As palavras de paz com que hoje venho  
Pela última vez ...

(*Vendo o Sacerdote*)

Tu que fazias

Aqui? — Para o teu templo, sacerdote,  
E deixa-nos em paz. — Vós todos ide.

### SCENA V

MEROPE, POLYPHONTE

Polyphonte

Pela última vez, dizia eu, Merope,  
Venho a ti. Basta em fim de inuteis prantos,  
Deixa vãos preconceitos. Foste esposa,  
veinaste; e eu reino agora: tal do mundo  
Foi sempre a sorte. Do meu novo imperio,  
Fructo de tantas lidas tam cansadas,  
E a que o sangue de Alcides me não dava  
Menos direitos do que ao teu Cresphonte,  
Do imperio a que me ergueu minha victoria  
Bem vês que não abuso. Como outr'ora,  
Es respeitada e vives: livre o passo  
A toda a parte tens. Já com justiça  
Me poderás chamar tyranno?

Merope

Chamo.

E que és tu mais? Não vês este sepulchro?  
Não vês n'elle gravado o teu delicto?  
Não te diz que és um subdito rebelde?  
Não vês n'aquellas lages esculpidos,  
Um por um, teus nefandos attentados?  
E aqui, n'este logar, aqui ousaste  
Vir, sem pejo, ante mim fazer alarde  
De teus horridos crimes! E um tyranno  
Não és tu, monstro?

Polyphonte

Sou teu rei, ó Merope:

Basta para punir-te um meu acêno;  
Posso prostrar d'um sópro esse moimento  
Em que aos manes do esposo cada dia  
Trazes de off'enda imprecações inuteis

Contra mim, contra o ceu que te não vinga.  
E sei-o e soffro-o. E sei que o sacerdote  
Teu consocio no crime...

Merope

Que proferes!

Nem dos altares o ministro poupam  
Tuas negras suspeitas?

Polyphonte

Eu conheço

Os ministros do altar Mas dos seus numes  
Só imito a clemencia: perdoei-lhe.  
r. as tuas injúrias, e o continuo  
Machinar de teus cegos partidarios,  
E tudo o mais que sei... tudo perdôo.  
Talvez minha piedade excede os termos  
Da justiça real... — Messenia sabe  
Quanto á sua ventura sacrificio  
Meu interêsse proprio; e quero dar-lhe  
Hoje solemne prova de clemencia.  
E' necessario. pede o bem do Estado  
Que n'este imperio emfim se ponha termo  
Aos bandos, aos partidos. Facil meio  
Tinha na espada ou no rigor severo  
Da bipenne das leis...

Merope

Em leis tu falas!

Existem leis onde um tyranno impera?

Polyphonte

Socega as iras um momento; escuta:  
Demos a paz aos povos; de nós ambos  
Ella depende só. Esposo e reino,  
Tudo perdeste, recupera tudo:  
Consorte e sceptro te offereço.

Merope

O sceptro

Manchado por tuas mãos, torpe, calçado  
Da plebe, a cujos pés o arremessaste  
Quando eras seu escravo, e no delirio  
Da popular soltura preparavas  
Tua atroz tyrannia... guarda-o, guarda-o:  
Está bem nas tuas mãos. — Ah! e em consorte  
Falaste! — Esposo, a mim? e tu m'o off'reces!  
Esposo a mim! — E quem é?

Polyphonte

Sou eu mesmo.

Merope

Tu!

Polyphonte

Eu, sim, eu, teu rei.

Merope

Deuses, faltava

Esta ultima injúria, esta ignominia  
Derradeira á viuva de Cresphonte!  
E ousaste pensal-o, e atreveu-se  
Tua bocca a proferil-o? O assassino  
De meu esposo? O monstro inda coberto  
Do innocent sangue de meus filhos...

Polyphonte

Teus filhos! — N'essa noite sanguinosa,  
Em que eu tive de certo menos culpa  
Do que tu me attribues, n'essa noite  
Teus filhos todos... todos pereceram?  
Um amigo fiel não pôde acaso  
Salvar?...

Merope

Que dize tu?



MEROPE

*Polyphonte* — Para o teu templo, sacerdote,  
e deixa-nos em paz.

PAG. 502

Acto I — Scena IV.



Polyphonte

Não digo nada.

Merope

Tu sabes?...

Polyphonte

Não...

Merope

Não sabes. E que havias

De saber tu? Morreram todos, todos.  
Do sangue de Cresphonte já não resta  
Quem te assombre. Que temes tu?...

Polyphonte

Não temo...

Nem tu deves temer. Mas ouve, ó Merope:  
Se algum dos teus... dos teus fiéis, precisa  
Amparo e protecção, com pranto e lagrymas  
Não é que lh'o hasde dar. Offereci-te  
Metade do meu throno... Pensa, ó Merope,  
Pensa e resolve.

## SCENA VI

MEROPE, depois O SACERDOTE

Merope

Estou, estou trahida.  
Quem foi, quem me perdeu?—Oh filho, filho!  
Oh desgraçada mãe! Por toda a parte  
Tem o barbaro espías, tem algozes.  
Ai de mim! se o descobrem... santos deuses!  
Resolve, o quê? morrer—só morte...

Sacerdote, (*abrindo as portas do templo,  
diz com voz solenne:*)

Vive:

É preciso viver.

Merope

Viver eu! como,

Para quê?

Sacerdote

Para o filho e para a patria.

## ACTO SEGUNDO

## SCENA I

POLYPHONTE, SEQUITO, GUARDAS

Já não duvido mais: Merope ainda  
Tem um filho.—Um filho de Cresphonte!  
Como escapou, aonde m'o occultaram?  
Não sei; mas uma esperança nos seus olhos,  
Aquelle suspirar como em segredo,  
Me diz que não é só carpir de viuva  
O seu carpir: não me enganei, é certo:  
Vi-a ao nome de mãe esmorecer-se...  
Eu sempre o supeitei; quasi em certeza  
Minhas suspeitas se volveram hoje.  
Mas onde existe o desgraçado resto  
D'essa proscripta, misera progenie?

(*aos do sequito*)

Cumprê sabê-lo, e morra.—Oh lá, chamae-me  
O sacerdote: é o confidente certo,  
O movedor d'estas intrigas todas.  
Vejamos se... Dissimulado e astuto  
É o sacerdote. Sim, mas não me excede;  
Já reino ha muito.—Oh, abre-se a porta,  
Elle chega; finjamos.

## SCENA II

O SACERDOTE, POLYPHONTE,  
SEQUITO, GUARDAS

Polyphonte

Venerando

Ministro dos altares, como amigo,  
Não como rei, a ti venho. Merecem  
Tuas virtudes esta deferencia.  
Posso mandar...

Sacerdote

E eu hei-de obedecer-te:

Do poder que te deixam sobre a terra  
Os deuses julgarão.

Polyphonte

Mas eu quizera,  
Exijo... peço muito mais do que isso:  
Quero a tua amizade.

Sacerdote

Eu amo os deuses.

Polyphonte

Não prohibem os ceus que os homens se amem.

Sacerdote

Antes o mandam.

Polyphonte

Bem: conheço agora  
Que de teu ministerio augusto és digno:  
Quero do teu amor hoje uma prova:  
Merope... tem ainda um filho.

Sacerdote, (*dparte*)

Um filho!

Oh ceus!—Filho de...

Polyphonte

Sim; já de que existe

Tenho certeza.

Sacerdote

Como! pois não foram  
N'essa noite de horror extinctos todos?  
Do infeliz regio sangue uma só gota.  
Ficou por derramar?

Polyphonte

Esse mysterio

Sabes melhor do que eu. Fala.

Sacerdote

Encerrado

No sagrado recinto d'esse templo,  
Do sanctuario á sombra veneranda  
Vivo só, ignorado, e tam remoto  
Do bulicio das côrtes, do tumulto

Dos homens e de seus tam vãos cuidados,  
Que, indifferente a essas luctas e contendas,  
Apenas ergo aos ceus supplices palmas  
Rogando pelo bem da minha patria.

Polyphonte

Bem sei .. E que fazia hoje contigo  
Merope n'estes sitios?

Sacerdote

Soluçava,  
Gemia, suspirava a desgraçada.  
E o seu viver: clamava pelo esposo,  
E bradava piedade aos ceus.

Polyphonte

Com ella  
Eu bem te vi falar: que lhe dizias?

Sacerdote

Eu na sua afflicção a consolava,  
E na chaga da dôr vertia o balsamo  
Da santa religião.

Polyphonte

Ah! já não posso  
Tanta impostura supportar. Um filho  
Tem Merope; sei-o eu: onde está elle?  
Fala.

Sacerdote

Não posso.

Polyphonte

Teme...

Sacerdote

Eu temo os Deuses.

Polyphonte

Morrerás.

Sacerdote

Não receia o justo a morte.

Polyphonte

Posso...

Sacerdote

Que mais do que tirar-me a vida?

Polyphonte

O templo prostrarei d'onde me insultas,  
De d'onde, com teus perdidos sequazes,  
Dogmas rebeldes pelo povo espalhas...  
Teu santuario, foco de discordias,  
Patentearé a irrisão das gentes;  
Cahirá sobre ti o altar e o templo;  
E hão-de ficar teus numes n'esse opprobrio  
Sem incensos, sem aras, sem ministros...

Sacerdote

Templo é dos numes toda a natureza;  
Nos corações virtuosos dos humanos  
Tem victimas, altar, incenso e votos.  
Extingue o lume da razão nos homens,  
E o culto extinguirás do deus que odeias.

Polyphonte

Estremeço de raiva. Oh lá, soldados!  
Ferreos grilhões aos pulsos d'esse perdido;  
Ao mais horrendo carcere se arrastre...  
E nas trevas de lugubre masmorra  
Aprenda a obedecer.

(*Lançam-lhe os grilhões*)

Sacerdote

Eis-me, ó tyranno:  
Que mais queres de mim? Olha os teus ferros,  
Vê quanto podem! Soplear-me os braços.  
Quam pouco sois, ó despotas da terra!  
Tens para o coração também algemas?  
Tens grilhões que a razão ferrolhem n'alma?  
Debil punhado de coroada cinza,  
Quem és tu?

Polyphonte

Apartae o de meus olhos.

Sacerdote

Corro, ó tyranno, satisfeito á morte:  
Ha muito que aprendi a não temer-a.  
Tu, despota, no throno mal seguro  
Treme, que um vingador dos ceus não tarda,  
Treme, perverso.

### SCENA III

MEROPE, O SACERDOTE, POLYPHONTE,  
SEQUITO, SOLDADOS

Merope

Augusto sacerdote,  
Que vejo! agrilhoado! — Onde te arrastram?

Sacerdote

À morte.

Merope

Oh ceus! porquê?

Sacerdote

Não sei.

Polyphonte

Não sabes?

Porque é rebelde.

Merope

A quem?

Polyphonte

Ao seu monarcha.

Sacerdote

Monarcha tul Deliras, Polyphonte.  
Rei quem te fez, quem te sentou no throno,  
Quem nas malvadas mãos te pôz o sceptro?  
O sceptro ainda torpe e maculado  
Do regio sangue que esparziu teu ferro...  
Basta para ser rei o crime, a intriga,  
Os direitos dos povos nada valem,  
As armas são as leis que ao solio chamam,  
E...

Polyphonte

Levae-o.

Merope (*a Polyphonte*)

Ah, senhor, ah! tem piedade  
De seus annos tam velhos, tam cansados.  
Novam-te aquellas cans, respeita ao menos  
No ministro do altar o altar e os numes.  
N'elle venera o povo o Deus que adora;  
Excitado talvez...

Polyphonte

Pois, que obedeça.

Sacerdote

Não posso.



## Polyphonte

Parte.

Merope (*ao Sacerdote*)

Não: modera um pouco

Tua severa, rígida virtude:

Obedece; elle manda... elle governa...

Sacerdote

Soldados, ao meu carcere.

Merope

E mais duro,

Mais ferreo coração terás do que elle!

Não vês o triste estado em que nos deixas?

Que será d'este povo desgraçado?

Quem na sua afflicção hade valer-lhe.

Quem as vozes do ceo?...  
Sacerdote

O ceo e os numes

Dentro do coração terá, se é justo.

Merope

Movam-te ao menos minhas desventuras,

De mim tem dó.

Sacerdote

De ti!...—Sobejo o tenho.

Rainha, adeus.

Merope

Espera .. oh ceos! Quem hade

Ao meu triste...

Sacerdote, (*interrompendo-a vivamente*)

Que dizes, desgraçada! ..

Deixa-me.

Merope

Ahl... por piedade... E que motivo?

(*a Polyphonte*)

D'elle que exiges tu?

Polyphonte

Tenue serviço,

Mas importante a mim.

Sacerdote

Tenue, malvado?

Bem importante a ti?—Assaz o creio.

Ouve, ó rainha: quer esse tyranno...

Polyphonte

Suspende.

Merope

O quê?

Sacerdote

Que lhe descubra...

Merope

Oh deuses!

Sacerdote

Se um filho...

Merope

Um filho!

Polyphonte

Pára.

Sacerdote

Teu...

Merope

Meu filho!

Polyphonte

Perfidol

Merope

Um filho meu!—Tu m'os deixaste!

Polyphonte

Sim, tens um filho: suspeitei-o ha muito,

Sei-o agora. Se és mãe, inda te resta

Um meio de o salvar.

Merope

Qual?

Polyphonte

Inda ha pouco

T'lo disse.

Merope

A infamia!

Polyphonte

Oh! quem se approxima?

Entre soldados preso um estrangeiro!

Mancebo é inda...

Merope

Um estrangeiro? Oh deuses!

Bate-me o coração.

Polyphonte

(*aos soldados que guardam o sacerdote*)

Soldados, eia,

Esse hypocrita longe de meus olhos;

Levae-o ao carcere: ide.

## SCENA IV

MEROPE, POLYPHONTE, EGISTHO

SEQUITO, SOLDADOS

Polyphonte

Ah! e vós outros,

Quem é este mancebo? Que delicto,

M'u prisioneiro o fez? Falae.—Mas quero

Eu perguntal-o.—Tu quem és?

Egistho

Sou filho

De humildes, pobres paes, mas não escravos.

Polyphonte

O teu crime qual é?

Egistho

Juncto dos muros

D'esta cidade, e em defeza propria,

Tive a desgraça de n atar um homem.

Polyphonte

E quem era esse homem?

Egistho

Estrangeiro

Parecia, e o trajar ao modo de Elide,

Era como este meu.

Merope

Elide!

Egisto

Ao menós

Assim se me antolhou.

Polyphonte (*á parte*)

De Élide ao nome

Estremeceu . Talvez . . . Aprofundemos

(*alto a Egisto*)

Este mysterio mais.—Onde nasceste?

Egisto

Em Élide, te disse.

Polyphonte

Do teu crime

Conta mais por miúdo as circumstancias.

Egisto

Ah tu queres, ó rei, dentro em minha alma  
Renovar minha dor e os meus remorsos!  
Apraz-te ouvir meu crime? Ouve-me e julga.  
Verás n'esse delicto involuntario  
Toda a minha innocencia.—Pelas margens  
Do suave Pamiso caminhava;  
E já do longo andar quebrado as forças,  
No templo entrei do valoroso Alcides  
Que em solitaria encosta d'ermo oiteiro  
Junto ao rio se eleva; alli prostrado  
Súplices mãos tendia ao deus que adoro,  
Que aprendi a implorar de tenra infancia.  
«Protege, lhe dizia, ó grande Alcides,  
«Protege o sangue teu.—Tal de menino  
Me ensinava meu pae...

Merope

Teu pae! Quem era?

Egisto

Um venerando ancião...

Merope

E o seu nome?

Egisto

Era...

Merope

Como?

Egisto

Cephiso se chamava.

Merope

Mas talvez... — Continúa a tua historia.

Egisto

D'est'arte orava: e no fervor das preces  
Eis me interrompem, subito me assaltam  
Armados de punhaes dois assassinos:  
«Quem és, clamaram, que tens tu, mendigo,  
«Com o «angue d'Alcides?» —Nisto o ferro  
Ja sobre o peito me apontava um d'elles.  
Algum deus me ajudou: de um bote rapido  
Sobre o braço traidor, lho' quebro e talho,  
Segundo o golpe, e lhe atravesso o peito.  
Espavorido o companheiro foge:  
Traidores são covardes.—Vi-me livre,  
E attentei no infeliz que aos pés me expira.  
Era a primeira vez que o sangue humano  
Tingia minhas mãos: afflicto e triste  
Chorou-me o coração, gemi sobre elle.  
Novo no crime, não sabia ainda  
Os meios de occultal-o: arrasto ao rio,  
E em suas aguas sepulto o corpo exangue.

Fugi; nem me lembrou minha imprudencia  
De apagar na mesma agua o claro indicio  
Do meu delicto. Incerto, horrorizado  
Corro, inda em sangue esqualidos, fumando  
O braço, as vestes; chego delirante  
A's portas de Messenia, e os teus soldados  
Me seguram, me arrastram.—Do meu crime  
Ouviste as circumstancias e a verdade:  
Não sei outra linguagem. Tu me julga,  
Mas...

Polyphonte

Basta: saberás o teu destino.

(*A' parte*)

Grandes suspeitas em minha alma excita

Este mancebo; esclarecê-as cumpre.

(*Alto*)

Adrasto, oh lá.

(*Fala em segredo com um do sequito; e depois continúa alto*)

Em segurança o tende.

Tu, Merope resolve. Adeus.

## SCENA V

EGISTO, MEROPE

SOL' ADOS

Egisto

E' esta

A rainha, esta é Merope? Ah! senhora,  
Tem piedade de mim: sou desgraçado.  
Tu só podes valer-me; és compassiva.  
Sempre o ouvi a meu pae.

Merope

Que te dizia

Teu pae? Conhece-me elle?

Egisto

De Messenia

Foi cidadão outr'ora.

Merope

De Messenia!

O seu nome!

Egisto

E' Cephiso; já t'o disse.

Merope

Talvez outro?...

Egisto

Só este lhe conheço.

Merope

E em Élide que faz? D'esta cidade  
Por que fugiu?

Egisto

Ai, nunca em tal fugida  
Nunca lhe ouvi falar sem que agro pranto  
Pelas rugas das faces lhe corresse.

Merope

Chorava elle!... Porquê?

Egisto

Eu nunca pude  
Penetrar de suas lagrimas a causa.  
De teu esposo a acérba desventura  
Muitas vezes chorando me contava.  
E só de ouvir ou pronunciar teu nome  
Se debulhava em pranto.

**Merope**

Que lembranças na mente me revolvem!  
Dize... em Élide... nunca... em Polydoro  
Falar ouviste,... nunca o conhecestes?

**Egísthio**

Eu vivia no campo em pobre alvergue,  
Sósinho com meus paes velhos e enfermos;  
Ninguém mais que elles conheci.

**Merope**

De Egísthio...

O nome... ignoras?

**Egísthio**

Nunca ouvi tal nome.

**Merope**

E nunca... em tua mãe?...

**Egísthio**

Ai, desgraçada!

Se ella me visse agora!...

**Merope**

Tu... conheces

Bem tua mãe?...

**Egísthio**

Não heide conhecêl-a!

Ella que tantas vezes me apertava  
Em seus tremulos braços, que em suspiros  
Me chamava o seu filho tam querido!  
Misera mãe!

**Merope**

Oh fado, ah, não me deixas  
Nem a doce illusão da minha esp'rança!  
Quasi as vans apparencias me enganavam.

(*A parte*)

Aquelle som de voz... o mesmo gesto...  
Parecia-me ver o meu Cresphonte.

(*Alto*)

Desgraçado, que queres, que procuras  
N'estes sitios d'horror? Nesta cidade,  
Aonde reina o crime e habita a morte,  
A que vinhas?

**Egísthio**

Sem fim; só conduzido

Do impeto juvenil, do vão desejo  
De ver terras e gentes. Quantas vezes  
Minha imprudencia amaldiçoel

**Merope**

Mas diz:

Esse... esse infeliz a quem mataste  
Era de Elide?

**Egísthio**

Sim.

**Merope**

Joven?

**Egísthio**

Seria

Do meu talhe, como eu, da mesma idade.

**Merope**

Procurava occultar-se?

**Egísthio**

Sim, parece-me

Que buscava esconder o rosto.

**Merope**

E era

Nobre no porte?

**Egísthio**

Nobre.

**Merope**

Altivo?

**Egísthio**

Altivo.

**Merope**

Fugia?

**Egísthio**

Sim, eu creio que fugia:  
Vinha pallido...

**Merope**

E tu mataste-o, barbaro?

**Egísthio**

Eu defendi-me.

**Merope**

E elle moribundo

Nada disse?

**Egísthio**

Algum tempo junto d'elle  
Chorando estive.—Já no arranco extremo...

**Merope**

Desgraçado!

**Egísthio**

Ah sim: — lembro-me agora.  
O triste nos suspiros deradeiros  
Chamava por sua mãe...

**Merope**

Sua mãe! Malvado,  
E tu mataste-o, tu!—E o corpo exangue  
Sepultaste nas aguas!—Ceus!... Perdido,  
Perdido e para sempre. .

**Egísthio**

Ai miserando,  
Que fiz! Em que te offende o meu delicto?  
Oh, pune-me, sim pune-me de um crime  
Que me faz detestar a propria vida.  
A tua offensa vinga. . Eu offender-te!  
Eu que te adorei sempre, que da infancia,  
Nos braços de meu pae que m'o ensinava,  
Tantas vezes por ti rogava aos deuses,  
Eu offender-te ouseil—Bem desgraçado  
Sou.

**Merope**

Que falar, que lagrimas, que accentol  
Como ao meu coração seus ditos chegam,  
Que invisivel poder tem na minha alma!  
Rege-a, mau grado meu, move-me, agita-me .  
Até me custa a separar-me d'elle.  
Que perfida illusão!—Oh não é este:  
É que por toda a parte a doce imagem  
De meu filho me segue.—Ide, leve-o.

**Egísthio**

Ah, tu me desamparas! O' senhora,  
Se não rogas por mim . . Não abandones  
Um desgraçado filho...

## SCENA VI

MEROPE

Filho!... Ai filho  
 Ia quasi a chamar-lhe!--Maldadada!  
 Doce e triste illusão, suave engano,  
 Perseguidora imagem do consorte,

Saudades do meu filho tam querido,  
 Ah, que do coração, para illudir-me,  
 Aos olhos me vieram.—Não, não era  
 Para mim tal ventura.—E Polyphonte?...  
 Polyphonte! que horror!--Eu sua espôsa!  
 Mas o tyranno sabe do meu filho;  
 Polydoro não vem... e vae n'um anno  
 Sem noticias sequer... Oh, vem trazer-m'as,  
 Vem, Polydoro, vem trazer-me a vida,  
 Ou libertar-me a tempo com a morte.

## ACTO TERCEIRO

## SCENA I

POLYPHONTE, SEQUITO, SOLDADOS

Polyphonte

Tragam-me aqui o sacerdote. Ide.

(Falando com um ministro do sequito)

Adrasto, de sua rigida constancia  
 Vejamos se triumpho. Aos meus intentos  
 É necessario este homem: meios brandos  
 Talvez poderão mais que as ameaças.  
 Careço d'elle: para o povo rudo  
 Sempre é bom rei o amigo dos altares...

(Falando consigo)

Demais, este mancebo e o seu delicto,  
 Não sei que pense d'elle. —Vinha de Élide;  
 Merope ao nome de Élide estremece,

(Torna a dirigir-se ao ministro)

Mil perguntas lhe fez...—Deram-se as ordens  
 Que mandei?

(O ministro inclina-se)

Um dos dois, ou este ou o morto,  
 É o filho de Merope: só resta  
 Saber qual. D'este modo o saberemos.  
 Mas oh, eil-o que chega o sacerdote.

## SCENA II

O SACERDOTE, POLYPHONTE,  
SEQUITO, SOLDADOS

Sacerdote

Que mais queres de mim, que me pretendes?  
 Porque roubar-me as trevas do meu carcere,  
 Porque arrastar-me ao dia e á luz que odeio,  
 Que infecta a escura névoa de teus crimes?

Polyphonte

Ouve-me.

Sacerdote

O quê, minha sentença? Oh, venha;  
 Venha a morte. Bemdito o deus que os rogos  
 Do seu servo escutou!

Polyphonte

Socega e julga.

Tirae-lhe esses grilhões.

Sacerdote

A mim! Que dizes?  
 Oh ceus! e por que preço?—E' novo crime  
 Que exiges?—Não, não quero a liberdade.

Volve-me ao carcere, os tormentos dobra;  
 Porém cumplice teu nunca hasde ver-me.  
 Victima posso eu ser de teus furores,  
 Ministro não.

Polyphonte, (áparte)

Sel o-has a teu despeito.

(Alto)

Ouve, e as minhas tencões verás quam puras,  
 Quam virtuosas são.—Do que é passado,  
 Como eu, te esquece: recupera tudo,  
 Torna ao teu sanctuario e aos teus altares.  
 De ti, só um serviço exijo agora;  
 Que a Merope...

Sacerdote

O quê? atraçãoal-a,

Ser-lhe infiel?

Polyphonte

Não.—Cumpre ao bem do Estado  
 Que ao throno de Messenia outra vez suba

Sacerdote

Ao throno!

Polyphonte

Ao throno, sim; quero que reine  
 Ao meu lado.

Sacerdote

Merope a teu lado,  
 De Cresphonte a viuva!

Polyphonte

Minha espôsa  
 Hade ser. Proveitoso a mim e a ella  
 Este consorcio é e a todo o imperio;  
 São justas as razões que o aconselham.  
 Necessarias me são suas virtudes,  
 E quero-lhe mostrar quanto as venero.  
 Desde hoje será lei sua vontade,  
 O seu menor desejo. Quero dar-lhe  
 Um documento já. Por meus soldados  
 Foi, como viste, ha pouco aprisionado  
 Um mancebo estrangeiro.

Sacerdote

Era estrangeiro?

Polyphonte

Sim, e ainda na ingenua flor da idade;  
 Homicida, mas nobre no seu crime,  
 Accusa-se e confessa-o. Viu-o Merope,  
 E tanto a commoveu sua candura,  
 Tanto se condoeu da sorte d'elle,  
 Que eu, por lhe comprazer, houve piedade



MEROPE

*Merope* — Sua mãe! Malvado,  
E tu mataste-o, tu!

PAG 500

*Acto II — Cena V. — Merope, Polyphonte, Egisto.*



Do Joven, e quizera perdoar-lhe.  
Mas cumpre examinar as circumstancias  
Que allega por desculpa de seu crime.  
No entanto, e em obsequio da rainha,  
A tua guarda entrego este mancebo.

**Sacerdote**

À minha guarda. Para quê?

**Polyphonte**

Não sabes

Quanto se apraz de vel-o e de falar-lhe  
Merope. Assim mais facil pôde tê-la,  
Essa consolação. Tomára eu, crê-me,  
Dar maior lenitivo a seus pezares!  
Mas desejo que, ao-menos n'este pouco,  
Comece a ver em mim um rei benigno,  
E n'estas complacencias reconheça  
Um espôso...—Mas ella se aproxima.  
Em paz vos deixo. Adeus! vê se tyranno,  
Se da patria oppressor é Polyphonte.

### SCENA III

O SACERDOTE, depois MEROPE

**Sacerdote**

Um criminoso á minha guarda entrega  
Polyphonte... e de Merope aos desejos  
Annue prazenteiro...—Oh, traições grandes,  
Grande mysterio encerram de maldade  
Desnaturaes bondades de um tyranno!

**Merope, (entrando)**

Santo ministro, ó meu unico amigo,  
O' meu fiel amparo derradeiro,  
Correndo apenas soube que eras livre,  
Venho no seio teu depor meu pranto,  
Desabafar contigo os meus pezares.  
Ai triste!—Pois não sabes que meu filho?...

**Sacerdote**

Que dizes n'estes sitios?... espiados  
Somos por toda a parte...

**Merope**

O quê? escuta-nos

O tyranno? Ai de mim! que este segredo  
Do meu amor já me não cabe n'alma,  
E hade matar-me, hade.

**Sacerdote**

Descoberto

O' Merope, já foi o teu segredo.

**Merope**

Descoberto! Ora pois, chegou o termo  
De tanto padecer. Eternos deuses,  
Que tendes mais para me dar?

**Sacerdote**

Já sabe

Que tens um filho, mas...

**Merope**

(interrompendo com ancia)

Mas aonde existe

Não sabe o perverso! Não, nem hade  
Sabê-o nunca. Os ceos, os ceos m'o guardam.  
Não é assim? Dize: são os ceos que o guardam;  
Dextra invisivel lhe protege os dias.  
Oh sim, meu filho: os deuses vingadores,  
Os deuses justos—são justos os deuses—

A esta triste mãe, aos seus gemidos,  
Ao pranto maternal, aos ais, às preces  
(desanimando)

Seu furor abrandaram...—Seus furores,  
O meu pranto,—ai de mim! Salvou me o esposo  
Um mar de minhas lagrimas? Salvou-m'o  
O fervor de meus rogos, de meus votos?  
Confundido não vi,—lembraça horrivel!—  
C'io sangue do consorte, o dos filhinhos?  
E são justos os céus e são piedosos!...  
Que profiro? ai de mim!—Tende piedade  
De ãa mãe que fizestes desgraçada;  
Conservae-me este só. . . que me deixastes,  
Deuses, e bemdirei vossas bondades.

**Sacerdote**

Sim, rainha infeliz, hãode guardar-t'o,  
E salvá-o das iras do tyranno.  
Encerra-se entre nós o alto segredo  
De sua habitação. De mim conheces  
Se poderá sabê-o. Acatela-te,  
Receia de ti só, teme as astucias  
Do tyranno e suas perfidas bondades.  
Tam generoso agora se nos mostra,  
Que alguma traição má tem na alma negra.  
Vês como os ferros me tirou dos pulsos,  
E piedoso comigo quer mostrar-se,  
Entregando-me aqui esse estrangeiro  
Por quem mostraste compaixão, diz elle.

**Merope**

Esse joven... ah, sim: muito o seu fado  
Me commoveu por certo.

**Sacerdote**

E nada sabes

D'elle, quem é?

**Merope**

Um joven desgraçado;

Vinha de Élide.

**Sacerdote**

Como! e não disseste

Que ahi estava?...

**Merope**

Sim, disse... o meu filho...

E talvez, ai de mim. . . Té parecia  
O gesto, o som de voz, o de Cresphonte.

**Sacerdote**

Que escuto, oh ceos!—Ah corramos...

**Merope**

Não, não é para mim vêr o meu filho:  
Os invejosos ceos m'o não consentem.  
(Fica algum tempo como afogada em dor,  
e depois continúa)

E pensavas, amigo, que eu podia,  
Que podia ãa mãe com taes suspeitas  
Descançar um instante, um só momento?  
Que mil indagações, que mil perguntas  
Com ancia escrupulosa não faria?  
Que o mais tenue vislumbre de esperança  
Não fôra um raio de prazer, de gloria  
Que as nevoas do meu pranto dissipasse?  
Ah! não: esse mancebo é um desgraçado  
Que só veio avivar as minhas dores  
Com essa parecença enganadora  
Que de certo não tem, mas que lhe acharam  
Estes meus olhos cegos de saudades.

**Sacerdote**

Comtudo, esse estrangeiro... Ha n'este caso  
O quer que seja de mysterio occulto  
Que é razão profundar.—Quem era o morto?

Merope

Outro estrangeiro.

Sacerdote

Estrangeiro... E d'onde?

De que parte?

Merope

Era de E'líde.

Sacerdote

Que dizes!

São ambos estrangeiros, ambos vinham  
Le E'líde!—Ah! se um d'elles...

Merope

É verdade

E' certo; o coração bem m'o dizia.  
Oh meu filho! — Ai de mim! qual será d'elles?  
Corramos a indagar... Sim, sim, voemos.

## SCENA IV

MEROPE, o SACERDOTE, e POLYDORO

*(no fundo do theatro em attitude  
de grande dor)*Merope, *(indo a sahir encara com Polydoro)*

Mas um homem, oh deus! — Somos trahidos.

Sacerdote

Um homem! Certamente algum espia.

Merope

Quem és, que queres tu, a quem procuras?  
Que fazias aqui! Oh! quem te envia  
E' Polyphonte? dize.—Por piedade  
Não me percas, não, não...

Sacerdote

Sonho... ou me illudo?

E' elle mesmo, é Polydoro.

Merope

Deuses!

Polydoro! Que ouvi? E's tu? Meu filho  
Onde está, que fizeste, onde o deixaste?  
O que faz que não vem? Quem o demora?  
E' vivo?—Já do pae conhece o nome?  
Já lhe ensinaste a amar-me, a ser bom filho?  
Assemelha-se muito ao meu Cresphonte?  
Fala, dize.

Polydoro

Oh rainha!...

Merope

Quê?

Polydoro

Tu vives!

Posso ainda beijar a mão angusta  
Da esposa do meu rei! Podem meus olhos  
Ainda ver-te, e os meus trementes labios  
Falar te ainda, ainda bendizer-te!  
Posso...Merope, *(com desabrimento)*

Podes falar-me de meu filho.

Vive?—Dize-me ao menos se ainda vive.

Polydoro

Sim... vive

Merope

Vive?—Oh jubilo, oh prazeres

D'este meu coração!—Ai Polydoro,  
Que amarga existência ha sido a minha,  
Que vida cruelissima hei vivido,  
Que azedume, que fel tingiu meu sangue,  
Que aperturas, que affogo, que saudades,  
Que duvida cruel peor que tudo!  
Oh que agitados sustos, que temores!  
Vida?... E vive ãa mãe sem ver seu filho?  
Vida!... Se eu tinha a morte dentro n'alma?  
Mas dize-me: que é d'elle, onde o deixaste?  
Que faz, quem o demora?Polydoro, *(áparte)*

Oh sanctos deuses!

Como lhe heide dizer que não sei d'elle?

Merope

Immudeceste?—Acaso... oh!

Polydoro

E' seguro

Este lugar? Ninguém aqui nos ouve?

Sacerdote, *(depois de olhar por toda a parte)*

Ninguém: fala, mas baixo.

Polydoro *(ajoelhando)*

Tem piedade

D'estas cans, d'estes annos tam cançados,  
Minha velhice extenuada e debil  
Não pôde, não bastou a segural-o...  
Forcejei, mas em vão.

Merope

O quê... que dizes?

Desgraçada de mim!... Pois quê!... meu filho!

Polydoro

Oh malfadado velho! Oh que não pude  
Expirar eu de dor!

Merope

Que ouvi! Que escuto!

Barbaro! que me dizes? que fizeste?  
O meu filho onde está?

Polydoro

Prouvera aos deuses.

Que eu soubesse onde existe!

Merope

Quê!... Não sabes?

Mas vive?

Polydoro

Vive... sim...

Merope

Ah desgraçado!

Levanta-te... Ai de mim!... Sabes ao menos  
Da sua vida de certo?Polydoro, *(abraçando o tumulo de Cresphonte)*

O' campá augusta,

O' do melhor dos reis sagradas cinzas! . .  
O teu filho, e o meu... *(meu tambem era)*  
O teu filho... fugiu: no peito altivo  
Não lhe cabia o coração, ha muito;  
A nossa habitação era pequena  
Para a sua grande alma. O despediado  
De mim não teve dó, nem dos meus annos:  
Fugiu-me de repente.



**Merope**

Nem soubeste

Para onde os passos dirigiu?

**Polydoro**

Gran'tempo

Ha que por toda a Grecia o ando buscando,  
Mas embalde corri.

**Merope**

Oh caro filho!

Ai! que será de ti sósinho e fraco;  
Desgarrado no mundo, sem arrimo,  
Sem mãe que te acarinhe, que te anime;  
Talvez mendigo!...

**Sacerdote**

O espirito socega:

Em teu filho vigia deus piedoso;  
Do alto dos ceos a dextra omnipotente  
Os passos lhe dirige.

**Merope**

Ah! que aos meus rogos

Ao meu pranto contínuo, aos meus suspiros,  
Se tam piedoso é o ceo, que m'o conceda.  
Tantos dias passados, tantas noites  
No amargor da saudade, nos tormentos;  
De tudo receiando!... Olha, hoje ainda  
Ao ver esse mancebo criminoso,  
Ao ouvir-lhe contar da triste morte  
Do infeliz estrangeiro!...

**Polydoro**

Um estrangeiro

Morto! aonde?

**Merope**

Vizinho da cidade.

**Polydoro**

Justos deuses, que escuto! Hontem?

**Merope**

Sim, hontem.

**Polydoro**

Juncto do rio?

**Merope**

Submergiu nas aguas  
O assassino cruel o corpo exangue.

**Polydoro**

Santos nubes!

**Merope**

Mas quê? tu estremeces!  
Dize... talvez... minhas suspeitas... fala.  
Desmaias!... desfalleces... Que presinto!...

**Polydoro, (á parte)**

Mesquinho que farei, que heide dizer-lhe?

**Merope**

Que murmuras comigo? fala, dize,  
Fala commigo... fala... que receias?

Em que pensas? que sabes? quero ouvi-lo.  
Ah! tira-me de duvida.

**Polydoro**

Não posso...

Falar... a voz... me falta... eu morro...

**Merope**

Tremo...

Que aperturas... que horror... Já não me atrevo  
A perguntar-te... Não quero sabê-lo.  
Mas quero: fala. A vida que me importa,  
Se mãe eu já não sou... Que idéa horrivel!  
Ah! tu sabes... o morto?...

**Polydoro**

Eu... não sei nada.

**Merope**

Fala, que mando eu.

**Polydoro**

Conheces... misera...

Tu... este... cinto?

**Merope**

Este... oh ceos! que vejo!

Que espectáculo horrivel! Tinto ainda  
Em sangue fresco... Eu morro... eu...

**Polydoro**

Desgraçado!

Ah! quando lh'o cingi... quem me diria  
Que em tal estado tornaria a vel-o?

**Merope**

Quem me diria que eras um infame,  
Indigno do deposito sagrado  
Que te entreguei por minha desventura.  
Dize: que é de o meu filho! dize, perdido:  
Não t'o dei eu aqui? não me juraste  
Guardar-m'o?—Foi aqui foi n'este sitio.  
Qu' é d'elle? Qu' é de a fé que prometteste?  
E ousaste apparecer-me, e ousaste, louco,  
Apparecer á mãe sem dar-lhe o filho?  
O meu filho... o meu filho é morto!—E eu vivo!  
Vivo, heide viver para vingá-lo.  
Onde está esse perdido estrangeiro,  
Esse barbaro onde é que se occulta?  
Quero vingar-me, quero lacerar-lhe  
As entranhas, banhar-me no seu sangue,  
Quero...

**Sacerdote**

Rainha, vê que...

**Merope**

Nada vejo,

Nada mais quero já, senão vingar-me,  
E depois expirar sobre esta campa.

(*Partinao.*)

**Polydoro**

Sigamol-a.

**Sacerdote**

Piedade, santos deuses!

## ACTO QUARTO

## SCENA I

## POLYDORO

Que farei, desgraçado, n'estes sitios  
Onde tudo o que vejo me atormenta!  
E'stas mesmas columnas, este templo,  
As mudas, frias pedras d'esta campá,  
D'esta campá, ai de mim! onde se escondem  
As preciosas, venerandas cinzas  
Do melhor dos monarchas, de Cresphonte,  
Tudo parece erguer-se a perguntar-me  
Pela sua esperança derradeia  
Que lhe eu perdi, eu malfadado, eu misero!

(Pausa)

Era aqui.—Vinha o povo alvorotado;  
E á frente da impia soldadesca,  
Polyphonte, vagando entre o tumulto,  
Despiedado excitava á mortandade.  
Passou alli, de sangue luz coberto...  
Ainda o vejo á negra luz dos fachos;  
Ouço o tenir dos ferros estridentes,  
Escuto ainda, vejo-a aqui... oh vista!  
A triste mãe, nos braços o filhinho  
Todo escorrendo lagrymas e sangue,  
Trémula a voz, os passos vacillantes,  
Cortada de terror, balbuciando  
Lizer-me: «Polydoro, corre, voa,  
Leva-o longe d'aqui... salva-m'o, fuge:  
Lembre-te que é meu filho e de Cresphonte.  
E eu—amaldicoado!—eu recebi-o,  
Fugi, pude salvá-o, pude... oh deuses!  
Pude ser o maior dos desgraçados:  
Perdi-o; sim: perdi-o...—Foram co'elle  
As esperanças da mãe e as de um imperio.

(Pausa)

E vivo!—E esta velhice deshonrada  
Não vem a morte que me livre d'ella!  
(*Cae como desfallecido sobre o tumulto*)

## SCENA II

## EGISTHO, POLYDORO

Egistho, (*sem o ver*)

Estará decidido o meu destino?  
Ai, que será de mim, só desvalido,  
E culpado n'um crime—deus! n'um crime  
Por que todos me accusam, me detestam.  
Se ainda uma vez ao menos eu podesse  
Ver o meu triste pae! vê-lo, abraça-lo,  
Oh uma vez sequer!—Porem diviso  
Juncto áquelle sepulchro.

Polydoro, (*sem o ver*)

Oh! caro filho,

Tu morreste e eu vivo!

Egistho

Ceos, que escuto,

Que som de voz!

Polydoro, (*sem ver Egistho ainda*)

Oh morte!

Egistho

E' elle mesmo.

Polydoro (*voltando-se*)

Oh velhice infeliz!

Egistho

E' elle...

Polydoro, (*vendo Egistho*)

Eu sonho!

(*Ficam ambos algum tempo olhando-se com espanto;  
d'pois correm um para o outro*)

Egistho

Meu pae...

Polydoro

Meu filho... (*Abraçam-se.*)

Egistho

Oh pae, tu n'estes sitios?

Polydoro

Filho, meu filho! E tu que infausto numen  
Aqui te conduziu? Em que perigos,  
Em que laço vieste enrevezar-te!  
Tu és o criminoso que?...

Egistho

Sou esse,

Sou esse malfadado.

Polydoro

Ah, fuge, fuge,

Fuge, infeliz: não sabes, não, que horrores  
Te ameaçam aqui.

Egistho

Já nada temo.

Já te abracei, meu pae, agora venham  
Sobre mim os castigos, os tormentos.  
O mesmo rei não temo...

Polydoro

Ah não é d'elle

Que eu temo agora.

Egistho

Pois quê, da rainha?

Essa julguei que não me aborrecia,  
Parecia-me...

Polydoro

Sim, mas fuge, fuge;

Ella só, ella quer a tua morte.

Talvez não tarde aqui—oh que destino!

Se ella soubesse... oh deus!... se tu soubesses,

Se... Mas o tempo corre... em breve... Ai fuge,

Salva-te, filho, fuge ás iras cruas

Da Rainha!

Egistho

Eu fugi-a, eu que a amo tanto,

Fugir sua vingança, o seu castigo

Quando ousei offendê-la!—Não, não quero  
Ajuntar novo crime ao meus delictos.

Polydoro

Foge, infeliz.

Egistho

Não fujo: venha embora,

E farte no meu sangue as suas iras,  
Sacie o seu furor.

Polydoro  
Que proferiste!  
Malfadado, que dizes! tu não sabes  
Que ella em ti quer vingar o filho.

Egisto

E era

O que eu matei o filho da rainha?  
Tam impio fui, tamanho foi meu crime!

Polydoro

Não... tu és innocente.

Egisto

Eu innocente,

Eu coberto do sangue d'esse filho  
Que...

Polydoro

Não era seu filho o que mataste.

Egisto

Mas... Não posso entender-te.

Polydoro, (*áparte*)

Por mais tempo

Ja não devo occultar-lhe o gran'mysterio.

(*Alto e abraçando-o a soluçar*)

Filho, recebe o derradeiro abraço,  
O abraço paternal d'um triste velho  
Que te chamou... te amou como seu filho.  
Filho... tam doce, tam querido nome  
Pela vez derradeira inda t'o chamo.

(*Ajoelhando*)

Sim, e aos pés do meu rei me prostro agora.  
Minhas lagrymas vê; correm de gosto.  
O primeiro sou eu que te appellido  
Por tam sagrado titulo. — Tu foste  
O meu filho... Ah, perdoa que me esqueço...

Egisto

Levanta-te: que fazes! de joelhos  
Tu a meus pés, oh pae!

Polydoro

Já não sou esse,  
Sou teu vassallo, és o meu rei agora.

Egisto

Quêl

Polydoro

Tu és filho do infeliz Cresphonte.

Egisto

E Merope?

Polydoro

É tua mãe.

Egisto

E Polyphonte?

Polydoro

Usurpador, rebelde.

Egisto

E eu?

Polydoro

E's Egisto,

E's de Messenia o rei.

Egisto

Se sou, qual dizes;  
Sangue de Alcides... Mas que o sou já creio;

Sinto nas veias, sinto aqui no peito,  
E n'este ardor que o coração me inflamma...  
Vamos a castigar esse rebelde,  
Vamos.

Polydoro

Senhor, modera-te, ou perdido  
Para sempre serás. Tua mãe...

Egisto

Sim vamos

Polydoro

Oh ceos; que intentas?  
Quê, descobrir te a ella! E Polyphonte?...  
Estás inerte e só.

Egisto

Tenho este braço,  
O meu direito, e os deuses que o protegem.

Polydoro

Não, por deus, não; fujamos d'estes sitios,  
Fujamos. — Mas aonde, por que modo?  
E a rainha que não tarda aqui... e a triste  
Que julga morto o suspirado filho,  
E vem vingál-o em ti! — Mas ouve: escuto  
Ruido... E, é ella — Gente armada...  
Que aperturas! Aonde heide esconder-te,  
Como salvar-te ás iras despiadas  
De tua propria mãe? — Se lhe descubro  
Se lhe digo... perdido és para sempre  
Se l'ho não digo, a desgraçada mata-te  
Sem piedade.

Egisto

Vai, deixa-me com ella;  
Deixa-me: eu dobrarei sua cruzeta.  
Ou morrerei contente por seu braço.  
Vae... Mas oh não te exponhas tu aos olhos  
Dos sagazes ministros do tyranno;  
Esconde-te.

Polydoro

Eu? — E tu n'este perigo?  
D'aqui não vou.

Egisto

Esconde-te, ou eu mesmo  
A Polyphonte corro e vou dizer-lhe,  
Declarar-lhe quem sou.

Polydoro

Não, não, socega:  
Eu me occulto detraz d'estas columnas,  
E velarei por ti. Não lhe descubras  
A Merope quem és. — E se outro modo  
Não houver de abrandál-a, eu no perigo  
Te accudirei.

### SCENA III

MEROPE, EGISTHO

SOLDADOS, SACERDOTES, SACRIFICADORES, SEQUITO

Merope (*sem ver Egisto que está de traç  
de uma columna*)

Soldados, procuraes o,  
Cumprí do vosso rei as ordens; ide.  
E prepare-se o augusto sacrificio  
Que aos não vingados manes de meu filho  
Pretendo offerecer e aos do consorte.  
O meu filho de lagrymas! a última  
Esperança que os deuses me deixaram,

O despedado m'a cortou.—Oh, heide  
 Sorver estas delicias da vingança  
 Com que me pula o coração tam soffrego.  
 Heide vél-o tremente, de joelhos  
 Supplicar-me piedade...—A ti piedade.  
 Compaixão para ti monstro!—E o cutello  
 A brilhar-lhe nos olhos e a agonia  
 A apertar-lhe no peito desalmado.  
 Aquelle coração... Oh já me tarda.  
 Angustia-me a sêde da vingança:  
 Quero social-a! ide buscar-m'o;  
 Lançae-lhe ás mãos traidoras esses ferros.  
 Quero...

*Egisto, (adeantando-se gravemente para Merope)*

Arredae esses grilhões inúteis.  
 Para cumprir as ordens da rainha  
 Basto eu só. Dos soldados do tyranno  
 Não precisa a viuva de Cresphonte:  
 De sobejo meus braços manietaram  
 O seu pranto, as suas dores.  
*(Apejha)*

De joelhos,  
 Mas sem tremer, aqui me tens; o peito  
 Descoberto aqui está. Fere; não peço,  
 Não supplico piedade; satisfaze,  
 Sacia n'este sangue maldado,  
 Proscripto como o teu, a longa sêde  
 Da tardia vingança. Eia, fere;  
 Heide contente receber o golpe,  
 Como tu ninguem mais, só tu no mundo  
 Sobre mim tens direitos tam sagrados.  
 Sim, ving a filho, ving-a o no meu sangue,  
 Que eu heide abençoar a mão piedosa  
 Da mãe que me castiga... Uma só graça  
 Te imploro por mercê: é o derradeiro  
 Favor que pedirei já n'esta vida,  
 E não posso morrer sem que m'o outorgues.  
 Dá que possam meus labios moribundos  
 Beijar a régia mão que hade immolar-me;  
 Deixa imprimir-lhe o osculo da morte,  
 E que o suspiro extremo...

*(Vai a inclinar-se)*

*Merope (voltando-se para que a não vejam  
 enternecer-se)*

A meu pezar o coração se amolga,  
 Enteneço-me... quasi, quasi o pranto  
 Dos olhos me desliza involuntário.  
 Que poder tem seus ditos na minha alma!  
 Retem-me o pejo só que o não abraça.  
 Infeliz!

*Egisto*

Ah! se ao menos ó rainha,  
 Te podesse mover meu triste fado:  
 E que antes de expirar visse em teus olhos  
 O mais leve signal, um tenue indicio  
 De compaixão... de amor...

*Merope*

Que encanto é este!  
 Oh que illusão, que voz, que gesto aquelle!

*Egisto*

Se uma vez, uma só vez...—Muito espero,  
 Muito ousa!—se uma vez o doce nome  
 Te podesse chamar de mãe...

*Merope*

Mãel... Eu já não sou mãe .. e por teu crime.

*Egisto*

Se tu de minha sorte condoida,  
 Vendo-me assim tam só, tam sem amparo,

Longe dos meus, disseses por piedade.  
 «Filho!...»

*Merope*

Que proferiste, desgraçado!  
 Filho... malvado!—Filho! eu tinha um filho;  
 E tu, tu foste que m'o assassinaste,  
 Tu de minha piedade agora zombas,  
 Ah! esse nome a furia me renova;  
 Tua sentença pronunciaste n'elle.  
 Morre.

*(Toma o cutello do sacrificio)*

Mas que poder me affroixa o braço,  
 Qual invisível mão suspende a minha,  
 Que gêlo pelas veias?...

*Egisto*

Ah que esperas?  
 Livra-me d'esta vida que me pésa;  
 E este sangue que é teu, que em teu serviço  
 Eu quizera verter—derrama-o, espie  
 O involuntario crime de meu braço.  
 Mas ouvir teus queixumes de orphandade,  
 Mas saber que sou eu a causa d'elles...  
 Oh poupa-me, rainha, esse tormento:  
 Melhor do que elle soffrerei a morte.

*Merope*

O que sinto, onde estou!

*Egisto*

Vinga o teu filho.

*Merope, (com esforço e resolução)*

Sim, o meu filho, sim o meu espôso  
 Vingados hão de ser.—Manes queixosos.  
 Innultos manes de Cresphonte e Egisto,  
 Vinde, vinde, accorrei ao sacrificio,  
 Vinde, sombras queridas, n'este sangue  
 Beber a longos tragos a vingança.  
 Este ferro guia-e o aquelle peito,  
 Avigora-e me o braço que fraquea.  
 Que treme...—Ah! já vos sinto, já não tremo.  
 Ei-los, sim: esperae.—Esposo, filho!  
 Filho!...—Tu foste, tu que m'o mataste;  
 Morre.

## SCENA IV

POLYDORO, EGISTHO, MEROPE, etc.

*Polydoro*

Que fazes, misera! suspende.

*Merope*

Quem ousa interromper o sacrificio?

*Polydoro*

Desgraçada, que intentas?

*Merope*

Eu,ingar-me.

*Polydoro*

C'um parricido? .. oh ceus!

*Merope*

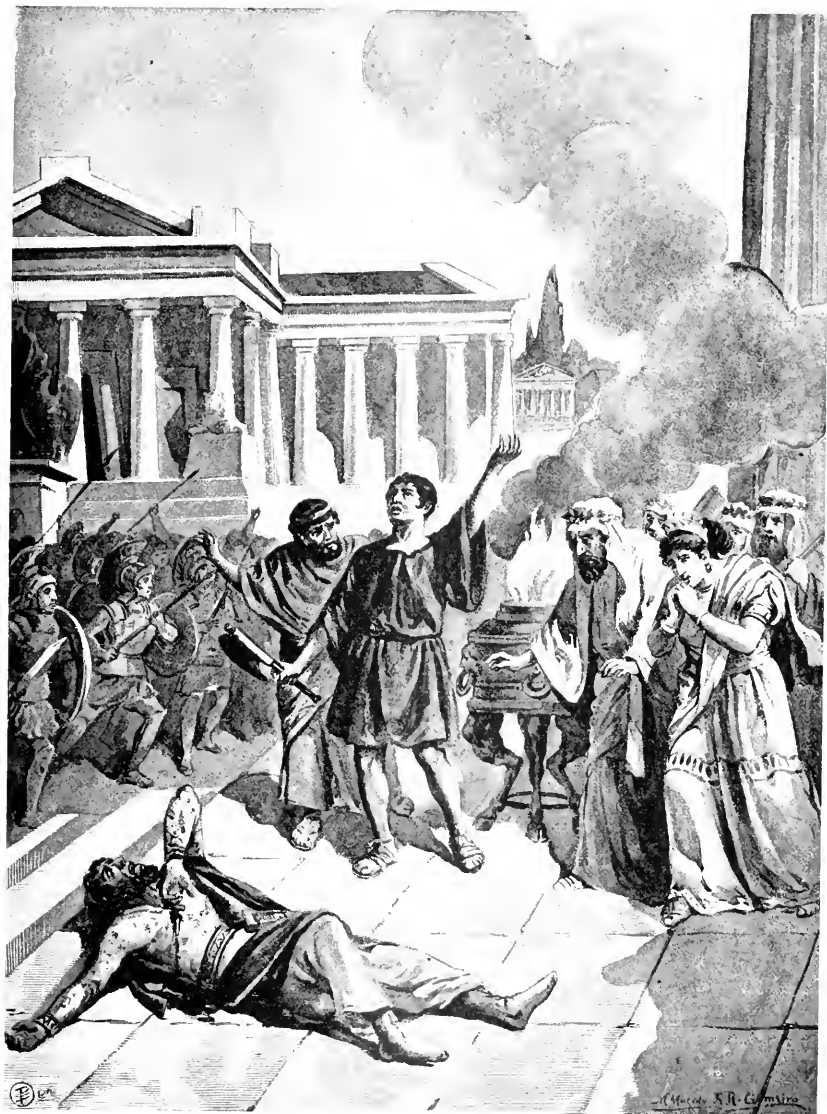
Um parricidio  
 Vingar meu filho!—Ah, não: morre, malvado.

*Polydoro*

Vingar o filho! .. o filho!... Este é o teu filho.

*Merope*

Que dizes!



MEROPE

*Egisthus*—... e no sangue 'do tyranno  
Lavo a affronta da patria.

PAG. 614

*Acto V — Scena III. — Polyphonte, Merope, Egisthus, etc.*



Polydoro

Não morreu:—teu filho é este.

Merope

Meu filho! Egistho!—Sonho?... A dor, o pranto,  
O prazer me suffocam...—Filho, corre  
Aos meus braços.

Egistho

Oh mãe!—Posso chamar-te,

Já posso proferir tam doce nome.

Merope

Sim, és meu filho; n'este peito ha muito,  
Batendo o coração m'o adivinhava.  
Filho, querido filho!... Ah, não me cabe  
O excesso do prazer já dentro n'alma:  
Affogam mais as lagrimas de gosto.  
—Filho que tantas dores me has custado,  
Filho por que hei vertido tanto pranto,  
Filho, estás nos meus braços, no meu seio;  
N'elles te aperto emfim...—Oh! venha a morte  
Venha o tyranno, que o não temo agora...  
Que disse!... Ai de mim, se elle viesse,  
Se elle nos visse agora, se o malvado  
Podesse descobrir que eras meu filho...  
Oh que...

Polydoro

Senhora, Polyphonte chega.

Merope

Onde esconder-te? que farei...

Polydoro

Já perto

Chega...

Merope

Meu filho, filho meu!...

Egistho

Socega:

Não temas.

Merope

Não temer!

Polydoro

Finge, modera...

Talvez...—Não é já tempo: desgraçada!

## SCENA V

MEROPE, EGISTHO, POLYDORO,  
POLYPHONTE, etc.

Polyphonte

Estás vingada emfim, satisfizeste  
No sangue do malvado os teus furores?  
—Que? Vivo ainda o vejo!—e n'elle os olhos  
Sem rancor me parece que já fitas.  
Mudaste de tenção—ou meus soldados  
Não foram diligentes em servir-te,  
Em cumprir teus decretos?—Oh lá, prestes  
Executae as ordens da rainha.  
Segurae-o.

Merope

Eu... enganei-me com seu crime;  
Illudi-me, pensei... Mas elle...

Polyphonte

Morra:

Tua muita piedade é que te illude.

Merope

Suspendei... Não sei, sei que não tem culpa.

Polyphonte

(Aparte)

(Alto)

Já conheço o mysterio.—De teu filho  
O matador cruel... é innocente?

Merope

Não.—Meu filho não era... o morto.

Polyphonte

Como!

O cinto, os signaes todos, e esse velho  
Que a mensagem fatal veio trazer-te,  
Tuas lagrimas... foi tudo fingimento?  
Oh! não te creio agora.—Oh lá, soldados  
Feri.

Merope

Senhor!... meu filho... vive ainda  
Este...

Polyphonte

É nova traição, é novo engano:  
Morra.

Merope

Oh que aperturas, que agonia!  
Senhor piedade...

Polyphonte

Para quem piedade?  
Um malfetor, um perfido assassino!  
Pela vez derradeira vol-o ordeno,  
Soldados!

Polydoro

Grande Deus!

Polyphonte

Feri.

Merope

Suspende.

Polyphonte

Não.

Merope

Compaixão... senhor!

Polyphonte

Em vão supplicas.

Merope

Elle é...

Polyphonte

Feri.

Merope

Malvado! elle é meu filho.  
(Suspensão geral)

Polyphonte

Teu filho!—É vão fingir; já te não creio.  
Morrerá, e...

Egistho

Seu filho eu sou, tyranno:  
No furor que me anima o reconheço.  
Solta-me os ferros, e verás.

Polyphonte

Insano,  
Que ousaste proferir!—Não vês, não temes  
Que...

Egisto  
Desprezo-te; não temo.

Merope  
Oh tem piedade

Desculpa-lhe, senhor.

Egisto  
Não me desculpes  
Eu não quero a piedade de um tyranno.

Polyphonte  
Não a terás.—Feri.

Merope, *(abraçando-se com Egisto)*

Primeiro os ferros  
Haveis de atravessar por este peito.  
O coração de mãe rasga primeiro  
Para chegar ao coração do filho.  
Barbaros, que vos fez este innocente?  
E tu, cruel, que não fartaste ainda  
De nosso sangue a insaciavel sêde,  
Satisfaze-te em mim, em mim te vingas.  
—Mas vingar-te de quê?... Senhor, perdôa:

*(Ajoelha a Polyphonte)*  
Vês a teus pés prostrada uma rainha;  
Minhas lagrymas supplices attende,  
Escuta estes soluços lastimados,  
Ouve os meus rogos; movam-te a piedade  
De ua mizera mãe as desventuras;  
Oh leva tudo o mais, deixa-me o filho,  
Deixa-me o filho, deixa-m'o; e eu te juro  
Que, sem mais pretendr ao solio avito,  
Iremos ambos longe de Messenia  
Ignorados viver; iremos ambos  
Ainda abençoar tua clemencia  
Vive seguro tu sobre o teu throno,  
Vive e reina.

Egisto  
Levanta-te, rainha.  
Tu prostrada a seus pés! Com essa infamia  
Queres comprar a vida de teu filho!  
Oh minha mãe!

Polyphonte  
Pois bem, se elle é teu filho,  
Em tuas mãos está salv-o ainda.

Se o não é, se fingidos são teus prantos,  
Já por tuas acções vou conhecê-lo.  
Adrasto!

*(Adeantando-se um da comitiva a quem fala em segredo; depois dirigindo-se aos guardas)*

Vós leve-o em segurança.

Merope  
Barbaro, e d'esta sorte é que?...

Polyphonte  
Socega.

A minha fé te dou que está segura  
A sua vida, e de ti só pende agora.

Merope  
Mas como?

Polyphonte  
Sabel-o—has em breve tempo.

## SCENA VI

MEROPE, EGISTHO, POLYDORO, SOLDADOS

Merope  
Justos deuses, que intenta este malvado?  
Que será?—Oh meu filho!

Egisto  
Oh mael

Merope  
Oh filho!

Egisto  
Consola-te.

Merope  
Eu! eu consolar-me, filho,  
Sem til

Egisto  
Adeus!

Merope  
Adeus filho!... meu filho!

## ACTO QUINTO

### SCENA I

POLYDORO, SACERDOTE, SACRIFICADORES, ETC.

*(Polydoro está ajoelhado e suplicante junto ao tumulo. O Sacerdote sae, acompanhado dos sacrificadores, pela porta principal do templo: para no peristylio, e parece meditar profundamente. Polydoro, vendo-o ergue-se e vae para elle. Ambos se adeantam para o frosenio ristes e silenciosos.)*

Polydoro  
Aqui n'este lugar, aqui á face  
D'aquelle monumento!

Sacerdote  
Aqui.

Polydoro  
Sem pejo  
Dos humens, sem temor dos deuses, hade

Consummar-se o espantoso sacrificio!  
E tu hasde erguer ao ceu as mãos piedosas  
Para o abençoar?

Sacerdote  
Heide.

Polydoro  
E não temes  
Que surja d'esta camp'a a formidavel  
A despeitada sombra de Cresphonte;  
Que a ti, ao filho, á esposa, que a nós todos  
De horriveis maldições cubra e fulmine?

Sacerdote  
Não.

Polydoro  
Que dizes!



Sacerdote

Que o filho de Cresphonte

E' preciso salvar, que hade ser salvo,  
E que é pequeno todo o sacrificio,  
Que por tal se fizer.

Polydoro

Supremos deuses!

Tu, que o conheces, ousas confiar-te  
Nas dolosas promessas do tyranno!  
Crês que n'aquella mão torpe de sangue  
Cabe a mão virtuosa da rainha,  
Que hade impedir-o que não trave logo  
Do punhal traiçoeiro e despiado  
Para matar o filho?—Pura, e honrada  
Do respeito dos povos, não a acata;  
Pensas que hade temê-la ou respeitá-la  
Quando, cheia de oprobrio e vilipendio,  
A indigna viuva de Cresphonte  
Se prostituir de seu algoz no leito?  
—Co'a ignominia da mãe promete agora  
Remir a vida do innocente filho.  
Porquê? Porque ainda teme que esse povo,  
Cançado de o soffrir, erga o terrivel,  
O formidavel brado de cem vozes,  
Que sempre anda no ouvido dos tyrannos  
Inda nas horas de mais paz,—o grito  
Que se ergue de repente e soa ao longe,  
E faz tremer o justo, o rei piedoso,  
O que fará o despota!—Não ousa,  
Na presença do povo de Messenia,  
Matar o filho de seus reis; não pôde.  
Mas o enteado vil de Polyphonte,  
A esse hade impunemente assassiná-lo.  
Sabe que pôde, e hade fazê-lo.

Sacerdote

E' certo.

Polydoro

E' certo! E então?...

Sacerdote

E então, como estas minhas

Não te dizem as raras cans de fronte  
Que a prudencia e o conselho socegado  
São o valor dos velhos, Polydoro?  
Que queres, co'esse fogo de mancebo  
No cerebro,—e o gêlo da velhice  
Nas mãos caducas, fazer tu agora?

Polydoro

Quero cahir na cova sem oprobrio.  
A vida sim, a honra não caduca.  
Os teus conselhos de prudencia, guarda-os  
Para ti. Bom conselho dêste a Merope;  
Que tu só a acceitar a resolveste  
O infame consorcio do tyranno!  
Pasma...

Sacerdote

Não pases já, que não é tempo  
Ainda. Vês aquelles que acompanham  
Armados a rainha?

Polydoro

São soldados

De Polyphonte que, em fingida pompa  
De cortejo, arrastada vem trazendo  
A victima infeliz ao sacrificio.

Sacerdote

Mas veem armados?

Polydoro

Certo, veem.

Sacerdote

E sabes

Se aquellas armas não veem promptas hoje  
A erguer-se contra quem as pôs na dextra  
Dos que supôs escravos, e são homens?  
Que ordenou e regrou essas phalanges  
De tantos mil para uma só vontade,  
Sem se lembrar que outra vontade pôde  
Mudar-lhe a direcção...

Polydoro

Pois tu!... Perdôa

Ao meu zêlo indiscreto—E sabe Merope,  
Sabe o principe acaso que?...

Sacerdote

Não sabem.

Não o hão-de saber senão no instante  
Em que estoírar o brado da vingança,  
Que eu ha tanto concentro n'este peito.  
Silencio: chega Merope: um só gesto  
Pôde perder-nos.

## SCENA II

MEROPE, SACERDOTE, POLYDORO  
SEQUITO, SOLDADOS, ETC.

Merope

Eis-me resignada;

Cumpra-se em mim segundo for vontade  
Dos soberanos deuses.—Sacerdote,  
A victima aqui está,—e adorna

(*Dá com os olhos no tumulo e volta-se  
para o outro lado*)

D'estas galas fataes... Oh encobri-me,  
Escondei-me esse marmore implacavel

Em que a minha vergonha se reflecte.  
Ai! prometti—para salvar o filho,  
Prometti—consenti n'esta vileza,  
No infame sacrificio: mas já sinto,  
Sinto de todo que me falta o ânimo;  
Não posso.

Sacerdote

Poderás, que a derradeira

Esperança da patria é em ti agora,  
E em teu ânimo, o ânimo do povo.  
Tem valôr, ó rainha, e salva o filho,  
Salva o teu filho, deixa o resto aos deuses.

Merope

E elle onde está? Meu filho! Quero vê-lo.

## SCENA III

POLYPHONTE, MEROPE, SACERDOTE,  
POLYDORO, EGISTHO, ETC.

Polyphonte

Aqui o tens, ó Merope, o teu filho.  
E aqui, ó povos de Messenia, vêde  
Que entrego á viuva de Cresphonte,  
Com este dote, a minha mão—e a parte  
Do meu imperio a chamo. Assim confundo  
Os inimigos de meu throno, e apago  
Os sanguentos vestigios das passadas  
Dissenções, o pr.texto derradeiro  
De futuras dis'ordias. Eia, o fogo  
Ao altar accendei, e o sacrificio  
Celebrae de concordia e paz.

(*O Sacerdote sobe ao peristyllo; deante d'elle collocam  
o altar. Merope a um lado, Polyphonte ao outro,  
Egisto ao pé d'elle.*)

Sacerdote

Ouvi-me,  
Supremos deuses; e, n'esta hora grande  
E tremenda, acceitae o juramento  
Que ante vossos altares venerandos,  
E invocando o terrivel testemunho  
Da vossa fé, o povo de Messenia  
Aqui faz. Ser fieis jurámos todos  
Ao nosso rei.

Povo  
Juramos!

Sacerdote

E o castigo  
Do parricida, do perjuro caia  
Sôbre quem não guardar seu juramento.

Polyphonte

Assim seja.—A tua mão, rainha, e firmem  
Esta alliança as benções...

Egisto

(*tomando de repente o cutello que está sôbre o altar,  
e collocando-se entre Merope e Polyphonte*)

Não tem benções

O altar para o perjuro, o parricida.

Polyphonte

A mim, soldados, eia!

Egisto

A mim, soldados,  
Que sou o vosso rei, e vos liberto.

E vos vingo...—e no sangue do tyranno  
(*Fere a Polyphonte, que logo cae.*)  
Lavo a affronta da patria, a minha e a vossa,

Sacerdote

E' o vosso rei, saudae-o!

Merope

Defendei-o:  
E' o meu filho, o filho de Cresphonte.

Todos

Salve!

Merope

Meu filho!

Egisto

Minha mãe!

Polydoro

Oh dia  
De triumpho! A teus pés, senhor, agora  
Posso morrer em paz e satisfeito,  
Porque viram meus olhos esta gloria.

Egisto

Vem a meus braços, pae: vem, tu que foste  
Meu guia meu amparo na desgraça,  
Não me abandones; em maior perigo  
Estou agora: sou feliz—e reino,  
Vem recordar-me—e vós lembrae-m'o todos  
A todo o instante—que subiu ao throno  
Precipitando d'elle a tyrannia.  
Maior obrigação, dobrado encargo  
Tenho de ser bom rei, maior castigo  
Mereço, e mais atroz, se fôr tyranno.

# O ((IMPROMPTU)) DE CINTRA

Composto e representado em 8 de abril de 1822 na Quinta da Cabeça, em Cintra

ACTORES: Os srs. José Miguel da Silva.—Diogo Folque.  
—Carlos Pereira de Mello Vergolino.—Carlos Sá Vianna.—Antonio Peregrino Madeira  
—J. B. da S. Leitão d'A. Garrett. Logar da scena — Cintra

## SCENA I

Garrett

Que ar tam suave se respira em Cintra!  
Que amenos prados, que gentis outeiros!  
Que horizonte, que ceu, que estancia amavel!  
Por entre esses esmaltes de verdura  
Como é saudoso o murmurar das fontes!  
Parece quasi ouvir que ellas suspiram,  
E a suspirar os peitos nos convidam.

Ditosa habitação! que almo recôbro  
Não dás aos corações affadigados  
Do pezo da existencia trabalhosa.  
Talvez aborrecida... amarga, ao menos!  
Aqui longe do fasto e do tumulto,  
No regaço da simples natureza,  
Sem enfeites, sem arte, em desalinho,  
Entermeiando a solidão fagueira  
Com mais fagueira sociedade amena,  
Aqui, se ha gozo, se ha prazer na terra,  
Aqui se encontra, só aqui habita.

Mas que avara não é a natureza!  
Porque não hade na estação das flores,  
N'este de Cintra candido horizonte  
Demorar por mais tempo o sol e as luzes?  
Fazer que um dia succedendo ao outro  
Não ousem trevas offuscar-lhe o brilho,  
E o risonho espectaculo dos campos  
Horas tão longas escondê-lo aos olhos?

## SCENA II

GARRETT E SILVA

Silva

Ora ahi temos por fim chegada a noite,  
Unicas horas, que aborrece em Cintra.  
Jogos, passeios, acabou-se tudo.  
E agora? Agora ficaremos todos  
Muito frescos a olhar uns para os outros.

Garrett

Eram n'este momento, caro amigo,  
Meus pensamentos esses: n'este instante,  
Da avara natureza me queixava  
Porque não fez na primavera, em Cintra,  
Sem occidente o sol, sem noite o dia.

Silva

Oh! Se tu não havias vir co'as tuas!  
Tu com essa cabeça de novella.  
Sentimental, romantico, pateta,  
E... olha que digo o mais... Queres?

Garrett

— Pois diz.

Silva

Enamorado.

Garrett

Essa é boa! Eu namorado!

Silva

Sim, senhor, namorado: pois que cuidas?  
Esses teus sonhos em que andas sempre,

O tom sentimental de teus discursos,  
E o mais, que eu calo agora...

Garrett

Mas, perdoa;  
Antes eu, quando estou c'os meus amigos,  
Sempre me exforço em parecer alegre.

Silva

Convenho: n'isso mesmo é que te accusas.  
Esse exforço, que fazes, é que prova,  
Que não é natural tua alegria  
E até...

Garrett

Sabes que mais?—Ouve, quero pedir-te,  
Amigo, um favor grande, e é que deixemos  
Esta conversa.

## SCENA III

OS MESMOS, VERGOLINO, MADEIRA,  
SA' VIANNA E FOLQUE

Vergolino

Bom! Cá estão elles!  
Bello encontro! Rapazes, um projecto,  
Magnifico, estupendo, ideia grande,  
Como a minha.

Silva

Oh! Então temos asneira

Garrett

Não entrem a embirrar. Silencio, ouçamos.

Vergolino

Nós todos, que aqui estamos... Quantos somos?  
Um, dois, tres, quatro, e cinco, seis: bom, basta.  
Vamos representar já uma farça.

Todos

Bravo!

Garrett

Mas quando?

Vergolino

Já, hoje.

Garrett

Impossivel.

Silva

Qual impossivel! Moços de talento,  
Rapazes, como nós! Apoio, apoio,  
Vamos a ella, vamos! Já, já... partes  
Ensaios... toca. Eu faço de...

Garrett

De doido.

Silva

A farça... Não me lembra... Hade ser ella

Vergolino

O Corcuada por amor.

Garrett

Que farça é essa?

Vergolino

Faça-se tolo! Aquella do Bairro Alto.

Garrett

Ora adeus! Uma cousa de tres dias,  
Feita a brincar.

Vergolino

Para brincar são todas  
Nem as queremos nós para outra cousa.  
Se foi feita em tres dias, em tres horas  
Havemos de ensaiá-la hoje aqui mesmo,  
Representá-la, et cætera.

Garrett

Pois vamos,  
Quando chego a sahir de minha casa,  
Deixo atraz da porta, sempre a vontade.

Silva

Vamos! O caso é este, venha a farça.

Garrett

Vem já: deixe ir buscá-la.

(Volta com a farça)

Ei-la aqui.

Silva

Bom! Muito bem! Vejamos as pessoas  
(Lendo)

O Doutor Lapafurcio, letrado

D. Carangueja, sua mulher

D. Carlota, sua filha

Eleuterio, amante de Carlota

Augusto, amigo de Eleuterio

Barrigudo, procurador de causas

Tu que papel fizeste n'esta peça?

Garrett

Eu? Eu fiz o de Augusto. Não te lembras?

Silva

Oh! lá! De bregeiro, maganão! Pois largue,  
Que esse é cá para mim.

Garrett

Cedo com muito gosto,

Pois não: meu superior.

Vergolino

Velha, o Madeira

Madeira

Não quero, não quero.

Todos

Hade fazel-o.

Madeira

Eu nunca fiz de velha em minha vida.  
Nada de empurrações. Lá os senhores  
Escolhem para si facéis papeis,  
Impingindo para os outros os de quesilia.

Garrett

Pois bem, haja uma lei que nos regule.  
Hade um só distribuir os papeis todos;  
E ninguem hade eximir-se.

Todos

Bravo

Garrett

Quem hade ser?

Vergolino

Tu mesmo

Todos

Apoiado.

Garrett

Então peço a palavra. Antes de tudo  
Agradeço ao congresso honra tamanha.

Silva

Nada de phrases.

Garrett

Dois papeis, já estão dados

Resta quatro. Carlota, a Sá Vianna

Sá Vianna

Dama! Eu que nunca subi ás taboinhas...

Garrett

Ora vamos, ou bem se faz a cousa,  
Ou...

Todos

Ordem, ordem.

Garrett

Pois silencio.

De Eleuterio, de amante apaixonado...

O Folque.

Folque

Eu! co' esta cara?

Garrett

Co' essa mesma.

Barrigudo, procurador de causas, Vergolino.

Vergolino

Eu! Eu, esse papel!

Garrett

Sim, meu senhor,

Hade fazel-o. Kesta o doutor velho.

Farei eu. Sem sabor, mas não importa

Silva

Vamos, menino, nada de vergonhas.

Garrett

Vergonha, eu! É cousa que não tenho,  
Vergonha fôra, se a tivesse agora.

(Para os espectadores)

Não; com franqueza, segurança e gosto,  
Eu pelos socios meus, por mim, por todos,  
Em nome da suavissima amizade,  
Da amizade aos prazeres convindo.  
Ella só, nada mais, preside, e enfeita  
Nossos brincos singelos. Só com ella,  
Sem talentos, sem arte, sem prestigios,  
A mal composta scena hoje subimos,  
Passei convosco as horas enfadonhas,  
Que o veio da noite escassa envolve em trevas  
De Collares e intra amenas vistas,  
Sombras meigas, passeios deleitosos;  
Das fontes o cristal, do prado o esmalte,  
E todo o encanto d'este sitio amavel;  
Onde entre as rochas alcantis que o cercam,  
Seus thesouros esconde a natureza.

Silva

Ha muito tempo que sabemos isso.  
Diz bem bonito, mas o caso é outro.  
Vamos a ensaios, toca, já com elles.  
Para nos arranjar estas caretas,  
Para o theatro, vistas et cætera,  
Temos cá o Schiopeta nosso amigo:  
Vamos buscá-lo.

Todos

Vamos.

Silva

E entretanto

Que nós nos ensaiamos e arranjamos  
Com as suas modinhas engraçadas  
De fino gosto e doce melodia  
Póde ellé ir entretendo a companhia.

# O CORCUNDA POR AMOR

(COLLABORAÇÃO COM PAULO MIDOSI)

Farça representada pela primeira vez em Lisboa, no Theatro do Bairro Alto em 29 de Setembro. Anno I (1811)

ACTORES: O Doutor Lapafuncio, letrado.— D. Carangueija, sua mulher.— D. Carlota, sua filha.— Eleutherio, amante da dita.— Augusto, amigo de Eleutherio.— Barrigudo, procurador de causas. Logar da scena — Lisboa.

## SCENA I

*Escritorio de letrado*

DOUTOR LAPAFUNCIO (*sentado e remechendo papeis*)

Doutor—Emfim, não me entendo com estas coisas. Rapazinhos, rapazinhos! Cá gente de bem, gente do meu tempo, e da minha luia, não serve para isto. Peguem n'essa canalha, que ahí anda pelas ruas a gritar—Viva a Constituição, viva o diabo que os leve; peguem n'esses biltres todos, e façam lettrados do seu panno. Oh tempos do meu tempo! Santa chicana, que me enfiavas cruzos n'esta algebeira, como contas em rosario! Cotas, vistas, jure-jurando, estou doente, peço os dias da lei... Oh, que boa coisa! E entretanto corria a chelpa, dormia a demanda, e as pares pingavam. Ora digam-me, senhores reformadores do mundo; que hade ser da dignidade do fóro, sem a grande arte da *chicana*? Nada de férias; causas todas summarias, jurados, e sobre tudo... Isto é que eu não posso levar á paciência!... querer compôr as partes amigavelmente!

## SCENA II

DOUTOR, BARRIGUDO (*entrando*)

Doutor—Amigavelmente!... amigavelmente senhor Barrigudo! e os libellos, as contraditas, as... senhor Barrigudo, acabou-se a justiça; está tudo perdido, perdido. Amigavelmente, homem!...

Barrigudo—Está, está o mundo perdido. Foi-se a justiça. Pois não me deitaram fóra do meu emprego?

Doutor—A V. m.? o procurador mais honrado que viram as audiencias d'esta côrte! V. m. que nunca vendeu as suas partes por menos de tres mil e duzentos! Então, diga-me, porque?

Barrigudo—Ora porque? por uma ninharia. Por sumir uns documentos de cacarácá, que, a fallar a verdade, não me deram de interesse mais que quinze moedas.

Doutor—Quinze moedas! E por quinze moedas se deita a perder um homem de bem! Patifes... Quantos conheço eu, que pela ridicularia d'uma sentençaista injusta têm levado mil cruzados? Ora isto! E, então, se um pobre homem chucha os seus pintetes assim por coisa de mais polpa, aqui d'el-rei que é ladrão! Ora, pois, senhor Barrigudo, console-se; tenha fé nos Austriacos.

Barrigudo—O' senhor doutor, que é isso dos *Est-ricitos*?

Doutor—Eu tambem não o sei lá muito bem; parece-me que são os *Alamões*; mas ahí n'esses jornaes...

Barrigudo—Jornaes! Pois V. m. consente essa peste em sua casa?

Doutor—Eu! Deus me livre! E' o meu amigo, o senhor D. Gargamilho, que os lê, e me dá as novidades; que eu, cá por mim, apello eu! Periodicos! nada, Se fosse a nossa *Gazeta antiga*! Isso sim; isso é que era papel!

Barrigudo—E de *mata-morrão*.

Doutor—Sim senhor; mas que papel! que papelão! Que novidades de mão cheia!

Barrigudo—E é verdade; que até trouxe a do *homem das botas*.

Doutor—A do homem das botas? Isso é nada, meu amigo. Mas as dos morangos no mez de Maio em Copenhague, com as mais frescas noticias da Lapponia, da Scandinavia, e do isthmo de Panamá! Que gôsto, que erudição! E aquella immortal folha do dia 10 de Setembro! Oh meu rico senhor Barrigudo! estes infames papeluchos de agora, cheiram-me a um desaforado libertinismo. Mas que quer V. m.? E' berr feito: deram-lhe a liberdade de imprensa, agora peguem-lhe com um trapo quente.

Barrigudo—Isso é o menos, meu doutor. Mas a lei dos *ceraes*! De sorte que eu não sei lá muito bem o que isto é; mas não me cheira; ha de ser coisa má por força.

Doutor—Eu estou na mesma, senhor Barrigudo. Nunca achei no *Pegas* semelhante nome. Modernices, modernices! Alguma pouca vergonha, encobera, alguma heresia rebuçada contra a nossa santa religião!

Barrigudo—Tem carradas de razão. meu doutor. Tudo está perdido. Mas, vamos ao que serve. Tenho a propôr-lhe certo arranjo, que me parece que lhe ha de servir.

Doutor—Liga, e em poucas palavras, que tenho que sair.

Barrigudo—Certo rapaz, meu vizinho, moço de bom porte e de muito juizo, chegado ha pouco da *novercidade*, e formado cá nas *defficultades* do escritorio, pretende vir praticar com V. m.

Doutor—Convenho, más primeiro que tudo, é elle cá dos nossos?

Barrigudo—Se é dos nossos! Está claro que sim. Aliás como me atreveria eu a propôr-o. E' um moço guapo: ainda não lhe ouvi fallar uma só vez em Constituição; e tem uma zanga decidida a tudo quanto cheira a isso. Olhe, meu doutor; aquillo por lá não está tão máo como o pintam. Dizem-me que na *noverci ade* temos muita gente boa, e cá da sucia.

Doutor—Bom: n'ess' caso pôde dizer-lhe que appa-

reça logo. Está visto; o moço tem juízo. Adeus, amigo.  
Barrigudo—Adeus, meu doutor.

## SCENA III

DOUTOR, CARANGUEIJA, CARLOTA

Carangueija—Eis aqui, senhor Lapafuncio, o fructo da sua condescendencia. A senhora sua filha está louca, e louca varrida.

Doutor—Que dizes, mulher? Que é isso?

Carangueija—r ois não encontrei esta descarada lendo no *Lastro da Lusitana*, e decorando uma *odia* ao 24 de Agosto, que vem no *Portuguez re-fregado!* Olha, meu Lapafuncio, quando tal vi, fiquei de raiva intanguida com um faniquito, que não sei como a não esganei.

Carlota—Por piedade, meu papá, digne-se ouvir-me.

Doutor—Não lhe posso conceder vista, senhora Lambisgoia. Com que, V. m. atreve-se a lêr semelhantes papelletas! Pobre de mim! Oh vergonha d'estes cançados annos! Diga: quem lhe deu esse infame papel?

Carlota—Meu papá, eu não julgava que a minha curiosidade era criminosa. André, nosso moço, muitas vezes me tem trazido estes, e outros escriptos, cuja leitura me instrua e recreava.

Carangueija—Que te disse eu, meu Lapafuncio? A rapariga está perdida; já sabe *retholica*, tem muita *falsophia*, e até se quer metter a *plutica*.

Doutor—Senhora Carlota, venha cá; seja dito uma vez para sempre. Você de hoje em diante está prohibida de lêr escriptos, sejam de que natureza forem. Se se quizer divertir, aqui tem na minha livraria a collecção completa da nossa santa mãe *o açeta* de feliz memoria. Tem a *Navalha de Fígaro*, a *Atalaia contra Pedreiros livres*, o *Segredo revelado*, os *Sebastianistas*, e as obras de *Melgaço*.

Carangueija—Mellaço á rapariga, que é tão quente!

Doutor—Qual mellaço, senhora Carangueija? Você parece-me que também perdeu o juízo. Melgaço, senhora, era um escholastico peripatetico.

Carangueija—*Inclesiastico pateta!* misericordia, senhor! Bem mostra que foi estudante: se V. m. não tivesse ido á *nobrecidade*, trataria a religião de outra maneira, e teria mais respeito aos *inclesiasticos*.

Doutor—Mulher, você faz-me perder a paciencia.

Carangueija—Cale-se, cale-se. Trate de dar melhores *exemplos* a sua filha. Já é tempo de tomar juízo, seu velho potrozo.

Doutor—Sim, senhora, serei, serei potroso: eu lhe farei o dito verdadeiro. O Gertrudes, Gertrudes? De hoje em diante, a minha cama para o quarto da livraria.

Carangueija—Ande, ande, metta-se n'isso, e depois queix-se. Olhe, senhor Lapafuncio, isso vinha do céu

Doutor—Cale-se, tonta: lembre-se que está diante de sua filha.

Carangueija—Veja se me tapa a bocca. Heide fazer publicos os seus desaforos. Ah, meu tempo, meu tempo! As coisas andavam de outro modo: um bom capellão governava a casa, cuidava de tudo, arranjava as cabeças, dirigia as consciencias, etc., etc. Agora pois não? Os bons costumes foram-se, e o respeito perdeu-se a tal *incesso*, que o bom do nosso confessor, Fr. Patricio de S. Mamede (aquelle santinho) entra e sae n'esta casa, sem que ninguém lhe beije coisa alguma.

Carlota—Mãe, permita que me retire ao meu quarto. São horas de vir o mestre de musica; e eu ainda não estudei a lição.

Carangueija—Sim, sim; retire-te, e avisa-me quan-

do elle chegar; quero fallar-lhe e advertil-o que não continue a ensinar-te aquelle maldito hy nno *construcional*. Que peste de musica! que nojenta composição. (*Affecta d'entoar o hymno*).

## SCENA IV

CARANGUEIJA, DOUTOR

Doutor—Senhora D. Carangueija, tratemos dos nossos arranjos; eu pretendo que Carlota case com o meu amigo o doutor Pancracio, homem chão, e cá dos da minha tempera, verdadeiro pé de boi. Convem que V. m disponha a rapariga; e eu vou concluir os ajustes. Avise Carlota, que logo que chegue o meu amigo doutor, não comece com os seus costumes destemperos, nem abra a bocca sobre acontecimentos politicos. O meu futuro genro é homem de mão cheia, e tem odio a tudo quanto cheira a *jacobinice* e *pedreirada*.

Carangueija—Sim, senhor, sim senhor; tudo se ha de fazer. Mas, diga-me meu queridinho: (*pondo-lhe a mão pela cara*) inda estamos arrufados? Inda quer ir dormir para a livraria? ande, (*chega-se para elle*) diga, meu doutorinho?

Doutor—Leva rumor, senhora D. Carangueija! Basta de tolices, vamos ao que serve: trate de fazer o que lhe disse; e quanto ao resto, cá lhe fica *pirolo a vencer*. (*aparte*) Safa com a tal aventesmal

## SCENA V

Rua

ELEUTERIO, AUGUSTO

Eleutherio—Aquelle que acolá anda a passear...

Eu já vi aquella *tata*, E' o Augusto... mesmo como quem o vê. Oh Augustol olé!

Augusto—Quem diabo me chama? Oh maldito! olha que *gita*, com que eu venho embarrar?

Eleutherio—Ora, tu em Lisboa! Quando chegaste? com quem vieste? que tal foi a patusca da jornada?

Augusto—Optima; grasinou-se por essa estrada, que foi tudo c'os diabos: então que tens por cá feito?

Eleutherio—Por cá! (*rindo-se*) Lisboa, isto está *pin-aarico!* Moças, touros, theatros, Marrare, sucia, e mais sucia.

Augusto—Oh Eleutherio, diz-me; que sobre escripto é esse que trazes no chapéo? já hoje, quando desmontei, vi d'essas quizzilas ahi pela rua. Que peta é essa?

Eleutherio—Isto? isto é o *Laço da Constituição*

Augusto—Pois sim: nunca me *cabularão* no tal laço. Isso é laço, com que toda a concundage hade enganar a boa gente. Então como vams de *petiscos*? Já pilhaste namoro? *Pimpa-se ou não se pimpa?*

Eleutherio—Ora valha-te os diabos. Pois não ando embeicado com um *prizão*, mesmo *peixarrão!* Augusto—Tu? ahahaha! Demais a mais namorante! sabe-o ella? Apóste que não; que tu sempre tiveste esse bom costume.

Eleutherio—Se o sabes! essa é boa! Tu não sabes que as moças de Lisboa entendem pelo ár isto de namoro, mesmo antes de elle começar? Ha quinze dias que trabalha o telegrapho.

Augusto—E dá ella *caaco*?

Eleutherio—*Cavaguitissimo*.

Augusto—Bem entendido; para *honra* e *casamento*.

Eleutherio—Ora embirro; hade ser o que der o jogo.

Augusto—Não: tu, pelo que vejo, é que estás cahido mesmo como um pato. Vamos, vamos, confessa, meu *piugeta*.

Eleutherio—Gosto, gosto: lá isso é verdade; morro pela pequena.

Augusto—Morro pela pequena, (*arremedando-o*) Fé-ra, tolo! morro pela pequena. Estou a vêr que já lhe fizeste a tua declaração em *fôrma*. . . A propósito, quantas grossas de sonetos lhe ferraste já?

Eleutherio—Sonetos! versos a moças! Pois julgas-me tão asno?

Augusto—Ora, anda lá; isto de poetas, em estando namorados, vae tudo raso com versalhada. Mas olha, Eleutherio, lembra-te d'aquelle conselho do Tolentino:

Vale uma vara de fita,  
Mais que a *Illíada* de Homero.

Eleutherio—Deixa te de asneiras, vamos ao que importa. Tu has de servir-me no meu namôro.

Augusto—Muito boas noites, senhor Eleutherio; assim em ár de brincadeira—*Alcovitantibus nobis*.

Eleutherio—Não é isso; não te faças camello. O caso é este. Eu namôro uma rapariga bella, esbelta, e galante; e o que mais é, rica.

Augusto—Rical rica! Oh que formosura, que divindade? Ai, meu Eleutherio! parece-me que vou ser teu rival. Que pechincha para um senhor estudante! Dize-me: quem é essa fagide gentil? Quem é o ditoso papá?

Eleutherio—Ahi é que está o *busilis*! O pae é o mais encarquilhado ginja, o mais embirrento casmurro que tem Lisboa. E' um lettrado velho, um doutor da Universidade que deus haja, d'antes da reforma, e demais a mais, corcunda como todos os diabos.

Augusto—E a menina tambem padece de tal *intumescencia dorsal*!

Eleutherio—Nada: antes é liberalissima.

Augusto—Liberalissima! salve Deus tal logar. Mulher liberalissima! E tu queres casar com ella?

Eleutherio—E porque não?

Augusto—Pobre homem! não sabes que mulher liberal faz o marido corcunda? quando não seja por traz... não sei se me perçebes?

Eleutherio—Deixa-te de graças; vamos ao que importa.

Augusto—Sim: que isto que eu digo é um páo por um ôlho. Bagatellas, bagatellas.

Eleutherio—Adeus! não me *repiniques* a conversa. O velho, a mãe, toda a gente da casa, e toda a gente que vae á casa, são corcundas, corcundissimos; menos a rapariga. Ora eu, rapaz, vindo de Coimbra ha pouco tempo, com fama de liberal, como hei de introduzir-me em similhante casa? Para isto é que eu quero o teu conselho?

Augusto—Bom remedio: vae praticar com o doutor.

Eleutherio—Issy já eu tentei fazer. Até untei as mãos a um *cabula*, procurador de causas, que conheço, para me introduzir com o ginja. Mas o maldito antiquario, em sonhando que eu sou liberal, pôe me pela porta fóra, e então fico peor que d'antes. Ora dize tu: em elle olhando para esta *lata*, em sabendo que me formei este anno...

Augusto—O muito que poderá dizer é que és *Pedreiro livre, Jardineiro, Carbonario*, ou tudo junto, que inda é melhor.

Eleutherio—Mas, homem, que hei de eu fazer?

Augusto—Ande cá, su toleirão: sempre lhe quero mostrar que sou seu amigo. Emfim andámos ambos com a roupa; va. Você faça-se corcunda. Tire-me essa garatuja do chapéo. . . Mas não; deixe-a estar, que nos é precisa. Com o velho sempre corcundissimo; diga-lhe a tudo que sim; e dei-

xe correr a demanda. Agora eu hei de immortalizar-me na farça; aqui ninguém me conhece; vou despir esta casaca, e farei de teu creado. O mais fica por minha conta. Mãos á obra, e toca a espantiar o negocio.

Eleutherio—Ch meu caro Augusto, que obrigações te não devo eu!

Augusto—Cale a bocca, su pedaço d'asno. Com que eu faço isto para o servir a você, ou para me divertir a mim! E' bem camello: ande d'ahi; vamos.

Eleutherio—Vamos.

## SCENA VI

### Escritorio

Carlota (*só*)—Ora a livraria de meu pae sempre é bem curiosa coisa. Pôa leitura para aconselhar a uma rapariga de dezoito annos! Mas este meu novo amante, quem será elle? Pelo geito parece-me coisa de Coimbra. O caso é que eu gosto d'elle. São estudantes, são atrevidos, são peti-mêtres; todas dizem o mesmo, mas todas gostam do seu estudantinho.

## SCENA VII

### CARLOTA, ELEUTHERIO, AUGUSTO

Augusto (*defóra, batendo á porta*).

Carlota—Quem é?

Augusto—Um servil creado d'esta illustre casa.

Carlota—Quem procura?

Augusto—O sapientissimo senhor doutor Lapafuncio Geba Simões da Boa morte.

Carlota—Não está em casa.

Augusto—Não importa: temos ordem de esperar por elle.

Carlota (*abrindo*)—Entre.

Augusto—Liberalissima prole do mais corcundissimo progenitor, meu liberalissimo, e agora, por seu respeito, encorundizado amo, o senhor...

Carlota—Que vejo! E' o mesmo. Senhor, V. m. n'esta casa? Onde se vem metter...

Eleutherio—Adorada Carlota, amor é quem me aqui traz; e amor nada receia. Os sentimentos, que ha muito te consagro, me fizeram buscar este estratagemá para poder... sim, para que nós... que vós... e que...

Augusto (*arremedando-o*)—E que elles... Minha senhora, o rapaz, *quer dizer amor e não lhe chega a lingua*; eu lhe ponho tudo em pratos limpos. Este moço morre pelos seus belllos olhos; as suas vistas são puras, e innocentes; é morgado na sua terra. Ora olhe-lhe para aquella veronica. Não lhe acha cara de morgado, e demais a mais mesmo assim de sujeito que quer casar? Pois ahi o tem todo inteiro; está dito tudo. O senhor seu pae, segundo consta, não gosta muito de *liberalidades*. Meu amo, que é mesmo liberal dos da gemma, receava pedir abertamente a sua mão, o que seria aliás bem recebido, attendendo ás suas grandes *propriedades sem fundo e fundos sem propriedade*. Mas achou melhor servir-se d'uma piedosa alicantina para facilitar o expediente do negocio. Ora, como lhe ia dizendo, formou-se este anno, e vem praticar com o senhor seu pae no seu escritorio: já se sabe, finge-se corcunda com elle, e procura-lhe ser sempre liberal com a menina, ficam-lhe as aberturas para fallar com V. m... (*aqui d'el-rei!*) com V. S... E o mais, Deus o fará, ou o diabo lh'o ensinará.

Carlota—Senhor, diga-me o que devo pensar do que diz o seu creado?

Eleutherio—Tudo aquillo é verdade, bella Carlota,

são estes os innocentes e desculpaveis artificios, a que me obrigou a mais violenta paixão.

Carlota—Mas, como devo acreditar-o?  
Eleutherio (*ajoelhando*)—Bella Carlota, as tuas graças...

Augusto (*á parte arremedando-o*)—O teu dinheiro...

Eleutherio—A tua divina belleza...

Augusto—A tua celestial riqueza...

Eleutherio—Justificam.

Augusto—Espanhacam...

Eleutherio—O meu atrevimento...

Augusto—O meu descaramento...

Eleutherio—E a avidez...

Augusto—O desejo...

Eleutherio—De gosar dos teus encantos.

Augusto—De sangrar a burrinha do senhor seu pae.

## SCENA VIII

AUGUSTO, ELEUTHERIO, CARLOTA, CARANGUEIJA

Carangueija (*de dentro*)—Carlota, Carlota?

Carlota—Ai de mim, que ahí vem minha mãe!

Augusto—Não se assuste, menina, que eu aqui estou. Senhor amo, pegue n'aquelles feitos, e ponha-se assim em ár de quem anda a *pescar a chicana*. A senhora D. Carlota põe-se á janella com um d'esses cartapacios fingindo que lê; e eu aqui fico com esta cara de chicote. Vamos, a seus postos; deixem o medalhão da velha por minha conta.

Carangueija (*sahndo*)—Oh Carlota, Carlota! Irra! tenho as guelas esfarralhadas de gritar por esta rapariga! I emos namorico filado? P'ois não: assoe-se; bem sabe quaes são as vistas de seu pae e que o doutor Pancrácio. (*dando com os olhos em Eleutherio e Augusto, estes a cortejam*) mas quem são estes melcatrezes? Que fazem eiles aqui? Anjo bento! E a rapariga sósinha com dois homens, quando para a perder bastaria um; e então um dos da *tempra* de hoje, que vale por uma duzia dos de algum dia, (*puchendo a luneta, e encarando-os*). Ai meus peccados! E demais a mais um d'elles parece-me estudante. Que lambertino que não ha de ser! De certo é peor que Satanaz, (*chega-se a elles*). Olá meus senhores? O que querem Vv. mm.? Quem procuram n'esta casa?

Eleutherio—Eu, minha senhora, venho aqui para praticante do senhor doutor Lapafuncio.

Carangueija—Maroto! Insolente! *Traficante* o senhor doutor Lapafuncio, a honra da lettradice! O Benjamin do fóro? Meu marido *traficante*! Ponha-se já no ôlo da rua.

Carlota—Minha mãe. Este senhor entrou n'este momento, e procura meu pae, que, segundo elle diz, lhe deu ordem de o esperar aqui.

Augusto—(Irra com a centopeia!) Minha senhora, não se allucine; meu amo vem apprender com o senhor doutor Lapafuncio a grande arte da *cabala judicial*.

Carangueija—*Cavallat*... *Cavalla* será elle, grandíssimo mariolla. Patifes! Virem a minha casa procurar *Cavallcs*, como se aqui fosse a Ribeira do peixe! Insolentes!

## SCENA IX

CARANGUEIJA, CARLOTA, ELEUTHERIO, AUGUSTO, DOUTOR

Doutor—Que algazarra é esta?

Carangueija—O que ha de ser? São estes meliantes que te vieram insultar aqui mesmo ao teu escriptorio. Um chamou-te *traficante*; e o outro quer que eu lhe venda *cavallas*. Atrevidos...

Doutor—Então que pretendem os senhores? Que é isto?

Eleutherio—Que ha de ser, senhor doutor? E' esta senhora, que, sem nos ouvir, nos condemnou á revelia. Eu sou aquelle bacharel, por quem lhe fallou o seu amigo Barrigudo das Toupeiras; e elle é quem aqui me mandou, assegurando-me que estava admittido a praticar no seu escriptorio. A vista do exposto, deferir á em termos.

Doutor—Como pede; sim senhor, muito bem vindo, meu caro senhor Eleutherio. Já me dava muito cuidado a sua tardança. Julguei que tinha, por desgraça, cahido em alguma de essas enxovias de que ha tanta abundancia n'esta capital: são umas verdadeiras ratoeiras de armadilha aos ignorantes pataus. Forte lastima seria, se depois de tão boas informações do meu amigo Barrigudo, tal infortunio lhe acontecesse! V. m. ficava perdidinho de todo para nunca mais levantar cabeça! Em que mãos, meu Deus! Em que mãos ia cahir! Rábulas, rábulas modernos, que apenas (e nem ainda apenas) sabem arrannhar a Ordenação! Olhe, senhor Eleutherio, depois da vinda *dos do Porto*, entrou ahí uma matilha de garraios novos, que dão conselhos até por um copo de capilé! Porém... Senhora Crangueija, trate de prevenir Carlota do que lhe disse.

## SCENA X

DOUTOR, ELEUTHERIO, AUGUSTO

Doutor—Oh senhor Eleutherio, quem é este rapaz que vem na sua companhia?

Eleutherio—Este rapaz é um *garoto* que tomei em Coimbra ao meu serviço. E' um pobre diabo, *orphão de pae e mãe*, fiel, e capaz de se lhe confiar qualquer empresa, ou obra de desempenho.

Augusto—Sim senhor, sim senhor; é verdade senhor doutor. Sou garoto, sim senhor. O senhor Eleutherio tambem, sim senhor. De Coimbra, sim senhor, de Coimbra. (*Para Eleutherio á parte*) Deixa estar, patife, que logo te direi.

Doutor—Parece-me um pobre selvagem. Isto de certo não tem malicia. Estes creados lá da provincia são melhores que os cá da cidade, que são todos uma canalha: confiados, larapios, e muito liberais das algeibeiras alheias.

Eleutherio—Tem razão, senhor doutor. Isto por cá está cada vez peor. D'aqui a pouco já não ha creados; todos são amos.

Doutor—Que quer V. m., senhor Eleutherio, se tudo é uma anarchia? Todos dão o seu conselho, todos mettem a sua colherada; e o que é mais sério, já todos são letrados, e decidem de cadeira, como se fossem doutores de capello. E' uma lástima; o melhor conselho da nossa profissão não vale hoje uma de doze. A proposito, senhor Eleutherio, que novidades temos?

Eleutherio—Poucas, porém boas. Dizem que vamos a ter outra *Alliança angelica* nas margens do Sena. Trata-se de abrir os olhos aos habitantes das trevas peninsulares. Acabará a escravatura, dando liberdade aos negros, e escravizando os brancos. Tolerancia absoluta, concedida pela nova reforma da Santa Inquisição; segurança plena de propriedade alliançada por trezentos mil dos protectores da Italia, que querem arrannhar as coisas como manda Deus e a Igreja, sem derramar uma só gota de sangue, á excepção do de tres, ou quatro milhões de impios, e incredulositos, que não querem acreditar em suas bemfazejas intenções.

Doutor—Isso é santa gente, que ha de ensinar estes maganões. Diga-me, senhor Eleutherio, leu a *Gazeta universal da Europa*?

Eleutherio—Não senhor, não a li hoje, porque a



não pude obter pela affluencia de compradores. Era tanta a gaiatada á porta do distribuidor, que vóou o tal papelucho. Verei logo se posso apanhar alguma ahí por essas lojas, aínda que o pague a pézo. Não me admira a extracção: é papel universal, e basta. Consta-me que até em Constantino-  
pla se gasta como canella. O Grão Turco é com quem accende o seu cachimbo. Voltemos porém ao ponto: que traz elle hoje interessante?

**Doutor** (*com ar mysterioso*)—Duas conspirações e meia descobertas a noute passada á luz da candeia. Metade de um sermão sobre a instabilidade das coisas d'este mundo, cá n'este valle de l'grimas. E o que mais interessa; a marcha de um exercito de mais de quatrocentos mil bemeiteiros da humanidade... Diz-se que em dias claros já da Serra da Estrella se avistam as avançadas. Isto aínda não é nada. Olhe, senhor Eleutherio, também se falla em quatro esquadras que se apromtam a toda á pressa. De certo, tudo está combinado: o negocio, decide-se por estes quinze dias. Ora, diga-me: V. m. ouviu fallar n'essas grandes desordens da provincia.

**Eleutherio**—Ouvi, sim senhor; isso anda tudo revoltito; e elles a teimarem com a gente; ninguém quer isto, á excepção de meia duzia de meliantes, que não têm que perder: elles se desenganarão. Veja, meu doutor, se isto agrada a ninguém: todos egueiros perante a lei; tolerancia, liberdade de imprensa, segurança de propriedade, abolição da sancta Inquisição, extincção de caudalariis, coitadas, direitos banaes, etc., etc.

**Doutor**—E que me diz á das ordenanças? Homem. Os Capitães móres, que eram a consolação e abrigo dos povos: veja se ha maior desaloro. Está visto aonde tudo lá dar, se os do Norte se não lembrassem de vir arranjar as coisas. (*em segredo*) Ouvi dizer que os turcos também dão o seu contingente de tropa?

**Eleutherio**—Se dão! Obrigaram-se por este ultimo tratado secreto, a dar 30 mil assyrios, 30 mil egypcios, 10 mil janisaros, e 20 mil medas; gente terrivel, e que fazem uma guerra assoladora. Servem-se de animaes ferozes, e trazem uma cáfila de leopardos, pantheras, ursois, tigres, elephantes, hypopotamos, leões, onças, e camellos dos que mordem; além de uma quantidade de píruas, e gallinhas bravas, cuja picadura é venenosa.

**Augusto**—Oh senhor meu amo, isso tudo será para o pateo dos bichos?

**Eleutherio**—Calate, tolo; que entendes tu de politica? Altas combinações da nigromancia, a que não podes chegar com os teus rombos talentos.

**Doutor**—Não faça caso, senhor Eleutherio; hoje todos querem metter a sua colherada em politica, em leis, em finanças, em commercio; todos fazem planos, projectos, e memorias; basta saberem lér as gazetas para se pôrem a decidir a sorte das nações. Deixe, deixe estes amigos; não lhes tarda o seu S. Martinho; verá, senhor Eleutherio, as noticias do primeiro paquete; leia a Gazeta de França, o Observador austriaco; e deixe o mar que ronque. Vamos porém principiar o nosso trabalho, que são horas.

**Eleutherio**—Caro senhor doutor, o meu desejo é ajudal-o nas suas laboriosas tarefas. Diga em que me posso occupar?

**Doutor**—Aínda que o rendimento é pouco, temos ahí obra de sobejo. Aqui não ha mãos a medir. Ha quinze dias que a grande affluencia de trabalho apenas me dá tempo de pedir os dias da lei, e jurar que estou doente. Se isto continúa, vejo-me obrigado a dar p' rte de morto, bem entendido com o juramento do estylo para não faltar á verdade. (*Chegando-se á banca*). Veja esses autos, senhor Eleutherio.

**Eleutherio**—Eu vou, senhor doutor: permitta-me dizer duas palavras ao meu rapaz. Oh garoto, anda cá. Augusto—Sim senhor, anda cá. Lá vou, sim senhor. **Doutor**—Senhor Eleutherio, se lhe parece, em quanto trabalharmos, pôde ir lá para dentro sentar-se na cozinha.

**Eleutherio**—Aceito o offerecimento, até porque não gósto que elle ande só por essa cidade. (*parte a Augusto*). Ouves, Augusto? trata de prevenir Carlota do que ajustámos. Esta noite tudo deve ficar arranjado. Não é assim, meu Augusto? (*afagando-o*). Ora tu não has de deixar ficar mal o teu Eleutherio.

**Augusto**—Fallemos claro: levo ou não levo rasca na assadura? Olha que a tua sorte depende de mim.

**Eleutherio**—Sim, meu querido Augusto, tudo quanto quizeres; anda, vae.

**Augusto**—Bom: n'esse caso, conta que a pequena fica hoje mesmo disposta, e informada de tudo.

## SCENA XI

### BARRIGUDO, DOUTOR

**Doutor** (*batem á porta*)—Quem é pôde entrar.

**Barrigudo**—Deus seja n'esta casa. Como passou o meu amigo? Senhor Eleutherio, folgo de vê-lo já empapelado.

**Doutor**—Bem vindo, senhor Barrigudo, (*levantando-se*). Estou muito contente com o tal bacharel; parece-me um moço de muito proposito. (*Eleutherio folheando papeis*).

**Barrigudo**—Não lhe dizia eu, meu doutor; aquillo é uma joia.

**Doutor**—Não ha duvida, meu caro amigo; é bom moço, porém tem certa quezilia, que me desagrada. Oh senhor Barrigudo, porque não lhe diz V. m, que tire aquella cataplasma do chapéo?

**Barrigudo**—Ora senhor doutor, essa não me parece sua. (*mostra-lhe o chapéo e aponta para o laço*). Olhe para isto; não vê? Com isto é que nós o comemos.

**Doutor**—Então, também vou tratar de comprar um laço; que lhe parece, senhor Barrigudo? devo pôl-o.

**Barrigudo**—Senhor doutor, este sobreescrito é muito necessario cá aos da nossa opinião. Vamos porém ao que serve. Apanhei agora um supplemento extraordinario: isto vem hoje muito bom, é papa fina. (*pucha pelo supplemento*).

**Doutor** (*esfregando as mãos*)—Sim, vejamos. Oh senhor Eleutherio, chegue-se para cá, e ouça as noticias de hoje.

**Eleutherio**—Prompto. (*chega-se*). Hão de ser boas por força: a fonte é optima.

**Barrigudo**—Se o é! (*pucha pelos oculos e lê*). «Na-póles 12 de Julho. A entrada dos *Estrikos*, foi annunciada com *repiniquos* de sinos, salvaram as fortalezas, e embarcações *surdas* no porto. Os «habitantes manifestaram a maior alegria para a com os seus libertadores. O espirito publico é o «melhor. Os nossos alliados, querendo dar uma «decisiva prova das suas boas intenções, levantaram uma pequena contribuição de dois milhões de «ducados.

**Doutor** (*interrompendo-o*)—E' preciso dinheiro; sim, levaram lá muita gente, que deve ser sustentada pelos habitantes.

**Barrigudo**—Pois que! (*continuando*) «Mandaram «prender coisa de cinco mil perversos, que contri-  
«buíram para as ideias *jacobinas*, proclamando a  
«Constituição hespanhola». Hein, senhor doutor! que lhe parece? E' bico, ou cabeça? Ah bons ta-  
tués dos taes *estrikos*! elles é que hão de ensinar esta canalha.

Doutor—Olé! como canta. Sancta gente, deus os livre de alguma camada de febre amarella.

Barrigudo—Meu doutor, continuemos; ouça este artigo da Galliza que está frizante. «*Fonte verde* 2 «de Julho a Junta denominada *Apostoliqua* foi «constrangida a fugir d'esta cidade; e consta-nos «acaba de se installar em *Tuy*, principiando logo «os seus trabalhos por um protesto contra a Con- «stituição... (Bem bom!)... A auctoridade local «julgo dever oppôr-se á segunda reunião, e hon- «tem foram presos... Presos! patifes, sempre são galegos; prenderem tão sanctos varões.

Eleutherio—Eis ahi porque os bons temem de apparecer.

Doutor—Mais claro. Qual será o homem de juizo que queira falar, ou escrever na presença de simi- lhantes prepotencias? Basta, senhor Barrigudo; não leia mais; o redactor asneou ahi n'esse artigo.

Barrigudo—Camellou, camellou. Pois olhe é contra seu costume. Eu tenho este jornal em muito boa conta, é o unico que se pôde lêr.

Doutor—Isso é verdade; é o unico que escreve bem: os mais, é uma corja sem moral, e sem religião; este, senhor Barrigudo, este sabe o que diz.

Eleutherio (*á parte*)—Oh se sabe! Mas ignora o que dizem d'elle.

Barrigudo—Meu doutor, é preciso tratar agora do util. Tenho certo arranjosinho que vale a pena.

Doutor—Diga lá, senhor Barrigudo: V. m. sabe que sou seu amigo.

Barrigudo—Necessito que me acompanhe á casa d'aquelle meu amigo, o conego. Deus tenha a sua alma em gloria. Espichou como sabe, e é preciso fazer-lhe o testamento para não dar trabalhos aos seus... coitadinhos... afilhados... não sei se me percebe?

Doutor—*Optime!* Percebo, e mais que percebo. E' justamente uma excellente occasião. Senhor Eleutherio, eu volto já. Se vier o fiel d'esses autos de libello crime, diga-lhe que amanhã estão promptos e que rendem pitaça,

Eleutherio—Póde ir descançado.

## SCENA XII

Eleutherio (*só*)—Augusto. Oh Augusto? Oh maldito, está surdo! Querem Vv. mm. ver que o patife excede os poderes da procuração? Augusto, Augusto! Oh excomungado, tu ouves?

## SCENA XIII

ELEUTHERIO, AUGUSTO

Augusto (*de dentro*)—Eu vou, eu vou, senhor bacharel; estou na ultima *ademão*; eu lhe fallo.

Eleutherio—Que tal é o logro? O maroto pregou-m'a. Estou vendo que me aspossa a dama. E eu fico chuchando no dedo como um pateta. Ah patife! eu te irei ao gallinheiro.

Augusto (*entrando*)—Que diabo de algazarra é esta? Então que temos?

Eleutherio—Oh maldito! não ouvias? Esganei-me, gritei, berrei; e tu, nem palavra.

Augusto—Ouvi, sim; e então que queria? não sabe, senhor pateta, que estava occupado? Queria vêr se arranjava tambem a creada para acompanhar o farrancho.

Eleutherio—Mais! Chalaça á parte, o caso é serio. O ginja sahiu, e é necessario pôr mãos á obra, e já.

Augusto—Órem, como ha de isso ser? Carlota já está informada de tudo; mas logo me disse que antes da noute era impossivel.

Eleutherio—Qual impossivel Aqui não ha tempo a perder, e devemos agora mesmo aproveitar a occasião, que tão propicia se nos offerece. Anda, meu Augusto, chama Carlota.

Augusto—Vamos lá com mais essa, temos maroteira; e eis-me disposto. Nunca tive coração de dizer que não, principalmente a obras pias. Senhora dona Carlota, senhora D. Carlota? O *papá* chama.

## SCENA XIV

AUGUSTO, ELEUTHERIO, CARLOTA

Carlota (*de dentro*)—Eu vou, eu vou. (*entrando na scena*) Então aonde está meu pae?

Eleutherio—Bella, e adorada Carlota, perdôa a um amante estremo apaixonado, este innocente estratagemas. Sei que teu pae nunca consentirá na nossa alliança; e forçoso será o separar-nos para sempre. Um unico meio resta: é o consentires em seguir-me. Facil então será obter o consentimento de teu pae.

Carlota—Eleutherio, eu amo-te, porém não devo annuir a tal proposta. Conheço os meus deveres, e se os devo infringir para possuir-te, prefiro renunciar a um louco e inconsiderado amor, que faria o continuo tormento da minha existencia.

Eleutherio—Ah cruel, e falas em amor! Tu o des- conhece; o amor quando é verdadeiro, não deixa logar a frivolas considerações. Está bem; conheço agora a minha loucura em te ter amado; queres a minha morte? Pois sim, cruel; em breve a verás; em breve saberás qual foi a triste sorte do mais infeliz dos amantes. (*finje querer partir*).

Carlota—Eleutherio, por piedade não me atormentes mais. Ouve-me...

Augusto—Meu amigo, constancia, e valor; não te deixes succumbir. Senhora D. Carlota... (*finjindo que chora*), tenha dó d'elle; o pobre moço vae-se enforçar, ou pelo menos, deita-se do arco grande abaixo. Ora... Ora... por quem é? Faça o lhe pede o rapaz. Isso é ter um coração de bronze. Eu já não posso... (*chorando*).

Carlota—Eleutherio, um cruel presentimento me deixa perplexa; não sei o que deva fazer. Tu conheces quanto é fragil uma desgraçada mulher, quando tem o infortunio de amar, confio na tua honra, confio nos teus juramentos. Eis me disposta a seguir-te, oxalá que algum dia não deva arrepender-me...

Eleutherio—Adorada Carlota, as minhas tenções são puras. Augusto te acompanhará a casa de minha tia, onde ficará em todo o recato. Eu escrevo a teus paes; e elles, sabendo da tua fuga, por certo annuirão ao nosso casamento, no emtanto convem que te disfarces com um capote, para evitar qualquer encontro.

Carlota—Eu corro a buscar o da minha creada, e volto.

Eleutherio (*beija-lhe a mão*).

Augusto—Vá, sim, minha senhora, e nada receie do seu Eleutherio, que é mesmo uma pomba sem fel. Alli não ha malicia. Nas nossas empresas coim- brenses foi sempre o beijinho da patusca.

## SCENA XV

AUGUSTO, ELEUTHERIO, (*e depois*) CARLOTA

Eleutherio—Augusto, basta de caçoada, que o caso é serio. Gosto da pequena, e ha de ser minha mu- lher, dê por onde der.

Augusto—Pois não; isso ha de ter que vêr! ah ah ahl (*rindo*) *grósto da pequena*; e então das loiras

do ginja nada? Hein? Não ajustam a conta, senhor Eleutherio?

**Eleutherio**—Toca a escrever ao ginja: deixemos-lhe carta sobre esta carteira; e *môscá* quanto antes. (*Eleutherio escreve*).

**Augusto**—Approvo a politica; sempre me pareceu bem. Oh Eleutherio, não te esqueças de lhe dar algumas boas noticias politicas na carta; consola o tal leopardo com quatro corcundices; sequer ao menos faz-lhe a bocca doce com essas toleimas, já que lhe azedaste o estomago, empalmando-lhe a pequena. Eil-a que chega. Oh Eleutherio! como vem boa com o tal capote! Oh diabo! estou quasi tentado a tirar-lh'a do lance. Digam o que quizerem: o tal trastinho do capote é chistoso, e está-lhe a matar: bom, se ha de estar? E' traje nacional, e basta. (*Eleutherio levanta-se, deixa a carta, e aproxima-se. Augusto olhando e mirando Carlota*).

**Eleutherio**—Querida Carlota, eu sou o mais feliz de todos os mortaes; permite que a teus pés...

**Carlota**—Meu amado Eleutherio, convem não perder tempo, minha mãe não tarda.

**Augusto**—Vámos, vámos; nada de demoras.

**Eleutherio**—Oh dia venturoso!

**Augusto**—Ande, su camello.

## SCENA XVI

**Carangueija** (*entrando*)—Carlota, Carlota? Onde está o demonio da rapariga? Carlota, Carlota? (*procurando*) Sumiu-se. O' doutor, doutor? Menos. Senhor *traficante charamel*? Senhor *Charamel*? Também não. Esta casa está endemonhada. Ninguém fala, ninguém responde, ninguém apparece. Ui! a porta está abertal Querem Vv. mm. apostar que estes patetas foram vêr as descargas ao Rocio com aquella corja de tolos que para lá vão gritar, viva a *construção*, viva o general *Sepulchro*, viva o diabo que os leve. Sim é o que foi... Porém, Lapafuncio nunca tal fez na sua vida... mas quem saber O tal traficante metteu-lhe talvez isso na cabeça; e o doutor perdeu a bola... Não ha que duvidar, é o que foi... São rapazes *azougados*.

## SCENA XVII

### CARANGUEIJA, DOUTOR

**Doutor**—Que diabo de bulha é esta, senhora Carangueija? Então que temos? Onde está Eleutherio? **Carangueija**—Bonita pergunta! Eleutherio fugiu, desapareceu. Em cata d'elle ando eu; e sem duvida Carlota seguiu-o. Mulheres, mulheres! Sempre se agarram ao peor. Está visto, accetou as *liberalidades* do tal marotão.

**Doutor**—Que dizes mulher. Nada, nada: não posso acreditar tal. Eleutherio que era uma mosca morta, incapaz de quebrar um prato; um moço tão sizado, de tão bons sentimentos! Nada, nada, com aquelle não me engano eu. Conheço-os pela pinta; não pôde ser, está dito. (*chega s á cadeira e põe o chapéo em cima*) Olá! uma carta para mim! Vejamos. (*abre e lê*) «Senhor doutor Lapafuncio Ge-» «ba Simões da Boamorte. Sirvam-lhe estas duas» «regras de desengano, e de ensino. Cá me safo com» «a senhora sua filha, para lhe dar gosto.—Fingi-me» «corcunda para lhe cabular a moça. Agora já sou» «liberal como d'antes, e muito ao seu dispor. Des-» «culpe esta pequena logração. Assim quizera eu» «ensinar todos os corcundas; mas não faltará» «quem o faça.—Se quizer remediar o negocio, ven-» «ha dinheiro, e far-se-ha o casamento.—Cá me» «vou esgueirando com o petisco para a hospeda-» «ria da Lacombe. Se se resolver, endireite as cos-» «tas e appareça! Seu creado O Corcunda por

«amor». Ah patife! que me soubeste enrabichar! Eis aqui o que fazem as gazetinhas!

**Carangueija**—Os perolicos... os perolicos!—E o outro bregeiro do creado? Apposto, que tambem era estudante.

**Doutor**—Pois você inda o' duvida, grandessissima tola? Vámos, vámos; não ha outro remedio, vámos a essa maldita hospedaria. E' preciso casar a rapariga.

**Carangueija**—Casal-a! Essa é boa! casal-a com semelhante velhaco?

**Doutor**—Teleirona! Se o matrimonio a esta hora já está consummado; você inda quer demorar os esponsaes?

## SCENA XVIII

### DOUTOR, CARANGUEIJA, BARRIGUDO

**Barrigudo**—Aqui estão estes feitos, senhor doutor.

**Doutor**—Quaes feitos, s'u procurador de causas perdidas; feitos tenho eu cá com que me divertir. Forte maroto me metteu você em casa. Vá-se c'os diabos despachar feitos para o inferno; que eu vou alli aviar uns ao Loureto.

**Barrigudo**—Pois que é isso?

**Doutor**—O que é? é o diabo que o carregue. Fugiu a rapariga, com o tal patifão do praticante, que sem esperar pelo *accordam*, venceu a demanda, e safou-se. Ah maldita corcunda! agora é que eu fico desempenado. Mas ipelo menos, na corcunda da burra não me ha de metter a plaina.

**Barrigudo**—Senhor doutor, ôlho vivo com estes liberaesinhos. Não ha melhor petisco para esta canalha, que a disfrica de um corcunda.

**Doutor**—Corcunda, sim, corcunda! Não quero selo mais, que tenho muito medo aos logros.

**Carangueija**—Sim, meu Lapafuncio, construção, e mais construção.

**Barrigudo**—Se a rapariga já lhe fez jurar as Bases, que lhe háo de Vv. mm. fazer?

**Doutor**—Vámos, senhora Carangueija, antes que se faça mais publica a nossa vergonha. E que risadas, que risadas não terá dado o velhaco á minha custa!

## SCENA XIX

### Hospedaria

**AUGUSTO, ELEUTHERIO, CARLOTA** (*sentados*)

**Augusto**—Então que tal foi o mono, que pregámos ao ginja?

**Eleutherio**—Augusto, sempre tens vontade de graçar. Considera o estado de Carlota, e vê quanto soffre a sua timidez; quanto me tem arguido d'este passo.

**Augusto**—Ora isso ha-de lhe passar: tudo faz o costume.

**Carlota**—Não pense, senhor, que por ter tido a ligeireza de commetter uma imprudência, eu não saiba quanto devo a mim mesma.

**Eleutherio**—Tranquilisa-te, bella Carlota, de ora em deante, serei o amante mais submisso, e o mais respeitoso. Não tarda que teu pae preste o seu consentimento; e a cada momento espero que... (*batem fortemente á porta*).

## SCENA ULTIMA

**AUGUSTO, ELEUTHERIO, CARLOTA, CARANGUEIJA, DOUTOR, BARRIGUDO**, (*de fora*)

**Augusto**—Eis ahi sem duvida a resposta acompanhada com artilharia grossa e cartuxame emballado. (*continuum batendo*) Quem diabo está ahi?

Doutor—Abra essa porta, seu patifão, indigno, perfido, traidor; ou bem depressa lhe mostro quem é o doutor Lapafuncio Geba Simões da Boa-morte.

Carlota—Meu pae! estou perdida:

Eleutherio—Não receies, Carlota; teu pae ha de attender aos meus peditórios, aos meus rogos ha-de . . . *(batem com mais força)*.

Carangueija—Oh filha *matricidal*! Oh filha indigna! Senhor *traficante*, abra a porta ou grito aqui d'el-rei.

Augusto—Esperem, meus senhores; mais prudencia. Ah! vai, ah! vai; eu vou, eu abro já. *(abre-se e entram)*.

Doutor—Com que, filha indigna, é este o fructo da educação que te dei? Eis aqui o que produziu a minha condescendencia criminosa!

Carangueija—Nada, nada, meu doutor; vamos embora. Vamos buscar a policia para metter esta indigna em um recolhimento: e quanto ao senhor *traficante*, é a boa joia do criado, já já para as galés.

Carlota—Meu pae, minha mãe, a minha conducta, é verdade, tem sido culpavel; mas a seus pés imploro o perdão. *(ajoelhando)*.

Eleutherio *(ajoeilhado)*—A minha conducta para o futuro lhe mostrará o meu arrependimento. Carlota me ama; e para completar a minha felicidade só falta o consentimento . . .

Augusto—Ora por quem são, não deixem ficar o

rapaz no meio do caminho. Senhora D. Carangueija, olhe para aquella veronica de lamuria: ora abrande essa colera, por quem é.

Barrigudo—Meu doutor, isto não tem outra cura; é preciso remediar o mal, que já está feito; e não sei se me percebe . . . quanto antes.

Doutor—Levantem-se, meus filhos; e de ora em diante, assim lhes chamarei; casem, e sejam felizes, servindo-me de consolação na minha avançada idade. Senhor Eleutherio, eu lhe entrego o meu cartorio: as minhas molestias já não me permitem uma vida laboriosa. Saibam todos que de hoje em diante, nada mais de concundices.

Todos—Viva o doutor Lapafuncio!

Carangueija—E viva a Carangueija das infuzas, que se até aqui carangueijou, foi por mais não entender; e protesta séria emenda.

Eleutherio—Seja este dia consagrado ao prazer; e faça um tal exemplo abrir os olhos áquelles, que por ignorancia ou perversidade, querem ser cegos á *verdadeira luz*, e surdos aos clamores da justiça.

Barrigudo—Não ha que deferir. Toca a ser procurador *construcional*, e mesmo dos da gemma. Viva a *construcção*! E ficam citados para a primeira audiencia d'este juizo todos os que trazem *marran*, ou *marreta publica*, ou *encoberta*.

Todos—Apoiado, apoiado!!!

PARTE II—PERIODO ROMANTICO

UM AUTO DE GIL VICENTE

—PHILIPPA DE VILHENA.—ALFAGEME  
DE SANTAREM

TIO SIMPLICIO.—FALLAR VERDADE A MENTIR.

—AS PROPHECIAS DO BANDARRA

—UM NOIVADO NO DÁFUNDO—O CAMÕES  
DO ROCIO (COLLABORAÇÃO)



# UM AUTO DE GIL-VICENTE

## INTRODUÇÃO <sup>1</sup>

Em Portugal nunca chegou a haver theatro; o que se chama theatro nacional, nunca: até n'isso se parece a nossa litteratura com a latina, que tambem o não teve. A scena romana viveu sempre de empréstimos gregos, nunca houve renda propria; a nossa andou fazendo «operações mixtas» com a Italia e Castella, até que, fatigada de uma existencia difficil, toda de privações e sem gloria, arreou a bandeira nacional, que nunca içara com verdadeiro e bom direito, e entregou-se á invasão franceza.

Napoleão mandou á conquista de Portugal um dos seus generaes mais brilhantes. Mas a gente que, bons trinta annos antes d'isso, tinha vindo, em nome das perfeições francezas, apoderar-se do nosso theatro, era bicha réles — algum troço de guarda-barreiras de provincia.

O que se traduziu, o que se traduziu, e como?

E todavia Gil-Vicente tinha lançados os fundamentos de uma escola nacional. Mas foi como se a pintura moderna acabasse no Perugino. Os alicerces da escola eram solidos como os do «erario novo» á Cotovia; mas não houve quem edificasse para cima, e entraram a fazer barracas de madeira no meio, e casinholas de taipa, que iam apodrecendo e cahindo, até que vieram os reformadores, como é moda agora, destruiram tudo, alicerces e tudo, fizeram muitos planos, e não construíram nada, — nem sequer deixaram o terreno limpo.

A causa d'esta esterilidade dramatica, d'esta como negação para o theatro em um povo de tanto engenho, em que outros ramos de litteratura se teem cultivado tanto... não se pôde explicar, dizem todos, e eu tambem o tenho dito. Mas é que nada se acha sem procurar. Ora vamos a vêr.

O theatro é um grande meio de civilização, mas não prospera onde a não ha. Não teem procura os seus productos emquanto o gosto não fôrma os habitos e com elles a necessidade. Para principiar, pois, é mister

crear um mercado facticio. E' o que fez Richelieu em Paris, e a côrte de Hespanha em Madrid; o que já tinham feito os certames e concursos publicos em Athenas, e o que em Lisboa tinham começado a fazer D. Manuel e D. João III.

Depois de creado o gosto publico, o gosto publico sustenta o theatro; é o que succedeu em França e em Hespanha; é o que teria succedido em Portugal, se o mysticismo bellicososo d'el-rei D. Sebastião, que não tratava senão de brigar e rezar, — e logo a dominação estrangeira que nos absorveu, não tivessem cortado á nascença a planta que ainda precisava muito abrigo e muito amparo.

A restauração veio melancholica e asctica. O Senhor D. João IV era musico excellente, mas de egreja. Seus dois filhos, nem eu sei se elles tinham gosto por alguma coisa: acho que não. Cada qual por seu modo, mas ambos foram bem tristes e infelizes reis.

O Senhor D. João V, esse teve paz e fortuna, e era magnifico e grande amigo das artes e dos livros — mas livros em folio, muito grandes, muito pesados, com muita nota marginal, como se faziam n'aquella sua sancta Academia de Historia, que deitava cada volume em papel imperial — e tam bellas edições!

Dizem que queria imitar Luiz XIV de França: que pena que o não imitasse em proteger e animar o theatro! Talvez foram escrupulos de consciencia ou beaterio estúpido de alguma Maintenon bastarda...

Mas com o gosto que então dominava a litteratura, quasi que foi fortuna abandonarem o theatro. Havia de ter que vêr um drama laureado pela Academia dos *Singulares* — ou pela dos *Humildes e Ignorantes*!

O marquez de Pombal, sobretudo depois que travou lucta de morte com os Jesuitas, com a côrte velha — e com toda a sociedade velha — quiz servir-se do theatro; mas o es-

<sup>1</sup> Duas mais notaveis das infindas Academias d'aquelle tempo, cujo gosto era o mais refinado e insupportavel gongorismo. (\*)

(\*) Alluvia Garrett á Academia dos *Generosos*, porque *Academia dos Humildes e Ignorantes* é titulo de um livro. (Da revisão.)

tado de guerra social era já muito violento de mais, andava no ar muito furacão de philosophias abstractas que não deixavam medrar o que se plantava, e a terra não se revolvera ainda bastante para lhe dar substancia nova.

Neste primeiro começa as transições sociais não se cria nada.

Como se hade então crear hoje? Hoje o estado é outro; já se revolveu a terra, já mudou todo o modo de ser antigo; não está completa a transição, mas já leva um seculo de comecada — que a principiou o marquez de Pombal.

Drogas que se não fazem na terra, que remedio ha senão mandal as vir de fóra! O marquez de Pombal mandou vir uma Opera italiana para el-rei.

O povo compôz-se a exemplo do rei: traduziam em portuguez as operas de Metastasio, mettiam-lhes graciosos, — chamava-se a isto *accommodar ao gosto portuguez*; — e meio rezado, meio cantarelado, lá se ia representando. Vinha o *Entremet* da *Castanhiera* no fim, ou outro que tal: e que mais queriam?

O povo antes queria as *Operas* do Judeu. — Tinha razão; mas queimaram-lh'o e o povo deixou queimar.

Coitado do pobre povo!

Com o dinheiro que elle suava para as operas italianas, para castrados, para maestros e maestrinos, podia ter quatro theatros nacionaes: e o Garção que lhe fizesse comédias que haviam de ser portuguezas de véras, porque o Garção era portuguez ás direitas.

Tinham-lhe queimado o Antonio José porque diz que não comia toucinho; mataram-lhe o Garção n'uma enxovia por escrever uma carta em inglez. <sup>1</sup>

E o povo deixou matar. Por isso ficou sem theatro. Não seja tólo.

E eram duas columnias atrozes, ambas ellas: o Antonio José comia um prato de torresmos como qualquer christão velho, e o Garção nunca escreveu tal carta em inglez. Com o primeiro foi vingança ignobil de algum frade fanatico; com o segundo foi mais ignobil vingança ainda, a de um ministro que blasonava de philosopho!

No reinado seguinte era peccado subirem mulheres á scena. Façam lá *Zairas* ou *Iphigenias* para representarem barbarolas!

De mais a mais, a invasão litteraria franceza, de que falei, veio por este tempo.

Completa ella, já não era possível haver theatro: a litteratura dramatica é, de todas, a mais ciosa da independencia nacional.

<sup>1</sup> Veja nota no fim do volume.

Estas poucas e deslavadas tragedias que se fizeram, — classicas puritanas da gemma, — eram francezas na mesma alma, não tinham de portuguez senão as palavras... algumas — uma ou duas, apenas o titulo e os nomes das pessoas.

E a Academia das Sciencias a offerecer premios aos dramas originaes! E escriptores de bom talento a traduzir Racine, Voltaire e Crebillon e Arnaud! Nada; não renascia; ou propriamente, não nascia o theatro nacional.

Nem elle tinha onde nascer, o pobre: que só a humildade da Eterna Grandeza escolheu para nascer um presepe. Havia ahí duas arribanas, uma no Salitre, outra na rua dos Condes, onde alternada e lentamente agonizava um velho decrepito que alguns tafues de borequim alcinhavam de theatro portuguez; e iam lá de vez em quando ouvir o terrivel estertor do moribundo: — que atroz divertimento!

O povo não; esse não ia lá. Conhecia o estrangeiro, não lhe tinha amor nem odio, mas deixava-o morrer e berrar com dôres e com fome. Não ia lá.

O povo tinha razão.

E mais razão teria se fosse pôr d'alli fóra o velho e os tafues, e queimasse as arribanas que eram um insulto e uma deshonra para elle povo que não tinha culpa.

Tinha; mas em soffrer.

Fizeram-se revoluções; as primeiras sem o povo saber: eram desavenças entre frades, fidalgos, desembargadores e soldados, sobre quaes haviam de governar. E o povo a vêr.

Cahiram uns, levantaram-se outros; disputaram muito dos direitos do homem, depois do throno e do altar; cada um puchava para a sua banda pela velha machina social, até que ella desabou toda e quebrou a cabeça a maior parte dos disputantes.

O povo começou a levantar a sua.

«Vamos vêr o que isto é» disse porfim a Nação. Aquellas conclusões magnas que as suas oligarchias tinham estado defendendo e arguindo durante bons vinte annos, não as entendia bem o povo: mas começavam-lhe a agradar algumas palavras.

D'ahi, quiz as coisas que essas palavras significavam.

Aquí é que são ellas. Os utopistas, os theoristas eram liberaes de palavras. Coisas nem as queriam muito fazer, nem sabiam fazel as.

Glosavam o mote de Junot; «estradas, ca-naes, commercio, industria, artes — um Camões para o Algirve:» é a summa de todas as proclamações de ha quarenta annos a esta parte—que as assignem reis ou demagogos, principes ou tribunos.

O povo riu-se das proclamações. Mas tanto



teimaram com ellas, que principiou a murmurar.

— Vamos a fazer alguma coisa, não ha remedio: disseram os poetas.

— O quê?

— O que sahir: deitar a baixo, destruir por ahí essas coisas, que é o que tem menos que saber e que fazer.

Porfim, foram-se embora os frades, poze-ram-lhe os deputados em San Bento. Foram-se os fidalgos, entraram os agiotas; acabaram-se as procissões, vieram as logeas dos pedreiros.

E o Camões e as estradas? Estavam a fazer em Londres, creio eu, e a contrahir se um emprestimo *muito favoravel* para os trazer—quando veio a revolução de Setembro, que desarranjou tudo.

Coitada da pobre revolução, como se ella se fizesse a si, e não fosse a tal gente das estradas e do Camões os que a fizeram! — os taes poetas que em perenne outeiro têm estado sempre a glosar o inexhaurível mote de Junot.

E tudo isso que tem com o theatro? — Tem; que houve ahí tres mezes, ou coisa que o valha, um governo que era nacional, embora fosse extra-legal — que errou em muita coisa sem duvida, mas que desejava acertar, e que, sobretudo, *não mentia*.

Glosou o mote... oh, isso é de rigor; não se dispensa a ninguem n'esta terra. Glosou o mote tambem; mas quiz, mas começou a pôr muito verso em prosa, muita palavra em obra.

Fizeram se Escolas e Academias, decretou-se o *Pantheon*...

Foi poesia; mas não da glosa sedição dos taes poetas de outeiro que nos trepanam a cabeça ha tantos annos. — Mofaram d'elle os semsaborões: pois deviam-se envergonhar, que era um pensamento nobre, nacional, util, exequível, necessario, que podia salvar tanto monumento para a historia, resuscitar tantas memorias que se apagam, levantar tanto animo baixo que decae, fazer renascer talvez o antigo enthusiasmo portuguez pela gloria, que morreu afogado nas theorias utilitarias. — Cá n'esta pobre terra nem sequer de theorias passaram!

Decretou-se tambem o *Theatro Nacional* e o *Conservatorio Dramatico*. — «Foi o irmão gêmeo do *Pantheon*:» disse ainda o outro dia um dos taes. — Seria, foi, e fizeram-lhe a mesma chacota a mesma gente, — os poetas do outeiro perpetuo, que nunca fizeram, nem podem, nem sabem, nem hão de fazer nada, — mas não querem que ninguem o faça.

Elles ahí estão outra vez a glosar o seu mote, a fazer promessas e proclamações.

Vejam as estradas que macademisam, os canaes por que navegam—e os Camões que os cantam!

Ora eu, que sou um pobre homem, gostei do *Pantheon* e do *Theatro Nacional* e do *Conservatorio*: mas não cria muito n'elles—não por elles em si que são muito possiveis e faziveis — mas porque sei onde vivo e com quem.

Acanharam-se, recuaram com o *Pantheon*; fizeram mal. E' preciso ter animo para afrontar até com o ridiculo: é o peor inimigo que ha, mas é necessario encarar com elle de olhos direitos, e não lhe ter medo, quem quer fazer qualquer coisa util e boa, em terras pequenas sobretudo, e onde ha tanta gente pequena.

E' o que eu fiz com o *Conservatorio* e o *Theatro*. Fui por deante, não fiz caso dos semsaborões, e levava-os de vencida.

Mas tem mãos fígados a tal gentinha. Quebrou-se-lhes a arma do ridiculo, tomaram sem escrupulo a da calumnia. Veiu a religião, veiu a economia, chamou-se tudo para anathematisar um pobre instituto innocente cuja despesa é insignificante, cujo proveito é tamanho.

— Que proveito?

— O de crear um theatro nacional que não temos.

— Como?

— Dirigindo a censura theatral, como faz; encaminhando os jovens auctores na carreira dramatica, como fez a tantos: formando actores, como está fazendo — devagar, que isso é o mais difficil de tudo—edificando uma casa digna da capital de uma nação culta, como tambem já principiava a fazer.

Se ha defeitos na instituição, emendemos, mas não destruam, que é de barbaros; não calumniem, que é de villões.

Ora, quando me encarregaram d'este que, em meu conceito, era mui grande empenho nacional, disse eu a Sua Magestade a Rainha que se dignára mandar me consultar: <sup>1</sup>

«Entre as joias que da corôa portugueza nos levou a usurpação de Castella, não foi a menos bella esta do nosso theatro. Como o senhor rei D. Manuel deixou pouco vida doura descendencia, tambem o seu poeta Gil Vicente deixou morredoiros successores. Outros pendões foram fazer a *conquista, navegação e commercio* dos altos mares que nós abandonámos; outras musas occuparam o theatro que nós deixámos. E d'esta ultima gloria perdida, nem sequer memoria ficou nos titulos de nossos reis.

«Mas tudo nos tem sempre assim ido em

<sup>1</sup> Por portaria de 28 de setembro, a que satisfiz em 12 de novembro de 1836.

Portugal, cujo fado é começar as grandes coisas do mundo, vê-las acabar por outros — acordarmos depois á luz — distante já — do facho que accendêramos, olhar á roda de nós, — e não vêr senão trevas!

«Com effeito, desde aquella epoca nunca mais houve theatro portuguez. Todos os povos modernos foram, um de-pós o outro, pelo caminho que nós encetáramos, adiantando-se na carreira dramatica; nós voltámos para traz, e perdemos o tino da estrada, que nunca mais acertámos com ella.

«Alguns esforços, algumas tentativas se têm feito, assim por individuos como pelo governo; todos infructuosos, porque se não deu impulso simultaneo aos tres elementos, que é preciso crear, porque nenhum d'elles existe.

«Nem temos um theatro material, nem um drama, nem um actor. Os Autos de Gil-Vicente e as Operas do infeliz Antonio José foram nossas unicas produções dramaticas verdadeiramente nacionaes. Umas e outros, inda que por motivos diferentes, são obsoletos e incapazes da scena.

«Mas em Portugal ha talentos para tudo; ha mais talento e menos cultivação que em paiz nenhum da Europa!

«Basta que Vossa Magestade se digne evocar do cahos os elementos que ahi luctam, e uma criação bella e grande surgirá á sua voz; tal que Vossa Magestade se comprazera na sua obra, e alcançará na opinião do mundo um dos mais illustres titulos com que a historia honra os principes — o de protector das boas artes.»

Mas para fazer a casa era preciso muito dinheiro, e eu sou pobre; para formar actores, muito tempo, e eu tenho pouco; para fazer um repertorio, a isso posso eu ajudar (em terra de cegos), e apenas tive um instante de descanço puz-me a fazer um drama.

Foi em junho de 1838.

O que eu tinha no coração e na cabeça — a restauração do nosso theatro — seu fundador Gil-Vicente — seu primeiro protector el-rei D. Manuel — aquella grande epoca, aquella grande gloria — de tudo isto se fez o drama.

Não foi sómente o theatro, a poesia portugueza nasceu toda n'aquelle tempo; crearam n'a Gil-Vicente e Bernardim-Ribeiro, engenhos de natureza tão parecida, mas que tam diversamente se moldaram

Gil-Vicente, homem do povo, cubiçoso de fama e de gloria, todo na sua arte, querendo tudo por ella e persuadido que ella merecia tudo, viveu independente no meio da dependencia, livre na escravidão da corte; e fiado na protecção dos reis, seus amos e seus amigos, fustigava de epigrammas e *chaco-*

*tas* <sup>1</sup> quanto fidalgo se atrevia a desprezal-o, quanto frade ou desembargador — e não lhes faltaria vontade — vinha com intrigas e hypocrisias para o mortificar.

Original e atrevido em suas composições, sublime por vezes, o seu estylo era todavia de poeta cortezão: conhece-se. Os cynismos que hoje lhe achámos, ou não soavam taes nos ouvidos d'aquelle tempo, ou permitia a singeleza dos costumes mais liberdade no rir e folgar, porque havia mais estreiteza e pudor nas coisas sérias e déveras.

Bernardim-Ribeiro, ao contrario, nobre e cavalheiro, cultivava as letras por passatempo, e a corte por officio. Mas a poesia, que em casa lhe entrara como hospeda e convidada, fez-se dona d'ella e tomou posse de tudo. Foi poeta não só quando escrevia, mas pensou, viveu, amou — e amar n'elle foi viver — amou como poeta.

Taes são os dois caracteres que eu quiz pôr deffrente um do outro.

D'esta comparação fiz nascer todo o interesse do meu drama; foi o pensamento d'elle: fixei-o n'um facto notavel, cujas circumstancias exteriores minuciosamente nos deixou descriptas <sup>2</sup> uma testemunha respeitavel, e de cujos particulares mysteriosos apenas se advinha alguma coisa confusamente por um livro de enigmas e allegorias <sup>3</sup> que não entendia talvez nem quem o escreveu. Já se vê que falo da partida da infanta D. Beatriz para Saboya — facto á volta do qual se passa o drama.

Para a parte intima d'elle as *Saudades*, de Bernardim Ribeiro; a memoria de Garcia de Rezende para a parte material e de forma; o Gil Vicente todo, mas especialmente a tragi-comedia <sup>4</sup> que n'aquelle occasião compôz e lhe representada na corte, para o estylo, costumes e sabor da epoca. — Taes foram as fontes d'onde procurei derivar a verdade dramatica para esta que ia ser a primeira composição nacional do genero.

Digo *verdade dramatica*, porque a historica propriamente, e a chronologica, essas as não quiz eu, nem quer ninguem que saiba o que é theatro.

O drama de Gil Vicente que tomei para titulo d'este não é um episodio, é o assumpto mesmo do meu drama; é o ponto em que se enlaça e do qual se desenlaça depois a acção; por consequencia a minha fabula, o meu enredo ficou, até certo ponto, obrigado. Mas eu não quiz só fazer um drama,

<sup>1</sup> Especie de cantigas satiricas e jocosas — talvez o que em sua origem foi o *vaudeville* francez.

<sup>2</sup> Garcia de Rezende. — Veja notas no fim.

<sup>3</sup> Veja o livro: *Saudades*, de Bernardim Ribeiro.

<sup>4</sup> cujo titulo é: — *As Côrtes de Jupiter*. Veja notas no fim

sim um drama de outro drama, e resuscitar Gil Vicente a vêr se resuscitava o theatro.

Os caracteres de Gil Vicente e da infanta estão apenas delineados; não podia ser mais: tive medo do desempenho.

E o desempenho todavia foi muito além de minhas esperanças. Os actores fizeram gosto de cooperar n'este primeiro impulso para a libertação do theatro, e obraram maravilhas.

O publico entrou no espirito da obra e applaudiu com enthusiasmo, não o auctor, mas certa e visivelmente, a ideia nacional do auctor.

Aqui têm o que é o *Auto de Gil Vicente*; e nunca pretendeu ser mais.

Foi uma pedra lançada no edificio do nosso theatro, que já chamou outras muitas.

Tenho fé que ha de ir crescendo o monte e se ha de vir a rematar o edificio.

Parou tudo com a perseguição do *Salvaterio*: a casa com o terreno e parte do material já comprado—e boa somma de contos de réis já assignada—o repertorio com um bom par de dramas, em que ha alguns com muito merito, tudo parou.

Consummará esta gente, com effeito, a sua obra de vandalismo brutal e estúpido?

Creio que sim. O povo que lh'o agradeça.

E' a quinta crise do theatro portuguez.

A primeira trouxe-lh'a o fanatismo d'el-rei D. Sebastião e a perda da independencia nacional.

Na segunda queimaram-lhe o pobre Antonio José.

A terceira veio com a Opera italiana e a perseguição do Garção.

A quarta foi a invasão das macauiques francezas.

Esta quinta é a do Salvaterio.

E toda a gloria pertence a...

—Não quero ainda dizer a quem pelos seus nomes. Por pouco que vivam estes meus livrinhos, sempre hão de viver mais alguma coisa do que elles: não lhes quero dar mais esses dias de vida.

E talvez ainda se envergonhem. — Duvido. —<sup>1</sup>

Pois viva o Salvaterio!

Bemfica, 24 de agosto de 1841.

## PREFACIO DOS EDITORES

A appareição d'este drama fez uma epoca na historia litteraria de Portugal. De então verdadeiramente é que se começou a pensar que podia haver theatro portuguez. Toda

Lisboa foi á Rua dos Condes applaudir Gil Vicente; todos os jovens escriptores quizeram imitar o Gil Vicente. Toda a imprensa periodica celebrou este acontecimento nacional com enthusiasmo. Se ladrrou algum zoilo, foi de modo que se não ouviu; latido que se perdeu entre as aclamações geraes. Dois escriptos, entre tantos que este drama fez apparecer, sobresahiram avantajadamente pela superioridade do estylo e dos pensamentos, e fôrnam, para assim dizer, o relatorio do seu processo, são documentos que devem conservar-se, e que julgamos indispensavel collocar aqui ao pé do drama. O primeiro appareceu no *Diario do Governo*, o segundo na *Chronica Litteraria*, de Coimbra.

## I

A restauração das artes é impossivel sem o auxilio do genio; e o genio não é a imitação. Felizmente, um drama original portuguez, engenhosa produção de um talento que assás avultava já na nossa litteratura, veio trazer-nos a aurora da verdadeira restauração do theatro portuguez, e marcar uma epoca em nossa historia dramatica.

O pensamento d'este bello drama do sr. Garrett é o mesmo do seu poema *Camões*; celebrar a nossa gloria litteraria, reanimar a memoria dos patriarchas e fundadores da nossa litteratura, recordar o nosso antigo esplendor.

Gil Vicente, o pae do nosso theatro — e do hespanhol todo, — o Plauto nacional, o que obrigou Erasmo a aprender portuguez só para gostar o sal de suas comedias, o poeta da côrte e da sociedade, apparece em scena formando gracioso contraste com Bernardim Ribeiro, o trovador, o poeta ideal, o cantor da solidão, e tambem o primeiro que ao alaude romantico dos menestreis juntou uma corda da lyra grega, uniu as duas poesias e imprimiu na litteratura nacional este cunho de melancholia e *abandono* que ainda hoje a caracteriza.

Estas são as duas grandes figuras do drama. Paula Vicente, a filha do poeta comico, de quem sabemos quanto o ajudava em suas composições, e que grande genio tinha, fica entre os dois ligando a acção das duas figuras, e formando o capital grupo do quadro, aquelle em que bate a principal luz. Tudo o mais é accessorio.

Bernardim Ribeiro, collocado em uma posição social mui superior, tinha cortejado leviamente a Paula (suppoz o auctor do drama) por mero capricho e sem afeição verdadeira. Paula, honesta e orgulhosa, o repelliou. Cessou o galanteio, mas Paula ama secretamente o poeta.

<sup>1</sup> Veja nota no fim.

Todavia, creada e valida no paço, a filha de Gil Vicente tem sincera devoção pela infanta D. Beatriz, princeza de grande talento, como sabemos, e de grande virtude, segundo nos diz o auctor da peça, que, captivada dos versos e do engenho de Bernardim, tem por elle uma occulta, e tanto mais violenta paixão, quanto é uma paixão honesta e virtuosa, que as conveniencias sociaes, o seu proprio character e nobres sentimentos lhe não deixam nem a esperanza de satisfazer jámais. Paula Vicente protege esta paixão com sacrificio de seus mais caros sentimentos. Situação muito dramatica, e de que o auctor tirou grande partido.

O auctor escolheu a vespera da ida da infanta para Saboya, para levantar o panno do seu drama. Ha uma grande funcção na corte, de que Garcia de Rezende nos conservou os mais minuciosos detalhes. Existe ainda o proprio Auto que Gil Vicente compoz para as ditas festas, e que foi representado no paço em plena corte. Este auto velho faz realmente todo o entrecho da peça moderna. Uma figura que falta, e que Bernardim Ribeiro, de concerto com Paula, se offerece a fazer para ter occasião de falar á princeza, precipita a catastrophe. O namorado poeta, em vez de dizer o seu papel, improvisa uns versos que só Paula e a infanta entendem, mas que sobressaltam e espantam a todos. O terror comico de Gil Vicente n'esta occasião é do melhor effeito.

Uma figura secundaria, e que, por falar no stylo de Victor-Hugo, forma ante a moldura do quadro, do que parte d'elle, é a d'el-rei D. Manuel. Comtudo parece-nos excellent. Como pintura historica, elle é realmente o que nol-o descrevem seus biographos; e como character do drama, habilmente desenhado e com finura. El-rei sabe da inclinação da infanta, sabe que são amores de creança, innocentes e facéis de desvanecer, se imprudentemente lhe não derem importancia com procedimentos que só podem motivar escandalo. Como rei e como pae, o seu procedimento é perfeitamente regulado. Dissimula sem fechar os olhos—reprehende e admoesta sem dar escandalo—e salva talvez do opprobrio, não merecido por um crime (pois que a princeza apparece sempre em toda a rigidez da virtude e em toda a pureza da innocencia), mas até certo ponto incorrido por levezas de pouca idade—a fama de sua filha e o decôro de sua familia e casa.

Apezar, comtudo, da grande e finissima politica d'el-rei, da virtude e resplandecente innocencia da princeza, da vigilante, zelosa e interessada guarda de Paula, D. Beatriz, sem um atomo de crime em sua consciencia, ficaria, comtudo, diffamada se não fosse a

generosa devoção de sua criada particular, e a heroica resolução do homem que ousou amal-a.

Já a bordo do navio que vae levantar ferro, Bernardim-Ribeiro tinha conseguido ir fazer suas ultimas despedidas á infanta. Esquecidas as horas em um terno e honestissimo, mas extremamente apaixonado adeus,—el rei chega que vem dar o derradeiro abraço a sua filha. Tudo está perdido, não ha remedio. Duas mulheres innocentes, victimas da irreflexão e leviandade propria do seu sexo, vão ficar cobertas de infamia, como se fossem réis do mais detestavel crime.—Que fará Bernardim-Ribeiro, o poeta meio doudo, e agora tresvariado de todo?—Fugir, não pôde; esconder se, aonde que, mais tarde ou mais cedo, o não achem?—Apunhar-se?—Ahi fica o seu cadaver para denunciar a apparente culpa d'aquella que ama com tanto excesso como respeito.—N'este extremo de perigo sua razão lhe volta toda:—«Não tenhaes receio», diz elle; e beijando pela ultima vez a mão da princeza—salva de um pulo as varandas da não e se arremessa ao Tejo.—A infanta desmaia, Paula fica extatica—el rei entra, e attribue a outra causa o desmaio da filha: e o drama termina com esta situação bella e original.

Não nos diz nem podia dizer o auctor se Bernardim Ribeiro morre, ou não, afogado nas aguas do Tejo. O que elle queria era tirar o d'alli. e tirar-o bem.—Conseguiu-o, e não se importou com mais nada.

Pela tradição, mais que pela historia, sabemos, ou suppomos, que o auctor da *Menina e moça* sobrevivera á partida da infanta para Saboya, e até dizem, que lá fôra ter com ella, esperando outro acolhimento que não teve, e que, voltando offendido e desencantado a Portugal, morrera nas brenhas de Cintra. Outras conjecturas o dão esquecido dos seus extremos e casado pouco depois.

O livro das *Saudades*, em que, debaixo do disfarce de cavallarias, contou a historia de seus amores, decerto appareceu depois.—O auctor do drama, com todo o tacto, faz bem entender que a copia do dito livro que pôz nas mãos da princeza é *manuscripta*, e que ainda não foi multiplicada por essa *nova arte que veiu da Allemanha*, a imprensa, nova ainda na Europa e novissima em Portugal.

Em summa, o drama tem suas partes extra-historicas, mas nenhum anachronismo. E ainda extra-historico é elle muito menos que nenhum outro d'este genero.

Achámos feliz o desenho do character de Gil-Vicente; mas notámos que só nol-o mostrou do lado comico: convinha que vissemos alguma cousa tambem do reverso triste e

melancholico que estes caracteres têm sempre, como tinha Molière, e como sabemos, até por suas obras, que o tinha Gil-Vicente. —E' boa, mas talvez imperfeita esta figura, perdõe nos o nosso illustre litterato.<sup>1</sup>

Bernardim-Ribeiro; D. Beatriz, D. Manuel são completos cada qual no seu genero. O secretario da embaixada de Saboya, excellente. Sentimos, porém, o pouco, antes nenhum, desenvolvimento que o auctor deu a dois interessantes caracteres que pôz em scena e em presença. —Garcia de Rezende, o chronista, — e o conde de Villa Nova de Portimão: a corte nova e a corte velha. Estão tanto no fundo do quadro estas duas figuras importantes, chega-lhes tam pouca luz, que faz pena não os vêr quasi. Admirá-mos que tendo josto na scena o eminente litterato e profundo archeologista Rezende,<sup>2</sup> lhe fizesse a *desfeita* de o collocar entre as pessoas mudas. —N'estas *cortes litterarias*, que celebrou no palacio de nossos reis, seu antigo berço e tambem seu capitolio, apparecem os representantes de todo o saber e gosto da feliz era de Quinhentos. Porque havia o nosso auctor de *dar* sómente a *palavra* ao poeta erotico e romantico, e ao poeta dramatico? O historiador apenas fala, o antiquario e moralista nem abre a bocca; o navegador diz duas phrases, e os mathematicos só indirectamente ouvem citar o nome de Pedro Nunes!

Ainda que lhe custasse um anachronismo, o auctor de uma composição tam nacional, tam quinhentista, tam calculada para celebrar e reviver aquella grande epocha, parece que devia pôr-nos alli na scena, vivos, animados e falando, os *deputados* de todas as artes e sciencias que se reuniram em torno do grande rei D. Manuel para fazer de seu reinado o mais brilhante da historia portugueza.<sup>3</sup>

Perdõe-nos o auctor esta censura, que lhe não fazemos por desmerecer em sua bella, util e portugueza obra, mas porque desejavamos que fosse ainda melhor, que fosse perfeita.

O estylo é correcto e classico, e sómente antiquado quando a verdade e fidelidade dos caracteres o demandam. Haverá talvez duas ou tres phrases que nos deixaram alguma duvida de sua legitimidade assim ouvidas no theatro. Temos muita confiança no auctor de *Camões* e *Adoçinha* e do severo *Catão*, e de muito peso julgamos o seu testemunho quanto á linguagem. Mas, a não ser que os actores as estropiassem, repetimos que nos ficam

escrupulos das taes phrases, e que o auctor deve a seu estabelecido credito de purista da lingua o fazel-as justificar.<sup>4</sup>

Tal é o nosso candido e imparcial juizo d'esta peça, que é a primeira verdadeira nacional toda, no assumpto, nos ornatos, no estylo, em tudo inteira e plenamente portugueza. O genero pertence ao que talvez se possa chamar *classico-romantico*, ou romantico moderado; é um meio termo entre a *absoluta* e *republicana* independencia poetica de Shakespeare — e os servis regulamentos do *paulado* Racine e de seus imitadores. — Está nos principios da moderna escola anglo-allema; mas seguramente se não parece com as tão engenhosas quanto depravadas produções da novissima e exagerada escola franceza. — Comtudo algumas scenas alegres são afinadas pelo tom das do *D. João de Austria* de Delavigne que, assim como o nosso compatriota, tem desprezado os asquerosos, ainda que fortes, effeitos da orgia tragica e das bacchanas de cothurno. Por isto, sobretudo e mais que tudo, devemos sinceros elogios ao auctor do *Auto de Gil-Vicente*, em nos mostrar que era possivel crear e sustentar um grande e vivo interesse no delirio das paixões mais cegas, sem nos dar crimes e horrores; que pôde haver amor, amor apaixonado, delirante, infeliz e que excite profundamente a alma, sem os incestos, adulterios, envenenamentos, parricidios, infanticidios que a moderna escola nos quer fazer acreditar como elementos indispensaveis da tragedia e do grande drama.

Esta é d'aquellas obras de que se pôde dizer com razão:

*La mère en permettra la lecture à sa fille.*

Seja-lhe muito louvor ao nosso distincto litterato por haver entrado na grande reacção moral a que se prepara a litteratura moderna para expurgar de seu seio os seductores e meretricios enfeites da devassidão em que ia cahindo por outra reacção inevitavel a que tinha feito a natureza sobre a affectada e falsa litteratura hypocrita dos dois ultimos seculos.

Não será a litteratura portugueza a ultima a entrar n'esta grande confederação moral, em que Walter-Scott, Crabbe, Chateaubriand e Lamartine tam nobremente levantaram seus nobres escudos, e estão combatendo contra os Victor Hugos, os Byrons e outros engenhos não inferiores áquelles certamente, e portanto do mais damnoso exemplo.

Por isso, repetimos, lhe votamos os lou-

<sup>1</sup> Veja nota no fim.

<sup>2</sup> Veja nota no fim.

<sup>3</sup> Veja nota no fim.

vores que tanto merece, e não menos também por nos dar o exemplo — tam raro entre nós, quanto é commum em nações civilizadas — de um homem entregue a graves cuidados, e utilmente occupado de serios negocios, dando suas horas de descanso ao trato ameno das bellas-llettras, e não se envergonhando de vir ao theatro instruir e delectar aos seus concidadãos. Criticá-o ha o orgulho estúpido e a vaidade brutal dos ignorantes, soberbos da sua elevação social, que devem ao acaso ou á intriga. Os que prezam o merito real dir-lhe-hão sempre que prosiga pela estrada que lhe apontam os Addison, os Cannings, os Chateaubriands e os Martinez de la Rosa; que já lá vae — até entre nós! — o tempo da bruta e presumptuosa ignorancia de que dizia um dos nossos bellos engenheiros:

*Almotacé que queiras ser d'um bairro,  
Excluído serás, sendo poeta.*

Hoje os poetas *sobem* á tribuna para a illustrar, *descem* á administração para a honrar, e servem a patria sem abandonar as musas.

Se a eminente capacidade do illustre autor o habilita para servir utilmente o seu paiz n'esses graves e difficeis encargos, nem por isso deve elle deixar de seguir a vocação dos seus brilhantes talentos; e pela nossa parte muito desejamos que afaste de si toda a idéa que o embarace de continuar a nova e *regenerada* carreira que o *Gil-Vicente* nos promette d'elle.

Se o censurarem e calumniarem, que se ria e zombe de seus detractores, que a nação tomará a sua causa: — no actual estado da civilisação, a posteridade começa ainda na vida dos sabios. Desgraçados os Camões que morreram de fome n'um hospital sem a ver nem em esperança! — os Tassos, que expiraram de desgosto na véspera de seu triumpho! — os Chéniers em quem a guilhotina republicana puniu o crime atroz do talento, a *escandalosa aristocracia* do genio!

## II

N'esta epocha de transição, em que até a sciencia e a litteratura soffreram tamanho abalo, não era possivel que sómente a arte dramatica permanecesse estacionaria, que resistisse ao desejo de mudança e melhoria, espirito do seculo presente. A revolução e progresso universal também devia tocar-nos, força era que seguíssemos o exemplo que

nos fôra dado, e que da luz do nosso aperfeiçoamento social reflectisse algum clarão sobre o theatro portuguez. E na verdade, se no resto da Europa a arte dramatica sempre acompanhou o andamento da civilização, sendo talvez diffícil de determinar qual d'ellas abriu caminho á outra, não é certamente em Portugal que a experiencia falece.

Emquanto jaziamos na ignorancia e barbaridade, nenhuns passatempos conheciam nossos avós; se pouco a pouco se foram introduzindo alguns recreios, n'estes se espelhava ao vivo o espirito d'aquelles tempos cavalheirescos; e as justas e torneios não eram mais do que uma similhança dos combates e das batalhas, tam frequentes no décimo terceiro e décimo quarto seculo. Com os progressos da civilisação tiveram bom acolhimento novos divertimentos que nos trouxeram os mouros e os judeus; e com a dança e canto, com mômos, entremezes, tou-ras e guinolâs, D. Affonso V e D. João II abrilhantaram os sarás da sua côrte. Por este tempo começaram-se a compôr algumas comedias; o espirito religioso havia succedido ao genio guerreiro, e as Escripturas deram o assumpto aos primeiros autores; farças ridiculas, em que não duvidavam pôr em scena os mysterios mais sagrados da religião, foram os primeiros passos da arte ainda sem força.

Foi Gil-Vicente nosso primeiro poeta dramatico, e afora o conhecimento do latim, hespanhol, francez e italiano, era-lhe extranha a litteratura; nem rastos apparecem nos seus dramas das obras dos antigos dramaticos, e d'aqui vem a falta de actos e d'unidade com que deparámos em seus Autos; a Biblia era o seu livro, os entes mais sagrados os seus actores. E se acaso declamassem hoje em algum theatro esses dramas, poucos haveria que entendessem a linguagem, mistura de castelhano e portuguez, ou estimassem em muito as scenas soltas e sem nexo que tanto promoveram o riso de nossos avós. Mudámos, e talvez para peor; pois que eu não sei qual seja preferivel, se aquelles antigos Autos extravagantes no enredo, mas ricos de admiraveis lances comicos e cuja linguagem era verdadeiramente nacional, se estes modernos entremezes escriptos em phrase incorrecta e chula, recheados de chocarices que não podem agradar a ouvidos delicados.

E com acôrto diz o sr. Trigo n'uma Memoria sobre o Theatro portuguez, falando das obras de Gil-Vicente: «Quando julgamos «os antigos dramaticos, apesar das lições «dos sabios e do fructo da experiencia de «muitas edades, não somos talvez de todo «isemptos de prevenções; conhecemos mais «a inverosimilhança d'aquelles dramas que

<sup>1</sup> Do *Diario do Governo* n.º 214, de 10 de Setembro de 1838.

«eram destituídos das tres unidades, do que «conhecemos o que quasi sempre se segue da escrupulosa observação das mesmas unidades, e sabemos melhor vestir os nossos «actores com os trajes proprios de seu paiz e do seu seculo, do que represental-os com «os seus verdadeiros costumes e com a sua «propria maneira de vida.» Parece que o illustre academico antevia a necessidade da nova escola dramatica.

Na arte dramatica nunca Portugal pôde hombrear com os mais paizes; tal sempre tem sido seu triste fado! Se enumeramos insignes poetas nos outros ramos de poesia, n'este é-nos preciso abater bandeiras. Assim como descobrimos nova derrota para ganhar aquellos paizes da Asia, e d'este achado sómente se aproveitaram os estrangeiros, assim em tempos remotos appareceu um Ferreira, que fez surgir na Europa civilizada o genio da tragedia; e nós satisfeitos com abrimos novo caminho aos poetas das mais nações, parámos no que devera de ser o incentivo da cultura e aperfeiçoamento da nossa litteratura dramatica. Se um Gomes, um Xavier ainda enriqueceram nosso theatro, são quaes scintillantes estrellas em céo nebuloso; não temos uma serie de auctores dramaticos, como possui a França, a Allemanha e a Inglaterra. Ficámos por muito tempo sepultados em noite escura, saciando nosso má gosto com entremezes ridiculos e comedias em que eram desprezados todos os preceitos do gosto.

Onde as armas imperam as letras não dão saborosos fructos; e esta talvez seja a causa da principal decadencia do nosso theatro de 1820 até agora. Entregues todos aos negocios publicos, não havia quem cultivasse as artes; tudo quanto não tinha relação com a politica era votado ao esquecimento, e d'est'arte foi-se empobrecedo o nosso theatro, ao passo que os estranhos se aperfeiçoavam. Não havia bons actores, porque ninguém queria seguir uma profissão envilecida pelas prevenções d'quelle epocha; a muito custo ainda pisavam o palco scenico homens que passavam o dia trabalhando com o martello ou sentados na tripeça. E quem haveria que compozesse dramas para taes actores? quem se sujeitaria a ver recitada por elles alguma obra filha de muitas noites de trabalho e de estudo? Ninguém. Algumas traducções toscas e mal feitas eram as unicas composições de que vivia o nosso theatro, e cujas funestas consequências foram a introduccão de uma linguagem bastarda e mesclada de portuguez e francez.

E n'este misero estado jazia o nosso theatro quando teve logar a restauração; n'estes poucos annos que a seguiram, varias foram

as tentativas para restituil-o a seu antigo esplendor, mas foram baldados todos os esforços; foi continuando a incorrecção no falar e a má escolha dos dramas. Os poucos que eram originaes portuguezes melhor fôra que nunca os tirassem a publico, pois que não eram mais do que um triste reflexo dos medonhos successos da nossa guerra civil. O theatro do Salitre era o unico regular de Lisboa, e este mesmo, que mais se assimilava a uma baiuca do que a um logar de recreio publico, só era frequentado pela classe infima da sociedade; alli as graças mais obscenas eram unicamente applaudidas, os ditos mais deshonestos os que melhor soavam áquella platea. No bello theatro de São João da cidade do Porto não era mais feliz a arte dramatica. A selecção dos dramas estava a cargo de homens indoutos, a execução d'essas mesmas peças era confiada a uma companhia que mais do que uma vez apresentou em scena actores embriagados. Parecia que o nosso theatro já estava arquejando nos ultimos arrancos, e que para finir-se o misero só esperava pela morte d'aquelle que ainda o presenteára com uma obra prima, qual ultimo canto do cysne. Mas a este nosso grande poeta tambem estava reservada a gloria de resuscital-o, e levantar aquelle antigo e já arruinado edificio das nossas glorias litterarias.

Entre a alluvião de leis que desde o começo da nossa revolução inundou Portugal, uma passou desapercibida, talvez taxada ainda de injusta e despotica, e todavia ella salvou a arte dramatica da sua completa ruina; falo da lei que estabeleceu a Inspecção dos theatros. Este cargo só podia ser commettido ao auctor de *Catóo*; e grandes louvores devemos dar nós es amadores d'esta arte, a quem fez tam acertada escolha.

O sr. Garrett entendeu o mandado com vistas mais largas; só lhe haviam encarregado inspecionar os theatros, elle resolveu dar-lhes vida; havia sido nomeado para conservar restos que ainda existiam, elle determinou formar com estes mesquinhos cabedaes um novo edificio, começar nova era theatral. E não foi sómente com preceitos que trabalhou para tal reforma; mas sim deitou mãos á obra, abrindo caminho que ha muito ninguém se atrevia a trilhar, pois que ao genio maduro e confiado em suas forças cumpre sacudir o jugo inveterado das preocupações. Lançou mão de alguns actores ainda mal ensaiados que um estrangeiro havia amestrado a recitar mal pessimas traducções, e lhes entregou, como victima para o sacrificio, um drama composto por elle. A impaciencia e genio do poeta dobrou o cantor de Camões a ensaiar pessoalmente a linda comedia, *Um*

*Auto de Gil Vicente*; a delicadeza do homem cortez forçou elle a soífrer submissa as intrigas de bastidores, que só avalia quem de perto as conhece. Mas tantos trabalhos teve por bem empregados quando universaes applausos amostraram ao auctor de *Catão* o apreço em que todos tinham aquella nova obra, e os cuidados que lhe devera a sua execução.

Seja-me perdoado querer eu, mesquinho engenheiro, juntar mais uma folha aos louros que ha muito cingem a fronte d'este nosso poeta; mas estes ainda são poucos para quem foi de tanta valia á scena portugueza. Da representação do *Auto de Gil Vicente* data uma nova epocha theatral; é a méta que separa o nosso theatro antigo do começo da sua restauração. As palmas dadas a esta comedia, repercutidas em muitos corações, foram uma faisca que despertou no peito da juventude portugueza o estro dramatico; muitos exclamaram:

*Anch'io son pittore*

e levantando a luva, que lhes fôra lançada, acceitaram o desafio, e quizeram ter seu qui-

nhão na gloriosa justa que lhes abrira o cantor de *Dona Branca*.

Quem escrupulosamente analysasse o *Auto de Gil Vicente*, talvez encontraria alguns de feitos, depararia com algumas scenas menos dramaticas, com falta de nexo e ligação entre estas; mas quanto acima d'estes pequenos descuidos transluz a pureza do estylo e a linguagem tão limada e portugueza; melodiosa musica soando a nossos ouvidos quasi esquecidos d'ella! Quanto não sêo para admirar os pensamentos finos e delicados, os ditos jocosos que esmaltam esta comedia! Não tem a força dos conceitos, o esplendor das idéas de Victor Hugo; carece talvez do enredo forte e arrebatador de Alexandre Dumas, porém enxergamos n'este drama a perfeição e interesse de Casimir Delavigne, a agudeza e engenhosa critica de Moliere. Não é raio lançando um clarão que cega e desapparece, mas sim mimoso brilho, placida luz em que os olhos descansam gostosos.

A. B.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Da *Chronica Litteraria* de Coimbra, n.º 2, de 1840.  
—Este artigo é da elegante e esperançosa penna do sr. Anselmo Braamcamp Junior.



# UM ÁUTO DE GIL-VICENTE

Drama representado pela primeira vez em Lisboa, no theatro da Rua dos Condes, em 15 de Agosto de MDCCCXXXVIII

PERSONAS: El-Rei Dom Manuel — Infante Dona Beatriz. — Bernardim-Ribeiro. — Gil-Vicente. — Paula-Vicente. — Pero-Çafio. — Conde de Villa Nova. — Garcia de Rezende.

— Barão de St. Germain. — Dr. Jofre-rasserio — Chatel — Bispo de Targa — Mordomo-mór d'El-Rei — Um pagem d'El-Rei — Dona Ignez de Mello. — Joanna do Taco.

Quatro actores e duas actrizes de Gil-Vicente, damas, cava leiros, escudeiros, falcoeiros, moços-fidalgos, moços do monte, reis d'armas, arautos, passavantes, menestreis, archeiros, remeiros marinheiros, pagens, escravos indios, pretos e chins. O logar da scena — Lisboa e Cintra.

## ACTO PRIMEIRO

*O pátio ou largo dos paços de Cintra com a antiga escadaria descoberta e praticavel, fontes e tanque. A' esquerda o palacio real, a direita e no fundo montes e arvoredos. Começa o crepusculo da madrugada. Pelo meio da tereira scena terá amanhecido.*

### SCENA I

Pero-Çafio

Traz um papel de solfa meio enrolado, na mão e passeando lentamente como quem decora, conta por entre dentes.

Niña la casó su padre,  
Muy hermosa a maravilla,  
Con el duque de Saboya  
Que bien le pertenecia...

Pertenecia!... — Pertenecia, diz cá o castelhano do romance: em portuguez tem mais que se lhe diga...

— Psiu! que as paredes têm ouvidos e paredes de palacio ouvidos e boccas. *(Deita os olhos á roda de si como quem se acatella; e torna a cantar.)*

Niña la casó su padre...

Ora onde foi este mal-aventurado de Gil-Vicente buscar solfa tam encatarrhoadá como esta para uma função de vodas — e vodas reaes! — Peis as coplas? semsabores. — Se lettra e musica as não animar cá a brilhante e donosa garganta de uma certa pessoa... *(affagando o pescoço)* d'esta feita perdes tua fama e nome, Gil-Vicente, meu amigo e mestre, compositor mór de mōmos e chacotas, comedias, tragi-comedias e autos por el-rei meu senhor que Deus guarde. *(Canta.)*

Ya se parte la Infanta,  
La Infanta se partia  
De la mui leal ciudad  
Que Lisboa se decia;  
La riqueza que llevaba  
Vale toda Alejandria...

### SCENA II

PERO-ÇAFIO, BERNARDIM-RIBEIRO,  
PAULA-VICENTE

Emquanto Pero-Çafio canta os ultimos versos, Bernardim-Ribeiro embuçado na capta, o chapéu sobe e os olhos, apparece com Paula-Vicente no patim da escadaria á esquerda. Paula faz signal a Bernardim de que alli está Pero-Çafio.

Paula — Olhae quem alli está.

Bernardim — Pero-Çafio, vosso devoto. Receaes que tenha ciumes? — Não me conhecerá.

Paula — Receio que... Não quizera que elle soubesse tanto como sabe.

Bernardim — Antes elle que outro — E deixae-o comigo. *(Desce as escadas pé-ante-pé, que o não sinta)* Pero-Çafio Paula fica immovel contemplando Bernardim com ternura e ansiedade até lhe parecer que está fóra de risco de ser visto.)

### SCENA III

PERO-ÇAFIO, BERNARDIM-RIBEIRO

Bernardim vae-se retirando cautelosamente, mas no momento de passar por traz de Pero, este se volta e dá face a face um com outro.

Pero — Ch, não se esconda senhor embuçado, que já o desmibuçou a minha perspicacia.

Bernardim, *(tirando a espada)* — Arreda, que heide passar

Pero — Passareis, passareis, senhor das Saudades; passareis como quizerdes, mas não sem vos eu conhecer. Que por estas madrugadas por aqui, e tam recatado... só um homem que eu conheço — um louco de atrevidos pensamentos e desmesurada confiança... só elle e ninguém mais — Ide, ide, que este último capitulo de *Menina e Moça* não está para durar muito... e Deus queira que não acabe mal!

Bernardim, *(desembuçando-se e embainhando)* — Amigo, pois que me conheceste, — que me não posso encobrir de ti — amigo, tem compaixão, não me percas Confio da tua lealdade que m'a guardardas a mim desgraçado e desvalido, a mim o mais infeliz... *(Dá com os olhos n'um anel que traz no dedo, beija-o repetidas vezes e prossegue em tom differente:)* antes o mais afortunado homem que hoje vê nascer aquelle sol radioso, destoucaram-se de nevoeiros aquellas serras, viqueam esses arvoredos tam bellos — tam bellos e tam verdes como as minhas esperanças!... — Pero, meu amigo, eu sempre em ti descobri, com toda essa tua galhofa e zombaria, uma alma elevada, um pensamento grande, capaz de comprehender as coisas altas. — Conhecem-te por cantares nos Autos de Gil-Vicente e em semelhantes mōmos, não sabem de ti mais que os tregetos e ledices com que tanto ri essa corte sem alma, essas damas sem espirito, esses fidalgos sem coração. Mas o teu é para muito, Pero: tu

és capaz de me entender. Para mais é a poesia da tua alma que para a do teu mestre Gil-Vicente... que o tenho em muito, e muito vale; mas pésa-me que se avallie elle em tam pouco.—Pero, tu sabes que ninguém é por mim, que me não posso fiar de ninguém; que só, isolado no mundo... vivo com minha saude, e para ella e por ella... Pero, eu preciso de um amigo: queres sêl o tu!

**Pero**—Precisas de um amigo, de um amigo que te entenda, com uma alma grande, capaz... não sei de quê—de subir, de trepar até á tua, aos teus pensamentos, á altura de tuas sublimes inspirações—e não sei que mais coisas de versos e trovadores, que ahi embrulhaste em prosa, mas que são com cascaveis de coplas!—Assim costumaes sempre.—Ora traduzamos isto em romance; *id est*, em lingua vulgar, e vem a dizer:—Bernardim-Ribeiro, homem de prola e cavalleiro de ousadas empresas, metteu-se em camisa de onze varas por certos amores que lh'o diabo meteu na cabeça; andou a sonhar—ou a trovar que é o mesmo—por essas serras de Cintra, flou com as mours encantadas do Castello, encommendou se á Senhora da Pena, esconjurou a lua em verso, as estrellas em prosa... Ninguém lhe acudiu. E vendo se extraordinariamente entallado, em vez de tomar a unica resolução prudente e de siso que em tal caso podia tomar...

**Bernardim**—Qual era?

**Pero**—Ir de passeio por Collares fóra, esperar maré propicia,—e atirar comsigo da *Pedra n'alvidrar* abaixo—unico termo verdadeiro de seus phantasticos e desvairados amores.

**Bernardim**, (com impaciencia)—Ah!

**Pero**—Sim, senhor. O deus do amor, e todas aquellas nymphas e deusas que nos mostra cá, em seus autos e comedias famosas, o amigo Gil-Vicente, viriam recebê-lo; e passaria vida alegre e ditosa em terra... terra não, que a coisa era no mar—mas entre gente da sua egualha, coisas do outro mundo; que trovadores e poetas não são naturaes d'este nem andam correntes por cá.

**Bernardim**—E bem certo o dizes, amigo. Um mundo de vaidades e fingimentos, um mundo arido e falso, em que a fortuna cega, os sordidos interesses, as imaginarias distincções corrompem, quebram o coração;—cujas leis iniquas fazem violencia á liberdade natural das almas;—em que a amizade é um trafico—e o proprio amor, o mais nobre, o mais sublime affecto humano, é mercadoria que se vende e troca pelas vis e mesquinhas conveniencias da terra... Oh?...

**Pero**, (arremedando-o com *emphase ridicula*) Oh! este mundo está inhabitavel desde que as donzellas nobres deixaram de fugir com os escudeiros de seus paes,—e que os reis entraram a usar da tyrannia de casar as infantas suas filhas com principes de sua lhaça, sem esperar que algum Amiadis de Gaula ou de Grecia, ou...—Como se chama aquella vosso, aquelle famoso cavalleiro do vosso livro das *Saudades*? Bimnarde!—Narbindel? coisa assim parecida—ou qualquer outro, lh'as safe pela muros setteiras do castello, e vão fazer vida sancta para uma choupana á borda de um ribeiro, já que fortuna injusta não deu ao guapo cavalleiro

Nem torre em que hásste a sua nobre bandeira,  
Nem porta de villa que lhe encha a caldeira.

(*Muda para tom serio*) Senhor Bernardim-Ribeiro, tomae conselho de um fraca figura,—Pero do Porto ou Pero Caño, segundo mais vos praza, que ambos os nomes tenho,—vosso servidor, moço da capella d'el-rei, e uma das principaes figuras dos Autos e comedias do poeta Gil-Vicente—esposo que espera ser da senhora Paula-Vicente, sua fi-

lha e minha dama, moça de espantoso saber e aviso, mas ingrata se as ha, e desdenhosa como as que o são. I-vos em paz, que só eu, por hora, vou sahír d'aquella aziaga porta. Paula guardará segredo, e eu também. Assim i-vos com Deus para vosso esconderio da serra conversar com as fadas e duendes do castello velho—em que, tam loucos sois que estaes vivendo como um anachoreta.—Olhae: a corte va ámanhan para Lisboa. Depois d'ámanhan se recebe a infante com Messer de Balaison barão de Saint Germain em nome do Duque seu amo. A' noite sarão, e o nosso Auto, (ou tragico-comedia, segundo se diz agora por moda)—no qual eu Pero de Porto—ou Pero-Caño, como se chama o excommungado de Gil-Vicente...—t pegou a alcunha que até el-rei meu senhor—e as deenhoras, já não ha se não: anda cá, Pero-Caño—canta lá, Pero-Caño—vae-te d'ahi. Pero Caño...—Só nunca tal me chamou Paula-Vicente, minha da na!... Ora tal heide averiguar a razão d'esta cortesia... Será que me não queira dar confiança?—Cachopa é ella para tanto, que a não vi nunca mais sobre si.—Veremos.—O caso é que depois d'ámanhan sarão, dança e Auto. E ao outro dia... acabou-se tudo.—Entendeis-me?—acabou-se tudo: porque a muito illustre e muito excellentesenhora infante D Beatriz, filha do muito alto e poderoso rei e senhor, o senhor D. Manuel, rei de Portugal e Algarves d'aquem e d'além mar, etc., e, agora depois que voltou Vasco do Gama—da conquista e navegação da Ethiopia, Arabia, Persia, India... Ah! não ouvis o que vos digo! (*Vae atraz d'elle repetindo com muita pausa*) A senhora infanta Dona Beatriz—Dona Be-a-triz parte no alteroso e soberbo galeão de teca, Sancta Catharina do Monte Sinay, obra-prima da Ribeira das Naus de Goa, feita por calafates nayres, carpinteiros çamorins e mestres-velas çabaños.—Que Deus nosso senhor a leve a porto e salvamento—E acabou-se tudo. Entendeis-me, senhor D. Bernardim ou D. Bimnadel... como quereis que vos chame? (*Bernardim, que tem estado distraído quasi to to o tempo que falou Pero Caño, repara apenas em uma ou outra palavra que o faz estremecer, inquieto e passeando á toa, e Pero-Caño atraz d'elle falando sempre: agora estaca de repente.*)

**Bernardim**—Mofino de mim! que farei em tanta desventura! Quem se viu já tam feliz e tam desgraçado! (*Repara no anel que traz no dedo e torna a beijar o muitas vezes.*) Loce penhor de uma esperanza que mal eu via em sonhos; que me começa a parecer realidade, oh se é verdade o que promettes... Mas quê! Não foi este o signal da despedida—última, derradeira! Que ventura pôde haver para mim se não torno a vê-la! Que me fazem as memorias do prazer onde me não ficam senão máguas! Fez-se-me o prazer mágua maior; e já me pesa mais do bem que tive que do mal que me aguarda. Oh pensamento de minha alma, porque tam alto subiste! E se tanto oustaste, por que não morres ahi que te não torne a vêr a terra!

**Pero**—Essa é minha opinião e voto em côrtes. Que morra já que para viver não há.

**Bernardim**—Amigo Pero, tu sabes o meu segredo, o segredo da minha vida, o mysterio ineffavel de minhas divinas tenções... Ha segredos que matam: sabes? Que trazêl-os na memoria, é trazer a morte comsigo—que deixá-l-os vir aos beíços é como sorver peçonha com elles. Entendes-me? Vêr-nos-hemos em Lisboa ámanhan.

**Pero**—Sempre ao vosso dispor. (*A parte*) Maldito seja elle e o seu segredo! (*Alto*) Vae manhan Pero-Caño vosso captivo: á noite, Marte, deus da guerra que vou ás Côrtes de Júpiter, no Auto assim intitulado de meu digno mestre Gil...

**Bernardim**—Basta com esse bobo de Gil Vicente e

seus Autos, que já me enfadam elle, tu e vossas comédias, que assim trazem embelleçada esta côrte de comediantes, que de mais não cuidam. Oh sublim inspiração dos anjos, ardente linguagem de cherubins, vida, fogo, amor, luz — canticos de seraphins que amam e adoram, divina poesia! e por villancetes de salões, por coplas d'ajogras, saltimbancos te trazem prostituida! E assim, só assim te conhecem e te entendem, — que em tua singela e severa belleza não é para taes comprehender-te! — Bem me chamam louco: deve de o parecer: não ha duvida. E até eu me tenho já por tal. Que importa? — Uma só vez tornar a vê-la; uma só vez ainda o céu cá na terra; e para que quero eu mais a vida!

Pero — Oíço vozes. — Hão de ser os Italianos; costumam madrugar aqui em Cintra para andarem embasbacados por essas devezas. — Deve de não haver pedras nem despenhadeiros em Italia, para fazerem tanto espanto d'estes quebra-costas de Cintra. Bom será que o não vejamos no pateo a esta hora. — (*A parte*) Aqui estou eu, sem querer: feito confidente e protetor da mais perigosa aventura... que me pôde custar... (*Affagando a garganta*) uma affinação de gorgomillo que nunca mais desentõe. — E que lhe heide eu fazer? — (*Alto*) Senhor Bernardim, vem gentes: creio que são os Italianos, os embaixadores de Saboya. Vá-se, por Deus, se não quer ser causador de grandes desgraças, se é que tem em alguma conta a fama, a vida, a honra de quem... de quem...

Bernardim — De quem não é para teus labios nomear — para os de nenhum homem que queira viver minuto mais. (*Lança mão ao punhal que traz no seio: Pero estremece, e elle continúa*) Eu vou-me, Pero. — A que horas é o Auto?

Pero — A's oito horas começará

Bernardim, (*como quem lhe acode de repente uma lembrança*) — Levam máscaras as figuras?

Pero — Máscara?... Só se for a moura — a moura encantada que vem no fim. E' verdade, sim, de máscara hade ir a moura Taes, a que entrega o anel á infante duqueza.

Bernardim — Como dissesse? um anel?

Pero — Pois não sabeis o enredo do Auto das *Côrtes de Jupiter*, composto para este casamento e festas reales? As *Côrtes* de Jupiter, coisa magnifica, são os deuses todos principaes que se juncam em côrtes no céu para avisarem e concertarem no melhor modo e mais grandioso de ir ao botafôro do galeão, e acompanhar a infante duqueza por esses mares abaixo; fazer-lhe lêda e prospera a viagem, e a levar san e salva a terras de Saboya. (*Bernardim suspira, Pero continúa*) Suspiraes? Também eu; mas é porque ainda não sei de cór todo o maldito papel de Marte que me arrumaram. E Paula que faz a Lua! E eu ao pé d'ella! Temos eclipse, e perco-me; estou vendo.

Bernardim — Avia já, e concluíamos.

Pero — Agora, agora mano da minha alma. Hoje por vós ámanhan por nós: chegou-me a minha vez de ternura — Mas isto commigo passa depressa. — Já lá vae — Vem então os Deuses a côrtes por ordem de Jupiter. Gil-Vicente é o Jupiter d'esta feita; eu Marte, como já vos disse; Garcia-Peres o Sol; Paula também já vos contei...

Bernardim — A lua, bem sei, bem sei. Por vida tua acaba, homem. Juntam-se as côrtes; fallam muito, não fazem nada. Esse é o costume; sabemos. — Não me enfades mais.

Pero — Fois fazem alguma coisa d'esta vez as côrtes (e não fique de mão exemplo): distribuem os logares para o cortejo da partida — e por fim desencantam a famosa moura Taes, filha do antigo rei do Algarve, magica afamada: a qual moura tem um anel de condão que adivinha tudo; e o anel é obrigada a moura por Jupiter, creio, eu, a entregal-o

á infanta minha senhora. Com o quê acaba o Auto; e nós todos cantando e dançando co'a linda chacota

*Por el rio me llevad,*

bailando e folgando, nos vamos cada um a seu poiso. Senhores e damas ficam dançando no sarão. E eis-aqui como ámanhan á noite se diverte e passa o tempo o muito alto e poderoso rei D. Manuel de Portugal, e toda a sua côrte.

Bernardim, (*irpaciente*) — Bem, bem. Quem faz a moura?

Pero — A moura! Oh isso é a mal entrouxada de Joanna do T'aco. Aquelle demonio, Deus me perdõe e cira má a tome — que é tal como a Maria Parda das trovas de mestre Gil. Nunca tal papel fará em termos: se ella está sempre De profundis!

Bernardim — Folgaria bem o meu amigo Gil Vicente que outrem lhe apparecesse para a figura da moura?

Pero — Se folgaria!

Bernardim — Bem: não lhe digas nada.

Pero — Que lhe heide eu dizer se vos não entendo?

Bernardim — Não digas que falamos n'isto. Calla-te que é o maior serviço que me pôdes fazer.

Pero — E acha que é pouco!

Bernardim — Não acho, não. Bem sei quanta te hade custar. E mais será se falares, que a vida te custará. É grande o papel da moura?

Pero — Nada. Tres ou quatro coplas *pronunxiadas* i *moirixca* com muitos *axxes* e *exxes*. É o mais soez e ranço que ainda compoz Mestre Gil.

Bernardim — Embora. — Canta a moura?

Pero — Não.

Bernardim — Optimo. — Feliz, feliz lembrança!

Pero — Alegre estaes! Tam pezado e triste ainda agora! — Dar-vos-hia no miolo ser comediante? Olhae que acertaveis; escoreito de tristeszas vos prometto eu que ficariéis. É a mais bella, mais ditosa profissão.

Bernardim — Tens razão amigo: e a melhor, a mais util que ha. Oh minha vida, que ainda uma vez te viveriei. Uma só e derradeira! Mas que importa!

Pero — I-vos já, que realmente oíço vozes, e devem de ser os Italianos. (*Vae ver*) — Elles são Por vida vossa que não fiquéis mais aqui.

Bernardim — Até ámanhan, meu Pero. (*Abraça-o*)

## SCENA IV

### PERO-CAFIO

Até ámanhan! E dia de juizo seja esse ámanhan para ti, moíno poeta namorado, que tam dolorido e saudoso és. E mais, saudades me não deixas: assim eu viva e com minha senhora Paula me case. — O peor é que elle tem razão. Eu sei, — inda mall! — o terrivel segredo que o atormenta. Maçan de sciencia que se me atravesson no gorgomillo como a nosso pae Adão. Serpente que entraste no paraizo que tentaste Eva, quem me mandou a mim vêr-te a falar-te? Se houve maçan que comer, não tive eu quinhão n'ella, que Pero sou, e não é de pêros roer maçans. Mas cá a tenho engasgada todavia. Tomára-me eu ver lóra d'isto — ou fóra d'aqui, e para bem longe quem causa tudo isto. — Vamos, vamos: casarás, amansarás. Seu marido de Saboya que se avenha lá com esses debuxos. Que tenho eu com isso? O negocio é de Sua Alteza Ducal, não meu. — Oh! ahí vem Monseor Chatel. Refinado sonso de Italiano, vem, que em boa hora vens. Não hasde ser tu, com toda a tua italianisse ou saboiy-se, que me hasde apanhar. — Sentido na lingua, de Pero-Cafio, meu amigo, que é o teu fraco, e o forte d'estes meninos embaixadores e de seus secretarios. O tal Monseor Chatel cuida que os Portuguezinhos

são u nas creanças. Em quanto lá os embaixadores do duque—o senhor barão de Saint-Germain todo galante e cortezão, o senhor doutor Passerio, todo grave como um Bartholo, andam intrigando com os condes e marquezes e desembargadores do paço—vem o senhor secretário espreitar cá por baixo, e tirar lingua pela sala da Tocha. Cuida que é a sala das fêgas alli dentro! Pois esta não hade ser palreira, que capaz sou eu de me conier a lingua se me ella comer muito—com a sua comichão costumada.

(*Faz corteja a Chatel que se vem chagando.*)

## SCENA V

### PERO-ÇAPIO, CHATEL

Chatel—Bello dia, bella madrugada, senhor Pero! E já a aproveitaste bem. Tendes gosado a frescura da manhan n'este delicioso sitio, creio eu. São de uma formosura sem equal as manhas em Cindra. Na nossa Italia tam bella não ha coisa que rivalize com este oasis, este jardim de delicias.—Tendes ahi um papel que vos dá muito que fazer. Pero, (*que tem estado a fingir muita attenção ao seu papel*) É o meu papel de Marte para o Auto de amannhan. Estudo a solfa.

Chatel—Ah! tambeem admitte o canto o theatro portuguez! Verdaderamente não se imagina em Italia, nem em França, como os Portuguezes estão adeantados nas artes. O vosso Gil-Vicente é um prodigio: prodigio natural—e tambeem pouco cultivado. Se elle conhecesse os classicos; se, como o nosso Ariosto, soubesse imitar Terencio e Aristophanes; se aprendesse as regras de arte!...

Pero—Havia de ser um sensaborão insulso e insipido segundo a arte; havia de marear seu engenho natural, e...—

Chatel—Póde ser, póde ser. O Dante tambeem desprezou as regras,—ou fel-as novas...—Comquê, vamos amannhan até Lisboa, vae toda a corte; não é assim? E o sarão hade ser esplendido. El rei, a rainha, os senhores todos costumam dançar n'estas occasiões, ouvi eu. Mas é impossivel que não haja—hade haver um certo resguardo, escolha nas pessoas... Nós somos amigos cá sem cerimonia: (*Pero-Çafio parece enfiar se*) e entre amigos é que a gente fala n'estas coisas...—Dizei-me. Estas damas que vão com a duqueza minha ama... são da primeira fidalguia, sem duvida; e gentis são, bem vejo;—galantes e avisadas... Muito cortejadas haviam de ser por tanto mancebo illustre, tanto guapo cavalleiro que anda na corte. Não é verdade?

Pero—Peguntae-me por Autos e comedias, senhor secretario; que eu criado sou d'el-rei, mas não curo senão d'este meu mister de musico que Sua Alteza tanto estima.

Chatel—E com razão, amigo Pero, com razão. El-rei D. Manuel é um Augusto, um Leão Décimo: bons exemplos segue.

Pero—El-rei de Portugal não é para tomar, senão para dar exemplos. E ainda nenhum principe lhe tomou a elle o de mandar descobrir mares e terras ao cabo do mundo.

Chatel—Bem dizeis, amigo, bem dizeis. Nenhum principe fez tantos serviços á Christandade! Assim elle não recusasse admittir o sancto tribunal da Inquisição, que tam preciso lhe é. Mas tempo virá...

Pero—É o tribunal que queima a gente?

Chatel—Os herejes, e os Judeus, meu amigo; não é a gente.

Pero—Boa vae ellal!—E então el-rei não o quer?

Chatel—Não se resolve.—Oh, se fosse o principe D. João! Sancto principe!

Pero—Abençoado seja el rei nosso senhor! Deus o conserve!

Chatel—É uma excellente e exemplar familia a Real Casa de Portugal.—Que formosa e avisada não é a senhora infante D. Beatriz, que amannhan será duqueza de Saboya e minha ama!—O duque meu senhor hade ama-la e respeitá-la como nunca o foi princeza alguma. E' a joia mais preciosa que vae ter a corôa ducal de Saboya.

Pero, *aparte*—E para engaste da joia não leva máo oiro no dote.—Que nos levem estrangeiros, a trôco de palavrinhas doces, o que tanto custa a ir desenterrar na Mina—a lavrar ás espadeiradas na India!

Chatel—Dizeis?...—

Pero—Nada —Repetia o meu papel de Marte.

Chatel—E' muito môça a infante; e tem comtudo um cabedal de instrucção que admira. Lê muito—folga com livros de... cavallerias e cançioneiros... protege muito os homem de letras...—A proposito, que é feito do seu mestre de litteratura e poesia? Homem de gosto; não era? E raro talento. Um tanto entusiasta, cuida eu.—E poeta? Não? Conheceis-o—creio que ainda o não vi na corte. Não vem ja ao paço.—Era moço, ouvi dizer e gentil homem, mas deixou-se do mundo, e foi viver como eremita para a serra.—Dizei-me, Pero, amigo, conheceis este tal Bernardim Ribeiro, de cujos versos e prosas tanto se fala?

Pero—Conheço-o de o vêr com Gil-Vicente, a quem muito conversava.

Chatel, (*com vivacidade*)—Ah! eram amigos?

Pero, (*iparte*)—Querem ver que disse amigo! O diaxo te açaima a lingua, Pero de uma figa —(*Alto*) Hum! amigos... amigos... como homens de letras—já se sabe—officias do mesmo officio.

Chatel—Mas Bernardim é pessoa de nascimento, cavalleiro...—

Pero—Sim é, mas dado e lhano; e nunca se correu de ser nosso amigo, e de nos tratar como seus eguaes.—As letras... (*Aparte*) Cala-te, maldito.

Chatel—As letras, dizeis bem, são uma republica em que não ha distincções.—Mas, senhor Pero, este nosso literato ou poeta Bernardim, dizem que é homem de altivos pensamentos, orgulhoso...—

Pero—De seu merito, devia sê-lo; mas não é.

Chatel—Bem, bem: tanto melhor... (*Ouvem-se as charamellas e sacabuxas dos menestreis d'el-rei*) Que musica é esta?

Pero—El-rei que sêe.—Já por ahi senti os falcoeiros; mas não me parece dia para caçar. E' passeio talvez.

## SCENA VI

EL-REI DOM MANUEL, INFANTE D. NA BEATRIZ, BISPO DE TARGA GIL-VICENTE, BARÃO DE SAINT-GERMAIN, DOUTOR JOFRE-PASSERIO, PAULA-VICENTE, GARCIA DE REZENDE, CHATEL, PERO-ÇAPIO, CONDE DE VILLA-NOVA, DAMAS, FIDALGOS, ESCUDEIROS, MOÇOS DO MONTE, FALCOEIROS, ETC.

Dom Manuel—Não tornará a vêr tam cedo—talvez nunca mais—estes bellas montes, esta verdura tam viçosa, estas aguas tam frescas, Beatriz. Dize-lhes adeus, que bem t'o merecem, filha.

Dona Beatriz—... que saudades levo d'ellas, meu pae! Oh! ninguém é capaz de as sentir como eu.

Dom Manuel—As saudades queremos nós para nós, eu e teus irmãos, e a rainha que tanto te quer.—Oh! e por saudades—(*Com intenção, e observando os embaixadores de Saboya*) o nosso Bernardim-Ribeiro, o homem das Saudades, que é feito d'elle?

Não tevem bejjar a mão, Beatriz; despedir-se de sua ama, que deixa partir tam despedagamente. Ora creiam em affeições de poetas! Bellamente escreve de saudades e amores. Ninguém o fez me-

lhor em nossa lingua.—Não é assim Garcia de Rezende, (*Garcia de Rezende inclina-se*) que depois que a elle tratou, parece outra? Mas estes escriptores costumam-se a sentir e pensar com o papel e a penna; tirados d'ahi, não são já os mesmos.—Se elle quizesse ir para a India, far-lhe-hia mercê. Carecemos de quem faça chronica de tantas gentilezas que por lá se obram.—Serás contente, Beatriz, que desenterremos o teu apaixonado, d'essas brenhas por onde anda, e o tornemos ao mundo?

**Dona Beatriz**—(*que suspira e estremece por vezes durante a fala d'el-rei.*) Meu senhor e meu pae, já que de mim dispozeste, e pois que Vossa Alteza me dá a outrem, não devo ter, nem tenho, pensamento ou empenho senão para minhas novas obrigações.

**Dom Manuel**—Obrigações, vamos, e prazeres também: que hasde ser uma ditosa e festejada noiva: esposa de um galante principe, senhora de grande estado, e feliz como merece a minha adorada Beatriz.—Não é assim, barão? (*A Saint-Germain que se inclina*)—Doutor Passerio, (*o doutor inclina-se*) a duquesa, vossa ama que hade ser amanhã, é grande devota de letras e letrados: na vossa Italia, onde estão em tanta honra, hade achar-se como em terra sua.

**Passerio**—Todos receberão das inspirações de tam excelsa musa o incentivo para serem dignos d'ella.

**Chatel**—(*baixo a Saint-Germain*) El-rei que falla assim.

**Saint-Germain**—(*baixo a Chatel*) Não ha nada do que se pensava. A infante é virtuosa e sisuda.

**Chatel**—(*à parte*) Será; mas aquelles olhos são de namorada—ou eu não sou genovez

**Dona Beatriz**—(*baixo a Paula-Vicente*) Paula, eu sinto morrer-me. Se me não deixam, se continuo n'este passeio, com este tormento—aqui ficarei de vez em Cintra—morro. Oh! se o permitissem Deus!

**Paula**—(*baixo a D. Beatriz*) Animo, senhora! vêde el-rei que parece conversar com Garcia de Rezende—e que não tira os olhos de nós.

**Dom Manuel**—Doutor Joffre-Passerio, respondido como digno poeta italiano—sempre brilhante, também fazeis traição a Bartholo—cá me disse Garcia de Rezende. Heide-vos denunciar ao reverendo Bispo de Targa que presente se acha, e a quem também ás vezes succede trocar-se-lhe o breviano pelo Virgilio. Não é Virgilio, meu digno prelado?

**Bispo de Targa**—O exemplo de Santo Augustinho...

**Dom Manuel**—Bem sei—e que era bispo africano como vós—mas cançava-se de tanto mais com as suas ovelhas gétulas e numidas.—Não é assim, Garcia de Rezende? (*Garcia de Rezende inclina-se*) Lá ides para Italia, senhor bispo; e o sancto padre que componha essas coisas. Sua Santidade folga com versos latinos. Se lh'os não quereis fazer, ahi tendes André de Rezende que vol-ós fará como qualquer poeta pontificio.—E André que os faz em todas as linguas, cuida eu.—Mas perdêd-me todos, que para mim ninguém compõe trovas que tam bem me saibam como o nosso Gil-Vicente nos seus Autos—que são meu unico refrigério e distracção de tantos cuidados e trabalhos.—Gil-Vicente, vinde cá, homem, não vos escondaes, que sois homem para se mostrar em qualquer parte. Todos aqui são vossos amigos. Recaeas que o Auto das *Barcas* vos puzesse em máo cheiro para além dos Alpes? Estes cavalheiros são de Saboya e não mandam dizer nada para Roma.

**Gil-Vicente**—Vossa Alteza bem sabe que não sou medroso. Quando eu fiz o *Clerigo da Beira*...

**Dom Manuel**—Essa é a melhor farça que nunca fizeste.

**Gil-Vicente**—Nunca me escondi de priores nem de conegos, e mais...

**Dom Manuel**—E mais não lhes faltaria vontade de te ensinar.

**Gil-Vicente**—E no dia depois do *Juíz da Beira* jantei com dois desembargadores dos agravos. Tudo pôde o exemplo de tolerancia e liberdade com que Vossa Alteza nos ensina a todos.

**Dom Manuel**—Barão, podeis dizer em Italia que nem só de marfim e especiarias se trata na corte de Lisboa. Trazemos guerra, e mandámos nossos galeões a pelear e traficar, nas quatro partes de que hoje—graças aos nossos pilotos!—se compõe o mundo: mas em casa cultivámos as artes da paz.

**Passerio**—Os soberanos de Portugal são a admiração do universo. Mas Vossa Alteza não se digna permittir que os nossos pilotos genovezes reclamem alguma parte na gloria maritima de suas descobertas?

**Dom Manuel**—Por Deus! que bem pouca lhes poderemos conceder, Micer Joffre. Aqui esteve Christovam Colon; e a fallar a verdade, grande navegador era e homem de altos pensamentos e animo grande. Mas os nossos cosmographos não entendiam (e tinham razão) que fossemos commetter tamanhos riscos para ir encontrar terras do Tartaro. Que a essas ia, e essas cuidou descobrir o vosso Colon, que suppunha o nosso globo mais pequeno do que lhe elle sahia.—E assim mesmo, se não fossem os papeis de Perestrello que levou para Castella, não seriam hoje tam augmentados os Estados do imperador meu cunhado.—Nós não fomos perguntar a Genova ou a Veneza como se dobrava o Cabo das Tormentas,—nem Pedr'alves descobriu a terra de Santa-Cruz pelos roteiros de Colon e Vespuccio.—Mas isto é tarde. A manhan não está para gaviões. Daremos uma volta passeiando.—A manhan em Lisboa não faltarão negocios. Monteiro-mór, mandae embora os falcoeiros

(*Dona Beatriz senta-se em um poial de peara como que assim está angustiada. Todos a rodeiam*)

**Dom Manuel**—Que é isso, Beatriz? Cançamos-te com tanta conversa aqui parados. Não é assim?

**Dona Beatriz**—Não estou boa; passei muito mal a noite. Se Vossa Alteza me permittir, ficarei em casa. Não é nada: estou fraca, e custa-me ir passear.

**Dom Manuel**—Fica embora. Deixar-te-hei o conde de Villa Nova... ou o bispo para te fazerem companhia.

**Dona Beatriz**—Não, meu pae, não preciso de tanta gente. Paula ficará comigo, e é quanto basta.

**Dom Manuel**—Senhor bispo capellão-mor, ficea com vossa ama. Adeus, filha; não ta'daremos.

## SCENA VII

DONA BEATRIZ, PAULA-VICENTE,  
BISPO DE TARGA

**Dona Beatriz** (*levantando-se*)—Senhor bispo capellão-mor, é nossa real vontade ficarmos aqui sós com Paula-Vicente, nossa criada. Vossa Reverencia hade ter provavelmente as suas devoções...

**Bispo de Targa**—Tenho, minha senhora; e obrigações também: agora principalmente a de obedecer a Vossa Alteza. (*Beija-lhe a mão, e parte.*)

## SCENA VIII

DONA BEATRIZ, PAULA-VICENTE

**Dona Beatriz**—Eu abafó, Paula, estallo!—Sinto que se me esmaga o peito debaixo d'este peso—Ai meu Deus!—Tu ouviste o que aquelle homem me

disse esta noite? Ouviste tudo?—Que homem, que louco; mas que amor! Mas que alma, mas que coração aquelle!—Sabes que mais, Paula? eu amo-o como elle me ama.

Paula—Já o sabia.

Dona Beatriz—Quem t'o disse? Não eu.

Paula—Não.

Dona Beatriz—Nem elle, que o não sabe.—Espera, adivinha... E eu que lh'o encubro, Paula!

Paula—Muito bem, dando-lhe um anel em signal de fidelidade e...

Dona Beatriz—E amizade, Paula: pois não ha fidelidade entre amigos tambem? Tomára-lhe eu dar a minha vida, o meu sangue, e tudo quanto sou e valho.—E mais ainda lhe ficava devedora. Oh como aquelle infeliz me ama!

Paula—Mas casae-vos ámanhan.

Dona Beatriz—Meu Deus, meu Deus, Paula, que lhe heide eu fazer?—Que farias tu no meu caso?

Paula—Oh! cá eu é muito diferente. Quem não é princeza...

Dona Beatriz—Que faz, Paula?

Paula—Morre.

Dona Beatriz—Morrer! tomára eu. Mas meu pae...

Paula—Aquelle homem era digno de melhor fortuna.

Dona Beatriz—Fortuna, fortuna! Que me importa a mim com a fortuna, ou a elle? Amor, amor é que nós precisamos... Paula, minha querida amiga, se

eu podesse vê-lo outra vez. Se tu quizesse...

Paula—Eu!

Dona Beatriz—Tu; que não temos outro ninguém que nos valha; tu que juraste proteger-nos, tu que...

Paula—Eu que sou...

Dona Beatriz—A minha amiga, a minha verdadeira amiga. Paula, quero vê-lo. Aquella despedida de hontem não me basta. A'manha serei italiana; hoje sou portugueza ainda, pertenço-me a mim. Que me pôde succeder? Morrer, matarem-me?

Paula—Difamar-se, perder a honra!

Dona Beatriz—Isso nunca. Sou filha d'el-rei Dom Manuel, sou uma infante de Portugal, sei o que devo a mim e aos meus.

Paula—A maledicencia não poupa os principes.

Dona Beatriz—Porquê? Já o vi, já lhe fallei alguma vez que não estivesse tu ao pé de mim? Não ouves quanto me diz, não lêes quanto me escreve?

Paula, (d'parte)—Inda mal!

Dona Beatriz—Ha maledicencia, ha calúmnia que possa manchar amores tam innocentes?

Paula—Innocentes! Vossa Alteza é desposada, e elle é...

Dona Beatriz—Não digas, Paula, não digas, que me matas. Tem dó de mim. Vamos, minha amiga, vamos ao meu quarto, e concertaremos... Oh meu Deus, que eu não resisto; morro, morro d'esta angústia!

## ACTO SEGUNDO

*Os paços da Ribeira. Grande salão no estylo de Belem: é gothico florido inclinando fortemente á renascença. Tochas e placas com luzes.*

### SCENA I

PAULA-VICENTE só, GIL-VICENTE de dentro, depois um PAGEM MOURISCO

*Uma vestida de túnica e manto roçagante está sentada ao pé de um bufete e como absorvida em profunda meditação. Sobre o bufete corôa e scripto, alguns papeis*

Paula—E aqui está a minha vida! O que eu sou, o que eu valho, o para que me querem—uma comediante!... E' o meu destino. vivo para isto, n'isto se gasta uma existencia.—E deu-me Deus alma para comprehender a vida! Sente-me o coração, conhece-me o espirito quanto podia, quanto devia ser alta e sublime a minha missão na terra—e pobre, e sujeita, e humilde, e mulher sóbretudo... até estas aspirações me são vedadas, heide affogal-as; heide affogal-as, heide enterrall-asno peito antes que ninguém saiba que nascera, e cobril-o de leviandades e abjeções para não ser criminoso ou ridicula!

Gil-Vicente, (dentro)—Paula!

Paula—Meu pae!

Gil-Vicente, (dentro)—Ouve cá, filha.

Paula (levantando-se.) Eu vou, meu pae.—Mais algum aborrecimento com esta maldita comedia! Comedia, comedia! Tudo é representar e fingir n'esta vida de corte. Que fosse para os grandes em quem é natureza, não lhes custa. Mas para os pequenos tambem... é supplicio.—Aqui está a minha corôa, o meu sceptro: vou ser rainha minha hora; vou ser grande, vou ser admirada, applaudida, festejada meia hora. (Pegando na corôa) E' de ouripel o meu diadema: os outros de que são?—Acabada a comedia valem mais do que este?—Oh vida, vida!

Gil-Vicente, (dentro)—Paula, que é tempo de começar o ensaio.

Paula—Estou estudando a minha parte.

Gil-Vicente—(dentro) Pois avia.

Paula—Quem tivera aquella paixão d'arte que o domina, aquelle enthusiasmo pela belleza ideal d'esse mundo de ficções que se creou e em que vive; aquella cegueira ditosa que lhe não deixa ver a miseravel realidade que o cerca! Meu pobre pae, como elle vive enganado! Inda bem.—Cuida que o avaliam, que o entendem. As sublimes creações do seu engenho, as graciosas pinturas de seu estylo, applaudem-n'as, como, porquê?—Por que é moda, porque os fazem rir ás vezes. Sem o salvo-conducto de bobo e chocarreiro, morria de fome o grande poeta.—Não o conhecerá elle? A's vezes desconfio que sim: quer-me parecer que de proposito busca illudir-se, e foge da realidade porque a teme—Assim fizera ess'outro infeliz, ess'outro espirito elevado que de suas imaginações tam altas ahí se despenhou agora.—Que duas almas tam semelhantes e tam diversas!

(Entra um pagemzito mourisco e entrega-lhe um bilhete)

Um bilhete! De quem? (O pagem faz signal de não saber)—Agora verei. (Abre e lê) Ah! sim.—Já me admirava, desde esta manhan que chegámos de Cintra, não ter novas d'elle.—Veiu, está aqui. Isso esperava.—Está bom (Ao pagem que logo se retira) podes-te ir.—Que me querará elle? A mim de-seja falar por caso de vida e de morte... e a meu pae tambem! E não se esconde de Pero; antes parece... (Affirma-se na carta) que d'elle faz confidencia. Grande estranheza!—(Torna a olhar para a carta) Não assignou o prudente cavalleiro. Nem era preciso; bem sabe como lhe conheço a letra. Oh! e quem se havia de enganar com este teor de

escrever! Mas que viesse de outra mão, só Bernardim-Ribeiro podia escrever assim. (Lê) «Se me não desamaes já tanto, que me queiraes ver morto de paixão e angustia, fazei com que vos possa falar, já n'esta hora, e a sós com vosso pae.—Não é se-re-do para o nosso bom Pero.—Sabeis que vos amo... quanto queiraes, e que vos mereço compaixão.» (Fala) Que vos amo quanto queiraes!—Porque engeitei seu galanteio atrevido, porque eu, Paula-Vicente, a filha do comediante, do jogral, do chocarreiro, como lhe elles chamam ao maior poeta que ainda teve esta nação de barbaros—porque eu, eu filha do poeta pobre, não quiz acceitar o cortejo do poeta senhor e cavalleiro...—Cuida que o não amo, o louco!—Que mal entendem o coração da mulher estes homens dos livros—e elles todos!—Que o não amo, que não quero o seu amor, que me contento d'esta amizade que fingimos entre nós, elle para cobrir sua indifferença, eu para enganar minha paixão!—Eu, que daria a vida para ser amada (mas amada—requestada, não) por um homem como Bernardim!—Que o não amo! Eu que me sinto ralar de ciumes cada vez que penso...—É bella, é grande dama. Não representa nas comedias de seu pae—n'outras o fará—não diverte o publico—é senhora, rica e poderosa... Mas quem lhe deu alma para entender aquella alma? Ah!—Ahi vem meu pae e toda a caterva do Auto. Dissimulemos.

## SCENA II

PAULA-VICENTE, GIL-VICENTE, PERO-CAFFIO, JOANNA DO TACO. ACTORES E ACTRIZES uns já vestidos para o Auto, outros acabando de se preparar.

Gil-Vicente—Se t'ho digo, Joanna, desastrada Joanna, que em má hora me metti a fazer-te moura.

Joanna do Taco—Tam boa christan sou eu?

Gil-Vicente—Não era-má, não. Judia serás tu por malpeccados, que assim judias conmigo. Mas o que tu não hasde nunca ser, é uma moura capaz que se mostre, moura que falle mourisco, que saiba o seu papel, que possa apparecer n'um Auto, que possa dizer com graça e chiste:

Exte annel de condon  
Perguntalde hox a el,  
Y el dará a box razon  
De quantos xacretos xon.

Ora anda lá, malamanhada, repete isto.

Joanna do Taco (repete muito semsabormente)

Exte annel de condon  
Perguntalde box a el

Não sei; não me lembra. Dae-me outro papel, que me não avenho com este.

Gil-Vicente—Oh excommungada mulher, negregada Joanna do Taco, (que um taco de Belzebuth te carambolle n'alma!) pois a esta hora, nós já vestidos, a córte ahi junta toda, el-rei que não tarda a apparecer—a esta hora te daria eu outro papel!—Que vos parece, mana, que estou tonto?—E como, e que papel te havia de eu dar, mal entrouxada? Joanna do Taco—O do Providencia, que é para que eu tenho geito. Coisa heroica e grande. Isto de fazer rir não sei. Allí está Paula, que fazia a Lua e que não descansou em quanto não apanhou a Providencia.—Paula que faça este papel. Eu não quero; tenho dito.

Gil-Vicente—Mofino de mim! Em que dia! n'estas vodas reaes!—E os italianos, que é o que me dá mais cuidado, queria-lhes mostrar que coisa é um

Auto portuguez—que vissem quem é Gil-Vicente. Castigo de Deus!—Paula?

Paula—Já vou, meu pae.—Estou aqui... (Torna a ler a carta.)

Pero—Oh, bilhetinho! que curiosidade tamanha!

(Anda á roda de Paula a ver se percebe o que é, e rosnando a cantiga)

A minha dama lhe escrevem  
Os galantes cada dia;  
Ella, que a mim só queria,  
A mim só me respondia.  
Tra le, la re.

Paula—E mais a este tambem.—E sois vós, Pero que lhe ireis levar a resposta.

Pero—Beijo-vos as mãos pela mercê.—Assim me encartaes em officio de boa lotação!

Paula—E não menos honra!—correio-mór de minhas cartas e alvicaireiro de meus favores.—Olhae, dizei a meu pae que venha cá, que deixe essa pasmaçeira. Temos que fallar todos tres aqui em segredo. Ide já.

(Pero-Caffio vai para Gil-Vicente e lhe fala ao ouvido.)

Gil-Vicente, (meio enjardado)—Então que queres? filha? que quer este homem, com os seus segredos? ha uma hora que quero começar o ensaio geral, e é sempre isto. Uma vez faltas tu, depois é este, logo aquelle...—Agora temos negocios particulares.—Que é, que é? E o vosso casamento? Já disse que sim: não me apouquentem mais; não estou agora para casamentos.

Paula—E isso, é!

Gil-Vicente—Queres este semsabor, tu?—Dou-t'ó; lá te avem, e acabemos com isto. (Olha para Pero-Caffio com complacencia) Representou como um homem o papel de Ayres Rosado. Entendeu-me o magano. Desde esse dia fez de mim quanto quiz.—Mas agora, aqui, a estas horas...

Paula—Bem cuidámos d'essas frioleiras agora.—Meu pae, está alli fóra no caes Bernardim-Ribeiro que me escreve este bilhete. (Da-l'ho) Mandae retirar essa gente, e Pero o irá buscar, que venha já.

Gil-Vicente—Filha da minha alma, mas tu não sabes que este homem está doudo? varrido, perdido! E não o vês n'esta carta?—Queres que nos ponhamos agora a palestrar com doudos a estas horas?—Todos ahi fóra á espera do Auto. El-rei que não tarda a mandar-me recado A infante—quero dizer, a scnhora duqueza que hoje é, e que não está nada boa—que se quer accommodar cedo e que o sarau não deite a muito tarde. E eu perdido, perdido sem uma moural Joanna do Taco não sabe o papel—e parece-me que está borracha, Deus me perdoe!

Paula—Deixae; que em peiores nos temos visto, e sempre nos sahimos bem.

Gil-Vicente—Não hoje, Paula, não hoje: tenho cá uma coisa que me diz, uma coisa que me agoura mal d'este Auto da infante. Desde Cintra que ando co' esta freima. Gil-Vicente, hoje ficas mal, meu amigo.

Paula—Então, meu pae?

Gil-Vicente—Que eira-má tolhesse os doudos, mais quem...

Paula—Mandae agora buscar esse homem, que a fé de quem sou, não farei eu de Providencia se lhe não fallo, e já.

Pero—A peito o tomaes, senhora Paula!

Paula—Tomo-o como quero e é minha vontade.—Ide vós já ao caes, ahi achareis um homem de capa cahida e chapéo deromeiro; trazei-m'o aqui affor-rado, que o não conheçam os moços do monte e escudeiros que ahi estão fóra. Ouvis?—E uma figura que vem para o Auto, se perguntarem.

(Pero-Caffio parte de má vontade.)

Gil-Vicente—Assim o quer a senhora minha filha, assim o manda: seja feito.—Vão-se, vão-se embora.

(Retiram-se os actores todos)

### SCENA III

GIL-VICENTE, PAULA-VICENTE

Gil-Vicente—El-rei que fique sem Auto.

Paula (passejando com enfado)—Tem Auto de mais.

Gil-Vicente—A senhora infante-duquesa que se amofine.

Paula—Amofinada seja ella!—Pelo bem que lhe eu quero...

Gil-Vicente—Paula, Paula, a ingratidão é a coisa mais feia que ha.—Heide fazer um Auto da ingratidão... (Pensando) em que hade figurar... o Diabo, pae da Mentira... com sua neta D. Ingratidão... Dora, sim, com dom,—que é vicio mais azado de andar pelos grandes.—Mas tu bem pequena és, Paula, e por essa parte tinhas serviços decretados para condessa—pelo menos.

Paula—Condessa, condessa—duquesa...—Que são ellas mais que eu?

Gil-Vicente—Boa vae ella!—Estás nos teus dias, Paula—Ora vem cá: pois aquelle anjo da infante que te trata como sua igual, que não pôde viver sem ti—que tu és a sua maior amiga?...

Paula—Amiga!

Gil-Vicente—A confidente de seus segredos...

Paula—E quem lh'os pede os seus segredos? Quem lh'os quer saber os seus Reaes segredos, os seus segredos de princeza?—Que os diga ás da sua egualha...

Gil-Vicente—Que todavia não são mais que tu...

Paula—Não por certo;—nem tanto;—que eu sinto, penso, entendo—sei—vivo!—E ellas existem para ahi.

Gil-Vicente (com enthusiasmo).—Oh! tu és a minha Paula, o meu braço direito, a minha musa. Sem ti que fôra da reputação de Gil-Vicente que já assombrou João da Encina, que já não tem a quem temer para cá dos Pyreneus, e depressa irá desafiar esses poderosos de Roma e de Florença.—De ti me vem quanta inspiração grande tenho tido, por ti tem brilhado na scena. O' minha Paula!—Assim te quero eu...

Paula—Como á vossa melhor comedia.—Não falemos hoje de amizades ou de amores, que não estou em veia de amar.

Gil-Vicente—Oh Paula, Paula, como me dirás tu aquelles versos da *Providencia!*...

Paula, (seccamente)—Que eu fiz.

Gil-Vicente, (resentido)—Que fizeste, não ha dúvida, foste tu; quem t'o nega?—Fizestel-os—para gloria de tua pae—Que te criou (com as lagrimas nos olhos)—que te trouxe ao collo—que te serviu de pae e de mãe...—Levou-nol-a Deus, tua mãe—eu fiquei para velar as noites ao pé do teu berço, roendo nas unhas muita noite de inverno, e fazendo trovas em quanto dormias, acalentando-te quando rabujavas.—Fizeste, Paula, são teus os versos: e eu que em ti puz minhas esperanças, ensinei-te quanto soube, dei-te mestres de tudo. Poucos letrados sabem tanto em Portugal: d'isso presumes e tens razão: mas eu é que te fiz o que és, minha filha; cuidei que te lembravas mais d'isso que dos versos que compunhas...

Paula (chorando, e abraçando-o).—Perdoae-me, meu pae, perdoae-me; que não sei ora o que digo. Devenha-me esta pobre cabeça de tanto padecer e soffrer.

Gil-Vicente—Pois que tens tu, minha filha, minha querida filha?—Tudo está perdoado. Eu sei quan-

to te devo; e nunca me esqueço, Paula, nunca.—Mas hasde representar logo. Não?

Paula—Sim, meu pae.

Gil-Vicente—Hasde-me entrar por aquella sala dentro, de sceptra na mão, corôa na cabeça—a tunica roçagante—a cauda sobraçada.—E os italianos embasbacados—corridos, mettidos n'um chinello de mouro.—E tu bella—mais bella de teu espirito e formosura de expressão e alma que... (abandonando a voz)—que essas condessas—princezas e infantas todas.—E quando tu dizes (Declama com emphasis)

Jupiter hade fazer

Côrtes logo em um momento;

Forque Deus me deu a mim

Que o fizesse rei do mar

E dos ventos outrosi,

E dos signos. Venha aqui

Para logo começar.

(Falando)—Bravo, bravo! Que o façam melhor em Florença ou em casa do Papa.

### SCENA IV

GIL-VICENTE, PAULA-VICENTE, PERO-ÇAFO, E BERNARDIM-RIBEIRO, (que entra embaçado e de chapéo desabado, como no 1.º acto.—Paula estremece, Gil-Vicente impacienta-se: observam-se todos alguns segundos.)

Gil-Vicente, (indo para elle como quem descobriu alguma coisa)—Meu amigo, já adivinhei o que querieis. Ver o Auto: hein! Andae arredo da corte—não sei porquê: tanto vos querem todos—e a nossa infante, a nossa querida infante, que isso era por demais!—Princeza e trovador... É o que vale, que não fica mal, senão tinham que falar linguarudos.—Mas em fim é geito que tomastes, fugis de todos.—Ora pois, quereis ver o Auto, e não quereis que vos vejam. Sou o vosso homem. Proprio tenho um logar d'amigo para um escudeiro embaçado e encapellado, que pode ver tudo, e não o ver ninguém a elle.—Vá por santo Apollo e suas manas.—Vós sois quasi do officio, que tambem rimaes, senhor cavalleiro: (Canta)

Trovador; por minha dama

Me fiz trovador.

Que não fará quem ama

Por seu amor

Rimaes, e como os mestres. Assim, a proposito, vêde-me estas coplas, este romance da partida da infante, que logo se hade cantar...

Paula (significativamente para Bernardim).—E chorar; que...

Gil-Vicente—E são para isso as coplas. Por menos tenho visto mais. (Repete com animação:)

Niña era la infanta,  
Doña Beatriz se decia,  
Nieta del buen rey Hernando,  
El mejor rey de Castilla,  
Hija del rey Don Manuel  
Y reyna Doña Maria,  
Reyes de tanta bondad  
Que tales dos no habia.  
Niña la casó su padre  
Mui hermosa a maravilla  
Con el duque de Saboya  
Que bien le pertenecia,  
Señor de muchos señores,  
Mas que rey es su valia...



Paula, *(com impaciência e olhando para Bernardim)*—Basta, meu pae: logo nos fartaremos d'isso. Agora vejo que *enfadam* e estão *mortificando* essas vossas coplas.

Gil-Vicente, *(aparte a Paula)*—Porque não são tuas estas, Paula.—Valha-te não sei quê, rapariga.

Paula, *(a Gil-Vicente)*—Sim: n'isso pensava eu agora; é o que me dá cuidado. *(A Bernardim)* Já vêdes que tendes logar para ver o Auto.

Bernardim, *(desembaçando-se e levantando o chapéo)*—Não é ver o Auto que eu quero, é entrar n'elle.

Gil-Vicente—Como assim!

Paula—Praz-lhe ao senhor Bernardim-Ribeiro zombar de nós e de nossa humilde profissão.

Bernardim—Não sei d'ella mais nobre, meus amigos. Sois criados d'el-rei, d'um príncipe que sabe a valia das artes, que estima e cultiva as letras...

Pero—E premeia como vemos aos seus cultivadores...

Bernardim—Mesquinhas de ruins conselheiros e de suberbos invejosos. El-rei é liberal, e o será comvosco. Cultivae uma gentil arte...

Pero—Já é gentil!

Bernardim—Sempre e quando quer que se não prostitue, como todas as artes, como todas as coisas d'este mundo.—Vós, digo, cultivae uma gentil arte, honraes e aformoseae a lingua; sereis a glória dos nossos e a inveja dos extranhos: que mais é preciso para ser nobre e grande—maior que ninguém na sua terra?

Paula—Adular os grandes e opprimir os pequenos...

Bernardim—Paula, a bella e a desdenhosa Paula está de uma severidade,—que lhe fica bem de certo—que lhe dá expressão...

Pero—Satanica...

Bernardim—Energica...

Paula—Dá-lhe a que me praz dar a boa ou a má cara que Deus me deu, e de cujas feições se não trata agora.

Bernardim *(a Paula, galanteando,—que lhe volta a cara)*—Mil perdões se...—Amigo Gil-Vicente, peço-vos um papel no vosso Auto. Alguns tendes com máscara, dae-me um d'esses. Verei assim tudo, sem me verem ou me conhecerem; e tenho o gosto, porque sempre suspirei de vos ajudar em vossa bella empreza. Dae-me já o papel e o vestido.

Gil-Vicente—Que capricho é este? Estaes devéras?

Bernardim *(ao ouvido de Paula)*—A' fé que estou.

Não tenho outro modo de a ver, de lhe fallar. Juraste ajudar-me, prometteste ainda hontem ser fiel a ambos. E preciso que me dêem o papel da moura, que seja eu quem lhe entregue o anel...

Paula *(afastando-se um pouco, aparte e com impaciência)*—E quer a sorte molina que seja eu quem por minhas proprias mãos me esteja dilacerando assim!—*(A Bernardim)* Farei como quereis. *(Alto)* Meu pae, temos um bom achado. Joanna do Tacho vos perderia o Auto: daremos o papel a este cavalleiro, que o fará á maravilha.

Gil-Vicente—Oh! se elle quizesse!

Bernardim—Como vos hei de dizer que quero?—Venha máscara e vestido.

Gil-Vicente—E o papel? Inda o não vistes.

*(Pero—Cafio lhe traça uma especie de opa larga, um turbante e uma máscara.)*

Bernardim *(enfiando a opa e cingindo-se)*—Já sei tudo o que hei de dizer.

Gil-Vicente—Quem vol-o ensinou?

Bernardim *(ainda vestindo-se e destrahido)*—Não se ensina, não se aprende—sente-se... Louco que eu sou! *(Olha para Gil-Vicente que está pasmado)*—Ensinou-m'o Paula.

Paula—Estaes enganado: reflecti no que dizeis... Não é commigo.

Bernardim—Pois então foi Pero.—Pero foi, Pero

Cafio. Por signal que tem muito *xe, xe* mourisco, muito tregeito.—Farei tudo.

Gil-Vicente—Optimo! Assim é, assim é. Vesti-vos pois, que é tarde.—E vamos. Oh lá dentro! Ensaio geral.

## SCENA V

### Os MESMOS e os ACTORES todos entrando

Gil-Vicente—Cada um a seu logar. Acolá está el-rei, a rainha, os infantes—os embaixadores—alli a corte.—Ilocam os chameis.—Silencio geral. Vamos.—Perte, dignidade,—um ár magestoso e grande. *As Cortes de Jupiter* é o título da nossa comedia. Deuses e deusas: não ha d'outra gente aqui.—Paula, tu sabes que és a *Providencia*, que vaes ordenar a Jupiter que chame a cortes os regidores de todas as coisas, o deus do mar, o dos ventos, da guerra, sol, lua, estrellas.

Bernardim—Providencia! De molde lhe vae a esta altivez natural e genio sobranceiro.—Dizia-me Pero que ereis a lua.

Paula—Não me contento de luz emprestada, senhor cavalleiro.

Bernardim—Porque da propria sabeis quanto brilha.

Pero *(aparte)*—Em quarto mingunte me sahii a tal lua.—*(Alto)* Juraria que esse era o papel da senhora Paula. Nos primeiros ensaios em Cintra...

Bernardim—Fostes Dianna em Cintra?...

Paula—Para castigar Acteon.

Bernardim—E sois a Providencia em Lisboa?...

Paula—Para o salvar de seus proprios mastins.

Bernardim—Sempre bella e discreta!

Paula—Deixemos este tom de galanteria, senhor cavalleiro. Não vos fica bem a vós, e sabeis que me não agrada a mim.

Bernardim, *(aparte)* Porque não havia de eu amar esta mulher!

Paula, *(aparte)*—Meu Deus! se este homem me amasse!

Gil-Vicente—Assim foi. Pero; dizes bem. Mas em Cintra ainda eu não tinha pensado no prologo. O prologo—vês tu—é a exposição e clareza de tudo. Para estas grandes entradas quer-se majestade, desembaraço, um não sei quê solemne na voz e no gesto. Só a minha Paula. Paula, minha filha, vamos pois. *(Tomando a attitud e declamando.)*

Eu Providencia chamada

Sou por Deus ora enviada...

Paula—O meu papel todo agora! Oh! isso é impossivel. Tirava-me o animo de o repetir logo. Demais o tendes ouvido todos. Fazei de conta que está dito.

Gil-Vicente—Bem, bem: como quizeres;—Jupiter? venha Jupiter... Ah! sou eu mesmo. *(Em attitud como quem entra na scena.)*

Eis-me aqui, alta senhora;  
Que quer vossa majestade?

Paula—Que passemos ávante. De vós estamos certos—O mar?

Gil-Vicente—Mar, ventos, Norte e Nordeste? *(Acodem varios actores.)*

Primeiro actor—Aqui estou.

Segundo actor—E eu.

Terceiro actor—Prometo.

Gil-Vicente—Sol?

Quarto actor—Aqui nasço, ou aqui me ponho segundo mandardes.

Gil-Vicente—Nascei, homem.—Nada de occasos.—Lua, Venus?

Primeira actriz—Eis-me.  
Segunda actriz—Prompta.  
Gil-Vicente — Excellentel!—Bellas, galantes estaes.  
Que viva toda, a corte celestial! Como vêm guapos!  
Marte?—Oh! Marte, o nosso Pero-Çafio.  
Pero, (*entrando em scena e declamando*)

Humilho-me a vós, sagrado  
Jupiter. Que me mandaes?

Gil-Vicente, (*do mesmo modo*)

Vós sejaes nui bem chegado  
A estas Côrtes Reaes.  
Manda el-rei de Portugal,  
Senhor do mar Oceano,  
Sua filha natural  
Per conjuncção divina  
Pelo mar Meio-Terrano.

Pero, (*como acima*)

E mais eu tenho cuidado  
D'este reino lusitano:  
Deus me tem dito e mandado  
Que lh'o tenha bem guardado  
Porque o quer fazer Romano...

Paula (*interrompendo-os e parodiando o tom da declamação*)—E a Providencia divina, que está seccadissima de ouvir as conversas semsabores d'estes deuses pagãos, ordena que vos calleis já, e guardeis isso para logo.

Pero—Pois nem sequer heide repetir o meu romance:

Niña era la Infanta,  
Niña la casó su padre  
Con el duque de Saboya?...

Paula--Não.

Pero—É que no fim d'elle é que entra a moura.

Paula—A moura que estude o seu papel. O papel é curto: vêde, são duas palavras. (*Busca no bufete um papel, e o dá a Bernardim*) E que o diga o melhor que poder. Vamos; e acabemos com isto antes que nos acabe a paciência a todos.

## SCENA VI

UM PAGEM D'EL-REI, OS MESMOS

Bernardim-Ribeiro põe a máscara em vendo o pagem

Pagem—El-rei meu senhor entra para a sala do docel. Manda o mordomo-mor que se appromptem as figuras, e que saia o Auto.

Gil-Vicente—Vamos.

Sahem todos alvoroçados, precedidos de Gil-Vicente e do pagem. Paula depois de todos. Bernardim-Ribeiro fica como suspenso.

## SCENA VII

BERNARDIM-RIBEIRO, depois PAULA-VICENTE

Bernardim, (*tirando a máscara*)—Incrível! incrível o que está passando por mim.

Paula (*tornando a apparecer*)—Se vos arrependeis, ainda é tempo.

Bernardim—Nunca. Se de outro modo a não posso vêr!—Oh querida Paula, tu és decerto a minha Providencia. Bem te acertaram o nome nesta noite. Que seria de mim sem a tua protecção!

Paula—O mesmo que com ella. A'manha parte a frota ao romper d'alva. E que fareis?

Bernardim—Que me importa a'manha? Eu vivo

para hoje, vivo para esta hora. Que se me dá a mim que acabe o mundo depois!

Paula, (*aparte*)—Muito a ama!

Bernardim—Paula, minha Paula, tu assististe á fatal cerimonia?

Paula—Fomos todos á sé. Casou-os o arcebispo. El-rei estava muito commovido.

Bernardim—E ella? Não viste se?... Não pareceu sentir?... Não observaste?...

Paula—Observo que perdemos aqui o tempo. Vamos, vêde o que fazeis, vêde a quanto me arrisco por...

## SCENA VIII

BERNARDIM-RIBEIRO, PAULA-VICENTE  
PERO-ÇAFIO

Pero—Providencia, Providencia? Paula! Meus peccados! ainda de conversal!—(*A parte*) Se não soubera o que sei, era capaz de ter ciumes da moura — e como um mouro.

Paula—Ahi vou.—(*A Bernardim-Ribeiro*) Lembraes-vos do que vos disse.

## SCENA IX

BERNARDIM-RIBEIRO só, depois UM ACTOR

Passeia, lendo o papel que tem na mão; depois de consideravel silencio:

E eu hei-de dizer isto! — Fazer estes tregeitos...

Eu, deante de tanta gente!—E para estudar isto de cór? Impossivel. Quem me deu cabeça agora?...

Actor — Senhora moura, senhora moura Taes—depressa, depressa, que estaes a entrar por instantes.

Bernardim — Vamos. Animo; e succeda o que succeder. A'vante com a empresa.

## SCENA X

Apenas sae Bernardim-Ribeiro, levanta-se o panno do fundo e apparece a sala do throno, ricamente adereçada e illuminada

EL-REI DOM MANUEL á direita sentado em cadeira alta de espaldar, sobre um estrado; SAINT-GERMAIN, JOFRE-PASSERIO e CHATEL á direita d'el-rei; á sua esquerda o MORDOMO-MOR, O BISPO DE TARGA, CONDE DE VILLA NOVA, GARCIA DE REZENDE e mais senhores da corte.

—No fundo, e quasi tocando na esquerda da scena, a infante DONA BEATRIZ em outro estrado e em cadeira alta; á esquerda do estrado da infante, em almofadas, IGNEZ DE MELLO e todas as damas da corte. Onde couvier, PAGENS, MENESTREIS, ARAUTOs, REIS D'ARMAS e PASSAVANTES. Os ARCEIROS estão distribuidos pela sala. A' esquerda da scena, defronte do rei, e ao pé do estrado da infante, está estendido um tapete e, sobre elle, em semi-circulo, as figuras todas do Auto, que está quasi no fim.—PERO-ÇAFIO, vestido de Marte, no meio do tapete, em attitude de representar.—No momento que corre o panno el-rei applaude; tola a corte o imita.

Dom Manuel—Gentil romance! E bem cantado. Não dirás que não deixas saudades, Beatriz: todos estão como eu, co'as lagrimas nos olhos, só de ouvir n'este romance o que a'manha, minha querida filha, ha de ser realidade. Mas não são para agora tristezas. Animo e alegria, senhores! Continue o Auto.

Mordomo-môr (*chama um pagem e diz*: ) — Manda el-rei, meu senhor, que continue o Auto.

Pagem (*indo para Gil-Vicente, repete*: ) — Manda el-rei, meu senhor, que continue o Auto.

**Gil-Vicente** (*áparte*)—Só falta a moura. Teremos alguma? — Capaz é elle de fazer das suas.— Não; eil-o ahí vem.

## SCENA XI

BERNARDIM-RIBEIRO e DIOS

**Bernardim**, em traje de moura, entrando gravemente, eucara com a infante, fica suspenso algum tempo, põe a mão na fronte, depois no coração, e logo começa:

Quebrado está meu encanto  
Por outro poder mais forte;  
Tórno outra vez á vida  
Para mais sentir a morte.

**Gil-Vicente** — Perdeu-se, perdeu-se: não é aquillo (*Chega-se a Bernardim, e aponta-lhe baixo.*)

Mi no saber que exto estar  
Mi no saber que exto xer.

Que diabo de versos são aquelles?

**Bernardim** (*sem o attender, e enthusiasmando-se*):

Viver que não era vida,  
Sempre o mesmo, sem mudança,  
Os desejos vivos sempre,  
E sempre morta a esperança...

**Gil-Vicente** (*áparte a Pero-Cafio*)—Endoudeceu. Estou perdido. E o meu Auto, o meu nome! E os italianos! Deus se compadeça de mim. Vou empurral-o d'alli para fóra.

**Pero**—Deixal-o, já'gora: não vos deis por achado. Vejamos em que isto pára.

**Dona Beatriz** parece inquieta, e olha significativamente para Paula, que acolhe os hombros.

**Bernardim** (*depois de estar algum tempo, como quem reflecte*):

Cuidei que maior tormento  
Não mandava á terra o céu:  
Ha mais, ha peor ainda,  
E em sorte me coube: é meu.  
—D'este anel, que o talisman  
De minha fortuna encerra,  
Já que eu gosar não podia,  
Não gosava outrem na terra.  
—E agora, entregal-o assim,  
Agora obrigar-me o fado...

**Gil-Vicente** — Já não ha remedio: estou perdido. Pero, Pero, vê com que cara está el-rei!

**Pero** — Animo, mestre Gil, que, n'estes casos, acobardar é o peor. Interrompei-o com vossa auctoridade de Jupiter, e acabou já com esta comedia, que me cheira que trezanda a ir desabar em tragedia.

**Gil-Vicente**. —Dizes bem: deixa-o commigo. (*Adianta-se em caracter e estendendo o raio a Bernardim.*)

Presentae isso á senhora  
Infanta e nova duqueza.

**Bernardim** (*como cahindo em si*)—A' duqueza!

**Paula** (*baixo a Bernardim* — A' infante. Ide já, ou tudo está perdido, e nós todos.

**Bernardim** (*ajoelha deante da infante, que está ao pé, e, tomando o anel, diz baixo*) — Duqueza de Saboya, este anel deu a infante D. Beatriz de esmola a um desgraçado. O povo queria-lhe mais que á vida; mas desde hoje lhe não pertence já. Cuidava ter n'elle uma promessa, uma esperança... A duqueza de Saboya que lhe leva tudo, tome-lhe tambem o anel. (*Meite-lhe o anel no dedo. Toca a musica: dão palmas ao Auto; os actores retiram-se.*)

**Dona Beatriz** (*interdicta e baixo*) — Desgraçado, não vês que me matas?

**Bernardim**, (*do mesmo modo*)—Que disseste, Beatriz?

**Dona Beatriz** (*do mesmo modo*) — Que me matas, —que te não mereço—que te... (*Desfallece.*)

**Bernardim-Ribeiro** levanta-se, sem perceber que Beatriz está desfallecida. Pero-Cafio trava-lhe do braço e o leva para dentro. — El-rei, com ar enfadado, levanta-se. Todos o imitam. — Parece haver alguma confusão, mas ninguém se apercebe do estado da infante.

**Dom Manuel** — O nosso Gil Vicente não foi feliz d'esta vez na conclusão do seu Auto. Costuma acabar mais alegre e gracioso. Passemos á outra sala; e alegrem-nos danças e folgares, já que nos deixou tam triste a comedia. Barão de Saint-Germain, a duqueza, minha filha, espera o braço de seu noivo para a conduzir ao baile, enquanto eu lhe não dou a mão para o rompermos ambos.

Tocam os menestres. El-rei sae precedido dos reis d'armas, etc. O barão de Saint-Germain fica ao pé de Dona Beatriz. Chatel em distancia. — Paula entra, já em traje ordinario, pela mesma porta por que sahira o Auto. Chatel se approxima d'ella cortejando. Paula corresponde friamente. Vão continuando a sahir as damas e senhores da corte.

## SCENA VIII

DONA BEATRIZ, SAINT-GERMAIN, CHATEL,  
PAULA, IGNEZ DE MELLO, DAMAS, etc.

**Saint-Germain** — El-rei, que já está na outra sala, me concede a honra de conduzir a Vossa Alteza..

**Dona Beatriz** (*acordando*)—Para onde? Já embarcar? oh! não, por piedade! Ainda não.

**Saint-Germain** — Embarcaremos quando mandar Vossa Alteza... Agora só tomo a liberdade de lhe lembrar que el-rei a espera.

**Dona Beatriz** (*cahindo em si*) — Tendes razão. Vamos. Paula, vinde commigo. (*Paula inclina-se duvidando.*) Vinde, que mando eu.

Paula, inclinando-se com respeito, obedece. Olham uma para a outra significativamente, e proseguem

**Chatel** (*áparte*)—Aqui ha mys' erio! E eu hei-de descobril-o.

## ACTO TERCEIRO

*Recamera do galeão Santa-Catharina, ricamente tapeçada de velludo carmezim com franjas de ouro. No fundo as varandas de pópa abertas.—A um lado a porta que leva ao camarim da Infante com reposteiro egual à tapeçaria, e n'elle as armas partidas de Portugal e Saboya.—Do outro lado vê-se o principio da ponte ou comunicação de pranchas que une o galeão ao caes.—A um canto almofadas com a tapeçaria formando uma especie de divan.*

## SCENA I

BISPO DE TARGA, CONDE DE VILLA-NOVA, GARCIA DE REZENDE, SAINT-GERMAIN, JOFRE-PASSERIO, CHATEL. OS REIS D'ARMAS E ARAUTOS postados á porta do camarim da Infante; ARCHEIROS no principio da ponte. OS SENHORES DA CÔRTE formam grupos e conversam entre si.

Conde de Villa-Nova—Sabereis, senhores, que lhe obedecem os astros ao nosso Gil-Vicente, como se fôra a Pedro Nunes que se entendia com elles.—A lua cumpriu a palavra que inda agora nos deu, lá no Auto. Ella ahi está bella e radiante para acompanhar a armada. E Jupiter quasi que não brilha menos. Como elle bate n'estas aguas do Tejo com seu reio de pratal—Deliciosa noite! (*Entra para dentro*) E a alvorada não promette ser menos. Passerio—E é de servir o vento, senhor conde admirante?

Conde de Villa-Nova—Optimo. Teremos uma monção de rosas—Ora deixe-me vêr: a maré da uma ás quatro. Isto é meia noite.—D'aqui a tres horas começarei a manobrar... não mandando Sua Alteza Ducal o contrario; que o meu pendão de almirante não se alla senão por baixo do estendarte partido de Portugal e Saboya.

Garcia de Rezende, (*fallando com o bispo de Targa*)—Quando el-rei Dom João—o principe Dom João que então era—foi á jornada de Africa, levava...

Conde de Villa-Nova—Eram fortes viagens essas! Agora vamos a Malaca como então se ia a Ceuta, e bordejámos alli no Mar-Vermelho como então se bordejava aqui no Restello.

Garcia de Rezende—Sois para muito, e muito se faz agora, senhor conde; mas de lá vem, de lá vem.—Lembre-vos que foi el-rei Dom João quem vos pôs a caminho da India: e se lá chegastes, a elle o deveis. Fostes mais felizes, elle trabalhou mais.

Conde de Villa-Nova—Não me parece isso de leal vassallo, senhor Garcia de Rezende: desmerecer assim na glória d'el-rei nosso senhor! tam criado sois d'elle como fostes d'el-rei Dom João.

Garcia de Rezende—Perdoareis, senhor conde de Villa-Nova: sou mais criado d'el-rei que Deus guarde do que fui de quem está em glória.—Lá creio firmemente que descança aquella grande alma!—Esse chamava-me *seu amigo*.—Mrs nem a memória do defuncto nem a presença do que reina me farão dizer o que não é.—O felice reinado do senhor Dom Manuel é o tempo da colheita; seu primo gastou a vida a semear. Vamos, senhor conde, que a ambos devemos muito.—Isto é achaque de velhos estar sempre com o passado. Não sei se fazem melhor... os moços que se esquecem d'elle.

Conde de Villa-Nova, (*olha com desdem para Garcia de Rezende e vai para Saint-Germain que está interindo com Chatel*)—El-rei demora-se bastante, senhor barão. Ha mais de uma hora que alli está fechado com a senhora infante no seu camarim. E' natural. A ambos lhes custará separarem-se. Mas faz-se tarde e...

Saint-Germain—Dizeis bem: é uma longa entrevista, senhor conde; mas devemos respeitar o motivo.

Conde de Villa-Nova—Certamente.

Um Arauto—El-rei!

Levantam-se todos e se compõem em attitude de respeito

## SCENA II

OS MESMOS, DOM MANUEL, saindo do camarim, DONA BEATRIZ, que fica á porta, IGNEZ DE MELLO, etc.

Dom Manuel—Basta, não venhas cá fóra.—Outro abraço, (*abraça-a*) minha Beatriz. E não saias da tua camara, que está muito fresco aqui. Filha! (*Volta para trás outra vez, e fala-lhe ao ouvido*) (*Alto*) Toma sentido, lembra-te do que me prometteste. Vê se t'o mereço, Beatriz.

Dona Beatriz (*soltuçando*)—Meu querido pae! ..

Dom Manuel—Bem, bem: estou satisfeito: não falemos mais n'isso. Se puder, ainda te irei vêr ao Restello... Nossa Senhora de Belem quero que lhe chamem agora. Verás que bella figura já fazem do mar as arcadas da minha egreja — a memoria que levantei a este grande feito, em que Deus foi servido que eu tivesse minha pequena parte. De ha muitos seculos é o maior acontecimento do mundo, senhor barão. E' o monumento da descoberta da India, a nossa egreja de Belem — que já visteis mas que vos parecerá melhor do mar. Ha de ser o nosso jaziço, meu e de meus filhos. A Batalha é de outra magnificencia: não ha duvida. Mas deixei-me das capellas que alli comeci, porque me quero aqui ao pé do mar. Somos gentes do mar nós agora.

Saint-Germain—Reinam vossos pendões sobre elle, senhor: justo é que Vossa Alteza esteja perto para receber a vassallagem.

Dom Manuel—Adeus, minha filha!

Dona Beatriz—Meu pae!

Dom Manuel (*abraçando-a*)—Não é a ultima despedida, filha. Até logo.—Senhores, os que somos de terra deixemos repousar os navegantes; que já pouco lhes fica para isso. Conde de Villa-Nova, escusou commendar-vos cuidado: sempre fostes bom servidor.—Vamos, senhores.—Minha filha, adeus!

Dona Beatriz beija a mão a el-rei: o mesmo faz o conde de Villa-Nova, bispo de Targa, damas e senhores da casa da infanta.

## SCENA III

DONA BEATRIZ, CONDE DE VILLA-NOVA, SAINT-GERMAIN, JOFRE-PASSERIO, BISPO DE TARGA, CHATEL, IGNEZ DE MELLO, DAMAS, etc.

Dona Beatriz deixa cahir-se sobre as almofadas que estão a um canto da recamara, e fica como absorvida em seus pensamentos.

Conde de Villa-Nova—As ordens de Vossa Alteza Ducal são?

Dona Beatriz—Que ordens, conde?

Conde de Villa-Nova—Para a partida, para levarmos ferro.

Dona Beatriz—Que se cumpram as ordens d'el-rei meu senhor.

Conde de Villa-Nova — Então começaremos a suspender á volta das tres; e ás quatro descenderemos com a maré.

Dona Beatriz — Sim, sim: o que el-rei mandou. E ide descençar, que o haveis mister. Esperae. conde. Mandar-me heis esta carta já para o paço

Saint-Germain e Chat I deitam olhos suspetuosos a carta. O conde a mette nas pregas do saio; beija a mão á infanta e parte

## SCENA IV

OS MESMOS, menos o CONDE DE VILLA-NOVA

Chatel (*aparte a Saint-Germain*) — Vistes, senhor barão?

Saint-Germain (*aparte a Chatel*) -- E' uma carta: não se segue que...

Chatel (*falando consigo*)—Para mim segue-se muito. Parece-me que ainda temos grande tormenta antes de começar viagem. Estarei alerta.

Dona Beatriz—Podeis retirar-vos. Estaes dispensados de todo o serviço por agora.

Beijam-lhe todos a mão e saem, menos Ignez de Mello.

## SCENA V

DONA BEATRIZ e IGNEZ DE MELLO

Dona Beatriz—Ide repousar, que é tarde. Ignez de Mello, encostae-vos ahí no meu camarim, para se eu chamar; que n'estas almofadas fico por ora, quero respirar este ar puro—é da minha terra ainda. Esperae, Ignez: dae-me d'aquelle cofre que ahí ha de estar dentro, aquelle que me trouxe da China Fernão Pires, a viagem passada--um livro que tem papeis dentro. (*gnez de Mello sae e volta com um livro de quarto, grosso, com broches de prata.*) Esse é: acertastes.

Ignez—Vossa Alteza não lê por outro: tinha-o á mão para lh'o dar

Dona Beatriz—Bem está. Ide descençar.

## SCENA VI

Dona Beatriz—Este livro!... São nossos tristes amores contados por um modo que os não entenderá ninguém. E aqui está a verdade toda—mas posta por elle com aquella alma que sabe dar a tudo! É de tudo o que me fica é este livro. Nada é já do que foi: está em historia como as coisas passadas! Se vierem a escrevel-o por esta invenção que agora veio da Allemanha, e que chegue ás mãos de todos, quantos não chorarão sobre nossas desgraças! Eu sei! Carpil-o-hão talvez a elle, accusar-me-hão a mim. A mim não, que bem delicadamente encobertos deixou os nomes todos—menos o seu. Generoso coração de homem! (*Levanta-se.*) Oh! que tem o mundo para me dar que me compense o que perco aqui! Ah, meu pae e meu senhor, o soldado que por vós vae morrer nas areias d'Africa, ou nos palmares da India, não vos faz tamanho sacrificio. (*Torna a recostar-se*) SAUDADES! Que titulo lhe pôz Advinhava que d'ellas haviamos de morrer. (*Lê:*) «Sobre um verde ramo, que por cima da agua se estendia, veio pousar um rouxinol; começou a cantar tão docemente que de todo me levou apez a si o meu sentido de ouvir; e elle cada vez crescia mais em seus queixumes, que parecia que como canção queria acabar; senão quando, tornava como que começava; então--triste da avezinha!—que estando-se

assim queixando, não sei como se cahiu morta sobre aquella agua... »

## SCENA VII

DONA BEATRIZ e CHATEL

Dona Beatriz (*erguendo os olhos de repente do livro, d'í com Chatel que a estava espreitando e que não pôde fugir sem ser visto. Levanta-se com dignidade*)—Que fazeis ahí, senhor secretario? Não mandei eu a todos que fossem repousar?

Chatel—Tinha sahido alli—a tomar ar... Pareceu-me ouvir que Vossa Alteza chamava.

Dona Beatriz — Quando o fizer não será por vós. Não chamei ninguém agora. Obrigae-me a ir lechar-me no meu camarim para estar livre de... Bem. Ficae, pois, ahí. Alguem virá do paço em minha procura: chamae logo Ignez de Mello... Mandae-a chamar. (*A parte.*) Importuno de italiano!

## SCENA VIII

Chatel (*só*)—Offendeu-se minha augusta ama. Poh! Mas aquella historia do Auto tem segredo que é preciso penetrar. E se eu chego a ser bem senhor d'elle... que farei? Deitar a perder a infanta, declarar tudo ao duque? Tam louco sou eu! Nada. Basta que a duqueza saiba que eu sei o que ella não quer que se saiba: está feita a minha fortuna. Quem temos? Oh! a bella Paula. Esta é do conselho intimo, como dizem os tudescos. E' fina como um flamengo de Carlos V. Mas vejamos sempre se pesco alguma coisa n'estes mares

## SCENA IX

CHATEL, PAULA-VICENTE

Chatel—Por aqui, formosa e discreta Paula?—Não vi o vosso nome na lista: de que muito me pêsá. —Mas sabeis que foi el-rei de Portugal quem nomeou os officiaes, damas, cavalheiros e todos os que hão ser da viagem.—Para mim já ella será triste com a falta de uma pessoa...

Paula—Sei muito bem que não tenho a honra de ser da viagem da senhora infante-duqueza. Nem aqui venho a estas horas senão porque me ordenou que lhe viesse beijar a mão, de última despedida.

Chatel—Póde ser...

Paula—E é.

Chatel—E' certamente: basta affirmá-lo bôcca tam formosa.—Mas é muito mais de noite. El-rei já se retirou. A senhora duqueza fechou-se no seu camarim. Não tardará a começar a anobrar da mão. E não sei, bella Paula, se é possível...

Paula—Nem eu. Mas sei que ha um quarto de hora, e já depois de el-rei estar de volta no paço, me mandou a senhora infante recado, por lettra de sua mão, para que viesse logo e sem detença.—Eu obedeci: vós fazei como quizerdes.—Mas... não me irei d'aqui sem que Sua Alteza me mande. (*Sentando-se nas almofadas.*)

Chatel—O meu desejo é servir-vos como mereceis... —Vou mandar vêr se a senhora Dona Ignez...

Paula—Avise a quem quizerdes. O nosso costume das que somos criadas é entrar sem essas formalidades—Eu, ainda que humilde, sou criada de Sua Alteza, e sempre mereci a minha ama...

Chatel—Bem, bem; tudo merecis. —E porque não haveis de ser d'esta viagem, bella Paula? Quería que as nossas italianas, tam presumidas de

seus olhos pretos, vissem uns olhos portuguezes que as matassem de inveja.

Paula, *(seccamente)*—Sois galante

Chatel—De galantes vos verieis vós perseguida em

Turim. Sabeis lá que terra é Italia para galantes!

Paula—Inda bem que não vou: é raça que muito me enoja, a dos galantes.

Chatel—Como assim! tam bella e tam discreta, e galantes vos enfadão!—Percebo. *(Com finura)*—A Providencia dispoz já talvez de seu coração. ... Lá me pareceu que n'aquellas *Côrtes de Jupiter*, n'aquelle parlamento celeste havia oradores inspirados por um sentimento mais vicio. ... Eram tam poderosos, tam irresistiveis os feitiços e esconjuros d'aquella moura. ...

Paula, *(iparte)*—Confirmemol-o n'este engano: duvida ainda. Oh meu Deus, quem me diria! Até a verdade precisa fingida, e se engana com ellal! *(Alto)* Vejo que sois penetrante, senhor secretario. E bem dizem que não ha esconder nada da finura de vossa nação.—*(A parte)* Com italiano, italiano e meio.—*(Alto)* Pois bem; confessar-vos-hei tudo, já que sabeis tanto—Estou em grande ância e apertura. Era um homem o que fez de moura no Auto; um homem que me amou, que... endoudeceu de puro amor.—la-nos perdendo hoje a meu pee e a mim... fez um estranho alvoroço na côrte. Misturou os seus loucos amores com o papel do Auto. ...—Verdadeiramente ainda não estou em mim com o susto que tive.—Mas se eu o amo; se apezar de tudo, não posso deixar de amál-o! *(Com enthusiasmo)*—Se para o adorar e servir—nem a morte nem a infamia deante de mim... Oh meu Deus!

Chatel, *(iparte)*—Não era com a outra,—está visto: assim não se finge, vem-lhe do coração.

Paula—A senhora infante que me protege.—*(A parte)*—ou eu a ella; horrorosa situação a minha! *(Alto)* quer...

Chatel—Interessar-se por vossas coisas... Entendo: negocio de casamento, é a madrinha...

Paula, *(iparte)*—Sou eu, eu é que sou a madrinha...

Chatel—Cousa tam natural, tam louvavel.—E' um anjo a senhora infante.—Vou já fazer chamar Dona Ignez. ...—*(A parte)* e tranquillizar de todo os escrupulos do barão.—Enganei-me com effeito; perdi o meu tempo: vou vér se o reparo, dormindo um pouco antes que comece a malidita algazarra da manobra.

## SCENA X

PAULA VICENTE, IGNEZ DE MELLO

Paula, apenas Chatel se retira, corre com os olhos rapidamente a camara, palpa as tapeçarias,—sente que uma do lado opposto ao camarin da infante está em vio, levanta-a. Immediatamente chega ao lado com que communica a ponte do caos, e faz signal com um lenço.—Bernardim-Ribeiro acode.—Paula, sem lhe dizer uma palavra, o toma pelo braço e empurra violentamente para o vao da tapeçaria, que deixa cahir e diz pondo o dedo na bocca: Silencio!

No mesmo instante se abre a porta da infante, e sse

Ignez—Manda a senhora infante-duqueza que aguardes um instante, e já vos falaria.

## SCENA XI

PAULA VICENTE

E eu... eu é que assim arrisco a minha vida, minha fama para lhes valer em seus amores!—Todas as delicias d'este adeus derradeiro—a mim m'as devem! A mim que o amo,—que a detesto... Oh, não detesto, não.—Pobre Beatriz, tam boa, tam innocente, tam timidal... Tu amas, desgraçada, e muito! D'elle te apartam, para longe te levam aos

braços de outrem!—Reclinada no peito do estrangeiro, mesquinhal!—tu estremecerás com as ahorecidas caricias de um espóso indifferente; e o asco dos beijos de um marido que não amas, que em teu coração trahiste já—te arrinaria os cabelos, te engulharia como peçonha!—Mas vaes... E vives! E acabarás por te acostumar.—Cintra e suas arvôres tam verdes, Collares e suas relvas tam viçosas, tam estrelladas de flores—te parecerão como um sonho de infancia —singelo de mais, innocente que enfada, para quem passeia pelos recortados florões de teu magnifico jardim italiano... Costumar-te-has á natureza affectada e facticia; e a natureza verdadeira te parecerá impossivel.—E que importa!—As grandezas, o poder, a fortuna, a ambicção, ahi estão para compensar o perdido.—Mas aquelle infeliz, que não rem outra glória, outros desejos, outra existencia, outra vida mais que esse funesto amor que o mata—desgraçado!—oh, para esse é que todo vae o dô do meu coração.—Inexplicavel martyrio que é o meu!—Amo-o; e já não e possivel que eu ame outro homem senão elle. Amo-o; e assim me empenho em seus amores com outra,—com uma rival que devia detestar, e não detesto—quero-lhe antes, sirvo-a, deixo calumniar a minha para salvar a sua honra!... *(Longo silencio)* E se alguem disser:—«Paula-Vicente, filha do comediante, tu fizeste como os chocarreiros do palacio; serviste os amores de tua ama —e pelo pão com que matavas a fome, vendeste a uma princeza o teu amante.»—Dil-o hão, meu Deus!—dil-o hão:—e eu ficarei infame... *(Reflecte; e já resoluta)*—Que o digam. Vil seria eu a meus olhos, se, para servir a este ciume que me rala as entranhas, que me confrange os ossos—negasse a dois infelizes o amparo que só eu posso dar-lhes... *(Fica por muito tempo com os braços cruzados, olhando fita para o sitio em que está escondido Bernardim Ribeiro.)* Eil-o alli está, alli que, escondido e protegido por mim, conta os instantes que espera...—E não é por mim que elle espera. Oigo-lhe quasi as pulsações impacientes do coração que lhe bate d'ância... e a mim m'o deve.—Protestar-lhe-ha de seu amor eterno... e eu serei testemunha do juramento que todas minhas esperanças destroem.—Ouvirá que é amado... saberá... receberá...—E eu, eu... *(Com amarga alegria)* Mas em poucas horas este pavimento hade começar a mover-se, estes lenhos tomarão azas e fugirão por mères a fóra com todos esses votos de fidelidade e ternura... Oh! quem não suspiraria pelo dia de amanhã!—Eu.—Eu que sei que elle hade ser mais negro ainda que o de hoje.—Eu, a orgulhosa filha do comediante, eu, que de frente ousaria lutar com minha poderosa rival, eu não heide valer-me da sua ausencia—não me aproveitarei de seus despojos—O rundo que tale. A filha do comediante é grande a seus olhos.

## SCENA XII

PAULA VICENTE, DONA BEATRIZ

Dona Beatriz, *(abrinho a porta do camarin)*—Paula minha boa Paula, venho eu mesma abri-la, que não quero ninguem entre nós n'estas horas derradeiras de nossa despedida.—Meu Deus, eu não tinha senão esta amiga: mandam-me desterrada, e até d'ella me privam!—Entra, Paula, que se me arromba o peito se não desabaço contigo de tanta mágoa que aqui está. Vem: tenho muito que te dizer. Paula—A mim, senhora!—a mim tendes que dizer! Se fosse a...

Dona Beatriz—Não, Paula; já agora não! Depois do que meu pae me disse, depois do que lhe prometti...

Paula—Pois el-rei? .

Dona Beatriz—Sabe tudo:—não que m'o dissesse, Paula; mas falou-me de um modo... deu-me uns conselhos . Oh que se me partia a alma de o ouvir! Não me reprehendeu, não me quiz envergonhar; chorou comigo... Tam bom pae!—Oh, que mocidade a minha!—Não, não quero vêr mais aquelle homem. E que lhe havia de eu dizer se o visse! Que lhe havia de eu dizer aquelle infeliz que me ama tanto, e que eu devo esquecer para sempre... (*Ouve-se ruído detrás da tapeçaria. Beatriz estremece*) Que será isto?—Não estamos bem aqui, Paula:—Entra. São decerto hoas duas horas A's quatro dizem que sahircmos: Ai! d'aqui a duas horas começará a mover-se isto tudo;—e a minha terra a fugir para sempre—a minha terra, e quanto n'ella me prendia a esta vida... vida que já agora não sei para que me serve.—Oh Paula, Paula, que noite a de hontem para ser a última!—Que terrivel surpresa aquella do Auto! E o anel, o fatal anel... —Pois não m'o entregou o insensato! Não me restituiu o anel que lhe eu dera!—Não me disse!... Oh! queimam-me ainda aqui no ouvido as terriveis, as desdenhosas palavras que me disse aquelle louca.—E eu que me sentia morrer!—E meu pae alli, e todos . . . Iremo ainda quando me lembro que o podiam descobrir.

Paula—Certo que maior imprudencia se não fez ainda. Accuso-me a mim mesma de ter concorrido para vos pôr em tamanho perigo.

Dona Beatriz—O meu perigo!—Bem pensava eu em mim n'aquelle instante. Ai! por elle é que eu tremia, Paula. Se o descobrissem, meu Deus!—Mas que amor, que força de amor não é necessaria para commetter ousadia tal—Dir-lhe-has, Paula, tu que o has de ver ainda, tu que és tão afortunada... .

Paula—Eul

Dona Beatriz—Que has de tornar a vê-lo—dir-lhe-has que... .

Paula—Que muito lhe estranhaes scu atrevimento?  
Dona Beatriz—Estranhar-l'ho! Se prazer como eu tive então—misturado, e verdade, de pena tão cruel!—Se eu nunca senti o que senti então—se aquelle transe... .

Paula—Grande abertura seria, senhora: não a quizeis tornar a passar... .

Dona Beatriz—Oh Paula, a minha vida por outro instante como aquelle.

### SCENA XIII

DONA BEATRIZ, PAULA-VICENTE, BERNARDIM-RIBEIRO (*sahindo*)

Dona Beatriz—Ai! (*Desfalece: acode-lhe Paula.*)

Bernardim—E eu que não soube morrer n'aquelle instante! Foi um covarde: não merecia viver até este: não merecia ouvir de teus labios que morro amado, que morro ditoso. Beatriz, eu venho morrer a teus pés. (*Ajzelha e toma-lhe as mãos*)—Tenho padecido o que nenhum homem soffreu ainda; tenho levado uma vida... que, —se eu fôra amaldiçoado de Deus... se n'este mundo me começara o inferno por meus crimes—não a podia ter peor nem outra. —Oh Beatriz, foi dura a prova, longa a expiação.—Mas este céo, mas esta bemaventurança não tinham filha—Oh Beatriz, deixa-me que te beije estas mãos, que te adore aqui, que de joelhos deante do anjo que me vem buscar, que me despena—que me remiu—eu viva estes minutos de extasi, de felicidade que não é, não pôde ser, não é da terra.—Tu és princesa, —eu sou um pobre trovador. Mas esta coroa de glória, não a têm os reis. De donde a houveste!

—Do céo, anjo, do céo que te manda a este baixo mundo confortar uma alma que se perdia, que descria já de Deus,—que ia quasi blasphemar!—Estive, estive a ponto de blasphemar de ti!—Oh Beatriz, eu sou um monstro, eu não te mereço.—E mais, olha se não for eu, nenhum outro homem te mereço.—Tu és uma princeza, bem sei; eu sou um triste menestrel, já t'o disse. Mas, sabes tu? Aquella formosa rainha de Inglaterra heijou o trovador que dormia... —Meu Deus, dormirei eu, sonharei eu!—Oh deixem-me morrer antes de acordar.—Deixa-me aqui morrer a teus pés, Beatriz, —Beatriz, não te peço senão que me deixes morrer aqui a teus pés

Dona Beatriz—E qual outra esperanza ha para nós Bernardim? Era piedade da sorte que nós matasse aqui a ambos.

Paula (*parte*)—Não posso ouvir isto. Parte-se-me a alma: e já não sei que sentimento é o que tenho no coração, se é paixão se é dó, —ou se ainda tenho zelo! (*Vae precipitadamente para a varanda.*)

Bernardim—Ouve: a flor dos meus annos murchou-se na tristeza e do desconso, —mirrou-se na esterilidade; sacudiu-lhe o vento do deserto as folhas desbotadas e seccas—Que a hâstea espere pelas aguas do inverno que a apodrecam,—ou que a cegue já a foice do ceifeiro... Importa alguma coisa?—Nunca vivi até agora: tive estes instantes para avaliar a mercê do Creador em me dar o sér. Morrer, para mim, é necessidade. Não sou eu de que quero, que o desejo; é que por força ha de ser assim.—Poeta, dizes tu agora, —perdeste o juizo a phantasiar,—enlouqueceste.—Não, Beatriz, nunca me subiu a phantasia tão alto. (*Ouve-se o apito de bordo*)

Dona Beatriz—Que será isto? . .

Paula (*friamente entrando da varanda*)—( ) apito do mestre. —E' mais tarde do que suppunhamos: vae começar a manobra. —Senhora, eu tive dó d'este homem: prometti-lhe de fazer com que vos visse um instante.—Deve a mim, a si proprio, e a Vossa Alteza sobretudo, não abusar agora. —Se nos demoramos um momento mais, estamos perdidos todos... .

Segundo apito prolongado. Sente-se grande ruído de manobra e vozeria da tripulação que trabalha.

Dona Beatriz—Santos do céo! que já o galeão se move.

Paula—Ainda não; ainda é possível escapar. (*Olha para o lado respectivo*) Ainda está fixa a ponte que toca do galeão no caes —Senhora, adeus! Não saberei nunca tudo o que fiz por vós. Adeus, lembrae-vos alguma vez da pobre Paula.

O ruído cessa: Paula vae beijar a mão da infante.

Bernardim (*em desvario afastando a com violencia e pondo-se em pé*)—Desgraçado do que tocar n'esta mão.—São duques, são reis, são principes!—Eu sou Bernardim Riheiro, o trovador, o poeta, que tenho maior coraça que a sua.—O sceptro com que reino aqui, ganhei-o, não o herdei como elles.—Beatriz é minha (*Ouve-se musica de charameis.*)

Paula—Nossa é a deshonra e a morte

Dona Beatriz—Paula, Paula, que é?

Paula—El-rei que chega.—Já não ha remedio—(*Vae ver*) Já la vem ao principio da ponte.

Bernardim—Quem?

Paula—El-rei, que vem achar a infante sua filha com um homem escondido em sua camera—De-vaneae agora á vontade: já completastes a vossa obra.

Bernardim (*calhando em si, e com tranquillidade*)—Não tenhaes receio. Estou perfeitamente em meus entidos.—Beatriz, um derradeiro adeus, um adeus

até ao céu!--A rôla que perdeu o companheiro, deixa-se morrer de mingua sobre o ramo lascado da arvore em que lh'o mataram . --Estas aguas, em que já baloicha o navio em que te levam--Beatriz!... *(Ajoelha e esconde o rosto entre as mãos da infante)* estas aguas que me roubam tudo... *(Ouve-se grande alarido.)*

Paula--El-rei que entra..

Bernardim--Que tomem tambem a minha vida *(Arremeça-se pela varanda do galeão, ao mar.)*

Dona Beatriz--Ai! *(Cae sem sentidos)*

Paula, *(olha para o rio, e volta em desespero)* --Já vae seguido o galeão!

## SCENA ÚLTIMA

DONA BEATRIZ, PAULA-VICENTE, EL-REI  
DOM MANUEL *e sequito.*

Paula ajoelha junto á infante estendida no chão, e lhe beija a mão muitas vezes, leva-a ao coração, e levanta-se precipitadamente.  
--Neste mesmo instante entra el-rei

Dom Manuel--O último adeus, minha filha, um abraço ainda! *(Todos rodeiam a infante)* Já o galeão vae navegado! Tomou-a o susto.--Filha! *(A parte)* Eu constrangi sua vontade .--Meu Deus, se eu matei a minha filha!



## NOTAS

### Nota A

Mataram-lhe o Garção u'uma enxovia por escrever uma carta em inglez..... pag. 628

Contam que certo Lovelace alfacinha da amizade do Garção, querendo escrever a uma menina ingleza a quem galanteava, pedira ao poeta que lhe trasladasse para a lingua da bella insular os seus «lusos namorados requebros». Pamela não era para graças, ou não engraçou com o auctor da missiva, e foi mostrar-lhe ao papá, que a foi mostrar ao marquez de Pombal, que mandou prender o pobre eremita de Aguas-santas, cuja letra conheceu ou lha denunciou alguém. Não faltou quem esclarecesse o caso e mostrasse a innocencia do poeta; mas o supposto de icto era pretextado e a causa verdadeira o odio do Pombal pela famosa «Fala do duque de Coimbra, recusando a estátua» que o Garção compuzera para fustigar a vaidade com que o marquez se esculpira em bronze no pedestal do Terreiro do Paço.

Foi preso em 9 d'Abril de 1771, sem processo: oito mezes esteve no segredo, e só expediram, pela secretaria d'estado dos negocios do reino, a ordem de soltura, muito d'antes promettida por el-rei á desconsolada esposa, em 10 de Novembro de 1772, algumas horas depois de o saberem morto.

Morreu no Limoeiro, nem o deixaram vir expirar em sua casa e pôr os últimos olhos moribundos na luzidia calva do padre Delphin! — o mais que se passou na prisão não pude saber-o. Acabam-nos a historia do Garção na sua entrada para os ferros d'el-rei. Se elle era homem de bem, de engenho e portuguez! — Elle e a sua historia deviam ter este remate.

### Nota B

Para fazer um Repertorio, a isso posso eu ajudar..... pag. 630

A formação de um Repertorio nacional é a mais urgente das tres grandes necessidades do nosso theatro, e cuja satisfação mais hade facilitar a das outras duas. A experiencia de todas as nações — todas, todas sem excepção alguma — tem mostrado que, por mais e melhor que se traduza, não se consegue formar com traducções o theatro de um paiz onde o não ha, nem sequer additar o que já exista. Não ha um só drama inglez que se sustente nas scenas de Paris — Os Inglezes traduziram todo o repertorio francez de Luiz XIV; e não foram quaesquer traductores, até Dryden metteu mãos á obra; e de nem um só d'esses ricos trabalhos hoje ha memoria em Drury-Lane ou em Covent-garden. O mesmo se está vendo em Hespanha.

Entendi, e estou firme, que formar o repertorio nacional era uma grande missão civilisadora, que todos, que a Nação, que o governo — onde ha governo — deviam, não só auxiliar e proteger, mas promover e estimular. Esta convicção me fez provocar o decreto de 12 de Outubro de 1833 que facilitou os premios do Conservatorio Real para as peças originaes, e me fez aturar com paciencia os despeitos e malquerenças que d'essa instituição resultaram. Todos os que, levados do impulso que effectiva-

mente se tem dado a este genero de litteratura, ahí têm escripto para o theatro, experimentaram a desinteressada vontade, e quasi abnegação propria com que procurei auxilia-los.

Para os animar e proteger, propuz, e consegui fazer passar, na Camara dos Deputados, a lei da propriedade litteraria, que lhes segurava o razoado premio de seus trabalhos; e se passar na outra camara, estou crente que basta ella para nos dar um theatro nacional. Infelizmente a lei tem-se demorado quatro annos. Quiz supprir a sua falta formando uma especie de associação de *seguro-mutuo* entre os auctores para se protegerem contra as duras e *proverbiaes* tyrannias dos emprezarios. E communicando o plano aos meus amigos, os Srs. A Herculano e A. F. de Castilho, que por tantos motivos eu desejava se puzessem á frente da associação, cheguo ella a estar, se pôde dizer, formada; e por duas vezes, em 1838 e 1839, tive quasi arranjadas com a empreza do theatro as estipulações necessarias.

Não só falharam as minhas diligencias e esforços; mas d'ellas qui tirar pretextos a má fé acintosa e para me arguir do espantoso crime de querer tirar grossos proveitos de minhs composições theatraes. E se eu tivesse essa pretensão, forte peccado! — Mas não tive. Estão vivos e são os distinctos litteratos que sabiam, approvavam e cooperavam nos meus projectos, que sabem e testemunham o desinteresse (quasi ridiculo n'estas éras utilitarias em que vivemos) com que os emprehendi e promovi.

Levei o meu louco escrupulo — certamente louco — ao ponto de entregar na caixa do Conservatorio real, para se applicar ás despesas das escolas, o producto dos honorarios que recebera do theatro o meu drama *O Auto de Gil-Vicente*.<sup>1</sup>

Digo escrupulo louco, porque é falsa e viciosa vergonha em um homem de letras, o não querer tirar proveito d'ellas. É assim, é máo exemplo, dá áres de uma especie de fidalguice tola; mas eu tinha tomado a minha posição de mais alto, e entendi que descia, se fizesse de outro modo. E o que eu chamo *posição* aqui e chamei inda agora *missão*, não cuide alguém que era o tal cargo de Inspector geral dos theatros, de que me fizeram tanto favor em me aliviar; era uma coisa que eu sinto melhor do que si explicar, e que desde que me entendo me fez sempre olhar para a restauração, ou antes fundação, do nosso theatro como para um objecto santo e sublime, uma questão de independencia nacional, um ponto de honra para este paiz em que nasci.

Pode haver pois fanatismo, não ha affectação no meu desinteresse. Algum proveito tenho tirado da publicação pela imprensa de meus trabalhos litterarios; e não me peja nem peza d'isso.

Amigos, que eu sei que o são, exigem ha muito tempo que eu desse ao publico estas explicações. Regueña-me occupar as columnas dos jornaes com coisas minhas tam pessoas e particulares; mas aqui não são tam mal cabidas. Cedo pois e faço-lhes

<sup>1</sup> Do que tenho em meu poder recibo em forma, do thesouro.

a vontade, por lhes fazer a vontade: não que eu creia em que a mais clara verdade empeça de mentir quem faz gosto ou tem interesse em mentir ou em crêr mentiras.

A calúnnia é como as trevas, quanto mais grossas são, *menos* se vê.

#### Nota C

Um facto notavel, cujas circumstancias exteriores minuciosamente nos deixou escriptas uma testemunha respeitavel ..... pag. 630

E' um dos opusculos de Garcia de Rezende, por titulo *Hida do Infanta Dona Beatriz pera Saboya*, que anda com as suas obras. Ahí se verá que o sa-  
ráo do paço, o Auto, o galeão Sancta Catharina e tudo o mais de que me servi, são perfeitamente historicos.

#### Nota D

A tragicomedia que n'aquella occasião compôs e foi re-  
presentada na corte. .... pag. 630

Vêja a nota antecedente: Garcia de Rezende, log. cit., fol. 99, ed. de 1752; Gil-Vicente, tom. 2.º, pag. 295 e seg., ed. de 1834.

#### Nota E

E talvez ainda se envergonhem. .... pag. 631

No momento que se escreveu isto, ainda me cu affligia com destemperos: agora para quê? Ou rir-se a gente, ou olhar com indifferença para tudo o que por ahí vae por essa terra, é o que se póde e deve fazer sómente.

#### Nota F

E' boa, mas talvez imperfeita esta figura. .... pag. 633

A razão por que se não desenvolveu mais amplamente o caracter de Gil-Vicente já se deu no prologo.

#### Nota G

A desfeita de o collocar (André de Rezende) entre as pessoas mudas. ... O historiador (Garcia de Rezende) apenas fala, o antiquario e moralista nem abre a bocca, etc. .... pag. 633

Se o auctor fosse a fazer a vontade ao elegante e urbano censor, era preciso fazer uma comedia maior que as de Jorge Ferreira. E' evidente porque se não fez.

#### Nota H

O auctor deve ao seu estabelecido credito de purista da lingua o fazel as (certas phrases) justificar. .... pag. 633

Não diz o censor quaes fossem: alguém quiz adinvhar que a principal d'estas phrases suspeitas era —que o fará á maravilha porque este *á maravilha* se parece com o *à merveille* francez. E assim é que se parece, mas é legitimo portuguez comtudo.

Agora accrescentarei, por esta occasião, que não creio em puritanismos exaltados de nenhuma especie. Em linguagem, em tudo, a sinceridade é indulgente e franca e inimiga de affectados rigorismos.

#### Nota I

Nina la casó su padre. .... pag. 637

Estes versos, os das pag. 637, 643, 644, 645 e 646, são textualmente do drama *Côrtes de Jupiter* de Gil-Vicente, que n'esta occasião se representou, como aqui se diz.

#### Nota J

Este livro. ... Não nossos tristes amores contados por um modo que os não entendera ninguém. .... pag. 278

No rigor historico é certamente anachronismo suppor já na mão da infante o livro das *Saudades* de Bernardim-Ribeiro, cujas primeiras linhas logo inuicam ter sido composto depois de sua partida.—«Menina e moça a longes terras me levaram» diz o enamorado trovador. Mas não se fazia aqui uma historia, senão um drama. Nem é absolutamente impossivel que, desde que se tratou definitivamente da partida de D. Beatriz, o apaixonado romancista a d'esse por ida e perdida para elle, em suas lastimadas queixas. Em vez das poucas linhas que do mesmo livro lê a infante n'esta scena, podéra-se ter posto alguma coisa que imitasse os perdidos *Eccos* de Bernardim-Ribeiro, um dos quaes começava—«Ecco, pois pelo meu mal.» Assim o aconselharam ao auctor, mas elle imaginou, porventura com razão, que valia mais a prosa original de Bernardim Ribeiro, do que os versos imitados seus,—que só imitados podiam ser.

#### Nota K

Arremeça-se pela varanda do galeão, ao mar (rubrica) pag. 298

Em a nota E. ao canto nono do poema *Camões* no 1.º vol. d'esta collecção, pag. 250, se promette illustrar o ponto d'estes amores de Bernardim-Ribeiro e de sua romanesca vida. Mas não me atrevo por ora a cumprir tal promessa. Aqui atirei com elle ao mar porque me era preciso: e o publico disse que era bem atirado. E' o que me importa. Se elle foi ou não a Saboya depois, como eu já cuidei averiguado, se andou doido pela serra de Cintra, tambem me não atrevo a certificar.—O que parece mais certo é que *não morreu de paixão* porque depois foi feito commandador da ordem de Christo, e governador de San-Jorge da Mina, onde talvez morresse de alguma carniçada: materialissimo e mui prosaico fim de tam romantica, saudosa e poetica vida.

Aprendeí aqui, ó Beatrices d'este mundo!

## PHILIPPA DE VILHENA

Contém este volume, que é o quarto do *Theatro* do nosso auctor, tres comedias; uma das quaes é historica, e as outras duas de costumes. Todas são perfeitamente portuguezas, e portanto valiosa contribuição para o nosso repertorio dramatico, porventura ainda mais carecido n'este genero do que nos outros.

O CATÃO como obra completa, a MEROPE apesar de ensaio, fixaram o estylo da tragedia classica portugueza, precedendo em muita parte a reforma que este genero ultimamente obteve em França dos auctores de VIRGINIA e de LUCRECIA.

O AUTO DE GIL VICENTE e o ALFAGEME não menos se pôde dizer que deram norma ao desmandado drama romantico. FREI LUIZ DE SOUSA está reconhecido como typo da tragedia nova.

Os tres exemplares que enchem o presente volume são considerados pelo auctor como meras tentativas. Esperamos dar, no tomo immediato do *theatro*, coisa mais completa: será a SOBRINHA DO MARQUEZ, comedia historica do seculo passado que, não obstante estar composta ha muitos annos, elle tem demorado publicar.

O mais famoso e popular episodio da revolução de 1640, que elevou ao throno a serenissima casa de Bragança, deu argumento a esta comedia, que muitos caracterisaram de *drama* no sentido restricto e singular que actualmente a este nome se dá, mas que é uma verdadeira comedia historica, tanto ou mais do que o celebre *Pinto* de N. Lemer cier.

A condessa de Atouguia, D. Philippa de Vilhena, armando seus dois filhos para a revolução, é o historico e é o principal; tudo o mais accessorios. Não se quiz pintar a acção exterior de uma revolução, como em tantas composições modernas, nem todo o seu movimento interno, como no citado *Pinto* e em muitas outras. É uma scena tam sómente, um áparte d'esse grande drama.

Foi um improviso esta comedia, e a sua historia é quasi como a do CATÃO: ia se com-

pondo e ensaiando, acabou-se e representou-se.

Tratava-se de fazer apparecer em publico os pobres alumnos do Conservatorio, e fôra escolhido o dia do nome de S. M., seu presidente e protector, que se queria festejar. Todas as escolas organisaram os seus exercicios com composições originaes e feitas expressamente para a occasião por socios ou professores do estabelecimento. Faltava a Escola de Declamação, e quiz-se-lhe accudir para que não ficasse atraz das outras. Tomou a auctor este assumpto pela sua belleza e conveniencia, riscou o traçado geral, collocou as figuras, esboçou as primeiras scenas e deu-o aos professores da escola para arranjarem o resto.

O peso dos trabalhos sérios que então lhe carregavam e a urgencia do tempo fizeram adoptar esse expediente, cujas imperfeições elle bem antevia; mas não tinha outro. Com effeito o seu pensamento, mal explicado e á pressa, não podia ser bem comprehendido nem o foi.

Obrigado a trabalhar n'uma idéa não sua nem facil, para um estrangeiro especialmente, o director da escola mereceu muito louvor pela dedicação e zelo com que se sujeitou a fazer tal. Mas o auctor teve de refazer todo o trabalho que lhe trouxeram, deixando apenas alguma coisa d'elle no segundo acto por ser o mais aproveitavel.

Assim se representou e anonymamente a comedia; mas agora que se resolve a deixal-a imprimir com o seu nome, tudo foi refundido de novo, e não ficou nada de mão alheia.

Assistiram a esta representação SS. MM. Fidelissimas e Imperial, o Principe herdeiro e hoje reinante de Saxe-Cobourgo-Gotta, o corpo diplomatico, toda a côrte e um publico escolhidissimo. A peça obteve muito applauso na representação, e a imprensa lhe não fez menos favor.

Eis aqui o juizo que d'ella dá um jornal litterario do tempo. Escolhe-se este entre varios, por ser o que mais visivelmente foi escripto sob as primeiras impressões do momento:

«O drama, ou comedia historica em tres

actos, segundo com mais exacção se intitula, foi expressamente composto para esta occasião, é verdadeiramente original e portuguez no assumpto, nos caracteres, nos costumes, no sabor da linguagem e no estylo.

«O enredo é simples e facil.—Terminava o anno de 1640, e acabava-se aos portuguezes a paciencia velha de sessenta annos com que tinham soffrido o jugo castelhano. Os tumultos de Évora e de Braga já não podiam deixar no engano o governo intruso, e assaz lhe diziam o estado da opinião publica. Todos tinham os olhos no duque de Bragança. Ordens repetidas de Madrid o mandam ir aquella côrte. Se vae, todas as esperanças dos portuguezes estão perdidas. E' necessario que a revolução rebente, e que Portugal proclame, alto e forte, a sua liberdade e os seus reis legitimos.

«N'este estado de coisas começa a primeira scena da comedia. Estamos em casa de um certo Ruy Galvão, nobre portuguez degenerado, que sordidamente se vendeu ao partido castelhano, vil satellite de Miguel de Vasconcellos, o secretario da duqueza regente.

«Ao levantar do panno apparece-nos um mordomo velho da casa, bom portuguez da tempera antiga que, occupado de seus que-fazeres domesticos, vae resmungando, como em sua edade e caracter é natural, sobre o que vae por aquella casa e pelo reino. Chama-se elle o sr. Custodio Peres, é rabujento e *fiondeur*, não pôde já aturar aquella casa, e só alli pára porque a verdadeira dona d'ella é a sua querida D. Leonor, que elle criou de pequena, e cujo pae, honrado fidalgo portuguez, *estalara* de pena de se ver escravo, mas que não imaginando que tanto podesse corromper-se o nobre sangue de seu irmão, á hora da morte o instituirá tutor d'esta sua filha, herdeira riquissima e unica de sua poderosa casa. O tutor porém delapidou a herança, e, para não dar contas, fez-se exaltado do partido dominador, trata o casamento da sobrinha com um tal Correia, irmão do secretario Miguel de Vasconcellos, e obtem de Madrid um aviso real que o absolve de toda a responsabilidade e lhe dá por boas e lidimas suas contas *como de seus leaes sentimentos se esperava*.

«De tudo isto, e do estado do reino e de como vão as coisas de casa de D. Leonor, e dos dois partidos que estão em presença em Portugal, nos informa, mui natural e circumstanciada, postoque rapidamente, a viva e animada exposição do velho mórdomo e de um seu joven amigo, que logo entra, o primo de Leonor, o amigo de sua infancia, o esposo que seu pae lhe destinára do berço, a

quem ella ama, e que está desesperado com o atroz projecto do tutor.

«E' este mancebo D. Jeronymo de Athayde, o filho mais velho da celebre condessa de Atouguia D. Philippa de Vilhena, que, por um espirito e coração muito superiores á sua tenra edade, foi admittido ás conferencias dos generosos conspiradores de 640, trata e vive com João Pinto Ribeiro, mas no meio de tudo isso é uma criança, esquece-se ás vezes do supplemento de edade que lhe deram, e doido de amores e de ciumes, está a ponto, em varias occasiões, de perder tudo com a idéa de salvar a sua Leonor.

«Já ides vêr esta prima Leonor por quem tanto se revolve aqui tudo. Ella que entra e com seu espirito, seu juizo, seu enthusiasmo de amor patrio, justifica todos os sentimentos que inspirou.

«Num galantissimo dialogo com o primo, acaba de nos informar cabalmente do estado das coisas; e pôde-se dizer exposta a acção, quando o mórdomo velho, que tem estado de vigia emquanto os primos conversam, acode assustado bradando-lhes que se retirem porque o velho acordou. Eram horas da sesta, Ruy Galvão dormia no classico repouso peninsular da sua meridiana, emquanto estas coisas se passavam na ante-sala ou salão grande do palacio.

«D. Jeronymo de Athayde vae-se ás ultimas conferencias da conspiração... porque nós estamos em 30 de novembro de 1640... D. Leonor retira-se á sua camara, e tudo isto á pressa, porque já se ouve tossir o tutor. Eil-o ahi vem... fica só Custodio para proteger a retirada dos dois amantes quasi surprehendidos.

«Ruy Galvão é um typo do seu genero. Sem paixão nem enthusiasmo politico, partidario por interesse, mais vicioso do que criminoso, é um verdadeiro e *feliz* caracter de comedia politica. N'elle estão personalisados os vis portuguezes d'aquella epoca, na qual, como em todas,

Alguns traidores houve algumas vezes.

«A scena entre Galvão, que suspeita vagamente as intelligencias da sobrinha com o mórdomo, e este que, sem as confessar, lhe vae dizendo, a seu modo, verdades duras e como quem já se não pôde contêr: — é cheia de naturalidade, e tem um colorido local, um sabor aos costumes da epoca, certamente notavel e pouco visto nas nossas composições dramaticas.

«A segurança com que, na vespéra de sua total ruina, este representante do partido dominador escarnece das que elle chama miseraveis tentativas de uns poucos de *fidaigos*

*pobretões e de quatro taberneiros de Lisboa*, é característica, e denuncia, no quadro, as pinceladas de quem conhece os homens e o mundo, sem o quê se não podem fazer comédias nem dramas, nem coisa nenhuma talvez.

«Galvão tem resolvido casar aquella noite mesma a sobrinha, e manda fazer todos os preparativos; quando a chegada de um d'estes parasitas que entram em toda a parte, o vem confirmar ainda mais em seus projectos.

«Um tal Barnabé Fulgencio «homem que merenda sempre seja a que hora fôr», segundo o descreve o nosso amigo Custodio Peres, vem fazer a sua visita a Ruy Galvão que lhe pucha pela lingua, e com alguns copos de vinho, o põe em estado de dizer quanto sabe. Não é muito, mas basta para dar pretexto ao máo tio de vexar a innocente sobrinha e despedir o obnoxio mórdomo.

«Isso se faz. Leonor, offendida das supeitas indignas do tio, diz-lhe toda a sua alma, protesta que não acceitará o esposo que lhe querem dar por força. Galvão está forte com o seu decreto real assignado *Yo el Rey*, e parte com o noivo para acabar de dispôr tudo com o seu protector, o renegado Miguel de Vasconcellos.

«Mas enquanto isto se passa em casa do Galvão, os conspiradores não dormem. O sacrificio de Leonor está decretado para aquella noite; e para aquella noite tambem está preparado, pelos libertadores da patria, o dos seus algozes communis.

«No segundo acto, achamo-nos em casa da condessa de Atouguia D. Philippa de Vilhena. E' alta noite, e a desvelada mãe está á espera de seus filhos, que foram a casa dos Almadas á ultima conferencia dos conjurados. Resolvida ao sacrificio, ella vae expôr a vida dos filhos... mas a boa portugueza tambem é mãe; estremece-lhe o coração, e não pôde contêr as lagrimas involuntarias que a immensidade d'aquelle grande sacrificio lhe arranca do peito.

«Os filhos chegam, a reunião de amigos e parentes junta se, D. Philippa no meio da vasta sala do docel do antigo palacio dos Atouguias, com a espada de seu marido na mão, invocando a memoria de seus antepassados, chamando pelo nome do Salvador, cujo auxilio implora, D. Philippa, verdadeira heroína portugueza dos tempos antigos, exclama com voz solemne: «Meus filhos, vossos avós foram armados cavalleiros nos campos de batalha, por braços de reis com as espadas de grandes capitães. A vós, «criancinhas, é vossa mãe que ainda hontem «vos acalentava, vossa mãe que lhe treme o «braço, que lhe rebenta o choro dos olhos,

«que aqui está sustida de uma força sobre-natural que ella mesma não comprehende... Arma-vos vossa mãe, filhos; e sereis «tam bons cavalleiros como os que vos pre-cederam... porque eu tenho fé, porque «chamo por Deus e vos digo: D. Jeronymo «de Athayde, D. Francisco Coutinho, em «nome de Deus e de vossos avós, eu vos ar-mo cavalleiros. Tomae esta espada e não «vos sirvaes d'ella senão para defender a re-ligião, a patria, a liberdade do povo e os «vossos legitimis reis!»

«E por milagre de patriotismo, e de amor maternal, as duas criancinhas se levantam homens feitos e cavalleiros.

«Esta aurora traz liberdade, meus amigos» — brada D. Jeronymo — «corramos a encontral-a!» — E partem todos. E n'este entusiasmo, e com os corações dos espectadores sobresaltados todos de quanto ha nobre, grande e bello nas sensações e pensamentos do homem, cãe o panno no fim do segundo acto

«Voltâmos, no terceiro, a casa do traidor Galvão e de sua generosa sobrinha D. Leonor, que estamos quasi certos de ir vêr sacrificar em um matrimonio aborrecido e odioso. D'aqui a duas, tres horas, será salva a patria... e ella, ella que tanto tem chamado, com seus votos, com sua influencia, com tudo quanto pôde e vale, por esse dia de gloria — é muito o que pôde e vale uma conspiradora moça e formosa — ella será condemnada a vêr raiair essa bella aurora nos prantos e na infamia!

«D'aqui, d'esta artificiosa suspensão que o auctor habilmente collocou entre o segundo e terceiro acto, como de *rêmour* á catatrophe, d'aqui, dizemos, o interesse do ultimo acto, que aliás o não poderia excitar, porque todos contamos com o desenlace feliz da *parte politica* do enredo, que de todos é sabida.

«Em casa de Galvão, agora, vemos o partido contrario, gente de Castilla. Está-se aos ultimos brindeg de uma ceia esplendida: d'alli para a capella. Pobre Leonor! — E' inutil resistir, clamar, appellar para a piedade d'aquelles homens sem coração. Vão casal-a... Um recado do paço, que a toda a pressa chama Galvão e os seus amigos ao gabinete de Miguel de Vasconcellos, suspende a cerimonia. Que será? Partem todos tremendo. Leonor tem um momento de respirar. Deixam-lhe por guarda o parasita do primeiro acto — o Barnabé, que está quasi cego e surdo de embriaguez, e que parte não vê, parte não quer vêr o que se passa. Custodio aproveita este momento, para vir confortar a sua querida ama e trazer-lhe salvação. A salvação é o primo, é D. Jeronymo

em pessoa que a vem buscar para casa de sua mãe para a pôr em recato.

«Escapará a pobre Leonor: inda bem!... Mas que arruido é este? vem gente. Tristes de nós! E' o tio que volta. Já não é possível: Leonor está perdida, e D. Jeronymo de Athayde nem sequer poderá morrer combatendo nobremente no meio das ruas de Lisboa pela liberdade da patria. Ah! morrerá assassinado pelos rufões de Ruy Galvão. Já se ouvem rebates de sinos, tiros de mosquetaria «Foge, D. Jeronymo» (lhe brada Custodio que conhece os cantos da casa) foge por aquella escada particular que dá não sei em que bécço, foge e vae com essa espada para onde ha gloria que ganhar.»

«D. Jeronymo, que ouve o signal de revolução, cede do desejo de castigar o traidor que em sua colera de amante alli queria partir de meio a meio, e vae para a grande acção.

«Rui está como tocado do raio. Que é isto? Que audacia a d'esta gente?—Mas a todo o instante agora chegam noticias de toda a parte. Os sinos redobram, o canhão trôa, os brados do povo vão-se approximando. *Viva D. João IV, viva a nossa liberdade!* resôa de toda a parte. Portugal é Portugal outra vez.

«A condessa de Atouguia, Custodio, todos vêm acudindo a celebrar e informar do que vae. Está salva a patria, está salva Leonor. Rui fica como morto; até o parasita Barnabé o vem insultar em sua desgraça, e dar-lhe o coice do asno, enquanto de fóra o povo brada: *Morra o traidor Galvão!*

«Acodem-lhe os generosos vencedores: D. Philippa suspende as iras populares, e D. Jeronymo dá asylo aos vencidos

«Triumphante, cheio de gloria, chega D. Jeronymo, que é para nós, os espectadores do drama, o representante de todos os heroes da restauração. N'esta *concentração* eminentemente dramatica, que nos faz assistir a todo o movimento de uma revolução, sem a vermos, seguramente está o principal merito do drama. Batalhas, revoluções e coisas semelhantes só assim devem vir ao theatro.

«E' felicissimo o pensamento com que a peça conclue. D. Jeronymo, abraçado com sua mãe e com sua esposa, ouve as acclamações do povo que da rua o victoreia e sauda: «Viva D. Jeronymo de Atahide!» dizem elles—«Viva a patria, meus amigos!» lhe responde o mancebo chegando á janella, «viva a liberdade! Viva a casa de Bragança que nos restitue a santa monarchia de Ourique, em que o povo sempre ha de amar os seus reis, porque os seus reis sempre hão de amar a liberdade!»

«Não é facil descrever a explosão de applausos e entusiasticos bravos com que foi acolhido este final do drama; nem seria possível tampouco dizer a parte que o auctor ou os actores da peça poderão tomar d'elles para si. Vibraram todas as cordas sonoras do coração portuguez em confusa melodia; não se extremavam sons. Contentem-se o poeta e os seus artistas de saberem que assim o fizeram: e não é pouca satisfação.

«O drama é, pois, uma verdadeira comedia historica; no pequeno ponto episodico do grande quadro da revolução de 1640, em que o auctor se collocou, faz reflectir toda a acção, todo o movimento d'ella. Mais feliz n'essa parte, seguindo nossa opinião, do que Mr. Lemercier no seu *Pinto*, sem arriscar os grandes caracteres conhecidos da historia, nas feitura da sua imaginação, recopilou todos, e nol-os deu concentrados em typos de grande naturalidade. Nota-se a arte com que nos preparou para fazer de D. Jeronymo de Atahide, que é uma creança, um mancebo capaz de tamanhas empresas. Tem o defeito, *absolutamente falando*, de ser pequena a comedia; apenas são esboçados os caracteres; mas vê-se que foi feita para um *estudo de alumnos*, e não para uma representação de actores consumados. Desenvolvida nos seus cinco actos naturaes, deve ficar muito melhor e mais completa.

«Continúa a ser segredo o nome do auctor. Não ousaremos nós revelal o. Só repetiremos que não é de pessoa estranha ao Conservatorio. Quem quer que é, sabe a lingua, os costumes e os modos da sua terra e da epoca que tratou.

«Não tem *maldições*, nem *infernos*, nem *ferros em braça*, commove sem berros, excita sem gritarias, faz rir sem obscenidades, indigna sem torpeza: *La mère en pe mettra la lecture à sa fille*. N'esta parte não duvidamos dal-a por modelo aos nossos jovens escriptores dramaticos. E' classica esta peça? Não sabemos; tem coisas d'isso. E' romantica? A espaços nos parece ter vehemencia de acção e de dicção que o não cede aos mais atrevidos da escola.

«Quem sabe se o auctor será *ordeiro* entre os dois partidos litterarios? Goethe, que fôra um romantico exaltado, morreu abraçado com a *fê ordeira*: deve de ser boa religião litteraria.

«Da execução pouco diremos. Todos os alumnos, sem excepção, mostraram capacidade e estudo, em grãos diversos porém, e com imperfeições diversas, que todos tinham as suas; nem outra coisa era possível na *mais difficil de todas as artes*.

«Não ha arte mais difficil, tornamos a dizer o, nem a da musica. Os Roscios, os Clai-

rons, os Talmas, as Mars, os Keans, as Sydons, contam-se um a um por meios seculos. Por cada cem artistas distinctos, nas outras artes, apparece um na dramatica, se tanto. Assim como nas mais ricas litteraturas são poucos os auctores dramaticos de primeira ordem, tambem o são os actores. E em Portugal, que não tem ainda um *repertorio* nacional para o seu theatro, é mais difficil ainda o fazer actores. Onde estão os modelos, onde estão os papeis das comedias, das tragedias, dos dramas em que se hajam de fundir *plasticamente* o rosto, os modos, os habitos do actor? Cuidam que o hão de conseguir jámais com traducções, que, por optimas que sejam, sempre terão de ser pessimas, porque as não pensou um portuguez com ideias portuguezas para actores portuguezes, com estylo, côr, naturalidade, tom e sabor que o artista comprehenda bem, e o publico sinta e se veja viver n'ellas?

«Enganam-se. Os actores fórmam os espectadores e os espectadores áquelles: mas não o fazem uns nem outros sem dramas seus de ambos: uma coisa traduzida nunca é sua. Por mais bem lavradas que sejam

as cartas de naturalisação, não nasceu cá; pôde ter a *protecção* das leis civis (por me servir de uma comparação que não é despropositada), os *fóros* *to.tos* *políticos* do theatro, não.

«Como alumnos, pois, e calculadas ainda a êsmo as pasmosas difficuldades que venceram, os da Escola de Declamação do Conservatorio fizeram prodigios, e dão largas esperanças.

«Apollo e suas bemaventuradas irmãs os livrem do máo olhado de exaltada e furiosa bruxa romantica, que, á força de *maldições*, de *infernos*, de *diabos*, de gritarias abominaveis, os façam cahir n'esse monotono psalmejar de blasphemias e improperios que nos vêm cá dizer que é moda em Paris, quando tal não é, quando todo o mundo escarnece o máo gosto da gente bruta que ainda vae ao theatro da *Porte Saint Martin* assistir a esses espectaculos de cannibaes. Vamos nós antes aos touros, que é o mais nobre e mais portuguez passatempo, ainda que não muito civilisado, do que a essas orgias, em que não se sabe qual é mais grosseiramente violada: se a intelligencia ou a moralidade.»

# PHILIPPA DE VILHENA

Comedia Representada, a primeira vez, no theatro do Salitre, pelos alumnos do Conservatorio real de Lisboa, em trinta de Maio de MCCCXL

PESSOAS: Dona Philippa de Vilhena.—Dom Jeronymo de Atahyde.—Dona Leonor.—Rui-Galvão.

—Luiz Corrêa.—Custodio Peres.—Barnabé Fulgencio.

—Frei João de Las Alpujarras.—Dom Francisco Coitinho.—Tabellião.

Das, fidalgos, povo, soldados, pagens e creados. Logar da scena — Lisboa.

## ACTO PRIMEIRO

*Salão antigo com reposteiros, em casa de Rui-Galvão. Duas portas, uma a cada lado da scena, o tra no fundo duas janelas.*

### SCENA I

CUSTODIO só, depois D. JERONYMO

Custodio (*arrumando alguns trastes, e falando por intervallos consigo*)—Boa casa está esta! Já me não serve, não paro aqui muito tempo. Ai casa, casa! quem te conheceu em vida de meu amo! Quem te viu e quem te vê, casa! E quem te viu e quem te vê, reino de Portugal, que tão reino és tu, como isto é casa! Cachórrros de castelhanos! E mais perros estes portuguezes sem vergonha que se lhes venderam, que... (*Batem de vagar á porta de fóra*). Quem bate agora ahí?—(*Falando consigo*) Temos algum sécca! (*Para á porta*) Espere. (*Falando contigo*). Alguem d'estes leva e traz, que aqui andam sempre com mexericos ao tio da menina. Já se sabe: «Fulano disse mal da duqueza. «Beltrano não é affecto ao senhor Miguel de Vasconcellos. Este é traidor por aqui, aquelle é conspirador por acolá...» Oh Senhor, prendam o reino todo de uma vez, que é melhor, e ficam descançados. (*Batem*). Ah! vai: espere. (*Falando consigo*). Por bom não vens tu, que tanta pressa tens. (*Falando junto da porta*) Meu amo... Qual (*A parte*). Qual amo! Minha ama é a senhora dona Leonor, mas vá: (*Alt! outra vez junto da porta*). meu amo está a dormir: ouve? Está descançado, dormindo a séta. A esta hora não fala a ninguém!

D. Jeronymo (*de fóra*)—Bem sei, tanto melhor; por isso mesmo abre, Custodio.

Custodio—Abre, Custodio!—Que é lá isso? (*Abrindo*). Ai os meus peccados! Que vem aqui fazer, senhor D. Jeronymo! Valha-me Deus! Menino, está doido? Onde se vem metter! Não sabe quem mora n'esta casa?

D. Jeronymo—Sei muito bem: a minha rica prima D. Leonor.

Custodio—Pobre Leonor, coitadinha! Essa é a dona da casa, é, é, pobre menina! e de tudo quanto aqui ha, e de mim, e...

D. Jeronymo—He ti que és um bom velho e de mim que sou um bom rapaz, e de...

Custodio—E de tudo, menos da sua liberdade: que aqui quem governa é o tio. E o menino já se esqueceu de quem é o tio?

D. Jeronymo—Não esqueci, não, meu Custodio: é o traidor de Rui Galvão, que vendeu a sua alma ao

diabo, a sua honra a Castella, e quer vender a sobrinha a...

Custodio—Ao excommungado do Luiz Corrêa, sobrinho d'aquelle grande renegado do Miguel de Vasconcellos.

D. Jeronymo—Mas a alma está em boas mãos, e os merca-honras que fiquem logrados.—Agora a sobrinha, a filha de teu amo!...

Custodio—Ai meu santo amo! Aquelle nobre coração de portuguez ás direitas, que estalou de se ver escravo! E dizer que este irmão é irmão d'elle! —Ah senhor D. Jeronymo! Aquillo era um fidalgo. Elle a morrer, e este sujeito cá. Este Judas d'este irmãosinho a fingir que chorava; e eu secco, secco com estes olhos mais mirrados... assim como quem cegou de pasmio... E elle: Custodio, tu não choras? Não tens saudades de mim!—Palavras não eram ditas, que nunca mais lhe ouvi outras, desfechei n'um choro de soluços, que nem eu sei o mais que passou. Mas o irmão prometteu-lhe que havia de ser outro pae para a menina, e ficou por tutor d'ella. Pobre menina! para lhe estragar a casa, como tem feito... E agora, para não dar contas, vai vender a sobrinha aos castelhanos... peor, antes a um castelhano honrado, se é que os ha; pois elle haverá castelhanos honrados, senhor D. Jeronymo?

D. Jeronymo—Lá na sua terra é de fé que sim, muitos e muitos honrados, meu Custodio; aqui na nossa...

Custodio—Aqui na nossa terra são uns ladrões; e mais ladrões os que os ajudam a roubar. Isso é que é falar portuguez direito e que se entende. Sangue de Vilhena e de Atahide! que este não degenera. (*Abracando D. Jeronymo*).

D. Jeronymo—Não, meu amigo, antes se derrame todo no patibulo. Olha, Custodio, eu já não sou creança: não sou, não; sinto que já sou grande, tenho aqui um braço que já póde com a espada de meu avô. E é uma tal espada! Até minha mãe diz que já posso com ella! Vê tu.—Pois, meu Custodio, quero falar á prima. (*Fazendo-lhe meiguices*).

Custodio—Que diz, menino! Vá-se, vá-se embora, que já me fez palrar aqui demais. Se elle accorda, o senhor Rui Galvão, estamos perdidos. Pois a menina! Pobre menina. Fechava-a; e a pá e agual! Não sabe o odio que lhe elle tem; e a sua familia



toda. Para elle, vê um Vilhena ou um Atahide, é vêr o seu castigo. Eu, que por fim de contas, não sou senão o mórdomo d'esta casa, eu mesmo lhe faço sombra e lhe metto medo, porque sou portugez honrado. Tomára-me elle deitar a perder. Vá-se d'aqui, menino, vá-se.

D. Jeronymo (*logrativo e animando-o*)—Para que estás tu com essas cousas? Se tu por fim hasde ir tomar conta n'elle que não acorde, e vigiar emquanto eu falo á prima? Vae fazer a tua sentinella do costume, anda.

Custodio—Hoje não senhor, hoje não vou, hoje não pôde ser: vá-se embora.

D. Jeronymo—Vae dizer á prima, anda.

Custodio—Hoje não senhor. Desde os tumultos de Evora, andam damnados. De todo o tempo, que nos governam os Philippes, não houve tão ruim tempo ainda n'esta pobre terra. Prendem, roubam, matam por um nada. Cá por mim, que me importa? mas a minha rica menina...

## SCENA II

D. JERONYMO, CUSTODIO, D. LEONOR

*Entrado pé ante-pé e risonha*

D. Leonor — A tua rica menina tambem lhe não importa, nem tem medo. Não sabes de quem sou filha? Põe-te de sentinella a esse reposteiro. (*Indica uma porta interior*) avisa em presentundo que acorda meu tio; e não tenhas cuidado. (*Custodio hesita, mas por fim vae resmungando metter-se de traiz do reposteiro.*)

D. Jeronymo—Não te disse eu que por fim havias de ir fazer a sentinella do costume?

Custodio—Deixe-me, menino, deixe-me, que isto ainda hade acabar mal.

D. Jeronymo—Querida prima!

D. Leonor—Primo, esta vida não se pôde soffrer!

D. Jeronymo—Não, Leonor, não se pôde. E eu estou resolvido; mato o Vasconcellos, caso contigo, e acclamámos o nosso rei D. João IV.—Viva o nosso rei D. João IV! Morram os Philippes! Portugal e San'Jorge! Hein! Como se dizia em Aljubarrota. Não é assim Leonor?—E o tio Rui?... Não, mal não lhe havemos de fazer: mandâmol-o governador para Bissau. Hade ser um bom governador do Bissau, o tio Rui! Lá que venda os pretos, se quizer; mas não hade estar aqui a vender os portuguezes... e a vender a minha Leonor ao excommulgado do Miguel de Vasconcellos.

D. Leonor—Vendida, e não sei se já paga, primo.

D. Jeronymo—Paga o quê?—Porque a revolução já, não espero por mais nada. Vae tudo com a fortuna.—(*Gritando, e atirando com o chapéo*) Viva a nossa liberdade: Morram os castelhanos. Mata estes ladrões! E Miguel de Vasconcellos primeiro que todos, que me quer tirar a prima Leonor!

Custodio (*acudindo*)—Jesus, nome de Jesus! Menino, que acorda o senhor Rui.—Estamos perdidos. E Jesus!

D. Leonor, (*rindo, mas querendo falar serio*)—Primo, tenha juizo.—Ahi está o grande conspirador, o grande homem de prudencia. Olhem João Pinto Ribeiro se ouvisse isto, o que diria! Não o tornava a deixar assistir ás conferencias, havia de lhe chamar criança, que é o que o menino é, com todas as suas presumpções de homem grande—Oiga, e tenha juizo. O contracto está feito, meu tio vendeu-me!...

D. Jeronymo, (*interrompendo-a*)—Já não vae para Bissau: Pedras-Negras. . Pedras... outras pedras peiores ainda.—Mas não ha: para as negras. Para as Pedras-Negras: não lhe posso valer.

D. Leonor—Oiga, e tenha juizo.—Venderam-me, e hoje me querem entregar...

D. Jeronymo—Pois antes de hoje, a revolução. Viva!...

D. Leonor—Se diz mais uma palavra, vou-me embora e não lhe digo nada.

D. Jeronymo—Não, prima, não: estou callado, prometto, faço tudo o que a prima mandar.

D. Leonor—Olhe o que diz!

D. Jeronymo—Pela espada de meu avô!...

D. Leonor, (*zombando*)—Com que o menino não pôde.

D. Jeronymo, (*picado*)—Ora prima, essa!... Tanto posso, que...

D. Leonor, (*affagando-a*)—Pois veremos.—Agora vamos vêr se anda é criança, ou se já pôde com a espada de seu avô. Escute. Querem que eu assigne as escripturas esta noite, e que logo sem mais de tença...

D. Jeronymo, (*perdido*)—E então eu heide?...

D. Leonor, (*ameaçando-o*)—Primo!

D. Jeronymo, (*resignando-se*)—Estou callado.

D. Leonor—Eu resisto, não cedo, ainda que me matem.

D. Jeronymo, (*beijando-lhe a mão*)—Querida prima!

D. Leonor—Vamos!—Não cedo. Eu tenho só dezoito annos...

D. Jeronymo, (*com feiz e inveja*)—E eu que ainda não tenho senão dezeseis... Sempre é uma vergonha!

D. Leonor—Tenho só dezoito annos, mas o sangue de meu pae hade supprir a idade. Não cedo, D. Jeronymo. Que me mettam n'um convento... vou com muito gôsto. Que me confisquem a casa... que me importa! Fico pobre...

D. Jeronymo, (*como quem descobriu coisa que o salvara*) E' verdade, façamos esse contracto com elles. O Corrêa que leve a casa, e eu fico com a prima.

D. Leonor—Ahi vae o requinte da tyrannia: querem o sacrificio completo, e corar com apparencias honestas a sua infamia. Mas elles sabem que o nosso amor, que nasceu quasi no berço, que nos braços de meu pae nos ajuntou desde a infancia, que é parte da nossa vida, da nossa fé, que é tudo para nós... elles bem sabem que este amor é o principal obstaculo á execução dos indignos projectos que sobre mim e sobre a casa de meu pae têm feito. Por isso tenho mais cuidados pelo primo do que por mim mesma.

D. Jeronymo—Deixe-os: deixe-os: que venham, eu lhes direi...

D. Leonor—Eu lhes direi o quê? Prendem-n'o, mettem-n'o n'uma torre, mandam-n'o para Madrid.—Não vê o que elles têm feito a outros, não vê o que querem fazer ao duque de Bragança?

D. Jeronymo—Ao duque de Bragança? Pois sim! Se a prima soubesse...

D. Leonor—Sei, sim senhor.—Não hade ir: está resolvido, bem sei; e havemos de apressar a revolução por causa d'isso.

D. Jeronymo—Então sabe?

D. Leonor—Sei tudo?—E sei mais (*Fala-lhe em segredo*)—Vá o menino, vá já, já, dizer a João Pinto Ribeiro que os nossos inimigos ainda estão crentes em que o Duque parte; que estão descuidados e que este é o momento—Vá, vá, não perca tempo.

D. Jeronymo—E o casamento, e a prima?

D. Leonor—Vá. A mim eu me defenderei—E oiga: antes do romper d'alva venha ao jardim; Custodio lhe abrirá a porta... e então lhe direi o mais.

D. Jeronymo—Oh prima, prima do coração, hoje não fica um castelhano vivo.

D. Leonor—Vá-se! E torno-lhe a dizer: tenha juizo. Lembre-se do que me tem promettido, do que prometteu a sua mãe, e do que o espera esta noite.

D. Jeronymo—Esta noite?... Ah! é verdade Oh! é esta noite que minha mãe prometteu de me en-

tregar a espada de meu pae. Adeus, adeus, rica prima! — E olhe, prima, se eu... se eu morrer...  
**D. Leonor (sorrindo)** — Tem medo?  
**D. Jeronymo (picado)** — Medo, eu! Pois para lhe mostrar se tenho medo, só por amor d'isso hei de morrer, hei-de fazer com que me matem. Veremos então o que a prima diz.  
**D. Leonor** — Creança! Venha cá, tenha juizo (*Dá-lhe a mão que elle beija*).  
**Custodio (sahindo d'atraz do reposteiro, assustado)** — Ora, fóra, já, já, que acordou o bucentauro.  
**D. Jeronymo** — O bucentauro é um navio, Custodio querés dizer o Minotauro.  
**Custodio** — Bucentauro ou Minotauro, acordou. Safa, safa!  
**D. Jeronymo** — !rima!  
**D. Leonor** — Adeus! prudencia e firmeza.  
**D. Jeronymo** — Até... até à morte!  
**Custodio** — Para a sua camera, senhora, para a sua camera, que elle ahi vem. Já, já...

### SCENA XIII

#### CUSTODIO, RUI GALVÃO

**Rui Galvão** (*chambre de primavera, <sup>1</sup> barrete de folhos na cabeça, espreguiçando-se*) — *La niña hilava, y el viejo tañía*. ... Estava a bella infanta no seu jardim assentada, e o meu D. Mórdomo contando-lhe historias da carochinha. As lamurias do costume! Cuida que eu não ouvi, senhor Custodio?

**Custodio (aparte)** — Não ouviste, não: aviados estavam se ouvises!

**Rui Galvão** — Cuidam que me embaçam, a mim raposa velha! *Dame la mano, gitana*. Sou seu criado, senhor D. Custodio, e da minha nobre sobrinha, a senhora D. Leonor, que é uma rapariga de esperanças! — Ora, com que estavam aqui, enquanto o pobre velho dormia, a hella pupilla e o fiel escudeiro praguendo o negregado tutor, e carpindo a sua triste vida... Conspirando o seu pouco tambem? Não é assim?

**Custodio (aparte)** — Mal sabes tu que é verdade.

**Rui Galvão** — Diga, homem, diga: eu sou de segredo... e patriota deverás. Hade levar a breca estes castelhanos, que hão de vir os levantados de Evora por alli fóra e talvez el-rei D. Sebastião da sua ilha encantada — E o senhor D. Philippe nosso senhor (*tira o barrete*) rei de todas as Hespanhas, e de todas as Indias, e de meia Allemannha, e de meia Italia, e de Sicilia, e de Jerusalem. — E... tudo isso vae como pó do gato, porque quatro pobretões de quatro fidalgos portuguezes, com meia duzia de taberneiros, juraram um dia á noite, que havia de voltar el-rei D. Sebastião, ou não sei que outro rei tão real e verdadeiro como elle... Forte miseria!

**Custodio** — Na miseria estamos nós, senhor, isso é verdade; só nos falta ser herejes, como os de Flandres, que menos são que nós, e não soffreram tanto. (*A parte*) Chucha!

**Rui Galvão** — Ah! tu queres ser hereje, Custodio? Bonito!

**Custodio** — Deus me defende! senhor! Mas Deus nosso Senhor, que foi pelos herejes flamengos, bern podia ser por estes pobres catholicos portuguezes.

**Rui Galvão** — Ta, ta, ta. Já nós lá vamos! A coisa está mais...

**Custodio** — Está. que se nos governassem bem, senhor, ninguém pensava em taes coisas. senhor Rui Galvão. Mas estas vexames, estas violencias!... Vossa senhoria bem sabe que eu, que

sou criado fiel d'esta casa, que nasci dentro d'estas paredes, que aqui me passou a mocidade e aqui me colheu a velhice, tenho cá minhas idéas que não são como as de vossa senhoria. Mas primeiro que tudo está a lealdade a meu amo. Vossa senhoria não faz bem: este governo castelhano opprime muito o povo, e o povo portuguez tem muitas saudades dos seus reis. Isto é que é a verdade; não há cá outros conspiradores. Quem conspira é o partido que nos vexa, em havendo justiça em quem manda, já ha obediencia em quem serve. Isto de tudo para um e nada para o outro, este fazer escravos uns e senhores outros, é que não pôde ser.

**Rui Galvão** — Bravo, bravo, meu Custodio! Estás um estadista completo; hei de te arranjar votos para procurar em côrtes: na primeira occasião hasde ir pelo braço... dos catturas. Sempre és muito pateta! Pois tu não vês o poder d'el rei D. Philippe nosso senhor, que em elle dando um aceno, cobre-se este cantinho de terra chamado Portugal, de mais homens armados do que cáem gafanhotos nos campos de Andaluzia? Deixa-os falar, deixa-os andar. Está alli a força para uns, e as torres para os outros. E então! Deixa-os ir, mais fica para nos. Conspirem, conspirem, meus amigos, que é o que nós queremos, nós os leaes, que chupamos como tães. E viva o senhor D. Philippe! Grande soberano, munificentissimo, prestantissimo, omnipotentissimo! Dá cá aquella pasta — (*Custodio faz o que lhe manda: Rui tira um papel grande, e lê*) «Tal, tal, tal... (*Com solemnidade*) E' a minha real vontade que para logo sejam recebidos por palavras de presente, havendo por «desobrigado o dito tutor de dar mais contas de «sua tutela, que havemos por boa e fiel, como de «seus leaes sentimentos é notorio. Dado em Madrid «tal tal, tal, tal. Yo el Rey.» (*Beija o papel e o põe na cabeça*). Sereis obedecido, real senhor. Vossa Magestade é senhor, e manda. Custodio hoje temos sarau em casa... Sarau! Não. São quatro amigos dos bons, dos verdadeiros — Parentes, nada: isso é tudo dos taes... Fr. João de las Alpujarras, esse que entre logo; Luiz Corrêa já se sabe, o irmão do senhor Secretario, gente da minha. Percebes? Agora Vthenas, Atahydes, esses parentes degenerados...

**Custodio (aparte)** — Degenerados, por que ficaram portuguezes?

**Rui Galvão** — D'isso nada; já não são meus parentes: renego-os á face do céu e da terra.

**Custodio (aparte)** — De Christo renegarás tu se te pagarem, pérrão!

**Rui Galvão** — Não os conheço: ouviste? (*Batem á porta*) Oh, ahi batem; vê se é algum dos nossos.

**Custodio (vê ver e vol á)** — E' aquelle homem de... o senhor Barnabé Fulgencio... (*sorrindo*) aquelle que merenda sempre seja a que fora fóra.

**Rui Galvão** — Diz-lhe que não estou em casa. (*Depois de reflectir*) E d'ahi; espera: não digas. Elle é muito de casa dos Villhenas... quero saber o que por lá dizem d'estas cousas, e de... — Que entre.

**Custodio (aparte)** — Póde entrar.

### SCENA IV

#### BARNABÉ, RUI GALVÃO, CUSTODIO

**Rui Galvão** — Ora entre cá, senhor Barnabé. Então como vae isso hoje?

**Barnabé** — Vive-se, vive-se, meu senhor. E' tudo quanto a gente pôde fazer, e custa. Tempos muito apertados, muito apertados! Se houvesse uma duzia de fidalgos como vossa senhoria, em Lisboa, outro gallo me cantaria. Mas não ha, não ha. Hoje

<sup>1</sup> Est-fo antigo de se la do ramagens, com este nome.

depois da missa em S. Roque, chocolate com o padre perfeito dos Estudos... e nada mais em todo o dia! Só umas empaditas em casa de D. António ao Rocio, e uma ou outra bagatela pelo dia adiante... mas cousa de pouco luzimento...

Rui Galvão—Custodio, a merenda para o senhor Barnabé.

Barnabé—Oh, meu fidalgo, por quem é...

Rui Galvão—D'aquelles paços revolucionarios do Alemtejo, azeitonas leaes de Sevilha, e uma boa garrafa de... do que te parece: portuguez ou castelhano, o *espírito* é o mesmo em toda a península iberica... ah, ah, ah! (*Custodio sac.*)

## SCENA V

BARNABÉ, RUI GALVÃO

Barnabé—Sempre galante, sempre o mesmo chiste, meu senhor! Eu dizia hontem na academia dos *Taciturnos falantes*...

Rui Galvão—Taciturnos falantes! D'essa academia não sabia eu.

Barnabé—E' uma nova; começou hontem na cella do padre mestre Aranha, em S. Domingos. Disse-ram-se coisas divinas, sonetos, d'um conceito, romances d'um pico! logo lhe repetirei o que fez Manuel Telles a um Cupido de coquilho: é a coisa mais galante! Havemos de encovar os *Genorosos* e os *Singulares*, todas as outras academias.

## SCENA VI

RUI GALVÃO, BARNABÉ, CUSTODIO (*voltando e mais dois creados com a merenda que dispõem num bufete*)

Barnabé (*pon'ô-se á mesa, e começando a comer*)—Mas hontem, dizia eu na nossa academia: «O fidalgo mais singular em ditos galantes é Rui Galvão». Perdôe, que assim se diz na ausencia.

Rui Galvão—Oh senhor Barnabé, essa é boa! não faça cerimonia.

Barnabé—Eu cerimonia, meu fidalgo! Detesto-a, abomino-a, conspurco-a. E' uma expressão latina de Fr. Manuel Garrido que muito me agrada: conspurco-a! não lhe parece?—A' sua saúde meu fidalgo! (*Bebe*)

Rui Galvão—Viva, senhor Barnabé!

Barnabé—Oh senhor Custodio, faz-me favor de aquelle prato. Tenho uma gana damnada hoje. E' que andei, andei!... Muito bom está este paio, estas azeitonas! Com isto me mate Deus! mas a tal oh podrida...

Rui Galvão—E' um prato muito da casa dos Vilhenas, heim!

Barnabé—Ao contrario! E' coisa de que não gostam. Isso de cozinha hespanhola para elles...

Rui Galvão—Bem sei.

Barnabé—Pois não têm razão aquelles senhores: ha cousas admiraveis na cozinha castelhana, desde o refrigerante gaspacho até... A' sua saúde, meu fidalgo! (*Bebe*)

Rui Galvão—Viva, senhor Barnabé! Com que então os Vilhenas, heim! guizados de Castella nada?... E o mesmo são os Almadas, e todos esses amigos por ahí com quem vossa mercê anda, senhor Barnabé.

Barnabé—Eu, meu senhor! Eu andar com elles! Nada. Elles é que andam conmigo.—Quem? Barnabé—Fulgencio andar com gente que!... O que eu disse inda agora da ohla podrida foi brincadeira. A ohla podrida! Eu adoro a ohla podrida. E' a mais perfeita, a mais sublime de todas as preparações culinarias. O que ha na antiga ou na moderna cozinha que se lhe compare? Falar-me-hão nas

cebollas do Egypto, no caldo negro dos Lacedemonios, nos rabanos assados de Fabricio ou no fricassé de linguas de Lucullo! Desprezo todas essas banalidades, e sustento que a ohla podrida é o manjar real dos deuses, a verdadeira ambrosia de que fala Homero!... Assim como... assim como este Carcavellos é o proprio Falerno de Xenophote. (*Bebe*)

Rui Galvão—De Xenophonte!

Barnabé—De Xenophonte ou de Horacio: tambem agora não farei d'isso uma questão academica. Mas é de qualquer d'esses grandes homens—que os grandes homens todos gostam muito bem da pinga.

Rui Galvão—Tem razão, senhor Barnabé, e faça-lhe justiça ao meu Falerno, não o poupe. Ora diga-me: e que dizem por lá d'estas cousas?... lá por casa dos Vilhenas... como tomam esta ida do Duque?

Barnabé—Pois o Duque vae?

Rui Galvão—Vae: não havia de ir!

Barnabé—Ah! o Duque vae? (*A parte*) Então estão elles perdidos. (*Alto*) Eu sempre lh'o disse

Rui Galvão—O que disse o senhor Barnabé!

Barnabé—Que não podia deixar de ser, que o senhor Duque de Bragança havia de ir para Madrid, que cá a menina por fim havia de casar com o irmão do senhor Secretario, e que D. Jeronymo não era senão uma criança. Não é verdade, Custodio, que ainda hontem lh'o disse a elle mesmo na sua cara, aqui, n'este casa?

Rui Galvão—N'esta casa! Como assim, Custodio? Custodio—Senhor?

Rui Galvão—Que quer isto dizer? Pois D. Jeronymo atreveu-se a pôr os pés aqui? Fomos traidores dentro d'estas paredes, Custodio?

Custodio—Se os ha, não sou eu, senhor.

Rui Galvão—E quem senão tu, indigno, quem?—Barnabé! senhor Barnabé Fulgencio!...

Barnabé—Que manda, meu senhor?

Rui Galvão—Aqui, n'esta, casa, hontem viu vossa mercê a D. Jeronymo de Atahyde, o filho de D. Philippa?

Barnabé—Aqui?... Eu parece-me... talvez me eu enganasse...

Rui Galvão—Fale a verdade ou n'este momento o faço caminhar para uma torre, como traidor. Fale: viu aqui D. Jeronymo? Estava com a minha sobrinha? Diga ou...

Barnabé—Eu, senhor, eu... eu creio que o vi...

Rui Galvão—Aqui?

Barnabé—Aqui... foi não posso negal-o já'gora. Mas peço-lhe que...

Rui Galvão—Basta. Custodio, agradeça á memoria de meu irmão e á consideração que ainda quero ter com esses cabellos brancos não lhe dar outro castigo. Dentro de uma hora fóra de minha casa. Custodio—Esta casa, senhor Rui Galvão, é de minha ama, e...

Rui Galvão—E n'esta casa governo eu, e el-rei nosso senhor n'esta terra, senhor Custodio. Dentro de uma hora, tenho dito. Esta noite minha sobrinha hade ficar casada.

## SCENA VII

CUSTODIO, BARNABÉ

Custodio—Estamos-lhe muito obrigados, senhor Barnabé, minha ama e eu.

Barnabé—Oh Custodio, meu Custodio, um lapso fatal: *lapsus linguae*! Valha-me Deus! Mas Rui Galvão é um homem terrivel! Jesus, que fui eu dizer! —Orém, Custodio meu, quem vos manda a vós, sendo *custos pectus*?... —Olhae, eu não sei o que digo...

Custodio—Não sabe, não; por isso nos deitou a perder.

Barnabé—A perder! Oh ingrato Custodio! Salvei-os. Salvei D. Leonor, salvei-te a ti proprio, desgraçado Custodio Os Atahydes estão em terra, elles, e toda a sua adherencia. O Duque parte para Madrid, a cousa não se faz, e portanto, é bem claro que...

Custodio—A cousa... (A parte) Ai meus peccados, porque bocas anda isto já! (Alto) A cousa! O quê... o casamento?

Barnabé—Não, esse faz-se e deve se fazer; não ouvisse! A outra cousa... aquella... (Com ar mysterioso) E ainda bem que se não faz! Os castelhanos têm muita força, e el-rei D. Philippe é adorador... Ora isso! O melhor dos principes, (delicias patrias.) O nosso Tito, o nosso Vespasiano!—Meu Custodio, é ter paciencia, e deixar ir o mundo por onde elle quer ir. Eu vou-me preparar para voltar logo a vinda desta noite. E deixae estar: eu valho algu-

ma coisa com Rui-Galvão; o negocio hade se compor, e ainda! haveis ficar mórdoimo. Hein, senhor Custodio! A pechincha era boa, custava a largar. Pois não a haveis de largar; fica por minha conta

## SCENA VIII

CUSTODIO, e logo LEONOR

Custodio—Bobo miseravel, infame egoista! Aqui está a que se reduziram os portuguezes, em que se tornou essa gente tam nobre, tam valente!—Vamost! Veremos esta noite. Póde ser... E a minha rica menina! vou avisala do que se passa.

Leonor, (sahindo)—Já sei tudo. Vae ter com D. Jeronymo, dize-lhe o. E dize-lhe que não receie, que eu estou resolvida a morrer portugueza e livre. Va:

## ACTO SEGUNDO

*Sala antiga em casa de D. Philippa de Vilhena.—As paredes são adornadas de retratos grandes em corpo inteiro de guerreiros, donas, bispos, frades. A um lado um docel com um bufete coberto, e uma cadeira de espadar, como é stylo nas casas dos grandes do reino. Debaixo do docel fende uma grande moldura dourada, que em vez de painel tem um panno preto.—No fundo uma larga porta fechada, ou aberta com tapeçarias.*

### SCENA I

D. Philippa, só, trabalhando na sua almofada de renda.—E meus filhos, que não chegam! E' tam tarde!... Jesus! faria eu bein em consentir n'isto? Tam crianças, tam sem experiencia. Jeronymo! Ai, Jeronymo principalmente... E' mais velho, mas aquella cabeça... Meu Deus, que muito custa... (Ouve-se dentro ruido) Que é?... Ah, são elles. Meus ricos filhos! (Corre para o lado da porta da entrada.)

### SCENA II

D. JERONYMO, D. PHILLIPPA

D. Jeronymo, apressurado.—Minha mãe!  
D. Philippa—Meu filho, meu filho, que é?... Qu'ê de teu irmão?  
D. Jeronymo—Está bom. Tudo optimo, tudo vae bem. Socegue. Mas eu... Minha mãe, oiça...  
D. Philippa—Teu irmão aonde está, onde o deixaste? E tu porque vens tam tarde? Filho, não sabes a impaciencia em que eu vivo?... Dize-me...  
D. Jeronymo—Meu irmão ficou em casa de Antonio Telles com Fr. Luiz da Cunha, com os Almadas, com toda aquella gente. Ah! vem já. Eu vim adiante, porque...  
D. Philippa—Que tens tu? Estás tam inquieto... tam sobresaltado? Tu enganas-me. Jeronymo; alguma coisa succedeu. Dize a verdade. Descobriram-nos? Prenderam alguns dos nossos? Houve traição? Dize, dize a verdade; quero antes saber a verdade do que isto...  
D. Jeronymo—A verdade, minha mãe, é que tudo vae bem, ás mil maravilhas. Estamos certos, certos de acabar esta noite com os castelhanos, e com o Vasconcellos, o mais maldito e esconjurado d'elles todos... Dou-lhe a minha palavra, socegue. Agora! alli em casa dos Almadas se acabou de vêr e decidir tudo. Está tudo, tudo prompto. João Pinto Ribeiro fez uma falla, oh! que falla. Minha mãe, elle não é hidalgo, mas sempre é um homem!  
D. Philippa—Fidalguia ou nobreza não está no sangue, meu filho, está na creação, está nos sentimentos d'alma. O que está no sangue é a obrigação de ser nobre. Quando se diz de um homem, de uma fa-

milia que é muito nobre, muito illustre, quer dizer: que tem obrigação de o ser. E tanto maior é a obrigação, quanto é mais honrada a fama d'aquelles de quem vimos.

D. Jeronymo—Assim diz o João Pinto; e o outro dia saltou com aquelle pateta do D. Abbade, e disse-lhe—que foi bonita palavra!—«Tem razão, senhor D. Abbade; a minha nobreza é o menos antiga que é possível: começa justamente agora em mim quando acabou em vossa senhoria.»

D. Philippa—Assim é, filho. Mas não se desavanhem elles com essas coisas.

D. Jeronymo—Nada, nada, não tem perigo

D. Philippa—E da ida de Vasconcellos a Setubal, que di'em?...

D. Jeronymo—Elle foi... foi para mandar vir tropas do Alemtejo. Mas não chega a tempo.

D. Philippa—E o Duque?

D. Jeronymo—O Duque fingiu que se punha a caminhar para Madrid, e que queria obedecer ao chamamento d'el-rei Philippe; mas não parte e está d'accordo.—Não ha duvida, minha mãe. Olhe: Jorge de Mello, Estevam da Cunha, Antonio de Mello e Castro são bastantes, com a sua gente, para segurar as tropas castelhanas; Miguel de Almeida, a guarda allemã do paço...

D. Philippa—E então é?...

D. Jeronymo—Esta madrugada;—ao romper d'alva tudo ha de estar acabado.

D. Philippa—Oh meu Deus!

D. Jeronymo—Cada um de nós tem os seus logares assignalados. Oh! que dia, que dia amanhã, minha querida mãe!

D. Philippa—Ai meu filho! mas que noite esta! Deute te a benção, meu filho... (Abraçam-se; D. Philippa esconde algumas lagrimas involuntarias que lhe arrazam os olhos).

D. Jeronymo—Minha mãe...

D. Philippa—Meu filho...

D. Jeronymo—Se eu...

D. Philippa—Se tu quês, filho!

D. Jeronymo—Se eu não chegasse a vêr... o nosso triumpho...

D. Philippa—Tambem eu o não vejo... (Com resignação—e com lagrimas na voz). Bem do coração vos offereço, filhos... no altar da patria: mas



FILIPPA DE VILHENA

— É a espada de teu pae, meu filho!...

PAG. 668

Acto II — Scene VI.



se ha um que caia no sacrificio... não lhe sobre-vivo eu... não, não de certo...

D. Jeronymo—Não diga tal, minha mãe. Mas se fôr eu, se Deus tiver disposto da minha vida... Oh mãe, bem sabe o que eu cá deixo... Minha prima Leonor...

D. Philippa (*com ternura e como quem dá a sua pa-tayra*)—Hade ser minha filha... sim... sim... Não taíemos n'isso.

D. Jeronymo—Falemos antes, minha mãe. Sabe o perigo em que ella está? sabe que mau paiante que é o tio, o tutor, que é um tyranno, que tem jurado perdê-la...

D. Philippa—Sci, mas não hade ser assim, filho. Deus hade permittir que vençamos, e que tu vivas. Oh! eu tenho confiança, tenho fê, meu filho...

Pensemos só n'isto e ânimo!—Eu vou cuidar do que aqui é mais necessario. São horas. Não podem tardar os nossos amigos... Não é assim?

D. Jeronymo—Háode estar a chegar.

D. Philippa—Bem. Oh lá! (*Bate as palmas, e entram criados*.) Accendam as luzes todas... na capella tambem. Já venho, meu filho.

### SCENA III

#### D. JERONYMO, CRIADOS

D. Jeronymo—Minha querida mãe!

Criado, (*entrando com luzes*)—Senhor D. Jeronymo, um criado, que não quiz dizer o seu nome (mas é cara conhecida) que lhe quer falar com muita pres-sa...

D. Jeronymo—Eu vou.

### SCENA IV

#### CUSTODIO, D. JERONYMO E DITOS

Custodio (*entrando*)—Vou entrando, não ha tempo a perder. Senhor D. Jeronymo...

D. Jeronymo—Custodio, tu aqui! que é, que novidade?... que succedeu?—Retirem-se. (*Aos criados, que se vão*.)

Custodio—Despediu-me o senhor Rui-Galvão, expul-sou-me de casa.

D. Jeronymo—Tens esta: fica, enquanto eu viver ou minha mãe...

Custodio—D'isso estou eu certo. Oh sim!—Mas não é isso.

D. Jeronymo—Então que é?

Custodio—A minha rica menina, sua prima D. Leonor...

D. Jeronymo—Que é? dize.

Custodio—Esta noite, a querem...

D. Jeronymo—A querem o quê?... Esta noite... (*Sorrindo*.) háode elles...

Custodio—Háode casá-la por força—Já lá está pa-dre... Padre! Eu sei cá, algum scismatico! Um maldito excommungado d'um frade castelhanol... E padre, e capella prompta, e o noivo não tadará.—E esta noite a casam, oh, sem remedio... po-bre menina!

D. Jeronymo (*perturbado*)—Casam-n'a esta noite, dizes tu?... sim, sim... com quem?

Custodio—Com quem hade ser! Com o irmão do Vasconcellos: pois então?...

D. Jeronymo (*inquieta*)—Maldito (*Passa a pensativo; e depois com resolução*) Custodio, tu tens amor, tens amizade como de pae, a minha prima: não é assim?

Custodio—Trouxe-a n'estes braços, menino!

D. Jeronymo—Sabes que nos amámos desde o ber-ço, que seu pae, teu amo, nos destinou um para o outro, que ella é já como minha mulher deante de Deus, que, por nos ver ambos crianças o infame

do tio zombou de nós, e para seus vis interesses me quer roubar a mim a esposa, e vender a sobri-nha aos renegados a quem já vendeu a alma?

Custodio—Tudo assim é. Mas que lhe havemos de nós fazer agora.

D. Jeronymo—Havemos de salvar-a.

Custodio—Como, quando, se esta noite,—d'aqui, eu sei!... d'aqui a tres, quatro horas, estará casada?

D. Jeronymo—D'aqui a tres horas?

Custodio—Para o romper da manhan é que estão dadas as ordens todas. Não sei se tardará tanto. Isto são...

D. Jeronymo (*indo ao bastidor*)—São tres horas da noite n'aquelle relogio. Amanhece ás...

Custodio—A's cinco e meia é quasi dia, d'aqui a duas, tres horas o mais tardar.

D. Jeronymo—Antes d'isso. D'aqui a uma hora, hei-de eu... Vae para casa.

Custodio—Para que casa, senhor?

D. Jeronymo—Para casa de Leonor. Dize-lhe que...

Custodio—O quê, senhor!... Não lhe disse?...

D. Jeronymo—E' verdade, que te despediram. Bem sei. Não importa. Os outros criados conhecem-te, e têm-te respeito. Vae, introduze-te em casa, e abri-me-has a porta do jardim. D'aqui a uma hora lá estou.

Custodio, (*offendido*)—Menino!...

D. Jeronymo—Não ha outro modo. E' alli defronte: eu n'um instante me avio d'aqui, e estou lá... ás quatro.

Custodio—Lá aonde, senhor? Entrar em casa occul-tamente de noite! Pôr em risco a honra de sua prima, difamá-la!...

D. Jeronymo—Olha, Custodio, eu sou uma criança, mas adivinha-me o coração que Deus me deu, que em lances apertados, como este, não se attende a essas coisas. Só eu a posso salvar, só tu me podes ajudar. Vae, se lhe tens amor, se te lembras de teu amo e do que prometeste, vae, vae já. E se não...

Custodio—Vou, senhor, tem razão. Mas...

D. Jeronymo—Ouve. (*Fala-lhe ao ouvido*) E então agora, ainda tens escrupulos?

Custodio (*doude de alegria*)—Nenhum—Esta noite, ao mesmo tempo?

D. Jeronymo (*com enthusiasmo*)—Sim. Ambas ao mesmo tempo, a esposa e a patria.

Custodio (*cachindo de joelhos*)—Quero beijar estes pés! Deixe-me.

D. Jeronymo (*levantando-o*)—Um abraço do cora-ção, aqui, no meu peito. (*Abraçando-o*) Meu Custodio!

Custodio—Senhor D. Jeronymo!

D. Jeronymo—Adeus.—Vae-te. (*Vae-se Custodio, depois de olhar muitas vezes com enthusiasmo e ternura para D. Jeronymo.*)

### SCENA V

#### D. JERONYMO (*só, pensativo alguns instantes*)

Oh! meu Deus, meu Deus, a tua mão esta sobre nós! Como eu cresci, como me achei homem de repen-te! Hontem era uma criança, hoje muito em mim, sinto n'este corpo, n'esta alma como um sér novo e de homem feito as grandes coisas, e capaz d'ellas. E' um milagre teu, oh meu Deus! são as orações de minha mãe. O espirito de meu pae desceu do céu e veio unir-se ao meu, trazer-lhe toda a força e virtude que faleciam n'uma criança chamada pela divina providencia a tomar parte em tamanhas acções. Oh! que havemos de vencer! Quem não vencerá com tal auxilio—Minha Leonor, minha mãe, como as eu hei-de abraçar! E eu a dizer: «Então Jeronymo é uma criança! hein! Não pôde com a espada do pae?» Oh! meu Deus!—Ah! elles ahi vêm todos... minha mãe, e todos elles!...

## SCENA VI

D. FRANCISCO *que vem abraçar a D. JERONYMO.*  
D. PHILIPPA, DAMAS, CAVALHEIROS, CIDA-  
DÃOS e HOMENS DO POVO, PAGENS, etc.—  
*Correm-se as cortinas do fundo, vê-se um altar com  
luzes. Sobre o altar espadas, a um lado peças d'ar-  
madura, etc.*

D. Philippa—Meus amigos e meus parentes, eu sou  
uma pobre viuva a quem Deus privou de toda a  
força e amparo n'este mundo. E sou mãe, e tenho  
estes filhos, tam tenros ainda, que proteger; e a  
memória e o nome de meu marido que honrar. Mas  
Deus, que me deixou a fé para crêr, e a esperança  
para confiar n'elle, que me deixou este coração  
de mulher portugueza aqui no peito, não me hade  
faltar com outro amparo e fortaleza que não é  
d'este mundo, e vale mais, e pôde mais. Não se  
dirá que uma Vilhena faltou aos encargos de honra  
que lhe impunha o nome dos Atahydes a quem  
está ligada, e que a prematura morte de seu mari-  
do lhe deixou sobre os hombros. A patria precisa,  
de todos. Sacrifiquemos todos, tudo. Eu dou mais  
do que ninguém. Aqui estão os meus filhos. Não  
tenho mais nada... *(Levanta-se e toma os filhos  
pela mão)*—Meus filhos! *(Abraça-os)* ajoelhae. Aqui  
estão no altar de Deus e da Patria... victimas in-  
nocentes e puras! Aceitae-as, meu Deus!... e  
dae-nos a victoria!... Vão banhadas com algumas  
lágrimas, que se não podem conter no coração...  
Perdoae-m'as, Senhor. Sou mãe, e estes são os  
meus filhos... *(Pega na espada que está sobre o  
altar, e volta-se para o ajuntamento)* Senhores, é  
uma espada na mão de uma mulher que mal pôde  
com ella. Mas amparem-me estes retratos que me  
estão vendo; e aquella Cruz, d'onde nos está aben-  
çoando o auctor de toda a força, o dispensador de  
todo o poder, minha o braço e o coração da fraca  
mulher.—Ajoelhae, meus filhos. Vossos avós foram  
armados cavalleiros nos campos de batalha por  
braços de reis, com as espadas de grandes capitães.  
Vós, criancinhas, *(tremendo-lhe a voz com choro)* e  
vossa mãe que ainda hontem vos acalentava, vossa  
mãe que lhe treme o braço, que lhe rebenta o  
chôro dos olhos, que aqui está sustida d'uma força

sobrenatural que ella mesma não comprehende...  
Arma-vos vossa mãe, filhos, e sereis tam bons ca-  
valleiros como os que vos precederam, porque eu  
tenho fé, *(com força)* porque chamo por Deus em  
cujo nome vos dou estas armas, e vos digo—D. Je-  
ronymo d'Atahyde, D. Francisco Coutinho, em no-  
me de Deus e de vossos avós, eu vos armo caval-  
leiros. Tomae esta espada, e não vos sirvaeis d'ella  
senão para defender a religião, a patria, a liberda-  
de do povo e os vossos legitimos reis. *(Da-lhes  
com a espada no hombro: os pagens lhes calçam as  
espadas, e D. Philippa lhes cinge depois as espa-  
das. A mãe abraça-os, dizendo com lagrimas na  
voz)* Abraçae-me, meus filhos.

D. Jeronymo—E' esta espada!...

D. Philippa—E' a espada de teu pae, meu filho!...

Mal podes com ella ainda. *(Revendo-se no filho)*

D. Jeronymo *(com o maior entusiasmo)*—A espada  
de meu pae!... Posso. *(Brandando-a)* Vêde se  
posso. Deus bem sabe que eu sou o mais velho dos  
Atahydes, que era preciso dar-me força mais cedo.  
—Tyrannos da minha patria tremem!—Meus ami-  
gos, a victoria hade ser nossa. Oh minha mãe, se  
eu voltar, heide vir digno d'esta espada.

D. Philippa—Não faças caso das minhas lagrimas,  
filhos.—Vencei, vencei, e se a vossa gloria não for  
d'este mundo, oh! ir-nos hemos abraçar no céu!

D. Jeronymo e D. Francisco, tomando-se dos braços, e com as es-  
padas na mão, vêm ajoelhar-se deante de D. Philippa, a quem  
beijam sollemnemente a mão. Levantam-se, ficam no meio da  
scena sempre abraçados e alçando as espadas.

D. Jeronymo—Meu irmão, já somos homens. Minha  
mãe, a nossa infancia acabou: esta hora valeu por  
muitos annos de vida. Amigos, estas duas crianças  
a quem despiram quasi as mantilhas para lhes ves-  
tir a armadura, os dois filhos de D. Philippa de Vi-  
lhena hão de ficar na historia de Portugal em me-  
moria e exemplo ás edades futuras. Nós o jurámos:  
oh! por vós minha mãe, por vós retratos de nos-  
sos antepassados que nos estaes vendo, por esta  
espada de meus avós, por essa Cruz do Salvador,  
vivos ou mortos, os filhos de D. Philippa de Vilhe-  
na hão de triumphar.—Ao romper d'alva, meus  
amigos! ao romper d'alva. Esta aurora traz liber-  
dade, vamos enconral a.

Todos—Vamos.

## ACTO TERCEIRO

A mesma vista do primeiro acto

## SCENA I

*Ning'um na ante-scena: pouca luz. Por uma porta,  
que está aberta, se vê uma mesa de banquete ricamente  
cristallada e allumiada: sentados à roda RUI  
GALVÃO, D. LEONOR, FREI JOÃO, BARNABÉ,  
LUIZ-CORREIA, e os convidados em alegre con-  
versação: o TABELLIÃO.*

Barnabé *(dentro)*.—A' saude dos preclarissimos es-  
posos e do illustre tutor — e da tutella e mais da  
curatella!... E viva el-rei nosso senhor... el-rei  
D. Philippe ou el-rei D. João? Porque não hão de  
viver ambos? O mundo é para todos! Paz e con-  
cordia entre os principes christãos. *(Todos no pro-  
scenio.)*

Rui-Galvão—Levem d'aqui esse homem, que está  
indecente, está embriagado...

*(Levantam-se todos: os creados querem levar Barna-  
bé, que resiste)*

Barnabé—Estou perfeitamente bom. Deixem-me...

Rui-Galvão—Vamos a este acto solemne.

Barnabé—E augusto.

Rui-Galvão—Cale-se, ou faço-o pôr no meio da rua.  
Luiz-Corrêa *(a meia voz)*—E' melhor atural o aqui  
do que deixal-o ir p'ra a rua no estado em que  
elle está. Do modo que anda o povo, hasta a voz  
de um louco, de um homem embriagado como  
esse, para fazer uma desordem.

Rui-Galvão—Senhor tabellião, vamos ás escripturas.  
Tabellião *(pegando em papeis, e folheando)*—Ja to-  
dos ouviram e approvaram; só falta a senhora  
D. Leonor, a quem vou dar conhecimento do acto...

Dona Leonor—Ha de estar perfeito, não preciso

ver...

Tabellião—Então assigna?...

Dona Leonor—Não.

Rui Galvão—Leonor.

Luiz Corrêa—Senhora!

Dona Leonor—Cortada tenha eu a mão com que tal  
assignar.

Rui Galvão—Quer assigne quer não, Leonor. O se-



nhor Luiz-Corrêa já assignou as contas da tutela, que por ordem superior estão approvadas e correntes. Não me importa que assigne a escriptura. A capella está prompta, as testemunhas aqui estão. Fr. Juanito, los nobios estan impacientes Vamos! *(Quer dar a mão a Leonor; todos se encaminham para os acompanhar.)*

Dona Leonor — Deixe-me, meu tio. Já lhe declarei que não consentia n'este casamento; á face de todos estes senhores que me ouvem, na presença de um que se diz ministro do altar, protesto solemnemente que não quero, que não posso, que não hei de consentir nunca em semelhante consorcio.

Barnabé *(aparte)* — Chucha! Que tal é a menina!

Rui Galvão — Minha querida sobrinha, o seu consentimento era uma formalidade agradável que nós desejavamos dar a este acto; mas enganase-se cuida que é essencial e indispensavel para elle. As ordens de Sua Magestade suprem todos os defeitos canonicos. — Não é assim, padre Fr. João? — E a minha auctoridade de tutor basta para o mais. — Meus senhores, para a capella. Leonor, a sua mão.

Dona Leonor — Meu tio, meu tio, repare bem na infamia que quer fazer! Reflicta bem na vilania d'esse procedimento! Não sabe que... infelizmente, meu tio!... o meu sangue é o seu, e a sua familia a minha? E com a sombra, com o phantasma de uma cerimonia bem de casamento, que é nullo, nullo, porque eu não consinto, não hei de consentir nunca — quer entregar sua sobrinha, a filha de seu irmão, á deshonra, á infamia, porque eu não quero ser, não hei de ser jámais a mulher do senhor Luiz-Corrêa. . . E meu tio quer? . . . Senhores, e vós todos, que aqui estaes presentes a este acto de vergonha e de opprobrio — vós consentireis que assim se violente, assim se deshonre uma donzella nobre e honesta? Lendes ahi espadas á cinta, sois cavalheiros, presumis de fidalgos, e não vos correis do vil papel de rufiões que estaes fazendo? Muito é o poder da tyrannia, que assim acobardou e envileceu o generoso animo dos portuguezes!

*(Ha um rumor entre os convidados, como de quem se consulta e hesita)*

Rui Galvão — Ora, pois, minha sobrinha é uma Donzella Theodora de discrição. Cauteila, meus amigos, que nos não hallucinem esses discursos tam bem falados! Parece que não ha que responder áquillo. . . Não é assim. . . *(Signal de assentimento em quasi todos: Rui-Galvão continúa, arrastando as palavras.)* Vejamos: tenho aqui um certo pergaminho que me chegou hontem de Madrid. . . *(Signal de temor e submissão em todos)* e que é assignado *(Faç uma reverencia)* Yo el Rey. Ora creio que este pergaminho. . .

## SCENA II

DITOS e UM CRIADO, *entrando apressurado*

Criado — Senhor, senhor. . . um porteiro d'acavallo, que chega do paço, e vem a toda a pressa. . .

Rui-Galvão — O quê? . . . O que é? . . . Que traz?

Criado — Vem avisar a vossa senhoria, e ao senhor Luiz Corrêa, e a todos os senhores, que sem mais detença corram logo, logo ao gabinete do senhor Secretario . . .

Rui-Galvão — Que será. . . Meu Deus!

Luiz Corrêa — Partamos!

Todos — Vamos! *(Vão-se todos.)*

## SCENA III

DONA LEONOR, e depois RUI-GALVÃO, *que volta*

Dona Leonor *(áparte)* — Santo Deus, se estará descoberta al. . .

Rui-Galvão — Leonor, dá-me a sua palavra? . . .

Dona Leonor — Nenhuma palavra.

Rui-Galvão — De que emquanto não volto, não hade. . .

Dona Leonor — Não hei de o quê? . . .

Rui-Galvão — Fazer coisa alguma. . . que. . . que. . . que lhe fique mal?

Dona Leonor — Precisa da minha palavra para isso?

Faz-me vergonha de veras, meu tio.

Rui Galvão — Não é que eu duvide. . .

Dona Leonor — Vá, senhor, vá e agradeça a Deus que lhe dê tempo para reflectir na sua cegueira. Vá, e. . . *(Como quem lhe sobreveiu uma ideia repentina, que a entenece.)* Meu tio, olhe o que faz. . . não se acabe de perder. . .

Rui-Galvão — Que queres tu dizer, que significam essas palavras ditas de um modo? . . .

Dona Leonor *(aparte)* — Meu Deus! não posso, não devo dizer-lh'o. . . *(Alto)* Adeus, meu tio!

## SCENA IV

RUI-GALVÃO, BARNABÉ e DONA LEONOR

Rui-Galvão — Adeus! . . . Que mysterio ha aqui. . . Barnabé?

Barnabé *(sahindo de dentro)* — Meu fidalgo. . .

Rui-Galvão — Oiça. *(Fala-lhe ao ouvido.)*

Barnabé — Vá descansado, que aqui fica um homem.

Rui-Galvão — Entendo!

Barnabé — Cinco sentidos!

## SCENA V

BARNABÉ, DONA LEONOR

Barnabé — Cinco sentidos são elles. O primeiro é vêr, que não vejo senão candeias ás avessas. O segundo é ouvir, que tenho uma zoadá n'estes ouvidos, como se me estivessem a emborcar um tonel de batoque destapado aqui pelas orlhas abaixo. Cheirar, cheirar é — pois não é o terceiro? — cheirar-me tudo a. . . poh, poh! a camoezas do termo. O quarto. . . o quarto é apalpar; e eu apalpo, apalpo. . . bojos de garraão. . . collos de. . . neados collos de garça de botelhas. . . Pois está dito; não estou lá muito forte nos primeiros quatro. Mas o quinto, isso então. . . o quinto é gostar. . . oh, se gosto! *(Mascando)* gosto. . . *(Vae buscar uma garrafa á mesa.)* Está apurado o gostar, tam apurado, que é mesmo. . . Senhora D. Leonor. . . viva vossa, vossa exce. . . excellencia; é a Excelente Senhora mesmo ao proprio, que assim andou casa não casa, e por fim não casou nem teve casa, que é o que me parece que hade succeder a vossa. . . A' sua saude, minha senhora!

Dona Leonor *(olhando para elle com despreço)* — E' o guarda que me deixaram! Felizmente.

## SCENA VI

DONA LEONOR, BARNABÉ, CUSTODIO

*Entrando embuçado e devagar*

Custodio — Sahiram todos. . . ficou só este ridiculo. Inda bem! Senhora D. Leonor. . .

Dona Leonor *(sobresaltada)* — Quem é? Afaste-se. Não estou só. Barnabé. . . miseravel glutão! . . . levante-se. Não vê? . . .

Barnabé — Vejo, vejo tudo, mas faço que não vejo: póde continuar. Marotos de castelhanos! Pois que pensavam? Sou patriota, sim, senhor. . . Viva, viva. . . quem vencer!

Custodio — Menina, deixe-o, deixe-o n'esse lethargo em que por fortuna o pozeram.

Dona Leonor — Ai, és tu, Custodio? Inda bem! . .

Como entraste, e a que vens?... Oh! acode-me, leva-me d'aqui; seja para onde fôr... Leva-me d'aqui, por alma de meu pae, Custodio! Oh, e di-ze-me: D. Jeronymo, D. Jeronymo, que é feito d'elle? Sabes que vieram agora chamar meu tio do paço a toda a pressa, e a todos os que aqui estavam, para me violentar ao infame casamento? Foram-se neste instante, deixaram-me respirar. Mas em que terrores fiquei! Não foi senão mudar a causa do susto; e não sei se é maior este. Descobririam elles... saberiam? Ah, meu Deus!...

Custodio—Não sabem nada. Deus vêla sobre nós.

Dona Leonor—Mas que chamamento seria este?

Custodio—Estão desconfiados, e com medo: mas não sabem de quê. Têm determinado prender muita gente logo de manhan; e o chamamento é para concertar os modos e distribuir as ordens. Mas a manhan hade nascer com outra côr diferente, se Deus quizer.

Dona Leonor.—E D. Jeronymo, meu primo, sabe o aperto em que eu estou? E poderá valer-me a tempo?

Custodio—Vamos a vêr (*Abre uma porta ao lado e entra D. Jeronymo*).

### SCENA VII

DOM JERNYMO (*armado*), DONA LEONOR,  
CUSTODIO, BARNABÉ

Dom Jeronymo—Querida prima!

Dona Leonor—Primo, primo! (*Abraçam-se*.)

Barnabé—Que é lá isso! Vão-se-me dobrando os vultos... Por modo que já vejo tres. E oiço também não sei quantos. Bem dizia eu: cinco sentidos, não pôde ser; só de vêr e ouvir, tenho eu mais da conta. Pois adeus! é que a erraram os pades da Companhia, que foi quem me ensinou a doutrina christan. Não me importa cá com isso.

Dom Jeronymo—Vamos! vem, vem commigo, Leonor; já, não percamos um instante; vem!

Dona Leonor—Que diz? Vamos!... Para onde? Eu fugir de minha casa, da casa de meu pae!

Dom Jeronymo—Não é a casa de teu pae, emquanto a devassarem traidores e ruífes. Já não tens pae, nem casa, Leonor. Tens só mãe, que é a minha, a minha querida mãe, que será d'ora em diante a tua. Vem.

Dona Leonor—Meu Deus, que lance este!

Dom Jeronymo—Se hesitas mais um momento estas perdida. Não tardam que não voltem, e...

Custodio—Parece-me que já os sinto.

Dona Leonor—Tambem tu, Custodiol... tambem tu me aconselhas?

Custodio—E porque não, menina? E' sua tia, sua virtuosa tia; e esta casa é um covil de...

Dona Leonor—Tens razão. Mas para quando é a grande empreza?

Dom Jeronymo—D'aqui a minutos. Talvez não falte meia hora. Vamos!

Dona Leonor—E se Deus não abençoar as nossas armas, se os traidores vencerem, já previste, Jeronymo, o que este passo vai trazer sobre ti, sobre a tua familia? Oh, que me aterra esta ideia! Se elles vencerem, a casa onde me eu refugiei, tua mãe que me deu asylo...

Dom Jeronymo—Leonor, Leonor! minha mãe está disposta e resolvida a tudo. Minha pobre mãe, que teve animo para sacrificar seus filhos, que por sua mão nos armou ainda agora, e nos mandou a vencer ou a morrer... que lhe importa minha mãe com mais esse comprometimento! Oh!... se nós succumbirmos, Leonor, que importará?... Mas não havemos de succumbir... Deus é por nós, tudo por nós. Vamos, Leonor... Vou-te entregar a

minha mãe, e corro a unir-me aos meus camaradas. Os instantes fogem, vamos!

Dom Leonor—E assim. Tambem eu tenho fé: Deus está connosco; vamos, D. Jeronymo.

Barnabé—Vamos, D. Jeronymo! Isso agora já é sério. Alto lá! d'aqui ninguém passa.

(*Levanta-se com uma garrafa na mão, que brande como se fôra uma espada.*)

Dom Jeronymo—Arreda, sevandija.

(*Dá-lhe com o pé; cae Barnabé, que se agarra ás pernas de D. Jeronymo, o qual se esforça pelo sacudir de si. Ouve-se n'isto ruido de gente que entra.*)

Custodio—Estamos perdidos.

Dona Leonor—Os creados talvez, que despertaram!

Custodio—Dos creados estou eu seguro; todos nos ajudam. Mas este arruido é de...

Dona Leonor—São os passos de meu tio. Salva-te, D. Jeronymo.

### SCENA VIII

DITOS, RUI-GALVÃO, e logo mais gente que o acompanha

Rui-Galvão, (*com a espada na mão*)—Vil seductor, morre!

Custodio, (*atravessando-se no meio e segurando-lhe o braço*)—Salve-se, D. Jeronymo; fuja.

Dona Leonor—Foje.

Dom Jeronymo (*desembainhando a espada*)—Fugir de quê? A mim, traidor; a mim, infame renegado!

Dona Leonor (*mettendo-se em meio*)—Meu tio, meu primo, por Deus! Primo, fuja...

Custodio—Senhor! (*Ouvm-se os sinos tocar de repente a rebate.*—*Custodio continua.*) Senhor D. Jeronymo, pela sua honra, pelo seu nome, por sua mãe, senhor, saia d'aqui, vá com essa espada para onde ha gloria que ganhar com ella... vá, por Deus, vá!

D. Jeronymo—Tens razão, vou.—Prima, adeus! Senhor Rui-Galvão, até já... Leonor, Leonor!...

Custodio—Por aquella porta, por alli... A escada particular, a porta que dá para o becco está aberta. Corra!

### SCENA IX

RUI-GALVÃO, CUSTODIO, BARNABÉ, etc

Rui-Galvão—Será sonho isto? Custodio aqui!... Leonor, esta é a sua palavra!—Onde foi aquelle atrevido criançola? Que significa esta traição toda?... E estes sinos! (*Ouve-se tocar a rebate.*)

D. Leonor—Significa... meu Deus! (*Ouvm-se tiros de espingarda.*) Quer dizer,—meu tio, meu tio, caia em si!... quer dizer que Portugal é Portugal outra vez, que acabou o reinado da tyrannia.

Rui-Galvão—Ah!... desgraçados!... (*A alguns soldados que entram*) Pndam esta gente á ordem de Sua Alteza, a Duqueza Regente, pndam estes traidores!... Miseraveis conspiradores que assim...

### SCENA X

LUIZ CORRÊA e DITOS; POVO, de fôra

Luiz Corrêa—Está tudo perdido: fuja, ponha-se a salvo. O paço foi assaltado pelos conjurados. D. Miguel d'Almeida,—o traidor! chegou á janella com a espada n'uma mão, e a bandeira de Portugal na outra, gritando: «Viva o duque de Bragança!»

Barnabé, (*levantando a voz*)—Viva o duque de Bragança!

Criados, (*acudindo*)—Viva o duque de Bragança!

Rui-Galvão—Vil canalha!

Luiz Corrêa—Vil canalha será... é... mas assim lhe respondeu o povo todo...

Povo, (*de fóra*)—Viva o duque de Bragança, viva a nossa liberdade, viva o senhor D. João quarto!

Luiz-Corrêa—Ouve? Fugamos. O povo anda alevantado, esta casa hade ser das primeiras assaltadas Fugamos!

Rui-Galvão—E o castello? (*Ouve-se uma salva de artilheria.*)

D. Leonor—Elle que lhe responde, meu tio, com as suas vozes de alegria.

Rui-Galvão, (*desanimado de todo*)—Estamos perdidos

Povo, (*de fóra*)—Morreu, morreu! Viva, viva!

D. Leonor, (*chegando á janella*)—Meu Deus, quem seria! Quem morreu, quem morreu, meus amigos?

Um do Povo—O traidor mór, Miguel de Vasconcellos, o secretario!

D. Leonor—Quem o matou?

Um do povo—Matou o quem o devia matar, nós todos.

O povo—Nós todos! Viva! Matámo-lo nós. Viva!

Rui-Galvão—Não ha dúvida, estamos perdidos.

D. Leonor (*da janella*)—Dos nossos quem morreu?

Um do povo—Sois castelhanos ou portuguezes?

Outro do povo—E' a sobrinha do Galvão, de Rui-Galvão.

Povo—Morra o traidor! morra Rui Galvão!

D. Leonor—Sou filha de Pedro Gutierrez, sou a esposa de D. Jeronymo de Atahyde!

Povo—Viva D. Jeronymo de Atahyde.

Um do povo—Que é dos nossos... e um fidalgo portuguez ás direitas!

Povo—Vivam os Athaides, vivam os Vilhenas, vivam os portuguezes leaes! Morram os traidores!

## SCENA XI

DITOS, D. PHILIPPA e DOM JERONYMO,  
*de fóra*

Dona Philippa—Minha sobrinha, minha filha.. abracêmo-nos, filha!

Povo (*de fóra*)—Morram os traidores!

Dona Philippa (*indo á janella*)—Aqui não ha traidores.. só se fôr eu. Eu, Dona Philippa de Vilhena, que por minha mão armei os meus filhos para os mandar morrer por vós.

Povo—Viva Dona Philippa de Vilhenal

Um do povo—Viva Dom Jeronimo de Athahyde.

Povo—Viva!

Dom Jeronymo (*de fóra*)—Viva a patria, meus amigos, viva o duque de Bragança, viva o nosso rei

Dom João IV, viva a nossa liberdade! Leonor, Leonor! Minha mãe!

Dona Leonor (*abraçando-se com Dona Philippa e falando da janella*)—Oh, minha mãe! E' elle, está vivo, está vivo! Não posso resistir a esta alegria. (*Entra e senta-se.*)

## SCENA XII

DITOS e DOM JERONYMO *entrando, seguido de cavalheiros e homens armados*

Dom Jeronymo—Minha mãe, minha querida mãe! (*Cae de joelhos deante da mãe, beijando-lhe a mão.*)

Dona Philippa (*depois de o abraçar e beijar, toma a mão de Dona Leonor e lh'a dá a beijar*)—E esta mão não se beija, Dom Jeronymo?

Dom Jeronymo—Oh, minha mãe! Oh, Leonor!

Barnabé, *que apparece armado de uma farruncha velha, põe-se de sentinella a Rui-Galvão e faz continencia a Dom Jeronymo*—Meu capitão, meu general, meu mestre de campo! que ordenaes destes prisioneiros?

Rui-Galvão—Faltava este derradeiro coice do asno!

Dom Jeronymo—Arreda-te, sevandija. Aqui está o patriotismo e o valor de tanta gente que eu conheço... Depois do perigo... é isto que se vê.—Meus senhores. os inimigos acabaram—estão vencidos. Descançae, em minha casa tereis asylo seguro emquanto o povo alvorotado não pôde comprehendêr que a generosidade depois da victoria é a maior prova da justiça da causa que venceu. Mas o povo portuguez é naturalmente generoso e leal; na febre do seu enthusiasmo, podem illudil-os os falsos adúladores que para seus fins o excitam, mas o delirio não dura. Resignae-vos, e obededei á vontade da nação, que é a de Deus, porque é justa e é forte.

Povo (*de fóra*)—Viva Dom João IV! Viva a nossa liberdade!

Dom Jeronymo—Minha mãe! Minha Leonor! Senhores. ouvis estes bravos? Vêdes como andam juntos na bocca e no coração dos portuguezes o amor do seu rei e da sua liberdade? não se encontra um sem o outro, um se augmenta com o outro. Meus amigos, viva a casa de Bragança que nos traz os nossos reis naturaes, e que nos restitue a santa monarchia de Ourique, em que o povo sempre ha de amar os seus reis, porque os seus reis hão de amar a liberdade. E senão...

Todos—Senão, não.

Dom Jeronymo—Senão, não. Viva a casa de Bragança! Viva a nossa liberdade!

Todos—Viva!



## O ALFAGEME DE SANTAREM

Quiz-se pintar n'este quadro a face da sociedade em um dos grandes cataclysmos por que ella tem passado em Portugal. O pintor isolou-se de todo o sentimento e sympathia — paixões politicas, não as tem — para vêr e representar, como elles foram, são e hão de sempre ser, os dois grandes elementos sociaes, o popular e o aristocratico. Tomou para primeira luz do quadro as principaes figuras da interessante anecdota da espada de Nun'Alvares Pereira e da prophesia do alfageme de Santarem, tão sinceramente contada n'aquelle ingenuo estylo patriarchal da primeira *Chronica do Condestabre*, d'onde passou depois para os historiadores e poetas que a repetiram.

O fundo e accessorios do quadro têm o mesmo caracter de desenho e de côres.

Em Fernão Vaz, o alfageme, e na sua gente, Gil Serrão, Braz Fogaça, etc., estão os populares com todos os sabidos defeitos e com todas as inquestionaveis virtudes da classe. Nun'Alvares Pereira é o bello-ideal da nobreza. Mendo Paes o typo de seu abastardeamento. No ultimo está a prosa torpe

das revoluções, nos outros a poesia d'ellas.

Froilão-Dias é o homem sincero do passado, e o ministro da paz e da verdade, porque é verdadeiro ministro de Deus. Risonha com os pequenos, austera com os grandes, a sua voz clama sempre no deserto; — que não ha deserto mais surdo, nem mais cego tambem, do que a tumultuaria praça da revolta.

O amor é essencial parte do drama, porque o drama é a vida, e o amor a essencial parte da vida. Em Alda está o amor puro, e estrême de vaidade, muito menos raro na mulher que no homem, mas sempre raro. Em D. Guiomar o commum dos amores vulgares, cuja base de composição é a vaidade, e que segundo o temperamento ou o acaso deixam de preponderar mais ou menos o instincto sensual, assim se chamam depois criminosos ou virtuosos na estúpida e falsa linguagem do mundo convencional.

Delineou-se este drama em meados de 1839, e effectivamente se compoz agora.

Bemfica, 1.º de Outubro de 1841.

## O ALFAGEME DE SANTAREM

## DRAMA

PESSOAS: O Alfageme (Fernão-Vaz). — Nun'Alvares Pereira. — Froilão-Dias. — Alda. — Mendo-Paes — D. Guiomar. — O Alcaide. — Joanna. — Seraphina. — Côro das donzellas do Alfageme — Gil Serrão. — Braz Fogaça. — Côro dos serralheiros do Alfageme. — Povo Damas e Cavalheiros de Santarem, Cavalheiros, pagens e homens d'armas de Nun'Alvares, aguaizis do Alcaide  
Logar da scena — A Ribeira de Santarem. — 1383-1385

## ACTO PRIMEIRO

*É no subúrbio de Santarem, dito A Ribeira. A' esquerda uma casa antiga, apalaçada, com vestígios de grandeza senhorial, mas muito arruinada, com escada exterior de pedra, descoberta e praticavel, e collocada de modo que os actores, quando descem, ficam com a face para o espectador. No alto da escada, patim com parapeto, e coberto com uma parreira. — A' direita uma casa abarracada mas vasta e bem reparada, em que estão os armazéns e serrallharias do Alfageme, cujas forjas accesas e trabalhando são visiveis para o espectador; a porte mais posterior da casa é mais antiga e ocanhada, com só duas janellinhas agudas e porta no meio. No fundo Marvilla cu parte alta de Santarem. — Em baixo corre o Tejo. — Da esquerda vem a estrada de Lisboa pela direita se sobe para Santarem. — No meio da scena, entre as duas casas alguma arvore. — E' de inverno. — A mesma vista em todos os actos.*

## SCENA I

ALDA e GUIOMAR *no patim, encostadas ao parapeto; o ALFAGEME ás portadas de sua casa.*  
CÔRO DE SERRALHEIROS e DONZELLAS *do Alfageme, dentro.*

Ao levantar do panno, continúa a introdução na orchestra acompanhando o tinar das bigornas e o assoprar das forjas.

Alfageme *(dando a ultima demão a uma espada, canta stylo de romance popular antigo)*

Já lá vem o sol na serra,  
Já lá vem o claro dia,  
Einda o Conde de Allemanha  
Com a... *(tosse)* hum, hum, hum!... dormia.

A trova diz: Allemanha;  
Eu digo: Gallegaria...  
Onde chegou Portugal  
Mais a sua bisarria!

Côro

Onde chegou Portugal  
Mais a sua bisarria!

Alfageme —

Mangas da minha camisa.  
Não n'as chegue eu a romper,  
Se em vindo...  
Se em chegando o nosso infante,  
Não ha aqui muito que vêr!

Côro

Deus nos traga o nosso infante  
Que tem muito que fazer!

Alfageme *(falando)*—Muito que ver e muito que fazer! Ha como nunca houve, Gallegos, Castelhanos, scismatcos apossados de tudo... Estrangeiros senhores do reino... do reino e da rainha! E para nós, tributos não faltam.—Veremos, veremos, que isto não está para muito, e não tarda o dia de juizo. *(Canta)*

Quem não deve, não deve, não teme:  
Espadas e lanças faz o Alfageme.

Côro

Quem não deve, não deve, não teme;  
Espadas e lanças faz o Alfageme

Alfageme—E vamos a ellas, rapazes; fazer bem espadas, bem lanças, bem hachas, azevans e partazanas, que hão de ser muito feiradas, e cedo. Anno de safra para o alfagemes, meus amigos. Do modo que isto anda revoltol!—E' trabalhar, rapazes.

Alda *(áparte para Guiomar)*—Tambem m'o adivinha o coração, que cedo havemos de ter grandes alterações n'esta terra. Quanto ha que el-rei falleceu, senhora D. Guiomar?

Guiomar—El-rei D. Fernando? Haverá... Estamos a 8 de dezembro. Elle morreu a 22 de outubro—é pouco mais de um mez. E já como esta gente anda solta e revoltol!—A rainha D. Leonor por boccos do povo d'este modo! Não ha villão ruim que se lhe não atreva.—Ahi! Ah! quem poderá...

Alda—E' villania. Uma mulher, uma senhora—rainha que ella não fosse—andarem-lhe com a vida por trovas e motetes! E Deus sabe quantos aleives, quantos falsos testemunhos por ahí não andam... *(O Alfageme entra para a sua casa.)*

## SCENA II

ALDA, GUIOMAR

Guiomar—Lá issol... Aquellas amizades com o conde Andeiro não ha negal-as; e muito mal lhe fazem a ella e a todos nós que seguimos seu partido Mas emfim ella é a regente do reino, que lh'o deixou el-rei no seu testamento e o reino é de sua filha.

Alda—N'essas coisas me não metto eu, que não entendo...—Vamos para baixo que está a manhã tam bonita. Mas afflige-me ouvir diffamar uma pobre mulher, talvez innocente. *(Vão descendo e falando, e ficam em baixo)*. Ha de ser innocente.—E vêr andar revolvendo o povo com estes aborrecidos cantares... E este nosso visinho que me parecia homem serio e de outros pensamentos ajudando tambem... Não o esperava d'elle. Dizei-

lhe alguma coisa, senhora; fazei-lhe vergonha com isso, que vos ha de attender de certo; é homem que foi criado em vossa casa... que vos deve tanto...

**Guiomar**—Aonde isso vae!—Aqui foi nado e criado certamente; aqui o teve meu pae como a filho, que por tal lhe queria; e com meu irmão se criou, que é seu collação, e ao trato e usos de cavalleiro se acostumou. Ninguém teve mais altos espiritos. Mas des que Deus levou meu pae, começou a enfiar-se da vida que levava e a dizer que não era para cavalleiro quem cavalleiro não nascera; que seu pae fôra alfageme, e elle alfageme havia de ser; que mais queria fazer armas para senhores e vender-lh'as como mercador, do que vender-se elle a si, para lh'as deixarem tratar como escudeiro e em dependencia de senhores;—que era pobre e queria ser rico, para não comer o pão de ninguém, mas o seu. E um dito d'elle de todos os dias era que - villão por villão, antes em sua casa, que na de seu sogro não.

**Alda**—Nobres espiritos tem.—Que pena!

**Guiomar**—Pena de quê? A sua fortuna foi essa teima em que persistiu. Foi-se ás forjas e ferramentas do pae, deixou todo o uso e trato de cavalleiro, começou a trabalhar por seu officio, e tanto lidou, que entrou a ganhar freguezia e credito, e hoje é o mais perfeito, e tambem o mais rico alfageme de Portugal.

**Alda**—Inda assim!

**Guiomar**—Vês aquellas casarias todas, com tanta forja a trabalhar, tanta gente occupada, tantos armazens cheios de armas de toda a sorte e valia?—Pois tudo isso tem elle feito. A casita do pae era só aquillo que se vê lá no canto, no fim, com a portinha baixa e duas janellas estreitas, que o filho não quiz mudar, nem pôr á feição do resto da casa, por honra e memoria do pae, diz elle.—E' um homem muito fôra do trilha dos outros; faz soberba e vaidade do que a mais gente se envergonha.

**Alda**—Já o vejo com outros olhos. Parecia-me de um trato tam...

**Guiomar**—Grosseiro... não?—E' fingido. Diz elle que para viver com os da sua equalha assim precisa. Não sei. Mas quando elle queria, não tinha a côrte d'el-rei D. Fernando mais guapo cavalleiro; nem se assenta, nas almofadas do estrado da rainha D. Leonor, dama a quem seu galanteio não agradasse e desvanecesse.

**Alda**—Maravilhas me contaes do alfageme. Cuidei que lhe querieis mal: nunca lhe faleas, e elle apenas vos saúda de longe.

**Guiomar** (*estremecendo e corando*)—Eu! ...—Elle d'antes vinha aqui mais vezes. Mas... é um homem muito ás vessas dos outros; já te disse.—Desde que meu irmão... a nossa casa entrou a cahir de fortuna...

**Alda**—Por isso foge de vós?...—E tam brioso o dizeis!

**Guiomar**—Como não conheço outro.—Meu irmão que está em Lisboa, como sabes, em requerimento de serviços de nosso pae ha tantos annos, tem consumido, sem fructo, na dependencia da côrte o pouco resto de fazenda que nosso pae não perdêra no serviço d'el rei... que assim o tem pago a seus filhosi!... Entrou a valer-se d'elle meu irmão... hoje devemos-lhe muito, uma quantia que nem eu sei. De protegido passou a protector. É se ainda moramos n'esta casa e lhe chamamos nossa, é mercê do alfageme, Alda. Teu tio, quando para aqui veio para Santarem, que teu padrinho D. Alvaro lhe deu esta capellania de Santa Iria, por nos ajudar veio morar connosco. As rendas d'essa pobre capellania (abencoadas são ellas que para tanto chegam!) são quasi o unico rendimento

de que hoje se sustenta esta casa, que já teve tanto e tanto deu. Tu estás aqui ha poucas semanas, cuidavas talvez...

**Alda**—Não cuida nada senão em vos servir, em vos agradecer de todo o meu coração, o amparo que achei n'esta casa quando, por morte de meu senhor D. Alvaro Gonçalves, o meu santo padrinho que está em gloria, fiquei tam sósinha, tam sem abrigo.

**Guiomar**—Pois que? Da Flôr-da-Rosa, d'aquella casa tam bemfazeja e tam rica, verdadeira casa de Hóspitaes, te lançariam os filhos do Prior? Pedro Alvares Pereira, que é hoje o prior, em vez de seu pae, e todos elles, que são cavalleiros de tanto nome e de tam principal nobreza, te haviam de abandonar?

**Alda**—N'aquella casa em que nasci, morreria contente e satisfeita de minha situação humilde, alli passaria toda a vida sem desejar mais nem mais pretender, se... se... mas como havia de eu ficar n'uma familia de mancebos, gentis homens, e que o mais velho não tem trinta annos? Não os terá Pedro Alvares, o prior, não.

**Guiomar**—O mais moço é D. Nuno: não é? que idade tem?

**Alda**—Dois annos mais que eu.—Bem vêdes que não podia ficar n'aquella casa. Em quanto viveu o santo Prior,—eu era criada em casa, filha do seu môrdomo, ninguém reparava em que vivesse alli entre os bons cavalleiros do Hospital uma pobre orphã a quem o mesmo D. Alvaro Gonçalves tratava por filha, e todos os seus filhos, todos os seus cavalleiros por irmã; mas depois que elle morreu, era outra coisa; senão fosseis vós e meu tio ficava se n'abrigo—a triste orphã desvalida e dependente...

**Guiomar**—Dependente, filha! de quem? Já te confessei, com toda a sinceridade, que aqui não ha senão as paredes velhas d'esta casa, a que ainda chamamos nossa por mercê de Fernão Vaz o alfageme, de quem já tudo é, Alda; de quem e dos seus populares em breve será tudo quanto era da gente nobre d'esta terra, que elles crescem e nós minguamos. Toda a riqueza vae passando a mãos de villões...

**Alda**—Se elles trabalham tanto...

**Guiomar**—E nós ficaremos a pedir.—Meu irmão custa-lhe a dever estas obrigações... péza-lhe estar em divida com um homem que já foi seu dependente.—Elle percebe-o, foge de o vexar, e por isso aqui não vem.—Eis ahi está.

**Alda**—Honrado homem!

**Guiomar**—Bem o podes dizer.

### SCENA III

ALDA, GUIOMAR, ALFAGEME

*Côro de donzellas do Alfageme, dentro.*

**Alfageme** (*chegando á porta da sua casa vem cantando*):

Quem não deve... não deve...

(Vê-as, pára de cantar e tira o barrete com muito respeito)

Deus vos salve, senhoras. (*Guiomar corteja com a cabeça.*)

**Alda**—Bons dias, visinho.—Muito occupado estaes hoje.

**Alfageme**—Hoje e sempre: é o meu officio, é a minha vida, é o para que vim a este mundo—para trabalhar. Já que é sina, quero cumpril-a alegremente.

**Alda**—Bem alegre, que tanto cantaes.

**Alfageme**—Cantar!... Musica de alfageme, solfa de ferro: é acompanhar o tinir da bigorna. Que hade a gente fazer?

**Alda**—Bem me agrada a musica e a toada; é singela e de folgar.—As letras que hoje cantastes é que...

**Alfageme**—As letras! Nem eu sei o que foi: algum romance velho que ja se não usará de cantar por sarões de senhores—cousas cá da gente do povo; é o que nós sabemos.

**Alda**—Quereis que vos diga o que tenho no coração?

**Alfageme**—Para que.—Bem o sei.

**Alda**—Como sabeis?

**Alfageme**—Assim o não soubera!

**Côro, (dentro)**

Só se for o Conde Alarcos,  
E esse tem mulher e filha!

**Outras vozes**

Ai rico pae da minha alma,  
Esse é o que eu queria!

**Alda** (*perturba-se e côra, disfarçando e encaminha-se para a escada*)—E' um descante continuo n'esta visinhança... Não se pôde.

**Alfageme** (*em acção de voltar para dentro*).—Já as farei callar...

**Alda** (*com enfado e subindo a escada*)—Para que? Que me importa!—Mas valha-me Deus! meu tio sem chegar! Vou vêr se...

**Alfageme**—Ahi vem elle descendo aquella encosta: não tardará aqui cinco minutos. Então não me dizeis o que tendes no coração?

**Alda** (*do meio da escada*)—Se o sabeis...

**Alfageme**—Dizei embora.

**Alda**—Outra vez será.—Meu pobre tio! Como elle ha de vir tolhido com tanto frio que fazl vou tratar de ter tudo prompto para o seu jantar (*Entra para casa; Guiomar a segue, mas fica no meio da escada.*)

## SCENA IV

**GUIOMAR, do meio da escada; ALFAGEME de baixo**

**Guiomar**—Fernando?

**Alfageme**—Senhora D. Guiomar.

**Guiomar**—Sempre me haveis de falar assim?

**Alfageme**—Trato-vos como quem sois, com o respeito que vos devo.

**Guiomar**—Já me não deveis senão respeito?

**Alfageme**—Tudo quanto sou vos devo, e a vossa pae, senhora, e á vossa familia, d'isso me não esqueço um instante.

**Guiomar**—D'antes, Fernando, eram outras dividas as que vos pesavam mais no coração.

**Alfageme**—D'antes era outro tempo, senhora.—Aquelle Fernão Vaz que se atrevia a levantar os olhos para... para onde não devia, aquelle pobre escudero que tam mal cabido andava entre senhores tam altos e damas tam esquivas, morreu:—nem memoria d'esse louco deve ficar.—Vós, que tanta vez vos esqueciéis d'elle em vida... para que vos lembra agora que está defuncto?—D'esse não sei nem eu já: agora só conheço o alfageme.

**Guiomar**—Se tam esquecido quereis estar do que fostes e da creação que tivestes—e tanta gala fazeis do trato grosseiro em que só vos daes por feliz, como vos deixaes tomar assim do amor de uma donzella que, se não é nobre, como tal foi creada e viveu sempre—rica só em prendas e donaires de senhora, feita para dama, e como tal havida e tratada—sempre em uma das mais nobres e mais po-

derosas familias do reino, que ainda hoje a protege e tem por sua?—Alda é...

**Alfageme**—Alda é tudo o que dizeis, e muito mais ainda: é um anjo, um anjo de innocencia, de singeleza e bondade... Foi creada, como dizeis no meio d'essas tentações da grandeza—e da vaidade; mas não a desvaíram. Alda é do povo como eu; o meu amor não pôde envergonhal-a. Quem me ha de impedir de a amar, de ser feliz em amal-a, de esperar, de procurar que ella accete o meu amor? Um amor sem paixão para que dure—sem remorsos para que nunca amargue—Quem m'o hade impedir?...

**Guiomar**—Quem?—Se eu me quizera vingar de vós e d'ella com uma palavra podia.

**Alfageme**—Dizei-a por vossa vida.

**Guiomar**—Merecei-o.

**Alfageme**—Dae-me o que mereço.

**Guiomar**—Não quero.

**Alfageme**—Porquê?

**Guiomar**—Porque ainda não é tempo. (*Sobe e entra.*)

## SCENA V

**Alfageme, só.**—Esta mulher é má.—Agora conheço que nunca a amei, nem ella a mim.—E' má e vaidosa: queria-me para escravo de seus caprichos, detesta-me porque eu o não quiz ser.—Quer-se vingar... de quê? .. se foi ella a que... me desprezou, que antes quiz a vergonha de... do que degradar-se a ser a mulher de um homem do povo... Não me accusa a consciencia: adeus!—Oh! mas ahi vem o santo velho do nosso capellão. Isto é que é um honrado clérigo. A sua virtude alegre que não pesa, que chama a gente. (*Falando para dentro das officinas*) Raparigas, ahi vem o nosso padre Froilão.—Morrem por elle todas.—Elle ahi vem de dizer a sua missa, e de rezar o officio da manhã. Coitado, como elle vem cansado! Estamos em dezembro, e o sol queima como de verão. Mas já elle vem a rir. E' sempre aquella santa paz, aquella alegria do céu.

## SCENA VI

**ALFAGEME, FROILÃO DIAS, JOANNA, SERAPHINA e côro de donzellas do Alfageme, que siem correndo de dentro das officinas ao encontro do padre.**

**Côro**

(Musica simples imitando um estylo popular portuguez)

**Padre capellão,**

Casae-me, meu padre, pela vossa mão,  
Que eu já não tenho nem pae nem irmão,  
E quero casar-me, padre capellão.

**Froilão arredando-as**—Casae-me, casae-me, padre capellão! Não ha mais senão casae-me, casae-me. E' com que ellas sonham Raparigada!—Então que queres tu, Joanna? um noivo?—Hade-se achar um noivo. E tu, Seraphina? O mesmo, hein! Pois tambem Seraphina hade ter.—E estas todas, Anna, Mariana, Rebecca, Suzanna... Hade haver para todas. (*Cercam n'as raparigas todas, dando as mãos e dansando á roda d'elle, cantam:*)

**Côro**

Viva o nosso padre, padre capellão,  
Que é o nosso santo de mais devoção!

**Joanna—**

Que me hade casar.

**Seraphina—**

E a mim porque não?



Cório

A todas, a todas, quer queira, quer não.

Froilão, (*arremedando-as*)

A todas, a todas, quer queira, quer não?

(Falando) Que! eu sou aqui San'Gonçalo de Amarante, que é o santo casamenteiro?

Joanna—

San Gonçalo d'Amarante,  
 Bem lhe reza minha tia;  
 Casamenteiro é de velhas,  
 Vá para outra freguezia,

Cório

Vá para outra freguezia.

Froilão (*falando*)—Quê, quê! Ai que eu excomungo isto tudo...Todas (*falando*)—Excomungadas as velhas! As velhas, hu, hu, hu, surriada!

Froilão—E os velhos tambem; não é assim? Então n'esse caso...

Cório

E os velhos tambem, menos frei Froilão,  
 Que é o velho das moças, velho de feição.  
 As moças donzellas  
 Casa Dom Froilão:  
 Quer feias, quer bellas...

Froilão—

Só as que são bellas...

Cório

A todas, a todas, que elle é de feição,  
 E é o nosso santo de mais devoção.

Froilão (*arremedando-as a dansar e a cantar*)

E eu aqui estou feito San'Paschoal Bailão.

Cório

E' o nosso santo de mais devoção.

Froilão (*do mesmo modo*)

E' um fresco santo San'Paschoal Bailão!

(Falando) Apague com ellas, que dão cabo do pobre velho. Dá cá d'ahi um banco, alfageme, que me não posso já ter nos pés. (*Correm as raparigas todas a buscar um banco, traçam-lho; senta-se; e ellas, umas se sentam no chão aos pés do padre, outras ficam em pé.*) Toda a manhã no cório a rezar psalmos, e a cantar antiphonas... e esta raparigada agora sae-me com jactatorias... para me descansar, não é assim?—Ora vão, minhas filhas, vão que bom é rir e folgar, e cantar e dansar, que não offende a Deus nem ao proximo, alivia do trabalho e alegria a vida, que nos não fez Deus para tristes e pezarosos. Triste ande o peccado e as más tenções. Mas quem tem o coração folgado, folgue-lhe o rosto, que é de razão. O santo temor de Deus não mette medo, antes alegria e dá conforto.—Ora vão, vão trabalhar, filhas.

Alfageme (*aparte*)—Isto é que é padre. Não houvera mouro nem judeu, nem d'esses hereses que agora se diz que ha, se todos os padres fossem como este.

Joanna—A sua benção, padre capellão!

Seraphina—A sua benção!

Todas (*em chusma, e umas depois das outras, ajoelhando deante d'elle.*)—A sua benção, a sua benção, a sua benção!

Froilão (*enternecido*)—Minhas filhas, Deus vos abençoe a todas, e vos faça mulheres honradas para serdes felizes, que não ha uma coisa sem a outra. Coitadinhas!—Então o pobre do velho trópego que mal serve para se zombar d'elle...

Joanna—Não diga isso, padre capellão, não diga isso! Todas—Não diga isso!

Froilão—O pobre clérigo velho e brincalhão, pois que lhe quereis?

Joanna—Que nos abençoeis, padre, que nos deis a vossa mão a beijar: tudo nos corre bem quando levamos a vossa benção.

Froilão (*estendendo as mãos sobre ellas e com as lagrimas nos olhos*)—Em nome de Deus vos abençoe, filhas.—Minhas filhas, coitadinhas! (*Beijam-lhe todas as mãos*) Ora vão trabalhar, vão — Fora d'aqui, pequenada, safá! (*Bate as palmas, e todas as raprigas voltam pulando para dentro das officinas.*)

## SCENA VII

## FROILÃO DIAS, ALFAGEME

Alfageme—Que feitoço daes a estas moças, que as sim morrem por vós, nem ha mais alegria para ellas do que vêr-vos e folgar convosco?—Nem vos respeitamos menos: que uma palavra que lhe digaes, é Evangelho para ellas... e para nós todos. Ha tres annos que aqui estaes n'esta capellania, e já todo o povo vos quer como a pae, já vos tendes a todos por filhos.

Froilão (*levantando-se*)—Menos tu, que, se és filho, és máo filho.

Alfageme—Eu!

Froilão—Tu, sim.—Anda cá, anda cá, alfageme, que me não importam as tuas alfagemas... Anda meu armeiro, meu espadeiro, que as tuas armas e as tuas espadas dou em todas com um trinco ao demo... Dize-me cá: tu não sabes que eu sou o pae d'estas raparigas todas?

Alfageme—Sei.

Froilão—Que ha tres annos, como ainda agora diseste, que estou n'esta capellania que me deu o prior do Hospital, meu senhor, que Deos tem, e que já sou o tio Froilão, o mestre Froilão, o papá Froilão de toda esta pequenada? E que não soffro que ninguém m'as desencaminhe,—e ou me hão-de casar honestamente com ellas, ou ninguém m'as hade endoidecer com tontarias, senão vae tudo com trezentos milheiros de belzebus?

Alfageme—Sei. Mas que tendes que me dizer a mim n'esse ponto? Mais de vinte moças de todas as edades ahí trabalham n'essas serrallherias, e em minha vida não tive uma palavra leveiana que dizer a uma d'ellas. Antes sou tam rigoroso e severo com os meus officiaes, como sabeis. Com vossa ajuda e conselho, estas minhas officinas cheias de gente rude e popular, podiam servir de exemplo... e de confusão a muita casa de senhoras presumidas que nos olham com desprezo... e upa, upa, ao mais alto!... E falam, que a quem as ouvir...

Froilão—Deixemos lá essas contas: cada um faz o que deve, e deixa falar os outros. Má lingua que muito fala, com sua vergonha por fim se cala. Não me caías, homem, no vicio do tempo, que é andar a assoulhar as fraquezas do proximo... e sem se lembrarem que o sol que n'ellas dá tambem dá em quem as põe ao soalheiro... Vamos a outro conto.—Pois sabeis que eu sou cá a meu modo cavalheiro andante de donzellas desvalidas... cavalheiro de garracha sim—mas, por esta cruz de San'João de Jerusalém que trago ao peito, que sou cavalheiro tambem! Por cima d'esta armadura negra visto, em logar da sobreveste de paladim, uma sobrepelliz de clérigo; mas com ella vou destemido

por esse mundo a endereçar *tuertos* de quanta dona dolorida e de humilde condição por mini chama...  
**Alfageme**—Sei que muita mulher de bem vos deve honra e estado, muito homem feliz o socego e quietação da vida em que vive; que a rir e a folgar tendes ganho mais almas para Deus e desviado mais peccadores da má vida, e feito mais felizes n'este mundo do que todos os pregadores de São Domingos e todos os...

**Froilão**—Adeus, adeus! Deixemo-nos de comparações: cada um préga como sabe. Eu sou o padre Froilão, de meu natural folgação, que não sei senão rir e brincar, e a rir e a brincar vou prégando. Se faço algum bem, é porque Deus me abençoa. E adeante.—Pois sabeis tudo isso, meu dom Alfageme da má morte, e dizei-me cá, homem de grevas e arnezes, ruin cabide de ruins armas, meu estafermo de não sei que diga, dizei-me cá, homem: que maldito demo vos apertou o gorgel do pescoço, que vos fez arregalar os olhos para a minha Alda, a menina dos meus olhos, a filha do meu coração?—A minha Alda, só alfageme remendão de más armas ferrugentas? (*O alfageme fica confundido e cabisbaixo.*) Anda cá, anda cá; que te hei-de aqui corregger e esfregar, como tu corriges uma durindana emplastada de escudeiro velho.

**Alfageme**—Eu, senhor, confesso que... Mas era...  
**Froilão**—Era o quê, só Vulcano d'aldeia? não sabe que a minha Alda foi creada como senhora entre senhoras, com mais prendas que ellas todas, com mais virtudes que nenhuma d'ellas? Que é filha de paes honrados e limpos? Já não falo em ser minha sobrinha.—Que meu senhor D. Alvaro lhe queria como a filha, que com seus filhos se creou n'aquella honrada e virtuosa casa da Flor-da-Rosa? Que meu chorado amo só a morte o pôde apartar de sua querida afilhada? E que agora ha umas semanas que veio para a minha companhia, depois que elle morreu, e aqui está commigo em casa d'estes nossos primos? primos arredados...

**Alfageme**—Tam arredados d'antes quando eram ricos, e tam chegados agora que não têm.

**Froilão**—Quem lhe pergunta por isso? Vou-me eu agora casar com elles, para saber o grão de parentesco de que heide tirar dispensa? Cale-se, e ouça. Sabe tudo isto, vê tudo isto, vê como a trata meu senhor D. Pedralv'es Pereira, seu irmão D. Nuno, que aqui esteve ainda outro dia e aqui hade voltar cedo... D. Nuno, moço tam fidalgo e tam bizarro, não vê como a trata? Como irmã sua...

**Alfageme**—E' o peor parentesco que lhe conheço.

**Froilão**, (*à parte*)—Meu Deus, já aqui andarà a calúmnia! (*Alto*) Que dizeis, homem, que dizeis! D. Nuno Alvares Pereira!

**Alfageme**—O senhor D. Nuno Alvares Pereira é o mais gentil e mais bemquisto cavalleiro moço que tem hoje Portugal. Assim elle seja pela boa causa! Mas isto cá...

**Froilão**—Que faliaes vós de boa causa, e que sabeis vós de qual é a boa causa, homem dos meus peccados?

### SCENA VIII

FROILÃO-DIAS ALFAGEME, e ALDA

que chega ao alto da escada, sem a presentirem

**Alfageme**—A boa causa é a do povo e a do seu legítimo rei.

**Froilão**—Valha-te Deus por estadista, homem; que assim te perderás, alfageme, e as tuas alfagemias, se te metteres n'esses dibuchos. Deixa isso para senhores.

**Alfageme**—Demais lh'o temos deixado; por isso tam arrastados andámos, e tam soberbos elles nos trazem o pé no pescoço.

**Froilão**—Ai, meu Deus, meu Deus! Santa Maria da

Alcáçova nos accuda, que deu em fazer politica o alfageme em logar de fazer espadas!

**Alfageme**—Com espadas se faz ella, padre, a boa, a deversas. E se nós, que fazemos o que com ella se faz, nos desganharmos a trabalhar por nossa conta...

**Froilão**—Tem-te lá, Portugal; arreda, Castella, que aqui vae el rei alfageme meu senhor!—Cerra, Santiago!

**Alfageme**—Tem-te Portugal, que te não caias em Castella: digo eu, que não sou rei alfageme: mas alfagemes e outros que taes, a podêr que possam, hão de fazer rei a quem de direito é, e não a estrangeiros e schismaticos. Lá está o infante D. João em Toledo...

**Alda**—Desejaes para rei esse máo infante que está coberto de sangue innocente! Por de melhor coração vos tinha, Fernão-Vaz.

**Froilão**—Oh! ahí estavas tu, minha Alda?

**Alda**—Agora cheguei para vos dizer que venhaes a comer alguma coisa. Achei-vos a fazer tanta algazarra com essas questões d'estado que não entendo, que me vou já muito depressa.—Mas não vireis comer alguma coisa, meu tio?

**Froilão** (*tomando o alfageme pelo braço, e baixo para elle*)—Vêde-me aquelle anjo, alfageme. Sabeis que é um anjo, um anjo do paraíso?

**Alfageme**—Por anjo o adoro.

**Froilão**—Com fé?

**Alfageme**—Fé viva e pura.

**Froilão**—Ora pois, tende esperança.

**Alfageme**—Com a fé e a esperança por minha parte haverão caridade commigo?

**Froilão**—Tu és um homem honrado, que eu bem o sei, alfageme. Dá cá um abraço. (*Abraça-o.*) Deixa-te de politicas, governa a tua vida e não queiras governar o mundo. Vae trabalhar, e falaremos. Falaremos: adeus!

(Sobe pelas escadas e pára em cima ao pé de Alda.)

**Alda**—Parece-me que já eram horas, tio?

**Froilão**—São horas e mais que hora de te eu dar um beijo, Alda, que ainda hoje não abracei a minha querida filha. (*Abraça-a e beija-a; e tendo-a ainda abraçada, diz para baixo ao alfageme que os está contemplando.*) Alfageme, alfageme, que estás tu ahí a olhar? Vae-te para a forja (*Voltando-se para Alda.*) Alda, olha que aquillo trabalha em ferro, mas é ouro de lei... como uma dobra de D. Pedro.

### SCENA IX

FROILÃO-DIAS, ALDA

**Alda**—Ai, meu querido tio!

**Froilão**, (*arrumedando-a*)—Meu querido tio! Não sou o seu querido tio; sou uma figa para você, se não tiver juizo.

**Alda**—Pelejaes commigo?

**Froilão**—Não pelejo, rem tu o mereces, filha. Mas olha, Alda; amores são amores... isto é, amores não são amores tal, quando... Sabes tu como diz a trova?

(Conta por entre dentes)

Flores que não dão fructo, flores,  
 Não regues, jardineiro, não,  
 Que perdes o tempo em vão  
 Com essas flores.

**Alda**—Que quereis dizer!

**Froilão**—Que leio em ti como em breviario aberto, Alda: sei o que tens n'esse coração que o atormenta. Mas sei que, ao pé d'essa desgraçada paixão que lá está, tambem está muita virtude e muita honra. E são as que hão de vencer. Não é assim, filha?

Alda, (com firmeza)—Sim, meu tio; decerto.

Froilão—Pois é ajudal-as com tempo, que são fortes batalhadoras ambas, mas querem auxiliadas com a firmeza da vontade e com... Sabes tu, Alda, como se diz entre o povo, que a mordedura do cão com o pélo do cão se cura?—Pois alegria, minha filha, que tristezas para nada aproveitam. Já tu reparaste como este nosso vizinho alfageme fez da sua forja uma capella de musica, que até os folios lhe assopram a compasso, e a bigorna lhe afina em *ut la sol re*, como o hymno de San João? Pois ólha que é bonito. Adeus que eu já venho. (Vae para dentro entoando o hymno latino.)

*Ut queant laxis—resonnare fibris  
Mira gestorum—fanuli tuorum,  
Solve polluti—labii reatum,  
Sancte Joannes!*

(Torna para fóra e diz)

Quer dizer, que o bem cantar  
Nas cordas do coração  
Tem a sua affinação,

## SCENA X

ALDA no patim, ALFAGEME em baixo, CÔRO DE SERRALHEIROS E DONZELLAS do Alfageme, dentro

Alfageme, (sahindo de sua casa e caminhando para junto do patim da escada)—Por aquellas regras do breviario de D. Froilão, não vos pôde agradar a minha musica, que a não sei afinar por essa entoação... Não sei ou não me atrevo, que tenho medo.

Alda—De quê?

Alfageme—De quebrar as cordas todas ao pobre instrumento, grosseiro e mal construido, tosco e sem harmonia. E porfim para quê?... para se rirem das minhas vans pretensões.

Alda—Rir!... A mim nunca me faz rir a musica. Nenhuma toada, por mais alegre, me causou nunca senão tristeza.

Uma voz, (dentro)—

(O mesmo stylo antigo)

Assomae-vos, minha mãe,  
A essa janella do mar,  
Vinde ver o Conde Alarcos  
Que ahi vae a degollar,

Coro, (dentro)

Conde Alarcos... conde Andeiro,  
Que ahi vae a enforcar.

Alda, (descendo)—Que feias letras! É pena, Fernão Vaz, que ha por ahi tam bonitas coplas, tam gentis vilancetes, e vós e vossa gente, ha dias a esta parte, desseis em cantar esses mal agourentos romances que não resam senão de feias mortes e feios peccados que as trouxeram!

Alfageme—Que quereis, senhora! O cantar do povo anda com as acções de seus amos. O povo é como as crianças. Quando lhe cheira a guerra entre a gente grande, já vereis os rapazes pelas ruas a cavallo em cannas e arrodelados de papel, gritando arma e guerra, e fingindo em seu folguedo os combates que devéras adivinham. O povo canta de mortes e castigos quando os espera da justiça de Deus, porque vê os grandes fazer por elles.

Alda—Dobra-se o mal assim a esperar por elle, a apital-o.

Alfageme—Quando o mal vem por castigo, é justiça.

Alda—Pois deixae a Deus fazel-a quando e como lhe prouver; não tomeis em vossa mão vingar ag-

gravos de que elle vos não fez juiz.—Sabeis vós, Fernão Vaz, que ha muitas apparencias falsas n'este mundo; que o maior innocente passa ás vezes por criminoso; que um erro involuntario, uma fraqueza leve e muito perdoavel nas mãos da calúmnia se erige em crime atroz? Sobre tudo comnosco, pobres mulheres, a quem uma palavra basta para perder, que um volver d'olhos diffama, um dito inconsiderado pôde deshonrar!

Alfageme—Sei, Alda.—Mas sei tambem que a virtude e o merito de uma mulher são a coisa mais difficil de offuscar quando são verdadeiros. Quereis-me ainda agora dizer o que linhei no coração. Vou dizer-vos eu o que tenho no meu. Vós sois um anjo, Alda, em quem eu creio como n'uma coisa do céu. Que me dissessem de vós quantas infamias pôde inventar a calúmnia mais negra, não as cria.

Alda—Não?

Alfageme—Não.

Alda—Olhae bem o que dizeis.

Alfageme—Não.

Alda—Porquê?

Alfageme—Porque vos tenho estudado e vos conheço.

Alda—Quem sabe?

Alfageme—Sei eu. Eu que vos amo na singelleza de meu coração, que toda a minha ventura seria fazer a vossa; eu que, se não receasse, se não visse que o trato grosseiro e humilde de um homem do povo desdizia tanto das vossas prendas e costumes...

Alda—Tamanha senhora sou eu! Creio que zombaes de mim, senhor Fernão Vaz: não vol-o mereço, que sou vossa amiga devéras. Basta o que meu tio Froilão vos quer e o bem que de vós diz, para vos eu estimar.—Eu sou uma pobre orphan desvalida que amparou a caridade de meu senhor e padrinho; em cuja casa me criei com mais mimo, é verdade, que mais regallo do que a minha condição cumpria... mas por caridade. Sabeis o que valem estas palavras?

Alfageme—Não sei? Oxalá que o não soubera, e tam bem, e por mim!

Alda—E agora não tenho outra protecção senão este meu pobre tio velho e enfermo...—E dizeis-me vós que!

Alfageme—Digo-vos uma coisa só: podeis vós casar com um homem que não amaes?

Alda—Que não amo?

Alfageme—Que não amaes.

Alda—Ama-me elle a mim?

Alfageme—Como o entendeis?

Alda—Se me tem amor?

Alfageme—Amor?... (hesita) não. Tem-vos amizade de pae, de irmão, tem por vós uma devoção, uma...

Alda—Posso.

Alfageme—Imaginaes que podereis vir a amal-o?

Alda—Crê elle que poderá chegar a amar-me?

Alfageme—Se não tendes outro amor...

Alda—Eu!...

Alfageme—Vós.

## SCENA XI

ALFAGEME, ALDA, NUN'ALVARES

CAVALLEIROS

Nun'Alvares—Alda!

Alda—Nuno! (Desmaia. Nuno corre a ella e a sustem nos braços.)

Alfageme (fica pensativo, e com os olhos cravados nos dois por algum tempo; depois, cruzando os braços e olhando para o céu, diz amargamente)

Meu Deus, meu Deus! Mais outra que me enganava!...

## ACTO SEGUNDO

## SCENA I

JOANNA, SERAPHINA, *em côro com as outras donzelas do Alfageme que estão ás portas e janellas da casa, mostrando as varias peças d'armadura, espadas, montantes, etc., aos cavalleiros em côro, que de fóra as examinam e falam para dentro como quem apreça e quer comprar.*

Côro dos Cavalleiros—  
Oh que ricos arnezes brilhantes,  
Oh que bellas espadas cortantes!  
São lindas, lindas!

Joanna—  
Meus nobres senhores,  
Feirae, feirae, feirae;  
São lindas, lindas, compree

Côro das Donzellas—  
Feirae, feirae, meus nobres senhores:  
São lindas armas.

Côro dos Cavalleiros—  
Feiremos d'amores,  
Que mais lindas são.

Seraphina—  
Pois este montante?

Um Cavalleiro—  
Cortante!

Joanna—  
Este morrião

Outro Cavalleiro—  
Brilhante!

Côro dos Cavalleiros—  
Mais brilhant, mais cortant no meu coração  
Armas d'esses olhos.

Côro das Donzellas—  
Feirae, meus senhores.

Côro dos Cavalleiros—  
Feiremos d'amores.

Côro das Donzellas—  
Não ha d'esse trato aqui, não, não, não.

Joanna—  
Ha lanças e espadas,  
Cotas e pavezes,  
Grevas e celladas  
E os peitos que temos...

*Tocando nos peitos d'armas.*

Não têm coração;  
São de aço...

Alguns Cavalleiros *(querendo abraçar-as)*—  
Provemos!

Algumas Donzellas *(repellindo-as)*—  
Provados estão.

Côro dos Cavalleiros—  
Oh que ricos arnezes brilhantes,  
Oh que bellas espadas cortantes!  
São lindas, lindas!

Côro das Donzellas—  
Meus nobres senhores  
Feirae, feirae!

Côro dos Cavalleiros—  
Feiremos d'amores

Joanna e Seraphina—  
Lindas armas!

Dous Cavalleiros—  
Lindos mercadores!

Côro das Donzellas—  
Pois feirae.

Um Cavalleiro—  
Feiremos d'amores;  
Dar-vos-hei em troca o meu coração

Côro das Donzellas—  
Não ha d'esse trato aqui, não, não, não.

*As donzellas vão recolher as armas; alguns dos cavalleiros se vão dispersando, outros galanteiam ainda com as donzellas; mas estas desaparecem de todo, e os cavalleiros se dispersam e retiram por fim.*

## SCENA II

O ALFAGEME *apparece á porta ultima da sua casa no alto da scena.* NUN'ALVARES *vem descendo a escada da casa de Mendo;* FROILÃO DIAS *atraç d'elle, mas fica no alto da escada; côro das donzelas do Alfageme, dentro.*

Froilão *(ajeelhando)*—Senhor, meu senhor.

Nun'Alvares *(parando no meio da escada, e voltando-se para trás)*—Que fazeis!

Froilão—Estou de joelhos deante de vós, senhor, pedindo misericordia. Tende dô d'estas cans: lembrae-vos que ainda o outro dia as arrebellaveis ao pobre clerigo velho quando vos trazia ao collo. Lembrae-vos de vosso pae, D. Nuno! Lembrae-vos...

Nun'Alvares—Não vos basta a minha palavra?

Froilão *(erguendo-se)*—Dae-m'a, e fico descansado.

Nun'Alvares—Dou... dou a minha palavra.

Froilão—Fé e palavra de homem de bem?

Nun'Alvares—Fé e palavra de homem de bem.

Froilão—De que nunca mais?...

Nun'Alvares—De que nunca mais.

Froilão—Tornareis a falar-lhe?

Nun'Alvares—Falar-lhe, falar-lhe...—Entendamos, meu bom Froilão, meu velho amigo Froilão. A minha palavra, dei-a, está dada: sou filho de quem sou, heide cumpril-a. Que me custe a vida... custe o que custar, heide cumpril-a. De hoje em deante, Alda é minha irmã, minha irmã como se nascesse da mesma mãe, como se nos gerasse o mesmo pae.

Froilão *(correndo pela escada abaixo com os braços abertos)*—Meu filho, meu querido filho, meu Nuno?... D. Nuno Alvares Pereira, filho d'aquelle grande homem que... *(No alvoroço em que vae, ao chegar a Nun'Alvares quasi que o faz cahir e ambos se precipitariam se Nun'Alvares se não firmasse de repente no guarda mão da escada, segurando ao mesmo tempo a Froilão).*

Nun'Alvares—Tomei tento, Froilão, que ambos iamso cahindo. Estaes louco? *(Descem de todo a escada e vêm para a meio da scena.)*

Froilão—Louco! Doido, doido varrido de contente. Quero saltar, quero bailar, quero cahir, e quebrar as pernas se for preciso... e a cabeça—e tudo... —Salta Froilão, baila, Froilão. *(Cantando e dançando.)*

Que é um grande santo San'Paschoal Bailão.



O ALFAGEME DE SANTAREM

*Alfageme* — Não é nada, senhor, vêde.

Acto III — Scene VII.



Côro das Donzellas (*dentro*)—

E' o nosso santo de mais devoção.

Nun'Alvares — Estaes alvoroçando a vizinhança: véde.

Froilão—Não é nada, não é nada.—As pequenas alli do alfageme. Isso é santa gente. (*Falando para as janellas da casa do alfageme*) Kaparigas, logo; logo saltaremos e dançaremos e cantaremos. Agora quietas.

Côro das Donzellas (*dentro*)—

Casae-me, meu padre, pela vossa mão  
Que eu já não tenho...

Froilão (*para dentro*)—Então? Quietas.—(*Para Nun'Alvares*). Mas como a trova diz bem:

Que eu já não tenho nem pae nem irmão!

Côro das Donzellas (*dentro*)—

E quero casar-me, padre capellão.

Froilão—Agora fui eu o culpado, que lhes dei o almir—(*Falando para dentro*). Acabou-se; vejamos! (*para Nun'Alvares*). Então, meu rico D. Nuno da minha alma?

Nun'Alvares—Já vos disse: é minha irmã. Fé e honestidade de irmão lhe guardei sempre. Deshonradas veja eu mulher e filhas, quando as tiver, se a honra e a fama de Alda me não foram sempre mais caras do que a propria vida!

Froilão (*chirando*)—Nuno, meu querido Nuno!—Senhor D. Nuno, meu amo (*ajoelha e beija-lhe as mãos muitas vezes*) meu nobre amo!

Nun'Alvares—Basta, homem; catae respeito a essa loba que arrastae pelo chão. Estas mãos não são ungidas como as vossas.

Froilão (*erguendo se direito e com solemnidade*)—D. Nuno Alvares Pereira, vosso pae foi meu amo e meu bemfeitor. O pão que como, este hábito que visto, o alto ministerio que tão indignamente exerço, tudo lhe devo; e sei que é muito. O pobre velho tonto e folgazão sabe o alto logar a que, por auxilio de vosso pae e mercê de Deus, foi subido.—E quando está deante do altar na presença do Senhor, na cadeira do Evangelho, ou no tribunal da Penitencia... que appareçam ahi os grandes do mundo, os reis da terra... Heide-lhes dizer: «Ajoelhae-vos deante do sacerdote do Deus vivo, humilhae-vos, beijae estas mãos, onde desce o cordeiro immaculado.»—(*Com humildade*). Mas fôra d'ahi, meu filho, o sacerdote de Christo é o servo de seus servos, deve ser humilde, submisso e manso de coração como seu divino Mestre.—Já vos disse, que devi muito a vosso pae, senhor D. Nuno: desde hoje muito mais é o que vos devo a vós. Não quereis que vol-o agradeça?

Nun'Alvares—Não: faço o que manda a honra, não o que me pede a vontade.—A honra!... Eu sei... mais honra seria...

Froilão (*com anciedade*)—O que, senhor?

Nun'Alvares (*com enthusiasmo*)—Não me deixai violentar de vãos respeitoes humanos, de preconceitos ridiculos e mesquinhos; buscar a felicidade onde o coração me diz que ella está, tomar nos braços a minha Alda, e dizer-lhe: «Alda, vem, vem ser...»

Froilão (*com mais anciedade*)—Vem ser?...

Nun'Alvares (*resoluto*)—Minha mulher.

Froilão (*enternecido*)—Quereis matar-me.—Que mal vos fez este pobre velho, Senhor? (*Encosta se a*

*uma arvore, como não podendo com o sentimento que se apoderou d'elle*).

Nun'Alvares (*accudindo-lhe*)—Meu amigo, meu bom Froilão... então, então!—Em que vos offendi?

Froilão (*rompendo a chorar*)—Oh senhor, senhor...

Não sei se agora, se quando me offendestes mais.

—O filho de meu amo, o filho de D. Alvaro Gonçalves, as ricas esperanças de uma familia tam nobre, para quem nada hi tam alto, n'esta terra a que não possa aspirar, por sangue, por virtude, pelos altos espiritos que Deus lhe deu e que tanto medraram na boa criação que tiveram!... E eu havia de consentir?... Antes morrer, antes.—Mas vós não haveis de fazer tal, senhor: estaes desposado com aquella rica-dona de Entre-Douro e Minho com quem vosso pae tanto gosto tinha de vos ver casado; senhora tam formosa, tam fidalga, tam rica dos bens da fortuna... Oh, senhor D. Nuno, e destes-me a vossa palavra.

Nun'Alvares—Dei-vos palavra que de hoje em deante Alda seria para mim uma irmã—querida e adorada sempre!—mas sagrada como irmã até para o meu pensamento. Esta palavra heide cumprir-la se...

Froilão—Sei!—Condições ainda, D. Nuno?

Nun'Alvares—Uma só.—Se ella não quizer ser... minha mulher.

Froilão—Acceito. A vossa mão.

Nun'Alvares (*dando-lhe a mão*)—Aqui está.

Froilão—Victoria!—Sei quem tenho na minha Alda; hade recusar. O seu nascimento, a sua pobreza, o mesmo amor que... a generosidade da sua alma!... Hade recusar.

Nun'Alvares—Ella!

Froilão—Ella.

Nun'Alvares—Veremos.

Froilão—Não temos que vêr: já vim is.

Nun'Alvares—Mas não haveis de usar da vossa auctoridade.

Froilão—Não.

Nun'Alvares—Não a haveis de prevenir, de lhe metter medos.

Froilão—Nem uma palavra.

Nun'Alvares—Deixar-me-heis falar com ella á vontade.

Froilão—Deixarei.

Nun'Alvares—Aqui n'este logar. eu aqui, Alda n'essa escada.

Froilão—E eu em cima no patim.

Nun'Alvares—Concedido.

Froilão—Podêra não!

Nun'Alvares—Se recusar... partirei só, esta mesma noite.

Froilão—E ireis cumprir a vossa palavra, ireis ao Minho receber D. Leonor d'Alvim que vos está esperando.

Nun'Alvares—Irei... irei, se...—Primeiro me espera o Mestre d'Aviz em Lisboa, onde não falta que fazer. antes que...—Mas tudo isso é se eu for como dizeis. Mas sei que não heide ir.

Froilão—E eu sei que haveis de ir.

Nun'Alvares—Veremos.

Froilão—Veremos.

Nun'Alvares—Pois veremos. Mas se Alda fôr fiel ao que... se ella não recusar, esta madrugada nos recebereis logo, ahi n'essa capella, e por noite partirei para Lisboa a servir meu amo, mas já esposado da minha Alda, já feliz e socegado d'este coração.

Froilão—Prometto. Mas sei que não teremos d'essas alvoradas.

Nun'Alvares—Ora muito me heide eu rir do meu Froilão velho!

Froilão—Dito e concluido. Até á noite, meu senhor.

Nun'Alvares—Dito e concluido. Até á noite. (*Froilão sobe a escada e vai para dentro da casa*)

## SCENA III

NUN'ALVARES *encaminha-se para as j-nellas do Alfageme em que estão os moradores com as armas*; o ALFAGEME *sae da sua porta ao alto da scena, e vem á roda para o meio do proscenio.*

Alfageme (*aparte*)—Que animada pratica tiveram!... e que extranha devia de ser!—O padre ria e chorava, e foi-se tam contente! (*Reparando em Nun' Alvares*). E Nun'Alvares está triste!—Oh Alda, Alda!... Mas quê! Eu sou o alfageme—A' tua forja, alfageme. (*Encaminha-se para sua casa.*)

Nun'Alvares (*vendo o alfageme*)—Bellas espadas e bem corrigi tas, por santa Maria!—Maravilhas tinha ouvido do alfageme de Santarem; mas vejo que ainda não diziam nada para o que é.—Quereis-me corregar esta espada velha? Pôr-m'a-heis tam guapa e tam bem guarnecida como essas que ahí tendes?

Alfageme (*olhando com attenção e lentamente, ora para a espada, ora para Nun'Alvares*)—Espada tam velha para cavalleiro tam moço!

Nun'Alvares—Era de meu pae; não a trocára pelo melhor damasco.

Alfageme (*provando a no chão*)—E' uma bella folha, da melhor tempera.—Como um espelho vol-a porrei, se quizerdes.

Nun'Alvares—Quando?

Alfageme—Estaes com pressa?

Nun'Alvares—Como quem tem de partir por horas.

Alfageme—Por horas?

Nun'Alvares—Esta madrugada irei para Lisboa.

Alfageme—Tam depressa!

Nun'Alvares—Tam devagar é elle: já eu lá devia estar com meus ca alheiros e a minha gente a servir o Mestre d'Aviz.

Alfageme—Boas novas me daes, cavalleiro: tereis de alvicaças a mais bem guarnecida espada que ainda appareceu em batalha ou torneio. Dar-lhe-hei um fio!...—Não a poupeiis, que tendes folha para muito; e com o fio que lhe eu heide dar, cortará, sem fazer bocca, por armaduras de ferro... quanto mais que... hollandas e setins são fazeis de cortar.

Nun'Alvares—Que dizeis? Não vos entendo.

Alfageme (*olhando para a espada e como quem fala consigo*)—A espada do Prior do Crato, D. Alvaro Paes, o mais honrado fidalgo que teve esta terra, cingida por cima das armas do Mestre d'Aviz com que foi armado cavalleiro—aqui em Santarem, e foi um dia de prazer e de bom agouro!—D. Nuno Alvares Pereira em presença d'el-rei D. Fernando, a quem Deus perdõe, e pelas proprias mãos... lindas mãos... oh! lindas são ellas—de certa rainha que...

Nun'Alvares—Sabeis a minha vida toda, pelo que vejo, senhor alfageme.

Alfageme—E por tal signal, que nenhuma armas serviram ao joven escudeiro senão as do Mestre d'Aviz que a dita rainha lhe mandou pedir. Ora bem se vê que já andava fado n'estas coisas, e que o que tem de ser, tem de ser.—E assim ides agora para o Mestre d'Aviz?

Nun'Alvares—E para quem havia de eu ir?

Alfageme—E' o Mestre, senhor cavalleiro, não hade ser por seu irmão, pelo filho de seu pae, o nosso rei verdadeiro, o infante D. João que está em Castella?

Nun'Alvares—Perguntaes me por coisas, senhor alfageme!... E' materia tam delicada que não sei, em verdade, o que vos responda.

Alfageme—Não sabeis!—(*Com enthusiasmo*) Mas é que não podeis dar senão uma resposta: a que da-

ria o mesmo Mestre, a que dá toda a gente honrada d'este reino, a que hade dar todo o povo quando...

Nun'Alvares—Quando lh'o perguntarem.

Alfageme—Ou quando elle quizer falar sem que lh'o perguntem.

Nun'Alvares—Bravo estaes!

Alfageme—Braveza chamaes á justiça, á razão... de quem não quer vêr em mãos de estrangeiros este reino que é nosso, que tanto sangue custou a nossos paes para o resgatar de mãos de mouros?

Nun'Alvares (*com lhaneza*)—Enganaes-vos, meu amigo.

Alfageme (*desabrido*)—Não sou vosso amigo.

Nun'Alvares—Sereis, quando souberdes que o meu empenho é o vosso, que o mesmo ardor nos inflama.

Alfageme—Talvez.

Nun'Alvares—De certo. Que ambos temos o mesmo amor.

Alfageme—Inda mal!

Nun'Alvares—Inda mal!—Estranho homem sois.

Pois o mesmo amor á causa?...

Alfageme—A causa! Ah!—a causa, a causa...

Nun'Alvares—Como assim? Estareis jogando comigo? Sabeis que me chamo Nun'Alvares Pereira?

Alfageme (*tranquillamente*)—Sei.

Nun'Alvares—Que sigo o Mestre d'Aviz?

Alfageme—Agora o dissesdes.

Nun'Alvares—Sereis do partido da rainha?

Alfageme—Eul... de uma mulher que... que não tem nome para se dizer deante de gente?

Nun'Alvares—Então não vos entendo.

Alfageme—Nem podeis entender. Vós sois D. Nuno Alvares Pereira, o homem do Mestre de Aviz; eu sou Fernão Vaz, o alfageme, o homem do povo. A vossa causa é a do vosso principe cujo sois, a minha a da terra em que nasci. Bem vêdes que diferentes andámos.—E comtudo, por diversos que sejam nossos fins... Deus faça triumphar o mais justo!

Nun'Alvares—Amen!

Alfageme—Amen!—Por diferentes que sejam em uma coisa nos entendemos e trabalharemos juntos: em castigar esse estrangeiro que nos opprime e nos deshonra, em libertar o reino d'esta insupportavel tyrannia.—Contae com o povo, senhores cavalleiros. E pelo de Santarem vos respondo eu Nun'Alvares—Sois um homem de honra e de primor, Fernão Vaz. (*Offerecendo-lhe a mão*) Dae-me a vossa mão.

Alfageme (*fugindo com a sua*)—A minha mão, senhor D. Nuno! Já vos disse que não era vosso amigo.

Nun'Alvares—Mas sou-o eu vosso; e em penhor d'esta amizade sincra vos peço que acceiteis a minha mão. (*Offerecendo-lha outra vez*).

Alfageme—Não posso acceital-a.

Nun'Alvares—Porquê?

Alfageme—Porque não dou a um homem, em testemunho de amizade, esta mão que talvez, antes de muito, tenha de pegar n'uma espada para lhe atravessar o coração.

Nun'Alvares—Pois não são meus contrarios os vossos? Na hora do combate não estaremos ambos do mesmo lado?

Alfageme—Sim, contra o inimigo commum, e até que elle seja destruido; mas... Não me peças mais explicações, senhor D. Nuno... A vossa espada estará prompta esta noite. E o alfageme estará prompto sempre, elle e os seus, todo este povo de Santarem, para defender a liberdade do reino. Que mais quereis?—Tendes os vossos segredos, e eu os meus: cada qual guarde o que é seu.—Olhae: (*apontando para o fundo esquerdo*) vêdes



aquelle homem que ahí vem correndo a toda a brida:

**Nun'Alvares** (*olhando para o mesmo lado*)—Vejo. E se me não engano, é, e...

**Alfageme**—E' Mendo Paes, meu collaço, que ainda antes d'hontem d'aqui partiu.

**Nun'Alvares**—Como elle vem açodado!

**Alfageme**—Mendo Paes, o irmão de D. Guiomar d'alli defronte? (*Apontando para a casa defronte.*)

E torna de Lisboa já. Grande caso de e de ser...

—Lá dá a volta, lá entra no pateo. Apeia-se. Eil-o aqui vem.

## SCENA IV

NUN'ALVARES, o ALFAGEME e MENDO PAES

**Mendo**—Alviçaras, alviçaras! Ganho-as eu? dizei-me. Não sabeis ainda as novas?

**Nun'Alvares**—Quaes?

**Mendo**—Ah! Não sabeis; já vejo —A rainha... o Mestre... (*Reparando em Nun'Alvares*)—Oh! senhor D. Nuno, perdoae que vos não conhecia com o alvoroço, perdoae.—O senhor D. João, vosso amo, aquelle grande principe, verdadeiro filho de el-rei D. Pedro, sangue de Pedro Justiciero!

**Nun'Alvares**—Que lhe succedeu? Dizei, por vossa alma.

**Mendo**—Eu fui logo offerecer-me ao serviço do Mestre, que me deu esta carta para vós, senhor D. Nuno.

**Nun'Alvares**—Dae, dae depressa (*Toma a carta e abre.*)

**Mendo**—Oh que grande princepe! Aquelle infame conde Andeiro...

**Alfageme**—O conde Andeiro?...

**Mendo** (*reparando no alfageme*)—Oh! Fernão Vaz, meu collaço, também vos não tinha visto. Se eu ainda não estou em mim. Parabens, homem. Tíndes razão, Fernando: eu é que...

Mas, bem vos haveis de lembrar... não podia crêr, parecia-me impossível. Emfim...

**Alfageme**—Emfim explicae-vos. O conde Andeiro?

**Nun'Alvares**, (*levantando os olhos da carta que está lendo*)—O Mestre?...

**Mendo**—Morto, morto vilmente como...

**Nun'Alvares e Alfageme**, (*a um tempo*)—Quem? quem?

**Mendo**—João Fernandes Andeiro, o conde d'Ourem.

**Alfageme**—Victoria, victoria! A justiça de Deus que por fim começa.

**Nun'Alvares**, (*tristemente*)—Começado está. Quando acabará agora?

## SCENA V

NUN'ALVARES, *continuando a ler a carta*; ALFAGEME, MENDO PAES, FROILÃO DIAS, JOANNA e mais DONZELLAS, BRAZ VOGAÇA, GIL SERRÃO e mais SERRALHEIROS do Alfageme que acodem aos brados d'este.

**Alfageme**—Vinde; vinde, acudi todos a ouvir a boa nova. Morreu o traidor. Viva Portugal! Morreu o conde Andeiro... (*Voltando-se para Mendo*) E dizei, Mendo: ás mãos do povo?

**Mendo**—A's do mestre d'Aviz, que no paço mesmo, e quasi aos olhos da rainha, o cravou de punhaladas.

**Alfageme** (*descontente*)—Paciencia: foi só meia justiça. —Mas contae-me: que succedeu depois? A rainha?...

**Nun'Alvares**—O Mestre?

**Mendo**—Pouco mais sei do que isto. No instante que succedeu o que vos contei, logo o Mestre me deu essa carta: sahi de Lisboa e pouco descanço tomei no caminho, corri sempre até aqui chegar. Pe-

las ruas que passei já andava tudo alvorotado. Esperavam-se grandes coisas.

**Alfageme**—E grandes coisas haverá: eu vcl-o prometto.

**Nun'Alvares** (*aos cavalleiros que o rodeiam*)—Senhores, estae prestes, que esta alvorada partimos para Lisboa.

**Alfageme** (*com intenção*)—E por que não já, D. Nuno Alvares Pereira?

**Nun'Alvares**—Porque... po que... (*d'parte a Froilão*) Esta madrugada parto; não vos esqueçaes.

**Alfageme** (*com intenção*)—Perdereis todo este tempo d'aqui até amanhã?

**Nun'Alvares**—São as ordens do Mestre, que saia d'aqui ao romper d'alva amanhã, para estar em Lisboa, ás portas de Santo Antão, a...

(*pegando na carta como quem se afirma e lendo*) Eis aqui o que me diz o Mestre: «O honrado povo de Lisboa abraçou a nossa causa...»

**Alfageme**—Porque o Mestre d'Aviz tomou a d'elle. E em quanto o Mestre nos for fiel...

**Nun'Alvares**—Pois quem é o Mestre d'Aviz, homem? De quem é a liberdade que elle defende, senão do povo?

**Alfageme**—Todos juram pela liberdade do povo quando precisam d'elle.

**Nun'Alvares**—Sois desconfiado

**Alfageme**—Sou.—Não era; fizera-me.

**Nun'Alvares**—Guardae para vós —ao menos por agora — essas desconfianças. A todo o tempo é tempo para ser ingrato.

**Alfageme**—Ingrato! Já! Cedo começa a accusação do costume.

**Nun'Alvares**—Homem, por Deus, o que precisamos agora todos é de confiança e união para vencer-mos. Se nos desunimos já, vencerá o estrangeiro.

**Alfageme**—Boa palavra disseste. Venha d'onde vier a razão é sempre razão. (*Para a sua gente*) Viva a nossa liberdade e o infante D. João!

**Serralheiros e Donzellas**—Viva a nossa liberdade e o infante D. João!

**Nun'Alvares**—E viva o Mestre d'Aviz!

**Cavalleiros**—Viva o Mestre d'Aviz!

**Alfageme** (*framente*)—Viva!

**Nun'Alvares** (*tornando a ler a carta*)—«O povo de Lisboa não deixou acclamar el-rei D. João de Castella. Investiu com a cavalgada que sahiu dos paços do concelho para a acclamação, e o conde de Cea D. Henrique Manuel, que levava a bandeira, custou-lhe muito a escapar das mãos do povo amotinado.»

**Alfageme**—O povo de Santarem não hade ficar atrás. Esta tarde querem acclamar aqui também o tal rei de Castella. Nós lh'o diremos logo — Agora cantar, raparigas, e folgar, que este é dia de grande alegria.—Jornal dobrado a todos.—Joanna, Serraphina, então, raparigas, vamos a isto.

**Joanna**—Que trova quereis que cantemos?

**Alfageme**—Dizei a canção do Alfageme.

Todos—A canção do Alfageme.

## CANÇÃO DO ALFAGEME

Uma voz

Assopra, assopra, o alfageme,  
E não descanse de assoprar;  
A quem tem alma, a quem não teme  
Não pôde este fogo queimar.

Côro

A quem tem alma, a quem não teme  
O nosso fogo não pôde queimar.

Voz

É o fogo que a espada tempera  
Que tempera nosso coração:

O Alfageme, se a patria o espera,  
Se ella arvora seu nobre pendão,  
Deixa a forja—e á patria, que espera,  
Leva a espada!—leva o coração!

Côro

Alfageme, a patria te espera  
Deixa a forja!—leva o coração.

Voz

O Alfageme, que faz a espada  
Com que a glória se vai ganhar,  
Tambem lhe pôde a mão crestada  
Levá-la ao campo a triumphar.

Côro

Oh! pôde, pôde a mão co'a espada;  
Levemol-a ao campo a triumphar!

Voz

O Alfageme, que espadas tempra,  
Queima o braço, calleja-lhe a mão.  
Pela patria que a vida lhe dera,  
Como a forja, lhe arde o coração;  
O Alfageme, se a patria o espera,  
Deixa a forja, leva o coração.

Côro

Alfageme, a patria te espera;  
Deixa a forja, leva o coração!

Gil Serrão—Viva o Alfageme!

Todos—Viva!

Braz Fogaça—Morrão os schismaticos!

Todos—Morrão!

Alfageme—Viva a nossa liberdade!

Todos—Viva!

Alfageme—Os nossos vereadores estão vendidos; os  
nossos mestres são uns covardes; hoje querem ac-  
clamar rei estrangeiro, querem-nos dar por senhor  
a el-rei D. João de Castella: havemos de soffrê-lo?

Todos—Não, não  
Alfageme—Puzeram as armas de Castella no pendão  
da nossa villa, e as de Portugal... as nossas Chi-  
nas, as santas Chagas de Christo por baixo!

Todos—Traidores!

Alfageme—Pois a elles, meus amigos que *(ouve-se um sino ao longe)* o bando não tarda a sahir dos  
paços do concelho. Não ouvis o sino da torre das  
Cabaças. E' o sino das Cabaças; é o bando que  
vae sahir. Não lhes deixemos acclamar o rei es-  
trangeiro, um excommungado. A elles, e viva a  
nossa liberdade!

Todos—Viva! Viva!

*(Continúa a dobrar o sino ao longe. O Alfageme toma de seu ar-  
mazem uma enorme hacha de armas; todos os trabalhadores se  
armam, cada um com a primeira coisa que acha, fica tudo em  
grande desordem, armas pelo chão, etc. Saem em tumulto,  
dando vivas; e repetindo o estribillo da canção do Alfageme.)*

Alfageme, a patria te espera;  
Deixa a forja, leva o coração!

## ACTO TERCEIRO

*As forjas do Alfageme estão apagadas*

### SCENA I

FROILÃO DIAS encostado á varanda do patim no alto da es-  
cada, olhando tristemente para os serralleiros e donzellas do  
Alfageme que entram aos dois e aos tres, e como que vêm  
muito cansados. Depois de algum espaço que dura esta scena  
muda, o ALFAGEME entrando com a sua hacha d'armas ás  
costas.

Alfageme—Tornem para cá a acclamar rei estran-  
geiro ás barbas de portuguezes!—Inda que o mais  
povo do reino se deixe quebrantar, aqui está o de  
Santarem para pôr pé atraz—pé de boi, portuguez  
velho—que não ha movê-lo!—Foi como em Lis-  
boa, foi melhor que em Lisboa; não o acclamaram  
e fugiram com a cabeça quebrada alguns dos taes  
fidalguiños!

Froilão—Valha-me Deus!

Alfageme, *(reparando em Froilão)*—Que é isso? es-  
taes triste! Não vos alegrades de nos ver contentes,  
não tomaes parte na nossa alegria?

Froilão—Meu amigo, Deus vol-a conserve,—e as não  
faça mudar em tristezas essas alegrias! Em toda a  
sinceridade do meu coração lh'o peço: mas quando  
ellas vêm tam alvorçadas, não duram.

Alfageme—Pois quê! achais que fazemos mal em  
renegar dos estrangeiros e punir por nossos direi-  
tos?

Froilão—Se fosse isso só!

Alfageme—E metter medo aos traidores para que  
nos não vendam?

Froilão—Andae, andae. Deus, que o permite, bem  
sabe por quê: altos são os seus juizos. Mas eu gosto  
de alegrias mais quietas e pacificas. Ha muito ti-  
nir de espadas n'essa solfa: não me agrada, não sei  
afinar por ella. Sou homem de paz, filhos, sou  
muito de paz.

Alfageme—A paz já não é possível. Sobre quem  
accendeu a guerra, caia todo o mal que d'ella vier,  
todo o sangue que se derramar! Nós somos inno-  
centes.

Froilão—Oh Fernão Vaz! na guerra civil não ha in-  
nocentes nem culpados. E' um flagello da ira divi-  
na que desafiam os peccadores dos reis—dos povos  
tambem. Todos são executores e todos são victi-  
mas: os que vencem portim, são ás vezes os que  
perdem mais. Mas... seja feita a vontade de Deus.  
Já que as coisas chegarem a isto!...—Para mim...  
acabou o ris e o folgar.

Joanna—Pois não! E nós que havemos de fazer,  
sem o nosso padre capellão, sem o nosso bom  
Froilão? Venha para baixo, venha o nosso...

*(Cantando)*

Venha o nosso padre, padre capellão.

Côro das Donzellas, *(querendo dansar, mas tibia-  
mente)*—

Que é o nosso santo de mais devoção!

Froilão, *(tristemente e descendo a escada)*—Vou, fi-  
lhas, vou, mas é rezar por vós, e pedir áquelle Se-  
nhor em cuja mão está o coração dos reis—e o  
dos povos—que a todos o assoegue, e nos mande  
paz e quietação.

Alfageme—E justiça.

Froilão, *(já em baixo)*—E justiça e justiça—que nun-  
ca andou senão abraçada com a paz. E' verdade, é  
verdade.

Alfageme—Bem, bem. Deus disporá como fôr sua  
vontade: nós ponhamos de nossa parte. Que bem  
sabeis. Quem se fia na Virgem e não corre ..

Emfim, tenho dito: o povo de Santarem não hade ficar atraz do de Lisboa!

## SCENA II

FROILÃO *vae-se encaminhando para sahir; o ALFAGEME como para entrar em casa; NUN'ALVARES.*

Nun'Alvares.—Froilão, o dito, dito.

Froilão.—Ahi sois vós, senhor D. Nuno?

Nun'Alvares.—Venho de estar com meus irmãos. O prior—quem tal diria!—o prior, meu irmão Pedro, está por Castella!—Paciencia, deixá-o. Diz que tem medo do povo; que isto que não pôde sahir bem. Veremos.—Diogo Alvares não; meu irmão Diogo: lembra-te! que sempre foi muito meu amigo...

Froilão.—E' guapo mancebo, é E D. Pedro também, e vós todos, vós todos.—Oh, que visse eu para vós ver armados uns contra outros!

Nun'Alvares, *(reflectindo)*—E' verdade.—Mas Diogo, resolvi-o: vae commigo para Lisboa.—Assim vêde: parto ao romper d'alva. E antes de partir...

Froilão.—Justaremos as nossas contas: está dito.

Nun'Alvares.—Eu vou ter com meu irmão Diogo, que está esperando por mim alli em baixo.

## SCENA III

FROILÃO DIAS, o ALFAGEME

*à porta da sua casa, com a espada de Nun'Alvares, depois GIL-SERRÃO.*

Froilão.—Uma palavra, Fernão Vaz.

Alfageme.—Já sou comvoso: deixae-me dar ordem a esta espada que prometti de ter prompta esta noite, e já não sobra tempo. *(Falando para dentro)* Oh lá, Gil Serrão! *(Apparece Gil Serrão à janela)* Vós, que já não sois para reboliços e que licastes em casa, e não estaes estropeado de saltar e gritar como essa gente toda que ahi entrou agora,—vós ide-me trabalhar no corregimento d'esta espada, que d'aqui a duas horas tereis prompta de vosso trabalho. Eu por minha mão lhe virei depois dar o último fio:—que é obra de primor, e para quem... *(como quem duvida e depois se resolve)* para quem a merece; é verdade; merece.

Froilão, *(chegando-se e pegando na espada)*—Ou eu já estou tonto de todo, ou estou conhecendo esta espada.

Alfageme, *(dando-lh'a)*—Vêde lá, vêde lá.

Froilão.—E' a mesma: não ha outra em todo o Portugal como esta. De Rhodes a trouxe quando la foi servir suas commendas meu senhor D. Alvaro que Deus tem em glória, com ella foi ao Salado quando em suas victoriosas mãos levava hasteado o lenho da Vera Cruz, com ella voltou triumphante.—Oh espada de meu santo amo, raio de Deus que tanto brilhaste n'aquellas mãos bemaventuradas! deixa-me te beijar, espada invencivel, symbolo de glória e de justiça que nunca defendeste senão a honra e a virtude, deixa-me beijar a tua santa cruz por cuja causa triumphaste sempre!—Reliquia preciosa de meu santo amo!—E como veiu ás tuas mãos este thesouro, alfageme?

Alfageme.—Deram-m'a a corregger e guarnecer.

Froilão.—D. Nuno?

Alfageme.—Esse foi.

Froilão.—Providencia de Deus! a espada quer'ida do pae tocou ao filho mais querido!—Honrados são todos e cavalleros; mas o do coração era este. Inda bem que lhe cahiu em partilha.—Meu Deus, meu Deus, tenho fé que com esta espada ninguém ferirá sem justiça, ninguém poderá defender uma causa má e reprovada de vós.—*(Para o alfageme)* Ter lh'a-heis prompta logo?

Alfageme.—Para esta noite lh'a prometti, e não farei. *(Di a espada ao official para dentro de casa.)*

## SCENA IV

FROILÃO DIAS, ALFAGEME, GUIOMAR e MENDO PAES *chegando ao alto da escada*

Froilão.—Ora vinde cá.

Alfageme.—Dizei o que quereis.

*(Conversam em voz baixa para um lado)*

Guiomar, *(a Mendo)*—Fica tu, Mendo; que eu vou vêr a doente. Logo me explicas tudo isso, e eu te acabarei tambem de informar do que por cá vae.—Mas apesar do pouco bem que lhe quero, não posso deixar de a ir vêr.

Mendo.—A quem, a Alda? Pois tam mal está?

Guiomar.—Não: é coisa que logo lhe passa. E' sujeita a esses estremecimentos que dizem—mal de coração. Na verdade o que é, é que está derrancada da boa vida em que a criaram para fidalga.—A filha do mórdomo de Alvaro Gonçalves, com effeito!

Mendo.—Nossa prima ainda.

Guiomar.—Mas que prima! já nem se lhe sabe o grão.—Como é delicada aquella Senhora! Só de vêr o mano...—Está forte mano! o mano Nuno, lhe deram aquelles enturvamentos de cabeça—Boa mulher de casa para um homem de trabalho, que precisa de lidar!

Mendo.—Sim, que tu n'outro tempo... Mas isso já lá vae.—Pois com effeito, Fernão Vaz?

Guiomar.—Logo te direi tudo; e avisaremos no que se hade fazer.

Mendo.—E Nun'Alvares?

Guiomar.—Chegou hoje do Alemtejo, poucas horas antes que tu chegasses de Lisboa; encontrou-a em requebros com o alfageme—e d'ahi é que foram aquelles desmaios—O amor dos manos ainda é o mesmo de parte a parte. Mas ahi ha coisas. Froilão, Froilão é que anda tecendo isto. Vê! Elles alli estão a cochichar. *(Apontando para onde está o alfageme com Froilão)*—Olha se percebes alguma coisa, e logo falaremos.

## SCENA V

FROILÃO DIAS, ALFAGEME, MENDO PAES  
*no patim da escada*

Froilão, *(como continuando a conversação e tomando calor)* E' a vossa última palavra?

Alfageme.—A derradeira.

Froilão.—Estaes determinado?

Alfageme.—E' uma resolução firme, inalteravel, como são todas as minhas.

Froilão.—Que esperaes ganhar com isso?

Alfageme.—Nada—perder muito talvez.

Froilão.—E' o certo.

Alfageme.—Embora. Resolvi, não mudo.

Froilão.—Paciencia!... Perdi a mais doce, a mais querida esperanza da minha vida.

Alfageme.—Pois que esperaveis de mim? Que chegado o ensejo de obrar, vinda a hora do perigo e do trabalho, eu desamparasse o do meu partido, os meus populares, e aqui me ficasse a amolar espadas, emquanto outros as vão dar ao vento das batalhas?—Nunca.

Froilão.—Um homem como vós, abastado, independente... lançar-se no remoinho da guerra civil, renunciar ao socêgo, á paz da sua casa, á felicidade de tranquilla que podia gosar com uma esposa querida!

Alfageme.—Padre, essa ventura não a creou Deus para mim... Deixae-me: para infeliz basto eu, a

minha negra sina hei-de correr a eu só... (*prosegue como quem diz involuntariamente o que não queria dizer*) E quem vos diz, homem, que não é o desespero que me arremeca na voragem?—que não é o vêr-me fechadas para sempre as portas d'esse paraizo com que sonhei, o que me arroja ao terrível abysmo?... abysmo espantoso, mas em cuja tremenda agitação só pôde haver socego, vida para um coração desatinado, para uma alma perdida, como a minha! Quem sabe se o desejo, se a esperança de satisfazer a unica paixão, o unico prazer dos desesperados, a vingança?...?

Froilão—Vingança, Fernando! de quem?

Alfageme—De quem!... de quem?—De um homem que sou obrigado a estimar, a respeitar, cujas qualidades e espirito superior me acovardam e humilham, de um homem que... Não me pergunteis quem é, Froilão; não vo-lo direi. E nunca lhe perdorei a elle, nem quando nas agónias do passamento, abraçado com a cruz do Redemptor.

Froilão—Calae vos, calae-vos, Fernando; tende dó da vossa alma.—Oh meu Deus, meu Deus, e este era o homem que eu tinha escolhido para meu herdeiro, para lhe deixar o precioso thezouro que a nenhum outro confiára! Este era o homem virtuoso, sem ambição, e quebrado nas paixões do mundo, a quem eu queria entregar a minha Alda!...

Alfageme (*com ironia amarga*)—Alda me daveis vós a mim?

Froilão—Dava sim, porque te não conhecia, homem de soberbas e vinganças, que em teu coração de republico tens mais requintados e violentos todos os vícios de que tanto accusas a esses que Deus pôz acima de ti na ordem do mundo. (*Com tristeza e des consolação*) Ah Fernão, Fernão, Deus te perdoe o mal que me fazes—e Deus te pague o desengano que ainda me dás a tempo!

Alfageme (*com violencia crescente*)—Desengano-vos eu?... Será.—Mas quem, pelo sangue de Christo, quem é que me enganava a mim?

(*N'estas ultimas palavras apertt com tanta força a mão de Froilão, que o faz desfalecer e curvar-se.—E logo, como cabindo em si, o ampara e faz sentar no banco ao pé das arvores.*)

Froilão—Quereis... matar-me?... Começas por mim vossas bizarras de campearor?

Alfageme (*meio ajoelhado*)—Oh perdoae-me, perdoae-me por quem sois. Estou louco, estou perdido. Perdoae-me, que não sei o que faço nem o que digo.

Froilão (*sem olhar para elle, fazendo lhe signal com a mão*) Pois sim, sim, estaes perdoado; mas deixae-me, por caridade, deixae-me...

Alfageme (*indo-se pelo fundo da scena*)—Agora sim, que sou um homem reprovado e maldito de Deus!

## SCENA VI

FROILÃO DIAS, MENDO PAES, (*que se vem chegando.*)

Froilão (*sem vêr Mendo*)—Minha filha, minha rica filha, que hade ser de til—ou a vida ou a razão estão por pouco; bem o sinto. Mas antes seja aqui que se acabe (*pondo a mão no coração*) do que aqui, meu Deus! (*batendo na t-sta*)—Oh! seja... seja feita a vossa vontade sobre tudo. (*Silêncio longo: Froilão está todo cbsorto em seus tristes pensamentos*)

Mendo (*chegando-se a elle como quem o quer consolar*)—Não vos afflijais assim, meu velho Froilão: não hade ser nada. Alda está melhor: agora me disse minha irmã que já estava boa, que não é nada.

Froilão (*sem olhar para elle*)—Não é nada?

Mendo—Não; não é para vos affligirdes assim.

Froilão—Não é para me affligir!—(*Levantando-se e olhando para elle*) Senhor Mendo Paes, vós sois

moço, cheio de vida e de esperança: não sabeis o que isto é; não sabeis o que é ser velho, sentir-se com um pé já frio dentro da cova, e as mãos ainda apegadas a este mundo—e o coração a vaziar-se de esperanças e a encher-se de saudades... Deixae-me, deixae-me ir abraçar a minha filha, que preciso... preciso.

Mendo—Se é Alda que vos dá cuidado, padre...

Froilão—Pois que hade ser, homem! Que outro apêgo tenho eu a este mundo! Tam bello é elle?

Mendo—Estou pasmado de vos ouvir. Vós tam alegre de vosso natural, que sempre nos prégaes que a tristeza e a desconfiança em Deus é peccado,—que, seja qual fór a nossa sorte, devemos estar contentes com ella e viver satisfeitos!... Vós, Froilão!

Froilão—Eu, Froilão, eu, aquelle velho alegre e descauidado que, zombando com elles, venci os trabalhos da existencia, que, a rir e a folgar, passei, cantando, as ruas da amargura d'esta vida, e cheguei ao calvario da velhice, tremendo com os annos, mas sem penas nem remorsos... eu n'este derradeiro termo da decrepitude, onde cuidei adormecer sem sobresalto, expirar sem agonia, mais abraçado com a minha cruz do que pregado n'ella... oh! a minha esperança era uma esperança impia e desrida. Castigou-me Deus: tenho na bocca a esponja do fel e do vinagre;—nem o justo passou sem ella, como passaria o peccador!—Oh meu Deus, meu Deus, para que vivi eu até esta hora!

Mendo—Socegae. Pois é Alda que vos dá cuidado, aqui está com minha irmã, commigo...

Froilão (*andando e sem olhar para elle*)—Sim, sim.

Mendo—Que lhe queremos como parentes.

Froilão (*ao mesmo modo*)—Sim, sim.

Mendo—Nunca lhe faltará abrigo nem protecção; e do que tivermos repartiremos com ella sempre.

Froilão (*parando e voltando-se para elle*)—Sim, sim. Deus vol-o pague, Mendo.—Deus vol-o pague.

—Mas lá disse o Evangelho que nem só de pão vive o homem. E o maior desabrigo e desconforto de uma alma é não ter outra alma a que se encoste. E a minha Alda, a minha Alda quando eu não estiver cá para a amar, quem hade amal-a como ella merece, como aquelle coração precisa, se não fór um esposo... um esposo que saiba o que ella vale?

Mendo—Tambem... se quereis que vos diga, meu amigo, não sei que amizade era aquella do prior do Crato, do vosso D. Alvaro Gonçalves, que nem um triste dote soube deixar a sua rica afilhada por quem tanto morria.

Froilão (*com vehemencia*)—Não lhe deixou dote! Quê? As prendas, a criação que lhe deu, aquella innocencia, aquelle juizo, aquella virtude... Bem digo eu que me não entendeis, Mendo. Inda bem que ella não tem outro dote.

Mendo—Porquê?

Froilão—Porque não faltariam cubiçosos, e... quem sabe? Talvez vos cahisse nas mãos. (*Sóbe pela escada acima depressa e entra.*)

## SCENA VII

MENDO-PAES

—E não se engana, que para eu morrer de amores por ella, para a eu preferir a todas as mulheres d'este mundo, não lhe falta senão essa virtude que todas as outras realça: um dote honesto e decente. —Belleza, graças, donaire, tudo me arrebatou na rica priminha. Mas casar... minha pobre Alda, isso agora!... Virtude... virtude tem ella de mais! e fraca esperanza posso eu ter...—E d'ahi, quem sabe? ella não tem dote. —Se a quererá mesmo assim o

alfageme ?—Quer, quer, quando não é homem de reparar n'essas coisas. Elle tambem, com o cabedal que elle tem, pôde fazer o que quizer.—Um villão rico como um senhor! E eu pobre, miseravel e devendo-lhe uma somma que nem eu já sei.—E' preciso livrar-me d'elle e da divida. Veremos: estes tempos de alterações são optimos para a gente se arranjar. *(Olhando para o fundo da scena.)* Ah! vem Nun'Alvares Pereira. Vou-me antes que me veja, que tenho medo d'elle. Não sei o que tem nos olhos aquelle moço que parece lêr no coração da gente. Desconfio que me conheça, que perceba que me finjo tão alleiçoado ao Mestre d'Aviz porque assim me faz geito para servir melhor o meu partido.—O partido da rainha! Sou do partido da rainha, sou. Por quem havia de eu ser? Sou pela rainha, porque ella tem os exercitos d'el-rei de Castella atraz de si, e por fim é quem hade vencer, deixá-os andar.

## SCENA VIII

MENDO PAES; GUIOMAR *do alto da escada*

Guiomar—Mend'!

Mendo—Quê?

Guiomar—Vem cá, vem já, que tenho muito que te dizer com pressa.

## SCENA IX

NUN'ALVARES, *embaçado na capa, e com o chapéu-rão calhado sobre os olhos.—E' quasi noite.*

São horas; é noite, noite quasi fechada, escura já—e cada vez escurece mais—como a pede o meu desejo.—Oh Alda, vou desenganar-me do teu amor; vou-te dar tal prova do meu coração, que se tu... *(Encosta-se a uma arvore e fica como abso vido em seus pensamentos.)*

## SCENA X

O ALFAGEME e NUN'ALVARES, *sem se verem um ao outro*

Alfageme *(entrando)*—Não é possível! Este alvoroço, estes tumultos que tanto excitei, já me não podem excitar a mim. Este favor do povo, que por toda a parte me acolhe, que era o alvo de todos os meus desejos, já me não move, já me não satisfaz, não me distrae d'este fatal, d'este insupportavel tormento que se me apossou d'alma.—O povo que faça o que quizer, que sirva aos Castelhanos ou ao Mestre d'Aviz. Que me importa! Que reine D. João o legítimo ou D. João o bastardo, D. Leonor ou D. Beatriz, catholicos ou schismaticos, que se me dá a mim! Quebrou-se-me o pulso para a espada, quebrou-se-me o coração para o odio.—Matarem-te, alfageme... Pois matarem um homem!—Disputae entre vós esta pobre terra de Portugal... combatei á vontade, que o terceiro é portugal... Por mim já agora... *(Entra para sua casa sem ver Nun'Alvares, e atira violentamente com a porta.)*

Nun'Alvares, *(ouvindo bater a porta)*—Quem vae ahi! quem é?—Enganei-me, não é ninguém *(Corre a scena observando)*. Está tudo só.

## SCENA XI

NUN'ALVARES, *que voltou a encostar-se á arvore;* ALDA e FROILÃO DIAS, *apparecendo no alto da escada.*

Froilão, *(baixo para Alda)*—Parece-me que é elle que alli está encostado áquella arvore.

Alda, *(sem olhar)*—E'

Froilão—Vês bem?

Alda—Não vejo, sinto.

Froilão, *(aparte)*—Coitadinha! *(Alto)* Vae, desce até meia escada: eu aqui fico; não tenhas receio, se vier alguém, a minha presença aqui te salva de toda a calumnia.—Mas não virá ninguém; é tarde, em casa todos estão accommodados, e ahi defronte tambem não percebo... *(Observando)* Está tudo quieto e só.—Minha filha, sou eu que auctorizo, fui eu que ordenei esta explicação entre vós:—era indispensavel, mas deve ser a ultima.

Alda—Sim, meu tio.

Froilão—Tenho plena confiança em ti, Alda. Tudo o que fizeres dou por bem feito e approvo já. Tudo, menos continuar n'este fatal galanteio.

Alda—Galanteio, meu tio!

Froilão—Pois seja paixão, sejam esses requintados amores que imaginaes.

Alda—Tam innocentes, tam puros!

Froilão—E que por isso mesmo te desacreditam mais, porque não tens malicia para os encobrir.—Emfim vae, vae, e acabemos com isto. *(Esconde-se.)*

Alda, *descendo lentamente a escada, e parando de degrão em degrão*—Meu Deus! tremo toda... Desço esta escada como quem... Creio que não custa mais a subir a do patibulo! *(Tomando resolução)* Meu Deus, dae-me força; Virgem do Amparo, sode cunhigo. *(Desce apressadamente uns poucos de degrãos, para como quem ficou muito cansada, põe a mão no coração, e depois, olhando para onde está Nun'Alvares.)* E' elle que alli está decerto. *(chama)* Nuno!

Nun'Alvares, *(sobresaltado)*—Quem me chama?Alda, *(chamando outra vez)*—Nuno!Nun'Alvares—E's tu, Alda? *(Correndo para ella.)*

Oh! és: não ha outra voz que sou assim.

Alda—Sou eu, Nuno; sou eu que venho falar-te... que te venho dizer... Ai, Nuno! não ha remedio, é preciso. Isto havia de acabar. Bem m'o advinhava o coração. Eu fechava os olhos para não vêr a realidade, para não acordar d'este sonho de creanças em que temos vivido... eu, ao menos, eu... e que se desvaneceu porfim.—Um sonho, um sonho, Nuno, mas em que eu era tam... tam feliz: para que o heide negar? Não sabes tu?

Nun'Alvares—Sei, minha Alda, sei. Que tens, que podes ter tu n'esse coração que eu não veja?

Alda—Inda bem, Nuno, que assim o crês: não duvidarás nunca de mim?

Nun'Alvares—Duvidar de ti!

Alda—E hasde acreditar tudo o que eu te disser?

Nun'Alvares—Tudo

Alda—Pois quero-te confessar uma coisa, quero-te dizer...—Faço mal n'isto; não se deve dizer: uma donzella honesta, assim na cara de um homem... —Mas tu és meu irmão, Nuno.

Nun'Alvares—Sou, diz: que me queres confessar?

Alda *(depois de breve silencio)*—Lembras-te dos nossos primeiros annos, dos nossos innocentes brincos de creanças, na Flor da Rosa, quando tu, pouco mais velho do que eu, terias dez annos...

Nun'Alvares—E tu oito.

Alda—Te chamavas o meu cavalleiro, e me sentavas ao pé da fonte da Moira no fim da quinta, debaixo d'aquelles castanheiros tam altos... E' fazia uma calma! mas alli era tam fresco... E eu era a Bella Infanta, dizias tu, no meu jardim assentada, e tu eras o cavalleiro que vinhas da Terra Santa perguntar-me pelo anel de sete pedras, de que me tinhas deixado metade...

Nun'Alvares, *(mostrando-lhe a mão esquerda, e fazendo acção de tirar um anel)*—Pois a minha eila aqui.

Alda—Bem sei.—E vinha teu irmão Diogo disputar-te

o direito... E brigaveis ás lançadas... de canna; tu para defender a tua dama, que era eu,—e elle, mais velho que tu, ficava sempre vencido. E depois, tu vinha a mim e... e...

Nun'Alvares—E beijava-te... (*Quer abraçar a*)

Alda (*idando-lhe a mão*)—A mão, cavalheiro.

Nun'Alvares (*tomando-lhe a mão e beijando-l'ha*)—E' verdade, era só a mão d'essa vez.

Alda—E teu irmão, desespera'o...

Nun'Alvares—Ah! assim é que era: quando elle se desesperava muito, muito,—então, para o fazer raiar ainda mais, o beijo era... (*Quer beijar-l'ha na face*)

Alda (*evitando o*)—Não está aqui teu irmão agora, Nuno...

Nun'Alvares (*resignado-se*)—E' verdade.

Alda—E eu tinha oito annos!—(*pausa*) E lembras-te quando teu pae nos vinha achar n'estes innocentes folgedos, como elle ria, e me tomava no collo, e dizia:—«Ora basta de brincadeira, que me parece que a bella infanta vae tomando o caso a serio.»—E eu, d'aquella idade!... eu corava, Nuno.

Nun'Alvares—Coravas, porquê?

Alda—Porque teu pae dizia... a verdade.—Já não tinha outro prazer senão estar contigo, já me aborrecia onde tu não estavas, já te amava... como agora te amo.

Nun'Alvares—E eu! Se os nossos corações nasceram assim, se já Deus nos creou um para o outro!

Alda—Deus, pôde ser; não sei. Mas desde então até a zora, e á proporção que fomos crescendo, se foi alargando—n'este mundo em que temos de viver—a immensa distancia que hoje nos separa.—Amo-te ainda, Nuno... Sabe a Virgem do céu com quantas lagrimas lh'o tenho confessado, que lhe tenho pedido que me ampare, que me defenda.

Nun'Alvares—De quê, Alda?—O meu amor, com ser apaixonado e violento, deixou já mais, ao pé de ti, de ser tímido e recatado, innocente como o amor de um irmão? E tu pedias á Virgem que te defendesse!... de quem?

Alda (*abaixando os olhos*)—De mim, Nuno.

Nun'Alvares (*com enthusiasmo*)—Oh Alda, esta noite é o primeiro dia da minha vida!

Alda (*tristemente*)—E o derradeiro da minha.

Nun'Alvares—Que disseste!

Alda—O que é verdade, o que hade ser, o que é tam certo e resolutu na minha alma, como é certa a crença, a confiança que tenho em Deus que me ha de ajudar, que me hade salvar.

Nun'Alvares—Oh Alda!

Alda—Este amor nasceu antes da razão e tomou o lugar d'ella: quando a idade a trouxe, já não achou onde caber: mas tambem nasceu sem esperanças, elle! Innocente creancinha como eu era quando nasceu, bem vi que as não tinha. Nasceu... cresceu sem ellas, que é maior prodigio!—mas já vês que não podia ser vidoiro: traz a morte em si. E o termo fatal chegou; está na agonia, bem vês. Deixa-o morrer em paz, meu irmão.

Nun'Alvares—Morre! Este amor que nasceu com-nosco, que é parte da nossa vida! Não o deixarei morrer; não eu, Alda, que ainda quero viver.

Alda—Tambem eu quero... Não queria, mas agora preciso viver. E Deus e a Virgem, e o sentimento de minhas obrigações, e a satisfação de as ter cumprido me hão de dar animo para affrontar com a vida e soffrel-a.

Nun'Alvares (*com despeito*)—Bem dizes que nasceu fraco o teu amor, Alda, que assim pôdes ser tam valente com elle. Eu não.

Alda—Tu não! Porquê?—Porque me tens mais amor do que eu a ti?—Oxalá que o acreditasses! Mas não o crês. Esta valentia por que me motejas, d'onde vem ella por fim senão do mesmo excesso do meu amor?—Nuno, eu sei quanto te amo; e tu

tambem o sabes. Assim como sei todo o amor que me tens: com elle contei. Nuno, meu querido irmão, ajuda-me, salva me de mim mesma. Tem dó de mim, meu irmão!

Nun'Alvares (*tristemente*)—Irmão! (*R s luto*) Sou Alda, sou teu irmão. Que queres tu que eu faça?

Alda—Que partas já.

Nun'Alvares—Jurei partir ao romper d'alva...

Alda (*com sobresalto*)—Tam cedo!

Nun'Alvares (*enternecido e pegando-lhe na mão*)—Oh Alda!

Alda—Oh Nuno!

(Ficam algum tempo assim, como em suspenso e cahindo-lhe as lagrimas.)

Alda (*esforçando-se para serenar o rosto*)—Bem: partirás ao romper d'alva... e irás para muito longe, para muito longe... aonde te espera... (*Quer tirar a sua mão da d'elle*)

Nun'Alvares—Quem?

Alda—Meu Deus, que força é preciso!... onde te espera a tua esposa.

Nun'Alvares (*largando-lhe a mão*)—Nunca! Jamais... Nunca!

Alda—Prometteste.

Nun'Alvares—Prometti... fizeram-me prometter.

Assignei, sim, uma escriptura que está nulla, nulla.

Alda—Meu irmão, tu queres-me perder? De que me serve a minha innocencia de que Deus e tu são testemunhas, se tu atiras assim com a minha fama, com a minha honra ás eslamadas bocças da calumnia! Que dirá o mundo, que dirá essa poderosa familia que a-sim vae injuriar? A tua propria familia o que hade dizer?—Que o criminoso amor de uma donzella que não pôde ser tua mulher... e que tu fizeste... que tu abaixaste a tua... (*Com grande afflicção e desconsol*) Oh Nuno, Nuno! tua irmã, a tua Alda com similhante nome pelo mundo! (*Desista a chorar*.)

Nun'Alvares (*tomando-lhe as mãos*)—Por Deus que está no céu, Alda, pela alma de meu pae, pela sua espada que aqui... (*Vae com a mão ao lado da espada e não a acha*) Que é da minha espada?... Ah sim.—Mas pela santa cruz d'aquella santa espada te juro que tal esposa não tomarei por mulher se tu...

Alda (*cobrindo o rosto com as mãos*)—Se eu o quê?

Nun'Alvares—Se tu queres ser minha esposa, minha mulher.

Alda (*com enthusiasmo e alegria*)—Meu Deus, meu Deus!—Que disseste, Nuno?

Nun'Alvares (*resolutu*)—O que hoje, hoje mesmo, agora, n'este mesmo instante quero cumprir. Tenho a palavra de teu tio.

Alda (*incredula*)—De meu tio?

Nun'Alvares—Sim, de teu tio, que logo, aqui, n'essa capella nos receberá. Eu tenho de partir ao romper d'alva, que me chama o Mestre a Lishoa; mas partirei teu esposo (*com jubilo*). teu marido, Alda, teu para sempre, teu a face do céu e da terra. (*Quer abraçar a*.)

Alda (*evitando o*) Ainda não, Nuno.—(*Fazendo esforço para se tranquilizar*) Cuve. Tu vae para Lishoa a chamado do Mestre?

Nun'Alvares—Vou: que tem?

Alda—Não te apartarás de sua companhia, de sua casa, não o abandonarás nos perigos, nas arriscadas empresas que já começou...

Nun'Alvares—Não por certo; nunca, antes morrer mil vezes.

Alda—Viverás na corte, no paço, com os teus eguaes, com os teus parentes, entre essas damas tam nobres e tam desdenhosas... cercado de...

Nun'Alvares—Que importa. Alda! Na corte ou no campo, rico ou pobre, grande senhor ou obscuro cavalheiro, serei teu sempre, teu.

Alda (*vacillando*)—Não digas mais, Nuno, não digas

mais. *(Enternece e tristemente)* Deus te hade pagar a consolação que me deram as tuas palavras. Fizeram-me um bem. — Oh Nuno! eu tinha vergonha, tinha remorsos do meu amor; já não tenho — Eu, uma pobre orphã, sem nome e quasi sem parentes... tu D. Nuno Alvares Pereira... Como havia de eu aspirar?... Havia não sei quê n'este amor, que me degradava, me envilecia a meus próprios olhos. Agora faço gloria d'elle. — D. Nun' Alvares Pereira queria-me para sua esposa! *(Com agradecimento)* Oh meu Nuno!

Nun' Alvares — Não eras tu minha irmã, Alda? Tirando-te esse nome que te foi dado por meu pae, qual te havia de dar eu?

Alda — Obrigada, Nuno; Deus t'o pague! Deus t'o hade pagar — Até aqui tive eu força, mas agora...

Nun' Alvares — Agora o quê?

Alda *(resoluta)* — Agora que medi toda a generosidade d'esse coração, agora que te devo mais que a vida, mais que a honra — porque a meus próprios olhos me elevaste e ennobreceste — agora que vejo, Nuno, que sou obrigada a confessar que o teu amor ainda excede o meu... Excede? — Excede, sim: eu não tinha senão a minha honra, e não t'a dava... não; prezava mais o meu nome que a tua felicidade. — E tu! tu sacrificavas-me nome, grandeza, esperanças do mundo... quem sabe se a honra tambem? — Pois quê, Nuno! Reflecte bem: que haviam de elles dizer? — D. Nuno Alvares Pereira, ceitado!... aquillo foram escrupulos de consciencia... era uma pobre de Christo, teve d'o d'ella... Elle tambem não é rico; e depois já não havia outro remedio... E hão de te apontar ao dedo, e hão de sorrir quando tu passares...

Nun' Alvares — E tu não sabes que com tres polegadas de ferro da minha espada cravo, na bocca do infame, a lingua que se atrevesse a... e calo para sempre os faladores todos?... se taes houvesse, que não ha; enganastes-te, Alda: fazes-te injuria a ti propria.

Alda — Bem sei que o farias como dizes, que os havia de calar. Mas a fama de tua mulher... de tua mulher, Nuno! A tua fama, a tua honra seria feita á ponta da espada. E ella, a mal-agourada, em continuos transe, em susos sem prela vida! de quem lhe dava a honra! — *(Com resolução)* Tal não será, Nuno! não has de ser mais generoso do que eu; não me amas mais do que eu te amo.

Nun' Alvares *(enternece)* — Alda!

Alda — Não posso, não devo, não hei de ser tua mulher.

Froilão *(aparecendo)* — Bem, minha filha, bem! — que vos disse eu, Nuno? *(Desce.)*

Nun' Alvares *(Olhando para cima)* — Oh! Froilão... Já me não lembrava; agora entendo porque... *(Para Alda com vehemencia)* Isso não vem do teu coração, Alda; não pôde ser. Foi elle. — Pois juro o sangue de Christo que...

Froilão — Não jureis, D. Nuno, que é falso.

Alda *(com brandura)* — Nuno, em tam pouco me esumas que me não julgas capaz de uma acção boa por mim?

Nun' Alvares *(perdendo a cabeça)* — Não sei, não sei. Já não creio em ninguem, já não creio em nada... — E que feras tu, Alda? Que faires vós d'ella, Froilão? Vós, no fim da vida, ella que mal a começa agora!... Já vejo. — Oh Alda, Alda! uma prisão perpetua... tal será o premio do meu amor e da tua virtude... um mosteiro!

Froilão — Não por certo.

Nun' Alvares — Então o quê? — Ousareis?...

Froilão — Casal-a com um homem honrado, da sua egualha, que tenha um coração para avaliar o que lhe dou, e fazenda para a poder estimar.

Nun' Alvares — Alda, Alda casada com um villão! A minha Alda! Aquella flor, tam mimosa de outro

trato, criada em jardins de senhores, hão de lançal-a na courella de um labrego... Oh Alda! *(Passa agitado pela scena; para no meio, como ferido de uma idea subita, e diz aparte)* Dislarcemos para saber, *(Alto e voltando para os dois)* Não consinto, não hade ser... So se... Bem, Alda, bem: eu, pelo menos, sou teu irmão, e tenho direito de saber quem é o meu... o esposo que me preferes.

Alda — Disseste bem, Nuno: que te prefiro.

Nun' Alvares — A mim!

Alda — A ti, meu irmão; porque tu não pôdes ser... senão meu irmão.

Nun' Alvares — E é?

Froilão — Este honrado visinho que aqui mora de frente, homem de...

Nun' Alvares — O alfageme?

Froilão — Esse.

Nun' Alvares — Um homem grosseiro

Alda — Não é, Nuno.

Nun' Alvares — Com que olhos o vês já!

Alda — Com os da razão: bem vê: que o não amo.

Nun' Alvares *(para Froilão)* — Um cabeça de motim!

Froilão — Cabeça não, D. Nuno: este motim, todos os motins começam por mais alto. — Mas descançae, que ou elle hade assocegar e deixar-se d'esses bandos, ou Alda não hade ser sua mulher.

Nun' Alvares — E tu queres, e tu consentes, Alda?

Alda — Quero, sim, meu irmão. E' um homem de bem, de bom coração, honrado, generoso; teve uma criação muito acima do seu estado... como eu, Nuno; — para cavalleiro estava, mas teve a nobre resolução de voltar a seu estado natural... como eu hei de ter, meu irmão.

Froilão — Tem d'os bens da fortuna, é laborioso e honesto, adora a...

Nun' Alvares *(inquieta)* — Adora-te?

Alda — Não.

Nun' Alvares — E tu queres casar com um homem que te não ama?

Alda — E eu tenho-lhe amor?

Nun' Alvares — Mas se... se elle te vier a amar? — E hade, oh! hade. Hade amar-te, Alda! — Um villão hade amar a minha Alda? — Hade amar-te, elle hade amar-te... e tu... tu?

Alda *(com firmeza)* — Meu irmão, eu heide fazer a minha obrigação; heide...

Nun' Alvares *(interrompendo-a)* — Hasde o quê, Alda?

Alda *(com serenidade)* — Heide amar a meu marido.

Nun' Alvares — Voto a Satanaz...

Alda — Nuno!

Nun' Alvares — Que tal não será. — Tu, Alda, tu amarás outro homem, vivo eu! Santo Lenho da Vera Cruz que... *(desvaire e resoluta)* Para amante não me queres... nem eu queria. Por e-poso não me acceptaste... Pois será o que escolheres; mas uma das duas coisas hade ser. *(Toma-a de repente nos braços e vae a fugir com ella. Alda desmai.)*

Froilão — Nuno, D. Nuno! — Acudam, acudam. *(Gritando a brados)*. Aqui del'.

Nun' Alvares *(arrojando Froilão de si)* — Deixae-me, eu juro pela espada de meu pae...

## SCENA XII

O ALFAGEME, saindo de sua casa com a espada na mão; NUN'ALVARES; FROILÃO DIAS, caindo como desmaiado; ALDA.

Alfageme *(tomando-lhe o passo)* — Não jureis em vão, senhor D. Nuno. A espada de vosso pae, tenho-a eu aqui: *(brandindo-a)* tomae-a primeiro, depois jureis.

Nun' Alvares — Quem és tu? *(Recuando e reparando n'elle)* Oh! o alfageme. *(Vae depór Alda ao pé do tio, e volta com ira concentrada)* Obrigado, meu

amigo! A ponto vindes. Hoje é dia de bom agouro. *(Deita a mão ao lado da espada, e não a achando, diz amargamente e por entre os dentes)* Oh fatalidade, sina má, não tenho espada!

Alfageme, *(abitando a espada e tranquillamente)* — Entrae n'aquelle armazem e escolhei.

Nun'Alvares — Vae tu mesmo; e dá-me essa que é minha.

Alfageme — Era de vosso pae. Está para vêr se sois digno d'ella.

Nun'Alvares, *(enfurecido)* — A mim, a mim, alfageme! Caro pagarás tudo. *(Corre a casa do Alfageme e volta com uma espada.)* Não dou esta honra a todos. Mas comtigo...

Alfageme, *(tranquillamente e com dignidade)* — Por ora tenho na mão esta espada, e sou mais digno de lhe pegar do que vós. — Brigaes com a espada de vosso pae, senhor D. Nuno, não com o villão que a tem no punho.

Nun'Alvares *(mais enfurecido)* — Defende-te, homem, por Christo, que já me peza a tua vida mais que a minha. *(Investe furioso com o Alfageme, que se defende com todo o sangue frio, e procura desarmá-lo sem lhe fazer mal.)*

Alda, *(acordando com o tinir das espadas)* — Nuno, Nuno, meu irmão, meu!...

*(Nuno cae.)*

Alda — Ai! *(Acode-lhe e abraça-se com elle.)*

Froilão, *(levantando-se)* — Que fizeste, homem! — Oh meu querido amor! *(Vae-lhe acudir também.)*

Alda, *(erguendo a cabeça, sem olhar para o Alfageme, mas levantando a mão para elle)* — Fernão Vaz, que vos não tornem a vêr os meus olhos.

Alfageme, *(com um sorriso amarello)* — Não é nada, senhor; vêde. Foi um leve bote no hombro, que lh'o não pude evitar por mais que fiz.

Nun'Alvares, *(tornando a si e sentando-se)* — Alda! — Foi a espada de meu pae: a justiça era por ella. *(Levantando-se em pé)* Não estou ferido: o poder d'aquella espada me derribou e me fez cahir em mim. Sois um homem honrado, alfageme. — Alda perdôa-me, perdôa a teu irmão, a teu irmão... que não é já... que hade vir a não ser... mais que teu irmão. — A minha espada, Fernão Vaz.

Alfageme — Eil-a aqui, senhor cavalleiro.

Nun'Alvares, *(beijando a muitas vezes)* — Espada de meu pae, que tam bem começa a servir-me! tu serás na minha mão...

Alfageme, *(com enthusiasmo)* — Um raio de gloria!

Alda, *(do mesmo modo)* — Um symbolo de honra!

Alfageme — A defensão de Portugal!

Froilão — A victoria de Chrisio!

Alfageme, *(como em extase)* — Sereis o primeiro homem de Portugal, D. Nuno Alvares Pereira! Não vos pese, não vos pejis de ser vencido do pobre alfageme. Foi essa espada que tem o condão de dar sempre a victoria a quem a empunhar pela virtude. Essa espada é de encanto. Nunca vi lamina assim. Boas fadas a fadaram; ou antes, no rio Jordão por mãos de anjos foi temperada. Tenho feito, tenho corregido muita espada, nunca vi faisca scentelhas como de fogo do céu, quaes essa deita. Essa espada vos fará grande, vos dará títulos, honras, vos fará... conde, Condestavel do reino... e digno de tudo isso!

Nun'Alvares, *(olhando a espada com complacencia.)*

Que brilhante está! *(Torna a beijar-a; depois co alfageme)* Ainda vos devo o preço...

Alfageme, *(sorrindo)* — Não me paguei já por minhas mãos?

Froilão, *(sorrindo)* — Fez de moleiro o alfageme.

Nun'Alvares, *(com bondade)* — Embora. — Esta bolsa contém mil dobras: será o dote de minha irmã *(entregando a bolsa a Froilão, e depois sorrindo para o Alfageme)*, e o preço da correção... da espada.

Alfageme, *(tomando a bolsa das mãos de Froilão e tornando a pô-la nas de Nun'Alvares)* — O dote de Alda é aquelle coração. Alda, eu ouvi tudo o que dissesstes.

Froilão — Ouvistes!

Alfageme — Ouvi, e fiquei sabendo o thesouro que me daes. — Senhor D. Nuno, o preço da correção... da espada dar-m'o-heis quando fordes Condestavel do reino.

Nun'Alvares, *(rindo)* — Quereis zombar. Eu Condestavel!

Alfageme — E' u na inspiração que Deus me deu, uma visão que tive quando a estava afliando. Vel-a heis cumprir, de certo; e então me pagareis. — Agora *(apontando para Alda)* que mais me quereis dar?

Nun'Alvares — Tendes razão. — Alda, a tua mão. *(Toma a mão de Alda e lh'a põe na do Alfageme.)*

Alfageme, esta mulher é minha irmã; dou-t'a eu.

Froilão, *(estendendo as mãos sobre elles)* — E eu vos abençoo.

Nun'Alvares, *(com um suspiro)* — Adeus, Alda... adeus!

Alda — Nuno!

Alfageme — Não abraçaes vosso irmão, Alda?

*(Alda olha para o Alfageme como quem o admira, Nuno faz outro tanto; abraçam-se.)*

Nun'Alvares — Adeus, Alda!

Alda — Adeus, meu irmão!

## SCENA XIII

NUN'ALVARES, ALDA, FROILÃO DIAS, ALFAGEME. *Côro dos Cavalleiros*

Nun'Alvares, *para os Cavalleiros* — A cavallo, meus senhores, e para i-bos! *(Para o Alfageme)* Por Deus, que sois o villão mais cavalleiro!...

Alfageme — Se ha tanto cavalleiro villão!...

*(Os Cavalleiros rodeiam Nun'Alvares e se dispõem para partir.)*

## Côro dos Cavalleiros

*(Musica guerreira)*

Partamos!

Corramos;

Partamos que a espada

Por sangue já brada!

Corramos!

Na ponta da lança

Flammeja a esperança

Da gloria!

A victoria

Nos quer coroar.

Partamos!

Corramos!

Galopa, galopa a bom galopar,

Que a gloria,

A victoria

Nos quer coroar!



## ACTO QUARTO

*É muito de madrugada: tudo fechado em casa do Asfageme; a de Mendo-Paes está illuminada, e ouve-se dentro musica festiva: ha toda a apparencia possivel de um sarão sumptuoso que se prolongou até de manhã.*

## SCENA I

D. GUIOMAR, Damas e Cavalheiros

Um Cavalheiro (*dentro*)—Por despedida, a canção d'el-rei Arthur e da sua Tavola-redonda.

Uma Dama (*dentro*)—Já rompe a manhã.

Guiomar (*chegando á varanda*)—E' dia, dia já claro, e este infernal festim sem acabar!—E meu irmão que ainda não voltou? Que terá succedido!

Um Cavalheiro (*dentro*)—Traição! a bella Guiomar que nos deixa, a rainha da festa que nos desampara, a nossa rainha Ginebra!

Vozes (*dentro*)—A rainha para o seu throno!

*Sãem varios cavalheiros e damas ao patim, que levam D. Guiomar para dentro*

Todos—A rainha da festa, e vamos á canção.

(Alguns Cavalheiros e Damas ficam de fora no patim)

Uma voz (*canta*):

## Cópia I

El-rei Arthur—o coitado!  
El-rei Arthur de Inglaterra,  
C'os seus doze cavalleiros,  
Vêdel o, vae para a guerra.  
Vão pagens, vão escudeiros,  
Tudo vae por seu mandado;  
Que el-rei Arthur de Inglaterra  
Vae para a guerra—coitado!

## Côro

El-rei Arthur de Inglaterra,  
Deixal-o ir para a guerra!

## Cópia II

Fica a rainha Ginebra,  
Fica a Tavola-Redonda...  
Deixal-o ir com seu primor!  
Lá de sangue espuma a onda,  
Aqui ferve almo licor.  
Suas glorias elle celebra,  
Nós a Tavola-Redonda  
E a rainha Ginebra.

## Côro

Suas glorias elle celebra,  
Nós a rainha Ginebra.

Um Cavalheiro—Guapa canção! E a proposito: o Mestre de Aviz e os seus valentões que o têm a elle pelo rei Arthur e a si por outros tantos Galaaes e Lancelotes! Pois que batalhem elles, e nós ficaremos com a Tavola-Redonda e...  
Todos (*cantando*):

E a rainha Ginebra.

Outro Cavalheiro (*saindo ao patim com o copo na mão*)—A' bella rainha Ginebra! E a virar.

Todos (*bebendo*)—A' bella rainha Ginebra!

Alguns—Outra copla, outra copla.

## Cópia III

Pela Tavola-Redonda  
Tambem vae rija a batalha,  
Rija, rija de matar.

Nem capace, nem malha  
Valem n'este pelear:  
Que a taça que gira á ronda  
E' quem traz esta batalha  
Pela Tavola-Redonda.

## Côro

Gire, gire a taça á ronda  
Pela Tavola-Redonda!

## Cópia IV

Pela rainha Ginebra  
Aqui só se ha de justar;  
E el rei Arthur—o coitado!  
Por lá que ande a brigar.  
Cada qual tem o seu fado:  
Emquanto elle escudos quebra,  
Nós os côpos—e a justar  
Pela rainha Ginebra.

## Côro

Lança e côpo aqui se quebra  
Pela rainha Ginebra.

*Entram para dentro os que estavam de fora e ouve-se musica festiva a tinir de côpos. etc.)*

## SCENA II

MENDO-PAES *ricamente vestido*: depois D. GUIOMAR, Damas e Cavalheiros

Mendo—Ainda por cá dura a festa!—E' mister que acabe agora para começar a outra. Estão furiosos os populares contra elle, e não tardarão aqui. (*Vae a subir a escada.*)

Guiomar (*Saindo ao patim*)—E's tu, Mendo? Inda bem! Que ha?

Mendo—Que está a entrar el-rei de Castella, o meu, o nosso rei.

Guiomar (*descendo a meia escada*)—Ao menos, graças a Deus, acabou isto.—Deixas-me aqui com esta gente ha mais de tres horas. E' dia e ainda se não vão; eu já não posso...

Mendo—Agora se irão, espera: em lhe dando a noticia. Que queres? Não havia remedio senão festejar este grande dia com os amigos, os bons, os nossos.

Guiomar—Bons, nossos!—Serão.

Mendo—Pois não são? Os principaes cavalheiros de Santarem — Espera que já te livro d'elles—E temos que falar. (*Sabe e diz para dentro da porta*) Meus cavalheiros, el rei D. João que chega.—El-rei D. João de Castella e Portugal.

Vozes, *dentro*—Vamos-lhe ao encontro. Vamos.

Mendo—Ide, que eu já vou.

(*Sãem damas e cavalheiros*)

## SCENA III

MENDO-PAES *torna a descer*;  
D. GUIOMAR *o segue*

Mendo—Estamos salvos, Guiomar. Custou. Dois annos de lidas e perigos. Dois annos quasi. Vejamos. Em o de dezembró foi a morte do conde de Ourem. A 8 cheguei eu aqui, e foi...

Guiomar—Aquella famosa aventura da espada do Condestavel.

Mendo—Já tu lhe chamas também Condestavel.

Guiomar—Se todos lh'o chamam!

Mendo—Mas nós não, que é reconhecer um titulo illegitimo. Quem deu ao Mestre d'Aviz o direito de fazer Nun'Alvares Pereira Condestavel do reino que não é seu?

Guiomar—Pois sim: que me importa a mim com isso.

Mendo—Oh! importa-me a mim.—Mas vamos: 8 de Dezembro... passou todo o anno seguinte; estamos a 8 de Agosto d'este anno. Ha justamente vinte mezes—inda não ha dois annos; é verdade. Mas o que se tem pssado! Ora vence o Mestre, ora el-rei de Castilla. E um homem de bem sem saber por quem se hade resolver —Emfim agora estou seguro.

Guiomar—Porquê? Estás certo que vencem os Castelhanos?

Mendo—Creio que sim; mas nunca fiando. Para descargo de consciencia e pelo que pôde succeder, tenho servido a um e a outro, e com ambos tenho ganho. E quanto cá ao nosso Aliageme e á enorme divida que lhe devêmos, que é o mais importante—aqui estão os alvarás ambos, *(mostra dois pergaminhos com sellos pendentes, um de fita azul, outro encarnada)* Provavelmente hade servir este, o vermelhinho. Mas se não servir, cá está o outro que também não é feio. E' azul: linda côr, boa côr igualmente! Todas as côres são boas, a falar a verdade.

Guiomar—Oh Mendo, Mendo, que não sei que te diga!

Mendo—Pois não digas nada, que é o melhor. Agora o caso é resolver o aliageme a parir. Elle de testa os Castelhanos—e isso bom é para nós,—mas está irresoluto na causa do Mestre, e é preciso decidillo.—Nun'Alvares e D. João estão em Abrantes: e se elle se resolver a ir para lá... tudo está feito.—Tenho arranjado cá uma coisa que me parece que não falha. Deixa estar.

Guiomar—Coitado!

Mendo—Isso! vê agora se te chega a compaixão; a boas horas—Mulheres! Já te não lembra a injuria que soffreste de um villão, Guiomar! Já te não lembra que a presença d'elle aqui, a sua vida, seja onde fôr, é um insulto, uma afronta para ti, para teu irmão... obrigado a devoral-a em silencio por não difamar o nobre sangue da nossa familia!

Guiomar *(córando)*—E' verdade, meu irmão... Mas porque não mataste tu esse homem antes... antes de elle casar?

Mendo—Mulher, mulher!... ciumes!—O nome, a fama, a honra da sua gente, a sua, nada a moveu... e o ciume, esse...

Guiomar—Que te importa o motivo, se eu consinto na infamia de tam baixa vingança?—que é o que tu queres.—O indigno, o hypocrita, tenho-lhe odio; a ella, á presumida da mulher, aborreço-a quasi tanto como ao marido... parece-me que mais. E ha dois annos que ahi estão casados e vivendo felizes...—Feliz elle! oh não, que eu bem conheço Fernando. Ralam-n'o os ciumes como a mim... Inda bem... Mas não basta: preciso mais solemne vingança.—Dizes tu que por esse modo, e partindo elle para o Mestre d'Aviz?...

Mendo—Ficarás vingada.

Guiomar—Villanmente.

Mendo—Com villão, villão e meio. Querias tu casar com elle?

Guiomar *(hesitando)*—Eu!... Bem sabes que não quiz. Um homem que se deshonrou, que se fez mechanico, podendo ser...

Mendo—Um cavalheiro pobretão. Pois bem, não quizeste. Que lhe havia de eu fazer? Matal-o, sabem.

do todos quanto lhe devo?—Como ficava eu? Perdido no conceito publico e sem me livrar da divida.—Assim é patriotismo, é lealdade; foi um sacrificio que fiz das minhas mais caras afeições no altar da patria.—O partido que vencer—o meu partido hademe acclamar um heroe, que é o costume.

Guiomar—Podias tê-lo provocado a um duello por qualquer pretexto—e matal-o honrada e lealmente.

Mendo—Um villão! Um duello com um baixo mechanico! Mendo Paes reptando a Fernão-Vaz, cruzar a sua espada com a do aliageme!

Guiomar—Não teve esse escrupulo o Condestavel.

Mendo—Nun'Alvares Pereira? E achas que fez muito bem? Não sabes como Fernando joga a espada?—O que lhe valeu a Nun'Alvares foi que elle o não queria matar.

Guiomar—Ah!... entendo.

Mendo—Nada; isto assim é melhor.—E a minha bella Alda, a minha desdenhosa priminha... Ella é a nossa prima, arredada sim, mas... E agora é preciso valer-lhe, amparal-a.

Guiomar—Mendo, esqueces-te que eu sou uma senhora e tua irman?

Mendo—Não: nem de que essa senhora me deu o direito de a expulsar de minha casa, é declarar a todo o mundo...

Guiomar—Mendo, és um covarde.

Mendo—Sou.

Guiomar—Um espia, traidor...

Mendo—Sou.

Guiomar *(desatando a s'cluir e a chorar drepente)*—Meu irmão, perdóame pelo amor de Deus—deixa-me ir, deixa-me ir já para um convento... o das Claras...

Mendo—E o dote?

Guiomar—Oh meu irmão, per alma do nosso paes; serei freira conversa, serei tudo... Mas vamos e já, já, senão morro... *(Está de joelhos.)*

Mendo—Guiomar!... *(D. Guiomar levanta-se)*—Vamos. Um dia hade fazer uma acção boa. Irás para as Claras. Está resolvido; mas primeiro, havemos de resolver est'outro arrependido a partir para melhor destino.—Oh eil os ahi vêm por fim. *(Ouve-se tumulto dentro.)*

Guiomar—Quem?

Mendo—Agora verás Vêm optimos; bons tostões e boas canadas de vinho me custou.

*(Sobem ambos a escada)*

## SCENA IV

D. GUIOMAR e MENDO-PAES no alto da escada. O povo entra em magotes amotinados: entre elles como chefes GIL SERRÃO, BRAZ-FOGAÇA e mais serralleiros do Aliageme e JOANNA, SERAPHINA e outras mulheres com elles

Côro do povo

Traição, traição, traição!

Gil Serrão—

Quem nos perdeu!

Braz Fogaça—

Quem nos vendeu!

Côro

Traição, traição, traição!

Gil-Serrão—

E' não ter alma.

Braz Fogaça—

Não ter coração.

Côro

Traição, traição, traição!

Guiomar *(para Mendo)*—São capazes de o matar, Mendo.

**Mendo**—E se fossem, a perca!—Mas não, não é nada; deixa estar.

**Guiomar**—<sup>6</sup>ntão o que é, que tem esta gente?

**Mendo**—!em o que ainda agora te disse; que está el-rei de Castella perto da villa, que ahi vai subindo a calçada da Atamarma; e agora estão com medo do castigo que merecem. E' o costume: chegasse tarde, mas chegasse devesas. Até aqui, o Alfageme era o seu homem, o seu capitão; agora hão de querer pendurar o caudilho á porta do Sol para vêr se lhes escapa a garganta d'elles, e hão de gritar que ainda bem que se livraram do Alfageme, que era quem os obrigava a fazer as maldades e as cruzes que fizeram.

**Guiomar**—Mas todos nós vimos o contrario; e a ti mesmo por duas vezes te salvou elle a vida, escondendo-te do povo e defendendo-te quando esses amotinados gritavam por esta escada acima: «Morrá o castelhano, o scismatico, o traidor, o espiá!

**Mendo**—E' verdade: e é a mesma coisa agora, a mesma gente, agora querem no matar a elle por não ser castelhano nem scismatico.

**Guiomar**—Pois sim; mas acode-lhe tu, e salva-lhe a vida ao menos, que bem sabes quanto lhe devemos.

**Mendo**—Devemos, devemos; e para lhe não dever é que...

**Guiomar**—Anda, vae.

**Mendo**—Se elles estiverem pelo que lhes eu disser...  
(*Lomça a descer lentamente a escada.*)

Côro

Traição, traição!

Joanna—Meu pae!

Gil Serrão—Minha filha!

Seraphina—E tu, meu irmão!

Côro

De nós que será?

Gil Serrão—

Ai quem nos perdeu!

Braz Fogaça—

Ai quem nos vendeu!

Gil Serrão—

Foi elle.

Côro

Foi elle, foi elle.

Braz Fogaça—

Pois já,  
Pois hoje por todos aqui pagará.

Côro

Pois hoje por todos aqui pagará.

## SCENA V

GIL SERRÃO, BRAZ FOGAÇA, JOANNA, SERAPHINA e mais amotinados; o ALFAGEME abrindo a porta de casa e saindo; atraz d'elle ALDA, FROILÃO DIAS e MENDO PAES; D. GUIOMAR no patim da escada.

**Alfageme**—Quem é que hade pagar por todos? Se sou eu, aqui estou. Em que moeda quereis que vos pague?

**Alda**, (*abrachando se com o Alfageme*)—Fernando, Fernando, lembra-te de teu filho?

**Alfageme**, (*desembaraçando-se d'ella*)—Deixa-me, Alda; estas coisas não são para mulheres. Vae para ao pé de teu filho, deixa-me.

**Guiomar** (*para Mendo*)—Então, vae, olha que...

(*Impaciente e levantando a voz*) Foge, Fernando, que te matam.

(Rumor entre os amotinados, que todos se voltam para onde está Guiomar.)

**Alda**—Ella tem razão, foge, Fernando.

**Mendo** (*chegando-se ao pé d'elle*)—E' o mais prudente, Fernando. Essa gente está lúrida e com medo; por consequencia capazes de tudo. Sae pela porta de traz da tua casa que deita para o rio. Eu terei mão n'elles por aqui. Nun'lvares... a quem chamam o Condestavel, lá entre a gente do Mestre—está em Abrantes

**Alda**—Em Abrantes, tam perto d'aquili Vae para elle, vae que te hade acolher bem. Oh! de certo! E escapará d'esta má gente... Mãos! coitados, estão loucos.

**Froilão**—E espicados de más moscas anzoneiras, de ruins agulhas ferrugentas que aqui andam tendo mentiras e desgraças. (*Ol' a pa: a Mendo; depois querendo afastar o Alfageme.*) Deixae-me falar com elles.

**Alfageme** (*segu' anto o*) Com estes aqui? Que quereis fazer? Pedir-lhes que me perdoem! A mim! Pelo Santo Milagre de Santarem que ajustarei minhas contas com elles, eu, em propria pessoa e sem mais ninguém.

**Alda**—Fernando!

**Alfageme**—Deixa-me, já te disse. (*Adiantando-se para os amotinados*). Que me quereis vós, que vos devo eu? Falae.—Appellidastes me de traidor: em que vos atraioei, quando, por quem?—Que vos vendi... Eu, Fernão Vaz, eu, o Alfageme de Santarem! Por que preço? Dizei.—Olhae para essas officinas! Abandonadas, desertas. Essas forjas!... ha dois annos apagadas! Esses armazens!... vazios. A minha fazenda!... gasta, consummida. Em quê?—Em vos sustentar com essas armas na mão. Essas armas que eu vos dei... para quê? Para defenderdes a vossa propria causa. A vossa causa que vos desertastes... que nunca defendestes: porque é ruim sina do povo que nunca a sua causa soube defender,—precisa de um homem, de um nome, de um phantasma—da sombra de qualquer coisa, com tanto que não seja a sua, para tomar calor por ella. Qual foi o meu crime? Pretender tirar vos d'essa cegueira!—Não quereis a rainha para não servir a estrangeiros; tinheis razão. Mas é força servir a quem?

**Gil Serrão**—O Mestre d'Aviz é pelo povo, é-nos leal.

**Alfageme**—E' leal o Mestre d'Aviz! E passeou pelas ruas de Lisboa com aquelle pendão em que estavam pintados seus dois infelizes irmãos, o infante D. João e o infante D. Diniz, os verdadeiros, legittimos herdeiros d'el rei D. Pedro e da coroa d'estes reinos, para depois...

**Braz Fogaça**—As côrtes já decidiram o contrario. **Alfageme** (*com escárnio*)—As côrtes... as côrtes... Meia duzia d'homens que lá mandou o seu bando d'elles!

**Gil Serrão**—Traição, traição!

Todos—Traição, traição!

(Mendo Paes anda por entre os grupos dos amotinados, fingindo que os accomoda, e excitando-os mais.)

**Alfageme** (*levantando a voz*)—Traição é para traidores. Eu sou o Alfageme de Santarem. Digo-vos eu que o Mestre d'Aviz não foi leal com o povo, não foi leal com seus irmãos. Fizemol-o Defensor do reino, elle fez-se rei a si. Protestou guardar a coroa para seu irmão, e guardou-lha... pondo-a na cabeça.—O mais povo de Portugal que faca o que quizer: o de Santarem... não acclamou o Mestre, é enquanto eu for vivo não o ha de acclamar.

Braz Fogaça.—O Mestre foi aclamado nas côtes de Coimbra: é o rei de Portugal.—Viva el-rei D. João! Viva o Mestre d'Aviz.

Mendo (*a um grupo de amotinados*).—Lembra-vos que a vanguarda d'el-rei de Castella está já ás portas de Santarem.

Gil Serrão.—El-rei D. João de Castella que vem ahi, e todo o poder do seu reino com elle.

Braz Fogaça.—Está um forte rei! Eu quero o nosso rei natural. Viva o Mestre d'Aviz!

Gil Serrão.—Pois esse é que está um fresco rei! Não o quero para mim.

Alguns.—Nem para mim.

Outros.—Nem para mim.

Gil Serrão.—Ninguém o quer. Tem razão o Alfageme.

Todos.—Tem razão o Alfageme.

Alfageme.—Ahi elle é isso?—Pois agora o tomaria eu para meu se me elle quizesse, homens sem coração, mãos Portuguezes! O Mestre d'Aviz enganou o povo e foi mau irmão. Enganou o povo, menos a mim, que sempre vol-o disse.—Crítaveis-me que elle era pela nossa liberdade, que era pelo reino. E' por si: dizia eu, e acertei.—A corôa era do infante D. João, ou do infante D. Diniz. Não faltou quem lho dissesse até lá em Coimbra. E' o que vos eu dizia aqui: «O nosso rei natural é o infante D. João; a bandeira do Mestre é falsa.»—Mas agora que o poder todo de Castella vem sobre elle, e sobre nós...—rei ou não rei, antes seguir o penão d'Aviz e morrer com elle... mil vezes!

Mendo (*aproximando-se do Alfageme com hypocrisia*).—Mas, a falar a verdade, alguma razão dou ás quixas d'esta gente, Fernando. Porque não aclamastes vós o Mestre d'Aviz directamente, como fez Alfonso Eannes, o tanoeiro de Lisboa?

Alfageme.—Bom pago teve.

Froilão.—O pago que sempre têm todos os sineiros defensores de qualquer causa.

Alfageme.—Os que se mettem com principes.

Froilão.—Com os povos não. E' vêr!

Mendo.—Mas emfim era uma coisa que se entendia, era um partido, um bando declarado.

Todos.—E' verdade, é verdade.

Gil Serrão.—Nem por Castella, nem pelo Mestre de Aviz, nem por ninguém.

Alfageme.—Eu era só por vós: dizeis bem que não era por ninguém.

Gil Serrão.—Trouxe-nos sempre em suspensão; que esperassemos, que ainda não era tempo, que viria o infante D. João...

Todos.—E' verdade, é verdade.

Mendo (*baixo a Gil Serrão*).—Foi traição.

Gil Serrão.—Foi traição.

Alguns.—Foi traição.

Alfageme.—Quem fallou outra vez aqui em traição? Sois vós, senhor Mendo Paes!

Mendo.—Eu!

Alfageme.—Pareceu-me... Mas não podíeis ser vós; —é impossível.

Alda.—Oh Fernando, meu Fernando!

Gil Serrão.—A verdade é que, desde que casastes, sois outro do que d'antes eris.

Braz Fogaça.—D'antes andava com a gente; era um popular déveras; um bom matalote, o verdadeiro rei dos Alfagemes. D'ahi para cá, e mal que se casou com essa tal senhora que é tam fidalga e tam prendada... marido e mulher era o mesmo, só nos davam conselhos.

Froilão.—E quanto tinham de seu, que ninguém mais vos sustentou, ha dois annos que não trabalhastes.

Gil Serrão.—Isso é verdade, lá isso!...

Alfageme.—Aconselhei-vos que trabalhásseis: não quíestes nunca. Já não quíeris fazer espadas, se não trazel-as á cinta... E eu...

Braz Fogaça.—E vós... vós e que sois a culpa. Se

tomámos este officio e deixámos o outro, quem nol-o ensinou senão vós?

Alfageme (*convencido*).—Tendes razão, meus amigos; ahi, tendes razão.—Soltei da mão a pedra e quando a quiz parar, não pude. Foi peor, foi peor que-rel-a parar. E' verdade, é verdade. (*Humilhando-se diante dos amotinados*). Perdoae-me, meus amigos.

Froilão.—Boa razão, alfageme; és um homem de bem e de verdade.—Ora pois, tende paciência, que não sois o primeiro, nem sereis o ultimo a quem tal succede. Com a melhor fé e a melhor vontade se começam quasi sempre, quanto pelo povo, estas alterações: rara vez os que sopram a labareda desejam que se ateie o incendio destruidor que depois vem.—Pois bem, meus amigos todos, não fallemos mais n'isso: o que lá vae, lá vae. Ide para vossas casas, para vossas familias, e assocegae.—Dizeis que está entrando na vossa villa el-rei...

Alfageme (*acudindo*).—De Castella.

Froilão.—De Castella, sim.—E que o outro... o outro está em...

Mendo.—Em Ayrantes. Cedo teremos uma batalha decisiva.

Froilão.—Pois bem. Deus é grande, e dará a victoria a quem fór de razão.—Vós não tendes feito mal a ninguém... graças ao Alfageme; não haveis que receiar de um ou de outro. Socegae e aguardaremos que Deus decida entre ambos.

Mendo.—A decisão é facil de antevêr: el-rei D. João... (*para o Alfageme*) de Castella, como vós dizeis... traz vinte e tantos mil homens de peleja, a mais luzida gente de toda a Castella e Leão, afóra tantos senhores portuguezes que com elle andam... (*para Alda*) entre os quaes o prior de Rhodes, D. Pedralvares Pereira, irmão de Nun'alvares, meu senhor. (*Inclinando-se com reverencia ironica*) São dois irmãos um tanto differentes!

Alda.—São. Mas ambos honrados, ambos seguiram um partido só. (*Arrastando estas ultimas palavras*.)

Mendo (*iparte*).—Cuida que me faz môça! (*Alto*) Toda esta gente vem com el-rei... de Castella, Sem falar n'esses engenhos de fogo, n'essas novas machinas de guerra que pela primeira vez agora nos vêm a Portugal aterrar com seu espantoso bramido.

Gil-Serrão.—O que será aquillo? Alguma diabolica invenção dos seismaticos.

Mendo.—Catholicos ou seismaticos, é uma coisa terrivel a tal invenção dos trons de fogo, que estoiram como bramido de trovoadas e ferem como raio.

Braz-Fogaça.—Enhor Deus, misericordia!

Mendo.—E D. João, o Mestre d'Aviz, o que tem? Seis mil e quinhentos homens, gente bisonha, feita de hontem, sem armas—gente de chuço e varapão a mór parte d'elles.

Braz-Fogaça.—Vamos esperar el-rei de Castella.

Alguns.—Vamos.

Froilão.—E a espada do Condestavel, não a contaes tambem? Quântos mil homens vale essa gente sem fé?

Gil-Serrão.—Eu vou para Abrantes, que lá está o Condestavel.

Froilão.—Ide para vossas casas; tomae o meu conselho, filhos; deixae-vos de mais alterações e desordens. Não estaeis ainda ensinados, — não aprendestes já bem á vossa custa?—Pobres, estragados de saude e de fazenda!

Mendo.—El-rei D. João está entrando: deixae-vos de mais conselhos. Não faltarão quem vos denuncie por seus inimigos se lhe não ides ao encontro. Ide se quíeris escapar.

Braz-Fogaça (*friamente*).—Pois viva el-rei D. João de Castella!



*António*

*Richard. Soares Gomes*

O ALFAGEME DE SANTAREM

*Alfageme* — Alfageme, a patria te espera,  
Deixa a forja, leva o coração!

*Acto IV — Cena IX*

PAG. 701



Mendo—E de Portugal!  
Alguns (*friamente*)—Viva!

(Braz-Fogaça e mais alguns trabalhadores saem, dando vivas trocamente — Gil-Serrão e os outros olham para o Alfageme, que está com os braços cruzados encostado a sua porta e como quem não vê nem ouve o que se passa, com os olhos fitos em Alda, que também immovel o contempla. O Alfageme não repara n'elles, que, fazeo do signaes uns aos outros, por fim se refiram e seguem os primeiros.)

## SCENA VI

O ALFAGEME, ALDA, FROILÃO-DIAS,  
MENDO-PAES, AO PÉ DA CASA DO ALFAGEME,  
D. GUIOMAR NO ALTO DA SUA ESCADA

Alfageme (*depois de consideravel silencio*) — Aqui está o que é o povo! Fiae-vos em seu favor: tomae a peito suas coisas: fazei-vos caudilho, defensor da multidão, mettei-vos a guial-a!

Mendo—Que vos dizia eu, Fernando? Villões pagam como quem são.

Alfageme—Que me importa a mim como elles pagam! Servi-os eu para que me pagassem?—A causa do povo é a causa dos pobres, Mendo: — que recompensa hade esperar quem a serve?

Mendo — Oh homem! Vós não viveis n'este mundo. Ahi andam com o Mestre d'Aviz tantos servidores do povo que o outro dia não tinham um saio velho com que se cobrir, e hoje são senhores grandes e poderosos.

Alfageme—Bem sei; esses não serviam o povo, serviam-se d'elle

Mendo — Mas são esses os que o povo segue e em quem se fia; e vós, com toda a vossa independencia e devoção desinteressada, ficeis pobre, estragado de saude, malquisto de todos os partidos, e pelos vossos proprios alcinchado de...

Alfageme—De traidor, de corrupto, de vendido, de scismatico. — Que se me dá a mim de estar mal com todos, se estou bem commigo?—Fico pobre? Trabalharemos! Não é assim, Alda? Mal me que-rem os meus? Terras tem esse mundo de Christo para onde ir viver. E para quem vive do trabalho de suas mãos, toda a terra é patria.

Alda (*deitando-lhe os braços*)—Sim, meu Fernando, vamos para muito longe d'aqui, para onde não haja d'estes alvorotos, d'estes sustos.

Froilão — Desterrar-vos, homem! Queres deixar a terra em que nasceste, ir mendigar o pão do estrangeiro! Homem, tu sabes o que é sentar-se em foragido nas ribeiras da terra estranha, a olhar para aquelles campos que não são seus, a ver aquelles rostos que não conhece, a ouvir aquellas falas que não entende, e sentir-se... sentir-se cahir o coração de desapêgo e desconforto? — Oh! antes morrer; morrer só, abandonado... desamparado de seus proprios filhos, como eu aqui morrerei... (*Rebentam-lhe as lagrimas. Alda e o Alfageme o abraçam; elle rompe a soluçar.*)

Alda—Não, meu tio, não vos deixaremos, não, nunca.

Mendo (*fingindo-se commovido*)—Ora pois, isso não é vosso, Froilão: estaeis agravando o mal sem o remediar. A necessidade aperta, e é preciso tomar uma resolução. El-rei de Castella está perto da villa. Um poder immenso—e não exagero—todo o poder de Castella vem com elle. (*Olhar do para o fundo*) Vêdes além aquella gente que passa? — São os nossos sete vereadores com a bandeira da Camara, e a Casa dos Vinte-e-Quatro com os seus balseões, que o vão esperar e entregar-lhe as chaves da villa. (*Ouve se dobrar o mesmo sino do terceiro acto*) Oh! lá toca o sino na nossa torre das Cabaças. O poder d'aquella torre em Santarem é invencivel; bem sabeis. E maior é o da torre Albarra, que também soou por nós nas consciencias patrioticas dos bons santarenos. Ora, uns por

ócos, como as cabaças de barro de uma torre, outros por cheitos, como as arcas da outra; em conclusão, temos por Castella clero, nobreza e povo. (*Ouve-se vivas e vozeria*)

Alfageme—O povo, o povo!

Mendo—Que ha de ser, se elle traz um exercito de vinte mil homens! Não ha nada que faça um rei amado e querido como um bom exercito; todos o adoram.—D'aqui a pouco vereis como triumpham por ahi os mais timidos e indecisos, os que mais duvidam da legitimidade da rainha D. Beatriz. Vereis os vossos populares submissos e leaes...—E não faltará entre elles, principalmente nos que mais violentos foram e mais atrocidades cometeram, quem, para se salvar a si, vos vá denunciar como o mais perigoso cabeça de motim.

Alda—Elle, que se oppoz sempre a essas violencias, que, por sua moderação, perdeu todo o ascendente que tinha no povo!

Mendo—Por isso mesmo. Conheceis bem mal os homens, minha bella Alda.

Alda—Não os conheço, não: inda bem! nem de-sejo.

Alfageme—E' assim o que elle diz: moderações me perderam. Metti-me a querer ordenar o que não tem ordenação; destrui a minha propria força... E agora todos zombam de mim, escarnecem-me e detestam-me!

Mendo—Eu bem t'o dizia.

Froilão—Eu bem t'o dizia, eu bem t'o dizia!... De que serve agora o que vós lhe dizeis ou o que eu lhe dizia?—Bom é dar conselhos antes do mal succedido. Eu tambem dei os meus e não me louvo d'elles, que não foram os melhores.—Em verdade, em verdade, se fôrmos a ajuzar pelo que está succedendo, o maior culpado aqui sou eu que sempre praguei: «Nada de partidos, nada de bandos; deixa averiguar isso a quem toca, e não te mettas a fundo n'essas coisas».—Muito bom, muito bom, excellente... mas impossivel. Em as coisas chegando a estes pontos, é forçoso ser por alguém para não ficar sem ninguém... e ver todos contra si!—Mas emfim o que passou não tem remedio. O que é preciso agora é salvar dos Castelhanos... e dos maos Portuguezes que ainda são piores. Mendo Paes, vós deveis a vida a este homem que duas vezes vos tirou das mãos do povo amotinado. Não falo nas mais obrigações em que lhe estaeis...

Alfageme—Froilão, Froilão, callae-vos: nem mais uma palavra, se não quereis que eu me vá já entregar a el-rei de Castella.

Froilão—Pois bem, não digo mais nada. Mendo sabe que...

Mendo—Sei... E se eu pudesse mostrar...

Froilão—Não podeis!... Vós, homem d'el-rei de Castella, vós hoje rico e poderoso!...

Mendo—Rico! Tu sabes, Fernando como eu sou rico.—O meu valimento é muito menor do que suppondes. Para vos eu esconder em minha casa, bem vêdes que...

Alda—Ai, isso não, Fernando, não!

Mendo—Eu por mim... Mas não tardavam a descobri-lo...

Alfageme—Não vos canceis com desculpas: não irei para vossa casa.

Mendo—Tomae o meu conselho. Já sabeis que Nun' Alvares Pereira está em Abrantes: ide para elle. Tomae um dos meus cavallos. Por acaso... foi mero acaso... (*confundindo-se*) alcancei por um homem do Mestre que aqui passou afforrado, um salvo-conducto para entrar em Abrantes; dar-vol-o-hei: tomae. (*Tira um papel da bolsa e dá-lho*) Aqui estamos fóra de portas, ainda podeis ir sem perigo; eu tomarei cuidado que vos não embarcaredo.—Bem vêdes que sou generoso: mando um soldado como vos aos meus... aos meus contrarios

Alfageme—Obrigado, Mendo, agradeço-vos a boa tenção.

Froilão—Sois cavalleiro, D. Mendo: perdoae-me que vos não fazia justiça.

Mendo—E vós, Alda, se vós me não dizeis uma palavra de...

Alda—De agradecimento, senhor Mendo Paes?

Mendo—Não digo tanto, mas de...

Alda—De quê?

Mendo—De... de...—Ao menos pela boa vontade.

Alda—A vontade! Oh! essa fica certo que a conheço, e que a não hei de esquecer nunca.

Mendo (*retirando-se confuso, e indo ao pé da escada onde está D. Guiomar*)—Esta conhece-me, mas não me descobre; tem vergonha.

Guiomar (*para o irmão*)—Então já se resolveu?

Mendo (*para Guiomar*)—Ainda não. Mas ha de partir: digo-t'o eu. Deixemol-os agora. (*Sobe.*)

## SCENA VII

ALFAGEME, ALDA, FROILÃO DIAS

Alfageme (*falando consigo*)—Eu soldado do Mestre d'Aviz! Eu servir o principe ingrato que enganou o povo! Eu apresentar-me diante do... do seu Condestavel, e dizer-lhe... o quê?

Alda—O quê, Fernando!—O que te pede o coração, o que eu n'elle estou lendo, porque o conheço, Fernando; o que uma falsa, uma viciosa vergonha te não deixa vir aos labios.

Alfageme—Que dizes tu, mulher?

Alda—O que é verdade, Fernando.—Cuidas que eu sou ainda uma criança, aquella donzella fraca e timida que, só de ouvir fallar n'estas coisas, se assustava!—Já sou mãe, Fernando, e já sou tua mulher ha dois annos; e de dia a dia aprendo cada vez mais a estimar-te como devo, a amar-te como me pede o coração.—Agora amo-te, Fernando, ouve-me, amo-te como nunca amei.

Alfageme (*abrachando-a*)—Bem vinda sejas, desgraça, que tamanha felicidade me trouxeste!

Froilão—Ora pois, chorem ahi um bocado; despeçam-se á vontade, que eu vou vêr o pequeno e já venho.

## SCENA VIII

ALDA, ALFAGEME

Alfageme—Oh Alda, se tu soubesses como essas palavras, essa voz do coração com que as disseste, me entraram aqui n'alma, e o bem que me fizeram!—Oh! venha a pobreza agora, venha a morte, a ignominia.

Alda—Pois quê, Fernando! tu duvidavas de mim?

Alfageme—De ti, não, Alda. De ti, da tua virtude, nem um momento. Mas o teu amor... oh! s' eu o soubera, se o eu adivinhasse... —Dil o hei?... Digo.—Alda, esta aversão, esta repugnancia invencivel que eu tinha ao Mestre d'Aviz, não adivinhas o que m'a inspirava?

Alda—Não.

Alfageme—Era o ciume; ciume que me malava as entranhas, que me consumia a vida, que me seguia por toda a parte como a minha sombra, que era uma voz d'agouro que nos instantes mais felizes, quando te abraçava—ainda quando te via tam alegre e satisfeita a cuidar da tua casa, a tratar do nosso querido filho... a funesta voz me dizia: «E' resignação, é virtude, mas não te ama!»—Se um instante te via triste, logo eu dizia: «Suspira por elle!»—Se fallavas na tua vida passada: «Eram saudades!»—Se não fallavas: «Era disfarce, era por me não alligir!»—Oh que tormento, Alda!

Alda—Porque m'o não dizias tu, porque me não abrias o teu coração, esposo? Ha muito viverias so-

cego.—Mas ainda bem que o não fizeste! A tua confiança, a firmeza que em mim punhas, a mesma ignorancia em que eu estava do teu funesto duvidar, plantaram em meu coração este amor fervoroso com que agora te amo, e que apagou até a derradeira imagem d'essa inclinação de infancia que todos nos comprazemos a exagerar tanto, que tu mesmo cuidavas que ainda podia reverdecer no coração de tua mulher... Ah Fernando, tinha vontade de te não perdoar.—Eu amei a D. Nuno, e amei-o muito...

Alfageme (*com ancia*)—Amaste?

Alda (*com serenidade*)—Amei; e cuidei que me fosse impossivel amar outro homem. Cuidei-o sempre até aquelle momento—lembras-te?—que me disseste: «Alda, não abraças a teu irmão?» Foram palavras magicas, de encanto, reviraram-me o coração. Não sabes o poder que tem n'uma mulher a generosidade e a confiança.

Alfageme—Basta, Alda: vou para o Mestre d'Aviz.

Já sei o que hei de dizer ao Condestavel.

Alda (*com gentileza*)—A vêr se eu adivinho?

Alfageme (*sorrindo*)—Lize.

Alda (*com suavidade*)—O alfageme de Santarem tem coração de portuguez: não queria servir o rei estrangeiro, nem o natural que não era legitimo. A sua causa não era... não é a vossa, senhores cavalleiros. Elle queria os fôros e as liberdades do povo; vós quereis sim a liberdade do reino, mas com a grandeza e o poder, o poder todo para vós. O alfageme não vos queria ajudar.—Hoje porém que os estrangeiros vêm com tanta arrogancia sobre vós, que a vossa causa parece desesperada, a vossa causa é a minha, é a do alfageme, é a do povo. Sêde grandes embora; nós vimolos ajudar-vos a vencer, ajudar-vos a morrer...—E morrer sabemos nós, podemos nós melhor, que menos temos por que estimar a vida... Morreremos por vós, que ao menos sois portuguezes.—(*Mudando de tom e graciosamente*) Adivinhei, Fernando? (*Com seriedade e paixão*) Conheço o teu coração; amo-te eu deveras que assim leio n'elle?

Alfageme—Sim, Alda; sim, minha mulher, minha esposa adorada!

Alda—Parte, Fernando: não tenhas cuidado em mim. Já vês que a minha alma está temperada pela tua.—O nosso querido filho, o nosso bom tio ficaram com a minha protecção... A minha protecção! pois? Não sou eu a mulher do Alfageme?—Vae que hasde vencer: diz-m'o o coração. Outros te aconselham que partas porque n'isso vês a tua perdição: mas Deus confundirá os projectos dos mãos. Vae e vence.

## SCENA IX

ALDA, ALFAGEME, GIL-SERRÃO, BRAZ-FOGAÇA e os mais SERRALHEIROS que voltam

Gil-Serrão (*lagrimejando*)—Mestre, os castelhanos estão entrando pela porta de Atamarma.—Partiu-se-me alma, mestre, de os vêr entrar tam senhores de si pela nossa villa dentro.—Estes rapazes todos foi o mesmo. Sem dizermos nada uns aos outros, voltámos todos a cara para não vêr tanta vergonha.—Mas até aqui vá, inda vá... Mas quando a gente viu entregar as chaves ao rei schismatico, as chaves da nossa terra, onde está aquelle Santo Milagre da hostia de Christo com o seu purissimo sangue derramado por nós—que este foi só pelo povo catholico de Santarem, não é para todos como o outro... Oh mestrel! quando a gente viu tal, não houve mais que fallar, saltarmol-nos as lagrimas pelos olhos fôra, e viemos muito depressa correndo. Já está tudo de um concerto: vamos para Abrantes ter com o Condesta-



vel; e acabou-se.—Quereis vós vir connosco? Sois o nosso mestre, sereis o nosso capitão.—Se d'esta vez tem de acabar Portugal, acabemos nós também com elle. Mas já agora quem começou a obra tem obrigação de a rematar, ou de acabar em cima d'ella. E, salvas as más palavras, vós, mestre, que nos metestes n'isto, não vos fica bem...

**Alfageme**—Meus amigos, meus honrados amigos! *(enternecido)*—*(Para Aida)* Fui injusto para com elles, assim como fui contigo, Alda!—E elles perdoam-me como tu me perdoaste: voltam para mim!—Alda, as minhas armas. *(As trabalhadoras)* Vamos para Abrantes, amigos. *(Alda vai buscar as armas, volta com ellas e ajuda-o a armar-se)* Alda, vou pedir ao Condestavel de Portugal a divida de Nun'Alvares Pereira.

**Alda**—Qual?

**Alfageme**—A da espada. E hade pagar-m'a...

**Alda**—Como?

**Alfageme**—Quero um emprego, um logar.

**Alda**—Tu! qual? aonde?

**Alfageme**—Na vanguarda do exercito de D. João I de Portugal.

**Alda**—Oh meu Fernando!

**Alfageme**—Adeus, Alda!—Um abraço derradeiro, e adeus.—Este beijo ao nosso filho... ao nosso Alvaro... *(enternecido)* Então, Alfageme! E o nosso velho Froilão!—Pschiu! que não oia elle: está muito velho para estes transe de despedidas,—Dar-lhe-has um abraço por mim, Alda.

**Alda**—Que é d'elle o abraço?

**Alfageme** *(abraçando-a)*—Aqui está... E adeus, adeus!

*(Sae cantando)*

Alfageme, a patria te espera,  
Deixa a forja, leva o coração!

Todos os SERRALHEIROS seguindo o Alfageme

Vamos!

*(Cantam)*

Alfageme, a patria te espera,  
Deixa a forja, leva o coração!

## SCENA X

### ALDA FROILÃO-DIAS

**Froilão** *(sae, entoando, com o breviário na mão)*—*Nunc dimittis servum tuum in pace; quia viderunt oculi mei...* *(Repara na falta do Alfageme)* Que é do Alfageme?

**Alda** *(tristemente e apontando para o fundo)*—Vêde-o: elle acolá vae com a sua gente toda que lhe voltou, que lhe veio pedir perdão, que o leva em triumpho.

**Froilão**—E onde vae elle, onde é que vão agora?

**Alda**—Para o Condestavel, meu tio, para o exercito do mestre d'Aviz.

**Froilão**—Foi, resolveu-se?—Elle é verdade que já agora... Mas, e Jesus! não sei o que me diz o coração. Ai filha, filha!

**Alda**—Receias que vençam os Castelhanos?

**Froilão**—Espero em Deus que não.—Mas elles parece que são tantos!

**Alda**—Que imporia; não hão de vencer: tenho fé.

**Froilão**—Tambem eu. Mas o peor agora é que tu estás aqui só—porque eu... eu sinto-me... *(Cae tomado de paralyisa, nos braços de Alda, que o senta em um banco e lhe fica amparando o corpo.)*

**Alda**—Meu querido tio! torna-a vós.—Não me ouve.—Ouvis? *(Froilão acena que ouve)* Não se pôde mover.—Oh Virgem bemdita! que mal o tomou de repente! E eu só... só...—Fernando que partiu sem lhe tomar a benção!—Ai Jesus! e ninguém que me ajude, ninguém que me acuda!

**Coro** *(ouve-se ao longe o estrivêllo da canção do Alfageme)*

Alfageme, a patria te espera,

Deixa a forja, leva o coração.

**Alda**—A patria, a patria... Ah! *(Ajoelha deante de Froilão que lhe põe a mão sobre a fronte: ella abraça o tio.)*

## ACTO QUINTO

### SCENA I

**FROILÃO-DIAS** está sentado em uma cadeira de braços antiga, com os pés sobre um banquinho; ALDA concertando-o e arranjando-o com muito carinho; JOANNA e SERAPHINA sentadas no chão aos pés do padre, fiando em rocas; côro de Donzellas do Alfageme que fazem o mesmo; algumas estão ainda em pé, outras vêm chegando.

**Joanna** *(canta)*—

Padre capellão!

Casae-me, meu padre, pela vossa...

*(Froilão faz signal de que o afflige esse cantar)*

**Alda**—Afflige-vos?—Coitado, lembra-se de...

**Joanna**—Então não, não: cantaremos outra coisa para o divertir. *(Canta.)*

Quem não deve, não deve, não teme;  
Espadas e lanças...

*(Signal mais expressivo ainda de impaciencia em Froilão)*

**Alda**—Tambem a mim me afflige essa canção; faz-me saudades. *(Froilão acena que sim)* Cantae outra coisa.

**Joanna**—Outra coisa! Que hade ser?—Ah sim; d'esta haveis de gostar. A chacara do Conde Alarcos.

**Alda**—Como é essa?

**Joanna**—E' a do rei que mandou chamar o conde, que matasse a mulher e casasse com sua filha; e que depois...

**Alda**—Ai, credo, que feia coisa!

**Seraphina**—Então a da *Bella Infanta*. Sim? *(Froilão faz signal de que approva)* Pois vá a da *Bella Infanta*.

**Alda** *(para Froilão)*—Tambem me lembra saudades do outro tempo, mas que estão bem apagadas por estas mais vivas e que entraram mais fundas na alma. Não me importa avival-as: já não tem perigo. *(Para as Donzellas)* Deixae-me ir buscar o meu Alvaro, e as minhas coisas todas *(Entra em casa, traz um berço com uma criança, depois uma roda de fiar, senta-se em um banquinho ao pé de Froilão e diz, aparte)* Estou n'uma inquietação, n'um desassocêgo! Não sei como heide encobrir. *(Para Froilão)* Já sabeis que hontem veio um homem das bandas de Aljubarrota, que dá os dois exercitos a encontrar-se um com o outro? No dia treze d'este mez d'Agosto; foi antes de hontem... vespêra de Nossa Senhora, estavam em termos de dar batalha.

*(Froilão levanta as mãos para o céu e como que diz: O que Deus quizer!—Alda fia em sua roda e emballa o berço.)*

Seraphina — A cantiga da *Bella Infanta* é como a nossa gente que foi para a guerra. E quando elles voltarem que lhe havemos de perguntar: (*Entoando*)

Dize-me, ó cavalleiro...

Joanna — Tal e qual. E a *Bella Infanta* no seu jardim assentada que é esta; e nós, como quem diz, as suas donzellas que estão á roda — Vês como te eu dizia: «Ella está só, a nossa patrãoa que é tam boa para nós: vamos-lhe fazer companhia a fiar para ao pé d'ella, e cantaremos.» — Então vês como é bonito?

Seraphina — Isso é. — E mais vamos aprendendo para quando elles voltarem. Diz que ha na nossa gente, no exercito do nosso rei, uns senhores, — não sei se é companhia se é terço, mas são muitos que se chama a *Ala dos Namorados* e outros da *Madre-silva*... Que lindos nomes tomaram! — E diz que cantam e concertam elles mesmos as mais lindas cantigas de aventuras e de amores e de princezas encantadas, que é um feitiço ouvil-os. — (*Para Alda*) E' verdade, senhora?

Alda — E' sim.

Joanna — O' senhora, então aqui a senhora D. Guio-mar que está no convento das Claras? Que foi aquillo, senhora?

Alda — Foi servir a Deus, filha: mais socegada estará que nós. — Canta a tua canção

Joanna — Então vamos. (*Froilão esfrega as mãos como quem é contente de ouvir e anima Joanna no rosto como para lhe agradecer*) Gostaes? Inda bem, coitado! (*Para Seraphina*) Vamos: quando chegar ás falas da infanta com o cavalleiro, eu sou a infanta e tu és o cavalleiro.

Seraphina — Pois sim

Joanna

(Toada popular bem conhecida)

Estava o bella Infanta  
No seu jardim assentada,  
Com o pente de ouro fino  
Seus cabellos penteava.

Deitou os olhos ao mar,  
Viu vir uma nobre armada;  
Capitão que n'ella vinha  
Muito bem que a guiava.

Côro

Capitão que n'ella vinha  
Muito bem que a guiava.

Joanna

Dize-me, ó cavalleiro,  
Pela cruz da tua espada,  
Se encontraste meu marido  
Na terra que Deus pisava?

Côro

Encontraste meu marido  
Na terra que Deus pisava?

Seraphina

Anda tanto cavalleiro  
N'aquella terra sagrada!  
Mas dize-me tu, senhora,  
Os signaes que elle levava.

Côro

Dize-me tu, ó senhora,  
Os signaes que elle levava.

Joanna

Levava cavallo branco  
Selim de prata doirada,  
No seu peito de aço fino  
A cruz de Christo levava.

Côro

No seu peito de aço fino  
A cruz de Christo levava.

Seraphina

Pelos signaes que me dêste  
Lá o vi n'uma estacada...  
Morrer morte de valente;  
Eu sua morte vingava.

Alda (*estremecendo*) — Boas novas vieram á pobre da infanta.

Joanna — Esperae, tende paciencia, que ouvireis agora o resto: nem sempre o peor é certo.

Alda (*suspirando*) — Mas do susto já ninguém a livra.

Joanna — Esse teve ella muito grande; e entrou-se a carpir e a lastimar que fazia dó ouvil-a, e vêl a arrancar seus loiros cabellos e maguar suas lindas faces, e dizia com muitas lagrimas: (*Canta*)

Ai triste de mim coitada,  
Triste que tudo perdi!  
Tres filhas que me deixaste,  
Como as casarei sem ti!  
Ai, esposo da minha alma,  
Ai triste de mim sem ti!

Côro

Ai, esposo da minha alma,  
Ai triste de mim sem ti!

Seraphina (*falando*) — E então o cavalleiro da armada, meio sorrindo, meio com dó d'ella, lhe tornou: (*Canta*)

Que darias tu, senhora,  
A quem n'ó trouxera aqui?

Joanna

Dera-lhe ouro e prata fina,  
Quanta riqueza ha por hi.

Seraphina

Não quero ouro nem prata,  
Não n'ó quero para mi'.  
Que darias mais, senhora,  
A quem t'ó trouxera aqui?

Joanna

De tres moinhos que eu tenho;  
Um moé cravo e gergeli,  
Outro...

Seraphina

Os teus moinhos  
Não n'os quero para mi'.

Côro

Que darias mais, senhora,  
A quem n'ó trouxera aqui?

Joanna

As telhas do meu telhado  
Que são de ouro e marli'...

Seraphina

As telhas do teu telhado  
Não as quero para mi'.  
Que darias mais, senhora,  
A quem t'ó trouxera aqui?

Joanna

De tres filhas que eu tenho,  
Escolherás para ti:  
Uma é loira como o sol,

Outra alva como o al-héli;  
Tem quinze annos a mais velha,  
Córada como um rubi'.

Seraphina—Não é assim, não é assim. A Eyria Martins do pé do rio, que sabia essa xácara como ninguém, sempre lh'a ouvi cantar d'outro modo. E reza assim:

De tres filhas que eu tenho,  
Todas tres te déra a ti;  
Uma para te calçar,  
Outra para te vestir,  
E a mais formosa de todas  
Para comtigo...

Joanna—As cachópas do rio cantam como tu dizes; mas a trova verdadeira é como a eu cantei, que m'a ensinou Mestre Froilão: e é como ella se canta entre senhores, e é mais bonita assim.—Não é, padre capellão!

(Froilão faz signal que sim e bate com mimbo na face de Joanna)

Alda—Tens razão, Joanna; é como tu dizes. E que não fosse, era mais bonito: assim se deve dizer.—Como foi a resposta do cavalleiro, Seraphina? Se elle recusa também essa offerta!

Seraphina—Oh se recusa! — Não que elle... Ora escutae: (*Conta*)

As tuas filhas, infanta,  
Não são damas para mi';  
Dá-me outra coisa senhora,  
Se queres que o traga aqui.

Joanna

Não tenho mais que te dar,  
Quanto tinha offereci...

Seraphina

Tudo, não, senhora minha,  
Que inda te não dêste a ti.

Joanna

Cavalleiro que tal pede,  
Que tam villão é de si...  
Por meus villões arrastado  
O farei andar ahi  
A' cauda do meu cavallo,  
A' roda do meu jardim'.

Côro

Por meus villões arrastado  
A' roda do meu jardim'.

Seraphina

Olha lá os teus vassallos  
Se estão bem certos por ti,  
Que eu, erguendo esta viseira,  
Me não obedeçam a mi'.

Côro

Se eu tirar esta viseira  
Hão-de obedecer-me a mi'.

Seraphina

Este anel de sete pedras  
Que comtigo reparti...  
Que é d'ella a outra metade,  
Pois a minha está aqui?

Côro

Do anel de sete pedras  
Minha metade está aqui.

Joanna

Tantos annos que chorei,  
Tantos sustos que tremi...  
Deus te perdõe, marido,  
Que me ias matando aqui!

Joanna e Seraphina

Tive mais medo á ventura,  
Não sei como não morri.

Côro

Assustou-se co'a ventura  
Que a ia matando aqui!

Alda—Linda xácara!

Joanna—Oh senhora, o Condestavel diz que gosta tanto de romances, que está sempre a lêr n'um livro que trata dos Cavalleiros da Távola-Redonda. Se nos lhe c-narmos este romance quando elle por aqui vier depois da batalha?

Alda—Pois hade vir, Joanna?

Joanna—Hade sim, senhora; tenho fe que hade vir triumphante e com toda a nossa gente.

Alda—Deus te oiça, filha! — Podes-lhe cantar a tua xácara que é linda. E que linda acaba!

## SCENA II

FROILÃO-DIAS, ALDA, JOANNA, SERAPHINA  
e as outras DONZELLAS;

MENDO-PAES *entrando*; depois povo dentro

Mendo—? e elles acabassem todos assim os romances, bem bonitos eram!

Alda (*assustada*)—Que quereis dizer, senhor? Mendo, que é o que succedeu? — Vindes com cara de caso... e de máo caso! — Que novas ha do exercito de?... — Por vossa vida, dizei... seja o que fór—Más novas?

Mendo—Má... más! Más para uns, boas para outros; que é a volta do mundo.

Alda—Santa Maria da Amieira nos accuda, que venceram os Castelhanos! — Se elles eram tantos, e os nossos...

Mendo—Cada um para dez Castelhanos: é verdade.

Alda—Ai meu Deus, meu Deus! que será feito de... Mendo—De quem?

Alda—De meu marido, senhor.

Mendo—Vosso marido... vosso marido.—Bem se trata agora de vosso marido.—O caso é que elles não venceram, o caso é que os ensinámos, que lhe demos uma lição mestra.—Ah bons Portuguezes, ah gente leal e destemida, que nunca me enganei comvosco! Só aquella *Alda dos Namorados*! Só aquella companhia da *Madresilva*! Pois com gente d'aquella, por força havia de ser.—Eu sempre o disse, sempre o esperei. Que victoria, que victoria! Não tornam cá

Alda (*suspensa*)—Não tornam cá! — Em nome de Deus, explicae-vos. Quem?—Vencemos! Quem são os que venceram?

Mendo (*com grande enthusiasmo*)—Os nossos, Alda, os nossos.

Alda—Mas quem são os vossos? — Ha tempos a esta parte que não sei.

Mendo (*picado*)—Não sabeis, Alda... minha senhora D. Alda! Não sabeis quem são os meus! Como que eu sou como certa pessoa que não queria os Castelhanos, porque eram Castelhanos, não queria o Mestre d'Aviz... porque era... nem eu sei o quê... Não queria nada! Eu quero, quiz e hei de querer sempre o que...

Alda—O que vencer.

Mendo—O que vencer, sim, o que tiver justiça para vencer, porque a justiça é a força, isto é, a força

é que dá a justiça... Não é assim: quero dizer que a justiça é que dá a força.

Alda—Por caridade, Mendo, que me digas... Vós?... Mendo—Eu sou um Português leal e honrado, graças a Deus! Não quero ser escravo de estrangeiros, não quero...

Alda (*ajelhando e pondo as mãos*)—Louvado seja Deus que venceram os Portuguezes!

Mendo—Assim foi. A bandeira do Campo de Ourique, a sagrada bandeira do Campo de Ourique. (*Fazendo por se excitar*) O pendão da honra e da lealdade!...

Povo (*que grita dentro*)—Victoria, victoria!

Alda (*erguendo-se*)—O meu Fernando! Inda bem que o resolvemos!

Mendo—Inda bem!—E custou. (*A parte*) Mal sabes tu porque eu digo ainda bem.

Alda—Mas dizel, contaes...

Mendo—Contar o quê? Dizer o quê?—Foi uma coisa como nunca se viu. Castelhanos, ficou tudo em postas. El-rei D. João de Castella... o tal rei schismatico—veiu correndo a bom correr toda a noite, e esta madrugada entrou em Santarem; ahi esteve em Marvilla mettido. Deus sabe com que medo; e logo de madrugada... (*Olhando para o rio*) Olhae para acolá; védes aquellas galeotas sem pendão nem bandeira? E' elle que vae pelo rio abaixo, com vento e maré je feição, metter-se na sua armada que está á foz do Tejo, para se pôr a bom recado em terras de Castella, que estes áres de Portugal não se dão bem com elle.

Alda (*afirmando-se*)—E' verdade; que são as galeotas castelhanas.—Oh meu Deus, que alegria!—E onde foi a batalha?

Mendo—Entre Aljubarrota e Leiria, nos campos ao pé de Aljubarrota... (*A parte*) E o alcaide sem chegar, e a minha gente!... Oh! eil-os ahi vêm. Povo (*de dentro*)—Victoria, victoria pelo nosso rei D. João I...—Morram os Castelhanos! Fôra os Castelhanos!

Mendo—Fôra os Castelhanos!

Alda (*iparte*)—Que vil homem! Faz-me córar. (*Para Mendo*) Pois vós, senhor Mendo Paes, não ereis?...

Mendo—Era o que?—Esperae que já vol-o digo o que eu era.—Graças a Deus que já se pôde falar; (*bradando*) que já temos a nossa liberdade!

### SCENA III

ALDA, FROILÃO, JOANNA, SERAPHINA, e as outras donzellas e aguaças, MENDO PAES, o ALCAIDE, o povo.

Um do povo—Viva o Mestre d'Aviz!

Povo—Viva!

Um do povo—O nosso rei D. João I, que o fizemos nós; não queremos outro.

Povo—Viva!

Mendo—Viva, viva!—E estes pèrros d'estes estrangeiros que nos têm avexado, que nos têm opprimido... fôra com elles!

Um do povo—E os estrangeirados que ainda são peiores, muito peiores.

Povo—Muito peiores.

Mendo—Fôra tambem.

Povo—Fôra!

Mendo (*parte*)—Está a opinião preparada, a opinião publica!—(*Alto*) Senhor alcaide, tende a bondade de me lêr este alvará. (*Tira das pregas do saio um rôlo de pergaminho e o entrega ao Alcaide, que o desenrola, e ao abrir cae-lhe o sello pendente com uma grande fita encarnada.*) Mendo deita-lhe a mão de repente, e di' *aparte*) Olha o que eu ia fazendo! E' o d'el-rei de Castella este. (*Alto, escondendo o pergaminho no saio d'onde tira ou-*

*tro*) Enganei-me, não era aquelle. (*Abrindo o segundo pergaminho de que pende uma fita azul com sello*) Este é: este, senhor Alcaide,—Lêde alto e bom som, para todos ouvirem. E desde já, e na melhor forma de direito—parece-me que assim é que se diz—vos requirei e demando execução plena e inteira de todo o conteúdo n'esse alvará d'el-rei nosso senhor.

Alcaide (*tendo*)—Eu el-rei (*descobre-se*) faço saber «a todos os que o presente virem como, havendo «respeito, ao que me representou Mendo Paes da «villa de Santarem e fidalgo da minha casa e aos «muitos serviços que n'essa villa se têm feito, «dentro e fóra d'ella, e durante o vexame e occupação da dita villa pelas gentes de D. João que «se chama rei de Castella, dando-me secretamente aviso e parte de muitas coisas que eram do «meu serviço e que...»

Mendo (*corrido interrompendo-o*)—Passae adeante, passae adiante. Tambem não sei para que era preciso, porém, ahi tudo tam explicado no alvará!—Vamos á conclusão.

Alcaide (*continuando a lêr*)—«E por quanto sou in- «formado que é de justiça e razão direita, me praz «fazer-lhe mercê e doação, para todo o sempre e «sem reserva alguma, de todos os haveres e al- «faías, bens moveis e immoveis que na referida «villa possuia um dos mais encarnicados inimigos «da minha Real pessoa, o qual por este alvará, «com força de sentença, como se na mesma casa «do Civel da dita villa de Santarem fôra passado, «Hei por bem declarar traidor e revel, e que por «nome não perca, Fernão Vaz...»

Alda—Meu Deus, que peridia, que aleivosia infame!—Senhor Alcaide, ouvi-me, ouvi-me, por quem sois. Isso é falso, isso é...

Alcaide (*impassive e continuando a lêr*)—«Mais co- «nhecido pelo nome de Alfageme de Santarem.

Froilão (*pondo-se de repente em pé e como soltando-se-lhe a voz pela grande paixão*)—Mente!

Todos—Oh! oh! oh!

Alcaide (*gravemente*)—Padre Froilão, isto é um alvará d'el-rei...

Froilão—Rei!... Rei que faz d'esses papeis...

Alda (*com exaltação*)—Não merece ser rei.

Froilão faz signal de approvar com vio encia, quer continuar a falar e não pôde. Senta-se.

Mendo (*contente*)—Ora ainda bem que os ouvis, senhor Alcaide. E' gente d'este lote.

Alda—Oh Mendo, Mendo! Vós, vós, Mendo?...—Traidor meu marido, Fernão Vaz traidor!

Alcaide (*continuando tranquillamente*)—«Portanto, «mando, etc., etc. As mais palavras do estilo. Está em boa e devida forma, não lhe falta nada.

Mendo—Em nome d'el-rei nosso senhor (*descobre-se o alcaide*) e em virtude do alvará que tendes na mão, vos requirei que immediatamente me deis posse do que é meu, de tudo o que foi do traidor. (*Para o povo*) Morram os traidores! Não fique nada dos traidores!

O povo investe com a casa do Alfageme e começam a quebrar portas e janelas com grande furia. Alda e Joanna tomam o berço e se juntam ao pé de Froilão com as outras donzellas do Alfageme, como amparando-os.

Alda—Meu filho! meu tio!

Mendo (*ao povo*)—Não é isso, meus amigos. Tomaes tudo ao pé da letra. Quando era d'elle, podia ser; agora é meu.

Um do povo—Destruir tudo! Hade tudo ficar arrazado.

Mendo—Alto lá! (*para o Alcaide*) Senhor Alcaide, acudi pela minha fazenda, restabelecei a ordem.—Onde está a autoridade publica? (*O Alcaide consegue fazer cessar os amotinados.*)

Alda—Oh senhor Alcaide, meu marido, meu marido

traidor! E viver eu para ouvir esta palavra... e escripta n'um alvará d'el-rei D. João I!... Não pôde ser.

Alcaide (*mostrando-lhe o pergamino*)—Lêde.

Alda (*depois de ler*)—E' verdade; cá está «Traidor... revel... (*lendo*) E' verdade.—«O Alfageme de Santarem!»—E' está cá a justiça que temos que esperar do nosso rei natural por quem tanto padecemos! Para isto combatêmos, e sangramos tanto sangue e chorámos tanta lagrima!

Alcaide—A falar a verdade, vosso marido... nunca se soube bem... Fernão Vaz era um tanto... Não se sabia...—E agora onde está elle?—A sua ausencia confirma...

Mendo—Confirma: está claro.

Alda—Confirma o quê, Mendo!—Mendo—Que está no exercito de Portugal, que ha oito dias d'aqui se foi para Abrantes, para o Condestavel—Não se sabia, senhor Alcaide! Não.—Meu marido é verdade que duvidou da justiça do Mestre d'Aviz.

Alcaide—Então confessaes?

Mendo—Que remedio se não confessar.

Alda—Que vergonha me fazeis, Mendo Paes!—Confesso, confesso que duvidou enquanto não viu o poder de Castella prestes a destrui-lo a elle e ao povo:—então fez como verdadeiro portuguez; tomou o partido do mais fraco, declarou-se pela liberdade do reino.

Alcaide—Mas por onde consta isso, que documento, que prova?

Alda—Prova! Digo-vol-o eu.

Alcaide (*sorrindo*)—Ah, ah! Não basta; é preciso outras testemunhas...

## SCENA IV

O ALFAGEME, *tudo coberto de poeira e com a sua hacha d'armas;*

ALDA, FROILÃO, MENDO PAES,

ALCAIDE E AGUAZIS

JOANNA, SERAPHINA e as outras DONZELLAS

Povo

Alfageme—E eu serei bastante?

Mendo (*A parte*)—Estou perdido.

Alda—Fernando!

Froilão (*erguendo-se e balbuciando*)—Meu...

Alfageme—Alda, Froilão... (*Mal os abraça, arredando-os.*) Quem me accusa aqui? Qual é o meu crime? Onde estão os meus juizes? E o meu accusador, o meu accusador quem é?—(*Silencio geral.*) Ninguém responde! Eu sou o rei e todos se calam deante de mim! (*Murmurios entre o povo*) Quem murmura lá? Quem é o covarde que só se atreve a murmurar baixo, a caluniar pelas costas?—Levante a voz e olhe bem para mim; levante a voz e diga:—«Eu eu que accuso o alfageme de Santarem.»

Alda (*estendendo-lhe os braços*)—Oh meu esposo, meu querido esposo! mão imaginas o que esta gente...

Alfageme—Alda, minha adorada Alda!...—Oh! e o nosso filho? (*Alda mostra-lhe o berço, elle abaixa-se e beija o filho*) Deixa-me primeiro... (*Repara em Froilão*) Oh meu bom Froilão, dae-me a vossa benção. (*Toma-lhe a benção, depois repara no Alcaide*) Vós aqui, senhor Alcaide! E de vara na mão! Vindes em diligencia do vosso officio?

Alcaide (*confuso*)—Fui requerido; é minha obrigação... E muito me custa...

Alfageme—Custa-vos fazer vossa obrigação! Como assim, senhor alcaide?

Alcaide—O senhor Mendo Paes apresenta aqui...

Alfageme—Mendo!—Senhor Mendo Paes, vós—pois vós é que?

Mendo (*fazendo por mostrar resolução*)—Sou eu que vos accuso, é verdade. (*Levantando a voz*) O vosso procedimento duvidoso tem escandalizado todos os leaes habitantes d'esta villa. Desde o principio d'estas alterações fostes aqui o cabeça de motim; alvorotastes o povo contra os nobres e fidalgos, favorecendo assim a causa de Castella de que vós dizeis contrario,—e não seguistes as partes do Mestre d'Aviz (*levantando a voz*), do nosso legitimo e victorioso rei, o senhor D. João I! Privastel-o do auxilio dos honrados homens d'esta villa que, por suggestões vossas, se não reuniram á sua sagrada bandeira.—Accuso vos d'isto eu e todo o povo de Santarem. (*Para o povo*) Não é assim, meus amigos?

Povo—E' assim, é assim.

Um do povo—Podíamos estar ricos e fidalgos como todos os mesteres e homens d'officio de Lisboa e do Porto.

Povo—E' verdade, é verdade.

Alfageme (*que tem estado com os braços cruzados deixando os dizer, e olhando ora para Mendo, ora para o povo*)—E se o Mestre não vencesse?... Enforcados.

Um do povo—Lá isso tambem é verdade.

Alfageme—Calae-vos vós outros do povo, e deixae ouvir este fidalgo... o meu nobre accusador!

Mendo—Não tenho mais que dizer.

Alfageme—E não dissestes já pouco por certo.—Vós, Mendo, meu collaço!... Ia quasi dizendo meu irmão! Meu senhor D. Mendo Paes, o filho do meu nobre protector, o companheiro da minha infancia... Ah!—E vós todos, o senhor Alcaide tambem!—Fstaveis-me aqui julgando á revelia pela mera accusação d'este fidalgo?

Alcaide (*confuso*)—Ausentaste-vos da villa n'uma occasião...

Alfageme—E' verdade; sahi de Santarem na propria hora em que vós, senhor Alcaide, com os veadores e mesteres, estaveis á porta da Atamarna entregando as chaves da nossa villa a el-rei de Castella.

Alcaide (*confuso*)—Estavamos coactos.

Alfageme—E eu, para o não estar, fui com a minha gente—com todos esses que arredei do serviço do Mestre, senhor Mendo Paes—apresentar-me em Abrantes ao Condestavel do reino.—Não o sabeis vós, Mendo? Não será verdade isto?

Mendo—É. Mas assim que lá chegastes, logo vós levaram, por espia, para o castello de Abrantes, e...

Alfageme—Ah! sabeis vós isso! (*A parte*) Já sei quem fez a denuncia falsa para Abrantes. E o empenho que elle tinha em que eu fosse!

Alda—E' verdade, aquillo, Fernando?

Alfageme—E' verdade.

Alda—Prenderam-te a ti por espia... a ti?

Alfageme—Por espia, a mim: não ha duvida (*Amaramente*) E não quizeram attender aos meus rogos, insultaram as minhas lagrimas!... De joelhos e com as mãos postas os suppliquei, pedi-lhes que me deixassem ir morrer o primeiro na vanguarda das batalhas portuguezas...—Chamaram-me castelhano, schismatico, traidor, rebelde... espia!...—E eu não morri, Alda! e tive força para os ouvir, tive animo para supportar tantas injurias... e para esperar ainda em Deus e na justiça!

Alda—Justiça!... Oh Fernando, justiça não torna a haver n'esta terra.

Alfageme—Quando a houve entre os homens, filha?—Mas Deus ainda está no céu.—E se homens me julgassem...

Mendo—Já estaes julgado, e sem appellação. Aggravae-vos para Deus, se quizerdes; que da sentença

que aqui está (*tocando no pergaminho que está na mão do Alcaide*) para outro tribunal não poderéis.

— Senhor alcaide!

Alcaide—O senhor Mendo Paes tem razão: nem eu nem justiça alguma do reino tem poder para...

Alfageme—Para quê, senhor alcaide?

Alcaide—Para embargar a execução d'este alvará.

Alfageme (*arrebata o papel das mãos do alcaide, lê com grande commoção, ora baixo ora alto, algumas palavras truncadas*)—O zelo... os serviços... de Mendo Paes... fidalgo de minha casa... — revel, traidor... o Alfageme... — (*Fallando*) Eu!... Sou eu.—Este alvará é de...

Alcaide (*tirando a gorra*)—De el-rei rosso senhor.

Alfageme—Do Mestre d'Aviz? De el-rei D. João?... —

— El-rei... mandou passar este alvará!... E assignou Rei n'este papel infame... que o deshonra!... O Mestre d'Aviz por quem eu, eu... — Mentec, Alfageme, que não foi por elle. — Não foi, é verdade: mas nem por isso me deve elle me os.

— El-rei assignar esta vilania!... Eu de desagravo assim a honra d'el-rei. (*Rosga o alvará e o calca aos pés.*)

Alda—Que fizeste, Fernando!

Povo—Oh! Oh!

Mendo—Traição, nova traição! O alvará d'El-rei!... Traição!

Povo—Traição!

Alcaide—FERNÃO Vaz; este crime foi publico, e commettido na minha presença, deante de todo este povo. Entregae-vos ás justicas d'El-rei.

Mendo (*iparte*)—Estou salvo.

Alcaide—Entregae as vossas armas.

Alfageme—As minhas armas!—Esta que ainda está tinta no sangue de... A vós, a nenhum dos que aqui estão!—Não sois vós que lhes poreis as sujas mãos.— Esta arma (*quebra nas mãos a hacha e a atira com grande arremessão para longe*) ficará de trophéo no fundo do Tejo sobre a sepultura da nossa Santa protectora. Calumniada como ella, martyr, pura e immaculada como ella, tambem não hade cahir em mãos de iníctis

Alcaide (*para os aguisis*)—Prendei esse homem.

(Os aguisis não se atrevem)

Alfageme—Fazei o que vos mandam. Não me vêdes desarmado? Nem assim vos atreveis!

Alcaide—Levae-o ao Castello, para Marvilla; que o mettam na torre de menagem.

Alfageme—A mim me levarão elles? — Nobre e justiceiro Alcaide, o Alfageme de Santarem não se leva assim Vae elle quando quer e porque... quer.

Alda—Oh Fernando, Fernando!—E eu, eu é que sou a culpada, a causadora de tudo isto! Se te eu não resolvesse a ir... Antes tu não fôras.

Alfageme—Tal não digas, Alda; tu foste o anjo da minha guarda: ainda bem que segui a tua inspiração, que fui, que adquiri o direito de os desprezar, de lhes chamar ingratos, de...

Alda—Pois tu foste, alcançaste por fim?... Não ficaste no castello de Abrantes?... O Condestavel?... Alfageme—O Condestavel...

Mendo (*ao povo*)—E este homem hade estar aqui a zombar de nós todos, do povo?

Um do povo—Prendam o traidor. Viva o nosso rei D. João.

Povo—Viva!

Alfageme—Qual d'elles é hoje, meus bons amigos—o de Portugal ou o de Castella?

Mendo—Insultou o povo.

Um do povo—Insultou o povo, o traidor! Morra.

(Querem apedrejar-o: Alda abraça-se com o marido)

Povo—Morra!

## SCENA V

OS MESMOS; NUN'ALVARES e CAVALLIROS

entrando

Alcaide—O Condestavel!

Povo—Viva o Condestavel, viva!

Alda—Nuno!

Mendo (*iparte*)—Estou perdido!

Nun'Alvares—Alda, Fernando! (*com os braços abertos*) Falta-me aqui... ah!... vós, Froilão, (*Observando a expressão dos circumstantes*) Que é isto? Voltaes-me o rosto! Ninguém me falla, ninguém me vem abraçar!... Alda, minha irmã... e tu, meu velho Froilão, tu tambem! — Triumpfos, aclamações por toda a parte, e só aqui esta frieza, este...

Mendo—Senhor Condestavel, senhor conde d'Ourem, dignae-vos accellar os sinceros emboras, os parabens do coração.

Nun'Alvares—Ah, Ah! Vós aqui, Mendo! E só vós me recebei com...

Mendo (*com enthusiasmo*)—Bem sabeis que...

Nun'Alvares—Oh sei, sei...—Parece-me que começo a perceber isto — Fernando, vós estaes?... Alfageme—Preso.

Nun'Alvares—Preso! Vós! Quem vos prendeu?

Alcaide—Fui eu, senhor...

Nun'Alvares—Um samarra preta, um alcaide, um homem de vara atrever-se a um dos meus! Como foi isto, dizei-me.—Porque o prenderam, por...

Froilão (*fazendo um grande esforço*)—Por traidor...

Alda—Meu tio, socegae, por quem sois, lembrae-vos do estado em que estaes.

Froilão—Deixa-me, já estou bom, já estou bom. Soltou-me o despeito a falla... o despeito, a vergonha... (*Andando desembaraçadamente para Nun'Alvares, e pegando-lhe na mão com força*)—Ouviz bem, Nuno Alvares Pereira?—Por traidor o Alfageme de Santarem, o marido de tua irmã!... E por ordem d'esse rei, que vós fizestes rei para nos libertar, para nos catar nossos fôros, para nos guardar justiça!—Ouveis isto, Nuno Alvares Pereira!—Ouveis senhor Condestavel do reino, senhor conde d'Ourem?... Quantos mais titulos e honras e senhorios e mercês e grandezas tendes, para vos eu chamar por elles todos, e vos dizer... para te envergonhar com elles todos, Nuno, e te dizer: «E's tudo isso, Nuno, D. Nuno; olha agora o Alfageme, o homem do povo, e vê o que lhe fizeste.

Nun'Alvares—O que eu fiz?

Froilão—Tu ou os teus, tu ou teu rei: que importa?

Nun'Alvares—Froilão, meu velho Froilão, tu abusas do direito que te dá...

Froilão—O quê, senhor Condestavel? Este habito, esta cruz (*apontando para a cruz da Ordem que traz no peito*), esta idade?—Não vos prendaes com isso, valentes cavalleiros de D. João I. O que é isso para os vencedores, para os libertadores da patria. — Eu não fui a Aljubarrota; não tinha pés que lá me levassem, nem mãos que podessem com uma partazana... heide ser traidor como este. (*Apontando para o Alfageme.*)

Nun'Alvares—Este Fernando?

Froilão—O marido de tua irmã, o homem que... Nun'Alvares—O alfageme que me temperou esta espada, que lhe deu este fio que nunca embotou.

Froilão—E lembraes-vos d'isso, senhor! E nem sequer é esquecimento!

Nun'Alvares—Esquecer-me eu! — de uma divida que ainda não paguei!— (*Indo para o Alfageme com os braços abertos*) Fernando, meu Fernando... meu irmão... nos meus braços.

Alcaide—Um traidor!

Povo—Um traidor!

Nun'Alvares (*levantando a voz*)—Traidor! O Alfageme de Santarem!--Quem se manchou com essa vil calúnia?

Froilão--O teu rei.

Nun'Alvares--Mentes.

Froilão (*sentido*)--A mim, D. Nuno, a mim essa palavra!

Nun'Alvares (*com deferencia*)--Perdôa-me, meu velho amigo... Oh, perdôa-me: bem sabes como te estimo, como respeito essas cans tão honradas.—Mas dizes taes coisas...—Poste enganado.—El-rei, el-rei D. João!!...—Mas tu não sabes, Froilão, que este homem, (*pegando na mão do Alfageme*) teu marido, Alda... o marido da tua escolha—este homem foi o nosso triumpho, a nossa gloria? Estava preso, sem o eu saber, no castello d'Abrantes, por falsas informações que d'aqui mandaram traidores: (*olha significativamente para Mendo Paes*) mas conseguiu evadir-se da prisão...

Alda—Oh meu Fernando! (*Abraça-o.*)

Nun'Alvares--E chegando a Aljubarrota, quando o exercito castelhano já tinha rompido o centro da nossa linha, elle com os seus homens, com esta gente d'aqui das suas officinas, de repente cahiram sobre o inimigo e o aterraram, e o fizeram retroceder.

Froilão (*trindo e chorando*)--Fernão Vaz, Fernão Vaz, deixa-me te abraçar, quero-te abraçar, quero chorar, quero rir, quero morrer de contente.—Deixa-os agora; que te prendam, que te confisquem, que te infamem se quizerem...—Despreza-os, meu alfageme, que é o que elles merecem.

Nun'Alvares--Mereciam--se não confessassem o que lhe devem. Mas...

Froilão--Mereciam?—Bem, muito bem.—Ora... (*Começa a juntar os boccados rasgados do alvará que estão pelo chão*) Ajuda-me, Joanna, Seraphina; ajuda-me a apanhar... (*Ajudam-n'o ellas, e Froilão vai dando os boccados a Nun'Alvares*) Ide lendo, ide lendo.

Nun'Alvares (*lendo-os, como lh'os dão*)--«Traidor, schismatico, revel...»

Froilão (*afirmando-se em um dos pedaços que não pode ler, e dando-o a Alda*)--Toma, toma, lê aqui, Alda

Alda (*lendo*)--«Todos os seus bens e haveres...»

Froilão (*repetindo*)--Todos os seus bens e haveres (*Tira o pedaço de pergaminho das mãos de Alda e o dá a Nun'Alvares*) Lêde vós.—Pagam assim os reis?

Alfageme--Sempre.

Nun'Alvares--Fernando!

Alfageme--Sempre.

Nun'Alvares--Aqui ha mysterio que eu não entendo.—Esperae, deixae-me vêr.

Froilão--Não tem que vêr, é como os principes pagam as suas dividas.

Nun'Alvares--Nem todos.

Froilão--Nem a todos: quereis dizer; aos senhores, aos fidalgos é n'outra moeda; bem sabemos; mas aos crédores que são do povo...

Alfageme--Não lhes devem nada a esses.

Nun'Alvares--Não digaes isso, homem, porque a vós...

Alfageme--A mim não me devem nada.

Nun'Alvares--A vós, a quem el-rei deve!...

Alfageme--Nada.

Nun'Alvares--Por quem fizestes!...

Alfageme--Por elle, nada. O que fiz — se alguma coisa é... quatro golpes de cimitarra, puchados d'alma, n'esses estrangeiros que vinham devassar a minha terra... Se eu nasci aqui!

Nun'Alvares--Homem, dá-me um abraço, e vai descançar. Depois averiguaremos o que isto é; e ficae

certo que haveis satisfação e reparo — Alda, este homem foi quem tomou o estandarte real de Castella, e escondeu-se da acção como de uma vergonha,—e foi pôr o estandarte onde o achou Antão Vasques que o trouxe a el-rei...

Froilão (*sorrindo com despreço*)--Dizendo que fóra elle que o tomára?

Nun'Alvares--Não, homem descrido, não disse tal; disse que não sabia, e disse a verdade. Sabia-o eu, mas não o pude dizer a el-rei, porque Fernando exigiu de mim...

Alfageme (*atalhando-o com vehemencia*)--E exijo

Nun'Alvares--Basta.

Alcaide -- Senhor Condestavel, permiti que vos diga.

Nun'Alvares (*seccamente*)--Dizei.

Alcaide (*tossindo e com impotencia*)--As formalidades da justiça são a mais segura fiança das liberdades...

Nun'Alvares (*interrompendo-o seccamente*)--Basta, senhor Alcaide; sabemos essas coisas. Vamos ao que eu não sei.—Por que autoridade prestedes a Fernão Vaz?

Alcaide--Primeiramente apresentaram-me um alvará d'el-rei nosso senhor, em que o declarava traidor e revel e mandava confiscar seus bens; eu ia dar-lhe devida execução, quando...

Nun'Alvares--Onde está esse alvará? Vejamos.

Alcaide--Onde está, meu senhor?—Ahi é que vae o crime maior, o crime de lesa-majestade de primeira cabeca.—Acreditareis, senhor, que teve a ousadia?...

Nun'Alvares--Quem?

Alcaide--O alfageme.

Nun'Alvares--De quê?

Alcaide--De m'o rasgar na cara.

Nun'Alvares--Vós, Fernando!

Alfageme (*com serenidade*)--Eu.--Estamos quites.

—Serviço e desserviço de parte a parte--offensa contra offensa.--Agora já lhe não fica mal: pôde-me mandar enforçar cada vez que quizer

Nun'Alvares--Vós... rasgastes esse papel?

Alfageme--Eu.--Como quereis que vol-o diga?

(Silencio longo e geral)

Nun'Alvares (*depois de meditar, alçando a voz*)--

Fez muito bem o alfageme

Todos (*com grande espanto*)--Muito bem!

Mendo -- Um alvará d'el-rei!

Nun'Alvares (*firme*)--Era falso!

Alfageme--Falso!

Alda (*baixo a Nun'Alvares*)--Tu és o que mentes, Nuno.

Nun'Alvares (*baixo a Alda*)--Minto: mas que ninguém o saiba senão tu. (*A parte*) Ah principes, principes? — Nunca te fiz tamanho sacrificio, rei D. João: pela primeira vez na tua vida mentiu Nuno Alvares Pereira para te não deshonrar!—(*Alto*) Era falso: eu conheço a rubrica d'el-rei.—(*Para Mendo significativamente*) Mendo Paes, vós... vós...

O alvará e falso, Mendo: disse-o eu e basta (*Mendo vai a falar*) Nem mais uma palavra.—Levae-o já preso para a Alcaçova.—(*Mais baixo a Mendo*) Já védes que sei tudo: amanhã verei se vos posso castigar sem infamia (*Vae preso Mendo Paes*)—

(*Para o povo*) O alvará era falso: tam falso que eu trago plenos poderes d'el-rei meu senhor para declarar solemnemente a Fernão Vaz de Santarem benemerito da patria, e digno de toda a sua real contemplação —E como a tal, eu, em seu nome (*tira a espada*) com esta espada. —E' aquella Fernando—e a que está por pagar, Froilão--e a de meu pae, Alda!--com esta espada... Ajoellae, Fernão Vaz, escudeiro.

Alfageme--Ajoelhar para que?

Nun'Alvares—Para te eu armar cavalleiro, D. Fernando.

Um do povo (*murmurando para os outros*)—E' o que elle queria. Não verão o senhor D. Fernando! São todos o mesmo não ha que vêr.

Alfageme (*sem affectação*)—Cavalleiro eu, senhor! . . um alfageme!

Nun'Alvares—O Alfageme de Santarem.—Quantas casas nobilissimas começaram por mais baixo?

Alfageme—Muitas—E muitas mais ainda são as que mais baixo vieram cahir.—Senhor D. Nuno, vós sois um honrado e digno fidalgo, não descereis do que nascestes; não vós.—Eu sou filho d'alfageme... d'um alfageme honrado... e tambem não subirei, porque não quero descer.

Um do povo—O homem é capaz. Nunca cuidei. Este sim, isto é que é homem.

Outro do povo—Viva o Alfageme!

Povo—Viva!

Nun'Alvares (*commovido*)—Meu irmão!

Alfageme (*enternecido e correndo a abraçar-o*)—Irmão! Oh senhor! Esse titulo sim: esta-vos bem dar-m'o, e não me peja a mim accetá-lo.—Quanto ao mais liquem os como estamos que estamos bem, senhor.

Nun'Alvares—Recusar o que tantos ambicionam!—Ahi anda tambem muito orgulho, meu alfageme.

Alfageme—Ha algum! confesso.—Não vêdes que eu assim sou o primeiro dos meus... e que ficava o derradeiro dos vossos?

Nun'Alvares—Ah populares, populares!

Alfageme—Temos as nossa vaidades. E vós! Não tendes as vossas?—Desculpemo'-nos, respeitemo'-nos uns aos outros e poderemos viver em paz

Vozes (*jóra*)—Viva El-rei D. João! Viva o Alfageme!

(*Ouve-se dentro marcha guerreira*)

Nun'Alvares—E' a tua gente que entra.

Alfageme—Os meus companheiros, os meus bravos companheiros!--Aida, vamos abraçar os.

## SCENA ULTIMA

OS MESMOS E CÔRO DE SERRALHEIROS DO ALFAGEME

Os cavalleiros de Nun'Alvares formam, e vão ao encontro dos serralheiros que entram em forma militar, com seus aventaes de couro, e macçados às costas. Por uma evolução rapida, cada um dos corpos fica a seu lado da scena. Tudo isto deve ser feito em um momento.

### CÔRO FINAL

(*Marcha guerreira*)

Cavalleiros—

Erguei essas Quinas, o pendão da gloria,  
Que ahi vem a victoria!  
Já foge o inimigo, de raiva já freme,  
Que ahi vem o Alfageme!

Cavalleiro, ávante,

Co'a espada—cansada!

A'vante, segura a espada, o montante,  
Firmeza na sella, no estribo que geme,  
Que ahi vem o Alfageme!

Serralheiros—

Foi o Alfageme; foi e não tremia,  
Que a morrer só ia.

Mas ao cavalleiro de nobre pujança  
Renasce a esperança.

Nobre cavalleiro,

A'vante—o montante!

A'vante co'a espada, meu nobre guerreiro:  
Já morrer não quero, que vejo a esperança  
Brilhar n'essa lança.

Todos—

Alcemos as Quinas, o pendão da gloria,  
Que é nossa a victoria.  
Já foge o inimigo, de raiva já freme.

Serralheiros—

Viva o cavalleiro!

Cavalleiros—

Viva o Alfageme!



## TIO SIMPLICIO

Se a nacionalidade de uma peça dramatica está principalmente no estylo, nos caracteres, nos costumes, é perfeitamente original portugueza a pequena comedia que aqui damos, e que o auctor compoz sobre um enredo imitado do theatro francez moderno.

Como são latinos, e como são de Plauto e de Terencio os dramas que com nome d'elles nos chegaram, assim nos pertence este; ou talvez mais, por que n'aquelles não é só a fábula, os mesmos costumes são gregos; e aqui tudo é portuguez menos a urdura.

O *Tio Simplicio* foi composto para abertura do elegante theatro da Sociedade denominada de *Thalia*, onde concorrem como actores e espectadores as primeiras pessoas e as principaes familias do reino. O auctor é vice-presidente d'aquella esplendida sociedade, e como tal a quiz brindar com uma composição nova. Representou-se com naturalidade e primor, obteve geral applauso, e repetidas vezes alli tem ido a scena. E' tempo que desça dos circulos exclusivos da nobreza para a exposição popular, e que o repertorio do nosso theatro nacional adquira, como tanto precisa, mais uma composição do auctor de *Gil Vicente*.

## TIO SIMPLICIO

Comedia representada, a primeira vez em Lisboa, no theatro Thalia, pela sociedade particular do mesmo nome, em onze de Abril de mccccxlv

PESSOAS: Manuel Simplicio.—Luiz de Mello.—Dona Candida.—Dona Lucia  
—Dona Thereza.—Doutor Simões.—Vicente. Lugar da scena — uma quinta na provincia

## ACTO UNICO

*Sala ornada com elegancia. Portas no fundo, e portas lateraes. Uma caixa de costura sobre uma mesa á direita, á esquerda outra banca com escrevaninha.*

### SCENA I

DOUTOR SIMÕES, VICENTE; depois D. THEREZA

Vicente—Faz favor de entrar, senhor doutor; eu vou chamar o senhor Manuel Simplicio.

Simões—Porquê, ainda está na cama?

Vicente—Não, senhor, ha mais de duas horas que anda por esse palacio com os armadores e ospintores, toda essa gente que elle mandou vir da cidade.

Simões (*aparte*)—O palacio! Chama-se agora o palacio! Fidalguias da senhora D. Thereza. (*alto*) Deixa-o estar, não o incomodes. Aqui vem a senhora D. Thereza (*Vicente s.e.*)

D. Thereza—Oh! é o senhor Simões.

Simões—As minhas homenagens respeitosas e humildes á madame la belle-mère.

D. Thereza—Deu em se fazer desejar o senhor doutor: ha um seculo que o n'ô vejo.

Simões—Não se queixe, minha senhora, é hom signal! Quando o medico falta, é que não falta a saude. Que noticias temos das Caldas? Desde que

foi a senhora D. Candida, não tenho que fazer n'esta casa, senão é vir de vez em quando perguntar se volta... se já voltou...

D. Thereza—Ainda não: amanhã partimos nós, eu e seu marido, para a irmos buscar.

Simões—Hade estar impaciente o nosso Manuel Simplicio, morto de saudades pela sua rica noiva.

D. Thereza—Oh! essa justiça lhe faço eu; estremece-a, adora-a, é louco por ella.

Simões—Cada vez me glorio mais de ter feito este casamento.

D. Thereza—E' verdade, acertou. E é o seu forte: por isso dizem que os doentes do doutor Simões são mais os que casam do que os que saram.

Simões—Assim é, convenho. A minha medicina é toda philosophica e moral, é a verdadeira homeopathia transcendente; curo os contrarios com os contrarios. São os meus principios Manuel Simplicio era meu amigo e meu doente; sujeitei-o á minha clinica, fil-o casar. Pobre Simplicio não tinha a menor ideia de fazer tal.

D. Thereza—Pois deve-lhe estar muito obrigado, elle...

Simões—Também me parece que pela sua parte a senhora D. Thereza não tem de que se queixar. Manuel Simplicio tinha-se deixado estar solteiro um par de annos... um bom par de annos, a falar a verdade... voltou do Brasil millionario e sexagenario um pouco perto d'isso:—eram habitos velhos. Olhae que com todo o amor que lhe inspirou a senhora D. Candida, resistiu muito tempo... Tinha aquella idea fixa de não querer desherdar um certo sobrinho que Deus lhe deu, e que é o unico parente que tem. Desde lá do Cantagallo, ou do Ouro Preto, ou do Jacaré Acú, ou não sei de que bentas terras de Minas Geraes, d'onde esteve cavando essa riqueza toda que trouxe, vinha com o projecto feito de comprar esta quinta, e de fundar aqui no caro sobrinho uma dynastia de fidalgos d'aldeia que perpetuasse a memoria dos Simplicios por essas gerações adeante.

D. Thereza—Bem sei... um tal sobrinho a quem elle quer muito... Felizmente que não é senão sobrinho... que estes solteirões velhos ás vezes...

Simões—Esteja descansada; o meu amigo Manuel Simplicio tem um caracter fraco, a dizer a verdade, mas lá n'isso...

D. Thereza—Sim, é o que se chama um bom homem.

Simões—Bonissimo. E d'alli não ha que desconfiar.

D. Thereza—Não, não, e o peor é que ha dezoito mezes que estão casados e... e nada! Bem vê que tenho razão de receiar, doutor; se meu genro viesse a falczer sem filhos...

Simões—Hade tê-los, hade tê-los... Um marido de sessenta annos! isso é infalivel.

D. Thereza—Bem o desejo; mas Candida ha dois mezes que está nas Caldas, e parece-me longa de mais esta ausencia. Eu não estava aqui quando ella foi, estava em Lisboa por causa d'aquella maldita demanda que me demorou até agora; não cheguei senão ha tres dias; quando não, tinha-me opposto a esta viagem, ou pelo menos havia de acompanhar eu minha filha.

Simões—Bom seria; mas a senhora D. Candida está muito bem acompanhada. Em primeiro lugar levou consigo a prima Lucia...

D. Thereza—Lucia! Está bom... E' quasi da idade d'ella.

Simões—E ambas as primas foram na companhia aqui da senhora D. Joanna Pacheco, e de seu marido o nosso governador civil, pessoas de todo o respeito... E' outro casamento que eu fiz tambem.

D. Thereza—Mas para que havia de ella sair de casa, ir agora para as Caldas? Estava doente?

Simões—Pois emfim já que é preciso dizer-lh'o, estava... estava doente... aborrecia-se, tinha hystericos, tinha nervos, tinha vapores... Eu já não sabia o que lhe havia de receitar, mandei-a para as Caldas.

D. Thereza—O que me admira é o marido deixal-a ir assim... Mas calemo-nos que elle ahí vem.

## SCENA II

### MANUEL SIMPLICIO e DITOS

Simplicio *(entra, recuando, da esquerda, e falando para o bastidor)*—Olhem lá aquella commoda que não está direita... deixem descahir mais o espeelho... as cortinas mais tomadas... Sacode a franja... Agora sim, ahí bom! assim. *(Virando para a scena)* Como passou a noite, senhora D. Thereza? Bella mamã... Não é assim que se deve dizer, doutor?

Simões—Parfait! a moda de Paris. Está outro, está guapo, amavel como um estrangeiro o nosso Simplicio. E a saúde excellente sempre?

Simplicio—Quanto á saúde... Espere, dê-me licença. *(Torna a virar-se para a porta da esquerda)*

O toucador á esquerda... a jarra do Japão no canto, allí ao pé da janella.

Simões—Então que é isso? mobilámos de novo estes quartos para aqui?

Simplicio—E' o quarto particular de minha mulher... o boudoir, bella mamã: não é assim que se chama?

D. Thereza—Sim, é

Simões—Agora que tudo vem de França, modas, palavras, idéas...

Simplicio—Algumas... das palavras são mais bonitas sem duvida. Por exemplo, bella mamã, para não dizer sogra, é uma palavra tam feia.

Simões *(aparte)*—Como a coisa: e já é dizer.

Simplicio—Mas outras, a falar verdade... esta de boudoir, nem eu sei bem o que isto quer dizer, mas não me agrada.

D. Thereza—E' uma expressão bonita, e para pessoas de bem, senhor Simplicio; não ha senhora nenhuma na corte que não tenha o seu boudoir.

Simplicio—Ah! se as fidalgas da corte tem o seu boudoir, isso é outro caso, tambem minha mulher hade ter o seu; e por isso é que eu... *(Tornando-se a virar para a porta)* O sophá e o vis a vis á direita... deifronte do espeelho; o apparelho de Saxonia em cima da mēsa. Vão devagar e aviem-se

D. Thereza—Em se tratando da mulher anda aquella cabeça...

Simplicio *(voltando para a scena)*—Agora aqui me tem, meu doutor.

Simões—Então já sei que vae buscar a sua bella metade.

Simplicio—Vou, meu amigo, e já era tempo; pesame esta viuvez. Minha mulher é tam alegre, tam divertida, tam viva; nem eu sei como tenho podido viver estes dois mezes tam compridos, sem a ver.

Simões—Mas porque não foi com ella?

Simplicio—Isso queria eu, mas ella é que não quiz pela muita amizade que me tem: entendeu que me fazia mal as Caldas. Coitada! é tam minha amiga...

Simões—E' um anjo.

Simplicio—E além d'isso aproveitei esta occasião para reedificar este lado esquerdo da casa... do meu palacio... era um gôsto que ella fazia; achava-o triste, gothico; e eu, obras é a minha paixão.

Simões—Tambem d'ahi não se segue mal nenhum... uma pequena ausencia aviva mais a ternura conjugal.

Simplicio—A minha não precisava d'isso, doutor. Mas, emfim, já lá vae: agora em ella voltando fica a minha felicidade quasi completa; digo quasi, porque verdade seja... completa, completa não é... quando penso n'aquelle pobre rapaz meu sobrinho...

D. Thereza—Sempre com este sobrinho!

Simplicio—Sequer, se elle soubesse do meu casamento...

Simões—Pois quê, não lhe deu parte?

Simplicio—Não, ainda não; elle está lá para Lisboa, tam longe... e este casamento, como sabem, fez-se com tanto segredo e tam depressa...

D. Thereza—Com effeito, meu genro, a sua fraqueza faz attenção, e uma coisa que nunca se viu, um tio que tem medo que o sobrinho lhe ralhe.

Simplicio—E' que a falar a verdade, elle tinha razão se ralhasse, se me dissesse o que eu me digo a mim mesmo. A minha posição é mais delicada do que cuidam. Luiz é filho de minha irmã, irmã querida e unica, excellente creatura, mas que não tinha nada de seu: foi casar com um cavalheiro muito illustre, muito fidalgo, creio eu, mas que nunca passou de tenente do regimento de... e morreu deixando-lhe... este filho. Achei-a viuva quando voltei do Brasil, e quasi morta... Com toda a minha riqueza mal pude adoçar-lhe os ul-

timos instantes da vida. Parece-me que a estou vendo ainda, moribunda, apertando-me a mão, e recommendando-me o filho; jurei-lhe que o tomava por meu, que lhe havia de servir de pae, e emfim deixei-lhe toda a minha fazenda. Renovei o juramento trinta vezes em cartas, em conversas com Luiz quando elle aqui veio estar commigo ha dois annos; e decerto que tinha firme intenção de o não quebrar. Não sei como foi que se metteu o diabo n'isto...

D. Thereza—Senhor Simplicio!

Simplicio—Não foi o diabo, não, minha senhora, perdõe me por quem é... Mas como hei de eu dizer a meu sobrinho que o enganei, que lhe faltei a palavra, que sou um máo tio, que cahí em... que... enfim que estou casado?

D. Thereza—Por fim de contas é preciso acabar por lh'o dizer

Simplicio—Sim, d'aqui a algum tempo, veremos... Mesmo agora seria difficilissimo porque não sei o que é feito d'elle.

D. Thereza—De seu sobrinho?

Simplicio—Já me dá cuidado. Ha coisa de um mez, ou mez e meio, que recebi uma carta d'elle, avisando-me que saia de Lisboa, e que vinha passar algum tempo commigo. Imaginem o meu susto; andei quinze dias com febre... mas não veio, e de então para cá não soube mais d'elle.

D. Thereza—Excellenté occasião de lhe escrever, deixando cahir duas palavras sobre o casamento. SImplicio—Acha?... Hade alligil-o muito, coitado!

D. Thereza—Olhem a grande desgraça! E' muito amor de mais para um sobrinho, senhor SImplicio, é uma ternura desarrazoada e fóra de todo o termo, que não diz com o seu novo estado. Dá-lhe tudo quanto elle quer... deixa-lhe fazer despesas exorbitantes...

Simplicio—Pudéral se lhe eu não mandasse dinheiro, vinha-o elle cá buscar.

D. Thereza—Pois sim, mas é preciso acabar com isto... uma carta pelo correio e adeus! não se pensa mais n'isso, e fica feito.

Simões—Siga o parecer da senhora D. Thereza; não se pôde viver n'esse desasoscego, é preciso tranquillisar-se

Simplicio—Então querem por força.

D. Thereza—E se se demora, escrevo-lhe eu.

Simplicio—Não se altere, bella mamã, já o vou fazer.

D. Thereza—Pois é já, aqui.

Simplicio—N'este momento.

D. Thereza—Ora graças a Deus!... E no entretanto vou eu á cidade a casa do governador civil: elle vae amanhã commosco buscar a mulher; combinaremos a hora da partida.

Simões—Quer que lhe offereça o meu braço, minha senhora?

D. Thereza—Com muito gosto. Senhor SImplicio, olhe agora se se esquece.

Simplicio—Bem sabe que quando eu prometto uma coisa...

## SCENA III

SIMPLICIO, só

Ora vamos a isto... já que não ha remedio, (*Põe-se á mesa e prepara-se para escrever*) Maldita carta! Se eu sei por onde hei de principiar... O Luiz é muito bom rapaz... mas fica furioso... E então um tio... uma pessoa de respeito... ter de se accusar deante de seu sobrinho... ter de lhe confessar!... quasi que é pedir lhe perdão... Tem que se lhe diga, é de exame... Mas quem manda é minha sogra; vamos. (*Escreve*) «Meu sobrinho... meu rico Luiz...

## SCENA IV

SIMPLICIO, VICENTE, e depois LUIZ

Vicente (*no fundo*) Senhor?...

Simplicio—Vêm-me interromper... inda bem!—Que queres tu, Vicente?

Vicente—Senhor, um senhor, um rapaz novo que lhe quer falar.

Simplicio (*levantando-se*)—Um rapaz novo!... Quem é? Conhece-o?

Vicente—Não senhor; não quiz dizer quem era, diz que lhe queria apparecer de repente para lhe dar um alegrão.

Simplicio—Ai, meu Deus! Que suôres frios!...

Vicente—Mando entrar?

Simplicio—Pois sim... certamente... (*Vicente sac*)

Oh! que tolce estar-me eu a assustar! Não pôde ser. (*Vae ver ao fundo*) Jesus! é elle, é o Luiz...

Tremem-me as pernas, não me posso ter...

Luiz (*olhando muito para o tio sem o conhecer*)—Oh senhor, perdõe! o seu criado enganou-se, eu procuro o senhor Manuel SImplicio.

Simplicio (*abrindo os braços*)—Luiz, meu sobrinho!

Luiz—Meu tio! (*Abraca-se.*)

Simplicio—Então já me não conhecias?

Luiz—Minha palavra de honra que não E se o tio se não visse a si desde o tempo que eu o não vejo, ha dois annos, aposto o que quizer que não era capaz de se reconhecer a si mesmo. Jesus! como está mudado!

Simplicio (*assustado*)—Achas?

Luiz—Mas dou-lhe os parabéns, tio, está outro, não tem comparação: anda direito, está fresco e bello... e então tafu!... não tem que vêr, é uma transformação completa.

Simplicio—Ah! isso é outra coisa.

Luiz—E tanto que, se vamos n'este andar, em poucos annos está mais moço que eu.

Simplicio—Sim, eu agora ando bom... E tu, meu Luiz, como va nos de saude? E a respeito de?... vamos: diverte-se a gente?

Luiz—Assim, assim, meu tio... Mas aqui está o que é ser homem solteiro! O tio vive sem pezares, sem cuidados...

Simplicio (*iparte*)—Está bom... não desconfia de nada... estou mais soçegado (*alto*) Tu hasde estar móido da viagem, homem?

Luiz—Não; tio.—Ora o que me fez mais barulho logo assim á primeira, foi o seu modo de vestir: eu que o tinha visto sempre de calça justa por baixo da bota, e com aquella sua casaca, vil-o agora achar de penteado moyen-age, frac á ingieza!...

Simplicio—Sabes tu que já me davas cuidado?

Luiz—Oh! meu querido tio, mas é que realmente está um petimetre... Ai, Deus me perdõe! pois foi-se tambem? coitado!

Simplicio—Quem?

Luiz—Aquelle rabichinho tam galante, tam travesso, que o tio trazia, e que realmente era...

Simplicio—Era um incommodo, pegava-se á gola da casaca...

Luiz—Que metamorphose! Pois eu por mim gostava mais do outro tio d'antes... Este, a falar a verdade, parece-me um tio virado.

Simplicio—Então! não me acabas de analysar dos pés á cabeça.

Luiz—Porquê? Deixe-me gosar da minha admiração. Até a quinta e esta casa toda está que ninguém a conhece. Era tam triste! e agora tem um ar de opulencia, de animação. Não parece senão que andou por aqui alguma fada boa.

Simplicio (*iparte*)—Está insupportavel com as suas reflexões. (*alto*) Então que queres? Aborreci-me

da vida de ermitão que levava, comecei a viver com gente... por aqui os vizinhos... pessoas muito de bem... bem vê... para os receber em casa era preciso...

Luiz—Faz muito bem, tio... isso é que eu acho de juízo. Quantas vezes lh'o tenho dito?... que não sabe gosar da sua fortuna... gaste... divirta-se... não se apoquente por amor de mim... Contanto que me deixe o que lhe sobrar, ainda me hade ficar bastante.

Simplicio (*aparte*)—Pobre rapaz!... Está me enterando punhaes no coração...

Luiz—Não é que eu despreze a riqueza... por certo não; e muito sinceramente lhe digo se me não dá de ser rico. Mas graças a meu tio, nunca me faltou nada. E particularmente ha um anno a esta parte, ou dezoito mezes... tem fervido os cartuxos de peças, as notas do banco... de modo que para as poder gastar foi-me preciso emprehender esta pequena viagem.

Simplicio (*aparte*)—E eu que cuidei que assim é que o impedia de vir!

Luiz—Faz favor de me dar uma pitada, tio!

Simplicio—Uma pitada!... pois tantos tabaco?

Luiz—A's vezes, da caixa dos outros.

Simplicio—E' um mão vício... Eu deixei-me d'elle.

Luiz—Mais outra mudança... E' extraordinário!

Simplicio—Tu hasde precisar de tomar alguma coisa. Deixa-me chamar Vicente. (*Toca a campainha.*)

Luiz—Vicente?... E' um dos creados novos? A' entrada dei com uma quantidade de lacaio, todos moços tafulos... de librés novas... A propósito que caminho levou a Gertrudes... a sua ama velha que era tam sua amiga?

Simplicio—Coitada! estava bem velha.

Luiz—Pouco mais ou menos da sua idade.

Simplicio—Aposentei-a... estabeleci-lhe uma pensão... mas não se fala n'isso... que foi ás escondidas.

Luiz—Como, ás escondidas? Pois meu tio não é senhor do que é seu? Quem é que tem creito de?... Simplicio—Não, certamente... ninguém tem direito de... mas é que, bem vê... ha sempre mais linguas... podiam entrar a suppr... E este diabo d'este Vicente sem vir! (*Toca com violencia a campainha, depois duas ao mesmo tempo.*)

Luiz—Devagar, meu tio, não se impacienta... dá-me tanto gosto estar aqui a conversar...

Vicente (*entrando*)—O senhor quer alguma coisa?

Simplicio—Em te chamando estás sempre uma hora primeiro que venhas... Vae preparar de almoçar o mais depressa possivel.

Vicente—Vou já, senhor. (*Sae*)

Luiz (*aparte*)—O que é que elle tem este meu tio?

Simplicio—No entretanto, meu amigo, conversemos um pouco a teu respeito... dos teus negocios... que a minha amizade não é como o mais, essa é sempre a mesma—Agora quando tu chegaste, te estava eu a escrever.

Luiz—Deveras?

Simplicio—E' verdade. Para saber novas tuas... davas-me cuidado... Escreveste-me ha dois mezes que sahias de Lisboa...

Luiz—E com effeito parti... mas demorei-me no caminho... fiz uma voltasita para chegar aqui... E succedeu-me uma aventura interessantissima... Heide-lh'a contar.

Simplicio—Ah maganão! madama no caso?

Luiz—Nada, nada. D'esta vez é uma menina... uma menina solteira... um anjo!

Simplicio—Melhor, melhor, porque emfim tu não tens nada que te empeça... de... casar.

Luiz—Casar!... não tenho pressa... na minha idade... quando a gente se diverte... que é feliz...

Simplicio—Ah... maroto... com quê casar... para

voce, é como o tomar tabaco? Não quer senão da caixa dos outros...

Luiz—Se visse como ella é honita? Disse-me que ia para Lisboa... Eu não quiz passar tam perto d'aqui sem lhe vir dar um abraço, tio; mas a falar a verdade... se não fosse...

Simplicio—Dize, explica-te.

Luiz—Tenho medo de o desgostar.

Simplicio—Não importa... anda, dize.

Luiz—Fois a verdade é... que estou morrendo por ir atraz d'ella... e queria-lhe pedir licença para me logo pôr a caminho.

Simplicio—Faze o que quizeres filho... eu antes queria ter-te aqui algum tempo commigo... mas uma vez que é impossivel...

Luiz—Impossivel não; se o tio quer...

Simplicio—Não, não te encommodes... Queres partir hoje?

Luiz—A'manhã de manhã... que lhe parece?

Simplicio—Cae mesmo a proposito... tinha-me esquecido de t'o dizer; tambem eu parto ámanhã... uma digressãozinha pequena.

Luiz—Para a banda do Porto... ou para Lisboa?

Simplicio—Não, o contrario.

Luiz—O contrario!

Vicente (*no fundo*)—Senhor, o almoço está na mesa.

Simplicio—Vae almoçar, anda, rapaz... desculpa-me, que te não posso fazer companhia... almoço muito mais cedo.

Luiz—Era o que faltava, que fizesse agora ccremonia commigo.

Simplicio—Vicente?

Vicente (*chegando-se*)—Senhor.

Simplicio—Ouve. (*Fala-lhe ao ouvido.*)

Vicente—Basta, senhor, esteja descansado.

Simplicio—Luiz?... Ensina-lhe o caminho, Vicente.

Luiz—E é preciso; está tudo tam mudado, tam grandioso... não sei se eu acertaria com a casa de jantar.

## SCENA V

Simplicio (*só*)—Ahl respiremos... Uma poucas de vezes me ia perdendo... que fortuna estar minha mulher fóra de casa!... Emfim como elle parte ámanhã, d'aqui a alguns dias lhe escreverei. Por hoje, tomando as minhas precauções... acautelando-me e tal, posso-me ainda livrar... A Vicente recommendei-lhe segredo, e que advertisse os outros criados... O caso agora é prevenir minha sogra... tarda bem! (*Vae ao fundo*) Parece-me que a oção... Eil-a ahí com effeito... Que senhoras são estas que vêm com ella? Santo Deus!... minha mulher... Candida! E a prima Lucia... Está tudo perdido.

## SCENA VI

SIMPLICIO, D. THEREZA, D. CANDIDA,  
D. LUCIA

Simplicio—Minha querida filha... Como ella vem bonital (*Abraça a mulher.*)

D. Lucia—Então, e a mim, primo, não me diz nada?

Simplicio—Adeus, minha rica Lucia.

D. Thereza—Quando eu entrava em casa do governador civil, chegava a caleja d'estas senhoras.

D. Lucia—Não me esperavam tam cedo?... Não cabe em si de contente o primo

Simplicio—De certo... Estou n'uma alegria...

Mas o que estava ajustado era imol-as nós lá buscar.

D. Lucia—Foi Candida que quiz vir por força; andava aborrecida, n'uma melancolia...

Simplicio—E é verdade... não reparei ao principio Tu que eras tam alegre, tam...

D. Thereza—Saudades do marido, da sua mamã... Não é assim, minha filha?

D. Candida—Sim, mamã, sim... já não podia estar sem os vêr, precisava de vir para aqui, de... Eu não tenho andado boa.

Simplicio—Doentel! Oh! já, já chamar o doutor.

D. Lucia—Não é preciso, encontrámo-lo, e não tarda ahi de certo... é uma visita mais que se conta.

Simplicio—De que serve ir ás Caldas para vir doentel? Então vocês não se divertiram?

D. Lucia—Nada, não! L'ivertimo-nos immenso; todos os dias bailes, funções, passeios.

Simplicio—Espera... não ouviram passos aqui por este lado?

D. Thereza—Não...

Simplicio (*sociegando*)—Ah! então iam ao baile... tinham funções?...

D. Lucia—Não faz idéa, primo; era uma delícia. E sabem? Candida e eu passavamos por meninas solteiras.

Simplicio—Ah?... Candida também!...

D. Lucia—Tambem: foi uma brincadeira que muito nos divertiu. Maria do O, a mulher do governador, é que fazia de mamã: foi concertado com ella. Era um gosto vêr como todos nos queriam fazer a corte... á Candida mais, porque andava mais tafula, mais rica... Muito rimos nós com vêr os rapazes que queriam casar com ella.

Simplicio—Sim?... tinha sua graça.

D. Lucia—Era o que lhe eu dizia: é pena que não possas casar duas vezes... tinha muita graça.

D. Thereza—Muito pouca gravidade n'esses brincados, Lucia; cada vez me pesa mais não ter eu ido com vocês.

D. Lucia—O' tia, posso-lhe afirmar que a gente não fazia caso nenhum d'elles... dos nossos rendidos. Pela minha parte, só um ou dois é que poderiam assim...

Simplicio (*sobresaltado*)—Oíçam!... parece-me que senti abrir uma porta...

D. Thereza—E então!... creio que está a sonhar.

Simplicio—Não fale tam alto... Tem um metal de voz esta senhora!

D. Thereza—Então que é isto? Aqui ha coisa extraordinaria.

Simplicio—E' verdade, ha: então que quer?... estou n'um lance, n'um apertto...

D. Thereza—Porquê? diga.

Simplicio—Porquê?... porque está alli elle... chegou.

D. Candida—Elle quem?

Simplicio—Meu sobrinho.

D. Thereza—Seu sobrinho está aqui?

D. Lucia—Aquelle que era seu herdeiro, e de quem se escondeu este casamento?

Simplicio (*fazendo-lhe signal que fale baixo*)—Esse mesmo... Está resolvido a partir amanhã, e eu quero vêr se faço com que elle parta hoje.

D. Thereza—Tem razão... seu sobrinho hade ser rapaz galante, certamente: se ficasse aqui... podia haver receio...

Simplicio—Receio... medo de tudo!... Mas já agora não ha outro remedio senão este, é não lhe apparecer. Vão para os seus quartos e deixem-se estar até... até á tarde, não é muito tempo.

D. Thereza—Tambem sou d'esse voto.

D. Lucia—Que pena! Uma casa tam só como esta, e onde quasi nunca se vê uma figura humana!

D. Thereza—Minha sobrinha!

D. Lucia—Eu não disse isto pela tia.

D. Candida—Não façam caso do que ella diz. Hade-se fazer como querem: a mais interessada n'isso sou eu. Seu sobrinho não pôde ter gosto em me vêr: hade-me ter por sua inimiga; eu estimo muito mais não o encontrar... Além d'isso, basta que seja sua vontade...

Simplicio—E' um anjo, um genio de pomba... Ora isto... isto! Tê-la eu aqui ao pé de mim, depois de uma ausencia tamanha, e vir este diacho d'este Luiz...

D. Lucia—Luiz!

D. Candida—Luiz!

Simplicio—Sim, e o nome d'elle.—Então promettem estar em segredo todas tres!

D. Lucia (*aparte*)—E mais eu tinha bem curiosidade...

Simplicio—Perdôa-me, Candida, separar-me de ti...

O que era melhor era irem-se fechar na casa do café no jardim... está mais longe, mais só.

D. Candida—Pois sim, como quizer.

Simplicio—Vão por dentro dos quartos, que não sinta elle...

## SCENA VII

SIMPLICIO e depois LUIZ

Simplicio (*aparte, da esquerda, seguindo com os olhos a mulher*)—Que pena! Nunca a vi tam boa commigo, tam m'insinha, tam... Adeus, adeus! (*Atirando-lhe beijos*.)

Luiz (*e trando da direita*)—Apre, senhor meu tio.

Simplicio (*fechando a porta de repente*) Hein! Então que é isso?

Luiz—Digo-lhe, meu tio, que a sua cosinha sempre está! seguiu a marcha da civilização; é d'este seculo o seu cosinheiro, é um homem de luzes, não tem dúvida.

Simplicio (*aparte*)—Pregou-me um susto!...

Luiz—Agora, meu tio, estou prompto a correr os seus estados: venha-me mostrar as mudanças, os melhoramentos, todas essas coisas novas... Leio-lhe nos olhos que está morrendo por isso, e eu tambem estou com minha curiosidade de saber...

Simplicio (*aparte*)—Como hade ser para o resolver a partir já?

Luiz—Primeiro vamos ao jardim se quizer... Parece-me de longe uma casa de fresco nova... e linda... E' um kiosque... ou é?...

Simplicio (*aparte*)—Tem um instincto para me atormentar, este meu sobrinho!... (*Alto*) Com muito gosto eu ia... mas estou n'um cuidado...

Luiz—Coisa que o allige, tio?

Simplicio—E' verdade; e não sei como t'o heide dizer.

Luiz—Alguma noticia desagradavel?

Simplicio—Muito desagradavel! (*Aparte*) Bom! chegámos a ellas. (*Alto*) Uma carta de Lisboa, que recebi n'este instante, em que me avisam que uma casa em que eu tinha bastante dinheiro, cem mil cruzados, está a falir.

Luiz—Diacho! E' terrivel essa.

Simplicio—Agora o ponto era não perder um instante... Bem vêr que a mais pequena demora... Eu tinha-me lembrado que talvez tu... se te não desse...

Luiz—De partir hoje? Em casos taes não se olha a coisa nenhuma: estou á sua disposição.

Simplicio—Queres? Não esperava menos de ti. Vou escrever depressa duas palavras, e trazer-te os papeis necessarios... l'atarás de te entender com o meu correspondente.

Luiz—Em o tio acabando monto a cavallo.

Simplicio—Meu Luiz! Ninguem tem um sobrinho como eu. (*Aparte*) Estou livre d'elle (*Alto*) Espera aqui, eu venho já. (*Vicente atravessa o theatro do fundo para a esquerda com uma caixa de chapéus, um challe e um guarda-sol de senhora*.)

Luiz—Tio Simplicio!

Simplicio—Hein!

Luiz—O que é aquillo que alli vae? o seu criado com um challe... um guarda-sol de senhora?

Simplicio (*áparte*)—Bonita a fez Vicente! tem um juízo!

Vicente—Chama-me, o senhor?

Simplicio—Não, não; vae-te.

Luiz—Então tem senhoras em casa o tio, e não m'o dizia?

Simplicio—Senhoras... Ah! sim... é que nem já me lembrava... E' uma pessoa... uma senhora d'aquella quinta no alto... Vae para o Porto... e... Luiz—Ah! vae para o Porto! anda tudo por aqui a viajar, pelo que vejo.

Simplicio—Tive medo de descer na ladeira lá d'aquellas alturas... offereci-lhe que viesse aqui espal-a... e...

Luiz—E' mais commodo... E é moça a tal senhora?

Simplicio—Está bom! Uma idade respeitavel. Querem vêr que já tu cuidavas?... Oh! está socegado, não tenhas medo. Quando me acontecesse... Adeus! não tardo aqui dez minutos.

### SCENA VIII

Luiz de Mello (*sd*)—Senhor meu tio, senhor meu tio! aqui ha coisa, seja ella qual fór. Por modo que se quer ver livre de mim. Já esta manhã não instou commigo para ficar. E agora de repente esta casa de Lisboa que quebrou assim como o commendado... Aqui ha mysterio... Eu já tinha minhas suspeitas... Este casarão velho todo arranjado de novo... meu tio deixado de tomar tabaco... com o rabicho cortado... E este luxo, estes trastes elegantes... E esperem; eu ainda não tinha visto aquillo... uma caixa de costura... isto não pôde ser. (*abre a caixa*) Tal e qual Bordados... lá!... Que maganão que é o tio Simplicio! Demittiu a Gertrudes velha, e deu o logar a alguma criadinha moça e tafula, meia ama, meia criada... O costume! E' o flagello dos solteiros velhos. Robre tio Simplicio! Mas onde a tem elle escondida? Se terá ciumes de mim? Oh isso agora é que me faria rir,

### SCENA IX

LUIZ e D. LUCIA

D. Lucia—(*entrando pé-ante-pé*)—Não posso resistir. Por força heide vêr este sobrinho que mette medo a toda a gente.

Luiz—Esta não é mal! Eu lhe prometto que heide descobri-la... Vou revolver a casa toda. (*vae a sair*.)

D. Lucia (*dando de repente com os olhos n'elle*)—Ail Luiz—E' possivel!

D. Lucia—Pois é o senhor?

Luiz—A senhora D. Lucia aqui? Conhece meu tio Simplicio?

D. Lucia—Seu tio!... Então o senhor é que é o sobrinho?

Luiz—Que feliz acaso! Tenho tantas cousas que lhe perguntar!... E primeiro que tudo, aquella menina que andava em sua companhia nas Caldas... sua prima, creio eu... onde está, que é d'ella. Aqui... estou vendo. Não se separaram...

D. Lucia—Pois separamo-nos, e bem sabe o senhor... Porquê? ella não lhe disse que voltava para Lisboa?

Luiz—E' verdade, e foi tudo quanto me disse... Mas a senhora D. Lucia conhecer meu tio? De onde o conhece? Dar se-ha o caso que sejamos parentes? Não veio sósinha para esta quinta... de certo. Fica aqui muito tempo?

D. Lucia—Não, não senhor, foi um acaso... de passagem...

Luiz—Ah! vae para o Porto?

D. Lucia—Dê-me licença que me retire... Se nos vissem aqui a conversar...

Luiz—Que quererá dizer isto?... Temos ou ro mysterio...

### SCENA X

DITOS e SIMÕES

Simões—Ah! senhora D. Lucia! Venho correndo com uma pressa... O senhor Simplicio diz que viesse, que viesse... quer que lhe eu veja immediatamente a mulher.

Luiz—Sua mulher!

Simões—Certamente.

D. Lucia—(*áparte*)—Vamos já dar parte a minha tia. (*scapa se pelo fundo*.)

Luiz—Então meu tio é casado?

Simões (*áparte*)—Ai, que é o sobrinho!... Fil a bonita.

Luiz—E' horrivel... é indigno isto! Casar-se, e occultar-me o seu casamento! Nunca cuidei que fosse capaz de me enganar assim...

Simões (*áparte*)—Vejam-se os socego (*Alto*) Venha cá, senhor; a coisa não é tam feia como lhe parece.

Luiz—Mas emfim como se fez este casamento?... que tempo ha... com quem? Hade sabê-lo o senhor... creio que é seu amigo.

Simões—Sou... isto, é sou o seu facultativo.

Luiz—Não vem a ser bem a mesma coisa... mas não importa... Quem é que lhe metteu na cabeça semelhante loucura? Não foi coisa d'elle... é que abusaram da sua fraqueza.

Simões—Permita-me que lhe diga que os meus principios me não deixam metter em negocios de familia; todo o meu tempo é dos meus doentes... Ha-de permittir... (*Querendo partir*.)

Luiz—Por quem é, senhor, responda-me... Quem é esta mulher?... Está aqui na quinta? Não poderei sequer ao menos vê-la?

Simões—Torno a repetir-lhe, senhor... Mas espere... olhe: aqui vem uma senhora que lhe pôde explicar tudo isso muito melhor do que eu. (*Apparece D. Thereza no fundo*.)

Luiz—Uma Senhoria!

Simões—Saf! lá se avenham como poderem. (*Vae-se pela esquerda*.)

### SCENA XI

I. LUIZ, D. THEREZA

Luiz (*áparte*)—Querem ver que é esta? Com a fortuna!... E tem-me cara de o ser...

D. Thereza (*áparte*)—Hade estar desesperado... mas eu o farei entrar na razão.

Luiz—Minha senhora... acabo de saber n'este instante...

D. Thereza—Que seu tio está casado?... Sim senhor, é verdade; e fez muito mal em lh'o encubrir... por meu voto não foi; e se elle tomasse os meus conselhos, ha muito que seu sobrinho o saberia.

Luiz (*áparte*)—Bem n'o dizia eu!... E' minha tia. Vamos... o doutor não deixa de ter razão... o mal não é tamanho como se cuidava.

D. Thereza—Seu tio tem lhe muita amizade; e eu espero que o senhor não hade procurar, nem pelas suas palavras nem pelo seu procedimento, destruir a felicidade de um parente que o tem enchado de beneficios.

Luiz—Assim é, minha senhora.

D. Thereza—E se assim não fosse... eu bem sei como me heide haver... desde já lh'o declaro.

Luiz (*áparte*)—Parece-me extremamente amavel a tal minha tia. (*Alto*) Confesso-lhe, minha senhora, que no primeiro momento... não pude ser s'nhor

de mim... Bem vê que era natural... eu não sabia que este casamento tinha sido tam acertado, tam egual... em todos os sentidos.

D. Thereza (*aparte*)—Que querrá elle dizer com isto?

Luiz—E não posso deixar de louvar a meu tio e ter escolhido uma esposa cujas qualidades amadurecidas pela idade e pela experiencia...

D. Thereza (*aparte*)—Isto é mangação, ou?...

Luiz—E pela minha parte... eu tambem espero que me não hão de alienar o coração de meu tio; e que em vez de perder a sua amizade, antes heide merecer a da minha respeitavel tia. (*Faz-lhe uma inclinação profunda.*)

D. Thereza (*aparte*)—Pois então!... não está persuadido que!... Não me atrevo a desenganá-lo.

Luiz (*aparte*)—Meu pobre, desgraçado tio!... Foi mesmo de quem estava abandonado de Deus.

## SCENA XII

### DITOS e SIMPLICIO

Simplicio (*entrando*)—Luiz, aqui tens a carta e os papeis... (*Parando*) A sozra! Justos céos!

Luiz (*dando-lhe a mão*)—Toque, meu tio, toque. (*Aparte*)—Coitado!

Simplicio (*admirado*)—Com muito gôsto, meu Luiz... mas dizes-me isso com um modo...

Luiz (*chamando-o de parte*)—Já sei a desgraça que lhe succedeu.

Simplicio (*em voz baixa*)—A desgraça?

Luiz—Calada!

D. Thereza (*aparte*)—Deus queira que me não vá elle agora desmentir!

Luiz (*compungido*)—Diga-me se é feliz, tio; preciso saber se é feliz, tio Simplicio.

Simplicio—Ora esta! Que pergunta! Tu conheces-me, sabes que não me amofino facilmente... E de mais, quando a gente é livre, quando é...

Luiz—Quando é casado.

Simplicio—Hein! Que dizes tu... (*Assustado.*)

Luiz—Eu sei tudo, meu tio.

Simplicio (*aparte*)—Deus do céo, que horrivel sogra! Foi ella que me deu a perder.

Luiz—Não receie das minhas queixas, tio, não; realmente é um casamento muito rasoavel.

Simplicio (*muito animado*)—Não é verdade? Parece-me que é muito rasoavel... Entretanto ha pessoas que notam a desproporção da idade.

Luiz—N'essa parte têm sua razão. Meu tio é muito moço de mais para ella, mas...

Simplicio—Estás zombando?

D. Thereza (*aparte*)—Que estarão elles dizendo?

Luiz—Salvo, comtudo, se é inclinação antiga, de outros tempos... e de...

Simplicio—Antiga!... O quê?... como?

Luiz—Então? algum amor de infancia... a sua primeira paixão... Porque não seria?

Simplicio (*aparte*)—Que me mellem se eu entendo o que elle diz.

Luiz—No seu tempo havia de ser bella mulher... E examinando-a bem ainda agora...

Simplicio—Hein? Examinando quem? (*Olha para todos os lados.*)

Luiz—Veja o perfil (*Apontando para D. Thereza*) E' classico... Veja... e como dizem agora os jornalistas, é plastico... Eu não sei bem o que é, nem elles... mas não importa.

Simplicio—Sim, sim; ainda tem os seus restos... (*aparte*) Começo a desconfiar.

Luiz—Ora vamos, já sei; é alguma paixão do seu tempo... Mas fale com ella: é exquisto estarmos nós assim a conversar para aqui sós, á parte...

Simplicio—E' verdade... (*A D. Thereza*) Minha se...

minha querida, pelo que vejo já informou... tu já informaste meu sobrinho...

D. Thereza—O acaso fez tudo... E eu assentei que não devia negar...

Simplicio (*aparte*)—Que excellente invenção! (*Alto*) Olha... não sabes quento sou feliz; e se conheces tu tia... é um anjo, um seraphim. (*Beija a mão de D. Thereza.*)

Luiz (*aparte*)—Ainda bem que avê com tam bons olhos!

Simplicio—Quanto a ti, meu caro Luiz, este casamento pouco te deve assustar... a idade da minha mulher...

D. Thereza—Enhor!...

Simplicio (*a D. Thereza*)—Cale-se: é para o persuadir mais.

Luiz (*aparte*)—Não é muito amavel com a noiva o tal meu tio Simplicio.

Simplicio—Podes ficar descansado, não tens que recear de outros herdeiros...

D. Thereza—Basta, senhor, basta.

Luiz—Meu tio!...

## SCENA XIII

### DITOS e SIMÕES

Simões (*aparte*)—Estão juntos, e tiveram já tempo de se explicarem.

Simplicio (*aparte*)—O doutor? Sempre vem fóra de proposito.

Simões—Andava á sua procura, senhor, Simplicio porque queria dizer-lhe que se não falham certos indícios, a cara esposa não está muito boa.

Simplicio (*aparte*)—Oh meu Deus!

Simões—Ainda não posso definir o que é... mas tem alguma coisa... parece-me que não ha duvida: tambem já era tempo...

D. Thereza—Está louco, doutor, não é possivel... e pelo menos... Eu nunca me senti tam bem.

Simões—A senhora D. Thereza?... Simplicio—Certamente: basta vê-la, aquella côr... aquella frescura.

Simões—Então, então, entendamo-nos.

D. Thereza (*baixo ao doutor*)—Cale-se doutor.

Simões (*aparte*)—Ah! isso é outro caso; pelos modos commetti outra imprudencia.

Simplicio—O doutor queria assustar-nos. (*Aparte*) Pobre Candida, e eu sem estar ao pé d'ella.

Simões—Em todo o caso eu voltarei outra vez, preciso estudar os symptomas.

Simplicio—E' isso, venha jantar comnosco, verá que appetite que ella traz... E tu, meu sobrinho, podes voltar para Lisboa, se o menor cuidado na saude de tua tia. (*Sae o doutor e D. Thereza.*)

## SCENA XIV

### SIMPLICIO, LUIZ

Luiz—Partir? então sempre quer que parta?

Simplicio—Que remedio? Aquella quebra... os meus dez contos de réis!...

Luiz—Tinha-me dito cem mil cruzados.

Simplicio—Cem mil cruzados, é verdade... Maior motivo para te apressares... Toma: aqui está a carta e os papeis.

Luiz (*pegando-lhe*)—Basta, meu tio. (*Aparte*) Cuidado que me enganar?...

Simplicio—A mala está no teu quarto onde tu costumias ficar.

Luiz—Sim senhor, meu tio. (*Vac-se.*)

## SCENA XV

Simplicio (*só*)—Ah! d'esta vez ainda eu escapei. Safa, que medo! Mas a pobre Candida que está á

minha espera... Se eu fosse... enquanto meu sobrinho está no seu quarto arranjando-se... E' arriscado, mas não importa: vou. (*Toma para a porta da esquerda.*)

## SCENA XVI

## SIMPLICIO, D. CANDIDA

- D. Candida—Está só?
- Simplicio—E's tu, querida? Então vieste só para me vêr, anjinho? (*com pique.*)
- D. Candida—Tenho que lhe dizer... e é coisa séria. Esta certo que ninguém nos ouve?
- Simplicio—Meu sobrinho foi para o seu quarto apromptar-se para partir.
- D. Candida—Seu sobrinho já sabe tudo: disse-m'o Lucia. Descobriu o nosso casamento e diz que me quer vêr.
- Simplicio—Quall não fazes idéa que engano tão gracioso. Pois não foi cuidar o pateta do rapaz que tua mãe era a minha mulher?
- D. Candida (*com ironia*)—Ah!... Sim?...
- Simplicio—E' ratão... não achas? Pobre rapaz! Pois digo-te que tenho remorsos de o enganar d'esta maneira! Mas eu o recompensarei quando se casar, que me parece que hade ser cedo.
- D. Candida—O quê? Pois pensa!...
- Simplicio—Penso!... Elle contou-me certos segredos...
- D. Candida (*com vivacidade*)—Quaes? Diga, não posso saber-os eu?
- Simplicio—Por ora não ha nada positivo.. Uma menina que elle adora... que espera encontrar em Lisboa... Mas que tens tu? Estás agora peor: que sentes?
- D. Candida—Bem sabe que a minha saude... O doutor havia de lhe dizer...
- Simplicio—Ora o doutor não sabe o que diz. Eu acho-te melhor do que antes da jornada... O teu rosto tomou uma expressão... (*Quer abraça-a.*)
- D. Candida—Vou-me embora... Jesus, se seu sobrinhol...
- Simplicio—Por modo que ainda tens mais medo d'elle do que eu?
- D. Candida—Confesso-lhe que enquanto elle aqui estiver...
- Simplicio—Não receies... por um momento que estouto só contigo... (*Quer abraça-a.*)

## SCENA XVII

## DITOS e D. LUCIA

- D. Lucia (*do fundo*)—Meu primo... senhor Manuel Smplicio?
- Simplicio (*iparte*)—Agora é a prima... Que diabo de parentella!
- D. Lucia—Tu aqui, Candida?
- Simplicio—Vamos, priminha, que quer?
- D. Lucia—E' que seu sobrinho, andava eu a passear no jardim... e... elle viu-me da janella...
- Simplicio—Imprudente! Para que s'hiu? Tinha-me prometido de não sahir?... (*Ouvindo bulha*) Ah! vou, ah! vou de depressa. Temos ainda outra historia que arranjar.
- D. Lucia—Com tanto que elle me não seguisse.
- Simplicio—Andem, entrem ambas para aquella quarto, e não me saiam d'alli.
- D. Lucia—Veja se não deixa fechadas até amanhã.
- Simplicio—Vamos, que eu as avisarei quando elle tiver partido. Tomem sentido; quando esta campainha tocar, que é signal... Maldito sobrinho! não o torno a largar enquanto o não vir a cavallo. (*Vae-se.*)

## SCENA XVIII

## D. CANDIDA, D. LUCIA

- D. Candida—Lucia, vamo-nos d'aqui.
- D. Lucia—Ora! pois não. O tio que o prenda para elle cá não vir.
- D. Candida—Tu fizeste mal em lhe apparecer.
- D. Lucia—Sim! havia de estar todo o dia fechada! E de mais, eu não sei para que mandam o rapaz embora.
- D. Candida—Então! é a vontade de meu marido.
- D. Lucia—Tu não lhe disseste que o tinhamos encontrado nas Caldas?
- D. Candida—Não. E faze-me o favor de o não dizeres a ninguém... Lembra-te que m'o prometteste.
- D. Lucia—Porquê? Talvez isso fizesse com que elle ficasse... E sabes que mais?... olha, falando a verdade, este é um dos dois que se me não dava...
- D. Candida—O quê? pois tu... Dar-se ha caso que tu?...
- D. Lucia—Decerto... E elle... pareceu-me lêr-lhe nos olhos... quando dansava-mos ambos... Adeante! Eu cá me entendo.
- D. Candida—Talvez te enganes...
- D. Lucia—Sim, bem sei o que queres dizer, que tambem a ti te fazia a corte... Pôde ser, não digo que não. Homens! E' sabido Mas eu bem vi que elle dansava contigo por tu seres minha prima, nada mais. De sorte que bem sei que para ti, Candida, que elle fique que não fique, é a mesma coisa, porque já estás casada. Agora eu... se elle aqui se demorasse algum tempo... Quem sabe... tem-se visto coisas mais extraordinarias.
- D. Candida—Deixa te d'isso, Lucia... não penses em tal.
- D. Lucia—Mas, porquê?
- D. Candida—Porque te cansavas de balde... Este rapaz não te faz conta...
- D. Lucia—Se eu já te disse que me fazia conta...
- D. Candida—Lembra-te que elle se vae embora... que d'aqui a uma hora estará muito longe d'aqui... e é provavel que nunca mais o vejas...
- D. Lucia (*vendo Luiz*)—Nada, não! Olha, elleahi vem.
- D. Candida—Ah!...

## SCENA XIX

## DITAS e LUIZ

- Luiz (*a D. Candida*)—Que vejo! Ah! tinham-me enganado ambas.
- D. Lucia—Onde está o senhor Manuel Smplicio?
- Luiz—Não tenha receio, fechei o á chave no meu quarto.
- D. Lucia (*rindo*)—Ah! ah! ah! Tocou-lhe a sua vez de ficar preso.
- D. Candida—Anda, Lucia, vamos-nos embora... Vamos já, vamos.
- Luiz (*segurando a*)—Não, não me escapa segunda vez, desengane-se... Cuidava ir encontral-a em Lisboa, e venho achal-a aqui. Que mysterio é este? E' preciso explicar-m'o, senhora D. Candida.
- D. Candida—Explicar-lhe, o quê?
- Luiz—Heide sabê-lo, quero sabê-lo.
- D. Lucia—Para que é máo! que tem o senhor com isso? faz favor de me dizer.
- D. Candida—Lucia, faze-me o favor de ir soltar o senhor Smplicio. Eu não devo consentir que...
- D. Lucia—Tens medo que elle se aborreça de estar fechado?
- Luiz—Sim, minha senhora vá... vá por caridade



soltar o meu pobre tio... Eu não me atrevo a fazel-o... Hade estar n'um accesso de colera contra mim!

D. Lucia—Como ambos querem, lá vou.

Luiz—Vá... (*A parte*) que a chave está aqui.

D. Lucia (*aparte*)—Ai, ai! parece-me que o que elles querem é ficar sós. (*Alto*) Eu vou; eu vou. (*Sae*)

## SCENA XX

LUIZ, D. CANDIDA

Luiz—Estamos sós... agora explique-me, respondame.

D. Candida—E se me fosse impossivel fazêl-o? Por quem é não inste mais... Por bem do meu socêgo lhe peço que não inste... que não pergunte nada a ninguém... e que não procure mais vêr-me...

Luiz—Não tornar a vêl-a!... Porquê? Duvida da minha ternura... do meu amor? Socegue: os seus parentes conhecem decerto meu tio, e em eu lhe contando tudo .. em elle sabendo do nosso amor... de...

D. Candida (*vivamente*)—Ah! que diz? Quer-me deitar a perder?

Luiz—Perder!

D. Candida—Or quem é não fale em tal a seu tio... que tanto o estima... e que tamanha affeição me tem...

Luiz—A quem? A ti, Candida? como? porque titulo?

D. Candida—Que lhe importa?... a minha sorte depende d'elle. E elle tam sincero, tam generoso! Ah, que não saiba elle nunca... Eu morria, morria, decerto

Luiz—Que oiço? Então que é isto? Pois meu tio?... Que lhe vem elle a ser, meu tio Simplicio? Diga.

D. Candida—Não m'o pergunte, trema de o saber...

Luiz... Em nome do céu, se me tem ainda algum amor, parta já... não o devo tornar a vêr... Seja esta a ultima vez.

Luiz—A ultima vez!

D. Candida—Assim é preciso Adeus .. adeus! (*Sae pela esquerda*)

## SCENA XXI

Luiz (*só*)—Fugiu... Que será isto? Ella depend de meu tio... meu tio é... Oh santo Deus! e este receio de o affligir... Não ha dúvida, é sua filha; não pôde ser outra coisa.

## SCENA XXII

LUIZ, SIMÕES

Simões (*entrando pelo fundo como quem procura alguem*)—Oh meu Deus! E' o sobrinho... safal!...

Luiz (*segurando-o*)—Espere, senhor doutor, foi o céu que o trouxe aqui.

Simões—Não, meu senhor, foi a hora do jantar. Mas aonde está seu tio? Tenho-o procurado por toda a parte...

Luiz—O senhor doutor tem relações com meu tio ha muito tempo?

Simões—Ha mais de dez annos, meu senhor.

Luiz—Está bem: ninguém pôde servir-me melhor... Eu espero que me não recusará um favor que lhe vou pedir.

Simões—Está doente? talvez a mudança de ar... Vejamos o pulso.

Luiz—Não doutor, por'ora não; depois veremos... pôde ser, não perca a esperança: mas agora o que eu lhe peço é que se empenhe com meu tio para...

Simões—Senhor Luiz de Mello, eu tenho por principio de me não intrometer...

Luiz—Já m'o disse... Mas trata-se de uma coisa tam simples... tam natural... Eu sei tudo, doutor, sei a razão por que meu tio se casou. E' eu que

o crimina va por isso, agora acho que fez o que devia... Fez bem, fez muito bem: comtudo a sua culpa para commigo sempre é a mesma; e não ha senão um meio de a reparar.

Simões—Qual é esse meio?

Luiz—Dar-me a sua filha em casamento.

Simões—E, esta!... Que é o que diz?

Luiz—Bem, bem, meu doutor! guarde o seu segredo, ninguém lh'o pergunta... o que se quer é que fale a meu tio por mim, e lhe peça a mão de sua filha.

Simões—De sua filha? Qual filha?

Luiz—Porquê? quantas tem elle?

Simões—Quantas! Eu realmente não sei aonde estou.

Luiz—Não vou eu mesmo fazel-o já, porque não tenho animo de ir lançar no rosto a meu tio uma falta... uma fraqueza de outro tempo... Não quero que elle cora deante de seu sobrinho... O doutor é outra coisa... um amigo velho...

Simões—Como! Pois está certo de que elle tem uma filha? (*A parte*) O caso não é impossivel.

Luiz—Diga-lhe que assim fica tudo arranjado... tudo se remedeia. Os seus deveres para com ella, e as promessas que tantas vezes me fez.

Simões—E' vossa senhoria pretende estabelecer-se... ficar morando n'estes sitios?

Luiz—Tenho essas tencções, não ha duvida.

Simões (*aparte*)—Bem... mais uma casa... um partido certo...

Luiz—Encarrege-se de a pedir, que eu arranjaré o resto.

Simões—E que dirá madame Simplicio?

## SCENA XXIII

DITOS, SIMPLICIO

Simplicio (*de fora*)—Maldito sobrinho! nunca, nunca lh'o heide perdoar.

Luiz—Ouve-o? elle ahi vem contra mim. (*A parte*)

Alguem o soltou. (*Alto*) Meu doutor, ahi lh'o deixo.

Simões—Espere .. ciça...

Luiz (*correndo*)—Nada... nada, safo-me...

## SCENA XXIV

SIMÕES, SIMPLICIO, D. THEREZA

Simões—O rapaz tem um fogo... E eu que nada sabia!... Não se fiam de mim.

Simplicio (*entrando da esquerda, seguido de D. Thereza*)—Aonde está elle? aonde está? Não está aqui...

D. Thereza—Fechar seu tio á chave! Ainda bem que eu tinha outra.

Simplicio—Terá elle partido sem esperar a reprehensão?

Simões—Nada, não partiu; agora sáe elle d'aqui.

Simplicio—Sahiu agora d'aqui? Falou-lhe, doutor?

Simões—E' verdade, e encarregou-me de uma commissão bem delicada.

Simplicio—Bom, temos outra.

Simões—Mas não sei se devo falar deante da senhora D. Thereza.

D. Thereza—Porquê? elle tem segredos com seu tio... era o que faltava.

Simplicio—Socegue, bella mamã, socegue. Vamos, doutor, não se faça rogar.

Simões—Pois bem, eu creio que o senhor é homem de bem, e não hade encobrir nada em um caso tam melindroso

Simplicio—Tam melindroso! O doutor quer-me assustar.

D. Thereza—Explique-se, explique-se, doutor.

Simões—Então ahi vae em duas palavras. O senhor seu sobrinho rogou-me que lhe pedisse para elle a mão de sua filha...

D. Thereza—Sua filha!... Ahi está, ahi está o que eu receiava.

Simplicio—Minha filha! Quem julga elle então que é minha filha?

D. Thereza—Uma filha! Meu Deus, que indignidade, que infâmia!... Vejam que fortuna espera a minha pobre Candida.

Simplicio—Ora, senhor doutor, sabe que a graça que me não vai agradando?

Simões—O quê... pois a senhora não sabia?...

D. Thereza—Não, doutor, enganou-me enganou minha filha... Isto... isto é o cumulo do desafôro.

Simões—Ah! senhor Manuel Simplicio, senhor Manuel Simplicio!

Simplicio—Tambem o doutor! Então hoje anda o diabo á solta contra mim!

Simões—Acredite, minha senhora, que eu ignorava absolutamente... aliás nunca teria coajuvado...

D. Thereza—Pobre Candida... victima desgraçada!

Simplicio (*ironicamente*)—Desgraçada!

D. Thereza—Ha muito que eu desconfiava quem o senhor Simplicio era! Mas creia que o caso não fica assim. Ha leis n'esta terra, ha tribunaes...

Simplicio—Sim, bella mamã?

D. Thereza—Cale-se, seductor!...

Simplicio—Sabe, senhora sogra, que me vai fugindo a paciencia?

Simões—A falar a verdade, senhor Simplicio, o seu procedimento... é...

Simplicio—Vá para o diabo, senhor doutor.

D. Thereza—O senhor é um velho libertino!

Simplicio—E a senhora uma filha tonta!

D. Thereza—Accuda-me, doutor. Ai! que tenho o meu ataque de nervos. (*O doutor vai a sahir.*)

## SCENA XXV

DITOS e LUIZ, (*entrando quando o doutor sae*)

Luiz—Então, doutor?

Simões—Meu caro, fale por si, que eu não costume intrometer-me... Até logo. (*Sae pela esquerda.*)

Simplicio—Meu sobrinho! Senhora, peço-lhe que... que se modere deante d'elle.

Luiz—Meu tio, o doutor não lhe falou?

Simplicio—Falou sim senhor. E com as suas graças toi vossa mercê causa de eu... de eu ter um desgosto muito grande em minha casa... E' verdade: pois vae dizer a esse medico falador que eu tinha uma filha, para elle m'a vir pedir para casar, deante da senhora, d'esta querida mulher... que por um pouco se não encolerisou...

Luiz—Talvez eu devesse primeiro dirigir-me á senhora.

D. Thereza—A mim!

Luiz—Sem dúvida, pois não é sua mãe?

D. Thereza (*não se podendo con*)—Justo céo! Veja, senhor, veja ao que me expõe.

Simplicio—Eu endouceço! palavra de honra.

Luiz—Julga talvez que o meu amor é um capricho, um d'estes namoricos?... Não, meu tio, essa joven senhora de quem lhe falava esta manhã, que lhe disse que tinha encontrado nas Caldas...

D. Thereza—Nas Caldas?

Luiz—Sim, meu tio; e não sei por que ella me disse que ia para Lisboa. Julgue qual seria o meu gosto encontrando a aqui n'esta casa. Ignorava que fosse sua filha: ella é que ha pouco m'o deu a entender, apezar do terror que lhe inspirou o meu titulo de sobrinho... porque estou certo que a haviam de prevenir...

Simplicio—E' verdade, é verdade.

D. Thereza (*aparte*)—Será minha sobrinha?

Luiz—Parece-me que o tio tinha passado palavra a todos, mesmo a sua prima, que eu igualmente aqui vi, e que é muito galante tambem. Lá nas Caldas fiz a corte a ambas, a falar a verdade, mas...

Simplicio—Ah! tu fazias a corte a ambas?

Luiz—Mas uma só é que amo devéras; e parece-me que agora nada obsta á satisfação dos meus desejos.

Simplicio—Sim, sim, quando voltares da tua viagem, veremos.

Luiz—Não, meu tio, quero agora mesmo uma resposta decisiva.

Simplicio—Eu sei, meu Luiz! fala com tua tia.

D. Thereza—Primeiro que tudo parece que deveria-mos consultar...

Luiz—Sua filha? E' justo... contudo eu preferiria... E' talvez uma crâncice... mas não fazem idéa do terror com que ella ficou quando lhe falei em a pedir a meu tio.

D. Thereza (*aparte*)—Meu Deus! se eu me enganaria... se Candida?...

Simplicio (*aparte*)—E' singular! Não sei por que razão l'ucia...

Luiz—Talvez que o tio seja muito severo de mais com ella. Eu supponho que a tyranniza o seu tanto. A prova d'isso é que nas Caldas fugia de mim ao principio, não me queria cuvir, evitava-me.

D. Thereza—Ao principio? e depois?

Luiz—Depois um amor violento e sincero como o meu... bem sabe...

D. Thereza (*aparte*)—Estou em ancias.

Simplicio (*reflectindo*)—Na verdade custa-me a acreditar.

D. Thereza—O que acaba de dizer reso'veu-me... Eu não dou o meu consentimento.

Simplicio (*aparte*)—Ella recusa!

Luiz—Pois bem, senhora; a minha felicidade e a sua talvez dependam do seu consentimento, porque ella... ama-me... tenho provas d'isso.

Simplicio—Tu vial-a todos os dias, ias a sua casa?

Luiz—Não... Ao principio, já lhe disse, fugia de mim, não me queria apparecer: rigor que mais me apaixonava... até que enfim...

Simplicio—Emfim?...

Luiz—Uma noite... n'um baile alcancei uma confissão...

D. Thereza (*aparte*)—Como heide eu interromper esta conversação maldita?

Simplicio—Mais uma palavra... Tu não nos dissesse qual das duas primas...

D. Thereza—Basta, senhor, esta conversa afflige-o... Não está bom, está...

Simplicio—Não é nada... deixe-me...

Luiz—Com effeito, meu tio, está alterado!

Simplicio—Vamos, tu deves saber os nomes: responde-me.

D. Thereza—Está pallido! Eu vou chamar alguém (*corre á campainha e toca com muita força.*)

Simplicio—Espere, senhora. (*Aparte*) Já não é tempo, ellas ahí vêm.

Luiz (*aparte*)—Como elle está fóra de si!

Simplicio—O seu nome... o seu nome?... dize-m'o.

Luiz—Mas que é isto, meu tio, que tem?

Simplicio—O seu nome? pergunto-te o seu nome. (*N'este momento D. Lucia e D. Candida apparecem no fundo.*)

## SCENA XVI

DITOS, D. LUCIA, D. CANDIDA

D. Thereza—Venha cá, senhora.

D. Lucia—Aqui estou... quer-me alguma coisa?

D. Candida (*aparte*)—Ainda elle aqui está?

D. Lucia—Como a tia está zangada!

D. Thereza—E tenho razão para isso, senhora... mas é inutil recordar coisas que...

Simplicio—Não é inutil, não é inutil: eu quero esclarecer este negocio.

D. Thereza—Ora, senhor!

Simplicio—Nada! Eu tenho as minhas razões... Lucia... responda-me: em nome de sua tia e no meu lhe pergunto qual foi o seu procedimento nas Caldas?

Luiz (*á parte*)—Ora esta! elle engana-se.  
 D. Lucia—O que eu fiz nas Caldas?... Dansei, não é assim, Candida?... passei...  
 D. Candida (*á parte*)—Eu morro.  
 Luiz—Mas meu tio...  
 D. Thereza—Silencio, senhor, não a defenda.  
 D. Lucia—Defender-me! de quê?  
 Simplicio—Não se recorda de certo baile... de um passeio... de?...  
 D. Candida (*á parte*)—Meu Deus!  
 Luiz (*á parte olhando para D. Candida*)—Que suspense!  
 D. Lucia—Um passeio? Lembras-te d'isso, Candida?  
 Simplicio—Nada de rodeios, senhora; meu sobrinho contou-nos tudo.  
 D. Candida (*á parte*)—Elle!  
 D. Lucia—Foi elle, o senhor que disse? Eu não me atrevo a desmentil-o; mas ou eu me esqueci, ou... Candida talvez se lembre melhor.  
 Simplicio—Então, Candida... já que sua prima nada quer dizer, fale, recorde-se.  
 D. Thereza (*á parte*)—Isto é morrer...  
 Simplicio—Não responde?  
 D. Candida—Senhor...  
 D. Lucia—Avia te, responde a teu marido.  
 Luiz (*estupefacto*)—Seu marido! Meu Deus... que fui eu dizer! (*Tomando resolução.*)  
 D. Thereza (*que o percebe*)—Já era tempo.  
 Luiz (*á parte*)—E' preciso valer-lhe. (*Alto*) Meu tio, para que está com esses interrogatorios? A senhora D. Cand... ella ignorava esta aventura, e quando a soubesse, é tam amiga de sua prima, não a quer accusar.  
 D. Thereza—Tem razão, diz muito bem.  
 Luiz (*a D. Lucia*)—Quanto á senhora D. Lucia, peço-lhe que não dissimule por mais tempo a indiscrição que eu commetti de falar dos nossos amores a meu tio...  
 D. Lucia—Sim? E esta!  
 Luiz—O erro é imperdoavel, convenio; mas tome o meu conselho, o meu exemplo, imite a minha franqueza. (*Baixo a D. Lucia*) Não me desminta, que eu caso.  
 D. Lucia—Não é possível!  
 Luiz—Sim, adorada Lucia, é preciso confessar tudo; assim poderemos esperar que...  
 D. Lucia (*á parte*)—Isto é um sonho.  
 Simplicio (*tornando a si e alegre*)—Então é verdade, Lucia, que meu sobrinho te fez a corte, que tu lhe correspondeste nas Caldas?  
 D. Lucia—Ora, meu primo...  
 D. Candida (*á parte*)—Ella confessal  
 Simplicio—Foste tu que n'aquelle baile passeiaste com elle?

Luiz (*baixo*)—Animo!  
 D. Lucia—Espere... parece-me que sim... Sim, agora me lembra.  
 Simplicio—Vejam lá a santinha!... E como ella negava com uma serenidade!...  
 D. Lucia—No meu logar todas fariam o mesmo.  
 Simplicio—Sim, lá isso é verdade... E tu, Candida, minha querida, perdões-me?  
 D. Candida—O quê?  
 Simplicio—Nada, nada. (*Á parte*) E' o mesmo; mas antes quero que Lucia seja a mulher de meu sobrinho do que a minha...  
 D. Thereza—Ah! até que emfim respiro...

## SCENA XXV

## DITOS e SIMÕES

Simões—Meus senhores, venho dizer lhes que o jantar está na mesa.  
 Simplicio—Venha cá, doutor, ha casamentos por aqui, venha.  
 Simões—Sim! então arranjou se tudo?...  
 Simplicio—Meu sobrinho casa com a priminha...  
 Simões—Ahl apósto que essa era a tal filha que elle cuidava?  
 Simplicio—Pobre Luiz, deves estar muito contra mim.  
 Luiz—Meu tio, acredita que eu penso em tal! E então agora! tam feliz, tam...  
 Simplicio—Sim, hasde sel-o: e para começar a tua fortuna dou-te vinte contos de réis.  
 Luiz e D. Lucia—Meu tio!  
 Simplicio—E se querem ficar comnosco, esta casa é grande, os jardins tambem... (*A D. Candida*) Não é assim querida? Aqui podem passear sós... á noite... para se lembrarem...  
 Luiz—Não, meu tio; eu volto para Lisboa com minha mulher... sempre preferi a capital.  
 D. Lucia—Decerto! nós preferimos a capital.  
 Simões (*á parte*)—Ahi, se eu tal soubesse! E' uma casa de menos.  
 Simplicio—Então, meu amigo, não te arrependes? Estás contente?  
 Luiz—Sim, meu tio, e muito. (*Á parte*) Era minha tia!  
 Simões—Como todos estão contentes, vamos jantar.  
 Simplicio—Dá o braço a tua tia, rapaz.  
 Luiz (*indo a dar o braço a D. Candida, para e vai offerecendo a D. Lucia*)—Meu tio!... não: agora começam as minhas obrigações de marido.  
 D. Lucia (*baixo, por um lado, a Luiz*)—Muito bem!  
 D. Candida (*baixo, por outro lado*)—Muito bem!  
 D. Thereza—Vamos jantar.  
 Todos—Vamos!

## FALAR VERDADE A MENTIR

Completámos este quarto volume do theatro do Sr. Garrett com a graciosa composição *Falar verdade a mentir*: é uma pequena comedia do bom, franco e jovial character antigo, mas nos costumes actuaes. A idéa geral tambem é do repertorio francez, como a antecedente; mas a idéa é o menos aqui, apesaz de galante e engenhosa. O estylo, os modos, a phrase, o tom do dialogo, a verdade dos costumes são tudo. Este é um verdadeiro e *portuguezissimo* quadro de gene-

ro, como se diz, em que não ha caricatura, mas tam naturaes similhanças que ninguem deixa de conhecer os originaes e de rir com elles. Os originaes porém são typos genericos bem conhecidos, sem de nenhum modo ser individuaes; são as feições de uma parte da sociedade, mas não as de nenhuma pessoa d'ella.

Egualmente foi escripta esta peça para o Theatro de *Thalia*, e n'elle representada com muita acceitação e applauso.

## FALAR VERDADE A MENTIR

Comedia representada, a primeira vez em Lisboa, no theatro Thalia, pela sociedade particular do mesmo nome, em sete de Abril de MDCCCXLV  
PESSOAS: Braz Ferreira. — Amalia. — Duarte Guedes. — O general Lemos. — Joaquina. — José Felix  
Um laçao, um criado sem libré. Logar da scena — Lisboa

### ACTO UNICO

*Sala de visitas elegante. Porta ao fundo e lateraes. A' esquerda, mesa com escrivania*

#### SCENA I

JOAQUINA, JOSÉ FELIX

Joaquina—Entre, senhor José Felix, entre. Isto são umas madrugadas!... Para uma pessoa como o senhor José Felix, o criado particular de um fidalgo da corte! Lá por fóra ainda mal são nove horas.

José Felix—Nove horas... e fidalgo da corte!... Recolha o seu espirito, senhora D. Joaquina. Meu amo é general, estamos de accordo; nove horas deram ha muito. Mas cá em Lisboa contam-se as horas e os fidalgos por outro modo. Lá na provincia, minha querida Joaquina...

Joaquina—Ai, como tu estás tolo! A provincia, a provincia... Ora isto! Saiba que eu que venho do Porto, senhor José Felix, que é a segunda capital do reino, e a cidade eterna, como dizem os periodicos. Provincia será a sua terra de você, que hade ser a Lourinhan, ou a aldeia de Pai-Pires, ou coisa que o valha. E então?...

José Felix—Basta, Joaquina, basta; recolhe o teu espirito, que já aqui não está quem falou. Soube inda agora que tinham chegado hontem á noite no vapor, que estavam aqui n'esta hospedaria, que é pegada quasi com a nossa casa; e vim logo, minha adorada Joaquina, reclamar o premio de onze mezes de eternas saudades.

Joaquina—E você, vamos a saber, você tem sido constante, fiel?...

José Felix—Horriavelmente fiel! Maldição, Joaquina, maldição!...

Joaquina—Que diz elle?

José Felix—Se tu vens da... da provincia não. Não, Joaquina, tu não vens da provincia, vens da cidade eterna... Virás Maldição eterna sobre quem o duvidar! Mas vens, vens d'onde ainda se não sabe a lingua das romanticas paixões, dos sentimentos copiados do nú da natureza como nós cá a temos na rua dos Condes, e nos folhetins das folhas publicas, que são o orgam da opinião incommensuravel dos seculos.

Joaquina—Se te eu entendo...

José Felix—Ahl tu não entendes? Bem, Joaquina, bem. Nem eu: nem ninguém. Por isso mesmo, Joaquina. A moda é esta. Deixa: em tu estando aqui oito dias, ficarás mais perfeita do que eu; porque a tua alma de mulher é feita para comprehender o meu coração de homem. E então, vês tu? Oh Joaquina, anjo, mulher, sópro, sylpho, demonio! eu amo-te! amo-te, porque...

Joaquina—Cruzes!

José Felix—Não me interrompas, não me interrompas, deixa ir. Sylpho, anjo, sópro, mulher! amo te, porque o meu coração está em braza, e tenho umas veias, e estas veias... têm umas arterias... e estas arterias têm... não têm... as arterias não

têm nada; mas batem, batem como os sinos que dobram pelo finado na hora do passamento, que é morrer, morrer, morrer... oh Joaquina, morrer! E que é a morte? E' a vida que cae nos abysmos estrepitosos da eternidade, que é, que é...

Joaquina—Isto é comedia, ou tu estás a mangar commigo?

José Felix—Isto é o drama das paixões, que o sentimento, a verdade...

Joaquina—Pois olha: tinha uma coisa muito séria que te dizer; mas como tu estás doido, adeus!

José Felix—A poesia da vida é esta, Joaquina. Mas... mas passemos á vil prosa dos interesses materiaes do paiz, se é preciso. Vá. Far-te-hei mais esse sacrificio. Que exiges tu de mim?

Joaquina—Que deixes essas pateticas agora e oiças. Meu amo, o senhor Braz Ferreira, que é um ricasso como tu sabes, um d'aquelles negociantes do Porto que têm dinheiro como milho, vem de proposito a Lisboa para casar a menina. E' uma filha unica e morre por mim, coitada! E' um anjo! Prometteu-me que no dia que se assignassem as escripturas tinha eu o meu dote.

José Felix—Dote! Céus! um dote... Oh Joaquina, pois tu tens um dote?... Não quero saber de quanto. Quem eul Maldição sobre mim!

Joaquina—Cem moedas.

José Felix—Oh! seja o que fór, que me importa! O amor, o amor verdadeiro não conta os pintos do objecto amado... Não... E é em dinheiro de contado, sonante, Joaquina!

Joaquina—Sim sonar.

José Felix—Melhor: porque bem vês, com a minha educação, um rapaz que emigrei, estive em Paris, e hoje sou criado particular de um general... habilitado para ser mordomo de um club dos de primeira ordem — a Galocha já eu recusei — bem vês, não podia formar uma alliança que me não dêsse os meios de sustentar a posição social em que me acho collocado. Mas tu tens dote; acabou-se. Recolho o meu espirito e estendo a minha mão.

Joaquina—Ai, José Felix! mas o casamento de minha ama ainda não está feito.

José Felix—Fois que ha... que impedimentos?

Joaquina—Não sei... quando vinhamos no vapor pareceu-me, vi que havia transtorno. O pae e a filha tiveram suas coisas a esse respeito e a menina anda triste, desasosegada. Estou certa que ha impedimento grande, ha obstaculos...

José Felix—Obstaculos! Não ha, não os póde haver. A minha paixão, a nossa fidelidade, cem moedas sonantes, mil pintos c'os diabos! absolutamente não póde deixar de ser, ha-se-a fazer este casamento. Joaquina... A honra, a delicadeza, tudo lhe ordena, senhora Joaquina, que vá já desenganar o papá. E se é preciso que eu tome parte na questão...

Joaquina—O caso era saber a gente o que é, e onde a coisa péga... Mas espera; olha, ahí vem a senhora D. Amalia: deixa-te tu estar e... Mas não vás tu fazer falta em casa a teu amo.

José Felix—Meu amo! Toma. Tu estás muito atrazada, Joaquina. Meu amo é um cavalheiro, um general, uma pessoa da primeira sociedade, portanto costumado a fazer esperar os outros, e a esperar elle pelos seus criados, que é a regra. Além d'isso eu tenho licença por todo o dia, que houve lá uma coisa em casa... A senhora chorou, o senhor ralhou. Eu te contarei n'outra occasião, que hasde rir. O caso é que hoje tenho o dia por meu. Ella ahí vem, a tua ama. Vem triste, coitada! Firme, Joaquina! Olha que a coisa é séria para ti, um dote e um marido!

## SCENA II

DITOS e AMALIA

Amalia—Joaquina! Joaquina! ando á tua procura. O senhor Duarte ainda não veio?

Joaquina—Não, minha senhora.

Amalia—Que homem é esse com quem tu estavas a falar?

José Felix—Ande, apresenta-me como gente.

Joaquina—Minha senhora, é aquelle rapaz de quem lhe eu dizia no Porto...

Amalia—Ah! já sei: o senhor José Felix. Tens bom gosto, Joaquina. O peor é que se vocês não têm de casar senão quando o meu casamento se fizer, tenho muito medo que ainda esperem bem tempo.

Joaquina—Então porque, minha senhora?

Amalia—Ora, estou desesperada, transtornou-se tudo; meu pae quer quebrar com elle.

Joaquina—Com o senhor Duarte?

Amalia—Sim: pois com quem?

José Felix (*aparte*)—Meu Deus! e as nossas cem moedas!

Joaquina—Não é possivel: a mesma familia, a mesma riqueza, um casamento tam igual, tam acertado... Seu pae não se hade atrever.

Amalia—Nada, não! Veiu a Lisboa—agora é que o eu sei bem—só para achar pretexto de o desmanchar.

Joaquina—Pois não o hade achar. O senhor Duarte é um rapaz como ha poucos. Juizo não lhe falta: suas doidices... não é, é pancada da mocidade. Isso passa depressa. Bom coração... não o ha melhor. Quer a senhora saber? O mal que elle faz é por moda... todos assim são... e o bem que elle faz, que é muito, esse, minha senhora, não é moda que pegue.

Amalia—Pois sim; mas já que falamos nos seus defeitos, sempre te digo que elle que tem, um, que se meu pae o vem a descobrir... Tenho-lh'o encoberto até agora, mas se elle o chega a conhecer, acabou-se, nunca mais lhe perdão. Meu pae é um negociante dos antigos, que leva a honra e prohibida, a lisura e a verdade no trato, a um ponto de severidade que é quasi rudeza... e Duarte é muito bom rapaz, não ha duvida; mas não sei se é distração se é doidice, tomou o costume de nunca dizer uma palavra que seja verdade.

José Felix—Percebo: tem viajado muito...

Joaquina—Não, mas é morgado, e de raça quasi castelhana...

José Felix—Entendo, entendo: échelas usted mas blandas.

Joaquina—E de mais a mais, ha seis mezes que está em Lisboa...

José Felix—Onde todos os talentos se aperfeiçoam.

Amalia—Entim, meu pae declarou que a primeira mentira bem clara, bem provada em que o apanhasse, tudo estava acabado.

José Felix—Ora adeus! O senhor seu pae com effeito... elle ainda é parente, bem se vê, hade ter sua costella hespanhola... O seu projecto é outra hespanhola também... Querer impedir que um rapaz de tom, da moda pregue a sua petal... Isso é mais do que formar castellos em Hespanha, é querer metter o Rocio pela Bitesga.

Amalia—Meu pae é que o não entende assim: e eu não sei como heide avisar a Duarte.

Joaquina—Vou eu pôr-me á espera d'elle. Não tarda a vir por ahí; e antes que entre e que fale com seu pae, heide avisal-o que tome conta em si, e que não dê noticias senão as que forem officiaes... a ser possivel.

Amalia—Challa-te: oiço falar no quarto de meu pae; é a voz de Duarte.

Joaquina—E' que entrou pela outra escada.

Amalia—Está tudo perdido! Se elle falou com meu pae... apóste que já... Nunca vi: é que não pôde, mente por habito e sem saber o que faz.

Joaquina—Então agora o que se podia... o que era de mestre, era fazer que o senhor Braz Ferreira o não conhecesse. Por fim de contas, a nós que nos importa que elle minta, comtanto que seu pae o não perceba?

José Felix—Ella tem razão, a Joaquina. E é mais facil isso. Se a senhora D. Amalia se confia em mim, e me autoriza...

Amalia—Oh meu Deus! Se vocês encobrem aquelle defeito a meu pae, fico-lhes n'uma obrigação... Depois em nós casando, eu o emendarei. Que se não fosse isso...

José Felix—Está claro, minha senhora. Mas agora é preciso que o senhor Duarte me não veja. Eu é que se pudesse ouvi-lo, e fazer assim idéa do seu modo.

Joaquina (*apontando para uma alcôva, á direita*)—Oral!... aquella alcôva... e tem uma porta que dá direita na escada... Elles ahí vêm: entra depressa, esconde-te.

### SCENA III

JOAQUINA, AMALIA, BRAZ FERREIRA,  
DUARTE

Braz Ferreira—Agora essa é demais!... Cem mil cruzados de renda!

Duarte—Pois é tal e qual como lh'o digo... uma senhora brasileira—marqueza, que é o menos que lá ha, a marqueza de Paraguassú. Engenhos de assucar a moer, trezentos e seis; pretos... entre pretos, mulatos, cabras e cabritos, é uma conta que mette medo; sem falar em cajús, bananas, farinha de pão, papagaios e periquitos, que isso anda a rôdo pela casa—pois a mesma em pessoa é que me pediu, a mim.

Braz Ferreira—Uma marqueza devéras!

Duarte—Marqueza devéras. E eu recusei: escuso de dizer porquê... (*olhando para Amalia.*)

Braz Ferreira—E' que caminho levou essa fidalga? Tomara vê-la.

Duarte—Vê-la, coitada! Apenas lhe dei o fatal desgano, saiu d'aqui no primeiro navio para Pernambuco, de Pernambuco á Bahia, da Bahia para Nitheroy, de Nitheroy—que desgraça!—passava para o Rio de Janeiro n'aquelle vapor que arrebitou... morreu escaldada a pobre da marqueza.

Braz Ferreira—Que pena!

Joaquina (*aparte*)—Que fortuna!

Braz Ferreira—Se ella visse, queria saber...

Joaquina (*aparte*)—Por isso Deus a levou: anda bem!

Braz Ferreira—Sempre lhe acontecem coisas a este rapaz!

Duarte—Inda isto não é nada—Mas deixa-me falar com esta querida Amalia. Que gosto que eu tenho de a tornar a vêr! Mas chegou hontem, e não me manda dizer nada! Se eu tal soubesse, não tinha ido a S. Carlos, onde me succedeu, comtudo, uma aventura, á saída do theatro... Queriam roubar esta prima dona que chegou ha pouco... roubá-la... levá-la a ella n'uma sege... Accudo eu, duas bengalladas no boileiro, deito a mão ao cavallo das varas, o da bolca espanta-se, quebra os tirantes, fuge... os meliantes fogem tambem e... Mas que é isso, que tem? Que tristeza é essa? Então não sabe que seu pae consente enfim em nos unir hoje? hoje mesmo!...

Amalia—E' possível!

Duarte—Sim, deu-me a sua palavra que esta noite, depois do jantar, se assignavam as escripturas; mas com uma condição sómente que me não quiz dizer qual era. Disse-lh'a, não disse?

Amalia—Disse, Duarte, disse; e bem medo tenho que já não esteja no seu poder cumpril-a.

Braz Ferreira—Pelo menos hade-lhe custar, me parece. Mas quero ser justo, e não heide condemnar sem provas. Por desgraça estou bem persuadido que te não hasde ver allicto por me dar quantas eu queira d'aqui até á noite.

Duarte—O que a mim me parece é que no Porto deram em falar por enygmas, porque eu não entendo nada. Mas seja o que fôr: o que eu entendo bem é o amor que lhe tenho, Amalia, a afeição tam verdadeira que me inspirou, e que me persuado merecer-lhe tambem. Estou tam contente de a vêr... Separados ha seis mezes!

Braz Ferreira—Queira Deus que tu tenhas aproveitado este tempo, que adquirisses amigos, boas relações, protectores. Nas tuas cartas nunca me falavas no general Lemos, o melhor amigo de teu pae. Dar-se-ha caso que o não fosses visitar, ou que deixasses de frequentar uma casa que?...

Duarte—Ao contrario, vou lá todos os dias. E' a casa mais agradável de Lisboa: uma senhora extremamente amavel... O outro dia compuz eu uma modinha para ella... uma letra que não ficou feia... hoje tinha ficado de lhe ir levar a musica.

Joaquina (*a Amalia*)—Jesus! que medo que eu tenho! José Felix, que está em casa do general, tinha-m'o dito decerto, se fosse verdade.

Duarte—O meu general, coitado! o meu santo general Lemos tem-me obsequiado e tem-me feito serviços... interessou-se por mim de uma maneira... O caso é que hoje tenho eu á minha disposição, para escolher, tres logares de primeira ordem, recebedor geral em Evora, Santarem...

Braz Ferreira—Escolho eu: Santarem. E vamos já, já d'aqui sem demora a casa do general.

Duarte—Oral! inda agora chegou, se pôde dizer, e hade ir já tratar de negocios! Não senhor, cuide-mos dos divertimentos primeiro. Quero eu fazer as honras da capital a esta senhora. Ha hoje beneficio em S. Carlos, toca o Listz: mandei-lhe tomar uma friza. Depois vamos ao baile do club: temos quantos bilhetes quizerem; eu sou director.

Braz Ferreira—Tu és director, tu!

Duarte—E' verdade: eleito por duzentos votos.

Braz Ferreira—Duzentos votos! pois quantos socios tem o club?

Duarte—Duzentos e um. Não perdi senão um voto; e mais foi cá por certa coisa que eu sei... E' verdade, e como se arranjam n'este hotel? E' o melhor de Lisboa. Os quartos não são grandes, não... Mas eu móro nos outros de cima, e então... foi egoismo da minha parte...

Braz Ferreira—A falar a verdade, eu gostava mais do Caes do Sodré.

Duarte—Ora se eu tal soubesse, mandava arranjar um quarto da minha casa que é mesmo no fim da rua do Alecrim.

Amalia—A sua casa!

Braz Ferreira—Pois tu tens uma casa em Lisboa?

Duarte—E que me não custou cara. Assignei por trezentos contos na Companhia-monstro, vendi, ganhei dez por cento sem desembolsar cinco réis... bagatella trinta contos de réis: não sabia o que lhe havia de fazer, comprei aquella casa.

Braz Ferreira—Com a brécal é fortuna.

Duarte—Uma casa linda, nova: sahida por tres ruas—e tenho quasi tudo alugado:—tudo, inda assim! menos o segundo andar que é o melhor, e para onde podiam ir se eu soubesse. Mas enfim sempre era um segundo andar.

Braz Ferreira—Que me importa! Os segundos andares em Lisboa é o mais habital das casas. Vou para lá morar eu para a tal casa.

Duarte—Que pena que eu tenho! Se tal adivinhasse, não a tinha vendido hontem.  
 Braz-Ferreira—Pois já a vendeste?  
 Duarte—E' verdade, trinta e tres contos; e inda ganhei... uma bagatella é certo; mas sempre é melhor que perder. E havia seus concertos, suas despesas que fazer.  
 Braz-Ferreira—Concertos n'uma casa nova?  
 Duarte—Eu lhe digo: é que as aguas-furtadas tinham sido feitas de empreitada, e bem sabe... Emfim, vendi e não fiz mal. Trinta e tres contos é mais certo, e não paga impostos e tal...  
 Braz-Ferreira—E o comprador é pessoa segura?  
 Duarte—Oh! segurissima. Um homem de uma fortuna immensa, um negociante retirado, Thomaz José Marques... hade conhecer...  
 Braz-Ferreira—Não conheço: admira-me.  
 Duarte—Tem estado quasi sempre no Brasil e em Inglaterra, veiu estabelecer-se aqui agora. Compra tudo quanto apparece em bens de raiz. Esta manhã ficou elle de me trazer aqui o dinheiro. Não me dá cuidado nenhum.  
 Joaquina (*iparte*)—Nem a mim.  
 Amalia (*baixo a Joaquina*)—Ai Joaquina, que'esta parece-me que é...  
 Joaquina (*baixo a Amalia*)—Tambem a mim.

#### SCENA IV

##### DITOS, UM CREADO DA HOSPEDARIA

Creado (*traçando uma carta*)—Para o senhor Braz Ferreira, do Porto.  
 Braz Ferreira—Sou eu: dá cá. (*Abre*) Ah! é para o tal pagamento. (*O criado sabe*) Vejamos as minhas contas: quanto tenho eu em dinheiro?... Dá-me licença, Duarte; tenho uns papeis que arranjar. Conversa com minha filha. (*Tira a sua carteira e vai sentar-se á esgrada*)  
 Amalia (*baixo a Duarte*)—Não se emenda, está visto.  
 Duarte—De a adorar? não, decerto.  
 Amalia—Não é d'isso, é do seu maldito vicio, que nos deita a perder: meu pae jurou que desfazia o nosso casamento se d'aqui até á noite o apanhasse n'uma mentira.  
 Duarte—Oh! meu Deus, o que fiz eu.  
 Amalia—Pois que é, Duarte? Tudo quanto tem estado a dizer? ..  
 Duarte—E' verdade no fundo; accredite: agora os detalhes... os pormenores... eu não sei como isto é... não é com má tenção... mas a maior parte das vezes, as coisas contadas taes quaes como ellas são... ficam d'uma sensaboria tal..  
 Amalia (*com ironia*)—Que não pôde resistir ao desejo de se enfeitar, e de mostrar a riqueza da sua imaginação.  
 Duarte—Não torno mais. Juro-lhe que nunca mais.  
 Amalia—Calle-se, que pôde ouvir meu pae.  
 Duarte—Não me importa, não tenho medo; estou emendado e para sempre. Amalia prometto, heide ser o modelo dos maridos, leal, sincero, verdadeiro, sempre...  
 Amalia—Sempre! Se meu pae ouvisse essa palavra, desfazia logo o nosso casamento.  
 Duarte—Amalia, isso tambem é demais!..  
 Braz Ferreira (*chegando com um papel*)—Não tenho dinheiro que chegue. E eu sem me lembrar! Duarte, hasde-me fazer um favor.  
 Duarte—Qual? estou prompto.  
 Braz Ferreira—Uma letra de tres contos de réis para descontar.  
 Duarte—Em bem má occasião, co'a fortuna! não tenho um pinto.  
 Braz-Ferreira—Não tens!... e aquella dinheiro?  
 Duarte—Qual dinheiro?

Braz Ferreira—O da tua casa.  
 Duarte—Da minha casa?... Ah sim, é verdade. E' que actualmente...  
 Braz Ferreira—Já dispozeste d'elle?  
 Duarte—Não, não, isto é, decerto modo já; mas propriamente...  
 Amalia (*baixo a Duarte*)—Vê o que é mentir.  
 Duarte—Em summa, porque lhe não heide dizer francamente o que é, meu tio?... Eu tinha minhas dividas...  
 Amalia—Outra, Duarte?  
 Duarte—Não, esta não; é verdade purissima. Um rapaz não pôde viver sem isso. Ora succedeu, por uma coincidência exquisita, que o comprador da minha casa, o tal senhor José Marques...  
 Braz-Ferreira—Inda agora disseste Thomaz...  
 Duarte—Thomaz José Marques, um fino agiota da gemma.  
 Braz Ferreira—Tinhas me dito um negociante.  
 Duarte—Negociante, porque negociava em papeis e descontos por atacado, e faz uzeria em gróssos. Emfim, o meu honradissimo homem, que já é commendador e sáe conselheiro um dia d'estes, era o que me tinha emprestado o dinheiro. De sorte que na compra da casa, feitas bem as contas...  
 Braz Ferreira—E tu devias ao comprador?  
 Duarte—Uns dez a doze contos de réis.  
 Braz Ferreira—Então vendeste por trinta e tres: tem de te dar ainda de tornas vinte e um contos.  
 Duarte (*atrapalhado*)—Vinte contos de réis. E' o que lhe eu dizia... (*Aparte*) Como heide eu sahir d'esta?  
 Braz Ferreira (*olhando para elle*)—Dar-se-ha caso que tu me pregressas uma das tuas... que tal comprador não exista?

#### SCENA V

##### DITOS, JOSÉ FELIX *disfarçado em negociante velho*, JOAQUINA

Joaquina—O sr. Thomaz José Marques.  
 Duarte (*pasmado*)—O senhor!..  
 Braz Ferreira (*idem*)—Como?  
 José Felix (*a Duarte*)—Peço-lhe desculpa meu caro senhor Duarte, de o perseguir assim pelas casas alheias; mas a obrigação, como lá dizem está primeiro que a devoção. E aqui, parece-me que todos parentes os senhores, não quer dizer nada... O senhor seu pae, creio eu?... E estas senhoras, suas manas? Tenho a honra de as cumprimentar. Custa-me vir importunal-o... mas são duas palavras e já me retiro.  
 Duarte (*iparte*)—Que historia será esta?  
 Amalia—Estes senhores querem tratar dos seus negocios... Meu pae dá licença, eu retiro-me.  
 Duarte—Para quê?... Eu por mim, não tenho segredos nenhuns...  
 José Felix—A falar a verdade, para uma senhora não é divertido ouvir tratar de titulos, registos, termos de posses, escripturas... ainda se fossem de casamento—vá, tem a gente paciencia, recolhe o seu espirito, e...  
 Braz Ferreira—Vae, minha filha, vae: nós não tardamos tambem.

#### SCENA VI

##### DITOS, menos AMALIA

José Felix—Então meu caro senhor! eu venho acabar com isto: fazemos ou não fazemos o negocio da sua casa?  
 Duarte (*admirado*)—Da minha casa?  
 José Felix—Da sua casa... inda assim! da que vossa senhoria vendeu e eu comprei: não se trata

senão de entrar de posse... E' verdade: que cahça a minha! Muitos recados da senhora D. Jacintha Marques, minha mulher, uma creada de vossa senhoria. Já me ia esquecendo. E' que eu em se tratando de negocios, a respeito de tudo o mais recolho o meu espirito.

Duarte—Ah! então o senhor vem?... (a B-15) A mim sempre me succedem coisas! Esta é a mais extraordinaria...

Braz Ferreira—Que lhe achas tu extraordinario? Vendeste a casa...

Duarte—Está claro... pois isso é o que me admira. Mas se o tio soubesse!...

José Felix—O contracto não está assignado, mas é como se o fosse. Oh! bem entendido: décima e impostos annexos, por este anno ainda lhe pertence a vossa senhoria pagál-os.

Duarte—Esta agora é melhor! não me faltava mais nada. Comque eu hei de pagar?... eu! a décima da tal dita casa que... que vendi ao senhor... senhor...

José Felix—Thomaz José Marques, um creado de vossa senhoria.—Pois, meu senhor, é como se tudo tivesse assignaturas e signaes em publico e razo. Eu sou um homem de dizer e fazer. E o dinheiro está prompto; quando quizer.

Duarte (iparte)—E' uma pulha de enrudo; está visito. Mas deixa, que eu já te apanho. (Alto) Então como o dinheiro está prompto, meu caro senhor Thomaz José Marques, o dito dito, faz favor de m'o entregar...

José Felix—Essa é boa! certamente. (*procurando nas algibeiras d'onde, per fim, tira a caixa do tabaco*) Assignado o contracto e certidão tirada do registo das hypothecas...

Braz Ferreira—Tem razão.

José Felix—Além d'isso, o senhor Duarte bem sabe, aquellas continhas velhas... não lhe venho a restar senão...

Duarte (iparte)—Não sei como se pôde mentir com aquelle desembaraço...

José Felix—E já está em poder do tabellião o saldo...

Duarte—Pois é pena! tinha vontade de vêr as cruzes ao seu dinheiro, senhor Marques... E, por causa d'este senhor meu sogro, mais por outras razões particulares... se me possesse dar aqui já algum ao menos (iparte) tinha mais graça a mangação.

José Felix—Faço idéa: na sua posição, hade-lhe ser preciso realisar... ainda que não seja senão para as suas fianças.

Duarte—As minhas fianças.

José Felix—Então! a rebedoria geral de Santa-rem.

Braz Ferreira—O que? pois elle será verdade?... O que tu me diseste inda agora de um emprego...

José Felix—O decreto está assignado: não ha ninguém que o não saiba... O general Lemos tem uma influencia com os ministros... Inda esta manhã estive com elle. E' um bello sujeito o general... e olhe que é seu amigo, senhor Duarte, seu amigo deversas... E então a senhora D. Mathilde, a mulher do general? não falemos n'isso. E' verdade: tenho que ralar com vossa senhoria da sua parte. Isso não é bonito; prometteu, deve cumprir. Aquella musica, não se lembra? para aquella modinha, que lhe fez a letra—e que hade ser linda... mas não ha musica onde caiba.

Duarte (iparte)—Irral isto já é descôco de mais... é já muita caçoada junta. (Alto) Oh lá senhor... sabe que mais?...

José Felix—Aos pés de vossa senhoria, senhor rebedor geral!—Um logar magnifico! verdadeiramente dos rendosos e pouco trabalhosos! Com um pouquinho de geito e de *savoir-faire*—quaes-

quer boas relações no thesouro, um amigo seguro nas companhias-monstros... pôde-se andar muito caminho em pouco tempo. Hão de gritar, é o costume—hão de gritar: o rebedor geral para aqui, o rebedor geral para acolá... Deixá-os gritar; ri-se a gente, e vae arrangando a sua vida. A minha regra, a minha regra, que é: em ouvindo tolíces recolho o meu espirito. E com isto não enfado mais. Creado e fiel captivo... (*Vae-se*).

## SCENA VII

DUARTE, BRAZ FERREIRA, JOAQUINA

Duarte—Com effeito, sempre é o maior falador!

Braz Ferreira—Fenho que te pedir perdão, meu Duarte: confesso-te que tinha desconfiado, estava em duvida...

Duarte—O que! pois meu tio?...

Braz Ferreira—Mas acabou-se com isto, acabou se. Vamos já immediatamente a casa do general, e apresente-me como teu sogro, quero-lhe agradecer.

Joaquina (iparte)—Está perdido!

Duarte (atrapalhado)—Hoje é... domingo... hoje está elle na Outra banda na sua quinta da Lameda. E' um sitio delicioso a Lameda, á borda do Tejo, uma vista, uns ares... Vamos lá, uma, duas vezes na semana: sempre lhe digo, senhor Braz, que ha alli um bilhar em que eu tenho feito as bolas mais espantosas... O outro dia carambolei... eu lhe digo como a negra estava...

Braz Ferreira—Sim, sim; mas não é hoje que o general hade jogar no tal bilhar, porque ainda agora este Thomaz José Marques me disse que tinha estado com elle esta manhã. Assim, como eu não estou para ir só, vamos.

Duarte—A'manhã, cada vez que quizer; mas hoje é me impossivel.

Braz Ferreira—Então porquê?

Duarte—Lenho uns amigos á minha espera esta manhã—um pequeno almôço de rapazes... mas contamos com o meu caro sogro.

Braz Ferreira—Eu não posso: prometti de ir almoçar com o barão da Granja.

Duarte—Ah! está! E eu que tinha mandado fazer um almôço magnifico, um verdadeiro *ambigu*. Champagne, já se sabe. Um cerceal da Madeira que bate quantos hocs e johannisbergs tem o Rhim—torta de camarões e ostras, e dois faisões que me chegaram hontem de Inglaterra pelo vapor, coisa preciosa! (*Joaquina parece tomar sentido na tista dos pratos*).

Braz Ferreira—Ora vá—pois seja... Mas ainda não são senão dez horas; o teu almôço hade ser como o meu, para o meio dia: e d'aqui lá, temos tempo de sobejo para ir a casa do general. Assim, anda, vem... Então que é isso!

Duarte (iparte)—Está teimoso com a tal visita.

Joaquina (iparte)—O pobre rapaz não sabe com que santo se hade pegar.

Braz Ferreira—Então! que tens tu? Que pasmaceira é essa? Não podes sahir de casa por meia hora?

Duarte—Pois enfim, meu tio, já que não ha outro remedio, vou dizer-lhe... já que lhe não posso occultar o que eu tanto desejava... saiba que não posso sair de casa esta manhã nem um minuto. (*Baixo*) Tenho um desafio, e estou á espera do meu adversario.

Braz Ferreira—Oh meu Deus!

Joaquina—Bem n'o dizia eu: aqui temos outra.

Braz Ferreira—E então aquelle almôço que tu me dizias ainda agora?

Duarte—Lá está... lá está o almôço, posto lá, á espera... Um dos rapazes que ahí vem almoçar é que me hade servir de padrinho.



Braz Ferreira -- Isso! outra cabeça doída como a tua: haviam de fazel-a bonita... Não senhor, tócame a mim: eu é que hei de arranjar esse negocio. Duarte--Óra, não se metta n'isso, deixe cá a gente. Póde compromettel-o... nós somos rapazes, é outra coisa.

Braz Ferreira--Nada, nada! quero saber como isso é, como isso foi, senão adeus casamento.

Duarte (*iparte*)--Que diacho de homem! (*Alto*) E o seu almoço em casa do barão da Granja?...

Braz Ferreira --Importa-me cá almoço nem meio almoço! que espere o almoço. Trata-se da tua vida, da tua honra... Tu, filho do meu maior amigo, e agora meu filho, que és quasi como se o fosses já! Vamos fala, conta-me lá como isso foi, quero saber tudo por meudo.

Duarte (*iparte*)--E' um homem capaz, por fim de contas o meu sogro (*alto*) Ora pois ouça, senhor Braz, e não tome estas coisas em ponto de admiração... é um caso como ha tantos, um *matentendu*, uma brincadeira por fim.

Braz Ferreira -- Não está má brincadeira! pôr em perigo a sua vida, a de um amigo! Assim é que vocês o entendem...

Duarte--Primeiro que tudo, é um inglez.

Braz Ferreira--E' o mesmo... E para que hasde ir tu logo ás do cabo, logo com as mãos á cara?... Duarte--Eu não lhe toquei.

Braz Ferreira--Ou com palavras?

Duarte--Eu não lhe falei.

Braz Ferreira--Então?...

Duarte--Eu lhe digo como a coisa se passou. Foi hontem jantar fóra, a Bemfica... uma casa linda á Beira da estrada... O dia estava bello, um dia de verão. Depois de jantar viemos tomar café para um terraço delicioso que fica mesmo rente com a casa... E' uma especie de kiosque... uma lindeza! faça ideia... e pouco elevado do chão. A casa fez-se este anno, ainjá lhe não puzeram grades no terraço... repare bem n'esta circumstancia... note.

Braz Ferreira--Noto, noto, e faz-me estremecer. Querem vêr que succedeu alguma?

Duarte--Oíça; a dona da casa, senhora extremamente amavel... e moça ainda... uns olhos pretos!... a dona da casa pergunta-me se quero mais assucar... Eu tinha a chicara na mão, o café soberbo e a ferver... Eu entretido a olhar para a senhora e a dizer lhe algumas coisas agradaveis... o tio bem sabe... não reparei na chicara que estava muito cheia a deitar por fóra... e eu de sapatos... sinto escaldar-se me um pé, de repente, dou um pulo á retaguarda, empurro um sujeito que estava por traz de mim... para a borda do terraço... e com a fortuna...

Braz Ferreira e Joaquina--E Jesus!

Duarte--Perigo nenhum!... cinco ou seis palmos de altura... Mas a desgraça foi que justamente n'esse momento passava um official inglez da nau... viria de Cintra ou das Larangeiras, mas vinha a pé... para um inglez é indifferente; e o meu sujeito cahe-lhe mesmo em cima dos hombros.

Joaquina (*rindo*)--Ahl! ah! ah! Já não posso mais.

Braz Ferreira--O' Joaquina, pois ris-te?...

Joaquina (*contendo o riso*)--Oh! senhor, é que eu já não posso... não me pude conter.

Duarte--O mesmo succedeu a toda a companhia. O inglez desesperado embirra commigo, teima que eu o fiz de proposito, que lhe atirei com o homem... eu procuro accomodar a coisa; offereço-lhe a desforra, dando-lhe até um primeiro andar de partido, isto é, que o atirem a elle do segundo sobre mim... Recusa tudo... não houve remedio senão dar-lhe a minha *adresse*; elle dá-me a sua... E lord Cockimbroock ahí vem logo buscar-me com um par de pistolas.

Braz Ferreira (*abandonando a cabeça*)--Confesso-te que a tal historia sempre me parece hem extraordinaria... Mas não importa, eu não te largo, e quero ser o teu padrinho.

Duarte (*iparte*)--E' cabeçudo ou não é? (*Alto*) Mas, senhor Braz, eu faço escrupulo de lhe pregar uma maçada... E se elle não vier?... Não era a primeira que succedia. Ha por ahí sujeitinho que, á mais pequena coisa, tem logo na bocca «A sua *adresse*!» Cuidam que é para a gente lhe não escapar? Não senhor, é para se escaparem elles.

Braz Ferreira--Pois bem, se elle não vier, iremos nós ter com elle.

## SCENA VIII

DITOS, JOSÉ FELIX (*de inglez*), UM CREADO

Creado--Milord Cockimbroock!

Braz Ferreira (*espantado*)--O quê?... pois devêras?...

Duarte (*admirado*)--Temos outra! Esta agora ainda é melhor.

Joaquina (*iparte*)--Bravo!... vou dizer a minha ama, e advertil-a...

## SCENA IX

JOSÉ FELIX, DUARTE, BRAZ FERREIRA

José Felix--Sinhórr, eu vem tomar vóssinhórrie pôr o pequena divertissamente de... to exchange, querri diabz, tróocar dois tirras de pistol entre nós ambas amigavelmente.

Duarte (*iparte*)--A' pistola, c'os diachos!

Braz Ferreira--Pois quê, milord! o caso de hontem?...

José Felix--Essa foi muito desagráavel! E ésto foi por guarrdarr todo o cólerra que me tem causade, que eu guarrdarr meu sombrêro--em portegiz, meu chapello--como elle esteve hontem. (*Mosira o chapêu como a fundo dentro*) Vê vóssinhórrie? Oh! eu vem pedir satisfácion in fórrma.

Duarte (*iparte*)--Agora é que eu já não entendo Estou a vêr se por acaso... Não fosse eu dizer a verdade?

José Felix--Oh, yess! foi um brincadeiro muito má. Eu não impedir vóssinhórrie de atirarr com homem, se faz-lhe prazer, *if you please*; mas é estylo de suo capital gritar primeira de janella: «*homem vae!*» Eu trazia meu umbella, podia ter abrido, como faz quando dizem: «*aguo vae*»--que é sempre um grande peto em Lisbon, este de dizer: «*aguo vae*»--Uh, yess! não é aguo, vóssinhórrie... (*Sorrido*).

Duarte (*iparte*)--Irri! Chegou-me a mostarda ao nariz, com o tal engraçado to!o que apostou de mangar commigo: hei de saber quem elle é. (*Alto*) Pois, senhor, uma vez que veiu para se bater, havemô-nos bater, e já.

Braz Ferreira--Essa é que é a moderação que tu me dizias?...

## SCENA X

DITOS e AMALIA

Amalia (*accudindo*)--Oh meu Deus! que é isto?

José Felix (*baixo a Amalia*)--Separe-nos, ande...

(*Alto*) Eu não bato a mim.

Duarte--Mas mim bate a ti. Agora o verêmos.

Braz Ferreira--E eu mando-te que te calles. Que tal está! Ai que eu!... (*iparte*) E eu que cuidava ao principio que era uma brincadeira!... e o jogo é a valer. (*A José Felix*) O senhor é o offendido...

Duarte--Não senhor, o offendido sou eu.

Braz Ferreira—Tu! tu que o ias matando, aleijando pelo menos!

Duarte—Não é verdade.

José Felix—E' verdade.

Braz Ferreira—E' verdade sim senhor: a culpa é sua, não ha que duvidar.

Duarte—Se meu tio o diz, não tenho remedio eu senão acreditá-lo.

Braz Ferreira—Ora graças a Deus! que confessou a sua culpa, e entrou na razão emfim. Da sua parte, milord, espero que desista, que se esqueça...

José Felix—Se o senhor está muito triste, *very sorry*, se não tinha intension...

Braz Ferreira—Não tinha, não.

Duarte—Não tive.

Braz Ferreira—Então vamos! esqueça-se tudo; e em signal de reconciliação, milord, hade almoçar connosco.

Amalia—Inda bem! respiro.

Duarte (*aparte*)—Verdade, verdade, não tenho muito de que me queixar. Inda eu lhe sou obrigado ao tal maganão que embirrou a fazer-me este serviço. (*Alto*) Oh lá! Joaquina, Izidoro! algum de vocês... E' preciso mandar arranjar depressa alguma coisa...

Braz Ferreira—Para quê?

Duarte—Pois o senhor almoça connosco...

Braz Ferreira—Almoça: e então? tu tens almoço em casa para um principe. Já te esqueceste?

Duarte—Ah! sim... decerto... Mas talvez um almoço de garfo... sem chá preto... sem manteiga fresca... não será de gosto de milord...

José Felix—Eu peço o seu perdão, vóssinhorrie. O meu estomago é cosmopolitana, e entende todos linguas; janta em francez, portuguez... não importa; almoça com *Turquia* se é preciso, e ceia sobre *Peru*, se vóssinhorrie dá prazer.

## SCENA XI

DITOS e JOAQUINA

Joaquina—O almoço está na mesa.

Duarte (*espantado*)—O almoço!...

Joaquina—Venha cá vêr como está bonita a mesa. (*Leva-o á porta do fundo*) Garrafas de Champa-gne, fructas, pastelão, tudo tam bem posto... hein?

Duarte—Não ha duvida: o almoço alli está. Acabou-se, já me não deixam mentir... é escusado—Agora posso dizer o que eu quizer. (*Alto*) Amalia! (*Di-lhe o braço*.)

Braz Ferreira—Milord! (*Conduzindo-o para a porta do fundo*)—*Siem todos menos Joaquina*.)

## SCENA XII

Joaquina (*só*)—Pobre rapaz! ficou como pateta! Se elle não está costumado a isto... Condemnado a falar verdade vinte e quatro horas a fio... Tambem olhe que nós dá um trabalho! porque mente com um desembaraço e sem a menor consideração... Já se tinha esquecido da pêta do almoço. Felizmente que nós estamos prevenidos, e graças ao bolsinho de minha ama e á visinhança do Manuel Hespanhol, em poucos minutos se fez da pêta verdade... E José Felix! Não verão o meco sentado á mesa com meus aros como se fosse gente, o pedaco de lacaio!... Mas deixem estar que o tratante tem um ár, sabe tomar uns modos, que quem o não conhecer!... Em que elle se deita a perder decerto, é que aquillo é um comilão... O que lhe vale é fazer de inglez... não se repara—Agora que mais falta? Vejamos. A tal visita de agradecimento ao general Lemos: essa não se pôde evitar. Só se... E' verdade; o general Lemos

que venha cá... como têm vindo os outros. Vou avisar José Felix que se avie de almoçar e nos presente mais esse figurão. Não lhe hade custar muito... é seu amo.—Ai! que é isto, que quer este senhor?

## SCENA XIII

JOAQUINA e o GENERAL

General—O senhor Duarte Guedes está aqui, não é assim?

Joaquina—Está sim senhor, foi agora para a mesa almoçar com o senhor Braz-Ferreira, seu sogro que está para ser.

General—Um almoço de familia, almoço de noi-vos... Não permitta Deus que eu tal perturbe. Esperarei.

Joaquina—Se faz favor de dizer o seu nome.

General—Não é preciso.

Joaquina—Não é para saber... é que se fosse cois-a que...

General—E' coisa que eu lhe quero dizer sò a elle ou a seu sogro.

Joaquina—Como queira.

## SCENA XIV

BRAZ FERREIRA, GENERAL, JOAQUINA

Braz Ferreira (*de guardanapo na mão falando para dentro*)—Eu venho, milord, eu venho: quero ratificar o nosso tratado de alliança com uma garrafa especial do meu Porto, é da fundação da Companhia, trouxe-o eu commigo.

Joaquina (*para o general*)—Aqui vem o senhor Braz Ferreira.

Braz Ferreira—O que é isso

Joaquina—Um senhor que lhe quer falar, ao senhor Braz Ferreira ou a seu genro. (*Aparte*) Vamos ensaiar José Felix no novo papel que tem de representar.

## SCENA XV

GENERAL e BRAZ FERREIRA

General—Creio que é o senhor Braz Ferreira, do Porto, a quem tenho a honra de falar? Muita satisfação de vêr a vossa senhoria em Lisboa. Conheço-o ha muito de nome, é quasi que posso dizer somos amigos sem nos termos visto. O meu antigo camarada o coronel Luiz Guedes sempre me encarece por tal modo a amizade que lhe tem! Nas suas cartas quasi que me não fala de outra coisa senão de seu filho e de vossa senhoria.

Braz Ferreira—Luiz Guedes! Então vossa senhoria é?...

General—O seu mais antigo e melhor amigo, o general Lemos.

Braz Ferreira—Ah! vossa excellencia perdõe, por quem é. Mas porque se incommodou, senhor general? Eu é que devia ir aos seus pés... e hoje mesmo tencionava fazel-o—para lhe agradecer todas as bondades que tem tido com meu genro... que está para ser.

General—Bondades! eu não sei... de certo não tem nada que me agradece... mas é sua culpa. Eu ignorava absolutamente...

Braz Ferreira—O quê, general?

General—Que Duarte estivesse em Lisboa.

Braz Ferreira—Que me diz, senhor? Ha tres mezes

General—Ainda o não vi uma só vez. Antes de hontem recebi eu uma carta de seu pae, que me pareceu um enigma: queixa-se de que o filho não ti-

nhá ainda obtido a recebedoria de Santarem que tanta conta lhe fazia... Mas que diacho! quem quer alguma coisa, pede-a. Eu não podia adivinhar, e vinha de proposito ralhar com elle.

**Braz Ferreira**—Raihar, tenho eu que ralhar com o tal menino por outras muito piores. Mas como é isto, senhor? Pois Duarte não vae habitualmente a sua casa?

**General**—Não senhor.

**Braz Ferreira**—Não digo em Lisboa, mas á sua quinta?

**General**—A minha quinta? E' coisa que não tenho.

**Braz Ferreira**—Pois não digo quinta... não seja... mas a linda casa que tem da Outra banda com uma vista magnifica, um bilhar...

**General**—Sou tão desastrado que não jogo o bilhar.

**Braz Ferreira**—Estava visto... Faça ideia, general, que é o systema de mentiras mais complicado que nunca vi, e combinado de modo que ainda não sei... Mas deixál-o: vossa excellencia está aqui, hade-me ajudar a confundir-o... Com toda a certeza não lhe dou minha filha.

**General**—Por quem é! Eu que vinha com tanto gosto trazer-lhe a minha prenda de casamento...

**Braz Ferreira**—Não hade ser meu genro.

**General**—E a sua palavra?

**Braz Ferreira**—Retiro-a: e elle não tem direito de se queixar... Avisei-o de que, á primeira mentira em que o apanhasse, tudo estava acabado. Inda bem que o encontrei, general: vamos a vêr com que cara o maldito do rapaz... Oh! elle ahi vem: peço-lhe que não diga o seu nome.

**General** (*aparte*)—E esta! Eu que vinha para obsequiar o pobre do rapaz, e a seu paê de quem sou tam amigo!

## SCENA XVI

DITOS, DUARTE, AMALIA, JOAQUINA

**Duarte**—Ora com effeito! forte companhia fazem os taes senhores!—O senhor meu sogro levanta-se no meio do almôço, e d'ahi a um instante milord desaparece á segunda garrafa de Champagne.

**Joaquina**—Vieram procurar-o.

**Duarte**—Não duvido... algum pobre rapaz que se achou em apêrto... Que é preciso confessar... o tal sujeito é a creatura mais servical... E então sem nenhum interesse!—Diga-me uma coisa, amabilissimo sogro, que fazemos nós esta manhã?

**Braz Ferreira**—Eu tinha vontade de sair; mas temos aqui uma visita, um amigo da familia...

**Duarte**—Perdõe... eu não tinha tido o gosto de vêr este senhor... E' do Porto?

**Braz Ferreira**—E' verdade.

**Duarte**—la jurál-o... Nós os das provincias do norte temos um ár de franqueza, um aberto de physionomia... Se vossa senhoria se demorar em Lisboa, terei muito gosto de o acompanhar, de lhe servir de guia... Não faça cerimonia commigo... sinceramente lh'o peço... um amigo de meu sogro!...

**General**—Dou-lhe os parabens, senhor Braz Ferreira: o seu genro parece um rapaz extremamente amavel.

**Braz Ferreira** (*baixo ao general*)—Espere, espere, e depois falará. (*A Duarte*) E' preciso que saiba, meu caro amigo, que este senhor vem a Lisboa para negocios que tem na secretaria da guerra, e precisa muito do valimento do general Lemos.

**Duarte**—Melhor... Dizem que é um homem justo e imparcial; e toda a gente o estima.

**Braz Ferreira**—Pois sim... mas tu que tens relações de intimidade com elle, não podias pela tua influencia?

**Duarte**—Ah! certamente... terei a honra de lh'o apresentar. Hade gostar d'elle, verá: um homem agradável e que, sem basofia, é meu amigo.

**Braz Ferreira** (*rindo*)—Hein!

**General** (*baixo a Braz Ferreira*)—Até aqui, acho que diz a verdade.

**Duarte**—E alegre!... Olhe, á mesa me não deixava elle só, como aqui me fizeram. Ainda hontem almoçámos nós juntos em sua casa.

**Braz Ferreira** e **General**—Em casa d'elle?!

**Duarte**—Sim, juntos, ao pé um do outro.

**Braz Ferreira**—Então muito mudado está elle de hontem para cá.

**Duarte**—Porquê?

**Braz Ferreira** (*apontando para o general*)—Porque elle aqui está, e tu não o conhecestes.

**Duarte** (*surprehendido*)—O general Lemos!

**Joaquina** (*aparte*)—Estamos perdidos.

**Amalia**—Tudo, tudo está perdido.

**Duarte** (*torcendo a si ogo*)—O quê! pois este é o senhor general Lemos? Muito sinto... não tenho a honra de o conhecer.

**Braz Ferreira**—Não duvido... mas nem por isso deixa de ser elle em pessoa.

**Duarte**—Hade-me perdoar, meu tio: eu não digo o contrario; mas não foi com este senhor que eu almocei hontem... a verdade pura é esta. Como isto foi é que eu não sei; mas a não ser que haja outro general Lemos em Lisboa...

**General**—Em Lisboa, do appellido de Lemos nem eu conheço senão meu primo o coronel Francisco de Lemos.

**Duarte**—Exactamente. Pois foi em casa d'elle, de certo, que hontem me apresentaram, e provavelmente com elle é que eu almocei.

**General**—Não teria duvida nenhuma em o acreditar, se não fosse uma pequena difficuldade: é que ha tres mezes que está em Inglaterra.

**Duarte** (*aparte*)—Co'a breca! (*Alto*) E' que voltaria ha pouco, sem se saber... porque elle hontem estava em Lisboa.

**Braz Ferreira**—Não estava.

**Duarte**—Estava tal.

**Braz Ferreira**—Pois bem, rapaz, esqueço-me de tudo... se me provares essa.

## SCENA XVII

DITOS, UM CREADO, JOSÉ FELIX  
*com farda de brigadeiro, etc.*

**Creado**—O senhor Lemos.

**José Felix** (*afectando desembaraço*)—Então que é isto? que é isto?

**General**—Que vejo! E' o meu brejeiro do meu Felix.

**José Felix**—Ora vivam meus senhores... Adeus meu Duarte.

**Duarte**—Oh meu querido protector! Confesso que d'esta vez já não contava com o seu auxilio... Ainda bem que veio... Vou apresental-o a meu sogro e a meu primo.

**José Felix** (*indo para elles com ár chibante reconhece de repente o general*)—Santo Deus, meu amo!...

**General** (*aparte*)—E com a minha farda, o maroto! **Braz Ferreira** (*espantado*)—Conhecem-se! (*Duarte, Braz Ferreira, José Felix e Amalia ficam todos immoveis de admiração.*)

**General**—Que painel! Enterraram-se todos até ao joelho. Ora vamos a dar-lhes a mão, que elles por si não se levantam. (*Para José Felix*) Então senhor meu primo...

**Todos**—Seu primol

**General**—Que espanto é esse? Pois queria esconder de mim a sua volta a Lisboa?

Duarte—O quê? Pois este senhor é seu primo, o coronel Francisco de Lemos que voltou de Inglaterra?

General—Sim senhor. Porquê?... não lhes faz conta?

Duarte—Certamente que faz—Mas é que isso hoje parece mesmo um acinte... não invento senão verdades—Pois não é minha a culpa, senhor Braz; mas em consciencia, está obrigado a dar-me sua filha.

General—Não ha duvida senhor Braz Ferreira; é preciso consentir n'este casamento. Já não tem mentiras de que o accusar.

Braz Ferreira—Excepto a da recebedoria de Santarem.

General—Aqui está o decreto. E' a prenda de casamento que lhe eu trazia.

Amalia—Pois é possível!

Duarte—Apósto que é verdade.... tudo é verdade hoje. Assim, meu caro sogro, consinta, não ha remedio...

Braz Ferreira—Estou certo que me enganaram.

José Felix—E eu tambem.

General—E eu tambem... Apesar d'isso, vamos, consinta...

Braz Ferreira—Que lhe heide eu fazer? Inda que não seja senão por curiosidade e para saber esta adivinhação.

José Felix (*atirando com o chapéo*)—Vival A pala-

vra do senhor Braz Ferreira é lettra que não tem desconto. Eu *ritorno al mio mestiere* e ponho aos pés da minha cara Joaquina... o senhor Thomaz José Marques... milord Coochimbroom, e sôbre todos, o seu fiel José Felix, criado particular do excellentissimo general Lemos.

Duarte—O' maroto, pois eras tu!

Braz Ferreira—Faze-te de novas.

Duarte—Juro-lhe que eu não sabia nada, e que nem sequer o conheço...

Braz Ferreira—Continuâmos?... Não faltava senão esta que é a mais difficil de engulir!

Amalia—E comtudo é verdade, meu pae. Eu lhe explicarei como isso foi.

Duarte—Protesto-lhe que hoje foi o último dia da minha vida que me deixei cahir n'este maldito vicio... E nem eu sei como foi; queria-me defender... vinham umas atraz das outras... porfim... não sei... Mas acabou-se: não torno mais a mentir; custa muito, dá muito trabalho. Vi-me em âncias! Juro que me heide emendar... já estou emendado.—José Felix, nunca me heide esquecer da lição que me dêste, e prometto pagar-t'a.

José Felix—Devêras?

Amalia (*dando-lhe uma bolsa*)—E eu pago-t'a já.

José Felix—Melhor ainda. (*Apalpando a bolsa*) Isto sim que são verdades puras... e não deixam mentir ninguém.

# AS PROPHECIAS DO BANDARRA

Comedia escripta no anno de MCCCXCV

PESSOAS: Thomé Chrispim, sapateiro. — Pantaleão, boticario. — Catharina, filha de Pantaleão — Anna da Troixa, contrabandista. — Sebastião, sobrinho de Pantaleão — Procopio, tabelião — Lazaro, praticante da Botica.  
Praticantes, Velhos, amigos de Pantaleão, Meninas, amigas de Catharina, criados, etc.  
Logar da scena — Lisboa.

## ACTO PRIMEIRO

*Rua na cidade velha: à esquerda um vão de escada com todo o necessario para o estabelecimento de um remendão; no fundo uma botica antiga com duas portas praticaveis, meias portas, etc.*

### SCENA I

LAZARO, e outros PRATICANTES da botica pisando em almofarizes, etc., e cantando

Côro

Na nossa botica  
Ha tudo, ha tudo como na botica.  
Só opio é que não;  
Que todo o que havia tomou-o o patrão.

Lazaro—Cheo, que ahí vem o sr. Procopio!  
Praticantes — Deixal-o vir, vamos cantando: elle não percebe.  
Lazaro—Pois vamos lá. (*Canta*)

Cá no receptuario  
Ha um electuario,  
Que o não tem igual outro boticario.

Côro

Que o não tem igual outro boticario.

Lazaro (*apontando para Procopio que vem sahindo*)  
O nosso xarope,  
Xarope de ginja  
Não ha quem o imite, não ha quem o finja.

Côro

Não ha quem o imite, não ha quem o finja.

Lazaro (*apontando para Procopio*)  
E o de tartaruga?  
Não ha coisa tal.

Côro

Em toda a Lisboa, do Grillo a Bemfica,  
A nossa botica  
Não tem outra igual.

Lazaro

Ha tudo, ha de tudo na nossa botica  
Só opio é que não.

Côro

Só opio é que não;  
Que todo o que havia, tomou-o o patrão.

### SCENA II

PROCOPIO, LAZARO e PRATICANTES

Procopio—Já vocês começam logo de manhã cedo? E uma philharmonica está rua. E o outro, o vizinho sapateiro, inda não deu o seu descante do costume? Por modo que lhe vejo a porta fechada...

Lazaro — Havia de ser grande pirua a que elle tomou hontem, que são estas horas e inda as Trovas do Bandarra se não ouvem.

Procopio — Ah! este é que é?... Percebo. Então ceou lá hontem em casa?

Lazaro — Ceou por tres, e cantou... oh que peccados!

Procopio — E o patrão?

Lazaro — Sahiu, mal era dia, por amor do grande jantar que dá hoje. V. m.<sup>cc</sup> é dos convidados? Ha-de ser.

Procopio — Sou, mas queria falar com elle antes de....

Lazaro — Agora não pôde tardar. Espere: lá se meche o nosso vizinho; agora o verá.

Procopio — Mettam-se vocês para dentro que eu quero observal-o á minha vontade. (*Entram todos para a botica, mas ficam de observação.*)

### SCENA III

DITOS, THOMÉ abre a porta e sae esfregando os olhos, espriguiçando-se e começando a preparar-se para o trabalho

Thomé—Hum, que preguica!... Não, que o vinhito era do Porto, e de boa cidade... e então de mófo! Puhuhuf! Sabe-me a bocca a ferros velhos. Ferros velhos! mas sempre são doutros ferros velhos mais finos. Os que a gente traz do Manuel-Zoima ou do Pilho—e mais são armazens de consciencia!

e o que elles dizem que é carregado carrega devêras, o Barra-a-barra é um barra: digo-lh'o eu, que não sou nenhum còdeca com todas estas còdeas que me vêem, sei da coisa. Mas, dizia eu, são outros ferros velhos os que a gente de lá traz e que sente na bôcca ao outro dia: mais saburra na lingua... (*Masca*) e quero mesmo dizer—que já digo, sei da coisa—quero mesmo dizer, outra casta de saburra, assim grossa, entrapada, carrascôa. E isto hoje... (*Mascando com gosto*) isto hoje qu'eu sinto na bôcca, inda sabe bem, home! Forte pinga! E como eu a chuchô, e o mais que hade vir! viva o *Encuberto* e santa paz co'a sua alma! Qual alma nem meia alma? Tam asno sou eu que creia em tal?

Procopio—O homem... elle não me tem cara de tal. O nosso Pantaleão parece-me que d'esta vez que sincou.

Thomé—Alma!... Nem alma nem esp'rito. Só se for o esp'rito d'aquelle vinhote que anda por aqui me anda a alma d'elle a pedir missas pelas goelas. Alma o *Encuberto*! Não n'a tem, juro eu. Não é tal alma, é corpo vivo e são... Não, que assim é que m'elle rende. Oh, senhores! vêr que eu que era um lastimado remendão, que em tres dias não tinha um par de tombas que deitar n'umas chancas suas d'um gallego, e que agora já faço botas e sapatos para a fidalguia do bairro... e não tardarei a ter uma logea minha, com officiaes e aprendizes meus!... (*Como falando com outros*) «Senhor official, aquelles remontes estão feitos? Rapaz bate aquella sola...» «Marmanjo, vai levar estas botas ao tal senhor da hospedaria. mas dinheiro para a mão... eu sei cá se elle é deputado ou o que é: que pague e veremos pelas cruzes do seu dinheiro que casta de pessoa vem a ser». Sempre é a delicia da vida uma logea da gente mesma! Ella virá, ella virá. Nunca o pensei, mas agora digo que vem.

Procopio, (*para dentro da botica*)—E Pantaleão sem apparecer! Tu vou-me: tenho muito que fazer. (*A parte*) O sapateiro é... é um sapateiro, um remendão e nada mais.

Thomé—Digo eu que faço obra para a fidalguia do bairro... E faço. Pois que é aqui o meu bemdito vizinho, o sr. Pantaleão? (*Aponta e olha para a botica: vendo Procopio*) Oh, lá está outro ginja... mas não me tem boa cara aquella. Lá o rei dos ginjas é o meu boticario, o meu Pantaleão. Que aquillo é mesmo um fidalgo; modos, tratamento, acções d'um fidalgo. Como elle diz: «Thomé, para uma pinga... Thomé, quero que jantes bem hoje... Thomé, anda cá... Thomé, toma lá...» E é sempre o pinto, a de doze... e mais, e mais! Se não houvesse umas terras n'este nosso reino de Portugal, chamadas Lavradio, Chamusca e outras que taes... que esto certo que são as verdadeiras terras de Pantana onde me vae ter tudo quanto tenho e não tenho... co'a fortuna! já eu estava rico. Mas se o homem começa agora a dar-me de cear como hontem... onde houver vinho do Porto—vinho do Porto eu!... eu, Thomé Chrispim, remendão de escada, a falar em vinho do Porto—sem vergonha d'esta cara besuntona—onde houver vinho do Porto, digo eu, fica-te em paz, carrascão. Que o beba o Pilho, maroto! que tem goelas de villão ruim. E o cachorro do Manuel Zoína que o tome em mêzinhas se lh'o não quiserem beber os freguezes. Ah, ah, ah, (*Rindo*) Pois então? Tambem os meus patacos me ficam na algeibra, e mais callo-me: que se callem elles se lhes ficar o vinho no tonel.

### SCENA IV

THOMÉ, PROCOPIO e PANTALEÃO

Pantaleão—Guarda-o Deus ao sr. Procopio, nosso amigo velho? Então, hein, sr. Procopio? (*Apontando para Thomé*) viu-o?

Procopio—E' aquelle?

Pantaleão—Aquelle mesmo.

Procopio—Pois homem... (*Conversam mais baixo.*)

Thomé—Oh! já elle lá está. Trabalhar e cantar, que tanto rende uma coisa como... Alto lá! mais rende uma do que a outra, e custa menos. (*Escarraço grosso, como quem limpa a voz. Cantando e cozendo:*)

Eu faço obra de dura  
E não ando pela rama;  
Conheço bem a courama  
Que convem á criatura.

Procopio—Ahi isto agora...

Pantaleão—Não lh'o disse eu? As proprias Trovas do Bandarra como as eu tenho n'aquelle manuscripto precioso que é unico em Portugal... no mundo, meu amigo!

Thomé (*cantando e cozendo*)—

Sei medir e sei talhar,  
Sem que vos assim pareça,  
Tudo tenho na cabeça,  
Se eu o quizer usar.

Pantaleão—Então é ou não é! As palavras, a unção com que elle as repete, aquelle ar inspirado...

Thomé ( *fingindo que não vê Pantaleão á porta*)—Espera que já te metto a sovela pelas viras d'alma, pateta. Hoje parece-me que chuchô nota. (*Canta batendo sola.*)

Comvosco falo estas coisas  
Como com grande letrado.  
E umas são perigosas;  
As outras duvidosas.  
Inda não hão começado.

Pantaleão (*entusiasmado*)—Não ha duvida nenhuma, agora já não ha duvida nenhuma, é elle. Mettam-se para dentro, (*a Procopio e aos aprendizes que accodem a ouvir cantar*) mettam-se para dentro, que eu vou aqui aviar uma coisa, e depois quero ir falar com elle E hoje, hoje heide acclurar este negocio e concluir o que tenho determinado. (*Entram todos na botica.*)

## SCENA V

THOMÉ só

Thomé—Se eu sei o que isto quer dizer, estas cantarollas que me ensinou o barbeiro da minha terra, meu pae frade! Diz que n'isto, n'estes cantigorios que eu não entendo, que está claro e promettido com'o verbo d'um anjo que hade vir o *Encuberto*... Como lh'o elles icem n'esta letra, é o que eu não sei. Mas que hade vir, que hade vir... Pois venha. Por ora vae-me rendendo, é o que eu não sei. Aprendi a sapateiro com tanto trabalho, nunca me deu o officio com que matar a fome Aprendi estas bobozices a brincar, têm-me dado!... E' verdade que é só depois que vim para esta rua, inda não ha dois mezes... mas... Oh eil-o ahi vem, o meu fidalgo do meu boticario...

## SCENA VI

PANTALEÃO E THOMÉ

Pantaleão—Ora guarde-o Deus, sr. vizinho!

Thomé (*levantando-se e tirando o bonet*)—Muito bons dias, meu fidalgo! estou ás ordens de vossa...

Pantaleão—Calá-te, homem, cheo! não te oiça alguem. Inda não é tempo que se saiba... por ora encoberto! Tudo encoberto! Senta-te, senta-te, rapaz; bate! a tua sola, coze as tuas viras... Mette a sovela nas viras... hein!... Deixa lá, deixa lá: eu fico aqui assim em pé disfarçando.

Thomé—Pois vossa?...

Pantaleão—Vossa uma figa; tem juízo. Tu bem sabes ter juízo... Oh se sabes! Cuidas que eu que te não conheço?

Thomé—Que me conhece o quê, sr. Pantaleão!

Pantaleão—Issol! faze-te de novas; anda. Commigo que ha cincoenta annos ando n'isto! que não me escapa nada! que ainda não houve manhã de nevoa que eu não fosse para o alto de Santa Catharina espreitar para a barra! que ainda não veio cartinha em bucho de pescada que eu não lêsse; que as gallinhas com ovo de letras m'o vêm mesmo por aqui na mão!... Commigo, hein! Sô Thomé Chrispim!—Thomé Chrispim... maroto, maganão, olha que sempre és...

Thomé (*assustado*)—Eu sou o quê, sr. Pantaleão?

Pantaleão—Não te assustes, homem, que cahiste em boas mãos, deixa estar. Mas olha que sempre és um tal menino, anda. Como diz lá a trova d'estas coisas que por ahí vão, estas embrulhadas novas de eleições e Constituições, que ninguem se entende? Dize:

Vejo tanta misturada...

Canta, homem.

Thomé (*receitando*)—Canto?

Pantaleão—Canta.

Thomé (*cantando*)

Vejo tanta misturada  
Sem haver chefe que mande;  
Como quereis que a coisa ande  
Se a frida está damnada?

Pantaleão (*esfregando as mãos*) É isso, é a tal, é a tal que só o meu livro a traz. Ah Thomé, Thomé! —E damnada está, está damnada a ferida; mas nós a curaremos, hein, Thomé! Thomé, forte magano! Mas dize-me, Thomé... diga-me sr. Thomé Chrispim, diga m'o a mim que lh'o peço. Olha que sou eu, Thomé, eu Pantaleão... (*Com gravidade*) Pantaleão de Sá.

Thomé—Sr. Pantaleão de Sá!

Pantaleão—Pantaleão só, Pantaleão só para todo o bairro, para toda a gente, para todo o mundo. Fala baixo, homem; Pantaleão de Sá para ti! só para ti... e para o outro (*tirando o chapéu e fazendo uma reverencia profunda*) e para o outro que hade vir.

Thomé—Pois, sr. Pantaleão, eu'não sei o que voce-mecê quer que eu diga.

Pantaleão (*zombando*)—Emfim estás... estás!... nem eu sei o que te diga. (*Sério*) Ouve cá, homem, tu desconfias de mim?

Thomé—Oh senhor, eu!

Pantaleão—Acreditas que eu sou um fiel, um zeloso, um devoto, um verdadeiro Sebastianista?

Thomé—Pois não heide crer, senhor? Creio, sim senhor, creio firmemente.

Pantaleão—Sabes que tenho fé viva, esperança certa?

Thomé—Pois caridade!

Pantaleão—Todas tres são precisas para fazer um Sebastianista bem feito. Mas a fé sobre todas. Sabes que eu tenho fé, Thomé? Thomé...

Thomé—Capaz de engulir...

Pantaleão—De engulir como?

Thomé—De engulir um camello pelo fundo de uma agulha... (*aparte*) Parece-me que é assim que se diz

Pantaleão (*sentido*)—Issol! isso mesmo é que é. Bonito! Ringe que não sabes a parábola.

Thomé—Parábola, senhor! Eu sei cá...

Pantaleão (*reflectindo*)—Tens razão. Olha como é: não podes encobrir... é assim. Quem sabe, por mais que disfarce, conhece-se. Tens razão, não é parábola, foi uma simples figura de expressão... e

nem vinha para o caso. Tu sempre és!... Como logo deu no erro! Ou elle não fóra quem é... Vamos, basta de brincadeira; falemos sério. Tu tens andado a experimentar-me, a vér, a examinar... tens andado a mangar commigo.

Thomé—Eu senhor!... (*aparte*) O homem perceberia que eu que não sei nada d'isto, e que o logro?

Pantaleão—Sim tu, tu. Pois vem cá homem: tu és isso que mostras?

Thomé—Eu, senhor, que heide eu ser, senhor?

Pantaleão (*rindo e como quem se esforça para falar sério*)—Como te lembraste tu de tomar esse nome de Thomé... ah ah ah!... de Thomé... Thomé Chrispim! Ah ah ah!

Thomé—Não o tomei, senhor, já o achei tomado e dado por meu pae e minha mãe, que foram sapateiros antes de mim, e por meu padrinho, que era sapateiro como elles, e todos devotos do nosso San'Chrispim d'o pé das Quingotas no Porto, onde eu fui nado e criado, e me puzeram Thomé porque era Thomé o meu padrinho. Thomé Palmilha lhe chamavam por alcunha, que d'outro nome lhe não soube nunca; e o Chrispim foi pelo santo da nossa bandeira... quando havia bandeiras. Forte pena foi tiral-as!

Pantaleão E foi: mas deixa estar, deixa estar, que não tarda quem vem. Em elle vindo... Mas a quem o digo eu!... Em elle vindo, bem sabes, tudo hade tornar ao direito outra vez. Mas a quem... a quem o digo eu!—Está bom, está bom: não queres? Pois não digas. E, a falar a verdade, não é muito prudente esta conversa aqui. Tu... tu! Se tu és quem és! Porque me não havias de advertir logo que isto não era logar para taes explicações? Não lh'o mereço, sr. Thomé? Mas tens razão, homem, tens razão: não é aqui logar para isto. Muddemos de assumpto. Como te soube hontem a ceia? Passaste bem a noite?

Thomé—Oh sr. Pantaleão! pois um pobre jagodes como eu...

Pantaleão—Como tu!

Thomé—Como eu, sim senhor, um pobre remendão d'escada que em chegando á pescadinha frita com seu rabo na bocca...

Pantaleão—Symbolo da eternidade!

Thomé—A's vezes é, sim senhor, é uma eternidade, de tres e quatro dias de frita... Mas o Pilho, essa justiça lhe heide eu fazer, o Pilho nunca tem petístico sêdico. Já do Manuel-Zoina não digo eu o mesmo... mas elle tem-se n'uma conta! Deixal-o ter, o Pilho é outra casta d'homem. Pois, senhor, um pobre como eu que, já uma ceia do Pilho já era regalo de principe para elle—principe sapateiro, está claro—e que bem trezentas, das trezentas e sessenta cinco bentas noites do anno, as ceia com cruzeiras na bocca... uma ceia d'aquellas! Lombo de porco, sallada com ovos, doces não sei quantos—que eu não entro lá muito por isso—e vinho do Porto! Eu que mal me atiro nos dias grandes pelo rastro do Lavradio!... oh senhor! então eu, havia de me fazer mal! Só se fosse por bom de mais. Mas não fez. Dormi como um lapuz, que sou. Assim peile manhã, inda agora, senti assim pela lingua um envernizalado... mas bom! Sabia-me a ferro velho—dizia eu commigo—sabia, mas ferro velho bom!... Ora o sr. Pantaleão é que está a mangar com um pobre.

Pantaleão—Meu amigo, a pobreza é propria dos grandes espiritos como o teu

Thomé—Espirito de quê, senhor? O tal do Porto tinha, tinha-o deveras.

Pantaleão—Não te faças Thomé, não te faças André commigo, Thomé! Digo dos espiritos como o teu. E bem sei o que digo. Dá-vos esse dom, não vos pôde dar os outros—não deve ser tudo para

uns — ella bem sabe o que faz, a Providencia. Thomé—A minha providencia tem sido vocemecê, sr. Pantaleão. Eu heide dizer a verdade; e ingrato não sou, isso não. Se não fosse cahir-lhe em graça, estava hoje...

Pantaleão—Estavas o que havias de estar e estive sempre desde... desde que... Deixa-me vê... D. João terceiro... mil quinhentos... mil quinhentos e... Não quer dizer nada: é uma boa conta d'annos Emfim, Thomé—já que Thomé hasde de ser—queres vir jantar commigo hoje? É ao meio dia em ponto. Cá não se muda a hora em que se jantava no tempo... no tempo em que havia gente n'esta terra, e portuguezes em todas, e todos a tremer d'elles.—Vens jantar commigo? — Vem, e depois falaremos. Lá sim, que se pôde falar á vontade. Minha filha é boa rapariga e de segredo. Temos outros amigos que hasde gostar de vêr. O brejeiro do primo, meu sobrinho Sebastião —mal empregado nome!—despedi-o hontem de casa; não torna lá; estamos á nossa vontade. Hein? E a minha filha, a minha Catharina... olha que é boa rapariga.

Thomé—Isso é ella, oh se é!

Pantaleão—Hein?

Thomé—Que é muito boa menina: pois então?

Pantaleão—E das nossas, Thomé, das nossas, homem. E é... Tinha cá uma idéa. Que tal achas tu a minha Catharina? Dize, não tenhas vergonha nem acanhamentos commigo. Agrada-te?

Thomé—A sr.<sup>a</sup> D. Catharina?

Pantaleão—A sr.<sup>a</sup> D. Catharina, sim senhor, minha filha Catharina. Não lhe agrada?

Thomé—Não me agrada? Elle é...

Pantaleão—Está dito, logo, logo, falaremos. Adeus, Thomé! Tho... mé (rindo) Thomé Chrispim! (ao ouvido) Adeus Gonçalo! (chega á botica faz signal a Procopio e sahem ambos pela direita.)

## SCENA VII

THOMÉ, LAZARO e outros PRATICANTES  
espreitando á botica

Córo

Na nossa botica

Ha tudo, ha de tudo como na botica.

Só opio é que não;

Que todo o que havia, tomou-o o patrão.

Thomé—Que diacho de cantiga é aquella dos balaicões? Dar-se-ha caso? Eh! deixá-os. Mas eu sempre estou mettido n'uma... Gonçalo! Chamou-me Gonçalo em segredo... que querára dizer isto? Eu endoideço. Quem serei eu com a fortuna? Oh quem quer este patola d'este velho que eu seja? Oh home. Pois elle dar-se-ha caso que de verdade, haja o tal D. Sebastião escondido e encuberto lá na tal lha ou onde quer que é? E que ainda tenha de vir? Elles são tantos a crêr n'isto e a esperar por elle... A mim me melem se a coisa me não parece ás vezes que... eu sei cá? Pois elle tinha que rir se estas traponas d'estas cantigas—trovas, dizia o meu amigo barbeiro do Bomjardim que m'as ensinou.—Trovas! que diacho serão trovas?... Trovas... Trovar, que é como quem diz: fazer versos... que hade ser isso... Ah, ah, ah! que é (rindo) Agora me rio eu. Sou poeta, sou poeta!... que essa é que é a historia. Boa historia! E então porque não heide eu ser poeta? e trovar com os outros? Hein! Sim, senhor. Não são meus os versos... as trovas? Deixas as não ser. Scu eu o primeiro que figuro com o alheio? Como faz o meu visinho deputado, como fazia o padre fr. João que tão bons sermões que fazia? que era uma contricção d'alma ver esbofetear aquelle mulhierio todo, quando elle

começava:—«Pêzame!!...» E eu a rir, porque era o meu patrão—o primeiro patrão que eu servi—quem lhe fazia os Pezames e os sermões; assim com'o meu vizinho deputado não lhe falta quem lhe faça os... Agora, senhor presidente—E os outros—Apoiado, apoiado!—E eu a rir... Pudéra não! Este mundo sempre é uma tal historia! O caso é que, seja eu poeta ou trovista, ou o quer que seja, tenho hoje regabofe de jantar de grande e de mofô. Viva o Encuberto e o meu grande Pantaleão! Pantaleão de Sá que é não é, que é boticario e é fidalgo—e não quer que se saiba—mas quer que o saiba eu! Com a fortuna, que diacho serei eu? E que tenho eu que haver com D. Sebastião ou com D. Pantaleão? Serei eu tambem algum encuberto? Mas que encuberto sou eu então? Dar-se-ha caso?... Não pôde ser. Eu sei?... Se serei eu o proprio D. Sebastião em pessoa? Hein, o caso era... Mas elle faz-me tantas festas, o Pantaleão... Elle por modo que me falou na filha assim por um modo... Vamos, sr. Thomé, não se faça pateta de todo. Mas o que heide eu dizer hoje ao Pantaleão? O homem hade querer mais trovas que é o seu pratinho... e eu, vão-se-me acabando as que eu sei... Fazel-as não posso... Veremos: d'algueres hão de vir. Ail meus peccados, que ahi veni a minha... minha... Eu que lhe heide fazer? Ella é minha mulhier agora. Encuberto ou não... Home, tudo isto vae de encubertos. Pois vá.

## SCENA VIII

THOMÉ CHRISPIM e ANNA DA TROIXA

Thomé—Ora chegue, sr.<sup>a</sup> Anna da Troixa, chegue, flor, que já me tardava.

Anna—Que alegrias, que contentamentos!! Voce-mecê cheira-me hoje a festa: que é isso?

Thomé—Anna da minha alma, Troixa da minha vida, pois não me hade cheirar, se te eu cheiro a ti, flor, (aparte) tolhida seja ella... Rosa, flor dos meus pensamentos!

Anna—Olha tu, tu, meu remendão não sei de quê! ... cuidas que estás c'o teu pateta do teu boticario? Faze-lhe lá esse verso a elle, que eu quero outros contos. Venha dinheiro, venha dinheiro, senão, digo tudo.

Thomé—Tudo, mulher! Pois ainda tu queres dizer mais, falar mais? Já tu falas!...

Anna—Ahi eu falo?...

Thomé—Não... não digo que falas. Tu és lá mulher de?... Mas eu é que não tenho dinheiro: d'onde me hade elle vir? E então isto! Ora, mulher: isto não é a lei de Deus. Nós somos casados, é verdade, mas o ajuste foi de se não saber e de ficar isto entre nós. Tu andas lá co'as tuas troixas, eu cozo cá as minhas taboas... Eu morro de fome, tu ganhas a vida... bem e honradamente; não sou homem que diga o contrario, mas...

Anna—Não, dize, dize! (ameaçando-o com a mão aberta)

Thomé—Agora digo eu! Nunca andou troixa de contrabandista mais honrada debaixo de capote, do que a da minha Anna da Troixa: basta vêr a freguezia que ella tem. Mas o certo é, minha rica Anna, que tu por lá te andas e eu por cá me estou... E que tu, enquanto a troixa dava muito e os remendos não davam nada... puh! I quem se ha de dar por mulher do sapateiro remendão? Nem vê-lo. Começa o remendão a ganhar seus vintens... já somos duas almas n'um corpo, tens clumes de mim que te ellas, e sobretudo, queres que te eu dê quanto tenho e quanto não tenho... já te queres declarar por minha mulher, já não queres que eu figure de solteiro...



Anna—Calate-te, calate-d'ahi, que és um tonto! Eu tenho sido com'a Providencia contigo, palerma, que havias de morrer por ahi como um lazarento que és, se não fóra eu. Nanja pelo teu officio que ganhasse cinco réis, tu, que não és capaz d'isso. E' a patetice do nosso boticoiro que te tirou da miseria. Mas quem lhe metteu na cabeça a elle que tu que adivinhavas e que sabias d'essas tonterias de prophcias e do Bandarra e de tudo isso, senão eu, parvo? Quem lhe traz os ovos com letras que dizem D. Sebastião? As pescadas com as cartas no bucho, quem lh'as manda vender á porta? Quem lhe traz a cabeça tresvaliada toda, que nem elle já vê, nem ouve nem sabe o que diz nem o que faz? Eu, tonto, eu!

Thomé—Pois tu! Oh mulher, pois tu é que és? Eu me benzo de ti, mulher.

Anna—Benze-me agora com dois pintos, que os preciso, e deixa o mais por minha conta. E nem por sonhos que o velho saiba que nós que somos marido e mulher... senão era capaz de desconfiar... isto é: desconfiar... inda assim! quando aquelle desconfiar... Dá cá os dois pintos.

Thomé—Essa agora!... Pois eu tenho cá?... *(Aparte)* Chupa-me tudo, meus peccados! *(Desembrulha uns farrapos que tira do fundo de uma arca, e umas aparas de coiro, e por fim de muito desembrulhar tira dois cruzados novos que lhe dá.)* Um, dois... dois dentes da bocca! Eram duas noites de suciata no Pilho.

Anna—Inda assim... Olha lá: tu hontem á noite estavas muito asno á cela. «Anna, dá cá, Anna, toma lá,» como se fosses alguém que viesse d'algueres, e como se eu fosse tua criada. Nem tu nem d'elles, dos Pantaleões, ouviste? Eu se vou alli áquella casa, e sirvo assim ás vezes a dar uma demão ao trabalho, é porque quero, e pela boa gente que elles são, quant'ô mais! E tu, meu papellão a fazeres de lord commigo...

Thomé—Mas mulher, se tu queres, se tu é que queres, se tu é que me estás sempre a dizer, a recomendar: «não digas nada, não dês a entender... que ninguém perceba que somos casados... faze que me não conheces?»

Anna—Pois sim, sim: assim deve ser, assim é preciso; mas tudo com termos E você... olhe lá; você sabe os olhos que me deitava para a filha da casa! A fazer-se tolo, o velho! Olhe que sou capaz de lhe tirar as ganas do comer...

Thomé—Eu! Essa agora... Pois eu!... E ella por modo que... Hem! Ella sempre é uma moça guapa.

Anna—Tolo, tolo! Ora isto! Não verão?

Thomé—O que eu sei senhora Anna, o que lhe posso dizer é que... Mas, cheio!

Anna—Paspalhão, parvo!

Thomé—La grande moça é ella.

Anna—E' é: e o primo um mocetão te hade arrombar as costas, pateta, se tu te atreveres a levantar os olhos para ella. O sr. Sebastião, forte rapaz! E o tio mal com elle, que o despediu de casa! Tenho uma pena de vêr duas almas que mesmo foram feitas uma para a outra... Ora pois, Deus os fez, Deus os hade juntar. Paciencia! Não importa: tomei-os eu debaixo da minha protecção...

Thomé—Ah! tomaste-os tu debaixo da tua protecção?... então...

Anna—Tomei, sim senhor, e heide casal-os Que cuida?

Thomé—Cuido que... Nada, não cuido nada. Adeus, Anna! minha Annica! Sabes que mais, ó Anna? Vou jantar hoje com elles.

Anna—Vaes!

Thomé—Vou.

Anna—Oh maldito, e estavas calado! Então são ho-

ras: prepara-te já. E Jesus! E o besuntão que tu estás. Vae-te arranjar... *(Desfazendo a trouxa)* vae, toma lá esta camisa de fólhos.

Thomé, *(pegando na camisa)*—Esta camisa de fólhos... E és tu, Anna, por tuas proprias mãos, Anna!... Oh força do destino! Pois tu queres? *(Aparte)* E dizer que é ella, ella mesma, a infeliz! que me quer fazer irresistivel, que me põe os malditoes todos! *(Alto)* Anna, com esta camisa, eu lavo as minhas mãos...

Anna—Não, hasde levar-as antes de a vestir, porca-lhão, e bem esfregadas! Uma camisa de senhor... era para o José Rodrigues, o caixeiro alli do... Mas não importa: que espere, que isto é de mais pressa. Anda, vae, vae-te vestir.

Thomé—Vou, Anna, vou... *(Aparte)* Corta-se-me o coração de vêr a innocencia d'esta minha Anna... *(Alto)* Anna, Anna! em quanto é tempo, Anna, minha pobre Annica! reflete... tu sabes as consequencias que pôde ter... olha que...

Anna—Vae, tolo, vae-te vestir. Ora o pateta!... Sempre és um parvo! *(Thomé vae dentro ao seu buraco, e sae com a camisa vestida, uns enermes collarinhos sahidos, etc.)*

Thomé—Aqui estou.

Anna—Anda cá: deixa-me-te pôr isso em termos, endireita essa cabeça. Assim. Uá cá o pente. Não tens um pente? Olhem que miseria! E quer isto ser gente, quer!... *(Tira o pente da cabeça, pentea-o)* Quero-te penteas estas farripas. O colete... *(Thomé vae tirando da arca os varios artigos que Anna lhe pede, todos extremamente ridiculos)* a casaca. *(Está vestido)* Ora adeus! Sempre estás menos nojeito alguma coisa. Agora vou-me, que tenho que fazer. Ouviste? Logo lá em casa nem signal de me conheceres.

Thomé—Vae descansada. Mas oh mulher, então eu estou menos máo assim? Parece te!

Anna—Estás, estás um rico feito. Adeus!

## SCENA IX

THOME só; NEPOS CATHARINA

Thomé—Má! Qual má? Estou famoso *(Vae buscar um bocado de espelho quebrado e mira-se a elle)* Estou... Oh Anna, Anna, mal sabes tu... Adeus! isto é sorte e hade cumprir-se. *(Reparando nas mãos)* O diacho é estas mãos. Maldito seroi! Puhu? Se eu tivesse umas luvas... umas luvas amarellas, que é a moda... custa um pinto, pelo menos, umas luvas... e um pinto é uma moafa de truz. *(Apparece Catharina á janella)* Oh! lá está á janella a filha do meu homem. Hein! Sempre quero que me vá vendendo já n'estes atavios. *(Escarra: Catharina olha para o lado d'elle; Thomé faz-lhe uma corteja peralvilha)* Viva minha senhora! Sempre é uma moça... se eu não fóra remendão... e casadão! Casadão e remendão, é muito peccado junto. E a tal sr.ª D. Catharina sempre me tem uns olhos... como duas garrafas de... de bastardino. Ella por modo que olha para mim d'um modo... Oh diacho! Dar-se-ha o caso? Hein? *(Dando-se áres)* Ora eu a falar a verdade hoje não pareço... Se ella me tomará por outro?... Está-me a fazer signaes?... Isso está ella... Anna, oh Anna!... eu bem queria, Anna, bem queria ser superior, mas não posso...

Catharina—Psiu, mestre, psiul  
Thomé—Mestre!... Oh mestre!... Mestre é coisa de... E d'ahi são gostos ás vezes.

Catharina—Psiu!

Thomé—Está claro: a rapariga quer... quer conversar. Menina!

Catharina—Olhe, mestre... se vir o primo Sebastião, diga-lhe...

Thomé, *(á parte)* — Sempre sou bem asno! é um recado para o primo Sebastião...

Catharina — Se vir o primo Sebastião, diga-lhe que hoje vem cá gente de fora jantar, e que no fim da mesa que venha á escada e que... *(Vendo Panteão, fecha de repente a janella.)*

## SCENA X

### THOMÉ, PANTALEÃO E SEBASTIÃO

Thomé, *(pasmado para a janella)* — Então que é isto?

Pantaleão, *(sem ver Sebastião)* — Bom, bom! meio caminho andado. *(Entra para a botica esfregando as mãos.)*

Sebastião, *(deixa entrar o velho para a botica e vem direito a Thomé com a bengalla levantada)* — Ah só biltre de só remendão atrevido! você em cochichos e colloquios com minha prima! Diga-me já para alli que pouca vergonha é esta, senão...

Thomé, *(com gravidade ridícula)* — Mocidade estragada e sem sentimentos, mocidade de fumaças e de periodicos! geração de hymnos constitucionaes e de ponches queimados! raça ingrata de lambisqueiros que palra e não bebe!... qu'ê das tuas virtudes, mocidade perdida? Sebastião! inaudito e prospero Sebastião, quando eu lá derramar sobre ti o balsamo da consolação, da...

Sebastião — O balsamo da melhor taberna ou armazem de vinhos que haja em Lisboa...

Thomé — E' o Pilho: lá isso ninguém lh'o pôde negar; diga o que disser o Zoina... que se rale, que se vá ralando... lá com'o Pilho... aquelle vinhote de Torres que elle tem!...

Sebastião — Pois sim; o melhor que elle tiver é para ti; heide-te encher essa carcassa do tal vinhote que tu dizes, até arrebreantes, e aqui está dinheiro já, se me dizes com verdade que tramoia é esta que aqui anda entre ti e meu tio e minha prima. Senão o balsamo hade ser outro. *(Mostrando-lhe a bengalla)* Vamos e nida de trovas, das com que tu enganas o velho, que isso commigo não péga. Já, e sem os teus palanforrios, já em portuguez claro e razo, senão descozo-te aqui a alma como tu descozes uma sola velha, remendão maldito.

Thomé — Venha o balsamo

Sebastião, *(dando-lhe dinheiro)* — Aqui está.

Thomé, *(á parte)* — Bom! Dois cruzios para supprir o que me levou a borrachona da minha esposa querida; *(alto)* Bem, sr. Sebastião! V. mercê é um rapaz de prestimo. Pois deixe estar, que eu e minha... quero dizer eu e a Anna arranharemos a coisa.

Sebastião — Eu e a Anna? Qual Anna? Catharina, minha prima Catharina, é que eu quero saber...

Thomé — Qual Anna! Pois a Anna da Troixa é uma mulher bem conhecida e como ha poucas. E que o diga eu! — Sua prima Catharina... a senhora D. Catharina: ai, é verdade, a senhora D. Catharina, que tem hoje gente a jantar — uma pessoa de respeito, um cavalheiro d'esta corte *(Dando-se áres)* talvez o não conheça...

Sebastião — Um cavalheiro! Bem o dizia eu... Quem é elle, remendão infernal?

Thomé — Esse mesmo tu o nomeaste. E' o proprio, menos a alcunha, que não dá por ella

Sebastião — Ah! tu estás a mangar commigo! Estás-me logrando, maroto? Toma. *(Da-lhe)*

Thomé — Não me dê, sr. Sebastião! não me dê, que lhe vou falar a verdade. *(Atrapalhando-se)* Diz ella que no fim de jantar... que eu vou lá...

Sebastião — Tu vae! Oh atrevido! leva. *(Da-lhe)*  
Thomé — Qual vou! não sou eu que vou... Isto é, vou, mas...

Sebastião — Ah! tu vae... Leva, maroto. *(Da-lhe)*  
Thomé — Aqui d'elrei! Sr. Pantaleão, sr. r'antaleão!  
Aqui d'elrei! Aqui d'elrei D. Sebastião! Aqui do Encuberto!

## SCENA XI

DITOS, PANTALEÃO *accudindo, depois* LAZARO *e os praticantes*

Pantaleão — Que é isto?... Ai, meu sobrinho ás pancadas em Thomé! — Thomé, Thomé segura esse brêjeiro. Oh maldito, oh excommungado, tu impondo mãos violentas no ungido do cerol da prophacia, no homem dos seculos, no escolhido para preparar as viras d'aquelle que hade vir! Amaldiçoado sejas tu! Eu te renego de sobrinho... — *(Para a botica)* Lazaro, rapazes, accudam! Tragam balsamos, unguentos, ether, tragam fios, ligaduras... tragam tudo, que tudo é pouco!

### Côro dos Praticantes

*(que trazem diversas garrafas)*

Acudamos já depressa!  
Venha toda a medicina,  
N'estes casos apertados  
E' que brilha a arte divina.

Lazaro — Que tens tu?

1.º Praticante — Os emolientes.

Lazaro — E tu lá?

2.º Praticante — Os adstringentes.

Lazaro — Os tonicos?

3.º Praticante — Eu.

Lazaro — E os appetitivos?

3.º Praticante — Este.

Lazaro — Venham cá. E os sedativos? E o balsamo, o ether? Os excitativos?

Côro — Tudo quanto havia na nossa botica...

Já nada lá fica,

Já tudo aqui está.

Só o San' Miguel é que ficou lá.

Lazaro — E o laudano liquido?

### Côro

Isso é que não ha;

Só ópio é que não:

Que todo o que havia tomou-o o patrão.

Pantaleão, *(tomando uma garrafa das mãos de Lazaro e dando a beber a Thomé)* — Bebe, bebe, homem, que é cerveja preta.

Thomé — Cerveja! bebida d'herejes, que a bebam elles os excommungados. Abrenuncio! D'aquelle balsamo de hontem, sr. Pantaleão, aquillo sim!

Pantaleão — Chegue já um de vocês a casa, e traga uma garrafa do meu Porto velho.

Sebastião — Oh meu tio, que cegueira! este seav-dija é a vergonha da sua casa, a deshonra das suas cans. Abra os olhos senhor.

Pantaleão — Tomára-os eu ter de bazilisco para os arregalar sobre ti, malvado, que te fulminassem ahí morto! Não sei onde estou que... *(Chega-se a Thomé, e apalpando-o)* Estás ferido, homem? estás mal? Sentes-ter...

Thomé — Sinto as bordoadas que me arramou o sr. seu sobrinho...

Pantaleão — Indigno, salteador. sacrilego! nem tu sabes o crime que commetteste, bandoleiro!

Sebastião — Sei, sim senhor: commetti o crime de castigar um insolente e de lhe ensinar a olhar para uma menina de bem.

Pantaleão — Que menina? que menina, tolo.

Sebastião — Que menina?... Eu é que sou o tolo... A menina é minha prima, sua filha, para

quem esse vil sevandija se atreve a levantar os olhos.

**Pantaleão**—Deixal-o levantar... que levante. Quero eu que os levante... Hade levantar-os, pôde levantál-os, deve-os levantar. E V. mercê abaixe, abaixe, torne a abaixál-os, e safe-se-me d'aqui antes que eu...

**Sebastião**—Oh senhor, será com os meus ouvidos que o eu estou ouvindo? Meu tio, meu tio repara bem, sabe bem quem é esse homem?

**Pantaleão**—Sei, sim senhor, sei muito bem, sim senhor. Assim o souberas tu, meu patarata. Vae, vae, vae para o botequim lêr os periodicos, vae votar no regedor da parochia, vae, que d'essas coisas entenderás tu, mas d'isto não pescas.—Meu Thomé, meu pobre Thomé! deixa estar que eu te despicarei.

**Sebastião**—Mas, meu tio...

**Pantaleão**—Não sou seu tio, já não sou seu tio, não lhe sou nada, não lhe quero ser nada.

**Sebastião**—Mas, senhor, minha prima...

**Pantaleão**—Sua prima... sua filha! Só não sei quê, que o parta...

**Sebastião**—Esse homem, senhor...

**Pantaleão**—Este homem é um homem... a quem tu não és digno de desatar as corréas dos sapatos... um homem como já os não ha... como nunca houve outro. E minha filha, minha filha... tem mais juizo do que tu, e sabe apreciar... Vae-

te, safa-te, desaparece, tira te da minha presença. **Sebastião**—Vou, vou, meu tio... e Deus queira! Mas olha tu, remendão indigno, olha bem para mim e lembra-te...

## SCENA XII

PANTALEÃO, THOMÉ, LAZARO

E PRATICANTES

**Pantaleão**—Deixa-o ir, deixa-o ir; não tenhas medo d'elle. Eu tomarei conta em ti. Ah India, India! Ah boas náos da India para me levarem estes brejeiros e limpar a cidade! Deixa estar que... Vamos, meu Thomé, vamos d'aqui, que temos muito que falar, muito, muito!—Rapazes levem isso, tomem conta na botica, que eu hoje não saio mais de casa. Anda, Thomé.

**Thome (parte)**—Não ha duvida; sou um grande homem, sou coisa muito grande deverás... Mas quem diacho sou eu?

Córo

Vá toda a futrica,  
Vá para a botica!  
E toca a brincar,  
A rir e a cantar;

Que hoje a dóze d'opio que toma o patrão,  
Dá em grande funcção.

## ACTO SEGUNDO

*Sala em casa de Pantaleão. Portas ao fundo; e entre ellas o retrato de D. Sebastião de corpo inteiro, armas brancas, grandeza natural. Velas accendidas deante. Portas lateraes.*

### SCENA I

**ANNA** *sahindo pé ante pé do fundo, (côro dentro)*

**Anna**—Elles já estão bons... têm-lhe bebido! Pôde vir el-rei D. Sebastião quando quizer, ou quem quizer em vez d'elle, que não é Pantaleão nem nenhum dos que com elle estão que já sabe de que côr é esta linha. Olhem o que já vae!

Córo, (dentro)

Hade-se chamar Gonçalo  
Já que n'esta casa entrou.

**Anna**—E aquella teima do nosso Pantaleão, que o meu homem não é Thomé quê é Gonçalo! Hade ser das taes sebastianices... mas esta não entendo eu, tomára quem m'a explicasse!

### SCENA II

**DITOS e SEBASTIÃO** *sahindo da esquerda com um grande embrulho debaixo do braço*

**Sebastião**—Explico-t'a eu.

**Anna**—Ai, credo! que medo que me metteu, sr. Sebastião, menino! r'or onde entrou?

**Sebastião**—Pela porta... inda que eu saiba de sahir pela janella; que meu tio se me pesca...

**Anna**—Não hade pescar; tem a minha protecção. Mas a porta estava aberta?

**Sebastião**—Abri-a com a chave de trinco que tu me deste inda agora.

**Anna**—E' verdade... já nem me eu lembrava. Se esta cabeça... Então traz tudo?

**Sebastião**—Tudo.

**Anna**—Dê cá (Tomando o embrulho). Deixe-me ir guardar isto onde hade ser preciso. E esteja ahi quieto que eu vou chamar a menina. Mas primeiro diga-me, já que diz que sabe; porque é esta teima do seu tio de chamar ao Thomé, Gonçalo?

**Sebastião**—Dize-me tu outra coisa antes. O teu Thomé far-se-ha Thomé commigo, ou André ou Barnabé?... olha que eu...

**Anna**—Já lhe disse o que lhe havia dizer; fie-se em mim, que tudo hade ir bem.

**Sebastião**—Então queres saber do Gonçalo?

**Anna**—Oiça, oiça o que elles cantam.

Córo (dentro)

Hade-se chamar Gonçalo  
Já que n'esta casa entrou:  
A tripeça do propheta  
Com elle resuscitou.

**Sebastião**—Gonçalo, Gonçalo... A dizer-te a verdade, eu não me lembra já bem d'estas tonterias que meu tio me fazia lêr quando era pequeno. Mas aí! espere, é isso. A tripeça, as prophcias... E' a historia do Bandarra: querem vêr? Pois é; é que se chamava, por signal, Gonçalo Annes Bandarra, o tal sapateiro que fez as trovas, as prophcias, estas nigromancias em que meu tio tem tanta fé. Pois é isso.

**Anna**—Então hade ser; não é outra coisa. E como o Thomé sabe muitas das taes trovas, como lhe elles chamam, de que seu tio gosta tanto... é isso... é que lhe chama Gonçalo, como quem diz que elle é outro Bandarra.

**Sebastião**—Não tem que vêr.

**Anna**—Inda bem!

**Sebastião**—Inda bem porquê?

Anna—Porque é muito melhor para o nosso caso. Verá.

Sebastião—E o que têm elles estado a fazer lá dentro?

Anna—Ai menino! não faz ideia. Estão todos vestidos como um bando para as luminarias, de capas cahidas, chapéus com plumas... é um riso. O pobre do Thomé arranjaram-no como o neto dos tóuros de colleira teza de folhos e capinha, com laçarões encarnados nos sapatos. Estão uns ricos feitos todos que é morrer. E as filhas do sr. Procopio, a sobrinha de fr. Bernardo, todas vestidas de galla... mais a nossa menina também, sua prima, por mais que ella não queria, não houve remedio: estão de plumas e flores na cabeça; parecem umas princezas. Diz que assim é que eram os noivados n'outro tempo, no tal bom tempo que elles dizem que era e que hade tornar. Emfim, o oratorio prompto, as escripturas lavradas. O tabelião pôde-se dizer que é de casa, ora, o sr. Procopio! só o nome do noivo é que está em branco na escriptura, pela tal reima que o Thomé não é Thomé. Eu muito me rio, porque, o menino bem sabe, Thomé ou não Thomé tanto pôde elle casar como eu. Mas sabe quanto lhe dá de dote o sr. Pantaleão á nossa menina? Trinta mil cruzados. E não é lá em papéis, nem n'esses trapos de notas azues e verdes e encarnadas que por ahí andam desde que tudo é pêta n'esta terra, até o dinheiro... não senhor, é em peças, peças amarellas, amarellinhas de cegar o olho, menino! .. e bem contadas n'um saquinho de velludo encarnado, que é um amor d'um saquiho... faz gosto e alegre o coração de vê-lo.

Sebastião—Pois o dito, minha Anna, tens certa a logeade de capellista, em a coisa se arranjando, e leve a breca a troixa!

Anna—Entrouxado seja o demo n'ella, menino, que já estou cansada de a trazer debaixo da capal! Mas deixa-me ir, deixa-me ir, que é tempo.

Sebastião—Pois vae.

### SCENA III

SEBASTIÃO depois CATHARINA

Sebastião—Se eu me saio bem d'esta! A carta é arriscada, mas não tinha outra que jogar. Meu tio é um homem que não entende razão...

Catharina—Primo, primo, eu não tenho ânimo; desdigo-me do que disse. Busquem outro modo.

Sebastião—Já não pôde ser, querida prima: está tudo arranjado, e agora é impossível tornar atrás.

Catharina—Pois eu heide fazer semelhante coisa... casar-me com um... Jesus! com um remendão d'escada?

Sebastião—Mas se a Anna nos assegura que não tem perigo, que não chega a esse ponto, que basta que a menina diga que sim a seu pae, que está prompta a obedecer-lhe, que finja que é muito Sebastianista... e que o mais tudo se arranja?

Catharina—Eu sei, eu sei!...

### SCENA IV

ANNA, CATHARINA e SEBASTIÃO

Anna—Saia, saia, já, já, que elles não tardam ahí. Vá e fique-se quieto ahí na escada que eu lá o irei buscar pela porta da cosinha quando for tempo.

Sebastião—Querida prima, ânimo! Então?

Catharina—Pois eu prometto, eu farei quanto poder... mas tenho medo...

Anna—Medo de quê? Não vae! Deixa-a commigo, menino, vá, vá, e vá descansado. *(Fal-o sahir e fecha-lhe a porta.)*

### SCENA V

CATHARINA e ANNA

Catharina—Meu pae está como nunca o vi... pateta, pateta de todo, Deus me perdê!

Anna—Inda bem! Isso é o que nós queremos.

Catharina—Inda bem!

Anna—Inda bem, sim senhora; e não lhe posso dizer mais nada agora; logo verá, descance. Ai menina! que comedia, que comedia! Se soubesse o que por lá vae! ..

Catharina—Já sei demais; fingi que me doía a cabeça e levantei-me da mesa para não vêr aquillo. Faz-me dó ver meu pae com aquellas tolices... meu pae, um homem serio e sizudo a cantarollar, a beber... elle que nunca bebe um calix de vinho...

Anna—Deixe-o beber... quanto mais elle beber, melhor... Eu cá me entendo. Espere, não ouviu bater mansinho? Hade ser o Lazaro... *(Chega d'porta.)* E's tu, Lazaro?

Lazaro, *(de fóra)*—Sou eu: cá vou para a cosinha e tudo fica prompto n'um quarto de hora. *(Canta)*

Só opio é que não;

Que todo o que havia tomou-o o patrão.

Anna—Cállate, maldito. *(Falando para a scena.)* E' um demonio o Lazaro; sem elle não se arranjava tudo tam bem.

Côro, *(dentro)*

Já o tempo desejado

É chegado,

Segundo o firmal assenta.

Anna—Parece o côro das Trinas do Mocambo. Para que lhes havia de dar aos patetas dos ginjas! Para se pôrem a cantar d'aquella edade, com as vozes a tremer. Mas oh menina, elles cuidamde certo que o Thomé que é el-rei D. Sebastião?

Catharina—Não sei bem o que elles cuidam; uma vez me parece uma coisa, outra vez outra. Mas o que eu sei bem é que meu pae que está firmemente persuadido que o Thomé é uma grande personagem encuberta, e que por força me quer casar com elle.

Anna—Ai que riso! Ah, ah, ahi! *(rindo.)*

Catharina—Ri-te, ri-te, cá estou eu para chorar. E' que tu não sabes o que é meu pae, em se lhe mettendo uma coisa d'estas na cabeça.

Anna—Não, não sei: se eu o não soubessa, e se assim não fosse, bem estavam nós! Ora o Thomé, o mono!

Catharina—Deante d'elle m'o disse, e deante dos seus amigos todos, que approvaram; e tiveram a confiança—o animal de fr. Bernardo é que mais zanga me faz—tiveram o descôco de me dar os parabens!

Anna—E o Thomé—diga, menina: o parvo do remendão o que dizia?

Catharina—Eu sei cá o que elle dizia? Pôz-se-me a fazer olhos e visagens, que eu côrava de raiva e de vergonha. Até me parece—espera—até me parece que me chegou a dizer finezas... Meu pae sempre me faz passar por coisas!

Anna *(iparte)*—Fu m'o pagarás, tratante! *(alto)* Ah! elle dizia-lhe finezas!

Catharina—Creio que sim. E de uma vez—agora me lembra—parece-me que me disse assim baixo: «Fale com a Anna, a Anna da Trouxa... A trouxa que nos valha!»

Anna—Isso então é outra coisa; deixe a menina estar; tudo hade acabar em bem.

Catharina—Hade sim! Pois não? Meu primo Sebastião, que já meu pae o não podia vêr, foi-lhe hoje dar pancadas no Thomé...

Anna—E não foram mal dadas: tudo isso nos ajuda. Olhe, menina, elles veem ahi com a sua mascarada de procissão áquelle retrato. Deixe-os vir, e faça-se tola como elles.

Catharina—Já eu estou n'este traje que vês, estou quasi mascarada.

Anna—Pois isso; ponha de conta que é entrudo, que entra n'uma comedia, e faça o seu papel.

Catharina—Mas qual é o meu papel, e se o poderei eu fazer?

Anna—Enthusiasme-se, seja-me Sebastianista exaltada. A quantas loucuras elles disserem, applauda.

A tudo o que lhe perguntarem, diga que sim.

Catharina—Que sim! Pois quando me perguntarem se eu quero casar com?...

Anna—Diga que sim.

Catharina—E depois?

Anna—Depois... veremos quando lá chegarmos.

Catharina—N'essa não caio eu. Casar mel

Anna—Deixe-se casar.

Catharina—Co n'elle?

Anna—Com o proprio D. Sebastião que lhe appareça. Deixe-se casar, o tudo é casar... o caso é casar. Depois...

Catharina—Depois?

Anna—Depois... Já lhe disse: veremos. Em uma palavra, fia-se em mim ou não se fia?

Catharina—Fio-me, minha Anna, fio, que só tu me podes valer.

Anna—Ora pois então, faça o que eu lhe digo, e deixe o mais por minha conta. Olhe, menina, elles a representar a sua comedia que cuidam que é de véras...—E o que é esta vida toda senão uma comedia?... valha-me Deus!—deixe-os representar a sua comedia. Mal sabem elles que eu é que sou o ponto, ou o contraregra, ou como é que se diz?

Catharina—Dizes bem, contraregra: é o que está detraz dos bastidores e que manda sahir e entrar os outros.

Anna—Sem ninguem o ver de fóra?

Catharina—Sem ninguem o ver de fóra.

Anna—Pois é como é. Eu é que sou o contraregra n'esta comedia: eu é que os faço sahir, eu é que os faço entrar. Verá como lh'a eu acabo, a comedia. Prometti-lh'o á menina e a seu primo: hoje se hade desfazer esta troixa

Catharina—Elles ahi vêem.

Anna—Que venham em boa hora. Eu vou lá dentro e aqui estou já.

## SCENA VI

CATHARINA, PANTALEÃO, de capa e volta com uma especie de guião branco como o da camara, THOMÉ ridiculamente vestido no traje de D. Sebastião, PROCOPIO e varios outros gajas de capa e volta, FR. BERNARDO de samarra, varias se-horas moças vestidas de gaila, LAZARO e os PRACTICANTES com tochas, etc., tudo perfeitamente caricato; e vem em fórma de procissão. Inclina-se deante ao retrato de D. Sebastião e formam alas, Pantaleão e Thomé ficam no meio. O côro vem cantando.

Côro de damas

Já o tempo desejado

É chegado.

E el rei D. Sebastião,

Que ao leão corta a garra,

Já levanta o seu pendão.

Côro todo

Viva el-rei D. Sebastião

E o seu propheta Bandarra!

Pantaleão (com solemnidade ridicula)—Eil-o aqui, meus amigos; achei-o eu, e não me custou pouco.

Estava-me reservada esta glória; e creio que posso dizer sem vangloria que esta glória que a merecia a minha lealdade, a minha fé, a minha constancia. Todos—Muito bem, muito bem! oiçam, oiçam.

Pantaleão—Não me agradam essas palavrav peralvilhas, meus amigos. Aceito a expressão do vosso enthusiasmo, da vossa approvação, mas rejeito... Rejeito tambem é... não quero: desaprovo a fórma. Não estamos aqui n'isso que elles chamam as côrtes!... Mas estamos, quasi se pôde dizer, na côrte do maior e melhor dos reys...

Todos—Apoiado!

Pantaleão—Não apoiem, não apoiem, que não digo mais palavra.

Todos—Fale, fale!

Pantaleão—Peior, peior, peior! Tal e qual como elles. Emfim, senhores, oiçam e callem-se que assim era d'antes, e assim hade tornar a ser se Deus ouizer—e quer—Falar, falo eu; e os outros é para ouvir.—Sim meus amigos. Já o tempo é chegado. Já não são os fatidicos buchos de pescada em que nós, como os antigos augures, iam os estudar os segredos do futuro. Já não é o cacarejar prophético da gallinha que nós espreitavamos com anciedade para ver se sahia ovo com lettra, e se a lettra dizia: «Viva o encuberto!» Já não são os amarellos calhamassos do pretinho do Japão, da madre Leocadia, as proprias trovas emfim do grande Bandarra! (*Inclina-se a Thomé*) do grande, immortal e immorredouro Gonçalo Annes Bandarra! (*Inclina-se mais profundamente.*) Não, não é já essa escriptura mysteriosa e symbolica a que precisamos decifrar para saber a quantas andamos, e quando será o dia, o dia feliz em que, por entre a nevoa e a cerração, hade resurgir outra vez o sol de Portugal, a sua glória antiga, o seu rei verdadeiro, o imperador da quinta monarchia! Não, meus amigos, já nada d'isso precisamos. Os incredulos vão ser confundidos, e os fiéis premiados. Acabaram-se as duvidas e as incertezas, hoje vamos saber tudo. *Ecce homo*, eis aqui o homei!

Côro

Baile Fernando e Constança!

E pois que tudo já vemos,

Pelo bem que lhe queremos,

Seja elle o mestre da dança!

Pantaleão—O mestre da dança hade ser... e que dança!—Este é o mestre, sim, meus amigos, o mestre! o homem dos seculos, o homem que não morreu nem podia morrer. Sim, porque o nosso rei, o nosso libertador está vivo. Não o acreditaes? Fale; agora que é preciso, podeis falar. Acreditaes firmemente que está vivo?

Todos—Firmemente.

Pantaleão—Bem! Pois eu digo, e pela mesma razão, que tambem o seu propheta não podia morrer.—O propheta Elias foi arrebatado n'um carro de fogo, e não deixou n'este mundo senão o seu manteo. O propheta Bandarra não sei o que deixou nem em que foi arrebatado, mas n'alguma coisa havia de ser... O caso é que o foi. Não o acreditaes?

Todos—Por certo! assim seria.

Pantaleão—E assim foi, nem podia deixar de ser. Por onde elle tem andado estes tres seculos, não sei, mas hade ser por bons e honestos sitios, que não é homem para menos. Não sei por onde andou até agora; elle o dirá se quizer, o grande homei; mas sei que voltou; que está entre nós, que está perto de nós, que está aqui... aqui n'esta casa, inda mais—que jantou hoje connosco!

Procopio—E' possivel!

Todos—E' possivel!

Pantaleão—Que restituído a uma vigorosa e gentil mocidade, hoje me vae fazer a honra de celebrar esponsaes com minha filha Catharina. Filha ditosa,

filha de bençã, vem minha filha predilecta, e sejas tu a primeira a saudar o grande propheta, o precursor immortal da nossa felicidade, o excelso Gonçalo Annes Bandarra que aqui vos apresento senhores. (*Vae buscar a filha e a traz para o pé de Thomé.*)

Thomé—Com que... eu sou?...

## SCENA VII

DITOS e ANNA *que entra pelo fundo e se aproxima de Thomé*

Anna (*iparte*)—E's, és o Bandarra; e adeante!

Thomé (*aparte a Anna*)—Adeante? Sempre até o casório?

Anna (*iparte a Thomé*)—A tudo.

Thomé (*do mesmo modo*)—Bem! agora o verás: espera (*Alto*) Sim, vassallos fieis e illustres cidadãos... (*Aparte*) Oh diacho! cidadãos não é d'aqui, é lá das eleições. (*Alto*) Vassallos, fieis, fieis... independentes... (*Aparte*) Independentes também é dos eleitores, com a brêca! (*Alto*) Sim eu sou... (*iparte*) Porque não heide eu sel-o! (*Alto*) Sou o Bandarra! O proprio Bandarra em pessoa, que era sapateiro como eu, remendão como eu... e cuja tripeça não tinha senão tres pés como a minha. Podéra! Se elle era eu, e se eu sou elle! Muito tempo o neguei, nem eu sei porquê... Ah! sei. E ainda digo mais—cidadãos... quero dizer, fieis vassallos, ainda digo mais para ser franco e sincero—comvosco, que este é o logar da franqueza, o templo da sinceridade...

Pantaleão—O templo da sinceridade... Sublime, sublime!

Anna (*baixo a Catharina*)—Vem ahi asneira muito grossa, menina.

Catharina (*baixo a Anna*)—Se elles desconfiam!... Anna (*do mesmo modo*)—Não tem perigo: estes sim!

Thomé—Este, digo, é o logar da franqueza, senhor presidente... quero dizer, senhor Pantaleão, Pantaleão de Sá, que presidis a esta illustre assembleia...

Pantaleão—Eu, meu senhor, eu!

Thomé—Presidis que mando eu.

Pantaleão—Ah! Se mandaes é outro caso: presidi-rei e falarei...

Thomé—Fareis favor, primeiro que tudo, de me mandar buscar um copo d'aquelle vinhote cerceal da madeira, que ainda ficou lá na mesa uma garrafa quasi cheia. E' um vinho secco e são, proprio para estas seccuras de garganta, que se me pregaram desde que estive n'aquella maldita ilha encoberta.

Pantaleão—Maldita!

Thomé—Quero dizer, abençoada! E abençoado seja tudo o que d'ella vem e está para vir, que a mim nunca de lá me veio senão bem e fortunas... Mandé buscar o vinho, senhor Pantaleão, que se me secca de todo a garganta, e a prosa tambem. (*Pantaleão sae e volta logo com uma salva com a garrafa e copo, dizendo primeiro.*)

Pantaleão—Vou, vou já meu senhor (*iparte*) Forte homem é o propheta, e muito bebe!

Thomé—Bem! vá... aliás, ide, e tornando ao meu caso, ou ao meu ponto, que eu não faço obra senão pontuada ou respontada e tambem de vira; e lá diz a trova, a minha trova lá digo eu:

Metto a sovella nas viras.

Tornando ao meu ponto, digo que neguei por muito tempo quem eu era, e neguei-o com boa razão... é que eu mesmo o não sabia.

Procopio—Não sabia!

Thomé—Não o sabia, não. E foi preciso... (*Toma o copo da mão de Pantaleão e bebe*)—Ah Pilho,

Pilho, d'este nunca tu viste, nem o Zoina! Foi preciso que o meu amigo Pantaleão, este grande homem. (*Pantaleão faz reverencias profundissimas*) este vassallo fiel, qual outro Epaminondas...

Pantaleão—Eu Epaminondas, senhor! oh!...

Thomé—E's Epaminondas, Pantaleão, és; sou eu que o digo, e fica dito: és mais que Epaminondas, és um verdadeiro (*Aparte*) pedaço d'asno é pouco! (*Alto*) és um verdadeiro Rhadamanto.

Pantaleão—Rhadamanto! o grande juiz da antiguidade!

Thomé—Juiz (*Aparte*) Ah! elle era juiz, o tal Rhadamanto! deixá-o ser. (*Alto*) Juiz! E que maior, que melhor juiz do que tu, que logo ajuizaste que eu era o grande Bandarra, e que te não deixaste embaçar por quatro tombas que me viste deitar, por quatro asneiras que me ouviste dizer, e logo dissiste: Aquelle é o Bandarra?

Pantaleão—De alguma coisa me havia de servir o meu profundo estudo que ha sessenta annos, tenho feito das vossas obras immortaes! oh sancto propheta.

Thomé—Propheta sou, dizes bem: e a ti te prophetiso, ó Pantaleão, e á tua filha Pantasilea...

Pantaleão—Minha filha elevada á cathedra de Pantasilea! Isto é honra de mais; eu não merecia... Agradece, filha.

Thomé—A ti e a ella prophetiso eu que na hora em que chegar el rei meu amo, haveis de ficar ambos... patetas.

Pantaleão—Se eu já o estou, só de vos vêr a vós, ó grande homem, que fará?...

Anna—Oh senhor Bandarra, senhor Bandarra, e a mim que me prophetisa v. ex.ª?

Pantaleão—Tu dêste-lhe excellencia, Anna?

Anna—Então que lhe havia de dar. Senhoria hoje em dia tem os gatos.

Thomé—Dá o que quizeres, mulher, que nós tomamos o que nos dá gosto. E principalmente dá-me vinho (*Anna dá-lhe vinho que elle bebe*) Ah Pilho, Pilho, (*baixo*) que d'este... vou bem, mulher?

Anna (*baixo*)—Vaes; mas avia-te, que já vae sendo massada. E são horas: tudo está prompto.

Thomé—Pois sou, meus senhores, sou eu o Bandarra. E as minhas trovas, as minhas prophcias, sou eu que as venho cumprir e fazer cumprir. Attenção!

Pantaleão—Attenção!

Todos—Attenção!

Thomé—

Oh quem tivéra poder

Para dizer

Os sonhos que um homem sonha!

Mas hei medo que me ponha

Gran'vergonha

De m'os não quererem crer.

Isto quer dizer que se não espantem de nada do que virem e ouvirem.

Pantaleão—E' claro, clarissimo. E eu que nunca tinha entendido aquella!

Thomé—Callae-vos Pantaleão.

Pantaleão—Estou mudo.

Thomé—

Este será o primeiro

Que porá o seu pendão

Na cabeça do dragão:

Derrubá-o-ha por inteiro.

Isto quer dizer que el-rei D. Sebastião que não tarda, que ahi vem. Mas quando vem, a que hora vem...

Lazaro—De madrugada muito cedo. Até ahi sei eu. Pantaleão—Calla-te ignorante.

Thomé—Calla-te infimo bazilião. Esse era o credo velho, pateota, quando vocês iam para o alto de

Santa Catharina esperar por mim e por meu amo, em havendo cerração na barra; quando tu, honesto Pantaleão, enganado por traidora pescada, foste alli á Pampulha, onde te correram os gaiatos á pedrada... Mas não falemos mais n'isso: o que lá vae, lá vae. Vejam que horas são.

Procopio—São onze horas e meia.

Thomé—Onze e meia! Bem. Chega a hora. A' meia noite em ponto, hoje, aqui, n'esta casa o vereis.

Todos—Quem?

Thomé—O original d'este retrato, el-rei meu augusto amo, o sr. rei D. Sebastião.

Pantaleão—N'esta casa!

Todos—N'esta casa!

Thomé—N'esta mesma casa, d'aqui a meia hora.

Pantaleão—Que gloria, que fortuna! Eu endoudeço. É possível? Oh senhor... Mas como heide eu? ..

Valha-me Deus! Como hade isto ser? Não ha aqui ninguém que saiba, que possa...

Thomé—Homem de pouca fé, observa e attende. Sr. Procopio vocemecê é ou foi escrivião, e hoje?

Procopio—Tabellião de notas, é o meu officio.

Thomé—Bem: está nomeado notario regio, e escrevendo da puridade. É uma especie de secretario d'estado: não se admira: hade chegar a todos. Sentese e escreva. (*Procopio faz o que lhe dizem, Thomé prosegue dictando*) Usando e abusando...

Procopio—Zando.

Thomé—Dos poderes que me são concedidos...

Procopio—Didos.

Thomé—Em nome do Encoberto...

Procopio—Berto.

Thomé—Nomeio mordomo mór a Pantaleão de Sá...

Procopio—Taleão de Sá.

Thomé—Que o tenha assim entendido!

Procopio—Dido.

Pantaleão—Senhor!

Thomé—Aceita ou não aceita?

Pantaleão—As minhas molestias, senhor... mas o serviço d'elrei e o desejo...

Thomé—Bem: é a cantelão do costume. Dê-a por dita e vamos adeante. Tome o seu logar. Vá lavrando os outros decretos. Para estribeiro mór Braz Fagundes. É o senhor?

Pantaleão—O meu compadre que tem segos d'aluguel.

Thomé—E vocemecê que tem? Implastos e vomitórios. É o que elles são! Em subindo já os outros lhe parecem... Pois hade ser alguma coisa mór o Fagundes, seja o que fór, logo veremos. O padre fr. Bernardo, esmoler-mór, nenhum lh'o tira. Falta-lhe o habito; mas o habito não faz o monge, como todos sabem e vossa Reverendissima ficava fr. Bernardo inda que lhe pozessem uma albarda. Damas, todas estas senhoras; camaristas, tudo isso. A minha Anna açafata, e que deixe a troixa. Tenho concluido o despacho, e el-rei que venha quando quizer. Estaes satisfeito, Pantaleão?

Pantaleão—Tanta bondade, senhor! Mas permittam-me sómente que lhe observe. Alguns d'esses empregos... ha pessoas com direitos adquiridos a elles...

Thomé—Não quero saber de direitos nem de tortos. Estou a organizar o paiz.

Pantaleão—Ah! se isso é organizar o paiz!

Thomé—Pois organizar o paiz o que é, pateta, senão repartir a gente por si e pelos seus amigos?... Está bom; não me façam falar. Lembrem-se que eu que sou propheta, é não me puxem pela lingua.

Pantaleão—E o consorcio, senhor? Minha filha a quem estava promettida a honra...

Thomé—Não me esqueço; não cuido: mas ahí é que bate o ponto, ahí é o... Sr.ª D. Catharina?...

Catharina—Thomé!

Pantaleão—Qual Thomé, rapariga? Estás louca.

Gonçalo, sr. Gonçalo...

Côro

Hade-se chamar Gonçalo

Já que n'esta casa entrou.

Thomé (*á parte*)—Entrar, entrei eu Gonçalo, agora como heide sair?... Adeus! animo, e adeante, D. Catharina?

Catharina—Que determina, sr. Gonçalo?

Thomé—Gonçalo?... E porque me não chamas Gonçalinho, o teu Gonçalinho, objecto dos meus cuidados, pespontada biqueira do meu coração, obra da medida da minha alma?

Catharina—Ai que coizas que diz! E tudo cheira a serol.

Pantaleão—Catharina!

Thomé—Mas que seroll! O serol da propheta, como diz seu pae, menina! Serol que unge e consagra, e que me dá a gloria de unir esta mão besuntada (*Dá-lhe a mão*) á delicada mão da minha... (*Baixo a Catharina*) Calle-se e aguento que é preciso. Anna não lhe disse?

Catharina (*baixo a Thomé*)—Disse, disse: mas vae sendo tam comprido isto!

Thomé (*baixo a Catharina*)—Agora, agora: não se impaciente. (*Alto*) Deixa-me, ó Catharina, apertar na minha a tua mão, e...

Catharina—Tire para lá, não quero.

Pantaleão—Catharina, rapariga, que fazes? Apertae, apertae, ó illustre Gonçalo: vossa é a mão de Catharina. Dá a mão, mulher, dá...

Thomé—Esta mão que beijo (*Aperta e beija a mão de Catharina*). (*Dão tres pancadas sollemnemente detraz do retrato de D. Sebastião.*)

Todos—Jesus!

Pantaleão—Foi o retrato d'el-rei.

Todos—Misericordia!

Thomé—O retrato! Se tosse o retrato... (*Á parte*) É' o outro que se zanga; tenha paciencia. (*Alto*)

Esta mão, ó Pantaleão, não pôde ser minha.

Pantaleão—Que oiço!

Thomé—Isto mesmo. E ouvistes aquellas solemnes e tremendas pancadas? Não foi retrato... foi... não posso encobri-lo mais... foi o original.

Pantaleão—O original!

Thomé—Sim, callae-vos e attendei. Sim, o original. Aquellas tremendas pancadas querem dizer...

Pantaleão—Querem dizer?

Thomé—Querem dizer que el-rei não está contente commigo, e que incorrerei no seu real desagrado se já, já não executo as ordens que recebi ao partir da ilha encoberta. Dizem-me, Pantaleão, ou antes que direis vós se o genro que vos está destinado, em vez de ser o propheta, fosse... em vez de ser a sombra fosse?...

Pantaleão—Que dizes, homem? Eu tremo, eu quasi que... Eu caio n'esse chão por morto.

Thomé—Pantaleão, atenção! Atenção, todos. Procopios e Procopias, Annas da troixa e Annas sem troixa.

E todos quantos aqui estaes

E que patetas ficaes

De ver e ouvir os signaes

D'estes casos immortaes

Pasmae, pasmae,

E por terra vos prostrae.

Os ginjas ajoelham todos

E tu, ó Catharina

(*Á parte*) Vamos! dê-me a mão, menina.

Tu só, pelo teu pé, que teu nome é,

Tu vem, chega-te e vê.

Real senhor, apparecei. (*Desaparece o retrato e apparece um homem tal e qual como elle, mas com a viçeira descida*) Eil-o ahi, o encuberto já descuberto.—Real senhor, esta é a esposa que desde tantos seculos vos estava destinada nas minhas prophcias. Eu as fiz e eu ascumpro. Se todos os prophcias fizessem outro tanto, não haveria quem duvidasse d'elles.—Acceitae-a da minha mão, esta esposa, senhor, por quem tendes desprezado filhas de reis e de imperadores, sobrinhas de papas, netas de sultões e a propria viuva do Preste João das Indias.—Que me dizes a isto Pantaleão? (*A parte a Anna*) Pêga a coisa, mulher?

Anna (*baixo a Thomé*)—Vae optimo. Pêga, pêga. Anda para deante.

Thomé—Pantaleão, eis aqui o premio de teus longos serviços. (*Põe a mão de Catharina na do homem armado e diz baixo para elles*) Animo! a coisa está feita. Agora não larguem (*Alto*) Procopio, lavrae as escripturas, eu assigno de cruz.

Pantaleão—Será possivel! São os meus olhos que vêem, os meus ouvidos que ouvem?—Real senhor, será certo que vossa magestade?...

Thomé—Silencio Pantaleão. Ninguem, senão eu, pôde dirigir a palavra ao Encuberto: é contra a etiqueta.

Pantaleão—Ah! se é contra a etiqueta...

Thomé—Fr. Bernardo, sr. esmoler mór, vamos ás bênçãos ao oratorio. Pantaleão, ide buscar o dote.

Pantaleão—Pois el-rei quer?...

Thomé—Nada, não quer! Tão rico vem elle com trezentos annos, ou quantos é que é, de estar metido na tal ilhazinha!

Pantaleão—Trinta mil cruzados, é o mais que eu posso...

Thomé—Venha para as urgencias do estado.

Pantaleão—Real senhor!

Thomé—Não lhe fale, já lhe disse, nem elle o ouve nem lhe responde enquanto não fôr manhã bem clara... quero dizer, bem cerrada... ao meio dia em ponto.

Pantaleão—Pois não me disse inda agora que á meia noite é que era?

Thomé—Pantaleão, não me seja incredulo, meia noite para chegar, meio dia para falar. Verá como elle fala amanhã.

Pantaleão—Bem, bem! Já me callo eu.

Thomé—E vá buscar o dote.

Pantaleão—Vou.

Thomé—Tome cada um o seu logar e saia a côrte.

Sem cerimonia, meus senhores. Está dispensada a etiqueta. Toquem as charamellas. Isto vae em ar de procissão, visto que vamos para a capella. Tudo adeante, eu e el-rei e a esposa no coice. Vamos! (*Vão sahndo todos pouco a pouco*).

Thomé (*cania*)—

Já o tempo desejado  
E' chegado;  
E el-rei D. Sebastião,  
Que ao leão corta a garra,  
Já levanta o seu pendão.

Côro

Viva el-rei D. Sebastião  
E o seu propheta Bandarra!

Thomé (*baixo a Catharina*)—Conhece-o?

Catharina (*do mesmo modo*)—Conheço.

Thomé (*do mesmo modo*)—E' Sebastião ou não é?

Catharina (*do mesmo modo*)—Oh se é. E'sta prophcia sahiu bem certa.

Thomé—Ora casem, vão-se deitar, e amanhã explicarão as prophcias ao velho. (*Para o publico cantando*)

E vós todos que me ouvis  
E assistis  
A esta grande funcção,  
Fazei todos algazarra  
E applaudí a aclamação.

Côro

D'el-rei D. Sebastião  
E o seu propheta Bandarra.



# O NOIVADO NO DÁFUNDO

*O Noivado no Dáfundo*, ou *Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso*, foi publicado pela primeira vez em 1857 pela empreza *Theatro moderno*; fôra o sr. Francisco Palha de Faria Lacerda que, competentemente auctorizado, lhe offerecêra o manuscrito.

A sua carta que acompanhára o offerecimento, sendo a historia do *Proverbio*, pedimos-lhe licença para aqui a transcrevermos.<sup>1</sup>

O ED. C. G.

<sup>1</sup> «O *Proverbio* que, com auctorização competente lhe envio para ser publicado, é o auxilio mais valioso que posso prestar á empreza do *Theatro moderno*.

«Se ella não vingar á sombra do nome illustre do Visconde de Almeida Garrett, não seriam de certo os meus fracos serviços, e muito menos os meus obscuros e humildes escriptos, que haviam de ir animal-a.

«A estas poucas scenas, esboçadas em tres ou quatro horas para serem ensaiadas e representadas n'uma sala, e em familia, não dava importancia alguma o seu auctor; porém os assignantes da sua collecção, meu amigo, é que lh'a hão de dar, porque—ainda que o Visconde de Almeida Garrett conversava ao mesmo tempo que estava delineando e escrevendo essas paginas—nem por isso lhes falta a graça e elegancia d'aquella penna immortal.

«Para mim, sei eu que este *Proverbio* tem immenso valor;—é a recordação de um tempo alegre—passado em companhia de pessoas que eram muito queridas á minha alma, e algumas das quaes já não existem;—é a memoria viva da amizade com que me honrou o grande poeta, a quem paguei, e heide pagar sempre, com muito respeito, e muito enthusiasmo pelo seu peregrino talento.

«E para me ficar completo este monumento de saudade, publique-se tambem a carta que veio acompanhando o *Noivado no Dáfundo*. O original de tão preciosa reliquia

conserval-o-hei toda a minha vida com o entranhavel amor que merece um thesouro de tão grande preço.»

F. PALHA.

## EPISTOLA ROMANTICA

Caxias, 9 de setembro de 1847.

Oh tu que as praias do Dáfundo habitas  
E abertos olhos na ventura fitas—  
Como a aguia fita o sol—eu te saúdo  
De um saudar invejoso e quasi rudo.  
Porque... porque... O que é saudar? É um brado,  
Uma voz ôca e van, um som coado  
Por labios de homem... E o homem? Um segredo,  
Um mysterio de duvida e medo,  
Uma coisa que fez a natureza  
Como a luz faz a sombra—sem despeza  
De calor—e até...

Joven das praias,  
Não me digas que divago e me dês vaias,  
Que isto é puro romantico, elevado,  
Sublime, philosophico, exaltado,  
E sobretudo novo... Maldição!  
Maldição sobre quem disser que não!

Ora, pois, n'este dia que entre os dias  
Da vida do universo está marcado  
Para o mais triste dia de Caxias,

Eu te envio os meus Anjos<sup>1</sup> que guardado  
Atégora me têm na soledade,  
E por quem este erno era abençoado.

Ambos de negra côr da saudade  
Trajados vão—que as roupas alvejantes  
Ficaram a engommar na Eternidade.

Demais a mais, as maguas penetrantes  
De um tio velho que morreu ha dias,  
Lhes impedem as vestes roçagantes,  
Tambem não levam azas, que em Caxias  
São poucas para mim todas as penas:  
«É calemburg»—mas sério: não te rias.

.... N'este ponto sublime e quando iam sair as  
mais lindas coisas d'esta epistola—sae a carroagem  
e os anjos. Assim, adeus. Remetto o nosso *Proverbio*.

A. GARRETT.

1 D. Helena Fêo Aranha e sua irmã.

# O NOIVADO NO DÁFUNDO

OU

## CADA TERRA COM SEU USO, CADA ROCA COM SEU FUSO

### PROVERBIO N'UM ACTO

MDCCCLVII

Pessoas: Adelia, noiva de — Augusto. — Anna Maxima, mãe da noiva.  
— Pantaleão, esposo de Anna. — Antunes, caixeiro de Pantaleão. — Ezequiel, taverneiro. — Genoveva, criada  
Côro de convidados e parentes da noiva.—A scena é no Dáfundo

#### SCENA I

ESEQUIEL, GENOVEVA, côro *dentro*

Uma voz (*ao longe*)  
Dáfundo!

Côro  
Dáfundo!

Esequiel—São elles, são elles. Avia-te, Genoveva.

Côro (*dentro*)  
Ventura como esta não ha n'este mundo!  
Dáfundo!

Genoveva—Ai, senhor, a bulha que elles fazem ainda no mar! Que fará em cá entrando!—Deus nos accuda.

Esequiel—Anda, rapariga, minha Genoveva, que hoje é dia grande, pequena. (*Pondo-lhe a mão pela cara.*)

Genoveva—Tire-se para lá,—deixe-me, se quer que me avie.

Esequiel—Genoveva, rapariga, não percas a tua fortuna, não me trates com rigor;—olha que eu hoje que me sinto capaz d'uma asneira.—Genoveva, tu sabes quem en sou?

Genoveva (*A'parte*)—E's um mono d'um velho, que eu heide fazer rabiar. (*Alto*)—Está bom, senhor, está bom:—não me desinquiète, que eu sou uma pobre rapariga, orphan de pae e mãe que quero ganhar a minha vida honradamente. O senhor é um homem que tem de seu e não lhe falta nada.

Esequiel—Falta, sim, Genoveva: dêsque morreu que Deus tem; falta. (*Derretido*)—Pois tu não vês o que me falta?

Genoveva (*A'parte*)—Vejo, vejo;—é o juizo, pateta. (*Alto*) Olhe, senhor, mudemos de conversa, e diga-me: que gente é esta que aqui vem hoje passar o dia, e que tomou a casa toda,—que encomendou um jantar tamanho?

Esequiel—São uns fanqueiros ricos de Lisboa, gente muito capaz e que paga bem.

Genoveva—E o que vêm elles cá fazer... que diz que é?...

Esequiel—Um noivado, rapariga.—Sabes o que é, minha Genoveva? Olha;—se tu quizesse, tambem nós um dia cêdo...

Genoveva—Ai deixe, senhor: isso não é para mim, que sou pobre.—E diga-me: pois então vêm fazer aqui um noivado n'uma taverna?

Esequiel—Taverna, Genoveva!—Bem digo eu que tu não sabes o que dizes nem o que fazes.—Pois a

Casa de Pasto do Dáfundo é uma tavernal? Uma casa conhecida em toda a parte pelas suas caldeiradas, e os seus patos com arroz!

Genoveva—Mas emfim, seja o que for, é uma casa pública: e então esta gente não tem casa sua para casarem como os outros fazem?

Esequiel—Nada não têm! Um famoso quarto andar com varanda e janellas rasgadas.—Mas é uma moda de França que veio agora, esta de ir fazer os casamentos para as casas de pasto.

Genoveva—Então em França ninguém se casa em casa?

Esequiel—Nada.—Nem na igreja tampouco,—parece—Fm sahindo de casa do regedor, ou do juiz eleito, ou de quem quer que é, toca tudo para a casa de pasto, e é comer e beber e dançar, noivos, padrinhos, parentes e convidados, até ao outro dia —Alguns sempre diz que vão depois á igreja, mas só por cerimonia.

Genoveva—E então agora vae-se cá usar isso?...

Esequiel—Pelo que vejo: inda bem! Estes que aqui vêm hoje diz que dispensaram com o prior, ao menos por emquanto: que fazem cá o noivado e que só amanhã é que vão á freguezia para não dar muito que rallar.

Genoveva—Pois, senhor, eu dos taes casamentos á franceza—não entendo; não queria... Cada terra...

Esequiel—Com seu uso. Mas este é bom, e pôde servir para cá muito bem.

Côro (*dentro*)

Dáfundo!

Uma voz

Dáfundo!

Ventura como esta não ha n'este mundo!

Côro

Dáfundo!

#### SCENA II

DITOS, ANNA MAXIMA, ADELIA, AUGUSTO  
PANTALEÃO ANTUNES, convidados e parentes  
de ambos os sexos.

Antunes (*cantando*)

Ulisses que tinha andado  
Por este e pelo outro mundo,  
Quando quiz fundar Lisboa,  
Veiu ás praias do Dáfundo.

Côro

Veiu ás praias do Dáfundo.

## Antunes

E ao cimo da Cotovia  
Não foi grego facundo  
Sem parar aqui primeiro  
N'estas praias do Dáfundo!

## Côro

Oh! que praias do Dáfundo!

**Anna**—Muito bem, muito bem! Isto sim que é um casamento, isto é que são modas e usos agradáveis e civilizados.—Oh sr. Pantaleão, no seu tempo sempre eram muito brutos, muito selvagens os nossos portugueses!—Nem casar sabiam.

**Pantaleão**—Eu não sabia decerto o que fazia.—Lá isso é verdade.

**Anna**—Silêncio; não diga asneiras, Pantaleão! Lembra-se a figura que hoje faz, e não me envergonhe;—considere bem o que representa n'este dia solemne.

**Pantaleão**—Eu represento... Pois eu represento? **Anna**—De meu marido, sim senhor, e de...  
**Antunes** (*iparte*)—E de tolo.

**Anna**—E de pae da noiva, senhor!

**Pantaleão**—Ah! sim, é verdade.—Não me lembrava.

**Anna**—Meu genro?

**Augusto**—Senhora!

**Anna**—Deixe-me vêr o seu ramilhete.—Bom.—Endireite essa gravata, puxe esse colete para baixo.—Está bem,—está melhor assim.—Ora vamos, sr. Augusto, faça-se amável, seja galante!—Jesus! parece que nunca esteve em Paris.

**Augusto**—Pois estive.

**Anna**—E então fazia lá esta mesma figura? Credo! —E ia assim com essa cara triste e desconsolada ao Palais-Royal, ás Tulherias, á Bastilha?

**Augusto** (*Sorrindo*)—Não; á Bastilha nunca eu fui. Graças a Deus! E' coisa muito nova, não era ainda do meu tempo.

**Anna**—Não é do seu tempo? Não verão o velho. Mas olhe: a falar a verdade, velho parece pelo seu modo.—Sr. Antunes, tome conta no seu amigo, e veja se o alegre.—E oia: venha cá, sr. Antunes.

**Antunes**—«Je suis à vous, madame Pantaleão.»—Deixe-me arranjar a corôa da noiva. (*Para Adelia*) Então dona Adelia! Este véo cahido com mais graça.—Bem, assim! (*Em voz baixa*) Nada de lagrimas agora. Na egreja fica bem; é bom genero; em Paris é de rigor chorar no acto; mas aqui, agora é como se estivessemos no «Cadran bleu», ou «chez Grignon».—que é mais fino—«plus cousu»:—aqui é rir, brincar e dançar.

**Adelia** (*Baixo a Antunes*)—Não posso.—Quando me lembro que me casam com um homem, que mal conheço, que não gosta de mim,—que é um contracto todo de dinheio...

**Antunes**—Não me seja portuguezona.—Vamos!

**Anna**—Antunes!

**Antunes**—Senhora! aqui estou,—aqui estou.

**Anna**—Vamos a isto.—Então que fazemos? Senhor

**Antunes**, divertimo-n'os, ou não nos divertimos! Faça-nos rir,—ande,—diga-nos das suas, que tanta graça tem o mofno do rapaz.—Ora pois, em Paris como se faz quando a gente chega! (*Em voz baixa*) Ouviu—deixe-se estar ao pé de mim: não se faça tolo.—Modas de Paris, modas de Paris... mas em termos.—Percebe-me? Olhe que se o apinho n'alguma, atiro com as francezas ao diacho, e hade ver uma portugueza devéras.

**Antunes** (*A parte*)—Em boa estou eu mettido. A velha por uma banda, a filha pela outra... Quem me manda a mim?... Mas adeus! Animo, e subamos á altura da situação «En avant et vive Paris!» (*Alto*) Ora pois, meus senhores e senhoras, «Messieurs et dames.»—que em França, paiz classico da galanteria, começa-se pelos homens.—Mas isso não

faz nada. Minhas senhoras e meus senhores, vimos aqui hoje fazer este noivado ao Dáfundo, atraindo para traz das costas com os velhos usos rabujentos dos nossos Affonsinhos, e dispostos a divertir-nos e a brincar e dançar á moda de Paris.—Portanto, enquanto se não pôe o jantar na mesa, vamos á primeira contradança.—Eu na minha qualidade de «garçon de nocês», e pelo privilegio que me dá este ramilhete...

**Anna**—Antunes... sr. Antunes!

**Antunes**—Madame Pantaleão!

**Anna** (*Em voz baixa a Antunes*)—Sabe quem é o seu par para a primeira contradança?

**Antunes** (*A parte*)—Na primeira logo! (*Em voz baixa a Anna*) *Mox-ma*! Iss o é dar muito nos olhos.

—Prudencia, madame Pantaleão,—prudencia.

**Anna** (*Baixo a Antunes*)—Prudencia! Também é moda de Paris, essa? Ora não seja pateta; ouviu? —offereça-me já a mão e com graça—Vejam...

**Antunes** (*A parte*)—O diabo leve Paris, e quantas modas de lá vêm. O mono da velha já está mais parisienne que Santa Genoveva. (*Arranja-se a contradança*)—*Adelia dança com Augusto. Antunes vae collocar-se de frente com Anna Maxima.*

**Anna**—Vis-à-vis' de minha filha! Não quero —Para alli. (*Muda de logar—levando Antunes consigo.*)

**Antunes** (*A parte*)—Ah diacho! que a velha parece-me que tem faro.—Que faria se eu não tivesse sido tam tímido, tam pouco exigente!... (*Dança*)

**Anna** (*Acabando a contradança*)—Bem «la contredanse est finie»! Agora vamos passeiar á praia. E então a musica? Sahimos assim monos e semsabores?—Antunes!

**Antunes**—Madame!

**Anna**—Não se canta?

**Antunes**—Já, já: vamos a isso. (*Canta*)

Oh! que lindos amores que eu tenho!  
Oh! que noivos de tanta feição!

## Côro

Oh! que lindos amores que eu tenho!  
Oh! que noivos de tanta feição!

## Antunes

N'estas praias do Dáfundo  
Hoje veja todo o mundo  
Como as modas de Paris  
Entre nós tomam raiz.

## Anna

E os janotas deixál-os falál-os  
Que por fim, elles se callarão.

## Côro

Oh! que lindos amores que eu tenho!  
Oh! que noivos de tanta feição. (*Sahem.*)

## SCENA III

## PANTALEÃO, AUGUSTO

**Pantaleão**—Então, Augusto, não vae, fica ahi sorumbático?...  
**Augusto**—Doe-me a cabeça.

**Pantaleão**—Pois então conversemos um bocado, e deixál-os—Tambem a gente não casa para andar sempre atraz das mulheres.—E que me diz a estas modas de Paris? Eu, que nunca lá estive, acho lindo. **Anna** *Maxima*, que tambem nunca sahio de Lisboa... Inda assim! não lh'o diga, olhe que desespéra: fala no Palais-Royal e nas Tulherias e em tudo aquillo, como se lá andasse tres annos. Coitada! é o seu frac. Mas **Anna** *Maxima* é que fez tudo isto, bem vê. Eu queria casar minha filha como toda a gente casa; mas a mãe nada. E eu, por

lhe fazer a vontade... não é que ella me governe... isso não!—Mas emfim, visto ser moda... Lá ella e Antunes é que arranjaram tudo. Eu nem fui ouvido, nem sei nada do que elles fizeram... Mas parece-me isto bonito.

Augusto—Pois com effeito, sr. Pantaleão, deixa o seu caixeiro mandar em casa por esse modo?

Pantaleão—Eu que lhe hei de fazer, homem? Elle esteve em Paris, sabe todas essas modas, todos estes usos que eu não sei.—E d'ahi ellas tapam-me logo a bocca—que em França que é assim, que se faz assado, que eu que não sei viver, que os envergonho, que os nossos costumes e usos velhos que são para jarretas...

Augusto—Os nossos usos! Mas cada terra...

Pantaleão—Com seu uso.

Augusto—E cada roca...

Pantaleão—Com seu fuso. Mas eu creio que isso era quando as mulheres tinham roca.—Agora...

Augusto—São os homens: bem vejo.

Pantaleão—Olhe, Augusto: ouça uma coisa: e não diga nada, que minha mulher é capaz de me esganar se souber. Mas tome o meu conselho. Deixe-os andar, deixe-os fazer o noivado á franceza como elles quizerem, e depois .. faça ás avéssas do que eu fiz.

Augusto—Como assim?

Pantaleão—Eu explico. Quando me casei.... casei-me á portugueza devéras, o mais portuguezmente que é possível. No dia do meu casamento houve arroz doce, e vitella assada e peru recheiado: comeu-se muito, bebeu-se lhe melhor. E depois, qual danças nem meias danças! Jogou-se o vultrete a real, eu tirei uma remissa formidável! e foi-se tudo embora, e ficámos muito bem casados. Não é assim? Pois eu lhe digo.—D'ahi a tempos vieram umas visinhãs para o segundo anjar, que tinham estado em Paris não sei quanto tempo, fizeram amizade connosco; minha mulher começou a falar *franciu* e logo começou a andar tudo n'uma bolanda. Anna Maxima enthusiascou-se pelas modas francezas, e influuiu-se por tal modo que eu nunca mais me entendi em casa.—Emfim quando Antunes veio para a logea, que tambem tinha estado em Paris e é um moço com geito para tudo—lá isso é verdade—é que eu comeci a ter descanço, porque elle lá se entende com ellas—com as mulheres—e eu deixo-os.

Augusto—Entendo: não diga mais. Portanto o seu conselho é que me deixe eu casar á franceza, e que viva depois á portugueza.

Pantaleão—Isso, isso; ás avéssas do que eu fiz.

Augusto—Essa era minha tenção. Bem sabe que este casamento foi arranjado entre meu pae e vomecê e que eu... Emfim para não contrariar a senhora D. Anna Maximo tenho deixado ir as coisas... á vontade d'ella. E o meu plano era, se visse que sua filha... Mas parece-me...

Pantaleão—Parece-lhe o quê! Não lhe parece nada.—A minha Adelia é um anjo. Aquillo não tem mais fel... A mãe... oh! se fosse a mãe... Se fosse a mãe não digo... Mas ellas ahi veem; callada! (*Falando muito alto*) Pois como lhe eu ia dizendo, Augusto, minha mulher, madama Pantaleão, que é o modelo das senhoras casadas, e que sabe governar a sua casa como ninguém, uma senhora que dá o tom na galocha e n'essas philarmônicas todas—uma senhora emfim que até os officias da fragata franceza dizem que é mesmo uma parisiense...

## SCENA IV

DITOS, ANNA MAXIMA, ADELIA

Anna—Saia, senhor Pantaleão! «Sortez Panta» Que nome tam vulgar que este homem tem que nem

sequer se pôde pronunciar em francez!—Saia, que temos de falar nós tres. Vá-se não é aqui o seu logar. Vá á cosinha ver como vae o jantar.—Ande. Pantaleão (*baixo a Augusto*)—Cautella. (*Alto*) Eu vou.

## SCENA V

ANNA MAXIMA, ADELIA, AUGUSTO

Anna (*sentando-se*)—Anda cá filha:—senta-te aqui ao pé de mim e descança sobre este coração maternal. (*Adelia senta-se*) Assim não, não me chifones as minhas blondas, rapariga! Espera. Ah, o meu vestido de tariatana novo! E da Lavalhan que este é, que me levou um dinheiral por elle. E' muito cara a elegancia em Lisboa. E' impossivel que custe tanto dinheiro em Paris ser elegante.—Assim, agora assim, filha, encosta-te ao peito materno,—mas com geito—Olha, filha, até no sentimento é preciso ter elegancia. Bem,—assim... Faze grupo.—Contemple este quadro, senhor Augusto, contemple, e diga-me, se tem a menor particula de romantismo n'esse coração, diga-me: viu já espectaculo mais... mais... «moyen âge» do que este?

Augusto—Com effeito, minha senhora, eu...

Anna—Na exposição das Bellas-Artes havia uma mãe e uma filha que estavam assim. E' como quem vê no mesmo ramo o botão e a...

Augusto—E a rosa.

Anna—Ora graças a Deus que já da sua bôcca sahuiu uma palavra de geito.—Eu bem t'o dizia, filha; elle esteve em Paris, e mais dia menos dia se lhe ha de conhecer. Olhe, Augusto, eu tenho tomado a sua defeza contra todos.—Eu e Antunes somos os unicos...

Augusto—Ah! Antunes tambem?

Anna—Antunes, sim; que é seu amigo verdadeiro. Não é, Adelia?

Adelia—Não sei, mamã.—Creio que...

Augusto—A' moda de Paris?

Anna—Pois que queria o senhor que fosse? Um semsaborão, d'estes portuguezes velhos ralhetos e massistas, que não sabem viver, como os amigos do meu Pantaleão? os taes amigos que elle tinha quando eu casei... quando me casaram—pobre innocente victimia que eu fui! mas adeante... uns monos que não sabiam senão jogar o gamão, comer como uns ursos, e ir passeiar ao Terreiro do Paço! Não, senhor; a minha filha, a minha Adelia que aprenda na infelicidade de sua triste mãe, e que vá gosando a sua mocidade, já que eu a não gosei... isto é, a primeira mocidade, que eu graças a Deus ainda não sou...

Augusto—Velha!

Anna—Porquê, acha?...

Augusto—Não lhe disse ainda agora que era uma rosa?

Anna—E' verdade que disse; e foi o que lhe valeu, essa palavra; que a fallar a verdade eu vinha disposta a... Pois isto são termos sr. Augusto? N'um dia como este—o dia mais feliz da sua vida—«Je plus beau jour de ma vie»,—como se diz em França, quando nós vimos aqui a estas bellas praias do Dafundo celebrar como gente civilizada a sua ventura, o sr. Augusto massado e mono pôe-se a um canto, ainda não disse uma palavra á sua noiva, e deixa os outros?

Augusto—A' moda de Paris. Pois um marido...

Anna—Um marido é um marido, e um noivo é um noivo. Quando lá chegarmos fallaremos.—Agora faça-se amavel que é a sua obrigação.

Adelia—Ai, mamã! deixe-o. Eu já agora...

Anna—Já agora o quê, filha?

Adelia—Nasci para ser incomprehendida...

Anna—«La femme incomprise» é isso. Não me fallava mais nada. Oh! Adelia, Adelia, junta as tuas

lagrimas ás minhas, filha. Oh! Tu serás «Adelina» e eu serei «Consuelo». Duas mulheres de George Sand, como diz Antunes.—Oh! sr. Augusto, sr. Augusto, que se eu tal soubesse!

Adelia—Mãã? a mãã bem sabe que elle... nunca gostou de mim.—Isto foi...

Anna—Foi uma desgraça, filha; agora é que o eu vejo.—Triste de mim! Vês tu, filha? Começas a ser interessante desde o primeiro dia, quando ordinariamente antes de quatro ou seis mezes não é costume.—Eu fui ao segundo anno.—A civilização sempre tem andado muito.

Augusto (A Adelia)—E que mais quer, minha senhora? Sua mãe põe as coisas no seu verdadeiro ponto de vista. Nós começámos no primeiro dia o que os outros começam mais tarde.

Anna—Calle-se, monstro!

Adelia (Chorando)—Este homem ha-de-me matar, mãã.

Anna—Tens tua mãe, filha.

Augusto (A parte)—É' uma scena completa, e das mais regulares. (Alto) Parece-lhes, minhas senhoras, que fazemos aqui esta scena tambem será á moda de Paris?

Anna—Monstro, assassino!

Adelia—Minha maman!

Anna—Calla-te, filha; disfarçemos, e mostremos character (A parte)—Eu o ensinarei, deixa passar mais alguns dias.

Augusto (A parte)—Olhem o que me esperava!

## SCENA VI

ditos e ANTUNES

Antunes—Madame Pantaleão! Par ditoso, então que é isto? «Le dernier mot de la mère à son enfant chérie? Allons donc!» Ainda temos muito tempo para isso.—Vamos jantar que está na mesa.

En avant! marchons  
Contre leurs jambons...

«Par exemple» o «jambon» é delicioso, o pato com arroz—perfeito, a caldeirada de rigor, fabulosa. Não temos «suprêmes», nem «filets», nem «glacés», nem «sauté», mas adeus! «A la campagne comme à la campagne! Et vive la joie!» Madame Pantaleão, o braço ao noivo.—E eu, na minha qualidade de «garçon de noce», bella noiva, aqui estou para vos conduzir. (Sae Augusto e Anna *Marxima*)

Adelia—Augusto sabe tudo, ou desconfia pelo menos. Isto vae mal. Lembre-se do que me prometteu,—lo que me jurou.

Antunes—Animo, e deixar correr.—Tudo hade ir ás mil maravilhas.

Adelia—Mas se elle...

Antunes—Ande, ande, que ahi vem gente.

En avant! marchons  
Contre leurs...

(Vem sahindo os convidados—dois a dois. Os homens dão o braço ás senhoras.)

Antunes (que ia sahindo, torna atraz)—Oh lá, senhores! Vamos; «la barcarolla: Amis, la matinée est belle.» Como é que nós dizemos em portuguez? Lembrem-se dos ensaios. (Canta)

Vamos, amigos; vamos á mesa!

Vamos: e toca, toca a beber!

Cuidados, e a negra tristeza

Tudo em saude hade morrer!

E que tal é o «calembourgo J'en fais aussi, moi!» Saudes! Hein? morrer em sautes! (Canta)

Tudo em saude hade morrer.

E viva! E toca, toca a beber!

Beber! E a virar!

Que um só com juizo não hade ficar.

(Grande alga; arrua.—Saem todos.)

## SCENA VII

ESEQUIEL só, depois AUGUSTO

Esequiel—Disse-me que ficasse eu aqui: fiquemos.

—Que me quererá elle? Seja o que fór: paga, e paga bem, estamos á sua ordem.

Augusto (entrando)—Quanto se lhe resta? Diga de pressa.

Esequiel—Não sei nada; conforme o que beberem. Antunes—Faça de conta que bebe por tres cada um, e diga quanto é, senão...

Esequiel—Espere, espere, deixe-me vêr.—Deu-me quatro moedas de signal—uma nota. Era boa a nota, não era?

Augusto—Mal-dito homem! Se a não quer...

Esequiel—Não senhor, eu creio que é boa; mas sempre o perguntar não faz mal.—Pois, senhor, dando-me tres mil e duzentos.—bem entendido a rapariga que serviu e os moços... é á parte.

Augusto—Ahi tem tres moedas. Está satisfeito?

Esequiel—Oh! meu senhor v. s.ª perdõe, eu...

Augusto—Chame o bolheiro, chame o bolheiro de pressa,—o que eu para aqui mandei esta manha. Esequiel—Sim senhor. (A parte) Que diabo de noivo este! Isto é que é casar á franceza; agora entendo. (Alto) Bolheiro! Bolheiro! Elle ahi vem.

Augusto—Está prompta a sege?

Esequiel—A' porta já.

Augusto—Bem.—Tome lá esta carta, sr. Esequiel; em elles dando pela minha falta e atregue-lh'a; antes não.

Esequiel—Sim senhor; vá descansado. (Augusto sae.)

## SCENA VIII

ESEQUIEL e depois ANTUNES

Esequiel—Se'os eu entendo, os taes noivos e a tal festança...

Vozes (deentro)—Vivam os noivos! A'saude dos noivos.

Anna (dentro)—E o noivo que é d'elle? Antunes, vá ver onde está o noivo.

Vozes (dentro)—Venha o noivo! O noivo!

Antunes (Entrando em scena)—Augusto, Augusto! Senhor Augusto! Onde está este noivo? Oh senhor patrão viu por aqui o noivo?

Esequiel—O noivo? Pois aquelle é que era o noivo Antunes—Aquelle, qual?

Esequiel—Um que partiu agora a galope n'uma sege para Lisboa é que era o noivo!

Antunes—Partiu n'uma sege! como? Que diz, homem? Você está louco?

Esequiel—Não sou eu que o estou, não senhor.—Partiu agora mesmo, e por signal que me deixou esta carta para entregar aos senhores—não sei a qual.

Antunes—Deixe ver. (Lê) «lli.º sr. Ricardo Antunes.» (Falando) Sou eu mesmo. Vejam os. Que diacho quer isto dizer? Dar-se ha caso... (Lê) «Meu caro aigo. Devo-te a maior obrigação por teres arranjado que o meu casamento se fizesse á franceza. Como a cerimonia da igreja, coisa, segundo tu dizes, de muito pouca importancia, ficou para amanha, tive tempo de reflectir—e estou convencido que é melhor supprimil-a de todo, pelo que me toca.—É provavel que tu arranjes isso melhor e em todo o caso, hasde arranjá-lo sem o teu—

amigo do c.—Augusto. Bonito! o casamento desmarchado! Um rapaz tam rico, que fazia tanto a conta! (*Lendo*) «E provavel que tu arranjes isso melhor.» Descubriria elle? Adelia adivinhou.—Forte asneira foi o tal noivado á franceza. Começo a crêr que o ditado tem razão. Cada terra com...

### SCENA IX

ANNA MAXIMA, ANIUNES

Anna—Então que é isto? que é do noivo?

Antunes—Aqui o tem por traslado.—*Leia. (Dá-lhe a carta)*

Anna (*depois de ter lido*)—Que quer dizer? Antunes, Antunes, esta carta... aqui ha coisa. Ha. Ha.—Oh! meu Deus que já começo a abrir os olhos!

Antunes, você faz a corte a Adelia, Antunes.

Antunes—Eu!

Anna—Você, sim. Ingrato! D'ahi é que vinham os seus escrupulos, a sua fidelidade ao patrão Ah malvado que não sei onde estou... Ai, ai, ai! que me vou achar mal—que desmaio...

Antunes—Accudam, accudam, que deu um faniquito em madame Pantaleão.

Côro (*dentro*)

N'este dia

De alegria

As tristezas vão ao fundo,

Vão as maguas!

E nas praias do Dátundo

Em vez de aguas

Sem sabor,

Corra o vinho, e viva amor!

Antunes—Viva a bréca que os leve! Que gritaria!

—Não ouvem. E eu aqui só. Se me ella estoirna nas mãos! E está desmaiada devéras. (*Dá-lhe um beliscão*) Está.—Accudam, accudam!

### SCENA X

DITOS, ADELIA, PANTALEAO, (*convitados e parentes—saindo e cantando*)

Côro

N'este dia

De alegria...

Antunes—Forte dia e forte alegria? Suspendei esses harmoniosos cantos, e contemplem este espectáculo.—Pantaleão, honesto Pantaleão, aqui tendes a vossa Pantaleoa, posto que em estado de perfeito faniquito, que d'esta vez—coisa rara mas verdadeira—não é fingido.—Adelia, vosso esposo foise,—evaporou-se—e só deixou de si memoria n'esta conceituosa carta que vêdes pendente do chispe materno. O noivado feito está, mas o casamento... Pantaleão—Pois ainda não estavam casados?

Antunes—Meu caro patrão, como se não quiz metter n'isto—tinhamos nós assentado de deixar a cerimonia da igreja para amanhã... e...

Pantaleão—Ai meus peccados?

Antunes—Ora a tal cerimonia não é grande coisa em França; mas cá—a nação está tão atrazada que parece...

Pantaleão—Parece?

Adelia—Não estavam casados, não, meu pae, inda bem. Eu casava por lhe fazer a voniade; mas a falar a verdade nós não nos podemos vêr um ao outro.

Pantaleão—Tam bom rapaz e rico!

Adelia—Que importa? E' um secante.

Pantaleão—E que hade dizer a mimhança, os parentes, toda esta gente! Que vergonha!

Anna (*tornando a si*)—Pantaleão! Pantaleão! Anda cá, meu Pantaleão, deixa-me depor no teu seio...

Pantaleão (*á parte*)—Que quererá ella depor?

Anna—Dá-me os teus braços, Pantaleão. Assim: faze grupo, Adelia! Approxima-te filha.—Bem—sinto-me melhor. Deve ser um bello quadro!—Ouvi-me n'esta hora solemne—entre a morte a vida. Oh! Pantaleão! Eu abri os olhos... quando... os fechei!

Antunes—Coisa extraordinaria, mas succede.

Pantaleão—Tudo me succede,—a mim!

Anna—Cada terra com seu uso, e cada roca... dize.

Pantaleão—Com seu fuso. E' o que te eu dizia d'antes.

Anna—Dizias, dizias, respeitavel Pantaleão, e eu cega que te não ouvia.

Antunes—Se fosse surda...

Anna—Cale-se, valdevinos, e respeite as scenas intimas do grande drama da natureza.—Pantaleão. meu esposo, amanhã de manhã muito cedo e muito depressa esta rapariga e esse Antunes para a igreja, e casem-n'os bem á portugueza com dois padres em vez de um, se fôr possivel.

Pantaleão—Antunes o meu caixeiro!

Anna—Tenho dito: é a minha ultima vontade, Pantaleão...

Pantaleão—A tua ultima... Pois tu devéras tam mal te sentes! (*á parte*) Não é anno de fortuna para mim.

Anna—Sinto, sinto.—O corpo está são mas não póde com o espirito que morreu.—Oh!... Oh! Ah! Ah!

Antunes—Tal e qual como na rua dos Condes. Ah! Oh! Oh! Ah!

Anna—Senhor Antunes!

Antunes—Amavel Pantaleão, «chère madame Pantaleon!»

Anna—Tire para lá essas tolices.—Eu sou Anna Maxima, sem mais nem menos...

Antunes—E que mais hade haver além de «maxima?» Oh Maxima, longa—breve é que não póde ser sem faltar á...

Anna—Não me faça rir, Antunes, que isto é muito serio. Ouça.—Inda bem que estas tonterias que me metteu na cabeça não passaram de brincadeiras ridiculas—Case com minha filha, e tenham ambos mais juizo do que... eu. Senão, bem sabe...

Antunes—Com juizo ou sem elle...

Anna—Cale se: não seja tolo.—Pantaleão, abençõe estas novas nupcias, que hão-de ser á portugueza devéras. Porque emfim, cada...

Antunes (*cantando*)

Cada terra com seu uso

Cada roca com seu fuso.

Estas modas de Paris

Por cá não deitam raiz.

Côro

Oh! que lindos amores que eu tenho!

Oh! que modas que vem de Paris!

# O CAMÕES DO ROCIO

COMEDIA EM 3 ACTOS

De collaboração com Ignacio Maria Feijóo

PERSONAGENS: O Desconhecido — O Camões, corregedor do Bairro do Rocio. — Diniz Homem, estudante da Universidade de Coimbra, debaixo do nome de Gregorio.

— Sebastião d'Arruda, lavrador, juiz de vintena do Almagem. — Lourenço Gameiro, capitão de ordenanças

— Manuel Esteves, procurador da Irmandade da Senhora do Amparo. — Bartholomeu, sapateiro

— D. Antonia do Menino Deus, proprietaria. — Marianna, filha de Sebastião. — Uma criada, que não fala Homens e mulheres do campo, officiaes de Justiça.

O primeiro acto no Almagem; o segundo e terceiro em Lisboa.

## ACTO PRIMEIRO

*O theatro representa a casa de um lavrador; porta no fundo, que é a entrada principal; duas portas lateraes; uma grande meza no meio da casa; uma arca antiga á direita; cadeiras com assentos de coiro. No fundo, de um e outro lado da porta, cabazes, enxadas, ansinhos etc., a meza está guarneçada com pratos de estanho, dois cangirões, garfos e colheres de ferro, tijelas pequenas de loiça grosseira, etc., bancos e outros cangirões s'bre a arca.*

### SCENA I

SEBASTIÃO, MARIANNA, GREGORIO, CRIADOS  
e CRIADAS DO CASAL

Estão todos assentados á mesa, e acabando de jantar. O vestuario de Marianna é mais proprio da cidade que do campo; o vestuario de Gregorio é pouco melhor que o dos outros criados, a quem imita nos gestos e modo de falar.

Sebastião (*A Marianna*)—Então, Marianna, já vaes gostando d'esta vida cá de fóra?

Marianna—Nunca me desagradou, e sempre suspirei por estar na companhia de meu pae.

Sebastião—Bem sei, bem sei; mas se tua madrinha não qu'ria, que lh'havia de eu fazer. Quando Deus levou tua mãe, que lá está em gloria, não eras mais alta do qu'isto, tinhas uns tres annos, e minha comadre, a senhora D. Antonia do Menino Deus, (boa alma!) quiz por força levar-te comsigo, e nunca mais consentiu que viesses cá á terra que te viu nascer; que por fim sempre é a nossa terra. —Boa vontade tinha eu, quando te vi crescida, que viesses tomar conta d'esta casa mas nunca me atrevi a falar claro a minha comadre, porque mal lhe dava alguns entenderes, punha-se logo lá nos carrapitos da lua, e então ella que tem a ventra retorcida. Vae senão quando eu menos o esperava, manda chamar-me e dá-me de conselho que te traga em minha companhia p'ro casal.

Marianna (*A meia voz olhando para Gregorio*)—Não sei se fez bem.

(Movimento de Gregorio que disfarça comendo)

Sebastião—Assim á primeira, cuidei que'estava descontente comtigo, mas certificou-me que não, e só me dando a entender que receava que tu... queria lá dizer na sua que Lisboa era uma terra muito grande... e que uma rapariga da tua idade...

Marianna (*A meia voz olhando para Gregorio*)—A's vezes anda ha maiores perigos no campo.

(Movimento de Gregorio)

Sebastião—Seja lá o que fôr; o certo é que te apanhei em casa, e que se minha comadre te quizer agora outra vez, pôde esperar que de mim te não largo... P'ra que tenho eu uma filha e p'ra que lhe quero eu tanto?

Gregorio (*Levantando-se*) — Se noss'amo dá licença, vamos fazer uma saude á nossa patroa nova.

Sebastião—Com muito gosto, mas não hade sêr com este vinho... vae buscar um cangirão do melhor.

Gregorio—Isso bem via eu; e já alli está.

(Vae buscar o cangirão acima da arca e deita vinho nas tijelas)

A' saude de nossa ama noval

Côro

Se gostaes de flores,  
Em nossas campinas,  
Achareis boninas,  
E tambem amores.

Gregorio

Deixando os tectos doirados,  
Tereis a sombra das faías;  
Em vez de ricas alfaias,  
O matiz de nossos prados.

Côro

Se gostaes de flores, etc.

Gregorio

Aqui o sol é mais puro,  
'Em os raios mais brilhantes;  
São fieis sempre os amantes,  
Não tem coração perjuro.

Côro

Se gostaes de flores, etc.

Sebastião—Vês tu, minha filha, esta alegria da nossa gente? Não ha vida como a nossa vida do campo; eu não a trocava, (e então agora que tenho cá a minha filha!) pelas grandezas do maior fidalgo da corte do nosso rei o senhor D. João V.

Gregório—Pela sorte d'el rei me não trocava eu se... se estivesse no seu caso.

Sebastião—Alto lá! tanto não digo eu. (*Vendo que os camponeses têm acabado de comer.*) Parece-me que ninguém tem mais vontade de comer. Demos graças a Deus. (*Levanta-se e os mais todos depois d'elle. Momento de silencio; abençoando-os*) Deus vos abençoe, meus filhos.

(Os camponeses arrumam a mesa no fun'ho, esquerda, e pegam nos diversos utensilios de lavoiria.)

Côro

Não haja demora,  
Aos campos corramos;  
Prazer, abundancia  
N'elles encontramos.

Gregório

No meio de seus thesoiros  
O rico está descontente;  
Na sua humilde choupana  
Vive o pobre alegremente.

Côro

Não haja demora, etc.

(*Saem pelo fundo.*)

## SCENA II

SEBASTIÃO e MARIANNA

Sebastião—Agora estamos sós, e podemos fallar á nossa vontade: vamos a tratar do teu casamento. Tu estás uma mulher e eu deia a minha palavra a Manuel dos Pégões, lavrador do Alemejo, homem capaz, sim senhor; tem muita terra e muito vin-tém.—E' verdade que tua madrinha não queria que se marcasse já tempo certo p'ra isto se fazer: um dia era uma razão, outro dia outra, por que não queria separar-se de ti; mas agora que podemos fazer o que quizermos, vamos nós aqui ambos assentar quando se ha de fazer este casamento.

(Todas as indicações são da esquerda do espectador para a direita)

Marianna (*Tristemente*)—Quando meu pae quizer. Sebastião—A modo que ficaste triste... Dar-se-ha caso que te não agrade este arranjo?

Marianna—A mim agrada-me tudo o que fór da sua vontade.

Sebastião—Dizes isso de um modo que me fazes desacorçoar. E' verdade que não perguntei o teu gosto, e que nem sequer viste ainda o noivo; estas-vas com tua madrinha lá em Lisboa, e ella não quer calções em casa; mas como este casamento fazia conta, ajustei-o e acabou-se. Já se sabe que ficou a condição, que lhe puz, de virem ambos para minha casa; quero que meus filhos me fechem os olhos quando eu morrer... Oh rapariga! a modo que ficas sempre tam triste, em se falando n'isto, que estou quasi arrependido de ter feito este ajuste... Fala-me claro; se tens alguma coisa a retrucar, ainda estás a tempo de te arrependeres; e mais bem me custará andar p'ra traz com a minha palavra de lavrador honrado, mas primeiro está minha filha, e o muito que lh'eu quero.

Marianna (*A parte*)—Que hei de eu responder? Não tenho uma unica desculpa. (*Em voz alta*) Meu pae... fiada na sua bondade... só lhe peço que demore por mais algum tempo...

Sebastião—Com muito gosto; queres que demore por um mez, por tres, por seis...?

Marianna—Pois seja por seis mezes; quero-me costumar primeiro á vida de lavradora.

Sebastião—E tens muita razão; nem tal me alembra-va. Sejam seis mezes, e no entretanto vou escrever a teu noivo, a dizer-lhe que venha p'ra cá estar co'a gente; quero que tomem confiança um c'o outro... verás que moçetao tam bem estreado!

Marianna—Meu pae... peço-lhe que não escreva por ora...

## SCENA III

SEBASTIÃO, MARIANNA e GREGÓRIO (*entrando apressadamente pelo fundo*)

Gregório—Sôr meu amo, sôr meu amo, vi agora o capitão Lourenço Gameiro pela azinhaga do Porto abaixo, e parece-me que vem p'ra cá.

Sebastião—Oh diabo! que virá elle cá fazer? Se vem p'ra argumentar comigo, não estou de pachorra p'ro aturar.

Gregório—Ha de vir com alguma das suas, mas tenha-se-me co'elle; não se me faça mole, mostre que é um digno juiz da vintena.

Sebastião—Oh Gregório! valha-te a paixão de Christo! Eu quero, sim puxar pelas minhas autoridades, mas ja estou de candêas ás vassas com toda essa gente, e tenho medo que me armem alguma carrapata.

Gregório—Qual carrapata nem lhe carrapata; faça o sôr Sebastião d'Arruda o que lhe digo e deixe o mais por minha conta.

(Durante esta scena Gregório tem olhado continuamente para Marianna; esta mostra-se cada vez mais scaria)

Marianna—Meu pae ha de dar licença que me retire (*Sae pela esquerda.*)

Sebastião—Como quizeres—Mas, meu Gregório, é bem verdade que te acho muita, muita razão, e por isso tenho tomado os teus conselhos para ir de encontro ás injustiças d'esses homens, mas elles são poderosos e podem dar alguma queixa de mim.

Gregório—E o sôr meu amo póde dar vinte queixas d'elles. Haviam d'estes malvados beber o sangue cá á gente do campo sem se lh'ir á mão! ora essa havia de ser bonita!

Sebastião—Tu descorres bem, mas onde diacho foste tu aprender essas coisas?

Gregório—O sôr meu amo não sabe? não lh'o tenho dito? Em casa d'um desembargador que eu servi em Lisboa. Aprende-se muito no serviço d'aquelles senhores,

Sebastião, (*olhando para o fundo.*)—Sinto passos... elle comigo... oh Gregório! não me desampares

## SCENA IV

LOURENÇO, SEBASTIÃO, e GREGÓRIO

Lourenço—Deus seja n'esta casa.

Gregório (*A parte*)—E o diabo na tua.

Sebastião—Sou um seu creado, sôr capitão Lourenço.

Lourenço—V. m. sabe o que me traz a esta casa? Sebastião—Se v. m. ainda m'o não disse como o hei d'eu saber!

Lourenço—Pois sôr juiz da vintena, é necessario que nos entendamos por uma vez.



Sebastião—Estou ás suas ordens.

Gregorio (*A meia voz a Sebastião*).—Isso mesmo, muita cortezia e nada de condescendencia.

Lourenço—Ora sabe você que tenho o meu milho todo por sachar?

Sebastião—Pois já era tempo; ha mais d'oitto dias qu'eu acabei a minha sachá.—Porque não mette gente?

Lourenço—Porque a não acho; todos querem ganhar jornal.

Sebastião—E tem muita razão.

Lourenço—Oh só Sebastião d'Arruda! pois você atreve-se-me a dizer que tem muita razão! Bem digo eu que se elles não querem amanhar as minhas terras, como é pratica e costume, é por que tem as costas quentes c'a sua protecção.—N'outro tempo resmungavam, sim senhor, mas sempre iam; porém agora dizem redondamente que não querem. O anno passado não gastei eu cinco réis no amanho das minhas terras, e ainda este anno fiz a cava e semei o milho em paz e quietação, como os meus antepassados faziam, e como fazem ainda hoje todos os capitães de ordenanças.—Contava meu pae, que era capitão como eu, que os moradores do lugar deixavam de amanhar as suas terras para ir amanhar as d'elle. Mas o sôr juiz da vintena pôe agora outras leis! Metten-se-lhe lá na cabeça que eu que heide gastar dinheiro na minha sachá, e gastar dinheiro em fazer a vendima?... Pois engana-se de meio a meio: heide fazer a sachá, heide fazer a ceifa, heide fazer a debulha, heide fazer a vendima sem gastar uma de cinco, quer o sôr Sebastião d'Arruda queira, quer não queira... heide-lhe pregar uma lição que o hade pôr mais macio que um veludo, heide.

Sebastião—Alto lá, sôr Lourenço Gameiro, dê as suas razões mas não me grite; olhe que está na casa alheia e diante d'uma autoridade, Gregorio (*A meia voz*).—Não s'esquente.

Lourenço—Uma autoridade! ora não verão esta autoridade!—Eu lhe mostrarei em pouco tempo que você é menos que ninguem... eu lhe farei ver o que é um capitão de ordenanças offendido na sua honra!

Sebastião—Essa agora é melhor! pois é tocar-lhe lá na sua honra aconselhar aos moradores do lugar que não trabalhem de graça? Qual é a lei divina ou humana que tal manda?

Lourenço—Pois você também entende de leis? Com quem as aprendeu? aprendeu-as com os seus carneiros?

Sebastião—Oh só Lourenço Gameiro, ou Lourenço do diabo, não m'esquente mais a cabeça, olhe que tenho aqui um fueiro... (*Pega n'um fueiro delgado*.)

Lourenço (*Levando a mão á espada sem desembainhar*).—Oh sôr Sebastião d'Arruda, você ameaça!... Não sei aonde estou que o não racho de vou a meiol (*Fugindo sempre*.)

Gregorio (*Rindo-se, e vindo ao meio d'elles*).—Haja prudencia!

## SCENA V

GREGORIO, SEBASTIÃO, MANUEL ESTEVES  
e LOURENÇO

Esteves—Tenha lá mão!... Então que é isto?

Lourenço—Foi aqui o sôr Sebastião d'Arruda...

Sebastião—Foi lá o sôr Lourenço Gameiro...

Esteves—Ora socegum.—Pouco mais ou menos já sei o motivo d'esta desordem; e tenho cá de mim p'ra mim que não foi o sôr capitão o culpado.

Sebastião—Pois está muito enganado o sôr Manuel Esteves; foi o sôr capitão que veio arcar comigo de proposito e caso pensado.

Lourenço—E' porque o sôr juiz da vintena tem feito levantar contra mim todos os moradores do Almagem.

Esteves—Isso lá não admira, que eu tambem estou muito quexoso do mesmo.

Sebastião—Então de que se quexa o sôr Manuel Esteves?

Esteves—Pois inda você o pergunta? depois de me ter prohibido a festa da Senhora do Amparo, de que eu sou o précurador?...

Sebastião—Quem é que lhe prohibe a festa? O que eu não quero é que o arruido do arraial entre pela noite dentro.—Tenho dito; a festa hade acabar com o dia, em escurecendo hade-se deitar a foguetada, e um quarto d'hora depois não consinto mais ninguem no arraial, para evitar as desordens e os desafios que tem havido estes annos atraz. Assim o mandei, e assim hade ser.

Esteves—Visto isso que ahí diz, não reconhece a auctoridade do sen'hor patriarcha, que deu licença para esta festividade?

Lourenço—Que tal está o herege!

Sebastião—Ora vocês não me dêxarão com um milheiro de demonios!

Gregorio (*Vendo Esteves puxar por um papel*).—Que será aquillo?

Esteves—Veja isto; examine bem; olhe que não é ahí a licença d'um qualquer, é do sôr cardeal patriarcha, que tem quasi tanto poder como o papa.

Gregorio (*A meia voz a Sebastião*).—Não esmoreça! Sebastião—Antão você, sôr Manuel Esteves quer-me metter a mim os dedos pelos olhos? O sôr patriarcha deu a sua licença p'ra festa, mas não p'ra patifarias que se fazem de noite no arraial.

Lourenço—Este homem é um impiol!

Esteves—E' o que diz o nosso Padre cura; até se oppõe ás decisões da Santa Madre Igreja, e não dá pagar as premicias. O padre está banzando; o folgar da Paschoa. este anno, não lhe rendeu mais do que seis mil e quatro centos, quando inda o anno passado lhe rendeu p'ra riba de trinta mil réis.—Alembrou-se o sôr Sebastião d'Arruda, de dizer por ahí que dê cada um aquillo que quizer ou pudér.

Sebastião—Tenho dito isso, é verdade, por que assim o entendo em minha consciencia. A Igreja não pôde mandar que eu dê o que o padre cura quizer, por que então podia elle, quando cá veio este anno, pedir-me os bois com qu'eu andava lavrando, o que seria uma asneira muito grande, e eu estou bem certo que a Igreja não manda asneiras.

Lourenço—Jesus! Santo Nome de Jesus! que blasphemia! (*Benze-se*.)

Esteves—Por isso você hade ir parar á inquisição.

Sebastião (*Rindo-se*).—Isso lá não me mette medo.

Esteves—Ah! você ri-se; pois mal sabe o qu'está p'ra lh'acontecer.

Gregorio (*A parte*).—Oh diacho!

Sebastião—(Que diz lá o sôr Manuel Esteves?)

Esteves—Digo-lhe que a festa hade durar até pola manhã, e que você não hade assistir a ella.—Ah! tinha-se-lhe encaixado lá n'esses miolos qu'isto haverá de ficar assim... pois está muito mal enganado: a minha irmandade tem grandes protectores que hão-de vingar a Mãe Santissima e os seus devotos.

Gregorio (*A parte*).—Os homens já lhe armaramलगुमा.

Lourenço—Hade comer pés e mãos n'uma cadêa.

Esteves—Hade ser quimado vivo como um herege.

Lourenço—E' um malvado!

Esteves—E' um impiol!

Sebastião (*Deitando a mão ao fueiro*) Bem pôdem ambos despejar-me a casa, quando não... (*Arremette com elles; fogem para o fundo; Lourenço*

*leva a mão à espada, mas não desembainha, Gregório ri às gargalhadas.)*

Esteves — Ah! você levanta um fúeiro para o pré-cura-dor d'uma santa irmandade!

Lourenço — Faz o desacato de ameaçar um capitão d'ordenanças!... Deixe estar que nós o ensinaremos.

Esteves (*Fugindo pela porta do fundo*) — E' um he-rege!

Lourenço (*O mesmo*) — E' um judeu! (*Saem ambos pelo fundo.*)

## SCENA VI

SEBASTIÃO e GREGÓRIO

Sebastião (*Deitando fóra o fúeiro*) — Graças ao fúeiro que se foram embora; mas de certo fico mettido em trabalhos.

Gregório — Ora deixe-se d'isso.

Sebastião — Q-ue me deixe d'isso! Cuidas tu que os não entendo; os homens queriam capote; vieram de proposito árcar commigo p'ra m'entalem, e vão agora nor hi armar-me algum capitulo.

Gregório (*A parte*) — Já elle está armado. (*Em voz alta*) Sôr meu amo, não tenha medo; eu cá estou.

Sebastião — Olha que te digo qu'estou arranjado com o teu valimento e com os teus conselhos! Mais me valêra a mim continuar a fazer como d'antes; ver e calar. E' bem verdade que me custava ver as violencias que elles faziam, mas não abria bico. Vieste servir n'este casal, e entraste-me a dar conselhos que puxasse pelas minhas autoridades; assim o fiz, porque já tinha disposição para a coisa; e agora ahi tens o fructo.

Gregório — Ora sôr meu amo, não tome o caso tanto a peito... não se aillija, e deixe tudo isso por minha conta.

Sebastião — Estou bem servido com a tua protecção, não tem duvida. (*Pega no chapéu que está sobre a arca, e sae pelo fundo.*)

## SCENA VII

Gregório (*só*) — E diz elle muito bem; que protecção lhe heide dar?... Estamos ambos entalados, e elle muito mais do que pensa; persuade-se que os homens vão agora fazer-lhe a cama e ella já está feita. Os taes sujeitos ligaram-se com o cura, e gabam-se de ter dado do pobre homem uma conta que poderá muito bem levar-o ás galés... Está desgraçado, e eu tambem... Os actos d'este anno bolavérunt; desde as férias do Natal que não appareço na universidade... e já estamos em maio! Nem minha familia, nem meus professores sabem de mim... E tomava o grau de bacharel se acabasse este anno com boa fortuna!... tomei o grau de saloio; fica uma coisa pela outra... Mas que tenho eu alcançado no fim de tantos trabalhos? Nada, pela palavra nada... Ah! já me esquecia; apanhei uma estocada de uma mão de ferro... Foi boa historia essa! — Nem sei mesmo como Marianna tem consentido que eu esteja ha um mez n'esta casa! debaixo d'estes trajes! — Já agora é uma teima... Mas o peor é ter eu envolvido o pobre lavrador n'uma meada de que já o não posso livrar... Para ganhar ascendente sobre o seu espirito, dei-lhe os funestos conselhos que hoje o deitam a perder!... Quanto estou arrependido da minha imprudencia!... mas o amor que tenho a sua filha... (*Olhando para a esquerda*) Está alli... se eu podesse falar-lhe?... mas como, se ella foge sempre de se encontrar commigo?... Oh! ella ahi vem... isto é grande novidade!...

## SCENA VIII

MARIANNA e GREGÓRIO

Gregório — Minha senhora, tenho a honra de . .

Marianna (*Interrompendo-o*) — Não se cance com cumprimentos, e tenha a bondade de me ouvir: Tivemos a infelicidade de nos encontrar na primeira oitava do Natal passado... (*Movimento de Gregório*) Digo infelicidade, porque a tem sido para mim e igualmente para o senhor Diniz, (julgo que é este o seu nome?)

Gregório — Sim minha senhora; esse é o nome do seu amante respeitoso e apaixonado...

Marianna (*Interrompendo-o*) — Desde esse dia começou a nossa desgraça; o senhor não voltou para os seus estudos quando acabaram as férias; comprometteu-se com a sua familia; interrompeu talvez a carreira da sua fortuna...

Gregório — E que importa tudo isso? eu só pretendo agradecer-lhe, merecel-a...

Marianna — E os desgostos que por sua causa tenho tido?

Gregório — Ah! senhora!...

Marianna — Quando estavam em Lisboa, o senhor Diniz era a minha sombra: para qualquer parte que eu fosse...

Gregório — Eu nunca a segui senão á igreja.

Marianna — Porque minha madrinha não me levava a outra parte. Dia e noite não cessava de passear pela nossa rua...

Gregório — E como sabe a senhora isso?

Marianna — Porque o via por dentro das adufas.

Gregório — Ah!

Marianna — E minha madrinha tambem... mas ella ia disfarçando, ou talvez não percebesse; porém havia na visinhança pessoas mais espertas ou mais curiosas que tinham observado e percebido. (*Movimento de Gregório*) Finalmente aquelle encontro que houve uma certa noite defronte das nossas janellas acabou de abrir os olhos a minha madrinha. Gregório — Era mais de meia noite e suppunha que já estaria recolhida.

Marianna — Despertámos com o tinir das espadas... chegámos á janella e tudo vimos. Minha madrinha mandou-me para casa de meu pae, e eu fiquei certamente desacreditada no espirito de muita gente.

Gregório (*Afflicto*) — Que me diz?

Marianna — Dizo-lhe que estou desacreditada, porque toda a visinhança ficou persuadida que fóra despedida d'aquella casa por ter dado occasião a essa briga... e o senhor vindo a este casal de baixo d'esses trajes, quer acabar de me perder.

Gregório — Ah! Senhor! as minhas intenções são de um homem de bem, e se me dá licença vou já falar com seu pae.

Marianna — Nada conseguiria; ha mais de um anno que estou promettida a um rico lavrador do Alemtejo... homem que eu não conheço, mas...

Gregório (*Aterrado*) — Oh meu Deus! meu Deus!

Marianna (*Afflicta e approximando-se d'elle affectuosamente*) — Que tem, senhor? torne a si.

Gregório — Dê-me alguma esperança; diga-me que hade oppôr-se a esse casamento que lhe querem fazer.

Marianna — E' impossivel; por muito que me custasse nunca me havia de oppor ás determinações de meu pae, e peço-lhe que hoje mesmo saia d'este casal, alias vou declarar tudo.

Gregório — Então não tem compaixão de mim?

Marianna (*A parte*) — Tenho de mais. (*Alto*) Não heide desobedecer a meu pae.

(Entrada de Camões pelo fundo)

Gregório — Mas...

Marianna (*Que sentiu gente á porta*) — Silencio!

## SCENA IV

MARIANNA, o CAMÕES, GREGORIO, dois OFFICIAES DE JUSTIÇA (no fundo)

Gregorio (*Olhando*)—Oh! com a fortuna! é o corregedor do bairro do Rocio.

Camões—Julgo ser esta a morada do senhor Sebastião d'Arruda, juiz da vintena Jo Almagrem? (*A parte*)—Que rapariga tão bonita!

Marianna—Sim senhor, que pertence sua mercê.

Camões—Pretendo falar-lhe—Onde está elle?

Marianna—Está no seu trabalho, mas eu vou já chamal-o. (*A parte*) Que será isto? (*Sae pe. o fundo.*)

Camões (*Assentando-se à esquerda*)—Tu és criado d'esta casa?

Gregorio (*Assentando-se e fazendo-se rustico*)—Sou sim senhor.

Camões—Que se diz de teu amo na terra?

Gregorio—Que se diz de meu amo?... diz-se... diz-se munta coisa.

Camões—Mas o que? bem ou mal?

Gregorio (*A parte*)—O homem quer puxar-me pela lingua. (*Em voz alta*)—Uns dizem bem, outros dizem mal.

Camões—Quaes são os que dizem bem?

Gregorio—Nós outros que o servimos, e todos os pobres do logar.

Camões—E os outros?

Gregorio—Os outros... esses não o podem enxergar com dois olhos que tem na cara: os lavradores porque é mais rico do que elles; o capitão da ordenança porque meu amo não consente que lhe vamos amanharr as terras sem nos pagar p'ra cá o jornal; os menzarios da Senhora do Amparo porqu'elle não quer festas lá por alta noite; o cura, porque o sôr Sebastião diz aos pobres que lhe não dêem tudo qu'elle quer, e... e outros muntos dizem mal porque o ouvem dizer a estes. (*A parte*) Vamos a vêr se posso salvar o pobre homem.

Camões (*Que o observou com o sobrolho françado*)—E's um rustico, porém estás bem ensaiado... aprendeste bem a tua lição.

Gregorio—Que diz sua mercê?

Camões—Que vás procurar teu amo, e dizer-lhe que estou á sua espera.

Gregorio—E quem direi que é sua mercê?

Camões—E' escusado.

Gregorio—Sua mercê manda mais alguma coisa?

Camões—Por ora não.

Gregorio (*A parte*)—O homem está perdido; ficarei perto a vêr se lhe posso valer. (*Faz cortejas ao Camões e aos officiaes de justiça. Sae pelo fundo*)

## SCENA X

O CAMÕES e os dois officiaes (no fundo)

Camões—Eis-me aqui pois no Almagrem para prender um lavrador. Parece-me que não valia a pena de me incommodar para uma diligencia de tam pouca monta; porém, manda el-rei, não ha remédio senão obedecer. (*Reflectindo*) Que quererá dizer estar elle com uma cara tam prasenteira quando me deu esta ordem?... Ha mais de um mez que o não via rir; e para isto tam folgazão!... (*Reflectindo*) Dar-se ha caso que a sua tristeza e a sua alegria tenham que vêr com a prisão d'este homem?... Não pôde ser—O certo é que se fôr verdadeira a conta que d'elle deram a el-rei, e que eu vi, deve de ser um faccinososo!... Vamos de vagar, que estas queixas, as mais das vezes, são obra de inveja e de malicia... serão; mas elle vae sempre gemer para a cadeia, enquanto não fôr

justificado... e depois, se os accusadores são poderosos, vá lá haver-lhe os damnos.—Assim anda o mundo; os mais fortes pesam sobre os mais fracos... e ás vezes esmagam-nos, sem lhe valer a justiça... Justiça! anda tão encarquilhada a pobre de Christo como uma velhinha de cem annos... Muita coisa vejo eu que lhe devia dar remedio, muitos crimes que se poderiam evitar ou punir rigorosamente... mas eu não nasci para reformar o mundo, nasci para me divertir com elle... E tenho cá de mim para mim que mais vale ser corregedor em Lisboa do que ouvidor em alguma capitania da costa d'Africa... pessimo clima, moças muito negras... gente mais apaixonada de cachaca que de versos e boa sucia... que ia eu lá fazer?... Vamos fechando os olhos, e vivendo regaladamente no nosso Portugal velho, que é boa terra... Muito me arrisco eu ás vezes, confiado na boa feição d'el-rei; mas d'isso mesmo é preciso emendar-me. Tem seus dias de má catadura! Se vae a gente lá n'uma occasião d'essas, dizer-lhe alguma verdade... Príncipes não morrem por ellas. (*Olhando para o fundo e levantando-se*) Chega o tel marmão... não tem muito má cara... mas a da rapariga ainda é melhor—O homem viria por aqui á caça? Capaz é elle d'isso... Oh diacho!... se eu soubéra!... Pois ainda t'a prego se pudér, que te devo uma divida.—Vejamos o que isto é.

## SCENA XI

O CAMÕES, SEBASTIAO, MARIANNA,

GREGORIO (*afastado*), os dois officiaes (no fundo)

Sebastião—Sou um creado de sua mercê. Manda alguma coisa do seu serviço?

Camões—Sou o corregedor do bairro do Rocio, e venho intimar-lhe da parte d'el-rei que se larcha ás cadeas da corte.

Marianna (*Afflicta*)—Oh meu Deus!

Sebastião—Eu senhor?! qual é o meu crime?

Camões—Não sei; mas foi presente a el-rei uma queixa que deram de v. m.

Sebastião (*Afflicto, olhando para Gregorio e a meia voz*)—Ah Gregorio! Gregorio!

Gregorio (*Aterrado á parte*)—Que volta lhe heide eu dar? Estou tam embaçado que nada me lembra.

Camões—Portanto dê ordem á sua casa, e prepare-se para me acompanhar.

Sebastião—Que remedio tenho eu?

Marianna—Ah meu pael!

Sebastião—Socega, rapariga; cá a minha consciencia está limpa, e isto não hade ser nada com o favor de Deus. ( *Ao Camões*)—Sua mercê hade dar licença que eu vá vestir-me com mais alguma limpeza, e dêxar cá as ordens pr'os trabalhos do casal.

Camões (*Assentando-se*)—Pois não! arranque-se a seu gosto. (*Sebastião encaminha-se para a porta da direita e Camões dirigindo-se aos dois officiaes*) Sigam esse homem.

(*Sebastião sae pela direita, seguido de Gregorio e dos officiaes.*)

## SCENA XII

O CAMÕES e MARIANNA

Marianna—Ah senhor Corregedor! compadeça-se de meu pae, que está innocente; não o leve preso para Lisboa.

Camões (*Que não tem tirado os lhos de Marianna levantando-se*)—Oh minha rica menina! muita pena tenho de lhe não poder fazer o que me pede;

é uma ordem d'el-rei e hade executar-se; mas conte com a minha protecção em tudo e por tudo.

Contae commigo; sou, sou todo vosso...  
Dedos mimosos, fezes de setim,  
Louro cabellos, dentes de marim!  
A taes encantos resistir não posso.

**Marianna** (*Que não prestou attenção aa que elle dizia*—Hei de acompanhar meu pae a Lisboa, hei de ir com minha madrinha deitar-me aos pés d'el-rei.

**Camões**—Aos pés d'el-rei! oh menina! não se lembre de semelhante coisa; só se... A menina conhece o nosso... digo, já beijou a mão a el-rei? **Marianna**—Eu! aonde?... Não senhor.

**Camões** (*A parte*)—Então enganei-me: não é a coisa. (*Em voz alta*) Pois minha flor, meu suspiro branco, não se metta n'isso, olhe que pôde fazer o caso peor. E' muito bonita e não convém... (*Emendando*) não convem que fale por ora a el-rei que está como uma fúria contra seu pae... Lá a madrinha... (ella provavelmente é velha) essa sim, essa pôde ir sem perigo—Mias o melhor é deixar tudo por minha conta; hei de ser o juiz do processo, e já lhe disse que podia esperar de mim todo o favor. (*A parte*) Como ella é boa!

**Marianna** (*Chorando*)—Oh meu Deus!

**Camões** (*Pegando-lhe na mão que ella retira*)—'ra, minha linda menina, não chore; ha quem seja mais desgraçado que seu pae; a sua prisão poucos dias poderá durar, mas eu... prso pelos seus formosos olhos, toda a vida chorarei o meu captiveiro. (*Quer pegar-lhe outra vez na mão que ella retira.*)

**Marianna** (*Afastando-se*)—Senhor?! que quer isto dizer?

**Camões**—Quer dizer que a amo, que a adoro, que...

**Marianna** (*Indignada*)—Senhor corregedor, deixe-me!

**Camões**—O meu officio é prender gente, e a menina prendeu-me agora a mim: aonde se fazem ahi se pagam.—Mas eu peço vista, requeiro alvará de fiança, para o que entregarei um memorial que tenha... que tenha peso e valor ao relator do feito; e espero...

**Marianna**—Se el-rei soubesse os ministros que tem?...

**Camões**—Ei-rei!! Ora menina, el-rei sabe o que são as fraquezas do proximo; a justiça tempera-se com... (*Sentindo rumor no fundo.*) Oh diabo! que ahi vem gente...

### SCENA XIII

O CAMÕES, LOURENÇO, ESTEVES  
e MARIANNA

**Esteves**, (*Entrando pelo fundo a Lourenço*)—Olha meu Lourenço, lá está o ministro que vem prender o nosso patife, ... e a lambisgoia da filha hade estar pedindo misericordia.

**Lourenço**—Elle tem mangado com a tropa, mas hoje mangamos nós com elle.

**Camões** (*Já muito serio, a Marianna que se afastou d'elle*)—Que gente é aquella?

**Marianna**—São os accusadores de meu pae.

(*Os dois fazem do fundo muitas cortejas a Camões*)

**Camões**—Que taes elles são!

**Lourenço** (*Approximando-se*)—Sou um reverente creado do sôr doitor corregedor.

**Esteves** (*Approximando-se*)—Muito gosto tenho em conhecer sua mercê; e desejo que Deus o ajude em todas as suas obras.

**Camões** (*Friamente*)—Sou seu criado. Os senhores pretendem alguma coisa de mim?

**Lourenço**—Não senhor. Soubemos que sua mercê estava no Almagem, e vimos fazer-lhe os nossos cumprimentos.

**Camões**—Muito obrigado.—O senhor, pelo que vejo, é da tropa?...

**Lourenço**—Sou capitão d'ordenanças, á falta d'elles, para servir a sua mercê.

**Camões**—E foi á guerra nos seus tempos?

**Lourenço**—Não senhor, nunca veio a geito.

**Camões**—Pois é pena, porque lhe acho a catadura de um homem valente.

**Lourenço**—Muito agradecido a sua mercê.

**Camões** (*a Manuel Esteves*)—O senhor provavelmente tambem é pessoa de consideração cá no logar?

**Esteves**—Sou o précurador da irmandade da Senhora do Amparo, e um criado do senhor corregedor.

**Camões**—Ah! é procurador!... tem um bom officio se soubber usar d'elle.

**Esteves**—Faço-lhe a diligencia.

**Camões**—Isso creio eu... procura bem? não é assim?

**Esteves**—Que diz sua mercê?

**Camões**—E' cá uma coisa... Ora diga-me; cá pelas festas e arraiaes ha muitos oiteiros?

**Esteves**—Isso lá muitos; estamos cercados d'elles; não se faz um quarto de légua que não ande a gen-a subir e a descer.

**Camões** (*Rindo-se*)—Não lhe falo n'esses oiteiros; pergunto-lhe se apparecem poetas por estes sitios? Não ha por aqui perto algum convento de freiras?

**Lourenço**—Freiras não senhor; mas por festas vêm por ahi alguns meliantes de Lisboa, e glosam alguma coisa ás raparigas, mas os rapazes da terra não gostam muito que façam versos ás moças do logar.

**Camões**—Isso que têm? não lhe façam elles outra coisa... (*Sentindo rumor e olhando para a direita.*) Bravo que tafurial! o tal juiz da vintena vem de ponto em brancol!

### SCENA XIV

O CAMÕES, SEBASTIÃO, LOURENÇO,  
ESTEVES, MARIANNA,  
GREGÓRIO (*com um grande chuço conduzindo oito criados com chuços e cajados*)  
e OS DOIS OFFICIAES DE JUSTIÇA.

(Os dois officiaes entram adiante de Gregorio: vêm assustados e dirigem-se logo para a porta do fundo. Sebastião tira casaca, chapéu armaço, vara de baixo da portinhola direita, e espada. Gregorio fôrma a sua gente no meio da scena.)

**Camões**—Que quer isto dizer?

**Sebastião**—Eu lh'o explico: Da parte d'el-rei, dou a voz de preso a sua mercê.

**Camões**—Eu, preso?

**Sebastião**—E como lh'o digo: e hade fazer favor de me acompanhar até Lisboa.

**Lourenço**—Isto é o cumulo da...

(Gregorio aneaça Lourenço com o chuço.)

**Sebastião**—Sôr Lourenço Gameiro, sôr Lourenço Gameiro!

**Camões**—Ora v. m. sabe que isto que faz não tem pés nem cabeça, e que se hade arrepender do seu procedimento!

**Sebastião**—O senhor não sabe que se acha no districto cá da nossa jurisdição e que...

**Camões**—Sei muito bem, pois vim aqui de proposito para o prender, e já effectuei a minha diligencia.

**Sebastião**—Esse acto está nullo.

(Gregorio ri durante esta scena; Marianna olha para elle admirada.)

**Camões**—E porque?

**Sebastião**—Porque não me apeou primeiro, que é por onde deveya ter começado. Portanto encon-

trando um homem que não conheço, e que nem sei se é corregedor se não é, fazendo por aqui diligências, eu juiz d'esta terra que me achou com todas as minhas autoridades, prendo sua mercê á ordem d'El-rei.

**Camões (Rindo)**—Ganhou, senhor juiz da vintena; pôde lavar seis tentos. Ora o certo é que debaixo de uma ruim capa se acha ás vezes...

**Sebastião**—Um bom bebedor, não é assim? Pois é para que veja que nós cá para fóra também sabemos o nome ós bois.

**Camões (Rindo)**—Isso sabem vocês melhor que os de Lisboa.

**Gregorio (Rindo. A'parte)**—Tornou-se o feitiço contra o feiteiro.

**Marianna (A meia voz)**—Ainda não estou em mim!

**Esteves (A'parte)**—O homem tem pacto com o diabo.

**Lourenço (A'parte)**—Eu mesmo já me não julgo aqui muito seguro.

**Sebastião**—Portanto, quando sua mercê determinar?

**Camões**—Estou ás suas ordens. *(Pega no chapéo que tinha posto sobre uma cadeira, A'parte á bocca da scena.)* Que formidaveis gargalhadas não dará el rei... e então elle!

Côro

Para a côrte de Lisboa  
Sem demora caminhemos,  
E vamos ali mostrar  
O grande juiz que temos.

Camões

Que m'importa esta prisão?  
Faz-me rir, não vale nada;  
Mas que grande surriada  
Elles todos me darão!

Côro

Para a côrte de Lisboa etc.

Sebastião

Se conselho não tivera,  
Hoje ficava mamado.

Gregorio (A'parte)

Elle veio buscar lá,  
Mas vêe mui bem tosqiado!

Lourenço (A Esteves)

Quem havia de pensar  
Que o saloio tal faria?!

Esteves (A Lourenço)

Eu não sei o que te diga,  
Mas parece brucharia.

Camões

Vamos pois, não ha remedio;

Sebastião

A's suas ordens estou.

Marianna

N'um momento o céo piedoso  
A minha sorte mudou.

Côro

Para a côrte de Lisboa etc.

(Movimento de saída)

## ACTO SEGUNDO

*O theatro representa a antiga rua dos Cavalheiros. Janellas com adufas de um e outro lado. A' direita, no primeiro plano, uma porta praticavel, com um pequeno alendre; pé a loja de um sapateiro remenão; do mesmo lado, no plano mais acima, a entrada de uma travessa. A' esquerda, no segundo plano, janella de adufa praticavel; porta praticavel no terceiro plano, debaixo de outra janella de adufa.*

### SCENA I

BARTHOLOMEU, depois GREGORIO

*(Bartholomeu está trabalhando á sua porta, debaixo do alpendre)*

Bartholomeu (só)

Um velho zoupeiro,  
E muito mesquinho,  
Tinha por visinho  
Um bom sapateiro;

Mas não descansava,  
Que o mestre batia,  
E cantarolava  
De noite e de dia.

O tal camafeu,  
P'ra que se calasse  
E não martellasse,  
Dinheiro lhe deu.

Eu que sempre velo  
Que canto e martello,  
Não acho um diabo  
Que me dê um chavo!

Dizem que quem canta seus males espanta, pois não é verdade... O officio não rende... não ha uma alma damnada que queira uns sapatos da minha mão; só apparecem concertos, e de mais a mais quem que lh'os faça pela hora da morte... no entre-tanto a barriga padece.—Entretenho-me a cantar e divirto-me em espereitar a visinhança... mas que importa! não posso disfarçar o meu mal.—O que me vale é a criada da D. Antonia que me dá ás escondidas alguns restos que por lá lhe ficam... boa rapariga! mas tem a mania de querer casar, e eu estou muito escaldado de casamentos.— Ora que eu tenha tido dois officios, e que em ambos elles tenha sido infeliz!... Já quando era barbeiro, ninguem queria barba que eu fizesse... isto é sin!... *(Enquanto fala nunca deixa de correr os olhos por todos os lados.)* Oh! lá sae o malioio, criado do compadre de D. Antonia.

**Gregorio (Entrando pela porta da esquerda)**—Guardo-o Deus, só mestre!

**Bartholomeu**—Deus o guarde, senhor lavrador...

Que tem por cá?

**Gregorio**—Nada.—Não tenho que fazer lá em riba, venho cá p'ra baixo conversar um bocado.

**Bartholomeu**—Faz muito bem.—Ora diga-me, seu amo já se livrou d'aquelle crime que lhe puzeram?

Gregório — Porque! meu amo fez algum crime? Se fosse criminoso não andava solto.

Bartholomeu — Isso lá são coisas... tem protecção, e de certo não vae á cadeia.

Gregório — Então que protector tem elle?

Bartholomeu — Você é um homem boçal, e não toscas essas coisas.

Gregório — Lá isso é verdade; mas como ainda não vi pessoa alguma que o protegesse...

Bartholomeu — Bem digo eu, que você está por conquistar... Pois mette-se-lhe na cabeça que sem protecção, e protecção graúda, elle se havia de livrar solto de dois crimes tamanhos? A' uma, que o mandou El-rei prender pelo Corregedor do Rocio; á outra, que não foi pequena á desfeita que elle fez ao mesmo Corregedor, trazendo-o preso p'ra Lisboa, no meio d'uma chusma de phariseus.

Gregório (*Kindo*) — Obrigado pelo elogio, que eu tambem era dos phariseus — Alembra-me agora que talvez seja sua protectora a sóra D. Antonia do Menino Deus.

Bartholomeu — Quem! a beatorra da velha? .. ora deixe-se d'isso. Quem o protege é a filha.

Gregório (*Indignado*) — A filha! Marianna! Que diz, só mestre?

Bartholomeu — Digo-lhe isto; e eu que o digo é porque o sei. Você nunca ouviu falar lá em casa n'uma briga que houve, aqui ha dois mezes, deifronte das janellas de D. Antonia?

Gregório — Eu não. Conte-me lá isso.

Bartholomeu (*Levantando-se*) — Ah! você não sabe... pois eu lhe vou contar toda essa historia, e e uma obra de misericórdia que lhe faço, que é bom para os creados saberem o viver dos amos. — (*Olhando para as janellas de D. Antonia*) Esta sua patrãoa moça (isto sabe vccê) foi creada, aqui na rua dos Cavalheiros, em casa da madrinha, a tal D. Antonia do Menino Deus; casa em que nunca houve que arranhar. Mas pelo Natal passado..

Gregório (*A'parte*) — Por modo que sabe do negocio.

Bartholomeu (*abaixando mais a voz*) — Sim, se não foi pelo Natal, foi alli por lá, começaram-me a rondar por aqui dois mirones... porém rondavam mais de noite que de dia... Um nunca eu pude saber quem era... mas o outro!... oh! o outro... esse é muito meu conhecido.

Gregório — Pois conhece algum?!

Bartholomeu — Como conheço as minhas sovellas... era eu... era um sugeito com quem tive n'outro tempo umas historias, quando eu era barbeiro.

Gregório — Ah! o só mestre já foi barbeiro! bem o parece pelos vastos conhecimentos que tem... da visinhança. — Então que historia teve com o tal sugeito? e quem é elle?

Bartholomeu — Espere, homem; eu lhe digo: era eu então barbeiro, (officio para o qual nunca tive muito geito) e trabalhava na loja de Antonio Guitarra, lá p'ra rua Fresca. Era n'um sabbado á noite; entrou na loja um homem embuçado na sua capa e assentou-se n'um canto. — Os freguezes que estavam foram-se aviando e sahindo; entraram outros e sahiram... falou-se muito nas vidas alheias e até mesmo em pessoas de póipa alta. — Por duas ou tres vezes perguntou o mestre ao tal embuçado se queria fazer a barba, e elle: molta. Deram as onze e já não havia na loja senão o tal freguez. — O mestre sahio para ir ceiar, e eu fiquei só com o individuo. — Com o engodo de ganhar um desgraçado vintem, perguntei-lhe se queria barbear-se. — Que tal é a sua navalha, mestre? me perguntou elle. Muito boa, lhe respondi eu. — E a mão? — Muito melhor ainda. — Pois vamos a isso, disse elle. — Desembuça-se, e vejo um homem bem apessoado e bem parecido. Assenta-se na cadeira do meio, e eu fiquei passado quando vi uma cara

mimosa, e com a barba feita da vespera. Sempre fui tomando animo, e comecei a barbear-o; mas logo aos primeiros talhos fiz-lhe sangue na cara. — Que tal está a navalha? lhe perguntei eu. — «Muito boa», me respondeu elle. Bom, disse eu commigo mesmo: o homem não é dorido. — Continuei com mais algum desafoço, e elle muito contente da sua vida, sem tugar nem mugir, e mais já tinha a cara que nem um santo sudário. Por fim acabei, e perguntei-lhe se estava satisfeito. — «Muito», me respondeu elle, com um ar de riso. E pondo a capa e puxando pela bolsa que estava rebentando com ouro, tirou um cruzado que deitou em cima da mesa, e com a mesma mão com que me deu o dinheiro... oh Virgem Sagrada! desandame um murro nos dentes que me quebrou a frontaria toda. — Ora veja esta miseria!

Gregório (*Kindo*) — Então já vejo porque se desgostou do officio de barbeiro?

Bartholomeu — E' verdade.

Gregório — Mas quem era o do murro?

Bartholomeu — Quem era?... quem era?... isso lhe não digo eu.

Gregório (*Agitado*) — E porque?

Bartholomeu — Porque... porque... porque tenho medo de outro murro ou de mais alguma coisa.

Gregório (*Agitado, áparte*) — Oh meu Deus! tenho uma desconfiança... desgraçado de mim se ella se realiza. — (*Em voz alta*) Pois bem; não quer dizer o nome do homem, não importa; mas que tem essa historia com a da briga?

Bartholomeu — Espere, que já lá vamos. Como lhe ia contando: haverá dois mezes, era mais de meia noite, um dos taes mirones, (não o meu conhecido, o outro) zangado de vêr passear aquelle vulto por deffronte das janellas da rapariga, que elle tambem namorava. lembrou-se de se fazer pimpão, e n'uma das voltas em que o meu conhecido vinha para baixo, atravessa-se-me no meio da rua, e diz-lhe com alma: «Por aqui ninguem passa!» O tal desconhecido, (que é aquelle que eu conheço pelo murro, mas não digo quem é, tão tolo era eu!) o tal desconhecido, como ia a dizendo, que é um grande espadachim e morre por estes encontros, mette mão á espada e o outro tambem. — Agora o verás; esgrimiram mais de um quarto de hora... mas o meu conhecido, que é forte de pulso, deu uma estocada no pobre diabo e deixou-o. — O golpe, supponho eu, que não foi de morte, porque o melro foi andando pelo seu pé, porém nunca mais tornou a apparecer até agora.

Gregório — Ora vejani o que o só mestre sabe de coisas! — Mas quem lhe disse que os taes dois mirones (como lhe chama) andavam namorando minha patrãoa?

Bartholomeu — Quem m'o disse? Ninguém Para que tenho eu dois olhos n'esta cara? E ainda digo mais, a rapariguinha por modo que se inclinava para o que levou a estocada.

Gregório (*Com satisfação*) — Como sabe você isso?

Bartholomeu — Via-o eu muito bem; quando passava o meu conhecido, estava a adufa inteiramente fechada; mas quando passava o outro, logo se abria um bocadinho, e em elle virando as costas, era de todo, para o vêr melhor, já se sabe.

Gregório (*A'parte*) — E eu que nunca percebi semelhante coisa!

Bartholomeu (*Indo arranjar o seu trem*) — Mal ella voltou para Lisboa, começaram logo outra vez a rondar dois rebugados: um d'elles é o meu conhecido, e a respeito do outro tenho cá uma desconfiança...

Gregório — Ora diga lá essa desconfiança.

Bartholomeu (*A meia voz*) — Parece-me... parece-me que é o Camões do Rocio.

Gregório (*Fingindo-se admirado*) — Ah!! o tal Cor-

regedor que meu amo trouxe preso para Lisboa!  
Bartholomeu—Esse mesmo.

Gregorio—Mas porque me não hade dizer o sôr mestre o nome do seu conhecido, já que não teve duvida em me dizer o nome d'este. Ou é pessoa de maior consideração, ou muito medo tem você d'elle.

Bartholomeu — E' uma coisa e outra. (*Voltando á scena*) — Ora venha cá; você nunca ouviu contar casos d'El-rei?

Gregorio—Eu não. (*À parte*) Não crescendo as minhas suspeitas.

Bartholomeu — Pois eu lhe conto alguns que sei. Este nosso rei o senhor D. João V é um grande jogador de espada preta, e gosta de andar passeando pela cidade, disfarçado e de noite (já se sabe) entra n'uma loja, entra n'outra e ouve o que se diz d'elle e do seu governo para depois se regular. Também namora a sua rapariguinha e tem por ahí suas brigas, coisas de que elle gosta muito, e quasi sempre dá. Comtudo já achou uma vez um saioio que, sem saber o jogo, e dando a torto e a direito, apertou de tal modo com el rei, que este foi obrigado a apitar para lhe acudirem, quando não o saioio dava cabo d'elle.

Gregorio—Não está mão divertimento!

Bartholomeu—N'outra occasião entrou na loja de uma pobre mulher que vendia lenha. Os parceiros para a conversa eram a dita mulher, e tres criados de servir, que estavam alli fazendo horas. El-rei armou logo palestra com elles, e de que se havia de lembrar! de dizer mal de si. Os tres criados, que parece que eram gallegos, riram muito, e não se escandalisaram... mas a boa da mulher, que era portugueza nos ossos, offendida de ouvir injuriar o seu rei, sae-me muito surruteira para fóra do balcão com uma acha de lenha escondida... tomalhe a porta e desanda-me no rei tres formidaveis arrojadas, segundo dizem, que eu não vi. — O certo é que a mulher nunca mais tornou a vender lenha, e tem hoje uma tença muito boa e muito mal paga, pos causa da obra de Mafra.—Então que lhe parece, sô lavrador!

Gregorio—Que me hade parecer? que quem faz isso, podia muito bem quebrar com um murro os dentes a um mão barbeiro.

Bartholomeu—Hein!! A modo que você não é tão lópra como parece (*Olhando para o fundo, e vendo um vulto embuçado que apparece á esquerda e vem descendo pela rua abaixo, fica espantado*) Adeus! Adeus! temos conversado os farrapos. (*Mette com precipitação a tripeça e a alcofa para dentro de casa e fecha a porta*).

Gregorio — Que tem elle? (*Olhando para o fundo*) Ah!!! Agora é preciso representar, bem de saioio, quando não estou perdido.

## SCENA II

### O DESCONHECIDO, e GREGORIO

(*O desconhecido traz chapéo desabado e vem embuçado*)

O Desconhecido (*A Gregorio, que está na extrema direita*)—Anda cá!

Gregorio—Quem? eu!.

O Desconhecido—Approximate

Gregorio (*Sem tirar o chapéo*)—Antão que me quer?

O Desconhecido—Quero que me façam um recado. Gregorio—Um recado?!

O Desconhecido—Hasde levar uma carta a tua ama, mas com muito segredo.

Gregorio—Essa é boa; é p'ra senhora D. Antonia... dê cá isso.

O Desconhecido—D. Antonia! não, lópra; é para entregar á senhora Marianna.

Gregorio—E de quem é a carta.

O Desconhecido—Isso não é da tua conta?

Gregorio—Pois antão não lhe pego.

O Desconhecido (*Com imperio*)—Mando eu!... (*caindo em si*) Anda, anda que te hade dar para umas botas. (*Apresenta lhe a carta*).

Gregorio—Como dá alguma coisa... vá feito. (*Acceita a carta*)

O Desconhecido—Toma bem sentido; olha que hade de entregar a carta em particular.

Gregorio—Sem que ninguém veja, sim senhor.

O Desconhecido—Isso mesmo; e se trouxeres resposta terás o que quizeres. Em fechando a noite estarei á tua espera no cimo da rua. Adeus!

Gregorio—Adeus lá! e sempre obrigado.

(*O Desconhecido embuçase e vae pela rua acima. Desapparece pelo ultimo plano á esquerda*.)

## SCENA III

Gregorio (*Só. Olhando para a carta que tem na mão*)

--Ah carta! carta!... Quem me dera saber o que ella contém... mas abriu-a para arriscar-me a muito... Guardal-a-hei fechada, pois talvez possa servir para alguma coisa. (*Guarda a carta*) Eis-me aqui pois feito mensageiro de um e outro... O tal Camões não pôde tardar... hade vir buscar a resposta, e já está preparada.—Esse é hade pagar por ambos; hade levar uma lição que o escarmemento para sempre de andar a correr aventuras d'amores. Protesto que hade ser bem castigado... Mas o outro?... o homem da carta?... esse... (*Reflectindo*) Verêmos... Eu sou tão feliz, e elle gosta tanto de gracejar... mas o que eu não sei é se gosta que se graceje com elle... (*Reflectindo*) Vá á sorte! preso por mil, preso por mil e quinhentos: também levará a sua lição. Dar, não me dá elle porque já sei o seu golpe da mestre, que o diga este hombra que ainda não está curado de todo... O caso sempre é muito melindroso!... Ora com effeito, metti-me n'uma tal embulhada, que se sair bem d'ella, levo as palmas a todos os estudantes passados, presentes e futuros. — (*Olhando para o fundo*) Oh! ahí vem o Camões; como elle hade ficar contente com a resposta que lhe vou dar! (*Tira o chapéo e faz-lhe muitas corteziás*)

## SCENA IV

### CAMÕES e GREGORIO

Gregorio (*Subindo a scena e levantando a voz*)—Sou um seu creado sôr doitor Corregedor!

Camões—Nada de cumprimentos; vamos ao que importa: que resposta me trazes do recado que mandei a tua ama? Respondeu por escripto?

Gregorio—Não senhor: de palavra. O sôr doitor Corregedor não lhe escreveu, também ella não.

Camões—Então que manda dizer?

Gregorio (*Levantando a voz*)—Manda dizer...!

Camões—Oh diabo! fala mais baixo que nos podem ouvir.

Gregorio (*Abaixando muito a voz*)—Manda dizer o sôr doitor Corregedor que lhe não pode falar das janellas de sua madrinha.

Camões (*À parte*)—Tenho entendido; é por causa d'elle. (*Em voz alta*) E é a resposta que trazess? Olha que te digo que és forte embaixador.

Gregorio—Se o sôr doitor corregedor toma o recado na escada!...

Camões—Pois avia-te!

Gregorio (*Levantando a voz*)—Diz ella...!

Camões—Fala mais baixo!

Gregorio (*Abaixando muito a voz*)—Diz ella que vae esta noite com a madrinha a casa de D. Francisca d'Albuquerque que mora no Postigo de Santo An-

dré, e que em sendo dez horas falará a sua mercê a uma das janellas rentes da rua.

Camões—Oh que bella ideia!... (*Reflectetinao*) Mas as taes janellas têm grades?

Gregorio—Isso lá não sei eu.

Camões—Está bem; sahiste melhor do que eu pensava. Tens teu geito para o officio, e se puxares por ti hasde fazer fortuna em Lisboa. Ora toma lá... (*Vae a puxar pela bolsa, sente-se o sapateiro mexer na porta.*)

Gregorio—Oh sôr Corregedor! pelo amor de Deus, não me dê dinheiro na rua; sinto o sapateiro mexer na porta, e meu amo pôde estar por dentro das adufas.

Camões—Pois então passa lá por casa quando quizeres.

Gregorio—Munto obrigado sôr doitor Corregedor. (*Fazendo muitas cortesias e sempre de chapéo na mão afasta-se para o fundo.*)

Camões (*So*)—Isso vae bem; a filha hade pagar pelo maroto do pae.—Não me importa a desfeita; o que me faz desesperar é o gosto que tiveram os meus inimigos, e a caçoada que tenho soffrido dos amigos, principalmente d'El-rei que não pôde olhar para mim que não dê uma gargalhada... E quando elle me pergunta muito sério se quero ir fóra da terra a uma diligencia?—E cuidar eu que o tal marmão não havia de ir á cadeia, e havia de alcançar d'El rei o poder-se livrar solto!... isto é o que eu não posso levar á paciencia!... Mas não importa, como a rapariga não é arisca, eu me pagarei por minhas mãos, e o salaio não se hade ficar rindo de mim. Mas elle... elle que tambem arrasta a aza á minha Marianna!... se o vem a saber temos historias... porém alguma coisa lembrará para metter o caso á bulha, e heide escapar como de outros mōnos que lhe tenho pregado. Ainda hoje lhe preguei eu um, e não sei como tomara o negocio. (*Reparando no sapateiro que durante o soliloquio abriu mansamente a porta, e está arranjando o seu trem*) Oh! está alli um remendão... não me conheça elle! (*Sae pelo fundo, direita.*)

## SCENA V

GREGORIO e BARTHOLOMEU

Bartholomeu (*A parte, antes de Gregorio ter desido a scena*)—Vamos a vêr se lhe metto medo, para elle repartir commigo o porte das cartas. (*A Gregorio*) Quando eu disse que você não era tam lórpa como parecia, não me enganava eu.—Com que então você, com esse ar de innocencia, faz jogo para ambos os lados?

Gregorio—Que diz lá o sôr mestre?

Bartholomeu—Digo que você, para salaio, não é dos mais pēcos... leva a sua cartinha...

Gregorio—Qual cartinha?

Bartholomeu—A que lhe entregou aquelle sugeito; cuida que o não vi? Tenho ali uns buraquinhos n'aquelle porta, e nada me escapa.

Gregorio (*A parte*)—Oh que maroto!

Bartholomeu—E tambem percebi o seu negocio com o Camões do Rocio; você é tão fino que lhe não quiz acceitar o dinheiro na rua...

Gregorio—Ora o sôr mestre sabe que assim como ficou sem dentes, pode muito bem ficar sem olhos?... se o souber o sugeito do murro...

Bartholomeu—Oh senhor Gregorio, pelo amor de Deus!... olhe que estou gracejando, e isto não passa d'aqui. (*A parte*) O diabo do salaio já o conhecerá? (*Em voz alta*) Não desconfie commigo.

Gregorio—Eu não; mas veja o que faz; ao depois não se queixe.

Bartholomeu—Não tenha medo, senhor Gregorio;

d'aqui não sae nem uma palavra... Mas você sempre paga uma pinça.

Gregorio—Isso lá sim... e mais alguma coisa.

Bartholomeu—Oh rapaz! toma lá um abraço. (*Abraça Gregorio.*)

Gregorio—Está bom; não me aperte tanto que me amolga as costellas.

## SCENA VI

D. ANTONIA, GREGORIO, BARTHOLOMEU, UMA CRIADA (*que segue D. Antonia*), DEPOIS SEBASTIAO (*sahindo de casa á esquerda, e fica em nun 2.*)  
MARIANNA (*d janella.*)

(*D. Antonia vem vestida como as beatas d'aquelle tempo, traz manto, assim como a criada, que fica atraz d'ella: mas depois vac passando para a direita para se aproximar do sapateiro.*)

D. Antonia (*Com mdo modo, a Gregorio*)—Então que fazes tu por fóra?

Gregorio—Estava ajustando uns tacões aqui c'o mestre.

Bartholomeu—E verdade. (*Vae assentar-se.*)

D. Antonia (*Idem*)—E se teus amo precisarem de ti lá em cima?

Gregorio—Elles deram-me licença.

D. Antonia—Ah! isso então é outra coisa.—Porém já que tinhas uma hora vaga era melhor que a aproveitasses em ir ao sagrado Lausperenne; olha que a gente n'este mundo vive dois dias e no outro...

Gregorio—Eu já tinha essa tenção, mas...

D. Antonia—Pois não a percas. Sabes onde está?

Gregorio—Está... nos Martyres (*A parte*) Ouvi-lh'o dizer esta manhã.

D. Antonia—Pois vae, meu filho, e bem podes estar com muita devoção; não faças como tantos que mais valia que lá não fossem.

Gregorio—Sim senhora.

(*Abre-se a primeira adufa e apparece Marianna á janella.*)

Sebastião (*Sahindo de casa*)—Já voltou, senhora comadre?

(*Durante esta scena Gregorio e Marianna fazem signaes de intelligencia, que não escapam ao sapateiro, que tambem está de intelligencia com a criada.*)

D. Antonia—Cheguei agora, senhor compadre... Mas muito me admira sahir v. m. para fóra, e deixar só em casa uma menina donzella?

Sebastião—Oh sôra comadre, pois eu cá havia de suppr... nós lá p'ra fóra não somos tam desconfiados.

D. Antonia—Lá fóra é uma coisa e na cidade é outra. O senhor compadre não sabe o que por cá vae, que está sempre mettido no seu casal. É tanta a maganagem em Lisboa, que todos os olhos são poucos para vigiar as raparigas. Mas que hade ser se os grandes dão o exemplo! Deus tenha compaixão de nós! os costumes estão estragados... e então o luxo? isso Deus nos acuda, não trajam senão sedas bordadas... e se uma pessoa de alguns tēres não anda como as mais, fazem logo escarneo d'ella. Nossa Senhora do Monte do Carmo se lembre de nós. (*Olha para traç e não vendo a criada, procura-a com os olhos, e muito arvenegada faz-lhe signal para que se afaste de Bartholomeu.*)

Sebastião—Com effeito, sôra comadre, não sabia que isso estava tam máo.

D. Antonia—O que eu digo ainda não é nada; os escandalos não têm fim; o que vale é a muita indulgencia que vem de Roma... isso então, nunca houve tanta! E reliquias, breves e bullas, que é mesmo uma consolação! Dizem que tudo isto custa muito dinheiro... deixá-o custar... (*Com ironia*) era melhor gastá-o em touros e cavalhadas como d'antes? Não senhor; dotam-se conventos,



fazem-se basilicas, e temos duas Sés em Lisboa... Mal empregado dinheiro que se foi na obra livre; para que é toda aquella arcaria? Fazia-se outra Mafra com aquella cabedal, e que rebentassem os invejosos... Nunca houve tanta festa d'egreja, e diz um cereeiro, meu conhecido, que tudo isto parece mais obra dos anjos que dos homens... E as grandes esmolas que vão para Roma? Só isso levaria ao céu a Fl rei nosso senhor, por muitos peccados que elle tivesse; que eu estou persuadida que os não tem... é muito bom senhor... o que por ahí se diz tudo é mentira, e eu tal não acredito. (*Durante esta scena, D. Antonia que t a; um grande roçario na mão, vai sempre passando as contas e conversando*)

Sebastião—Ah sôra comadre! hade perdoar; mas já tem passado para baixo mais de tres mysterios.

D. Antonia—Ah! senhor compadre! se os passei é porque os rezei; estou costumada a falar e a rezar ao mesmo tempo.

Gregorio e Bartholomeu riem-se. D. Antonia reparou no sapateiro que está fazendo sigaes a criada)

Sebastião—Pois isso pôde fazer-se?!)

D. Antonia—Aí! tudo vae do costume... (*Ao sapateiro*) Ora diga-me, senhor visinho, porque não trabalhá? Não sabe que a ociosidade é a mãe de todos os vícios, e que a preguiça é um peccado mortal...

Bartholomeu—Estava ouvindo com tanta devoção a senhora D. Antonia do Menine Deus, que me não lembrava o trabalho. (*A'parte*) Muito atrevidas são estas beatas! (*Pega na pedra, sola e martello, e começa a bater.*)

D. Antonia (*A Sebastião*)—Mas com tudo isso ha muita gente, (e mal de nós se assim não fóra!) que ainda présa os bons costumes... verbi gratia, a nossa casa. (*D. Antonia encommodada com a buha, olha varias vezes para o sapateiro*)—Quer me creia, quer não; desde a morte de meu marido, que Deus haja em gloria, nunca mais entrou sombra d'homem d'aquella porta para dentro.

Gregorio—E, então nós, sôra D. Antonia?

D. Antonia—Pois ainda tu ahí estás?

Gregorio—Agora diz que sou preciso lá em riba.

D. Antonia—Pois sôbe, não estejas ahí com as mãos debaixo dos braços.

Gregorio—Pois sim senhora. (*Sae pela esquerda.*)

Bartholomeu (*A'parte*)—E diz ella que lhe não entra sombra d'homem em casa... ah toleirona! (*Fica rindo.*)

Sebastião—A sôra comadre hade dar licença; é quasi noite, e eu quero falar ainda hoje com o procurador p'ra saber em que altura vae o meu negocio.

D. Antonia—Pois vá, senhor compadre, e Nossa Senhora do Monte do Carmo lhe dê tudo á medida do seu desejo. (*Bartholomeu bate mais forte, D. Antonia olha para elle com raiva*) Ora o senhor visinho não deixará de fazer tanta bulha... não pôde pegar n'outro trabalho?

Bartholomeu—Já não vejo para cozer, e emquanto não accender a luz... (*Bate com mais força*)

D. Antonia (*Muito arrengada, e bençoendo-se*)—Nunca as almas estão livres de tentações! Jesus esteja commigo!... Adeus, senhor compadre! vá aonde tem de ir e recolha-se cedo, parece mal um homem da sua idade recolher-se fora d'horas. (*Sebastião sae pelo terceiro plano á direita. D. Antonia olha com rancor para Bartholomeu que continua a bater.*) O senhor visinho é capaz de tentar um santo. (*Para a criada, que quando ella se volta abaixa os olhos e a cabeça*) Vamos lá, grandissima não sei que lhe dissêra! você cuida que a não tenho percebido? (*D. I-lhe um empuxão.*)

(D. Antonia sae pela esquerda, a criada segue-a e diz adeus ao sapateiro antes de fechar a porta. Marianna recolhe-se e fecha a aduía)

## SCENA VII

(Vae escurecendo)

Bartholomeu (*Si, e rindo*)—A bruxa da velha vae desesperada commigo, mas não importa... (*Começa a recolher o seu trem*) E' quasi noite... vou acender a candeia e fechar a porta.—O sério não hade ser muito comprido, que as noites são pequenas e a obra pouca. (*Vendo o Desconhecido no fundo á esquerda*) Oh! lá está um vulto parado no cimo da rua... que será aquillo?... já faz escuro e não distingo bem... (*Observando*) Mas se me não engano, é o meu homem... Toca a recolher que de dentro ainda espreito melhor. *Entra em sua casa, mas não fecha de todo a porta e fica espreitando.*)

## SCENA VIII

(Noite)

GREGÓRIO, BARTHOLOMEU (*entre portas*) O DESCONHECIDO (*no fundo*)

Gregorio (*Tendo entrado pela escurda e olhando para o fundo*)—Oh! lá está elle (*Vae ao fundo e fala em vós baixa com o Desconhecido.*)

Bartholomeu (*Com a cabeça fóra da porta*)—Lá está o salaio (se é que o é) a cochichar com o embuçado... Quem me dera ouvir o que elles estão dizendo, mas não me atrevo a chegar-me, não me succeda o que disse o tal Gregorio, que eu fique sem olhos assim como fiquei sem dentes.

(O Desconhecido separa-se de Gregorio e desaparece pela escurda; Gregorio desce a scena. Bartholomeu recolhe-se, mas espreita de vez em quando.)

Gregorio—Este tambem está arrumado. Tenho tudo disposto, agora mãos á obra e fortuna me valha. (*Olhando para á direita.*) Vejo um vulto... parece-me que é o pae de Marianna. (*Vae para casa e fecha a porta.*)

## SCENA IX

SEBASTIÃO, BARTHOLOMEU (*entre portas,*) depois LOURENÇO e ESTEVES.

Bartholomeu—Lá entrou para casa o salaio (se é que o é)

Sebastião (*Atravessando a scena*)—A conversa de minha comadre fez-me demorar, e não achei o procurador em casa. (*Bate á porta da esquerda.*) Gregorio (*Fora*)—Quem é?

Sebastião—Podes abrir, que sou eu. (*Abre-se a porta e Sebastião entra.*)

Bartholomeu (*Apparecendo*)—O lavrador pouco se demorou; poderá ter medo de andar de noite... (*Escutando para á direita fundo.*) A modo que sinto gente. (*Esconde-se.*)

Lourenço (*Vindo do fundo direita com Esteves*)—O nosso patife está em casa do seu précurador... e fui avisar-te para me ajudares a dar-lhe uma esfregada.

Esteves—Vê lá no que te mettes. (*Descem.*)

Lourenço—Isto não tem outra cura. Nós ámanhã não temos provimento no agravo e pagamos as custas; mas o maroto não se hade ficar rindo de nós.

Bartholomeu (*A'parte*)—Isto certamente é com o lavrador; mas vem tarde porque já está recolhido. Esteves—Pois dê-se-lhe uma maçada; tu não lhe tens mais gana do que eu... Porém se chegam a saber que somos nós ficamos perdidos.

Lourenço—Não tenhas medo; hoje em dia cá em Lisboa dá quem quer, ou quem póde.

Esteves—Está dito, eu estou prompto... mas o

peior é que não trago outra arma senão esta bengala.

**Lourenço**—É quanto basta, que nós não havemos de dar a matar; é sómente um lembrete... e de mais não tenho eu aqui a minha espada?  
**Bartholomeu** (*A parte*)—Que taes são os marotos! Esteves (*Olhando para a esquerda*)—A modo que sinto abrir uma porta?...  
**Lourenço**—Pois vamo-nos safando por esta travessa. (*Saem ambos pela direita.*)

(Bartholomeu fecha a porta em quanto elles passam, e abre-a logo que elles saem—Gregório, vestido convenientemente, embuçado e com chapéu derubado, entra pela esquerda, fecha a porta e guarda a chave. Atravessa o theatro e sae pelo fundo direita.)

**Bartholomeu** (*Apparecendo*)—Quem será aquelle embuçado que saiu agora de casa de D. Antonia? E diz ella que não vae lá sombra d'homem... Coitada!—Tomára já que a minha deusa me fizesse signal para ir receber a pitação do costume... já tenho vontade de cear. (*Olhando para o fundo esquerda*.) Ah! vem gente... toca a recolher. (*Recolhe-se e fecha a porta como acima.*)

### SCENA X

O DESCONHECIDO, CAMÕES, e BARTHOLOMEU (*escondido*)

Vem do fundo esquerda, ambos embuçados e com chapéus derubados. Descem em silencio até á bocca da scena. O Desconhecido do olha de passagem para as janellas de D. Antonia.)

**O Desconhecido** (*Indicando a direita*)—A's onze horas estardes com a tua gente n'aquella travessa, e vem encontrar-te comigo n'este sitio.

**Camões**—E nada mais?

**O Desconhecido**—Mais nada... Ah! diz-me: prendeste com effeito aquelle homem?

**Camões**—Não senhor.

**O Desconhecido** (*Colerico*)—Como assim! tenho toda a certeza de que estava em casa quando o foste prender.

**Camões**—Ora diga-me, meu senhor; El-rei governa de telhas a baixo, ou de telhas a cima?

**O Desconhecido**—A pergunta é ociosa; de telhas a baixo.

**Camões**—Pois meu senhor, não preendi o homem porque fugiu para o telhado.

**O Desconhecido** (*Rindo-se*)—Ora esta!... é das tuas... Deixaste escapar o homem porque o julgas innocente?

**Camões**—Sim senhor; mas agora está em meu poder prendel-o quando quizer.

**O Desconhecido** (*Depois de ter reflectido*)—Não. Esse homem tem serviços e El-rei está melhor informado. . Fizeste bem, Camões, fizeste bem; salvaste El-rei de fazer uma injustiça, e elle t'o saberá agradecer.

**Bartholomeu** (*A parte*)—Lá está o desconhecido que eu conheço.

**Camões**—Determina mais alguma coisa?

**O Desconhecido**—Não. Pódes retirar-te. (*Sobe alguma coisa e olha para as janellas da esquerda*)

**Camões** (*A parte, rindo*)—Cuida que Marianna está em casa, e ella lá em cima á minha espera. (*Corteja respeitosamente o Desconhecido, e sae pelo fundo direita.*)

**O Desconhecido** (*Passando por d'frente das janellas de D. Antonia, olha para cima e tosses—Momento de silencio*) Ainda é muito cedo (*Torna a tossir e a olhar para cima; espera um momento e sae pelo fundo, esquerda*)

**Bartholomeu** (*Em scena*)—Agora eu. (*Tes e com força, e olha para a janella: momento de silencio*) Não apparece... não estarão ainda os amos recolhidos.—Emquanto D. Antonia tiver esses hospedes em casa, não podemos conversar á nossa

vontade... pois gosto da conversa; a rapariga tem seu tino... mas quer casar, e eu viuvo de duas não me metto com terceira que me hade mandar para o cemiterio. (*Tosse com força: abre-se a adufa, e correspondem-lhe de cima tossindo.*) Até que afinal appareceu. (*Vae collocar-se debaixo das janellas.*)

**O Desconhecido** (*Que n'este intervallo tornou a apparecer no fundo á esquerda*.) Que será aquillo? Vejo um vulto debaixo da janella de Marianna!... (*Desce precipitadamente ao momento em que da janella deitani por um cordel um guardanapo atado pelas pontas, tendo dentro um prato com comer e um pão.*)—Deitando a mão á gola de Bartholomeu) Que faz ahí debaixo d'essa janella?

**Bartholomeu** (*Atemorisado*)—Ah!

(*De cima deixam cair o atado e fecham a adufa*)  
**O Desconhecido**—Que é isto?

**Bartholomeu** (*Reconhecendo-o, e calindo de joelhos*)—Ah, meu senhor! tenha compaixão de mim!... que eu... eu... eu digo a verdade toda... sou um sapateiro que moro alli defronte... e a criada d'esta casa... (que é uma rapariga de muita caridade) costuma dar-me alguma coisa de comer... Esta é a verdade pura... e mande-me enforcar se assim não é.

**O Desconhecido** (*Rindo*)—Está bom; cuidei que era outra coisa. Póde-se recolher.

**Bartholomeu** (*Levantando-se atemorizado e fazendo muitas corteias*)—Muito obrigado, meu senhor, muito obrigado.

(O Desconhecido embuçase e sobe a scena)

**Bartholomeu** (*Apanhando o que pode aproveitar*)—Ainda não estou em mim... Hoje não torno a sair á rua que me cheira a trovada... Vou fechar a minha porta e não quero espertar mais. (*Olhando para o fundo direita*) Eil o ahi vem outra vez; safa!... (*Recolhe-se, mas não fecha a porta de todo.*)

### SCENA XI

GREGORIO e BARTHOLOMEU (*escondido*)

**Gregorio** (*Descendo, e vindo do fundo direita; traq duas espadas na mão, uma com bainha outra sem ella*) O Corregedor já levou a sua lição. Não é de perigo que só lhe apanhei o braço da espada, mas foi preciso dar-lhe duas vezes para a largar.—O homem não deixa de saber o jogo, e é valente, mas coitado!... tem que andar alguns dias de braço ao peito, e hade perder a vontade de fazer festa á minha Marianna... Vamos para casa que não poderá tardar muito o outro; avisei-o para a meia-noite... (*Mette a chave na fechadura, entra e fecha a porta.*)

**Bartholomeu** (*Com a cabeça fóra da porta*)—Aquelle não é o Camões nem o meu Desconhecido, é já outro... parece-me que é o mesmo que de lá saiu ind'agora... Olhem se os outros dois tal soubessem... (*Escutando para a direita*) Sinto passos pela travessa... será talvez a ronda. (*Recolhe-se e fecha a porta.*)

### SCENA XII

ESTEVES, LOURENÇO, BARTHOLOMEU (*escondido*), depois O DESCONHECIDO; GREGÓRIO (*á janella com a adufa pouco aberta.*)

**Esteves** (*A Lourenço, entrando pela direita*)—O homem já não póde estar em casa do procurador; isto é muito tarde, e certamente já está recolhido.  
**Lourenço**—Oh Manuel Esteves! não me digas tal; elle ainda não veio para casa, e logo verás se tenho razão ou não... Vamos esperar aqui por elle.

Esteves—Pois vá feito.

Gregorio (*Da janella, á parte*)—Se me não engano é o capitão Lourenço com Manuel Esteves.

Lourenço (*Olhando para o fundo esquerdo*)—Parece-me que vejo lá em cima... é elle certamente... prepara lá a bengala.

Esteves—Vamos a elle; dá-lhe p'ra valer, Lourenço Gámeiro.

Bartholomeu (*Abrindo alguma coisa a porta, e á parte*)—Mal sabem os tolos com quem se mettem!

Gregorio (*Á parte*)—E' então! não vinham elles fazer uma espera ao pobre velho! Felizmente ha muito tempo que está dormindo a somno solto.

Lourenço—Oh Manuel Esteves! não me esmoreças.

Esteves—Conta commigo.

(O Desconhecido apparece no fundo esquerdo)

Gregorio (*Á parte*)—E' noite de aventuras para o meu competidor.

(Os dois caminham para o Desconhecido, que desembainha a espada)

Lourenço (*Recuando*)—O homem traz chanfallo!... por esta não esperava eu.

Esteves (*Recuando*)—Puxa pela espada e vamos a elle!

O Desconhecido—Quem vem lá?

Lourenço (*Levantando a bengala*)—Sôr Sebastião, se é homem largue a espada.

Gregorio (*Á parte*)—O caso é divertido!

O Desconhecido—Puxa pela tua! de que te se serve essa roca á cinta?

Lourenço (*Recuando*)—Eu não brigo com espada.

O Desconhecido—Puxa por ella, quando não!...

Esteves (*Á Lourenço*)—Oh diabo! que foste fazer? esse homem não é Sebastião d'Arruda.

Lourenço (*Afirmando-se*)—E' dizes bem. (*Do Desconhecido*) Queira perdoar; o caso não era com sua mercê.

O Desconhecido—Visto isso, era uma espera que estavam fazendo?...

Esteves—Não senhor; era uma brincadeira.

O Desconhecido (*Investindo com elles*)—Ah canalha vil!...

(Os dois fogem pela travessa, o Desconhecido segue-os sem correr. Um momento depois ouve se o apito.)

Bartholomeu (*Deitando a cabeça*)—Aqueles têm casal pagas; não é mal feito.

Gregorio (*Da janella á parte*)—A noite é brilhante!

O Desconhecido (*Entrando pela direita, e embainhando a espada*)—Corriam bem, mas sempre foram presos. (*Olhando para cima*) Parece-me que são horas. (*Tosse*—Gregorio tosses também com o som muito fino; Bartholomeu fecha a sua porta mansamente)

Está ahí, senhora D. Marianna?

Gregorio (*Com voz de mulher*)—Estou, sim senhor.

O Desconhecido—Muito tempo ha, que suspirava pela feticidade de lhe falar.

Gregorio (*Como acima*)—Mas quem é sua mercê?

O Desconhecido—Não lhe mandei dizer na minha carta que era um fidalgo da corte?

Gregorio—Mas o seu nome?

O Desconhecido—Não julgo conveniente dizel-o em voz alta, que poderão ouvir-me; mas eu lh'o direi em particular.

Gregorio (*Idem*)—Em particular não posso eu falar com sua mercê, que estou em casa de minha madrinha como n'um convento de freiras.

O Desconhecido (*Á parte*)—Convento de freiras! A quem o vem dizer! (*Em voz alta*)—Mas podemos encontrar-nos em alguma outra parte... Ora diga-me: quaes são as casas que sua madrinha frequenta na corte?

Gregorio (*Idem*)—Nós só vamos visitar algumas vezes a senhora camarceira-mór.

O Desconhecido—Nada, nada... gente do paço! nem pensar n'isso é bom. (*Á parte*) Ella diz bem;

é peor do que se estivesse n'um convento; antes fosse freira de Odivellas.

Gregorio (*Idem*)—Ah senhor!... tenha a bondade de se retirar... Parece-me que se levantou meu pae ou minha madrinha.

O Desconhecido—P'vis até já, minha senhora!

Gregorio (*Idem*)—Até logo! (*Fecha a adufa*.)

(O Desconhecido sobe a scena e desaparece pelo fundo esquerdo.)

Bartholomeu (*Deitando a cabeça*)—O meu conhecido conversou com a tal rapariguinha, mas desgraçadamente não pude pescar uma unica palavra... talavam muito baixo... (*Sentindo abrir a porta de D. Antonia*) Oh! lá se abre a porta da beata. (*Vendo Gregorio*) E' o mesmo homem que entrou ha pouco... que historia será esta? (*Vendo que Gregorio vem para a direita, recolhe-se e fecha a porta de vagar*.)

N'este intervalo Gregorio embuçado, com chapéu derrubado, tem aberto a porta que torna a fechar, e vem para a direita collocar-se na boca da travessa. Já traz a espada desembainhada na mão. O Desconhecido apparece no fundo á esquerda. Gregorio caminha para elle.)

Gregorio—Por aqui ninguem passa!

O Desconhecido—Oh! o'ra vez! (*Desembainhando*) Muito caro te custarão já essas palavras... levarás nova lição.

Gregorio (*Já brigando*)—Hoje espero eu tomar a minha desforra.

O Desconhecido—Agora o verás.

(Durante a briga Gregorio passa para cima)

Gregorio (*Já de cima*)—Se não sabe outro, esse já eu conheço.

O Desconhecido—Apprendeste á tua custa. (*Continua a briga por um momento*) E este?

Gregorio (*Caindo mortalmente do meio da scena para o fundo*) Ai que me matou!...

O Desconhecido—Fatalidade!... A espada mal lhe tocou... (*Examinando a espada*) Não tem signal de sangue... (*Examinando o corpo*) Porém o desgraçado está sem movimento!... (*Afflicto*) Foi certamente no coração!... e Camões sem apparecer...

## SCENA XIII

O DESCONHECIDO, CAMÕES E GREGORIO  
(*estendido no fundo*.)

Camões (*Entrando pela direita*)—Aqui estou meu senhor.

O Desconhecido—Sabes o que me aconteceu? matei um homem!

Camões—Pois paciencia!

O Desconhecido (*Irado*.)—Se viesses ás horas que te determinei, talvez que isto não tivesse acontecido; teria chamado e o infeliz estaria vivo.

Camões (*Mostrando ao Desconhecido a mão direita que traz ligada*) A minha desculpa, senhor, é o estado em que me acho: estou ferido no braço e mão direita.

O Desconhecido (*Colerico*.)—Como foi isso?! atacaram a ronda!

Camões—Não senhor; foi uma briga que tive por causa de uma certa menina a quem ia falar esta noite, ás dez horas. Fiquei ferido, e estive até agora em mãos de cirurgia—E' o fructo que se tira d'estas aventuras nocturnas; mas o que me consola é ter tantos companheiros.

O Desconhecido (*Afflicto*)—O que te aconteceu é uma bagareta; o meu caso é mais sério... uma morte!... eu!... Esse homem tinha já brigado comigo n'este sitio, ha dois mezes, e ficou ferido no hombro direito... o desgraçado tinha de morrer... oh meu Deus! e por minhas mãos! (*Fica consternado*.)

Camões—Já agora é mandar-lhe dizer missas por alma. (*Indo examinar o corpo.*) Vamos tirar d'aqui este corpo.

O Desconhecido—Que remorsos para o resto da minha vida!... que vergonha se isto se divulgar!

Gregorio (*A parte, levantado a cabeça depois de Camões o examinar.*)—O que mais me tem custado é representar o papel de defunto!

Camões (*Depois de ter descido*)—E que dirá quando souber que é o mesmo que me feriu esta noite?

O Desconhecido—Que dizes?

Camões—A verdade; é elle mesmo... muito bem o reconheço.

O Desconhecido—E' caso bem extraordinario!

Camões—Até incomprehensivel!

O Desconhecido—Manda levantar esse corpo.

Gregorio (*A parte*)—Querem vêr que me mandam enterrar! isso não consinto eu.

Camões (*depois de ter apitado á bocca da travessa.*)

Aonde quer que seja conduzido?

O Desconhecido (*Afflicto*)—Aonde te parecer. (*fica na extrema esquerda consternado e encostado á espada.*) Que desgraça! que fatalidade! (*Entram seis homens pela travessa a direita.*)

Camões (*Aos homens*)—Levantem aquelle corpo, e conduzam-n'o ao hospital de Todos os Santos. (*Os seis homens estão na direita baixa.*)

Côro

Seu preceito cumprido

N'um momento será;

E d'este triste caso

Ninguém saberá.

(Dirigem-se para o fundo. Gregorio levanta-se ligeiramente e fôge pela rua da esquerda. Todos ficam estupefactos. O Desconhecido e Camões olham um para o outro e desatam a rir.)

## ACTO TERCEIRO

*O theatro representa a sala de D. Antonia. Porta no fundo que é a entrada principal. Duas portas á direita, duas janellas á esquerda. Trastes antigos: uma mesa á esquerda no primeira plano.*

### SCENA I

MARIANNA e GREGORIO

Gregorio (*Rindo*)—Ah! ah! ah!

Marianna (*Sorrindo-se*)—O senhor Diniz está rindo? pois eu não tenho motivo para isso; todos esses acontecimentos não pôdem deixar de ser funestos para a minha reputação.

Gregorio—Hoje mesmo espero reparar todas as minhas extravagancias; mas entretando deixe-me rir da peça que lhes preguei a ambos.

Marianna—Diga-me: ficaria o Camões perigosamente ferido?

Gregorio—Não senhora; mal lhe toquei duas vezes com a ponta da espada... mas o outro! (*Rindo*) Ah! ah! esse levou uma lição muito maior.

Marianna—A quanto se tem exposto!

Gregorio—Ambos são homens de boa feição, e estou certo que afinal hão-de rir ainda mais do que eu.

Marianna—Mas não me contará qual foi o resultado da sua briga com elle?

Gregorio—O resultado foi muito comico: fingi que tinha cahido morto; (a espada mal me tocou no fato.) Cuidou que me tinha ferido; affligiu-se, disse mal á sua vida... e chamou o Camões. Ora imagine como este ficou quando reconheceu ser o mesmo que o tinha ferido pouco tempo antes. Nova admiração de parte a parte... Finalmente o Corregedor apitou, veio a sua gente e mandou levantar o morto. (*Rindo*) Vinham para me levantar, mas levantei-me eu muito ligeiro, fugi pela rua acima e desapareci—Julgo que foi tal o espanto que lhes causou a minha ressurreição que nem sequer me seguiram. (*Rindo*) E não quer que eu ria? Parece-me que os estou vendo a olhar um para o outro, a principio muito sérios, e depois soltarem ambos uma grande gargalhada.

Marianna—Talvez não rissem tanto como pensa; é mais provavel que ficassem furiosos, e que façam diligencia para descobrir quem os escarneceu.

Gregorio—Tem que procurar. Não imaginam de certo que n'esta mesma casa é que está o seu defunto.

Marianna—Estou bem arrependida da minha condescendencia!...

Gregorio—Ah senhora!...

Marianna—E muito arrependida. E' verdade que o amo, e mal o poderia negar... porém certifico-lhe que se não fosse o perigo em que vi meu pae, e a necessidade que elle tinha do senhor Diniz para se livrar, não teria consentido que estivesse em nossa casa.—Ainda que a sua empreza seja coroada por um successo feliz, já não evito o desdoido que de tudo isto me resulta.

Gregorio—Não se affliga; o marido fará esquecer todas as loucuras do amante.

Marianna—Mas, como ha de vencer a opposição de meu pae, e talvez de minha madrinha?

Gregorio—Assim como tenho vencido tudo o mais.

Marianna—Silencio! ah! vem gente.

(Gregorio disfarça limpando as mesas e cadeiras.)

### SCENA II

D. ANTONIA, MARIANNA e GREGORIO (*no fundo*)

(D. Antonia vem pela primeira porta da direita.)

D. Antonia (*A Gregorio*)—Ainda esta casa não está limpa?! (*A Marianna*) Minha afilhada ainda não pegou em trabalho!

Marianna—la agora principiar.

(D. Antonia assenta-se á esquerda ao pé da mesa. Marianna do outro lado da mesa e começa a trabalhar. Gregorio continua por um momento a limpar a mobilia e sai pela ultima porta á direita.)

D. Antonia

O trabalho, minha filha,

Livra de mãos pensamentos

E os tivesse passaria

Mil desgostos, mil tormentos

Ave Maria!

A mulher e o vidro

Sempre estão em perigo.

Atraz da vida ociosa

Chegavam logo os amores;

Só com festas sonharia,

Noivos e coisas peiores;

Santa Maria!

A mulher e o vidro

Sempre estão em perigo!

Eu, que as ciladas do mundo  
Té'gora tenho evitado,  
Não sei mesmo o que faria  
Se me lembrasse um noivado.

Ave Maria!

A mulher e o vidro  
Sempre estão em perigo.

Que tem, afilhada, que está hoje tam triste?

Marianna—Eu não estou triste, minha madrinha.

D. Antonia—Não me diga isso; não negue a verdade reconhecida por tal, que é um peccado contra o Espirito Santo.—E então que lhe parece o que contou agora a visinha tecedeira? Que bonitos casos aconteceram a noite passada n'esta rua! Louvado seja Deus! o mundo está todo perdido! O que mais me desespera é acontecerem estas coisas de baixo das minhas janellas.

Marianna (*Agitada*)—E que culpa temos nós do que se passa na rua!

D. Antonia—Não sei, minha afilhada, não sei. A briga que houve n'este sitio ha dois mezes tambem deu muito que falar... A afilhada tem muito juizo, é muito honestasinha, isso é verdade; mas quem sabe se esses homens que andam por ahí ás estocadas uns aos outros são seus apaixonados?

Marianna—Oh madrinha! pois v. m. pensaria que...

D. Antonia—Já da outra vez eu tive essa desconfiança, e por isso mandei chamar o meu compadre para a levar. Enquanto lá esteve andou isto por aqui muito sosegado... agora já tornam a apparecer embuçados... não me dirá o que quer que eu pense?

Marianna—A madrinha pôde pensar o que quizer; mas parece-me que nunca dei motivo...

D. Antonia—Eu tambem ainda não disse que deu motivo; mas as coisas acontecem e as más linguas afiam-se... Ninguém se livra de falsos testemunhos, e eu mesma, n'esta edade, não estou livre d'elles. Quantas pessoas haverá por essa visinhança que me tenham abocanhado... sou uma senhora viuva, e hade haver muito quem os acredite.

Marianna—Deus permita que meu pae ultime hoje o negocio que o detem em Lisboa, para voltarmos para o casal.

D. Antonia—Ah ingrata! você quer-me deixar?... quer abandonar sua madrinha que a criou de pequena, e a quem deve tantas obrigações?... Está muito enganada, hade ficar em Lisboa.

Marianna—Mas a madrinha já me mandou para casa de meu pae... e em que occasião?... Olhe; não me pareceu da sua prudencia...

D. Antonia (*Levantando-se colérica*)—Oh atrevida! você chama-me imprudente!...

Marianna (*Levantando-se e com humildade*)—Minha senhora!...

D. Antonia—Bem digo eu que está o mundo perdido; a gente moça já se levanta contra seus paes e seus superiores.—Cuida que a não entendo? quer ir para o Almagem para estar á larga, para fazer o seu casamento com o tal *salvage* do Alemtejo. Tão pouco juizo tem meu compadre como a minha afilhada.—A creação que lhe dei não era para ser mulher de um lábrêgo; destinava-a para um cavalheiro, filho de um parente meu... mas seu pae entendeu lá outra coisa, e eu não quero desmanchar prazeres.

Marianna—Pois madrinha, se quer que lhe diga a verdade, tenho a maior repugnancia ao tal casamento; e se dependesse da minha vontade...

D. Antonia—Pois de que depende senão da sua vontade e da minha?

Marianna—Ah senhora! porventura tem uma filha o direito de se oppôr ás determinações de seu pae?!

D. Antonia—Sim senhora, quando são injustas. E visto que a afilhada confessa ter essa repugnancia, tornarei ás minhas tenções antigas, e hade casar com o meu parente.

Marianna—Mas senhora, eu não conheço esse cava-lheiro...

D. Antonia—Que importa! basta que o conheça eu. E' verdade que o não vejo ha muitos annos; mas dizem que está um moço perfeito... e como a afilhada diz que...

Marianna—Ah minha senhora! eu ainda não disse nada; ainda não concordei...

D. Antonia—V. m. tem obrigação de concordar comigo em tudo, porque estou em logar de sua mãe. (*Indicando a mesa á direita*) Dê cá aquelle tinteiro... Vou immediatamente escrever a meu primo que está em Coimbra a olhar pelo filho, que anda na Universidade... Não, que elle não é como os paes do tempo presente, que abandonam a mocidade á discreção; não senhora, esse é cá dos meus, e por isso me empenho tanto n'esta união. (*Assentando-se á mesa e passa as contas para a mão esquerda*.)

Marianna (*Depois de ter posto com muita impaciencia o papel e a escrevinhinha sobre a mesa da esquerda*)—Porém a madrinha não sei o que faz... sem dar parte a meu pae...

D. Antonia (*Estimulada*)—Não sei o que faço!! A afilhada é que não sabe o que diz. (*Escreve, e sempre passando as contas*.)

Marianna (*A parte*)—Não ha desgraça igual á minha!... dois casamentos ao mesmo tempo, e ambos contra minha vontade... que hade ser de mim?!

D. Antonia (*Dilando a si mesma*)—«Por tanto es-  
pero que meu primo venha a Lisboa para con-  
cluirmos este negocio.—Sua prima, amiga e muito obrigada—D. Antonia do Menino de Deus.» (*Fechando a carta*) Chama lá o Gregorio para ir deitar esta carta no correio. (*Acaba de a fechar*.)

Marianna (*Indo á ultima porta á direita*) Senhor Gregorio!... minha madrinha que o chama!

### SCENA III

D. ANTONIA, GREGORIO e MARIANNA

Gregorio—Aqui estou.

D. Antonia—Venha cá... vá deitar esta carta no correio.

Gregorio (*Olhando para o sobrescripto fica espantado*)  
Então a senhora quer que eu leve esta carta ao correio?

D. Antonia—E muito depressa.

Gregorio—(*A parte*)—E' uma carta para meu pae!...  
D. Antonia—Então, não me ouviu bem?... Não sabe que não gosto de dar um recado duas vezes?

Gregorio Eu vou, senhora D. Antonia. (*Passando ao lado de Marianna, a meia voz*)—Declarou tudo a sua madrinha; quer a minha deszaça... pois bem! eu lhe farei a vontade! (*Sae precipitadamente pela ultima porta da direita*.)

Marianna (*A parte*)—Que diz elle?! (*Em voz alta*) Ah madrinha!... não sei o que me diz o coração... parece-me que hei de ser muito infeliz.

D. Antonia—A sua felicidade, minha afilhada, corre por minha conta... (*Olhando para o fundo*) Parece-me que sinto meu compadre.

(Marianna vae no fundo receber-o)

### SCENA IV

D. ANTONIA, SEBASTIÃO, e MARIANNA

Sebastião (*Entrando pelo fundo muito alegre*)—Ora venha de lá esse abraço, sóra comadre. (*Abraça a*

*velha que recua, e depois a filha.)* Bem podem dar-me os parabéns; a sentença sahio na Relação a meu favor, e os taes indivíduos hamde pagar as cusa tas e as percas que lhe hamde cheirar a esturro. Agora estou eu como quero,

D. Antonia—Muito estimado, senhor compadre... Mas sempre lhe dou de conselho que nunca mais se torne a metter com gente da Igreja. (*Movimento de Sebastião.*) Ora pois, saberá que tenho justo o casamento de minha afilhada com um parente meu, e...

Sebastião—Que diz, sôra comadre? Não se alembra que está prometida a um lavrador como eu, o meu amigo Manuel dos Pégões; que dei a minha palavra e que não haverá coisa alguma n'este mundo...

D. Antonia—Que me importa a mim a sua palavra! Sebastião—Oh sôra comadre!

D. Antonia—Já disse que me não importam os ajustes que fez; entendeu-me, senhor compadre?

Sebastião (*Escandecido.*) Não me diga isso, sôra D. Antonia do Menino Deus!... pois eu havera de negar a minha palavra de lavrador honrado!

D. Antonia—O que! casar sua filha contra vontade d'ella!

Marianna—Minha madrinha, eu disse-lhe que estava prompta a obedecer a meu pae.

Sebastião—Antão ouve, sôra comadre?

D. Antonia—Ouço muito bem, que não sou tam velha que já esteja surda... mas se minha afilhada lhe obedece é á viva força, e contra o preceito de Deus.

Sebastião—Eu tambem consultei a rapariga, e ella não se mostrou descontente.

D. Antonia—Em uma palavra, senhor Sebastião d'A'ruda, não quero que Marianna case com o seu alemeção... não hade casar senão com o meu parente.

Marianna—Minha madrinha...

Sebastião—Como quer minha comadre que eu me desculpe com o homem? Como pôde isso ser?

D. Antonia—Desculpe-se lá como quiser. Eu já escrevi ao pae do noivo, e em poucos dias tudo ficará concluido.

Sebastião—E a rapariga está por isso?

Marianna—Eu, meu pae? tanto conheço um como o outro.

D. Antonia—Então ouve o que ella diz?

Sebastião—Do qu'ella diz não se entende outra coisa senão que está prompta a obedecer.

D. Antonia—Eu tambem assim o entendo.

Sebastião—Por esse dizer julga antão minha comadre que tem mais poder sobre ella do que eu mesmo?

D. Antonia—Agora acertou; a mim é que me pertence tratar do casamento de Marianna, porque estou em logar de sua mãe; e faça favor de me não quebrar mais a cabeça; pois desde que começou a alterar commigo, ainda não pude resar um mysterio (*Sente-se rumor na rua e no fundo*) Mas que bulha é esta?... parece-me que vem gente pela escada acima.

Marianna (*C'egando a uma das janellas.*)—Estão muitos homens parados na rua, e outros vêm entrando.

Sebastião—Que será isto?

## SCENA V

D. ANTONIA, SEBASTIÃO, GREGÓRIO (*vindo pelo fundo*) e MARIANNA

Gregório—Sôr meu amo, sôra D. Antonia...ahi vem a justiça.

D. Antonia e Sebastião—A justiça!

Marianna—Oh meu Deus!

Gregório—Não s'assustem; julgo que andam em diligencia de encontrar o espadachim que fez essas desordens a noite passada.

Sebastião—Essa é boa! pois aqui é que o vêm procurar?!

## SCENA VI

D. ANTONIA, SEBASTIÃO, O CAMÕES MARIANNA, GR<sup>o</sup> GÓRIO, O DESCONHECIDO, UM ESCRIVÃO E CINCO OFFICIAES DE JUSTIÇA

(O Desconhecido fica no fundo embuçado com a cabeça descoberta entre os officiaes de justiça.)

Camões (*Ainda no fundo, a meia voz ao Desconhecido*)—Já disse, quero perder a minha vara, se não lhe apresentar hoje o tal fradinho da mão furada. O Desconhecido (*A meia voz*)—Veremos isso.

Camões (*Descendo, a D. Antonia*)—Sinto muito, minha senhora, dar-lhe este incommodo, mas venho da parte d'El-rei fazer uma averiguação.

D. Antonia—Então que vem cá averiguar o senhor Corregedor?

Camões—Muita coisa... mas a senhora ha de dar licença... (*Para o fundo*) Senhor escrivão, assente-se a esta mesa.

(O Escrivão, que traz um grande rolo de papel, abre-o sobre a mesa, e assenta-se da parte de cima. D. Antonia assenta-se á esquerda da mesa no logar que occorreu no principio do acto; o Camões na cadeira qu' occupava Marianna.)

Gregório (*Em voz baixa, a Marianna*)—Não esteja aqui, retire-se.

Marianna (*A meia voz*)—Que vem a ser isto?

Gregório (*A meia voz*)—Logo o saberá.

(Marianna sae pela segunda porta á direita \*—Gregório fica no fundo á esquerda, e examina tudo.)

Camões (*Já assentado*)—Principiarei tomando o depoimento á senhora D. Antonia do Menino Deus.

D. Antonia—O meu depoimento! para quê?

Sebastião (*A parte*)—Que trapalhada será esta?

Camões—A senhora terá a bondade de declarar quaes são as pessoas que frequentam a sua casa?

D. Antonia—Além de meu compadre, que é meu hospede, não entra aqui outra pessoa senão a nossa vizinha tecedeira e o aguadeiro.

(O Escrivão escreve.)

Gregório (*A parte*)—O caso está intrincado.

Camões—Pois não vem outras pessoas a sua casa?

D. Antonia—Não senhor... a não ser alguma amiga minha que me vem visitar de tempos a tempos.

Camões—E a senhora D. Antonia não tem desconfinça que pessoa da sua familia introduza alguém de dia... ou de noite?...

D. Antonia (*Bençoendo-se*)—Jesus! Santo Nome de Jesus! Que está ahí dizendo, senhor Corregedor?

Camões—O que digo não deixa de ter algum fundamento. (*Para o fundo*) Mandem entrar o sapateiro.

Gregório (*A parte*)—Vae-se embulhando o caso.

(Um official de justiça sae por um momento, e torna a entrar com Bartholomeu.)

## SCENA VII

OS MESMOS, E BARTHOLOMEU \*\*

(O Desconhecido que está a meia scena, á direita, volla as costas a Bartholomeu quando elle passa. Bartholomeu corre tudo com os olhos, desce e fica em pé á esquerda do Corregedor.)

Camões—Chegue, senhor mestre!

Bartholomeu (*Descendo e fazendo cortesias a todos*)—Estou ás ordens de sua mercê.

Camões (*A Bartholomeu*)—Consta-lhe que a casa

\* D. Antonia, o Camões, Sebastião; os mais no fundo

\*\* D. Antonia, o Camões, Bartholomeu, Sebastião; os mais no fundo.

d'esta senhora seja frequentada por algum homem estranho, principalmente de noite?

(Bartholomeu mastiga.)

D. Antonia — Ah senhor Corregedor! isto é uma grande injúria que se me faz; n'esta casa não entra sombra d'homem.

O Desconhecido (*Descendo alguma coisa*) — A sombra não decerto.

Camões (*A Bartholomeu*) — Diga o que sabe.

Bartholomeu (*Mastigando, e coçando-se*) — E' bem verdade que até hontem nunca vi entrar n'esta casa pessoa alguma que fizesse desconfiança; mas a noite passada... (*Mastiga*).

Sebastião — A noite passada... o quê? (*A parte*) Estou tremendo; mais valêra que a rapariga estivesse no casal.

Camões — Então, mestre! fala ou não fala? Você já fez o seu depoimento; agora queremos vêr como o ratifica!

Bartholomeu (*Coçando-se*) — Hontem á noite, antes das dez horas... vi sahir d'esta casa um vulto embaçado n'uma capa, e de chapéu derrubado... fechou a porta da escada... e guardou a chave n'alguibeira...

Sebastião — Era eu que sahi para ir a casa do meu précurador.

D. Antonia — E' verdade, que havia de ser o compadre.

Bartholomeu (*Com a voz pausada*) — O senhor Sebastião d'Arruda não ia de capa, nem de chapéu derrubado: sahio ao anoitecer, e ainda eu estava trabalhando... por signal que estava batendo a sola, vejamos se se lembram bem... e o sujeito que eu digo sahio muito depois das nove horas.

Gregorio (*A parte*) — Maldito espertador!

Sebastião — O mestre está enganado nas horas.

D. Antonia — Valha-me a Senhora do Monte do Carmo!

Camões — Vamos ao resto!

Bartholomeu — Pouco antes da meia noite, vi o mesmo vulto abrir a porta e entrar...

Sebastião — Era eu quando vim de casa do précurador.

Bartholomeu — O senhor Sebastião sahio ás Avelas, e não se demorou meia hora... não tinha chave da porta como o outro, e foi preciso bater para que lhe abrissem.

D. Antonia (*Bençoendo-se*) — Jesus! Santo Nome de Jesus! para que eu estava guardada!

Gregorio — Oh que patife! quem pudêra arrancar-lhe a lingua!

D. Antonia — Que se faça semelhante injúria a uma casa tam honrada como a minha!...

Camões — Mas que diz a isto, minha senhora?

D. Antonia — Que esse homem não têm dito senão mentiras... é um máo visinho! é um calumniador!

Camões (*A Bartholomeu*) — Retire-se (*Bartholomeu vai para o fundo fazendo muitas cortezias*). — A D. Antonia! Socegue, minha senhora... Uma dona de casa não pode vêr tudo o que se passa dentro d'ella; e talvez alguma pessoa da sua familia...

D. Antonia — Em minha casa não se passa coisa que eu não saiba... E de mais, nem minha afilhada nem minha criada eram capazes...

Camões — Ora diga-me: a que horas vi hontem de casa de D. Francisca de Albuquerque?

D. Antonia — Que diz, senhor! pois eu ponho lá os pés em semelhante casa! D. Antonia do Menino Deus não vai a casas de sardãos... Foi tambem o sapatelro que levantou essa mentira?

Camões (*A parte*) — E que tal é a afilhadinha, que avisou o amante para me fazer uma esperanca... como ella me enganou! (*Fica pensativo*).

O Desconhecido (*A parte*) — O Camões vai perdendo o fio á meada.

Sebastião — Ora o sôr Corregedor hade perdoar, mas parece que não quer outra coisa senão tirar a boa fama a esta familia. Qual é a té que merece uma só testemunha, e de mais a mais uma testemunha d'aquella qualidade?

Camões — Pois persuade-se o senhor doutor d'aldeia que importa ás justicas d'El-rei que entre qualquer homem n'uma casa, quando os familiares d'ella lhe dão faculdade para isso? O caso é outro: ha toda a probabilidade que o homem, que tem uma entrada tam franca n'esta habitação, é o mesmo que hontem á noite teve uma briga n'essa rua, e deu duas estocadas n'uma personagem d'esta capital.

Gregorio (*A parte*) — Estou salvo! pois cuidei que estava perdido de todo.

Camões (*Depois de um momento de reflexão, para o fundo*) — Chegue esse criado!

Gregorio (*Descendo para a direita e fazendo cortezias*) — Eu, sôr doutor Corregedor!

Camões — Sim, tu. Sabes... se de noite ou de dia entra n'esta casa algum homem estranho?

D. Antonia (*Levantando-se*) — Homem extranho! que quer isso dizer? Saiba o senhor doutor Corregedor que nem quando solteira, nem depois de viuva tenho dado que fazer ás más linguas!

Sebastião (*A parte*) — Eu não estou em mim!

Camões (*A Gregorio*) — Então que respondes?

Gregorio — Eu cá nada sei do que me pergunta; nunca vi entrar ninguém n'esta casa ás escondidas.

Camões — Vê lá o que dizes... Olha que se não falas verdade, vae d'aqui mesmo para a cadeia.

Gregorio — Se ameaça lá com a cadeia, então digo tudo o que o sôr Corregedor quizer... veja lá o que quer q'eu diga?

Camões — O que eu quero?!... a verdade.

Gregorio — Então já disse.

Camões (*Medindo-o com os olhos*) — Está bom, senhor. (*Gregorio retira-se para a direita*). — A Sebastião levantando se) Tenho alli um requerimento e uma representação que v. m. fez a El-rei sobre a accusação de que hoje ficou absolvido... Desejo saber quem lhe fez uma e outra coisa?

Gregorio (*Que ficou á direita, i parte*) — O homem vae aprofundando muito o caso.

Sebastião (*Indeciso*) — Esses papeis... são feitos por mim.

Camões — Escriptos pela sua mão, sim senhor; mas que v. m. o fizesse, isso não é verdade. — Pretendo saber quem lh'os ditou?

Sebastião (*Indeciso, e olhando para Gregorio*) — Já disse ao sôr Corregedor que são obra cá da minha cabeça e da minha mão.

Camões — Fale verdade; v. m. não tem o talento necessario para escrever d'aquella sorte... Tambem não são feitos por letrado de profissão, porque lhe faltam as palavras do estylo e os termos da pratica. Mas quem os fez sabe soffivelmente direito civil, e mesmo direito canonico. — Senhor juiz da vintena, não me venha deitar poeira nos olhos; quaes são os conhecimentos que v. m. tem para poder citar tantos paragraphos da Ordenação, Concilios e Santos Padres? V. m. sabe que pena tem quem mente a El-rei?

Gregorio (*A parte*) — Eil-os, commigo; mas não tem duvida. (*Chegando-se a Sebastião, a meia voz*) — Diga a verdade; que fui eu... não importa.

Sebastião (*Que ficou atemorizado*) — Pois sôr Corregedor, como era obra caseira, cuidei que podia dizer que era minha; mas na verdade, quem m'os fez escrever foi este meu criado. Elle é que me tem aconselhado em tudo.

O Desconhecido e Camões — Ah!!

O Desconhecido (*A parte*) — Ah! fômos enganados... quem será o sujeito? (*Desce para a bocca da scena, á direita*)

Camões (*A parte*) — Já vejo que não perco a minha

vara. (*Em voz alta*) Venha para cá, senhor saioio, e diga-nos onde aprendeu direito civil, e direito canonico? V. m. é um prodigio; tem feito maravilhas!

(Gregorio aproxima-se)

Sebastião—Elle diz que aprendeu essas coisas lá em casa de um Desembargador do Paço a quem serviu.

Camões (*Aos officiaes*)—Vão dar busca a essas casas. (*O Escrivão levanta-se, e entra com quatro officiaes pelas portas da direita.*—A Gregorio) Então que me diz?

Gregorio—Meu amo já respondeu por mim.

D. Antonia—Estou pateta de tudo quanto veio!

Camões—Pois com effeito aprendeu de ouvido todas aquellas coisas? Muito bem, muito bem!... Ora quem tal diria!—(*Ao official que ficou em scena*) Chame essa senhora moça que se retirou lá para dentro.

(O official entra na segunda porta á direita)

Gregorio (*A' meia voz*)—Senhor Corregedor, peço lhe que faça isto de maneira que Marianna não fique desacreditada.

Camões—Até que finalmente descobri o coelho. (*Aproximando-se do Desconhecido, e a meia voz*) E' com effeito o nosso homem; e é um maroto de muito bom gosto.

O Desconhecido—Quem será elle? (*Tem subito alguma coisa á scena.*)

Camões (*A meia voz*)—Breve o saberemos. (*Rindo*) Pelo que vejo foi o que deu o conselho para eu vir preso entre oito varapáos... (*Voltando para a scena, á parte*) E estava de portas a dentro em quanto nós andávamos a rondar ao frio.

## SCENA VIII

D. ANTONIA, SEBASTIAO, GREGORIO, O CAMÕES MARIANNA, O DESCONHECIDO e o OFFICIAL (*que fica no fundo*)

(Marianna vem atemorizada, e entra pela ultima porta á direita; o Desconhecido que já tem subido a scena diz-lhe q' quando ella passa por elle)

O Desconhecido (*A meia voz a Marianna*)—Negue tudo. (*Torna a descer.*)

(Marianna olta para elle a t'mirada e vem descendo a scena.)

Camões—Venha cá, minha senhora; faça favor de me dizer se conhece este homem?

Marianna (*Olhando para o Desconhecido, e depois para Camões*)—Conheço, sim senhor; é um creado do casal de meu pae.

O Desconhecido (*Á parte*)—Esta voz!... então não era ella que conversou hontem á noite commigo da janella abaixo. (*Rindo*) Que tal está a peta?

Camões (*Depois de ter reflectido*)—E está com effeito persuadida que o senhor não é senão o que figura?

Marianna (*Depois de ter olhado para o Desconhecido*)—E então que hade elle ser?

Camões—Está bem. (*A Gregorio*) Ora, meu amigo, tenha a bondade de nos dizer quem é?

Gregorio (*Rusticamente*)—Sou o Gregorio, moço do casal aqui do sôr Sebastião d'Arruda.

O Desconhecido (*Á parte, rindo-se*)—Que tal é o sugueitinho!

Camões (*Imitando as maneiras de Gregorio*)—Pois com effeito ainda quer continuar a ligurar de saioio!

(Entram os quatro officiaes com o Escrivão pela direita, trazendo uma capa, um chapéo derrubado, uma espada com bainha, outra sem ella, que põem em cima de duas cadeiras á esquerda. Camões vae examinar.)

Sebastião—Que me diz a isto, sôra comadre?

D. Antonia—Que me diz a isto, senhor compadre?

Camões (*Á parte*)—E' a minha espada. (*Descendo outra vez, e em voz alta*) \* Alli está o trem com que sua mercê anda correndo as ruas, e dando a sua estocadinha. Sempre o pilhei; pois já lhe ia perdendo as esperanças, e perdia uma apôsta de bastante valor.

Gregorio (*Com voz e gesto naturaes*)—Então foi o interesse da apôsta que obrigou o senhor Corregedor a fazer tam bem a sua diligencia?

Camões—Ah! v. m. está grajeando, senhor espadachim: não sabe que feriu a noite passada (*Engrosando a voz comicamente*) um homem de muita consideração.

Gregorio—Eu, senhor ?!

(O Desconhecido faz signal aos officiaes, que se retiram para a direita fundo).

Camões—V. m. conhece-o muito bem: alli está a espada com que o senhor lhe ficou depois de o desarmar.

Gregorio—Então briguei eu com elle em leal desafio e não me pôdem criminal de assassino?

Camões—Tem razão, sim senhor; mas sempre o vou autoando, e d'aqui marcha para a cadeia. (*Procura com os olhos o escrivão.*)

Gregorio—Mas o senhor Corregedor é o proprio queixoso... (*Inclinando-se profundamente para o Desconhecido*) Appello para quem alli está embuçado; elle decidirá se a Ordenação permite que um homem possa ser juiz em causu propria?

El-Rei (*Largando a capa*) \*—Não!

D. Antonia, Sebastião e Marianna—(*Curvando o joelho*)—El-rei!

(Camões e Gregorio tambem se inclinam, Bartholomeu egual mente.)

El-Rei (*fazendo signal para que se ergam.*)—A Gregorio!—Quem és?

Gregorio—Perdoe-me vossa magestade as minhas extravagancias... (*Indicando Marianna*) Eis alli a desculpa... Sou um estudante da Universidade, e chamo-me Diniz Homem.

D. Antonia (*A meia voz a Marianna*)—Diniz Homem! E' o noivo que eu te queria dar.

Marianna—Ah!

Camões (*Á parte*)—E o mais é que está salvo, e eu com um braço aleijado.

El rei—Com effeito, senhor Diniz Homem, tem v. m.rido muito á custa de muita gente. (*A meia voz.*) Já sei quem me falou hontem á noite da janella abaixo.

Diniz (*Affectando muito respeito.*)—Peço perdão a vossa magestade.

El-rei (*A meia voz*)—E a minha carta?

Diniz (*Apresentando-lh'a.*)—Ei-la aqui, meu senhor.

El rei (*Recebendo-a, e a meia voz*)—Não cahiu na tentação de a abrir... Pois é o que lhe vale. (*Em voz alta.*) Ha coisas que não precisam muita explicação. (*A D. Antonia e a Sebastião.*) Diniz Homem pretende casar com D. Marianna, eu sou o padrinho... julgo que todos consentem...

Sebastião—Vossa magestade manda

D. Antonia—Com muito gosto, real senhor; era o noivo que eu lhe destinava. E verdade que é muito extravagante, mas já seu pae assim era; eu que o diga!

El-rei (*Rindo.*)—Pois com effeito! (*A Diniz.*) Que estudava na Universidade?

Diniz—Direito civil, meu senhor, e estava no ultimo anno; mas infelizmente não posso fazer os meus actos, porque as faltas são muitas.

El-rei (*Voltando-se para o Camões.*)—Camões, julga que se poderão dispensar os actos a um resuscitado?

\* D. Antonia, Marianna, Sebastião, Gregorio, O Desconhecido, Camões, Bartholomeu; e os mais no fundo.



Camões—Pois não, meu senhor; e elle que está prompto... Que mais havia de ir aprender a Coimbra?

El-rei—Pois bem; está vago um logar de juiz de fóra perto de Lisboa, e...

Diniz (*Como acima.*)—Beijo as mãos a vossa magestade... mas se pudesse ser para mais longe?...

El-rei (*Rindo.*)—Bem o entendo; irá para uma das provincias do norte... Será longe bastante?

Diniz—Nunca de mais, meu senhor.

Côro

(*Apontando para os actores*)

Se o pintor d'estes retratos  
Com perfeição os não fez,  
Tende indulgencia com elle,  
Fará melhor outra vez.

D. Antonia

E ter eu dentro de casa  
(Ora quem tal pensaria!)  
O fogo perto da estôpa;  
Tudo a arder! Santa Maria!

Sebastião (*A'parte*)

Ora se os grandes da terra  
D'estes exemplos nos dão,  
Que esperam estes senhores  
Que faça um pobre peão?

Bartholomeu

(*Aparecendo na extrema direita*)

Quem não espreita não sabe,  
Meu mestre assim o dizia;  
E do que tenho espreitado  
Forte livro se fazia!

Camões

Coimbra tem produzido,  
Apezar dos verdeaes,  
Heroes de fama preclara

(*Indicando Gregorio*)

Elle, e eu, e outros que taes.

Diniz

No quadro da vida humana  
Não se encontra muito sizo;  
A'quelle que é menos louco  
Chama-se homem de juizo.

Côro

Se o pintor d'estes retratos  
Com perfeição os não fez,  
Tende indulgencia com elle,  
Fará melhor outra vez

## Cópia da sentença exarada a fl. 177 do original do drama em tres actos «O Camões do Rocio»

Tendo-se resolvido em conferencia geral do Conservatorio do primeiro do corrente, que a comedia em tres actos, *O Camões do Rocio*, merecia ser admittido ás provas publicas, aconselhando-se ao autor mais alguma vivacidade no estylo, digo, no dialogo, e alguns toques mais característicos na personagem que dá o titulo ao drama; mando que a dita peça seja entregue ao empresario do Theatro nacion

nal normal de Lisboa para que se represente. Lisboa, Inspeção geral dos Theatros e espectaculos publicos, em quatro de Dezembro de mil oitocentos trinta e nove.—*J. B. de Almeida Garrett*.

Está conforme.—Secretaria da Inspeção geral dos Theatros e espectaculos do reino, em 9 de Maio de 1842.

## Cópia da sentença definitiva exarada a fl. 119 do mesmo drama

Tendo-se resolvido, na conformidade do artigo cincoenta e tres, capitulo quinze, titulo segundo dos Estatutos, em sessão plena e publica do Conservatorio Real de vinte seis de Março de mil oitocentos quarenta e dois que, entre os dramas admittidos ás provas publicas nos annos de mil oitocentos trinta e nove a mil oitocentos e quarenta e de mil oitocentos e quarenta a mil oitocentos quarenta e um, deviam obtêr o premio definitivo os seguintes: a saber:—*Os Dois Renegados*—*O Camões do Rocio*—*Os Dois Campeões*—e *O Captivo de Fez*,—immediatamente se procedeu á abertura das cedulas, havendo-se por dispensado o que determina o artigo cincoenta e quatro dos Estatutos, em attenção á extrema demora que este processamento havia tido; e foram proclamados por autores das ditas peças: a saber: dos *Dois Renegados* o sr. José da Silva Mendes Leal Junior—do *Camões do Rocio* o sr. Ignacio

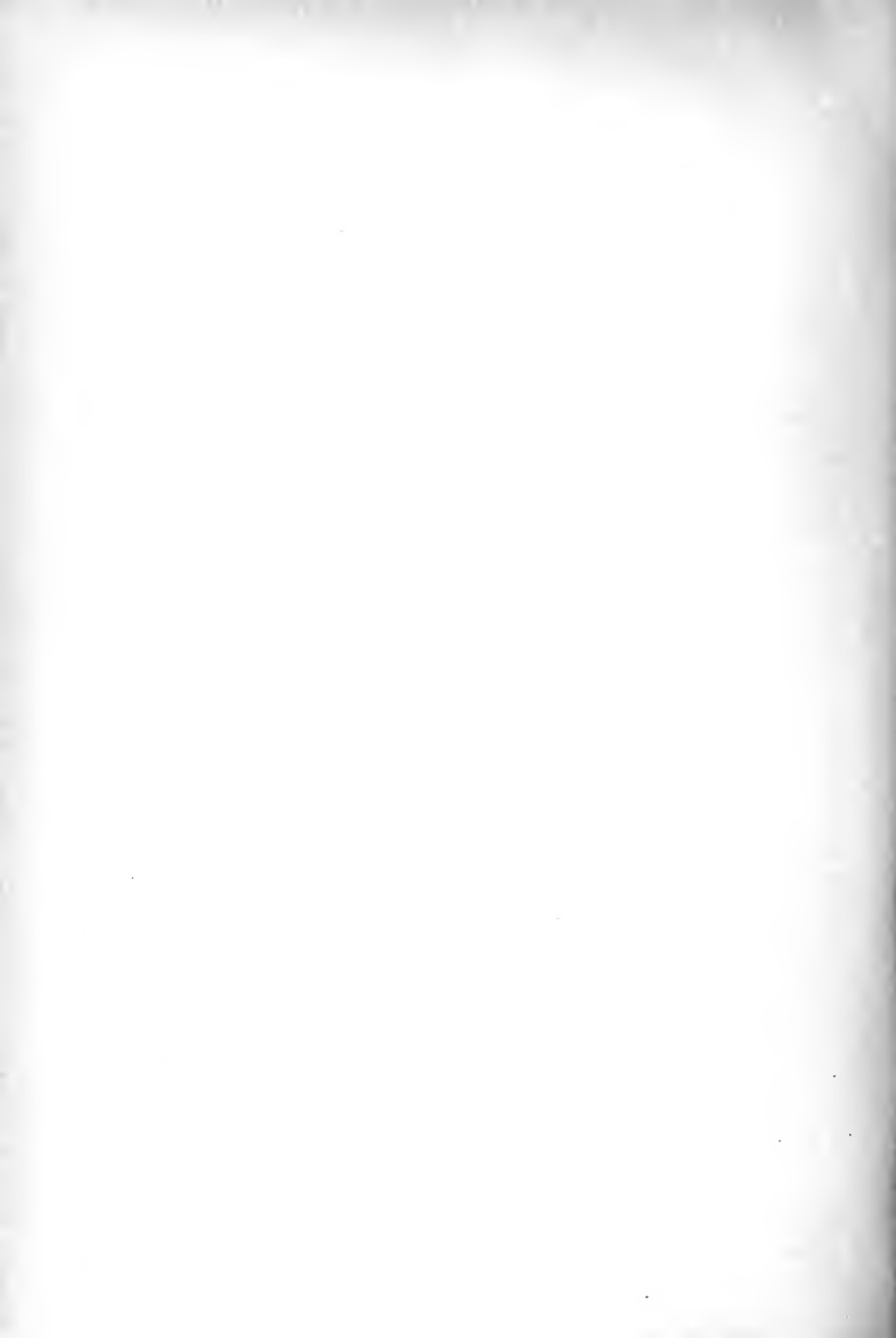
Maria Feijóo—dos *Dois Campeões* o sr. D. Pedro de Costa de Souza de Macedo—e do *Captivo de Fez* o sr. Antonio Joaquim da Silva Abranches. Portanto, mando que se expeça a favor de cada um dos ditos autores, ou de seus cessionarios, ordens de pagamento pela somma complementar do premio sobre o empresario que é, ou era, do Theatro nacional normal a quem, na forma das escripturas, incumbe satisfazel-o. Conservatorio Real de Lisboa e Inspeção geral dos Theatros e espectaculos do reino em trinta de Março de mil oitocentos quarenta e dois.—O vice-presidente do Conservatorio e Inspector geral dos Theatros—*Joaquim Larcher*.

Está conforme.—Secretaria da Inspeção geral dos Theatros e espectaculos do reino em 9 de Maio de 1842.—O Secretario, *Antonio Gomes Lima*.

PARTE III — PERÍODO UNIVERSALISTA

---

FREI LUIZ DE SOUSA  
—A SOBRINHA DO MARQUEZ



## FREI LUIZ DE SOUSA

Não havia a mínima tenção de entregar nunca á scena *Frei Luiz de Sousa*, nem tam cedo á imprensa, quando se acabou de compôr nos fins do inverno passado. Resolveu, porém, o auctor apresental-o ao Conservatorio, com a memoria que adeante vae transcripta, em testemunho de consideração por aquelle estabelecimento que fundára.

Lida a memoria em conferencia, segundo o costume academico, e deposta na mesa com o drama, foram geraes as instancias para que este se lêsse tambem. O auctor não se fez muito rogar, porque bem desejava observar o effeito que produziria em auditorio tam escolhido a sua nova tentativa.

Se o não illudiu a cegueira de poeta, nem o quiz enganar a benevolencia dos muitos amigos que alli estavam, o effeito foi maior do que nunca se atreveriam a prevêl o as mais sanguineas esperanças do escriptor mais seguro de si e do seu publico.

A imprensa fez ecco ao favoravel juizo do Conservatorio; e o drama teve a boa estrea de começar a ser bemquisto do publico antes ainda de lhe ser apresentado.

Foi isso causa de lhe pedirem, e o auctor fazer com muito gosto, outra leitura d'elle na sociedade intima de uma familia que préza como sua e á qual o prendem de sincera e estreita amizade—não só, nem tanto, as relações de algum contraparentesco, mas muito mais as de affeição verdadeira, de estima bem fundada e experimentada em qualidades que se vão fazendo cada dia mais raras n'esta terra.

Em tudo e sempre —excepto n'uma coisa que não vem para aqui — se pôde e deve ter mais fé, nas mulheres que nos homens: em coisas d'arte o seu voto é decisivo. Desde aquella leitura o auctor começou a acreditar na sua obra como composição dramatica, pois até então ingenuamente a reputava mais um *estudo* para se examinar no gabinete, do que proprio quadro para se desenrolar na exposição publica da scena.

Resolveu-se alli logo, e na excitação do momento, representar o drama em um theatro particular. Distribuiram-se as partes, começaram os ensaios, e em poucas semanas, apesar de todas as difficuldades, subiu á scena na quinta do Pinheiro, a cujos amaveis donos não ha obsequio nem fineza que não deva o auctor e a peça.

O theatro é pequeno, mas accommoda muita gente; e encheu-se do que ha mais luzido e brilhante na «sociedade». As lagrimas das senhoras e o applauso dos homens fizeram justiça ao incomparavel merito dos actores, principalmente das damas, a quem, sem a menor sombra de lisonja, nem sequer de cumprimento, o auctor pôde dizer que deve a mais apreciavel corôa litteraria que ainda recebeu.

Na tribuna e no fôro, nos theatros e nas academias, nas assembleias do povo e nos palacios dos reis, em toda a parte lhe têm cortado d'essas palmas que verdejam um dia, que hoje dá o favor, que amanhã tira a inveja; que, emquanto estão no viço, fazem curvar o joelho ao vulgo dos pequenos, e ao vulgo—muito mais vulgo—dos grandes; mas que em seccando, no outro dia, são açoite que empunha logo a vileza d'esses covardes para se vingarem nas costas do que os humilhou, e a quem não perdôam o tempo que estiveram de joelhos... Coitados! pois não é essa a sua vida, a sua posição natural? E'; mas querem fingir, de vez em quando, que não, e que podem estar direitos como a gente de bem. O auctor de *Frei Luiz de Sousa* avalia isso no que isso vale; e só pendura d'est'outras corôas no templo singelo da sua memoria, onde o fasto nunca entrou nem foi adorada a vaidade.

Para lembrança d'aquella noite de satisfação tam pura, se escrevem aqui os nomes dos amaveis artistas que verdadeiramente foram os que realisaram e deram vida ás vagas concepções que o poeta esboçara

n'este drama. Eram distribuidos os papeis d'este modo :

Ex.<sup>mos</sup> Srs.  
D Emilia Krus de Azevedo..... *Magdalena.*  
D. Maria da Conceição de Sá ... *Maria.*  
Joaquim José de Azevedo..... *Manuel de Sousa.*  
Antonio Pereira da Cunha..... *Frei Jorge.*  
Duarte Cardoso de Sá..... *Romeiro.*  
Antonio Maria de Sousa Lobo..... *Prior.*  
Duarte de Sá, Junior..... *Miranda.*

O auctor suppriu, no papel de *Telmo*, a falta de um amigo impossibilitado. Ponto, côros, e os mesmos comparsas, tudo eram parentes ou amigos intimos.

Faz gosto recordar todas estas circumstancias: é roubar uma pagina á monotona historia da semsaboria do tempo.

Lisboa, 31 de dezembro de 1843.

## AO CONSERVATORIO REAL <sup>1</sup>

### SENHORES:

Um estrangeiro fez, ha pouco tempo, um romance da aventureosa vida de Frei Luiz de Sousa. Ha muito enfeite de maravilhoso n'esse livro, que não sei se agrada aos extranhos; a mim, que sou natural, pareceu-me empanar a singela belleza de tam interessante historia. Exponho um sentimento meu; não tive a minima ideia de censurar, nem sequer de julgar a obra a que me refiro, escripta em francez, como todos sabeis, pelo nosso consocio o sr. Fernando Diniz.

E' singular condição dos mais bellos factos e dos mais bellos caracteres que ornarn os fastos portuguezes, serem tantos d'elles, quasi todos elles, de uma extrema e estreme simplicidade. As figuras, os grupos, as situações da nossa historia — ou da nossa tradição — que para aqui tanto vale — parecem mais talhados para se moldarem e vasarem na solemnidade severa e quasi estatuaria da tragedia antiga, do que para se pintarem nos quadros, mais animados talvez porém menos profundamente impressivos, do drama novo — ou para se interlaçarem nos arabescos do moderno romance.

Ignez de Castro, por exemplo, com ser o mais bello, é tambem o mais simples assumpto que ainda trataram poetas. E por isso todos ficaram atraz de Camões, porque todos, menos elle, o quizeram enfeitar julgando dar-lhe mais interesse.<sup>2</sup>

Na historia de Frei Luiz de Sousa — como a tradição a legou á poesia, e desprezados para este effeito os embargos da critica moderna — a qual, ainda assim, tam sómente allegou mas não provou — n'essa historia, di-

go, ha toda a simplicidade de uma fabula tragica antiga. Casta e severa como as de Eschylo, apaixonada como as de Euripides, energica e natural como as de Sophocles, tem, demais do que ess'outras, aquella unição e delicada sensibilidade que o espirito do Christianismo derrama por toda ella, molhando de lagrimas contrictas o que seriam desesperadas ancias n'um pagão, accendendo até nas ultimas trévas da morte, a vela da esperanza que se não apaga com a vida.

A catastrophe é um duplo e tremendo suicidio; mas não se obra pelo punhal ou pelo veneno: foram duas mortalhas que cahiram sobre dois cadaveres vivos: — jazem em paz no mosteiro, o sino dobra por elles; morreram para o mundo, mas vão esperar ao pé da Cruz que Deus os chame quando fôr a sua hora.

A desesperada resignação de Prometheu cravado de cravos no Caucaso, rodeado de curiosidades e compaixões, e com o abutre a espicaçar-lhe no fígado, não é mais sublime. Os remorsos de Edipo não são para comparar aos exquisitos tormentos de coração e de espirito que aqui padece o cavalleiro pundonoroso, o amante delicado, o pae estremecido, o christão sincero e temente do seu Deus. Os terrores de Jocasta fazem arripiar as carnes, mas são mais asquerosos do que sublimes; a dor, a vergonha, os sustos de D. Magdalena de Vilhena revolvem mais profundamente no coração todas as piedades, sem o paralisar de repente com uma compressão de horror que excede as forças do sentimento humano. A bella figura de Manuel de Sousa Coutinho, ao pé da angelica e resignada fôrma de D. Magdalena, amparando em seus braços interlaçados o innocente e mal estreado fructo de seus factes amores, formam naturalmente um grupo, que se eu podesse tomar nas mãos o escopo de Canova ou de Thorwaldsen — sei que o desentranhava de um cêpo de marmore de Carrara com mais facilidade, e decerto com mais felicidade, do que tive em pôr o mes-

<sup>1</sup> Foi lida esta Memoria em conferencia do Conservatorio Real de Lisboa em 6 de Maio de 1843.

<sup>2</sup> Profunda observação de Mr. Adamson, citando um critico allemão, a respeito das causas por que entre tantas tragedias de *Ignez de Castro*, portuguezas, castelhanas, francezas, inglezas e allemãs, nenhuma tinha sahido verdadeiramente digna do assumpto. Vej. *Memoirs of Camoens* by John Adamson.

mo pensamento por escriptura nos tres actos do meu drama.

Esta é uma verdadeira tragedia — se as pôde haver, e como só imagino que as possa haver sobre factos e pessoas comparativamente recentes. Não lhe dei todavia esse nome porque não quiz romper de vizeira com os estafermos respeitadoss dos seculos que, formados de peças que nem offendem nem defendem no actual guerrear, inanimados, ôcos e postos ao canto da sala para onde ninguém vae de proposito — ainda têm comtudo a nossa veneração, ainda nos inclinamos deante d'elles quando alli passamos por acaso.

Demais, posto que eu não creia no verso como lingua dramatica possivel para assumptos tam modernos, tambem não sou tam desabusado comtudo que me atreva a dar a uma composição em prosa o titulo solemne que as musas gregas deixaram consagrado á mais sublime e difficil de todas as composições poeticas.

O que escrevi em prosa, poderá escrevelo em verso;—e o nosso verso solto está provado que é docil e ingenuo bastante para dar todos os effeitos d'arte sem quebrar na natureza. Mas sempre havia de apparecer mais artificio do que a indole especial do assumpto podia soffrer. E dil-o-hei porque é verdade — repugnava-me tambem pôr na bocca de Frei Luiz de Sousa outro rythmo que não fosse o da elegante prosa portugueza que elle, mais do que ninguém, deduziu com tanta harmonia e suavidade. Bem sei que assim ficará mais clara a impossibilidade de imitar o grande modelo; mas antes isso, do que fazer falar por versos meus o mais perfeito prosador da lingua.

Contento-me para a minha obra com o titulo modesto de drama: só peço que a não julguem pelas leis que regem, ou devem reger, essa composição de fôrma e indole nova; porque a minha, se na fôrma desmerece da categoria, pela indole hade ficar pertencendo sempre ao antigo genero tragico.

Não o digo por me dar applauso, nem para obter favor tampouco, senão porque o facto é esse, e para que os menos reflectidos me não julguem sobre dados falsos e que eu não tomei para assentar o problema que procurava resolver.

Não sei se o fiz: a difficuldade era extrema pela extrema simplicidade dos meios que adoptei. Nenhuma acção mais dramatica, mais tragica do que esta; mas as situações são poucas: estender estas de invenção era adelgaçar a força d'aquella, quebrar-lhe a energia. Em um quadro grande, vasto — as figuras poucas, as attitudes simples, é que se obram os grandes milagres d'arte pela correcção no

desenho, pela verdade das côres, pela sábia distribuição da luz.

Mas ou se hade fazer um prodigio ou uma semsaboria. Eu sei a que empresa de Icaro me arrojai, e nem tenho mares a que dar nome com a minha queda: elles são tantas já!

Nem amores, nem aventuras, nem paixões, nem caractêres violentos de nenhum genero. Com uma acção que se passa entre pae, mãe e filha, um frade, um escudeiro velho, e um peregrino que apenas entra em duas ou tres scenas—tudo gente honesta e temente a Deus — sem um mão para contraste, sem um tyranno que se mate ou mate alguem, pelo menos no ultimo acto, como eram as tragedias d'antes — sem uma dansa macabra de assassinsios, de adulterios e de incestos, tripudiada ao som das blasphemias e das maldições, como hoje se quer fazer o drama—eu quiz vêr se era possivel excitar fortemente o terror e a piedade—ao cadaver das nossas platêas, gastas e cacheticas pelo uso continuo de estimulantes violentos, galvanisal-o com sós estes dois metaes de lei.

Repito sinceramente que não sei se o consegui; sei, tenho fé certa que aquelle que o alcançar, esse achou a tragedia nova, e calçou justo no pé o cothurno das nações modernas; esse não accete das turbas ~~razões~~ consagrado, o bode votivo; não subiu ao carro de Thespis, não bezuntou a cara com bôrras de vinho para fazer visagens ao povo, esse atire a sua obra ás disputações das escolas e das parcialidades do mundo, e recolha-se a descansar no septimo dia de seus trabalhos, porque tem creado o theatro da sua epoca.

Mas se o engenho do homem tem bastante de divino para ser capaz de tamanha criação, o poder de nenhum homem só não virá a cabo d'ella nunca. Eu julgarei ter já feito muito se, directamente por algum ponto com que acertasse, indirectamente pelos muitos em que errei, concorrer para o adeantamento da grande obra que trabalha e fatiga as entranhas da sociedade que a concebeu, e a quem peja com affrontamentos e nôjos, porque ainda agora se está a formar em principio de embryão.

Nem pareça que estou dando grandes palavras a pequenas coisas: o drama é a expressão litteraria mais verdadeira do estado da sociedade: a sociedade de hoje ainda se não sabe o que é, o drama ainda se não sabe o que é: a litteratura actual é a palavra, é o verbo ainda balbuciente de uma sociedade indefinida, e comtudo já influe sobre ella; é, como disse, a sua expressão, mas reflecte a modificar os pensamentos que a produziram.

Para ensaiar estas minhas theorias d'arte,

que se reduzem a pintar do vivo, desenhar do nu, e a não buscar poesia nenhuma nem de invenção nem de estylo fóra da verdade e do natural, escolhi este assumpto, porque em suas mesmas difficuldades estavam as condições de sua maior propriedade.

Ha muitos annos, percorrendo um verão pela deliciosa beira-mar da provincia do Minho, fui dar com um theatro ambulante de actores castelhanos fazendo suas recitas n'uma tenda de lona no areal da Povoia de Varzim, além de Villa do Conde. Era tempo de banhos, havia feira e concorrência grande; fômos á noite ao theatro: davam a *Comedia famosa* não sei de quem, mas o assumpto era este mesmo de *Frei Luiz de Sousa*. Lembra-me que ri muito de um homem que nadava em certas ondas de papelão, enquanto n'um altinho, mais baixo que o cotovello dos actores, ardia um palcosinho tambem de papelão... era o de Manuel de Sousa Coutinho em Almada!

Fosse de mim, dos actores ou da peça, a acção não me pareceu nada do que hoje a acho, grande, bella, sublime de tragica magestade. Não se obliteram facilmente em mim impressões que me entalhem, por mais leve que seja, nas fibras do coração: e as que alli recebi estavam inteiramente apagadas quando, poucos annos depois, lendo a celebre Memoria do sr. bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo, e relendo, por causa d'ella, a romaneca mas sincera narrativa do padre Frei Antonio da Encarnação, pela primeira vez attentei no que era de dramatico aquelle assumpto.

Não passou isto, porém, de um vago relancear do pensamento. Ha dois annos, e aqui n'esta sala, quando ouvi lêr o curto mas bem sentido relatório da commissão que nos propeza admitir ás provas publicas o drama, o *Captivo de Fez*, é que eu senti como um raio de inspiração nas reflexões que alli se faziam sobre a comparação de aquella fabula engenhosa e complicada com a historia tam simples do nosso insigne escriptor.

Quizeram-me depois fazer crêr que o drama portuguez era todo tirado, ou principalmente imitado, d'esse romance francez de que já vos falei e que eu ainda não tinha lido então. Fui lê-lo immediatamente, e achei falsa de todo a accusação; mas achei mais falsa ainda a preferencia de ingenuidade que a esse romance ouvia dar. Pareceu-me que o assumpto podia e devia ser tratado de outro modo, e assentei fazer este drama.

Escuso dizer vos, Senhores, que me não julguei obrigado a ser escravo da chronologia, nem a regeitar por improprio da scena tudo quanto a severa critica moderna indi-

gitou como arriscado de se apurar para a historia. Eu sacrifico ás musas de Homero não ás de Herodoto: e quem sabe, por fim, em qual dos dois altares arde o fogo de melhor verdade!

Versei muito e com muito afincada attenção, a Memoria que já citei do douto socio da Academia Real das Sciencias o sr. bispo de Vizeu; e collacionei todas as fontes de onde elle derivou e apurou seu copioso cabedal de noticias e reflexões; mas não foi para ordenar datas, verificar factos ou assentar nomes, senão para estudar de novo, n'aquelle bello compendio, caracteres, costumes, as côres do logar e o aspecto da epoca, aliás das mais sabidas e averiguadas.

Nem o drama, nem o romance, nem a epopêia são possiveis, se os quizerem fazer com a *Arte de verificar as datas* na mão.

Esta quasi apologia seria ridicula, Senhores, se o meu trabalho não tivesse de apparecer senão deante de vós, que por intuição deveis de saber, e por tantos documentos tendes mostrado que sabeis, quaes e quam largas são, e como limitadas, as leis da verdade poetica, que certamente não deve ser oppressora, mas tambem não pôde ser escrava da verdade historica. Desculpae-me apontar aqui esta doutrina, não para vós que a professaes, mas para algum escrupuloso mal advertido que me pudesse condemnar por infracção de leis a que não estou obrigado porque as não accitei.

E todavia cuido que, fóra dos algarismos das datas, irreconciliaveis com todo o trabalho de imaginação, pouco haverá, no mais que ou não seja puramente historico, isto é, referido como tal pelos historiadores e biographos, ou implicitamente contido, possivel, e verosimil de se contêr no que elles referem.

Offereço esta obra ao Conservatorio Real de Lisboa, porque honro e venero os eminentes litteratos, e os nobres caracteres civicos que elle reúne em seu seio, e para testemunho sincero tambem da muita confiança que tenho n'uma instituição que tam util tem sido e hade ser á nossa litteratura renascente, que tem estimulado com premios, animado com exemplos, dirigido com sabios conselhos a cultura de um genero que é, não me canso de o repetir, a mais verdadeira expressão litteraria e artistica da civilização do seculo, e reciprocamente exerce sobre ella a mais poderosa influencia.

Eu tive sempre na minha alma este pensamento, ainda antes—perdoae me a innocente vaidade, se vaidade isto chega a ser—ainda antes de elle apparecer formulado em tam elegantes phrases por esses escriptores que alumiam e caracterisam a epo-



ca, os Victor-Hugos, os Dumas, os Scribes. O estudo do homem é o estudo d'este seculo, a sua anatomia e physiologia moral as sciencias mais buscadas pelas nossas necessidades actuaes. Colligir os factos do homem, emprego para o sabio; comparál-os, achar a lei de suas séries, occupação para o philosopho, o politico; revestil-os das formas mais populares, e derramar assim pelas nações um ensino facil, uma instrucção intellectual e moral que, sem apparato de sermão ou prelecção, surprehenda os animos e os corações da multidão, no meio de seus proprios passatempos — a missão do litterato, do poeta. Eis aqui porque esta epoca litteraria é a epoca do drama e do romance, porque o romance e o drama são, ou devem ser, isto.

Parti d'esse ponto, mirei a este alvo desde as minhas primeiras e mais juvenis composições litterarias, escriptas em tam desvairadas situações da vida, e as mais d'ellas no meio de trabalhos serios e pesados, para descansar de estudos mais graves ou refoclar o espirito fatigado dos cuidados publicos—alguma vez tambem para não deixar secchar de todo o coração na aridez das coisas politicas, nas quaes é força apertal o até endurecer para que nol-o não quebre o egoismo duro dos que mais carregam onde acham mais brando, ferem com menos dó e com mais covarde valentia onde acham menos armado.

Eu tinha feito o meu primeiro estudo sobre o homem antigo na antiga sociedade: pul-o no expirar da velha liberdade romana, e no primeiro nascer do absolutismo novo, ou que deu molde a todos os absolutismos modernos, o que vale o mesmo. Dei-lhe as formas dramaticas, é a tragedia de CATÃO.

O romance de DONA BRANCA não foi senão uma tentativa encolhida e tímida para espreitar o gosto do publico portuguez, para vêr se nascia entre nós o genero, e se os nossos jovens escriptores adoptavam aquella bella forma; entravam por sua antiga historia a descobrir campo, a colher pelas ruinas de seus tempos heroicos os typos de uma poesia mais nacional e mais natural.

O CAMÕES levou o mesmo fito e vestiu as mesmas formas.

Os meus ensaios de poesia popular na ADOZINDA vê-se que prendem no mesmo pensamento — falar ao coração e ao animo do povo pelo romance e pelo drama.

Esté é um seculo democratico: tudo o que se fizer hade ser pelo povo e com o povo... ou não se faz. Os principes deixaram de ser, nem podem ser, Augustos. Os poetas fizeram-se cidadãos, tomaram parte na coisa publica como sua; querem ir, como Euripedes

e Sophocles, solicitar na praça os suffragios populares, não como Horacio e Virgilio, cortejar no paço as sympathias de reaes corações. As côrtes deixaram de ter Mecenas; os Medicis, Leão X, Dom Manuel e Luiz XIV já não são possiveis; não tinham favores que dar nem thesouros que abrir ao poeta e ao artista. Os sonetos e os madrigaes eram para as assembléas perfumadas d'essas damas que pagavam versos a sorrisos:—e era talvez a melhor e mais segura letra que se vendia na carteira do poeta. Os leitores e os espectadores de hoje querem pasto mais forte, menos condimentado e mais substancial: é povo, quer verdade. Dae-lhe a verdade do passado no romance e no drama historico, —no drama e na novella da actualidade offerecei-lhe o espelho em que se mire a si e ao seu tempo, a sociedade que lhe está por cima, abaixo, ao seu nivel,—e o povo hade applaudir, porque entende: é preciso entender para apreciar e gostar.

Eu sempre cri n'isso; a minha fé não era tam clara e explicita como hoje é, mas sempre foi tam implicita. Quiz pôr a theoria á prova experimental e lancei no theatro o AUTO DE GIL VICENTE. Já escrevi algures, e sinceramente vos repito aqui, que não tomei para mim os applausos e favor com que o recebeu o publico; não foi o meu drama que o povo applaudiu, foi a idéa, o pensamento do drama nacional.

Esta academia real deante de quem hoje me comprazo de falar, e a quem, desde suas primeiras reuniões, expuz o meu pensamento, os meus desejos, as minhas esperanças e a minha fé, vós, Senhores, o entendestes e acolhestes, e lhe tendes dado vida e corpo. Directa ou indirectamente o Conservatorio tem feito nascer em Portugal mais dramas em menos de cinco annos do que até agora se escreviam n'um seculo.

O anno passado, quando publiquei o ALFAGEME, aqui vos disse, Senhores, a tenção com que o fizera, o desejo que tinha de o submeter á vossa censura e os motivos de delicadeza que tive para não o fazer entrar a ella pela feira marcada nas nossas leis academicas. Os mesmos motivos me impedem agora de apresentar FREI LUIZ DE SOUSA sob a tutella do incognito e protegido pelas fórmulas que haveis estabelecido para o processamento imparcial e meditada sentença de vossas decisões.

Mas nenhuma delicadeza, nenhuns respeitos humanos podem vedar-me que eu venha entregar como offrenda ao Conservatorio Real de Lisboa este meu trabalho dramatico que provavelmente será o ultimo, inda que Deus me tenha a vida por mais tempo; porque esse pouco ou muito que já agora terei

de viver está consagrado, por uma especie de juramento que me tomei a mim mesmo — a uma tarefa longa e pesada que não deixará nem a sésta do descanso ao trabalhador — que trabalha no seu, com a estação adeantada, e quer ganhar o tempo perdido. Incita-o esta idéa, e punge-o, demais, o amor proprio: porque hoje não póde já deixar de ser para mim um ponto de honra desempenhar funcções de que me não demitti nem demitto — escrevendo, na historia do nosso seculo, a Chronica do ultimo rei de Portugal o Senhor Dom Pedro IV.

Assim quasi que dou aqui o ultimo vale a essa amena litteratura que foi o mais que-

rido folguedo da minha infancia, o mais suave enleio da minha juventude, e o passatempo mais agradável e refrigerante dos primeiros e mais agitados annos da minha hombridade.

Despeço-me com saudade; — nem me peja dizel-o deante de vós: é virar as costas ao Eden de regalados e priguçosos folgares, para entrar nos campos do trabalho duro, onde a terra se não lavra senão com o suor do rosto; e quando produz, não são rosas nem lyrios que affagam os sentidos, mas plantas — uteis sim, porém desgraciosas á vista; fastientas ao olfacto — é o real e o necessario da vida.

## FREI LUIZ DE SOUSA

Drama representado, a primeira vez, em Lisboa, por uma sociedade particular, no theatro da Quinta do Pinheiro em quatro de Julho de mccccxiii

PESSOAS: Manuel (Frei Luiz) de Sousa. — Dona Magdalena de Vilhena.

— Dona Maria de Noronha. — Frei Jorge Coutinho. — O Romeiro. — Telmo Paes. — O Prior de Bemfica

— O Irmão Converso. — Miranda. — O Arcebispo de Lisboa. — Dorothea.

Côro de Frades de San't Domingos. — Clerigos do Arcebispo, Frades, criados, etc. Logar da scena — Almada.

### ACTO PRIMEIRO

*Camara antiga, ornada com todo o luxo e caprichosa elegancia portugueza dos principios do secu'o dezesete. Porcelanas, xarões, sedas, flores, etc. No fundo duas grandes janellas rasgadas, dando para um eirado que olha sobre o Tejo e d'onde se vê toda Lisboa: entre as janellas o retrato em corpo inteiro, de um Cavalleiro moço vestido de preto com a cruz branca de novico de S. João de Jerusalem — Defronte e para a bôcca da scena um bufete pequeno coberto de rico panno de velludo verde franjado de prata; sôbre o bufete alguns livros, obras de tapeçarias meias-feitas, e um vaso da China de collo alto, com flores. Algumas cadeiras antigas, tamboretos raios, contadores. Da direita do espectador, porta de communicação para o interior da casa, outra da esquerda para o exterior. — É no fim da tarde.*

#### SCENA I

MAGDALENA só, sentada junto á banca, os pés sobre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sobre elle, como quem descahiu da leitura da meditação.

Magdalena (*repetindo machinalmente e de vagar o que acabava de ler.*)

«N'aquelle engano d'alma ledo e cego  
Que a fortuna não deixa durar muito....»

Com paz e alegria d'alma... um engano, um engano de poucos instantes que seja... deve de ser a felicidade suprema n'este mundo.—E que importa que o não deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, pôde se morrer. Mas eu!... (*Pausa*) Oh! que o não saiba elle ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo... este medo, estes continuos terrores que ainda me não deixaram gozar o só momento de toda a immensa felicidade que me dava o seu amor.—Oh que amor, que felicidade... que desgraça a minha! (*Torna a cahir em profunda meditação: silencio breve.*)

#### SCENA II

MAGDALENA. TELMO PAES

Telmo (*chegando ao pé de Magdalena que não sentiu entrar.*)

A minha senhora está a ler?...

Magdalena (*despertando*)—Ah! sois vós, Telmo... Não, já não leio: há pouca luz de dia já; confundia-me a vista:—E é um bonito livro este! o teu valido, aquelle nosso livro, Telmo.

Telmo (*deitando-lhe os olhos*)—Oh, oh! Livro para damas—e para cavalleiros... e para todos: um livro que serve para todos; como não há outro, tirante o respeito devido ao da Palavra de Deus!

Mas esse não tenho eu a consolação de lêr, que não sei latim como meu senhor... quero dizer como o sr. Manuel de Souza Coutinho—que lá isso!... acabado escholar é elle. E assim foi seu pae antes d'elle, que muito bem o conheci: grande homem! Muitas lettras e de muito galante pratica—e não somenos as outras partes de cavalleiro: uma gravidade!... Já não ha d'aquella gente.—Mas, minha senhora, isto de a Palavra de Deus estar assim n'outra lingua que a gente... que toda a gente não entende... confesso-vos que aquelle mercador inglez da rua Nova, que aqui vêm ás vezes, têm-me dito suas coisas que me quadram... E Deus me perdôel que eu creio que o homem é hereje d'esta seita nova d'Allemanha ou de Inglaterra. Será?

Magdalena—Olhae, Telmo: eu não vos quero dar conselhos: bem sabeis que desde o tempo que... que...

Telmo—Que já lá vae, que era outro tempo.

Magdalena—Pois sim... (*Suspira*) Eu era uma criança; pouco maior era que Maria.

Telmo—Não, a senhora D. Maria já é mais alta.

Magdalena—E' verdade, tem crescido de mais, e de repente n'estes dois mezes ultimos...

Telmo—Então! Tem treze annos feitos, é quasi uma senhora, está uma senhora... (*A parte*) Uma senhora aquella... pobre menina!

Magdalena (*com as lagrimas nos olhos*)—És n.uito amigo d'ella, Telmo?

Telmo—Se sou! Um anjo como aquelle... uma viveza, um espirito!... e então que coração?

Magdalena—Filha da minha alma! (*Pausa: mudando de tom*) Mas olha, meu Telmo, tórnó a dizer-t'o: eu não sei como heide fazer para te dar conselhos. Conheci-te de tam criança, de quando casei a... a... a primeira vez—costumei-me a olhar para ti com tal respeito: já então eras o que hoje és, o escudeiro valido, o familiar quasi parente, o amigo velho e provado de teus amos.

Telmo (*enternecido*)—Não digaes mais, senhora, não me lembreis de tudo o que eu era.

Magdalena (*quasi offendida*)—Porquê? não és hoje o mesmo, ou mais ainda, se é possível? Quitaram-te alguma coisa da confiança, do respeito—do amor e carinho a que estava costumado o sio fiel de meu senhor D. João de Portugal, que Deus tenha em gl'ria?

Telmo (*A parte*)—Terá. .

Magdalena—O amigo e caniarada antigo de seu pae?

Telmo—Não, minha senhora, não, por certo.

Magdalena—Então?... .

Telmo—Nada. Continuae, dizei, minha senhora.

Magdalena—Pois está bem.—Digo que mal sei dar-vos conselhos, e não queria dar-vos ordens. . Mas, meu amigo, tu tomaste—e com muito gosto meu e de seu pae,—um ascendente no espirito de Maria. . . tal que não ouve, não crê, não sabe senão o que lhe dizes. Quasi que és tu a sua donna, a sua aia de criação.—Parece-me. . . eu sei. . . não fales com ella d'esse modo, n'essas coisas.

Telmo—O quê? No que me disse o inglez, sobre a sagrada Escripura que elles lá têm em sua lingua, e que?...

Magdalena—Sim... n'isso decerto... e em tantas outras coisas tam altas, tam fóra de sua idade, e muitas do seu sexo tambem, que aquella creança está sempre a querer saber, a perguntar—E' a minha unica filha: não tenho... nunca tivemos outra... e, além de tudo o mais, bem vós que não é uma creança... muito... muito forte.

Telmo—E'... delgadinha, é. Hade enrijar E' t'el-a por aqui, fóra d'aquelles ares apastados de Lisboa: e deixae, que se hade pôr outra.

Magdalena—Filha do meu coração!

Telmo—E do meu.—Pois não se lembra, minha senhora, que ao principio, era uma creança que eu não podia...—é a verdade, não a podia ver: já sabeis porquê... mas vel-a, era ver... Deus me perdôe!... nem eu sei...—E d'ahi começou-me a crescer, a olhar para mim com aquellos olhos... a fazer-me taes meiguices, e a fazer-se-me um anjo tal de formosura e de bondade, que—vêdes-me aqui agora que lhe quero mais do que seu pae.

Magdalena (*sorrindo*)—Isso agora!...

Telmo—Do que vós.

Magdalena (*rindo*)—Ora, meu Telmo!

Telmo—Mais, muito mais. E veremos: tenho cá uma coisa que me diz que antes de muito se hade ver quem é que quer mais á nossa menina n'esta casa.

Magdalena (*assustada*)—Está bom; não eutremos com os teus agouros e prophecias do costume: são sempre de aterrar... Deixemo-nos de futuros...

Telmo—Deixemos, que não são bons.

Magdalena—E de passados tambem...

Telmo—Tambem.

Magdalena—E vamos ao que importa agora.—Maria tem uma comprehensão...

Telmo—Comprende tudo!

Magdalena—Mais do que convem.

Telmo—A's vezes.

Magdalena—E' preciso moderar-a.

Telmo—E' o que eu faço.

Magdalena—Não lhe dizer...

Telmo—Não lhe digo nada que não possa, que não deva saber uma donzella honesta e digna de melhor... melhor...

Magdalena—Melhor quê?

Telmo—De nascer em melhor estado.—Quizeste ouvir-o... está dito.

Magdalena—Oh Telmo! Deus te perdôe o mal que me fazes. (*Desata a chorar*).

Telmo (*ajuchando e beijando-lhe a mão*)—Senhora... senhora D. Magdalena, minha ama, minha senhora... castigae-me... mandae-me já castigar,

mandae-me cortar esta lingua p'rra que não toma ensino—Oh! senhora, senhora!... é vossa filha, é a filha do senhor Manuel de Sousa Coutinho, fidalgo de tanto primor, e de tam boa linhagem como os que se teem por melhores n'este reino, em toda a Hespanha... A senhora D. Maria... a minha querida D. Maria é sangue de Vilhenas e de Souzas; não precisa mais nada, mais nada, minha senhora, para ser... para ser...

Magdalena—Calae-vos, calae-vos, pelas dôres de Jesus Christo, homem.

Telmo (*soluçando*)—Minha rica senhora!...

Magdalena (*Enchuga os olhos, e toma uma attitude grave e firme*)—Levantae-vos, Telmo, e ouvi-me. (*Telmo levanta-se*) Ouvi-me com attenção. E' a primeira e será a ultima vez que vos falo d'este modo e em tal assumpto.—Vós fostes o aio e amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o senhor D. João de Portugal; tinheis sido o companheiro de trabalho e de gloria de seu illustre pae, aquelle nobre conde de Vimioso, que eu de tamanhinha me acostumei a reverenciar como pae. Entrei depois n'essa familia de tanto respeito; achei-vos parte d'ella, e quasi que vos tomei a mesma amizade que aos outros... chegaste a alcançar um poder no meu espirito, quasi maior...—de certo, maior—que nenhum d'elles. O que sabeis da vida e do mundo, o que tendes adquirido na conversação dos homens e dos livros... porém, mais que tudo, o que de vosso coração vi vendo e admirando cada vez mais—me fizeram ter-vos n'uma conta, deixar-vos tomar, entregar-vos eu mesma tal autoridade n'esta casa e sobre minha pessoa... que outros poderão extranhar...

Telmo—Emendae-o, senhora.

Magdalena—Não, Telmo, não preciso nem quero emendal-o.—Mas agora deixae-me falar... Depois que fiquei só, depois d'aquella funesta jornada de Africa que me deixou viuva, orphan e sem ninguém... sem ninguém, e n'uma idade... com dezete annos!—em vós, Telmo, em vós só, achei o carinho e protecção, o amparo que eu precisava. Ficastes me em logar de pae: e eu... salvo n'uma coisa!—tenho sido para vós, tenho-vos obedecido como filha.

Telmo—Oh minha senhora, minha senhora! mas essa coisa em que vos apartastes dos meus conselhos...

Magdalena—Para essa houve poder maior que as minhas forças... D. João ficou n'aquella batalha com seu pae, com a flor da nossa gente. (*Signal de impaciencia em Telmo*). Sabeis como chorei a sua perda, como respeitei a sua memoria, como durante sete annos, incredula a tantas provas e testemunhos de sua morte, o fiz procurar por essas costas de Berberia, por todas as sejanas de Fez e Marrocos, por todos quantos aduares de Alarves ahí houve... Cabedae e valimento, tudo se empregou; gastaram-se grossas quantias; os embaixadores de Portugal e Castella tiveram ordens apertadas de o buscar por toda a parte; aos padres da Redempção, a quanto religioso ou mercador podia penetrar n'aquellas terras, a todos se encomendava o seguir a pista do mais leve indicio que podesse desmentir, pôr em duvida ao menos aquella noticia que logo viera com as primeiras novas da batalha de Alcaicer. Tudo foi inutil; e a ninguém mais ficou resto de duvida...

Telmo—Senão a mim.

Magdalena—Duvida de fiel servidor, esperanza de leal amigo, meu bom Telmo! que diz com vosso coração, mas que tem atormentado o meu...—E então sem nenhum fundamento, sem o mais leve indicio... Pois dizei-me em consciencia, dizei-m'o de uma vez, claro e desenganado: a que se'apaga esta vossa credulidade de sete... e hoje mais quatorze... vinte e um annos?

Telmo (*Gravemente*)—A's palavras, ás formas palavras d'aquella carta escripta na propria madrugada do dia da batalha, e entregue a Frei Jorge que vol-a trouxe.—«Vivo ou morto»—resava ella—vivo ou morto... Não me esquecem uma letra d'aquellas palavras; e eu sei que homem era meu amo para as escrever em vão:—«Vivo ou morto, Magdalena, hei-de vêr-vos pelo menos ainda uma vez n'este mundo.»—Não era assim que dizia?

Magdalena (*aterrada*)—Era.

Telmo—Vivo não veio... e é ainda mal!—E morto... a sua alma, a sua figura.

Magdalena (*possuida de grande terror*)—Jesus, homem!

Telmo—Não vos appareceu de certo.

Magdalena—Não: credol

Telmo (*mysterioso*)—Bem sei que não. Queria-vos muito; e a sua primeira visita, como de razão, seria para minha senhora. Mas não se ia sem apparecer tambem ao seu aio velho

Magdalena—Valha-me Deus, Telmo! Conheço que desarrasoas, comtudo as vossas palavras mettem-me medo. Não me faças mais desgraçada.

Telmo—Desgraçada! Porque? não sois feliz na companhia do homem que amaes, nos braços do homem a quem sempre quizestes mais sobre todos? Que o pobre de meu amo... respeito, devoção, lealdade, tudo lhe tivestes, como tam nobre e honrada senhora que sois... mas amor!

Magdalena—Não está em nós dal-o, nem quitál-o, amigo.

Telmo—Assim é. Mas os ciúmes que meu amo não teve nunca—bem sabeis que ténpera d'alma era aquella—tenho-os eu... aqui está a verdade nua e crua... tenho-os eu por elle: não posso, não posso vêr... e desejo, quero, forcejo por me acostumar... mas não posso. Manuel de Sousa... o senhor Manuel de Sousa Coutinho é guapo cavalheiro, honrado fidalgo, bom portuguez... mas... mas não é, nunca hade ser, aquelle espelho de cavallaria e gentileza, aquella flôr dos bons... Ah meu nobre amo, meu santo amo!

Magdalena—Pois sim, teréis razão... tendes razão, será tudo como dizeis. Mas reflecti, que haveis cabedal de intelligencia para muito:—Eu resolvi-me por fim a casar com Manuel de Sousa; foi do aprezimento geral de nossas familias, da propria familia de meu primeiro marido, que bem sabeis quanto me estima; vivemos (*com affectação*) seguros, em paz e felizes... ha quatorze annos. Temos esta filha, esta querida Maria que é todo o gósto e ancia da nossa vida. Abençoou-nos Deus na formosura, no ingenho, nos dotes admiráveis d'aquelle anjo... E tu, tu, meu Telmo, que és tam seu que chegas a pretender ter-lhe mais amor que nós mesmos...

Telmo—Não, não tenho!

Magdalena—Pois tens: melhor.—E és tu que andas, continuamente e quasi por accinte, a sustentar essa chimera, a levantar esse phantasma, cuja sombra, a mais remota, bastaria para ennooar a pureza d'aquelle innocente, para condemnar a eterna deshonra a mãe e a filha. (*Telmo dá signaes de grande agitação*). Ora dize: já pensaste bem no mal que estás fazendo?—Eu bem sei que a ninguém n'este mundo, senão a mim, falas em taes coisas... falas assim como hoje temos falado... mas as tuas palavras mysteriosas, as tuas allusões frequentes a esse desgraçado rei D. Sebastião, que o seu mais desgraçado povo ainda não quiz acreditar que morresse, por quem ainda espera em sua leal incredulidade!—esses continuos agouros em que andas sempre de uma desgraça que está imminente sobre a nossa familia... não vês que estás excitando com tudo isso a curiosidade d'aquelle criança, aguçando-lhe o espirito—já tam perspicaz!—a imagi-

nar, a descobrir... quem sabe se a acreditar n'essa prodigiosa desgraça em que tu mesmo... tu mesmo... sim, não crês deversas? Não crês, mas achas não sei que doloroso prazer em ter sempre viva e suspensa essa duvida fatal. E então consideras, vê: se um terror similhante chega a entrar n'aquella alma, quem lh'o hade tirar nunca mais?... O que hade ser d'ella e de nós!—Não a perdes, não a matas... não me matas a minha filha?

Telmo (*em grande agitação durante a fala precedente, fica pensativo e aterrado: fala depois como para si*)—E' verdade que sim! a morte era certa. E não hade morrer: não, não, não, tres vezes não. (*Para Magdalena*) A' fê de escudeiro honrado, senhora D. Magdalena, a minha bocca não se abre mais; e o meu espirito hade fechar-se tambem... (*A parte*) Não é possivel, mas eu hei-de salvar o meu anjo do céu! (*Alto para Magdalena*) Está dito, minha senhora.

Magdalena—Ora Deus t'o pague.—Hoje é o ultimo dia de nossa vida que se fala em tal.

Telmo—O ultimo.

Magdalena—Ora pois, ide, ide vêr o que ella faz: (*levantando-se*) que não esteja a fôr ainda, a estudar sempre. (*Telmo vae a sair*) E olhae: chegarme depois alli a San'Paulo, ou mandae, se não podeis...

Telmo—Ao convento dos Dominicos? Pois não posso!... quatro passadas.

Magdalena—E dizei a meu cunhado, a Fr. Jorge Coutinho, que me está dando cuidado a demora de meu marido em Lisboa; que me prometteu de vir antes de véspera, e não veio; que é quasi noite, e que já não estou contente com a tardança. (*Chega á varanda e olha para o rio*) O ar está sereno, o mar tam quieto, e a tarde tão linda!... quasi que não ha vento, é uma viração que afaga... Oh e quantas fálhas navegando tam garridas por esse Tejo! Talvez n'alguma d'ellas—n'aquella tam bonita—venha Manuel de Souza... Mas n'este tempo não ha que fiar no Tejo, d'um instante para o outro levanta-se uma nortada... e então aqui o pontal de Cacilhas!—Que elle é tam bom mareante... Ora, um cavalleiro de Malta! (*Olha para o retrato com amor*.) Não é isso o que me dá maior cuidado. Mas em Lisboa ainda ha peste, ainda não estão limpos os ares... e ess'outros ares que por ahí correm d'estas alterações publicas, d'estas malquerenças entre castelhanos e portuguezes! Aquelle caracter inflexivel de Manuel de Sousa traz-me n'um susto continuo.—Vae, vae a Frei Jorge, que diga se sabe alguma coisa, que me assocegue, se puder.

### SCENA III

MAGDALENA, TELMO, MARIA

Maria (*entrando com umas flôres na mão, encontra-se com Telmo, e o faz tornar para a scena*)—Bonito! Eu ha mais de meia hora no eirado passeando—e sentada a olhar para o rio a vêr as faluas e os berrantins que andam para baixo e para cima—e já aborrecida de esperar... e o senhor Telmo, aqui posto a conversar com a minha mãe, sem se importar de mim!—Que é do romance que me prometteste? não é o da batalha, não é o que diz:

Postos estão, frente a frente,  
Os dois valorosos campos;

é o outro, é o da Ilha encuberta onde está el-rei D. Sebastião, que não morreu e que hade vir um dia de névoa muito cerrada... Que elle não morreu: não é assim, minha mãe?

Magdalena—Minha querida filha, tu dizes coisas! Pois não tens ouvido, a teu tio Frei Jorge e a teu

tio Lopo de Sousa, contar tantas vezes como aquillo foi? O povo coitado imagina essas chimeiras para se consolar na desgraça.

**Maria**—Voz do povo, voz de Deus, minha senhora mãe: elles que andam tam crentes n'isto, alguma coisa hade ser. Mas ora o que me dá que pensar é vêr que, tirado aqui o meu bom velho Telmo, *(chega-se toda para elle, acarinhando-o)* ninguem n'esta casa gosta de ouvir falar em que escapasse o nosso bravo rei, o nosso santo rei D. Sebastião. —Meu pae, que é tam bom portuguez, que não pôde soffrer estes castelhanos, e que até ás vezes dizem que é demais o que elle faz e o que elle falla... em ouvindo duvidar da morte do meu querido rei D. Sebastião... ninguem tal hade dizer, mas pôe-se logo outro, muda de semblante, fica pensativo e carrancudo: parece que o vinha affrontar, se voltasse, o pobre do rei.—O minha mãe, pois elle não é por D. Filippe; não é, não?

**Magdalena**—Minha querida Maria, que tu hasde estar sempre a imaginar n'essas coisas que se são tam pouco para a tua idade! Isso é o que nos allige, a teu pae e a mim; queria-te vêr mais alegre, folgar mais, e com coisas menos...

**Maria**—Então, minha mãe, então!—Vêem, vêem?... tambem minha mãe não gosta. Oh essa ainda é peor, que se allige, chora... ella ahí está a chorar... ella ahí está a chorar... *(Vae-se abraçar com a mãe que chora.)* Minha querida mãe, ora pois então!—Vae-te embora, Telmo. vae-te; não quero mais falar, nem ouvir falar de tal batalha, nem de taes historias, nem de coisa nenhuma d'essas.—Minha querida mãe!

**Telmo**—E é assim: não se falla mais n'isso. E eu vou-me embora. *(A'pa te, indo-se depois de lhe tomar as mãos)* Que febre que ella tem hoje, meu Deus! queimam-lhe as mãos... e aquellas rosetas nas faces... e o perceberá a pobre da mãe!

## SCENA IV

### MAGDALENA, MARIA

**Maria**—Quereis vós saber, mãe, uma tristeza muito grande que eu tenho?—A mãe já não chora, não! já se não enfada commigo?

**Magdalena**—Não me enfado contigo nunca, filha, e nunca me alliges, querida. O que tenho é o cuidado que me dás, é o receio de que...

**Maria**—Pois ahí está a minha tristeza: é esse cuidado em que vos vejo andar sempre por minha causa. Eu não tenho nada, e tenho saúde, olhae que tenho muita saúde.

**Magdalena**—Tens, filha... se Deus quizer, hasde ter; e hasde viver muitos annos para consolação e amparo de teus paes que tanto te querem.

**Maria**—Pois olhae: passo noites inteiras em claro a lidar n'isto, e a lembrar-me de quantas palavras vos tenho ouvido, e a meu pae... e a recordar-me da mais pequena acção e gesto... e a pensar em tudo, a vêr se descubro o que isto é—o porque tendo-me tanto amor... que, oh isso nunca houve de certo filha querida como eu!...

**Magdalena**—Não, Maria.

**Maria**—Pois sim; tendo-me tanto amor, que nunca houve outro igual, estaes sempre n'um sobresalto commigo?...

**Magdalena**—Pois se te estremecemos!

**Maria**—Não é isso, não é isso: é que vos tenho lido nos olhos... Oh, que eu leio nos olhos, leio, leio!... e nas estrellas do céu tambem —e sei coisas...

**Magdalena**—Que estás a dizer, filha, que estás a dizer? que desvarios! Uma menina do teu juizo, teemente a Deus... não te quero ouvir falar assim. —Ora vamos: anda cá, Maria, conta-me do teu

jardim, das tuas flores. Que flores tens tu agora? O que são estas? *(Pegando nos que ella traiz na mão.)*

**Maria** *(abrindo a mão e deixando-as cair no regaço da mãe)*—Murchou tudo... tudo estragado da calma... Estas são papoulas que fazem dormir, colhi-as para as metter debaixo do meu cabelal esta noite, quero-a dormir de um somno, não quero sonhar, que me faz vêr coisas... lindas ás vezes, mas tam extraordinarias e confusas...

**Magdalena**—Sonhar, sonhas tu acordada, filha! Que, olha, Maria, imaginar é sonhar: e Deus poz-nos n'este mundo para velar e trabalhar—com o pensamento sempre n'elle sim, mas sem nos extranharmos a estas coisas da vida que nos cercam, a estas necessidades que nos impõe o estado, a condição em que nascemos. Vês tu, Maria: tu és a nossa unica filha, todas as esperanças de teu pae são em ti...

**Maria**—E não lh'as posso realizar, bem sei.—Mas que heide eu fazer? eu estudo, leio...

**Magdalena**—Lêes demais, canças-te, não te distraes como as outras donzellas da tua idade, não és...

**Maria**—O que eu sou... so eu e si, minha mãe... E não sei, não: não sei nada, senão que o que devia ser não sou... —Oh! porque não havia de eu ter um irmão que fosse um galhardo e valente manco, capaz de commandar os terços de meu pae, de pegar n'uma lança d'aquellas com que os nossos avós corriam a India, levando adiante de si Turcos e Gentios! um bello moço que fosse o retrato proprio d'aquelle gentil cavalleiro de Malta que alli está. *(Apontando para o retrato.)* Como elle era bonito meu pae! Como lhe ficava bem o preto!...

e aquella cruz tam alva em cima? Para que deixou elle o habito, minha mãe, porque não ficou n'aquella santa religião, a vogar em suas nobres galeras por esses mares, e a augentar os infieis deante da bandeira da Cruz?

**Magdalena**—Oh filha, filha!... *(Mortificada)* porque não foi vontade de Deus: tinha de ser d'outro modo. —Tomára eu agora que elle chegasse de Lisboa! Com effeito é muito tardar... valha-me Deus!

## SCENA V

### JORGE, MAGDALENA, MARIA

**Jorge**—Ora seja Deus n'esta casa!

*(Maria beija-lhe o escupulário e depois a mão; Magdalena sómente o escupulário.)*

**Magdalena**—Sejaes bemvindo, meu irmão!

**Maria**—Boas tarde, tio Jorge!

**Jorge**—Minha senhora mana! —A benção de Deus te cubra, filha! —Tambem estou desasoccegado como vós, mana Magdalena: mas não vos affiliaes, espero que não hade ser nada—E' certo que tive umas noticias de Lisboa...

**Magdalena** *(assustada)*—Pois que é, que foi?

**Jorge**—Nada, não vos assusteis; mas é bom que estejas prevenidas, por isso vol-o digo. Os Governadores querem sair da cidade... é um capricho verdadeiro... Depois de aturarem mettidos alli dentro toda a força da peste, agora que ella está, se pôde dizer, acabada, que são rarissimos os casos, é que por força querem mudar de ares.

**Magdalena**—Pois coitados!...

**Maria**—Coitado do povo! —Que mais valem as vidas d'elles? Em pestes e desgraças assim, eu entendia, se governasse, que o serviço de Deus e do rei me mandava ficar, até á ultima, onde a miseria fosse mais e o perigo maior, para attender com remedio e amparo aos necessitados.—Pois, rei não quer dizer pae commum de todos?

**Jorge**—A minha Donzella Theodora!—Assim é, filha; mas o mundo é d'outro modo: que lhe faremos?

Maria—Emendal-o.

Jorge (*Para Magdalena, baixo*)—Sabeis que mais? Tenho medo d'esta creança.

Magdalena (*Do mesmo modo*)—Tamhem eu.

Jorge (*Alto*)—Mas emfim, resolveram sair; e sabeis mais que, para côrte e «buen-retiro» dos nossos cinco reis, os senhores Governadores de Portugal por D. Philippe de Castella, que Deus guarde, foi escolhida esta nossa boa villa d'Almada, que o deuve á fama de suas aguas sadias, âres lavados e graciosa vista.

Magdalena—Deixal-os vir.

Jorge—Assim é: que remedio! Mas ouvi o resto. O nosso pobre convento de San'Paulo tem de hospedar o senhor arcebispo D. Miguel de Castro, presidente do Governo.—Bom prelado é elle; e, se não fosse que nos tira do humilde socego da nossa vida, por vir como senhor e príncipe secular... o mais, paciência. Peior é o vosso caso...

Magdalena—O meu!

Jorge—O vosso e de Manuel de Sousa; porque os outros quatro Governadores—e aqui está o que me mandaram dizer em muito segredo de Lisboa—dizem que querem vir para esta casa, e pôr aqui aposentadoria.

Maria (*Com vivacidade*)—Fechamos lhes as portas. Mettemos a nossa gente dentro—o terço de meu pae tem mais de seiscentos homens—e defendemo'-nos. Pois não é uma tyrannia?...—E hade ser bonito!... Tomára eu vêr seja o que fór que se pareça com uma batalha!

Jorge—Louquinha!

Magdalena—Mas que mal fizemos nós ao conde de Sabugal e aos outros Governadores, para nos fazerem esse desacato? Não ha por ahi outras casas; e elles não sabem que n'esta ha senhoras, uma familia... e que estou eu aqui?

Maria (*Que esteve com o ouvido inclinado para a janella*)—E' a voz de meu pae! Meu pae que chegou.

Magdalena (*Sobresaltada*)—Não oiço nada.

Jorge—Nem eu, Maria.

Maria—Pois oiço eu muito claro. E' meu pae que ahi vem... e vem affrontado!

## SCENA VI

JORGE, MAGDALENA, MARIA, MIRANDA

Miranda—Meu senhor chegou: vi agora d'aquelle alto entrar um bergantim que é por lorça o nosso. Estaveis com cuidado; e era para isso, que já vae a cerrar-se a noite... Vim trazer-vos depressa a noticia.

Magdalena—Obrigada, Miranda—E' extraordinaria esta creança; vê e ouve em taes distancias...

(Maria te'n sahido para o eirado, mas volta logo depois)

E' verdade. (*A parte*)—Terrível signal n'aquelles annos e com aquella compleição!

## SCENA VII

JORGE, MAGDALENA, MARIA, MIRANDA, MANUEL DE SOUSA *entrando com varios creados que o seguem — alguns com brandões accesos.—E' noite fechada.*

Manuel (*Parando junto da porta, para os creados*)—Façam o que lhes disse. Já, sem mais detença! Não apaguem esses brandões; encostem-nos ahi fóra no patim. E tudo o mais que eu mandei.—(*Vindo ao proscenio*) Magdalena. Minha querida filha, minha Maria! (*Abraça-as*) Jorge, ainda bem que aqui estás, preciso de ti: bem sei que é tarde e que são horas conventuaes; mas eu irei depois contigo di-

zer a «mea culpa» e o «peccavi» ao nosso bom prior.—Miranda, vinde cá. (*Vae com elle á porta da esquerda, depois ás do eirado, e di-lhe algumas ordens baixo*.)

Magdalena—Que tens tu? nunca entraste em casa assim. Tens coisa que te dá cuidado... E não m'o dizes? O que é?

Manuel—E' que... E' que... Senta-te, Magdalena; aqui ao pé de mim Maria. Jorge, sentemo-nos, que estou cansado. (*Sentam-se todos*) Pois agora sabe as novidades, que seriam estranhas se não fosse o tempo em que vivemos. (*Pausa*) E' preciso sahir já d'esta casa, Magdalena.

Maria—Ah! inda bem, meu pae!

Manuel—Inda mal! mas não ha outro remedio. Sairemos esta noite mesmo. Já dei ordens a toda a familia: Telmo foi avisar as tuas aias do que haviam de fazer, e lá anda pelas camaras velando n'esse cuidado. Sempre é bom que vás dar um relance d'olhos ao que por lá se faz: eu tambem irei por minha parte.—Mas temos tempo: isto são oito horas, á meia noite vão quatro; d'aqui lá o pouco que me importa salvar estará salvo... e elles não virão antes da manhã.

Magdalena—Não sempre é verdade que Luiz de Moura e os outros Governadores?...

Manuel—Luiz de Moura é um vilão ruim, faz co'no quem é: o Arcebispo é... o que os outros querem que elle seja. Mas o conde de Sabugal, o conde de Sancta Cruz, que deviam olhar por quem são, e que tomaram este caminho odioso... e vil, de opprimir os seus naturaes em nome de um rei estrangeiro!... Oh que gente, que fidalgos portuguezes!... Heide-lhes dar uma lição, a elles e a este escravo d'este povo que os soffre, como não levam tyrannos ha muito tempo n'esta terra.

Maria—O meu nobre pae! Oh, o meu querido pae! Sim, sim, mostrae lhes quem sois e o que vale um portuguez dos verdadeiros.

Magdalena—Meu adorado esposo, não te deites a perder, não te arrebrates. Que farás tu contra esses poderosos? Elles, já te querem tam mal pelo mais que tu vales que elles, pelo teu saber—que esses grandes fingem que desprezam... mas não é assim, o que elles têm é inveja!—O que fará se lhes deres pretexto para se vingarem da affronta em que os traz a superioridade do teu merito!—Manuel, meu esposo, Manuel de Sousa, pelo nosso amor...

Jorge—Tua mulher tem razão. Prudencia, e lembra-te de tua filha.

Manuel—Lembro-me de tudo, deixa estar.—Não te inquietes, Magdalena: elles querem vir para aqui amanhã de manhã; e nós forçosamente havemos de sahir antes d'elles entrarem. Por isso é preciso já.

Magdalena—Mas para onde iremos nós, de repente, a estas horas?

Manuel—Para a unica parte para onde podemos ir: A casa não é minha... mas é tua, Magdalena.

Magdalena—Qual?... a que foi?... a que pega com San'Paulo?... Jesus me valha!

Jorge—E' vão muito bem: a casa é larga e está em bom reparo, tem ainda quasi tudo de trastes e paramentos necessários; pouco tereis que levar convosco—E então para mim, para os nossos padres todos que alegria! Ficamos quasi debaixo dos mesmos telhados.—Sabeis que tendes alli tribuna para a capella da Senhora da Piedade, que é a mais devota e a mais bella de toda a igreja... Ficamos como vivendo juntos.

Maria—Tonárame eu já lá. (*Levanta-se pulando*.)

Manuel—E são horas, vamos a isto. (*Lev. andando-se*.)

Magdalena (*vindo para elle*)—Ouve, escuta que teinho que te dizer; por quem és, ouve: não haverá algum outro modo?

Manuel — Qual, senhora, e que lhe heide ou fazer? Lembrae vós, véde se achaes.

Magdalena — Aquella casa... eu não tenho animo...

Olhae: eu preciso de falar a sós convosco — Frei Jorge, ide com Maria ahí para dentro; tenho que dizer a vosso irmão.

Maria — Tio, venha, quero vêr se me accommodam os meus livrinhos; (*confidencialmente*) e os meus papeis, que eu tambem tenho papeis: deixae que lá na outra casa vos heide mostrar... Mas segredo?

Jorge — Tontinha!

## SCENA VIII

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA

Manuel (*passeia agitado de um lado para o outro da scena, com as mãos cruzadas detra das costas; e parando de repente*) — Hade saber-se no mundo que ainda ha um portuguez em Portugal.

Magdalena — Que tens tu, dize, que tens tu?

Manuel — Tenho que não heide soffrer esta affronta... e que é preciso sahir d'esta casa, senhora.

Magdalena — Pois sahiremos, sim: eu nunca me oppuz ao teu querer, nunca soube que coisa era ter outra vontade differente da tua; estou prompta a obedecer-te sempre, cegamente, em tudo. Mas oh! esposo da minha alma... para aquella casa não, não me leves para aquella casa. (*Deitando-lhe as mãos ao pescço*)

Manuel — Ora tu não eras costumada a ter caprichos! Não temos outra para onde ir: e a estas horas, n'este aperto... Mudaremos depois, se quizeres... Mas não lhe vejo remedio agora. — E á casa que tem? Porque foi de teu primeiro marido! é por mim que tens essa repugnancia? Eu estimei e respeitei sempre a D. João de Portugal; honro a sua memoria, por ti, por elle e por mim; e não teinho na consciencia por que receie abrigar-me de baixo dos mesmos tectos, que o cobriram. — Vi-veste alli com elle? Eu não tenho ciumes de um passado que me não pertencia. E o presente, esse é meu, meu só, todo meu, querida Magdalena... Não falemos mais n'isso; é preciso partir e já

Magdalena — Mas é que tu não sabes... eu não sou melindrosa nem de invenções: em tudo o mais sou mulher e muito mulher, querido; n'isso não... mas tu não sabes a violencia, o constrangimento d'alma, o terror com que eu penso em ter de entrar n'aquella casa. Parece-me que é voltar ao poder d'elle, que é tirar-me dos teus braços, que o vou encontrar alli... — Oh perdão, perdão-me, não me sae esta idéa da cabeça... — que vou achar alli a sombra depeitosa de D. João que me está ameaçando com uma espada de dois gumes... que a atravessa no meio de nós, entre mim e ti e a nossa filha, que nos va separar para sempre... — Que queres...? bem sei que é loucura; mas a idéa de tornar a morar alli, de viver alli contigo e com Maria não posso com ella. Sei de certo que vou ser infeliz, que vou morrer n'aquella casa funesta, que não estou alli tres dias, tres horas sem que todas as calamidades do mundo venham sobre nós. — Meu esposo, Manuel, marido da minha alma, pelo nosso amor t'o peço, pela nossa filha... vamos seja para onde tôr, para a cabana de algum pobre pescador d'esses contornos, mas para alli não, oh! não.

Manuel — Em verdade nunca te vi assim; nunca pensei que tivesses a fraqueza de acreditar em agouros. Não ha senão um temor justo, Magdalena, é o temor de Deus; não ha espectros que nos possam apparecer senão os das más acções que fazemos. Que tens tu na consciencia que t'os faço te-

mer? O teu coração e as tuas mãos estão puras; para os que andam deante de Deus, a terra não tem sustos, nem o inferno pavores que se lhes attrevam. Rezaremos por alma de D. João de Portugal n'essa devota capella que é a parte da sua casa; e não hajas medo que nos venha perseguir n'este mundo aquella santa alma que está no céo, e que em tam santa batalha, pelejando por seu Deus e por seu rei, acabou martyr ás mãos dos infieis. — Vamos, D. Magdalena de Vilhena, lembrae-vos de quem sois e de quem vindes, senhora... e não me tires, querida mulher, com vans chymeras de creanças, a tranquillidade do espirito e a força do coração, que as preciso inteiras n'esta hora.

Magdalena — Pois que vaes tu fazer?

Manuel — Vou, já te disse, vou dar uma lição aos nossos tyrannos que lhes hade lembrar, vou dar um exemplo a este povo que o hade alumiar...

## SCENA IX

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, TELMO, MIRANDA, e outros CREADOS entrando apressadamente.

Telmo — Senhor, desembarcaram agora grande committiva de fidalgos, escudeiros e soldados que vêm de Lisboa e sobem a encosta para a villa. O Arcebispo não é de certo, já cá está ha muito no convento: diz-se por ahí...

Manuel — Que são os Governadores? (*Telmo faz um signal affirmativo.*) Quizeram me enganar, e apresam-se a vir hoje... parece que adivinharam... Mas não me colheram despercebido. (*Chama á porta da esquerda*) Jorge Maria! (*Volta para a scena.*) Magdalena, já, já, sem mais demora.

## SCENA X

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, TELMO, MIRANDA e outros CREADOS, JORGE e MARIA entrando

Manuel — Jorge, acompanha estas damas. Telmo, ide, ide com ellas. — (*Para os outros creados.*) Partiu já tudo, as arcas, os meus cavallos, armas e tudo o mais?

Miranda — Quasi tudo foi já; o pouco que falta está prompto e sahirá n'um instante... pela porta de traz, se quereis.

Manuel — Bom; que saia. (*A um signal de Miranda siem todos creados.*) Magdalena, Maria, não vos quero vêr aqui mais. Já, ide; serei convosco em pouco tempo.

## SCENA XI

MANUEL DE SOUSA, MIRANDA e os outros CREADOS

Manuel — Meu pae morreu desastrosamente cahindo sobre a sua propria espada; quem sabe se eu morrerei nas chammas ateadas por minhas mãos? Seja. Mas fique-se apprendendo em Portugal como um homem de honra e coração, por mais poderosa que seja a tyrannia, sempre lhe pôde resistir, em perdendo o amor a coisas tam vil e precarias como são esses haveres que duas falcas destroem n'um momento... como é esta vida miseravel que um sópro pôde apagar em menos tempo ainda! (*Arrebata duas tochas das mãos dos creados, corre á porta da esquerda, atrá com uma para dentro; e vê-se atear logo uma lavareda immensa. Vae ao fundo atrá a outra tocha; e succede o mesmo. Ouve-se alarido de fóra.*)



## SCENA XII

MANUEL DE SOUSA e CREADOS; MAGDALENA, MARIA, TELMO e JORGE (*accuando.*)

Magdalena.—Que fazes... que fizeste?—Que é isto oh meu Deus!

Mannel (*tranquillamente*).—Ilumino a minha casa para receber os muito poderosos e excellentes senhores Governadores d'estes Reinos. Suas excellencias podem vir quando quizerem.

Magdalena.—Meu Deus, meu Deus!... Ai, e o re-

trato de meu marido!... Salvem-me aquelle retrato.

(Miranda e o outro criado vão para tirar o painel; uma columna de fô o salta nas tapeçarias e os alienta.)

Manuel—Parti, parti. As materias inilammaveis que eu tinha disposto vão-se ateando com espantosa velocidade. Fugi.

Magdalena (*cingindo-se no braço do marido*).—Sim, sim, fujamos.

Maria (*tomando-o do outro braço*).—Meu pae, nós não fugimos sem vós.

Todos—Fujamos, fujamos...

(Redobram os gritos de fôra, ouve se rebate de sinos; cae o panno.)

## ACTO SEGUNDO

*E' no palacio que fôra D. João de Portugal, em Almada, salão cntigo de gosto melancholico e presado, com grandes retratos de familia, muitos de corpo inteiro, bispos, doncs, cavalleiros, monges: e-tão em jogar mais conspicuo, no fundo, o d'El-rei D. Sebastião, o de Camões e o de D. João de Portugal. Portas do lado direito para o exterior, do esquerdo para o interior, cobertas de reposteiros com as armas aos condes de Vimioso. São os antigos da casa de Bragança, uma aspa vermelha sobre campo de prata com cinco escudos do reino, um no meio e os quatro nos quatro extremos da aspa; em cada braço e entre os dois escudos uma cruz floreteada, tudo do modo que trazem actualmente os duques de Cadaval; sobre o escudo corôa de conde. No fundo um reposteiro muito maior e com as mesmas armas sobre as portadas da tribuna que deita sobre a capella da Senhora da Piedade na egreja de San'Paulo dos Dominicos d'Almada.*

## SCENA I

MARIA e TELMO

Maria (*sahindo pela porta da esquerda e trazendo pela mão a Telmo, que parece vir de pouca vontade*).—Vinde, não taças bulha, que minha mãe ainda dorme. Aqui, aqui n'esta sala é que quero conversar. E não teimes, Telmo, que fiz tenção e acabou-se.

Telmo—Menina!...

Maria—«Menina e moça me levaram de casa de meu pae:» é o principio d'aquelle livro tam bonito que minha mãe diz que não entende: entendo-o eu.—Mas aqui não ha menina nem moça; e vós, senhor Telmo Paes, meu fiel escudeiro, «faredes o que mandado vos é.»—E não me repliques, que então altercamos, faz-se bulha, e acorda minha mãe, que é o que eu não quero. Coitada! Ha oito dias que aqui estamos n'esta casa, e é a primeira noite que dorme com socego. Aquelle palacio a arder, aquelle povo a gritar, o rebato dos sinos, aquella scena toda... Oh! tam grandiosa e sublime, que a mim me encheu de maravilha, que foi um espectáculo como nunca vi outro de igual magestade!... a minha pobre mãe aterrrou-a, não se lhe tira dos olhos: vae a fechall-os para dormir e diz que vê aquellas chammam enoveladas em fummo a rodear-lhe a casa, a crescer para o ar, e a devorar tudo com furia infernal... O retrato de meu pae, aquelle do quarto de lavor tam seu favorito, em que elle estava tam gentil homem, vestido de Cavalleiro de Malta com a sua cruz branca no peito—aquelle retrato não se pôde consolar de que lh'o não salvassem, que se queimasse alli. Vês tu? ella que não cria em agouros, que sempre me estava a reprehender pelas minhas scismas, agora não lhe sae da cabeça que a perda do retrato é prognostico fatal de outra perda maior que está perto, de alguma desgraça inesperada, mas certa que a tem de separar de meu pae.—E eu agora é que faço de forte e assizada, que zombo de agouros e de sinas... para a animar, coitada!... que aqui entre nós, Telmo, nunca tive tanta fé n'elles. Creio, oh se creio! que são avisos que Deus nos manda para

nos preparar.—E ha... oh! ha grande desgraça a cahir sobre meu pae... de certo! e sobre minha mãe tambem, que é o mesmo.

Telmo (*disfarçando o terror de que está tomado*).—Não digas isso... Deus hade fazer-o por melhor, que lh'o merecem ambos. (*Cobrando animo e exaltando-se.*) Vosso pae, D. Maria, é um portuguez ás direitas. Eu sempre o tive em boa conta: mas agora, depois que lhe vi fazer aquella acção,—que o vi com aquella alma de portuguez velho, deitar as mãos ás tochas, e lançar elle mesmo o fogo á sua propria casa; queimar e destruir n'uma hora tanto do seu haver, tanta coisa do seu gosto, para dar um exemplo de liberdade, uma lição tremenda a estes nossos tyrannos... Oh minha querida filha, aquillo é um homem. A minha vida que elle queira é sua. É a minha pena, toda a minha pena é que o não conheci, que o não estimei sempre no que elle valia.

Maria (*com as lagrimas nos olhos, e tomando-lhe as mãos*).—Meu Telmo, meu bom Telmo!... E' uma gloria ser filha de tal pae: não é? dize.

Telmo—Sim: Deus o defende!

Maria—Deus o defendal amen. E elles, os tyrannos Governadores ainda estarão muito contra meu pae? Já soubeste hoje alguma coisa das diligencias do tio Frei Jorge?

Telmo—Já, sim. Vão-se desvanecendo—ainda bem! —os agouros de vossa mãe... hão de sahir falsos de todo. O Arcebispo, o conde de Sabugal, e os outros, já vosso tio os trouxe á razão, já os modelou. Miguel de Moura é que ainda está renitente; mas hade lhe passar. Por estes dias fica tudo socegado. Já o estava se elle quizesse dizer que o fogo tinha pagado por acaso. Mas ainda bem que o não quiz fazer; era desculpar com a vilania de mentira o generoso crime por que o perseguem.

Maria—Meu nobre pae!—Mas quando hade elle sahir d'aquelle homizio! Passar os dias retirado n'essa quinta tão triste d'além do Alfeite, e não poder vir aqui senão de noite, por instantes, e Deus sabe com que perigo!

Telmo—Perigo nenhum; todos o sabem e fecham os olhos. Agora é só conservar as apparencias ahí mais uns dias, e depois fica tudo como d'antes.

Maria — Ficaré, pôde ser, Deus queira que seja! — Mas tenho cá uma cousa que me diz que aquella tristeza de minha mãe, aquelle susto, aquelle terror em que está — e que ella disfarça com tanto trabalho na presença de meu pae (tambem a mim m'o queria encobrir, mas agora já não pôde, coitada!) aquillo é presentimento de desgraça grande... — Oh! mas é verdade... vinde cá; (*leva-o deante dos tres retratos que estão no fundo; e apontando para o de D. João*) de quem é este retrato aqui, Telmo?

Telmo (*olha e vira a cara de repente*) Esse é... hade ser... é um da familia, d'estes senhores da casa de Vimioso, que aqui estão tantos.

Maria (*ameaçando-o com o dedo*) — Tu não dizes a verdade, Telmo.

Telmo (*quasi offendido*) — Eu nunca menti, senhora D. Maria de Noronha.

Maria — Mas não diz a verdade toda o senhor Telmo Paes, que é quasi o mesmo.

Telmo — O mesmo!... Disse-vos o que sei, e o que é verdade; é um cavalleiro da familia de meu outro amo que Deus... que Deus tenha em bom logar.

Maria — E não tem nome o cavalleiro?

Telmo (*embaraçado*) — Hade ter: mas eu é que...

Maria (*como quem lhe vae tapar a bocca*) — Agora é que tu ias mentir de todo... cala-te... Não sei para que são estes mysterios: cuidam que eu heide ser sempre creança! — Na noite que viemos para esta casa, no meio de toda aquella desordem, eu e minha mãe entrámos por aqui dentro sós e viemos ter a esta sala. Estava alli um brandão acceso, encostado a uma d'essas cadeiras que tinham posto no meio da casa: dava todo o clarão da luz n'aquelle retrato... Minha mãe, que me trazia pela mão, pôde de repente os olhos n'elle e dá um grito, oh meu Deus!... ficou tam perdida de susto, oh não sei de que, que me ia cahindo em cima. Pergunto-lhe o que é; não me respondeu: arrebatada da tocha, e leva-me com uma força... com uma pressa a correr por essas casas, que parecia que vinha alguma cousa má atrás de nós... Ficou n'aquelle estado em que a temos visto ha oito dias, e não lhe quiz falar mais em tal. Mas este retrato que ella não nomeia nunca de quem é, e só diz assim ás vezes: «O outro, o outro...» este retrato, e o de meu pae que se queimou, são duas imagens que lhe não saem do pensamento.

Telmo (*com anxiedade*) — E esta noite ainda lidou muito n'isso?

Maria — Não; desde hontem pela tarde, que cá esteve o tio Fr. Jorge e animou com muitas palavras de consolação e de esperança em Deus, e que lhe disse do que contava abrandar os Governadores, minha mãe ficou outra; pôssou-lhe de todo, ao menos até agora... Mas então, vamos, tu não me dizes do retrato? Olha: (*designando o d'El-rei D. Sebastião*) aquelle do meio, bem sabes se o conheceres; é o do meu querido e amado rei D. Sebastião. Que majestade! que testa aquella tão austera, mesmo d'um rei moço e sincero ainda, leal, verdadeiro, que tomou ao serio o cargo de reinar, e jurou que hade engrandecer e cobrir de gloria o seu reino! Elle alli está... E pensar que havia de morrer ás mãos de mouros, no meio de um deserto, que n'uma hora se havia de apagar toda a ousadia reflectida que está n'aquelles olhos rasgados, no apertar d'aquella bocca!... Não pôde ser, não pôde ser. Deus não podia consentir em tal.

Telmo — Que Deus te ouvisse, anjo do céu!

Maria — Pois não ha prophcias que o dizem? Ha, e eu creio n'ellas. E tambem creio n'aquell'outro que alli está; (*indica o retrato de Camões*) aquelle teu amigo com quem tu andaste lá pela India, n'essa terra de prodigios e bizarrias, por onde elle ia... como é? ah, sim...

«N'ua mão sempre a espada e n'outra a penna...»

Telmo — Oh! o meu Luiz, coitado! bem lh'o pagaram.

Era um rapaz, mais moço do que eu, muito mais... e quando o vi a ultima vez... foi no alpendre de San'Domingos em Lisboa—parece-me que o estou a vêr—tam mal trajado, tam encolhido... elle que era tam desembaraçado e galan... e então velho! velho alquebrado,—com aquelle olho que valia por dois, mas tam sumido e encovado já, que eu disse commigo: «Kum terra te comará cêdo corpo da maior alma que deitou Portugal!»—E dei-lhe um abraço... foi o ultimo... Elle pareceu ouvir o que me estava dizendo o pensamento cá por dentro, e disse-me: «Adeus Telmo! San'Telmo seja commigo n'este cabo da navegação... que já vejo terra, amigo!»—e apontou para uma cova que alli se estava a abrir.—Os frades resavam o officio dos mortos na egreja... Elle entrou para lá, e eu fui-me embora. D'ahi a um mez,vieram-me aqui dizer: «Lá foi Luiz de Camões n'um lençol para Sant'Anna.» E ninguém mais falou n'elle.

Maria — Ninguém mais!... Pois não lêem aquelle livro que é para dar memoria aos mais esquecidos?

Telmo — O livro sim: aceitaram-n'o como o tributo de um escravo. Estes ricos, estes grandes, que opprimem e desprezam tudo o que não são as suas vaidades, tomaram o livro como uma cousa que lhes fizesse um servo seu e para honra d'elles. O servo, acabada a obra, deixaram-n'o morrer ao desamparo sem lhe importar com isso... quem sabe se folgaram? podia pedir-lhes uma esmolla—escusavam de se incommodar a dizer que não.

Maria (*com enthusiasmo*) — Está no céu, que o céu fez: se para os bons e para os inelizes, para os que já cá da terra o adivinharam! Este lia nos mysterios de Deus; as suas palavras são de propheta. Não te lembrás o que lá diz do nosso rei D. Sebastião?... que havia de elle então morrer? Não morreu! (*Mudando de tom*) Mas o outro, o outro... quem é'ss'outro, Telmo? Aquelle aspecto tam triste, aquella expressão de melancholia tam profunda... aquellas barbas tam negras e cerradas... e aquella mão que descança na espada como quem não tem outro arrimo, nem outro amor n'esta vida...

Telmo (*deixando-se surprehender*) — Pois tinha, oh se tinha...

(Maria olha para Telmo, como quem comprehendeu, depois torna a fixar a vista no retrato; e ambos ficam deante d'elle como fascinados. No entretanto e ás ultimas palavras de Maria, um homem enbaçado com o chapéo sobre os olhos levanta o reposteiro da direita e vêm, pé ante pé, aproximando-se dos dois que o não sentem.)

## SCENA II

MARIA, TELMO e MANUEL DE SOUSA

Manuel — Aquelle era D. João de Portugal, um honrado fidalgo, e um valente cavalleiro.

Maria (*Respondendo sem observar quem lhe fala*) — Bem m'o dizia o coração.

Manuel (*Desembaçando-se e tirando o chapéo com muito affecto*) — Que te dizia o coração, minha filha?

Maria (*Reconhecendo-o*) — Oh meu pae, meu querido pae! já me não diz mais nada o coração senão isto. (*Lança-se-lhe nos braços e beija-o na face muitas vezes*) — Ainda bem que veste... Mas de dia!... não tendes receio, não ha perigo já?

Manuel — Perigo, pouco. Hontem á noite não pude vir; e hoje não tive paciencia para aguardar todo o dia: vim bem coberto com esta capa...

Telmo — Não ha perigo nenhum, meu senhor; podeis estar á vontade e sem receio. Esta madrugada muito cedo estive no convento, e sei pelo senhor Frei Jorge que está, se pôde dizer, tudo concluido.

**Manuel**—Pois ainda bem, Maria. E tua mãe, tua mãe, filha?

**Maria**—Desde hontem está outra...

**Manuel** (*Em acção de partir*)—Vamos a vê-la.

**Maria** (*retendo-o*)—Não que dorme aínda.

**Manuel**—Dorme? Oh, então melhor.—Sentemo-nos aqui filha, e conversemos. (*Toma-lhe as mãos; senta-se*) Tens as mãos tam quentes! (*Beija-a na testa*) E esta testa, esta testa!... escalda.—Se isto está sempre a ferver! Valha-te Deus, Maria! Eu não quero que tu penses.

**Maria**—Então que heide eu fazer?

**Manuel**—Folgar, rir, brincar, tanger na harpa, correr nos campos, apanhar as flores...—E. E Telmo que te não conte mais historias, que te não ensine mais trovas e solãos. Poetas e trovadores padecem todos da cabeça... e é um mal que se péga.

**Maria**—Então para que fazeis vós como elles?... eu bem sei que fazeis.

**Manuel** (*Sorrindo*)—Se tu sabes tudo! Maria, minha Maria. (*Amimando-a*) Mas não sabias ainda agora de quem era aquelle retrato...

**Maria**—Sabia.

**Manuel**—Ahl você sabia e estava fingido?

**Maria** (*Gravemente*)—Fingir não, meu pae. A verdade... é que eu sabia de um saber cá de dentro; ninguém m'o tinha dito; e eu queria ficar certa.

**Manuel**—Então adivinhas, feiticeira. (*Beija-a na testa*.)—Telmo, ide vêr se chamaes meu irmão: dizei-lhe que estou aqui.

### SCENA III

MANUEL DE SOUSA E MARIA

**Manuel**—Ora ouve cá, filha. Tu tens uma grande propensão para achar maravilhas e mysterios nas cousas mais naturaes e singelas. E Deus entregou tudo á nossa razão, menos os segredos de sua natureza ineffavel, de seu amor, e de sua justiça e misericordia para comnosco. Esses são os pontos sublimes e incomprehenhíveis da nossa fé! Esses crêem-se: tudo o mais examina-se.—Mas vamos: (*sorrindo*) não dirão que sou da Ordem dos Prêgadores? Hade ser d'estas paredes, é uncção da casa: que isto é quasi um convento aqui, Maria... Para frades de San Domingos não nos falta senão o habito...

**Maria**—Que não faz o monge...

**Manuel**—Assim é, querida filha! Sem habito, sem escapulário nem correia, por baixo do setim e do veludo, o cilição pôde andar tam apertado sobre as carnes, o coração tam contracto no peito... a morte — e a vida que vem depois d'ella — tam deante dos olhos sempre, como na cella mais estreita e com o burel mais grosseiro cingido. Mas emfim, chega-te aos bons... sempre é meio caminho andado. Eu estou contentissimo de virmos para esta casa—quasi que nem já me peza da outra. Tenho aqui meu irmão Jorge e todos estes bons padres de San Domingos como de portas a dentro.—Ainda não viste d'aqui a egreja? (*Levanta o reposteiro do fundo e chegam ambos á tribuna*) E' uma devota capella está. E todo o templo tam grave! dá consolação vêl-o. Deus nos deixe gosar em paz de tam boa visinhança. (*Tornam para o meio da casa*.)

**Maria** (*Que parou deante do retrato de D. João de Portugal, volta-se de repente para o pae*)—Meu pae, este retrato é parecido?

**Manuel**—Muito; é raro vêr tam perfeita similhança; o ar, os adames, tudo. O pintor copiou fielmente quanto viu. Mas não podia vêr, nem lhe cabiam na tella, as nobres qualidades de alma, a grandeza e valentia de coração,—e a fortaleza d'aquella vontade, serena mas indomavel, que nunca foi vista mudar. Tua mãe ainda hoje estremece só de o ou-

vir nomear; era um respeito... era quasi um temor santo que lhe tinha.

**Maria**—E lá ficou n'aquella fatal batalha!...

**Manuel**—Ficou.—Tens muita pena, Maria!

**Maria**—Tenho.

**Manuel**—Mas se elle vivesse... não existias tu agora, não te tinha eu aqui nos meus braços.

**Maria** (*Escondendo a cabeça no seio de seu pae*)—Ai meu pae!

### SCENA IV

MARIA, MANUEL DE SOUSA, JORGE

**Jorge**—Ora alviçaras, minha dona sobrinha; venha-me já abraçar, senhora D. Maria. (*Maria beija-lhe o escapulário; e depois abraçam-se*.) Inda bem que vieste, meu irmão! Está tudo feito: os Governadores deixam cair o caso em esquecimento; Miguel de Moura já cedeu.—O Arcebispo foi hontem a Lisboa e volta esta tarde. Vamos eu e mais quatro religiosos nossos buscal-o para o acompanhar, e tu hade vir comnosco para lhe agradecer; que não teve parte no agravo que te fizeram, e foi quem acabou com os outros que se não resentissem da offensa ou do que lhes prouve tomar como tal... deixemos isso. Volta para o convento e quasi que vem ser teu hospede! é preciso fazer-lhe cumprimento, que nol-o merece.

**Manuel**—Se elle vem só, sem os outros...

**Jorge**—Só, só: os outros estão por essas quintas d'aquem do Tejo. E nós não chegamos aqui senão lá por noite.

**Manuel**—Se entendes que posso ir...

**Jorge**—Pôdes e debes.

**Manuel**—Vou decerto.—E até eu preciso de ir a Lisboa: tenho negocio de importancia no Sacramento, no vosso convento novo de freiras abaixo de San Vicente; necessito falar com a abbadesa.

**Maria**—Oh meu pae, meu querido pae, leve-me por quem sois, comvosco. Eu queria vêr a tia Joanna de Castro; é o maior gosto que posso ter n'esta vida. Quero vêr aquelle rosto... De mim não se hade tapar...

**Manuel**—E tua mãe?

**Maria**—Minha mãe dá licença, dá. Ella já está boa... oh, e em vos vando fica boa de todo, e eu vou.

**Manuel**—E os áres maos em Lisboa?

**Jorge**—Isso já acabou de todo: nem signal de peste. —Mas emfim a prudência...

**Maria**—A mim não se me péga nada.—Meu querido pae, vamos, vamos.

**Manuel**—Veremos o que diz tua mãe, e como ella está.

### SCENA V

MARIA, MANUEL DE SOUSA, JORGE;  
MAGDALENA (*entrando*)

**Magdalena** (*Correndo a abraçar Manuel de Sousa*)—Estou boa já, não tenho nada, esposo da minha alma, todo o meu mal era susto; era terror de te perder.

**Manuel**—Querida Magdalena!

**Magdalena**—Agora estou boa: Telmo já me disse tudo e curou-me com a boa nova.—Maria, Deus lembrou-se de nós: ouviu as tuas orações, filha, que as minhas... (*Vae a recahir na sua tristeza*.)

**Jorge**—Ora pois, mana, ora pois!... Louvado seja Elle por tudo. E haja alegria! Que era sermos desagradecidos para com o senhor, que nos valeu, mostrar-se hoje algum triste n'esta casa.

**Magdalena** (*fazendo por se alegrar*)—Triste porquê? As tristezas acabaram. (*Para Manuel de Sousa*) Tu ficas aqui já de vez. Não me deixas mais, não saes d'ao pé de mim?—Agora, olha, estes primeiros dias

ao menos, has-de-me aturar, has-de-me fazer companhia. Preciso muito, querido.

Manuel—Pois sim, Magdalena, sim; farei quanto quizeres.

Magdalena—E' que eu estou boa... boa de todo mas tenho uma...

Manuel—Uma imaginação que te atormenta. Haverá de castigar-a, ainda que não seja senão para dar exemplo a certa donzella que nos está ouvindo e que precisa... precisa muito.—Pois olha: hoje é sexta-feira...

Magdalena—Sexta-feira! (*aterrada*) ai que é sexta-feira!

Manuel—Para mim tem sido sempre o dia mais bem estreado de toda a semana

Magdalena—Sim!

Manuel—E' o dia da paixão de Christo, Magdalena.

Magdalena (*Cahindo em si*)—Tens razão.

Manuel—E' hoje sexta-feira; e até ao oito... vamos—d'aqui a quinze dias bem contados, não saio de casa. Estás contente?

Magdalena—Meu esposo, meu marido, meu querido Manuel!

Manuel—E tu, Maria?

Maria (*amuada*)—Eu não.

Manuel (*para Magdalena*)—Queres tu saber por que é aquella amou? E' que eu precisava de ir hoje a Lisboa...

Magdalena—A Lisboa... hoje!

Manuel—Sim: e não posso deixar de ir, sabes que por fins d'esta minha pendencia com os Governadores, eu fiquei em divida—quem sabe se da vida? Miguel de Moura e esses meus degenerados parentes eram capazes de tudo!—Mas o certo é que fiquei em muita divida ao Arcebispo. Elle volta hoje aqui para o convento; e meu irmão, que vae com outros religiosos para o acompanharem, entende que eu também devo ir. Bem vê's que não ha remedio.

Magdalena—Logo hoje!... Este dia de hoje é o peor... se fosse amanhã, se fosse passado hoje!... E quando estarás de volta?

Jorge—Estamos aqui sem falta á bôcca da paciência.

Magdalena (*fazendo por se resignar*)—Paciência; ao menos valha-nos isso. Não me deixam aqui só outra noite... esta noite, particularmente, não fico só...

Manuel—Não, socega, não; estou aqui ao anoitecer. E nunca mais saio d'aó pé de ti. E' não serão quinze dias; vinte, os que tu quizeres.

Maria—Então vou, meu pae, vou?—Minha mãe dá licença, dá?

Magdalena—Vaes aonde, filha? que dizes tu?

Maria—Com meu pae que tem de ir ao Sacramento, de caminho.—E bem sabels, querida mãe, o que eu ando ha tanto tempo de ir áquelle convento para conhecer a tia D. Joanna...

Jorge—Soror Joanna: assim é que se chama agora.

Maria—E' verdade. E andam-me a prometter, ha um anno, que me hão de levar lá... D'esta vez hão de m'o cumprir... não é assim, minha mãe, (*acarinhando-a*) minha querida mãesinha!—Sim, sim, dizei já que sim.

Magdalena (*abraçada com a filha*)—Oh Maria, Maria... também tu me queres deixar!—também tu me desamparas... e hoje!

Maria—Venho logo, minha mãe, venho logo.—Olha; e não tenhas cuidado commigo: vae meu pae, vae o tio Jorge,—levo a minha aia, a Dorothea!... E, é verdade, o meu fiel escudeiro hade ir tambem, o meu Telmo.

Magdalena—E tua mãe, filha, deixa-la aqui só, a morrer de tristeza? (*parte*) e de medo!

Manuel—Tua mãe tem razão, não hade ser assim, hoje não pôde ser. (*Maria fica triste e desconsolada*).

Jorge—Ora pois; eu já disse que não queria vêr hoje ninguém triste n'esta casa—Venha cá a minha donzella dolorida, (*pegando-lhe pela mão*) e faça aqui muitas festas ao tio frade, que eu fico a fazer companhia a sua mãe. E vá, vá satisfazer essa louvavel curiosidade que tem de ir vêr aquella santa freirinha que tanto deixou para deixar o mundo e se ir enterrar n'um claustro. Vá, e venha... melhor de coração, não pôde ser—que tu és boa como as que são boas, minha Maria—Mas quero-te mais fria de cabeça: ouves?

Maria (*parte*)—Fria!... quando ella estiver ôcal—

(*Alto*) Vou-me apromptar, minha mãe?

Magdalena (*sem vontade*)—Se teu pae quer...

Manuel—Dou licença: vae. (*Maria se a correr.*)

## SCENA VI

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, JORGE

Manuel—E' preciso deixál-a espairecer, mudar de lugar, distrahir-se: aquelle sangue está em chamas, arde sobre si e consome-se, a não o deixarem correr á vontade.—Hade vir melhor: verás.

Magdalena—Deus o queira!—Telmo que vá com ella; não o quero cá.

Manuel—Porquê?

Magdalena—Porque... Maria... Maria não está bem sem elle—e elle tambem... em estando sem Maria—que é a sua segunda vida, diz o pobre do velho,—sabes? Já treflé muito... já está muito... e entra-me com scismas que...

Manuel—Está, está muito velho, coitado! Pois que vá: melhor é.

## SCENA VII

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, JORGE, MARIA entrando com TELMO e DOROTHEA

Maria—Então vamos meu pae.

Manuel—Pois vamos.

Jorge—E são horas, vão. A' ribeira é um pedaço de rio; e até ás sete, o mais, tu precisas de estar de volta á porta da Oira, que é onde irão ter os nossos padres á espera do Arcebispo.—Eu cá me desculparei com o prior. Vão.

Maria—Minha mãe! (*Abraçando-a*) Então, se choraes assim, não vou.

Manuel—Nem eu, Magdalena. Ora pois! Eu nunca te vi assim.

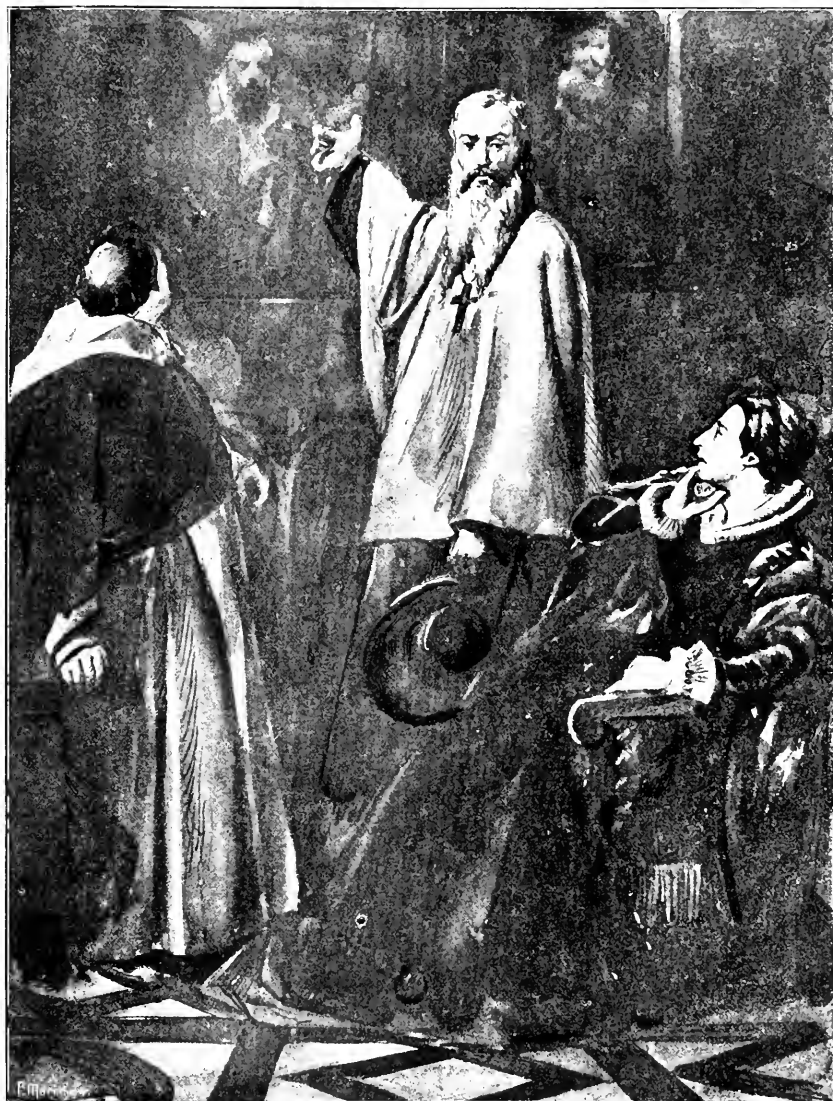
Magdalena—Porque nunca assim estive...—Vão, vão... adeus!—Adeus, espôso do meu coração!—Maria, minha filha, toma sentido no ar, não te reaties. E o sol... não saias debaixo do tóldo no bergantim Telmo, não te tires d'aó pé d'ella.—Dá-me outro abraço, filha.—Dorothea, levae tudo? (*Examinando uma bolsa grande de damasco que Dorothea leva no braço*). Pôde haver qualquer coisa, molhar-se, ter frio para a tarde. (*Telmo examinando a bolsa*). Vae tudo: bem!—(*Baixo a Dorothea*) Não me apartes os olhos d'ella, Dorothea. Ouve. (*Fala baixo a Dorothea, que responde baixo tambem: depois diz alto*). Está bom.

Manuel—Não tenhas cuidado; vamos todos com ella (*Abraça-se outro vez; Maria sae apressadamente, e para a mãe não vêr que vae suffocada com choro.*)

## SCENA VIII

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, JORGE

Magdalena (*Seguindo com os olhos o filha, e respondendo a Manuel de Sousa*).—Cuidados!... eu não tenho já cuidados. Tenho este medo, este horror de ficar só... de vir a achar-me só no mundo.



FREI LUIZ DE SOUZA

*Romeiro — Ninguém !*

PAG 785

*Acto II — Scene XII*



**Manuel**—Magdalena!

**Magdalena**—Que queres? não está na minha mão.—Mas tu tens razão de te enfadar com as minhas impertinências. Não falemos mais n'isso. Vae. Adeus!—Outro abraço. Adeus.

**Manuel**—Oh querida mulher minha, parece que vou eu agora embarcar n'um galeão para a Índia... Ora vamos: ao anoitecer, antes da noite, aqui estou—E Jesus!... Olha a condessa de Vimioso, esta Joanna de Castro que a nossa Maria tanto deseja conhecer... olha se ella faria esses prantos quando disse o ultimo adeus ao marido...

**Magdalena**—Bemdito ella seja! Deu-lhe Deus muita força, muita virtude. Mas não lh'a invejo, não sou capaz de chezar a essas perfeições.

**Jorge**—E' perfeição verdadeira; é a do Evangelho: Deixa tudo e segue-me.

**Magdalena**—Vivos ambos... sem offensa um do outro, querendo-se, estimando-se... e separar-se cada um para a sua cova! Vêem-se com a mortalha já vestida—e... vivos, sãos... depois de tantos annos de amor... e convivencia... condemnarem se a morrer longe um do outro—sós, sós!—E quem sabe se n'essa tremenda hora... arrependidos!

**Jorge**—Não o permitirá Deus assim... oh, não. Que horrível coisa seria!

**Manuel**—Não permite, não.—Mas não pensemos mais n'elles: estão entregues a Deus... (Pausa.) E que temos nós com isso? A nossa situação é tam diferente... (Pausa.) Em todas nos pode Elle abençoar.—Adeus, Magdalena, adeus! até logo, Maria já lá vae no caes a esta hora... adeus?—**Jorge**, não a deixes. (*Abraça-se; Magdalena vae até fóra da porta com elle.*)

## SCENA IX

JORGE (só)

Eu faço por estar alegre, e queria vê-los contentes a elles... mas não sei já que diga do estado em que vejo minha cunhada, a filha... até meu irmão o desconheço! A todos parece que o coração lhes adivinha desgraça... E eu quasi que também já se me pega o mal. Deus seja connosco!

## SCENA X

JORGE, MAGDALENA

**Magdalena** (*falando ao bastidor*)—Vae, ouves Miranda? Vae e deixa-te lá estar até vêres chegar o bergantim; e quando desembarcarem, vem-me dizer para eu ficar descansada. (*Vem para a scena.*) Não ha vento, e o dia está lindo. Ao menos não tenho sustos com a viagem. Mas a volta... quem sabe? o tempo muda tam depressa...

**Jorge**—Não, hoje não tem perigo.

**Magdalena**—Hoje... hoje! Pois hoje é o dia da minha vida que mais tenho receado... que ainda temo que não acabe sem uma grande desgraça... E' um dia fatal para mim: faz hoje annos que... que casei a primeira vez—faz annos que se perdeu el-rei D. Sebastião—e faz annos também que... vi pela primeira vez a Manuel de Sousa.

**Jorge**—Pois contaes essa entre as infelicidades da vossa vida?

**Magdalena**—Conto. Este amor—que hoje está santificado e bemdito no céo, porque Manuel de Sousa é meu marido—começou com um crime, porque eu amei-o assim que o vi... e quando o vi—hoje, hoje... foi em tal dia como hoje!—D. João de Portugal ainda era vivo. O peccado estava-me no coração; a bôcca não o disse... os olhos não sei o que fizeram, mas dentro d'alma eu já não tinha outra imagem senão a do amante... já não guardava a meu marido, a meu bom... a meu ge-

neroso marido... senão a grosseira fidelidade que uma mulher bem nascida quasi que mais deve a si do que ao esposo. Permittiu Deus... que sabe se para me tentar?... que n'aquella funesta batalha de Alcaer, entre tantos, ficasse também D. João...

## SCENA XI

MAGDALENA, JORGE, MIRANDA

**Miranda** (*Apressado*)—Senhora... minha senhora! **Magdalena** (*Sobresaltada*)—Quem vos chamou, que quereis—Ahi é tu, Miranda. Como assim! já chegaram?... Não pode ser.

**Miranda**—Não, minha senhora; ainda agora irão passando o pontal. Mas não é isso...

**Magdalena**—Então que é? Não vos disse eu que não viesseis d'alli antes de os vêr chegar?

**Miranda**—Para lá torno já, minha senhora; ha tempo de sobejo. —Mas venho trazer-vos recado... um estranho recado, por minha fé.

**Magdalena**—Dizei já, que me estaes a assustar.

**Miranda**—Para tanto não é, nem coisa séria, antes quasi para rir. E' um pobre velho peregrino, um d'estesromeiros que aqui estão sempre a passar, que vêm das bandas d'Hespanha...

**Magdalena**—Um captivo... um remido?

**Miranda**—Não, senhora, não traz a cruz, nem é; é umromeiro—algun d'estes que vão a Sant'lago; mas diz elle que vem de Roma e dos Santos Logares.

**Magdalena**—Pois, coitado! virá. Agasalhae-o; e dêem-lhe o que precisar.

**Miranda**—É que elle diz que vem da Terra Santa, e...

**Magdalena**—E porque não virá?—Ide, ide, e fazei o accommodar já.—E' velho?

**Miranda**—Muito velho — e com umas barbas!... Nunca vi tam formosas barbas de velho, e tam alvas.—Mas, senhora, diz elle que vem da Palestina e que vos traz recado...

**Magdalena**—A mim!

**Miranda**—A vós; e que por força vos hade vêr e falar. **Magdalena**—Ide vê-lo, Frei Jorge. Engano hade ser; mas ide vêr o pobre do velho.

**Miranda**—E' escusado, minha senhora: o recado que traz, diz que a outrem o não dará senão a vós, e que muito vos importa saber-o.

**Jorge**—Eu sei o que é: alguma reliquia dos Santos Logares — se elle com effeito de la vem! — que o bom do velho vos quer dar... como taes coisas se dão a pessoas da vossa qualidade... a troco de uma esmola avultada. E' o que elle hade querer: é o costume.

**Magdalena**—Pois venha embora oromeiro! E trazei-m'o aqui, trazei.

## SCENA XII

MAGDALENA, JORGE

**Jorge**—Que é precisa muita cautella com estes peregrinos! A vieira no chapéo e o bordão na mão, ás vezes não são mais que negaças para armar á caridade dos fiéis. E n'estes tempos revoltos...

## SCENA XIII

MAGDALENA, JORGE e MIRANDA que volta com o ROMEIRO

**Miranda** (*da porta*)—Aqui está oromeiro.

**Magdalena**—Que entre. E vós, Miranda, tornaes para onde vos mandei; ide já, e fazei como vos disse.

**Jorge** (*chegando á porta da direita*)—Entrae, irmão, entrae. (*O Romeiro entra de vagar*) E' esta a senhora D. Magdalena de Vilhena.—E' esta a fidalga a quem desejaes falar?

**Romeiro**—A mesma.

(A um signal de Frei Jorge, Miranda retira-se)

## SCENA XIV

MAGDALENA, JORGE, ROMEIRO

Jorge — Sois português?

Romeiro — Como os melhores, espero em Deus.

Jorge — E vindes?...?

Romeiro — Do Santo Sepulchro de Jesus Christo.

Jorge — E visitastes todos os Santos Logares?

Romeiro — Não os visitei; morei lá vinte annos cumpridos.

Magdalena — Santa vida levastes, bom romeiro.

Romeiro — Oxalá! — Padei muita fome, e não soffri com paciência: deram-me muitos tratos, e nem sempre os levei com os olhos n'Aquelle que alli tinha padecido tanto por mim... Queria rezar, e meditar os mysterios da Sagrada Paixão que alli se obrou... e as paixões mundanas, e as lembranças dos que se chamavam meus segundo a carne, travavam-me do coração e do espirito, que os não deixava estar com 'Jeus, nem n'aquelle terra que é toda sua — Oh! eu não merecia estar onde estive: bem vêdes que não soube morrer lá.

Jorge — Pois bem: Deus quiz trazer-vos á terra de vossos paes; e quando fôr sua vontade, ireis morrer s'cegado nos braços de vossos filhos.

Romeiro — Eu não tenho filhos, padre.

Jorge — No seio da vossa familia...

Romeiro — A minha familia... Já não tenho familia.

Magdalena — Sempre ha parentes, amigos...

Romeiro — Parentes!... Os mais chegados, os que eu me importava achar... contaram com a minha morte, fizeram a sua felicidade com ella; não de jurar que me não conhecem.

Magdalena — Haverá tam má gente... e tam vil que tal faça?

Romeiro — Necessidade póde muito. — Deus lh'o perdoará, se poder!

Magdalena — Não faças juizos temerarios, bom romeiro.

Romeiro — Não faço. — De parentes, já sei mais do que queria: amigos, tenho um; com esse, conto.

Jorge — Já não sois tam infeliz.

Magdalena — E o que eu puder fazer-vos, todo o amparo e gasalhado que puder dar vos, contaes comigo, bom velho, e com meu marido, que hade folgar de vos proteger...

Romeiro — Eu ja vos pedi alguma coisa, senhora?

Magdalena — Pois perdoae, se vos offendi, amigo.

Romeiro — Não ha offensa verdadeira senão as que se fazem a Deus. — Pedi-lhe vós perdão a Elle, que não vos faltará de quê.

Magdalena — Não, irmão, não decerto. E elle terá compaixão de mim.

Romeiro — Terá...

Jorge (*cortando a conversação*) — Bom velho, dissestes trazer um recado a esta dama: dae-lh'o já, que haveis mister de ir descansar...Romeiro (*sorrindo amargamente*) — Quereis lembrar-me que estou abusando da paciência com que me têm ouvido? Fizestes bem, padre; eu ia-me esquecendo... talvez me esquecesse de todo da mensagem a que vim... estou tam velho e mudado do que fui!

Magdalena — Deixae, deixae, não importa, eu folgo de vos ouvir: dir-me-heis vosso recado quando quizerdes... logo, amanhã...

Romeiro — Hoje hade ser. Ha tres dias que não durmo nem descanso, nem pousei esta cabeça, nem paramos estes pés dia nem noite, para chegar aqui hoje, para vos dar meu recado... e morrer depois... ainda que morresse depois; porque jurei... faz hoje um anno... quando me libertaram, dei juramento sobre a pedra santa do Sepulchro de Christo...

Magdalena — Pois creis captivo em Jerusalem?

Romeiro — Era: não vos disse que vivi lá vinte annos

Magdalena — Sim, mas...

Romeiro — Mas o juramento que dei foi que antes de um anno cumprido, estaria deante de vós e vos diria da parte de quem me mandou...

Magdalena (*aterrada*) — E quem vos mandou, homem?Romeiro — Um homem foi, — e um honrado homem... a quem unicamente devi a liberdade... a *ninguém* mais. Jurei fazer-lhe a vontade, e vim.

Magdalena — Como se chama?

Romeiro — O seu nome nem o da sua gente nunca o disse a ninguém no captivo.

Magdalena — Mas emfim, dizei vós...

Romeiro — As suas palavras, trago-as escriptas no coração com as lagrimas de sangue que lhe vi chorar, que muitas vezes me cahiram n'estas mãos, que me correram por estas faces. Ninguém o consolava senão eu... e Deus! Vêde se me esqueceriam as suas palavras.

Jorge — Homem, acabou

Romeiro — Agora acabo; soffrei, que elle tambem soffreu muito. — Aqui estão as suas palavras: «Ide a D. Magdalena de Vilhena, e dizei-lhe que um homem que muito bem lhe quiz... aqui está vivo... por seu mal... e d'aqui não póde sahir nem mandar-lhe novas suas de ha vinte annos que o trouxeram captivo.»

Magdalena (*Na maior anciedade*) — Deus tenha misericórdia de mim! E esse homem, esse homem... Jesus! esse homem era... esse homem tinha sido... levaram-n'o ahi de d'onde?... de Africa?

Romeiro — Levaram.

Magdalena — Captivo?...?

Romeiro — Sim.

Magdalena — Portuguez?... captivo da batalha de?...?

Romeiro — De Alcacer Kebir.

Magdalena (*espavorida*) — Meu Deus, meu Deus! Que se não abre a terra debaixo dos meus pés... Que não cáem estas paredes, que me não sepultam já aqui!...Jorge — Callae-vos, D. Magdalena: a misericórdia de Deus é infinita; esperae. Eu duvido, eu não creio... estas não são coisas para se crêrem de leve. (*Reflecte, e logo como por uma ideia que lhe accudiu e repente*) Oh! inspiração divina... (*Chegando ao Romeiro*) Conhecéis bem esse homem, romeiro: não é assim?

Romeiro — Como a mim mesmo.

Jorge — Se o virdes... ainda que fôra n'outros trajes... com menos annos... pintado, digamos... conhecê-lo-heis?

Romeiro — Como se me visse a mim mesmo n'um espelho.

Jorge — Procureae n'estes retratos, e dizei-me se algum d'elles pôde ser.

Romeiro (*sem procurar, e apontando logo para o retrato de D. João*) — E' aquelle.Magdalena (*com um grito espantoso*) — Minha filha, minha filha, minha filha!... (*Em tom covo e profundo*) Estou... estás... perdidas, deshonradas... infames! (*Com outro grito de coração*) Oh minha filha, minha filha!... (*Foge espavorida e n'es-e gritar.*)

## SCENA XV

JORGE, e o ROMEIRO, que seguiu Magdalena com os olhos, e está alçado no meio da casa com aspecto severo e tremendo.

Jorge — Romeiro, romeiro! quem és tu?

Romeiro (*apontando com o bordão para o retrato de D. João de Portugal*) — Ninguém.

Frei Jorge cae prostrado no chão, com os braços estendido deante da tribuna. O panno desce lentamente.)



## ACTO TERCEIRO

*Parte baixa do palácio de D. João de Portugal, communicando, pela porta á esquerda do espectador, com a capella da Senhora da Piedade na egreja de S. n.º Paulo dos Dominicos d'Almada: é um casarão vasto sem ornato algum. Arrumadas as paredes, em diversos pontos, escadas, tocheiros, cruzeiros, ciríades e outras afiaças e guizações d'egreja de uso conhecido. A um lado um esquite dos que usam as confrarias; do outro uma grande cruz negra de tibuca com o letreiro J. N. R. J., e toalha pend. nte, como se usa nas ceremonias da Semana santa. Mais para a scena uma banca velha com dois ou tres tamboretes; a um lado uma tocheira baixa com tocha accesa e já bastante gasta; sôbre a mesa um castiçal de chumbo, de credencia, baixo e com vela accesa também,—e um hábito completo de religioso dominico, tunica, escapulario, rosário, cinto, etc. No fundo porta que dá para as officinas e aposentos que occupam o resto dos baixos do palácio.—E' alta noite.*

## SCENA I

**MANUEL DE SOUSA** (*Sentado n'um tamborete, ao pé da mesa, o rosto inclinado sobre o peito, os braços cahidos e em completa prostração d'espírito e de corpo; n'um tamborete do outro lado JORGE, meio encostado para a mesa, com as mãos postas, e os olhos pregados no irmão*)

**Manuel**—Oh minha filha, minha filha! (*Silencio longo.*) Desgraçada filha, que ficas orphan!... orphan de pae e mãe... (*Pausa*)... e de familia e de nome, que tudo perdeste hoje... (*Levanta-se com violenta afflicção.*) A desgraçada nunca os teve.— Oh Jorge, que esta lembrança é que me mata, que me desespera! (*Apertando a mão do irmão, que se levantou após d'elle e o está consolando do gesto.*) E' o castigo terrivel do meu erro... se foi erro... crime sei que não foi. E sabe-o Deus, Jorge, e castigou-me assim, meu irmão.

**Jorge**—Paciencia, paciencia; os seus juizos são imperscrutaveis. (*Acalma e faz sentir o irmão: tornam a ficar ambos como estavam*)

**Manuel**—Mas eu em que mereci ser feito o homem mais infeliz da terra, posto de alvo á irrisão e ao discursar do vulgo?... Manuel de Sousa Coutinho, filho de Lopo de Sousa Coutinho, o filho do nosso pae, Jorge!

**Jorge**—Tu chamas-te o homem mais infeliz da terra... Já te esqueceste, que ainda está vivo aquelle...

**Manuel** (*Cahindo em si.*)—E' verdade. (*Pausa; e depois, como quem se ajeita.*) Mas não é, nem tanto: padeceu mais, padeceu mais longamente, e bebeu até ás fezes o calix das amarguras humanas... (*Levantando a voz.*) Mas fui eu, eu que lh'o preparei, eu que lh'o dei a beber, pelas mãos... innocentes mãos!... d'essa infeliz que arrastei na minha queda, que lancei n'esse abysmo de vergonha, a quem cobri as faces... as faces puras e que não tinham corado d'outro pejo senão do da virtude e do recato... cobri-lhas de um véo de infamia que nem a morte hade levantar, porque lhe fica, perpetuo e para sempre, lançado sobre o tumulo a cobrir-lhe a memoria de sombras... de manchas que se não lavam!—Fui eu o auctor de tudo isto, o auctor da minha desgraça e da sua deshonra d'elles... Sei-o, conheço-o; e não sou mais infeliz que nenhum?

**Jorge**—Vê a palavra que disseste: "deshonra": lembra-te d'ella e de ti, e considera, se podes pleitear misérias com esse homem a quem Deus não quiz acudir com a morte antes de conhecer ess'outra agonia maior.—Elle não tem...

**Manuel**—Elle não tem uma filha como eu, desgraçado... (*Pausa.*)—Uma filha bella, pura, adorada, sobre cuja cabeça—oh, porque não é na minha!—vae cahir toda essa deshonra, toda a ignominia, todo o opprobrio que a injustiça do mundo, não

sei porquê, me não quer lançar no rosto a mim, para pôr tudo na testa branca e pura de um anjo que não tem outra culpa senão a da origem que eu lhe dei.

**Jorge**—Não é assim, meu irmão; não te cegues com a dôr, não te faças mais infeliz do que és. Já não és pouco, meu pobre Manuel, meu querido irmão! E Deus hade levar em conta essas amarguras. Já que te não pôde apartar o calix dos beijos, o que tu padeces, hade ser descontado n'ella, hade resgatar a culpa.

**Manuel**—Resgate! sim para o céo: n'esse confio eu... mas o mundo?

**Jorge**—Deixa o mundo e as suas vaidades.

**Manuel**—Estão deixadas todas. Mas este coração é de carne.

**Jorge**—Deus, Deus será o pae de tua filha.

**Manuel**—Olha, Jorge: queres que te diga o que eu sei decerto, e que devia ser consolação... mas não é, que eu sou homem, não sou anjo, meu irmão—devia ser consolação, é e desespero, é a corôa de espinhos de toda esta paixão que estou passando... é que a minha filha... Maria... a filha do meu amor—a filha do meu peccado, se Deus quer que seja peccado—não vive, não resiste, não sobrevive a esta afronta.

(*Desata a solhuça, cõe com os cotovelos fixos na mesa e as mãos apertadas no rosto: fica n'esta posição por longo tempo. Ouvem-se de quando em quando um soluço comprimido. Frei Jorge está em pé, detraz d'elle, amparando-o com o seu corpo, e os olhos postos no céo.*)

**Jorge** (*chamando timidamente*)—Manuel!

**Manuel**—Que me queres, irmão?

**Jorge** (*animando-o*)—Ella não está tão mal; já lá estive hoje...

**Manuel**—Estiveste?... oh! conta-me, conta-me; eu não tenho... não tive ainda ânimo de a ir vêr.

**Jorge**—Haverá duas horas que entrei na sua camera, e estive ao pé do leito. Dormia, e mais socegada da respiração. O accesso de febre, que a tomou quando chegámos de Lisboa e que viu a mãe n'aquelle estado,—parecia declinar... quebrar-se mais alguma cousa. Dorothea, e Telmo... pobre velho coitado!... estavam ao pé d'ella, cada um de seu lado... disseram-me que não tinha tornado a... a...

**Manuel**—A lançar sangue?... Se ella deitou-o do coração!... não tem mais. N'aquelle corpo tam franzino, tam delgado, que mais sangue hade haver?—Quando hontem a arranquei d'aopé da mãe e a levava nos braços, não m'o largou todo ás golas aqui no peito? (*Mostra um lenço branco todo manchado de sangue.*) Não o tenho aqui... o sangue... o sangue da minha victima?... que é o sangue das minhas veas... que é o sangue da minha alma—é o sangue da minha querida filha! (*Beija o lenço muitas vezes.*) Oh meu Deus, meu Deus! Eu queria pedir-te que a levasse já... e não tenho ânimo. Eu devia aceitar por mercê da tuas misericordias que chamasses aquelle anjo para

junto dos teus, antes que o mundo, este mundo, infame e sem commiserção, lhe cuspiisse na cara com a desgraça do seu nascimento.—Devia, devia... e não posso, não quero, não sei, não tenho ânimo, não tenho coração. Peco-te vida, meu Deus (*ajoe-lha e põe as mãos*) peço-te vida, vida, vida... para ella, vida para a minha filha!... saude, vida para a minha querida filha!... e morra eu de vergonha, se é preciso; cubra-me o escarneio do mundo, desbonte-me o opprobrio dos homens, tape-me a sepultura uma loisa de ignominia, um epitaphio que fique a bradar por essas éras deshonra e infamia sobre mim!... Oh meu Deus, meu Deus! (*Cae de bruços no chão... Passado algum tempo, Frei Jorge se chega para elle, levanta-o quasi a péso, e o torna a assentar.*)

**Jorge**—Manuel, meu bom Manuel, Deus sabe melhor o que nos convem a todos: põe nas suas mãos esse pobre coração, põe-n'o resignado e contricto, meu irmão, e Elle fará o que em sua misericórdia sabe que é melhor.

**Manuel** (*com vehemencia e medo*)—Então desenganas-me... desenganas-me já?... é isso que queres dizer? Fala, homem: não ha que esperar?... não ha que esperar d'alli, não é assim? dizer: morre? morre?... (*Desanimado*) Também eu fico sem filha!

**Jorge**—Não disse tal. Por caridade contigo, meu irmão, não imagines tal. Eu disse-te a verdade: Maria pareceu-me menos opprimida; dormia...

**Manuel** (*variando*)—Se Deus quizera que não acordasse!

**Jorge**—Valha-me Deus!

**Manuel**—Para mim aqui está esta mortalha: (*tocando no habito*) morri hoje... vou amortalhar-me logo; e adeus tudo o que era mundo para mim! Mas minha filha não era do mundo... não era, Jorge; tu bem sabes que não era: foi um anjo que veio do céo para me acompanhar na peregrinação da terra, e que me apontava sempre, a cada passo da vida, para a eterna pousada d'onde viera e onde me conduzia... Separou-nos o archanjo das desgraças, o ministro das iras do Senhor que derramou sobre mim o vaso cheio das lagrimas, e a taça das das amarguras ardentes de sua cólera... (*Chahando de tom.*) Vou com esta mortalha para a sepultura... e, viva ou morta, cá deixo a minha filha no meio dos homens que a não conheceram, que a não hão de conhecer nunca, porque ella não era d'este mundo nem para elle... (*Pausa*)—Torna lá, Jorge, vae vê-la outra vez, vae e vem-me dizer; que eu ainda não posso... mas heide ir, oh! heide ir vê-la e beijá-la antes de descer á cova... Tu não queres, não podes querer...

**Jorge**—Havemos de ir... quando estiveres mais socegado... havemos de ir ambos: descansa, hasde vê-la.—Mas isto inda é cedo.

**Manuel**—Que horas são?

**Jorge**—Quatro, quatro e meia. (*Vae á porta da esquerda e volta*) São cinco horas, pelo alvor da manhã que já dá nos vidros da egreja. D'aqui a pouco iremos; mas socega.

**Manuel**—E a outra... a outra desgraçada, meu irmão?

**Jorge**—Está — imagina por ti — está como não podia deixar de estar: mas a confiança em Deus pode muito: vae-se conformando. O Senhor fará o resto.—Eu tenho fé n'este escapulario (*tocando no habito em cima da mesa*) para ti e para ella. Foi uma resolução digna de vós, foi uma inspiração divina que os allumiou a ambos. Deixa estar; ainda pode haver dias felizes para quem soube consagrar a Deus as suas desgraças.

**Manuel**—E isso está tudo prompto? Eu não soffri n'estes habitos, eu não aturo, com estes vestidos de vivo, a luz d'esse dia que vem a nascer.

**Jorge**—Está tudo concluido. O arcebispo mostrou-se bom e piedoso prelado n'esta occasião: é um santo homem, é. O arcebispo já expediui todas as licenças e mais papeis necessários. Coitado! o pobre do velho velou quasi toda a noite com o seu vigário para que não faltasse nada desde o romper do dia. Mandou-se ao provincial, e pela sua parte e pela nossa tudo está corrente. Frei João de Portugal, que é o Prior de Bemfica, e também vigário do Sacramento, sabes, chegou haverá duas horas, noite fechada ainda, e cá está: é quem te hade lançar o hábito, a ti e a Dona... a minha irman.—Depois ireis, segundo vosso desejo, um para Bemfica, outro para o Sacramento.

**Manuel**—Fu é um bom irmão, Jorge: (*Aperta-lhe a mão*) Deus t'o hade pagar. (*Pausa*) Eu não me atrevo... tenho repugnancia... mas é forçoso perguntar-te por algum mais. Onde está elle... e o que fará...

**Jorge**—Bem sei, não digas mais: oromeiro. Está na minha cella, e de lá não hade sahir — que foi ajustado entre nós — senão quando... quando eu lh'o disser. Descansa: não verá ninguém, nem será visto de nenhum d'aquelles que o não devem vêr. Demais, o segredo de seu nome verdadeiro está entre mim e ti—além do arcebispo, a quem foi indispensavel communicar-o para evitar todas as formalidades e delongas que aliás havia de haver n'uma separação d'esta ordem—Ainda ha outra pessoa com quem lhe prometti—não pude deixar de prometter, porque sem isso não queria elle entrar em accôrdo algum—com quem lhe prometti que havia de falar hoje e antes de mais nada.

**Manuel**—Quem? será possivel?... Pois esse homem quer ter a crueldade de rasgar, fevra a fevra, os pedaços d'aquelle coração já partido?—Não tem entranhas esse homem: sempre assim foi, duro, desapiedado como a sua espada.—E' D. Magdalena que elle quer vêr...

**Jorge**—Não, homem; é o seu aio velho, é Telmo-Paes. Como lh'o havia de eu recusar!

**Manuel**—De nenhum modo: fizesse bem: eu é que sou injusto. Mas o que eu padeço é tanto e tal...

—Vamos; eu ainda me não entendo bem claro com esta desgraça: dize-me, fala-me a verdade: minha mulher...—minha mulher! com que bôcca pronuncio eu ainda estas palavras!—D. Magdalena o que sabe?

**Jorge**—O que lhe disse oromeiro n'aquella fatal sala dos retratos... o que já te contei. Sabe que D. João está vivo, mas não sabe aonde; suppõe-n'o na Palestina talvez; é onde o deve suppôr pelas palavras que ouviu.

**Manuel**—Então não conhece, como eu, toda a extensão, toda a indubitavel verdade da nossa desgraça. Ainda bem! talvez possa duvidar, consolar-se com alguma esperanza de incerteza.

**Jorge**—Hontem de tarde não; mas esta noite começava a raiar: lhe no espirito alguma falsa luz d'essa van esperanza. Deus lh'a deixe, se é para bem seu.

**Manuel**—Porque não hade deixar? não é já desgraçada bastante?—E Maria, a pobre Maria!... Essa confio no Senhor que não saiba, ao menos por ora...

**Jorge**—Não sabe. E ninguém lh'o disse, nem dirá. Não sabe senão o que viu: a mãe quasi nas agônias da morte. Mas o motivo, só se ella o adivinhar.—Tenho medo que o faça...

**Manuel**—Tambem eu.

**Jorge**—Deus será conosco e com ella!—Mas não: Telmo não lhe diz nada por certo; eu já lhe asseverei e acreditou-me—que a mãe estava melhor, que tu ias logo vê-la... E assim espero que até lá por meio do dia, a possâmos conservar em completa ignorancia de tudo. Depois ir-se-lhe-ha

dizendo, pouco a pouco, até onde fôr inevitável. E Deus... Deus acudirá

Manuel—Minha pobre filha, minha querida filha!

## SCENA II

JORGE, MANUEL DE SOUSA, TELMO

Telmo (*Batendo de fóra à porta do fundo.*)—Acordou.

Manuel (*Sobresaltado.*)—E' a voz de Telmo.

Jorge—E'. (*Indo abrir a porta.*) Entrae, Telmo.

Telmo—Acordou.

Jorge—E como está?

Telmo—Melhor, muito melhor, parece outra. Está muito abatida, isso sim; muito fraca, a voz lenta, mas os olhos serenos, animados como d'antes e sem aquelle fusilar de hontem. Perguntou por vós... ambos.

Manuel—E pela mãe?

Telmo—Não: nunca mais falou n'ella.

Manuel—Oh filha, filha!...

Jorge—Iremos vê-la. (*Pega na mão do irmão.*) Tu promettes-me?...

Manuel—Prometto.

Jorge—Vamos.—(*Chamando a Telmo para a bocca da scena.*) Ouvi, Telmo: lembraes-vos do que vos disse esta manhã?

Telmo—Não me heide lembrar?

Jorge—Ficae aqui. Em nós sahindo, puchae aquella corda que vae dar á sineta da sachristia: virá um irmão converso; dizei-lhe o vosso nome, elle ir-se-ha sem mais palavra, e vós esperae. Fechae logo esta porta por dentro, e não abraes senão a minha voz. Entendestes?

Telmo—Ide descançado.

## SCENA III

TELMO, depois o IRMÃO CONVERSO

Telmo (*Vae para deitar a mão á corda, para suspender algum tempo e depois.*)—Vamos: isto hade ser. (*Ouve-se tocar longe uma sineta: Telmo fica pensativo e com o braço levantado e immovel.*)

Converso—Quem sois?

Telmo (*Estremecendo.*)—Telmo Paes.

(O Converso faz venia e vae-se.)

## SCENA IV

Telmo (*só.*)—Virou-se-me a alma toda com isto: não sou já o mesmo homem. Tinha um presentimento do que havia de acontecer... parecia-me que não podia deixar de succeder... e cuidei que o desejava em quanto não veio.—Veiu, e fiquei mais aterrorado, mais confuso que ninguém!—Meu honrado amo, o filho do meu nobre senhor está vivo... o filho que eu criei n'estes braços... vou saber novas certas d'elle—no fim de vinte annos de o julgarem todos perdido—e eu, eu que sempre esperei, que sempre suspirei, pela sua vida...—era um milagre que eu esperava sem o crêr! Eu agora tremo... E' que o amor d'outra filha, d'esta ultima filha, é maior, e venceu... venceu, apagou o outro. Perdôe-me Deus, se é peccado. Mas que peccado hade haver com aquelle anjo? Se me ella viverá, se escapará d'esta crise terrivel!—Meu Deus, meu Deus (*Ajoelha.*) Levae o velho que já não presta para nada, leve-o por quem sois! (*Apparece o Romeiro á porta da esquerda, e vem lentamente approximando-se de Telmo que não dá por elle.*) Contentae-vos com este pobre sacrificio da minha vida, Senhor, e não me tomeis dos braços o innocentinho que eu criei para

vós, Senhor, para vós... mas ainda não, não m'o leveis ainda. Já padeceu muito, já traspasaram bastantes dores aquella alma: esperae-lhe com a da morte algum tempo!...

## SCENA V

TELMO e o ROMEIRO

Romeiro—Que não oia Deus o teu rógó!

Telmo (*sobresaltado.*)—Que voz!—Ahl é o Romeiro.

—Que me não oia Deus! porquê?

Romeiro—Não pedias tu por teu desgraçado amo, pelo filho que creaste?

Telmo (*A parte.*)—Já não sei pedir senão pela outra.

(*Alto.*) E que pedisse por elle, ou por outrem, porque me não hade ouvir Deus se lhe peço a vida de um innocenté?

Romeiro—E quem te disse que elle o era?

Telmo—Esta voz... esta voz!—Romeiro, quem és tu?

Romeiro (*tirando o chapéo e levantando o cabelo dos olhos.*)—Ninguém, Telmo; ninguém, se nem tu já me conheces.

Telmo (*deitando-se-lhe ás mãos para lh'as beijar.*)—

Meu amo, meu senhor... sois vós?—sois, sois.—

D. João de Portugal, oh, sois vós, senhor?

Romeiro—Teu filho já não?

Telmo—Meu filho!... Oh! é o meu filho todo; a voz,

o rosto... Só estas barbas, este cabelo não...

Mais branco já que o meu, senhor!

Romeiro—São vinte annos de captivo e miséria, de saudades, de âncias que por aqui passaram. Para a cabeça bastou uma noite como a que veio depois da batalha d'Alcacer; a barba, acabaram de a curar o sol da Palestina e as aguas do Jordão.

Telmo—Por tam longe andaste!

Romeiro—E por tam longe eu morrêra!—Mas não quiz Deus assim.

Telmo—Seja feita a sua vontade.

Romeiro—Pêza-te?

Telmo—Oh, senhor!

Romeiro—Pêza-te?

Telmo—Hade-me pezar da vossa vida? (*A parte.*) Meu Deus! parece-me que menti...

Romeiro—E porque não, se já me pêza a mim d'ella, se tanto me pêza ella a mim?—Amigo, ouve... Tu és meu amigo?

Telmo—Não sou?

Romeiro—E's: bem sei. E comtudo, vinte annos de ausencia, e de conversação de novos amigos, fazem esquecer tanto os velhos!... Mas tu és meu amigo? E se tu o não fôras quem o seria?

Telmo—Senhor!

Romeiro—Eu não quiz acabar com isto, não quiz pôr em effeito a minha ultima resolução sem falar contigo, sem ouvir da tua bocca...

Telmo—O que quereis que vos diga, senhor?—Eu...

Romeiro—Tu, bem sei que duvidaste sempre da minha morte, que não quizeste ceder a nenhuma evidencia; não me admirou de ti, meu Telmo. Mas tambem não posso—Deus me ouve—não posso criminal ninguém porque o acreditasse; as provas eram de convencer todo o ânimo; só lhe podia resistir o coração. E aqui... coração que fosse meu... não havia outro

Telmo—Sois injusto.

Romeiro—Bem sei o que queres dizer.—E é verdade—isso? é verdade que por toda a parte me procuraram, que por toda a parte... elle mandou mensageiros, dinheiros?

Telmo—Como é certo estar Deus no céo, como é verdade ser aquella a mais honrada e virtuosa dama que tem Portugal.

Romeiro—Basta: vae dizer-lhe que o peregrino era um impostor, que desapareceu, que ninguém

mais houve novas d'elle; que tudo isto foi vil e grosseiro embuste dos inimigos de... dos inimigos d'esse homem que ella ama... E que socegue, que seja feliz.—Telmo, adeus!

Telmo—E eu heide mentir, senhor, eu heide renegar de vós, como ruim vilão que não sou?

Romeiro—Hasde, porque eu te mando.

Telmo (*Em grande ansiedade.*)—Senhor, senhor, não tenteis a fidelidade do vosso servo. E' que vós não sabeis... D. João, meu senhor, meu amo, meu filho, vós não sabeis...

Romeiro—O quê?

Telmo—Que ha aqui um anjo... uma outra filha minha, senhor, que eu tambem crei...

Romeiro—E a quem já queres mais que a mim; diz-me a verdade.

Telmo—Não m'o pergunteis.

Romeiro—Nem é preciso. Assim devia de ser. Tambem tu!—Tiraram-me tudo (*Pausa.*)—E têm um filho elles?...—Eu não...—E mais, imagino... Oh passaram hoje peor noite do que eu. Quel'ho leve Deus em conta e lhes perdõe como eu perdoei já.—Telmo, vae fazer o que te mandei.

Telmo—Meu Deus, meu Deus! que heide eu fazer?

Romeiro—O que te ordena teu amo.—Telmo, dá-me um abraço (*Abraçam-se.*) Adeus, adeus até...

Telmo (*Com ansiedade crescente.*)—Até quando, senhor?

Romeiro—Até ao dia de juizo.

Telmo—Pois vós?...

Romeiro—Eu...—Vae, saberás de mim quando fôr tempo. Agora é preciso remediar o mal feito. Fui imprudente, fui injusto, fui duro e cruel. E para quê?—D. João de Portugal morreu no dia em que sua mulher disse que elle morrêra. Sua mulher honrada e virtuosa, sua mulher que elle amava... oh Telmo, Telmo, com que amor a amava eu!—Sua mulher que elle já não pôde amar sem deshonra e vergonha!... Na hora em que ella acreditou na minha morte, n'essa hora morri. Com a mão que deu a outro riscou-me do numero dos vivos. D. João de Portugal não hade deshonrar a sua viuva. Não: vae; dito por ti terá dobrada força: diz-lhe que falaste com o Romeiro, que o examinaste, que o convenceste de falso e de impostor... diz o que quizeres, mas salva-a a ella da vergonha, e ao meu nome da affronta. De mim já não ha senão esse nome, ainda honrado; a memória d'elle que fique sem mancha.—Está em tuas mãos, Telmo, entrego-te mais que a minha vida. Queres falar-me agora?

Telmo—Não, meu senhor; a resolução é nobre e digna de vós. Mas pôde ella aproveitar ainda?

Romeiro—Porque não?

Telmo—Eu sei!—Talvez...

## SCENA VI

ROMEIRO, TELMO; e MAGDALENA (*de fóra á porta do fundo.*)

Magdalena. Espôso, espôso! abri-me, por quem sois. Bem sei que aqui estaes: abri.

Romeiro—E' ella que me chama. Santo Deus!

Magdalena que chama por mim...

Telmo—Por vós!

Romeiro—Pois por quem?... não lhe ouvis gritar:—«Espôso, espôso?»

Magdalena—Marido da minha alma, pelo nosso amor te peço, pelos doces nomes que me dêste, pelas memorias da nossa felicidade antiga, pelas saudades de tanto amor e tanta ventura, oh! não me negues este ultimo favor.

Romeiro—Que encanto, que seducção! Como lhe heide resistir!

Magdalena—Meu marido, meu amor, meu Manuel!

Romeiro—Ahl... E eu tam cego que já tomava para mim!...—Céo e inferno abra-se esta porta... (*Investe para a porta com impeto; mas para de repente.*) Não: o que é dito, é dito. (*Vae precipitadamente á corda da sineta, toca com violencia; apparece o mesmo irmão converso, e a um signal do Romeiro ambos desaparecem pela porta da esquerda.*)

## SCENA VII

TELMO, MAGDALENA; depois JORGE e MANUEL DE SOUSA

Magdalena (*Ainda de fóra.*)—Jorge, meu irmão, Frei Jorge, vós estaes ahi, que eu bem sei; abri-me por caridade, deixae-me dizer uma unica palavra a meu... a vosso irmão:—e não vos importuno mais, e farei tudo o que de mim quereis, e... (*Ouve-se do mesmo lado ruido de passos apressados, e logo a voz de Frei Jorge.*)

Jorge (*de fóra*)—Telmo, Telmo, abri, se podeis... abri já.

Telmo (*abrindo a porta*)—Aqui estou eu só.

Magdalena (*entrando desgrenhada e fóra de si, procurando, com os olhos, todos os recantos da casa.*)

—Estaveis aqui só, Telmo! E elle para onde foi?

Telmo—Fille quem, senhora?

Jorge (*vindo á frente*)—Telmo estava aqui guardando por mim, e com ordem de não abrir a ninguém em quanto eu não viesse.

Magdalena—Aqui havia duas vozes que fallavam:

Telmo (*aterrado*)—Ouviste?

Magdalena—Sim, ouvi. Onde está elle, Telmo? onde está meu marido... Manuel de Sousa?

Manuel—(*que tem estado no fundo, em quanto Magdalena sem o ver, se adiantara para a scena, vem agora á frente*)—Esse homem está aqui, senhora; que lhe quereis?

Magdalena—Oh que ár, que tom, que modo esse com que me falas!...

Manuel (*enternecendo-se*)—Magdalena... (*Cahindo em si e gravemente*) Senhora, como quereis que vos falle, que quereis que vos diga?—Não está tudo dito entre nós?

Magdalena—Tudo! quem sabe? Eu parece-me que não. Olha; eu sei?... mas não dariamos nós, com demasiada precipitação, uma fé tam cega; uma crença tam implicita a essas mysteriosas palavras de um Romeiro, um vagabundo... um homem emfim que ninguém conhece? Pois diz...

Telmo (*á parte a Jorge*)—Tenho que vos dizer, ouvi. (*Conversam ambos á parte.*)

Manuel—Oh Magdalena, Magdalenal não tenho mais nada que te dizer—Crê-me, que t'o juro na presença de Deus: a nossa união, o nosso amor é impossível.

Jorge (*continando a conversação com Telmo, e levantando a voz com asperção*)—E' impossível, já agora...—e sempre o devia ser.

Magdalena (*virando-se para Jorge*)—Tambem tu, Jorge!

Jorge (*virando-se para ella*)—Eu falava com Telmo, minha irman.—(*Para Telmo*) Ide, Telmo, ide onde vos disse, que sois mais preciso lá. (*Falalhe ao ouvido; depois alto*) Não m'a deixes um instante, ao menos até passar a hora fatal

(*Telmo sae com repugnancia, e rodando para vêr se chega ao pé de Magdalena. Jorge, que o percebe, faz-lhe um signal imperioso; elle recua, e finalmente se retira pelo fundo.*)

## SCENA VIII

MAGDALENA, MANUEL DE SOUSA, JORGE

Magdalena—Jorge, meu irmão, meu bom Jorge, vós, que sois tam prudente e reflectido, não daes nenhum pêsso ás minhas duvidas?

Jorge—Tomara eu ser tam feliz que podesse, querida irman.

Magdalena—Pois entendeis? . .

Manuel—Magdalena... senhora! Todas estas coisas são já indignas de nós.—Até hontem, a nossa desculpa, para com Deus e para com: os homens, estava na boa fé e seguridade de nossas consciencias. Essa acabou. Para nós já não ha senão estas mortalhas, (*tomando os habitos de cima da banc.*) e a sepultura de um claustro.—A resolução que tomámos é a unica possivel; e já não ha que voltar atraz... Ainda hontem falavamos dos condes de Vimioso... Quem nos diria... oh incompreensíveis mysterios de Deus!... Animo, e ponhamos os olhos n'aquella cruz!—Pela ultima vez, Magdalena... pela derradeira vez n'este mundo, querida... (*Vae para a abraçar e recia*) Adeus, adeus! (*Foge precipitadamente pela porta da esquerda.*)

### SCENA IX

MAGDALENA, JORGE; (*Cô-o dos frades dentro*)

Magdalena—Ouve, espera; uma só palavra: Manuel de Sousa... (*Toca o organ dentro.*)

Côro (*dentro*)—De profundis clamavi ad te, Domine; Domine, exaudi vocem meam.

Magdalena (*indo abraçar-se com a cruz*)—O' Deus, senhor meu! pois já, já? nem mais um instante, meu Deus?—Cruz do meu Redemptor, oh cruz preciosa, refugio de infelizes, ampara-me tu, que me abandonaram todos n'este mundo, e já não posso com as minhas desgraças... e estou feita um espectáculo de dôr e de espanto para o céu e para a terra!—Tomaz, senhor, tomaz tudo...—A minha filha tambem?... Oh! a minha filha, a minha filha... tambem essa vos dou, meu Deus—E agora, que mais quereis de mim, Senhor? (*Toca o organ outra vez.*)

Côro (*dentro*)—Fiant aures tuae intendentes; in vocem deprecationis meae.

Jorge—Vinde, minha irman, é a voz do Senhor que vos chama. Vae começar a santa cerimonia.

Magdalena (*enchugando as lagrimas e com resolução*)—Elle foi!

Jorge—Foi sim, minha irman.

Magdalena (*levantando-se*)—E eu vou. (*Siem ambos pela porta do funto.*)

### SCENA X

*Corre o panno do fundo, e apparece a igreja de San-Paulo: os frades sentados no côro. Em pé junto ao altar-mór, o PRIOR DE BEMFICA. Sobre o altar dos escapularios dominicanos. MANUEL DE SOUSA de joelhos com o habito de noviço vestido, a direita do Prior, o ARCEBISPO de cipa magna e barrete no seu throno, rodado dos seus clérigos em sobrepeças. Pouco depois entra JORGE acompanhando MAGDALENA tambem já vestida de noviça e que vae ajoelhar á esquerda do Prior.—Toca o organ.*

Côro—Si iniquitates observaveris, Domine; Domine, quis sustinebit?

Prior (*icmando os escapularios de cima do altar*)—Manuel de Sousa Coutinho, irmão Luiz de Sousa, pois em tudo quizestes despir o homem velho, abandonando tambem ao mundo o nome que n'elle tinheis!—Soror Magdalena! Vós ambos, que já fostes nobres senhores no mundo, e aqui estaes prostrados no pó da terra, n'esse humilde habito de pobres noviços; que deixastes tudo até vos deixar a vós mesmos. . . filhos de Jesus Christo, e agora de nosso padre San'Domingos, recebei com este bento escapulario...

### SCENA XI

O PRIOR DE BEMFICA, o ARCEBISPO, MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, etc. MARIA (*que entra precipitadamente pela igreja em estado de completa alienação; tra; umas roupas brancas, d'salinhas e cahidas, os cabellos soltos, o rosto macerado, mas inflammado com as rosas ethicas; os olhos desvaírados; para um momento, reconhece os paes, e vae direita a elles.—Espanto geral: a cerimonia interrompe-se.*)

Maria—Meu pae, meu pae, minha mãe! levantae-vos, vinde (*Toma os pelas mãos: elles obedecem machinalmente, vêm ao meio da scena: confusão geral.*)

Magdalena—Maria! minha filha!

Manuel—Filha, filha!... Oh, minha filha... (*Abraçam-se ambos n'ella.*)

Maria (*separando-se com elles da outra gente, e trazendo os para a bocca da scena*)—Esperae: aqui não morre ninguém sem mim. Que quereis fazer? Que ceremonias são estas? Que Deus é esse que está n'esse altar, e que roubar o pae e a mãe a sua filha?—(*Para os circumstantes*) Vós quem sois, espectros fataes?... quereis-m'os tirar dos meus braços?... Esta é a minha mãe, este é o meu pae... Que me importa a mim com o outro? Que morresse ou não, que esteja com os mortos ou com os vivos—que se fique na cova ou que resuscite agora para me matar?... Mate-me, mate-me, se quer, mas deixe-me este pae, esta mãe que são meus.—Não ha mais do que vir ao meio de uma familia e dizer: Vós não sois marido e mulher?... e esta filha do vosso amor, esta filha criada ao collo de tantas meiguices, de tanta ternura, esta filha é...—Mãe, mãe, eu bem o sabia. . . nunca t'ho disse, mas sabia-o: tinha-m'o dito aquelle anjo terrivel que me apparecia todas as noites para me não deixar dormir... aquelle anjo que descia com uma espada de chammas na mão, e a atravessava entre mim e ti, que me arrancava dos teus braços quando eu adormecia n'elles... que me fazia chorar quando meu pae ia beijar-me no teu collo.—Mãe, mãe, tu não hasde morrer sem mim... Pae, dá cá um panno da tua mortalha... dá cá, eu quero morrer antes que elle venha: (*Encolhendo-se no habito do pae.*) Quero-me esconder aqui, antes que venha esse homem do outro mundo dizer-me na minha cara e na tua—aquí deante de toda esta gente: Essa filha é a filha do crime e do peccado!... Não sou; dize, meu pae, não sou... dize a essa gente toda, dize que não sou. (*Vae para Magdalena.*) Robre mãe! tu não podes... coitada!... não tens animo...—nunca mentister?... Pois mente agora para salvar a honra de tua filha, para que lhe não tirem o nome de seu pae.

Manuel—Misericordia, meu Deus!

Maria—Não queres? Tu tambem não, pae?—Não querem. E eu hei de morrer assim... e elle vem ahi...

### SCENA XII

MARIA, MAGDALENA, MANUEL;  
o ROMEIRO E TELMO que appare em no funto da scena sahindo detraz do altar-mór

Romeiro (*para Telmo*)—Vae, vae; vê se ainda é tempo; salva-os, que ainda podes. . . (*Telmo dá alguns passos para deante.*)

Maria (*apontando para o Romeiro*)—E' aquella voz, e elle—Já não é tempo... Minha mãe, meu pae, cubri-me bem estas faces, que morro de vergo-

nha... (*Esconde o rosto no seio da mãe*) morro, morro... de vergonha... (*Cae e fica morta no chão. Manuel de Sousa e Magdalena prostram-se ao pé do cadáver da filha.*)

Manuel (*depois de algum espaço, levanta-se de joelhos*)—Minha irmão, rezemos por alma... encomendemos a nossa alma a este anjo que Deus le-

vou para si. Padre Prior, podeis-me lançar aqui o escapulario?

Prior (*indo buscar os escapulários ao altar-mór e tornando*)—Meus irmãos, Deus afflige n'este mundo áquelles que ama. A corôa de gloria não se dá se não no cco.

(*Toca o organ; cae o panno*)

## NOTAS

### A Memoria ao Conservatorio

#### Nota A

Todos ficaram atroz de Camões, porque todos o quizeram enfeitar (o assumpto de Ignez de Castro) julgando dar-lhe mais interesse ..... pag. 770

Ignez de Castro, o mais bello e poetico episodio do riquissimo romance da historia portugueza, está por tratar ainda, ou eu muito me engano. Camões fez o que fizeram todos os grandes poetas nacionaes chamados por sua augusta missão a enfeixar, n'um magnifico e perpetuo monumento, todas as glorias, todas as tradições poeticas de um povo: este é o caracter da sua epopeia e de todas as verdadeiras epopeias; fixam as crenças e a historia maravilhosa de uma nação, são ellas mesmas parte consubstancial, typica e quasi hieratica d'essa nacionalidade que consagraram pela religião da poesia. Taes foram para os gregos os dois poemas de Homero, para os persas o *Schahnameh* (Livro dos Reis) de Firdusi, para os povos do norte o *Nibelungen*, para as nações christãs do meio dia o *Orlando* de Ariosto. E por isto nos mais antigos se duvida ainda hoje de seu verdadeiro auctor, que alguns não querem que seja senão collecter, como o nome de rhapsodias, dado aos cantos de Homero, parece inculcar.

Nem eu nem o lugar somos proprios para se decidir a questão. O que para mim é decidido é que o nosso Homero portuguez deu ao seu poema o cunho e caracter de epopeia nacional quando n'elle reuniu todas as nossas mais queridas memorias e recordações antigas, desde Viriato, o vencedor dos Romanos, até D. João de Castro o triumphador romano. Assim juntou todas as rhapsodias do romance portuguez, e fez a *Ilíada* dos Lusitanos. Ignez de Castro entrou no quadro como elle a achou nas tradições populares, e nas chronicas velhas, que pouco mais eram do que as tradições populares, escriptas,—ou como então se diria, «postas por escriptura.» A pintura é rapida, e bella da simplicidade antiga dos grandes pinceis, como só os sabe mener a poesia popular; não pécca senão nos ornatos classicos do máo gosto da Renascença a que por vezes sacrificou o grande poeta; tal é a fala de Ignez a el-rei.

O romance de Garcia de Rezende não tem esse defeito: tem menos d'elle a tragedia de Antonio Ferreira, apezar de tam moldada pelos exemplares gregos. Mas estas são as tres composições sobre Ignez de Castro que verdadeiramente se approximaram do assumpto. O mais tudo que produziu a litteratura portugueza e castelhana, e que reproduziram tam descorado as estranhas, está abaixo da craveira.

Exceptuemos todavia as Chronicas antigas, que são mais poeticas na sua prosa tam sincera, do que a maior parte dos poetas que as traduziram para a affectação das suas rhymas.

Não haverá um portuguez que se affoite a competir por este grande premio, o maior que a litteratura patria tem levantado no meio da arena poetica? Precisa, é verdade, ser um Shakspeare ou um Schiller: sobretudo precisa esquecer todos os exemplares classicos e romanticos, não querer fazer á Racine

ou á Victor Hugo, á maneira d'este grego ou d'aquelloutro latino ou d'est'outro inglez, e «crear-se a si» para o assumpto. O que principalmente falta é esta resolução.

#### Nota B

Se eu podesse tomar nas mãos o scopro de Canova ou de Thorwaldsen ..... pag. 770

Não escrevi esta phrase á tôa: é uma convicção minha que na poesia da linguagem o genero parallelo á Estatuaria é a Tragedia: assim como a Epopeia á grande architectura: e os outros generos, especies e variedades litterarias aos seus correspondente na Pintura: ode á allegoria, idyllio á paisagem, epigramma á caricatura, romance e drama ao quadro historico, e assim os mais. A Musica segue as divisões da Poesia falada, cuja irman gemea nasceu. Ao cabo, ARTE é uma só, expressada por variados modos segundo são variados os sentidos do homem. Em vez de tantos mestres de rhetorica e poetica, ou de litteratura como agora creio que se chamam, um só que desenvolvesse esta doutrina tam simples como verdadeira, aproveitava no curso de um anno o que elles perdem e têm perdido em muitas dezenas.

#### Nota C

Esta é uma verdadeira tragedia—se as pôde haver, e como só imagino que as possa haver sobre factos e pessoas comparativamente recentes ..... pag. 771

Racine desculpa-se de ter posto na scena tragica um assumpto tam moderno como Bajazet, julgando suprido o defeito da idade com a distancia do lugar, a diversidade dos costumes e o mysterio das coisas do serrallho. Nos assumptos nacionaes, porém, ao menos para nós, ha um termo além do qual a scena não supporta o verso. D. Sebastião é talvez o último caracter historico a quem ainda podessemos ouvir recitar hendecasyllabos: d'ahi para cá duvido. Do tempo de Frei Luiz de Sousa pôde ser que ainda se ature o verso em assumpto ou bem tragico ou bem heroico: dependerá porém muito do modo por que os fizerem, e os declamarem, os taes versos.

#### Nota D

O nosso verso sôlto está provado que é docil e ingenho bastante para dar todos os effeitos d'arte sem quebrar na natureza ..... pag. 771

Todavia o rythmo dramatico está ainda por affeerir entre nós. Nem os Gregos nem os Latinos nem os Inglezes nem os Allemães escreveram as suas tragedias no mesmo metro que as suas epopeias. Fazem-no os Francezes porque mais não podem, com a mofina lingua que Deus lhes deu. Os Castelhanos tambem não punham no theatro quasi outro verso mais que a redondilha popular. Gil Vicente usou de todos os metros possiveis em portuguez, mas rarisima vez do hendecasyllabo. E todavia este é quasi o unico a que a prosodia da lingua dá harmonia e força bastante para soar bem sem rimas. Que se hade fazer? Variar-lhe o rythmo, quebrar-lhe a monotonia da cadencia, como fez Alfieri, a quem todavia o toscano faltou com as desinencias fortes que não tem, e que no portuguez abundam tanto.

Quando para a tragedia, creio que é este o unico expediente; n'outros generos de drama entendo que se pôde tentar o exemplo dos Castelhanos.

Ainda hoje o Sr. Breton-de-los-Herreros e o proprio Sr. Martinez de-la-Rosa estão metrificando comedias, puramente comedias, em verso de redondilha, o octasyllabo que não menos popular e natural é nesta nossa que n'aquell'outra lingua das Hespanhas.

D'esta e de outras coisas que taes é que se devia occupar a nossa Academia e o nosso Conservatorio.

#### Nota E

Ao cadaver das platéas gastas e cacheticas pelo uso continuo de stimulantes violentos, galvanisa o com sós estes dois metaes de lei (o terror e piedade)..... pag. 771

N'este ponto sou mais classico do que Aristoteles, mais estacionario que o velho Horacio, e mais orthodoxo do que Racine. Na tragedia e no drama tragico não podem entrar outros affectos. O horror, o asco, serão bons—não sei se são—para o drama a que, por falta de melhor nome talvez, chamam grande. Este ultimo genero porém, que muitos querem que não seja senão uma especie hybrida ou uma aberração, este genero, digo, tem sobretudo provado a sua incapacidade para exercer o predomínio na scena, pela desmoralisação artistica com que tem corrompido o publico. Symbolo e reflexo da anarchia, não põe limites aos desejos, devassa e franqueia tudo: em pouco tempo gasta-se, com ella, sobre si mesmo.

Não lhe fica mais que dar nem que esperar. A tendencia natural do publico, depois das saturnaes da escola Ultra-romantica, é portanto toda para a ordem, para as regras, para o regimen da moderação... Felizmente na litteratura não ha oligarchias, a espreita d'estes cansossos e tendencias populares, para as grangear fraudulentamente em proveito do privilegio e do absolutismo.

#### Nota F

Não subiu ao carro de Thespis, não bezuntou a cara com bórras de vinho para fazer visagens ao povo.... pag. 4771

A escola romantica foi tam manifesta reacção contra os vicios e abusos dos ultra classicos, tal e tam perfeita como a do liberalismo contra a corrupta monarchia feudal. Ambas cahiram na anarchia pelo forte impulso que traziam, ambas destruíram muito porque podiam, e edificaram pouco porque não sabiam; ambas têm de oscilar ainda muito, antes que se ache o verdadeiro equilibrio das coisas sem voltar ao impossível que acabou, nem ir para o impossível que nunca hade ser. Nestas duas questões anda o mundo: questões que estão mais ligadas e dependentes do que cuida o vulgar dos patetas—chamados homens d'Estado, porque outra coisa não sabem ser—e o vulgar dos timidos litteratos que, ou não bene relicta parmula nos campos das disputas civis, se condemnna a soneteiros de bastardos Mecenas, ou abdicam a augusta corôa de poeta popular que em nossos tempos, como nos de Alceu e de Sophocles, e como nos de Dante, tem espinhos debaixo dos loiros e precisa tanta coragem como talento para se trazer com dignidade.—E a vida da carne é tam curta para o homem de letras!... a da gloria não lhe põem termo os homens.

#### Nota G

A litteratura actual é a palavra, é o verbo ainda balbuciante de uma sociedade indetida, e contudo ja influencia sobre ella..... pag. 771

Esta continua e reciproca influencia da litteratura sobre a sociedade, e da sociedade sobre a litteratura, é um dos phenomenos mais dignos da observação do philosopho. Quando a historia for verdadeiramente o que deve ser—e já tende para isso—ha-

de falar menos em batalhas, em datas de nascimentos, casamentos e mortes de principes, e mais na legislação, nos costumes e na litteratura dos povos.— Quem vier a escrever e a estudar a historia d'este nosso seculo nem a entenderá nem a fará entender decerto, se o não fizer pelos livros dos sabios, dos poetas, dos moralistas que caracterizam a epoca, e são ao mesmo tempo causa e effeito de seus mais graves successos.

Nossos barbaros avoengos não conheciam outro poder senão a força—a força material; dahi não historiaram senão d'ella. As rhapsodias de historia legislativa e litteraria que algum adepto redigia, mais por curiosidade ou por espirito de classe do que por outra coisa, não eram obras populares, nem foram nunca havidas por taes, nem por quem as escrevia, nem por quem as lia. Assim tam difficil é hoje o trabalho de ligar e comparar umas historias com outras para poder achar a historia nacional. Mas deve ser muito estúpido o que não vir melhor a historia de D. Manuel em Gil Vicente do que em Damão de Goes, e a d'el-rei D. José nas leis do Marquez de Pombal e nos escriptos de José de Seabra do que nas gazetas do tempo, ou ainda nas proprias memorias mais intimas de seus amigos e inimigos.

Nas obras de Chateaubriand e de Guizot, de Delavigne e Lamartine, nas de Victor Hugo e até de George Sand, nas de Lamennais e de Cousin está o seculo dezoenove com todas as suas tendencias indefinidas e vagas, com todas as suas timidas saudades do passado, seus terrores do futuro, sua desanimada incredulidade no presente. Falo da França porque é o coração da Europa: de Lisboa a San Petersburgo, dahi ao rio de Janeiro e a Washington, os membros todos do grande corpo social d'ali recebem e para alli refluem os mesmos accidentes de vida.

#### Nota H

A Comedia famosa não sei de quem, mas o assumpto era este mesmo..... pag. 772

Revolvi muitas collecções de Comedias famosas, que são bastantes e volumosas as que temos em Lisboa, e não pude achar aquella que vi na Povoia em 1818. E tam difficil ter aqui informações litterarias dos nossos visinhos d'aopé da porta, que abandonei a empreza de a descobrir, apezar do vivo interesse que n'isso tinha.—E' mágoa e perda que duas litteraturas que tanto ganhariam em se entender e ajudar reciprocamente, como é a nossa e a castelhana, estejam hoje mais estranhas uma á outra do que talvez nenhuma das encheidas na Europa.

#### Nota I

Que me não julguem sobre dados falsos e que eu não tomei para assentar o problema que procurava resolver..... pag. 771

Uma obra d'arte, seja qual fór, não pôde ser julgada pelas regras que á critica lhe apraz estabelecer-lhe, senão pelas que o autor invocou e tomou para sua norma. De não entenderem ou não quererem entender este principio de eterna verdade e justicia, os encontrados anathemas com que, vae n'um seculo, se estão fulminando classicos e romanticos uns aos outros. O theatro inglez era uma galeria de monstruosidade repugnante para Voltaire e para toda a Academia franceza; as mais suaves modulações da musa de Racine pareceram trillados de capados da capella do papa a Schlegel e a toda a escola shakspearana d'além do Rhin e da Mancha.

Qual tinha razão? Nenhum.

#### Nota J

O drama, o Captivo de Fez..... pag. 771

O relatório da commissão do Conservatorio Real é datado de 18 de Dezembro de 1840.

## Nota K

Eusacrifício às musas de Homero não é de Herodoto. pag. 772

Herodoto dividiu a sua História, como todos sabem, em nove livros ou secções, cada uma das quaes tem o nome ou titulo de uma das nove Musas. A historia, assim como a poesia, eram para os antigos coisas sagradas e religiosas que não tratavam senão debaixo da invocação dos deuses. E as Musas, filhas da memoria, não eram o symbolo nem a inspiração dos bellos fingimentos, mas da verdade bellamente narrada. Quantas fábulas tem a *Ilíada* e a *Odysseo*, não as houve por taes o poeta; senão por tradições e crenças respeitadas e respeitáveis no seu tempo. Herodoto tam pouco imaginava entrar nas provincias da poesia quando narrava as incríveis maravilhas que elle e os seus contemporaneos tinham por historia.

## Nota L

O primeiro nascer do absolutismo novo, o que deu molde a todos o absolutismos modernos, o que vale o mesmo..... pag. 773

O despotismo asiatico antigo era o principio, era a regra; o absolutismo europeu moderno é o facto, a excepção, a deviação. Os despotismos da Asia, como então eram e ainda hoje são, nasceram da exaggeração do governo patriarchal do chefe da familia, da tribu, da nação. O absolutismo europeu é a usurpação dos direitos do povo: lá a coisa publica formou-se pelo principe e com elle; aqui é o principe que se impoz á republica. Desde Julio Cesar até agora, a origem de todas as monarchias absolutas na Europa, a fundação de todas as suas dynastias tem sido a usurpação mais ou menos violenta, mais ou menos flagrante, mais ou menos astuciosa, dos direitos da nação por um homem.

## Nota M

Fara vér... se os nossos jovens escriptores... entravam por sua antiga historia a descobrir campo, a colher pelas ruínas de seus tempos heróicos os tipos de uma poesia mais nacional e mais natural..... pag. 773

Por muitos defeitos que se possam notar na nossa litteratura actual, ninguém poderá todavia asseverar que ella não seja mais natural e mais nacional, do que a sua immediata predecessora. Os sonetos, as eglogas, as odes pindaricas e os dithyrambos que, até o primeiro quarto d'este seculo, eram a gloria dos Arcades da segunda camada, os *Jonos* e os *Josinos*, os *Euniros* e os *Belmros*, teriam talvez—e creio que tinham—menos erros de linguagem e menos faltas de estylo do que têm os romances e os dramas de tantos rapazes de muito e de pouco talento que por ahí se deitam hoje a escrever. Mas também não tinham um pensamento, uma idéa, quasi uma phrase que não fosse copiada, imitada servilmente. Quem cantava um assumpto nacional, quem descrevia um sitio da sua terra, quem recorria a outro maravilhoso que não fosse o do Olympo? Toda a nossa litteratura era franceza com o reflexo grego e latino; ainda quando os assumptos eram nacionaes, não passava a nacionalidade dos nomes dos heroes, ou dos titulos dos poemas. O Garção, o Tolentino e Francisco Manuel vê-se que sentiam a falsidade do tom em que estavam afinadas as suas bellas e riquissimas lyras, mas certamente lhes faltou a coragem para romper com os preconceitos academicos ainda muito poderosos então. Bogaça teria podido fazê-lo; mas aquelle pasmoso talento nunca reflectiu no que era e podia, nem na alta missão a que o chamavam, tanto o seu genio como a sua popularidade.

Não me atrevo a dizer que já temos uma litteratura nacional, nem sequer sei se chegaremos a isso; mas é sem duvida que para lá caminhamos, e com mais largos e mais certos passos do que nunca, desde os *Lusiadas* para cá.

## Ao Drama — Acto primeiro

## Nota A

Tudo o luxo e caprichosa elegancia portugueza dos principios do seculo o dezeseite..... pag. 775

Citarei o interessante Ms. descoberto pelo Sr. Alexandre Herculano na bibliotheca real da Ajuda, e do qual alguns extractos já foram publicados no *PANORAMA* de 1843.

«Postoque Lisboa seja tamanha e tam nobre povoação, não tem palacio algum de burguez ou de fidalgo que mereça consideração quanto á materia; e quanto á architectura, são edificios muito grandes. Ornamentos porém de tal modo, que na verdade ficam magnificos. Costumam forrar os aposentos de razes, de damascos e de finissimos razes no inverno, e no verão de couros dourados mui ricos que se fabricam n'aquella cidade.»

(*Ms. da Bibl. d'Ajuda.*)

## Nota B

N'aquelle engano d'alma ledo e cego.  
Que a fortuna não deixa durar muito..... pag. 775

Os *Lusiadas* eram de certo então, no principio do seculo dezeseite, um livro da moda e que devia andar sobre o bufete de todas as damas elegantes. Hoje está provado que só no primeiro anno da sua publicação se fizeram em Lisboa duas edições, que por sua grande similhança confundiram muito tempo os criticos e bibliophilos. Até o anno de 1613, epoca da separação de Manuel de Sousa Coutinho e D. Magdalena de Vilhena, as edições dos *Lusiadas* eram já nove, desde a primeira de 1572 até á do referido anno de 1613, que é a dos celebres commentarios de Manuel Correia, feita por Pedro Crasbeeck. Das *Rhymas* contam-se tres edições no mesmo periodo, a quarta fez-se no seguinte anno de 1614. Dois Autos tinham sahido na collecção do Prestes.

## Nota O

E assim foi seu pae antes d'elle..... pag. 775

Lopo de Sousa Coutinho, pae de Frei Luiz de Sousa, era natural de Santarem, filho de Fernão Coutinho, e bisneto do segundo conde de Marialva, D. Gonçalo Coutinho. Serviu na India com muita distincção desde a idade de dezoite annos, no governo de Nuno da Cunha. Voltando ao reino, foi muito estimado de D. João III, que lhe deu o governo da Mina. D'allí tornou com a merecida reputação de honestidade e zelo; e succedendo na casa a seu irmão mais velho, Rui Lopes, que falecera, casou com D. Maria de Noronha, dama da rainha D. Catharina, de quem teve os seguintes filhos: Rui Lopes Coutinho, Lopo de Sousa Coutinho, Gonçalo Vaz Coutinho, Manuel (depois Frei Luiz) de Sousa Coutinho, João Rodrigues Coutinho, Anjré de Sousa Coutinho, N... (que foi provincial dos Gracianos) e Jorge Coutinho, depois Frei Jorge de Jesus.—Barbosa dá-lhe mais também uma filha, D. Anna de Noronha, freira nas Donas de Santarem.

Era Lopo de Sousa grande cultor das lettras e das sciencias, sabia a physica e as mathematicas, foi profundo na litteratura antiga e professava, como todos os bons espiritos do seu tempo, a poesia. «Uniu com tudo isto» diz o Sr. Bispo de Vizeu «grande religião, pureza de costumes e tal isenção no serviço do rei e da patria, que nunca solicitou premios, nem pediu compensações da fazenda que despendera largamente quando visitou os logares d'Africa, e exercitou o posto de capitão mór da armada da corte. Tam nobres prendas e tamanhos serviços o faziam digno de respeito, a que obrigava ainda mais a sua presença veneravel; de tal sorte que até el-rei, se refere que «lhe não falava sem indícios de grande consideração.»



A phrase de Frei Antonio da Encarnação é mais mimosa e portugueza: «A presença e gravidade da pessoa era tal, que dizem que o mesmo rei se *compunha* quando falava com elle »

Escreveu varias obras, que aponta Barbosa: dois livros do *Cérco de Diu*, Coimbra por João Alvares 1556, fol.;—um livro da *Perdição de Manuel de Sousa de Sepúlveda*, 4.º;—varias obras poeticas no *Cantoneiro geral de Anvers* 1570;—traduções do Luciano e de Seneca tragicos; e *Emprezas de illustres Varões portuguezes na India*. Ms.—Frei Antonio da Encarnação menciona tambem escriptos mathematicos, provavelmente Ms. de que não ha outra noticia.

V. Prologo á II parte da *Hist. de S. Domingos*; Fr. José da Natividade, *Agiolog. Domin.*; *Hist. Genealog.* t. XII; e *Bibliothec. Lus.*; *Memor. da Aca-dem. R. das Sc.*, de Lisboa, t. VIII, p. L. 1823.

#### Nota D

Aquelle mercador inglez da rna-Nova, que aqui vem ás vezes, tem-me dito suas coisas que me quadram. pag. 775

A rua-Nova era o Chiado de então, a *rue de La-Paix*, o *Regent street* da Lisboa, capital d'aquella immensa monharquia que D. Sebastião ainda deixou. Cito outra vez a Ralação ou viagem dos Venezianos Tiron e Lippomani:

«Quando as ruas em geral são más e incommodas para andar, assim a pé como em coche, tanto é facil, deleitosa e bella a rua Nova pelo seu cumprimento e largueza, mas sobretudo por ser ornada de uma infinidade de lojas cheias de diversas mercadorias para uso de nobre e real povoação »  
(*Ms. da Bibl. real d'Ajuda.*)

#### Nota E

Herege d'esta seita nova d'Allemanha ou de Inglaterra. pag. 775

Até em Portugal, o paiz mais exclusivamente catholico da terra, não deixou de fazer sua impressã o lucta pela liberdade religiosa que no seculo xvi tanto amotinou o norte da Europa. Até aqui a reforma teve, se não proselytos determinados, pelo menos seus admiradores que sympathizavam com certos principios proclamados pelos christãos dissidentes. Um dos caracteres mais illustres da epoca, e que mais illustravam então na Europa o nome portuguez, Damião de Goes, foi suspeito e accusado—cuido que não sem algum fundamento—de sua intelligencia com os reformistas de Allemanha.

#### Nota F

O escudeiro valido. o familiar quasi parente, o amigo velho e provado de teus amos. pag. 775

D'estes antigos familiares das casas illustres, ou que viviam a lei de nobreza, ainda na minha infancia conheci alguns representantes. Nas provincias, e principalmente nas do norte, até o começo deste seculo, o escudeiro não era um criado, era um companheiro, muitas vezes nem inferior em nobreza, e só dependente pela fortuna. Foi o ultimo vestigio do pouco que havia de patriarcal nos habitos feudaes. O escudeiro é uma figura caracteristica no quadro dos costumes portuguezes, enquanto os houve; e hoje mais interessante depois que se apagou toda a physionomia nacional com as modas e usos extranhos, nem sempre mais elegantes que os nossos.

#### Nota G

E' a minha unica filha: não tenho... nunca tivemos outra. pag. 776

D. Magdalena de Vilhena, filha herdeira de Francisco de Sousa Tavares, capitão-mór do mar da India a das fortalezas de Cananor e Diu, e de D. Maria da Silva, sua mulher, foi casada em primeiras nupcias com D. João de Portugal, neto do primeiro conde de Vimioso, e filho do celebre D. Manuel

de Portugal, que immortalizaram os versos de Camões; teve d'elle um filho que morreu moço, e duas filhas. D'estas, uma casou com D. Pedro de Menezes, da casa dos condes de Linhares, e não teve successão; outra, por nome D. Joanna de Portugal, casou com D. Lopo d'Almeida, avô do primeiro conde de Assumar, em cuja successão veio a reunir-se depois a descendencia das duas casas, Portugal e Sousa Coutinho, pelo casamento de D. Diogo Fernandes d'Almeida com D. Joanna Thereza Coutinho. Singular coincidência! observa com razão o Sr. bispo de Vizeu na sua *Memor. cit.*

Do segundo marido, o nosso Manuel de Sousa Coutinho, não teve senão esta filha, que Francisco de Santa Maria chama D. Anna, e eu D. Maria de Noronha, fundado na grande auctoridade de meu tio D. Fr. Alexandre, que assim o tinha emmendado no exemplar de meu uso, e era homem de escrupuloso rigor em todos os pontos.

#### Nota H

Tam bom linhagem como os que se têm por melhores n'este reino, em toda Hespanha. pag. 775

Do que fica dito na nota C a este acto, pag. 775, se vê que não ha amplificações n'estas expressões. Oito aos praticos em genealogias que esta illustissima familia dos Sousas Coutinhos, tam distincta por armas, letras e virtudes, se extinguiu completamente; e que os que hoje usam juntar os dois nobres appellidos ao seu nome têm muito pouco direito verdadeiro para isso—Dirão os genealogicos quanto ao sangue, e a opinião do publico quanto ao mais.

#### Nota I

Por todas as sejanas de Fe\* e Marrocos, por todos quantos aduares de Alarves ahi houve. pag. 776

Todos os nossos chronistas e escriptores de memorias do tempo chamam *sejanas* aquelles bairros ou districtos fechados das cidades de Berberia em que viviam os judeus, e aonde foram geralmente alojados e guardados os portuguezes captivos que esperavam seu resgate.

#### Nota K

Os embaixadores de Portugal e Castella tiveram ordens apertadas de o buscar por toda a parte. pag. 776

Não só no breve reinado de D. Henrique, o cardeal rei, mas ainda durante o do primeiro Philippe, II de Castella, estiveram lidando constantemente no resgate e protecção dos captivos christãos em Berberia, os dois agentes de Portugal e de Castella, que rivalizavam de zelo e generosidade em seus nobres esforços.

Todos os escriptos do tempo dão testemunho d'este facto tam honroso para as duas côrtes de Hespanha.

#### Nota L

Mas não se ia sem apparecer tambem ao seu aio velho. pag. 777

Não é de invenção minha este argumento, que convence tam fortemente o bom do aio velho, e que me lisongei de ser uma das coisas mais caracteristicas e originaes que o observador não vulgar encontrará talvez n'esta composição. Tirei-o de um precioso thesouro d'onde tenho havido quasi tudo o que em meus escriptos litterarios têm tido a fortuna de ser mais applaudido. O thesciro são as reminiscencias da minha infancia, e o estudo que incessantemente tenho feito da linguagem, do sentir, do pensar e do crêr do nosso povo, que é o mais poetico e espirituoso povo da Europa.

Quero contar como me lembrou de pôr aquellas palavras na bocca de Telmo Paes. Eu passei os primeiros annos da minha vida entre duas quintas, a pequena quinta do Castello, que era de meu pae, e a grande quinta do Sardão que era, e ainda é, da fami-

lia de meu avô materno, José Bento Leitão; ambas são ao sul do Douro, ambas perto do Porto, mas tam isoladas e fóra do contacto da cidade, que era perfeitamente do campo a vida que alli vivíamos, e que ficou sendo sempre para mim o typo da vida feliz, da, unica, vida natural n'este mundo. — Uma parda velha, a boa Rosa de Lima, de quem eu era o menino bonito entre todos os rapazes, e por quem ainda choro de saudades apesar do muito que me ralhava ás vezes, era a chronista mór da familia, e em particular da capella e da quinta do Sardoão, que ella julgava uma das maravilhas da terra e venerava como um bom castelhano o seu Escorial. Contava me ella, entre mil bruxarias e coisas do outro mundo que piamente acreditava, que tambem n'aquellas coisas «se mentia muito;» que de meu avô, por exemplo, diziam que tinha apparecido embrulhado n'um lençol passeando á meia noite em cima dos arcos que trazem a água para a quinta: o que era inteiramente falso, porque «ella estava certa que, se o Sr. José Bento podesse vir a este mundo, não se ia embora sem apparecer á sua Rosa de Lima.» — E arrazavam-se-lhe os olhos de agua ao dizer isto, luzia-lhe na bocca um sorriso de confiança que ainda agora me faz impressão quando me lembra.

A poesia verdadeira é esta, é a que sae d'estas suas fontes primeiras e genuinas; não são arrebbes de phrases tiradas de gregos ou latinos, de francezes ou de inglezes segundo é moda; nem *rifamentos* exaggerados — hoje, da semsaboria decorada da escola *passigraphica* que distinguio a nacionalidade de todas as litteraturas no fim do seculo passado e principios d'este — ámanhan de quanto ha mais obsoleto e *irrevocavel* no stylo enrevezado, nas idéas confusas, nos principios indeterminados dos chroniqueiros velhos. A litteratura é filha da terra, como os Titans da fabula, e á sua terra se deve deitar para ganhar forças novas quando se sente exhausta.

#### Nota M

Esse desgraçado rei D. Sebastião, que o seu mais desagrado poro ainda não quiz acreditar que morresse, por quem ainda espera em sua leal incredulidade. pag. 777

A incredulidade popular sobre a morte d'el rei D. Sebastião começou logo como as primeiras noticias que chegaram ao reino da derrota de Alcaicer Kebir. Querem alguns que as esperanças do povo fossem adrede sustentadas pelos que mais haviam instigado aquella triste jornada, para evitarem a responsabilidade de seus fataes conselhos. O facto é que no público nunca se acreditou bem na morte d'el-rei. E nenhum, de tantos que escaparam, nenhum disse nunca que o vira morrer. No epitaphio de Belem poz-se a resalva *si vera est fama*. Os varios impostores que em diversas partes appareceram tomando o nome de D. Sebastião, em vez de destruirem, confirmaram as suspetias nacionaes. O verdadeiro ou falso Sebastião que foi entregue em Veneza e atormentado em Napoles, deixou duvidas profundas nos animos mais seguros.

Menos bastava para dar cõr e crença á multidão de fábulas romanescas e poeticas de que se encheu logo Portugal e que duraram até os nossos dias. O sebastianista é outro caracter popular que ainda não foi tratado e que, em habeis mãos, deve dar riquissimos quadros de cõsti mes nacionaes. O romancista e o poeta, o philologo e o philosopho acharão muito que lavar n'este fertilissimo veio da grande mina de nossas crenças e superstições antigas

#### Nota N

O romance, da batalha... que diz:  
Postos estão, frente a frente,  
Os dois valerosos campos..... pag. 777

Este romance que se cantava, diz Miguel Leitão, ao som de uma melodia simples e plangente, de que

elle na sua *Miscellanea* nos conservou as notas, vem alli em castelhano; achei-o em Portuguez nos Apon-tamentos do cavalheiro de Oliveira, e tambem o publicou em portuguez A. L. Caminha, na sua *Collecção de Ineditos*.

No logar competente do meu *Romanceiro* o dou em ambas as linguas, sem me atrever a decidir em qual d'ellas fosse originalmente composto.

#### Nota O

D. Sebastião... que hade vir um dia de névoa muito cerrada..... pag. 777

Era opinião firme e corrente entre os derradeiros sebastianistas, e talvez ainda hoje o seja, porque me dizem que alguns ha ainda, que el-rei D. Sebastião havia de vir n'um dia de névoa muito cerrada. Assim rezavam certas Prophcias populares.

Cutro thesouro de poesia nacional são estas Pro-phcias que ainda ninguém examinou philologicamente como ellas merecem. No meu *Romanceiro* procurei restituil-as ao logar e categoria litteraria que estou convencido lhes compete.

#### Nota P

Pois não tens ouvido, a teu tio Frei Jorge e a teu tio Lopo de Souza, contar como aquillo foi?..... pag. 777

Lopo de Sousa, irmão de Frei Luiz de Sousa, ficou captivo na batalha de Alcaicer. *Hist. Geneal.*, t. XII. —Frei Jorge, estou persuadido que foi frade graci-ano—postoque as conveniencias dramaticas me fizessem adoptar a opinião de Iouren e Echard, dando o aqui por dominico.

Entre os que se renderam ás promessas de Castella para entregar Portugal foi, com bastante probabilidade, Rui Lopes Coutinho, o irmão mais velho de Frei Luiz de Sousa: d'onde, não se dariam muito ir-rições de tam diferentes sentimentos. Por isso aqui não é apontado o seu nome, ainda que se achasse, como sabemos, na jornada de Africa.

V. Faria e Sousa, *Europ.*, t. III. p. I.; e a *Mem. cit.* do sr. Bispo de Vizeu.

#### Nota Q

Elles que andam tam crentes n'isto, alguma coisa hade ser..... pag. 78

Veja a nota M a este acto. E consulte o dizer de todos os escriptores do tempo: vêr-se-ha que o engano popular, se o era, recachia com effeito em muito grandes e fundadas suspetias. Nunca uma pura falsidade chega a obter credito geral; é preciso que tenha algum fundamento: a imaginação do povo não é creadora, augmenta, exagera, mas não tira do nada.

#### Nota R

Elle não é por D. Philippe..... pag. 778

«Se é como parece, somos obrigados a admitir com lastima este labéo (de se ter vendido a Philippe de Castella) na descendencia de Lopo de Sousa Coutinho, e a confessar que muito desdisse do desinteresse e dignidade de um pae tam illustre, e muito desprezou as lições da primeira idade o seu mesmo primogenito. (V. not. P a este acto.) Comtudo, á vista da mágoa profunda com que Manuel de Sousa Coutinho fala da fatal jornada d'Africa em tantos logares, e do patriotico entusiasmo de que a cada passo nos offerece argumentos, é muito de presumir que o contagio nem tocou levemente o seu delicado pendor.»

*Memor. cit.* do Sr. Bispo de Vizeu.

#### Nota S

Para que deixon elle o hábito... porque não ficou n'aquella santa religião..... pag. 778

Manuel de Sousa foi a Malta, pouco mais ou menos, no anno de 1576, para noviciar n'aquella religião.

Duvidam Frei Antonio da Encarnação e Frei Lucas de Santa Catharina se effectivamente elle seria já novico quando o aprisionaram os Argelinos em uma galé da ordem, poisque o deixaram resgatar; e é sabido que tal não permittiam nunca aos cavalleiros maltezes. A opinião mais geral dos escriptores é porém que elle chegou a noviciar. E é certo que no anno de 1577 (segundo elle proprio escreve na P. I, Liv. VI, cap. 3 da *Hist. de S. Domingos*) estava captivo em Argel. D'ahi computa o sr. Bispo de Vizeu que seria captivado pelo anno de 1576. Tomaram-n'o sahindo de Sardenha, conforme refere no prologo ás obras de Jayme Falcão.

*Qui in Melitensi trimem adversa tempestate pene eversa a piratis ad Sardiniam capti, Algerium que in Africa trajecti.*

Ahi «achou entre os captivos,» diz Barbosa, «o celebre Miguel Cervantes Saavedra, com quem contrahiu muito estreita amizade.» Ficou nos testemunho d'esta amizade na linda novella de Cervantes, *Trabalhos de Persiles e Sigismunda*.

#### Nota T

Agora que ella (a peste) está, se pode dizer, acabada... é que por força querem madar de ares..... pag. 778

A peste começou no fim de Outubro de 1598, estava quasi extincta pelos fins de Agosto do anno seguinte; mas no Outubro immediato começaram a pifar novos rebates, não acabando de levantar de todo até Fevereiro de 1602.

*Hist. de S. Domingos*, P. III, l., VI, Cap. 10.

#### Nota V

A minha donzella Theodora..... pag. 778

Ainda hoje, na phrase commun, a *Donzella Theodora* é o typo da sabelodoria feminina mais superior. Todos conhecem o romance provençal, de genero e stylo byzantino, que, traduzido em portuguez, obteve igual acceitação e popularidade ao *Roberto do Diabo*, a *Formosa Mangalona* e seus pares.

#### Nota X

Para côrte e «buen-retiro» dos nossos cinco reis. pag. 779

«Quinquieviratus ille invidiam sibi non levem confavit, mihi inopinatum exilium peperit»  
Prologo de Fr. Luiz de Sousa ás *Obras* de Jayme Falcão.

#### Nota Y

O terço de meu pae tem mais de seiscentos homens. pag. 779

«Praefecturam mihi imposuerat rex septingentorum peditum, equitum ferme centum.»  
Prolog. ás *Obras* de Jayme Falcão.

#### Nota Z

O conde de Sabugal, o conde de Santa Cruz..... pag. 779

Quando Philippe II sahio de Lisboa em 1583, deixou por governador o Archiduque Alberto, auxiliado pelo arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, Pedro d'Alcáçova, e Miguel de Moura, secretario. Em 1594, chamado o Archiduque para o Arcebispoado de Toledo, deu o governo a D. Miguel de Castro, novo arcebispo de Lisboa, aos Condes de Portalegre, de Santa Cruz, do Sabugal, e a Miguel de Moura.

#### Nota Aa

A (casa) que foi de?... a que péga com San'Paulo. pag. 779

D. João de Portugal, primeiro marido de D. Magdalena de Vilhena, tinha bens e casas do lado d'Almada. E não foram decerto estas as que incendiou Manuel de Sousa para resistir á prepotencia dos Governadores do reino: todas as probabilidades são que a scena doromeiro se passaria em uma casa que ti-

vesse sido de D. João, pois estava alli o seu retrato. Ser ella pegada com a egreja e convento de San'Paulo, é que sómente foi probabilidade poetica ou dramatica.

#### Nota Bb

Meu pae morren desastrosamente cahindo sobre a sua propria espada: quem sabe se eu morrerrei nas chaminas ateadas por minhas mãos..... pag. 780

Succedeu isto na villa de Povos em Janeiro de 1577.  
V Frei Antonio da Encarnação, Prolog. a P. II da *Hist. de S. Domingos*

#### Nota Cc

Ilumino a minha casa para receber os muito poderosos e excellentes senhores Governadores d'estes reinos. pag. 781

«Cum vehementer animo commotus essem, nova et inaudita metamorphosis indignantes parietes injuria subduxit, in fumum et cineres abiit.»

Prolog. ás *Obr.* de Falcão.

O epigramma latino do mesmo Frei Luiz de Sousa, segundo o releve Barbosa, ainda é mais vehemente e elevado:

*Quos flamma absumpsit reddet mihi fama Penates,  
Ponet et aeternam, non moritura, domum.*

### Acto segundo

#### Nota A

As armas dos condes de Vimioso. São as antigas da casa de Bragança..... pag. 781

V. *Memorias dos Grandes de Portugal* por D. Antonio Caetano de Sousa.

#### Nota B

E o principio d'aquelle livro tam bonito..... pag. 781

São effectivamente estas, que Maria cita gracejando, as primeiras palavras do mysterioso livro das *Saudades* de Bernardim Ribeiro, que tam popular foi entre nós, apezor, ou talvez pela mesma obscuridade, de seus enigmas e anagrammas. Na rara edição, que agora alcanço, de 1559, têm alguma differença.

#### Nota C

Faredes o que mandado vos é..... pag. 781

E' o antiquado de «fareis», que Maria aqui emprega com graciosa affectação, para falar em estylo de donzella romanescas dando ordens ao seu escudeiro.

Ponho isto aqui porque sei que me notaram o archaismo como improprio do tempo; era-o com effecto no seculo xvii em que ahi estamos, se não fóra trazido assim.

#### Nota D

A onsdadia reflectida que está n'aquelles olhos rasgados, no apertar d'aquelle bocca..... pag. 782

De todos os retratos de D. Sebastião que sei existirem, creio que o mais authentico é o que está, ou estava pelo menos até 1832, em Angra na ilha Terceira, no palacio do governo que antigamente fóra Collegio dos Jesuitas. E' tradição ter sido para alli mandado por el-rei mesmo em sua vida. Muitas vezes contemplei longamente aquelle retrato na minha mocidade, e por elle é feita a descripção que puz na bocca de Maria.

#### Nota E

Pois não ha prophcias que o dizem?..... pag. 782

Vejá a nota O ao primeiro acto, pag. 798.

#### Nota F

Quando o vi a ultima vez... foi no alpendre de San Domingos em Lisboa..... pag. 782

E' sabido que o nosso illustre poeta passou os ultimos tempos da sua vida na conversação e intimi-

dade dos bons padres de San'Domingos de Lisboa, e que reviu e alterou em muitas coisas o seu poema pelo conselho e aviso de alguns varões doutos que abundavam n'aquella ordem, e de quem era tam estimado quanto foi mal visto e perseguido dos Jesuitas. O alpendre de San'Domingos é dos sitios mais historicos de Lisboa. Alli se passaram muitos dos memoraveis successos das nossas revoluções, alli se fizeram e desfizeram reis, alli levaram os povos muito engano e desengano. Era lugar de commum frequencia para ociosos e negociosos, que o habito geral e a popularidade dos padres alli attrahia.

#### Nota G

San'Telmo seja commigo n'este cabo da navegação pag. 782

*San'Telmo* (San'Pedro Gonçalves Telmo, da ordem dos dominicos) é o advogado dos mareantes. Todos sabem o que é o fogo de *San'Telmo* em que a nossa gente do mar não quiz nunca vêr o phenomeno natural, senão o annuncio da protecção do seu santo.

#### Nota H

Lá foi Luiz de Camões n'um lençol para San'Anna pag. 782

A igreja de San'Anno, hoje do convento de freiras do mesmo nome, era então parochia. Veja o que a este respeito escrevi nas notas ao poema *Camões*, l vol. d'esta collecção.

#### Nota I

Não te lembras o que lá diz do nosso rei, D. Sebastião? pag. 782

A invocação a D. Sebastião, nos *Lusíadas*, parece escripta depois da primeira jornada d'el-rei a Africa; não é um tributo de van lisonjaria, como a do *Orlando* ou a de *Jerusalem* e as de quasi todas as outras epopéas modernas; mas o enthusiasmo ardente do guerreiro, a offerta sincera do patriota que põe á disposição do seu rei mancebo e emprehendedor «o braço ás armas feito» e «a mente ás musas dadas.»

D. Sebastião era talvez homem para sentir o valor da offerta; mas tinha uma côrte, como são todas as côrtes, em que só tem valia e valimento a baixeza covarde e a intriga sem merito: Camões foi tratado como devia ser.

#### Nota J

Então para que fazeis vós (versos) como elle?... pag. 783

Além do bello epigramma que já citei na nota Cc ao primeiro acto, pag. 79., restam-nos alguns outros fragmentos de poesias de Frei Luiz de Sousa que bem mostram quanto era intimo no commercio das musas. Alguns versos do seu poema *Navigatio antarctica* conservados por Barbosa, e em que elle encarece a saudade da mulher e da filha, são dignos de se recordarem:

*Quin et curarum fluctu contunior acerbo  
Dum, procul a patria, toto jam divoror orb,  
Et subeunt conjux, et natae dulcis imago.*

No prologo ás *Obras* do seu amigo e mestre, Jayme Falcão, assim descreve elle Almada e a vida poetica e descuidosa que alli vivia antes que o obrigasse a emigrar a prepotencia dos Governadores. *Locus Ulyssipont imminent brevis freto influente Tagi, saluberrimo caelo, fontibus exuberans*, musaram otitis commodissimus.

Mas que não tivéssemos nenhum d'estes documentos na suave melancholia, nas sinceras bellezas da prosa de Frei Luiz de Sousa, tinhamos segura prova de que, na mocidade e no seculo, devia ter sido grande poeta quem, na velhice e na religião, escrevia d'aquella prosa. Ha, na *Vida ao Arcebispo* e na *Historia de San Domingos*, trechos de poesia descriptiva—de drama—aspirações de quanto ha mais su-

blime e elevado no coração humano—que são mollosos perfeitissimos d'arte, verdadeira reverberação do ideal em que unicamente está, e esteve sempre, a genuína poesia.

#### Nota K

E' raro ver tam perfeita similhança..... pag. 783

Devia de ser extremamente parecido um retrato que pôde ser immediatamente reconhecido pelo peregrino que apenas tinha visto a D. João em Jerusalem no fim de tantos annos e depois de tantos trabalhos. E assim é como a historia se conta pelos biographos de Frei Luiz de Sousa. No presupposto do presente drama, a explicação é mais facil e podia ser outra.

#### Nota L

O vosso convento novo de freiras abaixo de San Vicente..... pag. 783

Este convento, instituido por causa do religioso divorcio dos condes de Vimioso, D. Luiz de Portugal e D. Joanna de Castro Mendonça, esteve interinamente, desde 1607, n'umas casas que foram do morgado, dos campos abaixo de San' Vicente de Fóra e sobre o bairro de Alfama. Só em 1616 é que se mudaram as freiras em solemne procissão para a nova e propria casa sobre o rio, junto a ponte de Alcantara.

V. *Hist. de S. Dom.*, T. III, Cap. XV.

#### Nota M

Sexta feira! ai! que' é sexta feira..... pag. 784

Em algumas partes do reino a terça é mais aziago dia ainda do que a sexta feira. Esta porém, não só entre nós mas em quasi todo o mundo, é havida por dia nefasto e de máo agouro.

#### Nota N

Olha a condessa de Vimioso, esta Joanna de Castro, que a nossa Maria tanto desejava conhecer..... pag. 787

E' altamente interessante ver como o mesmo Frei Luiz de Sousa narrou depois a historia d'esta separação, que fôra o exemplar da sua.

V. *Hist. de S. Dom.*, P. III, Cap. XV.

#### Nota O

Um captivo, um remido? Não, senhora: não traz a cruz..... pag. 787

Os remidos traziam um escapulario branco com a cruz da ordem das Mercês ou da Redempção, que entre nós se chamou da Trindade. São frequentes nos nossos escriptores as descrições da solemne procissão em que davam como a sua entrada publica no seio da christandade a que eram restituídos os captivos. Com aquelle signal, que a todos inspirava respeito e sympathia, esmolavam depois pelas terras e muitos ajuntaram quantias avultadas.

## Acto terceiro

#### Nota A

Frei João de Portugal, que é o prior de Bemfica, e tambem vigario do Sacramento..... pag. 790

«Frei João de Portugal foi prior de Bemfica, vigario do convento do Sacramento, inquisidor da mesa grande, e ultimamente bispo de Viseu de 1622 até 1629, em que acabou uma carreira de bom exemplo.»

*Memor.* do sr. bispo de Vizeu; V. *Fr. Luc. de S. Cath.* r. IV. L. I; *Collecção dos Doc.*, da Acad. R. de Hist. etc.

## Nota B

O segredo do seu nome verdadeiro esta entre mim e ti..... pag. 790

Seja verdadeira ou não a historia da appareição do peregrino em casa de D. Magdalena, ella foi geralmente acreditada até ás judiciosas duvidas do sr. bispo de Vizeu, que não passam de duvidas comtudo. Fazer do peregrino o proprio D. João de Portugal, foi supposição poetica, todavia bem provavel e possivel, e que mais facilmente explicaria todas as circumstancias mysteriosas d'aquella appareição e das suas consequencias.

## Nota C

Para a cabeça (encanecer) bastou uma noite como a que veio depois da batalha d'Alenquer..... pag. 791

Ha muitos exemplos de encanecerem gentes de repente por grandes medos ou desgostos. São justamente celebrados os versos de Lord Byron que se referem a este notavel phenomeno, no *Prisioneiro de Chillon*.

My hair is gray, but not with years,  
Nor grew it white  
In a night  
As men's have grown from sudden fears.

## Nota D

Diz-lhe que tudo isto foi vil e grosseiro embuste dos inimigos d'esse homem..... pag. 792

Talvez assim fosse, com effeito. Nem o padre Encarnação, nem nenhum dos outros que reterem a historia do peregrino, dizem o que foi feito d'elle: e a explicação mais plausivel que a tam estranho successo achou o bom do padre, foi que seria talvez um anjo mandado por Deus para chamar aquellas duas almas ao céo, pelo caminho do claustro. E' quasi uma sahida dramatica, das que tanto incorreram na censura de Horacio: *nec Deus ex machina*.

## Nota E

E têm um filho elles?... Eu não..... pag. 793

D. João de Portugal teve, de D. Magdalena de Vilhena, os filhos que vão enumerados na nota G do

acto I, pag. 797. Não designando Telmo o sexo filho de Manuel de Sousa, fica natural e possivel a elleção de D. João aqui.—Além d'isso, ao drama e á posição das suas pessoas, como o auctor a concebeu, e ao interesse que elle queria concentrar todo n'esta unica filha de Manuel de Sousa, não convinha considerar por nenhum modo os filhos da primeira união de D. Magdalena de Vilhena.

## Nota F

Todas estas coisas são ja indignas de nós..... pag. 793

As palavras que Frei Antonio da Encarnação põe na bocca de Manuel de Sousa, n'esta occasião, merecem apontar-se aqui:

«Chegando elle (Manuel de Sousa) de fóra, ella lhe relatou tudo o que tinha passado com o peregrino, e o mais que tinha visto seu irmão. o mestre Frei Jorge, e assim, que visse o que na materia se devia fazer. Não se suspendeu, mas respondeu logo, dizendo: Até agora, senhora, vivi em boa fé comvosco; e creio de vós, que na mesma fé vivestes commigo; porque fio de vós que não casariaes outra vez se não tivesséis por certa a morte do vosso primeiro marido... O que convem mais, e fugir para o sagrado da religião... etc.»

Prologo á II.ª P. da *Hist. de S. Dom.*

## Nota G

De profundis clamavi ad te, Domine..... pag. 793

Tive conselhos para não pôr em latim estes bellos versetos do Psalmo penitencial que faço cantar aos frades. Não cedi, porque era faltar á verdade, e diminuir a solemnidade da impressão que a lingua latina inquestionavelmente produz nas ceremonias da igreja. Mostrou-me a experiencia que eu é que tinha razão.

N'um poema narrativo, teria feito como fiz no segundo canto do *Camões*, que traduzi os versos de Job: em drama, o que se representa deve ser o mais proximo possivel do que effectivamente se passou, ou devia de passar.

## APPENDICE

## JUÍZO CRÍTICO SOBRE FREI LUIZ DE SOUSA

## Advertencia dos editores

Extrahimos da *Revista Universal*; publicação litteraria bem conhecida, e damos aqui, em appendice, o juizo critico de *Frei Luiz de Sousa*, que alli appareceu, e que obteve geral accção, tanto pelos profundos conhecimentos d'arte que o joven escriptor n'elle desenvolveu, como pela concisão com que tratou as mais vastas questões estheticas e moraes que o assumpto suscitava, e sem as quaes não podia ser dignamente examinado. O sr. Luiz Augusto Rebello da Silva mostrou que era capaz de subir á altura das grandes considerações em que hoje está envolvida a litteratura; e com os francos e justificados louvores que lhe tributa, associou o seu nome á gloria litteraria do no.sso auctor.

## FREI LUIZ DE SOUSA

A ideia progressiva que revolve a sociedade actual, na expressão litteraria, creou uma critica sua: já se não sabe, nem que se soubesse, se podia moldar o

bello moderno pelos baixos relêvos de Pompeia: o juncel de David, correcto e verdadeiro na copia, era todo romano como os Horacios,—quebrou-se deante de *Medusa*:—a estatua no quadro sahia grandiosa e sublime nos traços do mestre, mas sempre estatua; e hoje a poesia hade retratar a vida em todos os seus aspectos—no interno, o mysterio intimo do coração e da alma nas suas luctas e tormentos—no externo, todas as côres e matizes, todas as attrações, todas as antinomias, laços umas vezes claros, outras quasi invisíveis—invisíveis de todo, que ligam o Prometheu á sociedade, que o põem d'alvo ao espectaculo tristissimo; á profunda tragedia da humanidade em todas as suas variadas formas de vêr, sentir e padecer.

Antigamente custava pouco o ser Frazon: estendiam o escriptor no leito do Procueto, e o afferiam desapidadamente por uma medida herdada de Stagyra ha dois mil annos; desconjuntavam-n'o até dar á altura requerida n'aquelle benaventurado codigo penal de Aristoteles; e para lhe tapar a bocca no meio das intoleraveis dôres d'estes tratos inquisito-

riaes em vez de fel, faziam-lhe engulir, em doses enormíssimas, centos de paginas copiadas da *Prática de Theatros*, do reverendo Aubignac, mil vezes mais custosas de tragar do que o absynto mais amargo. Tudo isto tinha seus laivos de similhaça com a vara legal do recrutador; os infézados afugentavam-nos com um par de golpes puxados da alma; os gigantes ficavam a marcar o passo e a fazer exercício pelos doze tempos prussianos.—Lira delicioso.

Esta existencia, que deixou saudades, foi dura de vida: chegou-lhe a sua hora extrema; chamaram-lhe indecente e aristocrática, e morreu de revólte de revolução, ás mãos do velho Ducis, como hecatomba sagrada aos manes do honrado Shakspeare.

E era justiça. A academia de Richelieu, atrazada um seculo, como todas as academias, tinha afogado o *Cid* logo á nascença; La Harpe cravára de settas o poeta inglez e a scena hespanhola—andaram a levantar um calvario, onde depois a philosophia de Kant e a critica allemã pregou na cruz adoradores e ídolos: trocou-lhes a regalada festa do banquete olympico em desconsolado desterro; emparedou-os nos armarios sepulchraes das bibliothecas; correu-se o véo que escondia Borgia, acabou o *ipse dixit*, miraculoso santelmo dos lances apertados. Partidas aos pedaços as andadeiras e muletas classicas, já os invalidos greco-romanos não podiam nem ousavam dar passo: pararam e foram-se sentar ao soalheiro da praça, de cabeça pendida e olhos chorosos, a vêr as turbas derribar e arrastar pelo lodo a estatua de Pasquino—o povo não entendia ainda o *post fata, quiescit!*

Mas as actas do concilio classico estão registadas no *Spectator* do secretario do conde Wharton; do virtuoso Addison, aquelle mimoso poeta do *Catóo*, que nos offerece o exemplo da maior atrocidade humana na teima de tentar á força empalmar as notas da opera *Rosemund*, com a mesma semcermonia com que os seus amabilissimos conterraneos mettem o braço até ao cotovello pelas bolsa dos outros reinos. Deus lhe perdoe, aonde quer que está, os artigos e a furia musicante.

Felizmente agora, outras ideias de arte demandam outro escarpello critico; em tudo, mas no romance e no drama especialmente.

Aqui falámos só do drama.

Raro se desata robusto e viçoso o theatro com as primeiras flores da litteratura de qualquer nação; tem aquella lyra cordas mui subtiis, delicadezas melódicas mui altas para soffrer que a ensaie os dedos inexperientes. O frontão do harmonioso templo das musas gregas levantou-o a tragedia de Eschylo; ornaram-n'o as creações de Euripides, mais puras e sentidas; completou-o a Melpómene tam casta e reflectida de Sóphocles.

A scena hespanhola veio depois de Cervantes, que mal a antevira; mas purificou-se debaixo dos dedos de Calderon, das impurezas de Lope da Vega, dos choutos de Gongora. Shakspeare tirou a ingleza do pégo da semsaboria do mais estragado gosto euphoistico, peor cem vezes do que o tumido castelhano, que tinha muita coisa boa para resgatar a sua intolleravel affectação.

Ainda hoje á hesitação da poesia n'este ramo está provando que a arte vacilla incerta; a esthetica ainda não assenta em bases solidas.—Esta arvore quer a terra já revolvida para deitar bons fructos, quer o ar livre de furacões que a não desarreiguem á nascença, só pega bem em terra propria; é como a sensitiva, encolhe e fecha, se lhe falta o sol da patria, se lhe negam o céo e as nascentes do clima onde nasceu; nas estufas murcha e morre.

E' que nenhuma ha mais nacional: e deve-o ser, ou não é nada.

O theatro é quem retrata, a côres fieis, as feições moraes de uma nação, que aponta o caminho que

ella leva andando na estrada legitima da civilisação quem firma as raais do seu progresso intellectual em todas as relações variadas com o mundo externo; porque o drama, que é devéras, pinta a vida d'alma, da epoca e da arte. E' o espelho do estado social, e que revê todos, até os mais imperceptiveis traços do grande vulto chamado povo.

No fundo do quadro está o pensamento: a ideia una da actualidade, no seu aspecto multiforme.—Pensamento, ideia profunda sempre, que se enlaça como o invisivel pelas aspirações religiosas, com o interno pelos fios da tradição, dos costumes e das crenças do passado, porque a eternidade não é negativa, mas absoluta; não significa termo de tempo, significa plenitude indivisa. Deante da arte, na sua expressão symbolica, na sua formula philosophica que é a eternidade? a morte! Se a arte é imagem da criação! a vida? A vida, sim, mas essa vida immensa, amplissima e mysteriosa, composta do que foi e do que é; vida em que o passado se transfunde no presente, em que o presente se enriquece com os elementos das edades mortas, para legar uma herança doirada de esperanças, de lições, de futuros; herança que passa em deposito das gerações que hoje se revolvem da terra ás que não viram ainda o *fiat lux* do verbo de Deus. A arte encerra em si o passado e o presente; tem nas mãos o talisman do futuro, o pómo da vida ou o pómo da morte; é já do que hade vir pela sua aspiração etherea, está entre o mundo externo e o mundo invisivel. Gera-se da fé do que é sublime, na admiração do que é grandioso na sua belleza vive pelo amor. O amor intrinseco, intimo, indivisivel, que tirou da natureza o symbolo, que assentou aos umbraes do tumulo a esperanza para receber o suspiro extremo do que morre na terra, para trocar nas vestes candidas da pureza o lucto da desesperação, para ferir com a vara a rocha, e brotar da aridez da amargura a fonte da consolação suprema. Aonde acabava a arte antiga começa a nova. Na frente do que expira rompe o sello do nada, e com os olhos nas myriadas de espectaculos divinos, quebra a loisa e os grilhões, e aponta para a aurora da glorificação, que vem rompendo sobre a immobildade das trevas interiores.

D'este ponto maximo deve a critica alongar a vista até á perfeição secundaria dos meios plasticos; já não representa o papel do povo romano nas luctas do circo, não é para medir com a vista a elegancia do rosto, a ardeleza e porte engraçado do gladiador, que ella se fez; não é para se ficar imbellecada deante da formosura das fôrmas e apuros das côres; mais se lhe requer; tem maiores brios hoje, maiores responsabilidades. A formula sensual e terrena do pagão morreu no dia em que a primeira gotta de sangue do martyr se embebeu nas areias do amphitheatro para consummar o sacrificio—que renascia o mundo novo das cinzas do mundo velho, que infundia no coração humano outro paraizo intellectual, esperanças e santo, que este seculo, herdeiro dos desvios e experiencias de mil e oitocentos annos, hade encarnar na poesia, e desenvolver até o completar na sua ultima e ainda desconhecida expressão.

Rasgou-se o véo do templo, e veio a regeneração da arte a par da regeneração do homem. Nasceu a poesia saudosa, chorada n'alma, sentida do coração, inspirada e espiritual; poesia variada nas fôrmas mas una na expressão intellectual; caminhando umas vezes da fé para o mundo, como Dante, Milton e Klopstock; atirando-se outras do mais agrio da peregrinação aos braços da religião a verter-lhe no seio uma lagrima ardente, que na procella dos affectos abraçados fica sellada no sepulchro da existencia material, além da qual o espirito voo solto nas suas dores mais espinhosas, a buscar o nardo, o balsamo que lhe amigue as chagas cortadas n'alma—como nos suaves canticos de Lamartine, no melancholico e pro

fundo Chateaubriand, no puro e mavioso Schiller.

Só o bello que é eterno sempre, da natureza e da humanidade soffre este painel, o invisível do mundo superior e espirital não se pôde tomar para primeira luz do quadro, sem descahir muitas vezes nos erros dos que o tentaram já: fôge ao pincel, retrae-se da imagem o abstracto puro. Mas o fim da poesia é enlaçar o, traval-o com a vida terrestre, nas suas aspirações e varias tendencias. O presente, que só por si destrôe as mais das vezes, pela approximação, todo o ideal, funde-se no quadro, se o recuarmos com o esplendor viciante das crenças, com o clarão das paixões nobres ou tremendas, com a reflexão da actualidade em todos os seus aspectos até um passado rico e glorioso; se entretecemos o matiz de cores vivas, e cambiantes acertados, com as lendas e tradições, com o thesouro poetico da nação, assim visto de longe, quando no frouxo e esbranquiçado crepusculo dos seculos apenas resplandecerem no horizonte os vultos colossaes dos grandes feitos e dos grandes nomes. A arte revê mais livre a sua idealidade, fica mais arte e mais e mais poesia, afastada da imitação mediata e quasi sempre servil do que palpamos com os dedos, do que o habito tornou raso e prosaico. Sem feito, mas poucas vezes com felicidade.

D'esta relação do tempo com a poesia nos dá Homero exemplo: o passado nos seus versos revê o presente palpitante e formoso, sem resvalar no comum da copia.—Em Ossian, no *Niebelungen*, nas tradições poeticas do norte apparece o mesmo, sempre o mesmo.

D'esta altissima theoria d'arte filha da meditação allemã, nasceu o drama *Fr. Luiz de Sousa*. O nosso poeta tomou a base terrena para d'ahi alargar os traços: as memorias saudosas, as glorias, o viver e sentir e crêr do tempo offereceram-lhe o colorido magestoso, que realça n'esta sua obra, a mais profunda e portugueza de quantas excellentes e primorosas temos já da sua penna.

E' o que veremos na analyse mais attenta e miuda que tentamos, receiosos contudo de desfigurar a belleza e perfeição de uma criação dramatica, original na forma e no pensamento, fundamental para a eschola de um theatro que deveras seja nosso, e não copiado sem pudor dos reportorios estrangeiros.

A historia tam sabida de Fr. Luiz de Sousa parecia entre as nossas tradições, propria a resolver um grave problema d'arte: os atavios com que um estrangeiro a quiz ornar, não sei se despidno-a do singelo antigo, lhe estragaram a ingenua belleza, em vez de a realçar: se compararmos o romance de Mr. Denis com o drama portuguez, fica, a nosso vêr corrente esta opinião de leve esboçada no prologo do sr. Garrett. O assumpto que á primeira vista se affigura o mais dramatico, olhado de perto é insufficiente para se fundir n'uma peça: a não o carregarem de cores postigas, de traços falsos, que necessariamente lãode desmentir a verdade, que é o seu maior enfeite; o nosso Poeta, das entranhas do facto, tirou a sublime criação que liga e enriquece a obra, conservando-lhe o mimo, o ideal e a riqueza lyrica, depurados de matizes extranhos, que cabem mal, quasi sempre, que sempre lhe desteiam as feições severas, substituindo-lhe a nobreza a requebros fingidos e fora do natural.

N'aquella idade em que os affectos e as paixões, sem se apagarem, vão mais fundos, e saltam menos á superficie, a linguagem arrebatada e as pompas de amores gastos, ridiculos já, se os pintarem com o fervor proprio de annos verdes servem só de remendar com retalhos invasiados a tela da vida: de roubar á tragedia a formosura graciosa, seria composura, para lhe substituir as lanteioilas, as bordaduras de ouro, com que alguns bobos cegam os olhos

de longe, á força de copiar as dobras variegadas do seu manto de histriões.

Estes assumptos, que requerem a simplicidade do antigo theatro, se lhes mudam a natureza, ficam contrafeitos, sem poesia, sem verdade: e d'esses aleijões não se curam. Galas de peralvilho, espartilho hygienico, que, em se desatacando, larga tudo a rir, por pouco enganam; vê-se logo o estafemoro torto e desenhado que alli anda entalado; uma coisa parecida com a ressurgeição trunasca: cada almofada, cada atacador a voar da mumia, e a ossada nua que vem surdindo: depois um quasi esqueleto de Mathusalem! eis em que param os taes arrebiques, as bellezas de emprestimo!

Ora havia ter que vêr e muito que rir, andados tantos annos de casamento, o serio Manuel de Sousa Coutinho, tam reflectido, tam sabedor, e a virtuosa e casta D. Magdalena de Vilhena, sós, dentro de um casarão neogothico, a declamar, em cantochão de frades, sedições galanteios, fúrias apaixonadas de namoricos imberbes! Deus o levaria em conta o auctor, que o reino do céu é dos pobres de espirito. Tinha já o passaporte para lá.

O sr. Garrett, com o seu gosto apurado e alto engenho, deu de mão a estas molas enferrujadas, cansadas de todo, viu que a melancholia resignada, a uncção religiosa, não sei de que suave e triste, que chega logo dentro a quando lê uns trechos do melhor prosador portuguez, deviam de revelar, transparecer algum reflexo das agonias occultas d'aquelle coração robusto, d'aquella alma inteira que se não abalou com o furacão repentino do temporal; que o affrontou de pé, fugindo nos braços da religião á maior, á mais acerba dor de quantas cortam chagas vivas dentro do peito.

Esta resignação quasi sobrehumana com que se consummou o sacrificio, com que o coração curtiu, sem estallar alli, as maiores angustias, os espantosos tratos moraes que á cada hora crescem e o dilaceram, podia parecer desmaiado sublime no theatro, se a não precedesse um painel, onde se pintassem ao natural as feições historicas d'aquelle nobre caracter; se o poeta não adivinhasse esta duvida, e lhe não respondesse com a maior acção que viram aquelles tempos de lodosa e torpe covardia civica.

Representar o generoso e severo Manuel de Sousa Coutinho, erguendo-se recto e firme no meio de tanto arbusto inficizado que levantara a copa ousadamente, e se vergava agora servil ao sópro lisonjeiro do Escorial; mostrar-o a pegar á sua custa a divida honrada de um reino inteiro, com a maior lição que nunca um homem só dera a uma terra, e a uma gente degenerada, a estrangeiros e a estrangeirados ainda piores cem vezes; pôl-o deante do mando absoluto dos governadores, a resistir-lhe, ao passo que o celebre defensor de Diu, D. João Mascarenhas, com os pés dentro da cova, estendia a mão para aceitar o preço da infamia por que vendera Portugal a Castella; e fechar o quadro com aquellas palavras tam portuguezas, tam verdadeiras, no meio do incendio; largar-lhe de corrido as tristes presentimentos de D. Magdalena deante do retrato a arder; aquelles sustos e agoiros tam proprios de mulher que se teme, sem poder dizer de quê, tudo falado em dialogo singelo, natural, sem poesia de emprestimo nas palavras, sem as imagens altisonantes que so apparecem para esconder a pobreza lyrica das situações, do pensamento e do fundo do drama; tudo isto prova que o auctor, e já o tem mostrado assás, conhece profundamente os mysterios do coração humano, das contradicções perennes dos affectos; — e vê de muito alto as combinações mais subimes da arte, encarnal-as na natureza, olhal-as á luz da epoca, e correr-lhe um pincel facil, delicado e gracioso como o do Correggio, que deita, a fugir, os troques magicos, quasi sem ostentar que os sabe. E' possuir, até nos relievos me-

nos apparentes, nos que só aaventuram com felicidade grandes engenhos, a verdadeira perfeição, que não faz gala do primor, dos esmeros embelezados de correção miope, que não são, nunca podem ser de mestre.

Na desgraçadíssima batalha de Alcaer Kibir, em que os arcaes d'Africa beberam o sangue da flor da nossa nobreza, cahiu tambem D. João de Portugal, primeiro marido de D. Magdalena de Vilhena: as diligencias e indagações, que sua esposa arriscou, por aduare de moiros, por bazares de escravaria, para descobrir se acaso gemia captivo e perdido entre tantos e nobilissimos cavalleiros que se disfarçaram por não accrescentar o resgate, provaram claramente que o alfange dos filhos do Islam cortára, com o cetro real, um dos mais robustos guerreiros que o defendiam, n'este duello entre duas creanças,—entre a velha Europa e a soberba Africa!—O cadaver de D. João lá ficara a par do rei, como penhor da victoria, exposto ao sol abrazador dos sertões. Pelo menos todos o acreditaram: já não era crime o amor ardente que D. Magdalena tinha a Manuel de Sousa Coutinho, amor sumido dentro da alma, calado sempre, e que então, só então, se revelou: casaram, e nunca, por largos annos, um vislumbre de suspeita lhes envenenou as alegrias d'este viver tam innocente e socegado.

A volta de D. João ao reino, e a separação dos dois esposos, sendo, como é, um lance essencialmente tragico, não basta só por si para dar um drama: enteerce-lhe lvores extranhos, correr-lhe tres passes de espada preta, especie de embrocata ou punto-riverso, com que os modernos Vicentios Saviolas da esgrima theatral cortam as difficuldades, deitar-lhe por cima uns enredinhos á Lope da Vega, era estragar o assumpto e crear uma pessima obra. O sr. Garrett apartou-se sem cerimonia dos sans-culotes do romantismo tonto, e dos estalermos classicos, que para tudo têm promptas as suas doses hemepathicas; voltou-se para a simplicidade da tragedia grega. Sem beaterio e com as situações moaes, com os santos allectos, com a virtude singela, e limpa de arrebiques, alcançou o maior triumpho.—O terror e a compaixão, a lyrica mais profunda, os grandes lances das paixões reaes da existencia, repassaram-se-lhe debaixo dos dedos de um ár, de uma cõr, de um natural tam portuguez, tam verdadeiro e tam do coração, que n'aquelle auditorio escolhido, aonde leu a sua peça, nem um rumor nem um lançar de olhos se percebia. A tragedia moderna, á vista do seu *Fr. Luiz de Sousa*, já ninguém dirá que é impossivel: achou-a, é sua. Schlegel, Antonio Allegri. Schiller, e ultimamente um poeta francez de fama, já tinham demonstrado que se podia fazer: mas, não se estranhe á conta de vangloria o que os entendidos sabem que é justiça rigorosa, aquelles escriptores parece que se dão mais á imitação das fórmãs, do que a sondar, com o prumo da boa critica, o fundo da poesia grega: o nosso poeta entendeu-a e soube transplantal-a. Os presentimentos, os agoiros, a tradição e as glorias nacionaes, que aproveitou com tanto primor, dão nos um retrato mais fiel do sentido da arte antiga do que a copia mais ou menos livre do seu theatro na parte plastica. Foi por isso que, tomando para primeira luz do quadro não a separa-

ção dos dois esposos pela volta de D. João, mas as consequencias que d'ahi resultavam a uma filha unica, criada entre tanta meiguice, e tam estremeçia de ambos, suppriu, com o interesse d'esta situação sublime, a falta de acção do facto principal. Disseram ahi que era meio velho, usado já no theatro grego! Desde que ha mundo, ha amor de pae; mas a expressão, as circumstancias, o nó que este desaperta, é o mais perfeito, mais original, mais profundo que até agora nos apresentou o theatro.

Aquella filha, pura rosa virginal ainda em botão, traz já no seio a morte: vae murchando a pouco e pouco nos braços da mãe, deante dos olhos do pae; e não o percebe a innocente: a febre devora-a lentamente: cada dia desprende uma folha, e adeanta um passo tremendo para o tumulo. Aos treze annos, em que a vida se desata tão florida de esperanças, em que se alarga descuidada por futuros doirados ella vê a campã a vacillar erguida, ao despedir da estação das flores; mais esta flor irá dormir com as outras no frio berço da morte. E todavia nem o suspeita: como acontece na tysica tem uma fé viva de que não padece, adivinha coisas que espantam na sua idade, solta uma ligeira ironia de criança, um riso que despedaça, um talento, um acêrto, uma agudeza que é como o ultimo lampejar da lampada quasi extincta. N'este caracter tão novo e difficil, o sr. Garrett copiou a natureza, estudou, sentiu profundamente esta contradicção que punge, que dilacera; a vida quasi apagada que se abraça com o mundo e não descobre o sepulchro que a chama.—O contraste é mais lyrico, mais melancholico e commove mais do que as tristezas e os suspiros do que se despede da terra, porque já antevê a morte.

E sobre a dôr dos paes, que a vêem caminhar para lá, a realidade, que se levanta entre elles para arremessar do meio da existencia amena que levavam, para a solidão do claustro, aquella separação, aquelle ferrete de infamia que a sociedade vae pôr na fronte candida da filha dos seus amores! São as scenas mais tragicas que conhecemos, as do III acto do sr. Garrett, em que o pae tam estremoso sente uma alegria horrenda ao contar os instantes que medeiaram entre o cahir da ultima folha do lyrio, e a hora em que tem de se consumir o seu suicidio moral: aquella hesitação, aquella luta cruelissima, que remata na capella com o ultimo suspiro do anjo que vóou para o regaço dos outros anjos.

Que nos digam se ha lances mais sublimes do que este padecer de horas, que comprehende todos os supplicios possiveis; exemplo maior de resignação, poesia mais intima do que as ultimas palavras que fecham o drama, sabidas da alma deante do cadaver da filha e ao pé da triste mãe! Todo este acto é o maior esforço dramatico de que temos noticias. Os affectos, os contrastes, a scena de Telmo Paes com o Peregrino, o equivoco d'este ao ouvir as vozes de D. Magdalena, as esperanças e apêgo que ella tem a seu esposo; a força de animo de Manuel de Sousa, são bellezas que rara vez sãem tam perfeitas da mesma mão. A ultima scena que resume o drama, que o moralisa, a scena em que a victima vem morrer de vergonha e de dor, não se imita nem se pinta; escreve-se só uma vez.

L. A. REBELLO DA SILVA.



## A SOBRINHA DO MARQUEZ

Esta lucta continua em que anda a humanidade — e a que parece não haver termo na duração dos seculos — varia comtudo de objecto e de contendores segundo as epochas.

Nossos paes e avós travaram a guerra da classe-média com a aristocracia, e tiveram os reis de sua parte. Durava inda a peleja aqui ou alli, quando viémos ao mundo quasi todos os que hoje vivemos: assistimos portanto á victoria dos burguezes; e vimos a monarchia, sua auxiliar e protectora assustada e vacillante no campo da batalha, tremer de seu proprio triumpho, porque se viu e sentiu na dependencia dos mesmos a quem tinha ajudado a vencer.

Elles, com effeito, tiraram para si o forte dos despojos, e pouco deixaram — ou pouco tempo o deixaram — á corôa. Fizeram mais: substituíram-se aos vencidos em quanto poderam, que foi em tudo, menos no respeito popular, porque o povo, que se inclinava ao 'coronel' dos duques e dos marquezes feudaes, que olhava com veneração para os arminhos e cottas d'armas das familias historicas, nunca tomou a sério os brazões dos novos condes, e ria ás gargalhadas da economica pelle de gato branco que o poupado burguez punha aos seus hombros de villão para arremedar a nobreza antiga, e se vestir baratinho de gran'senhior.

Certare pares!

Ainda combatiam para ser pares dos outros, mas já era só n'isto.

Não falo dos abusos, dos erros, dos crimes de ninguém, de nenhuma classe: digo o que foi e o que é, mais nada.

E como estamos em pontos de comedias, menciono o que é mais saliente no ridiculo da epocha.

A classe-média, vencedora, foi para as suas delicias de Capua, e amolleceu n'ellas. Hoje quer defender o que ganhou, e a monarchia com quem o ganhou — e cujas formas lh'o mantem — dos novos contendores

que lhe surgiram, e com que não contava em sua orgulhosa cegueira de *parvenu*.

Hade-lhe custar: não tem no solo, não tem nas crenças, não tem no material nem no moral do paiz, força nenhuma que se pareça com a que tinham seus antigos contrarios, que tantos annos combateu, que hoje quer em vão fazer seus alliados, seus pares.

Podiam ter creado outra ordem de coisas, podiam ter-se organizado. Talvez! Não sei. Mas sei que o não fizeram, e que tudo o que n'esse sentido tentaram, foi absurdo, foi inconsequente, e o que mais importa aqui agora — porque é da provincia da arte — ridiculo.

Ridiculo, tam ridiculo que dava assumpto a novo *Bourgeois-gentilhomme*. E' uma comedia que está por fazer.

A que eu fiz nem pertence a este genero nem a esta epocha: é de duas ou tres gerações mais atraz, é do tempo da outra lucta.

A' frente d'essa, esteve e tre nós o marquez de Pombal. E' o:ioso mencionar que teve por contrarios os Jesuitas e a alta nobreza; mas é muito necessario recordar que, para os combater, suscitou, se não creou elle, a classe média; que a separou do povo; que a arregimentou sob o commando da corôa; que reinou com ambas, dominando uma e outra, erguendo-as e contendo-as com a mesma mão.

Aniquilar de todo a aristocracia, ou deixar triumphar completamente a burguezia — que fôra o mesmo — era abdicar nas suas mãos; e o ministro d'el-rei D. José tudo queria, menos abdicar.

Tal foi o pensamento e tal foi a epocha do marquez de Pombal.

Para fazer bem sentir tudo isto, colloquei o meu drama nos ultimos dias, nas derradeiras horas d'aquelle celebre reinado. Os antigos dominadores proscriptos, os nobres, os Jesuitas, levantam a cabeça com a primeira agonia d'el-rei, mas ainda a levantam a medo. Apesar da elevação que lhe deve, que sabe dever-lhe a elle, a classe-média te-

me o marquez de Pombal, não o ama, e de testa a disciplina e subordinação em que a tem,— embora seja para sua vantagem d'ella; aborrece-a, incommoda-a como uns sapatos novos á recruta nos primeiros dias de marcha.

Demais, reagem os antigos habitos da clientella aristocratica e da submissão jesuitica. Em todo o modo de ser social, quedou longamente, ha vantagens por força: e quando elle se destroe, lembram mais essas do que os inconvenientes. Saudades do bem que se teve, duram mais do que o aborrecimento dos males que o acompanhavam. Embora fosse muito maior o mal, que o bem. Fez-nos assim a natureza.

Este era o estado dos animos de Portugal ao expirar D. José I, e ao sentir-se cahir do poder o seu grande ministro. Pareceu-me que esse dia supremo devia, melhor que nenhum outro, pôr em evidencia as paixões, os interesses, as acções e reacções todas de uma epoca tam memoravel.

Estou certo que as figuras, as roupas, o desenho e o colorido todo do meu quadro, são de exactissima verdade. Só e apenas nas attitudes da arte, e menos por usar d'ellas, do que por evitar personalidades desagradaveis aos netos que ainda vivem, se lhes representassem individualmente os avós.

Assim, tirado o marquez de Pombal—typo de si mesmo, e que sómente por si, podia ser representado—todos os outros personagens são typicos; e cada um d'elles figura, não um individuo que existisse, mas uma classe de que é representante.

No padre Ignacio, claro é que se personalisam os proscriptos Jesuitas, movendo surdamente e por todos os meios, sua implacavel vingança; em D. Luiz a antiga fidalguia descahida; na familia do mercador da rua Augusta a burguezia vacillante, incerta ainda do presente, com terrores e saudades do passado.

Agora nos dois caixeiros de Manuel Simões baluciam as primeiras aspirações do povo que ainda não entra em nada, que assiste á contenda das duas classes superiores sem poder nem saber decidir bem ainda nem as suas proprias sympathias, que ora tendem a uma, ora a outra.

Mas, vença uma, ou vença a outra, o que ha para elle na victoria?

Quando o poder muda, seja para quem fôr, applaude, porque o instincto lhe diz que n'essas mudanças descansará elle.

Dei-lhe dois caixeiros ao Manuel Simões, um do norte, outro do sul do reino, porque, além de ser essa a verdade material dos factos e dos costumes, a verdade topographica, para assim dizer, do bairro commercial de Lisboa—tambem se caracterizam assim melhor as tendencias e instinctos, não tam claras como hoje, mas já então visiveis, das duas principaes divisões do povo portuguez.

Se alguem queria vêr outra coisa n'uma comedia do tempo do marquez de Pombal, esse alguem, perdôe-me a sua ausencia, é tolo; e tanto sabe o que é o Portugal em que vive, como aquelle em que viveu seu pae e seu avô.

Lisboa, Abril de 1848.

# A SOBRINHA DO MARQUEZ

Comedia representada, a primeira vez, em Lisboa, no theatro de Dona Maria Segunda em 4 de abril de MDCCLXVIII.

Pessoas: Marquez de Pombal.—Padre Ignacio.—D. Luiz de Tavora.—Manuel Simões.—Tia Monica — D. Marianna de Mello.—Zephirino.—Zé Braga.—Secretario do Marquez.—Povo.  
Dragões do Marquez, caleceiros, gallegos. Logar da scena—Lisboa.

## ACTO PRIMEIRO

*Sala, meia escriptorio, meia armazem; mobilia dos meados do seculo dezoito. Rumo de fofendas a um lado, carteira alta de escrever, com seu mocho. Portos ao lado e no fundo.*

### SCENA I

SIMÕES, MONICA, ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA

Simões (*Sentado á carteira, chapéo na cabeça.*)—Está bom, tia Monica, está bom. Vá cuidar no mais. Minha sobrinha pôde chegar de um instante para outro; é uma menina delicada, que vem do convento costumada a todo o melindre, não quero que estranhe.

Monica (*A parte.*)—Sobrinha, sobrinha!... Será. E muito me dá que fazer a tal sobrinha! (*Alto.*) Pois então lá vou. Elle está tudo prompto, mas emfim...

Simões—Vá, vá.

### SCENA II

SIMÕES, ZÉ-BRAGA, ZEPHIRINO

Simões (*Distrahido, á parte.*)—A sobrinha do marquez em minha casa, e vir aqui passar por minha sobrinha!... E tál-a eu em casa, ter de a tratar deante de gente como tall Grande honra, Manuel Simões, grande honra!... mas... E o padre-Ignacio sem vir! Não sei como me heide sahir d'esta embrulhada. (*Levanta-se, vem ao meio da scena, e repara em Zephirino e Zé-Braga.*) Esses droguetes para baixo... Dez peças na prateleira da esquerda, uma peça no banco da amostra á porta. Entendem? (*Outra vez distrahido.*) Que eu sou pelo marquez... Quem não hade ser por elle? E' meu compadre... e tam pouco lhe devo eu!... Mas aquellas gritos em Belem... aquellas crueldades... aquella pobre marquez de Tavora... (*Reparando nos caixeiros que fazem o que lhes mandou.*) Não lhes esqueça de regarem o passeio adeante da porta. (*Falando comsigo.*) E o duque... Oh! aquillo foi por demais. (*Torna a reparar nos caixeiros.*) Sacode essas capas, rapaz: hade estar bonito aquelle panno encarnado se vocês o deixam assim... (*Comsigo.*) E' verdade: mas tambem quem lhes mandou atirar aquelles tiros?... ( *Aos caixeiros.*) Não sacudas assim, bruto, que tiras a flor ao panno. Ai, que te mando outra vez para Villa-nova-de-Famalicão para andar atraz dos bois, gallego!...

Zé Braga.—Num sou gallego, só patrão, nem sou lá de Famalicão, sou de Vraga nado e criado: canté o tio avade vem n'o save.

Simões—Sejas tu de Vraga ou de Voiças, cala-te, que não estou para te aturar. (*Comsigo.*) Mas quem sabe se foram elles por fim? e fosse como fosse, fosse quem fosse que desse aquelles tiros, nunca eram as pobres senhoras que pucharam o gatilho. (*Para os caixeiros.*) Agora tu, hein! meu alfacinha não sei de quê? Isso! endireita o pescocinho e rica o topete, em vez de ires medir aquelle baetão que já veio ha dois dias, e nada! Não sei como não trazes polvilhos, meu papa... pa... paparroto. Ai que eu!... Um brutamontes, outro peralvilho: um minhoto cerrado, outro deslavado alfacinha! estava aviado eu se não fosse o Sr. Luiz (*A parte.*) Pobre D. Luiz, quem te diria! (*Alto.*) Quê do Sr. Luiz, madraços? Ainda está no seu quarto?

Zephirino—Nós é que semos os madraços, sim senhor... São oito horas, e o Sr. Luiz ainda está no seu quarto... mas para nós é que andem serem os... Aqui vem o Sr. Luiz. (*Olhando ao bastidor.*) Simões—Calem-m'a a bocca! Xô d'aqui ambos! Para a logea, olhar pelos freguezes; e fechem-me essa porta. (*Vão a sahir os caixeiros.*) Oh! e oiçam cá: (*Voltam os caixeiros.*) Em vindo o padre-Ignacio...

Zephirino (*Rosnando.*)—O padre-Ignacio é um famoso jesuita!

Simões—Que rosnas tu lá?

Zephirino—Nada: é que ouvi por modo de uma caruagem... Se fosse o Sr. marquez...

Simões—Papalvalhão mettido a esperto! como te lembraste do marquez a estas horas?... Sete horas... sete e meia, o muito.

Zephirino—Que elle não esteve aqui hontem ás oito! E mais a carreira que deu o Sr. Luiz mal que o avistou?

Zé-Braga—An que lh'o dêmo corresse atraz, num podia correr mais! Deu-m'um pincho para traz do valcão e foi-se metter na locha de traz...

### SCENA III

SIMÕES, ZEPHERINO, ZÉ-BRAGA; LUIZ  
(*parando a porta do quarto*)

Zé-Braga (*continuando sem ver Luiz*)—Que é isso, que l'eu dixei, sor Luiz? qu'o nosso marquez que num mette medo senão ós xesuitas. Bocencê é cá dos que elle faz festa, da sua chente...

Simões (*que viu Luiz, tira o chapéo com disfarce*)—Cala a bôcca Boiças, e marcha já para a logea.

Zephirino—Então em vindo o padre Ignacio?

Simões—Que entre logo para aqui. Vae-te.

Zephirino—Inda que esteja o Sr. marquez?

Simões—Quem te fala agora no marquez, babau d'alfacinha?

Zephirino—É que o padre Ignacio... já por ahi dizem pelo arruamento...

Simões—Dizem... dizem. (*Encolerisando-se*) O que é que dizem, tolo?

Zephirino—Que é um refinado...

Simões (*pegando no covado*)—Um refinado o quê?... Zephirino (*fugindo com o corpo*)—Não dizem nada, senhor; está bom.

Zé-Braga—Digem, sim: senhor, digem: eu cá num tenho medo, digo-lhe a verdade. Digem que é um xesuita disfarçado.

Simões (*contendo-se*)—E não dizem mais nada, marotos?

Zé-Braga—Oitros digem que é ai alma do padre Malagrida que ianda im penas. E mais que fagem grande aquella e pasmachão, os mercadores e capellistas todos, por ber o nosso patrão bindo a xer coma é, compadre do sor marquez...

Simões—Caixeirada!

Zephirino—E os patrões também, senhor, que por ahi falam bem n'isso. É que lh'o não dizem na sua cara... mas por traz, tomára eu que os ouvisse. Que se admiram como o marquez vem a sua casa, e se fia tanto no seu compadre... Que vosmecê é pelos fidalgos que foram a justicar.

Simões (*'A parte*)—E não se enganam de todo.

Luiz (*'A parte*)—A justicar, meu Deus!... a assassinar. Chamam áquillo justicar!

Zé-Braga—Que num acredita qu'os xesuitas tibessem patto c'o demo...

Zephirino—Que está que santo Ignacio foi santo de-veras...

Zé-Braga—Que fez uma nobena, mai'l'a tia Monica, muito em xegredo...

Zephirino—A quella imagem do santo...

Zé-Braga—Que é de prata moxixa...

Zephirino—(Que tem escondida no seu oratorio ao pé da cama.

Simões—i ollos!

Luiz—Impios, servís!

Zephirino (*vendo Luiz*)—Ah! ahí está o Sr. Luiz. Elle que diga. Mas é que também deante d'elle não talam, não sei porquê... E olhe, Sr. patrão... Mas é que vosmecê... (*Apontando para o covado*.)

Simões (*retorcendo o covado na mão com impaciencia*)—Dize, dize. (*Para Luiz*) Muito bons dias, senhor... Muito bons dias, Luiz! (*Para Zephirino*) Andá tu, fala... Já agora quero saber tudo o que dizem.

Zephirino—E o covado?

Simões—Não te vae o covado, alfacinha reles. (*Atira o covado*) Dize o que quizeres, tudo o que ouviste...

Zephirino (*abaixando a voz*)—Pois dizem que a sua fazenda, toda a sua riqueza que vosmecê diz que deve á protecção do marquez... e as suas fabricas, e tudo tal não é seu, nem lhe veiu d'ahi: que tudo lhe vem pelo padre Ignacio, e que era dinheiro que ficou escondido nas profundezas do Collegio novo, á Cotovia—E que hoje querem chamar dos Nobres—E que o dinheiro que é dos Jesuitas, e que a principal parte dos lucros que vae para Roma; que vosmecê que acceita mais lettras de Genova e Lione do que o seu trato pede com aquellas terras... Que assim o disse o outro dia no meio da praça, deante de muita gente, o Sr. José Gramicho.

Simões—Bisbilhoteiros!

Luiz (*ao ouvido de Simões*)—Meu Simões, sou eu que te deito a perder.

Simões (*do mesmo modo*)—Cale-se, senhor!

Zephirino—E o que todos scismam mais, em tudo isto é a amizade do marquez com vosmecê, e o que lhe elle quer, e as visitas que lhe faz, e o que elle enche a bôcca, sendo tamanho fidalgo...

Luiz (*'A parte*)—Fidalgo! onde nós chegamos!

Zephirino (*Olhando para Luiz*)—Pois sendo tamanho fidalgo, o que enche a bôcca com o seu compadre Simões! É mais que, estando lá pelo Brasil o afilhado de quem nós eramos compadres—o seu filho de vosmecê—ficasse sempre a mesma amizade.

Simões—Invejosos!

Zephirino—Mas que, se o marquez souber—e que o hade vir a saber, mais ôia, menos dia—que vosmecê que fez, inda o outro dia a titulo de ser por alma de sua mulher, mas, mas que não era—que fez um officio de defuntos em San' José-de-Ribamar por alma e tenção do duque de Aveiro que já não é duque...

Simões—Não, coitado! que lhe ficou o ducado no patibulo...

Zephirino—E mais por aquella bruxa da marquezada de Tavora que tinha enfeitado a el-rei...

Luiz—Villões ruins! atrevida canalha! quem lhe deu a confiança de pôr sua nojenta bôcca em minha... em minha madrinha?

Zé-Braga—Sim, sim! Mais cá o sor Luiz que tal sóvrinho num é de bossencê que lhe biesse da terra, mais que é...

Luiz—Quem sou eu, miseravel, para me conheceres tu ou elles?

Zephirino—Ah! ve, ve? Mesmo esse ár, que é o que elles dizem; que é um dos mortos que não ficou hem morto em Belem, e que o patrão que o trouxe para casa de noite ás escondidas; e que lhe deu vida o padre Ignacio outra vez por suas malajartas de jesuita... Deus lhe perdoe!

Simões (*compondo-se e affectando seriedade*)—E não dizem mais nada?

Zephirino—Dizem, sim senhor. Que em o marquez vindo a saber tudo isto, um dia, quando menos se espere, desaparece d'aqui da rua Augusta a famosa logea de pannos, baetas e bactões de Manuel Simões e Companhia; e elle e a sua firma e os seus pobres caixeiros... E que, se ficar a tia Monica para contar do terremoto...

Simões (*benzendo-se*)—Como tu falas em terremotos, bruto!

Zé-Braga—É a tia Monica: a tia Monica é que está sempre a falar n'isso: e a contar das tôres da Sé que dansavam; e a casa alli de Santo Antonio que avriu como uma balancia pela xêsta...

Simões—Cala te, e faz o signal da Cruz, bratinho, quando falares n'esses terrores de Deus. O senhor Jesus seja commosco. Sanctus Deus! Sanctus foris! Minha pobre mulher!... (*Põe as mãos na cara e vae encostar-se á carteira*.)

Zé-Braga—Quem? cá a sôra patroa que ficou mesmo esmagada deaixo da casa... a comm'assim, com'á?

Luiz—Não fales n'isso, José; não vês como affliges o patrão?

Zé-Braga—A tia Monica é que conta assim com'á ella ficou... Stá vom, stá vom: xá me calo.

Zephirino—Coitado do patrão! em lhe lembrando o terremoto, tudo o mais lhe passa. Vamos para a logea, Zé Braga. Ajuda a estes fardos, Sr. Luiz, olhe que é verdade o que a gente disse. Não se fala n'outra coisa por ahi; o patrão que se acautelle, e vosmecê também. O marquez é bom cá para nós do povo, dizem... que eu sempre duvido: os tantos esquarterjados do Porto bem do povo eram. Mas chco! Seja elle por uns ou seja por outros, todos lhe têm muito medo.

Luiz—Medo!

Zephirino—Medo, medo: podéra não! Não que elle, sem mais tir-te nem guar-te, nem juiz nem letrado, nem procurador que te valha, agarrar-me'n um homem, enforca-m'o, entapa-m'o esquartera-m'o... E se depois pelos autos se vê que era innocente...

Luiz—Trancam-se os autos.

Zephirino—Oh! mas não tira que não seja um grande Marquez, e que faz muito pela nação.

Luiz (*A parte.*)—A sangue tudo, a ferro nos quer emendar! com o algoz por mestre, e a violencia por ensino! (*Alto.*) Sim, meu amigo, sim, o Marquez não é tam máo como nós o fazemos. Deixame-te ajudar. (*Lança mão a um fardo.*)

Zê-Braga—Ajudar! Ora isto! com esses braxinhos de loub-a-deus... Olhe os seus punhos de renda não se rasguem. (*Tira-lhe o fardo, e com a ajuda de Zephirino, o deita para as costas.*) Vá lá, homem, upa!

## SCENA IV

### SIMÕES, LUIZ

Luiz (*Chegando-se a Simões que ainda est. na mesma attitude.*)—Meu Simões, meu amigo, meu verdadeiro amigo!...

Simões (*Levantando-se e tomando uma attitude respeitosa.*)—Meu amo, Sr. D. Luiz, perdõe V. Ex.<sup>a</sup>...

Luiz—A que vêm essas excellencias, homem? Cuidas que eu preciso d'isso ou que posso com isso? —Aqui sou teu sobrinho e teu caixeiro. As outras honras e titulos estão enterrados acolá nos fortes da Junqueira. Esses tristes pergaminhos que não deliu tanto sangue... lá estão a apodrecer no lodo, n'agua encharcada d'aquelles subterraneos. E eu, eu aqui ha dois annos em tua casa para quê? Pondo em risco a tua vida, fazendo-te passar os dias na anciedade, as noites no terror; porquê? meu velho Simões, e para quê? —Para vêr se acudo a meu pae, se lhe valho... E ha dois annos que voltei de Inglaterra, que aqui estou a empecer-te e a dar-te cuidados e trabalhos... e ainda não pude nem saber se meu pae era vivo ou morto!...

Simões—Hoje, meu senhor, hoje é o dia grande, a noite de alegria que hade pagar tantos sustos e trabalhos.

Luiz—Hoje!... Ha quantos mezes me dizes tu hoje todos os dias? E passa-se hoje, ámanha e outro dia e outro dia... semanas, mezes, annos... e não sei se meu pobre pae já expiou com a morte o abominavel crime de lhe correr nas veias o proscripto sangue dos Tavoras... Viver meu pae? não pôde ser... ha quinze annos! E' impossivel. Quinze annos n'aquella horrorosa prisão! E' uma esperanza van, uma crânciça minha. Mas porque m'o não hade dizer este perseguidor da minha familia, este verdugo de quanto havia nobre e independente n'esta terra que ha tantos annos tyranniza? Hontem á noite, diz-me: — hontem á noite que elle aqui esteve contigo mais... Oh! foi mais de tres horas... perguntaste-lhe por meu pae! Deu-te alguma resposta?

Simões—Perguntei, meu senhor: e a resposta foi a do costume.

Luiz—Qual? a infâmia do casamento?

Simões—Sempre o mesmo.—«Não sei; se quer casar, verá seu pae; senão não. Sei que tu tens escondido esse filho do meu inimigo; sei que voltou de Inglaterra, sei por onde veio, que desembarcou «em Galliza, no Ferrol, em trajos de mercador, no dia... tal, a tantas horas.» Sabe tudo o maldito do homem! «Que atravessou a fronteira com passaporte que lhe arranjou o consul inglez; que esteve no Porto de noite a... tantas horas.» Sempre a data, a hora, com o relógio e a folhinha na mão!... «Que passou pela Cordoaria, e que, ao vêr certo «spectaculo, certas penduras que ainda lá estavam

«pelas arvores, fechou o punho e exclamou: *Ah tyrannol*... E o tyranno sou eu... porque fiz «castigar aquelles republicanos tripeiros que me «queriam ensinar como se faz o negocio dos vi-nhos, e que el rei meu senhor...» tirando o chapéo: tira sempre o chapéo em falando d'el-rei.

Luiz—A si se corteja, o hypocrita; porque el-rei bem sabe elle que não é nada.

Simões—«Eu sei tudo» continuou elle «sei tudo, «compadre Simões; e por amor de ti finjo que não «sei. E o rapaz é bello rapaz, é instruido: appren-deu muito nas suas viagens. A mim m'o deve: «não sahia d'aqui do canto do mundo esta gente «se os eu não fugistasse...»

Luiz—Malvado!

Simões—Será, sim senhor; mas lá isso, faz-lhe justiça a V. Ex.<sup>a</sup> Ainda foi mais o que elle disse hontem, muito mais: eu estava pasmado. «Tem real-mente muito merecimento o teu protegido, Si-mões» Suas proprias palavras: «Não so peja de «sêr industriosos; com o pouco que lhe escapou do «sequestro, sei que tem negociado, que é teu so-cio...» Fiquei a tremer quando tal ouvi. Elle: «Não tenhas medo, tolo: é um serviço que fizeste «a el-rei meu senhor» barretada «a ao Estado. Es-se dinheiro de fidalgos ia-se em toiros e cavallos: «confiscaste tu, para a industria e civilização do «reino, o que escapou ao fisco real. Tanto melhor! «por um ganhas cento, e mais elle. Não lhe quero «mal, ao contrario: o rapaz não tem as ideas de «aristocracia feudal d'estes ferrabraces que eu puz «a direito...»

Luiz—Infame!

Simões—«Que eu puz a direito,» dizia elle «com «sua dureza, é verdade: mas não havia outro re-medio. Porém o que lá vae, lá vae: o rapaz tem «juizo: estou prompto a ser seu amigo, que case «com minha sobrinha. Marianna é formosa, tem «espírito, e é um bom partido... leva-lhe emdote «a liberdade do pae, e a casa que lhe eu mando «alogo entregar...»

Luiz—Indigno! Antes a barra de ferro no peito, como...

Simões—E' verdade, é verdade: V. Ex.<sup>a</sup> tem muita razão. Mas... e seu pae?

Luiz—Meu pae, meu desgraçado pae! Oh!...

Simões—«Diga elle que sim» foram as ultimas, formaes palavras do Marquez—«diga elle que sim, fi-ques tu por seu fiador; e eu farei por elle e por «ti o que ainda se não fez por ninguém, desde que «eu... desde que el-rei meu senhor governa. Abrir-se-hão os calabojos da Junqueira, e verá seu «pae.» Eu tremendo com muito medo, mas sempre lhe disse: «Talvez para não tornar a sahir...» Elle muito irritado: «A minha palavra, Manuel Si-mões! Atreve-se a duvidar da minha palavra?»

Luiz—Atreve-se. Mas não importa: deixe-me elle entrar, e que eu abrace, ao menos uma vez ainda, o meu pobre pae!... Oh! mas o preço...

## SCENA V

### SIMÕES, LUIZ, PADRE-IGNACIO

Ignacio—O preço é de quem sabe o que vende, e o freguez que tem. A benção de Deus seja convosco, meus filhos. Luiz, D. Luiz, coitado! Atribulados nos vemos, meu filho... Ora paciencia, paciencia! Deus dará remedio.

Luiz—A meu pae, só se fôr no céo padre.

Ignacio—E mais na terra, e mais na terra. Ora pois —Seu pae está vivo, D. Luiz.

Luiz—Vivo!... Oh! padre, Deus lhe pague essa nova. Vivo, meu pae?—Mas como saber?... Não posso saber.

Simões—Sabe, sabe; se elle o affirma, é porque é

assim. (*A parte*) O que eu ainda ando para saber é qual dos dois adivinha mais cá nesta terra, se o marquez, se o padre Ignácio.

Ignácio—Que rosnaes vós lá, Simões?

Simões—Eu nada, padre. (*A parte*) Vêem o outro com os seus oiros e velludos, este com aquella loba velha e safada... a mim me melem se este o não enfia.

Ignácio—Simões?

Simões—Senhor.

Ignácio—Vós pensaveis, Simões, e...

Simões—Eul...

Ignácio—Vós, sim, Simões! (*Pausa*) Manuel Simões, vós fostes criado entre os padres; d'ahi, vós puz eu em casa do Sr... do pae de D. Luiz, Simões; e d'ahi, por meu respeito e da Companhia, vós fizestes gente. Ora a Companhia já lá vae, Simões... mas eu fiquei.

Simões (*trêzendo*)—Vossa paternidade...

Ignácio—Irmão Simões, de joelhos, e diga a culpa! (*Simões ajoelha com grande humildade*) Irmão Simões, eu sei o que passou por vossa fraca e chôcha cabeça, e o peccado contra Deus e a Companhia que vossa caridade commetteu agora por pen samentos. D'isso vós accusaes e pedis perdão a Santo Ignácio e aos seus padres?

Simões—Peço, meu padre, com toda a humildade do meu coração. Perdoae-me, que eu prometto...

Ignácio—Levante se, irmão.

Luiz (*i parte*).—Que obediencia, que espanto! Verdaderamente estes padres ou são inspirados ou possesos.

Ignácio—Está pasmado, D. Luiz! Bem sei o que pensa. Engana-se. Tudo isto é natural e simples.

Luiz—E porque o não faz ninguém mais?

Ignácio—Porque não estudam os homens, porque não cuidam de sua educação, porque de todo o sempre se tem pensado que os vinculos materiaes, sós, podiam ligar os homens. A Companhia de Jesus fez o contrario. A regeneração da especie operada sem crimes nem sangue, sem violencias, obrada só pela intelligencia, era o seu empenho... empenho já meio conseguido. Os reis tiveram medo de nós e do nosso systema. Seja proscripta a Companhia! carreguem-se-lhe mais crimes do que se carregaram aos Templarios. Sejam immoraes, corruptos, regicidas, sacrilegos... bruxos e lobis-homens se quizerem... Não falta quem crêa. Acabemos com elles antes que elles acabem e consigam que o mundo se povoe de homens. Seu poder é a intelligencia, e a intelligencia é a nossa inimiga grande. O fanatismo disse amen á tyrannia. A ignorancia tola applaudiu, e o mundo ficou para os hypocritas... Para os hypocritas da monarchia, e para os hypocritas da philosophia. Por quantos annos, marquez de Pombal? Esperem pelos recados de França que hão de chegar um dia cedo. A especie humana está a caminhar. A civilização, guiada e contida por nós, vinha lenta e suave. Quebraram-nos as mãos no cepo do algóz; ella ficou á solta: hade doudejar, que é moça... Lá fica o cepo do algóz, e o seu cutello também... Veremos contra quem se volta agora. A cruz de Jesus Christo era arvore de sciencia, era bandeira de progresso quando nós a tinhamos na mão... Agora formaram-se dois campos... e vós tostes haster a cruz nos arriaes da ignorancia... Lá estão os philosophos do outro lado. São poucos? Elles crescerão. O povo não os entende? Elle entenderá... E que não entenda, é preciso entender para ser proselyto? Veremos quem vos vale agora, veremos d'onde hade vir a paz ao mundo; veremos quem tem mão na Cruz de Christo pregada n'esse Calvario de ignorancia e de cubica.

Luiz—Este homem é anjo, ou?...

Ignácio—Ou demonio? queria dizer. Nem uma coisa nem outra D. Luiz. Sou um pobre clérigo velho, um triste proscripto da Companhia de Jesus, um d'esses homens tam calumniados porque tiveram a desgraça de preceder o seculo, porque sentiram o caminho que levava o mundo; porque viram a especie humana atormentada do desejo de melhorar, da ancia das reformas, e conceberam o louco projecto de a salvar das violentas crises que a esperam. Tentaram—e a tentativa era bella!—regenerar a obra da criação sem a precipitar primeiro no cahos. O nosso empenho foi calumniado, foi proscripto: outro systema prevaleceu. Alguma geração futura o bemsdir talvez; mas duas ou tres hão de ser victimas antes... e os paes e avós têm de comprar, a peso de lagrimas e sangue, essas fortunas—bem duvidosas! dos filhos de seus netos cujos paes estão ainda por nascer. (*Pausa*) Pois bem! os Jesuitas são os inimigos do altar e do throno... Lá está a *Dedução chronologica* que o diz... E o seu auctor nas pedras d'Angochê!... Pagaram-lhe bem... como costumam. Emfim, vamos: depois de perdida a batalha, cuidar dos feridos e resgatar os prisioneiros! D. Luiz, seu pae está vivo, sei-o eu, alirro-m'ho eu. Podemos salvá-o, e é preciso fazê-lo.

Luiz—Como, padre? Diga o quê, que estou prompto. Esse resto de fazenda, a minha vida que seja preciso sacrificar... Meu querido pae, meu desgraçado pae! se o torno a vêr!...

Ignácio—Nada d'isso: nem vida nem cadebas aproveitam aqui. Precisamos de sacrificio maior.

Luiz—Ha outro maior?... faz-se.

Ignácio—Maior... é... é... E' para quem, como o geral dos homens, arreda os olhos da grandeza dos fins, para se occupar das pequenezas dos meios.

Luiz—Não o entendo, padre.

Ignácio—E' preciso aceitar esta proposta de casamento.

Luiz—Esta... proposta... de... casamento!

Ignácio—Da sobrinha do marquez.

Luiz—A sobrinha do!... Eul... com a sobrinha d'elle!... O filho de!... Luiz de!... o filho de meu pae com uma!... E é conselho do padre Ignácio, do amigo e director de todos os meus?... de um?...

Ignácio—De um Jesuita! acabe. Mas quem lhe diz que vá já solemnizar essa alliança?

Luiz—Alliança do lobo com o cordeiro!

Ignácio—E' verdade; mas quem lhe diz que a faça, que vá já?...

Luiz—Então não percebo. Pois como heide eu?...

Ignácio—Aceitar uma proposta de casamento não é já assignar as escripturas, não é caminhar logo para a igreja. D. Luiz, saiba o que pouca gente sabe hoje em Lisboa. A doença d'el-rei é mais grave do que se diz. Espalham que vae para Salva-terra... mas a sua mais proxima jornada hade ser a San' Vicente-de-Fóra

Simões (*aterrado e olhando para as portas*)—Estes meus caixeiros que são tam curiosos... se elles...

Ignácio—Não ouvem, Simões; não tenhas medo. (*A parte*) E que ouvissem, já não ha tempo de...

Luiz—E como quer o padre Ignácio que eu acceite, que dê a minha palavra para... para quê?... para faltar a ella?

Ignácio—Faltar! Não é faltar, é...

Luiz—Quebrá-la, ser um indigno, um villão-ruim!...

Meu padre, esse homem tirou-nos bens, titulos, grandeza, a liberdade, a vida. Uma só coisa nos deixou... uma coisa que elle mais que todas quizerá tirar nos, mas não chega lá o seu poder. A minha honra, quer que lhe vá eu entregar?

Ignácio—Não, D. Luiz; dê-lhe a vida de seu pae. De

seu pae que está agonizando... que, se hoje o não tirarem dos calaboiços da Junqueira, alli morrerá ao desamparo... sem uma voz de amigo que o conforte... sem uma mão que lhe aperte a mão que esfria... sem a piedade dos homens, sem o auxilio da egreja... sem um filho que lhe vá cerrar os olhos!...

**Luiz**—Padre, padre, não é isso tentação, não é isso forçar-me?... Não é d'isso que accusam a Companhia! Como se combinam com isto, oh meu Deus! as sublimes doutrinas, os generosos princípios que ainda agora escutei, que me arrebataram?...

**Ignacio**—Esperava a reconvenção, filho; e não me offende. Conselhos de Jesuita! E' o que quer dizer... moral de Jesuita! Estamos affeitos a ouvir isso todos os dias, a lê-lo em quanto mascarado folheto de papel pardo por ahi se imprime. Entre dois males forçados, necessários, inevitáveis, optar pelo menor é a nossa doutrina.

**Luiz**—E perder a honra, padre Ignacio?...

**Ignacio** (*sahindo*)—Não, filho honrado, perca seu pae.

**Luiz** (*correndo atraz d'elle*)—Padre, padre, por compaixão, padre Ignacio! tenha dó de mim... Meu pae, meu pae, meu pobre pae!—Simões que heide eu fazer? Vamos atraz d'elle, vamos... Não, vae tu, Simões, traze-o. Quem sabe! pôde ser... vejamos. Se se podesse achar algum meio? Meu pae agonizando... diz elle, elle que sabe tudo! Vae, Simões, vae, faz com que volte; traze-o por força se é preciso; mas que venha. Vae, vae tu. Oh! meu Deus!

**Simões**—Vou, vou, meu senhor... Mas se elle não quizer...

## SCENA VI

**Luiz** (*só*)—Não hade querer... não me hade acudir n'este apêrto? Será possível! Oh! e que lhe importa a elle, o Jesuita? Jesuita! Será pois verdade quanto dizem d'estes padres? E todas aquellas bellas e sublimes cousas que ha pouco lhe ouvi, não seriam senão?... Não quero, não posso, não devo crê-lo. Mas meu pae?... meu pae que morre por meu capricho! Capricho não é. Quereria elle, meu honrado pae, aceitar a vida por tal preço? Uma infamia! Meu Deus, meu Deus, que isto é endoucer... a minha honra, a da minha familia! É verdade, é... mas... Mas se... mas esta repugnancia que eu sinto para similhante casamento, não virá ella tambem de outro motivo que eu mal me atrevo a confessar a mim mesmo?... Oh! aquella visão celeste que me appareceu em Santa Joanna d'Aveiro... aquella imagem que aqui anda no meu coração, e que todas as dores, todos os cuidados, todas as desgraças da minha vida não têm podido apagar!... Apagar, só a morte!... mas nem diminuir-lhe a viveza!... Meu pae, meu pae! ai, este meu coração, que tenho medo de entrar n'elle...

## SCENA VII

### LUIZ, TIA-MONICA

**Monica** (*Falando consigo*)—Está tudo prompto; cama feita, quarto perfumado, os lençoes de esguilão com seus folhos... E' um palmito o quarto da senhora minha sobrinha que eu nunca vi... nem sabia que a tinha, que ainda é mais! Mas diz meu irmão que é; seja. Vamos, vamos, que aqui ha outro parentesco, seja elle qual for... (*Vendo Luiz*)—Oh, sr. Luiz! boas novas venham a mim: toca a alegrar-me esse rosto sempre triste, que se vae remocar esta casa. Até eu me sinto outra. Com gente môça me mate Deus, que para velha basto eu!

**Luiz**—Bons dias, tia Monica!

**Monica**—Tia Monica: diz bem. Hoje é que eu come-

ço a ser tia Monica devéras. E que festas que a rapaziada hade fazer á tia Monica!... Já se sabe porquê.

**Luiz**—Não a entendo. Muito alegre está hoje! (*A parte*) E. Simões sem voltar! Se iria devéras o padre e que não queira tornar? E' impossivel. (*Alto*) Pois olhe, tia Monica, estou hoje mais triste do que nunca.

**Monica**—Sabe que mais, Sr. Luiz? tome o meu conselho, e deixe-se de cuidados. Um rapaz da sua idade, com esse ar e sua figura...

**Luiz**—Tam rapaz sou eu! Ai tia!

**Monica**—Isso: faça-se velho: não lhe falta mais nada... Que vergonha, sempre triste, sempre melancholico! valha-o Deus! Divirta-se, gose da vida, olhe que a mocidade acaba cedo.

**Luiz**—Eu não tive mocidade, minha boa Monica; salte, do berço quasi, para os cuidados de homem feito: tem-se-me ido a vida a esperar e a soffrer... e estou quasi velho.

**Monica** (*Rindo*)—Não verão o velho! Ora não seja criança. Olhe: tenho um segredo que o não hade saber o boiças do Zé Braga nem o bonifrate do Zephirino... e ao senhor heide-lho dizer, que é um rapaz de juizo, e que me cahiu em graça pelo seu bom modo. (*A parte*) Parece um fidalgo o diacho do caixeiro, com aquelle ár de gente que tem... Deus me perdê!

**Luiz**—Ora venha lá o segredo, tia Monica. E é só para mim, este?

**Monica**—Só. E cuidado com o mano Simões, e mais o padre Ignacio... que se elles sabem que eu falei...

**Luiz**—O padre Ignacio! (*A parte*) Que será isto? (*Alto*) Diga, diga: bem sabe que fa'o pouco de meu natural.

**Monica** (*Com mysterio*)—E' uma rapariga linda e rica... e com um dote!...

**Luiz**—Uma rapariga?... quê... como?

**Monica**—Dezete e a dezoito annos... vá que sejam dezenovel... E que fossem vinte!... se ella é môça, se é formosa como um anjo: dizem elles todos?... Lá de cima, do Porto ou da Beira, d'essas terras lá de Traz-os Montes. Só moios de milho, parece que são mais de vinte. Quanto é vinte moios de milho, Sr. Luiz?

**Luiz** (*Aborrecido*)—E' uma figa, tia Monica: sabe o que é?

**Monica**—Essa palavra agora é que não foi sua!... o Sr. Luiz, que era o meu valido?

**Luiz**—Tem razão, tia Monica; perdê... Mas que... Se soubesse como eu estou hoje!—Ora vamos: o segredo então é?...?

**Monica**—Eu lho digo. Hontem á noite, era já muito tarde, ia-me eu deitar; tinha sahido n'aquelle instante o sr. marquez, que esteve cá com o mano até alta noite: chama-me elle do seu quarto, e diz: «Monica!»

**Luiz**—Quem, o marquez?

**Monica**—Ora, sr. Luiz!—Não senhor, o mano Simões: o marquez já se tinha ido. Vou-me eu ao quarto d'elle, e quem havia de eu lá achar?

**Luiz**—O marquez?

**Monica**—Não senhor: valha-me Deus! se o Marquez já se tinha ido... não lhe disse? Nada, não: sabe quem? o padre Ignacio muito agachadinho.

**Luiz**—O padre Ignacio! Então tinham estado todos tres juntos, em conferencia. O padre Ignacio com o marquez de Pombal!... Ah Jesuitas...

**Monica**—Sempre é muito bom rapaz, muito simples! Lá ia o padre Ignacio mostrar a sua carinha de frade da Companhia—que ficou tal qual como era, menos a roupetta, o mais é o mesmo!—o padre Ignacio ao marquez de Pombal! Essa faz-me rir. Mas olhe: (*Muito em segredo*) em o mano Simões estando no quarto, fechado com o

marquez, conte certo que está o padre-Ignacio por perto. Como elle o faz é que eu não sei. Mas é um bom padre. . . lá isso é. Elle confessor, elle tudo. Não, se todos eram como estel...

**Luiz** (*aparte*.) O caso começa a ser grave. (*Alto*.) Com quê então estava lá o padre-Ignacio?

**Monica**—Como lhe digo: com aquella sua carinha composta e risonha. E o mano triste... E diz-me o mano: «Monica, amanhã há de preparar o quarto grande que era de...» Era o da defuncta... de minha irmã... Nunca fala n'ella, o pobre do Simões, sem se lhe arrazarem aquelles olhos.— «A melhor roupa de casa, as commodas inglezas, as cadeiras de damasco azul, tudo o que houver mais fino em casa; que vem minha sobrinha, disse elle. — «Sobrinha» resmunguei eu cá commigo: d'onde vem e aonde estava esta sobrinha? Mas a elle não lhe disse nada, que lhe tenho um medo... O sr. Luiz bem sabe.—E sae de lá o meu padrinho Ignacio, todo sopinhas de mel, guardaste-me d'ellas; E' a Marianninha, bem sabe, aquella rapariga linda e rica que estava em Santa Joanna d'Aveiro; a tia Monica bem sabe.» Pois não sei! Nunca em tal ouvi falar.

**Luiz**—Em Santa Joanna.

**Monica**—«Santa-Joanna» disse eu «não pôde ser, pois se eu nunca...»—«Em Santa Joanna d'Aveiro, tornou-me o bom do padre; «a tia Monica bem sabe»—«Sei, sim senhor; pois não sei?» sei muito bem.—«E' a sobrinha cá do nosso Simões» disse elle mais «vem cá para casa! é preciso pô-la a moda, dar-lhe o ar da corte, e vêr se a casamos cedo.»

**Luiz** (*aparte*)—Que estranho mysterio ha em tudo isto!

**Monica**—O mano Simões encolheu os hombros, e com aquelle bello moço que Deus lhe deu quando falia commigo: «Vá, Monica, vá; amanhã quero tudo prompto. A' volta do meio dia chega minha sobrinha, e tudo hade estar feito. E Deus a livre, Monica, de que alguém n'esta casa sonhe... Sonhar só! entende? Vá-se deitar.» E eu vim... qual deitar-me! puz-me a lidar, andei com os bahus ás voltas, bati colchões, sacudi roupas... Eram nove horas, esta manhã, já o quarto estava prompto. Veiu vê-lo o padre-Ignacio em pessoa hoje, haverá uma hora...

**Luiz**—Uma hora!

**Monica**—Sim, não ha mais: esteve-o vendo muito bem, e disse-me: «A tia Monica é uma pessoa de primor.» Mesmo assim m'o disse.—«Está o quarto de uma condessa.» Eu andei á roda d'elle, a vêr se lhe pescava... se percebia... Mas o padre é fino! Só me disse dos vinte moios de milho e dos dezeseis, dezeseis annos. Que eu sempre lhe deito pelos vinte para me não enganar... —E então, não é um segredo de dizer a um amigo, hein? não se me alegre esse rosto com a noticia?

**Luiz**—E' um segredo, tia Monica, um verdadeiro segredo... e bem extraordinario!—E então seu irmão tinha essa sobrinha em Santa-Joanna d'Aveiro?

**Monica**—Diz elle que sim... E verdade seja, o mano Simões é lá d'essas bandas. Elle é certo que já cá estava ha muito em Lisboa quando casou com minha irmã... mas Deus sabe as sobrinhas e sobrinhos que por lá tinha deixado. Isso é certo... mas nunca lhe tinha ouvido falar em tal. Também porque não hade ser?

**Luiz**—Será, será. E porque não hade ser? diz bem.

## SCENA VIII

LUIZ, MONICA, ZÉ-BRAGA

**Zé Braga**—Tia Monica, tia Monica! uma liteira que parou á porta da casa, e pergunta se é acá que mora

o sôr Manuel Simões e Companhia. E eu dixê-le que sim, que era acá: que num estava em casa o sôr Manuel Simões, mas que estava a Companhia. E sahíu uma rissadinha de dentro da liteira, uma rissadinha fina e assucarada, e uma bósinha de seraphim que perguntou: «Qu'ê d'ella a Companhia?» —«Que sou eu minha senhora.»—«E' uma senhora que está dentro: xá percebeu, tia Monica? N'um percebeu? Ora se habia de perceber! Quem, a tia Monica que é mais final...» Mas baixê-l'eu. «Que sou eu, minha senhora, o Zé Braga, que assim me chamam por cá, e o Zephirino que ahi bem, e o sôr Luiz e a tia Monica que estão lá em cima «para serbir a bossinhoria.» Num respondi vem, tia Monica?

**Monica**—Para um boiças, não foi mal. —E' ella, senhor Luiz: vamos lá: o mano não está em casa...

**Zé Braga**—E beem duas, tres, quatro, num sei quantas vestas de carga—mullas híode ser, com tantos guissos... e fagem uma vultu! Estão os caigeiros todos ás portas pasmados a olhar, e toda a xente pelas xanellas... E tudo é chismarem quem será, d'onde birá? E ninguém save, nem xiquer eu! O Zephirino lá ficou, e eu bim dar-lhe parte... Mas espere, espere, querem ber que é ella? E ail-o o Zephirino; o que é que elle traz, o Zephirino?

## SCENA IX

**MARIANNA**, *em trajes de viagem*; ZEPHIRINO *com um regallo n'uma mão, um sacco de damasco na outra*; um CALECEIRO e GALLEGOS *com bahus, malas, etc.* MONICA, LUIZ, ZÉ BRAGA.

**Marianna**—Ai! que graça que elles têm! Esperavam um bicho, aposto eu. Estão pasmados de me vêr com cara de gente. Já vejo que me heide divertir muito em Lisboa. Então onde está este senhor meu tio Manuel Simões?... e Companhia, como elles dizem... (*Vendo Luiz*) Ah!...

**Luiz** (*Vendo Marianna*)—Ah!

**Marianna**—Aqui... Pois?... Não é esta a casa do senhor... (*Tira uma carta e repara na sobrescripto*) do senhor Manuel Simões e Companhia, rua Augusta á esquina de?...

**Luiz**—Esta, minha senhora, esta mesma... e eu que tenho a honra de ser seu... seu...

**Marianna**—Seu?...

**Luiz**—Seu principal caixeiro e guarda-livros.

**Marianna**—Seu principal caixeiro e guarda-livros? o senhor!... de Manuel Simões!... de meu tio Manuel Simões... mercador na rua Augusta?

**Luiz**—Sim, minha seuhora; e na sua ausencia prompto a receber as ordens da senhora sua sobrinha.

**Marianna**—E' verdade... é notavel.

**Zé Braga**—E aqui está tamvem o Zé Braga que xá tebe o gosto...

**Marianna**—Ah! o senhor Zé Braga—galante nome! O senhor Zé Braga é!...

**Zé Braga**—Camarada acá do sôr Luiz, caixeiro do valcom, e de fóra tamvem...

**Marianna**—Oh! muito bem. E esta senhora?

**Zé Braga**—A tia Monica

**Marianna**—A tia Monica?

**Monica**—Monica Benavides, uma sua criada. (*A'parte*.) Criada! Pois ella não é quasi minha sobrinha?... Mas tem um ar... Nunca heide de tomar geito de lhe chamar sobrinha. (*Alto*) Monica Benavides, irman de quem Deus tem, que era a mulher do mano Simões que...

**Marianna**—Excelente companhia! (*A'parte*) Estou n'um sonho; isto não pôde ser de veras, Luiz de... aqui... caixeiro do tal senhor meu tio! Eu sobrinha da tia Monica! E' uma comedia, e parece-me que hade ser divertida: façamos o nosso papel... (*Alto*) Minha querida tia Monica...



Luiz (*A parte*)—E' sobrinha, não ha duvida... Que penal!

Monica (*A parte*)—Pois desdigo-me: é minha sobrinha, não ha engano. Só aquelle lindo modo!

Marianna—Se eu soubesse, querida tia, onde era a minha camera...

Monica (*A parte*)—A sua camara! uma sobrinha da provincia, e as falas que tem! Estou vendida. (*Alto*) Vou já mostrar-l'ha, estou morrendo que a veja, minha...

Marianna—Sobrinha, diga sobrinha. Então não sou sua sobrinha?

Monica—Pois sobrinha: seja. Não tinha geito, mas logo o tomo: deixe estar. Com uma sobrinha tam linda, com tam bonito modo! Faz gosto ter uma sobrinha assim... Não é verdade, sr. Luiz?

Luiz—E' verdade, é.... mas parece-me um sonho!

Marianna—Tambem a mim! Faz favor, tia Monica, de mandar buscar... Eu não trouxe os meus criados... de mandar buscar a minha bagagem, essas coisas...

Monica (*A parte*)—Os seus criados!

Luiz (*A parte*)—Não trouxe os seus criados!

Marianna—Preciso de me vestir, tocar-me, cuidar um pouco em mim...

Monica—Já, já. Forte desculdo meu! Zé-Braga, vamos! tudo para cima. Vou preparar, vou arranjar... Verá que lindo quarto é, e como eu o puz, que palmito! Vamos Zephirino! tudo no seu logar

## SCENA X

LUIZ, MARIANNA e ZEPHIRINO

Zephirino (*Tornando a trazer, e baixo a Luiz*)—Oh sr. Luiz, ella sempre é linda, a sobrinha do patrão!

Luiz (*Baixo a Zephirino*)—Achas?

Zephirino (*Baixo a Luiz*)—Porque? Oh sr. Luiz!... ai! Eu cá vou-me lá pôr de fato novo, riçar este topete... Quem saber um rapaz da corte... Ellas lá pôr cima não vêem d'isto...

Luiz—Faze-lhe as diligencias: está ao talhar para ti.

Zephirino (*Baixo a Luiz*)—Deverás, acha?

Luiz—Acho.

## SCENA XI

MONICA, MARIANNA, LUIZ, ZEPHIRINO

Monica (*Voltando*)—Vamos, venha, minha... minha sobrinha. O toucador está prompto, a cama feita...

Marianna—Não me quero deitar.

Monica—Ail é verdade, o que me esquecia!... O caldo de gallinha que tambem está feito. Não me desculdei, deixe estar. Sr. Luiz, faça um bocadoinho de companhia a esta senhora. que eu já venho. Pobre menina! ainda não jantou... querem vêr? Vou já buscar o caldo de gallinha.

Marianna—Não; antes no meu quarto.

Monica—Pois então espere aqui um nadinha. Anda d'ahi, Zephirino.

Zephirino—Senhor Luiz!

Luiz—Hein?

Monica—Senhor Luiz, converse-me com esta menina, mostre que é da corte. Jesus, que rapaz! E dizer que andou por França, por essas terras... e acanhado assim! Oh! rapazes do meu tempo!

Zephirino (*Baixo a Luiz*)—Senhor Luiz, metta assim uma palavrinha na conversa a meu respeito, diga que a gente cá que...

Luiz—Não será preciso... mas se fôr...

Zephirino—Sempre é bom, sempre é bom. Ande-me com ella.

## SCENA XII

MARIANNA, LUIZ

Luiz (*A parte*)—Estava quasi indo-lhe já falar no amor caixeiro... era o melhor despique... Mas não, desenganemo-nos primeiro. (*Alto*) Será verdade, minha senhora, isto que eu estou vendo com os meus olhos, ouvindo com os meus ouvidos? D. Marianna de Mello, a secular da Santa Joanna d'Aveiro, aquella menina que eu vi com: sua tia... duas vezes só, é verdade... mas que nunca mais pude esquecer!...

Marianna—O caixeiro é galante.

Luiz (*A parte*)—O caixeiro! tem razão. Que mais sou eu, e que direito tenho! (*Alto*) Aquella menina tam espirotuosa, tam gentil, e que tam... tam...

Marianna—Tam fidalga lhe pareceu... Não é isso? Ora veja; pois não era senão a sobrinha do senhor Manuel Simões. Ha enganos n'este mundo. Tambem eu, quando vi em Aveiro um rapaz que se dizia...

Luiz—Que simplesmente se dizia o amigo e recomendado do padre Ignacio.

Marianna—E' verdade: mas que se deu áres...

Luiz—Áres, minha senhora! A gente como eu... não precisa...

Marianna—Muito bem, muito bem; não falemos mais n'isso. O que está visto é que, sem querer talvez, nos enganámos um ao outro. Em Lisboa e n'esta casa, a sobrinha de Manuel Simões... e o guarda-livros de Manuel Simões... Creio que este é o seu logar na familia...

Luiz—Tenho outro mais importante ainda: sou sobrinho tambem.

Marianna—Oh! sobrinho tambem? Melhor. Somos uma especie de primos. Que delicioso parentesco! não acha?

Luiz (*A parte*)—Como me trata, inda em cima!

Marianna—Pois bem, senhor primo, e senhor guarda-livros... (*A parte*) Que ridicula historia! Estou corrida e desesperada! (*Alto*) Aqui em Lisboa devemos ambos esquecer-nos do que se passou ha dois annos em Aveiro. Creio que posso contar...

Luiz (*Fazendo uma profunda corteia*)—Com o respeito e discreção de um... homem de bem.

## SCENA XIII

SIMÕES, PADRE IGNACIO, MARIANNA, LUIZ

Simões—Cá está ella. Como é guapa! Oh! e só aqui com D. Luiz, e em conversação tam animada! Saberão elles!... Não é possivel. (*Alto*) Minha senhora, esta honra, este gosto...

Marianna—O senhor Manuel Simões?... meu tio não é assim?

Simões—Certamente, esta casa é de seu tio, minha senhora, e...

Luiz (*Baixo ao Padre Ignacio*)—Padre, padre, estou resolvido, tomo o seu conselho, mudei inteiramente de opinião. Vamos soltar meu pae.

Ignacio—Ah, cahiu em si? depois que o deixei, encontrei razões?... (*Olhando para Marianna*)

Luiz—Sim, padre: razões que abalaram toda a minha fé, que destruíram todas as chimeras do meu espirito, que desvaneceram todas as illusões do meu coração. Não vivo já, não quero viver senão para meu pae. Casarei com essa mulher que nunca vi, que detesto já sem a conhecer... Mas não importa... eu...

Ignacio (*A parte*)—Que enigma é este? Aqui anda enredo grande que nem eu entendo... Ah!... ah!... já percebo. Bem: melhor é assim. (*Alto*) Foi Deus que lhe tocou o coração, filho. Agradeça-lh'o e dê-se por feliz.

Luiz (*Baixo ao padre-Ignacio*)—Feliz eu! Ah! se soubesse...

Ignácio (*Baixo a Luiz*)—Sei.

Luiz (*Baixo ao padre-Ignácio*)—Sabe?

Ignácio (*Baixo a Luiz*)—Sei... O que é que eu não sei, meu filho?

## SCENA XIV

MONICA, SIMÕES, PADRE-IGNACIO,  
MARIANNA, LUIZ

Monica—Ora enfim, minha rica senhora, agora va-

mos Mano, deixe esta pobre menina, que ha meia hora que aqui está enfadando-se.

Marianna—Meus senhores...

Ignácio (*Baixo a Luiz*)—Que lhe parece, D. Luiz? E' gentil, é uma dama perfeita: não é?

Luiz (*A'parte, e cortejando D. Marianna*)—Sobrinha d'elle!

Marianna (*A'parte cortejando a Luiz*)—Um caixeiro! Ignácio (*Baixo a Simões*)—Como vae a coisa?

Simões (*Baixo ao padre-Ignácio*)—Mal.

Ignácio (*A'parte*)—Vae bem, bem, optimamente!

## ACTO SEGUNDO

*Outra sala mais reservada em casa de Manuel Simões que se vê communicar com a do primeiro acto. Porta ao fundo, e portas aos lados.*

### SCENA I

MARQUEZ, SECRETARIO

Marquez (*Ao bastidor*)—Que não entre ninguém aqui! (*Na scena*) São oito horas da noite: tenho tempo ainda. (*Para o secretario*) Ponha essas pastas ahi, e vamos a isto: prepare-se para escrever. Fazemos hoje gabinete em casa de meu compadre Manuel Simões. E' mais seguro do que no paço... Oh! o paço... do que na secretaria d'Estado. Ah! estão montados os meus dragões?

Secretario—Sim, meu senhor, e promptos á primeira voz.

Marquez—As tropas em armas nos quartéis?

Secretario—Tudo está como V. Ex.<sup>a</sup> ordenou: a guarnição toda em armas, artilheria de morráo accêso.

Marquez—E o espirito da tropa?

Secretario—Os commandantes respondem dos soldados; e se o povo...

Marquez—O povo... Oh! o povo... Que dizem hoje os meus agentes secretos? Extractou toda essa papitada?

Secretario (*Que se sentou a uma banca revolvendo as pastas*)—Pela maior parte. Mas ha algumas cartas aqui que V. Ex. hade desejar vêr na sua integra talvez...

Marquez—Pois quê?... temos conspiração, temos Jesuitas, temos?... Deixe vêr. (*Pega nas cartas e abrindo uma*) Da bella e puritanissima condessa. (*Lê*) «A princeza sabe tudo... estamos perdidos.» (*Fala*) Sabe tudol não sabe tal. (*Lê*) «Vêiu o Jesuita falar com ella, e estiveram muito tempo em conferencia.» (*Fala*) Ah meu padre-Ignácio, cuidavas tu que eu?... (*Lê*) «O principe está furioso, e prometeu...» (*Fala*) Prometteu? Que havia de elle prometter! Uma novena a algum dos registos dos santos que traz dentro da cabeleira. Coitado! Para prior do Crato excellente... mas para rei!... Que viva mais oito dias D. José I, e eu lhe direi se o seu successor precisa de fazer mais nada do que accrescentar um ponto ao seu nome.

Secretario—Esta outra carta...

Marquez (*Tomando-a*)—Do meritissimo corregedor dos Romulares. *La robe et l'épée*: todos cá estão no livro preto... ou livro de ouro, que é mais exacto. (*Lê*) «Esta tarde, da uma para as duas, chegou a casa do mercador da rua Augusta Manuel-Simões, casa notada letra C...» (*Fala*) Ah! ah! Manuel-Simões! meu compadre!... O corregedor é esperto. Casa notada! (*Lê*) «Chegou a casa do mercador... tal, tal... uma liteira com uma senhora moça, e grande trem de bagagem!» (*Fala*) E' minha sobrinha, minha sobrinha que chegou. (*Levanta-se*) Oh! isto é mais sério... A' uma para as duas da tarde! São oito horas!—e

Manuel-Simões sem me apparecer... eu sem saber nada! Seis horas, seis horas perdidas? Ah meu compadre! (*Ao secretario*) Toque essa campainha... (*Toca-se a campainha*) toque mais, mais forte. (*Toca-se*) E chego eu aqui, Manuel Simões fóra de casa... E os estupidos dos caixeiros não me dizem nada. E ella, minha sobrinha, onde estará ella? Aqui ha de estar... Toque outra vez a campainha. (*Toca-se*) Como assim! não ouvem, ou será?... Ai Simões, Simões!

### SCENA II

ZEPHIRINO, MARQUEZ, SECRETARIO

Marquez—Oh! finalmente, Manuel Simões onde está, teu amo?

Zephirino—Saberá V. Ex.<sup>a</sup> que elle... elle...

Marquez—Elle o quê, pateta?... Onde foi, quando volta?

Zephirino—Não sei dizer, meu senhor. Mal chegou a menina, esta senhora que é sobrinha cá da casa, sahii logo.

Marquez—Sahiu quem, a sobrinha?

Zephirino—Nada, não senhor, pobre meninal pois ella havia de sahir?

Marquez—Então explica-te, vejamos, e fala claro.

Zephirino—Sahiu foi o patrão, desde que ella chegou, e ainda não voltou; ha bem tempo. E mais sahii na mulhinha por signal.

Marquez—De mais a mais, sahii a cavallo.

Zephirino—Elle sim, a cavallo! (*Rindo*) O sr. marquez está brincando... O patrão a cavallo!...

Marquez—Pois não dissesse?...

Zephirino—Na mulhinha, senhor, na mulhinha.

Marquez—Pateta!... E então a minha... a senhora... essa senhora que chegou, está deitada já?

Zephirino—Deitada, não sei; mas ha de estar descansando. Ora, uma viagem tamanha! mais ella não parecia muito cansada. Vinha tam perfeita, benza-a Deus! Bem se pôde gabar o patrão que tem uma sobrinha...

Marquez (*Zombando*)—Com effeito! Agrada-te? hein?

Zephirino—Se me agrada! E dizer que é lá da provincia, que nunca esteve em Lisboa, e o modo que ella tem! Cá nos arruamentos não ha quem se lhe ponha ao pé.

Marquez (*rindo*)—Muito me contas! Com quê, bonita, hein?

Zephirino—Bonita! Aquillo é... Ora Sr. V. Ex.<sup>a</sup> está-me fazendo falar para... mas não importa. Eu digolhe a verdade: é uma rapariga qu'a gente...

Marquez—Que a gente o que?

Zephirino—Qu'um homem... E' Jesus!

Marquez—Pelo que vejo gostas d'ella.

Zephirino—Ah senhor! Se o patrão... Elle tem-se visto coisas mais extraordinarias. Inda que eu não

sou senão segundo caixeiro, e o senhor Luiz!... Oh, lá o sr. Luiz é outra coisa; mas esse! esse sim!

Marquez—Esse?...

Zephirino—Esse não quer... esse quer lá!

Marquez—O que é que não quer o senhor Luiz?

Zephirino—O senhor Luiz não é cá como a gente.

Não é que elle a não ache bonita, que eu bem vi. Marquez—Ah! tu viste!.. O que é que viste? Li-ze-me.

Zephirino—Ora o sr. Marquez quer rir.

Marquez—Protesto-te que nunca falei tam serio; interesse-me déveras por... por essa sobrinha do meu compadre. Com que, tu viste?

Zephirino—Ora, o que vi não é nada. Mas sempre vi o nosso querido senhor Luiz que lhe deitou uns olhos... mas por outra parte, elle mesmo me disse: «Ainda Zephirino que está ao talhar para ti»

Marquez—Ahl elle disse isso?

Zephirino—Disse; mas eu bem n'o entendo. Era como quem dizia: «Cá eu ...»

Marquez—Cá eu?...

Zephirino—Ora senhor!

Marquez—Fala, homem, explica-te.

Zephirino—Não senhor, lá isso não digo.

Marquez (severa)—Não dizes!.. perguntando eu!

Zephirino (resoluto)—Não senhor. V. Ex.<sup>a</sup> pôde fazer de mim o que quizer, estou nas suas mãos; mas atraiaçor eu os meus camaradas!...

Marquez (A parte)—*Où la vertu va-t-elle se nicher!* O caracter e a honra refugiarão se atrás do balcão. (Alto) Muito bem, Sr. Zephirino, não lhe quero mal por isso; guarde o seu segredo. Mas para outra vez guarde-o de quem o não souber: para o marquez de Pombal não ha segredos. Entende? O sr. Luiz julga-se muito alta personagem para minha... para a sobrinha do patrão... Bem Cuidavas tu que eu não sabia quem era o sr. Luiz!...

Zephirino—Oh senhor!... eu não é que o disse. Misericórdia! eu não disse nada. Sr. Marquez, por compaixão! (A parte). Pobre senhor Luiz, coitado! (Alto) Oh senhor, não o mande para as Pedras Negras, não o... (A parte) não o entupe...

Marquez (rindo)—Vae desencasado: juro-te que lhe não succede mal nenhum, ao contrario. Vae, vae, e vae-me buscar Manuel Simões, que venha logo aqui. (Zephirino sae.)

### SCENA III

#### MARQUEZ, SECRETARIO

Marquez (passeando)—O medo que elles têm de mim todos! Triste coisa é o poder, fatal missão a minha! Mas sem este poder, que tantas vezes é obrigado a ser cruel, como se havia de regenerar esta nação perdida, refazer este povo degenerado! Ah! se a posteridade me fará um dia justiça? (Pega nos papéis) Oh? a parte do senhor Corregedor! Não acabei de a lêr... (Lê) «Uma senhora com grande treabi de bagagem... tal, tal, tal... não se sabe quem é, mas suspeita-se...» (Fala) Que suspeitará o animal do Corregedor? (Lê) «por vêr para lá entrar, logo depois, um certo clérigo mal conceituado que dizem ser Jesuita...» (Fala) Ora aqui tem em que mãos anda a policia! O padre Ignacio, Jesuita em corpo e alma, que me serve, coitadoul cuidando servir-se a si e aos seus, mas que eu deixo na pia crença de que me engana—porque assim me convem—aqui tem o senhor corregedor que apenas o suspeita de Jesuita? (Lê) «Que dizem ser Jesuita...» (Atraz com a carta)—Ai que gente, que gente! Pobre Portugal se eu!.. E os mesmos chegados á crise emfim. El-Rei... (Para o secretario) Saia, senhor, e em vindo meu compadre, que me chamem logo.

### SCENA IV

Marquez, (só)—Estou perdido... perdido sem recurso, «V. Ex.<sup>a</sup> não é camarista» me disse hoje aquelle insolente, e não me deixou entrar na camera d'el-rei. E agora morre, não ha duvida e a reacção é infallivel... reinado de frades e beatas! Que me farão elles a mim?—A mim que hão-de fazer? Tremar deante de seu senhor, escravos! não me perdem assim o medo, não.—E quem sabe?... Degradam-me, confiscam-me... enforcam-me talvez... Sim? pois até á ultima carta jogaremos... E quem perder pagará.—Oh! e meus filhos! e esta casa que tanto custou a fazer... e tudo isto perdido!... Não pôde ser, não hade ser. Ainda ha muito recurso, ainda tenho muitos amigos, ainda posso conceber algum meio. Este casamento é preciso fazê-lo, já, já, e hoje... Hoje hade ser, hoje. Oh se el-rei... mas el-rei está muito mal; não ha tempo a perder. Silencio, animo! que ahi vem o Simões. (Senta-se.)

### SCENA V

#### MARQUEZ, MANUEL SIMÕES

Marquez—Ora venha, sr. compadre, venha, aqui estou ha uma hora á sua espera. Então como chegou minha sobrinha, como a acha, que me diz? E por onde anda o sr. compadre desde as duas horas da tarde que ella chegou?

Simões—Meu senhor, tenho corrido tudo á sua procura, fui á Ajuda, fui ao seu palacio; tenho andado, que se não fosse a minha mullinha...

Marquez—A mullinha do meu compadre é prudente e pausada como elle, meu amigo. Mas emfim Marianna chegou. E' preciso, já já, mandar chamar modistas, costureiras, cabelleireiro... pôr-m'a á moda. Já sei que é bonita, bom é. E' esperta, tem juizo?

Simões—Sobrinha de V. Ex.<sup>a</sup>...

Marquez—Bravo! Estás um corteção perfeito, Simões. E querias ser d'aquella estúpida Mesa do Bem-commum, tam reles e villan! Vê lá, desde que te fiz da Junta do Commercio, se não tens outro ár. (Fica pensativo, levanta-se depois, e passeando). Com estes é que eu os mato, déveras, os meus fidalgos. Elevar a classe média, tirá-la do nada do povo, desligal-a dos interesses d'elle! riqueza, saber, força tudo fica no centro. E para aqui o throno, que é o seu lugar. (Chegando familiarmente a Manuel Simões). Em Inglaterra, não é assim, meu Simões: a nobreza e o povo são muito lá, que ha liberdade. Cá temos a sciencia certa, o poder supremo... havemos de ir mais depressa e melhor. Tu... (gombando) ainda tens teus ressa-bios d'aquella roupeta... hein! Vamos, vamos: não tenha medo, compadre. Foste jesuita mas isso já lá vae. E aprendiz só... tu foste só aprendiz de Jesuita... Quantos votos fizeste tu? (Simões inter-se). Bom, bom! não te afflijas: não falemos mais n'isso. Acabou-se.—Ora pois: e o teu protegido?

Simões (Confuso)—Quem, meu senhor?... qual?

Marquez.—Qual? D. Luiz.—Mas é verdade, ambos; que ambos entram no negocio; D. Luiz e o padre. —Então! casa o rapaz? Ajuda-nos o outro déveras, ou cuida que me hade lograr?

Simões.—D. Luiz está resolvido, senhor. Convençemo'l-o hoje: e foi o padre Ignacio que principalmente o decidiu.

Marquez (reflectindo).—Sim? notavel!—Será que... não pôde ser.—Diga-me, compadre, que se diz cá pela Baixa da doença d'el-rei?

Simões.—D'el-rei nosso senhor... não se diz... não

se diz nada... Que se hade dizer?—Em minha casa nada.

**Marquez** —Em tua casa! que me importa a mim o que se diz em tua casa? Na cidade, nos arruamentos.

**Simões** —Oh! por ahí... dizem... dizem... que S. M. que está melhor, e que... que como V. Ex.<sup>a</sup> tem saude e o despacho não parou...

**Marquez** —Não parou, não. que a providente sabedoria d'el-rei meu senhor antecipou instruções e ordens para todos os casos emergentes —Mas deixemos isso. El-rei está melhor, o seu incommodo não é nada. Falemos de minha sobrinha. Está justo o casamento: dizes tu. Vamos a isso já; hoje as escripturas feitas e assignadas. El-rei meu senhor, por sua real benignidade, manda entregar a D. Luiz a administração de todos os vínculos, capellas, commendas e bens livres que foram sequestrados a seu pae por suspeita de crime de alta traição. São as nossas condições: hem sabes. Cumpro fielmente o que prometti. (*Toca a campainha; apparece o secretario.*)

## SCENA VI

### MARQUEZ, SIMÕES, SECRETARIO

**Marquez** — Senhor secretario, aquellos papeis que hontem trouxe o meu tabellião?

**Secretario** — Aqui estão, meu senhor.

**Marquez** (*Folheando*) — Escripturas. Hoje mesmo ás... — seja ás onze da noite — estará em minha casa o tabellião, as testemunhas e os nossos parentes. A essa hora apparecerás tu lá com... Póde retirar-se, senhor secretario. (*Retira-se o secretario*) Estarás lá com minha sobrinha. Virá aqui uma carruagem da Casa buscal-os. Em outra irá o padre Ignácio com meu... com meu sobrinho... Meu sobrinho! Ah! eis aqui como elles são. Por traz, cobrem-me de maldições... deante de mim, ajoelham para beijar a mão que os flagella! Cada vez desprezo mais os homens. — Vamos! tens entendido bem as minhas ordens! Tu com Marianna por um lado, o padre com D. Luiz por outro: ás onze horas em minha casa todos. Está dormindo ella?

**Simões** — Não sei, meu senhor; mas creio que não. Eu vou saber.

**Marquez** — Não é preciso: se dorme deix-a dormir; que descanse. Basta que nos vejamos logo. — Os vestidos estão promptos?

**Simões** — Sim, senhor, em casa tudo.

**Marquez** — O cabelleireiro de aviso?

**Simões** — Tudo se fez como V. Ex.<sup>a</sup> mandou.

**Marquez** — Bem. Não se me dava de a ver, mas... (*Puxa o relógio*) — não tenho tempo. (*Repara em Simões que está triste*) Que é isso, Simões? que estás tu com essa cara tam triste, esse ar tam abatido? que queres? fala?

**Simões** — Senhor...

**Marquez** — Dize, não tenhas medo. Temos mais algum empenho dos teus, algum fradinho da mão furada, algum dos teus Jesuitas que eu tenha de proteger. Eul! Olha que tu sempre me fazes fazer coisas. Simões? Eu, o marquez de Pombal, protector de Jesuitas!

**Simões** — Meu senhor, não é nada d'isso; mas V. Ex.<sup>a</sup> esqueceu-se...

**Marquez** — De que?

**Simões** — Da principal promessa que fez a D. Luiz, a que mais o moveu, a que seguramente tem mais valor a seu olhos...

**Marquez** — Promessa! Qual? Pois não lhe mando entregar a casa, tudo?...?

**Simões** — Oh senhor! e seu pae?

**Marquez** — Seu pae, seu pae... Isso tem mais que se lhe diga: um preso d'Estado, suspeito de crimes...

**Simões** — Senhor, senhor! mas V. Ex.<sup>a</sup> prometteu seuhor, por quem é, lembre-se...

**Marquez** — Estás certo que prometti?

**Simões** — Certissimo; e em nome de V. Ex.<sup>a</sup> o assegurei a D. Luiz.

## SCENA VII

### MARQUEZ, SIMÕES, SECRETARIO.

**Marquez** (*Toca a campainha, entra o secretario*) — Sr secretario aquelle aviso para o governador do Forte da Junqueira?

**Secretario** — Aqui está o sello volante.

**Marquez** (*Severo.*) — Quem lhe disse que o fchasse a sello volante?

**Secretario** — A natureza da ordem: eu...

**Marquez** — A natureza da ordem? Pois Vm. mette-se a conhecer da natureza das ordens que eu dou? Sr. secretario, quando se escreve a segunda linha de um Av so no meu gabinete, já deve estar esquadra a primeira. Tem entendido? Lacre esse Aviso já. (*O secretario lacra o Aviso.*) Bem! dê cá. Mande chamar o padre-Ignacio.

**Simões** — Eu creio que hade estar ahí. Quando eu entrei de fóra, entrava elle tambem: hade estar com minha irman Monica.

**Marquez** — Ah! está por cá? Logo vi que não havia de andar longe. Vá chamá-o. Sr. secretario, desça com essas pastas, metta-se na carruagem, e espere-me.

## SCENA VIII

### MARQUEZ (*Só*)

A rainha quer que soltem todos. Perdõe S. M.; não póde ser. E o bispo de Coimbra? Oh! esse menos ainda. Est'outro não tem duvida, o pae de D. Luiz. E' uma clemencia que não tem perigo e que me faz bem a mim. Ah! se el-rei melhorasse... Aqui vem o Jesuita.

## SCENA IX

### MARQUEZ, PADRE-IGNACIO

**Marquez** — Entre, padre, entre, e deixe-se d'essas humildades hypocritas commigo. Bem sabe que o conheço... que nos conhecemos. O padre é meu inimigo.

**Ignácio** — Eu, senhor! quem sou eu para?...?

**Marquez** — E um dos reverendos padres da Companhia de Jesus a quem eu fiz tirar a maldita roupa, mas que ficou tam Loyola, tam solipso, tam jesuita como d'ante; que me tem por mais excomungado que o proprio Calvino, mas que acha, como o nosso amigo Tartufo — sabe? — que *Il y a avec le ciel des accommodemens*.

**Ignácio** — Para fazer uma obra boa...

**Marquez** — E' verdade: consignam-se os fins, sejam os meios...

**Ignácio** — Quaes forem. O marquez de Pombal Jesuita. Hade haver Jesuitas em quanto houver homens. O fim aqui é salvar uma familia illustre, honrada e infeliz. Os meios são fazer um serviço a V. Ex.<sup>a</sup> — Tam deshonesto lhe parece o meio, Sr. marquez?...?

**Marquez** — Bravo, padre! A resposta é feliz, e eu dou tudo por um bom dito. Ora pois: assim é que eu quero. Máscara fóra e tratemos de potencia a potencia... Que a sua ainda é uma potencia... descahida, é verdade: vossas reverencias são uns reis destronados — destronados por mim — mas ainda podem bastante. (*Com intenção*) Ainda ha muita casa de commercio que gira com enormes sommas, cujos verdadeiros senhores eu conheço: e, o que mais é, sei onde elles estão e as



A SOBRINHA DO MARQUEZ

Marquez—Oh padre, padre!... Vamos, a sua mão.

Acto III — Scena XII.



marquez—Sabe, sabe. Paule, até logo. Daqui a uma hora hão de estar duas carruagens a essa porta;

Marquez (tocando a campainha)—Alguem d'ahi!

Ignacio —Póde dizer. Mas não diga. Eu lh'o direi.

a duas horas! e ainda agora o cabelleireiro começou.

Simões—O cabelleireiro é Monsieur Frisone, homem

capaz e desembaraçado, francez de mãos e inglez de palavras, que fala pouco e trabalha muito. Já estava prevenido, em poucos minutos ficará prompta de suas mãos.

**Monica**—Poucos minutos, senhor! Esta gente não pensa no que diz: este homem realmente nunca hade saber o que é vestir uma senhora. Oh mano, pois só os sinaes, o pôr dos sinaes! o recortar do tafetá!

**Simões**—Patetice! Sr. D. Marianna, minha sobrinha, é já formosa bastante por si, não precisa d'esses arrebiejos. Que vá sem sinaes.

**Monica**—Sem sinaes, ih Jesus! Aquelles olhos, tam lindos, mortos sem um sinal preto que lh'os avive! Oh mano, realmente diz coisas... Pobre menina!

**Simões**—Pois que leve quantos sinaes quizer, com tanto que esteja prompta á hora dada. (*O cabelleiro atravessa a scena.*) Ah! foi o cabelleiro: vê? não lh'o disse eu? Ora vá, vá fazer entrar as modistas. Que m'a vistam, que m'a calcem, que m'a ponham de ponto em branco. É adeus! Outra vez, Monica, outra vez lh'o repito, e sentido comigo! n'esta sala, aqui, n'em n'essa camera, nem d'aquella porta para dentro, ninguém mais senão eu. (*Reflectindo.*) Só se for...

**Monica**—Quem?

**Simões**—O padre Ignacio. Esse... esse não é ninguém.

### SCENA XIII

MONICA (*Só.*)

Não é ninguém o padre Ignacio! Eu quero endoi decer com isto. E o pobre do Sr. Luiz, coitado! Que eu inda tenho os meus olhos; não me dizem que não; e bem vi os que lhe elle deitaval! Parecia-me outro homem! que animação, que... E ella? Ella por modo que... E dizer que m'a vão casar assim de repente! Deus sabe com quem? Algum malaventurado que a não saiba estimar... Eu que já cá tinha feito os meus planos tam bem feitos! nada, não! que são mesmo ao talhar um para o outro. Como *Carlos* e *Rosaura* por uma penna. Ella toda senhora, toda filigrana, toda gentilezas, que ninguém dirá senão que nasceu para andar na corte. Elle com aquelle ar de gravidade que parece mesmo um embaixador! Ah! Deus os fez, e bem feitos que os fez; mas para os juntar, não pôde, não, que se metteu no meio o Jesuita. E Deus me perdõe, que aqui anda elle, o mofo do padre Ignacio, por mais que me digam, n'este enredô do casamento. Ora vamos lá, vamos vê a pobre da menina, minha sobrinha—que eu em tal sobrinha não creio ainda, apesar de tudo. Sobrinha aquillo, de Manuel Simões! Está bom.

### SCENA XIV

MONICA Indo a sahir encontra-se com LUIZ

**Monica**—Misericordia! O Sr. Luiz aqui...

**Luiz**—Tia Monica!

**Monica**—Não sou tia Monica.

**Luiz**—Por caridade, oiça-me.

**Monica**—Não tenho caridade, não tenho ouvidos, não tenho senão medo. E Jesus! vá-se, vá-se já, ande senhor, não me perca, deixe-me, vá-se.

**Luiz**—Que é isso, tia Monica, que tem, que lhe fiz eu?

**Monica**—Não me fez nada: vá-se. Não tenho nada: deixe-me. Jesus, se o mano vem!...

**Luiz**—Não vem.

**Monica**—Quem lh'o disse?

**Luiz**—Sei-o eu. Foi-se e não torna tam cedo. A assim ouça, escute. É um caso de vida e de morte... de morte só, porque eu estou resolvido a morrer

**Monica**—Jesus á minha alma, Sr. Luiz! morrer, morrer! como esta gente moça fala em morrer! Bem se vê que é de longe. Quem se sente já perto d'ella, da morte, como eu, oh! fala com mais respeito... Mas tudo isto é serrar madeira para nada, Sr. Luiz. O tudo é que o mano não quer que entre aqui ninguém esta noite. Vá-se, vá-se já: fico perdida se elle chega e o encontra aqui. Vá-se.

**Luiz**—Já lhe disse que elle não vem. E oiça-me, Monica. Dou-lhe eu a minha palavra que a não comprometto em nada. Fia-se na minha palavra?

**Monica**—Fio, fio; mas por outra parte desconfio. Ai senhor Luiz, pois não sabe como é o mano?

**Luiz**—Sei: mas a seu irmão, que aqui estivesse, lhe diria o mesmo que agora lhe digo. Monica, eu não sou de muitas palavras, nem leves: bem o sabe.

**Monica**—Sei: pois então diga. Quantas palavras?

**Luiz**—Duas só. Eu morro.

**Monica**—Ai meninol diga tres, diga vinte; mas não diga essas duas que são tam feias.

**Luiz**—Pois está na sua mão dar-me vida.

**Monica**—Na triste mão da velha! Tome-a e viva.

(*A parte*) Enfiteça-me com aquelle ar de senhor, o mofo. Manuel Simões que faça o que quizer, eu não posso resistir á isto. (*Aito*) Diga, diga, ande e avie-se.

**Luiz**—Tia Monica, eu heide falar já, já, com... com sua sobrinha.

**Monica**—Com minha... sobrinha? Está doido, senhor. Pois não sabe?

**Luiz**—Sei.

**Monica**—Tudo?

**Luiz**—Tudo.

**Monica**—Então?

**Luiz**—Então?

**Monica**—Então vá-se e deixe-me: tenha juizo (*A parte*) Que penal Duas almas que se querem... está visto... adoram-se. Diz que morria. Já sei o que elle morre... é que...

**Luiz**—Duas palavras só, mas heide dizer-lh'as a ella.

**Monica**—Como as que me disse a mim ainda agora?

**Luiz**—Como... sim... as mesmas... Não sei... Pois sim... Deixe-me: heide dizer-lh'as, heide. E' este o quarto, vamos.

**Monica** (*pondo-se diante da porta*)—Que faz senhor, que é isto? Ai se o mano tal visse! Ih Jesus! senhor, pense no que faz, lembre-se...

**Luiz**—Não me lembro de nada: heide entrar.

### SCENA XV

MARIANNA, abrindo a porta do fundo, LUIZ, MONICA

**Marianna**—Não hade. Sou eu que saio, e d'esta casa já para sempre, se não heide ser respeitada n'ella.

**Monica**—Bem vê que não é minha culpa: eu queria... eu não queria...

**Marianna**—Queria e não queria: ha muita gente assim; bem o sei.

**Monica**—Eu era...

**Marianna**—E não era. Tambem assim ha muitos (*A Luiz*) Não lhe parece?

**Luiz**—Nem todos podem ter a presenca de espirito, o sangue frio...

**Marianna**—Que eu tenho. Exactamente. E' o meu forte, o tal sangue frio. Tia Monica, o Senhor... o Senhor... o Sr. Luiz... de?...

**Luiz**—Luiz só...

**Marianna**—O Sr. Luiz só... quer-me falar; e com tal empenho, bem vê, com o sangue tam quente. (*A Luiz*) não é isto?... que lhe subiu á cabeça, e o perturbou a ponto de querer violar o sagrado da minha camera. Não permita Deus que por tam pouco se arrisque tanto. Eu estou penteada e quasi



vestida. Traga para aqui o resto das minhas coisas, o espelho, o mais que é preciso. (*Monica sae*) Póde falar o senhor... o Sr. Luiz.

**Luiz** (*á parte*)—Dá-me vontade é de lhe virar as costas, e não tornar a vê-la. Que mulher! que indifference, que frialdade!... ai! (*Volta Monica trazendo o que se indicou.*)

**Marianna** (*assestando-se, e começando a mirar-se ao espelho*)—Fale, senhor; estou disposta a ouvir-o: Bem vê.

**Monica**—O mano tinha dito...

**Marianna**—O mano disse que eu era sua sobrinha... e este senhor também. Somos primos portanto, bem o vê, e temos que falar. Entre primos não ha nada mais natural. Deixe-nos um instante sós, tia; eu tomo toda a responsabilidade sobre mim. Vá, vá. E que responsabilidade! E' ridiculo isto. (*A Luiz*) Pois não é? diga...

## SCENA XVI

MARIANNA, LUIZ

**Luiz**—E' muito sério, minha senhora; muito mais serio do que cuida.

**Marianna**—Assusta-me devéras. Que ár tam solemne!

**Luiz**—Solemne sim, e grave: trata-se da minha vida, da minha honra.

**Marianna**—E' um desafio: querem vêr? á espada, ou?...

**Luiz**—Prouvéra á Deus que eu tivesse com quem jogar a vida assim, e que a morte a que caminho, fosse...

**Marianna**—A morte! Oh! não zombe com essas palavras. Merecia-me o conceito de valer mais alguma coisa do que os dizedores vulgares d'essas banalidades que... que já não são moda.

**Luiz**—Eu não sei o que é moda, sei o que é verdade.

**Marianna**—Na côrte, para zombar de uma provinciana, tudo é permitido: não é assim! Diga. Pois diga.

**Luiz**—Digo-lhe o que tenho no coração, o que n'outro tempo lhe disse, o que sabe que é verdade.

**Marianna** (*Confus.*)—E', bem o sei, mas não lh'o quero ouvir, Ai! já de mais o fiz! Bem sei que me ama; mas eu não posso nem devo... Eu não sei, nesta confusão em que estou, o que é verdade, nem o que não é. Nem pretendo sabel-o: e o objecto d'esta (*solemne e grave*) conferencia é repetir-me essas coisas que lhe ouvi n'outro tempo, quando...

**Luiz**—Quando?

**Marianna**—Quando eu era livre.

**Luiz**—E agora?

**Marianna**—Agora não o sou, e não as quero ouvir, mais. Emfim, não falemos serio no que é só para brincar. Meu tio Manuel Simões bem sabe, nosso tio, Manuel Simões e Companhia...

**Luiz**—Senhora, deixemos enigmas e zombarias. Eu não sou sobrinho de Manuel Simões.

**Marianna**—Ah! não é sobrinho? ... Pois sou eu.

**Luiz**—Não é.

**Marianna**—Sou

**Luiz**—Basta. Eu tinha jurado conservar este incognito...

**Marianna**—E que bem guarda os seus juramentos!

**Luiz**—Marianna, Marianna, por quem é, não abuse da minha situação, lembre-se...

**Marianna**—E' justamente o que eu não quero, é lembrar-me. Preciso esquecer-me, oh! sim! esquecer-me... e heide esquecer-me.

**Luiz**—Queim poderá ser assim!

**Marianna**—Póde sel-o quem quer, quem tem obrigações de cumprir, deveres sagrados a que obedecer. Eu...

**Luiz**—E eu não os tenho?

**Marianna**—Quaes?

**Luiz**—Os de um homem condemnado a morrer para salvar a vi-la a seu pae.

**Marianna**—Que diz?

**Luiz**—A verdade: vou morrer.

**Marianna**—Como?

**Luiz**—Quando a minha mão a uma mulher que detesto, casando-me com um monstro...

**Marianna**—Casando? (*Á parte*) Ai que dôr! não cuidei que custava tanto. Que diz elle? (*Alto*) Pois vae?... Pois é verdade?... Pois assim se esqueceu?...

**Luiz**—Não me disse ainda agora?...

**Marianna**—Disse... que disse eu? Eu disse? Ah! sim; mas eu é diferente. E eu não disse... eu não faço... eu não posso.—Luiz, D. Luiz, que enigmas são estes, que mysterios, que enredos fataes andam aqui? Eu prometti, é verdade, a meu tio... a meu tio, sim... meu tio verdadeiro... a meu tio que não é... que é... que... E não tenho já outro parente no mundo senão elle—prometti lhe obediencia cega, prometti aceitar o esposo que me destinou; mas... Oh meu Deus! ...

**Luiz**—Mas?...

**Marianna**—Mas, se é verdade que as nossas promessas são mais antigas, e que as aceitou Deus antes... Que digo eu! eu estou louca. Não oia o que eu digo, deixe-me, deixe-me por compaixão. Já aqui a uma hora, ai!—Mas não me disse que seu pae, a vida de seu pae?...

**Luiz**—Depende, sim, disse e é verdade, do infame casamento a que estou condemnado; da minha morte certa, porque eu não sobrevivo á deshonra de aceitar por mulher a... a detestavel creatura que me destinam. Não, não sobrevivo á perda de todas as minhas esperanças, ao acordar d'este sonho que nós sonhámos ambos, Marianna, quando...

**Marianna**—Quando horas e horas nas grades d'aquelle convento nos estavamos devorando com os olhos, jurando eterna fé, jurando morrer antes do que...

**Luiz**—Do que pertencer a outro, e eu pertenço ao algoz!...

**Marianna**—Meu Deus!... que diz este homem? Este homem está louco.

**Luiz**—Estou.

**Marianna**—Isso não é verdade: diga...

**Luiz**—E' oh! é Marianna: a minha estrella fatal não se desmente, não desvia um instante d'esta perseguição funesta que é o meu destino.

**Marianna**—E se meu tio Manuel Simões?...

**Luiz**—O que?

**Marianna**—Não fôr meu tio devéras, se?...

**Luiz**—Maior é a minha desgraça, mais profundo é o abismo em que me vou lançar, em que me arrojarei! E quem sabe, oh meu Deus! se por fim meu pae?... E' capaz de me enganar, o malvado homem, de me trahir, o Jesuita... Quem sabe se meu pae vive? Quem sabe se m'o restituirão, se?... Marianna, Marianna, por Deus que está no céu, promette-me?... (*Arrebatado, toma-lhe a mão e vae a ajoelhar.*)

## SCENA XVII

PADRE IGNACIO, LUIZ, MARIANNA

**Ignacio**—Não prometta nada, sr.º D. Marianna. E a loucos ainda menos. Este homem não sabe o que quer, nem o que pede. Seu pae está agonizando, e elle aqui! Aqui em requiebro o filho, e o pae lá... O homem a cuja sombra elle escapou ao patibulo, á infamia, á miseria—esqueceu-se de tudo o que lhe devia, e em sua propria casa, n'este asylo a que se acolheu, aqui vem seduzir-lhe a donzella do seu sangue, a filha de seu irmão, transtornar-

lhe as suas esperanças, fazer... Oh! se me contassem esta acção de outro, mas de...

Luiz--Padre!... padre, repare bem no que diz. Perdão-lhe porque não sabe...

Ignacio--Sei tudo.

Luiz--Não sabe.

Ignacio--Sei; e também sei que tenho aqui esta ordem por escripto, e que seu pae nos espera. (*Mos- tra um Aviso fechado.*)

Luiz (*lendo o sobrescripto*)--E' a minha sentença de morte. Se e será o resgate da vida de meu pae? Marianna; Marianna, pela ultima vez e para sempre... Oh! para sempre adeus!

Ignacio--Coitados!--Deus fará tudo por melhor. Vamos, senhor.

## SCENA XVIII

MARIANNA (*só*)

Partiu! vae ser de outra, tem animo para m'o dizer, para sahir de deante de mim e ir... salvar seu pae, o infeliz! Oh! que agora é que eu sei o que lhe quero, agora sim que eu conheço o que amo. Santo Deus! e d'aqui a pouco também eu ajudarei por minha parte a levantar entre nós um muro de separação eterna. Também eu... Oh meu tio, meu tio! que me importam as tuas grandezas, os teus planos, a tua fortuna? E quanto melhor não era que me deixasses na minha obscuridade? Bem o não queria eu abandonar, o meu que-

rido convento. Oh! antes alli perpetuamente reclusa, antes morrer alli de uma vez para o mundo, do que ter de agonizar assim toda a vida no meio de suas pompas e de seus enganosa.—Quem vem ahi?

## SCENA XIX

MARIANNA, SIMÕES, depois MONICA

Simões--Monica, Monica, não ouve? Já, já, venha..

Oh! minha senhora, perdõe, não a via, não a suppunha aqui. A carruagem está á porta: são mais que horas de partir. V. Ex.\* bem sabe...

Marianna--Sei, partâmos. (*A parte*) E' morrer isto; mas se elle tem força para o fazer, também eu hei de tel-a. (*Alto*) Vamos, senhor.

Monica--Menina, menina, minha senhora, o lenço, as luvas, o leque. Ih Jesus, olhem como ia! ai. (*Baixo a Marianna*) O mano não sabe nada do senhor Luiz?

Marianna (*Baixo a Monica*)--Não; socegue, e se souber, é por minha conta.

Monica (*Baixo*)--Ai! ainda bem. (*Alto*) Rapazes. Zephirino, Zé Braga, sr. Luiz, venham vêr a nossa menina. Como ella vae linda! ai que amor de rapariga! Deus a fode bem! Oh mano, mano. Olhe lá, mano, se... Ih Jesus! casarem-m'a assim!

Simões--Monica, tenha juizo um dia.

Monica--Juizo, juizo! elles é que o têm, os homens, e tudo fazem assim... ás véssas!

## ACTO TERCEIRO

Sala livre do Forte da Junqueira. Bancos e cadeiras velhas. Luzes. E' noite.—Porta praticavel no fundo e outra ao lado.

## SCENA I

PADRE IGNACIO, SECRETARIO

Secretario--São as ordens de S. Ex.\*

Ignacio (*lendo um papel*)--As ordens de S. Ex.\*?... rejeita-me isso, senhor secretario. Tenha a bondade; não percebi bem. Estes meus ouvidos--como tudo o mais aqui--não regulam. Determina o sr. marquez?...

Secretario--Disse-me que viesse a toda a pressa para o Forte da Junqueira, que entregasse este papel a vossa paternidade que cá havia de estar; e que lhe dissesse de viva voz que... que era preciso que o esperassemos aqui todos, porque elle não tardava.

Ignacio--Isso é o que está escripto n'este papel. Não trouxe mais nada o sr. secretario?

Secretario--Trouxe uma ordem para o governador do Forte.

Ignacio--Ora acabe com isso: custou-lhe! Trouxe ordem ao governador do Forte para me retêr a mim e a D. Luiz, e para...

Secretario--Não, senhor, não diz isso a ordem.

Ignacio--Então o que diz, sr. secretario?

Secretario--As ordens do sr. marquez...

Ignacio--Não todas secretas e mysteriosas: bem o sabemos. Altos mysterios para quem não está iniciado n'elles, para os profanos. Commigo inuteis, perdidos todos esses segredos!—e podem ser prejudiciaes, muito prejudiciaes, a alguém. Entende-me?

Secretario--Perfeitamente. Mas a verdade é esta: o sr. marquez vem ahi já, e não queria desenterrar-se...

Ignacio--De nós? Porque? E para que? S. Ex.\* esperava-nos em casa, mandou-nos ir ao seu palacio das Janellas Verdes, onde, a esta hora, devia estar reunida toda a sua familia; Manuel Simões também já lá deve ter chegado, e com elle a sobrinha... a senhora D. Marianna, que é uma gentil menina, verdade seja! E' pena, é pena que se desarranjem estas coisas que estavam tão bem arrançadas. Não acha, senhor secretario?

Secretario--Não sei o que me quer dizer.

Ignacio--Mas sabe que tudo estava determinado assim, e que D. Luiz, depois de vêr seu pae--de vêr emfim seu pae ao cabo de tantos, tantos annos--devia ir d'aqui commigo, d'aqui d'estes horrores calabouços, para o magnifico palacio do sr. marquez de Pombal, e... Hein? pois não era isto?

Secretario--Sim senhor: mas apenas entrava em casa o senhor marquez para os esperar, quando recebeu uma carta, creio que coisa de muita pressa; expediu logo um correio a Manuel Simões, mandou-me a mim para aqui... e elle foi...

Ignacio--A' Ajuda: bem sei.

Secretario--Quem lh'o disse?—Eu não sei... não creio.

Ignacio--Crê e sabe: e também o sei eu. Foi á Ajuda—E el-rei? diga, el-rei... Diga, senhor secretario: el-rei?

Secretario--Não está melhor... Sua Magestade... Sua Magestade parecia...

Ignacio (*Erguendo a voz*)--Sua magestade está a esta hora na presença de outra magestade, senhor, da tremenda magestade de outro rei, d'aquelle rei que não morre, d'aquelle rei que é o rei e o juiz de todos os reis. Oh! D, José I deixou de reinar. Que

Deus faça, que Deus tenha... ah! Que Deus tenha misericórdia com a sua alma! (*Ajoelha e reza.*)  
**Secretário** (*A parte*)—Que lhe pedirá elle a Deus, o Jesuita? Pobres de nós todos se aquellas orações são ouvidas. (*Ignacio levanta-se*) Mas, senhor, el-rei, nosso senhor...

**Ignacio**—El-rei, nosso senhor... nosso senhor?... Não minta, senhor secretario, que já é tarde para mentir. E de que lhe serve? El-rei está morto.

**Secretário**—Quando Deus fosse servido chamar á sua glória...

**Ignacio**—Deus chama á sua glória os que o servem, os que o honram, os que deram glória ao seu nome na terra. Mas diga, diga essas phrases banaes que aprendeu com os reposteiros do gabinete; diga o que quizer agora, que a mim o que me importa é... (*Chama a porta da esquerda para dentro*) D. Luiz, D. Luiz! venha, D. Luiz.

## SCENA II

LUIZ, PADRE IGNACIO, SECRETARIO

**Luiz**—Que me quer, padre? Aqui estou! Oh! não sabe? meu pae está melhor, muito melhor, padre. Que fortuna! foi uma crise nervosa o que elle teve, diz o doutor; e de certo foi, mas terrível. Cuidei que me morria nos braços. Alegria, pasmos de me vêr! Não queria acreditar os seus olhos, os seus debeis olhos desacostumados da luz, ha tanto, tanto tempo. Ai! o que tem padecido aquella alma n'aquelle corpo! Emfim passou-lhe, está melhor, e o medico responde por elle. Mas, esta noite, já o não podemos tirar d'aqui: é preciso esperar pelo dia, e amanhã il-o habituando gradualmente ao ar livre.

**Ignacio**—Pois o meu conselho agora, D. Luiz...

**Luiz**—Que bem me aconselhou, padre, que bem fez em me salvar de mim mesmo! Restitui a vida a meu pae... Oh! todo o sacrificio é pequeno. Vamos quando quizer, vamos já, vamos assignar essas terribes escripturas, vamos levar ao tyranno o preço da vida de meu pae. (*A parte*) Ai Deus! ai minha alma! ai meu pobre coração! (*Alto*) Não importa, vamos já: estou prompto, estou resolutio. (*A parte*) Marianna... Marianna, adeus, oh para sempre adeus! Perdôa-me, Marianna; e meu pae, meu pae. Adeus! (*Alto*) Elle está socogado agora, padre; dorme profundamente; o medico promete não sahir d'aopé d'elle, e affiança que dormirá umas poucas de horas seguidas. Aproveitemos esta occasião, vamos: não se arrependa o nosso inimigo da sua generosidade.

**Ignacio**—Não tenha medo, D. Luiz, socegue. O Marquez de Pombal é tam fiel ás suas promessas é tam generoso, tam leal, que, para dissipar a mais leve sombra de receio, acaba de nos intimar...

**Luiz**—De intimar... o que? Faz-me tremer, padre...  
**Ignacio**—De nos intimar, aqui pelo senhor secretario que presente se acha, que nos dispensa da visita prometida... exigida para esta noite em sua casa, e que...

**Luiz**—E que? ..

**Ignacio**—E que ficámos nós á sua ordem n'este Forte...

**Luiz**—Presos?

**Ignacio**—Presos... literalmente presos, não. Que diz, senhor secretario! Retidos, retidos até que... (*Secretario inclina-se em sinal d'assentimento.*)

**Luiz**—Devêr-se! Oh providencia divina! Bemdito sejas, meu Deus! E abençoado sejas tu um dia por uma coisa emfim na tua vida, Marquez de Pombal! Oh meu Deus, meu Deus, que vos dignastes acceitar o sacrificio terrivel a que eu me submettia! Oh padre, padre! Deus é pae por fim. Então prendem-me aqui, fico aqui com meu pae—E o infame casamento?

**Ignacio**—Inutil j'agora, desnecessario.

**Luiz**—Será verdade?... meu Deus! E' possivel? que fortuna! Oh adorada Marianna!

**Ignacio**—Adorada Marianna! O rapaz está louco.

**Luiz**—Estou louco, estou;—doido furioso de contente. Ai! se soubesse, padre...

**Ignacio**—Não sei; agora não sei, confesso. Pela primeira vez não sei e não entendo. Pois D. Marianna?...

**Luiz**—Marianna, ou D. Marianna, chame-lhe como quizer: sobrinha ou não sobrinha, Marianna é um anjo, é a minha vida, é a minha alma, é a parte da existencia que me faltava, e que em vão tenho buscado no mundo. Achei-a, e... Oh! o padre não comprehende isto.

**Ignacio**—Lá me custa, a falar a verdade. Mas pôde ser que... Diga, diga.

**Luiz**—Achei-a, ai! encontrei-a emfim. E quando eu começava a acreditar que a Providencia se tinha compadecido de mim, quando principiava a crêr na misericórdia divina, quando esta alma—tam contristada sempre—se abria á primeira felicidade que viu luzir... Oh padre, então vinha este sacrificio tremendo que era necessario para salvar meu pae, vinha cortar-me para sempre toda a esperança. Bem sabe que não hesitei, bem viu que estava prompto. Mas o que não sabe, o que não viu, o que ninguém mais saberia na terra ou no céu, é que pela vida de meu pae eu dava mais do que a minha vida, do que a minha liberdade, do que a minha honra. Amando... oh! amando como só sabem amar os desgraçados—o amor dos felizes é um prazer de mais—sentimento, sentimento profundo, só no coração do desgraçado!—amando, amando como eu amo a Marianna...

**Ignacio**—Marianna! Mas qual Marianna, com Deus?

**Luiz**—Marianna! a minha Marianna. Pois qual? a minha. Aquelle anjo de bondade, aquelle coração de ouro, aquelle espirito celeste que só eu sei o que vale—e ninguém mais; ninguém, porque ninguém é feito para a conhecer senão eu.

**Ignacio** (*A parte*)—O rapaz endoideceu de todo, e de todo.

**Luiz**—Pois veja, padre; amando eu assim, certo de ser amado, e quando a sorte, por um mysterio que ainda não comprehendi, nem me importou entender, parecia trazel-a aos meus braços depois de longa e desesperada ausencia... devia qual seria a minha desgraça conhecendo que devia renunciar a ella, e ir entregar a minha mão, a minha vida a esse monstro... que não pôde deixar de ser um monstro, é d'aquelle sangue maldito, é d'aquelle raça de tigres que beberam todo o meu, que destruíram a minha familia, que... Oh! bemdito sejas mil vezes, meu Deus! eu ja como Isaac para a montanha levando a lenha para o proprio sacrificio; e Deus contentou-se com a minha resignação. Deus é pae, oh! é: agora o vejo, padre. Ficarei preso aqui: não importa: ficarei com o meu pobre pae, a ajudá-o, a servil-o—e sobretudo a gosar da minha liberdade n'estes ferros.

**Ignacio**—Sim, sim, lá me parece que aqui a liberdade hade ser...

**Luiz**—Pois quê? o que são essas arades, esses ferrolhos, os grilhões que me possa lançar aos pés, ás mãos, comparados com as ignominiosas cadeias que me esperavam, esta noite, no palacio do tyranno? Eu com esta mão, eu assignar tal papel! Eu, esta mão, ir levar-l'ha a elle! Eu, esta mão, ir däl-a a essa mulher!...

**Ignacio**—Qual mulher?

**Luiz**—Qual mulher! mas essa mulher que me estava destinada, essa que...

**Ignacio**—A sobrinha?

**Luiz**—A sobrinha, sim.

**Ignacio**—Então?... Pois?... Agora percebo: é que

não sabia que a sobrinha de Manuel Simões era a mesma que...  
 Luiz—A sobrinha de Manuel Simões! (*Rindo*) É muito fino o nosso padre Ignacio, sabe tudo, mas...  
 Ignacio—Mas o quê?  
 Luiz (*Rindo*)—Masha algumas certas coisitas que escapam á sua penetração e perspicacia.  
 Ignacio—Sim?  
 Luiz—Sim, senhor, sr. padre Ignacio.  
 Ignacio—Com effeito? Ora veja.  
 Luiz (*Em tr de confidencia*)—A sobrinha do nosso Manuel Simões, da tia Monica... (*rindo*) a sobrinha da tia Monica!—Que famosa historia! E o padre Ignacio cahir n'esta!—A sobrinha não é sobrinha tal: disse-m'o ella, sei-o eu.  
 Ignacio—Ah! disse-lh'o ella? Então sabe tudo. Então ainda entendo menos... Então sabe... e sabe portanto que a sobrinha do marquez?...  
 Luiz—Sei, padre, sei: pois não m'o disse ainda agora? que essa maldita sobrinha do marquez, essa com quem me ia casar esta noite, já não quer elle que case; que mudou de tenção, e que meu pae...

## SCENA III

ZEPHIRINO, PADRE IGNACIO, LUIZ,  
SECRETARIO

Zephirino—Senhor patrão, senhor patrão! Está aqui o meu patrão? não está? Senhor patrão, senhor Manuel Simões?  
 Luiz—Que é isto? Zephirino, aqui!  
 Ignacio—Como o deixaram entrar?  
 Luiz—Que é isso, homem!  
 Secretario—Como entraste aqui? as guardas...  
 Zephirino—Quaes guardas? Bem me importam a mim as guardas! Onde está, onde está o patrão, sr. Luiz? Ai meu Deus! este não é o sr. Luiz. O sr. Luiz tam bordado, tam tafulo? Onde está o outro? Luiz—Qual outro?  
 Zephirino—O outro sr. Luiz?  
 Ignacio—Estás pateta, rapaz? Este é o sr. Luiz; fallá. Que succedeu, que é isso? Como vieste aqui ter? Como te deixaram entrar?  
 Zephirino—Ai senhor! Deixe-me tomar fôlego.  
 Luiz—Socega, Zephirino, descança, vamos.  
 Zephirino—Jesus! que não sei onde estou. E é de véras o sr. Luiz? Será. E é; eu é que não sei, que não vejo. Ai sr. Luiz, ai sr. Luiz, ai sr. padre Ignacio, não sabe o que vae. Vm, que sabe tudo, não sabe de certo, não pôde saber. Acaba-se hoje o mundo, é outro terremoto, ou que será, senhor? Eu fui ao palacio do sr. marquez... mas qual marquez! Fui á Ajuda... peior!... Tudo alvorotado por ahí, tudo cheio de povo. Na Baixa então isso, lá pelos arruamentos, isso é então uma assuada! Pois não sabe? Queriam deitar fogo á nossa casa. E porquê, senhor! porquê? que é o que eu dizia á tia Monica, porque nós somos pelo marquez. Va que fossemos pelo marquez; era o patrão, está visto. Mas nós que sômos os caixeiros, e a tia Monica? A tia Monica então! a das novenas de Santo Ignacio. O padre bem sabe; ella, hein! Mas não senhor; que tudo vae na mesma firma... Elle é de rasão: Manuel Simões e Companhia. Mas companhia nas perdas sem ganhos! que acha, sr. Luiz? Pois queriam-nos deitar fogo á casa! E andam aos magotes pela rua a gritar «Abaixo o marquez de Pombal!» «morra o marquez de Pombal!» E a tia Monica disse-me: «Vae, Zephirino, va vêr se encontras o patrão, e dize-lhe que não tenha medo, que ninguém cá hade entrar na casa nem na logea; mas que venha elle sempre o mais depressa que poder.» E lá ficou a tia Monica, mais o Zé Braga—que esta a rir, o maldito boiças não tem medo. Faz mesmo vergonha aquillo, faz saltar o sangue,

vêr que não tem medo nenhum, o patéta. Está tam fresco, de pão na mão, e rindo-se: diz que até vinde alfacinhas que basta elle... tolo! Fois emfim, eu vim, e aquella gente a gritar, e foram ao Terreiro do Paço para arrancar a medalha—aquella que está ao pé do cavallo: sabe?

Ignacio—E sempre a arrancaram?

Zephirino—Não, porque diz que hade de ir á camara, o senado, para vêr como a coisa se faz, e que hade ser de dia, com foguetes. Bem sabe que em Lisboa sem foguetes...

Ignacio—Não se faz nada.

Zephirino—Sim, senhor. Pois ahí está. Eu vim ás Janellas Verdes; mas já disse, nem marquez nem meio marquez. Muito povo a gritar á porta: «Abaixo o marquez!» E eu vim á Ajuda. Lá é que encontréi um criado do senhor marquez disfarçado em povo... Bom povo aquelle! mas eu bem o conheci. E elle é que me disse que o senhor marquez e mais o patrão que vinham aqui ter: que viesse cá se a coisa era de pressa. Nada, não era de pressa! Deitei a correr; mas o povo é tanto por ahí, e tropas pelas ruas—as carruagens não podem chegar cá tão cedo. Mas ainda agora deram vivas outra vez ao senhor marquez, porque elle diz que vem aqui para soltar os presos por ordem da nossa rainha, porque el-rei...

Luiz—El-rei?

Ignacio—El-rei é morto, D. Luiz.

Zephirino—D. Luiz! Bem o dizia eu, e não me enganava. Oh! sr. Luiz, sr. D. Luiz, e o nosso patrão agora que hade ser d'elle e da nossa casa?

Luiz (*Meditando*)—El-rei, el-rei D. José! morto!...

## SCENA IV

LUIZ, PADRE IGNACIO, ZEPHIRINO,  
SECRETARIO, povo, de fora

Povo—Viva a nossa rainha! Soltem-se os presos. Queremos vêr os presos.—Viva a nossa rainha!

Luiz—Que é isto?

Ignacio—Não ouve o que é, D. Luiz? E' o povo que acclama a nossa rainha, e a liberdade de seu pae, a sua, a nossa.

Luiz—Meu pae, meu pae livre, e eu também!

Ignacio—E a tyrannia d'esse homem sem Deus e sem lei que acabou emfim.—Ah marquez de Pombal, marquez de Pombal.—D. Luiz, vamos d'aqui! Seu pae está entregue a pessoas de confiança. Deixemol o descansar, e vamos nós, que é preciso.

Luiz—Padre, deixe-me respirar... deixe-me entender esta fortuna que me espanta. Estranho-a, não a comprehendo, e não me comprehendo a mim ella. Não sei porquê, no meio de tamanha alegria, sinto uma tristeza inexplicavel que me aterra... sinto como um remorso da minha felicidade. Parece-me que offendo a Deus com o meu contentamento, que falto não sei a quê, que traio não sei a quem... Ah! que terei eu n'alma e de que será feito este coração para me atormentar assim como tudo! Vá, padre, vá; eu aqui ficarei com meu pae até que o possa fazer conduzir a casa... A casa nós já não temos casa. A minha casa, a antiga habitação de meus antepassados foi arrazada e salgada por mãos de algoz; nem herva cresceu nas suas ruínas que ficaram malditas! iremos para casa de algum amigo. Oh! sim, o meu Simões, o meu Simões, o meu bom Simões me acudirá como sempre: para sua casa iremos. Vá, padre, vá animal-o. Pobre Simões! em que sustos elle estará! Se o povo realmente...

Zephirino—Para isso lá está o Zé Braga: não senhor, lá a casa não vão elles; não, que o Zé Braga... E sabe que mais, sr. Luiz? Eu desconfio que

o Zé Braga por fim que está com elles e que não é muito pelo nosso Marquez.

**Luiz**—Sim?

**Zepherino**—Eu cá me entendo.

**Luiz** (*A parte*)—E Marianna, e Marianna! Oh meu Deus! (*Alto*) Padre, agora me lembrou de repente. Tem razão, devemos voltar a Lisboa já... ambos. O caso de Manuel Simões é sério: quem sabe o que pôde acontecer? E meu pai... diz bem, padre... está entregue em boas mãos. E também nós podemos ir, e tornar logo. Mas agora vejo que é preciso ir. Vamos. Venha, padre.

**Secretário**—Perdõe-me, senhor, mas não tenho ordem.

**Luiz**—Ordem! Que ordem! Eu hei de saber...

## SCENA V

SIMÕES, MARIANNA, PADRE IGNACIO, LUIZ, ZEPHIRINO, SECRETARIO, ZÉ BRAGA

**Simões**—Luiz, D. Luiz, padre Ignacio! Oh! cá estão ambos. Estamos salvos. Santo Deus! respiro. Oh que susto! Oh! estamos salvos. Ainda não entro em mim.

**Luiz**—Marianna aqui! Oh! Simões, e tu? Que é isto?

**Simões**—D. Luiz, D. Luiz, o povo... o povo... aí que gente! valeu-nos a sege da casa em que vinhamos... e valeu-nos correr á desfilida. Abençoas mulas! Oh! padre, padre, que não sei ainda onde estou. D. Marianna, senhora D. Marianna, não lhe succedeu nada? Está boa, não tem nada? Diga, minha senhora, Jesus! que animo de menina! uma senhora d'aquella idade, e não ter medo assim!

**Marianna**—Medo de quê?

**Simões**—De quê! Senhor Jesus dos Terremotos! Dos gritos d'este povo, das ameaças, do que elles nos diziam...

**Luiz**—Onde estão os villões ruins? Quem são, onde estão elles? (*Querendo sair*.)

**Ignacio** (*Contendo-o*)—D. Luiz!

**Marianna** (*A parte*)—D. Luiz, com effeito! Oh! não é caixeiro. Bem m'o dizia o coração.

**Luiz**—Marianna, Marianna, o que foi? diga-me por Deus, que aconteceu?

**Marianna**—Aconteceu unicamente... Faz favor de me dar uma cadeira, uma d'essas coisas.

**Luiz** (*Chegando-lhe um assento*)—Oh minha senhora!

**Marianna** (*Sentando-se*)—Aconteceu que chegando nós ao palacio do Marquez de Pombal para onde iam, eu e... e meu tio, o sr. Manuel Simões...

**Luiz**—Iam para casa do Marquez!

**Marianna**—Iamos, sim; mas quiz Deus que não podessemos entrar.

**Luiz**—Como assim! Pois?...?

**Marianna**—Não podíamos entrar, porque era imenso o tumulto do povo, e uma zozeria: «Abaixo o Marquez! Viva a rainha!»

**Luiz**—E então?

**Marianna**—Então, mudámos de caminho, e viemos para aqui, onde Simões... onde o sr. Manuel Simões diz que tinha... que vinhamos encontrar o Marquez.

**Simões**—E' verdade, quando sahiamos de casa, da rua Augusta, recebi aviso d'elle que, se o não encontrassemos no palacio, que viessemos aqui ter.

**Ignacio**—Providentissimo e previdentissimo sempre o nosso Marquez?

**Zepherino**—Oh sr. patrão, e o Zé Braga! que terá feito o sr. Zé Braga! Elle que era tanto contra o sr. Marquez...

**Simões**—Deixa-me, tolo: que me importa a mim?...

**Zepherino**—E' que o Zé Braga é capaz por fim de andar mettido nos magotes. Eu que o conheço!

**Simões**—Ai a minha casa! E a pobre Monica! Mas tu, que fazes tu aqui? Eu endoieço: este é, é o dia de juizo, hoje.

**Luiz** (*A parte*)—Marianna que ia para casa do Marquez á mesma hora que eu devia ir!... que mysterio!... (*Alto*) Padre, quem é esta senhora?

**Ignacio**—A sobrinha do nosso amigo Manuel Simões e Companhia!

**Luiz**—Impossivel!

**Ignacio**—Se lhe repugna vê-la sobrinha do nosso Simões... veja lá de quem quer que o seja. De quem mais estimaria? Diga. A gente hade ser sobrinho de alguém, hade ter os seus tios por força...

**Luiz**—Padre, veja o que diz! não zombe commigo, padre Ignacio. Eu não estou, eu não posso... D. Marianna, por Deus lh'o peço, desenrede este enigma. Oh, diga, diga por quem é... diga que não é... que não é sobrinha d'elle, diga que...

**Marianna** (*Levantando-se*)—Que não sou?...

**Luiz**—Sobrinha d'elle, senhora.

**Marianna**—E não sou. Já não ha para que fingir agora, meu Simões: não sou.

**Luiz**—Não é? Santo Deus, que felicidade!

**Ignacio**—Com effeito, D. Luiz, o nosso Manuel Simões muito agradecido lhe deve estar. Pois custava-lhe mais, senhor... Sr. D. Luiz, que esta menina, esta bella e gentil senhora fosse do sangue do seu bemfeitor, do seu amigo, do que lhe salvou a vida, do que tem arrostado perigos e terrores para o defender?

**Simões**—Padre, que está a dizer? Padre Ignacio, por quem é...

**Ignacio** (*Com severidade*)—Cale-se, Simões, e não me interrompa. Que sabeis vós o que dizeis, Simões, ou que entendeis vós do que eu digo? (*Para D. Luiz*.) Custava-lhe isso mais, Sr. D. Luiz de Tavora, do que achar n'ella o sangue do seu implacavel inimigo, do vergulho dos seus!...

**Luiz**—D. Marianna, D. Marianna, pois não me disse agora, não acaba de me dizer que eu sou!...

**Marianna**—Que não sou sobrinha de Manuel Simões.

**Luiz**—Ai! não era d'esse que eu falava, que com tanta anciedade lhe perguntei. Bem sabia já que não, bem o sentia. Oh! do outro, do outro é que eu pergunto, do outro...

**Ignacio**—Esta senhora, D. Luiz, a Sr.<sup>a</sup> D. Marianna de Mello, é sobrinha de Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, Marquez de Pombal.

**Luiz**—Meu Deus, meu Deus! (*Silêncio geral*.)

**Zepherino**—Ai! e eu! que pateta que eu sou! O que eu disse esta manhã ao Sr. Marquez!... Olha se elle não cae tam depressa, o que seria de mim! entaipado pelo menos, entaipado o pobre do Zepherino! Sr. patrão, Sr. patrão, viva a nossa rainha! abaixo o Marquez de Pombal!

**Simões**—Cala-te, pateta.

**Zepherino**—Pois se elle já lá vae, agora pôde a gente...

**Simões**—Que sabes tu de quem lá vae ou de quem lá torna?

**Ignacio**—Simões, deixe o rapaz. Grita, rapaz, grita, que já temos liberdade...

**Zepherino** (*A parte a Zé Braga*)—Liberdade! não lh'a quero a sua liberdade. Já não tenho vontade de gritar. O Marquez era um grande Marquez por fim, homem que fazia muito pela nação. Eu é que me não fio n'estes Jesuitas. Vae-te, vae-te, Jesuita, deixa que... hasde ficar logrado, porfim, eu t'o prometto, com tudo isso...

**Zé Braga** (*A parte a Zepherino*)—Tu és tolo, Zepherino, mas a modos que num és pateta de todo.

**Marianna** (*Que tem estado pensativa e sem ver nada do que se passa*)—Sr. D. Luiz de Tavora, agora sei que este é o seu nome, e nunca o tinha ouvido antes. Deus me é testemunha. Não o sabia em Aveiro quando o vi a primeira vez, não o sabia hoje

quando nos encontramos em casa do nosso supposto tio.—Agora me explico, agora compreendo o invisível e invencível poder que nos separava, quando os nossos tam cegos sentimentos pareciam querer unir-nos. Fatal, funesta sympathia que se tinha apoderado de nossos corações... porque nos não conhecíamos! Nenhum de nós sabia quem era o outro; e desde que o sabemos... tudo está dito... Que mais pôde haver entre nós?... Ou o soubessem ou o ignorassem (*Olhando significativamente para o padre Ignacio*) os que decidiam de nossos destinos, vejo, conheço também agora... vejo que, uns de boa, outros de má fé, tinham determinado unir-nos. Laço impossível, união abominável. D. Luiz! não é verdade? Este sacrificio que lhe exigim, e de que a liberdade, a vida de seu pae era o preço, creia, D. Luiz, acredite-me que lh'o mereço—não teria nunca o meu consentimento... Oh! jámais. Que o não teve, bem vê. Eu sabia que me casavam com uma pessoa desconhecida, com um homem que eu suppunha não ter visto nunca, um homem que eu sentia que não havia de amar nunca, oh! nunca, nunca... porque o meu coração...

Luiz—Marianna! oh Marianna!

Marianna—Basta.—Esse perigo passou, estamos livres ambos. Meu tio, meu tio verdadeiro, esse ministro tam detestado... esse homem caui; e seu pae já não precisa do sacrificio D. Luiz, eu volto para o meu convento... e volto mais feliz do que...

Luiz—Do quê, Marianna?

Marianna—Do que se chegasse a ser espôsa de um homem que me detesta... que tam profundamente me aborrece.

Luiz—Eu! Ah! eu? Pois assim se esquece?...

Marianna—Não me esqueço de nada. Oh! quem poderia esquecer! Sei que em Aveiro, sei que no meu convento, ignorando quem eu era...

Luiz—Amei com todas as forças da minha alma; com uma adoração que me fez esquecer...

Marianna—Tudo, menos a supposta baixaza do meu nascimento quando me julgou a sobrinha do seu bemeitor.

Luiz—Oh! D. Marianna.

Marianna—Tudo, menos o odioso do meu sangue quando me soube parente do homem que abomina. Já vê, D. Luiz, que se enganou: é um pobre sentimento, uma debil afecção, a que não resiste nem á vaidade nem ao odio!

Luiz—Ah! se soubesse...

Marianna—Sei que esse homem tam detestado pôde ser tudo menos infame, que tudo será, menos máo portuguez, que é...

Luiz—Que é um grande homem, D. Marianna! E que sou eu, eu que o confesso, eu a quem a sua grandeza tanto sangue e tantas lagrimas tem custado.

Ignacio—D. Luiz, D. Luiz de Tavora!

Luiz—Sou Luiz de Tavora, sou, e bem sei as obrigações que nos impõe o meu nome.

Simões (*Ajoelhando e beijando-lhe a mão*)—E' o meu amo, o filho do meu bom amo. Oh meu senhor, isso é que é ser cavalheiro, ser fidalgo déveras. Ah! se todos fossem assim!

Luiz—Deixa-me, Simões; sou Luiz de Tavora, mas não sou... (*Ouve-se ruído dentro.*)

Simões (*A parte*)—O marquez! Acudamos a isto depressa.

Luiz—Mas não sou, não...

## SCENA VI

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, PADRE IGNACIO, ZEPHIRINO, SECRETARIO

Marquez—Mas não é Jesuita. Pelo menos não tem o quarto voto. Professe, professe, e verá que o Evan-

gelho é uma chimera, o temor de Deus um sonho, que é licito mentir, fingir, trahir, vender e vender-se... Não é assim, padre Ignacio? tudo é licito, menos perdoar asinjurias, menos ser fiel ás suas promessas. Sr. D. Luiz de... Sr. D. Luiz, eu tenho estado áquella porta, ha alguns minutos e ouvi tudo.—Seu pae estava livre, livre por minha propria e espontanea vontade. O preço que eu parecia exigir, não era para mim, D. Luiz; era para a tranquillidade d'esta terra que é nossa, de nós todos. Ai! quantas açoes parecem más, quantas motivadas por vis interesses, e que têm origem nos mais nobres sentimentos! Mas oh! é muito tarde já... ou antes, é muito cedo ainda para eu me justificar. O meu poder acabou, ou como se acabasse está; o nosso contracto de sua natureza se rompeu. Não me queira mal pelas tenções que tive. Assas motivos tem de me detestar, D. Luiz—para desprezar-me, nenhum—e ninguém os tem, bemdito seja Deus! ninguém, não. Concebi este projecto quando fui informado da sua inclinação para Marianna, informado por este amigo... o nosso padre Ignacio...

Ignacio—Eu disse... eu julguei... eu não queria senão...

Marquez—Não sei o que vossa paternidade queria—mortificar-me talvez, ter-me na sua dependencia: que sei eu! Por mim, o meu principal desejo era acabar com estes odios fataes, esquecer estas funestas severidades que a dureza dos tempos...

Ignacio—A dureza d'esse coração, marquez de Pombal, a maldita crueldade d'essa alma, Sebastião José de Carvalho!—Quem hade esquecer...

Luiz—Padre Ignacio, eu estou aqui; e sou eu...

Marquez—Deixe-o, deixe-o dizer...

Luiz—Não deixo, não soffro... Eu que sou...

Ignacio—Que sou o quê, D. Luiz? O sobrinho, o filho de alguns imbecis que esse homem estragou sobre o patibulo? O que é isso, o que significa isso? Quem lhe diz que esse homem não fez... que não tinha direito, que não tinha razão, que não tinha obrigação talvez de o fazer?

Luiz—Ah!

Marquez—Com effeito! E então?

Ignacio—Sim... talvez não sei. Perdêe-lhe se quer, perdêe lhe se pôde. Que me importa a mim, que importa a Deus e ao mundo? Mas a fé de Christo que esse homem perseguiu, a Companhia de Jesus que elle destruiu, a Igreja catholica que não pôde sustentar-se sem ella?... d'esse attentado monstruoso nem Deus nem os homens podem absolvel-o; por esse a maldição eterna cahirá sobre o impio.

Marquez—Se deixassemos essa bella tirada para outra vez, padre Ignacio? Para quando concluirmos aquellos ajustes comosmos esta manhã?

Ignacio—Sr. marquez... eu...

Marquez—Sr. padre Ignacio, eu ainda sou ministro de S. M., e vossa reverendissima ainda não é provincial da Companhia—nem Deus tal permitirá—porque eu posso cahir, padre; (*A parte*) e cahido estou! (*Alto*) mas a Companhia não se levanta.—D. Luiz...

Ignacio—D. Luiz, vamos d'aqui, vamos, senhor, deixemos...

Luiz—Eu não deixo meu pae, não saio d'aqui agora, senhor.

Ignacio (*Sahindo*)—Bem, sr. D. Luiz, muito bem!

## SCENA VII

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, ZEPHIRINO, SECRETARIO, povo (*fôra*); depois ZÉ BRAGA

Povo—Soltem-se os presos! viva a rainha! abaixo o marquez!

Marquez—Sr. secretario, que não façam mal ao po-

vo, mas que o conttenham! Dê ordem aos meus dragões que ahí estão. Oh! veja que gente é essa que grita. E' a mesma de ainda agora?

**Secretario** (*depois de ir vê*).—E' a mesma, senhor. Rapazes pela maior parte, e gente de pouco.

**Marquez**—Convidem da minha parte o cabecilha, o chefe d'essa gente, a vir-me lalar. Um tribuno do povo deve ter animo para encarar face a face o tyranno! Quero ouvir, quero entender bem essas queixas do povo de Lisboa contra mim: hão de ser curiosos os capitulos. Venha, venha o coice do asno.

**Zé Braga** (*de fúra*).—Deixem-me, soltem-me; eu sei ir por meu pé. Sim, senhor; conheço muito bem o senhor marquez; num n'ó habêra de conhecer? Quem, eu! Cuidam que eu sou Zephirino? Num lhe tenho medo, num senhor, nenja eu.

**Zephirino**.—Que rapaz, que Zé Braga este!

### SCENA VIII

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, ZEPHIRINO, ZÉ BRAGA *conduzido por SECRETARIO E DRAGÕES*

**Zé Braga**.—Está aqui o sr marquez? Pois sim senhor: eu lhe direi tudo o que tenho que dizer. E hade obil-as voas. Deixem-me.

**Marquez**.—Soltem o rapaz, o meu amigo Zé Braga. Não é este o seu nome, Zephirino!

**Zephirino**.—Saberá v. ex.ª...

**Zé Braga**.—Ai! o Zephirino aqui tamvem!

**Marquez**.—Ora venha o sr. Zé Braga, venha em nome do povo de Lisboa, e diga de sua justiça, que aqui estamos para o ouvir.

**Luiz** (*A parte*).—Que animo de homem, que admiravel sangue frio! Oh! porque havia de este homem ser meu inimigo. Oh meu pae!—D. Marianna?

**Marianna**.—Sr. D. Luiz?

**Luiz**.—Se nos não tornarmos a vêr...

**Marianna**.—Adeus, D. Luiz!

**Luiz**.—Oh! E' impossivel isto, impossivel! ..

### SCENA IX

MARQUEZ, MARIANNA, ZEPHIRINO, ZÉ BRAGA, SECRETARIO

**Marquez**.—Com que então, até o meu amigo Zé Braga se declarou contra mim?

**Zé Braga**.—De sorte q'eu, sr marquez, eu... não era pelo tanto... E' que lá os rapazes da Vaixa, bista a coisa estar feita... sim... de estar tudo já com aquella... com'a quem diz... emfim que el-rei nosso senhor que estaba ido, e que o sr. marquez já num intaipaba a chente—dixeram elles: «Bamos então lá, e bá tudo com ceisentos demonios! E' o que elles diciam. E d'ahi quiceram deitar fogo a nossa cassa, não mais senão só por ser a chente—cá o patrão—compadre do sr marquez. E eu sempre lhe digo, quando tal bi, quize-me ir a elles. Mas a tia Monica que não, que não, que le bैसे por vem. Que lhe hoibera de eu fazer! Fui-me de por bem com elles, porque nos não queimassem a cassa e tanto panno fino que lá temos e tudo aquillo. D'ahi ó depois...

**Marquez**.—Depois?

**Zé Braga**.—O' depois, a berdade, berdade, é que entrou a chente a gritar, a correr as ruas—e tomei-lhe gosto á cousa. E' que elle é vom, vom de-béras. Lá isso él nem rondas, nem patrulhas, nem corregidor, nem juiz do crime; e a chente senhora das ruas. Biba este, morra aquelle! E' com'a quem diz...

**Zephirino**.—Ah Zé Braga, Zé Braga, que nos cobris-te de vergonha para sempre!

**Zé Braga**.—Tamvem tu! Pois elle é o que faltaiba.

Ora isto, o alfacinha!

**Zephirino**.—Ah boiças, boiças!

**Marquez**.—Basta! (*A parte*) E d'isto quiz eu fazer gente! (*Alto*) Marianna, minha querida sobrinha, perdôa-me. E vamos d'aqui, filha. Em má hora me lembrei de te tirar o socego do teu convento. Quiz-te engrandecer, cuidei fazer-te feliz, e não consegui senão envolver-te na minha ruina! Vamos, filha, vem aprender como se deixam as honras e as grandezas, e como na desgraça se pôde ser grande, muito maior que na felicidade.—D. Luiz! (*Não o vendo*) Onde está D. Luiz!

**Marianna**.—Senhor, elle...

**Marquez**.—Ah! assim devia ser. Elles têm razão, filha. E ainda foi generoso este. Verás os outros—já os estás vendo—os que me devem tudo quanto são, a quem eu nunca fiz senão favores, que os tirei do nada... vêl-os-has.—Oh! e Manuel Simões tambem aqui? Bem.—Marianna, vamos. Sr. secretario, as ordens da rainha, minha senhora, que se cumpram; todos os presos d'Estado estão livres. Começa a tremenda reacção: como acabará ella? Se eu fui talvez mais longe do que a justiça e a razão pedia?... Pôde ser.—Vamos, Marianna. Mas tu estás triste, filha? Pobre menina! vieste assistir a este grande naufragio, vêr a ruina dos teus, e quem sabe? tomar tambem parte—ai! temo que muito grande parte n'ella... porque tu... não era possivel... oh! que fiz eu! é certo, é certo, bem o vejo... tu tinhas-lhe muita affeição, Marianna?

**Marianna**.—Tinha, meu tio; e não sei se tenho ainda. Mas creia, senhor, que a filha de sua irmã não hade envergonhar, nem desmentir a fortaleza d'essa alma que hoje se mostra maior que nunca. Ninguém sabe ainda que estou em Lisboa: voltarei sem que o saibam. Esta boa gente não falará; e os seus inimigos não hão de ter o gosto de se divertir com uma aventura quasi... quasi ridicula. (*A parte*) Oh! que me importava a mim o ridiculo, se não fosse!... (*Alto*) Por essas poucas horas que tenho de estar em Lisboa—e que já me parecem seculos—tornarei a ser sobrinha da tia Monica...

### SCENA X

MARQUEZ, MARIANNA, ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA, SECRETARIO, MONICA, SIMÕES

**Monica**.—Ella aqui a tia Monica. Ai! que noite esta, que noite, minha querida sobrinha! ai filha! que a torno a vêr. Mas aonde, aonde, meu Deus! n'esta feia casa... Abrenuncio! E dizer que o marquez aqui tinha presa aquella boa gente! Ai o sr. marquez aqui! Deus me perdõe! Eu não o dizia por isso, sr. marquez; mas vêr aqui a minha pobre sobrinha...

**Simões** (*Baixo ao marquez*).—Sr. marquez, eu fui buscar Monica, e sei que fiz bem. A sr.ª D. Marianna pôde ir com ella e tornar para aquella casa, que—V. t.x.ª bem o sabe, não pôde duvidar, sr. marquez—é mais sua do que minha.

**Marquez** (*Apertando-lhe a mão*).—Meu Simões, perdôa-me; eu não te conhecia.

**Zephirino**.—Oh Zé Braga, Zé Braga, ella então torna a ser sobrinha do patrão, hein?

**Zé-Braga**.—Deixa-me, homem. Sabes tu que o nosso marquez que era um grande homem porfim?

**Zephirino**.—Oh se era! bem grande. Mas deixal-o estar assim pequeno, que sempre a gente dorme mais socegada.

**Zé Braga**.—A' apparece-me que tu que tens razão, Zephirino.

**Marquez**.—Pensaste bem, Simões. Assim é, e assim deve ser, meu compadre. Marianna volta com a tia Monica...

Monica—Pois com quem havia de voltar a pobre menina? Deixemos passar estes barulhos e vêr em que isto pára: depois falaremos. Oh sr. marquez, pois com esta cara quem fica sem aclar casamento? Lá sem falar nos taes vinte moios de milho, que eu ainda não sei bem quanto é. Aquelle sr. Luiz aquelle sr. Luiz, que me disse uma palavra! ainda me não esqueceu: «Uma figa, tia Monica!» Uma figa a mim!

Simões (*com aspereza*)—Monica, então?

Monica—Basta, senhor do céu! basta; já não digo nada.

Marquez—E' tarde, vamos. Adeus filha, até amanhã. Falaremos. Agora é preciso que eu appareça, que não digam os meus inimigos que o marquez de Pombal abandonou o campo. Oh! o marquez de Pombal não succumbe assim, meus senhores. A lucta hade ser longa. E quem sabe? Elles não podem, elles não sabem governar isto. Este já não é o Portugal dos frades e das beatas. E o que eu semeiei n'esta terra—seja elle flores ou abrolhos—já lh'o não arrancam, já o não extirpam. Oh! eu por fim sou o marquez de Pombal!... e elles o que são? Que sabe d'elles o mundo, e que hade saber a historia dos seus feitos? A historia, a historia! vaidade, orgulho dos nescios... (*Pausa*) Vamos, Marianna, não me estejas triste.

Monica—Qual triste! ella está lá triste com a sua tia Monica!

Marianna—E é, oh! é a minha querida tia Monica.

Marquez—E depois, quem sabe? nem todos hão de ser tam vis, tam...

Marianna—Ai! meu convento, ai quem me dêra...

Monica—O convento! não verão? Não hade ir para o convento, não senhora; hade ficar allí na nossa rua Augusta, que é a mais divertida rua de Lisboa. Tomára que a visse n'um dia de procissão, armada de dasmasos, e que...

Simões (*Ralhando*)—Monica, Monica!

Monica—Monica! está calada a Monica. Pois vamos então.

Marquez, (*A'parte*)—Para ceder sempre é tempo: eu quero, eu posso ainda... (*Alto a Simões*) Vão, vão. Simões, eu conto contigo. Marianna, até amanhã.

## SCENA XI

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, SIMÕES,  
MONICA, ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA  
SECRETARIO.

Marquez—D. Luiz!

Marianna—Oh! ainda aqui estava?

Luiz—Aqui estou. Que pensava de mim? Outra injustiça, oh!—Sr. marquez de Pombal, eu venho,

em nome de meu pae, a cujos pés me lancei, de meu pae que foi seu inimigo e que o não é já... venho, com licença de meu pae, pedir-lhe em casamento a Sr.<sup>a</sup> D. Marianna de Mello. E que seja esta mão, Sr. marquez (*Indo a tomar a mão de Marianna*) esta mão... (*O marquez enternecido colloca a mão de Marianna na de Luiz que a beija*) esta mão que apague emfim a derradeira memoria de tantas... de tantas desgraças!

Marquez—Ah! D. Luiz! eu não soube, não soube fazer nem amigos nem inimigos.

Zephirino—Que te dizia eu, Zé-Braga? Eu bem t'o dizia, que elle que era um, mas que eu que bem sabia que elle que era outro.

Zé-Braga—E. tu nem és nem um, nem outro, és só amete de um.

Zephirino—Porquê?

Zé-Braga—Porque és um pedaço d'asno

Monica—Fu estou pateta. Pois elle?...

Simões (*A'parte*)—E o padre Ignacio? Que dirá elle a tudo isto? Estou lhe com medo.

Marquez—D. Luiz! Marianna! oh se podessem acabar assim as nossas discordias civis!

## SCENA XII

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, SIMÕES, MONICA,  
ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA, SECRETARIO,  
PADRE IGNACIO

Ignacio—Não acabam, não, marquez de Pombal, porque n'esse coração, porque em nenhum coração d'esses hade morrer nunca a ambição.

Luiz—Oh padre, aqui n'este... (*Apontando para o coração*)

Ignacio—Nesse ainda ella não nasceu. Veremos com o tempo.

Luiz—Eu não vejo, eu nunca heide ver senão a ti, Marianna.

Ignacio—Por'ora.

Luiz—Para sempre!

Marquez—Que Deus o oiça, D. Luiz, e lhe não dê nunca a provar o que eu sei.

Ignacio—E eu.

Marquez—Oh padre, padre!... Vamos: a sua mão (*Dão-se a mão*). De amigo?

Ignacio—Veremos... E a Companhia!

Marquez (*Soltando a mão do padre*)—Jámais!

Ignacio—Pois guerra!

Marquez—Sim.

Ignacio—Até á morte!

Marquez—Seja. Eu cahirei, mas...

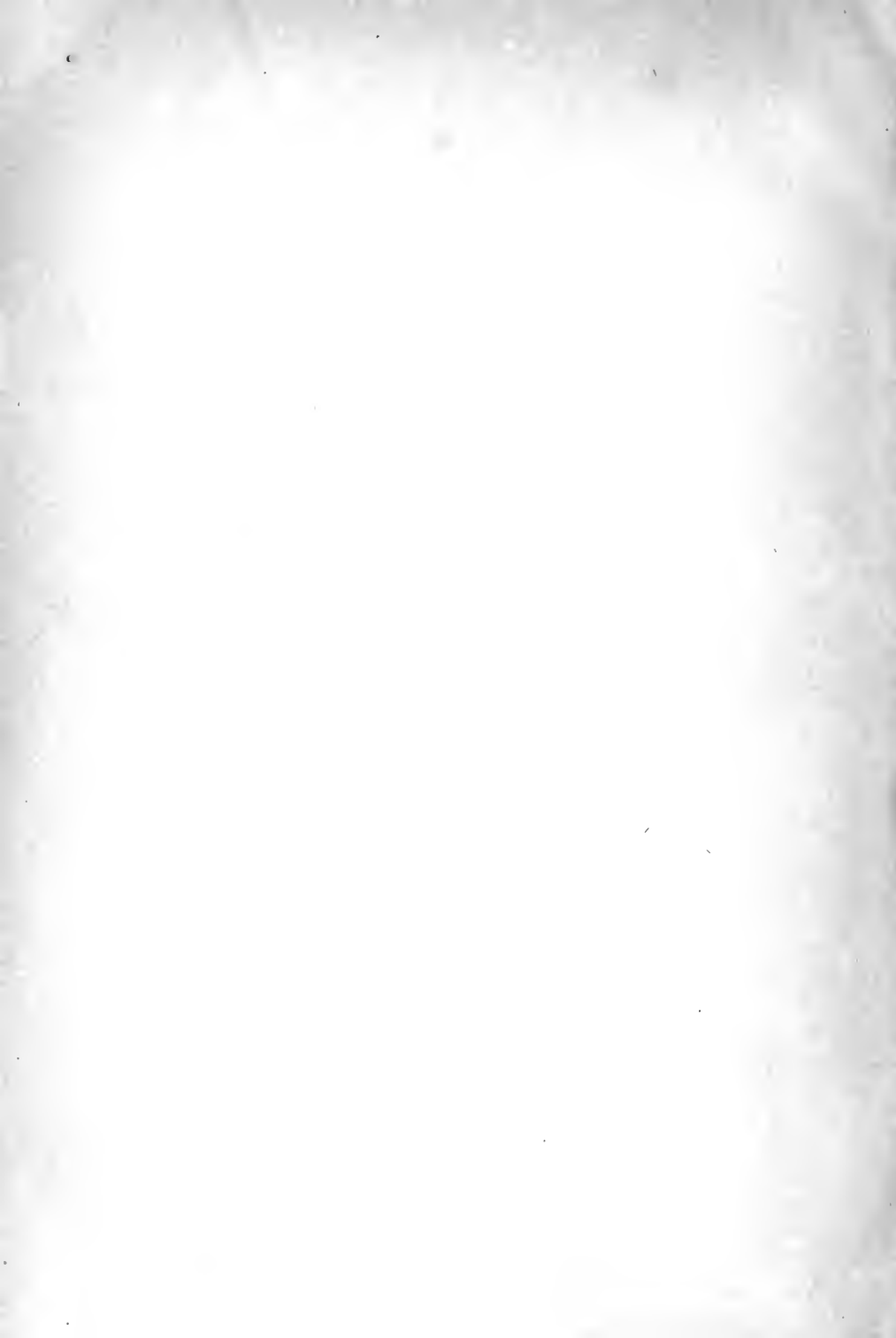
Ignacio—Hade cahir.

Marquez—Mas os Jesuitas não se levantam.

Ignacio—Veremos.



# INDICE GERAL



# INDICE GERAL

DAS

## OBRAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME

PREFACIO pelo Dr. Theophilo Braga..... Pag. v

### SECÇÃO I — POESIA

PARTE I—PERIODO ARCADICO: RETRATO DE VENUS (POEMA)  
 —HISTORIA DA PINTURA—FRAGMENTOS DE POEMAS INEDITOS—LYRICA: PRIMEIROS  
 VERSOS: LYRICA DE JOÃO MINIMO  
 — FABULAS E CONTOS — ODES ANACREONTICAS

#### RETRATO DE VENUS

Canto primeiro.....	3	Canto quarto.....	11
Canto segundo.....	5	Notas .....	14
Canto terceiro .....	7		

#### ENSAIO SOBRE A HISTORIA DA PINTURA

Capitulo I—Dos pintores Gregos e Romanos.....	25	Capitulo VI—Da Eschola Veneziana . . . .	31
„ II—Restauração da pintura na Italia .....	26	„ VII—Da Eschola Flamenga . . . .	32
„ III—Da Eschola Romana.....	27	„ VIII—Da Eschola Franceza .....	34
„ IV—Da Eschola Florentina .....	29	„ IX—Dos Pintores Inglezes e principalmente de West .....	35
„ V—Da Eschola de Bolonha.....	30	„ X—Dos Pintores Portuguezes... ..	36
		Advertencia .....	40

#### FRAGMENTOS DE POEMAS INEDITOS

Affonsaida ou fundação do imperio Lusitano (fragmento).....	41	O X ou a Incognita (poema satyrico). Canto I	42
O roubo das Sabinas (fragmento do canto I) .....	41	Mauro e os Doze de Inglaterra (fragmento) Canto I.....	43

#### LYRICA

LYRICA I—Primeiros e ultimos versos .....	43	LIVRO PRIMEIRO:	
Primeiros versos: Lyrica de João Minimo —		I A primavera.....	55
Noticia do auctor d'esta obra .....	43	II Despedidas do campo.....	55



XIV	O pharol e o baixel .....	159	XXII	A uma viajante .....	161
XV	Sentença d'amor .....	160	XXIII	Ella .....	161
XVI	Grinalda .....	160	XXIV	Nova Heoliza .....	163
XVII	Já não sou poeta .....	160	XXV	O Natal de Christo .....	164
XVIII	Livro da vida .....	160	XXVI	O Redemptor .....	165
XIX	As minhas azas .....	160		Avulsa (Ode a Fábullo) .....	165
XX	Kyrieleisão .....	161		Notas .....	166
XXI	Olhos negros .....	161			

## FOLHAS CAHIDAS

LYRICA IV—Últimos versos: <i>Folhas cahidas</i> .—			XXIV	Anjo és .....	179
Dos Editores .....	169		XXV	Vibora .....	179
Advertencia .....	169				
LIVRO PRIMEIRO:			LIVRO SEGUNDO:		
I	Ignoto Deo .....	171	I	Barca bella .....	180
II	Adeus .....	171	II	A corôa .....	180
III	Quando eu sonhava .....	172	III	Sina .....	180
IV	Aquella noite .....	172	IV	Al Helena! .....	180
V	O anjo cahido .....	173	V	(The rose—A sigh .....	181
VI	O album .....	174		(A rosa—Um suspiro .....	181
VII	Saudades .....	174	VI	Retrato .....	181
VIII	Este inferno de amar .....	174	VII	Lucinda .....	181
IX	Destino .....	174	VIII	As duas rosas .....	182
X	Goso e dor .....	175	IX	Voz e aroma .....	182
XI	Perfume da rosa .....	175	X	Deus olhos .....	182
XII	Rosa sem espinhos .....	175	XI	A Delia .....	182
XIII	Rosa pallida .....	175	XII	A joven americana .....	182
XIV	Flor de ventura .....	176	XIII	Adeus mãe .....	183
XV	Bella d'amor .....	176	XIV	Ave, Maria .....	183
XVI	Os cinco sentidos .....	176	XV	Os exilados .....	183
XVII	Rosa e lirio .....	177	XVI	Preito .....	184
XVIII	Coquette dos prados .....	177	XVII	No Lumiar .....	184
XIX	Cascaes .....	177	XVIII	A um amigo .....	185
XX	Estes sitios! .....	178	XIX	Os Lusíadas .....	185
XXI	Não te amo .....	178	XX	O Tejo .....	187
XXII	Não és tu .....	178	XXI	Canção da Donzella Finlandeza .....	188
XXIII	Belleza .....	178		Traducções litteraes .....	189
				Notas .....	190

## CAMÕES

PREFACIO na quarta edição .....	193	CAMÕES, canto oitavo .....	232
» na terceira edição .....	193	» canto nono .....	237
» na segunda edição .....	193	» canto décimo .....	240
» na primeira edição .....	194	NOTAS ao canto I .....	245
TRADUÇÃO por J. M. do Amaral .....	195	» ao canto II .....	248
CAMÕES, canto primeiro .....	197	» ao canto III .....	251
» canto segundo .....	204	» ao canto IV .....	253
» canto terceiro .....	207	» ao canto V .....	254
» canto quarto .....	213	» ao canto VI .....	254
» canto quinto .....	219	» ao canto VII .....	255
» canto sexto .....	222	» ao canto VIII .....	259
» canto septimo .....	224	» ao canto IX .....	259
NOTAS ao canto X .....	260		

## DONA BRANCA

Prologo da segunda edição .....	263	D. Branca. Canto Decimo .....	311
D. Branca. Canto Primeiro .....	265	Notas ao Canto I .....	319
» Canto Segundo .....	270	» ao Canto II .....	323
» Canto Terceiro .....	277	» ao Canto III .....	323
» Canto Quarto .....	283	» ao Canto IV .....	325
» Canto Quinto .....	287	» ao Canto V .....	325
» Canto Sexto .....	292	» ao Canto VI .....	325
» Canto Setimo .....	295	» ao Canto VII .....	326
» Canto Oitavo .....	302	» ao Canto IX .....	326
» Canto Nono .....	307	» ao Canto X .....	316
Notas á Prefacção .....	326		

## ADOZINDA

ADOZINDA — Advertencia dos Editores na terceira edição .....	327	Cantiga primeira .....	328
Do A. na segunda edição .....	327	Cantiga segunda .....	340
Ao sr. Duarte Lessa .....	331	Cantiga terceira .....	343
A Elysa .....	336	Cantiga quarta .....	348
		Notas .....	351

## ROMANCES RECONSTRUIDOS

I Bernal-francez .....	356	VI Miragaia .....	377
II Noite de San'João .....	364	VII Por bem—As Pêgas de Cintra .....	389
III O Anjo e a Princeza .....	365	NOTAS — Ao Bernal-francez .....	391
IV O chapim d'el-rei .....	368	» — A' noite de San'João .....	391
V Rosalinda .....	373	» — Ao chapim d'el-rei .....	392
		NOTAS — A' Rosalinda .....	392

## ROMANCEIRO

INTRODUÇÃO .....	401	XVIII Conde Nillo .....	473
ROMANCEIRO, PARTE I:		XIX Albaninha .....	474
I Bella Infanta .....	411	XX A Peregrina .....	475
II O Caçador .....	414	XXI Dom João .....	477
III A Infeinçada .....	416	XXII Helena .....	479
IV Conde Yanno .....	418	XXIII A Morena .....	481
V Conde d'Allemanha .....	425	XXIV Donzella que vai á guerra .....	483
VI Dom Aleixo .....	427	XXV O Cativo .....	486
VII Sylvaninha .....	429	XXVI A Nau Cathrineta .....	488
VIII Bernal-francez .....	433	XXVII O Cegador .....	490
IX Reginaldo .....	441	XXVIII A Noiva Arraiana .....	492
X Dona Ausenda .....	445	XXIX Guimar .....	493
XI Rainha e Cativa .....	447	XXX O Cordão de Ouro .....	495
XII Dom Claros d'Alem-Mar .....	449	XXXI O Cego .....	496
XIII Claralinda .....	453	XXXII Linda a-Pastora .....	498
XIV Dom Beltrão .....	458	ROMANCES COM FORMA LITTERARIA:	
XV Dom Gaifeiros .....	460	XXXIII Dom Duados .....	500
XVI Justiça de Deus .....	469	XXXIV A Ama .....	504
ROMANCEIRO, PARTE II:		XXXV Avalor .....	506
ADVERTENCIA DA PRIMEIRA EDIÇÃO .....	471	XXXVI Cuidado e Desejo .....	507
XVII A Romeira .....	471	XXXVII O Marquez de Mantua .....	509
		NOTAS .....	520

## SECÇÃO II — THEATRO

(PROSA E VERSO)

## PARTE I — PERIODO ARCADICO: CATÃO — MEROPE — IMPROMPTU DE CINTRA — CORCUNDA POR AMOR

## CATÃO

Prefacio da quarta edição .....	523	Acto primeiro .....	536
Prefacio da terceira edição .....	523	Acto segundo .....	542
Prefacio da segunda edição .....	525	Acto terceiro .....	549
Prefacio da primeira edição .....	526	Acto quarto .....	557
Carta a um amigo .....	528	Acto quinto .....	562
Dedicatória .....	535	Notas .....	572
Prologo .....	535	Variantes .....	581

## MEROPE

MEROPE — Introducção.....	587	Acto segundo.....	595
Dedicatória.....	589	Acto terceiro.....	600
Acto primeiro.....	590	Acto quarto.....	600
Acto quinto.....	612		

## IMPROMPTU DE CINTRA

O «IMPROMPTU» DE CINTRA.....	615
------------------------------	-----

## CORCUNDA POR AMOR

O CORCUNDA POR AMOR (Farça).....	617
----------------------------------	-----

PARTE II — PERIODO ROMANTICO: UM AUTO DE GIL VICENTE  
 — PHILIPPA DE VILHENA. — ALFAGEME DE SANTAREM. — TIO SIMPLICIO  
 FALAR VERDADE A MENTIR. — AS PROPHECIAS DO BANDARRA  
 — UM NOIVADO NO DAFUNDO. — O CAMÕES DO ROCIO (COLLABORAÇÃO)

## UM AUTO DE GIL-VICENTE

UM AUTO DE GIL VICENTE — Introducção.....	618	Acto segundo.....	612
Prefacio dos editores.....	631	Acto terceiro.....	618
Acto primeiro.....	637	Notas.....	653

## PHILIPPA DE VILHENA

PHILIPPA DE VILHENA — Introducção.....	655	Acto segundo.....	664
Acto primeiro.....	660	Acto terceiro.....	668

## ALFAGEME DE SANTAREM

Prologo da primeira edição.....	673	Acto terceiro.....	686
Acto primeiro.....	674	Acto quarto.....	693
Acto segundo.....	680	Acto quinto.....	701

## TIO SIMPLICIO

TIO SIMPLICIO — Introducção.....	709	Acto unico.....	709
----------------------------------	-----	-----------------	-----

## FALAR VERDADE A MENTIR

FALAR VERDADE A MENTIR — Introducção.....	720	Acto unico.....	720
---	-----	-----------------	-----

## AS PROPHECIAS DO BANDARRA

Acto primeiro .....	728		Acto segundo .....	735
---------------------	-----	--	--------------------	-----

## O NOIVADO NO DAFUNDO

Introdução .....	741		Epistola romantica .....	741
Acto unico .....	742			

## O CAMÕES DO ROCIO

Acto primeiro .....	747		Cópia das sentenças exaradas no original do	
Acto segundo .....	753		drama <i>O Camões do Rocio</i> .....	769
Acto terceiro .....	760			

PARTE III — PERÍODO UNIVERSALISTA: FREI LUIZ DE SOUSA  
— A SOBRINHA DO MARQUEZ

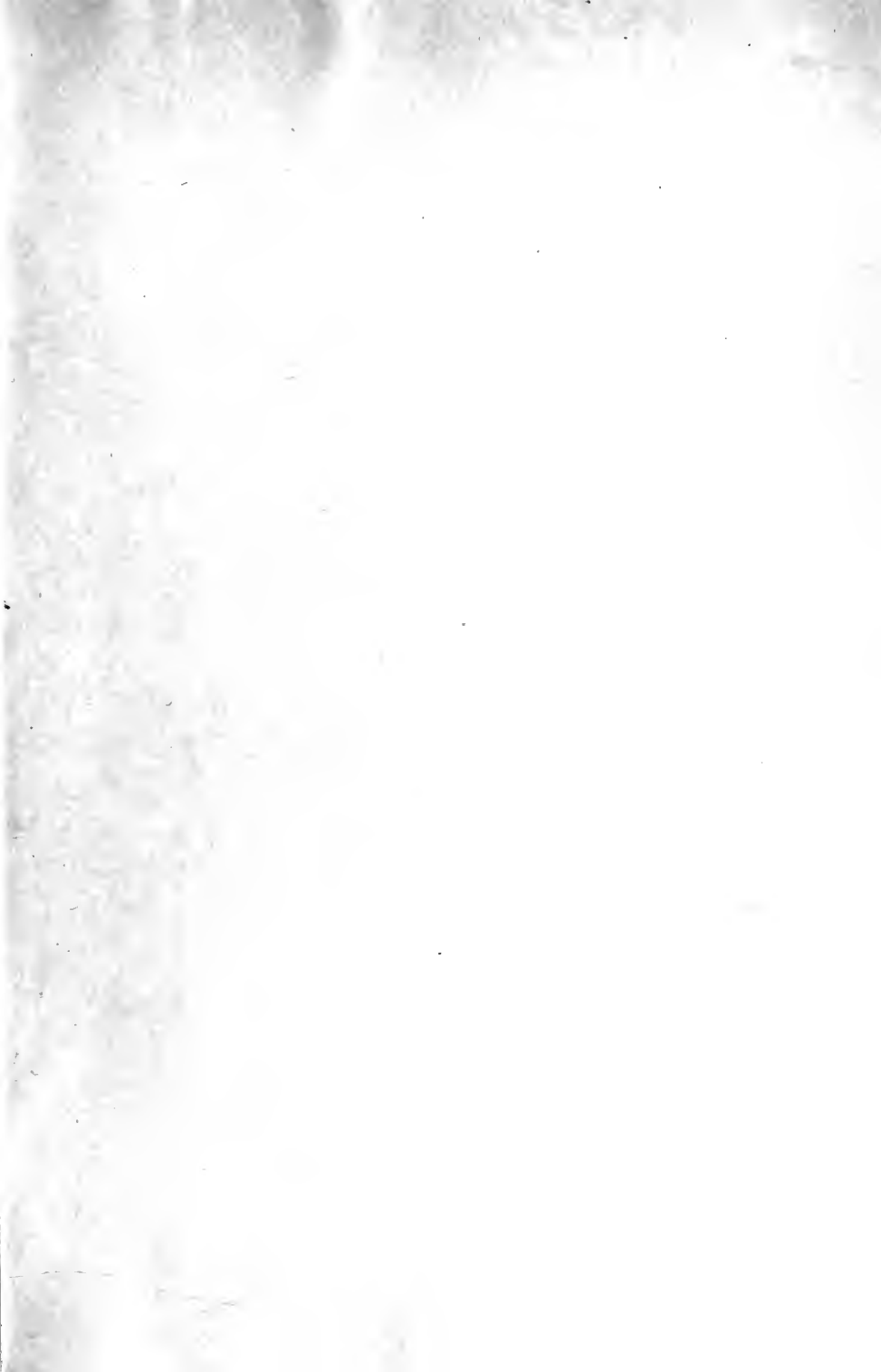
## FREI LUIZ DE SOUSA

Introdução .....	769		Acto segundo .....	781
Ao Conservatorio Real .....	770		Acto terceiro .....	789
Acto primeiro .....	774		Notas .....	794
Appendice .....			861	

## A SOBRINHA DO MARQUEZ

Introdução .....	805		Acto segundo .....	814
Acto primeiro .....	807		Acto terceiro .....	812







PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

r. Almeida Garrett, João  
9261 Baptista de Silva Leitão  
1575 de Almeida Garrett  
1904b Obras completas  
v.1

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 07 16 10 006 3